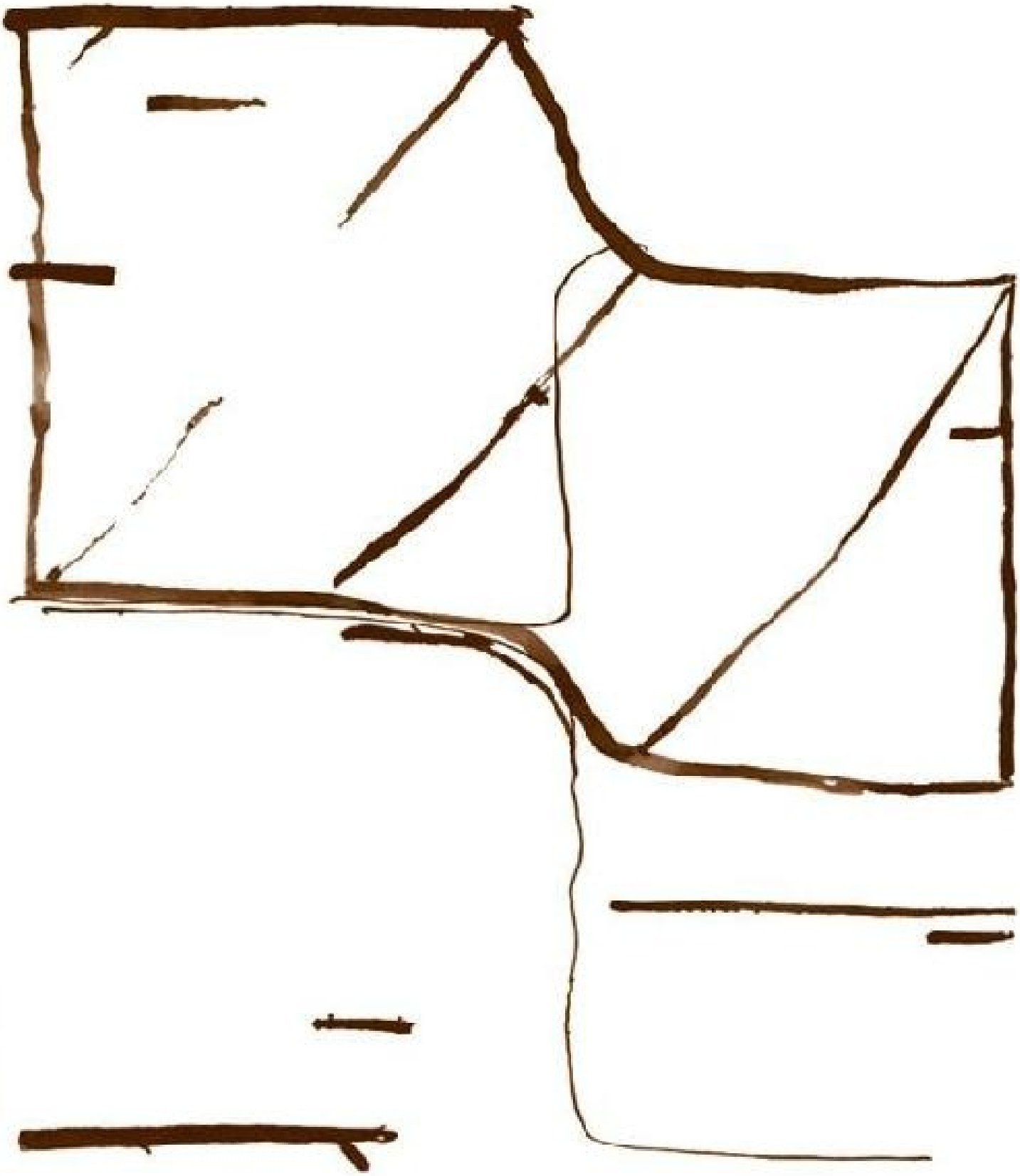
VICTOR HUGO OS MISERÁVEIS



IV

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

COSACNAIFY

VICTOR HUGO

OS MISERÁVEIS

TRADUÇÃO
FREDERICO OZANAM PESSOA DE BARROS

APRESENTAÇÃO
RENATO JANINE RIBEIRO

NOTA DOS EDITORES

Esta tradução, inteiramente revista, foi publicada pela primeira vez em 1957, pela extinta Editora das Américas. Alguns critérios de padronização e pontuação foram modernizados, o que resultou em um estilo mais fluente e em um texto que se pretende mais próximo dos leitores de hoje. O tradutor ampliou o já extenso repertório das notas, compilando, se não um painel completo, pois em *Os miseráveis* tal objetivo é de fato inalcançável, um quadro mais que representativo da cultura francesa da época e de seu universo de referências. Obedecendo à índole hierárquica da sociedade aqui retratada, optou-se por grafar com maiúsculas os pronomes de tratamento – Sr., Sra., Srta. etc. – e os cargos e títulos – militares, administrativos, nobiliárquicos –, desde que se refiram a um ocupante em particular, seja ele personagem ficcional ou histórico. Certos fatos ou períodos históricos também aparecem aqui em maiúsculas, como, por exemplo, Revolução Francesa, Antigo Regime, Antiguidade etc. Para eliminar a confusa padronização das edições francesas no que se refere ao uso de aspas, travessões e itálicos, aqui estes são usados para caracterizar, respectivamente, o pensamento dos personagens, os diálogos e as citações de textos dentro do romance. As aspas também podem indicar fragmentos de falas e reflexões dos personagens, quando reproduzidos em parágrafos da narrativa indireta; e o uso de itálicos ocorre ainda em obediência a ênfases narrativas determinadas pelo autor. Raros casos, portanto, apresentarão a concomitância de aspas e itálicos. Nomes próprios, de pessoas e lugares, foram mantidos em francês, exceção feita aos nomes de personagens históricos já consagrados em português, como Napoleão Bonaparte, Luís XVIII etc.

UM NOVO OLHAR

A miséria é um tema novo, no século XIX. Como realidade, é bem antiga, mas a novidade é ela se tornar tema, isto é, aparecer como algo que causa escândalo e que, dizem cada vez mais romancistas e cientistas sociais, pode – e deve – ser superado. Luís XIV, conforme alguns historiadores, estava consciente da miséria que grassava em seu reino, na segunda metade do século XVII; isso não o impedia de prodigar luxo, a si mesmo e a seus próximos; simplesmente, não acreditava que pudesse fazer o que quer que fosse contra a pobreza. Mas os tempos mudaram. A principal causa da mudança está talvez nas enormes migrações do campo para a cidade, que marcaram esse período de guerras e de industrialização, que foi o começo do século XIX, deslocando gigantescos contingentes de homens e mulheres. Estes deixavam o campo, no qual tinham um certo endereço, onde, embora vivessem em condições modestas, dificilmente lhes faltava moradia (ainda que o mesmo nem sempre se pudesse dizer da comida), e iam para cidades onde emprego, residência e alimentação eram precários e, eventualmente, até inexistentes. Tal processo não é privilégio de um só país: em *Os miseráveis*, veremos sua realização francesa, mas, se lermos Charles Dickens, teremos sua versão inglesa. É isso o que permite falar de um espetáculo da pobreza, na Londres e na Paris do século XIX.[1]

Podemos abordar esse tema por um ângulo preciso, o da mudança no olhar. Victor Hugo é quem o observa, por volta de 1840. A essa época, ele frequenta os poderosos, melhor dizendo, o Rei Luís Filipe e sua família; é Par de França e, nessa qualidade, membro da Câmara Alta. Já é escritor respeitado e toma algumas posições que farão parte de sua fama, como por exemplo a oposição à pena de morte. É a Câmara dos Pares que julga quem tenta assassinar o rei, coisa que acontece algumas vezes sob o reinado de Luís Filipe. Contrário à guilhotina, ainda assim Victor Hugo anota com certo alívio que o regicida não está mais submetido à antiga punição do parricida, que tinha a mão amputada, no cadafalso, antes de lhe cortarem a cabeça.

Mas o grande poeta ainda se mostra, no tocante à pobreza, bastante ingênuo. E exemplo disso é que o incomode a percepção de um novo olhar, o dos pobres

sobre os ricos. Numa festa dada pela monarquia, por exemplo, percebe que os pobres – do lado de fora de uma cerca – olham com rancor para o luxo que se ostenta nas roupas, nos comes e nos bebes dos privilegiados. Comenta Hugo: *Eles não entendem que é o consumo suntuário dos mais ricos que lhes dá trabalho e emprego*. Nada de notável nesse comentário, absolutamente conservador, superado do ponto de vista econômico. Podia valer para as condições políticas do Antigo Regime, da monarquia sustentada em seus privilégios, mas já não serve para um tempo em que os direitos passam a ser o fundamento da política.

Um tempo depois, porém, um segundo olhar marca-o. É o de um pobre vendo um rico que desce de uma carruagem, no centro de Paris. Faísca ódio no olho do pobre. Penso que é então que Victor Hugo se dá conta dos conflitos sociais em torno da miséria. Deixa de censurar o pobre por não respeitar quem lhe dá emprego, e começa a compreender o peso das lutas sociais. Lamenta esse fato, continua talvez acreditando que a riqueza e mesmo o consumo suntuário dão pão aos pobres – mas percebe, o que é importantíssimo, a radicalidade desse olhar crispado de ódio.

Certamente, para quem lê a história *a posteriori*, e além disso conhece Marx, Victor Hugo pode parecer superficial. Aliás, nas primeiras e nas últimas páginas de *O dezoito brumário de Luís Bonaparte*, obra de Marx publicada no começo de 1852, Victor Hugo se vê questionado – ou, se não ele, pelo menos suas posturas. Viu o golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte, em dezembro de 1851, como algo inesperado (um raio em céu azul). Conclamou o povo de Paris a se revoltar contra o golpe, e isso quando as bases sociais para tal resistência já estavam eliminadas. São dois pontos que Marx critica ou ridiculariza.[2] Mas tais críticas importam relativamente pouco, porque o mínimo a dizer delas é que são anacrônicas: Victor Hugo foi o maior responsável por se constituir, na França e num mundo inteiro que lia e sentia com base na cultura francesa, uma preocupação com a miséria. Com ele, não só se deslancha esse tema como, além disso, se assume uma fisionomia compassiva, solidária.

Mas falemos um pouco do olhar. Havia, no Antigo Regime, isto é, sob o reinado dos três Luíses que precedem a Revolução Francesa, um olhar de outro tipo. O rei dava-se a ver. A brilhante novidade de Luís XIV, ao tomar o poder por volta de 1660, foi oferecer-se em espetáculo a quem o rodeasse. A França vivera uma convulsão, a Fronda, em plena infância do Rei. Certa noite, para certificar-se de que a Corte ainda estava na capital, a populaça parisiense entrara no quarto do jovem Luís XIV, que dormia; diz-se que ele jamais perdoou essa desfeita.

Retirou-se de Paris, construiu Versalhes e, muitos anos depois da Fronda, ao saber de um antigo rebelde, desde então súdito fiel e pacato, ainda o mandou enforcar. A Inglaterra saía de uma república que até mandara executar o próprio Rei, Carlos I. Bordeaux, no sul da França, chegou a traduzir os textos dos *levellers*, os mais radicais dentre os revolucionários ingleses, que defendiam uma reforma agrária ampla.

Contra a turbulência que assim ameaçava as monarquias europeias, e inclusive a sua, a inteligência de Luís XIV consistiu em criar um silêncio à sua volta, feito de respeito, temor e admiração. A etiqueta foi a regra dessa nova, e muito hierárquica, sociabilidade. Há monarquias em que não se pode olhar o rei, seja na África, seja no mais antigo czarismo; ele é sagrado, porque oculto. Luís adotou a estratégia oposta: o Rei seria sedutor, seria sol. Perto dele, todos os astros empalideceriam. Daí a construção de um novo e belo palácio. Daí a importância, nesse palácio de Versalhes, de tudo o que chamasse a atenção para a vista, a principiar pelos jardins geométricos e pelas fontes. Daí a concentração da nobreza à sua volta.

No reinado de seu pai, Luís XIII, o poderoso Cardeal de Richelieu, chefe do governo, mandara demolir os castelos fortes dos nobres, assim como fizera decapitar aqueles senhores que teimavam em duelar, a despeito dos editos reais, e ainda substituíra, nas refeições, a faca de gume cortante pela faca rombuda, de ponta curva, que hoje conhecemos. Tudo isso obedecera a uma estratégia bastante precisa de repressão à violência, em especial àquela patrocinada pela alta nobreza que, dos tempos feudais, guardara a turbulência e, mais que isso, a pretensão de exercer poderes e direitos que agora incumbiam ao Rei, detentor do monopólio da violência legítima, aquela exercida pela lei. Pois Luís XIV levou mais longe essas práticas que mesclavam a alta política (fortificações destruídas) e a micro (talheres que não fossem armas). Instaurou não só a etiqueta, mas um novo gosto: só valia o que estivesse perto do Rei, só valia o valido que olhasse o Rei e fosse visto por ele. A Corte se constitui em espetáculo. Nada, fora dela, vale a pena. Um nobre, o Conde de Wardes, banido da Corte por longo tempo, é chamado de volta por Luís XIV; agradece a Sua Majestade: *Longe de vós, não se é somente infeliz, é-se ridículo. É-se nada.* Só importa o que o rei vê.

Ele não vê a miséria. Sabe, sim, que existe, mas como nada pode – ou nada quer – fazer por ela, fica fora de sua visão. No belíssimo filme *Vatel*, em que se propõe uma nova leitura dos últimos dias desse grande cozinheiro do Príncipe de Condé, há uma cena em que uma mulher do povo, em andrajos, insulta Luís XIV, responsabilizando-o pela morte de seu filho nos canteiros de obras de Versalhes.

Condé manda castigá-la com cem chibatadas, e Luís aprecia essa punição. A miséria não merece piedade. Para o furto doméstico, aliás, a pena é a forca. Mesmo Voltaire, um século depois, justificará castigo tão pesado para delito tão pequeno, dizendo que furtar o patrão é uma quebra imperdoável da confiança que deve reinar na casa.

Temos, ao longo dos séculos XVII e XVIII, uma sociedade em que o olhar se tornou fundamental. Quando Matteo Ricci constrói seus palácios da memória, isto é, divulga uma técnica mnemônica que nos faz lembrar o máximo de coisas alojando-as nos cômodos de construções imaginadas, é o olhar que serve de suporte para o aprendizado. O mesmo ocorre quando Descartes filosofa, usa como critério da verdade a evidência (mal traduzindo, aquilo cuja verdade salta aos olhos) e pede, terminada uma sessão de conhecimento, que enumeremos, que tabulemos, que revisemos tudo o que foi exposto. A razão que então se emancipa recorre em abundância ao visual. E isso para não falar no extraordinário avanço das artes visuais, no período clássico – ou barroco, se quisermos. Mas, desse olhar, a pobreza não é o alvo. Mesmo no século seguinte ao do Rei-Sol, quando Luís XV abre aos domingos o palácio de Versalhes para os burgueses de Paris, o que estes desejam ver é mais o rei – tomando o seu café da manhã – do que os aposentos e jardins. A realeza, a nobreza e o luxo são ainda o objeto privilegiado do olhar.

Por isso é tão importante que, um dia, Victor Hugo perceba a importância do olhar do miserável. Porque aqui é indissociável, no que estamos dizendo da visão, quem vê e quem é visto. Enxergar e ser enxergado são um só movimento. No Antigo Regime, o rei era o objeto mais desejado do olhar, mas era também dele o olhar que dava vida às pessoas, mais precisamente, aos cortesãos. Longe dele, o nobre definhava (precisava, se fosse exilado em suas terras, aprender a ser estoico). Analogamente, quando Victor Hugo capta o ódio do pobre, ele não só dá a esse último a dignidade, tão demorada a aparecer, de ser um sujeito cujos olhos, cuja visão da sociedade, contam e têm importância, como também o torna personagem do grande teatro do mundo. Ele passa a ser visto. Passa-se a falar dele.

Ou tomemos outra via. Em julho de 1830, Paris se revolta contra o Rei Carlos x, que tentava restaurar o absolutismo monárquico. São três dias de combates nas ruas. Serão conhecidos como as “Três Jornadas Gloriosas”. Alexandre Dumas, ainda moço, sai armado para lutar contra a monarquia despótica. Coloca-se numa barricada. Mas não tem onde apoiar seu fuzil. Um operário se aproxima, ajoelha-se e oferece seu ombro como apoio para a arma dele.

Alexandre Dumas, constrangido, diz-lhe: – Sem proteção, você vai morrer. – O operário responde: – Minha vida vale menos que a sua, porque não sei atirar e o senhor sabe.

Um episódio como esse é significativo. O operário se sacrifica àquele que, por ser mais rico, é dono de uma arma e sabe manejá-la. Mas a Revolução de 1830 foi o último grande movimento mais político do que social da história da França. Victor Hugo comenta-a, em seu diário (na verdade, ele tem dois diários, um pessoal e íntimo, e outro que trata dos assuntos públicos; refiro-me a este último, publicado com o título de *Choses vues*). Entusiasma-se por ela.

Mas passa-se um mês ou dois das jornadas de julho de 1830, e Victor Hugo acrescenta: *A França mudou por completo, estas semanas. Antes, nosso referencial era a Inglaterra. Agora é a América.* Explica-se essa intuição. A França tinha por ideal, até depor Carlos x, ter uma monarquia constitucional como a inglesa. Sua história – o que Victor Hugo não diz, talvez nem tenha consciência plena disso, mas está implícito em suas palavras – emulava a inglesa. A Inglaterra depôs e decapitou, em 1649, um rei, Carlos i. A França fez o mesmo com Luís xvi, em 1793. Seguiu-se uma república, nos dois países, na qual o poder acabou empolgado por um único homem; Cromwell na Inglaterra, com os poderes e vestes de rei ainda que sem o título, Napoleão na França, com os poderes e título de imperador – mas isso durou pouco tempo. Os dois deixaram seu poder para o filho, mas nem Richard Cromwell se manteve, nem Napoleão ii chegou a reinar. A antiga monarquia foi restaurada e, se quisermos ser muito detalhistas, notaremos que se sucederam no trono dois irmãos, Carlos ii e Jaime ii, na Inglaterra, Luís xviii e Carlos x, na França; e, deles, o segundo a reinar se mostrou mais implacável, mais radical, mais intransigente, a ponto de precipitar uma sublevação apoiada até pelos mais moderados de seus súditos.

Essa revolução foi "gloriosa" na Inglaterra – porque não derramou sangue, porque foi promovida pela classe alta, porque o próprio genro e a filha do rei a comandaram e, depois, assumiram o trono, sem portanto os transbordamentos populares que levaram a primeira Revolução Inglesa a radicalizar-se. E foram as "Três Jornadas Gloriosas" na França, porque também tudo se deu rapidamente, num amplo consenso social, assim evitando a radicalização da primeira e grande Revolução Francesa. O caráter glorioso assim, nos dois casos, exaltava a utilização de meios menos violentos, mas também o resultado mais conservador.

Só que, terminado isso, a França para de imitar a Inglaterra. Essa imitação durara dez ou quinze anos. A revolução iniciada em 1789 e o império que se seguiu a ela tinham sido processos históricos originais. A Restauração dos

Bourbon, em 1814, mesmo com todo o seu sentido retrógrado (Luís XVIII considerava estar reinando desde a morte de seu sobrinho, o infeliz Delfim Luís XVII, supondo portanto nulos e írritos o regime republicano e o imperial), introduzira uma nova agenda política. A liberdade de expressão, a paz e as eleições rompiam com a censura, a guerra e o centralismo do poder napoleônicos. É verdade que havia a censura, que a França invadira a Espanha para reprimir a Revolução Liberal e que, nas eleições, não só não havia sufrágio universal como também se usavam truques, como por exemplo dar votos suplementares a quem pagasse mais impostos. Mas, com tudo isso, um processo de liberalização se iniciara. E ele parecia culminar, em 1830, na constituição de uma monarquia efetivamente constitucional. Só que a maioria teve a sensação de ter-lhe sido furtada a flama revolucionária, ao término das jornadas gloriosas, quando um primo do Rei, ainda que liberal, subiu ao trono. É por isso que Victor Hugo diz que o referencial passou para os Estados Unidos, ou seja, que já não basta a monarquia constitucional, agora se sonha com a república.

Mas mesmo isso é insuficiente. Na verdade, o que 1830 divide não é tanto o ideal monárquico constitucional do republicano, mas o ideal político do social. O operário de Dumas podia dar a vida para que o burguês atirasse no inimigo comum, o Rei déspota, Carlos x. Mas as condições sociais insuportáveis em que viviam os pobres e miseráveis logo fariam, do operário e do burguês, inimigos. Só isso permite entender, como Victor Hugo contará a certa altura das páginas que se seguem, que os trabalhadores se empenhassem tanto em se armar. Não importa se sabiam ou não do episódio que Alexandre Dumas relata: o fato é que não queriam mais servir de carne para canhão nas lutas da burguesia, que se dava por satisfeita com “o Rei burguês”, Luís Felipe. E essa importância das lutas sociais na política francesa – e europeia – é o que distinguirá o Velho Mundo do Novo, no qual é sempre possível, como dirá Marx em *O dezoito brumário*, remeter os excluídos para o Oeste, deportar para a extensão territorial o conflito de classes, em outras palavras, sair da caldeira explosiva em que a história se produz para uma geografia apaziguadora.

Porque aqui estamos na caldeira explosiva. Os operários se tornaram classe perigosa – é o nome de um clássico da análise sociológica, *Classes laborieuses, classes dangereuses*, de Chevallier, no qual se trata da imagem que as classes dominantes francesas constroem a respeito dos trabalhadores. Uma série de medidas se adotará contra eles – entre as quais, em 1850, uma lei eleitoral que restringe o direito ao voto, pouco tempo antes estendido a todos os homens maiores de idade e a quem residisse havia pelo menos três anos no mesmo

município. Isso não só subtrai o voto da mão de obra migrante, numericamente enorme, dadas as condições de exploração do trabalho, como também submete o trabalhador a um atestado de residência fornecido pelo próprio patrão, que pode negá-lo a um empregado cujas ideias políticas não lhe pareçam seguras.

É esse o universo que Victor Hugo vai nos apresentar. As lutas sociais estão surgindo na cena pública. Antes, elas apareciam a reboque de outros movimentos. Constituíram o desdobramento radical da Revolução Inglesa, a de 1640, ou da Revolução Francesa, de 1789. Porém, com a década de 1830, elas acontecem por conta própria. E *Os miseráveis* é a grande obra – ao lado de muitas outras, que vendiam bastante na época – não só a mostrar o espetáculo da pobreza, mas a despertar nossos sentimentos pelos mais pobres. É uma maneira de negar que os operários sejam perigosos. Podem até parecê-lo, na sua fúria justa, mas não o são. Toda uma política de solidariedade com eles, de apoio aos explorados, vai ter nos sentimentos de compaixão, difundidos por Victor Hugo, o seu combustível. Essa política poderá até ser criticada, pelos marxistas, como lacrimosa, piegas, mas ela é fundamental para entender como uma cultura de massas, vendida aos milhares de exemplares (hoje diríamos, aos milhões), passa a tematizar não só o amor infeliz de ricas herdeiras órfãs, mas a infelicidade das massas trabalhadoras. É muito melhor do que a mania pela segurança pública que, hoje, a mídia constrói.

Renato Janine Ribeiro

---

1 Valho-me aqui do título do belo livro de Maria Stella Bresciani *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

2 *O dezoito brumário* é uma obra importante, e já lhe dediquei um artigo "O novo e o páthos (em torno de *O dezoito brumário*)", in *A última razão dos reis*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 1ª. reimpressão 2002. Mas não deve ser superestimada. A análise cheia de desprezo que vota a Napoleão III não se justifica. O imperador presidiu um desenvolvimento econômico importante e, não fosse ter sido derrotado na Guerra Franco-Prussiana de 1870, os marxistas não poderiam ler seu reinado com o sarcasmo de *O dezoito brumário*. E tampouco se justifica o desdém que o mesmo Marx vota à II República (1848-51), por sua vida tão curta, a seu ver fruto da pouca radicalidade no trato das questões sociais; depois do estudo de Maurice Agulhon, *1848 ou o aprendizado da República*, ela pode ser considerada como a experiência histórica que dissociou a República e o Terror, que aboliu a pena de morte em matéria política, em suma, que preparou a França para a consolidação republicana que se dará a partir da década de 1870.

PREFÁCIO

Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscrição social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século – a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança pela ignorância – não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis.

Victor Hugo
Hauteville-House, 1862.[*]

---

* *Hauteville-House* mansão comprada por Victor Hugo em Guernesey, pequena ilha inglesa no mar da Mancha, onde passou a maior parte de seu exílio, provocado por sua oposição

FANTINE

1

des abbés de
JL

I

M. Mytich

Mytich

en 1815 [illegible]
[illegible] M. Charles-François-Dieudonné
[illegible] Mytich, [illegible] natif de Liège, d'une famille
noble, [illegible] ancien Député-général
des [illegible] auprès [illegible] de Liège à Dijon
1806. [illegible] Il a eu pour but
[illegible] d'indiquer [illegible] les bontés [illegible] qu'il
a eues [illegible] pour [illegible] et [illegible] les services [illegible] qu'il
a [illegible] rendus [illegible] à [illegible] la famille [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible]

LIVRO PRIMEIRO
UM JUSTO

I | CHARLES MYRIEL

Em 1815, era Bispo de Digne[1] o Sr. Charles-François-Bienvenu Myriel,[2] um velho com mais ou menos setenta e cinco anos de idade, que aí residia desde 1806.

Embora esse detalhe não afete de maneira nenhuma a essência de nossa narração, não é, contudo, inútil, ainda que não fosse senão para sermos exatos em tudo, reproduzir aqui os comentários sobre sua pessoa quando chegou à diocese. Verdade ou mentira, muitas vezes o que se diz dos homens tem tanta importância em sua vida como o que estes realmente fazem. O Sr. Myriel era filho de um conselheiro do Parlamento de Aix; aristocracia parlamentar. Contava-se que seu pai, querendo-o como herdeiro do cargo, casou-o muito cedo, com dezoito ou vinte anos, seguindo uso muito comum entre famílias parlamentares. Charles Myriel, apesar do casamento, deu muito que falar. Era atraente, embora de pequena estatura, elegante, gracioso, espirituoso; toda a primeira parte de sua vida foi gasta em galantarias e mundanidades. Veio a Revolução, os acontecimentos se precipitaram, as famílias parlamentares, dizimadas, procuradas, cercadas, dispersaram-se. Charles Myriel, logo nos primeiros dias da Revolução, fugiu para a Itália. Aí sua esposa faleceu, vítima de afecção pulmonar, de que havia tempos sofria. Não tinha filhos. Que se passou, então, na vida de Charles Myriel? Talvez a destruição da antiga sociedade francesa, a queda de sua própria família, os trágicos espetáculos de 1793, mais aterradores ainda para os emigrados, que os viam aumentados pela distância e pelo medo, tivessem feito nascer nele ideias de renúncia e solidão. Terá sido ele, em meio às distrações e amizades que ocupavam sua vida, subitamente vitimado por um desses golpes misteriosos e terríveis, que, às vezes, atingindo o coração, transtornam o homem que as catástrofes públicas, tirando-lhes família e fortuna, não conseguiriam abalar? Ninguém o poderia afirmar com segurança; sabe-se apenas que, ao voltar da Itália, ele era padre.

Em 1804, Myriel era vigário em Brignolles. Já idoso, vivia em profunda solidão.

Pela época da coroação, um pequeno problema de sua paróquia o levou a Paris. Entre outras pessoas influentes, visitou o Cardeal Fesch, para defender interesses de seus paroquianos.[3] Numa ocasião em que o Imperador fora ao palácio de seu tio, o digno Sacerdote, que esperava na antecâmara, achava-se no caminho por onde Sua Majestade devia passar. Napoleão, sentindo-se observado com certa curiosidade, voltou-se e disse bruscamente:

– Quem é esse homem que está me olhando?

– *Sire* – disse o Sr. Myriel –, vós vedes um pobre homem; eu, porém, contemplo um grande homem. Ambos temos de que aproveitar.

O Imperador, na mesma noite, pediu ao Cardeal o nome daquele Padre, e algum tempo depois o Sr. Myriel foi surpreendido pela sua nomeação para a diocese de Digne.

Que havia de real, enfim, nas histórias que se contavam sobre a primeira parte da vida do Sr. Myriel? Ninguém o poderia dizer. Pouca gente havia conhecido sua família antes da Revolução.

O Sr. Myriel devia ter a sorte de todo recém-chegado a uma cidade pequena, onde há muitas bocas que falam e poucas cabeças que pensam; isso embora fosse ele Bispo, e justamente porque era Bispo. Enfim, os boatos em torno de sua pessoa não passavam de boatos, cochichos, diz-que-diz, palavrórios.

Fosse quem fosse, afinal, depois de nove anos de episcopado e residência em Digne, todas essas invenções, objetos das conversas usuais, que ocuparam no princípio o povinho das pequenas cidades, foram completamente esquecidas. Ninguém ousaria repeti-las ou relembrá-las.

O Sr. Myriel chegou a Digne acompanhado da Srta. Baptistine, sua irmã, dez anos mais moça que ele, ainda solteira.

Tinham uma única criada, da mesma idade que a Srta. Baptistine, chamada Magloire que, depois de ser *a criada do Sr. Vigário*, tinha agora um duplo título: camareira da Srta. Baptistine e despenseira do Sr. Bispo.

A Srta. Baptistine era alta, pálida, delicada, agradável; era realmente o que indica a palavra “respeitável”, pois me parece que uma mulher para se tornar venerável precisa ser mãe. Nunca foi bonita; toda a sua vida, que não foi senão uma sequência de boas obras, envolveu-a numa espécie de brancura, de claridade, e, com os anos, ganhou o que poderíamos chamar de beleza da bondade. O que era magreza em sua juventude tornou-se transparência,

diafaneidade que deixava entrever um anjo. Era mais que uma virgem, era uma alma. Parecia feita de sombras: o mínimo de corpo para que ali houvesse um sexo; um pouco de matéria envolvendo uma luz; grandes olhos sempre modestos; um pretexto, enfim, para que uma alma permanecesse na terra.

Mme. Magloire era uma velhinha pálida, gorda, atarefada, e sempre ofegante, por causa de sua contínua atividade e, ultimamente, também pela asma que a afligia.

À sua chegada, o Sr. Myriel foi acomodado no Palácio Episcopal, com todas as honras exigidas pelos decretos imperiais, que punham a dignidade episcopal logo abaixo da de Marechal de Campo. Visitaram-no o *Maire*[4] e o Presidente, e ele, de sua parte, levou seus cumprimentos ao General e ao Prefeito.

Terminada a recepção, a cidade esperava sua atividade episcopal.

II | O SR. MYRIEL TORNA-SE DOM BIENVENU

O Palácio Episcopal de Digne era contíguo ao hospital; vasta e bela mansão construída em pedra nos começos do século passado, por D. Henri Puget, Doutor em Teologia pela Faculdade de Paris, Vigário de Simore, Bispo de Digne em 1712. Era uma verdadeira residência senhorial. Tudo ali era grandioso: os aposentos do Bispo, os salões, os quartos, o pátio principal muito espaçoso, rodeado de pórticos com arcadas, seguindo antiga moda florentina, e jardins com árvores magníficas. Na sala de jantar, longa e soberba ao rés-do-chão, abrindo-se para os jardins, D. Henri Puget ofereceu, em 29 de julho de 1714, um jantar de cerimônia aos Srs. Charles Brûlart de Genlis, Arcebispo-Príncipe de Embrun; a Antoine de Mesgrigny, Capuchinho, Bispo de Grasse; a Phillippe de Vendôme, Grão-Prior de França; ao Abade de Saint-Honoré de Lérins, François de Bertan de Grillon, Bispo-Barão de Vence; a César de Sabran de Forcalquier, Bispo-Senhor de Glandève; e a Jean Soanen, Padre do Oratório, Pregador Ordinário do Rei, Bispo-Senhor de Senez. Os retratos desses sete personagens venerandos decoravam a sala, e essa data memorável, 29 de julho de 1714, estava gravada em letras de ouro sobre uma mesa de mármore branco.

O hospital era uma casa acanhada e baixa; um único andar com um pequeno jardim.

Três dias depois de sua chegada, o Bispo quis conhecer suas instalações. Terminada a visita, pediu ao Diretor que fosse até sua residência.

– Senhor Diretor – disse-lhe – quantos doentes tem atualmente?

– Vinte e seis, Excelência.

– Justamente os que eu contei – disse o Bispo.

– As camas – continuou o Diretor – estão muito apertadas.

– Já o tinha notado.

– As salas são quartos comuns e o ar não se renova facilmente.

– É justamente o que me parece.

– Além disso, quando há um pouco de sol, o jardim é muito pequeno para os convalescentes.

– Já havia reparado nisso.

– Nas epidemias, este ano foi o tifo, há dois anos foi a febre miliar, às vezes com cem doentes, não sabemos o que fazer.

– E não podia ser de outra forma.

– Que quer, Excelência? – disse o Diretor – é preciso resignar-se.

Esse diálogo se deu na sala de jantar, a galeria, ao rés do chão.

O Bispo calou-se por um momento; depois, voltando-se rapidamente para o Diretor do hospital, lhe disse:

– Quantos leitos, acha o senhor, poderiam caber nesta sala?

– Na sala de jantar de V. Exa.? – exclamou espantado o Diretor.

O Bispo percorria a sala com os olhos; parecia fazer cálculos e tomar medidas.

– “Nesta sala poderiam ficar vinte camas!” – disse consigo mesmo; depois, elevando a voz: – Olhe, Senhor Diretor; aqui há, evidentemente, um grande erro. Vocês são vinte e seis pessoas mal acomodadas em cinco ou seis quartos pequenos. Nós somos três, e há lugar para sessenta. Repito, aqui há um erro: vocês estão no meu lugar e eu no de vocês. Deem-me a minha casa; a de vocês é esta.

No dia seguinte, os vinte e seis doentes pobres estavam acomodados no Palácio Episcopal e o Bispo no hospital.

Charles Myriel não tinha fortuna, pois sua família perdera tudo durante a Revolução. Sua irmã recebia uma pensão vitalícia de quinhentos francos, que bastava para seus gastos pessoais. Ele, por sua vez, recebia do Estado, como Bispo, quinze mil francos. No mesmo dia em que se mudou para o edifício do hospital, determinou que essa quantia, de uma vez por todas, fosse empregada da seguinte maneira. Transcrevemos aqui uma anotação feita por ele mesmo.

ORÇAMENTO DAS DESPESAS DE MINHA CASA

Para o seminário menor 1 500 francos
Congregação das Missões 100 francos
Para os lazaristas de Montdidier 100 francos
Seminário das Missões Estrangeiras de Paris 200 francos
Congregação do Espírito Santo 150 francos
Fundações religiosas da Terra Santa 100 francos
Sociedades de Caridade Maternal 300 francos
Para a de Arles, mais 50 francos
Obras para a melhoria das prisões 400 francos
Obras para socorro e libertação de prisioneiros 500 francos
Para a libertação dos pais de família presos por dívidas 1 000 francos
Abono ao ordenado dos professores pobres da diocese 2 000 francos
Celeiro de Hautes-Alpes 100 francos
Congregação de senhoras de Digne, de Manosque e de Sisteron,
para educação gratuita de moças pobres 1 500 francos
Para os pobres 6 000 francos
Despesa pessoal 1 000 francos
total 15 000 francos

Durante todo o tempo em que foi Bispo de Digne o Sr. Myriel não mudou em nada essas disposições. Chamava a isso *ter regularizado as despesas da casa*.

Essa ordem foi aceita com absoluta submissão por Baptistine. Para ela, o Bispo de Digne era, ao mesmo tempo, seu irmão e seu Bispo, seu amigo e seu superior eclesiástico. Amava-o e venerava-o sinceramente. Se ele falava, ouvia cabisbaixa; se trabalhava, ajudava-o. Somente a criada, Mme. Magloire, reclamava um pouco. O Bispo, como vimos, não reservou para si mais que mil francos, que, juntos à pensão da Srta. Baptistine, somaram mil e quinhentos francos por ano. Com essa quantia viviam as duas senhoras e o velho Sacerdote.

Quando um cura da aldeia ia a Digne, sempre achava um jeito de o hospedar, graças à severa economia de Mme. Magloire e à inteligente administração da Srta. Baptistine.

Um dia, já estava em Digne havia mais ou menos três meses, o Bispo disse:

– Com tudo isto, estou bem-arrumado!

– É isso mesmo! – exclamou Mme. Magloire – o senhor nem ao menos reclamou a verba para as despesas de transporte na cidade e nas viagens pela diocese. Esse era o costume com os bispos de antigamente.

– Isso mesmo! – disse o Bispo – a senhora tem razão, Mme. Magloire – e fez a reclamação.

Algum tempo depois, o Conselho Geral, considerando o pedido, votou-lhe uma soma anual de três mil francos, como *verba concedida ao Sr. Bispo para*

despesas de transporte nas viagens pastorais.

A burguesia logo reclamou, e na mesma ocasião um Senador do Império, membro do Conselho dos Quinhentos, favorável ao brumário e agraciado com magnífica senatoria perto de Digne, escreveu furioso ao Ministro dos Cultos, o Sr. Bigot de Préameneu, um bilhete confidencial, do qual extraímos estas linhas autênticas:[5]

Despesas de transportes! Para quê, numa cidade que não tem quatro mil habitantes? Despesas de viagens? Para que essas viagens? Além disso, como se pode andar de carruagem nessa região montanhosa? Não há estradas. Só se pode andar a cavalo. A ponte de Durance em Château-Arnoux só aguenta carros de boi. Esses padres são todos assim, gananciosos e avarentos. Esse, quando chegou, portou-se como um bom apóstolo de Cristo. Agora, está como os outros; precisa de coches e carruagens. Precisa de luxo como os bispos de antigamente. Essa padralhada! Sr. Conde, as coisas só andarão bem quando o Imperador nos entregar essa turma. Abaixo o Papa! (Roma complicava os problemas). Quanto a mim, eu sou de César somente… Etc. etc.

Em compensação, isso alegrou muito Mme. Magloire. – Bom – disse ela à Srta. Baptistine –, o Senhor Bispo começou pelos outros, mas felizmente acabou cuidando de si. Todas as suas esmolas já estão marcadas. Enfim, temos três mil francos para nós.

Na mesma noite, o Bispo mandou à irmã um bilhete nestes termos:

DESPESAS DE VIAGENS
Para dar caldo de carne aos doentes do hospital 1 500 francos
Para a Sociedade de Caridade Maternal de Aix 250 francos
Para a Sociedade de Caridade Maternal de Draguignan 250 francos
Para as crianças abandonadas 500 francos
Para os órfãos 500 francos
total 3 000 francos

Esse era o orçamento do Sr. Myriel.

Quanto aos proventos da Diocese, banhos, dispensas, batizados, sermões, bênçãos de igrejas e capelas, casamentos etc., era tão diligente em cobrar dos ricos como generoso em dar aos pobres.

Passado algum tempo, começaram a chegar donativos em dinheiro. Abastados e necessitados batiam à porta do Sr. Myriel, uns procurando a esmola que outros tinham trazido. Já era tesoureiro de todas as obras de beneficência e

caixa para socorro de todas as necessidades. Quantias consideráveis passavam pelas suas mãos; mas nada fazia com que mudasse o mínimo em seu estilo de vida ou acrescentasse qualquer coisa de supérfluo ao absolutamente necessário.

Longe disso. Como a miséria nas classes baixas é sempre maior que o espírito de fraternidade das classes altas, tudo era distribuído antes mesmo de ser recebido; era como água em terra seca: ele gostava de receber dinheiro, mas estava sempre precisando de mais. Privava-se, então, até do pouco que possuía.

Como é costume que os bispos aponham seu nome de batismo no começo de suas ordens e cartas pastorais, a gente humilde do lugar escolheu, como por afetuoso instinto, entre seus nomes e sobrenomes, o mais significativo: chamavam-no de Dom Bienvenu. Daqui por diante, chamá-lo-emos assim, mesmo porque isso lhe agradava. – Gosto desse nome – dizia –, Bienvenu tira a pomposidade do *Dom*.

Não temos a pretensão de que esse retrato seja verdadeiro: dizemos apenas que é parecido.

III | A BOM BISPO MAU BISPADO

Não era porque havia convertido sua côngrua em esmolas que ele deixaria de fazer suas visitas. A Diocese de Digne era difícil de percorrer. Há poucas planícies, muitas montanhas, quase nenhuma estrada; trinta e duas paróquias, quarenta e um vicariatos e cento e oitenta e cinco capelanias. Era um problema visitar tudo isso, mas ele o conseguia. Quando a distância era pequena ia a pé; nas planícies, andava de carriola e nas montanhas servia-se de artolas, cestas com encostos atados ao lombo das cavalgaduras. Mme. Magloire e a Srta. Baptistine o acompanhavam. Quando o caminho era muito cansativo para elas, ia só.

Um dia, chegou a Senez, antiga cidade episcopal, montado num jumento. Suas posses, muito minguadas então, não lhe permitiram melhor meio de transporte. O *Maire* da cidade foi recebê-lo à entrada do bispado e o viu, muito escandalizado, apear-se do jumento. Algumas pessoas riam-se da cena.

– Sr. *Maire* – disse o Bispo –, senhores: compreendo bem o que os escandaliza; acham que é muita soberba para um pobre Padre vir a cavalo num animal de que Jesus Cristo se servia. Eu lhes asseguro, porém, que não o fiz por vaidade, mas por necessidade.

Nessas visitas era indulgente e afável; mais conversava que pregava. Nunca

ia longe para buscar modelos e exemplos. Aos habitantes de um lugar, citava fatos acontecidos na povoação vizinha. Nos lugares onde havia sido exigente em favor dos necessitados, dizia:

– Vejam os de Briançon: eles deram aos indigentes, viúvas e órfãos o direito de ceifar os campos três dias antes que qualquer outro, e reconstroem-lhes gratuitamente as casas em ruínas. É um lugar abençoado por Deus. Há um século que lá não se comete um assassinato.

Nas aldeias ávidas de lucros, onde os agricultores não se ajudavam mutuamente, dizia:

– Vejam os de Embrun. Se um pai de família, no tempo da colheita, tem um filho no serviço militar ou as filhas trabalhando na cidade, ou está doente ou incapacitado, o Vigário o recomenda aos fiéis durante o sermão e, no domingo, depois da missa, todos os habitantes da vila, homens, mulheres e crianças, vão ao seu campo, fazem-lhe a colheita, guardando-lhe a palha e o grão nos celeiros.

Às famílias divididas por questões de dinheiro ou herança, dizia:

– Vejam os montanheses de Devolny, lugar tão selvagem que aí não se ouve o rouxinol cantar nem uma vez em cinquenta anos. Pois bem, quando numa família falece o pai, os filhos saem a fazer fortuna e deixam a herança para as mulheres, a fim de que possam encontrar marido.

Nos lugares onde apreciam processos e demandas e onde os fazendeiros se arruínam com a burocracia dos papéis selados, dizia:

– Vejam os bons camponeses do vale de Queyras. São três mil almas, meu Deus! Parece uma pequena república. Ali não se sabe o que é um juiz ou um oficial de justiça. O *Maire* faz tudo: estabelece os impostos, obriga a cada um em consciência, julga gratuitamente as questões, divide patrimônios e profere sentenças sem receber honorários, e todos lhe obedecem porque é um homem justo entre gente simples.

Onde não havia professores, falava ainda de Queyras:

– Sabem como eles fazem? – dizia. – Como uma aldeia de doze ou quinze famílias não pode sustentar um professor, têm professores pagos por toda a região; estes percorrem as povoações, passam oito dias aqui, dez ali, e ensinam. Tais mestres vão também às feiras, como tive ocasião de constatar. Distinguem-se pelas penas de escrever que levam na fita dos chapéus. Os que só ensinam a ler têm uma pena; os professores de leitura e cálculos, duas; os que ensinam leitura, cálculo e latim, três penas. Estes, sim, são grandes sábios. Mas como é vergonhoso ser ignorante! Façam como os de Queyras.

Assim falava, gravemente, paternalmente; à falta de exemplos, inventava parábolas, indo direto à sua finalidade, com poucas palavras e muitas imagens, persuasivo, convencido do que dizia: era essa a eloquência de Jesus Cristo.

IV | AS PALAVRAS EM HARMONIA COM AS AÇÕES

Sua conversa era afável e alegre. Punha-se à altura das duas senhoras que viviam a seu lado; quando ria, seu riso era sincero como o de um colegial.

Mme. Magloire chamava-o naturalmente de Vossa Alteza.[6] Um dia, levantou-se da poltrona e foi à biblioteca procurar um livro que estava numa das prateleiras mais altas. Como o Bispo era de baixa estatura, não o alcançou. – *Mme. Magloire* – disse –, *traga-me uma cadeira*. *Minha Alteza não chega àquela altura*.

Uma de suas parentas afastadas, a Condessa de Lô, raramente deixava de repetir em sua presença o que ela chamava de “as esperanças” de seus três filhos. Seus numerosos ascendentes, bastante idosos, já estavam próximos da morte, e a herança caberia naturalmente a eles. O mais jovem dos três deveria receber de uma tia-avó uns bons mil francos de renda; o segundo herdaria de seu tio o título de Duque, e o mais velho sucederia seu avô no pariato. O Bispo escutava habitualmente em silêncio essas inocentes e muito perdoáveis vaidades de mãe. Mas, uma vez, estava mais distraído que de costume enquanto a Condessa de Lô renovava os detalhes de todas essas heranças e “esperanças”. Interrompendo-se, então, com impaciência disse: – Meu Deus, sobrinho! Em que está pensando agora? – Estava meditando sobre algo interessante que li, acho, em Santo Agostinho: *Pondes vossa esperança justamente no que não vai acontecer*.

Outra vez, recebendo carta que comunicava o falecimento de um gentil-homem do lugar, na qual se expunha, além das dignidades do morto, uma lista de todos os títulos feudais e de nobreza da família inteira, exclamou:

– Que bons ombros tem a morte! Que formidável carga de títulos fazem-na levar. É preciso que os homens sejam muito espirituosos para usar o túmulo como ocasião de vaidade!

Às vezes era delicadamente zombeteiro; sempre, porém, com alguma intenção séria. Durante uma Quaresma, veio a Digne um jovem vigário. Pregou eloquentemente sobre a caridade, convidando os ricos a serem generosos para com os necessitados, a fim de evitarem o inferno, que pintou com as cores mais horríveis que pôde, e ganharem o paraíso, encantador e sumamente desejável.

Havia entre os ouvintes um ex-comerciante muito rico, um tanto avarento, chamado Géborand, que tinha ganho dois milhões fabricando tecidos ordinários, sarjas, lãs e bonés. Em toda a sua vida não havia dado uma esmola sequer. Desde esse sermão notaram que, todos os domingos, dava um vintém às pobres velhinhas da porta da catedral. Eram seis para dividir a moeda. Um dia, o Bispo o notou fazendo sua caridade domingueira e disse sorrindo à sua irmã: – *Repare só Géborand comprando um vintém de paraíso*.

Quando se tratava de caridade, não desistia mesmo diante de negativas, usando então palavras que faziam refletir. Uma vez, fazia a coleta num salão da cidade. Estava presente o velho Marquês de Champtercier, rico, avarento, que achava jeito de ser ao mesmo tempo ultrarrealista e ultravoltairiano. Já existiu gente assim. O Bispo, chegando-se a ele, chamou-o e disse:

– *Senhor Marquês, é preciso que contribua com alguma coisa*.

O Marquês voltou-se e respondeu:

– *Excelência, eu tenho os meus pobres.*

– *Dê-mos então* – disse o Bispo.

Noutra ocasião, pronunciou na catedral um sermão assim:

– Caríssimos irmãos, meus bons amigos: em França há um milhão, trezentos e vinte mil casas de camponeses que não têm senão três aberturas; um milhão, oitocentos e dezessete mil, com apenas duas aberturas: uma porta e uma janela; enfim, trezentas e quarenta e duas mil cabanas com uma única abertura, a porta. Isso por causa do que se chama de imposto de portas e janelas. Ponham essas pobres famílias, velhos e crianças, em tais lugares, e podem esperar febres e doenças! Que pena! Deus dá o ar aos homens e a lei quer vendê-lo. Não acuso a lei, mas bendigo a Deus. Em Isère, no Var, nos Altos e Baixos-Alpes, os aldeões não possuem nem carrinhos de mão; carregam o adubo nos ombros; não têm velas, para obterem luz queimam madeiras resinosas ou cordões embebidos na resina das árvores. O mesmo se dá em toda a região do Alto-Delfinado. Fazem pão para seis meses, cozinhando-o com estrume de vaca seco. No inverno partem esse pão a golpes de machado, mergulhando-o na água por vinte e quatro horas para que se torne comível. Irmãos, tenham piedade: vejam como sofrem ao redor de nós.

Nascido na Provença, em pouco tempo familiarizou-se com os dialetos do Midi.

Assim, costumava dizer:

– *Eh bé! moussu, sés sagé?* – como no Baixo-Languedoc. – *Onté anaras*

passa? – como nos Alpes Baixos. – *Puerte un bouen moutou embe un bouen froumage grase* – como no Alto-Delfinado.[7] Isso agradava ao povo e contribuiu não pouco para aproximá-lo de muita gente. Nas montanhas, nas choupanas dos camponeses, como em sua própria casa, sabia dizer as coisas mais belas do modo mais compreensível. Falando todas as línguas, era bem acolhido por todas as almas.

Além do mais, era sempre o mesmo, tanto para a nobreza como para as pessoas do povo.

Não condenava nada apressadamente ou sem levar em conta as circunstâncias. Era comum ouvi-lo dizer: – Vejamos o caminho por onde passou essa falta.

Sendo, como graciosamente se chamava, um *ex-pecador*, nada tinha das agruras do rigorismo, professando claramente e sem carregar os sobrolhos, como fazem os puritanos intransigentes, uma doutrina que se poderia resumir mais ou menos assim:

> *O homem tem sobre si a carne, que é ao mesmo tempo fardo e tentação. Ele a carrega e a ela se submete.*
>
> *Deve vigiá-la, contê-la, reprimi-la e não ceder senão em último caso. Nesses casos, se houver pecado, será venial. As pequenas faltas são quedas sobre os joelhos: podem transformar-se em oração.*
>
> *Ser santo é exceção; ser justo é regra. Errem, desfaleçam, pequem, mas sejam justos.*
>
> *Pecar o menos possível é a lei dos homens. Não pecar nunca é sonho de anjos. Tudo o que é da terra está sujeito ao pecado. O pecado é uma gravitação.*

Quando via todos gritando, mal-humorados, dizia sorrindo:

– Parece-me que se trata de um grande crime de que todos são culpados; vejam como as hipocrisias assustadas se apressam em se acobertar.

Era indulgente com as mulheres e com os pobres, sobre os quais recai o peso da sociedade humana. São suas palavras:

– As faltas das mulheres, das crianças, dos criados, dos fracos, dos pobres e ignorantes, são faltas dos maridos, dos pais, dos professores, dos fortes, dos ricos e dos sábios.

Dizia ainda: – Ensinem o mais possível aos que nada sabem; a sociedade é culpada de não instruir gratuitamente e responderá pela escuridão que provoca. Uma alma na sombra da ignorância comete um pecado? A culpa não é de quem o faz, mas de quem provocou a sombra.

Como se vê, ele tinha um modo diferente e próprio de julgar as coisas.

Suponho que aprendeu no Evangelho.

Certa vez, numa reunião, ouviu dizer que se fazia a instrução de um processo criminal já próximo do julgamento. Um pobre homem, falto de recursos, por amor de uma mulher e de uma criança, cunhou moedas falsas. Nessa época, tal crime era punido com a morte. A mulher foi detida quando gastava a primeira moeda. Prenderam-na como a única culpada. Somente ela poderia delatar seu amante e condená-lo. Apesar da insistência, continuou obstinadamente a negar que ele tivesse qualquer participação no caso. O Procurador do Rei teve, então, uma ideia. Inventou uma infidelidade do amante e chegou mesmo, com trechos de cartas jeitosamente apresentadas, a persuadir a coitada da existência de uma rival com quem tal homem a enganava. Então, louca de ciúme, ela denunciou o amante, confessando e provando o crime. O homem estava perdido. Naqueles dias em Aix, ele seria julgado com sua cúmplice. Contava-se o acontecido e todos se admiravam da habilidade do Magistrado. Pondo em jogo o ciúme, pelo ódio fizera brilhar a verdade; fizera surgir da vingança a justiça. O Bispo ouviu tudo em silêncio. Quando terminaram, perguntou:

– Onde vão ser julgados esses dois?

– No fórum.

– E onde vai ser julgado o Procurador do Rei?

Ocorreu em Digne um caso doloroso. Um homem foi condenado à morte por assassínio. Era um coitado, nem de todo culto, nem de todo ignorante: já havia sido saltimbanco de feira e Escrivão Público. O processo deu o que falar na cidade. Na véspera da execução do condenado, o Capelão da prisão caiu doente. Era preciso um padre que o assistisse nos últimos instantes. Procuraram, então, o Vigário. Parece que este recusou dizendo:

– Isso não me compete; nada tenho a ver com esse saltimbanco. Também estou doente; além de tudo, aquele não é lugar para mim.

Relataram ao Bispo o sucedido, e este se limitou a dizer:

– *O Vigário tem razão*: *aquele não é lugar para ele*: *é para mim*.

Imediatamente dirigiu-se à prisão, desceu à cela do “saltimbanco”, chamou-o pelo nome, tomou-lhe as mãos e falou-lhe. Passou todo o dia ao seu lado, esquecendo-se da comida e do sono, pedindo a Deus pela alma do condenado, e ao condenado por sua própria alma. Ensinou-lhe as grandes verdades, que são justamente as mais simples. Tornou-se pai, irmão e amigo; Bispo, só para abençoar. Instruiu-o, confortando-o e consolando. A morte era para ele um abismo. De pé, tremendo à entrada desse umbral terrível, recuava horrorizado.

Não era bastante ignorante para ficar completamente indiferente. Sua condenação, como um profundo abalo, de algum modo abriu, ao seu redor, algumas frestas no véu que nos oculta o mistério das coisas e que nós chamamos vida. Olhando sem parar ao redor desse mundo por essas fendas fatais, só via trevas. O Bispo fê-lo perceber uma luz.

No dia seguinte, quando vieram buscar o infeliz, o Bispo lá estava. Seguiu-o, e mostrou-se aos olhos da multidão com sua murça roxa e a cruz episcopal, caminhando ao lado do condenado.

Subiu com ele à carroça e ao patíbulo. O coitado, antes tão triste e acabrunhado, estava radiante. Sentia sua alma reconciliada e esperava em Deus. O Bispo o abraçou e, no momento em que ia cair o cutelo, falou-lhe assim:

– O que o homem mata, Deus ressuscita; aquele que é expulso pelos irmãos, reencontra o Pai. Reze, creia e entre na vida eterna: lá está o Pai.

Quando desceu do cadafalso, tinha em seu olhar qualquer coisa que fez recuar o povo. Não se sabia o que mais admirar, se sua palidez ou sua serenidade. Entrando em sua humilde casa, que ele chamava, sorrindo, de *palácio*, disse à irmã:

– *Acabo de oficiar pontificalmente*.

Como as coisas mais sublimes são, muitas vezes, as menos compreendidas, houve gente na cidade que dizia, comentando a conduta do Bispo: “Simples afetação”. Mas esse foi o comentário dos salões. O povo, que não vê malícia nas coisas santas, enterneceu-se admirado.

Quanto ao Bispo, ver a guilhotina foi um choque do qual levou muito tempo para se restabelecer.

Com efeito, o patíbulo, quando está levantado, é algo que alucina. Pode-se considerar com certa indiferença a pena de morte, não aprová-la nem condená-la, enquanto não se tiver visto, com os próprios olhos, uma guilhotina; mas, vendo-se uma, o choque é violento e é preciso decidir-se ou a favor ou contra. Uns a admiram, como De Maistre; outros a detestam, como Beccaria.[8] A guilhotina é a síntese de toda a lei; seu nome é *vingança*; não é absolutamente neutra, e não permite que se continue neutro. Quem a vê se amedronta com o mais misterioso dos medos. Todas as questões sociais levantam pontos de interrogação ao redor desse cutelo. O patíbulo é visão. O patíbulo não é simples armação de madeira, não é máquina: o patíbulo não é engenho inanimado feito de madeira, ferro e cordas. Parece um ser que possui não sei que iniciativa sombria; dir-se-ia que essa armação vê, que essa máquina entende, que esse

mecanismo compreende, que essa madeira, esses ferros, essas cordas têm vontade própria. No pesadelo amedrontador em que lança a alma, o cadafalso se mostra terrível, confundindo-se com sua tarefa. O patíbulo é o cúmplice do carrasco; devora, alimenta-se de carne, sacia-se com sangue. É uma espécie de monstro fabricado pelo juiz e pelo carpinteiro, um espectro que parece viver uma vida feita de todas as mortes que ocasiona.

A impressão, portanto, foi terrível e profunda; no dia seguinte à execução, e muitos dias mais tarde, o Bispo parecia acabrunhado. A serenidade quase violenta do instante fúnebre desaparecera; o fantasma da justiça social o obcecava. Ele que, ordinariamente, voltava de todas as suas ações com uma satisfação tão radiante, parecia que censurava a si mesmo. Por momentos falava sozinho, murmurando a meia-voz monólogos lúgubres. Aqui está um que sua irmã escutou uma noite e anotou:

– Eu não pensava que aquilo fosse tão monstruoso. É um erro concentrar-se a gente na lei divina a ponto de não perceber mais a lei humana. A morte pertence somente a Deus. Com que direito os homens ousam tocar coisa tão desconhecida?

Com o tempo, essas impressões se atenuaram e, provavelmente, desapareceram. Notaram, então, que o Bispo evitava passar pela praça das execuções.

Podia-se chamar o Sr. Myriel a qualquer hora à cabeceira dos doentes e moribundos. Ele não ignorava que esse era o seu principal dever e o seu maior trabalho. As famílias cujo pai ou mãe já haviam falecido não tinham necessidade de chamá-lo: ele ia espontaneamente. Sabia sentar-se calado, horas e horas, ao lado do homem que havia perdido a mulher que amava, ao lado da mãe cujo filho morrera. Como sabia em que horas devia calar, sabia igualmente quando devia falar. Que admirável consolador! Não procurava destruir a dor pelo esquecimento, mas engrandecê-la e dignificá-la pela esperança. Costumava dizer:

– Prestem atenção no modo de olhar para os mortos. Não pensem no que se corrompe. Concentrem-se e hão de ver no céu a luz viva do morto pranteado.

Ele sabia que crer é bom. Procurava aconselhar e acalmar o homem desesperado apontando-lhe o homem resignado; sabia transformar a dor que contempla uma tumba na dor que contempla uma estrela.

V | DE COMO DOM BIENVENU FAZIA PARA POUPAR SUAS BATINAS

A vida íntima do Sr. Myriel estava cheia dos mesmos pensamentos de sua vida pública. Para quem pudesse observá-la de perto, que espetáculo nobre e encantador seria a pobreza voluntária em que vivia o Bispo de Digne. Dormia pouco, como todas as pessoas idosas e a maioria dos pensadores. Era um sono rápido e profundo. De manhã, depois de uma hora de recolhimento, rezava a missa, ou em sua casa, ou na catedral. Feito isso, tomava o desjejum, que consistia em pão de centeio embebido em leite tirado das próprias vacas de sua propriedade. Depois, punha-se a trabalhar.

Um bispo é um homem muito ocupado: deve receber todos os dias o secretário da diocese, que ordinariamente é um cônego, e quase todos os dias seus vigários-gerais. Há congregações para dirigir, privilégios a conceder, quase uma biblioteca de livros eclesiásticos para examinar: livros paroquiais, catecismos diocesanos, breviários etc. É preciso expedir ordens, autorizar prédicas, conciliar párocos e *maires*, pôr em dia a correspondência eclesiástica e administrativa; de um lado o Estado, de outro a Santa Sé, mil assuntos enfim.

As horas que esses problemas, deveres e o breviário lhe deixavam livres, empregava-as em assistir aos necessitados, doentes e aflitos; o tempo que os aflitos, necessitados e doentes não lhe tomavam, empregava-o no trabalho. Ora revolvia a terra do jardim, ora lia, ora escrevia. Com uma única palavra, denominava as duas ocupações: tudo para ele era *jardinar*. – O espírito é um jardim – costumava dizer.

Pelo meio-dia, quando o tempo estava bom, andava a pé pelos campos ou na cidade, entrando, muitas vezes, nos pobres casebres. Viam-no caminhar sozinho, todo entregue a seus pensamentos, olhos baixos, apoiado em sua longa bengala, agasalhado em sua capa violeta, calçando sapatos rústicos e meias roxas, com seu chapéu comum de três pontas donde caíam três franjas com borlas cor de ouro.

Onde ele aparecia era uma festa. Diziam até que sua passagem tinha algo de reanimador, de luminoso. Velhos e crianças saíam às portas como para tomar sol. Abençoava e era abençoado. Davam o seu endereço a todas as pessoas necessitadas.

Parava aqui e ali, falava aos meninos, às meninas e sorria para as mães. Enquanto tinha dinheiro, visitava os pobres; quando o dinheiro acabava, visitava os ricos.

Como fazia que as batinas durassem o mais possível, e não querendo que o

percebessem, nunca ia à cidade sem a capa roxa, o que, durante o verão, era um tanto penoso.

Reentrando em casa, jantava. O jantar era semelhante ao desjejum.

À noite, às oito e meia, ceava com a irmã, enquanto Mme. Magloire, de pé, os servia à mesa. Nada mais frugal que essa refeição. Se o Bispo tinha algum vigário para o jantar, Magloire aproveitava para servir-lhe um excelente peixe dos lagos ou alguma caça da montanha. Todo vigário que aparecia era pretexto para melhorar a refeição; o Bispo não se incomodava. Fora isso, alimentava-se de legumes cozidos e sopa. Por isso diziam na cidade: – *Quando o Bispo não come como um vigário, come como um trapista*.

Terminado o jantar, conversava uma meia hora com a Srta. Baptistine e Mme. Magloire; ia depois para o seu quarto e continuava a escrever em folhas soltas, ou nas margens de algum in-fólio. Era bastante culto e sábio, deixando cinco ou seis manuscritos muito curiosos; entre outros, uma dissertação sobre este versículo do Gênesis: *No princípio, o espírito de Deus pairava sobre as águas*. Ele faz uma comparação desse versículo com três outros: um verso árabe que diz: *Sopravam os ventos de Deus*; Flávio Josefo, que escreve: *Caiu sobre a terra um vento do alto,* e, enfim, a paráfrase caldaica de Onkelos, que traz: *Um vento, vindo de Deus, soprava sobre as águas*.[9] Em outra dissertação, examinava as obras teológicas de Hugo, Bispo de Ptolemaida, tio-avô de quem escreve este livro, estabelecendo que se devia atribuir a esse Bispo os diversos opúsculos publicados, no século passado, sob o pseudônimo de Barleycourt.[10]

Às vezes, durante uma leitura, fosse qual fosse o livro que tivesse em mãos, caía de repente em profunda meditação, da qual não saía senão para escrever algumas linhas nas próprias páginas do volume. Às vezes, o que escrevia não tinha nenhuma ligação com o que estava lendo. Temos sob os olhos uma anotação escrita por ele numa das margens de um in-quarto intitulado: *Correspondência de Lord Germain com os Generais Clinton, Cornwallis e os almirantes do cruzeiro à América – Em Versailles, Livraria Poinçot, e em Paris, Livraria Pissot, Quai des Augustins*.

Eis a nota:

Ó Vós que sois!
O Eclesiástico vos chama de Onipotência; os Macabeus, de Criador; a Epístola aos Efésios, de Liberdade; Baruc, de Imensidade; os Salmos, de Sabedoria e Verdade; João, de Luz; os Reis vos chamam de Senhor; o Êxodo, de Providência; o Levítico, de Santidade; Esdras, de Justiça; a criação vos chama de Deus; o homem, de Pai; mas Salomão diz que sois Misericórdia, e é este o mais belo de todos os vossos nomes.

Às nove horas da noite, as duas senhoras se retiravam, subiam para seus quartos no andar superior, deixando-o só até a manhã.

É preciso dar aqui uma ideia exata dos aposentos do Bispo de Digne.

VI | POR QUEM ERA GUARDADA A SUA CASA

Sua casa, como dissemos, era assobradada: três cômodos ao rés do chão, três quartos no andar superior e, por último, o sótão. Atrás da casa, havia um pequeno jardim. As duas senhoras habitavam a parte superior e o Bispo o andar térreo. A primeira sala, que abria para a rua, servia de sala de jantar; a segunda, de quarto, e a última, de capela. Não se podia sair da capela sem passar pelo quarto de dormir, nem sair deste sem passar pela sala de jantar. Atrás, na capela, havia uma alcova fechada, para servir aos hóspedes. O Bispo a oferecia aos párocos das aldeias quando iam a Digne por questões ou necessidades de suas paróquias.

A farmácia do hospital, pequeno compartimento ligado à casa, construído no jardim, foi transformada em cozinha e celeiro.

Havia ainda no quintal uma estrebaria, a antiga cozinha do hospital, onde o Bispo criava duas vacas. Fosse qual fosse a quantidade de leite que elas produzissem, todas as manhãs, mandava sempre a metade para os doentes do hospital.

– *Pago os meus dízimos* – dizia.

Seu quarto era bastante grande e difícil de aquecer durante o inverno. Como em Digne a lenha é muito cara, mandou fazer na estrebaria um compartimento fechado com tábuas. Aí costumava passar as tardes, quando fazia muito frio. Chamava àquilo de seu *salão de inverno*.

A mobília, como na sala de jantar, era uma simples mesa quadrada, feita de pinho, e quatro cadeiras com assento de palha. Na sala de jantar havia, além disso, um velho bufê cor-de-rosa. De um móvel semelhante, convenientemente disfarçado com toalhas brancas e rendas ordinárias, o Bispo fez um altar para a sua capela.

Suas penitentes mais ricas e as piedosas mulheres de Digne haviam-se cotizado muitas vezes para comprar-lhe um altar novo; todas as vezes ele aceitou o dinheiro, mas deu-o aos pobres. – O mais belo altar – dizia – é a alma de um infeliz que agradece a Deus um benefício.

Tinha na capela duas cadeiras-genuflexório com assentos de palha e uma cadeira de braços, também de palha, em seu quarto de dormir. Quando, por acaso, recebia sete ou oito pessoas de uma só vez, o Prefeito, o General ou o Estado-Maior do Regimento da Guarnição, ou alguns alunos do seminário menor, era-se obrigado a buscar no estábulo as cadeiras do *salão de inverno*, os genuflexórios da capela e a cadeira de braços do quarto de dormir; desse modo conseguiam-se onze cadeiras para as visitas. A cada nova visita era preciso desmobiliar um cômodo.

Às vezes, acontecia serem doze as visitas; o Bispo, então, dissimulava o embaraço da situação ficando de pé diante da lareira, no inverno, ou passeando no jardim, no verão.

Havia ainda, no quarto dos hóspedes, uma cadeira, mas a palha do assento estava estragada e tinha somente três pés, o que fazia que só pudesse servir à parede. A Srta. Baptistine tinha também em seu quarto uma poltrona estofada, cuja douração quase não existia mais; mas quando a levaram ao andar superior foi preciso fazê-la entrar pela janela, porque a escada era muito estreita; portanto, não se podia contar com ela em caso de necessidade.

A ambição da Srta. Baptistine era comprar uma mobília de sala, de acaju, forrada de veludo de Utrecht, e um canapé. Mas custaria no mínimo quinhentos francos, e vendo que, em cinco anos, não havia economizado para esse fim mais que quarenta e dois francos e dez soldos, acabou desistindo. Aliás, quem, realmente, consegue alcançar seu ideal?

Nada de mais simples para se imaginar que o quarto de dormir do Senhor Bispo. Uma porta envidraçada dando para o jardim; bem em frente, a cama, uma cama de ferro do hospital com baldaquim de sarja verde; ao lado do leito, atrás de uma cortina, os objetos de toalete, traindo ainda os antigos hábitos elegantes de homem do mundo; duas portas, uma perto da lareira, dando para a capela; a outra ao lado da estante de livros, dando para a sala de jantar. Toda a sua biblioteca consistia num grande armário, com portas de vidro, cheio dos mais variados volumes. A parte exterior da lareira, quase sempre apagada, era de madeira pintada à imitação de mármore; os suportes de ferro, onde se colocava a lenha, eram ornados por dois vasos muito antigos, toscamente prateados, com relevos de guirlandas e caneluras, o que, de certo modo, era um luxo episcopal; acima da chaminé, na parede, um crucifixo de cobre prateado fixado sobre veludo preto muito gasto, numa velha moldura de madeira prateada. Perto da porta envidraçada, uma grande mesa; sobre esta, um tinteiro, muitos papéis em desordem, e grandes volumes amontoados. Diante da mesa, a cadeira com

assento de palha. Ao lado da cama, um genuflexório, tirado da capela.

Dois retratos em molduras ovais estavam pendurados na parede, dos dois lados da cama. Pequenas inscrições douradas sobre o fundo neutro das telas, ao lado das figuras, indicavam que os retratos representavam um, o Padre Chaliot, Bispo de Saint-Claude; o outro, o Padre Tourteau, Vigário-Geral de Agde, Abade do mosteiro de Grand-Champ, da Ordem de Cister, na diocese de Chartres. Ocupando o quarto depois dos doentes do hospital, encontrou lá esses retratos e os deixou ficar. Eram sacerdotes e, provavelmente, benfeitores, dois motivos para respeitá-los. Tudo o que sabia desses dois personagens era que tinham sido nomeados pelo Rei, um, para o bispado, outro, para seu benefício, no mesmo dia, 27 de abril de 1785. Um dia, Mme. Magloire tirou os quadros da parede, para limpá-los da poeira, e o Bispo encontrou essas particularidades escritas em papel amarelecido pelo tempo, colado por detrás do retrato do Abade de Grand-Champ.

Na janela havia uma velha cortina de lã grosseira, tão velha que Mme. Magloire, para não comprar outra, foi obrigada a fazer uma costura de alto a baixo. A costura formava uma cruz, e Dom Bienvenu indicava-a muitas vezes, dizendo:

– Como isso fica bem!

Todos os cômodos da casa, tanto os do andar térreo como os do andar superior, sem exceção, eram pintados de branco, como é de uso nas casernas e nos hospitais.

Por isso, nos últimos anos, Mme. Magloire encontrou, como veremos mais adiante, sob o papel colado à parede, as pinturas que ornavam o quarto da Srta. Baptistine. Antes de ser hospital, fora a casa o ponto de reunião onde se discutiam os problemas do município. Essa a razão de tais pinturas. O pavimento dos quartos era de ladrilhos vermelhos, lavados todas as semanas, e ao pé de cada leito havia esteiras de fibras vegetais. Enfim, esse cômodo, onde habitavam as duas senhoras, era de alto a baixo de uma limpeza impecável, único luxo que o Bispo permitia: – *Limpeza não prejudica os pobres*.

É preciso notar, entretanto, que ainda lhe restavam, de tudo o que possuíra outrora, seis talheres de prata e uma concha para sopa, que Mme. Magloire todos os dias via, com prazer, reluzindo esplendidamente sobre a toalha branca da mesa. E como pintamos aqui o Bispo de Digne como realmente era, devemos acrescentar que disse, mais de uma vez:

– Dificilmente eu me acostumaria a comer sem talheres de prata.

É preciso acrescentar aos talheres dois castiçais de prata maciça, herança que lhe coube de uma tia-avó. Esses castiçais, com duas velas de cera, habitualmente estavam colocados em cima da lareira de seu quarto.

Quando havia alguém para jantar, Mme. Magloire acendia as velas e punha os castiçais à mesa.

No próprio quarto do Bispo, à cabeceira da cama, havia um pequeno armário, no qual a criada, todas as noites, guardava os seis talheres e a concha. É preciso notar que ela nunca tirava a chave da fechadura.

O jardim, um tanto danificado pelas construções muito malfeitas de que falamos, tinha quatro caminhos em cruz, partindo de um desaguadouro; uma calçada rodeava todo o jardim, ao pé do muro branco que o fechava. Entre os caminhos havia quatro canteiros rodeados de buxo. Em três deles, Mme. Magloire cultivava hortaliças; no último, o Bispo havia plantado flores; aqui e ali, havia árvores frutíferas. Uma vez, Mme. Magloire lhe disse, com certa malícia:

– Excelência, o senhor, que costuma tirar proveito de tudo, olhe aqui um canteiro inútil. Seria mais proveitoso plantar saladas que cultivar flores.

– Mme. Magloire – respondeu o Bispo –, a senhora está muito enganada. O que é belo é tão útil como o que é simplesmente útil. – E acrescentou depois de uma pausa: – Talvez até mais.

Esse canteiro, dividido em três ou quatro partes, ocupava o Senhor Bispo quase tanto como seus livros. Ele passava, com muito gosto, uma hora ou duas podando, limpando, revolvendo a terra aqui e ali para lançar novas sementes. Nem era tão inimigo dos insetos como seria preciso a um bom jardineiro. Apesar de tudo, não tinha pretensões a botânico. Nada sabia sobre famílias ou solidismos.[11] Não procurava absolutamente decidir-se entre Tournefort e o método natural; não tomava partido nem pelos utrículos contra os cotilédones, nem por Jussieu contra Linné.[12] Não estudava as plantas; simplesmente gostava das flores. Respeitava muito os sábios, e mais ainda os ignorantes, e sem nunca desrespeitar nem estes nem aqueles, todas as tardes, durante o verão, com um regador de latão pintado de verde, regava suas plantas.

A casa não tinha uma única porta fechada a chave. A porta da sala de jantar que, como dissemos, abria diretamente para a praça da catedral, tivera outrora fechaduras e ferrolhos como porta de prisão. O Bispo mandou arrancá-los todos e, tanto de dia como de noite, fechava-a com uma simples taramela. O primeiro que quisesse entrar, a qualquer hora do dia ou da noite, era só abrir. Nos

primeiros tempos, as duas senhoras tiveram bastante medo; mas o Bispo lhes havia dito:

– Se quiserem, e se isso lhes agradar, ponham ferrolhos no quarto de vocês.

Mas acabaram por participar de sua confiança, ou fingiam participar. Somente Mme. Magloire, de vez em quando, sentia certos arrepios. Quanto ao Bispo, poderemos compreender seu modo de pensar explicado ou, ao menos, indicado nestas três linhas escritas por ele à margem de uma página da Bíblia: "Eis a diferença: a porta do médico nunca deve estar fechada; a porta do padre deve estar sempre aberta".

Num outro livro, *Filosofia da ciência médica*, fez outra nota: "Por acaso, não sou também médico como eles? Também tenho meus doentes; primeiro os deles, que eles chamam de doentes, e depois os meus, que chamo de infelizes".

Noutro lugar escreveu: "Não perguntem o nome a quem pede pousada. Justamente aqueles cujo nome embaraça é que têm necessidade de abrigo".

Aconteceu que um digno Pároco, não sei mais se de Couloubroux ou de Pompierry, ousou perguntar-lhe, provavelmente por instigação de Mme. Magloire, se o Bispo tinha certeza de não estar cometendo uma imprudência, deixando, dia e noite, a porta aberta à disposição de quem quisesse entrar, e se não receava que acontecesse alguma desgraça em uma casa tão pouco vigiada. O Bispo bateu-lhe nos ombros e, com serena gravidade, lhe disse: – *Nisi Dominus custodierit domum, in vanum vigilant qui custodiunt eam*.[13]

Depois mudou de assunto. Dizia sempre: – Existe a bravura sacerdotal como existe a bravura do coronel de dragões. A diferença – acrescentava – é que a nossa deve ser tranquila.

VII | CRAVATTE

Este é o lugar mais indicado para narrar um fato que não devemos omitir, porque ajudará muito para compreendermos a personalidade do Bispo de Digne.

Após a destruição do bando de Gaspar Bés, que havia infestado as gargantas de Ollioules,[14] um de seus lugares-tenentes, Cravatte, refugiou-se nas montanhas. Escondeu-se por algum tempo com os malfeitores que sobreviveram à quadrilha de Gaspar Bés, no condado de Nice; chegou depois ao Piemonte e, de repente, reapareceu na França, dos lados de Barcelonnette. Primeiro foi visto em Jauziers, depois em Tuiles. Escondeu-se nas cavernas de Joug-de-l'Aigle, e

de lá descia até as aldeias e vilas pelas barrancas do Ubaye e do Ubayette.

Chegou mesmo até Embrun, entrando uma noite na catedral e levando tudo o que encontrou na sacristia. Seus assaltos amedrontavam toda a região. Puseram soldados em seu encalço, mas em vão. Ele escapava sempre. Às vezes resistia à viva força. Era um miserável de extraordinária intrepidez. Justamente quando todos temiam seus assaltos chegou o Bispo. Fazia, então, uma visita pastoral a Chastelar. O *Maire* foi a seu encontro e aconselhou-o a desistir de continuar. Cravatte ocupava a montanha até além de Arche; haveria perigo mesmo se fosse acompanhado de escolta. E isso seria expor inutilmente a vida de três ou quatro pobres gendarmes.

– Justamente essa é a razão por que ir sem escolta.

– Mas, Excelência, já pensou no que tenciona fazer? – exclamou o *Maire*.

– Estou decidido, e recuso em absoluto os gendarmes; partirei dentro de uma hora.

– Mas vai mesmo?

– Vou.

– Sozinho?

– Sozinho.

– Excelência! Não fará uma coisa dessas!

– Lá, no alto da montanha – prosseguiu o Bispo –, há uma humilde freguesia, mais ou menos como esta, que já não vejo há três anos. São bons amigos meus, gentis e honestos pastores. Possuem uma cabra de cada trinta que guardam. Fabricam cordões de lã, muito bonitos, coloridos, e tocam canções montanhesas em pequenas flautas de seis buracos. Eles precisam que eu lhes fale, de vez em quando, do bom Deus. Que diriam de um bispo que tem medo? Que diriam se eu não fosse?

– Mas, Excelência, e os salteadores?

– Olhe – disse o Bispo –, já pensei nisso. O senhor tem razão. Pode acontecer que eu os encontre. Também eles devem precisar que lhes falem um pouco de Deus.

– Excelência, mas é uma quadrilha, uma alcateia de lobos famintos!

– Senhor *Maire*, talvez seja dessa alcateia que Jesus me fez pastor. Quem sabe quais são os caminhos da Providência?

– Excelência, eles o roubarão!

– Mas eu não tenho nada.

– Eles o matarão.

– Matar um pobre padre que passa resmungando bobagens? Ora! para que isso?

– Meu Deus! E se acontece encontrá-los pelo caminho!

– Pedir-lhes-ei esmola para meus pobres.

– Excelência, não vá. Pelo amor de Deus! Está expondo a vida!

– Só por isso, Senhor *Maire*? Não estou no mundo para conservar a minha vida, mas para guardar almas.

Não houve outro jeito senão deixá-lo partir. Acompanhava-o somente um menino que se ofereceu para guia. Sua obstinação foi muito comentada em toda a região, pondo todos amedrontados.

Não quis que o acompanhassem nem sua irmã, nem Mme. Magloire. Atravessou em sua mula a montanha, não encontrou ninguém, chegando são e salvo entre "seus amigos" pastores. Permaneceu ali quinze dias pregando, ensinando, administrando, moralizando. Quando estava para partir, resolveu cantar pontificalmente um *Te Deum*. Falou então com o Vigário. Mas, como fazer? E as vestes episcopais? Não tinham mais que uma minúscula sacristia de aldeia com algumas casulas de damasco com galões baratos, muito velhas e usadas.

– Ora! – disse o Bispo. – Senhor Vigário, avise na hora do sermão que hoje haverá *Te Deum*. O resto se arranjará depois.

Procuraram pelas igrejas vizinhas, mas as pompas dessas pobres paróquias reunidas não chegariam para vestir convenientemente um chantre de catedral.

Justamente quando não sabiam mais o que fazer, dois homens desconhecidos, que logo se foram, deixaram, endereçada ao Bispo, na casa paroquial, uma grande arca. Abriram-na e acharam no seu interior uma capa tecida de fios de ouro, uma mitra ornada de diamantes, uma cruz episcopal, um magnífico báculo, enfim, todas as vestes pontificais roubadas, no mês anterior, à catedral de Nossa Senhora de Embrun. Num papel estavam escritas estas palavras: *Cravatte a D. Bienvenu*.

– Não dizia eu que tudo se arranjaria? – disse o Bispo. E acrescentou sorrindo: – Deus mandou um pluvial de arcebispo a quem se contentaria com uma sobrepeliz de vigário.

– Excelência – disse sorrindo o Pároco, meneando a cabeça –, Deus, ou o diabo.

O Bispo olhou fixamente para o Vigário e disse com autoridade: – Deus!

Na sua volta a Chastelar, durante todo o trajeto, a gente curiosa ia vê-lo

passar. Na casa paroquial de Chastelar, encontrou a Srta. Baptistine e Mme. Magloire, que o esperavam, e ele disse à irmã:

– Eu tinha ou não razão? Um pobre padre vai visitar seus pobres montanheses de mãos vazias e volta carregado de presentes. Parti levando, unicamente, a minha confiança em Deus, e voltei trazendo todo o tesouro de uma catedral.

À noite, antes de se deitar, disse ainda:

– Nunca devemos ter medo de ladrões ou assassinos. São perigos externos e os menores que existem. Temamos a nós mesmos. Os preconceitos é que são os ladrões; os vícios é que são os assassinos. Os grandes perigos estão dentro de nós. Que importância tem aquele que ameaça a nossa vida ou a nossa fortuna? Preocupemo-nos com o que põe em perigo a nossa alma.

Depois, voltando-se para a irmã:

– Irmã, da parte do Padre não deve existir precaução alguma contra o próximo. O que o próximo faz é permitido por Deus. Quando pressentimos que algum mal nos vai acontecer, limitemo-nos a rezar. Rezemos, não por nós, mas para que o nosso irmão não venha a pecar por nossa causa.

Na verdade, tais fatos foram raros em sua vida. Contamos o que sabíamos; mas, comumente, ele passava o tempo a repetir sempre as mesmas coisas, sempre às mesmas horas. Em sua vida, um mês e uma hora não tinham diferença alguma.

Quanto ao que aconteceu ao "tesouro" da catedral de Embrun, ver-nos-íamos embaraçados se nos perguntassem sobre isso. Havia lá coisas belíssimas, tentadoras, ótimas para serem roubadas em benefício dos pobres. Aliás, já tinham sido roubadas uma vez. Metade da aventura já estava feita; era só desviá-la um pouquinho em direção aos pobres. Nada afirmamos a esse respeito. Diremos somente que encontraram entre os papéis do Bispo uma nota de difícil explicação que, talvez, se refira a esse caso: "*O difícil é saber se isto deve voltar à catedral ou ao hospital*".

VIII | FILOSOFIA DE SOBREMESA

Certo senador conhecido, homem muito hábil, fizera carreira com um rigor desatento a tudo o que lhe pudesse servir de obstáculo, o que se costuma chamar de consciência, fé jurada, justiça, dever. Foi sempre em direção ao seu fim, sem hesitar uma única vez no caminho do seu progresso e interesse. Antigo

procurador, de grande experiência, não era de todo mau, fazendo a seus filhos, genros, parentes ou simples amigos todos os favores que podia, aproveitando-se sabiamente do lado bom da vida, das boas oportunidades, das gordas recompensas. O resto parecia-lhe bobagem. Era espirituoso e suficientemente instruído para se considerar discípulo de Epicuro, não sendo, talvez, mais que um produto de Pigault-Lebrun.[15] Ria-se com gosto e prazer das verdades infinitas e eternas, e dos "contos da carochinha do pobre Bispo". Às vezes ria, com a mais amável autoridade, na própria presença do Sr. Myriel.

Não sei mais em que cerimônia semioficial, o Conde de *** (o Senador de que falamos) e o Sr. Myriel tiveram que jantar na casa do Prefeito. À sobremesa, o Senador, um tanto alegre, embora sem perder a dignidade, exclamou:

– Ora, Excelência, vamos conversar um pouco. Dificilmente um senador e um bispo se encaram sem piscar os olhos. Somos dois áugures. Vou fazer-lhe uma confissão: eu tenho uma filosofia particular.

– Tem razão – respondeu o Bispo. – Cada um dorme de acordo com a própria filosofia. O senhor, por exemplo, deita-se em um leito forrado de púrpura.

O Senador, animado pela resposta, retrucou:

– Sejamos bons rapazes.

– Ou bons diabos – disse o Bispo.

– Eu lhe declaro – continuou o Senador – que o Marquês de Argens, Pirro, Hobbes e Naigeon não são tratantes.[16] Na minha biblioteca tenho todos os meus filósofos em livros ricamente encadernados.

– Exatamente como o Senhor Conde – interrompeu o Bispo. O Senador prosseguiu:

– Tenho Diderot, idealista, declamador, revolucionário, mas, no fundo, um crente, mais beato ainda que Voltaire. Voltaire riu-se de Needham, e nisso errou, porque as enguias de Nedham provam que Deus é inútil.[17] Uma gota de vinagre numa colherada de massa de farinha substitui o *fiat lux*. Suponha uma gota maior e uma colher maior ainda, e teremos o mundo. O homem é a enguia. E agora, para que serve o Padre Eterno? Senhor Bispo, a hipótese da existência de Jeová me fatiga. Só serve mesmo para produzir subnutridos que sonham com quimeras. Abaixo esse Todo que me atormenta! Viva o Zero que me deixa em paz! Aqui entre nós, para esvaziar minha alma e me confessar ao meu pastor, como é meu dever, eu lhe asseguro que tenho muito bom-senso. Não sou nada louco por esse Jesus que, a cada passo, vive pregando renúncia e sacrifício. Isso é conselho de avarento a mendigos. Por que renúncia? Por que sacrifício? Não

posso crer que um lobo possa imolar-se por outro lobo. Fiquemos com a natureza. Nós estamos no ápice; temos a maior de todas as filosofias. Para que serve estar tão alto se não vemos nada além da ponta do nariz do nosso próximo? Vivamos alegremente. A vida é tudo. Que o homem tenha outra vida em outro lugar, no alto, embaixo, em qualquer parte, não creio que seja má doutrina. Ah! recomendam-me sacrifício e renúncia; dizem que devo cuidar de tudo o que faço, quebrar a cabeça, considerando o que é bom, o que é mau, o que é justo, o que é injusto, pensando em fás e nefas. Por quê? Porque devo dar contas de minhas ações. Quando? Depois de minha morte. Que sonho formidável! Muito esperto será quem beliscar o meu cadáver. É o mesmo que agarrar um punhado de cinzas com uma mão de sombra. Vamos dizer a verdade, nós que já somos iniciados e já levantamos a túnica de Ísis: não existe nem bem nem mal; o que existe é vegetação. Vamos procurar o que é real. Penetremos no fundo da questão. Que diabo! É preciso farejar a verdade, esgaravatar a terra e encontrá-la. Então ela lhe dá preciosas alegrias. Torna-o forte e superior. Eu tenho bases sólidas. Senhor Bispo, a imortalidade do homem é promessa ilusória. E que linda promessa! Fie-se nela. Belo destino tem Adão! Somos almas, seremos anjos; teremos asas azuis nas omoplatas. Ajude-me então: não foi Tertuliano[18] quem disse que os bem-aventurados voarão de um astro a outro? Seja. Seremos os gafanhotos das estrelas. Além disso, veremos a Deus. Ora bolas! Esses paraísos não passam de invenções. Deus é uma asneira monstruosa.

É claro que não vou escrever isso no *Moniteur*;[19] digo-o aqui, entre amigos, *inter pocula*.[20] Sacrificar a terra ao paraíso é deixar a presa por uma sombra. Ser logrado pelo infinito! Nunca eu seria tão burro. Eu sou nada. Meu nome é Sua Alteza, o Conde de Nada, Senador. Por acaso eu já existia antes de nascer? Não. Continuarei a existir depois da morte? Não. Que coisa sou então? Um pouco de pó incorporado num organismo qualquer. Qual a minha missão nesta terra? É minha a escolha: ou sofrer ou gozar. Para onde me conduzirá o sofrimento? Ao nada; e, no entanto, sofri. Aonde me levará o prazer? Ao nada; e, no entanto, gozei. Minha escolha está feita. É preciso ou comer ou ser comido. Prefiro comer. É melhor ser dente que erva. Essa é a minha sabedoria. Depois é como eu digo, lá está o coveiro, o nosso panteão, e tudo some numa cova enorme. Fim. *Finis*. Liquidação total. Esse caminho leva ao mais completo desaparecimento. Creia-me: a morte morreu. Que haja por lá alguém que tenha algo para me comunicar é coisa que não admito. Isso é coisa inventada pelas amas de leite. Bicho-papão para as crianças e Jeová para os adultos. Absolutamente: nosso futuro é a noite. Depois da sepultura só existe a igualdade

do nada. Tenha sido eu Sardanápalo ou Vicente de Paulo, não importa; tudo se reduz ao mesmo nada. Essa é a verdade. Por isso, viva o superior a tudo. Use o seu *ego* enquanto o tem. Na verdade, Senhor Bispo, eu tenho a minha filosofia, os meus filósofos. Não me deixo enganar por bobagens. Mas, afinal, sempre é preciso alguma coisa para iludir os ignorantes, os descalços, os mal pagos, os miseráveis. Fazem-nos, então, engolir essas lendas, essas quimeras, a alma, a imortalidade, o paraíso, as estrelas. E eles mastigam isso, besuntam com essa manteiga seu pão seco. Quem nada tem, tem o bom Deus. É o mínimo. Eu não vou impedir uma coisa dessas, mas continuo com o meu Naigeon. Essa história de Deus é boa para o povinho.

O Bispo bateu palmas.

– Eis o que é falar! – exclamou. – Que coisa excelente e maravilhosa esse materialismo! Não há quem não veja. Quando se é materialista, não se pode ser logrado. Um materialista não se deixaria bestamente exilar como Catão, nem se deixaria queimar como Joana d'Arc. Quem conseguiu encontrar tão admirável doutrina tem a alegria de se sentir irresponsável, de pensar que pode devorar tudo sem se preocupar, cargos, sinecuras, dignidades, o poder bem ou mal adquirido, as palinódias proveitosas, as traições úteis, as gostosas capitulações da consciência e, por fim, entrar no sepulcro com a digestão feita. Como é bom! Não digo isso por Sua Excelência, Senhor Senador. Mas não posso deixar de felicitá-lo. Gente como o senhor, ouvi-o de sua própria boca, tem filosofia própria, pessoal, rara, refinada, só acessível aos ricos, boa para todos os gostos, admirável condimento para todos os prazeres da vida. Essa filosofia é encontrada no mais profundo da terra e posta à luz por pesquisadores especializados. Mas os senhores são soberanos magnânimos, e não acham nada mau que a crença no bom Deus seja a filosofia do povo, mais ou menos como o pato com castanhas é o peru com trufas do pobre.

IX | COMO ERA VISTO PELA IRMÃ

Para dar ideia da vida do Senhor Bispo de Digne e de como essas duas senhoras subordinavam suas ações, seus pensamentos e, até mesmo, seus instintos femininos, inclinados ao medo, aos hábitos e intenções do Bispo, sem que ele tivesse o trabalho de falar para torná-los conhecidos, não o poderemos fazer melhor que transcrevendo aqui uma carta da Srta. Baptistine à Sra. Viscondessa de Boischevron, sua amiga de infância. Temo-la em nossas mãos.

Digne, 16 de dezembro de 18…

Boa senhora, não passa um dia sem que falemos a seu respeito. Já é hábito nosso, mas há ainda outra razão. Imagine que Mme. Magloire, lavando e espanando as paredes e o teto, descobriu muitas coisas interessantes. Atualmente, nossos dois quartos, que estavam revestidos de velho papel caiado, não fariam má figura num castelo como o seu. Mme. Magloire arrancou todo o papel e encontramos um mundo de coisas. Minha sala de estar não tem mobília e aproveitamos para estender aí a roupa lavada. É quadrada, tem quinze pés de altura e dezoito de largura. O teto é guarnecido de vigas com enfeites dourados como no seu palácio. No tempo do hospital, tudo estava recoberto por uma lona. Enfim, há até obras de talha do tempo de nossas avós. O mais interessante, porém, é o meu quarto. Mme. Magloire descobriu debaixo de, ao menos, dez papéis superpostos, pinturas que, se não são boas, são ao menos suportáveis. Representam Telêmaco armado cavaleiro por Minerva, e ele ainda nos jardins… não sei mais como se chamam. Afinal, um jardim aonde as damas romanas iam uma única noite. Que direi mais? Tenho aqui romanas, romanos (há uma palavra ilegível) e toda a sua comitiva. Mme. Magloire limpou tudo isso e, no verão, vai reparar algumas pequenas avarias, envernizar tudo de novo e o meu quarto se transformará num verdadeiro museu. Encontrou também no sótão dois consolos em estilo antigo. Pediram dois escudos de seis francos para dourá-los novamente, mas é melhor dar esse dinheiro aos pobres; além disso, já estão muito feios e eu preferiria uma mesa redonda de acaju.

Estou sempre feliz. Meu irmão é tão bom que dá tudo o que possui aos pobres e doentes. Estamos muito preocupados. Nesta região, o inverno é rigoroso, e é preciso fazer alguma coisa em favor dos que necessitam. Já estamos mais ou menos com agasalho e lenha suficientes. Como a senhora pode ver, temos grandes alegrias.

Meu irmão tem certos hábitos próprios. Em suas conversas, diz sempre que um bispo deve ser assim. Imagine que a porta da casa está sempre aberta. Quem quiser pode entrar e dá logo nos aposentos do meu irmão. Ele nunca reclama, mesmo à noite. Essa é a sua bravura, como costuma dizer.

Não quer absolutamente que eu ou Mme. Magloire nos preocupemos com ele. Expõe-se a todos os perigos sem que possamos, ao menos, dar mostra de percebê-los. É preciso saber compreendê-lo.

Sai mesmo com chuva, anda com os sapatos encharcados e viaja até durante o inverno. Não tem medo da noite, nem de estradas perigosas, nem de encontrar-se com malfeitores.

No ano passado, foi sozinho a uma região de ladrões. Não quis levar-nos com ele. Ficou ausente durante quinze dias. À sua volta, pensávamos que tivesse morrido, mas ele estava perfeitamente bem, e disse ainda: – Vejam como fui roubado! – E abriu uma arca contendo todas as joias da catedral de Embrun, presente dos ladrões.

Dessa vez, quando fui recebê-lo a alguma distância da cidade junto com outros amigos, não pude deixar de repreendê-lo um pouco, tendo o cuidado, porém, de falar só quando a carruagem fazia barulho, para que ninguém mais escutasse.

Nos primeiros tempos, dizia para mim mesma: não há perigo que o amedronte; ele é terrível. Agora já estou acostumada. Recomendei a Mme. Magloire que não o contrariasse mais. Que se arrisque quanto quiser. Eu acompanho Mme. Magloire, fecho-me no meu quarto, rezo por ele e durmo. Sinto-me tranquila, porque, se lhe acontecesse alguma desgraça, seria o meu fim, e eu iria para Deus com meu irmão e meu Bispo. Mme. Magloire teve mais dificuldade do que eu para se acostumar ao que ela chamava de suas imprudências. Mas já nos habituamos. Nós duas rezamos juntas, temos medo juntas e nos deitamos.

O diabo pode entrar pela casa que ninguém o incomodará. Afinal, por que ter medo, se conosco há sempre alguém mais forte?

Que importa que o diabo nos visite, se esta é a casa de Deus?

Isso me basta. Agora não é necessário que meu irmão me diga uma única palavra. Eu o compreendo sem que ele fale, e ambos nos abandonamos à Providência.

Assim é que é preciso agir com um homem que tem grandes coisas em mente.

Interroguei meu irmão sobre as informações que a senhora me pediu sobre a família Faux. Bem sabe como sua memória é boa, e como continua sempre partidário do Rei. Trata-se, com efeito, de antiga

família normanda do distrito de Caen. Há quinhentos anos já se falava de um Raoul de Faux, Jean de Faux e Thomas de Faux, todos gentis-homens, e um deles Senhor de Rochefort. O último que se conhece é Guy-Étienne Alexandre, Mestre de Campo e não sei que mais no corpo da Cavalaria Ligeira da Bretanha. Sua filha, Maria Luísa, casou-se com Adriano Carlos de Gramont, filho do Duque Luís de Gramont, Par de França, Coronel da Guarda francesa e Lugar-tenente-general do exército. O nome dessa família aparece com três grafias diferentes: Faux, Fauq e Faoucq.

Boa senhora, recomende-nos às orações de seu santo parente, S. Exa. o Cardeal. Quanto à querida Silvânia, faz muito bem em não perder os curtos momentos que passa em sua companhia para me escrever. Sei que é prestimosa, que trabalha como a senhora quer e me estima. É tudo o que desejo. Suas notícias a seu respeito já me deixaram tranquila. Minha saúde não anda mal, mas estou emagrecendo cada vez mais. Adeus; falta-me papel e tenho que terminar a carta.

Um milhão de felicidades.

Baptistine.

P.S. – Seu sobrinho é uma gracinha. Sabe que já vai fazer cinco anos? Ontem, vendo passar um cavalo com joelheiras, disse: – Que é que ele tem nos joelhos? – Que criança encantadora! O irmão menor arrasta pela casa uma vassoura velha como se fosse uma carruagem, e grita imitando o cocheiro.

Como se pode ver por essa carta, as duas mulheres sabiam acomodar-se à maneira de ser do Bispo, com esse jeito especial da mulher que compreende o homem mais que ele mesmo. O Bispo de Digne, com seu modo afável e bom, que jamais se contradizia, metia-se às vezes em empresas difíceis, arrojadas, admiráveis, sem mesmo dar-se conta do que se passava. As duas temiam pela sua sorte, mas deixavam-no agir. Mme. Magloire, às vezes, arriscava-se a fazer-lhe alguma observação, porém, sempre antes; nunca durante nem depois.

Não o perturbavam jamais, fosse com uma única palavra ou um simples sinal. Em certos momentos, sem que fosse necessário que ele o dissesse, sem que, talvez, ele mesmo soubesse, tanta era a sua simplicidade, elas percebiam vagamente que ele agia como bispo; então não passavam de duas sombras vagando pela casa. Serviam-no obedientes, quase sem se deixarem perceber e, se fosse preciso, desapareceriam. Sabiam, por admirável delicadeza de instinto, que certos cuidados, em vez de ajudar, atrapalham. Por isso, mesmo pensando que ele estava em perigo, as duas compreendiam, não digo seu pensamento, mas sua natureza, a ponto de não se afligirem mais pela sua sorte. Confiavam-no a Deus.

Essa era a razão pela qual a Srta. Baptistine dizia, como acabamos de ler mais acima, que a morte de seu irmão seria a sua morte. Mme. Magloire não o dizia, mas sabia disso perfeitamente.

X | O BISPO NA PRESENÇA DE UMA LUZ ESTRANHA

Em época um pouco posterior à data da carta que transcrevemos acima, D. Bienvenu, segundo se contava em toda a cidade, fez algo mais arriscado ainda que sua viagem pelas montanhas infestadas de bandidos.

Havia perto de Digne, no campo, um homem que vivia completamente afastado dos demais. Esse homem, digamos logo a palavra, era um velho convencionalista.[21] Seu nome era G.

Falava-se do convencionalista G. no pequeno mundo de Digne com uma espécie de horror. Já imaginaram o que significa um convencionalista? Isso é coisa do tempo em que as pessoas se tratavam por tu e se dizia: cidadão. Esse homem era quase um monstro. Ele não votou pela morte do Rei, mas quase. Era quase um regicida; um homem terrível. Como, então, voltando ao poder os príncipes legítimos, não o levaram à presença do Supremo Tribunal? Não lhe cortariam a cabeça, se quisessem – afinal, é preciso ter um pouco de clemência –, mas não era nada mau um exílio para toda a vida. Um exemplo, enfim! etc. etc… Afinal, era um ateu, como todos os da sua espécie. – Mexericos de patos a respeito do abutre.

Seria, verdadeiramente, um abutre esse tal G.? Não se poderá negá-lo, se formos julgar pelo que havia de selvagem na sua solidão. Não tendo votado pela morte do Rei, não foi incluído nos decretos de exílio e pôde permanecer na França.[22]

Morava a três quartos de hora da cidade, longe de qualquer aldeia ou estrada, não se sabe em que recôncavo perdido de um vale inabitado. Dizia-se que era uma espécie de campo aberto, uma toca, uma gruta. Não havia vizinhos e ninguém passava por aquele lugar. Depois que foi morar nesse vale, o trilho que para lá conduzia desapareceu no meio do mato. Falava-se desse lugar como da casa do carrasco.

Apesar de tudo o que se falava, o Bispo pensava nesse pobre homem e, de vez em quando, olhando o horizonte, onde um pequeno bosque marcava o lugar em que habitava o velho membro da Convenção Nacional, dizia: – Lá há uma alma desamparada.

E acrescentava mentalmente: “Devo fazer-lhe uma visita”.

Convenhamos, porém, que essa ideia, à primeira vista tão natural, depois de um momento de reflexão pareceu-lhe estranha, impossível, repugnante até. Pois, no fundo, participava da impressão geral, e o convencionalista inspirava-lhe, sem que se desse conta, esse sentimento tão bem expresso pela palavra indiferença, o limite exato do ódio.

Por acaso a sarna da ovelha deve afastar o pastor? É claro que não! Mas de que ovelha se tratava?

O bom Bispo ficava sem saber o que fazer. Às vezes ia passear por aquelas partes, mas voltava logo.

Enfim, um dia correu o boato na cidade de que um jovem pastor, que servia o convencionalista G. na sua gruta, viera procurar um médico; diziam que o velho malfeitor estava à morte, que havia sido atacado de paralisia e não passaria daquela noite. – Graças a Deus! – diziam alguns.

D. Bienvenu pegou sua bengala, pôs a capa, por causa da batina que estava muito usada – como dissemos, esse era o seu costume – e também para se abrigar do vento da noite que logo começaria a soprar, e partiu.

O sol já se escondia, quase tocava a linha do horizonte quando o Bispo chegou ao malfadado lugar. Percebeu, pelas batidas aceleradas do coração, que estava perto da caverna. Pulou um buraco, transpôs um valado, uma cerca de tábuas, deu mais alguns passos resolutamente e, de repente, no fundo do descampado, por trás de um grande espinheiro, divisou a caverna.

Era uma cabana muito baixa, miserável, pequena mas asseada, tendo toda a frente coberta por uma parreira.

Diante da porta, sentado numa velha cadeira de rodas, um homem de cabelos brancos sorria à luz do sol.

Atrás do velho, de pé, estava um rapaz: era o pequeno pastor, que nesse instante oferecia ao doente uma tigela de leite.

Enquanto o Bispo contemplava essa cena, o velho levantou a voz e disse:

– Obrigado; não tenho necessidade de mais nada. – Então, seu sorriso deixou o sol e se fixou no menino.

O Bispo chegou mais para perto. Ao barulho de seus passos, o velho voltou-se e seus olhos expressaram toda a surpresa que se pode ter depois de uma vida tão longa.

– Desde que moro aqui – disse – é a primeira vez que me visitam. Quem é o senhor?

O Bispo respondeu:

– Chamo-me Bienvenu Myriel.

– Bienvenu Myriel! Já ouvi falar nesse nome. Não é o senhor que chamam de D. Bienvenu?

– Justamente.

O velho continuou, meio sorrindo:

– Então, o senhor é o meu Bispo?

– Mais ou menos.

– Entre, Sr. Bispo.

O convencionalista estendeu-lhe a mão, mas ele não a tomou, e limitou-se a dizer:

– Estou satisfeito de ver que me enganaram. O senhor não me parece nada doente.

– Excelência – disse o velho –, eu vou sarar.

E depois de um silêncio:

– Vou morrer dentro de três horas.

Depois continuou:

– Entendo um pouco de medicina e sei reconhecer o momento da morte. Ontem, eu só sentia frio nos pés; hoje o frio subiu-me até os joelhos; agora, chega-me à cintura; quando chegar ao coração eu morrerei. O sol está bonito, não acha? Pedi ao menino que empurrasse minha cadeira até aqui, para dar um último olhar às coisas. Pode falar se quiser, que não me causará fadiga. Fez bem em vir olhar um homem que vai morrer. É bom que esses momentos sejam presenciados por outros. Cada um tem sua mania: eu gostaria de viver até a aurora, mas sei que só me restam três horas de vida. A noite não tarda. Mas, afinal, que importa? Morrer é tão simples! Não se tem necessidade da manhã para fazê-lo. Não faz mal. Morrerei à luz das estrelas.

O velho voltou-se para o jovem pastor:

– Vá dormir. Você já ficou acordado toda a noite passada e deve estar cansado.

O menino entrou na cabana.

O velho seguiu-o com os olhos e acrescentou, como que falando consigo mesmo:

– Enquanto ele dormir, eu morrerei. Dois sonos podem ser dois bons vizinhos.

O Bispo não estava comovido como poderia parecer. Não acreditava que Deus também estivesse presente em tal modo de morrer; enfim, vamos falar mais claro, porque as pequenas contradições das grandes almas devem ser manifestadas como tudo o mais: ele, que tantas vezes ria tão gostosamente quando o chamavam de Sua Excelência, ficou algo ofendido por não receber esse tratamento, e estava quase tentado a chamá-lo de cidadão. Sentiu o desejo de tratá-lo familiarmente, capricho muito comum em médicos e padres, mas que

nele não era coisa habitual. Aquele homem, enfim, aquele convencionalista, representante do povo, havia sido poderoso, e talvez pela primeira vez na vida o Bispo sentiu vontade de ser severo.

O velho, porém, o tratava com cordialidade e modéstia, quem sabe até com um pouco de humildade, tão oportuna quando se está às voltas da morte.

O Bispo, de sua parte, embora de ordinário evitasse toda curiosidade, segundo ele quase uma ofensa, não pôde deixar de examinar o convencionalista com tal atenção que, não tendo origem na simpatia, provavelmente em outra ocasião lhe seria censurada pela consciência. Um membro da Convenção como que lhe dava direitos de desobedecer a qualquer lei, mesmo à lei da caridade.

G., porém, calmo, busto quase ereto, era um octogenário desses que fazem a admiração dos fisiologistas. A Revolução teve muitos homens desse tipo, fisicamente adequados à época. Sentia-se nele um homem de fibra. Tão perto do fim, ainda conservava as atitudes de um forte. Seu olhar límpido, sua voz firme, o movimento seguro de seus ombros confundiriam certamente a morte. Azrael, o anjo maometano das tumbas, retrocederia julgando ter batido em porta errada. G. parecia morrer por vontade própria. Sua agonia tinha um quê de libertação. Somente suas pernas estavam imóveis. Por elas é que as trevas o retinham. Os pés jaziam mortos e frios, mas a cabeça vivia intensamente e parecia estar em plena luz. G., no supremo instante, assemelhava-se ao rei do conto oriental, com o corpo de carne e as pernas de mármore.

O Bispo sentou-se numa pedra, e começou *ex abrupto*.

– Felicito-o – disse num tom de censura –, porque ao menos não foi dos que votaram pela morte do Rei.

O convencionalista pareceu não perceber a amargura subentendida naquele *ao menos* e respondeu. Todo sorriso desaparecera de seu rosto.

– Não vá me felicitar demais, senhor; eu votei pelo fim do tirano.

Era a austeridade na presença da severidade.

– Que quer dizer com isso? – replicou o Bispo.

– Quero dizer que o homem tem um tirano, a ignorância. É pela morte desse tirano que dei o meu voto, desse tirano que inventou a realeza, autoridade nascida da mentira, enquanto a ciência é a autoridade que surge da verdade. O homem deve ser governado pela ciência.

– E pela consciência – acrescentou o Bispo.

– Confunde-se com a ciência. A consciência é a quantidade de ciência inata que temos em nós mesmos.

D. Bienvenu ouvia, um tanto admirado, esse modo de falar tão novo para ele.

O convencionalista prosseguiu:

– Quanto a Luís XVI, não votei pela sua morte. Não me julgo com o direito de matar um homem, mas sinto o dever de exterminar o mal. Votei pelo fim do tirano, isto é, pelo fim da prostituição da mulher, da escravização do homem, da ignorância da juventude. Votando pela república, votei por tudo isso. Votei pela fraternidade, pela concórdia, por uma nova aurora. Acelerei a queda de preconceitos e erros. O fim dos preconceitos e falsas doutrinas gera a luz. Nós fizemos a ruína do velho mundo, e esse mundo velho, vaso de misérias, derramando-se sobre o gênero humano, transformou-se numa taça de alegrias.

– Tristes alegrias – disse o Bispo.

– Pode dizer, se quiser, alegria perturbada, e hoje, após a volta fatal do passado que se chama 1814, é melhor dizer alegria desaparecida! Infelizmente, a obra não estava perfeita, concordo; derrubamos as aparências externas do Antigo Regime, mas não lhe suprimimos as ideias. Não basta destruir os abusos; é preciso mudar os costumes. Desapareceu o moinho, mas o vento ainda sopra.

– Vocês destruíram. Destruir pode ser útil; mas não posso confiar numa destruição feita com ódio.

– O direito ao próprio ódio, senhor Bispo, e o ódio do direito é fator de progresso. Isso não importa; e, diga-se o que se disser, a Revolução Francesa é o mais importante passo do gênero humano desde o aparecimento de Cristo. Digamos que foi incompleto, mas não deixa de ser sublime. A Revolução pôs à luz todas as incógnitas da sociedade. Amainou os ânimos; acalmou, pacificou, iluminou; fez rolar pela terra ondas de civilização. Foi sem dúvida uma ótima coisa. A Revolução é a sagração da humanidade.

O Bispo não pôde deixar de murmurar:

– O senhor acha? E o 93?[23]

O convencionalista aprumou-se em sua cadeira com solenidade quase lúgubre e, tanto quanto é possível a um moribundo, gritou:

– Ah! Eis que chegamos! 93! Eu já esperava por essa! Durante anos, foi-se acumulando uma nuvem enorme. Ao fim de quinze séculos, a nuvem despenca e vocês querem processar o trovão que se fez ouvir.

O Bispo sentiu que alguma coisa desaparecia de seu íntimo. Conteve-se, pois, e respondeu:

– O juiz fala em nome da justiça; o padre, em nome da bondade, que não é nada além de uma justiça mais elevada. Um trovão jamais se engana.

E acrescentou com os olhos fixos no convencionalista:

– E Luís XVII?

O pobre velho estendeu a mão e agarrou-se ao braço do Bispo:

– Luís XVII? Vejamos: a quem lamenta o senhor? A criança inocente? Nesse caso, também eu me compadeço. O Príncipe? Então preciso refletir. Para mim, o irmão de Cartouche pendurado pelos braços na Place de Grève até que a morte o viesse buscar, pelo único crime de ser o irmão de Cartouche, não é menos digno de compaixão que o neto de Luís XV, também inocente, martirizado na Tour du Temple, pelo único crime de ser neto de Luís XV.[24]

– Senhor – disse o Bispo –, não me agrada a aproximação desses dois nomes.

– Cartouche e Luís XV? Mas por qual dos dois reclama o senhor?

E ficou em silêncio. O Bispo quase se arrependeu de ter vindo, mas agora sentia-se estranhamente comovido.

O convencionalista continuou.

– Ah! Senhor Padre, o senhor não gosta das cruezas da verdade. Cristo, porém, as apreciava. Ele tomou uma vara e limpou o templo a chicotadas. Seu açoite, relampejando, era um rude enunciador de verdades. Quando exclamava *Sinite parvulos*…, não distinguia entre criança e criança.[25] Ele não se embaraçaria em aproximar o filho de Barrabás do filho de Herodes. Senhor, a inocência já é realeza suficiente. À inocência não importam os títulos. É tão sublime coberta de farrapos como envolta num manto de arminho ornado de flores de lis.

– É verdade – disse o Bispo em voz baixa.

– Insisto ainda – continuou o convencionalista. – O senhor falou em Luís XVII. Entendamo-nos: se vamos chorar todos os inocentes, todos os mártires, todas as crianças, nobres ou plebeias, então, já lhe falei, é preciso começarmos a lamentar as vítimas anteriores a 93, anteriores a Luís XVII. Chorarei com o senhor os filhos dos reis se o senhor chorar comigo os filhos do povo.

– Choro-os a todos – disse o Bispo.

– E do mesmo modo! – exclamou G. –, se a balança pender, que seja para o lado do povo, sofredor há mais tempo.

Houve ainda um momento de silêncio, interrompido pelo convencionalista. G. apoiou-se nos cotovelos e, beliscando a face entre o polegar e o índex, como se costuma fazer maquinalmente quando se interroga ou se julga alguma coisa, voltou-se para o Bispo, tendo nos olhos todas as forças da agonia. Foi quase uma explosão.

– Na verdade, senhor, o povo sofre há muito tempo. Além disso, por que veio falar-me a respeito de Luís XVII? Eu não conheço o senhor. Desde que estou aqui, vivo nesta solidão, sozinho, sem sair jamais, sem ver outra pessoa a não ser esse menino que me ajuda. Seu nome, é verdade, já havia chegado confusamente até mim, e, devo dizê-lo, pronunciado com respeito, mas isso não quer dizer nada. Os espertos têm muitas maneiras de enganar a esse pobre povo. Aliás, não ouvi o barulho de sua carruagem; sem dúvida, deixou-a lá embaixo atrás do bosque, na encruzilhada do caminho. Garanto-lhe que não o conheço. O senhor diz ser bispo, mas isso não me diz nada sobre a sua pessoa moral. Em suma, repito-lhe a minha pergunta: – Quem é o senhor? Um bispo, quer dizer, um príncipe da Igreja, um desses personagens cobertos de ouro e brasões, vestidos de rendas, com gordas sinecuras – Sua Exa. o Bispo de Digne –, quinze mil francos fixos, dez mil francos livres; total: vinte e cinco mil francos – com cozinhas, librés e boa mesa; comendo gaivotas às sextas-feiras, pavoneando-se entre dois lacaios, em berlindas douradas, em carruagens particulares, em nome de Jesus Cristo, que andava descalço! O senhor é um prelado: rendas, palácios, cavalos, criados, boa mesa, as sensualidades da vida; possui tudo como os demais e como eles goza de tudo isso; é verdade, mas não basta: isso pode indicar tudo ou nada, sem me esclarecer sobre o seu valor intrínseco e essencial, sobre o senhor, que veio até mim provavelmente com pretensões de me trazer sabedoria. Afinal, a quem estou falando? Quem é o senhor?

O Bispo baixou a cabeça e respondeu:

– *Vermis sum*.

– Um verme da terra andando em carruagens! – resmungou o convencionalista.

Era a vez de G. mostrar-se altivo e de o Bispo mostrar-se humilde.

O Bispo replicou com doçura:

– Seja. Mas, explique-me: de que modo a minha carruagem, que está lá embaixo, atrás das árvores, a minha mesa opípara e as gaivotas que como às sextas-feiras; de que modo as minhas rendas de vinte e cinco mil francos, o meu palácio e os meus lacaios podem provar que a piedade não é uma virtude, que a clemência não é um dever e que 93 não foi um ano de terror?

O convencionalista passou as mãos pela fronte como para afastar uma nuvem.

– Antes de responder – disse – peço que me perdoe. Cometi um erro; o senhor está na minha casa, é meu hóspede. Devo tratá-lo com cortesia. O senhor

discute as minhas ideias e é muito justo que eu me limite a combater seus arrazoados. Suas riquezas e prazeres são vantagens que tenho contra o senhor, mas não é de bom-tom servir-me dessas armas. Prometo deixá-las de lado.

– Agradeço – disse o Bispo.

G. continuou:

– Voltemos à explicação que o senhor me pediu. Onde estávamos mesmo? Que me dizia o senhor? Que 93 foi um ano de terror?

– Inexorável – disse o Bispo. – Que me diz de Marat batendo palmas à guilhotina?

– O que pensa o senhor de Bossuet cantando o *Te Deum* após as dragonadas? [26]

A resposta era dura, mas ia direta ao alvo com a força de um estilete de aço. O Bispo estremeceu e não lhe ocorreu resposta alguma; mas sentiu-se ofendido com essa maneira de falar de Bossuet. Os maiores espíritos têm seus fetiches, e, às vezes, sentem-se vagamente mortificados com a falta de respeito da lógica.

O convencionalista ficou ofegante; os espasmos dos últimos momentos cortavam-lhe a voz; contudo conservava nos olhos perfeita lucidez de alma. Continuou:

– Digamos alguma coisa ainda. Fora da Revolução, que, considerada em seu conjunto, é uma imensa afirmação humana, 93, infelizmente, é uma réplica. O senhor acha-o inexorável; mas, e a monarquia? Carrier é um bandido, mas que nome dará a Montrevel? Fouquier-Tinville é um vagabundo; mas qual a sua opinião sobre Lamoignon-Bâville? Maillard é horripilante; mas, e Saulx-Tavannes? *Père Duchesne* é feroz, mas como chamaria o senhor a *Père Letellier*? Jourdan Coupe-Tête é um monstro, mas menos monstro que o Marquês de Louvois.[27] Meu senhor, eu choro Maria Antonieta, Arquiduquesa e Rainha, mas não deixo de lamentar essa pobre mulher huguenote que, em 1685, sob Luís, o Grande, veja a crueldade, enquanto dava de mamar a seu filho, foi amarrada ao pelourinho, nua até a cintura; seu seio enchia-se de leite e seu coração de angústia; a criança, conservada à distância, faminta e pálida, via cair o leite e gritava agonizante; o carrasco, então, dizia à mulher, ao mesmo tempo mãe e nutriz: – Abjura! –, dando-lhe a escolher entre a morte da criança e a morte de sua consciência. Que diz o senhor desse suplício de Tântalo [28] aplicado a uma mãe? Compreenda, meu senhor: a Revolução Francesa teve suas razões. Seu furor será perdoado pela posteridade. Seu resultado é um mundo melhor. Seus mais terríveis golpes são carícias para a humanidade. Vou resumir. Minhas razões são muito fortes. Ademais, pouco me resta de vida.

E, deixando de olhar para o Bispo, o convencionalista acabou de expor seu modo de pensar nestas palavras tranquilas:

– É verdade: às brutalidades do progresso chamamos de revoluções. Quando estas acabam, reconhece-se que a humanidade foi maltratada, porém não podemos negar que tenha progredido.

O convencionalista estava certo de ter derrubado todas as trincheiras interiores do Bispo. Contudo, ainda restava uma, e dela, última esperança da resistência de D. Bienvenu, saiu esta frase, na qual reapareceu quase toda a rudeza do início:

– O progresso precisa acreditar em Deus. O bem não pode ser servido pela impiedade. Um ateu é um péssimo condutor para a humanidade.

O velho representante do povo não respondeu. Estremeceu, olhou para o céu e desse olhar, lentamente, brotou uma lágrima. Quando as pálpebras se encheram, a lágrima rolou pela sua face lívida, e ele disse, quase balbuciando, baixinho, para si mesmo, os olhos perdidos na imensidão:

– Ideal! Tu só existes!

O Bispo sentiu uma inexprimível comoção.

Depois, o velho levantou um dedo para o céu e disse:

– O infinito existe. Lá está ele. Se o infinito não tivesse um ser, o ser seria o seu limite, e ele não seria infinito, ou melhor, não existiria. Mas ele existe. Portanto, é um ser à parte. Essa objetividade do infinito é Deus.

O moribundo pronunciara essas últimas palavras com a comoção de um êxtase, como se estivesse vendo alguém. Quando acabou de falar, seus olhos se fecharam. O esforço deixara-o exausto. Era evidente que acabava de viver num minuto as poucas horas que ainda lhe restavam. O que acabara de dizer o havia aproximado ainda mais daquele que preside à morte. Aproximava-se o supremo instante.

O Bispo percebeu-o; a hora se apressava e ele tinha vindo como sacerdote. Da extrema indiferença passou, gradativamente, à extrema emoção. Contemplou aqueles olhos fechados, tomou aquela mão enrugada e gélida e se inclinou para o moribundo:

– Esta é a hora de Deus. Não lhe parece que seria lastimável se nós nos tivéssemos conhecido em vão?

O convencionalista abriu os olhos. Uma seriedade sombria encheu o seu olhar.

– Senhor Bispo – disse ele, com lentidão que lhe advinha mais da dignidade

da alma que da prostração física –, passei a minha vida na meditação, no estudo, na contemplação. Eu tinha sessenta anos quando minha pátria me chamou e ordenou-me que participasse na solução de seus problemas. Obedeci. Havia abusos, e eu os combati; havia prepotências, e eu as destruí; havia direitos e princípios, eu os proclamei e confessei. O território tinha sido invadido, e eu o defendi; a França estava ameaçada, e ofereci meu peito para a sua guarda. Eu não era rico; sou pobre. Eu era um dos grandes do Estado; os subterrâneos do Tesouro estavam atulhados de moedas de ouro e prata a ponto de ser necessário reforçar os muros prestes a se fenderem sob o peso de tanto dinheiro, e eu jantava por vinte e dois soldos na Rue de l'Arbre-Sec. Socorri os oprimidos e confortei os que sofriam. Rasguei, é verdade, a toalha do altar, mas foi para pensar as feridas da minha pátria. Sustentei a marcha ascensional do gênero humano, sempre para a frente, em direção à luz, e resisti às vezes ao progresso desapiedado. Ocasiões houve em que protegi meus próprios adversários, que são os senhores. Em Peteghem, nas Flandres, justamente no lugar onde os reis merovíngios tinham seu palácio de verão, num convento de freiras de Santa Clara, vive atualmente a Abadessa de Beaulieu, que eu salvei em 1793. Fiz o meu dever de acordo com as minhas forças e do melhor modo possível. Depois disso fui caçado, cercado, perseguido, difamado, ridicularizado, cuspido, amaldiçoado, proscrito. Muitos anos depois, com meus cabelos brancos, ainda vejo que há pessoas que se julgam no direito de me desprezar; para essa pobre gente ignorante tenho a aparência de um condenado; aceito este isolamento provocado pelo ódio, sem odiar a ninguém. Hoje, tenho oitenta e seis anos e vou morrer. Que veio o senhor pedir a mim?

– A sua bênção – disse o bispo.[29]

E se ajoelhou.

Quando o Bispo levantou os olhos, o rosto do convencionalista revestiu-se de majestade. Acabava de expirar.

O Bispo voltou para casa profundamente absorto não sei em que pensamentos. Passou toda a noite em oração. No dia seguinte, alguns curiosos mais afoitos tentaram falar-lhe do convencionalista G.; ele se limitou a mostrar o céu.

A partir dessa época, redobrou de ternura e fraternidade para com os pequeninos e sofredores.

Toda alusão ao "velho malfeitor G." fazia-o cair numa singular preocupação. Ninguém poderia negar que a passagem daquele espírito diante do seu e o reflexo de tão nobre consciência sobre a sua o tenham ajudado a aproximar-se da

perfeição.

Essa “visita pastoral” foi, naturalmente, ocasião para os diz-que-diz da população.

– É lá lugar de um bispo a cabeceira de um moribundo dessa laia? Evidentemente, não havia esperança alguma de conversão. Todos esses revolucionários são relapsos. Por que ir até lá, então? Que foi ele fazer por aquelas partes? Devia estar muito curioso para ver como é que o diabo carrega uma alma.

Um dia, uma nobre senhora, dessa variedade impertinente que se crê muito espiritual, dirigiu-lhe este chiste:

– Excelência, perguntam por aí quando é que Vossa Excelência começará a usar o barrete vermelho.

– Ora! Ora! Que cor mais extravagante! – respondeu o Bispo. – Felizmente, os que a desprezam num barrete a veneram em um chapéu.

XI | UMA RESTRIÇÃO

Arriscar-se-ia muito a um engano quem, por tudo o que contamos, concluísse ser D. Bienvenu um “bispo filósofo” ou um “vigário patriota”.

O encontro ou, quase que poderíamos dizer, a aliança com o convencionalista G. deixou-o num estado de admiração que o tornou mais manso ainda. Isso foi o que aconteceu.

Embora D. Bienvenu nunca tivesse sido bom político, talvez seja aqui o lugar próprio para mostrar quais foram as suas atitudes nos acontecimentos da época, supondo que D. Bienvenu jamais tenha pensado em tomar partido por esta ou por aquela ideia.

Voltemos alguns anos atrás.

Algum tempo depois da elevação do Sr. Myriel ao episcopado, o Imperador nomeara-o Barão do Império, ao mesmo tempo que outros muitos bispos. A prisão do Papa aconteceu, como se sabe, na noite de 5 para 6 de julho de 1809; nessa ocasião, o Sr. Myriel foi chamado por Napoleão ao sínodo dos bispos da França e da Itália, convocado em Paris. O sínodo teve lugar em Notre-Dame, e sua primeira assembleia deu-se em 15 de junho de 1811, sob a presidência do Cardeal Fesch. O Sr. Myriel estava entre os noventa e cinco bispos que aí compareceram. Esteve, porém, presente a uma única sessão e a três ou quatro

conferências particulares. Bispo de uma diocese das montanhas, vivendo tão perto da natureza, no meio da simplicidade e privações, parecia-lhe que trazia àqueles eminentes personagens ideias que mudariam o clima da assembleia. Voltou a Digne o mais depressa possível. Perguntaram-lhe por que voltara tão cedo. Respondeu: – *Eu os estava incomodando. Levava-lhes ar puro. Minha presença fazia-lhes o efeito de uma porta aberta*.

Em outra ocasião, disse:

– *Que querem vocês? Aqueles senhores são príncipes e eu não passo de um pobre bispo camponês*.

A verdade é que ele não havia agradado. Entre outras coisas estranhas, numa ocasião em que estava no palácio de um de seus colegas mais notáveis, escapou-lhe esta: – Que belos relógios! Que ricos tapetes! Que bibliotecas formidáveis! Mas como isso tudo deve ser incômodo! Eu não quereria ter todo esse supérfluo a me gritar continuamente aos ouvidos: – Há tanta gente com fome! Há tanta gente com frio! Há tantos pobres! Há tantos pobres!

Digamos de passagem que não é nada inteligente odiar o luxo. Seria o mesmo que odiar as artes. Contudo, entre eclesiásticos, fora das cerimônias, o luxo é um erro. Parece revelar hábitos nada caridosos. Um padre rico é um contrassenso. O padre deve conservar-se junto dos pobres. Pode-se por acaso estar continuamente ao lado de tanta miséria, de tanto infortúnio, de tanta necessidade, sem se possuir sobre si mesmo um pouco dessa infelicidade, como se fosse a poeira do trabalho? Imaginem um homem próximo a um braseiro que não sinta calor. Ou um operário trabalhando sem descanso numa fornalha sem um cabelo queimado, uma unha suja, uma gota de suor, ou um pouco de cinza no rosto. A primeira prova da caridade de um sacerdote, sobretudo de um bispo, é a pobreza.

Sem dúvida, esse era o pensamento do Sr. Bispo de Digne.

Nem devemos crer que ele participasse das “ideias do século” a respeito de alguns pontos ainda mais delicados. Pouco se imiscuía nas querelas teológicas do momento e calava-se sobre questões em que se comprometia a Igreja ou o Estado. Mas, se insistissem muito, mostrava-se mais ultramontano que galicano. Como procuramos fazer-lhe o retrato, e não queremos esconder nada, devemos dizer que ele foi completamente indiferente ao declínio de Napoleão. A partir de 1813, começou a aderir e aplaudir a toda manifestação hostil. Recusou ir vê-lo à sua passagem quando voltava da Ilha de Elba e, em sua diocese, durante os Cem Dias, absteve-se de ordenar preces públicas pelo Imperador.

Além de sua irmã, a Srta. Baptistine, tinha dois irmãos; um, General, o outro,

Prefeito. Escrevia-lhes frequentemente. Foi, por um tempo, bastante rigoroso com o primeiro, porque, tendo missão a cumprir na Provença, na época do desembarque de Cannes, o General se pusera à testa de duzentos homens e havia perseguido o Imperador como se quisesse deixá-lo fugir. Sua correspondência continuou mais afetuosa para o outro irmão, o antigo Prefeito, bravo e digno homem que vivia retirado em Paris, na Rue Cassette.

Portanto, também D. Bienvenu teve seus momentos de partidarismo, suas horas de angústia, suas nuvens. A sombra das paixões da época também passou por esse doce e grande espírito, todo ocupado nas coisas eternas. Certamente um homem de sua qualidade bem mereceria ficar isento de opiniões políticas. Ninguém, todavia, se engane sobre o nosso modo de pensar: absolutamente não confundimos o que comumente se chama de “opiniões políticas” com esse desejo imenso de progresso, essa sublime fé patriótica, democrática e humana que, em nossos dias, deve servir de base a toda inteligência generosa. Sem nos aprofundarmos em questões que não pertencem senão indiretamente ao assunto deste livro, diremos simplesmente isto: como seria bom se o contrassenso não tivesse sido partidário do Rei; se o seu olhar jamais se tivesse desviado, um só instante, dessa contemplação serena onde vemos brilhar tão distintamente, acima das ficções e dos ódios deste mundo, acima desse vaivém tempestuoso das coisas humanas, estas três puríssimas luzes: a Verdade, a Justiça e a Caridade.

Mesmo concordando que Deus não criou D. Bienvenu para cargos políticos, compreenderíamos e acataríamos seu protesto, em nome da justiça e da liberdade, sua oposição altiva, sua resistência arriscada a Napoleão todo-poderoso. Mas o que a princípio nos agrada naqueles que sobem, agrada-nos menos nos que tombam. Não gostaríamos de lutar se não fossem os perigos; os combatentes da primeira hora têm, como único direito, o fato de serem os exterminadores da última. Quem durante a prosperidade do inimigo não foi acusador obstinado deve calar-se na derrota. O denunciador das épocas de prosperidade é o único com direito a fazer justiça quando se der a queda. Quanto a nós, quando a Providência entra em ação e castiga, deixamo-la agir. Em 1812, começamos a nos sentir desarmados. Em 1813, a covarde ruptura do silêncio desse taciturno Corpo Legislativo, encorajado pelas catástrofes, nada tinha que inspirasse indignação, e era um erro aplaudi-lo. Em 1814, diante dos marechais traidores, diante do Senado passando de degradação em degradação, insultando depois de haver divinizado, diante desses idólatras que fugiam cuspindo sobre o antigo ídolo, era dever de cada um desviar os olhos de tanta infâmia. Em 1815, como a catástrofe final já pairava no ar, como a França já sentia, trêmula, sua

aproximação sinistra, como que já se podia distinguir vagamente Waterloo esperando por Napoleão, a sentida aclamação do exército e do povo àquele que já estava condenado pelo destino nada tinha de ridículo e, mesmo conservando-se reservado sobre o déspota, um coração como o de D. Bienvenu não podia deixar de reconhecer o que havia de augusto e de tocante à beira desse abismo, a estreita ligação existente entre uma grande nação e um grande homem.

Excetuando-se esse fato, ele era e foi em tudo justo, equitativo, inteligente, humilde e digno, fazendo o bem e querendo o bem, o que é dupla beneficência. Era sacerdote, era sábio, era homem. Mas, é necessário que o digamos, mesmo em sua conduta política, que acabamos de reprovar e que somos levados a julgar, talvez, com demasiada severidade, mesmo em tais casos, era tolerante e indulgente, quem sabe, muito mais do que nós.

O porteiro da Câmara de Digne tinha sido nomeado pelo Imperador. Antigo Suboficial da velha guarda, Legionário de Austerlitz, mais bonapartista que a águia de Napoleão, escapavam-lhe, de vez em quando, palavras pouco prudentes, qualificadas então pela lei de *sediciosas*. Depois que tiraram a efígie de Napoleão das insígnias da Legião de Honra, nunca mais usou o uniforme militar a fim de não ser forçado a usar sua condecoração. Ele próprio, devotamente, havia tirado a efígie imperial da cruz que Napoleão lhe havia dado; no lugar, ficou um buraco que ele não quis disfarçar com coisa alguma. – *Antes morrer* – dizia – *que levar sobre o meu coração esses três sapos*![30] – Gostava de zombar de Luís XVIII: – *Velho reumático com polainas de inglês! Por que não vai para a Prússia com sua barba de bode*? – E sentia-se feliz de poder reunir numa mesma imprecação as duas coisas que mais odiava: a Inglaterra e a Prússia. Tanto falou que perdeu o cargo. Ei-lo na rua, sem pão, com mulher e filhos para sustentar. O Bispo mandou-o chamar, repreendeu-o com brandura e nomeou-o porteiro da catedral.

O Sr. Myriel era, na diocese, o verdadeiro pastor, o amigo de todos.

Depois de nove anos, à força de boas ações e amabilidades, D. Bienvenu havia conseguido em Digne uma espécie de veneração terna e filial. Mesmo sua conduta com relação a Napoleão foi aceita e como que tacitamente perdoada pelo povo, rebanho indeciso e bom, que adorava seu Imperador, sem deixar de amar o seu Bispo.

XII | A SOLIDÃO DE DOM BIENVENU

Quase sempre, ao redor de um bispo há um pequeno exército de sacerdotes, como jovens oficiais ao redor de seu general. A isso, esse encantador São Francisco de Sales[31] chamava de “padres-fedelhos”. Qualquer carreira tem aspirantes que rodeiam os que já a terminaram. Não há poder que não tenha a sua corte. Não existe fortuna que não seja lisonjeada. Os que desejam um futuro cômodo sempre se acercam de um presente esplêndido. Toda metrópole tem seu estado-maior. Todo bispo um pouco influente tem a seu lado sua patrulha de jovens querubins, seminaristas que vigiam e mantêm a boa ordem do palácio episcopal, atentos aos sorrisos de Sua Excelência. Agradar a um bispo é meio caminho andado para o subdiaconato. É preciso galgar novas posições; o apóstolo não deve deixar passar a oportunidade de tornar-se cônego.

Assim como alhures existem respeitáveis toucas, na Igreja há mitras veneráveis. São os bispos bem-vistos na Corte, ricos, dotados de rendas, hábeis, aceitos pela sociedade, sabendo, sem dúvida, rezar, mas sabendo também solicitar, pacientes nas salas de espera em favor de uma diocese, traços de união entre a sacristia e a diplomacia, mais vigários que sacerdotes, mais prelados que bispos. Feliz dos que se aproximam deles. Gozando de grande estima, fazem chover a seu redor, sobre os que são diligentes ou favorecidos, sobre toda essa juventude que sabe ser agradável, paróquias rendosas, vultosas prebendas, arquidiaconias, capelanias ou cargos diocesanos, à espera da dignidade episcopal. Se progridem, fazem progredir todos os satélites; é um verdadeiro sistema solar em marcha. Os reflexos de sua púrpura recaem sobre o seu séquito. Sua prosperidade se subdivide, para os que estão atrás dos bastidores, em pequenas e boas promoções. Quanto maior a diocese do amo, maiores as paróquias de seus validos. E depois, lá está Roma. Um bispo que sabe tornar-se arcebispo, um arcebispo que chega a cardeal, leva-o como conclavista; depois você está feito; ganhará o seu pálio, tornar-se-á auditor, camareiro, monsenhor, e de Excelência para Eminência é um passo, e de Eminência para Santidade só existe a fumaça de um escrutínio. Todo solidéu pode sonhar com a tiara. Em nossos dias, o único homem que pode sistematicamente tornar-se rei é o padre. E que rei! O rei dos reis! Que sementeira de ambições é um seminário! Quantos desses corados acólitos, quantos desses jovens párocos têm sobre a cabeça o jarro de leite de Perrette![32] Como a ambição é facilmente tida como vocação, quem sabe, até de boa-fé, ou, feliz dela, enganando-se a si própria!

D. Bienvenu, humilde, pobre, reservado, não era contado entre as mitras de vulto. Isso facilmente se podia comprovar pela ausência completa de jovens sacerdotes ao seu redor. Já vimos que em Paris não teve êxito algum. Nenhum

futuro glorioso sorria a esse velho solitário. Nenhuma ambição se atrevia a brotar à sua sombra. Seus cônegos ou vigários-gerais eram bons velhinhos, um pouco do povo como ele e, como ele, confinados nessa diocese sem pretensões ao cardinalato, parecendo ao Bispo que eles já estavam acabados e que ele chegara ao fim de sua carreira. Sentia-se tão claramente a impossibilidade de crescer ao seu lado que, apenas saídos do seminário, os jovens sacerdotes ordenados por ele faziam-se recomendar aos arcebispos de Aix ou de Auch, e iam-se o mais depressa possível. Enfim, repetimos, todos gostam de uma ajudazinha. Um santo que vive no caminho da abnegação é um vizinho perigoso; poderia dar-se que ele lhe comunicasse, por contágio, um espírito de pobreza incurável, uma ancilose nas articulações indispensáveis a quem quer subir, enfim, mais espírito de renúncia do que se deseja; e é sabido como se foge à sarna de tal virtude. Daí provinha a solidão de D. Bienvenu. Vivemos numa sociedade sombria. Ter êxito, eis o ensinamento destilado gota a gota pela corrupção que avança.

Diga-se de passagem, não há nada mais odioso que o sucesso. Sua quase semelhança com o merecimento engana muito os homens. Para a multidão, êxito é o mesmo que superioridade. O sucesso, sósia do talento, infelizmente tem um ingênuo que nele crê facilmente: a história. Somente Juvenal e Tácito se puseram a salvo dessa credulidade.[33] Hoje em dia, uma filosofia quase oficial entrou em intimidade com a história, vestindo-lhe a libré e fazendo-lhe o serviço de porteiro. Ser bem-sucedido: eis a teoria. Progresso supõe capacidade. Ganhar na loteria: eis o máximo da habilidade. Quem triunfa é benquisto. Tudo está em nascer com boa estrela. Tenham sorte, que o resto virá depois; sejam felizes, que o mundo tê-los-á como grandes. Fora cinco ou seis exceções notáveis que constituem o brilho de todo um século, a admiração contemporânea é simples miopia. O que é simplesmente dourado passa por ouro puro. Ser o primeiro a chegar não constitui honra, a não ser que se chegue a ser alguma coisa. É o vulgar e velho Narciso adorando a própria imagem, aplaudindo a vulgaridade.[34] Essas qualidades excepcionais que formaram Moisés, Ésquilo, Dante, Michelangelo ou Napoleão, a plebe confere de repente, por aclamação, a quem quer que consiga alguma coisa, seja lá o que for.[35] Que um notário se torne deputado; que um pseudo-Corneille[36] escreva *Tirídates*; que um eunuco venha a possuir um harém; que um Prudhomme[37] ganhe acidentalmente a maior batalha de uma época; que um boticário invente solas de papelão para o exército de Sambre-et-Meuse e ganhe, com esse papel vendido como couro, quatrocentos mil francos de renda; que um bufarinheiro, casando-se com a usura, a faça dar à

luz sete a oito milhões dos quais ele é o pai e ela a mãe; que um pregador se torne bispo porque fala fanhoso; que o mordomo de algum palácio saia dele tão rico que o façam ministro das finanças, não importa: os homens chamam a isso Gênio, do mesmo modo que chamam de Beleza à figura do Mousqueton e de Majestade à estátua de Cláudio. Eles confundem com as constelações do espaço as estrelas que os pés dos patos deixam impressas no lodaçal.

XIII | A FÉ DE DOM BIENVENU

Do ponto de vista da ortodoxia, nada temos a sondar no Bispo de Digne. Diante de tão grande alma, nosso único sentimento é de respeito. A consciência de um justo deve ser acreditada sob palavra. Além disso, como se dá em algumas naturezas, admitimos como possível o desenvolvimento de toda a beleza da virtude humana numa crença diferente da nossa.

Qual a sua opinião sobre esse dogma ou aquele mistério? Esses segredos de foro íntimo são conhecidos somente pelos túmulos onde as almas entram nuas. Do que estamos certos é que jamais dificuldades a respeito da fé foram resolvidas por ele em hipocrisia. Nenhuma corrupção é possível ao diamante. Ele acreditava tanto quanto é possível acreditar – *Credo in Patrem* – exclamava frequentemente. Aliás, tirando de suas boas ações o quanto de alegria bastava à sua consciência, que parecia dizer-lhe baixinho: “Você está com Deus!”.

Mas o que não podemos deixar de dizer é que, fora, ou por assim dizer, além de sua fé, o Bispo tinha um excesso de amor. Precisamente por isso, *quia multum amavit*,[38] foi julgado vulnerável pelos “homens de posição”, pelas “pessoas de responsabilidade”, pela “gente sensata”, expressões especialmente caras a este triste mundo, onde o egoísmo recebe a palavra de ordem do pedantismo. Em que consistia esse excesso de amor? Na sua benevolência serena, penetrante, como já tivemos ocasião de dizer, estendendo-se às vezes até aos próprios objetos. Vivia sem arrogância. Era indulgente com as criaturas de Deus. Todo homem, mesmo o melhor, tem em si uma crueldade irrefletida que reserva para os animais. Essa malvadeza, própria de muitos padres, não existia no Bispo de Digne. Ele não chegava ao excesso do bramanismo, mas parecia ter meditado sobre este versículo do Eclesiástico: “Por acaso alguém sabe para onde vai a alma dos animais?”.[39] As aparências repugnantes, as deformidades do instinto não o perturbavam nem o irritavam. Pelo contrário, comovia-se, enternecia-se; ele parecia procurar além da vida aparente uma causa, uma explicação, uma

desculpa. Por momentos, dava a impressão de pedir a Deus que diminuísse os rigores da pena. Examinava sem ira, com a paciência do linguista que decifra um palimpsesto, o caos que ainda existe na natureza. Esses devaneios faziam-no, por vezes, dizer coisas estranhas. Certa manhã estava em seu jardim – pensava estar só, mas sua irmã caminhava um pouco atrás, sem ser percebida –, de repente, parou e olhou para o chão: era uma aranha enorme, preta, peluda, horrível. Sua irmã ouviu-o dizer: – Pobre animal! Não tem culpa de ser tão feio!

Por que não contar essas infantilidades quase divinas da bondade? Convenhamos que são puerilidades, mas puerilidades sublimes, próprias de um São Francisco de Assis ou de um Marco Aurélio.[40] Numa ocasião, chegou a torcer um pé por não querer pisar numa formiga.

Assim vivia esse homem justo. Às vezes adormecia no jardim; não havia então nada mais venerável.

D. Bienvenu, se dermos crédito ao que contavam de sua juventude e virilidade, era um homem cheio de paixões, talvez até violento. Sua perfeita mansidão não era instintiva, mas resultava de grande convicção, destilada em seu íntimo ao longo da vida, penetrando-lhe a alma lentamente, pensamento por pensamento; porque o caráter, como um rochedo, pode ter fendas pelas quais se infiltra a água. Essas fendas são eternas, mas nem por isso a rocha deixa de ser indestrutível.

Em 1815, acho que já o dissemos, ele completara setenta e cinco anos, mas não parecia ter mais de sessenta. Era um tanto gordo e, para emagrecer, gostava de fazer longas caminhadas a pé; andava firme e quase altivo, detalhe de que não queremos tirar nenhuma conclusão. Gregório XVI, aos oitenta anos, era risonho e forte, mas nem por isso deixou de ser mau bispo.[41] D. Bienvenu tinha o que o povo chama de simpatia, sendo tão amável que as pessoas esqueciam a beleza do seu rosto.

Quando conversava com aquela sua alegria infantil, o que constituía uma das qualidades atraentes de que já falamos, a gente sentia-se à vontade a seu lado; parecia que sua pessoa irradiava alegria. Sua tez rosada e fresca, seus dentes ainda fortes, cuja brancura mostrava ao sorrir, davam-lhe esse ar de bondade que faz dizer de um homem: – É um bom rapaz – e de um velho: – É um bom homem. – Como devem se lembrar, foi essa a impressão que ele causou a Napoleão. No primeiro momento, para quem o via pela primeira vez, não era outro o efeito que causava. Mas quem ficasse ao seu lado por algumas horas e o visse pensativo, por pouco que fosse, o bom homem imperceptivelmente se transfigurava e adquiria um não sei quê de imponente; sua fronte larga, séria,

venerável pela brancura de suas cãs, tornava-se augusta pela meditação. A majestade desprendia-se dessa bondade, sem que esta última deixasse de brilhar. Sentia-se um pouco da emoção que teríamos se víssemos um anjo sorridente abrir lentamente as asas sem deixar de sorrir. Um respeito inexprimível tomava conta da gente e aos poucos chegava ao coração; a gente se sentia diante de uma alma forte, provada, indulgente, de pensamentos tão grandes que só podia ser amável.

Como vimos, a oração, a celebração dos ofícios religiosos, a esmola, a consolação dos que sofrem, o cultivo de um pedaço de terra, a fraternidade, a frugalidade, a hospitalidade, a renúncia, a confiança, o estudo e o trabalho preenchiam totalmente cada dia de sua vida. *Preenchiam* é a palavra exata, pois seus dias estavam completamente tomados pelos bons pensamentos, pelas boas palavras e boas ações. Não estavam completos, contudo, se o tempo frio ou chuvoso o impedisse de, à noite, quando as duas senhoras se retiravam para seus quartos, passar uma hora ou duas em seu jardim antes de se recolher. Esse era para ele quase um rito observado religiosamente: preparar-se para o sono pela meditação na presença do grande espetáculo de um céu cheio de estrelas. Às vezes, já tarde da noite, se as duas senhoras não dormiam, ouviam-no passear lentamente pelo jardim. Permanecia sozinho, recolhido, calmo, em espírito de adoração, comparando a serenidade de seu coração com a serenidade do éter, comovido no meio das trevas pelo esplendor visível das constelações e pelos esplendores invisíveis de Deus, abrindo a própria alma aos pensamentos que lhe vinham do Desconhecido. Nesses momentos, oferecendo sua alma, à hora em que as flores noturnas oferecem seu perfume, iluminado como uma lâmpada no meio da noite estrelada, abrindo-se em êxtase entre o esplendor universal da criação, nem ele, talvez, poderia descrever o que se passava no seu espírito; sentia qualquer coisa que se desprendia de seu íntimo, qualquer coisa que descia até ele. Misteriosa permuta entre os abismos da alma e os abismos do universo!

Meditava na grandeza e na presença de Deus; na eternidade futura, mistério incompreensível; na eternidade passada, mistério mais incompreensível ainda; meditava no infinito que se perdia a seus olhos em todas as direções; sem procurar compreender o que está acima da nossa inteligência, limitava-se a olhar. Não estudava a natureza de Deus, sentia-se ofuscado por ela. Considerava esses magníficos encontros de átomos dando formas à matéria, revelando-lhe as forças, dando-lhe individualidade na unidade, proporção na extensão, multiplicidade no infinito, e, pela luz, produzindo a beleza. Esses encontros se fazem e se desfazem incessantemente: daí a vida e a morte.

Sentava-se num banco de madeira encostado a uma velha parreira; olhava os astros através da silhuetas imprecisas e raquíticas de suas árvores frutíferas. Bastava-lhe esse pedaço de terra que lhe era tão caro, apesar de estar tão mal plantado e quase todo tomado pelos pequenos cômodos que nele foram construídos.

Que faltava a esse velho que repartia as poucas horas de descanso entre a jardinagem, de dia, e a contemplação, de noite? Esse cantinho de terra, tendo como teto o firmamento, por acaso não era suficiente para que pudesse adorar a Deus em suas mais sublimes criações? Um pequeno jardim para passear e a imensidão para sonhar. A seus pés, o que se pode cultivar e colher; sobre sua cabeça, o que se pode meditar e estudar; algumas flores na terra e todas as estrelas no céu.

XIV | COMO PENSAVA DOM BIENVENU

Ainda uma última palavra.

Como esses detalhes poderiam, particularmente na época atual, e para nos servirmos de uma expressão em moda, dar ao Bispo de Digne um caráter “panteísta”, e fazer crer, como elogio ou censura, que ele possuía filosofia própria, de acordo com nosso século, dessas que germinam por vezes em espíritos solitários, fortalecendo-se, engrandecendo-se a ponto de tomar o lugar das religiões, fazemos questão de insistir aqui que nenhum dos que conheceram D. Bienvenu se julgou autorizado a pensar semelhante coisa. O que o iluminava era o coração. Dessa luz é que era feita a sua sabedoria.

Nada de teorias e muita ação. As especulações abstrusas dão vertigens; nada indica que ele se aventurasse em questões apocalípticas. O apóstolo pode ser temerário, mas o bispo deve ser prudente. Provavelmente, ele tinha escrúpulo de penetrar problemas de algum modo reservados à perspicácia das grandes inteligências. Nos umbrais do enigma somos detidos por um sagrado temor; suas portas se escancaram à nossa frente, mas qualquer coisa nos segreda, a nós que estamos de passagem, que não entremos. Desgraçado de quem o fizer. Os gênios, nas profundezas desconhecidas da abstração e da pura especulação, situados, vamos dizer, acima dos dogmas, propõem suas questões a Deus. Sua oração é uma discussão audaciosa. Sua adoração, uma pergunta. Essa é a religião direta, cheia de ansiedade e de responsabilidade para quem tentar vencer-lhe as escabrosidades.

A meditação humana não tem limites. Seus perigos e riscos fazem-na analisar e esquadrinhar seu próprio deslumbramento. Poder-se-ia quase dizer que, por admirável reação, ela fascina a própria natureza, e o misterioso mundo que nos cerca retribui a contemplação de que é objeto fazendo dos próprios contempladores objeto da sua contemplação. Seja o que for, nesta terra há homens – serão mesmo homens? – que percebem distintamente, no horizonte dos sonhos, as profundezas do absoluto e têm a visão terrível da montanha de altura infinita. D. Bienvenu não era desses homens, não era nenhum gênio. Receava essas sublimidades das quais alguns espíritos excepcionais, como Swedenborg e Pascal, caíram na demência. Sem dúvida alguma, esses sonhos formidáveis têm sua utilidade moral, por seus perigosos caminhos chega-se à perfeição ideal. Ele tomava o caminho mais curto: o Evangelho.

Nunca pretendeu dar à sua casula as dobras do manto de Elias, nem projetava luz alguma sobre a oscilação tenebrosa dos acontecimentos e tampouco procurava condensar em fogo a claridade das coisas; ele nada tinha de mago ou de profeta. Essa alma humilde amava: eis tudo.

É bem provável que elevasse sua oração até a aspiração sobre-humana, mas é impossível oração mais sublime que um grande amor; se rezar além dos textos for heresia, Santa Teresa e São Jerônimo seriam grandes hereges.

Ele se inclinava sobre todos os gemidos e expiações. O universo parecia-lhe uma enorme enfermidade: por toda parte sentia-lhe a febre, auscultava-lhe sofrimentos e, sem procurar resolver o enigma, diligenciava em pensar-lhe as feridas. O terrível espetáculo das coisas criadas aumentava-lhe a ternura; ocupava-se somente em encontrar para si mesmo e inspirar para os demais a melhor maneira de agradar e confortar. Tudo o que existe era, para esse bom e raro Sacerdote, motivo permanente de tristeza que buscava consolar.

Há homens que trabalham na extração do ouro; ele trabalhava na extração da piedade. A miséria universal era a sua mina. O sofrimento geral não passava de ocasião para aplicar por toda parte a sua bondade. *Amai-vos uns aos outros*: esta a sua divisa, sem desejar mais nada ele resumia nisso toda a sua doutrina. Um dia, o Senador de que falamos, julgando-se grande “filósofo”, disse ao Bispo:

– Olhe só o espetáculo que o mundo nos oferece: guerra de tudo contra todos; o mais forte é o mais inteligente. Esse *amai-vos uns aos outros* é uma bobagem.

– *Está bem* – respondeu D. Bienvenu sem discutir –, *se é uma bobagem, a alma deve encerrar-se nela como a pérola na ostra*.

Ele se fechava, portanto, na bondade, vivia de bondade, sentindo-se

perfeitamente satisfeito, deixando de lado as questões prodigiosas que atraem e espantam, as perspectivas insondáveis da abstração, os abismos da metafísica, todos esses precipícios que levam o apóstolo a Deus e o ateu ao nada: o destino, o bem e o mal, a guerra mútua dos seres, a consciência do homem, o sonambulismo pensativo do animal, a transformação pela morte, a recapitulação de existências encerradas nos túmulos, o enxerto incompreensível de amores sucessivos no *ego* interminável, a essência, a substância, o Nada e o Ente, a alma, a natureza, a liberdade, a necessidade; problemas íngremes, espessuras sinistras sobre as quais se inclinam os gigantescos arcanjos do espírito humano; abismos incomensuráveis contemplados com olhares fulgurantes por Lucrécio, Manu, São Paulo e Dante, que parecem, ao contemplar fixamente o infinito, fazer surgir aí novas estrelas.[42]

D. Bienvenu era simplesmente um homem que constatava a existência de questões misteriosas, sem agitá-las, sem perturbar com elas o próprio espírito, possuindo em sua alma o grave respeito da sombra.

LIVRO SEGUNDO

A QUEDA

I | A TARDE DEPOIS DE UM DIA DE CAMINHO

Nos primeiros dias do mês de outubro de 1815, mais ou menos uma hora antes do pôr do sol, um homem, viajando a pé, entrou na pequena cidade de Digne. Os poucos habitantes que então se encontravam nas janelas ou na soleira das portas olhavam-no com certa inquietação. Seria difícil encontrar pessoa de aspecto mais miserável. De estatura mediana, musculoso, robusto, em pleno vigor da idade, poderia ter de quarenta e seis a quarenta e oito anos. Um boné, com a viseira de couro caindo-lhe nos olhos, escondia parte de seu rosto suado, de pele tostada pelo vento e pelo sol. A camisa, amarela, de pano grosseiro, com a gola abotoada por uma pequena âncora de prata, deixava-lhe descoberto o peito cabeludo; a gravata retorcida, calças de cotim azul, muito usadas e gastas, com um joelho desbotado e outro rasgado; uma blusa cinzenta em farrapos, remendada num dos cotovelos, com um pedaço de pano verde costurado com barbante; às costas, uma mochila de soldado, nova ainda, bem cheia e afivelada; na mão, um bordão nodoso, sapatos ferrados, sem meias, cabelos cortados e barba por fazer.

O suor, o calor, a viagem a pé e a poeira acrescentavam um não sei quê de sórdido a esse conjunto de misérias.

O cabelo muito curto ficava eriçado porque já começava a crescer um pouco e parecia que havia tempo não era cortado.

Ninguém o conhecia. Evidentemente, estava de passagem. De que lado vinha? Do Midi, dos lados do mar, talvez, pois entrou em Digne pela mesma rua que, sete meses antes, vira passar o Imperador Napoleão quando, de Cannes, se dirigia a Paris. Esse homem devia ter caminhado todo o dia. Parecia estar muito cansado. Algumas mulheres do antigo bairro, na parte baixa da cidade, viram-no parar sob as árvores da Rue Gassendi e beber na fonte que fica bem no fim do passeio. Sem dúvida tinha muita sede, porque alguns meninos que o seguiam viram-no parar e beber, duzentos passos adiante, na fonte da praça do mercado.

Chegando à esquina da Rue Poichevert, virou à esquerda e se dirigiu para os lados da chefatura de polícia. Entrou, saindo um quarto de hora mais tarde. Um gendarme estava sentado junto à porta sobre o banco de pedra onde subira o General Drouot, no dia 4 de março, para ler aos sobressaltados habitantes de Digne a proclamação feita no golfo de Juan.[43] O homem tirou o boné e saudou humildemente o gendarme.

Este, sem responder à saudação, olhou-o atentamente, seguiu-o com os olhos por algum tempo, entrando depois na sede da delegacia municipal.

Por essa época, havia em Digne uma bela estalagem chamada La Croix-de-Colbas. Seu hoteleiro era Jacquin Labarre, muito considerado na cidade por seu parentesco com outro Labarre, antigo batedor do exército, proprietário, em Grenoble, da taberna dos Trois-Dauphins. Por ocasião do desembarque do Imperador, contava-se muita coisa curiosa a respeito dessa taverna. Por exemplo, que o General Bertrand, disfarçado em carroceiro, ali se hospedara muitas vezes durante o mês de janeiro, distribuindo condecorações aos soldados e napoleões a mãos-cheias aos que lá se encontravam.[44] A verdade, porém, é que o Imperador, chegando a Grenoble, recusou-se a hospedar-se no prédio da Prefeitura. Agradeceu ao *Maire*, dizendo: – *Hospedar-me-ei na casa de um grande amigo meu* – e dirigiu-se à taverna dos Trois-Dauphins. A glória desse Labarre dos Trois-Dauphins refletia-se, vinte e cinco léguas adiante, sobre o Labarre da Croix-de-Colbas. Costumava-se dizer na cidade: – *É primo do de Grenoble*.

O recém-chegado dirigiu-se a essa hospedaria, a melhor da região. Entrou pela cozinha, que se abria diretamente para a rua. Todos os braseiros estavam acesos e uma grande chama saía da lareira. O hospedeiro, que era ao mesmo tempo chefe da cozinha, corria de uma panela para outra, muito ocupado em preparar um bom jantar para alguns carroceiros que conversavam em grande algazarra numa sala vizinha. Quem está acostumado a viajar sabe muito bem que não há melhores garfos que os carroceiros. Uma gorda marmota, rodeada de perdizes brancas e galos silvestres, estava sendo assada ao fogo num grande espeto; nos fornos se preparavam duas grandes carpas do lago de Lauzet e uma truta do lago de Alloz.

O dono da hospedaria, ouvindo a porta se abrir e entrar um novo freguês, disse, sem levantar os olhos de seu trabalho:

– O que deseja, senhor?

– Comer e dormir – disse o homem.

– Nada mais fácil – respondeu o hospedeiro.

Nesse momento, voltou-se, observou de alto a baixo o aspecto do viajante e acrescentou: – Pagando, é claro.

O homem tirou da algibeira da blusa uma grande bolsa de couro e respondeu:

– Dinheiro, eu tenho.

– Nesse caso, estamos à sua disposição.

O homem tornou a colocar a bolsa na algibeira, desembaraçou-se da mochila, colocando-a no chão, junto à porta, e, conservando o cajado na mão, sentou-se numa banqueta ao pé do fogo. Digne está situada nas montanhas, as noites de outubro aí são muito frias.

Entretanto, o dono da hospedaria, caminhando de um lado para outro, continuava a observar o viajante.

– A janta vai demorar? – perguntou o homem.

– Daqui a pouquinho está pronta – respondeu o hospedeiro.

Enquanto o recém-chegado se aquecia ao fogo da lareira, com as costas voltadas para o estalajadeiro, este muito digno Jacquin Labarre tirou um lápis do bolso e rasgou um pedaço do velho jornal que se achava numa pequena mesa, ao pé da janela. Sobre a margem branca, escreveu uma linha ou duas, dobrou-o sem colar e deu esse pedaço de papel a um rapaz que parecia lhe servir ao mesmo tempo de copeiro e garçom. O hospedeiro disse-lhe algumas palavras ao ouvido e o rapaz saiu correndo rumo à delegacia.

O viajante nada percebeu.

Perguntou ainda uma vez:

– A janta vai demorar?

– Já está quase pronta – disse-lhe o dono da estalagem.

O menino voltou, trazendo consigo o papel. O dono da hospedaria abriu-o apressadamente, como quem espera uma resposta. Parecia ler atentamente; em seguida, sacudiu a cabeça e ficou um momento pensativo. Enfim, dirigiu-se ao viajante, que parecia mergulhado em reflexões pouco amistosas.

– Senhor – disse ele –, não o posso atender.

O desconhecido endireitou-se.

– Mas como? Tem medo que eu não lhe pague? Quer que pague adiantado? Já lhe disse, tenho dinheiro.

– Não se trata disso.

– O que é então?

– O senhor tem dinheiro…

– É verdade – disse o homem.

– Mas eu não tenho quarto disponível.

O viajante replicou tranquilamente:

– Acomode-me então na estrebaria.

– Não posso.

– Por quê?

– Os cavalos ocupam todos os lugares.

– Então – continuou o homem –, ajeito-me num cantinho do celeiro. Um simples feixe de palha me basta. Veremos isso depois do jantar.

– Não lhe posso dar o jantar.

Essa declaração, feita pausadamente mas com voz firme, impressionou o desconhecido, que se levantou.

– Ora bolas! Estou morto de fome. Estou andando desde que o sol apareceu. Caminhei doze léguas. Eu pago e quero comer!

– Não tenho nada preparado – disse o hospedeiro.

O homem soltou uma gargalhada e voltou-se para a lareira e os fogões:

– Nada! E o que é aquilo?

– Aquilo é coisa encomendada.

– Por quem?

– Por aqueles carroceiros que lá estão.

– Quantos são eles?

– Doze.

– Mas isso é comida para vinte.

– Eles me encomendaram tudo isso, e pagaram adiantado.

O homem tornou a sentar-se e disse, sem levantar a voz:

– Estou numa hospedaria, tenho fome e daqui não saio.

O dono da hospedaria curvou-se e lhe disse ao ouvido com uma expressão que o fez estremecer:

– Vá-se embora.

O viajante, nesse momento, estava curvado para o fogo e remexia algumas brasas com a ponta de ferro de seu bastão; voltou-se, de repente e, antes que abrisse a boca para retrucar, o hospedeiro olhou-o fixamente e acrescentou, sempre em voz baixa:

– Chega de conversa fiada. Quer que eu diga como se chama? Seu nome é

Jean Valjean. E agora, quer que lhe diga quem é o senhor? Quando entrou aqui, fiquei em dúvida; mandei então o menino à polícia e eis o que me responderam. Sabe ler, por acaso?

Assim falando, estendeu-lhe aberto o papel que acabava de ir do albergue à delegacia e da delegacia ao albergue. O homem lançou-lhe um olhar. O hospedeiro replicou, após um momento de silêncio:

– Eu tenho o costume de ser educado com todos. Saia, por favor.

O homem abaixou a cabeça, pegou a mochila que havia posto no chão e se foi.

Tomou a rua principal. Caminhava sem destino, encostando-se às paredes, como um homem triste e humilhado. Não olhou para trás uma única vez. Se se tivesse voltado teria visto o hospedeiro da Croix-de-Colbas à soleira da porta, rodeado de toda a gente de seu albergue e de todos os que passavam pela rua, falando em alvoroço, apontando-o com o dedo, e, pelos olhares de desconfiança e de medo do agrupamento, teria adivinhado que, dentro em pouco, sua chegada seria o maior acontecimento de toda a cidade.

Nada viu, porém. As pessoas humilhadas não gostam de olhar para trás. Elas bem sabem que a má sorte as segue de perto.

Caminhou assim por algum tempo, sempre em frente, indo a esmo por ruas que não conhecia, esquecendo-se do cansaço, como acontece quando se está triste. De repente, porém, sentiu de novo a fome. A noite se aproximava. Olhou ao redor para ver se descobria algum abrigo.

A velha hospedaria estava fechada para ele; procurava agora alguma taverna humilde, um quartinho bem pobre.

Justamente ali, no fim da rua, uma luz suspensa por um braço de ferro desenhava-se sobre o céu cinzento do crepúsculo. Dirigiu-se para lá.

Era, com efeito, uma taverna; a que está situada no fim da Rue Chaffaut.

O viajante parou um momento e, através da vidraça, examinou o interior do salão, baixo, iluminado por um pequeno lampião que estava sobre a mesa e pelo fogo que ardia na lareira. Alguns homens bebiam. O taverneiro se aquecia. A chama fazia chiar uma panela de ferro pendurada à cremalheira.

Entra-se nessa taverna, que serve também de albergue, por duas portas. Uma dá para a rua; a outra abre para um pequeno quintal cheio de esterco. O viajante não ousou entrar pela porta da frente. Esgueirou-se pelo quintal, parou ainda uma vez, levantou timidamente a aldrava e bateu.

– Quem é? – disse o dono.

– Alguém que deseja jantar e dormir.

– Está bem. Aqui temos comida e temos cama.

Entrou. Todos os que estavam bebendo voltaram-se para ele. O lampião o iluminava de um lado, e o fogo da lareira, do outro. Observaram-no por algum tempo, enquanto se desembaraçava da bagagem.

O taverneiro lhe disse:

– Ali está o lume. A sopa está quase pronta. Achegue-se à lareira, amigo.

Sentou-se, esticando as pernas cansadas do caminho. Um cheiro gostoso saía da panela. Toda a parte de seu rosto que se podia distinguir sob o boné caído sobre os olhos tomou um ar de conforto, mesclado a esse outro aspecto doloroso que lhe dava o hábito do sofrimento.

Seu perfil, contudo, era firme, enérgico, tristonho. Fisionomia estranha: a princípio parecia humilde, mas terminava por mostrar-se severa. Os olhos luziam sob as sobrancelhas como fogo no meio de espinhos.

No entanto, um dos homens que estavam à mesa era um vendedor de peixes que, antes de entrar na taverna da Rue Chaffaut, tinha levado seu cavalo ao estábulo de Labarre. Aconteceu que na mesma manhã ele havia visto esse estranho mal-encarado fazendo o caminho de Bras d’Asse a… (esquece-me o outro nome; creio que seja Escoublon). Nessa ocasião, o homem, que já parecia estar muito cansado, pediu-lhe que o levasse na garupa, ao que ele respondeu acelerando o passo da cavalgadura. Esse peixeiro fazia parte, meia hora antes, do grupo que cercava Jacquin Labarre, e ele mesmo havia relatado o desagradável encontro que tivera, pela manhã, com os frequentadores da Croix-de-Colbas. Do lugar onde estava, fez um sinal quase imperceptível ao taverneiro. Este acercou-se de sua mesa e os dois trocaram algumas palavras em voz baixa. O recém-chegado estava mergulhado em suas reflexões.

O taverneiro voltou à lareira, pôs bruscamente as mãos em seus ombros e disse:

– Trate de ir dando o fora.

O estranho voltou-se e respondeu com bondade:

– Ah! também o senhor já sabe?…

– Precisamente.

– Já me mandaram embora da outra hospedaria.

– E desta também.

– Para onde quer que eu vá?

– Para qualquer parte.

O homem pegou o bastão, a mochila, e se foi.

Quando saiu, algumas crianças que o haviam seguido desde a Croix-de-Colbas e que pareciam estar à sua espera jogaram-lhe pedras. Voltou-se raivoso e as ameaçou com o cajado. A meninada se dispersou como uma revoada de passarinhos.

Caminhando, passou na frente da prisão. Na porta, havia uma corrente de ferro pendurada a uma sineta. Puxou-a.

Abriu-se um guichê.

– Senhor porteiro – disse, levantando respeitosamente o boné –, poderia deixar-me entrar e dar-me pousada por esta noite?

Uma voz respondeu:

– Prisão não é albergue. Faça-se prender que eu lhe abrirei a porta.

E tornou a fechar o guichê.

Ele entrou por uma pequena rua ladeada de jardins. Alguns estavam fechados por simples sebes, o que a tornava muito alegre. No meio de todo aquele verde, viu uma pequena casa, de um único andar, com uma janela iluminada. Olhou pela vidraça, do mesmo modo que fizera na taverna. Era um quarto bem grande, pintado a cal, com um leito coberto de chita estampada, um berço a um canto, algumas cadeiras e uma espingarda de dois canos pendurada à parede. No centro, uma mesa posta, onde um lampião de cobre iluminava a toalha branca, um canjirão de estanho, cheio de vinho, reluzente como prata, e a sopeira fosca, fumegante. A essa mesa, estava sentado um homem de uns quarenta anos, mais ou menos, de aparência alegre e franca; fazia pular uma criança nos joelhos. A seu lado, uma mulher, muito jovem ainda, amamentava outra criança. O homem ria, a criança ria, a mulher sorria.

O estranho demorou-se por um instante contemplando essa cena tão calma e benfazeja. Que se passava no seu íntimo? Somente ele o poderia dizer. É provável que tenha pensado que essa casa tão alegre lhe daria pousada, e que lá onde via tanta felicidade encontraria, quem sabe, um pouco de compaixão.

Bateu muito de leve na vidraça.

Ninguém o ouviu.

Bateu pela segunda vez.

Percebeu então a mulher que dizia:

– Marido, parece-me que estão batendo.

– Engano seu – respondeu este.

Bateu, então, pela terceira vez.

O marido levantou-se, tomou a lâmpada e dirigiu-se para a porta.

Era um homem alto, meio camponês, meio operário. Estava usando um grande avental de couro, que lhe chegava à altura do ombro esquerdo, tendo presos à cintura um martelo, um lenço vermelho e um polvorinho. Caminhava de cabeça erguida; a camisa, desabotoada, deixava descoberto um pescoço taurino, muito alvo. Tinha sobrancelhas muito espessas, enormes suíças negras, olhos à flor do rosto, barba comprida e, sobretudo, esse ar inexprimível de quem está em casa.

– Perdão, meu senhor – disse o viajante –, se eu lhe pagar, poderia dar-me um prato de sopa e um cantinho para dormir naquele telheiro que está no jardim? Diga-me, é possível? Pagando, é claro.

– Quem é o senhor? – perguntou o dono da casa.

O homem respondeu:

– Estou chegando de Puy-Moisson. Andei o dia inteiro. Doze léguas de estrada. É possível, se eu lhe pagar?

– Eu não recusaria pousada a gente de bem que me pagasse. Mas, por que o senhor não vai ao albergue?

– Está cheio.

– Ora! Isso não pode ser. Hoje não é dia de feira nem de mercado. Já foi à hospedaria de Labarre?

– Já.

– E então?

O viajante respondeu meio atrapalhado:

– Não sei por quê, não me quis receber.

– Já foi ao albergue da Rue Chaffaut?

O embaraço do viajante tornou-se evidente. Balbuciou:

– Nem ele me quis alojar.

O rosto do camponês tomou um ar de desconfiança; observou o recém-chegado dos pés à cabeça e, de repente, exclamou com uma espécie de estremecimento:

– Por acaso, não será o senhor o homem…?

Olhou novamente o desconhecido, deu três passos para trás, pôs o candeeiro sobre a mesa e pegou a espingarda que estava na parede.

Entretanto, às palavras do camponês: *Por acaso, não será o senhor o homem…?* a mulher se levantou, tomou nos braços as duas crianças e refugiou-

se precipitadamente atrás do marido, olhando o estranho com terror, sem respirar, olhos esbugalhados, dizendo baixinho: – *Tso-maraude*.[45]

Tudo se passou em menos tempo do que se pode imaginar. Depois de examinar por alguns instantes o homem como se fosse uma víbora, o dono da casa voltou à porta e disse:

– Vá-se embora.

– Por piedade – retrucou o homem –, ao menos um copo d'água.

– Um tiro de espingarda! – disse o camponês.

Depois bateu a porta com força, e o homem pôde ouvir que ele a fechava com dois ferrolhos. Um momento depois, trancou a janela e chegou-lhe ainda aos ouvidos o barulho de uma barra de ferro.

Era quase noite escura. Já soprava o vento frio dos Alpes. Na luz indecisa do crepúsculo, percebeu, num dos jardins que ladeiam a rua, uma espécie de cabana, um abrigo improvisado com terra e galhos de árvores. Pulou resolutamente uma cerca de madeira e entrou no jardim. Aproximou-se da choupana; a porta era uma abertura muito baixa. Parecia um desses abrigos que os trabalhadores constroem à beira das estradas. Sem dúvida pensou que era a cabana de um cantoneiro; tinha frio e fome; resignou-se à fome; ao menos encontrara abrigo contra o frio. Esses abrigos não são usados à noite. Deitou-se de bruços no chão e entrou na cabana, onde encontrou um bom leito de palha. Conservou-se por um momento imóvel, tamanho era o seu cansaço. Depois, como a mochila o incomodava e poderia servir de travesseiro, pôs-se a desamarrar uma das correias. Nesse momento, ouviu-se um latido furioso. A cabeça de um cão enorme desenhava-se na sombra, à abertura da cabana.

Era uma casinha de cachorro.

Como era forte e destemido, armou-se do cajado, fez da mochila escudo e saiu como pôde, rasgando ainda mais os farrapos de que se vestia.

Saiu igualmente do jardim, mas recuando sempre, obrigado, para manter o cachorro à distância, a manobrar o cajado, *à la rose couverte*, como dizem os mestres nesse gênero de esgrima.

Quando, não sem alguma dificuldade, tornou a atravessar a cerca e se viu novamente na rua, sozinho, sem ter onde dormir, sem um teto, sem abrigo, expulso até desse leito de palha, dessa choça miserável, sentou-se, ou melhor, deixou-se cair sobre uma pedra, parece-me que alguém que por ali passava o ouviu exclamar: – Sou ainda menos que um cão!

Logo, porém, se levantou e pôs-se novamente a caminho. Saiu da cidade, na

esperança de encontrar alguma árvore ou algum moinho no meio do campo onde se abrigar.

Assim andou por algum tempo, sempre de cabeça baixa. Quando se viu longe de toda habitação humana, levantou os olhos e examinou o entorno. Estava num campo, e tinha diante de si uma dessas colinas baixas cobertas de colmo cortado bem rente ao chão, o que lhes dá, depois da colheita, a aparência de uma cabeça raspada.

O horizonte estava completamente escuro; não era somente a sombra da noite; eram as nuvens, muito baixas, que pareciam apoiadas diretamente sobre a colina, subindo sempre, até cobrir todo o céu. No entanto, como a lua ainda não havia aparecido, pairava ainda no zênite um resto de claridade crepuscular, formando as nuvens, no alto do céu, uma espécie de abóbada esbranquiçada de onde caía sobre a terra um resplendor.

A terra estava, portanto, mais iluminada que o céu, o que dá um efeito particularmente sinistro, e a colina, de contorno vago e indeciso, desenhava-se fracamente sobre o horizonte escuro. Todo esse conjunto era medonho, acanhado, lúgubre, mesquinho. No campo e na colina, nada havia a não ser uma árvore disforme que se retorcia medrosa, a alguns passos do viajante.

Esse homem, evidentemente, estava muito longe de ter os hábitos delicados da inteligência e do espírito, que nos fazem sensíveis ao aspecto misterioso das coisas; contudo, aquele céu, aquela colina e aquela árvore davam tanta impressão de tristeza que, após um momento de imobilidade e de sonho, ele voltou repentinamente para trás. Há instantes em que a própria natureza nos parece hostil.

As portas de Digne estavam fechadas. Digne, assediada várias vezes durante as Guerras de Religião, em 1815 estava ainda cercada de velhas muralhas guarnecidas de sólidas torres, que só mais tarde foram demolidas. Passou por uma brecha e entrou novamente na cidade.

Podiam ser, mais ou menos, oito horas da noite. Como não conhecia as ruas, pôs-se a andar sem destino.

Passou pela Prefeitura e pelo seminário. Quando estava na praça da catedral, mostrou os punhos à igreja.

Ao canto dessa praça há uma tipografia. Nela é que foram impressas pela primeira vez as proclamações do Imperador e da Guarda Imperial ao exército, proclamações trazidas da ilha de Elba e ditadas pelo próprio Napoleão.

Exausto de cansaço, e sem nenhuma esperança, deitou-se sobre o banco de

pedra que fica à porta da tipografia.

Nesse momento, uma velhinha saía da igreja e o viu estendido no escuro.

– Que faz aí, meu amigo? – perguntou ela.

Ele respondeu com maus modos:

– Não está vendo, minha boa senhora? Durmo.

A boa senhora, com efeito, muito digna de ser assim chamada, era a Marquesa de R.

– Nesse banco? – acrescentou ela.

– Há dezenove anos que durmo em colchão de tábuas – disse o homem. – O que há de extraordinário se hoje meu colchão é de pedra?

– O senhor foi soldado?

– Sim, minha senhora, soldado.

– Por que não vai dormir no albergue?

– Porque não tenho dinheiro.

– Que pena! – disse a Marquesa de R. – Não tenho aqui mais que quatro soldos.

– Não faz mal; aceito da mesma forma.

O homem pegou os quatro soldos. A Senhora de R. continuou:

– O senhor não vai poder hospedar-se num albergue com tão pouco dinheiro. Já tentou, por acaso? Não é possível que passe a noite dessa maneira. Sem dúvida está com fome e sente frio. Poderiam dar-lhe pouso por caridade.

– Já bati em todas as portas.

– E então?

– Ninguém me quis receber.

A boa senhora tocou-o nos braços e lhe mostrou, do outro lado da praça, uma pequena casa ao lado do palácio episcopal.

– O senhor – continuou – já bateu em todas as portas?

– Em todas.

– Por acaso, já bateu naquela?

– Não.

– Experimente.

II | A PRUDÊNCIA ACONSELHADA À SABEDORIA

Naquela noite, o Bispo de Digne, depois de seu passeio pela cidade, ficou até bem tarde fechado em seu quarto. Estava ocupado num grande trabalho sobre os *Deveres*, que infelizmente ficou inacabado. Examinava com cuidado tudo o que os padres e os doutores da Igreja haviam dito sobre essa importante matéria. Seu livro estava dividido em duas partes: em primeiro lugar, os deveres comuns a todos; depois, os deveres de acordo com a classe a que cada um pertence. Os deveres de todos são os mais importantes. Podem ser resumidos em quatro principais. São Mateus os enumera em seu Evangelho: deveres para com Deus (Mt VI); deveres para consigo mesmo (Mt V, 29, 30); deveres para com o próximo (Mt VII, 12); e deveres para com as criaturas (Mt VI, 20, 25). A respeito dos demais deveres, o Bispo encontrou subsídios em outras fontes: para os soberanos e súditos, na *Epístola aos Romanos*; para os magistrados, esposas, mães e para os jovens, em São Pedro; para os maridos, pais, crianças e empregados, na *Epístola aos Efésios*; para os fiéis, na *Epístola aos Hebreus*; para as virgens, na *Epístola aos Coríntios*. De todas essas prescrições, fazia com muito cuidado um conjunto harmonioso para apresentar às almas de seus diocesanos.

Às oito horas ainda trabalhava, escrevendo dificultosamente em pedaços de papel, com um grande volume aberto sobre os joelhos, quando Mme. Magloire entrou, segundo o costume, para pegar os talheres de prata que estavam no pequeno armário, ao lado da cama. Um momento depois, vendo a mesa posta e que sua irmã, talvez, já o estivesse esperando, fechou o livro, levantou-se e foi para a sala de jantar.

A sala de jantar era comprida, tinha uma lareira, a porta (como já dissemos) dava para a rua, e a janela abria para o jardim.

Com efeito, Mme. Magloire acabava de pôr a mesa.

Não tendo o que fazer, conversava com a Srta. Baptistine.

Sobre a mesa, colocada bem perto da lareira, onde o fogo brilhava intensamente, havia um candeeiro.

Não é difícil imaginar essas duas mulheres, já passando os sessenta: Mme. Magloire, pequena, gorda, ativa; a Srta. Baptistine, bondosa, delicada, frágil, pouco mais alta que o irmão, com um vestido de seda vermelho-amarronzado, muito em moda em 1806, quando o comprara em Paris e que até agora estava durando. Para usar uma expressão vulgar, que tem o mérito de dizer, com uma única palavra, uma ideia que toda uma página não seria suficiente para esclarecer, Mme. Magloire parecia uma *caipira* e a Srta. Baptistine uma *grã-fina*. Mme. Magloire usava touca branca, uma cruzinha de ouro ao pescoço,

única joia que havia na casa, gola muito branca num vestido preto, de mangas largas e curtas, avental de algodão xadrez verde e vermelho, amarrado à cintura por uma fita verde, sapatos rústicos e meias amarelas, como costumam usar as mulheres de Marselha. A roupa da Srta. Baptistine era cortada segundo a moda de 1806: blusa justa, bainhas estreitas, mangas estufadas, cauda e botões. Escondia os cabelos grisalhos com um chinó frisado *à l'enfant*. Mme. Magloire parecia inteligente, viva e bondosa. Os dois cantos da boca desigualmente erguidos e o lábio superior, menos fino que o inferior, davam-lhe um ar de teimosia, de altivez. Quando o Bispo se calava, costumava falar sem medo e, ao mesmo tempo, com respeito e liberdade; porém, logo que ele dava uma ordem, obedecia humildemente como a Srta. Baptistine. Esta quase nem falava. Limitava-se a obedecer e agradar. Mesmo quando moça, não fora bonita; tinha olhos muito grandes, à flor do rosto, nariz comprido e adunco; contudo, o conjunto de seus traços e de sua pessoa transpirava inefável bondade. Sempre fora predestinada à mansidão; mas a fé, a caridade e a esperança, três virtudes que abrasam docemente as almas, haviam, pouco a pouco, elevado essa virtude até a santidade. A natureza fez dela um cordeiro; a religião transformou-a num anjo. Pobre mulher! Doce recordação desaparecida!

A Srta. Baptistine, depois do que vamos narrar, repetiu tantas vezes o que se passara naquela noite no palácio episcopal que muitos de seus contemporâneos, ainda vivos, se lembram até dos mínimos detalhes.

Quando o Sr. Bispo entrou na sala de jantar, Mme. Magloire falava com vivacidade. Entretinha a senhorita com um de seus habituais assuntos, a que o Bispo já se havia acostumado. Tratava-se da taramela da porta de entrada.

Parece-me que, tendo ido fazer compras para o jantar, Mme. Magloire ouvira qualquer coisa pela rua. Falava-se de um vagabundo perigoso; dizia-se que aparecera na cidade um andarilho muito suspeito, que devia estar ainda por lá e que, se não se recolhessem bem cedo às suas casas, arriscar-se-iam a ter encontros bem desagradáveis. Que, afinal, a polícia havia agido mal, já que o Prefeito e o *Maire* eram inimigos, fazendo tudo para prejudicar um ao outro, deixando que acontecessem certas coisas. Que, portanto, quem era esperto deveria agir em lugar da polícia e tomar cuidado, fechando-se em casa com toda a segurança, *trancando bem a casa*, se preciso, encostando móveis atrás das portas.

Mme. Magloire acentuou muito essas últimas palavras, mas o Bispo, vindo de seu quarto, onde fazia muito frio, sentou-se diante da lareira para aquecer-se, pensando em coisas bem diferentes. Nem se deu conta das últimas palavras de

Mme. Magloire, que as repetiu. A Srta. Baptistine, então, querendo satisfazer Mme. Magloire sem desagradar ao irmão, arriscou-se a dizer timidamente:

– Meu irmão, ouviu o que Mme. Magloire está dizendo?

– Ouvi qualquer coisa assim por alto – respondeu o Bispo.

Depois, voltando um pouco a cadeira, pôs as mãos sobre os joelhos, levantou para a criada o rosto jovial, comumente alegre, iluminado pelo fogo da lareira:

– Vejamos. O que está acontecendo? O que há de grave? Então estamos em grande perigo?

Mme. Magloire repetiu toda a história, exagerando um pouquinho mais, sem o perceber, porém. Parece que um boêmio, um vagabundo, uma espécie de mendigo perigoso, estava na cidade. Foi ao albergue de Jacquin Labarre, mas este não o quis receber. Viram-no chegar pela Rue Gassendi e perambular pela cidade, à tardinha. Um homem perigoso, que dava medo.

– É verdade?! – disse o Bispo.

Essa condescendência em a interrogar encorajou Mme. Magloire; parecia-lhe com isso que o Bispo já estava ficando apreensivo, e continuou, triunfante:

– É verdade, Excelência. Justamente como acabo de contar. Hoje vai acontecer alguma desgraça nesta cidade. Todo mundo está falando. De mais a mais, com a polícia que temos (repetição muito útil)! Viver numa região de montanhas e não ter nem mesmo lampiões para iluminar as ruas! A gente sai, e tudo escuro como breu! Eu lhe digo, Excelência, e a senhorita que lá está, também…

– Eu? – interrompeu a irmã –, eu não disse nada! O que o meu irmão fizer está benfeito.

Mme. Magloire continuou como se ninguém houvesse protestado:

– Nós sempre dizemos que esta casa não tem segurança nenhuma; se Sua Excelência permite, mando avisar Paulin Musebois, o serralheiro, para que venha repor os trincos que estavam na porta; estão todos guardados. É um instante. E digo mais: é preciso repor os trincos, Excelência, não só por esta noite. Onde já se viu porta que se abre pelo lado de fora, com uma simples taramela! Ainda por cima, Sua Excelência diz para todo mundo que pode entrar, mesmo durante a noite. Meu Deus! Para isso não é preciso pedir licença…

Nesse momento bateram com força à porta.

– Pode entrar – disse o Bispo.

III | O HEROÍSMO DA OBEDIÊNCIA PASSIVA

A porta se abriu.

Abriu-se de par em par, rapidamente, como se alguém a tivesse empurrado sem titubear.

Entrou um homem.

Já sabemos quem é. É o viajante que vimos há pouco procurando abrigo.

Entrou, deu um passo e parou, deixando a porta aberta atrás de si. Carregava a mochila às costas, o cajado na mão, uma expressão rude, destemida, cansada e violenta nos olhos. O fogo da lareira o iluminava. Estava medonho. Era uma aparição realmente sinistra.

Mme. Magloire não teve forças para gritar. Levou um susto e quedou-se boquiaberta.

A Srta. Baptistine voltou-se, viu o homem que entrava e levantou-se assustada. Depois, voltou-se calmamente para a lareira, olhou para o irmão e seu rosto tornou-se, outra vez, profundamente calmo e sereno.

O Bispo olhou o recém-chegado com toda a tranquilidade.

Como ia falar, sem dúvida para lhe perguntar o que desejava, o homem apoiou-se com ambas as mãos sobre o cajado, examinou calmamente o velho, as duas senhoras, e disse em voz alta:

– Chamo-me Jean Valjean. Sou um grilheta. Passei dezenove anos nas galés. Há quatro dias estou em liberdade, a caminho de Pontarlier, que é o meu destino. Há quatro dias que ando a pé, desde Toulon. Hoje mesmo caminhei doze léguas. À tarde, chegando a este lugar, fui a uma hospedaria: expulsaram-me de lá por causa do passaporte amarelo que apresentei na delegacia. Não podia ser de outra forma. Fui, então, a um albergue. E tanto num lugar como no outro me disseram: – Vá-se embora daqui! – Ninguém me quis receber. Fui à prisão e não me quiseram abri-la. Deitei-me numa casinha de cachorro e este me mordeu e expulsou como se também ele fosse homem. Pareceu-me que até ele sabia quem eu era. Fui então para os campos, para dormir à luz das estrelas, mas não havia estrelas. Pensei que iria chover e não haveria Deus algum que pudesse impedir a chuva, e reentrei na cidade para ajeitar-me na soleira de alguma porta. Lá, na praça, ia-me deitar sobre uma pedra, quando uma boa senhora me mostrou esta casa dizendo: – Bata àquela porta. – Bati. O que é isto aqui? Um albergue? Dinheiro eu tenho; todo o meu salário. Cento e nove francos e quinze soldos, ganhos nas galés pelo meu trabalho em dezenove anos. Eu pago. Que me importa? Tenho dinheiro. Estou muito cansado… doze léguas a pé… estou

morto de fome. Posso ficar aqui?

– Mme. Magloire – disse o Bispo –, ponha mais um prato à mesa.

O homem deu alguns passos e se aproximou do candeeiro que estava sobre a mesa.

– Mas olhe – replicou, como se não tivesse entendido bem –, não é isso. O senhor compreendeu? Sou um grilheta. Um forçado. Venho das galés. – E tirou do bolso uma grande folha de papel amarelo, desdobrando-a. – Aqui está o meu passaporte. Amarelo, como podem ver. É quanto basta para me expulsarem de qualquer lugar para onde eu vá. Quer ler? Eu também sei ler. Aprendi nas galés. Lá há uma escola para quem quiser aprender. Veja aqui; olhe o que escreveram: *Jean Valjean, forçado liberto, natural de…* não importa de onde… *esteve nas galés dezenove anos. Cinco anos por roubo e arrombamento.* Catorze anos por haver tentado fugir quatro vezes. É homem muito perigoso. Olhe! Todos me expulsaram e o senhor vai me receber? Isto aqui é um albergue? Receberei cama e comida? Há aqui, por acaso, um estábulo?

– Mme. Magloire – disse o Bispo –, arrume a cama que está na alcova.

Já explicamos como as duas senhoras lhe obedeciam.

Mme. Magloire saiu para cumprir suas ordens.

O Bispo voltou-se para o homem:

– Sente-se, meu senhor, e achegue-se à lareira. Vamos jantar agora mesmo; enquanto o senhor janta arrumamos-lhe uma cama.

Foi então que o homem compreendeu alguma coisa. A expressão de seu rosto, até então sombria e dura, encheu-se de admiração, de dúvida, de alegria, tornou-se extraordinária. Pôs-se a balbuciar como um louco.

– Mas é verdade? Não é possível! Posso ficar? O senhor não me expulsa? Eu, um forçado! Não me trata de você, mas de *senhor*? Nem me diz, como os outros: – Saia daqui, seu cachorro! – Eu estava certo de que me expulsaria! Por isso fui logo dizendo quem eu sou. Oh! bendita mulher que me indicou esta casa! Eu vou jantar! Uma cama com colchão e lençóis! Como todo mundo! Uma cama! Há dezenove anos que não durmo numa cama! O senhor não quer mesmo que eu me vá? Que gente mais boa! Em todo caso, tenho dinheiro. Vou pagar bem. Perdão, senhor hoteleiro, como é o seu nome? Pago o que quiser. O senhor é um bom sujeito. O senhor é mesmo estalajadeiro?

– Eu sou – disse o Bispo –, um simples padre que mora aqui.

– Um padre! – replicou o homem. – Ora que padre bondoso! Então não vai me cobrar nada? O senhor é o Vigário, não é mesmo? Vigário da grande igreja

da praça! Mas é verdade mesmo que sou muito burro! Nem vi que o senhor usava barrete.

Enquanto assim falava, colocou a mochila e o cajado em um canto, repôs o passaporte no bolso e sentou-se. A Srta. Baptistine o olhava com bondade. Ele continuou:

– O senhor é humano, Senhor Cura; não despreza ninguém. Que coisa boa um padre bom! Então, não é preciso que eu lhe pague?

– Não – disse o Bispo –, guarde o seu dinheiro. Quanto o senhor tem? Cento e nove francos, não é o que disse?

– E quinze soldos – acrescentou o homem.

– Cento e nove francos e quinze soldos. E quanto tempo demorou para ganhar esse dinheiro?

– Dezenove anos.

– Dezenove anos?

O Bispo suspirou profundamente.

O homem prosseguiu: – Tenho ainda todo o meu dinheiro. Em quatro dias não gastei mais de vinte e cinco soldos, que ganhei ajudando a descarregar mercadorias em Grasse. Já que o senhor é Padre, vou dizer-lhe: nas galés tínhamos um capelão. Uma vez até vi um bispo. Excelência, como o chamavam. Era o Bispo de Majore, em Marselha. É um padre que manda nos outros padres; o senhor deve saber. Perdão, não sei falar dessas coisas. Não entendo nada disso. O senhor me compreende, não é? Disse missa no meio da prisão, num altar, com um funil dourado na cabeça. Em pleno sol do meio-dia, como aquilo brilhava! Nós estávamos enfileirados nos três lados da prisão, com os canhões de morrões acesos bem à nossa frente. Não víamos quase nada. Ele falou, mas estava muito longe e não entendemos patavina. Isso é que era um bispo.

Enquanto falava, D. Bienvenu fechou a porta que havia ficado escancarada.

Mme. Magloire entrou novamente na sala, trazendo pratos e talheres.

– Mme. Magloire – disse o Bispo –, ponha-os o mais perto possível da lareira. – E, voltando-se para o hóspede: – Aqui nos Alpes o vento da noite é muito forte. O senhor deve estar com frio, não é?

Cada vez que ele dizia *senhor*, com sua voz docemente grave e tão amiga, o rosto do homem se iluminava. *Senhor*, para um forçado, é um copo de água a um náufrago da *Medusa*.[46] A ignomínia tem sede de consideração.

– Mas esse candeeiro – disse o Bispo – não ilumina nada.

Mme. Magloire compreendeu e foi buscar, sobre a lareira do quarto de dormir

de Sua Excelência, os dois castiçais de prata, colocando-os à mesa com as velas acesas.

– Senhor Vigário – disse o homem –, o senhor é muito bom: não me despreza, recebe-me em sua casa, acende as velas só por minha causa, apesar de saber de onde venho e que sou um homem perigoso.

O Bispo, sentado a seu lado, tocou-lhe docemente a mão.

– Não era preciso que o senhor me dissesse quem era. Esta não é a minha casa; é a casa de Jesus Cristo. Esta porta não pergunta a quem entra como se chama, mas como sofre. O senhor está neste caso; tem sede e fome. Seja, pois, bem-vindo. Portanto, não me agradeça nem diga que o recebeu na minha casa. Ninguém aqui está em sua própria casa, com exceção de quem necessita de abrigo. Eu costumo dizer a todos os que passam por aqui: esta casa é mais de vocês que minha. Tudo o que está aqui é de vocês. Que necessidade tenho eu de saber-lhes o nome? Além do mais, antes que mo digam, vocês têm um nome que eu já sei qual é.

O homem arregalou os dois olhos admirados.

– Verdade? O senhor já sabe como me chamo?

– Já – respondeu o Bispo –, seu nome é meu irmão.

– Olhe, Senhor Vigário! – exclamou o homem – quando entrei aqui, estava morto de fome; mas o senhor é tão bom que, não sei como, a fome passou.

O Bispo olhou-o e lhe disse:

– O senhor tem sofrido muito, não é verdade?

– Nem fale! O macacão vermelho, os pesos amarrados aos pés, uma tábua como leito, o calor, o frio, o trabalho, a turba dos forçados, as bordoadas, as algemas por nada, a prisão por uma palavra, e sempre, estando doente ou não, preso pelas correntes. Os cães, os cães são muito mais felizes! Dezenove anos! Estou agora com quarenta e seis. E o que tenho? Um passaporte amarelo. Eis tudo.

– É verdade – replicou o Bispo –, o senhor acaba de sair de um lugar de tristeza. Mas ouça: haverá mais alegria no céu pelas lágrimas de um pecador arrependido que pela túnica branca de cem justos. Se o senhor saiu desse lugar de dor com pensamentos de ódio e de cólera contra os homens, então, é digno de compaixão; pelo contrário, se os seus pensamentos são de benevolência, de doçura e de paz, o senhor vale muito mais que qualquer um de nós.

Nesse ínterim, Mme. Magloire havia servido a mesa: sopa, feita com água, óleo, pão e sal, um pouco de toucinho, um pedaço de carne de carneiro, figos,

queijo fresco e pão de centeio. E, sem que ninguém a mandasse, acrescentou ao usual uma garrafa de vinho velho de Mauves.

A fisionomia do Bispo tomou instantaneamente essa expressão de alegria própria das naturezas hospitaleiras:

– À mesa! – disse com vivacidade.

Como era seu costume sempre que jantava com ele algum estranho, fez com que o homem se sentasse à sua direita.

O Bispo rezou o *benedicite*;[47] depois, ele mesmo serviu a sopa, como de hábito. O homem pôs-se a comer avidamente.

De repente, o Bispo disse:

– Parece-me que está faltando alguma coisa!

Com efeito: Mme. Magloire havia posto à mesa os três talheres indispensáveis. Ora, era costume da casa colocar sobre a toalha, quando havia algum hóspede, os seis talheres de prata: ostentação inocente. Essa graciosa demonstração de luxo era uma espécie de criancice encantadora naquela casa acolhedora e severa que elevava a pobreza a uma dignidade.

Mme. Magloire compreendeu a observação, saiu sem dizer palavra, e, um momento depois, os três talheres reclamados pelo Bispo brilhavam sobre a toalha, simetricamente colocados à frente de cada um dos convivas.

IV | CURIOSIDADES SOBRE AS FÁBRICAS DE QUEIJO DE PONTARLIER

Agora, para dar ideia do que se passou nesse jantar, o melhor é transcrever aqui um trecho de uma carta da Srta. Baptistine a Mme. Boischevron, em que a conversa entre o forçado e o Bispo é contada com ingênua minuciosidade.

… O homem não dava atenção a ninguém. Comia com uma voracidade de esfaimado. Todavia, após o jantar, falou assim:

– Senhor Vigário, isto tudo é bom demais para mim, mas devo dizer-lhe uma coisa: os cantoneiros que não me deixaram comer em sua companhia passam muito melhor que o senhor.

Para nós, essa observação foi algo chocante. Meu irmão respondeu:

– Mas eles se cansam muito mais que eu.

– Não, senhor – replicou o homem –, eles têm é mais dinheiro. Estou vendo que o senhor é pobre. Talvez nem seja Vigário. Ora, por exemplo, se o bom Deus fosse justo, bem que o senhor merecia ser Vigário.

– O bom Deus é mais do que justo – disse meu irmão.

Um momento depois acrescentou:

– Senhor Jean Valjean, é para Pontarlier que o senhor vai?

– E com itinerário obrigatório.

Creio que foi assim que respondeu. Depois continuou:

– Preciso estar a caminho amanhã antes de o sol sair. É duro viajar assim: se as noites são frias demais, os dias são por demais quentes.

– Pois o senhor vai para um ótimo lugar – continuou meu irmão. – Durante a Revolução, minha família ficou arruinada e eu me refugiei, a princípio, no Franco-Condado, e vivi por alguns tempos do trabalho de meus braços. Tinha boa vontade e encontrei o que fazer. Era só escolher. Lá existem fábricas de papel, de azeite, de relógios, de espadas, de objetos de cobre, além de curtumes, destilarias, e não menos de vinte serralherias, das quais quatro, a de Lods, a de Châtillon, a de Adincourt e a de Beure são as mais importantes…

Creio não ter-me enganado e que são esses mesmos os lugares de que meu irmão falou, porque ele interrompeu a explicação e dirigiu-me a palavra.

– Boa irmã; por acaso não temos nenhum parente por aquela região?

Respondi.

– Tínhamos alguns; entre eles o Sr. Lucenet, Capitão dos Guarda-Barreiras de Pontarlier durante o Antigo Regime.

– É verdade – continuou meu irmão –, mas em 93 não existiam mais parentes; cada um só podia contar com seus próprios braços. Portanto, trabalhei. Minha irmã: em Pontarlier, para onde vai o senhor Jean Valjean, há uma indústria patriarcal e encantadora. São as fábricas de queijo que lá chamam de fruitières.

Então meu irmão, ao mesmo tempo que dava de comer àquele homem, explicou-lhe detalhadamente como eram as fruitières *de Pontarlier. Eram de duas espécies: as grandes granjas, propriedades dos ricos, onde há quarenta ou cinquenta vacas, cujo leite produz de sete a oito mil queijos por verão; as cooperativas, dos pobres ou camponeses das montanhas, com pastos comuns para as vacas, repartindo posteriormente a produção. Pagam a um queijeiro, a quem chamam de* grurin, *o qual recebe o leite dos associados três vezes por dia e marca minuciosamente as quantidades trazidas. O trabalho das fábricas começa pelos fins de abril, e pelos meados de junho os queijeiros conduzem suas vacas para as montanhas.*

O homem, à proporção que comia, ia se mostrando mais animado. Meu irmão fazia-o beber desse bom vinho de Mauves que ele mesmo não é capaz de provar porque, como costuma dizer, é muito caro. Enquanto isso, falava-lhe todas essas coisas com a costumeira hilaridade, que você bem conhece, entremeando suas palavras de ditos jocosos para me agradar. Ele insistiu muito sobre esse trabalho do grurin, *como se desejasse que o homem compreendesse, sem aconselhá-lo diretamente, ser essa uma ótima ocupação para ele. Uma coisa particularmente me impressionou. O homem era como já lhe disse e, no entanto, durante todo o jantar e por toda a noite, à exceção de algumas palavras sobre Jesus, ditas na hora em que ele chegou, meu irmão não proferiu nada que o fizesse lembrar quem ele era nem quem era o meu irmão. Parecia-me uma ocasião propícia para fazer-lhe um sermão e acentuar a diferença do Bispo em relação ao grilheta, deixando assim a marca de sua passagem. A alguém poderia parecer que era o caso de, tendo esse desgraçado entre as mãos, nutrir-lhe o espírito ao mesmo tempo que o corpo, repreendendo-o, aconselhando-o moralmente, ou mesmo mostrando-lhe piedade para exortá-lo a se comportar melhor no futuro. Meu irmão nem lhe perguntou de onde era e qual havia sido a sua história, porque nesta estaria incluído o seu crime, e ele parecia evitar tudo o que lho pudesse lembrar. Assim aconteceu que, em certo momento, quando meu irmão estava falando dos montanheses de Pontarlier, que têm um suave trabalho bem perto do céu e são felizes porque são inocentes, ele parou de repente, pensando haver na palavra "inocentes" algo que pudesse ofender o pobre homem. À força de reflexão, creio haver compreendido o que se passava no íntimo do meu irmão. Sem dúvida, pensava que aquele Jean Valjean devia ter sempre presente no espírito toda a sua miséria e que o melhor era distraí-lo e fazê-lo crer, embora por um momento, que era uma pessoa como qualquer outra, mostrando-se a ele em toda a sua simplicidade. Não é essa a essência da caridade? Não é algo de*

verdadeiramente evangélico, minha boa senhora, essa delicadeza de abster-se de sermões, de moral e alusões? Não é essa a melhor piedade, quando um homem tem algum ponto doloroso? É o mesmo que não tocá-lo absolutamente. Parece-me que era esse o pensamento do meu irmão. Em todo caso, o que posso dizer é que, se pensou em tudo isso, não deu demonstração alguma; até para mim foi, do princípio ao fim, o mesmo homem de todas as noites, jantando com esse Jean Valjean do mesmo modo como se estivesse em companhia do preboste, Padre Gedeão, ou do Vigário da paróquia.

No fim do jantar, estávamos comendo figos, quando bateram à porta. Era a Senhora Gerbaud com o filhinho ao colo. Meu irmão beijou a criança na fronte e me pediu quinze soldos, que eu tinha comigo, para dar a D. Gerbaud. Durante esse tempo, o homem já estava desatento ao que se passava. Não falou mais e parecia muito cansado. Quando D. Gerbaud se foi embora, meu irmão rezou a ação de graças e depois, voltando-se para ele, disse: – O senhor deve estar precisando de muito repouso. – Mme. Magloire tirou a mesa bem depressa. Compreendi que precisávamos recolher-nos logo para deixar que o viajante pudesse dormir, e subimos, as duas, para nossos quartos. Todavia, um instante depois, mandei Mme. Magloire colocar na cama dele uma pele de cabrito montês da Floresta Negra, que comumente fica no meu quarto. As noites são muito frias e serviria para aquecê-lo bastante. Pena que esteja velha e já quase sem pelo. Meu irmão comprou-a quando esteve na Alemanha, em Tottlingen, perto das nascentes do Danúbio, como também uma faquinha com cabo de marfim que uso à mesa.

Mme. Magloire tornou a subir quase em seguida, rezamos nossas orações na sala que serve para estender as roupas e depois fomos para nossos quartos sem dizer uma palavra.

V | TRANQUILIDADE

Depois de ter dado as boas-noites à irmã, D. Bienvenu pegou de sobre a mesa um dos castiçais de prata, entregou o outro a seu hóspede e lhe disse:

– Vou mostrar onde o senhor vai dormir.

O homem o seguiu.

Como puderam notar, pelo que dissemos anteriormente, a casa estava dividida de tal modo que, para entrar ou sair da capela onde estava a alcova, era preciso passar pelo quarto de dormir do Bispo.

No momento em que o atravessava, Mme. Magloire guardava os talheres no pequeno armário colocado à cabeceira do leito. Era o último cuidado que tomava antes de ir se deitar.

O Bispo acomodou o hóspede na alcova, onde lhe tinha sido preparada uma cama de lençóis alvíssimos. O homem colocou o castiçal sobre uma pequena mesa.

– Vamos – disse o Bispo –, desejo-lhe uma boa noite. Amanhã cedo, antes de partir, vai beber uma xícara de leite quente, tirado de nossas vacas.

– Obrigado, Senhor Vigário – disse o homem.

Apenas pronunciara essas palavras tão cheias de paz, de repente e sem transição, ele fez um movimento estranho capaz de gelar de medo as duas santas

mulheres, se estivessem presentes. Ainda hoje é-nos difícil explicar claramente o que o impeliu naquele instante. Quereria ele prevenir ou ameaçar? Ou obedecia simplesmente a uma espécie de impulso instintivo e oculto a ele próprio? Voltou-se bruscamente para o ancião, cruzou os braços e, fixando sobre seu anfitrião um olhar selvagem, exclamou com voz rouca:

– Ah! Esta agora! Francamente; o senhor me acolhe e ainda me deixa dormir ao seu lado!

Interrompeu-se e acrescentou com um riso em que havia algo de monstruoso:

– Por acaso, já pensou bem no que está fazendo? Quem lhe pode garantir que eu já não tenha assassinado alguém?

O Bispo respondeu:

– Isso compete a Deus.

Depois, gravemente, movendo os lábios como quem diz uma oração ou fala consigo mesmo, levantou os dois dedos de sua mão direita e abençoou o homem, que não se inclinou e, sem se voltar para trás, reentrou em seu quarto.

Quando se hospedava alguém na alcova, corria-se, de lado a lado, uma cortina de sarja que escondia o altar da capela. O Bispo, passando em frente a esse cortinado, ajoelhou-se e rezou uma pequena oração.

Um momento depois, estava em seu jardim, caminhando, sonhando e contemplando, com toda a alma e o pensamento, essas grandes coisas misteriosas que Deus mostra à noite aos olhos que se mantêm abertos.

Quanto ao homem, estava realmente tão exausto que lençóis tão brancos lhe seriam desnecessários. Apagara a vela soprando o ar pelas narinas, como fazem os forçados, deixou-se cair na cama com a roupa que estava e imediatamente adormeceu.

Dava a meia-noite quando o Bispo voltou do jardim para seus aposentos.

Alguns minutos mais tarde, todos dormiam naquela pequena casa.

VI | JEAN VALJEAN

Pelo meio da noite, Jean Valjean se levantou.

Jean Valjean era filho de uma pobre família de camponeses de Brie. Em sua meninice, não havia aprendido a ler. Adulto, tornou-se podador de árvores em Faverolles. Sua mãe chamava-se Jeanne Mathieu; seu pai, Jean Valjean ou Vlajean, provavelmente alcunha ou contração de *voilà Jean.*

Jean Valjean era de caráter pensativo, sem ser triste, o que é próprio das naturezas afetuosas. No conjunto, portanto, nada havia de mais calmo e de mais insignificante, ao menos na aparência, do que Jean Valjean. Ainda pequeno, perdera pai e mãe. Sua mãe morreu de uma febre de leite malcuidada. Seu pai, podador como ele, morrera ao cair de uma árvore. Ficou-lhe somente uma irmã mais velha, viúva, com sete filhos, meninos e meninas. Essa irmã havia criado Jean Valjean e, logo que se casou, deu-lhe casa e comida. O marido morreu. O mais velho dos sete filhos tinha oito anos, e o mais novo apenas um. Jean Valjean acabava de completar vinte e cinco. Fez as vezes de pai e sustentou a irmã que o havia criado. Isso foi feito simplesmente, como um dever, até mesmo com uma espécie de teimosia da parte de Jean Valjean. Sua juventude foi esbanjada num trabalho rude e mal pago. Ninguém soube que ele tenha tido alguma “amiguinha”. Nem teve tempo a perder com amores.

À noite voltava cansado, comia a sopa, sem dizer palavra. Sua irmã Jeanne, enquanto ele jantava, tirava-lhe da tigela o melhor que havia, um pedaço de carne, ou de toucinho, um pouco de couve, para dar a alguma das crianças; ele, sem parar de comer, curvado sobre a mesa, quase tocando a sopa com a cabeça, o cabelo comprido caindo-lhe ao redor da tigela e escondendo-lhe os olhos, fingia não perceber e não se importava. Havia em Faverolles, não longe da casinhola dos Valjean, do outro lado da rua, uma rendeira chamada Marie-Claude; as crianças, habitualmente com fome, iam às vezes pedir-lhe emprestado, em nome da mãe, um pouco de leite, que bebiam em seguida, atrás de alguma sebe ou em qualquer canto do caminho, disputando a vasilha entre si com tanta pressa que as meninas o derramavam sobre o avental e a gola dos vestidos. Se a mãe soubesse de tal traquinice, sem dúvida teria corrigido os pequenos delinquentes. Jean Valjean, rústico e resmungão como era, sem que a mãe o soubesse, pagava o leite a Marie-Claude, e as crianças continuavam impunes.

Quando chegava a época em que se podavam as árvores, ganhava vinte e quatro soldos por dia; depois, empregava-se como segador, servente de pedreiro, ou ia trabalhar nos estábulos como jornaleiro ou carregador. Fazia o que lhe era possível. A irmã, por sua vez, também trabalhava; mas o que podia fazer com sete filhos? Era uma pobre família que a miséria envolvia e pouco a pouco apertava em seus braços.

Aconteceu, porém, um inverno mais rigoroso que os demais. Jean não encontrou trabalho. A família não tinha o que comer. Sete crianças completamente sem pão!

Um domingo à noite, Maubert Isabeau, dono de uma padaria na praça da matriz de Faverolles, já se preparava para dormir quando escutou um violento golpe na vitrina que dava para a rua. Chegou justamente em tempo para ver um braço que se introduzia, através da grade de proteção, por um buraco do vidro quebrado a socos. O braço pegou um pão e o carregou. Isabeau saiu a toda a pressa; o ladrão já ia longe, mas conseguiu alcançá-lo e o segurou; o ladrão já havia jogado o pão, tendo porém o braço ensanguentado. Era Jean Valjean.[48]

Isso aconteceu em 1795. Jean Valjean foi levado diante dos tribunais daquele tempo "por roubo e arrombamento durante a noite numa casa habitada". Ele possuía uma espingarda que manejava com perfeita maestria e caçava em lugares proibidos, o que o prejudicou bastante. Contra essa espécie de caçadores há um preconceito muito legítimo; eles, como os contrabandistas, estão a um passo do salteador. Contudo, digamos de passagem, entre essa classe de homens e o hediondo assassino das cidades, há um abismo de diferença. O caçador furtivo vive nas florestas; o contrabandista, nas montanhas ou no mar. As cidades produzem homens ferozes justamente porque os corrompem. A montanha, o mar e a floresta tornam os homens selvagens, desenvolvendo-lhes o lado animalesco, mas, quase sempre, sem destruir-lhes o lado humano.

Jean Valjean foi declarado culpado. Os termos do código eram categóricos. Nossa civilização tem momentos terríveis; são os momentos em que uma sentença anuncia um naufrágio. Que minuto fúnebre esse em que a sociedade se afasta e relega ao mais completo abandono um ser que raciocina! Jean Valjean foi condenado a cinco anos de trabalhos forçados nas galés.

Em 22 de abril de 1796, anunciou-se em Paris a vitória de Montenotte, ganha pelo Supremo General do Exército da Itália, que a mensagem do Diretório ao Conselho dos Quinhentos, datada de 2 floreal do ano iv, chama de Buona-Parte; nesse mesmo dia, em Bicêtre, dezenas de desgraçados foram acorrentados; entre eles, Jean Valjean. Um antigo carcereiro da prisão, atualmente com quase noventa anos, lembra-se ainda perfeitamente desse infeliz, ligado à extremidade da quarta corrente, no ângulo norte da prisão. Estava sentado no chão, como todos os outros. Parecia nada compreender de sua situação, a não ser que era horrível. Talvez sua imaginação, de homem completamente sem cultura, percebesse também o exagero da pena que lhe fora imposta. Enquanto, a golpes de martelo, rebitavam a cavilha de sua gargalheira, ele chorava; as lágrimas o sufocavam, impedindo-o de falar. De tempos em tempos, conseguia dizer somente isto: – *Eu era podador em Faverolles*. – Depois, soluçando ainda, levantava e abaixava a mão direita sete vezes seguidas, como quem toca

sucessivamente sete cabeças de altura desigual, e com esse gesto podia-se adivinhar que, qualquer que tivesse sido o seu crime, ele o cometera para vestir e dar de comer a sete pobres crianças.

Partiu depois para Toulon. Aí chegou após uma viagem de 27 dias, numa carroça, com a corrente ao pescoço. Em Toulon, vestiram-no com um macacão vermelho. Desvaneceu-se tudo o que havia constituído a sua vida, até o seu próprio nome. Seu número era 24.601. Que aconteceu à irmã? Que sucedeu às sete crianças? Quem se interessa por isso? Que acontece a um punhado de folhas de um arbusto esmagado pelos pés dos que passam?

A história é sempre a mesma. Aquelas pobres criaturas de Deus, carecendo de apoio, de guia e abrigo, ficaram ao léu, quem sabe até indo cada uma para o seu lado, mergulhando na fria bruma que absorve tantos destinos solitários, mornas trevas onde, na sombria marcha do gênero humano, desaparecem sucessivamente tantas cabeças desafortunadas. Deixaram a própria terra. O campanário daquela que havia sido a sua aldeia esqueceu-os por completo; o próprio Jean Valjean, depois de alguns anos de cárcere, não se lembrava mais deles. Naquele coração, onde antes havia uma chaga, havia agora uma cicatriz. Eis aí tudo. Apenas uma vez, durante todo o tempo que passou em Toulon, ouviu falar da irmã. Foi, creio eu, no fim do quarto ano de prisão. Não sei de que modo lhe chegou essa notícia. Algum conterrâneo, que os havia conhecido, tinha-se encontrado com sua irmã. Ela estava em Paris. Morava numa pequena rua perto da igreja de Saint-Sulpice, na Rue Gindre. Tinha em sua companhia somente uma criança, a menor. Onde estavam as outras seis? Talvez nem ela mesmo o soubesse. Todas as manhãs, ia a uma tipografia, na Rue Sabot, número 3, onde se empregava como brochadeira. Devia estar no serviço às seis horas da manhã; portanto, no inverno, antes de o sol raiar. No edifício da tipografia havia uma escola, para a qual levava o filhinho, então com sete anos. Mas, como seu trabalho começava às seis e a escola só abria às sete, era preciso que a criança esperasse ao relento, e isso em pleno inverno! Não queriam que a criança entrasse na tipografia porque, como diziam, atrapalhava o andamento do trabalho. Os operários, de manhã, quando passavam, viam o pobre pequeno sentado na calçada, caindo de sono, muitas vezes adormecido, agarrado e curvado sobre sua maleta. Quando chovia, uma velha senhora, a porteira, tinha pena e o recolhia em seu quartinho, onde não havia mais que uma pobre cama, uma roca e duas cadeiras; o pequeno dormia em um canto, abraçado ao gato, para sentir menos frio. Às sete horas, entrava para a escola. Foi tudo o que contaram a Jean Valjean.

Isso o entreteve por um dia; foi um minuto, um relâmpago, uma janela subitamente aberta sobre o destino desses seres que ele havia amado; depois a janela tornou a fechar para sempre e nunca mais ouviu falar a esse respeito. Nenhuma notícia lhe chegou aos ouvidos, nunca mais os encontrou, e nós também não mais os encontraremos na continuação desta história.

Pelo fim desse quarto ano de prisão, chegou a vez de Jean Valjean tentar uma fuga. Seus companheiros o ajudaram, como se costuma fazer nesses lugares. Fugiu. Por dois dias, andou livremente pelos campos, se é que se pode chamar de liberdade sentir-se caçado, ter de olhar para trás a cada instante, assustar-se ao mínimo ruído, ter medo de tudo, da fumaça de uma chaminé, de um homem que passa, do latido de um cão, do galopar de um cavalo, de um relógio que bate, do dia porque está claro, da noite porque está escura; de um caminho, de um atalho, de um arbusto, do sono. Na noite do segundo dia, foi preso. Havia trinta e seis horas que não comia e não dormia. O tribunal marítimo condenou-o por esse delito a mais três anos de prisão, o que elevou a oito anos a sentença. No sexto ano teve ainda outra chance de escapar, mas não foi feliz. À hora da chamada, não respondeu. Deram o alarme com um tiro de canhão e os guardas o encontraram escondido sob a quilha de um navio em construção. Resistiu, mas inutilmente. Evasão e rebelião. Esse fato, previsto pelo código especial, foi punido com mais cinco anos, dos quais dois com duplas correntes. Treze anos! No décimo ano, nova tentativa de fuga, mas não teve melhor êxito. Mais três anos de prisão; dezesseis, portanto. Enfim, creio eu que foi durante o décimo terceiro ano que tentou evadir-se pela última vez, sendo preso depois de quatro horas de ausência. Mais três anos por essas quatro horas. Dezenove anos! Em outubro de 1815, foi posto em liberdade; havia entrado em 1796 por ter partido um vidro e roubado um pão.

Façamos um pequeno parêntese. É esta a segunda vez em que, nos seus estudos sobre a questão penal e a condenação pela lei, ao autor deste livro se depara o furto de um pão como ponto de partida para o desastre de toda uma existência. Claude Gueux havia roubado um pão, como Jean Valjean.[49] Uma estatística inglesa constata que, em Londres, de cinco roubos, quatro têm como causa imediata a fome.

Jean Valjean entrara para as galés soluçando e gemendo; saiu completamente impassível. Entrou cheio de desespero, saiu sombrio e taciturno.

Que se terá passado no íntimo dessa alma?

VII | O ÂMAGO DO DESESPERO

Vamos tentar expor o nosso modo de pensar.

É necessário que a sociedade considere esses fatos, de que ela própria é a causa.

Tratava-se, como dissemos, de um ignorante, não de um imbecil. Ele tinha a clarividência da luz natural. A desgraça, que também tem sua luz, aumentou-a. Os maus-tratos, as correntes, a masmorra, o cansaço, o sol inclemente das galés e a cama de tábua dos forçados fizeram-no concentrar-se e refletir.

Constituiu-se em tribunal.

Começou por julgar a si mesmo.

Reconheceu que não era um inocente injustamente punido. Concordou que havia cometido uma ação desesperada e reprovável; que, talvez, se tivesse pedido, não lhe haveriam de recusar aquele pão; que, em último caso, deveria confiar na caridade ou no próprio trabalho; que, afinal, não era razão suficiente afirmar-se que não se pode esperar quando se tem fome. Além de tudo, que é coisa rara morrer-se só porque se tem fome, pois o homem, feliz ou infelizmente, é feito de tal modo que pode sofrer intensamente e por muito tempo, no espírito ou no corpo, sem morrer; era necessário, portanto, ter paciência, o que teria sido até melhor para aquelas pobres crianças, porque afinal era absurdo ele, infeliz e mesquinho como era, querer pegar toda uma sociedade pelo pescoço, e ter pensado que é pelo roubo que se foge à miséria, pois é impossível sair-se da miséria pela porta que leva à infâmia; enfim, ele estava errado.

Depois, ele deve ter perguntado a si mesmo:

Nessa história toda, o erro era só dele? Era igualmente grave o fato de ele, trabalhador, não ter trabalho; ele, trabalhador, não ter pão. Depois de a falta ter sido cometida e confessada, o castigo não foi por demais feroz e excessivo? Onde haveria mais abuso: da parte da lei, na pena, ou da parte do culpado, no crime? Não haveria excesso de peso em um dos pratos da balança, justamente naquele em que está a expiação? Será que o exagero da pena não apagava completamente o crime, quase que invertendo a situação, fazendo do culpado vítima, do devedor credor, pondo definitivamente o direito justamente do lado de quem cometeu o furto? Essa pena, aumentada e agravada pelas sucessivas tentativas de fuga, não era, por acaso, uma espécie de atentado do mais forte contra o mais fraco, um crime da sociedade contra o indivíduo, um crime que todos os dias se renovava, um crime que se estendeu por dezenove anos?

Pode a sociedade humana ter o direito de sacrificar seus membros, ora pela

sua incompreensível imprevidência, ora pela sua impiedosa previdência, acorrentando indefinidamente um homem, entre essa falta e esse excesso, falta de trabalho e excesso de castigo? Não seria, talvez, exagero a sociedade tratar desse modo precisamente os seus membros mais maldotados na partilha dos bens de fortuna e, consequentemente, os mais dignos de atenção?

Assim, propondo essas questões e resolvendo-as, ele julgou a sociedade e a condenou.

Condenou-a ao seu ódio.

Tornou-a responsável pela sua desgraça e jurou com ela acertar contas um dia. Convenceu-se de que não havia nenhum equilíbrio entre o prejuízo que havia causado e o prejuízo que sofrera; concluiu, enfim, que seu castigo não era, na verdade, uma injustiça, mas, sem dúvida alguma, uma iniquidade.

A cólera pode ser louca e inconsequente; pode a gente irritar-se sem motivo; mas a indignação só é possível quando se está de algum modo com a razão: Jean Valjean sentia-se indignado.

Além do mais, a sociedade só lhe havia causado males, e só lhe havia mostrado esse olhar carrancudo que chama de Justiça e que mostra àqueles a quem castiga. Os homens só o haviam tocado para fazê-lo sofrer. Cada contato tinha sido um golpe. Jamais, depois de sua infância, de sua mãe, de sua irmã, havia encontrado uma palavra amiga, um olhar de bondade. De sofrimento em sofrimento, chegara à convicção de que a vida era uma guerra, e que nessa guerra ele era o vencido. Ele não tinha outra arma além do ódio. Tratou, portanto, de aguçá-lo nas galés e de levá-lo consigo quando fosse posto em liberdade.

Havia em Toulon uma escola para os condenados, mantida pelos frades ignorantinos, onde se ensinava o essencial àqueles desgraçados que mostrassem boa vontade.[50] Jean Valjean estava entre eles. Começou a frequentá-la aos quarenta anos e aprendeu a ler, a escrever, a contar. Entendeu que fortalecer a inteligência era tornar mais forte o próprio ódio. Em certos casos, a instrução e a luz podem servir de incentivo ao mal.

É triste ter de dizê-lo, mas, depois de julgar a sociedade que fizera a sua desdita, julgou a Providência que criou a sociedade e condenou-a do mesmo modo.

Assim, durante os dezenove anos de tortura e escravidão, essa alma, ao mesmo tempo, elevou-se e tornou a cair. Por um lado, entrou na luz, por outro, perdeu-se na escuridão.

Jean Valjean, como vimos, não era de natureza perversa. Quando chegou às galés, ainda se conservava bom. Mas agora condenava a sociedade e sentia que se tornara mau; condenava a Providência e percebia que se tornara ímpio.

Neste ponto, é difícil deixar de refletir por um momento.

A natureza humana pode transformar-se tão completamente? O homem criado bom por Deus pode tornar-se mau pelo homem? Pode a alma ser completamente mudada pelo destino, tornar-se má, quando este não é bom? Pode um coração deformar-se e contrair infâmias e doenças incuráveis sob a pressão de uma desgraça desproporcionada, como a coluna vertebral que se dobra ao passar por um arco demasiado baixo? Toda alma humana e, portanto, também a de Jean Valjean em particular, não possui uma centelha original, um elemento divino, incorruptível neste mundo, imortal no outro, capaz de se desenvolver pelo bem, capaz de aumentar de intensidade, de brilhar e resplandecer esplendidamente, sem que a maldade a possa extinguir por completo?

Perguntas realmente graves e obscuras, à última das quais qualquer fisiologista responderia, sem hesitar, com uma negativa, se tivesse visto em Toulon, nas horas de repouso, que eram para Jean Valjean horas de sonho, sentado, os braços cruzados, sobre a barra de algum cabrestante, com a ponta da corrente metida no bolso, para que não se arrastasse, aquele grilheta indiferente, sério, silencioso e pensativo, pária das leis, que olhava o homem com ira, condenado pela civilização, que olhava o céu com severidade.

Certamente, e não queremos em absoluto dissimular, o fisiologista observador teria visto ali uma miséria irreparável; lamentaria, talvez, esse doente criado pelas leis, sem tentar, porém, tratamento algum; desviaria o olhar das cavernas escuras entrevistas naquela alma; e, como Dante diz da porta do inferno, apagaria dessa existência a palavra que o dedo de Deus escreveu sobre a fronte de todos os homens: *Esperança*![51]

Esse estado de alma que tentamos analisar seria assim tão evidente para Jean Valjean, como o tentamos fazer para os leitores? Será que Jean Valjean percebia distintamente, à medida que se formavam, e mesmo depois de completos, todos os elementos de que se compunha sua miséria moral? Teria esse homem rude e sem estudos compreendido claramente a sucessão de ideias pelas quais, gradualmente, subira e descera até os lúgubres aspectos que havia anos constituíam o horizonte interior de seu espírito? Estaria consciente de tudo o que lhe acontecera e de tudo que se revolvia no seu íntimo? Não ousaríamos afirmar porque, realmente, não cremos ter sido isso possível. A ignorância de Jean Valjean era muito grande para que, mesmo depois de tanta desgraça, deixasse

esse estado de indecisão. Havia momentos em que nem ele próprio sabia ao certo o que sentia. Jean Valjean estava mergulhado nas trevas, odiava nas trevas, e pode-se dizer que, em primeiro lugar, odiava a si próprio. Vivia habitualmente nessa sombra, tateando como um cego, como um sonhador. Somente, de tempos em tempos, vinha-lhe, de si mesmo ou de fora, um acesso de cólera, um acréscimo de sofrimento, um pálido e rápido clarão que lhe iluminava a alma, fazendo com que subitamente lhe aparecessem por toda parte, à claridade dessa luz terrível, os horríveis precipícios e as sombrias perspectivas de que estava rodeado o seu destino.

Passado o relâmpago, tornava a cair a noite. Onde estava ele? Não o sabia.

É próprio das sentenças em que domina a impiedade, isto é, a brutalidade, transformar pouco a pouco, por uma espécie de estúpida transfiguração, um homem em animal, às vezes até em animal feroz. As sucessivas e obstinadas tentativas de evasão bastariam para provar o estranho trabalho feito pela lei sobre a alma humana. Jean Valjean renovou as fugas tão inúteis e loucas toda vez em que se apresentou ocasião propícia, sem pensar um pouquinho nas consequências, nem nas vãs experiências já feitas. Fugia impetuosamente, como o lobo que encontra a jaula aberta. O instinto lhe dizia: Salve-se! A razão lhe teria dito: Fique! Mas, diante de tentação tão violenta, o raciocínio desaparecia, ficando somente o instinto. Era o animal que agia. Quando era preso novamente, os novos castigos que lhe infligiam só serviam para torná-lo mais sobressaltado.

Um detalhe que não podemos omitir é que seu vigor físico não era igualado por nenhum dos forçados. Mesmo cansado, para soltar as amarras, para puxar um cabrestante, Jean Valjean valia por quatro homens. Às vezes levantava e sustentava às costas pesos enormes, substituindo nessas ocasiões esses instrumentos que chamam de *cric* [guindaste], e outrora de *orgueil*, de onde o nome, digamos de passagem, da Rue Montorgueil, perto do mercado de Paris. Seus camaradas apelidavam-no de *Jean-le-Cric*. Uma vez, quando reformavam a sacada do edifício da Câmara de Toulon, uma das admiráveis cariátides de Puget que a sustentam se despegou e ameaçava cair.[52] Jean Valjean, que estava presente, a sustentou com os ombros, dando tempo a que chegassem os operários.

Sua agilidade era ainda superior à sua força. Alguns forçados, eternos sonhadores de fugas, acabam por fazer da força e da destreza combinadas uma verdadeira ciência. É a ciência dos músculos. Toda uma tática misteriosa e cotidianamente praticada pelos prisioneiros, eternos invejosos das moscas e dos passarinhos. Subir por um muro vertical e encontrar pontos de apoio onde

apenas se percebe uma saliência era um brinquedo para Jean Valjean. Tendo o ângulo de uma parede, com a simples tensão do busto e dos músculos das pernas, com os cotovelos e os calcanhares embutidos na aspereza das pedras, subia, quase por mágica, ao terceiro andar de um edifício. Às vezes, dessa forma, chegou a alcançar o teto da prisão.

Falava pouco. Quase que nunca o viam rir. Era preciso uma emoção enorme para arrancar-lhe, uma ou duas vezes no ano, esse riso lúgubre de forçado, quase um eco do riso dos demônios.

Quem o visse julgaria que estava continuamente contemplando algo terrível.

Com efeito, estava sempre absorvido por algum problema.

Através das percepções doentias de uma natureza incompleta e de uma inteligência acabrunhada, sentia confusamente que pesava sobre ele algo de monstruoso. Na penumbra obscura e fosca por onde se arrastava, cada vez que voltava o rosto e tentava levantar o seu olhar, via com terror e raiva elevar-se e subir, como uma escada a se perder de vista, rodeada de horríveis abismos, um amontoado medonho de coisas, de leis, de preconceitos, de homens e acontecimentos, de contornos indecisos, cuja massa enorme o assustava, e que não era outra coisa que essa prodigiosa pirâmide a que chamamos de civilização. Ele distinguia aqui e ali, em meio a esse conjunto múltiplo e disforme, ora perto de si, ora muito longe, em planos inacessíveis, um ou outro grupo, um detalhe vivamente iluminado; aqui o guarda e seu bastão, ali o gendarme armado de sabre, mais adiante o arcebispo mitrado; bem no alto, numa espécie de sol, o Imperador coroado e resplandecente. Parecia-lhe que esses clarões longínquos, longe de dissipar sua noite, a tornavam mais fúnebre e negra. Todo esse conjunto de homens, leis, preconceitos, fatos, coisas, iam e vinham sobre ele, segundo o movimento complicado e misterioso que Deus imprime à civilização, pisando-o com uma espécie de tranquila crueldade e inexorável indiferença. Almas caídas no máximo dos infortúnios, pobres homens perdidos no mais ínfimo dos limbos, esquecidos de todos, os condenados pela lei sentem pesar-lhes sobre a cabeça todo o peso dessa sociedade humana, tão formidável para quem está do lado de fora, tão terrível para os que são por ela sobrepujados.

Em tal situação, Jean Valjean meditava; e qual seriam os seus sonhos?

Se o grão de milho sob a mó pudesse pensar, sem dúvida pensaria como Jean Valjean.

Todas essas coisas, realidades cheias de espectros, fantasmagorias repletas de realidades, criaram nele um estado de espírito quase inexprimível.

Por momentos, no meio de seu trabalho nas galés, parava. Punha-se a pensar. Sua razão, então mais amadurecida e perturbada que outrora, revoltava-se. Tudo o que lhe havia acontecido parecia um absurdo; tudo o que o cercava parecia impossível. Dizia a si mesmo: é um sonho. Olhava o guarda a alguns passos dele, e este lhe parecia um fantasma, e, de repente, esse fantasma atingia-o com o seu bordão.

Para ele, toda a natureza visível apenas existia. Não mentiríamos se disséssemos que, para Jean Valjean, não havia sol, nem belos dias de verão, nem céu azul, nem manhãs bonitas de abril. Não sei que réstia de luz lhe iluminava habitualmente a alma.

E, concluindo, para terminar, o que pode ser resumido e traduzido em resultados positivos de tudo isso que acabamos de expor, limitar-nos-emos a constatar que, em dezenove anos, Jean Valjean, o inofensivo podador de Faverolles, o temível grilheta de Toulon, tornou-se capaz, graças à maneira como as galés o tinham amoldado, de duas espécies de maldade: primeiramente, de uma ação rápida, irrefletida, vertiginosa, instintiva, como represália por todo o mal que havia sofrido; em segundo lugar, de uma ação grave, séria, discutida conscienciosamente e meditada com as ideias errôneas que lhe dera a desgraça. Suas premeditações passavam pelas três fases sucessivas, únicas possíveis a naturezas de certa têmpera: raciocínio, vontade e obstinação. Seus impulsos eram a habitual indignação, a amargura da alma, o profundo sentimento das injustiças sofridas, a reação mesmo contra os bons, os inocentes e justos, se é que essa gente existe. O ponto de partida, como o ponto de chegada de todos os seus pensamentos, era o ódio à lei humana, ódio que, se não fosse sustado em seu desenvolvimento por algum incidente providencial, se tornaria com o tempo, e sucessivamente, ódio à sociedade, ódio ao gênero humano, ódio à criação, e se traduziria por um vago, incessante e brutal desejo de ser nocivo, não importa a quem, a qualquer ser vivente.

Como se pode ver, não era sem motivo que o passaporte qualificava Jean Valjean como *homem muito perigoso*.

De ano em ano, essa alma fora se abrutalhando mais e mais, lenta, mas fatalmente. E coração ressequido quer dizer olhos sem lágrimas. Quando saiu das galés, fazia dezenove anos que não derramava uma lágrima.

VIII | A ONDA E A SOMBRA

Homem ao mar!

Que importa! O navio não para. O vento sopra e ele tem uma rota que é forçoso seguir. E segue avante.

O homem desaparece, reaparece, mergulha e vem à tona, grita, estende os braços, mas ninguém o escuta; o navio, sob a violência do furacão, está atento às suas manobras, e os marinheiros e passageiros pouco se importam com o náufrago; sua pobre cabeça não é mais que um ponto no meio das vagas enormes.

Das profundezas onde se encontra, solta gritos lancinantes. Que espectro essa vela que se afasta! Olha-a com frenesi. Mas ela se afasta ainda, some, desaparece. Há pouco, fazia parte de sua equipagem, indo e vindo com os outros pelas pontes; também ele tinha sua porção de sol e de lar; era um ser vivo. Agora, que aconteceu? Escorregou, caiu e acabou-se.

Ei-lo perdido na imensidão das águas. Sob seus pés, tudo lhe foge e se desloca. Vagalhões rasgados e revoltos pelo vento rodopiam assustadores; o balanço do abismo o arrasta, os farrapos de ondas se agitam sobre a sua cabeça, a multidão das vagas se arrebenta; cada vez que mergulha, entrevê precipícios cheios de noite; estranha vegetação o prende e o retém, agarrando-lhe os pés; sente-se transformar em abismo, fazer parte da espuma; as ondas o jogam de uma para outra e, sorvendo amarguras, o covarde oceano se empenha em afogá-lo; a imensidão se diverte com a sua agonia. Parece-lhe que toda a água se transformou em ódio.

Por isso, luta. Tenta defender-se, suster-se; esforçar-se, e consegue nadar. Ele, pobre força quase a desfalecer, combate o invencível.

Onde está o navio? Lá ao longe. Apenas visível na pálida escuridão do horizonte.

Sopram novas rajadas; assaltam-no as espumas. Ele ergue os olhos e só encontra nuvens lívidas. Agonizante, assiste à imensa loucura do mar que o tortura. Ouve ruídos desconhecidos ao homem, parecendo vir do outro lado da terra e de não sei que região tenebrosa.

Há pássaros nas nuvens, do mesmo modo que há anjos pairando por sobre as desventuras humanas; mas, que podem eles fazer para ajudá-lo? O pássaro voa, canta, plana, e ele agoniza.

Sente-se sepultado ao mesmo tempo por esses dois infinitos, o oceano e o céu; um é a tumba, o outro, a mortalha.

Cai a noite; há horas que está nadando, quase exausto; o navio, aquela

mancha longínqua onde viviam homens, foi esfacelado pela tormenta; está só, portanto, no formidável báratro crepuscular; afunda, resiste, estorce-se, sente rolarem sob ele as monstruosas vagas do invisível; grita por socorro.

Não existem mais homens. Onde está Deus?

Grita ainda: – Alguém! Alguém! – Grita continuamente.

E nada no horizonte; nada no céu.

Clama pelo espaço, pela onda, pela alga, pelos recifes, mas tudo se faz surdo. Implora à tempestade, e a tempestade imperturbável não obedece senão ao infinito.

Rodeiam-no a escuridão, a névoa, a solidão, o tumulto catastrófico e inconsciente, o redemoinho infinito das águas enfurecidas. Em seu íntimo, horror e cansaço. A seus pés, o vazio. Nenhum ponto de apoio. Pensa, então, na obscura migração de um cadáver vagando na sombra sem limites. O frio intenso o paralisa. As mãos crispadas fecham-se agarrando o nada. Ventos, nuvens, turbilhões, rajadas, estrelas inúteis! Que fazer? Desesperado, abandona-se, deixa-se morrer, deixa-se ir e, presa exausta, rola para sempre nos lúgubres abismos que o devoram.

Ó marcha implacável das sociedades humanas! Perda de homens e almas ao meio do caminho! Oceano onde some tudo o que a lei deixa cair! Sinistra inexistência de auxílios! Ó morte moral!

O mar é a inexorável noite social onde as sentenças lançam seus condenados. O mar é a miséria incomensurável. A alma, à mercê da voragem, pode transformar-se em cadáver. Quem a ressuscitará?

IX | NOVOS AGRAVOS

Quando chegou a hora de sair das galés, quando Jean Valjean ouviu estas estranhas palavras: – *Está livre*! – o momento inaudito pareceu-lhe mentira, e um raio de luz, da verdadeira luz dos vivos, penetrou-lhe a alma. Este não tardou, porém, a perder a intensidade. A ideia de se tornar livre o havia deslumbrado. Acreditou numa vida nova. Mas bem depressa compreendeu em que consiste a liberdade a quem davam um passaporte amarelo.

Quanta amargura em torno dessa realidade! Ele havia calculado que seu salário, ganho durante todo o tempo das galés, se elevaria a um mil, seiscentos e onze francos. É verdade que se esqueceu de incluir em seus cálculos o descanso

forçado dos domingos e festas que, durante os dezenove anos, acarretariam uma diminuição de mais ou menos vinte e quatro francos. Seja como for, seu dinheiro foi reduzido, por diversos descontos locais, à soma de cento e nove francos e quinze soldos, que foi o que lhe deram ao sair.

Ele não chegou a compreender nada das contas que lhe tinham feito e se julgava lesado em seus direitos. Julgava-se, digamos logo a palavra: roubado.

No dia seguinte à sua libertação, teve ocasião de ver em Grasse, diante da porta de uma destilaria de flores de laranjeira, alguns homens que descarregavam pequenos volumes. Ofereceu-se para trabalhar. Como estavam precisando, aceitaram-no. Pôs mãos à obra. Era esperto, robusto e desembaraçado; dava tudo o que podia e era visível o contentamento do patrão. Enquanto ele estava trabalhando, passou um gendarme, notou-o e pediu-lhe os documentos. Não teve outro jeito senão mostrar seu passaporte amarelo. Depois continuou a trabalhar. Pouco antes, havia perguntado a um dos operários quanto ganhavam, por dia, naquela tarefa. Responderam-lhe: – *Trinta soldos*. Caindo a noite, e como ele tinha que partir na manhã seguinte, apresentou-se diante do proprietário da destilaria e pediu-lhe que lhe pagasse. O patrão não disse palavra e lhe deu quinze soldos. Reclamou, mas responderam-lhe: – *Isso é mais do que você merece*. – Insistiu. O patrão encarou-o, e lhe disse: – *Gare le bloc!*[53]

Ainda uma vez julgou-se roubado.

A sociedade e o Estado, diminuindo-lhe o salário, roubaram-no em grande escala. Agora era a vez de o indivíduo roubá-lo em menor quantia.

Liberdade não é estar solto. Sai-se das galés, mas a condenação continua.

Eis o que lhe aconteceu em Grasse. Como foi recebido em Digne já o sabemos.

X | O HÓSPEDE DESPERTO

Quando o relógio da catedral batia as duas da madrugada, Jean Valjean acordou.

Acordou porque a cama era boa demais. Fazia vinte anos que não dormia numa cama e, embora não se tivesse despido, a sensação de completo bem-estar não poderia deixar de perturbar-lhe o sono.

Dormiu mais de quatro horas. Seu cansaço desaparecera. Estava acostumado a descansar poucas horas por noite.

Abriu os olhos, viu a escuridão que o rodeava e tornou a fechá-los para

dormir novamente.

Quando, durante o dia, fomos emocionados por muitas sensações, quando muitos problemas se agitam no espírito, dorme-se; mas, uma vez acordados, não se torna a adormecer. O sono vem facilmente, mas não volta com a mesma facilidade. Foi o que aconteceu a Jean Valjean. Não pôde dormir de novo e se pôs a pensar.

Estava num desses momentos em que as ideias são confusas. Uma espécie de vaivém obscuro lhe agitava o cérebro. Recordações antigas e novas flutuavam confusamente, cruzando-se umas com as outras, perdendo as próprias formas, crescendo desmesuradamente e, depois, desaparecendo de repente numa água lodosa e agitada. Tantos pensamentos lhe vinham, mas havia um em particular que lhe voltava continuamente, expulsando os demais. Digamos logo qual era: tinha notado os seis talheres e a concha de prata que Mme. Magloire havia posto à mesa.

Os seis talheres obcecavam-no. Estavam ali. A alguns passos. No momento em que atravessara o quarto para chegar à alcova, a velha criada os estava guardando num pequeno armário, à cabeceira do leito. Ele havia observado bem esse armário, à direita de quem entra pela sala de jantar. Eram de prata maciça, prata antiga. Pela concha lhe dariam no mínimo duzentos francos. O dobro do que ganhara em dezenove anos. É verdade que teria ganho muito mais se *"a administração não o tivesse roubado"*.

Seu espírito flutuou por mais de uma hora em reflexões que, por certo, não estavam isentas de luta. Soaram as três da manhã. Reabriu os olhos, ergueu-se repentinamente, esticou os braços para procurar a mochila que havia jogado a um canto da alcova; depois pousou os pés no chão, e, quase sem saber como, viu-se sentado à beira da cama.

Ficou por algum tempo pensativo, em atitude algo sinistra para quem o visse assim no escuro, acordado, numa casa onde todos dormiam. De repente, abaixou-se, tirou os sapatos, colocando-os cuidadosamente na esteira ao pé do leito, retomando a atitude pensativa e imóvel.

Durante essa horrível meditação, as ideias de que falamos revolviam-se-lhe no cérebro sem parar, entrando, saindo, tornando a entrar, exercendo sobre ele uma espécie de pressão; pensava depois, sem saber por quê, com a obstinação maquinal do sonho, num forçado chamado Brevet, seu conhecido das galés, sempre com as calças seguras por um único suspensório de algodão. O desenho xadrezado do suspensório voltava-lhe continuamente à cabeça.

Conservava-se, pois, nessa situação, e talvez continuasse assim indefinidamente até a aurora, se não tivesse ouvido o relógio a avisá-lo que haviam passado quinze minutos ou meia hora. Foi como se lhe dissessem: Avante!

Levantou-se, hesitou ainda um momento e pôs-se a escutar: o silêncio era perfeito; dirigiu-se, então, cautelosamente, para a meia claridade da janela. A noite não estava muito escura; era lua cheia e grandes nuvens movidas pelo vento tapavam de quando em quando sua claridade. Fora, alternavam-se a luz e a sombra, eclipses e claridades, e no interior da casa havia quase a meia-luz de um crepúsculo, intermitente por causa do desfile de nuvens, mas que bastava para que se pudesse enxergar, assemelhando-se à luz que atravessa o respiradouro de um subterrâneo sobre o qual vão e vêm os transeuntes. Chegando à janela, Jean Valjean a observou bem. Não tinha grades e estava fechada, como é costume na região, com um simples trinco. Abriu-a, mas, sentindo o ar muito frio e intenso do exterior, fechou-a depressa. Olhou o jardim, com olhos de quem calcula alguma coisa. Era cercado por um muro branco bastante baixo, fácil de escalar. Além do muro, pôde distinguir copas de árvores igualmente espaçadas, o que indicava que o muro separava o jardim de uma avenida ou rua arborizada.

Depois dessa observação, fez um gesto que indicava resolução tomada, foi à alcova, pegou a mochila, abriu-a, tirou dela não sei o quê, colocando-o sobre a cama, guardou os sapatos, fechou tudo de novo, pôs o saco às costas, cobriu-se com o boné, puxando-o bem sobre os olhos, procurou às apalpadelas o cajado, colocando-o junto com a mochila em um ângulo da janela; depois, voltou à cama, pegando resolutamente o objeto que aí depositara. Parecia uma pequena barra de ferro, aguçada como um chuço numa das extremidades.

Na escuridão seria difícil perceber com que intuito fora assim preparado aquele pedaço de ferro. Seria uma alavanca? Ou talvez uma clava?

De manhã, poder-se-ia ver que não era nada mais que um candeeiro dos que são usados pelos trabalhadores de minas. Às vezes empregavam-se os forçados na retirada de pedras das altas colinas que rodeiam Toulon, e não raramente tinham à sua disposição esses utensílios.

Os candeeiros dos mineradores são de ferro maciço, com a extremidade inferior em ponta, por meio da qual são fixados no rochedo.

Tomou o candeeiro na mão direita, prendendo a respiração, e caminhou na ponta dos pés, dirigindo-se para a porta do quarto vizinho, que, como se sabe, era o do Bispo. Chegando à porta, viu que estava apenas encostada. O Bispo não a havia fechado.

XI | O QUE ACONTECEU

Jean Valjean ficou atento. Nenhum ruído.

Empurrou a porta.

Empurrou-a com a ponta dos dedos, mansamente, com a cautela furtiva e medrosa de um gato que quer entrar.

A porta cedeu e fez um movimento imperceptível e silencioso, alargando pouco mais a abertura.

Esperou um instante; depois empurrou a porta com mais afoiteza.

A porta continuou a ceder em silêncio. Estava suficientemente aberta para que ele pudesse passar. Mas, encostada à porta, estava uma mesinha que fazia ângulo com ela, atrapalhando, portanto, a entrada.

Jean Valjean percebeu a dificuldade. Era indispensável alargar um pouco mais a abertura.

Decidiu-se e empurrou pela terceira vez a porta, com mais força que nas vezes anteriores. Dessa vez uma dobradiça enferrujada lançou na escuridão um grito rouco e prolongado.

Jean Valjean estremeceu. O ruído da dobradiça soou a seus ouvidos como qualquer coisa de brilhante e formidável, como os clarins do Juízo Final.

Dominado pelos exageros fantásticos dos primeiros instantes, pareceu-lhe que a dobradiça se animara, tomando de repente uma vida terrível, latindo como um cão para advertir o mundo inteiro e despertar toda a gente.

Parou trêmulo, fora de si, e apoiou-se firme sobre a planta dos pés. Ouvia as artérias e as têmporas batendo como dois martelos; o ar saía-lhe do peito assobiando como o vento ao sair de uma caverna. Parecia-lhe impossível que o ruído daquele pequeno gonzo irritado não tivesse sobressaltado toda a casa, como o abalo de um tremor de terra; a porta por ele aberta tocou o alarme e gritou; o velhinho iria levantar-se, as duas mulheres iriam gritar, viria gente em seu socorro; antes de um quarto de hora a cidade estaria em polvorosa e os gendarmes, em marcha. Por um momento, pensou que estava completamente perdido.

Ficou onde estava, petrificado como a estátua de sal, não ousando fazer o menor movimento. Passaram-se alguns instantes. A porta abrira-se por completo. Aventurou-se a olhar o interior do quarto. Não havia movimento algum. Prestou

atenção. Nada se mexia. O barulho da dobradiça não havia acordado ninguém.

O primeiro perigo havia sido superado, mas seu íntimo agitava-se num tumulto medonho. Contudo, não recuou. Mesmo quando se julgara completamente perdido, não arredara um passo. Só pensou em terminar logo a tarefa. Avançou e entrou no quarto.

O silêncio era perfeito. Aqui e ali distinguiam-se formas vagas e confusas que, de dia, seriam papéis esparsos sobre a mesa, in-fólios abertos, volumes empilhados sobre um tamborete, roupas amontoadas numa poltrona, um genuflexório, coisas que àquela hora não passavam de cantos escuros e manchas esbranquiçadas. Jean Valjean avançou cautelosamente, evitando esbarrar nos móveis. Do outro extremo do quarto chegava-lhe aos ouvidos a respiração igual e tranquila do Bispo, que dormia.

De repente, parou. Estava ao pé do leito. Chegara mais cedo do que poderia imaginar.

A natureza, às vezes, mistura seus efeitos e espetáculos às nossas ações, com uma espécie de intenção sombria e inteligente, como se nos quisesse fazer refletir. Havia-se passado quase meia hora e já uma grande nuvem cobria o céu. No momento em que Jean Valjean parou bem perto do leito, a nuvem rasgou-se como que de propósito, e um raio da lua, atravessando a porta envidraçada, subitamente iluminou a face pálida do Bispo. Ele dormia tranquilamente. Estava quase vestido com suas roupas comuns, por causa do rigor das noites frias dos Baixos-Alpes; uma camisola de lã parda cobria-lhe os braços até os punhos. A cabeça estava encostada no travesseiro, em atitude de completo repouso, e deixava pender fora da cama a mão ornada pelo anel episcopal, mão que havia praticado tantas boas e santas ações. Todo o seu rosto estava iluminado de uma expressão de completa esperança, satisfação e beatitude. Era mais que um sorriso e quase um resplendor. Sobre a fronte, havia o brilho inexprimível de uma luz invisível aos olhos humanos. A alma dos justos, durante o sono, contempla um céu misterioso.

Um reflexo desse céu se projetava sobre o Bispo.

Era, ao mesmo tempo, transparência luminosa, porque o céu estava no seu íntimo. Seu céu era a sua consciência.

No momento em que o clarão da lua veio, por assim dizer, sobrepor-se a essa claridade interior, o Bispo adormecido pareceu rodeado de glória, suavemente velada por uma meia-luz inefável. A lua no céu, a natureza adormecida, o jardim onde não se agitava uma única folha, a casa tão calma, a hora, o momento e o

silêncio acrescentavam um não sei quê de solene e indizível ao venerável repouso daquele homem, e envolviam-lhe de majestosa e serena auréola os cabelos brancos, os olhos fechados, o rosto, expressão viva da esperança e da confiança, a cabeça de velho e o sono de criança.

Sem que suspeitasse, tinha algo de divino.

Jean Valjean, porém, na escuridão, empunhando o candeeiro de ferro, imóvel, de pé, sentia-se assombrado diante da serenidade do ancião. Jamais havia contemplado coisa semelhante. Aquela confiança o assustava. O mundo moral não tem um espetáculo mais majestoso que este: uma consciência perturbada e inquieta, a ponto de praticar uma ação má, contemplando o sono de um justo.

Esse repouso, tão solitário, tendo um vizinho como ele, era qualquer coisa de sublime, que ele sentia vaga mas inevitavelmente.

Ninguém poderia dizer o que acontecia no seu íntimo, nem ele mesmo. Para tentar compreender isso, seria preciso imaginar o que há de mais violento na presença da suprema doçura. Mesmo o seu rosto não poderíamos analisar com segurança. Era uma espécie de espanto feroz. Ele olhava; eis tudo. Mas quais eram os seus pensamentos? Seria impossível adivinhar. Era evidente, porém, que estava comovido, emocionado. Mas de que natureza era essa emoção?

Seus olhos não se afastavam do ancião. O único sentimento que se poderia perceber na sua fisionomia era uma estranha indecisão. Dir-se-ia que hesitava entre dois abismos: um que salva e outro que condena. Parecia prestes a esfacelar aquela cabeça ou a beijar aquelas mãos.

Ao término de alguns instantes, levou lentamente o braço esquerdo à fronte, tirou o boné, baixou-o com a mesma lentidão e Jean Valjean novamente se pôs a contemplar, com o boné na mão esquerda, o candeeiro na direita, os cabelos eriçados na cabeça de fera.

O Bispo continuava adormecido em profunda paz sob esse olhar temível.

Um reflexo da lua tornava confusamente visível, por sobre a lareira, o crucifixo que parecia abrir os braços a ambos, abençoando um e perdoando outro.

De repente, Jean Valjean pôs novamente o boné à cabeça, caminhou em passos rápidos ao longo da cama, sem porém olhar para o Bispo, direto ao armário que entrevia ao lado da cabeceira. Levantou o candeeiro de ferro como para forçar a fechadura. A chave lá estava. Abriu, e a primeira coisa que apareceu foi a cestinha em que se guardavam os talheres. Pegou-a, atravessou o quarto a passos largos, sem precaução alguma, pouco se incomodando com o

barulho que fazia, chegou à porta, reentrou no oratório, abriu a janela, tomou o cajado, saltou para o jardim, pulou o muro com a agilidade de um tigre, e fugiu.

XII | O BISPO TRABALHA

No dia seguinte, quando o sol nascia, D. Bienvenu passeava pelo jardim. Mme. Magloire correu para ele toda assustada.

– Excelência, Excelência – perguntou –, Vossa Alteza, por acaso, sabe onde está o açafate dos talheres?

– Sei – respondeu o Bispo.

– Deus seja louvado! – disse ela. – Eu já não sabia o que poderia ter acontecido.

O Bispo, que naquele instante o havia encontrado num canto do jardim, apresentou-o a Mme. Magloire.

– Ei-lo aqui.

– Mas está vazio. E os talheres?

– Ah! – continuou o Bispo. – Então são os talheres que a preocupam? Não sei onde possam estar.

– Jesus! Roubaram! Sem dúvida, foi o homem que dormiu aqui.

Num abrir e fechar de olhos, com toda a vivacidade de velha experimentada, correu à alcova e voltou logo para junto do Bispo. Este acabava de se abaixar e contemplava enternecido um pé de cocleária dos Guillons que o açafate havia quebrado ao cair no canteiro. Ao grito de Mme. Magloire, levantou-se.

– Excelência, o homem já foi embora; os talheres foram roubados!

Enquanto gritava, notou que havia marcas de pés no jardim e trepadeiras arrancadas do muro.

– Olha! Foi por ali que ele fugiu. Saltou para a travessa Cochefilet! Que maldade roubar a nossa prataria!

O Bispo quedou-se em silêncio por um momento; depois, levantando o olhar sério e calmo, disse a Mme. Magloire com toda a bondade.

– Antes de mais nada, aquela prataria realmente era nossa?

Mme. Magloire ficou sem saber o que dizer. Houve ainda uma pausa, depois da qual, o Bispo continuou:

– Mme. Magloire, havia muito tempo eu conservava indevidamente aqueles talheres. Na verdade, eles pertenciam aos pobres. E quem era aquele homem de

ontem? Evidentemente, um pobre.

– Ai, Jesus! – retrucou Mme. Magloire. – Não é por mim ou pela Srta. Baptistine. Para nós é indiferente. Mas é pelo senhor. Com que talheres vai comer de aqui por diante?

O Bispo olhou-a admirado:

– Ah! É isso? Não existem por acaso talheres de estanho?

Mme. Magloire levantou os ombros:

– O estanho tem mau cheiro.

– Então, talheres de ferro.

Mme. Magloire fez uma careta muito expressiva:

– O ferro tem mau gosto.

– Então – disse o Bispo –, talheres de madeira.

Alguns instantes depois, ele tomava a primeira refeição na mesma mesa em que, na véspera, Jean Valjean havia sentado. Enquanto comia, D. Bienvenu fazia alegremente notar, à irmã que nada dizia e a Mme. Magloire, que resmungava baixinho, que não há absolutamente necessidade de colher nem de garfo para molhar um pedaço de pão numa xícara de café.

– Já se viu uma coisa dessas! – resmungava Mme. Magloire, caminhando de um lado para outro. – Receber um homem daqueles! Ainda bem que só roubou! Deus do céu! A gente até se arrepia quando pensa no que poderia ter acontecido!

No momento em que o Bispo e sua irmã iam levantar-se da mesa, bateram à porta.

– Entre – disse o Bispo.

A porta se abriu. Um estranho e violento grupo apareceu à soleira. Três homens agarravam outro pelo pescoço. Eram três gendarmes e Jean Valjean.

O Cabo da Guarda, que parecia chefiar os demais, estava mais próximo. Entrou e dirigiu-se ao Bispo, fazendo-lhe continência.

– Excelência… – disse.

A essa palavra, Jean Valjean, indiferente e abatido, levantou a cabeça, espantado.

– Excelência – repetiu baixinho –, mas ele não é o Vigário?…

– Silêncio – disse um gendarme. – É o Senhor Bispo.

No entanto, D. Bienvenu aproximou-se tão depressa quanto lhe permitia a idade.

– Ah! Ei-lo aqui! – exclamou, olhando para Jean Valjean. – Estimo tornar a

vê-lo. Mas eu não lhe dei também os castiçais? São de prata como os talheres e poderão render-lhe bem duzentos francos. Por que não os levou também?

Jean Valjean arregalou os olhos e contemplou o venerando Bispo com tal expressão que nenhuma língua humana poderia descrever.

– Excelência – disse o Chefe da Guarda –, então o que ele dizia é verdade? Nós o encontramos como quem está fugindo. Nós o prendemos para nos certificarmos. Ainda mais com esses talheres de prata…

– Ele então lhes disse – interrompeu sorrindo o Bispo – que lhe haviam sido presenteados por um velho padre em cuja casa havia passado a noite? Já percebi tudo. E os senhores o trouxeram até aqui? Mas isso não está direito.

– Então – replicou o Cabo –, podemos deixá-lo em liberdade?

– Sem dúvida alguma – respondeu o Bispo.

Jean Valjean, livre, recuou espantado.

– Mas é verdade que não me prendem? – disse, confuso, como quem fala durante o sono.

– Mas sim, está livre, não entendeu? – disse um gendarme.

– Meu amigo – replicou o Bispo –, antes de partir, eis aqui os castiçais. São seus.

Foi até a lareira, pegou os dois castiçais de prata e entregou-os a Jean Valjean. As duas mulheres viam-no agir sem dizer uma palavra, sem fazer um gesto, sem um simples olhar que pudesse perturbá-lo.

Jean Valjean tremia dos pés à cabeça. Pegou os castiçais maquinalmente e apalermado.

– Agora – disse o Bispo –, vá em paz. Uma coisa ainda: quando voltar aqui, não é preciso entrar pelo jardim. Pode entrar e sair quando quiser pela porta da rua. De dia e de noite ela está fechada com uma simples taramela.

Depois, voltando-se para os soldados:

– Os senhores podem ir sossegados.

Jean Valjean parecia alguém prestes a desfalecer.

O Bispo aproximou-se dele e disse em voz baixa:

– Não se esqueça jamais de que o senhor me prometeu usar esse dinheiro para tornar-se um homem de bem.

Jean Valjean, que não se lembrava em absoluto de ter prometido coisa alguma, ficou sem ação. O Bispo acentuara as palavras com ênfase e continuou com solenidade:

– Jean Valjean, meu irmão, o senhor não pertence mais ao mal, mas ao bem. Resgatei a sua alma; liberto-a dos pensamentos sinistros e do espírito da perdição, e entrego-a a Deus.

XIII | O PERVERSO GERVAIS

Jean Valjean saiu da cidade como quem foge. Pôs-se a caminhar a toda a pressa pelos campos, tomando os caminhos e trilhos que apareciam, sem perceber que, por vezes, retrocedia. Assim andou toda a manhã, sem comer ou sentir fome. Sentia-se agitado por uma série de sensações até então desconhecidas. Sentia-se enfurecido, mas não sabia contra quem. Não saberia dizer se estava emocionado ou humilhado. Vinha-lhe, por momentos, uma estranha e terna comoção, mas combatia-a opondo-lhe a impiedade de seus últimos vinte anos. Isso o fatigava. Via com inquietação agitar-se em seu íntimo a triste indiferença que a injustiça de sua desgraça lhe havia inspirado. Perguntava a si mesmo o que a poderia substituir. Às vezes, chegava a desejar ter sido preso pelos gendarmes, ou que as coisas não tivessem passado como aconteceram; assim se inquietaria menos. Embora a estação já estivesse adiantada, havia ainda, aqui e ali, pelas sebes, alguma flor tardia, cujo odor, impregnando o ar por onde ele passava, lembrava-lhe os tempos da infância. Mas essas recordações eram-lhe insuportáveis, tanto tempo havia que não o assaltavam.

Pensamentos inexprimíveis se lhe acumularam na mente durante todo o dia.

Como o sol já se escondia, alongando pelo solo a sombra da mais simples pedrinha, Jean Valjean sentara-se atrás de uma moita, numa grande planície de terra avermelhada, completamente deserta. No horizonte, somente os Alpes. Não aparecia sequer o campanário de alguma aldeia longínqua. Jean Valjean poderia estar a umas três léguas de Digne. Um caminho, cortando a planície, passava a alguns passos da moita.

Em meio a esses pensamentos, que não teriam contribuído pouco para tornar sinistros aqueles lugares para quem o encontrasse, ouviu um alegre ruído.

Voltou-se e viu, caminhando pelo atalho, um pequeno saboiano, com seus doze anos de idade, sanfona a tiracolo, cantarolando uma canção.

Era um desses rapazinhos bons e alegres que vão de cidade em cidade, deixando ver os joelhos pelos buracos das calças esfarrapadas.

Sem parar de cantar, interrompia por vezes a caminhada e punha-se a brincar com algumas moedas que tinha na mão, talvez toda a sua fortuna. Entre essas

havia uma de quarenta soldos.

O menino parou ao lado da moita, sem ver Jean Valjean, e pôs-se a atirar seu punhado de dinheiro; sempre, até então, havia conseguido apanhar todas as moedas no dorso da mão.

Desta vez a moeda de quarenta soldos escapou-lhe e foi rolando, através dos arbustos, até Jean Valjean.

Jean Valjean escondeu-a com o pé.

Contudo, o rapazinho a havia seguido com os olhos, notara o que havia acontecido.

Não se mostrou espantado, e dirigiu-se ao homem.

O lugar era completamente solitário. Até onde os olhos podiam ver não havia vivalma nem na planície, nem no caminho. Ouvia-se somente o chilrear confuso de uma nuvem de passarinhos atravessando o céu em altura incomensurável. O menino estava de costas para o sol, que lhe dourava os cabelos e avermelhava sinistramente o rosto selvagem de Jean Valjean.

– Senhor – disse o pequeno saboiano, com a intrepidez da infância, feita de ignorância e inocência –, esse dinheiro é meu.

– Qual é o seu nome? – disse Jean Valjean.

– Gervais.

– Vá-se embora.

– Mas o senhor tem que dar a minha moeda – replicou o menino.

Jean Valjean baixou a cabeça e não disse nada.

O menino continuou:

– Quero o meu dinheiro!

O olhar de Jean Valjean continuou fixo no chão.

– Meu dinheiro! – gritou o menino –, minha moeda de prata!

Parecia que Jean Valjean não o ouvia absolutamente. O menino pegou-o pela gola da blusa e o sacudiu, ao mesmo tempo que se esforçava por deslocar o sapato ferrado que escondia seu tesouro.

– Quero o meu dinheiro! Quero os meus quarenta soldos!

O menino chorava. Jean Valjean levantou a cabeça. Continuou, porém, sentado. Seus olhos estavam turvos. Encarou o menino quase com espanto, estendeu a mão para o seu cajado e gritou com voz terrível: – Quem é você?

– Sou eu, senhor – respondeu o menino. – Sou Gervais! Dê-me os meus quarenta soldos, por favor! Por favor, levante esse pé, meu senhor!

Depois, enraivecido, embora pequeno como era, e quase ameaçador:

– Ah! O senhor não quer levantar o pé? Vamos, levante esse pé!

– Ainda está aqui? – disse Jean Valjean, e, levantando-se bruscamente, sem tirar o pé de cima da moeda, acrescentou: – Vai ou não vai embora?

O pequeno, atônito, encarou-o; depois começou a tremer da cabeça aos pés e, após alguns instantes de susto, pôs-se a correr com todas as suas forças sem ousar olhar para trás, sem dar um grito.

Todavia, depois de algum tempo, faltou-lhe fôlego e Jean Valjean, ainda mergulhado em seus pensamentos, ouviu que alguém soluçava.

Ao término de alguns instantes, o menino havia desaparecido.

O sol já se tinha posto.

Jean Valjean começou a ver-se rodeado pelas sombras. Desde a manhã que não se alimentava; provavelmente estava com febre.

Continuou de pé e não tinha mudado de posição desde que o menino se fora. A respiração enchia-lhe o peito em intervalos longos e desiguais. Seu olhar, fixo dez ou doze passos adiante, parecia estudar com profunda atenção a forma de um pedaço de louça azul caído entre a erva. De repente, estremeceu; era o frio da noite.

Puxou o boné mais para as orelhas, procurou maquinalmente fechar e abotoar a blusa, deu um passo e curvou-se para apanhar o cajado.

Nesse momento, percebeu a moeda de quarenta soldos que seu pé quase havia enterrado no solo, brilhando no meio das pedras. Foi quase uma comoção galvânica.

– Mas o que é isto? – disse entre os dentes.

Recuou três passos; depois, parou, sem poder tirar os olhos daquele ponto brilhante que seu pé havia alguns instantes tinha pisado, como se aquele brilho em meio à penumbra fosse um olho aberto encarando-o fixamente.

Ao cabo de alguns instantes, lançou-se convulsivamente sobre a moeda, arrancou-a do chão, pôs-se a olhar a imensidão da planura, volvendo os olhos ao mesmo tempo em todas as direções, de pé e tremendo como um animal bravio assustado em procura de abrigo.

Nada viu. Já caía a noite, a planície estava fria e escura, e uma névoa avermelhada se espalhava na claridade do crepúsculo.

Disse então: – Ah! – e pôs-se a caminhar em direção ao lado onde desaparecera o menino. Depois de dar uns trinta passos, parou, olhou, mas não viu nada.

Então gritou com todas as forças:

– Gervais! Gervais!

Calou-se e esperou.

Ninguém lhe respondeu.

O campo estava deserto e triste. Ele estava cercado pelo infinito. Ao seu redor só havia a sombra interminável onde sua voz se perdia.

Soprava gélida brisa, dando às coisas que o rodeavam uma espécie de vida lúgubre. Pequenos arbustos sacudiam seus braços raquíticos com fúria incrível. Dir-se-ia que ameaçavam ou perseguiam alguém.

Pôs-se de novo a andar; depois a correr, parando aqui e ali, gritando em meio à solidão com uma voz que era o máximo que se poderia ouvir de comovente e desolado: – Gervais! Gervais!

Não há dúvida de que, se o menino o tivesse ouvido, teria medo e não o atenderia. Mas o menino, certamente, já ia bem longe.

Encontrou um padre a cavalo. Chegou-se a ele e disse:

– Senhor Vigário, por acaso, viu passar aí um menino?

– Não – disse o Padre.

– Chama-se Gervais.

– Não vi ninguém.

Tirou do bolso duas moedas de cinco francos e deu-as ao Sacerdote.

– Senhor Vigário, para os seus pobres. Senhor Vigário, é um pequeno de mais ou menos dez anos e carrega uma sanfona. Ele andava por aqui. Um desses pequenos saboianos, o senhor sabe…

– Não o vi.

– Chama-se Gervais. Não é destas partes? Pode dizê-lo com certeza?

– Se é como diz, meu amigo, ele não é daqui. Eles passam, mas ninguém os conhece.

Jean Valjean pegou violentamente mais dois escudos de cinco francos e deu-os ao Padre.

– Para os seus pobres – disse.

Depois, acrescentou desorientado:

– Senhor Vigário, mande-me prender. Sou um ladrão.

O Padre chicoteou o cavalo e fugiu assustado.

Jean Valjean pôs-se a correr na direção que tomara a princípio.

Percorreu desse modo uma grande distância, chamando, gritando, mas não

encontrou ninguém. Duas ou três vezes correu pela planície em direção a alguma coisa que lhe parecia uma pessoa deitada ou abaixada; não eram mais que arbustos ou alguma pedra à flor da terra. Enfim, numa encruzilhada em que se encontravam três caminhos, parou. A lua já brilhava no céu. Olhou outra vez ao longe e gritou ainda uma vez:

– Gervais! Gervais! Gervais!

Seu grito perdeu-se no nevoeiro, sem despertar um eco sequer. Murmurou ainda:

– Gervais! – mas a voz estava fraca e quase não se ouvia. Foi seu derradeiro esforço; os joelhos dobraram-se-lhe bruscamente como se um poder invisível o carregasse de súbito com todo o peso de sua consciência; caiu exausto sobre uma grande pedra, com as mãos à cabeça, e os olhos voltados para o chão, gritando: – Sou um miserável!

Então, não aguentou mais e pôs-se a chorar. Era a primeira vez que isso acontecia depois de dezenove anos.

Quando Jean Valjean deixou a casa do Bispo, como já vimos, estava fora de tudo o que até então constituíra a base do seu modo de pensar. Não podia dar-se conta do que se passava com ele. Reagia contra a ação angélica e as doces palavras do bom velho: – Prometeu-me ser honesto. Resgatei a sua alma. Liberto-a do espírito de perversidade e entrego-a ao bom Deus. – Isso voltava-lhe continuamente ao pensamento. Ele opunha a essa indulgência celeste o orgulho que é em nós como que a fortaleza do mal. Sentia confusamente que o perdão daquele Sacerdote fora o maior assalto e o mais forte ataque de todos os que até então sofrera; seu endurecimento seria definitivo se resistisse àquela clemência; se cedesse, seria preciso renunciar ao ódio de que os outros homens lhe haviam enchido a alma e no qual ele tanto se comprazia; dessa vez era preciso ou vencer ou cair vencido, pois a luta, colossal e definitiva, já havia começado entre sua maldade e a bondade daquele homem.

Na presença dessas novas luzes, estava como que embriagado. Enquanto caminhava, com os olhos amedrontados, teria ele percebido claramente o que poderia resultar-lhe de sua aventura em Digne? Compreenderia ele todos esses rumores misteriosos que advertem ou importunam o espírito em certos momentos da vida? Uma voz lhe dizia que, naquele instante, atravessava o momento mais solene da sua vida, não havendo mais para ele meio-termo possível; se ainda não era o melhor dos homens, tornar-se-ia o pior, sendo necessário, então, ou elevar-se mais alto que o Bispo, ou cair mais baixo que o forçado; se queria tornar-se bom, era preciso tornar-se anjo; se queria tornar-se

mau, era necessário transformar-se em monstro.

Aqui ainda é preciso que façamos as perguntas já feitas em outros lugares: perceberia seu pensamento alguma sombra de tudo o que se passava? Não há dúvida de que o sofrimento educa a inteligência; porém é duvidoso que Jean Valjean estivesse em condições de discernir tudo o que vamos indicar. Se essas ideias lhe chegavam à mente, mais as entrevia do que via, e só conseguiam lançá-lo numa perturbação inexprimível, quase dolorosa. Ao sair dessa coisa disforme e negra que chamamos galé, o Bispo cegara-lhe a alma com uma claridade muito intensa, como aconteceria a seus olhos ao sair de um lugar escuro. A vida futura, a vida possível que se lhe oferecia, toda pura e brilhante, enchiam-no de comoção e ansiedade. Verdadeiramente, ele não sabia mais onde se encontrava. Como um mocho que assistisse ao nascer do sol, o forçado viu-se confundido e cego pela luz da virtude.

O que era certo, disso não se pode duvidar, é que não era mais o mesmo homem; todo o seu íntimo se transformara, não estando mais em seu poder evitar o efeito das palavras do Bispo.

Nesse estado de alma encontrara Gervais e lhe havia roubado quarenta soldos. Por quê? Certamente não o poderia explicar. Foi, talvez, o último efeito, o esforço supremo das más intenções que trouxera das galés, ou o resto do primeiro impulso, o resultado disso que em estática se chama *força adquirida*? Era isso, e talvez menos ainda. Digamos logo: não foi ele quem roubou, não foi o homem; foi a besta que, por hábito e instinto, havia colocado o pé sobre aquela moeda, enquanto a inteligência se debatia em meio a tantas obsessões novas e desconhecidas. Quando a inteligência despertou e percebeu a brutalidade de seu modo de agir, Jean Valjean recuou angustiado e deu um grito de espanto.

É que, fenômeno estranho, só possível na situação em que se encontrava, roubando a moeda àquela criança, havia feito uma ação que não era mais capaz de cometer.

Seja o que for, essa última ação condenável teve um efeito decisivo sobre a sua mente: ele atravessou repentinamente o caos que tinha na sua inteligência e o dissipou, pondo de um lado a opacidade obscura e, de outro, a luz, agindo sobre a sua alma no estado em que se encontrava, do mesmo modo que certos reagentes químicos agem sobre uma mistura turva, precipitando um elemento e purificando o outro.

A princípio, antes mesmo de se examinar e de refletir, desorientado como quem procura salvação, esforçou-se por encontrar o menino para devolver-lhe a moeda; depois, vendo que isso era inútil e impossível, quedou-se desesperado.

No momento em que gritou: – Sou um miserável –, acabava de perceber quem realmente era, e já estava tão desprendido de si que se imaginava um fantasma, tendo em sua frente, em carne e osso, com seu cajado na mão, agasalhado com sua blusa, levando às costas um saco cheio de objetos roubados, de olhos sombrios e inquietos, com a cabeça cheia de projetos abomináveis, o temível forçado Jean Valjean.

O excesso de sofrimento, já o dissemos, o fez quase ver coisas inexistentes. Tudo se passou como uma visão. Realmente ele viu o sinistro Jean Valjean, ali, em sua frente. Quase chegou a perguntar quem era aquele homem, e ficou horrorizado.

Seu cérebro passara por um momento de violência, embora terrivelmente calmo, onde a imaginação é tão profunda que absorve a realidade. Não se percebem mais os objetos que se tem na frente, e veem-se, como reais, as imagens que nos ocupam o espírito.

Viu-se, por assim dizer, face a face consigo mesmo, e ao mesmo tempo, através dessa alucinação, via imersa em misterioso abismo uma espécie de luz que, a princípio, tomou por um círio. Olhando-a mais atentamente em sua consciência, percebeu que tinha forma humana e que esse círio era o Bispo.

Sua consciência comparou os dois homens assim colocados em sua frente, o Bispo e Jean Valjean. Para conquistar o segundo, nada mais indispensável que o primeiro. Por um desses efeitos singulares, próprios dessa espécie de êxtase, à medida que seu devaneio se prolongava, o Bispo crescia e resplandecia a seus olhos, ao passo que Jean Valjean diminuía e se aniquilava, a ponto de não ser mais que uma sombra. De repente, ele desapareceu. Ficou somente o Bispo, inundando a alma desse pobre miserável com magnífico brilho.

Jean Valjean chorou longamente. Chorou lágrimas quentes, soluçando, com mais fraqueza que uma mulher, mais amedrontado que uma criança.

Enquanto chorava, surgia-lhe lentamente no cérebro a luz de um dia extraordinário, ao mesmo tempo encantador e terrível. Sua vida passada, o primeiro deslize, a longa expiação, o embrutecimento exterior, o endurecimento interior, a libertação alegrada por tantos planos de vingança, o que lhe havia sucedido em casa do Bispo e a última ação que fizera, roubando quarenta soldos a uma criança, crime tanto mais infame porque feito logo após o perdão do Bispo, tudo isso lhe voltou à mente, aparecendo-lhe com toda a clareza, com tanta nitidez como jamais imaginara. Contemplou sua vida, e esta lhe pareceu horrível; observou a alma, e pareceu-lhe execrável. No entanto, um dia sereno brilhava sobre essa vida, sobre essa alma. Parecia-lhe ver Satã iluminado à luz

do paraíso.

Por quanto tempo terá chorado? Que fez depois? Para onde foi? Ninguém o soube. Parece ao menos certo que, naquela mesma noite, o cocheiro que a essa época fazia o trajeto até Grenoble e que chegava a Digne pelas três da manhã, viu, ao passar pela rua do palácio episcopal, um homem em atitude de prece, ajoelhado num canto da calçada, diante da porta da casa de D. Bienvenu.

LIVRO TERCEIRO

DURANTE O ANO DE 1817

I | 1817 [54]

O ano de 1817 foi aquele que Luís XVIII, com certa pose real não isenta de arrogância, denominava como o vigésimo segundo de seu reinado.[55] É o ano em que Bruguière de Sorsum[56] era pessoa célebre. Todas as lojas dos cabeleireiros, desejando novamente o uso de pós e a volta do pássaro real, estavam pintadas de azul e cobertas de flores de lis. Tempo singelo em que o Conde Lynch,[57] todos os domingos, se apresentava como tesoureiro do banco de Saint-Germain-des-Prés, vestido como Par de França, com seu cordão vermelho, seu nariz muito comprido e a majestade de porte particular a quem já havia feito alguma ação digna de nota. O incomparável feito de Lynch era o seguinte: tendo sido *Maire* de Bordeaux, aos 12 de março de 1814, entregara a cidade, um tanto apressadamente, ao Duque de Angoulême.[58] Daí é que lhe proveio o pariato. Em 1817, a moda fazia sumir os meninos de quatro a seis anos sob enormes bonés de marroquim, com orelheiras muito semelhantes às mitras dos esquimós. O exército francês, imitando a Áustria, vestia-se de branco; os regimentos chamavam-se legiões; em lugar dos números, levavam o nome dos departamentos de onde provinham. Napoleão estava em Santa Helena e, como a Inglaterra se negava a enviar-lhe tecidos de cor verde, mandou virar do avesso as velhas roupas. Em 1817, Pellegrini cantava, Bigottini dançava, Potier reinava, Odry ainda não existia.[59] Mme. Saqui tomava o lugar de Forioso.[60] Ainda havia prussianos pela França. Delalot era gente importante.[61] A legalidade acabara de se consolidar, cortando, primeiramente, as mãos e, mais tarde, a cabeça de Pleignier, de Carbonneau e de Tolleron. O Príncipe de Talleyrand, Camareiro-Mor, e o Padre Louis, indicado para Ministro das Finanças, olhavam-se risonhos como dois áugures; ambos haviam celebrado, a 14 de julho de 1790, a missa da federação no Champ de Mars; Talleyrand a havia oficiado como Bispo, Luís a servira como Diácono.[62] Em 1817, nas avenidas paralelas a esse mesmo Champ de Mars, viam-se grandes cilindros de madeira, abandonados à

chuva, apodrecendo em meio à erva, pintados de azul, com alguns resquícios das águias e abelhas douradas que neles haviam sido impressas. Eram as colunas que, dois anos antes, serviram de base ao estrado do Imperador no Champ de Mai. Estavam enegrecidas aqui e ali pelas fogueiras do acampamento austríaco erguido perto de Gros-Caillou. Duas ou três dessas colunas haviam servido de lenha, aquecendo as largas mãos dos *kaiserlicks*. O Champ de Mai teve de interessante o ter sido reunido em junho ao Champ de Mars. Nesse ano, 1817, havia duas coisas populares: Voltaire-Touquet e as tabaqueiras *à la charte*.[63] A emoção parisiense mais recente era o crime de Dautun, que havia jogado no tanque do Mercado das Flores a cabeça do próprio irmão.[64] O Ministério da Marinha começava a se inquietar pela falta de notícias da fragata *Medusa*, que deveria cobrir Chaumareix de vergonha e Géricault de glória.[65] O Coronel Selves dirigia-se ao Egito para se tornar Solimão-Pachá.[66] O Palácio das Termas, na Rue de La Harpe, servia de oficina a um tanoeiro. Ainda se podia ver, sobre a plataforma da torre octogonal do hotel de Cluny, a pequena cabina de madeira que havia servido de observatório a Messier, Astrônomo da Marinha sob Luís XVI.[67] A Duquesa de Duras lia para três ou quatro amigos, em seu apartamento forrado de cetim azul-celeste, *Ourika*, ainda inédito.[68] No Louvre, raspavam-se as iniciais de Napoleão. A ponte de Austerlitz abdicava e passava a se chamar ponte do Jardim do Rei, duplo enigma que alterava de uma só vez a ponte de Austerlitz e o Jardim Botânico. Luís XVIII, muito atento em anotar em Horácio, com o canto da unha, os heróis que se tornam imperadores e os tamanqueiros que se transformaram em delfins, tinha duas preocupações: Napoleão e Mathurin Bruneau.[69] A Academia Francesa dava como tema a ser premiado: *A felicidade que nos vem do estudo*.[70] Bellart era a eloquência social.[71] Via-se germinar à sua sombra o futuro Advogado-Geral De Broë, destinado aos sarcasmos de Paul-Louis Courier.[72] Havia então um pseudo-Chateaubriand chamado Marchangy, à espera de que aparecesse um pseudo-Marchangy chamado Arlincourt.[73] *Claire d'Albe e Malek-Adel* eram obras-primas; Madame Cottin foi declarada a maior escritora da época.[74] O Instituto deixava riscar de sua lista o acadêmico Napoleão Bonaparte. Uma ordem real elevava Angoulême a escola naval[75] porque, se o Duque de Angoulême era um almirante extraordinário, era evidente que a cidade de Angoulême tinha, por direito, todas as qualidades de um porto de mar, sem o que o princípio monárquico ficaria prejudicado. No Conselho dos Ministros, discutia-se se era permitido ou não continuar tolerando as vinhetas que representavam funâmbulos que adornavam os cartazes de Franconi e atraíam os garotos de rua.[76] Paër,

autor de *Agnese*, bom homem de rosto quadrado, com uma verruga no rosto, dirigia os pequenos concertos íntimos da Marquesa de Sassenaye, na Rue Ville-l'Évêque.[77] Todas as mocinhas cantavam "l'Ermitte de Saint-Avelle", com a letra de Edmond Géraud.[78] *Le Nain Jaune* passou a chamar-se *Miroir*.[79] O café Lemblin era pelo Imperador e contra o café Valois, partidário dos Bourbon. O Duque de Berry, que Louvel já espreitava na sombra, acabava de se casar com uma princesa da Sicília.[80] Havia um ano morrera Madame de Staël.[81] Os guardas do Rei pateavam Mademoiselle Mars.[82] Os maiores jornais eram ainda pequenos. O formato era restrito, mas a liberdade era grande. *Le Constitutionnel* era realmente constitucional. *La Minerve* chamava Chateaubriand de *Chateaubriant*. Esse *t* provocava o riso dos burgueses à custa do grande escritor.[83] Nos jornais vendidos, jornalistas prostituídos insultavam os proscritos de 1815; David não tinha mais talento; Arnault perdera o espírito; Carnot não tinha mais probidade; Soult não havia ganho nenhuma batalha, e era fora de dúvida que Napoleão não tinha gênio algum.[84] Ninguém ignora ser coisa rara que cartas endereçadas pelo correio cheguem às mãos de um exilado, já que a polícia cumpre o religioso dever de interceptá-las. O fato não constitui absolutamente uma novidade; Descartes já se queixava disso quando fora banido de sua terra.[85] Ora, tendo David demonstrado, num jornal belga, certa irritação por não receber as cartas que lhe eram escritas, deu motivo a que jornais realistas o ridicularizassem. Dizer *regicida*, em vez de *votantes*; dizer *inimigos*, em vez de *aliados*; dizer Napoleão, em vez de *Buonaparte*, era quanto bastava para abrir um abismo entre duas pessoas. Qualquer um que tivesse bom-senso estava de acordo em que a era das revoluções tinha sido encerrada para sempre pelo Rei Luís XVIII, cognominado de "imortal autor da carta". Ao lado da Pont Neuf esculpia-se a palavra *Redivivus* sobre o pedestal preparado para receber a estátua de Henrique iv.[86] Piet delineava, na Rue Thérèse, número 4, seu conciliábulo para consolidar a monarquia.[87] Os chefes da direita costumavam dizer nas ocasiões mais importantes: – É preciso escrever a Bacot.[88] – Canuel, O'Mahony e Chappedelaine esboçavam, com certa aprovação de *Monsieur*, o que mais tarde deveria ser a "conspiração à beira da água".[89] *L'Épingle Noire*, por sua vez, conspirava.[90] Delaverderie conferenciava com Trogoff.[91] Decazes, espírito de certa forma liberal, dominava.[92] Chateaubriand, todas as manhãs, de pé, à frente de sua janela no número 27 da Rue Saint-Dominique, calçando chinelas, com os cabelos grisalhos cobertos com um lenço de Madras, os olhos fixos no espelho, um estojo completo de cirurgião dentista à frente, cuidava de seus belos dentes, enquanto ditava a seu secretário, Pilorge, a

Monarquia Segundo a Carta.[93] A crítica autorizada preferia Lafon a Talma,[94] Féletz assinava A. F. Hoffman assinava Z.[95] Charles Nodier escrevia *Thérèse Aubert*.[96] O divórcio tinha sido abolido. Os liceus eram chamados de colégios. Os estudantes, tendo nas golas uma flor de lis, esmurravam-se pelo Rei de Roma.[97] A contrapolícia do palácio denunciava a sua Alteza Real, *Madame*, o retrato por toda parte exposto do Duque de Orléans, muito mais simpático em uniforme de Coronel-General dos hussardos que o Duque de Berry em uniforme de Coronel-General dos dragões; inconveniente de suma gravidade. Paris mandava redourar, à sua custa, o zimbório dos Invalides. Os homens de responsabilidade perguntavam uns aos outros como agiria Trinquelague nesta ou naquela ocasião; Clausel de Montals divergia, em vários pontos, de Clausel de Coussergues; Salaberry não se sentia satisfeito.[98] O comediógrafo Picard, membro da Academia a que Molière não pudera pertencer, fazia representar *Les Deux Philibert* no Odéon, em cujo frontispício as letras arrancadas ainda deixavam ler distintamente: THÉÂTRE DE L'IMPÉRATRICE.[99]

Era-se ou pró ou contra Cugnet de Montarlot. Fabvier era faccioso; Bavoux, revolucionário.[100] O livreiro Pelicier publicava uma edição de Voltaire com o título: *Oeuvres de Voltaire*, da Academia Francesa.[101] – Isso atrai compradores – dizia o ingênuo editor. Era opinião geral que Charles Loyson seria o gênio do século; a inveja alheia começava a mordê-lo, sinal de glória, e faziam sobre ele versos como este:

> *Même quand Loyson vole, on sent qu'il a des pattes.*[102]

Como o Cardeal Fesch se recusava a pedir sua demissão, o Arcebispo de Amasie, de Pins, administrava a diocese de Lyon.[103]

A querela sobre o Val de Dappes iniciava-se entre a Suíça e a França por um memorial do Capitão Dufour, mais tarde General.[104] Saint-Simon, desconhecido, deixava naufragar seu sonho sublime.[105] Na Academia das Ciências estava o célebre Fourier, ignorado pela posteridade, e em não sei que sótão, um Fourier obscuro, de que o futuro se recordará.[106] Lord Byron começava a aparecer; uma nota de um poema de Millevoye o anunciava à França nestes termos: "certo lord Baron".[107] David d'Angers esforçava-se para criar o mármore artificial.[108] O abade Caron elogiava, numa pequena reunião de seminaristas na Rue des Feuillantines, um padre desconhecido chamado Félicité Robert, que foi mais tarde Lamennais.[109] Uma coisa qualquer que deitava fumo

e quebrava o silêncio do Sena com o barulho de um cão a nadar ia e vinha sob as janelas das Tuileries, desde a Pont Royal até a Pont Luís XV; era um mecanismo quase inútil, uma espécie de brinquedo, ilusão de um inventor melancólico, uma utopia, enfim: um barco a vapor. Os parisienses olhavam essa coisa inútil com indiferença. Vaublanc, reformador do Instituto por golpe de Estado, decreto e suborno, distinto criador de muitos membros da Academia, depois de criar tantos não pôde chegar a sê-lo.[110] O bairro Saint-Germain e o pavilhão Marsan desejavam Delaveau para Chefe de Polícia, por causa de sua devoção.[111] Dupuytren e Récamier discutiam no anfiteatro da Escola de Medicina e quase chegavam às vias de fato, por causa da divindade de Jesus Cristo.[112] Cuvier, com um olho no Gênesis e o outro na natureza, esforçava-se para contentar à reação hipócrita pondo os fósseis de acordo com os textos bíblicos, fazendo Moisés ser acariciado pelos mastodontes.[113] François de Neufchâteau, louvável conservador da memória de Parmentier, fazia enormes esforços para que *pomme de terre* fosse pronunciado como *parmentière*, e nada conseguiu.[114] O Padre Grégoire, ex-Bispo, ex-Convencionalista e ex-Senador, passara, na polêmica realista, ao estado de "o infame Grégoire".[115] A locução que acabamos de usar – passar ao estado de – foi denunciada como neologismo por Royer Collard.[116] Podia-se ainda distinguir por sua brancura, sob o terceiro arco da Pont d'Iéna, a pedra nova com a qual, dois anos antes, se havia tapado o buraco feito por Blücher para fazer voar a ponte. A justiça chamava ao tribunal um homem que, vendo entrar em Notre-Dame o Conde d'Artois, dissera em voz alta: – Com a fortuna! Que saudade do tempo em que eu via Bonaparte e Talma, de braço dado, entrar no Bal-Sauvage. – Intenções revolucionárias! Seis meses de prisão. Os traidores mostravam-se às claras; homens que haviam passado para o inimigo na véspera das batalhas não procuravam esconder a recompensa recebida e andavam desavergonhadamente, em plena luz do dia, no cinismo das riquezas e das dignidades; desertores de Ligny e de Quatre-Bras, em toda a indecência da torpeza subvencionada, exibiam em toda a sua nudez seu devotamento à monarquia, esquecendo-se do que está escrito na Inglaterra pelas paredes internas dos mictórios públicos: "*Please adjust your dress before leaving*".[117]

Eis, confusamente, o que acontecia em 1817, coisas de que hoje já não nos lembramos. A história negligencia quase todas essas particularidades, e não poderia fazer de outro modo; a infinidade dos detalhes a sufocaria. Contudo, esses pormenores, erradamente chamados de pequenos – não existem pequenos fatos na história, como não existem pequenas folhas na vegetação – são úteis. As feições dos anos é que compõem a fisionomia dos séculos.

Justamente nesse ano de 1817, quatro rapazes de Paris pregaram uma “boa peça”.

II | DUPLO QUARTETO

Esses parisienses eram um de Toulouse, outro de Limoges, o terceiro de Cahors e o quarto de Montauban; mas eram estudantes, e quem diz estudante diz parisiense: estudar em Paris é nascer em Paris.

Quatro jovens insignificantes; todos já viram tipos assim; quatro amostras; nem bons nem maus; nem sábios nem ignorantes; dotados dessa beleza de abril que se chama vinte anos. Eram quatro Oscares quaisquer, porque por essa época ainda não havia Artures. “*Queimai por ele os perfumes da Arábia*” – exclamava a canção – “*Oscar se aproxima, e quero contemplá-lo!*”[118] Era-se puro Ossian; [119] a elegância era escandinava e caledônia, e o estilo inglês puro só mais tarde devia prevalecer; o primeiro Artur, Wellington, acabava de ganhar a batalha de Waterloo.

Esses Oscares, portanto, chamavam-se Félix Tholomyès, de Toulouse; Listolier, de Cahors; Fameuil, de Limoges, e Blachevelle, de Montauban. Naturalmente, cada um deles tinha a sua amante. Blachevelle amava Favourite, assim chamada porque visitara a Inglaterra: Listolier adorava Dahlia, que tomava como nome de guerra um nome de flor; Fameuil idolatrava Zéphine, abreviatura de Joséphine; Tholomyès tinha Fantine, chamada a *loira*, por causa de seus lindos cabelos cor de sol.

Favourite, Dahlia, Zéphine e Fantine eram quatro moças encantadoras, radiantes e perfumadas, ainda um tanto operárias, não tendo deixado de todo as agulhas, um pouco prejudicadas por namoricos inconstantes, mas tendo ainda nas faces um resto da serenidade do trabalho e na alma essa flor da honestidade que, na mulher, sobrevive à primeira falta. Uma das quatro chamava-se a caçula, por ser a mais jovem, e outra a velha, por ser a mais idosa; esta última tinha vinte e três anos. Para não ocultar nada, as três primeiras eram mais experimentadas, mais descuidadas, mais envolvidas pelo ruído da vida do que Fantine, que estava ainda na sua primeira ilusão.

Não se poderia dizer o mesmo de Dahlia, de Zéphine, e, sobretudo, de Favourite. Seu romance já tinha vários episódios, e o amante que se chamava Adolphe no primeiro capítulo chamava-se Alphonse no segundo e Gustave no terceiro. Pobreza e coquetismo são dois conselheiros fatais; uma repreende e o

outro lisonjeia, e as lindas mocinhas do povo têm-nos a ambos sussurrando em seus ouvidos, um de cada lado. Essas almas inexperientes os ouvem. Daí as quedas que sofrem e as pedradas que recebem. Oprimem-nas com o esplendor de quanto há de mais imaculado e sublime. Ai de nós! Se a *Jungfrau* tinha fome?

Como Favourite estivera na Inglaterra, Zéphine e Dahlia a admiravam. Bem cedo possuíra casa própria. Seu pai, velho professor de matemática, era abrutalhado e fanfarrão, fazendo o que podia, apesar da idade. Quando jovem, vira o vestido de uma criada prender-se a um cinzeiro e se apaixonara por esse incidente. Daí nasceu Favourite. De tempos em tempos, encontrava seu pai, que a saudava. Numa manhã, uma velha com ares de beata entrou na sua casa e lhe disse:

– Sabes quem sou eu?

– Não.

– Sou tua mãe.

Depois foi à cozinha, comeu, bebeu, mandou que lhe trouxessem um cobertor e se acomodou. Essa mãe resmungona e devota nunca dirigia a palavra a Favourite, passava horas sem dizer coisa alguma, tomava o desjejum, almoçava e jantava como quatro e, depois, ia conversar com o porteiro, com o qual falava mal da filha.

O que arrastara Dahlia a Listolier, aos outros, talvez à ociosidade, enfim, era possuir unhas tão lindas. Como trabalhar sem estragá-las? Quem quer conservar-se virtuosa não pode ter dó das próprias mãos. Quanto a Zéphine, conquistara Fameuil com sua maneira viva e acariciante de dizer: – Pois não, senhor.

Sendo os quatro rapazes colegas, as quatro jovens eram também amigas. Amores desse tipo são sempre acompanhados dessas amizades.

Ser sábio e filósofo são coisas distintas; prova é que, excetuando esse modo irregular de viver, Favourite, Zéphine e Dahlia eram filósofas, e Fantine, sábia.

– Sábia? – diriam – e Tholomyès? – Salomão responderia que o amor faz parte da sabedoria. Limitamo-nos a dizer que o amor de Fantine era o primeiro, único e fiel.

Ela era a única das quatro a ser tratada de você por um único homem.

Fantine era uma dessas criaturas que desabrocham, por assim dizer, do fundo do povo. Saída das mais espessas e insondáveis sombras da sociedade, tinha na fronte o símbolo do anonimato e do desconhecimento. Nascera em Montreuil-sur-Mer. Filha de quem? Quem o poderia dizer? Ninguém lhe conheceu o pai nem a mãe. Chamava-se Fantine. Por que Fantine? Era o único nome que tinha.

À época de seu nascimento, havia ainda o Diretório. Portanto, nada de sobrenomes, porque não tinha família; nada de nomes de batismo, porque a Igreja não estava presente. Foi-lhe dado o nome que agradou ao primeiro transeunte que a encontrou pequenina, andando descalça pelas ruas. Recebeu um nome, como recebia a água das nuvens na cabeça em dias de chuva. Chamaram-na de pequena Fantine. Ninguém conhecia mais nada a seu respeito. Assim entrou para a existência. Aos dez anos, deixou a cidade, empregou-se nas fazendas dos arredores. Aos quinze, mudou-se para Paris para "fazer fortuna". Fantine era bonita e conservou-se pura enquanto lhe foi possível. Era loura e tinha lindos dentes. Como dote possuía ouro e pérolas; ouro sobre a cabeça e pérolas na boca.

Trabalhou para poder viver e, para poder viver, amou, pois o coração também precisa de alimento.

Seu amante era Tholomyès.

Para ele tudo não passava de um namorico como outro qualquer; ela, porém, amava-o apaixonadamente. As ruas do Quartier Latin, onde formigam continuamente estudantes e costureiras, presenciaram o começo desse sonho. Fantine, no labirinto da colina do Panthéon, onde começam e acabam tantas aventuras, por longo tempo evitara encontrar-se com Tholomyès, mas de tal modo que todos os dias estava com ele. Há um modo de fugir em tudo semelhante à procura. Bem cedo começou o idílio.

Blachevelle, Listolier e Fameuil formavam como que um grupo encabeçado por Tholomyès. Ele era a alma.

Tholomyès era o tipo do estudante experimentado; era rico, com seus quatro mil francos de renda; quatro mil francos de renda, um escândalo na pequena colina de Santa Genoveva. Tholomyès era um gozador, com seus trinta anos muito malconservados. Tinha rugas, mas não tinha dentes, e começava a se esboçar uma calvície que o fazia dizer sem tristeza: – *Cabeça de trinta anos, joelhos de quarenta*. Digeria muito mal e tinha um olho sempre cheio de lágrimas. À medida, porém, que a juventude lhe fugia, tornava-o mais folgazão; substituía os dentes por momices, os cabelos pela alegria, a saúde pela ironia, e seu olho chorão ria continuamente. Estava acabado, mas coberto de flores. Sua juventude, fazendo as malas muito antes da idade própria, retirava-se em boa ordem, às gargalhadas, não demonstrando senão vivacidade. No *vaudeville*, recusaram-se a aceitar uma peça de sua autoria, mas não deixava de poetar de quando em quando. Além do mais, duvidava superiormente de tudo, o que constitui grande força aos olhos dos fracos. Sendo, portanto, irônico e calvo,

tornou-se o chefe. *Iron* é palavra inglesa que significa *ferro*. Será essa a etimologia de ironia?

Um dia, Tholomyès chamou de parte os amigos, fez um gesto de oráculo e lhes disse:

– Há mais de um ano que Fantine, Dahlia, Zéphine e Favourite nos pedem uma surpresa. Prometemos-lhes solenemente, e a toda hora estão a nos lembrar, sobretudo a mim. Do mesmo modo que em Nápoles as mulheres gritam a São Januário: – *Faccia gialluta, fa o miracolo*! Cara amarela, faça um milagre – elas me dizem sem parar: – Tholomyès, quando darás à luz tua surpresa? – Ao mesmo tempo, nossas famílias nos escrevem. Apertados por todos os lados, parece-me chegado o momento. Vamos combinar.

Nesse instante, Tholomyès abaixou a voz e segredou misteriosamente qualquer coisa tão engraçada que os quatro se arrebentaram de rir, enquanto Blachevelle exclamava: – Que boa ideia!

Chegaram a um café enfumaçado, entraram, e o resto da conversa se perdeu na sombra.

Dessas trevas resultou uma alegre reunião no domingo seguinte para a qual os quatro rapazes convidaram as quatro raparigas.

III | QUATRO A QUATRO

Em que consistia uma reunião de estudantes e costureiras há cinquenta anos é coisa difícil de se representar. Os arredores de Paris estão muito diferentes e o que poderíamos chamar de vida circumparisiense mudou completamente com a passagem de meio século. Onde florescia o morangueiro, passa hoje um vagão; onde navegava o patacho, hoje passa o vapor; fala-se atualmente de Fécamp como outrora se falava de Saint-Cloud. Paris de 1862 é uma cidade que tem a França inteira por arrabalde.

Os quatro pares fizeram, conscienciosamente, todas as loucuras campestres possíveis então. Começavam as férias naquela clara e bonita manhã de verão. Na véspera, Favourite, a única que sabia escrever, mandou um bilhete, em nome das quatro, a Tholomyès: “Boa hora, para se sair da felicidade”, porque, no dia seguinte, levantaram-se às cinco horas. Tomaram uma carruagem para Saint-Cloud, olharam a cascata seca e exclamaram: – Que bonita deve ser quando houver água! – Almoçaram no Tête-Noire, por onde ainda não passara Castaing, [120] jogaram uma partida de argolinhas no xadrez do grande tanque, subiram à

lanterna de Diógenes, apostaram bolos de amêndoas na roleta da Pont de Sèvres, colheram flores em Puteaux, compraram pastéis em Neuilly, comeram tortas de frutas por toda parte, perfeitamente felizes.

As quatro chilreavam e corriam como toutinegras em liberdade. Era um verdadeiro delírio. De quando em quando, davam tapinhas amorosos em seus amantes. Embriaguez da aurora da vida! Que anos felizes! As asas das libélulas vibram. Oh! Quem quer que seja, o leitor deve ter suas recordações. Andar pelos bosques, afastando ramos para que não ofendam o rosto encantador que o persegue! Sempre sorrindo, escorregar por uma ribanceira molhada pela chuva, enquanto a mulher amada o segura pela mão gritando: – Ah! Meus borzeguins tão novos! Em que estado ficaram!

Devemos dizer, porém, que a chuva, agradável contrariedade, faltou a essa reunião tão alegre, embora Favourite, ao sair, tenha dito em tom materno e magistral: – *Os caracóis passeiam pela estrada; é chuva certa, meus filhos*.

Todas elas estavam loucamente alegres. Labouïsse, velho poeta clássico, gozando então grande renome – ele também tinha a sua Eléonore –, passeando naqueles dias pelos bosques de Saint-Cloud, viu-as passar pelas dez horas da manhã e exclamou: – *Há uma de mais*! – pensando nas três Graças.[121] Favourite, a amiga de Blanchevelle, a que tinha vinte e três anos, a velha, como diziam, corria na frente, sob o arvoredo, saltava buracos, pulava moitas e encabeçava a reunião com a vivacidade de um fauno. Zéphine e Dahlia, que o acaso havia feito belas de tal modo que se tornavam mais bonitas quando juntas, não se separavam, mais por coquetismo que por amizade, e, apoiadas uma à outra, tomavam poses inglesas; acabavam de aparecer os primeiros *keepsakes*, [122] a melancolia começava a se tornar moda para as mulheres, como, mais tarde, aconteceu com o byronismo para os homens, e o cabelo das mulheres começava a se soltar. Zéphine e Dahlia usavam-nos enrolados. Listolier e Fameuil, embrenhados numa discussão sobre seus professores, explicavam a Fantine a diferença que havia entre o professor Delvincourt e o professor Blondeau.[123]

Blachevelle parecia ter sido criado especialmente para carregar aos domingos, sob o braço, o xale de Favourite.

Tholomyès seguia o grupo, dominando-o. Era muito alegre, mas facilmente se descobria que era ele quem mandava; havia um quê de tirania na sua jovialidade. Seu principal ornamento eram as calças escuras de pernas muito largas, com presilhas de cobre; à mão tinha uma bengala de cana-da-índia que lhe custara duzentos francos, e como em toda parte aonde ia, trazia à boca uma

coisa estranha que se chama cigarro. Como para ele nada era sagrado, fumava.

– Esse Tholomyès é admirável! – diziam os outros com veneração. – Que calças! Que energia!

Quanto a Fantine, era a alegria personificada. Seus esplêndidos dentes tinham, sem dúvida, recebido de Deus uma missão: rir. Preferia carregar nas mãos, mais que na cabeça, seu velho chapéu de palha com largas fitas brancas. Os cabelos loiros e abundantes, sempre esvoaçando, soltavam-se muitas vezes, e era preciso prendê-los continuamente; pareciam feitos para a fuga de Galateia sob os salgueiros.[124] Os lábios cor-de-rosa balbuciavam encantadoramente. Os cantos da boca, voluptuosamente salientes, como nas antigas carrancas de Erígone,[125] pareciam encorajar os mais afoitos, mas seus longos cílios cheios de sombra abaixavam-se discretamente sobre a parte mais ousada do rosto, como para calar o entusiasmo alheio. Toda a sua toalete tinha algo de melodioso e de ardente: vestido verde, coturnos cor de pinhão, com fitas formando um X sobre as finas meias brancas, e uma espécie de *spencer* de musselina, invenção marselhesa, cujo nome *canezou*, corruptela de *quinze août*, pronunciado à Canebière, quer dizer bom tempo, calor, meio-dia.[126] As outras três, como dissemos, menos tímidas, estavam exageradamente decotadas, o que, no verão, sob aqueles chapéus cobertos de flores, tem muito de graça e de provocação. Mas, ao lado desses vestidos ousados, o *canezou* da loura Fantine, com suas transparências, indiscrições, reticências, ao mesmo tempo escondendo e mostrando, parecia um provocante achado da virtude. O famoso júri do amor, presidido pela Viscondessa de Cette, de olhos verde-mar, sem dúvida concederia o prêmio de coquetismo a esse *canezou* que tanto incentivava a virtude. Como acontece às vezes, o mais ingênuo é o mais inteligente.

Rosto resplandecente, perfil delicado, olhos de um azul profundo, pálpebras pesadas, pés recurvados e pequenos, punhos e cotovelos admiravelmente torneados, pele branca, deixando entrever aqui e ali as ramificações azuis das veias, faces pueris e frescas, pescoço forte como o das Junos eginéticas, nuca flexível, ombros modelados como por Coustou,[127] tendo ao centro uma covinha sensual, visível através da musselina; alegria impregnada de sonho, escultural e estranha, assim era Fantine; sob aqueles tecidos e fitas, podia-se entrever uma estátua e, nessa estátua, uma alma.

Fantine não tinha muita consciência do seu encanto. Os raros sonhadores, misteriosos ministros da beleza, continuamente confrontando as coisas com a perfeição, sem dúvida teriam percebido naquela pequena operária a antiga eufonia sagrada. Essa filha da sombra tinha a sua nobreza. Bela pelo estilo e pelo

ritmo. O estilo é a forma do ideal; o ritmo é o seu movimento.

Já dissemos que Fantine era a alegria, mas era também o pudor.

Para alguém que a estudasse atentamente, o que se desprendia dela, através de toda essa embriaguez da idade, da estação e do namoro, era uma invisível expressão de recato e modéstia. Quedava-se um tanto admirada, e justamente a inocência dessa admiração é o que separa Psique de Vênus. Fantine tinha os dedos longos, brancos e finos da vestal que mexe as cinzas do fogo sagrado com um estilete de ouro. Embora nada tivesse recusado a Tholomyès, como veremos adiante, seu rosto em repouso era soberanamente virginal. Uma espécie de dignidade quase austera de repente a invadia em certas horas, e nada mais singular e perturbador do que ver a alegria extinguir-se tão rapidamente e o recolhimento seguir-se imediatamente à expansão. Essa súbita seriedade, às vezes severamente acentuada, parecia-se ao orgulho de uma deusa.

Sua fronte, o nariz e o queixo ofereciam um equilíbrio de linhas que não se deve confundir com o equilíbrio de proporções, resultando na harmonia de seu rosto; no intervalo tão característico que separa a base do nariz do lábio superior, tinha uma encantadora, mas quase imperceptível reentrância, misterioso sinal de castidade, que tornou Barba-Roxa enamorado de uma Diana encontrada nas escavações de Icônia.

Se o amor é uma fraqueza, Fantine era a inocência sobrenadando ao perigo.

IV | THOLOMYÈS, CONTENTÍSSIMO, CANTA UMA CANÇÃO ESPANHOLA

Aquele dia foi uma aurora contínua. Toda a natureza parecia estar risonhamente em férias. Os jardins de Saint-Cloud trescalavam perfumes; a brisa do Sena balançava brandamente as folhas; os ramos gesticulavam ao vento; as abelhas roubavam o néctar dos jardins; grupos de borboletas pousavam continuamente sobre as aquileias, os trevos e as avencas; sem falar da multidão de vagabundos que viviam no augusto parque do Rei da França: os passarinhos.

Os quatro alegres pares resplandeciam ao lado do sol, dos campos, das flores e das árvores. E nesse ambiente paradisíaco, falando, cantando, correndo, dançando, caçando borboletas, colhendo campainhas, molhando as meias cor-de-rosa na erva umedecida, frescas, loucas sem ser maldosas, todas recebiam beijos de todos, à exceção de Fantine, fechada em sua vaga resistência, arisca e sonhadora, porque amava. – Você está sempre com cara de não sei quê –

costumava dizer-lhe Favourite.

Essas são as verdadeiras alegrias. A passagem desses casaizinhos felizes são um apelo profundo para a vida e para a natureza, e fazem surgir de tudo carícias e luzes. Era uma vez uma fada que fez os campos e os bosques expressamente para os enamorados. Daí a eterna tradição campestre dos amantes, sempre e continuamente renovada, e que haverá de durar enquanto houver campos e estudantes. Daí a grande popularidade da primavera entre os pensadores. O patrício e o plebeu, o duque, o par e o joão-ninguém, a gente da Corte da cidade, como se dizia antigamente, todos são humildes súditos dessa fada. O riso e a mútua procura, a apoteose brilhante pairando na atmosfera… Que transfiguração provoca o amor! Até os escreventes de tabelião se transfiguram em deuses. E os gritinhos agudos, as perseguições pela relva, as cinturas enlaçadas quase em voo, a gíria quase melodiosa, as adorações tão evidentes nas mínimas palavras, as cerejas roubadas pelos lábios a uma boca, tudo resplandece e nos transporta a glórias celestiais. As mocinhas bonitas desperdiçam seus encantos, como se estes jamais diminuíssem. Os filósofos, os poetas, os pintores contemplam esses êxtases sem saber que fazer, tanta é a sua admiração. – É a partida para Cítera! – exclamava Watteau; Lancret, o pintor da gente humilde, imagina-os envoltos no azul; Diderot estende os braços a todos esses amores e d'Urfé junta-lhes os druidas.[128]

Depois do almoço, os quatro pares foram ver no canteiro do Rei, como então se chamava, uma planta havia pouco trazida da Índia, de cujo nome não me recordo, e que naqueles dias atraía Paris inteira aos bosques de Saint-Cloud; era um arbusto bizarro e belíssimo, alto, de inúmeros ramos finos e espalhados, como uma cabeleira desgrenhada coberta de um milhão de pequeninas rosas brancas. Sempre havia um grupo de pessoas para admirá-lo.

Em seguida, Tholomyès disse: – Vamos voltar a cavalo. – Alugaram jumentos e voltaram pelo caminho de Vanves e Issy, onde se deu algo interessante. O parque, propriedade nacional, administrado então por Bourguin, estava completamente aberto. Entraram, visitaram a gruta do anacoreta autômato, experimentaram os efeitos misteriosos da famosa galeria dos espelhos, armadilha digna de um sátiro endinheirado ou de Turcaret metamorfoseado em Príapo; divertiram-se bastante no grande balanço preso aos dois castanheiros celebrados pelo Padre Bernis.[129] Enquanto uma após outra aí se balançavam, entre risos incontidos, as saias levantadas pelo vento, o que daria que fazer a Greuze, o tulusense Tholomyès, um pouco espanhol, pois Toulouse é sobrinha de Tolosa, cantava numa melancólica melodia a velha canção galega,

provavelmente inspirada no espetáculo de alguma rapariga voando entre duas árvores copadas:

Soy de Badajoz.
Amor mi llama.
Toda mi alma
Es en mi ojos,
Porque enseñas
A tus piernas.[130]

A única que não quis balançar-se foi Fantine.

– Não gosto nada de quem faz assim – resmungou, zangada, Favourite.

Deixando os jumentos, nova alegria: atravessaram o Sena de barca, e de Passy foram, a pé, até Étoile. Como devem-se lembrar, estavam andando desde as cinco da manhã. – *Aos domingos a gente não se cansa* – dizia Favourite –, *o cansaço não trabalha aos domingos*. – Lá pelas três horas, os quatro pares, imensamente felizes, rolavam pela montanha-russa, interessante construção que ocupava, naquela época, as alturas de Beaujon e cuja linha sinuosa se podia ver por cima das árvores dos Champs-Élysées.

De vez em quando, Favourite exclamava:

– E a surpresa? Vem ou não vem?

– Calma – respondia Tholomyès.

V | NO RESTAURANTE BOMBARDA

Depois da montanha-russa, pensaram em jantar; o alegre grupo, já um tanto cansado, chegara ao Bombarda, sucursal, nos Champs-Élysées, do famoso restaurante Bombarda, cujas insígnias se viam, então, na Rue de Rivoli, ao lado da travessa Delorme.

Uma grande sala, nada bonita, com alcova e leitos ao fundo (como era domingo, os fregueses sendo muito numerosos, tiveram de se contentar com aquele cubículo); duas janelas de onde se podia contemplar, através dos olmos, o cais e o rio; magnífica luz de agosto fendia a vidraça; duas mesas, numa das quais uma confusão de buquês e chapéus de homens e mulheres; na outra, os quatro casais, acomodados ao redor de uma grande variedade de pratos, talheres, copos, garrafas e canjirões de vinho e cerveja; pouca ordem sobre a mesa e

alguma desordem debaixo.

Ils faisaient sous la table un bruit, un trique-trac de pieds épouvantable, diz Molière.[131]

Eis aonde chegara, pelas quatro horas da tarde, o namoro começado às cinco da manhã. O sol já se escondia e o apetite se acalmara.

Os Champs-Élysées, cheios de sol e de gente, eram só luzes e poeira, dois ingredientes indispensáveis à glória. Os cavalos de Marly, mármores relinchantes, empinavam-se numa nuvem de ouro.[132] Carruagens iam e vinham; um magnífico Esquadrão da Guarda, empunhando clarins, descia a avenida Neuilly; a bandeira branca, levemente rosada à luz do sol poente, flutuava na cúpula das Tuileries. A Place de la Concorde, novamente denominada praça Luís XV, regurgitava de gente alegre. Muitos levavam uma flor de lis de prata pregada a uma fita branca que, ainda em 1817, se vendia pelas lojas. Aqui e ali, no meio dos transeuntes que formavam círculos e aplaudiam, rodas de meninas cantavam uma canção monarquista, então em voga, destinada a combater os Cem Dias, cujo estribilho era assim:

Rendez-nous notre père de Gand,
Rendez-nous notre père.[133]

Grande número de pessoas dos arrabaldes, com suas roupas domingueiras, muitas até enfeitadas de flores de lis, como faziam os burgueses espalhados pelo grande canteiro e pelo canteiro de Marigny, jogavam argolinhas e volteavam montados nos cavalinhos de pau; outros bebiam; outros, ainda, aprendizes de tipógrafos, usavam bonés de papel. Sua alegria era visível e tudo parecia sorrir. Era um tempo de paz incontestável e de profunda segurança monárquica; época em que um relatório íntimo e especial do Chefe de Polícia, Anglès,[134] dirigido ao Rei, a respeito dos bairros de Paris, terminava com estas linhas: – Pensando bem, Majestade, nada se deve temer dessa gente. São apáticos e indolentes como gatos. As classes humildes das províncias são inquietas, mas as de Paris não o são. São homens de baixa estatura e seriam necessários dois deles para fazer um de vossos granadeiros. Não há o que temer da parte da plebe parisiense. Deve-se notar ainda que seu tamanho diminuiu muito nestes cinquenta anos, e o povo dos bairros de Paris ficou mais baixo que antes da Revolução. Não é absolutamente perigoso. Em suma, é uma boa canalha.

Os prefeitos e a polícia não pensavam ser possível que um gato se transformasse em leão; contudo, esse foi o milagre do povo de Paris. O gato de outrora, tão desprezado pelo Conde Anglès, era estimado pelas antigas repúblicas; ele encarnava, a seus olhos, a liberdade, e, como que servindo de bandeira à Minerva áptera do Pireu, havia na praça principal de Corinto um colossal gato de bronze. A ingênua polícia da Restauração via com muito bons olhos o povo de Paris. Não é tão "boa canalha" como se pensa. O parisiense está para o francês como o ateniense para o grego; ninguém dorme melhor que ele, ninguém é tão francamente frívolo e preguiçoso, ninguém mais do que ele parece esquecer-se tão rapidamente. Mas ninguém se fie nessas aparências, comuns a toda espécie de negligência, porque, quando entrevê um fim glorioso, ele é de admirável arrojo. Deem-lhe um chuço, e ele fará o 10 de agosto; deem-lhe um mosquete, e tereis Austerlitz.[135] Ele é o ponto de apoio de Napoleão e a defesa de Danton. Trata-se de socorrer a pátria? Ele se alista. Trata-se de defender a liberdade? Arranca então as pedras das calçadas para fazer trincheiras. Cuidado! Seus cabelos cheios de cólera tornam-se épicos; sua camisa transforma-se em clâmide. Acautelai-vos, que na primeira Rue Greneta que aparecer, levantarão forcas.[136] Chegada a hora exata, o homem dos bairros se agiganta, o pequeno plebeu eleva-se, seus olhos tornar-se-ão terríveis, seu sopro provocará tempestades, e desses peitos tão fracos sairá vento suficiente para alterar as dobras dos Alpes. É graças à gente simples de Paris que a Revolução, embrulhada com os exércitos, conquista toda a Europa. Sua alegria é cantar. Deem-lhe uma canção apropriada e verão o que pode acontecer! Enquanto seu estribilho é a *Carmagnole*, apenas destronam Luís XVI; façam-nos cantar a *Marseillaise*,[137] e ela libertará o mundo.

Depois dessas considerações à margem do relatório de Anglès, voltemos aos nossos casais. Como dissemos, eles terminavam de jantar.

VI | O CAPÍTULO DO AMOR

Colóquios de mesa e colóquios de amor; uns como os outros, quiméricos: os colóquios de amor são nuvens; os de mesa, simples fumo.

Fameuil e Dahlia cantarolavam, Tholomyès bebia, Zéphine ria, Fantine sorria, Listolier tocava uma corneta de madeira, comprada em Saint-Cloud. Favourite olhava Blachevelle ternamente e dizia:

– Blachevelle, eu te adoro!

Isso provocou uma pergunta de Blachevelle.

– Que farias, Favourite, se eu não te quisesse mais?

– Eu! – exclamou Favourite. – Ora! Não digas isso nem por brincadeira! Se deixasses de me amar, eu pularia em cima de ti, te agarraria, te arranharia, te jogaria água e te mandaria prender.

Blachevelle sorriu com a fatuidade voluptuosa de um homem lisonjeado em seu amor-próprio. Favourite replicou:

– Não tenhas dúvidas de que eu chamaria a polícia. Ah! Pensas que eu iria ficar quietinha? Canalha!

Blachevelle, extasiado, recostou-se à cadeira e fechou orgulhosamente os olhos.

Dahlia, sem parar de comer, disse baixinho a Favourite no meio de toda aquela confusão:

– Então, você morre de amores pelo seu Blachevelle?

– Eu o detesto – respondeu Favourite no mesmo tom, tornando a pegar o garfo. – Ele é avarento. Eu gosto é do pequeno que mora em frente à minha casa. Que moço bonito! Você o conhece? Parece-me que é artista. Ai! como eu gosto de artistas! Logo que ele chega em casa, a mãe diz assim: – Ah! meu Deus! Acabou-se o sossego. Já vai começar a gritar. Mas, meu filho, você me arrebenta a cabeça! – Pois ele costuma andar pela casa toda, das águas-furtadas ao sótão, e canta e declama, que sei eu? Lá debaixo não se ouve nada. Já está ganhando vinte soldos por dia com um advogado para escrever bobagens. É filho de um antigo chantre de Saint-Jacques-du-Haut-Pas. Está muito bem de vida. Gosta tanto de mim que um dia em que me viu preparando massa de bolinhos, me disse: – *Faça sonhos de suas luvas que eu os comerei do mesmo modo*. – Não há como os artistas para dizer essas coisas. Ah! ele tem futuro. Quase que fico louquinha por esse menino. Não faz mal; enquanto isso, vou dizendo a Blachevelle que o adoro. Como sou mentirosa! Hein? Como sou mentirosa!

Favourite fez uma pausa e continuou:

– Dahlia, você está vendo como estou triste. Durante todo o verão só fez chover; o vento me irrita e não para de soprar; Blachevelle é um sovina; com muito custo a gente encontra ervilha no mercado; não se sabe o que comer; sinto o *spleen*, como dizem os ingleses; a manteiga está tão cara! E ainda por cima, isso eu não tolero, estamos comendo num quarto de dormir; isso tudo me torna a vida insuportável.

VII | SABEDORIA DE THOLOMYÈS

Enquanto alguns cantavam, os outros conversavam alvoroçadamente; era uma confusão completa. Tholomyès interveio:

– Vamos parar de falar assim, ao acaso, apressadamente. Se queremos ser deslumbrantes, vamos pensar um pouco. Muita improvisação esvazia bestamente o espírito. Cerveja que corre não cria musgo. Senhores, nada de pressa. Vamos dar um pouco de majestade a esta comilança; comamos lentamente, apressemo-nos devagar. Calma, senhores. Olhem a primavera; se chegar antes da hora, está perdida, pois o frio a matará. O excesso de zelo põe a perder os pessegueiros e os damasqueiros. O excesso de zelo tira toda a graça dos bons jantares. Nada de afobação, senhores! Grimod de la Reynière é da mesma opinião que Talleyrand. [138]

O grupo não deixou de protestar.

– Tholomyès, deixe-nos em paz – disse Blachevelle.

– Abaixo o tirano! – exclamou Fameuil.

– Bombarda, Bombance e Bomboche! – gritou Listolier.

– O domingo foi feito para a gente se divertir – replicou Fameuil.

– Estamos sóbrios – acrescentou Listolier.

– Tholomyès – disse Bachevelle –, veja só a minha calma.

– Mas você é o próprio Marquês de Montcalm.

Esse medíocre jogo de palavras fez o efeito de uma pedra lançada a um charco. O Marquês de Montcalm era então um realista famoso. Todas as rãs se calaram.

– Amigos – exclamou Tholomyès, com a eloquência de quem retoma o poder –, acalmem-se. Não é preciso muita bulha para acolher esse trocadilho caído do céu. Nem tudo o que a sorte nos proporciona é necessariamente digno de entusiasmo e de respeito. O trocadilho é o esterco que se desprende do espírito. Caia onde cair a momice, e o espírito, após desfazer-se de uma bobagem, se perde novamente no éter. A mancha esbranquiçada que se arrebenta de encontro ao rochedo não impede o condor de voar. Longe de mim qualquer insulto ao trocadilho! Honro-o na proporção de seus méritos, nada mais. Tudo o que há de mais augusto, de mais sublime e de mais encantador na humanidade, talvez até além da humanidade, é feito com jogos de palavras. Jesus Cristo fez um trocadilho sobre São Pedro; Moisés, sobre Isaac; Ésquilo, sobre Polínice; Cleópatra, sobre Otávio. Notai que o trocadilho de Cleópatra precedeu à batalha de Actium, e que, sem ele, ninguém mais se lembraria da cidade de Toryne,

palavra grega que significa concha.[139] Isso posto, volto à minha exortação. Meus irmãos, repito: nada de animosidades, nada de excessos; portanto, nos chistes, muita alegria, espalhafato e calemburgos. Ouçam-me, que tenho a prudência de Anfiaraus e a calvície de César.[140] É preciso um limite para os trocadilhos. *Est modus in rebus*.[141] É preciso um limite para os jantares. Vocês, minhas meninas, adoram torta de frutas; não abusem. É indispensável bom-senso e arte, mesmo em se tratando de tortas. A glutoneria castiga o guloso. *Gula punit Gulax*. A indigestão está encarregada por Deus de pregar moral ao estômago. E, guardem o que eu vou dizer, cada uma de nossas paixões, mesmo o amor, tem um estômago que não se deve empanturrar. Em tudo é necessário escrever a tempo a palavra *finis*; quando, então, há urgência, é indispensável trancar o apetite, encarcerar a fantasia e pôr-se cada um num cárcere. Sábio é aquele que é capaz de trancafiar-se no momento preciso. Podem confiar em mim, pois, pelo que dizem meus exames, já estudei um pouco de direito, e sei a diferença que existe entre uma questão encerrada e uma questão pendente. Já defendi uma tese em latim, sobre a maneira por que era aplicada a tortura em Roma, no tempo em que Munatius Demens era Questor do Parricida,[142] pois, pelo que me parece, vou-me doutorar e nem por isso se conclui que eu precise ser completamente imbecil. Recomendo-lhes moderação nos desejos. Isso é tão verdade como me chamo Félix Tholomyès. Feliz de quem, no tempo exato, toma uma resolução heroica e abdica, como o fizeram Sila e Orígenes![143]

Favourite ouvia-o com profunda atenção:

– Félix! – disse ela –, que nome mais lindo! Gosto tanto dele. É latim. Quer dizer Próspero.

Tholomyès prosseguiu:

– *Quirites*, *gentlemen*, *caballeros*, meus amigos! Querem ficar completamente isentos de apetites, querem abster-se do leito nupcial e enfrentar o amor? Nada mais simples. Eis a receita: limonada, muito exercício e trabalhos forçados; matem-se, carreguem pedras, não descansem; vigiem continuamente; deliciem-se com salitre e tisanas de nenúfares; saboreiem emulsões de papoulas e agnus-castus; acrescentem a tudo isso uma dieta severa até desmaiar de fome; banhos frios, e mais ainda cintos de ervas, aplicações de chapa de chumbo, loções com licor de Saturno e fricções com água e vinagre.

– Prefiro uma mulher – disse Listolier.

– A mulher! – continuou Tholomyès –, desconfiem dela. Desgraçado de quem se abandona a um coração volúvel de mulher! A mulher é pérfida e

inconstante. Detesta a serpente por ciúme de profissão. A serpente é a maior concorrente ao seu comércio.

– Tholomyès – gritou Blachevelle –, mas você está bêbado!

– Protesto! – respondeu Tholomyès.

– Então, fale alguma coisa alegre – retrucou Blachevelle.

– Está bem – respondeu Tholomyès.

E, enchendo novamente o copo, levantou-se:

– Glória ao vinho! *Nunc te, Bacche, canam*![144] Perdão, senhoritas, isso é espanhol. E a prova, *señoras*, ei-la aqui: tal povo, tais barris. A arroba de Castela contém dezesseis litros; o cântaro de Alicante, doze; o almude das Canárias, vinte e cinco; o quartim das Baleares, vinte e seis; e as botas do Czar Pedro, trinta. Viva o grande Czar e sua bota, maior ainda que ele! Minhas senhoras, um conselho de amigo: iludam-se com seus coleguinhas se isso lhes parece agradável. Amar é o mesmo que iludir-se. Esses namoricos não foram feitos para se agacharem e se embrutecerem como se fossem uma criada inglesa com calos nos joelhos. Não; eles devem ser alegremente inconstantes! Já disseram que errar é próprio do homem; pois eu digo que errar é próprio do amor. Minhas senhoras: amo-as a todas. Ó Zéphine! Ó Joséphine! Você é simpática, mas seria mais bonita se não estivesse de perfil. Seu rosto bonito dá impressão de que alguém, por descuido, fez dele uma almofada. Quanto a Favourite, ó ninfas, ó musas! Um dia Blachevelle atravessava o riacho da Rue Guérin-Boisseau quando viu uma moça bonita, de meias brancas arregaçadas deixando ver-lhe as pernas. O prólogo agradou-lhe e Blachevelle se apaixonou. Era Favourite. Ó Favourite de lábios jônios! Havia um pintor grego chamado Euforion, cognominado o pintor dos lábios. Somente ele seria digno de retratar esses lábios. Ouça! Antes de você não existia criatura alguma digna desse nome. Você foi feita para receber a maçã como Vênus ou para comê-la como Eva. Em você é que se inicia toda a beleza. Falei agora mesmo de Eva; você é que a criou. Merece, pois, a patente de invenção da mulher bonita. Ó Favourite; pare de elogiá-la porque passo da poesia à prosa. Há pouco você falava de meu nome. Isso me enterneceu; mas, quem quer que sejamos, desconfiemos dos nomes, que eles também se enganam. Chamo-me Félix e não sou nada feliz. Os nomes são grandes mentirosos. Não devemos aceitar cegamente as informações que nos dão. Seria um grande erro escrever a Liège para comprar rolhas e a Paul para pedir luvas. *Miss* Dahlia, eu, em seu lugar, chamar-me-ia Rosa. É preciso que a flor tenha perfume e que a mulher seja espirituosa. Nada direi de Fantine: é uma sonhadora, abstrata e extremamente sensível; um fantasma com formas de ninfa e o pudor de uma

freira que se desencaminha como costureira, mas se refugia nas ilusões, cantando, rezando, contemplando o céu sem saber bem o que vê nem o que faz, e com os olhos no céu passeia por um jardim onde há mais passarinhos do que realmente existem! Ó Fantine, convença-se de que eu, Tholomyès, sou uma ilusão. Mas ela não me ouve, a loura filha das quimeras! Enfim, ela é toda frescor, suavidade, juventude, doce clarão matinal. Ó Fantine, digna de chamar-se margarida ou pérola, você veio do mais belo oriente. Senhoras, um segundo conselho: não se casem; o casamento é um enxerto: pode dar certo e pode não dar. Não corram esse risco. Ora bolas! Que estou, afinal, cantando? Estou falando à toa. As moças, quando se trata de casar, são incuráveis, e nada que nós, os sábios, lhes dissermos impedirá que essas fabricantes de coletes e de borzeguins deixem de sonhar com um marido carregado de diamantes. Enfim, seja; mas, minhas belas, guardem o que lhes digo: vocês comem açúcar demais. É esse, mulheres, o seu único defeito: comer doces. Ó sexo roedor, cujos belos dentes adoram o açúcar, prestem atenção: o açúcar é um sal. Todo sal é secante e o açúcar o mais secante de todos os sais. O açúcar absorve os líquidos do sangue; daí a coagulação e, depois, a solidificação; daí a tuberculose nos pulmões; daí a morte. É por isso que a diabete é quase que o limite da tísica. Deixem de mastigar açúcar e viverão mais tempo. Volto-me agora para os homens: senhores, conquistem o mais que puderem. Roubem, sem remorsos, as vossas enamoradas. Em questões de amor, não há amigos. Onde houver mulher bonita, haja luta aberta. Não deem quartel; combatam sem piedade! Uma mulher bonita é um *casus belli*, um flagrante delito. Todas as invasões da história foram determinadas pelas saias. A mulher é o direito do homem. Rômulo roubou as sabinas; Guilherme, as saxônicas; César, as romanas. O homem que não é amado paira como um abutre sobre as amantes dos outros; e, quanto a mim, lanço a todos esses pobres coitados que são os viúvos a sublime proclamação de Bonaparte ao exército da Itália: – Soldados, vocês carecem de todo o necessário. O inimigo o tem de sobra.

Tholomyès fez uma pausa.

– Respire um pouco – disse Blachevelle.

Ao mesmo tempo, Blachevelle, acompanhado por Listolier e Fameuil, com ar de compaixão, entoou uma dessas canções improvisadas, feitas das primeiras palavras que vêm à cabeça, com rimas ricas ou sem rima nenhuma, sem sentido algum, como os gestos das árvores e o barulho do vento, nascidos do fumo dos cachimbos, e dissipando-se com ele. Vejam com que estrofe o grupo respondeu à arenga de Tholomyès:

Les pères dindons donnèrent
De l’argent à un agent
Pour que Mons. Clermont-Tonnerre
Fût fait Pape à la Saint-Jean;
Mais Clermont ne put pas être
Fait Pape, n’étant pas Prêtre;
Alors leur agent rageant
Leur rapporta leur argent.[145]

Mas isso não conseguiu acalmar o improviso de Tholomyès, que esvaziou o copo, encheu-o novamente e recomeçou.

– Abaixo a sabedoria! Esqueçam tudo o que eu lhes disse. Não vamos ser nem hipócritas, nem prudentes, nem sisudos. Brindo à alegria; sejamos alegres! Completemos nosso curso de direito com loucuras e comidas. Digesto e indigestão. Que Justiniano seja o macho e Ripaille a fêmea![146] Alegria nas profundezas! O mundo é um diamante enorme! Eu sou feliz! Os pássaros são admiráveis. Que festa universal! O rouxinol é um Elleviou grátis.[147] Eu te saúdo, ó verão! Ó Luxembourg! Ó Geórgicas da Rue Madame e da Allée de l’Observatoire! Ó soldados sonhadores! Ó empregadas encantadoras que, enquanto cuidam das crianças, se divertem esboçando outras novas! Como me agradariam os pampas das Américas se não houvesse as arcadas de Odéon. Minha alma esvoaça pelas florestas virgens e pelas savanas. Tudo é belo. As moscas zumbem na luz. O sol, com um espirro, criou os colibris. Abraça-me, Fantine!

Mas enganou-se, e abraçou Favourite.

VIII | MORRE UM CAVALO

– Janta-se melhor no restaurante Édon que no Bombarda – exclamou Zéphine.

– Prefiro o Bombarda ao Édon – declarou Blachevelle. – É mais luxuoso. Mais asiático. Vejam a outra sala como tem espelhos pelas paredes.

– Eu gostaria que caprichassem é na comida – disse Favourite.

Blachevelle insistiu:

– Reparem só; as facas do Bombarba têm cabos de prata; no Édon, os cabos são de osso. Ora, a prata é mais preciosa que o osso.

– Exceto para os que têm o queixo saliente – observou Tholomyès.

Nesse momento, olhou para a cúpula dos Invalides, visível das janelas do Bombarda.

Seguiu-se um momento de silêncio.

– Tholomyès – gritou Fameuil de repente –, Listolier e eu tivemos uma discussão.

– Discutir é boa coisa – respondeu Tholomyès –, mas uma brigazinha é muito melhor.

– Falávamos de filosofia.

– Vá lá!

– Quem prefere você: Descartes ou Spinosa?

– Désaugiers – disse Tholomyès.

Dada essa resposta, bebeu e continuou:

– Consinto em continuar vivendo. Nem tudo sobre a terra está acabado, pois ainda há gente que discute. Por isso, dou graças aos deuses imortais. Mente-se, mas, em compensação, ri-se. Afirma-se, mas também duvida-se. O silogismo faz surgir coisas inesperadas. E isso é bom. Por aqui ainda há homens que alegremente sabem abrir e fechar a caixinha de surpresas do paradoxo. Senhoras, isso que vocês bebem tão tranquilamente, saibam que é vinho de madeira, da colheita do Curral das Freiras, a trezentas e dezessete toesas acima do nível do mar! Atenção, pois, quando bebem! Trezentas e dezessete toesas! E o Senhor Bombarda, magnífico hospedeiro, lhes dá essas trezentas e dezessete toesas por quatro francos e cinquenta cêntimos!

Fameuil interrompeu-o novamente:

– Tholomyès, mas você tem opiniões que são verdadeiras leis. Quem é o seu autor preferido?

– Ber…

– Quin?

– Não. Choux.[148]

E Tholomyès prosseguiu:

– Honra ao Bombarda! Ele facilmente se igualaria a Munofis de Elefanta se me conseguisse uma almeia, e a Tigélio de Queroneia se me trouxesse uma hetaira! Porque, senhoras, tanto no Egito como na Grécia já existiam Bombardas. É Apuleio quem no-lo diz.[149] Pobres de nós; sempre as mesmas coisas e nada de novo. Nada há de inédito na criação do Senhor! *Nil sub sole novum*, diz Salomão; *Amor omnibus id.*, escreve Virgílio;[150] e Carabine sobe com Carabin para a galeota de Saint-Cloud, como Aspásia embarcava com

Péricles na frota de Samos. Ainda uma palavra. Sabem quem era Aspásia, minhas senhoras? Embora tenha vivido em um tempo em que as mulheres não tinham alma, ela era uma alma com cambiantes cor-de-rosa e púrpura, mais abrasada que uma chama, com o frescor da aurora. Aspásia era uma criatura em que se tocavam os dois extremos da mulher: era a libertina divinizada. Sócrates mais Manon Lescaut. Aspásia foi criada para o caso de se precisar de uma prostituta para Prometeu.[151]

Tholomyès, uma vez impelido, não pararia tão facilmente se um cavalo não tivesse caído no cais, justo naquele instante. Com o choque, pararam a carroça e o orador. Era uma mula da Beócia, velha, magra, digna do esquartejador, da qual só se aproveitaria, talvez, o couro; estava atrelada a uma carroça muito pesada. Chegando em frente ao Bombarda, o animal, cansado e fraco, não quis ir mais além. O incidente atraiu uma pequena multidão. Apenas o carreteiro, praguejando indignado, teve tempo de pronunciar, com a necessária energia, a palavra sacramental: – *Inútil!* –, sublinhando-a com uma chicotada, que o fantasma do animal caiu para não mais se levantar. Ao barulho dos transeuntes, os alegres ouvintes de Tholomyès voltaram-se para a rua e Tholomyès aproveitou a ocasião para concluir sua alocução por esta estrofe melancólica:

Elle était de ce monde où coucous et carrosses
Ont le même destin
Et, rosse, elle a vécu ce que vivent les rosses,
L’espace d’un: mâtin![152]

– Pobre animal! – suspirou Fantine.

E Dahlia exclamou:

– Pronto: Fantine já se pôs a lastimar pelos animais. Mas como é que se pode ser tão burra!

Nesse momento, Favourite, cruzando os braços e levantando a cabeça, encarou Tholomyès e disse resolutamente.

– Ora! Já me esquecia. E a surpresa?

– Justamente. Chegou a hora – respondeu Tholomyès. – Senhores, é chegada a hora de surpreender essas damas. Senhoras, esperem-nos por um momento.

– A surpresa começa por um beijo – disse Blachevelle.

– Na testa – acrescentou Tholomyès.

Cada um, com toda a solenidade, deu um beijo na fronte da respectiva amante; depois os quatro, em fila, se dirigiram para a porta, com o indicador à

boca, ordenando silêncio.

Quando saíram, Favourite bateu palmas.

– Já chega de gracinhas – disse então.

– Não se demorem muito – murmurou Fantine. – Esperamos por vocês.

IX | ALEGRE FIM DA ALEGRIA

Ficando sós, as quatro se encostaram duas a duas às janelas, conversando umas com as outras pela parte de fora.

Viram os jovens, que, saindo do Bombarda de braços dados, voltaram-se, acenaram-lhes sorrindo e desapareceram na poeirenta multidão domingueira que invade semanalmente os Champs-Élysées.

– Voltem logo! – gritou Fantine.

– Que será que eles vão nos trazer? – perguntou Zéphine.

– Sem dúvida, alguma coisa bonita – disse Dahlia.

– Por mim – replicou Favourite –, gostaria que fosse algum objeto de ouro.

Mas se distraíram com o movimento do cais; podiam observá-lo através dos ramos das árvores e isso as divertia bastante. Era a hora da partida do correio e das diligências. Quase todas as linhas de transporte do Midi e do Oeste passavam, então, pelos Champs-Élysées. A maior parte delas percorria o cais e saía pela barreira de Passy. De minuto em minuto, passava algum grande veículo pintado de amarelo e preto, sobrecarregado de bagagens, cuidadosamente aparelhado, já disforme, tantas eram as malas, as mantas e os pacotes, cheio de cabeças que mal podiam ser vistas, esmagando o calçamento, expelindo faíscas, rodando pelo meio da multidão envolta na fumaça da poeira como uma forja incandescente ou uma fúria enraivecida. Essa balbúrdia encantava as raparigas. Favourite exclamava:

– Que algazarra! Dir-se-ia um montão de correntes voando.

Aconteceu, porém, que uma dessas diligências, que dificilmente se podia distinguir entre a espessa ramagem, parou um momento e depois continuou a correr. Isso deixou Fantine admirada.

– Interessante! – disse. – Eu pensava que as diligências não paravam pela estrada!

Favourite levantou os ombros:

– Mas essa Fantine é uma coisa louca! Deve-se admirá-la como raridade.

Admira-se das coisas mais simples. Vamos supor; eu sou um viajante e digo ao cocheiro: vou na frente e o senhor me apanha quando passar pelo cais. O cocheiro passa, me vê, para e eu subo. Isso é tão comum! Você não conhece a vida, minha amiga.

Algum tempo se passou. De repente, Favourite fez um movimento de quem acorda.

– E a surpresa? – disse.

– É verdade – replicou Dahlia –, e a famosa surpresa?

– Já faz tempo que saíram! – disse Fantine.

Fantine acabava de suspirar quando o garçom que as servira à mesa entrou. Trazia na mão alguma coisa que se parecia a uma carta.

– O que é isso? – perguntou Favourite.

O garçom respondeu:

– É um bilhete que aqueles moços deixaram para vocês.

– Por que não o trouxe logo?

– Porque eles me recomendaram que não o entregasse antes que passasse uma hora.

Favourite arrancou o papel das mãos do garçom. Era mesmo uma carta.

– Olhem! – disse ela – não tem endereço algum, mas escutem só o que está escrito aqui.

Esta é a surpresa

Desdobrou apressadamente a carta, abriu-a e leu (pois sabia ler):

Amantes queridas!
Como vocês sabem, temos nossos pais; e isso de pais é algo que vocês não compreendem suficientemente. O código civil, honesto e pueril, chama-os de pai e mãe. Ora, nossos pais choram de saudade e, já idosos, nos chamam; bons velhinhos e bondosas senhoras que são, têm-nos como filhos pródigos, desejam a nossa volta e prometem banquetear-nos com um vitelo gordo. Nós, como somos virtuosos, obedecemos. Quando vocês estiverem lendo esta carta, cinco fogosos cavalos nos estarão levando a nossas mamãs e papás. Levantamos acampamento, como diz Bossuet. Fomos embora, partimos. Fugimos nos braços de Laffitte e sobre as asas de Caillar.[153] *A diligência de Toulouse nos arranca do abismo, e o abismo são vocês, lindas pequenas! Voltamos para a sociedade, o dever e a ordem, a galope, à razão de três léguas por hora. É do interesse da pátria que sejamos, como todo mundo, prefeitos, pais de família, guardas campestres e conselheiros do Estado. Respeitem-nos, porque nos sacrificamos. Chorem-nos um pouco e substituam-nos depressa. Se esta carta as magoar, restituam-na.*

Durante quase dois anos, fizemo-las felizes. Não guardem rancor para conosco.
Assinado:
BLACHEVELLE
FAMEUIL
LISTOLIER
FÉLIX THOLOMYÈS
Post scriptum: *O jantar está pago.*

As quatro raparigas se entreolharam.

Favourite foi a primeira a quebrar o silêncio.

– Vejam só! – exclamou. – Que peça nos pregaram!

– Muito engraçadinhos mesmo – disse Zéphine.

– Sem dúvida é ideia de Blachevelle – retrucou Favourite. – Isso me faz mais apaixonada. Se ele fosse embora mais depressa, muito antes eu o amaria. Essa é a verdade.

– Não – disse Dahlia –, isso é ideia de Tholomyès. Vê-se logo.

– Nesse caso – continuou Favourite –, morte a Blachevelle e viva Tholomyès!

– Viva Tholomyès! – gritaram Dahlia e Zéphine.

E gargalharam gostosamente.

Fantine riu-se como as demais.

Uma hora depois, quando reentrou em seu quarto, pôs-se a chorar. Como já dissemos, esse era o seu primeiro amor; entregou-se a Tholomyès como a um marido, e, coitada, tinha uma filhinha.

LIVRO QUARTO
CONFIAR É, POR VEZES, ABANDONAR

I | DUAS MÃES SE ENCONTRAM

No primeiro quarto deste século, havia em Montfermeil, perto de Paris, uma espécie de taverna hoje desaparecida. Era propriedade de certa família Thénardier, marido e mulher. Estava situada no beco du Boulanger. Por cima da porta, via-se uma placa pregada diretamente na parede. Nela estava pintada alguma coisa semelhante a um homem carregando às costas outro homem com grandes dragonas douradas de general e enormes estrelas prateadas; manchas vermelhas representavam sangue; o resto da placa eram nuvens de fumo e provavelmente representavam uma batalha. Embaixo, lia-se esta inscrição: AO SARGENTO DE WATERLOO.

Nada impressiona tão mal quanto uma carroça de lenha ou uma carroça qualquer à porta de um albergue. Contudo, o veículo ou, para melhor dizer, o pedaço de veículo que atravancava o beco diante da taverna do Sargento de Waterloo, em uma tarde de primavera de 1818, sem dúvida, por suas grandes proporções, teria chamado a atenção de qualquer pintor que passasse por lá.

Era a parte da frente de uma carroça das que se usam nas regiões de florestas, próprias para carregar grandes pranchas e troncos de árvore. Compunha-se de um grosso eixo de ferro maciço, no qual se fixava um varal enorme que sustentava duas rodas descomunais. Todo esse conjunto era pesado, esmagador, disforme. Dir-se-ia a carreta de um canhão gigante. O barro da rua envolvera as rodas, os aros e o varal numa camada de lama, hedionda pintura amarelada, muito semelhante à que costuma enfeitar as catedrais. A madeira desaparecia sob a lama e o ferro, sob a ferrugem. Do eixo caía, como bambinela, uma corrente tão grande que seria digna de amarrar um Golias. A corrente fazia-nos pensar não nas vigas que devia transportar, mas nos mastodontes e mamutes que teria podido prender; tinha um quê de grilheta, mas ciclópica, sobre-humana, arrancada a algum monstro. Homero tê-la-ia usado para amarrar Polifemo e Shakespeare com ela prenderia Calibã.[154]

Por que razão essas rodas estavam assim abandonadas na rua? Primeiro, para atravancá-la; depois, para acabar de se enferrujar. Na velha ordem social há uma multidão de instituições semelhantes que encontramos ao léu no nosso caminho e que parecem não ter outras razões para existir.

A parte central da corrente caía do eixo até bem perto do chão e, naquela noite, sobre a curvatura da corrente, como se fosse a corda de um balanço, estavam sentadas, bem juntas e estranhamente entrelaçadas, duas meninas, uma com seus dois anos e meio e outra de uns dezoito meses, a menor no colo da mais velha. Um lenço muito bem amarrado impedia que elas pudessem cair. Uma mãe viu essa corrente medonha e disse consigo mesma: – Olhem só um brinquedo para as minhas crianças.

As duas crianças, devemos dizer, graciosamente vestidas e até com certo esmero, estavam radiantes; dir-se-iam duas rosas caídas num montão de ferro velho; seus olhos eram um verdadeiro triunfo e suas faces frescas sorriam. Uma tinha cabelos castanhos, e a outra, mais escuros. Seus rostos singelos eram dois êxtases maravilhosos; um arbusto florido que havia ali perto trescalava perfumes, dando a impressão de que as flores eram as crianças; a de dezoito meses mostrava o ventre nu com a casta indecência da infância. Por cima e ao redor dessas duas lindas cabeças, modeladas pela felicidade e pintadas pela luz, as rodas gigantescas, negras de ferrugem, quase terríveis, emaranhadas em curvas e ângulos amedrontadores, redondas como duas bocas de caverna. A alguns passos dali, sentada à soleira do albergue, a mãe, mulher de aspecto pouco agradável, mas que naquele instante enternecia, balançava as duas crianças por meio de uma cordinha, cobrindo-as com os olhos, de medo que caíssem, com expressão animal e celeste tão própria da maternidade; a cada vaivém, os elos da corrente faziam um ruído estridente, semelhante a um grito de cólera; as crianças extasiavam-se; o sol, quase no ocaso, misturava-se a essa alegria, e nada havia de mais encantador que esse capricho do acaso que fizera de uma cadeia de titãs um balanço para querubins.

Enquanto balançava suas duas filhinhas, a mãe cantarolava à meia-voz uma *romanza* célebre naquela época:

Il le faut, disait un guerrier…

O canto e a atenção que prestava às suas filhas impediram-na de ver o que se passava na rua.

No entanto, alguém se aproximara dela, quando começara a primeira estrofe, e de repente ela ouviu uma voz que dizia bem ao seu ouvido.

– Que belas crianças tem a senhora!

À la belle et tendre Imogine…[155]

Respondeu a mãe, continuando a cantar. Depois se voltou.

A alguns passos de distância estava uma mulher que também trazia uma criança nos braços.

Carregava ainda um grande saco cheio de coisas, que parecia muito pesado.

A criança dessa mulher era um dos seres mais divinos que se poderiam ver. Era uma menina de dois ou três anos. Poderia competir com as outras duas pela graça com que estava vestida; usava uma touca de linho finíssimo, uma blusinha cheia de fitas e rendas. A sainha, levantada de um lado, deixava entrever a pele branca de suas perninhas rechonchudas e roliças. Estava admiravelmente corada e saudável. Era tão linda que dava vontade de morder-lhe as faces. De seus olhos nada poderíamos dizer, senão que deviam ser muito grandes e tinham cílios magníficos. Estava dormindo.

Dormia abandonando-se completamente, o que é próprio das crianças dessa idade. Os braços das mães são feitos de ternuras, e as crianças dormem neles profundamente.

Quanto à mãe, seu aspecto era pobre e triste. Suas vestes denotavam uma operária que voltava a ser camponesa. Era jovem. Seria bonita? Pode ser; mas do jeito que estava vestida nada se poderia afirmar. Os cabelos, dos quais se via uma madeixa loura, pareciam abundantes, mas ocultavam-se severamente sob uma touca de freira, sem nada de bonito, apertada, pequena, amarrada por baixo do queixo. O riso põe à mostra os dentes benfeitos, quando os temos, mas ela não ria. Parecia que seus olhos havia muito não paravam de chorar. Estava pálida e exausta, quase doente. Olhava a filhinha adormecida em seus braços com esse jeito especial da mãe que acabou de amamentar a criança. Um grande lenço azul, como os que usam os doentes, dobrado em dois, encobria-lhe grosseiramente o busto. Tinha as mãos crestadas e cobertas de sardas, o índex endurecido e picado de agulhas, usava uma manta parda de lã grosseira, saia de chita e sapatos pesados. Era Fantine.

Era Fantine, embora irreconhecível. Mas, examinando-a mais atentamente, ainda conservava sua beleza. Uma ruga triste, mais semelhante a uma expressão

de ironia, sulcava-lhe a face direita. Quanto à sua toalete, tão leve e delicada, toda de musselina e fitas, que até parecia com a alegria feita de loucura e de música, cheia de guizos, trescalando lilases, desvanecera-se como gotas de orvalho, reluzindo feito diamantes à luz do sol; evaporam-se e deixam os ramos tão negros como antes.

Dez meses já eram decorridos desde aquela *boa peça* que lhe haviam pregado.

Que se teria passado durante esses dez meses? Cada um pode bem imaginar.

Depois do abandono, a penúria. Fantine logo em seguida perdera de vista Favourite, Zéphine e Dahlia; quebrando-se o laço da parte dos homens, desfez-se também a amizade das mulheres; depois de quinze dias, ficariam deveras admiradas se alguém lhes dissesse que haviam sido amigas; isso não tinha mais razão de ser. Fantine ficou só. Tendo partido o pai de sua criança – infelizmente essas rupturas são irrevogáveis –, viu-se completamente isolada, com menos disposição para o trabalho e mais gosto para o prazer. Levada, por sua ligação com Tholomyès, a desprezar o humilde ofício que constituía o seu ganha-pão, negligenciara-o e não o pudera recomeçar. Não havia outro recurso. Fantine apenas sabia ler, mas não sabia escrever; quando era pequena, ensinaram-lhe somente a assinar o próprio nome; então, por intermédio de um escrivão público, escreveu a Tholomyès, uma vez, duas, três vezes. Tholomyès não respondeu a nenhuma carta. Um dia, Fantine ouviu algumas comadres dizerem, olhando para sua filhinha: – Quem é que vai se importar com uma criança dessas? Todos levantam os ombros quando se trata de filhos dessa natureza! – Pensou então em Tholomyès encolhendo os ombros para sua filha, não dando a mínima importância àquele ser inocente; e seu coração tornou-se sombrio a respeito desse homem. Que resolução tomar? Não sabia a quem se dirigir. Havia cometido uma falta, mas o fundo de sua natureza, como já dissemos, era feito de pudor e de virtude. Sentiu vagamente que estava prestes a cair na miséria e escorregar para o pior. Era preciso muita coragem; teve-a e enfrentou a desgraça. Veio-lhe a ideia de voltar à sua cidade natal, Montreuil-sur-Mer. Lá, talvez, alguém a reconhecesse e lhe desse trabalho; mas era preciso encobrir sua falta. Entreviu então, confusamente, a necessidade possível de uma separação mais dolorosa ainda que a primeira. Seu coração constrangeu-se, mas tomou uma resolução. Fantine, como veremos, era destemida. Já havia renunciado valentemente aos adornos femininos; vestiu-se de chita, usando toda a sua seda, suas fitas, seus enfeites e rendas para vestir a filha, única e santa vaidade que ainda lhe restava! Vendeu tudo o que possuía, o que lhe rendeu duzentos francos.

Depois de pagas suas pequenas dívidas, restaram-lhe mais ou menos oitenta francos. Com seus vinte e dois anos, numa bela manhã de primavera, deixava Paris, carregando consigo a menina. Quem as visse passar sem dúvida teria-se comovido. A pobre mulher não tinha no mundo senão aquela criança e a criança só tinha aquela mulher. Fantine amamentara a filha; isso cansou-lhe o peito, provocando um pouco de tosse.

Não teremos mais ocasião de falar de Félix Tholomyès. Limitamo-nos, portanto, a dizer que, vinte anos depois, no reinado de Luís Filipe, tornava-se importante advogado de província, influente e rico, sábio eleitor e jurado severíssimo, mas sempre dado aos prazeres.

Pelo meio-dia, depois de ter viajado, para não se cansar demais, pagando três ou quatro soldos por légua, nessas que se chamavam então de Pequenas Carruagens dos Arredores de Paris, Fantine encontrava-se em Montfermeil, no beco du Boulanger.

Passando em frente ao albergue Thénardier, as duas crianças, tão encantadoras naquele monstruoso balanço, foram para ela como que um deslumbramento, fazendo-a parar diante dessa visão de alegria.

Existem encantamentos. Um exemplo foram aquelas duas crianças para aquela mãe.

Olhava-as emudecida. A presença dos anjos é um prenúncio do paraíso. Pensou entrever por cima daquele albergue o misterioso aqui da Providência. Aquelas duas crianças eram evidentemente felizes! Olhava-as e admirava-as com tanta ternura que, no momento em que a mãe respirava entre dois versos de sua canção, não pôde deixar de dizer-lhe as palavras que reproduzimos acima:

– Que belas crianças tem a senhora!

As mais ferozes criaturas sentem-se desarmadas quando acariciam seus filhos.

A mãe levantou a cabeça e agradeceu, fez Fantine sentar-se no banco da porta, enquanto ela continuava na soleira. Puseram-se então a conversar.

– Eu me chamo Mme. Thénardier – disse a mãe das duas crianças. – Este albergue é nosso.

Depois, continuando ainda sua *romanza*, murmurou entre os dentes:

Il le faut, je suis chevalier,
Et je pars pour la Palestine.[156]

Essa Mme. Thénardier era uma mulher ruiva, carnuda, angulosa; o tipo da mulher-de-soldado em toda a sua desgraça. E, coisa estranha, um tanto recurvada, de tanto ler histórias romanescas. Uma virago cheia de trejeitos. Os velhos romances esfarrapados, nessas mentalidades de taverneiros, fazem desses efeitos. Ainda era jovem; tinha apenas trinta anos. Se essa mulher, no momento sentada, se levantasse, talvez sua altura e suas espáduas de colosso ambulante, muito próprias para exibir-se em feiras, amedrontassem logo de início a viajante, perturbando sua confiança, e nada do que estamos para narrar teria acontecido. Estar uma pessoa sentada ou de pé, às vezes, é coisa que chega a mudar destinos.

A viajante contou sua história um tanto modificada.

Era operária, seu marido havia falecido, faltara-lhe trabalho em Paris, e ia, portanto, procurá-lo em outros lugares, em sua terra natal; como estava carregando a filhinha e sentia-se cansada, tomara a diligência de Villemomble, e de Villemomble viera a pé até Montfermeil; a pequena havia andado um pouco mas, sendo muito criança, fora preciso tomá-la nos braços, até que adormeceu.

A essa palavra, deu em sua filha um beijo tão apaixonado que a acordou. A criança abriu os olhos, grandes olhos azuis como os de sua mãe, e olhou ao redor. E viu o quê? Nada e tudo, com esse ar sério, às vezes até severo, das crianças, o que constitui um mistério de sua luminosa inocência diante do crepúsculo de nossas virtudes. Dir-se-ia que elas se sentem como anjos e sabem que somos simples homens. Depois, pôs-se a rir; embora a mãe a retivesse, escorregou para o chão com a energia indomável de uma criança que tem vontade de correr. Logo percebeu as duas outras no balanço, parou de repente e pôs a língua para fora em sinal de admiração.

Mme. Thénardier soltou as crianças, tirou-as do balanço e disse:

– Vão brincar as três juntas.

Nessa idade, bastam alguns minutos para se criar intimidade, e ao cabo de pouco tempo as Thénardier brincavam com a recém-chegada fazendo buracos na terra, imenso prazer.

A recém-chegada era muito alegre; a bondade da mãe se espelha na alegria do filho; pegou um pauzinho que lhe servia de pá e pôs-se a cavar com energia um buraco para enterrar uma mosca. A tarefa do coveiro torna-se simpática, se feita por uma criança.

As duas mulheres continuavam a conversar.

– Como se chama a sua menina?

– Cosette.

Cosette: leia-se Eufrásia, que é como se chamava a pequena. Mas de Eufrásia a mãe fez Cosette, por esse doce e gracioso instinto das mães e do povo que muda Josefa em Pepita e Françoise em Sillette. Este é um gênero de derivados que desconcerta toda a ciência dos etimologistas. Conhecemos até uma avó que conseguiu fazer de Théodore, Gnon.

– Quantos anos tem?

– Vai completar três anos.

– É a idade da minha mais velha.

Entretanto, as três pequenas haviam-se agrupado em posição de profunda ansiedade e beatitude; acontecia algo de extraordinário: um verme saía da terra; elas tinham medo e ao mesmo tempo estavam admiradas.

Suas frontes radiantes tocavam-se; dir-se-ia que eram três cabeças circundadas por uma única auréola.

– Como são as crianças – exclamou Mme. Thénardier –, como se familiarizam depressa! Eis que já parecem três irmãs!

Essa palavra foi a fagulha que a outra mãe, provavelmente, esperava. Tomou a mão de Mme. Thénardier, olhou-a fixamente e lhe disse:

– A senhora quer cuidar da minha menina?

Mme. Thénardier teve um desses movimentos de surpresa, que não são nem consentimento nem recusa.

A mãe de Cosette continuou:

– Veja a senhora, eu não posso levá-la comigo à minha terra. O trabalho não mo permite. Com uma criança, a gente não arruma nenhuma colocação. O pessoal de lá é tão atrasado! Foi Deus que me fez passar pela frente do seu albergue. Quando vi as crianças tão bem-arrumadinhas, tão contentes e tão bonitas, senti-me comovida e disse comigo mesma: aí está uma mãe carinhosa. Isso mesmo: serão três irmãs. E, depois, não vou demorar muito a voltar. Quer cuidar da minha menina?

– Precisamos ver – disse Mme. Thénardier.

– Pagarei seis francos por mês.

Nesse momento, uma voz de homem gritou do fundo da taverna:

– Por menos de sete francos, nada feito, e seis meses pagos adiantados.

– Seis vezes sete, quarenta e dois – disse Mme. Thénardier.

– Pois pagarei – disse a mãe.

– E mais quinze francos para as primeiras despesas – acrescentou a voz de homem.

– Total: cinquenta e sete francos – disse Mme. Thénardier. E mesmo em meio a seus cálculos cantarolava baixinho:

Il le faut, disait un guerrier.

– Pagarei da mesma forma – disse a mãe –; tenho oitenta francos. Ainda me resta alguma coisa para ir até minha terra. Indo a pé, é claro. Lá ganharei dinheiro e, logo que tiver um pouco, voltarei para levar o meu amorzinho.

A voz do homem continuou:

– A menina tem enxoval?

– É o meu marido – disse Mme. Thénardier.

– Sem dúvida que tem, o meu pobre tesouro. Logo vi que era o seu marido… E um bom enxoval! Tudo às dúzias; até vestidinhos de seda, como uma grande senhora. Está lá no meu saco de roupas.

– Então, é preciso deixar com ela – replicou a voz de homem.

– Mas é claro! – disse a mãe. – Seria engraçado eu deixar minha filha sem roupa!

O dono da casa apareceu então.

– Tudo bem – ele disse.

O ajuste estava concluído. A mãe passou a noite no albergue, deu o dinheiro e deixou a criança. Tornou a atar o saco de roupas, quase vazio e muito mais leve, e partiu no dia seguinte, contando voltar o mais depressa possível. É tão simples calcular essas partidas, mas que desesperos não provocam!

Uma vizinha dos Thénardier encontrou essa mãe que se afastava e voltou dizendo:

– Vi uma mulher chorando que fazia dó.

Quando a mãe de Cosette se foi, o homem disse à mulher.

– Isso vai pagar a minha letra de cento e dez francos, que expira amanhã. Faltavam-me cinquenta francos. Você sabia que, se eu não pagasse, já bateria à porta o Oficial de Justiça com um processo? Você armou uma bela ratoeira com as meninas.

– Eu nem havia percebido – disse a mulher.

II | PRIMEIRO ESBOÇO DE DUAS FIGURAS SOMBRIAS

O camundongo caído na ratoeira era insignificante, mas o gato se alegra mesmo com um ratinho magro.

Quem eram esses Thénardier?

Digamos alguma coisa desde já. Depois completaremos o desenho.

Essas criaturas pertenciam a essa classe de pessoas composta de gente rústica enriquecida e de pessoas inteligentes decaídas, que está entre a chamada classe média e a chamada classe baixa, combinando alguns dos defeitos da segunda com quase todos os vícios da primeira, sem possuir nem os impulsos generosos do operário, nem a honestidade ordeira do burguês.

Eram dessas naturezas anãs que, se algum fogo sombrio as aquece, tornam-se facilmente monstruosas. Na mulher havia a alma do bruto e, no homem, a natureza do avarento. Ambos estavam no mais alto degrau possível dessa espécie de progresso que se alcança no caminho da maldade. Há almas que, à imitação de caranguejos, andam para trás, sempre em direção às trevas, retrocedendo na vida à medida que esta avança, empregando a própria experiência em aumentar a própria deformidade, sempre em novas aventuras, impregnando-se mais e mais em sua crescente perversidade. Esse homem e essa mulher pertenciam a essa classe de pessoas.

O marido, principalmente, assustaria qualquer fisionomista. Basta olhar para certos homens para ficarmos desconfiados, porque percebemos toda a maldade de que estão impregnados. Lançam inquietação aos que os seguem e ameaças aos que os precedem. São misteriosos. Ninguém pode afirmar com segurança o que fizeram ou o que vão fazer.

A sombra que levam no olhar denuncia-os. Basta ouvir-lhes uma palavra ou perceber-lhes um gesto para se lhe entreverem os obscuros segredos do passado e os sombrios mistérios do futuro.

Esse tal de Thénardier, se formos acreditar no que contava, havia sido soldado; sargento, como costumava dizer. É provável que tenha feito a campanha de 1815, e, pelo que parece, deve ter lutado com bravura. Mais adiante, veremos o que aconteceu. A placa de seu albergue era uma alusão a um de seus feitos de armas. Ele mesmo a pintara, pois sabia fazer um pouco de tudo; mal.

Era a época em que o antigo romance clássico, que depois de ter sido *Clélia* se tornara *Lodoïska*, sempre conservando a nobreza, tornava-se cada vez mais vulgar, descendo de Srta. de Scudéry a Mme. Barthélemy-Hadot e de Mme. de Lafayette a Mme. Bournon-Malarme,[157] incendiando a alma amorosa das parteiras de Paris e emocionando mesmo os arredores da cidade. Mme.

Thénardier tinha inteligência suficiente apenas para ler esse tipo de livro. Assimilava-os, neles mergulhava o pouco que tinha de cérebro, o que lhe dera, desde o tempo de moça e mesmo mais tarde, uma espécie de atitude pensadora ao lado do marido, tratante de certa profundidade, libertino, cuja educação se limitava quase só à gramática, ao mesmo tempo grosseiro e delicado, mas pelo que respeitava ao sentimentalismo, lendo Pigault-Lebrun,[158] e por "tudo o que respeita ao sexo", como costumava dizer comumente, completamente estúpido e sem influência. Sua mulher tinha uns doze ou quinze anos menos que ele. Mais tarde, quando os cabelos, romanticamente soltos, começaram a embranquecer, quando a Megera separou-se de Pamela,[159] Mme. Thénardier não passava de uma mulher pesadona e má que se havia deliciado com romances imbecis. Mas ninguém lê tolices impunemente. E o resultado foi que sua filha mais velha chamou-se Eponine; quanto à caçula, a coitadinha quase se chamou Gulnare; ela deve a não sei qual distração, provocada por um romance de Ducray-Duminil, o fato de chamar-se Azelma.[160]

No mais, digamos de passagem, nem tudo é ridículo e superficial nessa curiosa época a que aludimos e que se poderia chamar de anarquia dos nomes de batismo. Ao lado do elemento romanesco que acabamos de indicar, há o sintoma social. Hoje em dia, não é nada raro encontrar-se um pastorzinho chamado Arthur, Alfred ou Alphonse, e um Visconde – se é que ainda existem viscondes – chamado Thomas, Pierre ou Jacques. Essa mudança, que põe um nome "elegante" no plebeu e um nome camponês no aristocrata, é uma reviravolta do desejo de igualdade. A irresistível penetração da nova mentalidade aí está presente, como em tudo o mais. Sob essa aparente discordância, há algo de grande e profundo: a Revolução Francesa.

III | A COTOVIA

Para progredir, não basta ser mau. O albergue andava de mal a pior.

Graças aos cinquenta e sete francos da viajante, Thénardier evitara um protesto e honrara sua assinatura. Nos meses que se seguiram, ainda tiveram necessidade de dinheiro; a mulher foi a Paris e empenhou no montepio o enxoval de Cosette por uma soma de sessenta francos. Apenas gastaram também esse dinheiro, os Thénardier acostumaram-se a ver a menina como uma criança da qual cuidavam por caridade e como tal a tratavam. Como não tinha mais enxoval, vestiram-na com as roupas velhas de suas filhas, isto é, com trapos.

Alimentavam-na com os restos dos outros pratos, pouco melhor que o cão, pouco pior que o gato. O gato e o cão, afinal, eram seus comensais costumeiros. Cosette comia com eles, debaixo da mesa, numa tigela de madeira em tudo semelhante à deles.

A mãe, que se havia domiciliado, como veremos adiante, em Montreuil-sur-Mer, escrevia-lhes ou, para melhor dizermos, fazia-lhes escrever todos os meses, para ter notícias da filhinha. Os Thénardier respondiam invariavelmente: "Cosette está maravilhosamente bem".

Passados os primeiros seis meses, a mãe enviou sete francos devidos ao sétimo mês, e continuou, com toda a exatidão, a mandar o dinheiro, vez por vez. Ainda o ano não havia acabado e Thénardier já falava assim:

– Grande coisa nos faz essa mulher! Que podemos fazer com sete francos? – e escreveu exigindo doze francos mensais. A mãe, à qual persuadiram de que sua filha estava feliz "e bem", concordou e mandou os doze francos exigidos.

Há certas naturezas que não podem amar, de um lado, sem odiar, de outro. Mme. Thénardier amava apaixonadamente suas duas filhas, o que a fazia detestar a estranha. É triste constatar que o amor materno tem aspectos menos nobres. O menor lugar que Cosette ocupasse em sua casa dava-lhe a impressão de que a pequena roubava às suas próprias filhas, diminuindo até o ar que respiravam. Essa mulher, como muitas de sua espécie, distribuía diariamente uma quantidade certa de carinhos, golpes e injúrias. Se não tivesse Cosette em sua casa, certamente suas filhas receberiam tanto uns como outros; mas a estranha fez-lhes o favor de desviar os maus-tratos para o seu lado. Suas filhas só recebiam carícias. Bastava que Cosette fizesse um movimento e já chovia sobre sua cabeça uma saraivada de castigos violentos e imerecidos. Meiga e tímida criança, nada compreendia, nem deste mundo nem de Deus; continuamente castigada, repreendida, maltratada, espancada, via a seu lado duas pequenas criaturas como ela vivendo num raio da aurora!

Como Mme. Thénardier era abrutalhada para com Cosette, Eponine e Azelma tornaram-se igualmente más. As crianças, nessa idade, não são mais do que o retrato da mãe. A única diferença é o tamanho. E só.

Passou-se um ano, e mais outro.

Dizia-se pela cidade:

– Que gente boa esses Thénardier. Não são ricos e, no entanto, criam uma pobre criatura deixada à sua porta.

Pensavam que Cosette havia sido abandonada pela mãe.

Contudo, Thénardier, tendo ouvido, não se sabe por que meios obscuros, que a menina provavelmente era bastarda e que a mãe não a podia ter consigo, exigiu quinze francos mensais, dizendo que “a criatura” estava crescendo e “*comia muito*”, ao mesmo tempo em que ameaçava mandá-la embora.

– Que ela não me aborreça! – exclamava –, senão eu lhe mando a guria para acabar com seus segredinhos. É preciso que me pague mais.

A mãe enviou-lhe os quinze francos.

De ano para ano, a criança crescia e sua miséria aumentava.

Enquanto Cosette era pequenina, foi bode expiatório das outras duas crianças; logo que começou a se desenvolver um pouco, isto é, antes mesmo de completar cinco anos, tornou-se a criada da casa.

Cinco anos! – dirá alguém – mas é incrível! Infelizmente é verdade. O sofrimento imposto pela sociedade começa bem cedo. Não vimos nós recentemente o processo de um tal Dumolard, pobre órfão que se tornou bandido, que, desde a idade de cinco anos, dizem os documentos oficiais, sendo sozinho no mundo, “trabalhava para viver, e roubava”?!

Cosette era obrigada a dar recados, varrer os quartos, o quintal, a rua, lavar pratos e até carregar pesos. Os Thénardier julgavam-se com mais direitos ainda de agir dessa maneira à medida que a mãe, que continuava sempre em Montreuil-sur-Mer, começou a falhar na mensalidade. Alguns meses foram pagos em sofrimentos.

Se essa mãe tivesse voltado a Montfermeil ao cabo desses três anos, não reconheceria a filha Cosette; tão alegre e sadia quando chegara àquela casa, tornara-se magra e pálida. Estava sempre inquieta. – Sonsa! – diziam os Thénardier.

A injustiça tornara-a arisca, e a miséria a deformara. Restavam-lhe somente os lindos olhos que davam pena, porque, grandes como eram, deixavam entrever maior quantidade de tristeza.

Era doloroso ver, no inverno, essa pobre criança, que não tinha ainda seis anos, tiritando de frio, coberta de farrapos, varrendo a rua antes de o sol sair, com uma vassoura enorme em suas pequeninas mãos vermelhas e os olhos cheios de lágrimas.

Na aldeia, chamavam-na de Cotovia. O povo, amante das belas imagens, gostava de chamar assim essa criaturinha, quase tão leve como um pássaro, tremendo, assustada e medrosa, sempre a primeira a se levantar naquela casa e em toda a cidade, sempre andando pela rua ou pelos campos antes da aurora.

Mas a pobre cotovia não cantava jamais.

LIVRO QUINTO
A DECADÊNCIA

I | HISTÓRIA DE UM PROGRESSO NO FABRICO DE VIDRILHOS PRETOS

E essa mãe que, no dizer do povo de Montfermeil, parecia ter abandonado a filhinha, que acontecia com ela? Onde estava? Que fazia?

Depois de ter deixado Cosette com os Thénardier, continuou seu caminho e chegou a Montreuil-sur-Mer.

Estamos, como devem lembrar-se, em 1818.

Fazia mais de doze anos que Fantine deixara sua terra natal. Montreuil-sur-Mer estava bem diferente. Enquanto Fantine decaía de miséria em miséria, sua cidade progredia sempre mais.

Havia quase dois anos dera-se aí um desses acontecimentos industriais que fazem o orgulho dos lugares pequenos.

Esse pormenor é importante, e julgamos útil contá-lo detalhadamente, ou melhor, sublinhá-lo.

Desde os tempos mais remotos, Montreuil-sur-Mer tinha como indústria especial a imitação das miçangas inglesas e dos vidrilhos negros da Alemanha. Mas essa indústria nunca progredira, dada a escassez de matéria-prima, o que prejudicava não pouco a mão de obra. Na época em que Fantine voltou, em Montreuil-sur-Mer havia-se operado uma transformação incomum na produção dessas miçangas pretas. Pelos fins de 1815, um homem, um desconhecido, estabelecera-se na cidade e tivera a ideia de substituir a resina pela goma-laca, e, em particular no caso dos braceletes, substituir as correntes soldadas por correntes simplesmente engastadas.

Essa pequena alteração, com efeito, reduzira prodigiosamente o preço da matéria-prima, o que permitira, em primeiro lugar, que se elevasse o valor da mão de obra, grande benefício para a região; em segundo lugar, que se aprimorasse a fabricação, com vantagem para o consumidor, e, por último, que se vendesse a melhor preço, triplicando assim os benefícios, o que constituía

uma fonte de riqueza para o fabricante.

Assim, de uma ideia, surgiram três resultados.

Em menos de três anos o autor dessa inovação ficou rico, o que já é boa coisa, e enriqueceu tudo o que estava ao seu redor, o que é ainda melhor. Era um estranho naquela região. Nada se sabia de sua origem e quase nada do início de sua carreira.

Contava-se que chegara à cidade com quase nenhum dinheiro; algumas centenas de francos, no máximo.

Foi desse capital insignificante, posto a serviço de uma ideia engenhosa, fecundada pela ordem e pelo pensamento, que ele fez surgir sua fortuna e a riqueza de toda a região.

Quando chegou a Montreuil-sur-Mer – não possuía mais que a roupa do corpo –, tinha o aspecto e o linguajar de um operário.

Parece-me que exatamente no dia em que estava quase despercebido na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, numa tarde de dezembro, com a mochila nas costas e um cajado na mão, ocorrera um grande incêndio na sede do Conselho Municipal, e esse homem lançara-se ao fogo e salvara, com perigo da própria vida, duas crianças, filhas do Capitão da Guarda, o que fez com que não lhe exigissem o passaporte. Depois disso, todos ficaram sabendo como se chamava: era *Madeleine*.

II | MADELEINE

Era um homem já com seus cinquenta anos, de aspecto preocupado e muito bondoso. Eis tudo o que se poderia dizer.

Graças aos rápidos progressos dessa indústria que ele havia tão admiravelmente inovado, Montreuil-sur-Mer tornara-se considerável centro comercial. A Espanha, que consome grande quantidade dessas miçangas negras, fazia a cada ano encomendas enormes. Montreuil-sur-Mer, com esse comércio, quase chegava a fazer concorrência a Londres e a Berlim. Os benefícios de Madeleine eram tão grandes que, a partir do segundo ano, ele pôde construir uma grande fábrica, com vastas oficinas, uma para os homens e outra para as mulheres. Quem quer que tivesse fome podia apresentar-se ali e estar certo de encontrar pão e trabalho.

Madeleine pedia aos homens de boa vontade, às mulheres de bons costumes e

a todos, probidade. Dividiu as oficinas, para separar os sexos, conservando a integridade moral das mulheres e das mocinhas. Sobre esse assunto, era inflexível. Aliás, esse é o único ponto em que ele foi, de algum modo, intolerante. Tanto mais tinha razão para essa severidade, porque Montreuil-sur-Mer era sede da guarnição e não eram poucas as ocasiões de corrupção. Além de tudo, sua vinda fora uma bênção e sua presença uma providência. Antes da chegada de Madeleine, tudo definhava naquela região; e agora tudo se renovava com a vida sadia do trabalho. A nova e florescente atividade econômica deu vida nova a toda a cidade. O ócio e a miséria eram desconhecidos. Não havia bolso, por mais obscuro que fosse, que não tivesse um pouco de dinheiro, ou uma casa tão pobre onde não houvesse um pouco de alegria.

Madeleine dava emprego a todos. Não exigia senão uma coisa: – Seja um homem honesto! Seja uma boa moça!

Como dissemos, em meio a essa atividade da qual ele era a causa e o eixo principal, Madeleine fazia sua fortuna; mas, coisa verdadeiramente singular num comerciante, não dava a impressão de que fosse essa a sua ambição. Parecia interessar-se mais pelos outros que por si mesmo. Em 1820, sabia-se que tinha depositado no banco Laffitte a soma de seiscentos e trinta mil francos; mas antes de reservar para si esses seiscentos e trinta mil francos, já havia gasto mais de um milhão com a cidade e com os pobres.

As instalações do hospital eram insuficientes; doou-lhe, então, mais dez leitos. Montreuil-sur-Mer está dividida em cidade alta e cidade baixa. A cidade baixa, onde morava, tinha somente uma escola, péssima construção quase em ruínas; ele mandou construir duas: uma para as meninas e outra para os meninos. Pagava do próprio bolso aos respectivos professores um salário duas vezes maior que a exígua remuneração oficial, e um dia disse a alguém que se mostrava admirado: – Os dois principais funcionários do Estado são a ama de leite e o mestre-escola. – Criara, a suas expensas, uma casa de asilo, coisa então quase desconhecida na França, e uma caixa para socorro dos operários velhos ou doentes. Como sua indústria se tornara um centro, rapidamente surgiu ao seu redor um novo bairro, onde havia um bom número de famílias indigentes. Fundou, então, uma farmácia que distribuía gratuitamente os medicamentos.

Nos primeiros tempos, quando o viam começando seus trabalhos, muita gente boa falou assim: – É um espertalhão que quer fazer dinheiro. – Quando o viram enriquecer a cidade antes de enriquecer a si próprio, houve ainda muita gente boa que disse: – É um grande ambicioso. – Isso parecia bem mais provável porque o tal homem era religioso, de certo modo, praticante, coisa muito

edificante naqueles tempos. Ia regularmente ouvir sua missa rezada todos os domingos. O Deputado local, que por toda parte imaginava concorrências, não demorou muito a se inquietar com essa religiosidade. Esse Deputado, que durante o Império fora membro do corpo legislativo, participava das ideias religiosas de certo Padre do Oratório conhecido pelo nome de Fouché, Duque de Otranto, do qual havia sido amigo e protegido.[161] Na intimidade, costumava rir moderadamente de Deus. Mas quando viu esse rico industrial Madeleine assistir à missa das sete horas, entreviu nele um possível candidato e resolveu superá-lo; tomou para confessor um jesuíta e pôs-se a frequentar a missa solene e as vésperas. A ambição, naquele tempo, pelo sentido exato da palavra, era uma verdadeira corrida. Os pobres, e Deus também, se aproveitaram desse terror, pois o honrado Deputado também deu dois leitos para o hospital, que elevou seu número a doze.

Entretanto, em 1819, numa manhã, correu voz pela cidade que, a pedido do Prefeito, e em consideração aos grandes serviços prestados à cidade, o Sr. Madeleine teria sido nomeado *Maire* de Montreuil-sur-Mer pelo Rei. Os que haviam declarado aquele estranho como “um ambicioso”, contentes, não deixaram passar essa ocasião por que todos esperam para exclamar: – Então! O que dissemos? – Montreuil-sur-Mer estava em alvoroço. Era verdade. Alguns dias depois, apareceu a nomeação no *Moniteur*. Logo no dia seguinte, Madeleine recusou essa dignidade.

Nesse mesmo ano de 1819, os frutos do novo processo inventado por Madeleine figuraram na exposição da indústria. Em vista da opinião do júri, o Rei nomeou o inventor Cavaleiro da Legião de Honra. Novos comentários na pequena cidade: – Está claro! Ele queria era uma condecoração! – Mas Madeleine recusou-a do mesmo modo.

Decididamente, o homem era um enigma. A boa gente salvara-se do ridículo dizendo: – No fim das contas, é uma espécie de aventureiro.

Como vimos, a cidade devia-lhe muito, e os pobres, tudo; ele era tão útil que era impossível deixar de prestar-lhe honras, e tão amável que era inevitável que acabassem por idolatrá-lo. Seus operários, em particular, o estimavam bastante, o que ele recebia com uma espécie de melancólica gravidade. Quando viram que estava rico, as “pessoas da sociedade” começaram a saudá-lo chamando-o de Sr. Madeleine; seus operários e as crianças continuaram a chamá-lo simplesmente de Madeleine, o que lhe era sumamente agradável. À medida que progredia, choviam-lhe sempre mais convites. “A sociedade” o reclamava. Os pequenos e afetados salões de Montreuil-sur-Mer que, bem entendido, estavam a princípio

fechados ao operário, abriram-se de par em par para o milionário. Fizeram-lhe mil e um convites, mas ele sempre os recusava.

Ainda desta vez as boas almas não se sentiram acanhadas de dizer: – É um homem ignorante e de baixa educação. De onde terá saído? Com certeza, não saberia como portar-se em sociedade. É bem capaz até que nem saiba ler.

Quando o viram ganhando tanto dinheiro, haviam dito: – É um comerciante. – Quando o viram distribuir a riqueza, disseram: – É um ambicioso. – Quando o viram recusar honrarias, murmuraram: – É um aventureiro. – Quando o viram desprezar a sociedade, disseram ainda: – Não tem educação.

Em 1820, cinco anos depois de sua chegada a Montreuil-sur-Mer, os serviços que havia prestado à região eram tão notórios, o voto de toda a cidade era de tal modo unânime, que o Rei o nomeou novamente *Maire*. Recusou ainda uma vez, mas o Prefeito resistiu à sua recusa; as autoridades foram suplicar que aceitasse, o povo em plena rua pedia que não recusasse, e a insistência foi tão forte que não pôde deixar de aceder. Notaram até que o que pareceu fazê-lo decidir foi a apóstrofe, quase irritada, a ele dirigida por uma velha mulher do povo que lhe gritou com energia, da soleira de sua porta: – *Um bom* Maire *é uma ótima coisa. Por que então recua diante do bem que poderá fazer?*

Essa foi a terceira fase de sua ascensão. Madeleine tornara-se o Sr. Madeleine, e o Sr. Madeleine transformara-se em *Maire*.

III | QUANTIAS DEPOSITADAS NO BANCO LAFFITTE

Quanto ao mais, continuou tão simples como no primeiro dia. Tinha os cabelos grisalhos, o olhar sério, a tez queimada de um operário, o rosto pensativo de um filósofo. Habitualmente usava chapéu de abas largas e sobrecasaca de pano grosso, abotoada até o queixo. Cumpria seus deveres de *Maire*, mas, fora disso, vivia solitário. Falava com poucas pessoas. Fugia às amabilidades, saudava de passagem e esquivava-se o mais depressa que podia; sorria para não conversar e era generoso para não sorrir. As mulheres diziam dele: – Que urso! – Seu maior prazer era andar pelos campos.

Tomava as refeições sempre sozinho, tendo um livro aberto na frente, e lia enquanto se alimentava. Possuía uma pequena biblioteca de livros escolhidos. Gostava dos livros; os livros são amigos frios e seguros. À medida que a fortuna lhe ia dando mais descanso, parecia aproveitar o tempo para cultivar o espírito. Desde que se estabelecera em Montreuil-sur-Mer, notara-se que, de ano para

ano, seu linguajar se tornava mais polido, mais requintado, mais amável.

Gostava de levar consigo uma espingarda quando ia passear, mas raramente se servia dela. Quando, por acaso, a usava, seu tiro era tão infalível que dava medo. Jamais matava um animal inofensivo e, muito menos ainda, um passarinho.

Embora já não fosse jovem, contava-se que sua força era prodigiosa. Sempre dava uma mão a quem precisava; levantava um cavalo, empurrava alguma carroça atolada ou segurava pelos chifres algum touro fugido. Sempre quando saía tinha os bolsos cheios de moedas; quando voltava, estavam vazios. Se passava por uma aldeia, os moleques esfarrapados corriam-lhe alegremente no encalço e o rodeavam como uma nuvem de mosquitos.

Todos achavam que já havia morado no campo, pois conhecia uma porção de segredos úteis que transmitia aos camponeses. Ensinava-os a destruir a traça do trigo, borrifando os celeiros e inundando as fendas do assoalho com uma solução de sal comum; e a evitar o gorgulho, espalhando por toda parte, nas paredes e no teto, nos pastos e nas casas, ramos de salsa em flor. Tinha “receitas” para extirpar as doenças dos bichos-da-seda, a ferrugem, a ervilhaca, e todas as plantas parasitas nocivas ao trigo. Defendia as coelheiras contra os ratos com o simples cheiro de um porquinho-da-Barbária que punha no meio dos coelhos.

Um dia, viu os habitantes de um lugar muito ocupados em arrancar urtigas; olhou, então, os caules das plantas arrancadas e já secos e disse: – Já morreram. E isso seria tão útil se soubessem como fazer. Quando a urtiga é nova, a folha é um excelente legume; quando já está velha, tem filamentos e fibras como o cânhamo e o linho. Um tecido de urtiga vale tanto quanto um tecido de cânhamo. Picada, a urtiga é boa para as aves domésticas; moída, é boa para o gado vacum. A semente da urtiga, misturada à forragem dos animais, torna-lhes o pelo brilhante; a raiz, misturada ao sal, produz uma bela cor amarela. Além disso, é excelente feno que se pode segar duas vezes ao ano. E que cuidados requer a urtiga? Um pouco de terra e nada mais. O único ponto difícil de resolver é que a semente cai à medida que amadurece, o que torna difícil colhê-la. Aí está; com um pouquinho de trabalho, essa urtiga tornar-se-ia útil; desprezam-na, e ela se torna nociva. Então a destroem. Quantos homens se assemelham à urtiga! – E acrescentou, depois de uma pausa: – Meus amigos, guardem bem isto: não existem homens maus ou ervas más. O que há é maus cultivadores.

As crianças eram suas amigas porque ele era muito hábil em fazer pequenas figuras de palha e casca de coco.

Quando via a porta da igreja coberta de preto, entrava; era tão curioso por

enterros como outros o são por batizados. A viuvez e a desgraça alheia o atraíam por causa da grande doçura do seu caráter; misturava-se aos amigos enlutados, às famílias vestidas de negro, aos sacerdotes que rezavam ao lado de um ataúde. Parecia voluntariamente dar como texto a seus pensamentos aquelas salmodias fúnebres, cheias de visões de mundos desconhecidos. Olhos no céu, ele ouvia, com uma espécie de aspiração a todos os mistérios do infinito, as vozes tristes que cantam à beira do abismo obscuro da morte.

Fazia inúmeras boas obras, às escondidas, como se fossem más. Entrava furtivamente, à noite, em muitas casas; galgava incógnito muitas escadas. Algum pobre-diabo, ao entrar em seu casebre, via que a porta tinha sido aberta, e até forçada, em sua ausência. O pobre homem gritava: um ladrão o havia roubado! Entrava, e a primeira coisa que via era uma moeda de ouro esquecida sobre um móvel qualquer. O "ladrão" era Madeleine.

Era afável e triste. O povo dizia: – Aí está um homem rico que não tem ares de soberbo. Eis um homem feliz que não parece estar contente.

Alguns até o julgavam um personagem misterioso, afirmavam que jamais alguém entrara em seu quarto, verdadeira cela de anacoreta, cheia de ampulhetas aladas, enfeitado com tíbias em cruz e caveiras! Esse era o comentário geral, tanto que algumas mocinhas elegantes e maliciosas de Montreuil-sur-Mer foram um dia à sua casa e lhe disseram:

– Senhor *Maire*, mostre-nos o seu quarto de dormir. Dizem por aí que é uma verdadeira caverna.

Ele sorriu e as fez entrar imediatamente em sua "caverna". E sua curiosidade foi punida. Era uma sala mobiliada simplesmente, com móveis de acaju bastante feios, como em geral são todos os móveis desse tipo, e as paredes forradas com papéis baratos. Nada notaram de particular, a não ser dois castiçais antiquados sobre a lareira, e que pareciam ser de prata "pois estavam marcados". Observação cheia de espírito das pequenas cidades.

Mesmo assim, não pararam de dizer que ninguém entrava em seu quarto, verdadeira gruta de eremita, um buraco, um retiro, um túmulo, enfim.

Segredava-se também que tinha "enormes" quantias de dinheiro depositadas no banco Laffitte, com isto de particular: estavam sempre à sua disposição a qualquer instante; de tal modo, diziam ainda, que o Sr. Madeleine poderia chegar em qualquer manhã ao banco, assinar um recibo e levar seus dois ou três milhões em dez minutos. Na verdade, esses dois ou três milhões se reduziam, como já dissemos anteriormente, a seiscentos e trinta ou seiscentos e quarenta mil

francos.

IV | MADELEINE DE LUTO

No início de 1821, os jornais anunciaram o falecimento do Sr. Myriel, Bispo de Digne, cognominado “D. Bienvenu”, morto em odor de santidade com oitenta e dois anos.

O Bispo de Digne, para acrescentarmos um pormenor que os jornais omitiram, quando morreu estava cego havia já alguns anos, e assim mesmo contente em sua cegueira, tendo a irmã a seu lado.

Digamos de passagem que ser cego e ser amado é, com efeito, sobre esta terra, onde nada é completo, uma das formas mais excepcionalmente estranhas de felicidade. Ter continuamente ao nosso lado uma mulher, uma filha, uma irmã, um ser encantador, que está ali porque temos necessidade dele e porque ele não nos pode abandonar, ter a certeza de que somos indispensáveis a quem nos é necessário, podermos medir-lhe incessantemente o afeto pelo tempo maior ou menor que passa ao nosso lado, e podermos dizer: – Se ele me dedica todo o seu tempo, é sinal de que tenho todo o seu coração –; ver o pensamento que se oculta naquele rosto, comprovar a fidelidade de um ser nesse eclipse total do mundo, perceber o roçagar de um vestido como se fora um bater de asas, ouvi-lo ir, vir, sair, voltar, falar, cantar e sonhar que somos um centro para onde convergem seus passos, suas palavras, suas canções, manifestar a cada instante a própria paixão, sentirmo-nos tanto mais fortes quanto mais doentes estamos, tornar-se, na escuridão e pela escuridão, o astro em torno do qual gravita esse anjo, muito poucas formas de felicidade podem igualar-se a essa. A suprema felicidade dessa existência é ter-se a certeza de ser amado; amado por si mesmo, ou melhor, a despeito de si mesmo; essa convicção tem-na o cego. Em tal angústia, ser atendido é ser acariciado. Falta-lhe alguma coisa? Não. Perder a vista e ter o amor não é o mesmo que estar cego. E qual amor! Amor inteiramente feito de virtude! Não existe cegueira onde existe certeza. A alma, às apalpadelas, procura outra e a encontra. E essa alma, encontrada e provada, é uma mulher. Uma mão nos sustenta: é a sua mão; uma boca roça de leve a nossa fronte: é a sua boca; ouvimos bem perto de nós uma respiração: é ela que está a nosso lado. Depender completamente dela, ser o objeto de seu culto até a mais sincera piedade, jamais sermos abandonados, ter tão doce fragilidade a nos socorrer, apoiarmo-nos a esse bordão seguro, tocar com nossas mãos a Providência e como que tomar em

nossos braços esse Deus palpável, que êxtase! O coração, celeste flor obscura, sente-se possuído de um arrebatamento misterioso. Ninguém trocaria essa sombra por toda a claridade do mundo! Essa alma angelical lá está, incessantemente; quando se afasta, é para voltar; desaparece como um sonho e reaparece como uma realidade. Sentimos um calor que se aproxima; é ela. Como que transbordamos de serenidade, de alegria e êxtase; somos um raio de luz dentro da noite. E as inúmeras delicadezas. Nadas que se tornam enormes em todo esse vazio. Os mais inefáveis acentos da voz feminina usados para nos embalar, suprindo assim todo um universo desaparecido. Sentimo-nos acariciados por uma alma. Não vemos nada, mas nos sentimos adorados. É um paraíso de trevas.

Desse paraíso é que D. Bienvenu passou ao outro.

A notícia de sua morte foi reproduzida pelo jornal local de Montreuil-sur-Mer. O Sr. Madeleine, no dia seguinte, vestiu-se todo de preto, com um crepe negro no chapéu.

A cidade toda reparou nesse luto inexplicável e foram muitos os comentários. Isso pareceu lançar alguma luz sobre a origem do Sr. Madeleine. Concluíram que ele devia ter alguma ligação com o venerável Bispo: – *Pôs luto pelo Bispo de Digne* –, foi o que disseram pelos salões, o que serviu para elevar ainda mais a posição do Sr. Madeleine, dando-lhe súbita consideração entre a gente nobre de Montreuil-sur-Mer. No lugar, o microscópico bairro de Saint-Germain pensou em pôr fim à quarentena do Sr. Madeleine, provável parente de um Bispo. O Sr. Madeleine percebeu essa mudança pelo maior número de reverências das senhoras idosas e pela maior frequência de sorrisos das mais jovens. Uma noite, uma das mais velhas frequentadoras daquele pequeno *grand-monde*, muito curiosa por direito de antiguidade, ousou perguntar-lhe: – O Sr. *Maire*, por acaso, é sobrinho do falecido Bispo de Digne?

Ele respondeu:

– Não, minha senhora.

– Mas – replicou a matrona – o senhor pôs luto por ele.

Respondeu, então:

– É que, na minha juventude, fui lacaio de sua família.

Outra observação que faziam era esta: cada vez que passava pela cidade, algum pequeno saboiano percorrendo a região à procura de chaminés para limpar, o senhor *Maire* mandava-o chamar, perguntava-lhe o nome e dava-lhe dinheiro. Os pequenos saboianos contavam isso a outros e daí resultava

aparecerem muitos pela cidade.

V | RELÂMPAGOS NO HORIZONTE

Pouco a pouco, à medida que o tempo passava, foram caindo todas as oposições. No começo, levantou-se contra o Sr. Madeleine essa espécie de lei a que estão sujeitos todos os que conseguem distinguir-se: perversidades e calúnias, a princípio; depois, simples maldades; depois ainda malícia; e, finalmente, tudo isso acabou; o respeito que lhe dedicavam era unânime, completo, cordial, e chegou um momento, mais ou menos em 1821, em que as palavras Senhor *Maire* eram pronunciadas em Montreuil-sur-Mer quase com o mesmo tom de cordialidade com que em 1815 diziam em Digne: Senhor Bispo. Vinha gente que morava até a dez léguas de distância para consultar o Sr. Madeleine. Ele terminava disputas, impedia processos, reconciliava inimigos. Todos o tomavam como juiz de seus direitos. Parecia que tinha como princípio vital o livro da lei natural. Foi quase um contágio de veneração que, em seis ou sete anos, ganhou progressivamente toda a região.

Um único homem, em toda a cidade e arredores, resistia a esse contágio e, fosse qual fosse a ação do Sr. Madeleine, continuava rebelde, como se uma espécie de instinto, incorruptível e imperturbável, o admoestasse e inquietasse. Parece, com efeito, que existe em certos homens um verdadeiro instinto bestial, puro e íntegro como todo instinto, o qual cria simpatias e antipatias, separando fatalmente uma natureza de outra, sem hesitar, sem se perturbar, sem se calar ou desmentir jamais, límpido em sua própria obscuridade, infalível, imperioso, refratário a todos os conselhos da inteligência e a todos os elementos capazes de eliminar o raciocínio, e que, sejam quais forem os destinos do homem, adverte secretamente o homem-cão da presença do homem-gato, e o homem-raposa da presença do homem-leão.

Muitas vezes, quando o Sr. Madeleine passava pelas ruas, calmo, afetuoso, rodeado pelas bênçãos de todos, acontecia que um homem de alta estatura, vestido de sobrecasaca cinzenta, de bengala, chapéu puxado sobre os olhos, se voltava bruscamente para ele e o seguia com os olhos até desaparecer, cruzando os braços, balançando lentamente a cabeça, levantando o lábio inferior e superior até quase o nariz, carranca muito significativa que se poderia traduzir assim: – Mas quem seria esse homem? – Tenho quase certeza de tê-lo visto em algum lugar. – Em todo caso, não sou tão crédulo assim.

Esse personagem grave, de seriedade quase ameaçadora, fazia parte desse tipo de pessoas que, apenas entrevistas, preocupam o observador.

Chamava-se Javert e era da polícia.

Ele preenchia em Montreuil-sur-Mer as funções penosas, mas úteis, de inspetor. Não presenciara o início da carreira de Madeleine. Javert devia o posto que ocupava à proteção de Chaboulliet, secretário do Conde Anglès, Ministro de Estado, naquela época Prefeito da Polícia de Paris. Quando Javert chegou a Montreuil-sur-Mer, a fortuna do grande industrial já estava feita e Madeleine já era o Sr. Madeleine.

Alguns membros da polícia têm uma fisionomia particular, mesclada a certo ar de baixeza e de autoridade. Javert tinha essa fisionomia, excetuando-se a baixeza.

Segundo a nossa opinião, se as almas fossem visíveis aos olhos do corpo, veríamos distintamente essa coisa estranha, isto é: cada indivíduo da espécie humana corresponde a alguma das espécies do reino animal; poderíamos reconhecer facilmente a verdade, apenas entrevista pelo pensador, de que, desde a ostra até a águia, desde o porco até o tigre, todos os animais estão no homem e cada um deles num único homem. Às vezes, até muitos de uma só vez.

Os animais não são outra coisa que a figura de nossas virtudes e vícios, errando diante de nossos olhos, fantasmas visíveis de nossas almas. Deus no-los mostra para fazer-nos refletir. A única diferença é que, sendo os animais simples sombras, Deus não os fez passíveis de educação, no sentido completo da palavra. Por quê? Pelo contrário, sendo nossas almas realidades e tendo um fim que lhes é próprio, Deus lhes deu inteligência, isto é, as fez capazes de educação. A educação social, quando benfeita, sempre poderá extrair de uma alma, seja ela qual for, a utilidade que ela contém.

Isso seja dito, bem entendido, do restrito ponto de vista da vida terrestre aparente, sem prejudicar a questão profunda da personalidade anterior ou ulterior dos seres que não são homens. O *ego* visível não autoriza, de nenhum modo, o pensador a negar o *ego* latente. Feita essa reserva, continuemos.

Agora, se admitirem conosco que em qualquer homem está contida uma das espécies animais da criação, ser-nos-á muito fácil explicar a personalidade do Oficial de Justiça Javert.

Os camponeses das Astúrias estão firmemente convencidos de que em cada cria de loba existe um cão, que é morto pela própria mãe; se não o fizesse, quando este se tornasse grande, devoraria os outros filhotes.

Deem uma face humana a esse cão filho de uma loba, e teremos Javert.

Javert nascera numa prisão, filho de uma cartomante cujo marido estava nas galés. Crescendo, julgou-se excluído da sociedade e perdeu toda a esperança de nela entrar. Notou, igualmente, que a sociedade mantém irremissivelmente afastadas duas classes de homens: os que a atacam e os que a protegem; ele só podia escolher entre essas duas classes, ao mesmo tempo que sentia em seu íntimo não sei que rigidez, regularidade ou probidade, de mistura a um ódio inexprimível a essa classe de boêmios a que ele pertencia. Entrou para a polícia. Deu-se bem. Com quarenta anos, fora nomeado Inspetor.

Em sua juventude, trabalhava entre os forçados do Midi.

Antes de prosseguirmos, entendamo-nos sobre estas palavras *face humana*, que usamos há pouco a respeito de Javert.

A face humana de Javert consistia em um nariz chato, com duas narinas muito abertas para os quais subiam, dos dois lados de seu rosto, enormes suíças. A gente se sentia mal na primeira vez em que se deparava com essas duas florestas e essas duas cavernas. Quando Javert ria, o que era muito raro e terrível, seus lábios muito finos separavam-se, deixando ver não só os dentes, mas também as gengivas, produzindo ao redor do nariz uma dobra achatada e selvagem que lhe dava o ar de um focinho próprio de animais ferozes. Javert, quando sério, era um cão; quando ria, transformava-se num tigre. Quanto ao mais, cabeça pequena e queixo volumoso; os cabelos caídos sobre as sobrancelhas escondiam-lhe a fronte; entre os dois olhos, uma ruga permanente como se fora uma estrela de cólera; olhar obscuro, boca afetada e temível, um ar de comando feroz.

Esse homem se compunha de dois sentimentos muito simples e relativamente bons, mas que ele tornava maus, tanto os exagerava: respeito à autoridade e ódio a qualquer rebelião; a seus olhos, o roubo, o assassínio e todos os crimes não passavam de formas de rebelião. Ele envolvia numa espécie de fé cega e profunda tudo o que tem uma função no Estado, desde o Primeiro-Ministro até o Guarda Campestre. Cobria de desprezo, de aversão e tristeza tudo o que houvesse transposto, por uma vez sequer, o limite legal do crime. Era absoluto e não admitia exceções de espécie alguma. De um lado, costumava dizer: – O funcionário não se pode enganar; o magistrado sempre está com a razão. – De outro lado, falava assim: – Esses aí estão irremediavelmente perdidos. Nada podem produzir de bom. Participava completamente da opinião desses espíritos extremistas que atribuem à lei humana não sei que poder de produzir ou, se quiserem, de constatar a existência de demônios, localizando sob a sociedade

dos homens o infernal Estige.[162] Era estoico, sério, austero; um pensador triste, ao mesmo tempo humilde e altivo como o são os fanáticos. Seu olhar era um verdadeiro estilete, frio e penetrante. Toda a sua vida se resumia em duas palavras: vigiar e observar. Introduzira a retidão no que de mais tortuoso há no mundo; tinha consciência de sua utilidade, a religião do seu dever; era espião como se é padre. Desgraçado de quem lhe caísse nas mãos! Prenderia o próprio pai se ele fugisse das galés e denunciaria a própria mãe se ela escapasse do cárcere. E o faria com essa espécie de satisfação interior própria da virtude. E, com isso tudo, levava uma vida de privações, de isolamento, de abnegação, de castidade, sem uma distração sequer. Era o dever implacável, a polícia compreendida como os espartanos compreendiam Esparta; sentinela impiedosa, honestidade cruel, um espião de mármore. Era Bruto encarnado em Vidocq.[163]

Toda a pessoa física de Javert era a expressão do homem que espia e se oculta. A escola mística de Joseph de Maistre, que, por essa época, temperava de alta cosmogonia os jornais denominados ultramontanos, não teria dúvidas em chamar Javert de símbolo. Ninguém lhe via a fronte, encoberta pelo chapéu; não se lhe viam os olhos, ocultos sob as sobrancelhas; não se lhe via o queixo, escondido pela gravata; não se lhe viam as mãos, escondidas nas mangas, e tampouco o bastão que costumava carregar por baixo da sobrecasaca. Mas, chegada a ocasião, via-se de repente sair de toda essa sombra, como de uma emboscada, uma fronte angulosa e estreita, um queixo ameaçador, mãos enormes, empunhando um enorme bastão.

Em seus momentos de descanso, pouco frequentes, embora odiasse os livros, lia alguma coisa, o que fazia com que não fosse de todo iletrado. Podia-se notar essa particularidade pela ênfase que às vezes dava às palavras.

Não tinha vício algum, como dissemos. Quando se sentia satisfeito consigo mesmo, tomava uma pitada de rapé. Esse era o único ponto em que se assemelhava ao resto da humanidade.

Será, portanto, coisa fácil compreender que Javert era o terror de toda essa classe que a estatística anual do Ministério da Justiça designa sob a rubrica: *Gente sem profissão*. O nome apenas de Javert os punha em fuga; o rosto de Javert petrificava-os.

Assim era esse homem temível.

Javert era como que um olho incessantemente fixo sobre o Sr. Madeleine. Olho cheio de suspeitas e conjecturas. O Sr. Madeleine acabou percebendo essa insistência, mas parecia que isso pouco o incomodava. Nunca dirigiu a Javert

nenhuma pergunta; não o procurava nem o evitava; suportava, sem parecer dar-lhe atenção, aquele olhar incômodo e quase pesado. Tratava Javert como os outros, com deferência e bons modos.

Por algumas palavras que Javert deixou escapar, podia-se adivinhar que ele havia procurado secretamente, com a curiosidade própria da sua espécie, feita mais de instinto que de bondade, todos os vestígios anteriores deixados em algum lugar pelo Sr. Madeleine. Ele parecia saber, e às vezes até o dizia por meias palavras, que alguém havia tomado algumas informações em certo lugar sobre determinada família desaparecida. Uma vez aconteceu até de ele dizer, falando consigo mesmo: – Acho que o peguei! – Depois permaneceu, por três dias, pensativo, sem pronunciar palavra. Parecia que o fio ao qual se prendera se havia rompido.

Apesar de tudo, e este é o corretivo necessário ao sentido demasiado absoluto de algumas palavras, nada pode haver de realmente infalível numa criatura humana, e é próprio do instinto precisamente essa possibilidade de ser perturbado, despistado, desnorteado. Sem o que ele seria superior à inteligência, e encontraríamos no animal mais luz do que no homem.

Javert, naturalmente, estava um tanto desconcertado pela completa naturalidade e tranquilidade do Sr. Madeleine.

Contudo, um dia, seus modos estranhos impressionaram vivamente o Sr. Madeleine. Eis em que ocasião.

VI | FAUCHELEVENT

O Sr. Madeleine passava uma manhã por certa ruazinha não calçada de Montreuil-sur-Mer. Ouviu um barulho e percebeu a alguma distância um agrupamento de curiosos. Dirigiu-se para lá. Um pobre velho, chamado Fauchelevent, acabara de ficar preso sob uma carroça, cujo cavalo se achava estirado no chão.

Esse Fauchelevent era um dos raros inimigos que o Sr. Madeleine ainda tinha por essa época. Quando Madeleine chegara a Montreuil-sur-Mer, Fauchelevent, antigo tabelião e camponês bastante instruído, possuía um pequeno comércio que começava a não ir muito bem. Fauchelevent havia visto esse simples operário enriquecer, enquanto ele, com toda a sua instrução, se arruinava. Isso o enchera de inveja e, na ocasião, fizera tudo o que podia para prejudicar Madeleine. Depois viera a inevitável falência e, velho, não possuindo senão uma

carroça e um cavalo, e além de tudo sem família e sem filhos, fizera-se carroceiro para viver.

O cavalo estava com as duas pernas quebradas e não podia ficar de pé. O velho ficara preso entre as rodas. A queda tinha sido tão desastrada que todo o peso da carroça lhe recaíra sobre o peito. E a carroça estava bem carregada. Fauchelevent lançava gritos lancinantes. Já haviam tentado socorrê-lo, mas em vão. Um esforço mal dirigido, uma ajuda infeliz ou uma sacudidela em falso poderiam matá-lo. Era impossível salvá-lo caso não se levantasse a carroça por baixo. Javert, que havia chegado no momento do acidente, mandou que procurassem uma cábrea.

Foi então que chegou o Sr. Madeleine. Todos se afastaram respeitosamente.

– Socorro! – gritava o velho Fauchelevent. – Não haverá por aí alguma boa alma que socorra este velho?

O Sr. Madeleine voltou-se para os circunstantes:

– Alguém tem por aí um mecanismo que sirva para levantar pesos?

– Foram ver se acham algum – respondeu um camponês.

– Quanto tempo levará para chegar?

– Foram a Flachot, o lugar mais próximo; lá há um ferrador, mas antes de um quarto de hora não estarão de volta.

– Um quarto de hora! – exclamou Madeleine.

Havia chovido no dia anterior, o chão estava encharcado, a carroça cada vez mais se afundava na lama, comprimindo horrivelmente o peito do velho carroceiro. Era evidente que em cinco minutos teria as costelas partidas.

– Não é possível esperar por um quarto de hora – disse Madeleine aos camponeses que o olhavam.

– Mas não há outro remédio!

– Então será tarde demais. Não estão vendo que a carroça está afundando? Olhem; debaixo da carroça há lugar suficiente para que um homem entre e a suspenda com os ombros, o quanto basta para tirar dali o pobre velho. Há por aqui alguém que tenha força e bom coração? Ganhará cinco luíses de ouro!

Ninguém se mexeu.

– Dez luíses – disse Madeleine.

Os assistentes abaixaram os olhos. Um deles murmurou:

– Seria preciso ser forte como o diabo, e ainda com risco de ficar esmagado!

– Vamos – continuou Madeleine –, vinte luíses.

Ninguém respondeu.

– Não é por falta de boa vontade – disse uma voz.

O Sr. Madeleine voltou-se e reconheceu Javert. Não o havia percebido quando se aproximara.

Javert continuou:

– Falta-lhes força. Seria necessário ser um homem terrível para realizar a façanha de levantar uma carroça como aquela nas costas.

Depois, olhando fixamente para o Sr. Madeleine, prosseguiu, sublinhando palavra por palavra:

– Sr. Madeleine, só uma vez conheci um homem capaz de fazer o que o senhor está pedindo.

Madeleine estremeceu.

Javert acrescentou ainda, com ar de indiferença, mas sem tirar os olhos de Madeleine:

– Era um forçado.

– Ah! – disse Madeleine.

– Das galés de Toulon.

Madeleine empalideceu.

Nesse meio-tempo, a carroça continuava a se atolar lentamente. Fauchelevent dava gritos horríveis:

– Estou sufocando! Socorram-me! Tirem-me daqui! Façam alguma coisa!

Madeleine olhou ao redor.

– Não há mesmo quem queira ganhar vinte luíses e salvar esse pobre velho?

Ninguém disse palavra. Javert replicou:

– Até hoje só vi um homem capaz de substituir um guindaste: era um forçado.

– Vou morrer esmagado! – gritava o pobre velho.

Madeleine levantou a cabeça, encarou os olhos de falcão de Javert, sempre fixos em sua pessoa, olhou os camponeses imóveis e sorriu tristemente. Depois, sem nada dizer, pôs-se de joelhos, e, antes mesmo que a multidão tivesse tempo de dizer qualquer coisa, já estava debaixo da carroça.

Foi um horrível momento de expectativa e de silêncio.

Puderam ver Madeleine quase de bruços, sob aquele peso enorme, tentar por duas vezes apoiar-se sobre os joelhos e os cotovelos. Gritavam-lhe:

– Sr. Madeleine! Saia daí!

Até Fauchelevent lhe dizia:

– Sr. Madeleine! Vá-se embora! Tenho mesmo que morrer! Deixe-me! O senhor vai ficar esmagado também! – Madeleine não respondia.

Os assistentes estavam ofegantes. As rodas continuavam a afundar cada vez mais, e já era quase impossível que Madeleine pudesse sair de onde estava.

De repente, viram todo aquele peso estremecer. A carroça elevava-se lentamente e metade das rodas já estava fora da lama. Ouviram então uma voz abafada que gritava:

– Ajudem depressa! Ajudem!

Era Madeleine, que acabava de fazer um último esforço.

Todos correram a ajudá-lo. A abnegação de um só deles seria suficiente para encorajar todos os outros. A carroça foi levantada por vinte braços. O velho Fauchelevent estava salvo.

Madeleine levantou-se. Estava pálido, embora lavado em suor. Suas roupas estavam rasgadas e cobertas de barro. Todos choravam. O velho beijava-lhe os joelhos, chamando-o de Deus. Madeleine tinha no rosto não sei que expressão de sofrimento feliz e celestial, ao mesmo tempo que olhava tranquilamente para Javert, que não o perdeu de vista por um instante sequer.

VII | FAUCHELEVENT TORNA-SE JARDINEIRO EM PARIS

Fauchelevent, ao cair, deslocara uma rótula. O Sr. Madeleine transportou-o a uma enfermaria que havia organizado para seus operários no próprio edifício da fábrica, servida por irmãs de caridade. No dia seguinte, o carroceiro encontrou uma nota de mil francos na mesinha de cabeceira com estas palavras escritas pelo próprio Sr. Madeleine: “*Compro-lhe a carroça e o cavalo*”. A carroça estava quebrada, e o cavalo já havia morrido. Fauchelevent se restabeleceu, mas o joelho ficou defeituoso. Madeleine, com as recomendações das irmãs de caridade e de seu Vigário, empregou o bom homem como jardineiro num convento de freiras no bairro de Saint-Antoine, em Paris.

Algum tempo depois, o Sr. Madeleine foi nomeado *Maire*. À primeira vez que Javert o viu revestido da faixa que lhe conferia a máxima autoridade da cidade, sentiu essa estranha comoção, própria de um cão de fila que farejasse um lobo oculto sob as vestes de seu dono. A partir desse momento, evitou-o o mais que pôde. Quando as necessidades do serviço o exigiam imperiosamente, e ele

não podia deixar de se encontrar com o *Maire*, falava-lhe com profundo respeito.

A prosperidade criada em Montreuil-sur-Mer pelo Sr. Madeleine tinha, além dos sinais evidentes que já indicamos, outro sintoma que, por não ser tão evidente, não deixava de ser menos significativo. É coisa infalível. Quando a população sofre, quando falta trabalho, quando o comércio é fraco, o contribuinte resiste aos impostos por penúria, deixa que se expirem os prazos estabelecidos e o Estado gasta somas enormes com as ações judiciais e a arrecadação. Quando há trabalho e a cidade está feliz e rica, o imposto é pago com boa vontade, com poucas despesas para o Estado. Pode-se até dizer que a miséria ou a riqueza pública têm um termômetro infalível, que são as quantias pagas pelo Estado na arrecadação dos impostos. Em três anos, essas despesas foram reduzidas de três quartos no distrito de Montreuil-sur-Mer, o que o fazia citado frequentemente com destaque entre os demais por Villèle, então Ministro das Finanças.

Essa era a situação do lugar quando Fantine voltou à sua terra natal. Ninguém mais se lembrava dela. Felizmente, a porta da fábrica do Sr. Madeleine era como que um rosto amigo. Apresentou-se e foi admitida na oficina das mulheres. O novo trabalho lhe era inteiramente desconhecido, e não podia, portanto, adaptar-se logo de início, ganhando muito pouco por dia; mas, enfim, já era o suficiente; ganhava algo com que viver.

VIII | MADAME VICTURNIEN GASTA TRINTA FRANCOS PELO BEM DA MORAL

Quando Fantine viu que podia se sustentar, teve um momento de alegria. Viver honestamente do próprio esforço, que graça sobrenatural! E, realmente, voltou-lhe o antigo gosto pelo trabalho. Comprou um espelho, alegrou-se de ver sua juventude, seus lindos cabelos, seus dentes bonitos, esqueceu muita coisa, não se preocupava senão com Cosette e pelo futuro talvez melhor; era quase feliz. Alugou um pequeno quarto e o mobilou a crédito sobre seu trabalho futuro, resto, ainda, dos maus hábitos adquiridos.

Não podendo dizer que era casada, tomou muito cuidado, como já o deixamos perceber, para não falar da filhinha.

No começo, como vimos, pagava com toda a exatidão os Thénardier. Como só sabia assinar o próprio nome, era obrigada a lhes escrever por intermédio de um escrivão público.

E, como escrevia frequentemente, não houve quem não o notasse. Começaram a murmurar na oficina das mulheres que Fantine “escrevia cartas” e que “tinha um passado”.

Não existe gente mais curiosa para espionar a vida alheia que os que não têm com ela relação alguma.

– Por que esse homem só chega à noitinha? Por que fulano não pendura a chave no prego às sextas-feiras? Por que sicrano só anda pelas ruas mais estreitas? Por que aquela mulher sempre desce da carruagem um pouco antes de chegar em casa? Por que mandou comprar um bloco de papel de carta quando é “proprietária de uma papelaria?”. Etc. etc.

Existem seres que, para decifrar esses enigmas, que afinal nada têm a ver com eles, gastam mais dinheiro, esbanjam mais tempo, fatigam-se dez vezes mais do que seria necessário para fazer dez boas ações; e isso gratuitamente, por simples prazer, sem receber dessa curiosidade outro benefício que a própria curiosidade. Seguirão este ou aquele durante dias inteiros; montarão guarda durante horas e horas pelas esquinas ou nos vãos das portas; à noite, no vento ou na chuva, subornarão mensageiros, corromperão cocheiros e lacaios; pagarão a uma camareira, empregarão um porteiro. Por quê? Por nada. Pela vontade de ver, de saber, de desvendar os segredos alheios, impelidos pelo prurido de falar mal. E, frequentemente, uma vez conhecidos esses segredos e desvendados completamente esses enigmas, seguem-se os inevitáveis duelos, catástrofes e falências, famílias arruinadas, existências aniquiladas, para grande alegria dos que “descobriram tudo” desinteressadamente e por puro instinto. Que coisa mais triste!

Algumas pessoas são más unicamente pela necessidade de falar. Sua conversação, simples loquacidade de salão ou diz-que-diz das salas de espera, é como essas lareiras que num instante consomem toda a lenha; elas precisam de grande quantidade de combustível, e o combustível é a vida alheia.

Por isso, seguiram os passos de Fantine.

Além de tudo, mais de uma invejava-lhe os cabelos loiros e a brancura dos dentes.

Notaram que na oficina, no meio das companheiras, ela se escondia frequentemente para enxugar uma lágrima. Era quando pensava em sua filhinha ou, quem sabe, no homem que tanto amara.

Romper com as sombras que nos ligam ao passado é trabalho doloroso.

Constataram que ela escrevia pelo menos duas vezes por mês sempre para o

mesmo lugar. Chegaram a descobrir o endereço: *Sr. Thénardier, estalajadeiro em Montfermeil*. Na taberna, puxaram pela língua do Escrivão Público, pobre velho que não podia encher o estômago de bom vinho sem esvaziar a bolsa de segredos. Logo souberam que Fantine tinha uma filha. – Devia ser, portanto, uma espécie de prostituta. – Encontraram uma comadre qualquer que se prontificou a ir a Montfermeil; ela falou com os Thénardier e contou ao voltar: – Gastei trinta e cinco francos, mas agora estou com a consciência tranquila: eu vi a criança!

A bisbilhoteira, que tivera a coragem de fazer tal coisa, era uma megera, guardiã e sentinela da virtude do próximo. Mme. Victurnien tinha cinquenta e seis anos e usava a dupla máscara da feiura e da velhice. Voz de cabra e espírito caprino. Coisa de admirar: essa velha também havia sido jovem. Em sua mocidade, em pleno 93, casara-se com um monge que fugira do claustro, barrete frígio à cabeça, passando assim dos bernardos para os jacobinos. Era seca, ríspida, angulosa, espinhosa, quase peçonhenta, sempre se lembrando do monge de quem ficara viúva e que a tinha domado e subjugado bastante. Era uma urtiga em que se viam as marcas da batina. Com a Restauração, tornara-se beata, e com tanta intensidade que os padres lhe perdoaram a história do monge. Tinha uma pequena fortuna que legara ruidosamente a uma comunidade religiosa. Era muito bem-vista pelo Bispo de Arras. Essa Mme. Victurnien, portanto, foi até Montfermeil e voltou dizendo: – Eu vi a criança!

No entanto, tudo isso levou tempo para ser feito e Fantine já estava empregada na fábrica havia mais de um ano quando, numa manhã, o Chefe da Oficina mandou-lhe, da parte do Sr. *Maire*, a quantia de cinquenta francos, dizendo-lhe que ela não fazia mais parte da oficina e convidando-a, também da parte do Sr. *Maire*, a deixar a cidade.

Foi precisamente nesse mês que os Thénardier, depois de terem exigido doze francos mensais, em lugar de seis, aumentaram a mensalidade para quinze francos.

Fantine sentiu-se esmagada. Não podia sair da cidade, pois ainda não havia pago o aluguel do quarto e os móveis. Cinquenta francos não eram suficientes para liquidar essas dívidas. Balbuciou algumas palavras de súplica. A vigilante deu-lhe a entender que devia sair imediatamente da oficina. Afinal, Fantine era uma operária medíocre. Acabrunhada, mais pela vergonha do que pelo desespero, deixou a fábrica e trancou-se em seu quarto. Agora o seu pecado era conhecido de todos!

Não sentiu forças para dizer uma palavra. Aconselharam-na a se avistar com

o *Maire*, mas não teve coragem. O *Maire* dava-lhe cinquenta francos, porque era bom, e a expulsava porque era justo. Submeteu-se, pois, à sentença.

IX | O ÊXITO DE MADAME VICTURNIEN

A viúva do monge, portanto, foi boa para alguma coisa. Mas o Sr. Madeleine não chegou a saber nada do que se passara. A vida está cheia dessas ligações de acontecimentos. O Sr. Madeleine tinha por hábito jamais entrar na oficina das mulheres. Ele pusera à frente dessa oficina uma mulher já idosa, recomendada pelo Pároco; tinha absoluta confiança nessa vigilante, pessoa realmente respeitável, firme, justa, cheia da caridade que consiste em dar, mas não possuindo no mesmo grau a caridade que consiste em compreender e perdoar. O Sr. Madeleine delegava-lhe todos os poderes. Os melhores homens são muitas vezes forçados a agir desse modo. Foi com essa autoridade e com a plena convicção de que estava agindo bem que a vigilante instaurara o processo, julgara-o, condenara e executara Fantine.

Quanto aos cinquenta francos, tirara-os de uma verba que Madeleine lhe confiava para dar esmolas e socorrer os operários necessitados, da qual não tinha que dar contas.

Fantine ofereceu-se como criada, andando de casa em casa. Ninguém a quis receber. Não havia podido deixar a cidade. O vendedor de móveis usados, para o qual ainda estava devendo, lhe havia dito: – Se você for embora, mando-a prender como ladra. – O proprietário, para o qual devia o aluguel do quarto, dissera-lhe: – Você é jovem e bonita, pode muito bem arranjar dinheiro. – Dividiu, portanto, os cinquenta francos entre o proprietário e o adelo, entregou a este último três quartas partes da mobília, ficando com o estritamente necessário, e viu-se, afinal, sem trabalho, sem profissão, não tendo mais que a cama, e ainda perto de ter cem francos em dívidas.

Pôs-se a fazer camisas grosseiras para os soldados da guarnição, ganhando doze soldos por dia. Somente a filha custava-lhe dez soldos diários. Foi a partir de então que começou a atrasar o pagamento com os Thénardier.

No entanto, uma velhinha que lhe acendia a vela, quando à noite voltava ao seu quarto, pôs-se a ensinar-lhe a arte de viver na miséria. Viver do pouco que se tem ainda não é viver de nada. São dois compartimentos bem diferentes: o primeiro é escuro, o segundo, completamente negro.

Fantine aprendeu como se faz para passar sem lume durante o inverno; como

renunciar a um passarinho que lhe consome um vintém de alpiste cada dois dias; como transformar uma saia em cobertor e um cobertor em saia; como poupar as velas tomando as refeições à luz que vem da janela do vizinho. É quase impossível saber-se tudo o que certas frágeis criaturas, envelhecidas na indigência e na honestidade, conseguem tirar de um soldo, o que constitui um verdadeiro talento. Fantine adquiriu essa maravilhosa capacidade e criou um pouco de coragem.

Por essa época, ela dizia a uma vizinha: – Ora! digo para mim mesma: se eu dormir apenas cinco horas, e empregar o resto do dia nas minhas costuras, chegarei bem depressa a ganhar o suficiente para o pão. Além disso, quando se está triste, come-se menos. Afinal, sofrimentos, inquietações, um pouco de pão de um lado, muitas preocupações de outro, tudo isso serve para me alimentar.

Em meio a toda essa penúria, ser mãe de uma criança tornava-se uma estranha felicidade. Pensou em mandá-la buscar. Mas não! Fazê-la partilhar de todas as suas privações?! Além disso, estava devendo aos Thénardier. Como acertar as contas? E a viagem? Onde arranjar dinheiro para pagá-la?

A velha, que lhe havia dado o que poderíamos chamar de aulas de miséria, era uma santa mulher chamada Marguerite, devota, no bom sentido da palavra, pobre e caridosa para com os pobres e até para com os ricos, sabendo o suficiente para poder assinar *Marguerite* e, sobretudo, crendo em Deus, o que é a verdadeira ciência.

No submundo em que vivia, há excelentes virtudes que um dia estarão bem no alto, pois esta vida tem um amanhã.

Nos primeiros tempos Fantine sentia-se tão envergonhada que não ousava sair de casa.

Quando andava pelas ruas, percebia claramente que todos se voltavam para vê-la, apontando-a com o dedo. Todos a olhavam, mas ninguém a cumprimentava; o desprezo amargo e frio dos transeuntes penetrava-lhe a carne como uma rajada de vento gelado.

Parece até que nas pequenas cidades uma infeliz está completamente nua sob o sarcasmo e a curiosidade de todos. Em Paris, pelo menos, ninguém a conheceria, e essa obscuridade seria o seu melhor abrigo. Oh! como desejou ir para Paris! Impossível. Era preciso acostumar-se à indiferença geral, como se havia acostumado à pobreza. Aos poucos foi tomando coragem. Passados dois ou três meses, pôs de lado a vergonha e começou a sair como se nada houvesse acontecido. – Que me importa – dizia Fantine. Ia e vinha de cabeça erguida,

sorrindo amargamente, sentindo-se quase uma descarada.

Às vezes, de sua janela, Mme. Victurnien a via passar, reparando com cuidado na miséria “daquela criatura” que graças a ela tinha sido “colocada no seu devido lugar”, e se felicitava. Os maus têm uma maneira sinistra de serem felizes.

O excesso de trabalho deixava Fantine cansada, a tossezinha seca que tinha aumentava. Ela dizia às vezes à sua vizinha Marguerite: – Veja como minhas mãos estão quentes.

Contudo, pela manhã, quando penteava com um velho pente quebrado os cabelos que lhe escorriam pelos ombros como fios aveludados, Fantine tinha um minuto de alegre coqueteria.

X | CONTINUA O ÊXITO DE MADAME VICTURNIEN

Fantine deixara a oficina nos fins do inverno; passou-se o verão, novo inverno chegou. Dias muito curtos e, consequentemente, menos tempo para trabalhar. No inverno não há calor, não há luz, não há sol; a tarde parece emendar-se com a manhã; nevoeiro, crepúsculo, os vidros da janela tornam-se foscos e quase não se veem as coisas. O céu é um respiradouro. O dia, um subterrâneo. O sol parece um miserável. Que estação horrível! O inverno transforma em pedra a água do céu e o coração do homem. Os credores não a abandonavam.

Fantine não ganhava quase nada. As dívidas aumentavam. Os Thénardier, mal pagos, escreviam-lhe a todo instante cartas que a enchiam de apreensão, forçando-a a gastar ainda mais com o correio. Um dia, escreveram-lhe que a pequena estava praticamente nua no frio que fazia e tinha necessidade de uma saia de lã, sendo portanto preciso que a mãe enviasse pelo menos dez francos para comprar-lhe agasalho! Recebeu a carta e passou todo o dia a amarrotá-la entre as mãos. À noite, foi a um barbeiro, que morava na esquina de sua rua, e aí desenrolou sua admirável cabeleira loura que lhe chegava até os rins.

– Que lindos cabelos! – exclamou o barbeiro.

– Quanto daria por eles? – perguntou Fantine.

– Dez francos.

– Pode cortá-los.

Comprou uma saia de lã e a mandou para sua filhinha.

Isso deixou os Thénardier furiosos. Era dinheiro que eles queriam. Deram a

saia para Eponine. A pobre Cotovia continuou a tremer de frio.

Fantine pensava: “Minha filha não sente mais frio. Vesti-a com os meus cabelos”. Usava, então, toucas redondas, que lhe escondiam os cabelos cortados e ainda a faziam parecer bonita.

No coração de Fantine, davam-se perigosas mudanças. Quando percebeu que já não podia pentear-se, começou a odiar tudo o que a rodeava. Por longo tempo participou da veneração geral em que era tido o Sr. Madeleine; contudo, à força de repetir continuamente para si mesma que fora ele quem a expulsara e que ele era a causa de sua desgraça, passou a odiá-lo igualmente, sobretudo a ele. Quando passava diante da fábrica, principalmente nas horas em que os operários estavam na porta, fingia rir e cantar.

Uma antiga operária, que uma vez a viu rindo e cantando dessa maneira, disse: – Essa moça vai acabar mal.

Fantine arranjou um amante, o primeiro que encontrou, um homem a quem não amava, simplesmente por fanfarrice, com o coração cheio de raiva. Era um coitado, uma espécie de músico mendigo, um ocioso, um vagabundo que a espancava e que a deixou do mesmo modo como ela o aceitara, com desprezo.

Fantine, porém, adorava a filhinha.

Quanto mais ela se afundava no vício, quanto maior era a escuridão que se fazia a seu redor, mais esse pequeno anjo brilhava em sua alma. Dizia: – Quando eu for rica, trarei Cosette para junto de mim – e punha-se a rir. A tosse nunca a abandonava; tinha continuamente as costas suadas.

Um dia, recebeu dos Thénardier uma carta nestes termos: “Cosette caiu doente com uma febre que está grassando por esta região; febre miliar, como dizem. Os remédios necessários são caros. Os gastos são muitos, a doença pode ser a nossa ruína; não podemos tirar mais de nosso dinheiro. Se não mandar quarenta francos dentro de oito dias, a menina morrerá”.

Pôs-se a gargalhar e disse à sua velha vizinha: – Ah! Mas eles são formidáveis! Quarenta francos! Nem mais nem menos! Dois napoleões! Onde querem que eu os arranje? Será que esses camponeses não pensam?

Depois foi até a escada, para perto de uma fresta, e releu a carta. Em seguida, desceu a escada e saiu correndo e pulando, rindo sem parar.

Alguém que a encontrou lhe disse: – Que aconteceu, que está tão alegre?

Respondeu: – É por causa de uma carta boba que me escreveu uma gente do campo. Querem que eu lhes mande quarenta francos. Que gente mais imbecil!

Passando pela praça, percebeu um agrupamento de gente ao redor de uma

carruagem estranha, de cuja boleia um homem, de pé, vestido de vermelho, falava em altas vozes. Era um dentista de feira, oferecendo ao público dentaduras completas, analgésicos, pós e elixires.

Fantine misturou-se ao grupo e pôs-se a rir como os outros daquela discurseira cheia de gírias e frases bonitas para agradar a todos. O dentista, vendo o riso de tão bela rapariga, exclamou de repente:

– Você aí que está rindo; você tem belos dentes. Se quiser vender-me seus dentes pago-lhe dois napoleões de ouro.

– O quê? – perguntou Fantine.

– Dois napoleões! – resmungou uma velha desdentada que lá estava. – Esta é que é feliz!

Fantine afastou-se, tapando os ouvidos para não ouvir a voz enrouquecida do homem que lhe gritava: – Reflita bem, beleza! Dois napoleões servem para muita coisa. Se mudar de ideia, venha à noite ao albergue do Tombadilho de Prata, onde estou hospedado.

Fantine voltou furiosa para seu quarto e contou o ocorrido a sua boa vizinha Marguerite: – A senhora está entendendo? Não é então um miserável? Como podem deixar um homem desses andar pelas cidades! Arrancar-me os dentes da frente! Com que cara eu iria ficar? Os cabelos tornam a crescer, mas os dentes! Que homem horroroso! Preferiria jogar-me de cabeça da altura de um quinto andar! Ele me disse que estaria esta noite no Tombadilho de Prata.

– E quanto oferecia? – perguntou Marguerite.

– Dois napoleões.

– Quarenta francos!

– Isso mesmo – disse Fantine –, quarenta francos.

Ficou pensando e pôs-se a trabalhar. Ao cabo de um quarto de hora, deixou a costura e foi reler a carta dos Thénardier na escada.

Quando voltou, disse a Marguerite, que trabalhava ao seu lado:

– A senhora sabe o que é febre miliar?

– Sei – respondeu a velha –, é uma doença.

– É preciso muito remédio para curá-la?

– Ih! se precisa; e remédios fortes!

– Como se pega essa doença?

– Assim, por acaso.

– Isso também dá em crianças?

– Sobretudo nas crianças.

– Elas podem morrer dessa doença? – É muito frequente.

Fantine saiu, foi novamente à escada e leu a carta pela terceira vez.

À noite, desceu e viram-na dirigir-se para os lados da rua de Paris onde estavam os albergues.

No dia seguinte, como Marguerite costumava entrar em seu quarto antes da aurora, pois ambas trabalhavam juntas para gastar uma única vela, encontrou Fantine sentada na cama, pálida, gélida. Não havia dormido. A touca caíra-lhe sobre os joelhos. A vela ardera por toda a noite e quase chegava ao fim.

Marguerite parou à porta, assustada com tamanha desordem e exclamando:

– Senhor! A vela quase se acaba! Deve ter acontecido alguma coisa!

Depois olhou para Fantine, que lhe mostrava a cabeça quase sem cabelos.

De um dia para outro envelhecera mais de dez anos.

– Jesus! – disse Marguerite –, que tem você, Fantine?

– Nada! – respondeu. – Pelo contrário: minha filhinha não vai morrer dessa terrível doença por falta de remédios. Estou muito contente.

Enquanto assim falava mostrava à boa velha os dois napoleões que brilhavam sobre a mesa.

– Jesus! – disse Marguerite. – Mas isso é uma fortuna! Onde arranjou esses luíses de ouro?

– Ganhei-os – respondeu Fantine.

E pôs-se a sorrir. A vela iluminava-lhe o rosto. Era um sorriso ensanguentado. Uma saliva avermelhada sujava-lhe os cantos dos lábios, na boca aparecia um buraco escuro.

Os dois dentes superiores tinham sido arrancados.

Mandou os quarenta francos para Montfermeil. No fim de contas tudo aquilo não passava de uma astúcia dos Thénardier para conseguir dinheiro. Cosette não estava doente.

Fantine atirou o espelho pela janela. Havia tempo que se havia mudado do quarto do segundo andar para um cubículo mal fechado sob o teto; era um sótão cujo forro fazia ângulo com o telhado, machucando-lhe continuamente a cabeça. O pobre não pode chegar até o fim de seu quarto, nem ao fim de seu destino, sem se curvar cada vez mais! Não tinha mais a cama; restava-lhe um farrapo que chamava de cobertor, um colchão estendido no assoalho e uma cadeira quebrada. Uma pequena roseira que ela cultivava fora abandonada a um canto e morrera. No outro canto havia uma moringa que gelava no inverno, onde os diferentes

níveis da água continuavam marcados pelos círculos de gelo. Perdera a vergonha e a vaidade. Era o último sinal. Saía à rua com toucas sujas. Fosse por falta de tempo ou por indiferença, não remendava mais a própria roupa. À medida que o calcanhar das meias se ia rasgando, puxava-as cada vez mais para dentro dos sapatos. Podia-se perceber isso pelas pregas perpendiculares das meias assim esticadas. Remendava o espartilho, já velho e muito usado, com pedaços de chita que se rompiam ao menor movimento. As pessoas para as quais ainda devia algum dinheiro "faziam escândalo" e não lhe davam sossego. Encontrava-as pela rua e tornava a encontrá-las na escada de seu tugúrio. Passava a noite chorando e pensando. Tinha os olhos muito brilhantes e sentia uma dor fixa nas espáduas, mais ou menos na altura da omoplata esquerda. Tossia muito. Odiava profundamente o Sr. Madeleine, mas não dizia palavra. Costurava dezessete horas por dia, mas o Chefe dos Trabalhos da prisão, que fazia trabalhar as prisioneiras quase de graça, fez com que automaticamente os preços baixassem, reduzindo o salário das costureiras livres para nove soldos. Dezessete horas de trabalho a nove soldos por dia! Seus credores ficavam cada vez mais intransigentes. O adelo que lhe tirara quase todos os móveis lhe dizia: – Quando vai me pagar, descarada? – Que queriam que ela fizesse, santo Deus?! A infeliz sentia-se perseguida, e em seu íntimo desenvolvia-se o instinto do animal selvagem. Por essa mesma época, Thénardier escrevia-lhe dizendo que, decididamente, havia esperado com demasiada paciência e que precisava imediatamente de cem francos; senão, poria Cosette para fora de casa, ainda convalescente da terrível moléstia, abandonando-a ao frio dos caminhos; que fosse para onde quisesse, e morresse, se esse era o seu desejo. "Cem francos", pensou Fantine. Mas onde encontrar um emprego que lhe rendesse cem soldos por dia?

– Coragem! – disse ela. – Vendamos o resto.

E a coitada entregou-se à prostituição.

XI | *CHRISTUS NOS LIBERAVIT*

A que se reduz toda essa história de Fantine? É a sociedade comprando uma escrava.

Para quem? Para a miséria.

Para a fome, o frio, a solidão, o abandono, a nudez. Doloroso comércio! Uma alma por um pedaço de pão. A miséria oferece, a sociedade aceita.

A santa lei de Jesus Cristo governa a nossa civilização, mas ainda não conseguiu penetrá-la; costuma-se dizer que a escravidão desapareceu por completo da civilização europeia. Grande erro! Ela continua a existir, mas oprimindo somente a mulher, e chama-se prostituição.

Ela recai sobre a mulher, isto é, sobre a beleza, sobre a graça, sobre a maternidade. E essa não é uma das menores vergonhas do homem.

No ponto a que chegamos desse doloroso drama, nada mais restava a Fantine do que possuía outrora. Tornando-se lodo, ficou como o mármore. Quem a tocar sentirá o frio que a invade. Ela passa, tolera-nos e nos ignora; é a imagem, ao mesmo tempo, da desonra e da severidade. A vida e a ordem social disseram-lhe sua última palavra. Tudo o que tinha de lhe acontecer já havia acontecido. Tudo experimentou, tudo suportou, tudo sofreu, tudo perdeu, tudo chorou. Resignou-se, com essa resignação que se assemelha à indiferença, como a morte se assemelha ao sono. Não evita coisa alguma. Não crê em coisa alguma. Que as nuvens todas se descarreguem sobre ela, que todo um oceano passe por cima de sua cabeça! Que importa! É uma esponja embebida.

É nisso que ela acredita; mas é um erro pensar que o destino se cansa e que se pode chegar ao fundo do que quer que seja.

O que são, porém, esses destinos impelidos nessa confusão? Para onde se dirigem? Por que agem dessa maneira?

Aquele que o sabe penetra toda essa sombra.

Ele é único. Chama-se Deus.

XII | O DESCANSO DE BAMATABOIS

Em todas as pequenas cidades, portanto também em Montreuil-sur-Mer, há uma classe de jovens que esbanjam na província seus cento e cinquenta francos de rendas anuais com a mesma pose com que seus semelhantes devoram em Paris seus duzentos mil francos. Pertencem esses a essa grande espécie de neutros: estéreis, parasitas, nulidades, que possuem um pedacinho de terra, um pouco de estupidez e quase nenhum espírito. Em um salão seriam verdadeiros caipiras; mas julgam-se gentis-homens quando estão numa taverna. E dizem: meus prados, meus bosques, meus camponeses; pateiam as artistas nos teatros para mostrar que são gente de gosto requintado; discutem com os gendarmes da guarnição para dizer que são valentes; caçam, fumam, dançam, bebem, cheiram tabaco, jogam bilhar, observam os viajantes que descem das diligências, vivem o

tempo todo nos cafés, jantam nas hospedarias, têm um cão que come os ossos que jogam sob a mesa e uma amante que lhes devora os pratos sobre a mesa; brigam por um soldo, exageram as modas, admiram as tragédias, desprezam as mulheres, calçam velhas botas, copiam Londres através de Paris e Paris através da Pont-à-Mousson; envelhecem bestificados, não trabalham nunca, não ajudam a ninguém, e tampouco chegam a ser seriamente nocivos.

Se Félix Tholomyès tivesse ficado em sua província, sem jamais ir a Paris, seria certamente do número desses homens.

Se fossem um pouco mais ricos, dir-se-ia: – São elegantes. – Se fossem um pouco mais pobres, dir-se-ia: – São ociosos; simples vagabundos. – E entre esses desocupados existem malucos, entediados, aborrecidos, e um ou outro mais ou menos espirituoso.

Naqueles tempos, um elegante consistia num grande colarinho, numa enorme gravata, num relógio todo enfeitado, em três coletes sobrepostos, cada um de uma cor, ficando por baixo o azul e o vermelho; uma casaca três-quartos, cor de azeitona, com abas em tesoura e dupla fileira de botões de prata, bem juntos uns dos outros, subindo até as espáduas; calça cor de oliva, mais clara, ornada nas duas costuras externas por um número indeterminado de pregas, sempre ímpares porém variando de uma a onze, limite jamais ultrapassado. Ajuntem a tudo isso sapatos abotinados, com pequenos ferros nos saltos, chapéu alto com abas estreitas, cabelos ondulados, bengalas enormes e um linguajar enfeitado com trocadilhos de Potier. Por cima de tudo isso, esporas e bigodes. Nessa época, bigodes queriam dizer burguês e esporas eram o mesmo que um pedestre.

O elegante da província usava esporas maiores e bigodes mais ousados.

Era o tempo das lutas das repúblicas da América meridional contra o Rei da Espanha, de Bolívar contra Murilo. Os chapéus de abas estreitas eram realistas, e se chamavam *murilos*; os liberais usavam chapéus de abas largas, denominados *bolívares*.

Oito ou dez meses, portanto, depois do que narramos nas páginas precedentes, nos primeiros dias de janeiro de 1823, em uma noite em que caíra neve, um desses elegantes ociosos, um “grande pensador”, pois usava um murilo, além de estar gostosamente agasalhado num daqueles casacos enormes, que completavam a elegância nos tempos de frio, divertia-se em perseguir uma pobre criatura, que andava pela rua em vestido de baile muito decotado, com flores na cabeça, diante da vitrina do café dos oficiais. Esse elegante fumava, pois, decididamente, essa era a moda.

Cada vez que essa mulher passava em sua frente, dizia-lhe, com uma baforada de cigarro, alguma gracinha, que ele achava finamente espirituosa e alegre:

– Como você é feia! Por que não se esconde? Você nem tem dentes! – etc. etc.

Esse senhor chamava-se Bamatabois. A mulher, triste fantasma enfeitado que ia e vinha sobre a neve, não lhe respondia, tampouco o olhava, continuava em silêncio, com melancólica regularidade, seu passeio, que a levava, de cinco em cinco minutos, a receber aqueles sarcasmos, como o soldado condenado que volta para receber chicotadas. Como suas gracinhas não surtiam efeito, o mandrião tomou coragem; aproveitando um momento em que ela estava de costas, seguiu-a cautelosamente e, prendendo o riso, abaixou-se, pegou um punhado de neve da calçada e lançou-lho de repente nas costas nuas. A pobre mulher soltou um rugido, voltou-se, pulou como uma pantera, lançando-se sobre o homem, enterrando-lhe as unhas no rosto, com as mais horríveis palavras que um carroceiro podia dizer.

Esses palavrões, vomitados com a voz enrouquecida pela aguardente, saíam medonhos de uma boca na qual, efetivamente, faltavam os dois dentes superiores. Era Fantine.

Com a algazarra provocada, todos os oficiais saíram do café, os transeuntes se ajuntaram, formou-se um grande círculo de gente que se divertia, vaiando e aplaudindo; ao redor desse turbilhão feito de dois seres, em que apenas se podia distinguir um homem e uma mulher, o homem debatendo-se, chapéu por terra, a mulher dando-lhe pontapés e socos, descoberta, gritando sem dentes, sem cabelos, lívida de cólera, horrível.

Súbito, um homem alto saiu da multidão, agarrou a mulher toda enlameada pela cintura e lhe disse: – Siga-me!

A mulher levantou a cabeça; sua voz furiosa calou-se instantaneamente. Seus olhos estavam vidrados; de lívida, tornou-se pálida, e tremia de medo. Havia reconhecido Javert.

O elegante aproveitou-se do incidente para fugir.

XIII | SOLUÇÃO DE ALGUMAS QUESTÕES DA POLÍCIA MUNICIPAL

Javert afastou os curiosos, rompeu o círculo e pôs-se a andar a grandes passos

em direção à delegacia, situada no fim da praça, arrastando consigo a miserável. Ela seguia-o maquinalmente. Nem ele nem ela diziam coisa alguma. O bando de espectadores, no paroxismo da alegria, seguia-os dizendo graçolas. A suprema miséria servindo de ocasião a obscenidades.

Chegando à delegacia, uma sala baixa, aquecida por um fogareiro, tendo um guarda à entrada e uma porta envidraçada, protegida por uma grade, dando para a rua, Javert abriu-a, entrou com Fantine, fechando-a novamente atrás de si, para grande desapontamento dos curiosos, que se levantaram na ponta dos pés, esticando o pescoço diante dos vidros embaçados, para ver se enxergavam alguma coisa. A curiosidade é uma guloseima. Ver é o mesmo que devorar.

Ao entrar, Fantine caiu em um canto, imóvel e calada, encolhendo-se como uma cadela amedrontada.

O Sargento da guarnição trouxe uma vela acesa e colocou-a sobre a mesa. Javert sentou-se, tirou do bolso uma folha de papel timbrado e pôs-se a escrever.

Essa classe de mulheres está completamente entregue, pelas nossas leis, à discrição da polícia. Esta faz o que bem entende, castiga-as como lhe parecer melhor, confiscando-lhes essas duas tristes coisas que elas chamam de sua indústria e liberdade. Javert estava impassível; seu rosto sério não denotava emoção alguma. Estava, portanto, grave e profundamente preocupado. Era um desses momentos em que costumava exercer sem controle, mas com todos os escrúpulos de uma consciência severa, seu temível poder discricionário. Nesse instante, ele bem o sentia, seu escabelo de Agente de Polícia era um tribunal. Ele era o Juiz. Julgava e condenava. Concentrava todas as ideias que pudesse ter em mente ao redor do grande ato que estava cumprindo. Quanto mais examinava o comportamento daquela mulher, mais se sentia revoltado. Era evidente que acabava de presenciar um crime. Havia poucos instantes, na rua, a sociedade, representada por um proprietário eleitor, fora insultada e atacada por uma criatura desclassificada. Uma prostituta havia ofendido um burguês. E ele, Javert, havia presenciado tudo. Javert escrevia em silêncio.

Quando terminou, assinou, dobrou o papel e disse ao Sargento: – Chame três homens e leve essa mulher para a cadeia. – Depois, voltando-se para Fantine: – Por seis meses você estará satisfeita.

A coitada estremeceu.

– Seis meses! Seis meses de prisão! – exclamou. – Seis meses ganhando sete soldos por dia! Que será de Cosette? Minha filha! Minha filha! Mas o senhor sabe que eu ainda devo mais de cem francos aos Thénardier, Senhor Inspetor?

E arrastou-se nas lajes molhadas pelos sapatos cheios de lama de todos aquele homens, sem se levantar, juntando as mãos e dando grandes passos com os joelhos.

– Sr. Javert – dizia –, peço que me perdoe. Juro-lhe que a culpa não foi minha. Se o senhor tivesse visto como tudo começou, saberia como foi! Juro por Deus que a culpa não foi minha! Foi aquele burguês que não conheço que me jogou neve às costas. Ele tinha o direito de jogar neve na gente, quando a gente passa, assim, tranquilamente, sem fazer mal a ninguém? Isso me enfureceu. Estou um pouco doente, como vê, e de mais a mais já havia tempo que ele me dizia gracinhas: – Vá ser feia noutro lugar! Ao menos se tivesse dentes! – Eu bem sei que não tenho mais os meus dentes. Eu não estava fazendo nada e dizia para comigo: "É um homem que se diverte". Fui direta com ele; não lhe disse coisa alguma. Então jogou neve em minhas costas. Sr. Javert, meu bom Inspetor! Não haverá alguém que tenha visto tudo para lhe dizer que eu tenho razão? Pode ser que eu tenha errado em me defender. Mas, o senhor sabe, na hora a gente não pensa, fiquei nervosa. E, depois, uma coisa tão fria que lhe jogam de repente às costas! Bem sei que fiz mal em rasgar o chapéu desse senhor. Por que é que ele foi embora? Eu queria pedir-lhe perdão! Perdoe-me só por esta vez, Sr. Javert. Olhe, o senhor não sabe, mas nas prisões só se ganham sete soldos por dia; não é por culpa do governo, mas só se ganham sete soldos. Imagine que tenho ainda que pagar cem francos, senão me mandam de volta a minha filhinha. Ó meu Deus! Ela não pode ficar aqui comigo. Que bobagem fui fazer! Amo minha Cosette, o meu pequeno anjo da Santa Virgem! Que será dela? Eu vou dizer para o senhor: os Thénardier são estalajadeiros, são camponeses, não querem saber de desculpas. Querem é dinheiro. Não deixe que me prendam! Veja, é uma criancinha que eles vão abandonar na estrada, ao deus-dará, em pleno coração do inverno; é preciso ter dó dessa criaturinha, Sr. Javert. Se ela fosse maior, poderia ganhar a vida, mas não é possível naquela idade. No fundo, não sou mulher má. Não foi a maldade ou o prazer que me fizeram ficar assim. Bebi aguardente; foi a miséria. Não gosto de beber, mas isso faz a gente esquecer. Quando eu era mais feliz, bastava olhar em meus armários e se via logo que eu não era uma coquete qualquer, sem ordem nenhuma. Eu tinha roupas de linho, muitas roupas de linho. Tenha piedade de mim, Sr. Javert!

Falava assim, curvada, sacudida pelos soluços, cegada pelas lágrimas, com um nó na garganta, torcendo as mãos, tossindo de quando em quando uma tosse seca e curta, balbuciando docemente com a voz da agonia. As grandes dores são um raio divino e terrível que transfigura os mais miseráveis. Nesse momento,

Fantine voltou a ser bela como antes. De vez em quando, parava e beijava o casaco do Inspetor. Teria enternecido um coração de granito, mas nada pôde fazer com um coração de madeira.

– Vamos – disse Javert –, já ouvi tudo o que me disse. Acabou? Então vá andando! Você tem seis meses de prisão e nem o Padre Eterno em pessoa poderia mudar as minhas ordens.

A essas solenes palavras – *o Padre Eterno em pessoa não poderia mudar as minhas ordens* –, Fantine compreendeu que a sentença era irrevogável. Então, caiu em si e murmurou: – Piedade!

Javert voltou-lhe as costas.

Os soldados agarraram-na pelo braço.

Havia alguns minutos, entrara na sala um homem, sem que ninguém o impedisse. Fechara a porta atrás de si, encostara-se a um canto e ouvira todas as súplicas de Fantine.

No momento em que os soldados puseram as mãos sobre a infeliz, que não queria levantar-se, ele deu um passo, saiu da sombra onde estava e disse:

– Um instante, por favor!

Javert levantou os olhos e reconheceu o Sr. Madeleine. Tirou o chapéu e o saudou com uma espécie de cinismo ofendido:

– Perdão, Sr. *Maire*…

Essas palavras, Sr. *Maire*, fizeram um estranho efeito sobre Fantine. Ela se pôs de pé, rígida como um espectro que surge da terra, empurrou com os braços os soldados e dirigiu-se rapidamente ao Sr. Madeleine, sem que ninguém a pudesse reter e, encarando-o fixamente, com os olhos arregalados, gritou:

– Ah! então é você o tal de Sr. *Maire*!

Depois deu uma gargalhada e escarrou-lhe no rosto.

– Inspetor Javert, ponha essa mulher em liberdade!

Javert sentiu que ia enlouquecer. Sentira, naqueles curtos instantes, sucessivamente e como que misturadas, as mais violentas emoções de toda a sua vida. Ver uma rameira escarrar no rosto de um *Maire* era coisa tão monstruosa que, na mais terrível das suposições, lhe parecia um sacrilégio quase impossível. Por outro lado, no mais íntimo de seus pensamentos, fazia confusamente uma comparação terrível entre o que era aquela mulher e o que poderia ser aquele *Maire*, e entrevia então com horror algo de muito simples naquele extraordinário atentado. Mas quando viu o *Maire*, o Magistrado, enxugar tranquilamente o rosto e dizer: – *Ponha essa mulher em liberdade* – teve como que um

deslumbramento de admiração; faltaram-lhe igualmente o pensamento e a palavra; a quantidade possível de espanto tinha sido ultrapassada. Ficou mudo.

Fantine não ficou menos admirada. Levantou o braço nu e agarrou-se ao fogareiro como se fosse cair. Contudo, pôs-se a olhar ao redor, começou a falar em voz baixa, como se conversasse consigo mesma.

– Estou livre! Deixem-me ir embora! Não vou ficar seis meses na prisão! Quem disse tal coisa? Mas não é possível que tenham dado semelhante ordem. Não entendi bem. Não foi, certamente, esse monstruoso *Maire*! Por acaso foi o senhor, meu bom Sr. Javert, que mandou que me pusessem em liberdade? Oh! veja o senhor; vou lhe contar, e o senhor, sem dúvida, me deixará ir sossegada. Esse animal aí, esse vagabundo matreiro, é que é a causa de tudo. Imagine, Sr. Javert, que ele me expulsou! Por causa de um bando de faladoras que, na fábrica, só se ocupavam da vida alheia. Não é uma coisa horrível?! Expulsar uma pobre moça que trabalha com toda a honestidade! Então, não pude ganhar o suficiente, me veio toda esta desgraça. Aliás, há um melhoramento que essa gente da polícia bem poderia fazer; seria impedir os chefes das prisões de prejudicar os pobres. Vou explicar-lhe. Veja: o senhor ganha doze soldos fazendo camisas e, de repente, passa a ganhar nove. Como viver então? Tem que fazer o que pode. Eu tenho a minha Cosette, fui forçada a me tornar mulher da vida. Agora o senhor compreende que a culpa é desse *Maire* vagabundo que causou todo esse mal. Depois disso tudo, pisei o chapéu daquele homem na frente do café dos oficiais. Mas, em compensação, ele me estragou o vestido com a neve. Nós só temos um vestido de seda para sair à noite. O senhor compreendeu? Verdade que não fiz nenhum mal de propósito, Sr. Javert; vejo por aí muita mulher pior que eu e muito mais feliz. Oh! Sr. Javert, foi o senhor que me pôs em liberdade, não é? Pode tomar informações, pode falar com o meu proprietário; estou terminando de pagar minhas dívidas, o senhor vai ver que sou uma mulher honesta. Ah! meu Deus, eu lhe peço perdão; fechei sem querer a chaminé do fogareiro e provoquei toda essa fumaça.

Madeleine a ouvia com a mais profunda atenção. Enquanto ela falava, tirara a carteira do bolso do colete e, não encontrando nenhum dinheiro, tornou a guardá-la. Disse então a Fantine:

– Quanto a senhora disse que está devendo?

Fantine, que só olhava para o lado onde estava Javert, voltou-se para ele.

– Por acaso estou falando com você?

Depois, dirigindo-se aos soldados:

– Vocês aí viram como eu cuspi na cara dele? Ah! velho malvado, você veio aqui para me fazer medo, mas eu não tenho medo de você. Só tenho medo do Sr. Javert, do meu bom Sr. Javert!

Enquanto assim falava, voltou-se para o Inspetor:

– Com tudo isso, veja Sr. Inspetor, é preciso ser justo. E eu sei que o senhor é justo, Sr. Inspetor; de fato, é tudo muito simples: um homem se diverte jogando neve nas costas de uma mulher; isso fazia rir os oficiais. Afinal, era preciso que se divertissem com alguma coisa; nós estamos lá para isso. E depois o senhor, o senhor chega e é forçado a parar com aquela desordem, prende a mulher que provocou a confusão, mas, refletindo um pouco, como o senhor é muito bom, manda que me ponham em liberdade, e tudo por causa da minha filhinha; com seis meses de prisão, como faria eu para lhe dar comida? Que não aconteça outra vez, sua sem-vergonha! Ora! mas é claro que eu não vou fazer outra vez uma coisa semelhante, Sr. Javert! Podem fazer o que for comigo que não darei um pio. Foi hoje só. Veja: eu gritei porque levei um susto, não esperava que aquele homem fosse jogar neve em mim. Depois, como já disse, não ando muito bem de saúde; tusso muito, tenho no estômago como que um fogo que me queima e o médico me disse: – Tome cuidado! – Olhe, apalpe, dê-me a sua mão, não tenha medo, é aqui!

Ela havia parado de chorar; sua voz tornara-se acariciante; pegou a mão pesada de Javert, fazendo com que lhe tocasse a garganta branca e delicada. Olhava-o e sorria.

De repente, pôs-se a arrumar apressadamente a desordem do vestido, cuja bainha, ao se levantar, se enroscara, deixando à mostra toda a parte inferior das pernas, e se dirigiu para a porta, falando à meia-voz com os soldados, acenando-lhes amigavelmente com a cabeça:

– Meninos, o Senhor Inspetor disse que estou livre e eu me vou.

Pôs a mão na maçaneta; mais um instante e estaria na rua.

Até esse momento, Javert conservara-se de pé, imóvel, com os olhos fixos no chão, tão deslocado em toda essa cena como uma estátua quebrada à espera de que a pusessem em algum canto.

O barulho da maçaneta o despertou. Levantou a cabeça com uma expressão de autoridade soberana, expressão tanto mais assustadora quanto mais de baixo vem o poder, feroz nos animais selvagens, atroz nos homens sem importância alguma.

– Sargento! – exclamou – não vê que essa rameira está indo embora? Quem

disse a vocês que ela está livre?

– Eu – disse Madeleine.

Fantine, ouvindo a voz de Javert, estremeceu e largou a maçaneta da porta, como um ladrão preso em flagrante larga o objeto roubado. À voz de Madeleine, voltou-se e, a partir desse momento, sem pronunciar uma palavra, sem mesmo ousar respirar livremente, seu olhar ia de Madeleine a Javert e de Javert a Madeleine, conforme era um ou outro quem falava.

Era evidente que Javert tinha de estar, como se diz, "fora dos eixos" para apostrofar daquela maneira o Sargento, depois do pedido do *Maire* para pôr Fantine em liberdade. Ter-se-ia esquecido de que o *Maire* estava presente? Ou acabara por declarar a si mesmo ser impossível que uma "autoridade" tivesse dado semelhante ordem e que, com toda a certeza o Sr. *Maire* dissera, sem querer, uma coisa por outra? Ou então, diante das coisas tão estranhas que havia duas horas estava presenciando, teria ele decidido que era necessário tomar providências imediatas, que era preciso que o pequeno se fizesse grande, que o espião se transformasse em magistrado, que o policial se mudasse em juiz e que, nessas circunstâncias extraordinárias, a ordem, a lei, a moral, o governo, a sociedade inteira se concentrava toda nele, Javert?

Fosse como fosse, quando o Sr. Madeleine disse aquele *eu* que acabamos de ouvir, o Inspetor de Polícia, Javert, voltou-se para o *Maire*, pálido, frio, com os lábios roxos, o olhar desesperado, todo agitado por um tremor imperceptível, e, coisa inaudita, com os olhos baixos, mas a voz firme, falou assim:

– Sr. *Maire*, isso não é possível.

– Como? – disse Madeleine.

– Essa infeliz insultou um cidadão.

– Inspetor Javert – retrucou Madeleine num tom amigável e calmo –, escute. O senhor é pessoa muito honesta, não tenho dificuldade alguma em me explicar consigo. Eis o que aconteceu: eu estava passando pela praça quando o senhor prendeu essa mulher; ainda havia muita gente por lá. Perguntei o que tinha acontecido e estou informado de tudo; aquele cidadão é que é o culpado e ele é que deveria ter sido preso.

Javert replicou:

– Mas essa miserável insultou o Sr. *Maire*.

– Isso é comigo – disse Madeleine. – Sua injúria dirigia-se, talvez, à minha pessoa. Posso fazer dela o que bem me aprouver.

– Peço perdão ao Sr. *Maire*. Ela não desrespeitou o senhor, mas a justiça.

– Inspetor Javert – replicou Madeleine –, a primeira justiça é a consciência. Eu ouvi bem o que essa mulher me disse e sei o que estou fazendo.

– E eu, Sr. *Maire*, não compreendo nada do que estou vendo aqui.

– Então, limite-se a obedecer.

– Eu obedeço ao meu dever, e meu dever ordena que essa mulher cumpra os seis meses de prisão.

Madeleine respondeu calmamente:

– Escute bem o que digo: essa mulher não vai ficar presa, nem por um dia.

A essas palavras decisivas, Javert ousou encarar fixamente o *Maire* e lhe disse, mas em tom de voz cada vez mais respeitoso:

– Estou na iminência de resistir às ordens do Sr. *Maire*; é a primeira vez que isso me acontece, mas o senhor se dignará permitir que eu o faça observar que estou nos justos limites de minhas atribuições. Insisto, já que o Sr. *Maire* o deseja, no que aconteceu àquele cidadão. Eu estava presente. Essa mulher aqui lançou-se sobre o Sr. Bamatabois, eleitor e proprietário daquela bela casa de três andares com sacadas, toda construída de pedra, que faz esquina com a praça. Enfim, é um homem de posses! Seja lá o que for, isso é um caso de polícia das ruas, está sob a minha jurisdição e eu mantenho presa essa mulher.

Então Madeleine cruzou os braços e disse com uma voz severa que ninguém na cidade jamais ouvira.

– O caso de que o senhor fala compete à polícia municipal. Nos termos dos artigos nove, onze, quinze e sessenta e seis do código de instrução criminal, quem deve julgá-lo sou eu. Ordeno, portanto, que essa mulher seja posta em liberdade.

Javert quis tentar um derradeiro esforço.

– Mas, Sr. *Maire*…

– Peço que não se esqueça do artigo oitenta e um da lei de 13 de dezembro de 1799, a respeito da detenção arbitrária.

– Sr. *Maire*, permita…

– Nem mais uma palavra!

– Mas…

– Saia! – disse Madeleine.

Javert recebeu esse golpe de pé, na face, em pleno peito, como um soldado russo. Fez uma reverência profunda para o *Maire* e saiu.

Fantine afastou-se da porta e, estarrecida, viu-o passar à sua frente.

Entretanto, também ela foi tomada de estranha comoção. De certo modo, acabava de ser disputada por dois poderes opostos. Assistira, à sua frente, à luta de dois homens em cujas mãos estavam sua liberdade, sua vida, sua alma e sua filha; um deles a queria condenar às trevas; o outro a conduzia para a luz. Durante a luta, que o medo tornava ainda mais terrível, os dois homens apareceram-lhe como dois gigantes; um falava como o seu demônio, o outro como seu bom anjo. O anjo havia vencido o demônio, e, coisa que a fazia tremer da cabeça aos pés, esse anjo, esse libertador, era precisamente o homem que ela odiava, o *Maire*, havia muito tempo considerado como o autor de todos os seus males, *Madeleine!* E, no próprio momento em que ela acabava de insultá-lo de modo tão vergonhoso, ele a salvava! Tinha então se enganado? Deveria agora mudar todos os seus sentimentos?… Estava sem saber o que fazer e tremia. Ouvira tudo meio apalermada, olhos espantados, a cada palavra que saía da boca de Madeleine via fundirem-se e se precipitarem em si mesmas as medonhas trevas da ira, sentindo nascer em seu coração não sei quê de confortante e inefável, que nada mais era que alegria, confiança e amor.

Apenas Javert saíra, o Sr. Madeleine voltou-se para ela e lhe falou com voz lenta, quase sufocada, como de alguém que não quer chorar:

– Ouvi tudo o que a senhora disse. Eu ignorava o que lhe aconteceu e vejo bem que é verdade. Não sabia nem mesmo que a senhora tinha deixado de trabalhar nas minhas oficinas. Por que não veio falar comigo? Não faz mal: vou pagar as suas dívidas, mandarei buscar sua filhinha, ou, se quiser, a senhora mesma poderá ir ter com ela. Depois a senhora poderá morar aqui, ou em Paris, ou onde quiser. Eu me encarregarei da senhora e da criança. Nem será preciso que volte a trabalhar, que eu lhe darei todo o dinheiro de que precisar. Tornará a ser honesta quando voltar a ser feliz. Aliás, escute, eu lhe declaro desde já que, se tudo é como a senhora contou, não tenho dúvida alguma de que nunca deixou de ser virtuosa e santa aos olhos de Deus. Oh! pobre mulher!

Isso era mais do que a pobre Fantine poderia suportar. Rever a pobre Cosette! Sair daquela vida infame! Viver livre, rica, feliz, honesta, em companhia de Cosette! Ver repentinamente surgir em meio a toda a sua miséria todas essas realidades celestiais. Olhou estupefata para o homem que lhe falava e nada pôde fazer senão soluçar dolorosamente. Suas pernas se enfraqueceram, ajoelhou-se diante do Sr. Madeleine e, antes que este o pudesse impedir, sentiu que ela lhe pegara a mão, encostando-lhe os lábios.

Depois, perdeu os sentidos.

LIVRO SEXTO
JAVERT

I | PRINCÍPIO DE REPOUSO

Madeleine fez com que transportassem Fantine à enfermaria que instalara em sua própria casa. Confiou-a às irmãs, que a deitaram em uma cama. Assaltou-a uma febre muito forte. Passou boa parte da noite a delirar e a falar em altas vozes. Contudo, após algum tempo, adormeceu.

No dia seguinte, pelo meio-dia, Fantine acordou. Sentiu que alguém estava perto de seu leito; afastou as cortinas e viu o Sr. Madeleine de pé, olhando alguma coisa que estava à cabeceira da cama. Sua expressão suplicante era cheia de piedade e angústia. Olhou na mesma direção e viu que seus olhos se dirigiam ao crucifixo da parede.

Madeleine transfigurara-se aos olhos de Fantine. Parecia-lhe rodeado de luz, quase absorvido em oração. Olhou-o por algum tempo sem ousar interrompê-lo. Por fim, disse-lhe timidamente.

– Que é que o senhor está fazendo aí?

Madeleine havia chegado havia mais de uma hora. Estava esperando que Fantine acordasse. Pegou-lhe a mão, tomou-lhe o pulso e respondeu:

– Como está passando?

– Bem; dormi bastante e acho que vou ficar boa. Não há de ser nada.

Madeleine continuou respondendo à pergunta que ela lhe havia dirigido pouco antes, como se nada mais fizesse que ouvi-la.

– Eu estava suplicando àquele Mártir que lá está.

E acrescentou em pensamento: “Pela mártir que está aqui na terra”.

O Sr. Madeleine havia passado toda a noite e a manhã a pedir notícias de Fantine. Já estava informado de tudo. Conhecia sua história em seus mais pungentes detalhes. E continuou:

– Como a senhora deve ter sofrido, pobre mãe! Não se queixe mais, que a senhora já tem o dote dos eleitos. É por essa estranha maneira que os homens

fazem os anjos. Não é por culpa deles; eles não sabem fazer de outro modo. Veja bem que esse inferno do qual acaba de sair é a primeira forma do céu. Era preciso começar por aí.

Suspirou profundamente. Fantine sorria-lhe com aquele sorriso sublime ao qual faltavam dois dentes.

Javert, nessa mesma noite, escreveu uma carta. No dia seguinte, de manhã, ele mesmo levou-a ao correio de Montreuil-sur-Mer. Estava endereçada a Paris nestes termos: *Ao senhor Chabouillet, secretário do Senhor Chefe da Polícia*. Como o incidente da delegacia provocou muitos comentários, os dirigentes do correio e algumas outras pessoas que haviam visto a carta antes de ser remetida, reconhecendo a letra de Javert no envelope, pensaram que ele estava pedindo a própria demissão.

O Sr. Madeleine apressou-se a escrever aos Thénardier. Fantine ainda lhes estava devendo cento e vinte francos. Remeteu-lhes trezentos francos para que, por sua vez, mandassem imediatamente a criança para Montreuil-sur-Mer, pois sua mãe, doente, queria muito vê-la.

Isso deixou Thénardier espantadíssimo.

– Diabo! – disse à mulher. – Não vamos mandar a criança não! Eis que a cotovia se transforma em vaca leiteira. Já estou adivinhando. Algum bobo se apaixonou pela mãe.

Respondeu, então, enviando a Madeleine uma conta de quinhentos e tantos francos muito bem-arranjada. Nela figuravam, superiores a trezentos francos, duas notas incontestáveis, uma do médico e a outra do boticário que havia cuidado e medicado, em duas longas doenças, Eponine e Azelma. Cosette, como já dissemos anteriormente, não havia ficado doente. O único trabalho que teve foi substituir os nomes. Thénardier escreveu no fim do bilhete: *Recebidos por conta trezentos francos*.

O Sr. Madeleine imediatamente lhe enviou mais trezentos francos e escreveu: *Mandem Cosette o mais depressa possível*.

– Cristo! – disse Thénardier. – Agora é que não vamos soltar essa menina.

Fantine, porém, não melhorava. Continuava doente na enfermaria.

As irmãs, a princípio, receberam e cuidaram daquela “rameira” com visível repugnância. Quem já viu os baixos-relevos de Reims deve lembrar-se do ar de desprezo das virgens sábias a olhar para as virgens imprudentes. Esse antigo desprezo das vestais para com as hetairas é um dos mais profundos instintos da dignidade feminina; as irmãs sentiam-no duplamente pela influência da religião.

Mas, em poucos dias, Fantine conseguiu desarmá-las. Suas palavras eram humildes e suaves; como era mãe, sabia enternecer. Um dia, as irmãs ouviram-na dizer em seu delírio:

– Fui uma pecadora, mas, quando tiver novamente a meu lado a minha filha, será sinal de que Deus me perdoou. Enquanto eu andava em tão má vida, não queria que a minha Cosette viesse morar comigo; eu não poderia suportar seus olhos tristes e espantados. Por sua causa é que me perdi; por isso Deus haverá de me perdoar. Terei certeza das bênçãos de Deus quando Cosette estiver aqui. Só olhá-la e vê-la tão inocente me fará grande bem. Ela não sabe nada do que aconteceu. É um anjo, irmãs; podem crer. Naquela idade as asas ainda não estão perdidas.

Madeleine ia vê-la duas vezes por dia e cada vez ela lhe perguntava:

– Quando chega a minha Cosette?

Ele lhe respondia:

– Talvez amanhã de manhã. De uma hora para outra poderá estar aqui; estou esperando.

Então o rosto pálido daquela mãe resplandecia.

– Oh! – dizia. – Como vou ser feliz!

Dissemos mais acima que Fantine não melhorava. Pelo contrário, seu estado parecia agravar-se de semana para semana. Aquele punhado de neve, lançado diretamente sobre a pele nua, entre as duas omoplatas, havia-lhe causado a súbita supressão da transpiração; e, em seguida, a doença, que havia anos progredia ocultamente, declarou-se com toda a violência. Por essa época começaram a usar para estudo e tratamento das doenças do peito as úteis indicações de Laënnec. [164] O médico auscultou Fantine e balançou a cabeça.

Madeleine lhe disse:

– Então?

– Ela não tem uma filhinha que deseja muito ver? – disse o médico.

– Sim.

– Então faça com que chegue o mais depressa possível.

Madeleine estremeceu.

Fantine perguntou-lhe:

– Que disse ele, Sr. *Maire*?

Madeleine esforçou-se por sorrir.

– Disse que lhe trouxesse Cosette o mais depressa possível, que a senhora ficará boa logo.

– Oh! – replicou. – Ele tem razão! Mas o que acontece com esses Thénardier que não me mandam a pequena? Ela vai chegar! Enfim, vejo a felicidade ao meu lado!

Thénardier, entretanto, não “largava a menina” com mil e uma desculpas. Cosette não estava muito bem de saúde para se pôr a caminho com aquele inverno. E ainda havia um restinho de pequenas dívidas fiadas pelos armazéns da cidade, cujas faturas estava reunindo etc. etc.

– Mandarei alguém procurar Cosette! – disse Madeleine. – Se for preciso, eu mesmo irei.

Ele escreveu, sob ditado de Fantine, esta carta que ela mesma assinou:

Sr. Thénardier,
Queira entregar Cosette ao portador. Todas as pequenas despesas ser-lhe-ão pagas. Tenho a honra de saudá-lo com consideração.
Fantine.

Enquanto isso acontecia, sobreveio um grave incidente. Por melhor que lavremos a pedra misteriosa de que é feita a nossa vida, nada podemos fazer para que desapareça o veio irrevogável do destino.

II | DE COMO “JEAN” PÔDE TRANSFORMAR-SE EM “CHAMP”

Certa manhã, o Sr. Madeleine estava no seu escritório, ocupado em pôr antecipadamente em ordem alguns problemas do município, caso decidisse ir até Montfermeil, quando lhe vieram dizer que o Inspetor de Polícia, Javert, lhe queria falar. Ouvindo pronunciar esse nome, Madeleine não pôde deixar de demonstrar desagrado. Depois do que acontecera na delegacia, Javert mais do que nunca evitara encontrar-se com o *Maire* e Madeleine não o tornara a ver mais.

– Mande-o entrar – disse.

Javert entrou.

Madeleine continuou sentado ao lado da lareira, com a pena na mão, atento a alguns papéis que estava folheando e anotando e que continham processos verbais de contravenções da inspeção de higiene pública! Não se perturbou absolutamente com a chegada de Javert. Como não lhe era possível esquecer-se do caso da pobre Fantine, convinha que se mostrasse glacial.

Javert saudou respeitosamente o Sr. *Maire*, mas este continuava de costas, sem voltar-se para ele, continuando a escrever em seus papéis.

Javert deu dois ou três passos pela sala sem dizer coisa alguma.

Qualquer fisionomista que estivesse acostumado com a natureza de Javert, ou tivesse estudado longamente aquele selvagem a serviço da civilização, aquele composto bizarro de romano e espartano, de monge e soldado, espião incapaz de uma mentira, esbirro ainda virgem, o fisionomista que estivesse informado de sua secreta e antiga aversão pelo Sr. Madeleine ou da disputa provocada pelo caso de Fantine, e que tivesse observado Javert naquele momento, teria dito sem dúvida: – O que teria acontecido? – Era coisa evidente para quem tivesse conhecido sua consciência irrepreensível, clara, sincera, proba, austera e feroz, que Javert acabava de sofrer alguma grande comoção. Javert não podia ter qualquer coisa na alma que logo se não lhe refletisse no olhar. Era, como as pessoas de temperamento irascível, sujeito a mudanças bruscas. Jamais sua fisionomia estivera tão inesperadamente estranha. Quando entrou, inclinou-se diante do Sr. Madeleine com uma expressão na qual não havia nem rancor, nem cólera, nem desconfiança, parando alguns passos atrás da poltrona em que estava sentado o *Maire*; e agora se quedava ali, de pé, em atitude quase disciplinar, com a rusticidade ingênua e fria de um homem que jamais foi delicado e que sempre foi paciente; esperava sem dizer coisa alguma, sem fazer um movimento, realmente humilde, tranquilamente resignado, que o *Maire* se dignasse atendê-lo, calmo, sério, com o chapéu na mão, olhos baixos, uma expressão que estava entre a do soldado diante do oficial e a do culpado diante do juiz. Todos os sentimentos e todas as lembranças de que poderíamos julgá-lo capaz haviam desaparecido. Sobre seu rosto nada havia que denotasse os seus sentimentos, impenetrável e simples como o granito, ou uma tristeza indiferente. Toda a sua pessoa denotava reverência e firmeza, e não sei que corajoso abatimento.

Enfim, Madeleine largou a caneta e voltou-se um pouco para Javert.

– Então! Que há de novo, Javert?

Javert permaneceu por um instante em silêncio, como se meditasse sobre alguma coisa; depois, levantou a voz com uma espécie de solenidade triste sem deixar de ser humilde.

– Acontece, Sr. *Maire*, que cometeram um ato criminoso.

– O que foi?

– Um oficial inferior faltou ao respeito a um magistrado da maneira mais grave. Venho, como é de meu dever, trazer o caso ao seu conhecimento.

– Quem é esse oficial? – perguntou Madeleine.

– Eu – disse Javert.

– O senhor?

– Eu mesmo.

– E quem é esse magistrado que tem algo a reclamar desse oficial?

– O senhor.

Madeleine endireitou-se na poltrona. Javert continuou com ar severo e os olhos sempre baixos:

– Sr. *Maire*, vim aqui para pedir-lhe que convença as autoridades competentes a me destituírem do cargo que ocupo.

Madeleine, admirado, já ia responder quando Javert o interrompeu.

– O senhor talvez vá dizer-me que eu deveria ter apresentado a minha demissão, mas isso não me é suficiente. Pedir demissão é uma honra. Errei e devo ser punido. É preciso que eu seja expulso.

E, depois de uma pausa, acrescentou:

– Sr. *Maire*, no outro dia o senhor foi injustamente severo comigo. Hoje eu quero que o senhor o seja com toda a justiça.

– Ah! é isso? – exclamou Madeleine. – Mas que embrulhada é essa? O que quer dizer com tudo isso? Onde foi que o senhor fez alguma ação culpável pela qual o deva punir? O que é que o senhor me fez? Em que foi que o senhor me ofendeu? O senhor está se acusando, quer ser substituído…

– Expulso – disse Javert.

– Seja, expulso. Está muito bem, mas não compreendo absolutamente nada.

– Mas vai compreender, Sr. *Maire*.

Javert respirou profundamente e continuou, sempre triste e insensível.

– Sr. *Maire*, há seis semanas, logo após o que aconteceu por causa daquela mulher, fiquei furioso e o denunciei.

– Denunciou!

– À Chefia de Polícia de Paris.

O Sr. Madeleine, que não costumava rir-se muito mais que Javert, deu uma gargalhada:

– Por ter, como *Maire*, invadido as atribuições da polícia?

– Não! Denunciei-o como antigo condenado às galés.

Madeleine empalideceu.

Javert, que ainda não havia levantado os olhos, continuou:

– Eu assim acreditava. Fazia muito tempo que vinha pensando nisso. Fisionomia parecida, as informações que andou pedindo em Faverolles, sua força descomunal, o caso do velho Fauchelevent, sua pontaria infalível, o modo por que arrasta um pouco a perna, que sei eu? Bobagens! Mas, enfim, eu o confundi com um tal de Jean Valjean.

– Como?… Que nome o senhor acabou de pronunciar?

– Jean Valjean. É um forçado que conheci há vinte anos quando era Ajudante da Guarda em Toulon. Ao sair das galés, esse tal de Jean Valjean, pelo que parece, roubou na casa de um bispo, depois cometeu outro roubo à mão armada em uma estrada, atacando um pequeno saboiano. Há oito anos ele se escondeu, não se sabe como, e ninguém conseguiu encontrá-lo. Então, pensei que… Enfim, acabei fazendo o que fiz! A raiva deu-me coragem e eu o denunciei à polícia de Paris.

Madeleine, que havia retomado seus papéis alguns instantes antes, retrucou em tom de perfeita indiferença:

– E que responderam ao senhor?

– Que eu estava louco.

– E então?

– Então? Eles é que estavam com a razão.

– Ainda bem que o senhor reconhece!

– Não havia outro jeito, pois o verdadeiro Jean Valjean foi encontrado.

Madeleine deixou cair a folha de papel que tinha entre as mãos; levantou a cabeça, olhou fixamente para Javert e disse com um acento inexprimível:

– Ah!

Javert prosseguiu:

– Eis o que aconteceu, Sr. *Maire*. Parece que por esta região, para os lados de Ailly-le-Haut-Clocher vivia certo homem a quem chamavam de Champmathieu. Era muito pobre. Ninguém lhe dava atenção. Essa gente ninguém sabe como consegue viver. Ultimamente, neste outono, o velho Champmathieu foi preso por ter roubado cidras do pomar de um tal… Enfim, não importa de quem. A questão é que houve roubo, invasão de propriedade alheia e galhos de árvores frutíferas quebrados. Prenderam Champmathieu quando ainda carregava as frutas consigo e o trancafiaram. Até aqui, trata-se simplesmente de um caso correcional. Mas veja o que é a Providência. Como a cadeia estava em mau estado, achou o Sr. Juiz conveniente que transferissem Champmathieu para Arras, onde está a prisão do departamento. Nessa mesma prisão achava-se um antigo forçado de nome

Brevet, preso por não sei que motivo e que naquela época tinha sido porteiro da prisão pelo seu bom comportamento. Sr. *Maire*, apenas Champmathieu acabava de desembarcar, Brevet exclamava: – Eh! mas eu conheço esse homem. É um ex-grilheta. Olhe cá para mim! Você é Jean Valjean! – Jean Valjean! Mas o que é isso? – disse Champmathieu, admirado. – Não se faça de inocente – disse Brevet. – Você é Jean Valjean e esteve nas galés de Toulon. Já faz vinte anos. Nós estivemos juntos. – Champmathieu continua negando. Afinal, o senhor compreende, aprofundou-se a coisa, indagaram, perguntaram e eis o que se descobriu: o tal de Champmathieu, há mais ou menos trinta anos, foi podador de árvores em muitos lugares, especialmente em Faverolles, onde o perderam de vista. Muito tempo depois, foi reconhecido em Auvergne, depois em Paris, onde, como ele disse, foi carpinteiro e viveu na companhia de sua filha, lavadeira, o que não está bem provado; ora, antes de ser condenado às galés por roubo, o que fazia Jean Valjean? Era podador de árvores. Onde? Justamente em Faverolles. Outro fato ainda. Esse tal de Valjean era conhecido pelo seu nome de batismo, Jean, e sua mãe chamava-se por seu nome de família, Mathieu. Nada mais natural que, ao sair da prisão, ele tenha usado o nome materno para se ocultar passando a chamar-se assim, Jean Mathieu? Depois ele foi para Auvergne. De *Jean* a pronúncia da região fez *Chan*; portanto, Chan Mathieu. Nosso personagem não se importa e ei-lo transformado em Champmathieu. O senhor está me seguindo, não é? Perguntam em Faverolles. A família de Jean Valjean não mora mais lá. Ninguém sabe onde esteja. Como o senhor deve saber, entre essa gente, é muito comum desaparecerem famílias inteiras. Procuram mas não encontram o mínimo sinal delas. Gente dessa espécie, quando não é lama, é poeira. E depois, como o começo de toda essa história data de mais de trinta anos, já não existe ninguém em Faverolles que tenha conhecido Jean Valjean. Pediram informações em Toulon. Além de Brevet, só havia dois forçados que o conheceram pessoalmente. São eles Cochepaille e Chenildieu, condenados à prisão perpétua. Fazem com que eles venham das galés para ver se o reconhecem no tal Champmathieu. Não hesitam um instante. Como Brevet, não têm dúvidas em identificá-lo como sendo Jean Valjean. Mesma idade, cinquenta e quatro anos, mesma altura, mesmo aspecto, o mesmo homem, enfim. É ele. Enquanto isso acontecia, mandei minha denúncia à polícia de Paris. Respondem-me que eu havia perdido o juízo e que Jean Valjean está em Arras em poder da justiça. O senhor pode imaginar como isso me espantou quando eu já tinha plena certeza de ter Jean Valjean em minhas mãos! Escrevi imediatamente ao juiz; ordenou-me que eu fosse a Arras e me apresentaram Champmathieu…

– E agora? – interrompeu Madeleine.

Javert respondeu com sua expressão incorruptível e triste:

– Sr. *Maire*, a verdade é a verdade. Tenho de me envergonhar, mas Jean Valjean é Champmathieu. Também eu o reconheci.

Madeleine replicou com voz sumida:

– Está bem certo disso?

Javert pôs-se a rir, com esse riso doloroso provocado pela sua profunda convicção:

– Ora! Sem dúvida alguma!

Ficou por algum tempo pensativo, revolvendo maquinalmente o pó branco que servia de mata-borrão, e acrescentou:

– E agora que vi o verdadeiro Jean Valjean, não sei como fui pensar o que pensei. Peço-lhe perdão, Sr. *Maire*.

Ao dirigir essas palavras suplicantes e graves àquele que, mais ou menos seis semanas antes, o havia humilhado em plena delegacia, dizendo-lhe bruscamente: – Saia! – Javert, sem que o percebesse, estava cheio de simplicidade e dignidade. O Sr. Madeleine não respondeu ao seu pedido senão perguntando-lhe bruscamente:

– E que diz esse Champmathieu?

– Ah! Senhor *Maire*, o caso é grave. Se é Jean Valjean, está reincidindo em falta. Pular um muro, quebrar ramos de árvores, roubar cidras, isso para uma criança é simples peraltice; para um homem é falta; para um forçado é crime. E ele escalou um muro e roubou. Já não é caso de simples justiça correcional, mas de verdadeiro julgamento. Não se trata de alguns dias de prisão, mas de condenação perpétua aos trabalhos forçados. E depois, há ainda o caso do pequeno saboiano que, eu espero, também será citado. Diabos! Há muita coisa em jogo, não é verdade? Sim, não fosse o criminoso um Jean Valjean! Mas Jean Valjean é um sonso. Por isso é que o reconheci. Qualquer outro se sentiria perdido; agitado, gritaria como a chaleira que chia em cima do fogo, nem haveria de querer ser Jean Valjean *et cætera*. Ele nem parece compreender o que está acontecendo e diz: – Sou Champmathieu e não saio daqui! – Tem ar de quem está espantado e se faz de imbecil. Tanto melhor! Ora! o tal é esperto, mas não adianta nada porque as provas lá estão. Já foi reconhecido por quatro pessoas e será condenado. Foi levado ao tribunal de Arras. Também fui chamado e lá estarei como testemunha.

Madeleine sentara-se novamente à escrivaninha, retomara os papéis,

folheando-os tranquilamente, ora lendo, ora escrevendo como um homem muito ocupado. Voltou-se para Javert.

– Basta, Javert. Na verdade, todos esses detalhes me interessam pouco. Estamos perdendo tempo e temos negócios urgentes para resolver. Javert, o senhor me fará o favor de ir imediatamente à casa de D. Buseaupied, aquela que vende ervas, lá embaixo na esquina da Rue Saint-Saulve. Diga-lhe que apresente queixa contra o carroceiro Pedro Chesnelong. Esse homem é um estúpido, quase atropelou a pobre mulher e sua filhinha. É preciso que seja punido. Em seguida, o senhor irá à Rue Montre-de-Champigny, à casa do Sr. Charcellay. Ele se queixa de que há uma calha da casa vizinha que conduz água da chuva para a sua, o que lhe está estragando os alicerces da residência. Depois, examinará se com efeito existem as contravenções de polícia de que se queixam a viúva Doris, da Rue Guibourg, e a Senhora Renée Le Bossé, da Rue Garraud-Blanc, e formulará o competente auto. Mas talvez eu lhe esteja dando muito trabalho. O senhor não vai ausentar-se nestes dias? Como me disse, iria a Arras para tratar desse caso dentro de oito ou dez dias…

– Muito mais cedo, Senhor *Maire*.

– Que dia, então?

– Eu quase tinha a certeza de haver-lhe dito que o julgamento seria amanhã e que eu partiria pela diligência que sai esta noite.

Madeleine fez um movimento imperceptível.

– E quanto tempo durará esse julgamento?

– Um dia, no máximo. A sentença será pronunciada, o mais tardar, amanhã à noite. Mas eu não vou esperar pela sentença, que é certa; logo que fizer minhas declarações, voltarei para cá.

– Bom – disse Madeleine.

E despediu Javert com um sinal de mão.

Javert não saiu da sala.

– Perdão, Sr. *Maire* – disse.

– Que há ainda? – perguntou Madeleine.

– Sr. *Maire*, ainda preciso fazer uma coisa; lembrá-lo.

– De quê?

– De que preciso ser destituído.

Madeleine levantou-se.

– Javert, o senhor é homem honrado e eu o estimo. Mas está exagerando a sua falta. Essa é uma ofensa que só a mim diz respeito. Javert, o senhor é digno

de subir, não de descer. Espero que continue em seu cargo.

Javert voltou-se para Madeleine, olhou-o com suas pupilas cândidas, no fundo das quais aparecia uma consciência pouco esclarecida, mas rígida e casta, e disse tranquilamente:

– Sr. *Maire*, eu não posso concordar com o senhor sobre esse ponto.

– Mas, repito – retrucou Madeleine – que o que aconteceu compete a mim julgar.

Javert, porém, irremovível em seu modo de pensar, continuou:

– Quanto a isso de exagerar, eu absolutamente não o fiz. Veja o meu raciocínio. Eu, injustamente, desconfiei da sua pessoa. Até aí, nada de anormal. Está no nosso direito suspeitar de quem quer que seja, embora seja arriscado suspeitar de pessoas superiores a nós. Mas, sem provas, em um acesso de cólera, somente para me vingar, eu o denunciei como forçado, justamente o senhor, um homem tão respeitável, um *Maire*, um Magistrado! Isso é grave, muito grave. Eu, agente da autoridade, ofendi a autoridade em sua pessoa! Se um de meus subordinados houvesse feito comigo o que fiz com o senhor, eu o declararia indigno do cargo e o expulsaria. Não está certo? Escute ainda uma coisa, Sr. *Maire*. Muitas vezes fui severo na minha vida. Com os outros. Era muito justo. Eu estava agindo corretamente. Agora, se eu não for severo comigo mesmo, tudo o que fiz de justo se tornará injusto. Será que devo poupar-me mais que aos outros? Não. Ora! não devo ser bom só para castigar os outros e me deixar impune! Tornar-me-ia, então, um miserável! E os que costumam dizer: – Esse tratante do Javert – teriam toda a razão. Sr. *Maire*, não quero absolutamente que o senhor me trate com bondade; sua bondade já me deixa revoltado quando o senhor a usa com os outros, e não quero que a use comigo. A bondade que consiste em dar razão à mulher pública contra o cidadão, ao Agente de Polícia contra o *Maire*, àquele que está embaixo, contra o que está em cima, é o que eu chamo de bondade injusta. É por causa desse tipo de bondade que a sociedade se desorganiza. Meu Deus! É tão fácil ser bom: o difícil é ser justo. Vamos! Se o senhor fosse quem eu julgava, de jeito nenhum eu seria bom com o senhor, como haveria de ver. Sr. *Maire*, eu devo me tratar como trataria a qualquer outro. Quando eu reprimia os malfeitores, quando castigava os desordeiros, dizia frequentemente a mim mesmo: – Ai de ti, se te descuidas, se eu te apanhar em alguma falta. Fica tranquilo que não me escapas! – Descuidei-me, caí em falta, tanto pior para mim! Vamos; demita-me, expulse-me, humilhe-me! É bom. Tenho bons braços; irei trabalhar no campo; para mim é a mesma coisa. Sr. *Maire*, para o bom andamento do serviço, é necessário que haja um exemplo.

Peço simplesmente a destituição do Inspetor Javert.

Tudo isso foi dito num tom de voz humilde, ríspido, desesperado e convencido, o que dava não sei que estranha grandeza àquele estranho homem honesto.

– Veremos – disse o Sr. Madeleine.

E estendeu-lhe a mão.

Javert recuou e exclamou num tom decidido:

– Perdão, Sr. *Maire*, mas isso não está certo. Um *Maire* não dá a mão a um cão de fila.

E acrescentou entre dentes:

– *Delator*, isso mesmo: desde o momento em que abusei da polícia, não passo de um delator.

Depois, saudou-o com uma inclinação profunda e se dirigiu até a porta.

Lá chegando, voltou-se e, com os olhos sempre baixos, disse:

– Sr. *Maire*, continuarei no meu cargo até que venha um substituto.

Saiu. Madeleine ficou pensativo, ouvindo aquele passo firme e decidido que se afastava pelo corredor.

LIVRO SÉTIMO
O CASO CHAMPMATHIEU

I | IRMÃ SIMPLICE

Nem todos os incidentes que passarão a ser lidos eram conhecidos em Montreuil-sur-Mer. Mas o pouco que a cidade conseguiu saber deixou tamanha impressão que seria uma grave lacuna neste livro deixar de narrá-lo em seus mínimos detalhes.

Nesses pormenores, o leitor encontrará duas ou três circunstâncias inverossímeis que, contudo, conservaremos por respeito à verdade.

Na tarde que se seguiu à visita de Javert, o Sr. Madeleine foi fazer sua costumeira visita a Fantine.

Antes de entrar em seu quarto, mandou chamar Irmã Simplice.

As duas religiosas que cuidavam da enfermaria, lazaristas como todas as irmãs de caridade, chamavam-se Irmã Perpétue e Irmã Simplice.

A Irmã Perpétue foi a primeira camponesa que se tornou irmã de caridade, entrando para a casa de Deus como se entra em uma praça. Era religiosa como se é cozinheira. Esse tipo não é tão raro assim. As ordens monásticas aceitam de muita boa vontade a rústica louça dos campos, facilmente moldável em capuchinhas ou ursulinas, aproveitando-se de sua rusticidade para os trabalhos pesados da vida religiosa. A transição de um boiadeiro em carmelita nada tem de extraordinário: o fundo comum de ignorância das aldeias e dos claustros serve de preparação perfeita e põe imediatamente o camponês no nível do monge. Ampliemos o saiote e teremos a roupeta. Irmã Perpétue era uma perfeita religiosa de Marines, perto de Pontoise, falando à moda de sua terra, salmodiando, resmungando, adoçando a tisana segundo o egoísmo ou a hipocrisia do doente; áspera com os enfermos, rabugenta com os moribundos, quase que lhes jogando Deus na cara, maltratando-lhes a agonia com preces enfurecidas, insolente, honesta e sempre muito corada.

Irmã Simplice era branca como cera. Ao lado de Irmã Perpétue, era um círio ao lado de uma vela. Vicente de Paulo fixou divinamente a figura da irmã de

caridade nestas palavras admiráveis, nas quais mistura em doses iguais obediência e dedicação: “Seus conventos serão as casas dos doentes; suas celas, um quarto de aluguel; suas capelas, a igreja paroquial: seu claustro, as ruas das cidades ou as salas dos hospitais; terão por clausura a obediência; por grade, a crença em Deus e, por véu, a modéstia”. Esse ideal era a própria Irmã Simplice. Ninguém poderia adivinhar-lhe a idade; parecia que nunca havia sido jovem e que jamais chegaria a envelhecer. Era uma pessoa – não ousamos dizer uma mulher – doce, austera, agradável, fria; e nunca, em toda a sua vida, dissera uma mentira. Era tão amável que até parecia frágil, porém, ao mesmo tempo, era mais sólida que o granito. Tocava os pobres doentes com seus encantadores dedos finos e puros. Havia como que silêncio em suas palavras; falava o estritamente necessário e tinha um tom de voz capaz, ao mesmo tempo, de converter um luterano e de encantar um salão. Tanta delicadeza estava de acordo com o hábito rústico que lhe recordava continuamente o chamado do céu e de Deus. Insistamos sobre um detalhe. Não ter mentido jamais, jamais ter dito, por um interesse qualquer, mesmo indiferentemente, algo que não fosse verdade, a sagrada verdade, era a característica marcante de Irmã Simplice; ali estava a base da sua virtude. Em sua congregação, ela ficou quase célebre por essa veracidade imperturbável. O Padre Sicard[165] fala de Irmã Simplice numa carta endereçada ao surdo-mudo Massieu. Por mais sinceros e puros que sejamos, todos teremos, por certo, empanado a nossa candura com esse risco da mentira inocente. Ela, não. Mentirazinhas ou mentiras inocentes existirão realmente? Mentir é sempre um mal. Mentir pouco não é possível: quem mente, mente por completo; a mentira é a própria face do demônio; Satã tem dois nomes: chama-se Satã e Mentira. Eis como ela pensava. E, do mesmo modo como pensava, agia. Como resultado, tinha aquela pureza de que já falamos, que lhe fazia brilhar os lábios e os olhos. Seu sorriso era branco como seu olhar. Não havia sequer uma teia de aranha ou um grão de poeira sobre o cristal daquela consciência. Entrando para a congregação de São Vicente de Paulo, intencionalmente tomou o nome de Simplice. Simplice de Sicília, como sabemos, foi a santa que preferiu que lhe arrancassem os dois seios a responder, nascida como era em Siracusa, que havia nascido em Segesto, mentira que lhe salvaria a vida. Essa padroeira convinha a uma alma assim.

Irmã Simplice, ao entrar para a ordem, tinha dois defeitos dos quais, pouco a pouco, se foi corrigindo; apreciava muito as guloseimas e gostava de receber cartas. Sua única leitura era um livro de orações em grandes caracteres, e em latim. Não entendia nada de latim, mas compreendia o livro.

A piedosa Irmã afeiçoara-se a Fantine, sentindo provavelmente sua virtude latente, e devotou-se quase que exclusivamente a cuidar de sua saúde. Madeleine chamou de lado Irmã Simplice e recomendou-lhe Fantine com um tom de voz tão singular que jamais o esqueceu. Quando acabou de falar com a Irmã, ele se aproximou de Fantine.

Fantine, todos os dias, esperava pela visita do Sr. Madeleine como se fora um raio de calor e de alegria. Costumava dizer às irmãs: – Não vivo senão quando vejo o Sr. *Maire*.

Naquele dia, sua febre aumentara muito. Apenas viu o Sr. Madeleine, perguntou-lhe:

– E Cosette?

Ele respondeu sorrindo:

– Logo estará aqui.

Madeleine mostrou-se como em todas as outras visitas. Só que ficou uma hora em vez de meia, para grande contentamento de Fantine. Fez mil e uma recomendações a todos para que nada lhe faltasse. Notaram que houve um momento em que seu olhar ficou sombrio. Mas tudo se esclareceu quando souberam que o médico lhe dissera ao ouvido: – Ela piorou muito.

Depois, voltou para o escritório e seu ajudante o viu examinando atentamente um mapa das estradas da França, dependurado à parede, e escrevendo algumas anotações num pedaço de papel.

II | PERSPICÁCIA DE MESTRE SCAUFFLAIRE

Saindo de seu escritório, foi à outra extremidade da cidade, à casa de um flamengo, Scaufflaër, nome afrancesado para Scaufflaire, que alugava cavalos e cabriolés.

Para chegar a esse Scaufflaire, o caminho mais curto era uma rua pouco frequentada, onde estava a casa paroquial da freguesia a que pertencia o Sr. Madeleine. O Vigário era tido como homem digno, respeitável e experiente. No instante em que Madeleine passou por lá, havia uma única pessoa em toda a rua, e essa pessoa notou que o *Maire*, depois de passar pela casa paroquial, parou, ficou imóvel por alguns instantes, voltou, foi até a porta da casa, pegou apressadamente a aldrava e a levantou; depois, parou novamente, pensativo, e após alguns segundos, em vez de deixar cair a aldrava, segurou-a

cuidadosamente, largou-a sem fazer ruído e pôs-se novamente a caminho com uma pressa que antes não parecia ter.

Madeleine encontrou Scaufflaire em sua oficina, ocupado em consertar alguns arreios.

– Mestre Scaufflaire – perguntou –, o senhor tem aí um bom cavalo?

– Sr. *Maire* – disse o flamengo –, todos os meus cavalos são bons. Que entende o senhor por um bom cavalo?

– Um que possa fazer vinte léguas em um dia.

– Diabo! – exclamou o flamengo – vinte léguas?

– Sim.

– E quanto tempo terá de repouso depois dessa corrida?

– Se for preciso, deverá estar de volta logo na manhã seguinte.

– Para tornar a fazer o mesmo trajeto?

– Isso mesmo.

– Diabo! Diabo! E são vinte léguas?

Madeleine tirou do bolso um papel onde havia rabiscado algumas notas. Mostrou-as ao flamengo. Estava escrito, 5, 6, 8, 1/2.

– Está vendo? – disse. – Total, dezenove e meio. É o mesmo que dizer vinte léguas.

– Sr. *Maire* – replicou o flamengo –, tenho com que o servir. O senhor já deve ter-me visto por aí com meu cavalo branco, um pequeno animal do Baixo-Bolonhês. É de pequena estatura, mas muito fogoso. A princípio, quiseram usá-lo para montaria, mas ninguém foi capaz de domá-lo, pois jogava qualquer um ao chão. Pensaram que era incorrigível e não sabiam o que fazer com ele. Comprei-o e o atrelei a um cabriolé. Sr. *Maire,* era o que ele queria; tornou-se dócil como uma moça e ligeiro como o vento. Não era preciso montá-lo. Não era ideia dele ser cavalo de sela. Cada um tem a sua ambição. Puxar, está certo; carregar, não. Talvez fosse essa a sua ideia.

– E ele aguentará essa corrida?

– As vinte léguas? Mas é claro, e sempre a galope, em menos de oito horas. Com estas condições, porém.

– Diga.

– Em primeiro lugar, dar-lhe-á uma hora de descanso no meio do caminho; dar-lhe-á de comer, mas é preciso vigiar para que o moço da estalagem não lhe roube a aveia; porque já notei muitas vezes que a aveia, nos albergues, serve mais para alimentar os empregados que os cavalos.

– Tomarei cuidado.

– Em segundo lugar… É para o senhor o cabriolé?

– Sim.

– Então está tudo certo; o senhor viajará só e sem bagagem para não sobrecarregar o animal.

– Combinado.

– Mas, se não estiver acompanhado, será preciso que o senhor mesmo vigie quando derem a aveia.

– Está certo.

– Cobrarei trinta francos por dia, pagando os dias de repouso. Nem um vintém menos, sendo que o senhor deverá pagar do seu bolso a alimentação do animal.

Madeleine tirou três napoleões da bolsa e os colocou sobre a mesa.

– Aqui estão dois dias adiantados.

– Em quarto lugar, para essa corrida, um cabriolé seria muito pesado e cansaria demais o animal. Seria preciso que o senhor consentisse em viajar num pequeno tílburi que tenho.

– Estou de acordo.

– É leve, mas não tem coberta.

– Não faz mal.

– O senhor já pensou que estamos em pleno inverno?…

Madeleine não respondeu. O flamengo continuou:

– E que faz muito frio?

Madeleine continuou calado.

Mestre Scaufflaire continuou:

– E que pode chover?

Madeleine levantou a cabeça e disse:

– O tílburi e o cavalo deverão estar na minha porta amanhã às quatro e meia da manhã.

– Está combinado, Sr. *Maire* – disse Scaufflaire. Depois, arranhando com a unha do polegar uma mancha que havia na mesa, replicou com esse ar de indiferença que os flamengos sabem tão bem aliar à delicadeza: – Mas agora eu me lembro! O Senhor *Maire* nem me disse para onde vai. Para onde vai o senhor?

Desde o começo desse diálogo ele não pensava em outra coisa, mas não sabia

por que ainda não ousara fazer essa pergunta.

– Seu cavalo tem as patas dianteiras bem fortes? – perguntou Madeleine.

– Sim, Senhor *Maire*. É preciso que o segure um pouco nas descidas. Há muito morro para os lados aonde o senhor vai?

– Não se esqueça de estar à minha porta exatamente às quatro e meia da manhã – respondeu Madeleine, e saiu.

O flamengo ficou com “cara de bobo”, como ele mesmo diria mais tarde.

O *Maire* havia saído apenas dois ou três minutos antes quando a porta tornou a se abrir. Era Madeleine outra vez.

Tinha o mesmo aspecto impassível e preocupado de antes.

– Sr. Scaufflaire, qual o valor do cavalo e do tílburi que o senhor vai-me alugar, um puxando o outro?

– Um arrastando o outro, Sr. *Maire* – disse o flamengo com um largo sorriso.

– Seja. Quanto então?

– Mas o senhor quer comprá-los?

– Não; mas, em todo caso, quero garantir. Quando eu voltar, o senhor me restituirá o dinheiro. Em quanto avalia o tílburi e o cavalo?

– Quinhentos francos, Sr. *Maire*.

– Aqui estão.

Madeleine pôs uma nota sobre a mesa, saiu e não voltou mais.

Mestre Scaufflaire arrependeu-se profundamente de não ter dito mil francos. Aliás, o tílburi e o cavalo só valiam cem escudos.

O flamengo chamou a mulher e contou-lhe o que acontecera. – A que diabo de lugar vai o Sr. *Maire*? – Vai a Paris – disse a mulher. – Eu acho que não – disse o marido.

Madeleine havia esquecido em cima da lareira o papel onde anotara os seus cálculos. O flamengo tomou-o e se pôs a estudá-lo. – Cinco, seis, oito e meio?, isso deve marcar as mudas do correio. – Voltou-se para a mulher: – Achei! – Como! – Daqui a Hesdin, são cinco léguas; de Hesdin a Saint-Pol, seis léguas e de Saint-Pol a Arras, oito léguas e meia. Ele vai a Arras.

Entretanto, Madeleine já havia chegado em casa. Para voltar da casa de Scaufflaire havia tomado o caminho mais longo, como se a porta do presbitério fosse uma tentação que ele queria evitar. Subiu para o quarto e se fechou, o que não era nada extraordinário, visto que costumava recolher-se bem cedo. No entanto, a porteira da fábrica, que, ao mesmo tempo, era a única criada do Sr. Madeleine, observou que ele apagara as luzes às oito e meia da noite. Disse

então ao caixeiro que chegava àquela hora:

– Será que o Sr. *Maire* está doente? Pareceu-me um pouco esquisito!

Esse caixeiro morava em um quarto situado precisamente debaixo do quarto do Sr. Madeleine. Ele não deu importância alguma às palavras da porteira, deitou-se e dormiu. Pela meia-noite, acordou sobressaltado; ouvira, meio adormecido, um ruído que se fazia no andar superior. Pôs-se a escutar. Eram passos que iam e vinham, como se alguém andasse no quarto de cima. Prestou mais atenção e reconheceu os passos do Sr. Madeleine. Aquilo poderia parecer-lhe estranho; habitualmente, não se ouvia barulho algum no quarto do Sr. Madeleine enquanto ele não levantasse. Um momento depois, o caixeiro teve a impressão de ouvir alguém abrindo um armário para fechá-lo logo em seguida. Depois ouviu um móvel que era arrastado, um silêncio e os passos recomeçaram. O caixeiro sentou-se e, já completamente acordado, viu, através da vidraça, projetada sobre o muro da frente, a claridade avermelhada de uma janela iluminada. Pela direção desse reflexo, a luz não podia vir senão do quarto do Sr. Madeleine. A claridade era trêmula, como se resultasse de uma fogueira e não de um candeeiro. A sombra dos caixilhos da vidraça não se projetava na parede, o que indicava que a janela estava completamente aberta. Com o frio que fazia era de admirar tal coisa. O caixeiro voltou a dormir. Uma hora ou duas depois tornou a acordar. O mesmo passo, lento e regular, ia e vinha continuamente sobre sua cabeça.

A claridade continuava a se projetar sobre a parede, mas agora estava pálida e calma como o reflexo da luz de uma vela. A janela continuava aberta.

Eis o que se passava no quarto do Sr. Madeleine.

III | A TEMPESTADE DE UMA CONSCIÊNCIA

O leitor, sem dúvida, já adivinhou que o Sr. Madeleine é o próprio Jean Valjean.

Já perscrutamos bastante as profundezas dessa consciência e é chegado o momento de continuarmos a examiná-la. Não o fazemos sem emoção ou estremecimento. Nada existe de mais terrível que esse tipo de contemplação. Os olhos do espírito não podem encontrar em nenhum lugar nada mais ofuscante, nada mais tenebroso que o homem; não poderão fixar-se em nada mais temível, mais complicado, mais misterioso e mais infinito. Existe uma coisa que é maior que o mar: o céu. Existe um espetáculo maior que o céu: é o interior de uma alma.

Fazer o poema da consciência humana, fosse embora a propósito de um só homem ou do mais miserável dos homens, seria o mesmo que fundir todas as epopeias numa epopeia superior e definitiva. A consciência é o caos das quimeras, das ambições e das tentações; a fornalha dos sonhos, o antro das ideias de que temos vergonha; é o pandemônio dos sofismas, o campo de batalha das paixões. Experimentem, em certas horas, penetrar através da face lívida de um ser humano que reflete, olhar no seu íntimo, observar sua alma e examinar essa escuridão. Ali, sob o aparente silêncio, há combates de gigantes como em Homero, batalhas de dragões e hidras e nuvens de fantasmas como em Milton, visões de espirais como em Dante.[166] Que coisa mais sombria é esse infinito que todo homem leva em si mesmo, pelo qual desesperadamente mede os desejos do seu cérebro e as ações da sua vida!

Alighieri, certa vez, encontrou diante de si uma porta sinistra que o fez parar, hesitante. Eis que também nós agora nos defrontamos com uma porta que provoca em nós os mesmos sentimentos. Em todo caso, entremos.

Pouca coisa deveremos acrescentar ao que o leitor já conhece de tudo o que aconteceu a Jean Valjean depois da aventura do pequeno Gervais. A partir daquele momento, como já vimos, tornou-se outro homem. O que o Bispo desejou fazer dele, ele próprio o fez. Foi mais que uma transformação, foi uma transfiguração.

Ele conseguiu desaparecer, vendeu os talheres do Bispo, guardando como lembrança somente os dois castiçais, andou de cidade em cidade, atravessou toda a França, chegou a Montreuil-sur-Mer, teve a feliz ideia de que já falamos, fez tudo o que está narrado nas páginas anteriores, chegou a tornar-se irreconhecível, inacessível, e, já estabelecido em Montreuil-sur-Mer, feliz por sentir a própria consciência arrependida de seu passado, e a primeira parte de sua existência desmentida pela segunda, vivia pacificamente, tranquilo e confiante, não tendo mais que dois pensamentos: esconder o próprio nome e santificar a própria vida; escapar dos homens e voltar para Deus.

Esses dois pensamentos estavam tão estreitamente ligados em seu espírito que formavam uma única coisa; ambos eram igualmente imperiosos e inquietantes, dominando suas mínimas ações. De ordinário, estavam de acordo para regular a conduta de sua vida, atraíam-no para a obscuridade, tornavam-no bom e simples, aconselhando-lhe as mesmas coisas. Entretanto, às vezes, punham-se em luta entre si. Nesses casos, como devem lembrar-se, o homem que toda Montreuil-sur-Mer chamava de Sr. Madeleine não hesitava em sacrificar a primeira à segunda, a própria segurança à virtude. Assim, a despeito

de todo o seu cuidado e prudência, guardava ainda consigo os castiçais do Bispo, pusera luto pela sua morte, chamava e interrogava todos os pequenos saboianos que passassem, tomara informações sobre as famílias de Faverolles e salvara a vida do velho Fauchelevent, apesar das inquietantes insinuações de Javert. Parecia até, como já fizemos notar, que ele pensava, a exemplo de quantos foram sábios, santos e justos, que suas primeiras obrigações não eram para consigo próprio.

Todavia, é preciso que o digamos, nada de semelhante ainda lhe havia acontecido. Jamais as duas ideias que governavam esse infeliz homem, cujos sofrimentos estamos contando, travaram luta tão encarniçada. Ele o compreendeu confusa mas profundamente desde as primeiras palavras ditas por Javert ao entrar em seu escritório. No momento em que pronunciou de modo tão estranho aquele nome que ele havia tanto tempo tinha sepultado, tomou-se de espanto, enervado pela sinistra bizarria de seu destino, e com esse espanto sentiu o tremor que precede os grandes desabamentos; curvou-se como uma árvore à aproximação da tempestade ou como um soldado pronto para o combate. Sentiu caírem-lhe sobre a cabeça sombras cheias de raios e relâmpagos. Ao ouvir Javert, seu primeiro pensamento foi correr, denunciar-se, livrar Champmathieu da prisão e fazer-se prender; isso foi tão doloroso e pungente como um corte na carne viva; mas, depois, essa impressão passou e ele disse: – Vejamos! Vejamos! – Reprimiu esse primeiro movimento de generosidade e recuou diante do heroísmo.

Sem dúvida, seria muito bonito se, depois das santas palavras do Bispo, depois de tantos anos de arrependimento e abnegação, em meio a uma penitência tão admiravelmente começada, esse homem, mesmo diante de tão terrível conjuntura, não tivesse hesitado um instante e tivesse continuado a marchar com o mesmo passo em direção a esse precipício aberto em cujo fundo estava o céu; seria muito bonito, mas não foi assim. É bom que nos inteiremos do que acontecia no íntimo dessa alma, e só poderemos dizer coisas que realmente a atormentavam. O que o fez pensar, logo de início, foi o instinto de conservação; mais que depressa ele mudou o rumo das próprias ideias, sufocou as próprias emoções, considerou a presença de Javert, o que era grande perigo, recompôs todas as suas resoluções com a segurança de quem está aterrorizado, ficou atordoado sobre o que deveria fazer e retomou a calma como o lutador que torna a pegar o escudo.

Passou todo o resto do dia nesse estado; turbilhão no seu íntimo e completa tranquilidade exterior; não tomou, como se poderia dizer, “medidas

conservadoras”. Tudo estava ainda confuso e embaralhado em sua mente; sua indecisão era tal que não conseguia perceber distintamente nenhuma ideia; e ele mesmo não poderia dizer nada de si, a não ser que acabava de receber um grande golpe.

Como era de hábito, foi fazer sua visita a Fantine, prolongando-a por instinto de bondade, certo de que assim devia agir, recomendando-a às irmãs, caso devesse ausentar-se da cidade. Sentia vagamente que talvez fosse preciso ir a Arras e, sem estar absolutamente decidido a fazer essa viagem, convenceu-se de que, como estava livre de qualquer desconfiança, nada havia de inconveniente em ser testemunha do que iria acontecer. Alugou o tílburi de Scaufflaire, de modo a estar preparado para qualquer eventualidade.

Jantou com muito apetite.

Recolhendo-se ao quarto, pôs-se a meditar.

Examinou a situação e achou-a extraordinária, tão extraordinária que, em meio a seus pensamentos, impelido por não sei que impulso de ansiedade quase inexplicável, levantou-se da cadeira e trancou a porta com o trinco. Cuidava para que ninguém mais entrasse. Entrincheirava-se contra alguma possibilidade.

Um momento antes, havia apagado o candeeiro. Incomodava-lhe os olhos.

Julgava que alguém poderia vê-lo.

Quem? Onde?

Infelizmente, o que ele tinha intenção de expulsar do quarto já havia entrado, os olhos que ele queria cegar encaravam-no fixamente: era a sua consciência.

A consciência, isto é, Deus.

Entretanto, nos primeiros momentos, conseguiu iludir-se; teve um sentimento de segurança e solidão; fechando o trinco da porta, sentiu-se impenetrável; apagando as luzes, sentiu-se invisível. Então, concentrou-se em si mesmo, apoiou os cotovelos na mesa, escondeu a cabeça entre as mãos e pôs-se a pensar em meio às trevas:

“Onde estou? Será que não estou sonhando? Que foi que me disseram? É mesmo verdade que vi esse tal de Javert e que ele me falou desse modo? Quem é Champmathieu? Então ele se parece comigo? Será possível? Quando penso que ontem eu estava tão tranquilo e tão longe de duvidar da minha segurança! O que eu estava fazendo ontem a estas mesmas horas? O que é que realmente existe neste caso? Como se resolverá? Que fazer?”.

Eis em que tormenta se encontrava. Seu cérebro havia perdido a capacidade de reter as próprias ideias; elas passavam como ondas, e ele apertava a fronte

entre as mãos, como para retê-las.

Desse tumulto que lhe agitava a vontade e a razão, e de que ele procurava tirar alguma evidência ou resolução, nada se originava senão angústia.

A cabeça estalava-lhe de dor. Foi à janela e escancarou-a. Não havia nem uma estrela no céu. Voltou a sentar-se à mesa.

Assim se passou a primeira hora.

Pouco a pouco, contudo, começaram a se formar e a se fixar alguns vagos lineamentos em meio à sua meditação, e pôde entrever com a precisão da realidade não o conjunto da situação, mas alguns detalhes. Começou por reconhecer que, por mais extraordinária e crítica a sua situação, dela ainda era o senhor.

Seu espanto se intensificou.

Não obstante o fim severo e religioso a que se propunham suas ações, tudo o que havia feito até aquele dia não era nada mais que um buraco que cavara para enterrar o próprio nome. O que havia sempre de mais terrível, nessas horas de reflexões íntimas, nessas noites de insônia, era justamente não querer ouvir jamais alguém que lhe pronunciasse o nome; estava convencido de que, se isso acontecesse, acarretaria a sua ruína total; no dia em que seu verdadeiro nome reaparecesse, faria desaparecer ao redor dele toda aquela vida nova, e, quem sabe até, se lhe extinguiria no íntimo a nova alma. Ele estremecia só em pensar que isso pudesse acontecer. Certamente, se alguém lhe dissesse naqueles momentos que chegaria uma hora em que aquele nome haveria de ressoar novamente aos seus ouvidos, em que aquelas palavras horríveis, Jean Valjean, surgiriam dentro da noite e se levantariam em sua frente, em que a luz formidável feita para dissipar o mistério em que se envolvera haveria de resplandecer subitamente sobre a sua cabeça, e que esse nome não o ameaçaria, e que essa luz só iria provocar uma escuridão mais espessa; se lhe dissessem que esse véu assim rasgado aumentaria o mistério, que esse tremor de terra consolidaria as bases de seu edifício, que esse prodigioso incidente não teria outro resultado, se assim lhe agradasse, senão tornar-lhe a existência ao mesmo tempo mais clara e mais impenetrável, e que, confrontando-se com o fantasma Jean Valjean, o bom e digno burguês, Sr. Madeleine, sairia mais honrado, mais calmo e mais respeitado que nunca; se alguém lhe dissesse tudo isso, ele teria sacudido a cabeça e teria ouvido essas palavras como insensatez. Pois bem; tudo isso acabava precisamente de acontecer; todo esse conjunto de coisas impossíveis era um fato, e Deus havia permitido que essas coisas loucas se transformassem em realidade!

Suas reflexões iam ficando cada vez mais claras. Aos poucos, ia-se dando conta de sua posição.

Parecia-lhe que acabava de despertar de um sono, que escorregava por uma encosta, em plena noite, de pé, tremendo, recuando em vão à borda extrema de um abismo. Em meio a toda essa sombra, entrevia distintamente um desconhecido, um estranho, que o destino tomava por ele e o empurrava à voragem em seu lugar. Para que o redemoinho parasse, era preciso que antes engolisse alguém, ele ou outro qualquer.

Só o que tinha a fazer era deixar as coisas acontecerem.

A claridade tornou-se completa e Madeleine acabou por confessar a si mesmo que seu lugar nas galés estava vago, e que, por mais que fizesse, sempre estaria à sua espera; o roubo do pequeno Gervais o arrastaria novamente para a prisão e aquele lugar vago o atrairia enquanto não fosse preenchido; era inevitável e fatal. Depois, disse para si mesmo: “Agora tenho um substituto”. Alguém chamado Champmathieu tivera essa falta de sorte e, quanto a ele, presente nas galés, na pessoa de Champmathieu, presente na sociedade sob o nome de Madeleine, nada tinha a temer, se não impedisse que os homens selassem sobre a cabeça de Champmathieu aquela pedra de infâmia que, como a pedra do sepulcro, cai uma vez para não mais se levantar.

Tudo isso era tão violento e estranho que lhe produziu de repente na alma essa espécie de movimento indescritível que homem nenhum experimenta mais de duas ou três vezes na vida; uma espécie de convulsão da consciência que revolve o quanto o coração tem de duvidoso, que se compõe de ironia, alegria e desespero, e que se poderia chamar de gargalhada interior.

Súbito, tornou a acender a vela.

“Então!”, disse consigo mesmo, “o que me amedronta atualmente? Por que tenho de me preocupar com tudo isso? Estou salvo! Tudo está acabado. Eu não tinha senão uma porta entreaberta pela qual o passado poderia penetrar na minha vida; eis que agora essa porta está fechada para sempre. Javert me preocupava havia tanto tempo, esse espírito temível que parecia já ter-me descoberto, que realmente me descobriu e me seguia por toda parte, feroz cão de caça sempre a me perseguir, ei-lo agora despistado, preocupado com outras coisas, absolutamente desorientado! Agora está satisfeito e me deixará tranquilo, pois tem em mãos o seu Jean Valjean! Quem sabe terá até vontade de deixar esta cidade! E tudo isso sem que eu fizesse esforço algum! Mas, que pode haver de desgraçado em tudo isto? Quem me visse – palavra de honra! – pensaria que me

aconteceu uma catástrofe! Além do mais, se alguém sair prejudicado, não será absolutamente por minha culpa. São coisas da Providência. É uma prova de que ela aparentemente quer que isso aconteça! Terei eu o direito de contrariar-lhe as decisões? Que peço eu presentemente? Em que irei me envolver? Tudo isso tudo nada tem a ver comigo. Como? E ainda não estou satisfeito! Mas o que me falta agora? O fim a que tenho aspirado durante tantos anos, o sonho de minhas noites, o objeto de minhas orações ao céu, a segurança, eis que agora eu a possuo! É Deus quem o quer. Eu nada posso fazer contra a vontade de Deus. E por que Deus o quer? Para que eu continue a obra que iniciei, para que eu faça o bem, para que, um dia, eu seja um exemplo grande e encorajador, para que se diga que, afinal, existe um pouco de felicidade ligada a tanta penitência feita e à virtude que readquiri! Na verdade, não compreendo por que tenho tanto medo de ir à casa paroquial contar àquele bom Vigário todas essas coisas, como a um confessor, pedindo seus conselhos; evidentemente ele não me diria outra coisa. Está decidido, vamos deixar que as coisas aconteçam! Deixemos que Deus conduza os fatos como forem de seu agrado!”

Assim falava ele nas profundezas de sua consciência, debruçado à beira do que poderíamos chamar de seu próprio abismo. Levantou-se da cadeira e pôs-se a andar pelo quarto.

“Vamos”, dizia, “não pensemos mais nisso. Está tomada a decisão!”

Mas não sentiu nenhuma alegria. Pelo contrário.

Ninguém poderá impedir o pensamento de voltar a uma ideia, como não podemos impedir o mar de voltar sempre a uma praia. Para o marinheiro isso se chama maré; para o culpado isso se chama remorso. Deus agita a alma como agita o oceano.

Ao cabo de alguns instantes, por mais que fizesse, teve de continuar o sombrio diálogo em que ele mesmo falava e ele mesmo escutava, dizendo o que bem queria calar, ouvindo o que não queria escutar, cedendo a essa força misteriosa que lhe segredava: “Pensa!”. Como ela dizia havia dois mil anos a outro condenado: “Caminha!”.

Antes de irmos mais longe, e para sermos inteiramente compreendidos, vamos insistir sobre uma observação necessária.

É evidente que todos nós falamos com nós mesmos; não existe um único ser pensante que não o tenha experimentado. Pode-se até dizer que o verbo nunca é mistério mais grandioso que quando vai, no interior de um homem, do pensamento à consciência e volta da consciência ao pensamento. É nesse sentido

somente que se devem entender as expressões tantas vezes usadas neste capítulo, *ele disse*, *ele exclamou*, porque cada um diz, fala e exclama no seu íntimo sem que o silêncio exterior seja quebrado. Quando nossa alma está agitada, tudo dentro de nós fala, menos nossos lábios. As realidades da alma, por não serem visíveis e palpáveis, não deixam de ser realidades.

Ele perguntou, portanto, a si mesmo, onde estava. Interrogou-se sobre essa "resolução tomada". E acabou por confessar a si mesmo que tudo o que acabava de decidir em seu espírito era horrível, que "deixar as coisas correrem, ou deixar Deus conduzir os acontecimentos como fosse de seu agrado", era simplesmente uma monstruosidade. Deixar que se completasse aquele erro do destino e dos homens, sem impedi-lo, ajudá-lo com seu silêncio, enfim, nada fazer, era ser culpado de tudo! Seria o mais baixo degrau da indignidade e da hipocrisia! Seria um crime mesquinho, covarde, traiçoeiro, abjeto, hediondo!

Pela primeira vez, depois de oito anos, o infeliz homem acabava de sentir o sabor amargo de um mau pensamento, de uma ação condenável.

Ele o afastou de si, horrorizado.

Continuou a interrogar-se e perguntou com energia o que havia entendido por: "Atingi o meu fim!". "Com efeito", respondeu, "sua vida tinha uma finalidade." Mas qual seria? Esconder o próprio nome? Enganar a polícia? Teria sido por uma razão tão mesquinha que fizera tudo o que fizera? Não teria outra finalidade mais nobre, que seria o seu verdadeiro objetivo? Salvar, não a sua pessoa, mas a própria alma. Voltar a ser honesto e bom. Ser justo! Não estaria aí, só e unicamente, a essência de toda a sua vontade, o cerne das palavras que outrora lhe dissera D. Bienvenu? – Fechar a porta ao seu passado! – Mas ele não a estava fechando, santo Deus! Com aquela ação infame, a estava abrindo novamente! Voltava a ser ladrão, e o mais desprezível dos ladrões! Estava roubando a outro a existência, a vida, a paz, o lugar ao sol! Tornava-se um assassino! Matava, assassinava moralmente um homem miserável; infligia-lhe essa horrenda morte em vida, essa morte a céu aberto que se chama galé! Pelo contrário, entregar-se, salvar aquele homem, vítima de tão lúgubre engano, retomar seu verdadeiro nome, voltar a ser por dever o forçado Jean Valjean, seria verdadeiramente completar a própria ressurreição, fechar para sempre o inferno de onde saíra! Na verdade, voltar ao inferno era a única maneira de libertar-se para sempre de suas garras! Era preciso agir assim! Se não fizesse essa nobre ação, seria como se nada tivesse feito; toda a sua vida teria sido inútil, toda a sua penitência estaria perdida. Ele não tinha que perguntar para quê? Ele sentia que o Bispo estava ali, tanto mais presente porque já havia falecido, olhando-o

continuamente; sentia que agora o *Maire* Madeleine, com todas as suas virtudes, se tornara abominável e que o grilheta Jean Valjean se revestia de admiração e de pureza. Os homens só lhe conheciam a máscara, mas o Bispo via-lhe o rosto. Os homens viam-lhe a vida, mas o Bispo penetrava-lhe a consciência. Era preciso, pois, ir até Arras, pôr em liberdade o falso Jean Valjean e denunciar o verdadeiro! Ah! Esse era o maior dos sacrifícios, a mais pungente das vitórias, o último passo a dar; mas era necessário. Destino doloroso! Não lhe era possível entrar na santidade aos olhos de Deus se não voltasse à infâmia aos olhos dos homens!

– Pois bem! – disse ele. – Tomemos uma resolução e cumpramos o nosso dever! Salvemos esse homem!

Ele pronunciou essas últimas palavras em voz alta, sem perceber que o fazia.

Tomou os livros, verificou-os e pôs em ordem. Jogou ao fogo uma quantidade de dívidas de alguns pequenos comerciantes que lutavam com dificuldades. Escreveu uma carta, selou-a, e sobre seu envelope poder-se-ia ler naquele instante, se houvesse mais alguém naquele quarto: *Ao Sr. Laffitte, banqueiro, Rue d'Artois, Paris*. Tirou da secretária uma carteira que continha algumas notas e o passaporte de que se servira naquele mesmo ano para ir às eleições.

Quem o tivesse visto enquanto fazia essas coisas, em atitude tão séria e pensativa, não teria dúvidas sobre o que lhe passava no íntimo. Às vezes movia os lábios. Outras vezes levantava a cabeça e fixava os olhos num ponto qualquer da parede, como se precisamente naquele lugar houvesse alguma coisa que ele quisesse esclarecer ou interrogar.

Terminando de escrever a carta a Laffitte, colocou-a no bolso, junto com a carteira, e começou novamente a andar.

Seus pensamentos ainda não haviam mudado. Continuava a ver claramente seu dever escrito em letras luminosas que lhe dançavam diante dos olhos, deslocando-se com eles:

"*Anda! Diga quem é você! Denuncie-se!*".

Via também, como se fossem mudas, à sua frente, com formas sensíveis, as duas ideias que haviam constituído até então a dupla regra de toda a sua vida: esconder o nome e santificar a alma. Pela primeira vez elas lhe apareciam perfeitamente distintas e pôde avaliar a diferença que as separava. Reconhecia que uma dessas ideias era necessariamente boa, enquanto a outra poderia tornar-se má; que uma era o sacrifício, a outra a personalidade; que uma dizia: "*o próximo*", enquanto a outra dizia: "*eu*"; que uma vinha da luz e a outra, das

trevas.

Elas se combatiam e ele as via combater. À medida que meditava, elas haviam crescido diante dos olhos do seu espírito; atualmente, seu tamanho era colossal; parecia-lhe ver lutando em seu íntimo, nesse mundo infinito de que há pouco falamos, em meio à escuridão e aos relâmpagos, uma deusa e um gigante.

Estava cheio de espanto, mas parecia-lhe que o bom pensamento o vencia. Sentia que tocava em outro momento decisivo da sua consciência e do seu destino; o Bispo havia marcado a primeira fase da sua nova vida e Champmathieu marcaria a segunda. Depois da grande crise, a grande provação.

No entanto a febre, momentaneamente acalmada, voltava-lhe pouco a pouco. Mil pensamentos o agitavam, mas continuavam a dar-lhe força na sua resolução. Houve um momento em que chegou a dizer: – Estou tomando as coisas muito a sério, pois esse tal de Champmathieu, afinal, é culpado de roubo.

Mas respondeu: – Se realmente esse homem roubou algumas frutas, será condenado a apenas alguns meses de prisão. Daí às galés a diferença é enorme. E quem sabe se terá mesmo roubado? Está provado que roubou? O nome de Jean Valjean, pesando sobre ele, parece dispensar qualquer prova. Por acaso os procuradores do Rei não costumam agir habitualmente dessa maneira? Eles acham que ele roubou porque acham que é um grilheta.

Em outro instante veio-lhe a ideia de que, logo que se tivesse denunciado, talvez tomassem em consideração o heroísmo de sua ação, sua vida honesta durante sete anos, todo o bem que fizera à cidade e sem dúvida haveriam de o perdoar.

Mas essa suposição bem depressa se desvaneceu, e sorriu amargamente, pensando que o roubo dos quarenta soldos do pequeno Gervais o tornavam reincidente do crime; este certamente seria relembrado, e os termos precisos da lei tornavam-no passível de condenação aos trabalhos forçados por toda a vida.

Desiludiu-se de qualquer esperança, desligou-se cada vez mais da terra, procurando consolação e força em outros lugares. Convenceu-se de que era necessário cumprir o próprio dever; que, talvez, até não fosse tão infeliz depois de o ter cumprido do que se o tivesse evitado. Se *deixasse as coisas correrem*, se continuasse em Montreuil-sur-Mer, sua consideração, seu bom nome, suas boas obras, a deferência, a veneração, a caridade, a riqueza, sua popularidade, sua virtude, se baseariam em um crime, e que gosto teriam tantas coisas santas ligadas a tamanho delito? Enquanto se consumasse seu sacrifício nas galés, no pelourinho, ligado às correntes, boné verde à cabeça, trabalhando sem descanso,

humilhado sem piedade, em tudo isso estava contida uma ideia sublime!

Enfim, convenceu-se de que era preciso, de que seu destino havia sido traçado dessa maneira e não podia, portanto, desfazer as determinações que lhe vinham do alto; em qualquer caso, porém, era preciso que escolhesse: ou a virtude exterior e a condenação interna, ou a santidade interior e a infâmia externa.

Revolvendo tantas ideias lúgubres, sua coragem não desfalecia, mas seu cérebro se cansava. Ele começava já a pensar sem querer em outras coisas diversas, em coisas indiferentes.

As têmporas latejavam-lhe continuamente. Ia e vinha caminhando pelo quarto. O relógio da paróquia e, em seguida, o da prefeitura, deram meia-noite. Contou as doze batidas dos relógios e pôs-se a comparar o som de ambos os sinos. Lembrou-se, então, de que havia alguns dias vira, numa loja de ferragens, um velho sino à venda, sobre o qual estava escrito: *Antoine Albin de Romainville*.

Sentia frio. Alimentou o fogo da lareira. Nem se lembrou de fechar a janela. Mas tornava a cair na meditação. Seria preciso fazer um esforço muito grande para se lembrar em que estava pensando antes de ouvir os relógios baterem meia-noite. Por fim, conseguiu.

– Ah! sei – disse ele –, tomei a resolução de me denunciar.

Depois, de repente, pensou em Fantine.

– E agora! – disse. – E essa pobre mulher?

Nova crise.

Fantine aparecera bruscamente em seus pensamentos causando o efeito de um raio de luz inesperado. Pareceu-lhe que tudo mudava de aspecto a seu redor e exclamou:

– Essa agora! Até aqui só considerei a mim mesmo. Não olhei senão para o que me convinha! Devo calar ou me denunciar, esconder minha pessoa ou salvar minha alma, ser um magistrado desprezível e respeitado ou um grilheta infame e venerável, eu, sempre eu, nada mais que eu! Mas, meu Deus, tudo isso não passa de egoísmo. São formas diferentes de egoísmo, mas não deixa de ser egoísmo! E se eu pensasse um pouco mais nos outros? A primeira santidade consiste em pensar no próximo. Vejamos, examinemos! Pondo-me de lado, aniquilando-me, esquecendo-me, que aconteceria a tudo isso? Se me denuncio, me prendem, soltam Champmathieu, mandam-me novamente para as galés. Está bem, e depois? Que acontecerá a isto aqui? Ah! aqui há uma cidade, fábricas, indústrias,

operários, homens, mulheres, velhinhos, crianças, gente pobre! Eu criei tudo isso, eu dei vida a tudo isso; onde há a fumaça de um fogão, eu é que pus lenha ao fogo e comida nas panelas; produzi o bem-estar, aumentei o crédito e a circulação; antes de mim, nada disso existia; eu incentivei, dei vida, animei, fecundei, estimulei, enriqueci todo este distrito. Se eu faltar, faltará a alma, o princípio vital. Se eu me afastar, tudo isso morre. E essa mulher que tanto sofreu, cheia de tantos merecimentos em sua miséria, a quem, sem querer, causei tanta desgraça! E essa criança que eu queria buscar, como prometi à sua mãe! Será que não devo alguma coisa a essa mulher em reparação de todo o mal que lhe causei? Se eu desaparecer, que acontecerá? A pobre mãe morrerá, a criança se tornará sabe lá o quê? Eis o que vai acontecer se eu me denunciar. E se não me denunciar? Vejamos o que pode acontecer.

Depois de fazer essa pergunta, parou por um momento; hesitou, teve medo, mas por um segundo apenas; em seguida, respondeu calmamente:

– Pois bem, esse homem será condenado às galés, é verdade; mas, que diabo! Ele roubou! Por mais que repita o contrário, o fato é que ele roubou! Eu, por mim, continuo onde estou. Em dez anos, ganharei dez milhões, que aplicarei para o bem da cidade, sem reter nada para mim. Que ganharei nisso tudo, se não é para mim que trabalho? A prosperidade de todos aumenta sempre mais, as indústrias se estimulam e incrementam, as manufaturas e usinas se multiplicam, as famílias – cem famílias, mil famílias! – são felizes; a população aumenta, surgem novas aldeias onde não havia senão fazendas; criam-se novas fazendas onde antes nada existia; a miséria desaparece, e com ela a depravação, a prostituição, o roubo, o assassínio, todos os vícios, todos os crimes! Essa pobre mulher educará sua filhinha e toda a região será rica e honesta! Ora! Mas eu estava louco! É um absurdo! Como pude pensar em me denunciar? É preciso tomar muito cuidado e não precipitar as coisas. Mas o quê? Só porque eu preferia fazer-me de grande e generoso! Mas isso é um melodrama, além de tudo! Só porque não pensei senão em mim, somente em mim, só para salvar de uma punição, talvez um tanto exagerada, mas, enfim, justa, nem sei quem, um ladrão qualquer, um patife evidentemente, toda a cidade deve perecer! Uma pobre mulher deverá morrer no hospital! Uma pobre criança crescerá na rua! Como um cão! Ora! mas isso é abominável! Sem que a infeliz mãe possa rever sua filhinha! Sem que a criança possa conhecer a própria mãe! E tudo isso por causa desse velho tratante, ladrão de frutas, que sem dúvida deve merecer ir para as galés por muitas outras coisas que não esse pequeno roubo! Belos escrúpulos que salvam um culpado e sacrificam tantos inocentes; que salvam um velho

vagabundo que, afinal de contas, tem uns poucos anos de vida, que não será mais miserável nas galés que na própria choupana, e sacrificam toda uma população, mães, mulheres, crianças. E essa pobre Cosette, que só tem a mim no mundo, certamente, a estas horas, deve estar roxa de frio no albergue dos Thénardier, outros refinados canalhas! E eu faltarei ao meu dever para com toda essa pobre gente! E ainda me vou denunciar? Hei de cometer semelhante loucura? Calculemos pelo pior. Suponhamos que em tudo isso eu esteja agindo mal e a minha consciência, um dia, venha a me acusar: aceitar pelo bem do próximo essas censuras que só dizem respeito a mim, essa má ação que compromete tão somente minha alma, eis o verdadeiro sacrifício, a verdadeira virtude.

Levantou-se e continuou a caminhar. Desta vez parecia que estava contente.

Não se encontram diamantes senão nas profundezas da terra; não se encontram verdades senão no mais íntimo da alma. Parecia-lhe que, após ter descido a esses abismos, de ter por muito tempo andado às apalpadelas no mais escuro dessas trevas, acabara, enfim, por encontrar um desses diamantes, uma dessas virtudes, e que a tinha em suas próprias mãos, encantando-se em admirá-la.

“Isso mesmo”, pensava ele, “encontrei a verdade. Achei a solução. Era preciso, enfim, que eu me decidisse por alguma coisa. Minha decisão está tomada. Deixemos caminhar as coisas! Nada de hesitações nem de arrependimentos. Interesso-me pelo bem-estar de todos e não somente pelo meu. Sou Madeleine e continuo a ser Madeleine. Desgraçado de quem é Jean Valjean! Não sou mais Jean Valjean. Não conheço esse homem, não sei quem possa ser; se acontece que neste momento alguém mais é Jean Valjean, que se arrume! Não compete a mim ajudá-lo. Esse é um nome fatal que flutua pela noite; se pairar ou descer sobre alguma cabeça, tanto pior para ela!”

Olhou-se no pequeno espelho que estava sobre a lareira e disse:

– Como me sinto mais leve depois de tomar essa decisão! Sinto-me outro.

Deu ainda alguns passos e parou de repente:

– Vamos! Não devo hesitar diante de qualquer consequência causada pela minha resolução. Há ainda alguns fios que me ligam a esse Jean Valjean. É preciso destruí-los! Nesta mesma sala, existem objetos que me acusariam, coisas mudas que testemunhariam contra mim; está decidido: é preciso que tudo isso desapareça.

Procurou nos bolsos, tirou a carteira, abriu-a e pegou uma pequenina chave.

Introduziu-a em uma fechadura da qual apenas se via o buraco, perdida como

estava nas sombras mais carregadas do papel que recobria a parede. Abriu um pequeno cofre, uma espécie de gaveta escondida no ângulo da parede com a lareira. Nesse esconderijo havia somente alguns trapos, um sobretudo de pano azul, umas calças velhas, uma mochila e um grande bastão de madeira com ambas as extremidades de metal. Os que viram Jean Valjean pela época em que passou por Digne, em outubro de 1815, facilmente reconheceriam todas as peças desse miserável enxoval.

Ele as havia conservado, do mesmo modo como conservara os castiçais de prata, para não esquecer jamais sua origem, com a diferença de que escondia os objetos trazidos das galés e expunha os castiçais presenteados pelo Bispo.

Olhou depois furtivamente para a porta, como se julgasse possível que ela se abrisse apesar do trinco que a fechava; em seguida, com um gesto vivo e brusco, de uma única vez, sem mesmo dar um último olhar àquelas coisas que tão religiosa e perigosamente guardara durante tantos anos, pegou tudo, trapos, bastão e mochila, e jogou ao fogo.

Tornou a fechar o cofre, redobrando as precauções, agora inúteis, pois estava vazio, e escondeu-lhe a fechadura por trás de um móvel, encostando-o naquela parte da parede.

Ao cabo de alguns instantes, o quarto e o muro fronteiriço ficaram iluminados por um grande reflexo avermelhado e trêmulo. Tudo se incendiara e o cajado de espinheiro estalava e jogava faíscas até o meio do quarto.

A mochila, queimando-se com todos os seus farrapos, fizera aparecer alguma coisa que brilhava entre as cinzas. Quem se inclinasse teria facilmente reconhecido uma moeda de prata. Sem dúvida, a moeda de quarenta soldos roubada ao pequeno saboiano.

Madeleine não olhava o fogo e continuava a andar, indo e vindo, sempre no mesmo ritmo.

De repente seus olhos deram com os dois castiçais de prata que a claridade das chamas fazia reluzir vagamente sobre a lareira.

“Ora!”, pensou ele, “ali está Jean Valjean em toda a sua evidência. É preciso destruí-los do mesmo modo.”

Pegou os dois castiçais.

Ainda havia fogo suficiente para deformá-los bastante e transformá-los numa espécie de barra, tornando-os irreconhecíveis.

Inclinou-se sobre o fogo e aqueceu-se por um momento. Sentiu-se realmente bem. – Que calor gostoso! – disse então.

Remexeu o braseiro com um dos castiçais.

Um minuto ainda e estariam no fogo.

Nesse momento, pareceu-lhe ouvir uma voz que gritava às suas costas: “Jean Valjean! Jean Valjean!”.

Seus cabelos se arrepiaram; transformou-se como alguém que ouve algo terrível.

“Isso mesmo! Acabe com tudo de uma vez!”, dizia-lhe a voz. “Complete o que começou! Destrua esses castiçais! Apague essas recordações! Esqueça-se do Bispo! Esqueça-se de tudo! Ponha a perder Champmathieu! Ande! Muito bem! Aplauda-se! Pois você já decidiu, já resolveu, está dito: lá está um homem, um velho que não sabe o que querem dele, que talvez nada tenha feito; um inocente ao qual o seu nome levou tanta desgraça; sobre quem o seu nome pesa como um crime; que vai ser preso no seu lugar; que vai ser condenado, acabando seus dias na abjeção e no horror! Está bem! Seja um homem honesto! Continue como o Sr. *Maire*, respeitável e honrado; enriqueça a cidade, alimente os necessitados, eduque os órfãos, viva feliz, virtuoso e admirado; e durante todo esse tempo, enquanto estiver aqui, em meio à alegria e à luz, haverá alguém que vestirá o seu roupão vermelho, que levará o seu nome em toda a sua ignomínia e arrastará as suas correntes nas galés! Sim, tudo está muito bem resolvido! Ah! miserável!”

O suor corria-lhe pela fronte. Seus olhos, espantados, não se afastavam dos castiçais. Contudo, a voz que falava em seu íntimo ainda não se calara. E continuava:

“Jean Valjean! Ao seu redor sempre haverá vozes, muitas vozes em algazarra; elas falarão bem alto abençoando-o, mas uma única, que ninguém mais haverá de ouvir, o amaldiçoará nas trevas. Pois bem! Ouça, infame! Todas essas bênçãos cairão por terra antes de chegarem ao céu; somente a maldição subirá até Deus!”.

A voz, a princípio quase imperceptível, elevando-se do mais obscuro de sua consciência, tornara-se paulatinamente estrondosa e formidável, e ele chegava a ouvi-la distintamente. Parecia-lhe que saíra de si mesmo e falava agora como outra pessoa. As últimas palavras, ouviu-as tão distintamente que olhou pelo quarto horrorizado.

– Há alguém por aqui? – perguntou em voz alta, sem saber o que fazia.

Depois replicou, rindo como um idiota:

– Como sou bobo! Como pode haver alguém mais neste quarto?

Realmente havia alguém mais, mas não podia ser percebido por olhos

humanos.

Colocou os castiçais em cima da lareira.

Continuou, então, o passeio monótono e lúgubre, perturbando os sonhos e o descanso do homem que dormia no andar de baixo.

Esse passeio acalmava-o e confundia-o ao mesmo tempo. Parece até que, nas ocasiões supremas, o homem se movimenta para pedir conselho a tudo o que encontra no caminho. Ao cabo de alguns instantes, ele não sabia mais onde estava.

Recuava agora, com igual espanto, diante das duas resoluções que havia tomado. As duas ideias que o haviam aconselhado pareciam-lhe igualmente funestas, tanto uma como a outra.

– Que fatalidade! Que coisa terrível ter tomado conhecimento desse Champmathieu que julgavam ser Jean Valjean! Ser aniquilado justamente pelos meios que a Providência, a princípio, parecia usar para salvá-lo!

Houve um momento em que considerou o futuro. Denunciar-se, grande Deus! Entregar-se! Considerou com imenso desespero tudo o que teria de deixar, e tudo o que teria de retomar. Era necessário, portanto, dizer adeus a uma existência tão boa, tão pura, tão radiante, ao respeito de todos, à honra, à liberdade! Não poderia mais passear pelos campos, não ouviria mais os pássaros cantando no mês de maio, nem poderia mais dar esmolas às criancinhas! Não sentiria mais a doçura de olhares reconhecidos e amigos fixos em sua pessoa! Deixaria a casa que ele mesmo construíra, aquele pequeno quarto! Tudo lhe parecia tão encantador agora. Não poderia mais ler em seus livros ou escrever em sua mesa de pinho! A velha porteira, a única empregada que o servia, não subiria mais para levar-lhe o café da manhã! Meu Deus; em lugar de tudo isso, a turma de forçados, a golilha, o macacão vermelho, as correntes nos pés, o cansaço, o cárcere, a tarimba, todos esses horrores que muito bem conhecia! Na sua idade, depois de ter galgado a posição que alcançara! Se ainda fosse jovem! Mas velho como estava, ser tratado de você pelo primeiro que o encontrasse, ser revistado pelos guardas da prisão, receber bastonadas do comitre! Ter os pés nus metidos em sapatos ferrados! Estender de manhã e de noite a perna ao martelo do carcereiro que verifica a segurança das manilhas! Suportar a curiosidade de estranhos aos quais dirão: – *Aquele ali é o famoso Jean Valjean, antigo* Maire *de Montreuil-sur-Mer!* – À noite, molhado de suor, exausto de cansaço, com o boné verde sobre os olhos, tornar a subir, dois a dois, sob as chibatadas do Sargento, os degraus da escada da prisão flutuante! Oh! que miséria! Como pode o destino ser tão mau como se fosse um ser inteligente; como pode tornar-se tão

monstruoso como o coração do homem?

Por mais que fizesse, voltava sempre ao cruciante dilema que estava no fundo de sua consciência: “Continuar em seu paraíso transformando-se em demônio! Voltar ao inferno e transformar-se em anjo!”.

Que fazer, grande Deus? Que fazer?

A tempestade que afastara de si com tanto esforço tornava a descarregar-se sobre ele. As ideias já se lhe tornavam confusas, maquinais e cheias de medo, o que é próprio de quem se desespera. O nome de Romainville voltava-lhe continuamente ao espírito, junto com dois versos de uma canção que ouvira tempos antes. Pensava em Romainville, pequeno bosque perto de Paris, onde os jovens casais de namorados vão colher lilases no mês de abril.

Sua indecisão interior tornava-se visível. Caminhava como uma criancinha a quem se larga a mão.

Em certos momentos, lutando contra o cansaço, esforçava-se por recobrar a própria inteligência. Diligenciava formular, pela última vez e definitivamente, o problema sobre o qual, de algum modo, caíra exausto. Seria mesmo necessário que se denunciasse? Ou deveria esconder o seu segredo? Não conseguia ver nada claro. Os vagos aspectos de todos os arrazoados esboçados em sua imaginação tremiam e se dissipavam, um após outro, como fumaça. Sentia somente que, fosse qual fosse a decisão, seria necessário e inevitável que deixasse morrer alguma parte de sua pessoa; tanto à direita como à esquerda, abria-se um sepulcro; teria de suportar irremediavelmente uma agonia: a agonia da felicidade ou da virtude.

Todas as irresoluções tornavam a assaltá-lo. Não havia progredido um passo desde o começo dessas reflexões.

Assim se debatia na angústia aquela alma infeliz. Dezoito séculos antes desse pobre homem, o ser misterioso em quem se congregam todas as virtudes e todos os sofrimentos da humanidade, ele também, enquanto as oliveiras tremiam sob o vento feroz do infinito, por muito tempo afastou das próprias mãos o terrível cálice que lhe aparecia, transbordante de sombras e trevas, na imensidão cheia de estrelas.

IV | FORMAS QUE O SOFRIMENTO TOMA DURANTE O SONO

Acabavam de soar as três horas da manhã, e havia cinco horas que Jean Valjean

caminhava, quase sem interrupção; de repente, deixou-se cair sobre uma cadeira.

Adormeceu e sonhou.

Tal sonho, como a maioria dos sonhos, não tinha nada a ver com o que estava acontecendo, a não ser pelo seu sentido pungente e funesto, que o impressionou muitíssimo. Esse pesadelo oprimiu-o tanto que mais tarde o relatou por escrito. É um dos apontamentos que deixou de sua própria mão. Julgamos ser interessante transcrevê-lo aqui textualmente.

Qualquer que fosse o sonho, a história daquela noite estaria incompleta se não o relatássemos. É a sombria aventura de uma alma que sofre.

Ei-lo, pois. No envelope lemos assim: *O sonho que tive naquela noite.*

Eu estava numa campina imensa e triste, onde não havia erva alguma. Parecia-me que nem era dia nem era noite.

Caminhava ao lado de meu irmão, o irmão de meu tempo de infância em quem, devo dizê-lo, não penso nunca, e do qual já me havia quase que esquecido por completo.

Conversávamos e nos encontramos com outras pessoas. Falamos de uma vizinha que tivemos e que, quando morava naquela rua, trabalhava com as janelas sempre abertas. Enquanto falávamos, sentíamos frio por causa dessa janela aberta.

Em toda a planície, não havia uma única árvore.

Vimos um homem que passava ao nosso lado. Estava completamente nu, era cor de cinza e montava um cavalo cor de terra. O homem não tinha cabelo algum, viam-se-lhe o crânio e as veias que o envolviam. Tinha na mão uma varinha, flexível como um sarmento e pesada como ferro. Esse cavaleiro passou sem nos dizer nada.

Meu irmão me disse: – Andemos por aquela valeta.

Havia ali uma valeta onde não se via o mais insignificante arbusto. Tudo era cor de terra, até o céu. Depois de dar alguns passos, ninguém mais respondia ao que eu falava. Percebi, então, que meu irmão não estava mais comigo.

Entrei em uma aldeia. Imaginei que aquela devia ser Romainville (*por que Romainville?*).[167]

A primeira rua em que entrei estava deserta. Passei para uma segunda rua. Atrás do ângulo que formava as duas ruas, havia um homem de pé, encostado à parede. Disse-lhe, então: – Que lugar é este? Onde estou?

O homem não respondeu. Vi a porta de uma casa aberta e entrei.

A primeira sala estava deserta. Passei para a segunda. Por trás da porta dessa sala havia um homem de pé, encostado à parede. Perguntei a esse homem: – De quem é esta casa? Onde estou? – O homem não me respondeu.

A casa tinha um jardim. Saí da casa e passei para o jardim. O jardim estava deserto. Por trás da primeira árvore encontrei um homem de pé. Perguntei a esse homem: – Que jardim é este? Onde estou? – O homem não me respondeu.

Perambulei pela aldeia, e só então percebi que era uma cidade. Todas as ruas estavam desertas, todas as portas estavam abertas. Nenhum ser vivo passava pelas ruas ou andava pelas salas e jardins. Mas, por trás de cada ângulo, por trás de cada porta, por trás de cada árvore, havia sempre um homem de pé que não dizia nada. Só se via um de cada vez. Eles me observavam enquanto eu passava.

Saí da cidade e pus-me a andar pelos campos.

Ao cabo de alguns minutos, voltei-me e vi uma grande multidão que vinha no meu encalço. Reconheci todos os homens que havia visto pela cidade. Tinham cabeças esquisitas. Não parecia que se

apressassem, e, no entanto, andavam muito mais depressa que eu. Não faziam ruído algum enquanto caminhavam. Num instante essa multidão me alcançou e me rodeou. O rosto desses homens era cor de terra.

Então, o primeiro que vi e interroguei ao entrar na cidade me disse: – Para onde vai? Não sabe que há muito tempo está morto?

Abri a boca para responder e percebi que não havia ninguém ao redor.

Ele acordou. Estava gelado. Um vento, tão frio como o vento da manhã, fazia dançar a vidraça nos caixilhos da janela ainda aberta. O fogo se extinguira. A vela quase se apagava. Era ainda noite escura.

Levantou-se e foi até a janela. Ainda não havia uma única estrela no céu.

Dali se via o quintal da casa e a rua. Um ruído seco e duro, que de repente ressoou pela calçada, fez com que abaixasse os olhos.

Viu lá embaixo duas estrelas vermelhas cujos raios ao mesmo tempo se alongavam e se encurtavam de modo estranho, no meio da sombra.

Como seu pensamento estava ainda meio submerso na neblina dos sonhos, pensou assim:

– Aí está! Não há mais estrelas pelo céu! Agora elas estão na terra.

Contudo dissipou-se essa perturbação e um segundo ruído, semelhante ao primeiro, acabou de despertá-lo; olhou melhor e viu que as duas estrelas nada mais eram que as lanternas de uma carruagem, um tílburi atrelado a um pequeno cavalo branco. O barulho que havia escutado fora produzido pelas ferraduras do cavalo batendo nas pedras da rua.

– Mas o que faz aqui esse tílburi? Quem será que está chegando tão cedo?

Nesse momento, bateram de leve à porta de seu quarto.

Ele estremeceu da cabeça aos pés e gritou com voz terrível:

– Quem é?

Alguém respondeu:

– Eu, Sr. *Maire*.

Reconheceu a voz da velha porteira.

– Que está acontecendo? – replicou.

– Sr. *Maire,* são exatamente cinco horas da manhã.

– Que tenho eu com isso?

– Sr. *Maire,* é o cabriolé.

– Mas que cabriolé?

– O tílburi.

– O tílburi?

– Mas o senhor não alugou um tílburi?

– Não – ele disse.

– O cocheiro disse que veio à sua procura.

– Que cocheiro?

– O cocheiro do Sr. Scaufflaire.

– Scaufflaire?

Esse nome fê-lo estremecer como se um relâmpago passasse em sua frente.

– Ah! sim – retrucou –, o Sr. Scaufflaire!

Se aquela senhora pudesse vê-lo naquele instante ficaria assustada.

Seguiu-se um longo silêncio. Examinava apalermado a chama da vela, tirando-lhe pedacinhos de cera quente que rolava entre os dedos. A velha esperava. Aventurou-se ainda a perguntar-lhe:

– Sr. *Maire*, que devo responder?

– Diga que está bem, já vou descer.

V | IMPREVISTOS

O serviço de correios de Arras a Montreuil-sur-Mer fazia-se ainda nessa época por meio das malas-postas do tempo do Império. Eram pequenos cabriolés de duas rodas, forrados internamente de couro, suspensos sobre duas molas e com dois únicos lugares, um para o cocheiro e outro para o viajante. Os cubos das rodas eram propositadamente muito salientes, o que obrigava os outros veículos a passar bem distantes, coisa que ainda se vê pelas estradas da Alemanha. A caixa da correspondência, grande e oblonga, ocupava a parte traseira do veículo, formando uma única peça com o todo. Era pintada de preto e o cabriolé, de amarelo.

Esses veículos aos quais, hoje em dia, nada se assemelha, tinham um não sei quê de disforme e grotesco; quando eram vistos correndo ao longo na linha do horizonte, assemelhavam-se muito a esses insetos que se chamam, creio eu, térmitas, os quais, tendo a parte dianteira do corpo muito diminuta, arrastam um traseiro enorme. Entretanto, andavam com velocidade. A mala-posta, saindo de Arras todas as noites à uma hora da madrugada, depois que passava o correio de Paris, chegava a Montreuil-sur-Mer um pouco antes das cinco da manhã.

Naquela noite, a mala-posta que descia a Montreuil-sur-Mer pela estrada de

Hesdin chocou-se na curva de uma rua, ao entrar na cidade, com um pequeno tílburi atrelado a um cavalo branco que corria na direção contrária, e no qual havia uma única pessoa, um homem envolto em seu casaco. A roda do tílburi recebeu violenta pancada. O cocheiro gritou ao homem que parasse, mas este não o ouviu e continuou a correr a toda a velocidade.

– Mas que diabo de homem mais apressado! – disse o cocheiro.

Quem assim se apressava é o mesmo que acabamos de ver debatendo-se em angústias, sem dúvida alguma, muito dignas de compaixão.

Para onde se dirigia? Ninguém poderia dizê-lo. Por que se apressava tanto? Nem ele o sabia. Ia ao acaso, sempre para a frente. Para onde? Para Arras, certamente, mas, talvez, também se dirigisse a algum outro lugar. Por vezes bem o sentia e assustava-se.

Mergulhava naquela noite como num abismo. Alguma coisa o empurrava e o atraía. O que se passava no seu íntimo ninguém poderia adivinhar, todos o compreenderão. Que homem não entrou, ainda que por uma única vez em toda a vida, na caverna obscura do desconhecido?

Aliás, nada havia ainda resolvido; nada tinha decidido, nada tinha concluído ou feito. Nenhum dos atos de sua consciência havia sido definitivo. Mais do que nunca, estava como no princípio.

Por que se dirigia a Arras?

Ele repetia a si mesmo o que dissera ao alugar o cabriolé de mestre Scaufflaire: fosse qual fosse o resultado, não havia inconveniente algum em presenciar com os próprios olhos os acontecimentos, em julgar as coisas por si mesmo; até seria um ato de prudência, e era preciso que estivesse informado de tudo o que acontecesse; como poderia se decidir sem ter observado e investigado tudo; de longe, simples colinas parecem montanhas; afinal de contas, logo que tivesse visto o tal de Champmathieu, um miserável por certo, sua consciência, provavelmente, sentir-se-ia bem mais descansada por mandá-lo em seu lugar para as galés; era verdade que lá também estariam Javert e os forçados Brevet, Chenildieu e Cochepaille, que o conheciam; ora! mas que ideia! Javert estava a cem léguas de distância; todas as conjecturas e todas as suposições estavam fixas em Champmathieu, e nada há de mais irremovível do que simples suposições e conjecturas; que perigo poderia haver?

Sem dúvida, tratava-se de um momento difícil, mas passaria; além do mais, tinha o seu destino, por mais desgraçado que pudesse ser, em suas mãos; era senhor da própria sorte. Agarrava-se a esse pensamento.

No fundo, porém, para não omitirmos nada, preferiria não ir a Arras.

No entanto, já estava a caminho.

Imerso em seus pensamentos, chicoteava o cavalo que trotava com passos firmes, fazendo duas léguas e meia de estrada em uma hora.

À medida que o cabriolé avançava, sentia alguma coisa em si que o fazia recuar.

Quando o sol surgiu, já estava em campo aberto; a cidade de Montreuil-sur-Mer havia muito ficara para trás. Viu o horizonte que se aclarava; viu, sem perceber, passando-lhe diante dos olhos, todas as estranhas figuras de uma aurora de inverno. Também a manhã, como a noite, tem seus fantasmas. Não os via, mas, sem que se desse conta, e por uma espécie de penetração quase física, as negras silhuetas das árvores e das colinas acrescentavam ao estado violento de sua alma um não sei quê de morno e sinistro.

Cada vez que passava por uma dessas casas isoladas que ladeiam, por vezes, a estrada, dizia: – Lá dentro ainda há gente que dorme!

O trotar do cavalo, o ranger dos arreios, o barulho das rodas produziam um ruído calmo e monótono, agradável quando se está alegre, lúgubre quando se está triste.

Já era dia alto quando chegou a Hesdin. Parou diante de um albergue para descansar o animal e dar-lhe aveia.

O cavalo, como havia dito mestre Scaufflaire, era da raça pequena do Baixo-Bolonhês; cabeça grande, ventre volumoso, peitoral estreito, ancas largas, pernas magras e finas, cascos bem firmes; raça não muito bonita, mas robusta e sadia. O excelente animal havia feito cinco léguas em duas horas e ainda não tinha uma gota de suor sobre o pelo.

Madeleine não havia descido ainda do tílburi. O moço da cavalariça, ao trazer a aveia, abaixou-se e começou a examinar a roda esquerda.

– O senhor ainda vai muito longe? – disse.

Madeleine respondeu quase sem se distrair de suas preocupações:

– Por quê?

– Vem de muito longe? – replicou o rapaz.

– De cinco léguas daqui.

– Ah!

– Por que esse ah!?

O rapaz curvou-se novamente, ficou por algum tempo calado, examinando as rodas; depois, levantou-se e disse:

– Aí está uma roda que acabou de fazer cinco léguas, é bem possível; mas, com certeza, não rodará nem mais um quarto de légua.

Madeleine saltou da carruagem.

– Que está dizendo, amigo?

– Digo que é um milagre o senhor ter feito cinco léguas sem cair, o senhor e o cavalo, em algum buraco da estrada. Olhe.

A roda, com efeito, estava bem avariada. O choque com a mala-posta havia lascado dois raios e arrancara uma porca que a prendia ao eixo.

– Meu amigo – disse ao rapaz da estalagem –, há por aqui alguém que possa consertar isso aí?

– Como não, meu senhor?

– Faça-me então o favor de chamá-lo.

– Está ali mesmo. Hei! Mestre Bourgaillard!

Bourgaillard estava à soleira de sua porta. Examinou a roda e fez a careta de um cirurgião ao ver uma perna quebrada.

– O senhor pode consertar-me essa roda imediatamente?

– Pois não, senhor.

– Quando poderei partir?

– Amanhã.

– Amanhã?

– Isso leva um dia inteiro de trabalho. O senhor está com muita pressa?

– Muita. Não me posso demorar mais que uma hora.

– Impossível, senhor.

– Pago o que quiser.

– Não pode ser.

– Pois bem, esperarei duas horas.

– Para hoje não é possível. É preciso fazer dois raios novos e consertar o cubo. O senhor só poderá seguir viagem amanhã cedo.

– Mas meus negócios não podem ser resolvidos amanhã. E se, em lugar de consertar a roda, o senhor a trocasse por uma nova?

– Como?

– O senhor entende do assunto?

– Certamente!

– Não terá por acaso uma roda nova que me possa vender? Assim continuarei a viagem imediatamente.

– Uma roda sobressalente?

– Isso mesmo.

– É que não tenho uma que se adapte a esse cabriolé. Duas rodas fazem um par e é difícil achar uma igual, assim, por acaso.

– Então, venda-me um par de rodas.

– Mas, meu senhor, nem todas as rodas se adaptam a qualquer eixo.

– Experimente, ao menos.

– É inútil, senhor. Só tenho à venda rodas para carroças. O lugar aqui é pequeno.

– Por acaso não tem algum cabriolé que me possa alugar?

O carreteiro reconhecera no ato o tílburi de aluguel. Levantou os ombros.

– O senhor cuida muito bem dos cabriolés que lhe alugam. Nem que eu tivesse um, não o alugaria.

– Então, vende-me um?

– Mas não tenho nenhum.

– O quê! Nem uma carriola qualquer? Não sou assim tão difícil de contentar.

– Isto aqui é um lugar muito pequeno. Tenho lá naquela cocheira uma velha caleche; pertence a um cidadão daqui que ma deu para guardar, mas não a usa nunca. Eu poderia muito bem alugá-la, que me importa! Mas é preciso que o tal cidadão não a veja; além disso, é uma caleche e precisa de dois cavalos.

– Alugarei dois cavalos da posta.

– Para onde vai o senhor?

– Para Arras.

– E quer chegar ainda hoje?

– Sem dúvida.

– Com cavalos da posta?

– Por que não?

– Não faz mal que chegue às quatro horas da madrugada?

– Claro que não.

– É que, veja bem, devo dizer-lhe uma coisa; alugando os cavalos do correio… – O senhor tem passaporte?

– Tenho.

– Pois bem, com os cavalos do correio o senhor não chegará a Arras antes de amanhã. Não estamos na estrada principal, as mudas são maltratadas e os cavalos estão pastando. Justamente agora começaram os grandes trabalhos nos

campos; todo o gado é pouco e os cavalos estão todos alugados; nem os do correio escapam. O senhor vai ter que esperar, no mínimo, três ou quatro horas em cada muda. E depois, vai-se devagar que as subidas são numerosas.

– Sendo assim, vou a cavalo mesmo. Alguém haverá de me vender um selim.

– Não há dúvida. Mas esse cavalo é de sela?

– É verdade; o senhor me fez lembrar: esse cavalo não é de montaria.

– Então…

– Mas hei de encontrar por aí algum cavalo que me aluguem.

– Um cavalo para ir até Arras numa corrida?

– Isso mesmo.

– Seria preciso um como não temos por aqui, e além disso teria de pagar adiantado, porque nenhum de nós o conhece. Mas o senhor não encontrará nada, nem para comprar, nem para alugar, nem por cinquenta francos, nem por mil!

– Como fazer então?

– O melhor mesmo, o mais sensato, é esperar que eu conserte a roda e seguir viagem amanhã cedo.

– Amanhã será tarde demais.

– Diabo!

– O correio para Arras não passa por aqui?

– Passou ontem à noite. As duas malas-postas passam à noite, tanto a que sobe como a que desce.

– Então é mesmo preciso um dia inteiro para consertar essa roda?

– Um dia, e olhe lá!

– Com dois operários trabalhando?

– Nem que fosse com dez!

– E se amarrasse esses raios com cordas?

– Os raios, está bem; mas, e o cubo? Os aros também estão em péssimo estado.

– Na cidade não há carruagens de aluguel?

– Não.

– Haverá alguém mais que me possa consertar esse cabriolé?

O rapaz da cavalariça e o carreteiro respondendo ao mesmo tempo, balançando a cabeça:

– Não.

Madeleine sentiu uma alegria infinita.

Era evidente a mão da Providência. Ela é que havia quebrado a roda do tílburi, ela o impedia de seguir viagem. Contudo, ele não havia cedido ao primeiro empecilho; acabara de fazer todos os esforços possíveis para seguir caminho; esgotara lealmente, cuidadosamente, todos os meios a seu alcance; não havia recuado nem diante do cansaço, nem diante das despesas; não tinha nada de que se arrepender. Se não seguia adiante, não era por culpa sua. O caso não pertencia mais à sua consciência, mas à Providência.

Respirou. Respirou livre e profundamente pela primeira vez desde a visita de Javert. Teve a impressão de que a mão de ferro, que lhe apertava o coração havia mais de vinte horas, o deixara, por fim, em liberdade.

Parecia-lhe que, afinal, Deus estava com ele e lhe patenteava a sua vontade.

Repetiu consigo mesmo que havia feito todo o possível e que não tinha mais nada a fazer senão voltar tranquilamente para Montreuil-sur-Mer.

Se esse diálogo com o carreteiro tivesse acontecido num albergue, não teria tido testemunhas, ninguém o teria ouvido, as coisas continuariam ocultas e, provavelmente, não poderíamos relatar nada do que estamos para dizer; mas o diálogo deu-se na rua e, inevitavelmente, devia provocar um agrupamento de curiosos. Sempre há alguém disposto a se fazer de espectador. Enquanto conversava com o carreteiro, alguns transeuntes foram formando um pequeno círculo. Depois de tê-los ouvido por alguns instantes, um rapazinho, em quem ninguém havia reparado, saiu do grupo a correr.

No momento em que o viajante, após a resolução interior que acabamos de indicar, já se resolvia a desistir, o menino voltava, acompanhado de uma senhora.

– Senhor – disse a mulher –, meu filho me disse que o senhor quer alugar um cabriolé.

Essas poucas palavras, pronunciadas por uma velha que conduzia à mão uma criança, fizeram-no suar. Parecia-lhe ver a mão que o libertara reaparecer na sombra, pronta a agarrá-lo.

Respondeu:

– Sim, boa senhora; procuro um cabriolé para alugar.

E apressou-se em acrescentar:

– Mas por aqui não há nenhum.

– Há, sim – respondeu a mulher.

– Onde? – replicou o carreteiro.

– Na minha casa – disse a mulher.

Madeleine estremeceu. A mão fatal acabava de o agarrar novamente.

A velha, efetivamente, tinha sob um telheiro uma espécie de carriola de vime. O carreteiro e o rapaz do albergue, desolados por verem escapar-lhes o freguês, intervieram:

– Mas que caranguejola horrível! Deve estar fixa diretamente sobre o eixo: é verdade que os assentos estão pendurados por tiras de couro; mas, quando chove, não tem abrigo nenhum; as rodas estão enferrujadas e corroídas pela umidade; isso não vai mais longe do que aquele tílburi; uma porcaria! O senhor vai arriscar-se muito viajando nisso aí – etc. etc.

Tudo estava muito certo, mas aquela caranguejola, aquela coisa, fosse o que fosse, rodava sobre duas rodas e poderia chegar até Arras.

Pagou o que pediram, deixou o tílburi para ser consertado até quando voltasse, fez atrelar o cavalo branco à carriola, subiu e continuou o caminho que estava seguindo desde a madrugada.

Quando a carriola se pôs em movimento, confessou a si mesmo que, um momento antes, experimentara certa alegria por não poder alcançar a meta de sua viagem. Encarou essa alegria quase com raiva e julgou-a absurda. Por que alegrar-se tanto por voltar? Afinal, fazia aquela viagem livremente. Ninguém o havia forçado.

E, com toda a certeza, nada ia acontecer de extraordinário.

Quando estava saindo de Hesdin, ouviu uma voz que lhe gritava: – Pare! Pare! – Parou apressadamente, demonstrando certa emoção que muito se assemelhava à esperança.

Era o rapazinho.

– Senhor – disse-lhe –, eu é que lhe arranjei a carriola.

– E então?

– O senhor não me deu nada.

Ele, que distribuía tantas moedas com tanta facilidade, achou essa pretensão do menino exorbitante e odiosa.

– Ah! é você, tratante; não lhe dou nem um vintém!

Chicoteou o cavalo e continuou a galopar. Perdera muito tempo quando parou em Hesdin, queria recuperá-lo. O pequeno cavalo era corajoso e tinha força de dois; mas era o mês de fevereiro, havia chovido e as estradas se encontravam em péssimo estado. E, depois, não era mais um tílburi, mas uma carriola dura e pesada. Além de tudo, as subidas eram muito frequentes.

Levou quase quatro horas para ir de Hesdin a Saint-Pol. Em quatro horas fez

apenas cinco léguas.

Em Saint-Pol, parou no primeiro albergue que encontrou e fez com que levassem o cavalo à estrebaria. Como havia prometido a Mestre Scaufflaire, conservou-se ao pé da manjedoura enquanto o cavalo comia a ração. Pensava então em coisas tristes e confusas.

A mulher do estalajadeiro entrou na cavalariça.

– O senhor quer almoçar? – perguntou.

– É verdade – ele disse –, estou até com ótimo apetite.

E seguiu a mulher, de aparência saudável e alegre. Ela o conduziu a uma sala baixa onde havia mesas recobertas de oleado.

– Sirva-me depressa – replicou –, que devo seguir viagem imediatamente.

Logo em seguida uma criada, flamenga, arrumou-lhe a mesa. Ele olhou-a com uma expressão de bem-estar.

“Era isso que tinha”, pensou. “Eu ainda não havia quebrado o jejum.”

Serviram-no. Pegou o pão, comeu um bocado e depois tornou a pô-lo lentamente sobre a mesa, não o tocando mais.

Um carroceiro comia em uma mesa vizinha. Disse-lhe Madeleine:

– Por que esse pão tem gosto tão amargo?

O homem era alemão e não o entendeu.

Voltou à cavalariça.

Uma hora mais tarde já havia deixado Saint-Pol e se dirigia a Tinques, distante de Arras cinco léguas.

Que fez durante todo esse trajeto? Em que pensava? Como de manhã, olhava as árvores passarem, os tetos de colmo, os campos cultivados e os diferentes aspectos da paisagem que se desloca a cada volta do caminho; essa é uma forma de contemplação que muitas vezes satisfaz a alma, dispensando-a de pensar. Ver mil e um objetos pela primeira e última vez: o que pode haver de mais profundo e melancólico? Viajar é o mesmo que nascer e morrer a cada instante. Talvez, no mais íntimo de seu espírito, comparasse aqueles horizontes sempre renovados à existência humana. Todas as coisas da vida fogem constantemente de nossos olhos. As sombras e a luz se alternam. Depois de um clarão, um eclipse; olha-se, apressa-se, estende-se a mão para agarrar o que passa; cada novo acontecimento é uma volta da estrada, e, de repente, chega-se à velhice. Sente-se como que um abalo, tudo fica negro; divisa-se uma porta obscura e o sombrio cavalo da vida para. E logo, no meio das trevas, percebe-se alguém que, velado e desconhecido, o desatrela.

Era já a hora do crepúsculo quando algumas crianças que saíam da escola viram o viajante chegar a Tinques. É verdade que ainda se estava na época do ano em que os dias são mais curtos. Não parou em Tinques. Quando estava quase saindo da cidade, um cantoneiro que trabalhava na estrada levantou a cabeça e disse:

– Isso é que é cavalo cansado!

O pobre animal, com efeito, andava a passos lentos.

– Por acaso o senhor não vai a Arras? – acrescentou o cantoneiro.

– Vou.

– Se for nesse passo não chegará a tempo.

Madeleine fez parar o cavalo e perguntou ao cantoneiro:

– Quanto de caminho há ainda daqui até Arras?

– Mais ou menos sete léguas, bem puxadas.

– Mas como? O mapa das estradas marca somente cinco léguas e um quarto.

– Ah! – replicou o cantoneiro –, o senhor não sabe que a estrada está em conserto? Está impedida a um quarto de hora daqui. Não há como ir mais longe.

– É verdade?

– Mas pode tomar à esquerda, pelo caminho que vai a Carency e passar o rio; quando chegar a Camblin, vire à direita, e está na estrada de Mont-Saint-Éloy, que vai até Arras.

– Mas a noite não tarda e vou me perder.

– O senhor não é daqui?

– Não.

– Então é outra coisa. Olhe, meu senhor – replicou o cantoneiro –, quer que lhe dê um conselho? Seu cavalo está cansado, volte para Tinques. Ali há um bom albergue. Descanse esta noite, amanhã continuará sua viagem até Arras.

– Mas eu preciso estar lá esta noite mesmo.

– Então, volte do mesmo modo ao albergue e alugue um cavalo de reforço. O rapaz da cavalariça poderá servir-lhe de guia.

Seguiu o conselho do cantoneiro, voltou e, meia hora depois, tornava a passar pelo mesmo caminho, mas a galope, com um bom cavalo de reforço. Sentado num dos varais da carriola ia o moço da estalagem.

Contudo, Madeleine sentia que estava atrasado.

Já era quase noite.

Tomaram o atalho. A estrada era horrível. A carriola batia ora em um

barranco, ora em outro. Disse ao postilhão:

– Sempre a trote e lhe dou dupla gorjeta.

Um solavanco quebrou um dos varais.

– Senhor – disse o rapaz –, quebrou-se um varal; não sei mais como atrelar o cavalo; este caminho é impraticável no escuro; se quiser dormir esta noite em Tinques, amanhã bem cedinho estaremos em Arras.

Madeleine respondeu: – Tem aí um pedaço de corda e uma faca?

– Tenho, sim, senhor.

Apeou-se, cortou um ramo de árvore e substituiu o varal quebrado.

Perderam com isso mais ou menos vinte minutos e tornaram a partir a galope.

A planície era tenebrosa. Nevoeiros baixos, espessos e negros subiam as colinas, sobrepairando como novelos de fumaça. As nuvens tinham aqui e ali clarões esbranquiçados. Um forte vento, vindo do mar, provocava por toda parte um ruído como de alguém a arrastar móveis. Tudo o que podia ver tinha atitudes de terror. Quanta coisa se agita com o sopro imenso da noite!

O frio gelava-o. Desde a véspera que não dormia. Lembrava-se vagamente de seu passeio noturno pela grande planície nos arredores de Digne, oito anos antes; tudo parecia ter acontecido ontem.

Um relógio longínquo deu as horas. Perguntou ao rapaz:

– Que horas são?

– Sete horas, meu senhor. Estaremos em Arras às oito. Faltam apenas três léguas.

Nesse momento, pela primeira vez, teve este pensamento, achando muito estranho não lhe ter ocorrido mais cedo: “Era inútil todo aquele trabalho”. Ele nem sabia a hora do julgamento. Devia, ao menos, ter-se informado; era uma extravagância estar andando daquele modo sem saber se valeria a pena tanta fadiga. Depois esboçou alguns cálculos no espírito: “Em geral, os julgamentos começam às nove da manhã; o de Champmathieu não devia levar muito tempo; quanto ao roubo das frutas, seria coisa rápida, e o resto reduzia-se a uma simples questão de identificação; quatro ou cinco testemunhas e quase nada que dizer pelos advogados; sem dúvida chegaria quando tudo já tivesse terminado”.

O postilhão fustigava os cavalos. Já haviam atravessado o rio, deixando Mont-Saint-Éloy para trás.

A noite ficava cada vez mais escura.

VI | IRMÃ SIMPLICE É POSTA À PROVA

Entretanto, nesse mesmo momento, Fantine sentia-se perfeitamente alegre.

Passara muito mal a noite; tosse impertinente, febre alta e sonhos ininterruptos. De manhã, quando o médico a foi visitar, Fantine delirava. O médico mostrou-se muito preocupado e recomendou que o chamassem à chegada do Sr. Madeleine.

Passou toda a manhã tristonha, falou pouco, fazendo dobras nos lençóis, murmurando em voz baixa alguns cálculos; parecia calcular distâncias. Seus olhos estavam encovados e fixos, quase extintos; mas depois, por alguns momentos, tornavam a iluminar-se, brilhando como estrelas. Parece até que, ao se aproximar de alguma hora sombria, a claridade do céu inunda os que vão ser abandonados pela claridade da terra.

Cada vez que Irmã Simplice lhe perguntava como se sentia, respondia invariavelmente assim: – Bem. Mas eu queria ver o Sr. Madeleine.

Alguns meses antes, justamente quando perdera os últimos restos de pudor, sua última vergonha e sua última alegria, Fantine não era mais que a sombra de si mesma; agora ela era um simples espectro. O mal físico completara a obra do mal moral, a pobre criatura de apenas vinte e cinco anos tinha a fronte enrugada, as faces lívidas, as narinas contraídas, os dentes abalados, o rosto cor de chumbo, o pescoço descarnado, as clavículas salientes, os membros mirrados, a pele cor de terra, e os cabelos loiros já começavam a crescer grisalhos. Como a doença improvisa a velhice!

Ao meio-dia o médico voltou, fez algumas recomendações, perguntou se o Sr. *Maire* havia aparecido na enfermaria e balançou a cabeça.

O Sr. Madeleine habitualmente ia visitar a enferma pelas três horas da tarde. Como a pontualidade provém da bondade, era sempre pontual.

Lá pelas duas e meia da tarde, Fantine ficou agitada. No espaço de vinte minutos, perguntou por mais de dez vezes à religiosa que a assistia: – Irmã, que horas são?

O relógio bateu três horas. Apenas soou a terceira badalada, Fantine, que mal podia se mover na cama, sentou-se, juntou as mãos amarelas e descarnadas numa espécie de impulso convulsivo, e a religiosa que estava a seu lado ouvia-a dar um desses suspiros profundos que parecem aliviar-nos de um grande peso. Depois, Fantine voltou-se e olhou para a porta.

Ninguém entrou; a porta continuava fechada.

Permaneceu na mesma posição por um quarto de hora, com os olhos fixos na

porta, imóvel, quase que prendendo a respiração. A Irmã não ousava falar-lhe. O relógio da igreja bateu três horas e um quarto. Fantine deixou-se cair novamente sobre o travesseiro.

Não disse uma palavra e recomeçou a fazer dobras no lençol. Passou-se meia hora, uma hora, e não veio ninguém; cada vez que o relógio soava, Fantine levantava-se e olhava para os lados da porta; depois, tornava a deitar-se.

Percebia-se claramente o seu pensamento, mas ela não dizia uma palavra, não se queixava, não acusava ninguém. Somente a tosse é que ficava cada vez mais lúgubre. Dir-se-ia que algo obscuro a dominava. Estava lívida e seus lábios estavam azuis. Às vezes, sorria.

Soaram as cinco da tarde. Então, a Irmã ouvia-a murmurar baixinho e docemente: – Mas, se eu me vou amanhã, ele faz muito mal em não me visitar hoje!

A própria Irmã Simplice estava surpresa com a demora do Sr. Madeleine.

Fantine, de seu leito, contemplava o céu. Parecia esforçar-se para se lembrar de alguma coisa. Em seguida, pôs-se a cantar com voz quase imperceptível. A religiosa prestou atenção em suas palavras. Eis o que Fantine cantava:

Nous achèterons de bien belles choses
En nous promenant le long des faubourgs.
Les bleuets sont bleus, les roses sont roses,
Les bleuets sont bleus, j'aime mes amours.

La Vierge Marie auprès de mon poêle
Est venue hier en manteau brodé,
Et m'a dit: – Voici, caché sous mon voile,
Le petit qu'un jour tu m'as demandé.
Courez à la ville, ayez de la toile,
Achetez du fil, achetez un dé.

Nous achèterons de bien belles choses
En nous promenant le long des faubourgs.

Bonne Sainte Vierge, auprès de mon poêle
J'ai mis un berceau de rubans orné.
Dieu me donnerait sa plus belle étoile,
J'aime mieux l'enfant que tu m'as donné.
– Madame, que faire avec cette toile?
– Faites un trousseau pour mon nouveau-né.

Les bleuets sont bleus, les roses sont roses,
Les bleuets sont bleus, j'aime mes amours.

– Lavez cette toile. – Où? – Dans la rivière,
Faites en, sans rien gâter ni salir,
Une belle jupe avec sa brassière
Que je veux broder et de fleurs emplir.
– L'enfant n'est plus là, madame, qu'en faire?
– Faites-en un drap pour m'ensevelir.

Nous achèterons de bien belles choses
En nous promenant le long des faubourgs.
Les bleuets sont bleus, les roses sont roses,
Les bleuets sont bleus, j'aime mes amours.[168]

Era uma velha canção de ninar que outrora ela cantava para adormecer Cosette; havia cinco anos, desde a época em que tivera de se afastar da própria filha, jamais repetira essa canção. Cantava com voz tão triste e um ar tão bondoso que faria chorar até uma irmã de caridade. A religiosa, habituada à austeridade, sentiu lágrimas nos olhos.

O relógio bateu seis horas. Fantine com certeza não o ouviu.

Parecia não se incomodar com nada do que acontecia ao seu redor.

Irmã Simplice mandou uma das ajudantes informar-se com a porteira da fábrica se o Sr. *Maire* já havia chegado, se não iria até a enfermaria. A moça voltou ao cabo de alguns minutos.

Fantine continuava sempre imóvel, atenta às próprias ideias.

A servente contou em voz baixa a Irmã Simplice que o *Maire* havia partido de manhãzinha, antes das seis, em um pequeno tílburi atrelado a um cavalo branco, apesar de todo o frio que fazia; tinha ido sozinho, sem ao menos levar um cocheiro; ninguém sabia o caminho que tomara; alguns diziam tê-lo visto no caminho de Arras, outros asseguravam que ele tomara a estrada de Paris. Ao sair, mostrara-se atencioso como sempre, dizendo à porteira que não o esperasse aquela noite.

Enquanto as duas mulheres assim conversavam, com as costas voltadas para a cama onde estava Fantine, a Irmã fazendo perguntas e a servente imaginando o que teria acontecido, Fantine, com a vivacidade febril própria de certas doenças orgânicas que mistura os movimentos livres da saúde à medonha magreza da morte, havia-se posto de joelhos sobre a cama e, com as mãos crispadas apoiadas

no travesseiro, pondo a cabeça fora das cortinas, escutava. De repente, gritou:

– Estão falando do Sr. Madeleine! Por que conversam tão baixo? Que aconteceu? Por que é que ele não vem hoje?

Sua voz estava tão áspera e rouca que as irmãs julgaram estar ouvindo um homem; voltaram-se, muito assustadas.

– Respondam-me! – gritou Fantine.

A servente murmurou:

– A porteira me disse que ele não poderia vir hoje.

– Minha filha – disse a Irmã –, tranquilize-se, acalme-se.

Fantine, sem mudar de atitude, replicou em voz alta e num tom ao mesmo tempo imperioso e comovente:

– Ele não vem? Por quê? Vocês sabem o motivo. Há pouco estavam aí cochichando. Quero saber também.

A servente apressou-se em dizer ao ouvido da Irmã: – Responda que ele está ocupado no Conselho Municipal.

Irmã Simplice corou ligeiramente: era uma mentira o que a servente lhe propunha. Por outro lado, parecia-lhe que dizer a verdade à doente era o mesmo que dar-lhe um terrível golpe, o que seria de suma gravidade no estado em que Fantine se encontrava. O rubor, porém, pouco durou. A Irmã dirigiu a Fantine um olhar calmo, triste, e disse: – O Sr. *Maire* viajou.

Fantine endireitou-se, sentando-se sobre os calcanhares. Seus olhos brilhavam. Uma alegria incomum surgiu naquele rosto acabrunhado pelo sofrimento.

– Viajou! – exclamou. – Ele foi buscar Cosette! – Depois estendeu as duas mãos para o céu e toda a sua expressão tornou-se de uma beleza inefável. Seus lábios murmuravam; Fantine rezava em voz baixa.

Quando terminou a oração, falou assim:

– Irmã, vou-me deitar novamente; quero fazer tudo o que me mandarem; ainda agora fui má; peço-lhe perdão por ter falado tão alto; eu sei que falar alto me faz muito mal; mas bem vê que agora estou contente. Deus é tão bom, o Sr. Madeleine é tão bom; imagine que ele foi a Montfermeil só para trazer a minha Cosette.

Tornou a deitar-se, ajudou a Irmã a arrumar o travesseiro e beijou uma cruz de prata que tinha ao pescoço, presente de Irmã Simplice.

– Minha filha – disse-lhe a Irmã –, agora procure repousar e não fale mais.

Fantine tomou entre suas mãos úmidas a de Irmã Simplice, que se afligia por

sentir-lhe o suor frio.

– Ele partiu esta manhã para ir a Paris. Na verdade, nem precisaria passar por Paris. Montfermeil está um pouco à esquerda de quem vem. Lembra-se de como ontem, quando eu lhe falava de Cosette, ele dizia: – *Espera mais um pouco*? – Com certeza quer fazer-me uma surpresa. Sabe que ele me fez assinar uma carta para levar aos Thénardier? Que poderão eles dizer? Terão de me mandar Cosette. E depois, já foram pagos. As autoridades não consentirão que retenham a criança se já está tudo pago. Irmã, não me faça sinal para que me cale. Estou muito feliz; sinto que não tenho mais nada; vou rever minha Cosette, estou até com fome. Há quase cinco anos que não a vejo. A senhora não pode imaginar como a gente gosta dos filhos! E ela deve estar tão bonita! Se a senhora soubesse como são lindos seus dedinhos rosados! Agora já deve ter mãos muito lindas. Quando tinha um ano, suas mãos eram quase ridículas. Assim! Agora ela já deve estar muito crescida. Já tem sete anos. Já é uma mocinha. Eu a chamo de Cosette, mas seu nome é Eufrásia. Olhe, esta manhã eu olhava a poeira que está em cima da lareira e, não sei por quê, tive a ideia de que haveria de rever Cosette muito breve. Meu Deus! Que loucura deixar de ver os filhos durante tantos anos! É preciso pensar que esta vida não é eterna! Oh! como é bom o Sr. *Maire* indo buscá-la! É verdade que está fazendo muito frio? Será que ele pelo menos levou o capote? Amanhã estará de volta, não é? Que festa será então! Amanhã bem cedo a senhora me lembrará de pôr a minha touca de rendas. Montfermeil é um lugar muito pequeno. Já fiz todo esse caminho a pé. Para mim era muita coisa. Mas as diligências andam depressa, amanhã ele estará de volta com a minha Cosette. Quantas léguas há daqui a Montfermeil?

A Irmã, que não tinha noção alguma da distância, respondeu: – Oh! acho que amanhã ele estará de volta.

– Amanhã! Amanhã! – dizia Fantine. – Amanhã verei Cosette! Veja, querida Irmã, não estou mais doente. Eu dançaria até, se quisessem.

Quem a tivesse visto um quarto de hora antes, não compreenderia absolutamente nada. Estava corada, sua voz era viva e natural, toda a sua pessoa era um sorriso. Havia momentos em que ria, falando baixinho. Alegria de mãe é quase alegria de criança.

– Pois bem – replicou a religiosa –, você está feliz, então me obedeça e não fale mais.

Fantine descansou a cabeça no travesseiro e disse à meia-voz: – Isso mesmo: descanse, seja prudente, que você vai rever Cosette. Tem razão Irmã Simplice. Todos têm razão.

Depois, sem se mover, sem voltar a cabeça, pôs-se a olhar tudo com olhos muito abertos, contente, e não disse mais nada.

A Irmã cerrou as cortinas na esperança de que ela dormisse.

Entre sete e oito horas, o médico voltou. Não ouvindo barulho algum, pensou que Fantine dormia e aproximou-se do leito, andando na ponta dos pés. Entreabriu as cortinas e, à luz da lamparina, viu os grandes olhos de Fantine que o fitavam.

Ela lhe disse: – Doutor, não é verdade que a deixarão dormir ao meu lado, numa cama pequena?

O médico julgou que ela estava delirando. Fantine continuou:

– Olhe! Aqui há lugar justamente para uma cama.

O médico chamou de lado Irmã Simplice, que lhe explicou o que acontecia: o Sr. Madeleine estaria ausente por um dia ou dois, e a enferma estava pensando que o Sr. Madeleine tinha ido a Montfermeil, o que, afinal, era bem possível. O médico concordou.

Tornou a se aproximar do leito de Fantine, que continuou:

– É que, veja o senhor, de manhã, quando ela acordar, eu darei bom-dia à minha pobre gatinha, e de noite, como não consigo dormir, vigiarei o seu sono. Sua respiração tão calma me há de fazer bem.

– Dê-me a sua mão – disse-lhe o médico.

Ela estendeu-lhe o braço e exclamou rindo:

– Olhe! Já não tenho mais nada! Estou curada, Cosette chega amanhã.

O médico ficou admirado. Ela estava bem melhor. A opressão diminuíra, o pulso estava mais forte. Uma espécie de vida inesperada tornava a animar aquele corpo exausto.

– Sr. Doutor – replicou Fantine –, a Irmã já lhe disse que o Sr. *Maire* foi buscar a minha pequena?

O médico recomendou-lhe silêncio e que evitasse qualquer emoção que a pudesse prejudicar. Prescreveu uma infusão de quinina pura e, no caso de a febre aumentar durante a noite, um calmante. Ao sair, disse à Irmã:

– Ela está melhor. Se o Sr. *Maire* realmente chegasse amanhã com a criança, quem sabe? Há crises tão espantosas, e já se viram doenças desaparecerem por completo só com o efeito de grandes alegrias; eu bem sei que aqui se trata de uma doença orgânica, já muito adiantada, mas acontecem tantas coisas misteriosas! Talvez conseguíssemos salvá-la.

VII | O VIAJANTE, CHEGANDO A SEU DESTINO, TOMA PRECAUÇÕES PARA VOLTAR

Já eram quase oito horas quando a carriola que deixamos a caminho entrou pelo portão das carruagens da hospedaria do Correio, em Arras. O homem a quem seguimos até agora desceu, correspondeu distraidamente às gentilezas dos criados, mandou de volta o cavalo de reforço e ele próprio conduziu o cavalo branco à cavalariça; depois, empurrou a porta de uma sala de bilhar, ao rés do chão, entrou, sentou-se e encostou-se a uma mesa. Havia gasto catorze horas para percorrer o trajeto que esperava fazer em seis. Justificava-se dizendo que não fora por culpa sua; mas, no íntimo, não se sentia desgostoso pelo atraso.

A dona do hotel entrou.

– O senhor quer dormir, quer cear?

Ele fez um sinal negativo com a cabeça.

– O rapaz da cavalariça disse que seu cavalo está muito cansado.

Então rompeu o silêncio.

– O cavalo não poderá seguir viagem amanhã cedo?

– Oh! senhor! Seria preciso que descansasse pelo menos dois dias.

Perguntou:

– Não é aqui a agência do Correio?

– Sim, senhor.

A dona da hospedaria levou-o até a agência, onde ele mostrou o passaporte e perguntou se haveria meios de voltar naquela mesma noite a Montreuil-sur-Mer pela carruagem da mala-posta; o lugar ao lado do boleeiro estava ainda vago; reservou-o, pagando antecipadamente.

– É preciso que o senhor esteja aqui precisamente à uma hora da madrugada – disse o escriturário.

Feito isso, saiu do hotel e pôs-se a andar pela cidade.

Ele não conhecia Arras; as ruas estavam escuras, ele caminhava ao acaso. Além do mais, parecia obstinado a não perguntar nada aos transeuntes. Atravessou o córrego Crinchon e viu-se em um dédalo de ruazinhas estreitas, não sabendo como sair. Um homem caminhava com uma lanterna. Depois de alguma hesitação, resolveu dirigir-se a ele, não sem ter antes olhado para todos os lados, como se temesse que alguém mais ouvisse a pergunta que iria fazer.

– Senhor – disse ele –, pode informar-me, por favor, onde fica o Palácio da Justiça?

– O senhor não é daqui? – perguntou o burguês, homem já de idade avançada. – Queira seguir-me. Vou precisamente para aqueles lados, ou melhor, para os lados da Prefeitura, porque o Palácio da Justiça está em reformas e, provisoriamente, os tribunais dão audiência na sede da Prefeitura.

– É também lá que são feitas as audiências?

– Certamente, meu senhor; e veja só: o que é a Prefeitura hoje em dia era, antes da Revolução, o palácio episcopal. Dom Conzié, que era Bispo desta diocese em 1782, fez construir então uma grande sala. É aí que se fazem as audiências.

Enquanto caminhavam, o homem lhe disse:

– Se o senhor quer assistir a algum julgamento, já não dá mais tempo. As audiências terminam comumente às seis horas da tarde.

Todavia, chegando à grande praça, o cidadão mostrou-lhe quatro grandes janelas iluminadas na fachada de um grande edifício escuro.

– Engraçado, o senhor chegou ainda em tempo; teve sorte. Está vendo aquelas quatro janelas? É a sala do júri. Estão iluminadas; portanto, ainda não terminou. Naturalmente, o caso deve ser complicado, resolveram fazer outra sessão à noite. Trata-se de alguma coisa que o interesse? É algum processo criminal? O senhor foi chamado como testemunha?

– Não venho para nada disso – respondeu –, simplesmente queria conversar com um advogado.

– Isso é outra coisa – disse o cidadão. – Ali está a porta, aquela onde está o guarda. Entrando, é só subir as escadarias.

Seguindo as indicações recebidas, alguns minutos depois, Madeleine achava-se em uma sala cheia de gente, onde vários grupos de advogados, revestidos de toga, conversavam animadamente.

É sempre coisa que aperta o coração ver esses grupos de homens vestidos de preto murmurando em voz baixa às portas das salas de audiência. É muito raro que em todas essas palavras haja um pouquinho de caridade e comiseração. O que transpiram mais comumente são condenações antecipadamente resolvidas. Todos esses grupos se mostram, ao observador que passa, como sombrias colmeias onde certos espíritos, zumbindo, constroem toda espécie de edifícios tenebrosos.

A sala espaçosa, iluminada por uma única lâmpada, pertencera antigamente ao palácio episcopal e servia de antecâmara.

Uma porta de dois batentes, então fechada, a separava da grande sala onde se

instalara o tribunal.

A escuridão era tamanha que ele não receou em dirigir-se ao primeiro advogado que encontrou.

– Meu senhor – disse –, em que ponto estão?

– Já acabaram – respondeu o advogado.

– Acabaram!

Essa palavra foi repetida com tal expressão que o advogado se voltou.

– Perdão; mas o senhor é por acaso algum parente do réu?

– Não; não conheço ninguém por aqui. Mas houve alguma condenação?

– Sem dúvida. Não podia ser de outro modo.

– Trabalhos forçados?…

– Por toda a vida.

Ele, então, replicou com uma voz tão fraca que apenas se podia ouvir.

– A identidade então foi provada?

– Que identidade? – perguntou o advogado. – Não havia nenhuma identidade a constatar. O caso era muito simples. A mulher matou a própria filha, o infanticídio foi provado, o júri negou que tivesse havido premeditação e ela foi condenada por toda a vida.

– Então, é uma mulher? – disse ele.

– Mas, é claro. Uma tal de Limosin. De que estava falando?

– De nada; mas, já que tudo acabou, como é que a sala ainda está iluminada?

– Ah! isso é outro julgamento que começou há mais ou menos duas horas.

– Que julgamento?

– É também um caso muito simples. Trata-se de uma espécie de vagabundo, um reincidente, um grilheta que praticou um roubo. Não sei mais como se chama. Afinal, tem mesmo cara de bandido. Só por aquela cara eu o mandaria para as galés.

– Não haverá jeito de se entrar na sala?

– Creio que não. Há muita gente. A audiência agora foi suspensa. Muitas pessoas saíram; quando continuarem o julgamento, poderá tentar.

– Por onde se entra?

– Por aquela porta ali.

O advogado deixou-o só. Em alguns instantes, Madeleine sentira, quase ao mesmo tempo, e por assim dizer misturadas, todas as emoções possíveis. As palavras daquele homem indiferente haviam-lhe atravessado o coração como

agulhas de gelo ou lâminas de fogo. Quando viu que o julgamento ainda não havia terminado, respirou, mas não poderia dizer se o que sentiu foi alegria ou dor.

Aproximou-se de vários grupos, ouvindo o que diziam. Como havia muitas causas a julgar, o presidente havia marcado para o mesmo dia dois casos simples e breves. Começaram pelo infanticídio, estavam agora com o forçado, um reincidente, um relapso. O homem havia roubado frutas, mas isso não estava bem provado; o que era certo era ele ter estado nas galés de Toulon. Isso é que complicava o caso. Aliás, já haviam terminado o interrogatório do réu e a inquirição das testemunhas. Faltavam ainda a defesa do advogado e o requisitório do Ministério Público; isso iria demorar até meia-noite.

O homem, provavelmente, seria condenado; o advogado do fórum era muito bom, e não decepcionava jamais seus acusados; um moço muito espirituoso fazedor de versos.

Um Oficial de Justiça permanecia de pé ao lado da porta que comunicava com a sala de audiências. Madeleine perguntou-lhe:

– Vai demorar ainda muito para abrirem esta porta?

– Não, senhor; não vamos abrir mais – respondeu o Oficial.

– Como? Não vão abri-la quando recomeçarem o julgamento? Por acaso, não foi suspensa a sessão?

– A audiência continua – respondeu o Oficial –, mas a porta não será mais aberta.

– Por quê?

– Porque a sala já está cheia.

– Ora! Não haverá ainda um lugar?

– Nem um só. A porta está fechada e ninguém vai entrar mais.

O porteiro acrescentou, depois de um instante:

– Atrás da cadeira do Juiz há ainda dois ou três lugares reservados aos funcionários públicos.

Assim dizendo, o Oficial voltou-lhe as costas.

Madeleine retirou-se de cabeça baixa, atravessou a antecâmara e tornou a descer a escadaria, lentamente, como se hesitasse em cada degrau. É provável que estivesse resolvendo alguma coisa. O violento combate que se lhe travava no íntimo, desde a véspera, ainda não havia terminado; a cada instante tinha de enfrentar novas emboscadas. Chegando ao patamar da escada, encostou-se ao corrimão e cruzou os braços. De repente, desabotoou a sobrecasaca, tirou do

bolso uma caderneta, rasgou-lhe uma folha, pegou um lápis e escreveu rapidamente sobre esse papel estas palavras: "*Madeleine, Maire de Montreuil-sur-Mer*". Depois subiu novamente as escadas com toda a pressa, atravessou a multidão, foi direto ao Oficial de Justiça, entregou-lhe o papel e disse com autoridade:

– Leve isto ao Sr. Juiz.

O Oficial pegou o papel, leu-o e obedeceu.

VIII | ENTRADA DE FAVOR

Sem que o suspeitasse, o *Maire* de Montreuil-sur-Mer tinha certa celebridade. Havia mais de sete anos que sua reputação de virtude percorria todo o Baixo-Bolonhês; acabara por ultrapassar os limites de sua pequena aldeia e se espalhara por dois ou três departamentos vizinhos. Além do inestimável serviço prestado ao capital local, com a restauração da indústria de vidrilhos negros, não havia, entre as cento e quarenta e uma comunas dos arredores de Montreuil-sur-Mer, uma só que não lhe devesse algum benefício. Aliás, sempre soubera, quando necessário, ajudar a incrementar as indústrias das cidades circunvizinhas. Assim foi que, numa ocasião, sustentara com crédito e capital a fábrica de tecidos de Boulogne, a fiação mecânica de linho de Frévent e a manufatura hidráulica de tecidos em Boubers-sur-Canche. Por toda parte o nome de Madeleine era pronunciado com veneração. Arras e Douai invejavam o *Maire* da pequena e feliz Montreuil-sur-Mer.

O Conselheiro do Tribunal Real de Douai, que presidia à audiência, conhecia, como os demais, esse nome tão profunda e universalmente honrado. Quando o porteiro, abrindo discretamente a porta que servia de comunicação entre a sala do conselho e a sala de audiências, se inclinou por trás da cadeira do Juiz e lhe entregou o papel em que estavam escritas as palavras que acabamos de ler, dizendo-lhe: – *Este senhor deseja assistir ao julgamento* –, o Presidente fez um gesto de deferência e solicitude, pegou uma pena, escreveu algumas palavras à margem do papel e o devolveu ao porteiro, dizendo-lhe: – Faça-o entrar. – O infeliz homem cuja história estamos narrando continuava ao lado da porta da sala, no mesmo lugar e na mesma atitude em que o porteiro o havia deixado. Distraído com seus pensamentos, ouviu alguém que lhe dizia: – O senhor quer dar-me a honra de me seguir? – Era o mesmo porteiro que lhe havia voltado as costas pouco antes e agora o cumprimentava, curvando-se até o chão. Ao mesmo

tempo, o Oficial de Justiça entregou-lhe o papel. Ele o desdobrou e, como se encontrava perto do candeeiro, pôde ler:

O Presidente do Tribunal apresenta seus respeitos ao Sr. Madeleine.

Amarrotou o papel, como se algumas palavras tivessem para ele um sabor estranho e amargo.

Seguiu o porteiro.

Alguns minutos depois, encontrava-se sozinho numa espécie de cabina de madeira, de aspecto austero, iluminada por duas velas colocadas em cima de uma mesa forrada de verde. Ressoavam-lhe ainda nos ouvidos as palavras do porteiro que acabara de o deixar: “Meu senhor, esta é a sala do conselho; basta girar a maçaneta desta porta para entrar na sala de audiência, bem atrás da poltrona do Senhor Juiz”. Essas palavras misturavam-se-lhe no espírito a uma vaga lembrança dos corredores estreitos e das escadarias escuras que acabava de percorrer.

O porteiro deixara-o só. O momento supremo havia chegado. Ele procurava concentrar-se, mas em vão. É sobretudo nas horas em que seria indispensável ligá-los às realidades pungentes da vida que todos os fios do pensamento se nos rompem no cérebro. Estava no lugar exato em que os juízes deliberam e condenam. Olhava com tranquilidade quase estúpida aquela pequena sala tão calma e aterrorizante, onde tantas existências tinham sido destruídas, onde seu nome iria ressoar dentro de alguns minutos e que seu destino naquele momento atravessava. Observava as paredes, pensava em si mesmo e se admirava da missão daquela sala e de sua própria presença naquele lugar.

Fazia mais de vinte e quatro horas que não comia; os solavancos da carriola o haviam cansado extraordinariamente, mas ele parecia nada sentir.

Aproximou-se de um quadro de moldura preta pendurado à parede, sob cujo vidro se via uma velha carta autografada de Jean-Nicolas Pache,[169] *Maire* de Paris e Ministro, datada, sem dúvida alguma por engano, de 9 de junho do ano II, data em que Pache enviava à Comuna a lista dos ministros e deputados detidos como prisioneiros em suas casas. Uma testemunha que o tivesse visto e podido observá-lo naquele instante teria certamente imaginado que aquela carta lhe interessava muito, visto que não afastava dela os olhos; leu-a duas ou três vezes. Lia sem prestar atenção, automaticamente. Seu pensamento estava ocupado em Fantine e Cosette.

Voltando-se, ainda absorto em suas reflexões, a primeira coisa com que deparou foi a maçaneta da porta que o separava da sala de audiência. Quase que a havia esquecido. Seu olhar, a princípio tão calmo, deteve-se ali, preso àquela esfera de cobre; depois, tornou-se assustado e fixo, enchendo-se pouco a pouco de terror. Gotas de suor caíam-lhe dos cabelos, escorrendo-lhe pelas têmporas.

Em certo momento, fez, com uma espécie de autoridade e rebelião, aquele gesto indescritível que quer dizer, e tão bem o diz: *Ora bolas! mas quem é que me está forçando?* Depois, voltou-se de repente, viu diante de si a porta pela qual havia entrado, foi até ela, abriu-a e saiu. Não estava mais na saleta; estava fora, em um corredor; um corredor longo, estreito, cheio de degraus e guichês, cheio dos mais estranhos ângulos, iluminado aqui e ali de clarões pálidos, como a luz das lamparinas que se deixam acesas no quarto dos doentes; era o mesmo corredor por onde havia entrado. Respirou livremente e pôs-se a escutar; nenhum ruído em sua frente, nenhum ruído às suas costas… mas ele fugia como se o perseguissem.

Após dar muitas voltas, pôs-se de novo a escutar. Sempre o mesmo silêncio, sempre a mesma sombra a rodeá-lo. Estava já sem fôlego, vacilante, e encostou-se à parede. A parede era fria, um suor gelado corria-lhe pela fronte. Desencostou-se trêmulo.

Então, ali, sozinho, de pé, em meio àquela escuridão, tremendo de frio e talvez de mais alguma coisa, começou a pensar.

Pensara durante toda a noite, durante todo o dia, e não ouvia em seu íntimo senão uma voz que dizia: “Ai de ti!”.

Assim passou um quarto de hora. Por fim, inclinou a cabeça, suspirou cheio de angústia, deixou cair os braços e voltou. Andava devagar, como que sem forças. Parecia que um ser invisível o detivera em sua fuga, fazendo-o voltar.

Tornou a entrar na sala do conselho. A primeira coisa que viu foi a maçaneta da porta. Aquela esfera de cobre brilhante resplandecia-lhe aos olhos como uma estrela de pavor. Olhava-a como um cordeiro a encarar os olhos de um tigre.

E os seus olhos não podiam afastar-se.

De quando em quando, dava um passo, se aproximava da porta.

Se tivesse prestado atenção, teria ouvido, como um murmúrio confuso, o barulho da sala vizinha; mas não escutava e não ouvia.

Súbito, sem que se apercebesse, viu-se junto à porta, agarrando-se convulsivamente à maçaneta; a porta se abriu.

Estava na sala de audiências.

IX | AS CONVICÇÕES PRESTES A SE FORMAR

Deu mais um passo, fechou maquinalmente a porta e ficou de pé, observando o que se passava.

Era um vasto recinto pouco iluminado, ora cheio de rumores, ora em completo silêncio, onde todo o aparato de um processo criminal se desenvolvia, com sua gravidade mesquinha e triste, em meio à multidão.

No fundo da sala onde estava, juízes distraídos de togas muito usadas, roendo unhas ou cochilando; na outra extremidade, uma multidão de esfarrapados; advogados em todas as atitudes; soldados de semblante honesto e severo; velhos enfeites de madeira já muito sujos, teto enegrecido, mesas cobertas de sarja mais amarela que verde, portas encardidas pelo contato de muitas mãos; pendurados, quase junto ao forro, candeeiros de botequim produzindo mais fumaça que luz; em cima das mesas, castiçais de cobre com velas acesas; escuridão, sujeira e tristeza; e de todo esse conjunto se desprendia uma impressão austera e augusta, porque aí se fazia sentir essa formidável instituição humana a que chamamos lei e essa incomparável coisa divina a que chamamos justiça.

Ninguém entre toda aquela gente prestou atenção à sua entrada. Todos os olhares convergiam para um ponto único, um banco de madeira, encostado a uma pequena porta ao longo da parede, à esquerda do Presidente. Sobre esse banco, iluminado por algumas velas, estava sentado um homem entre dois gendarmes.

Esse homem era o homem. Nem foi necessário que o procurasse; ele o viu. Seus olhos se dirigiram para ele naturalmente como se soubessem antecipadamente onde encontrá-lo.

Julgou ver a si próprio, envelhecido, na verdade, nada parecido de rosto, mas em tudo semelhante nos modos, no aspecto, com os cabelos eriçados, as pupilas inquietas e ferozes, vestido com uma blusa igual à que usava quando chegara a Digne, cheio de ódio, escondendo na alma o pavoroso tesouro de pensamentos horríveis que acumulara durante dezenove anos de galés.

Então, disse para si mesmo: “Meu Deus! Terei de voltar a ser assim?”.

O pobre homem parecia ter pelo menos sessenta anos. Tinha um não sei quê de rude, de estúpido, de selvagem.

Ao ruído da porta, algumas pessoas se afastaram para lhe dar lugar; o Presidente voltou a cabeça e, compreendendo que o personagem que acabava de entrar era o Sr. *Maire* de Montreuil-sur-Mer, saudou-o. O Advogado-Geral, que já o havia visto em Montreuil-sur-Mer, onde alguns problemas de seu Ministério

o haviam levado mais de uma vez, reconheceu-o e o saudou do mesmo modo. Ele apenas reparou que o cumprimentavam. Estava tomado por uma espécie de alucinação e limitava-se a olhar.

Os juízes, os notários, os guardas, uma multidão de cabeças cruelmente curiosas, tudo isso ele já havia presenciado uma vez, vinte e sete anos antes. Essas coisas funestas punham-se de novo em sua frente; lá estavam elas, movendo-se cheias de vida; não era mais um esforço de sua memória, uma miragem de seu pensamento, eram verdadeiros gendarmes, verdadeiros juízes; lá estava uma multidão de verdade, feita de homens de carne e osso. Era um fato; ele viu reaparecer e reviver ao seu redor, com tudo o que a realidade tem de terrível, os aspectos monstruosos do passado.

Tudo aquilo era um abismo escancarado a seus pés.

Teve medo, fechou os olhos e exclamou no mais íntimo de sua alma: “Nunca!”.

E por um capricho do destino que fazia tremer todas as ideias, quase enlouquecendo, tinha diante de si a sua própria imagem! E o homem a que estavam julgando era chamado de Jean Valjean!

Tinha sob os olhos, visão inaudita, uma espécie de reprodução do momento mais horrível de toda a sua vida, representado pelo seu fantasma.

Nada faltava; o mesmo aparato, a mesma hora da noite, quase as mesmas fisionomias de juízes, de soldados e espectadores. A única diferença era que por cima da cabeça do Juiz havia um crucifixo, coisa que não se via nos tribunais do tempo em que fora condenado. Quando o julgaram, Deus estava ausente.

Atrás dele havia uma cadeira; deixou-se cair, terrificado pela ideia de que o pudessem notar. Quando já estava sentado, aproveitou-se de uma pilha de papéis que havia sobre a mesa dos juízes para esconder o próprio rosto a toda a sala. Assim podia ver tudo sem ser visto. Voltou a ter completa consciência da realidade. Pouco a pouco, foi-se acalmando até o ponto em que é possível ouvir alguma coisa.

O Sr. Bamatabois estava entre os jurados.

Procurou Javert, mas não o encontrou. O banco das testemunhas estava escondido pela mesa do escrivão. Além do mais, como acabamos de dizer, a sala era muito mal iluminada.

No momento em que entrou, o advogado do réu acabava de pronunciar sua defesa. A atenção de todos estava no ponto mais alto. Havia mais de três horas que o julgamento se prolongava. Havia mais de três horas que aquela multidão

via dobrar-se pouco a pouco, sob o peso de uma semelhança terrível, um homem, um desconhecido, uma espécie de criatura miserável, estúpida ao extremo ou sumamente hábil. Esse homem, como já sabemos, era um vagabundo, encontrado no campo, carregando um ramo cheio de frutas maduras roubado de um quintal, a chácara Pierron. Quem era esse homem? Fez-se um inquérito, ouviram-se testemunhas; todos eram unânimes e durante os debates novos esclarecimentos vieram elucidar a questão. A acusação dizia:

– Não se trata de um simples ladrão de frutas, de um gatuno; temos nas nossas mãos um bandido, um grilheta, um relapso, um antigo forçado, um celerado da pior espécie, um malfeitor chamado Jean Valjean, procurado há muito tempo pela justiça, que, há oito anos, ao sair das galés de Toulon, cometeu um roubo à mão armada contra um menino saboiano chamado Gervais, crime previsto pelo artigo 383 do código penal, sobre o qual falaremos depois que sua identidade for provada judicialmente. Pois esse homem acaba de cometer um novo roubo. É um caso de reincidência. Condenai-o pelo fato mais recente, que depois o condenaremos pelos crimes passados.

Diante dessa acusação, diante da unanimidade das testemunhas, o réu parecia aturdido. Fazia gestos e sinais que queriam dizer não ou olhava para o teto. Falava com dificuldade, respondia sem perceber bem o que dizia, mas, da cabeça aos pés, toda a sua pessoa era uma negativa. Era quase um idiota na presença de todas aquelas inteligências formadas em ordem de batalha ao seu redor, ou como um estranho no meio daquela sociedade que o agarrara. Todavia, tratava-se do seu futuro que se apresentava ameaçador, a verossimilhança aumentava a cada instante, e toda aquela gente esperava, com mais ansiedade que ele próprio, a sentença cheia de calamidades prestes a cair sobre a sua cabeça. Uma eventualidade deixava até antever, além da condenação às galés, a possibilidade da pena de morte, se a identidade fosse reconhecida e o caso do pequeno Gervais terminasse também em condenação. De que classe de homem era aquele? De que natureza era a sua apatia? Era mesmo imbecilidade ou era astúcia? Compreendia demais ou não estava entendendo mesmo nada? Eram questões que dividiam tanto a assistência como o júri. Havia nesse processo medo e intriga; o drama não era simplesmente sombrio; era obscuro.

O defensor desempenhou-se admiravelmente, aquele linguajar de província que há muito tempo constitui a eloquência dos tribunais, usado antigamente por todos os advogados, tanto em Paris como em Romorantin ou em Montbrison, e que hoje, tornando-se clássico, não é mais usado senão pelos oradores oficiais do Ministério Público, aos quais se adapta admiravelmente pela sua sonoridade

grave e seu ritmo majestoso: marido é *esposo*; mulher é *esposa*; Paris, *o centro das artes e da civilização*; o Rei, *o Monarca*; o Bispo, *um Santo Pontífice*; o Advogado-Geral, *o intérprete eloquente da vindita*; os discursos, *as palavras que acabamos de ouvir*; o século de Luís XVI, *o grande século*; um teatro, *o templo de Melpomene*;[170] a família reinante, *o augusto sangue de nossos reis*; um concerto, *uma solenidade musical*; o Sr. General-Comandante do departamento, *o ilustre guerreiro que etc*.; os alunos do seminário, *esses tenros levitas*; os erros imputados ao jornais, *a impostura que destila seu veneno na coluna desses órgãos* etc. etc. O advogado, portanto, começara a falar sobre o caso das frutas, coisa muito imprópria para grandes arroubos oratórios; mas o próprio Bossuet foi obrigado a fazer alusão a uma galinha em plena oração fúnebre,[171] e saiu-se com toda a majestosidade. O advogado começou por estabelecer que o roubo das frutas não estava materialmente provado. Seu cliente, que ele, na qualidade de defensor, persistia em chamar de Champmathieu, não fora visto por ninguém escalando o muro nem quebrando os galhos da árvore. Prenderam-no tendo nas mãos aquilo que o advogado chamava mais prazerosamente de *ramo*; mas o pobre homem persistia em dizer que o havia encontrado no chão e o levara consigo. Onde estava a prova em contrário? Sem dúvida, esse galho fora quebrado e roubado depois de ter sido escalado o muro, sendo depois largado pelo ladrão ao se ver perseguido; sem dúvida, um ladrão devia haver. Mas como afirmar com segurança que o ladrão era realmente Champmathieu? Somente a sua qualidade de antigo forçado. O advogado não negava que essa qualidade não estivesse desgraçadamente quase que provada; o réu havia residido em Faverolles, onde fora podador de árvores; o nome de Champmathieu poderia muito bem ter por origem Jean Mathieu; tudo isso era verdade; enfim, quatro testemunhas haviam dito, sem hesitar e positivamente, que Champmathieu era Jean Valjean, e a todas essas afirmações, a todos esses testemunhos, o advogado só podia opor as negativas do cliente, negativas mas, supondo-se que ele fosse o grilheta Jean Valjean, isso chegaria a provar ter sido ele o autor do roubo? Essa era uma simples suposição, nada mais; não chegava a ser uma prova. O acusado, é verdade, e o defensor, “em sua boa-fé”, deveria reconhecer que havia adotado “um mau sistema de defesa”; obstinara-se em negar tudo, tanto o roubo como sua qualidade de antigo grilheta. Se tivesse concordado sobre esse último ponto, sem dúvida alguma, teria sido muito melhor, conciliando para si a indulgência dos juízes. O advogado já lho havia aconselhado, mas o réu se obstinava a negar, crendo, talvez, salvar tudo não confessando nada. Era um erro, mas é preciso que levemos em conta a nulidade

daquela inteligência. Estava claro que se tratava de um débil mental. Os sofrimentos nas galés e a miséria depois de readquirir a liberdade haviam-no embrutecido etc. etc., defendia-se, portanto, muito mal, mas isso era razão suficiente para o condenar? Quanto ao caso de Gervais, o advogado não o mencionou por não fazer parte da causa. Terminou, portanto, suplicando aos jurados e aos juízes que, se a identidade de Jean Valjean lhes parecia evidente, lhe aplicassem as penas policiais comuns nos casos em que os antigos forçados mudavam de residência sem o consentimento da polícia, e não o castigo horrível imposto aos criminosos reincidentes.

O Advogado-Geral replicou ao defensor do acusado. Foi violento e cheio de floreios como costuma ser essa classe de advogados.

Ele felicitou o advogado de defesa por sua "lealdade" e aproveitou-se habilmente dessa lealdade. Atacou o réu por todas as concessões feitas pelo seu defensor, que parecia ter concordado com a identidade de Champmathieu. Não havia dúvida de que se tratava de Jean Valjean. Era já coisa admitida e ninguém o poderia negar. Então, servindo-se de uma hábil antonomásia, remontando às fontes e às causas da criminalidade, o advogado gritou contra a imoralidade da escola romântica, então em seus primórdios sob o nome de *escola satânica*, da qual tomara conhecimento pelos críticos dos jornais *L'OriflaMme* e *La Quotidienne*;[172] ele atribuiu, não sem verossimilhança, à influência dessa literatura perversa o crime de Champmathieu, ou, para dizer melhor, de Jean Valjean. Feitas essas considerações, passou a falar sobre Jean Valjean. Quem era Jean Valjean? Eis a descrição: um monstro vomitado etc. O modelo dessa espécie de descrição está nas palavras de Teramenes,[173] inúteis no campo da tragédia mas prestando todos os dias inestimáveis serviços à eloquência judiciária. O auditório e os jurados "tremeram". Acabada a descrição, o Advogado-Geral continuou, num arroubo oratório feito de encomenda para elevar ao mais alto grau, na manhã seguinte, o entusiasmo do *Jornal da Prefeitura*:

– E é um homem dessa categoria etc. etc., vagabundo, mendigo, sem meios de subsistência etc. etc., acostumado pela sua vida passada às mais culpáveis ações, sobre quem a condenação às galés fez tão pouco efeito, como o prova o crime cometido contra o pequeno Gervais etc. etc., é um homem semelhante que, encontrado na via pública em flagrante ação de roubo, a alguns passos do muro que acabava de saltar, tendo ainda nas mãos o objeto roubado, nega o delito flagrante, o roubo, a escalada; nega absolutamente tudo, nega até seu próprio nome, sua própria identidade! Além de muitíssimas outras provas sobre as quais

não vamos insistir, quatro testemunhas o reconhecem: Javert, esse íntegro Inspetor de Polícia Javert, e mais três outras pessoas que partilharam com Jean Valjean a ignomínia do mesmo castigo: os forçados Brevet, Chenildieu e Cochepaille. Que opõe o acusado a essa fulminante unanimidade? Ele simplesmente nega. Que coração endurecido! Mas vós, senhores jurados, sabereis fazer justiça etc. etc. Enquanto o Advogado-Geral falava, o acusado o ouvia, boquiaberto, com uma espécie de espanto não isento de admiração. Estava evidentemente surpreso por ver como é que um homem podia falar daquela maneira. De quando em quando, nos momentos mais vi*olentos* da acusação, nos instantes em que a eloquência, impossível de se conter, transborda numa voragem de epítetos inflamantes, envolvendo o acusado como uma tempestade, ele movia a cabeça da direita para a esquerda e da esquerda para a direita numa espécie de protesto triste e mudo com o qual se contentara desde o começo dos debates. Por duas ou três vezes, os espectadores que estavam mais próximos ouviram-no dizer à meia-voz:

– Tudo isso só porque não pedi ao Sr. Baloup! – O Advogado-Geral fez notar aos jurados essa atitude bestificada, evidentemente calculada, que denotava não imbecilidade mas esperteza, astúcia, hábito em enganar a justiça, pondo em toda a sua evidência "a profunda perversidade" daquele homem. Terminou fazendo suas reservas para o caso do menino Gervais, e pedindo condenação severa.

A pena, como devem estar lembrados, eram trabalhos forçados por toda a vida.

O defensor levantou-se, começou por cumprimentar o "senhor Advogado-Geral" por seu "magnífico discurso", replicou como pôde, mas com menos firmeza; o terreno, evidentemente, desmoronava-se sob seus pés.

X | NEGAÇÃO SISTEMÁTICA

Chegara o instante de terminar os debates. O Presidente mandou que o acusado se levantasse e dirigiu-lhe a pergunta de costume: – Tem alguma coisa a acrescentar em sua defesa?

O homem, de pé, amassando entre as mãos um boné muito sujo, parecia não entender.

O Presidente repetiu a pergunta.

Dessa vez o homem entendeu. Parecia compreender. Fez o gesto de alguém que desperta, olhou ao redor, encarou o público, os gendarmes, seu advogado, os

jurados, a corte, apoiou o punho enorme à beira da grade de madeira que ficava diante do banco em que estivera sentado, olhou ainda uma vez e, de repente, encarando o Advogado-Geral, começou a falar. Era quase uma erupção. À medida que as palavras lhe saíam da boca, incoerentes, impetuosas, doloridas, confusas, parecia que tinham pressa em sair todas ao mesmo tempo. Falou assim:

– O que eu tenho a dizer é isto. Fui carroceiro em Paris, mesmo quando trabalhei na casa do Sr. Baloup. É um trabalho duro, tem-se de ficar ao sol, em pátios abertos, ou debaixo de telheiros, se o patrão é melhor, mas nunca em lugares fechados, porque é preciso muito espaço. No inverno, a gente sente tanto frio que é preciso bater os braços para se esquentar; mas os patrões não deixam porque dizem que isso faz perder tempo. Lidar com ferro em dias gelados é um sacrifício. Acaba depressa com qualquer homem. Ainda moço a gente já está velho. Aos quarenta anos um homem já está acabado. Eu tinha cinquenta e três e me achava muito doente. E depois, os operários são maus. Quando alguém não é mais moço, chamam logo de velho besta, de velho inútil! Eu não ganhava mais que trinta soldos por dia, o mínimo que se podia ganhar; os patrões se aproveitavam da minha idade. Além de tudo, eu tinha uma filha que era lavadeira à beira do rio. Ela também ganhava um pouquinho, e isso dava para os dois. Também sofria, a coitada. Todo o dia metida em uma tina, com chuva, com neve, com o vento que lhe cortava a face; é preciso lavar sempre; há muita gente que tem pouca roupa e tem pressa; se não lava, perde-se o freguês. As pranchas são mal colocadas e a água espirra por toda parte, deixando as roupas do corpo molhadas da cabeça aos pés. Esse frio entra na gente. Ela também trabalhou na lavanderia dos Enfants Rouges, onde a água chega por torneiras. Lá não existem tinas. Molha-se a roupa nas torneiras e enxágua-se nas bacias. Como é um lugar fechado, sente-se menos frio. Mas lá há uma barrela de água quente que dá cabo da vista da gente. Minha filha voltava às sete da noite e se deitava logo, tão cansada estava. O marido a maltratava, e ela morreu. Nunca fomos felizes. Era uma moça muito boa, muito calma, e não frequentava bailes. Ainda me lembro de uma terça-feira de carnaval em que se deitou às oito horas. Eu digo a verdade. É só perguntar. Ah! isso mesmo, perguntar, porque eu não sou nada inteligente! Paris é um sorvedouro. Quem é que vai conhecer o velho Champmathieu? Por isso é que falei do Sr. Baloup. Falem com ele, que eu nem sei o que está acontecendo comigo aqui.

O homem calou-se e continuou de pé. Disse tudo isso em voz alta, rouca, apressadamente, com uma espécie de simplicidade irritada e selvagem. Parou

uma vez para saudar alguém que estava no meio da multidão. As afirmações, que ele parecia fazer ao acaso, vinham-lhe como soluços, ajuntando a cada uma delas o gesto de um rachador de lenha ao descarregar o machado. Quando acabou de falar, o auditório todo riu. Ele olhou para o público, e, vendo que todos riam, pôs-se a rir também.

Tudo isso era sinistro.

O Presidente, homem honesto e de boa vontade, levantou a voz.

Lembrou aos "senhores jurados" que "o Sr. Baloup", antigo patrão com o qual o réu afirmava ter trabalhado, fora citado inutilmente. Falira e "não pudera ser encontrado". Depois, voltando-se para o acusado, convidou-o a ouvir o que iria dizer e acrescentou: – O senhor está numa situação em que é preciso refletir. As mais graves suposições pesam sobre a sua cabeça, podendo trazer-lhe gravíssimas consequências. Sr. acusado, no seu interesse, pergunto pela última vez. Explique estes dois fatos: em primeiro lugar – responda sim ou não –, o senhor escalou o muro da chácara Pierron, e quebrou um ramo de árvore frutífera, isto é, cometeu um crime de roubo e invasão de propriedade? Em segundo lugar, o senhor é ou não o antigo forçado Jean Valjean?

O acusado meneou a cabeça como quem entendeu muito bem e sabe o que vai responder. Abriu a boca, voltou-se para o Presidente, e disse:

– Em primeiro lugar…

Depois olhou para o boné, olhou para o teto e se calou.

– Acusado – retrucou o Advogado-Geral com voz severa –, preste atenção. O senhor não responde coisa alguma ao que lhe perguntam. Seu embaraço o condena. É evidente que o seu nome não é Champmathieu; é evidente que o senhor é o grilheta Jean Valjean, escondido a princípio sob o nome de Jean Mathieu, sobrenome de sua mãe; é evidente que o senhor foi a Auvergne e que nasceu em Faverolles, onde trabalhou como podador de árvores. Está fora de dúvida que o senhor roubou, escalando os muros da chácara Pierron. Tudo isso será tomado em conta pelos senhores jurados.

O acusado acabou por sentar-se novamente; porém quando o Advogado-Geral terminou de falar, levantou-se e gritou:

– O senhor é uma pessoa má. Aqui está o que eu queria dizer. Eu não sabia como falar antes. Não roubei nada. Sou um homem acostumado a não comer todos os dias. Eu estava vindo de Ailly, entrei nesta região depois de um aguaceiro que inundou todos os campos, tanto que só à beira das estradas é que se podia ver alguma erva verde, tanta era a chuva; encontrei no chão um galho

quebrado cheio de frutas; tomei-o para mim, sem saber que ele me traria tanto aborrecimento. Faz já três meses que estou na prisão e me arrastam de um lado para outro. Depois disso, não sei por que todo mundo me acusa dizendo: – Responda! – O gendarme, muito bom rapaz, toca-me o cotovelo e me diz baixinho: – Responda agora. – Eu não sei me explicar; nunca estudei, sou um pobre coitado. Isso é que deveriam ver. Eu não roubei; só peguei do chão um galho abandonado. Os senhores falam em Jean Valjean, em Jean Mathieu. Não conheço ninguém com esses nomes. Devem ser aldeões. Já trabalhei com o Sr. Baloup, na rua do Hospital. Meu nome é Champmathieu. E, depois, são muito espertos para saber onde eu nasci. Eu mesmo não sei. Nem todos têm uma casa para vir ao mundo. Seria muito cômodo. Creio que meu pai e minha mãe andavam sempre pelas estradas; não sei mais nada. Quando eu era criança, chamavam-me de Pequeno, hoje chamam-me de Velho. Aí estão os meus nomes de batismo. Façam disso o que quiserem. É verdade que estive em Auvergne e em Faverolles. E eu com isso? Será que não se pode visitar Auvergne ou Faverolles sem ter estado nas galés? Digo mais uma vez que não roubei e que sou simplesmente Champmathieu. Já trabalhei e morei em casa do Sr. Baloup. Afinal, os senhores, com tanta bobagem, já me estão amolando! Por que, então, ficam atrás de mim como esfomeados?

O Advogado-Geral havia-se conservado de pé; dirigiu-se, então, ao Presidente:

– Sr. Presidente, diante das negações confusas mas extremamente hábeis do acusado, que se esforça muito bem para passar por idiota, mas que não o conseguirá, já o prevenimos, pedimos que v. Exa. e toda a corte se dignem chamar de novo a este recinto os condenados Brevet, Cochepaille e Chenildieu e o Inspetor de Polícia Javert, para os interrogar pela última vez sobre a identidade do acusado como o grilheta Jean Valjean.

– Faço notar ao senhor Advogado-Geral – disse o Presidente – que o Inspetor de Polícia Javert, chamado por seus deveres de Chefe de Polícia de um departamento vizinho, já deixou a audiência e já se ausentou da cidade, logo que terminou de depor. Demos-lhe a necessária autorização com o consentimento do Advogado-Geral e do defensor do réu.

– É muito justo, Sr. Presidente – replicou o Advogado-Geral. – Na ausência do Sr. Javert, creio ser de meu dever relembrar aos senhores jurados o que ele afirmou nesta mesma sala, poucas horas atrás. Javert é homem muito conceituado, que honra com rigorosa e estrita probidade as funções inferiores, mas importantes, que desempenha. Eis em que termos ele deu seu depoimento: –

Não tenho necessidade de suposições morais nem de provas materiais para desmentir as negativas do acusado. Reconheço-o perfeitamente. Esse homem não se chama Champmathieu; é um antigo condenado às galés, muito perigoso e temível, chamado Jean Valjean. Só foi libertado quando terminou de cumprir toda a pena, assim mesmo com muita reserva. Esteve dezenove anos nos trabalhos forçados por roubo qualificado. Por cinco ou seis vezes tentou fugir. Além do roubo do pequeno Gervais e da chácara Pierron, é suspeito ainda de ter assaltado a residência de Sua Alteza, o falecido Bispo de Digne. Vi-o muitas vezes quando fui Ajudante da Guarda nas galés de Toulon. Torno a repetir que o reconheço perfeitamente.

Essa declaração tão precisa pareceu produzir viva impressão no público e nos jurados. O advogado terminou insistindo para que, apesar do testemunho de Javert, fossem ainda ouvidos novamente, e solenemente interrogados, os condenados Brevet, Chenildieu e Cochepaille.

O Presidente transmitiu a ordem a um Oficial de Justiça e, um momento depois, abria-se a porta da sala reservada às testemunhas. O Oficial, acompanhado de um gendarme, sempre pronto a usar da força, introduziu o condenado Brevet. O auditório estava em suspenso, todos os corações palpitavam como se tivessem uma única alma.

O grilheta Brevet vestia-se com a roupa preta das prisões centrais. Tinha uns sessenta anos e sua aparência era a de um homem de negócios com ar de velhaco, duas coisas que frequentemente andam juntas. Na prisão, para onde novos delitos o tinham levado, tornara-se como que o porteiro. Era um homem de quem os superiores costumavam dizer: – Procura tornar-se útil. – Os capelães davam ótimas informações de seus costumes religiosos. Não devemos esquecer que isso tudo se passou no tempo da Restauração.

– Brevet – disse o Presidente –, o senhor foi condenado a uma pena infamante e, portanto, não pode prestar juramento.

Brevet abaixou os olhos.

– Contudo – retrucou o Presidente –, mesmo num homem degradado pela lei pode ainda restar, quando a piedade divina o permite, algum sentimento de honra e de equidade. É a esse sentimento que apelo nesta hora decisiva. Se ele ainda existe no seu íntimo, como espero, reflita bem antes de me responder: considere de um lado este homem, que uma palavra saída de sua boca pode perder, e, do outro, a justiça, que uma palavra sua pode esclarecer. O instante é solene, e sempre é tempo para se retratar, se houver algum engano. Acusado, levante-se; Brevet, olhe bem para esse homem, ponha em ordem as suas lembranças e diga-

nos, com toda a sua alma e consciência, se persiste em reconhecê-lo como o seu antigo companheiro das galés Jean Valjean.

Brevet examinou o velho, voltando-se depois para a corte.

– Sim, Sr. Presidente. Fui eu que o reconheci primeiro e continuo a afirmar: esse homem é Jean Valjean; chegou a Toulon em 1796 e saiu em 1815. Eu saí no ano seguinte. Agora está parecendo um imbecil; talvez seja a idade; nas galés ele era bem esperto. Não tenho dúvida alguma a esse respeito.

– Sente-se – disse o Presidente. – Acusado, mantenha-se de pé.

Introduziram então Chenildieu, condenado por toda a vida, como o indicavam sua roupa vermelha e o boné verde. Cumpria pena nas galés de Toulon, de onde o trouxeram para esse julgamento. Era baixo, com mais ou menos cinquenta anos, vivo, enrugado, raquítico, amarelo, atrevido, febril, apresentando em todo o seu físico uma espécie de fraqueza doentia, e nos olhos uma força imensa. Seus companheiros de galés o haviam apelidado de “Nego-a-Deus”.

O Presidente dirigiu-lhe mais ou menos as mesmas palavras que dissera a Brevet. No momento em que lhe lembrou que sua pena o impedia de prestar julgamento, Chenildieu levantou a cabeça e encarou a multidão. O Presidente o convidou a se concentrar e perguntou, como fizera com Brevet, se ele persistia em reconhecer o acusado.

Chenildieu deu uma gargalhada.

– Ora! se o reconheço! Estivemos por cinco anos ligados à mesma corrente. Não se assuste, meu velho!

– Sente-se – disse-lhe o Presidente.

O Oficial trouxe Cochepaille; era outro condenado à prisão perpétua, vindo das galés, vestido de vermelho como Chenildieu; era camponês de Lourdes, quase um urso dos Pirineus. Havia sido guarda de rebanhos nas montanhas e, de pastor, tornara-se bandido. Cochepaille não era menos selvagem e parecia mais estúpido ainda que o acusado. Era um desses homens desgraçados, dos que a natureza esboça como bestas e a sociedade faz terminar como grilhetas.

O Presidente procurou comovê-lo com algumas palavras patéticas e graves, e lhe perguntou, como aos dois outros, se persistia, sem hesitar, em reconhecer o homem que estava de pé em sua frente.

– É Jean Valjean – disse Cochepaille. – É o mesmo a quem chamavam de *Jean-le-Cric*, tal era a sua força.

Cada uma das afirmações desses três homens, evidentemente sinceras e de

boa-fé, havia provocado no auditório um murmúrio de mau agouro para o acusado, murmúrio que crescia e se prolongava por mais tempo cada vez que uma nova declaração vinha ajuntar-se à precedente. O acusado ouvira-os apalermado, o que, segundo a acusação, era o seu melhor meio de defesa. Na primeira vez, os gendarmes que estavam a seu lado ouviram-no resmungar entre dentes: – Bem! um já acabou! – Depois do segundo, disse um pouco alto, quase satisfeito: – Ótimo! – Depois do terceiro exclamou: – Magnífico!

O Presidente o interpelou:

– Acusado, ouviu o que disseram? Que tem a dizer? Ele respondeu:

– Eu disse: Magnífico!

Um rumor se espalhou pelo público, chegando até o júri. Era evidente que o homem estava perdido.

– Guardas – disse o Presidente –, façam com que se restabeleça o silêncio. Vou encerrar os debates.

Nesse instante, fez-se um movimento bem ao lado do Presidente. Ouviu-se, então, uma voz que exclamava:

– Brevet, Chenildieu, Cochepaille! Olhem para este lado.

Todos os que ouviram essa voz ficaram gelados, tanto era lastimosa e terrível. Todos se voltaram para o ponto de onde havia partido. Um homem, colocado entre os espectadores mais privilegiados, os que estavam sentados logo atrás dos juízes, acabava de se levantar, empurrara a porta da grade que separava o tribunal da parte reservada ao público e pusera-se de pé no meio da sala. O Presidente, o Advogado-Geral, o Sr. Bamatabois, vinte pessoas o reconheceram e exclamaram a uma voz:

– Sr. Madeleine!

XI | CHAMPMATHIEU CADA VEZ MAIS ADMIRADO

Com efeito, era ele. A luz de um candeeiro iluminava-lhe o rosto. Estava com o chapéu na mão, as roupas na mais perfeita ordem e a sobrecasaca abotoada com todo o cuidado. Estava palidíssimo e ligeiramente trêmulo. Seus cabelos, ainda grisalhos quando chegara a Arras, agora estavam completamente brancos. Haviam embranquecido assim no curto espaço de uma hora.

Todas as cabeças se ergueram. A sensação foi indescritível. Passou por todo o auditório um instante de hesitação. Aquela voz fora tão pungente, o homem que

lá aparecera estava tão calmo, que no primeiro instante ninguém compreendeu nada. Perguntavam quem havia gritado daquela forma. Não podiam convencer-se de que um grito tão doloroso pudesse ter sido dado por um homem tão calmo.

A indecisão, porém, não durou mais do que alguns segundos. Antes mesmo que o Presidente e o Advogado-Geral pudessem dizer uma palavra, antes que os gendarmes e oficiais pudessem fazer um gesto, o homem que todos ainda chamavam de Sr. Madeleine já se havia aproximado das testemunhas Cochepaille, Brevet e Chenildieu.

– Vocês não me reconhecem? – disse-lhes.

Todos os três ficaram mudos e indicaram com um sinal de cabeça que não o conheciam. Cochepaille, amedrontado, fez-lhe uma saudação militar. Madeleine voltou-se para os jurados e para a corte e disse com voz suave:

– Senhores jurados, mandem soltar o réu. Sr. Presidente, mande-me prender. O homem que os senhores procuram não é este, sou eu. Eu sou Jean Valjean!

Ninguém respirava. À primeira comoção de espanto, seguiu-se um silêncio sepulcral. Sentia-se pela sala esse terror sagrado que se apodera da multidão quando acontece algum fato grandioso.

Entretanto, o rosto do Presidente mostrava simpatia e tristeza; trocara um rápido sinal com o Advogado-Geral e algumas palavras em voz baixa com os conselheiros assessores. Dirigiu-se ao público e perguntou com uma expressão compreendida por todos:

– Há por aqui algum médico?

O Advogado-Geral tomou a palavra:

– Senhores jurados, o incidente tão estranho e tão inesperado que perturba a audiência não nos inspira, como também aos senhores, senão um sentimento que não temos necessidade de declarar. Todos conhecem, pelo menos já ouviram falar do honrado e respeitável Sr. Madeleine, *Maire* de Montreuil-sur-Mer. Se houver algum médico no auditório, nós nos unimos ao Sr. Presidente para rogá-lo digne-se assistir ao Sr. Madeleine, conduzindo-o à sua residência.

Madeleine não deixou que o Advogado-Geral acabasse de falar. Ele o interrompeu delicadamente num tom cheio de mansidão e autoridade. Eis as palavras que pronunciou; aqui estão reproduzidas literalmente, tais como foram anotadas imediatamente após a audiência por uma das testemunhas presentes a esta cena, tais como ressoam ainda nos ouvidos dos que as escutaram, há mais de quarenta anos.

– Agradeço, Sr. Advogado-Geral, mas não estou absolutamente louco, como

há de ver. Os senhores estão prestes a cometer um grande erro; soltem esse homem, eu estou cumprindo um dever, eu é que devo ser condenado. Sou o único aqui a perceber claramente as coisas, e estou dizendo a verdade. O que faço neste momento é compreendido por Deus, que lá do alto me olha, e isso me basta. Podem prender-me, pois aqui estou. Fiz tudo o que pude. Escondi-me sob outro nome, fiquei rico, cheguei a ser *Maire*, para entrar novamente na sociedade das pessoas honestas. Mas isso parece ser impossível. Enfim, há tantas coisas que eu não posso dizer, e nem vou contar-lhes toda a minha vida, que algum dia haverão de conhecer. Roubei em casa do Bispo de Digne, é certo, como também é certo que roubei o pequeno Gervais. Tem razão quem lhes disse que Jean Valjean é um malfeitor perigoso. Mas a culpa, talvez, não seja totalmente dele. Ouçam, senhores juízes, um homem tão rebaixado como eu não tem queixas a fazer à Providência, nem conselhos a dar à sociedade; mas notem que a infâmia de onde me esforcei por sair é sumamente prejudicial. As galés é que fazem os grilhetas. Anotem, se quiserem, essas palavras. Antes de ser forçado, eu era um pobre camponês, muito pouco inteligente, uma espécie de idiota; a prisão modificou-me o caráter. Eu era estúpido, tornei-me mau; era lenha, transformei-me em tição. Mais tarde, a indulgência e a bondade me salvaram, do mesmo modo que a severidade me pôs a perder. Mas, perdão; não me lembrei de que os senhores não podem compreender o que eu estou dizendo. Se quiserem, porém, poderão encontrar entre as cinzas da lareira da minha casa a moeda de quarenta soldos que roubei há sete anos do pequeno Gervais.

– Nada mais tenho a dizer. Prendam-me. Meu Deus! O Sr. Advogado-Geral meneia a cabeça e os senhores dizem: – O Sr. Madeleine enlouqueceu! – Os senhores não querem acreditar em mim! Isso é o que me aflige. Mas, ao menos, não irão condenar esse homem! As testemunhas não me reconhecem! Eu queria que Javert estivesse aqui. Ele, sim, haveria de me reconhecer!

Nada poderia reproduzir a melancolia e mansidão com que foram pronunciadas essas palavras.

Voltou-se para os três forçados:

– Pois bem! Eu reconheço vocês todos. Brevet! Lembra-se!…

Interrompeu-se, hesitou um momento, e disse:

–… Lembra-se daqueles suspensórios de tecido xadrez que você usava nas galés?

Brevet teve uma espécie de abalo de surpresa, e o olhou dos pés à cabeça. Madeleine continuou:

– Chenildieu, que gostava de se chamar de “Nego-a-Deus”, você tem uma queimadura profunda em toda a espádua direita, porque um dia se deitou em cima de um braseiro para apagar as três letras t.p.f.,[174] que depois ainda continuaram a aparecer. Responda: é ou não verdade?

– É verdade – disse Chenildieu.

Dirigiu-se depois a Cochepaille:

– Cochepaille, você tem, perto do sangradouro do braço esquerdo, uma data gravada em letras azuis com pólvora queimada. Essa data é a do desembarque do Imperador em Cannes, 1º. de março de 1815. Arregace a manga!

Cochepaille arregaçou a manga, todos os olhares se fixaram em seu braço nu. Um gendarme aproximou uma luz e lá estava a data.

O infeliz voltou-se para o auditório e os juízes, com um sorriso ainda hoje gravado na memória de quantos o viram. Era o sorriso do triunfo, o sorriso do desespero.

– Agora têm certeza de que sou Jean Valjean?

Não havia mais naquele recinto nem juízes, nem acusadores, nem gendarmes; havia somente olhos fixos e corações emudecidos. Ninguém era capaz de se lembrar de suas funções; o Advogado-Geral esqueceu-se de que lá estava para acusar, o Presidente esqueceu-se de que devia presidir e o defensor de que devia defender. Coisa impressionante, ninguém fez uma pergunta, nenhuma autoridade interveio. A característica dos espetáculos sublimes é justamente esta, de se apoderarem de todos os espíritos e fazerem de todos os circunstantes simples espectadores. Ninguém, talvez, se dava conta do que estava sentindo. Ninguém, sem dúvida, se capacitava de que estava vendo resplandecer ali uma grande luz; interiormente, todos estavam deslumbrados.

Era evidente que quem ali estava era Jean Valjean. Era claro. O aparecimento daquele homem fora suficiente para desvendar todo o enigma dos momentos anteriores. Sem que fosse necessária nenhuma explicação posterior, toda aquela multidão compreendeu de repente, e com um único olhar, a simples e magnífica história de um homem que se entregava para que outro não fosse condenado em seu lugar. Os pormenores, as hesitações, as pequenas resistências possíveis perderam-se nesse imenso e brilhante acontecimento.

Foi uma impressão rápida, mas irresistível.

– Não quero interromper por mais tempo a audiência – disse Jean Valjean. – Vou-me embora, já que não me querem prender. Tenho muito que fazer. O Sr. Advogado-Geral sabe quem eu sou, sabe para onde vou e poderá me prender

quando quiser.

Encaminhou-se à porta da saída. Não se ouviu uma voz. Nem um braço sequer ousou impedi-lo. Todos se afastaram. Ele tinha naquele momento um não sei quê de divino, que faz com que as multidões recuem e se afastem diante de um homem. Atravessou a sala lentamente. Ninguém jamais soube quem lhe abriu a porta, mas o certo é que a porta estava aberta à sua passagem. Aí chegando, voltou-se para o Advogado-Geral e disse:

– Sr. Advogado-Geral, estou à sua disposição.

Depois, dirigindo-se ao público:

– Os senhores todos que aqui estão julgam-me certamente digno de piedade, não é verdade? Meu Deus! Quando penso no que eu quase estava por fazer, julgo-me digno de inveja. No entanto, gostaria muito mais que tudo isso não tivesse acontecido.

Saiu e a porta se fechou do mesmo modo por que se abrira; os que fazem ações tão nobres sempre estão certos de ser ajudados por alguém que os admira.

Menos de uma hora depois, o veredito do júri livrava o velho Champmathieu de qualquer acusação, e Champmathieu, posto imediatamente em liberdade, se foi, apalermado, crendo todos loucos, e nada entendendo de toda aquela visão.

LIVRO OITAVO
CONTRAGOLPE

I | EM QUE ESPELHO MADELEINE CONTEMPLA SEUS CABELOS

O dia começava a raiar. Fantine passara toda a noite com febre e insônia, embora cheia de sonhos felizes: pela manhã, conseguiu dormir. A Irmã Simplice, que a velava, aproveitou esse descanso para preparar uma nova poção de quinina. Havia já alguns instantes que estava no laboratório da enfermaria, inclinada sobre drogas e recipientes de vidro, curvada para enxergar melhor, devido à espécie de nevoeiro que a aurora lança sobre os objetos. De repente, voltou a cabeça e deu um pequeno grito. O Sr. Madeleine estava em sua frente. Acabara de entrar, silenciosamente.

– É o senhor! – exclamou.

Ele respondeu em voz baixa:

– Como vai essa pobre mulher?

– Bastante bem. Mas estivemos muito preocupadas!

Explicou-lhe tudo o que havia acontecido, que Fantine estivera muito mal na véspera e que agora se sentia bem melhor porque tinha a certeza de que o Sr. *Maire* fora buscar sua *filhinha* em Montfermeil. A Irmã não ousou fazer perguntas ao Sr. Madeleine, mas percebeu logo que ele não vinha de Montfermeil.

– Está tudo muito bem – disse ele –, foi bom não a terem desiludido.

– É verdade – tornou a Irmã –, mas agora, Sr. *Maire*, ela vai encontrar-se com o senhor, não vai ver a criança, e que lhe vamos dizer?

Ele ficou por um momento pensativo.

– Deus há de nos inspirar – respondeu.

– Agora não lhe podemos mentir – murmurou a religiosa à meia-voz.

Amanhecera, entretanto, e a luz do sol iluminava em cheio o rosto do Sr. Madeleine. O acaso fez com que a Irmã Simplice levantasse os olhos.

– Meu Deus! Sr. *Maire*! – exclamou ela – O que aconteceu com o senhor?

Seus cabelos estão completamente brancos!

– Brancos! – disse o *Maire*.

Irmã Simplice não tinha espelhos; abriu um estojo e tirou um pequeno espelho de que se utilizava o médico da enfermaria para constatar a morte de algum doente. Madeleine pegou-o, olhou os cabelos e disse: – Veja só!

Ele pronunciou essas palavras com indiferença e como se estivesse pensando em outra coisa.

A Irmã sentiu-se gelada pelo mistério que entrevia em tudo aquilo.

Madeleine perguntou:

– Posso vê-la?

– O Sr. *Maire* não vai fazer com que lhe tragam a filhinha? – disse a Irmã, ousando apenas arriscar uma pergunta.

– Sem dúvida, mas serão precisos, pelo menos, dois ou três dias.

– Se ela não o vir até lá, não ficará sabendo que o senhor voltou; seria fácil fazê-la esperar com paciência e, quando a criança chegasse, naturalmente haveria de pensar que o senhor é que a trouxe. Não será preciso dizer-lhe mentiras.

O Sr. Madeleine pareceu refletir por alguns instantes; depois, disse com calma gravidade:

– Não, minha Irmã, é preciso que eu a veja. Talvez eu não possa me demorar muito por aqui.

A religiosa parece que não notou esse “talvez” que dava um sentido obscuro e singular às palavras do Sr. *Maire*. Abaixando respeitosamente os olhos e a voz, ela disse:

– Nesse caso… Ela está repousando, mas o senhor pode entrar.

Ele fez algumas observações sobre uma porta que fechava mal, cujo ruído poderia despertar Fantine, aproximou-se do leito e entreabriu as cortinas. Ela dormia. A respiração saía-lhe do peito com aquele ruído trágico, próprio dessa espécie de doença, e que desespera as pobres mães que velam ao lado dos filhinhos desenganados. Mas aquela respiração tão dolorosa revestia-se de uma inefável serenidade, que se lhe espelhava na face e lhe transfigurava o sono. Sua palidez transformara-se em brancura; as maçãs de seu rosto tornaram-se rosadas. Os longos cílios loiros, única beleza que lhe restava de sua virgindade e juventude, palpitavam apesar das pálpebras fechadas. Toda a sua pessoa tremia por não sei que entreabrir de asas, prestes a carregá-la, agitando-se sensivelmente, embora invisíveis. Quem a visse naquele estado não poderia

acreditar que tal doente estava sem esperanças de cura. Parecia-se mais a alguém que vai voar do que a alguém que está para morrer.

Os ramos, quando alguém se aproxima para roubar-lhes a flor, estremecem, parecendo querer ao mesmo tempo oferecer-se e fugir. Os corpos humanos também têm alguma coisa desse estremecimento quando chega o instante em que os dedos misteriosos da morte estão prestes a se apoderar de uma alma.

Madeleine ficou por alguns momentos estático ao pé do leito, contemplando ora a doente, ora o crucifixo, do mesmo modo como fizera dois meses antes, no dia em que pela primeira vez fora visitá-la naquele mesmo quarto. Os dois continuavam na mesma posição; ela dormindo, ele rezando; a diferença era que agora ela tinha cabelos grisalhos e ele tinha-os completamente brancos.

A Irmã não havia entrado com Madeleine. Ele mantinha-se ao lado do leito, de pé, o indicador sobre os lábios, como se quisesse pedir silêncio a alguém que estivesse no quarto.

Fantine abriu os olhos, viu-o e, sorrindo, disse sossegadamente:

– E Cosette?

II | FANTINE FELIZ

Ela não demonstrara nenhum movimento de surpresa nem de alegria; ela era a própria alegria. Essa simples pergunta: – E Cosette? – foi feita com uma fé tão profunda, com tanta certeza, com uma ausência tão completa de qualquer inquietação ou dúvida, que Madeleine não pôde encontrar resposta. Fantine continuou:

– Eu bem sabia que o senhor tinha chegado; eu estava dormindo, mas o via muito bem. Fazia muito tempo que o via; segui-o por toda a noite. O senhor estava na glória e tinha ao seu redor toda sorte de figuras celestes.

Ele levantou os olhos para o crucifixo.

– Mas – replicou Fantine –, diga-me onde está Cosette. Por que não a colocou em cima da minha cama para que eu a visse logo ao acordar?

Madeleine respondeu maquinalmente alguma coisa de que mais tarde não se pôde lembrar.

Felizmente, o médico, prevenido, já havia chegado, e foi em auxílio do Sr. Madeleine.

– Minha filha – disse o médico –, acalme-se, a menina está aqui.

Os olhos de Fantine se iluminaram, cobrindo de claridade todo o seu rosto. Juntou as mãos com uma expressão que continha tudo o que a prece pode ter de mais violento e de mais suave.

– Oh! – exclamou. – Tragam-na aqui!

Comovente ilusão de uma mãe! Cosette continuava a ser para ela uma criancinha de colo.

– Ainda não – replicou o médico –, agora não. A senhora ainda tem um resto de febre; o encontro com a sua filhinha a deixaria agitada e ficaria pior do que está. Primeiro é preciso curar-se.

Ela o interrompeu impetuosamente.

– Mas já estou curada! Digo que não tenho mais nada! Esse médico entende alguma coisa? Essa agora! Eu quero ver a minha filha!

– Está vendo como não sabe conter-se? Enquanto estiver nesse estado, proíbo que lhe mostrem a menina. Não basta vê-la; é preciso viver para ela. Quando estiver mais calma, eu mesmo a trarei aqui.

A pobre mãe abaixou a cabeça.

– Peço-lhe perdão, Doutor, peço-lhe perdão de toda a minha alma. Em outros tempos eu não lhe teria falado como fiz agora, mas me aconteceram tantas desgraças que às vezes nem sei bem o que digo. Eu compreendo, o senhor tem medo de que eu leve algum choque; vou esperar quanto quiser, mas juro que ver minha filha não me iria fazer mal algum. Eu até a vejo; desde ontem à noite que não tiro os olhos dela. Olhe; se me trouxerem a menina agora hei de falar bem baixinho. Mas, não é muito natural que eu queira ver a minha filha que foram expressamente buscar em Montfermeil? Eu não estou com raiva, não. Bem sei que vou ser muito feliz. Durante toda a noite vi coisas brancas e gente que sorria para mim. Quando o Doutor quiser, há de trazer a minha Cosette. Não tenho mais febre; não estou mais doente; sinto que não tenho mais nada; mas vou portar-me como se estivesse doente e ficar quietinha para não incomodar as senhoras que aqui estão. Quando virem que estou completamente tranquila, hão de dizer: agora é preciso entregar-lhe a criança!

Madeleine sentara-se numa cadeira que estava ao lado do leito. Fantine voltou-se para ele; esforçava-se visivelmente por parecer calma e prudente, como dizia naquele enfraquecimento, tão semelhante à infância, provocado pela doença, para que, vendo-a tão calma, não criassem dificuldades em trazer-lhe Cosette. Contudo, embora contendo-se, não podia deixar de dirigir ao Sr. Madeleine mil e uma perguntas:

– Fez boa viagem, Sr. *Maire*? Oh! mas como o senhor foi bom indo buscá-la para mim! Diga-me somente como é que ela está. Suportou bem a viagem? Pena que não vai me reconhecer! Depois de tanto tempo, deve ter-me esquecido, pobre criança! As crianças não têm boa memória. São como os passarinhos. Hoje veem uma coisa, amanhã outra, e assim vão. Ainda tinha suas roupas de linho? Os Thénardier sempre a mantinham bem-vestida? Que lhe davam para comer? Se o senhor soubesse quanto sofri, perguntando a mim mesma todas essas coisas no tempo em que perdi tudo! Agora, tudo passou! Estou contente! Como eu gostaria de vê-la agora! Sr. *Maire*, achou que ela é bonita? Não é mesmo uma gracinha a minha filha? O senhor deve ter sentido muito frio viajando na diligência! Não poderiam trazê-la aqui, só por um instante? Poderiam levá-la embora logo em seguida. Diga, o senhor que tem autoridade! Se o senhor quisesse!

Ele tomou-lhe a mão:

– Cosette é muito bonita – disse-lhe. – Está muito bem, a senhora há de vê-la logo, mas fique calma. Está falando muito, descobrindo os braços, e isso provoca-lhe a tosse.

Com efeito, a tosse a interrompia a cada momento.

Fantine nada retrucou, julgando ter comprometido, por algumas queixas muito apaixonadas, a confiança que queria inspirar, e pôs-se a dizer coisas indiferentes.

– Montfermeil é tão bonita, não é mesmo? No verão muita gente vai passear por lá. Os Thénardier vão bem de negócios? Têm muitos fregueses na taverna? Aquele albergue é quase uma baiuca.

Madeleine segurava-lhe a mão e a olhava com visível ansiedade; era evidente que tinha vindo para dizer-lhe coisas diante das quais seu pensamento hesitava. O médico, feita a visita, já se havia retirado. Somente Irmã Simplice continuava ao seu lado.

Súbito, em meio àquele silêncio, Fantine gritou:

– Eu estou ouvindo a voz dela! Estou ouvindo!

Estendeu os braços para que todos se calassem, prendeu a respiração e pôs-se a ouvir com enlevo.

Havia uma criança brincando no pátio; a filhinha da porteira ou de alguma operária. Aí está um dos acasos com os quais sempre nos defrontamos e que parecem fazer parte da misteriosa encenação dos acontecimentos mais tristes. A criança – era uma menina – ia e vinha, correndo para se aquecer, rindo e

cantando em voz alta. A que se aliam muitas vezes os simples brinquedos das crianças! Era a voz dela que Fantine escutava.

– Oh! – continuou – é a minha Cosette! Conheço bem a voz dela!

A criança afastou-se do mesmo modo por que se aproximara, e a voz se extinguiu. Fantine ficou à escuta ainda por alguns instantes; depois, seu rosto se anuviou e Madeleine ouviu-a dizer em voz baixa: – Como é mau esse médico, não deixando que eu veja a minha filha! A cara dele não agrada a ninguém!

Contudo, o fundo alegre de seu pensamento voltou à tona, e continuou falando sozinha, com a cabeça recostada ao travesseiro: – Como seremos felizes! Primeiro, teremos um pequeno jardim. O Sr. Madeleine já me prometeu. Minha filha brincará no jardim. Agora ela já deve saber ler. Hei de fazê-la soletrar. Ela correrá pela relva atrás das borboletas. Eu ficarei olhando. Depois, há de fazer a primeira comunhão. Isso mesmo! Quando será que ela vai fazer a primeira comunhão?

Pôs-se a contar nos dedos da mão.

– Um, dois, três, quatro… sete anos. Daqui a cinco anos terá seu veuzinho branco e meias de seda, e haverá de parecer uma pequena mulher. Oh! boa Irmã, a senhora não sabe como sou tola; imagine que eu já estou pensando na primeira comunhão da minha filha!

E começou a rir.

Madeleine largara a mão de Fantine e ouvia essas palavras como se ouve um vento que sopra, com os olhos cravados no chão e o espírito mergulhado em profundas reflexões. De repente, Fantine parou de falar, o que o levou a levantar maquinalmente a cabeça. Fantine parecia medonha.

Não falava mais, tampouco respirava; estava quase sentada na cama; sua camisola deixava à mostra seus ombros magros; seus olhos, havia pouco tão radiantes, tornaram-se macilentos e fora das órbitas; pareciam fixar-se sobre qualquer coisa horrível em sua frente, na outra extremidade do quarto.

– Meu Deus! – exclamou Madeleine – Que está sentindo, Fantine?

Ela não respondeu, tampouco deixou de olhar na direção da porta; tocou-lhe os braços com as mãos e fez-lhe sinal para que olhasse para trás.

Madeleine voltou-se e viu Javert.

III | JAVERT CONTENTE

Eis o que se passara.

Acabava de soar meia-noite e meia quando Madeleine saiu da sala do tribunal de Arras. Chegou ao albergue apenas com tempo para tomar a mala-posta, onde já havia reservado lugar. Chegou a Montreuil-sur-Mer pouco antes das seis da manhã, e seu primeiro cuidado foi pôr no correio uma carta endereçada ao Sr. Laffitte; depois dirigiu-se à enfermaria para ver Fantine.

Entretanto, apenas havia deixado a sala do tribunal, o Advogado-Geral, caindo em si depois de tão grande surpresa, tomara a palavra para deplorar o ato de loucura do muito honrado *Maire* de Montreuil-sur-Mer, declarando que suas convicções não estavam em nada modificadas por aquele incidente bizarro que mais tarde se esclareceria, e requerendo, entretanto, a condenação de Champmathieu, evidentemente, o verdadeiro Jean Valjean. A persistência do Advogado-Geral estava claramente em contradição com o sentimento de todos, do público, da corte e dos jurados. O advogado de defesa teve pouco trabalho para refutar aquela arenga e concluir que, depois das revelações do Sr. Madeleine, isto é, do verdadeiro Jean Valjean, a face do processo estava completamente modificada e o júri não tinha mais, diante dos olhos, senão um pobre inocente. O advogado aproveitou a ocasião para dizer alguns epifonemas, infelizmente nada novos, sobre erros judiciais etc. etc., o Presidente acabou por juntar-se a ele, e o júri, em alguns minutos, pôs Champmathieu fora da questão.

Faltava então, ao Advogado-Geral, um Jean Valjean; e ele, não tendo mais Champmathieu, lançou mão de Madeleine.

Imediatamente, depois da libertação de Champmathieu, o Advogado-Geral conferenciou em particular com o Presidente sobre “a necessidade de se apoderarem da pessoa do Sr. *Maire* de Montreuil-sur-Mer”. Essa frase, tão cheia de *des*, é do Sr. Advogado-Geral, inteiramente escrita por sua própria mão na minuta do relatório enviado ao Procurador-Geral. Passada a primeira emoção, o Presidente fez poucas objeções. Era preciso que a justiça seguisse o seu curso. E depois, para dizer tudo, embora o Presidente fosse homem honesto e bastante inteligente, era, ao mesmo tempo, muito realista, quase fanático, e sentiu-se chocado quando o *Maire* de Montreuil-sur-Mer, falando sobre o desembarque de Napoleão em Cannes, disse *Imperador* em vez de *Buonaparte*.

Foi, portanto, dada ordem de prisão; o Advogado-Geral enviou-a a Montreuil-sur-Mer por um mensageiro especial, encarregando da mesma o Inspetor de Polícia Javert.

Sabe-se que Javert havia voltado a Montreuil-sur-Mer imediatamente depois de ter feito suas declarações.

Javert levantava-se da cama justamente no momento em que o mensageiro chegou para entregar-lhe a ordem de prisão.

O mensageiro também era da polícia, e em duas palavras pôs Javert ao corrente do que se passara em Arras. A ordem de prisão, assinada pelo Advogado-Geral, estava escrita nestes termos: *O Inspetor Javert prenderá a pessoa do Sr. Madeleine*, Maire *de Montreuil-sur-Mer, que, neste tribunal, foi identificado como o antigo forçado Jean Valjean.*

Alguém que não tivesse conhecido Javert e o tivesse visto no momento em que entrou na antecâmara da enfermaria nada poderia adivinhar do que se passava, e o acharia com a aparência mais comum do mundo. Estava frio, calmo, sério, os cabelos grisalhos perfeitamente penteados, e acabava de subir as escadas com a habitual lentidão. Quem, porém, o conhecesse a fundo e o examinasse atentamente, teria estremecido. Estava com a gravata completamente fora do lugar, o que revelava uma agitação incomum.

Javert era um caráter completo; não admitia rugas nem nos seus deveres, nem no seu uniforme; metódico com os criminosos e intransigente com os botões da roupa.

Para que tivesse colocado mal a gravata, era preciso que tivesse sofrido uma dessas emoções que poderíamos chamar de terremotos interiores.

Foi com toda a simplicidade; requisitou um cabo e quatro soldados no posto vizinho, deixou os soldados no pátio, fez com que a porteira lhe mostrasse o quarto de Fantine, ao que ela assentiu sem desconfiar de nada, visto como estava acostumada a ver soldados perguntarem pelo Sr. *Maire*.

Chegando ao quarto de Fantine, Javert deu uma volta à chave, empurrou a porta, com o cuidado de um enfermeiro ou de um espião, e entrou.

Propriamente falando, não chegou a entrar. Conservou-se de pé na porta entreaberta, com o chapéu puxado sobre os olhos e a mão esquerda enfiada na sobrecasaca abotoada até o queixo. Na dobra do cotovelo, podia-se perceber o castão de chumbo da enorme bengala, que trazia sempre escondida.

Ficou assim durante quase um minuto, sem que se apercebessem da sua presença. De repente, Fantine levantou os olhos, viu-o e fez com que Madeleine se voltasse para trás.

No mesmo instante em que o olhar de Madeleine se encontrou com o de Javert, este, sem se mover nem se aproximar, tornou-se espantoso. Nenhum sentimento humano consegue ser tão horrível como a alegria.

Era a expressão exata do demônio que consegue reencontrar o condenado que

lhe pertencia.

A certeza de ter Jean Valjean finalmente em suas mãos fez aparecer em sua fisionomia tudo o que ele tinha na alma. O fundo remexido subiu à tona. A humilhação de ter perdido a pista por algum tempo, de se ter enganado com Champmathieu, quebrava-se sob o peso do orgulho de ter adivinhado tão bem desde o princípio e de ter, havia tanto tempo, um instinto tão infalível. O contentamento de Javert patenteava-se-lhe na atitude majestosa. A deformidade do triunfo estampou-se naquela fronte estreita. Era toda a manifestação de horror que pode dar fisionomia tão satisfeita.

Nesse momento Javert estava no céu. Sem que pudesse claramente aperceber-se, embora com uma intuição confusa de sua necessidade e de seu sucesso, ele personificava, ele, Javert, a justiça, a luz e a verdade em sua função celeste de destruir o mal. Tinha atrás de si e ao seu redor, a uma profundidade infinita, a autoridade, a razão, a coisa julgada, a consciência legal, a vindita pública, todas as estrelas; protegia a ordem, fazia sair da lei o raio, vingava a sociedade, dava mão forte ao princípio absoluto; revestia-se de glória, mas sua vitória não estava isenta de desafio e de combate; de pé, altivo, brilhante, ostentava em pleno azul a bestialidade sobre-humana de um arcanjo feroz; a sombra assustadora da ação que estava cumprindo fazia visível, em suas mãos crispadas, o vago clarão da espada social; feliz e indignado, tinha sob seu calcanhar o crime, o vício, a rebelião, a perdição, o inferno; brilhava, exterminava, sorria; havia incontestável grandeza nesse monstruoso São Miguel.

Javert, assim medonho, nada tinha de ignóbil.

A probidade, a sinceridade, a candura, a convicção e a ideia do dever são coisas que, mesmo odiosas, continuam sublimes; sua majestade, própria da consciência humana, persiste mesmo no horror; são virtudes que têm um vício comum, o erro. A impiedosa alegria honesta de um fanático em plena atrocidade conserva não sei que brilho lugubremente venerável. Sem que o percebesse, Javert, em sua formidável felicidade, era digno de lástima, como todo ignorante que triunfa. Nada tão pungente e terrível como aquela figura em que se mostrava o que poderíamos chamar de lado mau da bondade.

IV | A AUTORIDADE RETOMA SEUS DIREITOS

Fantine não vira Javert desde o dia em que o Sr. *Maire* a arrancara de suas mãos. Seu cérebro doente não percebia bem o que acontecia, mas tinha certeza de que

ele não tinha vindo senão para buscá-la. Não pôde suportar aquela terrível aparição, sentiu que ia expirar, escondendo o rosto entre as mãos, e gritou desesperadamente:

– Sr. Madeleine, salve-me!

Jean Valjean – daqui por diante só o chamaremos com esse nome – tinha-se levantado e disse a Fantine com a voz mais calma e bondosa:

– Fique tranquila. Não é por sua causa que ele está aqui.

Depois, dirigindo-se a Javert:

– Já sei o que o senhor quer.

Javert respondeu:

– Vamos, já!

A expressão que acompanhou essas duas palavras tinha um não sei quê de selvagem e frenético. Javert não dissera: – Vamos depressa! – Dissera: – Vamos, já! – Nenhuma ortografia humana poderia reproduzir o som com que foram pronunciadas essas palavras; não eram mais palavras humanas, eram um rugido.

Não agiu absolutamente como costumava; não disse para o que viera nem exibiu o mandado de prisão. Para ele, Jean Valjean era uma espécie de lutador misterioso e inatingível, um lutador tenebroso que havia cinco anos ele combatia sem que tivesse conseguido derrubá-lo. Aquela prisão não era o começo, mas o fim de uma batalha. Limitou-se, portanto, a dizer: – Vamos, já!

Quando falou, não deu um passo; lançou sobre Jean Valjean aquele olhar que arremessava como um gancho e com o qual tinha o costume de puxar violentamente para si todos os miseráveis.

Era o mesmo olhar que Fantine sentira penetrá-la até a medula, dois meses antes.

Ao grito de Javert, Fantine tornou a abrir os olhos. Mas o Sr. *Maire* lá estava; que poderia, portanto, temer?

Javert caminhou até o meio do quarto e gritou:

– Então? Não vem?

A pobre doente olhou ao seu redor. Não havia mais ninguém ali além da religiosa e do Sr. *Maire*. A quem poderia se dirigir aquele tratamento tão desprezível senão a ela, somente a ela? Estremeceu.

Em seguida, viu algo tão inesperado que nada semelhante se lhe apresentara ainda nos mais negros delírios da febre.

Viu um policial, Javert, segurar o *Maire* pela gola do casaco, e o *Maire* abaixar a cabeça. Pareceu-lhe que o mundo ia acabar.

Com efeito, Javert havia agarrado Jean Valjean pela gola do casaco.

– Sr. *Maire*! – gritou Fantine.

Javert desatou a rir, com aquele riso horrível que lhe deixava à mostra todos os dentes.

– Aqui não há mais nenhum Sr. *Maire*!

Jean Valjean não procurou livrar-se da mão que o agarrava e disse:

– Javert.

Javert interrompeu-o:

– Chame-me de Sr. Inspetor.

– Meu senhor – continuou Jean Valjean –, eu queria dizer-lhe algo em particular.

– Fale alto! Pode falar alto – respondeu Javert. – Comigo todos falam alto.

Jean Valjean replicou, abaixando mais a voz:

– É um pedido que lhe quero fazer…

– Já disse que fale alto.

– Mas é uma coisa que deve ser ouvida só pelo senhor…

– Que me importa! Não estou ouvindo nada!…

Jean Valjean voltou-se para ele e disse bem depressa e em voz ainda mais baixa:

– Dê-me três dias! Três dias para ir buscar a filhinha dessa pobre mulher. Pagarei o que quiser. Se quiser, pode acompanhar-me.

– Você está brincando! – exclamou Javert. – Não pensava que fosse tão bobo! Pede-me três dias para passear! Diz que é para ir à procura da filhinha desta coitada! Ah! Ah! Mas isso é formidável! É formidável!

Fantine estremeceu.

– Minha filha! – exclamou – Ir procurar minha filha?! Então ela não está aqui? Irmã, diga-me onde está Cosette. Eu quero a minha filha! Sr. Madeleine, Sr. *Maire*!

Javert bateu os pés.

– Agora é a outra! Vai calar essa boca, sua sem-vergonha? Que diabo de lugar é este onde os grilhetas se tornam magistrados e as mulheres da rua são tratadas como se fossem condessas? Ah! Mas isso vai acabar, e já era tempo!

Ele encarou fixamente Fantine e acrescentou, tornando a agarrar com os punhos a gravata, a camisa e a gola do casaco de Jean Valjean:

– Já lhe disse que aqui não existe nenhum Sr. Madeleine e nenhum Sr. *Maire*.

Aqui há é um assassino, um salteador, um forçado chamado Jean Valjean! Isso é que há, e eu o tenho nas minhas mãos!

Fantine levantou-se, sobressaltada, e, apoiada nos braços rígidos, olhou para Jean Valjean, para Javert, para a religiosa, abriu a boca como quem vai falar; mas saiu-lhe da garganta um gemido; os dentes batiam-lhe; estendeu angustiosamente os braços, abrindo convulsivamente as mãos, procurando alguma coisa a seu redor, como alguém prestes a se afogar; depois, caiu pesadamente sobre o travesseiro. Sua cabeça bateu contra a cabeceira da cama e dobrou-se sobre o peito, com a boca aberta, os olhos arregalados e fixos.

Estava morta.

Jean Valjean pegou a mão de Javert que o agarrava, abriu-a como se fora a mão de uma criança, e disse:

– O senhor matou essa mulher.

– Acabemos com isto! – gritou Javert furioso. – Não estou aqui para ouvir suas desculpas. Vamos economizar palavras; os guardas estão lá embaixo. Vamos andando, senão mando algemá-lo.

Num canto do quarto havia uma velha cama de ferro em péssimo estado, da qual se serviam as irmãs para descansar quando velavam ao lado dos doentes. Jean Valjean aproximou-se desse leito, deslocou-lhe, num abrir e fechar de olhos, a cabeceira, já muito enferrujada, coisa muito fácil para músculos como os seus, agarrou fortemente a barra mais grossa e olhou para Javert. Javert recuou até a porta.

Jean Valjean, empunhando essa barra de ferro, dirigiu-se lentamente para a cama onde estava Fantine. Quando lá chegou, voltou-se e disse para Javert com uma voz apenas perceptível:

– Não o aconselho a que me perturbe neste momento.

A verdade é que Javert tremia.

Teve a ideia de chamar os guardas, mas Jean Valjean poderia aproveitar-se desse minuto para fugir. Permaneceu, pois, onde estava, agarrou a bengala por uma extremidade e encostou-se à ombreira da porta, sem afastar os olhos de Jean Valjean.

Jean Valjean apoiou o cotovelo na cabeceira do leito, pôs a mão à testa e contemplou assim o corpo hirto e imóvel de Fantine. Ficou por algum tempo absorto, mudo, não pensando evidentemente em mais nada desta vida. Em sua fisionomia, em toda a sua atitude, só havia uma coisa: piedade. Depois de alguns instantes de reflexão, inclinou-se para Fantine e falou-lhe em voz baixa.

Que terá dito? Que poderia dizer um homem condenado àquela mulher morta? Que palavras terá usado? Ninguém as pôde ouvir. A morta o ouviria? Há ilusões tocantes que são, talvez, sublimes realidades. O que está fora de dúvida é que Irmã Simplice, única testemunha de tudo quanto se passou, contou muitas vezes que, no momento em que Jean Valjean falava aos ouvidos de Fantine, percebeu distintamente um sorriso estender-se sobre os lábios pálidos e as pupilas vidradas da morta, cheias do espanto do sepulcro.

Jean Valjean tomou entre as mãos a cabeça de Fantine e acomodou-a sobre o travesseiro, como qualquer mãe faria a um filho; depois, amarrou-lhe os cordões da blusa e arrumou-lhe os cabelos dentro da touca. Feito isso, fechou-lhe os olhos.

O rosto de Fantine, naquele instante, parecia estranhamente iluminado. A morte é a entrada na grande luz.

A mão de Fantine pendia para fora do leito. Jean Valjean ajoelhou-se diante daquela mão, levantou-a docemente e deu-lhe um beijo.

Depois, levantou-se e, voltando-se para Javert, disse:

– Agora estou à sua disposição.

V | SEPULTURA DIGNA

Javert conduziu Jean Valjean à cadeia da cidade.

A prisão do Sr. Madeleine produziu em Montreuil-sur-Mer uma sensação, ou para melhor dizer, uma comoção extraordinária. É triste não podermos dissimular que, a estas simples palavras: *É um forçado*, todos o abandonaram. Em menos de duas horas, todo o bem que havia feito foi esquecido; ele não era nada mais que um forçado. É justo que digamos que ainda não sabiam o que havia acontecido em Arras. Durante todo o dia, ouviram-se pela cidade comentários mais ou menos como este:

– Não sabe? Era um grilheta! – Quem? – O *Maire* – Ora! O Sr. Madeleine; tem um nome horrível, Béjean, Bojean, Boujean. – Meu Deus! – Ele já está preso. – Preso! – Está na cadeia aqui da cidade à espera de que o transfiram. – À espera de que o transfiram? Mas transferi-lo para onde? – Ele vai ser julgado por um roubo que cometeu em uma estrada há alguns anos. – Bem que eu desconfiava! Ele era bom demais, perfeito demais; era um carola. Recusou a cruz da Legião de Honra e distribuía moedas a todos os garotos vadios que

encontrava. Sempre achei que por trás de tudo isso havia alguma história mal contada.

Os “salões”, então, encheram-se de diálogos semelhantes. Uma velha senhora, assinante do *Drapeau Blanc*,[175] fez esta reflexão, cuja profundidade é quase impossível de medir:

– Não estou nada admirada. Isso servirá de lição aos bonapartistas!

Foi assim que o fantasma chamado Sr. Madeleine sumiu de Montreuil-sur-Mer. Três ou quatro pessoas apenas, em toda a cidade, se conservaram fiéis à sua memória. Entre estas, a velha porteira que o servira por tantos anos.

À noite desse mesmo dia, a digna mulher estava sentada em seu quarto, ainda assustada com o que havia acontecido, meditando tristemente. A fábrica havia fechado durante todo o dia, a porta principal estava bem trancada e a rua completamente deserta. Na casa só estavam as duas religiosas, Irmã Perpétue e Irmã Simplice, velando o corpo de Fantine.

Na hora em que Madeleine costumava chegar, a boa porteira levantou-se maquinalmente, tirou de uma gaveta a chave do quarto do Sr. Madeleine e o castiçal que ele costumava levar sempre que subia a seus aposentos; depois colocou a chave no prego onde ele costumava encontrá-la e pôs o castiçal ao lado, como se o estivesse esperando. A pobre mulher havia feito tudo isso sem perceber.

Só depois de passadas duas horas é que saiu de seus sonhos e exclamou: – Ora, meu Jesus! E eu que pendurei a chave no prego!

Nesse momento, abriu-se o vidro da janela; uma mão introduziu-se pela abertura, pegou a chave e o castiçal e acendeu a vela.

A porteira levantou os olhos e ficou boquiaberta, contendo na garganta um grito que quase lhe escapou. Ela conhecia bem aquela mão, aquele braço, a manga daquele sobretudo.

Era o Sr. Madeleine.

Por alguns segundos antes de poder falar, ficou presa, como ela mesma dizia mais tarde, contando o que havia acontecido.

– Meu Deus, Sr. *Maire* – exclamou por fim –, pensei que o senhor estava…

E não terminou a frase porque julgou que o fim faltaria ao respeito com que a iniciara. Jean Valjean continuava a ser para ela o mesmo Sr. *Maire* de antes.

Ele acabou seu pensamento:

– Na prisão – disse. – Realmente, eu estava lá; mas quebrei um ferro da janela, pulei do alto de um telhado e eis-me aqui. Vou até o meu quarto; corra a

procurar Irmã Simplice. Sem dúvida ela deve estar ao lado daquela pobre mulher.

A velha obedeceu imediatamente.

Jean Valjean não lhe fez recomendação alguma; tinha absoluta certeza de que ela tomaria mais cuidado em escondê-lo do que ele próprio.

Ninguém jamais soube como conseguira penetrar no pátio interno sem abrir o portão principal. É verdade que levava sempre no bolso a chave de uma porta lateral; mas, como já o haviam revistado, certamente não a tinha consigo naquele momento. Esse ponto nunca pôde ser esclarecido.

Subiu a escada que ia dar no quarto. Chegando ao alto, deixou o castiçal sobre um dos últimos degraus, abriu a porta quase sem fazer barulho, fechou às apalpadelas a janela, depois voltou, pegou o castiçal e tornou a entrar no quarto.

Essa precaução era muito útil; como se devem lembrar, sua janela podia ser vista da rua.

Olhou ao redor, a mesa, a cadeira e a cama, que havia três dias continuava arrumada. Não havia resquício algum da desordem da última noite que aí passara. A porteira arrumara tudo. Somente colocara sobre a mesa as duas pontas de metal de seu cajado e a moeda de quarenta soldos, enegrecida pelo fogo, coisas que encontrara no meio das cinzas da lareira.

Pegou uma folha de papel e escreveu: *"Aqui estão as duas pontas do cajado e a moeda de quarenta soldos, roubada ao pequeno Gervais, da qual falei no tribunal*"; colocou sobre o papel a moeda de prata e os dois pedaços de metal, de tal modo que fossem a primeira coisa que vissem ao entrar no quarto. Tirou de um armário uma camisa velha e rasgou-a. Com esses trapos embrulhou os dois castiçais de prata. Aliás, ele não estava nem apressado e tampouco nervoso. Enquanto enrolava os castiçais do Bispo, mastigava um pedaço de pão preto. É bem possível que fosse pão da prisão, que trouxera consigo ao fugir.

Isso pôde ser constatado pelas migalhas encontradas no assoalho do quarto, quando a justiça, mais tarde, fez um inquérito.

Deram dois pequenos golpes à porta.

– Entre – disse ele.

Era a Irmã Simplice.

Ela estava pálida, tinha os olhos vermelhos e a vela que trazia tremia-lhe nas mãos. As violências do destino têm isso de particular: por mais perfeitos ou apáticos que sejamos, elas nos arrancam das entranhas a natureza humana e forçam nossa personalidade a se mostrar. Com as emoções daquele dia, a

religiosa voltou a ser mulher. Ela chorou e tremeu de emoção.

Jean Valjean acabava de escrever algumas linhas em um pedaço de papel e o entregou à religiosa, dizendo: – Irmã, a senhora fará o favor de mandar isto ao Sr. Vigário.

O papel estava dobrado. Ela lançou-lhe um olhar.

– Se quiser, pode ler – disse Jean Valjean.

Irmã Simplice leu-o:

Rogo ao Sr. Vigário que tome conta de tudo quanto deixo nesta cidade. Com meu dinheiro, pagará as custas do meu processo e o sepultamento da mulher que hoje morreu aqui. O resto deve ser distribuído aos pobres.

A Irmã quis falar, mas não conseguiu senão balbuciar algumas sílabas ininteligíveis. Contudo, chegou a dizer-lhe:

– O senhor não deseja rever pela última vez aquela pobre criatura?

– Não – respondeu ele –, já estão no meu encalço; iriam encontrar-me no seu quarto e isso causar-lhe-ia embaraços.

Apenas acabaram de falar, ouviu-se um grande barulho pelas escadas. Era um tumulto de passos que subiam e a velha porteira a falar quase gritando:

– Meu senhor: juro por Deus como não entrou ninguém aqui, nem de dia nem de noite; eu não saí da porta!

Um homem respondeu:

– E como se explica essa luz nesse quarto?

Reconheceram a voz de Javert.

O quarto estava disposto de tal modo que, abrindo-se a porta, esta ocultava todo o ângulo direito da parede. Jean Valjean apagou a vela e escondeu-se nesse canto.

Irmã Simplice caiu de joelhos ao lado da mesa.

A porta se abriu. Javert entrou.

Ouvia-se a conversa de muitos homens e os protestos da porteira no corredor.

A religiosa não levantou os olhos. Rezava.

Havia uma vela em cima da lareira; a claridade era mínima.

Javert viu a Irmã e parou espantado.

Devem lembrar-se de que a personalidade de Javert, seu elemento, sua atmosfera, consistia justamente na veneração para com toda autoridade. Nesse

sentido, era íntegro e não admitia objeção ou restrição alguma. Para ele, bem entendido, a autoridade eclesiástica era a primeira de todas. Era religioso, superficial e correto sobre esse ponto, como em todos os demais. A seus olhos, um padre era um espírito que jamais se engana, e uma religiosa, uma criatura completamente isenta de pecados. Eram almas isoladas do mundo e com uma única porta que se abria unicamente para a verdade.

Ao ver a Irmã, seu primeiro movimento foi o de retirar-se. Contudo, havia ainda um outro dever que o retinha e que o empurrava imperiosamente no sentido contrário. Seu segundo movimento foi o de continuar ali e arriscar-se a fazer ao menos uma pergunta.

Tratava-se de Irmã Simplice, que jamais, em toda a sua vida, havia dito uma mentira. Javert bem o sabia, por isso mesmo a tinha em grande consideração.

– Irmã – disse Javert –, a senhora está sozinha neste quarto?

Seguiu-se um momento terrível de expectativa durante o qual a velha porteira sentiu que ia desfalecer. A Irmã levantou os olhos e respondeu:

– Estou.

– Contudo – replicou Javert –, desculpe-me se insisto, a senhora esta noite não viu por aqui alguém, um homem? Ele fugiu e nós estamos à sua procura, esse tal de Jean Valjean, a senhora não o viu?

A Irmã respondeu: – Não.

Mentiu. Mentiu duas vezes seguidas, sem hesitar, rapidamente, abnegadamente.

– Perdão – disse-lhe Javert, e retirou-se, saudando-a profundamente.

Ó santa mulher! Há muitos anos que não pertences mais a este mundo; já priva com seus irmãos, os anjos e as santas virgens na luz celeste; que esta mentira lhe seja recompensada no paraíso!

A resposta da Irmã foi para Javert tão decisiva que ele nem chegou a reparar na vela apagada e ainda fumegante que estava sobre a mesa.

Uma hora depois, um homem, caminhando pelo meio das árvores e do nevoeiro, afastava-se rapidamente de Montreuil-sur-Mer na direção de Paris. Era Jean Valjean. Ficou provado, pelo testemunho de dois ou três cantoneiros que com ele se encontraram, que carregava um pequeno embrulho e usava uma blusa. Onde a teria encontrado? Ninguém sabe. Contudo, alguns dias antes, morrera na enfermaria da fábrica um velho operário que nada deixara, além de uma blusa. Provavelmente era a mesma.

Ainda uma palavra a respeito de Fantine.

Todos temos uma mãe, a terra. Devolveram Fantine aos braços de sua mãe.

O Vigário pensou agir corretamente e talvez tenha feito bem ao reservar, da quantia deixada por Jean Valjean, a maior parte possível para os pobres. Aliás, de quem se tratava? De um forçado e de uma mulher da rua. Essa foi a razão pela qual simplificou o enterro de Fantine, reduzindo-o ao estritamente necessário, à vala comum.

Fantine, portanto, foi enterrada na parte gratuita do cemitério, propriedade de todos e de ninguém, onde se perdem os pobres. Felizmente, Deus sabe onde reencontrar as almas. Quando a enterraram no meio dos primeiros ossos que apareceram, já estava escuro; passou para a promiscuidade das cinzas. Foi jogada à fossa pública. Seu túmulo assemelhou-se ao leito.

---

1 *Digne* capital do departamento dos Baixos-Alpes, a 830 quilômetros de Paris, no meio das montanhas; sede de bispado desde o século IV, pertenceu a princípio à província de Embrun, e, a partir de 1790, à diocese sufragânea de Aix. Apesar de muitas edições, mesmo atuais, trazerem apenas as iniciais dos nomes de cidades, pusemo-los por extenso, seguindo o desejo expresso pelo autor em seus manuscritos: “depois de minha morte, quando se reimprimir este livro, é necessário que se escrevam por extenso os nomes das cidades”.

2 *Charles Myriel* semelhanças de datas e até de nomes tornaram fácil identificar o personagem em que se inspirou o autor para criar a figura de C. Myriel. Trata-se de Charles-François-Melchior Bienvenu Miollis, Prelado francês, nascido e morto em Aix (1753-1843), nomeado Vigário de Brignolles justamente em 1804, e Bispo de Digne em 1805. Tomou parte no Concílio de Paris, em 1811, e se opôs energicamente às pretensões de Napoleão. Retirou-se da diocese em 1838 por causa de sua idade já muito avançada. De grande e esclarecida piedade, sua vida foi sumamente edificante. O autor, contudo, dando caráter mundano à juventude e virilidade de C. Myriel, provocou reclamações por parte da família Miollis e da imprensa católica. Todavia, coisa comum entre escritores, seu personagem não foi inspirado em uma única pessoa. Podemos dizer que a juventude mundana, inexistente na vida de Bienvenu Miollis, tirou-a o autor de São Francisco de Sales, símbolo da bondade arduamente conquistada, por quem Victor Hugo, neste romance mesmo, demonstra várias vezes grande predileção. Uma frase até, de que usa para descrever D. Myriel (cap. XIII), é quase obrigatória nas biografias do Bispo de Genebra “era homem cheio de paixões, talvez até violento. Sua perfeita mansidão não era instintiva, mas resultava de grande convicção destilada em seu íntimo através da vida”.

3 *José Fesch* Cardeal-Arcebispo de Lião (1763-1839), tio de Napoleão Bonaparte; durante a Revolução Francesa ingressou no exército, retomando o hábito eclesiástico em 1800. Nomeado cardeal, em 1804 acompanhou Pio VII a Paris para a coroação do Imperador. Apesar dos inúmeros cargos para que foi nomeado – Embaixador francês junto à Santa Sé, Grão-Capelão de S. M., Conde e Senador –, no concílio do clero francês, em 1811, defendeu o Papa prisioneiro contra os maus-tratos de Napoleão.

4 *Maire* Na França, primeiro Magistrado dos municípios. Do latim *major*, afrancesado para *mayeur*.

5 *Conselho dos Quinhentos* uma das assembleias criadas pela Constituição do ano III da Revolução Francesa; formava, com o Conselho dos Anciãos, o Corpo Legislativo. Seus membros, em número de quinhentos, eram eleitos por três anos. *Félix-Julien-Jean Bigot de Préameneu* (1747-1825) Magistrado francês, nomeado em 1808 Ministro dos Cultos, cargo que conservou até a volta dos Bourbon ao poder; foi um dos redatores do Código Civil Francês.

6 D. Bienvenu, como se verá no cap. XI, era também Barão do Império, nomeado por Napoleão; daí esse tratamento de Alteza usado pela criada.

7 *Então, meu senhor, está passando bem? – Para onde você foi? – Trouxe um bom carneiro e um bom queijo gordo.*

8 *Joseph Marie de Maistre* (1763-1821) um dos mais ardentes adversários da Revolução Francesa, era pela restauração do poder teocrático representado pelo Rei e pelo Papa. Em *As Noites de São Petersburgo*, pronuncia-se a favor da pena capital. *Cesar Bonesana, Marquês de Beccaria* (1738-94) publicista italiano, em sua obra máxima, *Dei Delitti e Delle Pene*, condena formalmente qualquer tipo de tortura, afirmando que a pena de morte excede ao direito de defesa da sociedade.

9 *Gênesis*, cap. I, v. 2. *Flávio Josefo* (37 a 100?) historiador judeu; sua principal obra, *Antiguidades judaicas*, narra a história de seu povo desde a criação do mundo até o reinado de Nero. *Onkelos* a chamada versão caldaica da Bíblia, devida a Onkelos, rabino do século II, é, na realidade, escrita em arameu ocidental, e limita-se ao Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia. Por uma alteração de nomes, devida ao Talmude babilônico, quiseram atribuí-la a Akylas ou Áquila, escritor do século II, autor de uma fidelíssima versão grega das Escrituras Sagradas.

10 Victor Hugo atribui a si mesmo essa ascendência muito duvidosa. Filho de um soldado, Joseph-Léopold-Sigisbert Hugo (1773-1828), que conquistou nos campos de batalha o título de conde, sempre fez questão de dizer-se descendente de antigas e nobres famílias. Eis o que escreve Sainte-Beuve, segundo informações do próprio Victor Hugo: *Sua família paterna, enobrecida, desde 1531, na pessoa de Georges Hugo, Capitão de Guardas do Duque de Lorena, produziu, no século XVII, um sábio teólogo do mesmo nome, Bispo de Ptolemaida.* Em *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie*, entre outras pessoas fala também de Charles-Louis, Abade de Estival, Bispo de Ptolemaida, autor de importante antologia denominada *Sacrae Antiquitatis Monumenta*. Essa ascendência, porém, não tem bases sólidas.

11 *Solidismo* não é termo de botânica, em particular, mas de biologia em geral; teoria científica segundo a qual a vida reside essencialmente nos sólidos, estando reservado aos líquidos um papel passivo e secundário na economia animal.

12 *Joseph Pitton de Tournefort* (1656-1708) botânico francês, classifica as plantas segundo a forma da corola das flores, método empregado em botânica pelo espaço de cem anos. *Bernard de Jussieu* (1699-1777) membro de uma família de botânicos, opôs-se a Linné, classificando as plantas pelo seu *Método natural*, baseado nos caracteres do embrião. *Charles Linné* (1707-78) naturalista e médico sueco, classificou as plantas segundo as características dos estames e dos pistilos.

13 *Se o Senhor não guardar a casa em vão se desvelam os que a guardam.* É uma adaptação da segunda parte do versículo primeiro do Salmo CXXVI, que diz *civitatem* (cidade) em vez de *domum* (casa).

14 *Ollioules* célebres gargantas rochosas, perto da cidade do mesmo nome; têm quatro quilômetros de extensão, formando um desfiladeiro estreito e tortuoso sumamente selvagem. Ao fundo do precipício, corre um riacho. As rochas, trabalhadas pela erosão, têm as cores e os aspectos mais bizarros, variando de acordo com a luz do sol.

15 *Epicuro* (341-270 a.C.) filósofo grego; ensinava que o prazer é a suprema felicidade do homem, devendo este fazer tudo para o conseguir; mas, ele próprio, modelo de sobriedade, não o colocou nos sentidos, mas na cultura e na prática das virtudes; somente a deturpação de sua doutrina deu ao epicurismo o sentido de voluptuosidade de que hoje é sinônimo. *Guillaume-Charles-Antoine Pigault de l'Épinoy* (1753-1835) romancista francês, escritor de várias obras de valor discutível, licenciosas ao extremo, que, no entanto, fizeram sucesso na época. Conhecido pelo pseudônimo de Pigault-Lebrun.

16 *Jean-Baptiste de Boyer, Marquês de Argens* (1704-71) autor muito em voga no século XVIII. *Pirro* (384-335 a.C.) o primeiro dos grandes céticos gregos. *Thomas Hobbes* (1588-1679) filósofo inglês, resumiu toda a sua moral utilitarista na procura do prazer e na fuga da dor. *Jacques-André Naigeon* (1738-1810) amigo, admirador e editor de Diderot e de Holbach, apoderou-se de suas ideias e as levou ao excesso de tachar Robespierre de monstro, por haver admitido a existência do Ser Supremo; foi um dos redatores da *Enciclopédia*.

17 *François-Marie Arouet* (1694-1778) escritor francês que tomou mais tarde o nome de Voltaire, racionalista, isto é, inimigo do sobrenatural e da religião. Não era ateu, mas expressava-se assim a respeito do catolicismo: "*Écrasons l'infâme*". Junto com Rousseau, forma a dupla de inspiradores das novas ideias que provocaram a queda da nobreza. *Jean Turbeville Needham* (1713-81) Sacerdote católico, quis demonstrar que a hipótese da geração espontânea não é contrária à fé, sustentando que animálculos comparáveis a pequenas agulhas ou enguias podem formar-se no sumo do limão e na farinha submetida à fermentação. Não se trata propriamente de enguias: essa nomenclatura é devida tanto à analogia de formas como por se desconhecer até há bem pouco tempo o modo como as enguias se reproduziam. Voltaire zomba dessa teoria de Needham no seu *Dicionário filosófico* (seção IV).

18 *Tertuliano* (160?-240?) um dos primeiros apologetas do cristianismo, aderiu mais tarde à seita dos montanistas, que afirmavam a intervenção direta do Espírito Santo, manifestando-se milagrosamente a determinadas pessoas.

19 *Moniteur* jornal fundado em 1789; sua coleção constitui precioso documento para a história da França.

20 *Inter pocula* expressão latina: no meio das taças; na intimidade.

21 *Membro da Convenção Nacional* assembleia política francesa que sucedeu à Assembleia Legislativa, governando a França de 1792 a 1795; foi essa assembleia que condenou à morte o Rei Luís XVI, no dia 19 de janeiro de 1793.

22 Dos 749 membros da Convenção Nacional, 455 foram considerados regicidas durante a Restauração, período que assinala a volta dos Bourbon ao trono, de 1814 a 1830, ano da abdicação de Carlos X.

23 Ano em que imperou o regime político denominado Terror.

24 *Luís* XVII (1785-95) Delfim da França, encarcerado na Tour du Temple, não sobreviveu aos maus-tratos recebidos. Tentativas infrutuosas, feitas por realistas para livrá-lo da prisão, incrementaram a lenda de que se havia evadido (depois de 1795, apareceram dois falsos delfins). Exumações feitas posteriormente em sua sepultura foram improfícuas, por não se saber o lugar exato onde fora inumado. *Cartouche* (*Louis-Dominique Bourguignon*) (1693-1721) célebre criminoso de Paris, quase lendário por suas aventuras, foi barbaramente esquartejado na Place de Grève.

25 Palavras de Jesus a seus discípulos: *Sinite parvulos venire ad me*, em português, *Deixai que os pequeninos venham a mim*. Mt XIX, 14, Mc X, 14, Luc XVIII, 16.

26 *Dragonadas* perseguições exercidas pelos dragões (os soldados mais indisciplinados do exército francês) contra os calvinistas, no reinado de Luís XIV; iniciadas em 1680, consistiam em alojar em casa de protestantes esses soldados, conseguindo assim uma conversão em massa para o catolicismo.

27 Victor Hugo opõe aqui aos mais sanguinários da Revolução os mais renomados perseguidores dos protestantes do Languedoc: *Jean-Baptiste Carrier* (1756-94) responsável pelo massacre de Nantes. *Antoine Quentin Fouquier-Tinville* (1746-95) acusador público durante o Terror. *François-Stanislas Maillard* (1763-24), denominado o Tirano do Languedoc, onde por trinta anos perseguiu cruelmente os protestantes. *Nicolas de Lamoignon de Bâville* (1648-1724) admistrador francês, perseguiu os protestantes por ocasião da revogação do edito de Nantes (1585). *Gaspar de Saulx, Marquês de Tavannes* (1509-73) instigador da Noite de São Bartolomeu, em que foram mortos inúmeros protestantes. *Père Duchesne*, tipo consagrado pela farsa, pseudônimo de Jacques-René Hébert (1757-94); o jornal fundado sob esse nome, por seu cinismo e grosseria, apressou o Terror. *Michel Le Tellier* (1643-1719) um jesuíta, obteve de Luís XIV a destruição de Port-Royal, refúgio dos jansenistas. *Mathieu Jouve, conhecido como Jourdan Coupe-Tête* (1749-94), pavoneava-se de ser o provedor da guilhotina. *Charles-Maurice Le Tellier, Marquês de Louvois* (1642-

1710) ordenou o incêndio e a pilhagem do Palatinado, e seu homônimo.

28 *Tântalo* Rei lendário da Líbia, condenado por Zeus a ficar eternamente atado a uma árvore carregada de frutos, no meio de um lago limpidíssimo, sem poder matar a própria fome e sede.

29 Essa visita do Bispo e a atitude acima descrita foram vivamente combatidas pela imprensa católica da época.

30 A condecoração da Legião de Honra trazia, de um lado, a figura de Napoleão, com a legenda (de 1804 em diante): "Napoleão, Imperador dos Franceses", e do outro lado uma águia com a divisa: "Honra e Pátria". Sob Luís XVIII, a figura de Napoleão foi substituída pela de Henrique IV, e a águia imperial por três flores de lis. São essas três flores que, vistas pelos olhos bonapartistas do velho soldado, se assemelham a três sapos.

31 *São Francisco de Sales* (1567-1622) Bispo de Genebra, um dos mais renomados escritores franceses do seu tempo.

32 Figura tirada de uma fábula de La Fontaine (livro VII, fábula X), "A vendedora de leite e o seu jarro", em que se narra que Perrette, indo à cidade vender leite, começa a fazer cálculos sobre um milhão de coisas que vai comprar com o dinheiro de sua venda. Distraída com tais pensamentos, põe-se a dançar e termina por derramar todo o leite. Perrette tornou-se o símbolo dos que gostam de fazer castelos no ar.

33 *Juvenal* (42?-125?) poeta satírico latino; viveu no tempo de Nero e Domiciano, castigando violentamente com seus escritos os costumes dissolutos de Roma. *Tácito* (56?-120?) admirável historiador latino, dotado de rara profundidade de análise da época em que viveu.

34 *Narciso* personagem legendário, célebre por sua beleza física; chegando um dia à beira de uma fonte, viu sua própria imagem espelhada nas águas, apaixonou-se por ela e se transformou na flor que leva seu nome

35 *Moisés* personagem bíblico, líder do povo hebreu durante a fuga do Egito e que, mais tarde, recebe de Deus as tábuas com os dez mandamentos. *Ésquilo* (525-426 a.C.) poeta trágico grego; pelas suas inovações, é considerado o criador do teatro. *Dante Alighieri* (1265-1321) autor italiano da *Divina comédia*. Dante, receando penetrar pelo reino dos mortos, vê Virgílio que, dizendo-se enviado por Beatriz, o anima a prosseguir caminho (*Divina comédia*, Canto II e início do Canto III). *Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni* (1475-1564) escultor, pintor, arquiteto e poeta italiano, um dos maiores gênios da humanidade.

36 Referência a Jean-Gilbert de Campistron (1656-1723), autor de tragédias e comédias, pálido imitador de Racine e quase plagiador do dramaturgo *Pierre Corneille* (1606-84); sua tragédia *Tirídates* foi representada em Paris em 1691.

37 *Joseph Prudhomme* é o tipo da nulidade intelectual satisfeita de si, criação do literato e caricaturista francês Henri Monnier (1805-77); o autor indiretamente se refere aqui a Wellington, gênio militar inglês vitorioso na batalha de Waterloo.

38 Palavras de Jesus à pecadora que ungiu seus pés com perfumes: *Por que muito amou, muito lhe será perdoado* (Lc VII-47).

39 O bramanismo chega ao exagero de ver com maus olhos os carpinteiros, porque mutilam matérias orgânicas, discutindo até acerca do cultivo dos campos, devido ao perigo que existe de se tirar a vida aos insetos. O autor refere-se ao versículo 21, capítulo 3 do Eclesiastes, o segundo dos livros sapienciais, e não do Eclesiástico, confusão muito comum, devida à semelhança de nomes entre os dois livros sagrados: *Quem sabe se o espírito dos filhos de Adão subirá para cima, e se o espírito dos brutos descerá para baixo?*

40 *Francisco de Assis* (1182-1226) fundador de ordens; sua amizade com os animais é quase legendária, sendo muito conhecidos o sermão aos passarinhos, a ovelha que o seguia nos ofícios divinos, e o lobo convertido pela sua palavra, sentimentos condensados de modo poético e admirável no seu *Cantico delle Creature*. *Marco Aurélio* (121-180) Imperador romano, discípulo do escravo Epicteto, de excepcional bondade, um dos maiores representantes da escola estoica; seus *Pensamentos* estão entre os mais belos livros da humanidade.

41 A antipatia demonstrada por Victor Hugo a respeito de Gregório XVI (1765-1846) prende-se à

publicação da encíclica *Mirari Vos*, de agosto de 1832, em que o Papa condena a liberdade de imprensa.

42 *Lucrécio* (98-53 a.C.) poeta latino, autor do poema *De Natura Rerum*, preocupou-se com a astronomia, a física, e sobretudo com a grandiosidade e a fraqueza do homem diante dos problemas oferecidos pela natureza. *Manu* (o pensador, o homem tipo) ser mitológico, divindade feita homem na teogonia indiana do bramanismo; ele veio à terra a mando dos deuses para ensinar aos homens as leis da vida; em cada época da cronologia cosmogônica aparece um Manu; foi ele quem ditou o

43 *Golfo de Juan* perto de Cannes, é o lugar onde desembarcou Napoleão de volta da ilha de Elba (1º. de março de 1815); dirigindo-se para Grenoble, foi na cidade de Digne que fez sua primeira proclamação ao exército e ao povo da França.

44 *Henri-Gatien, Conde Bertrand* (1773-1844) General francês, seguiu Bonaparte desde as campanhas do Egito até sua morte, em Santa Helena (1821).

45 Patoá dos Alpes franceses: *chat de Maraude*; correspondente etimologicamente ao nosso gatuno [N.A.]

46 *A Medusa* fragata encalhada no banco de Arguin em julho de 1816, tendo a bordo quatrocentos marinheiros e soldados; como os botes eram insuficientes para transportar todos os passageiros, construiu-se uma jangada na qual cento e cinquenta e duas pessoas tomaram lugar. O cabo que a ligava aos botes partiu-se, e a jangada ficou à deriva, dando lugar às cenas mais horripilantes. Quando os náufragos foram recolhidos, eram apenas quinze.

47 *Benedicite* (Abençoai) primeira palavra de uma oração rezada antes das refeições.

48 *Jean Valjean*, que Victor Hugo chamou primeiramente de Jean Tréjean ou Vlajean, é personagem inspirado em Pierre Maurin, condenado igualmente pelo roubo de um pão; libertado, foi acolhido pelo Bispo de Digne, Bienvenu de Miollis, em idênticas circunstâncias às aqui narradas a respeito de Jean Valjean; o Bispo o recomendou a seu irmão, o General François Miollis; este ficou tão bem impressionado com Maurin que o tomou como seu ordenança. Pierre Maurin morreu valentemente em Waterloo.

49 *Claude Gueux* romance editado em 1832, um dos vários trabalhos de Victor Hugo contra a pena de morte.

50 *Ignorantinos* nome que, por humildade, tomavam os Irmãos da Caridade ou Irmãos das Escolas Cristãs fundadas por São João de Deus em 1540; durante a Revolução, chamavam-nos assim por desprezo.

51 O verso de que fala o autor é o verso 10 do Canto III do “Inferno”: *Lasciate ogni speranza, voi, ch’entrate!*

52 *Pierre Puget* (1622-94) pintor, escultor e arquiteto francês; entre seus trabalhos mais célebres como escultor figura o famoso pórtico da Câmara de Toulon.

53 A prisão. [N.A.]

54 *Edmond Biré* (1829-1907) literato e historiador francês, entre os vários trabalhos que escreveu sobre Victor Hugo, publicou mais de quatrocentas páginas somente sobre este capítulo de *Os miseráveis* (*Victor Hugo et la Restauration*).

55 Na verdade, Luís XVIII, irmão de Luís XVI, foi proclamado Rei de França somente em 1814, tendo portanto, em 1817, apenas três anos de reinado; mas ele contava seu reinado, feito de fugas contínuas, a partir de 1795, ano em que morreu o Delfim na Tour du Temple (v. nota 24/1).

56 *Bruguière de Sorsum* (1773-1823) traduziu para o francês algumas tragédias de Shakespeare em versos brancos e rimados.

57 *Jean-Baptiste, Conde Lynch* (1749-1835) político francês, apesar de ter sido nomeado *Maire* de Bordeaux por Napoleão (1808), a partir de 1813 ligou-se ao partido realista contra o Imperador.

58 *Louis-Antoine de Bourbon, Duque de Angoulême* (1775-1844) último Delfim da França, filho do Conde d’Artois, depois Carlos X; em 1814, seguiu o exército de Wellington, e foi o primeiro a fazer a proclamação do reinado de Luís XVIII, em Bordeaux.

59 *Felice Pellegrini* (1774-1832) cantor italiano, foi ouvido em Paris somente em 1819, na ópera *Agnese Paër*. *Emilia Bigottini* (1785-1858) dançarina da Ópera de Paris, célebre a partir de 1813. *Charles Potier*

(1775-1838) comediante francês, apreciadíssimo em seu gênero. *Jacques-Charles Odry* (1781-1853) comediante francês de fama e sucessos quase legendários.

60 *Lalanne Saqui* (1786-1866) acrobata francesa, rivalizava com *Pierre Forioso* (1772-1846) em suas danças na corda. Napoleão costumava adular Madame Saqui, chamando-a de sua *enragée* (furiosa).

61 *Charles-François-Louis Delalot* (1772-1842) político francês de ideias contrarrevolucionárias, foi, no reinado de Luís XVIII, o redator do *Journal des Débats*, órgão realista.

62 *Pleignier, Carbonneau e Tolleron* membros da sociedade secreta Patriotes Associés, foram julgados por atentado contra a família real; acusavam-nos de quererem destruir as Tuileries; foram condenados em 1816 à pena dos parricidas; mãos e cabeça decepadas. *Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord* (1754-1838) diplomata francês, seguiu a carreira eclesiástica contra a vontade, sendo mais político que religioso; sob o reinado de Luís XVIII, foi nomeado, entre outras coisas, Ministro das Relações Exteriores e Príncipe de Talleyrand. *Joseph-Dominique Louis* (1755-1837) estadista francês, notável por sua competência em questões econômicas, foi nomeado por Talleyrand Ministro das Finanças, cargo em que continuou com a vinda de Luís XVIII.

63 *Touquet* antigo Coronel da Guarda, publicou a edição das obras escolhidas de Voltaire somente em 1821, e não em 1817. As tabaqueiras *à la charte* também foram uma inovação de Touquet. Eram assim chamadas por trazerem na tampa um trecho da carta constitucional outorgada ao povo francês por Luís XVIII, em junho de 1814.

64 Charles Dautun assassinou seu irmão em 1814, e não em 1817; foi condenado à morte e executado no dia 28 de março de 1815.

65 *Visconde Duroy de Chaumareix* (1766-1830) Capitão de Marinha, tristemente célebre por sua imperícia. Causando o naufrágio da fragata, foi um dos primeiros a se porem a salvo. *Jean-Louis-André-Théodore Géricault* (1791-1824) pintor francês, autor da colossal tela sobre os náufragos da *Medusa*, exposta em Paris no ano de 1819, com a qual inaugurou o movimento romântico na pintura.

66 *Octave-Joseph-Anthelme de Sèves* (e não Selves) (1787-1860) serviu no exército francês durante o Império e os Cem Dias; em 1816 foi para o Egito como Instrutor do Exército daquele país, converteu-se ao maometanismo e passou a ser conhecido como Solimão-Pachá.

67 *Charles Messier* (1730-1817) Astrônomo da Marinha, descobridor de numerosos cometas, falecido no ano de que fala Victor Hugo.

68 *Claire de Kersaint, Duquesa de Duras* (1777-1828) durante a Restauração, sua casa foi o ponto de reunião dos mais brilhantes escritores; porém só começou a escrever em 1820, e não em 1817; seu primeiro romance, *Ourika*, apareceu somente em 1823.

69 *Mathurin Bruneau* (1784-1825) filho de um tamanqueiro, fazia-se chamar de Barão de Vezins, depois Carlos de Navarra, e finalmente apresentou-se como sendo o Delfim Luís XVII; em 1818, depois de ter convencido muita gente, foi condenado à prisão por vagabundagem e usurpação de nome.

70 Victor Hugo, então com apenas quinze anos, concorreu a esse prêmio com um poema: “Les Avantages de l’Étude”. Sainte-Beuve conta que o autor cometeu uma imprudência ao indicar a própria idade, pois o trabalho denotava um espírito tão maduro que julgaram tratar-se de alguma mistificação; foi classificado em nono lugar, obtendo menção honrosa.

71 *Nicolas de Bellart* (1761-1826) Magistrado francês, entre os escolhidos para defender o Rei Luís XVI, foi um dos primeiros a chamar de grande homem a Napoleão, o que não impediu que fosse nomeado por Luís XVIII Procurador-Geral da Corte de Paris.

72 *Jacques-Nicolas de Broë* (1790-1840) em 1818 foi nomeado substituto na Corte Real em Paris, e, em 1821, encarregado do processo contra *Paul-Louis Courier* (1772-1825), escritor francês, autor de numerosas sátiras e panfletos dotados de excelente qualidade literária.

73 *Louis-Antoine-François Marchangy* (1782-1826) Magistrado francês, autor de poemas medíocres, e da *Gaule Poétique*. *François René, Visconde de Chateaubriand* (1768-1848) escritor francês, dominou toda a

literatura até 1830, liderando a escola romântica. Victor Hugo, no começo de suas aspirações literárias, escreveu em seu caderno no dia 10 de julho de 1816, tendo então apenas catorze anos: “Serei Chateaubriand ou nada”. *Charles-Victor Prévot, Visconde de Arlincourt* (1789-1856) durante a segunda Restauração, a que se seguiu aos Cem Dias, não conseguiu obter nenhum cargo público, dedicando-se inteiramente a seus romances históricos, que não passavam de panfletos contra o novo regime.

74 *Claire d’Albe* apareceu em 1799. É um romance de *Marie Cottin* (1770-1807), autora de cinco romances de prodigioso sucesso na época. Malek-Adel não é título de livro, mas personagem de *Mathilde* ou *Mémoires Tirés de l’Histoire des Croisades*, da mesma autora, editado em 1805.

75 O Colégio Real da Marinha, em Angoulême, foi criado por decreto em janeiro de 1816. O Instituto de França, que substituiu as academias existentes antes de 1793, foi reorganizado por decreto real de março de 1816, excluindo forçosamente Napoleão, membro daquela entidade desde 1797.

76 *Franconi* nome de uma família de origem italiana, célebre por seus espetáculos circenses. Em 1817, o circo Franconi era dirigido pelos irmãos Laurent e Jean com o nome de Cirque Olympique.

77 *Fernando Paër* (1771-1839) compositor italiano, muito estimado por Napoleão, compôs sua ópera *Agnese* em 1811, sendo este talvez o seu melhor trabalho. Em 1817, era o Mestre de Capela do palácio real e professor de música na casa da Duquesa de Barry, onde também era sua aluna a Marquesa de Sassenage.

78 *Edmond Géraud* (1775-1831) escritor francês. Em sua obra *Un homme de lettres sous la Restauration*, publicou algumas poesias, entre as quais a romanza “L’Ermitte de Saint-Avelle”.

79 *Le Nain Jaune* jornal de artes, ciências e literatura, fundado em 1814, muito lido por suas sátiras e epigramas contra as personalidades do Antigo Regime, suprimido em 1815; portanto, em 1817, já não existia havia dois anos. O primeiro número do *Miroir* apareceu somente em 1821. *Le Nain Jaune* não só não se transformou em outro jornal como continuou a ser editado na Bélgica em 1816 sob o nome de *Le Nain Jaune Réfugié*, aparecendo novamente na França em 1857, deixando de ser impresso somente em 1867.

80 *Charles Ferdinand de Bourbon, Duque de Berry* (1778-1820) Príncipe francês, sobrinho de Luís XVIII; sua família, não reconhecendo seu primeiro casamento com Ana Brown, obrigou-o, em 1816, a se casar com Maria Carolina Luisa, Duquesa de Nápoles, natural da Sicília; o Príncipe foi assassinado em fevereiro de 1820 por Louis-Pierre Louvel (1783-1820) o qual, fanático por Napoleão, jurara exterminar a família dos Bourbon.

81 *Anne-Louise-Germaine Necker, conhecida como Madame de Staël* (1766-1817), com Chateaubriand, iniciou a idade moderna da literatura francesa. Morreu em Paris no dia 14 de julho de 1817.

82 *Anne-Françoise-Hipollyte Salvetat, conhecida como Mlle. Mars* (1779-1847) incomparável atriz francesa, principal intérprete de inúmeras peças teatrais, entre as quais se incluem *Hernani* e *Angelo* de Victor Hugo; foi um tanto criticada pela atitude bonapartista que tomou durante os Cem Dias.

83 *Le Constitutionnel* jornal liberal fundado em 1815, tomou parte importante nas críticas ao governo de Carlos X. *La Minerve Française* hebdomadário fundado em fevereiro de 1818, em substituição ao *Mercure de France*, não existia ainda em 1817.

84 *Jacques Louis David* (1748-1825) pintor francês, aderiu de corpo e alma ao movimento revolucionário de 1792. Durante o Império, Napoleão nomeou-o seu primeiro pintor. Chegada a Restauração, fugiu para o exílio, para não ter de solicitar anistia como “regicida”. *Antoine-Vincent Arnault* (1766-1834) poeta trágico e literato francês, seguiu Napoleão à Itália, sendo exilado em 1816 pelos Bourbon. *Lazare-Nicolas-Marguerite Carnot* (1753-1823) General e estadista francês, foi Ministro do Interior durante os Cem Dias e exilado como regicida pela Segunda Restauração. *Nicolas Jean de Dieu Soult, Duque da Dalmácia* (1769-1851) General e político francês; desempenhou brilhante papel na batalha de Austerlitz (1805).

85 *René Descartes* (1596-1650) filósofo e matemático francês, depois de se ter engajado voluntariamente em vários exércitos, em 1629, a fim de não ser perturbado em suas meditações, retirou-se voluntariamente para a Holanda, onde viveu durante vinte anos. Não foi, portanto, exilado como diz Victor Hugo.

86 *Henrique* IV (1553-1610) Rei de França. Seu reinado caracterizou-se pelo progresso dado à nação

esgotada pelas Guerras de Religião e lutas contra a Espanha. Em 1635 foi-lhe erigido um monumento em bronze ao lado da Pont Neuf; em 1792, fundiram-no para fazer canhões; vinda a Restauração, o escultor Lemot foi encarregado de erigir-lhe nova estátua equestre, inaugurada em 25 de agosto de 1818. Em 1814, à entrada de Luís XVIII em Paris, foi erigido um pedestal provisório, para o modelo em gesso de Lemot, no qual se lia esta inscrição: *ludovico reduce, henricus redivivus*. Em 1817, foi erigido o pedestal definitivo, e a inscrição, completamente mudada, não incluía mais a palavra *redivivus*; estava assim redigida: *Tout périssait, enfin, Iorsque Bourbon parut*. Nessa ocasião V. Hugo escreveu a *Ode sobre a estátua de Henrique IV*, sendo premiado pela Academia com o Lis de Ouro.

87 *François Piet* (1774-1839) Deputado do Departamento de la Sarthe. Segundo Biré, Piet morava no número 8 da Rue Thérèse, onde as reuniões, com mais de duzentos membros, eram feitas desde 1815.

88 *Claude-René, Barão Bacot de Roman* (1780-1853) eleito Deputado em 1815, como representante do Departamento de Indre-et-Loire.

89 A conspiração *du bord de l'eau*, aliás sem importância alguma, deu-se em 1818; é assim denominada por ter sido tramada no terraço do palácio das Tuileries, à beira do Sena; alguns deputados ultrarrealistas queriam raptar o Rei, obrigando-o a abdicar ou a mudar de ministério. *Monsieur* era o título do Conde d'Artois (1757-1836), irmão de Luís XVIII, a quem sucedeu em 1824 com o nome de Carlos X.

90 Sociedade secreta desmantelada em 1817; seus membros usavam como distintivo um alfinete de ouro cuja cabeça se assemelhava a uma mosca negra; era constituída por oficiais do antigo exército, descontentes com o novo regime.

91 *Delaverderie e Trogoff* ambos militares, figuraram somente em uma conspiração, a chamada Conspiração de 19 de agosto de 1820 ou Conspiração Militar do Bazar, pois seus correligionários se reuniam no Bazar Francês, estabelecimento comercial situado na Rue Cadet, em Paris.

92 *Elie Decazes* (1780-1860) estadista francês, favorito de Luís XVIII. Em 1817 era Ministro da Polícia.

93 Edmond Biré, em seu livro Victor *Hugo avant 1830*, diz-nos que Chateaubriand (v. nota 73/1) morou, desde julho de 1815 até 1818, na Rue de l'Université, número 25. Foi aí que Victor Hugo o visitou em 1817, como ele mesmo nos conta. *De la Monarchie selon la Charte* foi publicada em 1816, e não podia ser ditada em 1817; nessa obra Chateaubriand acusa Decazes de ter tomado parte no assassinato do Duque de Berry (v. nota 80/1).

94 *Pierre Rapenouille* (1773-1846) ator trágico, conhecido como Lafon, por muito tempo dividiu com *Talma* (François Joseph, 1763-1826) a preferência do público francês.

95 *Charles-Marie Dorimond Féletz* (1767-1850) crítico literário do *Journal de Débats*, em que passou a ser considerado um dos melhores da época. *François Benoit Hoffmann* (1760-1828) ator dramático e crítico literário, colaborava também no *Journal de Débats*, e assinava com a inicial H. Somente em 1824 é que apareceu um artigo de Hoffmann assinado com a inicial Z.

96 *Charles Nodier* (1780-1844) escritor francês, publicou *Thérèse Aubert* somente em 1819.

97 *Rei de Roma* título pomposo dado a François-Charles-Joseph Bonaparte, Napoleão II (1811-32), filho de Napoleão I e de Maria Luísa; sua vida inspirou a Edmond Rostand um de seus dramas mais comoventes, *L'Aiglon*.

98 *Trinquelague* antigo Subsecretário do Estado no Ministério da Justiça, era um dos membros mais influentes da direita, um dos fortes candidatos à Presidência da Câmara em 1816. *Clausel de Montals* Sacerdote católico, posteriormente Bispo da diocese de Chartres, irmão de *Clausel de Coussergues*, também Sacerdote, Vigário Geral de Amiens, falecido em 1835; Coussergues tomou parte brilhante nas polêmicas suscitadas, de 1817 a 1830, pelas obras de Lamennais (v. nota 108). *Conde de Salaberry* de 1816 a 1830, membro da Câmara dos Deputados, assinalou-se pela exaltação e, ao mesmo tempo, pela lealdade de seus sentimentos monarquistas. Faleceu em janeiro de 1847.

99 *Louis-Benoit Picard* (1769-1828) autor dramático francês. Sua obra *Les Deux Philibert* foi representada no teatro Odéon em agosto de 1816, e não em 1817. *Jean-Baptiste Poquelin-Molière* (1622-73) o maior

poeta cômico francês, como outros grandes nomes da literatura francesa – Pascal, La Rochefoucauld, Descartes – não pertenceu à Academia, fundada oficialmente havia pouco tempo, em 1635. O título de Teatro da Imperatriz, dado ao Odéon, foi conseguido pelo próprio Picard. Em 1816 o teatro passou a ser chamado Teatro Real.

100 *Cugnet de Montarlot* (1778-1824) soldado intrépido, de espírito aventureiro, várias vezes preso como conspirador; em 1817, estava implicado entre os Chevaliers du Lion Dormant, sociedade secreta julgada pelos tribunais de Paris em julho desse mesmo ano. *Charles-Nicolas Fabvier* (1782-1855) em 1817 era Chefe do Estado Militar Maior do Duque de Ragusa; tomou parte, em 1820, na Conspiração do Bazar (v. nota 90). *Nicolas Bavoux* (1774-1848) Jurisconsulto francês, professor suplente da Faculdade de Direito, em julho de 1819 compareceu diante dos tribunais sob a acusação de ter provocado, com seus discursos, a desobediência às leis.

101 Em 1817, foram feitas quatro edições diferentes de Voltaire; a de Déterville e Lefevre, a de Plancher, a de Perroau e a de Desoër. Os bibliófilos não mencionam nenhuma edição Pelicier de Voltaire. Pelicier, que o autor chama aqui de ingênuo, foi o primeiro editor de Victor Hugo, em 1822.

102 *Loyson, mesmo voando, não esconde as patas que tem*. *Charles Loyson* (1791-1820) escritor francês, concorreu em 1815, junto com VICTOR Hugo, ao prêmio instituído pela Academia (v. nota 70/1), *Le Bonheur de l'Étude*, outorgado somente em 1817, tendo Loyson ganho o terceiro lugar, ao passo que Victor Hugo foi classificado em nono. O verso aqui citado é uma paródia de Henri Latouche ao verso de Lemierre: *Même quand l'oiseau marche, on sent qu'il a des ailes*. Victor Hugo porém deturpou um pouco a paródia de Latouche, escrevendo *pattes*, em vez de *pieds*.

103 *O Cardeal Fesch*, tio de Napoleão (v. nota 3/1), retirou-se para Roma depois da abdicação do Imperador, voltou para a França durante os Cem Dias e foi novamente para Roma depois de Waterloo. Jamais quis renunciar à arquidiocese de Lyon, da qual era Arcebispo.

104 *O Val de Dappes* pertenceu primeiro à Suíça, foi cedido a Napoleão em 1804 e restituído à Suíça em 1815 pelo Congresso de viena; a França, porém, continuou a mantê-lo sob sua jurisdição, até que, em 1863, o tratado de Berna o dividiu definitivamente entre a França e a Suíça.

105 *Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon* (1760-1825) filósofo francês, em 1817 já havia publicado numerosos trabalhos; sonhava estabelecer a monarquia industrial. "Nada", dizia ele, "pode se opor ao estabelecimento da monarquia industrial se, de uma parte, os industriais franceses, e de outra, a casa de Bourbon, quiserem constituir essa forma de governo."

106 *Jean-Baptiste-Joseph, Barão Fourier* (1768-1830) autor de obras científicas, eleito membro da Academia de Ciências precisamente em 1817. *Charles Fourier* (1772-1837) sociólogo e filósofo francês, autor da Teoria da Unidade Universal.

107 *George Gordon, Lord Byron* (1788-1824) poeta inglês que exerceu considerável influência sobre toda a literatura europeia, em 1817 já havia publicado várias obras importantes, suscitando, em 1807, violentas discussões. Mais tarde, voluntariamente exilado da Inglaterra, foi para a Grécia, lutando por sua libertação. Adoecendo, faleceu em Missolonghi, sendo considerado um dos mártires da independência grega. *Charles-Hubert Millevoye* poeta francês, faleceu em 1816, e não podia falar de Byron em 1817. Escreveu, aliás, sobre as obras de Lord Byron numa das notas de seu poema "Alfredo, Rei da Inglaterra", publicado em 1815.

108 *Pierre-Jean-David d'Angers* (1788-1856) escultor francês, ganhou o grande prêmio de escultura em 1811.

109 *Guy-Toussaint-Joseph Caron* (1760-1825) Sacerdote católico, fundador de vários estabelecimentos de caridade. *Félicité Robert de Lamennais* (1782-1854) escritor francês, foi ordenado Sacerdote em 1816, e em 1817 publicava seu trabalho *A indiferença em matéria de religião*. Mais tarde, preconizando a separação da Igreja e do Estado, teve sua doutrina condenada pelo Papa Gregório XVI. O trabalho acima citado foi escrito nas Feuillantines, na mesma casa habitada por Victor Hugo em sua infância.

110 *Vincent-Marie, Conde de Vaublanc* (1756-1845) como Ministro do Interior, assinou em 1816 o decreto

que reorganizava o Instituto de França. Nessa ocasião foram eliminados onze membros da Academia Francesa, sendo nomeados nove outros pelo Rei e dois pela votação dos acadêmicos.

111 *Guy-Delaveau ou de Lavau* advogado em 1810, Juiz Auditor em 1815, não foi nomeado Chefe de Polícia em 1817, mas em 1821.

112 *GuillauMme Dupuytren* (1777-1835) cirurgião célebre, em 1817 era o principal cirurgião do Hospital Geral, em Paris, e professor de clínica externa na Faculdade de Medicina. *Joseph-Claude-Barthélemy Récamier* (1774-1852) célebre cirurgião francês, educado dentro dos princípios católicos, fazia parte da escola vitalista, isto é, admitia a existência de uma força distinta do elemento material do organismo.

113 *Georges Cuvier* (1769-1832) naturalista francês, criador da anatomia comparada e da paleontologia; em seu livro *Recherches sur les Ossements Fossiles*, publicado em 1812, proclamou o acordo existente entre os livros sagrados e a ciência.

114 *Nicolas-Louis François Neufchâteau* (1750-1828) poeta, político e agrônomo francês. Em 1817, quando Victor Hugo recebeu um "encorajamento" pelo trabalho apresentado à Academia (v. nota 70/1), foi um dos que celebraram em versos o talento precoce do jovem autor. Como Presidente da Sociedade Real da Agricultura, publicou, em 1817, uma obra intitulada *Suplément au Traité de M. Parmentier sur le maïs*. *Antoine-Augustin Parmentier* (1737-1813) filantropo e agrônomo francês, incentivador do cultivo da batata (*pomme de terre*) na França em 1769.

115 *Henri Grégoire* Bispo de Blois, em 1792 votou pelo julgamento do Rei, não porém pela pena de morte. Durante a Restauração, renunciou à sua diocese, vivendo longe das questões políticas até 1819, quando, eleito novamente Deputado, viu sua eleição anulada pela Câmara.

116 *Pierre-Paul Royer-Collard* (1763-1845) advogado e político francês, nomeado em 1811 professor de história e filosofia na Faculdade de Letras de Paris.

117 *É favor compor as roupas antes de sair.*

118 "*Oscar*", canção anônima, cuja estrofe terminava assim: *Brulez pour lui les parfums d'Arabie*/*Oscar s'avance, Oscar, je vais le voir*.

119 *Ossian* herói e bardo legendário escocês, do século III. *James Macpherson* (176-396) escocês de talento, publicou em 1760 a primeira antologia dos poemas de Ossian, de grande importância pela influência exercida sobre os maiores românticos da época, Lamartine, Mme. De Staël, Chateaubriand etc. Sua autenticidade, porém, é discutida, parecendo mais serem inspirados em lendas posteriores ao século XII.

120 *Pierre-Louis Samuel Castaing* (1767-1845) político francês, Inspetor-Geral do Serviço Florestal desde 1806.

121 *Jean-Pierre-Jacques-Auguste de Labouïsse-Rochefort* (1778-1852) autor de relações de viagens, variedades literárias e biográficas e também de poesias, tornou-se célebre por seu romance com uma jovem de grande beleza, Eleonora, à qual dedicou inúmeros poemas. *Graças* divindades greco-romanas, filhas de Júpiter e de Vênus, personificação da beleza e da graça. De ordinário, contavam se três, Eufrosina, Tália e Aglaia.

122 *Keepsakes* (de *to keep*, guardar, e *sake*, coisa, objeto) palavra inglesa significando coisa dada para ser guardada como lembrança, designa especialmente os álbuns ilustrados dados como presente por ocasião do Natal e Ano Bom, moda generalizada na Inglaterra, e mais tarde, em 1820, também na França.

123 *Claude-Étienne Delvincourt* (1762-1831) Jurisconsulto francês, professor, mais tarde membro do Conselho Real de Instrução Pública. *Jean-Baptiste Blondeau* (1784-1854), professor de direito romano na Faculdade de Paris.

124 *Galateia* pastora de que fala virgílio em sua terceira *Écloga*; um jovem pastor, Dametas, conta como Galateia lhe jogou uma maçã, fugindo depois pelo meio dos salgueiros, tendo o cuidado de se deixar ver.

125 *Erígone* filha de Icário, a quem Baco, em agradecimento pela hospitalidade com que o receberam, ensinou a arte de fazer vinho. Icário deu vinho aos camponeses, estes se embriagaram e, julgando-se

envenenados, o mataram. Erígone, desolada, suicidou-se.

126 *Spencer* jaleco usado em princípios do século XIX, nome derivado de Lord John-Charles Spencer (1782-1845), que lançou a moda. *Canebière* uma das ruas mais animadas de Marselha. *Canezou* Emile Littré, filólogo francês, o define como *vestido sem mangas*.

127 *Juno* uma das divindades romanas, mulher de Júpiter, rainha do céu e deusa da luz. *Nicolas Coustou* (1658-1733) escultor francês.

128 *Jean-Antoine Watteau* (1684-1721) pintor, autor de uma das obras mais célebres da arte francesa: *A partida para Cítera* (1717). *Nicolas Lancret* (1690-1743) pintor francês, condiscípulo de Watteau. *Denis Diderot* (1713-84) escritor francês, um dos responsáveis pela publicação da *Enciclopédia*. *Honoré d'Urfé* (1568-1625) romancista francês, autor de *L'Astrée*, romance galante de grande influência na literatura e na sociedade da época.

129 *Turcaret* personagem da comédia homônima de Lesage, tipo de homem grosseiro e iletrado, rico a poder da miséria alheia, enganado por quantos o rodeiam. *Príapo* deus que presidia aos jardins, às vinhas e à geração. *François-Joachim de Pierre de Bernis* (1715-94) Sacerdote, poeta galante em sua juventude.

130 *Sou de Badajoz;/ o amor me chama./Toda a minha alma/está em meus olhos/porque me mostras tuas pernas* (canção da Galícia).

131 *Faziam sob a mesa um ruído de pés insuportável.* O original de Molière (em *L'Étourdi*) traz *insupportable*, em vez de *épouvantable*.

132 *Cavalos de Marly* célebre grupo de mármore esculpido por Guilherme Coustou, colocados primitivamente no castelo de Marly, atualmente na Place de la Concorde.

133 Devolvam-nos nosso pai de Gand. *Gand* cidade da Bélgica, para onde fugiu Luís XVIII, durante os Cem Dias.

134 *Jules Anglès* (1778-1828) Chefe de Polícia de setembro de 1815 a dezembro de 1821.

135 *10 de agosto de 1792* o palácio das Tuileries é atacado pela multidão; Luís XVI é preso e conduzido com sua família para a Tour du Temple. *Austerlitz* brilhante vitória alcançada por Napoleão contra os imperadores da Áustria e da Rússia (3 de dezembro de 1805), perto de Austerlitz, pequena cidade da Morávia.

136 *Rue Greneta* onde foi definitivamente vencido o movimento de insurreição tentado pela sociedade Les Saisons (13 de maio de 1839).

137 *Carmagnole* canção política composta em agosto de 1792, pouco antes da prisão de Luís XVI. Marseillaise (v. nota 26/2).

138 *Alexandre Grimod de la Reynière* (1758-1838) célebre gastrônomo, presidente de uma espécie de academia de gulosos em Paris. *Talleyrand* (v. nota 62/1).

139 *Pedro, tu és pedra, e sobre essa pedra edificarei a minha Igreja* (Mt XVI, 18). Sara, mulher de Abraão, ao nascimento de Isaac (em hebreu o termo *Ishag* significa o que ri), diz: *Deus me deu um motivo de riso e de alegria* (Gn XXI, 6). Ésquilo, em *Os sete contra Tebas*, chama Polínice de briguento (*polys*, muito, *neikes*, contendas, questões). *Verdadeiramente nosso pai te pôs, por uma Providência divina, o nome adequado de Polínice, tirado das questões que provocas.* Cleópatra, quando Torino foi tomada por Otávio, disse a Antônio: *Que perigo pode haver se César está em Torino?*

140 *Anfiaraus* adivinho grego, Rei de Argos, célebre por sua coragem e prudência.

141 *Há uma medida para cada coisa* (Horácio, Sátiras, I, sat. I).

142 *De Nero* (37-68) Imperador famoso por atear fogo em Roma.

143 *Lucius Cornelius Sila* (138-78 a.C.) depois de ter abusado do poder, sob o pretexto de manter a ordem nomeando-se ditador perpétuo de Roma, abdicou, retirando-se para sempre da vida política. *Orígenes* (185-254) exegeta e teólogo, autor de inúmeras obras; mutilando-se, renunciou à virilidade.

144 *Agora, ó Baco, eu te cantarei* (Virgílio, Geórgicas, II, 2).

145 *Os padres otários deram* / *dinheiro a um agente* / *para que Mons. Clermont-Tonnerre*/*fosse eleito Papa no São João;*/*mas ele não podia sê-lo*/*não sendo Padre;* /*Então o agente enfurecido*/*levou o dinheiro.*

146 *Justiniano I* Imperador romano do Oriente (482-565). *Ripaille* célebre castelo para onde se retirou Amadeu VIII, primeiro Duque de Saboia, depois de sua abdicação. A vida cômoda e voluptuosa que aí levava fez de Ripaille sinônimo de prazer e glutoneria.

147 *François Elleviou* (1769-1842) cantor francês; casando-se em 1813, apesar de toda a celebridade de que desfrutava, renunciou à sua carreira teatral.

148 *Arnaud Berquin* (1747-91) escritor francês, conhecido pelas obras que compôs para a juventude. *Joseph Berchoux* (1762-1838) autor de *La Gastronomie*, obra que, por sua jocosidade, bastou para torná-lo ilustre.

149 *Lúcio Apuleio* escritor latino do século II, em *O burro de ouro* ou *Metamorfoses*, enumera os albergues por onde passou em suas viagens.

150 *Nada de novo sob o sol…* (Eclesiastes I, 10). *O amor é igual para todos* (Virgílio, Geórgicas, III, 244).

151 *Sócrates* (468-400) pensador grego, um dos maiores filósofos de todos os tempos. *Manon Lescaut* heroína do romance homônimo de Prévost, publicado na Holanda em 1731. *Aspásia* mulher grega de grande formosura e inteligência, amante de Péricles (499-429 a.C.). Era amiga e protetora das artes. *Prometeu* deus ou gênio do fogo, na mitologia grega; criador da raça humana, condenado por Zeus a ter o fígado, que renascia sempre, roído por um abutre.

152 *Mâtin!* interjeição familiar, corresponde a: Puxa! Ai! Quando substantivo, tem também o significado de manhã. Victor Hugo parodia aqui os versos de Malherbe, substituindo o substantivo pela interjeição: Ela é deste mundo, onde carros e carroças /têm o mesmo destino,/e, inútil, ela viveu o que vivem os inúteis,/o tempo de um ai! O original de Malherbe diz assim: *Elle était de ce monde où les plus belles choses / Ont le pire destin,/ Et, rose, elle a vécu ce qui vivent les roses,/L'espace d'un matin.*

153 *Nicolas Laffitte* (1781-?) corsário francês que agia no mar das Antilhas. *Abraham-Jacques Caillard* (1734-76) Jurisconsulto francês, célebre pela sua eloquência e facilidade de expressão.

154 *Polifemo* ciclope da mitologia grega, figura num episódio da *Odisseia*. *Calibã* personagem fantástico que Shakespeare introduziu em seu drama *A tempestade*. Filho de uma feiticeira e de um demônio, é a personificação do monstro obrigado a obedecer a um poder superior, embora contra a vontade.

155 São versos da *romanza Imogine et Alonzo*, de autor desconhecido: *É preciso, dizia um guerreiro,*/*Para a bela e terna Imogina…*

156 *É preciso, eu sou cavaleiro,*/*Vou partir para a Palestina.*

157 *Magdeleine de Scudéry* (1607-1701) escritora francesa, autora de *Clélia* (1656), romance de grande importância na literatura francesa. *Mme. Barthélemy-Hadot* (1763-1621) autora de romances históricos. *Marie-Madeleine Pioche de la Vergne, Condessa de Lafayette* (1634-93) escritora francesa de delicada sensibilidade. *Condessa Charlotte de Bournon-Malarme* (1753-1830), também romancista.

158 *Pigault-Lebrun* (v. nota 15/1).

159 *Megera* da mitologia greco-romana, personificação da inveja e do ódio. *Pamela* heroína do romance homônimo de Samuel Richardson, romancista inglês (1689-1761).

160 *François-Guillaume Ducray-Duminil* (1761-1819) autor de romances populares de grande êxito.

161 *Joseph Fouché, Duque de Otranto* (1759-1820) tomou parte importante na política francesa desde 1792 até 1816.

162 *Estige* na mitologia grega, rio dos infernos, que envolvia nove vezes em suas sinuosidades o reino dos mortos.

163 *Marco Júnio Bruto* (86 a.C.-?) um dos assassinos de César. *François-Eugène vidocq* (1775-1857) aventureiro e Chefe da Polícia de Segurança de Paris.

164 *René-Théophile-Hyacinthe Laënnec* (1781-1826) médico francês, inventor do estetoscópio e do método de auscultação para as doenças do peito, substituindo o método de percussão que então era usado.

165 *Roch-Ambroise Cucurron, conhecido como Padre Sicard* (1742-1822) pedagogo francês. Dedicou-se à educação dos surdos e mudos, primeiramente em Bordeaux, onde sucedeu ao Padre Charles-Michel Epée, criador dos sinais convencionais usados para a conversação de surdos-mudos, e depois em Paris, onde morreu.

166 *Homero* um dos mais antigos e o mais célebre dos poetas gregos, autor da *Ilíada* e da *Odisseia*. *John Milton* (1608-74) poeta inglês autor do *Paraíso perdido*. *Dante* (v. nota 35/1).

167 Os parênteses são do próprio Jean Valjean. [N.A]

168 *Havemos de comprar coisas muito lindas* / *Passeando pelos bairros da cidade.*/ *Os loios são azuis, róseas as rosas* / *Os loios são azuis, e eu amo meus amores. A VIrgem que eu tenho, em cima da lareira,* / *Ontem me visitou; e, de manto bordado,*/ *Assim falou: – Aqui, sob meu véu,*/ *Trago o menino que um dia me pediste.*/ *Corre à cidade, compra-me fazendas,*/ *Compra linha e dedal.*

Havemos de comprar coisas muito lindas / *Passeando pelos bairros da cidade.*

Ó Santa virgem, ao lado da lareira,/ *Tenho eu um bercinho enfeitado de fitas.*/ *Embora Deus me desse sua mais bela estrela,*/ *Não a amaria mais que a este meu menino* / *– Senhora, que fazer com toda esta fazenda?* / *– Faça o enxoval para o recém-nascido. Os loios são azuis, róseas as rosas* / *Os loios são azuis, e eu amo meus amores.*

– Lave esse tecido. – Onde? – No ribeiro./E sem manchá-lo, e sem o estragar,/Faça com

ele um lindo vestidinho / *Que eu mesmo vou bordar e encher de flores.*/ *– O menino se foi, senhora, que faço agora?*/*– Faça um lençol pra nele me enterrar.*

Havemos de comprar coisas muito lindas/*Passeando pelos bairros da cidade.*/*Os loios são azuis, róseas as rosas*/*Os loios são azuis, e eu amo meus amores.*

169 *Jean-Nicolas Pache* (1746-1823) estadista francês, *Maire* de Paris em 1793, autor da fórmula: *Liberdade, igualdade e fraternidade ou morte*.

170 *Melpomene* uma das musas da mitologia grega. Foi, primeiro, a deusa do canto, tornando-se depois a deusa da tragédia.

171 *Jacques-Bénigne Bossuet* (1627-1704) Prelado e orador francês, em sua oração fúnebre pela morte da Princesa Ana Gonzaga, fala da galinha e dos pintinhos como o símbolo da ternura materna, imagem já usada por Jesus, como relata o evangelista Mateus (XXIII, 37).

172 *L'OriflaMme* jornal de literatura, ciências e artes. Circulou entre julho de 1824 e julho de 1825. *La Quotidienne* jornal fundado em 1792, circulou até 1847. Ambos eram ultrarrealistas e literariamente hostis ao romantismo.

173 *Teramenes* nome do preceptor de Hipólito, na tragédia *Fedra*, de Jean Racine (1639-99). É ele que, no quinto ato, narra a Veseu a morte do jovem Príncipe.

174 *T. P. F*. outrora imprimiam-se marcas nos ombros dos condenados: – T. F., *travaux forcés*; T. P., *travaux à perpetuité*; T. P. F. era a junção dessas duas modalidades de pena.

175 *Drapeau Blanc* jornal dedicado à causa dos Bourbon. Circulou de junho de 1819 a fevereiro de 1827.


COSETTE
2

I

8 décembre 1861

l'an dernier (1861), par une belle matinée de mai, un passant, celui qui raconte cette histoire, arrivait de Nivelles et se dirigeait vers la Hulpe. Il allait à pied. Il suivait, entre deux longues d'arbres, une large chaussée pavée ondulante de collines qui viennent l'une après l'autre, s'abaissant la route et le paysage, et fuyant là-bas comme les regards énormes. Il avait dépassé Lillois et Bois Seigneur Isaac. Il apercevait à l'horizon, le clocher pointu d'Ardoie de Braine l'Alleud qui a la forme d'une pique renversée. Il venait de veiller écrivain dans un bois de hêtres, et à l'angle d'un chemin de traverse, à côté d'une espèce de potence verte les portes l'inscription: Auberge Barrière n° 4, un cabaret ayant sur la façade cet écriteau:

— au quatre vents. Echabeau, café

LIVRO PRIMEIRO

WATERLOO

I | O QUE SE VÊ VINDO DE NIVELLES [1]

No ano passado (1861), numa linda manhã de maio, um viandante, o mesmo que lhes está contando esta história, vinha de Nivelles e se dirigia para La Hulpe. Caminhava a pé. Seguia, entre duas fileiras de árvores, uma larga estrada pavimentada, ondulando sobre colinas que surgem uma após outra, levantando o caminho e deixando-o novamente cair, à semelhança de ondas enormes. Já deixara atrás Lillois e Bois-Seigneur-Isaac. A oeste, ele via o campanário de ardósia de Braine-l'Alleud, com a forma de uma taça emborcada. Acabava de passar sobre uma elevação, um bosque, e, ao longo de um atalho, ao lado de uma espécie de cavalete carcomido, com a inscrição: *Antiga barreira número 4*, encontrara um albergue, com a seguinte inscrição na fachada: Aos Quatro Ventos. Échabeau, café caseiro.

Meio quarto de légua adiante dessa estalagem, ao fundo de um pequeno vale, sob uma pequena ponte, corre um riacho que atravessa a estrada. O arvoredo, pouco espesso mas muito verde, que cobre toda uma parte do vale, espalha-se depois pelos campos, distanciando-se graciosamente, como que em desordem, na direção de Braine-l'Alleud.

Havia ali, à direita, bem à beira da estrada, outro albergue; uma carroça de quatro rodas à porta, um grande feixe de varas de lúpulo, uma charrua, uma pilha de galhos secos ao lado de uma sebe, um pouco de cal a se queimar em um buraco quadrado, e uma escada encostada a um telheiro com paredes de palha trançada. Uma rapariga revolvia o terreno onde um grande cartaz amarelo, provavelmente anúncio de algum espetáculo de feira, esvoaçava ao vento. De um dos ângulos do albergue, ao lado de uma poça onde nadavam alguns patos, partia um caminho mal calçado que se perdia em meio à vegetação. O viandante seguiu-o.

Depois de ter dado uns cem passos ao longo de um muro do século XV, cuja parte superior era protegida por uma carreira de tijolos contrapostos, achou-se

em frente de uma grande porta em arco, de cornijas retilíneas, como o exigia o grave estilo de Luís XIV, tendo aos lados dois medalhões planos. Uma severa fachada dominava essa porta; um muro perpendicular à fachada quase a tocava, flanqueando-a num inesperado ângulo reto. No prado, diante da porta, jaziam três grades de arado, através das quais brotavam confusamente todas as flores de maio. A porta estava fechada por seus dois batentes, já muito velhos, ornados com uma aldrava enferrujada.

O sol estava encantador; os ramos tinham aquele doce estremecimento de maio que parece mais provir dos ninhos que do vento. Um passarinho, provavelmente apaixonado, gorjeava loucamente no alto de uma grande árvore.

O viandante curvou-se e observou, na pedra à esquerda, ao pé da ombreira direita da porta, uma escavação circular bastante larga, parecida ao alvéolo de uma esfera. Nesse instante, a porta se abriu, dando passagem a uma camponesa.

Ela reparou no estranho e, vendo o que ele estava observando, disse-lhe:

– Foi uma bala francesa que fez esse buraco.

E continuou:

– O que o senhor vê ali, mais para cima, na porta, perto daquele prego, é o buraco de uma bala de canhão que não conseguiu atravessar a madeira.

– Como se chama este lugar? – perguntou o estranho.

– Hougomont – respondeu a camponesa.

O viandante levantou-se, deu alguns passos e pôs-se a olhar por cima das sebes. Percebeu no horizonte, através das árvores, uma espécie de montículo, sobre o qual havia qualquer coisa que, de longe, se assemelhava a um leão.

Estava no campo de batalha de Waterloo.

II | HOUGOMONT

Hougomont foi o lugar fúnebre, o começo do obstáculo, a primeira resistência encontrada em Waterloo por esse grande lenhador da Europa que se chamava Napoleão; o primeiro nó que encontrou sob o golpe do seu machado.

Era então um castelo; hoje, uma simples granja. Hougomont, para o antiquário, é *Hugomons*. O solar havia sido construído por Hugo, senhor de Somerel, o mesmo que dotou a sexta capelania da abadia de Villiers.

O viandante empurrou a porta, passou sob o pórtico ao lado de uma velha caleche e entrou no pátio.

A primeira coisa que lhe prendeu a atenção nesse pátio foi uma porta do século XVI, semelhante a uma arcada, pois tudo ao seu redor já se desmoronara. O aspecto monumental nasce muitas vezes da ruína. Próximo dessa arcada abre-se numa parede outra porta com ferrolhos do tempo de Henrique iv, deixando entrever as árvores de um pomar. Ao lado dessa porta, uma estrumeira, pás, enxadões, alguns carrinhos de mão, um antigo poço com cano e torniquete de ferro, um potro arisco, um peru todo estufado, uma capela com um pequeno campanário, uma pereira toda florida estendendo os ramos por sobre a capela, eis aí o terreno cuja conquista foi o sonho de Napoleão. Esse cantinho de terra, se ele o tivesse conquistado, poderia, talvez, dar-lhe a conquista do mundo inteiro. Algumas galinhas revolvem a terra com o bico. Ouve-se um latido: é um cão enorme que mostra os dentes, substituindo os ingleses.

Eles aí foram admiráveis. As quatro companhias das guardas de Cooke resistiram ali, durante sete horas, ao ataque encarniçado do inimigo.

Hougomont vista num mapa, em plano geométrico, compreendendo as construções e os muros, apresenta-se como um retângulo irregular do qual fosse cortado um ângulo. Aí é que está a porta meridional que dá para o castelo, escondido bem atrás de suas arcadas. Hougomont tem duas entradas: a porta meridional, a mesma de que falamos acima, e a setentrional, que dá para a granja. Napoleão mandou contra Hougomont seu irmão, Jerônimo; as divisões Guilleminot, Foy e Bachelu ali se bateram; quase todo o corpo de Reille ali foi empregado e vencido, e as balas de Kellermann foram inúteis contra aquelas paredes heroicas. A brigada Bauduin não foi suficiente para forçar Hougomont pelo norte, e a brigada Soye não lhe causou mais do que alguns arranhões, sem nada conseguir.

As construções da granja margeiam o pátio ao lado sul. Um pedaço da porta norte, despedaçada pelos franceses, ainda está pendurado ao muro. São quatro tábuas pregadas sobre duas travessas, nas quais ainda se podem distinguir os vestígios do ataque.

A porta setentrional, arrombada pelos franceses e na qual puseram um remendo para substituir os pedaços arrancados, entreabre-se ao fundo do pátio; é quadrada, tendo a base de pedra e o restante de tijolos, fechando assim o lado norte do terreno. É uma simples porta construída para a passagem de carroças, como existem em qualquer granja, com dois largos batentes feitos de pranchas rústicas; do outro lado estão os campos. A disputa provocada por essa passagem foi encarniçada. Por muito tempo se pôde ver, impressa em suas ombreiras, todo tipo de marcas de mãos ensanguentadas. Foi aí que Bauduin foi morto.

O tumulto do combate ainda perdura entre esses muros; o horror ainda é bem visível; sente-se ali a vida e a morte; tudo aconteceu ontem mesmo. Os muros agonizam, as pedras tombam, as brechas gritam; os buracos são chagas; as árvores, inclinadas e trêmulas, parecem querer fugir.

Esse pátio, em 1815, tinha mais construções que atualmente; algumas, posteriormente demolidas, formavam curvas, ângulos e cotovelos.

Os ingleses construíram barricadas; os franceses conseguiram entrar, mas não puderam manter-se. Ao lado da capela, uma ala do castelo, único resto do solar de Hougomont, levanta-se em ruínas, poder-se-ia dizer, com as entranhas à vista. O castelo serviu como torre; a capela, como trincheira. Ali se exterminaram mutuamente os inimigos. Os franceses, alvejados por todos os lados, por detrás dos muros, do alto dos celeiros, do fundo dos subterrâneos, de todas as janelas e respiradouros, por todas as fendas das pedras, trouxeram fachos e lançaram fogo às paredes e aos homens; a metralha teve como réplica o incêndio.

Ainda se podem ver naquela galeria arruinada, através das janelas guarnecidas por grades de ferro, os quartos destruídos da parte principal do edifício; os guardas ingleses estavam sitiados naqueles cômodos, e a escada em espiral, fendida de alto a baixo, parece o interior de uma concha quebrada. A escada tem dois lances; os ingleses, assediados e entrincheirados na parte superior, haviam destruído os degraus inferiores. São grandes lajes de pedras azuis que formam um amontoado no meio das urtigas. Uma dúzia de degraus ainda ficou presa à parede; no primeiro, está impressa a imagem de um tridente. Esses degraus, inacessíveis, ainda estão firmes em seus lugares. Todo o resto se assemelhava mais a um maxilar sem dentes. Duas velhas árvores ainda lá estão; uma já morta, e a outra, com o tronco quase decepado, reverdece em abril. Desde 1815 vem crescendo através da escada.

A capela foi um campo de carnificina. O interior, voltando à calma, é estranho. Depois da batalha, nunca mais se disse missa ali. Contudo, o altar ainda está lá, de madeira tosca, encostado a um fundo de pedra bruta. Quatro paredes caiadas, uma porta bem em frente do altar, duas janelinhas gradeadas; sobre a porta, um grande crucifixo de madeira; acima do crucifixo, um respiradouro tapado com um feixe de feno; em um canto, no chão, uma vidraça toda quebrada; assim está a capela. Perto do altar, pregada à parede, uma imagem talhada em madeira representando Sant'Ana, obra do século XV; a cabeça do Menino Jesus decepada por uma bala. Os franceses, por um momento senhores da capela, quando escorraçados a incendiaram. As chamas inundaram aquele tugúrio, transformando-o em fornalha; a porta e o assoalho arderam, mas

o Cristo de madeira não foi queimado. O fogo roçou-lhe os pés, vendo-se apenas os tornozelos enegrecidos, e depois parou. Milagre, como dizem os habitantes da região. O Menino Jesus, decapitado, não teve tanta sorte como o Cristo.

As paredes estão cobertas de inscrições. Ao lado dos pés do crucifixo, lê-se este nome: *Henquinez*. Depois estes outros: *Conde de Rio Maior. Marques y Marquesa de Alamagro* (*Habana*). Há também nomes franceses com pontos de exclamação, sinais de cólera. Em 1849, tornaram a caiar essas paredes. Nelas, as nações se insultavam mutuamente.

Foi na porta dessa capela que encontraram um cadáver segurando um machado. Era o cadáver do Segundo-Tenente Legros.

Ao sair da capela, vê-se, à direita, um poço. Há dois deles em todo o pátio. Pergunta-se: por que esse poço não tem cano ou torniquete? Porque já não tiram água dele. E por que não tiram mais água? Porque está repleto de esqueletos.

O último que tirou água desse poço chamava-se Guillaume van Kylsom. Era um camponês que morava em Hougomont, onde era jardineiro. No dia 18 de junho de 1815, sua família fugiu, escondendo-se nas matas.

A floresta que cerca a abadia de Villiers abrigou durante muitos dias e noites aquelas infelizes populações dispersas. Ainda hoje se veem alguns vestígios que o provam, como velhos troncos de árvores queimados, marcando os lugares daqueles pobres acampamentos dominados pelo medo, no fundo das brenhas.

Guillaume van Kylsom continuou em Hougomont “para guardar o castelo”, e se escondeu num subterrâneo. Os ingleses o descobriram. Arrancaram-no da toca e, à força de golpes de sabre, fizeram-se servir por aquele homem aterrorizado. Tinham sede, e Guillaume deu-lhes de beber. Era daquele poço que tirava água. Muitos ali beberam o seu último gole. O poço, onde tantos mortos mataram a sede, devia igualmente morrer.

Depois da batalha, todos tiveram pressa de enterrar os cadáveres. A morte tem sua maneira própria de anuviar as vitórias, fazendo seguir-se a glória pela peste. O tifo faz parte do triunfo. O poço era fundo; fizeram dele um sepulcro. Aí foram enterrados trezentos mortos; talvez, com muita pressa. Estariam todos mortos? A lenda diz que não. Parece que, na noite que se seguiu ao sepultamento, ainda se ouviam pedidos de socorro saindo de seu interior.

Esse poço está isolado no meio do pátio; três paredes feitas de pedra e tijolos, dobradas como as folhas de um biombo, parecem uma pequena torre quadrada, rodeando-o por três lados. O quarto lado está aberto. É por aí que tiravam a água. A parede de fundo tem como que uma claraboia tosca, talvez algum buraco

produzido por granada. Essa torre tinha um teto do qual só restam as vigas que o sustinham. As barras de ferro, que reforçam a parede à direita, têm a forma de uma cruz. Quem se inclina e olha para dentro perde os olhos em um interminável cilindro de tijolos cheio das mais profundas trevas. Tudo ao redor do poço, incluindo a base das paredes, desaparece em meio às urtigas.

Esse poço não tem na frente a grande laje que lhe serve de proteção, como em todos os poços da Bélgica. A laje aí está substituída por uma prancha na qual se apoiam cinco ou seis trincos nodosos e recurvados, semelhantes a grandes ossadas. Não tem nem balde, nem corrente, nem roldana, mas existe ainda ali uma pequena bacia de pedra que servia de desaguadouro. A água das chuvas ali se ajunta, e de quando em quando algum pássaro das florestas aí vem matar a sede e torna a levantar voo.

No meio de toda essa ruína, há ainda uma casa habitada, a casa da granja. Sua porta principal dá para o pátio. Ao lado de uma bela chapa de fechadura gótica, há uma aldrava de ferro em forma de trevo fixada em sentido oblíquo. No momento em que o Lugar-Tenente hanoveriano, Wilda, agarrava essa aldrava para se refugiar na granja, um sapador francês cortou-lhe a mão com um golpe de machado.

A família que atualmente ocupa essa casa descende do antigo jardineiro Van Kylsom, há muito falecido. Uma mulher de cabelos grisalhos nos conta: – Eu estava lá. Tinha três anos. Minha irmã mais velha tinha medo e chorava. Levaram-nos para os bosques. Minha mãe carregava-me nos braços. Colavam-se os ouvidos ao chão para escutar. Eu imitava o canhão e gritava: *pum! pum!*

Como já dissemos, uma porta do pátio, à esquerda, dá para o pomar.

Esse pomar é horrível.

Está dividido em três partes, poderíamos até dizer em três atos. A primeira parte é o jardim, a segunda, o pomar, a terceira, o bosque. Essas três partes têm uma cerca comum; do lado da entrada, as construções do castelo e da granja; à esquerda, uma sebe; à direita, um muro de tijolos; e, ao fundo, um paredão de pedra. Primeiro se entra no jardim. É em declive, plantado de groselheiras, invadido pela vegetação silvestre e limitado por um terraço monumental de cantaria, com balaústres muito sólidos. Era um jardim senhorial construído naquele primeiro estilo francês que precedeu Le Nôtre,[2] hoje só ruínas e mato. As pilastras terminam em globos que mais parecem balas de pedra. Contam-se ainda quarenta e três balaústres em suas bases; os outros estão caídos pelo chão. Quase todos estão escalavrados pela fuzilaria. Um balaústre deslocado apoia-se sobre o parapeito como uma perna quebrada.

Foi nesse jardim, situado em nível mais baixo que o pomar, que seis atiradores do 1º batalhão da infantaria ligeira, tendo aí penetrado e não podendo sair, presos e acuados como ursos em suas tocas, travaram combate com duas companhias hanoverianas, uma das quais armada de carabinas. Os hanoverianos estavam abrigados ao longo dos balaústres e atiravam do alto. Os franceses, respondendo de baixo, seis contra duzentos, intrépidos, não tendo como abrigo senão as groselheiras, levaram um quarto de hora para morrer.

Sobe-se alguns degraus e passa-se do jardim para o pomar propriamente dito. Ali, no pequeno espaço de algumas toesas quadradas, caíram mortos, em menos de uma hora, mil e quinhentos homens. O muro ainda parece pronto para recomeçar o combate. As trinta e oito seteiras, abertas pelos ingleses em diversas alturas, ainda lá estão. Diante da décima sexta, veem-se dois túmulos ingleses de granito. As seteiras situam-se todas no muro sul, porque dele é que vinha o ataque principal. Esse muro, pela parte de fora, é disfarçado por uma sebe; os franceses chegaram pensando não encontrar mais que uma cerca viva; saltaram-na e encontraram o muro, obstáculo e emboscada, com os soldados ingleses entrincheirados, as trinta e oito seteiras fazendo fogo ao mesmo tempo, uma tempestade de balas e metralhas. Assim desapareceu a brigada Soye. Waterloo começou aí.

Todavia, eles conseguiram conquistar o pomar. Não havia escadas, mas os franceses subiram agarrando-se com as unhas aos ângulos das pedras. Combateu-se corpo a corpo sob as árvores. Toda essa relva foi regada com sangue. Um batalhão de Nassau, setecentos homens, caiu ali fulminado. A parte exterior do muro, contra o qual foram assestadas as duas baterias de Kellermann, está toda esburacada pelas balas.

Esse pomar é tão sensível às belezas de maio como qualquer outro. Tem seus botões-de-ouro e suas boninas; a erva é alta, pastam ali os cavalos das charruas; as cordas de crina usadas como varais atravessam o espaço entre as árvores, obrigando-nos a abaixar a cabeça; enquanto andamos, enterramos às vezes o pé em buracos de toupeiras. No meio da erva, notamos um tronco com as raízes à mostra, caído, mas ainda vivo. Ali se encostou o Major Blackmann antes de expirar. Sob uma grande árvore vizinha caiu o General alemão Duplat, de uma família francesa refugiada na época da revogação do edito de Nantes. Bem ao lado inclina-se uma velha macieira doente, mantida de pé graças a uma bandagem feita de palha e argila. Quase todas as macieiras caem de velhice. Não há uma que não tenha a sua bala. Por todo o pomar, veem-se esqueletos de árvores mortas. Os corvos voam pelos ramos e, ao fundo, há um bosque cheio de

violetas.

Bauduin morto, Foy ferido, o incêndio, o massacre, a carnagem, um regato de sangue inglês, francês e alemão furiosamente misturados, um poço atulhado de cadáveres, os regimentos de Nassau e de Brunswick destruídos, Duplat morto, Blackmann morto, os guardas ingleses mutilados, vinte batalhões franceses, dos quarenta componentes da divisão de Reille, completamente dizimados, três mil homens, somente nas ruínas de Hougomont, feridos, despedaçados, degolados, fuzilados, queimados; e tudo isso para que uma camponesa hoje diga a um viajante: – *Meu senhor, dê-me três francos e, se quiser, eu lhe explico como é que foi a coisa em Waterloo!*

III | 18 DE JUNHO DE 1815

Voltemos para trás – é esse um dos direitos do narrador – e coloquemo-nos no ano de 1815, um pouco antes da época em que começa a ação contada na primeira parte deste livro.

Se não houvesse chovido na noite de 17 para 18 de junho de 1815, o futuro da Europa teria sido outro. Algumas gotas de mais ou de menos venceram Napoleão. Para que Waterloo fosse o fim de Austerlitz, a Providência não precisou senão de um pouco de chuva; uma nuvem atravessando o céu fora de época foi o suficiente para o desmoronamento de um mundo.

A batalha de Waterloo, e isso deu tempo para que Blücher chegasse, só pôde começar às onze e meia da manhã. Por quê? Porque a terra estava molhada. Foi preciso que o terreno secasse um pouco para que a artilharia pudesse fazer suas manobras.

Napoleão era Oficial de Artilharia, o que logo se podia notar. O íntimo desse prodigioso Capitão era o homem que, no seu memorando ao Diretório sobre Aboukir, dizia: “Uma de nossas balas matou seis homens”. Todos os seus planos de batalhão são baseados no projétil. Convergir a artilharia para um determinado ponto era a chave de sua vitória. Ele tratava a estratégia do general inimigo como uma cidadela, e atacava-a até rompê-la. Avançava sobre o ponto fraco com a metralha; atava e desatava as batalhas com o tiro dos canhões. Em seu gênio havia qualquer coisa da bala de canhão. Esmagar batalhões, pulverizar regimentos, romper linhas, triturar e atacar, atacar sem descanso, tarefa confiada ao projétil. Método perigoso que, aliado ao gênio, tornou invencível durante quinze anos esse atleta do pugilato da guerra.

No dia 18 de junho de 1815, contava tanto mais com a artilharia porquanto maior era o número de seus canhões. Wellington não tinha senão cento e cinquenta e nove bocas de fogo; Napoleão tinha duzentas e quarenta.

Suponham o terreno seco, a artilharia com liberdade de ação, e a batalha teria começado às seis horas da manhã. Às duas horas já estaria terminada e ganha, três horas antes da peripécia dos prussianos.

Que culpa cabe a Napoleão na perda dessa batalha? O naufrágio pode ser imputado ao piloto?

O evidente declínio físico de Napoleão agravava-se, nessa época, com um declínio interior? Teriam vinte anos de guerra gasto tanto a lâmina como a bainha, tanto a alma como o corpo? Ou o veterano suplantara o Capitão? Em uma palavra, aquele gênio, como o acreditaram vários grandes historiadores, começava então a eclipsar-se? Tornara-se nervoso por julgar-se enfraquecido? Começaria a oscilar com o engano de um sopro de aventura? Tornara-se, coisa muito grave num general, inconsciente do perigo? Nessa classe de grandes homens materiais, que poderemos chamar de gigantes da ação, há alguma idade prevista para a miopia do gênio? A velhice não tem influência sobre os gênios do ideal; para Dante e Michelangelo, envelhecer é engrandecer-se; para Aníbal e Bonaparte será diminuir-se? Teria Napoleão perdido o senso da vitória, ou chegado a tal ponto que não sabia mais reconhecer os escolhos, prever as armadilhas nem discernir a beira escorregadia dos abismos? Faltava-lhe o faro das catástrofes? Ele, que outrora conhecia tão bem todos os caminhos do triunfo e que, do alto de seu carro resplandecente, os mostrava com gesto soberano, teria sentido agora o atordoamento sinistro que o fez conduzir ao fundo do precipício suas tumultuosas parelhas de legiões? Ou teria sido acometido, aos quarenta e seis anos, de uma suprema loucura? Esse auriga titânico do destino já não passaria de um simples domador de cavalos?

Não pensamos assim.

Seu plano de batalha era, segundo a opinião de todos, uma verdadeira obra-prima. Ir direto ao centro da linha aliada, fazer uma brecha na frente inimiga, cortá-la em dois; impelir a metade britânica para Hal e a metade prussiana para Tongres; transformar Wellington e Blücher em duas coisas insignificantes; conquistar Mont-Saint-Jean, apoderar-se de Bruxelas, jogar o alemão no Reno e o inglês no mar. Tudo isso tinha sido calculado por Napoleão para essa batalha. Vê-lo-emos mais adiante.

Não é preciso dizer que não pretendemos reconstituir aqui a história de Waterloo; uma das cenas que deram origem ao drama que estamos narrando liga-

se a essa batalha, mas ela não faz parte do tema que nos propusemos; aliás, sua história já foi narrada, e magistralmente narrada, de um ponto de vista pelo próprio Napoleão, e de outro ponto de vista por toda uma plêiade de historiadores.[3] [4] Quanto a nós, deixamos os historiadores à vontade; não somos mais que um espectador afastado, um simples caminhante da planície, um pesquisador inclinado sobre essa terra adubada com carne humana, talvez tomando simples aparências como realidades; não temos o direito de descrer, em nome da ciência, de um conjunto de fatos em que decerto há muita miragem; não temos nem a prática militar, nem a competência estratégica que autorizam um sistema; segundo a nossa opinião, uma sequência de acasos domina os dois capitães de Waterloo; e quando se trata de destino, esse misterioso culpado, nós julgamos como o povo, esse juiz ingênuo.

IV | A

Aos que querem imaginar claramente a batalha de Waterloo, bastará deitar ao solo, em pensamento, um A maiúsculo. A perna esquerda do A é a estrada de Nivelles; a perna direita é a estrada de Genappe; a corda é a depressão que vai de Ohain até Braine-l'Alleud. O vértice do A, onde está Wellington, é Mont-Saint-Jean; a extremidade inferior esquerda é Hougomont, onde está Reille com a companhia de Jerônimo Bonaparte; a ponta inferior direita é Belle-Alliance, onde está Napoleão. Um pouco abaixo do ponto em que a corda do A encontra e corta a perna direita está Haie-Sainte. No meio dessa corda, situa-se o ponto preciso em que se decidiu a batalha. Aí é que colocaram o leão, símbolo involuntário do supremo heroísmo da Guarda Imperial.

O triângulo compreendido no vértice do A, entre as duas pernas e a corda, é o planalto do Mont-Saint-Jean. A batalha toda resumiu-se na conquista desse planalto.

As alas dos dois exércitos se estendem à direita e à esquerda das duas estradas de Genappe e de Nivelles; d'Erlon à frente de Picton, e Reille à frente de Hill.

Além do vértice do A, além do planalto de Mont-Saint-Jean, está a floresta de Soignes.

Quanto ao planalto propriamente dito, trata-se realmente de um grande terreno ondulante; cada dobra domina a dobra seguinte, e todas elas sobem em direção ao Mont-Saint-Jean, terminando à beira da floresta.

Duas tropas inimigas sobre um campo de batalha são dois lutadores lutando corpo a corpo. Um procura derrubar o outro. Aproveitam-se de tudo; um arbusto torna-se ponto de apoio; o ângulo de uma parede é trincheira; por falta de uma casinhola de proteção, um regimento cede terreno; uma depressão do lugar, um atalho transversal no momento certo, um bosque ou um barranco podem prender os pés desse colosso que se chama exército, impedindo-o de recuar. Quem sai do campo está vencido. Daí a necessidade de o chefe responsável examinar o menor grupo de árvores e perscrutar o mínimo relevo.

Os dois generais haviam estudado atentamente a planície do Mont-Saint-Jean, hoje chamada de Waterloo. Desde o ano precedente, Wellington, com uma sagacidade previdente, a havia examinado para o caso de uma grande batalha. Sobre esse terreno e para esse duelo, no dia 18 de junho, Wellington estava na melhor posição e Napoleão, na pior. O exército inglês estava no alto e o francês no ponto mais baixo.

Esboçar aqui o aspecto de Napoleão a cavalo, empunhando sua luneta sobre a colina de Rossomme, na madrugada de 18 de junho de 1815, é desnecessário. Antes que se possa mostrá-lo, todos já o viram. Aquele perfil calmo, sob o pequeno chapéu da escola de Brienne, aquele uniforme verde de forro branco ocultando-lhe as condecorações, o culote de couro, o sobretudo escondendo as dragonas, o ângulo do cordão vermelho sob o colete, o cavalo branco com manta de veludo púrpura tendo bordados nos cantos dois nn coroados e águias; botas de montar, meias de seda, esporas de prata, a espada de Marengo, toda essa figura do último César ainda está nítida na imaginação, aclamada por uns, severamente encarada por outros.

Essa figura permaneceu por muito tempo rodeada de intensa luz, o que contrariava certa obscuridade lendária que emana da maioria dos heróis, velando, por tempo mais ou menos longo, a verdade; mas hoje a história e a verdade andam irmanadas.

Essa claridade, a história, é impiedosa; e tem isso de estranho e de divino, que, embora seja unicamente luz, e precisamente porque é luz, faz surgir aqui e ali, onde antes brilhavam raios, pontos obscuros; do mesmo homem ela faz dois fantasmas diferentes, um atacando o outro e fazendo justiça, provocando uma luta entre as trevas do déspota e o brilhantismo do General. Daí se origina um ponto de vista mais verdadeiro na apreciação dos povos. Babilônia saqueada diminui Alexandre; Roma acorrentada diminui César; Jerusalém destruída diminui Tito. A tirania persegue o tirano. É uma desgraça para um homem deixar atrás de si uma noite com as suas formas.

V | O *QUID OBSCURUM* DAS BATALHAS

Todos conhecem a primeira fase desta batalha; começo turvo, incerto, hesitante, ameaçador para ambos os exércitos, mais para os ingleses que para os franceses.

Havia chovido durante toda a noite, a terra fora esburacada pelo aguaceiro; a água, aqui e ali, formara poças nas depressões da planície, como outros tantos tanques; em alguns pontos, as rodas dos carros afundavam até a altura dos eixos; as cilhas-mestras das parelhas gotejavam lama líquida; se as plantações de trigo e de centeio, calcadas por aquela balbúrdia de carros em marcha, não tivessem entulhado os sulcos e servido de leito para as rodas, qualquer movimento, principalmente nos vales para os lados de Papelotte, teria sido impossível.

A ação começou tarde; Napoleão, como já explicamos, tinha o hábito de conservar toda a artilharia em suas mãos, como uma pistola, assestando-a ora para este, ora para aquele ponto da batalha, e quis esperar que as baterias atreladas pudessem rolar e galopar livremente; para isso seria preciso que o sol aparecesse e fizesse secar a terra. Mas o sol não apareceu. Não era mais o encontro de Austerlitz. Quando se ouviu o primeiro tiro de canhão, o General inglês Colville olhou para o relógio e constatou que eram onze horas e trinta e cinco minutos.

A luta travou-se com fúria, talvez até com mais fúria do que desejava Napoleão, no caso da ala esquerda francesa, em seu ataque a Hougomont. Ao mesmo tempo, Napoleão atacou o centro, jogando a brigada Quiot sobre Haie-Sainte, e Ney impeliu a ala direita francesa contra a ala esquerda inglesa, entrincheirada em Papelotte.

O ataque sobre Hougomont ocultava alguma emboscada; atrair para lá Wellington, fazê-lo voltar-se para a esquerda, tal era o plano. Esse plano teria tido êxito se as quatro companhias de guardas ingleses e os bravos belgas da divisão de Perponcher não tivessem conservado solidamente a posição, e Wellington, em vez de ter atacado com todas as suas forças, não se tivesse limitado a enviar para lá um reforço de apenas quatro outras companhias de guardas e um batalhão de Brunswick.

O ataque da ala direita francesa sobre Papelotte era importante; destruir a ala esquerda inglesa, cortar a estrada de Bruxelas, impedir a possível vinda dos prussianos, tomar Mont-Saint-Jean, fazer recuar Wellington até Hougomont e de lá até Braine-l’Alleud e Hal, nada mais claro. Com exceção de alguns incidentes, o ataque se efetuou como fora previsto: Papelotte foi tomada e Haie-Sainte cedeu.

Um pormenor que deve ser notado. Na infantaria inglesa, particularmente na brigada de Kempt, havia grande número de recrutas. Esses jovens soldados, diante de nossa temível infantaria, portaram-se valentemente; sua inexperiência saiu-se muito bem nessa prova; sobretudo fizeram um excelente trabalho de atiradores; o soldado atirador, quase que entregue a si mesmo, torna-se, por assim dizer, o seu próprio general, e esses recrutas deram mostra de alguma coisa própria da invenção e da fúria dos franceses. Essa infantaria noviça teve coragem, o que desagradou a Wellington.

Depois da tomada de Haie-Sainte, a batalha vacilou.

Há nessa jornada, do meio-dia às quatro horas da tarde, um intervalo obscuro; o meio dessa luta é indistinto e participa das sombras do combate. Fez-se um crepúsculo. Veem-se batalhões boiando nesse nevoeiro, vertiginosa miragem. O equipamento de guerra, quase desconhecido atualmente: barretas felpudas com grandes penachos, boldriés flutuantes, correames cruzados, patronas de granadas, dólmãs de hussardos, botas vermelhas, pesados *schakos*[5] enfeitados de cordões, a infantaria quase negra de Brunswick, misturada à infantaria escarlate da Inglaterra, soldados ingleses tendo nas espáduas, por dragonas, grossos rolos brancos, a cavalaria ligeira de Hanover com seus capacetes de couro oblongos, recobertos de metal e encimados por crinas vermelhas, os escoceses de joelhos nus e saiotes xadrez, e as grandes polainas brancas de nossos granadeiros; quadros e não linhas superpostas, o que conviria a Salvator Rosa e destoaria em Gribeauval.[6]

Sempre um pouco de tempestade se mistura a uma batalha. *Quid obscurum, quid divinum*. Cada historiador reproduz as linhas que mais o atraem de toda aquela confusão. Seja qual for a previsão dos generais, o choque de multidões armadas sempre produz incalculáveis afluxos na ação, os dois planos dos dois chefes se interpenetram e se deformam mutuamente. Esse ponto do campo de batalha consome mais combatentes que aquele outro, como o terreno mais ou menos fofo absorve mais ou menos depressa a água que recebe. É-se obrigado a empregar ali mais soldados do que se queria. São perdas imprevistas. A linha de batalha flutua e serpenteia como um fio; os sulcos de sangue escorrem ilogicamente; a primeira fila dos exércitos ondula, os regimentos, entrando ou saindo, formam cabos ou golfos; todos esses escolhos se atrapalham mutuamente; onde estava a artilharia, agora está a cavalaria; os batalhões são espirais de fumo. Ali havia alguma coisa; procura-se e já desapareceu; as clareiras se deslocam; as dobras escuras avançam e recuam; uma espécie de vento sepulcral impele, repele, infla e dispersa essas trágicas multidões. Que é

uma batalha? Uma oscilação. A imobilidade de um plano matemático exprime um minuto e não uma jornada. Para pintar uma batalha são necessários pintores extraordinários que tenham o caos em seus pincéis. Rembrandt é melhor que Van Der Meulen.[7] Van Der Meulen, verdadeiro ao meio-dia, mente às três da tarde. A geometria se engana; só a borrasca é verdadeira. É isso o que dá a Folard o direito de contradizer Políbio.[8] Acrescentemos ainda que há instantes em que a batalha degenera em combate, particulariza-se, fragmenta-se em inumeráveis fatos e detalhes que, para usarmos a expressão do próprio Napoleão, "pertencem mais à biografia dos regimentos que à história do exército". O historiador, nesse caso, tem evidentemente o direito de resumir. Não pode senão esboçar os contornos principais da luta, e nenhum narrador, por mais consciencioso que seja, é capaz de fixar com absoluta realidade a forma dessa nuvem horrível que chamamos de batalha.

Isso, que é verdadeiro falando-se de qualquer grande luta, é particularmente real tratando-se de Waterloo.

Contudo, à tarde, em certo momento, a batalha se definiu.

VI | QUATRO HORAS DA TARDE

Pelas quatro horas da tarde, a situação do exército inglês era grave. O Príncipe de Orange comandava o centro, Hill, a ala direita e Picton, a ala esquerda. O Príncipe de Orange, desorientado e intrépido, gritava aos holandeses-belgas: – *Nassau! Brunswick! Sempre à frente!* – Hill, enfraquecido, veio pôr-se ao lado de Wellington; Picton já estava morto. No mesmo instante em que os ingleses tomaram aos franceses a bandeira do 105º regimento de linha, os franceses haviam matado aos ingleses o General Picton, com uma bala que lhe atravessou o crânio. A batalha, para Wellington, tinha dois pontos de apoio, Hougomont e Haie-Sainte; Hougomont ainda se sustentava, mas estava em chamas; Haie-Sainte já tinha sido tomada. De todo o batalhão alemão que a defendia, apenas quarenta e dois homens ainda estavam com vida; todos os oficiais, com exceção de cinco, tinham sido mortos ou presos. Três mil combatentes foram massacrados nessa granja. Um sargento das guardas inglesas, primeiro *boxeur* da Inglaterra, reputado por seus companheiros como invulnerável, aí foi morto por um pequeno tambor francês. Baring estava deslocado, Alten estava ferido. Muitas bandeiras tinham sido perdidas, sendo uma da divisão Alten e uma do batalhão de Luneburgo, conduzida por um príncipe de família de Deux-Ponts. Os

escoceses não existiam mais; os intrépidos dragões de Ponsonby estavam já despedaçados. Aquela valente cavalaria havia-se dobrado sob a força dos lanceiros de Bro e dos couraceiros de Travers; de mil e duzentos cavalos, só restavam seiscentos; dos três tenentes-coronéis, dois jaziam por terra; Hamilton, ferido, e Mater morto. Ponsonby caíra, cortado por sete golpes de lança. Gordon e Marsh já haviam expirado. Duas divisões inteiras, a quinta e a sexta, estavam completamente destruídas.

Com Hougomont em perigo e Haie-Sainte já nas mãos do inimigo, toda a batalha convergia para um ponto, o centro. Era o único nó que continuava resistindo. Wellington reforçou-o, chamando Hill, que estava em Merbe-Braine, e Chassé, que estava em Braine-l'Alleud.

O centro do exército inglês, um tanto côncavo, muito denso e compacto, estava fortemente situado. Ocupava todo o planalto de Mont-Saint-Jean, tendo à retaguarda a aldeia e à frente o declive, então muito acentuado. Encostara-se a uma forte construção de pedra, por essa época propriedade senhorial de Nivelles, marcando a intersecção das estradas, paredes do século XVI tão bem construídas que as balas aí ricocheteavam sem conseguir penetrá-las. Em toda a volta do planalto, os ingleses haviam cortado as sebes aqui e ali, construindo trincheiras nos espinheiros, colocando a boca de um canhão entre dois troncos e fazendo pontas nos ramos dos arbustos. Sua artilharia estava emboscada debaixo das moitas. Todo esse trabalho, digno de um cartaginês, incontestavelmente autorizado pela guerra, que admite qualquer armadilha, estava tão benfeito que Haxo, enviado pelo Imperador às nove horas da manhã para fazer o reconhecimento das forças inimigas, nada conseguiu ver e voltou dizendo a Napoleão que não havia obstáculo algum, além das duas barricadas que fechavam as estradas de Nivelles e de Genappe. Era a época em que as searas estavam altas; nas fraldas do planalto, um batalhão da brigada Kempt, o 95º., armado de carabinas, estava deitado no meio dos trigais.

Assim, seguro e resguardado, o centro do exército anglo-holandês achava-se em muito boa posição.

O único perigo dessa posição era a floresta de Soignes, então bem ao lado do campo de batalha, cortada pelos pântanos de Groenendael e de Boitsfort. Nenhum exército seria capaz de retirar-se por esse lado sem se dispersar; se os regimentos se internassem por essa floresta teriam de se desagregar. A artilharia ver-se-ia perdida no meio dos brejos. A retirada, segundo a opinião de muitos entendidos, é verdade que contestada por outros, seria um salve-se quem puder.

Wellington reforçou esse centro com a brigada de Chasse, tirada da ala

direita, e a de Wincke, tirada da ala esquerda, e, ainda com a divisão Clinton, deu como contrafortes e reforço aos seus ingleses, aos regimentos de Halkett, à brigada de Mitchell e aos guardas de Maitland, a infantaria de Brunswick, o contingente de Nassau, os hanoverianos de Kielmansegge e os alemães de Ompteda, o que colocou sob seu comando vinte e seis batalhões. *A ala direita*, como diz Charras, *foi desviada para a retaguarda do centro*. Uma enorme bateria estava escondida atrás de sacos de terra, justamente no lugar onde hoje se ergue o que chamamos de "museu de Waterloo". Wellington tinha ainda, numa dobra do terreno, os dragões de Somerset com mil e quatrocentos cavalos. Era a outra metade da cavalaria inglesa tão justamente célebre. Destruído Ponsonby, restava ainda Somerset.

A bateria, que, terminada, serviria de ótimo refúgio, estava colocada por detrás de um muro de jardim, bastante baixo, apressadamente coberto por uma pilha de sacos de areia e por uma grande rampa de terra. Essa obra ainda não estava terminada; não houvera tempo suficiente para construir as paliçadas.

Wellington, inquieto mas impassível, estava a cavalo, e aí ficou durante todo o dia na mesma atitude, um pouco além do velho moinho do Mont-Saint-Jean, ainda existente, debaixo de um olmeiro que um inglês, depois vândalo entusiasta, comprou por duzentos francos, mandou cortar e levar para sua terra. Wellington mostrou-se friamente heroico. Choviam as balas. Seu ajudante de campo, Gordon, acabava de tombar a seu lado. Lorde Hill, mostrando-lhe uma granada que estourava, disse-lhe: – *Milord*, quais são as suas instruções e que ordens nos deixa, se por acaso morrer? – *Façam como eu* – respondeu Wellington. A Clinton, disse laconicamente: – *Resistam até o último homem*.

A coisa evidentemente não ia bem. Wellington gritava a seus antigos companheiros de Talavera, de Vittoria e de Salamanca: – *Rapazes! Será possível que alguém pense em fugir? Lembrem-se da velha Inglaterra!*

Lá pelas quatro horas da tarde, a linha inglesa cedia. De repente, não se viu na crista do planalto senão a artilharia e os atiradores, o restante desaparecera; os regimentos, perseguidos por granadas e balas francesas, afastaram-se para a depressão que ainda hoje corta a estrada da granja de Mont-Saint-Jean; deu-se um movimento retrógrado, ocultou-se a vanguarda do exército inglês, Wellington recuou. – Começo de retirada! – exclamou Napoleão.

VII | NAPOLEÃO DE BOM HUMOR

O Imperador, a cavalo, embora doente e incomodado por uma enfermidade localizada, nunca esteve com tão bom humor como naquele dia. Desde a manhã que sua impenetrabilidade sorria. Naquele 18 de junho de 1815, aquela alma profunda, com sua máscara de mármore, resplandecia cegamente. O homem que em Austerlitz se mostrara carrancudo tornou-se alegre em Waterloo. Os maiores predestinados têm desses contrassensos. Nossas alegrias são simples sombras. O supremo sorriso pertence a Deus.

– *Ridet Caesar, Pompeius flebit*[9] – diziam os legionários da legião Fulminatrix. Pompeu, desta vez, não devia chorar, mas César, com certeza, ria-se.

Desde a vigília, à noite, à uma hora da manhã, explorando o terreno a cavalo, sob o vento e a chuva, visitando com Bertrand as colinas vizinhas de Rossomme, satisfeito por ver a longa linha de fogo do inimigo iluminando todo o horizonte de Frischemont até Braine-l'Alleud, parecia-lhe que o destino, marcado para ele naquele dia determinado no campo de Waterloo, era exato; parou o cavalo e ficou por algum tempo imóvel, contemplando os relâmpagos, ouvindo os trovões; e houve quem ouvisse aquele fatalista lançar na escuridão estas misteriosas palavras: – Estamos de acordo. – Napoleão enganava-se. Já não estavam de acordo.

Ele não havia repousado um instante; para ele, todos os minutos daquela noite foram marcados por uma alegria. Ele percorrera toda a linha dos postos avançados, demorando-se aqui e ali para conversar com as sentinelas. Às duas e meia, perto do bosque de Hougomont, ouviu os passos de uma coluna em marcha; acreditou por um momento na retirada de Wellington. Dissera a Bertrand por essa ocasião: – *É a retaguarda inglesa que levanta acampamento. Farei prisioneiros todos os seis mil ingleses que acabaram de chegar a Ostende.* – Ele conversava animadamente; havia reencontrado seu antigo bom humor, demonstrado por ocasião do desembarque de 1º. de março, quando mostrava ao Marechal supremo o camponês entusiasta do golfo Juan, exclamando: – *Aí está, Bertrand, o primeiro reforço!* – Na noite de 17 para 18 de junho, zombava de Wellington: – *Esse inglesinho precisa de uma lição* – dizia o Imperador. A chuva caía ainda mais forte; enquanto o Imperador falava, ribombavam trovões.

Às três e meia da manhã, já havia perdido uma ilusão; alguns oficiais enviados para reconhecimento lhe anunciavam que o inimigo não arredara um passo. Nada se mexia; nem uma fogueira fora extinta em todo o acampamento. O exército inglês dormia. O silêncio era profundo em toda a terra; o único barulho vinha do céu. Às quatro horas, foi-lhe trazido um camponês, capturado

pelos batedores; esse camponês havia servido de guia a uma brigada da cavalaria inglesa, provavelmente a brigada Vivian, que ia tomar posição na aldeia de Ohain, à extrema esquerda. Às cinco horas, dois desertores belgas disseram-lhe que haviam deixado o regimento e que o exército inglês esperava pela batalha. – *Tanto melhor!* – exclamou Napoleão. – *Prefiro exterminá-los a repeli-los*.

De manhã, no pomar que faz ângulo com o caminho de Plancenoit, desceu na lama, mandou que lhe trouxessem da granja de Rossomme uma mesa e uma cadeira de campo, sentou-se, com um monte de palha por tapete, e desenrolou sobre a mesa o mapa do campo de batalha, dizendo a Soult: – *Belo tabuleiro para uma partida!*

Em consequência das chuvas que caíram durante a noite, os comboios de víveres, encalhados nas estradas barrentas, não puderam chegar pela manhã; os soldados não tinham podido dormir, estavam molhados e em jejum, o que não impediu que Napoleão exclamasse alegremente a Ney: – *Temos noventa chances em cem.* – Às oito horas, trouxeram-lhe a pequena refeição da manhã para a qual havia convidado vários generais. Enquanto comia, disseram que Wellington tinha ido, na vigília anterior, a um baile em Bruxelas, na residência da Duquesa de Richmond, e Soult,[10] rude homem de guerra, com seu jeito de arcebispo, disse então: – *O baile é hoje*. – O Imperador riu-se de Ney, que dizia: – *Wellington não há de ser tão simplório que vá esperar por Vossa Majestade*. – Aliás, esse era o seu natural. "*Napoleão gostava de dizer gracejos*", conta-nos Fleury de Chaboulon. "*O fundo de seu caráter era feito de excelente bom humor*", diz Gourgaud. "*Gostava das frases engraçadas, mais bizarras que propriamente espirituosas*", diz-nos Benjamin Constant.[11] Vale a pena que insistamos ainda sobre essas pilhérias de gigante. Foi ele mesmo que apelidou seus granadeiros de rabugentos (*grognards*); costumava até beliscar-lhes a orelha e puxar-lhes os bigodes. *O Imperador continuamente estava a pregar-nos peças*, é o que nos conta um deles. Durante o misterioso trajeto da ilha de Elba à França, no dia 27 de fevereiro, em pleno mar, tendo o brigue de guerra francês *Zéphyr* encontrado o brigue *L'Inconstant*, no qual Napoleão estava escondido, e tendo o outro perguntado ao *L'Inconstant* notícias sobre Napoleão, o Imperador, que ainda usava seu chapéu de laço branco, cor de amaranto, recamado de abelhas, adotado por ele na ilha de Elba, pegou, rindo, o megafone e respondeu pessoalmente: – *O Imperador vai muito bem*.[12] Quem se ri da sorte é porque está familiarizado com os acontecimentos. Napoleão teve muitos acessos semelhantes de riso durante aquela refeição em Waterloo. Depois do desjejum, recolheu-se por um quarto de hora; em seguida, dois generais sentaram-se sobre

o monte de palha, com uma pena na mão e uma folha de papel sobre os joelhos, e o Imperador ditou-lhes a ordem de combate.

Às nove horas, no instante em que o exército francês, escalonado e posto em movimento em cinco colunas, se havia espalhado, as divisões em duas linhas com a artilharia entre as brigadas e as fanfarras à frente, estremecendo os campos com o rufar dos tambores e o clangor dos clarins, possante, enorme, feliz, um mar de capacetes, com o horizonte cheio de sabres e baionetas, o Imperador, comovido, exclamou duas vezes: – Magnífico! Magnífico!

Das nove horas às dez e meia, todo o exército, o que parece incrível, havia tomado posição formando em seis linhas, que desenhavam, para repetirmos a expressão do próprio Imperador, "a figura de seis v". Alguns instantes após a formação da frente de combate, no meio do profundo silêncio que precede tanto as tempestades como as batalhas, vendo desfilar as duas baterias de doze, destacadas por ordem sua dos três corpos de Erlon, de Reille e de Lobau, e destinadas a começar a peleja atacando Mont-Saint-Jean, onde está a intersecção das estradas de Nivelles e de Genappe, o Imperador bateu nos ombros de Haxo dizendo-lhe: – *Ali estão vinte e quatro lindas moças, General*.

Certo de seu êxito, encorajou com um sorriso a companhia de sapadores do primeiro corpo, designada por ele para se entrincheirar no Mont-Saint-Jean, logo que a aldeia fosse conquistada. Toda essa serenidade não foi perturbada senão por uma palavra de altiva piedade; vendo à sua esquerda, no lugar onde hoje se ergue um grande túmulo, cerrarem colunas, com seus soberbos cavalos, aqueles admiráveis escoceses, ele disse: – *Que pena!*

Depois, montou a cavalo, dirigiu-se para perto de Rossomme, escolhendo como posto de observação uma pequena colina coberta de relva, à direita da estrada de Genappe a Bruxelas, o segundo lugar em que parou durante a batalha. Seu terceiro posto de observação, às sete horas da noite, entre Belle-Alliance e Haie-Sainte, é temível; é um outeiro bastante elevado que ainda existe, atrás do qual a guarda estava formada numa depressão da planície. Ao redor desse outeiro, as balas ricocheteavam sobre a calçada de pedra chegando até Napoleão. Como em Brienne, ele sentia sobre a cabeça o assobiar sinistro das balas e dos projéteis. Foram encontradas, quase no lugar onde pisavam as patas de seu cavalo, balas amassadas, velhas lâminas de sabres e projéteis informes, cobertos de ferrugem! *Scabra rubigine*.[13] Há alguns anos, desenterraram dali uma granada ainda intacta, cuja espoleta quebrara rente à bomba. Foi nessa última parada que o Imperador disse a seu guia Lacoste, camponês hostil, medroso, preso ao selim de um hussardo, assustando-se a cada barulho da metralha, e

procurando esconder-se atrás de Napoleão: – *Imbecil, mas que vergonha! Você vai deixar-se matar pelas costas!*[14] – Quem escreve estas linhas também encontrou no declive arenoso desse outeiro, escondidos na areia, os restos de uma granada, carcomida pela ferrugem de quarenta e seis anos, e velhos pedaços de ferro que se desfaziam como pedaços de sabugueiro entre seus dedos.

As ondulações do terreno, diversamente inclinadas, onde se realizou o encontro de Napoleão e de Wellington, não são mais, como todos devem saber, o que eram naquele 18 de junho de 1815. Aplainando esse campo fúnebre para a construção de um monumento, modificaram-lhe o relevo natural, e a história, desconcertada, não se reconhece mais. Para glorificá-la, desfiguraram-na. Wellington, dois anos depois, revendo Waterloo, exclamou: – *Como modificaram o meu campo de batalha!* Lá, onde hoje se ergue a grande pirâmide de terra encimada pelo leão, havia uma crista que, para os lados da estrada de Nivelles, se abaixava em rampa praticável, mas era quase uma escarpa para os lados da estrada de Genappe. Sua elevação pode ainda ser medida pela altura dos dois outeiros onde estão os dois grandes túmulos que margeiam a estrada que vai de Genappe a Bruxelas; em um, à esquerda, está o túmulo inglês; no outro, à direita, está o túmulo alemão. Não há nenhum túmulo francês. Para a França, toda aquela planície é um sepulcro. Graças às milhares de carroças de terra empregadas naquela elevação de cento e cinquenta pés de altura e de quase meia milha de circunferência, o planalto de Mont-Saint-Jean hoje é acessível por um declive bem suave. No dia da batalha, sobretudo para os lados de Haie-Sainte, o acesso era abrupto e difícil. A rampa era tão inclinada que os canhões ingleses não podiam ver a seus pés a granja situada no fundo do vale, centro do combate. No dia 18 de junho de 1815, as chuvas ainda haviam sulcado com suas águas aqueles barrancos, a lama tornava a subida ainda mais difícil, e não somente era necessário caminhar com pés e mãos, mas chegava-se até a atolar. Ao longo da crista do planalto, abria-se uma espécie de vala, impossível de ser prevista por um observador distante.

Que vala era essa? Expliquemos. Braine-l'Alleud é uma aldeia da Bélgica, Ohain é outra. Essas aldeias, ambas escondidas nas dobras do terreno, estão unidas por um caminho de mais ou menos uma légua e meia que atravessa uma planície de nível ondulado e que frequentemente entra e se afunda nas colinas como um sulco, o que faz com que essa estrada, em diversos pontos, não passe de um simples barranco. Em 1815, como atualmente, essa estrada cortava a crista do Mont-Saint-Jean entre os caminhos de Genappe e de Nivelles; mas, hoje em dia, está no nível da planície; antigamente era um verdadeiro buraco.

Tiraram-lhe os barrancos para construir a parte superior do monumento. Essa estrada era, e ainda é, na maior parte de seu percurso, uma escavação às vezes de doze pés de profundidade, cujas margens, muito escarpadas, desmoronam aqui e ali, sobretudo no inverno, com o peso dos aguaceiros. Os acidentes aí são frequentes. Na entrada de Braine-l'Alleud, tornava-se tão estreita que um transeunte foi aí esmagado por uma carroça, como o prova uma cruz de pedra fincada ao lado do cemitério, onde podemos ler o nome do morto: *Monsieur Bernard Debrye, comerciante em Bruxelas*, e a data do acidente, *fevereiro de 1637*.[15] O caminho era tão profundo nesse ponto do planalto de Mont-Saint-Jean que um camponês, Mathieu Nicaise, foi soterrado aí por um desmoronamento do barranco, como o prova outra cruz de pedra cuja parte superior desapareceu, mas cujo pedestal derribado é ainda visível entre a relva da rampa, à esquerda do trecho que fica entre Haie-Sainte e a granja de Mont-Saint-Jean.

Num dia de batalha, essa vala, de longe quase imperceptível, orlando a crista do Mont-Saint-Jean, cavada no cume da escarpa, abismo oculto no meio de barrancos, era invisível, isto é, terrível.

VIII | O IMPERADOR FAZ UMA PERGUNTA AO GUIA LACOSTE

Portanto, na manhã de Waterloo, Napoleão estava contente.

E tinha razão: o plano de batalha que concebera era, como já vimos, realmente admirável.

Uma vez começada a batalha, suas variadas peripécias, a resistência de Hougomont, a tenacidade de Haie-Sainte; a morte de Bauduin; Foy posto fora de combate; a muralha inesperada onde se esfacelou a brigada de Soye; a imprudência de Guilleminot, não tendo nem bombas nem sacos para pólvora; as baterias atoladas na lama; os quinze canhões sem escolta, inutilizados por Uxbridge em uma vala; o efeito quase nulo das bombas que caíam sobre o campo inimigo, afundando-se no solo amolecido pelas chuvas, apenas provocando vulcões de lama, de modo que a metralha se transformava em respingos de água suja; a inutilidade das experiências de Piré sobre Braine-l'Alleud; toda aquela cavalaria, quase quinze esquadrões, completamente anulada; a ala direita inglesa ainda calma, a ala esquerda quase intacta; o estranho mal-entendido de Ney, formando as tropas em colunas, em vez de escaloná-las; as quatro divisões do primeiro corpo, com vinte e sete fileiras de

soldados e uma frente de duzentos homens entregues à boca das metralhas; o terrível troar das balas sobre aquelas multidões; as colunas de ataque desunidas; a bateria das trincheiras repentinamente desmascarada pelos flancos; Borgeois, Donzelot e Durutte em perigo; Quiot repelido; o Lugar-Tenente Wieux, verdadeiro Hércules saído da escola politécnica, ferido no momento em que arrombava a golpes de machado a porta de Haie-Sainte sob o fogo candente da barricada inglesa, interceptando a curva da estrada de Genappe a Bruxelas; a divisão Marcognet, surpreendida entre a cavalaria e a infantaria, fuzilada à queima-roupa no meio dos trigais por Best e Pack, apunhalada por Ponsonby, e sua bateria de sete peças, atolada na lama; o Príncipe de Saxe-Weimar sustentando e guardando, malgrado o Conde de Erlon, Frischemont e Smohain; as bandeiras do 105º. e do 45º. tomadas pelo inimigo; aquele hussardo negro, prussiano, capturado pelos batedores da coluna volante de trezentos caçadores que percorriam a estrada de Wavre e Plancenoit; as coisas inquietantes ditas por esse prisioneiro; o atraso de Grouchy; os mil e quinhentos homens mortos em menos de uma hora no pomar de Hougomont; os mil e oitocentos homens abatidos em menos tempo ainda ao redor de Haie-Sainte; todos esses incidentes tempestuosos, passando como nuvens da batalha diante de Napoleão, lhe haviam apenas turvado o olhar, sem conseguir ensombrear aquela face imperial da certeza. Napoleão estava habituado a olhar a guerra fixamente; jamais fazia, cifra por cifra, a soma desconcertante dos detalhes; as cifras pouco o inquietavam, contanto que o total fosse este: Vitória. Embora o início fosse inquietante, ele não se alarmava, julgando-se senhor e dono do final; ele sabia esperar, supondo-se fora de questão, e tratava o destino de igual para igual. Parecia dizer à sorte: “Não ousarás!”.

Feito de luz e sombra, Napoleão sentia-se protegido no bem e tolerado no mal. Tinha, ou pensava ter para si, uma conivência, quase que poderíamos dizer, uma cumplicidade com os acontecimentos, equivalente à antiga invulnerabilidade.

Contudo, tendo embora em seu passado Beresina, Leipsick e Fontainebleau, parece que poderia desconfiar de Waterloo. Um misterioso enrugar de sobrancelhas tornou-se visível no fundo do céu.

No momento em que Wellington se retirou, Napoleão estremeceu. Ele viu subitamente o planalto do Mont-Saint-Jean desguarnecer-se e desaparecer o exército inglês, que juntava de novo as suas forças escondendo-se. O Imperador levantou-se apoiando-se nos estribos. O clarão da vitória brilhou em seus olhos.

Wellington acuado na floresta de Soignes e destruído seria o sepultamento

definitivo da Inglaterra pela França; seria a vingança sobre Crécy, Poitiers, Malplaquet e Ramillies. O homem de Marengo rasurava a nódoa de Azincourt.

O Imperador, então, meditando na peripécia terrível, examinou uma derradeira vez, com sua luneta, o campo de batalha. Sua guarda, atrás, com as armas aos pés, observava-o de baixo com uma espécie de religião. Ele pensava, examinava as vertentes, notava as rampas, perscrutava os pequenos bosques, os campos de centeio, o caminho; parecia contar todas as moitas. Observou mais demoradamente as barricadas inglesas nas duas estradas principais, dois grandes amontoados de árvores cortadas, sendo que a da estrada de Genappe, acima de Haie-Sainte, estava armada com dois canhões, os únicos de toda a artilharia inglesa que denotavam o campo de batalha, e a da estrada de Nivelles mantinha aceso o brilho das baionetas holandesas da brigada Chassé. Notou, ao lado dessa barricada, a velha capela de São Nicolau, pintada de branco, bem no ângulo do caminho que vai a Braine-l'Alleud. Inclinou-se e falou à meia-voz com o guia Lacoste. O guia fez um sinal de cabeça negativo, provavelmente de mau agouro.

O Imperador se aprumou na sela e se concentrou.

Wellington havia recuado. Bastava terminar esse recuo por um grande massacre.

Napoleão, voltando-se bruscamente, expediu um estafeta especial a Paris a fim de anunciar que a batalha estava ganha.

Napoleão era um desses gênios que provocam tempestades.

Acabava de encontrar o raio de que precisava.

Deu ordem aos couraceiros de Milhaud para que tomassem o planalto do Mont-Saint-Jean.

IX | O INESPERADO

Eram três mil e quinhentos soldados formados em uma frente de um quarto de légua. Homens gigantes, montados em cavalos enormes. Ao todo, vinte e seis esquadrões; à sua retaguarda, para reforçá-los, tinham a divisão Lefebvre-Desnouettes, os seiscentos soldados de elite, os caçadores da guarda, mil cento e noventa e sete homens, e os lanceiros da guarda, em número de oitocentos e oitenta. Usavam capacetes sem crina, couraças de ferro batido, pistolas nos coldres e longos sabres. De manhã, todo o exército os havia admirado, quando, às nove horas, ao soar dos clarins, ao som do hino *Veillons au salut de l'Empire*,

[16] eles chegaram, formados em grossas colunas, com uma de suas baterias ao lado e a outra no centro, desdobrando-se em duas linhas entre a estrada de Genappe e Frischemont, tomando posição de combate naquela poderosa segunda linha, tão sabiamente composta por Napoleão, a qual, tendo à sua extrema esquerda os couraceiros de Kellermann e à sua extrema direita os couraceiros de Milhaud, possuía, por assim dizer, duas asas de ferro.

O Ajudante de campo Bernard levou-lhes a ordem do Imperador. Ney desembainhou a espada e pôs-se à testa de seus soldados. Os enormes esquadrões começavam a se movimentar.

Então, viu-se um espetáculo terrível.

Toda essa cavalaria, com os sabres em punho, estandartes e clarins ao vento, formada em coluna por divisões, desceu, num só movimento, como se fora um único homem, com a precisão de um aríete de bronze que abre uma brecha, a colina de Belle-Alliance, mergulhando na temível cova onde tantos homens já haviam tombado, desaparecendo na fumaça e, depois, saindo dessa sombra, reapareceu do outro lado do vale, sempre compacta e serrada, subindo a galope, através da nuvem de metralha que a atravessava, a espantosa rampa de lama do planalto de Mont-Saint-Jean. Subiam, graves, ameaçadores, imperturbáveis; nos intervalos da fuzilaria, podia-se ouvir o colossal ruído dos cascos dos cavalos. Sendo duas divisões, eram duas colunas; a divisão Wathier à direita, e a divisão Delord à esquerda. De longe, pareciam distanciar-se em direção à crista do planalto, duas imensas serpentes de aço atravessando a batalha como um prodígio.

Nada de semelhante pôde ser visto desde a tomada do grande forte de Moscou pela cavalaria pesada; faltava Murat, mas Ney estava ali. Parecia que aquela massa se transformara em monstro e tinha uma única alma. Cada esquadrão ondulava e inchava como o anel de um pólipo. Podia-se vê-los através das nuvens de fumaça que se erguiam de vários lugares. Confusão de capacetes, de gritos, de sabres, saltos tempestuosos de grupos de cavalos em meio ao ruído dos canhões e das fanfarras, tumulto disciplinado e terrível; sobre tudo isso, o brilho das couraças como as escamas de uma hidra.

Parecem histórias de outras épocas. Algo semelhante a essa visão aparecia sem dúvida nas velhas epopeias órficas, falando de homens-cavalos, os lendários centauros, titãs metade homens, metade cavalos, cujo galope escalou o Olimpo, horríveis, invulneráveis, sublimes, ao mesmo tempo deuses e animais.

Bizarra coincidência numérica, vinte e seis batalhões estavam à espera

daqueles vinte e seis esquadrões. Por trás da crista do planalto, à sombra da artilharia escondida, a infantaria inglesa, formada em treze esquadrões com dois batalhões em cada um, e em duas linhas, sete na primeira, seis na segunda, com as armas nos ombros, de joelhos, esperando pelo que viesse, continuava calma, silenciosa, imóvel. Ela não via os couraceiros nem estes a viam. Ouvia aquela maré de homens que subia. Esperava que aumentasse o barulho daqueles três mil cavalos, o bater alternado e simétrico dos cascos a galope, o roçar das couraças, o tinir dos sabres, e uma espécie de enorme sopro feroz. De repente, um silêncio horrível; depois, subitamente, uma longa fileira de braços levantados, brandindo sabres, apareceu sobre a crista, e os capacetes, os clarins e os estandartes, e três mil cabeças de bigodes grisalhos gritando: – Viva o Imperador! – Toda a cavalaria apareceu sobre o planalto, provocando como que um tremor de terra.

Súbito, coisa trágica, à esquerda dos ingleses, portanto à nossa direita, a cabeça da coluna de couraceiros empinou-se com um clamor horrível. Chegando ao ponto culminante da crista, freados em plena corrida de extermínio sobre o inimigo, os couraceiros viram abrir-se, entre eles e os ingleses, uma vala, um abismo. Era a estrada de Ohain.

O instante foi medonho. O barranco íngreme lá estava, inesperado, aberto a pique sob os cascos de seus cavalos, com o leito escancarado entre as duas margens; a segunda fileira empurrou a primeira, a terceira empurrou a segunda; os cavalos empinavam, deitando-se para trás, caíam sobre as patas traseiras, escorregavam de costas, derrubando e esmagando os cavaleiros, sem meios para recuar; voando toda a coluna como um único projétil, o impulso tomado para esmagar os ingleses esmagou os franceses, nada podendo fazer senão entulhar aquela vala inexorável; cavalos e cavaleiros rolaram confusamente, esmagando uns aos outros, formando uma só carne naquele abismo, e, quando este já estava atulhado de homens vivos, os outros passaram por cima e foram avante. Quase um terço da brigada Dubois ficou sepultada ali.

Então começou a perda da batalha.

Uma tradição local, evidentemente exagerada, diz que dois mil cavalos e mil e quinhentos homens ficaram soterrados entre as margens da estrada de Ohain. Essa cifra, com certeza, compreende todos os outros cadáveres que ali foram lançados no dia que se seguiu à batalha.

Notemos de passagem que essa brigada Dubois, tão duramente provada, uma hora antes, lutando sozinha, havia conquistado a bandeira do batalhão de Luneburgo.

Napoleão, antes de ordenar esse ataque aos couraceiros de Milhaud,

observara bem o terreno, mas não havia podido ver aquela estrada que, de longe, não produzia a mínima ruga na superfície do planalto. Contudo, advertido, e desconfiado ao ver a capelinha branca que lhe marca o ângulo com a estrada de Nivelles, pensando provavelmente em algum obstáculo, fez uma pergunta ao guia Lacoste. Este respondera-lhe negativamente. Quase se poderia dizer que daquele sinal de cabeça de um simples camponês se originou toda a catástrofe recaída sobre Napoleão.

Outras fatalidades ainda deviam surgir. Seria ainda possível que Napoleão ganhasse aquela batalha? Respondemos que não. Por quê? Por causa de Wellington? Por causa de Blücher? Não. Por causa de Deus. Que Bonaparte vencesse em Waterloo não era coisa cabível nas leis do século XIX. Preparava-se nova série de fatos nos quais Bonaparte não tinha nenhum papel a representar. A má vontade dos acontecimentos já se tinha anunciado havia muito. Já era tempo de o colosso tombar.

O excessivo peso desse homem sobre os destinos humanos perturbava o equilíbrio. Ele, sozinho, valia mais que toda a humanidade. Essa superabundância de vitalidade humana concentrada em uma única cabeça, o mundo subindo ao cérebro de um homem, seria fatal para a civilização, se continuasse. Chegara o momento em que devia intervir a incorruptível equidade suprema. Provavelmente, os princípios e os elementos de que dependem as gravitações regulares, tanto na ordem moral como na ordem material, já principiavam a reclamar. O sangue ainda quente, tantos cemitérios abertos, tantas mães em lágrimas, são motivos terrivelmente suficientes. Quando a terra se sente sobrecarregada, ouvem-se misteriosos gemidos saindo das sombras, ouvidos pelos abismos.

Napoleão tinha sido denunciado ao infinito, e sua queda já estava decidida. Tornava-se incômodo a Deus.

Waterloo não era uma batalha; era a completa mudança da face do universo.

X | O PLANALTO DE MONT-SAINT-JEAN

Ao mesmo tempo que surgiu aquela fenda no terreno, a bateria inglesa se desmascarava.

Seiscentos canhões e os treze esquadrões fulminaram à queima-roupa os couraceiros. O intrépido General Delord fez a saudação militar à artilharia inglesa.

Toda a artilharia volante do inimigo se juntou a galope com os esquadrões. Os couraceiros nem tiveram tempo de parar. O desastre daquela estrada cavada no solo já os havia dizimado, mas não desencorajado. Eram desses homens que, diminuídos em número, ficam mais corajosos.

Somente a coluna Wathier havia sofrido o desastre; a coluna Delord, que Ney desviara para a esquerda, como se tivesse pressentido a emboscada, havia passado incólume.

Os couraceiros precipitaram-se sobre os esquadrões ingleses. A toda a brida, de rédeas soltas, sabres nos dentes e pistolas em punho, assim foi o ataque. Há momentos nas batalhas em que a alma petrifica o homem chegando a transformar o soldado em estátua, mudando toda aquela carne em granito. Os batalhões ingleses, tão ferozmente atacados, não se moveram. Então, aconteceu algo incrível.

Todas as frentes dos esquadrões inimigos foram atacadas de uma só vez. Um redemoinho frenético os envolveu, mas aquela fria infantaria continuou impassível. A primeira fila, de joelhos em terra, recebia os couraceiros na ponta das baionetas, e a segunda os fuzilava; atrás desta, os canhoneiros carregavam as peças, a frente do esquadrão se abria, deixava passar uma erupção de metralha e tornava a se fechar. Os couraceiros respondiam com seus ataques. Seus cavalos enormes, empinados, pulavam as fileiras, saltavam por cima das baionetas e caíam, gigantescos, em meio daquelas quatro muralhas vivas. As balas atravessavam as couraças e os couraceiros abriam brechas nos esquadrões. Fileiras inteiras de homens desapareciam esmagadas sob o peso dos cavalos. As baionetas cravavam-se no ventre daqueles centauros. Daí a monstruosidade das feridas, talvez nunca repetida em ocasiões semelhantes. Os esquadrões, assim atacados pela cavalaria alucinada, se juntavam sempre mais, sem vacilar. Com munições quase inesgotáveis, metralhavam continuamente os atacantes. O aspecto desse combate era monstruoso. Os esquadrões não eram constituídos mais de batalhões, mas de crateras; os couraceiros não eram mais uma cavalaria, mas uma tempestade. Cada esquadrão era um vulcão batido pela tormenta; a lava debatia-se com o raio.

O extremo esquadrão da direita, o mais exposto de todos, estando muito à vista, foi quase aniquilado desde os primeiros encontros. Era formado pelo 75º. regimento dos *highlanders*.[17] O tocador de gaita de foles, no centro, enquanto se exterminavam a seu redor, baixando os olhos tristes, cheios do reflexo da floresta e dos lagos, profundamente distraído, sentado sobre um tambor, com seu *pibroch*[18] ao braço, tocava as árias das montanhas distantes. Esses escoceses

morriam pensando em Ben Lothian, como os gregos se lembravam de Argos.[19] O sabre de um couraceiro, decepando o *pibroch* e o braço que o carregava, fez cessar o canto, matando o cantor.

Os couraceiros, relativamente pouco numerosos, diminuídos pela catástrofe do barranco, tinham em sua frente quase todo o exército inglês, mas se multiplicavam, valendo cada um por dez. Entretanto, alguns batalhões hanoverianos retrocederam. Wellington percebeu-o e pensou em usar a cavalaria. Se naquele momento Napoleão tivesse pensado em sua infantaria, teria ganho a batalha. Esse esquecimento foi o seu grande e fatal erro.

De repente, os couraceiros atacantes sentiram-se atacados. A cavalaria inglesa estava às suas costas. Diante deles, os esquadrões; atrás, Somerset. Somerset eram os mil e quatrocentos guardas-dragões. Somerset tinha à sua direita Dornberg, com a cavalaria ligeira alemã, e à sua esquerda Trip, com os carabineiros belgas; os couraceiros, atacados pela esquerda e pela direita, pela frente e por trás, pela infantaria e pela cavalaria, tiveram de defender-se por todos os lados. Que lhes importava? Eram um turbilhão. Sua bravura tornou-se inexprimível.

Além disso, tinham à sua retaguarda a artilharia incessante. Somente assim é que puderam ser feridos pelas costas. Uma de suas couraças, despedaçada na omoplata esquerda, está exposta na coleção do Museu de Waterloo. Para vencer aqueles franceses eram necessários aqueles ingleses.

Não se tratava mais de uma batalha; era uma sombra, uma fúria, um vertiginoso rapto de almas e coragens, uma tempestade de espadas-raios. Em um instante os mil e quatrocentos guardas-dragões não eram mais que oitocentos; Fuller, seu Tenente-Coronel, caiu morto. Ney acudiu com os lanceiros e os caçadores de Lefebvre-Desnouettes. O planalto de Mont-Saint-Jean foi tomado, perdido e retomado. Os couraceiros deixavam a cavalaria para voltar à infantaria, ou, melhor dizendo, todo aquele tropel formidável se agarrava em luta sem que ninguém se desse por vencido. Os esquadrões continuavam resistindo. Houve doze assaltos. Ney teve quatro cavalos mortos sob si. A metade dos couraceiros jazia morta sobre o planalto. A luta se prolongou por duas horas.

O exército inglês estava profundamente abalado. Não há dúvida de que, se não tivessem sido tão diminuídos em seu primeiro ataque pelo desastre da estrada de Ohain, os couraceiros teriam rompido as linhas inimigas e saído vitoriosos. Essa cavalaria extraordinária petrificou Clinton, testemunha das batalhas de Talavera e Badajoz. Wellington, com três quartos de suas forças destruídas, admirava heroicamente, dizendo à meia-voz: – Esplêndido![20]

Os couraceiros aniquilaram sete dos treze esquadrões, tomaram ou inutilizaram sessenta canhões e se apoderaram de seis bandeiras, que três couraceiros e três caçadores da guarda foram levar ao Imperador em frente da granja de Belle-Alliance.

A situação de Wellington havia piorado. Essa estranha batalha era como que um duelo entre dois feridos encarniçados que, cada qual de seu lado, sempre combatendo e resistindo, perdem todo o sangue. Qual dos dois cairá primeiro?

A luta no planalto continuava.

Até onde chegaram os couraceiros? Ninguém poderá dizê-lo. O certo é que, no dia seguinte ao da batalha, um couraceiro e seu cavalo foram encontrados mortos no barracão destinado à pesagem dos carros no Mont-Saint-Jean, exatamente no ponto em que se entrecortam e se encontram as quatro estradas de Nivelles, de Genappe, de La Hulpe e de Bruxelas. Esse cavaleiro havia atravessado as linhas inglesas. Um dos homens que encontraram seu cadáver vive ainda em Mont-Saint-Jean. Chama-se Dehaze. Tinha então dezoito anos.

Wellington sentia-se abatido. A crise estava próxima.

Os couraceiros não tiveram êxito, se considerarmos que o centro de defesa não havia recuado. Todos estavam sobre o planalto, mas ninguém poderia dizer-se senhor da situação; em suma, a maior parte pertencia ainda aos ingleses. Wellington tinha a aldeia e a planura mais elevada; Ney não passara ainda da crista e do declive. As duas partes pareciam enraizadas naquele solo fúnebre.

Mas o enfraquecimento dos ingleses era irremediável. A hemorragia daquele exército era horrível. Kempt, na ala esquerda, pedia reforços. – *Não temos* – respondia Wellington –, *deixe-se matar!* Quase no mesmo instante, coincidência singular que bem diz da prostração em que se encontravam os dois exércitos, Ney pedia o auxílio da infantaria a Napoleão, e Napoleão exclamava:– *Infantaria! Onde quer que eu vá buscar? Quer que eu a fabrique?*

Contudo, o exército inglês era o mais necessitado. Os arremessos furiosos daqueles grandes esquadrões de couraças de ferro e peitos de aço já haviam triturado a infantaria. Alguns homens ao redor de uma bandeira marcavam o lugar de um regimento; havia batalhões comandados por simples capitães ou tenentes; a divisão Alten, já bastante maltratada em Haie-Sainte, estava quase completamente destruída; os intrépidos belgas e a brigada Van Kluze juncavam as plantações de centeio ao longo da estrada de Nivelles; quase nada restava daqueles granadeiros holandeses que, em 1811, engajados em nossas fileiras, combateram Wellington e, em 1815, aliados novamente aos ingleses, combatiam

Napoleão. A perda de oficiais era considerável. Lord Uxbridge, que na véspera havia feito enterrar a perna amputada, tinha o joelho fraturado. Se, do lado dos franceses, nessa luta dos couraceiros, Delard, Lhéritier, Colbert, Dnop, Travers e Blancard estavam fora de combate, do lado dos ingleses, Alten estava ferido, Barne estava ferido, Delancey, Van Merlen e Ompteda estavam mortos, todo o Estado-Maior de Wellington havia sido dizimado; a Inglaterra tinha a pior parte nesse sanguinolento equilíbrio. O 2º. regimento de guardas a pé já havia perdido cinco tenentes-coronéis, quatro coronéis e três insígnias; o primeiro batalhão do 30º. de infantaria havia perdido vinte e quatro oficiais e cento e doze soldados; o 79º. batalhão de montanheses tinha vinte e quatro oficiais feridos, dezoito oficiais mortos, quatrocentos e cinquenta soldados exterminados. Os hussardos hanoverianos de Cumberland, um regimento em peso, tendo à frente o Coronel Hacke, o mesmo que mais tarde deveria ser julgado e destituído, fugiram diante do combate e se refugiaram na floresta de Soignes, semeando a ruína até Bruxelas. As carretas, as prolongas, a bagagem, os carros cheios de feridos, vendo que os franceses ganhavam terreno e se aproximavam da floresta, embrenhavam-se pelo mato adentro; os holandeses, acutilados pela cavalaria francesa, davam o toque de alarme. Desde Vert-Coucou até Groenendael, em uma distância de quase duas léguas na direção de Bruxelas, havia, no dizer de testemunhas ainda vivas, uma enorme quantidade de desertores. O pânico foi tamanho que alcançou o Príncipe de Condé em Malines e Luís XVIII em Gand. Com exceção da fraca reserva escalonada atrás dos postos de socorro montados na granja de Mont-Saint-Jean e das brigadas Vivian e Vandeleur que franqueavam a ala esquerda, Wellington não possuía mais cavalaria. Numerosas baterias jaziam quebradas. Esses fatos são constatados por Siborne; e Pringle, exagerando o desastre, chega até a dizer que o exército anglo-holandês estava reduzido a trinta e quatro mil homens. O Duque de Ferro continuava calmo, mas seus lábios empalideciam. O Comissário austríaco Vincent e o Comissário espanhol Alava, presentes à batalha e incorporados ao Estado-Maior inglês, achavam que o Duque já estava perdido. Às cinco horas, Wellington tirou o relógio, e ouviram-no murmurar estas palavras sombrias: – *Ou Blücher, ou a noite!*

Foi mais ou menos nessa hora que uma linha de baionetas brilhou ao longe nas colinas que ficam para os lados de Frischemont.

Esse é o maior acontecimento do drama gigantesco.

XI | MAU GUIA PARA NAPOLEÃO, BOM GUIA PARA BÜLOW

Todos conhecem o pungente equívoco de Napoleão: esperava por Grouchy, e quem veio foi Blücher; a morte em lugar da vida.

O destino tem dessas reviravoltas; espera-se o trono do universo, mas avista-se Santa Helena.

Se o pequeno pastor que servia de guia a Bülow, Lugar-Tenente de Blücher, o tivesse aconselhado a sair da floresta acima de Frischemont e não abaixo de Plancenoit, a forma do século XIX teria, talvez, sido diferente. Napoleão sairia vencedor da batalha de Waterloo. Por qualquer outro caminho, que não abaixo de Plancenoit, o exército prussiano teria de enfrentar um barranco intransitável para a artilharia, e Bülow não teria chegado a tempo.

Atrasando-se uma hora, é o próprio General prussiano Muffling que o declara, Blücher não teria encontrado Wellington de pé: – A batalha estava perdida.

Já era tempo de Bülow chegar. Aliás, ele já se havia retardado bastante. Havia acampado em Dion-le-Mont e desde a aurora estava a caminho.

Mas as estradas estavam intransitáveis e as divisões atolavam na lama. Os canhões afundavam quase pela metade. E ainda era preciso atravessar o rio Dyle pela estreita ponte de Wavre; o caminho que conduzia à ponte havia sido incendiado pelos franceses; os caixões de pólvora e as peças de artilharia, não podendo passar entre duas fileiras de casas em chamas, tiveram de esperar que o incêndio se extinguisse. Já era meio-dia e a vanguarda de Bülow ainda não havia chegado à Chapelle-Saint-Lambert.

A ação, se iniciada duas horas antes, estaria terminada às quatro horas, e Blücher teria caído sobre a batalha ganha por Napoleão. Assim acontecem esses imensos acasos proporcionados a um infinito que nos escapa à compreensão.

Desde o meio-dia que o Imperador, primeiro com a luneta, havia percebido no extremo horizonte qualquer coisa que lhe chamara a atenção. Dissera então: – Vejo lá longe uma nuvem; parece que são tropas. – Depois perguntou ao Duque da Dalmácia: – Soult, que vê você lá para os lados da Chapelle-Saint-Lambert? – O Marechal, assentando a luneta, respondeu: – Quatro ou cinco mil homens, *sire*. Evidentemente, Grouchy. – Contudo, eram formas imóveis em meio ao nevoeiro. Todas as lunetas do Estado-Maior estudaram “a nuvem” assinalada pelo Imperador. Alguns disseram: – São colunas em descanso. – A maioria disse: – São árvores apenas. – A verdade é que a nuvem não se movia. O Imperador ordenou que uma divisão da cavalaria ligeira de Domon fosse até aquele ponto

obscuro, para fazer um reconhecimento.

Bülow, com efeito, não se movera. Sua vanguarda estava muito enfraquecida e nada podia fazer. Devia esperar o grosso do exército e tinha ordens de concentrar suas forças antes de entrar em linha; mas às cinco horas, vendo o perigo de Wellington, Blücher ordenou a Bülow que atacasse e disse esta frase notável: – É preciso arejar um pouco o exército inglês.

Pouco antes, as divisões Losthin, Hiller, Hacke e Ryssel formavam-se diante dos batalhões de Lobau; a cavalaria do Príncipe Guilherme da Prússia surgia do interior do bosque de Paris; Plancenoit estava em chamas e as balas prussianas começavam a chover até sobre as fileiras da guarda de reserva colocada atrás de Napoleão.

XII | A GUARDA

Todos conhecem o resto; a irrupção de um terceiro exército, a batalha deslocada, oitenta e seis bocas de fogo troando repentinamente, Pirch I chegando ao mesmo tempo que Bülow, a cavalaria de Zieten conduzida pelo próprio Blücher, os franceses rechaçados, Marcognet varrido do planalto de Ohain, Durutte expulso de Papelotte, Donzelot e Quiot recuando, Lobau ferido, uma nova batalha caindo à noitinha sobre nossos regimentos desmantelados; toda a linha inglesa retomando a ofensiva e impelida para a frente; a gigantesca brecha aberta no exército francês, a metralha inglesa e a metralha prussiana ajudando-se mutuamente; o extermínio, o desastre nas frentes, nos flancos, e a guarda pondo-se em linha sob esse espantoso desmoronamento.

Sentindo que ia morrer, gritou: – Viva o Imperador! – A história não tem nada de mais emocionante que essa agonia rompendo em exclamações.

O céu permanecera coberto durante todo o dia. De repente, nesse mesmo instante, já eram oito horas da noite, as nuvens do horizonte se afastaram e deixaram passar, através dos olmos da estrada de Nivelles, a grande vermelhidão sinistra do sol poente. Em Austerlitz, tinham-no visto nascer.

Cada batalhão da guarda, nesse desfecho, era comandado por um general. Lá estavam Friant, Michel, Roguet, Harlet, Mallet e Poret de Morvan. Quando os altos capacetes dos granadeiros da guarda, enfeitados com suas águias de metal brilhante, apareceram, simétricos, enfileirados, tranquilos, na bruma dessa batalha, o inimigo sentiu respeito pela França; parecia até que vinte vitórias entravam pelo campo de batalha, de asas abertas, e os que estavam vencendo,

crendo-se vencidos, recuaram; mas Wellington gritou: – *Guardas, de pé, e não errem a pontaria!* – O regimento vermelho da guarda inglesa, agachado por trás das sebes, levantou-se; uma nuvem de balas crivou a bandeira tricolor, tremulando ao redor de nossa águia; todos se lançaram à luta, e foi então que começou a maior carnificina. A Guarda Imperial sentiu na escuridão o exército que recuava a seu redor, a enorme confusão da derrota e o salve-se-quem-puder, que havia substituído o viva o Imperador! Apesar de ver a retaguarda em fuga, continuou a avançar, cada vez mais fuzilada, e morrendo em maior número a cada passo. Não havia ali nem hesitantes nem tímidos. O soldado, naquela tropa, era tão herói quanto o general. Ninguém se poupou a esse suicídio.

Ney, desorientado, tão majestoso como a morte que aceitara, era o alvo de todos os golpes em meio àquela tormenta. Foi então que lhe mataram o quinto cavalo. Suando, olhos em chamas, escuma nos lábios, o uniforme em desalinho, uma de suas dragonas cortada ao meio pelo golpe de sabre de um guarda montado, a águia amassada por uma bala, ensanguentado, enlameado, magnífico, com uma espada quebrada nas mãos, dizia: – *Venham ver como morre um marechal da França no campo de batalha!* – Mas em vão; ele não morreu. Estava feroz e indignado. Fez a Drouet d'Erlon esta pergunta: – *Por que não fazes com que te matem?* – E gritava no meio de toda aquela metralha que esmagava um punhado de homens: – *Não há nada aí para mim? Oh! eu queria que todas essas balas inglesas me atingissem!* – Infeliz! Estava reservado para as balas francesas.[21]

XIII | A CATÁSTROFE

A fuga desordenada atrás da guarda foi lamentável.

O exército cedeu bruscamente em todos os pontos ao mesmo tempo, em Hougomont, Haie-Sainte, Papelotte e Plancenoit. O grito "Traição!" foi seguido do "Salve-se quem puder!". Um exército em debandada é um degelo. Tudo cede, fende-se, estala, flutua, rola, tomba, fere-se, apressa-se, precipita-se. Desagregação inaudita. Ney pede um cavalo, monta-o de um salto e, sem chapéu, sem gravata, sem espada, se mete pelo meio da estrada de Bruxelas fazendo parar ao mesmo tempo franceses e ingleses. Procura conter o exército, conclama-o, insulta-o, inconformado com a derrota. Está alucinado. Os soldados fogem gritando: – *Viva o Marechal Ney!* – Dois regimentos de Durutte vão e vêm espavoridos, como que jogados entre os sabres dos hulanos e a fuzilaria das

brigadas de Kempt, Best, Pack e Rylandt; o pior das batalhas é a derrota; os amigos se matam, esforçando-se por fugir; os esquadrões e os batalhões se dispersam, esmagando-se uns contra os outros, enorme espuma do combate. Loban numa extremidade, como Reille na outra, são tragados pela vaga. Em vão, levanta Napoleão muralhas com o que ainda lhe resta da guarda; em vão dispensa, em um derradeiro esforço, seus esquadrões de serviço. Quiot recua diante de Vivian, Kellermann diante de Vandeleur, Lobau diante de Bülow, Morand diante de Pirch, Domon e Subervic diante do Príncipe Guilherme da Prússia. Guyot, que conduziu ao ataque os esquadrões do Imperador, tomba aos pés dos dragões ingleses. Napoleão corre a galope atrás dos fugitivos, fala-lhes, anima-os, ameaça-os, suplica-lhes. Todos os que, de manhã, davam vivas ao Imperador ficam boquiabertos; a muito custo o reconhecem. A cavalaria prussiana, chegada há pouco, lança-se, voa, fere, corta, decepa, mata, extermina. As parelhas escouceavam, salvando os canhões, os soldados soltam-lhes os cavalos e os montam procurando salvar-se; carroções, de rodas para o ar, atulham as estradas causando massacres. Esmagam-se, trituram-se, caminha-se sobre mortos e vivos. As forças estão perdidas. Uma multidão vertiginosa enche estradas e atalhos, atulhados por aqueles quarenta mil homens em fuga. Gritos, desespero, mochilas e fuzis jogados ao chão; passagens abertas a golpes de espada; não existe mais coleguismo, não há mais oficiais nem generais naquele terror inexprimível. Zieten ferindo a França à vontade. Os leões transformados em cabritos. Assim foi essa fuga.

Em Genappe, tentaram voltar, fazer frente, unir-se. Lobau conseguiu reunir trezentos homens. Construíram barricadas à entrada da aldeia, mas, no primeiro assalto das armas prussianas, recomeçou a fuga, Lobau foi aprisionado. Ainda hoje se veem as marcas das balas impressas na parede de um casebre de tijolos, à direita da estrada, alguns minutos antes de se chegar a Genappe. Os prussianos lançaram-se sobre a aldeia, furiosos por terem vencido tão depressa. A perseguição foi monstruosa. Blücher ordenou o extermínio completo. Roguet havia dado o lúgubre exemplo de ameaçar de morte todo granadeiro francês que lhe trouxesse um prisioneiro prussiano. Blücher excedeu a Roguet. O General da jovem guarda, Duhesme, acuado na porta de um albergue de Genappe, deu a própria espada a um hussardo, que o matou. A vitória terminou pelo assassinato dos vencidos. Punamo-lo, já que representamos a história: o velho Blücher se desonrou. Essa ferocidade foi o auge do desastre. A fuga desesperada atravessou Genappe, atravessou Quatre-Bras, atravessou Gosselies, atravessou Frasnes, atravessou Charleroi, atravessou Thuin, não parando senão na fronteira. E quem

fugia dessa maneira? O Grande Exército!

Essa vertigem, esse terror, esse desmoronamento, essa queda da mais alta bravura que jamais surpreendeu tanto a Europa, teria acontecido sem motivo? Não. A sombra de uma mão enorme se projetava sobre Waterloo. Era o dia do destino. Uma força superior ao homem já o havia preestabelecido. Daí o pânico, daí o espetáculo de tantas grandes almas entregando as armas. Os que haviam vencido toda a Europa caíram vencidos, nada mais tendo a fazer ou a dizer, sentindo naquela sombra uma presença terrível. *Hoc erat in fatis*.[22] Naquele dia, mudou-se a perspectiva do gênero humano. Waterloo é o gonzo sobre o qual gira o século XIX. O desaparecimento do grande homem era necessário para o desenvolvimento do grande século. Alguém, a quem não se replica jamais, se encarregou da tarefa. O pânico dos heróis é explicável. Na batalha de Waterloo há muito mais que uma nuvem; há um meteoro. Deus passou por ali.

Quando a noite caía, num campo perto de Genappe, dois soldados agarraram pela aba do sobretudo, fazendo-o parar, um homem feroz, pensativo, sinistro, que, arrastado até ali pela avalanche de fugitivos, acabava de apear do cavalo e, segurando as rédeas, de olhos desvairados, voltava-se sozinho para contemplar Waterloo. Era Napoleão, tentando ainda ir em frente, gigantesco sonâmbulo de um sonho desfeito.

XIV | O ÚLTIMO ESQUADRÃO

Alguns esquadrões da guarda, imóveis em meio à corrente de desertores, como rochedos em meio à água que rola, lutaram até a noite. Vindo a escuridão e a morte, esperaram por essa dupla sombra e, inabaláveis, deixaram-se envolver. Cada regimento, isolado dos outros, não tendo mais laço algum com o exército, batido por todos os lados, morria sozinho. Tomaram posições para um último ataque, uns sobre as colinas de Rossomme, outros no planalto de Mont-Saint-Jean. Lá, abandonados, vencidos, aqueles sombrios esquadrões agonizavam terrivelmente. Ulm, Wagram, Iéna, Friedland morreram entre eles.

No crepúsculo, pelas nove horas da noite, aos pés do planalto do Mont-Saint-Jean, ainda restava um. Naquele vale funesto, à beira daquela rampa juncada com os cadáveres dos couraceiros, agora inundada pelas forças inglesas, sob o fogo convergente da artilharia inimiga vitoriosa, sob uma horrível carga de projéteis, esse esquadrão ainda lutava. Era comandado por um obscuro oficial chamado Cambronne.[23] A cada nova descarga, o esquadrão diminuía e

respondia. Replicava à metralha com a fuzilaria, estreitando-se cada vez mais. De longe, os fugitivos, parando para um breve descanso, esbaforidos, escutavam nas trevas aquele sombrio trovão decrescente.

Quando essa legião não era mais que um punhado de homens, quando a bandeira nada mais era que um trapo, quando os mosquetes, sem munição, não passavam de cajados, quando o monte de cadáveres se tornou maior que o número dos vivos, perpassou entre os vencedores uma espécie de terror sagrado à vista daqueles sublimes agonizantes, e a artilharia inglesa, tomando fôlego, silenciou por completo. Era uma espécie de pausa. Os combatentes tinham a seu redor como que um formigamento de espectros, de silhuetas de homens a cavalo, o perfil negro dos canhões, o céu branco visto através das rodas e das carretas; a colossal cabeça da morte que os heróis entreveem continuamente em meio à fumaça, no fundo da batalha avançava sobre eles e os encarava. Puderam ouvir, naquela escuridão crepuscular, que as armas estavam sendo carregadas; mechas iluminadas, como olhos de tigres brilhando na noite, formavam um círculo ao redor de suas cabeças; todos os morrões das baterias inglesas se aproximavam da boca dos canhões; então, comovido, retendo o supremo instante suspenso sobre aqueles homens, um General inglês, Colville, segundo uns, Maitland, segundo outros, gritou: – Bravos franceses, rendei-vos! – Cambronne respondeu: – Merda![24]

XV | CAMBRONNE

Se o leitor francês quiser ser respeitado, a mais bela palavra que, talvez, um francês tenha pronunciado não poderá ser repetida, proibindo-nos de documentar a sublimidade da história.

Por nossa conta e risco, desobedecemos a essa proibição.

No entanto, entre tantos gigantes, havia um titã: Cambronne.

Dizer essa palavra e morrer em seguida, que pode haver de maior?! Porque querer morrer é morrer, e não foi por sua culpa que, ferido, ele conseguiu sobreviver.

O homem que ganhou a batalha de Waterloo não foi Napoleão derrotado, não foi Wellington recuando às quatro horas, desesperado às cinco, nem Blücher, que não chegou a combater; o homem que venceu a batalha de Waterloo foi Cambronne.

Fulminar com essa palavra o trovão que o esmaga é vencer.

Dar essa resposta à catástrofe, falar assim ao destino, construir essa base para o futuro leão, jogar essa réplica à chuva da noite, ao tétrico muro de Hougomont, à estrada de Ohain, ao atraso de Grouchy, à chegada de Blücher; ser irônico à beira do sepulcro; inventar um modo de continuar de pé depois de caído; afogar em apenas duas sílabas a coligação europeia; mostrar aos reis aquelas sentinas já conhecidas pelos césares; fazer da última das palavras a primeira, juntando-a ao clarão de toda a França; terminar insolentemente Waterloo por um carnaval; completar Leônidas por Rabelais;[25] resumir essa vitória em uma palavra suprema, impossível de se pronunciar; perder terreno e salvar a história; depois da carnificina, ter vontade de rir é imenso.

Esse insulto ao raio chega a ter uma grandeza esquiliana.

A palavra de Cambronne produz o efeito de uma fratura. É a fratura de um peito pelo desdém; é o cúmulo da agonia explodindo. Quem venceu? Wellington? Não. Sem Blücher ele estaria perdido. Blücher? Não. Se Wellington não tivesse começado, Blücher não teria podido terminar. Mas Cambronne, Soldado da última hora, ignorado, esse infinitamente pequeno da guerra, sente que há uma mentira em toda aquela catástrofe, pungente acréscimo de sofrimento; e, no momento em que estoura de raiva, oferecem-lhe um escárnio: a vida! Como calar-se?

Estão ali todos os reis da Europa, os generais felizes, os jupíteres tonantes, com seus cem mil soldados vitoriosos, e atrás desses cem mil, outro milhão; seus canhões de mechas acesas lá estão de bocarras abertas, tendo sob as rodas a Guarda Imperial e o Grande Exército; acabam de esmagar Napoleão, e só resta Cambronne; não há mais ninguém para protestar senão esse verme da terra. E ele protestará. Então procurou uma palavra como se procura uma espada. Vem-lhe espuma à boca, e essa espuma é a palavra desejada. Diante daquela vitória prodigiosa e medíocre, diante daquela vitória sem vencedor, esse desesperado se levanta; sente a sua grandeza, mas constata-lhe a nulidade; então faz mais do que escarrar-lhe no rosto; e sob o peso do número, da força e da matéria, encontra em sua alma uma expressão: o excremento. Repetimos ainda uma vez: dizer essa palavra, encontrá-la, é ser o vencedor.

O espírito dos grandes dias se apoderou desse homem desconhecido em seu minuto fatal. Cambronne encontra a palavra justa para Waterloo como Rouget de l'Isle [26] encontrou a *Marseillaise*, por inspiração do alto. Um eflúvio da tempestade divina se destaca e passa no meio desses homens, e eles estremecem; um canta seu último canto, o outro solta um grito terrível. Essa palavra de titânico desdém, Cambronne não a lança somente ao rosto da Europa, em nome

do Império; seria muito pouco; lança-a ao passado, em nome da Revolução. Nós a ouvimos, e reconhecemos em Cambronne a velha alma dos gigantes. Parece-nos que é Danton que fala ou Kleber que ruge.

À palavra de Cambronne, a voz inglesa respondeu: – Fogo! – Os canhões coruscaram, a colina estremeceu, de todas aquelas bocas de bronze saiu um derradeiro vômito de metralha, espantoso; uma fumaça incomensurável, vagamente esbranquiçada pelo clarão da lua, rolando para o alto, e, quando essa fumaça se dissipou, nada mais restava. Aquele resto formidável estava aniquilado; a guarda estava morta. Os quatro muros daquela trincheira viva jaziam no chão; apenas se podia distinguir aqui e ali um ligeiro estremecimento no meio dos cadáveres. E assim é que as legiões francesas, maiores que as legiões de Roma, expiraram em Mont-Saint-Jean, sobre a terra molhada de chuva e de sangue, entre os trigais sombrios, à direita de onde por hoje passa, às quatro horas da manhã, assobiando e fustigando alegremente seu cavalo, Joseph, o boleeiro que faz o serviço de mala-posta de Nivelles.

XVI | *QUOT LIBRAS IN DUCE?* [27]

A batalha de Waterloo é um enigma. É tão obscura para os que a venceram como para quem a perdeu. Para Napoleão foi um verdadeiro pânico; [28] Blücher só vê fogo; Wellington nada compreende. Leiam os boletins. São confusos; os comentários, contraditórios. Uns balbuciam, outros gaguejam. Jomini divide a batalha de Waterloo em quatro momentos; Muffling a divide em três acontecimentos principais; Charras, embora sobre alguns pontos nós tenhamos outras ideias, só conseguiu abranger com sua vista sagaz as linhas características dessa catástrofe do gênio humano às voltas com o acaso divino.[29] Todos os outros historiadores sentem

Nesse acontecimento, marcado por uma indigência sobre-humana, a parte dos homens é nula.

Roubar Waterloo a Wellington e a Blücher é subtrair alguma coisa à Inglaterra ou à Alemanha? Não. Nem essa ilustre Inglaterra nem essa augusta Alemanha fazem parte do problema de Waterloo. Graças aos céus, os povos são grandes sem precisar das lúgubres aventuras da espada. Nem a Alemanha, nem a Inglaterra, nem a França tiram sua grandeza da bainha de uma espada. Nessa época, em que Waterloo nada mais é que um retinir de sabres, acima de Blücher a Alemanha tem Goethe, e acima de Wellington a Inglaterra tem Byron;[30] um

vasto renascer de ideias é a característica de nosso século, e nessa aurora, a Inglaterra e a Alemanha têm brilho magnífico. São majestosas porque sabem pensar. A elevação de nível que trazem à civilização é-lhes intrínseca; vem delas mesmas e não de um acidente. O que elas têm de progresso no século XIX não tem como origem Waterloo. Somente povos bárbaros sentem súbitas indigestões após uma vitória. É a vaidade passageira das torrentes infladas pelo aguaceiro. Os povos civilizados, sobretudo nos tempos atuais, não se levantam nem se abaixam conforme a boa ou má sorte de um capitão. Seu peso específico no gênero humano resulta de algo mais que um simples combate. Sua honra, graças a Deus, sua dignidade, sua luz, seu gênio, não são números que esses jogadores, os heróis e os conquistadores, possam arriscar na loteria das batalhas. Quase sempre, batalha perdida é progresso adquirido. Menos glória e mais liberdade. Os tambores se calam e a razão toma a palavra. É um jogo de perde-ganha. Falemos, pois, de Waterloo friamente, dos dois lados. Demos ao acaso o que lhe pertence e a Deus o que é de Deus. Que foi Waterloo? Uma vitória? Não. Uma partida. Partida ganha pela Europa e paga pela França. É inútil colocar lá aquele leão.

Afinal, Waterloo é o mais estranho choque havido em toda a história: Napoleão e Wellington. Não se trata de inimigos, mas de polos contrários. Jamais Deus, a quem tanto agradam as antíteses, estabeleceu contraste mais marcante, confronto mais extraordinário. De um lado, a precisão, a previsão, a geometria, a prudência, a retirada segura, as reservas poupadas, um sangue-frio inalterável, um método imperturbável, a estratégia tirando todas as vantagens do terreno, a tática que equilibra os batalhões, a carnificina calculada sob medida, a guerra dirigida de relógio na mão, nada deixado voluntariamente ao acaso, a velha coragem clássica, a correção absoluta; do outro lado, a intuição, a adivinhação, o desconhecimento militar, o instinto sobre-humano, o olhar flamejante, um não sei quê que olha como a águia e fere como o raio, uma prodigiosa arte numa impetuosidade desdenhosa, todos os mistérios de uma alma profunda, a associação com o destino; o rio, a planície, a floresta, a colina, somados e de algum modo forçados a obedecer; o déspota indo ao extremo de tiranizar o campo de batalha, a fé na boa estrela de mistura com a ciência estratégica, engrandecendo-a mas perturbando-a. Wellington era o Barrême da guerra. Napoleão era o Michelangelo;[31] e, desta vez, o gênio foi vencido pelo cálculo.

De ambos os lados, esperava-se por alguém. E o calculador exato foi quem se saiu melhor. Napoleão esperava por Grouchy; ele não veio. Wellington esperava

por Blücher, e ele veio.

Wellington é a guerra clássica que toma desforra. Bonaparte, ainda em sua aurora, encontrara-o na Itália e o vencera. A velha coruja fugira diante do jovem abutre. A antiga tática havia sido não só fulminada, mas escandalizada. Quem era aquele corso de vinte e seis anos? Que significava aquele esplêndido ignorante que, tendo tudo contra ele, nada a seu favor, sem víveres, sem munição, sem canhões, sem sapatos, quase sem exército, com um punhado de homens contra enormes esquadrões, se precipitava sobre a Europa coligada, ganhando de modo absurdo vitórias impossíveis? De onde saíra aquele brilhante alucinado que, quase sem tomar fôlego, e com o mesmo jogo dos combatentes em suas mãos, pulverizava, um após outro, os cinco exércitos do Imperador da Alemanha, lançando Beaulieu sobre Alvinzi, Wurmser sobre Beaulieu, Mélas sobre Wurmser, Mack sobre Mélas? Quem era aquele recém-chegado aos campos de batalha, arrogante como um astro? A escola acadêmica militar o excomungava, enquanto batia em retirada. Daí o implacável rancor do velho cesarino contra o novo, do sabre discreto contra a espada brilhante, do tabuleiro contra o gênio. No dia 18 de junho de 1815 esse rancor deu a última palavra e escreveu, abaixo de Lodi, de Montebello, de Montenotte, de Mântua, de Marengo e de Ar Lodi, de Montebello, de Montenotte, de Mântua cole: Waterloo. Triunfo dos medíocres, agradável às maiorias. O destino consentiu essa ironia. Em seu delírio, Napoleão reencontrou em sua frente Wurmser jovem.

Com efeito, para ter Wurmser, basta pintar de branco os cavalos de Wellington.

Waterloo é uma batalha de primeira ordem, ganha por um capitão de segunda.

O que merece ser admirado na batalha de Waterloo é a Inglaterra, é a firmeza inglesa, a resolução inglesa, é o sangue inglês; o que a Inglaterra mostrou de soberbo, não lhe desagrade o que eu digo, foi ela mesma. Não foi o seu Capitão, foi o seu exército.

Wellington, estranhamente ingrato, declara numa carta a Lorde Bathurst que seu exército, o exército que combateu naquele 18 de junho de 1815, era “detestável”. Que pensará disso essa sombria confusão de esqueletos enterrados nos campos de Waterloo?

A Inglaterra foi muito modesta em relação a Wellington. Engrandecer tanto Wellington é diminuir a Inglaterra. Wellington é um herói como qualquer outro. Os bravos escoceses, a guarda montada, os regimentos de Maitland e de Mitchell, a infantaria de Pack e de Kempt, a cavalaria de Ponsonby e de Somerset, os *highlanders* tocando gaitas de fole sob o fogo da metralha, os

batalhões de Rylandt, os recrutas inexperientes que sabiam apenas manobrar os mosquetes à frente das velhas tropas de Essling e de Rivoli, aí está toda a grandeza. Wellington foi tenaz, esse foi o seu único mérito, e nós não o vamos roubar; mas o menor de seus infantes ou de seus cavaleiros foi tão firme quanto ele. O soldado de ferro igualou-se ao Duque de Ferro. Quanto a nós, toda a nossa glorificação damo-la ao soldado inglês, ao exército inglês, ao povo inglês. Se existe algum troféu, deve ser dado à Inglaterra. A coluna de Waterloo seria mais justa se, em lugar da figura de um homem, elevasse aos céus a estátua de um povo.

Mas a grande Inglaterra não vai gostar do que dizemos aqui. Ela conserva ainda, depois de seu 1688 e do nosso 1789, a ilusão feudal. Ela ainda acredita na hereditariedade e na hierarquia. Esse povo, que nenhum outro vence em poder e glória, considera-se uma nação e não um povo. E como povo subordina-se facilmente, tomando um lorde como uma cabeça. *Workman*, deixa-se desprezar; soldado, deixa-se espancar.

Todos se recordam de que na batalha de Inkermann, um sargento que, como tudo indica, havia salvado o exército, não foi mencionado por Lorde Raglan porque a hierarquia militar inglesa não permite que seja citado nos boletins nenhum herói que não seja, ao menos, oficial.

O que admiramos sobretudo, numa batalha como a de Waterloo, é a prodigiosa habilidade do acaso. A chuva noturna, o muro de Hougomont, a estrada de Ohain, Grouchy surdo aos canhões, o guia de Napoleão a enganá-lo, o guia de Bülow a esclarecê-lo; todo esse cataclisma foi maravilhosamente conduzido.

Em conclusão, digamo-lo, em Waterloo houve mais massacre que batalha.

Waterloo é, de todas as batalhas campais, a que apresentou menor frente com tão grande número de combatentes. Napoleão, três quartos de légua; Wellington, meia légua; setenta e dois mil combatentes de cada lado; esse acúmulo deu origem à carnificina.

Fez-se um cálculo e se estabeleceu esta proporção sobre a perda de homens: em Austerlitz, franceses, 14%; russos, 30%; e austríacos, 44%. Em Wagram, franceses, 13%; austríacos, 14%. Em Moscou, franceses, 37%; russos, 44%. Em Bautzen, franceses, 13%; russos e prussianos, 14%. Em Waterloo, franceses, 56%; aliados, 31%. Total para Waterloo, 41%. Cento e quarenta e quatro mil combatentes; sessenta mil mortos.

O campo de Waterloo tem atualmente a calma própria da terra, suporte

impassível do homem, e assemelha-se a todas as planícies.

Ao cair da noite, surge uma espécie de bruma fantástica, e se alguém por aí passa, olha e escuta, e sonha como Virgílio nas funestas planuras de Filipos,[32] a alucinação da catástrofe o arrebata. O temível 18 de junho ressuscita; a falsa colina-monumento se eclipsa, aquele leão qualquer se dissipa, o campo de batalha retoma a realidade; linhas de infantaria ondulam na planície, galopes furiosos atravessam o horizonte; o sonhador, assustado, vê o relâmpago dos sabres, o brilho das baionetas, o flamejar das bombas, o diálogo monstruoso dos trovões; ele escuta, como um estertor vindo do fundo de um sepulcro, o clamor distante da batalha fantasma; estas sombras aqui são os granadeiros; aqueles reflexos ali são os couraceiros; este esqueleto é Napoleão; este outro é Wellington; tudo isso não existe mais e, no entanto, luta e combate ainda; os barrancos se cobrem de púrpura, as árvores estremecem, há fúria até nas nuvens, e, nas trevas, todas essas colinas hostis, Mont-Saint-Jean, Hougomont, Frischemont, Papelotte, Plancenoit, aparecem confusas, coroadas de turbilhões de espectros que se exterminam mutuamente.

XVII | DEVE-SE ACHAR BOM WATERLOO?

Há uma escola liberal muito digna de respeito que não odeia absolutamente Waterloo. Não fazemos parte dela; para nós, Waterloo nada mais é que o nascimento espantoso da liberdade. Que tal águia saia de tal ovo é, sem dúvida, inesperado.

Waterloo, se nos colocarmos no ponto de vista culminante da questão, é intencionalmente uma vitória contrarrevolucionária. É a Europa contra a França, é Petersburgo, Berlim e Viena contra Paris, é o *status quo* contra a iniciativa, é o 14 de julho de 1789 atacado pelo 20 de março de 1815, é o toque de combate das monarquias contra a indomável sublevação francesa. Aniquilar, enfim, esse grande povo, em erupção havia mais de vinte anos, esse era o seu sonho. Solidariedade dos Brunswick, dos Nassau, dos Romanoff, dos Hohenzollern, dos Habsburgo com os Bourbon. Waterloo traz consigo o direito divino. É verdade que, tendo o império sido despótico, a realeza, pela reação natural dos elementos, devia ser forçosamente liberal, originando-se infelizmente de Waterloo, para grande pesar dos vencedores, a ordem constitucional. É que a revolução não pode ser verdadeiramente vencida, e, sendo providencial e absolutamente inevitável, reaparece sempre, antes de Waterloo, com Bonaparte,

jogando ao chão os antigos tronos, e, depois de Waterloo, com Luís XVIII, outorgando e submetendo-se à Constituição. Bonaparte põe um postilhão no trono de Nápoles e um sargento no trono da Suécia,[33] usando a desigualdade para demonstrar a igualdade; Luís XVIII, em Saint-Ouen, referenda a Declaração dos Direitos do Homem. Querem dar-se conta do que é uma revolução? Chamem-na de Progresso. Querem dar-se conta do que é o progresso? Chamem-no de Amanhã. O amanhã constrói irresistivelmente a sua obra, começando-a hoje mesmo. Ele consegue sempre o seu objetivo. Usa Wellington para fazer de Foy, antes simples soldado, um orador.[34] Foy tomba em Hougomont e se notabiliza na tribuna. Assim costuma agir o progresso. Não existem más ferramentas para esse operário. Ele adapta perfeitamente à sua missão divina, sem se desconcertar, o homem que galgou os Alpes e o velho doente e indeciso dos Champs-Élysées. Serve-se do reumático como se fosse um conquistador; do conquistador, por fora, e do reumático, por dentro. Waterloo, acabando para sempre com a demolição dos tronos europeus pela espada, não teve outro efeito senão incrementar o trabalho revolucionário pelo outro lado. É o fim do militar destemido; chegou a vez do pensador. O século que Waterloo queria fazer parar, passou-lhe por cima e continuou seu caminho. Essa vitória sinistra foi vencida pela liberdade.

Em suma, e incontestavelmente, o que venceu em Waterloo, o que sorria por trás de Wellington, o que lhe entregou todos os bastões de General de toda a Europa, inclusive, digamos, o bastão de Marechal da França, o que fazia rodar alegremente as carroças de terra cheias de esqueletos para levantar o outeiro do leão, o que escreveu triunfalmente sobre esse pedestal a data: *18 de junho de 1815*, o que encorajou Blücher a aproveitar-se da derrota, o que do alto do planalto de Mont-Saint-Jean se curvava sobre a França como sobre uma presa, era a contrarrevolução. É a contrarrevolução que murmurava esta palavra infame: desmembramento. Chegando a Paris, ela pôde ver de perto a cratera, sentiu que aquelas cinzas lhe queimavam os pés, e mudou de parecer. Pôs-se a balbuciar uma constituição.

Não vejamos em Waterloo senão o que realmente existe em Waterloo. Nenhuma liberdade intencional. A contrarrevolução era involuntariamente liberal, do mesmo modo que, por um fenômeno correspondente, Napoleão era involuntariamente revolucionário. A 18 de junho de 1815, Robespierre foi apeado de seu cavalo.

XVIII | RECRUDESCÊNCIA DO DIREITO DIVINO

Fim da ditadura. Desmorona-se todo um sistema da Europa.

O Império sucumbiu em uma sombra muito semelhante à do mundo romano prestes a se extinguir. Voltou-se ao abismo como no tempo dos bárbaros, com a diferença de que a barbárie de 1815, que devemos chamar eufemicamente de contrarrevolução, tinha fôlego curto; cedo faltou-lhe o ar, e se extinguiu. O Império, é preciso admitir, foi chorado, e chorado por olhos heroicos. Se a glória estava na espada transformada em cetro, o Império foi a própria glória. Teria espalhado por sobre a terra toda a luz que a tirania pode produzir: luz sombria. Digamos mais: luz obscura. Comparada à luz do dia, era a noite. Esse desaparecimento da noite fez o efeito de um eclipse.

Luís XVIII voltou a Paris. As festas do 8 de julho quebraram o entusiasmo do 20 de março.[35] O corso tornou-se a antítese do bearnês. A bandeira da cúpula das Tuileries era branca. O exílio foi entronizado. A mesa de pinheiro de Hartwell tomou lugar diante da poltrona ornada de flores de lis de Luís XIV. Falou-se de Bouvines e de Fontenoy como se tivessem acontecido ontem, já que Austerlitz estava no passado.[36] O altar e o trono confraternizaram majestosamente. Uma das formas mais incontestadas da salvação da sociedade no século XIX se estabeleceu sobre a França e sobre o continente. A Europa adotou o laço branco. Trestaillon ficou célebre.[37] A divisa *non pluribus impar* reapareceu nos raios de pedra representando o sol sobre a fachada da caserna do Quai d' Orsay.[38] Onde quer que houvesse uma Guarda Imperial surgia uma guarita vermelha. O arco do *carrousel*, todo carregado de vitórias malconduzidas, desorientado em meio a tantas novidades, talvez um tanto envergonhado de Marengo e de Arcole, resolveu o problema com a estátua do Duque de Angoulême.[39] O cemitério de la Madeleine, temível fossa comum de 93, cobriu-se de mármores e de jaspe, pois em meio à sua poeira jaziam os olhos de Luís XVI e Maria Antonieta. Em Vincennes, surge da terra uma coluna sepulcral, para lembrar que o Duque de Enghien morrera no mesmo mês em que Napoleão fora coroado.[40] O Papa Pio VII, que havia celebrado essa sagração tão próxima daquela morte, abençoou tranquilamente a queda como abençoaria a elevação.[41] Em Schoenbrunn havia uma pequena sombra de apenas quatro anos de idade a quem se tornou perigoso chamar Rei de Roma.[42] E essas coisas aconteceram, os reis retomaram seus antigos tronos, o senhor da Europa foi metido em uma jaula, o antigo regime voltou a ser o novo, e toda a sombra e toda a luz da terra mudaram de lugar só porque, na tarde de um dia de verão, um

pastor disse a um prussiano à sombra de um bosque: – Passe por aqui e não por ali!

Esse 1815 foi uma espécie de abril triste. As velhas realezas doentias e venenosas se cobriram de novas aparências. A mentira celebrou núpcias com 1789, o direito divino escondeu-se por trás de uma Carta, as ficções tornaram-se constitucionais, os preconceitos, as superstições e as segundas intenções, com o artigo 14º. no coração, envernizaram-se de liberalismo.[43] Simples troca de pele de serpentes.

O homem fora, ao mesmo tempo, engrandecido e humilhado por Napoleão. O ideal, sob esse reino de matéria esplêndida, recebeu o nome estranho de ideologia. Grave imprudência de um grande homem zombar do futuro! No entanto, os povos, carne de canhão tão amiga dos canhoneiros, procuravam-no com os olhos. Onde está ele? Que faz ele agora? – Napoleão morreu – dizia um transeunte a um inválido de Marengo e de Waterloo. – *Ele, morto?!* – exclamou o soldado – *estou vendo que o senhor o conhece muito pouco!* – A imaginação desafiava aquele homem espantado. O fundo da Europa, depois de Waterloo, foi tenebroso. Algo enorme ficou por longo tempo vazio com o desaparecimento de Napoleão.

Os reis se colocaram nesse vazio. A velha Europa aproveitou-se da ocasião para se reformar. Houve até uma Santa Aliança.[44] Bela Aliança! teria dito muito antes o campo fatal de Waterloo.

Na presença e diante dessa antiga Europa refeita, esboçaram-se os primeiros lineamentos de uma nova França. O futuro escarnecido pelo Imperador começou. Em sua fronte havia a estrela: “Liberdade”. Os olhos ardentes das jovens gerações voltaram-se para ele. Coisa singular! Enamoraram-se ao mesmo tempo desse futuro, Liberdade, e desse passado, Napoleão. A derrota engrandeceu o vencido. Bonaparte caído parecia mais alto que Napoleão de pé. Os que haviam triunfado tiveram medo. A Inglaterra nomeou como seu carcereiro a Hudson Lowe, e a França a Montchenu.[45] Aqueles braços cruzados transformaram-se na preocupação maior dos tronos. Alexandre chamava-o de *minha insônia*.[46] Esse medo provinha da quantidade de revolução que ele tinha em si. É o que explica e perdoa o liberalismo bonapartista. Esse fantasma fazia estremecer o velho mundo. Os reis não podiam governar muito à vontade com o rochedo de Santa Helena no horizonte.

Enquanto Napoleão agonizava em Longwood, os sessenta mil homens caídos no campo de Waterloo se desintegravam tranquilamente, e um pouco de sua paz se expandiu pelo mundo. O Congresso de Viena fez os tratados de 1815, e a

Europa chamou a isso de Restauração.

Eis o que é Waterloo.

Mas que importa ao infinito toda essa borrasca, toda essa nuvem, essa guerra e essa paz? Toda essa sombra não perturbou por um só instante o brilho do olho imenso diante do qual um inseto, saltando de uma pequenina haste a outra, é igual à águia que voa de campanário em campanário nas torres de Notre-Dame.

XIX | O CAMPO DE BATALHA À NOITE

Voltemos – é uma necessidade deste livro – a esse fatal campo de batalha.

A noite de 18 de junho de 1815 era de lua cheia. A claridade favorecera a feroz perseguição de Blücher, denunciando os rastos dos fugitivos, entregando aquela trágica multidão à cavalaria prussiana encarniçada e ajudando o massacre. Às vezes as catástrofes se prevalecem dessas trágicas complacências da noite.

Depois do último tiro de canhão, a planície de Mont-Saint-Jean ficou deserta.

Os ingleses ocuparam o acampamento dos franceses; é essa a habitual constatação da vitória: dormir na cama dos vencidos. Eles ergueram suas barracas além de Rossomme. Os prussianos, em sua perseguição furiosa, foram mais adiante. Wellington dirigiu-se à aldeia de Waterloo para redigir seu relatório a Lorde Bathurst.[47]

Se jamais o *sic vos non vobis* foi aplicável, sem dúvida poderá sê-lo agora a essa aldeia de Waterloo.[48] Waterloo nada fez, ficando meia légua distante da ação. Mont-Saint-Jean foi metralhado, Hougomont foi incendiado junto com Papelotte e Plancenoit, Haie-Sainte foi tomada de assalto, Belle-Alliance presenciou o primeiro choque dos dois vencedores, e a custo nos lembramos de seus nomes; Waterloo, que nada fez pela batalha, ganhou todas as honras.

Não fazemos parte do número dos que lisonjeiam a guerra; quando a ocasião se apresenta, sempre externamos o nosso modo de pensar a respeito. A guerra tem monstruosas belezas que não escondemos absolutamente; mas tem também, convenhamos, suas atrocidades. Uma das mais surpreendentes é o rápido despojamento dos mortos depois da vitória. A aurora que se segue a uma batalha sempre se levanta sobre cadáveres nus.

Quem é o autor dessa espoliação? Quem deturpa assim o triunfo? Que odiosa mão furtiva é essa que se introduz nos bolsos da vitória? Quem são esses gatunos

que se aproveitam da glória? Alguns filósofos, entre outros Voltaire, afirmam que esses são os que realmente alcançam a glória. São os mesmos, dizem eles, não há substituição alguma: os que estão de pé roubam os que estão por terra. O herói do dia é o vampiro da noite. Afinal, têm o direito de espoliar um pouco os cadáveres de que são autores. Quanto a nós, pensamos diversamente. Colher louros e roubar as botas de um morto parecem-nos duas coisas irreconciliáveis.

O que é certo é que, comumente, atrás dos vencedores, chegam os ladrões. Mas ponhamos o soldado, sobretudo o soldado de nossos dias, fora do assunto.

Todo exército tem uma cauda; a ela é que devemos acusar. Homens-morcegos, meio bandidos, meio lacaios, todas as espécies de animais noturnos gerados pelo crepúsculo da guerra, vestindo uniformes sem ser combatentes, falsos doentes, estropiados temíveis, taverneiros contrabandistas correndo, muitas vezes com suas mulheres, sobre pequenas carroças, roubando para revender, mendigos oferecendo-se como guias a oficiais, vagabundos acostumados à pilhagem; os exércitos de outrora, quando se punham em marcha – não falamos dos modernos –, arrastavam toda essa corja que a gíria dos batalhões chamava de “retardatários”. Nenhum exército de nenhuma nação pode-se considerar responsável por essa gente; falavam italiano, e seguiam os alemães; falavam francês, e seguiam os ingleses. Foi por um desses miseráveis, um espanhol que falava francês, que o Marquês de Fervacques, enganado por seu ininteligível sotaque picardo, tomando-o por um dos nossos, foi morto traiçoeiramente e roubado no próprio campo de batalha na noite que se seguiu à vitória de Cerisoles.[49] Da velhacaria nascia o velhaco. A detestável máxima *Viver do inimigo* produzia essa lepra que só poderia ser sanada por uma rígida disciplina. Há muitas reputações que nos iludem; não se sabe por que certos generais, aliás notáveis, tornaram-se tão populares. Turenne era adorado pelos seus soldados porque tolerava a pilhagem; a permissão do mal faz parte da bondade; Turenne era tão bom que deixou arrasar a fogo e sangue o Palatinado.[50] Viam-se, seguindo os exércitos, maior ou menor número de vagabundos segundo a tolerância maior ou menor dos chefes. Hoche e Marceau não tinham esse tipo de séquito;[51] Wellington, rendemos-lhe de muita boa vontade esta justiça, tinha-o em número muito reduzido.

Contudo, na noite de 18 para 19 de junho, os mortos foram despojados. Wellington foi intransigente; pena capital para quem quer que fosse preso em flagrante delito; mas a rapina é tenaz. Os ladrões roubavam em um canto do campo de batalha enquanto alguns eram fuzilados no outro.

A lua brilhava sinistra por cima da planura.

Pela meia-noite, um homem rondava, ou, antes, arrastava-se para os lados da estrada de Ohain. Era, segundo todas as aparências, um dos que acabamos de caracterizar, nem inglês, nem francês, nem camponês, nem soldado, menos homem que hiena, atraído pelo cheiro dos mortos, tendo como vitória o roubo, vindo a Waterloo para saquear. Estava vestido com uma blusa que lhe servia quase de capote, era inquieto e audacioso, avançando sempre, mas sempre olhando para trás. Quem era esse homem? A noite provavelmente o conhecia muito mais que o dia. Não levava saco algum, mas, evidentemente, seu casaco tinha grandes bolsos. De vez em quando parava, examinava o terreno a seu redor, como para ver se estava ou não sendo observado, inclinava-se apressadamente, revolvia no chão qualquer coisa imóvel e silenciosa, depois se levantava e se esquivava. Seu modo de se arrastar, suas atitudes, seus gestos rápidos e misteriosos faziam-no semelhante a essas larvas crepusculares que povoam as ruínas e que as antigas lendas normandas chamam de *alleurs*.

Algumas aves pernaltas, nos pântanos, à noite, produzem silhuetas semelhantes.

Um olhar que penetrasse melhor todo aquele nevoeiro poderia notar, a alguma distância, parado e como que escondido por trás do casebre que ficava à beira da estrada de Nivelles, na encruzilhada produzida pela estrada que vai de Mont-Saint-Jean a Braine-l’Alleud, uma espécie de carroça de vivandeiro, coberta de vime, atrelada a um animal esfomeado que comia urtigas apesar do freio que lhe prendia a boca, e na carroça uma espécie de mulher, sentada em cima de caixotes e embrulhos. Talvez houvesse alguma ligação entre essa carroça e aquele gatuno.

A obscuridade era serena. Nenhuma nuvem no céu. Que importa que a terra esteja vermelha? A lua continua sempre branca. Essa é uma das indiferenças do firmamento. Nos prados, ramos de árvores quebrados pela metralha, ainda ligados aos troncos, balançavam docemente ao vento da noite! Um hálito, quase uma respiração, agitava os arbustos. Pela erva, notavam-se estremecimentos que se assemelhavam a despedidas de almas.

Ouvia-se vagamente, ao longe, o vaivém das patrulhas e vigias do acampamento inglês.

Hougomont e Haie-Sainte continuavam a arder, produzindo, uma a oeste, outra a leste, duas grandes chamas, às quais se ligava, como um colar de rubis estendido, tendo nas extremidades duas pedras preciosas, o cordão de fogueiras do acampamento inglês disposto num imenso semicírculo sobre as colinas do horizonte.

Já falamos da catástrofe da estrada de Ohain. O que foi a morte de tantos bravos é coisa que nos espantamos só de imaginar.

Se existe algo terrível, se existe alguma realidade que ultrapasse os sonhos, é esta: viver, ver o sol, estar em plena posse da força viril, ter saúde e alegria, rir com audácia, correr em direção a uma glória que está ali mesmo, resplandecente, sentir no peito um pulmão que respira, um coração que palpita, uma vontade que raciocina, falar, pensar, esperar, amar, ter mãe, ter mulher, ter filhos, ter luz, e, de repente, sem tempo para dar um grito, em menos de um minuto, mergulhar num abismo, cair, rolar, esmagar, ser esmagado, ver espigas de trigo, flores, folhas, ramos sem poder agarrar-se a nada, possuir um sabre inútil, sentir corpos triturados e o peso dos cavalos, debater-se em vão, com os ossos esmigalhados por um coice, sentir um sapato que faz saltar os olhos, morder com raiva os ferros das montarias, asfixiar-se, berrar, torcer-se, estar lá embaixo, e dizer: – Agora mesmo eu vivia!

Lá, onde se ouviram os gritos de tão tremendo desastre, tudo era silêncio agora. A depressão do caminho estava cheia de cavalos e cavaleiros inextricavelmente amontoados. Embaralhamento terrível. Não havia mais nenhum barranco; os cadáveres nivelavam a estrada com a planície, chegando-lhe até as bordas como uma medida de cevada bem cheia. Um amontoado de mortos na parte alta, um rio de sangue na parte baixa; assim estava aquela estrada na noite de 18 de junho de 1815. O sangue corria até a estrada de Nivelles e se extravasava num grande charco diante dos ramos de árvores que barricavam o caminho, num lugar que ainda hoje é conhecido. Foi, como se lembram, no ponto oposto, para os lados da estrada de Genappe, que aconteceu o desastre dos couraceiros. A quantidade de cadáveres era proporcional à profundidade do caminho. Mais ou menos no meio, onde não havia barrancos, justamente no lugar por onde passara a divisão Delord, o número de mortos era reduzido.

O vagabundo noturno, que acabamos de mostrar ao leitor, andava por esses lados. Investigava aquele enorme sepulcro, sempre atento, passando em revista os cadáveres. Caminhava com os pés mergulhados em sangue.

De repente, parou.

Alguns passos em sua frente, no meio da estrada, no ponto em que os cadáveres eram menos numerosos, debaixo daquele amontoado de homens e cavalos, saía uma mão aberta, iluminada pela luz do luar.

Essa mão tinha num dos dedos algo brilhante; era um anel de ouro.

O homem curvou-se, permaneceu assim por algum tempo, e, quando se levantou, o anel já havia desaparecido.

Ele não chegou precisamente a se levantar; continuou numa atitude simulada, espantada, com as costas voltadas para o monte de cadáveres, perscrutando o horizonte, de joelhos, com todo o peso do corpo sobre os dois índices apoiados na terra, a cabeça atenta por cima das bordas do caminho. As quatro patas do chacal prestam-se admiravelmente a certas ações.

Depois, resolutamente, levantou-se.

Nesse momento, teve um sobressalto. Sentiu que o agarravam por trás.

Voltou-se; era a mão aberta que se havia fechado, puxando-lhe a bainha do capote.

Qualquer homem honesto morreria de medo. Mas este se pôs a rir.

– Olha só! – disse ele. – Não passa de um morto. Prefiro um ressuscitado a um gendarme.

A mão, no entanto, perdeu as forças e o largou. Numa sepultura, o esforço se esgota rapidamente.

– Ora essa! – replicou o ladrão. – Mas este morto está vivo! Vamos ver.

Inclinou-se de novo, revolveu os cadáveres, afastou os que lhe faziam obstáculo, agarrou aquela mão, puxou-lhe o braço, desembaraçou-lhe a cabeça, arrastou o corpo e, alguns instantes depois, carregava na sombra da estrada um homem inanimado, pelo menos desfalecido. Era um couraceiro, oficial de certa posição; uma grande dragona dourada aparecia por baixo da couraça; não tinha mais o capacete. Um grande golpe de sabre cortava-lhe o rosto, e só se via sangue.

Quanto ao mais, não parecia ter nenhum membro quebrado, e por um feliz acaso, se é que podemos usar aqui essa palavra, os mortos haviam formado um arco sobre o seu corpo, impedindo-o de ser esmagado. Os olhos estavam fechados.

Sob a couraça, levava a cruz de prata da Legião de Honra.

O gatuno arrancou-lhe a cruz, fazendo-a desaparecer num dos bolsos do capote.

Depois, apalpou os bolsos do Oficial, percebeu um relógio e o tirou.

Revistou-lhe o gibão, encontrou uma bolsa e roubou-a igualmente.

Quando estava prestando esses curiosos cuidados ao moribundo, o Oficial abriu os olhos.

– Obrigado – disse com voz sumida.

A brutalidade dos movimentos do homem que o carregava e o ar fresco da noite respirado livremente haviam-no tirado de sua letargia.

O ladrão nada respondeu. Levantou a cabeça. Ouvira um ruído de passos; provavelmente, alguma patrulha que se aproximava.

O Oficial murmurou, porque sua voz era ainda a voz da agonia.

– Quem ganhou a batalha?

– Os ingleses – respondeu o gatuno.

O Oficial continuou:

– Procure nos meus bolsos. Tenho aí uma bolsa e um relógio. Fique com eles.

Isso já tinha sido feito.

Contudo, o homem fingiu procurar, e disse:

– Não há nada nos bolsos.

– Então, roubaram-me – replicou o Oficial. – Que pena! Era para recompensá-lo.

Os passos da patrulha tornavam-se cada vez mais distintos.

– Vem gente – disse o ladrão, fazendo o movimento de quem vai fugir.

O Oficial, levantando penosamente o braço, deteve-o.

– O senhor me salvou a vida. Quem é o senhor?

O ladrão respondeu apressadamente e em voz baixa:

– Eu era, como o senhor, do exército francês. É preciso que o deixe aqui. Se me pegarem, fuzilam-me. Salvei-lhe a vida. Agora trate de se arrumar sozinho.

– Qual é seu posto?

– Sargento.

– Como se chama?

– Thénardier.

– Não me esquecerei desse nome – disse o Oficial. – E o senhor, lembre-se do meu. Chamo-me Pontmercy.

LIVRO SEGUNDO

O NAVIO DE GUERRA ORION

I | O NÚMERO 24 601 TRANSFORMA-SE EM 9 430

Jean Valjean foi preso novamente.

De bom grado, passemos rapidamente sobre alguns detalhes dolorosos. Limitar-nos-emos a transcrever duas pequenas notas publicadas nos jornais da época, alguns meses antes dos acontecimentos surpreendentes ocorridos em Montreuil-sur-Mer.

Esses artigos são bastante sumários. Devem lembrar-se de que, por esse tempo, ainda não existia a *Gazette des Tribunaux*.

Tomemos em primeiro lugar o *Drapeau Blanc*, datado de 25 de julho de 1823:[52]

> Um distrito de Pas-de-Calais acaba de ser teatro de extraordinário acontecimento. Um homem desconhecido no lugar, chamado Sr. Madeleine, depois de alguns anos de trabalho, conseguiu fazer progredir, por meio de novos processos, uma antiga indústria local, especializada no fabrico de vidrilhos ou miçangas pretas. Conseguiu fazer fortuna e, devemos dizê-lo, enriqueceu todo o município. Em reconhecimento pelos seus serviços, nomearam-no *Maire*. A polícia descobriu que o Sr. Madeleine não era nada mais que um antigo forçado, chamado Jean Valjean, condenado em 1796 por roubo. Jean Valjean foi levado novamente para as galés. Parece que, antes de ser preso, conseguiu retirar do Banco Laffitte uma soma de mais de meio milhão que aí havia depositado, dinheiro, aliás, muito honestamente ganho no seu comércio. Não se pôde descobrir onde Jean Valjean escondeu essa quantia depois que voltou para as galés de Toulon.

O segundo artigo, um pouco mais pormenorizado, foi extraído do *Journal de Paris* da mesma data:[53]

> Um antigo forçado liberto, chamado Jean Valjean, acaba de comparecer perante os tribunais de Var em circunstâncias notáveis. Esse celerado havia conseguido burlar a vigilância da polícia; mudou de nome e conseguiu fazer-se eleger *Maire* de uma de nossas pequenas cidades do norte. Havia estabelecido nessa cidade um comércio assaz considerável. Por fim, foi desmascarado e preso, graças ao zelo infatigável do Ministério Público. Tinha por concubina uma mulher de rua, morta de susto por ocasião de sua captura. Esse miserável, dotado de força hercúlea, conseguiu evadir-se; mas, três ou quatro meses depois da

fuga, a polícia conseguiu agarrá-lo novamente, aqui mesmo em Paris, no momento em que tomava uma dessas pequenas carruagens que fazem o trajeto da capital à aldeia de Montfermeil (Seine-et-Oise). Dizem que aproveitara o intervalo desses três ou quatro dias de liberdade para retirar considerável soma depositada por ele num de nossos principais bancos. Avalia-se tal soma em seis ou sete milhões de francos. Se formos acreditar no relatório da acusação, ele conserva esse dinheiro em algum lugar conhecido só por ele, sendo portanto impossível encontrá-lo. Seja como for, esse tal de Jean Valjean acaba de ser conduzido aos tribunais do departamento de Var como acusado de roubo a mão armada, cometido há mais ou menos oito anos, na pessoa de um desses bons rapazes que, como já o disse o patriarca de Ferney em versos imortais,

… De Savoie arrivent tous les ans Et dont la main légèrement essuieCes longs canaux engorgés par la suie.[54]

Esse malfeitor recusou defender-se. Ficou estabelecido, pelo hábil e eloquente órgão do Ministério Público, que o roubo fora cometido com a cumplicidade de outros malfeitores, e que Jean Valjean fazia parte de um bando de ladrões do Midi. Em consequência disso, Jean Valjean, declarado culpado, foi condenado à pena de morte. O criminoso recusou-se a pedir clemência, mas o Rei, em sua inesgotável bondade, dignou-se comutar-lhe a pena para trabalhos forçados por toda a vida. Jean Valjean foi conduzido imediatamente para as galés de Toulon.

Com certeza o leitor não deve ter esquecido que Jean Valjean tinha, em Montreuil-sur-Mer, hábitos religiosos. Alguns jornais, entre outros o *Constitutionnel*, apresentaram essa comutação como um triunfo do partido clerical.[55]

Jean Valjean tomou novo número nas galés. Chamou-se 9 430.

Aliás, digamo-lo de uma vez por todas, com o Sr. Madeleine desapareceu a prosperidade de Montreuil-sur-Mer. Tudo o que ele havia previsto em sua noite de febre e de hesitação aconteceu; tirando-lhe Madeleine, tiraram-lhe a alma. Depois desses fatos, fez-se em Montreuil-sur-Mer a partilha egoísta das grandes existências arruinadas, o fatal despedaçamento das coisas florescentes que todos os dias acontecem obscuramente na comunidade humana, e que a história não registrou senão uma vez, porque se seguiu à morte de Alexandre Magno. Os Lugares-Tenentes julgaram-se reis e os contramestres improvisaram-se fabricantes. Surgiram as rivalidades da inveja. As grandes oficinas do Sr. Madeleine foram fechadas; os edifícios caíram em ruínas, os operários se dispersaram. Alguns mudaram de cidade, outros mudaram de ofício. Tudo se fez, então, em pequena escala, visando o lucro, em vez de visar o bem. Não existia mais um centro; só havia concorrência e ganância. O Sr. Madeleine dominava e realmente dirigia tudo. Sem ele, cada um avançou na própria parte; o espírito de luta sucedeu ao espírito de organização, a aspereza substituiu a cordialidade, o

ódio de um contra o outro seguiu-se à benevolência do fundador por todos; os fios ligados por Madeleine quebraram-se, desligaram-se; falsificaram-se os processos, os produtos não eram tão bons, matando a confiança do consumidor, os pedidos diminuíram e não se fizeram mais encomendas; o salário diminuiu, os ateliês se fecharam, veio a falência. E, depois, nada mais havia para os pobres. Tudo se evaporou.

O próprio Estado sentiu que alguém havia sido arruinado em algum lugar. Menos de quatro anos depois da sentença dos tribunais, constatando, em proveito das galés, a identidade do Sr. Madeleine e de Jean Valjean, as despesas para a arrecadação dos impostos foram duplicadas no distrito de Montreuil-sur-Mer, o que foi observado na tribuna por Villèle em fevereiro de 1827.

II | ONDE SE LEEM DOIS VERSOS TALVEZ DA AUTORIA DO DIABO

Antes de prosseguir, é bom contar aqui, com alguns pormenores, um caso singular que se deu, mais ou menos na mesma época, em Montfermeil, e que não deixa talvez de coincidir com algumas conjecturas do Ministério Público.

Em Montfermeil há uma superstição muito antiga, tanto mais curiosa e preciosa quanto uma superstição popular nas vizinhanças de Paris é como um aloé na Sibéria. Somos daqueles que respeitam tudo quando se trata de plantas raras. Aqui está, portanto, a superstição de Montfermeil: crê-se que o diabo, desde tempos imemoriais, escolheu a floresta para aí esconder seus tesouros. As boas mulheres afirmam que não é nada raro encontrar à tardinha, nos lugares mais escondidos do bosque, um homem negro, com aparência de carroceiro ou de lenhador, calçado de tamancos, vestido de calças e capote, que se reconhece logo porque, em vez de boné ou de chapéu, tem dois chifres enormes na cabeça. É claro que assim se torna facilmente reconhecível. Esse homem, habitualmente, ocupa-se em cavar um buraco. Há três maneiras de tirar proveito desse encontro. A primeira é abordar o homem e falar-lhe. Então a gente vê que não passa de um pacato camponês; parece negro por causa do crepúsculo, não está fazendo buraco algum, mas sim cortando ervas para suas vacas; o que se assemelhava a dois chifres nada mais é que um forcado de estrumeira, cujos dentes, graças à perspectiva da noite, parecem sair-lhe da cabeça. Volta-se então para casa e morre-se em uma semana. A segunda maneira consiste em observá-lo, esperar que ele faça o buraco, que o feche novamente e se vá embora; depois, corre-se bem depressa, reabre-se a cova e pega-se o “tesouro” que o homem negro com

certeza deixou enterrado. Morre-se em um mês. Enfim, o terceiro modo é não dizer nada ao homem negro, não olhar para ele e fugir a toda a pressa. Morre-se em um ano.

Como as três maneiras têm seus inconvenientes, a segunda, que ao menos oferece alguma vantagem, entre outras a de tornar a gente possuidora de um tesouro, embora por um mês, é a mais comumente adotada. Os homens corajosos, tentados pela aventura, muitas e muitas vezes reabriram, como afirmam, as covas feitas pelo homem negro, e procuraram roubar o diabo. Parece que essa operação não requer nenhuma habilidade. Pelo menos, se formos acreditar na tradição e, em particular, nos dois versos enigmáticos escritos em latim bárbaro que, sobre esse assunto, nos deixou um péssimo monge normando, um tanto feiticeiro, chamado Tryphon. Esse Tryphon foi sepultado na abadia de Saint-Georges de Bocherville, perto de Rouen, onde nascem sapos sobre a sua sepultura.

Fazem-se então esforços enormes; os buracos geralmente são muito fundos, sua-se, cava-se, trabalha-se toda a noite, porque é de noite que essas coisas acontecem; molha-se a camisa, queima-se toda a vela, inutiliza-se uma enxada e, quando se consegue chegar ao fundo do buraco, quando se vai pôr a mão sobre o "tesouro", que se encontra? Que é afinal esse tesouro do diabo? Um soldo, às vezes um escudo, uma pedra, um esqueleto, um cadáver sangrento, às vezes um espectro dobrado em quatro como uma folha de papel numa pasta, às vezes nada. É o que parecem dizer aos curiosos indiscretos os versos de Tryphon:

Fodit, et in fossa thesauros condit opaca, As, nummos, lapides, cadaver, simulacra, nihilque.[56]

Atualmente, parece que, às vezes, se encontra também aí algum polvorinho ou balas, ou um velho jogo de cartas chamuscadas, ensebadas, que, evidentemente, serviram aos diabos. Tryphon não registra esses dois últimos achados, pois viveu no século XII, e não é verossímil que o diabo tenha inventado a pólvora antes de Roger Bacon e o baralho, antes de Carlos vi.[57]

Porém, quem jogar com essas cartas pode estar seguro de perder tudo o que possui; e, quanto à pólvora, esta tem a propriedade de fazer estourar-lhe a espingarda no rosto.

Ora, muito pouco tempo depois da época em que o Ministério Público julgou que o forçado liberto Jean Valjean, durante sua evasão de alguns dias, andara girando pelos arredores de Montfermeil, notou-se na mesma localidade que um

velho cantoneiro, Boulatruelle, andara “passeando” pelo bosque. Dizia-se até que esse Boulatruelle também havia estado nas galés, fora submetido à vigilância da polícia e, como não conseguira trabalho em nenhum lugar, a administração o empregara, pagando-lhe uma miséria, como cantoneiro na estrada que vai de Gagny a Lagny.

Boulatruelle era um homem visto com maus olhos pela gente da região. Muito respeitoso, muito humilde, sempre pronto a tirar o boné para saudar quem quer que fosse, trêmulo e sorridente na frente dos gendarmes, provavelmente membro de alguma quadrilha, dizia-se até mesmo suspeito de armar emboscadas à noitinha nas encruzilhadas. Afinal, a única coisa que realmente fazia era embriagar-se.

Eis o que andaram observando:

Havia algum tempo, Boulatruelle deixava muito cedo seu trabalho de calçamento e conservação da estrada e se internava na floresta com sua enxada. Encontravam-no pela tarde nas clareiras mais desertas, nas partes em que o mato era mais espesso, com jeito de quem procura alguma coisa, às vezes até fazendo buracos. As boas mulheres que passavam tomaram-no a princípio por Belzebu, mas depois reconheceram Boulatruelle e não ficaram menos inquietas. Esses encontros pareciam contrariar vivamente ao cantoneiro. Era visível que ele procurava esconder-se; havia algum mistério no seu modo de agir.

Dizia-se no povoado: – É claro que o diabo andou aparecendo. Boulatruelle por certo o viu e anda à sua procura. Mas ele é muito bobo para se apoderar do tesouro de Lúcifer. – Os voltairianos acrescentavam: – Boulatruelle enganará o diabo ou o diabo enganará Boulatruelle? – As mulheres mais idosas faziam o sinal da cruz.

No entanto, cessaram as andanças de Boulatruelle pelo bosque; ele retomou regularmente o trabalho de cantoneiro e falou-se de outras coisas.

Contudo, algumas pessoas ficaram intrigadas, pensando que provavelmente deveria haver em tudo isso, não os fabulosos tesouros da lenda, mas alguma soma mais séria, mais palpável que as notas do diabo, cujo segredo, sem dúvida, o cantoneiro quase havia descoberto. Os mais “intrigados” eram o Mestre-Escola e o taverneiro Thénardier, o qual era amigo de todos indistintamente, e não havia desdenhado nem a amizade de Boulatruelle.

– Ele já esteve nas galés – dizia Thénardier. – Mas ninguém sabe se algum dia não vai voltar para lá.

Uma noite, o Mestre-Escola afirmou que em outros tempos a justiça teria

aberto inquérito para saber o que Boulatruelle ia fazer no bosque, e que este não poderia negar-se a confessar; se preciso, submetê-lo-iam à tortura, ao que Boulatruelle não resistiria; como, por exemplo, à tortura da água. – Vamos ver se ele resiste à tortura do vinho – disse Thénardier.

Puseram mãos à obra e fizeram o velho cantoneiro beber. Boulatruelle bebeu muito e falou pouco. Combinou, com arte admirável e em magistrais proporções, a sede do glutão com a discrição do juiz. Contudo, à força de insistências, aproximando e juntando algumas palavras obscuras que lhe escaparam, eis o que Thénardier e o Mestre-Escola julgaram entender:

Boulatruelle, certa manhã, indo bem cedo para o trabalho, ficara surpreso por ver, num canto do bosque, debaixo de alguns arbustos, uma pá e uma picareta, *como que escondidas*. Contudo, logo pensou que pertenciam a Sixfours, o carregador de água, e não se incomodou mais com o caso. Mas, na noite do mesmo dia, sem poder ser percebido, já que estava atrás de uma grande árvore, viu caminhar da estrada para o mais espesso do bosque "um indivíduo que não era da região e que ele, Boulatruelle, conhecia perfeitamente". Tradução para Thénardier: *um colega das galés*. Boulatruelle negou-se obstinadamente a dizer-lhe o nome. O indivíduo carregava um embrulho, qualquer coisa quadrada, como uma caixa grande ou um cofre pequeno. Surpresa de Boulatruelle. Só depois de passados sete ou oito minutos é que teve a ideia de seguir "o indivíduo". Mas já era muito tarde; o homem já se havia internado pelo bosque, a noite já havia caído e Boulatruelle não o pôde alcançar. Resolveu então observar, à orla do bosque. "Era lua cheia." Duas ou três horas depois, Boulatruelle viu sair do mato o tal indivíduo, carregando não mais o pequeno cofre, e sim uma pá e uma picareta. Deixou-o passar e não teve a ideia de abordá-lo, porque, como declarou, o outro era três vezes mais forte que ele e, ainda por cima, estava armado com uma picareta; reconhecendo-o e vendo-se reconhecido, por certo o atacaria. Tocante efusão de dois velhos colegas que se tornam a encontrar. Mas a pá e a picareta foram um raio de luz para Boulatruelle; de manhãzinha, correu à mesma moita e não encontrou mais nem pá nem picareta. Concluiu por isso que o tal indivíduo, internando-se no bosque, cavara um buraco com a picareta, colocara nele o cofre e fechara o buraco servindo-se da pá. Ora, o cofre era muito pequeno para conter um cadáver; portanto, o que guardava era dinheiro. Daí as suas buscas. Boulatruelle explorou, sondou, esburacou toda a floresta, cavando em todos os lugares onde a terra parecia removida havia pouco. Tudo em vão.

Não achou "ninho" algum. Ninguém mais se incomodou com o caso em

Montfermeil. Somente algumas comadres muito faladoras disseram: – Podem estar seguras de que o cantoneiro de Gagny não fez todo esse barulho por nada; ele tem certeza de que o diabo veio.

III | ERA PRECISO QUE A CORRENTE DA MANILHA TIVESSE SIDO PREPARADA PARA SE QUEBRAR COM UM SIMPLES GOLPE DE MARTELO

Pelos fins de outubro desse mesmo ano de 1823, os habitantes de Toulon viram voltar ao seu porto, depois de longo tempo, a fim de reparar algumas avarias, a nau *Orion*, mais tarde usada em Brest como navio-escola, fazendo então parte da esquadra do Mediterrâneo.

Esse navio, no mau estado em que se encontrava por suas lutas contra o mar, causou efeito à sua entrada no cais. Levava não sei qual bandeira que lhe valeu uma saudação regulamentar de onze tiros de canhão, respondidos por ele, vez por vez: total de vinte e dois tiros. Calculou-se que em salvas, gentilezas reais e militares, trocas de cortesias bombásticas, sinais de etiqueta, formalidades de cais e cidadelas, nascimentos e ocasos do sol saudados todos os dias por todas as fortalezas e por todos os navios de guerra, abertura e fechamento de portos etc. etc., o mundo civilizado gasta em pólvora, em toda a terra, a cada vinte e quatro horas, cento e cinquenta mil tiros de canhão, completamente inúteis. A seis francos cada tiro, temos a soma de novecentos mil francos por dia, trezentos milhões por ano, que se transformam em fumaça. Simples curiosidade. Enquanto isso, os pobres morrem de fome.

O ano de 1823 foi o que a Restauração chamou de “época da guerra da Espanha”.

Essa guerra continha muitos acontecimentos em um só e não poucas singularidades. Uma grande questão de família para a casa dos Bourbon; o ramo francês amparado e protegendo o ramo de Madri, isto é, agindo como verdadeiro primogênito; aparente volta às nossas tradições nacionais de mistura com servilismo e sujeição aos gabinetes do Norte;[58] o Sr. Duque de Angoulême, cognominado pelos boletins liberais de *herói de Andujar*, combatendo, em atitude triunfal, um tanto contrariada pelo seu ar pacato, o velho terrorismo tão real do Santo Ofício de envolta com o terrorismo quimérico dos liberais; os *sans-culottes* ressuscitados, para grande espanto das viúvas subvencionadas pelo Estado, sob o nome de *descamisados*;[59] o monarquismo criando obstáculos ao

progresso qualificado de anarquia; as teorias de 89 bruscamente interrompidas por esforços secretos; um “alto!” da Europa gritado à ideia francesa que conquistava o mundo; ao lado do filho da França generalíssima, o Príncipe de Carignan, depois Carlos Alberto, alistando-se nessa cruzada de reis contra povos, como voluntário, de dragonas de granadeiro feitas com lã vermelha;[60] os soldados do Império voltando aos campos de batalha, depois de oito anos de repouso, envelhecidos, tristes, com seus laços brancos; a bandeira tricolor tremulando no estrangeiro pelos esforços de um punhado de heróis franceses, do mesmo modo por que fora hasteada a bandeira branca, trinta anos antes, em Coblentz; os frades misturados às nossas tropas; o espírito de liberdade e de novidade contido à força de baionetas; os príncipes humilhados a tiros de canhão; a França destruindo com as armas o que havia construído com o espírito; além do mais, os chefes inimigos vendidos, os soldados hesitantes, as cidades sitiadas por milhões; nenhum perigo militar e, portanto, nenhuma explosão possível, como sói acontecer em qualquer mina surpreendida ou tomada de assalto; pouco sangue derramado, pouca honra conquistada, vergonha para alguns, glória para ninguém; assim foi essa guerra feita por príncipes que descendiam de Luís XIV, e conduzida por generais que vinham de Napoleão. Ela teve a triste sorte de não lembrar nem a grande guerra nem a grande polícia.

Alguns combates foram sérios; a tomada do Trocadero, entre outros, foi um belo feito militar; mas, no total, voltamos a repetir, os clarins dessa guerra soam falsos, o conjunto torna-se suspeito, e a história aprova a França na dificuldade em que se encontra para aceitar esse falso triunfo. Parecia evidente que alguns oficiais espanhóis, encarregados da resistência, cediam com muita facilidade, e a ideia de corrupção infiltrou-se na vitória; parecia até que haviam vencido mais os generais que as batalhas, e o soldado vencedor voltou humilhado. Guerra humilhante, com efeito, em que se podia ler, nas dobras da bandeira, *Banco da França*.

Soldados da guerra de 1808, sobre os quais Saragoza caíra gloriosamente, franziam as sobrancelhas em 1823 diante da abertura fácil das cidadelas, lembrando-se de Palafox.[61] É próprio da França preferir ter à sua frente Rostopchin a ter Ballesteros.[62]

De um ponto de vista ainda mais grave, e sobre o qual é conveniente que insistamos, essa guerra que ofendia o espírito militar da França indignava seu espírito democrático. Era uma tentativa de servilismo. Nessa campanha, a intenção do soldado francês, filho da democracia, era a conquista de um jugo para o inimigo. Contrassenso inaceitável. A França foi feita para despertar a

alma dos povos, não para sufocá-la. Desde 1792, todas as revoluções da Europa são a mesma Revolução Francesa; a liberdade irradia-se da França. É um fato evidente. Cego quem não o percebe! Assim o afirmou Bonaparte.

A guerra de 1823, um atentado à generosa nação espanhola, era, portanto, ao mesmo tempo, um atentado à Revolução Francesa. E esse caminho realmente monstruoso foi seguido pela própria França; forçada, porque, afora as guerras de libertação, tudo o que os exércitos fazem é à força. As palavras *obediência passiva* bem o indicam. Um exército é uma estranha obra de arte combinada, cuja força resulta de enorme quantidade de impotências. Assim se explica a guerra, feita pela humanidade, contra a humanidade, apesar da humanidade.

Quanto aos Bourbon, a guerra de 1823 foi-lhes fatal. Tomaram-na como um sucesso. Não perceberam o perigo que existe em querer extinguir uma ideia por uma senha. Iludiram-se na sua ingenuidade, a ponto de introduzir em sua formação, como elemento de imensa força, a enorme fraqueza de um crime. O espírito de emboscada infiltrou-se na política; 1830 foi concebido com base em 1823.[63] A campanha da Espanha tornou-se em suas reuniões argumento para o uso da força e para as aventuras do direito divino. A França, restabelecendo em Espanha *el Rey netto*, o Rei legítimo, poderia muito bem restabelecer o Rei absoluto dentro das próprias fronteiras. Caíram nesse temível horror de tomar a obediência do soldado pelo consentimento de uma nação. Essa confiança põe em perigo os tronos. Não se deve adormecer nem à sombra de uma mancenilheira nem à sombra de um exército.

Voltemos ao navio *Orion*.

Durante as manobras do exército, comandadas pelo Príncipe-Generalíssimo, uma esquadra cruzava o Mediterrâneo. Acabamos de dizer que o *Orion* fazia parte dessa esquadra, tendo sido obrigado, pela fúria do mar, a atracar no porto de Toulon.

A presença de um vaso de guerra em um porto é algo que entretém e diverte a multidão. Um vaso de guerra é grande, e à multidão agradam as coisas grandes.

Um vaso de combate é uma das mais magníficas criações do gênio humano aliado ao poder da natureza.

Um navio de guerra é composto ao mesmo tempo do que há de mais pesado e do que há de mais leve, porque deve lidar, simultaneamente, com as três formas da substância, o sólido, o líquido e o fluido, devendo lutar contra todos os três. Tem onze garras de ferro para agarrar o granito, e mais asas e antenas que uma libélula para receber o vento das nuvens. Seu hálito sai por cento e vinte canhões

como relâmpagos enormes, respondendo corajosamente ao raio. O oceano procura desorientá-lo na espantosa semelhança de suas ondas, mas o navio tem uma alma, a bússola, que o dirige, mostrando-lhe sempre o norte. Nas noites negras, seus faróis substituem as estrelas. Contra o vento, tem a corda e a vela; contra a água, tem a madeira; contra o rochedo, o ferro, o cobre, o chumbo; contra a sombra, a luz; contra a imensidade, uma agulha.

Se se quiser fazer uma ideia das gigantescas proporções cujo conjunto constitui um navio de guerra, basta entrar num dos estaleiros cobertos, de seis andares, nos portos de Brest ou de Toulon. Os navios em construção estão, por assim dizer, debaixo de uma redoma. Essa trave colossal é uma verga; aquela enorme coluna de madeira deitada por terra, a se perder de vista, é o grande mastro. Medindo-o desde sua raiz, no porão, até sua extremidade a se perder nas nuvens, ele tem sessenta toesas de comprimento e três pés de diâmetro em sua base. O mastro principal dos navios ingleses eleva-se a duzentos e dezessete pés acima do nível da água. A marinha de nossos pais usava cabos; nós nos servimos de correntes. Um simples amontoado das correntes de um navio de cem canhões tem quatro pés de altura, vinte pés de largura e oito pés de profundidade. E quanta madeira é necessária para construir um navio assim? Três mil metros cúbicos. Uma verdadeira floresta flutuante.

E ainda, é preciso notar bem, não se trata aqui de um navio militar de há quarenta anos, simples navio a vela; o vapor, então em sua infância, descobriu novos milagres para chegar a esse prodígio que se chama navio de guerra. Atualmente, por exemplo, o navio de sistema misto é uma máquina surpreendente, puxada por um velame de três mil metros quadrados de superfície e por uma caldeira com a força de dois mil e quinhentos cavalos.

Sem falar das novas maravilhas, o antigo navio de Cristóvão Colombo e de Ruyter era uma dessas grandes obras-primas do homem.[64] É tão inesgotável em forças como os sopros do infinito, armazenando o vento em suas velas, preciso em meio à imensidão das vagas, flutuando sempre majestosamente.

Chega, contudo, uma hora em que a rajada quebra, como se fosse uma palha, essa enorme verga de sessenta pés de comprimento, em que o vento dobra como um junco esse mastro de quatrocentos pés de altura, e a âncora de dez toneladas se torce na garganta das ondas como o anzol de um pescador nas guelras de um peixe, e os canhões monstruosos lançam rugidos plangentes e inúteis que a tormenta faz perderem-se no vácuo da noite, onde todo esse poder e toda essa majestade se abismam num poder e majestade superiores.

Todas as vezes em que uma força imensa se desenvolve para combater uma

imensa fraqueza, o homem põe-se a meditar. Daí, nos portos, a multidão de curiosos, sem saber exatamente por quê, rodeia essas maravilhosas máquinas de guerra e navegação.

Todos os dias, portanto, da manhã à noite, o cais, os diques e o quebra-mar do porto de Toulon estavam cobertos por grande quantidade de ociosos e basbaques, como se diz em Paris, tendo por única ocupação admirar o *Orion*.

O *Orion* era um navio que havia muito tempo estava precisando de reparos. Em suas viagens anteriores, densas camadas de conchas se lhe haviam amontoado na quilha, a ponto de diminuir-lhe metade da velocidade; puseram-no a seco no ano precedente para raspar essas conchas, devolvendo-o depois ao mar. Mas a limpeza havia alterado as cavilhas da querena. Na altura das baleares, os bordes, muito velhos, abriram-se e, como a ligação das escoas não se fazia então com chapas de ferro, o navio fizera água. Um forte vento do equinócio quebrara o breque de bombordo e uma vigia, prejudicando também as enxárcias da mezena. Depois dessas avarias, o *Orion* voltava ao porto de Toulon.

A nau ficou fundeada perto do Arsenal. Estava sendo equipada e em consertos. O casco nada sofrera a estibordo, mas algumas partes do costado tinham sido despregadas aqui e ali, segundo o costume, para arejar a carcaça.

Certa manhã, a multidão que o contemplava foi testemunha de um acidente.

A equipagem estava ocupada em atar as velas. O marinheiro encarregado de prender a extremidade da grande vela de estibordo perdeu o equilíbrio. Viram-no vacilar, a multidão comprimida no cais do Arsenal deu um grito, o peso da cabeça arrastou o corpo, o homem girou ao redor da verga, mãos estendidas para o abismo; ao cair, agarrou-se a uma corda com uma das mãos, depois com outra, conseguindo ficar suspenso. O mar estava lá embaixo a uma profundidade vertiginosa. O golpe da queda imprimiu à vela violento movimento de balanço. O homem ia e vinha na ponta daquela corda como a pedra de uma funda.

Socorrê-lo era arriscar-se temerariamente. Nenhum dos marinheiros, todos pescadores da costa recentemente recrutados para o serviço, ousava aventurar-se. Contudo, o desgraçado gajeiro já estava cansado; não se podia ver a angústia de seu semblante, mas percebia-se claramente o cansaço de todos os seus membros. Os braços se torciam de modo horrível. Cada esforço que fazia para tornar a subir à verga só servia para intensificar a oscilação da vela. Ele não gritava com medo de perder força. Esperavam a cada instante que ele soltasse a corda; havia momentos em que todos se voltavam para não vê-lo cair. Há instantes em que um pedaço de corda, um ramo de árvore ou uma estaca significam a vida; é terrível ver um ser vivo soltar-se e cair como um fruto maduro.

De repente, viu-se um homem que subia pelo cordame com a agilidade de um gato. Estava vestido de vermelho; era um forçado; usava boné verde, era um forçado condenado por toda a vida. Chegando à altura do cesto da gávea, um golpe de vento levou-lhe o boné, deixando descoberta uma cabeleira branca; não era nenhum moço.

Um forçado, aliás, empregado a bordo com uma sentença das galés; desde o primeiro instante correra ao Oficial e, no meio do susto e da hesitação da equipagem, enquanto todos os marinheiros tremiam e recuavam, pedira permissão para arriscar a vida e salvar a do gajeiro. A um sinal afirmativo do Oficial, quebrara com um golpe de martelo a corrente, e correra para o mastro. Ninguém, naquele instante, notou a facilidade com que a corrente fora rompida. Só mais tarde é que pensaram nisso.

Com rapidez incrível, chegou à verga. Parou alguns segundos, durante os quais o vento balançava o gajeiro na extremidade de um fio; pareceram séculos para os que presenciavam a cena. Enfim, o forçado levantou os olhos ao céu e deu um passo avante. A multidão respirou. Viram-no percorrer a verga numa corrida. Chegando à ponta, amarrou ali uma extremidade da corda que havia levado, deixou cair a outra extremidade, pôs-se a descer ao longo da corda, e, então, em vez de um só homem suspenso sobre o abismo, viram-se dois.

Dir-se-ia uma aranha descendo para agarrar uma mosca, com a diferença de que esta trazia vida e não morte. Dois mil olhares estavam fixos naquele grupo. Nenhum grito, nem uma palavra; a mesma emoção franzia todas as sobrancelhas. Todos prendiam a respiração, como se temessem aumentar, o mínimo que fosse, o sopro do vento que balançava os dois miseráveis.

No entanto, o forçado já havia conseguido aproximar-se do marinheiro. Já era tempo; um minuto mais e o homem, desesperado e sem forças, se deixaria cair no abismo; o forçado amarrou-o fortemente com a corda na qual se segurava, enquanto trabalhava com a outra mão. Enfim, viram-no subir novamente à verga e suspender o gajeiro; segurou-o por alguns instantes para que recobrasse as forças, depois, amparou-o nos braços e o levou por sobre a verga até o mastro e, de lá, ao cesto da gávea, onde o deixou nas mãos de seus companheiros.

Nesse instante, a multidão rompeu em aplausos; houve até velhos guardas das galés que choraram; as mulheres se abraçavam no cais, ouviam-se vozes gritando em uma espécie de enternecido furor: – Perdão para esse homem!

Ele, porém, parecia preparar-se para descer imediatamente e voltar à sua tarefa.

Para chegar mais depressa, deixou-se escorregar pelo cordame e pôs-se a correr em cima de uma verga mais baixa. Todos os olhos o seguiam. Em certo momento, houve um sobressalto; seja porque estivesse cansado, seja porque sentisse tontura, pareceu hesitar e perder o equilíbrio. De repente, a multidão deu um só grito; o forçado acabava de cair ao mar.

A queda era perigosa. A fragata *Algesiras* estava fundeada ao lado do *Orion*, e o pobre grilheta caíra no meio dos dois navios. Era para se pensar que surgisse de um lado ou de outro. Quatro homens puseram-se apressadamente em uma pequena embarcação. A multidão os encorajava; a ansiedade invadira novamente todas as almas. O homem não apareceu mais à tona. Desaparecera no mar quase sem agitá-lo, como se tivesse caído em um tonel de óleo. Procuraram, mergulharam, mas em vão. Até à noite, esforçaram-se por encontrá-lo; mas não conseguiram achar-lhe nem o cadáver.

No dia seguinte, o jornal de Toulon trazia impressas estas poucas linhas:

> 17 de novembro de 1823. Ontem, um forçado, cumprindo pena a bordo do *Orion*, depois de socorrer um marinheiro, caiu ao mar e se afogou. Não foi possível encontrar-lhe o cadáver. Presume-se que tenha ficado preso nas estacas da ponte do Arsenal. Estava registrado sob o número 9.430; chamava-se Jean Valjean.

LIVRO TERCEIRO
CUMPRIMENTO DA PROMESSA FEITA À MORTA

I | O PROBLEMA DA ÁGUA EM MONTFERMEIL

Montfermeil está situada entre Livry e Chelles, na orla meridional do grande planalto que separa o Ourcq do Marne. Atualmente, é uma povoação bastante grande, ornada, durante todo o ano, de casas brancas e, aos domingos, de burgueses alegres. Em 1823, não havia em Montfermeil nem tantas casas brancas nem tantos cidadãos satisfeitos; não passava de uma pequena vila no meio dos bosques. Encontravam-se, é verdade, aqui e ali, algumas residências ao gosto do século passado, facilmente reconhecíveis por seu aspecto grandioso, seus balcões de ferro retorcido e suas longas janelas cujos pequenos vidros refletiam sobre o branco dos postigos fechados todas as tonalidades do verde. Mas Montfermeil nem por isso deixava de ser uma simples vila. Os comerciantes de tecidos e os amantes da vida no campo ainda não a haviam descoberto. Era um lugar tranquilo e encantador, por onde não passava nenhuma estrada importante; vivia-se ali sem muitos gastos, gozando-se da vida calma e sem as restrições do camponês. A única coisa rara era a água, por causa do nível do planalto.

Era preciso ir buscá-la bastante longe. A parte da povoação que dá para os arredores de Gagny tirava água dos magníficos lagos do bosque; a outra parte, a que rodeia a igreja e dá para os arredores de Chelles, não encontrava água potável senão numa pequena fonte situada na encosta, perto da estrada de Chelles, mais ou menos a um quarto de hora de Montfermeil.

Portanto, em ambos os casos, a provisão de água era tarefa cansativa. As grandes residências, a aristocracia, compreendendo a taverna Thénardier, pagavam um vintém por balde de água a um homem cujo serviço era esse, e que ganhava no negócio de águas em Montfermeil perto de oito soldos diários; mas esse homem só trabalhava até sete horas da noite durante o verão, e até as cinco da tarde durante o inverno; quando caía a noite e se fechavam as portas das casas, quem não tivesse água para beber ou ia buscar na fonte ou passava sede.

Esse era o terror daquela pobre criatura que o leitor certamente não deve ter esquecido, a pequena Cosette. Devem lembrar-se de que Cosette era útil aos Thénardier de duas maneiras; faziam-se pagar pela mãe e faziam-se servir pela filha. Assim, quando a mãe deixou de enviar o dinheiro, já conhecemos, pelos capítulos anteriores, por que os Thénardier conservaram Cosette. Fazia-lhes o papel de criada. Desse modo, era ela quem ia buscar água quando era preciso. A criança, com medo de ter de caminhar na escuridão da noite, tinha grande cuidado para que nunca faltasse água em casa.

O Natal do ano de 1823 foi particularmente brilhante em Montfermeil. O começo do inverno foi brando; não havia nevado ainda. Saltimbancos vindos de Paris obtiveram do *Maire* permissão para armar suas barracas na rua principal da aldeia, e um grupo de comerciantes ambulantes, sob a mesma tolerância, construiu suas tendas na praça da matriz e até na Rue Boulanger, onde estava situado, como devem lembrar-se, o albergue dos Thénardier. Esses forasteiros enchiam as tavernas e hospedarias, dando àquele tranquilo lugar uma vida brilhante e alegre. Devemos mesmo dizer, para sermos fiéis à história, que, entre as curiosidades que se haviam instalado na praça, havia um local em que horríveis palhaços, vestidos de trapos e vindos de não sei onde, mostravam, em 1823, aos camponeses de Montfermeil, um desses temíveis abutres do Brasil que o nosso Museu Real não conseguiu adquirir senão depois de 1845 e que ostentam em cada olho uma faixa tricolor. Os naturalistas chamam-no, creio eu, de *Caracara polyborus*; pertence à ordem dos apicídios e à família dos abutres. Alguns bons velhos soldados bonapartistas, retirados naquela vila, iam admirar essa ave com devoção. Os saltimbancos apresentavam essa faixa tricolor como um fenômeno único, expressamente criado por Deus para sua coleção de animais.

Na mesma noite de Natal, alguns homens, carroceiros e mascates, estavam sentados à mesa e bebiam ao redor de quatro ou cinco velas acesas, na sala ao rés do chão no albergue dos Thénardier. O lugar assemelhava-se a qualquer sala de qualquer estalagem; mesas, canjirões de estanho, garrafas, gente que bebe, gente que fuma, pouca luz, muito barulho. A data do ano de 1823, contudo, estava indicada por dois objetos então em moda entre a classe burguesa: um caleidoscópio e um candeeiro de folha de flandres ondulada. Mme. Thénardier cuidava do jantar que estava sendo preparado num belo fogo; seu marido bebia na companhia dos hóspedes e falava de política.

Além dos comentários sobre política, que tinham como assuntos principais a guerra da Espanha e o Duque de Angoulême, ouviam-se em meio àquela

confusão parênteses sobre acontecimentos locais, como estes:

– Para os lados de Nanterre e de Suresnes, o vinho foi abundante. Onde contavam com dez pipas, conseguiram tirar doze. A uva rendeu muito no lagar. – Mas os cachos já estavam maduros? – Nesses lugares não é preciso esperar que a uva amadureça para a vindima; chegando a primavera, já se consegue bom vinho. – Então, é vinho fraco? – Muito mais fraco que os daqui. É preciso vindimar bem cedo. Etc.

Ou, então, era um moleiro que dizia:

– Por acaso somos responsáveis pelo que existe dentro dos sacos? Encontramos grande quantidade de pequenas sementes; não podemos divertir-nos em separá-las, e temos de deixar passar tudo pelo moinho; é a cizânia, a maleiteira, a nigela, a ervilhaca, a linhaça, a cauda-de-raposa e uma multidão de outras sementes, sem falar das pedrinhas que acompanham o trigo, principalmente o bretão. Não gosto nem um pouco de moer trigo bretão, como os serradores não apreciam nada ter de serrar vigas em que haja pregos. Imaginem a péssima poeira que resulta de tudo isso. Depois, queixam-se da farinha! Não está certo isso. A culpa não é nossa!

No vão de uma janela, um ceifeiro, sentado à mesa em companhia de um proprietário que combinava o preço para um trabalho no campo a ser feito na primavera, dizia:

– Não importa que a erva esteja molhada. Corta-se melhor. O orvalho ajuda a gente. É a mesma coisa; aquela erva, a de seu campo, está muito nova e difícil de cortar; aqui está muito tenra; ali dobra-se toda diante da foice! Etc.

Cosette estava no seu lugar de costume, sentada debaixo da mesa da cozinha, perto da lareira; vestia-se de farrapos; tinha os pés nus metidos em tamancos e fazia, à luz do fogo, meias de lã destinadas às filhas de Thénardier. Um gatinho brincava debaixo das cadeiras. Ouvia-se, numa sala vizinha, o riso e a conversa de duas crianças, Eponine e Azelma.

No canto da lareira, pendurada a um prego, via-se uma palmatória.

De vez em quando, os gritos de um bebê que devia estar em algum canto da casa sobressaía no meio de todo o barulho da estalagem. Era um garotinho, nascido num dos invernos precedentes – sem saber por quê – dizia Mme. Thénardier –, talvez efeito do frio; – tinha pouco mais de três anos. A mãe o amamentara mas não gostava do pequeno. Quando a choradeira ensurdecedora do garoto ficava muito importuna, dizia o marido: – Seu filho está gritando; vá ver o que ele quer. – Bah! respondia a mãe – como ele me amola! – E o pequeno,

abandonado, continuava a berrar na escuridão.

II | DOIS RETRATOS COMPLETOS

Neste livro, ainda não vimos os Thénardier senão de perfil; chegou o momento de girar ao redor desse casal para olhá-lo por todos os lados.

Thénardier acabava de completar seus cinquenta anos; Mme. Thénardier já tinha quase quarenta, o que, na mulher, equivale aos cinquenta; havia pois equilíbrio entre a idade da mulher e a do marido.

Os leitores, talvez, desde sua primeira aparição, devem ter conservado alguma lembrança dessa Thénardier, grande, loura, corada, gorda, carnuda, quadrada, enorme e ágil; pertencia, como já dissemos, à raça dessas mulheres selvagens que se retorcem nas feiras com verdadeiras lajes penduradas nos cabelos. Ela fazia tudo na hospedaria; arrumava as camas, os quartos, lavava a roupa, cozinhava, com bom tempo, com mau tempo, o diabo. Sua única empregada era Cosette; um rato a serviço de um elefante. Tudo tremia ao som de sua voz: os vidros, os móveis, as gentes. Seu rosto largo, crivado de sardas, tinha o aspecto de uma escumadeira. Tinha barbas. Era o ideal do carregador de mercado vestido de mulher. Praguejava como ninguém e vangloriava-se de quebrar uma noz com um soco. Sem os romances que havia lido e que, por momentos, faziam bizarramente aparecer a mulher pedante que se ocultava sob aquele bicho-papão, jamais ninguém teria a ideia de dizer a seu respeito: é uma mulher. Essa Thénardier era como o produto do enxerto de uma donzela em uma peixeira. Quando a ouviam falar, diziam: – É um gendarme –; quando a viam beber, diziam: – É um carroceiro –; quando a viam maltratar Cosette, diziam: – É um carrasco. – Quando estava quieta, via-se-lhe um dente que ficava para fora da boca.

O marido, Thénardier, era um homenzinho magro, pálido, anguloso, ossudo, franzino, com ar de doente que passa muito bem; aí começava a sua esperteza. Sorria habitualmente, por precaução, e era mais ou menos delicado com todos, mesmo com o mendigo a quem negava um vintém. Tinha o ar de uma fuinha e a aparência de um homem de letras. Assemelhava-se muito aos retratos do Abbé Delille.[65] Seu coquetismo consistia em beber com os carroceiros. Ninguém jamais conseguia burlá-lo. Fumava num cachimbo enorme. Usava blusa por cima de uma velha roupa preta. Tinha pretensões à literatura e ao materialismo. Havia alguns nomes que gostava de pronunciar a toda hora, para reforçar

qualquer coisa que dissesse, Voltaire, Raynal, Parny e, coisa rara, Santo Agostinho.[66] Afirmava que tinha “um sistema”. No mais, um espertalhão. Um filósofo. Existe gente assim. Devem lembrar-se de que pretendia ter tomado parte em batalhas; costumava contar com certo orgulho que, em Waterloo, sendo Sargento de um 6º. ou 9º. qualquer coisa, ele, sozinho, lutando contra um esquadrão inteiro de terríveis hussardos, cobrira com seu corpo e conseguira salvar, em meio à metralha, “um general seriamente ferido”. Daí se originaram a brilhante insígnia dependurada na parede e o nome invejável que dera à sua hospedaria: “Hospedaria do Sargento de Waterloo”. Era liberal, clássico e bonapartista. Contribuíra para o Champ d’Asile.[67] Dizia-se na aldeia que havia estudado para padre.

Achamos que ele simplesmente estudara na Holanda para ser dono de hospedaria. Esse patife da ordem compósita era, provavelmente, um flamengo de Lille em Flandres, francês em Paris, belga em Bruxelas, comodamente montado a cavalo no limite de duas fronteiras. Já conhecemos sua proeza em Waterloo. Como vimos, exagerou-a um pouco. O fluxo e o refluxo, o meandro e a aventura eram o elemento da sua existência; uma consciência em farrapos dá origem a vidas sem sentido; e é quase certo que, durante a tempestuosa época do 18 de junho de 1815, Thénardier pertencia àquela variedade de vivandeiros gatunos de que falamos, percorrendo as estradas, vendendo a estes, roubando àqueles, rodando toda a família, homem, mulher e crianças, em cima de uma carroça velha atrás dos exércitos em marcha, com o fito de se unir sempre ao lado vitorioso. Terminada a guerra, tendo, como dizia, *quíbus*, viera abrir seu pardieiro em Montfermeil.

Esse *quíbus*, feito de bolsas e relógios, anéis de ouro e cruzes de prata, recolhidos no tempo das messes nos sulcos semeados de cadáveres, não eram muita coisa e não levariam muito longe esse vivandeiro transformado em proprietário de uma hospedaria.

Thénardier tinha um quê de retilíneo nos gestos; com uma blasfêmia, lembraria uma caserna, e com um sinal da cruz, um seminário. Falava muito e passava por sábio. Nem o Mestre-Escola perceberia os seus erros de pronúncia. Compunha a nota de despesas dos viajantes com superioridade, mas olhos exercitados encontrariam ali muitos erros de ortografia. Thénardier era hipócrita, glutão, preguiçoso e esperto. Não desprezava as criadas, o que fazia com que sua mulher as dispensasse. Aquela mulher gigante era ciumenta. Parecia que aquele homenzinho magro e amarelo era o objeto da concupiscência universal.

Thénardier, muito astucioso e equilibrado, era um libertino do gênero

temperado. Essa espécie é a pior; subentende hipocrisia.

Não que Thénardier não se encolerizasse menos ou tanto quanto a mulher; mas isso acontecia muito raramente, e, nesses momentos, como costumava roubar de todo mundo, como tinha em seu íntimo uma grande provisão de ódio, como fazia parte dessa gente que se vinga perpetuamente, que acusa tudo o que lhe passa em frente de tudo o que lhe caiu à cabeça, e que está sempre pronta a jogar sobre o primeiro que aparecer, como legítima desforra, o total de decepções, bancarrotas e calamidades da vida, como todo esse fermento crescia em seu íntimo e lhe borbulhava na boca e nos olhos, ele era medonho. Desgraçado de quem tivesse de suportar seu furor nesses momentos!

Além de todas essas qualidades, Thénardier era atento e penetrante, silencioso ou tagarela, segundo a ocasião, e sempre com muita inteligência. Tinha algo do olhar dos homens do mar acostumados a aplicar a vista aos óculos de alcance. Thénardier era um homem de Estado.

Todo recém-chegado que entrava no albergue dizia, ao ver Mme. Thénardier: – Ali está o dono da casa. – Errado. Ela não era nem sequer a dona. O dono e a dona eram o marido. Ele fazia, ele criava. Dirigia tudo por uma espécie de ação magnética invisível e contínua. Uma palavra lhe bastava; às vezes um simples sinal e o mastodonte obedecia. Thénardier era para a mulher, sem que ela mesma o percebesse, uma espécie de criatura particular e soberana. Ela possuía as virtudes de seu modo de ser; jamais discordava sobre o mínimo detalhe com o "Senhor Thénardier", hipótese aliás inadmissível – ela não criticava o marido em público sobre o que quer que fosse. Jamais cometeria, na frente de "estranhos", essa falta tão comum entre as mulheres, e que na linguagem parlamentar se chama: descobrir a coroa. Embora de sua aliança só resultasse o mal, havia algo de contemplação na submissão de Mme. Thénardier ao marido. Aquela montanha de ruídos e de carne movia-se a um sinal do dedo mindinho daquele frágil déspota. Era, vista por seu lado mesquinho e grotesco, essa grande realidade universal, a adoração do espírito pela matéria; porque certas monstruosidades têm sua razão de ser nas mesmas profundezas da beleza eterna. Havia incógnitas em Thénardier; daí o império absoluto daquele homem sobre aquela mulher. Em certos momentos, ela o via como uma vela acesa; em outros, sentia-o como uma terrível garra.

Essa mulher era uma criatura formidável, que só amava suas crianças e só temia o marido. Era mãe porque era mamífera. Além do mais, sua maternidade limitava-se às filhas e, como veremos, não se estendia aos rapazes. Ele, o homem, só tinha um pensamento: ficar rico.

Mas não o conseguia. Faltava um teatro digno desse grande talento. Thénardier em Montfermeil se arruinava, se é que a ruína é possível ao zero; na Suíça ou nos Pirineus esse sem-vintém teria ficado milionário. Mas o estalajadeiro precisa pastar onde a sorte o colocou.

Compreende-se logo que aqui a palavra *estalajadeiro* é usada no sentido restrito, não se estendendo a toda a classe.

Nesse mesmo ano de 1823, Thénardier tinha uma dívida, mais ou menos mil e quinhentos francos de compras fiadas, que o preocupava bastante.

Fosse qual fosse a seu respeito a injustiça obstinada do destino, Thénardier era um desses homens que compreendiam da melhor maneira, com o máximo de profundidade e da maneira mais moderna, essa coisa que é uma virtude entre os povos bárbaros e uma mercadoria entre os povos civilizados: a hospitalidade. No mais, era um admirável caçador furtivo, renomado por sua pontaria infalível. Tinha certo modo de rir frio e calmo, particularmente perigoso.

Suas teorias de estalajadeiro brotavam às vezes do íntimo, como clarões. Usava certos aforismos profissionais que ensinava à mulher. – O dever do estalajadeiro – disse-lhe ele um dia com violência e em voz baixa – é vender, ao primeiro que aparecer, comida, cama, lume, fogo, lençóis sujos, criadas, pulgas e sorrisos; parar os transeuntes, esvaziar as pequenas bolsas e aliviar honestamente as grandes; abrigar respeitosamente as famílias que viajam, esfolar o homem, depenar a mulher e limpar as crianças; cobrar a janela aberta, a janela fechada, o canto da lareira, a poltrona, a cadeira, o tamborete, o escabelo, o colchão de penas, o cobertor e o feixe de palha; saber quanto a sombra gasta o espelho e avaliar o gasto; e, pelos quinhentos mil diabos, fazer com que o viajante pague tudo, até as moscas que seu cachorro come!

Esse homem e essa mulher eram a astúcia e o furor casados, parelha medonha e terrível.

Enquanto o marido ruminava e tramava, Mme. Thénardier não pensava nos credores ausentes, não se preocupava com o dia de hoje ou de amanhã e vivia em êxtase o minuto presente.

Assim eram essas duas criaturas. Cosette ficava entre os dois, suportando a dupla pressão, como uma criatura quase a ser esmigalhada por um moinho e despedaçada por uma tenaz. O homem e a mulher tinham cada qual uma maneira diferente; Cosette estava moída de pancadas, por culpa da mulher; andava descalça durante o inverno, por culpa do homem.

Cosette subia, descia, lavava, limpava, esfregava, varria, corria, tremia,

cansava-se, carregava objetos pesados e, magrinha como era, fazia os serviços mais difíceis! Nenhuma piedade; uma patroa feroz e um patrão peçonhento. O albergue de Thénardier era como que uma teia onde Cosette estava presa e trêmula. O ideal da opressão tinha sido realizado por essa domesticidade sinistra. Era, mais ou menos, como uma mosca a serviço de duas aranhas.

A pobre criança, medrosa, calava-se.

Quando se encontram assim, desde a infância, pequeninas, nuas, entre os homens, que sentimento nascerá nessas almas que acabaram de vir do seio de Deus?

III | VINHO PARA OS HOMENS, ÁGUA PARA OS CAVALOS

Haviam chegado quatro novos viajantes.

Cosette sonhava tristemente, pois, embora tivesse somente oito anos, já havia sofrido tanto que sonhava com o ar lúgubre de uma anciã.

Estava com uma das pálpebras arroxeadas por um soco de Mme. Thénardier, o que fazia esta dizer de quando em quando: – Como você está feia com esse olho preto!

Cosette imaginava então que já era noite, alta noite, e que era preciso, de improviso, encher os potes, as moringas dos quartos dos viajantes que acabavam de chegar, e que não havia mais água na talha.

O que a sossegava um pouco era que não se bebia muita água no albergue de Thénardier. Não que faltasse ali gente com sede, mas a sede se dirigia mais naturalmente à pipa do que à bilha. Quem pedisse um copo de água no meio de tantos copos de vinho teria parecido selvagem a todos aqueles homens. Houve, contudo, um momento em que a menina tremeu de medo. Mme. Thénardier levantou a tampa de uma caçarola que estava no fogo, depois pegou uma vasilha e se aproximou apressadamente do depósito de água. Abriu a torneira. Cosette levantou a cabeça, seguindo-lhe todos os movimentos. Um fiozinho de água saiu da torneira, enchendo a metade da vasilha. – Ora vejam – disse ela –, não há mais água! – Depois, calou-se. A menina nem respirava.

– Bah! – replicou Mme. Thénardier examinando o jarro meio cheio. – Acho que isto chega.

Cosette continuou o trabalho, mas, durante mais de um quarto de hora, sentiu o coração saltar-lhe como uma bola dentro do peito. Contava os minutos que

passavam e bem queria já estar na manhã seguinte.

De quando em quando, um dos fregueses olhava para a rua e exclamava: – Está escuro como breu! – ou: – É preciso ser gato para andar pela rua sem lanterna a esta hora! – E Cosette tremia de medo.

De repente, um dos vendedores ambulantes hospedados no albergue entrou e disse com maus modos:

– Não deram água para o meu cavalo.

– Deram, sim, senhor – disse Mme. Thénardier.

– Estou dizendo que não, mulher – replicou o mascate.

Cosette havia saído de sob a mesa.

– Oh! sim, meu senhor! – disse ela. – O cavalo bebeu, bebeu no balde, um balde cheio; eu mesma lhe dei água e conversei com ele.

Não era verdade. Cosette mentia.

– Aí está uma menina desse tamanhinho dizendo mentiras do tamanho desta hospedaria – gritou o mascate. – Digo a você que o cavalo não bebeu, sua engraçadinha! Ele tem um modo especial de respirar quando não bebe água; eu o conheço bem!

Cosette persistiu e acrescentou com voz cheia de angústia, apenas perceptível:

– Mas ele bebeu até muito!

– Vamos – replicou o mascate enraivecido –, chega de conversa! Deem de beber ao cavalo e acabemos com a discussão!

Cosette voltou para debaixo da mesa.

– De fato! Nada mais justo – disse Mme. Thénardier –, se o animal não bebeu, é preciso que beba.

Depois, olhando ao redor:

– E agora! Onde se meteu essa outra?

Inclinou-se e descobriu Cosette acocorada na outra extremidade da mesa, quase debaixo dos pés dos fregueses.

– Você vem ou não vem? – gritou a mulher.

Cosette saiu da espécie de buraco em que se havia escondido. Mme. Thénardier continuou:

– Srta. Cão-sem-Nome, vá dar de beber àquele cavalo.

– Mas, senhora – disse Cosette com medo –, não há mais água!

Mme. Thénardier escancarou a porta da rua e disse:

– Então, vá buscar!

Cosette abaixou a cabeça e foi pegar um balde vazio que estava ao lado da lareira.

O balde era maior que ela; a menina poderia sentar-se folgadamente dentro dele.

Mme. Thénardier voltou ao fogão e provou com uma colher de pau o que estava na panela, resmungando:

– Na fonte há muita água. A espertinha… É melhor eu cuidar das minhas panelas.

Depois remexeu numa gaveta onde havia algum dinheiro, pimenta e outros temperos.

– Toma, dona Lesma – acrescentou –, quando voltar, compre um filão de pão na padaria. Aí está uma moeda de quinze soldos.

Cosette tinha um pequeno bolso em seu avental; pegou o dinheiro sem dizer uma palavra e o pôs no bolso.

Depois ficou imóvel com o balde na mão e a porta escancarada em sua frente. Parecia esperar que alguém viesse em seu socorro.

– Ainda não foi?! – gritou Mme. Thénardier.

Cosette saiu. A porta se fechou.

IV | ENTRA EM CENA UMA BONECA

A fila de barracas ao ar livre, que partia da matriz, como devem estar lembrados, chegava até o albergue de Thénardier. Essas barracas, por causa da próxima passagem das pessoas que iam à missa da meia-noite, estavam todas iluminadas de velas ardendo dentro de balõezinhos de papel, o que, no dizer do Mestre-Escola de Montfermeil, no momento sentado a uma das mesas do albergue, faziam “um efeito mágico”. Em compensação, não se via uma estrela no céu.

A última dessas barracas, montada precisamente em frente à porta dos Thénardier, era de brinquedos, toda reluzente de lantejoulas, miçangas e magníficos objetos de folha de flandres. Na primeira prateleira, bem na frente, o comerciante havia colocado, sobre um fundo de toalhinhas brancas, uma grande boneca de quase dois pés de altura, vestida de crepe rosa, com espigas de ouro à cabeça, cabelos de verdade e olhos de esmalte. Durante todo o dia ali ficara aquela maravilha para enlevo dos transeuntes de menos de dez anos, sem que se

encontrasse em Montfermeil uma mãe bastante rica ou bastante pródiga para dá-la à filha. Eponine e Azelma passaram horas e horas a contemplá-la, e até Cosette, é verdade que às escondidas, teve a ousadia de ir vê-la.

No momento em que Cosette saía, com o balde na mão, por mais triste e abatida que estivesse, não pôde deixar de levantar os olhos para aquela prodigiosa boneca, a *dama*, como a chamava. A pobre criança parou petrificada. Não a tinha visto ainda de perto. Toda a barraca lhe parecia um palácio; a boneca não era uma boneca, era uma visão. Era a alegria, o esplendor, a riqueza, a felicidade, mostrando-se numa espécie de resplendor quimérico àquela infeliz criaturinha tão profundamente mergulhada numa miséria tão fúnebre e fria. Cosette media, com a sagacidade simples e triste da infância, o abismo que a separava daquela boneca. Convencia-se de que seria preciso ser rainha, ou ao menos princesa, para possuir algo semelhante. Admirava-lhe o belo vestido cor-de-rosa, os lindos cabelos penteados e pensava: “Como deve ser feliz essa boneca!”. Seus olhos não podiam separar-se dessa barraca encantada. Quanto mais olhava, mais se extasiava. Pensava estar vendo o paraíso. Havia ainda outras bonecas por trás da maior e todas lhe pareciam gênios e fadas. O dono a ir e vir no fundo da barraca dava-lhe mais ou menos a impressão de ser o Padre eterno.

Nessa adoração, esquecia-se de tudo, até da tarefa de que fora encarregada. De repente a voz rude de Mme. Thénardier chamou-a à realidade: – Como é, sirigaita, ainda não foi? Espere! que eu já vou aí! Eu queria saber o que ficou fazendo, seu monstrinho!

Mme. Thénardier havia dado uma olhada na rua e vira Cosette em êxtase diante da barraca.

Cosette fugiu carregando o balde, dando os passos mais largos que podia.

V | SOZINHA

Como o albergue dos Thénardier estava na parte da aldeia em que se encontra a igreja, Cosette deveria ir buscar água no bosque que fica para os lados de Chelles.

Não olhou mais para nada. Enquanto estava na Rue Boulanger e nas imediações da igreja, as barracas iluminadas clareavam o caminho; mas bem depressa desapareceu a derradeira luz da última barraca. A pobre criança viu-se rodeada de sombras. E desapareceu na escuridão. Como, porém, sentia medo,

agitava o mais que podia a alça do balde. Isso fazia um barulho que lhe servia de companhia.

Quanto mais caminhava, mais a escuridão se tornava espessa. Não havia mais ninguém pelas ruas. Contudo, encontrou uma mulher que a viu passar e se voltou, imóvel, a resmungar entre dentes: – Mas aonde poderá ir essa criança? Será algum fantasma? – Depois, a mulher reconheceu Cosette: – Ora – exclamou –, é a Cotovia!

Cosette atravessou assim o labirinto de ruas tortuosas e desertas que marcam o limite de Montfermeil, para os lados de Chelles. Enquanto havia casas ou simples muros dos dois lados do caminho, ainda foi com bastante coragem. De vez em quando, via o brilho de uma vela através das fendas de uma porta, sinal de luz, de vida; lá haveria gente, e isso a confortava. No entanto, à medida que se adiantava, diminuía o passo maquinalmente. Quando passou o ângulo da última casa, Cosette parou. Passar além da última loja tinha sido difícil; ir além da última casa tornava-se quase impossível. Largou o balde no chão, pôs as mãos nos cabelos e começou a coçar lentamente a cabeça, gesto próprio das crianças amedrontadas e indecisas. Já não era Montfermeil, eram os campos. O espaço negro e deserto abria-se em sua frente. Olhou desesperadamente aquela escuridão onde não havia mais gente, mas sim animais e, talvez, até almas do outro mundo. Olhou bem, ouviu os passos dos animais a caminhar pelo mato e viu distintamente os fantasmas agitando os ramos das árvores. Então tornou a pegar o balde; o medo lhe dera coragem: – Vou dizer que não há mais água! – E voltou resolutamente para Montfermeil.

Apenas dera uns cem passos, parou novamente e pôs-se a coçar de novo a cabeça. Agora era Mme. Thénardier que lhe aparecia, medonha, com a boca de hiena e a cólera brilhando-lhe nos olhos. A menina olhou tristemente para a frente e para trás. Que fazer? Para onde ir? Como resolver? Em sua frente, o espectro de Mme. Thénardier, às suas costas todos os fantasmas da noite e da floresta. Mas foi de Mme. Thénardier que resolveu fugir. Voltou atrás e pôs-se a correr e, correndo, saiu da vila, e ainda correndo se internou pelo bosque, não olhando para mais nada, não ouvindo mais nada. Só parou de correr quando lhe faltou a respiração; mas continuou a andar. Ia sempre para a frente, sem saber o que fazia.

Enquanto corria, teve vontade de chorar.

O murmúrio noturno da floresta a envolvia. Ela não pensava em mais nada, não enxergava mais nada. A noite imensa desafiava aquela pobre menina. De um lado, toda a sombra do mundo; do outro, um simples átomo.

Da orla da floresta até a fonte havia uns sete ou oito minutos de caminho. Cosette conhecia-o bem, pois muitas vezes tivera de percorrê-lo durante o dia. Coisa estranha! Não se perdeu. Um resto de instinto a conduzia imperceptivelmente. Contudo, não olhava nem para a direita nem para a esquerda, com medo de ver alguma coisa no meio dos ramos e das moitas. Assim chegou à fonte.

Era um pequeno tanque natural, cavado pela água em terreno argiloso, com quase dois pés de profundidade, rodeado de musgos e dessa erva comumente chamada de gargantilhas de Henrique iv; o tanque tinha sido calçado com algumas pedras. Um fio d'água corria, murmurando calmamente.

Cosette nem tomou tempo para respirar. Estava tudo escuro, mas conhecia bem o lugar. Procurou com a mão esquerda um pequeno arbusto inclinado sobre a fonte e que lhe servia ordinariamente de ponto de apoio, agarrou-se a um ramo, abaixou-se e mergulhou o balde na água; passava por uma emoção tão violenta que suas forças haviam triplicado. Ao fazê-lo, não percebeu que tudo o que tinha no bolso do avental caíra na água. A moeda de quinze soldos desapareceu. Cosette não a viu nem a ouviu cair. Retirou o balde quase cheio e colocou à beira da fonte.

Feito isso, percebeu que estava exausta. Bem que gostaria de voltar imediatamente, mas o esforço de encher o balde fora tal que não conseguiu dar um passo. Teve de sentar-se. Deixou-se cair sobre a relva e ali ficou a descansar.

Fechou os olhos, tornou a abri-los, sem saber por quê, mas sem poder agir de outra maneira. A seu lado, a água agitada do balde desenhava círculos que se assemelhavam a serpentes de fogo branco.

Acima de sua cabeça, o céu estava coberto de grandes nuvens, negras como bandeiras de fumaça. A trágica máscara da sombra parecia inclinar-se vagamente sobre aquela criança.

Júpiter perdia-se na imensidão.

A menina olhava com olhos espantados essa grande estrela que ela não conhecia, mas que lhe metia medo. O planeta, com efeito, achava-se então muito próximo do horizonte, e sua luz atravessava uma densa camada de nevoeiro, o que lhe dava um vermelhão terrível. A névoa, lugubremente avermelhada, aumentava as dimensões do astro. Dir-se-ia uma chaga luminosa.

Um vento frio soprava da planície. O bosque estava escuro, sem o mínimo barulho de folhas, sem nenhum desses vagos e frescos brilhos do verão. Grandes ramos se levantavam, assustadores. Moitas raquíticas e disformes assobiavam

nas clareiras. A relva mais crescida movia-se ao sopro da brisa como enguias. Os espinheiros se torciam como longos braços armados de garrasà procura de uma presa. Urzes secas, perseguidas pelo vento, passavam rapidamente e pareciam fugir, medrosas, em frente de alguma coisa que as perseguia. De todos os lados havia sinistros espaços vazios.

A escuridão é vertiginosa. O homem tem necessidade de luz. Quem mergulhar no oposto do dia sentirá o coração angustiado. Quando os olhos veem a escuridão, o espírito se perturba. No eclipse, na noite, na opacidade fuliginosa, há ansiedade, mesmo para os mais fortes. Ninguém consegue atravessar sozinho uma floresta à noite sem sentir medo. Sombras e árvores, duas realidades temíveis. Verdades quiméricas aparecem em meio ao espaço indistinto. O inconcebível desenha-se a alguns passos da gente com nitidez espectral. Sentimos flutuar no espaço ou em nosso próprio cérebro um não sei quê de vago e impalpável, como se fossem sonhos de flores adormecidas. O horizonte toma atitudes ameaçadoras. Aspiram-se os eflúvios do grande vazio tenebroso. Tem-se medo e vontade de olhar para trás. As cavidades da noite, os objetos que se esquivam, os perfis taciturnos que se dissipam quando ficam próximos, sombrias cabeleiras desgrenhadas, moitas ameaçadoras, charcos lívidos, o lúgubre espelhando-se no fúnebre, a imensidão sepulcral do silêncio, seres desconhecidos mas possíveis, ramos inclinados misteriosamente, medonhos troncos de árvores, punhados de ervas trêmulas; quem se sentirá seguro contra tudo isso? Não há coragem que não estremeça e não sinta a vizinhança da angústia. Sente-se qualquer coisa de hediondo, como se a alma se amalgamasse com as sombras. Essa penetração das trevas torna-se inexprimivelmente sinistra numa criança.

As florestas são apocalipses, e o bater de asas de uma alma tão tenra produz um ruído de agonia sob a cúpula monstruosa.

Sem dar-se bem conta do que experimentava, Cosette sentiu-se tomada pela negra imensidão da natureza. Não era somente o terror que a assaltava; era algo mais terrível ainda que o próprio terror. Estava toda trêmula. As palavras não chegam a expressar o que havia de estranho naquele tremor que a gelava até o fundo da alma. Seus olhos tornaram-se selvagens. Pensava até que, no dia seguinte, não poderia deixar de voltar ali, àquela mesma hora.

Então, por uma espécie de instinto, para sair desse estado singular que não compreendia, mas que a assustava, pôs-se a contar em voz alta, um, dois, três, quatro, até dez, e quando terminou, recomeçou. Isso lhe fez voltar a verdadeira percepção das coisas que a rodeavam. Sentiu frio nas mãos molhadas ao retirar a

água da fonte. Levantou-se. O medo voltou-lhe, um medo natural e invencível. Seu único pensamento era fugir; fugir a toda a velocidade através do bosque e dos campos, até onde houvesse casas, janelas ou velas acesas. Seu olhar dirigiu-se ao balde que estava em sua frente. Era tal o pavor que lhe inspirava Mme. Thénardier que não ousou fugir sem carregar o balde. Segurou-o com as duas mãos. Com muito custo conseguiu levantá-lo.

Deu alguns passos, mas o balde estava cheio, pesado, e teve de descansar um pouco. Respirou por alguns instantes, levantou-o novamente e continuou a caminhar, desta vez um pouco mais que antes. Mas era inevitável parar novamente. Após alguns segundos de repouso, recomeçou a andar, inclinada para a frente, de cabeça baixa como uma velha; o peso do balde distendia-lhe e torcia-lhe os braços raquíticos. A alça do balde, de ferro, entorpecia e gelava-lhe as mãozinhas molhadas; de quando em quando, via-se forçada a parar, e cada vez que o fazia, a água fria que escapava do balde caía-lhe nas perninhas nuas. Isso tudo se passava no fundo de um bosque, de noite, em pleno inverno, longe de todo olhar humano; tratava-se de uma criança de oito anos. Somente Deus contemplava então aquela triste cena.

E, sem dúvida, também sua mãe! Porque há coisas que forçam os mortos a abrir os olhos no interior dos túmulos.

Ela respirava com uma espécie de doloroso gemido; os soluços fechavam-lhe a garganta; mas não ousava chorar, tal o medo que tinha de Mme. Thénardier, mesmo de longe. Era seu costume imaginar que ela sempre estava presente.

No entanto, não podia andar muito daquela maneira, ia bem devagar. Achou melhor diminuir o tempo das paradas; daquele modo, levaria mais de uma hora para voltar a Montfermeil e Mme. Thénardier iria dar-lhe uma surra. Essa angústia misturava-se ao medo de estar tão sozinha na escuridão do bosque. Já estava exausta e ainda não saíra da floresta. Chegando ao pé de um velho castanheiro que ela bem conhecia, fez uma última parada, mais longa que as outras para repousar bastante; depois, concentrou todas as forças, levantou o balde e continuou a andar corajosamente. Contudo, a pobre criaturinha, desesperada, não pôde deixar de exclamar: – Ó meu Deus, meu Deus!

Nesse momento, de repente, ela sentiu que o balde não lhe pesava mais. Uma mão, que lhe pareceu enorme, acabava de pegar-lhe a alça e o erguia resolutamente. Levantou a cabeça. Uma grande forma negra, ereta, de pé, caminhava a seu lado na escuridão. Era um homem que chegara por detrás, sem que ela o tivesse percebido. O homem, sem dizer uma palavra, segurou a alça do balde que ela carregava.

Para todos os encontros da vida há instintos ocultos.

A menina não sentiu nenhum medo.

VI | PROVA-SE A INTELIGÊNCIA DE BOULATRUELLE

Na tarde desse mesmo dia de Natal de 1823, um desconhecido passeava havia algum tempo na parte mais deserta do Boulevard de l'Hôpital em Paris. Parecia alguém à procura de alojamento, parando de preferência em frente às casas mais modestas da parte mais afastada e pobre de Saint-Marceau.

Mais adiante veremos que esse homem, com efeito, havia alugado um quarto nesse bairro isolado.

No modo de se vestir, como em toda a sua pessoa, era o tipo perfeito do que se poderia chamar de mendigo de boa aparência; a extrema miséria combinada com o extremo asseio. Aí está uma mistura bastante rara que inspira aos corações inteligentes esse duplo respeito que sentimos por alguém muito pobre e extremamente digno. Usava um chapéu de abas largas, muito velho e gasto, um sobretudo amarelo-ocre, já muito usado, cuja cor nada tinha de estranho naquela época, um grande colete com bolsos, calções pretos, de joelhos desbotados, meias de lã preta e pesados sapatos com fivelas de cobre. Dir-se-ia um antigo preceptor de alguma casa nobre de volta à terra natal. Por seus cabelos completamente brancos, fronte enrugada, lábios lívidos, rosto em que tudo respirava fadiga e lassidão, poderíamos dar-lhe mais de sessenta anos. Pelo andar firme, embora lento, pelo vigor singular que lhe acompanhava todos os movimentos, dar-lhe-íamos cinquenta anos apenas. As rugas da fronte estavam bem colocadas, tornando-o simpático a quem quer que o observasse com atenção. Os lábios se contraíam de um modo estranho, ao mesmo tempo severo e humilde. No fundo dos olhos notava-se-lhe uma serenidade sinistra. Carregava à mão esquerda um pequeno embrulho envolto num lenço; com a direita, apoiava-se a uma espécie de bastão, cortado em alguma sebe. Trabalhara-o com certo capricho dando-lhe aparência não muito grosseira; valendo-se dos nós, fizera-lhe um castão de coral com cera vermelha; era um simples cajado e, no entanto, parecia mais uma bengala.

Nesse bulevar, sobretudo no inverno, os transeuntes são muito raros. O recém-chegado, sem demonstrar afetação, parecia mais querer evitá-los que se encontrar com eles.

Por essa época, o Rei Luís XVIII ia quase todos os dias a Choisy-le-Roy. Era

um de seus passeios favoritos. Pelas duas horas da tarde, quase que invariavelmente, via-se a carruagem e a cavalgada real passarem a galope pelo Boulevard de l'Hôpital.

Isso servia de relógio aos pobres do bairro, que diziam: – São duas horas; ei-lo que volta para as Tuileries.

Alguns corriam, outros se afastavam, porque um Rei que passa é sempre ocasião para tumultos. Aliás, o aparecimento e desaparecimento de Luís XVIII faziam algum efeito nas ruas de Paris. Era coisa rápida mas majestosa. Esse Rei impotente tinha a mania do galope tumultuoso; não podendo andar, queria correr; aleijado, deixar-se-ia arrastar gostosamente por um raio. Passava, calmo e severo, no meio das espadas desembainhadas. Sua pesada berlinda, toda dourada, com grandes flores de lis pintadas nas portinholas, rodava ruidosamente. Apenas se tinha tempo de dar-lhe uma olhada. Via-se no ângulo do fundo, à direita, sobre almofadas forradas de cetim branco, um rosto largo, firme, vermelho, uma fronte serena, empoada, um olhar feroz, duro, sutil, um sorriso de letrado, duas grandes dragonas de espirais soltas sobre as roupas de burguês, o Tosão de Ouro, a cruz de São Luís, a cruz da Legião de Honra, a insígnia de prata do Espírito Santo, uma grande barriga e um grande cordão azul. Era o Rei. Fora de Paris, conservava o chapéu de penas brancas sobre os joelhos recobertos pelas altas botas inglesas; quando voltava à cidade, punha o chapéu à cabeça e quase não saudava ninguém. Olhava friamente o povo, e este lhe retribuía na mesma moeda. Quando apareceu pela primeira vez no bairro de Saint-Marceau, todo o seu êxito se resumiu nesta frase dita por um cidadão a seu colega: – Aquele gordo lá é que é o governo.

Essa infalível passagem do Rei, sempre à mesma hora, era, portanto, o acontecimento cotidiano do Boulevard de l'Hôpital.

O recém-chegado de sobretudo amarelo não era, evidentemente, daquele bairro e provavelmente não era nem mesmo de Paris, porque ignorava esse pormenor. Quando, às duas horas, a carruagem real, rodeada por um esquadrão de guardas com galões de prata, apareceu no bulevar, depois de haver contornado a Salpêtrière, mostrou-se surpreso, quase assustado.[68] Não havia senão ele na calçada; escondeu-se às pressas por trás de um muro, o que não impediu que o Duque de Havre o notasse. O Duque de Havre, como Capitão da Guarda naquele dia, estava sentado na carruagem, bem em frente do Rei, e disse a Sua Majestade: – Que homem mais mal-encarado! – Alguns funcionários da polícia, encarregados de vigiar à passagem do rei, notaram-no igualmente; um deles recebeu ordens de segui-lo. Mas o homem já se tinha internado pelas vielas

solitárias do bairro, e, como o dia já começava a declinar, o agente perdeu-o de vista, o que pode ser verificado pelo relatório, dirigido na mesma noite ao Conde Anglès, Ministro do Estado, Prefeito de Polícia.

Quando o homem de casaco amarelo conseguiu despistar o agente da polícia, andou mais depressa, não sem se voltar várias vezes para certificar-se de que não estava sendo seguido. Às quatro e um quarto, isto é, quando era já noite, passava diante do teatro da Porte-Saint-Martin, onde representavam *Os dois forçados*.[69] O cartaz, iluminado pelas luzes do teatro, impressionou-o porque, embora estivesse andando depressa, parou um pouco para lê-lo. Um instante depois, estava no beco de la Planchette e entrava no Plat d'Étain, onde se achava então o escritório das diligências para Lagny. A carruagem partia às quatro e meia. Os cavalos já estavam atrelados e os viajantes, chamados pelo cocheiro, subiam apressadamente os altos degraus de ferro da carroceria.

O homem perguntou:

– Tem um lugar?

– Só um ao meu lado, na boleia – disse o cocheiro.

– Fico com ele.

– Suba.

No entanto, antes de partir, o cocheiro reparou bem nas roupas medíocres do viajante, em sua bagagem insignificante e fez com que lhe pagasse logo.

– Vai até Lagny? – perguntou o cocheiro.

– Vou – disse o homem.

O viajante pagou até Lagny.

Partiram. Quando passaram a barreira, o cocheiro tentou manter uma conversa, mas o viajante só respondia por monossílabos; então, achou melhor assobiar e praguejar contra os cavalos.

O cocheiro envolveu-se na sua capa. Fazia frio. O homem nem parecia perceber. Assim passaram por Gournay e Neuilly-sur-Marne.

Pelas seis horas da noite já haviam chegado a Chelles. Parou-se um pouco, para que os cavalos pudessem descansar, em frente do albergue dos carroceiros instalado entre as velhas paredes da abadia real.

– Fico por aqui – disse o homem.

Pegou o embrulho e o cajado, pulou para o chão. Um instante depois já havia desaparecido. Ele não entrou no albergue.

Quando, ao cabo de alguns minutos, a carruagem seguiu para Lagny, o cocheiro não o tornou a ver na rua principal de Chelles.

Voltou-se para os viajantes do interior da carruagem e disse:

– Aquele homem não é daqui porque não o conheço. Parece que não tem um vintém e, no entanto, não liga para o dinheiro; paga até Lagny e desce em Chelles. Já é noite, todas as casas estão fechadas, ele não foi ao albergue e não o vimos mais. Acho que sumiu em algum buraco da terra.

O homem não havia sumido em nenhum buraco, mas já percorrera apressadamente, no meio da escuridão, toda a rua principal de Chelles; depois, antes de chegar à igreja, tomou à esquerda o caminho que leva a Montfermeil, como alguém que já conhece a região e que já havia andado por ali.

Caminhava com toda a pressa. No lugar onde o atalho se cruza com a estrada arborizada que vai de Gagny a Lagny, ouviu alguém se aproximando. Escondeu-se precipitadamente num valado e esperou distanciarem-se as pessoas que passavam. Essa precaução era, aliás, quase que supérflua, porque, como já dissemos, era uma noite de dezembro muito escura. Apenas se viam duas ou três estrelas no céu.

Justamente aí começa a subida da colina. O homem não continuou pelo caminho de Montfermeil; tomou à direita, andou pelos campos e, a largos passos, chegou à orla do bosque.

Lá chegando, diminuiu o ritmo e pôs-se a observar atentamente todas as árvores, avançando cuidadosamente, como se procurasse ou seguisse um caminho misterioso que só ele conhecia. Houve um momento em que parecia desorientado, parando sem saber para onde ir. Enfim, às apalpadelas, chegou a uma clareira onde havia um amontoado de grandes pedras esbranquiçadas. Dirigiu-se resolutamente até essas pedras, examinando-as com atenção através do nevoeiro, como se as estivesse passando em revista. Uma grande árvore, coberta de saliências, que são como que as verrugas da vegetação, estava a alguns passos do monte de pedras. Foi até a árvore e passou-lhe a mão pela cortiça do tronco, como se quisesse reconhecer e contar todas aquelas verrugas.

Bem na frente dessa árvore, um freixo, havia um castanheiro quase morto por causa de um corte, ligado por uma chapa de zinco pregada em seu tronco. Levantou-se na ponta dos pés e tocou o metal.

Depois bateu com os pés por algum tempo no espaço compreendido entre a árvore e as pedras, como alguém que quer assegurar-se de que a terra não havia sido revolvida.

Feito isso, orientou-se, e retomou a marcha pelo bosque.

Esse era o homem que acabava de se encontrar com Cosette.

Caminhando pelo mato em direção a Montfermeil, percebera aquela pequena sombra que se movia gemendo e colocava no chão um peso qualquer, tornava a pegá-lo e continuava a andar. Aproximou-se e viu que era uma criança que carregava um enorme balde de água. Então foi até ela e tomou silenciosamente a alça do balde.

VII | COSETTE NA ESCURIDÃO AO LADO DE UM DESCONHECIDO

Já dissemos que Cosette não se assustara com o recém-chegado. O homem dirigiu-lhe a palavra. Falava com voz grave, quase baixa.

– Minha filha, isto é demais para você carregar!

Cosette levantou a cabeça e respondeu:

– É, sim, senhor.

– Deixe – replicou o homem –, eu carrego para você.

Cosette largou o balde. O homem pôs-se a caminhar a seu lado.

– É mesmo muito pesado – ele disse entre dentes.

Depois acrescentou:

– Menina, quantos anos você tem?

– Oito anos.

– E vem de longe com esse balde?

– A um quarto de hora daqui.

O homem ficou um momento em silêncio. Depois, disse de repente:

– Você não tem mãe?

– Não sei – respondeu a criança.

Antes que o homem tivesse tempo de retomar a palavra, ela acrescentou:

– Não entendo. Os outros têm. Só eu não tenho.

E pouco depois:

– Acho que nunca tive.

O homem parou, deixou o balde no chão, inclinou-se e pôs as duas mãos nos ombros da menina, esforçando-se para vê-la bem e perceber-lhe o rosto no meio da escuridão.

O rosto magro e doentio de Cosette desenhava-se vagamente ao clarão lívido do céu.

– Como você se chama? – perguntou o homem.

– Cosette.

O homem sentiu como que um choque elétrico. Olhou-a ainda uma vez, depois tirou as mãos dos ombros de Cosette, pegou o balde e continuou a andar.

Ao cabo de um instante, perguntou:

– Onde mora?

– Em Montfermeil; conhece?

– É para onde vamos?

– Isso mesmo.

Fez nova pausa e continuou:

– Mas quem é que a mandou a esta hora buscar água no bosque? – Mme. Thénardier.

O homem replicou num tom de voz que se esforçava para se mostrar indiferente, mas em que se percebia uma singular emoção.

– Mas o que faz essa Mme. Thénardier?

– É a minha patroa – disse a pequena. – Ela tem um albergue.

– Albergue? – disse o homem. – Pois bem, vou dormir lá esta noite. Leve-me até lá.

– Já estamos no caminho – disse a menina.

O homem andava bastante depressa. Cosette seguia-o sem muito esforço. Não sentia mais cansaço algum. De quando em quando, levantava os olhos para aquele homem com uma espécie de tranquilidade e abandono inexprimíveis. Jamais a haviam ensinado a voltar-se para a Providência e a rezar. Agora, porém, sentia em si algo que se assemelhava à esperança e ao contentamento que se dirigia para o céu.

Passaram-se alguns minutos. O homem continuou:

– Há alguma criada no albergue de Mme. Thénardier?

– Não, senhor.

– Só você?

– Sim, senhor.

Nova interrupção. Cosette levantou a voz:

– Isto é, há duas meninas.

– Que meninas?

– Ponine e Zelma.

A criança simplificava assim os nomes romanescos tão queridos de Mme. Thénardier.

– Quem são essas Ponine e Zelma?

– As meninas de Mme. Thénardier, isto é, suas filhas.

– E que fazem essas duas?

– Oh! – disse a pequena –, elas têm lindas bonecas, coisas douradas, uma porção de brinquedos. Elas brincam e se divertem.

– O dia todo?

– Sim, senhor.

– E você?

– Eu? Trabalho.

– O dia todo?

A menina levantou os grandes olhos cheios de lágrimas, invisíveis por causa da escuridão da noite, e respondeu com bondade:

– Sim, senhor.

E continuou depois de uma pausa.

– Às vezes, quando acabo o serviço e me deixam, eu também brinco.

– De quê?

– Do que eu puder. Deixam-me sossegada, mas eu não tenho muitos brinquedos. Ponine e Zelma não querem que eu brinque com suas bonecas. Só tenho uma espadinha de chumbo deste tamanho.

A menina mostrava o dedo mindinho.

– E corta?

– Se corta; corta saladas e cabeças de moscas.

Haviam chegado à aldeia. Cosette guiou o estranho pelas ruas. Passaram em frente à padaria, mas Cosette não se lembrou mais do pão que devia comprar. O homem parou de fazer-lhe perguntas, calando-se tristemente. Quando passaram a igreja, o homem, vendo todas aquelas barracas ao ar livre, perguntou a Cosette:

– É alguma feira?

– Não, meu senhor, é Natal.

Como já se aproximavam do albergue, Cosette tocou-lhe timidamente no braço:

– Senhor…

– O quê, minha filha?

– Já estamos perto de casa.

– E que tem isso?

– Quer deixar-me carregar o balde agora?

– Por quê?

– É que, se Mme. Thénardier vir que o carregam para mim, vai me bater!

O homem entregou-lhe o balde. Um instante depois, estavam à porta do albergue.

VIII | MÁ VONTADE DE ALOJAR UM POBRE QUE TALVEZ NÃO O SEJA

Cosette não pôde deixar de olhar para a grande boneca que continuava exposta na barraca de brinquedos; depois, bateu à porta. Mme. Thénardier apareceu com uma vela na mão.

– Ah! é você, sirigaita? Graças a Deus ainda chegou a tempo! A coitadinha deve ter-se divertido!

– Senhora – disse Cosette toda medrosa –, aqui está um senhor que quer ser seu hóspede.

Mme. Thénardier substituiu imediatamente o ar rabugento pela carantonha amável, mudança muito própria da classe, e procurou avidamente o recém-chegado.

– É este senhor? – disse Mme. Thénardier.

– Sim, minha senhora – respondeu o homem, levando a mão ao chapéu.

Os viajantes ricos não são tão educados. Esse gesto e a inspeção que Mme. Thénardier fez rapidamente nas roupas e na bagagem do desconhecido fizeram desvanecer imediatamente o sorriso amável e voltar ao aspecto rabugento do início. Replicou com maus modos:

– Pode entrar.

O homem entrou. Mme. Thénardier lançou-lhe um segundo olhar, examinou-lhe particularmente o sobretudo, já no último fio, e o chapéu, já um tanto deformado, e consultou, com um sinal de cabeça, um franzimento do nariz e uma piscadela, o marido, que continuava a beber com os carroceiros. Este respondeu por um imperceptível movimento do índex que, junto com o movimento dos lábios, significa em tais ocasiões: miséria completa. Depois disso, Mme. Thénardier exclamou:

– Agora é que me lembrei, bom homem; sinto muito, mas não há vagas.

– Alojem-me onde quiserem – disse o homem –, no celeiro, na cavalariça. Pagarei como se tivesse dormido num quarto.

– Quarenta soldos.

– Seja. Quarenta soldos.

– Está certo.

– Quarenta soldos! – disse um carroceiro aos ouvidos de Mme. Thénardier –, mas o preço não é vinte soldos?

– Para ele é quarenta mesmo – retrucou Mme. Thénardier no mesmo tom. – Não hospedo pobres por menos.

– Muito certo – acrescentou o marido com um sorriso –, alojar essa gente diminui a fama da casa.

No entanto, o homem, depois de ter colocado sobre um banco o pacote e o cajado, sentou-se a uma mesa sobre a qual Cosette gentilmente colocara uma garrafa de vinho e um copo. O freguês que havia pedido a água quis ele mesmo levá-la ao cavalo. Cosette voltou ao seu lugar debaixo da mesa da cozinha e continuou com seu tricô.

O homem, que apenas havia umedecido os lábios no copo de vinho, observava a criança com atenção fora do comum.

Cosette era feia. Se fosse feliz, poderia tornar-se bonita. Já esboçamos alguns traços dessa pequena criatura triste. Cosette estava magra e pálida; tinha quase oito anos e não parecia ter mais de seis. Seus grandes olhos, mergulhados numa espécie de sombra, estavam quase sem brilho, tanto haviam chorado. Os cantos da boca mostravam uma curva causada pela contínua tristeza, coisa muito comum entre condenados e doentes desenganados. Suas mãos, como já havia adivinhado a mãe, estavam “perdidas de frieiras”. O fogo que a iluminava naquele momento punha-lhe em evidência o ângulo dos ossos, tornando-lhe a magreza horrivelmente visível. Como continuamente tremia de frio, tomara o hábito de ficar sempre com os joelhos unidos. Sua roupa não passava de um trapo, que no verão provocaria pena e no inverno, horror. Estava coberta com um simples vestido de algodão, sem um pedaço sequer de lã. via-se-lhe, aqui e ali, a pele com inúmeras marcas azuis ou negras mostrando as partes em que Mme. Thénardier havia tocado. As pernas nuas eram vermelhas e franzinas. A cavidade das clavículas era de fazer chorar. Toda a pessoa daquela criança, seu modo de andar, suas atitudes, o som da sua voz, as pausas que fazia entre uma palavra e outra, o olhar, o silêncio, qualquer gesto, por mínimo que fosse, exprimiam e traduziam uma única ideia: medo.

O medo a dominava; podia-se dizer até que a revestia por completo; o medo juntava-lhe os cotovelos à cintura, escondia-lhe os pés debaixo do vestido,

obrigava-a a ocupar o mínimo espaço possível, não a deixava respirar mais do que o necessário, transformando-se por assim dizer na atitude de seu corpo, sem outra variação possível senão aumentar sempre mais. Tinha no fundo das pálpebras um canto assustado onde se alojara o terror.

Seu medo era tal que, chegando toda molhada como estava, não tivera a coragem de ir secar-se ao fogo, correndo silenciosamente para o seu trabalho.

A expressão do olhar daquela criança de oito anos era habitualmente tão triste e, às vezes, tão trágica, que parecia, por certos momentos, estar prestes a se tornar uma idiota ou um demônio.

Jamais, como o dissemos, soubera o que era rezar; jamais pusera os pés em uma igreja. – Tenho lá tempo para isso! – dizia Mme. Thénardier.

O homem do casaco amarelo não tirava os olhos de Cosette.

De repente, Mme. Thénardier exclamou:

– É verdade! E o pão?

Cosette, como era seu costume todas as vezes que Mme. Thénardier levantava a voz, saiu mais que depressa de sob a mesa.

Havia-se esquecido completamente do pão. Então recorreu ao expediente de toda criança assustada. Mentiu.

– Senhora, a padaria estava fechada.

– E por que não bateu?

– Eu bati, sim senhora.

– E então?

– Ninguém abriu a porta.

– Amanhã vou saber se isso é verdade – disse Mme. Thénardier –, e se estiver mentindo vai dançar com gosto. Enquanto esperamos, dê cá a moeda de quinze soldos.

Cosette enfiou a mão no bolso do avental e ficou lívida. A moeda de quinze soldos havia desaparecido.

– Como é? – disse Mme. Thénardier. – Não me ouviu?

Cosette esvaziou o bolso; não achou coisa alguma. Que teria acontecido com aquele dinheiro? A infeliz menina não soube o que dizer. Estava petrificada.

– Perdeu o meu dinheiro? – gritou Mme. Thénardier. – Ou agora deu para roubar?

Ao mesmo tempo estendeu o braço na direção da palmatória que estava pendurada num ângulo da lareira.

Esse gesto terrível deu a Cosette a força de gritar:

– Perdão! Eu não faço mais!

Mme. Thénardier agarrou a palmatória.

Nesse tempo, o homem de casaco amarelo procurava não sei quê no bolsinho de seu colete sem que ninguém o notasse. Aliás, os outros viajantes bebiam e jogavam sem prestar atenção em nada.

Cosette encolhia-se medrosamente a um canto da sala, procurando esconder e poupar seu corpinho mal coberto de trapos. Mme. Thénardier levantou o braço.

– Perdão, senhora – disse o homem –, mas agora mesmo vi uma coisa cair do bolso do avental dessa menina e rolar. Não será o que a senhora procura?

Ao mesmo tempo, ele se abaixou e parecia procurar no chão.

– Exatamente, aqui está – continuou, ao se levantar.

E entregou uma moeda de prata a Mme. Thénardier.

– É isso mesmo – disse ela.

A moeda não era propriamente a mesma, porque se tratava de vinte soldos, mas Mme. Thénardier ganhava com o negócio. Pôs a moeda no bolso e limitou-se a lançar um olhar feroz à criança, dizendo: – Que isso não aconteça mais!

Cosette voltou ao que Mme. Thénardier chamava de “seu nicho”, e seus grandes olhos, fixos no desconhecido viajante, começaram a tomar uma expressão que nunca haviam demonstrado. Não era nada mais que simples admiração, mas envolta numa espécie de confiança ilimitada.

– A propósito, o senhor quer jantar? – perguntou Mme. Thénardier ao viajante.

Ele não respondeu. Parecia meditar profundamente.

– Quem será esse homem? – disse Mme. Thénardier entre dentes. – Deve ser algum miserável nojento. Não deve ter um vintém para pagar a comida. Terá ao menos com que pagar a cama? Ainda bem que não teve a ideia de roubar a moeda que achou no chão.

Nesse momento, abriu-se uma porta e entraram Eponine e Azelma.

Eram realmente duas lindas meninas, mais da cidade que do campo, encantadoras, uma com tranças castanhas muito brilhantes, a outra com longos anéis pretos caindo-lhe aos ombros, ambas sadias, bem-vestidas, bem nutridas, frescas e saudáveis, que davam gosto de ver. Estavam muito bem agasalhadas, mas com tal arte maternal que a grossura das fazendas nada tirava à elegância dos vestidos. Seus figurinos pareciam prever os rigores do inverno sem fazer desaparecer os encantos da primavera. As duas crianças estavam

resplandecentes, ou melhor, soberanas. Seu modo de vestir, sua alegria, a algazarra que faziam, tudo estava impregnado de altivez. Quando entraram na sala, Mme. Thénardier falou-lhes em tom de censura, cheio de adoração: – Vocês agora!

Depois, sentando-as nos joelhos, uma após a outra, alisou-lhes o cabelo, atou-lhes melhor as fitas e as pôs novamente no chão, sacudindo-as de um modo tão próprio às mães e dizendo: – Como estão amarrotadas!…

As duas foram sentar-se ao pé do fogo. Brincavam com uma boneca que viravam e reviravam sobre os joelhos, conversando alegremente. De quando em quando, Cosette levantava os olhos de seu tricô, voltando-os tristemente para elas.

Eponine e Azelma não davam pela sua presença. Era para elas como um cachorro. As três meninas juntas não somavam vinte e quatro anos de idade e já representavam toda a sociedade humana; de um lado a inveja, do outro o desprezo.

A boneca das filhas de Thénardier já estava desbotada, velha e quebrada, mas não parecia menos admirável aos olhos de Cosette, que nunca possuíra uma igual, *uma boneca de verdade*, para usarmos a expressão que qualquer criança compreende!

De repente, Mme. Thénardier, que continuava a ir e vir pela sala, percebeu que Cosette estava distraída e que, em vez de trabalhar, se entretinha com o brinquedo das duas pequenas.

– Ah! eu já pego você! – gritou. – É assim que está trabalhando! Eu já faço você trabalhar com umas boas palmadas!

O estranho, sem deixar o lugar onde estava, voltou-se para Mme. Thénardier.

– Senhora – disse sorrindo quase timidamente –, deixe que ela brinque também!

Vindo da parte de um viajante que tivesse comido um quarto de carneiro e bebido duas garrafas de vinho, e que não tivesse aquele aspecto de *miserável nojento*, um desejo assim seria uma ordem. Mas um homem com um chapéu daqueles ousar expressar um desejo e, com semelhante casaco, ter a coragem de expressar uma vontade, era coisa que Mme. Thénardier não tolerava. Ela replicou com maus modos:

– Ela come e, por isso, tem de trabalhar. Eu não lhe dou comida para que fique à toa.

– Qual é o trabalho que ela deve fazer? – replicou o estranho com voz meiga,

contrastando com as roupas de mendigo e os ombros de carregador.

Mme. Thénardier dignou-se responder:

– Meias, meu senhor. Meias para as minhas filhinhas, que, a bem dizer, daqui a pouco terão de andar com os pés nus.

O homem olhou os pezinhos vermelhos de Cosette e continuou:

– Quando é que ela vai terminar esse par de meias?

– Essa preguiçosa vai demorar ainda uns três ou quatro dias.

– E quanto poderá custar o par depois de pronto?

O Sr. Thénardier lançou-lhe um olhar de desprezo.

– No mínimo, trinta soldos.

– E se eu lhe desse cinco francos? – replicou o homem.

– O quê? – exclamou rindo um carroceiro que ouvia a conversa. – Cinco francos?

O Sr. Thénardier achou bom tomar a palavra.

– Está bem; já que o senhor quer, vendo-lhe esse par de meias por cinco francos. Não sabemos recusar nada aos nossos fregueses.

– Mas é preciso pagar já – disse Mme. Thénardier com seu jeito resoluto e seco.

– Fico com o par de meias – respondeu o homem, e acrescentou, tirando do bolso uma moeda de cinco francos que colocou sobre a mesa: – Aqui está o dinheiro.

Depois, voltou-se para Cosette.

– Agora você trabalha para mim. Pode ir brincar.

O carroceiro ficou tão espantado com a moeda de cinco francos que largou o copo de vinho e se aproximou.

– Mas é verdade mesmo! – exclamou, examinando a moeda. – Uma roda traseira de verdade! E não é falsa!

Thénardier aproximou-se e guardou silenciosamente a moeda no bolso do colete.

Mme. Thénardier nada pôde dizer. Mordeu os lábios e seu rosto tomou uma expressão de raiva.

Cosette, no entanto, tremia. Enfim, arriscou-se a perguntar:

– Senhora, posso mesmo brincar?

– Brinque – disse Mme. Thénardier com voz terrível.

– Muito obrigada – respondeu Cosette.

E, enquanto a boca agradecia a Mme. Thénardier, toda a sua pequena alma agradecia ao viajante.

Thénardier voltou à mesa e continuou a beber. A mulher disse-lhe ao ouvido:

– Quem será esse homem de amarelo?

– Eu já vi muito milionário vestindo casacos como aquele – respondeu Thénardier com superioridade.

Cosette largou o trabalho, mas não saiu do lugar. Costumava mover-se o mínimo possível. Tirou de uma caixa que tinha ali perto alguns farrapos e a pequena espada de chumbo.

Eponine e Azelma nada viram do que havia acontecido. Acabavam de executar uma operação muito importante; haviam-se apoderado do gato. Jogaram a boneca no chão, e Eponine, a mais velha, enfaixava o bichano, apesar de seus miados e de suas contorções, com uma porção de trapos vermelhos e azuis. Enquanto fazia esse importante e difícil trabalho, dizia à irmã naquela doce e adorável linguagem das crianças, cuja graça, semelhante às asas das borboletas, se esvai quando a queremos fixar:

– Está vendo, irmã, esta boneca é muito mais bonita que a outra; mexe-se, grita e está quente. Vamos brincar com ela. Será a minha filhinha, e eu, uma senhora. Venho visitar você e você olha para ela. Aos poucos, vê que ela tem bigodes e fica espantada; depois, verá as orelhas e a cauda da boneca e vai dizer, admirada: – Ah! meu Deus! – e eu te direi: – Isso mesmo, madame, é a minha filhinha. As criancinhas de hoje são todas assim.

Azelma ouvia Eponine com admiração.

Nesse meio tempo, os fregueses puseram-se a cantar uma canção obscena e riam a mais não poder. Thénardier os animava e acompanhava.

Como os passarinhos constroem os ninhos com tudo o que encontram, as crianças fazem uma boneca com qualquer coisa. Enquanto Eponine e Azelma enfaixavam o gato, Cosette, por sua vez, envolvera em trapos a pequena espada de chumbo. Feito isso, deitou-a nos braços e pôs-se a cantar suavemente para fazê-la adormecer.

Uma boneca é das mais imperiosas necessidades e, ao mesmo tempo, um dos mais encantadores instintos da infância feminina. Cuidar, enfeitar, arrumar, vestir, desvestir, tornar a vestir, ensinar, ralhar um pouco, ninar, acariciar, adormecer, imaginar que alguma coisa é alguém, aí está todo o futuro da mulher. Enquanto sonha, enquanto conversa, enquanto costura vestidinhos, blusinhas e saias, a menina torna-se moça, a moça torna-se mulher. O primeiro filho é a

continuação da última boneca.

Uma menina sem boneca é quase tão infeliz e quase tão impossível quanto uma mulher sem filhos.

Cosette, portanto, fez uma boneca da pequena espada.

Mme. Thénardier, porém, havia-se aproximado do *homem de amarelo* – talvez seja o banqueiro Laffitte. Há tanto rico extravagante!

Em seguida, encostou-se à sua mesa.

– Meu senhor… – disse então.

A esse *meu senhor*, o homem voltou-se. Mme. Thénardier até agora o havia chamado de *bom homem* simplesmente.

– O senhor bem vê – prosseguiu ela, retomando o ar de bondade, mais desagradável à vista que sua ferocidade –, o senhor bem vê que faço questão de que a menina brinque; não me oponho a isso, mas só por hoje, porque o senhor foi generoso. Mas ela não tem nada. É preciso que trabalhe.

– Então, não é sua filha? – perguntou o homem.

– Ora não, meu senhor! É uma pobrezinha que nós acolhemos por caridade. Uma espécie de meninazinha boba. Deve ter água na cabeça. Como o senhor já viu, tem cabeça dura. Fazemos por ela o que podemos, porque não somos ricos. Já escrevemos para a sua terra, mas há seis meses não nos vem resposta alguma. Acho que a mãe dela morreu.

– Ah! – disse o homem, e continuou a pensar.

– A mãe dela não era lá grande coisa – acrescentou Mme. Thénardier –, para abandonar a própria filha.

Durante toda essa conversa, Cosette, como se um instinto a advertisse de que estavam falando a seu respeito, não afastou os olhos de Mme. Thénardier. Ouvia alguma coisa e compreendia, aqui e ali, algumas palavras.

No entanto, os fregueses, completamente bêbados, repetiam o estribilho obsceno com redobrada alegria. Tratava-se de uma brincadeira de alta classe, em que se misturavam a Virgem e o Menino Jesus. Mme. Thénardier foi participar da alegria geral. Cosette, debaixo da mesa, contemplava o fogo que se espelhava nos seus olhos fixos; continuava a embalar a boneca que havia feito e, enquanto a ninava, cantava em voz baixa: – Minha mãe morreu! Minha mãe morreu! Minha mãe morreu!

Depois de novas insistências da anfitriã, o homem de amarelo, “o milionário”, consentiu em jantar.

– Que prefere o senhor?

– Pão e queijo – disse o homem.

– Sem dúvida, é algum avarento – pensou Mme. Thénardier.

Os bêbados continuavam a cantar sua canção, e a menina, debaixo da mesa, cantava também a sua.

De repente, Cosette parou; havia-se voltado e viu a boneca que as meninas haviam deixado em troca do gato, a alguns passos da mesa da cozinha.

Deixou cair a espada embrulhada, que não a satisfazia inteiramente, e passeou os olhos lentamente pela sala. Mme. Thénardier falava baixinho com o marido e contava o dinheiro. Eponine e Azelma brincavam com o gato, os hóspedes bebiam, jogavam ou cantavam. Ninguém estava olhando para ela. Não havia um minuto a perder. Saiu do lugar onde estava, andando de gatinhas, observou ainda uma vez para certificar-se de que não a estavam olhando, e depois se arrastou apressadamente até a boneca e pegou-a. Um instante depois, já havia voltado ao seu lugar, sentando-se imóvel, de modo a fazer sombra sobre a boneca que tinha nos braços. A felicidade de brincar com uma boneca era tão rara que tinha toda a violência de uma paixão.

Ninguém a havia visto, com exceção do viajante, que comia vagarosamente o magro jantar.

Essa alegria durou quase um quarto de hora.

Mas Cosette, apesar de toda a precaução que havia tomado, não percebera que um dos pés da boneca saía da sombra, iluminando-se com o clarão da lareira. Esse pé cor-de-rosa exposto à luz caiu de repente sob os olhos de Azelma, que disse a Eponine: – Olhe só!

As duas meninas pararam, admiradas. Cosette tinha ousado brincar com a boneca!

Eponine levantou-se e, sem deixar o gato, dirigiu-se à mãe, puxando-a pelos vestidos.

– Ora! deixe-me – disse Mme. Thénardier. – Que é que você quer?

– Mãe – disse a menina –, olhe só!

E apontou para Cosette. Cosette, completamente em êxtase, não via nem ouvia coisa alguma.

O rosto de Mme. Thénardier tomou a expressão particular que se compõe do terrível misturado aos nadas desta vida, o que fez com que se chamasse de megeras essa espécie de mulheres. Dessa vez, seu orgulho ofendido aumentava-lhe a cólera. Cosette havia ultrapassado todos os limites; Cosette havia se apoderado da boneca de suas meninas. Uma czarina que surpreendesse um

mujique a experimentar o grande cordão azul do filho não teria expressão diferente.

Ela gritou então com a voz enrouquecida pela indignação:

– Cosette!

Cosette estremeceu como se a terra tremesse sob seus pés. Voltou-se.

– Cosette! – repetiu Mme. Thénardier.

Cosette pegou a boneca e colocou-a cuidadosamente no chão, com um misto de veneração e desespero. Então, sem afastar os olhos dela, juntou as mãos e, o que é estranho dizer-se tratando-se de uma criança de sua idade, pôs-se a torcê-las nervosamente; depois – coisa que nenhuma das emoções do dia havia conseguido, nem a corrida pelo bosque, nem o peso do balde de água, nem a perda do dinheiro, nem a vista da palmatória, nem mesmo as palavras terríveis que ouvira de Mme. Thénardier – Cosette chorou, rompendo em soluços.

O viajante levantou-se.

– Que é? – disse a Mme. Thénardier.

– Não está vendo? – disse ela, apontando com o dedo o corpo de delito que jazia aos pés de Cosette.

– E daí? – retrucou o homem.

– Esta maltrapilha teve a petulância de pegar a boneca das meninas!

– Todo esse barulho só por isso! – disse o homem. – Mas o que tem ela brincar com a boneca?

– Ela teve a coragem de pegá-la com suas mãos sujas e nojentas – continuou Mme. Thénardier.

Nesse instante, Cosette pôs-se a soluçar mais forte.

– Vai calar essa boca? – gritou Mme. Thénardier.

O homem foi direto à porta da rua, abriu-a e saiu.

Apenas ele saiu, Mme. Thénardier aproveitou a sua ausência e deu um forte pontapé na menina, fazendo-a gritar.

A porta tornou a se abrir; o homem voltou carregando com as duas mãos a fabulosa boneca de que já falamos, que todas as crianças da aldeia admiravam desde a manhã; colocou-a de pé na frente de Cosette e lhe disse:

– Tome, é para você.

É de se crer que, estando no albergue havia mais de uma hora, em meio a seus pensamentos, tivesse notado aquela barraca de brinquedos iluminada de lampiões e velas, tão esplendidamente que podia ser vista através das vidraças da

estalagem como um conjunto de luzes.

Cosette levantou os olhos, viu aproximar-se o homem carregando a boneca, como se visse o próprio sol, ouviu as inacreditáveis palavras: – *É para você* –, olhou para ele, olhou para a boneca, afastou-se lentamente e foi se esconder num canto da parede, debaixo da mesa.

Parara de chorar, parara de gritar, parecia até que não ousava respirar.

Mme. Thénardier, Eponine e Azelma ficaram como três estátuas. Até os bêbados pararam de falar. Fez-se um silêncio solene em todo o albergue. Mme. Thénardier, petrificada e muda, recomeçou a fazer suas conjecturas: – Quem será aquele velho? Um pobre? Um milionário? Talvez seja ambas as coisas, isto é, um ladrão.

O rosto do marido apresentava essa ruga expressiva que surge no rosto do homem toda vez que o instinto dominante se mostra com o máximo de sua força bestial. O estalajadeiro olhava alternadamente para a boneca e para o viajante; parecia farejar aquele homem como se farejasse um saco de dinheiro. Isso não durou senão o tempo de um relâmpago. Ele se aproximou da mulher e disse-lhe em voz baixa:

– Esse brinquedo, no mínimo, deve ter custado uns trinta francos. Não faça bobagens. O melhor é respeitar o homem.

As naturezas abrutalhadas têm isso em comum com as naturezas ingênuas: não têm transições.

– Então, Cosette – disse Mme. Thénardier, com uma voz que se esforçava por ser meiga, mas que era besuntada pelo mel azedo próprio das mulheres malvadas –, não vai pegar a sua boneca?

Cosette arriscou-se a sair do esconderijo.

– Minha linda Cosette – continuou Mme. Thénardier, agradando –, este senhor está oferecendo-lhe uma boneca. Pode pegar. É sua.

Cosette olhava para a boneca maravilhosa quase sem medo. Seu rosto ainda estava molhado de lágrimas, mas os olhos começavam a brilhar, como o céu ao nascer do sol, com os raios estranhos da alegria. O que sentia naquele momento era um tanto semelhante ao que haveria de sentir se lhe tivessem dito de repente: – Menina, você é a Rainha da França.

Parecia-lhe que, se tocasse naquela boneca, se ouviriam trovões.

O que até certo ponto não deixava de ser verdade, porque estava convencida de que Mme. Thénardier ralharia e lhe daria uma surra. Contudo, a atração foi mais forte. Afinal, aproximou-se e murmurou timidamente, voltando-se para

Mme. Thénardier:

– Posso mesmo pegar?

Nenhuma expressão poderia retratar aquele seu aspecto ao mesmo tempo desesperado, cheio de medo e de deslumbramento.

– Ora, eu já lhe disse que é sua. Este senhor quer dá-la de presente.

– Verdade, senhor? – retrucou Cosette. – É verdade? É minha esta *dama*?

O estranho parecia ter os olhos cheios de lágrimas; ele chegara àquele ponto de comoção em que não se fala para não chorar. Fez um sinal afirmativo com a cabeça e pôs a mão da *dama* na pequena mão de Cosette.

Cosette afastou-se vivamente, como se a mão da boneca a queimasse, e pôs-se a olhar para o chão. Somos forçados a dizer que naquele momento a menina botou a língua para fora desajeitadamente. Mas, de repente, voltou-se e agarrou, arrebatada, a boneca.

– Vou chamá-la de Catherine – disse.

Foi um momento estranho aquele em que os trapos de Cosette se encontraram e se misturaram com as fitas e musselinas cor-de-rosa da boneca.

– Senhora – continuou Cosette –, posso fazê-la sentar em uma cadeira?

– Como não, minha pequena – respondeu Mme. Thénardier.

Agora eram Eponine e Azelma que olhavam invejosamente para Cosette. Cosette colocou Catherine em cima de uma cadeira, sentou-se em sua frente, sem dizer uma palavra, em atitude de contemplação.

– Pode brincar, Cosette – disse o estranho.

– Estou brincando – respondeu a menina.

Aquele viajante, aquele desconhecido que, para Cosette, significava uma visita da Providência era, naquele momento, o que Mme. Thénardier mais odiava neste mundo. Contudo, precisava conter-se. Aquelas emoções eram mais do que poderia suportar, por mais habituada que estivesse à dissimulação, acostumada como estava em copiar o marido nos mínimos gestos. Apressou-se a mandar as filhas para o quarto e depois “pediu licença” ao homem de amarelo para mandar também Cosette, pois “ela devia estar muito cansadinha”, acrescentou com ares de mãe. Cosette foi dormir levando Catherine nos braços.

Mme. Thénardier, de quando em quando, ia até a outra extremidade da sala “para desabafar a própria alma”, como costumava dizer. Trocava com o marido palavras tanto mais cheias de ódio quanto menos ousava dizê-las em voz alta:

– Velho animal! Que pensa que tem na barriga? Vir perturbar a gente dessa maneira! Querer que esse monstrinho se divirta! Dar-lhe bonecas! Comprar uma

boneca de quarenta francos para uma cachorrinha que eu venderia por quarenta soldos! Ainda mais um pouco e ele iria chamá-la de Vossa Majestade, como à Duquesa de Berry! Terá a cabeça no lugar? Estará descontente conosco esse homem misterioso?

– Por quê? É muito simples – replicou Thénardier. – Se lhe agrada!… Você gosta de vê-la trabalhar, ele gosta de vê-la brincar. Está no seu direito. Um hóspede, se pagar bem, pode fazer o que bem entender. Se o velho é um filantropo, que lhe importa? Se é um imbecil, não é de sua conta. De que se queixa você, se ele tem dinheiro?!

Linguagem de mestre e raciocínio de estalajadeiro, que não admitiam, nem um nem outro, réplica alguma.

O homem apoiara os cotovelos à mesa e readquirira sua atitude de sonho. Todos os outros viajantes, mascates ou carroceiros, haviam-se afastado um pouco e não cantavam mais. Olhavam-no de longe, com uma espécie de medo respeitoso. Aquele indivíduo, vestido tão pobremente, que com tamanha facilidade tirava dos bolsos *rodas traseiras* e dava de presente a uma criança suja, calçada de tamancos, uma boneca gigantesca, era certamente um homem magnífico ou temível.

Passaram-se muitas horas. A missa da meia-noite já havia terminado, a reunião já tinha acabado, os fregueses já se haviam retirado, o albergue estava fechado, a sala ao rés do chão deserta, o fogo já se havia extinguido e o estrangeiro continuava sempre no mesmo lugar, na mesma posição. Ora se apoiava num braço, ora noutro. Mas não dissera mais uma palavra depois da saída de Cosette.

Somente os Thénardier continuaram na sala, movidos pela curiosidade e pela conveniência.

– Ele vai passar toda a noite desse jeito? – resmungou Mme. Thénardier. Como já haviam soado duas horas da manhã, deu-se por vencida e declarou ao marido: – Vou me deitar. Você faça o que achar melhor. – O marido sentou-se a uma mesa num canto da sala, acendeu uma vela e começou a ler *Le Courrier Français*.[70]

Assim passou uma boa hora. O digno estalajadeiro havia lido pelo menos três vezes o mesmo jornal, desde a data do exemplar até o nome do editor. O estranho nem sequer se movia.

Thénardier fez barulho, tossiu, cuspiu, assoou o nariz, arrastou a cadeira. O homem continuava imóvel. “Será que está dormindo?”, pensou Thénardier. O

homem não dormia, mas nada poderia fazer com que ele acordasse.

Enfim Thénardier levantou o boné, aproximou-se respeitosamente e aventurou-se a dizer:

– O senhor, por acaso, não quer repousar?

Não vai para a cama pareceu-lhe excessivamente familiar. *Repousar* dava ares de luxo e era mais respeitoso. Essas palavras têm a propriedade misteriosa e admirável de aumentar na manhã seguinte o total das despesas. Um quarto onde se *deita* custa vinte soldos; um quarto onde se *repousa* custa vinte francos.

– Isso mesmo! – disse o estranho – tem razão. Onde fica a cavalariça?

– Meu senhor – disse Thénardier com um sorriso –, tenha a bondade de me seguir.

Pegou uma vela, o homem pegou o pacote e o cajado e Thénardier o levou a um quarto do andar superior, decorado com rara magnificência, com móveis de acaju, um leito em forma de barco e cortinas de chita amarela.

– Mas o que é isto? – perguntou o viajante.

– É o nosso quarto nupcial – respondeu o estalajadeiro. – Minha esposa e eu ocupamos outro. Só entramos aqui três ou quatro vezes por ano.

– Mas eu preferiria a cavalariça – disse o homem bruscamente.

Thénardier não demonstrou absolutamente entender essa reflexão pouco obsequiosa.

Acendeu duas velas de cera ainda não usadas, colocando-as em cima da lareira onde brilhava um fogo intenso.

Em cima da lareira, debaixo de uma redoma, estava também uma grinalda de fios de prata e flores de laranjeira.

– E isto, o que significa? – continuou o viajante.

– Senhor – disse Thénardier –, é a grinalda de casamento da minha mulher.

O viajante observou o objeto com um olhar que parecia dizer: “Então já houve tempo em que aquele monstro foi virgem?”.

Aliás, Thénardier estava mentindo. Quando comprara aquele local para estabelecer seu albergue já havia encontrado o quarto decorado daquela maneira; adquirira os móveis e comprara aquelas flores de laranjeira, julgando que aquilo havia de projetar sobre *sua esposa* uma certa graça, o que traria para sua casa respeitabilidade, como dizem os ingleses.

Quando o viajante se voltou, o dono da hospedaria já havia desaparecido. Thénardier eclipsara-se discretamente, sem ousar dizer boa-noite, não se atrevendo a tratar com desrespeitosa curiosidade um homem a quem se

propusera esfolar soberanamente na manhã seguinte.

Thénardier retirou-se para o seu quarto. A mulher já estava deitada, mas não dormia. Quando ouviu os passos do marido, voltou-se e disse:

– Amanhã mando Cosette para a rua!

Thénardier respondeu friamente:

– Como você é apressada!

Não falaram mais, e alguns momentos depois a vela do quarto já estava apagada.

O viajante, no entanto, pusera a um canto o pacote e o cajado. Quando se viu só, sentou-se numa poltrona e ficou por algum tempo pensativo. Depois, tirou os sapatos, tomou uma das velas, apagou a outra, empurrou a porta e saiu do quarto, olhando ao redor, como se procurasse alguma coisa. Atravessou um corredor e chegou à escada. Lá ouviu um pequeno ruído, muito suave, semelhante à respiração de uma criança. Andou na direção do ruído e chegou a uma espécie de cavidade triangular aberta debaixo da escada, ou, para dizermos melhor, formada pela própria escada. Tratava-se da parte inferior dos degraus. Ali, rodeada por toda espécie de cestas e trastes velhos, no meio da poeira e das teias de aranha, havia uma cama, se é que poderemos chamar de cama uma enxerga esburacada, com as palhas à mostra e um cobertor rasgado. Não havia lençóis e estava colocada diretamente no chão. Ali dormia Cosette.

O homem se aproximou e pôs-se a contemplá-la. Cosette dormia profundamente. Estava toda vestida. Durante o inverno não tirava as roupas para sentir menos frio.

Dormia abraçada à boneca cujos grandes olhos abertos brilhavam na escuridão. De vez em quando dava um profundo suspiro como se fosse acordar e estreitava a boneca entre os braços quase convulsivamente. Junto ao leito havia um único tamanco.

Uma porta aberta ao lado de onde Cosette dormia deixava ver um grande quarto sombrio. O estranho ali penetrou. No fundo, por uma porta envidraçada, viam-se duas pequenas camas iguais, pintadas de branco. Lá dormiam Azelma e Eponine. Atrás do leito, dava para ver um berço de vime, sem cortina; ali dormia a criança que havia gritado durante toda a tarde.

O estranho calculou que esse quarto devia comunicar-se com o do casal Thénardier. Já ia retirar-se quando viu a lareira, uma grande lareira de albergue com fogo sempre escasso, quando o tem, e sempre tão fria à vista. Aquela não tinha nem fogo nem cinzas; contudo, o que lá havia atraiu a atenção do viajante.

Eram dois sapatinhos de criança graciosos e de tamanho desigual; o viajante lembrou-se então do gracioso e imemorial costume das crianças que depositam seus calçados nas lareiras no dia de Natal para esperar no escuro algum brilhante presente de alguma boa fada. Eponine e Azelma cuidavam de observar a tradição e cada uma colocara um sapatinho na lareira.

O viajante inclinou-se.

A fada, isto é, a mãe, já havia feito a visita e podia-se ver reluzindo em cada sapatinho uma bela moeda novinha de dez soldos.

O homem levantou-se e ia sair quando percebeu no fundo, no canto mais escuro, um tamanco muito feio e grosseiro, meio quebrado, todo coberto de cinza e terra. Era o tamanco de Cosette. Cosette, com essa comovente confiança das crianças que podem ser continuamente enganadas sem jamais desistir, também havia posto seu tamanco na lareira.

Como é sublime e suave a esperança de uma criança que só conhece o desespero!

Nada havia naquele tamanco. O estranho revistou os bolsos do colete, curvou-se e pôs no tamanco de Cosette um luís de ouro.

Depois voltou cuidadosamente para o quarto.

IX | ESPERTEZA DE THÉNARDIER

No dia seguinte pela manhã, duas horas mais ou menos antes do nascer do sol, Thénardier, sentado a uma mesa, à luz de uma vela, na sala ao rés do chão, empunhando uma pena, fazia a lista das despesas do viajante de casaco amarelo.

A mulher, de pé, meio curvada sobre seus ombros, seguia-o com os olhos. Os dois não trocaram uma única palavra. De um lado estava a meditação profunda; do outro, a admiração cheia de religiosidade, com a qual se vê nascer e desabrochar alguma maravilha do espírito humano. Ouvia-se um ruído pela casa; era Cosette, que varria a escada.

Depois de um bom quarto de hora e de algumas correções, Thénardier produziu esta obra-prima:

CONTA DO HÓSPEDE DO QUARTO Nº. 1
Janta 3 francos
Quarto 10 francos
Vela 5 francos

Fogo 4 francos
Serviço 1 franco
TOTAL **23** francos

Serviço estava escrito assim: *servisso*.

– Vinte e três francos! – exclamou a mulher com entusiasmo e um pouco de hesitação.

Como todos os grandes artistas, Thénardier não estava contente.

– Ora! – disse ele.

Era a mesma expressão de Castlereagh redigindo, em Viena, as contas que a França devia pagar.[71]

– Senhor Thénardier, o senhor tem razão; isso é o que ele deve pagar – murmurou a mulher, que não se esquecia da boneca presenteada a Cosette na presença de suas queridas filhinhas –, é muito justo, mas é muita coisa. Ele não vai querer pagar.

Thénardier sorriu friamente e disse:

– Ele vai pagar!

Esse sorriso era a afirmação suprema da certeza e da autoridade. O que ele havia dito assim devia acontecer. A mulher não insistiu. Pôs-se a arrumar a mesa; o marido caminhava de um extremo a outro da sala. Um momento depois, acrescentou:

– Estou devendo quase mil e quinhentos francos!

Foi sentar-se ao lado da lareira, meditando, com os pés sobre as cinzas quentes.

– Isso mesmo! – replicou a mulher – já se esqueceu de que hoje vou pôr Cosette na rua? Aquele monstrengo me devora o coração com aquela boneca! Preferiria casar-me com Luís XVIII a conservá-la por mais um dia nesta casa!

Thénardier acendeu o cachimbo e respondeu entre duas baforadas:

– Você vai levar esta conta ao homem.

Depois saiu. Apenas havia saído, o viajante chegou.

Thénardier reapareceu imediatamente à porta e ficou ali imóvel, visível somente para sua mulher.

O homem de amarelo levava às mãos o pacote e o cajado.

– Já de pé? – disse Mme. Thénardier –; já vai deixar-nos?

Enquanto assim falava, amassava desajeitadamente a conta entre as mãos, fazendo-lhe dobras com as unhas. Seu rosto insensível mostrava uma expressão

pouco frequente, a timidez e o escrúpulo.

Apresentar uma conta daquelas a um homem cuja aparência era tão pobre parecia-lhe coisa difícil.

O viajante mostrava-se preocupado e distraído. Respondeu:

– Sim, senhora, já me vou.

– Mas o senhor – replicou ela – não tem nenhum negócio a resolver em Montfermeil?

– Não, estou de passagem; eis tudo. Minha senhora – acrescentou –, quanto lhe devo?

Mme. Thénardier, sem responder, estendeu-lhe o papel dobrado.

O homem desdobrou-o e leu, mas sua atenção estava visivelmente em alguma outra coisa.

– A senhora – continuou – faz bons negócios aqui em Montfermeil?

– Como? – respondeu Mme. Thénardier, espantada por não encontrar outra expressão.

E prosseguiu em tom de lamento e elegia.

– Oh! meu senhor, os tempos estão dif íceis! E depois, temos tão poucos cidadãos por aqui! Aqui só há gente pobre. Se tivéssemos uma vez ou outra viajantes generosos e ricos como o senhor! Temos tantas preocupações! Olhe; só essa pequena nos custa os olhos da cara.

– Que pequena?

– Ora, a pequena, o senhor sabe! Cosette! A Cotovia, como a chamam na aldeia!

– Ah! – disse o homem.

Mme. Thénardier continuou:

– Essa gente do campo não é nada inteligente para dar apelidos! Ela mais parece um morcego que uma cotovia. Veja o senhor; nós não pedimos caridade a ninguém, mas também não podemos fazer caridade aos outros. Não ganhamos quase nada e temos grandes contas a pagar. A licença, as taxas, as portas, as janelas, os impostos! O senhor sabe que o governo só quer dinheiro. Além do mais, tenho minhas filhas. Não tenho obrigação de estar alimentando filhas dos outros.

O homem replicou em tom que se esforçava por ser indiferente, mas em que se percebia certa emoção:

– E se alguém ficasse com ela?

– Quem? Cosette?

– Isso mesmo.

O rosto vermelho e violento da mulher se iluminou de uma expressão horrível.

– Ora, meu senhor! Fique com ela, guarde-a para si, leve-a embora, adoce-a, tempere-a, beba-a, coma-a, e seja abençoado pela Santa Virgem e por todos os santos do paraíso!

– Está combinado.

– Mas o senhor vai mesmo levá-la?

– Vou.

– Assim de repente?

– Já. Chame a menina.

– Cosette! – gritou Mme. Thénardier.

– Enquanto espero – continuou o homem –, quero pagar minhas despesas. Quanto é?

Ele lançou um olhar ao papel e não pôde reprimir um gesto de surpresa:

– Vinte e três francos!

Olhou para a estalajadeira e repetiu:

– Vinte e três francos?

Havia na pronúncia dessas duas frases repetidas a expressão que diferencia o ponto de exclamação do ponto de interrogação.

Mme. Thénardier teve tempo de se restabelecer do choque. Respondeu com firmeza:

– Sim, senhor: vinte e três francos!

O estranho colocou cinco moedas de cinco francos em cima da mesa.

– Vá buscar a menina – disse.

Nesse momento, o Sr. Thénardier avançou para o meio da sala e falou com delicadeza:

– O senhor me deve vinte e seis soldos.

– Vinte e seis soldos! – gritou a mulher.

– Vinte soldos pelo quarto – replicou Thénardier calmamente – e seis soldos pelo jantar. Quanto à menina, preciso conversar um pouco a respeito com o senhor. Deixe-nos a sós, mulher.

Mme. Thénardier teve um desses deslumbramentos provocados pelo brilho imprevisto da inteligência. Sentiu perfeitamente que o grande ator entrara em

cena, não disse uma palavra e saiu.

Quando ficaram a sós, Thénardier ofereceu uma cadeira ao viajante. Este sentou-se, Thénardier continuou de pé; seu rosto tomou uma singular expressão de bonomia e simplicidade.

– Meu senhor – disse então –, devo dizer-lhe que adoro essa criança.

O estranho olhou-o fixamente.

– Que criança?

Thénardier continuou:

– Como a gente é bobo! A gente cria amizade. Que vale para mim todo esse dinheiro? Pode guardar essas moedas de cem soldos. Trata-se de uma criança que adoro.

– Mas quem? – perguntou o viajante.

– Ora! A nossa pequena Cosette! O senhor não estava querendo levá-la? Pois bem, eu falo com franqueza, tão verdade como o senhor é um homem honesto, eu não posso consentir que a leve. Vai fazer-me falta a menina. Tenho-a desde pequena. É verdade que nos custa dinheiro, é verdade que tem seus defeitos, é verdade que não somos nada ricos, é verdade que gastei mais de quatrocentos francos em remédio, só numa de suas doenças! Mas, afinal, é preciso fazer-se alguma coisa pelo amor de Deus. Ela não tem pai nem mãe; eu a criei. O pão da minha casa nunca lhe faltou. O fato é que gosto dessa menina. O senhor compreende; a gente vai criando amizade. Que bobo que eu sou; não raciocino – gosto dela. Minha mulher é muito nervosa, mas também adora a criança. É como se fosse nossa filha. Sinto necessidade de ouvi-la tagarelando pela casa.

O estranho continuava a encará-lo. Thénardier continuou:

– Perdão, desculpe-me, meu senhor, mas ninguém vai dar uma criança assim, sem mais nem menos, ao primeiro que passa. Não tenho razão? E depois, não quero dizer, mas o senhor é rico, tem a aparência de ser um bom homem… E se for para a sua felicidade? Mas é preciso saber. O senhor me compreende; suponhamos que eu a deixe ir – é um sacrifício para mim –, mas eu gostaria de saber para onde o senhor vai levá-la; não quero perdê-la de vista, quero saber em casa de quem vai ficar, para poder visitá-la de vez em quando, para que ela saiba que o paizinho que a criou continua a velar por ela. Enfim, algumas coisas não são possíveis. Não sei nem como o senhor se chama. O senhor leva-a embora e eu perguntarei depois: – A Cotovia? Para onde terá ido? – Seria preciso que o senhor me mostrasse ao menos um papel qualquer, um pedaço ao menos de um passaporte, não sei!

O estranho, sem deixar de encará-lo com um olhar que penetra até o fundo da consciência, respondeu-lhe, sério e decidido:

– Sr. Thénardier, ninguém usa passaporte para viajar a cinco léguas de Paris. Se eu levar Cosette, eu a levarei assim como estou dizendo. O senhor não precisa saber o meu nome, o meu endereço, não precisa saber para onde vou levá-la, e minha intenção é que ela nunca mais o torne a ver. Está bem assim? Sim ou não?

Do mesmo modo como os demônios e os gênios reconheciam por certos sinais a presença de um deus superior, Thénardier percebeu que estava lidando com alguém de muita personalidade. Foi como que uma intuição; ele compreendeu logo isso com toda a clareza e sagacidade de sua percepção. Na véspera, enquanto bebia com os fregueses, enquanto fumava e cantava versos obscenos, passara todo o tempo a observar o estranho, espreitando-o como um gato, estudando-o como um matemático. Ao mesmo tempo, examinava-o por sua própria conta, por simples prazer ou instinto, como se lhe tivessem pago para isso. Nenhum gesto, nenhum movimento do homem do casaco amarelo lhe passou despercebido. Antes mesmo que o desconhecido manifestasse interesse por Cosette, Thénardier já o havia pressentido. Surpreendera os olhares profundos daquele velho sempre dirigidos para a criança. Por que tanto interesse? Quem era aquele homem? Por que, tendo tanto dinheiro, usava roupas tão pobres? Eram as perguntas que fazia a si próprio, às quais não sabia responder e que o irritavam. Pensou então toda a noite. Ele não podia ser o pai de Cosette. Seria o avô? Então por que não se dera logo a conhecer? Quando se tem um direito, deve-se declará-lo. Aquele homem, evidentemente, não tinha direito algum sobre Cosette. Então, quem era? Thénardier perdia-se em mil e uma conjecturas. Entrevia muita coisa, mas não via absolutamente nada claro. Afinal, fosse quem fosse, entabulando essa conversa com o desconhecido, certo de que havia algum segredo em tudo aquilo e de que o homem insistira em permanecer incógnito, sentiu-se forte; à resposta clara e decidida do estranho, quando viu que aquele personagem misterioso era simplesmente misterioso, sentiu-se enfraquecido. Não esperava nada semelhante. Isso foi a ruína de todas as suas conjecturas. Reordenou as ideias e pesou tudo aquilo em um segundo. Thénardier era um desses homens que julgam, com um simples olhar, qualquer situação. Calculou que era o momento de caminhar depressa e ir direto a seu objetivo. Fez como os grandes capitães no instante decisivo que só eles sabem reconhecer e, bruscamente, resolveu tirar a máscara.

– Meu senhor – disse Thénardier –, preciso de mil e quinhentos francos.

O estranho tirou do bolso uma velha carteira de couro preto, abriu-a, pegou

três notas e colocou-as em cima da mesa. Depois, cobrindo-as com as mãos robustas, disse ao estalajadeiro.

– Mande trazer Cosette.

Enquanto isso acontecia, que fazia a menina?

Cosette, ao acordar, correra a revistar o tamanco e encontrara a moeda de ouro. Não era um napoleão, mas uma dessas moedas novinhas de vinte francos, cunhadas no período da Restauração, em cuja ef ígie o pequeno símbolo da Prússia tomara o lugar da coroa de louros. Cosette ficou maravilhada. O destino começava a encantá-la. Ela ainda não sabia o que era uma moeda de ouro, não vira jamais uma igual; escondeu-a bem depressa no bolso como se a tivesse roubado. Contudo, tinha a certeza de que a moeda lhe pertencia, adivinhava de onde viera, mas nem por isso deixou de sentir certa alegria cheia de medo. Estava contente, ou melhor, deslumbrada. Aquelas coisas tão lindas e encantadoras não lhe pareciam reais. A boneca a amedrontava do mesmo modo que a moeda de ouro. Ela tremia insensivelmente diante dessas magnificências. O único que não lhe causava medo era o estranho. Pelo contrário, ele a tranquilizava. Desde a véspera, em meio a tantas novidades, e durante o sono, pensava, com sua pequena mentalidade de criança, naquele homem que parecia tão velho, pobre e triste, e que, no entanto, era tão rico e bom. Desde que o encontrara no bosque, tudo havia mudado para ela. Cosette, menos feliz que a menor andorinha do céu, não havia jamais experimentado o que era refugiar-se à sombra de uma mãe, debaixo de suas asas. Havia cinco anos, isto é, tão longe quanto podiam ir suas recordações, a pobre criança tremia de medo e de frio. Sempre se sentira nua, exposta à áspera brisa da desgraça; agora se sentia agasalhada. Outrora tinha a alma enregelada; agora estava aquecida. Cosette não se assustava mais com Mme. Thénardier. Não estava mais sozinha; havia alguém ao seu lado.

Bem depressa, pôs-se a fazer o trabalho de todas as manhãs. Aquele luís de ouro que levava consigo, naquele mesmo bolso do avental do qual caíra, na véspera, a moeda de quinze soldos, deixava-a distraída. Não ousava tocá-lo, mas passava cinco minutos a contemplá-lo, devemos dizer, boquiaberta. Enquanto varria a escada, parava, ficava imóvel, esquecida da vassoura e do universo inteiro, ocupada em admirar aquela estrela brilhando no fundo de seu bolso.

Foi durante uma dessas contemplações que Mme. Thénardier a encontrou.

Por ordem do marido, tinha ido à sua procura. Coisa inaudita; não lhe deu nenhum tapa nem ralhou com a menina.

– Cosette – disse ela quase com bondade –, venha aqui depressa.

Um instante depois, Cosette chegava à sala.

O estranho pegou o pacote que levava consigo e o desembrulhou. O embrulho continha um vestidinho de lã, um avental, uma blusa de fustão, uma saia, um lenço para o pescoço, meias de lã, sapatos, afinal, toda a roupa necessária a uma menina de sete anos. Tudo de cor preta.

– Minha filha – disse-lhe o homem –, tome isto e vista-se depressa.

O dia raiava quando os habitantes de Montfermeil que começavam a abrir as portas viram passar pela rua de Paris um homem pobremente vestido, dando a mão a uma menina de luto, carregando uma grande boneca cor-de-rosa nos braços. Caminhavam para os lados de Livry. Eram o nosso homem e Cosette.

Ninguém conhecia o homem; quanto a Cosette, não estando mais vestida de trapos, muitos não a reconheceram.

Cosette partia. Com quem? Não sabia. Para onde? Não sabia. Tudo o que compreendia era que deixava para trás o albergue dos Thénardier. Ninguém pensou em dizer-lhe adeus, nem ela pensou em despedir-se de quem quer que fosse. Saía daquela casa odiada e odiando.

Pobre criaturinha cujo coração até agora só havia sido oprimido!

Cosette andava séria, abrindo os grandes olhos e observando o céu. Colocara o luís de ouro no bolso do avental novo. De quando em quando, inclinava-se e dava-lhe uma olhadela; depois, voltava-se para o desconhecido. Sentia como se estivesse ao lado de Deus.

X | QUEM PROCURA O MELHOR PODE ENCONTRAR O PIOR

Mme. Thénardier, como de hábito, deixou que o marido agisse como bem entendesse. Estava à espera de grandes acontecimentos. Quando o homem e Cosette saíram, Thénardier deixou passar um bom quarto de hora; depois, chamou-a de lado e lhe mostrou os mil e quinhentos francos.

– Só?! – disse a mulher.

Era a primeira vez, desde o casamento, que ousava criticar um ato de seu senhor. O tiro foi certo ao alvo.

– De fato, você tem razão – disse o marido –, sou um imbecil. Dê cá o meu chapéu.

Dobrou as três notas, guardou-as no bolso e saiu apressadamente; mas

enganou-se com o caminho e tomou à direita. Alguns vizinhos, com os quais se informou, fizeram-no voltar; a Cotovia e o homem haviam sido vistos na direção de Livry. Seguiu essa indicação, caminhando a passos largos e resmungando:

– Esse homem, evidentemente, é um milhão vestido de amarelo, e eu sou um animal. Ele primeiro deu vinte soldos, depois mil e quinhentos francos, sempre com a mesma facilidade. Mas eu o alcanço.

"E, depois, aquele embrulho cheio de roupas, preparadas antecipadamente para a menina, tudo era muito estranho; devia haver algum mistério atrás do que acontecera. E, quando nos sentimos empolgados por algum mistério, não devemos deixá-lo escapar. Os segredos dos ricos são esponjas ensopadas de ouro; é preciso saber espremê-las." Todos esses pensamentos agitavam-lhe o cérebro. – Sou um animal! – dizia Thénardier.

Saindo de Montfermeil, ao atingir o ângulo da estrada com o caminho de Livry, a vista pode estender-se por todo o planalto sem empecilho algum. Chegando a essa altura, calculou que deveria avistar o homem e a menina. Olhou o mais longe que seus olhos puderam alcançar, mas nada viu. Tornou a pedir informações e, com isso, perdeu tempo. Alguns transeuntes lhe disseram que os dois que ele procurava tinham ido na direção dos bosques, para os lados de Gagny. Correu para lá.

Os dois levavam-lhe vantagem, mas uma criança anda devagar e ele andava depressa. Além disso, conhecia muito bem a região.

De repente, parou e bateu na testa, como quem se esqueceu do essencial, mostrando-se prestes a voltar para trás.

– Eu devia ter trazido a minha espingarda! – exclamou.

Thénardier era uma dessas naturezas de duas faces que, às vezes, passam despercebidas ao nosso lado, desaparecendo sem que o tenhamos conhecido porque o destino no-las mostra de um só lado. A sorte de muitos homens é viverem assim meio submersos. Numa situação calma e normal, Thénardier tinha tudo o que era necessário para se fazer passar – não dizemos para ser – pelo que convencionamos chamar de comerciante honesto ou cidadão exemplar. Ao mesmo tempo, segundo as circunstâncias, segundo os abalos que vinham despertar-lhe a natureza inferior, tinha tudo o que era preciso para tornar-se um celerado. Era um taverneiro no qual se escondia um monstro. Satanás, às vezes, devia acocorar-se em algum canto do pardieiro onde vivia Thénardier, deliciando-se diante daquela horrenda obra-prima.

Depois de hesitar por alguns instantes:

“Ora!”, pensou então, “mas eles terão tempo de escapar!”

E continuou a caminhar sempre para a frente, depressa, denotando certeza absoluta, com a sagacidade da raposa que fareja um bando de perdizes.

Com efeito, tendo passado os lagos, atravessando obliquamente a grande clareira que se abre à direita da estrada de Bellevue, ao chegar à aleia de arbustos que quase dava a volta à colina e que cobre a curva do antigo canal de águas da abadia de Chelles, avistou por cima de alguns ramos um chapéu sobre o qual já havia feito muitas conjecturas. Era o chapéu do viajante. O mato era baixo. Thénardier logo percebeu que o homem e Cosette estavam sentados ali. Não podia ver a menina, por ser muito pequena, mas podia ver claramente a cabeça da boneca.

Thénardier não se enganara. O homem sentara-se ali para deixar que Cosette descansasse um pouco. O taverneiro deu a volta à moita e apareceu de repente diante dos dois perseguidos.

– Perdão, desculpe-me, senhor – disse quase sem fôlego –, mas aqui estão os seus mil e quinhentos francos.

Enquanto assim falava, estendia ao viajante as três notas de quinhentos francos.

O homem levantou os olhos.

– Que significa isto?

Thénardier respondeu respeitosamente:

– Meu senhor, significa que quero Cosette de volta.

Cosette estremeceu e achegou-se bem para perto do homem.

Este respondeu, fixando Thénardier bem no fundo dos olhos e sublinhando sílaba por sílaba:

– O senhor quer ficar com Cosette?

– Isso mesmo; quero-a de volta. Devo dizer-lhe que refleti melhor. Na verdade, não tenho o direito de entregá-la ao senhor. Como o senhor vê, sou um homem honesto. Essa menina não me pertence, mas sim à sua mãe. Foi ela quem ma confiou; só posso entregá-la à própria mãe. O senhor vai dizer-me: – Mas a mãe dela morreu. – Bom. Nesse caso, só poderei confiar a menina a alguém que me trouxesse uma carta assinada pela mãe dizendo que devo entregar-lhe a criança. Está tudo muito claro.

O homem, sem responder, procurou alguma coisa nos bolsos, e Thénardier viu novamente a carteira que continha dinheiro.

O taverneiro estremeceu de alegria.

“Bom!”, pensou ele, “vamos ficar firmes. Vai tentar me corromper!”

Antes de abrir a carteira, o viajante olhou ao redor. O lugar estava absolutamente deserto. Não havia viva alma no bosque ou no vale. O homem abriu a carteira e retirou não o maço de notas que Thénardier esperava, mas um simples pedaço de papel. Desdobrou-o e apresentou-o, aberto, ao estalajadeiro, dizendo-lhe:

– O senhor tem razão. Leia.

Thénardier pegou o papel e leu:

MONTREUIL-SUR-MER, 25 DE MARÇO DE 1823.
Senhor Thénardier,
Entregue Cosette ao portador, todas as pequenas despesas lhe serão pagas.
Tenho a honra de saudá-lo com consideração.
Fantine.

– Conhece essa assinatura? – perguntou o homem.

Era a assinatura de Fantine. Thénardier conhecia-a muito bem.

Nada tinha a replicar. Sentiu-se duplamente humilhado: por ter de renunciar à corrupção que esperava e por se ver vencido. O homem acrescentou:

– Pode guardar esse papel para a sua defesa.

Thénardier se conteve:

– Esta assinatura está muito bem imitada – resmungou entre dentes. – Enfim, seja!

Depois, tentou um último golpe.

– Meu senhor – disse –, está tudo certo, já que o senhor é a pessoa indicada. Mas é preciso que pague “todas as pequenas despesas”. E não é pouca coisa.

O homem levantou-se e disse, sacudindo a poeira que se havia acumulado nas mangas do casaco:

– Senhor Thénardier, em janeiro, a mãe desta criança julgava dever-lhe cento e vinte francos; em fevereiro, o senhor mandou-lhe uma conta de quinhentos francos; o senhor recebeu trezentos francos em fins de fevereiro e mais trezentos francos no começo de março. Daí para cá, passaram-se nove meses a quinze francos, preço combinado, o que soma cento e trinta e cinco francos. O senhor recebeu cem francos a mais. Faltava ainda pagar-lhe trinta e cinco francos. Acabo de lhe dar mil e quinhentos francos.

Thénardier sentiu o que o lobo sente quando se vê mordido e preso pelos dentes de aço da armadilha.

Ele fez o que faz o lobo; deu uma sacudidela. “Mas que diabo de homem!”, pensou. A audácia já o havia favorecido uma vez.

– Senhor sem-nome – disse resolutamente, pondo de lado as maneiras delicadas –, ou me dá mil escudos ou fico com a menina.

O desconhecido disse tranquilamente.

– Vamos, Cosette.

Ele pegou Cosette com a mão esquerda e com a direita levantou o cajado que deixara no chão.

Thénardier reparou no tamanho do mesmo e na solidão do lugar.

O homem desapareceu no bosque com a criança, deixando o hoteleiro imóvel e atônito. Enquanto se afastavam, Thénardier mediu com os olhos os largos ombros, um tanto curvados, e os grossos punhos do viajante. Depois, olhando para si, reparou em seus braços raquíticos e em suas mãos magras.

“Mas é mesmo preciso que eu seja um animal”, pensava, “para não trazer a minha espingarda, já que saí para caçar!”

Mas Thénardier ainda não havia desistido.

– Quero saber para onde vai – disse ele, e começou a segui-los à distância. Ainda lhe havia ficado alguma coisa nas mãos: uma ironia, o pedaço de papel assinado por Fantine e um consolo: os mil e quinhentos francos.

O homem levava Cosette para os lados de Livry e de Bondy. Caminhava devagar, com a cabeça baixa, em atitude de reflexão e de tristeza. O inverno, despojando as árvores das folhas, fazia com que Thénardier não os perdesse de vista, embora estivesse bem distante. De vez em quando, o homem voltava-se para trás e olhava para ver se não o seguiam. De repente, notou Thénardier e entrou precipitadamente com Cosette no meio de algumas árvores mais espessas, onde os dois poderiam bem desaparecer.

– Diacho! – disse Thénardier. E apressou o passo.

A espessura dos ramos forçou-o a se aproximar deles. Quando o homem chegou ao ponto mais cerrado, tornou a voltar-se. Thénardier achou melhor esconder-se também, mas não pôde impedir que o desconhecido o visse. O homem lançou-lhe um olhar inquieto, depois sacudiu a cabeça e retomou o caminho. O estalajadeiro continuou a segui-los. Deram assim uns duzentos ou trezentos passos. De repente o homem tornou a voltar-se para trás e viu Thénardier. Desta vez, olhou-o de modo tão inquietante que Thénardier julgou “inútil” ir mais longe e voltou.

XI | O NÚMERO 9 430 REAPARECE E COM ELE COSETTE GANHA NA LOTERIA

Jean Valjean não havia morrido.

Caindo ao mar, ou antes, jogando-se ao mar, estava, como vimos, sem as correntes. Mergulhou até o costado de um navio, ao qual estava amarrado um escaler. Achou meios de se esconder nessa embarcação até a tarde. À noite, pôs-se novamente a nadar e alcançou a costa a pouca distância do cabo Brun. Lá, como tinha dinheiro, conseguiu comprar novas roupas. Uma taverna nos arredores de Balaguier servia, então, de vestiário para os grilhetas fugidos, especialidade muito lucrativa. Depois, Jean Valjean, como todos esses tristes fugitivos que procuram iludir a vigilância da lei e da fatalidade social, seguiu um itinerário obscuro e cheio de meandros. Refugiou-se primeiramente em Pradeaux, perto de Beausset. Em seguida, dirigiu-se para Grand-Villard, perto de Briançon, nos Altos-Alpes. Fuga às apalpadelas e cheia de sustos, caminho de toupeiras, cujas ramificações se ignoram. Mais tarde, foi possível encontrar alguns sinais de sua passagem em Ain, no território de Civrieux, nos Pirineus, em Accons, numa localidade chamada Grange-de-Doumecq, perto da pequena aldeia de Chavailles e nas circunvizinhanças de Périgueux, em Brunies, cantão da Chapelle-Gonaguet. Conseguiu chegar a Paris. Acabamos de encontrá-lo em Montfermeil.

Seu primeiro cuidado, ao chegar a Paris, foi comprar roupas de luto para uma menina de sete ou oito anos e, depois, procurar uma casa. Feito isso, dirigiu-se para Montfermeil.

Devemos lembrar-nos de que, antes dessa visita, quando fugira das mãos de Javert, conseguira misteriosamente chegar até os arredores de Montfermeil, segundo algumas informações obtidas pela autoridade judicial.

Além do mais, julgavam-no morto, o que contribuía para tornar ainda mais espessa a obscuridade de que se cercou a sua pessoa. Em Paris, chegou-lhe às mãos um dos jornais que registravam o ocorrido. Sentiu-se seguro e quase tão sossegado como se realmente tivesse morrido.

Na mesma noite que se seguiu ao dia em que Jean Valjean salvou Cosette das garras dos Thénardier, ele voltou a Paris. O sol se punha quando chegou na companhia da criança à barreira de Monceaux. Lá ele tomou um cabriolé e foi até a esplanada do Observatório. Desceu, pagou ao cocheiro, tomou Cosette pela mão, e ambos, já em meio à noite escura, pelas ruas desertas nas circunvizinhanças de Lourcine e de Glacière, dirigiram-se para o Boulevard de

l’Hôpital.

O dia havia sido extraordinário e cheio de emoções para Cosette; comeram, escondidos por trás das sebes, pão e queijo, comprados nos albergues mais isolados; trocaram várias vezes de carruagem, andaram a pé em alguns trechos do caminho, mas Cosette não reclamou; contudo, estava cansada, e Jean Valjean percebeu pela mão que ela se atrasava cada vez mais. Carregou-a nos braços; Cosette, sem se separar de Catherine, encostou a cabeça nos ombros de Jean Valjean e adormeceu.

LIVRO QUARTO
O PARDIEIRO GORBEAU

I | MESTRE GORBEAU

Há quarenta anos, o caminhante solitário que se aventurasse pelos sítios desertos da Salpêtrière e que subisse pelas ruas até a barreira da Itália chegava a lugares de onde, poder-se-ia dizer, Paris desaparecia. Não era a solidão completa, porque ainda se via gente; não era ainda o campo, porque havia ruas e casas; não era uma cidade, porque as ruas tinham barrancos como se fossem estradas, e a erva aí era abundante; tampouco era uma aldeia, porque as casas eram muito altas. Que era, então? Um lugar habitado onde não havia ninguém, um lugar deserto onde havia gente; era um bulevar da grande cidade, uma rua de Paris, mais sombria à noite que uma floresta, mais triste de dia que um cemitério.

Era o velho bairro do Marché-aux-Chevaux.

Esse caminhante, arriscando-se a ir além das quatro velhas paredes do Marché-aux-Chevaux, se tivesse coragem inclusive de ultrapassar a Rue Petit-Banquier, depois de ter deixado, à direita, um quintal rodeado de altos muros, depois, um campo onde se levantavam montes de palha semelhantes a casas de castores gigantescos, depois outro quintal atulhado de madeira para construção, troncos de árvores, serragem e cavacos sobre os quais ladrava um cão enorme, depois ainda um longo muro baixo em ruínas, onde se abria um pequeno portão de aspecto triste, coberto de musgo, que se enchia de flores na primavera, depois, no lugar mais deserto, um casarão feio e velho, em cujas paredes se lia em grandes caracteres: *É proibido colar cartazes*, esse caminhante arrojado chegava à esquina da Rue Vignes-Saint-Marcel, lugar pouco conhecido. Lá, nas proximidades de uma fábrica, entre dois muros de quintas, via-se naquele tempo um pardieiro que, à primeira vista, parecia pequeno como uma cabana, mas na realidade era tão grande como uma catedral. Somente uma parte era visível da rua, daí sua aparente exiguidade. Quase toda a casa ficava escondida. Viam-se-lhe somente uma porta e uma janela.

Esse pardieiro tinha um único andar.

Examinando-o, logo chamava atenção o fato de a porta não poder ser mais que a porta de um casebre, enquanto a janela, se tivesse sido feita de cantaria em vez de alvenaria, poderia servir de janela a um palácio.

A porta nada mais era que um conjunto de tábuas carunchadas, toscamente unidas por travessas semelhantes a achas mal aparadas. Abria-se diretamente para uma escadaria de degraus altos, sujos, malseguros, cheios de pó, da mesma largura da porta, podendo ser vista da rua uma escada de mão, desaparecendo na sombra entre duas paredes. A tosca abertura que encimava a porta era disfarçada por uma tábua fina, no meio da qual haviam aberto uma fresta triangular, que servia ao mesmo tempo de trapeira e bandeira, quando a porta estava fechada. No lado de dentro da porta estava escrito em duas pinceladas o número 52, e acima do postigo o mesmo pincel havia pintado o número 50, de modo que se ficava indeciso. Onde estamos? Em cima lemos o número 52 e, mais embaixo, o número 50. Do postigo triangular, alguns trapos cor de terra caíam como se fossem cortinas.

A janela era larga, bastante alta, com venezianas e vidraças em mau estado; os vidros quebrados eram engenhosamente disfarçados com pedaços de papel; as venezianas, deslocadas e desconjuntadas, serviam mais para pôr em perigo a cabeça dos transeuntes do que para abrigar os moradores da casa. As tabuinhas horizontais haviam caído de vários pontos e tinham sido toscamente substituídas por pedaços de madeira pregados perpendicularmente, de modo que a veneziana acabava transformando-se numa janela comum.

Essa porta de aspecto tão miserável, e essa janela quase decente, embora aos pedaços, vistas assim na mesma casa, faziam o efeito de dois mendigos desemparelhados que andassem juntos, um ao lado do outro, fisionomias diferentes cobertas pelos mesmos trapos, um tendo sido sempre indigente, o outro tendo sido outrora gentil-homem.

A escada levava à parte mais ampla do edifício, que parecia mais um telheiro que havia sido transformado em casa. Essa construção tinha como tubo intestinal um longo corredor para o qual se abriam, à direita e à esquerda, alguns cômodos de dimensões variadas, habitáveis, assemelhando-se mais a tendas do que a celas. Esses quartos recebiam luz dos terrenos baldios que rodeavam a casa. Todo o conjunto era sombrio, desagradável, sem cor, melancólico, sepulcral, atravessado, segundo as fendas se abriam no teto ou na porta, por pálidos raios de luz ou sopros gelados de brisa. Uma particularidade interessante e pitoresca dessas habitações é o tamanho das aranhas.

À esquerda da porta de entrada, no lado da rua, à altura de um homem, havia

uma pequena janela tapada com tijolos, semelhante a um nicho quadrado cheio de pedras que as crianças atiravam ali ao passar.

Uma parte da casa foi demolida há pouco tempo. O que ainda resta em nossos dias pode dar-nos ideia de como era antigamente. A casa, no seu conjunto, não tem talvez mais de cem anos. Cem anos é a juventude de uma igreja e a velhice de uma casa. Parece que a morada do homem participa da pouca duração de sua vida e que a morada de Deus participa de sua eternidade.

Os carteiros chamavam a esse pardieiro de número 50-52; mas era mais conhecido no lugar sob o nome de pardieiro Gorbeau. Relatemos a origem dessa denominação.

Os colecionadores de pequenos fatos, verdadeiros herbários de anedotas, fixando na memória com um alfinete as datas fugazes, sabem que havia em Paris, no último século, por volta de 1770, dois procuradores de Châtelet chamados Corbeau e Renard. Dois nomes previstos por La Fontaine. A ocasião era muito boa para passar assim despercebida. A paródia espalhou-se rapidamente, em versos um tanto quebrados, pelas galerias do Palácio:

Maître Corbeau, sur un dossier perché,
Tenait dans son bec une saisie exécutoire;
Maître Renard, par l'odeur alléché,
Lui fit à peu près cette histoire:
Hé bonjour! etc.[72]

Os dois honestos patrícios, ofendidos com os apelidos e contrariados em seu garbo pelas gargalhadas que os seguiam, resolveram livrar-se desses nomes e dirigiram-se, para isso, ao Rei. O requerimento foi mostrado a Luís XV no mesmo dia em que o Núncio Papal, de um lado, e o Cardeal de La Roche-Aymon, do outro, ambos devotamente ajoelhados, calçaram, na presença de Sua Majestade, cada um de seu lado, os pés nus de Mme. Du Barry, na ocasião em que esta se levantava da cama.[73] O Rei, rindo, continuou a rir, passou alegremente dos dois Bispos aos dois Procuradores e concedeu-lhes, mais ou menos, o que pediam. Mestre Corbeau teve permissão de Sua Majestade para acrescentar uma cauda à sua inicial e chamar-se Gorbeau; Renard foi menos feliz, e conseguiu unicamente licença para colocar um P diante do R e chamar-se Prenard: de modo que o segundo nome ficou quase igual ao primeiro.

Ora, segundo a tradição local, Gorbeau foi proprietário da casa 50-52 do Boulevard de l'Hôpital. Foi até o criador daquela janela monumental. Daí o

nome de Gorbeau dado a esse pardieiro.

Bem na frente do número 50-52, entre as árvores da rua, há um grande olmeiro quase todo seco; quase no mesmo lugar começa a rua da barreira dos Gobelins, então sem casas, ainda não calçada, orlada de árvores maltratadas, verde ou lamacenta segundo a estação, fazendo ângulo reto com os muros de Paris. Um cheiro de caparrosa se espalha, de quando em quando, do teto de uma fábrica vizinha.

A barreira estava bem próxima dali; em 1823 ainda existiam os muros da cidade.

Essa barreira dava origem a imagens funestas. Era o caminho de Bicêtre.[74] Era por ali que, durante o Império e a Restauração, entravam em Paris os condenados à morte que deviam ser executados. Aí é que se deu, em 1829, aquele misterioso assassinato chamado a “barreira de Fontainebleau”, cujos autores a justiça ainda ignora, problema fúnebre ainda não esclarecido, medonho enigma ainda envolto em mistério. Deem alguns passos e hão de encontrar a fatal Rue Croulebarbe, onde Ulbach apunhalou a pastora de cabras de Ivry, em meio ao ribombar dos trovões, como num melodrama. Alguns passos ainda e estarão diante dos abomináveis olmeiros desgalhados da barreira Saint-Jacques, invenção de filantropos para esconder o cadafalso, aquela mesquinha e vergonhosa Place de Grève, de uma sociedade de lojistas e burgueses, que recuou diante da pena de morte, não ousando nem aboli-la com grandeza de ânimo, nem sustentá-la com autoridade.[75]

Há trinta e sete anos, deixando de parte a Place Saint-Jacques, que até parecia predestinada e que sempre foi horrível, o ponto mais sombrio talvez de todo esse sombrio bulevar era justamente o lugar onde se encontrava a casa 50-52.

As primeiras construções novas não apareceram por ali senão vinte e cinco anos depois. O lugar era cheio de tristeza. Além das ideias fúnebres que nos assaltavam, sentíamo-nos entre a Salpêtrière, cuja cúpula se avistava, e Bicêtre, cuja barreira estava a três passos; é o mesmo que dizer entre a loucura da mulher e a loucura do homem. Por todo o círculo onde a vista conseguia chegar, só se podiam ver matadouros, os muros da cidade e algumas raras fachadas de fábricas, semelhantes a casernas ou mosteiros; por toda parte, barracas e entulho, velhas paredes negras como mortalhas, ou novas e brancas como sudários; por toda parte fileiras paralelas de árvores e casas, construções ordinárias, longas linhas frias e a lúgubre tristeza dos ângulos retos. Nenhuma variação no terreno, nenhum capricho de arquitetura, nenhuma dobra sequer. O conjunto era glacial, regular, horrível. Nada melhor para entristecer o coração do que a simetria. É

que a simetria é o tédio, e o tédio é a base do luto. O desespero boceja. Por acaso pode-se imaginar algo mais terrível que um inferno onde se sofre? Perfeitamente, se criarmos um inferno onde o condenado se entedie. Se tal inferno existe, esse trecho do Boulevard de l'Hôpital poderia servir de avenida principal.

Além do mais, quando cai a noite, no momento em que a luz se esvai, na hora em que a brisa do crepúsculo arranca aos olmeiros as últimas folhas vermelhas, quando a sombra é profunda e sem estrelas, ou quando a lua e o vento rasgam as nuvens, aquela rua tornava-se, de repente, assustadora. As linhas negras mergulhavam e perdiam-se nas trevas como pedaços do infinito. O transeunte não podia deixar de pensar nas inúmeras tradições patibulares do lugar. A solidão daqueles ermos onde foram cometidos tantos crimes tinha qualquer coisa de terrível. Pressentiam-se ali inúmeras ciladas escondidas na escuridão, todas as formas das sombras pareciam suspeitas, e os grandes vazios quadrados que havia entre as árvores pareciam sepulturas abertas. De manhã era feio; de tarde, triste; de noite, sinistro.

Durante o verão, à hora do crepúsculo, viam-se aqui e ali algumas velhinhas sentadas à sombra dos olmeiros, em bancos molhados pelas chuvas. Essas boas velhinhas não se envergonhavam de pedir esmolas.

Aliás, esse bairro, de aparência mais envelhecida do que propriamente antiga, desde esse tempo já começava a se transformar. Quem o quisesse conhecer como era devia apressar-se. Em cada dia desaparecia uma particularidade de todo aquele conjunto. Atualmente, vinte anos passados, a estação da estrada de ferro de Orléans ergue-se bem ao lado do velho bairro, impedindo-o de progredir. Onde quer que surja, nas vizinhanças de uma grande capital, uma estação de estrada de ferro é o fim de um bairro e o começo de uma cidade. Parece que, ao redor desses grandes centros em que se movimenta tanta gente, ao peso das rodas desses monstruosos cavalos da civilização, que se alimentam de carvão e vomitam fogo, a terra cheia de sementes se abre para engolir as velhas moradas dos homens e fazer nascer novas. Velhas casas desmoronam, novas se erguem.

Desde que a estação da estrada de ferro de Orléans invadiu os terrenos da Salpêtrière, as antigas ruas estreitas vizinhas a Saint-Victor e ao Jardim Botânico estremecem, violentamente atravessadas três ou quatro vezes por dia, por essas correntes de diligências, fiacres e ônibus que, às vezes, parecem empurrar as casas de um e outro lado; porque há coisas estranhas para afirmar que não deixam de ser rigorosamente exatas, do mesmo modo por que se diz que é verdade que o sol das grandes cidades faz brotar e crescer as fachadas das casas

ao meio-dia, não é menos verdade dizer-se que a passagem contínua de veículos alarga as ruas. Os sintomas de uma nova vida são evidentes. Nesse velho bairro provincial, nos lugares mais selvagens, surge o leito de uma rua e as calçadas começam a surgir, mesmo onde não passa ninguém. Numa manhã, manhã memorável, em julho de 1845, viram-se fumegar ali grandes caldeiras negras de asfalto; nesse dia pôde-se dizer que a civilização havia chegado à Rue Lourcine e que Paris invadira o Faubourg Saint-Marceau.

II | NINHO PARA O MOCHO E A COTOVIA

Foi diante do pardieiro Gorbeau que Jean Valjean se deteve. Como as aves silvestres, escolheu esse lugar deserto para ali construir seu ninho.

Tirou do bolso do colete uma chave mestra, abriu a porta, entrou, tornou a fechá-la com cuidado e subiu as escadas, sempre carregando Cosette. No alto da escada, tirou do bolso outra chave, com a qual abriu outra porta. O quarto em que entrou era uma espécie de sótão bastante espaçoso, mobiliado com um colchão estendido no soalho, uma mesa e algumas cadeiras. A um canto, um fogareiro com as brasas acesas para aquecer o ambiente. A luz da rua iluminava vagamente o interior daquela pobre sala. No fundo, atrás de uma separação envidraçada, havia uma cama. Jean Valjean levou a criança até essa cama e a deitou, sem que Cosette acordasse.

Acendeu uma vela; tudo estava preparado desde a véspera sobre a mesa; e, como no dia anterior, pôs-se a contemplar Cosette com um olhar cheio de êxtase, onde a expressão de bondade e de ternura quase chegava à alucinação. A menina, com a confiança tranquila própria da extrema força e da extrema fraqueza, adormecera sem saber em companhia de quem se encontrava, e continuava a dormir sem saber onde estava.

Jean Valjean curvou-se e beijou-lhe as mãos. Nove meses antes, beijara as mãos da mãe, que, também ela, acabava de adormecer. O mesmo sentimento doloroso, religioso, pungente, enchia-lhe o coração. Ajoelhou-se aos pés da cama de Cosette.

O dia já ia alto e a criança dormia ainda. Um pálido raio do sol de dezembro atravessou as janelas do quarto, projetando no forro longos fios de luz e sombra. De repente, uma carroça pesada, rodando pela rua, sacudiu o casebre como um furacão que soprasse fazendo-a estremecer de alto a baixo.

– Já vai, senhora! – gritou Cosette, acordando sobressaltada –, já vai, já vai!

Saltou da cama, com as pálpebras ainda meio fechadas, tanto era o sono, estendendo os braços para o canto da parede.

– Meus Deus! Onde está a vassoura? – disse.

Abriu então os olhos e viu o rosto sorridente de Jean Valjean.

– Ah! É mesmo! – disse a menina. – Bom dia, senhor.

As crianças, não sendo mais do que felicidade e alegria, aceitam facilmente e com familiaridade a alegria e a felicidade.

Cosette viu Catherine ao pé da cama, tomou-a nos braços e, enquanto brincava, fazia mil e uma perguntas a Jean Valjean: Onde estava? Paris era muito grande? Mme. Thénardier estava muito longe? Ela não iria voltar? Etc. etc. De repente, exclamou: – Como é alegre aqui!

Era um casebre horrível, mas Cosette sentia-se livre.

– É preciso que eu varra? – perguntou enfim.

– Brinque – disse Jean Valjean.

Assim, passou-se todo o dia. Cosette, sem procurar compreender o que havia acontecido, estava inexprimivelmente feliz entre a boneca e o bom velho.

III | A ALIANÇA DE DUAS DESGRAÇAS FAZ UMA FELICIDADE

No dia seguinte, pela manhã, Jean Valjean ainda estava ao lado da cama de Cosette. Conservou-se ali, imóvel, esperando que a menina acordasse.

Algo de novo invadia-lhe a alma.

Jean Valjean jamais amara alguém. Havia vinte e cinco anos que estava só no mundo. Nunca havia sido pai, ou amante, ou marido, ou amigo. Nas galés, era mau, triste, casto, ignorante e perigoso. O coração desse velho grilheta ainda se conservava cheio de virgindades. A irmã e os sobrinhos não lhe deixaram senão uma lembrança vaga e longínqua, que acabara por desaparecer quase inteiramente. Fizera todos os esforços para tornar a encontrá-los e, não o conseguindo, esquecera-os. A natureza humana é assim. As outras emoções ternas de sua juventude, se é que as teve, caíram num abismo.

Quando viu Cosette, quando a adotou, libertou e levou consigo, sentiu uma vida nova. Tudo o que havia de paixão e afeto no seu íntimo despertou, concentrando-se naquela criança. Ficava ao lado do leito em que ela dormia e estremecia de contentamento; sentia uma emoção quase materna, desconhecida até então, pois é uma coisa ainda obscura e agradável a grande mudança que se

opera em qualquer coração que comece a amar.

Pobre velho de coração jovem!

Como, porém, tinha cinquenta e cinco anos e Cosette tinha apenas oito, tudo o que poderia ter havido de amor em toda a sua vida se fundiu numa espécie de inefável clarão.

Era a segunda aparição de candura que se lhe deparava. O Bispo fez surgir no seu horizonte a aurora da virtude; Cosette, a aurora do amor.

Os primeiros dias se passaram nesse deslumbramento.

De sua parte, sem que o percebesse, Cosette, pobre criaturinha, também se transformava! Era tão pequena quando a mãe a deixara que era impossível lembrar-se dela. Como todas as crianças, semelhantes aos novos rebentos das vides que se prendem a tudo o que estiver perto, havia tentado gostar de alguém. Mas não o conseguira. Todos a haviam repelido: os Thénardier, seus filhos e as outras crianças. Gostava muito de um cachorro, mas este morrera; depois disso, ninguém mais quis saber dela. Coisa triste de se constatar, mas, como já demos a entender, aos oito anos tinha o coração completamente frio. Não era por culpa dela, e tampouco faltava-lhe a faculdade de amar; era falta de possibilidade. Por isso, desde o primeiro dia, tudo o que era sentimento ou reflexão que havia no seu íntimo se dirigira à pessoa do bom velho. Ela passou a sentir o que jamais havia sentido, uma sensação de desafogo.

Aquele desconhecido não lhe parecia nem velho nem pobre. Ela achava Jean Valjean belo, do mesmo modo que o casebre lhe parecia bonito.

Esses são os efeitos da aurora, da infância, da alegria. A virgindade da terra e da vida são as causas íntimas desses milagres. Nada tão encantador como o reflexo colorido da felicidade num celeiro. Todos temos no nosso passado um sótão azul.

A natureza, com cinquenta anos de intervalo, havia posto uma separação profunda entre Jean Valjean e Cosette; essa separação fora preenchida pelo destino, que unira bruscamente e ligara com seu poder irresistível aquelas duas existências perdidas, diferentes na idade, semelhantes no luto. Uma, com efeito, completava a outra. O instinto de Cosette procurava um pai, como o instinto de Jean Valjean procurava um filho. Encontrar-se, para eles, fora o mesmo que se descobrirem um ao outro. No momento misterioso em que suas mãos se tocaram, ligaram-se inseparavelmente. Quando suas almas se avistaram, reconheceram a mútua necessidade que uma tinha da outra, e se abraçaram fortemente.

Tomando as palavras no seu sentido mais compreensivo e absoluto, poder-se-

ia dizer que, separados do mundo pelas paredes de um túmulo, Jean Valjean era o Viúvo, como Cosette era a Orf ãzinha. Essa situação fizera com que Jean Valjean se tornasse, de um modo todo espiritual, o pai de Cosette. E, na verdade, a impressão misteriosa produzida em Cosette, no meio do bosque de Chelles, pela mão de Jean Valjean segurando a sua em plena escuridão, não era, em absoluto, ilusão, mas realidade. A entrada desse homem no destino dessa criança fora como que a vinda de Deus.

Quanto ao mais, Jean Valjean escolhera bem o seu esconderijo. Ali estava em segurança quase que completa.

O quarto que ocupava na companhia de Cosette era o que tinha a grande janela que se abria para a rua. Como era a única janela da casa, não precisavam temer os olhares curiosos dos vizinhos, nem pelos lados nem pela frente.

O andar térreo do número 50-52, espécie de alpendre em ruínas, servia como depósito de ferramentas para alguns jardineiros e não tinha comunicação com o andar superior. A separação era feita simplesmente pelo forro, que não possuía nem alçapão nem escada, e funcionava como diafragma da casa. No primeiro andar, como já dissemos, havia muitos quartos e alguns celeiros; somente um quarto era ocupado por uma velha que cuidava da limpeza do quarto de Jean Valjean. Todo o resto estava inabitado.

Essa mesma senhora, agraciada com o título de *primeira locatária*, mas, na realidade, encarregada das funções de porteira, fora quem alugara a Jean Valjean a parte superior da casa no dia de Natal. Apresentara-se como um capitalista arruinado por maus negócios feitos na Espanha que ali vinha morar na companhia de uma neta. Pagara seis meses adiantados e a encarregara de mobiliar o quarto, como já vimos. Fora essa boa senhora quem acendera o fogareiro e preparara tudo na noite em que ali chegaram.

As semanas passaram rápidas. As duas criaturas levavam naquele casebre uma existência feliz.

Desde que o sol surgia, Cosette ria, conversava, cantava. As crianças, como os passarinhos, têm seu canto matutino.

Acontecia, às vezes, de Jean Valjean tomar-lhe as mãos rosadas, cortadas pelo frio, e beijá-las. A pobre criança, acostumada a ser espancada, não sabia o que queria dizer aquilo, e se afastava envergonhada.

Por alguns instantes, ficava séria e punha-se a olhar o vestidinho preto. Cosette não estava mais vestida de trapos, estava vestida de luto. Saíra da miséria para entrar na vida.

Jean Valjean começou a ensiná-la a ler. Por vezes, enquanto fazia a menina soletrar, pensava que fora com a ideia de fazer mal que havia aprendido a ler nas galés. Agora ensinava a ler a uma criança. Então o velho grilheta sorria com o sorriso pensativo dos anjos.

Sentia nisso uma premeditação do alto, a vontade de alguém, que não o homem, e perdia-se em longas meditações. Os bons pensamentos, como os maus, têm seus abismos.

Ensinar a ler a Cosette e fazê-la brincar, nisso quase que se resumia toda a vida de Jean Valjean. Depois, falava-lhe de sua mãe e fazia-a rezar.

Ela o chamava *pai*, e não o conhecia por nenhum outro nome.

Ele passava horas e horas vendo-a vestir e despir a boneca, e ouvindo suas histórias. A vida agora parecia-lhe cheia de interesses, os homens pareciam-lhe bons e justos; não censurava mentalmente quem quer que fosse e não via nenhuma razão para não chegar à extrema velhice, agora que tinha o afeto daquela criança. Ele previa para Cosette um futuro iluminado por encantadora luz. Mesmo os melhores não estão isentos de pensamentos egoístas. Havia momentos em que imaginava, quase com alegria, que ela, quando moça, seria feia.

Essa opinião é pessoal, mas, para expressar todo o nosso pensamento, no ponto em que estava Jean Valjean quando começou a gostar de Cosette, nada nos prova em contrário que não tivesse necessidade dessa espécie de reforço para perseverar no bem. Ele acabava de ver sob novos aspectos a maldade dos homens e a miséria da sociedade, aspectos incompletos, que não mostravam fatalmente senão um lado da verdade: o destino da mulher, resumido em Fantine; a autoridade pública, personificada em Javert; fora novamente condenado às galés, dessa vez, por ter agido corretamente; novos sofrimentos o atormentavam; o desespero e o cansaço tornaram a assaltá-lo; até a lembrança do Bispo quase que se eclipsava, para depois tornar a aparecer mais luminosa e triunfante; mas, enfim, essa recordação sagrada tornara-se menos reconhecível. Quem sabe se Jean Valjean não estava nas vésperas de desistir e de recair no mal? Amou e voltou a ser forte. Não se sentia menos vacilante que Cosette. Protegendo-a, sentia-se mais seguro. Graças a ele, ela pôde viver; graças a ela, ele pôde continuar na virtude. Tornou-se o arrimo da criança e a criança serviu-lhe de ponto de apoio. Mistério insondável e divino do equilíbrio dos destinos!

IV | OBSERVAÇÕES DA PRIMEIRA LOCATÁRIA

Jean Valjean tinha a prudência de jamais sair durante o dia. Todas as tardes, à hora do crepúsculo, passeava por uma hora ou duas, às vezes só, quase sempre na companhia de Cosette, preferindo as calçadas das ruas mais desertas e visitando as igrejas ao cair da noite. Quase sempre ia a Saint-Médard, a igreja mais próxima. Quando não levava Cosette, a menina ficava aos cuidados da porteira, mas sua alegria era passear na companhia do velho. Ela preferia passar uma hora a seu lado aos encantadores colóquios de Catherine. Jean Valjean caminhava segurando-a pela mão, contando-lhe coisas bonitas.

Cosette, então, mostrava-se perfeitamente feliz.

A velha cuidava da limpeza, da cozinha e das compras.

Viviam sobriamente, tendo sempre lume ao fogão, mas como gente de poucos recursos. Jean Valjean nada mudara na mobília da casa. Substituíra, porém, a porta envidraçada do quarto de Cosette por uma porta toda de madeira.

Continuava a usar o casaco amarelo, as calças pretas e o velho chapéu. Na rua, tomavam-no por um pobre qualquer. Acontecia, às vezes, uma boa senhora voltar-se e dar-lhe um vintém. Jean Valjean o recebia e agradecia profundamente. Outras vezes ele encontrava algum indigente pedindo esmolas; então, olhava para trás para se certificar de não estar sendo observado, aproximava-se furtivamente do infeliz, punha-lhe na mão uma moeda, muitas vezes de prata, e se afastava rapidamente. Isso tinha seus inconvenientes. Começaram a chamá-lo de *mendigo que dá esmolas*.

A velha *primeira locatária*, criatura mal-humorada, comportando-se com relação ao próximo com a atenção própria dos invejosos, não perdia de vista Jean Valjean sem que este o suspeitasse. Era um tanto surda, o que a tornava indiscreta. De todo o seu passado, restavam-lhe dois dentes, um no alto, outro embaixo, que ela costumava bater continuamente um contra o outro. Ela fez algumas perguntas a Cosette que, nada sabendo, nada pôde dizer, senão que vinha de Montfermeil. Certo dia, percebeu que Jean Valjean entrava de um modo que lhe pareceu estranho num dos cômodos vazios da casa. Seguiu-o cuidadosamente como uma gata e pôde observá-lo, sem ser vista, por uma fresta da porta. Jean Valjean, sem dúvida por precaução, voltara as costas à porta. A velha viu-o procurar alguma coisa nos bolsos, pegar num estojo agulha, tesoura e linha, e começar a descosturar a bainha do casaco, de onde tirou um pedaço de papel amarelado. A velha reconheceu com espanto ser uma nota de mil francos. Era a segunda ou a terceira que via desde que estava no mundo e fugiu, muito

assustada.

Algum tempo depois, Jean Valjean pediu-lhe que fosse trocar essa nota de mil francos, acrescentando que era a renda semestral que havia recebido na véspera. “Onde?”, pensou a velha. Ele saiu somente às seis da tarde e o tesouro, a essa hora, não está aberto.

A velha foi trocar o dinheiro fazendo mil e uma conjecturas. Aquela nota de mil francos, devidamente comentada e multiplicada, produziu uma multidão de discussões exaltadas entre as comadres da Rue Vignes-Saint-Marcel.

Num dos dias seguintes, aconteceu estar Jean Valjean em mangas de camisa, serrando uma tábua no corredor. A velha se achava no quarto, ocupada na limpeza. Estava só. Cosette entretinha-se a admirar o trabalho de Jean Valjean. A velha viu o casaco pendurado em um prego e o revistou. A bainha estava novamente costurada. Apalpou-a cuidadosamente e pôde sentir, entre as dobras, pedaços de papel. Sem dúvida, mais notas de mil francos!

Notou, também, que havia toda sorte de objetos naqueles bolsos. Não apenas agulhas, tesoura e linha, coisas que já havia visto, mas uma grande carteira, um punhal e, detalhe interessante, várias perucas de cores diversas. Cada bolso do casaco parecia preparado para algum acontecimento imprevisto.

Os habitantes da velha casa chegaram, assim, aos últimos dias do inverno.

V | UMA MOEDA DE CINCO FRANCOS FAZ RUÍDO AO CAIR NO CHÃO

Havia perto de Saint-Médard um pobre que se abrigava à beira de um velho paiol, ao qual Jean Valjean ajudava de muito boa vontade. Jamais passava à sua frente sem lhe dar algum dinheiro. Às vezes chegava a conversar com ele. Os que invejavam diziam que o tal mendigo *era da polícia*. Tratava-se de um velho bedel de setenta e cinco anos que resmungava continuamente suas orações.

Uma noite em que Jean Valjean passava por lá – Cosette não estava em sua companhia –, percebeu o mendigo em seu lugar de sempre, à luz do lampião que tinham acabado de acender. O homem, segundo seu costume, parecia rezar e estava todo curvado. Jean Valjean dirigiu-se a ele e lhe deu a esmola habitual. O mendigo levantou de repente os olhos, encarou fixamente Jean Valjean e depois baixou depressa a cabeça. Esse movimento foi como um raio; Jean Valjean estremeceu. Parecia-lhe ter entrevisto, à pálida luz do lampião, não o rosto calmo e piedoso do velho bedel, mas uma pessoa terrível e muito conhecida. Teve a

mesma impressão que teria caso se encontrasse à noite face a face com um tigre. Recuou apavorado, petrificado, não ousando nem respirar, nem falar, nem fugir, nem ficar, enquanto olhava o mendigo que baixara a cabeça coberta de trapos, parecendo ignorar que ele ainda estava ali. Nesse momento estranho, um instinto, talvez o misterioso instinto de conservação, fez com que Jean Valjean não pronunciasse uma palavra sequer. O mendigo tinha o mesmo aspecto, vestia-se com os mesmos trapos, tinha a mesma aparência de sempre. – Bah!… – disse Jean Valjean –, estou louco! Estou sonhando! Impossível! – e voltou para casa profundamente perturbado.

Ele mal ousava confessar para si mesmo que a pessoa que acabava de ver era Javert.

De noite, pensando no acontecido, arrependeu-se de não ter feito alguma pergunta ao homem para forçá-lo a levantar a cabeça ainda uma vez.

No dia seguinte, ao cair da noite, voltou. O mendigo estava no mesmo lugar. – Boa tarde, senhor – disse-lhe resolutamente Jean Valjean, dando-lhe a esmola. O mendigo levantou a cabeça e respondeu com voz dolente: – Obrigado, meu bom senhor. – Era o velho bedel.

Jean Valjean sentiu-se completamente seguro, desatando a rir. “Mas onde é que eu fui ver Javert?”, pensou. “Será que agora dei para ter alucinações?” E não se preocupou mais com o acontecido.

Alguns dias depois, cerca de oito horas da noite, estava em seu quarto fazendo Cosette soletrar em voz alta quando ouviu abrir-se e tornar a fechar-se a porta da rua. Isso chamou-lhe a atenção. A velha, a única que, além dele, morava na casa, recolhia-se sempre ao cair da noite para não ter de usar velas. Jean Valjean fez sinal a Cosette para que se calasse. Ouviu alguém subindo a escada. Na verdade, poderia bem ser a velha que, não se sentindo bem, saíra à rua em busca de algum remédio. Jean Valjean aplicou o ouvido. Os passos eram pesados e pareciam ser de homem; mas a velha costumava usar sapatos pesados, e nada se assemelha tanto aos passos de um homem como o andar de uma velha. Jean Valjean apagou a vela.

Ele havia mandado Cosette para a cama, dizendo-lhe baixinho: – Deite-se sem fazer barulho. – Enquanto a beijava na fronte, os passos não mais se fizeram ouvir.

Jean Valjean continuou em silêncio, imóvel, no escuro, com as costas voltadas para a porta, sentado na cadeira sem se mexer, retendo a respiração. Ao cabo de um tempo bastante longo, não ouvindo mais nada, voltou-se sem fazer

barulho e, olhando em direção à porta, viu uma luz pelo buraco da fechadura. Essa luz produzia uma espécie de estrela sinistra na escuridão da porta e da parede. Evidentemente, lá estava alguém com uma vela na mão, ouvindo.

Passaram-se alguns minutos e a luz se afastou. Não ouviu, porém, nenhum ruído de passos, o que parecia indicar que a pessoa que viera escutar à porta havia tirado os sapatos.

Jean Valjean deitou-se, vestido como estava, e não pôde dormir durante toda a noite.

De manhãzinha, exausto de fadiga, foi alertado pelo ruído de uma porta que se abria em algum quarto no fundo do corredor; depois ouviu novamente os mesmos passos do homem que subira os degraus da escada na noite anterior. O passo se aproximava. Pulou da cama e espiou pelo buraco da fechadura, bastante grande, esperando ver passar a pessoa que, de noite, tinha entrado na casa e havia escutado à sua porta. Era, na verdade, um homem que, dessa vez, passou, sem parar, diante do quarto de Jean Valjean. O corredor ainda estava muito escuro para que se pudesse distinguir-lhe o rosto; mas, quando o homem chegou à escada, a luz que vinha de fora desenhou-lhe a silhueta, e Jean Valjean pôde vê-lo perfeitamente de costas. Era alto, usava um sobretudo comprido e uma bengala debaixo do braço. Era a silhueta medonha de Javert.

Jean Valjean poderia tentar vê-lo de novo pela janela que dava para a rua. Mas seria necessário abri-la e não quis arriscar-se.

Era evidente que esse homem havia aberto a porta com uma chave, como se estivesse em sua própria casa. Quem lhe teria dado a chave? O que deveria pensar de tudo isso?

Às sete horas da manhã, quando a velha veio fazer a limpeza, Jean Valjean encarou-a atentamente, mas não lhe fez nenhuma pergunta. A boa mulher não se mostrava nada diferente.

Enquanto varria, ela lhe disse:

– O senhor, por acaso, ouviu alguém entrar esta noite?

Naquela época do ano e naquela rua, oito horas já era noite escura.

– É verdade – respondeu ele no tom mais natural. – Quem poderia ser?

– Um novo inquilino da casa – disse a velha.

– Como se chama?

– Não sei mais. Sr. Dumont, Daumont, um nome assim.

– E que faz esse Sr. Dumont?

A velha encarou-o com seus olhos de fuinha e respondeu:

– É proprietário, como o senhor.

Talvez ela não tivesse nenhuma intenção oculta ao responder assim, mas Jean Valjean julgou perceber qualquer coisa. Quando a velha saiu, ele fez um pacote de uma centena de francos que estavam guardados num armário e escondeu-os no bolso. Embora tivesse tomado todo o cuidado para que não ouvissem o barulho das moedas, contudo escapou-lhe das mãos uma moeda de cem soldos que rolou ruidosamente pelo chão.

À tardinha, desceu e olhou atentamente para todos os cantos da rua. Não viu ninguém. Parecia estar absolutamente deserta. É verdade que qualquer um poderia ficar escondido detrás de alguma árvore.

Tornou a subir para o quarto.

– Vem – disse a Cosette.

Tomou-a pela mão e os dois saíram.

LIVRO QUINTO

CAÇA TENEBROSA, MATILHA SILENCIOSA

I | OS ZIGUE-ZAGUES DA ESTRATÉGIA

Aqui, para as páginas que se seguem e para outras ainda que os leitores encontrarão mais adiante, faz-se necessária uma explicação.

Faz muitos anos que o autor deste livro – contra sua vontade obrigado a falar de si próprio – está ausente de Paris.[76] Depois de sua saída, Paris se transformou. Levantou-se uma nova cidade que, de algum modo, lhe é completamente desconhecida. Não é necessário dizer que ele gosta de Paris; Paris é a cidade natal de sua alma.[77] Por uma série de demolições e reconstruções, a Paris de sua juventude, aquela Paris que ele guarda religiosamente na memória, é a esta hora uma Paris antiga. Permitam-lhe, portanto, falar de Paris como ele a conheceu. É bem possível que o autor conduza os leitores a alguns lugares dizendo: – Em tal rua há uma casa assim –, e já não exista nem a casa nem a rua. Se quiserem dar-se a esse trabalho, poderão verificar. Quanto ao autor, ele ignora a nova Paris, e escreve com a antiga Paris diante dos olhos, em uma ilusão que lhe é muito cara.

Para ele, é um consolo pensar que ainda resta alguma coisa do que conheceu quando estava em seu país natal e que nem tudo mudou. Enquanto vivemos na nossa terra, parece-nos que aquelas ruas nos são indiferentes, que aquelas janelas, telhados e portas nada significam, que aquelas paredes são completamente estranhas, que aquelas árvores nasceram ontem, que aquelas casas, onde nunca entramos, são inúteis, que as ruas por onde andamos não passam de simples pedras. Mais tarde, quando estamos longe, é que percebemos como nos são queridas aquelas ruas, como nos fazem falta aqueles telhados, aquelas janelas e portas, como nos são indispensáveis aquelas paredes, como gostamos daquelas árvores, como aquelas casas, onde nunca entramos, faziam parte da nossa vida, e que deixamos entranhas, sangue e coração nas pedras daquelas ruas. Todos esses lugares, que não vemos mais, que talvez nunca mais tornaremos a ver, e cuja imagem guardamos em nossa mente, tomam um encanto

nostálgico, voltam com a melancolia e uma aparição, tornam-nos visível a terra santa e são, podemos dizer, a própria alma da França; então, gostamos de relembrá-las tais como as conhecemos, do mesmo modo, obstinadamente, sem querer mudar coisa alguma, porque a imagem da pátria é como o retrato de uma mãe.

Seja-nos, portanto, permitido falar do passado no presente. Dito isso, pedimos ao leitor que não se esqueça do que dissemos, e continuemos nossa história.

Jean Valjean deixou apressadamente a rua e internou-se por inúmeras outras, fazendo o maior número de voltas possível, voltando às vezes pelos mesmos lugares para se assegurar de que não estava sendo seguido.

Essa manobra é o artifício de que usa o gamo quando se sente perseguido. Nos terrenos onde os traços ficam impressos, a manobra tem, entre outras, a vantagem de enganar os caçadores e os cães pelas pegadas no sentido contrário. É o que em montaria se chama *falsa retirada*.

Era noite de lua cheia. Jean Valjean não se assustou com isso. A lua, ainda muito perto do horizonte, provocava nas ruas grandes contrastes de luz e sombra. Jean Valjean podia esgueirar-se pelos cantos das casas e dos muros que ficavam do lado da sombra, e observar assim a parte iluminada da rua. Talvez não refletisse o bastante para pensar que o lado escuro escapava à sua vista. Contudo, em todas as ruelas desertas próximas à Rue Poliveau, teve a certeza de que ninguém o seguia.

Cosette caminhava sem fazer perguntas. Os sofrimentos de seus seis primeiros anos de vida haviam dado certa passividade à sua natureza. Além do mais, e esta é uma observação sobre a qual voltaremos mais vezes, sem o perceber, já estava habituada às singularidades do velho e às novidades de seu destino. Depois, sentia-se perfeitamente tranquila na companhia dele.

Jean Valjean não sabia mais do que Cosette a respeito do seu itinerário. Confiava em Deus como ela confiava nele. Parecia-lhe também que alguém maior o levava pela mão; julgava-se orientado por um ser invisível. Não tinha nenhuma ideia determinada, nenhum plano, nenhum projeto. Não estava, tampouco, absolutamente seguro de ter visto Javert; e depois, mesmo que se tratasse de Javert, poderia acontecer que ele não o tivesse reconhecido. Não estava, então, disfarçado? Não o julgavam morto? No entanto, havia alguns dias, aconteciam coisas estranhas. Bastava-lhe isso. Resolveu não voltar mais ao pardieiro Gorbeau. Como um animal expulso do covil, procurava um buraco para se esconder, à espera de um lugar onde pudesse morar.

Jean Valjean deu várias voltas pelo Quartier Mouffetard, onde todos já se haviam recolhido, como se existissem ainda a disciplina da Idade Média e a imposição do toque de silêncio; combinou de diversos modos, em sábias manobras, a Rue Censier e a Rue Copeau, a Rue du Battoir-Saint-Victor e a Rue Puits-l'Ermite. Por aqueles lados havia hospedarias, mas não entrou em nenhuma, não encontrando nada que lhe servisse. Por exemplo, não estava certo de que se por desgraça estivessem ainda a sua procura, tivessem perdido a sua pista.

Quando soavam as onze horas em Saint-Étienne-du-Mont, atravessou a Rue Pontoise, em frente da delegacia de polícia, instalada no número 14. Alguns instantes depois, o instinto, de que já falamos acima, fez com que se voltasse. Nesse momento, viu distintamente, graças ao lampião que estava à porta da delegacia, três homens que o seguiam, bem próximos, passando, um após outro, debaixo da luz, do lado mais escuro da rua. Um deles entrou na delegacia. O que andava na frente pareceu-lhe particularmente suspeito.

– Vem – disse a Cosette, e apressou-se a deixar a Rue Pontoise.

Fez um círculo, atravessou a Passagem dos Patriarcas, fechada naquela hora avançada, caminhou por toda a Rue Épée-de-Bois e pela Rue de l'Arbalète e seguiu pela Rue des Postes.

Há ali uma encruzilhada, onde hoje está o Colégio Rollin e onde termina a Rue Neuve-Sainte-Geneviève.

(Não é preciso dizer que a Rue Neuve-Sainte-Geneviève é muito antiga, e que podem se passar dez anos sem que uma mala-posta atravesse a Rue des Postes. Essa rua, no século XIII, era habitada por oleiros, e seu verdadeiro nome era Rue des Pots.)

A lua iluminava intensamente o lugar. Jean Valjean escondeu-se no ângulo de uma porta, calculando que, se aqueles homens ainda o estavam seguindo, dali não poderia deixar de vê-los muito bem, quando atravessassem pela claridade.

Com efeito, ainda não haviam passado três minutos, os homens apareceram. Agora eram quatro; todos altos, vestidos com longos casacos, de chapéus redondos, empunhando grossos cajados. Não eram menos assustadores por sua grande estatura e punhos enormes do que por seu andar sinistro no meio da noite. Dir-se-ia quatro espectros disfarçados de burgueses.

Pararam no meio da encruzilhada e se agruparam como para combinar alguma coisa. Pareciam indecisos. Aquele que parecia conduzi-los voltou-se, indicando com um gesto decidido da mão direita a direção em que se encontrava

Jean Valjean; outro parecia optar obstinadamente pela direção contrária. No instante em que o primeiro se voltou, a lua iluminou-lhe em cheio o rosto. Jean Valjean reconheceu perfeitamente Javert.

II | FELIZMENTE PASSAM VEÍCULOS PELA PONT D' AUSTERLITZ

A incerteza de Jean Valjean já não tinha razão de ser; felizmente, a dúvida continuava ainda com seus perseguidores. Aproveitou-se da hesitação em que se encontravam; era tempo perdido para uns e ganho para outros. Saiu da porta em que se havia escondido e meteu-se pela Rue des Postes, para os lados do Jardim Botânico. Cosette já começava a sentir-se cansada; tomou-a nos braços e a carregou. Não havia um único transeunte e não tinham acendido os lampiões por causa da lua.

Apressou-se ainda mais.

Em poucos minutos chegou à olaria Goblet, em cuja fachada o clarão da lua tornava perfeitamente legível a velha inscrição:

De Goblet fils c'est ici la fabrique
Venez choisir des cruches et des brocs,
Des pots à fleurs, des tuyaux, de la brique.
À tout venant le Coeur vend des Carreaux.[78]

Deixou para trás a Rue de la Clef, depois a fonte de Saint-Victor, caminhou ao longo do Jardim Botânico e chegou ao cais. Lá chegando, voltou-se para trás. O cais e as ruas estavam desertos. Não havia mais ninguém em seu encalço. Respirou aliviado.

Chegou à Pont d' Austerlitz.

Nessa época ainda se pagava pedágio para atravessá-la.

Apresentou-se ao guichê do encarregado e deu-lhe um soldo.

– São dois soldos – disse-lhe o inválido que o atendeu. – Está carregando uma criança que pode muito bem andar. Paga por dois.

Pagou, contrariado por ter sua passagem provocado uma observação dessa natureza. Toda fuga deve passar despercebida.

Uma grande carroça atravessava o Sena ao mesmo tempo que ele e na mesma direção. Isso foi-lhe de grande utilidade. Pôde atravessar toda a ponte à sombra

da carroça.

No meio da ponte, Cosette, sentindo os pés adormecidos, quis andar um pouco. Jean Valjean colocou-a no chão e tornou a dar-lhe a mão.

Passada a ponte, viu em frente, um pouco à direita, alguns estaleiros. Dirigiu-se para aqueles lados. Para lá chegar, era necessário aventurar-se por um grande espaço deserto e iluminado. Não hesitou. Os que o perseguiam estavam, evidentemente, desorientados, e Jean Valjean julgava-se fora de perigo. Procurado, sim; seguido, não.

Uma pequena rua, a Chemin-Vert-Saint-Antoine, abria-se entre dois estaleiros rodeados de muros. Era estreita, escura e como que feita expressamente para ele. Antes de prosseguir, olhou para trás.

Do lugar onde estava, podia ver toda a Pont d' Austerlitz.

Quatro sombras acabavam de chegar.

Voltavam as costas para o Jardim Botânico e dirigiam-se para a margem direita do rio.

Eram os quatro homens.

Jean Valjean sentiu o estremecimento do animal que se vê descoberto.

Restava-lhe ainda uma esperança; talvez os homens não o tivessem visto quando atravessara aquele trecho iluminado, levando Cosette pela mão.

Nesse caso, adiantando-se pela pequena rua que estava em sua frente, se conseguisse chegar aos estaleiros, aos charcos, às hortas, aos terrenos baldios, poderia certamente escapar.

Pareceu-lhe que poderia confiar-se àquela ruazinha estreita e seguiu avante.

III | VER A PLANTA DE PARIS DE 1727

Depois de ter dado uns trezentos passos, chegou a um ponto onde a rua se bifurcava. Partia-se em duas, uma à esquerda, outra à direita. Jean Valjean tinha diante de si como que os dois braços de um Y. Qual deles escolher?

Sem demorar-se muito, tomou a direita.

Por quê?

É que o braço esquerdo ia dar em algum bairro, isto é, em lugares habitados, e o braço direito ia ter nos campos, em lugares desertos.

No entanto, já não estava andando tão depressa. Os passos de Cosette faziam-no caminhar devagar.

Tornou a carregá-la nos braços, Cosette apoiava a cabeça nos ombros do bom velho e não dizia palavra.

Ele se voltava de quando em quando e observava. Tinha o cuidado de ficar sempre no lado escuro da rua. A parte já percorrida não tinha curvas. Nas duas ou três primeiras vezes em que se voltou, nada viu; o silêncio era profundo e ele continuou a andar mais ou menos tranquilo. De repente, em dado momento, tornando a voltar-se, julgou ver na parte da rua que acabava de passar, longe, na sombra, alguma coisa que se movia.

Apressou-se mais ainda, mais correndo do que andando, na esperança de encontrar algum beco lateral por onde pudesse escapar e despistar ainda uma vez seus perseguidores.

Chegou a um muro.

O muro não representava, porém, impossibilidade de ir além; era uma parede alta que ladeava toda uma rua transversal onde terminava o caminho tomado por Jean Valjean.

Aqui, ainda uma vez, era preciso decidir-se; ou ir para a direita ou para a esquerda.

Olhou à direita. A ruela prolongava-se irregularmente entre barracões e celeiros, mas não tinha saída. Via-se distintamente o fundo do beco, uma grande parede esbranquiçada.

Olhou para a esquerda. Desse lado a ruela estava aberta e, a uns cem passos de distância, desembocava em outra rua, da qual era afluente. A única salvação estava desse lado.

No momento em que Jean Valjean pensava em virar à esquerda para ver se chegava à rua de que já falamos, distinguiu, na esquina, pouco distante, uma espécie de estátua negra, imóvel.

Era alguém, um homem que, evidentemente, acabava de se colocar ali, para impedir-lhe a passagem.

Jean Valjean recuou.

O ponto de Paris onde Jean Valjean se encontrava, situado entre o Faubourg Saint-Antoine e a Râpée, é um dos que foram completamente transformados pelos recentes trabalhos, desfigurando-o, segundo uns, transfigurando-o, segundo outros. As plantações, os estaleiros e as velhas construções foram postos abaixo. Atualmente existem aí largas ruas completamente novas, arenas, circos, hipódromos, estações de estrada de ferro e uma prisão, Mazas; como se vê, o progresso e seu corretivo.

Há meio século, na língua popular, usual, toda feita de tradições, obstinando-se em chamar o Instituto de *Quatre-Nations* e a Ópera Cômica de *Feydeau*, o lugar preciso onde estava Jean Valjean chamava-se *Petit-Picpus*. A porta Saint-Jacques, a porta Paris, a barreira dos Sargentos, Porcherons, Galiote, Célestins, Capucins, Mail, Bourbe, Arbre de Cracovie, Petite-Pologne, Petit-Picpus são a nova cidade. A memória do povo flutua sobre esses fragmentos do passado.

O Petit-Picpus, que, aliás, apenas chegou a existir e que nunca deixou de ser um projeto de bairro, tinha o aspecto monacal de uma cidade espanhola. As ruas eram mal pavimentadas e pouco frequentadas. Excetuando-se duas ou três ruas de que vamos falar, tudo aí se resumia em muros lisos e solidão. Não havia uma loja, uma carruagem; apenas, aqui e ali, uma vela iluminando alguma janela; depois das dez horas da noite não havia mais luz alguma. Jardins, conventos, oficinas, pântanos; raras casas muito baixas e muros tão altos como as demais construções.

Assim era esse bairro no século passado. A Revolução já o havia modificado bastante. A edilidade republicana demoliu, modificou, destruiu. Transformaram-no em depósito de entulho. Há trinta anos que o bairro desapareceu. O Petit-Picpus, do qual hoje não temos vestígio algum, está muito bem indicado na planta de 1727, publicada em Paris, por Denis Thierry, Rue Saint-Jacques, em frente da rua Plâtre, e em Lyon, por Jean Girin, Rue Mercière, na Prudence.[79] Apresentava então, como chamamos há pouco, um Y formado pela Rue Chemin-Vert-Saint-Antoine, que se dividia em duas, tomando, à esquerda, o nome de travessa Picpus, e à direita o nome de Rue Polonceau. Os dois braços do y estavam reunidos em cima, como que por uma barra. Essa barra chamava-se Rue Droit-Mur. Aí terminava a Rue Polonceau; a travessa Picpus ia mais longe e subia até o mercado Lenoir. Quem, vindo do Sena, chegasse à extremidade da Rue Polonceau, tinha à esquerda a Rue Droit-Mur, dobrando-se bruscamente em ângulo reto, em frente, o muro que ladeava a rua, e à direita, um prolongamento sem saída da Rue Droit-Mur, chamado beco Genrot.

Aí estava Jean Valjean.

Como acabamos de dizer, deparando-se com aquela silhueta negra, à espreita na esquina da Rue Droit-Mur com a travessa Picpus, Jean Valjean recuou. Não havia dúvida. Ele estava sendo vigiado por aquele fantasma.

Que fazer?

Não havia mais tempo para voltar atrás. Aquela sombra, há pouco percebida, era sem dúvida Javert. Provavelmente, já estava na rua em cuja extremidade oposta se encontrava Jean Valjean. Segundo parecia, Javert conhecia aquele

pequeno dédalo e havia tomado suas precauções mandando um dos homens vigiar a saída. Essas conjecturas, quase evidentes, revolveram-se repentinamente no cérebro abatido de Jean Valjean como um punhado de poeira que se agita ao sopro repentino do vento. Olhou para o beco Genrot; não havia saída. Olhou para a travessa Picpus: lá estava a sentinela. Via aquela figura sombria destacar-se, negra, na calçada branca, iluminada pela lua. Adiantar-se era cair em suas mãos. Voltar era entregar-se a Javert. Jean Valjean sentiu-se como que preso por uma rede que se fechava lentamente. Olhou para o céu com desespero.

IV | FUGA ÀS APALPADELAS

Para compreender o que estamos prestes a contar, é preciso imaginar de maneira exata a Rue Droit-Mur e, em particular, o ângulo que ficava à direita, quando se saía da Rue Polonceau para entrar na Rue Droit-Mur. Essa rua era quase que completamente cercada, à direita, até a travessa Picpus, por casas de aparência muito pobre; à esquerda, por uma única construção de linhas severas, composta de vários edifícios que, gradualmente, iam de um a dois andares, à medida que se aproximavam da travessa Picpus, de modo que se mostrava bastante alta do lado da travessa Picpus e bastante baixa do lado da Rue Polonceau. Nesse lugar, na esquina de que já falamos, não era mais que um simples muro. Esse muro não estava construído em linha reta; apresentava uma forte reentrância, que não podia ser vista por dois observadores que se postassem um na Rue Polonceau e outro na Rue Droit-Mur.

A partir dessa reentrância, o muro prolongava-se, na Rue Polonceau, até a casa de número 49, e na Rue Droit-Mur, onde era menos extenso, até o edifício de que falamos, em cujas paredes terminava, formando um novo ângulo.

A parte externa desse edifício tinha um aspecto muito triste; havia uma única janela ou, para dizer melhor, dois postigos revestidos de zinco e sempre fechados.

O local que descrevemos aqui é rigorosamente exato e, certamente, despertará uma lembrança muito clara no espírito dos antigos habitantes do bairro.

O ângulo de que falamos estava inteiramente tomado por alguma coisa que se parecia com uma porta colossal e rústica. Era um grande amontoado de tábuas perpendiculares, as do alto mais largas que as de baixo, ligadas por longas barras de ferro transversais. Ao lado, havia uma porta de dimensões comuns, cuja

construção não devia datar de mais de cinquenta anos.

Uma tília mostrava seus ramos por cima da porta, e o muro, na parte externa, estava coberto de hera.

No perigo iminente em que se encontrava Jean Valjean, aquele recinto mostrava-se-lhe tão inabitado e vazio que se sentiu tentado. Percorreu-o rapidamente com os olhos. Convenceu-se de que, se pudesse entrar ali, talvez conseguisse escapar. Veio-lhe uma ideia e uma esperança.

No meio da fachada desse edifício, na Rue Droit-Mur, havia em todas as janelas dos diversos andares uma espécie de funil de chumbo. Os vários braços dos canos, que iam da calha central até esses funis, desenhavam na fachada uma espécie de árvore. Essas ramificações de canos espalhados pela parede pareciam velhos troncos de vides retorcendo-se nos portões das chácaras antigas.

Essa estranha latada de ramos de ferro e chumbo foi o que primeiro chamou a atenção de Jean Valjean. Ele sentou Cosette em uma pedra, recomendando-lhe silêncio, e correu ao lugar onde a calha central tocava o chão. Talvez houvesse algum meio de subir por eles e entrar no edifício. Mas os canos estavam velhos e imprestáveis, apenas mantendo-se nos ganchos que os prendiam à parede. Além do mais, todas as janelas, mesmo as do sótão, estavam protegidas por fortes grades de ferro, e, como a lua batia em cheio naquela fachada, arriscava-se a ser visto pelo homem que o observava da extremidade da rua. E que fazer de Cosette? Como fazê-la subir toda a altura de um edifício de três andares?

Renunciou à ideia esgueirando-se pelo canto do muro e voltou à Rue Polonceau.

Quando chegou ao lugar onde havia deixado Cosette, notou que dali não poderia ser visto por ninguém. Escapava, como já dissemos, a todos os olhares. Além do mais, estava na sombra. Afinal, havia ali duas portas. Talvez fosse possível forçá-las. O muro sobre o qual se viam os ramos de tília e a hera dava evidentemente para algum jardim onde, no mínimo, poderia esconder-se, embora as árvores ainda não tivessem folhas, e passar aí todo o resto da noite.

O tempo corria. Era preciso agir depressa.

Jean Valjean examinou o portão menor e percebeu logo que estava murado.

Aproximou-se do portão maior com mais esperança. Achava-se em péssimo estado, mesmo porque era muito grande; as tábuas estavam podres, as barras de ferro eram apenas três, completamente enferrujadas. Julgou possível atravessar essa barreira em ruínas.

Examinando-a melhor, viu que não se tratava propriamente de um portão.

Não tinha dobradiças nem fechadura nem a abertura central. As barras de ferro atravessavam-na de lado a lado, sem solução de continuidade. Pelas fendas das tábuas, distinguiu grandes pedras grosseiramente cimentadas; dez anos antes, qualquer um que passasse por aí poderia vê-las. Viu-se forçado a comprovar com tristeza que o tal portão não passava de um tapume de madeira encostado a uma construção qualquer. Era bem fácil arrancar uma tábua, mas detrás dela havia uma parede.

V | O QUE SERIA IMPOSSÍVEL COM A ILUMINAÇÃO A GÁS

Nesse momento, um ruído surdo e cadenciado começou a se fazer ouvir a alguma distância. Jean Valjean aventurou-se a olhar para a rua. Um pelotão de sete ou oito soldados acabava de chegar à Rue Polonceau. Via-lhes o brilho das baionetas avançando na sua direção.

Os soldados, à frente dos quais se distinguia a alta estatura de Javert, caminhavam lenta e cuidadosamente. Paravam a cada passo. Era evidente que examinavam todos os ângulos da rua e todos os vãos das portas e dos portões.

Tratava-se, e não podia enganar-se, de uma patrulha que Javert havia encontrado e requisitado para que o ajudasse.

Os dois ajudantes de Javert caminhavam ao lado do pelotão.

No passo em que vinha, e com as frequentes interrupções que faziam, levariam mais ou menos um quarto de hora para chegar ao lugar em que Jean Valjean se encontrava. Foi um instante de terror. Alguns poucos minutos separavam-no daquele medonho abismo que, pela terceira vez, se lhe abria aos pés. Agora, não se tratava unicamente das galés, mas de Cosette para sempre perdida, isto é, de uma vida que se pareceria ao interior de um túmulo.

Uma só coisa era possível.

Jean Valjean tinha isto de particular: poder-se-ia dizer que levava consigo duas sacolas; numa levava os pensamentos de um santo, noutra os temíveis recursos de um grilheta. Segundo a ocasião, servia-se de uma ou de outra.

Entre outros recursos, graças às suas numerosas evasões das galés de Toulon, tornara-se mestre, como devem estar lembrados, nessa arte incrível de subir, sem escadas, sem ganchos, usando simplesmente a força muscular, ajudando-se com a nuca, os ombros, os quadris e os joelhos, aproveitando-se apenas das reentrâncias das pedras, no ângulo reto de alguma parede, se preciso, até a altura

de um sexto andar, arte que tornou tão temível e célebre o canto do pátio da prisão de Paris, por onde escapou, há uns vinte anos, o condenado Battemolle.

Jean Valjean mediu com os olhos o muro sobre o qual se dobravam os ramos da tília. Tinha, mais ou menos, uns dezoito pés de altura. O ângulo que fazia com a fachada do edifício principal estava tomado, na parte inferior, por um triângulo de alvenaria, provavelmente destinado a preservar de imundícies esses cantos demasiado cômodos. Essa proteção preventiva nos cantos das paredes é muito usada em Paris.

O triângulo tinha cinco pés de altura. De sua parte mais alta, o espaço que ainda faltava para se chegar ao alto do muro era de mais ou menos catorze pés.

O muro era encimado por uma pedra chata e sem beiras.

A dificuldade era Cosette; ela não sabia como escalar uma parede. Abandoná-la? Jean Valjean nem pensava em tal coisa. Carregá-la? Era impossível. Todas as forças de um homem lhe são necessárias para levar a cabo ascensões tão difíceis. O menor peso lhe deslocaria o centro de gravidade, jogando-o por terra.

Seria preciso uma corda. Jean Valjean não a tinha. Onde encontrar uma corda à meia-noite, na Rue Polonceau? Com certeza, naquele instante, se Jean Valjean tivesse um reino, dá-lo-ia em troca de uma corda.

Todas as situações extremas têm suas inspirações luminosas que ou nos cegam ou nos iluminam.

O olhar desesperado de Jean Valjean encontrou-se com o lampião que iluminava o beco Genrot.

Por essa época, ainda não havia bicos de gás nas ruas de Paris. Ao cair da noite, acendiam-se lampiões colocados de distância em distância, os quais subiam ou desciam por meio de uma corda que atravessava as ruas de lado a lado e se prendiam nas extremidades de pequenos ganchos. A carretilha em que se enrolava essa corda estava colocada abaixo da lanterna, numa pequena caixa de ferro, cuja chave era guardada pelo acendedor, e a própria corda até certa altura era protegida por uma coberta de metal.

Jean Valjean, com a energia do desespero, atravessou a rua num salto, entrou no beco Genrot, abriu a portinhola da caixa com a ponta de um canivete e um instante depois voltava para o lado de Cosette trazendo uma corda. Quando a necessidade os obriga, como são rápidos esses inventores de expedientes extraordinários, impelidos pela fatalidade!

Já explicamos que, naquela noite, os lampiões não estavam acesos.

Portanto, era natural que o lampião do beco Genrot se encontrasse apagado

como os demais, de sorte que se podia passar-lhe ao lado sem que se lhe notasse a ausência.

No entanto, a hora, o lugar, a escuridão, a preocupação de Jean Valjean, seus gestos misteriosos, suas idas e vindas, tudo isso começou a inquietar Cosette. Qualquer outra criança já teria gritado há muito tempo. Cosette, porém, limitou-se a puxar Jean Valjean pela bainha do casaco. Ouvia-se, cada vez mais distinto, o ruído da patrulha que se aproximava.

– Pai – disse ela baixinho –, tenho medo. O que é que vem por ali?

– Fique quieta! – respondeu o infeliz. – É Mme. Thénardier.

Cosette estremeceu. Jean Valjean continuou:

– Não diga nada. Deixe que eu resolvo. Se você gritar, se você chorar, Mme. Thénardier pode ouvi-la. Ela está atrás de nós para pegar você novamente.

Então, sem se apressar, mas também sem repetir nenhum movimento, com precisão firme e rápida, tanto mais notável naquele instante em que Javert e a patrulha poderiam surpreendê-lo de um momento para o outro, tirou a gravata, passou-a sob os braços de Cosette, tomando cuidado para não machucá-la, amarrou a gravata a uma extremidade da corda, dando-lhe um nó que os homens do mar chamam de nó de andorinha, prendeu a outra extremidade da corda entre os dentes, tirou os sapatos e as meias, jogando-os por cima do muro, subiu ao muro de alvenaria e começou a escalada da empena da parede com tanta segurança e certeza como se tivesse degraus sob os pés. Não havia passado meio minuto e já estava de joelhos em cima do muro.

Cosette olhava-o, admirada, sem dizer coisa alguma. A recomendação de Jean Valjean e o nome de Mme. Thénardier tinham-na gelado.

De repente, ela ouviu a voz de Jean Valjean, que a chamava:

– Encoste-se ao muro.

Cosette obedeceu.

– Não diga nada, e não tenha medo.

Cosette sentiu que se levantava do chão. Antes que pudesse dar-se conta do que se passava, estava no alto do muro. Jean Valjean segurou-a, colocou-a nos ombros, tomou-lhe as mãozinhas em sua mão esquerda, deitou-se de bruços e, arrastando-se, chegou até o lugar em que estavam os dois portões murados. Como havia adivinhado, havia ali uma construção cujo teto começava na parte mais alta do portão maior e descia quase até o chão, num plano suavemente inclinado, ao lado da grande tília. Circunstância deveras feliz, porque o muro era bem mais alto pelo lado de dentro do que na parte que dava para a rua. Jean

Valjean via o chão a grande distância.

Acabava de chegar ao plano inclinado do telhado, e ainda não havia deixado a crista do muro, quando uma algazarra de vozes anunciou a aproximação da patrulha. Ouviu-se a voz forte de Javert:

– Revistem esse beco! A Rue Droit-Mur e a travessa Picpus estão guardadas. Tenho certeza de que ele está nesse beco.

Os soldados obedeceram precipitadamente.

Jean Valjean deixou-se escorregar ao longo do telhado, sempre segurando Cosette; chegou à tília e pulou para o chão. Fosse por medo ou por coragem, a menina permaneceu calada. Suas mãos estavam um pouco feridas.

VI | COMEÇO DE UM ENIGMA

Jean Valjean viu-se numa espécie de jardim muito extenso e esquisito, um desses quintais tristes que parecem feitos para serem vistos em noites de inverno. Era de forma oblonga, com uma rua ladeada de álamos ao fundo, pequenos bosques nos cantos e um espaço sem sombra no meio do qual se via uma grande árvore isolada; depois, algumas árvores frutíferas retorcidas como espinheiros gigantescos, canteiros de legumes, um meloal cujas redomas brilhavam à luz da lua e um velho tanque. Os caminhos estavam orlados por pequenos arbustos tristes e alinhados. O mato tomava conta da metade do terreno; um limo verde cobria o resto.

Jean Valjean tinha a seu lado o barracão que o ajudara na descida, um monte de lenha e, um pouco mais longe, encostada ao muro, uma estátua de pedra cujo rosto mutilado não era mais que uma máscara informe mostrando-se vagamente no meio da escuridão.

O barracão parecia estar em ruínas, com várias repartições meio destruídas, uma das quais parecia servir de depósito.

O grande edifício da Rue Droit-Mur, que continuava pela travessa Picpus, apresentava para o quintal duas fachadas em ângulo reto. Pelo lado de dentro, eram ainda mais trágicas que pelo lado de fora. Todas as janelas tinham grades. Não se percebia uma única luz. Nos andares superiores, viam-se pequenas guaritas, como nas prisões. Uma das fachadas projetava sobre a outra a sombra que se desdobrava no jardim como um imenso manto negro.

Não se via nenhuma outra casa. O fundo do jardim perdia-se na noite.

Contudo, podiam-se ver claramente vários muros, que se cruzavam como se houvesse outras plantações, e os telhados baixos da Rue Polonceau.

Não se poderia imaginar nada de mais selvagem ou solitário que esse jardim. Não se via aí criatura viva, o que facilmente se explicava pela hora avançada; mas ninguém era capaz de pensar que esses lugares fossem frequentados, mesmo em pleno meio-dia.

O primeiro cuidado de Jean Valjean foi achar os sapatos e calçá-los; depois, entrou no barracão em companhia de Cosette. O fugitivo nunca se julga suficientemente a salvo. A criança, sempre pensando em Mme. Thénardier, participava de seu instinto, escondendo-se o mais possível.

Tremia e agarrava-se a Jean Valjean. Ouvia-se ainda o barulho da patrulha que revistava o beco e a rua, os golpes das coronhas contra as pedras, a voz de Javert chamando os beleguins que deixara de sentinela, e suas imprecações misturadas a palavras ininteligíveis.

Passado um quarto de hora, parecia que aquele murmúrio confuso começava a se afastar. Jean Valjean não respirava.

Com delicadeza, pôs a mão sobre os lábios de Cosette.

Aliás, a solidão em que se encontrava era tão estranhamente calma que todo aquele tumulto, tão furioso e tão próximo, não chegava a provocar ali a mais leve inquietação, como se os muros fossem construídos com as pedras surdas de que falam as Escrituras.

De repente, no meio do silêncio imperturbável, fez-se ouvir um ruído; era um ruído celeste, divino, inefável, tão encantador como o outro era horrível. Era um hino que surgia das trevas, um êxtase de prece e de harmonia, em meio ao obscuro e assustador silêncio da noite; vozes de mulheres, mas vozes compostas, ao mesmo tempo, do timbre puro das virgens e da expressão singela das crianças, vozes que os recém-nascidos ainda ouvem e os moribundos começam a ouvir. O canto vinha do sombrio edifício que dominava o jardim. No momento em que a algazarra dos demônios se afastava, dir-se-ia que um coro de anjos se aproximava, invisível.

Cosette e Jean Valjean caíram de joelhos.

Não sabiam de que se tratava, mas ambos sentiam, o homem e a criança, o penitente e a inocente, que era preciso pôr-se de joelhos.

As vozes – estranho! – não tornavam o lugar menos deserto. Era como um canto sobrenatural numa casa vazia.

Enquanto o hino continuava a se fazer ouvir, Jean Valjean não pensou em

mais nada. Não via mais a noite, mas o céu. Julgava sentir abrirem-se-lhe as asas que todos temos escondidas no íntimo.

O canto parou. Talvez tivesse durado muito tempo. Jean Valjean não o poderia dizer. As horas de êxtase não são mais que um minuto.

Tudo voltou ao silêncio. Nenhum ruído na rua, nenhum ruído no jardim. Tanto o que o amedrontava quanto o que o confortava desapareceram. O vento agitava na crista do muro algumas ervas secas provocando um sussurro doce e triste.

VII | CONTINUA O ENIGMA

A brisa da noite começava a soprar, o que indicava estarmos, mais ou menos, à uma ou duas horas da madrugada. Cosette nada dizia. Como se tinha sentado a seu lado, encostando em seus braços a cabeça, Jean Valjean pensou que ela houvesse adormecido. Abaixou-se e olhou-a. Cosette estava com os olhos bem abertos; parecia perturbada, o que inquietou Jean Valjean.

Ainda tremia.

– Quer dormir? – perguntou Jean Valjean.

– Estou com muito frio – respondeu.

Um pouco depois, continuou:

– Será que ela ainda está lá?

– Quem? – disse Jean Valjean.

– Mme. Thénardier.

Jean Valjean já não se recordava dos meios que havia usado para fazê-la ficar em silêncio.

– Ah! – disse ele – ela já foi embora! Não precisa ter medo.

A criança suspirou como se lhe tivessem tirado um peso do peito.

A terra estava úmida, o barracão completamente aberto, a brisa cada vez mais fria. O velho tirou o capote e agasalhou Cosette.

– Sente menos frio agora? – disse-lhe.

– Agora sim, pai.

– Então, espere-me um pouquinho que eu já volto.

Saiu, e pôs-se a caminhar à procura de melhor abrigo. Viu muitas portas, mas estavam todas fechadas. Todas as janelas do andar térreo estavam protegidas por grades.

Ao passar pelo ângulo interno do edifício, notou que estava próximo de algumas janelas no interior das quais se via alguma luz. Levantou-se na ponta dos pés e olhou. Todas as janelas davam para uma sala bastante grande, ladrilhada, cheia de colunas e arcos, mas não pôde distinguir senão uma tênue luz e muitas sombras. O clarão vinha de uma lamparina que brilhava a um canto. A sala estava deserta; não havia o mínimo movimento. Contudo, depois de muito olhar, julgou ver no chão, coberto com um lençol, algo que se assemelhava a uma forma humana. Estava estendida de bruços, com o rosto nas lajes, os braços em cruz, na imobilidade da morte. Dir-se-ia, como uma espécie de serpente que se arrastava pela terra, que aquela figura sinistra tinha uma corda no pescoço.

Toda a sala estava mergulhada na névoa própria dos lugares pouco iluminados, o que lhes aumenta o terror.

Jean Valjean disse mais tarde que, embora muitas cenas fúnebres lhe tivessem atravessado a vida, jamais chegara a ver coisa mais impressionante, coisa mais terrível que aquela figura enigmática, entrevista no meio da escuridão, a praticar não sei que desconhecidos mistérios. Era horrível supor que se tratava de um morto; mais horrível ainda pensar que aquelas formas ainda tinham vida.

Teve a coragem de encostar o rosto à janela para ver se notava algum movimento. Continuou assim por um tempo que lhe pareceu bastante longo, mas nada viu. De repente, sentiu-se tomado de um medo extraordinário e fugiu. Pôs-se a correr na direção do telheiro sem se atrever a olhar para trás. Parecia-lhe que, caso se voltasse, veria aquele fantasma correndo-lhe no encalço, agitando os braços no ar.

Chegou quase sem fôlego. Os joelhos se dobravam e o suor corria-lhe pelas costas.

Onde estava? Quem poderia jamais imaginar qualquer coisa assim, aquele sepulcro bem no meio de Paris! Que estranha casa era aquela, cheia do mistério da noite, chamando as almas na sombra com as vozes dos anjos e, quando elas vêm, oferecendo-lhes de repente essa visão tremenda; prometendo abrir-lhes as portas do paraíso e escancarando as portas de um túmulo! E aquilo era um edifício, uma casa que mostrava um número para o lado da rua! Não se tratava de um sonho! Teve necessidade de tocar com as mãos as pedras para acreditar.

O frio, a ansiedade, a inquietação e as emoções da tarde provocaram-lhe uma verdadeira febre, e todas essas ideias se lhe chocavam no cérebro.

Aproximou-se de Cosette. Ela dormia.

VIII | O ENIGMA AUMENTA

A criança encostara a cabeça a uma pedra e adormecera.

Sentou-se a seu lado e pôs-se a contemplá-la. Pouco a pouco, à medida que a olhava, foi-se acalmando e readquiriu a paz de espírito.

Percebia claramente esta verdade, agora, a razão de toda a sua vida, que, enquanto ela estivesse a seu lado, não teria necessidade de mais nada senão para ela, nem medo de mais nada senão por sua causa. Nem mesmo percebeu que fazia muito frio, embora tivesse tirado o casaco para abrigá-la.

Contudo, em meio a seus pensamentos, começou a ouvir um ruído singular. Parecia o guizo de uma cascavel. Vinha do jardim. Assemelhava-se a essa espécie de música indefinida produzida pelas campainhas dos animais reunidos à noite nas pastagens. O ruído chamou-lhe a atenção. Olhou e viu que havia alguém no jardim.

Alguém, talvez um homem, andava no meio das redomas do meloal, levantando-se, abaixando-se, parando com movimentos regulares, como se arrastasse ou estendesse alguma coisa pelo chão. Parecia coxear.

Jean Valjean estremeceu, agitado pelo medo constante próprio dos infelizes. Tudo lhes parece hostil e suspeito. Desconfiam do dia, porque ajuda a descobri-los; da noite, porque ajuda a surpreendê-los. Há pouco, tinha medo ao pensar que o lugar era deserto; agora se assustava com o pensamento de não estar só.

Caiu dos terrores quiméricos para terrores reais. Começou a imaginar que Javert e os beleguins ainda não se tinham afastado; que, sem dúvida, havia deixado na rua alguém para espreitá-lo; que, se aquele homem o descobrisse ali, tomaria a por um ladrão e o entregaria à polícia. Tomou cuidadosamente Cosette nos braços, ainda adormecida, e levou-a para trás de um amontoado de móveis velhos, no canto mais afastado do barracão. Cosette não fez o menor movimento.

Desse lugar, pôs-se a observar os movimentos do homem que estava em meio ao meloal. O que havia de estranho era que o ruído lhe acompanhava todos os passos. Quando se aproximava, o ruído também se aproximava; quando se afastava, o ruído também se afastava; se fazia algum gesto precipitado, o ruído tornava-se trêmulo; quando parava, nada mais se ouvia. Era evidente que a campainha estava amarrada naquele homem; mas, que significava aquilo? Quem era aquele homem que carregava um sininho, como se fosse um carneiro ou um boi?

Enquanto assim raciocinava, tocou nas mãos de Cosette. Estavam geladas.

– Meu Deus! – exclamou.

Chamou-a em voz baixa.

– Cosette!

A menina não abriu os olhos.

Sacudiu-a com força. Nem assim Cosette acordou.

– Estará morta? – Jean Valjean levantou-se tremendo da cabeça aos pés.

Os mais terríveis pensamentos lhe assaltaram a mente. Há momentos em que as suposições indesejáveis nos atacam como uma turba de fúrias, forçando-nos violentamente as portas do cérebro. Quando se trata daqueles a quem amamos, nossa prudência imagina todas as loucuras. Lembrou-se de que o sono pode ser mortal ao relento, numa noite fria.

Cosette, pálida, continuou caída no chão, estendida, sem fazer um movimento.

Notou-lhe a respiração: pareceu-lhe fraquíssima, quase prestes a se extinguir.

Como aquecê-la? Como acordá-la? Era unicamente o que o preocupava. Saiu desorientado do interior do telheiro. Era absolutamente necessário que, antes de um quarto de hora, Cosette estivesse numa cama, ao lado de um bom fogo.

IX | O HOMEM DO GUIZO

Foi diretamente ao homem que havia pouco vira. Tomou nas mãos o pacote de moedas que guardara no bolso do colete.

O homem estava agachado e não o viu aproximar-se. Em alguns passos, Jean Valjean estava em sua frente. E disse-lhe logo:

– Cem francos!

O homem assustou-se e levantou os olhos.

– Cem francos – repetiu Jean Valjean –, se me der asilo por esta noite!

A lua iluminava em cheio o rosto espantado de Jean Valjean.

– Ora! Mas é o senhor, Sr. Madeleine! – disse o homem.

Esse nome, pronunciado daquela maneira, àquela hora, naquele lugar desconhecido, por um homem desconhecido, fez Jean Valjean recuar.

Esperava tudo, menos aquilo. Quem lhe falava era um velhinho corcunda, coxo, vestido quase como um camponês, com uma joelheira de couro na perna esquerda, da qual pendia um guizo bastante grande. Não se lhe via o rosto escondido nas sombras.

Entretanto o homem havia tirado o chapéu e exclamava, comovido:

– Meu Deus! Como é que o senhor veio parar aqui, Sr. Madeleine? Por onde conseguiu entrar? Caiu do céu, por acaso? Nada há de estranho; se algum dia o senhor tiver de cair, só poderá cair do céu. E em que estado se encontra! Sem gravata, sem chapéu, sem casaco! Quer saber de uma coisa? Quem não o conhecesse ficaria assustado! Em mangas de camisa! Meu Deus, os santos agora estão ficando loucos! Mas como conseguiu entrar aqui?

As palavras seguiam-se ininterruptas. O velhinho falava com uma volubilidade campesina, sem nada de inquietante. Tudo havia sido dito com um misto de estupefação e bondade natural.

– Quem é o senhor? Que casa é esta? – perguntou Jean Valjean.

– Essa é boa! – exclamou o velho – eu sou aquele que o senhor mesmo colocou aqui, e esta casa é a mesma em que o senhor me empregou. Mas como?! Não me reconhece?

– Não – disse Jean Valjean. – E como é possível que o senhor me conheça?

– O senhor salvou-me a vida – disse-lhe o homem.

Voltou-se, um raio de lua desenhou-lhe o perfil e Jean Valjean reconheceu o velho Fauchelevent.

– Ah! – disse Jean Valjean – é o senhor? Sim, lembro-me bem.

– Ainda bem! – exclamou o velho, quase repreendendo-o.

– E que faz aqui? – continuou Jean Valjean.

– Cubro os melões.

O velho Fauchelevent, com efeito, no momento em que Jean Valjean se aproximara, segurava um pedaço de esteira com a qual cobria os melões. Já tinha coberto alguns, pois havia quase uma hora se ocupava nesse serviço, o que o obrigava a fazer aqueles movimentos observados por Jean Valjean do telheiro.

Fauchelevent continuou:

– Pensei comigo: a lua está muito clara e vai gear. Estou agasalhando meus melões, e o senhor não faria mal se fizesse o mesmo consigo! – disse-lhe, rindo gostosamente. – Mas como conseguiu entrar aqui?

Jean Valjean, vendo-se conhecido por aquele homem, ao menos pelo nome de Madeleine, redobrou os cuidados multiplicando as suposições. Era ele, o intruso, quem fazia as perguntas.

– Por que esse guizo amarrado no seu joelho?

– Isto? É para que evitem encontrar-se comigo.

– Por que evitá-lo?

O velho Fauchelevent piscou os olhos de um jeito inexprimível.

– Ora! Aqui só há mulheres e muitas meninas. Pelo que parece, acham perigoso encontrar-me. O barulho as avisa. Quando eu chego, elas fogem.

– E que casa é esta?

– O senhor bem sabe!

– Não; absolutamente, não sei.

– Mas se foi o senhor que me arrumou lugar para trabalhar aqui como jardineiro!

– Responda como se eu nada soubesse.

– Pois bem: é o convento do Petit-Picpus.

Jean Valjean começou a recordar-se. O acaso, isto é, a Providência, o havia conduzido precisamente ao convento onde o velho Fauchelevent, aleijado em consequência do desastre sofrido com a carroça, fora admitido por sua recomendação, dois anos antes.

Repetiu, como que falando sozinho.

– O convento de Petit-Picpus!

– Agora sim; mas diga-me – replicou Fauchelevent –: como diabo fez para entrar aqui, Sr. Madeleine? Só se o senhor fosse um santo, e não um homem; aqui não entram homens.

– E o senhor não mora aqui?

– Só mesmo eu.

– No entanto – retrucou Jean Valjean –, preciso ficar aqui.

– Meu Deus! – exclamou Fauchelevent.

Jean Valjean aproximou-se do velhinho e disse-lhe com gravidade.

– Fauchelevent, eu salvei-lhe a vida.

– Mas disso eu me lembrei antes mesmo que o senhor – respondeu Fauchelevent.

– Pois bem; o senhor poderá fazer agora por mim o que eu fiz outrora em seu favor?

Fauchelevent tomou entre as velhas mãos calosas e trêmulas as mãos robustas de Jean Valjean e ficou alguns instantes como se não pudesse falar. Enfim, exclamou:

– Oh! seria uma bênção de Deus se eu pudesse retribuir-lhe um pouco o benefício que me fez! Eu, salvar-lhe a vida! Sr. *Maire,* estou ao seu dispor.

Uma alegria admirável como que transfigurava o bom velhinho. Parecia até que seu olhos irradiavam luz.

– Que quer que eu faça? – continuou.

– Já explico. O senhor tem algum quarto disponível?

– Tenho um barracão, isolado, lá, atrás das ruínas do antigo convento, em um canto que ninguém vê. Tem três cômodos.

O barracão, com efeito, estava tão escondido por trás das ruínas e feito de tal modo para que ninguém o visse que mesmo Jean Valjean não o havia percebido.

– Pois bem – disse Jean Valjean. – Agora eu lhe peço duas coisas.

– O quê, Sr. *Maire*?

– Em primeiro lugar, não diga a ninguém o que sabe a meu respeito. Em segundo lugar, não procure saber mais do que sabe.

– Como quiser. Tenho certeza de que o senhor é incapaz de fazer qualquer coisa de menos honesto e que sempre foi boa pessoa. E depois, além disso, foi o senhor que me arrumou este lugar. Está no seu direito e eu me ponho à sua disposição.

– Combinado. Agora, venha comigo. Vamos buscar a criança.

– Ah! – exclamou Fauchelevent – também tem uma criança?

Não acrescentou mais nada, e seguiu Jean Valjean como um cão segue o dono.

Passada menos de meia hora, Cosette, depois de readquirir sua cor rosada ao calor de um bom fogo, dormia na cama do velho jardineiro. Jean Valjean tornou a colocar a gravata e o casaco; o chapéu, jogado por cima do muro, fora encontrado. Enquanto Jean Valjean se agasalhava, Fauchelevent havia tirado a joelheira em que estava preso o guizo que, agora, pendurado em um prego ao lado de um cesto, enfeitava a parede. Os dois homens se aqueciam sentados a uma mesa sobre a qual Fauchelevent havia posto um pedaço de queijo, pão preto, uma garrafa de vinho e dois copos; o velho falava a Jean Valjean, pondo-lhe a mão sobre os joelhos:

– Ah! Sr. Madeleine! O senhor não me reconheceu logo! Salva a vida dos outros e esquece-lhes a fisionomia! Ora! Isso não é bom! Os outros não o esquecem jamais! O senhor é um ingrato!

X | ONDE SE EXPLICA DE QUE MODO JAVERT SE SENTIU LOGRADO

Os acontecimentos de que acabamos de relatar, por assim dizer, o reverso se

passaram do modo mais simples.

Quando Jean Valjean, na mesma noite do dia em que Javert o prendeu, ao lado do leito de morte de Fantine, fugiu da prisão municipal de Montreuil-sur-Mer, a polícia supôs que o forçado evadido se tivesse dirigido a Paris. Paris é um báratro; tudo se perde e desaparece nesse centro do mundo como no meio de um oceano. Nenhuma floresta esconde melhor um homem que aquela multidão. Os fugitivos de toda espécie bem o sabem. Procuram Paris como um sorvedouro; há sorvedouros que salvam. A polícia também não o ignora, e é em Paris que ela procura o que perdeu em outros lugares. Por isso, procurou aí o ex-*Maire* de Montreuil-sur-Mer. Javert foi chamado a Paris a fim de dirigir as pesquisas. Com efeito, ajudou eficientemente na captura de Jean Valjean. O zelo e a inteligência de Javert na ocasião foram notados por Chabouillet, Secretário do Departamento de Polícia, então chefiado pelo Conde de Anglès. Chabouillet, que, aliás, já havia protegido Javert em outras ocasiões, transferiu o Inspetor de Polícia de Montreuil-sur-Mer para a polícia parisiense. Ali, Javert tornou-se de muitos modos, digamos, embora a palavra pareça imprópria em casos semelhantes, honrosamente útil.

Ele já havia esquecido Jean Valjean – para os cães sempre em atividade, o lobo de hoje faz esquecer o de ontem – quando, em dezembro de 1823, leu um jornal, ele que jamais lia jornais; mas Javert, um monarquista, estava interessado em saber detalhes sobre a entrada triunfal do “Príncipe Generalíssimo” em Bayonne. Ao acabar de ler o artigo que o interessava, um nome, o de Jean Valjean, ao pé de uma página, chamou-lhe a atenção. O jornal anunciava que o grilheta Jean Valjean havia falecido, e publicava o fato em termos tão formais que Javert ficou plenamente convencido da verdade. Limitou-se a dizer: – *Grande sujeito!* – Depois, largou o jornal e não pensou mais no caso.

Algum tempo mais tarde, a delegacia de Seine-et-Oise endereçou um ofício à polícia de Paris falando do rapto de uma criança, acontecido, dizia-se, em circunstâncias particulares, na comuna de Montfermeil. Uma menina, de sete a oito anos, dizia o documento, confiada pela própria mãe a um hospedeiro do lugar, havia sido raptada por um desconhecido; a pequena respondia pelo nome de Cosette, era filha de uma tal Fantine, falecida num hospital, não se sabia nem onde nem quando. O documento caiu nas mãos de Javert e o deixou pensativo.

O nome de Fantine era-lhe bem conhecido. Lembrava-se de que Jean Valjean lhe provocara o riso, pedindo a ele, Javert, um prazo de três dias para ir buscar a filha daquela criatura. Lembrava-se de que Jean Valjean fora preso em Paris no momento em que tomava a diligência de Montfermeil. Alguns indícios havia de

que já era a segunda vez que ele subia àquela carruagem, e que, na véspera, já andara pelos arredores daquele povoado, embora propriamente não tivesse sido visto na vila. Que iria fazer em Montfermeil? Ninguém o poderia supor. Agora Javert compreendeu. Lá estava a filha de Fantine. Jean Valjean ia à sua procura. Ora, a criança acabava de ser raptada por um desconhecido! Quem poderia ser esse desconhecido? Jean Valjean? Mas Jean Valjean estava morto! Javert, sem nada dizer a ninguém, tomou a carruagem no Plat d'Étain, beco de la Planchette, e foi até Montfermeil.

Esperava encontrar por lá algum grande esclarecimento, e o que se lhe deparou foi uma grande confusão.

Nos primeiros dias, os Thénardier, despeitados, contaram tudo o que acontecera. O desaparecimento da Cotovia provocara comentários no lugar. Logo apareceram inúmeras versões da história que acabou em rapto. Daí a comunicação feita pela polícia. No entanto, passada a primeira impressão, os Thénardier, com seu instinto admirável, bem depressa compreenderam que não havia a mínima utilidade em incomodar o Procurador do Rei, e que suas queixas a propósito do rapto de Cosette teriam, como primeiro resultado, atrair sobre eles, Thénardier, e sobre seus não poucos negócios escusos, os penetrantes olhos da justiça. A primeira coisa que os mochos desejam é que ninguém lhes traga uma vela acesa. E depois, como explicariam a história dos mil e quinhentos francos recebidos? Thénardier mudou de tática, pôs uma mordaça na mulher, fez-se de admirado quando lhe falaram da *criança raptada*. Ele nada entendia do caso; sem dúvida, queixara-se no momento, por lhe terem *levado* tão depressa aquela linda menina; bem gostaria de, por pura ternura, conservá-la mais dois ou três dias; mas o "avô", muito naturalmente, a viera buscar. Ele imaginou esse "avô" para fazer mais efeito. Essa foi a história que Javert ouviu quando chegou a Montfermeil. O "avô" pusera Jean Valjean a salvo.

Javert, contudo, arriscou algumas perguntas para sondar a história de Thénardier. – Quem era o avô? Como se chamava? – Thénardier respondeu com toda a simplicidade: – É um rico agricultor. Vi seu passaporte. Creio que se chama Guillaume Lambert.

Lambert é nome de gente boa e não desperta suspeitas. Javert voltou para Paris.

– Jean Valjean está bem morto – disse consigo mesmo –, e eu sou um palerma.

Tornava a esquecer toda essa história quando, em março de 1824, ouviu falar de um personagem esquisito que morava na paróquia de Saint-Médard a quem

chamavam de “o mendigo que dá esmolas”. Tratava-se, como diziam, de um proprietário cujo nome ninguém sabia ao certo e que vivia só, na companhia de uma neta de oito anos, que, por sua vez, também nada sabia, a não ser que viera de Montfermeil. Montfermeil! O nome sempre tornava a aparecer, chamando a atenção de Javert. Um velho mendigo delator, antigo bedel, a quem o desconhecido dava esmolas, acrescentava mais alguns detalhes. – O tal proprietário era intratável, saía somente à noite, não falava com ninguém, às vezes com os pobres, e sempre se conservava a certa distância, usava um velho casaco amarelo, no valor de vários milhões, porque aí escondia todo o seu dinheiro. – Isso despertou de uma vez por todas a curiosidade de Javert. A fim de ver o fantástico personagem bem de perto, sem levantar-lhe suspeitas, pediu ao velho bedel que lhe emprestasse as roupas e lhe cedesse o lugar, onde se acocorava todas as noites, resmungando orações e espionando enquanto rezava.

O “indivíduo suspeito”, com efeito, foi até Javert assim disfarçado e lhe deu a esmola; nesse momento Javert levantou a cabeça, e o susto levado por Jean Valjean julgando reconhecer Javert não foi menos intenso em Javert julgando reconhecer Jean Valjean.

Mas talvez a escuridão o tivesse enganado; a morte de Jean Valjean fora oficialmente noticiada; Javert continuava hesitando ainda; e, em suas dúvidas, homem de escrúpulo, não lançava a mão em ninguém.

Seguiu o desconhecido até o pardieiro Gorbeau e pediu informações à velha, o que não foi inútil. Ela confirmou a história do casaco forrado de milhões e contou-lhe o episódio da nota de mil francos. Vira tudo com seus olhos! Tocara com suas mãos! Javert alugou um quarto. Na mesma noite, instalou-se nele. Pôs-se a ouvir à porta do misterioso locatário, na esperança de ouvir-lhe a voz, mas Jean Valjean percebeu a luz de uma vela pelo buraco da fechadura e enganou o espião, conservando-se em silêncio.

No dia seguinte, Jean Valjean se preparava para fugir. Mas o ruído da moeda de cinco francos que lhe havia escapado das mãos chamou a atenção da velha, que, ouvindo barulho de dinheiro, imaginou que ele iria sair e se apressou em prevenir Javert. À noite, logo à saída de Jean Valjean, Javert o espiava por trás das árvores da rua na companhia de mais dois homens.

Pedira reforços à delegacia, mas não revelara o nome da pessoa que pretendia prender. Era segredo, e o guardava por três motivos: em primeiro lugar, porque a mínima indiscrição poderia despertar desconfianças em Jean Valjean; depois, porque capturar um ex-convicto evadido e tido como morto, um condenado que as informações da justiça já haviam colocado para sempre *entre os malfeitores*

da pior espécie, era uma proeza magnífica que os veteranos da polícia parisiense certamente não deixariam nas mãos de um novato como Javert, e lhe roubariam o seu grilheta; enfim, porque Javert, sendo artista, tinha gosto pelas coisas imprevistas. Odiava os êxitos pré-anunciados que perdem todo o efeito por serem comentados com muita antecipação. Gostava de elaborar suas obras-primas na sombra, para depois patenteá-las inesperadamente.

Javert havia seguido Jean Valjean de árvore em árvore, depois, de esquina em esquina, e não o perdera de vista um só instante; mesmo nos momentos em que Jean Valjean se julgava em completa segurança, os olhos de Javert não o largavam. Por que Javert não prendeu logo Jean Valjean? Porque ainda estava em dúvida.

É preciso lembrar que, naquela época, a polícia não tinha muita liberdade; a imprensa livre a incomodava. Algumas prisões arbitrárias, denunciadas pelos jornais, haviam repercutido até nas câmaras, intimidando a polícia. Atentar contra a liberdade individual era coisa grave. Os agentes da polícia temiam enganos; os delegados vigiavam-nos; um erro equivalia à destituição. Imaginem o efeito que faria em Paris esta pequena notícia reproduzida por vinte jornais: "Ontem, um venerando avô, de cabelos brancos, proprietário respeitável, quando passeava em companhia de uma netinha de oito anos, foi preso e conduzido à delegacia central como um grilheta evadido!".

Repetimos, ainda, que Javert tinha seus escrúpulos; às recomendações de sua consciência juntavam-se as do Chefe de Polícia. Realmente, estava em dúvida.

Jean Valjean voltava-lhe as costas e caminhava na escuridão.

A tristeza, a inquietação, a ansiedade, o abatimento, essa nova desgraça de ser obrigado a fugir durante a noite e procurar, ao acaso, um abrigo para Cosette e para si, a necessidade de regular os próprios passos pelos passos de uma criança, tudo isso, sem que ele o percebesse, havia mudado o andar de Jean Valjean, dando às atitudes de seu corpo tal senilidade que a própria polícia, encarnada em Javert, podia enganar-se, como realmente aconteceu. A impossibilidade de chegar muito perto, suas roupas de velho preceptor emigrado, a declaração de Thénardier, que o apresentara como avô da menina, e por fim a notícia de sua morte nas galés, tudo isso se juntava às incertezas que se avolumavam no espírito de Javert.

Houve um momento em que teve a ideia de pedir-lhe inopinadamente os documentos. Mas, se aquele homem não era Jean Valjean, se não era nenhum honesto proprietário, era provavelmente algum malandro profunda e sabiamente enredado na trama escura dos crimes de Paris, algum perigoso chefe de

quadrilha, dando esmolas para esconder outros talentos, golpe muito conhecido. Sem dúvida teria cúmplices de confiança e esconderijos desconhecidos. Todas aquelas voltas que dava nas ruas pareciam indicar que não se tratava de um homem qualquer. Prendê-lo assim depressa seria “matar a galinha dos ovos de ouro”. Que inconveniente haveria de esperar? Javert estava certo de que ele não conseguiria escapar. Andava, portanto, perplexo, fazendo todas essas conjecturas sobre aquele personagem enigmático.

Só muito tarde, na Rue Pontoise, graças à claridade de uma hospedaria, pôde reconhecer perfeitamente Jean Valjean.

Neste mundo há dois seres que se sobressaltam profundamente: a mãe que torna a encontrar o filho e o tigre que torna a encontrar a presa. Javert sentiu esse terrível sobressalto.

Desde que chegou a reconhecer positivamente Jean Valjean, o perigoso grilheta, percebeu que só tinha dois homens e mandou pedir reforço ao Comissário de Polícia da Rue Pontoise. Antes de se empunhar um bastão espinhoso, vestem-se luvas.

Esse atraso, e a demora na encruzilhada Rollin, para se pôr de acordo com seus agentes, fizeram-no perder a pista. No entanto, logo percebeu que Jean Valjean queria colocar o rio entre ele e seus emissários. Javert inclinou a cabeça e refletiu, como um cão de caça que fareja o chão para se certificar da pista. Javert, com sua poderosa retidão de instinto, dirigiu-se logo para a Pont d’ Austerlitz. Uma palavra dita ao cobrador do pedágio tornou a orientá-lo: – Por acaso, viu um homem com uma menina? – Eu o obriguei a pagar dois soldos – respondeu o cobrador. – Javert chegou a tempo de ver, no outro lado da ponte, Jean Valjean, que atravessava um espaço iluminado pela lua, levando Cosette pela mão. Viu-o entrar na Rue Chemin-Vert-Saint-Antoine; pensou no beco Genrot, aberto ali como um alçapão e na única saída da Rue Droit-Mur para a travessa Picpus. Tomou todas as *posições avançadas*, como dizem os caçadores; mandou apressadamente que um de seus agentes guardasse essa saída. Vendo passar uma patrulha, que voltava ao posto do Arsenal, requisitou-a para que o acompanhasse. Naqueles lugares os soldados eram indispensáveis. Além do mais, é coisa sabida que, para apanhar um javali, é preciso ser bom caçador e ter muitos cães. Tomadas essas precauções, vendo Jean Valjean cercado pelo beco Genrot, à direita, pelo seu agente, à esquerda, e por ele, Javert, à retaguarda, tomou uma pitada de rapé.

Depois, começou a brincar. Era um momento emocionante e infernal; ele deixou que o homem caminhasse em sua frente, com a certeza de tê-lo seguro,

mas desejando protelar o mais possível o momento de prendê-lo, feliz por senti-lo preso e por vê-lo livre, seguindo-o com os olhos com a voluptuosidade da aranha que deixa a mosca voar e do gato que deixa o rato correr. As unhas e as garras têm uma sensualidade monstruosa; é o movimento desesperado do animal preso entre suas tenazes. Que delícia impedir o outro de respirar!

Javert estava satisfeito. As malhas da rede estavam solidamente ligadas; sentia-se perfeitamente seguro da vitória; bastava que fechasse as mãos.

Acompanhado como estava, qualquer ideia de resistência seria impossível, por mais enérgica, vigorosa e desesperada que fosse.

Javert adiantou-se lentamente, sondando e examinando, ao passar, todos os ângulos da rua, como se fossem os bolsos de um gatuno.

Quando chegou ao centro da teia, não encontrou mais a mosca.

Podemos imaginar o seu desespero.

Perguntou à sentinela da esquina da Rue Droit-Mur com a Picpus; ele não havia saído do lugar e não vira passar ninguém.

Acontece, às vezes, que a caça rompe o cerco, isto é, escapa mesmo com a matilha às costas; então os mais experimentados caçadores nada sabem explicar. Duvivier, Ligniville e Desprez ficam boquiabertos. Em semelhante inconveniente Artonge exclamou: – *Não é um cervo, é o diabo.* – Javert teve vontade de gritar algo semelhante.

Seu desapontamento teve um momento de raiva e desespero.

É verdade que Napoleão cometeu erros na guerra da Rússia, que Alexandre cometeu erros na guerra da Índia, que César cometeu erros na guerra da África, que Ciro cometeu erros na guerra da Cítia e que Javert cometeu erros nessa perseguição movida contra Jean Valjean. Talvez ele não devesse ter hesitado tanto em reconhecer o antigo grilheta. Devia tê-lo feito à primeira vista. Errou não mandando prendê-lo, sem tantas precauções, no próprio pardieiro; errou não o prendendo quando o reconheceu definitivamente na Rue Pontoise; errou conferenciando com seus auxiliares, à luz da lua cheia, na encruzilhada Rollin. Ninguém nega que a opinião alheia é útil; é bom conhecer e interrogar para saber quais os cães que merecem mais confiança, mas o caçador não deve tomar tantas precauções quando vai à caça de animais inquietos, como o lobo e o forçado. Javert, preocupando-se demais em pôr na verdadeira pista os sabujos da matilha, assustou o animal, deu-lhe distância e o fez fugir. Errou, sobretudo, quando, reencontrando-lhe a pista na Pont d’ Austerlitz, começou a se divertir com esse jogo formidável e pueril de conservar semelhante homem preso por um fio.

Julgou-se mais forte do que realmente era e achou que podia brincar de rato com um leão. Ao mesmo tempo, julgou-se muito fraco quando achou que era necessário pedir reforços. Precaução fatal, perda de tempo precioso! Javert cometeu todos esses erros, mas nem por isso deixou de ser um dos espiões mais sábios e corretos que tenham existido. Ele era, em toda a força da palavra, o que na arte da caça se chama de *cão inteligente*. Mas quem é perfeito?

Os grandes estrategistas também têm seus eclipses.

Os maiores disparates são feitos muitas vezes, como as cordas grossas, de uma multidão de fios. Examinem a corda fio a fio, examinem separadamente todos os pequenos motivos determinantes; rompendo-os um por um, dirão: – Não passa de barbante! Entrancem-nos, torçam-nos de novo e vejam o que acontece: é Átila que hesita entre Marciano a Oriente e Valentiniano a Ocidente; é Aníbal que se retarda em Cápua; é Danton que adormece em Arcis-sur-Aube. [80]

Seja como for, no mesmo instante em que percebeu que Jean Valjean lhe escapava, Javert não perdeu a cabeça. Certo de que o ex-convicto não poderia estar muito longe, postou várias sentinelas, armou ratoeiras, organizou emboscada e vasculhou, durante toda a noite, o bairro inteiro. A primeira coisa que viu foi o lampião cuja corda havia sido cortada, indício precioso que, não obstante, o desorientou, forçando-o a concentrar todas as buscas no beco Genrot. Nesse lugar há muros bastante baixos que dão para quintais que servem de limites a imensos terrenos baldios. Evidentemente, Jean Valjean deveria ter fugido por esses lados. A verdade é que, se Jean Valjean se tivesse internado mais no beco, teria sem dúvida feito isso, e estaria perdido. Javert revistou todos os quintais e terrenos, como se procurasse uma agulha.

De manhãzinha, deixou dois homens de sentinela e voltou à delegacia, envergonhado como um policial que se deixasse apanhar por um ladrão.

LIVRO SEXTO

PETIT-PICPUS

I | TRAVESSA PICPUS, NÚMERO 62

Nada se assemelha mais, há meio século, a um portão comum como o portão da casa 62 da travessa Picpus. Esse portão, habitualmente entreaberto do modo mais convidativo, deixava entrever duas coisas que nada têm de fúnebre: um pátio rodeado de muros cobertos de videiras e o rosto de um porteiro ocioso. Por cima do muro fundo, viam-se grandes árvores. Quando um raio de sol alegrava esse pátio e um copo de vinho alegrava o porteiro, era impossível passar pela frente do número 62 da travessa Picpus sem levar alguma ideia agradável. E, no entanto, o lugar era sombrio.

Os umbrais sorriam, mas a casa rezava e chorava.

Se conseguíssemos, o que não era nada fácil, passar pelo porteiro – aliás, era quase impossível, porque havia um *Abre-te Sésamo!* que era preciso conhecer –, se, passando o porteiro, entrássemos, à direita, num pequeno vestíbulo para onde dava uma escada apertada entre duas paredes, e tão estreita que não deixava passar senão uma pessoa de cada vez, se, não nos deixando assustar pelo amarelo-canário das paredes e pelos rodapés cor de chocolate da escada, nos aventurássemos a subir, chegaríamos a um primeiro patamar, depois a um segundo e estaríamos então no primeiro andar, onde o amarelo-canário e o rodapé escuro nos seguiriam com tranquila insistência. Tanto a escada como o corredor eram iluminados por duas belas janelas. O corredor dobrava-se em ângulo reto e ficava escuro. Seguindo adiante, chegaríamos, depois de alguns passos, a uma porta tanto mais misteriosa porque não estava fechada. Se a empurrássemos, nos encontraríamos numa pequena sala de quase seis pés quadrados, ladrilhada, limpa, bem-arrumada, fria, forrada de papel estampado com florinhas verdes, de quinze soldos a peça. Uma luz branca e fosca entrava por uma grande janela de caixilhos pequenos, colocada à esquerda, tomando toda a largura da sala. Olhando ao redor, não veríamos ninguém; aplicando o ouvido, não ouviríamos nem um passo, nem um murmúrio humano. As paredes

estavam nuas, não havia móveis, nem sequer uma simples cadeira.

Prestando mais atenção, perceberíamos na parede que ficava em frente da porta uma cavidade quadrangular de cerca de um pé quadrado, protegida por uma grade de ferro feita de pequenas barras negras, irregulares, maciças, as quais formavam pequenos quadrados, quase eu diria, malhas, com menos de uma polegada e meia de diagonal. As pequeninas flores verdes do papel chegavam com calma e ordem até essa grade, sem que esse contato fúnebre as assustasse ou as fizesse debandar. Supondo que ninguém pudesse ser tão admiravelmente magro para tentar entrar ou sair por esse buraco, ver-se-ia impossibilitado de o fazer por causa da grade. Ela não deixava passar o corpo, mas deixava passar os olhares, isto é, o espírito. Parecia que tinham pensado também nisso, porque a haviam reforçado com uma lâmina de folha de flandres pregada na parede, um pouco atrás, crivada de inúmeros furos mais microscópicos que os furos de uma escumadeira. Por debaixo desse ralo, havia uma abertura em tudo semelhante às das caixas de correio. Um cordão, ligado a uma campainha, pendia à direita.

Puxando-se esse cordão, ouvia-se a campainha e uma voz muito próxima, quase fazendo-nos estremecer.

– Quem é? – perguntava a voz.

Era uma doce voz de mulher, tão doce que era lúgubre.

Aqui, ainda, era preciso conhecer uma palavra mágica; a voz se calava e a parede voltava ao silêncio como se a temível escuridão do sepulcro estivesse do outro lado.

Sabendo-se a palavra, a voz continuava: – Entre à direita.

Notava-se, então, à direita, em frente da janela, uma porta envidraçada, encimada por um postigo também tapado por vidros foscos. Abria-se a porta, entrava-se e tinha-se a mesma sensação que teríamos se entrássemos num teatro, num camarote gradeado antes de se acenderem as luzes. Com efeito, estávamos numa espécie de frisa, iluminada apenas pela luz indecisa da porta envidraçada; era pequena, mobiliada com duas cadeiras velhas e um tapete muito usado, verdadeiro camarote com balaustrada de madeira escura. Tinha uma grade feita não com madeira dourada, como na Opéra, mas com um monstruoso entrançamento de barras de ferro horrivelmente emaranhadas e fixadas na parede por cavilhas enormes, semelhantes a punhos cerrados.

Passados os primeiros minutos, quando os olhos começavam a se acostumar com aquela meia-luz de subterrâneo, tentavam atravessar a grade, mas não conseguiam ver nada além da distância de seis polegadas. Ali, encontrava-se

nova barreira de madeira escura, segura e reforçada por travessas igualmente de madeira, pintadas de um amarelo cor de pão de centeio. Era quase um biombo com várias divisões cobrindo toda a largura da grade. Estava sempre fechado.

Ao cabo de alguns instantes, ouvia-se uma voz que dizia assim:

– Estou aqui. Que quer o senhor?

Era uma voz agradável, às vezes até adorável. Não se via ninguém. Apenas se percebia o arfar de uma respiração. Parecer-nos-ia uma evocação falando-nos da lápide de uma sepultura.

Se nos achássemos numa das condições requeridas, bem raras porém, uma das partes do biombo se abria e a evocação transformava-se em aparição. Por trás da grade percebia-se, tanto quanto era possível, uma cabeça de que veríamos somente a boca e o queixo; a parte superior do rosto estava coberta por um véu negro. Entrevia-se um hábito negro e uma forma apenas visível coberta por um sudário escuro. Essa cabeça falava, sem nos ver, sem sorrir jamais.

A luz que nos iluminava por trás estava disposta de tal modo que você a via branca e ela via apenas a silhueta escura do interlocutor. Essa luz era um verdadeiro símbolo.

Contudo, os olhos mergulhavam avidamente naquele vazio aberto num lugar vedado a todos os olhares. Uma espessa névoa envolvia aquela forma vestida de luto. Os olhos diligenciavam romper a névoa para distinguir os objetos que rodeavam a aparição. Ao cabo de algum tempo, certificavam-se de que nada mais havia. Somente noite, vazio, escuridão, bruma de inverno e vapores sepulcrais, uma espécie de paz assustadora, um silêncio contínuo no qual não se ouvia um simples suspiro, uma sombra onde não se moviam nem fantasmas.

O que se via era o interior de um claustro.

Era o interior daquela casa triste e severa conhecida como o Convento das Bernardas da Adoração Perpétua. O camarote em que nos encontrávamos era o locutório. Aquela voz, a primeira que se fazia ouvir, era a voz da rodeira, sempre sentada, imóvel, calada, do outro lado da parede, perto da abertura protegida pela grade de ferro e pelo ralo de zinco como por dupla viseira.

A escuridão em que se mergulhava a parte entrevista através das grades do locutório era causada por haver uma única janela abrindo-se para o mundo e nenhuma para o convento. Olhos profanos não deviam ver a mínima parte daquele recinto sagrado.

No entanto, havia qualquer coisa por trás daquela sombra; havia uma luz, uma vida naquela morte. Embora esse convento fosse o mais fechado de quantos

existiram, vamos tentar ultrapassar suas barreiras, levando conosco o leitor, relatando convenientemente coisas que os escritores jamais viram e, por conseguinte, jamais puderam contar.

II | A CONGREGAÇÃO DE MARTIN VERGA[81]

O convento que, em 1824, existia havia já muitos anos na travessa Picpus era uma comunidade de bernardas sob a regra de Martin Verga.

Essas bernardas, por consequência, ligavam-se não a Claraval, como os bernardos, mas a Cister, como os beneditinos. Em outros termos, estavam sujeitas não a São Bernardo, mas a São Bento.[82]

Quem quer que haja consultado um pouco os in-fólios sabe que Martin Verga fundou em 1425 uma congregação de bernardas beneditinas, tendo como sede da ordem Salamanca e como sucursal Alcalá. Essa congregação espalhou seus ramos por todos os países católicos da Europa.

Esses enxertos de uma ordem em outra nada têm de extraordinário na igreja latina. Para falarmos somente da ordem de São Bento, que vem agora ao caso, a ela estavam ligadas, sem contar a congregação de Martin Verga, quatro congregações, duas na Itália: Monte Cassino e Santa Justina de Pádua; duas na França: Cluny e São Mauro; e nove ordens, Valombrosa, Grammont, os celestinos, os camaldulenses, os cartuchos, os humilhados, os olivatários, os silvestrinos e, enfim, os cistercienses, porque Cister, tronco de outras ordens, não passa de um ramo da ordem de São Bento. Cister data de São Roberto, Abade de Molesme na diocese de Langres em 1098. Mas foi em 529 que o diabo, abrigando-se no deserto de Subíaco (ele estava velho, ter-se-ia feito eremita?) foi expulso do antigo templo de Apolo, onde morava, pelo próprio São Bento, então com apenas dezessete anos.

Depois da regra dos carmelitas, que andam de pés descalços, usam uma espécie de gola de vime ao pescoço e não se sentam jamais, a regra mais rigorosa é a das bernardas beneditinas de Martin Verga. Vestem-se de preto e cobrem-se com um véu que, segundo prescrição expressa de São Bento, lhes chega até o queixo. Um roupão de sarja de mangas largas, um grande véu de lã, a touca cobrindo-lhes até o peito, onde é cortada horizontalmente, e o véu que lhes desce até os olhos; este é o seu hábito. Tudo é preto, com exceção da touca, que é branca. As noviças vestem-se com as mesmas roupas, porém inteiramente brancas. As professoras usam, além do mais, um rosário.

As bernardas beneditinas de Martin Verga praticam a Adoração Perpétua, como as beneditinas chamadas damas do Santíssimo Sacramento, as quais, no começo deste século, tinham em Paris duas casas, uma no Temple e outra na Rue Neuve-Sainte-Geneviève. Quanto ao mais, as bernardas beneditinas de que estamos falando formavam uma ordem completamente diferente das damas do Santíssimo Sacramento, enclausuradas na Rue Neuve-Sainte-Geneviève e no Temple. Havia numerosas diferenças nas regras e nos hábitos. As bernardas beneditinas do Petit-Picpus usavam véu negro e as beneditinas do Santíssimo Sacramento e da Rue Neuve-Sainte-Geneviève usavam-no branco, tendo sobre o peito um pequeno ostensório de mais ou menos três polegadas, feito de prata ou cobre dourado. As religiosas do Petit-Picpus não o usavam. A Adoração Perpétua, comum ao convento do Petit-Picpus e ao do Temple, deixa as duas ordens perfeitamente distintas. O que havia era simples semelhança criada por essa prática entre as damas do Santíssimo Sacramento e as bernardas de Martin Verga; do mesmo modo que havia, pelo estudo e pela glorificação de todos os mistérios relativos à infância, vida e morte de Jesus Cristo e da Virgem, entre duas ordens no entanto muito diferentes, então inimigas, o Oratório da Itália, estabelecido em Florença por Filipe de Neri, e o Oratório da França, estabelecido em Paris por Pierre de Bérulle.[83] O Oratório de Paris pretendia a primazia, já que Filipe Neri era apenas Santo e Bérulle era Cardeal.

Voltemos à austera regra espanhola de Martin Verga. As bernardas beneditinas dessa obediência não comem carne durante o ano inteiro, jejuam na Quaresma e em muitos outros dias especiais levantam-se durante o primeiro sono, desde uma hora da manhã até as três, para ler o breviário e cantar matinas, dormem sobre palha e lençóis de sarja em todas as estações, não tomam banho, jamais acendem a lareira, submetem-se à disciplina todas as sextas-feiras, observam a regra do silêncio, falam somente nas horas de recreio, aliás muito curtas, e usam o burel durante seis meses, desde 14 de setembro, festa da exaltação da Santa Cruz, até a Páscoa. Esses seis meses já são uma moderação; a regra diz o ano todo; mas o burel, insuportável durante o verão, era causa de febres e espasmos nervosos. Foi preciso restringir-lhe o uso. Mesmo com essa moderação, quando as religiosas, no dia 14 de setembro, começam a usar esse hábito, têm três ou quatro dias de febre. Obediência, pobreza, castidade, clausura; eis aí seus votos, extremamente agravados pela regra.

A Priora é eleita por três anos pelas madres, chamadas *madres vocais*, porque têm voz nos capítulos. Ela pode ser reeleita por duas vezes, o que fixa em nove anos o mais longo reinado possível de uma priora.

As bernardas jamais veem o Sacerdote oficiante, sempre escondido por uma cortina de sarja de nove pés de altura. Ao sermão, quando o Pregador está na capela, elas cobrem o rosto com o véu. Devem sempre falar em voz baixa, caminhar olhando para o chão e com a cabeça inclinada. Um único homem pode entrar no convento: o Bispo diocesano.

Há ainda outro, o jardineiro; mas este é sempre um velho e, para que esteja sempre sozinho no jardim e as religiosas sejam advertidas de sua presença, prendem-lhe um guizo nos joelhos.

Elas estão sujeitas à Priora por uma submissão absoluta e passiva. É a sujeição canônica em toda a sua abnegação. Como à voz de Cristo, *ut voci Christi*, a um gesto, ao primeiro sinal, *ad nutum, ad primum signum*, depressa, com alegria e perseverança, e com uma obediência quase cega, *prompte, hilariter, perseveranter, et caeca quadam obedientia*, como a lima na mão do trabalhador, *quasi limam in manibus fabri*, não podendo ler nem escrever o que quer que seja sem permissão expressa, *legere vel scribere non addiscerit sine expressa superioris licentia*.

Cada uma, por seu turno, faz o que elas chamam de *reparação*. A reparação é a prece por todos os pecadores, por todas as faltas, por todas as desordens, por todas as violências, por todas as iniquidades, por todos os crimes que se cometem sobre a terra. Durante doze horas consecutivas, das quatro horas da tarde às quatro horas da manhã, ou das quatro horas da manhã às quatro horas da tarde, a Irmã que faz a *reparação* fica de joelhos sobre as lajes da capela diante do Santíssimo Sacramento, com as mãos juntas e uma corda ao pescoço. Quando o cansaço se torna insuportável, ela se prostra, com a face em terra e os braços em cruz; esse é o único alívio permitido. Nessa atitude, reza por todos os culpados do universo. Isso chega a ser sublime.

Como esse ato se efetua diante de uma coluna no alto da qual arde um grande círio, dizem indistintamente *fazer a reparação* ou *estar à coluna*. As religiosas, aliás, por humildade, preferem essa última expressão, que contém uma ideia de suplício e humilhação.

Fazer a reparação é uma função em que toda a alma se absorve. A Irmã que *está à coluna* não se voltaria nem se atrás dela caísse um raio.

Além disso, há sempre uma religiosa de joelhos diante do sacrário. A adoração se prolonga por uma hora. Rendem-se como os soldados de sentinela. É a Adoração Perpétua.

As prioras e as madres usam sempre nomes cheios de particular gravidade,

lembrando não só santos e mártires, mas momentos da vida de Jesus Cristo, como, por exemplo, Madre Natividade, Madre Conceição, Madre Apresentação, Madre Paixão. Contudo, os nomes de santos não são proibidos.

Quando deparamos com uma delas, vemos-lhe somente a boca. Todas têm os dentes amarelados. Jamais entrou no convento uma escova de dentes. Escovar os dentes é o mesmo que estar no alto de uma escada debaixo da qual se acha um abismo: a perdição da própria alma.

Elas não dizem a respeito de coisa alguma *minha* ou *meu*. Nada possuem e a nada devem afeiçoar-se. Dizem *nosso* a respeito de tudo; assim, o nosso véu, o nosso rosário; se falassem da própria roupa, diriam *a nossa roupa*. Às vezes se afeiçoam a algum pequeno objeto, um livro de orações, uma relíquia, uma medalha benta. Apenas percebem essa preferência, devem dá-los a outra pessoa. Elas se lembram das palavras de Santa Teresa[84] à qual uma grande dama, no momento de entrar em sua ordem, falava assim: – Permita, Madre, que eu mande buscar uma Bíblia que muito estimo? – *Ah! a senhora estima alguma coisa! Então, não entre para a nossa ordem*.

É proibido a quem quer que seja ter *o seu quarto*, ou *fechar-se*. Elas vivem em celas abertas. Quando se encontram, uma diz: – *Seja louvado e adorado o Santíssimo Sacramento do altar!* – A outra responde: – *Para sempre seja louvado*. – A mesma cerimônia se repete quando uma bate à porta da outra. Apenas sentem bater e já, do outro lado, ouve-se uma voz suave dizendo precipitadamente: – *Para sempre seja louvado!* – Como todas as práticas, isso se torna maquinal por força do hábito, e, às vezes, uma diz *Para sempre* antes que a outra tenha tido tempo para dizer, o que aliás é bastante longo: – *Seja louvado e adorado o Santíssimo Sacramento do altar!*

Entre as visitandinas, a que entra diz: – *Ave Maria* –, e a que recebe diz: – *Gratia plena*. – É um bom-dia, com efeito, “cheio de graça”.

A cada hora do dia, soam três pancadas suplementares no sino da igreja do convento. A esse sinal, a Priora, madres vocais, professas, conversas, noviças e postulantes interrompem o que estão dizendo ou pensando, e todas dizem a uma voz, por exemplo, às cinco horas: – *Às cinco horas e em todas as horas, seja louvado e adorado o Santíssimo Sacramento do altar*. – Às oito horas: – *Às oito horas e em todas as horas* etc., e assim por diante, de acordo com as horas.

Esse costume, que tem por finalidade cortar o pensamento, fazendo-o voltar-se sempre para Deus, existe em muitas outras comunidades, com pequenas variações de fórmula. Assim, na congregação do Menino Jesus, diz-se: – *Nesta hora e em todas as horas o amor de Jesus inflame o meu coração!*

As bernardas beneditinas de Martin Verga, enclausuradas há cinquenta anos no Petit-Picpus, cantam o ofício em uma salmodia grave, puro cantochão, e sempre em voz alta. Em todo lugar em que o missal traz um asterisco, elas dizem baixo: – *Jesus, Maria, José*. – Para o ofício dos mortos, o tom é tão baixo que vozes femininas apenas podem alcançá-lo. O resultado é de efeito impressionante e trágico.

As religiosas do Petit-Picpus haviam mandado construir uma cripta debaixo do altar-mor, para sepultura dos membros da comunidade. *O governo*, como costumam dizer, não permitiu que enterrassem ali os seus mortos. Portanto, somente quando já estavam mortas saíam do convento. Isso as afligia e constrangia, como se fosse uma infração às regras.

Elas haviam conseguido licença, consolação medíocre, para serem enterradas em hora especial e em lugar separado no cemitério Vaugirard, construído em terras outrora pertencentes à comunidade.

Às quintas-feiras, ouvem missa solene, rezam as vésperas e todos os ofícios como aos domingos. Além disso, observam escrupulosamente todas as pequenas festas, desconhecidas para as pessoas do mundo, de que a Igreja outrora era pródiga na França e ainda o é na Itália e na Espanha. As horas que passam na capela são intermináveis. Quanto ao número e à duração de suas preces, não podemos dar melhor ideia do que citando as palavras ingênuas de uma delas: – *As orações das postulantes são de assustar, as orações das noviças são ainda piores, e as das professas piores ainda*.

Uma vez por semana, reúne-se o capítulo; a Priora preside e as madres vocais assistem. Cada irmã deve, por sua vez, ajoelhar-se no chão e confessar em voz alta, diante de todas, as faltas e os pecados cometidos durante a semana. As madres vocais consultam-se mutuamente após cada confissão e infligem, em voz alta, a penitência.

Além da confissão em voz alta, para a qual são reservadas as faltas de certa gravidade, há outra confissão para os pecados veniais que elas costumam chamar de *culpa*. *Fazer a culpa* consiste em prostrar-se de bruços durante o of ício na frente da Priora, até que esta, que todos tratam de *nossa Madre*, advirta a penitente, por um pequeno golpe dado em seu banco, de que pode levantar-se. *Fazem a culpa* por coisas mínimas. Um vidro quebrado, um véu rasgado, um atraso involuntário de alguns segundos para chegar ao ofício, uma nota desafinada na igreja etc., isso já é suficiente. A culpa é espontânea; a própria *culpada* (a palavra está aqui etimologicamente no devido lugar) se julga e se castiga. Nos dias de festas e aos domingos, quatro madres cantoras salmodiam os

ofícios diante de uma grande estante de quatro faces. Certo dia uma delas entoou um salmo que começava por *Ecce* e, no lugar de *Ecce*, disse em voz alta as três notas: *dó, si, sol*; por essa distração, submeteu-se a uma culpa que durou todo o tempo do ofício. O que tornou a culpa enorme foi que todo o capítulo se pôs a rir.

Quando alguma religiosa é chamada ao locutório, mesmo que seja a própria priora, abaixa o véu de tal modo, como já disse, que só podemos ver-lhe a boca.

Somente a Priora pode comunicar-se com estranhos. As outras só podem ver os parentes mais próximos e, assim mesmo, muito raramente. Se, por acaso, uma pessoa de fora se apresenta para ver uma religiosa que conheceu ou amou no mundo, é necessária quase uma negociação. Se se trata de uma mulher, a autorização às vezes pode ser concedida; a religiosa vem e fala por detrás de uma espécie de biombo que não se abre senão quando a visita é uma mãe ou uma irmã. Não é preciso dizer que a permissão é sempre recusada para os homens.

Assim é a regra de São Bento, agravada por Martin Verga.

Essas religiosas não são alegres, rosadas e sadias como costumam ser as das outras ordens. São pálidas e sérias. De 1825 a 1830 três enlouqueceram.

III | SEVERIDADES

O postulado dura, pelo menos, dois anos, às vezes quatro; o noviciado dura mais quatro anos. É muito raro que os votos definitivos possam ser pronunciados antes dos vinte e três ou vinte e quatro anos. As bernardas beneditinas de Martin Verga não admitem viúvas em sua ordem.

Entregam-se em suas celas a muitas macerações desconhecidas, das quais jamais devem falar.

No dia em que uma noviça professa, vestem-na com seus mais lindos adornos, coroam-na de rosas brancas, penteiam-lhe e frisam-lhe os cabelos; depois a noviça prostra-se no chão, estendem sobre ela um véu negro e cantam o of ício dos mortos. As religiosas, então, dividem-se em duas filas: uma passa a seu lado dizendo-lhe tristemente: – *Nossa Irmã morreu* –; a outra responde alegremente: – *Vive em Jesus Cristo*.

Na época em que se passa esta história, havia um pensionato anexo ao convento. Pensionato de meninas nobres, na maior parte ricas, entre as quais se notavam as senhoritas de Sainte-Aulaire e de Bélissen e uma inglesa com o

ilustre sobrenome católico de Talbot. Essas meninas educadas entre quatro paredes pelas religiosas cresciam odiando o mundo e o século. Uma delas dizia-nos certa ocasião: – *Ver as pedras da rua faz-me estremecer dos pés à cabeça*. – Andavam vestidas de azul com uma touca branca e um Espírito Santo, de prata dourada ou de cobre, preso à blusa. Em certos dias de grandes festas, particularmente no dia de Santa Marta, era-lhes permitido, como especial favor e suprema felicidade, vestirem-se como as religiosas, durante um dia inteiro fazendo as práticas e os ofícios prescritos pela regra de São Bento. Nos primeiros tempos, as religiosas emprestavam-lhes seus hábitos pretos. Isso pareceu profanação, e a Priora o proibiu. Somente as noviças podiam emprestar-lhes as roupas. Deve notar-se que essas representações, sem dúvida toleradas e encorajadas no convento por um secreto espírito de proselitismo, dando àquelas crianças um gosto antecipado pelos hábitos religiosos, eram causa de verdadeira felicidade e autêntica diversão para as pensionistas. Elas simplesmente se divertiam. *Era novidade, ficavam tão diferentes!* Razões inocentes da infância que não conseguem fazer-nos compreender, a nós, mundanos, essa felicidade de ter à mão um hissope e ficar horas e horas de pé cantando diante de uma estante.

As alunas, crescendo ao lado de tanta austeridade, conformavam-se com todos os costumes do convento. Houve uma até que, voltando ao mundo, depois de muitos anos de casada, ainda não havia conseguido deixar de dizer a toda a pressa, cada vez que batiam à sua porta: – *Para sempre seja louvado!* – Como as religiosas, as pensionistas só viam os pais no locutório. As próprias mães estavam proibidas de abraçá-las. Eis até que ponto ia a severidade. Um dia, uma das meninas foi visitada pela própria mãe, que levava em sua companhia sua irmãzinha de três anos. A menina chorava porque queria abraçar a irmã. Impossível. Suplicou para que ao menos lhe fosse permitido passar as mãozinhas por meio das grades para que as pudesse beijar. Mas até isso lhe foi recusado quase com escândalo.

IV | ALEGRIAS

Apesar de tudo, essas meninas não deixavam de encher aquele casarão de encantadoras recordações.

Em certas horas, a infância conseguia brilhar no meio daquele claustro. Era à hora do recreio. Uma porta se abria. Os passarinhos diziam: – Que bom! Aí estão as crianças! – Uma irrupção de juventude inundava aquele jardim cortado por

uma cruz, como uma mortalha. Rostos radiantes, frontes alvas, olhos ingênuos cheios de alegre luz, todas as formas da aurora se espalhavam naquelas trevas. Depois dos salmos, dos sinos, dos repiques, dos dobres, dos ofícios, de repente, como que rebentava a algazarra das meninas, mais suave que o zumbido das abelhas. Abria-se a colmeia da alegria e cada uma trazia o seu mel. Brincavam, chamavam umas às outras, corriam; lindos e alvos dentinhos brancos brilhavam por todos os cantos; os véus, de longe, vigiavam os risos, as sombras espionavam luz, mas, que importa? Resplandecia-se, ria-se. Aquelas quatro paredes tristes tinham seu momento de encanto. Assistiam, vagamente iluminadas pelo reflexo de tanta alegria, àquele agradável turbilhão de enxames. Era como que uma chuva de rosas caindo no meio do luto. As meninas divertiam-se sob os olhares das religiosas; os olhos da impecabilidade não constrangem a inocência. Graças àquelas crianças, entre tantas horas de austeridade havia uma hora de singeleza. As menores pulavam, as maiores dançavam. Naquele claustro, o brinquedo tinha algo de céu. Nada podia ser tão encantador e augusto como todas aquelas almas tenras, apenas desabrochadas. Homero teria ido ali para ir-se com Perrault; ali, naquele jardim sombrio, havia juventude, saúde, barulho, gritos, deslumbramento, prazer e felicidade capazes de desanuviar os ânimos de todos os antepassados, tanto os da epopeia como os dos contos, tanto os dos tronos como os das choupanas, desde Hécuba até Mère-Grand.[85]

Nessa casa, talvez, mais do que em qualquer outro lugar, ouviram-se esses ditos de crianças que encerram tanta graça, fazendo-nos rir de um riso cheio de sonho. Foi entre essas quatro paredes fúnebres que uma criança de cinco anos exclamou um dia: – *Madre! Uma menina me disse que eu tenho de ficar só nove anos e dez meses. Que bom!*

Foi ainda aí que se deu este diálogo memorável:

Uma madre vocal – Por que está chorando?

A criança (de seis anos), soluçando: – Eu disse a Alice que sabia a história da França. Ela disse que eu não sei, mas eu sei. Alice, a grande (nove anos): – Não; ela não sabe nada.

A madre: – Por que diz isso?

Alice: – Ela mandou que eu abrisse o livro em qualquer página e fizesse qualquer pergunta, que ela me responderia.

– E então?

– Ela não respondeu.

– E que foi que você perguntou?

– Abri o livro ao acaso, como ela mandou, e fiz a primeira pergunta que encontrei.

– E qual era a pergunta?

– Era: *O que aconteceu em seguida?*

Ainda foi ali que se fez esta observação a respeito de um periquito um tanto guloso, pertencente a uma senhora pensionista:

– Como ele é engraçado! Só come a manteiga e deixa o pão, como se fosse gente!

Foi em uma das lajes desse claustro que se encontrou esta confissão anotada num papel por uma pecadora de sete anos:

– Padre, acuso-me de ter sido avarenta.
– Padre, acuso-me de ter sido adúltera.
– Padre, acuso-me de ter levantado os olhos para ver os homens.

Foi sobre um dos bancos desse jardim que foi improvisada, por lábios rosados de seis anos, esta história, ouvida por tantos olhinhos azuis de quatro ou cinco anos:

– Era uma vez três galinhos que moravam em um lugar cheinho de flores. Colheram as flores e guardaram-nas nos bolsos. Depois, colheram as folhas e puseram-nas no meio de seus brinquedos. Mas lá havia um lobo e muitos bosques. O lobo estava no bosque e comeu os três galinhos.

E este outro poema:

– Ouvi uma paulada.
Foi Polichinelo que bateu no gato.
Não lhe fez bem nem mal.
Então, uma senhora trancou Polichinelo na cadeia.

Foi ainda ali que uma pequena abandonada, a qual o convento educava por caridade, ouvindo as outras falarem de suas mães, murmurou em seu cantinho:

– Quando eu nasci, minha mãe não estava lá.

Havia no convento uma rodeira muito gorda, sempre correndo pelos corredores com seu molho de chaves; chamava-se Irmã Ágata. As grandes, acima de dez anos, chamavam-na *Agatocles*.

O refeitório, grande sala oblonga que recebia luz de um pórtico de arcadas ao

rés do chão, era escuro e úmido, e, como dizem as crianças, cheio de bichos. Todos os lugares circunvizinhos mandavam para ali seu contingente de insetos.

Cada um dos quatro cantos recebeu, na linguagem das pensionistas, um nome particular e expressivo. Havia o canto das aranhas, o canto das lagartas, o canto dos bichos-de-conta e o canto dos grilos. O canto dos grilos ficava perto da cozinha e era o mais apreciado, porque era menos frio. Do refeitório, os nomes passaram ao pensionato e serviam para distinguir, como no antigo colégio Mazarino, quatro nações.[86] Toda aluna pertencia a uma das quatro nações segundo o canto do refeitório onde se sentava na hora das refeições. Um dia, o Arcebispo, fazendo a visita pastoral, viu entrar na classe por onde passava uma bonita menina, muito corada, com admiráveis cabelos louros; perguntou, então, a uma das pensionistas, uma encantadora moreninha que estava a seu lado:

– Quem é essa aí?

– É uma aranha, excelência.

– Ora! E esta outra? – É um grilo.

– E aquela ali?

– Um bicho-de-conta.

– Ora! E você?

– Eu sou uma lagarta, excelência.

Cada casa desse gênero tem suas particularidades. No começo deste século, Écouen era um desses lugares graciosos e severos onde se desenvolvia, sob uma sombra quase augusta, a infância das meninas. Ali, para tomar parte na procissão do Santíssimo Sacramento, distinguiam-se as virgens e as floristas.

Havia também “os pálios” e “os turíbulos”, umas levando os cordões do pálio, outras incensando o Santíssimo Sacramento. As flores pertenciam, por direito, às floristas. Quatro “virgens” caminhavam à frente. Na manhã desse grande dia, não era raro ouvir dizer no dormitório: – Quem é virgem aqui?

Mme. Campan citava estas palavras de uma “pequena” de sete anos a uma “grande” de dezesseis, que ficara à frente da procissão, enquanto a “pequena” havia sido colocada mais atrás: – Você é virgem; eu não sei o que sou.

V | DISTRAÇÕES

Por cima da porta do refeitório estava escrita, em grandes letras negras, esta prece que chamavam de *Padre-nosso branco* e que tinha a virtude de levar as

pessoas diretamente para o paraíso.

> *Padrenossinho branco, que Deus fez, que Deus rezou, que Deus pôs no paraíso. À noite, ao me deitar, encontrei três anjos deitados na minha cama: um nos pés, dois na cabeceira, a Virgem Maria no meio, que me mandou deitar sem medo. O bom Deus é meu pai, a boa Virgem, minha mãe, os três apóstolos, meus irmãos, as três virgens, minhas irmãs. Meu corpo está vestido com as roupinhas de Jesus; a cruz de Santa Margarida está gravada no meu peito. A Virgem anda pelos campos, chorando, à procura de Deus e encontra São João. – São João, donde vem o senhor? – Venho de Ave Salus. – Não viu se Deus está por lá? – Está na árvore da cruz, com os pés pendentes, as mãos pregadas e um chapeuzinho de espinhos na cabeça. Quem rezar isto três vezes à noite e três de manhã ganhará no fim da vida o paraíso.*

Em 1827, essa oração característica já havia desaparecido da parede sob tríplice pintura. Agora já vai desaparecendo da memória de algumas meninas de então, hoje senhoras idosas.

Um grande crucifixo pendurado à parede completava a decoração do refeitório, cuja única porta, talvez eu já o tenha dito, se abria para o jardim. Duas mesas estreitas, ladeadas cada uma por dois bancos de madeira, formavam duas grandes linhas paralelas de uma extremidade a outra do refeitório. As paredes eram brancas, as mesas, pretas; essas duas cores de luto são a única variação dos conventos. As refeições não eram atraentes, e a própria alimentação das meninas, severa. Um único prato, carne e legumes, ou peixe salgado; nisso se resumia todo o luxo. No entanto, essa comida era reservada excepcionalmente às pensionistas. As meninas comiam caladas, sob o olhar vigilante da Madre Assistente que, de quando em quando, se uma mosca se atrevia a voar ou zumbir contrariamente à regra, abria e fechava ruidosamente um livro de madeira. O silêncio era entretido com a vida dos santos, lida em voz alta de um pequeno púlpito colocado aos pés do crucifixo. A leitora era uma das “grandes” e era mudada todas as semanas. De distância em distância, sobre a mesa descoberta, estavam colocadas grandes terrinas, em que as próprias alunas lavavam o prato e os talheres; às vezes, jogavam aí algum resto, carne dura ou peixe estragado, o que era, porém, proibido. Chamavam a essas terrinas de *rodas de água*.

A menina que rompesse o silêncio fazia uma “cruz com a língua”. Onde? No chão. Lambia o pavimento. A poeira, fim de todas as alegrias, estava encarregada de castigar aquelas pobres pétalas de rosa, culpadas de sussurrar.

No convento havia um livro de que jamais foi impresso senão um *exemplar único*, cuja leitura era proibida. É a regra de São Bento, arcanos em que nenhum olho profano deve penetrar. *Nemo regulas seu constitutiones nostras, externis*

communicabit.[87]

Um dia as pensionistas conseguiram apoderar-se do livro e puseram-se a lê-lo avidamente, leitura muitas vezes interrompida pelo medo de serem surpreendidas, o que as obrigava a fechar o volume precipitadamente. De todo esse perigo, o prazer que obtiveram foi quase nulo. Algumas páginas ininteligíveis, sobre os pecados dos rapazes, foi tudo o que encontraram de "mais interessante".

Elas brincavam numa das aleias do jardim orlada de algumas raquíticas árvores frutíferas. Apesar da extrema vigilância e da severidade dos castigos, quando o vento agitava os ramos, conseguiam às vezes pegar no chão uma maçã verde, um damasco estragado ou uma pera bichada. Agora, deixo-lhes falar uma carta que tenho sob os olhos, escrita há vinte e cinco anos por uma pensionista, atualmente Duquesa de –, uma das mais elegantes mulheres de Paris. Cito textualmente:

> *Cada uma esconde a maçã ou a pera como pode. Quando subimos para deixar o véu no dormitório, antes das refeições, escondemo-las debaixo do travesseiro e comemo-las depois, de noite; quando não é possível, comemos as frutas no próprio banheiro.*

Era uma de suas maiores alegrias.

Uma vez, também na época da visita do Arcebispo ao convento, uma das meninas, Srta. Bouchard, parente dos Montmorency, apostou que lhe pediria um dia de folga, coisa espantosa numa comunidade tão austera. A aposta foi aceita, mas ninguém acreditava na possibilidade de tal exceção. No momento apropriado, quando o Arcebispo passava diante das pensionistas, a menina Bouchard, para indescritível espanto das companheiras, saiu da fila e disse: – Excelência, um feriado. – Bouchard era alta e saudável, com o rostinho mais rosado que se possa imaginar. O Cardeal, Conde de Quélen,[88] sorriu e disse: – *Um dia só? Três dias, se quiser. Concedo-lhes três dias.* – A Priora nada podia fazer; o Arcebispo já havia falado. Escândalo para o convento, alegria para o pensionato. Podem imaginar o efeito produzido.

Esse claustro severo não era, contudo, tão fechado que a vida exterior cheia de paixões, ou o drama, ou o próprio romance não o penetrassem. Para prová-lo, limitar-nos-emos a comprovar aqui e indicar brevemente um fato real e incontestável que, aliás, não tem ligação nenhuma e não se prende por nada à história que estamos contando. Mencionamo-lo para completar no espírito do

leitor a fisionomia do convento.

Por essa mesma época, havia aí uma pessoa misteriosa; não era religiosa, mas era tratada com grande respeito; chamavam-na de Mme. Albertine. Nada se conhecia a seu respeito, senão que era louca e que no mundo passava por morta. Por trás de toda essa história, como diziam, havia alguns acordos de fortunas indispensáveis a um grande casamento.

Essa mulher, de apenas trinta anos, morena, bastante bonita, olhava vagamente para tudo com grandes olhos negros. Julgavam até que fosse cega. Não andava, deslizava; jamais a ouviam falar, nem estavam certos de que respirasse. Suas narinas eram afiladas e lívidas, como se tivessem exalado o último suspiro. Tocar-lhe a mão era tocar a neve. Tinha o estranho encanto de um fantasma. Onde entrava espalhava o frio. Um dia, uma irmã, vendo-a passar, disse a outra. – Ela passa por morta. – Talvez o esteja realmente – respondeu a outra.

Contavam a respeito de Mme. Albertine cem histórias diferentes. Era a eterna curiosidade das pensionistas. Na capela havia uma tribuna que chamavam de *olho de boi*. Era dessa tribuna, que não tinha senão uma abertura circular, um olho de boi, que Mme. Albertine assistia a todos os of ícios. Comumente ficava ali, sozinha, porque a tribuna, colocada no primeiro andar, permitia que se visse o Pregador ou o Oficiante, o que era proibido às religiosas. Um dia, o púlpito estava ocupado por um jovem Sacerdote de alta hierarquia, o Sr. Duque de Rohan, Par de França, Oficial dos Mosqueteiros Vermelhos em 1815, quando era Príncipe de Léon, falecido depois de 1830, como Cardeal e Arcebispo de Besançon.[89] Era a primeira vez que o Duque de Rohan pregava no convento do Petit-Picpus. Mme. Albertine assistia ordinariamente aos sermões e of ícios em perfeita calma e completa imobilidade. Naquele dia, logo que viu o Duque de Rohan, levantou-se e disse em voz alta no meio do silêncio da capela: – *Olha! Augusto!* – toda a comunidade, espantada, voltou-se, o Pregador levantou os olhos, mas Mme. Albertine já havia voltado à sua costumeira imobilidade. Um sopro do mundo exterior, um clarão de vida, passara naquele instante sobre aquela figura gélida, quase extinta; depois, tudo se desvanecera e a louca voltara a ser cadáver.

Contudo, essas duas palavras provocaram comentários de tudo o que podia falar no convento. Quanta coisa escondida naquele: – *Olha! Augusto!* – Quantas revelações! Com efeito, o Duque de Rohan chamava-se Augusto. Era evidente que Mme. Albertine viera da alta sociedade, pois conhecia o Duque; certamente ocupava posição elevada, já que tratava o Sr. Duque com tanta familiaridade;

devia ter com ele uma relação, um parentesco talvez, mas sem dúvida muito chegado, desde que o chamara pelo nome de batismo.

Duas Duquesas muitos severas, as Mme. de Choiseul e de Sérent, visitavam frequentemente a comunidade, onde estavam, por certo, em virtude do privilégio *Magnates mulieres*, causando grande medo às pensionistas. Quando as duas venerandas senhoras passavam, as pobres meninas tremiam e abaixavam os olhos.

O Duque de Rohan era, aliás, sem que o soubesse, objeto da atenção das colegiais. Nessa época, enquanto esperava o episcopado, era Vigário-Geral de Paris. Um de seus hábitos era ir cantar os of ícios muito frequentemente no convento das religiosas do Petit-Picpus. Nenhuma das jovens reclusas poderia vê-lo, por causa da cortina de sarja, mas ele tinha uma voz suave, um tanto fina, que elas facilmente chegaram a distinguir e reconhecer. Tinha sido mosqueteiro; além disso, diziam-no extremamente elegante, com belos cabelos castanhos muito bem penteados, enrolados em volta da cabeça, usando na cintura uma faixa magnífica de chamalote, e uma batina preta com o corte mais elegante do mundo. Dava o que fazer a todas aquelas imaginações de dezesseis anos.

Nenhum ruído de fora penetrava no convento. Contudo, houve um ano em que se ouviu aí o som de uma flauta. Foi um acontecimento, e as pensionistas de então ainda se lembram.

Era a flauta de alguém que tocava nas vizinhanças. Repetia sempre a mesma canção, hoje quase esquecida: *Minha Zétulbé, vem reinar em minha alma*, e isso duas ou três vezes por dia. As meninas passavam horas a ouvi-la, as madres vocais não sabiam o que fazer, os cérebros trabalhavam e os castigos choviam.

Isso durou vários meses. Todas as pensionistas, umas mais outras menos, estavam apaixonadas pelo músico desconhecido. Cada uma sonhava ver Zétulbé. O som da flauta vinha dos lados da Rue Droit-Mur; elas dariam tudo, comprometeriam tudo, tentariam tudo para ver, por apenas um segundo, para entrever, para apenas distinguir “o jovem” que tocava tão bem aquela flauta e que, sem saber, gozava do interesse de todas aquelas almas. Houve quem escapasse por uma porta de serviço e, subindo até o terceiro andar que dava para a Rue Droit-Mur, procurasse compensar, com a vista, tantos dias de sofrimento. Impossível. Uma chegou a passar o braço pela grade e agitou um lenço branco. Duas outras foram ainda mais corajosas. Encontraram meios de subir ao telhado, com perigo até, e conseguiram ver “o jovem”. Era um velho imigrante cego e doente que tocava flauta num sótão para se distrair.

VI | O PEQUENO CONVENTO

Entre os muros do Petit-Picpus havia três edifícios perfeitamente distintos; o convento grande, em que habitavam as religiosas, o pensionato, onde ficavam as alunas e, enfim, o pequeno convento, como se costumava dizer. Era uma construção com jardim onde moravam em comum toda espécie de velhas religiosas de diversas ordens, relíquias de claustros destruídos pela Revolução; uma miscelânea de hábitos pretos, pardos e brancos, de todas as comunidades e variedades possíveis; o que poderíamos chamar, se tal reunião de palavras fosse permitida, uma espécie de convento-arlequim.

Desde o tempo do Império fora concedido a essas pobres religiosas dispersas e exiladas o favor de se abrigarem ali, sob as asas das bernardas beneditinas. O governo pagava-lhes módica pensão; as irmãs do Petit-Picpus receberam-nas com solicitude. Era uma estranha mistura. Cada uma seguia a sua regra. Permitia-se, às vezes, às pensionistas, como grande diversão, fazer-lhes uma visita, o que fez com que essas jovens memórias guardassem, entre outras, a lembrança de Madre São Basílio, de Madre Santa Escolástica e de Madre Jacó.

Uma dessas refugiadas achava-se quase que na própria ordem. Era uma religiosa de Santa Aura, a única sobrevivente de sua comunidade. O antigo convento das Damas de Santa Aura ocupava, desde o começo do século XVIII, precisamente essa casa do Petit-Picpus, que passou mais tarde para as beneditinas de Martin Verga. A santa mulher, muito pobre para usar o magnífico hábito de sua ordem, que consistia em túnica branca e escapulário escarlate, revestiu piedosamente com eles um pequeno manequim que ostentava com todo o gosto, e que, por sua morte, legou ao convento.

Além dessas dignas madres, algumas senhoras idosas do mundo haviam obtido da Priora, como era o caso de Mme. Albertine, permissão para se retirarem no pequeno convento. A esse número pertencia a Mme. de Beaufort d'Hautpoul e Mme. Duquesa Dufresne. Uma outra só era conhecida no convento pelo modo espalhafatoso como se assoava. As alunas chamavam-na de Mme. Estrondo.

Ali por 1820 ou 1821, Mme. de Genlis, que redigia por essa época um pequeno periódico intitulado *Intrépide*, pediu que a recebessem no convento de Petit-Picpus.[90] Trazia recomendações do Sr. Duque de Orléans. A colmeia pôs-se em polvorosa; as madres vocais estavam aflitas, pois Mme. de Genlis escrevera romances. Ela, porém, declarou que era a primeira a detestá-los; aliás, havia chegado a uma fase de devoção quase feroz. Com a ajuda de Deus e do

Príncipe, conseguiu ser atendida. Depois de seis ou oito meses, retirou-se, dando como razão a pouca sombra que havia no jardim. As religiosas ficaram encantadas com a sua presença. Embora bastante idosa, tocava harpa muito bem.

Saindo do convento, deixou na cela os sinais de sua permanência. Mme. de Genlis era supersticiosa e latinista. Essas duas palavras traçavam-lhe muito bem o perfil. Via-se ainda, há poucos anos, colados no interior de um pequeno armário de sua cela, onde costumava guardar joias e dinheiro, estes cinco versos latinos, escritos de próprio punho com tinta vermelha sobre papel amarelo, e que, na sua opinião, tinham a virtude de espantar os ladrões:

Imparibus meritis pendent tria corpora ramis:
Dismas et Gesmas, media est divina potestas;
Alta petit Dismas, infelix, infima, Gesmas.
Nos et res nostras conservet summa potestas.
Hos versus dicas, ne tu furto tua perdas.[91]

Esses versos latinos do século XVI levantam a questão de saber se os dois ladrões do Calvário se chamavam, como se crê comumente, Dimas e Gestas, ou Dismas e Gesmas. Essa ortografia poderia contrariar as pretensões que tinha, no século passado, o Visconde de Gestas, de ser descendente do mau ladrão. Aliás, a virtude oculta ligada a esses versos era artigo de fé na ordem das hospitaleiras.

A capela, construída de modo a separar, como um fosso, o convento do pensionato, era, bem entendido, comum ao pensionato, ao grande convento e ao pequeno. Admitia-se aí até o público por uma entrada particular que dava para a rua. Mas tudo estava disposto de tal modo que nenhuma das religiosas enclausuradas pudesse ver alguém do mundo exterior. Suponham uma igreja cujo coro fosse agarrado por mão gigantesca e dobrado de maneira a formar, não como no comum das igrejas, um prolongamento do presbitério, mas uma espécie de sala ou caverna escura, à direita do oficiante; suponham essa sala fechada pela cortina de sete pés de altura de que já falamos, coloquem à sombra dessa cortina, sentadas em cadeiras de madeira, à esquerda as irmãs, à direita as pensionistas, as conversas e noviças no fundo, e terão uma ideia das religiosas do Petit-Picpus assistindo ao of ício divino. Essa caverna, que chamavam de coro, comunicava-se com o claustro por um corredor. A igreja recebia luz do jardim. Quando as religiosas assistiam a ofícios em que a regra pedia silêncio, o público não era advertido de sua presença senão pelo barulho das dobradiças dos assentos, levantando-se ou abaixando-se ruidosamente.

VII | ALGUMAS SILHUETAS DESSA SOMBRA

Durante os seis anos que separam 1819 de 1825, a Priora do Petit-Picpus era a Srta. De Blemeur, que, na religião, tomou o nome de Madre Innocente. Era da família de Marguerite de Blemeur, autora da *Vida dos Santos da Ordem de São Bento*.[92] Tinha sido reeleita. Era uma mulher de seus sessenta anos, baixa, gorda, cantando "com voz de taquara rachada", como diz a carta que já citamos; quanto ao mais, excelente, a única alegre em todo o convento e, por isso mesmo, adorada.

Madre Innocente tinha, entre seus ascendentes, Marguerite, dignitária da ordem; era instruída, erudita, inteligente, competente, historiadora por curiosidade, repleta de latim, farta de grego, cheia de hebreu, mais beneditino que beneditina.

A Vice-Priora era uma religiosa espanhola, muito idosa, quase cega, Madre Cineres.

As mais cotadas entre as madres vocais eram a Madre Santa Honorina, tesoureira, Madre Santa Gertrudes, Primeira Mestra de Noviças, Madre Santo Anjo, Segunda Mestra, Madre Anunciação, Sacristã, Madre Santo Agostinho, enfermeira, a única em todo o convento que era má; e, ainda, Madre Santa Matilde (Srta. Gauvain), muito jovem, de voz admirável; Madre dos Anjos (Srta. Drouet), que já havia estado no convento das Filhas de Deus e no convento de Trésor, entre Gisors e Magny; Madre de São José (Srta. De Cogolludo), Madre Santa Adelaide (Srta. D'Auverney), Madre Misericórdia (Srta. De Cifuentes, que não pôde resistir às austeridades), Madre Compaixão (Srta. De la Miltière, recebida aos sessenta anos, apesar da regra; muito rica), Madre Providência (Srta. De Laudinière), Madre Apresentação (Srta. De Siguenza), Priora em 1847, e, enfim, Madre Santa Celina, irmã do escultor Ceracchi, e Madre Santa Chantal (Srta. De Suzon); ambas enlouqueceram.[93]

Havia ainda, entre as mais bonitas, uma encantadora moça de vinte e três anos, natural da ilha de Bourbon e descendente do Cavaleiro Roze, que se chamava, no mundo, Srta. Roze e, no convento, Madre Assunção.[94]

Madre Santa Matilde, encarregada dos cantos e do coro, chamava para essa tarefa as pensionistas. Tomava de entre elas uma completa escala, isto é, sete, de dez a dezesseis anos, inclusive, de vozes e tamanhos vários, fazendo-as cantar de pé, uma ao lado da outra, por idade, desde a menor até a maior. Isso oferecia aos olhares algo semelhante a uma gaita campestre de meninas, uma espécie de flauta viva de Pã feita de anjos.

Entre as irmãs conversas, as de que as pensionistas mais gostavam eram a Irmã Santa Eufrásia, a Irmã Santa Margarida, a Irmã Santa Marta, quase demente, e a Irmã São Miguel, cujo nariz grande as fazia rir.

Todas essas mulheres eram bondosas com as crianças. Só eram severas consigo mesmas. Somente no pensionato é que se acendia a lareira, e a comida aí, comparada com a do convento, era excelente. Junto a isso tudo uma quantidade de cuidados. Mas, se uma criança passava ao lado de uma religiosa e lhe dirigia a palavra, a religiosa jamais respondia.

Dessa regra do silêncio resultou que, em todo o convento, a palavra não era mais permitida às criaturas humanas, mas sim aos objetos inanimados. Ora falava o sino da igreja, ora o guizo do jardineiro. Uma sineta muito sonora, colocada ao lado da roda, e que se fazia ouvir por toda a casa, indicava por variados toques, que constituíam uma espécie de telégrafo acústico, todas as ações da vida material, chamando também ao locutório, segundo a necessidade, tal ou tal habitante do convento. Cada pessoa, cada coisa, tinha o seu toque especial. A Priora era um e um; a Vice-Priora, um e dois. Seis e cinco anunciavam as aulas, de tal modo que as alunas jamais diziam ir à aula, mas, às seis e cinco. Quatro e quatro era o toque de Mme. de Genlis. Ouvia-se frequentemente. – *É o diabo a quatro* –, diziam as menos caridosas. Dezenove pancadas anunciavam um grande acontecimento. Era a abertura da *porta da clausura*, horrível prancha de ferro, eriçada de ferrolhos, que não girava sobre os gonzos senão na presença do Arcebispo.

Com exceção dele e do jardineiro, como já dissemos, nenhum homem entrava no convento. As pensionistas viam mais dois outros: o Capelão, Padre Banès, velho e feio, que lhes era dado contemplar do coro através das grades, e o professor de desenho, Ansiaux, que a carta da qual já lemos algumas linhas chama de *Anciot*, descrevendo-o como um *velho horrível e corcunda*.

Como se vê, todos os homens eram bem escolhidos.

Assim era essa casa curiosa.

VIII | *POST CORDA LAPIDES* [95]

Depois de termos esboçado sua figura moral, não é inútil mostrarmos em algumas palavras sua configuração material. O leitor já tem uma ideia.

O Convento do Petit-Picpus-Saint-Antoine ocupava quase inteiramente o vasto trapézio resultante da intersecção das ruas Polonceau e Droit-Mur, da

travessa Picpus e do beco sem saída, chamado nas velhas plantas de Rue Aumarais. Essas quatro ruas rodeavam o trapézio como um fosso. O convento se compunha de várias construções e do jardim. O edifício principal, tomado em seu conjunto, era uma justaposição de construções híbridas que, vistas de cima, desenhavam quase com exatidão uma forca deitada no chão. O braço maior da forca tomava toda a parte da Rue Droit-Mur, compreendida entre a travessa Picpus e a Rue Polonceau; o braço menor era formado por uma fachada alta, severa, pardacenta, cheia de grades, dando para a travessa Picpus; o portão de serviço, número 62, marcava-lhe a extremidade. Quase no meio dessa fachada, a poeira desfigurava uma pequena porta em arco, onde as aranhas construíam suas teias, que não se abria senão por uma hora ou duas, nos domingos e nas raras ocasiões em que por ali saía o féretro de uma religiosa. Era a entrada pública da igreja. O ângulo da forca era formado por uma sala quadrada que servia de depósito e que as religiosas chamavam de *despensa*. No braço maior estavam as celas das madres e das irmãs, bem como o noviciado; no braço menor, a cozinha, o refeitório, paralelo ao claustro, e a igreja. Entre o portão 62 e a esquina no beco Aumarais estava o pensionato, que não se via da parte de fora. O resto do trapézio era formado pelo jardim, em nível bem mais baixo que o da Rue Polonceau, o que tornava os muros muito mais altos na parte interna do que na externa. O terreno, ligeiramente convexo, tinha no centro, no ponto mais elevado, um belo pinheiro agudo e cônico do qual saíam, como do centro de um escudo, quatro grandes aleias e, dispostas duas a duas nos intervalos das grandes, mais oito menores, de tal modo que, se o jardim fosse circular, o plano geométrico das aleias se assemelharia a uma cruz colocada em cima dos aros de uma roda. Os caminhos, terminando todos de encontro aos muros bastante irregulares do jardim, eram em comprimento desigual, orlados de groselheiras. Ao fundo, uma sebe de álamos ia desde as ruínas do velho convento, situadas no ângulo da Rue Droit-Mur, ao pequeno convento, no ângulo do beco Aumarais. Em frente do pequeno convento havia o que chamavam de pequeno jardim. Acrescente-se a esse conjunto um pátio, toda sorte dos mais variados ângulos feitos pelas construções irregulares, verdadeiros muros de prisão, por única perspectiva e vizinhança a longa linha negra de telhados que orlavam o outro lado da Rue Polonceau, e poder-se-á fazer uma ideia completa do que era, há quarenta e cinco anos, a casa das bernardas do Petit-Picpus. Essa santa morada fora construída justamente no local de um jogo da pela, famoso desde o século XIV até o século XV, chamado de *o jogo dos onze mil diabos*.

Todas essas ruas, aliás, eram as mais antigas de Paris. Os nomes Droit-Mur e

Aumarais são bastante velhos, e as ruas pelos quais são chamadas mais velhas ainda. O beco Aumarais chamou-se outrora beco Maugout; a Rue Droit-Mur chamou-se Rue Églantiers (roseiras silvestres), porque Deus aí fizera nascer as flores antes que os homens lavrassem as pedras.

IX | UM SÉCULO DEBAIXO DE UM HÁBITO

Já que estamos contando pormenores sobre o que foi outrora o convento do Petit-Picpus, ousando abrir uma janela sobre aquele discreto asilo, permita-nos ainda o leitor uma pequena digressão, completamente alheia à essência deste livro, mas muito característica e útil, pois nos faz compreender que mesmo o claustro tem suas figuras originais.

No pequeno convento havia uma velhinha de cem anos que vinha da abadia de Fontevrault. Antes da Revolução, pertencera à boa sociedade. Falava bastante de Miromesnil,[96] Chanceler sob Luís XVI, e de uma tal Duplat, Presidente, muito sua conhecida. Seu prazer e a sua vaidade consistiam em lembrar esses dois nomes a toda hora. Contava maravilhas a respeito da abadia de Fontevrault, que era quase uma cidade, com ruas de verdade atravessando o mosteiro.[97]

Ela falava com um sotaque picardo que divertia as pensionistas. Todos os anos, renovava solenemente seus votos e, no instante de fazer o juramento, dizia ao Sacerdote: – São Francisco o fez a São Julião, São Julião o fez a Santo Eusébio, Santo Eusébio o fez a São Procópio etc. etc., assim eu o faço, Reverendo Padre. – E as pensionistas riam debaixo dos véus, encantadores risos reprimidos que obrigavam as madres vocais a franzir as sobrancelhas.

Outras vezes, a centenária velhinha contava histórias. Dizia que *em sua juventude os bernardos não ficavam atrás dos mosqueteiros*. Era todo um século que falava, mas era o século XVIII. Falava sobre a cerimônia dos quatro vinhos, antes da Revolução. Quando um grande personagem, um marechal de França, um príncipe, um duque, um par, atravessava uma cidade da Champagne ou da Borgonha, a Câmara Municipal vinha saudá-lo e lhe apresentava quatro taças de prata nas quais haviam vertido quatro tipos de vinhos diferentes. Na primeira taça, lia-se esta inscrição: vi*nho do macaco*; na segunda, vi*nho do leão*; na terceira, vi*nho do carneiro*; na quarta, vi*nho do porco*. As quatro inscrições exprimiam os quatro graus de um bêbado; primeiro, a embriaguez que alegra; segundo, a que enraivece; terceiro, a que entontece; quarto, a que embrutece.

A mesma Irmã conservara fechado num armário certo objeto misterioso ao

qual era muito apegada. A regra de Fontevrault não o proibia.

Ela não gostava de mostrar esse objeto a ninguém. Fechava-se na cela, o que lhe era permitido pela sua regra, e se escondia todas as vezes que o queria ver. Se ouvia alguém andar pelo corredor, tornava a fechar o armário tão depressa quanto lho permitiam as mãos trêmulas. Se alguém tocava no assunto, ela, que gostava tanto de falar, ficava em silêncio. As mais curiosas não prosseguiam diante de seu silêncio, e as mais obstinadas desanimavam diante de tanta obstinação. Isso servia de assunto para todas as horas de ócio e tédio do convento. Que poderia ser essa coisa tão preciosa, tão secreta que constituía o tesouro da centenária anciã? Sem dúvida, algum livro sagrado, algum rosário raríssimo, alguma relíquia autêntica? Todos se perdiam em conjecturas. À morte da pobre velhinha, correram ao armário, talvez mais depressa do que convinha, e o abriram. Encontraram o objeto oculto sob tríplice linho como uma pátena sagrada. Era um prato de Faenza representando amores esvoaçando, perseguidos por jovens praticantes de farmácia armados de enormes seringas. A perseguição é pródiga de detalhes engraçados. Um dos amores está todo machucado. Debate-se, agita as pequeninas asas e tenta ainda voar, mas seu perseguidor ri-se satanicamente. Moral: o amor vencido pela cólica. Esse prato, aliás bastante curioso, e que talvez tenha tido a honra de inspirar Molière, existia ainda em setembro de 1845; estava à venda numa loja de antiguidades na Rue Beaumarchais.

A boa velhinha não queria receber nenhuma visita – *porque* – dizia ela – *o locutório era muito triste*.

X | ORIGEM DA ADORAÇÃO PERPÉTUA

Com efeito, aquele locutório sepulcral, do qual procuramos dar uma ideia, é um fato local que não se reproduz com a mesma severidade em outros conventos. No convento da Rue du Temple, em particular, que, na verdade, pertencia a outra ordem, as persianas pretas eram substituídas por cortinas de cor marrom e o próprio locutório era uma sala assoalhada, com janelas emolduradas por bambinelas de musselina branca e as paredes enfeitadas por grande variedade de quadros, como, por exemplo, uma beneditina de rosto descoberto, ramalhetes de flores a óleo e até uma cabeça de turco.

É no jardim do convento da Rue du Temple que se encontrava o castanheiro-da-índia que passava como sendo o mais belo e o maior da França e que tinha,

entre o bom povo do século XVIII, a fama de ser o *pai de todos os castanheiros do reino*.

Como já dissemos, esse convento da Rue du Temple estava ocupado pelas beneditinas da Adoração Perpétua, beneditinas bem diferentes das que provinham de Cister. Essa ordem da Adoração Perpétua não é tão antiga e sua origem data de menos de dois séculos. Em 1649, o Santíssimo Sacramento foi profanado duas vezes, com alguns dias de intervalo, em duas igrejas de Paris: em Saint-Sulpice e em Saint-Jean-Grève, sacrilégio horrível e raro que emocionou toda a cidade. O Vigário-Geral de Saint-Germain-de-Prés ordenou que se fizesse procissão solene com a participação de todo o clero, sendo oficiante o Núncio Papal. Mas essa expiação não pareceu suficiente a duas nobres senhoras, Mme. Courtin, Marquesa de Boucs, e a Condessa de Châteauvieux. O ultraje feito ao "Santíssimo Sacramento do Altar", embora passageiro, não saiu mais da lembrança dessas duas santas almas e pareceu-lhes não poder ser reparado senão por uma "Adoração Perpétua" em algum convento de freiras. Ambas, uma em 1652, outra em 1653, doaram fortunas respeitáveis a Madre Catherine de Bar, chamada do Santo Sacramento, para fundar, com essa piedosa finalidade, um mosteiro da ordem de São Bento. A primeira permissão para a nova fundação foi dada a Madre Germain, "com a condição de que nenhuma moça pudesse ser recebida se não trouxesse consigo trezentos francos de pensão, o que soma um capital de seis mil francos". Depois do Vigário de Saint-Germain, o Rei concedeu três cartas patentes, e tudo, a licença abacial e as cartas reais, foi homologado em 1654 no Tribunal de Contas e no Parlamento.

Essa é a origem e a consagração legal do estabelecimento das beneditinas da Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento em Paris. Seu primeiro convento foi construído na Rue Cassette com o dinheiro das senhoras de Boucs e de Châteauvieux.

Essa ordem, como se vê, não se confundia absolutamente com as beneditinas de Cister. Dependia do Vigário de Saint-Germain-des-Prés, da mesma maneira que as damas do Sagrado Coração dependem do Geral dos jesuítas e as Irmãs de Caridade, do Geral dos lazaristas.

Eram também completamente diferentes as bernardas do Petit-Picpus, cujo convento acabamos de descrever. Em 1657, o Papa Alexandre VII, por um breve especial, autorizou as bernardas do Petit-Picpus a praticarem a Adoração Perpétua como faziam as beneditinas do Santíssimo Sacramento. Mas as duas ordens continuaram independentes.

XI | FIM DO PETIT–PICPUS

Desde o início da Restauração o convento do Petit-Picpus estava em decadência, seguindo a morte geral de toda a ordem, a qual, depois do século XVIII, começou a desaparecer como as demais ordens religiosas. A contemplação, como a oração, é uma necessidade do gênero humano; mas, como tudo o que a Revolução tocou, deve transformar-se e, de hostil ao progresso social, tornar-se favorável.

A casa do Petit-Picpus se esvaziava rapidamente. Em 1840, o pequeno convento desapareceu, como também o pensionato. Não existiam mais nem as velhas senhoras nem as meninas; as primeiras morreram, as outras foram-se embora. *Volaverunt*.

A regra da Adoração Perpétua é de tal rigidez que assusta. As vocações são poucas e a ordem não consegue subsistir. Em 1845, conseguia-se daqui e dali uma ou outra irmã conversa; *mas professas*, nenhuma. Há quarenta anos, as religiosas eram quase cem; há quinze anos, não passavam de vinte e oito. Quantas são atualmente? Em 1847, a Priora era jovem, sinal de que o círculo de escolha era bem restrito. Não tinha ainda quarenta anos. À medida que o número diminuía, a fadiga aumentava, os deveres tornavam-se cada vez mais pesados; via-se, desde então, aproximar-se o momento em que elas não seriam mais do que uma dúzia de ombros doloridos e curvados para carregar a pesada regra de São Bento. O fardo é implacável e pesa tanto para poucas como para muitas. Pesa e esmaga; por isso elas morrem. No tempo em que o autor deste livro morava em Paris, morreram duas. Uma tinha vinte e cinco anos; a outra, vinte e três. Esta última poderia dizer como Julia Alpinula: – *Hic jaceo; vixi annos viginti et tres*.[98] Foi por causa dessa decadência que o convento renunciou à educação das meninas.

Não pudemos passar diante daquele casarão extraordinário, desconhecido, obscuro, sem entrar, levando conosco os espíritos que nos acompanham e que nos ouvem contar, talvez para utilidade de alguns, a triste história de Jean Valjean. Entramos no meio daquela comunidade cheia de tantas velhas práticas que ainda hoje nos parecem novidades. É o jardim fechado. *Hortus conclusus*. Falamos desse lugar singular detalhada mas respeitosamente, tanto quanto é possível conciliar respeito e detalhes. Não compreendemos tudo, mas não insultamos coisa alguma. Estamos a igual distância do hosana de Joseph de Maistre, que chega a consagrar o carrasco, e do riso de Voltaire, que chega a zombar do crucifixo.[99]

Ilogismo de Voltaire, digamos de passagem, pois Voltaire teria defendido Jesus Cristo como defendeu Calas;[100] e mesmo para os que negam as encarnações sobre-humanas, o que representa o crucifixo? O sábio assassinado.

No século XIX, a ideia religiosa estava em crise. Esquecem-se algumas coisas, e isso é bom, contanto que, esquecendo-se umas, se aprendam outras novas. Nada de vazios no coração do homem. Fazem-se algumas demolições, e é até bom que se façam, contanto que sejam seguidas de reconstruções.

Enquanto esperamos, estudemos as coisas que já não existem. É preciso que as conheçamos, embora unicamente para evitá-las. As contrafações do passado às vezes tomam falsos nomes e se denominam, de bom grado, futuro. Esse fantasma, o passado, é muito sujeito a falsificar o seu passaporte. Tomemos cuidado com essas armadilhas. Desconfiemos. O passado tem um rosto, a superstição, e uma máscara, a hipocrisia. Descubramos-lhe o rosto e arranquemos-lhe a máscara.

Quanto aos conventos, eles oferecem um problema muito complexo. Questão de civilização, que os condena; questão de liberdade, que os protege.

LIVRO SÉTIMO
PARÊNTESE

I | O CONVENTO, IDEIA ABSTRATA

Este livro é um drama cujo primeiro personagem é o infinito.

O homem é o segundo.

Assim, como encontramos um convento no nosso caminho, nos vimos obrigados a entrar. Por quê? Porque o convento, comum ao Oriente e ao Ocidente, à Antiguidade como aos tempos modernos, ao paganismo, ao budismo, ao maometanismo como ao cristianismo, é um dos aparelhos de óptica usados pelo homem para divisar o infinito.

Não é este o lugar próprio para desenvolver completamente certas ideias; contudo, guardando cuidadosamente nossas reservas, nossas restrições e mesmo a nossa indignação, devemos dizer que todas as vezes em que encontramos no homem o infinito, bem ou mal compreendido, sentimo-nos tomados de respeito. Tanto na sinagoga como na mesquita, como no pagode, como no *wigwam*,[101] há um lado hediondo que condenamos e um lado sublime que adoramos. Que contemplação para o espírito e que sonho sem limites é o brilho de Deus nos templos dos homens!

II | O CONVENTO COMO FATO HISTÓRICO

Do ponto de vista da história, da razão e da verdade, o monaquismo é condenado.

Os mosteiros, quando são muito numerosos em uma nação, são empecilhos à circulação, são estabelecimentos embaraçantes, centros de preguiça onde seriam necessários centros de atividade. As comunidades monásticas estão para a grande comunidade social assim como o parasita para uma árvore ou a verruga para o corpo humano. Sua prosperidade e nutrição representam o empobrecimento de toda uma região. O regime monacal, bom no começo das

civilizações, útil para produzir a redução da brutalidade pelo espírito, é pernicioso à virilidade dos povos. Ou, por outra, quando este se afrouxa e entra em seu período de desregramento, como é ele que continua a dar o exemplo, torna-se mau por todas as mesmas razões que o tornavam salutar em seu período de pureza.

O enclaustramento já teve seu tempo. Os claustros, úteis à primeira educação da civilização moderna, foram incômodos no seu crescimento e nocivos no seu desenvolvimento. Como constituição e modelo para a formação do homem, os mosteiros, bons no século II, discutíveis no XV, são detestáveis no século XIX. A lepra monacal quase que roeu até o esqueleto duas admiráveis nações, a Itália e a Espanha, uma a luz, outra o esplendor da Europa durante séculos inteiros, e, na época em que estamos, esses dois povos ilustres só começam a se restabelecer graças à sã e vigorosa higiene de 1789.

O convento, em particular o antigo convento de mulheres, tal como ainda aparece no início deste século na Itália, na Áustria e na Espanha, é uma das mais sombrias incrustações da Idade Média. O claustro católico propriamente dito está todo impregnado do clarão sombrio da morte.

O convento espanhol é, sobretudo, fúnebre. Lá se elevam na escuridão, sob abóbadas cheias de névoa, debaixo de cúpulas quase invisíveis pelas sombras, maciços altares babélicos, altos como catedrais; ali pendem presos a correntes imensos crucifixos brancos; ali se estendem, nus sobre cruzes de ébano, grandes Cristos de marfim, mais que ensanguentados, sangrentos, horríveis e magníficos, os cotovelos mostrando os ossos, as rótulas com os tegumentos expostos, as chagas em carne viva, coroados de espinhos de prata, pregados com pregos de ouro, ostentando gotas de sangue de rubis sobre a fronte e lágrimas de diamantes nos olhos. Os diamantes e os rubis parecem úmidos e comovem até às lágrimas, a seus pés, sombras veladas, com os rins macerados por cilícios e disciplinas com pontas de ferro, os seios esmagados por tranças de vime, os joelhos esfolados de tanto rezar; mulheres que se julgam esposas, espectros que se creem serafins. Será que essas mulheres pensam? Não. Têm vontade própria? Não. Amam, por acaso? Não. Vivem? Não. Seus nervos transformaram-se em ossos; seus ossos transformaram-se em pedras. Seus véus são feitos com as trevas da noite. Sua respiração assemelha-se a não sei que trágica respiração da morte. A abadessa, a larva, as santifica e aterroriza. A imaculada ali está, feroz. Tais são os velhos mosteiros da Espanha. Guaridas da devoção terrível, antros de virgens, lugares perigosos.

A Espanha católica é mais romana que a própria Roma. O convento espanhol

é o convento católico por excelência. Sente-se aí o Oriente. O arcebispo, *Kislar-aga* [102] do céu, castiga e espiona esse serralho de amas reservadas a Deus. A freira era a odalisca; o padre, o eunuco. As mais piedosas eram escolhidas em sonho para possuírem Cristo. À noite, o belo mancebo nu descia da cruz e se transformava no êxtase da cela. Altas muralhas preservavam de qualquer distração a mística sultana que tinha o crucificado por sultão. Um olhar para o exterior já era considerado infidelidade. O *in pace* substituiu o saco de couro. [103] O que no Oriente se jogava ao mar, no Ocidente se jogava à terra. De ambos os lados, a agonia e a aflição das mulheres; as ondas para umas, a sepultura para outras; aqui as afogadas, lá as enterradas. Paralelismo monstruoso.

Atualmente, os defensores do passado, não podendo negar essas verdades, resolveram rir-se delas. Puseram em moda uma maneira cômoda e estranha de suprimir as revelações da história, de suspeitar dos comentários da filosofia, de desfigurar todos os fatos embaraçosos, todas as questões obscuras. *Assunto para declamações* – dizem os mais hábeis. – Declamações – repetem os ignorantes. Jean-Jacques, declamador; Diderot, declamador; Voltaire, a respeito de Calas, Labarre e Sirven, declamador.[104] Não sei quem descobriu ultimamente que Tácito também era declamador, que Nero era uma vítima e que, decididamente, é preciso apiedar-se daquele “pobre Holofernes”.

Contudo, os fatos não são tão fáceis de se desfigurar e continuam os mesmos. O autor deste livro viu, com seus próprios olhos, a oito léguas de Bruxelas, onde há restos da Idade Média que todos conhecem, na abadia de Villers, o lugar das masmorras no meio do campo, antigo pátio do claustro, e, nas margens do Dyle, quatro calabouços de pedra, metade sobre a terra, metade debaixo da água. Eram os *in pace*. Cada um desses cárceres tem uma porta de ferro, uma privada e uma claraboia gradeada que, do lado de fora, está dois pés acima da margem, e, do lado de dentro, seis pés abaixo do solo. Ao longo da parte exterior da parede, corre a água do rio a uma altura de quatro pés. O chão está sempre úmido. O habitante dos *in pace* tinha por leito essa terra molhada. Em um desses calabouços existe ainda um pedaço de corrente chumbado à parede; em outro vê-se uma espécie de caixa quadrada feita de quatro lajes de granito, muito curta para servir de leito e muito baixa para que um homem pudesse pôr-se ali de pé. Colocava-se no seu interior uma pobre criatura e cobriam-na com uma pedra. É isso mesmo. Está claro. Pudemos constatá-lo com as nossas próprias mãos. Aqueles *in pace*, aqueles cárceres, aqueles gonzos de ferro, aquelas correntes, aquela claraboia abaixo da qual correm as águas do rio, aquela caixa de pedra fechada por uma tampa de granito como se fora uma sepultura, com a diferença

de que ali o cadáver estava vivo, aquele chão de lama, aqueles buracos de privadas, aquelas paredes gotejantes, que declamadores!

III | SOB QUE CONDIÇÃO PODEMOS RESPEITAR O PASSADO

O monaquismo, tal como existia na Espanha e como existe ainda no Tibete, é para a civilização uma espécie de tísica. Corta completamente a vida. Despovoa do modo mais simples. Enclaustramento é o mesmo que castração. Foi um verdadeiro flagelo na Europa. Acrescentem a isso tudo as violências frequentes perpetradas contra as consciências, as vocações forçadas, o feudalismo apoiando-se no claustro, o direito de primogenitura lançando para os conventos o excedente das famílias, as atrocidades que acabamos de descrever, os *in pace*, as bocas impedidas de falar, os cérebros murados, tantas inteligências desafortunadas jogadas nos cárceres dos votos perpétuos, a tomada de hábito, o sepultamento de tantas almas cheias de vida. Acrescentem ainda os suplícios individuais, as degradações nacionais, e quem quer que seja se sentirá amedrontado diante da roupeta e do véu, dois sudários de invenção humana.

Contudo, em certos pontos, em certos lugares, a despeito da filosofia, a despeito do progresso, o espírito claustral persiste em pleno século XIX, e uma estranha recrudescência do ascetismo provoca neste momento o espanto de todo o mundo civilizado. A obstinação de instituições caducas, desejosas de se perpetuarem, assemelha-se muito à obstinação do perfume estragado que quisesse continuar a untar-nos os cabelos, ou à pretensão de um peixe podre que ainda quisesse ser saboreado, ou à teima das roupas da criança que quisessem vestir o adulto, à ternura de cadáveres que voltassem para abraçar os vivos.

– Ingrato! – dizem as roupas. – Eu o protegi durante o mau tempo. Por que não me quer mais? – Eu venho do mar alto – diz o peixe. – Eu já fui rosa – diz o perfume. – Eu o amei – diz o cadáver. – Eu lhes dei a civilização – diz o convento.

Para tudo isso há uma única resposta: – Outrora.

Sonhar com a prolongação indefinida das coisas defuntas e o governo dos homens por embalsamento, restaurar os dogmas em péssimo estado, redourar as molduras, reconstruir os claustros, tornar a benzer os relicários, reviver as superstições, reabastecer o fanatismo, pôr novos cabos nos sabres e nos hissopes, reconstituir o monaquismo e o militarismo, crer na salvação da sociedade pela multiplicação dos parasitas, impor o passado ao presente, isso tudo é muito

estranho. Contudo, há também teóricos para semelhantes teorias. Esses teóricos, aliás muito espirituosos, procedem de um modo bastante simples; aplicam sobre o passado um verniz que eles chamam de ordem social, direito divino, moral, família, respeito aos mais velhos, autoridade antiga, tradição sagrada, legitimidade, religião e põem-se a gritar: – Vejam! Façam como eles, boa gente! – Essa lógica era muito conhecida pelos antigos. Os arúspices já a praticavam. Eles pintavam com alvaiade um novilho preto e diziam: – É branco. *Bos cretatus*.

Quanto a nós, respeitamos em um ponto ou outro, e até poupamos, o passado, contanto que consinta em ficar morto. Se quiser continuar a viver, nós o atacaremos e tudo faremos para que morra.

Superstições, bigotismo, hipocrisia, preconceitos, larvas, pois não passam de larvas, são extremamente agarrados à vida, têm dentes e unhas em sua vaidade, e é preciso combatê-los corpo a corpo e fazer-lhes guerra sem trégua; porque uma das fatalidades da humanidade é ser condenada ao eterno combate de fantasmas. É difícil agarrar a sombra pelo pescoço e destruí-la.

Um convento na França, em pleno meio-dia do século XIX, é uma reunião de corujas querendo enfrentar a luz do dia. Um claustro, em flagrante delito de ascetismo bem no meio da cidade de 89, de 1830 e de 1848, Roma expandindo-se em Paris, é um anacronismo. Em termos comuns, para fazê-lo desaparecer bastaria fazê-lo soletrar o milésimo do ano de seu nascimento. Mas não estamos em tempos comuns.

Combatamos.

Combatamos, mas distingamos. É próprio da verdade não se exceder jamais. Que necessidade tem ela de exagerar? Há o que é preciso destruir, há o que é preciso simplesmente esclarecer e vigiar. Que força se oculta num exame sério e ponderado! Não vamos levar fogo aonde basta a luz.

Assim, considerando o século XIX, somos contrários, em tese geral, e entre todos os povos, tanto na Ásia como na Europa, tanto nas Índias como na Turquia, aos enclaustramentos ascéticos. Quem diz convento, diz pântano. Sua capacidade de deterioração é evidente, sua estagnação é malsã, sua fermentação enfraquece os povos e os estiola, sua multiplicação é uma praga do Egito. Não podemos pensar sem medo nesses países onde faquires, bonzos, monges turcos, calógeros, marabus, talapões e dervixes pululam como vermes.

Dito isso, a questão religiosa subsiste ainda. O problema tem muitos pontos de vista misteriosos, quase assustadores; seja-nos permitido encará-los de frente.

IV | O CONVENTO DO PONTO DE VISTA DOS PRINCÍPIOS

Alguns homens se reúnem para morar em comum. Em virtude de que direito? Em virtude do direito de associação.

Fecham-se em suas casas. Em virtude de que direito? Em virtude do direito que tem todo homem de abrir ou de fechar a porta de sua casa.

Não saem nunca. Em virtude de que direito? Em virtude do direito que cada um tem de ir e vir, que envolve o direito de ficar em casa.

Lá, em suas casas, que fazem eles?

Falam à meia-voz, andam de olhos baixos, trabalham. Renunciam ao mundo, às cidades, às sensualidades, aos prazeres, às vaidades, ao orgulho, aos interesses. Vestem-se de lã grosseira ou de fazendas rústicas. Nenhum deles é proprietário do que quer que seja. Ao entrar, o que era rico faz-se pobre. O que ainda tem algo, dá-o aos outros. Aquele que chamamos de nobre, gentil-homem, senhor, é igual ao camponês. As celas são idênticas para todos. Todos se submetem à mesma tonsura, vestem a mesma roupa, comem o mesmo pão negro, dormem na mesma palha, morrem sobre as mesmas cinzas. O mesmo saco às costas, a mesma corda cingindo os rins. Se resolveram andar de pés descalços, todos andam de pés descalços. Pode haver entre eles um príncipe, mas não passa de uma sombra, como os outros. Não existem mais títulos. Os próprios nomes das famílias desaparecem. Tratam-se pelo primeiro nome. Todos se curvam sob a igualdade dos nomes de batismo. Dissolveram a família carnal e constituíram, em sua comunidade, uma família espiritual. Não têm outros parentes que não todos os homens. Socorrem os pobres, cuidam dos doentes. Elegem aqueles aos quais obedecem. Chamam-se mutuamente de *meu irmão*.

Os leitores me interromperão dizendo: – Mas esse é o convento ideal!

Basta que o convento seja possível para que eu o registre aqui.

Daí provém o ter eu falado dos conventos, no livro precedente, de modo respeitoso. Tirando-se a Idade Média, tirando-se a Ásia, reservando-se o problema histórico e político, do ponto de vista filosófico puro, fora das necessidades da polêmica militante, pondo a condição de que o claustro seja absolutamente voluntário e não encerre senão voluntários, considerarei sempre a comunidade claustral com certa gravidade atenta e, sob alguns aspectos, condescendente. Onde existe uma comunidade, existe uma comuna, e, havendo uma comuna, aí está o direito. O mosteiro é o produto da fórmula: Igualdade, Fraternidade. Oh! como é grande a liberdade! E que esplêndida transfiguração! Basta a liberdade para transformar um convento numa república.

Continuemos.

Mas esses homens, essas mulheres, fechados entre quatro paredes, vestem-se de buréis, tornam-se iguais, chamam-se de irmãos, está bem; mas não fazem outra coisa?

Sim.

O quê?

Fitam a sombra, põem-se de joelhos e juntam as mãos.

O que significa isso?

V | A ORAÇÃO

Eles oram.

A quem?

A Deus.

Que quer dizer orar a Deus?

Existe um infinito fora de nós? Esse infinito é uno, imanente, permanente; necessariamente substancial, desde que é infinito, se tivesse necessidade da matéria, seria por ela limitado; necessariamente inteligente, pois é infinito, faltando-lhe a inteligência, seria por ela circunscrito? Esse mesmo infinito desperta em nós a ideia de essência, enquanto não podemos atribuir a nós mesmos senão a ideia de existência? Em outros termos, não é ele absoluto, enquanto nós somos relativos?

Ao mesmo tempo que existe um infinito ao nosso redor, há algum infinito dentro de nós? Esses dois infinitos (plural medonho!) não se sobrepõem um ao outro? O segundo infinito não está, por assim dizer, sob o primeiro? Não é, por acaso, o espelho, o reflexo, o eco, o abismo concêntrico de outro abismo? Esse segundo infinito é também inteligente? Pensa? Ama? Quer? Se os dois infinitos são inteligentes, cada um deles tem um princípio volitivo, e existe um *ego* tanto no infinito superior como no inferior. O *ego* inferior é a alma; o *ego* superior é Deus.

Pôr, pelo pensamento, o infinito interior em contato com o infinito superior chama-se rezar.

Nada roubemos ao espírito humano; suprimir não é bom. É preciso reformar, transformar. Algumas faculdades do homem são dirigidas para o Desconhecido: o pensamento, o sonho, a oração. O Desconhecido é um oceano. Que é a

consciência? É a bússola do Desconhecido. O pensamento, o sonho, a oração são os seus resplendores misteriosos. Respeitemo-los. Para onde se dirigem essas irradiações majestosas da alma? Para a sombra, isto é, para a luz.

A grandeza da democracia está em nada negar e em nada renegar no que toca à humanidade. Bem perto dos direitos do Homem, ao menos ao lado, estão os direitos da alma.

Esmagar o fanatismo e venerar o infinito, aí está a lei. Não nos limitemos a nos ajoelhar à sombra da árvore da Criação, e a contemplar-lhe os imensos ramos carregados de astros. Temos um dever: trabalhar para a alma humana, defender os mistérios contra os milagres, adorar o incompreensível e rejeitar o absurdo, não admitir o inexplicável senão na medida necessária, sanar a crença, separar as superstições da religião, destruir as lagartas que encobrem a ideia de Deus.

VI | A BONDADE ABSOLUTA DA ORAÇÃO

Quanto aos modos de rezar, todos são igualmente bons, desde que sejam sinceros. Virem o livro às avessas e depararão com o infinito.

Existe, nós o sabemos, uma filosofia que nega o infinito. Existe também outra filosofia, classificada patologicamente, que nega o sol; essa filosofia chama-se cegueira.

Erigir um sentido que nos falta em fonte de verdade é uma bela aventura de cegos.

O curioso são os ares altivos, superiores, compassivos que toma, frente à filosofia que vê a Deus, essa filosofia às apalpadelas. Julgamos ouvir uma toupeira exclamar: – Compadeço-me deles com o seu sol!

Existem, bem o sabemos, ateus ilustres e poderosos. Estes, no íntimo, chamados à verdade, por seu próprio poder, não estão bem certos de serem realmente ateus; para eles é apenas uma questão de definição, e, em todo caso, se não creem mesmo em Deus, sendo espíritos superiores, provam a sua existência.

Segundo o seu ponto de vista, é até possível que ele não seja para si mesmo nada mais do que uma simples “concepção do seu espírito”.

Saudamos neles os filósofos, mesmo qualificando inexoravelmente a sua filosofia.

Continuemos.

O interessante é também a facilidade com que se contentam com palavras. Uma escola metafísica do norte, não muito esclarecida, julgou fazer verdadeira revolução no intelecto humano substituindo a palavra Força pelo vocábulo Vontade.

Dizer: a planta quer, no lugar de: a planta cresce; isso seria, na verdade, fecundo se acrescentássemos: o universo quer. Por quê? É que resultaria o que segue: a planta quer, portanto, tem um *ego*; o universo quer, portanto, nele existe um Deus.

Quanto a nós, que aliás, ao contrário dessa escola, nada rejeitamos *a priori*, parece-nos mais difícil admitir a vontade da planta, aceita por essa escola, do que a vontade no universo, negada por ela.

Negar a vontade do infinito, isto é, negar a Deus, é-nos tão impossível como negar o próprio infinito. Já o demonstramos.

A negação do infinito leva diretamente ao niilismo. Tudo se transforma em simples “concepção do espírito”.

Com o niilismo, torna-se impossível qualquer discussão, porque o niilista lógico duvida da existência de seu interlocutor, e não está certo nem da própria existência.

Entretanto, não repara que tudo o que negou, ele próprio admite pela única pronúncia desta palavra: espírito.

Em suma, nenhum caminho está aberto no pensamento para uma filosofia que resume tudo no monossílabo: Não.

Para o Não, há uma única resposta, o Sim.

O niilismo não tem alcance.

O nada não existe. O zero não existe. Tudo é alguma coisa. Nada é absolutamente nada.

O homem vive mais de afirmações que de pão.

Ver e mostrar não é suficiente. A filosofia deve ser uma energia; deve ter como fim e efeito a transformação do homem para melhor. Sócrates deve introduzir-se em Adão e produzir Marco Aurélio. Em outras palavras, fazer surgir do homem feliz o homem sábio. Mudar o Éden em liceu. A ciência deve ser um verdadeiro cordial. Gozar, que fim triste, que mesquinha ambição! A besta é que goza. Pensar, eis aí o verdadeiro triunfo da alma. Estender o pensamento à sede dos homens, dar a todos eles o elixir da poção de Deus, conseguir fraternizar em seu íntimo a consciência e a ciência, torná-los justos por meio desse misterioso confronto, tal é a função da verdadeira filosofia. A

moral é um resplendor de verdades. A contemplação conduz à ação. O absoluto deve tornar-se prático. É indispensável que o ideal seja respirável, potável e comível para o espírito humano. É o ideal que tem o direito de dizer: – *Tomai, isto é a minha carne, isto é o meu sangue*.[105] – A sabedoria é uma união sagrada. É com essa única condição que ela cessa de ser amor estéril à ciência para se tornar o modo número um, a maneira soberana do consenso universal, elevando-se de filosofia a religião.

A filosofia não deve ser uma sacada aberta para o mistério, para o contemplar à vontade, sem outro resultado além de se tornar cômoda à curiosidade.

Quanto a nós, adiando o desenvolvimento de nosso modo de pensar para outra ocasião, limitamo-nos a dizer que não compreendemos nem o homem como ponto de partida, nem o progresso como fim sem estas duas forças motoras: crer e amar.

O progresso é o fim, o ideal é o tipo.

Que é o ideal? É Deus.

Ideal, absoluto, perfeição, infinito, são palavras idênticas.

VII | PRECAUÇÕES INDISPENSÁVEIS À CENSURA

A história e a filosofia têm deveres eternos que são ao mesmo tempo simples deveres; combater o Pontífice Caifás, o Juiz Draco, o Legislador Trimalcião, o Imperador Tibério, é claro, evidente, límpido; não oferece dificuldade alguma.[106] Mas o direito de viver à parte, mesmo com seus inconvenientes e abusos, deve ser julgado e poupado. O cenobitismo é um problema humano.

Quando se fala dos conventos, lugares de erro, mas de inocência, de alucinações, mas de boa vontade, de ignorância, mas de devotamento, de suplício, mas de martírio, é quase sempre necessário dizer sim ou não.

Um convento é uma contradição. Como fim último, a salvação; como meio, o sacrif ício. O convento é o supremo sacrif ício tendo como resultado a suprema abnegação.

Abdicar para reinar parece ser a divisa do monaquismo.

No claustro, sofre-se para depois gozar; saca-se uma letra de câmbio sobre a morte. Desconta-se em noite terrestre a luz celestial. No claustro, o inferno é aceito como herança antecipada sobre o paraíso.

A tomada do hábito ou do véu é um suicídio recompensado com a eternidade.

Não nos parece que em semelhante assunto haja lugar para zombarias. Tudo nele é sério, tanto o bem como o mal.

O homem limita-se a franzir os sobrolhos, mas jamais sorri com malícia. Compreendemos a cólera, mas nunca a malignidade.

VIII | FÉ E LEI

Ainda algumas palavras.

Censuramos a Igreja quando saturada de intrigas, desprezamos o espiritual que não poupa o temporal, mas honramos sempre o homem que pensa.

Saudamos quem se ajoelha.

Uma vez ao menos isso é indispensável ao homem. Desgraçado de quem não crê em nada!

Não se está ocioso quando se está absorvido. Existe o trabalho visível e o invisível.

Contemplar é trabalhar; pensar é agir.

Os braços cruzados trabalham, as mãos juntas não estão desocupadas. Olhar para o céu é uma ocupação.

Tales ficou quatro anos imóvel.[107] Fundou a filosofia.

Para nós os cenobitas não são ociosos, e os solitários não são inúteis.

Meditar à sombra é coisa muito séria.

Sem negar nada do que acabamos de dizer, cremos que a constante lembrança da sepultura seja útil aos vivos. Sobre esse ponto, o padre e o filósofo estão de acordo. *É preciso morrer*. O abade da trapa replica a Horácio.[108]

Introduzir na vida certa presença do sepulcro é a lei do sábio e do asceta. Nesse ponto, o sábio e o asceta também estão de acordo.

Temos o crescimento material; desejamo-lo. Temos também o crescimento moral, ao qual damos a maior importância.

Os espíritos irrefletidos e apressados dizem:

– Para que servem essas figuras imóveis voltadas para o mistério? Que fazem elas?

Em presença da obscuridade que nos cerca e que nos espera, ignorando o que a dispersão universal fará de nós, respondemos: – Talvez não haja obras mais sublimes do que as que fazem essas almas. – E acrescentamos: – Talvez não exista trabalho mais útil.

É preciso que haja os que sempre rezam para compensar os que não rezam nunca.

Para nós, todo o problema se resume na quantidade de pensamentos que se unem à oração.

Leibniz rezando, que coisa grandiosa![109] Voltaire adorando, que belo espetáculo! *Deo erexit Voltaire*.[110]

Somos pela religião contra as religiões.

Somos daqueles que creem na miséria das orações e na sublimidade da prece.

Quanto ao mais, neste minuto que estamos atravessando e que, felizmente, não deixará impresso no século XIX a própria figura, nesta hora em que tantos homens têm a fronte inclinada e a alma pouco elevada, entre tantas criaturas que têm por moral o gozo, preocupadas com as coisas passageiras e disformes da matéria, tudo o que se separa nos parece digno da veneração. O mosteiro é uma renúncia. O sacrifício, embora com fins errôneos, não deixa de ser sacrifício. Tomar como dever um erro de tanta severidade tem a sua grandeza.

Tomado em si, e idealmente, e para contornar a verdade até o esgotamento imparcial de todos os seus aspectos, o mosteiro, sobretudo o convento de freiras – porque, na nossa sociedade, a mulher é quem sofre mais, e nesse exílio dos claustros há um protesto –, o convento de mulheres tem incontestavelmente certa majestade.

Essa existência claustral tão austera e triste, de que acabamos de traçar alguns aspectos, não é vida porque não é liberdade; não é o túmulo porque não é a plenitude; é o lugar estranho, de onde se vê, como da crista de uma montanha, de um lado, o abismo em que nos achamos, do outro, o abismo onde nos encontraremos; é uma fronteira estreita e nevoenta separando dois mundos, ao mesmo tempo iluminada e obscurecida por ambos, onde a luz enfraquecida da vida se confunde com a vaga luz da morte; é a penumbra da sepultura.

Quanto a nós, que não cremos no que creem essas mulheres, mas que vivemos, como elas, pela fé, não fomos capazes de considerar, sem uma espécie de terror religioso e terno, sem uma espécie de piedade cheia de inveja, essas criaturas devotadas, trêmulas e confiantes, essas almas humildes e sublimes que ousam viver à beira do mistério, esperando, entre o mundo que lhes está fechado e o céu que ainda não está aberto, voltadas para a claridade invisível, tendo como única felicidade a certeza de saber onde ela está, atraídas pelo abismo e pelo desconhecido, olhos fixos nas trevas imóveis, ajoelhadas, fora de si, admiradas, convulsas, meio despertas, em certas horas, pelos sopros profundos da

eternidade.

LIVRO OITAVO

OS CEMITÉRIOS RECEBEM O QUE LHES DÃO

I | COMO ENTRAR NO CONVENTO

Foi nessa casa que Jean Valjean, como disse Fauchelevent, havia “caído do céu”.

Saltara pelo muro do jardim que dava para a Rue Polonceau. As vozes de anjos que ouvira no meio da noite eram as religiosas cantando as matinas; a sala que entrevira na penumbra era a capela; o fantasma estendido ao chão era a irmã que “fazia a reparação”; o guizo, cujo tinido estranho tanto o havia surpreendido, era o guizo do jardineiro, ligado à joelheira de Fauchelevent.

Depois de acomodar Cosette, Jean Valjean e Fauchelevent, como já vimos, cearam ao calor de um bom lume; estando o único leito da choupana ocupado por Cosette, ambos se deitaram sobre feixes de palha.

Antes de adormecer, Jean Valjean disse: – É preciso que eu fique por aqui. – Essas palavras agitaram-se durante toda a noite no pensamento de Fauchelevent.

Para dizer a verdade, nem um nem outro dormiram realmente.

Jean Valjean, sentindo-se descoberto, com Javert no encalço, compreendia muito bem que ele e Cosette estariam perdidos se voltassem a Paris. E, desde que a última rajada de vento o fizera encalhar naquele claustro, resolveu ficar ali. Ora, para um desgraçado que se achasse na sua posição, aquele convento era, ao mesmo tempo, o lugar mais perigoso porque, se nenhum homem podia lá entrar e o descobrissem justamente ali, era um delito flagrante, e Jean Valjean estava a um passo da prisão; e o mais seguro porque, se conseguisse ser aceito e pudesse continuar morando naquele convento, quem o iria procurar? Esconder-se num lugar vedado aos demais era a salvação.

Fauchelevent, por seu lado, perdia-se em conjecturas. Começou por declarar que não estava entendendo nada. Como podia o Sr. Madeleine estar ali, com os muros tão altos, que fechavam o jardim? Muros de convento não se saltam nunca. E a menina? Ninguém pode escalar um muro com uma criança nos braços. Quem poderia ser aquela criança? De onde vinham os dois? Desde que Fauchelevent estava no convento, não ouvira mais falar de Montreuil-sur-Mer e

nada sabia de tudo o que havia acontecido. O Sr. Madeleine tinha uma expressão que o desencorajava a fazer perguntas, e, além do mais, Fauchelevent dizia consigo mesmo: “Não se fazem perguntas a um santo”. Madeleine, para ele, continuava com todo o seu prestígio. Somente por algumas palavras escapadas de Jean Valjean é que o jardineiro pôde imaginar que, provavelmente, o Sr. Madeleine falira, em consequência de alguma crise econômica, vendo-se perseguido por seus credores; ou, então, havia-se comprometido em algum acordo político devendo esconder-se, o que não desagradou muito a Fauchelevent, que, como muitos de nossos camponeses do Norte, era, no fundo, bastante bonapartista. Fugindo, o Sr. Madeleine havia escolhido o convento como asilo e era claro que quisesse ficar ali. Mas o ponto inexplicável, para o qual Fauchelevent voltava sempre, sem conseguir solucioná-lo, era este: de que modo Madeleine conseguira entrar com aquela menina? Fauchelevent podia vê-los, tocá-los, falar com eles, mas não podia acreditar. O incompreensível acabava de penetrar na choupana do hortelão. Fauchelevent prosseguia tateando em suas conjecturas e só entendia uma coisa: “O Sr. Madeleine salvou-me a vida”. Essa única certeza bastava-lhe e o levou a resolver-se. Disse consigo mesmo: “Agora é a minha vez”. E acrescentou em sua consciência: “O Sr. Madeleine não raciocinou tanto quando viu que era preciso meter-se debaixo da carroça para salvar-me a vida”. E decidiu ajudá-lo.

Contudo, ainda continuava a fazer suposições: “Depois do que ele fez por mim, se ele fosse um ladrão, salvá-lo-ia ainda? Sem dúvida alguma. E se fosse um assassino? Salvá-lo-ia do mesmo modo. Mas ele é um santo e hei de salvá-lo, custe o que custar!”.

Fazer, porém, com que continuasse no convento, que problema! Diante dessa tentativa quase quimérica, Fauchelevent não recuou; aquele pobre camponês picardo, sem outra escada que sua dedicação, sua boa vontade e um pouco dessa finura camponesa, colocadas desta vez a serviço de uma intenção generosa, decidiu escalar as impossibilidades do claustro e as rudes escarpas da regra de São Bento. Fauchelevent era velho, sempre fora egoísta e, no fim da vida, aleijado, doente, não tendo mais interesse algum no mundo, achou bom mostrar-se reconhecido e, vendo uma boa ação diante de si, lançou-se a ela, como alguém que, na hora da morte, encontrasse à mão um copo de vinho do qual nunca houvesse provado e o bebesse avidamente. Poderíamos quase afirmar que o ar que ele respirava havia alguns anos naquele convento destruíra a sua personalidade, acabando por tornar-lhe necessária a prática de alguma boa ação.

Resolveu, portanto, dedicar-se inteiramente ao Sr. Madeleine.

Acabamos de qualificá-lo como um *pobre camponês picardo*. A qualificação é justa mas incompleta. No ponto em que nos achamos, torna-se útil um pouco de fisiologia a respeito de Fauchelevent. Era camponês, mas fora tabelião, o que acrescentava certa sutileza à sua finura, certa penetração na sua simplicidade. Tendo, por causas diversas, fracassado em seus negócios de tabelião, tornara-se carroceiro e operário. Mas, a despeito das pragas e chicotadas, ao que parece, indispensáveis no trato de cavalos, ainda conservava muito do tabelião. Tinha certo espírito natural; jamais dizia *nós tem* ou *nós é*; sabia conversar, coisa rara na vila; e os outros camponeses diziam a seu respeito: – Ele fala *que nem* um senhor de casaca. – Fauchelevent, com efeito, pertencia a essa espécie de gente que o vocabulário impertinente e superficial da época qualificava de *meio burguês, meio vilão,* e as metáforas, caídas dos castelos por cima das choupanas, apelidavam de *meio camponês, meio cidadão, sal e pimenta*. Fauchelevent, embora muito experimentado e provado pela sorte, como uma velha alma já mostrando o fio, era, contudo, homem de decisões rápidas e muito espontâneo, qualidade preciosa que o impedia de resvalar para a maldade. Os defeitos e vícios que tinha não passavam da superfície; em suma, sua fisionomia era daquelas que logo impressionam bem qualquer observador. Aquele velho rosto não tinha nenhuma dessas rugas vergonhosas no alto da testa, sinais de maldade ou estupidez.

Ao nascer do sol, depois de muito pensar, Fauchelevent abriu os olhos e viu Madeleine, que sentado sobre a palha, olhava Cosette adormecida. Fauchelevent sentou-se também e disse:

– Desde que o senhor já está aqui, como vai fazer para entrar?

Essa estranha pergunta resumia toda a situação e despertou Jean Valjean, mergulhado em seus pensamentos.

Os dois puseram-se a combinar.

– Primeiro – disse Fauchelevent –, o senhor vai começar por não colocar o pé para fora desta choupana; o senhor e a menina. Um passo no jardim e estamos perdidos.

– Está bem.

– Sr. Madeleine – continuou Fauchelevent –, o senhor chegou em boa hora, isto é, em má hora, pois uma das irmãs está muito doente e não irão olhar muito para estes lados. Parece que ela não escapa. Já começaram a recitar as orações das quarenta horas. Toda a comunidade está em expectativa. Isso as entretém. A Irmã que está à morte é uma verdadeira santa. Na verdade, aqui, todo mundo é

santo; toda a diferença entre elas e mim é que elas dizem: – Nossa cela –, e eu digo: – Minha choupana. – Vão começar a oração pelos agonizantes e, depois, fazer a oração pelos mortos. Por hoje, podemos ficar tranquilos aqui, mas não respondo pelo dia de amanhã.

– Mas – disse Jean Valjean –, esta choupana está numa reentrância do muro, escondida por aquelas ruínas e pelas árvores; ninguém a vê do convento.

– E digo mais; as freiras nunca se aproximam deste lugar.

– Então? – disse Jean Valjean.

O ponto de interrogação que acentuava aquele então significava: – Parece-me que podemos continuar escondidos aqui. – Foi a esse ponto de interrogação que Fauchelevent respondeu:

– Mas há as alunas.

– Que alunas? – perguntou Jean Valjean.

Quando Fauchelevent abria a boca para se explicar, ouviu-se um toque de sino.

– A Freira morreu – disse. – Ouça o dobre.

E fez sinal a Jean Valjean para que escutasse.

Ouviu-se nova badalada.

– É o dobre, Sr. Madeleine. O sino tocará de minuto em minuto, durante vinte e quatro horas, até que o corpo saia da igreja. Está ouvindo? Elas estão no recreio; basta que uma bola se perca para que corram, apesar das proibições, a procurar e vasculhar por todo canto. São uns diabinhos aqueles querubins.

– Quem? – perguntou Jean Valjean.

– As meninas. O senhor seria descoberto num instante. E elas gritariam: – Olha, um homem! – Mas hoje não há perigo algum. Não haverá brinquedos. O dia se passará todo em orações. Está ouvindo o sino? É como eu dizia. Uma badalada em cada minuto. É o dobre.

– Ah! compreendo, Sr. Fauchelevent. Há pensionistas aqui.

E Jean Valjean pensou: “Ótimo lugar para educar Cosette”.

Fauchelevent exclamou:

– Ora! se há meninas! E como elas gritariam vendo o senhor! E como fugiriam! Aqui, ser homem é o mesmo que estar empestado. Já viu como amarraram um guizo no meu joelho como se eu fosse um animal feroz.

Jean Valjean continuava a pensar mais profundamente. – Este convento seria a nossa salvação – murmurou.

Depois, levantando a voz, disse:

– É; mas o difícil é continuar aqui.

– Não – disse Fauchelevent –; o difícil é sair daqui.

Jean Valjean assustou-se:

– Sair?

– Isso mesmo, Sr. Madeleine, para o senhor entrar, é preciso sair.

E, depois de ouvir nova badalada fúnebre, Fauchelevent continuou:

– Não se pode encontrar o senhor aqui sem mais nem menos. Donde vem? Para mim, o senhor caiu do céu, porque o conheço muito bem; mas, para as freiras, é preciso que entre pela porta.

De repente, ouviu-se o repicar complicado de um outro sino.

– Ah! – disse Fauchelevent –, estão chamando as madres vocais. Sempre que morre alguém, reúne-se o capítulo. Ela morreu de manhãzinha. Geralmente se morre a essa hora. Mas o senhor não poderia sair pelo mesmo lugar por onde entrou?

Jean Valjean empalideceu; só a ideia de voltar àquela rua terrível o fazia estremecer. Saiam de uma floresta infestada de tigres e, uma vez fora, imaginem um conselho de amigos que os convidem a voltar. Jean Valjean julgava que toda a polícia continuava vigilante, os agentes em observação, sentinelas por todo canto, punhos horríveis prestes a agarrá-lo, talvez Javert a esperá-lo na encruzilhada.

– Impossível! – disse Jean Valjean. – Sr. Fauchelevent, é melhor mesmo dizer que eu caí do céu.

– Eu creio, eu creio – retrucou Fauchelevent. – Não é preciso que o senhor o diga. O bom Deus deve tê-lo levantado em suas mãos para vê-lo mais de perto e, depois, o deixou cair. Devia, porém, jogá-lo num convento de homens; ele deve ter-se enganado. Ouça; outro repique diferente. Esse foi para lembrar ao porteiro que deve informar a municipalidade para que mande um médico que constate a morte da Irmã. Tudo isso faz parte de um funeral. As freiras não gostam nada dessas visitas. Um médico não acredita em nada. Costuma levantar-lhes o véu, e às vezes não se limita só a isso. Como se apressaram em chamar o médico desta vez! Que será que está acontecendo? A menina continua dormindo. Como se chama ela?

– Cosette.

– É sua filha? Quero dizer, o senhor é avô dela?

– Sou.

– Para ela, sair daqui é muito fácil. Eu costumo usar a porta de serviço que dá para o pátio. Bato, o porteiro abre, levo meu balaio às costas, ponho a pequena dentro dele e saio. Fauchelevent saiu com um balaio às costas. Nada mais simples. O senhor recomendará para que ela fique bem caladinha. Ficará escondida debaixo de alguns panos. Deixo-a por algum tempo na casa de uma boa amiga, uma velhinha surda, quitandeira na Rue Chemin-Vert; ela acomodará a menina por algum tempo. Gritar-lhe-ei no ouvido que é minha sobrinha e que ma guarde até o dia seguinte. Depois, tornará a entrar na sua companhia, porque vou fazer com que o senhor entre. Tem de entrar. Mas como vai fazer para sair?

Jean Valjean sacudiu a cabeça.

– O difícil é sair sem que ninguém me veja. Arranje algum modo de eu sair escondido num balaio, como Cosette.

Fauchelevent coçou por detrás da orelha, com o dedo médio da mão esquerda, símbolo de sério embaraço.

Novo sinal de campainha.

– É o médico da municipalidade que está saindo. Ele chegou, olhou e disse: – Muito bem. Está morta. – Depois que o médico visa o passaporte para o paraíso, o serviço funerário manda um caixão. Se se trata de uma madre, as madres a amortalham; se se trata de uma irmã, as irmãs é que amortalham. Depois, quem fecha o caixão sou eu. Isso faz parte da minha função de jardineiro. Um jardineiro tem também algo de coveiro. Colocam o féretro em uma sala ao rés do chão, com porta para a rua, e onde nenhum homem pode entrar, com exceção do médico da municipalidade. Não conto como homens, nem a mim, nem os gatos-pingados. Nessa sala é que eu fecho o caixão. Os gatos-pingados vêm buscá-lo, o cocheiro fustiga os cavalos e assim se vai para o céu. Trazem um caixão vazio. Levam-no cheio. É um enterro. *De profundis*.[111]

Um raio de sol horizontal tocava levemente o rosto de Cosette, adormecida com os lábios ligeiramente entreabertos; parecia um anjo bebendo luz. Jean Valjean pôs-se a contemplá-la. Não ouvia mais o que Fauchelevent dizia.

Não ser ouvido não é razão para se calar. O bom jardineiro continuou calmamente a repetir sua história.

– Abrem a cova no cemitério Vaugirard. Dizem que vão interditar esse cemitério. É velho, está fora dos regulamentos, não tem uniforme e vai ser reformado. É pena, porque é muito cômodo. Tenho lá um amigo, o coveiro Mestienne. As religiosas deste convento conseguiram como privilégio ser levadas para o túmulo ao cair da noite. Há um alvará da prefeitura tratando

especialmente desse caso. Mas quanta coisa aconteceu desde ontem! Morreu Madre Crucificação, e o Sr. Madeleine…

– Foi enterrado – disse Jean Valjean, sorrindo tristemente.

Fauchelevent mudou-lhe o sentido das palavras.

– É, se o senhor morasse realmente aqui, então poderia considerar-se enterrado.

Novamente, ouviu-se o sinal da campainha. Fauchelevent tirou apressadamente a joelheira do prego e amarrou-a ao joelho.

– Desta vez é comigo. A Madre Priora está me chamando. Vou depressa. Sr. Madeleine, não saia daí e me espere. Deve haver alguma novidade. Se sentir fome, aí há pão, vinho e queijo.

E saiu da choupana dizendo: – Já vou! Já vou!

Jean Valjean viu-o apressar-se pelo jardim, tão depressa quanto lhe permitia a perna defeituosa, olhando de passagem para seus melões.

Não tinham passado ainda dez minutos. Fauchelevent, cujo guizo espantava as religiosas de seu caminho, bateu levemente à porta, e uma voz suave lhe respondeu: – *Para sempre, para sempre* – isto é: – *Entre*.

Essa porta dava para o locutório e era reservada ao jardineiro, em casos de necessidade. O locutório era contíguo à sala do capítulo. A Priora, sentada na única cadeira que havia ali, estava à espera de Fauchelevent.

II | FAUCHELEVENT DEPARA-SE COM DIFICULDADES

Mostrar-se agitado ou preocupado é coisa particular, nas ocasiões críticas, a certos caracteres e a certas profissões, notadamente a padres e religiosos. No momento em que Fauchelevent entrou, essa dupla forma de preocupação estava impressa na fisionomia da Priora, que, na ocasião, era a encantadora e inteligente Srta. de Blemeur, Madre Innocente, a única que se mostrava sempre alegre.

O jardineiro saudou-a timidamente, conservando-se no limiar da porta. A Priora, que estava rezando o rosário, levantou os olhos e disse:

– Ah! é o Sr. Fauvent!

Essa abreviação tinha sido adotada em todo o convento.

Fauchelevent tornou a saudá-la.

– Eu o mandei chamar.

– Pois aqui estou, Reverenda Madre.

– Preciso conversar com o senhor.

– E eu, de minha parte – disse Fauchelevent com uma coragem que interiormente o amedrontava –, tenho também alguma coisa a dizer para a Sra. Madre.

A Priora olhou bem para ele.

– Ah! o senhor tem alguma comunicação a fazer?

– Um pedido.

– Pois bem; pode falar.

Fauchelevent, ex-tabelião, pertencia à categoria dos camponeses que têm certa audácia. Um pouco de ignorância, habilmente empregada, é uma força; ninguém desconfia e sempre se alcança o que se deseja. Além disso, depois de morar havia já dois anos no convento, Fauchelevent conseguira as boas graças da comunidade. Sempre solitário, sempre entregue às suas ocupações, não tinha nada mais a fazer senão ser curioso. Como se conservava à distância daquelas mulheres veladas, sempre indo e vindo, diante de seus olhos ele nada mais via que uma agitação de sombras. À força de atenção e penetração, conseguira revestir de carne todos aqueles fantasmas, de sorte que aquelas mortas, para ele, tinham vida. Era como um surdo cuja vista se torna mais penetrante, ou como um cego cujo ouvido se torna mais sensível. Aplicara-se a distinguir os diversos significados das campainhas e o conseguira de tal modo que o claustro misterioso e mudo nada lhe escondia; a esfinge dizia-lhe ao ouvido todos os seus segredos. Fauchelevent, embora sabendo tudo, nada revelava saber. Nisso consistia a sua arte. Todo o convento o julgava estúpido, o que, em religião, é grande mérito. As madres vocais apreciavam Fauchelevent. Era um curioso mudo. Inspirava confiança. Além disso, tinha hábitos muito regulares; não saía senão por alguma necessidade da horta ou do jardim. Aliás, sua discrição o favorecia. Contudo, nem por isso deixou de se informar com dois homens; no convento, com o porteiro, que conhecia todas as particularidades do locutório, e, no cemitério, com o coveiro, que estava bem informado a respeito dos sepultamentos; desse modo, tinha sobre aquelas religiosas duplo esclarecimento: sobre sua vida e sobre sua morte. Mas não abusava de coisa alguma. A congregação interessava-se muito por ele. Velho, coxo, nada vendo, talvez um pouco surdo, quantas boas qualidades! Dificilmente poderiam substituí-lo.

O bom homem, com a certeza de quem se sente apreciado, começou na frente da Priora uma arenga campesina muito prolixa e profunda. Falou por muito tempo de sua idade, de suas doenças, da carga dos anos agora duplamente

pesados, das crescentes exigências do trabalho, do tamanho enorme do jardim, das noites passadas em claro, como a última, por exemplo, em que fora preciso cobrir os melões com esteiras por causa da lua, e acabou falando assim: ele, que tinha um irmão (a Priora fez um movimento) – um irmão nada moço – (segundo movimento da Irmã, um pouco mais tranquilo) –, que, se quisessem, ele poderia vir morar com ele e ajudá-lo, pois era excelente jardineiro, e a comunidade com isso lucraria muito, mais do que com seus próprios trabalhos – além disso, que, se não admitissem seu irmão, como ele, sendo mais velho, já se sentia sem forças e insuficiente para tanto trabalho, seria obrigado, muito a contragosto, a abandonar o convento – que seu irmão tinha uma netinha que traria consigo para ser educada no temor de Deus, e mais tarde, quem sabe, poderia dar uma boa religiosa.

Quando Fauchelevent acabou de falar, a Priora parou de escorregar entre os dedos as contas do rosário e lhe disse:

– Será que o senhor, até a noite, poderia arranjar uma barra de ferro bem forte?

– Para quê?

– Para servir de alavanca.

– Pois não, Madre – respondeu Fauchelevent.

A Priora, sem dizer mais uma palavra, levantou-se e entrou para a outra sala, a sala do capítulo, onde, provavelmente, estavam reunidas as madres vocais. Fauchelevent ficou só.

III | MADRE INNOCENTE

Passou-se quase um quarto de hora. A Priora voltou e tornou a sentar-se na cadeira.

Os dois interlocutores pareciam preocupados. Estenografamos, o melhor que pudemos, o diálogo que se seguiu:

– Sr. Fauvent?

– Reverenda Madre?

– O senhor conhece bem a capela?

– Tenho lá um cantinho para assistir à missa e aos ofícios.

– Já foi ao coro para algum trabalho?

– Duas ou três vezes.

– Trata-se de levantar uma pedra.

– Pesada?

– A laje do pavimento, o lado do altar.

– A pedra que fecha a cripta?

– Isso mesmo.

– Aí está uma ocasião em que seriam necessários dois homens.

– Madre Ascensão é tão forte como um homem e o ajudará.

– Uma mulher não se pode comparar nunca a um homem.

– Mas só temos, para ajudá-lo, uma mulher. Cada um faz o que pode. Porque Dom Mabillon nos relata quatrocentas e dezessete epístolas de São Bernardo, e Merlonus Horstius nos traz apenas trezentas e sessenta e sete, nem por isso desprezo Merlonus Horstius.[112]

– Eu muito menos.

– O mérito está em trabalhar segundo as próprias forças. Um claustro não é uma oficina de cantaria.

– E uma mulher não é um homem. Meu irmão é que é forte!

– Além disso, o senhor usará uma alavanca.

– É a única espécie de chave que serve para abrir semelhantes portas.

– A pedra tem uma argola de ferro.

– Onde introduzirei a alavanca.

– E a pedra está posta de tal modo que girará sobre si mesma.

– Está bem, Reverenda Madre. Abrirei a cripta.

– E as quatro madres cantoras estarão presentes.

– E quando a cripta estiver aberta?

– Será preciso tornar a fechá-la.

– Só isso?

– Não.

– Diga-me o que devo fazer, Reverenda Madre.

– Fauvent, nós temos confiança no senhor.

– Estou aqui para servi-las.

– E para ficar calado.

– Não há dúvida, Reverenda Madre.

– Quando a cripta estiver aberta…

– Torno a fechá-la.

– Mas antes…

– O quê, Reverenda Madre?

– É preciso depositar ali alguma coisa.

Seguiu-se um momento de silêncio. A Priora, depois de mover o lábio inferior em sinal de hesitação, continuou:

– Fauvent?

– Reverenda Madre?

– O senhor sabe que hoje faleceu uma das irmãs?

– Não.

– Então não ouviu o sino?

– Do fundo do jardim não se ouve nada.

– Verdade?

– Apenas distingo o toque da campainha quando me chamam.

– A Madre morreu de manhãzinha.

– Além disso, hoje cedo, o vento não estava soprando para aqueles lados.

– Era a Madre Crucificação. Uma bem-aventurada.

A Priora calou-se, moveu por um momento os lábios, como se rezasse mentalmente, e continuou:

– Há três anos, só por ver Madre Crucificação rezando, uma jansenista, Mme. de Béthune, tornou-se ortodoxa.

– Ah! agora estou ouvindo o dobre, Madre.

– As madres a levaram para a câmara mortuária que dá para a igreja.

– Eu sei.

– Nenhum homem, a não ser o senhor, deve entrar naquela sala. Preste atenção. Não é nada direito um homem entrar na câmara mortuária!

– De modo algum!

– Hein?

– De modo algum!

– Que está dizendo?

– Estou dizendo, de modo algum.

– De modo algum o quê?

– Reverenda Madre, não estou dizendo de modo algum o quê; estou dizendo de modo algum só.

– Não compreendo. Por que está dizendo de modo algum?

– Para falar como a senhora, Reverenda Madre.

– Mas eu não disse de modo algum.

– A senhora não disse, mas eu estou dizendo para falar como a senhora.

Nesse momento soaram nove horas.

– Às nove da manhã e em todas as horas seja louvado e adorado o Santíssimo Sacramento do altar – disse a Priora.

– Amém – respondeu Fauchelevent.

As horas soaram muito a propósito e acabaram com aqueles infindáveis *de modo algum*. É bem provável que, de outra maneira, a Priora e Fauchelevent não sairiam mais daquela meada.

Fauchelevent enxugou a testa.

A Priora tornou a murmurar qualquer coisa, talvez uma oração, e depois levantou a voz.

– Em sua vida, Madre Crucificação fez várias conversões; depois de morta, há de fazer milagres.

– Certamente que fará! – respondeu Fauchelevent, completamente de acordo, esforçando-se para não se atrapalhar novamente.

– Sr. Fauvent, Madre Crucificação foi uma bênção para a comunidade. É fora de dúvida que nem todos podem morrer como o Cardeal Bérulle enquanto rezava a santa missa, entregando a alma a Deus ao pronunciar estas palavras: – *Hanc igitur oblationem*.[113] – Mas, sem pretender tanta felicidade, Madre Crucificação teve morte muito bonita. Manteve-se consciente até o último instante. Falava conosco e com os anjos. Deu-nos seus últimos ensinamentos. Se o senhor tivesse um pouco mais de fé e pudesse estar presente em sua cela, ela lhe teria curado a perna, tocando-a apenas. Como sorria! Sentia-se que ressuscitava para Deus. Havia algo de paraíso naquela morte.

Fauchelevent julgou que se tinha terminado uma oração.

– Amém – respondeu.

– Sr. Fauvent, é preciso cumprir a vontade dos mortos.

A Priora passou pelos dedos algumas contas do rosário. Fauchelevent mantinha-se calado.

Prosseguiu:

– Consultei sobre essa questão vários eclesiásticos que trabalham para Nosso Senhor, ocupados nos exercícios da vida clerical, produzindo frutos admiráveis.

– Reverenda Madre, ouve-se bem melhor o dobre dos sinos nesta sala do que no jardim.

– Aliás, não se trata de um simples cadáver, mas de uma santa.

– Como a Sra. Madre.

– Fazia vinte anos que ela dormia em seu caixão, por permissão expressa de nosso santo pai, Pio VII.[114]

– Aquele que coroou o Imp… Buonaparte.

Para um homem hábil como Fauchelevent, essa recordação seria imprópria. Felizmente, a Priora, entregue a seus pensamentos, não o ouviu e continuou:

– Sr. Fauvent?

– Reverenda Madre?

– São Diodoro, Arcebispo de Capadócia, quis que se escrevesse sobre a sua sepultura somente a palavra *Acarus*, que significa verme da terra. E assim se fez. Não é mesmo?

– Sim, Reverenda Madre.

– O bem-aventurado Mezzocane, Abade de Áquila, quis ser enterrado debaixo da forca. E assim se fez.

– É verdade.

– São Terêncio, Bispo do Porto na embocadura do Tibre, pediu que gravassem em seu túmulo o símbolo que figurava na sepultura dos parricidas, na esperança de que os transeuntes lhe cuspissem em cima. E assim se fez. A vontade dos mortos deve ser respeitada.

– Assim seja.

– O corpo de Bernardo Guidonis, nascido na França, perto de Roche-Abeille, foi, como havia ordenado, contrariando-se embora as ordens do Rei de Castela, transportado para a igreja dos dominicanos de Limoges, embora Bernardo Guidonis fosse Bispo de Tuy, na Espanha.[115] Quem poderia fazer de outro modo?

– Decerto que não, Reverenda Madre.

– O fato é atestado por Plantavit de la Fosse.[116]

Algumas contas do rosário tornaram a passar silenciosamente pelos dedos da Priora.

– Sr. Fauvent, Madre Crucificação será enterrada no caixão que lhe serviu de leito durante vinte anos.

– É muito justo.

– É uma continuação do sono.

– Então, devo fechá-la naquele caixão?

– Isso mesmo.

– E deixamos de lado o caixão do serviço funerário?

– Precisamente.

– Estou às ordens desta veneranda comunidade.

– As quatro madres cantoras o ajudarão.

– A fechar o caixão? Para isso não preciso delas.

– Não; elas o ajudarão a descê-lo.

– Onde?

– Na cripta.

– Na cripta?

– A que está debaixo do altar.

Fauchelevent teve um sobressalto.

– A que está debaixo do altar?

– Essa mesma.

– Mas…

– O senhor usará uma alavanca.

– Sei, mas…

– Levantará a pedra introduzindo a alavanca pelo anel de ferro.

– Mas…

– É preciso obedecer à vontade dos mortos. Ser enterrada na cripta, debaixo da capela, não ir para solo profano, continuar depois de morta onde sempre viveu, essa foi a vontade da Madre Crucificação. Ela mesma o pediu, isto é, mandou.

– Mas é proibido.

– Proibido pelos homens, ordenado por Deus.

– E se vierem a saber?

– Temos confiança no senhor.

– Ora! Eu sou como uma pedra destas paredes.

– O capítulo se reuniu. As madres vocais, que acabei de consultar mais uma vez e que ainda estão em reunião, decidiram que Madre Crucificação será, segundo a sua vontade, enterrada na cripta da capela. Pense bem, Sr. Fauvent, se depois acontecerem milagres por aqui! Que glória para Deus nesta comunidade! Os milagres surgem dos túmulos.

– Mas, Reverenda Madre, se o Agente da Comissão de Saúde Pública…

– São Bento II, em matéria de sepultura, resistiu a Constantino Pogonato.[117]

– Mas, se o Comissário de Polícia…

– Chonodemaire, um dos sete reis alemães que invadiram as Gálias sob o império de Constâncio, reconheceu expressamente o direito das religiosas de serem inumadas em religião, isto é, debaixo do altar.

– Mas o Inspetor da Prefeitura…

– O mundo não é nada diante da cruz. Martinho, décimo primeiro Geral dos cartuxos, deu esta divisa a sua ordem: *Stat crux dum volvitur orbis*.[118]

– Amém – disse Fauchelevent, imperturbável no seu modo de se sair dos problemas todas as vezes que ouvia latim.

Para quem ficou durante muito tempo calado, não importa a excelência ou não do auditório. No dia em que o retórico Gimnástoras saiu da prisão, com a cabeça cheia de silogismos e dilemas, parou na frente da primeira árvore que encontrou, fez-lhe um discurso, esforçando-se muito para convencê-la. A Priora, habitualmente sujeita ao silêncio e tendo muita coisa acumulada, levantou-se e declamou com a loquacidade de uma represa à qual se romperam os diques:

– Tenho à minha direita Bento e à minha esquerda Bernardo. Quem é Bernardo? É o primeiro Abade de Claraval. Fontaines, na Borgonha, considera-se feliz por tê-lo visto nascer. Seu pai chamava-se Técelin e sua mãe Alèthe. Começou em Cister, para terminar em Claraval; foi sagrado Abade pelo Bispo de Chalon-sur-Saône, Guilherme de Champeaux; teve setecentos noviços e fundou cento e sessenta mosteiros; derrotou Abelardo no concílio de Sens em 1140, e Pedro de Bruys e Henrique, seu discípulo, e uma outra espécie de desviados chamados Apostólicos; confundiu Arnaldo de Bréscia, fulminou o Monge Raul, o assassino dos judeus, dominou em 1148 o concílio de Reims, fez condenar a Gilberto de la Porée, Bispo de Poitiers, e a Éon de l’Étoile, conciliou príncipes, esclareceu o Rei Luís, o Jovem, aconselhou o Papa Eugênio III, deu regras à Igreja, pregou a Cruzada, fez duzentos e cinquenta milagres em sua vida, chegando a fazer trinta e nove num só dia.

– Quem é Bento? É o Patriarca de Monte-Cassino, o segundo fundador da santidade claustral, o Basílio do Ocidente. Sua ordem produziu quarenta papas, duzentos cardeais, cinquenta patriarcas, seiscentos arcebispos, quatro mil e seis bispos, quatro imperadores, doze imperatrizes, quarenta e seis reis, quarenta e uma rainhas, três mil e seiscentos santos canonizados, e ainda subsiste depois de catorze séculos. De um lado está São Bernardo; do outro, o Inspetor da Saúde Pública! De um lado está São Bento, do outro está o Fiscal da Higiene! O Estado, a higiene, as agências funerárias, os regulamentos, a administração, que sabemos disso tudo? Qualquer um se sente indignado pelo modo como nos tratam. Não temos então o direito de entregar nossas cinzas a Jesus Cristo! Essa

vossa higiene é uma invenção revolucionária. Deus subordinado ao Comissário de Polícia; assim é o mundo. Silêncio, Fauvent.

Fauchelevent, submetido a tal jorro, não se sentia muito à vontade. A Priora continuou:

– O direito dos mosteiros à sepultura própria não é contestado por ninguém. Somente os fanáticos e infiéis o negam. Vivemos em um tempo de confusão terrível. Ignora-se o que é preciso saber, sabe-se o que é preciso ignorar. A impiedade e a sordidez imperam. Ainda hoje há quem não saiba ainda distinguir entre o grande São Bernardo e o Bernardo que viveu no século XIII. Outros blasfemam até o cúmulo de compararem o cadafalso de Luís XVI com a cruz de Jesus Cristo. Luís XVI não passava de um rei. Tomemos cuidado com Deus! Não existe mais nem justos nem injustos. Conhecem o nome de Voltaire e desconhecem o nome de César de Bus. Contudo, César de Bus é um bem-aventurado e Voltaire, um condenado.[119] O último Arcebispo, o Cardeal de Périgord, não sabia que Carlos de Condren sucedeu a Bérulle, que François Bourgoing sucedeu a Condren, que João Francisco Senault sucedeu a Bourgoing e que o Padre de Sainte-Marthe sucedeu a João Francisco Senault.[120] Conhece-se o nome do Padre Coton, não porque foi um dos três propugnadores de fundação do Oratório, mas porque foi alvo de injúrias por causa do Rei huguenote Henrique iv.[121] O que torna São Francisco de Sales simpático à gente do mundo era a sua habilidade em trapacear no jogo. Depois, atacam a religião. Por quê? Porque teve maus sacerdotes, porque Sagitário, Bispo de Gap, era irmão de Salone, Bispo de Embrun, ambos seguidores de Mommol.[122] E que tem isso? Por acaso impede que Martinho de Tours tenha sido um santo e tenha dado metade de seu manto a um pobre? Perseguem-se os santos. Fecham-se os olhos à verdade. As trevas tornaram-se hábito. Os animais mais ferozes são os cegos. Ninguém mais pensa no inferno! Que povo mau! Em nome do Rei, hoje em dia, quer dizer, em nome da Revolução, desconhecem-se os deveres para com os vivos e para com os mortos. É proibido morrer santamente. O sepulcro é uma questão civil. Que horror! São Leão II escreveu duas cartas expressamente para combater, uma a Pedro Notário, outra ao Rei dos visigodos, rejeitando, na questão das sepulturas, a autoridade do Exarca e a supremacia do Imperador.[123] Gauthier, Bispo de Châlons, tratou também do mesmo assunto com Otão, Duque de Borgonha. A antiga magistratura não discordava sobre esse assunto. Outrora, nossa voz era ouvida mesmo nas coisas referentes ao século. O Abade de Cister, Geral da ordem, era Conselheiro nato do parlamento de Borgonha. Fazíamos o que bem quiséssemos de nossos mortos. O próprio corpo

de São Bento não está na França, na abadia de Fleury, chamada de São Bento sobre o Loire, embora ele tenha falecido na Itália, no monte Cassino, em um sábado, 21 de março de 543? Tudo isso é incontestável.[124] Tenho horror aos escolásticos, detesto os priores, odeio os hereges, mas detestaria muito mais ainda quem me afirmasse o contrário. Basta ler Arnoul Wion, Gabriel Bucelin, Trithème, Maurolicus e D. Lucas de Achery.[125]

A Priora respirou. Depois se voltou para Fauchelevent.

– Sr. Fauvent, está resolvido?

– Está, Reverenda Madre.

– Podemos contar com o senhor?

– Obedeço humildemente.

– Está bem.

– Dedico-me inteiramente a este convento.

– Está combinado. O senhor fechará o caixão. As irmãs levá-lo-ão para a capela. Recitaremos o ofício dos mortos. Depois voltaremos para o claustro. Entre onze horas e meia-noite, o senhor traz a alavanca. Tudo se passará no maior segredo. Na capela só estarão as quatro madres cantoras, Madre Ascensão e o senhor.

– E a Irmã que *estará na coluna*?

– Essa não olhará para trás.

– Mas vai ouvir o barulho.

– Não ouvirá coisa alguma. Além do mais, o que o convento sabe o mundo desconhece.

Houve ainda nova pausa. A Priora prosseguiu:

– O senhor não precisa usar o guizo. É inútil que a Irmã da coluna perceba a sua presença.

– Reverenda Madre?

– O quê, Sr. Fauvent?

– O médico dos mortos já veio?

– Virá hoje às quatro horas. Já deram o sinal para chamá-lo. Mas o senhor não ouve mesmo os toques da campainha?

– Só estou atento quando é para mim.

– Muito bem, Sr. Fauvent.

– Reverenda Madre, será preciso uma alavanca de seis pés, no mínimo.

– Onde o senhor vai arranjar uma?

– Onde não faltam grades, sempre há alguma barra de ferro. Tenho um depósito de ferro-velho no fundo do jardim.

– Mais ou menos três quartos de hora antes da meia-noite, não se esqueça.

– Reverenda Madre?

– O quê?

– Se tiver outros trabalhos como este, tenho o meu irmão; é um turco de forte!

– O senhor trabalhará o mais depressa possível.

– Não posso fazer tudo tão depressa. Estou doente; por isso é que preciso de ajuda. Sou coxo.

– Ser coxo não é defeito; talvez seja até uma bênção. O Imperador Henrique II, que combateu o antipapa Gregório e restabeleceu a soberania de Bento VIII, tem dois apelidos: o Santo e o Coxo.[126]

– Mas sempre é melhor dois – murmurou Fauchelevent, que realmente era um tanto surdo.

– Sr. Fauvent, suponhamos que demore uma hora. Não é muito. Esteja com a alavanca ao lado do altar-mor às onze horas. O ofício começa à meia-noite. É preciso que tudo esteja terminado um quarto de hora antes.

– Farei tudo o que puder para provar a minha dedicação à comunidade. Está certo. Fecharei o caixão. Precisamente às onze horas estarei na capela. Lá estarão as madres cantoras junto com Madre Ascensão. Dois homens, seria bem melhor. Enfim, não faz mal! Trarei a alavanca. Abriremos a cripta, faremos descer o caixão e fecharemos tudo novamente. Depois, não ficará rasto algum. O governo não suspeitará de nada. Reverenda Madre, tudo está bem combinado?

– Não.

– Que há ainda?

– O caixão vazio.

Ambos se calaram. Fauchelevent e a Priora puseram-se a pensar.

– Sr. Fauvent, que faremos com o caixão vazio?

– Levamo-lo ao cemitério.

– Vazio?

Novo silêncio. Fauchelevent fez com a mão esquerda o gesto característico que parece afastar alguma questão que nos inquieta.

– Reverenda Madre, sou eu quem vai fechar o caixão na câmara mortuária ao lado da capela, e ninguém poderá entrar ali senão eu; cobrirei o caixão com o

pano mortuário.

– Está bem, mas os gatos-pingados, quando o levarem para a carruagem e o descerem na sepultura, hão de perceber que não tem nada dentro.

– Oh! di…! – exclamou Fauchelevent.

A Priora começou a fazer o sinal da cruz e olhou fixamente para o jardineiro. O final *abo* parou-lhe na garganta.

Apressou-se a improvisar um expediente para fazer esquecer a blasfêmia.

– Reverenda Madre, eu encho o caixão com terra. Dará a impressão de que há alguém lá dentro.

– Tem razão. Terra e homem são coisas idênticas. Então o senhor cuidará também do caixão vazio?

– Dessa parte cuido eu.

O rosto da Priora, até então perturbado e sombrio, tornou-se mais calmo. Fez um sinal próprio do superior que despede o subalterno. Fauchelevent dirigiu-se para a porta. Antes que ele saísse, a Priora elevou docemente a voz:

– Sr. Fauvent, estou contente com o senhor; amanhã, depois do enterro, pode trazer-me o seu irmão; diga a ele que traga também a menina.

IV | ONDE JEAN VALJEAN PARECE TER LIDO AUSTIN CASTILLEJO

Os passos do coxo são como os olhares do estrábico; não chegam logo ao ponto visado. Além disso, Fauchelevent sentia-se perplexo. Levou um quarto de hora para chegar à sua choupana. Cosette já estava acordada. Jean Valjean fê-la sentar-se ao pé do fogo. No momento em que Fauchelevent entrou, Jean Valjean mostrava-lhe o balaio de jardineiro pendurado à parede e lhe dizia:

– Ouça-me bem, Cosette. É preciso que nós dois saiamos desta casa, mas vamos voltar e continuaremos aqui muito bem acomodados. O jardineiro vai levar você às costas. Você vai me esperar na casa de uma senhora. Eu irei encontrar-me com você. Mas, cuidado; se não quiser que Mme. Thénardier a leve de volta, obedeça e não diga nada!

Cosette fez um sinal com a cabeça, toda séria.

Ao barulho de Fauchelevent abrindo a porta, Jean Valjean voltou-se.

– Então?

– Tudo está arrumado e nada está arrumado – respondeu Fauchelevent. – Já tenho permissão para recebê-lo; mas antes de entrar é preciso que o senhor saia.

Aí está o X do problema. Quanto à menina, a coisa é fácil.

– O senhor vai mesmo levá-la?

– Será que ela ficará quietinha?

– Não se preocupe com isso.

– E o senhor?

Depois de um silêncio cheio de ansiedade, Fauchelevent exclamou:

– Mas saia por onde o senhor entrou!

Jean Valjean, como da primeira vez, limitou-se a responder: – Impossível.

Fauchelevent, falando mais consigo mesmo do que com Jean Valjean, murmurou:

– Há ainda outra coisa que me inquieta. Eu disse que encheria de terra. Mas agora é que vejo que a terra, no lugar do corpo, não dará a mesma impressão, não vai dar certo, começará a correr de um lado para outro, e os homens vão desconfiar. O senhor compreende, Sr. Madeleine, o governo vai descobrir.

Jean Valjean fitou-o bem entre os olhos e julgou que Fauchelevent delirava.

Fauchelevent continuou:

– Como dia… cho, o senhor vai sair daqui? O pior é que tudo tem de ser feito amanhã! Amanhã é que devo trazê-lo aqui. A Priora estará à sua espera.

Então, explicou a Jean Valjean que se tratava de uma recompensa por um serviço que ele, Fauchelevent, prestaria à comunidade. Fazia parte de seus deveres cuidar dos enterros, fechar os caixões e ajudar o coveiro no cemitério. A religiosa falecida pela manhã, antes de expirar, havia expressado o desejo de ser enterrada na cripta da capela, no próprio caixão que lhe servira de leito. Isso era proibido pelas leis policiais, mas tratava-se de uma morta à qual nada podiam recusar. A Priora e as madres vocais haviam resolvido fazer a vontade da falecida. Tanto pior para o governo! Ele, Fauchelevent, estava encarregado de fechar o caixão na câmara mortuária, levantar a pedra que tapava a entrada da cripta e fazer descer para lá o caixão. Para agradecer-lhe, a Priora admitia no convento o seu irmão, como jardineiro, e sua sobrinha, como pensionista. Seu irmão era o Sr. Madeleine, e sua sobrinha, Cosette. A Priora dissera-lhe para que trouxesse ambos depois do falso enterro no cemitério. Mas como poderia trazer o Sr. Madeleine, se o Sr. Madeleine não estava lá fora? Aí estava o primeiro problema. O segundo era o caixão vazio.

– Que negócio é esse de caixão vazio? – perguntou Jean Valjean.

Fauchelevent respondeu:

– O caixão do Serviço Público Funerário.

– Que caixão? Que serviço funerário?

– Morre uma religiosa. O médico da municipalidade vem e diz: – Morreu uma freira. – O governo manda um caixão. No dia seguinte, manda uma carreta e alguns gatos-pingados para carregar o caixão e levá-lo ao cemitério. Os gatos-pingados vêm e levantam o caixão e percebem que não há nada dentro.

– Ponha alguma coisa para enchê-lo.

– Um cadáver? Não tenho nenhum.

– Não?

– O quê então?

– Uma pessoa qualquer.

– Quem?

– Eu – disse Jean Valjean.

Fauchelevent, que havia sentado, pulou como se uma bomba tivesse estourado debaixo de sua cadeira.

– O senhor!

– Por que não?

Jean Valjean exibiu um daqueles sorrisos que lhe vinham como um relâmpago em céu de inverno.

– Mas, Sr. Fauchelevent, o senhor deve lembrar-se de que falou assim: – Madre Crucificação morreu – e eu acrescentei: – E o Sr. Madeleine foi enterrado. – É isso o que vamos fazer.

– Ah! bem; o senhor está rindo; não está falando sério.

– Como não? Eu preciso sair daqui.

– Sobre isso não há dúvida.

– Não lhe disse para arrumar também para mim um balaio onde me pudesse esconder?

– E então?

– O balaio será de pinho e a tampa um pano preto.

– Antes, um pano branco. As religiosas são enterradas de branco.

– Está bem: branco.

– O senhor não é um homem como os outros, Sr. Madeleine.

Ter ideias semelhantes, que, afinal, nada mais são do que as selvagens e temíveis invenções das galés, sair da calma que o envolvia e imiscuir-se no que ele chamava de “vidinha de convento”, era para Fauchelevent um motivo de admiração comparável à de alguém que visse uma gaivota pescando no córrego

da Rue Saint-Denis.

Jean Valjean prosseguiu:

– Trata-se de sair daqui sem ser visto. Aí está um modo. Mas antes eu preciso saber. Como se dará o enterro? Onde está esse caixão?

– O vazio?

– Sim.

– Embaixo, na sala a que chamam de câmara mortuária. Está em cima de dois cavaletes, coberto com um pano mortuário.

– Que tamanho tem o caixão?

– Seis pés de comprimento.

– Onde está essa câmara mortuária?

– É uma sala ao rés do chão, com uma janela gradeada para o jardim, fechada pelo lado de fora por venezianas e duas portas: uma para o convento, outra para a capela.

– Que capela?

– A capela pública, onde entra qualquer um.

– O senhor tem as chaves dessas portas?

– Não. Só tenho a chave da porta que dá para o convento; o porteiro tem a outra.

– Quando é que ele abre a porta que dá para a capela?

– Só para deixar entrar os gatos-pingados que vêm buscar o caixão. Saindo o enterro, a porta é fechada de novo.

– Quem é que fecha o caixão?

– Eu.

– Quem o cobre com o pano mortuário?

– Eu.

– O senhor estará sozinho?

– Nenhum homem mais, exceto o médico da polícia, poderá entrar naquela sala. Está escrito na parede.

– O senhor, depois que todos estiverem dormindo, poderá esconder-me nessa sala?

– Não. Mas poderei escondê-lo num cubículo que se comunica com a mesma sala, onde guardo os utensílios necessários para algum sepultamento. Tenho a chave de lá.

– A que horas a carruagem fúnebre virá buscar o caixão?

– Lá pelas três da tarde. O sepultamento será no cemitério Vaugirard, pouco antes da noite. Há muito tempo ainda.

– Ficarei escondido no cubículo durante toda a noite e por toda a manhã. E como farei para comer? Vou sentir fome.

– Disso me encarrego eu.

– Poderá ir fechar-me no caixão lá pelas duas horas.

Fauchelevent recuou e pôs-se a estalar os dedos.

– Mas é impossível!

– Bah! pegar um martelo e bater alguns pregos numa tábua?

O que parecia inaudito a Fauchelevent era, repetimos, simples para Jean Valjean. Jean Valjean havia passado por dificuldades maiores. Quem já foi prisioneiro conhece a arte de se encolher de acordo com o diâmetro das evasões. O prisioneiro está sujeito às fugas como o doente às crises que o podem salvar ou perder. Evadir-se é sarar. O que não se faz para reaver a saúde! Deixar-se fechar e levar dentro de um caixão como se fora um fardo, conservar-se vivo num sepulcro, encontrar ar onde este não existe, economizar a respiração por horas inteiras, saber sufocar-se sem morrer, aí estava um dos sombrios talentos de Jean Valjean.

Aliás, um caixão que carrega um ser vivo, expediente de forçados, é também expediente de reis. Se formos acreditar no Monge Austin Castillejo, Carlos v, querendo, depois de sua abdicação, rever pela última vez a Plombes, serviu-se de meio idêntico para fazê-la entrar no mosteiro de São Justo, fazendo-a sair de igual modo.[127]

Fauchelevent, mais calmo, exclamou:

– Mas como fará o senhor para respirar?

– Não se incomode.

– Fechado daquele jeito! Só de pensar, sinto-me sufocado.

– O senhor deve ter aí alguma verruma; faça alguns buracos na altura da boca e pregue a tampa do caixão sem apertar muito.

– Bem! E se acontecer de o senhor tossir ou bocejar?

– Quem foge não tosse e nem boceja.

E Jean Valjean acrescentou:

– Sr. Fauchelevent, é preciso que me decida: ou ser preso aqui ou sair dentro do caixão.

Todos devem ter notado o prazer que têm os gatos de parar entre os batentes de uma porta semiaberta. Quem já não disse a algum gato: – Mas entre de uma

vez! – Há homens que, nos incidentes que se lhes deparam, têm também certa tendência para ficar indecisos entre duas resoluções, com risco de deixar que o destino lhes roube bruscamente a aventura. Os demasiado prudentes, como os gatos, precisamente porque são gatos, correm às vezes mais perigo que os audaciosos. Fauchelevent era uma dessas naturezas hesitantes. Contudo, o sangue-frio de Jean Valjean o ia dominando contra a vontade. Resmungou:

– A verdade é que não há outro jeito!

Jean Valjean replicou:

– A única coisa que me inquieta é o cemitério.

– Isso justamente é o que não me dá cuidado, – disse Fauchelevent. – Se o senhor está certo de sair-se bem do caixão, eu cuidarei de tirá-lo da cova. O coveiro é um beberrão muito meu amigo. Chama-se Mestienne. Um velho de outros tempos. O coveiro põe os mortos na cova, eu o ponho nos meus bolsos. Vou explicar-lhe o que vai acontecer: chegaremos pouco antes do pôr do sol, uns três quartos de hora antes de fecharem o portão do cemitério. A carruagem fúnebre irá até bem perto do túmulo. Eu vou atrás; é meu serviço. Levarei no bolso um martelo, um formão e uma torquês. A carruagem fúnebre para, os gatos-pingados amarram uma corda ao redor do caixão e descem-no à sepultura. O padre recita as orações, faz o sinal da cruz, asperge com água benta e vai-se embora. Eu fico só com o coveiro Mestienne. É meu amigo, como já lhe disse. Das duas uma: ou ele está *tocado* ou não. Se não estiver, digo-lhe: – Vamos beber um copo enquanto o Bom Marmelo não fecha. – Levo-o comigo, faço-o beber e Mestienne não custa muito para se embebedar. Fica sempre a meio caminho: deito-o debaixo da mesa, tiro-lhe seu documento para poder entrar no cemitério e volto sozinho. Então o senhor terá de se haver somente comigo. Se ele já estiver bêbado, digo-lhe: – Vá-se embora. Eu trabalho por você. – Ele vai, e eu o tiro da cova.

Jean Valjean estendeu-lhe a mão, que Fauchelevent se apressou em apertar com a tocante efusão dos homens simples.

– Está combinado, Sr. Fauchelevent. Tudo sairá bem.

– Contanto que nada nos atrapalhe. Se acontecer qualquer coisa, será terrível.

V | NÃO BASTA SER BÊBADO PARA SER IMORTAL

No dia seguinte, quando o sol já se escondia, os raros transeuntes do Boulevard

du Maine descobriam-se à passagem de um antigo coche ornado de caveiras, tíbias e lágrimas. Em seu interior havia um caixão coberto de pano branco sobre o qual se via uma cruz preta, semelhante a um enorme cadáver de braços pendentes. Seguia-se a carruagem fúnebre, na qual se via um Padre de sobrepeliz e um coroinha de barrete vermelho. Dois gatos-pingados de uniforme cinza com enfeites pretos ladeavam o coche. Atrás, vinha um velho de roupas simples, mancando. O cortejo dirigia-se para o cemitério Vaugirard.

Via-se sair do bolso desse homem o cabo de um martelo, a lâmina de um formão e o duplo cabo de uma torquês.

O cemitério Vaugirard era uma exceção entre seus congêneres de Paris. Tinha costumes particulares, como o portão para as carruagens e o portão comum.[128]

As bernardas beneditinas do Petit-Picpus tinham conseguido, como já dissemos, o privilégio de ser sepultadas num lugar separado e à noitinha, pois aquele terreno fora propriedade da Ordem. Como, portanto, os coveiros do cemitério tinham de trabalhar à tarde, durante o verão, e à noite, durante o inverno, eram submetidos a uma disciplina particular. As portas dos cemitérios de Paris fechavam-se, por essa época, ao pôr do sol; e, como esta era uma lei de caráter municipal, o cemitério Vaugirard devia obedecê-la como os outros. O portão das carruagens e o menor eram fechados por duas grades contíguas, ao lado de uma pequena casa construída pelo arquiteto Perronet, onde morava o porteiro do cemitério.[129] As grades, portanto, fechavam-se inexoravelmente no instante em que o sol desaparecia por trás da cúpula dos Invalides. Se algum coveiro, naquele momento, se retardasse no interior do cemitério, só tinha um recurso para sair: seu documento com a nomeação para o cargo dada pela administração do serviço funerário. Havia uma espécie de guichê na janela da portaria; o coveiro lançava sua nomeação no guichê, o porteiro via, puxava o cordão e o portão se abria. Se o coveiro não tinha consigo o documento, dizia o próprio nome; o porteiro, às vezes já deitado, levantava-se, ia reconhecer o coveiro e abria o portão com a chave; o coveiro saía, mas somente depois de pagar quinze francos de multa.

Esse cemitério, com suas originalidades fora do comum, incomodava à simetria administrativa. Suprimiram-no pouco depois de 1830. O cemitério Mont-Parnasse, chamado de Este, sucedeu-o herdando-lhe a famosa taverna que se achava bem ao lado do cemitério Vaugirard, encimada por um marmelo pintado sobre fundo branco, fazendo esquina com a calçada, onde se alinhavam as mesas dos fregueses, e o terreno, onde se alinhavam os túmulos, com a seguinte insígnia: Ao Bom Marmelo.

O cemitério Vaugirard era o que se poderia chamar de cemitério murcho. Caíra em desuso. O mato o invadia, as flores o desertavam. Os burgueses não apreciavam nada ser enterrados no Vaugirard; isso cheirava a pobreza. No Père-Lachaise, isso sim! Ser enterrado no Père-Lachaise era como ter móveis de acaju.[130] Reconhece-se ali toda a elegância. O cemitério Vaugirard era um recinto venerável com a forma dos antigos jardins franceses. Caminhos retos, buchos, azevinhos, ciprestes, velhos túmulos à sombra de velhos teixos, e mato alto. Ali a noite parecia trágica. Seu aspecto era por demais lúgubre.

O sol ainda não havia desaparecido quando a carruagem fúnebre entrou na avenida do cemitério Vaugirard. O pobre coxo que o seguia era Fauchelevent.

A inumação de Madre Crucificação na cripta da capela, a saída de Cosette, a introdução de Jean Valjean na câmara mortuária, tudo se passara sem imprevistos.

Digamos de passagem que o sepultamento de Madre Crucificação debaixo do altar-mor, na capela do convento, é para nós um pecado perfeitamente venial. É um desses pecados que se assemelham a deveres. As religiosas levaram-no a cabo, não somente sem se perturbarem, mas com o aplauso da própria consciência. No claustro, o que se chama de “governo” não passa de intromissão, e intromissão sempre discutível. Antes a regra. Quanto ao código, depois se verá. Homens, façam quantas leis quiserem, mas guardem-nas para vocês mesmos. O tributo devido a César nada mais é que o resto do tributo devido a Deus. Um príncipe não é nada ao lado de um princípio.

Fauchelevent mancava seguindo a carruagem; estava satisfeito. Suas duas conspirações gêmeas, uma com as religiosas, outra com Madeleine, uma a favor do convento, outra contra, tinham tido completo êxito. A calma de Jean Valjean era de uma tranquilidade contagiante. Fauchelevent já não duvidava de que tudo acabaria bem.

O que restava a fazer era quase nada. Em dois anos, havia embebedado dez vezes o coveiro, o bravo Mestienne, homem simples, bochechudo. Divertia-se com ele; fazia dele o que bem entendia. Penteava-o segundo o seu gosto e fantasia. A cabeça de Mestienne adaptava-se ao chapéu de Fauchelevent. A segurança de Fauchelevent era completa.

No momento em que o cortejo entrou na avenida que levava ao cemitério, Fauchelevent, feliz, olhou para o coche fúnebre e esfregou as mãos dizendo à meia-voz:

– Que boa farsa!

De repente, a carruagem parou; haviam chegado ao portão. Era preciso mostrar a permissão para o enterro. O encarregado do serviço funerário conversou com o porteiro do cemitério. Durante esse colóquio, que sempre ocasionou uma demora de um ou dois minutos, alguém, um desconhecido, veio colocar-se ao lado de Fauchelevent. Parecia um trabalhador vestido com roupas de bolsos grandes, segurando uma pá.

Fauchelevent olhou-o.

– Quem é o senhor? – perguntou-lhe.

– O coveiro.

Se alguém conseguisse sobreviver a um tiro de canhão recebido em pleno peito, não teria expressão diferente da de Fauchelevent naquele instante.

– O coveiro?

– Isso mesmo.

– O senhor?

– Eu mesmo.

– O coveiro é o Sr. Mestienne.

– Era.

– Como! Era?

– Ele morreu.

Fauchelevent esperava qualquer coisa, menos que um coveiro pudesse morrer. Todavia, é uma verdade; os coveiros também morrem. À força de cavarem a sepultura dos outros, abrem-nas para si próprios.

Fauchelevent quedou-se boquiaberto. Teve ânimo apenas para murmurar.

– Mas não é possível!

– Pois é o que aconteceu.

– Mas – replicou com voz fraca. – O coveiro é Mestienne.

– Depois de Napoleão, Luís XVIII. Depois de Mestienne, Gribier. Amigo, chamo-me Gribier.

Fauchelevent, palidíssimo, olhou bem para Gribier.

Era um homem alto, magro, lívido, perfeitamente fúnebre. Parecia um médico fracassado transformando-se em coveiro.

Fauchelevent deu uma gargalhada.

– Ah! como acontecem coisas engraçadas! Mestienne morreu, mas Lenoir ainda vive! Sabe quem é Lenoir? É um canjirão de vinho tinto de seis soldos. É um copo do mais fino Suresnes, com a breca! Legítimo Suresnes de Paris! Ah!

pobre Mestienne! Morreu! Sinto muito! Era um bom sujeito! Mas o senhor também é um bom sujeito. Não é, amigo? Depressa, depressa, vamos beber um copinho juntos.

O homem respondeu: – Eu estudei. Completei o quarto ano. Não bebo jamais.

O coche recomeçou a rodar pela rua principal do cemitério.

Fauchelevent diminuiu o passo. Coxeava mais por preocupação do que pelo defeito do joelho.

O coveiro caminhava em sua frente.

Fauchelevent examinou novamente o inesperado Gribier.

Era um desses homens que, embora jovens, parecem velhos e que, embora magros, são fortes.

– Camarada! – exclamou Fauchelevent.

O homem voltou-se.

– Eu sou o coveiro do convento.

– Meu colega! – replicou o homem.

Fauchelevent, sem estudos mas muito esperto, compreendeu que teria de tratar com um espécime terrível, um grande conversador nato. Murmurou:

– Então, Mestienne morreu!

O homem respondeu:

– Completamente. Deus consultou seu caderno de prazos. Era a vez de Mestienne. E Mestienne morreu.

Fauchelevent repetiu maquinalmente.

– Deus…

– Deus – repetiu o homem com autoridade. – Para os filósofos, o Padre eterno; para os jacobinos, o Ser supremo.

– Será que não vamos nos conhecer melhor? – balbuciou Fauchelevent.

– Mas já nos conhecemos. O senhor é camponês, eu sou parisiense.

– Enquanto não bebermos juntos, não nos conheceremos bem. Quem esvazia o copo esvazia o coração. O senhor não vai negar-me esse prazer. Não pode recusar.

– Antes o dever.

Fauchelevent pensou: “Estou perdido”.

Achavam-se a uns poucos passos do caminho que conduzia ao túmulo das religiosas.

O coveiro retrucou:

– Colega, tenho sete guris para sustentar. Como eles precisam comer, é preciso que eu não beba.

E acrescentou com a satisfação de uma pessoa séria que compõe uma sentença:

– A fome deles é inimiga da minha sede.

O coche fúnebre rodeou um grupo de ciprestes, deixou a rua principal, entrou por outra mais estreita, chegou a um terreno vazio, internando-se por um pequeno bosque. Isso indicava a proximidade imediata da sepultura. Fauchelevent diminuía o próprio passo, mas não podia deter a carruagem. Felizmente, a terra solta, molhada pelas chuvas, travava as rodas, atrasando um pouco a marcha do cortejo.

Aproximou-se do coveiro.

– Conheço um vinhozinho de Argenteuil que é uma delícia – murmurou.

– Aldeão – replicou o homem –, eu não nasci para coveiro. Meu pai era porteiro no Prytanée.[131] Destinava-me à literatura. Mas os negócios foram mal, houve perdas na Bolsa e eu tive de renunciar aos meus livros. Contudo, ainda sou Escrivão Público.

– Mas então o senhor não é coveiro? – retrucou Fauchelevent, agarrando-se a esse frágil ramo.

– Uma coisa não impede a outra. Eu acumulo.

Fauchelevent não compreendeu a última palavra.

– Ora, vamos beber – disse Fauchelevent.

Aqui se faz necessária uma observação. Fauchelevent, fosse qual fosse a sua angústia, convidava a beber mas não esclarecia um ponto importante: quem pagaria? Comumente, Fauchelevent oferecia e Mestienne pagava. O convite para beber resultava evidentemente da nova situação criada pelo novo coveiro, e esse convite era indispensável, mas o velho jardineiro, não sem intenção, deixava na sombra o que Rabelais chamava proverbial quarto de hora. Quanto a Fauchelevent, por mais aflito que estivesse, não tinha vontade alguma de pagar.

O coveiro prosseguiu com um sorriso de superioridade.

– Comer é uma necessidade. Aceito a sobrevivência de Mestienne. Quando se estuda, fica-se um pouco filósofo. Ao trabalho das mãos acrescentei o trabalho dos braços. Tenho o meu posto de escrivão no mercado da Rue de Sèvres. Conhece? O mercado dos guarda-chuvas. Todas as cozinheiras da Cruz Vermelha se dirigem a mim. Redijo suas declarações de amor aos recrutas. Pela manhã, escrevo cartinhas amorosas; à tarde, cavo sepulturas. Assim é a vida,

bom aldeão.

O coche continuava a avançar. Fauchelevent, no cúmulo da inquietação, olhava para todos os lados. Grandes gotas de suor corriam-lhe pelas faces.

– Contudo – continuou o coveiro –, não se pode servir a duas senhoras. Era preciso que eu escolhesse entre a pena e a enxada. A enxada estraga-me as mãos.

O coche parou.

O coroinha desceu da carruagem, seguido pelo Padre.

Uma das pequenas rodas do coche subiu um pouco em um monte de terra revolvida por detrás do qual se via uma cova aberta.

– Que farsa! – repetiu Fauchelevent, consternado.

VI | ENTRE QUATRO TÁBUAS

Quem estava no caixão? Como já sabemos, Jean Valjean.

Jean Valjean inventou algum modo de continuar vivo lá dentro; quase não podia respirar.

É estranho como a segurança da consciência produz a segurança do resto. Toda a trama premeditada por Jean Valjean se desenrolava bem, desde a véspera. Como Fauchelevent, contava com a presença de Mestienne. Não tinha a mínima dúvida acerca do bom resultado de tudo. Jamais houve situação tão crítica e calma mais completa.

As quatro tábuas de um caixão desprendiam uma espécie de paz terrível; talvez um pouco da paz dos mortos se aliasse à tranquilidade de Jean Valjean.

De dentro daquelas tábuas pôde seguir todas as fases do terrível drama que ele representava com a morte.

Pouco depois de Fauchelevent ter acabado de pregar a tampa do caixão, sentiu que o carregavam e que em seguida rodava em cima de um coche. Pela diminuição dos solavancos, pôde perceber que passara da rua calçada para a terra batida, isto é, saíam das ruas e entravam nos bulevares. A um barulho surdo, certificou-se de que atravessava a Pont d’ Austerlitz. À primeira parada, compreendeu que chegara ao cemitério; à segunda parada, disse consigo mesmo: “Chegamos à sepultura”.

De repente, percebeu que levantavam o caixão; depois, um roçar áspero sobre as tábuas certificaram-no de que lhe amarravam cordas para descê-lo ao fundo da cova.

Em seguida, sentiu uma espécie de atordoamento.

Provavelmente, os gatos-pingados e o coveiro haviam deixado que o peso do caixão se desequilibrasse, fazendo-o descer com a cabeça para baixo. Sentindo-se novamente na posição horizontal e imóvel, voltou ao normal. Acabava de tocar o solo.

O frio invadira-lhe os membros.

Uma voz se elevou lá em cima, glacial, solene. Ouviu, tão vagarosas que as poderia anotar uma após outra, frases latinas cujo sentido lhe escapava:

– *Qui dormiunt in terrae pulvere, evigilabunt; alii in vitam aeternam, et alii in opprobrium, ut videant semper*.

Uma voz de menino respondeu:

– *De profundis*.[132]

A voz grave continuou:

– *Requiem aeternam dona eis, Domine*.

A voz do menino respondeu:

– *Et lux perpetua luceat ei*.

Ouviu sobre a tábua que o cobria algo semelhante ao bater suave de algumas gotas de chuva. Provavelmente, era a água benta.

Pensou: “Em breve tudo estará terminado. Ainda um pouco de paciência. Fauchelevent levará Mestienne para beber, depois voltará sozinho e eu sairei daqui. Será coisa de uma hora”.

A voz grave repetiu:

– *Requiescat in pace*.

E a voz do menino disse:

– *Amen*.

Jean Valjean, com o ouvido atento, percebeu como que passos que se afastavam.

“Lá vão eles”, pensou. “Agora estou só.”

De repente, ouviu sobre a cabeça um ruído semelhante ao ribombar de um trovão.

Era uma pá de terra que caíra em cima do caixão.

Logo após, nova pá de terra.

Um dos buracos feitos para que pudesse respirar ficou obstruído.

Terceira pá de terra.

Depois, ainda outra.

Há coisas mais poderosas que os homens mais fortes. Jean Valjean perdeu os sentidos.

VII | ONDE SE EXPLICA A ORIGEM DO DITADO: NÃO PERDER A CARTADA

Eis aqui o que se passava acima do caixão em que se achava Jean Valjean.

Quando o coche fúnebre se afastou, quando o Padre e o coroinha tornaram a subir na carruagem, distanciando-se do local, Fauchelevent, que não tirava os olhos do coveiro, viu-o inclinar-se e pegar a pá que deixara enterrada no chão.

Fauchelevent então tomou uma resolução desesperada.

Colocou-se entre a cova e o coveiro, cruzou os braços, e disse:

– Eu pago!

O coveiro, olhando admirado, respondeu:

– O quê?

Fauchelevent repetiu:

– Eu pago!

– O quê?

– O vinho.

– Que vinho?

– O de Argenteuil.

– De Argenteuil?

– No Bom Marmelo.

– Vá para o diabo! – disse o coveiro.

E jogou uma pá de terra sobre o caixão.

O caixão ressoou com um ruído cavo. Fauchelevent sentiu-se vacilante, quase caindo também ele no interior da cova. Então gritou, com voz cheia de aflição.

– Amigo, vamos, antes que a taverna feche!

O coveiro tornou a encher a pá de terra. Fauchelevent continuou:

– Eu pago!

E segurou-se ao braço de Gribier.

– Ouça-me, colega. Eu sou o coveiro do convento e vim só para ajudá-lo. Podemos fazer isso à noite. Comecemos com um bom gole de vinho.

Enquanto falava, agarrando-se a essa insistência desesperada, fazia esta

lúgubre reflexão: “E se ele concordar, ficará bêbado?”.

– Provinciano – disse o coveiro –, se faz mesmo questão, consinto. Vamos beber. Depois do serviço, não antes.

E tornou a encher a pá de terra. Fauchelevent o deteve.

– Mas é Argenteuil de seis soldos!

– Essa agora! – disse o coveiro. – O senhor deve ser sineiro em algum lugar. Din, don, din, don; repete sempre a mesma coisa. Ora, vá passear!

E jogou a segunda pá de terra.

Fauchelevent chegara a uma dessas situações em que não se sabe o que mais dizer.

– Mas vamos beber! Afinal, quem paga sou eu!

– Só depois de a criança dormir.

E jogou a terceira pá de terra.

Depois, enterrou a pá no chão e continuou:

– Hoje à noite vai fazer frio, e a defunta sairá gritando atrás de nós se a deixarmos ali, descoberta.

Nesse momento, enquanto enchia novamente a pá, o coveiro curvou-se e um dos bolsos de sua blusa abriu.

O olhar espantado de Fauchelevent caiu maquinalmente naquele bolso entreaberto e parou.

O sol ainda não tinha desaparecido de todo; a luz ainda era bastante para que se pudesse distinguir uma coisa branca em seu interior.

Toda a quantidade de luz possível nos olhos de um camponês picardo inundou as pupilas de Fauchelevent. Ele acabava de ter uma ideia.

Sem que o coveiro, entregue a seu serviço, o percebesse, Fauchelevent meteu-lhe a mão no bolso, retirando a coisa branca que havia entrevisto.

O coveiro jogou na sepultura a quarta pá de terra.

No momento em que já se voltava para jogar a quinta, Fauchelevent ohou-o com profunda calma e disse:

– A propósito, colega, trouxe algum documento?

O coveiro interrompeu-se.

– Que documento?

– O sol já vai esconder-se.

– Pois que se esconda!

– O portão do cemitério vai fechar.

– E daí?

– Trouxe a sua nomeação?

– Ah! a minha nomeação? – disse o coveiro.

E procurou-a nos bolsos. Examinou um por um mais de uma vez.

– É mesmo! – exclamou. – Não trouxe a minha nomeação. Devo tê-la esquecido.

– Quinze francos de multa – disse Fauchelevent.

O coveiro ficou verde. O verde é a palidez das pessoas lívidas.

– Ai! Jesus! – exclamou. – Quinze francos de multa!

– Três moedas de cem soldos – disse Fauchelevent.

O coveiro deixou cair a pá.

Chegara a vez de Fauchelevent.

– Ora, moço – disse Fauchelevent –, não é para se desesperar. Não vá se suicidar para aproveitar a cova. Quinze francos são quinze francos, e pode ser até que não precise pagá-los. Sou velho, o senhor é moço. Conheço bem os truques, os troques, os triques e os traques. Vou dar-lhe um conselho de amigo. Uma coisa é clara; o sol já se esconde por detrás da cúpula dos Invalides e o cemitério vai fechar em cinco minutos.

– É verdade – respondeu o coveiro.

– Em cinco minutos o senhor não terá tempo suficiente para encher a cova; é funda como o diabo, e não vai dar tempo de sair antes que se fechem os portões.

– É mesmo.

– Então terá de pagar os quinze francos de multa.

– Quinze francos!

– Mas o senhor ainda tem tempo… Onde mora?

– A dois passos da barreira, a um quarto de hora daqui, Rue Vaugirard, número 87.

– Ainda tem tempo para sair.

– É verdade.

– Uma vez fora, corra até a sua casa, pegue o papel e volte, que o porteiro do cemitério lhe abrirá o portão. Se tiver a nomeação, nada terá de pagar. Depois o senhor enterrará o seu morto. Eu fico aqui esperando, para impedir que ele fuja da cova.

– Devo-lhe a vida, colega!

– Fogo nas canelas – disse Fauchelevent.

O coveiro, cheio de gratidão, apertou-lhe a mão e saiu correndo.

Quando o coveiro desapareceu por entre as árvores, Fauchelevent esperou até não lhe ouvir mais os passos; depois, inclinou para o túmulo e disse à meia-voz:

– Sr. Madeleine!

Nenhuma resposta.

Fauchelevent sentiu-se estremecer. Deixou-se escorregar para o interior da cova, lançou-se sobre o caixão e gritou:

– O senhor está aí?

Completo silêncio.

Fauchelevent, quase sem respirar de tanto tremer, pegou o formão e o martelo e fez saltar a tampa do caixão.

O rosto de Jean Valjean apareceu no crepúsculo, de olhos fechados, pálido.

Os cabelos de Fauchelevent se eriçaram; levantou-se, depois, encostou-se ao barranco, prestes a cair sobre o caixão. Olhou para Jean Valjean.

Jean Valjean jazia macilento, imóvel.

Fauchelevent murmurou em voz tão baixa que parecia um suspiro:

– Está morto!

E, endireitando-se, cruzando os braços tão violentamente, que os dois punhos fechados lhe bateram nos ombros, exclamou:

– Aí está como eu o salvei!

Então o pobre homem pôs-se a soluçar, monologando, pois é um erro pensar que o monólogo não faz parte da natureza. As emoções fortes frequentemente falam em voz alta.

– A culpa é de Mestienne. Por que foi morrer aquele imbecil? Por que foi morrer justamente agora que ninguém esperava? Ele é que causou a morte do Sr. Madeleine. Coitado do Sr. Madeleine! Está no caixão. Não há nada mais a fazer. Acabou-se. Mas, como pôde acontecer uma coisa destas? Meu Deus! Ele está morto! E que vou fazer com a menina? O que não irá dizer a quitandeira? Veja se é possível que um homem como este morra desse jeito! Quando penso que ele é que se meteu debaixo da carroça para me salvar! Sr. Madeleine! Sr. Madeleine! Bem dizia eu que ia faltar-lhe o ar. Ele não quis acreditar. Pois bem, que bela brincadeira! Morreu, tão bom, o melhor entre os filhos de Deus! E a menina? Eu é que não volto lá. Fico aqui mesmo. Receber um golpe como este! Vale a pena sermos dois velhos para fazermos o papel de dois bobos. Mas, antes de mais nada, como terá feito para entrar no convento? Aí é que tudo começou. Não se deve fazer coisas assim. Sr. Madeleine! Sr. Madeleine! Sr. *Maire*! Ele não me

ouve. Saia desta agora!

E puxava os cabelos, desesperado.

Ouviu, ao longe, por entre as árvores, um guincho agudo e prolongado. Era o portão que se fechava.

Fauchelevent inclinou-se sobre Jean Valjean e, de repente, deu um salto recuando tanto quanto é possível fazê-lo no interior de uma sepultura.

Jean Valjean abrira os olhos.

Presenciar uma morte é terrível, porém presenciar uma ressurreição não o deve ser menos. Fauchelevent sentiu-se petrificado, pálido, desvairado, transtornado pelo excesso de emoções experimentadas, não sabendo se se tratava de um vivo ou de um morto, encarando Jean Valjean, que o fitava.

– Estava dormindo – disse Jean Valjean.

E sentou-se no caixão.

Fauchelevent caiu de joelhos.

– Santa Virgem! O senhor me assustou!

Depois, levantou-se e exclamou:

– Obrigado, Sr. Madeleine.

Jean Valjean havia desmaiado. O ar puro tornara a animá-lo.

A alegria é o refluxo do terror. Fauchelevent custara a voltar a si quase tanto quanto Jean Valjean.

– Então, o senhor está vivo! Que fôlego! Tanto o chamei que o senhor voltou. Quando lhe vi os olhos fechados, disse comigo: – Pronto, morreu sufocado. – Eu ficaria louco furioso, teriam de me vestir uma camisa de força e me mandariam para Bicêtre. Que haveria de fazer se o senhor tivesse morrido? E a menina? A quitandeira não iria compreender nada! Largam-lhe a criança no colo e logo o avô morre! Que história! Santos do paraíso, que história! Ah! o senhor está vivo, e tudo acabou bem!

– Estou com frio – disse Jean Valjean.

Essas palavras chamaram Fauchelevent à realidade. Tinha de agir depressa. Aqueles dois homens, voltando a si, tinham sem perceber a alma perturbada, e um não sei quê de estranho provocado pelo ambiente sinistro em que se encontravam.

– Precisamos sair depressa – disse Fauchelevent.

Em seguida, meteu a mão no bolso e tirou uma pequena garrafa com que se prevenira.

– Mas, antes, um gole! – continuou.

A bebida terminou o que o ar fresco havia começado. Jean Valjean tomou um gole de aguardente e sentiu-se completamente restabelecido.

Saiu do caixão, ajudando Fauchelevent a pregar novamente a tampa.

Três minutos depois, estavam fora da cova.

Quanto ao mais, Fauchelevent estava tranquilo. O cemitério estava fechado e não deviam temer pela volta do coveiro Gribier. Ele deveria estar em casa, ocupado em procurar a nomeação, que não poderia ser encontrada por estar no bolso de Fauchelevent. Sem o papel, não poderia voltar ao cemitério.

Fauchelevent pegou a pá, Jean Valjean, a enxada, e ambos fizeram o enterro do caixão vazio.

Quando a cova já estava cheia, Fauchelevent disse a Jean Valjean.

– Vamo-nos. Traga a enxada que eu levo a pá.

Já caía a noite.

Jean Valjean sentiu um pouco de dificuldade para se mover, para andar. Dentro do caixão, inteiriçara-se, tornara-se um tanto cadáver. Entre aquelas quatro tábuas, viu-se dominado pela anquilose da morte. De certo modo, era preciso que se livrasse do gelo do sepulcro.

– O senhor está mancando – disse Fauchelevent. – Pena que eu também seja coxo, senão já iríamos embora.

– Bah! – respondeu Jean Valjean. – Com quatro passos fico bom para andar.

Foram-se pelo mesmo caminho percorrido pelo coche. Chegando ao portão, Fauchelevent, que levava consigo a nomeação de Gribier, jogou-a no guichê, o porteiro puxou a corda, o portão se abriu e ambos saíram.

– Como deu tudo certo! – disse Fauchelevent. – Que boa ideia teve o senhor!

Atravessaram a barreira Vaugirard pela maneira mais simples do mundo. Nos arredores de um cemitério, uma pá e uma enxada servem de passaporte.[133]

A Rue Vaugirard estava deserta.

– Sr. Madeleine – disse Fauchelevent, sem parar, levantando os olhos para as casas –, o senhor enxerga mais que eu. Onde fica o número 87?

– Justamente aqui – respondeu Jean Valjean.

– Não há ninguém na rua – retrucou Fauchelevent. – Dê-me a enxada e me espere por um minuto.

Fauchelevent entrou no número 87, subiu as escadas, levado pelo instinto que conduz o pobre aos sótãos, e bateu, no escuro, à porta de uma água-furtada.

Uma voz respondeu: – Entre.

Era a voz de Gribier.

Fauchelevent empurrou a porta. A casa do coveiro era, como todas as casas pobres, um sótão sem móveis e, ao mesmo tempo, atravancado. Um caixote – talvez um esquife – servia de cômoda, um boião de manteiga servia de pote, uma esteira fazia o papel de cama, e o próprio chão servia de mesa e cadeiras. Num canto, sobre uns trapos, restos de algum tapete, um grupo quase indecifrável; parecia uma mulher e algumas crianças. Toda a sala em grande confusão, como se tivesse acontecido ali uma catástrofe. As tampas dos caixotes estavam fora do lugar, os farrapos espalhados pelo chão, a bilha, quebrada, a mulher havia chorado, as crianças, provavelmente, tinham apanhado, indícios de uma busca minuciosa, caprichosa. Era evidente que o coveiro havia procurado inutilmente a nomeação, responsabilizando a todos pela sua perda, desde a bilha até a mulher. Ele parecia desesperado.

Mas Fauchelevent, querendo chegar logo ao fim da aventura, não notara esse lado triste de seu êxito.

Entrou e disse:

– Trago de volta a pá e a enxada.

Gribier olhou-o, espantado.

– É o senhor?

– E amanhã de manhã, poderá reaver sua nomeação com o porteiro do cemitério.

E deixou ali as ferramentas.

– Que quer dizer com isso? – perguntou Gribier.

– Quer dizer que o senhor deixou cair sua nomeação e eu a encontrei no chão, depois que o senhor se foi; enterrei a morta, tapei a cova, fiz o seu trabalho; o porteiro lhe devolverá o papel e o senhor não terá de pagar os quinze francos.

– Obrigado! – exclamou Gribier, extasiado. – De outra vez, quem paga o vinho sou eu!

VIII | INTERROGATÓRIO BEM-SUCEDIDO

Uma hora depois, no meio da noite escura, dois homens e uma menina apresentavam-se no número 62 da travessa Picpus. O mais velho deles levantou a aldrava e bateu.

Eram Fauchelevent, Jean Valjean e Cosette.

Ambos tinham ido buscar a menina na quitanda da Rue Chemin-Vert, onde Fauchelevent a havia deixado no dia anterior. Cosette passara as vinte e quatro horas sem nada compreender, a tremer em silêncio. Sentia tanto medo que não chegara a chorar. Não tinha ouvido coisa alguma nem conseguira dormir. A digna quitandeira fizera-lhe mil e uma perguntas, sem ter por resposta a não ser o mesmo olhar triste de sempre. Cosette nada deixara transpirar de tudo o que havia visto ou ouvido nos dois últimos dias. Adivinhava que estava atravessando algum perigo. Sentia perfeitamente que era preciso "ser esperta". Todos devem conhecer o poder soberano dessas três palavras pronunciadas aos ouvidos de uma pequena criatura amedrontada: – *Não diga nada!* – O medo é mudo. Além disso, ninguém pode guardar tão bem um segredo quanto uma criança.

Somente depois daquelas vinte e quatro horas cheias de inquietação é que ela, revendo Jean Valjean, deu tal grito de alegria que qualquer pessoa que a tivesse ouvido julgaria que a menina saíra de um abismo.

Fauchelevent, como era do convento, conhecia a senha sem a qual não poderia entrar. Todas as portas se abriram.

Assim foi resolvido o duplo e terrível problema: sair e entrar.

O porteiro, obedecendo a ordens, abriu a pequena porta de serviço que comunicava o pátio com o jardim, e que fazia vinte anos ainda podia ser vista da rua, na parede do fundo do pátio, bem em frente ao portão central.

Introduziu os três por essa porta; de lá chegaram ao locutório interior reservado, onde Fauchelevent, na véspera, recebera as ordens da Superiora.

A Priora, de rosário na mão, já os esperava. Uma madre vocal, com o véu abaixado, estava de pé a seu lado.

Uma vela discreta iluminava, poderíamos até dizer, fingia iluminar, o locutório.

A Priora examinou Jean Valjean de alto a baixo. Nada como dois olhos baixos para observar as coisas que os rodeiam.

Depois, perguntou:

– O senhor é o irmão?

– Sim, Reverenda Madre – respondeu Fauchelevent.

– Como se chama?

Fauchelevent respondeu:

– Ultime Fauchelevent.

Com efeito, ele tivera um irmão de nome Ultime, já falecido.

– De que lugar é o senhor?

Fauchelevent respondeu:

– De Picquigny, perto de Amiens.

– Que idade tem o senhor?

Fauchelevent respondeu:

– Cinquenta anos.

– Qual é a sua profissão?

Fauchelevent respondeu:

– Jardineiro.

– É bom cristão?

Fauchelevent respondeu:

– Toda a família é cristã.

– Essa menina é sua?

Fauchelevent respondeu:

– É, sim, Reverenda Madre.

– O senhor é pai dela?

Fauchelevent respondeu:

– Avô.

A Madre vocal disse à meia-voz à Priora:

– Como responde bem!

Jean Valjean não pronunciava uma palavra.

A Priora observou Cosette atentamente e disse à Madre vocal:

– Vai ser feia.

As duas religiosas conversaram por alguns minutos em um canto do locutório; depois, a Superiora voltou-se e disse:

– Sr. Fauvent, o senhor vai receber mais uma joelheira de guizo. Agora precisamos de duas.

Com efeito, no dia seguinte, ouviam-se dois guizos pelo jardim e as religiosas não resistiam à tentação de levantar uma pontinha do véu. No fundo, sob as árvores, viam-se dois homens cavando a terra, um ao lado do outro. Fauvent e um desconhecido. Acontecimento extraordinário. Até o silêncio foi rompido a ponto de dizerem: – É o ajudante de jardineiro.

As madres vocais acrescentavam:

– É o irmão do Sr. Fauvent.

Com efeito, Jean Valjean havia sido aprovado; usava a joelheira de couro

com o guizo e sua presença era oficial. Chamava-se Ultime Fauchelevent.

A mais forte causa determinante para a sua admissão fora a observação da Priora a respeito de Cosette: – *Vai ser feia*. – A Priora, depois de pronunciar esse prognóstico, fez logo amizade com Cosette, dando-lhe um lugar no pensionato como aluna.

Isso tudo era muito lógico. Embora não houvesse espelhos no convento, as mulheres têm uma intuição especial a respeito de um rosto; ora, as moças que se sentem bonitas dificilmente se farão religiosas, como a vocação é mais frequente na proporção inversa da beleza, espera-se mais das feias que das bonitas. Daí essa preferência pelas feiosas.

Toda essa aventura empolgou o bom velho Fauchelevent. O êxito fora tríplice: com Jean Valjean, a quem salvara e dera abrigo; com Gribier, que dizia: – O senhor me salvou da multa –; com o convento, que, graças a ele, conservando consigo o corpo de Madre Crucificação, iludira César e satisfizera a Deus. Houve um caixão e um cadáver no Petit-Picpus, um caixão sem cadáver no cemitério Vaugirard; a ordem pública, sem dúvida, tinha sido profundamente abalada, mas ninguém se apercebera de coisa alguma.

Quanto ao convento, sua gratidão para com Fauchelevent foi grande. Tornou-se o melhor dos empregados e o mais precioso dos jardineiros. Logo na primeira visita do Arcebispo ao convento, a Priora contou o caso a Sua Excelência, um pouco para se confessar, um pouco para se vangloriar. O Arcebispo, ao sair do convento, falou entusiasticamente do assunto ao Padre de Latil, seu confessor, mais tarde Arcebispo de Reims e Cardeal.[134] A admiração por Fauchelevent foi longe, pois chegou até Roma. Tivemos em nossas mãos um bilhete escrito pelo Papa então reinante, Leão xii, a um de seus parentes, Monsenhor na nunciatura de Paris, chamado, como ele, pelo nome de família, Della Genga;[135] lê-se o seguinte: *Parece-me que num dos conventos de Paris há um excelente jardineiro, homem de muita santidade, chamado Fauvent.* Contudo, nada desse triunfo chegou aos ouvidos de Fauchelevent na sua choupana; ele continuou a trabalhar na terra, a cobrir os melões, sem estar a par da própria excelência e santidade. Teve tanto conhecimento da própria glória como um boi de Durham ou de Surrey cujo retrato saísse publicado no *Illustrated London News*, com a inscrição: *O boi que conquistou o prêmio no concurso de animais cornígeros*.

IX | CLAUSURA

Cosette, no convento, continuou a guardar segredo.

Naturalmente, julgava-se filha de Jean Valjean. Quanto ao mais, nada sabendo, nada poderia dizer e, mesmo que soubesse de alguma coisa, nada revelaria. Acabamos de notar que nada obriga tanto as crianças ao silêncio como a infelicidade. Cosette já havia sofrido tanto que tinha medo de tudo, mesmo de falar, de respirar. Uma única palavra tantas vezes fizera cair sobre ela uma avalancha. Ela só começou a se sentir mais tranquila depois que Jean Valjean a levara consigo. Depressa habituou-se ao convento. Contudo, sentia saudade de Catherine, mas não ousava dizer nada. Uma vez, porém, disse a Jean Valjean: – Pai, se eu soubesse, traria Catherine comigo.

Cosette, tornando-se pensionista do convento, foi obrigada a vestir-se com o uniforme das outras meninas. Jean Valjean pediu que lhe dessem as roupas da menina. Era o mesmo vestidinho de luto que lhe dera de presente quando a tirara do albergue dos Thénardier. Ainda estava em bom estado. Jean Valjean guardou tudo, junto com as meias e os sapatos, com muita cânfora e toda espécie de aromas que existem nos conventos, numa pequena valise que arrumara para si. Colocou-a debaixo de uma cadeira, perto de sua cama, guardando-lhe cuidadosamente as chaves. – Pai – perguntou-lhe um dia Cosette –, o que está naquela malinha tão perfumada?

Fauchelevent, além da glória de que falamos há pouco, e da qual não teve nenhum conhecimento, foi recompensado pela sua boa ação; em primeiro lugar, sentiu-se mais feliz; em segundo lugar, diminuiu muito seu trabalho com a ajuda de Jean Valjean. Enfim, como gostava muito de tabaco, com a presença do Sr. Madeleine tinha a vantagem de tomá-lo três vezes mais do que antes e de uma maneira infinitamente mais voluptuosa, já que era o Sr. Madeleine quem pagava.

As religiosas não adotaram o nome de Ultime; chamavam-no de *o outro Fauvent*.

Se aquelas boas freiras tivessem um pouquinho do olhar de Javert, acabariam por notar que, quando era preciso sair para tratar de algum assunto relativo ao jardim, era sempre o Fauchelevent mais velho, doente e coxo quem saía, jamais o outro; mas, seja porque os olhos sempre fixos em Deus jamais sabem espionar, seja porque elas preferiam espionar-se mutuamente, ninguém deu atenção a isso.

Aliás, bem fazia Jean Valjean, conservando-se oculto; Javert continuou a observar os arredores do convento durante mais de um mês.

O convento era para Jean Valjean como uma ilha rodeada de abismos. Aquelas quatro paredes resumiam agora todo o seu mundo. Ele via bastante céu

para estar tranquilo, e Cosette o visitava o suficiente para fazê-lo feliz.

Recomeçou pois, para ele, uma vida sumamente agradável.

Morava com o velho Fauchelevent na choupana que ficava no fundo do jardim. Aquela casinha, que ainda em 1845 estava de pé, compunha-se, como já sabemos, de três cômodos, simples paredes lisas sem nenhum requinte. O maior deles foi, por força, cedido a Jean Valjean, que em vão resistiu à insistência de Fauchelevent. As paredes desse quarto, além dos dois pregos destinados à joelheira e ao cesto, tinham como ornamento um papel-moeda do partido realista de 93, pregado à parede por cima da lareira, do qual reproduzimos aqui os dizeres:

Armée Catholique
De par le Roi
Bon commerçable de dix livres
pour objets fournis à l'armée
remboursable à la paix
Série 3 *nº. 10390*
Stofflet,
et Royale

Esse *assignat* fora pregado à parede pelo antecessor de Fauchelevent, antigo revolucionário vendeano, falecido no convento.[136]

Jean Valjean trabalhava durante todo o dia no jardim e ajudava muito. Já havia sido podador de árvores, dando-se bem com a nova ocupação. Devem lembrar-se de que ele tinha toda sorte de receitas e segredos sobre cultura. Esses conhecimentos lhe foram de muita utilidade. Quase todas as árvores do pomar eram novas; enxertou-as e fê-las produzir frutos excelentes.

Cosette tinha permissão de passar com ele uma hora por dia. Como as irmãs eram tristes e ele era bom, comparava-os e preferia a companhia dele. À hora marcada, ela corria para a choupana, transformando-a em verdadeiro paraíso. Jean Valjean sentia-se encantado, vendo aumentar a própria felicidade com a felicidade que proporcionara a Cosette. A alegria que irradiamos tem isso de especial: longe de se enfraquecer como todos os reflexos, volta para nós mais resplandecente ainda. Nas horas de recreio, Jean Valjean via-a de longe, correndo e brincando, distinguindo-lhe o riso no meio de toda a algazarra das outras meninas.

Cosette, agora, sabia rir.

Até seu aspecto exterior, de certo modo, estava mudado. A tristeza

desaparecera. O riso é o sol que espanta o inverno do rosto humano.

Findo o recreio, quando Cosette se retirava, Jean Valjean vigiava as janelas de sua classe e, à noite, levantava-se para olhar as janelas de seu dormitório.

Afinal, Deus tem seus caminhos; o convento, como Cosette, contribuiu para manter e completar a obra do Bispo. É fora de dúvida que um dos lados da virtude confina com o orgulho. Há aí uma ponte construída pelo demônio. Jean Valjean, talvez sem que o soubesse, estava prestes a atravessar essa ponte quando a Providência o lançou no convento do Petit-Picpus; enquanto se comparava com o Bispo, julgou-se sempre indigno e continuava humilde; mas, depois de algum tempo, começando a comparar-se com os homens, o orgulho também começou a aparecer. Quem sabe? Talvez ele acabasse por retornar insensivelmente ao antigo ódio.

O convento deteve-o nessa descida.

Era a segunda prisão que conhecia. Em sua juventude, no que havia sido para ele o começo da vida, e mais tarde, havia bem pouco tempo, conhecera um lugar semelhante, lugar terrível, cujas severidades sempre lhe pareceram iniquidades da justiça, crimes da lei. Agora, depois das galés, conhecia o claustro; ao pensar que fizera parte das galés e que agora era, por assim dizer, espectador do claustro, confrontava-os mentalmente com ansiedade.

Às vezes, encostava-se à enxada e descia lentamente às espirais sem fim do sonho.

Lembrava-se dos antigos companheiros; como eram miseráveis: levantavam-se de madrugada, trabalhavam até a noite; apenas os deixavam dormir; dormiam em cima de tarimbas onde só eram tolerados colchões de menos de duas polegadas de espessura, em salas que não eram aquecidas senão nos meses mais frios do ano; vestiam-se de horríveis macacões vermelhos; permitiam-lhes, por favor, calças de pano ordinário no calor mais intenso, e mantas de lã às costas nos invernos mais fortes; não bebiam vinho nem comiam carne senão quando iam para o trabalho. Viviam sem nomes, designados por números, quase que transformados em cifras, abaixando os olhos, abaixando a voz, com os cabelos cortados, submetidos às chicotadas, à vergonha.

Depois, seu espírito recaía nas criaturas que tinha sob os olhos.

Também elas viviam de cabelos cortados, olhos baixos, quase sem voz, não na vergonha, mas submetidas à chacota do mundo, não sujeitas a chibatadas, porém com os ombros macerados pela disciplina. Também seus nomes tinham sido apagados da memória dos homens; não existiam senão escondidas por trás

de austeros apelidos. Jamais comiam carne ou bebiam vinho; muitas vezes iam até a noite sem tomar alimento; vestiam-se não com roupões vermelhos, mas com sudários negros, de lã, pesados no verão, insuficientes no inverno, sem poder tirar-lhes ou juntar-lhes coisa alguma; sem mesmo ter, segundo a estação, o recurso de roupas mais leves no calor e, sobretudo, mais quentes no frio. Por seis longos meses, usavam roupas de sarja que lhes causavam febre. Dormiam, não em salas aquecidas nos dias de maior frio, mas em celas onde jamais se acendeu um lume; deitavam-se, não em colchões de duas polegadas de espessura, mas sobre feixes de palha. Enfim, nem o sono lhes era poupado; todas as noites, depois de um dia de sofrimento, era preciso levantar-se, interromper o primeiro sono apenas começado e ir rezar numa capela fria e escura, com os joelhos sobre a pedra dura.

Em certos dias, algumas daquelas criaturas devem ficar doze horas seguidas ajoelhadas no chão, ou prostradas com o rosto em terra e os braços em cruz.

Os primeiros eram homens; estas eram mulheres.

Que haviam feito aqueles homens? Haviam roubado, violado, pilhado, matado, assassinado. Eram bandidos, falsários, envenenadores, incendiários, assassinos, parricidas. Que haviam feito aquelas mulheres? Absolutamente nada.

De um lado, o banditismo, a fraude, o roubo, a violência, a lubricidade, o homicídio, todos os tipos de sacrilégios, todas as variedades de atentados; do outro lado, uma única coisa, a inocência. A inocência perfeita, quase arrebatada em misteriosa assunção, ligada ainda à terra pela virtude, participando do céu pela santidade.

De um lado, confidências de crimes à meia-voz; de outro, confissões de faltas insignificantes em voz alta. E que crimes! E que faltas!

De um lado, os miasmas; do outro, perfumes inefáveis. De um lado, a peste moral vigiada, cercada por canhões, devorando lentamente os empestados; do outro, o casto abrasamento de todas as almas no mesmo fogo. Lá as trevas, aqui a sombra; sombra cheia de luzes, luzes cheias de esplendor.

Dois lugares de escravidão; mas, no primeiro, a possibilidade de libertação, um limite legal, sempre, embora longínquo, e depois a evasão. No segundo, a perpetuidade; por única esperança, no futuro distante, esse clarão de liberdade que os homens chamam de morte.

No primeiro, está-se preso por correntes; no segundo, pela fé.

Qual era o resultado do primeiro? Uma maldição imensa, o ranger de dentes, o ódio, a maldade desesperada, gritos de raiva contra a sociedade humana,

sarcasmos contra o céu. E o resultado do segundo? Bênção e amor. E nesses dois lugares, tão semelhantes e tão diversos, essas duas espécies de seres tão diferentes executavam a mesma obra, a expiação.

Jean Valjean compreendia bem a expiação dos primeiros, expiação pessoal, expiação individual. Mas não podia compreender aquela outra expiação de criaturas sem mácula, inocentes, e perguntava a si mesmo com angústia: – Expiação de quê? Que expiação?

Uma voz respondia em sua consciência: “A mais divina das generosidades humanas, a expiação pelos crimes alheios”.

Aqui colocamos de lado qualquer teoria pessoal; estamos apenas narrando; colocamo-nos no ponto de vista de Jean Valjean e traduzimos as suas impressões.

Ele tinha sob os olhos o ponto mais alto da abnegação, o ápice de toda a virtude possível; a inocência que perdoa as culpas humanas, expiando-as em seu lugar; a servidão aceita, a tortura sofrida, o suplício reclamado por almas puras para poupar as que pecaram; o amor à humanidade abismando-se no amor divino, continuando porém distinto e suplicante; doces criaturas frágeis carregadas pela miséria dos condenados, conservando o sorriso dos recompensados. E, então, lembrava-se de que havia ousado lamentar-se!

Muitas vezes, durante a noite, levantava-se para ouvir o canto reconhecido daquelas criaturas inocentes, torturadas pela severidade, e sentia frio nas veias, pensando que os justamente castigados só elevavam a voz ao céu para blasfemar, e que ele, miserável, havia mostrado os punhos a Deus.

Coisa impressionante que o fazia pensar profundamente como em uma advertência especial da própria Providência: a escalada, a clausura violada, a aventura aceita até a morte, a ascensão difícil e penosa, todos os esforços que havia feito para sair daquele lugar de expiação tiveram por fim seu ingresso no convento. Seria isso um símbolo do seu destino?

Aquela casa também era uma prisão, e parecia-se lugubremente à outra de onde havia fugido; contudo, jamais tivera ideia de algo semelhante.

Tornava a ver grades, ferrolhos, barras de ferro, para guardar o quê? Anjos. Aqueles muros altos que vira cercando tigres agora rodeavam cordeiros.

Era um lugar de expiação, não de castigo; era mais austero, porém, mais triste e impiedoso que o outro. Aquelas virgens eram mais duramente castigadas que os próprios forçados. Um vento frio e áspero, o mesmo que havia enregelado sua juventude, atravessava a cova gradeada acorrentada dos abutres; uma brisa mais

áspera e mais cruel ainda soprava na gaiola das pombas.

Por quê?

Quando pensava nessas coisas, toda a sua personalidade se abismava diante daquele mistério de sublimidade. Com essas meditações, seu orgulho desapareceu por completo. Ele fez todo tipo de considerações sobre si mesmo, sentiu-se perverso e, muitas vezes, chegou até a chorar. Tudo o que lhe acontecera nos últimos seis meses o levava para os santos ensinamentos do Bispo. Cosette, pelo amor; o convento, pela humildade.

Às vezes, de tarde, à hora do crepúsculo, quando o jardim estava deserto, viam-no de joelhos na calçada que ladeava a capela, diante da janela por onde olhara na noite em que ali entrara, voltado para o lugar onde a Irmã que fazia a reparação estava prostrada a rezar. Assim, ajoelhado a seu lado, ele também rezava. Talvez não ousasse ajoelhar-se diretamente diante de Deus.

Tudo o que o rodeava, a paz do jardim, as flores perfumadas, as crianças gritando alegremente, as mulheres graves e simples, o claustro silencioso penetravam-no lentamente, e, aos poucos, sua alma se compunha do silêncio daquele claustro, do perfume daquelas flores, da paz daquele jardim, da simplicidade daquelas religiosas, da alegria daquelas crianças. Depois pensava que eram duas casas de Deus que, sucessivamente, o haviam recolhido em dois instantes críticos da vida; a primeira vez, quando todas as portas se fechavam e a sociedade humana o expulsava; a segunda, no momento em que a sociedade humana voltava a persegui-lo para abrir-lhe novamente as portas da prisão; sem a primeira, recairia no crime; sem a segunda, voltaria para as galés.

Todo o seu coração se abismava em reconhecimento e abrasava-se de amor.

Assim se passaram muitos anos. Cosette ia crescendo.

---

1 Victor Hugo, antes de escrever esta parte do livro, visitou demoradamente o campo de batalha de Waterloo, desde maio até princípios de julho de 1861: *Passei dois meses em Waterloo. Foi ali que fiz a autópsia da catástrofe. Fiquei dois meses curvado sobre aquele cadáver*, escreveu ele em seu diário.

2 *André Le Nôtre* (1613-1700) criador e inovador dos mais belos jardins da França, Diretor dos Jardins Reais sob Luís XIV; sua obra máxima foi o parque de Versalhes.

3 Walter Scott, Lamartine, Vaulabelle, Charras, Quinet, Thiers. [N.A.]

4 Walter Scott: *Life of N. Buonaparte*. Alphonse-Marie-Louis de Prat de Lamartine: *Histoire de la Restauration*. Achille de Vaulabelle: *Histoire des Deux Restaurations*. Jean-Baptiste-Adolphe Charras:

Histoire de la Campagne de 1815. Waterloo. Edgar Quinet: *Histoire de la Campagne de 1815*. Louis-Adolphe Thiers: *Histoire du Consulat et de l'Empire*.

5 Do húngaro *shaco* (pr. tchaco), designação de diversos capacetes militares, muito pomposos, variações diversas dos *shacos* dos hussardos húngaros.

6 *Salvator Rosa* (1615-73) poeta, gravador, pintor e músico napolitano, excelente em seus quadros sobre cenas violentas ou batalhas. *Jean-Baptiste Vauquette de Gribeauval* (1715-89) General francês e Oficial de Artilharia. Graças a ele, a artilharia francesa, no início da Revolução, era a melhor de toda a Europa.

7 *Rembrandt Harmenszoon van Ryn* (1606-69) pintor holandês, célebre por seus efeitos de luz e sombra. *Antoine-François van Der Meulen* (1634-90) pintor flamengo. Seus quadros representam com a mais escrupulosa exatidão toda a história militar da França sob Luís XIV.

8 *Jean-Charles de Folard* (1669-1752) estrategista e escritor militar francês, autor dos *Commentaires sur Polybe*. *Políbio* (210-125 a. C.) historiador grego, autor do *Tratado sobre a Tática*, dissertação sobre a tomada de Numância por Cipião.

9 *César ri, Pompeu há de chorar*. César e Pompeu, depois de formarem, com Crasso, o primeiro triunvirato de Roma, defrontaram-se como inimigos na batalha de Farsália (ano 48), saindo César vencedor. Pompeu fugiu, pediu asilo a Ptolomeu, Rei do Egito, mas este mandou degolá-lo. O autor compara Wellington a Pompeu, cuja glória nas batalhas é devida mais ao trabalho de outros ou à pura sorte.

10 *Duquesa de Richmond* (1791-1860) esposa de Charles H. Gordon, Duque de Richmond, ajudante de campo de Wellington em Waterloo. *Nicolas-Jean de Dieu Soult, Duque da Dalmácia* (1769-1851) General e político francês.

11 *Fleury de Chaboulon* (1779-1835) secretário íntimo de Napoleão após sua volta da ilha de Elba, durante os Cem Dias. Autor das *Mémoires pour servir à l'histoire de la vie priveé, du retour et du règne de Napoléon en 1815*. *Barão Gaspard de Gourgaud* (1830-52) General francês, Oficial de Ordenança de Napoleão em 1811; foi escolhido como uma das três pessoas que deviam acompanhar o Imperador à ilha de Santa Helena. Escreveu, sob ditado de Napoleão, as *Mémoires pour servir à l'histoire de France sous Napoléon* e, mais tarde, a *Relation de la Campagne de 1815*. *Benjamin Constant de Rebecque* (1767-1830) escritor e político francês, nomeado Conselheiro de Estado por Napoleão; autor das *Mémoires sur les Cent-Jours*.

12 Henry Houssaye (1848-1911) historiador e crítico francês, notável por seus trabalhos sobre a época napoleônica, escreveu um estudo sobre Napoleão nas obras de Victor Hugo (*Napoléon le Grand par Victor Hugo*); segundo ele, não foi Napoleão quem respondeu, mas o Lugar-Tenente Taillade, a mando do Imperador.

13 *Agricola, incumo terram molitus aratro, Exesa inveniet scabra rubigine pila*. São versos de Virgílio no livro primeiro das *Geórgicas*, lamentando a luta fratricida dos romanos na batalha de Filipos (v. nota 32/2): *Dia virá em que o agricultor, traçando sulcos nessa terra triste, encontrará sob a relha do arado espadas roídas de ferrugem*.

14 Segundo Houssaye (v. nota 12/2), o guia de Napoleão não se chamava Lacoste, mas Decoster, e a observação do Imperador foi a seguinte: – Não corra tanto. Uma bala poderá matá-lo tão bem pelas costas como pela frente, fazendo-lhe uma ferida bem mais vergonhosa.

15 Eis a inscrição: D. O. M.*/AQUI FOI ESMAGADO/POR ACIDENTE/SOB UMA CARROÇA O SR./BERNARDO/DEBRYE COMERCIANTE/EM BRUXELAS NO DIA (ilegível)/FEVEREIRO 1637. [N.A.]

* D.O.M.: *Deo optimo maximo*: fórmula usada na dedicação das igrejas e dos monumentos piedosos. [N.A.]

16 *Velemos pela salvação do Império.* Antes do sucesso de *A Marselhesa*, de Rouget de l'Isle, era esse o mais famoso entre os hinos revolucionários; foi composto com palavras de A.-S. Roy sobre uma ária de *Renaud d'Ast*, ópera do compositor francês Nicolas Dalayrac (v. nota 26/2).

17 Nome de alguns regimentos ingleses, integrados por escoceses, habitantes das *high lands*, terras altas,

montanhas.

18 *Pibroch* gaita escocesa.

19 *Ben Lothian, ou pico de Lothian* belíssima região da Escócia, cheia de vales de grande fecundidade. *Argos* tida como a mais antiga cidade grega; grande centro artístico e pátria de célebres escultores.

20 *Splendid!* palavra textual. [N.A.]

21 O Marechal Ney (1769-1815), após a abdicação de Napoleão, foi nomeado Par de França por Luís XVIII, que o encarregou, depois, de enfrentar o ex-Imperador, fugitivo da ilha de Elba; mas Ney, em vez de o combater, incitou seus soldados a que abraçassem a causa de Napoleão. Depois de Waterloo, a Câmara dos Pares o condenou à morte, sendo executado no dia 7 de dezembro de 1815.

22 Expressão latina: *Estava escrito, era destino*.

23 *Pierre-Jacques-Étienne, Conde de Cambronne* (1770-1842) militar francês, seguiu Napoleão à ilha de Elba. General de Divisão, Conde e Par de França durante os Cem Dias, combateu em Waterloo à frente do último esquadrão da velha guarda. Quase moribundo, foi levado como prisioneiro para a Inglaterra. Voltando à França, foi absolvido pelo Conselho de Guerra.

24 Um jornalista da época assim relatou a resposta de Cambronne: *A guarda morre, mas não se rende*. Há outras muitas variações e discussões acerca dessa resposta. O próprio Cambronne, ouvindo mais tarde a bela frase acima, comentou: *Disse algumas palavras mais brilhantes, talvez, mas de uma energia mais soldadesca*. Ele sempre negou a autoria da frase. Não quis negar, porém, a da palavra.

25 *Leônidas* Rei de Esparta, morto no ano 480 a.C., quando defendia o desfiladeiro das Termópilas. Xerxes mandou-lhe uma carta com estas simples palavras: *Entregue as armas!* Ao que o altivo espartano respondeu: *Venha buscá-las! François Rabelais* (1494-1553) humanista e escritor francês. Beneditino, médico, professor de anatomia, é o autor, entre outras obras, de *Vie inestimable du Gargantua* e dos *Faits et Prouesses du très renommé Pantagruel*. É considerado o maior poeta do século XVI por sua linguagem variadíssima embora deliberadamente grosseira. Dele diz La Bruyère: *Onde é mau, excede o pior, é o encanto da canalha; onde é bom, vai até o sublime*.

26 *Rouget de l'Isle* (1760-1836) Oficial e compositor francês; estava em Estrasburgo no momento da declaração de guerra à Áustria, quando, cedendo a um sentimento de sublime patriotismo, compôs numa noite letra e música do *Canto de Guerra do Exército do Reno*, primeiro título do hino nacional francês. Tendo sido ouvido pela primeira vez em Paris cantado por um batalhão marselhês, em 1792, ficou conhecido como o *Hino dos Marselheses*, e, mais tarde, como *A Marselhesa* (v. nota 16/2).

27 *Qual o valor do chefe?*

28 *Uma batalha quase terminada, uma jornada quase no fim, erros reparados, maiores sucessos assegurados para o dia seguinte, tudo foi perdido num momento de pânico.* (Napoleão, *Ditados de Santa Helena*). [N.A.]

29 *Barão Henri Jomini* (1779-1869) General e escritor militar; combateu como ajudante de campo de Ney. Sendo-lhe recusado o generalato, ofereceu seus serviços ao Imperador da Rússia, limitando-se a aconselhar os aliados na batalha de Waterloo. certo deslumbramento, e aí só conseguem andar às apalpadelas. Jornada fulgurante, ou melhor, desmoronamento da monarquia militar, que, para grande espanto dos reis, arrastou todos os reinos, prenunciando a queda da força, a derrota da própria guerra.

Escreveu *Histoire Critique et Militaire des Campagnes de la Révolution*. *Frédéric-Ferdinand-Charles, Barão de Muffling* (1775-1851) Marechal prussiano. Em 1815, integrou o quartel-general de Wellington, sendo nomeado, depois de Waterloo, Governador de Paris. Escreveu várias obras sobre suas campanhas, reunidas sob o título *Memórias*. *Jean-Baptiste Adolphe Charras* (1810-65) político e militar francês, autor da obra *Histoire de la Campagne de 1815*.

30 *Johan Wolfgang von Goethe* (1749-1832) escritor e humanista alemão, expoente do movimento romântico em seu país e na Europa, autor, entre outras, das obras *Fau*sto, *Os sofrimentos do jovem Werther* e *Afinidades eletivas*. *Byron* (v. nota 107/1).

31 *François Barême* ou *Barrême* (1640-1703) aritmético francês, autor do *Livre des Comptes Faits*. Seu nome passou para a linguagem comum, significando uma pessoa dotada de grande facilidade para cálculos. *Michelangelo* (v. nota 35/1).

32 *Filipos* batalha travada depois da morte de César (ano 42 a.C.) entre as forças de Bruto e Cássio, últimos defensores da república, e as legiões de Antônio e Otávio, nos arredores de Filipos, cidade da Macedônia. Virgílio fala dessa batalha no livro primeiro das *Geórgicas* (v. nota 13/2).

33 Trata-se de *Joachim Murat* (1767-1815), filho de um estalajadeiro; seguiu a carreira militar, chegando a ser, em 1804, Marechal do Exército francês. Em 1808, Napoleão deu-lhe o trono de Nápoles. O sargento de que fala Victor Hugo é *Jean-Baptiste-Jules Bernadotte* (1764-1844). Seguiu carreira militar com o mesmo êxito de Murat. Em 1810, os Estados da Suécia elegeram-no como herdeiro presuntivo de Carlos XIII. Tornou-se Rei da Suécia e Noruega em 1818, tomando o nome de Carlos XIV. Napoleão, portanto, não o fez Rei; somente o autorizou a aceitar a posição que lhe havia sido oferecida.

34 *Maximilien-Sébastien Foy* (1775-1825) General e político francês, inteligentíssimo – concluiu seus estudos aos catorze anos – e, muito hábil, comandou uma divisão em Waterloo. Com a volta de Luís XVIII, foi eleito para a Câmara dos Deputados, tornando-se bem depressa um dos oradores mais eloquentes e populares do partido liberal.

35 *Luís XVIII* entrou em Paris, protegido pelas armas dos aliados, no dia 8 de julho de 1815. *20 de março de 1815* dia em que Napoleão voltou triunfalmente à capital da França, depois de haver fugido da ilha de Elba.

36 *Bouvines* vitória obtida em 27 de julho de 1214 por Filipe Augusto, Rei da França, sobre alemães, ingleses e flamengos aliados a fim de desmembrarem o território francês. Bouvines representa na história da França a primeira grande vitória nacional da realeza. *Fontenoy* batalha travada em 11 de maio de 1745, entre franceses e tropas aliadas, cabendo a vitória aos franceses comandados pelo Marechal de Saxe. *Austerlitz* vitória memorável de Napoleão sobre o exército austro-russo, obtida em 2 de dezembro de 1805.

37 *Trestaillon* apelido de Jacques Dupont, célebre agitador, membro da Guarda Nacional. Foi, em Nîmes, um dos chefes da perseguição político-religiosa levada a efeito contra os protestantes da região. As turbas de católicos comandadas por ele cometiam atrocidades durante os seis dias da semana, descansando piedosamente aos domingos.

38 *Non pluribus impar* divisa de Luís XIV, o Rei Sol: *Não diferente* (ou inferior) *a muitos* (sóis).

39 Depois do arco de triunfo *de l'Étoile*, o arco do *Carrousel*, uma das praças mais amplas de Paris, é um importante monumento da cidade; construído para comemorar a vitória de Austerlitz, era encimado por uma quadriga de Lemot à qual estavam atrelados os célebres cavalos de São Marcos (Veneza). Em 1828 foram substituídos pela *Restauração guiada pela Paz*, grupo equestre esculpido por Bosio. *Arcole* e *Marengo* vitórias de Napoleão alcançadas respectivamente em novembro de 1796 e junho de 1800. *Duque de Angoulême* (v. nota 58/1).

40 *Louis-Antoine-Henri de Bourbon-Condé, Duque de Enghien* (1772-1804) fuzilado por ordem de Napoleão em 21 de março de 1804. Bonaparte foi sagrado Rei pelo Papa Pio VII em Notre-Dame no dia 2 de dezembro de 1804. Os dois acontecimentos, portanto, não se deram no mesmo mês, mas no mesmo ano.

41 *Pio VII* (1740-1823) Papa eleito em 1800, concordou em ir a Paris para sagrar Napoleão, certo de que este escolheria o catolicismo como religião oficial do Império. Recusando-se a aderir ao bloqueio continental, irritou a Napoleão, que se apoderou de Roma (1808) e dos Estados Pontifícios (1809). Napoleão levou-o como seu prisioneiro, até que os acontecimentos de 1814 o salvaram de sua cólera. Depois da queda de Bonaparte, Pio VII intercedeu por ele junto às cortes da Europa e acolheu em Roma os membros de sua família.

42 *Rei de Roma* (v. nota 97/1).

43 A *Carta Constitucional*, de 4 de junho de 1814, esteve em vigor, com exceção dos Cem Dias, até a abdicação de Carlos X, em 2 de agosto de 1830.

44 *Santa Aliança* pacto místico feito entre Alexandre I, Imperador da Áustria, e o Rei da Prússia no qual,

em nome da Santíssima e indivisível Trindade, eles se declaravam irmãos unidos por laços indissolúveis. Foi concluído em Paris, em setembro de 1815, com a adesão de Luís XVIII. *Belle-Alliance* aldeia da Bélgica, distante quatro quilômetros de Waterloo; centro das operações de onde Napoleão comandou a batalha de Waterloo, que os prussianos chamam de batalha de *Belle-Alliance*.

45 *Sir Hudson Lowe* (1769-1844) General inglês, nomeado em 1815 Governador de Santa Helena e Guarda Particular de Napoleão, destacou-se pela minuciosidade e antipatia com que cumpriu seu cargo.

46 *Alexandre I, Imperador da Rússia* (1777-1825) derrotado por Napoleão em Austerlitz, Eylau e Friedland.

47 *Lord Henry Bathurst* (1762-1834) Secretário de Estado inglês, distinguiu-se por suas opiniões antiliberais e por seu ódio contra a França e contra Napoleão Bonaparte. Foi ele quem nomeou como carcereiro de Napoleão o intransigente General Lowe (v. nota 45/2).

48 Referência aos versos com que Virgílio desmascarou o medíocre poeta Batiles, que se dissera autor de uma sua inscrição, para com isso receber os favores de Augusto. *Sic vos non vobis nidificatis, aves;/Sic vos non vobis vellera fertis, oves;/Sic vos non vobis mellificatis, apes; Sic vos non vobis fertis aratra, boves;* em português, *Assim vós, ó pássaros, fazeis ninhos,/assim vós, ovelhas, carregais a lã,/assim vós, abelhas, produzis o mel,/assim vós, ó bois, conduzis o arado,/porém não para vós.*

49 *Cerisoles* batalha travada em 14 de abril de 1544, entre os franceses, comandados pelo Duque de Enghien (v. nota 40/2), e o exército de Carlos V, Rei da Espanha e dos Países Baixos.

50 *Henri de La Tour d'Auvergne, Visconde de Turenne* (1611-75) considerado por Napoleão o maior General da França, depois dele, naturalmente.

51 *Louis-Lazare Hoche* (1768-97) General francês, considerado uma das maiores figuras da Revolução, distinguiu-se pela solicitude demonstrada para com seus subordinados. *François-Séverin Marceau* (1769-96) General francês, notável pela humanidade com que tratava os vencidos. Foi nomeado General com apenas vinte e quatro anos de idade.

52 *Gazette des Tribunaux* jornal de jurisprudência fundado em 1º. de novembro de 1825. *Drapeau Blanc* (v. nota 175/1).

53 *Journal de Paris* fundado em janeiro de 1777. Em 1811, uniu-se a outros jornais, aparecendo com esse mesmo título até 1827.

54 *Ferney* povoação da França perto de Genebra; deve sua celebridade a Voltaire, que lá residiu durante vinte anos. *Chegam todos os anos da Saboia./ E, com as mãos, limpam rapidamente / As longas chaminés cheias de fuligem.*
Esses versos fazem parte de *Le Pauvre Diable*, obra satírica publicada em 1760.

55 *Le Constitutionnel* fundado em 1815, era o órgão oficial dos liberais. Condenando o governo de Carlos X, demasiadamente influenciado pelo partido clerical, tomou parte importante nos acontecimentos da França até a Revolução de 1830.

56 *Ele cavou e sepultou tesouros em tenebrosa fossa,/Moedas, pedras, cadáveres, ídolos, nada.*

57 *Roger Bacon* (1214-94) Monge inglês, célebre pelas inovações que introduziu no estudo das ciências em geral. A fórmula química da pólvora acha-se, na verdade, entre seus escritos, mas ele a copiou dos árabes; nem por isso deixa de ser um dos introdutores do uso da pólvora na Europa. A origem do baralho foi questão muito discutida na época de Victor Hugo. Espanhóis, italianos, alemães e franceses disputavam-lhe a honra da invenção, atribuída com maiores razões aos hindus. Em 1704, porém, Ménestrier datou seu aparecimento a partir do reinado de *Carlos vi, o Louco* (1368-1422), Rei da França, atribuindo-lhe a invenção ao miniaturista francês Jacquemin Gringonneur.

58 Fernando VII, Rei de Espanha (1784-1833), viu-se obrigado a abdicar, forçado pelas tropas de Napoleão comandadas por Murat (1808). Com a queda do Imperador, voltou ao poder, abolindo a Constituição liberal aprovada durante sua ausência; mas foram tantas as revoltas contra seu reinado que Luís XVIII, em 1823, decidiu intervir em seu favor. Em 23 de maio desse mesmo ano, o exército francês entrou sem resistência

em Madri, e em 8 de agosto o Duque de Angoulême assinou a improf ícua *Proclamação de Andujar*, cidade da Espanha perto de Guadalquivir, destinada a pôr um freio à vingança dos partidários do Rei.

59 *Sans-culottes* em 1793, os "patriotas", para se distinguirem dos realistas, passaram a usar em vez de *culottes* (calções), calças compridas, sendo por isso pejorativamente denominados por seus inimigos de *sans-culottes*. *Descamisados* apelido depreciativo dado aos liberais espanhóis que fizeram a Revolução de 1820 contra Fernando VII, a fim de conseguir o restabelecimento da Constituição liberal de 1812.

60 *Carlos Alberto, Príncipe de Carignan* (1798-1849) da Casa de Saboia, mais tarde Rei da Sardenha, em 1823 uniu-se ao exército francês para combater os constitucionalistas espanhóis.

61 *José de Palafox y Melzi* (1780-1847) Duque de Saragoza, nomeado Capitão-General de Aragão, declarou guerra a Bonaparte, sustentando heroicamente dois ataques à sua cidade, tendo de se render na segunda vez, depois de três meses de assédio, obrigado pela epidemia que dizimava a população.

62 *Fiódor Vasilijevitch Rostopchin* (1763-1826) escritor e político russo, Governador de Moscou por ocasião da invasão dos franceses (1812); atribuiu-se a ele o incêndio de grande parte da cidade, forçando a penosa retirada do exército de Napoleão. *Francisco Ballesteros* (1770-1833) General espanhol, em 1823 encarregado da defesa de Madri, foi vencido facilmente pelos franceses, sendo condenado à morte por Fernando VII. Ajudado pelo Duque de Angoulême, conseguiu fugir, vindo a falecer em Paris.

63 *Carlos* X subiu ao trono francês por ocasião da morte de Luís XVIII, em 1824. Em 1830, ao assinar um decreto que dissolvia as câmaras, modificava as leis eleitorais e suprimia a liberdade de imprensa, provocando a Revolução de julho (27, 28 e 29), viu-se então forçado a abdicar.

64 *Michel Adriaanszoon de Ruyter* (1607-76) Almirante holandês, notável pelos feitos de sua esquadra em guerras contra ingleses, espanhóis e franceses, em defesa de Portugal, da Holanda e da própria Espanha, quando atacada pelos sicilianos.

65 *Abbé Jacques Delille* (1738-1813) poeta francês cujas obras alcançaram enorme sucesso, embora posteriormente não fossem tidas senão como meros documentos históricos, sem que se lhes possa negar a perfeição e facilidade com que compunha versos, sendo mesmo considerado o mestre da geração de poetas de 1820, à qual pertencia Victor Hugo.

66 *Voltaire* (v. nota 17/1). *Guillaume-Thomas-François Raynal* (1713-96) historiador e filósofo francês; em sua *Histoire Philosophique* ataca a política dos povos civilizadores, assim como o clero e a Inquisição, o que lhe valeu a interdição da obra na França e as inúmeras perseguições de que foi vítima. *Evariste-Desiré de Forges, Visconde de Parny* (1753-1814) poeta francês, admiradíssimo por Voltaire, autor de *Poesies Érotiques* e da *Guerre des Dieux*, paródia licenciosa da Bíblia. *Santo Agostinho* (354-430) o mais célebre dos padres latinos, autor das *Confissões*, combateu inúmeras heresias de seu tempo, sendo sua principal obra a *Cidade de Deus*, em que defende o cristianismo apontado como causa das grandes desgraças por que passava o Império Romano invadido pelas legiões de bárbaros.

67 *Champ d'Asile* denominação dada às terras do Texas, na América do Norte, onde estavam refugiados cerca de seiscentos franceses bonapartistas e liberais proscritos pela segunda Restauração; dada a pobreza em que viviam, em 1818 foi iniciada uma campanha de donativos em seu favor pelo jornal *La Minerve*, com resultado praticamente nulo.

68 *La Salpêtrière* grande edifício às margens do Sena, onde outrora se fabricava salitre; em 1656, foi transformado em asilo para os inúmeros mendigos de Paris e, posteriormente, em prisão para mulheres criminosas ou alienadas.

69 *Les Deux Forçats* melodrama de Jean-Bernard-Eugène de Cantiran, conhecido por *Boirie* (1783-1837), estreou no teatro da Porte-Saint-Martin em 1822.

70 *Le Courrier* fundado em junho de 1819, passou a se chamar *Le Courrier Français* em fevereiro de 1820. Jornal cuja finalidade era combater os preconceitos e arbitrariedades tanto dos revolucionários como dos monarquistas, chegou a se tornar o jornal mais corajoso e honesto da época.

71 *Henry-Robert Stewart, Marquês de Castlereagh* (1769-1822) estadista britânico. Com Wellington,

reorganizou o exército francês, notabilizando-se por seu ódio contra a França e contra Napoleão Bonaparte, sem por isso deixar de ser antipático a seus próprios compatriotas.

72 *Mestre Corvo, sobre uns papéis pousado,/Levava ao bico uma carta precatória,/Mestre Raposa, pelo cheiro alertado,/Conta-lhe, mais ou menos, esta história:/Hei! Bom dia!* etc. É uma paródia do início da conhecida fábula de La Fontaine (Livro I, fáb. II). *Maître corbeau, sur un arbre perché,/Tenait en son bec un fromage./Maître renard, par l'odeur alléché,/Lui tint à peu près ce langage:/He! bonjour!* etc.

73 *Jeanne Bécu, Condessa Du Barry* (1743-93) substituiu Mme. Pompadour como amante oficial de Luís XV, Rei que, por sua vida cheia de vícios, contribuiu para o advento da Revolução Francesa.

74 *Bicêtre* localidade a dois quilômetros de Paris, tira seu nome do castelo ali construído por Jean de Pontoise, Bispo de Winchester, nome que a linguagem popular transformou em *Bicêtre*. Em 1632 ali foi construído um asilo para militares inválidos, transformando-se depois em refúgio para doentes incuráveis, assim como prisão para os condenados à guilhotina e os grilhetas que ali esperavam a passagem das carroças que os conduziriam para as galés de Toulon e de Brest. Victor Hugo, em sua mocidade, visitou a prisão de Bicêtre em companhia do escultor David d'Angers, ficando terrivelmente impressionado com o que vira.

75 A *Place de Grève*, atualmente Place de l'Hôtel-de-Ville, desde o século XIV foi palco das maiores festas e das mais horrendas execuções de Paris, tomando parte importante em todos os movimentos revolucionários do povo francês. Até 1793, o cadafalso se levantava nessa praça, sendo depois transferido para a Place de la Concorde. Durante a Restauração, a guilhotina voltou a erguer-se ali; até que em 1830 foi transportada definitivamente para a barreira Saint-Jacques.

76 Em 1861, quando Victor Hugo voltou a se ocupar com *Os miseráveis*, interrompido desde 1848, havia doze anos que, por razões políticas, estava afastado de Paris, para onde voltou somente em 1870.

77 A cidade natal de Victor Hugo não é Paris, mas Besançon, na fronteira da Suíça, onde nasceu a 26 de fevereiro de 1802.

78 *Esta é a fábrica de Goblet filho /Vinde escolher, bilhas e cântaros,/Vasos de flores, tubos, ladrilhos. A quem vier le Coeur vende Carreaux.* Trocadilho intraduzível. *Coeur* pode ser *coração* ou *copas*, um dos naipes do baralho; *carreaux* pode ser *ladrilhos, tijolos, azulejos* ou *ouros*, também um dos naipes das cartas de jogar.

79 O *Petit-Picpus* de que fala Victor Hugo, como algumas ruas citadas nesta parte do livro, são concepções fantásticas do autor, que se comprazia em misturar o real com o imaginário. A planta de Paris datada de 1727, de que o autor nos dá tantos pormenores, se existisse, não poderia ser desenhada por Denis Thierry. Thierry é o nome de uma família francesa de impressores. Existem dois Thierry, irmãos com nomes idênticos: Denis. Um faleceu em 1657, o outro em 1712; nenhum deles, portanto, poderia publicar a planta de Paris de 1727. Talvez *Jean Girin*, sobre quem não encontramos notícia alguma, o tenha feito. Em todo caso, depois de um século, época em que se passa a história de Jean Valjean, é de se presumir que a planta de 1727 estivesse um tanto mudada.

80 *Átila* Rei dos hunos, depois de haver devastado todo o Oriente, apesar de *Marciano* (450-457), Imperador romano, negar-lhe o tributo que Teodósio, seu predecessor, lhe pagava, preferiu dirigir-se para o Ocidente, de onde Honória, irmã do Imperador *Valentiniano I* (419-455), lhe enviara um anel de noivado; sua intenção era receber a metade do Império como dote. *Aníbal* General cartaginês, um dos maiores capitães da Antiguidade (247-183 a.C.), depois das inúmeras vitórias que conquistara, tendo como única finalidade a destruição do Império Romano, depois da vitória de Cannes apoderou-se de Cápua, passando ali o inverno com seu exército, que, corrompido pelos prazeres da cidade, nunca mais voltou a ter o antigo espírito guerreiro. *Georges-Jacques Danton* (1759-94) convencionalista francês, orador eloquente, depois de lutar ardorosamente pela república, foi acusado de indulgência, sendo guilhotinado em 1794. *Arcis-sur-Aube* é sua cidade natal.

81 Victor Hugo primeiramente situou esta parte da história num convento da Rue Saint-Jacques, destinado ao amparo de jovens decaídas. Depois, vendo que o ambiente não era próprio para a educação das meninas,

substituiu-o pelo convento das beneditinas, cuja descrição, concordando exatamente com o convento das beneditinas da Adoração Perpétua, acredita-se, lhe tenha sido feita por Juliette Drouet, amante do autor, educada quando menina num pensionato de religiosas beneditinas. As bernardas beneditinas de Martin Verga são criação do próprio Victor Hugo.

82 Em Cister, deserto próximo a Dijon, foram fundados vários conventos, entre os quais o de Claraval, cujo primeiro abade foi São Bernardo (1091-1153), Doutor da Igreja e reformador da ordem Beneditina. Sob o nome genérico de beneditinos podem ser compreendidas todas as numerosas comunidades religiosas que tomaram como norma de vida a regra de São Bento, Patriarca dos monges do Ocidente, escrita originalmente só para os homens, dada a austeridade de que se revestia.

83 *São Filipe Neri* (1515-95) fundador do Oratório, congregação de padres seculares, sem votos especiais, dedicados a trabalhar em comum pela própria santificação e pela do próximo. No século XVIII, contavam-se cento e cinquenta casas de *filipinos*, como também são chamados. O Cardeal *Pierre de Bérulle* (1575-1629) fundou na França uma congregação de padres seculares nos moldes do Oratório de São Filipe Neri.

84 *Santa Teresa de Jesus* (1515-82) reformadora do Carmelo. Seus escritos contam-se entre os mais belos monumentos da língua castelhana e do misticismo cristão.

85 *Hécuba* tragédia de Eurípedes baseada no sofrimento de Hécuba, mulher de Príamo, mãe de Heitor, Páris e Cassandra, que durante a guerra de Troia vê morrer quase todos os seus dezenove filhos. *Charles Perrault* (1628-1703) escritor francês cuja antologia de contos infantis, *Contes de Ma Mère l'Oye*, à qual não dera muita importância, contribuiu mais para a sua celebridade que todos os outros livros que escreveu.

86 *O Collège des Quatre-Nations*, perto da porta de Nesle, em Paris, foi instituído por testamento do Cardeal Mazarino, em 1661, para receber sessenta alunos originários de "quatro nações": da Alsácia, dos Países-Baixos, do Roussillon e da província de Pignerol.

87 *Ninguém pode comunicar a estranhos nossas regras ou constituições.*

88 *Hyacinthe-Louis, Conde de Quélen* (1778-1839) Arcebispo de Paris a partir de 1821.

89 *Louis-François-Auguste de Rohan-Chabot* (1788-1833) depois da morte da esposa, em 1815, entrou para o seminário, onde se ordenou Sacerdote em 1822. Foi nomeado Bispo de Auch, de Besançon e, em 1830, recebeu o chapéu cardinalício.

90 *Stéphanie-Félicité, Condessa de Genlis* (1746-1830) escritora francesa. Seu catolicismo fanático valeu-lhe o apelido de *Mère de l'Église*. *Intrépide* apareceu em 1820, mas não foi além do nono número.

91 *Três corpos de mérito desigual pendem dos ramos:* / *Dismas e Gesmas, e, entre os dois, a potestade divina;* / *Dismas aspira ao céu, Gesmas, infeliz, pede baixezas.*/ *Que o supremo poder nos guarde a nós e aos nossos bens.*/*Diga estes versos, para que não venhas a perder tuas riquezas nas mãos de algum ladrão.*

92 *Marie-Jaqueline Bouette de Blemur* (e não Blemeur) Priora da abadia das beneditinas em Caen, autora de *L'Année Bénédictine* (1618-96).

93 *Giuseppe Ceracchi* (1751-1802) escultor italiano, guilhotinado em Paris sob a acusação de atentado contra Bonaparte, de quem era grande admirador. Os demais nomes aqui citados Victor Hugo tirou-os de diversas fontes, por exemplo: *Srta. Drouet* e *Srta. Gauvain*, do nome de sua amante, Juliette Gauvain Drouet; *Srta. Cogolludo*, do título de seu pai, o General Hugo, Conde de Cogolludo etc.

94 *Nicolas Roze* (1671-1733), conhecido como *Le Chevalier Roze* benemérito imortalizado pelo devotamento com que socorreu os empestados de Marselha em 1720.

95 *Depois do coração, as pedras.*

96 *Armand-Thomas Hue de Miromesnil* (1723-96) primeiro Presidente do Parlamento de Rouen.

97 A *abadia de Fontevrault*, fundada em 1099 sob a regra de São Bento, foi suprimida em 1790. Em 1803, foi restabelecido o ramo feminino da ordem; em 1804, a abadia foi transformada em casa de detenção.

98 *Aqui repouso; vivi vinte e três anos.*

99 *Joseph de Maistre* (v. nota 8/1). Eis as palavras com que louva o carrasco: *Il est fait comme nous extérieurement; il naît comme nous; mais c'est un être extraordinaire, et pour qu'il existe dans la famille*

humaine il faut un décret particulier, un Fiat de la puissance créatrice. Il est créé comme un monde (*Les Soirées de Saint-Pétersbourg*. Premier Entretien).

100 *Jean Calas* (1698-1762) comerciante de Toulouse, era protestante e pai de numerosa família. Em 1761, seu filho mais velho foi encontrado morto em sua casa e Jean viu-se acusado de homicídio, dando seus caluniadores como motivo do crime a vontade demonstrada pelo filho de abjurar o protestantismo e voltar à fé católica. Fanáticos religiosos levaram-no aos tribunais e, apesar das provas em contrário, Calas foi condenado ao suplício da roda. Voltaire acolheu a viúva e devotou-se à reabilitação de sua família. Depois de três anos, conseguiu a revisão dos processos, obtendo completo triunfo ao provar a inocência de Calas e o erro judiciário de que fora vítima.

101 *Wigwam* aldeia ou tenda dos peles-vermelhas da América do Norte.

102 *Kislaraga* chefe dos eunucos negros em Constantinopla.

103 *In pace* fórmula usada desde os primeiros séculos do cristianismo para saudação ou, mais comumente, para designar os túmulos dos mártires ou dos simples cristãos. Em prisões secretas, de existência não comprovada historicamente, nas quais, segundo Walter Scott, escritor inglês cuja influência sobre Victor Hugo é conhecida, eram fechados até a morte os religiosos culpados de escândalo.

104 *Jean-François Lefebvre de Labarre* (1747-66) condenado a horríveis suplícios pelo crime de não se ter descoberto à passagem de uma procissão. Como fez com Calas (v. nota 100/2), Voltaire conseguiu sua reabilitação póstuma. *Pierre-Paul Sirven* protestante célebre na história das perseguições religiosas, nascido em Castres (1709-77). Uma de suas três filhas foi fechada num convento para ser convertida ao catolicismo. Tendo enlouquecido, foi reenviada aos pais, que um dia a encontraram morta em um poço. Sirven e sua família foram acusados de infanticídio. Voltaire deu-lhes asilo em Ferney, enquanto Sirven era executado em efígie em Toulouse. Mas Voltaire, aproveitando-se da indignação suscitada pela morte de Calas, defendeu sua causa, conseguindo, cinco anos depois, a reabilitação de Sirven e de sua família.

105 Palavras de Jesus na última ceia (Lv XXII, 19, 20 – Mc XIV, 22, 24 – Mt XXVI,26-28).

106 *Caifás* Sumo Sacerdote dos judeus, da seita dos saduceus. Investido dessa dignidade por Valério Graco, Governador da Judeia, presidiu à reunião do sinédrio em que foi decidida a morte de Jesus. Perseguiu os primeiros cristãos até que Vitélio, Governador da Síria, o destituiu de sua dignidade (ano 36). *Draco* Arconte e legislador ateniense (ano 624 a.C.), autor de um código de leis célebre pelo rigor de suas penas, prescrevendo a morte não somente para os crimes como para as menores faltas. Daí a expressão comum a todas as línguas, *leis draconianas*, para designar disposições legislativas de severidade implacável. *Trimalcião* personagem que dá nome a um dos mais célebres episódios do *Satiricon*, do escritor e poeta latino Petrônio. *Tibério* (Tiberius Claudius Nero) segundo Imperador romano (42 a.C. - 37), a princípio demonstrou ótimas qualidades até que, por uma série de vícios e crimes, se transformou num dos mais abomináveis tiranos que a história conhece e no mais impopular dos imperadores.

107 *Tales* filósofo grego, o mais ilustre dos sete sábios, nascido cerca do ano 640 a.C. É tido como um dos criadores da física, da geometria e da astronomia.

108 *Trapa* refere-se à ordem trapista. *Horácio* (Quintus Horatius Flaccus) poeta latino (65-8 a.C.), amigo de Virgílio, autor de sátiras, odes e epístolas, sagrou-se mestre em todos os gêneros que cultivou.

109 *Godofredo Guilherme de Leibniz* (1646-1716) filósofo alemão, admitia a existência de Deus como força suprema. Preocupado com o problema da conciliação entre o bem e o mal, escreveu a *Teodiceia* (1710), em que se ocupa de importantes questões, como a da presciência divina e a da liberdade humana.

110 *Voltaire erigiu um monumento a Deus.*

111 *De profundis* palavras com que se inicia o Salmo CXXIX usado no of ício dos mortos: *Dos profundos abismos clamei a ti, Senhor…*

112 *Jean Mabillon* (1632-1707) beneditino da congregação de São Mauro. Entre outras obras de grande importância, escreveu *Acta SS. Ordinis Sancti Benedicti* e os *Annales Ordinis Sancti Benedicti*. *Merlo-Horstius* (e não *Merlonus*) escritor ascético (1597-1644), autor de numerosos livros de devoção, cuidou de

reeditar as obras de São Bernardo, que apareceram em seis volumes em 1641.

113 *Cardeal Pierre de Bérulle* (1575-1629) fundador do Oratório francês, morreu enquanto celebrava a missa em St. Magloire, Paris, igreja dos padres de sua congregação. *Hanc igitur oblationem*: palavras que o sacerdote diz antes da consagração no sacrif ício da missa: *Por isso, vos rogamos, Senhor, aceitai favoravelmente a homenagem de servidão que nós e toda a vossa igreja vos prestamos.*

114 *Pio VII* (v. nota 41/2).

115 *Bernardo Guidonis* (1260-1331) dominicano, Prelado e escritor francês, não morreu como Bispo de Tuy, na Galícia, mas como Bispo de Lodève, na França. Seu corpo foi transportado de Lodève a Limoges, para o convento dos frades pregadores.

116 *Jean Plantavit de la Pause* (e não *de la Fosse*) escritor e Prelado francês (1576-1651). A informação acima citada a respeito do Bispo Bernardo Guidonis deve ter sido extraída da *Chronologia Praesulum Lodovensium in Gallia Narbonensi*, da autoria de *de la Pause*, editada em 1634, contendo a biografia de cem bispos de Lodève.

117 *São Bento II* Papa eleito em 684, morto em 685, era muito amigo de *Constantino IV*, chamado Pogonato, autor do decreto com o qual a eleição do Pontífice romano não necessitava mais da confirmação do Imperador romano ou do Exarca de Ravena.

118 *A cruz mantém-se firme enquanto o universo se agita.*

119 *César de Bus* (1544-1607) tendo sido militar, poeta e dramaturgo, fez-se Sacerdote e fundou a Congregação dos Padres da Doutrina Cristã. Em 1821, foi-lhe conferido o título de venerável, que, nas causas de canonização, precede ao de bem-aventurado.

120 *Alexandre-Angélique de Talleyrand-Périgord* (1736-1821) político e eclesiástico francês, foi nomeado Cardeal e Arcebispo de Paris em 1817. Victor Hugo enumera aqui vários superiores da Congregação do Oratório; depois do *Padre Abel-Louis de Sainte-Marthe*, Superior Geral desde 1672 até 1696, houve ainda quatro superiores até que, em 1790, a congregação foi suprimida. *Charles de Condren* (1588-1641) teólogo francês, sucedeu, em 1629, ao *Cardeal de Bérulle* (v. nota 113/2). Redigiu as constituições da ordem. *François Bourgoing* (1585-1662) um dos dez sacerdotes que o Cardeal de Bérulle escolheu para fundar a congregação, da qual foi o terceiro Geral.

121 *Pierre Coton* (1564-1626) jesuíta francês, confessor de *Henrique IV* (v. nota 86/1), sobre o qual tinha grande ascendência. Conseguiu restabelecer os privilégios dos jesuítas na França (1604). Por ocasião do assassinato do Rei (1610), estes foram acusados de regicídio, sendo defendidos por Coton na obra *Lettre déclaratoire de la doctrine des pères jesuites*. Seu nome não consta na fundação dos Padres do Oratório.

122 *Sagitário* Bispo de Gap de 560 a 585. *Salone* Bispo de Embrun em 568. *Mommol* não consta dos dicionários. Talvez o autor queira referir-se a Momo, deus do sarcasmo e da loucura, ou aos *monons*, grupo de trovadores que seguiam a procissão de Corpus Christi em Aix.

123 *São Leão II* Papa de 682 a 683, antecessor de Bento II (v. nota 117/2). Dele conservam-se, ainda, cinco cartas, todas tratando do mesmo assunto: a aprovação dos atos do III Concílio Ecumênico de Constantinopla, reunido em 680 para discutir os erros dos monotelitas. Seus destinatários – entre eles não se encontra Pedro Notário – são respectivamente os seguintes: Constantino IV Pogonato, os bispos da Espanha em geral, Quirício, Arcebispo de Toledo, Simplicius e Ervígio, Rei dos visigodos. Deste último fala Victor Hugo, se bem que o assunto de que trata a carta seja o mesmo Concílio de Constantinopla (*Dictionnaire des Papes*, de M. Chevé, Paris, 1857, p. 905).

124 Segundo antiga tradição, os restos mortais de São Bento e de sua irmã, Santa Escolástica, foram transportados do monte Cassino para o mosteiro de Fleury. Contudo, os próprios monges de monte Cassino contestam essa tradição.

125 *Arnoul Wion* (1554-1610) beneditino e escritor francês, autor da obra *Lignum Vitae, ornamentum et decus Ecclesiae* (1595), antologia de beneditinos célebres. *Gabriel Bucelin* (1599-1691) beneditino e historiador alemão, autor de numerosas obras históricas em geral e sobre a ordem de São Bento em

particular: *Menologium Benedictinum, Annales Benedictini e Benedictus Redivivus. João Trithème, ou Trithemius* (1462-1516) historiador, teólogo e beneditino alemão, autor da obra *De Viris Illustribus Ordinis S. Benedicti*. *Salvestro Maurolicus* historiador italiano da segunda metade do século XVI, escreveu uma história das ordens monásticas: *Mare Oceano di tutte le religioni del mondo*. *Dom Luc d'Achéry* (1609-1685) sábio beneditino, autor das *Acta Sanctorum Ordinis Sancti Benedicti in saeculorum classes distributa* (1608).

126 *Henrique II* (973-1024) Imperador da Alemanha, foi canonizado pela Igreja em 1046. *Gregório, o antipapa*, religioso que no século XI tentou usurpar o papado de Bento VIII (?-1024).

127 *Austin Castillejo* na história da literatura castelhana, aparece *Don Fernando Manuel de Castillejo*, como simples tradutor de Heliodoro (*La Nueva Claricea*, 1722). Outro *Castillejo* é o poeta *Christoval de Castillejo*, falecido em 1596. Desgostoso da vida que levava na Corte, retirou-se para um convento. Sua poesia é cheia de graça e melancolia; suas *Obras Poéticas* apareceram somente em 1598. Outro *Castillejo* é o Padre *Antonio Castillo* ou *Castillejo*, da ordem dos franciscanos, autor do *El Devoto Peregrino*. Austin Castillejo é ignorado pelos dicionários biográficos; talvez seja uma criação de Victor Hugo, ou talvez ainda o autor se refira ao *Christoval Castillejo* de que falamos, que viveu na Corte de Carlos V como Secretário do Infante Don Fernando.

128 *Cemitério Vaugirard* nele foi sepultada Mme. Sophie Trebuchet Hugo, mãe de Victor Hugo, falecida no dia 27 de junho de 1821.

129 *Jean-Rodolphe Perronet* (1708-94) célebre engenheiro francês, construtor de várias pontes de Paris, acatado como um dos maiores inovadores nesse gênero de construção.

130 *Père-Lachaise* cemitério aristocrático de Paris. Pela pompa de seus monumentos e celebridade de seus túmulos transformou-se em curiosidade para turistas. Nele se encontram os túmulos de Chopin, Bellini, La Rochefoucauld, Saint-Hilaire, Benjamin Constant, Molière, La Fontaine, Balzac, Géricault, Talma, Mlle. Mars, para citarmos apenas alguns dos personagens que se distinguiram no ramo das artes e das letras.

131 *Prytanée Militaire de la Flèche* instituição educacional de ensino secundário reservada aos filhos de oficiais.

132 *Os que dormem no pó da terra despertarão, uns para a vida eterna, outros para o opróbrio que terão sempre diante dos olhos.* (Dn, XII, 2). *De profundis*. Essa resposta do coroinha e a frase acima citada não são usadas no ritual romano para a encomendação dos mortos.

133 *Vaugirard* na época em que se passa esta história, era uma pequena localidade contígua aos muros de Paris. Somente a partir de 1860 é que começou a ser considerada como parte integrante da capital francesa. Em sua primeira versão, Victor Hugo omite todo esse LIVRO OITAVO resumindo-o num só capítulo que termina assim: *Uma noite, Jean Valjean, graças a uma pequena porta que se vê da rua, situada no fundo do pátio à direita e que serve de comunicação com o jardim, saiu em companhia de Cosette, enquanto Fauchelevent ocupava a atenção do porteiro; depois, tornou a entrar quase em seguida e foi introduzido oficialmente no locutório pelo porteiro…*

134 *Jean Baptiste, Duque de Latil* (1761-1839) Prelado francês. Como Arcebispo de Reims, sagrou Carlos X. Foi nomeado Cardeal em 1826.

135 *Leão XII* (no século, *Annibal Della Genga*) (1760-1829) sucedeu a Pio VII no trono pontifício (1823). O parente de que fala o autor não pode ser seu sobrinho, o Cardeal *Gabriele Sermattei Della Genga* (1801-61), ordenado Sacerdote somente em 1830, após a morte de Leão XII.

136 *Assignat* papel-moeda emitido na França durante a Revolução.

MARIUS 3



LIVRO PRIMEIRO

PARIS ESTUDADA EM SEU ÁTOMO

I | PARVULUS

Paris tem crianças como as florestas têm pássaros; o pássaro chama-se pardal, a criança, moleque.

Reúnam essas duas ideias que contêm, uma, todo o calor, e outra, toda a aurora; aproximem essas duas faíscas, Paris e a infância, e como resultado veremos surgir um pequeno ser. *Homuncio*, diria Plauto.[1]

Ele é alegre. Não come todos os dias, mas, se lhe dá na telha, vai todas as noites ao teatro. Não tem camisa no corpo, nem sapatos nos pés, nem teto sobre a cabeça; é como as moscas do céu, que nada possuem de tudo isso. Sua idade vai dos sete aos treze anos; vive em bandos, anda pelas ruas, dorme ao ar livre, usa as velhas calças do pai, que lhe chegam ao calcanhar, um velho chapéu de outro pai que lhe cobre as orelhas, um único suspensório de pano amarelo; corre, espreita, pede, perde tempo, fuma cachimbo, blasfema como um condenado, frequenta as tavernas, conhece ladrões, é amigo das meretrizes, fala gíria, canta versos obscenos e nada tem de mau no coração. É que tem na alma uma pérola, a inocência, e as pérolas não se dissolvem na lama. Enquanto o homem é criança, Deus quer que seja inocente.

Se perguntassem à grande cidade: – Mas quem é ele? –, ela responderia: – É o meu filho.

II | ALGUNS DE SEUS SINAIS PARTICULARES

O moleque de Paris é o anão da cidade gigante.

Não vamos exagerar, porém; esse querubim das enxurradas às vezes usa camisa; nesse caso, terá somente uma; às vezes anda calçado, mas então seus sapatos não terão solas; às vezes tem onde morar, e gosta de sua casa porque lá encontra a própria mãe, mas prefere a rua, porque aí encontra a liberdade. Tem

brinquedos e malícias que lhe são peculiares, mas todos inspirados pelo ódio aos burgueses; usa metáforas especiais: morrer é o mesmo que *comer dente-de-leão pela raiz*; tem ocupações próprias: ir em busca de fiacres, baixar os estribos das carruagens, estabelecer pedágios para atravessar as ruas durante as grandes chuvas, o que ele chama de *construir pontes artísticas*, criar os discursos pronunciados pela autoridade em favor do povo francês, esgravatar entre as pedras das calçadas; tem sua moeda privativa, feita de todos os pedacinhos de metal que encontra pela rua. Essa curiosa moeda que toma o nome de *grana* tem curso invariável e muito bem regulamentado entre essa pequena boêmia de crianças.

Enfim, tem sua fauna particular, estudiosamente observada em seus habitats; o cachorrinho de Deus, o pulgão cabeça de defunto, a aranha, *o diabo*, inseto de cor preta que ameaça dobrando a cauda guarnecida de ferrões. Tem seu monstro fabuloso, que possui escamas no ventre mas não é lagarto, tem excrescências nas costas e não é sapo, morando em velhas caieiras, ou nos bueiros secos, negro, peludo, viscoso, arrastando-se ora depressa, ora devagar, sem gritar, mas sempre atento, tão terrível que ninguém jamais o viu; ele o chama de *mistério*. Procurá-lo por entre as pedras é uma de suas temíveis aventuras. Outro prazer: levantar de repente uma laje, observar os bichos-de-conta. Cada região de Paris é célebre pelas coisas interessantes que aí podem ser encontradas. Existem tesourinhas no jardim das Ursulinas, centopeias no Panthéon e rãs no Champ de Mars.

Quanto a frases espirituosas, o moleque as tem como Talleyrand.[2] Não é menos cínico, porém é mais honesto. Dotado de imprevisível jovialidade, embaraça qualquer comerciante com sua risada fingida. Seus dotes percorrem toda uma gama, desde a alta comédia até a farsa.

Passa um enterro. Entre os que acompanham o morto há um médico. – Olha – diz o moleque –, desde quando os médicos enterram as próprias obras?

Outro está no meio de uma multidão. Um homem sério, cheio de lentes e berloques, se volta, indignado. – Maroto, você passou a mão *na cintura* da minha mulher. – Eu, meu senhor? Pode me revistar!

III | COMO É AGRADÁVEL

À noite, graças a alguns vinténs que ele sempre dá um jeito de encontrar, o *homuncio* vai ao teatro. Transpondo aquela porta mágica, ele se transfigura; o moleque se transforma. Os teatros são como navios emborcados, com o porão

para cima. É nesse porão que o garoto se acomoda. O garoto está para o moleque assim como a borboleta está para a larva; o mesmo ser fugidio, imponderável. Basta que ele ali esteja, resplandecente de felicidade, com sua capacidade enorme de entusiasmo e alegria, com suas palmas mais semelhantes a um bater de asas, para que aquele porão pequeno, fétido, escuro, sórdido, doentio, nojento, abominável, se chame Paraíso.

Deem a alguém tudo o que é inútil, tirem-lhe tudo o que é necessário, e terão o moleque.

E ele não deixa de ter uma intuição literária. Sua tendência, dizemo-lo com indisfarçável pena, não é o clássico. Por natureza, é pouco acadêmico. Assim, para darmos um exemplo, a popularidade de Mlle. Mars entre esse pequeno público de crianças barulhentas era temperada com uma pontinha de ironia. O moleque batizou-a de *Mlle. Muche*.[3]

Ele berra, ridiculariza, chasqueia, briga, veste-se com os trapos da criança e os farrapos do filósofo, pesca nos esgotos, caça nas cloacas, extrai alegria da imundície, enche com sua verve as esquinas, zomba e morde, assobia e canta, aclama e pateia, mistura o Aleluia com o *Matanturlurette*, salmodia todos os ritmos, desde o *De Profundis* até o *Chienlit*, encontra sem procurar, sabe o que desconhece, é espartano até na trapaça, é lírico até na torpeza, ficaria de cócoras sobre o próprio Olimpo, espoja-se no esterco e sai coberto de estrelas.[4] O moleque de Paris é Rabelais criança.[5]

Não fica satisfeito com as calças se não tiverem o bolsinho do relógio.

Admira-se pouco, assusta-se menos ainda, zomba cantando das superstições, arrasa os exageros, faz blague dos mistérios, mostra a língua às almas do outro mundo, despoetisa as grandiosidades, introduz a caricatura nos grandes acontecimentos épicos. Mas não pensem que ele seja prosaico; longe disso; ele substitui a visão majestosa pela fantasmagoria cômica. Se Adamastor lhe aparecesse, o moleque lhe diria: – Olá, bicho-papão![6]

IV | COMO PODE SER ÚTIL

Paris começa no basbaque e termina no moleque, duas espécies de criaturas desconhecidas em outras cidades; a aceitação passiva que se satisfaz em olhar e a iniciativa inesgotável; Prudhomme e Fouillou.[7] Só Paris tem disso em sua história natural. Toda monarquia baseia-se no basbaque; toda a anarquia se refugia no moleque.

Essa criança pálida dos bairros de Paris vive e se desenvolve, ata-se e *desata-se* no sofrimento, na presença das realidades sociais e das coisas humanas como testemunha pensativa. Julga-se indolente, mas não o é. Olha sempre pronta a rir, mas sempre pronta para outras coisas também. Quem quer que sejais, vós que vos chamais de Preconceito, Abuso, Ignomínia, Opressão, Iniquidade, Despotismo, Injustiça, Fanatismo, Tirania, tomai cuidado com esse garoto admirado.

Essa criança crescerá.

De que argila é feita? Do primeiro barro que se encontrou. Um punhado de lama, um sopro e eis Adão. Basta que passe um Deus. E um Deus sempre passa ao lado de um moleque. A sorte o protege. Por *sorte* queremos dizer também aventura. Esse pigmeu modelado às pressas na mais comum das argilas, ignorante, iletrado, boquiaberto, vulgar, plebeu, será um jônio ou um beócio? Esperem, *currit rota*, o espírito de Paris, esse demônio que cria os filhos do acaso e os homens do destino, ao contrário do oleiro latino, faz do cântaro uma ânfora.[8]

V | SUAS FRONTEIRAS

O moleque gosta da cidade mas, sendo bastante sábio, também aprecia a solidão. *Urbis amator*, como Fuscus, *ruris amator*, como Flaccus.[9]

Andar sem destino, isto é, flanar, é um ótimo modo de o filósofo passar o tempo; particularmente nessa espécie de campanha um tanto bastarda, bastante feia, mas interessante, composta de duas naturezas, rodeando sempre as grandes cidades, especialmente Paris. Observar os arredores de uma cidade é ver algo de anfíbio. Finda-se o arvoredo, começam os telhados; acaba-se a relva, começam as calçadas; terminam os sulcos do arado, aparecem as lojas; findam-se as estradas, iniciam-se as paixões; fim do murmúrio divino, começo do rumor humano; daí seu extraordinário interesse.

Daí os passeios do pensador, aparentemente ao léu, a esses lugares tão pouco atraentes, marcados para sempre pelo epíteto de *tristes* que lhes deram os transeuntes.

Quem escreve estas linhas rondou por muito tempo pelos arredores de Paris, e isso é para ele uma fonte de profundas recordações. A erva rasa, os trilhos pedregosos, a areia, a argila, a áspera monotonia dos terrenos baldios e dos alqueires, as plantas serôdias, as hortas surgindo de repente no fundo dos

terrenos pantanosos, aquela mistura de selvagem e burguês, aquelas vastas superfícies desertas onde barulhentos tambores da guarnição fazem seus treinos, como que ensaiando uma batalha, aquelas tebaidas que à noite se transformam em covis de ladrões, o moinho desconjuntado girando ao sopro do vento, as carroças ao lado das pedreiras, as tavernas encostadas nos cemitérios, o encanto misterioso dos grandes muros sombrios cercando imensas áreas vazias inundadas de sol, cheias de borboletas, tudo isso o atraía.

Quase ninguém no mundo conhece esses lugares estranhos; Glacière, Cunette, o horrível muro de Grenelle crivado de balas, Mont-Parnasse, Fosseaux-Loups, Aubiers, na ribanceira do Marne, Mont-Souris, Tombe-Issoire, Pierre-Plate de Châtillon, onde existe uma velha pedreira abandonada, na qual atualmente nascem cogumelos, fechada à flor da terra por um alçapão de tábuas carcomidas. Os campos que circundam Roma dão-nos uma ideia; os que rodeiam Paris dão-nos outra; não ver no horizonte nada mais que campos, casas e árvores é o mesmo que pairar na superfície; todos os aspectos das coisas são pensamentos de Deus. O lugar em que uma planície se junta a uma cidade é sempre dominado por não sei que melancolia penetrante. A natureza e a humanidade fazem-se ouvir aí ao mesmo tempo. As originalidades locais tornam-se evidentes.

Quem já tiver andado, como nós, nessas solidões tão próximas dos bairros que poderíamos chamar de limbos de Paris, deve ter entrevisto aqui e ali, no lugar mais abandonado, no momento mais inesperado, atrás de uma estreita sebe ou no ângulo de uma parede triste, crianças agrupadas tumultuosamente, malcheirosas, sujas, poeirentas, cobertas de farrapos, com os cabelos eriçados, jogando bolinhas de gude, coroadas de flores. São todos os pequenos fugitivos das famílias pobres. Os terrenos baldios são o seu ambiente, a sua propriedade. Estabeleceram aí um perpétuo curso de vadiagem, cantando ingenuamente seu repertório de modinhas obscenas. Estão ali, ou melhor, existem ali, longe de qualquer vigilância, na doce claridade de maio ou de junho, ajoelhados em torno de um buraco, jogando bolinhas, disputando vinténs, irresponsáveis, livres, soltos, felizes; logo que nos veem, lembram-se que têm uma indústria, que é preciso ganhar a vida, e oferecem uma meia velha, cheia de besouros, ou um ramo de lilases. Esses encontros com tão estranhas crianças são um dos belos encantos, ao mesmo tempo pungentes, dos arredores de Paris.

Às vezes, entre um grupo de meninos, há algumas meninas – serão irmãs? – quase mocinhas, magras, lívidas, queimadas pelo sol, sardentas, enfeitadas com espigas de centeio e ramos de dormideiras, alegres, ariscas, descalças. Vemo-las

comer cerejas no meio dos trigais. À noite, ouvimos-lhes o riso. Esses grupos, ardentemente iluminados pela luz do meio-dia ou entrevistos ao clarão do crepúsculo, não saem com facilidade da mente de um pensador, misturando-se tais visões com seus sonhos.

Paris é o centro que tem por circunferência todos os seus arredores; aí, para essas crianças, se resume toda a terra. Elas jamais se aventuram fora desses limites. Não podem mais sair da atmosfera de Paris, como os peixes não podem sair da água. Para eles, duas léguas além das barreiras, nada mais existe: Ivry, Gentilly, Arcueil, Belleville, Aubervilliers, Ménilmontant, Choisy-le-Roi, Billancourt, Meudon, Issy, Vanves, Sèvres, Puteaux, Neuilly, Gennevilliers, Colombes, Romainville, Chatou, Asnières, Bougival, Nanterre, Enghien, Noisy-le-Sec, Nogent, Gournay, Drancy, Gonesse; nisso se resume o universo.

VI | UM POUCO DE HISTÓRIA

Na época quase contemporânea em que se passa a ação deste livro, não havia, como atualmente, um gendarme em cada esquina (benefício que não podemos analisar aqui); as crianças desamparadas abundavam em Paris. As estatísticas dão-nos uma média de duzentas e sessenta crianças sem abrigo apanhadas anualmente pelas rondas policiais nos terrenos baldios, nas casas em construção e sob os arcos das pontes. Um desses ninhos, que se tornou famoso, produziu as *andorinhas da Pont d'Arcole*. É esse, aliás, um dos mais desastrosos sintomas da sociedade. Todos os crimes do homem começam na ociosidade das crianças.

Contudo, excetuemos Paris. Relativamente, não obstante a observação que acabamos de fazer, a exceção é muito justa. Enquanto em qualquer outra grande cidade a criança sem família é um homem perdido, enquanto, quase por toda parte, a criança entregue a si mesma é, de algum modo, destinada e abandonada a uma espécie de imersão fatal nos vícios públicos que lhe devoram a honestidade e a consciência, o moleque de Paris, insistamos, tão gasto e consumido na superfície, mantém-se interiormente quase intacto. Coisa magnífica para se constatar, e que se torna evidente na esplêndida probidade de nossas revoluções populares, uma certa incorruptibilidade resulta da ideia que paira na atmosfera de Paris como o sal nas águas do oceano. Respirar Paris é conservar a alma.

O que acabamos de dizer não nos impede absolutamente de sentir o coração angustiado quando encontramos uma dessas crianças, ao redor das quais quase

que vemos flutuar os laços quebrados de uma família. Na moderna civilização, ainda tão incompleta, não é muito anormal essa destruição de famílias extinguindo-se na sombra, sem saber para onde vão os filhos, deixando cair as entranhas em meio à praça pública. Daí esses destinos obscuros. Isso se chama, pois tão triste realidade produziu uma locução, *ser lançado às sarjetas de Paris.*

Digamos, de passagem, que esse abandono de crianças nunca foi desencorajado pela monarquia. Um pouco do Egito e da Boêmia nas classes mais baixas acomodava as altas esferas e era útil ao desígnio dos poderosos. O ódio pela educação dos filhos do povo era então um dogma. – Para que serve essa *meia-luz*? – Tal era a palavra de ordem. Ora, a criança abandonada é o corolário da criança ignorante.

Aliás, a monarquia tinha às vezes necessidade de crianças e nessas ocasiões vasculhava as ruas.

No tempo de Luís XIV, para não nos afastarmos muito, o Rei queria, com muita razão, criar uma frota. A ideia era boa. Mas vejamos os meios de que se serviu. É impossível uma frota se, ao lado do navio a vela, joguete dos ventos, e para o rebocar quando se fizesse necessário, não houvesse o navio que vai para onde quer, movido a remos ou a vapor. Naquele tempo, as galés eram para a marinha o que hoje são os navios a vapor. Portanto, as galés eram imprescindíveis, mas não podiam existir se não houvesse grilhetas; logo, os grilhetas eram indispensáveis. Colbert, por meio dos intendentes das províncias e pelos parlamentos, produzia o maior número possível desses condenados.[10] A magistratura coadjuvava-o com a máxima complacência. Um homem conservava o chapéu na cabeça ao passar uma procissão; era atitude de huguenote; mandavam-no para as galés. Encontrava-se um rapaz pelas ruas: bastava que tivesse quinze anos e não tivesse onde dormir para que o mandassem para as galés. Grande reino! Grande século!

Sob Luís XV, as crianças desapareciam em Paris; a polícia as levava, não se sabe para que misteriosos fins. Segredava-se com espanto acerca das monstruosas conjecturas sobre os banhos de púrpura do Rei. Barbier fala claramente dessas coisas.[11] Acontecia, às vezes, que os esbirros prendiam crianças que tinham pais. Estes, desesperados, lançavam-se sobre os esbirros. Nesses casos, o parlamento intervinha e mandava prender, quem? Os esbirros? Não. Os pais.

VII | O MOLEQUE TERIA CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL ENTRE AS CASTAS DA ÍNDIA

Os moleques de Paris formam quase uma casta. Poder-se-ia dizer: não basta querer para pertencer ao seu número.

A palavra *moleque* [12] foi impressa pela primeira vez, vinda da língua popular para a língua literária, em 1834. Foi num opúsculo intitulado *Claude Gueux*[13] que o vocábulo apareceu. O escândalo foi enorme. E a palavra ficou.

Os elementos que constituem fatores de consideração entre os moleques são muito variados. Conhecemos um muito respeitado e admirado por ter visto um homem cair do alto das torres de Notre-Dame; outro por ter conseguido penetrar no pátio onde estavam guardadas provisoriamente as estátuas da igreja dos Invalides, surrupiando-lhes um pouco de chumbo; um terceiro, por ter presenciado o desastre de uma diligência; outro, ainda, porque *conhecia* um soldado que quase havia vazado o olho de um burguês.

É o que explica esta exclamação de um moleque de Paris, epifonema profundo de que o vulgo se ri sem compreender. – *Por Deus do céu! Que me aconteça uma desgraça, se já não vi um homem cair do quinto andar!*

Com certeza, é uma bela frase esta de um camponês: – Seu fulano, sua mulher morreu de doente; por que não mandou chamar um médico? – Que quer, meu senhor?, nós, os pobres, *morremos sozinhos*. – Mas, se toda a passividade do camponês trocista está nessa frase, toda a anarquia livre-pensadora do moleque dos subúrbios está, sem dúvida, nesta outra. Um condenado à morte, levado em uma carroça, ouve seu confessor: – *Vejam o maricas conversando com um padreco!*

Certa audácia em matéria religiosa envaidece qualquer moleque. Ser espírito forte é muito importante.

Assistir às execuções constitui um dever. Eles apontam para a guilhotina e riem-se. Chamam-na com grande variedade de apelidos: fim da sopa, rabugenta, a mãe do azul (do céu), a última dentada etc. Para não perderem nenhuma parte do espetáculo, sobem nos muros, trepam nas balaustradas, nas árvores, nas grades, nas chaminés. O moleque nasce tão pedreiro como marinheiro. Um telhado não lhe causa mais medo que um mastro. Não há festa que substitua a Grève. Sanson e o Padre Montès são os verdadeiros nomes populares.[14] Apupam o condenado para encorajá-lo. Admiram-no, às vezes. O moleque Lacenaire, vendo o horrível Dautun morrer corajosamente, disse estas palavras que resumem todo um futuro: – *Tive inveja!*[15] Não conhecem Voltaire, mas

sabem quem é Papavoine. Misturam na mesma história “políticos” e assassinos. Recordam-se das últimas roupas de todos eles. Sabem que Tolleron usava boné de chofer; Avril, uma touca de pele de lontra; Louvel, um chapéu redondo; que o velho Delaporte era calvo e estava descoberto, que Castaing estava muito corado e alegre; que Bories usava barba romântica; que Jean-Martin conservara os suspensórios; que Lecouffé e sua mãe discutiam.[16] – *Agora, não adianta mais se desculpar!* – gritou-lhes um moleque. Outro, para ver passar Debacker, muito baixinho, escondido no meio da multidão, nota o lampião do cais e sobe pelo poste. Um gendarme, em serviço, franze os sobrolhos. – Deixe-me subir, *seu* guarda – diz o moleque. – E, para enternecer a autoridade, acrescenta: – Pode deixar, que eu não caio. – Se você cair, que me importa? – responde-lhe o guarda.

Entre eles, um acidente memorável é tido na maior conta. Chega-se ao máximo de consideração quando acontece de um deles cortar-se “até o osso”.

O punho não é elemento insignificante para se conseguir respeito. Uma das coisas que o moleque diz com mais gosto é: – *Sou forte pra burro!* – Ser canhoto é a coisa mais invejável. Olhar vesgo é uma qualidade extraordinária.

VIII | ONDE SE LERÁ UMA ENCANTADORA FRASE DITA PELO ÚLTIMO REI

No verão, ele se metamorfoseia em rã; e, à tarde, ao cair da noite, diante das pontes de Austerlitz e de Iéna, do alto dos trens a carvão e dos barcos das lavadeiras, ele mergulha no Sena, infringindo de todos os modos possíveis as leis do pudor e da polícia. Contudo, os gendarmes estão atentos, resultando daí uma situação altamente dramática que deu lugar a um grito fraternal e memorável; esse grito, célebre em 1830, é uma advertência estratégica de moleque para moleque; escande-se como um verso de Homero com uma notação quase tão inexprimível como a melopeia eleusíaca das Panateneias, trazendo-nos novamente o antigo Evoé. Ei-la: – Ei! Olha o azar, olha o tira! Enrola os trapos e *dá o pira* pelo esgoto!

Às vezes esse mosquito – é assim que ele mesmo se qualifica – sabe ler; às vezes sabe escrever, e sempre é perito em garatujas. Ele não hesita em dotar-se, por não sei qual mútuo didatismo, com todos os talentos que possam ser úteis à causa pública; de 1815 a 1830, imitava o peru; de 1830 a 1848, desenhava peras nas paredes.[17] Numa noite de verão, Luís Filipe, voltando a pé de um passeio,

viu um deles, muito pequeno, suando, nas pontas dos pés, para acabar uma pera gigantesca num dos pilares da grade de Neuilly. O Rei, com aquela bonomia que lhe vinha de Henrique iv, ajudou o moleque, acabou o desenho e deu um luís ao garoto dizendo-lhe: – *Pronto, a pera está feita*. – O moleque gosta de algazarra. Agrada-lhe um pouco de violência. Odeia *os padres*. Um dia, na Rue d l' Université, um desses gaiatos virava o rosto ao passar pelo portão do número 69. – Por que fez assim ao passar pela porta? – perguntou um transeunte. – Ali mora um padre – respondeu o menino. De fato, lá morava o Núncio Papal. Contudo, seja qual for o voltairianismo do menino, se se apresenta a ocasião para ser coroinha, é possível que aceite; nesse caso, ajuda muito à missa. Há duas coisas de que ele é o Tântalo e que sempre deseja sem conseguir: derrubar o governo e mandar costurar as calças.

O moleque perfeito conhece todos os guardas da cidade de Paris, sabe sempre, quando encontra algum, apelidá-los convenientemente. Enumera-os todos com a ponta dos dedos. Estuda-lhes os costumes, tem observações especiais a respeito de cada um. Lê como livro aberto o íntimo da polícia, dizendo-nos desembaraçadamente, sem hesitar: – Este é *traidor*; aquele é *carrasco*; este *é grande*; aquele é *ridículo* (todas essas palavras: traidor, carrasco, grande, ridículo, têm em sua boca um significado especial); – Esse aí imagina que é dono da Pont Neuf e proíbe *o povo* de passear pela cornija do lado de fora do parapeito; aquele tem a mania de puxar a orelha das *pessoas* etc. etc.

IX | A VELHA ALMA DA GÁLIA

Havia algo desse moleque em Poquelin, garoto nascido no bairro de Halles; o mesmo acontecia com Beaumarchais.[18] Ser moleque é uma cambiante do espírito gaulês. As travessuras do garoto aliadas ao bom-senso dão-lhe às vezes mais força, como o álcool ao vinho. Às vezes, transforma-se em defeito. Homero repete-se muito, seja: poder-se-ia dizer que Voltaire peralteia. Camille Desmoulins era dos arrabaldes. Championnet, que ultraja os milagres, surgiu das ruas de Paris;[19] quando pequeno, várias vezes *inundou os pórticos* de Saint-Jean de Beauvais e de Saint-Étienne du Mont; fartara-se de tratar por tu o relicário de Santa Genoveva para que desse ordens ao sangue de São Januário.

O moleque de Paris é respeitoso, irônico e insolente. Tem maus dentes, porque é mal alimentado e seu estômago não pode ir lá muito bem, mas tem belos olhos porque tem espírito. Na presença do próprio Jeová ele subiria

pulando com os pés juntos os degraus do Paraíso. É hábil no jogo de pernas. Todas as crenças lhe são possíveis. Brinca nas enxurradas, sempre pronto para alguma rebelião; sua desfaçatez continua mesmo na frente da metralha; era um moleque, é um herói; como o pequeno tebano, sacode a pele do leão; o tambor Bara era um garoto de Paris; ele grita: – Avante! – como o cavalo da Escritura diz: – Vah! – e, num minuto, passa de fedelho a gigante.[20]

Esse filho do lodaçal é também filho do ideal. Meçam a distância que vai de Molière a Bara. Enfim, para resumir tudo numa palavra, o moleque é uma criatura que se diverte porque é infeliz.

X | *ECCE PARIS, ECCE HOMO*

Ainda para resumir, o moleque de Paris de hoje é como outrora o *graeculus* de Roma: é o povo criança, tendo na fronte as rugas de um mundo envelhecido.

O moleque é uma graça para a nação, e é ao mesmo tempo uma doença, doença que é preciso extirpar. Como? Pela luz.

A luz saneia.

A luz ilumina.

Todas as generosas irradiações sociais têm sua origem na ciência, nas letras, nas artes, no ensinamento. Façam homens, façam homens! Iluminem-nos para que eles os aqueçam. Cedo ou tarde, o esplêndido problema da instrução universal estabelecer-se-á com a irresistível autoridade da verdade absoluta; então, os que governarem sob a vigilância da ideia francesa terão de escolher entre as crianças da França ou os moleques de Paris; as chamas na luz ou os fogos-fátuos nas trevas.

O moleque é a expressão de Paris e Paris é a expressão do mundo.

Porque Paris é um todo. Paris é o teto do gênero humano. Toda essa prodigiosa cidade é um resumo dos costumes mortos e dos costumes vivos. Quem vê Paris julga contemplar o reverso de toda a história, com o céu e todas as constelações. Paris tem um Capitólio, o Senado, um Partenon, Notre-Dame, um Monte Aventino, o Faubourg Saint-Antoine, um Asinarium, a Sorbonne, um panteão, o Panthéon, uma Via Sacra, o Boulevard des Italiens, uma Tour des Vents, a opinião; e substitui as Gemônias pelo ridículo. Seu *majo* chama-se intrometido, seu *trasteverino* é a gente dos subúrbios, seu *hammal* é o saltimbanco, seu *lazzarone* chama-se *pègre*, seu *cockney* chama-se *gandin*. Tudo

o que existe fora de Paris existe em Paris. A peixeira de Dumarsais pode ser a réplica das vendedoras de ervas de Eurípedes; o discóbulo Vejanus revive no funâmbulo Forioso; Terapontígonus Miles daria o braço ao granadeiro Vadeboncoeur; Damasípio, o antiquário, se sentiria feliz entre os adelos; Vincennes impugnaria Sócrates do mesmo modo que a Ágora prenderia Diderot; Grimod de la Reynière descobriu o *roastbeef* como Curtillus inventou o ouriço assado; vemos reaparecer sob o arco de l'Étoile o trapézio que está em Plauto; o engolidor de espadas do Picílio, encontrado por Apuleio, é o engolidor de espadas da Pont Neuf; o sobrinho de Rameau e Curculião, o parasita, fazem um belo par; Ergasílio far-se-ia apresentar na casa de Cambacérès por Aigrefeuille; os quatro peraltas de Roma, Alcesimarco, Fédromo, Diabolus e Argíripo descem de Courtille na mala-posta de Labatut; Aulo Gélio não se demorou mais diante de Congrião que Charles Nodier diante de Polichinelo; Marton não é uma pantera, mas Pardalisca também não era um dragão; Pantolabus, o jogral, diverte no Café Anglais Nomentanus, o gozador; Hermógenes é tenor nos Champs-Élysées e, ao seu lado, Trásio, o mendigo, vestido de Bobèche, pede esmola; o importuno, que nos segura nas Tuileries pelo botão do casaco, faz-nos repetir depois de dois mil anos a apóstrofe de Tesprião: – *Quis properantem me prehendit pallio?*[21] – O vinho de Suresnes parodia o vinho de Albe; o copo de Désaugiers equilibra-se com a taça de Balatrão; Père-Lachaise emite sob as chuvas noturnas os mesmos clarões que os Esquélios, e a sepultura do pobre comprada por cinco anos vale tanto quanto o caixão de aluguel do escravo.

Procurem alguma coisa que Paris não tenha. A cuba de Trofônio nada contém que não esteja na tina de Mesmer;[22] Ergafilas ressuscita em Cagliostro; o brâmane Vasafanta encarna-se no Conde de Saint-Germain; o cemitério de Saint-Médar realiza milagres tão bons quanto a mesquita Umumié de Damasco.

Paris tem um Esopo, Mayeux, e uma Canídia, Mlle. Lenormand.[23] Assusta-se como Delfos diante das realidades fulgurantes da visão; faz girar as mesas como Dodona as trípodes.[24] Põe sobre um trono a grisete, do mesmo modo como Roma endeusa a cortesã; e, no fim de contas, se Luís XV é pior que Cláudio, Mme. Du Barry vale mais que Messalina. Paris combina num tipo inaudito, que viveu ao nosso lado, a nudez grega, a úlcera hebraica e o dichote gascão. Mistura Diógenes, Jó e Paillasse; veste um fantasma com velhos números do *Constitutionnel* e produz Chodruc-Duclos.[25]

Embora Plutarco afirme que *o tirano quase não envelheceu*, Roma, no tempo de Silas como no de Domiciano, resignava-se e se apressava em deitar água ao vinho.[26] O Tibre era um Letes, se formos crer no elogio um tanto doutrinário

que dele fez Varus Vibiscus: – *Contra Gracchos Tiberim habemus. Bibere Tiberim, id est seditionem oblivisci.*[27] – Paris bebe um milhão de litros de água por dia, mas isso não a impede de, oportunamente, fazer soar os tambores e tocar a rebate.

Apesar de tudo, Paris é boa menina. Aceita soberanamente tudo; no que respeita a Vênus, não é exigente; sua calipígia é hotentote; contanto que se divirta, sempre concede anistias; a feiura alegra-a, a deformidade desopila-a, o vício a distrai; seja engraçado, e poderá ser espirituoso; a própria hipocrisia, esse cinismo supremo, não a revolta; é tão literária que não tapa o nariz diante de Basílio, e se escandaliza tanto da prece de Tartufo quanto Horácio ao ouvir os "soluços" de Príapo. Nenhum traço da fisionomia universal falta ao perfil de Paris. Le Bal Mabille não é a dança polimniana do Janículo, mas a alcoviteira observa ali as raparigas exatamente como a alcoviteira Estáfila espionava a virgem Planesium.[28] A barreira do combate não é um Coliseu, mas a ferocidade aí é tão cruel como se estivessem lutando sob as vistas de César. A estalajadeira síria é mais gentil que Mme. Saguet, mas, se Virgílio frequentava as bodegas de Roma, David d'Angers, Balzac e Charlet sentaram-se nas tavernas de Paris.[29] Paris reina. Aí os gênios cintilam, as caudas vermelhas prosperam. Adonai a atravessa em seu carro de doze rodas feito de trovões e de relâmpagos; Sileno faz aí sua entrada montado em seu burrico. Sileno, leia-se Ramponneau.[30]

Paris é sinônimo de Cosmos. Paris é Atenas, Roma, Sibarias, Jerusalém, Pantin.[31] Todas as civilizações, como todas as barbarias, aí estão representadas. Paris envergonhar-se-ia de não possuir uma guilhotina.

Um pouco da Place de Grève é bom. Que seria de toda essa eterna festa sem esse tempero? Nossas leis sabiamente o providenciaram, e, graças a elas, esse cutelo goteja sobre o carnaval.[32]

XI | ZOMBAR, REINAR

Paris não tem limites. Nenhuma cidade teve tal domínio, que às vezes zomba dos que ela subjuga. – *Agradar-vos, ó atenienses!* – exclamava Alexandre. Paris faz mais que a lei, Paris faz a moda; Paris faz mais que a moda, faz a rotina. Paris pode ser tola, se você assim o quiser; às vezes, ela dá-se a esse luxo, então todo o universo se bestifica como ela; depois, Paris se levanta, esfrega os olhos e diz: – Que estúpida sou! – e desata a rir à face do gênero humano. Que maravilha é esta cidade! É estranho que o grandioso e o burlesco sejam tão bons vizinhos,

que toda essa majestade não se altere por tão grande paródia, que a mesma boca possa hoje soprar nos clarins do juízo final e amanhã numa flauta de cana! Paris tem uma jovialidade soberana. Sua alegria é raio que fere, sua farsa empunha um cetro. Suas tempestades nascem às vezes de uma simples careta. Suas explosões, suas jornadas, suas obras-primas, seus prodígios e suas epopeias chegam aos extremos do universo, do mesmo modo que seus despropósitos. Seu riso é uma boca de vulcão que convulsiona toda a terra. Seus esgares são faíscas. Ela impõe aos povos tanto suas caricaturas quanto seu ideal; os mais altos monumentos da civilização humana aceitam suas ironias e confiam a própria eternidade à sua brejeirice. Paris é soberba; tem um prodigioso 14 de julho que faz renascer a terra; obriga todas as nações a fazer o juramento do Jogo da Pela; sua noite de 4 de agosto dissolve em três horas mil anos de feudalismo;[33] ela faz de sua lógica o músculo da vontade unânime; multiplica-se sob todas as formas do sublime; enche com seu clarão Washington, Kosciusko, Bolívar, Botzaris, Riego, Bem, Manin, López, John Brown, Garibaldi;[34] está em toda parte onde se acende a luz do futuro: em Boston, em 1779, na ilha de Léon, em 1820, em Pesth em 1848, em Palermo em 1860; ela segreda a poderosa senha *Liberdade* aos ouvidos dos abolicionistas americanos, agrupados na balsa de Harper’s Ferry, e aos ouvidos dos patriotas de Ancona, reunidos à sombra dos Arcos diante da estalagem Gozzi, à beira-mar; cria Canaris, Quiroga, Pisacane;[35] faz brilhar o sublime sobre a terra; foi caminhando impelido pelo seu sopro que Byron morreu em Missolonghi e Mazet morreu em Barcelona;[36] Paris é tribuna sob os pés de Mirabeau e cratera sob os pés de Robespierre; seus livros, seu teatro, sua arte, sua ciência, sua literatura e sua filosofia são os manuais do gênero humano; ela tem Pascal, Régnier, Corneille, Descartes, Jean-Jacques, Voltaire para todos os minutos, Molière para todos os séculos; ensina sua língua aos lábios do universo, e essa língua transforma-se no Verbo; constrói em todos os espíritos a ideia de progresso; os dogmas libertadores que ela forja são espadas para as gerações futuras, e é com a alma de seus pensadores e poetas que são feitos, desde 1789, todos os heróis de todos os povos; isso não a impede de ser moleque, e esse gênio enorme que se chama Paris, transfigurando todo o universo ao clarão de sua luz, desenha a carvão o nariz de Bouginier nas paredes do templo de Teseu e escreve *Crédeville ladrão* nas pirâmides.

Paris está sempre com os dentes à mostra; quando não ralha, ri.

Assim é Paris. A fumaça de suas chaminés são as ideias do universo. Monte de lama e de pedra, se quiserem, mas, acima de tudo, ente moral. É mais que grande, é imensa. Por quê? Porque é ousada.

Ousar é o preço do progresso.

Todas as conquistas sublimes são mais ou menos prêmios de coragem. Para que haja a revolução, não basta que Montesquieu a pressinta, que Diderot a pregue, que Beaumarchais a anuncie, que Rousseau a premedite; é preciso que Danton ouse.

O grito: – *Audácia!* – é um *fiat lux*. Para que o gênero humano marche sempre avante, é preciso que no horizonte, permanentemente, haja altivas lições de coragem. As temeridades deslumbram a história e constituem uma das grandes luzes do homem. A aurora, quando surge, é ousada. Tentar, desafiar, persistir, perseverar, ser fiel a si mesmo, agarrar o destino corpo a corpo, espantar a catástrofe pelo pouco medo que ela nos causa, afrontar às vezes o poder injusto, ou insultar a vitória ébria, resistir, perseverar; eis o exemplo necessário aos povos, eis a luz que os eletriza. O mesmo clarão formidável passa do facho de Prometeu à imprecação de Cambronne.[37]

XII | O FUTURO LATENTE DO POVO

Quanto ao povo parisiense, mesmo adulto, não deixa de continuar a ser moleque; retratar a criança é retratar a cidade; é por isso que estudamos a águia nesse pardal em liberdade.

É sobretudo nos seus arrabaldes, insistamos ainda, que a raça parisiense aparece; lá ela é puro-sangue; lá está a sua verdadeira fisionomia; lá esse povo trabalha e sofre, e o sofrimento e o trabalho são as duas faces do homem. Existem ali quantidades imensas de seres desconhecidos nos quais formigam os mais estranhos tipos, desde o carregador da Rapée até o esfolador de animais de Montfaucon.[38] – *Fex urbis* – exclama Cícero; – *mob* – acrescenta Burke, indignado; turba, multidão, populaça.[39] São palavras que logo nos vêm à boca. Seja. Que importa? Que tenho eu a ver se eles andam descalços! Eles não sabem ler! Tanto pior. Só por isso devemos abandoná-los, transformando-lhes a penúria em maldição? A luz não pode iluminar essas massas? Voltemos ao grito: – Luz! – e obstinemo-nos em repeti-lo: – Luz! Luz! – Quem sabe se essas opacidades não se tornarão transparentes? As revoluções, por acaso, não são transfigurações? Vamos, filósofos, ensinem, esclareçam, iluminem, pensem em voz alta, falem em voz alta, corram alegres ao sol brilhante, fraternizem-se com as praças públicas, anunciem as boas-novas, distribuam alfabetos, proclamem os direitos, cantem as marselhesas, semeiem entusiasmo, arranquem ramos verdes à

azinheira. Façam da ideia um turbilhão. Essa multidão pode chegar ao sublime. Saibamos nos servir dessa vasta combustão de princípios e de virtudes, que cintila, que brilha, que estremece em determinados momentos. Esses pés descalços, esses braços nus, esses farrapos, essa ignorância, essas abjeções, essas trevas podem ser empregadas para a conquista do ideal. Olhem através do povo e verão a verdade. Essa vil areia que pisamos, lancemo-la ao fogo, deixemo-la ferver, façamo-la fundir-se, e ela se transformará num cristal esplêndido, e é graças a ele que Galileu e Newton descobrirão os astros.

XIII | O PEQUENO GAVROCHE [40]

Oito ou nove anos, mais ou menos, depois dos acontecimentos relatados na segunda parte desta história, notava-se, no Boulevard du Temple e nas regiões do Château-d'Eau, um menino de onze a doze anos que teria realizado perfeitamente esse ideal do moleque esboçado há pouco, se, com o riso próprio de sua idade nos lábios, não tivesse o coração completamente triste e vazio. O rapazinho, é verdade, estava vestido com uma calça de homem, mas não era de seu pai, e uma blusa de mulher, que também não era de sua mãe. Alguém, por simples caridade, vestira-o com esses trapos. Contudo, tinha pai e mãe. Mas seu pai não se importava com ele e sua mãe sequer o amava. Era um desses garotos dignos de piedade mais do que qualquer outra criança, porque tinha pai, mãe, e era órfão.

Ele só se sentia bem na rua. As pedras das calçadas eram-lhe menos duras que o coração de sua mãe.

Seus pais o haviam jogado na vida com um pontapé.

E ele, de muito boa vontade, erguera voo.

Era um rapaz ruidoso, pálido, ágil, esperto, divertido, de aspecto vivaz e doentio. Ia, vinha, cantava, jogava, metia-se pelas enxurradas, roubava um pouco, mas como os gatos e os passarinhos, alegremente; ria-se quando o chamavam de garoto, zangava-se quando o chamavam de vadio. Não tinha casa, não tinha comida, nem lume, nem amor; mas era alegre porque era livre.

Quando essas pobres criaturas se tornam homens, quase sempre a mó da ordem social os alcança e tritura; mas, enquanto são crianças, como são pequenos, conseguem escapar. Qualquer buraco os salva.

Contudo, por mais abandonado que estivesse, acontecia às vezes, cada dois

ou três meses, de dizer assim: – Puxa, vou ver minha mãe! – Então deixava as ruas, o circo, a Porta Saint-Martin, descia ao cais, atravessava as pontes, chegava aos arrabaldes, alcançava Salpêtrière e chegava aonde? Precisamente no duplo número 50-52 que o leitor já conhece, o pardieiro Gorbeau.

Nessa época, o número 50-52, comumente deserto e eternamente decorado com o aviso: *Quartos de aluguel*, era habitado, coisa rara, por muitos indivíduos, que, aliás, como sempre acontece em Paris, não tinham nenhum laço ou interesse que os ligasse um ao outro. Todos pertenciam a essa classe indigente que começa a partir do último pequeno burguês decaído e se prolonga de miséria em miséria no *bas-fond* da sociedade até aqueles dois seres nos quais se acabam todas as coisas materiais da civilização, o limpador de esgotos e o trapeiro que recolhe farrapos.

A *primeira locatária* do tempo de Jean Valjean morrera e havia sido substituída por outra igual. Não sei que filósofo disse: – Nunca faltarão mulheres velhas.

Essa nova velha chamava-se Mme. Burgon; sua vida nada tinha de notável, a não ser uma dinastia de três papagaios que haviam reinado sucessivamente em sua alma.

Os mais miseráveis entre os que moravam naquele pardieiro eram uma família composta de quatro pessoas, pai, mãe e duas filhas já bem crescidas, todos os quatro morando num dos quartos de que falamos atrás.

Essa família, à primeira vista, nada tinha de particular a não ser a extrema miséria; o pai, ao alugar o quarto, disse que se chamava Jondrette. Algum tempo depois de sua mudança, que singularmente se assemelhava, para usarmos a expressão memorável da principal locatária – *à entrada de absolutamente nada* –, o tal Jondrette dissera à mulher que, como a antecessora, era ao mesmo tempo porteira e encarregada de varrer a escada: – Mme. Fulana, se por acaso alguém vier perguntar por um polonês, um italiano ou talvez um espanhol, pode me chamar.

Esta era a família do alegre rapazinho. Ele chegava, encontrava só miséria e, o que é mais triste ainda, nenhum sorriso; frio no lar, frio nos corações. Quando entrava, perguntavam-lhe: – De onde vem você? – Ele respondia: – Da rua. – Quando ele ia embora, diziam-lhe: – Para onde vai? – Ele respondia: – Para a rua. – E sua mãe: – Que veio fazer aqui então?

Essa criança vivia nessa completa ausência de afetos, como essas ervas sem cor que nascem nos subterrâneos. Não sofria com isso e nem por isso odiava as

pessoas. Ele nem sabia bem como deveriam ser um pai ou uma mãe.

Contudo, sua mãe gostava de suas irmãs.

Esquecemo-nos de dizer que, no Boulevard du Temple, o chamavam de Gavroche. Por que Gavroche?

Provavelmente porque seu pai se chamava Jondrette.

Cortar todos os fios parece ser o instinto de certas famílias miseráveis.

O quarto que os Jondrette ocupavam no pardieiro Gorbeau era o último, no fim do corredor. A sala contígua fora alugada por um moço muito pobre chamado Marius.

Digamos quem era esse Marius.

LIVRO SEGUNDO

O GRANDE BURGUÊS

I | NOVENTA ANOS E TRINTA E DOIS DENTES

Nas ruas Boucherat, Normandie e Saintonge, existem ainda alguns antigos moradores que se lembram de um homem chamado Gillenormand, do qual falavam com bastante complacência. Esse homem já era velho quando eles ainda eram moços. Sua silhueta, para os que contemplam melancolicamente esse vago formigamento de sombras que se chama passado, não desapareceu por completo do labirinto de ruas vizinhas à Rue du Temple, às quais, sob Luís XIV, deram os nomes de todas as províncias da França, do mesmo modo como em nossos dias deram às ruas do novo bairro, Tivoli, os nomes de todas as capitais da Europa; progressão, digamos de passagem, onde o progresso é visível.

Gillenormand, que em 1831 ainda gozava de ótima saúde, era um desses homens que a gente gosta de ver unicamente porque viveram muito, e que são estranhos justamente porque se assemelharam a toda gente e agora não se parecem com ninguém. Era um velho diferente, verdadeiramente um homem de outros tempos, o verdadeiro burguês, completo e um tanto altivo, do século XVIII, carregando sua boa e velha burguesia com a mesma pose com que os marqueses carregavam seu marquesado. Ele já havia ultrapassado os noventa anos, andava empertigado, falava alto, enxergava bem, bebia bastante, comia, dormia e roncava. Tinha todos os trinta e dois dentes. Usava óculos somente para ler. Era de temperamento afetuoso, mas dizia que havia uns dez anos renunciara decididamente e de uma vez por todas às mulheres. Não podia mais agradar, costumava dizer; e não acrescentava: – Sou muito velho –, mas: – Sou muito pobre. – E dizia: – Se eu não tivesse perdido a minha fortuna, não sei, não! – Com efeito, não lhe restava senão uma renda de mais ou menos quinze mil libras. Seu sonho era deixar boa herança e ter cem mil francos de renda para poder sustentar amantes. Ele não pertencia absolutamente, como se vê, a essa variedade doentia de octogenários que, como Voltaire, eram eternos moribundos. Esse ancião alegre sempre fora robusto. Era superficial, esperto, facilmente levado à cólera. Fazia barulho por qualquer coisa, o mais das vezes sem razão.

Quando o contradiziam, ameaçava com a bengala; ele batia nas pessoas, como era costume no grande século. Tinha uma filha de cinquenta anos já feitos, solteira, com quem ralhava nos momentos de raiva e que chicotearia de muito boa vontade. Ela dava-lhe a impressão de ter oito anos. Esbofeteava energicamente a criadagem e dizia: – Ah! Corja de vagabundos! – Uma de suas blasfêmias era: – *Pelas pantufas da pantufaria!* – Contudo, tinha singulares momentos de calma; fazia-se barbear todos os dias por um barbeiro que outrora havia sido louco e que o detestava, ciumento por causa de sua mulher muito bonita e coquete. O Sr. Gillenormand admirava o próprio discernimento em todas as coisas e tinha-se na conta de muito esperto; eis uma de suas frases: – Na verdade, tenho algum poder de penetração; quando uma pulga me pica, sou capaz de dizer de que mulher ela veio. – As palavras que pronunciava mais vezes eram: – *o homem sensível e a natureza*. – Contudo, não dava a essa última palavra a grande acepção que nossa época lhe atribui, mas usava-a a seu modo, em suas pequenas sátiras ao pé do fogo: – A natureza – costumava dizer –, para que a civilização tenha um pouco de tudo, dá-lhe até espécimes de divertida barbaria. A Europa possui amostras da Ásia e da África em formato pequeno. O gato é um tigre de salão, o lagarto é um crocodilo de bolso. As dançarinas da Opéra são selvagens cor-de-rosa. Não comem os homens, mas os ruminam. Que feiticeiras! Transformam-nos em ostras e os engolem. Os caraíbas deixam os ossos, elas só deixam a concha. Tais são os nossos costumes. Nós não devoramos, roemos; não exterminamos, agarramos.

II | TAL DONO, TAL CASA

O Sr. Gillenormand morava no Marais, Rue Filles-du-Calvaire, número 6, em casa própria.[41] Essa casa foi demolida e depois reconstruída, e o número, provavelmente, deve ter sido trocado nessa verdadeira revolução de números por que têm passado as ruas de Paris. Ocupava um antigo e espaçoso apartamento no primeiro andar, entre a rua e os jardins, forrado até o teto de grandes tapetes de Gobelins e Beauvais representando cenas campestres; os motivos pintados no forro e nas almofadas repetiam-se em ponto menor nas poltronas. Ocultava a cama com um grande biombo de nove folhas de laca de Coromandel. Longos cortinados pendiam das janelas formando magníficas pregas. O jardim, situado bem debaixo de suas janelas, chegava até uma das janelas que se abria ao meio de uma escada de doze ou quinze degraus, muito alegremente percorrida para

cima e para baixo pelo bom Gillenormand. Além de uma biblioteca contígua ao seu quarto, possuía um toucador que estimava muitíssimo, reduto de vaidade forrado de magníficas esteiras de palha, decoradas com flores de lis, tecidas nas galés de Luís XIV, a pedido de Vivonne, para com elas presentear suas amantes.[42] Gillenormand as herdara de uma tia-avó muito ranzinza, falecida aos cem anos de idade. Tivera duas mulheres. Suas maneiras estavam entre as do homem da Corte, que nunca chegou a ser, e o homem de toga que poderia ter sido. Era alegre e carinhoso quando bem entendia. Em sua juventude, pertencera ao número desses homens continuamente enganados pelas próprias mulheres, jamais pelas amantes, porque são ao mesmo tempo os maridos mais maçantes e os amantes mais encantadores. Era conhecedor de pintura. Tinha em seu quarto um maravilhoso retrato de não sei quem pintado por Jordaens, feito a grandes pinceladas, com um milhão de detalhes, em estilo confuso e como que ao acaso.[43] O vestuário do Sr. Gillenormand não era nem à Luís XV nem à Luís XVI; seguia a moda dos *incríveis* do Diretório.[44] Julgara-se moço até então e seguia todas as novidades. Sua casaca era de pano leve, forrada, com longa cauda em tesoura e grandes botões de metal. A isso juntavam-se o calção curto e sapatos de fivela. Estava continuamente com as mãos nos bolsos. Costumava dizer com autoridade: – *A Revolução Francesa é um bando de salteadores*.

III | LUC-ESPRIT

Na idade de dezesseis anos, numa noite, na Opéra, ele tivera a honra de ser descoberto ao mesmo tempo por duas beldades, então maduras e célebres e cantadas por Voltaire: a Camargo e a Sallé.[45] Preso entre dois fogos, fizera uma heroica retirada na direção de uma pequena dançarina, uma mocinha chamada Nahenry, como ele de dezesseis anos, desconhecida como um gato, e da qual se enamorara. Suas lembranças eram inúmeras. Exclamava: – Como era bonita aquela Guimard-Guimardini-Guimardinette, na última vez em que a vi em Longchamps, enfeitada de verdadeiros sentimentos, com seus penduricalhos turquesa, seu vestido de cor vibrante e seu regalo de agitação![46] – Na adolescência, usara um casaco de Nain-Londrin do qual falava sempre com entusiasmo: – Eu estava vestido como um turco do Levante levantino! – dizia. – Mme. de Boufflers, tendo-o visto por acaso quando tinha vinte anos, qualificara-o de *louco encantador*.[47]

Escandalizava-se com todos os nomes que via na política e no poder,

achando-os baixos e burgueses. Lia os jornais, os *folhetins*, as *gazetas*, como dizia, prendendo o riso. – Oh! que gente! Corbière! Humann! Casimir Périer.[48] Que ministros! Imagine, meu nome impresso no jornal: Sr. Gillenormand, Ministro! Seria uma farsa. Pois bem; eles são tão burros que bem pode ser possível. – Chamava alegremente todas as coisas pelas palavras próprias ou impróprias, e não se acanhava diante das mulheres. Dizia grosserias, obscenidades e porcarias com tal tranquilidade e calma que era até elegante. Resumia em si a sem-cerimônia própria do século. Deve-se notar que o tempo das perífrases em verso foi o tempo das cruezas em prosa. Seu padrinho havia predito que ele seria homem de gênio, e lhe dera estes dois prenomes significativos: Luc-Esprit.

IV | ASPIRANTE CENTENÁRIO

Ele conquistara dois prêmios quando criança no colégio de Moulins, onde nascera, e fora coroado pelas mãos do Duque de Nivernais, que ele chamava de Duque de Nevers.[49] Nem a Convenção, nem a morte de Luís XVI, nem Napoleão, nem a volta dos Bourbon, nada pudera destruir-lhe a lembrança dessa coroação. *O Duque de Nevers* era para ele a maior figura do século. Que encantador *Grand Seigneur*, dizia – e como ficava bem com seu cordão azul![50] Aos olhos do Sr. Gillenormand, Catarina II havia reparado o crime da partilha da Polônia ao comprar por três mil rubros o segredo do elixir de ouro de Bestuchef. Então, entusiasmava-se: – O elixir do ouro! – exclamava. – A tintura amarela de Bestuchef, as gotas do General Lamotte eram, no século XVIII, ao preço de um luís cada vidrinho de meia onça, o grande remédio para as catástrofes do amor, a panaceia contra Vênus. Luís XV mandara duzentos deles ao Papa. – Fá-lo-ia desesperar e perder o juízo quem lhe afirmasse que o elixir de ouro nada mais era que percloreto de ferro.

Gillenormand adorava os Bourbon e tinha horror a 1789; ele repetia continuamente o modo como se salvara durante o Terror, e como lhe foram necessários muito espírito e sagacidade para que não lhe cortassem a cabeça. Se um jovem se atrevesse a fazer um elogio à República, ele ficava azul e se irritava a ponto de desmaiar.

Às vezes aludia à sua idade de noventa anos e dizia: – *Espero não ver duas vezes o 93*. – Em outras oportunidades, dava a entender que esperava viver cem anos.

V | BASCO E NICOLETTE

Ele tinha duas teorias. Eis uma delas: – Quando um homem ama apaixonadamente as mulheres, e tem sua própria mulher em quem pouco confia, feia, intratável, legítima, cheia de direitos, agarrada ao código e ciumenta em caso de necessidade, não existe senão um meio de se livrar e ficar em paz: é entregar à mulher os cordões da bolsa. Essa abdicação torna-o livre. A mulher então se apaixona pelo manuseio das moedas, suja as mãos de azinhavre, cuida da educação do caseiro e da instrução dos rendeiros, convoca os advogados, preside os notários, arenga os tabeliões, visita joões-ninguém, abre processos, faz arrendamentos, dita contratos, sente-se soberana, vende, compra, regula, manda, promete, compromete, liga, anula, cede, concede, retrocede, arranja, desarranja, entesoura, prodiga; faz tolices, prazer magistral e pessoal, e isso a consola. Enquanto o marido a despreza, ela tem a satisfação de arruiná-lo. – Essa teoria havia sido aplicada pelo próprio Sr. Gillenormand, e tornara-se a sua história. Sua mulher, a segunda, havia-lhe administrado a fortuna de tal modo que lhe sobrara, quando um belo dia ficara viúvo, o estritamente necessário para viver, resumindo-se toda a sua fortuna em uns mil e quinhentos francos de renda, dos quais três quartas partes deveriam cessar à sua morte. Ele não hesitou um instante, pouco preocupado com o pensamento de deixar a herança. Aliás, ele sabia que os patrimônios estão sujeitos a aventuras, e que, por exemplo, poderiam transformar-se em *bens nacionais*; havia assistido às metamorfoses das rendas sobre o Estado e pouco acreditava no crédito público. – *Tudo é Rue Quincampoix!* – costumava dizer.[51] Sua casa, na Rue des Filles-du-Calvaire, como dissemos, era de sua propriedade. Tinha dois criados, “um macho e uma fêmea”. Quando um criado entrava para o seu serviço, o Sr. Gillenormand o rebatizava. Dava aos homens o nome de suas províncias de origem: Nimois, Comtois, Poitevin, Picard. Seu último criado era um gordo e asmático, de uns cinquenta anos, incapaz de correr vinte passos; mas, como era natural de Bayonne, o Sr. Gillenormand apelidou-o de Basco. Quanto às criadas, todas se chamavam Nicolette (mesmo Magnon, de que falaremos adiante). Um dia, apresentou-se em sua casa uma famosa cozinheira, cordão azul, de alta raça. – Quanto quer ganhar por mês? – perguntou-lhe o Sr. Gillenormand. – Trinta francos. – Como se chama? – Olímpia. – Dou-lhe cinquenta francos e vai se chamar Nicolette.

VI | ONDE SE ENTREVÊ MAGNON E SEUS DOIS FILHOS

Na casa do Sr. Gillenormand, a dor traduzia-se pela cólera; ficava furioso por se sentir desesperado. Tinha todo tipo de preconceitos e tomava todas as liberdades. Uma das coisas de que se compunham seu relevo exterior e sua satisfação íntima era, como acabamos de indicar, ter-se conservado galanteador e passar a todo custo como tal. Chamava a isso ter *fama real*. Essa fama concedia-lhe às vezes singulares surpresas. Um dia, levaram-lhe à casa, escondido em um cesto semelhante a um cabaz de ostras, um gordo bebê recém-nascido, gritando como o diabo, devidamente envolto em cueiros, cuja paternidade lhe era atribuída por uma criada despedida seis meses antes. O Sr. Gillenormand contava então seus bons oitenta e quatro anos. Indignação e clamor entre os circunstantes. – A quem essa descarada quer impingir uma coisa dessas? Que audácia! Que calúnia abominável! – Mas Gillenormand não se impacientou. Olhou a criança com o amável sorriso de alguém que se sente lisonjeado pela calúnia e disse por sua vez: – Afinal, o que há? O que está acontecendo por aqui? O que há de novo? Vocês se assustam à toa; na verdade, como verdadeiros ignorantes. O Duque de Angoulême, bastardo de Sua Majestade Carlos IX, casou-se aos oitenta e cinco anos com uma rapariga de quinze; Virginal, Marquês de Alluye, irmão do Cardeal de Sourdis, Arcebispo de Bordeaux, teve um filho de uma camareira de Mme. Jacquin na idade de oitenta e três anos, um verdadeiro filho do amor, mais tarde Cavaleiro de Malta e Conselheiro do Estado; um dos grandes homens deste século, o Padre Tabaraud, é filho de um homem de oitenta e sete anos.[52] São coisas muito comuns. E a Bíblia, então! Contudo, eu declaro que esse senhorzinho não é meu filho. Cuidem dele. Não é por sua culpa. – A reação fora extremamente simpática. A mesma pessoa, que se chamava Magnon, mandou-lhe outro presente no ano seguinte, um novo menino. Desta vez, Gillenormand capitulou. Mandou de volta os dois garotos, obrigando-se a mandar-lhe oitenta francos mensais para criá-los com a condição de não repetir-lhe a história. E acrescentou: – Espero que a mãe cuide bem deles. Irei visitá-los de vez em quando. – O que realmente fez.

Ele tivera um irmão sacerdote, que durante trinta e três anos havia sido Reitor da Academia de Poitiers, falecido aos setenta e nove anos. – *Perdi-o muito jovem* – costumava dizer. Esse irmão, do qual poucas lembranças ainda restam, era um tranquilo avarento que, fazendo-se padre, se julgara obrigado a dar esmolas aos pobres que encontrava, mas só lhes dava vinténs fora de curso, achando assim um meio de ir para o inferno pelo caminho do paraíso. Quanto a Gillenormand, o

mais velho, não comerciava com a esmola, era pródigo, e com nobreza. Era benévolo, arrebatado, caridoso e, se fosse rico, suas tendências seriam sempre para a magnificência. Queria que tudo o que lhe dizia respeito fosse feito com grandiosidade, mesmo as marotices. Um dia, numa questão de herança, tendo sido espoliado por um homem de negócios de maneira grosseira e evidente, lançou esta exclamação solene: – Mas isso é um malfeito! Na verdade, sinto vergonha dessas ladroeiras. Tudo se degenerou neste século, até os tratantes! Ora, não é assim que se deve roubar um homem como eu. Fui roubado como num bosque, mas mal roubado. *Sylvae sint consule dignae!*[53]

Teve, como já dissemos, duas mulheres; da primeira nasceu-lhe uma filha que continuou solteira, e da segunda, outra filha, falecida aos trinta anos, que havia esposado por amor, por acaso, ou por qualquer outro motivo, um soldado improvisado que, servindo ao exército da República e do Império, ganhou a cruz de honra de Austerlitz e foi elevado a Coronel em Waterloo. – *É a vergonha da minha família* – dizia o velho burguês. Gostava muito de rapé, e tinha uma graça particular quando sacudia o peitilho de rendas com as costas da mão. Acreditava muito pouco em Deus.

VII | REGRA: NÃO RECEBER NINGUÉM SENÃO À NOITE

Assim era o Sr. Luc-Esprit Gillenormand, que ainda não havia perdido os cabelos, mais grisalhos que propriamente brancos, sempre penteados formando uma franja, e era, afinal, apesar de tudo, um ancião venerável. Um homem bem do século XVIII: frívolo e grandioso.

Em 1814, e nos primeiros anos da Restauração, o Sr. Gillenormand, então ainda jovem – tinha apenas setenta e quatro anos –, residia no Faubourg Saint-Germain, Rue Servandoni, perto de Saint-Sulpice. Só se retirou para o Marais ao sair do mundo, bem depois de haver completado oitenta anos.

Saindo da vida mundana, entrincheirou-se em seus hábitos. O principal, que jamais alterou, era conservar a porta absolutamente fechada durante o dia e jamais receber ninguém, fosse qual fosse a razão, senão à noite. Jantava às cinco horas; depois a porta ficava aberta. Era o costume de seu século e ele não queria abandoná-lo. – O dia é canalha – dizia ele –, não merece senão portas fechadas. As pessoas sensatas acendem o espírito quando o zênite acende as estrelas. – E se escondia de todos, mesmo do próprio Rei. Velha elegância do seu tempo.

VIII | AS DUAS NÃO FAZEM UM PAR

Quanto às duas filhas de Gillenormand, falamos delas há pouco. Nasceram com dez anos de intervalo. Quando jovens, pareciam-se muito pouco e, tanto pelo caráter como pelo rosto, eram irmãs o mínimo possível. A caçula era uma alma encantadora, voltada para tudo o que é luz, dedicada às flores, aos versos, à música, esvoaçando por espaços gloriosos, entusiasmada, etérea, noiva, desde a infância, de uma vaga figura ideal de herói. A mais velha também tinha suas ilusões; via no ar um comerciante, um grande negociante, bem rico, um marido esplendidamente besta, um milhão feito homem, ou então, um prefeito; as recepções da prefeitura, um porteiro na antecâmara de corrente ao pescoço, os bailes oficiais, as arengas da edilidade, ser a *Sra. Prefeita* era o que turbilhonava sua imaginação. As duas irmãs, portanto, perdiam-se cada uma no seu sonho, na época em que haviam sido mocinhas. Ambas tinham asas, uma de anjo, outra de pata.

Pelo menos neste mundo, nenhuma ambição se realiza plenamente. Nenhum paraíso se torna terrestre na época que atravessamos. A caçula havia esposado o homem de seus sonhos, mas morrera. A mais velha ainda estava solteira.

No momento em que ela entra nesta história, era uma velha virtude, uma hipócrita incombustível, um dos narizes mais agudos e um dos espíritos mais obtusos de que se pode ter conhecimento. Detalhe característico: com exceção de seus familiares mais íntimos, ninguém jamais lhe conheceu o primeiro nome. Chamavam-na de *Srta. Gillenormand mais velha*.

Em matéria de afetação, a Srta. Gillenormand mais velha superaria qualquer *miss*. Era o pudor levado até as últimas consequências. Tinha uma horrível recordação em seu passado: um dia, um homem lhe vira o tornozelo.

A idade só fez crescer esse pudor impiedoso. Sua blusa nunca era bastante opaca ou bastante fechada. Multiplicava os colchetes e alfinetes em lugares nos quais ninguém jamais pensaria em pôr os olhos. É próprio da hipocrisia colocar mais sentinelas justamente onde a fortaleza está menos ameaçada.

Contudo, quem puder, explique esses velhos mistérios da inocência. Deixava-se porém abraçar sem reclamar por um oficial dos lanceiros, seu sobrinho, chamado Teódulo.

A despeito desse jovem lanceiro favorecido, a etiqueta *hipócrita* sob a qual a classificamos convinha-lhe de modo absoluto. A Srta. Gillenormand era uma espécie de alma crepuscular. A hipocrisia é meio virtude, meio vício.

A essa afetação acrescentava a beatice, forro bem adequado. Ela era da

confraria da Virgem; em certas festas, usava véu branco, resmungava orações especiais, reverenciava o “sacratíssimo sangue”, venerava o “sagrado coração”, ficava horas e horas em contemplação diante de um altar rococó-jesuíta, numa capela fechada ao comum dos fiéis, e aí deixava voar sua alma entre nuvenzinhas de mármore e através de grandes raios de madeira dourada.

Tinha uma amiga de capela, velha virgem como ela, chamada Srta. Vaubois, absolutamente estúpida, ao lado da qual a Srta. Gillenormand sentia o prazer de ser uma águia. À parte os *Agnus Dei* e as *Ave-Marias*, a Srta. Vaubois não tinha ideia alguma a não ser sobre as diferentes maneiras de fazer doces. A Srta. Vaubois, perfeita em seu gênero, era o arminho da estupidez, sem uma única mancha de inteligência.

Devemos dizer, porém, que a Srta. Gillenormand, envelhecendo, mais ganhara que perdera. É o que acontece com as naturezas passivas. Jamais havia sido má, o que é uma bondade relativa; além disso, os anos abrandam os ângulos. A calma própria da idade tornara-a mais humana. Estava sempre triste, de uma tristeza estranha, cujo segredo nem ela mesma conhecia. Mostrava em toda a sua pessoa o assombro de uma vida que se acabava sem haver começado.

Ela morava na casa do pai. O Sr. Gillenormand conservava a seu lado a filha, como D. Bienvenu, a irmã. Esses acordos entre um ancião e uma mulher idosa não são nada raros e sempre apresentam o aspecto tocante de duas fraquezas que se apoiam mutuamente.

Entre a Srta. Gillenormand e esse velho havia naquela casa uma criança, um rapazinho sempre trêmulo e mudo na presença do Sr. Gillenormand, que não lhe falava senão com voz severa, às vezes até ameaçando-o com a bengala: – *Já aqui, senhorzinho! – Tratante, malandro, venha aqui! – Responda, seu tratante! – Não quero mais vê-lo, vagabundo!* – etc. etc. Ele o idolatrava.

Era seu neto. Nós voltaremos a encontrá-lo mais adiante.

LIVRO TERCEIRO

O AVÔ E O NETO

I | UM SALÃO TRADICIONAL

Enquanto o Sr. Gillenormand morava na Rue Servandoni, frequentava vários salões muito distintos e nobres. Embora burguês, era bem recebido. Como tinha duplo espírito, o que realmente possuía e o que lhe atribuíam, era até procurado e festejado. Não ia a parte alguma senão com a condição de dominar. Há pessoas assim, que a todo custo desejam ser influentes e notadas; onde não podem ser oráculos fazem-se de farsantes. O Sr. Gillenormand não era desse tipo, seu sucesso nos salões realistas que frequentava não lhe diminuía a autoestima. Em toda parte era oráculo. Acontecia-lhe, às vezes, ter de enfrentar de Bonald e o próprio Bengy-Puy-Vallée.[54]

Pelo ano de 1817, passava invariavelmente duas tardes por semana numa casa da vizinhança, na Rue Férou, o palacete da Sra. Baronesa de T., digna e respeitável pessoa cujo marido, sob Luís XVI, fora Embaixador da França em Berlim. O Barão de T., que, quando vivo, se entregava apaixonadamente a êxtases e visões magnéticas, morrera arruinado durante a emigração, deixando, como inteira fortuna, algumas memórias muito interessantes a respeito de Mesmer e de sua bateria, em dez volumes manuscritos, encadernados em marroquim vermelho e de corte dourado. Mme. de T. ainda não havia publicado as memórias por dignidade e sustentava-se com uma pequena renda que ainda lhe restava, não se sabe como. Vivia longe da Corte: – *Sociedade muito heterogênea* – dizia, retirada em seu isolamento nobre, altivo e pobre. Alguns amigos se reuniam duas vezes por semana ao redor de sua lareira de viúva, e isso constituía um salão realista em toda a sua pureza. Tomava-se chá, e, segundo o vento os levava para a elegia ou o ditirambo, soltavam gemidos ou gritos de horror a respeito do século, da Constituição, dos *buonapartistas*, da prostituição do cordão azul concedido a simples burgueses, do jacobinismo de Luís XVIII e, à meia-voz, falavam das esperanças que lhes inspirava *Monsieur*, depois Carlos X.

Acolhiam-se aí, com transportes de júbilo, canções populares nas quais

Napoleão era chamado de *Nicolas*. As próprias duquesas, as mais delicadas e encantadoras mulheres do mundo, se extasiavam diante de coplas como esta, endereçada “aos *federados*”:

Renfoncez dans vos culottes
Le bout d’chemise qui vous pend.
Qu’on n’dis’ pas qu’les patriotes
Ont arboré l’drapeau blanc![55]

Divertiam-se ali com trocadilhos que julgavam terríveis, ou jogos de palavras completamente inocentes que supunham venenosos, ou então com quadras e dísticos; assim, sobre o ministério Dessolles, gabinete moderado do qual faziam parte Decazes e Deserre:[56]

Pour raffermir le trône ébranlé sur sa base,
Il faut changer le sol, et de serre et de case.[57]

Ou então preparavam a lista da Câmara dos Pares, “Câmara abominavelmente jacobina”, e se faziam sobre essa lista alianças de nomes, de modo a formar, por exemplo, frases como a que segue: – *Damas, Sabran, Gouvion Saint-Cyr*.[58] Mas tudo isso com muita alegria.

Nessa sociedade parodiava-se a Revolução. Sentiam certa veleidade em aguçar a mesma cólera no sentido inverso. Também cantavam seu pequeno *Ça ira*:

Ah! ça ira! ça ira! ça ira!
Les buonapartist’ à la lanterne.[59]

As canções são como as guilhotinas: cortam indiferentemente; hoje esta cabeça, amanhã aquela outra. Simples variação.

No caso Fualdès, que é dessa época, 1816, estavam do lado de Bastide e Jausion, porque Fualdès era *buonapartista*.[60] Qualificavam os liberais como *irmãos e amigos*, o que era o último degrau da injúria.

Como certas torres de igreja, o salão da Sra. Baronesa de T. tinha dois galos. Um era o Sr. Gillenormand, o outro era o Conde de Lamothe-Valois, a respeito do qual segredavam com certa consideração: – *Sabe? É o Lamothe do caso do*

colar.[61] – Os partidos têm dessas singulares anistias.

Acrescentemos ainda: na burguesia, as situações honrosas se enfraquecem pelas relações demasiado fáceis; é preciso tomar cuidado com quem se admite como companhia: do mesmo modo como há perda de calorias na vizinhança dos que sentem frio, há diminuição de estima na aproximação de pessoas desclassificadas. O antigo *haut-monde* ficava acima dessa lei, como, aliás, de todas as outras. Marigny, irmão da Pompadour, era admitido na casa do Príncipe de Soubise.[62] Apesar de ser quem é? Não; justamente por ser quem é! Du Barry, padrinho de la Vaubernier, era muito bem-vindo na casa do Sr. Marechal de Richelieu. Aquele mundo era o Olimpo. Mercúrio e o Príncipe de Guéménée estavam ali como em suas próprias casas.[63] Qualquer ladrão é admitido, contanto que seja um deus.

O Conde de Lamothe, que, em 1815, era um ancião de setenta e cinco anos, nada tinha de notável a não ser seu aspecto calado e sentencioso, sua figura angulosa e fria, suas maneiras perfeitamente polidas, sua casaca abotoada até a gravata, suas compridas pernas sempre cruzadas, vestidas em longas calças cor de terra de siena queimada. Seu rosto tinha a mesma cor das calças.

O Sr. Lamothe era *benquisto* nesse salão, por causa da sua *celebridade*, e também, coisa estranha mas exata, por causa do nome Valois.

Quanto ao Sr. Gillenormand, sua consideração era absolutamente de ótimo quilate. Ele se impunha porque tinha autoridade. Apesar de sua superficialidade e sem que isso em nada lhe diminuísse o bom humor, tinha certo modo de ser imponente, digno, honesto e burguesmente altivo; a isso, deve-se acrescentar sua idade avançada. Não se é impunemente um século. Os anos acabam por formar ao redor de uma cabeça um halo de venerabilidade.

Além do mais, dizia frases que constituíam verdadeiras faíscas tiradas de antiga rocha. Por exemplo, quando o Rei da Prússia, depois de haver restaurado Luís XVIII no trono, veio visitá-lo sob o nome de Conde de Ruppin, foi recebido pelo descendente de Luís XIV mais ou menos como Marquês de Brandemburgo e com a mais impertinente delicadeza. O Sr. Gillenormand aprovou: – *Todos os reis que não são o Rei de França são reis de província*. – Um dia fizeram na sua presença esta pergunta e deram esta resposta: – A que foi condenado o redator do *Courrier Français*? – A ser suspenso. – Esse *sus* é demais, observou Sr. Gillenormand.[64] Palavras assim modificam toda uma realidade.

Num *Te Deum*, cantado pela passagem do aniversário da volta dos Bourbon, vendo passar Talleyrand, ele disse: – *Eis Sua Excelência, o Mal*.

O Sr. Gillenormand vinha habitualmente acompanhado da filha, esguia donzela que então já passava dos quarenta e parecia ter cinquenta, e por um belo menino de sete anos, muito claro, corado, saudável, de olhos felizes e confiantes, que jamais aparecia nesse salão sem que todos comentassem a seu redor: – Como é bonito! que pena! pobre criança! – Esse menino é o mesmo de que há pouco dissemos alguma coisa. Chamavam-no de “pobre criança” porque era filho de “um salteador do Loire”.

Esse salteador do Loire era o genro do Sr. Gillenormand ao qual já fizemos menção, e que o Sr. Gillenormand chamava de *a vergonha da família*.

II | UM DOS ESPECTROS VERMELHOS DA ÉPOCA

Quem passasse por essa época pela pequena cidade de Vernos e desse um passeio pela ponte monumental, que bem cedo será substituída, esperamos, por alguma horrível ponte pênsil, teria podido notar, olhando do alto do parapeito, um homem de uns cinquenta anos, com um boné de couro à cabeça, vestido de calças e jaquetão de tecido grosso cinza, ao qual estava presa alguma coisa amarelada, outrora uma fita vermelha; usava tamancos, era queimado de sol, rosto quase negro e cabelos quase brancos, uma grande cicatriz, que lhe cortava o rosto da testa até a face, curvado, corcunda, envelhecido antes do tempo, passeando quase todos os dias empunhando uma pá e uma podadeira num daqueles quintais cercados de muros, bem próximos à ponte, alinhados como uma cadeia de terraços à margem esquerda do Sena, encantadores recantos cheios de flores, dos quais diríamos, se fossem bem maiores: – São jardins – e, se fossem um pouco menores: – São bosques. – Todos esses quintais se limitam de um lado pelo rio e do outro por uma casa. O homem de que acabamos de falar habitava, mais ou menos em 1817, no menor desses quintais e na mais humilde dessas casas. Vivia sozinho e solitário, silenciosa e pobremente, na companhia de uma mulher, nem jovem nem velha, nem bonita nem feia, nem camponesa nem burguesa, que o servia. O pedaço de terra que ele chamava de seu jardim era célebre em toda a cidade pela beleza das flores que cultivava. As flores eram a sua preocupação.

À força de trabalho, de perseverança, de atenção e de baldes de água, conseguira criar depois do criador, e descobrira certa qualidade de tulipas e dálias que pareciam ter sido esquecidas pela natureza. Era muito engenhoso; ultrapassara Soulange-Bodin na formação de pequenos canteiros de terra vegetal

para a cultura de raros e preciosos arbustos da América e da China.[65] Desde a aurora, durante o verão, já estava no quintal, cortando, podando, revolvendo a terra, regando, andando no meio de suas flores com um ar de bondade, de tristeza e doçura, às vezes imóvel e pensativo por horas inteiras, ouvindo o canto de um passarinho em alguma árvore, a tagarelice de uma criança em alguma casa, ou então, com os olhos bem fixos na ponta de um ramo onde uma gota de orvalho brilhava à luz do sol. Sua comida era extremamente simples; bebia mais leite que vinho. Qualquer fedelho o fazia ceder, e a própria criada o criticava. Era tímido a ponto de parecer intratável, saía raramente e não via ninguém, senão os pobres que batiam à sua vidraça, ou o Vigário, o Padre Mabeuf, muito boa pessoa. Contudo, se os moradores da cidade, ou estranhos, fosse quem fosse, curiosos de contemplar suas tulipas e suas rosas, viessem bater à sua casa, ele abria a porta sorrindo. Era o *salteador do Loire*.

Quem, pela mesma época, lesse as memórias militares, as biografias, o *Moniteur* e os boletins do exército, poderia sentir-se impressionado por um nome que ali se encontra muitas vezes, o de Georges Pontmercy. Ainda muito jovem, Georges Pontmercy era soldado do regimento de Saintonge. Veio a Revolução. O regimento de Saintonge fez parte do exército do Reno, pois os antigos regimentos da monarquia conservaram o nome de suas províncias de origem mesmo depois da queda da monarquia, só formando brigadas a partir de 1794. Pontmercy combateu em Spira, em Worms, em Neustadt, em Turkheim, em Alzey, em Maiença, onde fez parte dos duzentos que formavam a retaguarda de Houchard. Foi o duodécimo a sustentar batalha com as tropas do Príncipe de Hesse, atrás da velha trincheira de Andernach, não se retirando para o grosso do exército senão quando os canhões inimigos abriram uma brecha desde o parapeito até os alicerces da muralha. Esteve sob as ordens de Kleber, em Marchiennes, e no combate de Mont-Palissel, onde um biscainho lhe quebrou um braço. Depois passou para a fronteira da Itália, e foi um dos trinta granadeiros que defenderam a garganta de Tende com Joubert. Joubert foi nomeado Ajudante-General, e Pontmercy Subtenente. Esteve ao lado de Berthier no meio da fuzilaria na batalha de Lodi, em que Bonaparte exclamou: – *Berthier foi Canhoneiro, Cavaleiro e Granadeiro*. Viu seu antigo General Joubert cair em Novi, no momento em que, com o sabre erguido, gritava: – Avante! – Tendo embarcado com sua companhia, por necessidade de combate, num pequeno navio que ia de Gênova a não sei qual porto da costa, caiu na cilada de um navio inglês de sete ou oito velas. O Comandante genovês queria jogar os canhões ao mar, esconder os soldados no porão e escapar à noite como navio mercante.

Pontmercy, porém, fez içar a bandeira tricolor no topo do mastro e passou corajosamente sob os canhões das fragatas inglesas. A vinte léguas dali, com mais audácia ainda, atacou e capturou um grande transporte inglês que levava tropas para a Sicília, tão carregado de homens e cavalos que mergulhava até as portinholas. Em 1805, fazia parte da divisão Malher, que tomou Gunzbourg ao Arquiduque Ferdinando. Em Wettingen, recebeu nos braços, sob uma chuva de balas, o Coronel Maupetit, ferido mortalmente quando comandava o 9º. batalhão de dragões. Distinguiu-se em Austerlitz naquela admirável marcha feita sob o fogo inimigo. Quando a cavalaria da Guarda Imperial russa destruiu um batalhão do 4º. de linha, Pontmercy foi dos que arrancaram a desforra, destroçando os atacantes. O Imperador concedeu-lhe a cruz de honra. Pontmercy viu sucessivamente serem feitos prisioneiros Wurmser em Mântua, Mélas em Alexandria, Mack em Ulm. Fez parte do oitavo corpo do grande exército comandado por Mortier, o mesmo que se apoderou de Hamburgo. Depois passou para o 55º. batalhão de linha, o antigo regimento das Flandres. Em Eylau, estava no cemitério onde o heroico Capitão Louis Hugo, tio do autor deste livro, enfrentou sozinho, com sua companhia de oitenta e três homens, durante duas horas, todo o ataque do exército inimigo.[66] Pontmercy foi um dos três que saíram vivos desse cemitério. Esteve em Friedland, depois em Moscou, Beresina, Lutzen, Bautzen, Dresde, Wachau, Leipsick e nos desfiladeiros de Gelenshausen; depois ainda Montmirail, Château-Thierry, Craon, às margens do Marne e do Aisne e na perigosa defesa de Laon. Em Arnay-le-Duc, como Capitão, matou dez cossacos para salvar não o seu General, mas um simples Cabo. Foi ferido nessa ocasião e de seu braço esquerdo lhe extraíram nada menos de vinte e cinco pequenas lascas de osso. Oito dias antes da capitulação de Paris, trocou de posto com um camarada, passando então para a cavalaria. Tinha o que no Antigo Regime se chamava de *dupla mão*, isto é, igual coragem para, como soldado, manejar o sabre ou a espingarda e, como Oficial, comandar um esquadrão ou um batalhão. Foi dessa capacidade, aperfeiçoada pela educação militar, que nasceram certas armas especiais, por exemplo, os dragões que são ao mesmo tempo cavaleiros e infantes. Ele acompanhou Napoleão à ilha de Elba. Em Waterloo, era Chefe de Esquadrão dos couraceiros na brigada Dubois. Foi ele quem conquistou a bandeira do batalhão de Luneburgo. Depositou-a depois aos pés do Imperador. Estava coberto de sangue. Ao arrebatar a bandeira, recebeu um golpe de sabre no rosto. O Imperador, satisfeito, disse-lhe: – *Você é Coronel, Barão e Oficial da Legião de Honra!* – Pontmercy respondeu: – *Sire, eu agradeço em nome da minha viúva*. – Uma hora depois, caía na estrada de

Ohain. E agora, quem era Georges Pontmercy? É o mesmo *salteador do Loire*.

Já conhecemos alguma coisa de sua história. Depois de Waterloo, Pontmercy, salvo do desastre ocorrido com seu batalhão na estrada de Ohain, conseguiu alcançar o exército em retirada, arrastando-se de ambulância em ambulância até os quartéis do Loire.

A Restauração pusera-o a meio soldo; depois o reformara, mandando-o sob vigilância para Vernou. O Rei Luís XVIII, considerando nulo tudo o que se fizera durante os Cem Dias, não reconheceu nem a sua qualidade de Oficial da Legião de Honra, nem seu posto de Coronel, nem seu título de Barão. Ele, por sua parte, não deixava passar nenhuma ocasião para assinar: *Coronel, Barão Pontmercy*. Tinha somente um velho uniforme azul e não saía jamais sem ostentar a insígnia de Oficial da Legião de Honra. O Procurador do Rei preveniu-o de que a justiça o perseguiria pelo porte *ilegal dessa condecoração*. Quando essa ordem lhe foi transmitida por um intermediário oficial, Pontmercy respondeu, sorrindo amargamente: – Não sei se sou eu que não entendo mais o francês ou se é o senhor que está falando outra língua, mas o fato é que eu não compreendo coisa alguma do que me diz. – Depois saiu oito dias seguidos ostentando a condecoração. Ninguém mais ousou inquietá-lo. Por duas ou três vezes o Ministro da Guerra e o General Comandante do departamento lhe escreveram com a subscrição: – *Ao Senhor. Comandante Pontmercy*. Ele mandou de volta as três cartas sem abri-las. Nesse momento, Napoleão, em Santa Helena, recebia do mesmo modo as cartas de *sir Hudson Lowe*, endereçadas ao *General Bonaparte*. Pontmercy acabou, perdoem-nos a expressão, tendo na boca a mesma saliva que o Imperador.[67]

Em Roma também houve soldados cartagineses prisioneiros que se recusavam a saudar Flamílio e que tinham um pouco da alma de Aníbal.[68]

Uma manhã, encontrou-se com o Procurador do Rei numa Rue de Vernon. Dirigiu-se a ele e disse: – Sr. Procurador, ser-me-á permitido usar a minha cicatriz?

Nada mais possuía além de seu módico meio soldo de Chefe de Esquadrão. Alugou em Vernon a menor casa que pôde encontrar. Vivia ali só, como acabamos de ver. No tempo do Império, no intervalo entre duas guerras, encontrara tempo para casar-se com a Srta. Gillenormand. O velho burguês, intimamente indignado, consentiu, suspirando e dizendo: – *Até as famílias mais nobres são forçadas a isso.* – Em 1815, Mme. Pontmercy, mulher, aliás, admirável de todo ponto de vista, educada, fora do comum e digna de seu marido, morreu deixando um filho. Essa criança seria a alegria do Coronel em

sua solidão, mas o avô reclamou imperiosamente o neto, declarando que, se não lho trouxessem, o deserdaria. O pai cedeu para o bem da criança e, não podendo tê-la consigo, começou a gostar das flores.

Enfim, renunciara a tudo, sem se mover nem conspirar por coisa alguma. Dividia os pensamentos entre as coisas inocentes que fazia e as grandes coisas que já havia feito. Passava o tempo a esperar que um cravo se abrisse e a se lembrar de Austerlitz.

O Sr. Gillenormand não mantinha nenhuma relação com o genro. O Coronel era para ele “um bandido” e ele era para o Coronel “um palerma”. O Sr. Gillenormand jamais falava do Coronel, a não ser às vezes para fazer alusões depreciativas a seu “baronato”. Tinha-se combinado expressamente que Pontmercy não procuraria jamais ver o filho ou falar-lhe, sob pena de vê-lo expulso e deserdado. Para os Gillenormand, Pontmercy era um pestilento. Eles queriam educar a criança como bem entendiam. Talvez o Coronel se tenha enganado ao aceitar essas condições, mas submeteu-se a elas, julgando agir bem e não sacrificar senão a si próprio.

A herança de Gillenormand não era muita coisa, mas a da Srta. Gillenormand mais velha era considerável. Essa tia solteirona, bastante rica pelo lado materno, tinha como único herdeiro o filho de sua irmã. O menino, que se chamava Marius, sabia que tinha um pai, nada mais. Ninguém lhe dizia mais que isso. No entanto, nos salões aonde seu avô o levava, os segredinhos, os cochichos e as piscadelas, com o andar do tempo, impressionaram o espírito da criança, que acabou desconfiando de alguma coisa, e como naturalmente se deixasse levar, por uma espécie de infiltração e penetração lenta, pelas ideias e opiniões que quase formavam a atmosfera que respirava, pouco a pouco ele começou a pensar no pai com vergonha e angústia.

Enquanto ele crescia nesse ambiente, cada dois ou três meses o Coronel escapava, ia furtivamente a Paris, como um criminoso reincidente procurado pela polícia, e dirigia-se a Saint-Sulpice à hora em que a tia Gillenormand levava Marius à missa.[69] Ali, escondido detrás de uma coluna, temendo ser visto pela tia, imóvel, sem ousar respirar, ele contemplava o filho. Um bravo soldado com medo de uma velha!

Daí se originou sua amizade com o Vigário de Vernon, o Padre Mabeuf. Esse digno Sacerdote era irmão do Tesoureiro da igreja de Saint-Sulpice; este último muitas vezes notara aquele velho a contemplar a criança, mostrando uma cicatriz no rosto e muitas lágrimas nos olhos. Esse homem, que tinha toda a aparência de um homem e que chorava como uma mulher, impressionava o tesoureiro da

igreja. Um dia, indo a Vernon para visitar o irmão, encontrou-se, ao atravessar a ponte, com o Coronel Pontmercy e reconheceu o homem de Saint-Sulpice. Falou com o Vigário e ambos, por um pretexto qualquer, fizeram uma visita ao Coronel. Essa visita foi seguida de outras. O Coronel, a princípio muito calado, acabou por contar sua história. Chegaram, assim, a saber como Pontmercy sacrificara a própria felicidade pelo futuro do filho. Isso fez com que o Sacerdote se tornasse seu amigo e admirador; o Coronel, por seu lado, tornou-se muito amigo do Padre Mabeuf. Aliás, quando ambos são sinceros e bons, nada se ajusta e combina tão bem quanto um velho Sacerdote e um velho soldado. No fundo, são o mesmo homem. Um se sacrifica pela pátria terrena, outro pela pátria celeste; não há outra diferença.

Duas vezes por ano, no dia de ano-bom e na festa de São Jorge, Marius escrevia a seu pai cartas ditadas pela tia, e que se diriam copiadas de um formulário; era o máximo que o Sr. Gillenormand podia tolerar; o pai respondia-lhe com cartas cheias de ternura, mas o avô as escondia, sem jamais lê-las.

III | *REQUIESCANT*

O salão de Mme. de T. era tudo o que Marius conhecia no mundo. Era a única abertura pela qual podia olhar a vida. Essa abertura era sombria, proporcionando-lhe mais frio que calor, mais noite que dia. A criança que, ao entrar nesse mundo estranho, era toda alegria e luz tornou-se bem depressa tristonha e séria, ânimo ainda mais contrário à sua idade. Rodeado de todas aquelas pessoas imponentes e esquisitas, ele olhava a seu redor com o mais grave espanto. Tudo contribuía para aumentar seu estupor. Havia no salão de Mme. de T. velhas senhoras nobres muito venerandas que se chamavam Matã, Noé, Lévi, que se pronunciava Lévis, Cambis, que se pronunciava Cambyse. Esses rostos envelhecidos e esses nomes bíblicos misturavam-se no espírito da criança ao Antigo Testamento, que ele aprendia de cor, e quando todas elas estavam presentes, sentadas ao redor de uma lareira quase apagada, apenas iluminadas por um candeeiro velado por um anteparo verde, com seus perfis severos, seus cabelos brancos ou grisalhos, seus longos vestidos fora de moda, dos quais só se podiam distinguir as cores lúgubres, pronunciando continuamente palavras ao mesmo tempo majestosas e cheias de ódio, o pequeno Marius a tudo presenciava com olhos espantados, julgando ver não mulheres, mas patriarcas e magos; não seres reais, mas fantasmas.

A esses fantasmas misturavam-se vários sacerdotes, velhos frequentadores da casa, e alguns gentis-homens; o Marquês de Sassenay, Secretário de Ordens de Mme. de Berry; o Visconde de Valory, que publicava, sob o pseudônimo de *Charles-Antoine*, odes monorrimas; o Príncipe de Beauffremont, que, ainda muito jovem, tinha cabelos grisalhos e uma bonita e espirituosa mulher cujas toaletes de veludo escarlate com guarnições de ouro, muito decotadas, espantavam aquelas trevas; o Marquês de Coriolis d'Espinouse, o homem que na França mais entendia de *delicadeza proporcionada*; o Conde de Amendre, bom velho de traços benévolos, e o Cavaleiro de Port de Guy, um dos pilares da biblioteca do Louvre, chamada de gabinete real.[70] Port de Guy, calvo, mais envelhecido que propriamente velho, contava que em 1793, com a idade de dezesseis anos, o haviam mandado para as galés como rebelde, sendo acorrentado ao lado de um octogenário, o Bispo de Mirepoix, também rebelde, sendo este Sacerdote e ele simples soldado. Isso foi em Toulon. Sua tarefa consistia em ir à noite recolher no cadafalso as cabeças e os corpos dos guilhotinados durante o dia; eles carregavam aos ombros aqueles troncos escorrendo sangue e suas roupas vermelhas de grilhetas tinham nas costas uma crosta, seca pela manhã e novamente úmida à noite. Essas histórias trágicas eram muito comuns no salão de Mme. de T., e, à força de amaldiçoarem Marat, aplaudiam Trestaillon.[71] Alguns deputados do tipo *introuvable* aí jogavam *whist*, por exemplo, Thibord du Chalard, Lemarchant de Gomicourt e o célebre crítico da direita, Cornet-d'Incourt.[72] O Bailio de Ferrette, com calções curtos e pernas muito magras, visitava às vezes esse salão quando se dirigia à casa de Talleyrand. Ele tinha sido o companheiro de prazeres do Conde de Artois e, ao contrário de Aristóteles cavalgado por Campaspe, havia forçado Guimard a andar de quatro, mostrando desse modo aos séculos futuros o filósofo vingado pelo Bailio.[73]

Quanto aos sacerdotes, estes eram o Padre Halma, o mesmo a quem Larose, seu colaborador na *Foudre*, dizia: *– Ora! mas quem é que não tem cinquenta anos? Algum fedelho, talvez! –*; o Padre Letourneur, Pregador do Rei; o Padre Frayssinous, que ainda não era nem Conde, nem Bispo, nem Ministro, nem Par, vestido com uma velha batina à qual faltavam alguns botões; e o Padre Keravenant, vigários de Saint-Germain-des-Prés; ainda o Núncio Papal, *Monsignor* Macchi, Arcebispo de Nisibis, mais tarde Cardeal, notável por seu longo nariz de pensador, e outro *Monsignor* com os seguintes títulos: Abade Palmieri, Prelado Doméstico, um dos sete Protonotários participantes da Santa Sé, Cônego da insigne basílica liberiana, Advogado dos Santos, *Postulatore dei*

Santi, ligado aos processos de canonização, o que equivale mais ou menos ao cargo de referendário da seção do paraíso; enfim, dois cardeais, o Cardeal de la Luzerne e o Cardeal de Clermont-Tonnerre.[74] O primeiro era escritor e deveria ter, alguns anos depois, a honra de assinar, no *Conservateur*, alguns artigos bem ao lado de Chateaubriand. O Cardeal de Clermont-Tonnerre era Arcebispo de Toulouse, e vinha muitas vezes descansar em Paris em casa do sobrinho, o Marquês de Tonnerre, antigo Ministro da Marinha e da Guerra. Esse Cardeal era um velhinho alegre, mostrando meias vermelhas por baixo da batina arregaçada; tinha por especialidade odiar a *Enciclopédia* e jogar bilhar apaixonadamente; quem, por essa época, passasse nas noites de verão pela Rue Madame, onde estava situado o palácio de Clermont-Tonnerre, pararia para ouvir os choques das bolas e a voz aguda do Cardeal gritando para seu conclavista, D. Cottret, Bispo *in partibus* de Caryste: – *Pode marcar, Abade; carambolei!* – O Cardeal de Clermont-Tonnerre fora levado à casa de Mme. de T. por seu amigo mais íntimo, D. Roquelaure, antigo Bispo de Senlis e um dos quarenta.[75] D. Roquelaure era notável por sua altura incomum e sua assiduidade à Academia; através da porta envidraçada da sala vizinha à biblioteca onde a Academia Francesa fazia suas reuniões, os curiosos poderiam, todas as sextas-feiras, contemplar o antigo Bispo de Senlis, habitualmente de pé, todo empoado, de meias roxas, de costas voltadas para a porta, aparentemente para melhor fazer notar seu colarinho. Todos esses eclesiásticos, embora na maioria fossem tanto homens da Corte como homens da Igreja, aumentavam a gravidade do salão, onde cinco Pares de França, o Marquês de Vibraye, o Marquês de Talaru, o Marquês de Herbouville, o Visconde Dambray e o Duque de Valentinois lhe acentuavam o caráter senhorial.[76] Esse Duque de Valentinois, embora Príncipe de Mônaco, isto é, Príncipe soberano estrangeiro, tinha tão alta ideia da França e do pariato que tudo via por esse único prisma. Ele é que costumava dizer: – *Os Cardeais são os Pares de França de Roma; os Lordes são os Pares de França da Inglaterra*. Quanto ao mais, pois é preciso que neste século a revolução esteja em toda parte, esse salão feudal era, como já dissemos, dominado por um burguês. O Sr. Gillenormand reinava ali, soberano.

Ali estavam a essência e a quintessência da sociedade branca de Paris. Ali ficavam em quarentena as celebridades, mesmo as realistas. A fama sempre implica certa anarquia. Se Chateaubriand lá entrasse, faria o mesmo efeito que Père Duchesne. Alguns desviados, contudo, eram recebidos por tolerância nesse mundo ortodoxo. O Conde Beugnot, por exemplo, fora aceito para ser devidamente corrigido.[77]

Os atuais salões *nobres* não se assemelham mais aos antigos. O Faubourg Saint-Germain de hoje cheira a ninharia. Os realistas de agora, digamo-lo em seu louvor, são demagogos.

Em casa de Mme. de T., tratando-se de um mundo superior, o gosto era requintado e exigente, tudo sob a grande flor da polidez. Os costumes ali admitiam toda sorte de requintes involuntários que nada mais eram que o próprio Antigo Regime, enterrado, mas ainda vivo. Alguns desses costumes, especialmente no modo de falar, pareciam bem estranhos. Conhecedores superficiais julgariam provincianismo o que não passava de vetustez. Chamavam a uma mulher de *Senhora Generala*. *Senhora Coronela* também não era incomum. A encantadora Mme. de Léon, sem dúvida em memória das duquesas de Longueville e de Chevreuse, preferia esse tratamento ao título de Princesa. Também a Marquesa de Créquy era chamada de *Senhora Coronela*.[78]

Foi esse pequeno *haut-monde* que inventou nas Tuileries a moda de dizer, sempre que se falava do Soberano na intimidade, *o Rei*, na terceira pessoa, e nunca *Vossa Majestade*, pois a expressão *Nossa Majestade* tinha sido "manchada pelo usurpador".

Julgavam-se ali os fatos e os homens. Odiava-se o século, o que os dispensava de compreendê-lo. Ajudavam-se mutuamente a se espantarem por qualquer coisa e a se esclarecerem com a luz de que dispunham. Matusalém informava Epimênides.[79] O surdo punha o cego a par dos acontecimentos. Declarava-se inexistente o tempo decorrido depois de Coblentz.[80] Do mesmo modo como Luís XVIII, pela graça de Deus, estava no vigésimo quinto ano de seu reinado, os emigrados achavam-se, por direito, no vigésimo quinto ano de sua adolescência.

Tudo era harmonioso; nada vivia demasiadamente; a palavra era apenas um sopro; o jornal que partilhava as ideias do salão parecia um papiro. Havia ali também alguns jovens, mas estavam meio mortos. Nas antecâmaras, velhinhos se faziam de librés. Aquela gente, completamente antiquada, era servida por domésticos de igual espécie. Tudo parecia ter vivido demais, obstinando-se contra a aproximação do sepulcro. Conservar, Conservação, Conservador, quase que o dicionário se resumia nessas palavras. *Gozar de boa fama* era o que pretendiam. Com efeito, sentiam-se verdadeiros aromas nas opiniões daqueles grupos veneráveis; suas ideias cheiravam a vetiver. Era um mundo mumificado. Os amos estavam embalsamados e a criadagem devidamente empalhada. Uma muito digna e velha Marquesa, emigrada e arruinada, não tendo mais que uma camareira, continuava ainda a dizer: – *Meus criados*.

Que se fazia, então, no salão de Mme. de T.?

Era-se ultra. Ser ultra; essa expressão, embora o que representa talvez ainda não tenha desaparecido, atualmente não tem sentido algum. Expliquemo-la.

Ser ultra é ir além. É atacar o cetro em nome do trono e a mitra em nome do altar; é impedir que os coxos andem, é escoicear as parelhas; é discutir com a fogueira sobre o grau de cozimento dos hereges; é criticar o ídolo por sua pouca idolatria; é insultar por excesso de respeito; é julgar o Papa insuficientemente papista; é ver no Rei pouca majestade e na noite muita luz; é sentir-se insatisfeito com o alabastro, a neve, o cisne e o lírio em nome da alvura; é defender tanto as coisas a ponto de tornar-se inimigo delas; e ser tão forte a favor como contra.

O espírito ultra caracteriza especialmente a primeira fase da Restauração.

Nada em toda a história se assemelha a esse curto período que se inicia em 1814 e termina em 1820, com a chegada de Villèle, o homem prático da direita.[81] Esses seis anos foram um momento extraordinário; ao mesmo tempo brilhante e triste, risonho e sombrio, iluminado pelos clarões da aurora e ao mesmo tempo coberto pelas trevas das grandes catástrofes que ainda enchiam o horizonte, mergulhando lentamente no passado. Houve aí, em meio a essa luz e a essa sombra, todo um pequeno mundo novo e velho, cômico e triste, jovem e senil, esfregando os olhos; nada se assemelha tanto ao despertar quanto a volta; essa sociedade olhava a França com humor e a França a olhava com ironia; as ruas cheias de velhos marqueses taciturnos, almas de outro mundo, os *de antes*, admirados de tudo, bravos e nobres gentis-homens, alegres por se encontrarem novamente na França, comovidos até as lágrimas, extasiados por reverem a pátria, desesperados por não encontrarem mais a monarquia; a pobreza das cruzadas conspurcando a nobreza do Império; isto é, a nobreza da espada; as raças históricas privadas do sentido da história; os filhos dos companheiros de Carlos Magno desdenhando os companheiros de Napoleão. As espadas, como acabamos de dizer, retribuíam os insultos; a espada de Fontenoy era risível e não passava de ferro-velho; a espada de Marengo era odiosa e não passava de um sabre. O Passado desconhecia o Ontem. Não se tinha mais o sentimento da grandeza, nem o sentimento do ridículo. Houve até quem chamasse Bonaparte de Scapin.[82] Esse mundo não existe mais. Repetimos: atualmente nada há que o faça lembrado. Quando, por acaso, destacamos algum personagem e tentamos ressuscitá-lo pelo pensamento, parece-nos estranho, como um mundo antediluviano. É que, com efeito, também ele foi engolido por um dilúvio. Desapareceu sob duas revoluções. Que vagalhões poderosos são as ideias! Como cobrem depressa os que têm a missão de destruir e sepultar, e como cavam

rapidamente abismos medonhos!

Tal era a fisionomia dos salões desses tempos longínquos e simples, onde Martainville tinha mais espírito que Voltaire.[83]

Esses salões tinham uma literatura e política particulares. Acreditava-se em Fiévée. Agier era o legislador. Comentava-se Colnet, o publicista alfarrabista do Quai Malaquais.[84] Napoleão nada mais era que o Papão da Córsega. Mais tarde, a introdução na história do Senhor Marquês de *Buonaparte*, Lugar-Tenente-General dos exércitos do Rei, foi uma concessão ao espírito da época.

Contudo, esses salões não se mantiveram puros por muito tempo. A partir de 1818 começaram a aparecer alguns doutrinários, nuance inquietante. Seu sistema consistia em se desculparem por serem monarquistas. Onde os ultras eram demasiado altivos, os doutrinários sentiam-se um tanto envergonhados. Tinham espírito; sabiam calar-se; seu dogma político era convenientemente sustentado por uma severidade afetada, e deveriam alcançar êxito. Aliás, excediam-se no uso de gravatas brancas e de casacas abotoadas. O erro ou a desgraça do partido doutrinário foi criar uma juventude envelhecida. Faziam pose de sábios. Sonhavam enxertar no princípio absoluto e excessivo um poder moderado. Eles opunham, às vezes com rara inteligência, ao liberalismo demolidor, um liberalismo conservador. Ouviam-nos dizer: – Perdão para a realeza! Ela prestou-nos mais de um favor. Conservou-nos a tradição, o culto, a religião, o respeito. É fiel, corajosa, cavalheiresca, terna, devotada. Embora contra a vontade, acrescentou às novas glórias da nação as glórias seculares da monarquia. Erra por não compreender a Revolução, o Império, a glória, a liberdade, as ideias jovens, as jovens gerações, o século. Mas esse erro que comete a nosso respeito, não o cometemos nós também a respeito dela? A Revolução, de quem somos herdeiros, deve saber compreender tudo. Atacar a realeza é o contrassenso do liberalismo. Que erro e que cegueira! A França revolucionária falta com o respeito à França histórica, isto é, à própria mãe, ou melhor, a si mesma. Depois do 5 de setembro, trata-se a nobreza da monarquia como depois do 8 de julho se tratava a nobreza imperial. Foram injustos para com a águia como somos injustos com a flor de lis. Quer-se ter, afinal, sempre algo para proscrever! Desdourar a coroa de Luís XIV, raspar o escudo de Henrique iv, será de alguma utilidade? Censuramos Vaublanc, que apagou os N da Pont d'Iéna?[85] Que fazia ele? Justamente o que estamos fazendo. Bouvines nos pertence tanto quanto Marengo. As flores de lis nos pertencem como o N. É patrimônio nosso. Por que diminui-lo? É preciso que não reneguemos a pátria nem no passado nem no presente. Por que não querer bem a toda a história? Por

que não amar toda a França?

Era assim que os doutrinários criticavam e protegiam a realeza, descontente por ser criticada e furiosa por se sentir protegida. Os ultras marcaram a primeira época do realismo; a Congregação caracterizou a segunda. Ao arrebatamento sucedeu a habilidade. Terminemos aqui este esboço.

No curso desta narração, o autor deste livro encontrou em seu caminho esse momento curioso da história contemporânea; foi obrigado a lançar-lhe um olhar e a retocar alguns perfis singulares dessa sociedade hoje desconhecida. Ele o fez rapidamente sem nenhuma intenção amarga nem depreciativa. São lembranças afetuosas e dignas de respeito, porque se relacionam com sua mãe, estão ligadas ao seu passado.[86] Aliás, devemos dizê-lo, mesmo esse pequeno mundo tinha a sua grandeza. Pode fazer-nos sorrir, mas jamais poderemos odiá-lo, desprezá-lo. É a França de outrora.

Marius Pontmercy, como todas as crianças, teve de estudar um pouco. Quando saiu das mãos da tia Gillenormand, seu avô entregou-o a um digno professor da mais pura inocência clássica. Essa tenra alma, que ainda se abria, passou das mãos de uma beata para as mãos de um pedante. Marius, terminando os anos de colégio, entrou para a escola de direito. Era monarquista fanático e austero. Não gostava do avô, cuja alegria e cinismo o constrangiam, e sentia-se humilhado pela sorte do pai.

Quanto ao mais, era um rapaz ardente e frio, nobre, generoso, altivo, religioso, exaltado; digno até a aspereza, puro até a selvageria.[87]

IV | FIM DO SALTEADOR

O término dos estudos clássicos de Marius coincidiu com a retirada do Sr. Gillenormand da sociedade. O velho disse adeus ao Faubourg Saint-Germain e ao salão de Mme. de T., vindo estabelecer-se em sua casa no Marais, na Rue Filles-du-Calvaire. Tinha ali, como domésticos, além do porteiro, a camareira Nicolette, que sucedera a Magnon, e o basco esbaforido e asmático de que falamos há pouco.

Em 1827, Marius acabava de completar dezessete anos. Uma noite, ao voltar para casa, encontrou-se com o avô, que segurava uma carta na mão.

– Marius – disse-lhe o Sr. Gillenormand –, amanhã você irá a Vernon.

– Por quê? – disse Marius.

– Para ver seu pai.

Marius estremeceu. Pensara em tudo, menos que um dia pudesse chegar a ver seu pai. Nada poderia acontecer-lhe de mais imprevisto, de mais surpreendente e, digamo-lo, de mais desagradável. Era o afastamento obrigado a uma reaproximação. Não se tratava de sofrimento, mas de obrigação.

Marius, além de suas antipatias políticas, estava convencido de que seu pai, o matador, como o chamava o Sr. Gillenormand em seus dias de calma, não o amava, o que se tornava claro desde que o havia abandonado nas mãos de outrem. Não se sentindo amado, não podia amar. “Nada mais simples”, dizia consigo mesmo.

Ficou tão espantado, que não fez pergunta alguma ao Sr. Gillenormand. O avô retrucou:

– Parece-me que está doente. Ele quer vê-lo.

E, depois de um silêncio, acrescentou:

– Vá amanhã cedo. Creio que no pátio des Fontaines há uma diligência que sai às seis horas, chegando lá à noite. Tome um lugar; o caso parece urgente.

Depois amarrotou a carta, guardando-a no bolso. Marius teria podido partir na mesma noite e estar ao lado do pai na manhã seguinte. Uma diligência da Rue Bouloi fazia nessa época a viagem até Rouen durante a noite, passando por Vernon. Nem o Sr. Gillenormand nem Marius pensaram em obter informações.

No dia seguinte, à tarde, Marius chegava a Vernon. Começavam a acender-se as lanternas das ruas. Perguntou à primeira pessoa que encontrou: – *A casa do Sr. Pontmercy*. – Em seu pensamento concordava com as ideias da Restauração, e não reconhecia os títulos de Coronel e Barão concedidos ao pai durante o Império.

Indicaram-lhe a casa. Bateu. Uma mulher abriu-lhe a porta; segurava à mão um candeeiro.

– O Sr. Pontmercy? – disse Marius.

A mulher ficou imóvel.

– É aqui? – perguntou Marius.

A mulher fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Poderei falar-lhe?

A mulher fez um sinal negativo.

– Mas eu sou filho dele! – replicou Marius. – Ele está me esperando.

– Não o espera mais – disse a mulher.

Só então ele percebeu que ela chorava.

A mulher apontou-lhe a porta de uma sala. Marius entrou.

Nessa sala, iluminada por uma vela de sebo que brilhava em cima da lareira, havia três homens, um de pé, um de joelhos e um no chão vestido de camisola, deitado no assoalho. Esse último era o Coronel.

Os dois outros eram o médico e um Padre, que rezava.

Havia já três dias o Coronel tinha sido atacado de febre cerebral. No começo da doença, tendo um mau pressentimento, escrevera ao Sr. Gillenormand pedindo que lhe enviasse o filho. A doença se agravou. Na mesma tarde do dia em que Marius chegou a Vernon, o Coronel teve um acesso de delírio; levantou-se da cama, apesar dos esforços da criada, e pôs-se a gritar: – Meu filho não chega! Vou encontrar-me com ele! – Depois, saiu do quarto e caiu ao chão da sala. Acabava de expirar.

Chamaram o médico e o Padre. Tanto um como outro chegaram tarde demais. O próprio filho não chegara a tempo.

À claridade crepuscular da vela, podia-se distinguir na face pálida do Coronel uma grande lágrima que havia rolado de seus olhos mortos. Os olhos estavam extintos, mas a lágrima não havia secado. Essa lágrima era a demora de seu filho.

Marius contemplava aquele homem que via pela primeira e última vez, aquele rosto venerável e másculo, os olhos abertos que nada mais viam, os cabelos brancos, os membros robustos sobre os quais enxergava aqui e ali linhas escuras feitas pelos golpes dos sabres e estrelas vermelhas provocadas pelas balas. Notou a enorme cicatriz que o heroísmo imprimira naquela face em que Deus pusera tanta bondade. Pensou que aquele homem era seu pai e que estava morto; continuou, porém, indiferente.

A tristeza que sentiu teria sido a mesma diante de qualquer outro cadáver.

O luto, luto pungente, dominava aquela sala. A criada lamentava-se a um canto, o Padre rezava, e soluçava, o médico enxugava os olhos, o próprio cadáver chorava.

O médico, o Sacerdote e a mulher olhavam Marius em meio a sua aflição, sem nada dizerem; ali ele era o estranho. Marius, quase indiferente, sentia-se embaraçado, envergonhado pela sua atitude; conservara o chapéu na mão e o deixara cair a fim de que julgassem que a dor lhe tirava as forças.

Ao mesmo tempo sentia quase um remorso, e se desprezava por proceder assim. Mas era por sua culpa? Ele não gostava do pai!

O Coronel nada deixou. A venda da mobília apenas deu para pagar o enterro.

A criada encontrou um pedaço de papel e o entregou a Marius. Continha o seguinte, escrito pelo próprio Coronel:

> *Para meu filho. – O Imperador me fez Barão no campo de batalha de Waterloo. Desde a Restauração me contestam esse título, que paguei com meu sangue; meu filho o herdará e o usará. Não é preciso dizer que será digno dele. – Atrás, o Coronel acrescentou: Nessa mesma batalha de Waterloo, um sargento me salvou a vida. Esse homem chama-se Thénardier. Ultimamente creio que possui um pequeno albergue em uma aldeia dos arredores de Paris, em Chelles ou em Montfermeil. Se meu filho o encontrar, far-lhe-á todo o bem que puder.*

Não por veneração a seu pai, mas por esse vago respeito da morte sempre tão imperioso no coração do homem, Marius pegou o papel e o guardou.

Nada mais ficou do Coronel. O Sr. Gillenormand mandou que vendessem a um adelo sua espada e seu uniforme. Os vizinhos espoliaram o jardim, roubando-lhe as flores raras. As outras plantas transformaram-se em urzes, em mato, ou morreram.

Marius não se demorou em Vernon mais de quarenta e oito horas. Depois do sepultamento, voltou a Paris e continuou os estudos de direito, sem pensar mais no pai, como se ele jamais tivesse existido. O Coronel foi enterrado em dois dias e esquecido em três.

Marius trazia um fumo no chapéu; nisso se resumia todo o seu luto.

V | COMO É BOM IR À MISSA PARA SE TORNAR REVOLUCIONÁRIO

Marius havia conservado os hábitos religiosos da infância. Um domingo em que fora assistir à missa em Saint-Sulpice, na mesma capela dedicada à Virgem onde sua tia o levava quando pequeno, sentindo-se então mais distraído e pensativo que de ordinário, colocou-se por trás de uma coluna e, sem prestar atenção, ajoelhou-se num genuflexório forrado com veludo de Utrecht em cujo espaldar estava escrito: *Sr. Mabeuf, Tesoureiro*. A missa havia apenas começado quando se apresentou um velho que lhe disse:

– Queira desculpar-me: esse lugar é meu.

Marius afastou-se apressadamente e o velho ajoelhou-se em seu lugar.

Terminada a missa, Marius continuou pensativo, um pouco distante; o velho se aproximou de novo e lhe disse:

– Peço-lhe perdão por tê-lo incomodado há pouco e por tornar a fazê-lo agora; devo ter-lhe parecido importuno, mas é preciso que me explique.

– Senhor – disse Marius –, não é preciso.

– Sim! – replicou o velho –, não quero que o senhor tenha má ideia de mim. Como vê, faço questão desse lugar. Parece-me que a missa assistida dali é mais devota. Por quê? Vou explicar. Foi nesse mesmo lugar que vi durante anos, cada dois ou três meses, regularmente, um pobre e bravo pai que não tinha outra ocasião nem outra maneira de ver o filho, impedido por questões de família. Vinha justamente na hora em que traziam o filho à missa. O pequeno não sabia que o pai estava ali. Talvez o inocente nem soubesse que tinha um pai. Este se conservava escondido detrás de uma coluna para que não o vissem. Olhava o filho e chorava. Esse pobre homem adorava o pequeno! Eu vi isso. Esse lugar ficou como que santificado para mim, e tomei o hábito de assistir à missa dali. Prefiro-o ao lugar a que tenho direito como Tesoureiro. Cheguei mesmo a conhecer um pouco esse homem. Tinha um sogro, uma tia rica, parentes, não sei quem mais, que o ameaçavam de deserdar a criança se ele, o pai, fosse visitá-la. Sacrificou-se para que o filho fosse rico e feliz. Separaram-no por divergências políticas. Não há dúvida de que aprovo opiniões políticas, mas há pessoas que não sabem ser moderadas. Meu Deus! Só porque um homem esteve em Waterloo não é, por isso, um monstro; esse não é um motivo para separar um pai de seu filho. Trata-se de um Coronel de Bonaparte. Julgo que já tenha falecido. Morava em Vernon, onde meu irmão é Vigário; chamava-se não sei, Pontmarie ou Montpercy… Tinha no rosto uma cicatriz enorme.

– Pontmercy – disse Marius empalidecendo.

– Precisamente, Pontmercy. O senhor também o conheceu?

– Era meu pai – respondeu-lhe Marius.

O velho Tesoureiro juntou as mãos e exclamou:

– Ah! o senhor é o menino! Realmente agora já deve ser um homem. Pois bem! meu filho, pode estar certo de que tem um pai que o amou muito.

Marius ofereceu o braço ao velho e o conduziu até sua casa.

No dia seguinte, disse ao Sr. Gillenormand:

– Combinamos uma caçada com alguns amigos. Poderei ausentar-me por três dias?

– Quatro! – respondeu-lhe o avô. – Vá, divirta-se.

E, piscando os olhos, disse baixinho à filha:

– Algum namorico!

VI | O QUE PODE SIGNIFICAR ENCONTRAR UM SACRISTÃO

Para onde foi Marius, veremos mais adiante.

Ficou ausente por três dias; depois, voltando a Paris, foi imediatamente para a escola de direito e pediu a coleção do *Moniteur*.

Leu o *Moniteur*, leu todas as histórias da República e do Império, o *Memorial de Santa Helena*, todas as memórias, diários, boletins, proclamações; devorou tudo.[88] Na primeira vez que encontrou o nome de seu pai nos boletins do Grande Exército teve febre durante uma semana. Foi ver os generais sob cujas ordens Georges Pontmercy havia servido, entre outros, o Conde H. O Tesoureiro Mabeuf, com o qual voltou a se encontrar, falou-lhe da vida de Vernon, da solidão do Coronel, de suas flores, de seu isolamento. Marius conseguiu conhecer completamente aquele raro homem, sublime e manso, espécie de leão-cordeiro, que havia sido o seu pai.

No entanto, ocupado com esse estudo que lhe roubava todos os instantes e todos os seus pensamentos, quase não via mais os Gillenormand. Aparecia somente à hora das refeições; depois, procuravam-no mas não o encontravam. A tia resmungava. O Sr. Gillenormand sorria: – Ora! ora! chegou o tempo das meninas! – Às vezes o velho acrescentava: – Diabo! eu pensava que se tratava de simples namoro, mas acho que é mesmo paixão.

Com efeito, era paixão. Marius estava quase prestes a adorar o próprio pai.

Ao mesmo tempo, dava-se uma transformação extraordinária na sua mente. As fases de mudança foram numerosas e sucessivas. Como esta é a história de muitos espíritos de nosso tempo, julgamos útil acompanhar essas fases, enumerando-as uma a uma. A história que acabara de conhecer o espantava. A primeira impressão foi de deslumbramento.

A República, o Império, até então não passavam para ele de duas palavras monstruosas. A República, uma guilhotina na semiescuridão do crepúsculo; o Império, um sabre no meio da noite. Acabava de observá-los e, justamente onde esperava não encontrar senão um caos de trevas, tinha visto, quase com surpresa inaudita, envolta em crença e alegria, brilhar astros, Mirabeau, Vergniaud, Saint-Just, Robespierre, Camille Desmoulins, Danton, e levantar-se um sol, Napoleão. Não sabia mais onde estava. Recuava cego por tanta claridade. Pouco a pouco, passado o primeiro espanto, acostumou-se a fitar aqueles resplendores, considerou seus atos sem vertigens, examinou os personagens sem terror; a Revolução e o Império puseram-se luminosamente em perspectiva diante de seus olhos visionários; viu esses dois grupos de acontecimentos e homens se

resumirem em dois fatos importantíssimos: a República, na soberania do direito cívico restituída às massas, o Império, na soberania do ideal francês imposto à Europa; viu surgir da Revolução a grande figura do povo, e do Império a grande figura da França. E declarou em sua consciência que tudo aquilo havia sido bom.

O que a sua admiração negligenciava nessa primeira apreciação por demais sintética não achamos preciso indicar aqui. O que constatamos é o estado de um espírito em marcha. Nenhum progresso é feito numa única etapa. Dito isso de uma vez por todas, tanto para o que precede como para o que se segue, continuemos.

Marius percebeu, então, que até aquele instante não havia compreendido a própria pátria, como não havia compreendido o próprio pai. Não havia conhecido nem um nem outro; seus olhos estavam mergulhados numa espécie de noite voluntária. Agora, sim, via tudo claro; e se por um lado sentia admiração, pelo outro sentia adoração.

Cheio de remorsos, considerava com desespero que tudo o que tinha na alma não podia mais declarar senão a um túmulo. Oh! se o seu pai ainda existisse, se Deus, em sua compaixão e bondade permitisse que vivesse ainda, como gritaria a seus ouvidos: – Pai! Estou aqui! Sou eu! Tenho um coração igual ao seu! Sou seu filho! – Como teria abraçado aquela cabeça branca, inundando de lágrimas seus cabelos, contemplando aquela cicatriz, apertando-lhe as mãos, venerando-lhe as vestes, beijando-lhe os pés! Por que aquele pai morrera tão cedo, antes do tempo, antes da justiça, antes do amor do próprio filho? Marius sentia um soluço contínuo no coração a lhe dizer a todo instante: “Pobre de mim!”. Ao mesmo tempo, tornava-se cada vez mais sério, cada vez mais compenetrado, cada vez mais seguro da própria fé e do próprio pensamento. A cada instante, novos brilhos da verdade vinham iluminar-lhe a razão. Operava-se nele como que um crescimento interior. Ele sentia uma espécie de exaltação natural, provocada por estas duas coisas novas para ele: seu pai e sua pátria.

Como quando se tem uma chave, tudo se abre facilmente, ele achava a explicação do que havia odiado, compreendia a essência do que havia acontecido; via agora claramente o sentido providencial, divino e humano das grandes coisas que lhe haviam ensinado a detestar e dos grandes homens que o haviam obrigado a maldizer. Quando pensava em suas opiniões anteriores, que eram apenas de ontem e já lhe pareciam tão antigas, indignava-se e sorria.

Da reabilitação de seu pai passou naturalmente à reabilitação de Napoleão. Contudo, esta última, devemos dizer, não se realizou sem custo.

Desde a infância o haviam imbuído das ideias do partido de 1814 a respeito

de Bonaparte. Ora, todos os preconceitos da Restauração, todos os seus interesses, todos os seus instintos tendiam a desfigurar Napoleão. A Restauração o odiava muito mais que Robespierre. Explorava com muita habilidade o cansaço da nação e o ódio das mães. Bonaparte transformara-se numa espécie de monstro quase fabuloso. Para pintá-lo, na imaginação do povo que, como acabamos de indicar, muito se assemelha à imaginação das crianças, o partido de 1814 fazia aparecer sucessivamente todas as máscaras horrendas, desde o que é terrível e grandioso até o que é terrível e grotesco, desde Tibério até Croquemitaine.[89] Assim, falando-se de Bonaparte, tinha-se a liberdade de soluçar ou de estourar de rir, contanto que a base fosse o ódio. Marius jamais teve – a respeito desse homem, como o chamavam – ideias diferentes das que acabamos de enumerar. Elas estavam embebidas na tenacidade da sua natureza. Havia no seu íntimo um homenzinho teimoso que odiava Napoleão.

Lendo a história, sobretudo estudando-a nos documentos que tinha em mãos, o véu que encobria Napoleão aos olhos de Marius foi-se rasgando pouco a pouco. Ele entreviu algo imenso, e adivinhou que até então estivera enganado a respeito de Bonaparte, como sobre todo o resto; cada dia via melhor, e se pôs a subir lentamente, passo a passo, a princípio quase contra a vontade, depois com enlevo, como que atraído por uma fascinação irresistível, primeiro os degraus sombrios, em seguida os degraus vagamente iluminados, enfim os degraus luminosos e esplêndidos do entusiasmo.

Uma noite, ele estava sozinho no seu pequeno quarto, no sótão. A vela estava acesa; lia apoiando-se à mesa, ao lado da janela aberta. Toda espécie de sonhos lhe vinha do espaço, misturando-se aos seus pensamentos. Que espetáculo, a noite! Ouvem-se ruídos surdos sem sabermos de onde vêm; vê-se rutilar como uma brasa Júpiter, mil e duzentas vezes maior que a Terra; o azul é negro, as estrelas brilham; é esplêndido!

Lia os boletins do Grande Exército, estrofes heroicas escritas nos campos de batalha; de quando em quando, o nome de seu pai, e sempre o nome do Imperador; todo o grande Império se lhe patenteava aos olhos; sentia como uma maré que se avolumava no seu íntimo; parecia-lhe, por momentos, que seu pai passava ao seu lado como uma brisa, falando-lhe aos ouvidos; às vezes, sentia-se estranho: julgava ouvir tambores, canhões, clarins, o passo cadenciado dos batalhões, o galope surdo e longínquo dos cavalos; de quando em quando, seus olhos levantavam-se para o céu e viam brilhar, nos abismos sem fim, constelações colossais; depois voltava a ler e via outras coisas igualmente majestosas, movendo-se confusamente. Sentia o coração oprimido. Estava

extasiado, trêmulo, ofegante. De repente, sem mesmo saber o que acontecia e a que obedecia, levantou-se, estendeu os braços para fora da janela, olhou fixamente a escuridão, o silêncio, o infinito tenebroso, a imensidade eterna e gritou: – Viva o Imperador!

A partir desse instante, tudo estava dito. O Papão da Córsega, o tirano, o monstro, amante das próprias irmãs, o histrião que recebia lições de Talma, o envenenador de Jaffa, o tigre, *Buonaparte*, tudo isso se dissipou, dando lugar em seu espírito a uma vaga e ofuscante luz, em que resplandecia em altura inacessível o pálido fantasma de mármore de César.[90] O Imperador não havia sido para seu pai senão o Capitão querido que admirava e a quem se devotara; para Marius, era algo mais. Foi o construtor predestinado do Império Francês, sucedendo ao Império Romano no domínio do universo. Foi o prodigioso arquiteto de uma destruição, o continuador de Carlos Magno, de Luís xi, de Henrique iv, de Richelieu, de Luís XIV e do Comitê da Salvação Pública, tendo sem dúvida seus defeitos, suas faltas e até seus crimes, isto é, sendo homem, porém augusto nas faltas, brilhante nos defeitos, poderoso nos crimes. Foi o homem predestinado que havia forçado todas as nações a dizerem: – A grande nação. – Foi mais ainda: foi a encarnação da própria França, conquistando a Europa com sua espada e o mundo com sua luz. Marius viu em Bonaparte o espectro brilhante que se levantará sempre em nossas fronteiras, guardando o nosso futuro. Déspota, mas ditador; déspota resultante de uma república, resumindo em si toda uma revolução. Napoleão tornou-se para ele o homem-povo, como Jesus é o homem-Deus.

Como acontece com todos os novos adeptos de uma religião, sua conversão o embriagava, transformando-o em apóstolo, levando-o longe demais. Sua natureza era assim; uma vez num declive, era-lhe quase impossível voltar atrás. O fanatismo pela espada o dominava, confundindo-lhe no espírito entusiasmo com ideal. Ele não percebia que, junto com o gênio, admirava a força, isto é, estabelecia nas duas formas da idolatria, de um lado o que é divino, do outro, o que é brutal. De algum modo, continuou a se enganar como antes. Admitia tudo. Sempre existe o perigo de se admitir o erro na procura da verdade. Marius tinha uma espécie de boa-fé violenta, admitindo tudo, sem considerar os detalhes. Nos novos caminhos em que ingressara, tanto julgando os erros do Antigo Regime como medindo a glória de Napoleão, negligenciava as circunstâncias atenuantes.

Fosse como fosse, dera um passo prodigioso. Onde outrora vira a queda da monarquia via agora a elevação da França. Sua orientação tinha mudado. O que até agora fora poente, passara a ser nascente. Voltara-se para trás.

Todas essas revoluções se davam no seu íntimo sem que a família desconfiasse.

Quando, nessa tarefa misteriosa, perdeu totalmente a antiga pele de Bourbon e de ultra, quando se despiu do aristocrata, do jacobino, do monarquista, quando se tornou completamente revolucionário, profundamente democrata e quase republicano, foi a um gravador do Quai des Orfèvres e encomendou cem cartões com os seguintes dizeres: *Barão Marius Pontmercy*.

Isso nada mais era que uma consequência muito lógica da transformação por que passara, transformação que gravitava, toda, em torno de seu pai.

Como, porém, não conhecia ninguém e não podia distribuir os cartões, guardou-os consigo.

Por outra consequência natural, à medida que se aproximava do pai, de sua memória e das coisas pelas quais o Coronel havia combatido durante vinte e cinco anos, afastava-se do avô. Como já dissemos em outro lugar, o caráter do Sr. Gillenormand não lhe agradava. Já existiam entre eles todas as dissonâncias naturais entre um jovem sério e um velho frívolo. A alegria de Geronte choca e exaspera a melancolia de Werther.[91] Enquanto as mesmas opiniões políticas e as mesmas ideias lhes eram comuns, Marius encontrava-se nelas com o Sr. Gillenormand como sobre uma ponte. Quando a ponte ruiu, fez-se o abismo. E depois, além disso tudo, Marius sentia momentos de revolta inexprimíveis ao pensar que o Sr. Gillenormand, por motivos completamente estúpidos, o arrancara impiedosamente dos braços do Coronel, privando assim o pai da companhia do filho e o filho do afeto do pai.

À força da veneração que sentia para com o Coronel, quase chegou a odiar o avô.

Nada disso, aliás, como já dissemos, se patenteava no seu exterior. Apenas se mostrava cada vez mais frio; lacônico às refeições e raras vezes em casa. Quando a tia o censurava, tornava-se dócil, dando por pretexto os estudos, as aulas, os exames, as conferências etc. O avô não saía de seu diagnóstico infalível: – Apaixonado! Ele não me engana.

Marius, de quando em quando, ausentava-se.

– Mas aonde é que ele vai? – perguntava a tia.

Numa dessas viagens, sempre rápidas, foi até Montfermeil, para obedecer à indicação que lhe deixara o pai; procurava encontrar o antigo Sargento de Waterloo, o estalajadeiro Thénardier. Thénardier falira, o albergue estava fechado e ninguém sabia para onde ele rumara. Para isso, Marius ficou quatro

dias fora de casa.

– Não há dúvida – disse o avô –, está perdido.

Parecia ter notado que ele levava sobre o peito, debaixo da camisa, alguma coisa pendente de uma fita preta amarrada ao pescoço.

VII | ALGUMA SAIA

Já escrevemos algo a respeito de um tal lanceiro.

Tratava-se de um sobrinho em segundo grau que o Sr. Gillenormand tinha pelo lado paterno. Levava vida militar fora da família, longe de todo ambiente doméstico. O Tenente Teódulo Gillenormand preenchia todas as condições requeridas para ser o que se costuma chamar de um belo Oficial. Tinha o *porte de uma moça*, um jeito elegante de carregar o sabre vitorioso e usava bigode retorcido. Vinha muito raramente a Paris, tão raramente que Marius jamais o tinha visto. Os dois primos só se conheciam de nome. Teódulo, creio que já o dissemos, era o favorito da tia Gillenormand, que o preferia justamente porque nunca o via. Não ver as pessoas permite-nos supor nelas todas as perfeições.

Uma manhã, a Srta. Gillenormand mais velha voltava à casa tão emocionada quanto lhe permitia a constante indiferença. Marius acabava de pedir licença ao avô para fazer uma pequena viagem, acrescentando que esperava partir naquela mesma noite. – Pode ir! – respondeu-lhe o avô, e o Sr. Gillenormand acrescentou à parte, juntando as sobrancelhas no alto da testa: – Já está exagerando. – A Srta. Gillenormand havia subido ao quarto muito intrigada, e da escada lançou este ponto de exclamação: – É demais! – e este ponto de interrogação: – Mas aonde é que ele vai a toda hora? – Ela desconfiava de alguma aventura amorosa mais ou menos ilícita, uma mulher na penumbra, algum encontro, um mistério, e não se sentiria envergonhada se pudesse pôr-lhe os olhos em cima. A degustação de um mistério assemelha-se às primícias de um escândalo; as almas mais santas sentem-se atraídas. Nos compartimentos secretos do beatério há bastante curiosidade pelo escândalo.

Sentia, portanto, o vago apetite de saber alguma coisa.

Para se distrair dessa curiosidade, que a agitava um tanto além de seus hábitos, ela se refugiou nos trabalhos manuais, pôs-se a fazer com linha e mais linha um daqueles bordados do Império e da Restauração cheios de rodas de cabriolé. Trabalho maçante, obreira intratável. Já estava havia muitas horas sentada em sua cadeira quando a porta se abriu. A Srta. Gillenormand levantou a

cabeça; o Tenente Teódulo estava à sua frente e lhe fazia a saudação militar. Deu um grito de alegria. Pode-se ser hipócrita, devota, velha, tia, mas é sempre agradável ver entrar no quarto um lanceiro.

– Você aqui, Teódulo! – exclamou.

– De passagem, titia.

– Dê-me um abraço, então.

– Pronto! – disse-lhe Teódulo.

E a abraçou. A Srta. Gillenormand foi até a secretária e a abriu.

– Vai ficar aqui ao menos uma semana.

– Devo partir esta noite mesmo.

– Não é possível!

– Matematicamente.

– Fique, meu Teódulo; peço-lhe que fique.

– O coração diz sim, mas o dever diz não. A história é simples. Trocam-nos de guarnição; estávamos em Melun, mudamos para Gaillon. Para ir da antiga guarnição à nova, é preciso passar por Paris. Disse comigo: “Vou ver minha tia”.

– Aqui tem, pelo incômodo.

E colocou-lhe nas mãos dez luíses.

– A senhora quer dizer, pelo prazer, querida tia.

Teódulo a abraçou novamente e ela teve a alegria de sentir o pescoço um tanto arranhado pelos galões da farda.

– Você está viajando a cavalo com o seu regimento? – perguntou-lhe ela.

– Não, minha tia. Eu quis passar por aqui. Tive uma licença especial. Meu ordenança leva o meu cavalo; eu vou pela diligência. A propósito; queria perguntar-lhe uma coisa.

– O quê?

– Meu primo Marius Pontmercy também vai viajar?

– Como sabe? – disse-lhe a tia, subitamente interessada.

– Quando cheguei, fui reservar meu lugar no cupê.

– E que aconteceu?

– Alguém já havia tomado lugar na imperial. Li seu nome na lista de passageiros.

– Que nome?

– Marius Pontmercy.

– Que desajuizado! – exclamou a Srta. Gillenormand. – Ah! o seu primo não

se parece nada com você. E dizer que vai viajar toda a noite!

– Como eu!

– Mas você o faz por dever; ele, por extravagância.

– Malandro! – disse Teódulo.

Aqui, aconteceu algo de extraordinário com a Srta. Gillenormand mais velha: ela teve uma ideia! Se fosse homem, teria batido na testa. Perguntou a Teódulo:

– Você sabe que seu primo não o conhece?

– Não. Eu já o vi, mas ele nem se dignou olhar-me.

– Então, vocês vão viajar juntos?

– Ele na imperial, eu no cupê.

– Para onde vai essa diligência?

– Para Andeluys.

– Então Marius vai para lá?

– A não ser que ele desça antes, como eu. Vou descer em Vernon para pegar a correspondência de Gaillon. Nada sei do itinerário do meu primo.

– Marius! que nome plebeu! Que ideia tiveram em chamá-lo de Marius! Você, pelo menos, chama-se Teódulo.

– Preferiria chamar-me Alfredo – disse o Oficial.

– Escute, Teódulo.

– Pode falar, minha tia.

– Preste atenção.

– Estou atento.

– Está ouvindo bem?

– Estou.

– Pois bem, Marius anda saindo muito.

– Eh! eh!

– Viaja.

– Ah! ah!

– Dorme fora.

– Oh! oh!

– Queremos saber o que há escondido debaixo disso tudo.

Teódulo respondeu com a calma própria de um homem experimentado:

– Alguma saia.

E, com um sorriso que indicava certeza, acrescentou:

– Alguma rapariga.

– É evidente – exclamou a tia, que julgou ouvir o Sr. Gillenormand, e que sentiu sua convicção surgir irresistivelmente daquela palavra *rapariga*, acentuada quase com a mesma expressão pelo tio e pelo sobrinho. E continuou:

– Dê-nos um prazer. Seja um pouco como ele. Ele não o conhece, e a coisa vai ser fácil. Desde que há uma rapariga, trate de ver quem é. Depois, escreva-nos contando a história. Seu avô vai divertir-se.

Teódulo não sentia muito gosto por esse tipo de espionagem; mas impressionara-se com os dez luíses e achou que poderia fazê-los multiplicar. Aceitou a comissão e disse: – Como a senhora quiser, titia. – E acrescentou consigo mesmo: “Eis-me feito alcoviteiro”.

A Srta. Gillenormand deu-lhe um abraço.

– Você, Teódulo, não iria fazer semelhante bobagem. Você obedece à disciplina, é um escravo da ordem, é um homem de escrúpulo, cumpridor dos deveres, e não deixaria a família para ir ter com uma mulher qualquer.

O lanceiro fez a careta satisfeita de Cartouche elogiado pela sua probidade. [92]

Marius, na noite que se seguiu a esse diálogo, subiu à diligência sem desconfiar que estava sendo vigiado. Quanto ao espião, a primeira coisa que fez foi dormir. O sono foi completo e consciencioso. Argus roncou a noite toda.[93]

Ao amanhecer, o cocheiro da diligência gritou: – Vernon! Baldeação para Vernon! Passageiros para Vernon! – E o Tenente Teódulo acordou.

– Bem – resmungou, meio dormindo ainda –, é aqui que eu desço.

Depois, voltando aos poucos ao normal, pensou na tia, nos dez luíses e na conta que devia dar do que Marius fizesse ou dissesse. Isso o fez rir.

– Talvez ele não esteja mais na carruagem – pensou, abotoando a jaqueta –, pode ter descido em Poissy ou em Triel; se não ficou em Meulan, pode ter descido em Mantes, a menos que não tenha descido em Rolleboise ou em Pacy, podendo ter seguido à esquerda na direção de Évreux ou à direita indo para Laroche-Guyon. Corra atrás dele, minha tia. Que diabo vou escrever à boa velha!

Então, da janelinha do cupê, viu uma calça preta que descia da imperial.

– Seria Marius? – pensou o Tenente.

Era Marius.

Uma pequena camponesa, junto à carruagem, quase se confundindo com os cavalos e postilhões, oferecia flores aos viajantes: – Comprem flores para suas

damas! – gritava.

Marius aproximou-se dela e comprou-lhe as mais bonitas flores do açafate.

– Essa é boa – disse Teódulo, saltando do cupê –, agora estou curioso. A que diabo ele vai levar essas flores? É preciso que a mulher seja mesmo bonita para merecer esse buquê. Quero ver de quem se trata.

Então, não mais para satisfazer a tia, mas por curiosidade pessoal, como esses cães que caçam por conta própria, pôs-se a seguir Marius.

Marius não percebeu Teódulo. Algumas mulheres elegantes desceram da carruagem; nem sequer as olhou. Parecia nada ver ao seu redor.

– Está apaixonado! – pensou Teódulo.

Marius dirigiu-se para a igreja.

– Bonito! – disse Teódulo. – A igreja! então é isso. Os encontros temperados com um pouco de missa são os melhores. Nada tão delicioso como uma olhadela que passa por cima de Deus.

Chegando à igreja, Marius não entrou, contornou a grade. Desapareceu no ângulo de um dos contrafortes da abside.

– O encontro é fora – disse Teódulo. – Vejamos de quem se trata.

E continuou na ponta dos pés até o ângulo onde Marius havia desaparecido.

Chegando ali, parou estupefato.

Marius, com o rosto escondido nas mãos, estava ajoelhado no chão, à beira de um túmulo. Havia desfolhado ali o buquê. Na extremidade oposta, numa pequena elevação, havia uma cruz de madeira preta com este nome gravado em letras brancas: coronel barão pontmercy. Podia ouvir os soluços de Marius.

A rapariga era uma sepultura.

VIII | MÁRMORE CONTRA GRANITO

Era ali que Marius viera a primeira vez que se ausentara de Paris. Era ali que ele vinha cada vez que o Sr. Gillenormand dizia: – Vai dormir fora de casa!

O Tenente Teódulo ficou absolutamente desconcertado por aquela aparição inesperada de um sepulcro; experimentou algo desagradável e singular, sentindo-se incapaz de o analisar; era o respeito a um túmulo de envolta com o respeito a um Coronel. Afastou-se, deixando Marius sozinho no cemitério; recuou como um soldado. A morte apareceu-lhe com enormes dragonas, e ele quase lhe fez a saudação militar. Não sabendo o que escrever à tia, resolveu nada escrever, e,

provavelmente, nada resultaria da descoberta feita por Teódulo sobre os amores de Marius se, por uma dessas misteriosas e frequentes combinações do acaso, a cena de Vernon, quase imediatamente, não tivesse tido uma espécie de repercussão em Paris.

Marius voltou de Vernon depois de três dias, apeou na casa do avô cansado por ter passado duas noites viajando, sentindo a necessidade de reparar a insônia com uma hora de natação, subiu rapidamente a seu quarto, demorando-se o tempo estritamente necessário para tirar o casaco e o cordão preto que trazia ao pescoço, e saiu para o banho.

O Sr. Gillenormand, levantando-se bem cedo como qualquer velho de boa saúde, ouvira-o entrar e apressara-se em subir, o mais depressa que podiam suas velhas pernas, a escada que levava ao quarto de Marius, a fim de o abraçar e fazer-lhe algumas perguntas para ver se conseguia saber de onde ele vinha.

Mas o adolescente levou menos tempo para descer que o octogenário para subir, e, quando o Sr. Gillenormand entrou na mansarda, Marius já havia saído.

A cama não estava desfeita. Sobre ela, sem a mínima precaução, estavam o casaco e o cordão negro.

– Melhor assim – disse o Sr. Gillenormand.

E, um momento depois, fez sua entrada no salão, onde já estava sentada a Srta. Gillenormand mais velha, bordando rodas de cabriolés.

A entrada foi triunfal.

O Sr. Gillenormand segurava numa mão o casaco e na outra o cordão. E gritou:

– Vitória! Vamos desvendar o mistério! Vamos saber o fim do fim. Vamos apalpar as libertinagens do nosso sorumbático! Ei-nos em pleno romance. Tenho aqui o retrato! – Com efeito, uma caixeta de couro preto, muito parecida a um medalhão, estava pendurada ao cordão.

O velho pegou-a, olhou-a por algum tempo sem a abrir com um ar de voluptuosidade, de contentamento e cólera, como um pobre-diabo faminto sentindo o cheiro de um jantar formidável que não poderá provar.

– Evidentemente deve haver aqui algum retrato. Eu conheço essas coisas. Levam-nas ternamente sobre o coração. Que bestas! Vai ver que é uma megera de fazer medo! Os jovens de hoje têm um mau gosto!…

– Abra – disse-lhe a filha.

A caixeta se abria apertando-se uma mola. Só encontraram um papel cuidadosamente dobrado.

– *Dela para ele* – disse o Sr. Gillenormand dando uma gargalhada. – Já sei o que é. Um bilhete de amor!

– Mas leia! – disse-lhe a Srta. Gillenormand.

A tia pôs os óculos. Ambos desdobraram o papel e leram:

– *Para meu filho. – O Imperador me fez Barão no campo de batalha de Waterloo. Desde a Restauração me contestam esse título, que paguei com meu sangue; meu filho o herdará e o usará. Não é preciso dizer que será digno dele.*

O que pai e filha sentiram não se pode descrever. Sentiram-se gelados como que pelo hálito de um cadáver. Não trocaram uma palavra. O Sr. Gillenormand, contudo, disse em voz baixa, como se falasse consigo mesmo:

– É a letra daquele bandido!

A tia examinou o papel e voltou-o em todos os sentidos; depois tornou a guardá-lo na caixinha.

No mesmo instante, um pequeno embrulho retangular, envolto em papel azul, caiu de um bolso do casaco. A Srta. Gillenormand levantou-o do chão e o desembrulhou. Eram os cem cartões de Marius. Mostrou um ao Sr. Gillenormand e este pôde ler: *Barão Marius Pontmercy.*

O velho tocou uma campainha. Veio Nicolette. O Sr. Gillenormand pegou o cordão, a caixinha e o casaco, jogou tudo no meio do salão e disse:

– Leve esses trapos daqui!

Passou-se uma longa hora no mais profundo silêncio. O velho e a filha sentaram-se com as costas voltadas um para o outro, e provavelmente, cada um de seu lado, pensavam nas mesmas coisas. Passada essa hora, tia Gillenormand disse:

– Bonito!

Alguns instantes depois, Marius apareceu. Antes mesmo de entrar no salão, viu o avô segurando um de seus cartões; ao vê-lo entrar, exclamou com aquele ar de superioridade burguesa e escarninha que tinha um quê de esmagador.

– Sim, senhor! Então o senhor agora é Barão. Dou-lhe meus parabéns. Que quer dizer isto?

Marius corou ligeiramente e respondeu:

– Isso quer dizer que sou o filho de meu pai.

O Sr. Gillenormand parou de rir e disse severamente:

– Seu pai sou eu.

– Meu pai – retrucou Marius, sério, com os olhos baixos – era um homem humilde e heroico que serviu gloriosamente à república e à França, que foi

grande na maior história que os homens jamais escreveram, que viveu durante um quarto de século em acampamentos, de dia sob a metralha e as balas, de noite em meio à neve, à lama, sob a chuva, conquistando duas bandeiras, que recebeu vinte ferimentos, que morreu no esquecimento e no abandono, e que jamais cometeu um erro, senão o de amar dois ingratos, sua terra e eu!

Era mais do que o velho Gillenormand podia ouvir. À palavra *república*, levantou-se, como se fosse impelido por uma mola. Cada uma das palavras que Marius acabava de pronunciar fez sobre o rosto do monarquista o mesmo efeito que uma forja em um tição ardente. De sombrio tornou-se vermelho, de vermelho fez-se escarlate, de escarlate, chamejante.

– Marius! – exclamou. – Criança abominável! Não sei o que foi seu pai, nem me interessa saber! Mas o que eu sei é que no meio de toda aquela gente só havia miseráveis, vagabundos, assassinos, libertinos, ladrões! Digo todos! Todos! Não faço exceções! Todos! Está ouvindo, Marius? Você é Barão como os meus chinelos! Eram todos bandidos que serviram a Robespierre! Todos salteadores que serviram Bu-o-na-parte! Todos traidores que atraiçoaram, atraiçoaram, atraiçoaram seu Rei legítimo! Todos covardes que fugiram dos prussianos e dos ingleses em Waterloo! Isso é o que eu sei. Se o senhor seu pai está no meio deles, eu não sei; é uma pena, tanto pior, um seu criado!

Desta vez Marius era a brasa e o Sr. Gillenormand a forja. Marius tremia dos pés à cabeça, não sabia onde estava, sentia-se tonto. Era como o padre que vê jogadas ao vento as suas hóstias, ou o faquir que vê alguém cuspir em seu ídolo. Era impossível que semelhantes coisas fossem ditas impunemente na sua presença. Mas que fazer? Seu pai acabava de ser pisado e maltratado na sua frente. Por quem? Pelo seu avô. Como vingar um sem ultrajar o outro? Era-lhe impossível insultar o avô, e era também impossível deixar seu pai sem uma vingança. De um lado, um túmulo sagrado; do outro, uma cabeça branca. Ficou alguns instantes indeciso e cambaleante, com todo esse turbilhão na cabeça; depois, levantou os olhos, olhou fixamente para o avô e gritou em voz bem alta:

– Abaixo os Bourbon, e esse porco, Luís XVIII!

Luís XVIII morrera havia quatro anos, mas Marius não se importou com isso.

O velho, de escarlate que estava, tornou-se subitamente mais branco que seus cabelos. Voltou-se para um busto do Duque de Berry, colocado em cima da lareira, e o saudou profundamente com singular majestade. Depois foi duas vezes, lentamente e em silêncio, da lareira à janela e da janela à lareira, atravessando toda a sala e fazendo ranger o assoalho, como se fosse uma estátua de pedra a caminhar. Na segunda vez, inclinou-se para a filha, que assistia àquela

luta com o espanto de uma ovelha, e lhe disse sorrindo, quase calmamente:

– Um Barão como o senhorzinho e um burguês como eu não podem ficar debaixo do mesmo teto.

E, de repente, levantando-se, pálido, trêmulo, terrível, a fronte alargada pelos terríveis raios da cólera, estendeu o braço na direção de Marius e gritou:

– Vá-se embora!

Marius deixou a casa.

No dia seguinte, o Sr. Gillenormand disse à filha:

– Mandai cada seis meses sessenta luíses de ouro para esse bebedor de sangue, e não me faleis mais dele.

Tendo ainda um imenso resto de furor a despender, continuou tratando a filha de *vós* durante mais de três meses.

Marius, por sua vez, saiu indignado. Uma circunstância que devemos citar agravou mais ainda o seu desespero. Sempre existem essas pequenas fatalidades que complicam os dramas domésticos. As ofensas aumentam embora não sejam agravadas. Levando precipitadamente “os trastes” de Marius para o quarto, Nicolette, sem perceber, deixou cair, provavelmente na escada que levava ao sótão, o medalhão que continha o papel em que o Coronel escrevera. Nem um nem outro puderam ser encontrados. Marius ficou convencido de que o “Sr. Gillenormand” – desde esse dia não o chamou de outro modo – lançara “o testamento de seu pai” ao fogo. Sabia de cor as poucas linhas escritas pelo Coronel; portanto, nada estava perdido. Mas o papel, o texto escrito, aquela relíquia sagrada, era o seu próprio coração. Que fim levara?

Marius foi-se embora sem dizer para onde e sem saber aonde ir com trinta francos no bolso, o relógio e algumas roupas. Tomou um cabriolé, alugando-o por hora, e dirigiu-se ao acaso para o *Quartier Latin*.[94]

Que será de Marius?

LIVRO QUARTO

OS AMIGOS DO ABC

I | UM GRUPO QUE ESTEVE A PONTO DE SE TORNAR HISTÓRICO

Nessa época aparentemente indiferente sentia-se uma vaga atmosfera revolucionária. Sopros vindos das profundezas de 89 e 92 vagavam ainda pelo ar. A juventude estava, perdoem-nos a palavra, em tempo de muda. Transformava-se quase sem perceber, pelo próprio movimento do tempo. O ponteiro que caminha pelo quadrante caminha também nas almas. Cada um dava para a frente o passo que devia dar. Os monarquistas tornavam-se liberais, os liberais tornavam-se democratas. Era como que uma maré montante cheia de mil refluxos; é próprio dos refluxos estabelecerem novos contatos; daí as singularíssimas combinações de ideias; adoravam-se a um só tempo Napoleão e a liberdade. Nós escrevemos aqui uma parte importante da história. Eram essas as miragens daqueles tempos. As opiniões passam por fases diversas. O realismo voltairiano, variedade extravagante, teve uma consequência não menos estranha, o liberalismo bonapartista.

Outras correntes de ideias eram bem mais ponderadas. Sondavam os princípios, ligavam-se ao direito. Sentiam-se apaixonados pelo absoluto, entreviam-se as realizações infindas; o absoluto, por sua própria rigidez, impele os espíritos para o azul, fazendo-os mergulhar no ilimitado. Nada como o dogma para produzir sonhos. Nada como os sonhos para gerar o futuro. Utopia hoje, carne e osso amanhã.

As opiniões avançadas tinham sentidos ambíguos. Um começo de mistério suspeito e dissimulado ameaçava a “ordem estabelecida”. Sinal do mais alto grau revolucionário. O pensamento oculto do poder encontra nos subterrâneos o pensamento oculto do povo. A incubação das insurreições dá a réplica à premeditação dos golpes de Estado.

Ainda não existia na França nenhuma dessas grandes organizações secretas como o *Tugendbund* alemão e o carbonarismo italiano; somente pequenas ramificações de túneis obscuros. A *Cougourde* esboçava-se em Aix; em Paris,

entre outras associações semelhantes, havia a Sociedade dos Amigos do abc.[95]

Quem eram esses Amigos do abc? O *abaissé*[96] era o povo. Queriam levantá-lo. Trocadilho de que ninguém devia rir-se; aliás, os trocadilhos na política às vezes são importantes, por exemplo: *Castratus ad castra*, feito por um general do exército a respeito de Narsés; outro, *Barbari et Barberini*; outro, *Fueros y Fuegos*; outro, *Tu es Petrus et super hanc petram* etc. etc.[97]

Os Amigos do abc não eram muito numerosos; era uma sociedade secreta ainda em embrião; diríamos quase uma quadrilha, se as quadrilhas produzissem heróis. Reuniam-se em Paris em dois lugares: perto do mercado, numa taverna chamada Corinto, de que falarei mais tarde, e próximo do Panthéon, num pequeno café da Place Saint-Michel, o café Musain, hoje demolido; o primeiro desses lugares de reuniões estava mais próximo dos operários; o segundo, mais perto dos estudantes.

Os conciliábulos habituais dos Amigos do abc davam-se numa das salas do café Musain. Tal sala, bastante afastada do lugar onde se atendiam os fregueses, comunicava-se com o café propriamente dito por meio de um longo corredor; tinha duas janelas e uma saída por uma escada oculta, dando para a Rue Grès. Ali, bebia-se, fumava-se, brincava-se, ria-se. Falava-se em voz alta sobre todos os assuntos e em voz baixa sobre outras coisas. Na parede, pista suficiente para despertar o faro de qualquer agente de polícia, estava pregado um velho mapa da França republicana.

A maior parte dos Amigos do abc era composta de estudantes, em relações cordiais com alguns operários. Eis aqui os nomes principais. De certo modo, pertencem à história: Enjolras, Combeferre, Jean Prouvaire, Feuilly, Courfeyrac, Bahorel, Lesgle ou Laigle, Joly, Grantaire.

À força de amizade, esses jovens criaram entre si quase que uma família. Todos, com exceção de Laigle, eram do Midi.

Esse grupo era notável. Seus membros desvaneceram-se nas profundezas invisíveis que nos acompanham. No ponto em que estamos deste drama, talvez não seja inútil dirigirmos um raio de claridade sobre essas jovens cabeças, antes que o leitor as perca na sombria confusão de uma aventura trágica.

Enjolras, que citamos em primeiro lugar, veremos mais tarde, porque era filho único e rico.

Encantador, capaz de se tornar terrível, Enjolras era angelicamente belo. Era um Antinous, cheio de coragem.[98] Dir-se-ia, vendo-se a reverberação pensativa de seu olhar, que ele, numa existência precedente, já havia atravessado o

apocalipse revolucionário. Guardava-lhe a tradição como uma testemunha. Conhecia todos os pequenos detalhes da grande tarefa. Natureza pontifical e guerreira, estranha num adolescente. Era ao mesmo tempo oficiante e militante; à primeira vista, soldado da democracia; acima do movimento contemporâneo, sacerdote do ideal. Tinha as pupilas profundas, as pálpebras um tanto avermelhadas, o lábio inferior espesso e facilmente desdenhoso, a fronte alta. Muita fronte num rosto é como muito céu num horizonte. Como certos jovens do começo deste século e do fim do século passado, que tão cedo se tornaram ilustres, ele tinha excessiva juventude, fresca como a das donzelas, embora muitas vezes se mostrasse pálida.[99] Sendo já homem, ainda parecia uma criança. Seus vinte e dois anos pareciam dezessete. Era sério e demonstrava não saber que sobre a Terra existia um ser chamado mulher. Tinha uma única paixão, o direito; um único pensamento, superar obstáculos. Sobre o monte Aventino, seria Graco; na Convenção teria sido Saint-Just.[100] Via as rosas, mas ignorava a primavera e não ouvia o canto dos pássaros; o colo nu de Evadne não o comoveria mais que Aristógiton; para ele, como para Harmódio, as flores só eram boas para esconder a espada.[101] Era severo mesmo na alegria. Diante de tudo o que não era a república, baixava castamente os olhos. Era o amante de mármore da Liberdade. Sua palavra, asperamente inspirada, assemelhava-se a um hino. Era como um inesperado bater de asas. Desgraçada da rapariga que se enamorasse dele! Se alguma costureirinha da Place Cambrai ou da Rue Saint-Jean-de-Beauvais, vendo aquele rosto fugido do colégio, aquele tipo de pajem, aqueles longos cílios louros, aqueles olhos azuis, aquela cabeleira revolta, aquelas faces rosadas, aqueles dentes magníficos, aqueles lábios puros, sentisse desejos de gozar de toda aquela aurora, e tentasse usar a própria beleza para conquistar Enjolras, um olhar surpreendido e terrível mostrar-lhe-ia num instante o abismo e ensiná-la-ia a não confundir com o querubim galante de Beaumarchais o terrível querubim de Ezequiel.[102]

Ao lado de Enjolras, que representava a lógica da revolução, Combeferre representava a filosofia. Entre a lógica da revolução e sua filosofia, havia esta diferença: a lógica poderia resolver-se em guerra, enquanto sua filosofia só poderia conduzir à paz. Combeferre completava e retificava Enjolras. Era menos alto e mais espadaúdo. Queria que se prodigalizassem aos espíritos os princípios decorrentes das ideias gerais. Dizia: – Revolução, mas civilização. – Em torno da montanha a pique, abria um vasto horizonte azul. Daí o sentido prático e acessível dos pensamentos de Combeferre. A revolução com Combeferre era mais respirável que com Enjolras. Enjolras exprimia-lhe o direito divino;

Combeferre, o direito natural. O primeiro se ligava a Robespierre; o segundo parava em Condorcet.[103] Combeferre, mais do que Enjolras, vivia a vida de todo mundo. Se fosse dado a esses dois jovens um lugar na história, um seria o justo, o outro seria o sábio. Enjolras era mais viril. Combeferre, mais humano. *Homo* e *Vir*, essa era a cambiante que existia entre ambos. Combeferre era dócil como Enjolras era severo, por candura natural. Gostava da palavra *cidadão*, mas preferia a palavra *homem*. De boa vontade diria *Hombre*, como os espanhóis. Lia de tudo, frequentava teatros e cursos públicos, aprendia com Arago a polarização da luz, apaixonava-se por uma lição em que Geoffroy Saint-Hilaire explicava a dupla função da artéria carótida externa e da artéria carótida interna, uma servindo o rosto, outra servindo o cérebro; estava a par de tudo, seguia a ciência passo a passo, confrontava Saint-Simon com Fourier, decifrava hieróglifos, quebrava as pedras que encontrava e discutia sobre geologia; desenhava de memória uma borboleta bômbix, assinalava os erros de francês encontrados no *Dicionário da Academia*, estudava Puységur e Deleuze, nada afirmava, nem mesmo os milagres, nada negava, nem mesmo as almas do outro mundo; folheava a coleção do *Moniteur*, sonhava.[104] Declarava que o futuro estava nas mãos do Mestre-Escola, e se preocupava com questões pedagógicas. Queria que a sociedade trabalhasse sem esmorecer para a elevação do nível intelectual e moral, a propagação da ciência, a divulgação das ideias, o desenvolvimento do espírito dos jovens, e temia que a atual pobreza dos métodos, a miséria do ponto de vista literário, limitado a dois ou três séculos tidos como clássicos, o dogmatismo tirânico dos pedantes oficiais, os preconceitos escolásticos e a rotina acabassem por fazer de nossos colégios viveiros artificiais para ostras. Era sábio, purista, preciso, politécnico, incansável e, e ao mesmo tempo, sonhador "até a quimera", como diziam seus amigos. Acreditava em todos os seus sonhos: nas estradas de ferro, na supressão da dor em operações cirúrgicas, na fixação da imagem pela câmara escura, no telégrafo elétrico, na dirigibilidade dos balões. Quanto ao mais, pouco assustado com as cidadelas construídas por todos os lados contra o gênero humano por superstições, despotismos e preconceitos. Fazia parte dos que pensam que a ciência acabaria por contornar os acontecimentos. Enjolras era o chefe, Combeferre era o guia. Querer-se-ia combater com um e ser conduzido pelo outro. Não que Combeferre fosse incapaz de combater; ele não se recusava a lutar corpo a corpo com o obstáculo, atacando-o à viva força, impetuosamente; porém, colocar pouco a pouco, pelo ensino dos axiomas e pela promulgação de leis positivas, o gênero humano de acordo com seus destinos, isso o atraía ainda mais, e, entre duas claridades,

tendia mais a iluminar do que a abrasar. Um incêndio, sem dúvida, pode fazer uma aurora; mas, por que não esperar que o dia nasça? Um vulcão ilumina, mas a aurora ilumina melhor ainda. Combeferre talvez preferisse a alvura do belo ao esplendor do sublime. Uma claridade embaçada pelo fumo, um progresso comprado pela violência satisfaziam apenas em parte àquele espírito tenro e ponderado. A precipitação de todo um povo na verdade, outro 93, o assustava; contudo, a estagnação repugnava-lhe mais ainda, sentindo-lhe toda a podridão e morte; fosse como fosse, gostava mais da espuma que do miasma, preferia a torrente à cloaca, as quedas de Niágara ao lago do Montfaucon. Em suma, não queria nem pausa nem pressa. Enquanto seus tumultuosos amigos, cavalheirescamente apaixonados pelo absoluto, adoravam e desejavam as esplêndidas aventuras revolucionárias, Combeferre inclinava-se a deixar agir o progresso, o bom progresso; frio, talvez, mas puro; metódico mas irrepreensível; fleugmático mas imperturbável. Combeferre ter-se-ia ajoelhado e juntaria as mãos para que o futuro chegasse com toda a sua candura e para que nada perturbasse a imensa evolução virtuosa dos povos. – *É necessário que o bem seja inocente* – repetia sem parar. Com efeito, se a grandeza da revolução consiste em olhar fixamente para o ideal resplandecente e roubá-lo através de raios, com sangue e fogo nas garras, a beleza do progresso consiste em conservar-se sem mancha; entre Washington, que representa um, e Danton, que encarna a outra, existe a diferença que separa o anjo de asas de cisne do anjo de asas de águia.

Jean Prouvaire era uma nuance ainda mais suave que Combeferre. Chamava-se Jehan, por essa fantasia passageira que se ligava ao poderoso e profundo movimento do qual surgiu o estudo tão necessário da Idade Média. Jean Prouvaire era amoroso, cultivava um vaso de flores, tocava flauta, fazia versos, amava o povo, compadecia-se da mulher e da criança, confundia na mesma confiança Deus e o futuro, e criticava a revolução por ter feito rolar uma cabeça real, a de André Chénier.[105] Tinha a voz habitualmente delicada e ao mesmo tempo viril. Era letrado até a erudição e quase orientalista. Acima de tudo, era bom; e, coisa muito simples para quem sabe que a bondade confina com a grandeza, em se tratando de poesia preferia o imenso. Sabia italiano, latim, grego e hebreu, o que não lhe permitia conhecer senão quatro poetas: Dante, Juvenal, Ésquilo e Isaías. Em francês, preferia Corneille a Racine e Agrippe d'Aubigné a Corneille.[106] Gostava de passear pelos campos cobertos de flores e ocupava-se com as nuvens quase tanto como se interessava pelos acontecimentos. Seu espírito tinha duas atitudes, uma da parte do homem, outra da parte de Deus; ou

estudava ou contemplava. Durante todo o dia aprofundava-se nas questões sociais: o salário, o capital, o crédito, o matrimônio, a religião, a liberdade de pensamento, a liberdade de amar, a educação, as leis penais, a miséria, a associação, a propriedade, a produção e a distribuição, o enigma mesquinho que cobre de sombra o formigueiro humano: à noite contemplava os astros, seres incomensuráveis. Como Enjolras, era rico e filho único. Falava suavemente, inclinava a cabeça, baixava os olhos, sorria com certo embaraço, vestia-se mal, parecia acanhado, corava por quase nada, era muito tímido. Quanto ao mais, era intrépido.

Feuilly era operário numa fábrica de leques, órfão de pai e mãe, ganhava penosamente três francos diários e só tinha um pensamento: libertar o mundo. Ele tinha ainda outra preocupação: instruir-se, o que também chamava libertar-se. Aprendera sozinho a ler e a escrever; tudo o que sabia aprendera sozinho. Feuilly era um coração generoso. Sua cordialidade era imensa. Era órfão e adotara todos os povos. Faltando-lhe a mãe, preocupava-se com a pátria. Não queria que houvesse no mundo alguém que não tivesse pátria. Alimentava no íntimo, com a profunda intuição do homem do povo, o que atualmente chamamos de *a ideia das nacionalidades*. Aprendera história expressamente para se indignar com conhecimento de causa. Naquele jovem cenáculo de utopistas, ocupados sobretudo com a França, ele representava o exterior. Tinha por especialidade a Grécia, a Polônia, a Hungria, a Romênia, a Itália. Pronunciava continuamente esses nomes, a propósito ou não, com a tenacidade do direito. A prepotência da Turquia sobre a Grécia e a Tessália, da Rússia sobre Varsóvia, e da Áustria sobre Veneza, o exasperava. Sobretudo a grande violência de 1772 o indignava. Indignação e verdade, não pode haver eloquência mais soberana; assim era a eloquência de Feuilly. Não se cansava de falar sobre essa data infame, 1772, sobre esse povo nobre e valente oprimido por traição, sobre esse crime tríplice, sobre essa emboscada-monstro, protótipo e padrão de todas essas espantosas supressões de Estados, que, mais tarde, caiu sobre outras nações, como se lhes rasgassem a certidão de nascimento. Todos os atentados sociais contemporâneos se originaram da partilha da Polônia. A divisão da Polônia é um teorema que tem como corolários todas as atrocidades políticas atuais. Não há um déspota, não há um traidor, de um século para cá, que não tenha imitado, homologado, subscrito e rubricado, *ne varietur*, a partilha da Polônia. Quando se compulsa o dossiê das traições modernas, a sofrida pela Polônia aparece em primeiro lugar. O congresso de Viena consultou esse crime antes de consumar o seu. O ano de 1772 é o *hallali*, o de 1815 é o saque. Esse

era o texto habitual de Feuilly. Esse pobre operário fizera-se tutor da justiça, e esta o recompensava engrandecendo-o. É que, com efeito, o direito contém eternidade. Varsóvia pode ser tão tártara quanto Veneza pode ser tudesca. Os reis perdem aí esforços e honra. Cedo ou tarde, a parte submersa volta à superfície e torna a aparecer. A Grécia volta a ser Grécia, a Itália volta a ser Itália. O protesto do direito contra os fatos persistirá sempre. O roubo de um povo não será jamais prescrito. Essas altas ladroeiras não têm futuro. Não se tira a marca de uma nação como se se tratasse de um lenço.

Courfeyrac tinha um pai a quem chamavam de Sr. de Courfeyrac. Uma das ideias falsas da burguesia da Restauração, no que tocava à aristocracia e à nobreza, era acreditar nas partículas. Como se sabe, as partículas não têm significado algum. Mas os burgueses do tempo de *la Minerve* estimavam tanto esse pobre *de* que se julgaram obrigados a abdicá-lo. O Sr. de Chauvelin fazia-se chamar de Sr. Chauvelin, o Sr. de Caumartin, Sr. Caumartin, o Sr. de Constant de Rebecque, Benjamin Constant, o Sr. de Lafayette, Sr. Lafayette, Courfeyrac não quis ficar atrás, e chamava-se simplesmente Courfeyrac.[107]

A respeito de Courfeyrac, quase poderíamos parar aí, limitar-nos quanto ao resto e dizer: Courfeyrac, veja-se Tholomyès.[108]

Ele, com efeito, era dotado dessa loquacidade própria da juventude, que poderíamos chamar de beleza diabólica do espírito. Mais tarde essa qualidade desaparece como o encanto de um gatinho, e toda graça termina, num bípede, no burguês, e, em um quadrúpede, no gatarrão.

Essa espécie de espírito, as gerações que passam pelas escolas, as sucessivas levas de juventude, transmitem-no, passam-no de mão em mão, *quasi cursores*, mais ou menos intacto, de tal modo que, como acabamos de indicar, quem ouvisse Courfeyrac em 1828 julgaria estar ouvindo Tholomyès em 1817, com a seguinte diferença: Courfeyrac era excelente rapaz. Sob as aparentes semelhanças do espírito exterior, a diferença entre ele e Tholomyès era bem grande. O homem latente que existia em ambos era completamente diferente em cada um deles. Em Tholomyès havia um Procurador; em Courfeyrac, um paladino.

Enjolras era o chefe. Combeferre o guia, Courfeyrac era o centro. Os outros desprendiam mais luz, ele desprendia mais calor; a verdade é que ele tinha todas as qualidades de um centro, a harmonia e a influência.

Bahorel figurara nos tumultos sangrentos de 1822 por ocasião do sepultamento do jovem Lallemand.[109]

Era um bom caráter e uma péssima companhia; corajoso, dissipador, pródigo, mas sempre zombando da generosidade; falador, mas sempre criticando a eloquência; intrépido, mas sempre chasqueando a petulância: a melhor índole possível; usava coletes berrantes e tinha opiniões escarlates; grande bulhento, isto é, gostando de uma discussão na falta de uma briga, apreciando qualquer briga na falta de uma revolução; sempre pronto a quebrar um vidro, a erguer barricadas ou a derrubar um governo, só para ver o resultado; era estudante do décimo primeiro ano. Sondava o direito, mas não o aplicava jamais. Tomara por divisa: *Advogado, nunca!* e por brasão uma mesinha de cabeceira na qual se entrevia uma beca. Cada vez que passava diante da escola de direito, o que raramente acontecia, abotoava o casaco – o paletó ainda não tinha sido inventado – e tomava precauções higiênicas. Dizia a respeito da fachada da escola: – Que belo velhinho! – e do decano, Sr. Delvincourt: – Que monumento! – Achava nos cursos motivos para canções e nos professores modelos para caricaturas. Consumia, para nada fazer, uma polpuda pensão; mais ou menos três mil francos. Seus pais eram camponeses, e neles soubera inculcar o respeito para com o filho.

Dizia acerca deles: – São camponeses e não burgueses; é por isso que são inteligentes.

Bahorel, homem de caprichos, espalhava-se por vários cafés; todos os outros tinham hábitos, menos ele. Bahorel flanava. Errar é humano, flanar é parisiense. No fundo, era um espírito perspicaz, mais profundo do que parecia ser.

Servia de traço de união entre os Amigos do abc e outros grupos ainda informes, que mais tarde haveriam de se desenvolver.

Havia nesse conclave de jovens um membro calvo.

O Marquês d’Avary, que Luís XVIII fez Duque por tê-lo ajudado a subir a um cabriolé no dia em que emigrou, contava que em 1814, voltando à França, quando o Rei desembarcava em Calais, um homem lhe apresentara um requerimento.[110] – Qual é o seu pedido? – disse-lhe o Rei. – *Sire*, uma agência de correio. – Qual é o seu nome? – L’Aigle.

O Rei enrugou os sobrolhos, olhou a assinatura do requerimento e leu um nome escrito assim: – lesgle. – Essa ortografia tão pouco bonapartista agradou ao Rei, que começou a sorrir. – *Sire* – replicou o homem –, tenho por antepassado um Guarda de Matilha chamado Lesgueules. Desse sobrenome resultou o meu nome. Chamo-me Lesgueules, por contração Lesgle, por corrupção L’Aigle. – Isso fez com que o Rei completasse o sorriso. Mais tarde concedeu a esse homem a agência postal de Meaux, de propósito ou por engano.

O membro calvo do grupo era filho desse Lesgle, ou Légle, e assinava-se Lègle (de Meaux). Seus colegas, para abreviar, chamavam-no de Bossuet.[111]

Bossuet era um rapaz alegre, mas infeliz. Sua especialidade era não ter êxito em nada. Em compensação ria de tudo. Aos vinte e cinco anos já era calvo. Seu pai conseguira ter uma casa e terras; mas ele, o filho, só se acalmou quando perdeu essas terras e essa casa num mau negócio. Ficou sem coisa alguma. Era instruído e espirituoso, mas em nada conseguia êxito. Era burlado e enganado por qualquer bobagem; o que arquitetava caía sobre ele. Se cortava madeira, cortava também o dedo; se tinha uma amante, logo descobria que ela já tinha um amigo. A todo momento acontecia-lhe uma desgraça. Daí sua jovialidade. Dizia: – *Moro sob um teto de onde as telhas caem.* – Pouco admirado, porque sempre estava à espera de um acidente, aceitava serenamente as contrariedades e ria-se das diabruras do destino como quem ouve gracejos. Era pobre mas sua reserva de bom humor era inesgotável. Chegava depressa ao último soldo, jamais porém ao último sorriso. Quando lhe advinha uma adversidade, saudava-a cordialmente como uma antiga conhecida, dava tapinhas de carinho nas catástrofes, tinha tanta familiaridade com a desgraça a ponto de tratá-la pelo primeiro nome: – Bom dia, azar! – dizia-lhe.

As perseguições do destino desenvolveram-lhe as faculdades inventivas. Era cheio de recursos. Nunca tinha dinheiro, mas sempre achava meios de *esbanjar*. Em uma noite chegou a gastar *cem francos* ceando com uma rapariga, o que lhe inspirou no melhor da orgia esta frase memorável: – *Fille de cinq louis*, descalça-me as botas.[112]

Bossuet dirigia-se lentamente para a profissão de advogado; estudava direito à moda de Bahorel. Não tinha domicílio certo, e muitas vezes não tinha absolutamente endereço algum. Ficava ora na casa de um, ora na casa de outro, mais frequentemente na casa de Joly. Joly estudava medicina e era dois anos mais moço que Bossuet.

Joly era o doente imaginário jovem. O que conseguira com sua medicina fora tornar-se mais doente do que médico. Aos vinte e três anos julgava-se valetudinário e passava a vida a observar a língua no espelho. Afirmava que o homem se magnetiza como as agulhas e em seu quarto colocava a cama com a cabeça para o sul e os pés para o norte, a fim de que, à noite, a circulação do sangue não se visse contrariada pela grande corrente magnética do globo. Durante as tempestades, tomava o próprio pulso. Quanto ao mais, era o mais alegre de todos. Todas essas incoerências, jovem, maníaco, doentio, alegre, davam como resultado um conjunto harmonioso, tornando-o uma criatura

excêntrica e agradável, que seus colegas, pródigos em consoantes aladas, chamaram Jolllly. – Você pode voar com quatro Ls – dizia-lhe Jean Prouvaire. [113]

Joly tinha o hábito de tocar o nariz com a ponta da bengala, o que é indício de sagacidade.

Todos esses jovens, tão diferentes entre si, e dos quais não se deve falar levianamente, tinham uma única religião: o Progresso.

Todos eles eram filhos diretos da Revolução Francesa. Os menos sérios tornavam-se solenes quando pronunciavam esta data: 89. Seus pais segundo a carne eram ou tinha sido *feuillants*,[114] monarquistas, doutrinários; isso pouco importava; a confusão que precedera sua juventude não os afetava; o puro sangue dos princípios corria-lhes nas veias. Ligavam-se diretamente, sem nuanças intermediárias, ao direito incorruptível e ao dever absoluto.

Filiados e iniciados, esboçavam subterraneamente seu ideal.

Entre todos esses corações apaixonados, entre tantos espíritos convictos da própria missão, havia um cético. Como se encontrava ali? Por justaposição. Chamava-se Grantaire e assinava-se habitualmente assim: R. Grantaire era um homem que cuidava em não acreditar absolutamente em coisa alguma. Aliás, era um dos estudantes que mais aproveitaram os cursos de Paris; sabia que o melhor café se tomava no café Lemblin, que o melhor bilhar se achava no café Voltaire, que as melhores bolachas e mulheres se encontravam no Ermitage, no Boulevard do Maine, galinhas *à la crapardine*, em *mère* Saguet, excelente peixe ensopado na barreira de la Cunette e um vinhozinho branco especial na barreira du Combat. Sabia os melhores lugares para tudo; e, além da capoeira, sabia dançar e era exímio malabarista. Sobretudo, grande bebedor. Era extremamente feio; a mais linda pespontadeira de borzeguins daquele tempo, Irma Boissy, indignada com tanta feiura, pronunciou esta sentença: – *Grantaire é impossível.* – Mas a pretensão de Grantaire não se desconcertava. Olhava ternamente, insistentemente, todas as mulheres, para fazer crer a seus colegas que era muito requisitado.

Todas essas palavras: direitos do povo, direitos do homem, contrato social, Revolução Francesa, república, democracia, humanidade, civilização, religião e progresso quase nada significavam para Grantaire. Ria-se delas. O ceticismo, essa cárie que destrói lentamente a inteligência, não lhe deixara sequer uma ideia inteira no espírito. Vivia ironicamente. Eis o seu axioma: – Só existe uma certeza: o meu copo cheio. – Zombava de todos os grandes ideais em todos os partidos, fosse seu pai ou seu irmão, o jovem Robespierre ou Loizerolles.[115] –

Já fizeram muito morrendo! – exclamava. Dizia a respeito do crucifixo: – Eis um patíbulo que conseguiu êxito. – Vagabundo, jogador, libertino, frequentemente bêbado, dava àqueles jovens sonhadores o desprazer de ouvi-lo cantar continuamente, com a música de Vi*va Henrique* iv: – *Gostamos de mulheres e de bons vinhos*.[116]

No entanto esse cético tinha um fanatismo. Não era nem uma ideia, nem um dogma, nem uma arte, nem uma ciência; era um homem: Enjolras. Grantaire admirava, amava e venerava Enjolras. A quem se ligava esse anarquista descrente em toda aquela falange de espíritos absolutos? Ao mais absoluto dentre eles. De que modo Enjolras o subjugava? Pelas ideias? Não. Pelo caráter. Fenômeno muitas vezes observado. Um cético que se une a um crente é tão simples como a lei das cores complementares. O que nos falta nos atrai. Ninguém ama tanto a luz como o cego. O anão adora o tambor-mor. O sapo tem os olhos sempre fixos no céu. Por quê? Para ver o passarinho voar. Grantaire, aviltado pela dúvida, gostava de ver Enjolras elevado pela fé. Sentia necessidade de Enjolras. Sem que o percebesse claramente, sem que o pudesse explicar, aquela natureza casta, sã, firme, reta, severa, cândida, o encantava. Instintivamente, admirava o seu oposto. Suas ideias frouxas, vacilantes, deslocadas, enfermiças e disformes agarravam-se a Enjolras como a uma espinha dorsal. Sua ráquis moral apoiava-se naquela firmeza. Grantaire tornava-se alguém ao lado de Enjolras. Aliás, ele mesmo era composto de dois elementos aparentemente incompatíveis. Era irônico e cordial. Sua indiferença era capaz de amar. Seu espírito dispensava as crenças, mas seu coração não dispensava a amizade. Contradição profunda, pois uma afeição é também convicção. Sua natureza era assim. Há homens que parecem nascidos para serem o reverso, o avesso, o contrário. Chamam-se Pólux, Pátroclo, Nisus, Eudâmidas, Eféstion, Pechméja.[117] Não vivem senão com a condição de se apoiarem em outros; seus nomes só se escrevem quando precedidos da conjunção *e*; sua existência não lhes é própria; é o outro lado de um destino que não lhes pertence. Grantaire era um desses homens. Era o reverso de Enjolras.

Poder-se-ia quase dizer que essas afinidades começavam nas letras do alfabeto. No alfabeto, O e P são inseparáveis. Poderemos dizer como quisermos: O e P, ou então Orestes e Pílades.[118]

Grantaire, verdadeiro satélite de Enjolras, vivia naquela sociedade de jovens; só se sentia bem em sua companhia, seguia-os por toda parte. Sua felicidade consistia em ver aquelas silhuetas se movimentarem entre os vapores do vinho. Toleravam-no por seu bom humor.

Enjolras, crente, desdenhava esse cético; sóbrio, desprezava esse bêbado. Concedia-lhe certa piedade altiva. Grantaire era um Pílades pouco aceitável. Sempre repelido, maltratado, afastado por Enjolras, sempre voltava e dizia dele:
– Que belo mármore!

II | ORAÇÃO FÚNEBRE DE BLONDEAU, POR BOSSUET

Certa tarde, que, como veremos adiante, coincidia de algum modo com os acontecimentos relatados até aqui, Laigle de Meaux estava sensualmente recostado à ombreira da porta do café Musain. Parecia uma cariátide em férias; sustentava simplesmente seus devaneios e olhava a Place Saint-Michel. Encostar-se é um modo de deitar-se de pé, bastante benquisto pelos sonhadores. Laigle de Meaux pensava, sem melancolia, numa pequena desventura que lhe acontecera na véspera na escola de direito e que modificava seus planos pessoais para o futuro, planos aliás nada definidos.

A meditação não impede, contudo, que passe um cabriolé pela rua, nem impede que o pensador o note. Laigle de Meaux, cujos olhos vagavam em sonhos difusos, percebeu, através de seu sonambulismo, um veículo de duas rodas rodando pela praça, devagar, quase indeciso. O que procurava aquele cabriolé? Por que ia assim a passo? Laigle observou-o bem. Em cima, ao lado do cocheiro, estava um jovem, e, diante do jovem, um grande saco de roupas mostrando a todos, escrito em grandes letras pretas, este nome: marius pontmercy.

O nome fez Laigle mudar de atitude. Desencostou-se da porta e lançou esta apóstrofe ao jovem do cabriolé:

– Sr. Marius Pontmercy!

A carruagem parou.

O jovem, que também parecia profundamente preocupado, levantou os olhos.

– Hein! – disse.

– O senhor é Marius Pontmercy?

– Sem dúvida.

– Estava à sua procura – replicou Laigle de Meaux.

– Como? – perguntou-lhe Marius; com efeito, ele havia saído da casa de seu avô e encontrava agora em sua frente um indivíduo que via pela primeira vez. – Mas eu não o conheço.

– Eu tampouco – respondeu Laigle.

Marius pensou estar tratando com algum engraçadinho que o queria lograr em plena rua. Naquele momento não estava para brincadeiras. Enrugou os sobrolhos. Laigle de Meaux, imperturbável, continuou:

– Antes de ontem, não o vi na escola? – É bem possível.

– Não é possível, é certo.

– O senhor é estudante? – perguntou-lhe Marius.

– Sim, como o senhor. Antes de ontem entrei por acaso na escola. Sabe, às vezes a gente cisma. O professor estava prestes a fazer a chamada. Como não deve ignorar, nesses momentos eles se tornam sumamente ridículos. Quem falta três vezes perde a matrícula. Sessenta francos jogados fora.

Marius começou a prestar atenção. Laigle continuou:

– Blondeau é que fazia a chamada.[119] Conhece Blondeau? Tem um nariz muito pontudo e malicioso, que fareja deliciosamente os ausentes. Começou de propósito pela letra P. Eu nem o escutava, porque meu nome não está nessa letra. A chamada ia muito bem. Nenhuma falta; todo o universo estava presente. Blondeau já estava triste. Eu dizia comigo mesmo: "Blondeau, meu amor, hoje você não executará ninguém!". De repente, Blondeau chama: – *Marius Pontmercy!* – Ninguém responde. Blondeau, cheio de esperança, repete mais forte: – *Marius Pontmercy!* – E empunha a pena. Meu senhor, eu tenho coração. Pensei rapidamente: – Aí está um bom rapaz que vai ser eliminado. Atenção. Trata-se de algum malandro nada pontual, de um mau aluno. Não é nenhum gênio, nenhum estudante que estuda, nenhum calouro pedante, perito em ciências, letras, teologia e sapiência, um desses espíritos aparvalhados, esticados por quatro alfinetes, um para cada faculdade. É um honrado preguiçoso que anda passeando, dando um giro, namorando as costureiras, cortejando as mulheres, e que talvez neste momento esteja na casa da minha amante. Salvemo-lo. Morte a Blondeau! – Nesse instante, Blondeau já havia mergulhado a pena na tinta preta; passeando as pupilas selvagens pela classe, repetiu pela terceira vez: – *Marius Pontmercy!* – Respondi: – *Presente!* – Isso fez com que o senhor não fosse eliminado.

– Senhor!… – disse Marius.

– O quê? Eu? Eu fui riscado! – continuou Laigle de Meaux.

– Não o compreendo. – replicou Marius.

Laigle prosseguiu:

– Nada mais simples. Eu estava perto da cátedra para responder e perto da

porta para fugir. O professor olhava-me com certa insistência. Bruscamente, Blondeau, que deve possuir o faro maligno de que fala Boileau, salta para a letra L. L é a minha letra. Sou natural de Meaux, e chamo-me Lesgle.

– L'Aigle! – interrompeu Marius –, belo nome!

– Senhor, Blondeau chega a esse belo nome e chama: – *Laigle!* – Respondo: – Presente! – Então Blondeau me olha com a doçura do tigre, sorri, e me diz: – Se o senhor é Pontmercy, não pode ser Laigle. – Frase que para o senhor não quer dizer nada, mas que para mim era realmente lúgubre. Dizendo isso, riscou o meu nome.

Marius exclamou:

– Mas, senhor, sinto-me realmente mortificado…

– Antes de tudo – interrompeu Laigle –, peço-lhe a honra de embalsamar Blondeau em algumas frases de sentido elogioso. Suponho-o morto. Não teria que mudar muito a sua magreza, a sua palidez, a sua frieza, a sua rigidez, o seu cheiro. E disse: – *Erudimini qui judicatis terram*.[120] Aqui jaz Blondeau, Blondeau o Nariz, Blondeau Nasica, o boi da disciplina, *bos disciplinae*, o molosso da ordem, o anjo da chamada, que foi sempre reto, quadrado, exato, rígido, honesto e hediondo. Deus o eliminou, como ele o fez a mim.

Marius retrucou:

– Sinto-me desolado…

– Jovem – disse Laigle de Meaux –, que isso lhe sirva de lição. Para o futuro, seja mais pontual.

– Peço-lhe mil desculpas.

– Não exponha novamente o próximo a ser eliminado.

– Estou realmente desesperado…

Laigle deu uma gargalhada.

– E eu, encantado. Eu estava já a ponto de ser advogado. Um risco me salvou. Renuncio aos triunfos dos tribunais. Não defenderei a viúva, nem atacarei o orfãozinho. Nada de togas, nada de estágios. Obtive minha eliminação, e devo-a ao senhor, Marius Pontmercy. Pretendo fazer-lhe solenemente uma visita de agradecimento. Qual é o seu endereço?

– Este cabriolé – respondeu-lhe Marius.

– Sinal de opulência – retrucou Laigle, calmamente. – Felicito-o; tem uma renda anual de, mais ou menos, mil francos.

Nesse momento, Courfeyrac saía do café.

Marius sorriu tristemente.

– Estou aqui há duas horas e espero descer; mas a verdade é que eu não sei para onde ir.

– Senhor – disse Courfeyrac –, venha para a minha casa.

– Eu teria a prioridade – observou Laigle –, mas não tenho casa.

– Cale-se, Bossuet – replicou Courfeyrac.

– Bossuet – disse Marius –, mas parece-me que seu nome é Laigle.

– De Meaux – respondeu Laigle –; por metáfora, Bossuet.

Courfeyrac subiu ao cabriolé.

– Cocheiro – disse –, toque para a hospedaria da porta Saint-Jacques.

E, na mesma noite, Marius estava instalado num quarto da hospedaria da porta Saint-Jacques, contíguo ao quarto de Courfeyrac.

III | SURPRESAS DE MARIUS

Depois de alguns dias, Marius já era amigo de Courfeyrac. A juventude é a estação das ligações instantâneas, das cicatrizações rápidas. Marius, ao lado de Courfeyrac, respirava livremente, coisa, aliás, nova para ele. Courfeyrac não lhe perguntou coisa alguma. Nem sequer pensou em fazê-lo. Nessa idade, os rostos dizem tudo à primeira vista. As palavras tornam-se inúteis. Há jovens de cujas fisionomias poderíamos dizer que são delatoras. Olham-se e se conhecem.

Contudo, certa manhã, Courfeyrac fez-lhe bruscamente esta pergunta:

– A propósito, tem alguma opinião política?

– Ora! – disse Marius, quase ofendido.

– O que é, então?

– Democrata-bonapartista.

– Ótimo! – disse Courfeyrac.

No dia seguinte, Courfeyrac apresentou Marius no café Musain. Depois, segredou-lhe sorrindo: – Preciso dar-lhes as entradas para a revolução. – E o conduziu à sala dos Amigos do abc. Apresentou-o aos outros colegas dizendo à meia-voz esta simples palavra que Marius não chegou a compreender: – Um discípulo.

Marius caíra em uma colmeia de espíritos. No entanto, embora calado e sério, não era nem o menos rápido nem o menos armado.

Até então solitário e inclinado ao monólogo e aos apartes por hábito e por gosto, sentiu-se um tanto assustado com aquele bando de rapazes à sua volta.

Todas aquelas iniciativas diversas o solicitavam e ao mesmo tempo o importunavam. O vaivém tumultuoso de todos aqueles espíritos em liberdade e em ação agitava-lhe violentamente as ideias. Às vezes, perturbado, elas se afastavam para tão longe que a custo conseguia encontrá-las. Ouvia falar de filosofia, de literatura, de arte, de história, de religião, tudo isso de um modo desconhecido, inesperado. Entrevia aspectos estranhos e, como não os punha em perspectiva, tudo lhe parecia um verdadeiro caos. Deixando as opiniões de seu avô pelas opiniões de seu pai, julgava ter-se fixado; agora, suspeitava, com inquietação e sem ousar admiti-lo, que não era assim. O ângulo sob o qual encarava a realidade começava novamente a mudar de lugar. Certa oscilação lhe deslocava todos os horizontes do cérebro. Estranha balbúrdia interior que quase o fazia sofrer.

Parecia que para aqueles jovens não existiam coisas sagradas. Marius ouvia, a respeito de tudo, uma nova linguagem, incômoda para seu espírito ainda tímido.

Aparecia um cartaz de teatro, ostentando o título de uma tragédia do antigo repertório, chamado clássico: – Abaixo a tragédia tão cara aos burgueses! – gritava Bahorel. E Marius ouvia Combeferre replicar:

– Você está errado, Bahorel. A burguesia ama a tragédia, mas, nesse ponto, é preciso deixá-la tranquila. A tragédia de máscaras tem sua razão de ser, e eu não sou daqueles que, da parte de Ésquilo, lhe contestam o direito de existir. Há esboços na natureza; na criação, encontram-se paródias completas; bicos que não são bicos, asas que não são asas, nadadeiras que não são nadadeiras, patas que não são patas, um grito doloroso que faz a gente rir; eis aí o pato. Ora, desde que a galinha existe ao lado do pássaro, não vejo por que a tragédia clássica não possa existir ao lado da tragédia antiga.

Ou então o acaso fazia com que Marius passasse pela Rue Jean-Jacques Rousseau entre Enjolras e Courfeyrac.

Este tomava-lhe o braço:

– Preste atenção. Esta é a Rue Plâtrière, atualmente chamada Rue Jean-Jacques Rousseau, por causa de um estranho casal que aqui morava há uns sessenta anos: Jean-Jacques e Thérèse. De quando em quando, nasciam-lhes uns garotinhos. Thérèse dava-os à luz, Jean-Jacques os enjeitava.[121]

E Enjolras repreendia Courfeyrac.

– Silêncio na presença de Jean-Jacques! Admiro esse homem. Ele renegou os filhos, mas adotou o povo.

Nenhum daqueles jovens dizia a palavra *Imperador*. Somente Jean Prouvaire

falava às vezes em Napoleão; todos os outros diziam Bonaparte. Enjolras pronunciava *Buonaparte*.

Marius sentia-se vagamente admirado. *Initium sapientiae.*

IV | A SALA SECRETA DO CAFÉ MUSAIN

Uma das conversações daquele grupo, às quais Marius assistia, aparteando às vezes, foi um verdadeiro abalo para seu espírito.

Estavam na sala secreta do café Musain. Naquela noite, haviam-se reunido quase todos os Amigos do abc. O candeeiro estava solenemente iluminado. Falava-se de uma coisa ou de outra, sem paixão, mas ruidosamente. Exceto Enjolras e Marius, que se mantinham calados, cada um falava um tanto ao acaso. As palestras entre amigos provocam às vezes esses tumultos pacíficos. Era tanto jogo e confusão quanto palestra. Jogavam frases que eram apanhadas no ar. Falava-se nos quatro cantos.

Nenhuma mulher era admitida naquela sala, com exceção de Louison, a copeira do café, que a atravessava de quando em quando para ir da copa ao "laboratório".

Grantaire, perfeitamente embriagado, ensurdecia o canto em que se alojara, arrazoando e desarrazoando, gritando como um desesperado:

– Tenho sede. Mortais, eu sonhei: o tonel de Heidelberg teve uma apoplexia, e eu sou uma das doze sanguessugas que lhe vão ser aplicadas.[122] Eu gostaria de beber. Quero esquecer a vida. A vida é a invenção hedionda de não sei quem. Não dura nada e não vale nada, e todos se esforçam por viver. A vida é um cenário com poucas saídas. A felicidade é uma moldura velha pintada de um só lado. O Eclesiastes diz: *Tudo é vaidade*, e eu penso como esse homem que, talvez, jamais tenha existido.[123] O Zero, não querendo andar nu, vestiu-se de vaidade. Ó vaidade! Tudo acomodas com belas palavras! Uma cozinha é um laboratório, um dançarino é um professor, um saltimbanco é um ginasta, um *boxeur* é um pugilista, um farmacêutico é um químico, um cabeleireiro é um artista, um amassador de cal é um arquiteto, um jóquei é um *sportsman*, um bicho-de-conta é um pterigibrânquio. A vaidade tem um direito e um avesso; o direito é estúpido: é o negro com suas miçangas; o avesso é um mentecapto: é o filósofo com seus farrapos. Choro por um e rio-me do outro. O que chamamos de honras e dignidades, ou mesmo honra e dignidade, é geralmente simples crisócalo. Os reis brincam com o orgulho humano. Calígula elevou seu cavalo à

dignidade de Cônsul; Carlos II armava Cavaleiro um lombo de vaca.[124] Orgulhem-se, portanto, entre o Cônsul Incitatus e o Baronete Roastbeef. Quanto ao valor intrínseco dos povos, não é menos respeitável. Ouçam o panegírico que um vizinho faz do outro. O branco odeia a alvura; se o lírio falasse, o que não diria da pomba! Uma beata falando de outra é mais venenosa que a áspide e o bungaro azul. Pena que eu seja tão ignorante, senão citar-lhes-ia um mundo de coisas; mas, infelizmente, nada sei. Eu, por exemplo, sempre fui espirituoso; quando era aluno de Gros, em vez de fazer garatujas, passava o tempo roubando frutas;[125] *rapin*, o aprendiz de pintor, é também o masculino de rapina. Isso quanto a mim. Quanto a vocês, valem tanto quanto eu. Rio-me das perfeições, excelências e qualidades de vocês. Toda qualidade roça por um defeito; o ecônomo é quase avarento, o generoso confina com o pródigo, o corajoso é quase temerário; quem diz muito piedoso, quase diz tartufo; há tantos vícios na virtude quanto buracos no manto de Diógenes. Quem admiram vocês, o assassinado ou o assassino? César ou Brutus? Geralmente, admira-se o assassino. Viva Brutus! Ele matou. É isso que é a virtude? Virtude sim, mas também loucura. Todos esses grandes homens tinham defeitos estranhos. Brutus, que matou César, estava apaixonado por uma estátua que representava um rapazinho. Essa estátua era de autoria do escultor Estrongilião, o mesmo que esculpiu a amazona denominada *Belas Pernas*, Eucnemos, que Nero levava consigo em suas viagens.[126] Esse Estrongilião deixou somente duas estátuas, e estas puseram Brutus e Nero de acordo. Brutus apaixonou-se por uma, Nero pela outra. Toda a história não passa de uma repetição enfadonha. Um século é o plagiário do outro. A batalha de Marengo é cópia da batalha de Pidna; o Tolbíaco de Clóvis e o Austerlitz de Napoleão assemelham-se como duas gotas de sangue. Faço pouco caso da vitória. Nada é tão estúpido como vencer; a verdadeira glória consiste em convencer. Provem-me algo em contrário, se puderem! Vocês se contentam com o êxito, que mediocridade! E com a conquista, que miséria! Ai de mim, vaidade e covardia por toda parte! Tudo obedece ao sucesso, mesmo a gramática. *Si volet usus* – diz-nos Horácio.[127] Portanto, desprezo o gênero humano. Desceremos todos à luta? Vocês querem que eu me ponha a admirar os povos? Que povos, por favor? A Grécia, por acaso? Os atenienses, os parisienses de outrora, assassinaram Fócio, como se se tratasse de Coligny, e bajularam os tiranos, a ponto de Anacéforo dizer de Pisístrato: – Sua urina atrai as abelhas.[128] – O homem mais célebre da Grécia no período de cinquenta anos foi o gramático Filetas, tão pequeno e miúdo que foi obrigado a chumbar as sandálias para que o vento não o levasse.[129] Na grande praça de Corinto havia uma

estátua esculpida por Silanião e catalogada por Plínio; essa estátua representava Epístato. Que fez Epístato? Inventou a rasteira.[130] Nisso se resume a Grécia e a glória. Passemos a outros. Devo admirar a Inglaterra? Ou devo admirar a França? A França? Por quê? Por causa de Paris? Acabei de expressar a minha opinião a respeito de Atenas. A Inglaterra? Por quê? Por causa de Londres? Eu odeio Cartago. Além disso, Londres, metrópole do luxo, é a capital da miséria. Somente na paróquia de Charing-Cross morrem por ano cem famintos. Assim é Álbion. Para cúmulo do ridículo, acrescento que vi uma inglesa dançar com uma coroa de rosas e óculos azuis. Por conseguinte, uma focinheira para a Inglaterra! Se não admiro John Bull, por que agora vou admirar o mano Jonathan?[131] Gosto muito pouco desse irmão dono de tantos escravos. Tirando o *time is money*, que resta da Inglaterra? Eliminando o *cotton is king*, que sobra da América? A Alemanha é a linfa, a Itália é a bile. Extasiar-nos-emos diante da Rússia? Voltaire a admirava. Admirava também a China. Concordo que a Rússia tem suas belezas, entre outras, um forte despotismo; mas eu me compadeço dos déspotas. Eles têm uma saúde muito delicada. Um Aleixo decapitado, um Pedro apunhalado, um Paulo estrangulado, outro Paulo morto a pontapés, diversos Ivãs estrangulados, vários Nicolaus e Basílios envenenados, tudo isso indica que o palácio dos imperadores da Rússia está em evidentes condições de insalubridade. Todos os povos civilizados mostram à admiração do pensador uma só coisa: a guerra; ora, a guerra, a guerra civilizada esgota e engloba todas as formas do banditismo, desde os assaltos dos trabuqueiros nas gargantas do monte Jaxa até as gatunices dos índios comanches no *Passo-Duvidoso*. Ora! dir-me-ão vocês: – Então a Europa vale mais que a Ásia? – Eu acho a Ásia ridícula, mas não vejo por que se riem tanto do Grão-Lama, vocês, povos do Ocidente, que introduzem como moda e elegância todas as sujeiras que se ligaram à majestade, desde a camisola suja da Rainha Isabel até a cadeira-retrete do Delfim. Senhores homens, digo-lhes babau! É em Bruxelas que se consome mais cerveja, é em Estocolmo que se toma mais aguardente, é em Madri que se come mais chocolate, é em Amsterdã que se bebe mais genebra, é em Londres que se bebe mais vinho, é em Constantinopla que se toma mais café, é em Paris que se toma mais absinto; eis aí todas as noções realmente úteis. Paris, em suma, vence em tudo. Em Paris, até os trapeiros são sibaritas; Diógenes gostaria tanto de ser trapeiro na Place Maubert como filósofo no Pireu. Aprendam ainda isto: as tabernas dos trapeiros chamam-se bibinas; as mais célebres são La Casserole e L'Abattoir. Portanto, ó baiucas, botequins, botecos, bodegas, tavernas, tascas, tabernas, *bibinas* de trapeiros, caravançarais de califas, declaro-lhes que sou um

voluptuoso; como no Richard a quarenta soldos por refeição, mas preciso de tapetes da Pérsia para enrolar a nudez de Cleópatra! Onde está Cleópatra? Ah! é você, Louison? Bom dia!

Assim Grantaire, mais do que bêbado, se desfazia em palavras, agarrando-se à copeira que passava pela sala secreta do café Musain.

Bossuet, estendendo a mão para ele, procurava impor-lhe silêncio, mas Grantaire continuava com mais loquacidade ainda:

– Águia de Meaux, encolhe as garras! Você não me faz nenhum efeito com esse gesto de Hipócrates repelindo o bricabraque de Artaxerxes. Dispenso-o de me acalmar. Aliás, estou muito triste. Que quer que eu lhe diga? O homem é mau, o homem é disforme; a borboleta conseguiu êxito, o homem fracassou. Deus não foi bem-sucedido com esse animal. Uma multidão é uma coleção de fealdades. O primeiro que se vê é um miserável. Fêmea alitera com infame. Sim, tenho *spleen*, complicado com melancolia, nostalgia, hipocondria, e praguejo, me enfureço, me aborreço, me aflijo, embruteço! Que Deus vá para o diabo!

– Silêncio, então, R maiúsculo! – retrucou Bossuet, que discutia um ponto de direito com a parede e que já se achava metido a meio corpo numa frase do jargão judiciário cujo fim aqui está:

– … e quanto a mim, embora eu seja apenas legista, ou melhor, Procurador amador, afirmo o seguinte: que de acordo com os costumes da Normandia, por ocasião da festa de São Miguel, e a cada ano, devia-se pagar um equivalente em proveito do Senhor, salvo outros direitos, por todos e por cada um, tanto os proprietários como os futuros herdeiros, e isso por todos os arrendamentos, herdades, contratos patrimoniais e hipotecários…

– Ecos, ninfas queixosas! – cantarolou Grantaire.

Bem perto dele, uma mesa quase silenciosa, um pedaço de papel, um tinteiro e uma pena entre dois copos anunciavam o nascimento de um *vaudeville*. Esse grande negócio era tratado em voz baixa, e as duas cabeças dos autores se tocavam.

– Vamos começar por encontrar os nomes. Tendo-se os nomes, o assunto aparece.

– Está bem. Pode ditar que eu escrevo.

– Sr. Dorimon?

– Foreiro.

– Na certa.

– Sua filha, Celestina.

– … tina. Depois?

– O Coronel Sainval.

– Sainval é muito usado. Eu diria, Valsin.

Ao lado dos comediógrafos, outro grupo, que também se aproveitava da algazarra para falar baixo, discutia a respeito de um duelo. Um veterano, trinta anos, aconselhava o calouro, dezoito anos, e lhe descrevia o adversário com quem tinha de se haver.

– Diabo! Tome cuidado. É um ótimo esgrimista, e honesto também. Sabe atacar, não perde tempo em dissimulações, tem pulso, imaginação, rapidez, paradas exatas, respostas matemáticas, e o danado ainda é canhoto!

No canto oposto ao de Grantaire, Joly e Bahorel jogavam dominó e falavam de amor.

– Você é que é feliz – dizia Joly. – Sua amante está sempre sorridente.

– Pois é o defeito dela – respondia-lhe Bahorel. – A amante nunca deve ser risonha. Isso incita a gente a enganá-la. Vê-la alegre enche-nos de remorsos; ao contrário, se estiver triste, desperta-nos a consciência.

– Ingrato! É tão bom ter uma mulher alegre! Vocês não brigam nunca!

– Ah! Isso foi um trato que fizemos. Ao celebrar nossa pequena santa aliança, cada um de nós estabeleceu as fronteiras até onde deveríamos chegar. O que fica a nordeste pertence a Vaud, o que fica a sudeste pertence a Gex. Daí provém a paz.

– A paz é a felicidade digestiva.

– E você, Joly, em que deu sua briga com a Senhorita?… Sabe o que eu quero dizer?

– Amola-me com uma paciência cruel.

– No entanto, você é um apaixonado de encantadora magreza.

– Infelizmente!

– Se fosse eu, mandava-a plantar batatas. – É muito fácil dizer.

– E fazer. Ela não se chama Musichetta?

– Isso mesmo. Ah! Meu pobre Bahorel, ela é uma mulher soberba, muito ilustrada, de pés pequenos, de mãos pequenas, veste-se bem, é alva, saudável, tem olhos de cigana. Estou louquinho por ela.

– Meu caro; então você precisa agradá-la, ser elegante e impressioná-la com as pernas. Compre no Staub uma bela calça de pano-couro. Isso ajuda.

– Quanto custa? – exclamou Grantaire.

O terceiro canto estava ocupado com uma discussão política. A mitologia pagã afetava seriedade diante da mitologia cristã. Tratava-se do Olimpo, do qual Jean Prouvaire, simplesmente por romantismo, tomava a defesa. Jean Prouvaire só era tímido quando dormia. Uma vez excitado, brilhava, uma certa alegria lhe acentuava o entusiasmo, e tornava-se ao mesmo tempo risonho e lírico.

– Não insultemos os deuses – dizia. – Talvez ainda não tenham desaparecido. Júpiter não me parece estar morto. Vocês dizem que os deuses são quimeras. Pois bem; mesmo atualmente na natureza, tal qual se nos apresenta, depois que os sonhos se esvaem, voltamos a encontrar todos os velhos mitos pagãos. Uma montanha com perfil de cidadela, como por exemplo Vignemale, ainda é para mim a touca de Cibele; ninguém ainda me provou que Pã não venha à noite soprar nos troncos ocos dos salgueiros, tapando-lhes alternadamente os buracos com os dedos, e sempre acreditei que Io continua presente na cascata de Pissevache.[132]

No último canto, falava-se de política. Tratava-se da Carta outorgada. Combeferre defendia-a sem muito entusiasmo, Courfeyrac a atacava energicamente. Sobre a mesa havia um malfadado exemplar da famosa Carta Touquet.[133] Courfeyrac agarrou-a e pôs-se a sacudi-la, unindo a seus arrazoados os estremecimentos daquela folha de papel.

– Em primeiro lugar, não quero saber de reis; mesmo do simples ponto de vista econômico, não os aprovo; um rei é um parasita. Não existem reis gratuitos. Ouçam isto: os reis são caros. Pela morte de Francisco i, a dívida pública da França era de trinta mil francos de juros; quando morreu Luís XIV, era de dois bilhões e seiscentos milhões, a vinte e oito francos o marco, o que equivalia, em 1760, no dizer de Desmarets, a quatro bilhões e quinhentos milhões, e que, atualmente, equivaleria a doze bilhões.[134] Em segundo lugar, ainda que não agrade a Combeferre, uma carta outorgada é um péssimo expediente de civilização. Garantir a transição, adoçar a passagem, amortecer o golpe, fazer a nação passar insensivelmente da monarquia à democracia pela prática de ficções constitucionais, tudo isso não chega a ser razão suficiente! Não e não! Não vamos iluminar o povo com luzes de mentira. Os princípios se estiolam e empalidecem nos porões constitucionais. Nada de abastardamento, nada de compromissos, nada de concessões do Rei ao povo. Em todas essas cartas há sempre um artigo 14. Ao lado da mão que dá, há uma garra que rouba. Recuso absolutamente a carta. Uma carta é uma máscara; por baixo é só mentira. Um povo que aceita uma carta abdica. O direito só pode ser direito se for completo. Não! Nada de cartas!

Estava-se no inverno; a lenha crepitava na lareira. Era algo tentador, e Courfeyrac não resistiu. Amarrotou nas mãos a infeliz Carta Touquet e a jogou ao fogo. O papel se incendiou. Combeferre filosoficamente contemplou a obra-prima de Luís XVIII a se queimar, e limitou-se a dizer:

– A Carta metamorfoseada em chama.

E os sarcasmos, os chistes, as graçolas, essa coisa bem francesa que chamamos de *entrain* e que os ingleses chamam de *humour*, o bom e o mau gosto, as boas e as más razões, todos os fogos de artifício de um diálogo que se cruzava, elevando-se de todos os pontos da sala, provocaram por sobre aquelas cabeças uma espécie de alegre tiroteio.

V | O HORIZONTE SE ALARGA

Os choques entre jovens espíritos têm de admirável justamente o fato de não podermos jamais prever se vão produzir uma centelha ou um relâmpago. O que vai acontecer agora? Não sabemos. A gargalhada nasce da ternura. No momento mais cômico, a seriedade volta a dominar. Os impulsos dependem da primeira palavra. A inspiração de cada um é soberana. Um gesto basta para abrir as portas ao inesperado. São reuniões de variações bruscas, nas quais a perspectiva muda repentinamente. O acaso é o condutor dessas conversas.

Um pensamento sério, inesperadamente surgido daquela algazarra, atravessou de repente a batalha de palavras em que discutiam confusamente Croutoire, Bahorel, Prouvaire, Bossuet, Combeferre e Courfeyrac.

Como é que uma frase se destaca no meio de um diálogo? De que modo, de repente, se sublima a si mesma na atenção dos que a ouvem? Como acabamos de dizer, ninguém o sabe. No meio de todo o barulho, Bossuet terminou de repente uma apóstrofe qualquer, dirigida a Combeferre por esta data:

– 18 de junho de 1815: Waterloo.

A esse nome, Waterloo, Marius, encostado a uma mesa, tendo ao lado um copo de água, tirou os punhos fechados de sob o queixo e começou a olhar fixamente o auditório:

– *Pardieu* – exclamou Courfeyrac (*Parbleu*, nessa época, caía em desuso) –, esse número 18 é estranho e me impressiona. É o número fatal de Bonaparte. Ponham-lhe Luís antes e brumário depois, e terão todo o destino do homem, com a particularidade expressiva de que seu começo já é molestado pelo fim.[135]

Enjolras, até então calado, rompeu o silêncio e dirigiu-se deste modo a Courfeyrac:

– Você quer dizer, o crime pela expiação.

A palavra *crime* ultrapassava as medidas do que Marius, já extremamente comovido pela repentina evocação de Waterloo, poderia suportar.

Levantou-se, dirigiu-se lentamente para o mapa da França pendurado à parede em que, na parte inferior se via uma pequena ilha; pousou o indicador naquele pequeno espaço e disse:

– A Córsega. Uma ilhazinha que engrandeceu a França.

Foi como o sopro de um vento gelado. Todos se calaram. Sentia-se que algo ia começar.

Bahorel, replicando a Bossuet, já estava para tomar uma pose que lhe era habitual, mas renunciou a ela para ouvir.

Enjolras, cujos olhos azuis não estavam fixos em ninguém e pareciam perdidos no vácuo, respondeu sem olhar para Marius:

– A França não tem necessidade de nenhuma Córsega para ser grande. A França é grande porque é a França. *Quia nominor leo*.[136]

Marius não sentiu a mínima vontade de recuar; voltou-se para Enjolras, e sua voz retiniu com uma vibração que lhe vinha das entranhas.

– Não permita Deus que eu diminua a França! Mas não a diminuímos se a ela juntamos Napoleão. Vamos conversar um pouco. Entrei há pouco tempo para o convívio de vocês, mas lhes asseguro que vocês me assustam. Onde estamos? Quem somos? Quem são vocês? Quem sou eu? Expliquemo-nos a respeito do Imperador. Ouço-os dizer *Buonaparte*, acentuando a vogal *u*, como os monarquistas. Previno porém que meu avô ainda faz mais; ele diz *Buonaparté*. Eu pensava que vocês fossem jovens. Onde puseram o seu entusiasmo? Que fizeram dele? Quem irão admirar se não admiram o Imperador? Que querem mais? Se não aceitarem esse grande homem, quem vão aceitar? Ele tinha tudo. Era completo. Possuía no cérebro o cubo das faculdades humanas. Fazia códigos como Justiniano, dava ordens como César, em sua conversação aliava-se o relâmpago de Pascal à faísca de Tácito; fazia história e a escrevia; seus boletins são verdadeiras Ilíadas; ele combinava os algarismos de Newton com as metáforas de Maomé; deixou atrás de si no Oriente palavras tão magníficas quanto as pirâmides; em Tilsutt deu lições de majestade aos Imperadores, na Academia das Ciências replicava a Laplace, no Conselho de Estado resistiu a Merlin; dava alma à geometria de uns e à chicana de outros; era legista com os

procuradores e sideral com os astrônomos; do mesmo modo como Cromwell sempre apagava as velas desnecessárias à iluminação, ia a pé ao Temple[137] comprar uma borla de cortina; tudo via, tudo sabia, o que, contudo, não o impediu de sorrir feliz à beira do berço do filho; e, de repente, a Europa, assustada, começou a escutar: exércitos punham-se em marcha, rodavam peças de artilharia, pontes de barcos estendiam-se por cima dos rios, nuvens de cavalaria galopavam em meio à tempestade, gritos, clarinadas, tronos estremecendo por toda parte, as fronteiras dos reinos oscilavam nos mapas, ouvia-se o ruído de um gládio sobre-humano que era retirado da bainha; viam-no levantar-se no horizonte com brilho nas mãos e resplendor nos olhos, abrindo em meio ao trovão suas duas asas: o grande exército e a velha guarda; era o arcanjo da guerra!

Todos se calaram, e Enjolras baixou a cabeça. O silêncio sempre faz o efeito do consentimento ou da vitória. Marius, quase sem tomar fôlego, continuou com mais entusiasmo ainda:

– Meus amigos, sejamos justos! Ser o Império de tal Imperador, que esplêndido destino para um povo, quando esse povo é a França, que alia seu gênio ao gênio desse homem! Aparecer e reinar, marchar e triunfar, ter por etapas todas as capitais, tomar seus granadeiros e transformá-los em reis, declarar a queda das dinastias, transfigurar a Europa à própria passagem, sentir, quando atacamos, que pomos a mão nos copos da espada de Deus; seguir, em um só homem, Aníbal, César e Carlos Magno, ser o povo de alguém que todas as manhãs nos dá o anúncio brilhante de uma batalha vitoriosa, ter por despertador os canhões dos Invalides, lançar em abismos de luz palavras prodigiosas eternamente brilhantes: Marengo, Arcole, Austerlitz, Iéna, Wagram! Fazer a cada instante eclodir no zênite dos séculos constelações de vitórias, dar o Império Francês como companheiro ao Império Romano, ser a grande nação e dar à luz o grande exército, fazer voar por toda a terra suas legiões como uma montanha que envia para todas as partes suas águias; vencer, dominar, fulminar, ser na Europa uma espécie de povo dourado à força de glórias, vibrar através da história uma fanfarra de titãs, conquistar duas vezes o mundo, pela conquista e pelo deslumbramento, isso tudo é sublime; que pode existir de maior?

– Ser livre – disse Combeferre.

Marius, por sua vez, baixou a cabeça. Essa palavra simples e fria atravessou como uma lâmina de aço toda aquela efusão épica, e ele sentiu-a esvanecer-se em seu íntimo. Quando levantou os olhos, Combeferre não estava mais ali. Provavelmente satisfeito com sua réplica à apoteose, acabava de sair, e todos,

exceto Enjolras, o haviam seguido. A sala estava vazia. Enjolras, sozinho na companhia de Marius, olhava-o gravemente. Marius, contudo, depois de reunir as ideias, não se deu por vencido; havia ainda nele um resto de fervor que, sem dúvida, iria traduzir-se em silogismos desenvolvidos contra Enjolras, quando de repente se ouviu alguém que cantava na escada enquanto se afastava. Era Combeferre. Eis a sua canção:

Si César m'avait donné
La gloire et la guerre
Et, qui'il me fallût quitter
L'amour de ma mère.
Je dirais au grand César:
Reprends ton sceptre et ton char,
J'aime mieux ma mère, ô, gué!
J'aime mieux ma mère![138]

A expressão terna, ao mesmo tempo cheia de angústia, com que Combeferre a cantava, dava a essa canção uma espécie de estranha grandeza. Marius, pensativo, olhando para o teto, repetiu quase que maquinalmente: – Minha mãe?…

Nesse momento, sentiu nos ombros a mão de Enjolras.

– Cidadão – disse-lhe Enjolras –, minha mãe é a República.

VI | *RES ANGUSTA*

Essa tarde causou em Marius um profundo abalo e uma triste penumbra em sua alma. Sentiu, talvez, o que sente a terra no momento em que a abrem com a enxada para nela depositar o grão de trigo; ela sente apenas o golpe; o estremecimento da semente e a alegria dos frutos só vêm mais tarde.

Marius estava confuso. Acabava de construir sua fé; seria agora preciso rejeitá-la? Convenceu-se de que não era necessário tanto; não queria novamente duvidar, mas, a seu pesar, a dúvida já o havia tomado. Estar entre duas religiões, uma da qual ainda não se saiu, outra na qual ainda não se entrou, é insuportável; e esses crepúsculos só agradam aos morcegos. Marius tinha as pupilas abertas e sentia necessidade da verdadeira luz. A meia-luz da dúvida o molestava. Fosse qual fosse o desejo de ficar onde estava, de continuar ali, sentia-se invencivelmente impelido a ir adiante, a avançar, a examinar, a pensar, a ir mais

longe. Aonde iria chegar? Temia que, depois de ter dado tantos passos que o haviam aproximado do pai, teria agora de dar outros que o afastariam dele. Seu mal-estar aumentava à medida que refletia. Rampas se rasgavam a seu redor. Não estava de acordo nem com o avô nem com os amigos; para um era temerário, para os outros estava em atraso; sentia-se duplamente isolado, pelo lado da velhice e pelo lado da juventude. Não frequentou mais o café Musain.

No estado de perturbação em que estava sua consciência, não pensou mais em certas exigências da vida cotidiana. As realidades da vida, porém, não se deixam esquecer. Bruscamente, vieram bater à sua porta.

Uma manhã, o dono da hospedaria entrou no quarto de Marius e lhe disse:

– O Sr. Courfeyrac se responsabilizou pelo senhor.

– Eu sei.

– Mas eu preciso de dinheiro.

– Peça a Courfeyrac que venha falar comigo – disse-lhe Marius.

Chegando Courfeyrac, o dono da hospedaria deixou-os a sós. Marius contou-lhe o que até então não havia pensado em lhe dizer, que estava sozinho no mundo, sem ninguém a quem recorrer.

– Que vai ser de você? – disse Courfeyrac.

– Não sei – respondeu Marius.

– Que vai fazer?

– Também não sei.

– Tem dinheiro?

– Quinze francos.

– Quer que lhe empreste algum?

– Nunca!

– Tem roupas?

– Ali estão.

– Tem algum objeto de valor?

– Um relógio.

– De prata?

– De ouro. Aqui está.

– Conheço um adelo que lhe comprará as calças e o casaco.

– Está bem.

– Você vai ficar apenas com um casaco, o colete, um chapéu e uma casaca.

– E as botinas.

– Ora! Então não quer andar descalço? Que opulência!

– Seria demais.

– Conheço um relojoeiro que lhe comprará o relógio.

– Está bem.

– Não está bem, não. E depois, que vai fazer?

– O que for preciso, contanto que não seja desonesto.

– Sabe inglês?

– Não.

– Sabe alemão?

– Não.

– Tanto pior.

– Por quê?

– É que um dos meus amigos, livreiro, está fazendo uma espécie de enciclopédia, e você poderia traduzir-lhe alguns artigos do alemão ou do inglês. Não paga bem, mas dá para viver.

– Vou aprender inglês e alemão.

– E enquanto aprende?

– Enquanto aprendo comerei minhas roupas e meu relógio.

Chamaram o adelo. Ele deu vinte francos pela roupa. Foram até o relojoeiro. Aceitou-lhe o relógio por quarenta e cinco francos.

– Não está nada mal – dizia Marius a Courfeyrac, quando voltavam à hospedaria. – Com meus quinze francos, tenho oitenta francos.

– E a conta da hospedaria?

– É verdade! Já ia me esquecendo – disse Marius.

– Diabo – disse Courfeyrac –, você vai comer cinco francos enquanto aprende inglês, e mais cinco enquanto aprende alemão. Será o mesmo que engolir uma língua muito depressa ou uma moeda de cem soldos muito devagar.

Nesse meio-tempo, tia Gillenormand, muito boa pessoa nas ocasiões tristes, acabou por descobrir o esconderijo de Marius. Uma manhã, quando voltava da escola, Marius encontrou uma carta da tia e as *sessenta pistolas*, isto é, seiscentos francos em ouro, numa caixinha lacrada.

Marius mandou de volta os trinta luíses com uma carta muito delicada em que declarava possuir meios de subsistência suficientes para enfrentar todas as suas necessidades. Restavam-lhe então três francos.

A tia não informou o avô a respeito da recusa, com medo de acabar de o

exasperar. Aliás, ele já havia dito: – Não me falem mais nesse bebedor de sangue!

Não querendo endividar-se, Marius deixou a hospedaria da porta Saint-Jacques.

LIVRO QUINTO

EXCELÊNCIA DA DESGRAÇA

I | MARIUS INDIGENTE [139]

A vida para Marius ficou difícil. Comer com o dinheiro obtido na venda das roupas e do relógio não era nada. Ele se alimentou também dessa coisa inexprimível que se chama *o pão que o diabo amassou*. Coisa horrível, que inclui os dias sem pão, as noites sem sono e sem luz, a lareira sem fogo, as semanas sem trabalho, o futuro sem esperança, os cotovelos rotos, um chapéu velho que provocava o riso das mocinhas, a porta que encontra fechada à noite por não ter pago o aluguel, a insolência do porteiro e do estalajadeiro, as zombarias dos vizinhos, as humilhações, a dignidade ofendida, a aceitação de trabalhos vis, o desgosto, a amargura, o desânimo. Marius aprendeu como se devora tudo isso, e como, muitas vezes, essas são as únicas coisas que existem para devorar. Nesse momento da existência em que o homem tem necessidade de orgulho, porque tem necessidade de amor, viu-se escarnecido, porque estava malvestido, e ridicularizado, porque era pobre. Na idade em que a juventude nos enche o coração de uma altivez imperial, ele muitas vezes baixou os olhos para as botinas furadas e conheceu a vergonha injusta e o pungente rubor da miséria. Admirável e terrível prova da qual os fracos saem infames e os fortes, sublimes. Cadinho em que o destino joga o homem todas as vezes que quer criar um patife ou um semideus.

Nas pequenas lutas, fazem-se grandes ações. Há bravuras persistentes e ignoradas que se defendem corajosamente na sombra contra a invasão fatal das necessidades e torpezas. Nobres e misteriosos triunfos que nenhum olhar vê, que nenhum renome paga, que nenhuma fanfarra saúda. A vida, a desgraça, o isolamento, o abandono, a pobreza, são campos de batalha que também têm seus heróis; heróis obscuros, maiores talvez que muito herói ilustre.

Muitas naturezas firmes e raras assim foram criadas; a miséria, quase sempre madrasta, às vezes mostra-se mãe; a privação gera o poder da alma e do espírito; a penúria é a nutriz da altivez; a desgraça é ótimo leite para os magnânimos.

Houve um momento na vida de Marius em que ele varria o patamar da escada, comprava um soldo de queijo Brie na quitanda, esperava que a tarde caísse para ir ao padeiro comprar um pedaço de pão, que levava furtivamente para seu quarto, como se o tivesse roubado. Às vezes viam entrar, no açougue da esquina, em meio às cozinheiras cheias de chistes que o acotovelavam, um jovem de aspecto acanhado, carregando livros debaixo do braço, ao mesmo tempo tímido e arisco, e que, ao entrar, tirava o chapéu mostrando a testa coberta de suor, fazia profunda saudação à açougueira admirada, outra saudação ao cortador, pedia uma costeleta de carneiro, pagava-a com seis ou sete soldos, embrulhava-a num papel, punha-a sob o braço, entre dois livros, e ia-se embora. Era Marius. Com essa costeleta, que ele próprio cozinhava, vivia três dias.

No primeiro dia, comia a carne, no segundo, a gordura, e no terceiro roía os ossos. Muitas outras vezes tia Gillenormand fez tentativas para que ele aceitasse as sessenta pistolas. Marius recusava-as sempre, respondendo que não tinha necessidade alguma.

Ainda estava de luto pela morte do pai quando começou em seu íntimo a revolução de que acabamos de falar. Desde então nunca mais deixou de usar roupas pretas. Mas as roupas é que o deixaram. Chegou um dia em que seu casaco se tornou imprestável. As calças ainda resistiam. Que fazer? Courfeyrac, que por sua parte o ajudara bastante, presenteou-o com um casaco velho. Por trinta soldos, Marius mandou-o a um porteiro qualquer que o virou do avesso; era sua roupa nova. Mas o casaco era verde. Marius, então, só saía depois do pôr do sol. Com isso, seu casaco parecia preto. Querendo vestir sempre o luto, vestia-se da noite.

Apesar de tudo, inscreveu-se como advogado. Por endereço, deu o quarto de Courfeyrac, bastante decente, e onde certo número de velhos volumes de direito, amparados e completados por alguns romances avulsos, figurava a biblioteca exigida pelos regulamentos. Fez com que toda a sua correspondência fosse dirigida para lá.

Quando concluiu o curso, informou o avô por uma carta fria, mas cheia de submissão e de respeito. O Sr. Gillenormand recebeu a carta com emoção, leu-a e jogou-a ao cesto, rasgada em quatro pedaços. Dois ou três dias depois, tia Gillenormand ouviu a voz do pai, que, sozinho, falava em voz alta. Isso sempre acontecia quando estava muito agitado. Prestou atenção; o velho dizia: – Se você não fosse tão imbecil, saberia que não se pode ser ao mesmo tempo barão e advogado.

II | MARIUS POBRE

A miséria comporta-se como as outras coisas da vida. Começa por se tornar possível e acaba por assumir uma forma e resignar-se. Vegeta-se, isto é, o homem chegado a esse ponto se desenvolve de maneira mesquinha, mas suficiente para viver. Eis de que maneira se arranjara a existência de Marius.

Vencera a parte mais difícil; o desfiladeiro alargara-se um pouco em sua frente. A poder de esforços, de coragem, de perseverança e de vontade, chegou a tirar de seu trabalho perto de setecentos francos anuais. Aprendera alemão e inglês; graças a Courfeyrac, que o havia posto em contato com seu amigo editor, Marius preenchia na literatura e na publicação de livros o modesto papel de *utilidade*. Redigia prospectos, traduzia artigos de jornais, anotava edições, compilava biografias etc., o que em média lhe proporcionava setecentos francos anuais. Com esse dinheiro conseguia viver. De que modo? Bastante bem, como iremos explicar.

Marius ocupava no pardieiro Gorbeau, mediante aluguel anual de trinta francos, um cubículo sem lareira, onde, em matéria de móveis, havia o estritamente necessário. Os móveis lhe pertenciam. Dava três francos por mês à velha locatária principal para que ela lhe varresse o quarto e trouxesse todas as manhãs um pouco de água quente, um ovo fresco e um pão de um soldo. Esse pão e esse ovo constituíam o seu almoço, com o qual gastava de dois a quatro soldos, segundo o preço maior ou menor dos ovos. Às seis da tarde, descia a Rue Saint-Jacques para jantar no Rousseau, bem em frente ao Basset, vendedor de estampas, na esquina da Rue des Mathurins. Não tomava sopa. Pedia um prato de carne de seis soldos, meia porção de legumes e uma sobremesa de três soldos. Com mais três soldos tinha pão à vontade. Quanto ao vinho, substituía-o por água. Ao pagar no balcão, onde Mme. Rousseau, nessa época sempre gorda mas ainda moça, sentava-se majestosamente, dava um soldo ao garçom e Mme. Rousseau retribuía-lhe com um sorriso. Depois, ia-se embora. Por dezessete soldos, recebia um sorriso e um jantar.

Esse restaurante Rousseau, onde se tomava mais água que vinho, já desapareceu. Seu proprietário tinha um apelido interessante; chamavam-no de *Rousseau, o aquático*.

Assim, almoçando com quatro soldos, jantando com dezesseis, sua alimentação custava-lhe vinte soldos por dia, o que fazia um total de trezentos e sessenta e cinco francos anuais. Acrescentem os trinta francos de aluguel, os trinta e seis francos dados à porteira, e ainda mais alguns pequenos gastos; por

quatrocentos e cinquenta francos Marius tinha cama, comida e, ainda, quem lhe arrumasse o quarto. Seu terno custava-lhe cem francos, as roupas brancas, cinquenta, a lavagem das mesmas, mais cinquenta francos, não ultrapassando o total das despesas seiscentos e cinquenta francos. Sobravam-lhe ainda cinquenta francos. Era rico. Uma ocasião emprestou dez francos a um amigo; a Courfeyrac chegou a emprestar uma vez sessenta francos. Quanto ao aquecimento, não possuindo lareira, Marius o *suprimiu*.

Quanto às roupas, tinha sempre dois costumes completos; um velho, "para todos os dias", o outro novo, para ocasiões especiais. Ambos eram pretos. Possuía somente três camisas: a que usava, uma limpa e uma na lavadeira. Renovava-as, à medida que iam ficando velhas. Habitualmente, estavam rasgadas, obrigando-o a abotoar o casaco até o queixo.

Para que chegasse a tão florescente situação tinham sido necessários anos inteiros. Anos rudes, difíceis de atravessar, quase impossíveis de suportar. Marius não desistiu um só dia. Submeteu-se a todas as privações, fez de tudo, mas não contraiu dívidas. Tinha a consciência de não dever um vintém a ninguém. Para ele, uma dívida era o começo da escravidão. Convenceu-se mesmo de que um credor é pior do que um senhor, pois o senhor só pode possuir a pessoa, e um credor tem em suas mãos a sua dignidade, podendo, se quiser, danificá-la. Preferia não comer a pedir emprestado. Passou muitos dias em jejum. Sentindo que todas as extremidades se tocam e que, se não se tomar cuidado, a vergonha da pobreza pode levar a alma às maiores baixezas, velava ciosamente pela própria altivez. Uma resolução ou conduta que, em qualquer outra ocasião, lhe pareceria simples deferência parecia-lhe então pura inconveniência, acautelando-o. Não querendo retroceder, não se arriscava ao acaso. Tinha no rosto certo rubor severo. Era tímido até a aspereza.

Em todas essas dificuldades, sentia-se encorajado e às vezes mesmo levado por uma íntima força secreta escondida no seu íntimo. A alma ajuda o corpo, e em certos momentos o sustém. É o único pássaro que carrega a própria gaiola.

Ao lado do nome de seu pai, outro nome estava gravado no coração de Marius, era o de Thénardier. Marius, em sua natureza entusiasta e ponderada, envolvia numa espécie de auréola o homem a quem, segundo seu modo de pensar, devia a vida do pai, o intrépido Sargento que salvara o Coronel em meio às bombas e balas de Waterloo. Ele não separava jamais a lembrança desse homem da lembrança do seu pai, associando-os em sua veneração. Era uma espécie de duplo culto; um grande altar para o Coronel e um pequeno para Thénardier. O que redobrava a ternura de sua gratidão era a ideia do infortúnio

por que passava Thénardier. Marius tivera conhecimento em Montfermeil da ruína e da falência do infeliz estalajadeiro. Depois, fizera esforços inauditos para descobri-lo, procurando chegar até ele no tenebroso abismo da miséria em que Thénardier havia desaparecido. Marius percorrera todas as imediações de Paris; estivera em Chelles, em Bondy, em Gournay, em Nojent, em Lagny. Durante três anos fora esse o seu maior cuidado, gastando assim o pouco dinheiro que conseguira guardar. Ninguém pudera dar-lhe notícias de Thénardier; julgavam-no no estrangeiro. Os credores também o haviam procurado, com menos amor que Marius, mas com igual empenho, sem contudo conseguir agarrá-lo. Marius se acusava e julgava-se quase culpado por não ter obtido êxito em suas pesquisas. Era a única dívida que o Coronel lhe deixara, e sentia o dever de pagá-la. “Como”, pensava ele, “quando meu pai jazia moribundo no campo de batalha, Thénardier conseguiu achá-lo em meio à fumaça e à fuzilaria, carregando-o aos ombros, sem lhe dever coisa alguma, e eu, que tanto devo a Thénardier, não serei capaz de descobri-lo em meio à sombra em que ele agoniza, trazendo-o também eu da morte para a vida! Tenho de encontrá-lo!” Com efeito, para achá-lo, Marius teria dado um braço a cortar e, para tirá-lo da miséria, teria derramado todo o seu sangue. Ver Thénardier, prestar-lhe um serviço qualquer, dizer-lhe: – O senhor não sabe quem eu sou, mas eu o conheço! Estou aqui! disponha de mim! –, esse era o mais agradável, o mais belo sonho de Marius.

III | MARIUS PROGRIDE

Nessa época, Marius tinha vinte anos. Havia três que deixara a casa do avô. Ambos continuavam do mesmo modo, sem tentar aproximações, sem procurar se rever. Aliás, rever-se para quê? Para se magoarem? Qual deles cederia? Marius era um vaso de bronze, mas o avô Gillenormand era um vaso de ferro.

Para dizer a verdade, Marius enganara-se a respeito dos sentimentos do avô. Julgava que o Sr. Gillenormand jamais o amara, que aquele homem seco, duro e risonho, que blasfemava, gritava, se exasperava e o ameaçava com a bengala, sentia por ele, no máximo, afeto superficial e severo dos Gerontes de comédia. Marius estava enganado. Existem pais que não gostam dos próprios filhos, mas não existe avô que não adore os netos. No fundo, como já dissemos, o Sr. Gillenormand idolatrava-o. Idolatrava-o a seu modo, mesmo com acompanhamento de ralhos e safanões; porém, quando Marius se foi, ele sentiu

um grande vazio no coração. Exigiu que não se falasse mais nele, arrependendo-se intimamente de ter sido tão bem obedecido. Nos primeiros tempos, esperou que aquele *buonapartista*, aquele jacobino, aquele terrorista, aquele setembrista voltasse. Mas as semanas se passaram, passaram-se meses, passaram-se anos; para maior desespero do Sr. Gillenormand, o bebedor de sangue não voltava! "A única coisa que eu poderia ter feito era tocá-lo de casa", dizia consigo mesmo o avô; e perguntava: "Se eu tivesse de expulsá-lo novamente, teria a mesma coragem?". Seu orgulho respondia imediatamente que sim, mas, balançando silenciosamente a cabeça encanecida, dizia tristemente: – Não. – Tinha suas horas de desânimo. Faltava-lhe Marius. Os velhos sentem tanta necessidade de afeto como de sol. É o mesmo calor. Fosse qual fosse a sua natureza, a ausência de Marius mudara um pouco o seu íntimo. Por nada no mundo daria um passo para encontrar aquele "pequeno patife"; contudo, sofria. Jamais falava a seu respeito, mas pensava nele continuamente. Vivia cada vez mais isolado, no Marais. Ainda era, como outrora, alegre e violento, mas sua alegria tinha uma dureza convulsiva, como se nela houvesse dor e cólera, e suas violências acabavam sempre por uma espécie de abatimento calmo e triste. Às vezes, dizia:

– Oh! se ele voltasse, eu lhe daria uma boa bofetada!

Quanto à tia, ela pensava muito pouco para amar bastante; Marius não era para ela mais que uma espécie de silhueta negra e vaga, e acabou por ocupar-se dele bem menos que do gato ou do papagaio que, provavelmente, devia possuir. O que aumentava o sofrimento do Sr. Gillenormand é que ele se fechava completamente, sem nada exteriorizar. Sua dor era semelhante a essas modernas fornalhas que consomem o próprio fumo. Às vezes acontecia que alguém, desastradamente, lhe falava de Marius, perguntando: – Que está fazendo – ou – O que é feito do seu neto? – O velho burguês respondia suspirando, se estava muito triste, ou dando um piparote no punho da casaca, se queria mostrar-se alegre: – O Sr. Barão Pontmercy advoga não sei onde.

Enquanto o velho se lastimava, Marius se aplaudia. Como acontece a todos os bons corações, a desgraça destruía-lhe qualquer ressentimento. Não pensava no Sr. Gillenormand senão com bom ânimo, mas resolvera não aceitar mais coisa alguma do *homem que havia sido mau para seu pai*. Era essa a atual tradução abrandada de suas primeiras indignações. Além disso, sentia-se feliz por ter sofrido e por sofrer ainda. Oferecia tudo pelo pai. A austeridade de sua vida o enchia de satisfação. Dizia para si mesmo com certa alegria que tudo aquilo *era de menos*; era uma expiação; que, não sendo assim, mais tarde seria punido de algum outro modo por sua indiferença ímpia para com seu pai, para com um pai

como o seu; não era justo que o pai tivesse sofrido sozinho e ele nada; afinal, que eram seus sofrimentos e privações, comparados à vida heroica do Coronel? Enfim, a única maneira de se aproximar do pai, e de assemelhar-se a ele, era ser valente contra a indigência, do mesmo modo como ele o fora contra o inimigo; era isso, sem dúvida, o que o Coronel quisera significar com a frase: – *Ele será digno* – palavras que Marius continuava a levar, não mais sobre o peito, pois o bilhete do Coronel havia desaparecido, mas sobre o coração.

Além do mais, no dia em que o avô o havia expulsado, ele não passava ainda de uma criança; agora sentia que já era homem-feito. A miséria, insistamos sobre esse ponto, tinha-lhe sido proveitosa. A pobreza durante a juventude, se é bem recebida, tem isso de bom: força a vontade para a luta constante e a alma para novas aspirações. A pobreza põe às claras a vida material, tornando-a por isso mesmo indesejável; daí se originam esses inexprimíveis voos para a vida ideal. O jovem rico tem mil e uma distrações brilhantes e levianas; as corridas de cavalo, a caça, os cães, o tabaco, o jogo, a boa mesa e tudo o mais; ocupações da parte menos nobre da alma, à custa de suas faculdades mais nobres e delicadas. O jovem pobre sacrifica-se para conseguir um pedaço de pão; come, e, depois de haver comido, só lhe resta sonhar. Frequenta os espetáculos grátis que Deus lhe proporciona; contempla o céu, o espaço, os astros, as flores, as crianças, a humanidade em meio à qual sofre, a criação em meio à qual brilha. Observa tão bem a humanidade que chega a ver-lhe a alma; contempla tão bem a criação que vê Deus. Sonha, e sente-se grande; sonha mais ainda, e sente-se enternecido. Do egoísmo do homem que sofre passa à compaixão do homem que medita. Um admirável sentimento então se manifesta nele: esquece-se de si próprio e se compadece dos outros. Pensando nos prazeres sem-número que a natureza oferece, dá e prodigaliza às almas abertas e recusa às almas egoístas; ele, o milionário da inteligência, chega a se compadecer dos milionários do dinheiro. À medida que seu espírito se esclarecia, o coração se livrava de todo sentimento de rancor. Aliás, seria ele infeliz? Não. A miséria de um jovem nunca é miserável. Qualquer jovem, por mais pobre que seja, com sua saúde, sua força, seus passos firmes, seus olhos brilhantes, com o sangue a ferver-lhe nas veias, os cabelos negros, as faces frescas, os lábios rosados, os dentes brancos, o hálito puro, fará sempre inveja a qualquer velho imperador. Além disso, cada manhã ele recomeça a trabalhar para ganhar o pão; e, enquanto suas mãos ganham o pão, sua espinha dorsal ganha altivez, seu cérebro ganha ideias. Terminado o trabalho, volta aos êxtases inefáveis, à contemplação, à alegria; ele vive com os pés nas aflições, nos obstáculos, na pedra dura, nos espinhos, às vezes até na

lama; mas a cabeça está sempre cercada de luz. É decidido, sereno, calmo, tranquilo, atento, sério, contenta-se com pouca coisa, é benévolo e agradece a Deus por lhe ter dado essas duas riquezas que faltam a muitos ricos: o trabalho que o liberta e o pensamento que o dignifica.

Foi isso justamente o que se passou com Marius. Para esclarecermos melhor, devemos dizer que era inclinado um pouco demais para a contemplação. Quando conseguiu ganhar o suficiente para viver sem grandes preocupações, parou aí, sentindo-se bem na pobreza, poupando-se o trabalho para se entregar à meditação. Ele passava dias inteiros a pensar, mergulhado como um visionário nos prazeres mudos do êxtase e do brilho interior. Estabelecera desse modo o problema de sua vida: entregar-se o menos possível ao trabalho material, para dedicar-se o mais possível ao trabalho impalpável; em outros termos, conceder algumas horas à vida real e lançar o resto ao infinito. Não percebeu, porém, julgando que não lhe faltava coisa alguma, que a contemplação assim compreendida acaba por ser uma das formas da preguiça; que se contentara em atender às primeiras necessidades da vida, repousando cedo demais.

Era evidente, tratando-se de uma natureza enérgica e generosa, que esse estado de coisas só podia ser transitório e, ao primeiro choque contra as inevitáveis complicações do destino, Marius despertaria.

Enquanto isso, embora fosse advogado, não exercia a profissão, como pensava o avô Gillenormand; aliás, jamais advogaria. A meditação afastara-o da advocacia. Visitar clientes, frequentar tribunais, andar à procura de causas, que tédio! E depois, para quê? Ele não via motivo algum para mudar de ganha-pão. Os negócios da editora quase desconhecida acabaram por lhe dar trabalho certo, sem muita preocupação e que, como acabamos de explicar, lhe bastava.

Um dos editores para quem trabalhava, creio que o Sr. Magimel, ofereceu-lhe a casa, trabalho regular e mil e quinhentos francos por ano. Morar numa boa casa! Mil e quinhentos francos anuais! Sem dúvida era excelente a oferta. Mas renunciar à própria liberdade! Ser assalariado, transformar-se quase num literato comissionado! No pensamento de Marius, se aceitasse, sua posição tornar-se-ia ao mesmo tempo melhor e pior; ganhava em bem-estar e perdia em dignidade; era a mudança da pobreza completa e feliz para uma cadeia pesada e ridícula, mais ou menos como se um cego ficasse estrábico. Recusou.

Marius vivia só. Como gostava de se conservar fora de tudo, e também por se ter assustado um pouco da primeira vez, decidiu não entrar para o grupo presidido por Enjolras. Continuaram bons camaradas, sempre prontos a se ajudarem quando necessário por todos os modos possíveis; nada mais. Marius

tinha dois amigos, um jovem, Courfeyrac, e um velho, o Sr. Mabeuf. Preferia o velho. Aliás, a ele devia a transformação por que passara; devia-lhe, ainda, ter conhecido e amado o próprio pai. – *Ele me operou da catarata* – costumava dizer.

Não há dúvida de que a influência do Sr. Mabeuf havia sido decisiva.

Contudo, o Sr. Mabeuf foi tão só o agente calmo e impassível da Providência. Esclarecera Marius por acaso e sem o saber, como uma luz conduzida por alguém; ele fora a luz e não o alguém.

Quanto à revolução política interior de Marius, o Sr. Mabeuf era absolutamente incapaz de a compreender, de a desejar, de a dirigir.

Considerando que mais tarde o encontraremos ainda, algumas palavras a seu respeito não serão inúteis.

IV | O SR. MABEUF

No dia em que o Sr. Mabeuf disse a Marius: – *Não há dúvida de que aprovo as opiniões políticas* –, expressava o verdadeiro estado do seu espírito. Todas as opiniões políticas lhe eram indiferentes, e ele as aprovava sem distinção, contanto que o deixassem tranquilo, exatamente como os gregos que chamavam as Fúrias de "belas, bondosas e encantadoras", as *Eumênides*.[140] O Sr. Mabeuf tinha por opinião política amar apaixonadamente as plantas, e mais ainda os livros. Possuía, como todo mundo, sua terminação em *ista*, sem a qual ninguém poderia viver naquele tempo, mas não era nem monarquista, nem bonapartista, nem cartista, nem orleanista, nem anarquista; era alfarrabista.

Ele não compreendia como os homens podiam ocupar-se em discutir a respeito de bobagens como a Carta, a democracia, a legitimidade, a monarquia, a república etc., enquanto neste mundo há uma variedade infinita de musgos, ervas e arbustos para ser contemplados, e tantos in-fólios para ser folheados. Cuidava em não ser inútil; possuir livros não o impedia de ler; ser botânico não o impedia de se tornar jardineiro. Quando conheceu Pontmercy, houve logo essa mútua simpatia, entre o Coronel e ele; o que o Coronel fazia pelas flores, ele fazia pelos frutos. O Sr. Mabeuf conseguira produzir peras tão saborosas quanto as de Saint-Germain; foi uma de suas experiências que, segundo consta, deu origem à ameixa-amarela de outubro, atualmente célebre, e não menos perfumada que a ameixa de verão. Ele ia à missa mais por doçura de caráter do que por devoção, e também porque, gostando de contemplar os homens, mas detestando o barulho

que provocam, somente na igreja poderia encontrá-los reunidos e silenciosos. Sentindo que precisava ser alguma coisa no Estado, escolhera o cargo de Administrador da igreja. Quanto ao mais, nunca chegara a gostar tanto de uma mulher como de um bulbo de tulipa, nem se afeiçoara tanto a um homem como a um elzevir. Havia muito que passara dos sessenta quando alguém lhe perguntou: – O senhor não se casou nenhuma vez? – Esqueci-me – era a sua resposta. Quando às vezes lhe acontecia dizer, coisa que todos nós já fizemos: – Oh! se eu fosse rico! – não era jamais ao ver uma bela rapariga, como costumava fazer o avô Gillenormand, mas ao contemplar um alfarrábio. Vivia só na companhia de uma velha governanta. Atacado pelo artritismo, quando dormia seus dedos ancilosados se recurvavam agarrando-se às dobras dos lençóis. Compilou e publicou *A flora dos arredores de Cauteretz*, com gravuras em cores, obra muito bem recebida; guardava consigo os clichês originais e ele próprio vendia os exemplares. Assim, duas ou três vezes por dia, batiam à sua casa na Rue Mézières, à procura do livro. Obtinha assim seus dois mil francos por ano, o que constituía quase toda a sua fortuna. Embora pobre, conseguira meios de fazer, à força de paciência, privações e tempo, uma coleção preciosa de exemplares raros de todos os gêneros. Nunca saía de casa sem levar um livro debaixo do braço; frequentemente voltava com dois. A única decoração das quatro salas ao rés do chão, que, com um pequeno jardim, compunham sua residência, era constituída por herbários emoldurados e gravuras de antigos mestres. A vista de um sabre ou de um fuzil o enregelava. Durante toda a vida jamais se aproximara de um canhão, mesmo nos Invalides. Tinha estômago bastante bom, um irmão sacerdote, cabelos completamente brancos, completa ausência de dentes tanto na boca como no espírito, tremor em todo o corpo, sotaque picardo e riso infantil; assustava-se facilmente e assemelhava-se a um velho cordeiro. Além disso, não tinha outra amizade ou relações entre os vivos excetuando-se um velho livreiro da porta Saint-Jacques, chamado Royol. Seu grande sonho era aclimatar, na França, o anil.

A criada também era uma variedade da inocência. A pobre velha era virgem. Sultão, seu gato, que bem poderia miar o *Miserere* de Allegri na capela Sistina, enchia-lhe o coração e satisfazia à quantidade de paixão de que era suscetível. [141] Nenhum de seus sonhos incluía o homem. Jamais conseguira ir além do gato. Como ele, tinha bigodes. Sua glória estava nas toucas sempre brancas. Aos domingos, depois da missa, passava o tempo a contar as roupas que guardara, estendendo sobre a cama cortes de vestido que nunca mandava fazer. Sabia ler. O Sr. Mabeuf apelidara-a de *a velha Plutarco*.

O Sr. Mabeuf afeiçoara-se a Marius porque Marius, sendo jovem e bom, lhe aquecia a velhice sem amedrontar-lhe a timidez. Juventude e bondade para os velhos é o mesmo que sol sem ventania. Quando Marius se sentia saturado de glórias militares, de pólvora, de marchas e contramarchas, e de todas essas prodigiosas batalhas em que o pai dera e recebera tantos golpes de sabre, ia visitar o Sr. Mabeuf, e este lhe falava dos heróis do ponto de vista das flores.

Por 1830, faleceu seu irmão Sacerdote, e quase de repente, como quando vem a noite, todo o horizonte se lhe tornou sombrio. A falência de um tabelião lhe arrebatara perto de dez mil francos, que era tudo o que possuía de sua parte e da parte do irmão. A Revolução de julho provocou uma *crise* no comércio livreiro, e em tempos semelhantes a primeira coisa que não se vende é um tratado sobre a flora. *A flora dos arredores de Cauteretz* deixou de ser procurada. Passavam-se semanas sem aparecer um comprador. Às vezes, o velho Mabeuf estremecia a um toque da campainha.

– É o aguadeiro – dizia-lhe tristemente a velha Plutarco.

Afinal, um dia Sr. Mabeuf deixou a Rue Mézières, abdicou de suas funções de Administrador, renunciou à igreja de Saint-Sulpice, vendeu uma parte, não de seus livros, mas de suas estampas – que era o que menos apreciava – e instalou-se numa pequena casa do Boulevard Montparnasse, onde, aliás, se demorou por apenas um trimestre, e isso por dois motivos: em primeiro lugar, porque o andar térreo e o jardim lhe custavam trezentos francos, e ele não ousava gastar mais de duzentos francos com o aluguel; em segundo lugar, porque, sendo vizinho do tiro de guerra de Fatou, ouvia constantes detonações de armas, o que lhe era insuportável.

Carregou sua *Flora*, seus clichês, seus herbários, pastas e livros, e estabeleceu-se perto da Salpêtrière, numa espécie de choupana, na vila de Austerlitz, onde, por cinquenta escudos anuais, tinha três salas, um jardim fechado por sebes e um poço. Aproveitou a mudança para vender quase todos os móveis. No dia da entrada em sua nova residência, estava muito alegre; ele mesmo fixou na parede os pregos para pendurar os herbários e gravuras, passou o resto do dia cavando o quintal e, à noite, percebendo que a velha Plutarco parecia triste e pensativa, bateu-lhe nos ombros e disse-lhe sorrindo:

– Temos o anil!

Duas únicas visitas, o livreiro da Porta Saint-Jacques e Marius, eram admitidas em sua choupana de Austerlitz, nome pouco pacífico que, para dizer a verdade, lhe era bem desagradável.

Aliás, como acabamos de indicar, os cérebros absorvidos pela sabedoria ou pela loucura, ou, o que é mais comum, por ambas ao mesmo tempo, só muito lentamente se tornam permeáveis às coisas da vida. Seu próprio destino lhes é desconhecido. De tais mentalidades resulta uma passividade que, se fosse razoável, se assemelharia muito à filosofia. O homem então desce, declina, abate-se, desmorona-se quase sem se aperceber. Acaba sempre por despertar quando, porém, já é tarde. Enquanto espera, parece conservar-se neutro no jogo travado entre a nossa felicidade e a nossa desdita. Ele próprio está em jogo, mas assiste à partida com indiferença.

Era assim que através do escurecimento a seu redor, com todas as esperanças extinguindo-se uma após outra, o Sr. Mabeuf continuou sereno, um tanto pueril, mas profundamente tranquilo. Uma vez empolgado por uma ilusão, conservava-a por muito tempo, mesmo depois de desaparecida. Um relógio não para precisamente no momento em que acaba a corda.

O Sr. Mabeuf tinha prazeres muito inocentes. Custavam-lhe pouco e lhe chegavam inesperadamente; eram-lhe proporcionados pelos menores acasos. Um dia a velha Plutarco lia um romance a um canto da sala. Lia em voz alta, convencida de que assim entenderia melhor. Ler alto é o mesmo que confirmar o que se lê. Há pessoas que, lendo exageradamente alto, parecem dar a si próprias a palavra de honra do que leem.

A velha Plutarco lia com essa energia o romance que tinha nas mãos. O Sr. Mabeuf a ouvia sem escutar.

Em meio à leitura, a velha Plutarco chegou a esta frase. Tratava-se de um oficial dos dragões e de sua amada:

Os olhos da bela lançavam faíscas de ódio, e o dragão…

Aqui interrompeu a leitura para limpar os óculos.

– Lançavam faíscas – retrucou à meia-voz o Sr. Mabeuf. – É verdade; na lenda de Buda e o dragão, do fundo de sua caverna, um dragão lançava fogo pela boca e queimava o céu. Muitas estrelas já tinham sido incendiadas pelo monstro que, ainda por cima, tinha garras de tigre. Buda foi até a caverna e conseguiu apaziguar o dragão. Bom livro esse, Dona Plutarco. Não existe lenda mais bonita!

E o Sr. Mabeuf entregou-se a deliciosos sonhos.

V | A POBREZA, BOA VIZINHA DA MISÉRIA

Marius afeiçoara-se a esse bom velhinho que se via lentamente surpreendido pela indigência, sentindo-se aos poucos abalado, sem contudo entristecer. Encontrava-se com Courfeyrac e procurava o Sr. Mabeuf, embora muito raramente, no máximo uma ou duas vezes por mês.

O prazer de Marius consistia em dar grandes passeios sozinho pelos arrabaldes, ou pelo Champ de Mars, ou nas alamedas menos frequentadas do Luxembourg. Passava às vezes metade de um dia a contemplar a disposição de uma horta, os canteiros de hortaliças, as galinhas ciscando no terreiro, o cavalo puxando a roda do engenho. Os transeuntes olhavam-no surpresos, alguns até o achavam suspeito e sinistro. No entanto, era simplesmente um rapaz pobre que sonhava.

Foi numa dessas caminhadas que descobriu o pardieiro Gorbeau; o isolamento e o baixo preço o tentaram, e ali ficou. Conheciam-no somente como o Sr. Marius.

Alguns dos velhos generais, antigos companheiros de armas de seu pai, quando o conheceram, convidaram-no para que os fosse visitar. Marius não se negou. Eram boas ocasiões para falar de seu pai. Desse modo, de quando em quando, ia à casa do Conde Pajol, do General Bellavesne, do General Fririon, nos Invalides.[142] Tocavam, dançavam. Marius então vestia a casaca nova, porém jamais ia a esses saraus ou bailes, a não ser nas noites muito geladas, porque não podia pagar uma carruagem, e queria chegar com as botinas brilhando como espelhos.

Dizia às vezes, mas sem amargura:

– Os homens são feitos de tal modo que, num salão, se pode-se entrar todo enlameado menos nas botinas. Ali, para nos acolherem, não nos pedem senão uma coisa irrepreensível: a consciência? Não, as botinas.

Todas as paixões, menos as do coração, se dissipam no devaneio. As febres políticas de Marius já não existiam. A Revolução de 1830, satisfazendo-o e acalmando-o, ajudou muito.[143] Conservara-se o mesmo, com exceção do ódio. Continuava sempre com as mesmas opiniões, mais serenas, porém. Na verdade, agora não tinha mais opiniões, mas simpatias. A que partido pertencia? Ao partido da humanidade. Na humanidade, escolhia a França; na nação, escolhia o povo; no povo, escolhia a mulher. Para aí é que se dirigia toda a sua piedade. Preferia, então, uma ideia a um fato, um poeta a um herói, e admirava mais ainda um livro como o de Jó do que um acontecimento como Marengo.[144] Certa feita, quando, após um dia de meditações, voltava à noite pelos bulevares, ao ver através dos ramos das árvores os espaços sem-fim, os clarões sem nome, o

abismo, a sombra, o mistério, tudo o que é simplesmente humano lhe parecia bem pequeno.

Julgava ter encontrado, como realmente encontrara, a realidade da vida e da filosofia humana, e acabou por não ver senão o céu, única coisa que a verdade pode perceber das profundezas em que se encontra.

Isso não o impedia de multiplicar os planos, os projetos, os castelos no ar, as realizações do futuro. Nesse estado de quase inconsciência, quem olhasse o interior de Marius ficaria maravilhado com a pureza de sua alma. Com efeito, se fosse possível a nossos olhos de carne contemplar a consciência alheia, julgaríamos com mais segurança a personalidade de um homem pelo que sonha fazer do que pelo que realmente faz. O pensamento supõe a vontade; o sonho não. O sonho, que é completamente espontâneo, conserva, mesmo quando irrealizável, o perfil de nossa espiritualidade; nada sai mais diretamente e mais sinceramente do fundo de nossa alma que as nossas aspirações irrefletidas e sem limites para os esplendores do destino. Nessas aspirações, muito mais que nas ideias coordenadas, refletidas, sensatas, pode encontrar-se o caráter de cada homem. Nossas quimeras são as que mais se assemelham a nós. Cada um sonha com o desconhecido e o impossível segundo a própria natureza.

Mais ou menos nos meados desse ano, 1831, a velha que arrumava o quarto de Marius contou-lhe que seus vizinhos, os miseráveis Jondrette, seriam despejados. Marius, que passava quase o dia inteiro fora de casa, apenas sabia que tinha vizinhos.

– Por quê? – perguntou.

– Porque não pagam o aluguel. Já devem dois meses.

– Quanto é?

– Vinte francos – respondeu-lhe a velha.

Marius tinha trinta francos guardados numa gaveta.

– Toma – disse à velha –, aqui estão vinte e cinco francos. Pague-lhes o aluguel, dê-lhes estes cinco francos e não diga que fui eu quem pagou.

VI | O SUBSTITUTO

O acaso fez com que o regimento em que se encontrava o Tenente Teódulo fosse transferido para Paris. Isso deu ocasião para a segunda ideia da tia Gillenormand. Na primeira vez, fez com que Marius fosse vigiado por Teódulo; agora queria

colocar Teódulo no lugar de Marius.

Fosse como fosse, para o caso em que o avô sentisse a necessidade de um jovem semblante naquela casa – os raios da aurora encantam as ruínas –, essa era a ocasião propícia para encontrar um novo Marius. “Trata-se de uma simples errata, como vejo nos livros”, pensava tia Gillenormand. “Marius, leia-se Teódulo.”

Um sobrinho em segundo grau é quase um neto; na falta de um advogado, pega-se um lanceiro.

Uma manhã em que o Sr. Gillenormand se preparava para ler algo como *La Quotidienne*,[145] a filha entrou na sala e lhe disse com a voz mais doce, pois se tratava de seu favorito:

– Papai, Teódulo virá hoje aqui para cumprimentá-lo.

– Quem é esse Teódulo?

– Seu sobrinho.

– Ah! – disse o velho.

Depois continuou a ler, sem pensar mais no sobrinho, que não passava de um Teódulo qualquer, e não tardou muito em ficar de bom humor, o que lhe acontecia quase sempre que lia qualquer coisa. A *folha* que tinha em mãos – não é preciso dizer que era monarquista – anunciava para o dia seguinte, sem o menor comentário, um dos pequenos acontecimentos cotidianos da antiga Paris: os alunos das escolas de direito e de medicina deviam reunir-se, ao meio-dia, na Place du Panthéon, para deliberar. Tratava-se de uma das questões do momento: da artilharia da Guarda Nacional e de um conflito entre o Ministro da Guerra e *a milícia citadina* a respeito dos canhões depositados no pátio do Louvre. Era sobre isso que os estudantes iam *deliberar*. Não era preciso nada mais para exaltar o Sr. Gillenormand.

Pensou em Marius, também estudante e que, provavelmente, iria como os outros *deliberar ao meio-dia na Place du Panthéon*.

Enquanto assim pensava, Teódulo entrou, vestido à paisana, o que tinha sido hábil e discretamente sugerido pela tia Gillenormand. O lanceiro raciocinara assim: “O velho druida não tem só o rendimento vitalício. Vale a pena a gente fantasiar-se de vez em quando”.

Tia Gillenormand disse em voz alta:

– Teódulo, seu sobrinho.

E, em voz baixa, ao Tenente:

– Concorde com tudo.

E retirou-se.

O Tenente, pouco acostumado a encontros veneráveis, balbuciou com certa temeridade: – Bom dia, meu tio – e fez-lhe uma saudação mista, composta do esboço involuntário e maquinal da saudação militar terminado pelo cumprimento burguês.

– Ah! é o senhor; muito bem, sente-se – disse-lhe o avô.

Dito isso, esqueceu-se completamente do rapaz.

Teódulo sentou-se e o Sr. Gillenormand levantou-se.

Pôs-se a passear de um lado para outro, com as mãos nos bolsos, falando alto, atormentando com os velhos dedos irritados os dois relógios que tinha nos bolsos do colete.

– Bando de fedelhos! Convocados para se reunirem na Place du Panthéon! Essa é boa! Uns pirralhos que ainda ontem fediam a cueiros! Se lhes apertassem o nariz, sairia leite! E querem deliberar amanhã, ao meio-dia! Onde iremos parar desse modo? Está claro que corremos para um abismo, o mesmo para onde nos levaram os *descamisados*! A artilharia citadina! Deliberar sobre a artilharia citadina! Papaguear nas ruas a respeito das imbecilidades da Guarda Nacional! E com quem vão se avistar? Por aí se vê bem aonde leva o jacobinismo. Aposto quanto quiserem, um milhão contra coisa alguma, que lá só irá aparecer gente que está sob a vigilância da polícia, antigos grilhetas. Os republicanos e os forçados juntos formam um único nariz e um só lenço. Carnot dizia: – Aonde quer você que eu vá, traidor? – Fouché respondia: – Aonde você quiser, imbecil! – Aí está o que são esses republicanos.[146]

– Muito certo – disse Teódulo.

O Sr. Gillenormand voltou um pouco a cabeça, viu Teódulo, e continuou:

– Quando penso que aquele bobo fez a loucura de se tornar carbonário! Por que deixou a minha casa? Para se fazer republicano. Pssst! Em primeiro lugar, o povo não quer saber da sua república; não quer porque tem bom-senso, e sabe que sempre houve reis, que sempre haverá reis, e reconhece que povo não passa de povo, e se ri de sua república, está ouvindo, cretino! Haverá algo mais horrível que um capricho semelhante? Apaixonarem-se pelo *Père Duchesne*,[147] olhar ternamente para a guilhotina, cantar *romanzas* e tocar guitarra debaixo das janelas de 93; dá-me vontade de lhes escarrar em cima, tanto são burros! E todos estarão reunidos na praça. Nenhum escapa. Basta respirar o ar da rua para a gente ficar burro como eles. O século XIX é um veneno. Qualquer moleque deixa crescer barbas de bode, julga-se realmente um espertalhão e manda às favas os

pais. É republicano, é romântico. Mas ninguém me explica o que é isso. Tudo loucura! Todas as loucuras possíveis! Há um ano a mania era *Hernani*! Pergunto-lhes, que é afinal esse *Hernani*? Antíteses! Abominações que nem são escritas em *francês*! Agora são os canhões do pátio do Louvre. Aí estão as modernas bandalheiras.[148]

– O senhor tem razão, meu tio – disse Teódulo.

O Sr. Gillenormand continuou:

– Canhões no pátio do museu! Para quê? Para metralhar o Apolo do Belvedere? Que têm que ver os cartuchos com a Vênus de Médici?[149] Ora! os jovens de hoje são simplesmente libertinos! Grande coisa esse Benjamin Constant! E os que não são malfeitores são imbecis! Fazem o possível para ficarem feios; vestem-se mal, têm medo das mulheres, fazem tal cara de mendigos ao redor das saias que qualquer labrega estoura de riso; palavra de honra, eles parecem ter vergonha do amor! São disformes e se completam com a estupidez; repetem os trocadilhos de Tiercelin e de Potier, usam casacos largos, coletes de palafreneiros, camisas ordinárias, calças de pano grosseiro, botinas de couro ruim, 2 e seus gorjeios assemelham-se à sua plumagem. Poderíamos usar seu jargão para consertar-lhes os sapatos rotos. E o pior é que toda essa rapaziada estúpida quer ter opiniões políticas. Deveria ser-lhes severamente proibido ter opiniões políticas. Fabricam novos sistemas, refazem a sociedade, demolem a monarquia, derrubam por terra todas as leis, põem o sótão no lugar da adega, meu porteiro no lugar do Rei, viram a Europa de pernas para o ar, reconstroem o mundo e consideram-se muito felizes de ver dissimuladamente as pernas das lavadeiras quando sobem às carruagens. Ah! Marius! Ah! Mendigo! Ande; vá vociferar em praça pública! Vá discutir, debater, tomar medidas! Deuses do céu, eles ainda têm a coragem de chamar a isso de tomar medidas! A desordem se amesquinha e se torna basbaque. Eu vi o caos e agora vejo o lodo. Simples colegiais deliberando a respeito da Guarda Nacional! Isso não se vê nem entre os ogibevas ou os cadodaches! Os selvagens que andam nus com a carapinha amarrada no alto da cabeça como um penacho, sempre agarrados a seus tacapes, são menos brutos que esses bacharéis! Fedelhos de meia-pataca! Dão-se importância, dão ordens, deliberam, raciocinam! É o fim do mundo. Evidentemente, é o fim deste miserável globo terráqueo. Faltava o último suspiro, e a França é quem o dá. Deliberem pois, vagabundos! Isso há de se repetir enquanto eles continuarem a ler os jornais sob as arcadas do Odéon.[150] Isso custa-lhes apenas um soldo, e o bom-senso, a inteligência, o coração, a alma e o espírito. Saem de lá e tratam logo de se safarem do seio de suas famílias.

Todos os jornais são verdadeiras pestes; todos, até o *Drapeau Blanc*! Afinal, até Martainville era jacobino. Ah! justo céu! Você poderá vangloriar-se de ter levado seu avô ao desespero!

– É evidente – disse Teódulo.

E, aproveitando-se do momento em que o Sr. Gillenormand tomava fôlego, o lanceiro acrescentou magistralmente:

– Não deveria existir nenhum outro jornal além do *Moniteur*, nem outro livro além do *Anuário Militar*.

O Sr. Gillenormand prosseguiu:

– São todos como Sieyès! Um regicida que se torna Senador, pois eles sempre acabam sendo senadores.[151] Agatanham-se, tratando-se uns aos outros de você, para um dia serem chamados de Senhor Conde. Um conde tão grosseiro como os braços dos magarefes de setembro. O filósofo Sieyès! Consolo-me por não ter dado mais importância aos filósofos, isto é, a esses filósofos, do que aos óculos do palhaço do Tivoli![152] Não sei quando, vi alguns senadores passarem pelo Quai Malaquais com capas de veludo roxo enfeitadas de abelhas e chapéus à Henrique iv. Estavam horrorosos. Pareciam macacos na jaula do tigre. Cidadão, eu lhes declaro que seu progresso é uma loucura, sua humanidade um sonho, sua revolução um crime, sua república um monstro, sua jovem França virgem saiu do lupanar, e sustento isso perante todos vocês, sejam lá o que forem, publicistas, economistas, legistas, fossem até maiores conhecedores da liberdade, da igualdade e da fraternidade que o cutelo da guilhotina! Eis o que eu lhes declaro, boa gente!

– Formidável! – exclamou o Tenente –, isso tudo é muito verdade!

O Sr. Gillenormand interrompeu um gesto que já havia começado, voltou-se, olhou fixamente para o lanceiro Teódulo, e lhe disse:

– O senhor é um imbecil.

LIVRO SEXTO

A CONJUNÇÃO DE DUAS ESTRELAS

I | O APELIDO COMO ORIGEM DOS NOMES DE FAMÍLIA

Marius, nessa época, era um belo jovem de estatura mediana com espessa cabeleira negra, fronte alta e inteligente, narinas abertas e palpitantes, aspecto sincero e calmo, e, sobre toda a sua fisionomia, havia certa altivez melancólica, pensativa e inocente. O perfil de linhas arredondadas, sem deixar de ser firme, tinha a doçura germânica que penetrou na fisionomia francesa pela Alsácia e a Lorena, e essa completa ausência de ângulos que tornava os sicambros tão facilmente reconhecíveis entre os romanos, e que distingue a raça leonina da raça aquilina. Estava na estação da vida em que o espírito dos homens que pensam se compõe, quase em proporções iguais, de profundidade e simplicidade. Se lhe ocorresse uma situação de certa gravidade, tinha todo o necessário para ser estúpido; dando-se mais uma volta à chave, ele poderia ser sublime. Suas maneiras eram reservadas, frias, polidas, pouco expansivas. Como sua boca era encantadora, seus lábios os mais vermelhos e seus dentes os mais brancos do mundo, seu sorriso corrigia tudo o que sua fisionomia tinha de severo. Em certos momentos, notava-se singular contraste entre sua fronte casta e seu sorriso voluptuoso. Tinha os olhos pequenos e o olhar grande.

Nos tempos em que passou a pior miséria, podia notar que as mocinhas se voltavam ao vê-lo passar; então, fugia ou se escondia grandemente envergonhado. Pensava que elas o olhavam por causa das roupas rotas, simplesmente para escarnecer dele; a verdade é que o olhavam por sua graciosidade natural e que sonhavam com ele.

Esse mudo mal-entendido entre ele e as mulheres bonitas tornaram-no arisco. Não escolhia nenhuma pela simples razão de que fugia de todas. Viveu assim indefinidamente – bestamente –, como dizia Courfeyrac.

Courfeyrac dizia-lhe ainda: – Não queira nunca tornar-se venerável (tratavam-se de você, tendência habitual das amizades que surgem). Meu caro, um conselho. Não leia tantos livros; olhe também um pouco para as meninas.

Também elas têm coisas boas. À força de tanto fugir, você acaba por se embrutecer.

Outras vezes Courfeyrac o encontrava e lhe dizia: – Bom dia, Senhor Vigário!

Quando Courfeyrac lhe aconselhava qualquer coisa nesse sentido, Marius diligenciava mais do que nunca em evitar as mulheres, jovens ou velhas, e, mais do que todas elas, o próprio Courfeyrac.

Contudo, em toda a imensa criação, havia duas mulheres das quais ele não fugia e às quais não dava a mínima atenção. Na verdade, ficaria muitíssimo admirado se lhe dissessem que se tratava de mulheres. Uma era a velha de bigodes que varria seu quarto e que fazia Courfeyrac falar assim: – Vendo que a criada usa barba, Marius não quer usar a sua. – A outra era uma menina com quem sempre se encontrava sem jamais a notar.

Havia mais de um ano, Marius encontrava numa aleia deserta de Luxembourg, a que corre ao longo das sementeiras, um homem e uma menina quase sempre sentados lado a lado, no mesmo banco, na extremidade mais deserta do jardim, para os lados da Rue de l'Oueste. Cada vez que o acaso, sempre interferindo nos passeios das pessoas amantes da reflexão, levava Marius para aqueles lados, o que acontecia quase todos os dias, sempre encontrava ali o mesmo par. O homem poderia ter uns sessenta anos, parecia triste e sério; toda a sua pessoa dava essa impressão de robustez e cansaço, própria de antigos guerreiros afastados do serviço militar. Se tivesse uma condecoração, Marius diria: – É um antigo Oficial. – Parecia bom, mas inacessível; jamais fixava os olhos nos olhos de alguém. Usava calças azuis, sobrecasaca azul e chapéu de abas largas, sempre novos; uma gravata preta, camisa de quacre, isto é, resplandecente de alvura, mas de tecido grosso. Uma grisete, passando um dia a seu lado, disse: – Que viúvo mais asseado! – Seus cabelos eram extremamente brancos.

A primeira vez que a menina que o acompanhava veio sentar-se a seu lado, no banco que parecia terem adotado, mostrara ter de treze a catorze anos; era magra, a ponto de ser quase feia, acanhada, insignificante, prometendo ter no futuro olhos muito lindos; por agora, conservava-os sempre erguidos quase com displicente afoiteza. Tinha o aspecto ao mesmo tempo adulto e infantil próprio de pensionistas de convento; vestia-se com um vestido muito malfeito, de merino negro. Pareciam pai e filha.

Marius examinou por dois ou três dias esse homem velho que ainda não era um ancião, e aquela menina, que ainda não era ninguém, mas não lhes deu muita

importância. De sua parte, os dois pareciam não ter percebido sua presença. Ambos conversavam calma e indiferentemente. A menina, sempre alegre, jamais parava de falar. O homem, porém, falava pouco e, por alguns momentos, dirigia-lhe olhares cheios de inefável paternidade.

Marius tomara maquinalmente o hábito de passear por ali e os encontrava sempre, invariavelmente. Eis como as coisas se passavam:

Marius preferia chegar pela extremidade da aleia oposta ao banco em que os dois se sentavam, andava por todo o comprimento do passeio, passava-lhes na frente, voltava até o lugar por onde entrara e recomeçava o passeio. Repetia esse vaivém cinco ou seis vezes, sem que ele e o casal chegassem a trocar uma saudação sequer. Aquele personagem e aquela menina, talvez justamente porque pareciam evitar os olhares, despertaram um pouco a atenção dos cinco ou seis estudantes que costumavam passear ao longo das sementeiras; os mais estudiosos, depois das aulas, os outros depois das partidas de bilhar. Courfeyrac, que era dos últimos, observara-os por algum tempo, mas achando a menina feia, depressa e cuidadosamente tratou de se afastar. Fugiu como um parto lançando-lhes um apelido. Impressionado unicamente pelo vestido negro da menina e pelos cabelos do velho, chamou-a de *Srta. Lanoire* e ao velho de *Sr. Leblanc*. Como ninguém os conhecia, em falta de nome, o apelido vingou. Os estudantes diziam: – O Sr. Leblanc está no seu banco! – e Marius, como os outros, achou cômodo chamar aquele desconhecido de Sr. Leblanc.

Faremos como eles, e o chamaremos de Sr. Leblanc para facilitar o que vamos narrar.

Marius viu-os assim, quase todos os dias, à mesma hora, durante o primeiro ano. O homem parecia-lhe simpático, mas a menina dava-lhe uma impressão desagradável.

II | *LUX FACTA EST*

No segundo ano, precisamente no ponto da história a que o leitor chegou, aconteceu que Marius, sem mesmo saber por quê, interrompeu o hábito de passear no Luxembourg, passando seis meses sem pôr os pés em sua aleia preferida. Enfim, um dia, voltou; era uma calma manhã de verão. Marius estava alegre, como sempre sucede quando o tempo está bom. Parecia-lhe ter no coração todos os cantos de passarinhos que ouvia e todos os pedaços azuis de céu que percebia através das folhas das árvores.

Dirigiu-se diretamente à “sua aleia” e, quando chegou ao fim, viu, sempre no mesmo banco, o casal. Quando se aproximou, certificou-se de que se tratava do homem; mas pareceu-lhe que a menina não era a mesma. A pessoa que via ali era uma criatura alta e bela, com todas as formas encantadoras da mulher, no momento preciso em que elas se aliam ainda aos mais singelos encantos da infância; momento fugidio, unicamente traduzível por estas duas palavras: quinze anos. Admiráveis cabelos castanhos com veios dourados, fronte de mármore, faces de pétalas de rosa, um tanto pálidas, uma alvura transparente, lábios estranhos, dos quais o sorriso saía como um clarão e a palavra como uma música; uma cabeça que Rafael teria dado à Virgem, sobre um pescoço que Jean Goujon teria dado a Vênus.[153] E, a fim de que nada faltasse àquela encantadora figura, o nariz não era belo, era bonito; nem reto nem curvo, nem italiano nem grego; era o nariz parisiense; isto é, algo de espiritual, de fino, de irregular e puro, desespero dos pintores e encanto dos poetas.

Quando Marius passou a seu lado, não pôde ver-lhe os olhos, constantemente baixos. Percebeu-lhe apenas os longos cílios castanhos cheios de sombra e de pudor.

Isso não impedia que a bela menina sorrisse, enquanto ouvia o homem de cabelos brancos que lhe falava; nada havia de tão encantador como aquele sorriso jovial aliado a olhos tão modestos.

No primeiro momento, Marius pensou que se tratava de outra filha do mesmo homem, sem dúvida irmã da primeira. Mas, quando o invariável hábito de passear o levou pela segunda vez a passar pelo banco, examinando-a com atenção, viu que se tratava da mesma menina de antes. Em seis meses, transformara-se em moça. Nada mais frequente que esse fenômeno. Há um instante em que as meninas desabrocham e, de repente, se transformam em rosas. Ontem, deixamo-las crianças; hoje, achamo-las inquietadoras.

Esta, por exemplo, não havia simplesmente crescido; tinha-se idealizado. Como três dias de abril bastam para que certas árvores se cubram de flores, seis meses lhe foram suficientes para revesti-la de beleza. Seu abril havia chegado.

Às vezes vemos pessoas que, pobres e mesquinhas, parecem despertar, passando subitamente da indigência ao fausto; fazem despesas de toda espécie e, de repente, tornam-se brilhantes, pródigas, magníficas. Tudo dependeu de uma soma embolsada; na véspera vencera um prazo qualquer. À menina do Luxembourg acontecera o mesmo.

Além disso, não se tratava mais da pensionista com chapéu de pelúcia, vestida de merino negro, com sapatos de colegial e mãos vermelhas; o bom

gosto viera-lhe junto com a beleza; mostrava-se agradável, de uma elegância simples e rica, sem afetação. Vestia-se de damasco negro, com uma capinha da mesma fazenda e chapéu de tule branco. As luvas brancas mostravam a delicadeza de suas mãos brincando com o cabo de uma sombrinha de marfim chinês; seus sapatinhos de seda desenhavam-lhe os pés minúsculos. Quando se passava a seu lado, toda a sua toalete exalava o penetrante perfume da mocidade.

Quanto ao homem, continuava como antes.

Na segunda vez em que Marius passou a seu lado, a menina levantou os olhos; eram de um azul celeste e profundo, mas, nesse azul velado, o olhar ainda era de uma criança. Olhou para Marius com indiferença, como teria olhado para as crianças que corriam debaixo dos sicômoros, ou para o vaso de mármore que fazia sombra no banco em que estava sentada; Marius, por sua vez, continuou o passeio, pensando em outra coisa.

Passou ainda quatro ou cinco vezes pela frente do banco, mas sem sequer dirigir-lhe o olhar.

Nos dias seguintes, continuou a ir como sempre ao Luxembourg, encontrando, sempre no mesmo lugar, “o pai e a filha”, mas não lhes deu mais atenção. Não se preocupou mais com aquela menina quando a viu bela do que quando a achava feia. Passava bem perto do banco em que ela se sentava, simplesmente porque esse era o seu hábito.

III | EFEITO DA PRIMAVERA

Um dia, o ar estava quente, o Luxembourg estava inundado de sombra e de sol, o céu estava puro como se os anjos o tivessem lavado pela manhã, os passarinhos gorjeavam entre os ramos dos castanheiros. Marius abria toda a sua alma à natureza; não pensava em nada, vivia, respirava. Passou ao lado do banco, a menina levantou os olhos para vê-lo, e os dois olhares se encontraram.

Que havia dessa vez no olhar da jovem? Marius não pôde dizer. Não havia nada e havia tudo. Foi como que um estranho relâmpago.

Ela baixou os olhos e ele continuou seu caminho.

O que acabava de ver não eram os olhos simples e ingênuos de uma criança; eram como que um abismo que se entreabrira, tornando a fechar-se bruscamente. Há um dia em que toda jovem olha do mesmo modo. Pobre de quem, então, se encontra na sua presença!

Esse primeiro olhar de uma alma que ainda não se conhece é como a aurora no céu! É o despertar de algo brilhante e desconhecido. Nada poderia reproduzir o encanto perigoso desse brilho inesperado que ilumina vagamente sombras adoráveis e que se compõe de toda a inocência do presente e de toda a paixão do futuro. É uma espécie de ternura indecisa que se revela ao acaso e que está à espreita. É um laço que a inocência arma sem o saber e no qual prende os corações. É uma virgem que olha como mulher.

É muito raro que esse olhar não provoque, onde cai, um mundo de sonhos. Toda a pureza, toda a candura se reúnem nesse raio celeste e fatal, que, mais do que os olhares experimentados das coquetes, tem o poder de fazer desabrochar subitamente na alma essa flor sombria, cheia de perfumes e de venenos, chamada amor.

À tarde, voltando a seu quarto, Marius examinou as próprias roupas, e só então percebeu que estava malvestido, e viu a inconveniência e sua grande estupidez em ir passear no Luxembourg com as roupas “de todo dia”, isto é, com um chapéu velho, sapatos de carroceiro, calças pretas de joelhos esbranquiçados e uma casaca preta de cotovelos desbotados.

IV | INÍCIO DE UMA DOENÇA GRAVE

No dia seguinte, à hora de sempre, tirou do guarda-roupa a casaca nova, as calças novas, o chapéu e as botinas igualmente novas; revestiu-se com essa completa panóplia, pôs luvas, luxo prodigioso, e dirigiu-se ao Luxembourg.

No caminho, encontrou Courfeyrac e fingiu não vê-lo. Courfeyrac, voltando ao próprio quarto, disse aos amigos:

– Acabo de encontrar a casaca nova e o chapéu novo de Marius, com Marius dentro. Sem dúvida ia submeter-se a um exame. Estava completamente apalermado.

Chegando ao Luxembourg, Marius deu a volta ao tanque e observou os cisnes; depois, demorou-se longamente em contemplação diante de uma estátua com a cabeça enegrecida e falta de um quadril. Perto do tanque estava um burguês quarentão e obeso que segurava pela mão um menino de cinco anos e lhe dizia: – Evite os excessos. Meu filho, conserve-se a igual distância do despotismo e da anarquia. – Marius ouviu o que ele falava. Depois deu nova volta ao tanque; enfim, dirigiu-se para a “sua aleia”, lentamente, como se fosse de má vontade. Dir-se-ia que tinha sido ao mesmo tempo obrigado e proibido de

se dirigir para lá. Ele, porém, não percebia nada disso, e julgava estar agindo como em todos os dias.

Chegando à aleia, avistou, do outro lado, sentados “em seu banco”, o Sr. Leblanc e a menina. Abotoou a casaca até em cima, puxou-a por todos os lados para que não mostrasse rugas, examinou com certa complacência os reflexos lustrosos das calças e marchou sobre o banco. Havia naqueles passos algo de ataque e, sem dúvida, um desejo de conquista. Por isso digo: marchou sobre o banco, como se dissesse: Aníbal marchou sobre Roma.

Aliás, em todos esses movimentos, tudo era maquinal; Marius não interrompeu absolutamente suas habituais reflexões nem deixara seus trabalhos. Naquele momento pensava que o *Manual do Bacharelado* era um livro pouco inteligente e que devia ter sido redigido por raros cretinos para que se analisassem como obras-primas do espírito humano três tragédias de Racine e somente uma de Molière. Sentia nos ouvidos um assobio agudo. Ao se aproximar do banco, arrumou-se ainda mais, enquanto olhava para a jovem. Parecia-lhe que ela enchia toda a extremidade da aleia com um vago clarão azulado.

À medida que se aproximava, seus passos diminuíam mais e mais. Chegando a certa distância do banco, bem antes de alcançar o fim do passeio, parou e, não pôde explicar como, dali mesmo voltou. Ele próprio não havia decidido se iria até o fim, como habitualmente fazia. Apenas deu tempo à menina para que percebesse como estava bonito em sua roupa nova. No entanto, mantinha-se empertigado, para dar boa impressão se alguém, por acaso, o olhasse por detrás.

Chegou ao extremo oposto, voltou, mas dessa vez aproximou-se mais do banco. Chegou mesmo a uma distância de três intervalos de árvores; mas ali sentiu não sei que impossibilidade de ir adiante, e hesitou. Julgou ter visto o rosto da jovem voltar-se para vê-lo. Contudo, fez um esforço viril e violento, venceu a própria hesitação e continuou a caminhar para a frente. Alguns segundos depois, estava direito e firme, vermelho até as orelhas, sem ousar olhar nem para a direita nem para a esquerda, com a mão metida na abertura da casaca como se fosse um homem de Estado. No momento em que passou – sob a fuzilaria da praça – sentiu horrível palpitação do coração. Como na véspera, ela estava vestida de damasco preto com o chapéu de tule. Ouviu uma voz inefável que devia ser *a voz dela*. Ela conversava tranquilamente. Estava muito bonita. Marius bem o sentia, embora nem olhasse para o seu lado. “No entanto”, pensava, “ela não poderia deixar de sentir certa estima e consideração por mim, se soubesse que eu sou o verdadeiro autor da dissertação sobre Marcos Obregon

de la Ronda, que François de Neufchâteau colocou, como se fosse dele, à frente de sua edição de *Gil Blas*.”[154]

Passou pelo banco, foi até a extremidade da aleia, voltou e passou novamente na frente da jovem. Dessa vez, estava palidíssimo. Aliás, sentia-se realmente mal. Afastou-se do banco e da jovem e, voltando-lhe as costas, imaginava que ela o observava, e isso o fazia tropeçar.

Não quis mais voltar ao banco, parou na metade do caminho, e lá, coisa que jamais fizera, sentou-se, olhando para os lados, pensando, nas profundezas mais obscuras de seu espírito, que afinal era difícil que pessoas de quem admirava o vestido preto e o chapéu branco fossem absolutamente insensíveis às suas calças lustrosas e à sua casaca nova.

Ao cabo de um quarto de hora, levantou-se como se fosse recomeçar o passeio em direção àquele banco quase que envolto por uma auréola. No entanto, ficou de pé e imóvel. Pela primeira vez, depois de quinze meses, convenceu-se de que aquele senhor que se sentava ali todos os dias com sua filha notara-lhe sem dúvida a presença, achando provavelmente bem estranha sua assiduidade.

Pela primeira vez também sentiu que seria irreverência designá-lo, mesmo no íntimo do seu pensamento, pelo apelido de Sr. Leblanc.

Ficou, portanto, por alguns minutos de cabeça baixa, desenhando na areia com uma varinha que segurava nas mãos.

Depois, de repente, voltou-se para o lado oposto ao banco, ao Sr. Leblanc e a sua filha, e foi para seu quarto.

Nesse dia, esqueceu-se de jantar. Às oito horas da noite é que o foi perceber, e como era muito tarde para descer até a Rue Saint-Jacques: – Pronto! – exclamou, e comeu um pedaço de pão.

Não se deitou sem antes escovar a casaca, dobrando-a com todo o cuidado.

V | TROVÕES SOBRE *MAME* BOUGON

No dia seguinte, *Mame* Bougon – é assim que Courfeyrac chamava à velha porteira-principal-locatária-e-encarregada-da-limpeza do pardieiro Gorbeau, *Mame* Bougon, na realidade, chamava-se Mme. Burgon, como já dissemos, mas o desalmado Courfeyrac não respeitava nada – *Mame* Bougon, assustada, notou que o Sr. Marius saía outra vez de roupa nova.

Ele voltou ao Luxembourg mas não foi além do banco que ficava bem no

meio da aleia. Sentou-se como na véspera, olhando de longe e vendo distintamente o chapéu branco, o vestido negro e, sobretudo, aquele clarão azulado da véspera. Não fez o mínimo movimento, retirando-se apenas quando já se fechavam os portões do Luxembourg. Não viu quando o Sr. Leblanc e sua filha se retiraram. Concluiu que ambos haviam saído do jardim pelo portão da Rue de l'Ouest. Mas, passadas algumas semanas, ao se lembrar disso, não pôde absolutamente recordar-se do lugar em que jantara aquela noite.

No dia seguinte, era o terceiro dia, *Mame* Bougon sentiu-se novamente como que fulminada. Marius saiu com sua roupa nova!

– Três dias seguidos! – exclamou a velha.

Procurou segui-lo, mas Marius andava muito depressa e a largos passos; era um hipopótamo querendo perseguir um cabrito. Em dez minutos, perdeu-o de vista e voltou sem fôlego, furiosa, quase sufocada pela asma: – Pôr roupa nova todos os dias e fazer a gente correr desse jeito!

Marius voltara ao Luxembourg.

Lá estavam a jovem e o Sr. Leblanc. Marius se aproximou o mais que pôde, fingindo ler um livro, mas ficou ainda bastante longe, voltando depois a sentar-se no banco de sempre, onde passou quatro horas a ver saltitar no chão os pardais que pareciam zombar dele.

Assim passou-se uma quinzena. Marius continuava a ir ao Luxembourg, não mais para passear, mas para sentar-se sempre no mesmo lugar, sem mesmo saber por quê. Lá chegando, ficava ali, parado. Cada manhã vestia a roupa nova, apesar de não se mostrar, e recomeçava no dia seguinte.

Realmente, ela era de uma beleza extraordinária. A única observação que se poderia fazer, quase uma crítica, era a respeito da contradição que seu olhar triste e seu sorriso alegre davam-lhe ao rosto, quase que perturbando-o, o que fazia com que em certos momentos aquele rosto tão meigo se tornasse estranho, sem deixar de ser encantador.

VI | MARIUS PRISIONEIRO

Num dos últimos dias da segunda semana, Marius, como sempre, estava sentado no banco, segurando nas mãos um livro aberto, embora havia duas horas não virasse uma página. De repente, estremeceu. Alguma coisa se passava na outra extremidade da aleia. O Sr. Leblanc e sua filha acabavam de deixar o banco; a

jovem dera o braço ao pai e ambos se dirigiam lentamente para o meio da aleia onde estava Marius. Marius fechou o livro, tornou a abri-lo, esforçou-se para ler. Tremia. A auréola que sempre entrevira à distância caminhava na sua direção. “Ah! meu Deus!”, pensou ele, “nem vou ter tempo de tomar uma atitude.”

No entanto, o homem de cabelos brancos e a jovem já se aproximavam. Marius julgava que aquela situação durava um século, e ao mesmo tempo parecia-lhe ter apenas um segundo. “Que eles vêm fazer para estes lados?”, perguntava a si mesmo. “Mas como! Ela vai passar por ali, vai andar por cima daquela areia, na minha frente, a dois passos de mim?”

Sentia-se agitado, quisera ser muito bonito, desejava ostentar no peito sua condecoração. Ouvia aproximar-se o ruído suave e cadenciado de seus passos. Julgava que o Sr. Leblanc o olhava irritado.

“Será que vai falar comigo?”, pensava. Abaixou a cabeça; quando a levantou, os dois estavam quase à sua frente. A jovem passou e olhou para ele. Olhou-o fixamente com uma doçura pensativa, fazendo Marius estremecer dos pés à cabeça. Pareceu-lhe que ela o repreendia por ter ficado tanto tempo sem se aproximar, dizendo-lhe: – Pois então eu é que me aproximo de você!

Marius ficou encantado na presença daqueles olhos cheios de luz e de abismos. Sentia um braseiro no cérebro. Ela viera até ele, que alegria! E depois, como o olhara! Pareceu-lhe mais bela que nunca, de uma beleza completa que faria cantar Petrarca e poria Dante de joelhos. Julgava navegar em pleno azul do céu. Ao mesmo tempo, estava horrivelmente contrariado, porque seus sapatos estavam cobertos de poeira.

Estava certo de que ela lhe examinara também os sapatos.

Seguiu-a com os olhos até vê-la desaparecer. Depois, pôs-se a passear pelo Luxembourg como um louco. É bem provável que por momentos risse sozinho ou falasse alto. Passou tão compenetrado ao lado das amas que cuidavam das crianças que todas o julgavam apaixonado por elas.

Saiu do Luxembourg, esperando reencontrá-la em alguma rua.

Encontrou-se com Courfeyrac sob as arcadas do Odéon, e lhe disse:

– Venha jantar comigo.

Foram ao Rousseau e gastaram seis francos. Marius comeu como um lobo. Deu seis soldos ao garçom. À sobremesa, disse a Courfeyrac: – Leu o jornal? Belo discurso fez Audry de Puyraveau![155]

Estava perdidamente apaixonado. Depois do jantar disse a Courfeyrac:

– Pago-lhe uma entrada para o teatro.

Foram à porta Saint-Martin ver Frédérick em *L'Auberge des Adrets*.[156] Marius divertiu-se enormemente.

Ao mesmo tempo, tornou-se duplamente selvagem. Ao sair do teatro, recusou-se a olhar para as ligas de uma costureira que pulava uma enxurrada. Quando Courfeyrac disse: – *De bom grado poria essa mulher na minha coleção* –, ficou quase horrorizado.

Courfeyrac convidou-o a almoçar no café Voltaire no dia seguinte. Marius foi e comeu ainda mais que na véspera. Estava pensativo e muito alegre. Dir-se-ia que aproveitava todas as ocasiões para poder rir às gargalhadas. Abraçou ternamente um provinciano qualquer que lhe foi apresentado. Fez-se um círculo de estudantes ao redor da mesa, falando das ninharias pagas pelo Estado à Sorbonne, desviando-se depois a conversação para os erros e lacunas dos dicionários e prosódias de Quicherat.[157] Marius interrompeu a discussão para exclamar: – No entanto, é bem agradável a gente ser condecorado.

– Esse aí está bobo! – disse Courfeyrac em voz baixa a Jean Prouvaire.

– Não – respondeu Jean Prouvaire –, ele está falando sério.

Com efeito, estava falando sério. Marius estava nessa primeira hora cheia de violência e encantamento que marca o início das grandes paixões. Um simples olhar provocara tudo aquilo. Quando a mina está carregada, quando o incêndio está prestes a se declarar, nada mais simples. Um olhar é uma faísca.

Tudo estava consumado. Marius amava uma mulher. Seu destino caminhava para o desconhecido.

O olhar das mulheres assemelha-se a certas engrenagens aparentemente tranquilas, mas formidáveis. Passamos a seu lado todos os dias, calmamente, impunemente, sem suspeitar de coisa alguma. Há momentos em que chegamos a esquecer que elas existem. Andamos para lá, para cá, sonhamos, falamos, rimos. De repente, sentimo-nos agarrados! É o fim. A engrenagem nos prende, um olhar nos agarra. Prende-nos, não importa por onde nem como; prende-nos por uma parte qualquer do nosso pensamento, por uma distração qualquer. Estamos perdidos. A engrenagem nos domina por inteiro. Um encadeamento de forças misteriosas toma conta de nós. Debatemo-nos em vão. Não há socorro humano possível. E perderemos de engrenagem em engrenagem, de angústia em angústia, de tortura em tortura, nós, o nosso espírito, a nossa fortuna, o nosso futuro, a nossa alma; e, dependendo do fato de estarmos em poder de uma criatura má ou de um coração nobre, somente sairemos dessa poderosa máquina ou desfigurados pela vergonha ou transfigurados pela paixão.

VII | AVENTURAS DA LETRA *U* ENTREGUE A CONJECTURAS

O isolamento, o desprendimento de tudo, a altivez, a independência, o gosto pela natureza, a ausência de uma atividade cotidiana e material, a vida introspectiva, as lutas secretas da castidade, o êxtase cheio de ternura diante de toda a criação haviam preparado Marius para essa fase de arrebatamento a que chamamos paixão. Seu culto pela memória do pai transformara-se aos poucos em verdadeira religião e, como toda religião, abrigara-se no mais profundo de sua alma. Faltava alguma coisa para ficar em primeiro plano. Veio-lhe então o amor.

Passou-se um mês inteiro durante o qual Marius ia todos os dias ao Luxembourg. Chegada a hora, nada o podia reter.

– Está de serviço – dizia Courfeyrac.

Marius vivia nas nuvens. Estava certo de que a jovem olharia para ele.

Acabou por criar coragem e aproximava-se cada vez mais do banco. Contudo, não lhe passava mais pela frente, obedecendo ao mesmo tempo ao instinto de timidez e ao instinto de prudência próprio dos apaixonados. Julgava útil não atrair “a atenção do pai”. Calculava suas paradas detrás das árvores ou do pedestal das estátuas com profundo maquiavelismo, de modo a se fazer ver o mais possível pela jovem e o menos possível pelo velho senhor. Às vezes, durante meia hora, ficava imóvel à sombra de um Leônidas ou de um Espártaco qualquer, segurando nas mãos um livro, por cima do qual os olhos, levemente erguidos, procuravam a linda jovem, e ela, por sua parte, voltava na sua direção o perfil encantador enfeitado de um vago sorriso. Enquanto conversava o mais naturalmente e o mais tranquilamente possível com o homem de cabelos brancos, dirigia a Marius todos os sonhos de um olhar virginal e apaixonado. Antigo e imemorial ardil que Eva conheceu desde o primeiro dia do mundo e que toda mulher conhece desde o primeiro dia de vida! Sua boca respondia a um e o olhar respondia a outro.

Contudo, devemos crer que o Sr. Leblanc acabaria por adivinhar qualquer coisa, porque todas as vezes que Marius chegava ele se levantava e começava a passear. Deixara o lugar de costume e adotara, na outra extremidade da aleia, o banco vizinho ao Gladiador, como para ver se Marius os seguiria. Marius não compreendeu suas intenções e traiu-se. “O pai” começou a não ser tão exato e não trazia mais “a filha” todos os dias. Às vezes vinha sozinho. Marius, então, ia-se embora. Novo erro de sua parte.

Marius não se apercebeu do que realmente acontecia. Da fase de timidez passou, progresso natural, à fase da cegueira. Seu amor se intensificava. Sonhava

com ela todas as noites. E, depois, vinha-lhe uma felicidade inesperada, óleo sobre o fogo, mais trevas para seus olhos. Uma tarde, quase ao anoitecer, encontrou no banco que o “Sr. Leblanc e sua filha” acabavam de deixar um lenço, um lencinho simples, sem bordados, mas branco, finíssimo, e que lhe pareceu exalar aromas inefáveis. Pegou-o com verdadeiro entusiasmo. Estava marcado com as iniciais u. f. Marius nada sabia a respeito daquela linda menina, nem de sua família, nem de seu nome, nem de sua casa; essas duas letras eram a primeira coisa dela que lhe chegava às mãos, adoráveis iniciais sobre as quais bem depressa começou a fazer castelos no ar. U, evidentemente, era o seu nome. “Úrsula!”, pensava então, “que nome delicioso!” Beijou o lenço, aspirou-lhe o perfume, colocou-o sobre o coração, diretamente sobre a carne, durante o dia, e à noite, sobre os lábios, para adormecer.

– Sinto-lhe aqui toda a alma! – exclamava.

O lenço pertencia ao velho senhor, que distraidamente o tinha deixado cair do bolso!

Nos dias que se seguiram a esse achado, não se mostrou mais no Luxembourg senão beijando o lenço ou pousando-o sobre o coração. A bela jovem não compreendia nada e tentava fazer com que ele entendesse isso fazendo-lhe sinais quase imperceptíveis.

– Quanto pudor! – dizia Marius.

VIII | OS PRÓPRIOS INVÁLIDOS PODEM SER FELIZES

Já que pronunciamos a palavra *pudor*, e desde que nada queremos esconder, devemos dizer que uma vez, em meio a seus êxtases, a “sua” Úrsula deu-lhe sérios motivos de queixa. Foi num dos dias em que ela sugeriu ao Sr. Leblanc que fossem caminhar um pouco. Soprava fresca brisa que agitava o cimo dos plátanos. Pai e filha, de braços dados, acabavam de passar pela frente do banco de Marius. Marius levantara-se depois que os dois passaram, e os seguia com o olhar, como convém nessas situações em que a alma se sente perdida.

De repente um sopro de vento, mais alegre que os outros, talvez encarregado de produzir os efeitos da primavera, levantou-se da sementeira, desceu até a aleia, envolveu a jovem num redemoinho digno das ninfas de Virgílio e dos faunos de Teócrito, levantando-lhe os vestidos, mais sagrados que os de Ísis, quase até a altura das ligas, mostrando-lhe as pernas de rara perfeição.[158] Marius presenciou tudo, mas ficou exasperado e furioso.

A jovem rapidamente abaixou o vestido com um movimento divinamente assustado; mas nem por isso ele deixou de se sentir menos indignado. É verdade que estava só naquele lugar, mas poderia haver alguém mais. E se houvesse! Pode-se compreender uma coisa semelhante? É horrível o que ela acabava de fazer! Porém a pobre criança nada havia feito; havia um único culpado, o vento; mas Marius, em quem se enraivecia confusamente o Bartolo que existe em Querubim, decidiu ficar zangado, e sentia ciúme de sua própria sombra.[159] É assim, com efeito, que se desperta no coração do homem, impondo-se, mesmo sem direitos, o amargo e estranho ciúme da carne. Aliás, mesmo pondo-se de lado esse ciúme, a vista daquelas pernas encantadoras nada teve para ele de agradável; as meias brancas da primeira mulher que lhe aparecesse lhe dariam mais prazer.

Quando "sua Úrsula", depois de chegar à extremidade da aleia, voltou, ao lado do Sr. Leblanc, passando novamente na frente do banco em que Marius tornara a sentar-se, o rapaz lançou-lhe um olhar amuado e feroz. A jovem fez um rápido movimento acompanhado de um ligeiro levantar de sobrancelhas, como quem diz: – Que será que aconteceu?

Essa foi a sua *primeira discussão*.

Mal acabara de fazer-lhe essa cena com os olhos, quando alguém atravessou a aleia à sua frente. Era um inválido, todo recurvado, enrugado e pálido, de uniforme à Luís XV, ostentando no peito a placazinha oval de feltro vermelho com duas espadas cruzadas, a cruz de São Luís concedida ao soldado, condecorado além disso com uma manga vazia no casaco, um maxilar de prata e uma perna de pau. Marius julgou perceber que ele estava extremamente satisfeito. Pareceu-lhe até que o velho cínico, manquitolando a seu lado, lhe dirigira uma piscadela muito fraternal e alegre, como se um acaso qualquer os tivesse posto de acordo, já que ambos tinham podido saborear em comum um espetáculo inesperado. Por que então estava tão contente aquele resto de Marte? Que havia acontecido entre aquela perna de pau e a outra? Marius chegou ao paroxismo do ciúme. "Certamente ele estava lá!", disse consigo mesmo, "sem dúvida vira o que acontecera!" E teve vontade de exterminar o inválido.

O tempo abranda todos os ângulos. Essa cólera de Marius por "Úrsula", por mais justa e legítima que fosse, passou. Acabou por perdoar, não sem grande esforço. Mostrou-se amuado por três dias seguidos.

No entanto, através de tudo isso, e por causa de tudo isso, sua paixão aumentava e se tornava louca.

IX | ECLIPSE

Acabamos de ver como Marius descobriu, ou julgou ter descoberto, que Ela se chamava Úrsula.

O apetite vem quando se começa a amar. Saber que ela se chamava Úrsula já era bastante, mas já se tornava pouco. Marius em três ou quatro semanas teria devorado essa felicidade. Queria outra. Queria saber onde ela morava.

Já havia cometido sua primeira falta: cair na emboscada do banco do Gladiador. Já havia caído num segundo erro: não ficar no Luxembourg quando o Sr. Leblanc vinha sozinho. Cometeu ainda um terceiro erro. Imenso. Seguiu "Úrsula".

Ela morava na Rue de l'Ouest, justamente no lugar menos frequentado, numa casa de três andares de aparência modesta.

A partir desse momento, Marius acrescentou à felicidade de a ver no Luxembourg a felicidade de a seguir até a casa.

A fome aumentava. Ele sabia como ela se chamava, pelo menos seu primeiro nome, nome encantador, verdadeiro nome de mulher; sabia onde ela morava; queria agora saber quem ela era.

Uma noite, depois de os haver seguido até em casa, vendo-os desaparecer no interior do portão, entrou e disse corajosamente ao porteiro:

– Esse senhor é o que mora no primeiro andar?

– Não – respondeu o porteiro. – Ele mora no terceiro.

Dera mais um passo. O bom êxito tornou-o atrevido.

– Mora na parte da frente? – perguntou ainda.

– Ora essa! – disse o porteiro. – A casa toda só tem frente para a rua.

– E que faz esse senhor? – replicou Marius.

– Vive de rendas. É homem muito bom, faz muitos benefícios aos necessitados, embora não seja rico.

– Como se chama? – continuou Marius.

O porteiro levantou a cabeça e disse:

– O senhor, por acaso, é da polícia?

Marius retirou-se bastante contrariado, mas contente. Estava progredindo.

"Bem", pensava ele, "sei que ela se chama Úrsula, que é filha de um proprietário e que mora ali, no terceiro andar, na Rue de l'Ouest."

No dia seguinte, o Sr. Leblanc e a filha apareceram por muito pouco tempo no Luxembourg; quando se foram, ainda era dia claro. Marius seguiu-os até a

Rue de l’Ouest, como de hábito. Chegando ao portão da casa, o Sr. Leblanc mandou a filha na frente e parou; antes de entrar, voltou-se e encarou Marius fixamente.

No dia seguinte, os dois não apareceram no Luxembourg. Marius esperou em vão durante todo o dia. Vindo a noite, foi até a Rue de l’Ouest e viu luz nas janelas do terceiro andar. Passeou sob as janelas, até as luzes se apagarem.

No outro dia, ninguém no Luxembourg. Marius esperou o dia inteiro e depois parte da noite de sentinela na Rue de l’Ouest. Isso o ocupou até às dez horas. Seu jantar foi o que poderia ser. A febre alimenta o doente como o amor nutre o apaixonado.

Assim se passaram oito dias. O Sr. Leblanc e sua filha não apareciam mais no Luxembourg.

Marius fazia tristes conjecturas; não ousava vigiar a casa durante o dia. Contentava-se, à noite, em contemplar a claridade avermelhada das vidraças. Às vezes via sombras se movimentarem, e o coração batia-lhe mais forte. No oitavo dia, quando chegou à Rue de l’Ouest, não havia mais luzes na janela.

“Ora!”, disse consigo mesmo, “ainda não acenderam o candeeiro.” No entanto já era noite. Teriam saído?

Esperou até às dez horas. Até meia-noite. Até uma hora da manhã. Nenhuma luz brilhou nas janelas do terceiro andar e ninguém entrou na casa. Afinal, retirou-se, muito triste.

No dia seguinte – pois só vivia do dia seguinte, e, por assim dizer, o dia de hoje não existia para ele –, não encontrou ninguém no Luxembourg; contudo, esperou. À noitinha, dirigiu-se para a casa. Nenhuma luz nas janelas; as persianas estavam fechadas; o terceiro andar estava inteiramente às escuras.

Marius bateu no portão, entrou e disse ao porteiro.

– O senhor do terceiro andar está?

– Mudou-se – respondeu o porteiro.

Marius perturbou-se e disse, hesitante:

– Há quanto tempo?

– Desde ontem.

– Onde mora atualmente?

– Não sei.

– Não deixou, então, seu novo endereço?

– Não.

O porteiro, levantando os olhos, reconheceu Marius.

– Ora! é o senhor! – disse. – Bem que eu desconfiava que era da polícia!

LIVRO SÉTIMO

PATRON-MINETTE

I | AS MINAS E OS MINEIROS

Todas as sociedades humanas têm o que, nos teatros, costumamos chamar de *terceiro subsolo*. O chão da sociedade está minado por toda parte, ora pelo bem, ora pelo mal. São verdadeiras minas sobrepostas. Existem as superiores e as inferiores, como também existem altos e baixos nesse obscuro subsolo que por vezes se abre sob a civilização, e que nossa indiferença e nosso descuido pisam aos pés. A Enciclopédia, no século passado, era uma mina quase a céu aberto. As trevas, sombrias incubadoras do cristianismo primitivo, estavam simplesmente à espera de uma ocasião para explodir sob o trono dos césares, inundando de luz o gênero humano, porque nas trevas sagradas há muita luz latente. Os vulcões estão cheios de sombras capazes de brilhar. Toda lava começa por ser noite. As catacumbas, onde se rezaram as primeiras missas, não eram simplesmente os subterrâneos de Roma, eram também o subterrâneo do mundo.

Sob a construção social, essa maravilha que tem um quê de pardieiro, existem escavações de toda espécie. Há a mina da religião, a da filosofia, a da política, a da economia, a da revolução. Este cava com a ideia, aquele com as cifras, aquele outro com o ódio. Comunicam-se, e correspondem-se de uma catacumba a outra. As utopias caminham sob a terra pelas galerias, ramificando-se em todos os sentidos. Às vezes se encontram e se confraternizam. Jean-Jacques empresta a Diógenes a picareta, e este lhe cede a lanterna. Às vezes combatem entre si. Calvino agarra Socin pelos cabelos.[160] Mas nada para nem interrompe a tensão de todas essas energias para um fim único e uma vasta atividade simultânea, que vai e vem, sobe, desce e torna a subir em meio a essa escuridão, transformando lentamente a parte superior pela inferior, a parte externa pela interna, num imenso formigueiro desconhecido. A sociedade mal suspeita dessas escavações que lhe deixam intacta a superfície, modificando-lhe apenas as entranhas. Tantos são os andares subterrâneos, tantas são as diferentes atividades, tantos são os diferentes resultados. Qual o resultado dessas escavações profundas? O futuro.

Quanto mais se aprofunda, mais misteriosos são os trabalhadores. Até determinado grau, facilmente reconhecível pela filosofia social, o trabalho é bom; além desse grau, é duvidoso e misto; mais embaixo, torna-se terrível. A certa profundidade, as escavações não são mais acessíveis ao espírito humano; o limite em que o homem pode respirar é ultrapassado, e é bem possível que aí comecem a viver verdadeiros monstros.

A escada pela qual se desce é estranha; cada degrau corresponde a um andar onde a filosofia pode tomar pé e onde encontramos um desses trabalhadores, às vezes divinos, às vezes disformes. Abaixo de Jean Huss está Lutero; abaixo de Lutero, Descartes; abaixo de Descartes, Voltaire; abaixo de Voltaire, Condorcet; abaixo de Condorcet, Robespierre; abaixo de Robespierre, Marat; abaixo de Marat, Babeuf.[161] E assim por diante. Mais embaixo ainda, confusamente, no limite que separa o indistinto do invisível, veem-se outros homens sombrios, que talvez ainda nem existam. Os de ontem são espectros, os de amanhã são larvas. Os olhos do espírito mal podem distingui-los. O trabalho embrionário do futuro é uma das visões do filósofo.

Um mundo no limbo no estado de feto, que estranha silhueta!

Saint-Simon, Owen e Fourier também estão ali, em compartimentos laterais.[162]

Embora uma corrente divina invisível ligue entre si, sem que o saibam, todos esses prisioneiros subterrâneos, que quase sempre se julgam isolados, conquanto não o sejam, seus trabalhos são muito diferentes e a luz de uns contrasta com o brilho dos outros. Alguns são paradisíacos, outros são trágicos. Contudo, seja qual for o contraste, todos esses trabalhadores, desde o mais alto até o mais obscuro, desde o mais sábio até o mais louco, têm uma semelhança que é esta: o desinteresse. Marat se esquece de si mesmo como Jesus.[163] Põem-se de lado, omitem-se, não pensam mais em si próprios. Veem algo mais que suas pessoas. Têm um olhar, e esse olhar procura o absoluto. O primeiro tem todo o céu nos olhos; o último, por mais enigmático que seja, tem ainda debaixo das sobrancelhas a pálida claridade do infinito. Veneremos, seja lá o que ele faça, quem nos mostrar este sinal: a pupila-estrela.

Outro sinal é a pupila-sombra.

Nesta é que se inicia o mal. Devemos tomar cuidado e tremer diante de quem não tem olhos. Também a ordem social tem seus mineiros negros.

Há um ponto em que a mina se transforma em sepultura e onde toda luz se extingue.

Embaixo de todas essas minas que acabamos de enumerar, embaixo de todas

essas galerias, de todo esse imenso sistema venoso inferior do progresso e da utopia, bem mais embaixo ainda, mais embaixo que Marat ou Babeuf, mais embaixo, muito mais ainda, e sem nenhuma relação com os andares superiores, está a última mina. Lugar formidável. É o que chamamos de *terceiro subsolo*. É o túmulo das trevas, o subterrâneo dos cegos. *Inferi*.

Daí se passa aos abismos.

II | O *BAS-FOND*

Ali desaparece o desinteresse. O demônio se esboça vagamente; cada um por si. O *ego* sem olhos urla, procura, tateia, rói. O Ugolino da sociedade está aí.[164]

As silhuetas sinistras que vagam nesse abismo, quase animais, quase fantasmas, não cuidam absolutamente do progresso universal; elas ignoram por completo a ideia e a palavra; preocupam-se apenas com a satisfação individual. São quase inconscientes, e seu interior se caracteriza por uma terrível sombra. Têm duas mães, ambas madrastas: a ignorância e a miséria. Têm um guia, a necessidade; e, para todas as formas de satisfação, o apetite. São brutalmente vorazes, isto é, ferozes, não como os tiranos, mas como os tigres. Do sofrimento essas larvas passam ao crime; filiação fatal, concepção vertiginosa, lógica da sombra. O que se arrasta no terceiro subsolo da sociedade não é mais a necessidade sufocada do absoluto; é o protesto da matéria. Ali o homem transforma-se em dragão. Ter fome, ter sede, eis o ponto de partida; transformar-se em Satã, eis o ponto de chegada. Dessa caverna é que saiu Lacenaire.[165]

Acabamos de ver há pouco, no Livro Quarto, um dos compartimentos do primeiro subsolo, da grande mina da política, da revolução, da filosofia. Ali, como acabamos de dizer, tudo é nobre, puro, digno, honesto. Ali, é verdade, pode haver engano, como realmente há; mas o erro, então, é venerável, porque implica heroísmo. O conjunto do trabalho que ali se desenvolve tem um nome: Progresso.

Chegou o momento de observarmos outros subterrâneos, os subterrâneos odiosos.

Sob a sociedade, insistamos nesse ponto, e isso até o dia em que a ignorância for completamente dissipada, existe a grande caverna do mal.

Essa caverna está abaixo de todas as outras e é inimiga de todas. É o ódio sem exceção. Essa caverna não conhece filósofos; seu punho nunca aparou uma pena. Seu negrume nada tem a ver com o negrume sublime do tinteiro. Jamais os

dedos da noite que se contraem sob esse teto asfixiante folhearam um livro ou desdobraram um jornal. Babeuf é um explorador para Cartouche; Marat é um aristocrata para Schinderhannes.[166] Essa caverna tem como escopo o desmoronamento total.

De tudo. Também das minas superiores por ela odiadas. Ela não solapa simplesmente, em seu horrível trabalho, a ordem social atual; solapa a filosofia, a ciência, o direito, o pensamento humano, a civilização, a revolução, o progresso. Chama-se simplesmente roubo, prostituição, violência, assassinato. É treva e deseja o caos. Sua abóbada é feita de ignorância.

Todas as outras, as superiores, têm um único fim: suprimi-la. É para isso que tendem, simultaneamente com todos os seus órgãos, tanto pelo melhoramento da realidade como pela contemplação do absoluto, a filosofia e o progresso. Destruamos a caverna Ignorância e destruiremos a toupeira Crime.

Condensemos em algumas palavras uma parte do que acabamos de escrever. O único perigo social que existe é a sombra.

Humanidade é identidade. Todos os homens são a mesma argila. Não existe nenhuma diferença, pelo menos aqui embaixo, na predestinação. A mesma sombra antes, a mesma carne durante, a mesma cinza depois. Mas a ignorância misturada à massa humana enegrece-a. Essa incurável negrura apodera-se do íntimo do homem e transforma-se no Mal.

III | BABET, GUEULEMER, CLAQUESOUS E MONTPARNASSE

Um quarteto de bandidos, Claquesous, Gueulemer, Babet e Montparnasse, governava, de 1830 a 1835, o terceiro subsolo de Paris.

Gueulemer era um Hércules desclassificado. Seu antro era o esgoto do Arco Marion. Tinha seis pés de altura, peitorais de mármore, bíceps de bronze, respiração de caverna, o torso de um colosso e um crânio de passarinho. Julgar-se-ia ver o Hércules Farnese vestido com calças de algodão e japona de veludilho.[167] Gueulemer, com essa construção escultural, teria podido domar monstros; achou mais fácil tornar-se um deles. Fronte baixa, têmporas largas, menos de quarenta anos, pés de pato, cabelos curtos e ásperos, faces peludas, queixo de javali; por aí pode-se imaginar o homem. Seus músculos pediam trabalho, sua estupidez recusava-o. Era uma enorme força cheia de preguiça. Era assassino por descuido. Julgavam-no crioulo. Em 1815, carregador em Avignon, talvez tivesse impressionado o Marechal Brunne.[168] Depois desse estágio,

passara a ser bandido.

A diafaneidade de Babet contrastava com os músculos de Gueulemer. Babet era magro e sábio. Era transparente, mas impenetrável. Via-se o dia através de seus ossos, mas nada se adivinhava através de suas pupilas. Dizia-se químico. Fora palhaço com Bobèche e funâmbulo no teatro de Bobino.[169] Em Saint-Michel, dedicara-se ao *vaudeville*. Era um homem de intenções, ótimo conversador, que sublinhava os sorrisos e punha aspas nos gestos. Sua indústria era vender ao ar livre bustos de gesso e retratos do "Chefe de Estado". Além disso, extraía dentes. Já exibira fenômenos nas feiras e possuíra uma barraca, com trombeta e este cartaz: *Babet, artista dentista, membro das academias, faz experiências físicas sobre metais e metaloides, extirpa dentes, arranca as raízes abandonadas pelos seus confrades. Preço: um dente, um franco e cinquenta cêntimos; dois dentes, dois francos; três dentes, dois francos e cinquenta cêntimos. Aproveitem a ocasião.* (Esse *aproveitem a ocasião* significava: Arranquem quantos dentes puderem.) Já havia se casado e tinha dois filhos. Ignorava o que havia acontecido com a mulher e os filhos. Perdera-os como se perde um lenço. Alta exceção no mundo obscuro em que estava, Babet lia jornais. Um dia, no tempo em que tinha ao lado a família em sua barraca volante, havia lido no *Messager*[170] que uma mulher acabava de dar à luz uma criança saudável com focinho de bezerro. Então exclamou: – *Que fortuna! Não seria minha mulher que iria ter a bela ideia de dar-me um filho assim!*

Depois, deixou tudo para "conquistar Paris". Expressão sua.

Quem era Claquesous? Era a noite. Para se mostrar, esperava que o céu se forrasse de preto. À noite, saía de um buraco para onde voltava antes que o dia surgisse. Onde era esse buraco? Ninguém sabia. Na mais completa obscuridade, com seus próprios cúmplices, só falava voltando-lhes as costas. Chamava-se mesmo Claquesous? Não. Ele dizia: – Chamo-me Ninguém. – Se acendiam uma vela, punha máscara. Era ventríloquo. Babet costumava dizer: – *Claquesous é um notívago a duas vozes*. – Era indeciso, errante, terrível. Não se tinha certeza de que tivesse um nome, pois Claquesous era um apelido; não se tinha certeza de que tivesse voz, pois falava mais pelo ventre que pela boca; não se sabia ao certo se tinha um rosto, desde que somente se lhe conhecia a máscara. Desaparecia como um fantasma; aparecia como se saísse do fundo da terra.

Montparnasse era lúgubre. Era uma criança; menos de vinte anos, um belo rosto, lábios que pareciam cerejas, belos cabelos negros, claridade da primavera nos olhos; tinha todos os vícios e aspirava a todos os crimes. A digestão do mal dava-lhe apetite para o pior. Era o moleque transformado em mandrião, era o

mandrião transformado em salteador. Era gentil, afeminado, gracioso, robusto, insensível, feroz. Usava a aba do chapéu levantada do lado esquerdo para mostrar os cachos de cabelos, segundo a moda de 1829. Vivia de roubos praticados com violência. Sua casaca era do melhor corte, embora já no fio. Montparnasse era um figurino que representava os direitos dos miseráveis enquanto tirava a vida das pessoas. A causa de todos os atentados desse adolescente estava no seu desejo de andar bem-vestido. A primeira costureirinha que lhe disse: – Você é bonito! – lançou-lhe no coração a nódoa das trevas, transformando em Caim esse Abel. Achando-se bonito, quis ser elegante; ora, a primeira elegância consiste na ociosidade, e a ociosidade do pobre é o crime. Poucos vagabundos eram tão temidos quanto Montparnasse. Com dezoito anos já tinha vários cadáveres no caminho. Mais de um transeunte jazia estirado à sombra desse miserável, com o rosto mergulhado numa poça de sangue. De cabelos frisados, besuntados, vestindo roupas justas, com quadris de mulher, busto de oficial prussiano, rodeado por um murmúrio de admiração das mulheres da rua, a gravata sabiamente enlaçada, um cassetete no bolso, uma flor à lapela, assim era esse dândi do sepulcro.

IV | COMPOSIÇÃO DA QUADRILHA

Esses quatro bandidos formavam uma espécie de Proteu, serpenteando através da polícia, esforçando-se por escapar aos olhares indiscretos de Vidocq[171] sob a múltipla figura de árvore, chama e fonte, trocando entre si seus nomes e truques, ocultando-se em sua própria sombra, caixinhas de segredos e esconderijos mútuos, desfazendo a própria personalidade como num baile de máscaras se tira um nariz postiço, às vezes simplificando-se a ponto de não serem mais que um, outras vezes multiplicando-se a ponto de o próprio Coco-Lacour confundi-los com uma multidão.

Esses homens não eram simplesmente quatro; eram uma espécie de ladrão misterioso de quatro cabeças, trabalhando ativamente em Paris; eram o pólipo terrível do mal habitando a cripta da sociedade.

Graças às suas ramificações e à rede oculta de suas relações, Babet, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse tinham a seu encargo as ciladas do distrito do Sena. Aplicavam sobre o transeunte o golpe de Estado que partia de baixo. Os que tinham alguma ideia luminosa nesse sentido, os homens de imaginação noturna, dirigiam-se a eles para executar seus planos. Forneciam aos

quatro malfeitores o esboço, e eles se encarregavam da *mise en scène*. Trabalhavam seguindo um roteiro escrito. Estavam sempre em situação de achar uma equipe propícia e conveniente a todos os atentados que necessitassem de uma ajudazinha suficientemente lucrativa. Se um crime necessitava de braços, cediam cúmplices mediante remuneração. Possuíam uma companhia de atores das trevas à disposição de todas as tragédias das cavernas.

Reuniam-se habitualmente ao cair da noite, hora em que despertavam, nas estepes próximas da Salpêtrière. Lá, conferenciavam. Tinham diante de si doze horas de escuridão; regularizam-lhes o emprego.

Patron-Minette, esse era o nome que naqueles círculos subterrâneos se dava à associação desses quatro. Na velha língua popular tão cheia de curiosidade e que, dia a dia, vai desaparecendo, *Patron-Minette* quer dizer *manhã*, do mesmo modo que *Entre cão e lobo* quer dizer crepúsculo. Essa denominação, Patron-Minette, vinha provavelmente da hora em que encerravam seus trabalhos, já que a aurora era o instante em que os fantasmas desapareciam e os bandidos se separavam. Esses quatro homens eram reconhecidos sob essa rubrica. Quando o Presidente dos Tribunais de Justiça visitou Lacenaire na prisão, interrogou-o a respeito de um crime que Lacenaire negava. – Quem fez isso? – perguntou o Presidente. Lacenaire deu esta resposta, enigmática para o Magistrado, mas clara para a polícia: – Talvez Patron-Minette.

Às vezes, adivinha-se toda uma peça à simples relação dos personagens; do mesmo modo quase que se pode apreciar uma quadrilha à simples leitura de seus nomes. Como esses nomes ainda estão gravados em algumas memórias privilegiadas, eis aqui a que apelidos respondiam os principais afiliados de Patron-Minette.

Panchaud, conhecido por Printanier ou Bigrenaille.

Brujon. (Havia uma verdadeira dinastia de Brujons; não poderíamos deixá-los passar despercebidos.)

Boulatruelle, o cantoneiro que já conhecemos.

Laveuve.
Finistère.
Homero-Hogu, negro.
Mardisoir.
Dépêche.
Fauntleroy, conhecido por Bouquetière.
Glorieux, forçado liberto.
Barrecarrosse, chamado Sr. Dupont.
Lesplanade-du-Sud.

Poussagrive.
Carmagnolet.
Kruideniers, chamado Bizarro.
Mangedentelle.
Les-pieds-en-l’air.
Demi-liard, chamado Deu-milliards.
Etc. etc.

Deixamos de lado alguns, e não os piores. Esses nomes são símbolos. Não representam apenas seres, mas espécies. Cada um deles responde a uma variedade desses cogumelos disformes nascidos no subsolo da civilização.

Essas criaturas, ciosas de sua fisionomia, não eram das que se veem passar pelas ruas. Durante o dia, fatigados por noites de atividade, iam dormir, ora nos fornos de cal, ora nas pedreiras abandonadas de Montmartre ou de Montrouge, às vezes até nos esgotos. Enterravam-se.

Que é feito desses homens? Eles existem ainda e sempre existiram. Horácio já dizia: *Ambubaiarum collegia, pharmacopolae, mendici, mimae;*[172] e, enquanto a sociedade continuar a ser o que é, eles serão o que sempre foram. Sob o obscuro teto de seus esconderijos, renascerão continuamente da transpiração da sociedade. Fantasmas que são, voltarão sempre idênticos; a única diferença é que não usarão os mesmos nomes e não estarão contidos nas mesmas peles.

Extirpados os indivíduos, a tribo subsiste.

Eles têm sempre as mesmas faculdades. Do truão ao vagabundo, a raça se mantém pura. Adivinham a presença de bolsas nas algibeiras e farejam a presença de relógios nos bolsos dos coletes. Para eles o ouro e a prata têm cheiro. Existem cidadãos simplórios aos quais se poderia aplicar o adjetivo de *roubáveis*. Esses homens seguem-nos pacientemente. À passagem de um estrangeiro ou de um provinciano, sentem arrepios de aranha.

Quando os encontramos ou os percebemos à meia-noite numa rua deserta, são medonhos. Não parecem homens, mas formas feitas de névoa viva; dir-se-ia que formam um só corpo com as trevas, não se distinguindo delas; parecem não ter outra alma que a sombra, e que somente por momentos, para viverem por alguns segundos de uma vida monstruosa, se desagregam da noite.

O que é preciso para fazermos desaparecer essas larvas? Luz. Luz em quantidade. Não há morcego que resista à aurora. Iluminemos a sociedade pela parte de baixo.

LIVRO OITAVO

O MAU POBRE

I | MARIUS, PROCURANDO UMA JOVEM DE CHAPÉU, ENCONTRA UM HOMEM DE BONÉ

Passou-se o verão, depois o outono; chegou o inverno. Nem o Sr. Leblanc nem sua jovem filha voltaram mais ao Luxembourg. Marius tinha somente um pensamento, rever aquele rosto adorável. Ele procurava sempre, procurava por toda parte, mas não encontrava nada. Não era mais Marius, o sonhador entusiasta, o homem resoluto, ardente e firme, o ousado provocador do destino, o cérebro que construía castelos sobre castelos, o espírito jovem cheio de planos, de projetos, de altivez, de ideias, de vontade; era um cão sem dono. Caiu numa tristeza negra. Era o fim. O trabalho repugnava-lhe, o passeio fatigava-o, a solidão o aborrecia; a natureza, outrora tão cheia de formas, de claridades, de vozes, de conselhos, de perspectivas, de horizontes, de ensinamentos, agora se mostrava vazia. Parecia-lhe que tudo havia desaparecido.

Pensava continuamente, pois não podia fazer de outra maneira, porém não se comprazia mais com seus pensamentos. A tudo o que eles lhe propunham, respondia na sombra: – Para quê?

Repreendia a si mesmo um milhão de vezes. – Por que a fui seguir? Eu era tão feliz só em vê-la! Ela olhava para mim. Isso já não era bastante? Parecia que me amava. Isso já não era tudo? Depois disso, que pode haver? Como fui imbecil! A culpa é minha etc. etc. – Courfeyrac, a quem nada dizia, como era seu natural, mas que adivinhava tudo, como lhe era também natural, começara felicitando-o por estar apaixonado, sentindo-se aliás realmente admirado; depois, vendo-o cair naquela melancolia, acabou por dizer-lhe:

– Estou vendo que você se comportou simplesmente como um animal. Olhe, vamos à La Chaumière.[173]

Uma vez, confiando num belo sol de setembro, Marius deixou-se levar ao baile de Sceaux [174] por Courfeyrac, Bossuet e Grantaire, esperando – que sonho! – talvez encontrá-la por lá. É claro que não encontrou quem procurava. –

No entanto é aqui que se encontram todas as mulheres perdidas – murmurava Grantaire. Marius deixou os amigos no baile, com os olhos turvos e tristes, em meio à noite, aturdido pelo barulho e pela poeira levantada pelos churriões cheios de gente que cantava voltando da festa e passando a seu lado, desanimado, aspirando o forte perfume das nogueiras que ladeavam a estrada para refrescar a cabeça.

Voltou a viver cada vez mais só, perdido, acabrunhado, todo entregue à angústia interior, indo e vindo na sua dor como um lobo na armadilha, buscando em toda parte a ausente, embrutecido pelo amor.

Certa vez, teve um encontro que produziu nele um efeito singular. Nas pequenas ruas vizinhas ao Boulevard des Invalides, encontrou-se com um homem vestido como operário, com boné de grande viseira, deixando ver algumas mechas de cabelos brancos. Marius ficou impressionado pela beleza daqueles cabelos brancos e observou bem aquele homem que andava a passos lentos, como que absorvido por uma dolorosa meditação. Coisa estranha, pareceu-lhe reconhecer nesse homem o Sr. Leblanc. Eram os mesmos cabelos, o mesmo perfil, tanto quanto pôde ver sob aquele boné, o mesmo aspecto, só que mais triste. Mas por que aquelas roupas de operário? Que queria dizer aquilo? Que significava aquele disfarce? Marius ficou bastante admirado. Quando voltou a si, seu primeiro movimento foi seguir o homem; quem sabe se não o levaria ao que procurava? Em todo caso, precisava vê-lo de perto e esclarecer o enigma. Mas tomou a resolução muito tarde; o homem já não estava ali. Tinha enveredado por uma das travessas laterais e Marius não o pôde encontrar. Isso o preocupou por alguns dias, depois se esqueceu. “Afinal”, dizia consigo mesmo, “talvez não passasse de simples semelhança.”

II | ACHADO

Marius continuava morando no pardieiro Gorbeau. Não prestava atenção em ninguém.

Na verdade, por essa época, não havia naquele pardieiro outros inquilinos além dele e dos Jondrette, cujo aluguel já pagara uma vez, sem ter jamais falado nem ao pai, nem à mãe, nem às filhas. Os outros locatários tinham-se mudado, haviam morrido ou sido despejados por não terem pago as mensalidades.

Num dia desse inverno, o sol mostrara-se um pouco à tarde, mas era 2 de fevereiro, tradicional festa das Candeias, cujo sol traidor, precursor de um frio de

seis semanas, inspirou a Mathieu Laensbergh estes dois versos, com muita justiça considerados clássicos:

Qu’il luise ou qu’il luiserne,
L’ours rentre en sa caverne.[175]

Marius acabava de sair de sua toca; caía a noite. Era a hora do jantar; afinal, era forçoso começar a se alimentar novamente. Oh! fragilidade das paixões ideais! Ele acabava de sair do quarto que *Mame* Bougon estava varrendo naquele mesmo instante enquanto resmungava este monólogo memorável:

– Hoje em dia, o que é que se pode comprar barato? Tudo está caro. Só mesmo o sofrimento é barato; é de graça o sofrimento do mundo.

Marius subia a passos lentos o bulevar em direção à barreira para chegar à Rue Saint-Jacques. Andava pensativo e cabisbaixo.

De repente, sentiu-se acotovelado na cerração; voltou-se e viu duas meninas esfarrapadas, uma alta e esguia, outra um pouco menor, passando rapidamente, esbaforidas, amedrontadas, como que fugindo; vinham da direção oposta, não o haviam visto e esbarraram em Marius ao passar. Marius pôde distinguir-lhes no crepúsculo os rostos lívidos, as cabeças despenteadas, os cabelos desalinhados, os gorros horríveis, as saias em trapos, os pés descalços. Enquanto corriam, conversavam. A maior dizia em voz baixa:

– Os meganhas chegaram e quase que me pegam.

A outra respondia: – Eu vi e *dei no pé*.

Marius compreendeu através da gíria sinistra que os gendarmes tinham estado a ponto de prender as duas crianças.

Meteram-se por entre as árvores do bulevar, sendo ainda mais visíveis por alguns instantes como uma mancha esbranquiçada que aos poucos foi desaparecendo.

Marius parara por um momento. Ia continuar a andar quando viu no chão, a seus pés, um pequeno embrulho cinzento. Abaixou-se e o apanhou. Era uma espécie de envelope que parecia conter papéis.

– Ora – disse –, aquelas infelizes deixaram cair isto!

Voltou atrás, chamou, mas não conseguiu encontrá-las; pensou que já estivessem longe, guardou o pacote no bolso e foi jantar.

Enquanto caminhava, viu num dos lados da Rue Mouffetard um caixãozinho de criança coberto por um pano preto, colocado em cima de três cadeiras e

iluminado por uma vela. As duas meninas de havia pouco voltaram-lhe à lembrança.

– Pobres mães! – pensava. – Há uma coisa bem mais triste que ver uma criança morta; é vê-la viver mal.

Depois, essas sombras que desviaram para outros objetos sua tristeza saíram-lhe do pensamento, e ele voltou às preocupações habituais. Recomeçou a pensar nos seis meses de amor e felicidade ao ar livre, em plena luz, à sombra das belas árvores do Luxembourg.

– Como a vida se tornou sombria! – pensava. – Continuam a aparecer-me jovens moças. Mas antes eram verdadeiros anjos; agora são simples morcegos.

III | *QUADRIFRONS*

À noite, quando se despia, antes de se deitar, Marius achou no bolso da casaca o pacotinho que encontrara na rua. Já se esquecera dele. Achou que seria útil abri-lo, pois poderia talvez conter o endereço das meninas, se, na verdade, pertencesse a elas, ou, em caso contrário, dar-lhe as indicações necessárias para devolvê-lo à pessoa que o havia perdido.

Desfez o embrulho. Não estava selado e continha quatro cartas, igualmente abertas. Todas tinham endereço. Todas exalavam um forte cheiro de tabaco.

A primeira carta estava assim endereçada: *À Sra. Marquesa de Grucheray, bem em frente à Câmara dos Deputados, número…*

Marius achou que ali encontraria provavelmente as indicações que procurava, e que, afinal, como a carta não estava fechada, poderia lê-la sem inconveniente algum.

Dizia assim:

Sra. Marquesa,
A virtude da clemência e da piedade é a que une mais estreitamente a sociedade. Queira, pois, usar seus sentimentos cristãos, lançando um olhar de compaixão sobre este infortunado espanhol, vítima da lealdade e de acatamento à sagrada causa da legitimidade, que pagou com seu sangue e à qual consagrou toda a sua fortuna, para defendê-la, achando-se hoje na maior miséria. Ele, porém, não tem dúvidas de que sua muito honrada pessoa o socorrerá para que possa conservar uma existência extremamente penosa para um militar de educação e de honra, coberto de cicatrizes. Desde já, confio na humanidade que anima e no interesse que a Sra. Marquesa demonstra para com uma nação tão infeliz. Suas preces não serão feitas em vão, e seu reconhecimento conservará de si encantadora lembrança.

Receba os sentimentos respeitosos com os quais tenho a honra de me assinar

Don Alvarez, Capitão Espanhol de Cavalaria, monarquista refugiado em França, atualmente em viagem para a pátria mas sem meios para chegar ao destino.

Junto à assinatura não havia nenhum endereço. Marius esperava encontrar o endereço na segunda carta, em cujo envelope lia: *À Sra. Condessa de Montvernet, Rue Cassette, número 9.*

Eis o que Marius leu:

Sra. Condessa,
Sou uma infeliz mãe de família com seis filhos, o menor com apenas oito meses. Desde meu último parto que me encontro doente; abandonada por meu marido há cinco meses, não tendo outro recurso no mundo, estou na mais horrível indigência.

Na esperança de ser atendida pela Sra. Condessa, tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito,

Sua criada, Balizard.

Marius passou à terceira carta que, como as demais, era um pedido. Lia-se aí:

Ilmo. Sr. Pabourgeot, eleitor, comerciante atacadista, Rue Saint-Denis, esquina da Rue aux Fers.

Tomo a liberdade de lhe dirigir esta carta para implorar-lhe que me conceda o precioso favor de suas simpatias e de seu interesse por um homem de letras que acaba de mandar um drama para o Teatro Francês. O assunto é histórico, e a ação se passa em Auvergne no tempo do Império; o estilo, julgo eu, é natural, lacônico, e pode ter algum mérito. Em quatro lugares distintos tem coplas para serem cantadas. O cômico, o sério e o imprevisto ali se misturam à variedade dos caracteres, e em toda a intriga se espalha um romantismo leve, enquanto a ação caminha misteriosamente e por entre peripécias impressionantes, e chega ao fim entre inúmeros golpes de cena admiráveis.

Meu principal objetivo é satisfazer o desejo que anima progressivamente o homem do nosso século, isto é, a moda, esse caprichoso e estranho cata-vento que muda de lugar a cada nova aragem.

Malgrado todas essas qualidades, sou forçado a julgar que o ciúme e o egoísmo dos autores privilegiados conseguiram minha exclusão do teatro, pois não ignoro os dissabores a que estão sujeitos os autores mais novos.

Sr. Pabourgeot, sua justa reputação de protetor esclarecido dos homens de letras me anima a enviar-lhe minha filha, que lhe exporá nossa miserável situação, sem alimentos e sem fogo neste rigoroso inverno. Dizer-lhe que imploro que aceite a homenagem que lhe quero fazer com o meu drama e de todos os que eu fizer depois é prova de quanto ambiciono colocar-me ao abrigo sob sua égide, enfeitando com seu nome os meus escritos.

Se se dignar honrar-me com a mais modesta oferta, ocupar-me-ei imediatamente em compor uma peça em versos como tributo do meu reconhecimento. Essa peça, que procurarei fazer a mais perfeita possível, ser-lhe-á envida antes de ser inserida no início do drama e recitada em cena.

Ao Sr. e à Sra. Pabourgeot, Minhas mais respeitosas homenagens.

GENFLOT, *escritor.*

P.S. – *Não importa que me mande apenas quarenta soldos. Perdoe-me se lhe envio minha filha, em vez*

de ir eu mesmo em pessoa, mas tristes motivos de toalete não me permitem sair…

Afinal Marius abriu a quarta carta. O cabeçalho era este: *Ao Sr. benfeitor da igreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas.* Liam-se aí estas linhas:

Sr. benfeitor,
Se se dignar acompanhar minha filha, presenciará uma calamidade horrível, e eu lhe mostrarei os meus certificados.

À vista desses documentos, sua generosa alma ficará emudecida por um sentimento de sensível benevolência, pois os verdadeiros filósofos sempre experimentam emoções muito vivas.

Compreenda, bondoso senhor, que é preciso passar pela mais cruel necessidade, e que é bem doloroso, para obter algum alívio, ter de fazê-lo atestar pela autoridade, como se não se fosse livre para sofrer e morrer de inanição enquanto esperamos que alguém socorra a nossa miséria. O destino é sumamente fatal para com alguns e demasiado pródigo e protetor para com outros.

Espero sua visita ou sua oferta, acaso se digne fazê-la, e peço-lhe que receba os sentimentos de respeito com os quais me honro de ser,

Magnânimo senhor, seu muito humilde e obediente servidor,

P. FABANTOU, *artista dramático.*

Depois de ler essas quatro cartas, Marius não ficou mais esclarecido que antes. Em primeiro lugar, nenhum dos signatários dava o próprio endereço. Em segundo lugar, as cartas pareciam ter sido escritas por quatro indivíduos diferentes: Don Alvarez, a mulher Balizard, o poeta Genflot e o artista dramático Fabantou; mas estavam estranhamente escritas com a mesma caligrafia.

Que concluir disso, senão que vinham da mesma pessoa?

Além do mais, e isso tornava essa conjectura ainda mais verossímil, o papel, grosso e amarelado, era idêntico nas quatro cartas, o cheiro de tabaco era o mesmo e, embora fosse evidente o esforço para variar o estilo, os mesmos erros de grafia se reproduziam com profunda tranquilidade, tanto que o escritor Genflot cometeu os mesmos erros que o Capitão espanhol.

Esforçar-se para elucidar esse pequeno mistério era inútil. Se não se tratasse de um simples achado, aquilo lhe pareceria simples mistificação. Marius sentia-se muito triste para aceitar de bom grado uma brincadeira do acaso e para se prestar a um jogo que as pedras da rua pareciam querer jogar com ele. Julgava estar brincando de cabra-cega entre as quatro cartas que se divertiam à sua custa.

Aliás, nada indicava que aquelas cartas pertencessem às meninas que Marius encontrara na rua. Afinal, eram simples papéis sem nenhuma importância. Marius tornou a colocá-las no envelope, jogou tudo a um canto e deitou-se.

Pelas sete horas da manhã, acabava de se levantar e já se dispunha a trabalhar

quando bateram mansamente à porta.

Como nada possuía, jamais tirava a chave da porta, à exceção de quando, muito raramente, tinha algum trabalho mais urgente. Fora dessas ocasiões, mesmo quando se ausentava, deixava a chave na fechadura.

– Algum dia, um ladrão entra aí – dizia-lhe *Mame* Bougon.

– Que nada! – respondia-lhe Marius.

A verdade é que um dia lhe roubaram um velho par de botinas, para grande triunfo de *Mame* Bougon.

Bateram pela segunda vez muito brandamente, como antes.

– Entre – disse Marius.

A porta se abriu.

– Que quer a senhora, *Mame* Bougon? – replicou Marius sem levantar os olhos dos livros e manuscritos que tinha em cima da mesa.

Uma voz, que não era a de *Mame* Bougon, respondeu.

– Perdão, senhor…

Era uma voz abafada, falha, sufocada, rouca, uma voz de velho saturado de aguardente.

Marius voltou-se depressa e deparou com uma jovem.

IV | UMA ROSA NA MISÉRIA

No limiar da porta entreaberta estava ela de pé. A luz indecisa que vinha da janela ficava exatamente em frente à porta, e iluminava aquela figura com uma luz baça. Era uma criatura pálida, franzina, descarnada; apenas uma blusa e uma saia cobrindo uma nudez trêmula e gelada. Como cinto usava um barbante, como penteado uma fita; tinha os ombros pontudos descobertos, uma palidez loura, linfática, clavículas cor de terra, mãos vermelhas, boca entreaberta e triste, alguns dentes de menos, olhos ternos, ousados, baixos, formas de jovem abortada, olhar de uma corrompida; cinquenta anos e quinze anos misturados; um desses seres ao mesmo tempo frágeis e horríveis, que fazem estremecer os que não fazem chorar.

Marius erguera-se e olhava quase com espanto para aquela criatura, tão semelhante às figuras de sombra que povoam os sonhos.

O que sobretudo era pungente é que a jovem não tinha vindo ao mundo para ser feia. Na primeira infância, devia ter sido até bonita. A graça própria da idade

lutava ainda contra a odiosa velhice antecipada pelo desleixo e pela pobreza. Um resto de beleza morria naquele rosto de dezesseis anos, como o sol pálido que se extingue debaixo de nuvens monstruosas à aurora de um dia de inverno.

Aquele rosto não era de todo estranho a Marius. Julgava tê-lo visto em algum lugar.

– Que deseja, menina? – perguntou.

A jovem respondeu com sua voz de grilheta embriagado:

– É uma carta para o senhor, Sr. Marius.

Ela chamava Marius pelo nome; não podia duvidar de que viera à sua procura; mas quem era aquela menina? Como sabia o seu nome?

Sem esperar que ele mandasse, ela entrou no quarto resolutamente, olhando com certa afoiteza, que constrangia o coração, o quarto e a cama desfeita. Estava descalça. Grandes rasgos em seu vestido punham à mostra as longas pernas e os joelhos magros. Tremia de frio.

Com efeito, segurava uma carta, que apresentou a Marius.

Marius, ao abri-la, notou que a cola do envelope ainda estava molhada; portanto, não devia vir de muito longe. Leu:

Meu amável e jovem vizinho!
Tive conhecimento de suas gentilezas para comigo, pois há seis meses pagou por mim o aluguel em atraso. Jovem, eu o abençoo. Minha filha mais velha vai lhe dizer que estamos sem um pedaço de pão há já dois dias, quatro pessoas, e ainda com a esposa doente. Se o meu pensamento não me ilude, creio poder esperar que seu generoso coração se humanizará com o que aqui relatei e lhe inspirará o desejo de me ser propício, dignando-se prodigar-me um modesto auxílio.
Com a grande consideração devida aos benfeitores da humanidade,
Jondrette

P.S. – *Minha filha esperará pelas suas ordens, caro Sr. Marius.*

Essa carta, em meio à estranha aventura que desde a véspera o preocupava, era como a luz de uma vela acesa numa caverna. Tudo se esclareceu repentinamente.

Essa carta vinha do mesmo lugar de onde vinham as outras quatro. Era a mesma caligrafia, o mesmo estilo, a mesma ortografia, o mesmo papel, o mesmo cheiro de tabaco.

Eram cinco missivas, cinco histórias, cinco nomes, cinco assinaturas e um único signatário. O Capitão espanhol Don Alvarez, a infeliz Balizard, o poeta dramático Genflot, o velho comediante Fabantou, chamavam-se os quatro

Jondrette, isso se Jondrette tivesse realmente esse nome.

Havia bastante tempo que Marius morava naquela casa, e contudo, como já dissemos, tivera raras ocasiões de ver, ou mesmo de entrever, seu muito indigno vizinho. Tinha o espírito ocupado em outras coisas, e onde se tem o espírito ali estão os olhos. Certamente, por mais de uma vez, encontrara-se com os Jondrette no corredor ou na escada; mas, para ele, não passavam de sombras; notara-os tão pouco que na véspera, à noite, esbarrara na rua com as filhas de Jondrette sem as reconhecer, pois evidentemente eram elas, e a muito custo a jovem que agora entrava em seu quarto, através dos sentimentos de piedade e desgosto, despertara nele uma vaga lembrança de já tê-la visto em alguma parte.

Agora ele via tudo claramente. Compreendia que seu vizinho Jondrette tinha por indústria, em sua miséria, explorar a caridade das pessoas de bom coração, inventando endereços diversos, escrevendo sob nomes supostos a pessoas que julgava ricas e caridosas, mandando as filhas entregar as cartas, por sua conta e risco, pois aquele pai chegaria a arriscá-las. Jogava uma partida com o destino, e arriscava-as no jogo. Marius compreendia que provavelmente, a julgar pela corrida da véspera, sem fôlego, amedrontadas, pelas palavras de gíria que ouvira, aquelas pobrezinhas se dedicavam ainda a não se sabe que misteres obscuros, resultando de tudo aquilo, no meio da sociedade humana tal qual está feita, duas miseráveis criaturas que não eram nem crianças, nem moças, nem mulheres; uma espécie de monstros impuros e inocentes, produzidos pela miséria.

Tristes criaturas sem nome, sem idade, sem sexo, às quais nem o bem nem o mal são mais possíveis, e que, ao sair da infância, nada mais possuem neste mundo, nem a liberdade, nem a virtude, nem a responsabilidade. Almas desabrochadas ontem, emurchecidas hoje, em tudo semelhantes a essas flores caídas na rua, manchadas por toda sorte de lama, à espera que uma roda as esmague.

Contudo, enquanto Marius lhe dirigia um olhar admirado e cheio de compaixão, a jovem ia e vinha pelo quarto com a audácia de um espectro. Meneava-se, sem se preocupar com a própria nudez. Por momentos, a blusa, descosida e rota, caía-lhe quase até a cintura. Tirava as cadeiras de lugar, desarrumava os objetos de toalete colocados em cima da cômoda, apalpava as roupas de Marius, esquadrinhava o que havia pelos cantos.

– Olhe – disse ela –, o senhor tem um espelho!

E cantarolava, como se estivesse sozinha, coplas de algum *vaudeville*, estribilhos divertidos, que a voz gutural e rouca tornava lúgubres. Sob esse atrevimento notava-se certo constrangimento, certa inquietação, certa

humilhação. O descaramento é uma vergonha.

Nada mais triste que vê-la debater-se e, por assim dizer, esvoaçar pelo quarto com os movimentos de um pássaro, com as asas quebradas, assustado pela luz do dia. Sentia-se que em outras condições de educação e de destino a aparência alegre e livre daquela jovem teria, talvez, algo de doce e encantador. Jamais entre os animais a criatura nascida para ser pomba se transforma em xofrango. Isso só se observa entre os homens.

Marius pensava, e a deixava à vontade. Ela se aproximou da mesa.

– Ah! – disse –, livros!

Um brilho iluminou-lhe os olhos baços. Depois, satisfeita por poder vangloriar-se de alguma coisa, à qual nenhuma criatura é insensível, replicou:

– Eu também sei ler.

Pegou depressa o livro que estava aberto em cima da mesa e leu com bastante desembaraço.

… O General Bauduin recebeu ordem para tomar com os cinco batalhões de sua brigada o castelo de Hougomont, situado no meio da planície de Waterloo…

E parou:

– Ah! Waterloo! Conheço. Foi uma batalha. Meu pai esteve lá. Meu pai serviu no exército. Em casa todo mundo é bonapartista. Waterloo foi contra os ingleses.

Depois, largou o livro, pegou uma pena e exclamou:

– Eu também sei escrever!

Mergulhou a pena na tinta, voltando-se para Marius.

– Quer ver? Olhe, vou escrever uma palavra só para o senhor ver.

E, antes que Marius tivesse tempo de responder, escreveu numa folha de papel que estava no meio da mesa: *Chegaram os meganhas.*

Depois, largando a pena:

– Não há erros de ortografia. Pode ver. Eu e minha irmã fomos bem-educadas. Não fomos sempre como agora. Não nascemos para…

Aqui, ela parou, fixou os olhos sem vida em Marius e pôs-se a rir, dizendo com uma entonação que continha todas as angústias sufocadas por todos os cinismos:

– Bah!

E começou a cantarolar estas palavras com uma música alegre:

J’ai faim, mon père.
Pas de fricot.
J’ai froid, ma mère. Pas de tricot.
Grelotte,
Lolotte!
Sanglote,
Jacquot![176]

Apenas acabou de cantar, exclamou:

– O senhor costuma ir ao teatro, Sr. Marius? Eu vou. Tenho um irmãozinho que é amigo dos artistas; às vezes ele me dá entradas. Mas eu não gosto dos bancos das galerias. A gente fica muito mal acomodada. Às vezes aquilo está cheio de gente, e de gente que não cheira nada bem.

Depois observou Marius, assumiu uma expressão estranha, e lhe disse:

– Sr. Marius, o senhor sabe que é um belo rapaz?

E, ao mesmo tempo, veio a ambos o mesmo pensamento, fazendo-a sorrir, fazendo-o enrubescer. Ela aproximou-se dele e pôs-lhe a mão nos ombros:

– O senhor nem me dá atenção, mas eu o conheço, Sr. Marius. Vejo-o sempre na escada, e já o vi entrar na casa de um tal Sr. Mabeuf, que mora para os lados de Austerlitz, quando andei por lá. Fica-lhe muito bem esse cabelo despenteado.

Sua voz se esforçava para ser agradável e só conseguia ser muito baixa. Uma parte das palavras se perdia no trajeto da laringe aos lábios como um cravo em que faltam notas.

Marius recuou delicadamente.

– Olhe – disse ele, com fria gravidade –, tenho aqui um pacotinho que talvez lhe pertença. Permita-me que lho entregue.

E deu-lhe o pequeno envelope que continha as quatro cartas.

Ela bateu palmas e exclamou:

– Nós nos cansamos de procurar isso!

Depois pegou depressa no pacote e o abriu, enquanto dizia:

– Santo Deus! eu e minha irmã procuramos tanto! E justamente o senhor foi achar! Foi na rua, não foi? Deve ter sido na rua. Olhe, isto caiu quando começamos a correr. Foi minha irmãzinha que fez essa bobagem. Quando chegamos em casa, não o tínhamos mais. Como não gostamos de apanhar, porque não adianta mesmo, não adianta nada mesmo, dissemos em casa que tínhamos levado as cartas aos destinatários, e que nos tinham respondido: – Nicles! – E aqui estão as pobres cartas! Como soube o senhor que eram minhas?

Ah! pela letra! Então foi com o senhor que esbarramos ontem à noite. Estava tão escuro! Eu disse a minha irmã: – Era um homem? – Minha irmã respondeu: – Acho que era!

Entretanto, a jovem desdobrara a carta endereçada *Ao Sr. benfeitor da igreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas*.

– Olhe! – disse ela –, esta é para o velho que vai à missa. E é justamente agora. Vou levá-la. Talvez nos dê com que almoçar hoje.

Depois, recomeçou a rir, e continuou:

– Sabe o que significa almoçar hoje? É o mesmo que comer o almoço e a janta de anteontem, e o almoço e a janta de ontem, tudo de uma vez. Ora bolas, e se não ficarem contentes, que morram!

Isso fez com que Marius se lembrasse do que aquela infeliz tinha ido buscar no seu quarto.

Procurou nos bolsos do colete, mas nada encontrou.

A jovem continuava, parecia falar como se tivesse esquecido da presença de Marius.

– Às vezes eu saio à noite. Às vezes não volto para casa. Antes de morar aqui, no inverno passado, morávamos debaixo das pontes. Dormíamos bem juntinhos para não ficarmos gelados. Minha irmã menor chorava. Como é triste a água! Quando eu pensava em me afogar, dizia: – Não; está muito frio. – Quando quero, ando por aí sozinha, e durmo na rua. Sabe, à noite, quando ando pelas ruas, as árvores parecem-me forcas, vejo casas tão negras como as torres de Notre-Dame, imagino que as paredes brancas são praias, e digo: – Olhe, ali há água! – As estrelas são como os lampiões da rua; dir-se-ia que soltam fumaça e que o vento as apaga, e fico tão assustada, como se houvesse cavalos soprando-me nas orelhas; embora seja noite, ouço realejos e os teares das fábricas. Afinal, que sei eu? Penso que me atiram pedras; sem saber, ponho-me a fugir, tudo roda, tudo roda. Quando a gente não come, fica tudo tão esquisito.

E fitou Marius meio espantada.

À força de vasculhar em todos os bolsos, Marius acabou por reunir cinco francos e dezesseis soldos. Naquele momento, era tudo o que possuía no mundo. – Aqui, tenho para o jantar de hoje – pensava –, amanhã veremos. – Ficou com os dezesseis soldos e deu os cinco francos à jovem.

Ela os recebeu.

– Bom! – disse –, hoje temos sol!

E, como se o sol tivesse a propriedade de fundir em seu cérebro uma

avalanche de gírias, prosseguiu:

– Cinco francos! Puro brilho! Um monarca, e logo nesta maloca! Mas que supimpa! O senhor é mesmo liga; um cara cem por cento do peito! Dou-lhe o meu coração! Dois dias a puro lombo e cachaça! Vou encher a cara, desapertar a cinta e tirar a barriga da miséria!

Puxou a blusa para os ombros, fez uma profunda saudação a Marius, depois um sinal familiar com a mão e dirigiu-se para a porta dizendo:

– Até logo, Sr. Marius. Não faz mal. Vou ver o velho.

Ao passar, viu em cima da cômoda uma crosta de pão seco que mofava, coberta de poeira; lançou-se a ela e mordeu-a resmungando:

– Está bom, mas está muito duro! Pode até quebrar-me os dentes!

Depois saiu.

V | UMA FRESTA PROVIDENCIAL

Havia cinco anos que Marius vivia na pobreza, nas privações, na penúria até, mas só então percebeu que não havia conhecido a verdadeira miséria. A verdadeira miséria ele acabava de ver. Era aquela larva que passara sob seus olhos. É que, com efeito, quem só viu a miséria do homem nada viu; é preciso ver a miséria da mulher; quem só viu a miséria da mulher nada viu; é preciso ver ainda a miséria da criança.

Quando o homem chega às últimas extremidades, recorre ao mesmo tempo aos últimos recursos. Desgraçados dos seres indefesos que o rodeiam! O trabalho, o salário, o pão, o fogo, a coragem, a boa vontade, tudo lhe falta ao mesmo tempo. A claridade do dia parece extinguir-se ao seu redor, a luz moral falta-lhe no interior da alma; cercado de sombras, o homem encontra a fraqueza da mulher e da criança, e as submete violentamente às próprias ignomínias.

Então todos os horrores são possíveis. O desespero cerca-se de tabiques frágeis que se abrem para o vício e para o crime.

A saúde, a juventude, a honra, as santas e severas delicadezas da carne ainda tenra, o coração, a virgindade, o pudor, epiderme da alma, são sinistramente manejados por aquelas mãos em busca de recursos, que encontram o opróbrio, acomodando-se a ele. Pais, mães, crianças, irmãos, irmãs, homens, mulheres e jovens aderem e se agregam quase como uma formação mineral, nessa indefinível promiscuidade de sexos, de parentesco, de idades, de infâmias, de

inocências. Agacham-se, apoiando-se uns aos outros, numa espécie de destino-chiqueiro. Entreolham-se lamentavelmente. Desventurados! Como são pálidos! Como sentem frio! Parece até que estão num planeta bem mais longe do sol do que o nosso.

Aquela jovem foi para Marius como que uma enviada das trevas. Ela lhe revelou todo o lado vergonhoso da noite.

Marius quase se repreendeu por suas preocupações, projetos e paixões terem impedido que olhasse um pouco para os vizinhos. Ter-lhes pago o aluguel havia sido um movimento maquinal, qualquer um faria a mesma coisa; mas ele, Marius, deveria ter feito mais. Uma simples parede o separava daqueles seres abandonados, que viviam às apalpadelas na noite, separados do resto da humanidade; roçava por eles, e ele, de algum modo, era o último elo do gênero humano que os tocava; ouvia-os viver, ou antes, agonizar a seu lado, sem que fizesse caso! Todos os dias, a cada instante, através da parede, ouvia-os andar, ir, vir, falar, sem que lhes desse atenção! No entanto, naquelas palavras havia gemidos, e ele não as escutava; seu pensamento estava longe, sonhando com glórias impossíveis, com amores inexistentes, com loucuras; no entanto, criaturas humanas, seus irmãos em Jesus Cristo, irmãos de um mesmo povo, agonizavam a seu lado! Agonizavam inutilmente! Ele fazia parte de sua desgraça, e a agravava. Porque, se tivessem outro vizinho, um vizinho menos quimérico e mais atento, um homem comum e caridoso, evidentemente sua indigência teria sido socorrida, seus sinais de penúria teriam sido notados, e talvez muito tempo antes tivessem sido recolhidos e salvos! Sem dúvida, pareciam bastante depravados, bastante corrompidos, bastante aviltados, dignos de ódio até, mas são tão raros os que caem e não se degradam; aliás, há um ponto em que os infortunados e os infames se misturam e se confundem numa só palavra, fatal palavra: são os miseráveis. De quem é a culpa? E depois, não é verdade que, quando a queda é maior, a caridade deve ser maior ainda?

Enquanto Marius assim pensava, porque havia ocasiões em que, como todos os corações realmente honestos, ele era o seu próprio pedagogo e se repreendia mais do que merecia, ele observava a parede que o separava dos Jondrette como se pudesse fazer passar através dela seu olhar cheio de piedade, para aquecer aqueles desgraçados. A parede era um simples tabique de argamassa, delgadíssimo, sustentado por sarrafos e vigas, e que, como acabamos de dizer, deixava distinguir perfeitamente o barulho de palavras e vozes. Era preciso que ele fosse mesmo Marius, o sonhador, para não ter percebido nada. Nenhum papel fora colado naquela parede, nem do lado de Marius, nem do lado dos Jondrette;

ela mostrava toda a sua grosseira construção. Sem quase perceber, Marius começou a examinar a parede; às vezes a imaginação examina, observa, escruta, como o faria o próprio pensamento. De repente, levantou-se; ele acabava de notar no alto, perto do forro, um buraco triangular, resultante de três sarrafos que deixavam um vazio entre eles. O reboco que devia tapar esse buraco havia caído; e, subindo na cômoda, podia-se observar por ali o tugúrio dos Jondrette. A comiseração tem e deve sempre ter sua curiosidade. Aquele buraco era uma espécie de postigo. É permitido olhar-se traiçoeiramente o infortúnio para socorrê-lo.

– Vejamos um pouco que gente é essa e onde mora – disse Marius.

Subiu à cômoda, aplicou a vista à abertura e olhou.

VI | O HOMEM SELVAGEM EM SUA TOCA

As cidades, como as florestas, têm seus antros onde escondem tudo o que possuem de mais cruel e temível. A diferença é que, nas cidades, o que se esconde assim é feroz, imundo, pequeno, isto é, monstruoso; nas florestas, o que se esconde é feroz, selvagem e grande, isto é, belo. Tocas por tocas, as dos animais são preferíveis às dos homens. As cavernas são preferíveis às pocilgas.

O que Marius via era um chiqueiro.

Marius era pobre e seu quarto era indigente; mas, do mesmo modo por que sua pobreza era nobre, seu quarto era asseado. O tugúrio que descobrira naquele momento era abjeto, sujo, fétido, infecto, tenebroso, sórdido. Como únicos móveis, uma cadeira de palha, uma mesa quebrada, alguns cacos e, em dois cantos, dois catres indescritíveis; a luz entrava somente por uma janelinha de quatro vidros, cheia de teias de aranha. Por ela entrava o mínimo de luz para que um rosto de homem parecesse um fantasma. As paredes pareciam cobertas de chagas e estavam cheias de remendos e cicatrizes, como um rosto desfigurado por alguma horrível doença. Tudo ressumava uma nojenta umidade. Podiam ver-se desenhos obscenos grosseiramente riscados a carvão.

O quarto que Marius ocupava tinha o pavimento de ladrilho em muito mau estado; mas aquela sala não era nem ladrilhada, nem assoalhada; andava-se sobre a terra nua do pardieiro, enegrecida pelos pés. Por cima desse solo desigual, onde a poeira estava como que incrustada e que não tinha senão uma única virgindade, a da vassoura, agrupavam-se caprichosamente constelações de velhos chinelos, de sapatos e trapos horríveis; porém, ali havia uma lareira; por

isso custava quarenta francos anuais. Havia de tudo nessa lareira: um fogareiro, uma panela, tábuas quebradas, trapos pendurados em pregos, uma gaiola de passarinho, cinzas e até um pouco de fogo. Dois tições fumegavam ali tristemente.

Uma coisa que aumentava ainda mais a feiura daquela pocilga eram suas grandes dimensões. Tinha saliências, ângulos, buracos escuros, esconderijos, vãos, promontórios. Daí resultavam horríveis cantos insondáveis onde pareciam esconder-se aranhas grandes como punhos, bichos-de-conta grandes como pés, e, quem sabe, até alguns monstruosos seres humanos.

Um dos catres estava perto da porta, o outro perto da janela. Ambos tocavam por uma extremidade na lareira e ficavam bem em frente ao lugar de onde Marius observava.

Num ângulo vizinho, pendurado ao muro, numa moldura de madeira preta, havia uma gravura colorida debaixo da qual estava escrito em grandes letras: *o sonho*. Representava uma mulher e uma criança adormecidas; a criança sobre os joelhos da mulher; uma águia em uma nuvem segurava no bico uma coroa, e a mulher, mesmo dormindo, afastava a coroa da cabeça da criança; ao fundo, Napoleão vitorioso, apoiado a uma coluna azul de capitel amarelo, ornada com a seguinte inscrição:

Maringo
Austerlits
Iena
Wagrame
Elot

Por baixo desse quadro, uma espécie de almofada de porta, mais comprida do que larga, estava apoiada em plano inclinado contra a parede. Dava a impressão de um quadro visto por detrás, de uma guarnição de porta, provavelmente borrada do outro lado, ou de um aparador antigo solto da parede e esquecido ali, à espera de que o repusessem em seu lugar.

Perto da mesa, na qual Marius podia ver pena, tinta e papel, estava sentado um homem de seus sessenta anos, pequeno, magro, lívido, carrancudo, de aspecto cruel, astuto, inquieto; um hediondo maltrapilho.

Lavater, se tivesse visto aquele rosto, descobriria nele o abutre unido ao procurador; a ave de rapina e o homem de chicanas enfeando-se e completando-

se mutuamente; o homem tornando a ave ignóbil e a ave tornando o homem terrível.[177]

O homem usava uma longa barba grisalha. Estava vestido com uma blusa de mulher que deixava ver o peito cabeludo e os braços nus cobertos de pelos eriçados. Sob essa blusa, viam-se-lhe as calças cobertas de lodo, e nos pés as botinas das quais saíam alguns dedos. Tinha um cachimbo à boca e fumava. Não havia mais pão naquele tugúrio, mas ali não faltava tabaco. Escrevia, provavelmente uma carta semelhante às que Marius havia lido.

Num canto da mesa, via-se um velho volume avermelhado, cujo formato, o antigo in-12 das bibliotecas, revelava ser um romance. Na capa lia-se este título, impresso em grandes letras maiúsculas: deus, o rei, a honra e as mulheres, por ducray-duminil. 1814.[178]

Enquanto escrevia, o homem falava alto, e Marius podia ouvir-lhe as palavras:

– Dizer que não existe igualdade, mesmo quando se morre. Vejam um pouco o Père-Lachaise! Os grandes, os ricos, estão no alto, na aleia das acácias, toda calçada. Chegam lá de carruagem. Os pequenos, os pobres, os infelizes, põem-nos na parte baixa, onde há lama até os joelhos, nos buracos, na umidade. Jogam-nos lá para que se acabem mais depressa! Ninguém pode ir vê-los sem se enterrar no lodo.

Aqui parou, bateu com o punho na mesa e acrescentou rangendo os dentes:

– Oh! hei de engolir o mundo!

Uma mulher muito gorda, que podia ter quarenta ou cem anos, estava acocorada perto da lareira, sobre os calcanhares nus. Também ela não estava vestida senão com uma blusa e uma saia de malha, remendada com pedaços de pano velho. Um avental de pano grosseiro lhe escondia a metade da saia. Embora estivesse agachada e como que amontoada sobre si mesma, podia-se ver que era de alta estatura. Era uma espécie de gigante ao lado do marido. Tinha horríveis cabelos ruivos, já meio grisalhos, que de vez em quando afastava dos olhos com as enormes mãos luzidias, de unhas chatas.

A seu lado, no chão, estava aberto um volume do mesmo formato que o outro, provavelmente do mesmo romance.

Sobre um dos catres, Marius pôde perceber uma menina muito alta, pálida, sentada, quase nua, com os pés pendentes, parecendo nem escutar, nem ver, nem viver.

Sem dúvida era a irmã menor daquela que tinha vindo ao seu quarto.

Parecia ter de onze a doze anos. Examinando-a com atenção, via-se que tinha pelo menos quinze anos. Era a menina que na véspera, à noite, dizia: – *Dei no pé.*

Pertencia à espécie doentia que se conserva por muito tempo em atraso e que se desenvolve de repente. É a indigência que produz essas tristes plantas humanas. Essas criaturas não têm nem infância nem adolescência. Aos quinze anos, parecem ter apenas doze; aos dezesseis, parecem ter vinte. Hoje menina, amanhã mulher. Dir-se-ia que pulam os anos para morrerem mais depressa. Naquele instante, parecia ser ainda uma criança.

Quanto ao mais, naquele tugúrio não havia o mínimo sinal de trabalho; nem uma ocupação, nem uma roda de fiar, nem a menor ferramenta. Em um canto, alguns ferros de aspecto duvidoso. Era a triste preguiça que se segue ao desespero e que precede a agonia.

Marius contemplou por algum tempo aquele interior fúnebre, mais terrível que o interior de um túmulo, porque ali se sentia a presença da alma humana, ali se via palpitar a vida.

O tugúrio, o sótão, as águas-furtadas, onde certos indigentes descem até a parte mais baixa do edifício social, não são ainda o sepulcro, mas sua antecâmara; como esses ricos que ostentam toda a sua magnificência à entrada de seus palácios, parece que a morte, já bem próxima, põe suas maiores misérias nesses vestíbulos.

O homem se calara, a mulher não falava, a menina nem parecia respirar. Ouvia-se o ruído da pena correndo pelo papel.

O homem resmungou, sem parar de escrever: – Canalhas! canalhas! Todos são canalhas!

Essa variante ao epifonema de Salomão arrancou um suspiro à mulher.

– Amiguinho, sossegue – disse ela. – Não se apoquente, querido. Você é muito paciente para escrever para toda essa gente, meu homem.

Na miséria, como no frio, os corpos se achegam uns aos outros, mas os corações se distanciam. Aquela mulher, segundo todas as aparências, deveria amar aquele homem com a quantidade de amor que lhe era possível: mas, provavelmente, com as brigas cotidianas e recíprocas, provocadas pela horrível indigência que pesava sobre todos, também isso se acabara. Nela não havia mais do que as cinzas do afeto que nutrira pelo marido. Contudo, como acontece frequentemente, as expressões carinhosas tinham conseguido sobreviver. Ela lhe dizia: – *Querido, amiguinho, meu homem* etc., – apenas com a boca; o coração

permanecia mudo.

O homem põs-se de novo a escrever.

VII | ESTRATÉGIA E TÁTICA

Marius, com o coração oprimido, ia descer daquele observatório que havia improvisado quando um ruído lhe atraiu a atenção e o fez continuar no mesmo lugar.

A porta do tugúrio acabava de se abrir bruscamente. A filha mais velha apareceu. Tinha aos pés grosseiros sapatos de homem, sujos de lama, que lhe chegavam até os tornozelos avermelhados; estava coberta com um velho xale esburacado, que Marius, uma hora antes, não tinha visto, mas que ela provavelmente tinha deixado à porta para inspirar mais compaixão, retomando-o ao sair. Ela entrou, bateu a porta atrás de si, parou para tomar fôlego, pois viera correndo, e depois gritou com uma expressão de triunfo e alegria.

– Ele vem!

O pai voltou os olhos, a mulher voltou a cabeça, a irmã menor nem se mexeu.

– Quem? – perguntou o pai.

– Aquele velho!

– O filantropo?

– Ele mesmo.

– Da igreja Saint-Jacques?

– Sim.

– Aquele velho?

– Sim.

– E vem para cá?

– Ele me seguiu.

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Vem deveras?

– E de fiacre! É Rothschild!

O pai se levantou.

– Mas como sabe? Se ele vem de fiacre, como é que você chegou antes dele? Ao menos você lhe deu o endereço certo? Disse-lhe bem claro que é a última

porta ao fundo do corredor à direita? Tomara que não se engane! Então você o encontrou na igreja? Ele leu a minha carta? Que foi que ele disse?

– Ufa! Como você vai depressa, homem! Escute: eu entrei na igreja, ele estava no lugar de sempre, fiz-lhe uma reverência, dei-lhe a carta, ele a leu e me disse: – Onda mora, menina? – Eu disse: – Eu levo o senhor. – Ele me disse: – Não, dê-me o endereço; minha filha tem de fazer algumas compras, vou tomar uma carruagem e chegarei a sua casa ao mesmo tempo que você. – Dei-lhe o endereço. Quando eu lhe disse onde era a casa, mostrou-se um pouco surpreso e hesitante, mas depois disse: – Não tem importância, eu irei. – Quando acabou a missa, vi-o sair da igreja na companhia da filha e subir num fiacre. Eu lhe disse bem claro: – A última porta, no fundo do corredor à direita.

– E quem me assegura que ele vem?

– Acabo de ver o fiacre chegando à Rue du Petit-Banquier. Por isso é que corri.

– Como sabe que se trata do mesmo fiacre?

– Porque eu já havia reparado no número, ora!

– Qual é o número?

– 440.

– Bem, você é mesmo esperta.

A filha olhou atrevidamente para o pai e, mostrando os sapatos que tinha nos pés, disse:

– Esperta, é verdade; mas lhe digo que não calço mais essas botinas; não as quero mais, primeiro por uma questão de saúde, depois por uma questão de elegância. Não conheço nada mais irritante que esses sapatos rangendo a cada passo que a gente dá. É melhor andar descalça.

– Tem razão – respondeu-lhe o pai com um tom de doçura que contrastava com a rudeza da filha. – Mas é que não deixarão você entrar na igreja; os pobres também precisam andar calçados. Não se vai de pés descalços à casa de Deus – acrescentou com amargura.

Depois, voltando ao assunto que o preocupava:

– Mas está mesmo certa, absolutamente certa, de que ele vem?

– Ele estava quase pisando no meu calcanhar.

O homem se levantou. Tinha certo brilho no olhar.

– Minha mulher! – gritou. – Está ouvindo? O filantropo vem aí. Apague o fogo!

A mulher, assustada, nem se mexeu. O pai, com a agilidade de um

saltimbanco, pegou uma bilha sem gargalo que estava em cima da lareira e jogou a água sobre os tições. Depois, levantando-se, disse à filha mais velha:

– Você aí! Estrague a palha dessa cadeira.

A menina não compreendeu. Ele agarrou a cadeira e, com um pontapé, arrancou-lhe o assento, enfiando a perna através da palhinha. Enquanto a retirava, perguntou à filha:

– Faz frio?

– Muito. Está nevando até.

O pai voltou-se para a caçula que estava na cama perto da janela e gritou com toda a força:

– Depressa! Saia da cama, sua imprestável! Você não presta mesmo para nada! Ande, quebre um vidro já!

A menina, tremendo, desceu da cama.

– Quebre um vidro! – repetiu o homem.

A criança continuou imóvel.

– Está ouvindo? – repetiu o pai. – Mandei você quebrar um vidro!

A criança, movida por uma espécie de obediência inspirada pelo medo, levantou-se na ponta dos pés e deu um soco na vidraça. O vidro se quebrou, caindo ruidosamente.

– Assim – disse o pai.

Ele estava sério e violento. Seu olhar examinava rapidamente todos os cantos do quarto. Dir-se-ia um general fazendo os últimos preparativos para uma batalha iminente.

A mãe, que ainda não havia pronunciado palavra alguma, levantou-se e perguntou com voz lenta e abafada, com palavras que pareciam sair geladas de seus lábios:

– Querido, o que é que você quer fazer?

– Ponha-se na cama – respondeu o homem.

Seu tom de voz não admitia observações. A mulher obedeceu e jogou-se pesadamente num dos catres. Ouviu-se, então, um soluço.

– O que é? – gritou o pai.

A filha menor, sem sair da sombra em que se refugiara, mostrou o pulso ensanguentado. Ao quebrar o vidro, tinha-se machucado; foi então até a cama em que estava a mãe e pôs-se a chorar silenciosamente.

Dessa vez foi a mulher que se levantou e gritou:

– Está vendo as besteiras que você faz? Para obedecer, a coitadinha se cortou!

– Melhor! – disse o homem –, eu já havia previsto.

– Como? Melhor?! – replicou a mulher.

– Calma! – retrucou o pai. – De agora em diante, está suprimida a liberdade de imprensa.

Depois, rasgando a blusa de mulher com que se vestia, tirou-lhe uma tira e a enrolou apressadamente no punho ensanguentado da menina. Feito isso, olhou a blusa rasgada com verdadeira satisfação.

– Até a blusa! Está tudo muito bem.

Um vento gelado soprava na vidraça e entrava no quarto. O nevoeiro exterior penetrara espalhando-se como finíssimos fios misteriosamente separados por dedos invisíveis. Através do vidro quebrado, via-se cair a neve. O frio, prometido na véspera pelo sol das candeias, viera realmente.

O pai ainda olhou bem ao redor para se assegurar de que nada havia esquecido. Pegou uma velha pá e espalhou cinza por cima dos tições molhados de modo a escondê-los por completo.

Depois, levantando-se, encostou-se à chaminé:

– Agora – disse –, podemos receber o filantropo.

VIII | UM RAIO DE LUZ NA POCILGA

A filha mais velha aproximou-se do pai e colocou a mão sobre a mão dele dizendo:

– Veja como estou com frio.

– Bah! – respondeu o pai. – Sinto muito mais frio que você.

A mãe gritou impetuosamente:

– Você sempre tem tudo mais que os outros! Até a ruindade!

– Cale a boca! – respondeu o homem.

A mulher, olhada de maneira especial, calou-se. Houve um momento de silêncio no quarto. A filha mais velha desfiava distraidamente as franjas do xale, a menor continuava a soluçar; a mãe tomara-lhe a cabeça entre as mãos e a cobria de beijos, dizendo-lhe baixinho:

– Meu tesouro, pare de chorar, não é nada; olhe que seu pai vai se zangar.

– Não! – gritou o pai. – Pelo contrário; soluce quanto quiser que é bem melhor.

Depois, voltando-se para a mais velha:

– Essa agora! Ele não chega nunca! Apaguei o fogo, escangalhei a cadeira, rasguei minha camisa e quebrei a vidraça a troco de nada!

– E machucou a pequena! – murmurou a mãe.

– Sabe – retrucou o pai – que faz um frio dos diabos nesta toca! Se o tal sujeito não vier! Não! Ele está se fazendo de precioso. Deve estar pensando assim: “Não preciso me apressar muito porque eles estão lá para me esperar!”. Oh! como eu os odeio, e como estrangularia com júbilo, alegria, entusiasmo e satisfação esses ricos! Todos os ricos! Esses pretensos homens caridosos, carolas, que vão à missa, amigos dessa padraria que só sabe fazer sermões e que se julgam superiores a nós, e vêm nos humilhar e trazer-nos agasalho, como dizem! Uns trapos que não valem quatro soldos e pão! Não é isso que eu quero, bando de canalhas! Eu quero é dinheiro! Ah! dinheiro? Nunca! Porque dizem que vamos beber, que somos bêbados, vagabundos! E eles! Que são eles? Que foram eles antes? Ladrões! Senão, não teriam enriquecido! Oh! Devia-se pegar a sociedade pelos quatro cantos da toalha e jogar tudo para cima! É bem possível que tudo se quebrasse, mas ao menos haveria isto de bom: ninguém teria coisa alguma! Mas o que acontece com o focinho desse tal benfeitor? Será que vem mesmo? O animal talvez se tenha esquecido do endereço! Aposto que esse velho animal…

Nesse momento, ouviu-se uma ligeira batida na porta. O homem correu e a abriu, exclamando com saudações profundas e sorrisos de adoração:

– Entre, meu senhor! Digne-se entrar, meu venerando benfeitor, assim como a encantadora senhorita.

Um homem de idade avançada e uma jovem apareceram no limiar da porta. Marius continuava observando. O que sentiu naquele momento não pode ser descrito por palavras humanas.

Era *Ela*.

Quem quer que tenha experimentado o amor conhece todo o brilho contido nestas três letras: Ela.

Era ela, com efeito. Marius a custo pôde distingui-la através do vapor luminoso que subitamente se espalhara em seus olhos. Era a mesma doce criatura ausente, o astro cuja luz o iluminara durante seis meses, os mesmos olhos, a mesma fronte, a mesma boca, o mesmo rosto cheio de beleza, que ao desaparecer fizera cair a noite. A visão se havia eclipsado; agora reaparecia!

Reaparecia naquela sombra, naquele tugúrio, naquela pocilga disforme,

naquele horror!

Marius tremia, fora de si. Era ela! As palpitações do coração turvavam-lhe a vista. Sentia-se prestes a chorar! Revia-a enfim, depois de a ter procurado por tanto tempo! Parecia-lhe ter reencontrado a alma perdida.

Ela era sempre a mesma, apenas um pouco mais pálida; seu rosto delicado estava emoldurado por um chapéu de veludo violeta; o busto se escondia sob uma capa de cetim preto. Entreviam-se, sob a roda do vestido, os pés minúsculos, calçados em sapatinhos de seda.

E, como sempre, estava acompanhada pelo Sr. Leblanc. Dera alguns passos no quarto e depositara um grande pacote em cima da mesa.

A Jondrette mais velha havia-se retirado para trás da porta e olhava com tristeza aquele chapéu de veludo, a capinha de seda e aquele rosto encantador e feliz.

IX | JONDRETTE QUASE CHORA

O quarto estava de tal modo escuro que as pessoas que vinham de fora, ao entrar, julgavam ter entrado num subterrâneo. Os dois recém-chegados, portanto, avançaram com certa hesitação, apenas distinguindo, ao redor, formas vagas, enquanto eram perfeitamente vistos e examinados pelos habitantes do pardieiro, já acostumados àquele crepúsculo.

O Sr. Leblanc aproximou-se com olhar bondoso e triste, dizendo a Jondrette:

– Naquele pacote o senhor encontrará roupas novas, meias e cobertores de lã.

– Nosso angélico benfeitor nos confunde – disse Jondrette, inclinando-se quase até o chão.

Depois, aproximando-se da filha mais velha, enquanto os dois visitantes examinavam toda a miséria que havia naquele quarto, acrescentou em voz baixa:

– Hein? Que foi que eu disse? Trapos! Dinheiro que é bom, nada! Eles são todos iguais! A propósito, como é que eu assinei a carta que mandei a esse velho palerma?

– Fabantou – respondeu-lhe a filha.

– O artista dramático? Muito bem!

Bem fez Jondrette em consultar a filha, porque naquele mesmo instante o Sr. Leblanc se voltou para ele e lhe disse como quem procura recordar-se de um nome:

– Vejo que o senhor é mesmo digno de lástima, senhor…

– Fabantou – respondeu logo Jondrette.

– Sr. Fabantou, é mesmo. Estou lembrado.

– Artista dramático, meu senhor, e que já teve sucesso.

Aqui Jondrette julgou evidentemente chegado o momento de se apoderar do "filantropo", e exclamou num tom de voz que participava ao mesmo tempo da vanglória do pelotiqueiro de feira e da humildade do mendigo de estrada:

– Discípulo de Talma! meu senhor! Sou discípulo de Talma! A fortuna já sorriu para mim. Infelizmente, agora é a vez da desgraça. Veja, meu benfeitor, nem pão, nem fogo. Minhas pobres crianças não têm fogo para se aquecer! A única cadeira que temos está imprestável! A vidraça quebrada, com um tempo destes! Minha esposa na cama, doente!

– Pobre mulher! – disse o Sr. Leblanc.

– Minha filhinha machucada! – acrescentou Jondrette.

A criança, distraída com a chegada das visitas, pôs-se a contemplar a "senhorita" e parou de soluçar.

– Vamos, chore! Grite! – disse-lhe Jondrette em voz baixa. Ao mesmo tempo, beliscou-lhe o pulso ferido. Tudo isso com a ligeireza do escamoteador. A pequena desandou a chorar e a dar altos gritos.

A adorável jovem que Marius chamava de "sua Úrsula" aproximou-se, solícita.

– Coitadinha! – exclamou.

– Veja, gentil senhorita – continuou Jondrette –, como seu pulso está ensanguentado! Foi um acidente que lhe aconteceu enquanto trabalhava numa máquina para ganhar seis soldos por dia. Talvez seja preciso amputar-lhe o braço!

– É verdade? – disse-lhe o Sr. Leblanc, alarmado.

A menina, tomando a sério o que ouvira, começou a chorar mais alto ainda.

– Infelizmente sim, meu benfeitor! – respondeu o pai.

Havia já algum tempo que Jondrette observava o "filantropo" de um modo estranho. Enquanto falava, parecia investigar atentamente, como se diligenciasse lembrar-se de alguma coisa. De repente, aproveitando-se de um momento em que os recém-chegados conversavam com a pequena a respeito do pulso machucado, Jondrette passou perto da mulher, deitada na cama, e lhe disse com um ar acabrunhado e estúpido, o mais depressa que pôde e em voz baixa.

– Olhe bem para esse homem!

Depois, voltando-se para o Sr. Leblanc, continuou a lamentação:

– Veja, meu senhor! Para me cobrir, tenho apenas esta blusa da minha mulher, toda rasgada, em pleno inverno! Não posso sair de casa por falta de roupa. Se tivesse alguma roupa decente, iria ter com Mlle. Mars, que me conhece e é muito minha amiga. Ela ainda mora na Rue Tours-des-Dames? Sabe, senhor, já representamos juntos na província. Participei de seus louros. Célimène viria em meu auxílio, senhor! Elmira viria em socorro de Belisário![179] Mas, nada disso! Nem um vintém em toda a casa! Minha mulher doente, e não tenho um vintém! Minha filha perigosamente ferida, e nem um vintém! Minha esposa sente falta de ar. É a idade, e também o sistema nervoso. Precisa de um tratamento, ela e a menina! Mas, e o médico? E o farmacêutico? Como pagar? Eu me ajoelharia diante de um vintém, meu senhor! Veja a que se reduzem as artes! Sabe, gentil senhorita, e o senhor, meu generoso benfeitor, os senhores que respiram virtude e bondade e perfumam essa igreja aonde minha pobre filha vai rezar, todos os dias, eu educo as minhas filhas na religião. Eu não quis que seguissem a carreira do teatro. Eu que as veja caírem em alguma falta! Eu não brinco! Estou continuamente falando sobre a honra, a moral, a virtude! Pergunte a elas! É preciso que andem direito. Afinal, elas têm um pai! Não são dessas infelizes que começam por não ter família e acabam esposando o público. Começam como Srta. Fulana e acabam sendo Mme. Todo-Mundo. Nunca! Graças a Deus, não há disso na família Fabantou! Espero educá-las na virtude, na honestidade, nos bons modos, na fé em Deus, nome sagrado! Pois bem, meu senhor, digníssimo senhor; sabe o que vai acontecer amanhã? Amanhã é o dia 4 de fevereiro, o dia fatal, o último prazo que a senhoria me concedeu; se eu não a pagar esta noite, amanhã minha filha mais velha, eu, minha esposa com febre, a caçula com a mão naquele estado, todos seremos expulsos daqui e jogados lá fora, na rua, sem abrigo, debaixo da neve e da chuva. Aí está: devo quatro trimestres, um ano! Sessenta francos!

Jondrette mentia. Quatro trimestres não lhe custavam quarenta francos, e ele não poderia dever quatro, desde que Marius, havia menos de seis meses, tinha pago dois.

O Sr. Leblanc tirou cinco francos do bolso e os colocou em cima da mesa.

Jondrette teve tempo de segredar aos ouvidos da filha mais velha:

– Miserável! Que quer que eu faça com cinco francos? Não dá nem para pagar a cadeira e a vidraça. Calcule só as despesas!

No entanto, o Sr. Leblanc havia tirado o sobretudo cinza que vestira por cima da casaca azul, deixando-o no encosto da cadeira.

– Sr. Fabantou – disse então –, agora não tenho mais que cinco francos, mas vou levar minha filha para casa e voltarei à noite: não é à noite que o senhor deverá pagar o aluguel?…

O rosto de Jondrette iluminou-se com uma expressão estranha. Ele respondeu, solícito:

– É, meu venerando senhor. Às oito horas devo estar na casa do meu proprietário.

– Virei aqui às seis horas e trarei comigo os sessenta francos.

– Meu benfeitor! – exclamou Jondrette fora de si.

E acrescentou em voz baixa: – Mulher, repare bem nele!

O Sr. Leblanc tomara a filha pelo braço e já se dirigia para a porta:

– Até a noite, amigos!

– Às seis horas? – disse Jondrette.

– Às seis horas em ponto.

Naquele momento, a filha mais velha reparou no sobretudo esquecido em cima da cadeira.

– Senhor – disse ela –, está-se esquecendo do sobretudo.

Jondrette dirigiu à filha um olhar fulminante, acompanhado de um terrível movimento dos ombros. O Sr. Leblanc voltou-se e respondeu, sorrindo.

– Não me esqueci, não; deixei-o de propósito.

– Ó meu protetor – disse Jondrette –, meu augusto benfeitor, sinto-me comovido até as lágrimas! Permita que o leve até o fiacre.

– Se vai sair – replicou o Sr. Leblanc –, vista o sobretudo. Está fazendo muito frio.

Jondrette não esperou que lhe dissessem duas vezes, vestiu apressadamente o sobretudo cinza. Saíram os três, Jondrette na frente.

X | TARIFA DOS CABRIOLÉS DE PRAÇA: DOIS FRANCOS A HORA

Marius não perdera nada de toda a cena, e no entanto, na realidade, nada tinha visto. Seus olhos ficaram fixos na jovem, seu coração como que a alcançara e a envolvera inteiramente desde que entrara naquele quarto. Durante todo o tempo em que ela ali estivera, ele viveu dessa vida de êxtase que suprime todas as percepções materiais e precipita a alma num único ponto. Contemplava, não a jovem, mas aquela luz que usava capa de cetim e chapéu de veludo. Se a estrela

Sírio tivesse entrado naquele quarto, ele não ficaria menos maravilhado.

Enquanto a jovem desfazia o embrulho e desdobrava as roupas e os cobertores, conversando bondosamente com a mulher enferma e a pequenina machucada, ele seguia-lhe todos os movimentos, esforçando-se por ouvir-lhe a voz. Conhecia-lhe os olhos, o rosto, a beleza, o porte, o andar, mas não lhe conhecia a voz. Julgava tê-la ouvido uma vez no Luxembourg, mas não tinha absoluta certeza. Teria dado dez anos de vida para ouvi-la e poder levar em sua alma um pouco daquela melodia. Mas tudo se perdia em meio às lamentações de Jondrette, o que mesclava verdadeira cólera ao arrebatamento de Marius. Envolvia-a com os olhos. Não podia imaginar que fosse realmente aquela criatura divina a que via em meio a seres tão imundos, naquele tugúrio monstruoso. Parecia-lhe um colibri no meio de sapos.

Quando ela saiu, Marius não teve senão um pensamento: segui-la, não a deixar senão depois de saber onde morava, não tornar a perdê-la de vista, depois de a ter reencontrado de modo tão milagroso! Pulou da cômoda e pegou o chapéu. Quando punha a mão na maçaneta da porta e já estava para sair, um pensamento o fez parar. O corredor era bem longo, a escada toda em um lanço, Jondrette era falador, o Sr. Leblanc sem dúvida não havia ainda subido à carruagem; se, por conseguinte, ele olhasse para trás no corredor, na escada ou na porta e visse ele, Marius, naquela casa, evidentemente se alarmaria e acharia um modo de desaparecer novamente, e tudo estaria acabado. Que fazer? Esperar um pouco? Mas, enquanto esperava, a carruagem podia partir. Marius estava perplexo. Enfim, arriscou-se e saiu do quarto.

Não havia mais ninguém no corredor. Correu até a escada. Também ali não havia ninguém. Desceu apressadamente e chegou à rua apenas a tempo de ver um fiacre virando na esquina da Rue Petit-Banquier para voltar a Paris.

Marius correu nessa direção. Chegando à esquina, tornou a ver o fiacre descendo rapidamente pela Rue Mouffetard; já estava muito longe, e não havia meios de o alcançar. Como? Correr atrás? Impossível; afinal, da carruagem era fácil ver alguém correndo a toda a brida para alcançá-la, e o velho, com certeza, o reconheceria. Nesse momento, acaso inaudito e maravilhoso, Marius percebeu um cabriolé de aluguel que passava vazio. Não tinha senão uma resolução a tomar: subir no cabriolé e seguir o fiacre. Era seguro, eficaz e não havia perigo algum.

Marius fez um sinal ao cocheiro e gritou-lhe:

– Quanto a hora?

Marius estava sem gravata, vestido com uma velha casaca de trabalho à qual faltavam alguns botões; a camisa estava rasgada numa das dobras do peitilho.

O cocheiro parou, piscou um olho e estendeu para Marius a mão esquerda, esfregando calmamente o indicador no polegar.

– O quê? – disse Marius.

– Só pagando adiantado – respondeu o cocheiro.

Marius então se lembrou de que tinha consigo apenas dezesseis soldos.

– Quanto? – perguntou.

– Quarenta soldos.

– Pago quando voltar.

O cocheiro, como resposta, assobiou a música de La Palisse[180] e fustigou o cavalo.

Marius, sem saber o que fazer, viu o cabriolé afastar-se. Por não ter vinte e quatro soldos perdera a felicidade, a alegria, o amor! Caiu de novo nas trevas! Recobrara a vista, mas agora voltava novamente a cegueira. Pensou com tristeza e, é forçoso dizê-lo, com profundo arrependimento, nos cinco francos que dera pela manhã àquela miserável. Se tivesse os cinco francos, estaria salvo, renasceria, sairia do limbo e das trevas, sairia do isolamento, do *spleen*, da viuvez; tornaria a ligar o negro fio do seu destino àquele belo fio de ouro que acabava de flutuar ante seus olhos, mas que se rompera ainda uma vez! Desesperado, voltou para o quarto.

Ele teria podido ao menos pensar que o Sr. Leblanc havia prometido voltar à noite, e que apenas devia estar mais bem preparado para segui-lo; mas, absorto em sua contemplação, não pensou nessa nova possibilidade.

No momento em que ia subir a escada, viu, do outro lado da rua, ao longo do muro deserto da Rue Barrière-des-Gobelins, Jondrette vestido com o sobretudo do "filantropo", conversando com um desses homens de aspecto inquietante, que se convencionou chamar de *vagabundo das barreiras*; pessoas de fisionomia equívoca, de monólogos suspeitos, com ar de quem tem maus pensamentos, sempre dispostas a dormir durante o dia, o que nos faz supor que trabalham durante a noite.

Aqueles dois homens conversando imóveis, sob a neve que caía aos turbilhões, formavam um grupo que despertaria a atenção de qualquer gendarme, mas que Marius apenas notara.

No entanto, por maior que fosse a sua dolorosa preocupação, não pôde deixar de pensar que o vagabundo com quem Jondrette conversava se assemelhava a

certo Panchaud, conhecido como Printanier ou Bigrenaille, que Courfeyrac lhe mostrara uma vez, célebre naquelas redondezas como um notívago bastante perigoso. Lemos no livro precedente o nome desse indivíduo. Esse mesmo Panchaud, Printanier ou Bigrenaille figurou mais tarde em vários processos criminais e tornou-se depois um célebre malfeitor. Na época, não passava de um conhecido malandro. Hoje continua como símbolo tradicional entre bandidos e malfeitores. Fazia escola mais ou menos no fim do último reinado. E à tardinha, ao cair da noite, na hora em que os grupos se formam e falam em voz baixa, falava-se dele na Force[181] ou na Fosseaux-Lions. Podia-se até, nessa mesma prisão – precisamente no lugar por onde, debaixo do caminho da ronda, passava o esgoto que serviu em 1843 para a fuga inaudita, em pleno dia, de trinta detentos –, podia-se ler ali seu nome, *Panchaud*, corajosamente gravado por ele próprio nas lajes que cobriam esse esgoto, numa de suas audaciosas tentativas de fuga. Em 1832, a polícia já o vigiava, mas até então ainda não havia estreado seriamente.

XI | A MISÉRIA SE OFERECE PARA AJUDAR O INFORTÚNIO

Marius subiu lentamente a escada; no instante em que ia entrar no quarto, percebeu a Jondrette mais velha, que o seguia. Sentiu ódio ao vê-la; era ela que estava com seus cinco francos e já era muito tarde para os pedir de volta; o cabriolé não estava mais lá e o fiacre já ia muito longe. Aliás, ela não lhos restituiria. Quanto a perguntar-lhe a respeito do endereço das pessoas que havia pouco a tinham visitado, era inútil; por certo nada saberia dizer, desde que a carta assinada com o nome de Fabantou estava endereçada *Ao Sr. benfeitor da igreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas*.

Marius entrou no quarto e bateu a porta.

A porta não se fechou; voltou-se e viu uma mão que a mantinha entreaberta.

– O que é? – perguntou. – Quem está aí?

Era a jovem Jondrette.

– Ah! É você? – replicou Marius, quase rude. – Sempre você! Que quer?

Ela parecia pensativa e não respondia. Não tinha mais a segurança que mostrara de manhã. Não havia entrado ainda e se conservava na sombra do corredor, onde Marius a via pela porta entreaberta.

– Vamos, responda! – disse Marius – O que quer agora?

A jovem levantou para ele os olhos tristonhos, nos quais uma espécie de claridade parecia brilhar vagamente, e lhe disse:

– Sr. Marius, o senhor parece estar triste. Que tem?

– Eu? – disse Marius.

– Sim, o senhor.

– Eu não tenho nada.

– Tem, sim, senhor.

– Absolutamente, não.

– Eu lhe digo que sim!

– Deixe-me sossegado!

Marius empurrou novamente a porta, mas ela continuou na mesma posição.

– Olhe, Sr. Marius – disse ela –, o senhor errou. Embora não sendo rico, o senhor foi bom esta manhã. Seja bom também agora. O senhor me deu de comer, diga-me agora o que sente. A gente vê que o senhor está sofrendo, e eu não quero que o senhor sofra. O que eu posso fazer para ajudá-lo? Posso servir para alguma coisa? Estou às ordens. Não quero conhecer seus segredos, nem é preciso que me diga, mas afinal posso ser útil para alguma coisa. Posso muito bem ajudá-lo, como ajudo meu pai. Quando é preciso levar cartas, correr as casas, pedir de porta em porta, descobrir um endereço, seguir alguém, para isso eu sirvo. Pois bem: o senhor poderia dizer o que sente e eu iria falar com quem o senhor quisesse. Às vezes só isso basta para que as coisas se arranjem. Disponha de mim.

Uma ideia ocorreu a Marius. Quando se está prestes a cair, quem despreza o mais fraco ramo? Aproximou-se da Jondrette.

– Escute, você… – disse-lhe.

Ela o interrompeu com um brilho de alegria nos olhos.

– Isso mesmo; chame-me de você! Prefiro assim.

– Pois bem – retrucou ele –, você trouxe até aqui aquele senhor e sua filha!

– Fui eu, sim.

– Você sabe onde eles moram?

– Não.

– Então, procure saber para mim.

O olhar da Jondrette, de triste, tornara-se alegre; de alegre, tornara-se sombrio.

– Ah! É isso o que o senhor queria? – perguntou ela. – É.

– O senhor já os conhece?

– Não.

– Já sei – replicou ela com vivacidade –, o senhor não a conhece ainda, mas quer conhecê-la.

Esse *os*, transformando-se em *a*, tinha não sei quê de significativo e de amargo.

– Enfim, você é capaz de descobrir-lhe o endereço? – disse Marius.

– O senhor terá o endereço daquela linda menina.

As palavras *linda menina* foram pronunciadas ainda com uma expressão que inquietou Marius. E continuou:

– Enfim, não importa! O endereço do pai e da filha; o endereço dos dois.

Ela o olhou fixamente.

– E o que o senhor me dará?

– Tudo o que quiser!

– Tudo o que eu quiser?

– Tudo.

– Pois, então, há de saber onde moram.

Abaixou a cabeça e depois, com um movimento rápido, bateu a porta.

Marius estava de novo só.

Deixou-se cair sobre uma cadeira, com a cabeça e os cotovelos apoiados na cama, abismado em pensamentos que não conseguia fixar, tomado por uma espécie de vertigem. Tudo o que se passara desde a manhã, o aparecimento do anjo, seu desaparecimento, o que aquela criatura acabava de lhe dizer, um raiozinho de esperança pairando em meio a seu enorme desespero, eis o que o preocupava confusamente.

De repente, sentiu-se violentamente arrancado de seus pensamentos. Ouvira a voz alta e áspera de Jondrette pronunciar estas palavras cheias do mais estranho interesse:

– Estou dizendo que tenho a certeza de o ter reconhecido!

De quem falaria Jondrette? Reconhecera quem? O Sr. Leblanc? O pai da “sua Úrsula”? O quê! Jondrette o conhecia? Marius iria obter de modo tão brusco e inesperado todas as informações sem as quais a sua vida era por isso mesmo obscura? Iria saber, enfim, a quem amava, quem era aquela jovem, quem era o seu pai? A sombra tão espessa que os escondia estaria prestes a se dissipar? O véu que os cobria ia-se rasgar? Ah! Deus!

Marius não subiu, pulou em cima da cômoda, e retomou seu posto de observação.

Tornou a ver o interior do quarto dos Jondrette.

XII | O USO QUE SE FEZ DA MOEDA DE CINCO FRANCOS DO SR. LEBLANC

Nada estava mudado no aspecto daquela família; somente a mulher e as meninas haviam vestido as roupas e meias de lã que encontraram no pacote. Dois cobertores novos tinham sido estendidos por cima das duas camas.

Jondrette, evidentemente, acabava de entrar. Ainda não havia descansado. Suas filhas estavam perto da lareira sentadas no chão, a mais velha cuidando da mão da caçula. Sua mulher estava como que prostrada na cama vizinha à lareira, com um olhar apalermado. Jondrette caminhava pela sala a passos largos, com os olhos extraordinariamente expressivos.

A mulher, que parecia tímida e cheia de espanto diante de seu marido, atreveu-se a dizer:

– O quê! Você tem mesmo certeza absoluta?

– Absoluta! Já se passaram oito anos, mas eu o reconheci muito bem! À primeira vista! Não lhe saltou aos olhos?

– Não.

– E, no entanto, eu bem que a avisei: preste atenção! Mas é o mesmo porte, o mesmo olhar, apenas um tanto mais velho. Há gente que não envelhece; não sei como fazem, o mesmo tom de voz. Está mais elegante, é só! Ah! velho misterioso do diabo, desta vez eu te pego!

Interrompeu-se e disse às meninas:

– Vocês aí, vão-se embora! Não sei como isso não lhe saltou aos olhos!

As meninas levantaram-se para obedecer-lhe.

A mãe resmungou:

– Com a mão desse jeito?

– O ar lhe fará bem – disse Jondrette. – Vão saindo!

Era evidente que o homem era daqueles a quem não se responde. As meninas saíram. No momento em que ambas iam atravessar a soleira da porta, o pai agarrou a mais velha pelo braço e disse a ambas com uma expressão particular:

– Estejam aqui precisamente às cinco horas. Vou precisar de vocês duas.

Marius redobrou a atenção.

Só, na companhia da mulher, Jondrette continuou a andar pelo quarto, percorrendo-o duas ou três vezes no mais completo silêncio. Depois, passou alguns minutos a enfiar nas calças as fraldas da camisa da mulher que ainda estava usando.

De repente, voltou-se para a mulher, cruzou os braços e exclamou:

– E quer que eu lhe diga uma coisa? A senhorita…

– A senhorita, o quê? – retrucou a mulher.

Marius não tinha dúvidas, estavam mesmo falando da “sua Úrsula”. Ouvia com crescente ansiedade, com atenção redobrada.

Mas Jondrette se inclinara, falando em voz baixa à mulher. Depois, levantou-se e terminou em voz alta.

– É ela!

– Aquilo? – disse a mulher.

– Aquilo! – respondeu-lhe o marido.

Nenhuma expressão poderia reproduzir o sentido oculto nessa expressão da mulher. Era a surpresa, a raiva, o ódio e a cólera misturados e combinados numa entonação monstruosa. Bastaram-lhe algumas palavras, sem dúvida um nome, segredado ao ouvido pelo marido, para que aquela mulherona desanimada despertasse e, de repente, se tornasse medonha.

– Não é possível! – exclamou. – Quando penso que minhas filhas andam descalças e não têm o que vestir! Como? Capa de cetim, borzeguins de seda, chapéu de veludo, e tudo o mais! Mais de duzentos francos de roupas! Parecia até uma grande dama! Não; você está enganado! E, para começar, a outra era horrorosa, e esta não é de todo má! Não pode ser a mesma!

– Digo-lhe que é. Você vai ver.

A essa afirmativa tão resoluta, Mme. Jondrette levantou o rosto enorme e avermelhado e pôs-se a contemplar o teto com uma expressão disforme. Nesse momento, ela pareceu a Marius mais temível ainda que o marido. Era uma porca com olhos de tigresa.

– O quê! – continuou. – Aquela horrorosa gentil senhorita que olhava minhas filhas com ares de piedade, era aquela imprestável! Oh! se eu pudesse arrebentar-lhe o ventre a pontapés!

Saltou da cama e ficou por um momento de pé, desgrenhada, com as narinas dilatadas, a boca entreaberta, os punhos crispados e ameaçadores. Depois, deixou-se cair novamente no catre. O homem ia e vinha sem dar-lhe atenção.

Após alguns momentos de silêncio, aproximou-se dela, parou em sua frente, cruzando os braços, como fizera havia pouco.

– E quer saber ainda mais?

– O quê? – perguntou ela.

Ele respondeu rapidamente, em voz baixa:

– Minha fortuna está feita!

A mulher olhou-o como quem diz: – Será que está ficando louco?

Ele continuou:

– Com os diabos! Há já muito tempo que sou paroquiano da paróquia morra-de-fome-se-tem-lume, morra-de-frio-se-tem-pão! Minha miséria já foi demais; a minha e a dos outros! Não estou brincando, não acho isso nada engraçado. Basta de trocadilhos, bom Deus! Chega de farsa, Padre Eterno! Quero comer quando tiver fome, quero beber quando tiver sede! Empanturrar-me! Dormir! Não fazer nada! Quero ter a minha vez, antes de esticar as canelas! Quero ser um pouco milionário!

Deu ainda uma volta pelo quarto e acrescentou:

– Como os outros!

– O que quer dizer com isso? – perguntou a mulher.

Ele sacudiu a cabeça, piscou o olho e levantou a voz como um físico de feira que se prepara para fazer uma demonstração:

– O que eu quero dizer? Ouça!

– Psiu! – resmungou a mulher. – Mais baixo! Há negócios que ninguém deve ouvir.

– Bah! Quem? O vizinho? Eu o vi sair agora mesmo. Será que aquele asno ouve alguma coisa? E, depois, já lhe disse que o vi sair.

Contudo, por uma espécie de instinto, Jondrette abaixou a voz, não tanto que não pudesse ser ouvido por Marius. Uma circunstância favorável, e que havia permitido a Marius ouvir toda a conversa, era que a neve acumulada na rua abafava o ruído das carruagens.

Eis o que Marius ouviu:

– Escute bem. O Creso está pego! É como se já estivesse. Já está feito. Tudo está arranjado. Falei até com algumas pessoas. Ele virá esta noite às seis horas trazer-me os sessenta francos, o canalha! Viu como inventei toda aquela história: sessenta francos, meu locatário, 4 de fevereiro! Não se trata mais do aluguel! Ele virá às seis horas! É a hora em que o nosso vizinho vai jantar. A porteira Bougon vai não sei aonde lavar a louça. Não fica mais ninguém na casa. O vizinho nunca

volta antes das onze. As meninas ficarão de vigia. Você me ajudará, e ele terá de *se explicar*.

– E se ele não se explicar? – perguntou a mulher.

– Explicamo-lo nós.

E desandou a rir.

Era a primeira vez que Marius o via rir. Seu riso era frio e calmo, causava arrepios.

Jondrette abriu um armário que estava ao lado da lareira, tirou dali um velho boné e o pôs à cabeça depois de o ter escovado com a manga do casaco.

– Agora – disse ele –, vou sair. Preciso ver ainda algumas pessoas. Você vai ver como tudo sairá às mil maravilhas. Vou demorar-me o mínimo possível. O negócio é bom demais. Cuide da casa.

E, com as mãos enfiadas nos bolsos, ficou por um momento pensativo; depois exclamou:

– Sabe que até foi bom ele não me ter reconhecido? Se me tivesse reconhecido, por certo não voltaria e nos escaparia! Foi a barba que me salvou! Minha barbicha romântica! Minha linda barbicha romântica!

E continuou a rir. Foi até a janela. A neve continuava a cair, riscando o céu pardacento.

– Que diabo de tempo! – disse.

Depois, abotoando o sobretudo:

– O casaco é muito grande. Não faz mal – acrescentou –, ele acertou em cheio deixando-o para mim, o velho tratante! Sem isto, eu não poderia sair e tudo iria por água abaixo! Do que dependem as coisas!

E, enfiando o boné até os olhos, saiu.

Apenas teve tempo de dar alguns passos para fora quando a porta tornou a se abrir e seu perfil astuto e inteligente reapareceu pela abertura.

– Ia-me esquecendo. Prepare um fogareiro de carvão.

E jogou no avental da mulher a moeda de cinco francos que o *filantropo* lhe havia dado.

– Um fogareiro de carvão? – perguntou a mulher. – É.

– Quanto fogo?

– Dois bons tições.

– Isso vai custar trinta soldos. Com o resto, vou comprar alguma coisa para jantar.

– Diabo, não!

– Por quê?

– Não vá gastar todo o dinheiro.

– Por quê?

– Porque eu também preciso comprar alguma coisa.

– O quê?

– Uma coisa.

– Quanto vai precisar?

– Há algum ferrageiro por aqui?

– Há; na Rue Mouffetard.

– É mesmo, na esquina; estou vendo a loja.

– Mas diga-me de uma vez, de quanto precisa para o que vai comprar?

– Cinquenta soldos; três francos.

– Não sobra quase nada para o jantar.

– Hoje não se trata de comer. Temos mais que fazer.

– Isso basta, minha joia.

A essa palavra da mulher, Jondrette fechou a porta, e dessa vez Marius pôde ouvir-lhe os passos afastando-se pelo corredor do pardieiro, descendo rapidamente a escada.

Deu uma hora na Tour de Saint-Médard.

XIII | *SOLUS CUM SOLO, IN LOCO REMOTO, NON COGITABUNTUR ORARE PATER NOSTER* [182]

Marius, por mais sonhador que fosse, era, como dissemos, de natureza firme e enérgica. Os hábitos de solidão, desenvolvendo-lhe no íntimo sentimentos de simpatia e de compaixão, haviam talvez diminuído sua faculdade de se irritar, deixando-lhe intacta a faculdade de se indignar; ele tinha a magnanimidade de um brama e a severidade de um juiz; sentia pena de um sapo, mas esmagava qualquer serpente. Ora, seu olhar acabava de penetrar numa cova de serpentes, num ninho de monstros.

– Preciso esmagar esses miseráveis! – disse.

Nenhum dos enigmas que esperava dissipar se tinha esclarecido; pelo contrário, tornaram-se talvez ainda mais confusos; não sabia nada de novo

acerca da bela menina do Luxembourg e do homem a quem chamava de Sr. Leblanc, senão que Jondrette o conhecia. Através das palavras tenebrosas que ouvira, entrevia distintamente que alguma coisa, alguma armadilha se preparava; não sabia bem de que se tratava, mas tinha certeza de que era algo terrível; ambos corriam grande perigo, ela provavelmente, ele com toda a certeza; era preciso salvá-los, destruir as hediondas combinações dos Jondrette e romper a teia daquelas aranhas.

Observou por um momento a velha Jondrette. Ela foi buscar num canto um velho fogareiro de lata e procurava alguma coisa no meio de ferros-velhos.

Marius desceu da cômoda com o maior cuidado possível, procurando evitar qualquer ruído.

Temendo pelo que ia acontecer e horrorizado pelo que ouvira dos Jondrette, sentiu certa alegria à ideia de que talvez pudesse prestar esse favor à criatura amada.

Mas como fazer? Avisar as pessoas em perigo? Mas onde encontrá-las, se não sabia onde moravam? Elas apareceram momentaneamente a seus olhos, voltando depois a mergulhar no grande enigma que é Paris. Esperar o Sr. Leblanc na porta às seis horas, na hora em que chegasse, prevenindo-o da cilada? Mas Jondrette e sua gente o veriam à espreita. O lugar era deserto, eles seriam mais fortes, encontrariam meios de o vencer, de afastá-lo, e aquele que Marius queria salvar estaria perdido. Acabava de dar uma hora. A cilada estava preparada para as seis da tarde. Marius tinha cinco horas à sua frente.

Só havia uma coisa a fazer.

Vestiu o casaco, pôs um lenço no pescoço, pegou o chapéu e saiu, sem fazer mais barulho do que se estivesse andando descalço sobre a relva.

A velha Jondrette continuava a remexer nos ferros-velhos.

Logo que se viu fora de casa, Marius dirigiu-se para a Rue Petit-Banquier.

Estava mais ou menos no meio da rua, perto de um muro bastante baixo que em alguns lugares se pode até pular e que cerca um terreno baldio; andava devagar, preocupado, como era natural, e a neve abafava-lhe o ruído dos passos; de repente ouviu vozes bem perto de onde estava. Olhou para trás. A rua estava deserta, não havia ninguém; era dia claro, e, no entanto, ouvira distintamente aquelas vozes.

Teve a ideia de olhar por cima do muro. Com efeito, ali estavam dois homens encostados, sentados na neve, conversando em voz baixa. Eram-lhe ambos desconhecidos; um tinha barbas compridas, usava blusão; o outro tinha uma

cabeleira enorme e vestia-se de trapos. O primeiro usava um gorro grego; o outro tinha a cabeça e os cabelos cheios de neve.

Debruçando-se por cima do muro, Marius pôde ouvir o que diziam.

O cabeludo acotovelava o outro e dizia:

– Com Patron-Minette não pode falhar.

– Você acha? – disse o barbudo.

E o primeiro continuou:

– Cada um receberá quinhentos *bagarotes*, e o pior que pode acontecer é cinco anos, seis anos, dez anos, no máximo.

O outro respondeu algo hesitante, coçando a cabeça sob o gorro grego.

– Bom, a coisa é mesmo boa. Não se pode negar.

– Mas eu lhe digo que o negócio não falha – replicou o da cabeleira. – A carruagem do Sr. Coisa estará em ação.

Depois, começaram a falar de um melodrama assistido na véspera no teatro La Gaîté.[183] Marius continuou a andar.

Parecia-lhe que as palavras obscuras daqueles homens, tão estranhamente escondidos por trás daquele muro e acocorados na neve, talvez tivessem alguma ligação com os abomináveis projetos de Jondrette. *O negócio* deveria ser o mesmo.

Dirigiu-se para o Faubourg Saint-Marceau e perguntou, na primeira loja que encontrou, onde poderia falar com um comissário de polícia. Indicaram-lhe a Rue Pontoise, número 14. Marius foi até lá.

Passando diante de uma padaria, comprou um pão de dois soldos e o comeu, prevendo que naquela noite não iria jantar.

Enquanto caminhava, fez justiça à Providência. Pensou que, se não tivesse dado seus cinco francos à jovem Jondrette, teria seguido o fiacre do Sr. Leblanc e, por consequência, nada saberia das tramas de Jondrette, e, não podendo desfazer aquela cilada, sem dúvida o Sr. Leblanc e sua filha estariam perdidos.

XIV | UM AGENTE DE POLÍCIA DÁ DUAS PISTOLAS A UM ADVOGADO

Chegando ao número 14 da Rue Pontoise, subiu até o primeiro andar e perguntou pelo Comissário de Polícia.

– O senhor Comissário de Polícia não está – disse um escrevente qualquer –,

mas há um Inspetor que o substitui. Quer falar com ele? O caso é urgente?

– É – respondeu Marius.

O escrevente introduziu-o no escritório do Comissário. Um homem alto estava ali de pé, por trás de uma grade, apoiado a uma estufa, levantando com as duas mãos a tríplice gola de um grande sobretudo. Tinha um rosto quadrado, boca pequena e firme, espessas suíças grisalhas e ameaçadoras, um olhar capaz de esvaziar bolsos. Poder-se-ia dizer daquele olhar que não penetrava, mas revistava.

O homem não tinha aspecto menos feroz nem menos temível que Jondrette; muitas vezes é tão preocupante o encontro de um cão de fila quanto o de um lobo.

– Que quer? – disse a Marius, sem tratá-lo de senhor.

– O senhor é o Comissário de Polícia?

– Ele está ausente; faço-lhe as vezes.

– Trata-se de um assunto muito particular.

– Então fale. – É urgente.

– Então fale depressa!

Aquele homem, calmo e brusco, era ao mesmo tempo medonho e tranquilizador. Inspirava medo e confiança. Marius relatou-lhe a sua aventura. Que uma pessoa que ele só conhecia de vista deveria naquela mesma noite cair numa cilada. Que, morando num quarto vizinho, ele, Marius Pontmercy, advogado, ouvira tudo através de uma abertura. Que o celerado que imaginara a armadilha era um tal de Jondrette; que este teria cúmplices, provavelmente os malandros das barreiras, entre outros um tal Panchaud, conhecido por Printanier ou Bigrenaille. Que as filhas de Jondrette serviriam de sentinela; que não havia modo algum de prevenir o homem em questão, pois Marius não sabia nem sequer o seu nome. Que, enfim, tudo estava preparado para as seis horas daquele dia, no ponto mais deserto do Boulevard de l’Hôpital, na casa número 50-52.

Ao ouvir esse número, o Inspetor levantou a cabeça e disse friamente:

– Então, é no quarto do fundo do corredor.

– Precisamente – disse Marius. E acrescentou: – O senhor já conhece essa casa?

O Inspetor ficou calado por alguns instantes: depois respondeu, aquecendo a sola das botinas à boca da estufa.

– Aparentemente.

E continuou entre dentes, falando menos a Marius do que à própria gravata:

– Deve haver alguma coisa de Patron-Minette nisso tudo.

Essas palavras impressionaram a Marius.

– Patron-Minette! – disse. – Com efeito, ouvi falar nesse nome.

E contou ao Inspetor de Polícia o diálogo que ouvira entre o homem de barba e o de cabeleira, sentados na neve por trás do muro, na Rue Petit-Banquier.

O Inspetor resmungou:

– O de cabeleira deve ser Brujon, e o de barba deve ser Demi-Liard, vulgo Deux-Milliards.

Baixou novamente os olhos e pôs-se a pensar.

– Quanto ao *Sr. Coisa*, estou imaginando. Pronto! Queimei o sobretudo! Essas malditas estufas fazem muito fogo. O número 50-52. Antiga propriedade Gorbeau.

Em seguida, olhou para Marius.

– Não viu ninguém mais, além do tal barbudo e do cabeleira?

– E Panchaud.

– Não viu passeando por lá uma espécie de molequinho do diabo?

– Não.

– Nem um mastodonte enorme, semelhante a um elefante do Jardim Botânico?

– Não.

– Nem um demônio com ares de pinto-calçudo?

– Não.

– Quanto ao quarto, ninguém o vê, nem seus ajudantes, nem seus empregados. Não me admiro que não o tenha visto.

– Não. Mas que gente é essa de que o senhor está falando? – perguntou Marius.

O Inspetor respondeu:

– Além do mais, não é a hora deles.

E voltou a seu silêncio. Depois continuou:

– 50-52. Conheço o lugar. É impossível a gente esconder-se lá dentro sem que os artistas percebam; então, simplesmente transfeririam o espetáculo para outro dia. São tão modestos! O público os incomoda. Não; isso não! Quero ouvi-los cantar e fazê-los dançar.

Terminado o monólogo, voltou-se para Marius e perguntou, olhando-o fixamente:

– Está com medo?

– De quê? – disse Marius.

– Desses homens?

– Tanto quanto do senhor! – replicou Marius, começando a notar que o beleguim ainda não o chamara de senhor.

O Inspetor encarou Marius mais fixamente ainda e replicou com uma espécie de solenidade sentenciosa:

– O senhor fala como homem destemido e honesto. A coragem não teme o crime e a honestidade não teme a autoridade.

Marius interrompeu:

– Está bem; mas o que pretende fazer?

O Inspetor limitou-se a responder:

– Os locatários daquela casa devem ter uma chave para poderem entrar à noite. Portanto, o senhor deve ter a sua.

– Tenho – respondeu Marius.

– Está aí consigo?

– Está.

– Dê-ma – disse o Inspetor.

Marius tirou a chave do bolso do colete e a entregou ao Inspetor, dizendo:

– Sou da opinião de que deveria levar algum reforço.

O Inspetor lançou a Marius o olhar de Voltaire a um acadêmico de província que lhe propusesse alguma rima; enfiou ao mesmo tempo as duas mãos enormes nos grandes bolsos do sobretudo, tirou duas pequenas pistolas de aço e apresentou-as a Marius, dizendo com vivacidade e rapidez:

– Tome isto aqui. Volte para casa. Esconda-se no quarto de tal modo que o julguem fora de casa. Estão carregadas. Cada uma tem duas balas. Fique observando. Como me disse, há um buraco na parede. O pessoal chega. Deixe-os um pouco à vontade. Quando julgar a coisa no ponto exato em que deve ser interrompida, dê um tiro de pistola. Não muito cedo, porém. O resto é comigo. Um tiro de pistola para o ar, no teto, não importa onde. Cuidado para não atirar cedo demais. Espere que a coisa comece. Como é advogado, deve saber o que isso significa.

Marius pegou as armas e guardou-as nos bolsos do casaco.

– Não, aí não! – disse-lhe o Inspetor; – aí qualquer pessoa nota. Guarde-as nos bolsos de dentro.

Marius obedeceu.

– Agora – prosseguiu o Inspetor –, não temos tempo a perder. Que horas são? Duas e meia. A coisa é às sete horas?

– Às seis – disse Marius.

– Tenho tempo – retrucou o Comissário –, mas o tempo absolutamente necessário. Não esqueça nada do que eu lhe disse. Pum! Um tiro de pistola.

– Fique tranquilo – respondeu Marius.

Quando já punha a mão na maçaneta da porta para sair, o Inspetor gritou:

– A propósito, se precisar de mim até lá, venha aqui ou mande alguém no seu lugar. É só procurar pelo Inspetor Javert.

XV | JONDRETTE FAZ COMPRAS

Alguns minutos depois, mais ou menos às três horas, Courfeyrac passava por acaso pela Rue Mouffetard na companhia de Bossuet. A neve aumentara e enchia o espaço. Bossuet estava para dizer a Courfeyrac:

– Vendo esta neve cair, dir-se-ia que há no céu uma peste de borboletas brancas. – De repente, Bossuet viu Marius, que subia a rua em direção à barreira, com modos bastante esquisitos.

– Olhe! – disse Bossuet –, ali vai Marius.

– Já o vi – disse Courfeyrac. – Não vamos falar com ele.

– Por quê?

– Está ocupado.

– Em quê?

– Não está vendo?

– O quê?

– Parece que está seguindo alguém.

– É verdade – disse Bossuet.

– Repare o jeito dele! – retrucou Courfeyrac.

– Mas quem diabo ele está seguindo?

– Alguma saia! Está apaixonado.

– Mas – observou Bossuet –, o caso é que não estou vendo nenhuma saia pela rua. Não há nenhuma mulher por aqui.

Courfeyrac olhou e exclamou:

– Ele está seguindo um homem!

Com efeito, um homem de boné caminhava uns vinte passos na frente de Marius; embora o vissem de costas, puderam perceber que sua barba era grisalha.

Estava de sobrecasaca nova, muito grande para ele, e usava calças rasgadas sujas de lama.

Bossuet deu uma gargalhada.

– Quem será esse homem?

– Ora – replicou Courfeyrac –, é algum poeta! Os poetas gostam de andar com calças de comerciantes trapeiros de peles de coelho e sobrecasaca de Pares de França.

– Vejamos para onde vai Marius – disse Bossuet –, vejamos para onde vai aquele homem! Vamos atrás deles?

– Bossuet! – exclamou Courfeyrac. – Águia de Meaux! Que prodígio de burrice é você! Seguir um homem que segue outro homem!

E ambos voltaram.

Marius, com efeito, vira Jondrette passar pela Rue Mouffetard e o espreitava.

Jondrette caminhava em sua frente, sem perceber que alguém o espionava.

Deixou a Rue Mouffetard e Marius o viu entrar numa das mais medonhas baiucas da Rue Gracieuse, onde se demorou mais ou menos um quarto de hora, voltando depois para a Rue Mouffetard. Parou, ainda, numa loja de ferragens que havia naquela época na esquina da Rue Pierre-Lombard e, alguns minutos depois, Marius o viu sair, trazendo um grande formão com cabo de madeira branca, que escondeu debaixo da sobrecasaca. À altura da Rue Petit-Gentilly, virou à esquerda e alcançou rapidamente a Rue Petit-Banquier. O dia declinava; a neve, que cessara por um momento, começou novamente a cair; Marius escondeu-se na própria esquina da Rue Petit-Banquier, deserta como sempre, e deixou de seguir Jondrette. Fez muito bem, porque, chegando perto do muro onde ouvira o diálogo do homem barbudo com o de cabelos compridos, Jondrette voltou-se, certificou-se de que ninguém o seguia ou espionava, pulou o muro e desapareceu.

O terreno baldio, que o muro fechava, comunicava-se com os fundos do quintal de um antigo proprietário de carruagens de aluguel, de muito má fama, que abrira falência e que guardava ainda alguns velhos churriões debaixo dos telheiros.

Marius julgou que seria bom aproveitar-se da ausência de Jondrette para

voltar a seu quarto; aliás, o tempo corria. Todas as tardes, *Mame* Bougon, antes de sair para lavar as louças na cidade, tinha o costume de trancar a porta da rua, que sempre ficava fechada àquela hora. Marius entregara a chave ao Inspetor de Polícia; portanto, precisava apressar-se.

Era quase noite escura; já não havia no horizonte, ou na imensidade, senão um único ponto iluminado pelo sol: a lua. Ela erguia-se avermelhada por trás da cúpula da Salpêtrière.

Marius encaminhou-se a passos largos para o número 50-52. A porta ainda estava aberta quando chegou. Subiu as escadas na ponta dos pés, esgueirando-se encostado à parede até chegar ao quarto. O corredor, como os leitores devem estar lembrados, era ladeado por quartos de aluguel, no momento sem inquilinos. *Mame* Bougon habitualmente deixava as portas abertas. Ao passar pela frente de uma das portas, Marius julgou perceber, num dos quartos vazios, quatro cabeças de homens imóveis, vagamente iluminadas por um resto de luz que penetrava por uma fresta. Não procurou ver mais, temendo ser visto. Conseguiu chegar ao seu quarto sem fazer o mínimo ruído e sem que ninguém o visse entrar. Já era tempo. Um momento depois, ouviu *Mame* Bougon sair e fechar a porta da rua.

XVI | OUVE-SE NOVAMENTE A CANÇÃO COM MÚSICA INGLESA MUITO EM MODA EM 1832

Marius sentou-se na cama. Seriam então cinco horas e meia. Somente meia hora o separava do que estava por acontecer. Ouvia bater as artérias como se fossem um relógio na escuridão. Pensava na dupla marcha que, naquele momento, se efetuava nas trevas; o crime avançando por um lado, a justiça por outro. Não sentia medo, mas não podia pensar sem alguma inquietação no que ia acontecer. Como todos os que se veem de repente envolvidos numa aventura inesperada, todo aquele dia lhe parecia um sonho, e, para não se julgar vítima de um pesadelo, tinha necessidade de sentir nos bolsos o frio das duas pistolas de aço.

Já não nevava; a lua, cada vez mais brilhante, libertava-se do nevoeiro, e seu brilho, mesclado ao reflexo branco da neve, dava ao quarto um ar de crepúsculo.

Havia luz no quarto dos Jondrette. Marius via a abertura da parede brilhar com um clarão vermelho, que lhe parecia cor de sangue.

Era claro que aquele brilho não podia ser produzido por uma vela comum. Quanto ao mais, no quarto dos Jondrette não se notava nenhum movimento, ninguém falava, não se sentia o mínimo sopro; o silêncio era glacial e profundo;

sem aquela luz, julgar-se-ia estar ao lado de um sepulcro.

Marius tirou cuidadosamente as botinas e empurrou-as para debaixo da cama.

Passaram-se alguns minutos. Marius ouviu a porta da rua abrir; um passo pesado e rápido subiu as escadas e adiantou-se pelo corredor; a porta do tugúrio abriu-se ruidosamente; era Jondrette que estava de volta.

Logo em seguida ouviram-se várias vozes. Toda a família estava reunida, mas se conservava calada na ausência do chefe, como os filhotes do lobo na ausência do pai.

– Sou eu – disse ele ao entrar.

– Boa noite – ganiram as meninas.

– Então? – disse a mãe.

– Tudo às mil maravilhas – respondeu Jondrette –, mas estou com um frio dos diabos nos pés. Ainda bem que você se arrumou. Precisa inspirar confiança.

– Estou pronta para sair.

– Você não vai se esquecer de nada do que lhe disse? Vai fazer tudo direitinho?

– Fique tranquilo.

– É que… – disse Jondrette. E não acabou a frase.

Marius o ouviu colocar um objeto pesado sobre a mesa, provavelmente o formão que havia comprado.

– Ah! – retrucou Jondrette. – Já comeram?

– Já – respondeu a mãe –, comprei três batatas bem grandes e sal. Aproveitei o fogo para cozinhá-las.

– Bom – continuou Jondrette –, amanhã levá-las-ei para jantar na minha companhia. Haverá pato e seus acessórios. Hão de jantar como verdadeiros Carlos x. Tudo está ótimo.

Depois, acrescentou em voz baixa:

– A ratoeira está aberta. Os gatos lá estão.

Abaixou mais ainda a voz e disse:

– Ponha isto no fogo.

Marius ouviu remexerem o carvão com uma tenaz ou um pedaço de ferro, e Jondrette prosseguiu:

– Pôs óleo nas dobradiças da porta para que não façam barulho?

– Pus – respondeu a mulher.

– Que horas são?

– Quase seis. Acabou de bater cinco e meia na Tour de Saint-Médard.

– Diabo! – exclamou Jondrette. – É preciso que as meninas fiquem de vigia. Vocês, venham aqui e ouçam bem.

Cochicharam não sei o quê. Depois Jondrette tornou a levantar a voz:

– Mme. Bougon já saiu?

– Já – respondeu a mãe.

– Está certa de que não há ninguém aí no vizinho?

– Durante o dia ele não voltou, e depois você sabe que está na hora de ele ir jantar.

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Dá na mesma – prosseguiu Jondrette –, mas não é nada mau averiguar se ele está ou não. Minha filha, pegue a vela e vá até lá.

Marius deixou-se cair silenciosamente sobre as mãos e os joelhos e meteu-se debaixo da cama. Apenas se escondera, viu uma luz através das fendas da porta.

– Pai – gritou uma voz –, ele saiu.

Marius reconheceu a voz da menina mais velha.

– Você entrou? – perguntou o pai.

– Não – respondeu a filha –, mas a chave está na porta; quer dizer que ele saiu!

O pai gritou:

– Não faz mal; entre assim mesmo.

A porta se abriu, e Marius viu a jovem Jondrette com uma vela na mão. Ela estava como de manhã, um pouco mais feia à luz da vela.

Foi direto à cama. Marius teve um inexprimível momento de ansiedade; mas, perto da cama, havia um espelho pendurado na parede; era para lá que ela se dirigia. Ela levantou-se na ponta dos pés e mirou-se ao espelho. No quarto vizinho, ouvia-se um ruído de ferros remexidos.

Ela alisava os cabelos com a palma da mão e sorria ao espelho, enquanto cantarolava, com voz rouquenha e sepulcral:

Nos amours ont duré toute une semaine,
Mais que du bonheur les instantes sont courts!
S’adorer huit jours, c’était bien la peine!
Le temps des amours devrait durer toujours!
Devrait durer toujours! Devrait durer toujours![184]

Marius tremia. Parecia-lhe impossível que ela não lhe ouvisse a respiração.

A jovem dirigiu-se à janela e olhou para fora, falando alto, com aquele jeito meio extravagante que lhe era peculiar.

– Como Paris é feia quando veste essa blusa branca! – disse ela.

Voltou novamente ao espelho, fez diversas poses, olhando-se sucessivamente de frente e de lado.

– Então! – gritou o pai. – Que é que está fazendo aí?

– Estou olhando debaixo da cama e dos móveis – respondeu ela, continuando a arrumar os cabelos –; não há ninguém aqui!

– Estúpida! – berrou o pai. – Já para cá! Nada de perder tempo.

– Já vou! já vou! – disse ela. – Aqui não se tem tempo para nada! E cantarolou:

Vous me quittez pour aller à la gloire,
Mon triste cœur suivra partout vos pas.[185]

Mirou-se ainda uma vez no espelho e saiu, fechando a porta.

Pouco depois, Marius ouviu o ruído dos pés descalços das duas meninas no corredor e a voz de Jondrette, que gritava:

– Prestem bem atenção! Uma do lado da barreira, outra na esquina da Rue Petit-Banquier. Não percam de vista nem por um minuto a porta da casa e, logo que notem algo de anormal, corram imediatamente para cá! Já estão com a chave da porta.

A mais velha resmungou:

– Montar sentinela com os pés descalços, na neve!

– Amanhã vocês terão sapatinhos de seda cor de escaravelho!

Ambas desceram a escada; alguns segundos depois o barulho da porta da rua que se fechava indicou que elas já haviam saído.

Na casa havia apenas Marius, os Jondrette e provavelmente também os seres misteriosos entrevistos no crepúsculo por trás da porta de um dos quartos vazios.

XVII | PARA QUE SERVIU A MOEDA DE CINCO FRANCOS DE MARIUS

Marius achou que chegara o momento de voltar ao posto de observação. Num abrir e fechar de olhos, com a ligeireza própria da idade, já estava novamente em cima da cômoda.

Olhou.

O interior do quarto dos Jondrette tinha um aspecto singular. Marius achou logo explicação para a estranha claridade que havia notado. Uma vela brilhava num castiçal coberto de azebre, mas não era ela que iluminava realmente o quarto. Toda a sala como que brilhava à luz de um grande fogareiro de lata colocado bem perto da lareira; o fogareiro que havia sido preparado pela velha Jondrette. O carvão ardia e o fogareiro estava vermelho; uma chama azul dançava-lhe na boca, tornando bem distintas as linhas do formão comprado por Jondrette na Rue Pierre-Lombard, brilhando em meio ao braseiro.Viam-se a um canto, perto da porta, e como que dispostos previdentemente, dois volumes, um dos quais parecia um montão de ferros, o outro um rolo de cordas. Tudo isso, para quem nada soubesse do que se preparava, faria pensar em algo extremamente simples ou em qualquer coisa tremendamente sinistra.O covil assim iluminado assemelhava-se mais a uma forja do que à boca do inferno, mas Jondrette, àquela luz, parecia-se mais a um demônio do que a um ferreiro.

O calor do braseiro era tal que a vela colocada em cima da mesa derretia-se toda de um só lado. Uma velha lanterna de cobre, cuja abertura podia ser regulada, digna de Diógenes transformado em Cartouche, estava em cima da lareira.

O fogareiro fora colocado dentro da lareira quase apagada, que lhe servia de chaminé, de modo a não se espalhar a mínima fumaça.

A luz da lua, entrando pela vidraça, lançava sua brancura naquele quarto avermelhado e flamejante; e para o espírito poético de Marius, inclinado aos sonhos mesmo nos momentos de ação, era como que um pensamento do céu mesclado aos sonhos mesquinhos da terra.

O vento, que ali penetrava, pela vidraça quebrada, contribuía para dissipar a fumaça e dissimular o fogareiro. O covil de Jondrette, se os leitores não se esqueceram do que já dissemos acerca do pardieiro Gorbeau, era admiravelmente próprio para servir de teatro a um ato de violência, para ocultar um crime. Era o quarto mais afastado da casa mais isolada no bairro mais deserto de Paris. Se ali não houvesse alguma cilada, seria necessário inventá-la.

Todo o corpo da casa e os numerosos quartos vazios separavam aquela toca da rua, e a única janela existente dava para terrenos baldios cercados de muros e

sebes.

Jondrette acendera o cachimbo, sentara-se na cadeira quebrada e fumava. A mulher falava-lhe em voz baixa.

Se Marius fosse Courfeyrac, isto é, um desses homens que riem em todas as ocasiões da vida, teria estourado de rir ao ver a velha Jondrette. Usava chapéu preto com penas em tudo semelhante aos chapéus dos arautos de armas usados na sagração de Carlos x, um imenso xale escocês caindo por cima da saia de malha e os sapatos de homem, os mesmos que a filha rejeitara pela manhã. Essa toalete é que inspirava ao velho Jondrette a exclamação: – *Ainda bem que você se arrumou. Precisa inspirar confiança!*

Quanto a Jondrette, ainda estava com a sobrecasaca nova, muito grande para ele, presente do Sr. Leblanc, continuando a oferecer o contraste entre o casaco e as calças, o que constituía aos olhos de Courfeyrac o ideal do poeta.

De repente, Jondrette levantou a voz:

– A propósito! Estou pensando. Com esse tempo, ele virá de fiacre. Acenda a lanterna e desça com ela lá para baixo. Fique atrás da porta. No momento em que ouvir a carruagem parar, abra depressa, ele sobe, você ilumina a escada e o corredor, e, enquanto ele entra aqui, você volta correndo, paga ao cocheiro e manda embora o fiacre.

– E o dinheiro? – perguntou a mulher.

Jondrette vasculhou os bolsos e lhe deu cinco francos.

– De onde vem isso? – perguntou a mulher.

– É o *monarca* que o vizinho nos deu esta manhã.

E acrescentou:

– Sabe? Precisamos de duas cadeiras.

– Para quê?

– Para sentar.

Marius sentiu um arrepio quando ouviu a mulher dar esta resposta tão simples:

– Não seja por isso! Vou buscá-las no vizinho.

E, rapidamente, abriu a porta e saiu para o corredor.

Marius mal teve tempo para descer da cômoda, ir até a cama e esconder-se.

– Leve a vela! – gritou Jondrette.

– Não, isso vai me atrapalhar; tenho que carregar duas cadeiras. A lua está clara.

Marius ouviu a pesada mão da velha Jondrette procurar, tateando, a chave da porta. A porta se abriu. Ele ficou pregado no lugar pelo medo e pela surpresa.

A mulher entrou.

A pequena janela deixava passar um raio de lua entre dois panos de sombras. Um deles cobria inteiramente a parede na qual Marius se encostara, de tal modo que o escondia completamente.

A mulher levantou os olhos, não viu Marius, pegou as duas cadeiras, as únicas que Marius possuía, e saiu, batendo ruidosamente a porta.

Em seguida, voltou ao tugúrio.

– Aqui estão as cadeiras.

– E aqui está a lanterna – disse o marido. – Desça bem depressa.

Ela obedeceu imediatamente e Jondrette ficou só.

Arrumou as cadeiras nos dois lados da mesa, virou o formão no braseiro, pôs diante da lareira um velho biombo para esconder o fogareiro; depois foi até o canto onde estava o rolo de cordas e abaixou-se como se para examinar alguma coisa. Marius pôde ver, então, que se tratava de uma escada de cordas muito benfeita, com degraus de madeira e ganchos nas extremidades.

Essa escada e alguns outros objetos, verdadeiras maças de ferro, misturados ao monte de metal que estava por trás da porta, pela manhã não se encontravam naquele lugar, tendo sido trazidos para ali evidentemente à tarde, enquanto Marius estivera ausente.

– São ferramentas de serralheiro – pensou Marius.

Se Marius fosse um pouco mais instruído no assunto, teria reconhecido que o que ele tomava por ferramentas de serralheiro eram instrumentos próprios para forçar uma fechadura ou uma porta, e outros capazes de cortar e talhar, duas famílias de objetos sinistros que os ladrões chamam de “brocas e segadeiras”.

A lareira e a mesa com duas cadeiras estavam precisamente na frente de Marius. Tendo sido escondido o fogareiro, o quarto estava iluminado somente pela vela; o mínimo objeto, colocado em cima da mesa ou da lareira, fazia uma sombra descomunal. Uma bilha de água escondia a metade de uma parede. Havia ali não sei que calma hedionda e ameaçadora. Sentia-se a expectativa de algo espantoso.

Jondrette deixara que o cachimbo se apagasse, grave sinal de preocupação, e voltara a sentar-se. A vela ressaltava-lhe os ângulos finos e rústicos do rosto. Enrugava as sobrancelhas e, de repente, estendia a mão direita como se respondesse aos últimos conselhos de um sombrio monólogo interior. Numa

dessas misteriosas réplicas que fazia a si mesmo, puxou depressa a gaveta da mesa, pegou uma faca de cozinha que ali se achava escondida e experimentou o corte na própria unha. Feito isso, tornou a colocar a faca na gaveta e fechou-a.

Marius, por sua parte, pegou a pistola que estava no bolso direito e a deixou armada. Ao engatilhá-la, ouviu-se um leve ruído claro e seco. Jondrette assustou-se e levantou-se um pouco da cadeira:

– Quem está aí? – gritou.

Marius prendeu a respiração, Jondrette prestou mais atenção por um instante e depois começou a rir, dizendo:

– Como sou besta! Foi o tabique que estalou.

Marius conservou a arma na mão.

XVIII | AS DUAS CADEIRAS DE MARIUS FRENTE A FRENTE

Súbito, a vibração longínqua e triste de um sino sacudiu a vidraça. Davam seis horas em Saint-Médard.

Jondrette marcou cada badalada com um movimento de cabeça. À sexta badalada, apagou a vela com os dedos. Em seguida, pôs-se a andar pelo quarto, escutou à porta, continuou a andar, tornou a escutar.

– Contanto que ele venha! – resmungou. Depois voltou à cadeira.

Apenas acabava de se sentar quando a porta se abriu. A velha Jondrette estava no corredor, fazendo uma horrível careta amável, que os buracos da lanterna iluminavam de baixo para cima.

– Entre, meu senhor – disse ela.

– Entre, meu benfeitor – repetiu Jondrette, levantando-se precipitadamente.

O Sr. Leblanc apareceu. Parecia muito sereno, o que o tornava singularmente venerável. Apenas entrou, depositou sobre a mesa quatro luíses.

– Sr. Fabantou – disse ele –, aqui tem para o aluguel e as primeiras necessidades. Depois, veremos.

– Deus o recompense, meu generoso benfeitor! – disse Jondrette. E, aproximando-se rapidamente da mulher: – Mande embora o fiacre!

Ela saiu, enquanto o marido prodigava cumprimentos e oferecia uma cadeira ao Sr. Leblanc. Um instante depois, ela voltou e lhe disse ao ouvido:

– Está feito!

A neve, que desde a manhã não havia parado de cair, estava tão espessa que

não se ouviu o fiacre chegar, como ninguém o ouviu quando se foi.

O Sr. Leblanc sentara-se. Jondrette tomara posse da outra cadeira em frente do Sr. Leblanc.

Agora, para se ter uma ideia da cena seguinte, é preciso que o leitor imagine aquela noite gelada, as ruas desertas da Salpêtrière cobertas de neve, estendendo-se brancas ao clarão da lua como enormes lençóis, a claridade dos lampiões avermelhando aqui e ali aqueles bulevares trágicos, as longas filas de olmos negros, nenhum transeunte talvez num círculo de um quarto de légua, o pardieiro Gorbeau em seu ponto mais deserto, mais terrível, mais tenebroso, e nesse pardieiro, no meio daquela solidão e daquelas trevas, o grande quarto dos Jondrette iluminado por uma vela, e naquele covil, dois homens sentados a uma mesa, o Sr. Leblanc, tranquilo, Jondrette, sorridente e terrível, sua mulher, a loba, a um canto, e, por trás do tabique, Marius, invisível, de pé, atento a cada palavra, ao mínimo movimento, olhando por uma fresta, com a arma em punho.

Marius, aliás, sentia-se horrorizado, mas não amedrontado. Apertava o cabo da pistola e julgava-se seguro. – Quando eu quiser, poderei prender esse miserável – pensava.

Ele sentia a polícia emboscada nas imediações, esperando o sinal convencionado, pronta a estender o braço.

Esperava também que daquele violento encontro entre Jondrette e o Sr. Leblanc se originasse alguma luz sobre tudo o que tanto desejava conhecer.

XIX | PREOCUPAÇÃO COM OS CANTOS ESCUROS

Apenas sentado, o Sr. Leblanc olhou para os catres vazios.

– Como vai a pequena? – perguntou.

– Mal – respondeu Jondrette, com um sorriso magoado e reconhecido –, muito mal, digno senhor. A irmã mais velha levou-a à Bourbe para fazer um curativo.[186] O senhor vai vê-las. Logo, logo, estarão aí.

– Mme. Fabantou parece-me estar bem melhor – prosseguiu o Sr. Leblanc, examinando a bizarra toalete da mulher, que, de pé, entre ele e a porta, como se já estivesse impedindo a saída, olhava-o em atitude ameaçadora, quase de combate.

– Está moribunda – disse Jondrette. – Mas que quer o senhor! Ela é corajosa! Não é uma mulher, é um boi.

A mulher, comovida com o cumprimento, retorquiu com trejeitos de monstro lisonjeado:

– Você é sempre tão bom para mim, Sr. Jondrette!

– Jondrette? – disse o Sr. Leblanc. – Pensei que se chamasse Fabantou!

– Fabantou, vulgo Jondrette! – retrucou imediatamente o marido. – Apelido de artista!

E, dirigindo à mulher um olhar que o Sr. Leblanc não percebeu, prosseguiu com uma inflexão de voz enfática e acariciante:

– Ah! meu senhor, é que nós sempre vivemos em paz, essa pobre mulher e eu! O que nos restaria, se não tivéssemos nem isso? Somos tão infelizes, meu respeitável senhor! Temos braços, mas não temos trabalho! Temos coração, mas não temos o que fazer! Não sei como é que o governo resolve isso, mas, palavra de honra, meu senhor, não sou jacobino, meu senhor, não sou republicano, não lhe quero mal, mas se eu fosse os ministros, palavra de honra, isso não andaria assim. Por exemplo, eu quis que minhas filhas aprendessem a trabalhar em cartonagem. O senhor me dirá: O quê! Um ofício? Isso mesmo! Um ofício! Um simples ofício! Um miserável ganha-pão! Que degradação, meu senhor! Que degradação quando já fomos o que fomos! Infelizmente, nada nos resta do tempo em que éramos ricos! Nada, a não ser uma só coisa; um quadro que muito aprecio, mas de que me privarei porque é preciso viver! É preciso viver!

Enquanto Jondrette falava, com uma espécie de aparente desordem que nada tirava à expressão sagaz e atenta de sua fisionomia, Marius levantou os olhos e percebeu no fundo do quarto alguém que ainda não tinha visto. Um homem acabava de entrar, tão sorrateiramente que não se ouvira nem o ruído da porta ao se abrir. Usava uma malha violeta, velha, usada, manchada, com um buraco em cada dobra, calças largas de veludilho, tamancos nos pés; sem camisa, tinha o pescoço nu, os braços descobertos e tatuados, o rosto pintado de negro. Sentara-se em silêncio, de braços cruzados, na cama mais próxima, e, como estava atrás da velha Jondrette, não podia ser visto senão confusamente.

Essa espécie de instinto magnético que adverte o olhar fez com que o Sr. Leblanc se voltasse quase ao mesmo tempo que Marius. Ele não pôde deixar de fazer um movimento de surpresa que não passou despercebido a Jondrette:

– Ah! Vejo que o senhor está olhando a sua sobrecasaca? – exclamou Jondrette, abotoando-a com um ar de satisfação. – Palavra de honra que ela me assenta muito bem.

– Quem é aquele homem? – disse o Sr. Leblanc.

– Aquele? É um vizinho. Não faça caso.

O vizinho tinha um aspecto singular. Contudo, no Faubourg Saint-Marceau, eram numerosas as fábricas de produtos químicos. Muitos operários ficavam com o rosto sujo de preto. Toda a pessoa do Sr. Leblanc respirava, aliás, uma confiança cândida e intrépida.

Replicou:

– Perdão. O que me dizia há pouco, Sr. Fabantou?

– Dizia, meu querido protetor – continuou Jondrette, apoiando-se à mesa e contemplando o Sr. Leblanc com olhos fixos e ternos, muito semelhantes aos olhos da jiboia –, eu lhe dizia que tenho um quadro para vender.

Ouviu-se um ligeiro ruído à porta. Acabava de entrar o segundo homem, que sentou na cama atrás da mulher de Jondrette. Como o primeiro, tinha os braços nus e uma máscara de tinta ou de fuligem. Conquanto, realmente, tivesse escorregado para dentro do quarto, não pôde deixar de ser visto pelo Sr. Leblanc.

– Não faça caso – disse Jondrette –, são inquilinos da casa. Então, como ia dizendo, tenho um quadro precioso… Olhe, senhor, veja!

Levantou-se, foi até a parede, ao pé da qual estava encostada a almofada de porta de que já falamos, e virou-a, deixando-a ainda apoiada à parede. Com efeito, era algo semelhante a um quadro, muito mal iluminado pela luz da vela. Marius nada podia distinguir, pois Jondrette estava entre ele e o quadro; apenas entrevia borradelas grosseiras e uma espécie de personagem principal, colorido com a espantosa crueza dos quadros de feira e das pinturas de biombo.

– O que é isso? – perguntou o Sr. Leblanc.

Jondrette exclamou:

– Uma pintura de mestre, um quadro de valor inestimável, meu senhor! Quero-o tanto como às minhas duas filhas; faz-me lembrar de tanta coisa! Mas como já disse, e não me desdigo, estou em má situação e não há outro jeito senão desfazer-me dele.

Fosse por acaso ou porque começasse a se inquietar, enquanto examinava o quadro, o olhar do Sr. Leblanc dirigiu-se para o fundo do quarto. Estavam agora ali quatro homens, três sentados na cama, um de pé, encostado à ombreira da porta, todos de braços nus, imóveis, com o rosto pintado de preto. Um dos que estavam sentados apoiava-se à parede, de olhos fechados, como se estivesse dormindo. Era um velho; os cabelos brancos caídos sobre o rosto negro eram horríveis. Os outros dois pareciam jovens. Um usava barba e o outro tinha os cabelos compridos. Nenhum deles estava calçado; os que não tinham tamancos

estavam descalços.

Jondrette notou que os olhos do Sr. Leblanc não perdiam de vista esses homens.

– São amigos, vizinhos – disse Jondrette. – Estão sujos porque trabalham no carvão. São foguistas. Não lhes dê importância, meu senhor, mas compre o meu quadro. Tenha pena da minha miséria. Não vou pedir muito. Quanto acha que vale?

– Mas – disse o Sr. Leblanc olhando Jondrette bem nos olhos, e como quem se põe em guarda –, isso é uma tabuleta de taverna. Deve valer três francos.

Jondrette respondeu com a maior doçura:

– Trouxe consigo a sua carteira? Contentar-me-ei com mil escudos.

O Sr. Leblanc levantou-se, encostou-se à parede e examinou rapidamente o quarto. Jondrette estava à sua esquerda, do lado da janela; à direita estavam a mulher e mais os quatro homens perto da porta. Estes nem sequer se moviam e pareciam ignorar sua presença. Jondrette recomeçou a falar em tom de lamentação, com os olhos tão vagos e a expressão tão dolorosa que o Sr. Leblanc poderia julgar que se tratava simplesmente de um homem enlouquecido pela miséria.

– Se o senhor não comprar o meu quadro, caro benfeitor – disse Jondrette –, estarei sem recursos, e só me restará jogar-me no rio. Quando penso que mandei minhas duas filhas aprender cartonagem, a fazer caixinhas para brindes… Mas para isso é preciso uma mesa com tábua numa das extremidades, para que os vidros não caiam no chão; é preciso um fornilho especial, uma vasilha com três compartimentos para as diferentes densidades de cola, segundo se usa madeira, papel ou pano; um trinchete para cortar papelão, um molde para dar-lhes forma, um martelo para pregar os reforços de metal, pincéis, o diabo, que sei eu? E tudo isso para ganhar quatro soldos por dia! Trabalhando-se catorze horas! E cada caixa passa treze vezes nas mãos do operário! E molhar o papel, conservar tudo limpo e deixar a cola sempre quente! O diabo, digo-lhe eu! Quatro soldos por dia! Como quer o senhor que a gente viva assim?

Enquanto falava, Jondrette não olhava para o Sr. Leblanc, que o observava. Os olhos do Sr. Leblanc estavam fixos em Jondrette e os de Jondrette estavam fixos na porta. A atenção palpitante de Marius ia de um a outro. O Sr. Leblanc parecia perguntar: “Será algum idiota?”. Jondrette repetiu duas ou três vezes, com toda espécie de inflexões do gênero elegíaco e suplicante: – Só me resta jogar-me no rio! Há alguns dias cheguei a descer três degraus para isso, dos

lados da Pont d’Austerlitz!

De repente, seus olhos apagados se iluminaram de um brilho hediondo. O homenzinho levantou-se e se tornou medonho, deu um passo em direção ao Sr. Leblanc e gritou-lhe com voz estrondosa:

– Mas não é disso que eu quero falar! Não me reconhece?

XX | A CILADA

A porta de entrada acabava de se abrir bruscamente, deixando ver três homens vestidos com blusões de zuarte, com o rosto oculto em máscaras de papel preto. O primeiro era magro e carregava um longo cajado com ponta de ferro; o segundo, uma espécie de gigante, segurava pelo cabo uma marreta usada para abater bois; o terceiro, de espáduas largas, menos magro que o primeiro, menos musculoso que o segundo, segurava fortemente uma chave enorme, roubada da porta de alguma prisão.

Parecia que Jondrette estava à espera desses três homens. Um diálogo rápido se estabeleceu entre ele e o homem de cajado, o mais magro.

– Tudo pronto? – disse Jondrette.

– Tudo – respondeu o mais magro.

– Onde está Montparnasse?

– O *galã* demorou-se, conversando com a sua filha.

– Qual delas?

– A mais velha.

– Há algum fiacre lá embaixo?

– Há.

– Os cavalos estão atrelados?

– Estão.

– Dois, dos bons?

– Excelentes.

– Está esperando no lugar onde eu mandei?

– Está.

– Bem – disse Jondrette.

O Sr. Leblanc estava palidíssimo. Olhava para tudo o que havia naquele covil, como homem que compreende onde foi cair, e sua cabeça, sucessivamente

dirigida para todos os que o rodeavam, movia-se com lentidão atenta e admirada, sem demonstrar nada que parecesse medo. Fizera da mesa uma trincheira improvisada e esse que, um momento antes, não parecia mais que um bom velho, subitamente se transformou numa espécie de atleta, apoiando os punhos robustos no encosto da cadeira, com um aspecto temível e surpreendente.

O velho, tão resoluto e intrépido diante desse perigo, parecia uma dessas naturezas que se mostram tão corajosas quanto boas, muito natural e simplesmente. O pai da mulher amada nunca é um estranho qualquer. Marius sentiu-se orgulhoso daquele desconhecido.

Três dos homens de braços nus, os quais Jondrette dissera que eram "foguistas", haviam tirado do montão de ferro-velho uma grande tesoura, própria para cortar metais, uma alavanca e uma marreta, colocando-se à entrada da porta sem pronunciarem uma única palavra. O mais velho deles continuou sentado na cama, limitando-se a abrir os olhos. A velha Jondrette sentou-se ao seu lado.

Marius pensou que dali a alguns segundos chegaria o momento de intervir e levantou a mão direita para o teto, na direção do corredor, prestes a disparar a arma.

Jondrette, terminado o colóquio com o homem do cajado, voltou-se de novo para o Sr. Leblanc e repetiu a pergunta, acompanhando-a com aquela risada baixa, reprimida e terrível que lhe era própria.

– Então, não me reconhece?

O Sr. Leblanc olhou-o bem no rosto e respondeu:

– Não.

Jondrette aproximou-se da mesa. Inclinou-se por cima da vela, cruzou os braços, aproximando o queixo anguloso e feroz do rosto calmo do Sr. Leblanc, avançando o mais que podia sem que o Sr. Leblanc recuasse; e, naquela posição de animal selvagem que se repara para morder, gritou:

– Eu não me chamo Fabantou, nem Jondrette; meu nome é Thénardier! Sou o estalajadeiro de Montfermeil! Ouviu bem? Thénardier! Agora me reconhece?

Um rubor imperceptível passou pela fronte do Sr. Leblanc, e ele respondeu, sem que a voz lhe tremesse, nem se elevasse, com sua placidez habitual:

– Absolutamente não.

Marius não ouviu a resposta. Quem o tivesse visto naquele momento, naquela escuridão, vê-lo-ia desorientado, boquiaberto, fulminado. No momento em que Jondrette disse: – *Meu nome é Thénardier* – Marius tremeu dos pés à cabeça, apoiou-se à parede, como se tivesse sentido o frio da lâmina de uma espada

atravessando-lhe o coração. Depois, seu braço direito, pronto para dar o sinal convencionado, abaixara-se lentamente e, no momento em que Jondrette repetira: – *Ouviu bem? Thénardier!* –, seus dedos desfalecidos quase deixaram cair a arma. Jondrette, revelando quem era, não conseguira comover o Sr. Leblanc, mas estarreceu Marius. Aquele nome, Thénardier, que o Sr. Leblanc parecia desconhecer, Marius conhecia muito bem. Lembremo-nos do que esse nome representava para ele! Havia-o levado sobre o coração, escrito no testamento do pai! Continuava a levá-lo no mais íntimo de seus pensamentos, no fundo da memória, naquela recomendação: *Um tal Thénardier salvou-me a vida. Se meu filho o encontrar, faça-lhe todo o bem que puder.* Esse nome, como devem estar lembrados, era uma das devoções de sua alma; em seu culto, aliava-o ao nome do próprio pai. O quê! então aquele era Thénardier, aquele era o estalajadeiro de Montfermeil que por tanto tempo procurara em vão? Encontrara-o, enfim, e como? O salvador do pai era um bandido. O homem por quem Marius morreria de dedicação era um monstro! O libertador do Coronel Pontmercy estava prestes a cometer um atentado cuja forma Marius ainda não percebera suficientemente bem, mas que se assemelhava a um assassínio, e contra quem, grande Deus! Que fatalidade! Que amargo capricho da sorte! Seu pai lhe ordenara do fundo do caixão que fizesse o maior bem possível a Thénardier. Havia quatro anos que Marius não tinha outra preocupação senão saldar essa dívida, e, no momento em que ia entregar à justiça um salteador prestes a consumar um crime, o destino gritava-lhe: – É Thénardier! – A vida de seu pai, salva em meio à fuzilaria no campo heroico de Waterloo, iria enfim pagá-la àquele homem com o patíbulo! Ele havia decidido que, se o encontrasse, jamais se aproximaria dele a não ser de joelhos, e agora o encontrava para entregá-lo ao carrasco! Seu pai lhe dizia: – Socorra Thénardier! – e ele respondia a essa voz adorável e santa, pisando-o aos pés! Dar por espetáculo ao pai morto o homem que lhe havia salvo a vida no meio de mil perigos, executado na Place Saint-Jacques pelas mãos do seu filho, Marius, a quem ele próprio confiara! E que situação terrível: ter conservado junto ao coração durante tanto tempo as últimas vontades de seu pai, escritas pela sua mão, para agora fazer tudo ao contrário! Mas, por outro lado, assistir àquela cilada e nada fazer para impedi-la? Como poderia condenar a vítima e poupar o assassino? Como ser de algum modo reconhecido àquele miserável?

Todas as ideias que Marius alimentava havia quatro anos tinham sofrido um grande abalo com esse golpe inesperado. Marius tremia sem saber o que decidir. Tinha em suas mãos, sem que elas soubessem, o destino daquelas pessoas que se

agitavam ali, sob seus olhos! Se atirasse, o Sr. Leblanc estaria salvo e Thénardier, perdido; se não atirasse, o Sr. Leblanc seria sacrificado e, quem sabe, Thénardier escaparia. Condenar um ou deixar sucumbir o outro. Remorso de ambos os lados. Que fazer? Que escolher? Faltar a recordações tão imperiosas, a tantos compromissos íntimos, ao mais santo dever, ao texto mais venerado? Desprezar o testamento do pai ou deixar que se consumasse um crime! Marius julgava ouvir de um lado "Úrsula" suplicar-lhe pelo pai, e do outro o Coronel pedindo por Thénardier. Sentia que ia enlouquecer. Os joelhos se dobravam sob o seu peso. Não tinha nem mesmo tempo para tomar uma decisão, pois a cena que se desenrolava a seus olhos precipitava-se com fúria. Era como um turbilhão de que se julgava senhor e que, no entanto, o arrastava. Esteve a ponto de desmaiar.

Thénardier, contudo – daqui para a frente só o chamaremos por esse nome –, andava de uma extremidade a outra da mesa, numa espécie de desvairamento e de frenético triunfo.

Agarrou o castiçal e o colocou em cima da lareira com tal força que a vela quase se apagou, borrifando de sebo a parede.

Em seguida, voltou-se para o Sr. Leblanc, terrível, e cuspiu-lhe no rosto o que segue:

– Grelhado! Defumado! Guisado! *À la crapaudine*!

E continuou a andar, em plena explosão.

– Ah! – exclamou –, então o encontrei, meu caro filantropo! Caríssimo milionário esfarrapado! O querido doador de bonecas! Velho piegas! Ah! então não me reconhece! Não! Não foi o senhor que foi até Montfermeil, ao meu albergue, oito anos atrás, na noite de Natal de 1823! Não foi o senhor que levou de minha casa a filha de Fantine, a Cotovia! Não era o senhor que usava um casaco amarelo! Não! E um pacote cheio de trapos na mão, como hoje, aqui na minha casa! Diga, mulher! Ao que parece, isso já é mania: levar à casa dos outros pacotes cheios de meias de lã! Velho caridoso, vá! O senhor por acaso não será fabricante de tecidos, senhor milionário? Então dá aos pobres o material de sua própria loja, santo homem! Que funâmbulo! Então, não me reconhece? Pois bem, eu o reconheço! E o reconheci logo que meteu o focinho aqui. Ah, enfim vai ver que não é tão fácil assim entrar na casa da gente, sob o pretexto de que é um albergue, com roupas surradas, com tal cara de pobre que tive vontade de dar-lhe uma esmola, enganar as pessoas, fazer-se de generoso, roubar-lhes o ganha-pão, ameaçá-los no meio do bosque, e pensar que está quite, quando a gente está na miséria, dando de presente um sobretudo muito grande e dois

péssimos cobertores de santa-casa, velho espião, ladrão de crianças!

Thénardier parou e por um momento pareceu falar sozinho. Dir-se-ia que seu furor caía, como o Reno, em algum buraco; depois, como se terminasse em voz alta o que acabava de dizer só para si, deu um soco na mesa e gritou:

– E com esse ar bonacheirão!

Depois, apostrofando o Sr. Leblanc:

– Com os diabos! O senhor, da outra vez, riu-se de mim! O senhor é a causa de toda a minha desgraça! Comprou, por mil e quinhentos francos, uma menina minha, na certa filha de ricos, que já me rendera bastante dinheiro e que me daria com que viver para o resto da vida! Uma menina que me compensaria de tudo o que perdi naquela horrível baiuca onde só havia algazarras e onde eu comi estupidamente todo o meu pecúlio! Oh! como eu gostaria se todo o vinho que beberam lá fosse veneno para os meus fregueses! Enfim, não importa! Diga-me! Deve ter-me achado com cara de bobo quando se foi com a Cotovia! No bosque, o senhor estava armado com um cajado, e por isso era o mais forte. Vingança! Hoje, eu é que estou com as cartas na mão! Agora o senhor está perdido! Agora quem se ri sou eu. Caiu na esparrela! Eu lhe disse que era ator, que me chamava Fabantou, que já representei com Mlle. Mars, Mlle. Muche, que o meu proprietário exigia que o pagasse amanhã, 4 de fevereiro, e nem reparou que o trimestre vence no dia 8 de janeiro e não 4 de fevereiro! Absurdo cretino! E esses quatro miseráveis *filipes* que me traz! Canalha! Nem teve o bom coração de me dar cem francos pelo menos! E como acreditou nas minhas lorotas! Como me diverti! Eu disse comigo: – Ignorante! Vá, que eu já o tenho preso! – Hoje de manhã lambi-lhe as patas, mas à noite hei de roer-lhe o coração!

Thénardier calou-se. Estava sem fôlego. Seu peito estreito roncava como um fole. Os olhos estavam cheios da ignóbil felicidade própria de uma criatura fraca, cruel e covarde, que conseguiu, enfim, destruir quem a amedrontava e insultar quem outrora lisonjeava; alegria de anão pisando a cabeça de Golias, alegria do chacal devorando um touro enfermo, suficientemente morto para não reagir, bastante vivo para sofrer ainda.

O Sr. Leblanc não o interrompeu, mas disse-lhe, quando parou de falar:

– Não sei do que se trata. O senhor está-me tomando por outra pessoa! Sou pobre, não sou nenhum milionário. Eu não o conheço. Sem dúvida, está me tomando por outro.

– Ah! – suspirou Thénardier –, bela desculpa! O senhor insiste em fazer gracinhas! Continua sempre patinhando! Então não se recorda de mim! Não sabe

quem sou eu!

– Perdão, meu senhor – respondeu o Sr. Leblanc, com uma expressão delicada que naquele momento tinha algo de estranho e poderoso –, vejo que o senhor é mesmo um ladrão.

Como todos já sabem, as criaturas malvadas também têm sua suscetibilidade; os monstros são melindrosos. A essa palavra, ladrão, Mme. Thénardier pulou da cama e o marido agarrou-se à cadeira, como se a fosse esmagar entre as mãos. – Fique quietinha! – disse ele à mulher; e, voltando-se para o Sr. Leblanc:

– Ladrão! isso mesmo. Bem sei que os senhores ricos me chamam assim! É verdade, quebrei, ando fugindo, não tenho pão, não tenho vintém, sou um ladrão! Há três dias que não como, e por isso sou ladrão! Os senhores andam com os pés quentes, calçados em chinelos de Sakoski,[187] casacos forrados, como arcebispos, moram no primeiro andar de casas com porteiro, comem trufas e montes de aspargo a quarenta francos no mês de janeiro, devoram ervilhas, gabam-se disso tudo e, quando querem saber se faz frio, olham no jornal para ver quanto marca o termômetro do engenheiro Chevalier.[188] Aqui, nós é que somos os termômetros! Não temos necessidade de ir até o cais para ver na Torre do Relógio quantos graus faz de frio, porque sentimos o sangue parar nas veias e o gelo chegar-nos ao coração. Então dizemos: – Não existe Deus! – E o senhor vem até nossas cavernas, isso mesmo, cavernas, para nos chamar de ladrões! Mas nós os comeremos, os devoraremos, pobrezinhos! Senhor milionário, saiba de uma coisa: eu era um homem bem estabelecido, fui eleitor, sou um burguês, e talvez o senhor não seja nada disso!

Aqui Thénardier deu um passo na direção dos homens que estavam perto da porta e continuou com ênfase:

– Quando penso que ele tem a ousadia de me falar como se eu fosse um remendão!

Depois, dirigindo-se para o Sr. Leblanc, com maior ímpeto ainda:

– Senhor filantropo, saiba ainda mais que não sou nenhum vesgo! Não sou homem de quem se desconhece o nome e que vai roubar crianças nas casas dos outros! Sou um antigo soldado francês: devia ser condecorado. Estive em Waterloo! Salvei numa batalha um General chamado Conde de não sei o quê. Ele me disse como se chamava, mas com um diabo de voz tão fraca que não entendi. Só ouvi isto: *merci*. Apreciaria muito mais conhecer-lhe o nome do que ouvir agradecimentos. Assim poderia tornar a encontrá-lo. Esse quadro que aí está, pintado por David em Bruqueselles, sabe o que representa? Representa a

mim. David quis imortalizar esse grande feito de armas. Carrego o General às costas, em meio à metralha. Aí está toda a história! O General nada fez por mim; valia tanto quanto os outros! Nem por isso deixei de salvar-lhe a vida com perigo da minha, e hoje tenho o bolso cheio de certificados! Com os diabos! Sou um soldado de Waterloo! E agora que tive a bondade de lhe dizer tudo isso, acabemos de uma vez; eu preciso de dinheiro, mas de muito mesmo, ou eu o extermino, santo Deus!

Marius havia retomado algum domínio sobre a sua angústia, e escutava. A última possibilidade de dúvida acabava de se esvanecer. Tratava-se mesmo do Thénardier de que falava o testamento. Marius estremeceu à acusação de ingratidão dirigida a seu pai, acusação que estava a ponto de justificar tão fatalmente. Sua perplexidade aumentou. Aliás, havia em todas as palavras de Thénardier, na expressão, no gesto, no olhar que fazia brotar faíscas de cada palavra, naquela explosão que desnudava toda a maldade de um caráter, naquela mistura de fanfarronice e de abjeção, de orgulho e de mesquinhez, de raiva e de tolices, naquele caos de sentimentos reais e fingidos, naquela falta de pudor de um homem mau, como que saboreando a voluptuosidade da violência, naquela nudez desavergonhada de uma alma medonha, naquela luta travada entre todos os sentimentos e todos os ódios, havia em tudo isso qualquer coisa hedionda como o mal, e pungente como a verdade.

O quadro de mestre, a pintura de David, cuja venda havia proposto ao Sr. Leblanc, como o leitor deve ter adivinhado, nada mais era que a tabuleta do albergue, pintada, como já sabemos, por ele mesmo, único vestígio conservado de seu naufrágio em Montfermeil.

Como deixara de interceptar o campo de visão de Marius, este agora podia contemplá-lo e reconhecer realmente, naquela borradeira, uma batalha, um fundo de fumaça e um homem carregando outro. Era o grupo de Thénardier e de Pontmercy; o Sargento salvador e o Coronel salvo. Marius estava como que embriagado; aquele quadro como que lhe ressuscitava o pai; não era mais a tabuleta do albergue de Montfermeil, era uma ressurreição, uma sepultura entreaberta, um fantasma que se levantava; Marius sentia o sangue batendo-lhe na fronte, tinha nos ouvidos os estampidos de Waterloo, e seu pai ensanguentado, vagamente reproduzido naquele quadro sinistro, o amedrontava, parecendo-lhe que aquela silhueta informe o fitava nos olhos.

Quando Thénardier tomou fôlego, fixou no Sr. Leblanc os olhos avermelhados, dizendo em voz baixa e depressa:

– Que tem ainda a dizer antes de a gente começar a brincar?

O Sr. Leblanc não respondeu. No meio daquele silêncio, uma voz rouca gritou do corredor este sarcasmo lúgubre!

– Se é para arrebentar, aqui estou eu!

Era o homem da marreta que se divertia.

Ao mesmo tempo, apareceu à porta um rosto eriçado, cor de terra, rindo medonhamente, não deixando ver dentes, mas presas.

Era o rosto do homem da marreta.

– Por que tirou a máscara? – gritou-lhe Thénardier, furioso.

– Para rir – replicou o homem.

Fazia já alguns instantes que o Sr. Leblanc parecia seguir e espreitar todos os movimentos de Thénardier, que, cego e desnorteado pela própria raiva, ia e vinha pelo quarto, com a confiança de que a porta estava guardada, de manter preso, com suas armas, um homem indefeso, nove contra um, supondo-se que sua mulher valesse por um só homem.

Em sua apóstrofe ao homem da marreta, estava de costas voltadas para o Sr. Leblanc.

Este aproveitou a ocasião, empurrou a cadeira com o pé, a mesa com a mão e, de um pulo, com uma agilidade espantosa, antes que Thénardier tivesse tempo para olhar, estava junto à janela. Abri-la e escalá-la foi um segundo. Já estava quase fora quando seis punhos robustos o agarraram e o arrastaram energicamente para dentro. Eram os três “foguistas” que se haviam lançado sobre ele. Ao mesmo tempo, a velha Thénardier agarrara-o pelos cabelos.

O barulho alertou os outros bandidos à espera, no corredor. O velho que estava sentado na cama e parecia bêbado levantou-se e se aproximou cambaleando, com um martelo em punho.

Um dos “foguistas”, com o rosto iluminado por uma vela, e no qual Marius, malgrado o disfarce, pôde reconhecer Panchaud, conhecido por Printanier ou Bigrenaille, levantou uma pequena barra de ferro com duas bolas de chumbo nas extremidades e estava prestes a ferir o Sr. Leblanc na cabeça.

Marius não pôde resistir a essa cena. “Meu pai”, pensou então, “perdoe-me!”

E com o dedo procurou o gatilho da arma. Já ia dar o sinal quando se ouviu a voz de Thénardier.

– Não lhe façam mal!

Aquela tentativa desesperada da vítima, longe de exasperar Thénardier, acalmara-o. Havia dois homens no seu íntimo, o animal e o astuto. Até aquele instante, no arrebatamento do triunfo, diante da presa vencida e imóvel,

dominara o homem feroz; quando a vítima se debatia e parecia querer lutar, o homem sagaz reapareceu e se conteve.

– Não lhe façam mal! – repetiu e, sem perceber, como efeito imediato, deteve a arma prestes a disparar e paralisou Marius, para o qual a urgência desaparecera, não vendo, diante daquela nova fase, inconveniente algum em esperar. Quem sabe, não surgiria alguma probabilidade de se livrar da horrível alternativa de deixar perecer o pai de Úrsula ou de entregar à justiça o salvador do Coronel?

Travara-se uma luta hercúlea. Com um soco no peito, o Sr. Leblanc jogou o velho para o meio da sala; depois, com as duas mãos, pôs no chão dois outros, conservando-os presos debaixo dos joelhos; os dois miseráveis sufocavam sob o seu peso como sob uma mó de granito; mas os outros quatro haviam agarrado o terrível velho pelos braços e pelo pescoço e o mantinham agachado em cima dos dois "foguistas" que estavam no chão. Assim, dominando uns e dominado por outros, esmagando os que tinha debaixo de si e sufocado pelos que o seguravam, sacudindo inutilmente todos os que o agarravam, o Sr. Leblanc desaparecia sob aquele horrível grupo de bandidos como um javali atacado por uma matilha de sabujos.

Conseguiram por fim deitá-lo na cama mais próxima da janela, conservando-o imóvel. A velha Thénardier ainda não lhe largara os cabelos.

– Você aí – disse Thénardier –, não se meta, que vai rasgar toda a sua roupa.

A mulher obedeceu, como a loba obedece ao lobo, rosnando.

– E vocês – continuou Thénardier –, revistem-lhe os bolsos.

O Sr. Leblanc parecia ter renunciado à resistência. Revistaram-no. Encontraram somente uma bolsa de couro contendo seis francos e um lenço. Thénardier guardou o lenço.

– O quê? Não trouxe a carteira? – perguntou.

– Nem o relógio – respondeu um dos "foguistas".

– Não faz mal – murmurou com voz de ventríloquo o homem mascarado que tinha na mão a enorme chave –, o velho é mesmo difícil.

Thénardier foi até o canto da porta e jogou-lhe um rolo de cordas.

– Amarrem-no ao pé da cama – ordenou. E, vendo que um deles continuava estendido e imóvel no meio do quarto com o soco que lhe dera o Sr. Leblanc, perguntou:

– Será que Boulatruelle morreu?

– Não – respondeu Bigrenaille –, ele está bêbado.

– Varram-no para um canto – disse Thénardier.

Dois dos “foguistas” empurraram o bêbado com os pés até o monte de ferro-velho.

– Babet, por que trouxe tanta gente? – segredou Thénardier ao homem do cajado. – Não era preciso.

– O que quer? – replicou Babet. – Todos quiseram vir. A estação não está boa. Os negócios são raros.

A cama em que deitaram o Sr. Leblanc era uma espécie de leito de hospital; quatro pranchas toscas, sustentadas por pés de ferro. O Sr. Leblanc deixou-se amarrar.

Os assaltantes ligaram-no fortemente, de pé, na guarda da cama mais afastada da janela e mais próxima da lareira.

Quando deram o último nó, Thénardier pegou uma cadeira e foi sentar-se quase em frente do Sr. Leblanc. Thénardier não parecia mais o mesmo; em alguns instantes, sua fisionomia passara da mais desenfreada violência à doçura mais tranquila e astuta.

Marius quase não reconhecia naquele sorriso educado de burocrata a boca quase animalesca que espumava um momento antes; ele, contemplava, admirado essa metamorfose fantástica e inquietante, sentindo o que sentiria alguém que visse um tigre transformar-se em advogado.

– Meu senhor… – disse Thénardier.

E, afastando com o gesto os assaltantes que ainda seguravam o Sr. Leblanc:

– Afastem-se um pouco e deixem-me conversar com este senhor.

Todos se retiraram para perto da porta.

Thénardier prosseguiu:

– Meu senhor, não fez bem em tentar pular pela janela. Poderia ter quebrado uma perna. Agora, se me permite, vamos conversar tranquilamente. Em primeiro lugar, devo expressar-lhe uma observação que fiz; é que o senhor não deu o mínimo grito.

Thénardier tinha razão; a observação era verdadeira, embora Marius, muito perturbado, não o tivesse notado. O Sr. Leblanc apenas havia pronunciado algumas palavras sem levantar a voz e, mesmo na luta perto da janela contra os seis bandidos, conservara-se no mais profundo e singular silêncio. Thénardier continuou:

– Meu Deus! o senhor poderia gritar por socorro, que eu não acharia nada inconveniente. – Os ladrões! – é como se costuma dizer nessas ocasiões, e,

quanto a mim, não o levaria a mal. É muito natural que se faça alguma algazarra quando a gente se encontra no meio de pessoas que não nos inspiram suficiente confiança. O senhor poderia ter gritado que ninguém o incomodaria por isso. Tampouco lhe poriam uma mordaça. E vou dizer-lhe por quê. Este quarto é completamente à prova de som. É sua única e preciosa qualidade; um verdadeiro subterrâneo. Poderíamos estourar aqui uma bomba que produziria no posto de guarda mais próximo o efeito de um ronco de bêbado. Aqui o canhão faria *bum!* E uma trovoada faria apenas *puf!* É mesmo um quarto muito cômodo. Mas afinal o senhor não gritou; melhor assim. Felicito-o, e vou dizer-lhe o que concluí de tudo isso: meu caro senhor, quando se grita, o que acontece? Vem a polícia. E atrás da polícia? A justiça. Pois bem; se o senhor não gritou é porque deseja tanto quanto nós ver chegar a polícia e a justiça. É que – há muito tempo ando desconfiando – o senhor tem algum interesse em esconder não sei o quê. Portanto, podemos pôr-nos de acordo.

Enquanto assim falava, com os olhos fixos no Sr. Leblanc, parecia que Thénardier procurava enterrar até o fundo da consciência do seu prisioneiro as faíscas que lhe saíam das pupilas. Aliás, seu falar, impregnado de uma espécie de insolência moderada, fingida, era reservado, quase escolhido, e naquele miserável, que ainda havia pouco não passava de um bandido, percebia-se agora "o homem que estudou para ser Padre".

O silêncio do prisioneiro, aquela preocupação que chegava até o esquecimento da própria vida, aquela resistência contra o primeiro movimento natural que seria gritar, tudo isso, devemos dizê-lo, depois que a observação tinha sido feita, importunava Marius, causando-lhe penosa admiração.

A observação tão oportuna de Thénardier obscurecia mais ainda o mistério em que se envolvia aquela figura séria e estranha, apelidada por Courfeyrac de *Sr. Leblanc*. Mas, fosse lá quem fosse, amarrado, rodeado por carrascos, quase que enterrado numa sepultura que a cada instante se lhe afundava sob os pés, diante do furor como diante da bondade de Thénardier, o prisioneiro permanecia impassível, e Marius não podia deixar de admirar aquele rosto soberbamente melancólico.

Evidentemente, era uma alma inacessível ao medo, não sabendo mesmo o que fosse estar desorientada. Ele era um desses homens que dominam o espanto provocado pelas situações desesperadas. Por maior que fosse a crise, por mais inevitável que fosse a catástrofe, nada havia ali que denotasse a agonia do afogado abrindo debaixo da água olhos horríveis.

Thénardier levantou-se sem afetação, foi até a lareira, afastou o biombo,

apoiando-o à cama mais próxima, desmascarando assim o fogareiro cheio de brasas vivas, entre as quais o prisioneiro podia ver perfeitamente o formão candente, salpicado aqui e ali de pequenas estrelas escarlates.

Em seguida, Thénardier voltou a sentar-se perto do Sr. Leblanc.

– Continuo – disse ele. – Poderemos entrar em acordo. Arranjaremos as coisas amigavelmente. Não fiz bem, há pouco, deixando-me levar pela cólera; não sei onde estava com a cabeça; eu estava muito longe daqui e falei muita bobagem. Por exemplo, desde que o senhor é milionário, disse-lhe que exigia dinheiro, muito dinheiro, mas muito mesmo. Isso não seria razoável. Meu Deus, o senhor faz bem em ser rico; afinal, deve ter seus compromissos, quem é que não os tem? Eu não quero absolutamente arruiná-lo; não sou nada ganancioso. Não sou desses que, porque estão em posição melhor, se aproveitam disso para serem ridículos. Olhe: de minha parte, faço um sacrifício. Bastam-me apenas duzentos mil francos.

O Sr. Leblanc não disse uma palavra.

Thénardier prosseguiu:

– Como vê, eu não ponho pouca água no meu vinho. Não conheço o total da sua fortuna, mas sei que não é dos que guardam dinheiro, e um homem caridoso como o senhor pode muito bem dar duzentos mil francos a um pai de família que se encontra em dificuldades. Sem dúvida, o senhor é sensato e não irá imaginar que eu teria todo este trabalho em organizar a coisa desta noite, aliás muito bem organizada, segundo a opinião desses senhores, somente para pedir-lhe com que beber vinho de quinze soldos e comer um bife no Desnoyers. Isto vale bem duzentos mil francos. Uma vez saída essa bagatela dos seus bolsos, asseguro-lhe que estará tudo acabado e que não terá nada mais a recear. O senhor certamente vai responder: – Mas eu não tenho comigo esses duzentos mil francos. – Oh! Eu não sou tão exigente. Não quero tanto. Só lhe peço uma coisa. Tenha a bondade de escrever o que lhe vou ditar.

Aqui, Thénardier parou continuando pouco depois, sublinhando as palavras e sorrindo para o lugar onde estava o fogareiro:

– Previno-o de que não vou admitir que o senhor não saiba escrever.

Qualquer inquisidor-mor invejaria aquele sorriso.

Thénardier empurrou a mesa para bem perto do Sr. Leblanc, pegou caneta, pena e uma folha de papel na gaveta, deixando-a entreaberta de tal modo a tornar visível a lâmina brilhante de uma faca.

Colocou a folha de papel diante do Sr. Leblanc.

– Escreva – disse.

O prisioneiro, afinal, falou.

– Como quer que eu escreva se estou amarrado?

– É verdade, perdão! – disse Thénardier. – O senhor tem toda a razão.

E, voltando-se para Bigrenaille:

– Desamarre o braço direito do senhor.

Panchaud, conhecido por Printanier ou Bigrenaille, executou a ordem de Thénardier. Quando a mão direita do Sr. Leblanc ficou livre, Thénardier mergulhou a pena na tinta e apresentou-a ao prisioneiro.

– Lembre-se bem de que está em nosso poder, à nossa discrição, que nenhuma força humana pode arrancá-lo daqui, e que ficaríamos realmente desolados se fôssemos constrangidos a recorrer a medidas extremas. Não sei nem o seu nome, nem o seu endereço, mas previno-o de que continuará amarrado até que a pessoa encarregada de levar a carta esteja de volta. Agora, faça o favor de escrever.

– O quê? – perguntou o prisioneiro.

– Vou ditar.

O Sr. Leblanc pegou a pena. Thénardier começou a ditar:

– Minha filha…

O prisioneiro estremeceu e levantou os olhos para Thénardier.

– Escreva “minha querida filha” – disse Thénardier. O Sr. Leblanc obedeceu. Thénardier continuou:

– Venha depressa…

E parou.

– O senhor a trata de você, não é?

– Quem? – perguntou o Sr. Leblanc.

– Ora! – disse Thénardier –, a pequena, a Cotovia.

O Sr. Leblanc respondeu sem a mínima emoção aparente:

– Não entendo o que quer dizer.

– Não faz mal, continue – disse Thénardier, e prosseguiu:

– Venha depressa. Preciso urgentemente de você. A pessoa que lhe leva este bilhete está encarregada de trazê-la até onde eu estou. Fico à espera. Venha sem medo.

O Sr. Leblanc escreveu tudo. Thénardier observou:

– Ah! risque esse *venha sem medo*; poderia fazer pensar que a coisa não é tão

simples e levantar suspeitas.

O Sr. Leblanc riscou as três palavras.

– Agora – prosseguiu Thénardier –, assine. Como é o seu nome?

O prisioneiro largou a pena e perguntou:

– Para quem é esta carta?

– O senhor bem sabe – respondeu Thénardier –, é para a menina, como acabei de dizer agora mesmo.

Era evidente que Thénardier evitava dizer o nome da menina em questão. Dizia “a Cotovia”, “a pequena”, mas não lhe pronunciava o nome. Precaução de homem hábil, guardando segredo diante de seus cúmplices. Dizer-lhe o nome era o mesmo que entregar todo o “negócio”, ensinando-lhes mais do que deviam saber.

E repetiu:

– Assine. Qual é o seu nome?

– Urbano Fabre – respondeu o prisioneiro.

Thénardier, com o movimento de um gato, enfiou a mão no bolso e tirou o lenço que roubara ao Sr. Leblanc. Procurou as iniciais e aproximou-se da vela.

– U.F. Está certo. Urbano Fabre. Pois bem: assine U.F.

O prisioneiro assinou.

– Como são necessárias duas mãos para dobrar a carta, dê-ma que eu mesmo a dobro.

Feito isso, Thénardier continuou:

– Ponha endereço. *Mademoiselle Fabre*, em sua casa. Sei que o senhor não mora muito longe daqui; deve morar nos arredores de Saint-Jacques-du-Haut-Pas, pois é lá que vai à missa todos os dias, mas eu não sei em que rua. Vejo que está compreendendo bem a sua situação. Como não mentiu o nome, agora não vai mentir o endereço. Escreva-o o senhor mesmo.

O prisioneiro ficou pensativo por um momento; depois pegou a pena e escreveu:

Srta. Fabre, em casa do Sr. Urbano Fabre, Rue Saint-Dominique-d’Enfer, número 17.

Thénardier agarrou a carta com uma espécie de convulsão febril.

– Mulher! – gritou.

Mme. Thénardier acudiu logo.

– Aqui está a carta. Já sabe o que tem que fazer. Lá embaixo está um fiacre à

espera. Vá depressa e volte correndo.

E, dirigindo-se ao homem da marreta:

– Você aí, já que tirou a máscara, acompanhe a cidadã. Suba na traseira do fiacre. Sabe onde ficou a carruagem?

– Sei – respondeu o homem. E, deixando o martelo a um canto, seguiu Mme. Thénardier.

Enquanto eles já se iam embora, Thénardier passou a cabeça pela porta entreaberta e gritou no corredor:

– Cuidado, não vá perder a carta! Lembre-se de que está levando aí duzentos mil francos.

A voz rouca de Mme. Thénardier respondeu:

– Fique sossegado; meti-a no estômago.

Não havia passado ainda um minuto quando se ouviu o estalar de um chicote, que rapidamente se foi afastando até desaparecer.

– Bem! – resmungou Thénardier. – Vão indo depressa. Nesse galope, a cidadã estará de volta dentro de três quartos de hora.

Levou uma cadeira para perto da lareira, sentou-se, cruzou os braços e, achegando ao fogo as botinas sujas de barro, disse:

– Sinto frio nos pés.

No covil de Thénardier restavam somente o prisioneiro e cinco bandidos. Aqueles homens, através das máscaras ou da tinta preta que lhes cobria o rosto, transformando-os, segundo o medo que inspiravam, em carvoeiros, em negros ou demônios, pareciam entorpecidos e tristes; sentia-se que praticavam um crime como uma necessidade, tranquilamente, sem cólera e sem piedade, quase com enfado. Estavam a um canto, amontoados como animais, sem proferir palavra. Thénardier aquecia os pés. O prisioneiro voltara novamente a seu silêncio. Uma calma sombria sucedera à algazarra anterior.

A vela, onde se formara um grande morrão, mal dava para iluminar o quarto; o braseiro estava menos quente, e todas aquelas cabeças monstruosas lançavam sombras disformes nas paredes e no teto. Ouvia-se apenas a respiração calma do velho bêbado que dormia.

Marius esperava cada vez mais ansioso. O enigma estava mais impenetrável do que nunca. Quem era a “pequena” que Thénardier também chamava de Cotovia? Seria a “sua Úrsula”? O prisioneiro não se mostrou comovido ao ouvir falar na Cotovia, respondendo o mais naturalmente possível: – Não compreendo o que o senhor quer dizer. – Por outro lado, as iniciais u.f. estavam explicadas;

tratava-se de Urbano Fabre, e Úrsula não se chamava mais Úrsula. Foi o que Marius conseguiu compreender mais claramente. Uma espécie de medonha fascinação o mantinha pregado ao lugar de onde observava e dominava toda a cena. Estava ali, quase impossibilitado de refletir ou de se mover, como que aniquilado por coisas tão abomináveis vistas tão de perto. Continuava esperando que surgisse algum incidente, não importava qual, incapacitado de reunir suas ideias e sem saber que partido tomar.

– Em todo caso – dizia –, se ela é a Cotovia, eu a verei, porque Mme. Thénardier foi buscá-la. Então, está dito, darei a minha vida e o meu sangue se for preciso, mas hei de salvá-la. Nada conseguirá me deter.

Assim se passou quase meia hora. Thénardier parecia absorvido por uma meditação tenebrosa; o prisioneiro continuava imóvel. Contudo, de quando em quando, Marius julgava ouvir um ruído abafado vindo do lugar em que o velho estava amarrado.

De repente, Thénardier apostrofou o prisioneiro.

– Sr. Fabre, ouça o que lhe vou dizer.

Essas poucas palavras pareciam o início de um esclarecimento. Marius ficou atento.

Thénardier continuou:

– Minha esposa vai voltar, não se impaciente. Penso que a Cotovia seja mesmo sua filha, e acho muito natural que a queira consigo. Mas, escute um pouco. Minha mulher foi buscá-la com a carta. Disse a ela que se arrumasse bem, como o senhor viu, de modo que a menina a seguisse sem dificuldade. Ambas subirão ao fiacre, guardadas pelo meu colega. Fora da barreira, num determinado lugar, está uma carruagem atrelada a dois ótimos cavalos. É para lá que vão levar a menina. Ela descerá do fiacre, meu colega subirá com ela à outra carruagem e minha mulher voltará para cá dizendo-nos: – Está feito. – Quanto à sua menina, não lhe farão mal algum; será levada para um lugar onde ficará tranquila, e logo que o senhor me der a ninharia de duzentos mil francos, ela lhe será restituída. Se o senhor me prender, meu colega torcerá o pescocinho da Cotovia. Isso é tudo.

O prisioneiro não articulou palavra alguma. Depois de uma pausa, Thénardier prosseguiu:

– Como vê, é tudo muito simples. Não acontecerá nada de mau se o senhor não quiser. Eu já lhe disse como é o negócio. Previno-o, para que saiba.

Parou de falar; o prisioneiro permaneceu calado, e Thénardier continuou:

– Logo que minha esposa voltar e me disser: – A Cotovia já está a caminho –, nós o soltaremos e o senhor poderá livremente ir dormir na sua casa. Como vê, não temos más intenções.

Imagens horríveis passaram diante do pensamento de Marius. Então a jovem não viria? Um daqueles monstros iria levá-la? Para onde?… E se fosse ela! Estava claro que era ela. Marius sentiu parar-lhe o coração.

Que fazer? Dar o sinal de alarme? Jogar aqueles miseráveis na mão da justiça? Mas o horrível homem da marreta na companhia da jovem estaria fora de seu alcance, e Marius pensava nestas palavras de Thénardier, cujo terrível significado podia entrever: *– Se o senhor me prender, meu colega torcerá o pescocinho da Cotovia.*

Agora, não era somente pelo testamento do Coronel; era pelo seu próprio amor, pelo perigo daquela a quem amava, que se sentia preso. Essa medonha situação, que já durava mais de uma hora, mudava de aspecto a cada instante. Marius teve força para passar sucessivamente em revista todas as pungentes conjecturas, procurando em vão uma esperança. O tumulto de seus pensamentos contrastava com o silêncio fúnebre do lugar.

No meio de todo o silêncio, ouviu-se o ruído da porta da rua que se abria para fechar-se depois.

– Aí está a cidadã – disse Thénardier.

Apenas acabara de falar, Mme. Thénardier entrou correndo no quarto, vermelha, esbaforida, sem poder respirar, olhos em chamas, e gritou, batendo ao mesmo tempo com as mãos grosseiras nas coxas.

– Endereço errado!

O bandido que havia ido em sua companhia apareceu e voltou a segurar a marreta.

– Endereço errado? – repetiu Thénardier.

Ela continuou:

– Ninguém! Rue Saint-Dominique, número 17, nada desse Urbano Fabre! Ninguém o conhece!

Ela parou, sem fôlego, e continuou:

– Senhor Thénardier! Esse velho fez você de trouxa! Aí está; você é bom demais! Eu, para começar, cortava-lhe o gasganete, em quatro! E, se não ficasse bonzinho, cozinhava-o vivo! Afinal, é preciso que ele diga onde estão a filha e o dinheiro! Assim é que eu faria! Muita razão tem quem diz que os homens são bem mais burros que as mulheres! Ninguém no número 17! É um portão muito

grande! Não existe nenhum Fabre na Rue Saint-Dominique! E fomos correndo, e tivemos de pagar um vinho para o cocheiro, tudo! Falei com o porteiro, com a porteira, que é uma bela mulher, mas ninguém sabe desse homem!

Marius respirou. Ela, Úrsula ou Cotovia, aquela que ele não sabia mais como chamar, estava salva.

Enquanto a mulher vociferava cheia de ódio, Thénardier sentara-se em cima da mesa. Ficou por alguns instantes sem pronunciar palavra, balançando a perna direita, observando o braseiro com ar de selvagem meditação.

Enfim, disse ao prisioneiro com uma inflexão lenta e singularmente feroz:

– Endereço errado? Que esperava com isso?

– Ganhar tempo! – gritou o prisioneiro com voz forte.

E no mesmo instante o Sr. Leblanc livrou-se das cordas, que tinham sido cortadas. O prisioneiro não estava mais amarrado à cama senão por uma perna.

Antes que os sete homens tivessem tempo de voltar a si da surpresa por que tinham passado, ele inclinou-se para a lareira, estendeu a mão para o fogareiro e levantou-se novamente; agora Thénardier, a mulher e os salteadores, repelidos pelo espanto, admirados, olhavam-no levantando por cima da cabeça o formão vermelho de onde se desprendia um clarão sinistro, quase livre e numa atitude temível.

O inquérito judiciário que se seguiu à cilada do pardieiro Gourbeau constatou que uma moeda, cortada e trabalhada de modo particular, fora encontrada ali durante as buscas da polícia; era uma dessas maravilhas da indústria que a paciência das galés engendra nas trevas e para as trevas, maravilhas que nada mais são que instrumentos de fuga. Esses produtos hediondos e delicados, de uma arte prodigiosa, são para a bijuteria o mesmo que as metáforas da gíria são para a poesia. Nas galés existem Benvenutos Cellinis, como na literatura existem Villons.[189] O desgraçado que aspira à liberdade encontra meios – algumas vezes sem ferramenta alguma, apenas com uma faca velha – de cortar uma moeda em duas lâminas finíssimas, cavando-as por dentro sem tocar na parte exterior, fazendo nas bordas uma espécie de rosca por meio da qual consegue novamente juntar as duas partes. Assim, fecha-as ou abre-as à vontade; é um verdadeiro estojo. Ali escondem uma mola de relógio com a qual, sabendo-se manejá-la, conseguem cortar grandes manilhas ou barras de ferro. Julga-se que o infeliz não possui mais que uma moeda, e, no entanto, possui a liberdade. Uma dessas moedas, nas buscas posteriores da polícia, é que foi encontrada aberta em duas partes, debaixo do catre que ficava ao lado da janela. Encontrou-se também

uma pequenina serra de aço azulado, que bem podia ocultar-se no seu interior. É provável, no momento em que os bandidos o revistaram, que o prisioneiro tivesse consigo essa moeda, conseguindo escondê-la na mão e, em seguida, tendo livre a mão direita, a abrisse, servindo-se da serrinha para cortar as cordas que o amarravam, o que explicaria o leve ruído e os movimentos imperceptíveis notados por Marius.

Não podendo abaixar-se, para não se trair, não pudera cortar as cordas da perna esquerda.

Os bandidos tinham já voltado a si do primeiro momento de surpresa.

– Fique sossegado – disse Bigrenaille a Thénardier. – Ainda está amarrado pela perna e não vai fugir assim. Deixe por minha conta. Eu o amarrei bem amarrado.

No entanto, o prisioneiro levantou a voz:

– Vocês são uns desgraçados, mas a minha vida não merece ser tão poupada. Quanto a imaginarem que me obrigarão a falar, que me obrigarão a escrever o que eu não quero, que me forçarão a dizer o que eu não quero dizer…

E, arregaçando a manga do braço esquerdo, acrescentou.

– Olhem!

Ao mesmo tempo, ele estendeu o braço e colocou sobre a carne nua o formão incandescente, segurando-o pelo cabo de madeira.

Ouviu-se o chiado da carne queimada e o odor próprio das câmaras de tortura espalhou-se pelo quarto. Marius cambaleou, horrorizado, os próprios assaltantes estremeceram, o rosto do estranho velho apenas se contraiu, e enquanto o ferro candente mergulhava na chama fumegante, impassível, quase altivo, ele dirigia a Thénardier seu belo olhar sem ódio, onde o sofrimento se transformava em serena majestade.

Nas naturezas grandes e elevadas, a revolta da carne e dos sentidos atormentados pela dor física fazem com que a alma venha à tona e se mostre no rosto, do mesmo modo que as rebeliões da soldadesca forçam o capitão a aparecer.

– Miseráveis – disse ele –, não tenham mais medo de mim do que eu de vocês!

E, arrancando o formão da chaga, jogou-o pela janela ainda aberta; o horrível instrumento em brasa desapareceu volteando na escuridão da noite, até cair ao longe, esfriando-se na neve.

O prisioneiro continuou:

– Façam de mim o que quiserem.

Ele estava desarmado.

– Agarrem-no! – disse Thénardier.

Dois homens seguraram-no pelos ombros e um dos mascarados, o de voz de ventríloquo, colocou-se em sua frente, pronto a abrir-lhe o crânio com a chave ao menor movimento.

Ao mesmo tempo, Marius ouviu bem embaixo do lugar em que se achava, mas de tal modo que não podia ver quem estava falando, este colóquio em voz baixa:

– Agora, só há uma coisa a fazer.

– Cortá-lo de alto a baixo!

– Isso mesmo.

Eram o marido e a mulher em conselho. Thénardier dirigiu-se lentamente para a mesa, abriu a gaveta e tirou a faca.

Marius apertava o cabo da arma. Perplexidade inaudita! Havia uma hora, sua consciência era atormentada por duas vozes; uma o obrigava a respeitar o testamento do pai, outra lhe bradava que socorresse o prisioneiro. As duas vozes continuavam sem interrupção essa luta aflitiva. Até aquele momento, Marius procurou vagamente encontrar um meio de conciliar os dois deveres, mas não foi possível. No entanto, o perigo aumentava; já se havia passado o último momento de expectativa. A alguns passos do prisioneiro, Thénardier pensava, com a faca na mão.

Marius, sem saber o que fazer, olhava ao redor, último recurso maquinal do desespero. De repente, estremeceu.

A seus pés, em cima da mesa, um raio de lua iluminava e parecia mostrar-lhe uma folha de papel. Nela pôde ler estas palavras escritas, em grandes letras, naquela mesma manhã, pela filha mais velha dos Thénardier:

Chegaram os meganhas.

Uma ideia, um clarão atravessou o espírito de Marius; era o meio que ele procurava, a solução do horrível problema que o atormentava: poupar o assassino e salvar a vítima. Ajoelhou-se sobre a cômoda, estendeu o braço, pegou a folha de papel, arrancou cuidadosamente da parede um pouco de caliça, enrolou-a no papel e, pelo buraco, atirou-o no meio do quarto de Thénardier.

Já era tempo. Thénardier já havia vencido os últimos receios ou os últimos escrúpulos e se dirigia para o prisioneiro.

– Caiu alguma coisa! – gritou Mme. Thénardier.

– Que é? – disse o marido.

A mulher correu e pegou o pequeno embrulho, entregando-o ao marido.

– Por onde veio isso? – perguntou Thénardier.

– Ora! – disse a mulher –, por onde quer você que tenha vindo? Pela janela!

– Eu vi quando jogaram – disse Bigrenaille.

Thénardier desdobrou rapidamente o papel e o aproximou da vela.

– É a letra de Eponine. Diabo!

Fez sinal à mulher, que se aproximou depressa, mostrou-lhe a linha escrita na folha de papel e acrescentou em voz baixa:

– Depressa! A escada! Deixemos o toucinho na ratoeira e vamos dar o fora!

– Sem cortar-lhe o pescoço? – perguntou Mme. Thénardier.

– Não temos tempo.

– Por onde? – replicou Bigrenaille.

– Pela janela – respondeu Thénardier. – Já que Eponine jogou a pedra pela janela, quer dizer que a casa não está guardada por esse lado.

O mascarado com voz de ventríloquo colocou no chão a enorme chave, levantou os braços, abrindo e fechando rapidamente a mão por três vezes, sem dizer uma palavra. Foi como o sinal de “todos a postos”, dado à guarnição de um navio. Os dois que seguravam o prisioneiro o largaram; num abrir e fechar de olhos a escada de corda foi desenrolada para fora da janela e presa solidamente ao parapeito pelos dois ganchos de ferro.

O prisioneiro não prestava atenção ao que se passava a seu redor. Parecia sonhar ou rezar. Apenas pronta a escada, Thénardier gritou:

– Venha, ó mulher!

E correu para a janela. Mas, quando já ia pular, Bigrenaille agarrou-o pela gola do casaco.

– Isso é que não, velho farsante! Depois de nós!

– Depois de nós! – berraram os bandidos.

– Vocês são umas crianças – disse Thénardier –, estamos perdendo tempo. A polícia já está aí.

– Pois bem – disse um dos bandidos –, vamos tirar a sorte para ver quem vai primeiro.

Thénardier exclamou:

– Estão loucos ou estão bêbados? Cambada de burros! Perder tempo, não? Tirar a sorte! Jogar palitinhos! Escrever os nomes, botá-los num chapéu!…

– Querem o meu chapéu? – gritou uma voz da soleira da porta.

Todos se voltaram. Era Javert.

Tinha o chapéu na mão e o oferecia sorrindo.

XXI | SEMPRE SE DEVE COMEÇAR POR PRENDER AS VÍTIMAS

Ao anoitecer, Javert postara seus homens, emboscando-se ele mesmo por trás das árvores da Rue Barrière-des-Gobelins, em frente ao pardieiro Gorbeau, do outro lado da rua. Começara por "abrir a bolsa" para aí meter as duas meninas encarregadas de vigiar os arredores, mas não conseguira prender senão Azelma. Quanto a Eponine, não estava no seu posto, havia desaparecido; e não a pôde pegar. Depois Javert afastara-se um pouco, à espera do sinal convencionado. As idas e vindas do fiacre agitaram-no bastante. Enfim, impacientou-se e, "certo de que havia ali um ninho", certo de estar "com sorte", tendo reconhecido vários bandidos que entraram, acabou decidindo não esperar pelo tiro de pistola.

Como sabemos, tinha com ele a chave de Marius.

Javert chegou no momento certo.

Os bandidos, assustados, jogaram-se sobre as armas que haviam abandonado no momento da fuga. Em menos de um segundo, aqueles sete homens ameaçadores juntaram-se em posição de defesa, um com a marreta, outro com a chave, outro com o cajado, os demais com tenazes, ferros e martelos; Thénardier empunhando a faca. A mulher agarrara uma enorme pedra que estava no canto da janela e que servia de banco às filhas.

Javert pôs o chapéu na cabeça e deu dois passos no quarto, com os braços cruzados, a bengala escondida, a espada na bainha.

– Alto lá! – gritou. – Vocês não vão sair pela janela, vão sair pela porta. É menos perigoso. Vocês são sete, nós somos quinze. Não nos engalfinhemos como carvoeiros. Sejamos educados.

Bigrenaille pegou uma arma que tinha escondido debaixo da blusa e a colocou na mão de Thénardier, dizendo-lhe ao ouvido:

– É Javert. Não tenho coragem de atirar nele. Você tem?

– Ora, ora! – respondeu Thénardier.

– Então, atire.

Thénardier pegou a arma e apontou para Javert. Javert, que estava a três passos de distância, encarou-o bem e se contentou em dizer:

– Não atire, que você não acerta.

Thénardier apertou o gatilho. O tiro falhou.

– Não lhe disse? – continuou Javert.

Bigrenaille jogou seu cassetete aos pés de Javert.

– Você é o imperador dos diabos! Eu me entrego.

– E vocês? – perguntou Javert aos outros bandidos. Eles responderam:

– Nós também.

Javert continuou calmamente:

– É isso mesmo que deviam fazer; já sabia que vocês eram educados.

– Só peço uma coisa – retrucou Bigrenaille –, é que não me recusem tabaco enquanto eu estiver na cadeia.

– Concedido – disse Javert. E, voltando-se, gritou: – Agora podem entrar!

Um destacamento de soldados com espadas desembainhadas e de beleguins armados de cassetetes e porretes obedeceu ao chamado de Javert e dominaram os bandidos. Todos aqueles homens, iluminados apenas por uma vela, cobriam de sombras as paredes.

– Algemas para todos! – gritou Javert.

– Cheguem-se para cá! – gritou uma voz que não era de homem, mas da qual ninguém poderia afirmar que era de mulher.

Mme. Thénardier tinha-se entrincheirado num dos cantos da janela; fora ela quem acabara de dar esse rugido. Os soldados e os beleguins recuaram. A mulher deixara cair o xale e conservava o chapéu na cabeça; o marido agachado atrás dela quase desaparecia debaixo do xale que lhe caíra em cima, e ela o cobria com o corpo, levantando a pedra acima da cabeça com as duas mãos, com o impulso de um gigante prestes a arremessar um rochedo.

– Arreda! – gritou ela.

Todos recuaram para o corredor. Fez-se um grande vazio no meio do quarto. Mme. Thénardier lançou um olhar aos bandidos que se tinham deixado algemar e murmurou com voz gutural e rouca:

– Covardes!

Javert sorriu e avançou para o espaço vazio que a Thénardier cobria com os olhos.

– Não se aproxime – gritou ela –, ou te desmonto!

– Não se aproxime! – disse Javert. – Você tem barba como homem, mas eu tenho garras como mulher.

E continuou avançando.

Mme. Thénardier, descabelada e terrível, firmou-se bem nos pés, curvou-se para trás e, desorientada, lançou a pedra na cabeça de Javert. Javert abaixou-se, a pedra passou-lhe por cima, foi bater na parede do fundo, arrancando um bom pedaço de caliça e, batendo de canto a canto pelo quarto, felizmente quase vazio, foi parar aos pés de Javert.

No mesmo instante, Javert aproximara-se do casal Thénardier. Com uma de suas manzorras agarrou a mulher pelo ombro e com a outra segurou o homem pela cabeça.

– As algemas! – gritou.

Os agentes da polícia entraram novamente e em alguns instantes a ordem de Javert tinha sido executada. Mme. Thénardier, vencida, olhou para suas mãos amarradas e deixou-se cair no chão, chorando e gritando:

– Minhas filhas!

– Sossegue, que estão bem – disse-lhe Javert.

Entretanto, os soldados descobriram o bêbado adormecido por trás da porta e o sacudiam. Ao acordar, ele balbuciou:

– Como é, Jondrette: já se acabou?

– Já – respondeu Javert.

Os seis bandidos algemados estavam de pé, conservando ainda o aspecto de fantasmas; três pintados de preto e três de máscaras.

– Tirem as máscaras – disse-lhes Javert.

E, passando-os em revista com o olhar de um Frederico II na parada de Potsdam, disse aos três “foguistas”:

– Como vai, Bigrenaille? Olá, Brujon! Olá, Deux-Milliards.

Depois, voltando-se para os três mascarados, disse ao que carregava a marreta:

– Como vai, Gueulemer?

E ao que tinha o cajado:

– Como vai, Babet?

E ao ventríloquo:

– Olá, Claquesous!

Nesse momento, viu o prisioneiro dos malfeitores, que, desde a entrada dos agentes de polícia, não havia ainda dito uma palavra, conservando a cabeça baixa.

– Desamarrem esse senhor! – disse Javert. – E que não saia ninguém!

Dito isso, sentou-se majestosamente diante da mesa em que estavam a vela e o tinteiro, tirou do bolso um papel timbrado e começou a redigir o auto de prisão. Depois de ter escrito as primeiras linhas, que não passavam de fórmulas sempre iguais, levantou os olhos:

– Façam vir esse senhor que estava amarrado.

Os soldados olharam ao redor.

– Então – perguntou Javert –, onde está ele?

O prisioneiro dos bandidos, o Sr. Leblanc, Urbano Fabre, pai de Úrsula ou da Cotovia, tinha desaparecido.

A porta estava guardada, mas a janela ficara livre. Logo que se viu desamarrado, enquanto Javert escrevia, ele aproveitou-se da confusão, do tumulto, do aperto, da escuridão e, num momento em que a atenção se desviara dele, fugiu pela janela. Um Agente da Polícia correu até lá e olhou. Fora, não se via ninguém. A escada de corda balançava ainda.

– Diabo! – disse Javert entre dentes. – Esse devia ser o melhor.

XXII | O PEQUENO QUE GRITAVA NO LIVRO PRIMEIRO DA SEGUNDA PARTE

No dia seguinte aos fatos ocorridos na casa do Boulevard de l’Hôpital, um menino, que parecia vir dos lados da Pont d’Austerlitz, subia pelo passeio da direita em direção à barreira de Fontainebleau. Era noite fechada. Era um menino pálido, magro, vestido de trapos, com calças de algodão em pleno fevereiro, e cantava a plenos pulmões.

Na esquina da Rue Petit-Banquier, uma velha, toda curvada, esgravatava à luz do lampião um monte de imundícies; o menino a empurrou e depois recuou, exclamando:

– Ora! E eu que tomei isso aí por um cachorro enorme, enorme! – Ele pronunciou a palavra enorme pela segunda vez com uma entonação tão galhofeira que letras maiúsculas exprimiriam bem melhor: – Um cachorro enorme, enorme!

A velha levantou-se, furiosa:

– Diabo de moleque! – resmungou. – Se eu não estivesse agachada, saberia onde assentar-lhe o pé!

O menino já estava longe.

– Kisss! Kisss! – fez ele. – Agora vi que não me enganei.

A velha, sufocada de indignação, levantou-se depressa, e a luz avermelhada do lampião iluminou-lhe bem o rosto pálido, todo cheio de ângulos e rugas, com pés de galinha repuxando-lhe os cantos da boca.

Seu corpo desaparecia na sombra e não se lhe via senão a cabeça. Dir-se-ia a máscara da decrepitude, talhada por um clarão num pedaço de sombra. O menino olhou-a bem.

– Madame – disse então –, a senhora não é o tipo de beleza que me atrai.

E continuou o caminho, cantando:

Le roi Coupdesabot
S'en allait à la chasse,
À la chasse aux corbeaux…

Ao cabo desses versos, o garoto parou. Chegara à frente do número 50-52. Achando a porta fechada, começou a dar-lhe pontapés, pontapés estrondosos e heroicos, que denunciavam mais os sapatos de homem que calçava que seus pés de criança.

No entanto, a mesma velha que ele havia encontrado na esquina da Rue Petit-Banquier corria atrás dele, gritando e gesticulando exageradamente.

– Que é isso! Que é isso? Deus do céu! Estão arrombando a porta! Estão assaltando a casa!

Os pontapés continuavam. A velha já estava sem fôlego.

– É assim que hoje cuidam dos edifícios!

De repente, parou. Ela havia reconhecido o garoto.

– O quê? É esse diabo?

– Ora, é a velha – disse o menino. – Como vai, Mme. Bougonmuche?[190] Vim visitar meus ancestrais.

A velha respondeu com uma careta compósita, admirável improvisação do ódio, servindo-se da caducidade e da feiura, infelizmente perdida na escuridão:

– Não há ninguém, focinho de porco.

– O quê? – replicou o menino. – Então onde está o meu pai?

– Na Force.

– É? E minha mãe?

– Em Saint-Lazare.

– Bonito! E minhas irmãs?

– Nas Madelonnettes.[191]

O menino coçou atrás da orelha, encarou *Mame* Bougon, e disse:

– Ah!

Depois fez uma pirueta, e, um momento depois, a velha, parada no limiar da porta, ouvia-o cantar com sua voz clara e jovem, caminhando por baixo dos olmeiros negros balançando ao vento do inverno.

Le roi Coupdesabot.
S'en allait à la chasse,
À la chasse aux corbeaux,
Monté sur des échasses.
Quand on passait dessous, On lui payait deux sous.[192]

1 *Plauto* (*Titus Maccius Plautus*) (250-184 a.C.) poeta cômico latino. Atribuem-se a ele cento e trinta comédias das quais ainda se conservam vinte e uma.

2 *Charles Maurice de Talleyrand-Périgord, Príncipe de Benevento* (1754-1838) estadista francês, tomou parte importante nos acontecimentos da França desde a Revolução até Luís XVIII. Atribuem-se-lhe inúmeros ditos espirituosos e picantes, como a conhecida frase: *A palavra foi dada ao homem para esconder o que pensa*.

3 *Mlle. Mars* (v. nota 82/1). *Muche* gíria que significa excelente, perfeita.

4 *Turlurette* cançoneta ligeira e popular, assim chamada por causa de uma guitarra homônima usada no século XIV. *De Profundis* (v. nota 111/2). *À la chienlit!* grito dos moleques atrás de bêbados ou mascarados; algazarra, gritos de socorro.

5 *Rabelais* (v. nota 25/2).

6 *Adamastor* o gigante das tempestades, personagem dos *Lusíadas* de Camões. No momento em que Vasco da Gama se dispõe a dobrar o cabo das Tormentas, aparece-lhe o gigante para impedir sua passagem.

7 *Prudhomme* (v. nota 37/1). *Jacques Fouillou* (1670-1736) jansenista ardoroso, consagrou à defesa de suas opiniões grande número de escritos, atualmente esquecidos; colaborou em muitas obras de caráter polêmico-religioso.

8 *Currit rota* referência aos versos de Horácio (v. nota 108/2): *Amphora coepit*/*Institui: currente rota, cur urceus exit?* (De Arte Poetica – 22), em português: *Começou-se a fazer uma ânfora, a roda gira; por que o resultado foi um simples cântaro?*

9 *Aristius Fuscus* orador e gramático, amigo de Horácio, cujo nome completo é *Quintus Horatius Flaccus. Urbis amator e ruris amator* expressões tiradas da carta de Horácio a Aristius: *Horácio, amigo dos campos, saúda Fuscus, amigo da cidade*. *Urbis amatorem Fuscum salvere jubemus*/*Ruris amatores...* (Epístola X, ad Fuscum Aristium).

10 *Jean-Baptiste Colbert* (1619-83) Ministro de Luís XIV e um dos personagens mais importantes da antiga monarquia pelo grande incentivo que deu à marinha, às ciências e às artes. Contudo, quanto às leis criminais, nada fez para eliminar os métodos bárbaros da justiça medieval.

11 *Edmond-Jean-François Barbier* (1689-1771) advogado francês, autor do *Journal historique et anedotique du règne de Louis XV*.

12 No original, *gamin*.

13 *Claude Gueux* foi publicado em junho de 1834. A palavra *gamin* já aparecia nos dicionários desde 1820, tendo sido usada por outros escritores antes de Victor Hugo.

14 *Sanson* nome de uma família de carrascos cujos membros mais importantes foram *Charles-Henri Sanson* (1740-93), executor de Luís XVI, e *Henri Sanson* (1767-1840), seu filho e sucessor, que executou Maria Antonieta.

15 *Pierre-François Lacenaire* (1800-36) criminoso célebre por sua perversidade, demonstrada desde os primeiros anos da juventude, que dedicou os últimos meses de prisão a escrever suas memórias editadas *post-mortem* sob o título: *Mémoires, révélations et poésies de Lacenaire. Charles Dautun* (v. nota 64/1).

16 *Louis-Auguste Papavoine* (1783-1825) condenado à morte por infanticídio. Foi executado na Place de Grève. *François Avril* (1805-36) cúmplice de Lacenaire. *Louis-Pierre Louvel* (1783-1820) assassino do Duque De Berry (v. nota 80/1). *Edme-Sammuel Castaing* (1797-1823) médico francês, envenenou dois

amigos dos quais esperava herdar a fortuna. *Jean-François-Louis Leclerc Bories* (1795-1822) um dos quatro sargentos de La Rochelle, condenado à pena capital por conspirar contra os Bourbon.

17 *La Poire* era o apelido de Luís Filipe. Durante dezoito anos, toda caricatura política da época, inspirada nos traços fisionômicos do Rei, resumiu-se na pera.

18 *Poquelin* é o nome da família de Molière. *Pierre-Augustin Caron, ou Beaumarchais* (1732-99) poeta e dramaturgo, autor de clássicos como *O barbeiro de Sevilha* e *As bodas de Figaro*.

19 *Camille Desmoulins* (1760-94) nasceu em Grise. É de grande importância sua participação nos principais acontecimentos da Revolução Francesa, a começar pela preparação do ataque à Bastilha, em 14 de julho de 1789. *Jean-Antoine-Étienne Championnet* (1762-1800) célebre general da república, nasceu em Vallence. Por sua bravura e honestidade, é considerado o protótipo do soldado republicano.

20 *Joseph Barra ou Bara* (1780-93) célebre pelo seu heroísmo, não nasceu em Paris, mas em Falaise. Durante a campanha da Vendeia, viu-se rodeado por inimigos realistas que o queriam obrigar a gritar: – Viva o Rei. – Ele respondeu gritando: – Viva a república –, e caiu morto, varado por vinte golpes de baioneta, na idade de apenas treze anos. Sua morte heroica foi celebrada por numerosos poetas, escultores e pintores.

21 *Eurípedes* (485-406 a.C.) dramaturgo grego. *Vejanus* (Horácio, Ep. I, 4) célebre gladiador que depôs as armas aos pés de uma coluna do templo de Hércules como ex-voto. *Pierre Forioso* (1772-1846) dançarino de corda de origem italiana. *Terapontígonus* personagem da comédia *Curcúlio*, de Plauto. *Vadeboncoeur* personificaçãodo guerreiro galante do século XVIII. *Damasípio* (*Licinius Damasippus*) colecionador imprudente, de quem fala Horácio (*Sátiras*, II, 3). *Sócrates* (v. nota 151/1). *Diderot* (v. nota 128/1). *Grimod de la Reynière* (v. nota 138/1). *Curtillus* gastrônomo desconhecido, citado por Horácio (*Sátiras*, II, 8). *Plauto* (v. nota 1/3). *Lucius Apuleius* (125-164) filósofo e escritor satírico romano. A figura do engolidor de espadas aparece em *O burro de ouro*. *Jean-Philippe Rameau* (1683-1764) compositor de música sacra e de óperas em francês, quatro delas em libretos de Voltaire. *Curculião* parasita de Fédromo, na comédia homônima de Plauto. *Ergasílio* parasita da comédia *Captivi*, de Plauto. *Jean Jacques Régis de Cambacérès* (1753-1824) jurista que exerceu vários cargos na magistratura pública francesa, entre 1792 e a Restauração, quando acusado de regicida, foi exilado. *Jean Joseph Aigrefeuille Fulcrand* (1745-1818) nobre envolvido com finanças e fino gastrônomo. *Alcesimarco, Fédromo, Diabolus e Argíripo* são os jovens amantes das comédias *Cistellaria*, *Curculião* e *Asinaria*, de Plauto. *La Courtille* bairro de Paris por onde descia a turba de mascarados na quarta- feira de cinzas. *Aulo Gélio* (120-175) um dos catalogadores da Biblioteca de Alexandria. *Congrião* cozinheiro da comédia *Aululária*, de Plauto. *Charles Nodier* (1780-1844) escritor e bibliófilo francês. *Pardalisca* serva de Cleóstrata na comédia *Casina*, de Plauto. *Pantolabus* apelido de certo Mallius Verna, que emprestava dinheiro para todo mundo (Horácio, Sátiras, II, 8). *Nomentanus* (*L. Cassius Nomentanus*) citado várias vezes por Horácio, célebre glutão que dissipou em prazeres uma fortuna de sete milhões de sestércios (*Sátiras*, I, 1; I, 8). *Tigelius Hermogenes* cantor contemporâneo de Horácio (*Sátiras*, I, 3). *Bobèche* palhaço francês, célebre no tempo do Império e da Restauração; seu verdadeiro nome era, provavelmente, *Antoine Mandelard* ou *Mardelard*.

Quem me interrompe a corrida, puxando-me pelo manto? palavras ditas por Tesprião a Epídico, no início da comédia *Epidicus*, de Plauto.

22 *Trofônio* herói da Beócia, junto com seu irmão Agamedes, construiu o templo de Apolo, em Delfos. Ao edificar o palácio destinado a guardar os tesouros de Hirieu, fez nele uma passagem secreta, para roubá-lo comodamente. Vendo seu irmão caído em uma armadilha construída por ordem de Hirieu, decepou-lhe a cabeça para que não o identificassem; apenas executou o fratricídio, a terra se abriu para o tragar. Nesse lugar, construiu-se mais tarde um santuário subterrâneo onde foram consultados os oráculos durante muito tempo. *Frederick Mesmer* (1733-1815) médico alemão. Pretendeu ter descoberto no ímã um remédio para todas as doenças. Em 1778 estabeleceu-se em Paris, onde conseguiu enorme sucesso com sua tina magnética.

23 *Mayeux* um dos tipos da caricatura francesa. Como Esopo, o fabulista grego, é disforme e corcunda. Foi

criado, depois da Revolução de 1830, pelo caricaturista Charles Traviès, que nele quis simbolizar os burgueses da Monarquia de julho. *Canídia* feiticeira célebre na antiga Roma. Horácio refere-se a ela várias vezes em suas sátiras e épodos. *Maria-Anne-Adélaïde Lenormand* (1772-1843) adivinha francesa, denominada a Sibila de Saint-Germain, foi consultada por altos personagens da política e da nobreza de seu tempo.

24 Delfos, cidade da Grécia, e Dodona, cidade do Épiro, célebres por seus templos e oráculos.

25 *Diógenes* (413-323 a.C) filósofo grego e expoente da doutrina do cinismo. *Jó* personagem bíblico, famoso pelo livro que leva seu nome. *Chodruc-Duclos* (1780-1842), *o moderno Diógenes*, sob a Revolução e o Império, assinalou-se por seu ardente realismo; solicitou em vão de Luís XVIII o marechalato, que não lhe foi concedido. Em sinal de protesto, afetando miséria mais aparente que real, ia passear todos os dias sob as galerias do Palais-Royal, coberto de farrapos, com a barba e os cabelos em completo desalinho.

26 *Plutarco* (45?-125?) escritor grego, autor de numerosas obras sobre os mais diversos assuntos; muitas delas se perderam, outras chegaram até nós abreviadas ou mutiladas. O conjunto de seus escritos divide-se em *Obras morais* e *Vidas paralelas*; estas últimas é que o tornaram mais conhecido. *Silas* personagem bíblico, conhecido por sua calma e confiança. *Domiciano* (81-96) Imperador romano famoso por sua tirania.

27 *Contra os Gracos temos o Tibre. Beber o Tibre é o mesmo que esquecer a sedição. Letes* um dos rios do inferno. Era o rio do esquecimento. As sombras dos mortos bebiam de suas águas para esquecer os males e prazeres da vida na terra.

28 *Le bal Mabille* fundado em 1840 por Mabille, professor de dança. Era um dos lugares de prazer mais frequentados de Paris durante a Monarquia de julho e o Segundo Império. Desapareceu em 1875.

29 *Mme. Saguet* proprietária de um restaurante popular em Montparnasse. *Virgílio* (70-19 a.C.) talvez o maior de todos os poetas latinos, autor da *Eneida*. *Pierre-Jean-David d'Angers* (1788-1856) escultor francês, alcançou êxito em 1811 com a escultura *Morte de Epaminondas*. Além dos bustos de Chateaubriand, Goethe e Lamartine, esculpiu também o busto de Victor Hugo. *Honoré de Balzac* (1799-1850) romancista francês, autor da *Comédia humana*, considerado o criador do moderno romance francês. *Nicolas-Toussaint Charlet* (1792-1845) desenhista francês, ilustrador do *Memorial de Santa Helena*.

30 *Sileno* deus frígio, benfeitor e companheiro de Baco, representado como um velho embriagado. *Jean Ramponneau* (1724-1802) fundador de uma célebre taverna nos Porcherons, em Paris, frequentada por escritores e artistas.

31 *Pantin* na gíria parisiense, significava Paris, como *pantinois* era o parisiense.

32 *Place de Grève* (v. nota 75/2).

33 *4 de agosto de 1789* noite em que a Assembleia Constituinte votou pela supressão de muitos privilégios feudais que ainda subsistiam, como as jurisdições senhoriais e o direito exclusivo à caça, aprovando novas leis, como a admissão de todos os cidadãos aos empregos públicos, a igualdade de impostos, etc.

34 *George Washington* (1732-99) um dos fundadores e o primeiro presidente dos Estados Unidos da América do Norte. *Tadeu Kosciusko* (1746-1817) patriota polonês, foi ajudante de campo de Washington. Voltando à Polônia, lutou contra os russos em 1792 e em 1794, sendo então vencido pela aliança russo-prussiana. *Simon Bolívar* (1783-1830) libertador da Venezuela, da Colômbia, do Peru e da Bolívia. *Marcos Botzaris* (1788-1823) patriota grego, um dos heróis da Guerra da Independência de seu país. *Rafael de Riego y Núñez* (1784-1823) General espanhol, combateu contra as pretensões ditatoriais de Fernando VII, sendo por isso condenado à morte. O hino conhecido sob o seu nome é o canto patriótico e revolucionário da Espanha. *Joséf Bem* (1795-1850) General polonês, tomou parte ativa na insurreição polonesa de 1830. Em 1849, correu à Hungria para combater austríacos e russos, usurpadores de sua pátria. *Daniel Manin* (1804-57) patriota e estadista italiano, dirigiu o movimento nacional contra o domínio austríaco. *Francisco Solano López* (1827-70) General de Brigada, aos dezoito anos combateu contra Rosas, o ditador de Buenos Aires. Em 1864, ambicionando anexar ao seu país algumas regiões do Brasil, da Argentina e da Bolívia, provocou a Guerra do Paraguai, vencida pelos aliados brasileiros, uruguaios e argentinos. *John Brown* (1800-59) abolicionista americano, em 1854 pôs-se à testa de um bando de correligionários no Kansas,

fazendo guerra sem trégua aos escravagistas. Cinco anos depois, vencido em Harper's Ferry, foi condenado à morte e enforcado. Essa execução foi o prelúdio da Guerra Civil Americana. *Giuseppe Garibaldi* (1807-82) uma das figuras mais características do Risorgimento italiano. Combateu no Rio Grande do Sul e no Uruguai. De volta a seu país, dedicou-se à criação de uma Itália independente e unida.

35 *Constantino Kanaris ou Canaris* (1790-1877) herói da independência grega. É também personagem de uma das célebres *Orientales* de Victor Hugo. *Don Antonio Quiroga* (1784-1841) General espanhol, serviu no exército nacional durante a guerra de independência de seu país; em 1820, com Riego, acima citado, pôs-se à testa das tropas constitucionalistas contra Fernando VII. *Carlo Pisacane* (1818-57) mártir da independência italiana.

36 *Byron* (1788-1824) (v. nota 107/1). *André Mazet* (1793-1821) médico francês, vítima de seu devotamento à ciência, quando, em 1821, morreu em Barcelona, para onde se dirigira a fim de combater o flagelo da febre amarela.

37 *Pierre Cambronne* (v. nota 23/2).

38 *La Rapée* pequeno cais à beira do Sena, habitado principalmente por comerciantes de vinho e de madeira. No século XIX, possuía célebres tavernas frequentadas não só pela gente do porto como por jovens nobres que ali iam divertir-se. *Montfaucon* antiga localidade a nordeste de Paris, onde se erguiam as "forcas da grande justiça", formadas por dezesseis pilares de pedra de dez a doze metros de altura, ligados entre si por traves de madeira nas quais se penduravam os corpos dos condenados à forca, para ali apodrecer ou secar. Foi destruído definitivamente em 1790.

39 *Marco Túlio Cícero* (106-43 a.C.) político, orador e escritor latino. *Edmond Burke* (1728-97) escritor e político irlandês; foi grande inimigo da Revolução Francesa. Ambas as expressões, *fex urbis* e *mob*, correspondem a populaça, plebe, gentalha.

40 Como aconteceu com o nome de Jean Valjean, Victor Hugo pensou em outros nomes para designar o moleque Gavroche: Charavoche e Grimebodin são as duas variações encontradas em seus escritos.

41 *Le Marais* bairro de Paris construído na época de Luís XIII. Sua Place Royale (atual Place des Vosges) tornou-se o centro da aristocracia parisiense. Aí morou Victor Hugo por muitos anos.

42 *Louis-Victor de Rochechouart, Duque de Mortemart e de Vivonne* (1636-88) antes de ser Governador e Vice-Rei da Sicília, foi Capitão e General das galés e, sobretudo, irmão de Mme. de Montespan, favorita de Luís XIV durante oito anos.

43 *Jacob Jordaens* (1593-1678) pintor flamengo, notável sobretudo por suas cenas familiares e religiosas. Depois da morte de Rubens, foi considerado o maior pintor de seu tempo.

44 *Les Incroyables* nome dado sob o Diretório aos elegantes da época, que afetavam apuro extraordinário nas roupas, gestos e maneira de falar. Suprimiam os *rr* das palavras, vestiam grandes casacas de cor verde-garrafa, com botões enormes, sapatos pontiagudos, gravatas de musselina, chapéus bicórneos e bengalas rústicas. Devem esse apelido à maneira afetada por que repetiam a cada instante: *– C'est incroyable.*

45 *Marie Anne de Cupis* (1710-70) dançarina francesa conhecida como *Srta. Camargo*. De grande beleza, foi a favorita do público francês durante muitos anos. A partir de 1727 teve por rival a *Srta. Sallé*, para cujo sucesso contribuiu muitíssimo a admiração que a ela consagrava Voltaire.

46 *Marie-Madeleine Guimard* (1743-1816) célebre dançarina da Opéra de Paris, conhecida, por sua feiura física, como *le squelette des Grâces.*

47 *Catherine de Beaumont-Craon, Mme. de Boufflers* falecida em 1787, uma das mulheres mais conceituadas na Corte do Duque de Lorena, em Lunéville; sua vida amorosa valeu-lhe o epíteto de *Dame de Volupté*.

48 *Jacques-Joseph-Guillaume-Pierre, Conde de Corbière* (1767-1853) estadista francês, ultrarrealista, Ministro da Instrução Pública em 1820 e do Interior de 1822 a 1828. *Jean-Georges Humann* (1780-1842) financista e homem de Estado francês, Ministro das Finanças de 1832 a 1836, e, depois, de 1840 até sua morte. *Casimir Périer* (1777-1832) financista e estadista francês, Ministro do Interior em 1831.

49 *Louis-Jules Mancini Mazarini, Duque de Nivernais* (1716-98) literato e diplomata francês, gentil-homem perfeito, sucessivamente encarregado das embaixadas de Roma, Berlim e Londres.

50 *Cordão Azul* insígnia dos cavaleiros da Ordem de Santo Espírito; diz-se comumente de uma pessoa notável por suas qualidades ou autoridade.

51 *Rue Quincampoix* antiga Rue de Paris. Desde o século XIII, foi o centro comercial dos ourives. Tornou-se célebre quando, em 1716, John Law, Controlador das Finanças da França, ali estabeleceu o Banco Geral para venda das famosas ações do Mississipi. Após a partida dos agiotas, a Rue Quincampoix tornou-se solitária e triste.

52 *Charles de Valois*, Duque de Angoulême (1573-1650) filho natural de Carlos IX e de Maria Touchet, viveu 77 anos e não poderia casar-se aos 84 anos; casou-se porém aos dezoito anos, com Charlotte de Montmorency, e, em segundas núpcias, em 1644, com Françoise de Nargonne, então com vinte e um anos de idade, e não com quinze, como diz Victor Hugo. *François d'Escoubleau*, Cardeal de Sourdis (1575-1628) Prelado francês, filho do Marquês de Alluye.

53 O verso completo é de Virgílio, nas *Bucólicas: Si canimus silvas, silvae sint consule dignae!*, em português, *Se cantamos as florestas, que elas sejam dignas de um cônsul*! (Virgílio, *Bucólicas IV*, 3).

54 *Louis-Gabriel Ambroise, Visconde de Bonald* (1754-1840) publicista e filósofo francês, sustentou sempre os princípios do absolutismo monárquico, combatendo por todos os modos a liberdade de imprensa. *Philippe-Jacques de Bengy-Puy-Vallée* (1743-1823) militar e político francês, sempre defendeu a causa monarquista, sendo por isso agraciado com títulos e cargos por Luís XVIII.

55 *Enfiem nas calças*/*as fraldas da camisa*/*senão vão dizer por aí que os patriotas*/*andam hasteando a bandeira branca*. A bandeira branca era o símbolo da monarquia; os bonapartistas adotavam a bandeira tricolor.

56 *Jean-Joseph-Paul-Auguste, Marquês Dessolles* (1767-1828) Ministro de Estado durante a primeira Restauração, Ministro dos Negócios Estrangeiros de 1818 a 1819 e Presidente do Conselho de Gabinete do qual Decazes (v. nota 92/1) era o chefe efetivo. Este último foi atacado pelos ultras como cúmplice do assassinato do Duque de Berry. *Pierre-François-Hercule, Conde Deserre* (1776-1824) estadista francês, tomou parte no gabinete Decazes, tentando com ele mudar a lei eleitoral para reforçar a posição da realeza. Posteriormente, recebeu o título de Ministro de Estado e foi nomeado Embaixador em Nápoles.

57 *Para reforçar o trono abalado na base* / *é preciso mudar de solo, de estufa e de escaninho*. Trocadilho intraduzível com os nomes dos dois integrantes do gabinete Dessolles.

58 *Anne-Hyacinthe-Maxence, Barão de Damas* (1785-1862) Ministro da Guerra em 1823, foi nomeado Ministro dos Negócios estrangeiros no ano seguinte. Renunciou ao Ministério para não apoiar as medidas injustas do governo contra os antigos militares do Império. *Laurent-Gouvion-Saint-Cyr* (1764-1830) Ministro da Guerra em 1815 e em 1817, fez votar a lei do recrutamento militar e da reorganização do exército francês.

59 Ça ira canção popular francesa, adaptada durante a Revolução ao Carillon National, ária de Bécourt, muito em voga na época. O verso citado por Victor Hugo é uma paródia da canção original que diz: Ah! ça ira! ça ira! ça ira! / Les aristocrates à la lanterne!

60 Fualdès o mais célebre processo criminal da Restauração, causado pelo assassinato de Antoine-Bernardin Fualdès (1761-1817), antigo Magistrado do Império, morto em Rodez a 15 de março de 1817.

61 O caso do colar foi, no dizer de Goethe, "o prefácio da Revolução". Desejoso de se reconciliar com Maria Antonieta, Louis de Rohan, Bispo de Estrasburgo e Cardeal, deixou-se enganar por uma intrigante, a Condessa de La Motte, ou Lamothe; assim, julgou que a Rainha desejava ardentemente um colar de um milhão e seiscentos mil francos, recusado pelo Rei. Comprou o colar a crédito e o entregou ao amante da Condessa. Luís XVI, sabendo do que acontecera, prendeu o Cardeal, depois o exilou e condenou a Condessa à prisão da Salpêtrière, da qual conseguiu fugir. Seu marido, o Conde de *Marc-Ambroise-Nicolas de la Mothe-Valois* (1754-1831), sob a Restauração, recebia uma pensão de quatro mil francos de Luís XVIII. Morreu miserável e abandonado, em 1831. O Conde de La Motte, ou Lamothe, nascendo em 1754,

não poderia ter setenta e cinco anos em 1817.

62 *Abel-François Poisson, Marquês de Marigny* (1727-81) por influência da irmã, a Marquesa de Pompadour (*Jeanne-Antoinette Poisson*), obteve altos cargos na corte de Luís XV, onde era Diretor-Geral das Obras, Jardins, Artes e Manufaturas Reais. *Charles de Rohan, Príncipe de Soubise* (1715-87) Marechal de França, era amigo pessoal de Luís XV e servo fiel de Mme. Pompadour.

63 *Jeanne Vaubernier* um dos nomes por que era conhecida a *Condessa du Barry* (Jeanne Bécu 1743-93) antes de se casar com *Guillaume du Barry*. Foi a sucessora de Mme. Pompadour nas preferências do rei. *Mercúrio* filho de Júpiter, deus da eloquência, do comércio e do roubo. *Guéménée* um dos ramos da casa de Rohan. O autor talvez se refira aos quatro príncipes desse nome: Henri, Charles, Victor e Jules, que, apesar de franceses, se bateram contra a França em favor da Áustria.

64 Victor Hugo, no capítulo VII do Livro III, diz, pela boca de Tholomyès, que o trocadilho é *la fiente de l'espri*t e, apesar disso, aqui temos novo trocadilho: – *À quoi donc a été condamné le rédacteur du* Courrier Français? – *À être suspendu*. – *Sus est de trop* –, observa M. Gillenormand. – *Pendre*, além de *suspender*, quer dizer também *enforcar*.

65 *Étienne Soulange-Bodin* (1774-1846) agrônomo e horticultor francês, fundador do Instituto Real de Horticultura, Secretário Perpétuo da Sociedade Real e Central de Agricultura, um dos principais fundadores da Sociedade de Horticultura de Paris. Deixou obras importantes sobre horticultura e agronomia.

66 *Eylau* cidade da Prússia, pertencente à Polônia desde 1945, em cujas proximidades se travou, em fevereiro de 1807, uma das mais sangrentas batalhas da campanha de Napoleão. Em Victor *Hugo raconté par un témoin de sa vie*, lê-se a descrição da batalha de Eylau feita pelo General Louis-Hugo. Ainda na *Légende des Siècles*, Victor Hugo trata do mesmo assunto sob o título *Le Cimetière d'Eylau*.

67 *Sir Hudson Lowe* (v. nota 45/2).

68 *Flamínio* (*Caius Flaminius*) Tribuno do Povo, Cônsul e General romano, morto valentemente na batalha de Trasimeno (ano 217) pelos soldados de Aníbal, General cartaginês.

69 *Saint-Sulpice* uma das igrejas paroquiais mais importantes de Paris. Nela celebraram-se as exéquias da mãe de Victor Hugo e o casamento do autor, a 12 de outubro de 1822.

70 Dessa lista de personagens, que desenvolveram papéis mais ou menos importantes durante a Restauração, poucos são citados pelos dicionários bibliográficos. *Charles-Louis-Alexandre, Marquês de Coriolis d'Epinouse* (1772-1841) literato francês. A razão pela qual o autor o cita como fazendo parte de um salão de múmias talvez seja o fato de ter ele abordado dois assuntos que valeram a Victor Hugo favores reais: *La Mort du Duc de Berry* (1818), e *Songe du Roi Charles* x *à Reim*s (1820). Os trabalhos de Victor Hugo intitulam-se, respectivamente: *Ode sur la mort du S. A. R. Charles-Ferdinand d'Artois, Duc de Berry* (1820) e *Le Sacre de Charles x* (1825). *Alexandre-Emmanuel-Louis de Beauffremont* (1773-1833) combateu contra a República, defendeu o Império e a Restauração. Luís XVIII o elevou a Par de França em 1815.

71 *Jean Paul Marat* (1743-93) o mais temido e o mais odiado dos grandes revolucionários, um dos responsáveis pelo massacre de setembro de 1792. *Trestaillon* (v. nota 32/2).

72 *Introuvable* nome dado por Luís XVIII à Câmara de deputados ultrarrealistas que pedia ao govern que o entregasse à "severidade dos tribunais" os que faziam "parada de sua rebelião"; votava leis que restringiam a liberdade de imprensa e procurava perseguir os antigos revolucionários. *Charles-Nicolas Cornet d'Incourt* (1773-1852) político francês, membro da Câmara *introuvable*, inimigo particular da liberdade de imprensa.

73 *Conde d'Artois* título usado por Carlos x até sua exaltação ao trono. Influenciado pela educação de uma corte leviana, Carlos x era frívolo, entregava-se a todos os prazeres e se fez célebre entre seus contemporâneos pelas aventuras escandalosas de sua juventude. *Campaspe* ou *Pancaste* célebre cortesã asiática, amante de Alexandre Magno. Apeles, ao pintar seu retrato, apaixonou-se por ela de tal modo que o Rei se viu obrigado a dar-lha em casamento. *La Guimard* (v. nota 46/3). Victor Hugo refere-se aqui à fábula de Henry d'Andelys, que por sua vez adaptou uma fábula árabe cujo teor era o seguinte: Aristóteles, preceptor de Alexandre Magno, censurava-o por negligenciar os feitos militares para dedicar-se demasiadamente ao amor de uma linda cortesã. Esta, indignada, resolve vingar-se, fingindo-se apaixonada

pelo velho filósofo. Aristóteles sucumbe a suas intrigas e ela, contente, pede-lhe uma prova de amor: – Toda mulher tem um capricho: o meu é cavalgar no lombo de um filósofo. – Apesar de toda a sua sabedoria, Aristóteles deixa-se arrear e cavalgar pela bela cortesã. A fábula não fala de Campaspe. Victor Hugo, porém, juntou a realidade à lenda.

74 *Nicolas Halma* (1755-1828) Sacerdote e matemático francês. Além das ciências matemáticas, dedicou-se ao estudo das línguas, da medicina e da história. *Denis-Luc de Frayssinous* (1765-1841) Prelado francês, Pregador Real, Conde e Par de França, membro da Academia Francesa e Ministro dos Cultos, em 1824. *Vicenzo Macchi* (1770-1860) foi eleito Arcebispo titular de Nisibis em 1818, e somente em 1820 foi nomeado Núncio Apostólico em Paris. Em 1826 foi elevado ao cardinalato. *César Guillaume de la Luzerne* (1738-1821) Par de França, Ministro de Estado, nomeado Cardeal em 1817. *Anne-Antoine-Jules de Clermont-Tonnerre* (1749-1830) deputado dos Estados-Gerais, foi nomeado Par de França em 1814 e Cardeal somente em 1822, quando era Arcebispo de Toulouse.

75 *Pierre-Marie Cottret* (1768-1841) em 1823, o Cardeal Clermont-Tonnerre levou-o a Roma para acompanhá-lo ao conclave reunido por ocasião da morte de Pio VII, cujo sucessor, Leão XII, o nomeou Bispo *in partibus* de Caryste. *IN PARTIBUS INFIDELIUM* até 1822 foram assim chamados os Bispos, devidamente nomeados e sagrados, aos quais porém o Papa não dava como jurisdição uma diocese, mas, como título, uma das antigas sedes episcopais do Oriente Médio, destruídas pela invasão otomana. Leão XIII, em 1882, aboliu a fórmula *in partibus infidelium*, substituindo-a pela denominação de Bispos Titulares, para distingui-los dos Bispos Residenciais. *Jean Armand de Bosséjouls, conde de Roquelaure* (1720-1818) nomeado Bispo de Senlis em 1754, permanece aí até 1801. Foi conselheiro de Estado e membro da Academia Francesa, apesar de nada ter produzido em literatura, além de duas orações fúnebres pronunciadas diante da Corte.

76 *O Marquês de Talaru* (1773-1850) possuidor de grande fortuna, Par de França em 1815, foi nomeado Embaixador em Madri por indicação de Chateaubriand. Na época da intervenção francesa em favor de Fernando VII, passou a ser Ministro de Estado. *Charles-Joseph-Fortuné, Marquês de Herbouville* (1756-1829) General francês. Apesar de ter servido ao governo sob o Consulado e o Império, definiu-se posteriormente pelos Bourbon, recebendo de Luís XVIII os títulos de Par de França e de Marquês. *Charles-Emmanuel-Henri, Visconde Dambray* (1785-1868) Conselheiro de Estado, Grão-Mestre de cerimônias, Par de França a partir de 1815. Honoré-Gabriel, Príncipe de Mônaco, Duque de Valentinois (1778-1841), Par de França desde junho de 1814.

77 *Chateaubriand* (v. nota 73/1). *Père Duchesne* (v. nota 27/1). *Jacques Claude, Conde Beugnot* (1761-1835) Magistrado e estadista francês ligado aos Bonaparte, depois da queda de Napoleão, foi Ministro da marinha. Assinalou-se pelo ardor com que defendeu os princípios da liberdade de imprensa.

78 *Anne-Geneviève de Bourbon-Condé, Duquesa de Longueville* (1619-79) célebre heroína da Fronde. *Marie de Rohan-Montbazon, Duquesa de Chevreuse* (1600-79), cuja vida toda foi um intrincado de intrigas amorosas e políticas, dignas dos romances de Alexandre Dumas. *Renée-Caroline de Froullay, marquesa de Créquy* (1714-1803) pequena e feia, mas muito culta, reunia em sua casa os escritores da época, chegando a influenciar o próprio Rousseau.

79 *Matusalém* o oitavo dos patriarcas antediluvianos, morreu na idade de 969 anos. É a vida mais longa de que falam as Escrituras. *Epimênides de Gnossa* (650 a.C.) um dos mais antigos representantes da filosofia grega. Segundo a lenda, estando um dia à procura do rebanho, entrou numa gruta para repousar, dormiu e despertou 57 anos depois. De acordo com a tradição, Epimênides faleceu à idade de 154 anos. Alguns dizem até que morreu aos 299 anos.

80 *Coblentz* cidade da Alemanha (Província Renana). Em 1792, foi o asilo principal da nobreza da França e o centro da reação monarquista.

81 *Jean-Baptiste-Séraphin-Joseph, Conde de Villèle* (1773-1854) estadista francês durante a Restauração, pronunciou-se pela volta ao Antigo Regime, permanecendo no Ministério de 1821 até 1827.

82 *Scapin* um dos personagens mais célebres e cômicos da comédia italiana; criado intrigante e poltrão,

sempre disposto a agradar ao patrão, mais por interesse que por inclinação (*Les Fourberies de Scapin*, Molière, 1671).

83 *Alphonse-Louis-Dieudonné Martainville* (1776-1830) autor dramático e jornalista francês. Fez-se notar pelo ódio profundo que alimentava contra a Revolução Francesa, o que o transformou emídolo da juventude nobre do seu tempo. Foi o fundador do *Drapeau Blanc* (v. nota 175/1). *Voltaire* (v. nota 17/1).

84 *Joseph Fiévée* (1767-1839) escritor francês, cujo romance *La Dot de Suzette* (1798) teve enorme sucesso; não desempenhou nenhum papel político, limitando-se a uma política de salão. *Agier* fundador e chefe do partido homônimo que exerceu considerável influência nas câmaras da Restauração desde 1826 até 1830. *Charles-Jean-Auguste-Maximilien de Colnet de Ravel* (1768-1832) condiscípulo de Bonaparte em Brienne, abandonou o exército pela medicina, dedicando-se mais tarde ao jornalismo e à literatura. Sua livraria, em Paris, era o lugar de reunião de seus correligionários monarquistas.

85 *Vincent-Marie Viénot, Conde de Vaublanc* (1756-1845) político francês e Ministro do interior; ultrarrealista ardoroso.

86 A volta de Luís XVIII ao trono encheu de satisfação a Sophie Hugo, mãe de Victor Hugo, para a qual os Bourbon possuíam todas as virtudes necessárias para restabelecer uma monarquia utópica. Para isso, era necessário que seus filhos partilhassem de suas ideias e se mantivessem afastados do pai, o General Hugo, de quem se separou legalmente. Em seu modesto apartamento da Rue des Petits-Augustins, recebia regularmente seus amigos legitimistas, na esperança de que um Coriolis, por exemplo, amigo de Chateaubriand, prestigiasse seus talentosos filhos. A posição do jovem Victor Hugo nesse salão monárquico era idêntica à de Marius nos salões frequentados pelo Sr. Gillenormand; ele era o filho de um bonapartista sanguinário.

87 Esse último parágrafo tornou-se lugar-comum nas biografias de Victor Hugo, para descrever a juventude do autor.

88 Le Moniteur Universel (v. nota 19/1). Memorial de Santa Helena obra de Emmanuel Augustin Dieudonné, Conde de Las Cases (1766-1842), publicada em Paris em 1822-23. Las Cases foi um dos quatro amigos de Napoleão que o acompanharam ao exílio. Em seu Memorial, dá uma relação pormenorizada dos hábitos e palavras de Bonaparte durante o primeiro ano passado em Santa Helena. Sua obra provocou a volta do napoleonismo, que culminou com a subida ao poder de Napoleão iii.

89 *Tibério (Tiberius Claudius Nero*) (v. nota 106/2). *Croquemitaine* monstro imaginário com que se assustam as crianças. O mesmo que papão, bicho-papão, cuca.

90 *Francis-Joseph Talma* (1763-1826) ilustre ator trágico francês, socorreu monetariamente Bonaparte quando este se viu necessitado, na época em que era um simples general. Insuperável em seus papéis de imperadores e reis (Nero, Henrique VIII, Carlos IX), espalhou-se a lenda de que Napoleão, de quem sempre foi amigo íntimo, recebeu dele lições para *posar* como Imperador. *Jaffa* cidade e porto da Turquia asiática. Atualmente pertence ao Estado de Israel. Em 3 de março de 1799, Bonaparte chegou diante de Jaffa, defendida por quatro mil homens. A cidade foi tomada pela divisão Lannes e sua guarnição foi passada a fio de espada. Os mil prisioneiros, sem transporte que os levasse para o Egito, foram fuzilados por ordem de Bonaparte. O exército napoleônico viu-se logo em seguida atacado pela peste, sendo os doentes, em seu maior número, transportados por mar até o Egito. Os 25 restantes, por ordem ainda de Bonaparte, foram envenenados com ópio. No *Memorial de Santa Helena* (v. nota 88/3), ele nega essa acusação, atestada, aliás, por numerosos contemporâneos.

91 *Geronte* velho da comédia clássica, transformado depois em tipo da credulidade e objeto de zombaria, como aparece no *Médecin malgré lui* e nas *Fourberies de Scapin*, de Molière. *Werther* protagonista do romance homônimo de Goethe (v. nota 30/2), de sucesso prodigioso e geral em toda a Europa, narrando os sofrimentos de um jovem que se mata por amor. Como diz Mme. de Staël, esse romance causou mais suicídios na Europa que a mais bela mulher do mundo. Werther é a personificação dos sonhos de uma juventude doentia; é a expressão, o eco de um sentimento universal, no dizer do próprio Goethe.

92 *Louis-Dominique Cartouche* (1693-1721) ladrão célebre, esquartejado na Place de Grève. Dotado de

imperturbável sangue-frio, cometia seus crimes com calma e sem cólera, escapando assim ao sentimento de horror que inspiram os bandidos, graças a certos aspectos de sua vida em que se mostrou generoso e galante para com as mulheres.

93 *Argus* príncipe argiano, tinha cem olhos, dos quais cinquenta permaneciam sempre abertos. Juno encarregou-o de vigiar Io, sacerdotisa sagrada, amada por Zeus. Mercúrio, enviado por Júpiter, adormeceu-o ao som de sua flauta e cortou-lhe a cabeça. Juno semeou-lhe os olhos pela cauda do pavão. É também o nome do cão de Ulisses, imortalizado por Homero.

94 *Quartier Latin* dá-se esse nome (os estudantes dizem simplesmente *le Quartier*) à parte de Paris (Panthéon e Luxembourg) onde se encontra o maior número de escolas da capital francesa: as Escolas de Medicina, de Farmácia, de Direito, a Sorbonne, o Collège de France, o Museu Pedagógico, a Escola Politécnica etc. Historicamente o nome poderia justificar-se pela preferência demonstrada pelos romanos por essa parte da cidade, onde levantaram edifícios consideráveis, como o Palácio das Termas. Mas essa denominação veio-lhe sobretudo porque *le Quartier* era o centro de ensino clássico. Antes da Revolução, dizia-se depreciativamente: *le pays latin*.

95 *Tugendbund* (de *tugend*, virtude, e *bund*, sociedade) associação patriótica alemã organizada para a juventude. Originou-se, em 1790, da seita dos iluminados, com o fim de restabelecer a independência da pátria. Em 1809, a Tugendbund ramificava-se por toda a Alemanha, inquietando o próprio Napoleão, que exigiu a dissolução da sociedade; apesar disso, continuou suas atividades até princípios de 1813. *La Cougourde*, uma das sociedades republicanas da época, sem grande importância na história das sociedades secretas.

96 *Abaissé*, além de reproduzir o som da sigla ABC, significa também rebaixado, humilhado.

97 Pela segunda vez, Victor Hugo faz a apologia do trocadilho. Ele próprio não acredita nesse jogo fácil de palavras, pondo-o sempre nos lábios do velho e antiquado Sr. Gillenormand ou na boca de estudantes desocupados. Como para desculpar-se com o leitor, pela segunda vez neste mesmo livro invoca exemplos clássicos de trocadilhos históricos, repetindo até um já citado no livro primeiro: *Tu es Petrus et super hanc petram* etc. *Castratus ad castra* O castrado no exército. Narsés, célebre general bizantino (472-568), eunuco da corte de Justiniano, conseguiu galgar os mais altos postos militares depois de sair vitorioso em inúmeras batalhas. *Barbari et Barberini* a frase completa é: *O que não fizeram os bárbaros, fizeram os Barberini*. É um epigrama de Pasquino, dirigido ao Papa Urbano VIII (*Maffeo Vincenzo Barberini*, 1568-1644), o qual mandou tirar todo o bronze que revestia as traves do Panteão de Roma para fazer canhões (em número de oitenta) e fundir as quatro colunas e o baldaquim do altar-mor da Basílica Vaticana.

98 *Antinous* jovem escravo bitínio, tipo de beleza perfeita, afogou-se no Nilo. Era o favorito do Imperador Adriano, que o chorou muitíssimo, mandando que se lhe erigissem templos por todo o Império romano e que seu corpo fosse reproduzido pelos mais célebres artistas. Antinous tornou-se o símbolo da beleza masculina.

99 Victor Hugo quer lembrar ao leitor não só Alexandre Dumas, Sainte-Beuve, Charles Nodier, Alfred de Musset, Lamartine, Alfred de Vigny e outros, mas ele próprio, o *enfant* sublime, agraciado por uma menção honrosa, aos quinze anos, com o lírio de ouro aos dezessete, com uma pensão real concedida por Luís XVIII aos dezoito anos etc.

100 *Monte Aventino* uma das colinas de Roma, era o bairro mais popular da cidade, enquanto o Palatino era o mais aristocrático. Não devemos confundi-lo com o monte Sagrado, para o qual se retirou a plebe de Roma durante a revolta contra o patriciado. A locução *Retirar-se para o Aventino* é em parte inexata, contudo ficou consagrada para designar um partido que se separa da maioria para defender os interesses do povo. *Graco* (*Tibério Semprônio*) (160-133 a.C.) o primeiro dos Gracos, tribuno romano, lutou pelo melhoramento das condições de vida da classe média, prejudicada pela extensão exagerada dos grandes patrimônios. Foi morto pelos nobres sobre o Capitólio, acusado de querer tornar-se Rei. Seu cadáver foi lançado no Tibre. *Caio Semprônio* seu irmão menor, também foi um dos promotores das leis agrárias, retirando-se para o monte Aventino quando a oposição à sua política triunfou no senado. *Convenção*

assembleia política francesa que governou a França de 1792 a 1795. *Louis Antoine de Saint-Just* (1767-94) ilustre convencionalista francês, alto e de bela fisionomia, queria "propagar sobre a Terra o amor pela virtude e a felicidade". Depois de ter tomado parte importante na Revolução, foi guilhotinado com apenas vinte e sete anos de idade.

101 *Evadne* uma das concepções mais originais da mitologia grega. Recusando o amor de Apolo, apaixonou-se por Capaneu, gigante grotesco e insolente que se gabava de escalar os muros de Tebas. Ao vê-lo morto por um raio, lançou-se à fogueira em que se cremava o seu corpo. Virgílio coloca-a no inferno entre as vítimas do amor. *Aristógiton* ateniense, juntamente com *Harmódio,* foi um dos que conspiraram contra a vida dos tiranos de Atenas (514 a.C.). Ao ser condenado à morte por regicídio, denunciou como cúmplices todos os amigos dos tiranos. Os atenienses levantaram-lhes estátuas, consagrando-lhes cantos e poesias.

102 *Querubim* personagem do *Mariage de Figaro*, peça de Beaumarchais (v. nota 18/3). Assim ele se define: *Meu coração palpita à simples vista de uma mulher; as palavras amor e prazer fazem-me estremecer e me perturbam. Enfim, a necessi*dade *de dizer a alguém eu te amo tornou-se para mim tão insistente que eu as digo sozinho, correndo pelo bosque, à tua amante, a ti, às árvores, às nuvens, ao vento que as leva juntamente com minhas palavras perdidas*. *Ezequie*l o terceiro dos chamados profetas maiores. Eis a descrição que faz dos querubins em uma de suas visões: *E, no meio deste mesmo fogo, aparecia uma semelhança de quatro animais, cujo aspecto tinha a semelhança do homem. Cada um tinha quatro rostos, e cada um quatro asas. Os seus pés eram pés direitos, e a planta dos seus pés era como a planta do pé de um novilho, e cintilavam como cobre incandescente. E tinham mãos de homem debaixo das suas asas aos quatro lados; e também tinham rostos e asas pelos quatro lados. E as asas de um estavam juntas às do outro; não se voltavam quando iam caminhando, mas cada um caminhava segundo a direção do seu rosto. E a semelhança do seu rosto era rosto de homem, e rosto de leão à direita em todos os quatro, e rosto de boi à esquerda em todos os quatro, e rosto de águia no alto nos mesmos quatro* (Ez. 1, 5-10).

103 Durante a Revolução, *Maximilien de Robespierre*, "o Incorruptível" (1758-94), fez reinar o terror na França; dirigindo a política do governo revolucionário, sonhava em estabelecer o reino da Virtude. Foi levado agonizante à guilhotina, depois de ter sofrido um atentado numa reunião política em Paris. *Antoine Caritat, marquês de Condorcet* (1743-94) matemático, filósofo, economista e convencional francês. Presidente da Assembleia legislativa durante a Revolução, envenenou-se para escapar à guilhotina.

104 *Dominique-François-Jean Arago* (1786-1853) sábio francês, membro da Academia de Ciências, muito jovem ainda, foi durante vinte anos Professor de análise e geodésia na Escola Politécnica de Paris. Como Diretor do Observatório, seus cursos de astronomia ficaram célebres por sua admirável clareza de raciocínio. Construiu o fotômetro e o polariscópio, com o qual verificou os resultados obtidos por Augustin-Jean Fresnel a respeito da polarização. *Étienne Geoffroy-Saint-Hilaire* (1772-1844) naturalista francês, nomeado professor de zoologia do Museum com apenas vinte anos, acompanhou Bonaparte na campanha do Egito. É considerado o criador da embriologia. *Saint-Simon* (v. nota 105/1). *François-Marie-Charles Fourier* (1772-1837) filósofo e sociólogo francês, precursor do socialismo, lutou pela abolição do atual sistema econômico e foi Chefe de uma escola que, sob diversos nomes (societária, harmoniosa, garantista etc.), continuou e completou suas ideias. Contra Saint-Simon, escreveu: *Ciladas e charlatanismo das duas seitas de Saint-Simon e de Owen* (1831). *Jacques de Chastenet, Marquês de Puységur* (1752-1825) renunciou à carreira militar, tornando-se um dos discípulos de Mesmer. Publicou diversas obras a respeito do magnetismo. *Joseph-Philippe-François Deleuze* (1755-1835) ardente propagador das teorias do médico alemão Franz Mesmer, fundador da teoria do magnetismo animal, o mesmerismo.

105 *André-Marie Chénier* (1762-94) poeta francês, de origem grega, clássico, não só pela imitação delicada da Antiguidade, mas também pelo gosto da mitologia, pela perífrase e pelas palavras nobres. Aliou-se ao movimento revolucionário moderado. A queda da monarquia fê-lo abandonar a política, à qual voltou por ocasião do julgamento do Rei, oferecendo-se para participar de sua defesa, do que resultaram sua prisão e consequente condenação à guilhotina.

106 *Corneille* (v. nota 33/1). *Racine* (v. nota 176/1). *Theodor Agrippe d'Aubigné* (1552-1630) literato e

Capitão calvinista francês, autor da *História Universal desde 1550 até 1601*, é considerado pelo poeta e crítico Saint-Beuve (1804-1869) como o Juvenal (v. nota 33/1) do século XVI.

107 *François-Bernard, Marquês de Chauvelin* (1766-1832) embora nobre, aderiu à Revolução, sendo nomeado para a embaixada da Inglaterra em 1792. Durante a Restauração foi eleito Deputado. *Joseph-Étienne Caumartin* (e não *de Caumartin*) (1760-1825) político francês, destituído de suas funções de *maire* com a volta dos Bourbon, foi em seguida eleito Deputado, mostrando-se constantemente corajoso defensor das liberdades nacionais. *Benjamin Constant de Rebecque* (1767-1830) escritor, político e orador francês, entrando para o corpo legislativo aderiu quase logo à oposição, sendo por isso eliminado. Sua doutrina resumia-se em um individualismo completo. Seu trabalho mais célebre foi o romance *Adolfo*, editado após seu rompimento com Mme. De Staël. Foi um dos 221 deputados que deram a coroa a Luís Filipe. *Marie-Jean-Paul Roch-Yves-Gilbert Motier, Marquês de Lafayette* (1757-1834) General e político francês, lutou primeiramente pela independência dos Estados Unidos ao lado do cientista e ideólogo americano Benjamin Franklin (1706-1757). Voltou depois à sua pátria, onde tomou parte importante nos acontecimentos da França desde a Revolução até a subida de Luís Filipe ao trono.

108 *Tholomyès* amante de Fantine na primeira parte.

109 *Lallemand* jovem estudante morto a 2 de junho de 1820, e não em 1822, na Place du Carroussel, por ocasião dos motins suscitados entre os liberais pela votação da lei eleitoral chamada “de duplo voto”. Foi sepultado no Père-Lachaise no dia 5 de junho, o que deu ocasião a grandes manifestações estudantis.

110 *Anne-François de Béziade*, Conde (e não Marquês) de Avaray (1759-1811) general francês, Deputado aos Estados-Gerais. Luís XVIII elevou-o a Par de França e Cavaleiro, entregando-lhe a administração dos Invalides.

111 *Jacques-Benigne Bossuet* (1627-1704) Prelado francês, é conhecido como *a águia* (*L’Aigle*, daí o trocadilho) de Meaux. Terminada a educação do Delfim, de quem era preceptor, foi nomeado Bispo de Meaux, em 1681, tornando-se famoso por suas orações fúnebres.

112 Trocadilho intraduzível: *cinq* e *saint* em francês são palavras homófonas.

113 Além do trocadilho feito como o nome de *Lègle* (de Meaux), vem agora outro sobre o nome de Joly: *Tu peux t’envoler sur quatre L* – baseado na homofonia dos *ll* (consoantes) e das *ailes* (asas). Mais adiante temos ainda *Grantaire*, que se assinava R.

114 *Feuillants* membros do clube homônimo criado em 1791 no mosteiro de *Feuillant*, em Paris. Destinava-se a defender ao mesmo tempo o Rei e a Constituição. Entre seus membros, contavam-se o grande tribuno do movimento de 1789, Mirabeau (1749-91), André Chénier (v. nota 105/3) e muitos outros, vítimas de um movimento que haviam favorecido sem depois conseguirem dirigi-lo.

115 *Augustin-Bon-Joseph de Robespierre* (1764-94) chamado o jovem, irmão de Maximilien Robespierre, um dos mais célebres personagens da Revolução Francesa, foi um dos primeiros protetores de Bonaparte. Por ocasião da condenação de seu irmão, exclamou: – Eu sou cúmplice de seus crimes; levem-me como ele. – Após tentar suicidar-se, foi guilhotinado. *Jean-Simon Aved de Loizerolles* (1732-94) é lendário seu devotamento de pai, subindo ao patíbulo em lugar do filho, lenda contestada pelos fatos, mas que foi explorada pelo filho, François Loirezolles (1772-1845), literato sem nenhum valor, que escreveu o poema *La Mort de Loizerolles ou Le Triomphe de l’amour paternel*.

116 *J’aime les filles*/ *Et j’aime le bon vin*. Palavras da canção *Viva Henrique iv*, composta por Charles Collé (1709-83) para sua comédia *La partie de chasse de Henri IV* (1764).

117 *Pólux* amigo e irmão de Castor, os dois filhos de Leda, que, transportados ao céu, se transformaram na constelação dos Gêmeos (*Ilíada*). *Pátroclo* herói homérico, amigo de *Aquiles*, a quem acompanhou na guerra de Troia, onde morreu valentemente. *Nisus* jovem troiano, que seguiu Eneias à Itália e cuja amizade por *Eurí*alo foi imortalizada por Virgílio no livro IX da *Eneida*. Os nomes de Nisus e de Eurí*a*lo tornaram-se sinônimos de amigos devotados até a morte. *Eudâmidas* amigo de *Areteus* e de *Carixene*, celebrados em *Toxaris*, do filósofo grego Luciano. *Eféstion* (357?-324 a.C.) amigo de *Alexandre Magno*. Este, tomando Aquiles por modelo, via em Eféstion o seu Pátroclo. Assim, quando ele morreu em Ecbátana, rendeu-lhe

homenagens imitadas da lenda homérica, queimando-lhe o corpo numa pira que lhe custou dez mil talentos. *Pechméja* amigo do médico francês Dubreuil, morreu ao tratar deste, vítima de uma moléstia contagiosa.

118 *Orestes* filho de Agamenão. Sua amizade por *Pílades* tornou-se lendária. Orestes ocupa sempre o primeiro plano, ao passo que Pílades fica em plano secundário, sofrendo as desvantagens provenientes às vezes da própria intimidade.

119 *Jean-Baptiste-Antoine-Hyacinthe Blondeau* (1784-1854) catedrático de direito romano a partir de 1815. Escreveu numerosas obras sobre jurisprudência.

120 *Instruí-vos, vós que julgais a terra*.

121 *Jean-Jacques Rousseau* (1712-78) um dos filósofos que exerceram maior influência sobre a França e a Europa no século XVIII. Casou-se, depois de vinte e cinco anos de vida em comum, com *Thérèse Levasseur*. Todas as crianças que nasceram dessa união foram entregues a orfanatos. Ambos moraram na Rue Plâtrière, apartamento 2, quarto andar.

122 *Heidelberg* cidade da Alemanha. Seu grande tonel, com capacidade para 284 mil litros de vinho, era uma de suas atrações. É anterior à guerra dos Trinta Anos, tendo sido reedificado e embelezado através dos séculos.

123 *Eclesiastes* quarto dos livros didáticos do Antigo Testamento. Até o século XIX, era atribuído a Salomão. Atualmente, julgam-no escrito em época anterior ao exílio de Babilônia, entre o ano 332 e a perseguição de Antíoco Epifanes.

124 *Calígula* (Caius Cesar Augustus Germanicus) terceiro Imperador romano, filho adotivo de Tibério, proclamou a própria divindade, construiu um templo para si mesmo, fez-se adorar por um colégio de sacerdotes, ao qual associou seu cavalo *Incitatus*, para quem construiu uma estrebaria de mármore, uma casa completa, onde fazia questão de tomar as refeições em companhia de seus íntimos. *Carlos II* (1630-85) filho do rei executado pela primeira Revolução Inglesa.

125 *Étienne Gros* (1797-56) filólogo e humanista francês, foi professor em diversos colégios de Paris.

126 *Estrongilião* estatuário grego dos fins do século v a.C., escultor de animais e divindades femininas. Em Roma, foram célebres dois de seus trabalhos: o “menino”, de Brutus, e a “Amazona” pertencente a Nero (Plínio, *Nat. Hist*., XXXIV, 82).

127 *Se o costume o exige* (Horácio, *Arte poética*, 71).

128 *Fócio* General, orador e político ateniense, discípulo de Platão e Xenócrates, foi condenado à morte como traidor da pátria por sufrágio unânime de seus concidadãos. Bebeu cicuta e morreu no ano 317 a.C. Sua *Vida* foi escrita por Plutarco e Cornélio Nepos. *Gaspard II de Coligny, senhor de Châtillon* (1519-72) austero e de costumes nobres, assassinado em Paris. Seu cadáver foi pendurado nas forcas de Montfaucon. *Pisístrato* (600?-527 a.C.) tirano ateniense que, apesar de seus defeitos como governante, enriqueceu Atenas com vários monumentos, abriu a primeira biblioteca pública, coligiu e publicou as rapsódias homéricas e as obras de vários poetas antigos, preparando assim a grandiosidade futura de Atenas.

129 *Filetas* (340-290 a.C.) gramático e poeta alexandrino.

130 *Silanião* escultor ateniense do século IV a.C. É autor de diversas outras obras; o busto de Platão, o atleta Síbaris, Perseu, Aquiles etc. *Plínio* (61-105) escritor latino, famoso por suas descrições e cartas.

131 *John Bull* apelido dado ao povo inglês para significar sua calma e obstinação. Deriva de um panfleto de *John Arbuthnot*, médico da Rainha Ana, dirigido contra o Duque de Marlborough (*O processo sem fim*, ou *A história de John Bull* – 1712).

132 *Vignemale* ponto culminante dos Pirineus franceses. O conjunto maciço compreende nove cumes, de cujos flancos descem as maiores geleiras daquela cadeia de montanhas. *Cibele* deusa da terra na mitologia greco-romana; era representada como uma mulher robusta e poderosa, tendo a cabeça cingida por torres para indicar as cidades que havia tomado sob a sua proteção. *Pã* divindade campestre comum à Grécia, a Roma e ao Egito. *Io* amante de Júpiter, transformada em vaca pelo ciúme de Juno. *Pissevache* uma das mais bonitas e célebres cascatas da Suíça.

133 *Touquet* (v. nota 63/1) publicou em 1821 a *Lettre de M. Touquet, éditeur de la Charte Constitutionelle*.

134 *Nicolas Desmarets* (1650-1721) financista francês, Controlador-Geral das Finanças sob Luís XIV.

135 Luís XVIII, após a queda de Napoleão (18 de junho de 1815), fez voltar ao poder a casa dos Bourbon. *18 brumário* nome que se deu ao golpe de Estado que pôs fim ao Diretório, substituído pelo Consulado, no dia 18 brumário do ano VIII (9 de novembro de 1799).

136 *Porque me chamo leão* (*Fedro*, fábula vi, livro I).

137 *Flávio Pedro Sabácio Justiniano* (483-565) Imperador do Oriente, famoso por sua contribuição ao *Corpus Juris Civilis*, uma das mais importantes obras do direito romano. *Caius Julius Caesar* (100-44 a.C.) General, estadista, orador, historiador e legislador romano. Após integrar o primeiro triunvirato, juntamente com Pompeo e Crasso, e obter inúmeras e notáveis vitórias militares, extinguiu a República e deu início ao período imperial de Roma. *Blaise Pascal* (1623-62) filósofo e matemático francês, autor da frase: O coração tem razões que a razão desconhece. *Tácito* (v. nota 33/1). *Isaac Newton* (1642-1727) químico, físico e matemático inglês, descobridor de várias leis da física, entre elas a da gravidade. *Abulqasim Mohamed ibn Abdala ibn Abd Al-Mutalib Hashim* (570-632) profeta árabe, tradicionalmente tido como o responsável pela organização do livro sagrado do Islã, o Alcorão. *Pierre Simon Laplace* (1749-1827) astrônomo, físico, matemático e político francês. Foi feito Ministro e Conde durante o período napoleônico, mas foi Luís XVIII quem lhe conferiu o título de Marquês. *Philippe Antoine Merlin* (1754-1838) político de imenso prestígio no período napoleônico, foi destituído do Conselho do Estado com a Restauração, retomou suas atividades durante os Cem Dias, após o que foi novamente eliminado da estrutura do governo monárquico. *Oliver Cromwell* (1599-1658) político inglês, calvinista e puritano, liderou o exército que destituiu o Rei Carlos I. Proclamador da República (Commonwealth). Com o título de Lorde Protetor, promoveu um momento de imensa prosperidade na história da Inglaterra.

138 *Se César me desse* / *a glória e a guerra* / *e eu tivesse de deixar* / *o amor de minha mãe,/eu diria ao grande César:/conserve seu cetro e seu carro:/prefiro minha mãe.* É uma paródia da canção de Alceste, no *Misanthrope* de Molière (Ato I, cena II): *Si le roi m'avait donné /Paris sa grand'ville /Et qu'il me fallût quitter /L'amour de ma mie/Je dirais au roi Henri: Reprenez votre Paris/J'aime mieux ma mie, ô gué!/J'aime mieux ma mie.*

139 Este capítulo, como outros trechos autobiográficos deste livro, é usado por todos os biógrafos de Victor Hugo para descrever a pobreza a que se viu reduzido o autor após a morte da mãe, em 1821. Seu pai, o General Hugo, prometia-lhe uma mesada caso *se resolvesse a seguir uma carreira mais sólida que a das letras*. Victor Hugo recusou-lhe a oferta, mudou-se para um sótão da Rue Dragon, onde morava com seu primo, o jovem Adolphe Trébuchet, e, mais tarde, para um quarto ainda menor, no Quartier Latin. Tinha então dezenove anos.

140 *Eumênides* (do grego *eu*, bom, e *menos*, caráter) nome usado pelos gregos para designar as divindades infernais conhecidas por Fúrias.

141 *Miserere* palavra que, na tradução latina, inicia o quinquagésimo salmo do Rei Davi. *Gregório Allegri* (1587-1640) compositor de música sacra, deve sua celebridade sobretudo a um *Miserere* que se canta às Sextas-Feiras Santas na capela Sistina.

142 *Claude-Pierre Pajol* (1772-1844) General e Par de França, chefiou os revoltosos na Revolução de julho de 1830 contra o governo de Carlos x. *Jacques-Nicolas, Barão de Bellavesne* (1770-1826) General francês; seu nome está inscrito no Arco do Triunfo da Place de l'Étoile, em Paris. *François-Nicolas, barão Fririon* (1766-1840) General francês. Em 1832, Luís XVIII nomeou-o Governador dos Invalidos.

143 A Revolução de 1830, que teve como efeito a abdicação e o consequente exílio do Rei, foi provocada pelas célebres *ordonnances* de 25 de julho, violação manifesta da Carta, com as quais Carlos x queria destruir a liberdade de imprensa e modificar profundamente o sistema eleitoral, depois de haver sido derrotado pela oposição nas eleições gerais havia pouco realizadas.

144 *Jó* (v. nota 25/3). *Marengo* batalha vencida por Napoleão na campanha da Itália, em 1800.

145 *La Quotidienne* jornal fundado em Paris a 22 de setembro de 1792. Redigido por realistas, viu-se

obrigado a mudar de nome e de forma por diversas vezes, só retomando seu nome primitivo durante a Restauração.

146 *Lazare-Nicolas-Marguerite Carnot* (1753-1823) um dos maiores cidadãos do período revolucionário, estadista, militar, publicista e geômetra de renome. *Joseph Fouché, duque de Otranto* (v. nota 161/1).

147 Père Duchesne (v. nota 27/1).

148 Victor Hugo, com apenas vinte e cinco anos, foi o líder do movimento renovador da literatura francesa com a peça *Hernani*. Drama poético estreado em 1830, tendo a célebre Srta. Mars como *Doña Sol*, conseguiu movimentar toda a mocidade artística e estudiosa da época, que qualificava a si mesma de "salteadora do pensamento". Na manhã seguinte ao estrondoso sucesso dessa tragédia, Chateaubriand, já idoso, escrevia a Victor Hugo: *Eu estou indo, e vós estais vindo*.

149 *Apolo do Belvedere* a mais célebre de todas as produções da arte antiga. De autor desconhecido, foi encontrada em Porto d'Anzio, cidade natal de Nero, que, para embelezá-la, despojou de suas riquezas os templos da Grécia, sobretudo o de Delfos; acha-se no Museu do Vaticano, na galeria do Belvedere, de onde lhe veio o nome. *Vênus de Médici* célebre estátua antiga do Museu de Florença, de autor desconhecido, encontrada em Tívoli, na vila Adriana, pelo ano de 1680; foi transportada para Florença sob o pontificado de Inocêncio x; deve seu nome aos Médici, que a adquiriram.

150 *Odéon* teatro fundado em 1797 em Paris em Saint-Germain; por ele passaram as maiores celebridades da arte cênica francesa. Em 1832 estava sendo ocupado pela Comédie-Française.

151 *Emmanuel-Joseph Sieyès* (1748-1836) Sacerdote e político francês. Votou pela morte de Luís XVI, foi um dos três cônsules durante o Consulado, tornando-se depois Senador, Conde do Império, agraciado com a Legião de Honra. Proscrito como regicida, voltou à França após a Revolução de julho (1830).

152 *Tivoli* célebre parque de diversões de Paris, hoje desaparecido, onde o primeiro Cônsul, Napoleão, ofereceu um banquete ao exército.

153 *Raffaelo Sanzio* (1483-1520) célebre pintor, arquiteto e escultor da escola romana. Com Michelangelo e Leonardo da Vinci, encarna o gênio da Renascença. Sua graça e arte se manifestam com toda a sua força na juventude e pureza incomparáveis de suas Madonas. *Jean Goujon* escultor francês, do século XVI. Entre seus numerosos trabalhos, contam-se as *Ninfas*, em número de cinco, uma *Diana* e as célebres *Cariátides*, obras que atualmente estão no Museu do Louvre.

154 *Nicolas-Louis-François de Neufchâteau* (1750-1828) Conde do Império, membro da Academia Francesa, estadista e escritor francês. Seus estudos sobre o *Gil Blas de Le Sage* colocam-no entre os críticos mais engenhosos e profundos de seu tempo. Discutia-se então a originalidade do célebre romance de *Le Sage*, que Voltaire dizia ser plagiado da *Relação da vida do escudeiro Marcos Obregon*, de Vicente Espinel. A edição do *Gil Blas* de Neufchâteau apareceu em 1819.

155 *Pierre François Audry de Puyraveau* (1773-1852) político francês, tomou parte ativa na Revolução de Julho, atacando depois o governo para cujo advento tanto contribuíra.

156 *Frédérick Lemaître* (1800-76) um dos mais célebres comediantes franceses, chamado o *Talma dos bulevares*, conseguiu seu primeiro sucesso no Ambigu com a peça *L'Auberge des Adrets* (1823), transformando um melodrama sem graça em comédia de êxito incomparável, cujo sucesso repetiu em 1832 no teatro da porta Saint-Martin.

157 *Louis-Marie Quicherat* (1799-1884) filólogo francês, autor de numerosos trabalhos linguísticos; antes de 1832, havia publicado apenas obras didáticas sobre autores latinos e gregos, e o *Traité de versification latine* (Paris, 1826).

158 Os sentimentos aqui atribuídos a Marius são exatamente os mesmos do jovem Victor Hugo, apaixonado e ciumento, por Adèle Foucher, sua noiva: … *Eu gostaria que você tivesse menos medo de enlamear os vestidos quando anda pela rua. Não é de ontem que venho notando as precauções que você toma… Parece-me que o pudor é mais importante que uma saia… Eu não saberia dizer-lhe, cara amiga, o suplício que experimentei ontem e mesmo hoje na Rue Saints-Pères, vendo as pessoas que se voltavam à sua passagem,*

ao pensar que aquela que eu respeito como o próprio Deus, sem saber e na minha frente, era objeto de olhares impudentes… Suplico-lhe, querida Adèle, tome cuidado com o que lhe disse, se você não quer me expor a agredir o primeiro insolente que ousar olhar assim para você. (*Carta a Adèle Foucher, 4 de março de 1822*.)

159 *Querubim* (v. nota 102/3). *Bartolo* personagem do *Barbeiro de Sevilha* de Beaumarchais (v. nota 18/3), o tipo do tutor ciumento. Bartolo é o tutor de Rosina; deseja esposá-la, mas Fígaro, raptando-a, a entrega ao conde de Almaviva.

160 *João Calvino* (1509-64) fundador da Reforma na França, um dos maiores escritores do século XVI. *Lelio Socin* (1525-62) célebre heresiarca italiano do século XVI, deu seu nome à grande seita dos socinianos. Negava a divindade de Jesus Cristo, a existência do Espírito Santo e a utilidade dos sacramentos.

161 *Jean Huss* (1373-1415) heresiarca, o mais ilustre dos precursores do protestantismo, cuja morte revoltou a Boêmia, suscitando uma das mais terríveis guerras de religião de que se tem notícia.

162 *Saint-Simon* (v. nota 105/1). *Robert Owen* (1771-1858) reformador inglês, fundador das primeiras sociedades cooperativas de produção e de consumo. Teoricamente, pregava uma espécie de comunismo moderado pela administração de um chefe patriarcal. *Fourier* (v. nota 104/3).

163 Essa comparação não é nova, pois, por ocasião do assassinato do *Amigo do Povo* por Charlotte Corday, seu coração trespassado foi objeto de verdadeiro culto, datando de então a comparação entre o coração de Marat (v. nota 71/3) e o coração de Jesus.

164 *Ugolino della Gherardesca* um dos tiranos mais cruéis que ensanguentaram a Itália na segunda metade do século XIII, foi de tal modo celebrado pelos versos de Dante que seus crimes foram esquecidos para dar lugar à compaixão pelos seus sofrimentos. Vencido pelo Arcebispo de Pisa, foi encarcerado na torre de Gualandi na companhia de seus dois filhos e de dois netos, condenados a morrer de fome. Ugolino morreu por último, depois de ter tentado alimentar-se com a carne dos filhos. Dante fez da morte de Ugolino um dos episódios mais terríveis da *Divina comédia* (Canto XXXIII).

165 *Lacenaire* (v. nota 15/3).

166 *Schinderhannes* (*Jean Buckler* ou *Jean l'Ecorcheur*) temível chefe de uma quadrilha de ladrões. A princípio ajudante de carrasco, foi preso várias vezes, até que em 1803 foi executado em Mayence.

167 *Hércules Farnese* estátua antiga de mármore grego encontrada sob o pontificado de Paulo III, em 1540, nas ruínas das Termas de Caracala. É da autoria de Glicon de Atenas.

168 *Guillaume-Marie-Anne Brunne* (1763-1815) Marechal de França, assassinado em Avignon a 2 de agosto de 1815.

169 *Bobèche* (v. nota 21/3). *Bobino* sala de espetáculos situada perto do Luxembourg; a princípio foi uma barraca diante da qual *Saix*, conhecido por *Bobino*, rival de Bobèche, dava espetáculos variados, até que em 1830 construiu o teatro , posteriormente demolido (1868).

170 *Le Messager des Chambres* jornal da tarde. Foi publicado de 1828 até 1846.

171 *Proteu* deus marinho da mitologia grega, que recebeu de Posêidon o dom de mudar de forma segundo a sua vontade e de prever o futuro. *François-Eugène Vidocq* (1775-1857) aventureiro, gatuno, falsário e, por todas essas qualidades, Chefe da Polícia de Segurança de Paris.

172 *Grupos de cortesãs, charlatães, mendigos e histriões* (Horácio, *Sátira II, Livro I*).

173 *La Chaumière* antigo salão de danças de Paris, fundado em 1787. Sob a Restauração e o reinado de Luís Filipe, foi o lugar de reunião favorito dos estudantes.

174 *Sceaux* localidade situada a seis quilômetros de Paris; em seu parque, sob Luís Filipe, davam-se bailes populares.

175 *Mathieu Laensbergh* ou *Lansbert* Cônego de Liège. Viveu na primeira metade do século XVII; atribui-se-lhe a primeira edição do *Almanaque de Liège*.
Com o tempo claro ou escuro,/O urso volta à sua caverna.

176 *Tenho fome, meu pai,* / *e não há pão;* / *sinto frio, minha mãe,* / *e não tenho agasalho.*/*Treme,*/*Lolotte!*/*Chore,*/*Jacquot!*

177 *Jean-Gaspard Lavater* (1741-1801) filósofo, poeta, orador e teólogo protestante suíço. Em seus *Fragments Physiognomoniques* (1774), estuda os caracteres do homem e dos animais pela conformação exterior, trabalho interessante mas cheio de puerilidades em que, em vez de nariz, lê-se: *parte saliente situada entre a fronte e os lábios, órgão da sagacidade e da previsão*. Seu êxito durou até a invenção da frenologia pelo médico alemão Franz Joseph Gall.

178 *François-Guillaume Ducray-Duminil* (1761-1819) literato moralista francês, autor de romances populares de enorme sucesso.

179 *Célimène* um dos personagens do *Misantropo* de Molière, cujo nome se tornou proverbial para designar a mulher coquete, leviana, espirituosa e difamadora. *Elmira* personagem do *Tartufo*, imortal comédia de *Molière*; mulher honesta, boa mãe de família, opondo sempre seu bom-senso à tremenda estupidez do marido. *Belisário* nome usado para designar um pobre cego de maneiras distintas e nobres. Belisário foi o maior Capitão do Império Bizantino. A lenda mostra-o privado da visão por ordem de Justiniano, sendo então obrigado a mendigar pelas ruas de Constantinopla, episódio explorado inúmeras vezes por pintores, escritores e artistas, entre os quais se encontra o próprio Victor Hugo.

180 *Monsieur de la Palisse* velha canção popular inspirada nos feitos de Jacques de Chabannes, Senhor de La Palisse, Capitão francês morto em 1525.

181 *La Force* uma das prisões de Paris.

182 *Duas pessoas sozinhas, num lugar deserto, não pensarão em rezar o pai-nosso.*

183 *La Gaîté* um dos quatro grandes teatros de Paris.

184 *Nossos amores duraram uma semana inteira,*/ *Mas como são fugazes os momentos felizes!*/*Não vale a pena adorar-se oito dias!* /*O tempo dos amores não deveria ter fim!*/*Deveria durar sempre! deveria durar sempre!*

185 *Você me deixa para buscar a glória*/*Mas meu coração triste o seguirá por toda parte.*

186 *La Bourbe* apelido do convento de Port-Royal, transformado em hospital para parturientes.

187 *Sakoski* sapateiro famoso.

188 *Jean-Gabriel-Augustin Chevalier* (1778-1848) conhecido comumente como l'ingénieur Chevalier, pertencia a uma família de ópticos. Devem-se-lhe diversos aperfeiçoamentos e invenções na fabricação de instrumentos de óptica.

189 Benvenuto Cellini (1500-71) ourives italiano de rara habilidade também do ponto de vista técnico; aperfeiçoou os processos usados para cinzelar metais, fundi-los e para incrustar pedras preciosas. François Villon (1431-89) um dos mais antigos poetas franceses; sua vida foi extremamente agitada, sendo condenado diversas vezes por roubo, brigas e até por um assassinato.

190 *Muche* gíria popular. Quer dizer excelente, estupendo. Essa palavra muitas vezes é usada unida a nomes próprios para indicar carinho ou admiração.

191 *Madelonnettes* nome dado primitivamente às mulheres de má vida que, por sua vontade ou por ordem superior, eram internadas em conventos consagrados a Santa Maria Madalena. Prisões destinadas a essas mulheres.

192 *O rei Perna de Pau*/*Ia à caça matar corvos;*/*Alto como ninguém,*/*Quem lhe passasse por baixo,*/*Tinha de dar-lhe um vintém.*

4

O IDÍLIO DA RUE PLUMET E A EPOPEIA DA RUE SAINT-DENIS

I

Bien coupé

Mai en 1832, les deux années qui s'écoulèrent immédiatement à la révolution de juillet, furent un des moments les plus [illegible] de l'histoire. Les deux années du Roi et celles qui les précédèrent et qui les suivirent furent [illegible]. Elles eurent le grandeur révolutionnaire : on y retrouve des préoccupations, les mêmes luttes, les mêmes [illegible] de la civilisation, le passage de l'idée des intérêts représentés au matériel, les fusions [illegible] et l'alliance finale avec [illegible], y apparaissent et y disparaissent à chaque instant à travers les règles ordinaires du système, des [illegible] ou des théories, en apparaissant ou en disparaissant, [illegible] les [illegible] de la [illegible], [illegible] [illegible] de l'Europe, [illegible] [illegible].

Cette remarquable époque [illegible] [illegible] [illegible]

LIVRO PRIMEIRO

ALGUMAS PÁGINAS DE HISTÓRIA

I | BEM CORTADO

1831 e 1832, os dois anos que se ligam imediatamente à Revolução de julho, são um dos momentos mais particulares e surpreendentes da história. Esses dois anos, no meio dos outros que os precedem e dos subsequentes, são como duas montanhas. Têm a grandeza revolucionária. Neles podemos encontrar verdadeiros precipícios. As massas sociais, os próprios tribunais da civilização, o grupo sólido de interesses superpostos e aderentes, os seculares perfis da antiga formação francesa aparecem e desaparecem aí a cada instante por entre as nuvens tempestuosas dos sistemas, das paixões, das teorias. Essas aparições e desaparições chamaram-se resistência e movimento. Por intervalos, vê-se aí brilhar a verdade, o sol da alma humana.

Essa época notável é bastante circunscrita e começa a afastar-se muito de nós para que possamos traçar-lhe agora as linhas principais.

Vamos tentar fazê-lo.

A Restauração havia sido uma dessas fases intermediárias difíceis de definir, em que há fadiga, barulho, murmúrios, sono, tumulto, e que nada mais são além da chegada de uma grande nação ao início de uma etapa. Essas épocas são singulares e iludem os políticos que desejam explorá-las. Para começar, a nação só quer repouso; não sente senão sede de paz, e uma única ambição: ser pequena. O que é a tradução literal de *ficar tranquila*. Os grandes acontecimentos, os grandes acasos, as grandes aventuras, os grandes homens, graças a Deus, vimo-los demais, estamos fartos deles. Trocaríamos César por Prúsias e Napoleão pelo Rei de Yvetot.[1] – Que reizinho bonito era aquele! – Marchamos desde a alvorada, estamos no fim de uma rude e longa jornada; tivemos o primeiro descanso com Mirabeau, o segundo com Robespierre, o terceiro com Bonaparte; estamos supercansados. Todos procuram por uma cama.

Depois de tanta abnegação, satisfeitas as ambições, envelhecidos os heroísmos, conquistadas as dignidades, procuram, reclamam, imploram,

solicitam, o quê? Uma pousada. Têm-na. Tomam posse da paz, da tranquilidade, do descanso; ei-los satisfeitos. Contudo, ao mesmo tempo, surgem certos fatos, fazem-se reconhecer e, por sua vez, batem à porta. São fatos nascidos das revoluções e das guerras; eles existem, vivem, têm direito de se instalar em meio à sociedade e aí se estabelecem; na maioria das vezes, os fatos são os sargentos de cavalaria, os furriéis que nada mais fazem senão preparar o alojamento para os princípios.

Então, eis o que aparece aos olhos dos filósofos políticos.

Ao mesmo tempo que os homens cansados pedem repouso, os fatos consumados pedem garantias. As garantias para os fatos são o mesmo que o repouso para os homens.

É o que a Inglaterra exigia dos Stuart depois do Protetor; é o que a França pedia aos Bourbon depois do Império.

Essas garantias são uma necessidade dos tempos. É indispensável concedê-las. Os príncipes “outorgam-nas”, mas na realidade é a força dos acontecimentos que as oferece. Verdade profunda e útil da qual, em 1662, os Stuart nem sequer suspeitavam, e que os Bourbon, em 1814, não souberam prever.

A família predestinada que voltou à França com a queda de Napoleão teve a simplicidade fatal de acreditar que era ela quem concedia, e que, assim sendo, poderia muito bem retirar suas concessões; que a casa dos Bourbon possuía o direito divino e que a França nada possuía; que o direito político, concedido pela carta de Luís XVIII, nada mais era que um ramo do direito divino, arrancado pela casa dos Bourbon e graciosamente dado ao povo, até o dia em que o Rei quisesse reavê-lo. Todavia, pelo desprazer que essa dádiva lhe causava, a casa dos Bourbon deveria sentir que esse dom não tinha sido concedido por iniciativa sua.

Ela foi perfeitamente rabugenta no século XIX. Fez cara feia a cada novo progresso da nação. Para nos servirmos de uma palavra trivial, isto é, popular e verdadeira, ela torceu o nariz. O povo notou isso.

Ela julgou possuir a força porque o Império fora tirado de sua frente como um bastidor de teatro. Ela não foi capaz de perceber que ela própria tinha sido retirada em idênticas condições. Não viu que também ela estava em poder das mãos que haviam renegado Napoleão.

Julgou possuir raízes profundas, porque representava o passado. Enganava-se; ela fazia parte do passado, mas o passado era a França. As raízes da sociedade francesa não estavam absolutamente nos Bourbon, mas na nação. Essas raízes, obscuras e vigorosas, não constituíam o direito de uma família, mas

a história de um povo. Estavam em toda parte, exceto no trono.

A casa dos Bourbon era para a França o nó ilustre e sangrento de sua história, mas não era mais o elemento principal de seu destino e a base necessária da sua política. Podia-se muito bem passar sem os Bourbon; havia-se passado vinte anos sem eles; houve uma solução de continuidade e eles nem sequer pensaram em tal coisa. E como haveriam de pensar, eles que imaginavam que Luís XVII reinava no 9 termidor e que Luís XVIII reinava no dia da batalha de Marengo? Jamais, desde a origem da história, os príncipes foram tão cegos na presença dos fatos e da porção de autoridade divina que os fatos contêm e promulgam. Jamais essa pretensão mundana, que se chama direito dos reis, negou a esse ponto o direito supremo.

Erro capital, que levou essa família a retomar as garantias “outorgadas” em 1814, as concessões, como as qualificava. Coisa triste! O que ela chamava de concessões eram conquistas; o que ela chamava de nossas usurpações eram nossos direitos.

Quando lhe pareceu chegada a hora, a Restauração, supondo-se vitoriosa de Bonaparte e enraizada no país, isto é, julgando-se forte e profunda, tomou repentinamente uma resolução e arriscou um golpe. Certa manhã, ela se levantou diante da França e, elevando a voz, contestou os títulos coletivos e individuais, tirando à nação a soberania e ao cidadão a liberdade. Em outros termos, negava à nação justamente o que a fazia nação e ao cidadão o que o constituía cidadão.

Aí está a base dos famosos atos chamados de Decretos de julho.

A Restauração caiu.

E caiu sem injustiça. Contudo, devemos afirmar, ela não foi absolutamente hostil a todas as formas de progresso. Com o seu apoio, fizeram-se também grandes coisas.

Sob a Restauracão, a nação habituou-se a discutir pacificamente o que faltara à República e à grandeza na paz, algo que faltou ao Império. A França livre e forte tinha sido um espetáculo encorajador para os outros povos da Europa. Sob Robespierre, tivera a palavra a Revolução; sob Napoleão, tiveram a palavra os canhões; somente sob Luís XVIII e Carlos X é que teve a palavra a inteligência. Cessara o vento, a chama voltava a brilhar. Viu-se tremeluzir nos cimos serenos a pura luz dos espíritos, espetáculo magnífico, útil e encantador. Viram-se trabalhar durante quinze anos, em plena paz, em plena praça pública, esses grandes princípios, tão velhos para o pensador, tão novos para o homem de Estado: igualdade diante das leis, liberdade de consciência, liberdade de palavra,

liberdade de imprensa, acessibilidade de todas as aptidões para todas as funções. Assim continuou até 1830. Os Bourbon foram um instrumento da civilização que se quebrou nas mãos da Providência.

A queda dos Bourbon foi cheia de grandeza, não de sua parte, mas por parte da nação. Eles deixaram o trono com gravidade, mas sem autoridade; sua descida para a noite não foi um desses desaparecimentos solenes que emocionam tristemente a história; não foi nem a calma espectral de Carlos I nem o grito de águia de Napoleão. Foram-se simplesmente. Depuseram a coroa e não conservaram a auréola. Foram dignos mas não foram augustos. De certa forma, não corresponderam à majestade de sua desgraça. Carlos X, durante a viagem de Cherbourg, fazendo transformar uma mesa redonda em mesa quadrada, mostrou-se mais preocupado com a etiqueta em perigo do que com a monarquia que desmoronava. Essa diminuição entristeceu os homens devotados que amavam seus próximos e os homens sérios que honravam a sua raça. O povo, esse sim, foi admirável. A nação, atacada numa manhã a mão armada por uma espécie de insurreição real, sentiu-se com muito mais força do que cólera. Defendeu-se, conteve-se, repôs as coisas em seu lugar, o governo na lei, os Bourbon no exílio, mas, infelizmente, parou. Pegou o velho Rei Carlos x sob o mesmo dossel que havia abrigado Luís XIV e o colocou docemente na terra. Não tocou nas pessoas reais senão com tristeza e precaução. Não foi um homem, não foram alguns homens, foi a França, a França inteira, a França vitoriosa e embriagada com a própria vitória que pareceu lembrar-se, pondo-as em prática aos olhos do mundo inteiro, destas graves palavras de Guilherme du Vair depois das barricadas:[2] – É fácil aos que se acostumaram a tocar de perto os favores dos grandes, e a saltar como um passarinho de ramo em ramo, de uma situação aflitiva a uma florescente, mostrarem-se atrevidos contra o Príncipe em sua adversidade; mas, para mim, a situação de meus soberanos ser-me-á sempre venerável, principalmente quando eles se sentirem atribulados.

Os Bourbon levaram consigo o respeito, não a saudade. Como acabamos de dizer, sua desgraça foi maior do que eles. Desapareceram no horizonte.

A Revolução de julho suscitou rapidamente amigos e inimigos no mundo inteiro. Uns se precipitaram para ela com entusiasmo e alegria, outros lhe voltaram as costas, cada um segundo a própria natureza. Os Príncipes da Europa, no primeiro momento, verdadeiros mochos dessa alvorada, fecharam os olhos, feridos e admirados, abrindo-os somente para ameaçar. Medo que se compreende, cólera que se desculpa. Aquela estranha revolução fora apenas um choque; não chegou mesmo a dar à realeza vencida a honra de tratá-la como

inimiga, derramando-lhe o sangue. Aos olhos dos governos despóticos, sempre interessados em que a liberdade se calunie a si própria, a Revolução de julho tinha o defeito de ser tão grande e continuar amável. Aliás, nada havia sido tentado ou maquinado contra ela. Os mais descontentes, os mais irritados, os mais receosos, saudaram-na; sejam quais forem o nosso egoísmo e os nossos rancores, um respeito misterioso se difunde dos acontecimentos nos quais sentimos a colaboração de alguém que trabalha mais que o homem.

A Revolução de julho é o triunfo do direito arrasando os fatos, algo cheio de esplendor.

O direito arrasando os fatos. Daí o brilho da Revolução de 1830, daí também a sua calma. O direito que triunfa não tem necessidade alguma de violência.

O direito é a verdade e a justiça.

A característica do direito é conservar-se eternamente belo e puro. Os fatos, mesmo os aparentemente mais necessários, mesmo os mais bem-aceitos pelos contemporâneos, se não existem senão como fatos, ou se não contêm suficiente direito ou absolutamente nenhum direito, estão destinados infalivelmente a se tornarem, com o andar do tempo, disformes, impuros, talvez até monstruosos. Se quisermos constatar de uma vez até que ponto de impureza um fato pode chegar, visto a séculos de distância, olhemos para Maquiavel.[3] Maquiavel não é um gênio mau, nem um demônio, tampouco um escritor covarde e miserável; é simplesmente um fato. E não é somente um fato da Itália, mas de toda a Europa, de todo o século XVI. Parece hediondo, como realmente é, na presença da ideia moral do século XIX.

Essa luta entre o fato e o direito trava-se desde a origem das sociedades. Terminar o duelo, amalgamar a ideia pura com a realidade humana, fazer o direito penetrar pacificamente nos acontecimentos, e vice-versa, eis a missão dos sábios.

II | MAL COSIDO

Mas uma é a missão dos sábios, outra, a dos espertos. A Revolução de 1830 acabou muito depressa.

Apenas uma revolução naufraga na costa, os espertos lançam-se aos despojos.

Os astutos, no nosso século, deram a si próprios a qualificação de homens de

Estado, embora essa expressão, homem de Estado, tenha acabado por se transformar em gíria. Que ninguém se esqueça disto: onde não há senão astúcia só existe pequenez. Dizer *astuto* é o mesmo que dizer *medíocre*.

Igualmente, dizer *homens de Estado* equivale, às vezes, a dizer *traidores*.

Acreditando-se pois nessa gente, revoluções como a Revolução de julho são verdadeiras artérias abertas; necessitam de pronta intervenção. O direito, proclamado com muito estardalhaço, assusta. Assim, uma vez afirmado o direito, é necessário consolidar o Estado. Assegurada a liberdade, é preciso pensar no poder.

Aqui os sábios não se separam ainda dos astutos, mas já começam a desconfiar. O poder, seja. Mas, em primeiro lugar, que é o poder? Em segundo lugar, de onde vem o poder?

Os astutos parecem não ouvir a objeção apenas murmurada, e continuam a manobra.

Segundo esses políticos, muito engenhosos para pôr nas ficções proveitosas a máscara da necessidade, a primeira necessidade de um povo depois de uma revolução, quando esse povo faz parte de um continente monárquico, é encontrar uma dinastia. Desse modo, dizem eles, pode-se ter paz depois da revolução, isto é, tempo para curar as feridas e reconstruir as casas. A dinastia esconde o cadafalso e encobre os hospitais militares.

Ora, nem sempre é fácil encontrar uma dinastia.

A rigor, o primeiro homem de gênio, até mesmo o primeiro homem de dinheiro que apareça, basta para se fazer um rei. No primeiro caso, temos Bonaparte; no segundo, Iturbide.[4]

Mas a primeira família encontrada não basta para constituir uma dinastia. Em uma raça existe necessariamente certa quantidade de ancianidade; a ruga dos séculos não se improvisa.

Se nos colocarmos no ponto de vista dos *homens de Estado*, bem entendido, guardadas todas as reservas, depois de uma revolução, quais são as qualidades do Rei que daí se origina? Poderá ser e é útil que seja revolucionário, isto é, participante pessoal da revolução, nela tendo posto a mão, nela se comprometendo, pondo-se em evidência, manejando o machado ou a espada.

Quais as qualidades de uma dinastia? Deve ser nacional, isto é, revolucionária, não por atos praticados, mas pelas ideias aceitas. Deve compor-se do passado e ser história, compor-se do futuro e ser simpática.

Tudo isso explica por que as primeiras revoluções se contentam em encontrar

um homem, Cromwell ou Napoleão; e por que as segundas querem a todo custo encontrar uma família, a casa de Brunswick ou a casa de Orléans.

As casas reais assemelham-se a essas figueiras-da-índia nas quais cada ramo, curvando-se até a terra, lança raízes e se transforma numa nova figueira. Cada ramo pode transformar-se numa dinastia. Com a condição, porém, de se curvar até o povo.

Essa é a teoria dos astutos.

Eis, portanto, a grande arte: dar ao sucesso o som de uma catástrofe, a fim de que os próprios vencedores o temam, encher de medo os acontecimentos, aumentar a curva da transição até o afrouxamento do progresso, tirar a beleza dessa aurora, denunciar e cercear as asperezas do entusiasmo, aparar os ângulos e as unhas, diminuir o triunfo, camuflar o direito, envolver o povo gigante em flanelas e mandá-lo dormir imediatamente, impor dieta a esse excesso de saúde, tratar Hércules como um convalescente, diluir os acontecimentos com expedientes, oferecer aos espíritos entusiasmados pelo ideal esse néctar dissolvido em tisana, tomar precauções contra o excesso de êxito, guarnecer a revolução com um abajur.

1830 praticou essa teoria, já usada na Inglaterra em 1688.

1830 é uma revolução detida no meio do caminho. Metade de progresso; quase direito. Ora, a lógica ignora o quase, do mesmo modo que o Sol ignora a vela.

Quem detém as revoluções a meio caminho? A burguesia.

Por quê?

Porque a burguesia é o interesse satisfeito. Ontem era o apetite, hoje é a plenitude, amanhã será a saciedade.

O fenômeno de 1814, depois de Napoleão, reproduziu-se em 1830, depois de Carlos x.

Quiseram a todo custo transformar a burguesia em classe. A burguesia é simplesmente a porção contente de um povo. O burguês é o homem que arranjou tempo para se sentar. Uma cadeira não é uma casta.

Mas, por querer sentar-se cedo demais, pode-se deter a própria marcha do gênero humano. Essa é a falta mais frequente da burguesia.

Não se é uma classe por se ter cometido uma falta. O egoísmo não é uma das divisões da ordem social.

Aliás, precisamos ser justos, mesmo quando se trata de egoísmo; o estado a que aspirava, depois do movimento de 1830, essa parte da nação que chamamos

de burguesia, não era a inércia, que subentende indiferença e preguiça, e que contém um pouco de vergonha; não era o sono, que supõe um esquecimento momentâneo acessível aos sonhos; era a ordem de descansar!

Alto é palavra formada de duplo sentido singular, quase contraditório: tropa em marcha, isto é, movimento; parada, isto é, repouso.

O alto é a reparação das forças; é o repouso armado e atento; é o fato consumado que posta sentinelas e se mantém em guarda. O alto supõe o combate de ontem e o combate de amanhã.

É o intervalo entre 1830 e 1848.

O que chamamos aqui de combate poderíamos chamar de progresso.

Era preciso, pois, à burguesia, como aos homens de Estado, alguém que expressasse essa palavra: Alto! Uma individualidade compósita, que significa revolução e estabilidade; em outras palavras, que afirma o presente pela compatibilidade evidente do passado com o futuro.

Esse homem foi encontrado sem nenhum esforço. Chamava-se Luís Filipe de Orléans.

Os 221 transformaram Luís Filipe em Rei. Lafayette encarregou-se da sagração. Ele chamou-o de “a melhor das repúblicas”. A Câmara de Paris substituiu a catedral de Reims.

Essa substituição do trono completo por um meio trono foi a *obra de 1830.*

Quando os astutos terminaram sua tarefa, o imenso vício de sua solução apareceu. Tudo tinha sido feito fora do direito absoluto. O direito absoluto gritou: – Eu protesto! – Depois, coisa temível, voltou a esconder-se nas sombras.

III | LUÍS FILIPE [5]

As revoluções têm o braço terrível e a mão feliz; ferem com firmeza e escolhem com segurança. Mesmo incompletas, mesmo abastardadas e adulteradas, reduzidas a estado de revolução-caçula, como a Revolução de 1830, resta-lhes quase sempre bastante lucidez providencial para que não sejam vãs. Seu eclipse nunca é uma abdicação.

Contudo, não nos vangloriemos muito; as revoluções também podem enganar-se, e graves erros são conhecidos.

Voltemos a 1830. 1830, na sua irregularidade, foi feliz. Com o estabelecimento do que se chamou de ordem social depois da revolução

interrompida repentinamente, o Rei valia mais que a realeza. Luís Filipe era um homem raro.

Filho de um pai ao qual a história certamente concederá circunstâncias atenuantes, mas tão digno de estima como esse pai fora digno de censura; tendo todas as virtudes privadas e muitas das virtudes públicas; cuidadoso com a própria fortuna, com a própria saúde, com a própria pessoa, com seus negócios; conhecendo o preço de um minuto e nem sempre o preço de um ano; sóbrio, sereno, pacífico, paciente, bom homem e bom Príncipe; dormindo com a esposa, tendo em seu palácio lacaios especialmente encarregados de mostrar aos burgueses seu leito conjugal, ostentação de alcova regular, muito útil depois das antigas pompas ilegítimas do ramo mais velho; conhecendo todas as línguas da Europa e, o que é mais raro, todas as linguagens de todos os interesses; e falando-as correntemente; admirável representante da *classe média*, ultrapassando-a porém, e por todos os modos superior a ela; possuidor de excelente tino, embora pregasse o sangue do qual provinha, julgava-se sobretudo pelo seu valor intrínseco e, sobre sua própria linhagem, muito especial, declarava-se Orléans e não Bourbon; primeiro Príncipe de sangue, se bem que não tivesse sido mais do que Alteza Sereníssima, porém franco burguês no dia em que se tornou Majestade; difuso em público, conciso na intimidade; tido como avaro, sem que o pudessem provar; no fundo, um desses espíritos econômicos facilmente pródigos em razão de sua fantasia ou de seu dever; letrado e pouco sensível às letras; gentil-homem, mas não cavalheiro; simples, calmo e forte; adorado pela sua família e pela sua casa; conversador sedutor, homem de Estado desabusado, interiormente frio, dominado pelo interesse imediato, governando do melhor modo possível, incapaz de rancor e de reconhecimento, usando sem compaixão a superioridade sobre a mediocridade, hábil em derrotar pela maioria parlamentar essas unanimidades misteriosas que rugem surdamente sob os tronos; expansivo, às vezes imprudente em sua expansão, mas de maravilhosa habilidade nessa imprudência; fértil em expedientes, em expressões, em máscaras; fazendo medo à França pela Europa e à Europa pela França; amando incontestavelmente seu país, preferindo, porém, sua família; prezando mais a dominação que a autoridade, mais a autoridade que a dignidade, disposição de certo modo funesta, porque admite a astúcia e não repudia absolutamente a baixeza, sem deixar porém de ser proveitosa, pois preserva a política de choques violentos, livra o Estado de fraturas e a sociedade de catástrofes; minucioso, correto, vigilante, atento, sagaz, infatigável; contradizendo-se e às vezes desmentindo-se; atrevido contra a Áustria em

Ancona, teimoso contra a Inglaterra na Espanha, bombardeando Anvers e pagando Pritchard; cantando com convicção a *Marselhesa*, inacessível ao abatimento, ao cansaço, ao gosto pelo belo e pelo ideal, às generosidades temerárias, à utopia, à quimera, à cólera, à vaidade, ao medo; possuidor de todas as formas da intrepidez pessoal; General em Valmy, soldado em Jemmapes; oito vezes ameaçado pelo regicídio, e sempre sorrindo; intrépido como um granadeiro, corajoso como um pensador; inquieto somente diante da possibilidade de um conflito europeu, impróprio para as grandes aventuras políticas; sempre pronto a arriscar a própria vida, jamais a própria obra; disfarçando sua vontade em influência, a fim de ser obedecido mais como inteligência que como Rei; dotado de observação e não de adivinhação; pouco atento aos espíritos, mas conhecedor dos homens, isto é, precisando ver para julgar; bom-senso pronto e penetrante, sabedoria prática, palavra fácil, memória prodigiosa; recorrendo sempre a essa memória, seu único ponto de semelhança com César, Alexandre e Napoleão; conhecendo os fatos, os detalhes, as datas, os nomes próprios; ignorando as tendências, as paixões, os diversos gênios da multidão, as aspirações interiores, as agitações ocultas e obscuras das almas, numa palavra, tudo o que poderíamos chamar de correntes invisíveis das consciências; aceito pela superfície, mas pouco de acordo com a França das camadas mais profundas; saindo-se sempre bem pela delicadeza; governando muito e não reinando o suficiente, Primeiro-Ministro de si mesmo; excelente para fazer da pequenez das realezas um obstáculo para a imensidão das ideias; misturando a uma verdadeira faculdade criadora de civilização, de ordem e de organização, não sei que espírito de formalidade e de chicana; fundador e procurador de uma dinastia; tendo algo de Carlos Magno e alguma coisa de advogado; em suma, personalidade altiva e original, Príncipe que soube dominar, malgrado a inquietude da França, e soube ser poderoso, apesar da inveja da Europa; Luís Filipe será classificado entre os homens eminentes do seu século, e seria colocado entre os governantes mais ilustres da história, se tivesse desejado um pouco a glória ou se tivesse o sentimento do que é grande no mesmo grau do sentimento do que é útil.

Luís Filipe era bonito e, envelhecido, continuou simpático; nem sempre agradando à nação, foi sempre amado pelo povo; ele sabia agradar. Tinha esse dom, a simpatia. A majestade não lhe ficava bem; não usava coroa, embora fosse Rei, nem tinha cabelos brancos, embora fosse velho. Suas maneiras eram as do Antigo Regime e seus hábitos pertenciam ao novo, uma mistura de nobreza e burguesia, tão conveniente em 1830; Luís Filipe era a transição reinante;

conservava a antiga pronúncia e a antiga ortografia, pondo-as a serviço das opiniões modernas; gostava da Polônia e da Hungria, mas escrevia sempre *les polonois* e pronunciava *les hongrais*.[6] Como Carlos X, usava a farda da Guarda Nacional e, como Napoleão, o cordão da Legião de Honra.

Ia pouco à igreja, quase nunca à caça, à ópera jamais. Incorruptível aos sacristãos, aos camareiros e às dançarinas, aumentava com isso sua popularidade burguesa. Não tinha Corte. Saía com o guarda-chuva debaixo do braço, e esse guarda-chuva por muito tempo fez parte da sua auréola. Era um pouco pedreiro, um pouco jardineiro, um pouco médico: sangrou um postilhão que caíra do cavalo; Luís Filipe nunca andava sem a sua lanceta, como Henrique III não andava sem o seu punhal. Os monarquistas zombavam desse Rei ridículo, o primeiro que fez verter sangue para curar.

Nas críticas da história contra Luís Filipe deve-se fazer um desconto; há os que acusam a realeza, os que acusam o reino e os que acusam o Rei; três colunas que dão cada uma um resultado diferente. Confiscado o direito democrático, o progresso transformado em interesse secundário, os protestos da rua reprimidos violentamente, levada a cabo a execução militar das insurreições, a revolta passada pelas armas, a Rue Transnonain, os conselhos de guerra, a absorção do país real pelo país legal, o governo conduzido segundo os interesses de trezentos mil privilegiados, eis o que diz respeito à realeza; a Bélgica recusada, a Argélia conquistada com demasiada violência, e – como a Índia pelos ingleses – com mais barbárie que civilização, a falta de palavra a Abd-el-Kader, Blaye, Deutz comprado, Pritchard pago, eis o que diz respeito ao reino; [7] a política mais familiar do que nacional, eis o que diz respeito ao Rei.

Como se vê, feito o desconto, a carga do Rei diminui bastante.

Seu grande defeito aqui está: foi modesto em nome da França.

De onde vem esse defeito?

Digamo-lo.

Luís Filipe foi um Rei muito paternal; aquela incubação de uma família da qual se quer fazer uma dinastia tem medo de tudo e não quer se ver desorganizada; daí a excessiva timidez, importuna ao povo que tem o 14 de julho na sua tradição civil e Austerlitz na sua tradição militar.

Quanto ao mais, fazendo-se abstração dos deveres públicos, que precisam ser cumpridos em primeiro lugar, essa profunda ternura de Luís Filipe pela família era por ela bem merecida. Aquele grupo doméstico era admirável. As virtudes estavam à altura dos talentos. Uma das filhas de Luís Filipe, Maria de Orléans,

introduzia o nome de sua raça entre os artistas, como Carlos de Orléans o introduziu entre os poetas.[8] Transformara a própria alma num mármore que ela chamava de Joana D'Arc. Dois dos filhos de Luís Filipe arrancaram de Metternich este elogio demagógico: – *São jovens como se veem poucos e príncipes como não existem mais*.

Aí está, sem nada dissimular, mas também sem nada aumentar, a verdade a respeito de Luís Filipe.

Ser o Príncipe da igualdade, levar em si a contradição da Restauração e da Revolução, ter esse lado inquietante do revolucionário que se torna tranquilizador no governo, essa foi a felicidade de Luís Filipe em 1830; jamais houve tão completa adaptação de um homem aos acontecimentos; um penetrou no outro e a encarnação se fez. Luís Filipe é 1830 feito homem. Aliás, tinha em seu favor essa grande indicação para o trono, o exílio. Fora proscrito, fora errante e pobre. Vivera de seu trabalho. Na Suíça, esse proprietário dos mais ricos domínios da França teve de vender um velho cavalo para comer. Em Reichenau, deu aulas de matemática, enquanto sua irmã Adelaide costurava e bordava. Essas lembranças ligadas a um Rei entusiasmavam a burguesia. Destruiu por suas próprias mãos a última gaiola de ferro de Mont-Saint-Michel, construída por Luís XI e utilizada por Luís XV. Era o companheiro de Dumouriez, o amigo de Lafayette; pertencera ao clube dos jacobinos; Mirabeau batera-lhe no ombro; Danton chamara-o de: – Rapaz! – Aos vinte e quatro anos, em 93, como Senhor de Chartres, do fundo do recanto da Convenção, assistira ao processo de Luís XVI, tão acertadamente chamado de *pobre tirano*. A clarividência cega da Revolução, destruindo a realeza no Rei e o Rei com a realeza, sem quase notar o homem na feroz destruição de uma ideia, a enorme tempestade da assembleia-tribunal, a cólera pública interrogando, Capeto não sabendo o que responder, a terrível vacilação amedrontada daquela cabeça real submetida a sopros tão sombrios, a inocência relativa de tudo naquela catástrofe, tanto dos que condenavam quanto do que era condenado, ele, Luís Filipe, tudo havia presenciado, havia contemplado aquelas vertigens; vira os séculos comparecerem à barra da Convenção; vira, por trás de Luís XVI, esse infortunado tido como responsável, a monarquia levantando-se como a única acusada; e lhe ficou na alma um medo respeitoso dessa imensa justiça do povo, quase tão impessoal quanto a justiça de Deus.

O traço que a Revolução deixou em seu íntimo era prodigioso. Sua memória era como a relação viva daqueles grandes anos, minuto por minuto. Um dia, diante de uma testemunha da qual não podemos absolutamente duvidar, ele

retificou de memória toda a letra A da lista alfabética da Assembleia Constituinte.

Luís Filipe foi um Rei em dia claro. Enquanto reinou, a imprensa foi livre, a tribuna foi livre, assim como a consciência e a palavra. As leis de setembro foram uma verdadeira claraboia. Embora conhecendo o poder da luz sobre os privilégios, deixou seu trono exposto à claridade. A história há de levar-lhe em conta essa lealdade.

Luís Filipe, como todos os homens históricos que já saíram da cena, é atualmente submetido a julgamento pela consciência humana. Seu processo ainda está em primeira instância.

A hora em que a história fala com sua expressão venerável e livre ainda não soou para ele; ainda não chegou o momento de pronunciar, a respeito desse Rei, o julgamento definitivo; o austero e ilustre historiador Louis Blanc, ele próprio, abrandou seu primeiro veredito;[9] Luís Filipe foi eleito por esses dois *quase*, que chamamos de 221 e 1830, isto é, um quase parlamento e uma quase revolução; e, em todo caso, do ponto de vista superior em que o filósofo se deve colocar, não o podemos julgar aqui, como já puderam os leitores perceber anteriormente, senão com certas reservas em nome do princípio democrático absoluto; aos olhos do absolutismo, fora desses dois direitos, o direito do homem antes, o direito do povo depois, tudo é usurpação; mas, feitas essas reservas, o que podemos dizer desde já é que, no total e de qualquer modo que o consideremos, Luís Filipe, em si mesmo, e do ponto de vista da bondade humana, continuará a ser, para nos servirmos da velha linguagem da história antiga, um dos melhores príncipes entre os que tenham ocupado um trono.

Que existe contra ele? Esse trono. Tirem de Luís Filipe o Rei, ficará o homem. E o homem é bom. Tão bom que chega às vezes a ser admirável. Muitas vezes, no meio dos mais graves cuidados, depois de uma jornada de luta contra toda a diplomacia do continente, reentrava à noite em seus aposentos, e lá, exausto de fadiga, caindo de sono, que fazia ele? Pegava um dossiê e passava a noite a revisar um processo criminal, certo de que era grande coisa enfrentar a Europa, mas que era ainda muito mais importante arrancar um homem ao carrasco. Obstinava-se contra seu Chanceler; disputava palmo a palmo o terreno da guilhotina dos procuradores-gerais,“esses palradores da lei”, como os chamava. Às vezes, sua mesa ficava coberta por pilhas desses processos; examinava um por um; para ele, era uma angústia abandonar tantas pobres cabeças condenadas. Um dia ele disse à mesma testemunha de que falamos há pouco: – *Esta noite, ganhei sete.* – Durante os primeiros anos de seu reinado, a

pena de morte foi como que abolida, e o cadafalso foi reconstruído contra a vontade expressa do Rei. Como a prisão de Grève havia desaparecido com o ramo mais velho de sua família, instituíram uma Grève burguesa sob o nome de barreira Saint-Jacques; os *homens práticos* sentiram a necessidade de uma guilhotina quase legítima; e nisso consistiu uma das vitórias de Casimir Périer, representante dos sentimentos mesquinhos da burguesia, sobre Luís Filipe, representante de seus sentimentos mais liberais.[10] Luís Filipe em pessoa anotou os estudos de Beccaria.[11] Depois do caso Fieschi, exclamou: – *Que pena eu não ter sido ferido! Teria tido ocasião de perdoar*.[12] Em outra ocasião, fazendo alusão à resistência de seus ministros, escrevia a propósito de um condenado político que é um dos mais generosos vultos do nosso tempo:[13] – *O perdão já está concedido, só me resta obtê-lo.* – Luís Filipe era amável como Luís IX e bom como Henrique IV.[14]

Ora, para nós, na história em que a bondade é pérola rara, quem foi bom supera até quem foi grande.

Tendo Luís Filipe sido severamente apreciado por uns e talvez rigorosamente julgado por outros, é muito natural que um homem, hoje também um fantasma que conheceu esse Rei, venha depor em seu favor perante a história; esse depoimento, qualquer que seja, é evidentemente e antes de tudo desinteressado; o epitáfio escrito por um morto deve ser sincero; a sombra pode consolar outra sombra; a participação das mesmas trevas confere o direito ao louvor; é pouco provável que se diga de dois túmulos no exílio: – Este adulou aquele.

IV | FENDAS NOS ALICERCES

No momento em que o drama que estamos narrando vai penetrar no interior de uma das trágicas nuvens que cobrem o início do reinado de Luís Filipe, era necessário que não houvesse equívocos e que este livro desse sua opinião a respeito desse Rei.

Luís Filipe foi empossado da autoridade real sem violência, sem ação direta de sua parte, como efeito de uma reviravolta revolucionária, evidentemente diverso do verdadeiro intuito da revolução na qual ele, Duque de Orléans, não teve nenhuma iniciativa pessoal. Nasceu Príncipe e julgava-se eleito Rei. Não dera a si próprio esse mandato, tampouco o tomara; lho ofereceram e ele o aceitou, convencido, erroneamente mas convencido, de que a oferta era segundo o direito e que a aceitação era segundo o dever. Daí a posse de boa-fé. Ora, nós o

dizemos com toda a consciência, Luís Filipe, estando de boa-fé na questão da posse, e a democracia estando de boa-fé em seu ataque, a quantidade de espanto que se origina das lutas sociais não culpa nem o Rei nem a democracia. Um choque de princípios assemelha-se a um choque de elementos. O oceano defende a água, o furacão defende o ar; o Rei defende a realeza, a democracia defende o povo; o relativo, que é a monarquia, resiste ao absoluto, que é a república; a sociedade sangra nesse conflito, mas o que é sofrimento hoje mais tarde será salvação; e, em todo caso, não se deve censurar aqui os que lutam; evidentemente, um dos dois partidos está enganado; o direito não está, como o colosso de Rodes, com os pés ao mesmo tempo em duas margens, um pé na república, outro na realeza; é indivisível e está todo de um só lado; mas os que se enganam enganam-se sinceramente; um cego é tão culpado como um vendeano é salteador. Não imputemos, portanto, senão à fatalidade das coisas essas colisões temíveis. Seja como for, essas tempestades subentendem sempre a irresponsabilidade humana.

Terminemos esta exposição.

O governo de 1830 teve começo difícil. Nascido ontem, teve de combater hoje.

Apenas instalado, sentiu imediatamente e por toda parte vagos movimentos de tração no aparelho de julho, tão recentemente assentado e tão pouco sólido.

A resistência nascera na manhã seguinte; talvez até tenha nascido na véspera.

De mês em mês, a hostilidade crescera, e de secreta que era tornara-se evidente.

A Revolução de julho, pouco aceita fora da França pelos Reis, como dissemos, foi diversamente interpretada na própria França.

Deus entrega aos homens suas vontades visíveis nos acontecimentos, texto obscuro escrito numa língua misteriosa. Os homens imediatamente fazem traduções; traduções apressadas, incorretas, cheias de erros, de lacunas, de contrassensos. Bem poucos espíritos compreendem a língua divina. Os mais sagazes, os mais calmos, os mais profundos decifram-na lentamente e, quando chegam com seu texto, o trabalho já está feito há muito tempo; já há vinte traduções em praça pública. De cada tradução nasce um partido, de cada contrassenso, uma facção; cada partido julga possuir o texto verdadeiro, o único, e cada facção julga possuir a luz.

Muitas vezes o próprio poder é uma facção.

Nas revoluções existem os que nadam contra a corrente: são os velhos

partidos.

Para os velhos partidos que se agarram à hereditariedade pela graça de Deus, tendo as revoluções surgido do direito de revolta, deve-se ter igual direito contra elas. Erro. Porque nas revoluções o revoltado não é o povo, é o Rei. Revolução é precisamente o contrário de revolta. Toda revolução, sendo um acontecimento normal, contém em si mesma a legitimidade, que falsos revolucionários às vezes desonram, mas que persiste, mesmo deturpada, que sobrevive, mesmo ensanguentada. As revoluções surgem, não de um acidente, mas da necessidade. Uma revolução é a volta do fictício ao real. Ela existe porque é preciso que exista.

Os velhos partidos legitimistas nem por isso deixavam de atacar a Revolução de 1830 com todas as violências que brotam do falso raciocínio. Os erros são projéteis excelentes. Feriam-na sabiamente onde era vulnerável, por falta de couraça, por falta de lógica; atacavam-na na sua realeza, gritando-lhe: – Revolução, por que esse Rei? – As facções são cegos de pontaria infalível.

Esse grito era igualmente dado pelos republicanos. Mas, vindo deles, era lógico. O que era cegueira entre os legitimistas era clarividência entre os democratas. 1830 não cumpriu o que havia prometido ao povo. A democracia indignada censurava-o.

Entre o ataque do passado e o ataque do futuro, debatia-se o efeito da Revolução de julho. Representava o minuto às voltas, de um lado, com os séculos monárquicos e, de outro lado, com o direito eterno.

Além disso, no exterior, 1830, não sendo mais a revolução, transformado que fora em monarquia, estava obrigado a tomar o passo da Europa. Conservar a paz, aumento de complicações. Uma harmonia exigida a contrassenso e muitas vezes mais onerosa que uma guerra. Desse conflito secreto, sempre amordaçado, mas sempre insatisfeito, nascera a paz armada, esse ruinoso expediente da civilização, em que ela própria não confiava. A realeza de julho revoltava-se, indócil, apesar de conduzida pelos gabinetes europeus. Metternich com muito gosto a teria freado. Impelida na França pelo progresso, forçosamente impelia as monarquias da Europa, sempre ronceiras. Conduzida que era, passara a conduzir.

No entanto, no interior, a pobreza, o proletariado, o salário, a educação, as penalidades, a prostituição, o destino da mulher, a riqueza, a miséria, a produção, o consumo, a partilha, a troca, a moeda, o crédito, o direito do capital, o direito do trabalho, todos esses problemas se multiplicavam sobre a sociedade; terrível declive.

Fora dos partidos políticos propriamente ditos, manifestava-se outro movimento. À fermentação democrática respondia a fermentação filosófica. A elite mostrava-se tão perturbada quanto a plebe; de modo diverso, mas com igual intensidade.

Os pensadores meditavam, enquanto o solo, isto é, o povo, atingido pelas correntes revolucionárias, tremia sob eles, atacado de vagas convulsões epiléticas. Esses pensadores, alguns isolados, outros reunidos em famílias, quase em comunhão, debatiam os problemas sociais pacífica, mas profundamente; exploradores impassíveis, cavando tranquilamente galerias nas bases de um vulcão, apenas incomodados pelos abalos surdos e pelas fornalhas entrevistas.

Essa tranquilidade não era o espetáculo menos belo dessa época agitada.

Esses homens deixavam aos partidos políticos a questão dos direitos; eles se ocupavam da questão da felicidade.

O bem-estar do homem, eis o que eles queriam conseguir da sociedade.

Elevavam as questões materiais, os problemas agrícolas, comerciais, industriais, quase à dignidade de uma religião. Na civilização, tal como se processa, um pouco por Deus, muito pelo homem, os interesses se combinam, se agregam, se amalgamam de maneira a formar verdadeira rocha dura, segundo uma lei dinâmica pacientemente estudada pelos economistas, verdadeiros geólogos da política.

Esses homens, que se congregavam sob diferentes denominações, mas que poderemos chamar, todos, pelo título genérico de socialistas, procuravam abrir essa rocha, para fazer brotar dela a água viva da felicidade humana.

Desde a questão do cadafalso até a questão da guerra, seus trabalhos examinavam todos os problemas. Ao direito do homem, proclamado pela Revolução Francesa, acrescentaram o direito da mulher e da criança.

Ninguém se admirará se, por razões diversas, não reproduzimos aqui, completas do ponto de vista teórico, as questões suscitadas pelo socialismo. Limitamo-nos a indicá-las.

Todos os problemas que os socialistas se propunham, as visões cosmogônicas, separados de qualquer misticismo ou utopia, podem ser reduzidos a dois problemas principais.

Primeiro problema: Produzir a riqueza.

Segundo problema: Distribuí-la.

O primeiro problema contém a questão do trabalho.

O segundo contém a questão do salário.

No primeiro problema, trata-se do uso das forças.

No segundo, da distribuição dos resultados.

Do bom uso das forças resulta o poderio político.

Da boa distribuição dos resultados decorre a felicidade individual.

Por boa distribuição é preciso entender não distribuição igual, mas distribuição equitativa. A primeira igualdade é a equidade.

Dessas duas coisas combinadas, poderio público no exterior e felicidade individual no interior, resulta a prosperidade social.

Prosperidade social quer dizer homem feliz, cidadão livre, nação grande.

A Inglaterra resolveu o primeiro desses dois problemas. Ela cria admiravelmente a riqueza; mas a reparte mal. Essa solução, completa por um só lado, leva fatalmente a estes dois extremos: opulência monstruosa, miséria monstruosa. Todas as benesses a alguns, todas as privações aos demais, isto é, ao povo; o privilégio, a exceção, o monopólio e o feudalismo nascem do próprio trabalho. Situação falsa e perigosa, que assegurava o poderio público sobre a miséria individual, enraizando a grandeza do Estado nos sofrimentos do indivíduo. Grandeza malformada, em que se combinam todos os elementos materiais e na qual não entra nenhum elemento moral.

O comunismo e a lei agrária julgam resolver o segundo problema. Mas se enganam. O modo como repartem mata a produção. A partilha igual suprime a emulação e, por consequência, o trabalho. É uma partilha feita pelo açougueiro, que mata o que divide. Portanto, não podemos aceitar essas pretensas soluções. Matar a riqueza não é reparti-la.

Os dois problemas precisam ser resolvidos juntos, para ser bem resolvidos. As duas soluções devem ser combinadas, como se fossem uma única.

Resolvamos unicamente o primeiro problema, e teremos Veneza, a Inglaterra. Teremos como Veneza um poderio artificial, ou como a Inglaterra um poderio material, e seremos o mau rico. Pereceremos pela apropriação do alheio sem título legítimo, como pereceu Veneza, ou por uma bancarrota, como acontecerá com a Inglaterra. E o mundo nos deixará morrer e cair, porque o mundo deixa morrer e cair tudo o que não passa de egoísmo, tudo o que não representa para o gênero humano uma virtude ou uma ideia.

Está claro que aqui, pelas palavras Veneza, Inglaterra, não designamos povos, mas construções sociais; as oligarquias sobrepostas às nações, e não as próprias nações. As nações terão sempre o nosso respeito e a nossa simpatia. Veneza, povo, renascerá; a Inglaterra, aristocracia, cairá, mas a Inglaterra, nação, é

imortal. Dito isso, prossigamos.

Resolvamos os dois problemas, encorajemos o rico e protejamos o pobre, suprimamos a miséria, ponhamos um fim à exploração injusta do fraco pelo forte, ponhamos um freio à inveja iníqua do que já está a caminho contra o que acaba de chegar, ajustemos matematicamente e fraternalmente o salário ao trabalho, aliemos o ensinamento gratuito e obrigatório ao desenvolvimento da criança, façamos da ciência a base da virilidade, desenvolvamos as inteligências enquanto damos trabalho aos braços, sejamos ao mesmo tempo um povo poderoso e uma família de homens felizes, democratizemos a propriedade, não abolindo-a, mas universalizando-a, de modo que todo cidadão, sem exceção, seja proprietário, coisa mais fácil do que se julga; em duas palavras, saibamos produzir a riqueza e saibamos reparti-la; e teremos ao mesmo tempo a grandeza material e a grandeza moral, e seremos dignos de ser chamados França.

Eis aqui, acima e fora de algumas seitas que rivalizavam, o que dizia o socialismo; eis o que ele procurava nos fatos, eis o que esboçava nos espíritos.

Esforços admiráveis! Tentativas sagradas!

Essas doutrinas, essas teorias, essa resistência, a necessidade inesperada para o homem de Estado de contar com a colaboração dos filósofos, confusas evidências entrevistas, uma política nova, a ser criada de acordo com o velho mundo, sem estar muito em desacordo com o ideal revolucionário, uma situação na qual seria preciso usar Lafayette para defender Polignac, a intuição do progresso transparecendo sob a revolta. As câmaras e a praça pública, competições a ser equilibradas ao seu redor, sua fé na revolução, talvez não sei que resignação eventual nascida da vaga aceitação de um direito definitivo superior, a vontade de permanecer na própria raça, seu espírito de família, seu sincero respeito pelo povo, sua própria honestidade preocupavam Luís Filipe quase dolorosamente, e por momentos, por mais forte e corajoso que fosse, o acabrunhavam pela dificuldade de ser Rei.

Ele sentia debaixo dos pés uma desagregação perigosa, sem ser contudo uma aniquilação, pois a França era mais França do que nunca.

Nuvens perigosas cobriam o horizonte. Uma sombra estranha, crescendo mais e mais, estendia-se pouco a pouco sobre os homens, sobre as coisas, sobre as ideias, sombra nascida do ódio e dos sistemas. Tudo o que fora prematuramente sufocado se revolvia, fermentava. Por vezes, a consciência do homem honesto retomava a respiração, tal era a morbidez daquele ar em que os sofismas se misturavam às verdades. Os espíritos tremiam em sua ansiedade social, como as folhas ao se aproximar a tempestade. A tensão elétrica era tal

que, em certos momentos, o primeiro que aparecesse, qualquer desconhecido, iluminava. Depois, a escuridão crepuscular voltava. De vez em quando, um rumor surdo e profundo dava a ideia da quantidade de raios contidos naquelas nuvens.

Apenas se tinham passado vinte meses depois da Revolução de julho; o ano de 1832 abrira-se com ares de perigo e ameaça. A penúria do povo, os trabalhadores sem pão, o último Príncipe de Condé desaparecido nas trevas, Bruxelas expulsando os Nassau, como Paris os Bourbon, a Bélgica oferecendo-se a um Príncipe francês e dada a um Príncipe inglês, o ódio russo de Nicolau, por trás de nós os dois demônios do meio-dia, Fernando na Espanha e Miguel em Portugal, a terra tremendo na Itália, Metternich estendendo a mão sobre Bolonha, a França ofendendo a Áustria em Ancona, ao norte não sei que sinistro ruído de martelos tornando a fechar a Polônia em seu caixão, em toda a Europa olhares irritados dirigidos à França, a Inglaterra, aliada suspeita, prestes a empurrar quem vacilasse e a se apoderar do que caísse, o pariato abrigando-se por trás de Beccaria para recusar quatro cabeças à lei, as flores de lis raspadas da carruagem do Rei, a cruz arrancada de Notre-Dame, Lafayette diminuído, Laffitte arruinado, Benjamin Constant morrendo na indigência, Casimir Périer morto exausto de forças no exercício do poder; a doença política e a fraqueza social declarando-se ao mesmo tempo nas duas capitais do reino, uma, a cidade do pensamento, outra, a cidade do trabalho; em Paris, a guerra civil, em Lyon, a guerra servil; em ambas as cidades o mesmo clarão de fornalha; uma púrpura de cratera na fronte do povo; o Midi fanatizado, o oeste perturbado, a Duquesa de Berry na Vendeia, as conspirações, as revoltas e o cólera juntavam ao sombrio rumor das ideias o sombrio tumulto dos acontecimentos.

V | FATOS DOS QUAIS SURGE A HISTÓRIA E QUE A PRÓPRIA HISTÓRIA IGNORA

Pelos fins de abril tudo se havia agravado. A fermentação transformara-se em fervura. A partir de 1830 houve, aqui e ali, pequenas revoltas parciais, logo abafadas, mas renascendo sempre, sinal de uma vasta conflagração subjacente. Preparava-se algo terrível. Entreviam-se os lineamentos, pouco distintos, ainda mal esclarecidos, de uma possível revolução. A França fixava os olhos em Paris; Paris atenta ao Faubourg Saint-Antoine.

Saint-Antoine, secretamente aquecido, entrava em ebulição.

As tavernas da Rue Charonne – embora a junção desses dois epítetos pareça estranha aplicada a tavernas – eram importantes e tempestuosas.

O governo era ali pura e simplesmente analisado. Discutia-se publicamente sobre a "conveniência de combater ou de ficar em paz". Havia salas secretas onde faziam os operários jurar que se encontrariam na rua ao primeiro grito de alarme, e "que lutariam sem contar o número do inimigo". Feito o juramento, um homem sentado a um canto da taverna "com voz sonora" dizia: – *Olhe bem! Você jurou!* – Às vezes, subia-se ao primeiro andar, entrava-se em um quarto fechado, e lá se passavam cenas quase maçônicas. Exigiam juramento dos iniciados, "para prestar-lhes serviço, assim como aos pais de família". Essa era a fórmula.

Nas salas inferiores, liam-se brochuras "subversivas". *Apedrejavam o governo*, diz um relatório secreto da época.

Ouviam-se ali frases como estas: – *Não sei o nome dos chefes. Não saberemos senão duas horas antes*. – Um operário dizia: – *Somos trezentos, demos cada um dez soldos e teremos cento e cinquenta francos para fabricar balas e pólvora*. – Outro dizia: – *Não peço seis meses, não peço nem dois meses. Antes de quinze dias estaremos com força igual à do governo. Com vinte e cinco mil homens poderemos enfrentá-los*. – Outro ainda dizia: – *Não durmo porque passo a noite fazendo cartuchos*. – De quando em quando, apareciam alguns "burgueses muito bem-vestidos","causavam embaraços" e,"com ares de quem manda", apertavam a mão *dos mais importantes* e iam-se embora. Não se demoravam nunca por mais de dez minutos. Trocavam-se em voz baixa frases muito significativas: – *A coisa está madura, está para estourar*. – Era o que se murmurava por todos os cantos – para usar a própria expressão de um dos assistentes. A exaltação era tão grande que, um dia, em plena taverna, um operário gritou: – *Não temos armas!* – Um de seus camaradas respondeu: – *Mas os soldados têm!* – parodiando assim, sem perceber, a proclamação de Bonaparte ao exército da Itália. *Quando tinham alguma coisa de mais secreto*, diz-nos um relatório, *não a comunicavam naqueles lugares*. Não compreendemos o que poderiam esconder depois de dizerem o que se ouvia por lá.

As reuniões, às vezes, eram periódicas. Em algumas não apareciam mais de oito ou dez pessoas, e sempre as mesmas. Em outras, entrava quem quisesse, e a sala ficava tão cheia que era preciso ficar de pé. Alguns estavam ali por entusiasmo e paixão; outros, porque *era o caminho para ir ao trabalho*. Como durante a revolução, havia nessas tavernas mulheres patriotas que abraçavam os novos adeptos.

Outros fatos expressivos apareciam à luz do dia.

Um homem entrava num cabaré, bebia e saía dizendo: – *Patrão, o que eu lhe devo a revolução lhe pagará.*

Numa taverna da Rue Charonne, nomeavam-se agentes revolucionários. O escrutínio se fazia nos bonés.

Alguns operários se reuniam na casa de um professor de esgrima, na Rue de Cotte. Havia ali um troféu de armas formado de espadas de pau, bengalas, cajados e floretes. Um dia, desembainharam os floretes.

Um operário dizia: – *Somos vinte e cinco, mas não contam comigo porque me olham como uma máquina*. – Essa máquina, mais tarde, foi Quénisset.

As coisas que se premeditavam tomavam, pouco a pouco, não sei que estranha notoriedade. Certa mulher, varrendo a porta, dizia a outra: – *Há muito tempo que trabalham como loucos para fazer cartuchos.* – Liam-se em plena rua proclamações endereçadas aos guardas nacionais dos diversos departamentos. Uma delas estava assinada assim: *Burtot, taverneiro.*

Um dia, à porta de um licorista do mercado Lenoir, um homem usando estranha barba, com leve sotaque italiano, sentado sobre um poial, lia em voz alta um singular escrito do qual pareciam emanar poderes ocultos. Ao seu redor, formaram-se grupos que o aplaudiram. As passagens que causavam mais efeito na multidão foram recolhidas e anotadas. … *Nossas doutrinas estão sendo embaraçadas, nossas proclamações são rasgadas, nossos anunciantes são espionados e jogados nas prisões…*; *A recente queda do algodão converteu para nós muitos indecisos*; … *O futuro dos povos se elabora em nossas obscuras fileiras*; … *Eis aqui os termos propostos: ação ou reação, revolução ou contrarrevolução. Porque, na nossa época, não se crê mais na inércia e na imobilidade. Pelo povo ou contra o povo, eis a questão. Nenhuma outra existe*; … *No dia em que não lhes formos mais úteis, esmaguem-nos, mas, até lá, ajudem-nos a caminhar…* E tudo em plena luz do dia.

Outros fatos, mais audazes ainda, eram suspeitos ao povo por causa da sua própria audácia. No dia 4 de abril de 1832, um transeunte subia ao marco que fica na esquina da Rue Sainte-Marguerite e exclamava: – *Sou babeuvista!* – Mas, no tempo de Babeuf, o povo inclinava-se para Gisquet.[15]

Entre outras coisas, esse homem dizia:

– Abaixo a propriedade! A oposição da esquerda é covarde e traiçoeira. Quando quer ter razão, prega a revolução. Só é democrata para não ser vencida e faz-se monarquista para não ter de lutar! Os republicanos são animais de penas.

Cidadãos trabalhadores, desconfiem dos republicanos.

– Cale a boca, cidadão espião! – gritou um operário.

Esse grito pôs fim ao discurso.

Ao mesmo tempo ocorriam incidentes misteriosos.

Ao cair da tarde, um operário encontrava perto do canal “um homem bem-vestido” que lhe dizia: – Aonde vai, cidadão? – Senhor – respondeu o operário –, não tenho a honra de o conhecer. – Mas eu o conheço muito bem. – E o homem continuava: – Não tenha medo. Sou agente do Comitê. Desconfiam que você não é muito fiel. Mas você sabe que, se revelar alguma coisa, eles estão de olho. – Depois, apertava a mão do operário e ia embora dizendo: – Logo nos tornaremos a ver.

A polícia, à escuta, recolhia, não apenas nas tavernas, mas até na rua, diálogos singulares.

– Faça com que o recebam o mais depressa possível – dizia um tecelão a um marceneiro.

– Por quê?

– Porque vai ser preciso dar alguns tiros.

Dois transeuntes andrajosos trocavam estas frases notáveis, cheias de aparente *jacquerie*:[16]

– Quem nos governa?

– *Monsieur* Filipe.

– Não; é a burguesia.

Engana-se quem pensar que tomamos a palavra *jacquerie* em sentido pejorativo. Os *jacques* eram os pobres. Ora, os que têm fome têm direitos.

Outra vez, passavam dois homens, um dos quais dizia ao outro: – Temos um bom plano de ataque.

De uma conversa íntima, entre quatro homens acocorados na praça da barreira du Trône, apenas se pôde apanhar isto:

– Há de se fazer tudo para que ele não passeie mais por Paris.

Quem, *ele*? Segredo ameaçador.

Os principais chefes – como se dizia no bairro – mantinham-se afastados. Julgava-se que se reuniam para se porem de acordo numa taverna perto da Pont Saint-Eustache. Um tal de Aug.***, chefe da Sociedade de Socorro para os Alfaiates, na Rue Mondétour, passava por servir de intermediário central entre os chefes e o Faubourg Saint-Antoine. Não obstante, sempre houve muita dúvida a respeito desses chefes, e nenhum fato comprovado pôde diminuir a altivez

singular desta resposta dada mais tarde por um acusado perante a Corte dos Pares:

– Quem era o seu chefe?

– *Eu não o conhecia nem o reconhecia.*

No entanto, talvez não passassem de palavras, transparentes, mas vagas; algumas vezes uma frase ou outra, alguns *disseram*, alguns *ouvi dizer*. Mas apareceram novos indícios.

Um carpinteiro, ocupado na Rue Reuilly em pregar as tábuas de um tapume ao redor de um terreno onde se construía uma casa, encontrou nesse mesmo terreno um fragmento de carta em que estavam ainda bem legíveis as seguintes linhas:

> *… É preciso que o Comitê tome medidas para impedir o recrutamento nas seções por outras sociedades…*

E em *Post scriptum*:

> *Soubemos que havia fuzis na Rue Faubourg-Poissonière, número 5 (bis), em número de cinco ou seis mil, na casa de um armeiro que aí reside. A seção não possui armas.*

O que impressionou o carpinteiro, fazendo com que mostrasse o papel a outras pessoas, é que, alguns passos mais adiante, encontrou outro papel igualmente rasgado e ainda mais significativo, cuja configuração aqui reproduzimos pelo interesse histórico de tão estranhos documentos:

> *q c d e*
> *Aprenda esta lista de cor. Depois rasgue-a.*
> *Os homens admitidos farão o mesmo, depois*
> *que você lhes tiver transmitido as ordens.*
> *Saúde e fraternidade.*
>
> L.

> *u og a* [1] *fe*

As pessoas que então souberam do segredo desse achado somente mais tarde puderam conhecer o que estava subentendido naquelas quatro maiúsculas:

quinturiões, centuriões, decuriões, exploradores (ou batedores), assim como o sentido das letras: *u og a*[1] *fe*, que era uma data e queria dizer *este 15 de abril de 1832*. Sob cada maiúscula estavam escritos nomes seguidos de indicações bastante características. Assim: – Q. *Bannerel*. 8 fuzis. 83 cartuchos. Homem de confiança. C. *Boubière*. 1 pistola. 40 cartuchos. – D. *Rollet*. 1 florete. 1 pistola. 1 libra de pólvora. – E. *Teissier*. 1 sabre. 1 cartuxeira. Exato. – *Terreur*. 8 fuzis. Corajoso etc.

Enfim, o tal carpinteiro encontrou, sempre no mesmo terreno, um terceiro papel sobre o qual estava escrito a lápis, mas com muita clareza, esta espécie de lista enigmática:

Unidade. Blanchard. Árvore-seca 6.
Barra. Soize. Sala-do-Conde.
Kosciusko. Aubry o açougueiro?
J. – J. R.
Caïus Gracchus.
Direito de revisão. Dufond. Forno.
Queda dos Girondinos. Derbac. Maubuée.
Washington. Pinson. 1 pist. 86 cart.
Marselhesa.
Sober. do povo. Michel. Quincampoix. Sabre.
Hoche.
Marceau. Platão. Árvore-seca.
Varsóvia. Tilly, vendedor do Populaire.[17]

O honesto burguês, em cujas mãos foi cair essa lista, descobriu-lhe o significado. Parece que a lista era a nomenclatura completa das seções da quarta divisão da Sociedade dos Direitos do Homem, com os nomes e os endereços dos chefes de cada seção. Hoje, que todos esses fatos até agora encobertos nada mais são que uma parte da história, podemos publicá-los. Devemos acrescentar que a Sociedade dos Direitos do Homem parece ter sido posterior à data em que esse papel foi encontrado. Talvez não fosse mais que um simples esboço.

No entanto, depois dos preparativos e das palavras, depois desses indícios escritos, os fatos materiais começavam a aparecer.

Na Rue Popincourt, na casa de um adelo, apreenderam, na gaveta de uma cômoda, sete folhas de papel cinzento, todas igualmente dobradas em quatro; as folhas escondiam vinte e seis quadrados do mesmo papel dobrados em forma de cartucho e uma nota na qual se lia o seguinte:

Salitre 12 onças.
Enxofre 2 onças.
Carvão 2 onças e meia.
Água 2 onças.

O processo verbal da apreensão constatou que a gaveta exalava forte cheiro de pólvora.

Um pedreiro, à tarde, quando voltava para casa, esqueceu um pequeno pacote em cima de um banco perto da Pont d' Austerlitz. O pacote foi levado ao Corpo da Guarda. Abriram-no e encontraram diálogos impressos, assinados por *Lahautière,* uma canção intitulada *Operários, uni-vos* e uma lata de folha de flandres cheia de cartuchos.

Um operário, bebendo com um companheiro, dizia-lhe que o apalpasse para que *sentisse como estava quente*; o outro apalpou-o e percebeu o cano de uma arma escondida sob o casaco.

Em um buraco da rua, entre o Père-Lachaise e a barreira du Trône, no lugar mais deserto, algumas crianças, brincando, descobriram debaixo de um monte de cavacos e de aparas um saco que continha moldes para balas, um mandril de madeira para fazer cartuchos, uma gamela em que havia grãos de pólvora de caça e uma pequena caldeira para fundição, em cujo interior se viam restos evidentes de chumbo derretido.

Alguns agentes da polícia, entrando de improviso às cinco horas da manhã na casa de um tal Pardon, que mais tarde foi Chefe de Seção da barricada Merry, morto na insurreição de abril de 1834, encontraram-no de pé ao lado da cama, segurando cartuchos que estava preparando.

Mais ou menos na hora em que os operários repousam, dois homens foram vistos conversando entre a barreira Picpus e a barreira Charenton, num caminho estreito entre dois muros, próximo de uma taverna que tem um jogo do Sião diante da porta. Um deles tirava de sob a blusa uma pistola e a entregava ao outro. No momento em que a entregava, percebeu que a transpiração do peito havia comunicado certa umidade à pólvora. Escovou então a arma, juntando mais pólvora à já existente. Depois, os desconhecidos se separaram.

Um tal Gallais, mais tarde morto na Rue Beaubourg, durante a revolta de abril, gabava-se de ter em sua casa setecentos cartuchos e vinte e quatro pedras de fuzil.

Certo dia o governo recebeu aviso de que acabavam de distribuir armas por todo o bairro, assim como duzentos mil cartuchos. Na semana anterior tinham

sido distribuídos cerca de trinta mil cartuchos. Coisa notável, a polícia não conseguiu apreender nem um.

Uma carta interceptada dizia: *Não está longe o dia em que, às quatro horas do relógio, oitenta mil patriotas estarão em armas*.

Toda essa fermentação pública, poder-se-ia dizer, era quase tranquila. A insurreição iminente preparava, sossegada, uma tempestade nas barbas do governo. Nenhuma singularidade faltava a essa crise ainda subterrânea, mas já perceptível. Os burgueses falavam tranquilamente aos operários acerca do que se preparava. Dizia-se: – Como vai a revolta? – no mesmo tom em que se dizia: – Como vai sua mulher?

Um negociante de móveis, na Rue Moreau, perguntava: – Então, quando vão atacar?

Outro comerciante dizia:

– Estou certo de que vocês vão atacar logo. Há um mês eram quinze mil, agora já são vinte e cinco mil. – Ele oferecia seu fuzil, e um vizinho oferecia uma pequena arma que desejava vender por sete francos.

Entretanto, a febre revolucionária aumentava. Nenhum ponto de Paris ou da França permanecera imune. A artéria batia por toda parte. Como essas membranas que nascem de certas inflamações e se formam no corpo humano, a rede das sociedades secretas começava a se estender pelo país. Da Associação dos Amigos do Povo, ao mesmo tempo pública e secreta, nascia a Sociedade dos Direitos do Homem, que datava assim uma de suas ordens do dia, *Pluvioso, ano XL da era republicana*, estava fadada a sobreviver, apesar das sentenças dos tribunais, que pronunciaram sua dissolução e que não hesitava em dar às suas seções nomes sugestivos como estes:

Lanças.
Rebate.
Canhão de alarme.
Barrete frígio.
21 de janeiro.
Mendigos.
Vadios.
Avante.
Robespierre.
Nível.
Eia.

A Sociedade dos Direitos do Homem deu origem à Sociedade de Ação. Eram os impacientes que se desligavam e corriam na frente. Outras associações procuravam prosélitos nas grandes sociedades mães. Os seccionários queixavam-se de serem atacados, como, por exemplo, A Sociedade Gaulesa e o Comitê Organizador das Municipalidades, assim como as sociedades pela *liberdade da imprensa*, pela *liberdade individual*, pela *instrução do povo*, contra *os impostos indiretos*. Depois a Sociedade dos Operários Igualitários, que se dividia em três frações, os Igualitários, os Comunistas e os Reformistas. Depois o exército das Bastilhas, uma espécie de coorte organizada militarmente, quatro homens, comandados por um cabo, dez, por um sargento, vinte, por um subtenente, quarenta, por um tenente; nunca havia mais de cinco homens que se conhecessem pessoalmente. Criação em que a precaução está de acordo com a audácia e que parece obra própria do gênio de Veneza. O Comitê Central, que era a cabeça, tinha dois braços, a Sociedade de Ação e o exército das Bastilhas. Uma associação legitimista, os Cavaleiros da Fidelidade, agitava-se no meio dessas filiações republicanas, sendo por elas denunciada e repudiada.

As sociedades parisienses ramificavam-se pelas principais cidades. Lyon, Nantes, Lille e Marselha tinham também a sua Sociedade dos Direitos do Homem, *La Charbonnière*, os Homens Livres. Aix tinha uma sociedade revolucionária que se chamava *La Cougourde*. Já a citamos uma vez.

Em Paris, o Faubourg Saint-Marceau não estava menos revoltado que o Faubourg Saint-Antoine, e as escolas tampouco estavam menos agitadas que os arrabaldes. Um café da Rue Saint-Hyacinthe e o botequim dos Sete Bilhares, na Rue Mathurins-Saint-Jacques, serviam como lugares de reunião para os estudantes. A Sociedade dos Amigos do ABC, filiada aos mutualistas de Angers e à Cougourde de Aix, se reunia, como já vimos, no café Musain. Os mesmos jovens se encontravam também, como já dissemos, num restaurante, perto da Rue Mondétour, chamado Corinto. Essas reuniões eram secretas. Outras, porém, eram tão públicas quanto possível; poderemos julgar sua coragem por estes fragmentos de um interrogatório realizado num dos processos ulteriores: – Onde se faziam as reuniões? – Na Rue da la Paix. – Em casa de quem? – Na rua. – Quantas seções havia lá…? – Uma só. – Qual? – A seção Manuel. – Quem era o chefe? – Eu. – O senhor é ainda muito jovem para poder tomar sozinho essa grave resolução de atacar o governo. De onde vinham as instruções? – Do Comitê Central.

O exército, como a população, também estava minado, como o provaram mais tarde os movimentos de Belfort, de Lunéville e de Épinal. Contava-se com

o regimento 62º., com o 5º., o 8º., o 37º. e o 20º. ligeiro. Na Borgonha e nas cidades do Midi, plantava-se a árvore da liberdade, isto é, um mastro encimado por um barrete vermelho.

Tal era a situação.

O Faubourg Saint-Antoine, mais do que qualquer outro grupo de população, como já dissemos no início, tornava sensível essa situação e a acentuava. Ali estava o ponto de origem.

Esse velho bairro, populoso como um formigueiro, trabalhador, corajoso e colérico como uma colmeia, estremecia na esperança e no desejo de uma luta. Tudo ali se agitava, sem que por isso o trabalho fosse interrompido. Nada poderia dar ideia daquela fisionomia viva e sombria. Nesse bairro existem dolorosas misérias escondidas sob o teto dos casebres; lá existem também inteligências ardentes e raras. É sobretudo quando se trata de miséria e inteligência que é preciso que os extremos se toquem.

O Faubourg Saint-Antoine tinha ainda outros motivos para revoltas, pois recebera o contragolpe das crises comerciais, das falências, das greves, da falta de trabalho, inerentes aos grandes acontecimentos políticos. Em tempos de revolução, a miséria é, ao mesmo tempo, causa e efeito. Os golpes que ela dá prejudicam-na ainda mais. Essa população, cheia de virtude altiva, capaz do mais alto grau de entusiasmo, sempre pronta a pegar em armas, pronta às explosões, irritada, profunda, minada, parecia não esperar senão a queda de uma fagulha. Todas as vezes que certas centelhas flutuam no horizonte, impelidas pelo vento dos acontecimentos, ninguém pode deixar de se preocupar com o Faubourg Saint-Antoine e com o terrível acaso que colocou às portas de Paris esse paiol de pólvora de sofrimento e de ideias.

As tavernas do Faubourg Antoine, que foram mais de uma vez descritas no esboço que acabamos de ler, têm notoriedade histórica. Em tempos de perturbações, há nelas mais embriaguez de palavras que de vinho. Uma espécie de espírito profético e um eflúvio de futuro aí circulam, enchendo os corações e engrandecendo as almas. Suas tavernas se assemelham às do monte Aventino, construídas por cima dos antros da sibila, em comunicação com os mais profundos sopros sagrados; tavernas em que as mesas eram quase trípodes e onde se bebia o que Ênio chama de *vinho sibilino*.[18]

O Faubourg Saint-Antoine é um reservatório de povo. As agitações revolucionárias fazem-lhe brechas por onde corre a soberania popular. Essa soberania pode agir mal; como todas as outras, pode enganar-se; todavia, mesmo deturpada, continua sempre grande. Pode-se falar dela como do ciclope cego,

Ingens.[19]

Em 93, fosse a ideia em voga boa ou má, fosse dia de fanatismo ou de entusiasmo, partiam do Faubourg Saint-Antoine ora legiões selvagens, ora bandos heroicos.

Selvagens. Expliquemo-nos a respeito dessa palavra. Esses homens descabelados que, nos dias genesíacos do caos revolucionário, esfarrapados, barulhentos, ferozes, de cassetete erguido, empunhando chuços, se arremessavam sobre a velha Paris perturbada, que pretendiam? Queriam o fim das opressões, o fim das tiranias, o fim da espada; queriam trabalho para o homem, instrução para a criança, tranquilidade social para a mulher, liberdade, igualdade, fraternidade, pão para todos, ideias para todos, a edenização do mundo, o Progresso; e essa coisa santa, boa e agradável, o Progresso, eles a reclamavam impacientes, fora de si mesmos; reclamavam-na, terríveis, seminus, de maça em punho e rugidos nos lábios. Sim, eram selvagens; mas selvagens da civilização.

Eles proclamavam furiosamente o direito; queriam, embora pelo terror e pelo medo, forçar o gênero humano ao paraíso. Pareciam bárbaros e eram salvadores. Reclamavam a luz usando a máscara da noite.

Diante de tais homens, convenhamos, perigosos e terríveis, mas perigosos e terríveis para o bem, há outros homens, sorridentes, cobertos de rendas, de ouro e de fitas, com uma estrela na testa e meias de seda, plumas brancas, luvas amarelas e sapatos de verniz, que, apoiados a uma mesa coberta de veludo, ao lado de uma lareira de mármore, insistem docemente pela continuação, pela conservação do passado, da Idade Média, do direito divino, do fanatismo, da ignorância, da escravidão, da pena de morte, da guerra, glorificando à meia-voz, polidamente, o sabre, a fogueira e o cadafalso. Quanto a nós, se formos forçados a optar pelos bárbaros da civilização ou pelos civilizados da barbaria, escolheremos os bárbaros.

Mas, graças aos céus, outra escolha é possível. Não há necessidade de nenhuma queda a pique, nem para a frente, nem para trás. Nem despotismo, nem terrorismo. Queremos o progresso em declive suave.

Deus provê a isso. Suavizar os declives, eis em que consiste toda a política divina.

VI | ENJOLRAS E SEUS TENENTES

Mais ou menos por essa época, Enjolras, em vista dos possíveis acontecimentos, fez uma espécie de recenseamento misterioso.

Todos estavam reunidos em conciliábulo no café Musain.

Enjolras disse, misturando às suas palavras algumas metáforas meio enigmáticas mas significativas:

– Convém saber onde estamos e com o que podemos contar. Se queremos combatentes, é preciso fazê-los. Ter com que atacar não pode ser nada prejudicial. Os que passam têm muito mais probabilidade de levar marradas quando há bois na estrada do que quando não há. Portanto, contemos o rebanho. Quantos somos? Não se trata de transferir esse serviço para amanhã. Os revolucionários devem sempre ter pressa; o progresso não tem tempo a perder. Desconfiemos do inesperado. Não nos deixemos pegar despercebidos. Trata-se de passar em revista todas as costuras que já temos feito para ver se elas resistem. Este assunto deve ser examinado a fundo hoje mesmo. Courfeyrac, você irá ter com os politécnicos. Hoje, quarta-feira, é o dia em que eles saem. Feuilly, você irá ver os da Glacière. Combeferre prometeu-me ir ao Picpus. Lá existe um excelente formigueiro. Bahorel visitará a Estrapade. Prouvaire, os maçons estão esfriando; você trará notícias da loja da Rue Grenelle-Saint-Honoré. Joly irá à clínica de Dupuytren e tomará o pulso da escola de medicina. Bossuet dará uma volta pelo palácio e conversará com os estagiários. Eu me encarrego da Cougourde.

– Está combinado – disse Courfeyrac.

– Não.

– Que há ainda?

– Uma coisa muito importante.

– Que é? – perguntou Combeferre.

– A barreira do Maine – respondeu Enjolras.

Enjolras ficou um momento como que absorto em suas reflexões; depois, continuou:

– Na barreira do Maine há canteiros, pintores e os aprendizes dos ateliês de escultura. É uma família entusiasta, mas sujeita a desânimos. Não sei o que têm de algum tempo para cá. Pensam em outras coisas. Extinguem-se. Passam as horas a jogar dominó. É preciso que falemos urgentemente com eles, e com firmeza. Reúnem-se na taverna de Richefeu. Poderemos encontrá-los lá entre meio-dia e uma hora. É preciso soprar aquelas cinzas. Eu contava para isso com esse distraído do Marius, que afinal é bom rapaz, mas que há tempos não

aparece. Falta-me alguém para ir à barreira do Maine, e não há mais nenhum disponível.

– E eu? – disse Grantaire. – Eu também estou aqui…

– Você?

– Eu, sim.

– Você, doutrinar republicanos! Você aquecer, em nome dos princípios, aqueles corações entibiados!

– Por que não?

– Será que você presta para alguma coisa?

– Eu tenho uma vaga ambição – disse Grantaire.

– Você não acredita em nada.

– Eu acredito em você.

– Grantaire, quer mesmo fazer-me um favor?

– Quantos quiser; até engraxar-lhe as botinas.

– Então, não se meta nos nossos negócios.

– Você é um ingrato, Enjolras.

– Mas você é homem para ir à barreira do Maine! Tem coragem?

– Sou capaz de descer a Rue Grès, atravessar a Place Saint-Michel, virar para a Rue Monsieur-le-Prince, tomar a Rue Vaugirard, ir até o convento das carmelitas, andar toda a Rue Cherche-Midi, deixar para trás o Conselho de Guerra, subir a Rue Vieilles-Tuileries do Maine, transpor a barreira e chegar ao botequim Richefeu. Sou capaz disso. Minhas botinas também são capazes.

– Conhece ao menos um pouco os amigos de Richefeu?

– Não muito. Tratamo-nos de você.

– Que vai dizer a eles?

– Ora, falarei de Robespierre, de Danton, dos princípios.

– Você!

– Eu. Mas ninguém me faz justiça. Quando me meto, sou terrível. Li Prudhomme, conheço o *Contrato Social*, sei de cor a Constituição do ano II.[20] *A liberdade de um cidadão acaba onde a liberdade de outro cidadão começa.* Será que você me toma por um animal? Em minha gaveta guardo um velho *assignat*. Com a breca! Os direitos do homem, a soberania do povo. Sou até um pouco hebertista.[21] Sou capaz de repetir durante seis horas, com o relógio na mão, uma infinidade de coisas soberbas.

– Fale sério – disse Enjolras.

– Sou perigoso – respondeu Grantaire.

Enjolras pensou por alguns instantes e fez o gesto de alguém que toma uma decisão.

– Grantaire – disse gravemente –, vou experimentar. Você irá à barreira do Maine.

Grantaire morava em um quarto bem perto do café Musain. Saiu e voltou cinco minutos depois. Fora até o quarto para vestir um colete *à la* Robespierre.

– Vermelho – disse ao entrar, olhando fixamente para Enjolras.

Depois, com gesto enérgico, apoiou sobre o coração as duas pontas vermelhas do colete.

E, aproximando-se de Enjolras, disse-lhe ao ouvido:

– Fique sossegado.

Em seguida, pôs resolutamente o chapéu na cabeça e saiu.

Um quarto de hora depois, a sala secreta do café Musain estava deserta. Todos os Amigos do ABC tinham ido embora, cada um para seu lado, cada um com a sua missão. Enjolras, que reservara para si a Cougourde, saiu por último.

Os membros da Cougourde de Aix, que estavam na cidade, reuniam-se então na planície de Issy, numa das pedreiras abandonadas, tão comuns naqueles lados de Paris.

Enjolras, enquanto caminhava para esse ponto de reunião, passava em revista a situação. A gravidade dos acontecimentos era visível. Quando os fatos pródromos de uma espécie de doença social latente se movem pesadamente, a mínima complicação pode interrompê-los ou confundi-los, fenômeno do qual se originam a ruína e a renovação. Enjolras entrevia um bulício luminoso sob os véus sombrios do futuro. Quem sabe? O momento talvez estivesse próximo. Que belo espetáculo, o povo reconquistando o direito. A revolução, majestosamente, tomando posse da França e dizendo ao mundo: – Amanhã continua! – Enjolras estava contente. A fornalha se aquecia. Naquele mesmo instante, tinha um rastilho de pólvora de amigos espalhado por Paris. Compunha, no pensamento, com a eloquência filosófica e penetrante de Combeferre, o entusiasmo cosmopolita de Feuilly, a verve de Courfeyrac, o riso de Bahorel, a melancolia de Jean Prouvaire, a ciência de Joly, o sarcasmo de Bossuet, uma espécie de cintilação elétrica incendiando de uma só vez vários lugares. Todos à obra. Era fora de dúvida que o resultado corresponderia aos esforços. Tudo em ordem. Isso o fez pensar em Grantaire.

– Ora – pensou –, a barreira do Maine está quase no meu caminho. E se eu

fosse até Richefeu? Vejamos um pouco o que faz Grantaire e em que ponto está.

Soava uma hora no relógio de Vaugirard quando Enjolras chegou ao botequim de Richefeu. Empurrou a porta, entrou, cruzou os braços, soltou a porta, que veio bater-lhe às costas, e olhou a sala cheia de mesas, homens e fumaça.

Uma voz sobressaía naquele nevoeiro, vivamente cortada por outra; era Grantaire, dialogando com um adversário.

Grantaire estava sentado bem na frente de outra pessoa, a uma mesa de mármore Sainte-Anne coberta de grãos de farelo e de dominós, batendo os punhos no mármore. Eis o que Enjolras ouviu:

– Duplo seis.

– Quatro.

– Porco! Não tenho mais.

– Você está morto. Dois.

– Seis.

– Três.

– Ás.

– Agora jogo eu.

– Quatro pontos.

– A muito custo.

– Você agora.

– Cometi um erro enorme.

– Está indo bem.

– Quinze.

– Mais sete.

– Com isso faço vinte e dois. (Sonhando.) Vinte e dois!

– Você não esperava o duplo seis. Se eu os tivesse posto no começo, mudaria todo o jogo.

– Duque.

– Ás.

– Ás! Está bem; cinco.

– Não tenho.

– Acho que foi você que jogou.

– Fui eu, sim.

– Branco.

– Será que tenho sorte? Ah! Você ainda tem sorte! (Longo suspiro.) Dois.
– Ás.
– Nem cinco nem ás. Coitado!
– Dominó.
– Vá para o diabo!

LIVRO SEGUNDO

EPONINE

I | O CAMPO DA COTOVIA

Marius havia assistido ao inesperado desfecho da cilada em cujo rastro colocara Javert, mas, apenas Javert deixou o pardieiro, levando os prisioneiros em três fiacres, Marius de sua parte saiu de casa. Ainda não eram nove horas da noite. Marius foi ter com Courfeyrac. Courfeyrac não era mais o imperturbável habitante do Quartier Latin; mudara-se para a Rue de la Verrerie "por razões políticas"; esse era o lugar em que a insurreição se sentia mais à vontade. Marius disse a Courfeyrac: – Hoje vou dormir aqui. – Courfeyrac tirou um dos colchões da cama, tinha dois, estendeu-o no chão e disse: – Pronto!

No dia seguinte, às sete horas da manhã, Marius voltou ao pardieiro, pagou o aluguel e o que ainda devia a *Mame* Bougon, carregou uma carroça com os livros, a mesa, a cama, a cômoda, as duas cadeiras, e foi embora sem deixar endereço, de modo que quando Javert voltou de manhã para interrogá-lo, a respeito dos acontecimentos da véspera, encontrou somente *Mame* Bougon, que lhe respondeu: – Mudou-se!

Mame Bougon ficou um tanto convencida de que Marius era cúmplice dos ladrões presos um dia antes. – Quem iria dizer! – exclamava entre os outros porteiros da rua. – Um rapaz que mais parecia uma moça!

Marius tinha duas razões para se mudar assim tão depressa. A primeira é que agora sentia horror por aquela casa onde vira, de tão perto e em todo o seu desprezível e selvagem desenvolvimento, uma chaga social mais horrível talvez que o mau rico: o mau pobre. Em segundo lugar, é que não queria participar de nenhum processo que provavelmente seria aberto, tendo então de depor contra Thénardier.

Javert julgou que o jovem, cujo nome não pudera guardar, tivera medo e fugira, ou nem sequer estava em seu quarto no momento da cilada; contudo, fez alguns esforços para encontrá-lo, sem o conseguir.

Passou-se um mês, depois outro. Marius continuava a morar com Courfeyrac.

Soube por intermédio de um advogado estagiário, frequentador habitual das antecâmaras, que Thénardier estava incomunicável. Todas as segundas-feiras, Marius mandava à secretaria da Force cinco francos para Thénardier.

Não tendo mais dinheiro, pediu-o emprestado a Courfeyrac. Foi a primeira vez em sua vida que fizera tal coisa. Aqueles cinco francos periódicos eram um duplo enigma para Courfeyrac, que os emprestava, e para Thénardier, que os recebia. “Para quem será esse dinheiro?”, pensava Courfeyrac. – De onde será que vem isto? – perguntava Thénardier.

Marius, aliás, sentia-se profundamente magoado. Tudo voltava novamente ao ponto de partida. Não via mais nada em sua frente; sua vida mergulhava outra vez no mistério, em que andava às apalpadelas. Por um momento, revira em meio à escuridão a jovem amada, o velho que dela parecia ser o pai, seres desconhecidos que constituíam seu único interesse, sua única esperança neste mundo; e, no momento em que julgava tê-los seguros, um sopro de vento roubou-lhe novamente aquelas sombras. Nenhuma fagulha de certeza ou de verdade saíra de tão medonho choque. Nenhuma conjectura possível. Nem mesmo sabia agora o nome que julgava certo. Só tinha certeza de que ela não se chamava Úrsula. Cotovia era um apelido. E que pensar do velho? Escondia-se mesmo da polícia? O operário de cabelos brancos que Marius havia encontrado nas imediações dos Invalides voltou-lhe à lembrança. Agora julgava provável sua identidade com o Sr. Leblanc. Então ele usava disfarces? Aquele homem tinha, portanto, seu lado heroico e seu lado equívoco? Por que não gritara por socorro? Por que fugira? Era ou não era o pai da menina? Enfim, seria realmente a pessoa que Thénardier julgara reconhecer? Não seria possível que Thénardier se tivesse enganado? Outros tantos problemas insolúveis. Tudo isso, é verdade, nada tirava do encanto angélico da jovem do Luxembourg. Pungente angústia; Marius tinha uma paixão no coração, e a noite sobre os olhos. Era impelido, era atraído, e não podia se mover. Tudo desaparecera, exceto o amor. Do próprio amor perdera ele os instintos e as súbitas claridades. Ordinariamente, essa chama que nos queima, ao mesmo tempo que ilumina um pouco, lança-nos ao redor uma luz útil. Mesmo os secretos conselhos da paixão não se faziam mais ouvir. Jamais dizia assim: – Se eu fosse até lá? Se eu tentasse isso? – Aquela que ele não podia mais chamar de Úrsula estava evidentemente em alguma parte; nada indicava a Marius sobre o lugar onde deveria procurá-la. Toda a vida se lhe resumia em duas palavras: uma incerteza absoluta perdida em um nevoeiro impenetrável. Continuamente desejava revê-la, mas não tinha esperança.

Para cúmulo da infelicidade, a miséria voltava. Sentia-lhe bem perto o sopro

gélido. Em todas aquelas tormentas, e havia já bastante tempo, interrompera o trabalho, e não há nada mais perigoso que um trabalho descontinuado; é um hábito que se perde. Hábito fácil de se deixar, difícil de reconquistar.

Certa quantidade de sonho é boa, como certa quantidade de narcótico em dose discreta. Acalma as febres, às vezes fortes, da inteligência em ação, e faz nascer no espírito um vapor suave e fresco que corrige os contornos ásperos de puro pensamento, enche aqui e ali lacunas e intervalos, liga os conjuntos e esfuma os ângulos das ideias. Mas, muita imaginação submerge e afoga. Desgraçado do trabalhador espiritual que se deixa cair por completo do pensamento na fantasia! Julga que subirá de novo facilmente e se convence de que, depois, tudo voltará ao que era antes. Erro!

O pensamento é o labor da inteligência, a imaginação é a voluptuosidade. Substituir o pensamento pela fantasia é confundir veneno com alimento.

Marius, devem lembrar-se os leitores, começou por aí. A paixão o surpreendera precipitando-o nas quimeras sem objeto e sem fundo. Já não saía de casa senão para sonhar. Parto preguiçoso, abismo tumultuoso e estagnante. E, à medida que o trabalho diminuía, as necessidades aumentavam. Isso é uma lei. O homem no estado de sonho é ordinariamente pródigo e insensível; o espírito distendido não pode conservar os caminhos fechados. Nesse modo de viver, há o bem de mistura com o mal, porque, se a insensibilidade é funesta, a generosidade é sadia e boa. Porém, o homem pobre, generoso e nobre, mas que não trabalha, está perdido. Os recursos se esgotam, as necessidades aparecem.

Fatal declive para onde os mais honestos e os mais firmes são arrastados como os mais fracos e viciados, tendo por fim um destes dois antros: o suicídio ou o crime. À força de sair para sonhar, chega um dia em que se sai para jogar-se à água. O excesso de fantasia produz os Escousse e os Lebras.[22]

Marius descia a rampa a passos lentos, de olhos fixos no que não via. O que acabamos de escrever parece estanho; no entanto, é verdade. A recordação de uma criatura ausente ilumina-se nas trevas do coração; quanto mais oculto, mais brilha; a alma desesperada e sombria vê essa luz no horizonte, como a estrela da sua noite interior. Nisso se resumia todo o pensamento de Marius. Ele não pensava em outra coisa; sentia confusamente que o velho casaco se tornava imprestável e que o casaco novo se tornava velho, que as camisas, o chapéu, os sapatos estavam rotos, isto é, a vida tornava-se-lhe esfarrapada e dizia: – Se eu pudesse vê-la, ao menos uma vez, antes de morrer!

Uma única ideia agradável lhe restava: é que Ela o havia amado! Dissera-o com os olhos; não lhe conhecia o nome, mas conhecia-lhe a alma, e que talvez

no lugar onde estivesse, fosse qual fosse esse lugar misterioso, ela o amava ainda. Quem sabe até se não pensava nele como ele fazia naquele momento a seu respeito? Às vezes, em momentos inexplicáveis, comuns a todo coração que ama, não tendo senão razões para tristezas, e no entanto sentindo um secreto estremecimento de alegria, dizia: – São os seus pensamentos que chegam até mim! – Depois, acrescentava: – Talvez também os meus cheguem até ela.

Essa ilusão que o fazia sacudir a cabeça um momento depois conseguia, contudo, lançar-lhe na alma certos raios que, às vezes, se assemelhavam à esperança. De quando em quando, sobretudo à tardinha, hora em que os sonhadores se sentem mais tristes, confiava a um caderno, em que não havia outra coisa, o mais puro, o mais impessoal, o mais ideal de seus sonhos, com que o amor lhe enchia o cérebro. Chamava a isso “escrever-lhe”.

Não vamos, porém, julgar que sua razão estivesse em desordem. Pelo contrário. Ele havia perdido a faculdade de trabalhar e de se dirigir com firmeza para determinado fim, mas possuía mais do que nunca a clarividência e a retidão. Marius via, em plena luz de um dia calmo e real, embora estranho, o que se passava sob seus olhos, mesmo os fatos ou os homens mais indiferentes; dizia a respeito de tudo a palavra exata com uma espécie de justo abatimento ou de puro desinteresse. Seu julgamento, quase desligado da esperança, mantinha-se alto e sobranceiro.

Nessa situação de espírito nada lhe escapava, nada o enganava, descobrindo a cada instante o fundo da vida, da humanidade, do destino. Feliz, mesmo na angústia, é aquele a quem Deus deu uma alma digna do amor e do infortúnio! Quem não viu as coisas deste mundo e o coração dos homens sob essa dupla luz nada viu de verdadeiro e nada sabe.

A alma que ama e que sofre acha-se em estado de sublimidade.

Quanto ao mais, os dias se sucediam, e nada de novo acontecia. Parecia-lhe apenas que o espaço sombrio que ainda lhe restava percorrer se tornava cada vez mais exíguo. Julgava já entrever distintamente as bordas do imenso precipício.

– Ora! – repetia consigo – será que antes não vou revê-la?

Quando se sobe a Rue Saint-Jacques, deixando ao lado a barreira, seguindo por algum tempo à esquerda o antigo bulevar interior, chega-se à Rue de la Santé, depois à Glacière, e, pouco antes de se chegar ao pequeno riacho dos Gobelins, encontra-se uma espécie de campo que é, na longa e monótona cintura dos bulevares de Paris, o único lugar em que Ruysdael sentiria a tentação de se sentar.[23]

Ali se encontra esse mistério de onde flui a graça; um prado verde atravessado de cordas estendidas de uma extremidade à outra, em que alguns trapos secam ao vento, uma velha quinta de hortelãos construída no tempo de Luís XIII, com seu grande telhado bizarramente cortado por águas-furtadas, sebes desmanteladas, um pouco de água parada entre choupos, mulheres, risos, vozes; no horizonte, o Panthéon, a árvore dos Surdos-Mudos, o Val-de-Grâce, negro, atarracado, fantástico, divertido, magnífico e, no fundo, a severa cumeeira quadrada das torres de Notre-Dame.

Como ver o lugar é o que vale a pena, ninguém vai até lá. Vê-se apenas uma carroça ou um carreteiro a cada quinze minutos.

Aconteceu que uma vez os passeios solitários de Marius o levaram a esse lugar, próximo daquele pequeno lago. Nesse dia, coisa rara, havia ali um transeunte. Marius, vagamente impressionado pelo encanto quase selvagem do lugar, perguntou-lhe: – Como se chama isto aqui?

O desconhecido respondeu: – É o campo da Cotovia.

E acrescentou: – Foi aqui que Ulbach matou a pastora de Ivry.[24]

Mas, depois dessa palavra Cotovia, Marius não ouviu mais nada. No estado de sonho há desses congelamentos súbitos provocados por uma palavra apenas. Todo o pensamento se condensa de repente ao redor de uma ideia, e não é mais capaz de nenhuma outra percepção. A Cotovia era o nome que, nas profundezas da melancolia de Marius, havia substituído Úrsula. – Olhe! – disse ele, nessa espécie de morbidez desarrazoada própria desses apartes misteriosos. – Este é o seu campo. Aqui saberei onde ela mora!

Era um absurdo, porém irresistível.

E voltou todos os dias àquele campo da Cotovia.

II | FORMAÇÃO EMBRIONÁRIA DOS CRIMES NA INCUBAÇÃO DAS PRISÕES

O triunfo de Javert no pardieiro Gorbeau parecia completo, mas não o era.

Em primeiro lugar, e este era o seu principal cuidado, Javert não conseguira prender o prisioneiro. O assassinado que foge é mais suspeito que o assassino; e é provável que esse personagem, presa tão preciosa para os bandidos, não o fosse menos para a autoridade. Em segundo lugar, Montparnasse escapara a Javert.

Era preciso esperar outra ocasião para se apoderar daquele “moleque do diabo”. Com efeito, Montparnasse, tendo encontrado Eponine de vigia sob as árvores do bulevar, levara-a consigo, preferindo ser Nemorin com a filha a ser Shinderhannes com o pai.[25] Bem fez ele. Estava livre. Quanto a Eponine, Javert conseguira “fisgá-la”, consolo medíocre. Eponine juntou-se a Azelma nas Madelonnettes.

Enfim, no trajeto do pardieiro Gorbeau à Force, um dos prisioneiros mais importantes, Claquesous, desaparecera. Não se soube como se deu o fato, os agentes da polícia e os soldados não compreenderam nada, transformara-se em vapor, escapara das algemas, saíra pelas fendas da carruagem, o fiacre estava rachado e ele fugira; eles não sabiam o que dizer senão que, ao chegar à prisão, nada de Claquesous. Ali havia bruxaria ou o dedo da polícia. Claquesous fundira-se na escuridão como um floco de neve na água? Houve conivência dos guardas? Pertencia ele ao duplo enigma da ordem e da desordem? Seria concêntrico à infração e à repressão? Teria aquela esfinge as patas dianteiras mergulhadas no crime e as traseiras, na autoridade? Javert não aceitava absolutamente essas combinações, e sentiria arrepios diante de tais compromissos; mas sua esquadra possuía outros inspetores além dele, talvez mais iniciados que ele próprio, embora subordinados seus, nos segredos da delegacia, e Claquesous era tão mau que poderia dar um ótimo agente. Estar em tão íntimas relações de trapaça com a noite é excelente para o banditismo e admirável para a polícia. Existem esses tratantes de dois gumes. Fosse quem fosse, Claquesous, depois de fugir, não foi mais encontrado. Javert mostrou-se mais irritado que admirado.

Quanto a Marius, “aquele advogado imbecil que provavelmente deve ter sentido medo”, de cujo nome Javert se esquecera, preocupou-o muito pouco. Afinal, um advogado se encontra sempre. Mas seria simplesmente um advogado?

A devassa havia sido iniciada. O Juiz de Instrução achara útil não deixar incomunicável um dos homens de Patron-Minette, na esperança de que alguém desse com a língua nos dentes. O escolhido foi Brujon, o cabeludo da Rue Petit-Banquier. Deixaram-no no pátio Carlos Magno; os olhos dos vigilantes não o perdiam de vista.

Esse nome, Brujon, é uma das tradições da Force. No medonho pátio chamado do Prédio Novo, e que a administração denominava pátio de São Bernardo, conhecido pelos ladrões como a Cova dos Leões, sobre aqueles muros cobertos de escamas e de lepra que subia à esquerda até a altura dos telhados,

perto de uma velha porta de ferro que levava à antiga capela do Palácio Ducal da Force, transformada posteriormente em dormitório de malfeitores, via-se ainda, doze anos antes, uma espécie de bastilha grosseiramente esculpida a ponta de prego na pedra dura, encimada por esta assinatura:

BRUJON, 1811.

Esse Brujon de 1811 era o pai do Brujon de 1832.

Este último, apenas entrevisto na cilada do pardieiro Gorbeau, era um jovem forte, muito esperto e hábil, de aspecto melancólico e apalermado. Justamente pela sua aparência é que o Juiz de Instrução o julgou mais útil no pátio Carlos Magno que na cela incomunicável.

Os ladrões não param só porque estão nas mãos da justiça. Eles não se incomodam por tão pouco. Estar preso por um crime não impede que se inicie um novo crime. São artistas que, por terem um quadro em exposição, nem por isso trabalham menos em seu ateliê.

Brujon parecia admirado por se ver preso. Viam-no, às vezes, horas inteiras no pátio Carlos Magno, de pé ao lado da cantina, contemplando como um idiota a sórdida tabela de preços que começava por *alho, sessenta e dois cêntimos*, e acabava por *cigarro, cinco cêntimos*. Ou, então, passava o tempo a tremer, batendo os dentes, dizendo que estava com febre, pedindo informações para saber se um dos vinte e oito leitos da sala dos doentes estava desocupado.

De repente, pela segunda quinzena de fevereiro de 1832, soube-se que Brujon mandara dar pelos serventes da prisão, não em seu nome, mas em nome de três de seus companheiros, três recados diferentes, os quais lhe custaram ao todo cinquenta soldos, preço exorbitante que atraiu a atenção do Comandante da prisão.

Tomaram-se informações, e, consultando a tarifa dos recados afixada no locutório dos detentos, chegou-se a saber que os cinquenta soldos se decompunham assim: três recados; um no Panthéon, dez soldos; um no Val-de-Grâce, quinze soldos; e um na barreira de Grenelle, vinte e cinco soldos. Esta era a mais cara de todas as tarifas. Ora, no Panthéon, no Val-de-Grâce e na barreira de Grenelle encontravam-se precisamente os domicílios de três vagabundos das barreiras muito perigosos, Kruideniers, conhecido por Bizarro, Glorieux, antigo grilheta, e Barre-Carrosse, aos quais por esse incidente se dirigiram os olhos da polícia. Julgavam-nos filiados à Patron-Minette, cujos dois chefes, Babet e

Gueulemer, estavam na prisão. Supuseram que nos recados de Brujon, dirigidos não a casas particulares, mas a pessoas que esperavam nas ruas, devia haver avisos para alguma combinação a ser feita. Havia outros indícios ainda; prenderam os três meliantes e pensaram que haviam descoberto a possível maquinação de Brujon.

Mais ou menos uma semana depois de tomadas essas medidas, uma noite, um dos vigias que inspecionavam o dormitório inferior do prédio novo, na ocasião em que ia colocar sua castanha na caixinha a ela destinada – esse era o meio de que se utilizava para saber se os vigilantes faziam o serviço com exatidão (todas as horas devia cair uma castanha em todas as caixas pregadas às portas dos dormitórios), um vigia, portanto, viu Brujon acocorado a escrever alguma coisa, apoiando-se à cama, à luz da claraboia. O guarda entrou. Brujon foi preso por um mês na solitária, mas não conseguiram achar o bilhete. A polícia também não conseguiu saber nada.

O que é certo é que, no dia seguinte, jogaram "um postilhão" do pátio Carlos Magno à Cova dos Leões, por cima do edifício de cinco andares que separava os dois pátios.

Os detentos chamam de postilhão a uma bolinha de pão endurecida artificialmente que se manda *à Irlanda*, isto é, por cima dos telhados de uma prisão, de um pátio a outro. Etimologia: por cima da Inglaterra; de uma terra a outra; *à Irlanda*. Essa bolinha cai no pátio. Quem a vê cair abre-a e encontra um bilhete endereçado a alguém. Se quem a achou é um detento, leva-o ao destinatário; se é um guarda, ou um desses prisioneiros secretamente vendidos, apelidados de carneiros, nas prisões, e de raposas, nas galés, o bilhete é levado à secretaria e entregue à polícia.

Dessa vez o postilhão chegou ao endereço, embora o tal a quem era dirigida a mensagem estivesse "separado". Esse destinatário era nada menos que Babet, um dos quatro cabeças de Patron-Minette.

O postilhão continha um papel enrolado no qual havia simplesmente estas duas linhas:

Babet. Há um negócio a tratar na Rue Plumet. Uma grade em um jardim.

Era o que Brujon havia escrito à noite.

A despeito dos batedores e das batidas, Babet achou meios para mandar o bilhete, da Force à Salpêtrière, a uma "boa amiga" que tinha lá e que estava

presa. Ela, por sua vez, passou o bilhete a outra conhecida, uma tal Magnon, muito vigiada pela polícia mas ainda em liberdade. Essa Magnon, cujo nome o leitor já conhece, tinha com os Thénardier relações que mais tarde serão mais bem definidas e podia, em suas visitas a Eponine, servir de ponte entre a Salpêtrière e as Madelonnettes.

Aconteceu que, justamente nessa época, faltando provas no processo movido contra Thénardier a respeito de suas filhas, Eponine e Azelma foram soltas.

Quando Eponine saiu, Magnon, que a esperava à porta das Madelonnettes, deu-lhe o bilhete de Brujon a Babet, encarregando-a de *esclarecer o negócio*.

Eponine foi à Rue Plumet, reconheceu a grade e o jardim, observou a casa, espiou, vigiou e, alguns dias depois, levou a Magnon, que então morava à Rue Clocheperce, um biscoito que Magnon entregou à amásia de Babet, na Salpêtrière. Um biscoito, no tenebroso simbolismo das prisões, significa: *Nada a fazer*.

Foi assim que, menos de uma semana depois, encontrando-se Babet e Brujon no caminho de ronda da Force, quando um ia “à instrução” e o outro voltava:

– Então – perguntou Brujon –, e a Rue P.?

– Biscoito – respondeu Babet.

Assim abortou esse feto de crime, gerado por Brujon na Force.

Esse aborto, contudo, teve consequências completamente estranhas ao programa de Brujon. Depois, veremos.

Muitas vezes, quando se julga dar nó em um fio, liga-se outro.

III | APARIÇÃO AO SR. MABEUF

Marius não ia mais à casa de ninguém, mas às vezes lhe acontecia encontrar-se com o Sr. Mabeuf.

Enquanto Marius descia lentamente os degraus lúgubres que poderiam ser conhecidos como escada dos subterrâneos, já que levam a lugares sem luz onde se ouvem os passos dos felizes caminhando por cima, o Sr. Mabeuf descia a seu lado.

A *Flora de Cauteretz* estava completamente esquecida. As experiências com o anil não tiveram êxito no pequeno quintal de Austerlitz, muito mal situado. O Sr. Mabeuf não podia cultivar senão algumas plantas raras que gostam de umidade e de sombra. Contudo, não desanimava. Conseguiu um pedacinho de

terra no Jardim Botânico, muito bem iluminado pelo sol, para ali fazer,“à sua custa”, as experiências com o anil. Para isso, empenhara os clichês de sua *Flora* no montepio. Reduzira o almoço a dois ovos, deixando ainda um para a sua velha criada, à qual não pagava havia mais de quinze meses. Muitas vezes esse almoço era a sua única refeição. Não possuía mais o riso infantil de outrora, tornara-se carrancudo e não recebia mais visitas. Marius fazia bem não pensando em aparecer. Às vezes, na hora em que o Sr. Mabeuf ia ao Jardim Botânico, o velho e o jovem se cruzavam no Boulevard de l’Hôpital. Não conversavam e ambos faziam um simples sinal de cabeça, tristemente. É doloroso constatar como há um momento em que a miséria desfaz as amizades! Eram dois amigos, são dois estranhos.

O livreiro Royol havia falecido. O Sr. Mabeuf não conhecia nada além dos livros, do jardim e do anil; eram as três formas em que se resumiam sua felicidade, seu prazer e sua esperança. Isso lhe bastava para viver. Dizia consigo: “Quando eu fizer minhas bolas de anil, serei rico, retiro do montepio meus clichês, ponho novamente em voga a minha *Flora*, usando de charlatanismo, muito barulho e anúncios no jornal, e compro, sei bem onde, um exemplar da *Arte de Navegar*, de Pedro de Medina, edição de 1559, encadernado em madeira”.[26] – Enquanto esperava, trabalhava durante o dia inteiro no canteiro de anil e, à noite, voltava à sua casa para regar o jardim e ler. O Sr. Mabeuf, por essa época, já tinha quase oitenta anos.

Uma noite, teve singular aparição.

Voltara para casa ainda com o dia claro. Mme. Plutarco, cuja saúde não estava boa, deitara-se. Jantara um osso em que sobrava um restinho de carne e um pedaço de pão que encontrara em cima da mesa da cozinha, sentando-se em seguida em um marco de pedra que fazia as vezes de banco no seu jardim.

Perto desse banco, levantava-se, à moda dos velhos jardins-pomares, uma espécie de grande caixa feita de tábuas e traves, já aos pedaços, coelheira na parte inferior e lugar para guardar frutas na parte de cima. Não havia coelhos embaixo, mas ainda restavam algumas frutas, restos da provisão de inverno.

O Sr. Mabeuf pusera-se a folhear e a ler, com a ajuda dos óculos, dois livros que o apaixonavam e até, coisa ainda mais grave na sua idade, o preocupavam. Sua natural timidez o tornava próprio para aceitar certas superstições. Um dos livros era o famoso tratado do Presidente Delancre, *Da inconstância dos demônios*, o outro era o in-quarto de Mutor de la Rubaudière, *Sobre os demônios de Vauvert e os fantasmas de Bièvre*. Este último alfarrábio o interessava tanto mais, pois, em outros tempos, seu quintal fora um dos lugares frequentados por

fantasmas. O crepúsculo começava a iluminar o que está no alto e a enegrecer o que está embaixo. Enquanto lia, por cima do volume que segurava na mão, o Sr. Mabeuf observava as plantas, entre outras um rododendro magnífico, uma de suas consolações; quatro dias de vento e de sol, sem uma gota de chuva; os ramos se curvavam, os botões pendiam, as folhas caíam, era preciso regar as plantas; o rododendro, sobretudo, estava triste. O Sr. Mabeuf era daqueles para quem as plantas têm alma. Havia trabalhado durante todo o dia no canteiro de anil, estava exausto; no entanto, levantou-se, deixou os livros sobre o banco e caminhou todo curvado, cambaleando, até o poço; mas, quando pegou na corrente, não teve força suficiente para puxá-la. Então, voltou-se e dirigiu ao céu, que se enchia de estrelas, um olhar de angústia.

O crepúsculo tinha a serenidade que acalma as dores do homem com sua silenciosa e eterna alegria. A noite prometia ser tão árida quanto o dia que findava.

– Estrelas por toda parte! – pensava o velho. – Nem a mínima nuvem! Nem uma lágrima de água!

E sua cabeça, que por um momento se erguera, voltara a se inclinar tristemente.

Levantou-a ainda uma vez e olhou para o céu, murmurando:

– Uma lágrima de orvalho! Um pouco de piedade!

Tentou ainda uma vez puxar a corrente do poço, mas não pôde.

Nesse momento, ouviu uma voz que dizia:

– Sr. Mabeuf, quer que eu regue o seu jardim?

Ao mesmo tempo ouviu como que um ruído de um animal bravio e viu sair da sebe uma menina alta e magra, que se ergueu diante dele, encarando-o atrevidamente. Parecia menos uma criatura humana que uma forma que acabara de sair do crepúsculo.

Antes que o Sr. Mabeuf, que se assustava com facilidade, como já dissemos anteriormente, tivesse tempo para responder uma sílaba, a criatura, cujos movimentos tinham na sombra uma estranha ligeireza, já havia lançado a corrente, mergulhando e retirando o balde, enchendo depois o regador, e o bom velho viu aquela aparição de pés nus, coberta de farrapos, correr pelos canteiros, distribuindo vida ao seu redor. O ruído da água sobre as folhas enchia a alma do Sr. Mabeuf de encantamento. Parecia-lhe que o rododendro estava feliz.

Esvaziado o primeiro balde, a menina tirou um segundo e um terceiro, e regou todo o jardim.

Vendo-a andar assim pelas áreas, onde sua silhueta aparecia completamente negra, agitando, com o movimento de seus longos braços angulosos, o xale roto, ela dava a impressão de um morcego.

Quando terminou, o Sr. Mabeuf aproximou-se, com lágrimas nos olhos, e colocou-lhe a mão na fronte.

– Deus a abençoará – disse –, você é um anjo, porque gosta de cuidar de flores.

– Não – respondeu ela –, eu sou o diabo, mas isso para mim é a mesma coisa.

O velho, sem esperar e sem ouvir a resposta, exclamou:

– Pena que eu seja tão pobre e infeliz, e não possa fazer nada em seu favor!

– Como não? – disse ela.

– O quê?

– Dizer-me onde mora o Sr. Marius.

O velho não compreendeu.

– Que Sr. Marius?

Levantou os olhos vidrados e parecia procurar na memória alguma lembrança perdida.

– Um rapaz que antigamente vinha à sua casa.

Mabeuf esforçava-se por recordar.

– Ah! sim… – exclamou – já sei de quem está falando. Espere! Sr. Marius, o Barão de Pontmercy, ora! Ele mora… ou melhor, não mora mais… Afinal, não sei!

Enquanto falava, curvou-se para prender um ramo do rododendro, e continuou:

– Pronto, agora me lembro. Passa sempre aí pela rua e aí para os lados da Glacière, Rue Croulebarbe, no campo da Cotovia. Vá para aqueles lados; não é difícil encontrá-lo.

Quando o Sr. Mabeuf se levantou, não havia mais ninguém; a menina desaparecera.

Ele sentiu um pouco de medo.

– Verdade – pensava ele –, se o jardim não estivesse molhado, eu julgaria ter visto um espírito.

Uma hora depois, após deitar-se, voltou a pensar nisso e, quase dormindo, no instante turvo em que o pensamento, semelhante àquele pássaro fabuloso que se transforma em peixe para atravessar o mar, toma aos poucos a forma de sonho

para atravessar o sono, falou confusamente consigo mesmo:

– De fato, isso se assemelha muito ao que La Rubaudière conta sobre os fantasmas. Seria um fantasma?

IV | APARIÇÃO A MARIUS

Alguns dias depois dessa visita de um “espírito” ao Sr. Mabeuf, certa manhã, – era uma segunda-feira, dia em que Marius pedia a Courfeyrac a moeda de cem soldos para dar a Thénardier – Marius havia posto a moeda no bolso e, antes de a levar à prisão, foi “passear um pouco”, esperando com isso recomeçar, depois, a trabalhar. Aliás, era eternamente assim. Logo que se levantava, tentava diante de um livro e de uma folha de papel acabar às pressas uma tradução; seu trabalho consistia então em traduzir para o francês uma célebre querela de alemães, a controvérsia entre Gans e Savigny;[27] ele tomava Savigny, tomava Gans, lia quatro linhas, esforçava-se para escrever uma, não conseguia, via uma estrela entre ele e o papel e levantava-se da cadeira dizendo: – Vou sair um pouco. Assim, ficarei mais disposto.

E ia até o campo da Cotovia.

Lá, mais do que nunca, via a estrela, e menos do que nunca pensava em Gans ou Savigny.

Voltava para casa, procurava retomar o trabalho, mas nada conseguia; não havia meio de tornar a ligar um só dos fios que se lhe haviam rompido no cérebro; então, dizia: – Amanhã não sairei. Esse passeio não me deixa trabalhar. – E continuava a sair todos os dias.

Morava mais no campo da Cotovia que no quarto de Courfeyrac. Seu verdadeiro endereço era este: Boulevard de la Santé, na sétima árvore depois da Rue Croulebarbe.

Naquela manhã, deixara a sétima árvore e sentara-se no parapeito dos Gobelins. Um sol alegre penetrava por entre as folhas frescas, abertas, luminosas.

Ele sonhava com “Ela”. E o sonho, transformando-se em censura, recaía sobre ele. Marius pensava dolorosamente na preguiça, paralisia da alma, que o dominava, e na noite cada vez mais espessa a seus olhos, a ponto de não ver mais o sol.

No entanto, através do penoso desenvolvimento de ideias indistintas que não

chegavam a ser um monólogo, tanto a ação nele se enfraquecera, não tendo ele nem mesmo forças para sentir-se desolado, através daquela melancólica absorção chegavam-lhe ainda as sensações externas. Ele ouvia atrás dele, abaixo dele, nas duas margens do Gobelins, as lavadeiras batendo a roupa, e por cima da cabeça os passarinhos chilreando e cantando nos olmeiros. De um lado, o ruído da liberdade, da despreocupação feliz, do ócio alado; do outro, o ruído do trabalho. Coisa que o fazia sonhar profundamente e quase refletir; ambos os ruídos eram alegres.

De repente, no meio do êxtase, acabrunhado, ouviu como que uma voz conhecida que lhe dizia:

– Pronto! Cá está ele!

Marius levantou os olhos e reconheceu a pobre menina que fora certa manhã a seu quarto, a filha mais velha dos Thénardier, Eponine; agora ele já sabia como se chamava. Coisa estranha, ela estava mais pobre e mais bonita, dois passos quase impossíveis de dar. Ela realizara um duplo progresso, em direção à luz e em direção à miséria. Estava descalça e em farrapos, como no dia em que entrara tão resolutamente no seu quarto, com a diferença de que seus trapos eram dois meses mais velhos, os buracos, maiores, e o que restava, mais imundo. Era a mesma voz rouca, a mesma fronte manchada e queimada pelo sol, o mesmo olhar livre, espantado, indeciso. Em sua fisionomia, mais do que antes, tinha não sei quê de assustado e lamentável que a passagem pela prisão acrescentara à miséria.

Levava pedaços de palha e feno nos cabelos, não como Ofélia, por ter enlouquecido em contato com a loucura de Hamlet, mas por haver dormido em alguma estrebaria.

E apesar de tudo era bonita. Que astro esplêndido é a mocidade!

Parara diante de Marius com um pouco de alegria no rosto lívido, algo semelhante a um sorriso.

E ficou por alguns momentos como se não pudesse falar.

– Então, sempre encontro o senhor! – disse, por fim. – O Sr. Mabeuf tinha razão; era mesmo nesta rua! Como o procurei! Se soubesse! Sabe de uma coisa? Estive no xadrez. Quinze dias! Eles me soltaram; não tinham nada contra mim, já que eu ainda não cheguei à idade do discernimento. Já faz dois meses. Oh! como o procurei! Há seis semanas que ando atrás do senhor. Então, não mora mais lá embaixo?

– Não – disse Marius.

– Oh, compreendo! Por causa da coisa. Aqueles bocós são mesmo desagradáveis. Então, mudou-se. Mas por que usa esse chapéu velho? Um rapaz como o senhor deve vestir-se bem. Sabe de uma coisa, Sr. Marius? O Sr. Mabeuf o chama de Barão Marius não sei mais quê. Mas o senhor não é nenhum barão, é? Os barões são velhos que vão ao Luxembourg até o castelo, onde bate mais sol, e leem *La Quotidienne* por um soldo. Uma vez fui à casa de um barão levar uma carta, e ele era desse jeitinho. Tinha mais de cem anos. Diga-me: onde está morando agora?

Marius não respondeu.

– Ah! – continuou ela –, o senhor está com a camisa rasgada. Vou consertar isso aí.

E prosseguiu, com uma expressão cada vez mais triste:

– O senhor não parece contente por me ver.

Marius calava-se; ela também ficou um pouco calada, mas depois exclamou:

– Mas, se eu quisesse, eu o forçaria a fazer cara alegre!

– O quê? – perguntou Marius: – Que quer a senhorita dizer?

– Ah! antes o senhor me tratava de você! – replicou ela.

– Está bem; o que você quer me dizer?

Ela mordeu os lábios; parecia hesitar, como que presa de uma espécie de combate interior. Enfim, pareceu tomar uma resolução.

– Tanto pior, dá na mesma. O senhor parece triste, e eu quero que fique contente. Prometa-me só uma coisa: que vai rir. Quero ver o senhor rir e ouvir o senhor dizer: – Ah! que bom! – Pobre Sr. Marius! Sabe? O senhor prometeu que me daria tudo o que eu quisesse…

– Está certo; mas fale então!

Ela fixou Marius no branco dos olhos e disse:

– Eu sei o endereço.

Marius empalideceu. Todo o seu sangue refluiu para o coração.

– Que endereço?

– O endereço que o senhor me pediu.

E acrescentou, quase com esforço:

– O endereço… não sabe?

– Ah! sim! – balbuciou Marius.

– Daquela menina!

Pronunciada essa palavra, ela suspirou profundamente.

Marius pulou do parapeito onde estava sentado e pegou-lhe as mãos, sem saber o que fazer.

– Então, leve-me até lá! Diga-me! Peça o que quiser! Onde é?

– Venha comigo – respondeu a menina. – Não sei bem a rua e o número; é bem longe daqui, mas conheço a casa e posso levá-lo até lá.

Retirou a mão das mãos de Marius e disse com uma expressão que teria entristecido quem quer que a visse, mas que Marius nem sequer notara, tão extasiado estava:

– Oh! como o senhor ficou alegre!

Uma nuvem passou pela fronte de Marius. Ele pegou Eponine pelo braço e falou-lhe:

– Jure-me uma coisa!

– Jurar! – exclamou ela. – Que quer dizer com isso? Ora!
O senhor quer que eu jure?

E riu.

– Seu pai! Promete, Eponine! Jure que nunca revelará a seu pai esse endereço!

Ela voltou-se para ele, admirada.

– Eponine! Como sabe que me chamo Eponine?

– Prometa-me o que eu lhe disse!

Mas ela parecia não compreender.

– Que gentileza! Chamou-me de Eponine!

Marius pegou-a pelos dois braços.

– Mas responda-me, em nome do céu! Preste atenção no que estou dizendo; jure-me que não falará a seu pai sobre esse endereço!

– Meu pai? – disse ela. – Ah! meu pai! Pode ficar tranquilo. Está na cadeia. E, depois, que me importa o meu pai?

– Então você não me promete! – exclamou Marius.

– Ora! Deixe-me em paz! – disse ela, rindo. – Como o senhor me sacode! Sim! Sim! Eu prometo! Eu juro! Que diferença faz? Eu não digo o endereço a meu pai. Está bem? Sossegou agora?

– Nem a mais ninguém? – disse Marius.

– A ninguém.

– Agora – replicou Marius –, leve-me até lá.

– Já?

– Já.

– Venha. Oh! como ficou contente! – disse ela.

Depois de alguns passos, ela parou.

– O senhor está andando muito perto de mim, Sr. Marius. Deixe-me ir na frente e o senhor vem atrás, sem dar na vista. Não é preciso que se veja um homem como o senhor ao lado de uma mulher como eu.

Nenhuma língua conseguiria dizer tudo o que estava contido nessa palavra *mulher*, pronunciada por uma criança.

Ela deu alguns passos e parou ainda uma vez: Marius a alcançou. Eponine dirigiu-lhe a palavra, sem se virar para o lado:

– É verdade; o senhor se lembra de que me prometeu uma coisa?

Marius revistou os bolsos. Tudo o que tinha eram os cinco francos destinados a Thénardier. Pegou-os e colocou-os na mão de Eponine.

Ela abriu os dedos e deixou cair a moeda no chão, olhando-a com tristeza, e disse:

– Não quero o seu dinheiro!

LIVRO TERCEIRO

A CASA DA RUE PLUMET

I | A CASA DO SEGREDO

Pelos meados do século passado, um Presidente do Parlamento de Paris que tinha uma amante e escondia o fato, porque nessa época os grandes senhores mostravam suas amantes e os burgueses as escondiam, mandou construir “uma pequena casa” no Faubourg Saint-Germain, na deserta Rue Blomet, atualmente chamada Rue Plumet,[28] não muito distante do lugar então conhecido como Combate dos Animais.

Essa casa compunha-se de um pavilhão de um só andar; duas salas ao rés do chão, dois quartos no pavimento superior, embaixo uma cozinha, em cima um toucador, sob o teto o sótão, tudo precedido por um jardim com uma grande grade que dava para a rua. O jardim tinha mais ou menos cinquenta e um hectares. Aí está tudo o que os transeuntes podiam ver; mas, atrás desse edifício, havia um patiozinho em cuja extremidade se levantava uma construção baixa de dois cômodos, situada em cima da adega, uma espécie de esconderijo para ocultar, se preciso, uma ama e uma criança. Essa construção comunicava-se na parte posterior, por meio de uma porta secreta, com um longo corredor estreito, ladrilhado, sinuoso, a céu aberto, ladeado por altos muros, o qual, escondido por uma arte prodigiosa e como que perdido entre as sebes dos jardins e do pomar, cujos ângulos e voltas acompanhava, ia acabar em outra porta igualmente secreta que se abria à distância de meio quarto de légua, quase em outro quarteirão, na extremidade mais deserta da Rue de Babylone.

O Sr. Presidente entrava por ali, de tal modo que mesmo os que o espreitassem e seguissem, observando que ele se dirigia todos os dias misteriosamente a um lugar, não poderiam suspeitar que ir à Rue de Babylone era o mesmo que ir à Rue Blomet. Graças a hábeis aquisições de terrenos, o engenhoso Magistrado pôde levar a cabo esse trabalho de viação secreta até sua casa, e em terras de sua propriedade, consequentemente sem controle. Mais tarde, revendeu em pequenas parcelas, para jardins e pomares, os lotes de terra

que margeavam o corredor, e os proprietários desses lotes, de ambos os lados, julgavam ter diante dos olhos um simples muro divisório, sem suspeitar da existência desse longo corredor ladrilhado, serpenteando entre suas latadas e pomares. Somente os passarinhos notavam essa curiosidade. É provável que as toutinegras e os abelheiros do último século tivessem muito que falar a respeito do Sr. Presidente.

O pavilhão, construído em pedra segundo o gosto de Mansard, decorado e mobiliado ao gosto de Watteau, concha por dentro, peruca por fora, cercado por uma tríplice sebe de flores, tinha algo de discreto, de atraente, de solene, como convém a um capricho do amor e da magistratura.[29]

Essa casa e esse corredor, hoje destruídos, existiam ainda quinze anos atrás. Em 93, um caldeireiro comprara a casa para demolir, mas, não podendo pagar-lhe o preço, foi à falência. De modo que a casa é que demoliu o caldeireiro. Depois, a casa continuou desabitada e caiu lentamente em ruínas, como toda habitação à qual a presença do homem não mais comunica vida. Continuou mobiliada com seus antigos móveis, sempre à venda ou para alugar, e as dez ou doze pessoas que passavam por ano na Rue Plumet mantinham-se informadas por uma tabuleta amarela e ilegível, pendurada à grade do jardim desde 1810.

Pelo fim da Restauração, esses mesmos transeuntes puderam notar que o aviso desaparecera e que mesmo as janelas do primeiro andar estavam abertas. Com efeito, a casa estava sendo ocupada. As janelas mostravam “pequenas cortinas”, sinal de que ali havia uma mulher.

No mês de outubro de 1829, um homem de certa idade alugara a casa tal qual se encontrava, compreendendo, bem entendido, os dois cômodos do quintal e o corredor que terminava na Rue de Babylone. O novo inquilino mandou renovar as portas secretas que davam para aquela passagem. A casa, como acabamos de dizer, estava ainda mobiliada quase com os mesmos móveis do Presidente; o novo locatário mandou fazer algumas reformas, pôs aqui e ali o que faltava, remodelou o chão do pátio, reformou algumas paredes, os degraus da escada, o soalho, pôs novos vidros nas janelas, enfim, instalou-se ali com a filha e uma velha criada, sem barulho, mais como quem se esconde que como quem entra na própria casa. Os vizinhos nada comentaram, pela simples razão de que não havia vizinhos.

O inquilino silencioso era Jean Valjean e a menina, Cosette. A criada era uma senhora chamada Toussaint, que Jean Valjean salvara do asilo e da miséria; era velha, provinciana e gaga, três qualidades que haviam determinado Jean Valjean a tomá-la para seu serviço. Ele alugara a casa sob o nome de Sr. Fauchelevent,

proprietário. Por tudo o que acima foi contado, o leitor, sem dúvida, deve ter demorado menos que Thénardier para reconhecer Jean Valjean.

Por que Jean Valjean havia deixado o convento do Petit-Pic pus? Que acontecera? Nada de extraordinário.

Como se lembram os leitores, Jean Valjean estava feliz no convento, tão feliz que sua consciência começou a se inquietar. Via Cosette todos os dias, sentia a paternidade nascer e desenvolver-se no seu íntimo cada vez mais, protegia com a alma aquela criança, convencera-se de que ela lhe pertencia, que nada poderia arrebatá-la ao seu carinho, continuando sempre assim, indefinidamente; que, com certeza, ela se faria religiosa, sendo para isso continua-mente induzida, desde que o convento para ela, como para ele, era o universo; que ele envelheceria e ela cresceria, envelheceria e ali morreria; enfim, encantadora esperança, nenhuma separação era possível. Refletindo sobre essas coisas, veio a cair em dúvidas. Perguntava a si mesmo se aquela felicidade lhe pertencia de verdade, ou não se compunha da felicidade de alguém mais, por exemplo, daquela criança, cuja felicidade, ele, velho, confiscara e roubara para si. Não seria isso um furto? Então pensara que aquela criança tinha o direito de conhecer a vida antes de renunciar a ela; tirar-lhe antecipadamente, sem a consultar, todas as alegrias, sob o pretexto de poupá-la de todas as privações, aproveitar de sua ignorância e de seu isolamento para fazer germinar uma vocação artificial era o mesmo que desnaturar uma criatura humana e mentir a Deus. E quem sabe até se, um dia, dando-se conta de tudo isso, religiosa contra a vontade, Cosette não passaria a odiá-lo? Último pensamento, quase egoísta e menos heroico que os outros, mas que lhe era insuportável. Resolveu, então, deixar o convento.

Resolveu e reconheceu, com desolação, que assim era preciso. Quanto às objeções, não havia. Cinco anos de permanência entre aquelas quatro paredes, quase desaparecido, haviam necessariamente destruído ou dispersado os motivos do receio. Ele poderia voltar tranquilamente para o meio dos homens. Envelhecera, e tudo havia mudado. Quem o reconheceria? E depois, por pior que fosse, haveria perigo só para ele, e não se sentia com direito de condenar Cosette ao claustro só porque ele havia sido condenado às galés. Ademais, que é o perigo diante do dever? Enfim, nada o impedia de ser prudente e de tomar suas precauções. Quanto à educação de Cosette, estava quase terminada e completa.

Uma vez tomada a decisão, esperou a ocasião favorável, que não tardou a se apresentar. O velho Fauchelevent morreu.

Jean Valjean pediu audiência à Reverenda Priora e lhe disse que, recebendo pela morte do irmão uma pequena herança que lhe permitia viver sem trabalhar,

ele deixaria o serviço do convento e levaria consigo a filha; mas, como não era justo que Cosette, não pronunciando os votos, tivesse sido educada gratuitamente, suplicava humildemente à Reverenda Priora que aceitasse em nome da comunidade, como indenização pelos cinco anos, a importância de mil francos.

Foi assim que Jean Valjean saiu do convento da Adoração Perpétua.

Ao deixar o convento, ele mesmo carregou e não quis confiar a ninguém a pequena valise cuja chave sempre conservara. A valise intrigava Cosette, pelo cheiro balsâmico que desprendia.

Digamos desde já que Jean Valjean jamais se separou dessa valise, conservando-a sempre em seu próprio quarto. Era a primeira e, às vezes, a única coisa que ele carregava nas ocasiões de mudança. Cosette achava graça e chamava a valise de *a inseparável*, dizendo: – Tenho-lhe inveja.

Jean Valjean, aliás, não reapareceu ao ar livre sem uma profunda ansiedade.

Ele descobriu a casa da Rue Plumet e ali se escondeu. Estava então de posse do nome de Ultime Fauchelevent.

Ao mesmo tempo, alugou outras duas casas em Paris, a fim de atrair menos a atenção do que se ficasse sempre no mesmo lugar, podendo assim, quando quisesse, ausentar-se à menor desconfiança e, enfim, para não estar desprevenido como na noite em que escapou milagrosamente de Javert. As outras duas casas eram bastante acanhadas e de aparência pobre, em dois quarteirões bem distantes um do outro, uma na Rue de l'Ouest, outra na Rue de l'Homme-Armé.

De quando em quando, ia ora à Rue de l'Homme-Armé, ora à Rue de l'Ouest, passar um mês ou seis semanas em companhia de Cosette, sem levar a criada. Fazia-se servir pelos porteiros, passando por um proprietário de terras dos subúrbios que, de vez em quando, ia passar algum tempo na cidade. Aquela virtude tão elevada tinha três domicílios em Paris para escapar da polícia.

II | JEAN VALJEAN, GUARDA NACIONAL[30]

Jean Valjean, porém, vivia quase sempre na casa da Rue Plumet, onde pusera em ordem sua vida do seguinte modo:

Cosette e a criada ocupavam o pavilhão: o grande quarto de tremós pintados, o toucador de molduras douradas, o salão do Presidente forrado de tapeçarias e com grandes poltronas, e mais o jardim. Jean Valjean mandara pôr no quarto de

Cosette um leito com dossel de damasco antigo em três cores, e um antigo e bonito tapete persa, comprado na Rue Figuier-Saint-Paul na loja de Mme. Gaucher, e, para corrigir a severidade daquelas velharias magníficas, juntara-lhes todos os pequenos móveis alegres e graciosos próprios para mocinhas, a *étagère*, a estante com livros dourados, a mesinha para escrever, uma mesa de trabalho incrustada de madrepérola, o estojo de costura de prata dourada e toalete de porcelana japonesa. Longas cortinas de damasco de fundo vermelho e em três cores, como no dossel da cama, pendiam da janela do primeiro andar. Ao rés do chão, cortinas de tapeçaria. Durante todo o inverno, o quarto de Cosette era aquecido de alto a baixo. Ele, Jean Valjean, morava naquela espécie de casa de porteiro que havia no pátio do fundo, com um simples colchão em uma cama rústica, uma mesa de pinho, duas cadeiras de palha, um jarro de água de faiança, alguns alfarrábios numa estante e a inseparável valise a um canto; ele jamais acendia a lareira. Tomava as refeições na companhia de Cosette, e, sobre a mesa, havia sempre pão negro para ele. Ele havia dito a Mme. Toussaint, quando a tomara como criada: – Esta mocinha aqui é a dona da casa. – E o se-senhor? – replicou Toussaint, admirada. – Eu sou mais que o patrão, sou o pai.

Cosette, que no convento fora educada para cuidar de uma casa, regulava as despesas, aliás muito modestas. Todos os dias Jean Valjean pegava Cosette pelo braço e a levava a passear. Conduzia-a ao Luxembourg, à aleia menos frequentada, e todos os domingos iam à missa, sempre na igreja Saint-Jacques-du-Haut-Pas, justamente porque era muito longe. Como estava situada num bairro pobre, dava ali muita esmola, e os indigentes o rodeavam, o que lhe valeu a carta dos Thénardier: *Ao senhor benfeitor da igreja Saint-Jacques-du-Haut-Pas.* Ele costumava levar Cosette a visitar os pobres e os doentes. Nenhum estranho entrava na casa da Rue Plumet. Toussaint fazia as compras e o próprio Jean Valjean ia buscar água numa fonte que ficava bem próxima, na rua. Guardava-se o vinho e a lenha numa espécie de esconderijo meio subterrâneo forrado de conchinhas que, em outros tempos, servira de gruta ao Sr. Presidente; pois, na época das Folies e das Petites-Maisons, não havia amor sem gruta.

Na porta secreta que dava para a Rue de Babylone havia uma caixa destinada a receber cartas e jornais; mas, como os três habitantes do pavilhão da Rue Plumet não recebiam cartas nem jornais, a utilidade da caixa, outrora intermediária de namoricos e confidente de um Ministro galanteador, estava atualmente limitada aos avisos do Recebedor de Impostos e aos bilhetes da Guarda, pois o Sr. Fauchelevent, proprietário, pertencia à Guarda Nacional; ele não tinha conseguido escapar às malhas estreitas do recenseamento de 1831. As

informações municipais tomadas por essa época tinham chegado até o convento de Petit-Picpus, espécie de nuvem impenetrável e santa de onde Jean Valjean saíra venerável aos olhos das autoridades e, por consequência, digno de fazer a sua guarda.

Três ou quatro vezes por ano, Jean Valjean vestia seu uniforme e fazia sentinela, aliás de muito boa vontade; era para ele um disfarce correto, que o misturava a toda gente deixando-o solitário. Jean Valjean acabava de completar sessenta anos, idade de isenção legal, mas não parecia ter mais de cinquenta; depois, não tinha vontade alguma de se livrar de seu Sargento-Mor ou de questionar com o Conde de Lobau;[31] não tinha estado civil; escondia seu nome, escondia sua identidade, escondia sua idade, escondia tudo; e, acabamos de afirmar, era da Guarda Nacional de muito boa vontade. Assemelhar-se a qualquer cidadão que paga impostos era toda a sua ambição. Esse homem tinha por ideal, interiormente, o anjo e, exteriormente, o burguês.

Contudo, notemos uma particularidade: quando Jean Valjean saía em companhia de Cosette, vestia-se como já vimos e se parecia bastante com qualquer antigo oficial. Quando saía sozinho, habitualmente à noite, disfarçava-se com roupas de operário, usando à cabeça um boné que lhe escondia o rosto. Seria precaução ou humildade? Ambas ao mesmo tempo. Cosette já se havia habituado ao lado enigmático do próprio destino e apenas notava as singularidades do pai. Quanto a Mme. Toussaint, ela venerava Jean Valjean e achava bom tudo o que ele fazia. Um dia o açougueiro, tendo visto uma vez Jean Valjean, lhe disse: – É um homem esquisito. – Ela respondeu: – É um san-santo.

Nem Jean Valjean, nem Cosette, nem Mme. Toussaint entravam ou saíam jamais sem ser pela porta da Rue de Babylone. A menos que os vissem pela grade do jardim, era difícil adivinhar que eles moravam na Rue Plumet. A grade ficava sempre fechada. Jean Valjean deixara o jardim inculto, a fim de não atrair a atenção de ninguém.

Nisso talvez se enganasse.

III | *FOLIIS AC FRONDIBUS* [32]

O jardim, entregue a si mesmo havia mais de meio século, tornara-se extraordinário e encantador. Quem por ali passasse há quarenta anos parava na rua para contemplá-lo, sem desconfiar dos segredos que ocultava por trás da folhagem. Mais de um sonhador, não poucas vezes, deve ter deixado os olhos e o

pensamento penetrar indiscretamente através das barras daquela velha grade fechada com cadeados, retorcida, oscilante, fixada em dois pilares pintados de verde e cobertos de musgos, estranhamente coroada por um frontão de arabescos indecifráveis.

A um canto havia um banco de pedra, uma ou duas estátuas enegrecidas, latadas soltas pelo tempo, apodrecendo encostadas ao muro; quanto ao mais, nem aleias nem relva; grama por toda parte. O jardineiro partira, a natureza voltara. As ervas daninhas abundavam, ventura admirável para um pobre canto de terra. A festa dos goivos era admirável. Nada naquele jardim contrariava o esforço sagrado das coisas para a vida; elas cresciam ali como em sua própria casa. As árvores se abaixavam até os arbustos, os arbustos subiam até as árvores, a pequenina planta agarrava-se aos ramos recurvados, o que rasteja pela terra fora ao encontro do que desabrocha no ar, o que flutua ao vento inclinara-se até o que se rola pela relva; troncos, ramos, folhas, fibras, moitas, hastes, gavinhas, sarmentos e espinhos misturavam-se, atravessavam-se, casavam-se, confundiam-se; a vegetação, num abraço apertado e profundo, celebrara e cumprira ali, sob o olhar satisfeito do criador, naquele recinto de apenas trezentos pés quadrados, o sagrado mistério de sua fraternidade, símbolo da fraternidade humana. Aquele jardim não era mais um jardim, era uma moita colossal; isto é, algo impenetrável como uma floresta, povoado como uma cidade, trêmulo como um ninho, sombrio como uma catedral, perfumado como um buquê, solitário como um túmulo, vivo como uma multidão.

Na primavera, aquele pequeno bosque, livre por trás da grade dentro de quatro muros, iniciava silencioso o cio do trabalho secreto da germinação universal, estremecia ao sol nascente quase como um animal que aspira os eflúvios do amor cósmico e sente a seiva de abril subir e ferver nas próprias veias, e, sacudindo ao vento sua prodigiosa cabeleira verde, semeava sobre a terra úmida, sobre as estátuas carcomidas, sobre a escadaria escorregadia da casa e até sobre a calçada da rua deserta, as flores como estrelas, o orvalho como pérolas, a fecundidade, a beleza, a vida, a alegria, os perfumes. Ao meio-dia, mil borboletas brancas ali se refugiavam, e era um espetáculo divino ver turbilhonar em flocos na sombra aquela neve viva do verão. Ali, naquelas alegres sombras de verdura, uma multidão de vozes inocentes falava docemente à alma, e o que os chilros deixavam de dizer, os zumbidos completavam. À tarde, um vapor de sonho se desprendia do jardim e o envolvia; um lençol de bruma, uma tristeza celeste e calma o cobriam; o perfume embriagador das madressilvas e das campainhas surgia de toda parte como um veneno estranho e sutil; ouviam-se os

últimos chamados dos fuinhos e das pastorinhas acomodando-se sob a ramagem; sentia-se ali a intimidade sagrada do passarinho com a árvore: de dia, as asas abrilhantam as folhas; à noite, as folhas protegem as asas.

No inverno, o jardim era negro, úmido, eriçado, trêmulo, deixando ver um pouco a casa. Via-se, em lugar das flores nos ramos e do orvalho nas flores, as longas fitas de prata dos caracóis sobre o frio e o espesso tapete de folhas amarelas; mas, de todos os modos, sob todos os aspectos, em qualquer estação, primavera, inverno, verão, outono, aquele recinto respirava melancolia, contemplação, solidão, liberdade, ausência do homem, presença de Deus, e a velha grade enferrujada parecia dizer: – Este jardim é meu.

As ruas de Paris rodeavam-no por todos os lados; os clássicos e esplêndidos palácios da Rue de Varennes a dois passos; bem perto, a cúpula dos Invalides; não muito longe, a Câmara dos Deputados; carruagens da Rue Bourgogne e da Rue Saint-Dominique rodavam faustosamente pela vizinhança; ônibus amarelos, cinza, brancos e vermelhos cruzavam em vão pela encruzilhada próxima; o deserto estava unicamente na Rue Plumet; a morte dos antigos proprietários, uma revolução que passara, a ruína das antigas fortunas, a ausência, o esquecimento, quarenta anos de abandono e viuvez foram suficientes para trazer de volta àquele lugar privilegiado as samambaias, o verbasco-branco, a cicuta, as aquileias, as dedaleiras, as ervas daninhas, os arbustos de largas folhas de tecido verde-pálido, os lagartos, os escaravelhos, os insetos inquietos e ligeiros, para fazer sair das profundezas da terra e reaparecer entre aqueles quatro muros não sei que grandeza selvagem e arisca, e, para que a natureza, que desconcerta os arranjos mesquinhos do homem e se expande sempre inteira onde quer que esteja, tanto na formiga como na águia, viesse expandir-se num pequeno jardim de Paris com igual rudeza e majestade como numa floresta virgem do Novo Mundo.

Com efeito, nada é realmente pequeno; quem quer que seja sujeito às penetrações profundas da natureza bem o sabe. Embora nenhuma satisfação absoluta seja concedida à filosofia, como circunscrever a causa e limitar o efeito, o contemplador cai em êxtases sem-fim na presença de todas essas decomposições de forças visando a unidade. Tudo trabalha em favor de tudo.

A álgebra aplica-se às nuvens; a irradiação do astro é útil à rosa; nenhum pensador ousaria dizer que o perfume do pilriteiro é inútil às constelações. Quem, pois, é capaz de calcular o trajeto de uma molécula? Como podemos afirmar que a criação dos mundos não é determinada pela queda de grãos de areia? Quem conhece os fluxos e refluxos recíprocos do infinitamente grande e

do infinitamente pequeno, a repercussão das causas nos precipícios do ser e as avalanches da criação? O menor inseto é importante, o pequeno é grande, o grande é pequeno; tudo está em equilíbrio na necessidade, assustadora visão para o espírito. Entre os seres e as coisas há relações miraculosas; nesse inesgotável conjunto, desde o Sol até o pulgão, nada se despreza; uns têm necessidade dos outros. A luz não leva para o firmamento os perfumes terrestres sem saber o que faz; a noite distribui a essência das estrelas às flores adormecidas. Todos os pássaros que voam têm preso nos pés o fio do infinito. A germinação se compõe da eclosão de um meteoro e da bicada de uma andorinha quebrando o ovo, e põe lado a lado o nascimento de um verme da terra e o advento de Sócrates. Onde termina o telescópio começa o microscópio. Qual dos dois tem a vista mais longa? Escolham. Uma mancha de bolor é uma plêiade de flores; uma nebulosa é um formigueiro de estrelas. E há idêntica promiscuidade, mais inaudita ainda, entre as coisas da inteligência e os fatos da substância. Os elementos e os princípios se confundem, se combinam, se casam, multiplicando-se uns pelos outros, a ponto de fazer que o mundo material e o mundo moral terminem na mesma claridade. O fenômeno se renova infinitamente. Nas grandiosas permutações cósmicas, a vida universal vai e vem em quantidades desconhecidas, tudo rolando no invisível mistério dos eflúvios, usando de tudo, sem perder um único sonho de um sono que seja, semeando um animalzinho aqui, esmigalhando um astro acolá, oscilando e serpenteando, fazendo da luz uma força e do pensamento um elemento, disseminada e indivisível, dissolvendo tudo, exceto esse ponto geométrico, o ego; reconduzindo todas as coisas à alma-átomo; fazendo tudo desabrochar em Deus; confundindo, desde a mais alta até a mais mesquinha, todas as atividades na obscuridade de um mecanismo vertiginoso; ligando o voo de um inseto ao movimento da Terra, subordinando, talvez, ainda que não fosse senão pela identidade da lei, a evolução do cometa no firmamento ao voltear de um infusório numa gota de água. Máquina feita de espírito. Engrenagem enorme cujo primeiro motor é o mosquito e cuja última roda é o zodíaco.

IV | MUDANÇA DE GRADE

Parecia que aquele jardim, criado outrora para esconder mistérios libertinos, se tinha transformado, tornando-se digno de abrigar os mistérios da castidade. Não tinha mais nem caramanchões, nem tabuleiros de relva, nem grutas; tinha uma

magnífica sombra desgrenhada que caía como um véu por toda parte. Pafos se transformava no Éden.[33] Não sei que arrependimento havia purificado aquele retiro. A ramalheteira oferecia agora suas flores à alma. O jardim coquete, outrora bastante comprometido, retornara à virgindade e ao pudor. Um Presidente ajudado por um jardineiro, um homem que julgava continuar Lamoignon e outro que pensava seguir Le Nôtre tinham-no contornado, cortado, talhado, enfeitado, adornado, amoldado para a galantaria; a natureza reconquistou-o, enchendo-o de sombras e o preparou para o amor.[34]

Havia também naquela solidão um coração à espera. O amor só precisava mostrar-se; havia ali um templo feito de verdura, de relva, de musgo, de suspiros de passarinhos, de trevas brandas, de ramos agitados, e uma alma feita de doçura, de fé, de pureza, de esperança, de aspirações, de ilusão.

Cosette saíra do convento ainda muito criança; tinha pouco mais de catorze anos e estava *na idade ingrata*; como já dissemos, excetuando-se os olhos, parecia mais feia que bonita; contudo não tinha nenhum traço menos gracioso, mas era acanhada, magra, tímida e desembaraçada ao mesmo tempo, enfim, uma grande menininha.

Sua educação estava terminada, isto é, ensinaram-lhe religião e sobretudo devoção; depois a história, isto é, o que se chama história no convento, geografia, gramática, os particípios, os Reis da França, um pouco de música, a desenhar um nariz etc., mas, quanto ao mais, ignorava tudo, tanto o encanto como o perigo. A alma de uma jovem não deve ser deixada na ignorância; mais tarde, sobrevêm miragens demasiado bruscas e vivas, como acontece numa câmara escura. Ela deve ser suave e discretamente iluminada, mais pelo reflexo das realidades que por sua luz direta e forte. Meia-luz, útil e graciosamente austera, que dissipa os receios pueris e impede as quedas. Não há nada como o instinto materno, intuição admirável em que entram as lembranças da virgem e a experiência da mulher, para saber como e de que modo deve ser conseguida essa meia-luz. Nada pode substituir esse instinto. Para formar a alma de uma jovem, todas as religiosas do mundo não podem valer uma mãe.

Cosette não teve mãe. Teve mães, no plural. Quanto a Jean Valjean, tinha em si todas as ternuras e cuidados possíveis; mas não passava de um velho que nada sabia.

Ora, na obra da educação, no grave problema da preparação de uma mulher para a vida, quanta ciência é necessária para se lutar contra essa grande ignorância que se chama inocência!

Nada predispõe tanto uma jovem para as paixões quanto um convento. O

convento conduz a mente para o desconhecido. O coração, dobrado sobre si mesmo, se esvazia, impossibilitado de se expandir, se aprofunda, não podendo extravasar-se. Daí as visões, as suposições, as conjecturas, os romances esboçados, o desejo de aventuras, as construções fantásticas, verdadeiros castelos construídos na escuridão interior do espírito, sombrias e secretas habitações onde as paixões se abrigam apressadas, tão logo uma grade aberta o permita. O convento é uma compressão que, para vencer o coração humano, deve durar toda a vida.

Ao deixar o convento, Cosette não podia encontrar nada mais agradável e perigoso que a casa da Rue Plumet. Era a continuação da solidão e o começo da liberdade; um jardim fechado, mas uma natureza agreste, rica, voluptuosa, perfumada; os mesmos sonhos do convento, entrevendo porém alguns rapazes; uma grade, mas que dava para a rua.

Contudo, repetimos, quando ela chegou, não era mais que uma criança. Jean Valjean entregou-lhe o jardim inculto. – Faça aí o que bem entender – dizia-lhe. Isso alegrava Cosette; remexia todas as moitas e todas as pedras, procurando "bichos"; brincava, enquanto não sonhava ainda; amava o jardim pelos insetos que encontrava ali a seus pés, escondidos na relva, enquanto não o amava pelas estrelas que veria entre os ramos por cima da cabeça.

Além disso, amava o pai, isto é, Jean Valjean, com toda a alma, com uma singela paixão filial que transformava o bom velho em companheiro querido e encantador. Como se lembram, o Sr. Madeleine lia muito; Jean Valjean continuou com esse hábito e chegou a poder conversar muito bem; tinha a secreta riqueza e eloquência de uma inteligência humilde e veraz que se cultivara espontaneamente. Restava-lhe ainda a necessária aspereza para temperar-lhe a bondade; era um espírito rude e um coração bondoso. No Luxembourg, em suas conversas íntimas, dava longas explicações a respeito de tudo, recorrendo ora ao que havia lido, ora ao que havia sofrido. Enquanto Cosette o ouvia, seus olhos erravam vagamente.

Esse homem simples bastava ao pensamento de Cosette, do mesmo modo que o jardim selvagem bastava a seus olhos. Quando se cansava de perseguir as borboletas, corria para ele quase sem fôlego e lhe dizia: – Ah! como corri! – e ele beijava-lhe a fronte.

Cosette o adorava. Acompanhava-o sempre. Onde estivesse Jean Valjean estava a felicidade. Como Jean Valjean não morava nem no pavilhão nem no jardim, ela preferia ficar no pátio traseiro, e não no jardim cheio de flores, ou na pequena sala mobiliada com cadeiras de palha, e não no grande salão forrado de

tapeçarias, cheio de poltronas confortáveis. Jean Valjean dizia-lhe, às vezes, sorrindo pela felicidade de ser importunado: – Mas, vá para a sua casa! Deixe-me um pouco sozinho!

Ela o censurava ternamente, com toda a graça de uma filha ao pai.

– Que frio faz nesta sala! Por que não manda pôr aqui um tapete e um fogareiro?

– Filha querida; há muita gente muito melhor do que eu e que nem mesmo tem um teto para se abrigar.

– Então, por que no meu quarto há fogo e tudo o mais?

– Porque você é mulher e é ainda criança.

– Bah! então os homens têm de padecer frio e estar mal acomodados?

– Alguns, sim.

– Está bem; hei de vir tantas vezes aqui que o senhor vai ser obrigado a acender a lareira.

Dizia-lhe ainda:

– Por que o senhor come desse pão ruim?

– Porque…, minha filha.

– Pois bem; se o senhor o come, também eu vou fazer o mesmo.

Então, para que Cosette não comesse pão preto, Jean Valjean comia pão branco.

Cosette lembrava-se muito confusamente da sua infância. Rezava de manhã e à noite pela mãe que não chegara a conhecer. Os Thénardier ficaram-lhe na memória como duas figuras hediondas em estado de sonho. Lembrava-se de que “um dia, de noite” fora buscar água em um bosque. Julgava que era bem longe de Paris. Parecia-lhe que havia começado a viver num abismo e que Jean Valjean a salvara. Sua infância fazia-lhe o efeito de um tempo em que não havia a seu redor senão centopeias, aranhas e serpentes. À noite, pensando antes de dormir, como não tinha uma ideia muito nítida de ser a filha de Jean Valjean ou de que ele fosse seu pai, imaginava que a alma de sua mãe se mudara para aquele homem e viera morar a seu lado.

Quando ele estava sentado, ela apoiava em seus cabelos brancos o lindo rosto e deixava cair uma lágrima, pensando assim: “Talvez ele seja a minha mãe!”.

Cosette, embora isto seja bastante estranho, em sua profunda ignorância de menina educada em convento, e por ser a maternidade absolutamente ininteligível à virgindade, acabou por imaginar que tivera o mínimo de mãe possível. Dessa mãe ela não conhecia nem mesmo o nome. Todas as vezes que

perguntava a Jean Valjean a esse respeito, ele se calava. Se repetia a pergunta, ele respondia com um sorriso. Uma vez, insistiu demais e o sorriso acabou numa lágrima.

Esse silêncio de Jean Valjean cobria Fantine com o véu da noite. Seria prudência? Seria respeito? Seria receio de entregar aquele nome às dúvidas de outra memória que não a sua?

Enquanto Cosette era pequena, Jean Valjean lhe falava de muito bom grado a respeito da mãe; quando Cosette ficou quase moça, isso lhe era impossível; não ousava mais. Seria por causa de Cosette ou por causa de Fantine? Ele sentia uma espécie de horror religioso em fazer entrar aquela sombra no pensamento de Cosette, fazendo da morta o terceiro ângulo de seu destino. Quanto mais sua sombra era sagrada, tanto mais lhe parecia temível. Pensava em Fantine e sentia-se dominado pelo silêncio.

Via vagamente nas trevas algo semelhante a um dedo sobre uma boca. Todo o pudor que havia em Fantine, e que durante a vida lhe fora violentamente arrebatado, teria, depois da morte, descido sobre ela, para velar, indignada, sobre sua paz, e, feroz, guardá-la em seu sepulcro? Jean Valjean, sem que o soubesse, estaria sofrendo-lhe a pressão? Nós, que acreditamos na morte, não somos dos que rejeitariam essa explicação misteriosa. Daí a impossibilidade de pronunciar, mesmo para Cosette, este nome: Fantine.

Um dia, Cosette lhe disse:

– Meu pai, esta noite vi minha mãe em sonhos. Tinha duas grandes asas. Minha mãe, em vida, deve ter alcançado a santidade.

– Pelo martírio – respondeu Jean Valjean.

Quanto ao mais, Jean Valjean estava feliz.

Quando Cosette saía com ele, apoiava-se em seu braço, altiva, feliz, na plenitude de seu coração. Jean Valjean, a todas essas provas de ternura tão exclusiva e satisfeita, sentia o pensamento fundir-se em delícias. O pobre homem comovia-se, inundado de angélica alegria, convencendo-se com entusiasmo de que tudo aquilo duraria toda a vida e que, na verdade, não havia sofrido bastante para merecer felicidade tão radiante, e agradecia a Deus, nas profundezas de sua alma, por lhe haver permitido ser assim tão amado, ele, um miserável, por aquela criatura inocente.

V | A ROSA DESCOBRE QUE É UMA MÁQUINA DE GUERRA

Um dia, por acaso, Cosette olhou-se no espelho e disse consigo: “Vejam só!”. Julgou-se quase bonita, o que lhe causou singular perturbação. Até aquele instante nunca tinha pensado na própria aparência. Via-se ao espelho, mas não se mirava. E, além do mais, haviam-lhe dito tantas vezes que era feia! Somente Jean Valjean lhe dizia docemente: – Mas não! Quem disse isso? – Fosse como fosse, Cosette nunca se julgara bonita, e crescera com essa ideia com a resignação fácil da infância. E eis que, de repente, o espelho lhe dizia como Jean Valjean: – Mas não! – Cosette não conseguiu dormir à noite. “Se eu fosse bonita”, pensava, “como seria bom, se eu fosse bonita!” E lembrava-se das companheiras cuja beleza era comentada no convento, e dizia: – O quê! Pois vou ser como fulana!

No dia seguinte, tornou a se olhar no espelho, não mais por acaso, e ficou em dúvida: – Onde eu estava com a cabeça? Não! Sou é feia mesmo. – Cosette simplesmente havia dormido mal; estava de olhos fundos e muito pálida. Na véspera, não havia se sentido muito alegre ao se julgar bonita, mas agora sentiu tristeza por não acreditar mais nisso. Não tornou mais a mirar seu reflexo e, por mais de quinze dias, penteou-se com as costas voltadas para o espelho.

À noite, depois do jantar, tinha o hábito de fazer algum bordado ou algum trabalho dos tempos de convento, enquanto Jean Valjean lia a seu lado. Uma vez, levantou os olhos do trabalho e ficou surpresa pelo modo preocupado como o pai a olhava.

Outra vez, passeava pela rua, e pareceu-lhe que alguém, que ela não via, lhe dissera ao passar: – Bonita – mas malvestida.“Ora”, pensou então,“isso não é comigo. Sou muito feia.” Estava usando então o chapéu de pelica e o vestido de merino.

Por fim, um dia, no jardim, ouviu a voz da pobre Mme. Toussaint, que dizia: – O senhor já notou como a menina está ficando bonita? – Cosette não ouvira a resposta do pai, mas as palavras de Mme. Toussaint chegaram a comovê-la. Saiu do jardim, subiu ao quarto, correu ao espelho – havia três meses que não se mirava –, e deu um grito. Acabava de deslumbrar a si mesma.

Estava de fato bonita; não podia discordar da opinião de Mme. Toussaint e do espelho. As formas tinham-se-lhe desenvolvido, a pele tornara-se-lhe alva, os cabelos lustrosos, um esplendor desconhecido fazia brilhar seus olhos azuis. A convicção da própria beleza veio-lhe de uma só vez, num minuto, como um dia que surge; os outros já a haviam notado, Mme. Toussaint o confirmara; era dela evidentemente que haviam falado, não havia mais motivo para dúvidas; voltou para o jardim como rainha, ouvindo o canto dos pássaros – era inverno –, vendo

o céu dourado, o sol brilhar nas árvores, as flores pelos ramos, extasiada, encantada, em um arrebatamento inexplicável.

Por seu lado, Jean Valjean sentia profunda e indefinível aflição. Era que, com efeito, havia algum tempo, contemplava com terror a beleza que lhe aparecia cada vez mais brilhante nos doces olhos de Cosette. Aurora risonha para todos, triste somente para ele.

Cosette já era bela muito tempo antes de o perceber. Mas, desde o primeiro dia, a luz inesperada que se elevava lentamente, envolvendo aos poucos toda a pessoa da jovem, feriu o olhar tristonho de Jean Valjean. Ele sentiu que era como uma mudança em sua vida feliz, tão feliz que ele não ousava tocá-la, temendo perturbá-la. Esse homem, que havia passado por todas as agruras, ainda sangrando pelas feridas do destino, que fora quase mau e que se tornara quase santo, depois de ter arrastado as correntes das galés, carregava agora a corrente invisível, mas pesada, da infâmia indefinida; esse homem que a lei não libertara, podendo ser novamente agarrado a qualquer instante, e levado da obscuridade da sua virtude à viva luz do opróbrio público, esse homem aceitava tudo, desculpava tudo, perdoava tudo, abençoava tudo, queria bem a tudo, e não pedia à Providência, aos homens, às leis, à sociedade, à natureza, ao mundo, senão uma coisa: que Cosette o amasse!

Que Cosette continuasse a amá-lo! Que Deus não impedisse o coração daquela criança de vir a ele e de continuar a lhe pertencer! Se Cosette o amasse, sentir-se-ia curado, repousado, tranquilo, contente, recompensado, coroado. Se Cosette o amasse, ele estaria bem! Não pedia mais nada. Se lhe dissessem: – Quer se sentir melhor? – responderia: – Não. – Se Deus lhe perguntasse: – Que quer: o céu? – ele responderia: – Eu sairia perdendo.

Tudo o que pudesse tocar mesmo de leve essa situação o fazia estremecer como o começo de outra coisa. Jamais soube o que fosse a beleza de uma mulher; mas, por instinto, compreendia que era algo terrível.

Essa beleza que desabrochava cada vez mais triunfante e soberba a seu lado, sob seus olhos, na fronte ingênua e terrível da criança, ele a olhava admirado do fundo de sua miséria, de sua velhice, de sua reprovação, de seu abatimento.

Dizia consigo: – Como é linda! Que será de mim?

Nisso, aliás, consistia a diferença entre sua ternura e a ternura de uma mãe. O que ele via com angústia qualquer mãe olharia com alegria.

Os primeiros sintomas não demoraram a se manifestar. Desde a manhã seguinte ao dia em que dissera: – Sou de fato bonita! – Cosette começou a cuidar

da toalete. Lembrou-se das palavras que ouvira na rua: – Bonita, mas malvestida –, sopro de oráculo que havia passado a seu lado e se esvanecera depois de lhe haver deposto no coração um dos dois germes que mais tarde devem encher toda a vida da mulher, o coquetismo. O amor é o outro.

Com fé na própria beleza, toda a alma feminina se expandiu no seu íntimo. Sentiu horror do vestido de merino e vergonha do chapéu de pelica. Seu pai nunca lhe recusara coisa alguma. Num instante adquiriu toda a ciência do chapéu, das fitas, das capas, dos sapatos, dos punhos de renda, das fazendas mais apropriadas, da cor que melhor assenta, ciência que faz da mulher qualquer coisa de encantador, profundo e perigoso. A expressão *mulher estonteante* foi inventada para a parisiense.

Em menos de um mês a pequena Cosette foi, nessa tebaida da Rue de Babylone, uma das mulheres não somente mais bonitas, o que já é alguma coisa, mas das "mais bem-vestidas" de Paris, o que é muito mais. Agora, ela gostaria de reencontrar o tal que a criticara, para ver o que ele diria e "dar-lhe uma lição"! O fato é que estava, por todos os modos, encantadora, distinguindo como ninguém um chapéu de Gérard de um chapéu de Herbaut.

Jean Valjean contemplava com ansiedade essas transformações. Ele, que se sentia capaz de se arrastar, quando muito, de caminhar, via nascer asas em Cosette.

Contudo, à mais simples inspeção da toalete de Cosette, qualquer mulher reconheceria que ela não tinha mãe. Certos pequenos adornos, certas convenções especiais não eram por ela observados. Uma mãe, por exemplo, dir-lhe-ia que uma jovem nunca se veste de damasco.

No primeiro dia em que Cosette saiu com seu vestido e capa de damasco negro e seu chapéu de tule branca, tomou o braço de Jean Valjean, alegre, radiosa, corada, altiva, estonteante.

– Meu pai – disse ela –, que tal me acha? – Jean Valjean respondeu com uma voz que se assemelhava à voz amarga de um invejoso:

– Encantadora!

Durante o passeio, conservou-se calado como de hábito. Ao voltar para casa, perguntou a Cosette:

– Você não vai mais usar aquele outro vestido e o outro chapéu?

Isso se passou no quarto de Cosette. Esta voltou-se para o cabide do guarda-roupa em que estava pendurado seu uniforme de pensionista.

– Essa fantasia? – disse ela. – Que quer que eu faça com isso? É claro que

não vou usar mais um horror desse. Com aquela coisa na cabeça fico parecendo Mme. Chien-fou.

Jean Valjean suspirou profundamente.

A partir desse momento, ele notou que Cosette, que outrora sempre lhe pedia para ficar em casa, dizendo-lhe: – Ora, eu me divirto mais aqui com o senhor –, agora pedia sempre para sair. Com efeito, para que ser bonita e andar bem-vestida, se não para se mostrar?

Notou também que Cosette não tinha mais a mesma predileção pelo pátio traseiro da casa. Agora, preferia ficar no jardim, passeando ao lado da grade com prazer. Jean Valjean, desconfiado, não punha os pés no jardim. Ficava no quintal, como o cachorro.

Cosette, sabendo-se bela, perdeu a graça de o ignorar, graça preciosa, porque a beleza realçada pela simplicidade é inefável, e nada é mais adorável que uma inocente encantadora que caminha, tendo nas mãos, sem o saber, as chaves de um paraíso. Mas o que ela perdera de graça ingênua ganhara em encanto pensativo e sério. Toda a sua pessoa, impregnada das alegrias da juventude, da inocência e da beleza, respirava uma esplêndida melancolia.

Foi por essa época que Marius, depois de passados seis meses, tornou a vê-la no Luxembourg.

VI | COMEÇA A BATALHA

Cosette ocultava-se na sua sombra, do mesmo modo que Marius, predisposta ao ardor da paixão. O destino, com paciência misteriosa e fatal, aproximava lentamente um do outro aqueles seres carregados e enlanguescidos pela tempestuosa eletricidade da paixão, duas almas que carregavam o amor como duas nuvens carregam o raio e que deviam tocar-se e confundir-se num olhar, como as nuvens num relâmpago.

Abusaram tanto do olhar nos romances de amor que se chegou, por fim, a desconsiderá-lo. Atualmente, é muito difícil alguém ousar dizer que duas criaturas se amaram porque se olharam. Contudo, é assim mesmo que se ama, e não existe outro modo. O resto não passa do resto, e só vem depois. Nada é mais real que esse grande abalo sofrido por duas almas que se comunicam por essa centelha.

Na hora exata em que Cosette dirigira a Marius aquele olhar que tanto o

perturbara, Marius não percebera que também ele teve um olhar que perturbou Cosette. Fez-lhe o mesmo mal e o mesmo bem.

Fazia muito tempo que ela o via e o examinava como as mocinhas veem e examinam, olhando distraidamente para outros lugares. Marius ainda achava Cosette feia, e esta já o julgava bonito. Mas, como não lhe dava atenção, esse rapaz lhe era indiferente.

Contudo, não podia deixar de observar que ele tinha lindos cabelos, olhos bonitos, dentes perfeitos, uma voz encantadora quando o ouvia conversar com os colegas, que ele tinha um andar, se quiserem, desajeitado, mas de graça particular; que não parecia nenhum tolo; que toda a sua pessoa era nobre, afável, simples e altiva, e que, enfim, ele parecia pobre, mas era simpático.

No dia em que seus olhares se encontraram, dizendo bruscamente as primeiras coisas obscuras e inefáveis que o olhar balbucia, Cosette, a princípio, não compreendeu. Voltou pensativa para a casa da Rue de l'Ouest, onde Jean Valjean, como de costume, viera passar seis semanas. No dia seguinte, ao levantar-se, pensou naquele jovem desconhecido, durante tanto tempo indiferente e frio, e que agora parecia dar-lhe atenção, sem contudo que essa atenção lhe fosse absolutamente agradável. Antes, ela sentia certa cólera contra aquele belo orgulhoso. Um princípio de guerra se revolveu no seu íntimo. Ela pensava, e nisso sentia uma satisfação quase infantil, que afinal podia se vingar.

Consciente da própria beleza, sentia, embora confusamente, que possuía uma arma. As mulheres brincam com a própria beleza como as crianças com seus canivetes. Sempre saem feridas.

Lembramo-nos da hesitação de Marius, de suas aflições, de seu terror. Ele ficava em seu banco, sem jamais se aproximar, o que desagradava a Cosette. Um dia, ela disse a Jean Valjean: – Pai, vamos passear um pouco para aquele lado. – Vendo que Marius não ia até ela, ela foi até ele. Nesses casos, toda mulher se assemelha a Maomé. Aliás, coisa estranha, o primeiro sintoma do verdadeiro amor num jovem é a timidez; numa moça é o atrevimento. Isso pode espantar, mas não há nada mais simples. São dois sexos que tendem a se aproximar tomando as qualidades um do outro.

Naquele dia, o olhar de Cosette enlouqueceu Marius, e o olhar de Marius fez Cosette tremer. A partir de então, ambos se adoraram.

A primeira coisa que Cosette sentiu foi uma tristeza confusa e profunda. Parecia-lhe que, dali até o dia seguinte, a alma se lhe tornara negra. Já não a conhecia. A brancura da alma das jovens, composta de frieza e de alegria,

assemelha-se à neve. Funde-se ao amor, que é o seu sol.

Cosette não sabia o que era amor. Jamais ouvira pronunciar essa palavra no sentido terrestre. Nos livros de música profana que entravam no convento, a palavra *amor* era substituída por *tambor* ou *clangor*. Isso criava verdadeiros enigmas que exercitavam a imaginação das *maiores*, como: *"Ah! como é agradável o tambor!"*, ou então, *"A piedade não é um clangor!"*. Mas Cosette havia saído ainda muito criança para se ter preocupado com esse *tambor*.Não sabia, portanto, que nome dar ao que então experimentava. Está-se, acaso, menos doente por se ignorar o nome da doença?

Ela amava com tanto mais paixão porque amava com ignorância. Não sabia se o que sentia era bom ou mau, útil ou perigoso, necessário ou mortal, eterno ou passageiro, permitido ou proibido; ela simplesmente amava, e ficaria muito admirada se lhe dissessem: – Mas você não dorme? Isso é proibido! Não come? Mas isso é grave! Sente opressão ou palpitação no coração? Mas isso não se faz! Você se enrubesce e fica pálida quando alguém, vestido de preto, aparece no fim de determinada aleia verde? Mas isso é abominável! – Ela não compreenderia nada disso e responderia: – Como pode haver falta numa coisa que não depende de mim, que tampouco conheço?

Aconteceu que o amor que daí surgiu era precisamente o que mais convinha ao seu estado de alma. Era uma espécie de adoração à distância, uma contemplação muda, a divinização de um desconhecido. Era a aparição da adolescência para a adolescência, o sonho noturno transformado em romance sem deixar de ser sonho, o fantasma desejado enfim realizado e feito carne, não tendo ainda, porém, nem nome, nem defeitos, nem mancha, nem imperfeições; numa palavra, era o amante longínquo, ainda ideal, uma quimera quase transformada em realidade. Qualquer encontro mais palpável, mais íntimo, teria nessa época amedrontado Cosette, ainda meio mergulhada na espessa bruma do claustro. Sentia todo o medo das crianças e todo o medo das religiosas. O espírito do convento, respirado durante cinco anos, se evaporava ainda lentamente de toda a sua pessoa, fazendo tudo tremer ao seu redor. Nessa situação, ela não precisava de um amante ou de um namorado, mas de uma visão. Começou então a adorar a Marius como algo encantador, luminoso, impossível.

Como a extrema ingenuidade se confunde com o extremo coquetismo, ela lhe sorria com toda a franqueza.

Todos os dias esperava impacientemente pela hora do passeio; encontrava-se com Marius, sentia-se indizivelmente feliz e julgava expressar com sinceridade o

próprio pensamento ao afirmar a Jean Valjean: – Que jardim delicioso é o Luxembourg!

Marius e Cosette estavam um para o outro numa noite escura. Não conversavam, não se saudavam, não se conheciam; viam-se simplesmente e, como os astros do céu, separados por milhões de léguas, viviam de olhares.

Foi assim que Cosette se tornou pouco a pouco mulher, e se desenvolveu, bela e apaixonada, com a consciência da própria beleza e a ignorância do próprio amor. Coquete, além do mais, por inocência.

VII | PARA TRISTEZA, TRISTEZA E MEIA

Todas as situações têm seus instintos. A velha e eterna mãe natureza advertia secretamente Jean Valjean da presença de Marius. Jean Valjean agitava-se no mais obscuro de seu pensamento. Nada via, nada sabia e, no entanto, considerava com atenção e teimosia as trevas em que se encontrava, como se sentisse de um lado algo que desmoronava. Marius, igualmente advertido, e, o que é a profunda lei de Deus, por essa mesma mãe natureza, fazia todo o possível para não se deixar ver pelo “pai”. No entanto, acontecia que Jean Valjean às vezes o notava. Aliás, as atitudes de Marius não eram de modo nenhum naturais. Cometia imprudências e temeridades desastradas. Não chegava tão perto como outrora; sentava-se longe e ficava em êxtase; segurava um livro que fingia ler; por que fingia? Antes aparecia com roupa velha, e agora vinha todos os dias com sua roupa nova; desconfiava até que andara frisando os cabelos, tinha os olhos abobalhados e usava luvas; para resumir, Jean Valjean detestava cordialmente aquele rapaz.

Cosette não demonstrava coisa alguma. Não sabendo ao certo o que sentia, percebia muito bem que era algo que era preciso esconder.

Havia, entre o gosto pela toalete de Cosette e o costume de andar de roupas novas daquele desconhecido, um paralelismo importuno para Jean Valjean. Talvez fosse simples acaso, sem dúvida era, mas não deixava de conter certa ameaça. Ele jamais conversava com Cosette a respeito do desconhecido. Um dia, porém, não pôde conter-se e, com o vago desespero que joga bruscamente a sonda em sua inquietação, lhe disse:

– Olhe ali, que rapaz pedante!

Cosette, no ano anterior, menina indiferente, teria respondido: – Ora! Mas é tão simpático! – Dez anos mais tarde, com o amor de Marius no coração,

responderia assim: – Pedante e insuportável! O senhor tem toda a razão! – No momento da vida e do coração por que passava, limitara-se a responder com calma imperturbável:

– Aquele ali?

Como se o visse pela primeira vez na vida.

– Como sou bobo! – pensou Jean Valjean. – Ela ainda não o havia notado. Eu é que o mostrei.

Ó simplicidade dos velhos! Ó profundidade das crianças!

É ainda uma lei desses tenros anos de sofrimento e de cuidados, dessas vivas lutas do primeiro amor contra os primeiros obstáculos: a menina não cai no menor laço, e o rapaz cai em todos. Jean Valjean havia iniciado contra o jovem uma guerra secreta que Marius, na cegueira sublime da paixão e da idade, não percebeu absolutamente. Jean Valjean armou-lhe mil e uma emboscadas; mudou de horário, mudou de banco, esqueceu o lenço, passeou sozinho pelo Luxembourg; Marius caiu cegamente em todas as armadilhas; e, a todos esses pontos de interrogação colocados em seu caminho por Jean Valjean, respondeu ingenuamente: sim. No entanto, Cosette continuava em sua aparente indiferença e tranquilidade imperturbável, mas tão bem que Jean Valjean chegou a esta conclusão: – Esse bobo está louco de amor por Cosette, mas Cosette nem sabe que ele existe!

Seu coração, porém, não estava por isso menos aflito. O minuto em que Cosette começaria a amar soaria de um momento para outro. Afinal, tudo não começa pela indiferença?

Uma única vez Cosette se descuidou e o assustou. Ele se levantava do banco para ir-se embora depois de três horas de descanso, quando ela disse: – Já?!

Jean Valjean não deixou por completo de ir ao Luxembourg, não querendo fazer nada de estranho e, além do mais, temendo que Cosette o percebesse, mas, durante essas horas tão doces para os dois enamorados, enquanto Cosette sorria para Marius arrebatado, que não via mais nada neste mundo, além daquele rosto radiante de beleza, Jean Valjean fixava em Marius dois olhos faiscantes e terríveis. Ele, que acabara por se convencer de que não era mais capaz de sentimentos maus, tinha momentos em que, quando Marius estava lá, se julgava novamente selvagem e feroz, e sentia reabrir e levantar-se contra o rapaz os antigos abismos de sua alma, outrora cheios de cólera. Parecia-lhe quase que se reabriam no seu íntimo crateras desconhecidas.

– Ora! ainda estava lá o sujeito! Que vinha fazer aqui? Rodear, farejar,

examinar, tentar! Vinha para dizer-lhe: – Hein? – Por que não? Ele vinha rondar sua vida, a vida dele, Jean Valjean! Rondar sua felicidade, para roubá-la e levá-la embora!

Jean Valjean continuava: – É isso mesmo! Que vem ele procurar aqui? Uma aventura! Que está querendo? Um namorico! Um namorico! E eu? Quê! Primeiro, fui o mais miserável dos homens, depois o mais desgraçado, e agora terei passado sessenta anos de minha vida de joelhos, terei sofrido tudo o que se pode sofrer, terei envelhecido sem jamais ter sido jovem, terei vivido sem família, sem parentes, sem amigos, sem mulher, sem filhos, terei deixado o meu sangue em todas as pedras, em todas as rochas, em todos os espinhos, ao longo de todos os muros, terei sido amável quando me trataram com severidade, e bom quando todos eram maus para comigo, terei, malgrado tudo, voltado a ser honesto, arrependi-me de todo o mal que fiz, perdoei o mal que me fizeram, e no momento em que sou recompensado, no momento em que tudo se acaba, em que chego ao meu fim, no momento em que tenho o que desejo, que é bom, que é justo, que eu paguei e ganhei, tudo se vai, tudo se esvanece; perderei Cosette, perderei a minha vida, a minha alegria, a minha alma, porque um grande imbecil inventou de vir passear no Luxembourg!

Então suas pupilas se enchiam de uma claridade lúgubre e extraordinária. Ele não era mais um homem a olhar para outro homem; não era mais um inimigo a encarar o inimigo; era um cão de fila espreitando o ladrão.

Já conhecemos o resto, Marius continuou a ser insensato. Um dia, seguiu Cosette até a Rue de l’Ouest. Outro dia, falou com o porteiro. Este, por sua vez, também falou, e disse a Jean Valjean:

– Meu senhor, quem seria esse rapaz curioso que anda indagando a seu respeito? – No dia seguinte, Jean Valjean lançou a Marius aquele olhar que Marius não pôde deixar de notar. Oito dias depois, Jean Valjean mudou-se, jurando não mais pôr os pés nem no Luxembourg nem na Rue de l’Ouest. Voltou para a Rue Plumet.

Cosette não se queixou, não disse nada, não fez perguntas, não procurou saber nenhum porquê; estava então no período em que se tem medo de ser descoberto e de se trair. Jean Valjean não tinha experiência alguma nessas misérias, as únicas realmente encantadoras e as únicas por ele desconhecidas; isso fez com que não compreendesse absolutamente o grave significado do silêncio de Cosette. Notou apenas que ela ficara triste, o que o tornou igualmente triste. Tanto de um lado como de outro, eram duas inexperiências em conflito.

Uma vez, fez uma experiência e perguntou a Cosette:

– Quer ir ao Luxembourg?

Um raio de luz iluminou o rosto pálido de Cosette.

– Quero, sim – respondeu a menina.

Foram. Tinham-se passado três meses. Marius já havia desistido de procurá-los e não estava lá. No dia seguinte, Jean Valjean tornou a perguntar a Cosette.

– Vamos ao Luxembourg?

Ela respondeu triste e suavemente.

– Não.

Jean Valjean ficou magoado por essa tristeza e ferido por essa docilidade.

Que se passava naquele espírito tão jovem e ao mesmo tempo tão impenetrável? O que estava para acontecer? O que sucedia à alma de Cosette? Às vezes, em lugar de se deitar, Jean Valjean ficava sentado à beira da cama, com a cabeça entre as mãos, e passava noites inteiras a perguntar a si mesmo: “O que acontece à alma de Cosette?” e a pensar nas coisas que a poderiam preocupar.

Nesses momentos, que olhares dolorosos dirigia para o claustro, casta montanha, lugar de anjos, inacessível geleira de virtudes! Como contemplava em desesperado arrebatamento o jardim do convento, cheio de flores desconhecidas e virgens enclausuradas, onde todos os perfumes e todas as almas sobem diretamente para o céu! Como adorava aquele Éden fechado para sempre, de onde saíra voluntariamente e de onde descera como um louco! Como lastimava sua abnegação e sua insensatez, trazendo Cosette de volta ao mundo, pobre herói do sacrifício, dominado e aniquilado pelo seu próprio devotamento! Como dizia para consigo mesmo: “Que fiz eu!”.

No entanto, Cosette nada percebia de tudo isso; nem maus modos nem grosseria. Sempre a mesma pessoa serena e boa. Os modos de Jean Valjean eram mais ternos e paternais do que nunca. Se algo dava a perceber menos alegria, era a sua exagerada mansidão.

Cosette, por sua parte, estava cada vez mais abatida. Sofria com a ausência de Marius, do mesmo modo como se alegrava com sua presença, de modo tão estranho sem saber bem por quê. Quando Jean Valjean deixou de levá-la a seus passeios habituais, o instinto de mulher murmurou-lhe confusamente, no fundo do seu coração, que não era preciso mostrar-se muito interessada em ir ao Luxembourg, e que se ficasse indiferente seu pai voltaria a levá-la como antes. Mas os dias, as semanas, os meses se sucederam. Jean Valjean aceitara tacitamente o consentimento tácito de Cosette. Ela, então, arrependeu-se. Era

tarde demais. No dia em que voltou ao Luxembourg, Marius não estava mais lá. Teria desaparecido, teria terminado tudo? O que fazer? Voltaria a encontrá-lo? Cosette sentiu no coração um aperto que nada podia aliviar e que, ao contrário, aumentava sempre. Não sabia mais se era inverno ou verão, se havia sol ou chuva, se os passarinhos cantavam, se era o tempo das dálias ou das boninas, se o Luxembourg era mais bonito que as Tuileries, se as roupas vindas da lavadeira tinham goma de mais ou de menos, se Mme. Toussaint fizera boas ou más compras; ficou abatida, absorta, atenta a um único pensamento, olhar vago e fixo, como quando, à noite, olhamos o lugar negro e profundo onde desapareceu uma visão.

Não deixou, porém, que Jean Valjean notasse mais que sua palidez. Continuou a mostrar-se amável como antes. Mas essa palidez era mais do que suficiente para preocupar Jean Valjean. Às vezes, perguntava-lhe: – Que tem você?

Ela respondia: – Nada.

E, depois de um silêncio, como percebia que também ele estava triste, replicava:

– E o senhor, papai, está sentindo alguma coisa?

– Eu? Nada! – respondia Jean Valjean.

Aquelas duas criaturas que se amavam de modo tão estranho e com amor tão tocante, depois de terem vivido por tanto tempo um para o outro, sofriam agora um ao lado do outro, um por causa do outro, sem nada dizerem, contra a própria vontade, sorrindo sempre.

VIII | A CORRENTE

O mais infeliz dos dois era Jean Valjean. A juventude, mesmo quando sofre, sempre tem um brilho que lhe é próprio.

Em certos momentos, Jean Valjean sofria tanto que se tornava pueril. É próprio da dor fazer reaparecer o lado criança do homem. Ele sentia invencivelmente que Cosette lhe escapava. Queria lutar, retê-la, entusiasmá-la por algo mais brilhante. Essas ideias pueris, como acabamos de dizer, e ao mesmo tempo senis, lhe deram, por sua própria infantilidade, uma noção bastante justa da influência da passamanaria sobre a imaginação das mocinhas. Aconteceu-lhe uma vez ver passar pela rua um general a cavalo, vestido em

uniforme de gala; era o Conde Coutard, Comandante de Paris.[35] Sentiu inveja daquele homem dourado, pensando na felicidade de vestir aquelas roupas e julgou incontestável que, se Cosette o visse vestido assim, ficaria encantada quando, de braços dados com ela, passasse em frente das grades das Tuileries, haveriam de apresentar-lhe armas, e isso seria o bastante para distrair a menina da ideia de olhar para os rapazes.

Um choque inesperado veio juntar-se a esses pensamentos tristes.

Na vida isolada que levavam, depois que começaram a morar na Rue Plumet, ambos tinham um hábito. Às vezes, davam-se ao prazer de ir contemplar o nascer do sol, alegria inocente que convém tanto aos que entram na vida como aos que dela saem.

Passear de manhãzinha, para quem ama a solidão, equivale a passear à noite, tendo a mais a alegria da natureza. As ruas estão desertas e os passarinhos cantam. Cosette, também um passarinho, gostava de se levantar bem cedo. Essas excursões matinais eram preparadas na véspera. Ele propunha, ela aceitava. Arrumavam tudo secretamente, saíam antes da aurora, e tudo era motivo para a alegria de Cosette. Essas excentricidades inocentes agradam à juventude.

A preferência de Jean Valjean era pelos lugares menos frequentados, pelos recantos solitários, esquecidos. Havia então, perto das barreiras de Paris, campos pobres, quase dentro da cidade, onde, no verão, crescia um trigo raquítico, e que, no inverno, feita a colheita, não pareciam ceifados, mas rapados. Jean Valjean frequentava-os de preferência. Cosette não se enfadava ali. Para ele, era a solidão, para ela, a liberdade. Lá, ela voltava a ser menina, podia correr, quase brincar, tirava o chapéu, punha-o sobre os joelhos de Jean Valjean e ia colher flores. Contemplava as borboletas pousadas sobre as corolas, mas não as perseguia; a mansidão e a ternura nascem com o amor, e a jovem que sente em seu íntimo um ideal trêmulo e frágil tem piedade das asas da borboleta. Fazia guirlandas de papoulas, coroava-se com elas, e as flores, atravessadas e iluminadas pelo sol, tão vermelhas a ponto de parecerem afogueadas, emolduravam-lhe o rosto rosado em uma coroa de brasas vivas.

Mesmo depois que suas vidas se tornaram tristes, eles continuaram ainda com o hábito dos passeios matinais.

Assim, uma manhã de outubro, tentados pela serenidade perfeita do outono de 1831, eles haviam saído e se encontravam ao nascer do sol perto da barreira do Maine. Não era ainda a aurora, era a madrugada, momento encantador e selvagem. Algumas constelações aqui e ali no azul pálido e profundo, a terra

toda escura, o céu todo branco, a relva trêmula, por toda parte a misteriosa inquietação do crepúsculo. Uma cotovia, quase no meio das estrelas, cantava a uma altura prodigiosa, e dir-se-ia que aquele hino de tanta pequenez ao infinito acalmava a imensidade. A oriente, o Val-de-Grâce recortava, sobre o horizonte claro como o aço, sua massa obscura; Vênus resplandecente subia por trás daquela cúpula e parecia uma alma a fugir de um edifício tenebroso.[36]

Tudo era paz e silêncio; ninguém pela estrada; aos lados, alguns raros operários, apenas entrevistos, dirigindo-se ao trabalho.

Jean Valjean sentara-se à beira do caminho sobre um feixe de lenha depositado na entrada de uma estância. Tinha o rosto voltado para a estrada e as costas voltadas para o nascente; esquecera-se do sol que ia surgir; caíra numa de suas meditações profundas em que todo o espírito se concentra, aprisionando até os próprios olhos como entre quatro paredes. Existem meditações que poderíamos chamar de verticais; quando se está no fundo, é necessário tempo para voltar à superfície da terra. Jean Valjean descera num desses devaneios fantásticos. Pensava em Cosette, na felicidade possível, se ninguém se colocasse entre ambos, na luz com que ela iluminava toda a sua vida, luz que era a própria respiração de sua alma. Sentia-se então quase feliz. Cosette, de pé a seu lado, olhava as nuvens tingirem-se de rosa.

De repente, Cosette exclamou: – Papai, acho que vem vindo gente. – Jean levantou os olhos.

Cosette tinha razão.

A estrada que leva à antiga barreira do Maine, como se sabe, é um prolongamento da Rue de Sèvres e está cortada em ângulo reto por esse bulevar. No ângulo da estrada e do bulevar, no lugar em que se encontram, ouvia-se um ruído difícil de se explicar àquela hora do dia, ao mesmo tempo que se divisava uma sombra estranha. Alguma coisa informe, vinda do bulevar, chegava à estrada.

Crescia, parecia mover-se ordenadamente, mostrando-se, contudo, perigosa e vibrante; era talvez uma carroça, mas não era possível distinguir-se a carga que levava. Eram cavalos, rodas, gritos; chicotes estalavam no ar. Aos poucos, foram-se fixando os contornos, embora mergulhados nas trevas. Com efeito, tratava-se de uma carroça que acabava de sair do bulevar, entrando na estrada, rodando em direção à barreira, em cujos arredores se encontrava Jean Valjean; uma segunda carroça, com idêntico aspecto, apareceu; depois, uma terceira, uma quarta; sete carroças surgiram sucessivamente; as cabeças dos cavalos tocavam a parte posterior das carroças que os precediam. Algumas sombras se agitavam,

via-se cintilar alguma coisa como sabres desembainhados, ouvia-se um tinido, como se se arrastassem correntes, sempre mais próximo, as vozes iam ficando cada vez mais claras, era algo tão impressionante como só é possível em sonhos.

Ao se aproximarem, as formas tornaram-se mais distintas, esboçando-se por detrás das árvores com a palidez de uma aparição; o dia que surgia pouco a pouco jogava uma luz cinzenta sobre aquele formigamento ao mesmo tempo vivo e sepulcral; as cabeças das silhuetas se transformavam em rostos de cadáveres. Eis o que era.

Sete carroças rodavam enfileiradas pela estrada. As seis primeiras tinham uma estrutura singular. Assemelhavam-se aos carros dos tanoeiros; eram como que longas escadas apoiadas sobre duas rodas, formando varais em sua extremidade anterior. Cada carro, digamos melhor, cada escada estava atrelada a quatro cavalos, e todas transportavam estranhos cachos de homens. Na pouca claridade que ainda havia, não se podiam ver os homens, mas adivinhava-se a sua presença. Vinte e quatro em cada carro, doze de cada lado, encostados uns aos outros, olhando para os que passavam, as pernas balançando, assim caminhavam eles; às costas, tinham algo que tinia, era uma corrente, e ao pescoço algo brilhante, a gargalheira. Esta era individual, mas a corrente era comum a todos; de tal modo que aqueles vinte e quatro homens, quando deviam descer da carroça e caminhar, estavam ligados por uma espécie de unidade inexorável, sendo obrigados a serpentear pelo chão com a corrente na vértebra, quase como uma centopeia. Na frente, e por detrás de cada carro, dois homens, armados de espingardas, mantinham-se de pé pisando cada um deles uma das extremidades da corrente. As gargalheiras eram quadradas. A sétima carroça, grande furgão sem capotas, tinha quatro rodas e seis cavalos, e carregava um barulhento amontoado de caldeirões de ferro, de marmitas, fogareiros e correntes, misturados a alguns homens amarrados e deitados, que pareciam doentes. O carroção, completamente descoberto, era guarnecido de velhas grades que pareciam ter servido nos antigos suplícios.

As carroças ocupavam o meio da estrada. De ambos os lados caminhava uma fila dupla de guardas de aspecto infame, de tricórnios comuns como os soldados do Diretório, sujos, rotos, sórdidos, fantasiados com uniformes de inválidos e calças de gatos-pingados, meio cinza, meio azuis, quase em farrapos, com dragonas vermelhas, boldriés amarelos, armados com baionetas, espingardas e cajados, uma espécie de soldados vagabundos. Esses esbirros pareciam compostos da abjeção do mendigo e da autoridade do carrasco. O que parecia ser o chefe empunhava um chicote de cocheiro. Todos esses detalhes, esfumados

pela pouca luz, tornavam-se cada vez mais visíveis com o sol que nascia. Na frente e atrás do comboio, iam soldados a cavalo, sérios, de sabres desembainhados.

O cortejo era tão longo que, no momento em que a primeira carroça chegou à barreira, a última apenas acabara de entrar na estrada. Uma multidão, saída de não sei onde, formada num abrir e fechar de olhos, como acontece frequentemente em Paris, apinhava-se nos dois lados da estrada. Ouviam-se pelas ruelas vizinhas gritos de pessoas que se chamavam e o ruído dos tamancos dos hortelões que corriam para ver.

Os homens, amontoados em cima das carroças, deixavam-se atormentar em silêncio. Estavam lívidos pelo frio da manhã. Vestiam-se com simples calças de algodão e tinham os pés nus metidos em tamancos. O resto do vestuário era inspirado pela fantasia da miséria. As roupas eram as mais disparatadas e hediondas; nada mais fúnebre que um arlequim coberto de trapos. Chapéus rasgados, barretes encardidos, horríveis bonés de lã e roupas de camponeses ao lado de casacos pretos de cotovelos rotos; muitos usavam chapéus de mulher, outros cobriam a cabeça com cestos; viam-se peitos cabeludos, e através dos buracos do vestuário distinguiam-se tatuagens, templos do amor, corações em chamas, cupidos. Divisavam-se também impigens e manchas doentias. Dois ou três tinham uma corda amarrada ao carro que lhes servia de estribo para os pés. Um deles segurava na mão e levava à boca qualquer coisa semelhante a uma pedra negra e que ele parecia morder; era um pedaço de pão. Ali não havia senão olhos secos, vidrados ou iluminados pela luz da maldade. Os soldados da escolta praguejavam, os acorrentados nem respiravam; de quando em quando ouvia-se o som de uma paulada vibrada nos ombros ou na cabeça daqueles desgraçados; alguns bocejavam; os andrajos eram horríveis; os pés balançavam, os ombros oscilavam, as cabeças se chocavam, as correntes tiniam, os olhos flamejavam, ferozes, os punhos se crispavam ou se abriam inertes como mãos de mortos; atrás do comboio uma turba de crianças ria às gargalhadas.

Essa fileira de carroças, fosse o que fosse, era lúgubre. Era evidente que no dia seguinte, ou em uma hora, poderia cair uma chuva, seguida de outra e mais outra ainda, e seus andrajos ficariam encharcados e, uma vez molhados, aqueles homens não se secariam mais, uma vez gelados, não tornariam a se aquecer; as calças de algodão ficariam coladas aos ossos, a água encheria os tamancos, as chicotadas não poderiam impedir que tremessem de frio, a corrente continuaria a prendê-los pelo pescoço, os pés continuariam a balançar no vazio; e era impossível deixar de tremer contemplando aquelas criaturas humanas assim

amarradas, tão passivas sob as frias nuvens de outono, entregues à chuva, ao vento, a todas as fúrias do ar, como se fossem árvores ou pedras.

As pauladas não poupavam nem mesmo os doentes, que jaziam amarrados e imobilizados por cordas na última carroça e que pareciam lá jogados como sacos cheios de misérias. De repente, o sol apareceu; o imenso raio do Oriente surgiu; dir-se-ia que incendiava todas aquelas cabeças medonhas. Soltaram-se as línguas; explodiu um incêndio de imprecações, de blasfêmias e de cantigas. A larga luz horizontal cortou em dois toda a fileira; iluminando as cabeças e os bustos, deixando os pés e as rodas na escuridão. Os pensamentos patentearam-se nos rostos; esse momento foi terrível; demônios visíveis de máscaras caídas, almas cruéis completamente nuas. Iluminada, aquela turba continuou sombria. Alguns, alegres, tinham à boca canudos de pena pelos quais cuspiam piolhos na multidão, de preferência nas mulheres; a aurora acentuava pelo negror das sombras aqueles perfis miseráveis; não havia um que não estivesse disforme à força de miséria, e tudo era tão monstruoso que transformava a claridade do sol num clarão de relâmpagos. A carroça que abria o cortejo entoou e salmodiava a plenos pulmões com terrível jovialidade um *pot-pourri* de Désaugiers, então famoso, *A Vestal*; [37] as árvores estremeciam tristes; na beira da estrada os burgueses escutavam com idiota beatitude aquelas obscenidades cantadas por espectros.

Todas as misérias estavam naquele cortejo como um caos; havia ali o ângulo facial de todos os animais; velhos, adolescentes, crânios nus, barbas grisalhas, monstruosidades cínicas, resignações impertinentes, *rictus* selvagens, atitudes tolas, carrancas escondidas sob gorros, cabeças quase de moças com madeixas caídas à testa, rostos de criança, e, por isso mesmo, horríveis, faces mirradas de esqueletos aos quais não faltava senão a morte. Na primeira carroça, via-se um negro que, talvez, já tivesse sido escravo, podendo comparar as correntes. Sobre todas aquelas frontes havia passado o nível rasteiro da vergonha; nesse grau de humilhação todos tinham sofrido as últimas transformações possíveis; e a ignorância, transformada em estupidez, era igual à inteligência transformada em desespero. Nenhuma escolha possível entre aqueles homens que se mostravam à luz como a elite da lama. Era evidente que o coordenador daquela procissão imunda, quem quer que fosse, não tivera o trabalho de classificá-los. Aquelas criaturas haviam sido amarradas e emparelhadas à revelia, provavelmente em desordem alfabética, jogadas ao acaso por cima daquelas carroças. Contudo, tantos horrores agrupados tinham também sua resultante; toda adição de desgraças dá um total; de cada corrente saía uma alma comum, e cada carroça

tinha a sua fisionomia. Ao lado da que cantava, havia a que berrava; uma terceira mendigava, outra rangia os dentes, outra ameaçava os transeuntes, outra blasfemava o nome de Deus, a última calava-se como um sepulcro. Dante julgaria ver ali os sete círculos do inferno em marcha.

Marcha dos condenados para o suplício, feita de modo sinistro, não sobre o carro fulgurante do Apocalipse, mas, coisa mais triste ainda, na carreta das gemônias.[38]

Um dos guardas, com um gancho na extremidade de seu bastão, parecia de quando em quando revolver aquele montão de imundície humana. Uma velha senhora, em meio aos curiosos, apontava-os com o dedo a um menino de cinco anos e lhe dizia: – *Moleque, veja se aprende!*

Como aumentavam os cantos e as blasfêmias, o que parecia ser o Capitão da escolta estalou o chicote. A esse sinal, uma horrível pancadaria cega e surda, com ruído semelhante ao do granizo, caiu sobre as sete carroças; muitos rugiram e escumaram, o que redobrou a alegria dos moleques que tinham corrido para vê-los passar, como nuvens de moscas sobre aquelas chagas.

O olhar de Jean Valjean tornara-se medonho. Não eram mais pupilas, eram os olhos vidrados de certos infelizes, aparentemente inconscientes da realidade, brilhando com a chama do medo e das catástrofes. Ele não contemplava um espetáculo; tinha uma visão. Quis levantar-se, fugir, escapar; mas não conseguiu mover um pé. Às vezes o que vemos nos prende, nos imobiliza. Ficou pregado, petrificado, aparvalhado, perguntando a si mesmo, com inexprimível angústia, o que significava aquela perseguição sepulcral e de onde saíra aquele pandemônio que o perseguia. De repente, levou a mão à fronte, gesto habitual dos que se lembram de alguma coisa; lembrou-se, então, de que, na verdade, aquele era o itinerário, que aquele desvio era comum para evitar o encontro das comitivas reais, sempre possíveis na estrada de Fontainebleau, e que, trinta e cinco anos antes, ele próprio passara por ali.

Cosette, embora por outros motivos, não estava menos espantada. Ela não compreendia, a respiração lhe faltava, o que via não lhe parecia possível; enfim, exclamou:

– Papai, que gente é aquela?

Jean Valjean respondeu:

– São forçados.

– Para onde vão?

– Para as galés.

Nesse momento, a bastonada, multiplicada por cem mãos, se intensificou, do mesmo modo que os golpes com as lâminas dos sabres; foi como que uma tempestade de chicotadas e pauladas; os forçados se curvaram, uma obediência vergonhosa foi o resultado do suplício, e todos se calaram com olhares de lobos acorrentados.

Cosette tremia dos pés à cabeça, mas perguntou:

– Papai, são homens?

– Às vezes – respondeu o pobre velho.

Com efeito, era a Corrente que, saindo à madrugada de Bicêtre, tomava a estrada de Mans para evitar Fontainebleau, onde estava o Rei. Esse desvio aumentava a horrível viagem em mais três ou quatro dias; mas, para poupar à pessoa real a visão desse suplício, podia-se muito bem prolongá-la.

Jean Valjean voltou para casa acabrunhado. Encontros assim são verdadeiros choques, e a lembrança que deixam assemelha-se aos efeitos de um terremoto.

Contudo, Jean Valjean, voltando com Cosette à Rue de Baby-lone, não notou que ela lhe fizera outras perguntas a respeito do que acabava de ver; talvez estivesse ele próprio demasiadamente preocupado consigo para ouvir-lhe as perguntas e responder-lhe. Somente à noite, quando Cosette o deixava para ir deitar, foi que ele a ouviu dizer à meia-voz, como que falando sozinha: – Acho que, se eu me encontrasse na rua com um homem daqueles, ó meu Deus, eu morreria só de ver!

Felizmente o acaso fez com que na manhã que se seguiu a esse dia trágico houvesse, por motivo de não sei qual solenidade oficial, diferentes festas em Paris: parada no Champ de Mars, torneios no Sena, teatros nos Champs-Élysées, fogos de artifício na Étoile, iluminação por toda parte. Jean Valjean, numa violência a seus hábitos, levou Cosette a esses divertimentos a fim de distraí-la da lembrança da véspera, apagando com o risonho tumulto de Paris o espetáculo abominável que passara diante de seus olhos. A parada, ponto alto da festa, tornava muito natural a presença de uniformes; Jean Valjean vestiu a farda da Guarda Nacional com o vago sentimento interior de um homem que se refugia. Aliás, o objetivo desse passeio, como parece, foi conseguido. Cosette, que fazia questão absoluta de agradar ao pai, e para quem esses espetáculos constituíam novidade, aceitou o passeio com a graciosidade fácil e simples da adolescência, e não se mostrou estranha diante de toda aquela alegria; assim, Jean Valjean julgou ter conseguido o seu intento, que na mente da jovem Cosette não restassem mais vestígios da horrenda visão.

Alguns dias depois, numa manhã de sol, ambos estavam na escadaria do jardim, outra infração às regras que Jean Valjean parecia ter imposto a si próprio e ao hábito de ficar no quarto a que a tristeza havia acostumado Cosette. Cosette, vestida de penhoar, estava de pé nesse desalinho das primeiras horas que envolve adoravelmente as meninas, parecendo uma nuvem a encobrir um astro; com a cabeça ao sol, corada por ter dormido bem enquanto Jean Valjean a contemplava com ternura, Cosette desfolhava uma margarida. Ela ignorava a encantadora lenda *bem-me-quer*, *malmequer* etc. Quem lha teria ensinado? Ela desfolhava a flor por instinto, inocentemente, sem pensar que desfolhar uma margarida é o mesmo que sondar um coração. Se houvesse uma quarta Graça chamada Melancolia, embora sorrindo, ela poderia representá-la. Jean Valjean estava fascinado pela contemplação daqueles dedos pequeninos sobre a flor, esquecendo-se de tudo perante o brilho daquela criança. Um pintarroxo chilreava numa moita ao lado. Nuvens brancas atravessavam o céu tão alegremente que pareciam ter sido postas em liberdade naquele instante. Cosette continuava a desfolhar atentamente a flor; parecia pensar em alguma coisa encantadora; de repente, voltou a cabeça com a lentidão delicada do cisne e disse a Jean Valjean:
– Papai, mas o que são as galés?

LIVRO QUARTO

O SOCORRO DA TERRA PODE VIR DO CÉU

I | FERIDO POR FORA, INTACTO POR DENTRO

Desse modo, suas vidas aos poucos iam ficando sombrias.

Não lhes restava senão uma distração que constituíra outrora sua felicidade: levar pão aos que tinham fome e roupas aos que sentiam frio. Nessas visitas aos pobres, em que Cosette muitas vezes acompanhava Jean Valjean, ambos reencontravam um pouco de sua antiga confiança; e, às vezes, quando o dia havia sido bom, quando tinham sido muitas as misérias socorridas e muitas as crianças alimentadas e agasalhadas, Cosette, à noite, sentia-se um pouco alegre. Foi por essa época que visitaram o tugúrio dos Jondrette.

No dia seguinte ao dessa visita, Jean Valjean apareceu de manhã no pavilhão, calmo como sempre, mas com uma grande ferida no braço esquerdo, muito inflamada e de mau aspecto, semelhante a uma queimadura, que ele explicou de um modo qualquer. A ferida fez com que tivesse febre por mais de um mês sem poder sair. Não quis consultar um médico. Quando Cosette insistia, ele respondia: – Chame o médico dos cães.

Cosette fazia-lhe curativos de manhã e à noite, com um aspecto tão divino e tão angélica felicidade por lhe ser útil que Jean Valjean sentia voltar a si toda a antiga alegria, dissipando seus temores e ansiedades, enquanto contemplava Cosette e dizia consigo mesmo: “Abençoada ferida! Que mal salutar!”.

Cosette, vendo o pai doente, deixou o pavilhão principal e retomou o gosto pelo pátio traseiro e pelos cômodos simples em que Jean Valjean morava. Passava quase dias inteiros a seu lado, lendo-lhe os livros que ele mais queria. Em geral, livros de viagens. Jean Valjean renascia; sua felicidade revivia com raios inefáveis; o Luxembourg, o jovem desconhecido, a indiferença de Cosette, todas essa nuvens se afastavam de sua alma. Chegou até a dizer: – Tudo não passou de imaginação. Que velho tonto sou eu!

Era tal a sua felicidade que o terrível encontro dos Thénardier, no miserável quarto dos Jondrette, por mais inesperado que tivesse sido, como que passara

resvalando por ele. Havia conseguido escapar; sua pista tinha sido perdida; que lhe importava o resto? Só pensava no caso para lamentar aqueles pobres coitados.“Ei-los agora na prisão, impossibilitados de fazer o mal”, pensava,“triste família, tão cheia de desgraças!” Quanto à horrível visão da barreira do Maine, Cosette nunca mais tocou nesse assunto.

No convento, Irmã Santa Matilde ensinara-lhe música. A menina tinha a voz de uma toutinegra que tivesse alma e, à noite, no humilde quarto do doente, cantava canções tristes que alegravam Jean Valjean.

Aproximava-se a primavera, o jardim estava tão admirável nessa estação do ano que Jean Valjean disse a Cosette:

– Você nunca vai ao jardim; quero que passeie um pouco por lá.

– Está bem; já que o senhor quer… – dizia Cosette.

E, para obedecer ao pai, recomeçou seus passeios pelo jardim, o mais das vezes sozinha, porque, como já dissemos, Jean Valjean, provavelmente com medo de ser visto através da grade, quase nunca ia ao jardim.

A ferida de Jean Valjean foi uma diversão.

Quando Cosette viu que seu pai sofria menos e que estava quase curado, mostrando-se tão feliz, sentiu-se deveras contente, sem contudo o notar, tão doce e natural era a sua alegria. Depois, era o mês de março; os dias se alongavam, o inverno findava, como sempre, levando consigo muitas de nossas tristezas; então, chegou abril, a madrugada do verão, agradável como toda alvorada, alegre como qualquer infância, às vezes um tanto chorão, como todo recém-nascido. A natureza, nesse mês, tem brilhos encantadores que passam do céu, das nuvens, das árvores, dos prados e das flores para o coração do homem.

Cosette era muito criança ainda para que essa alegria de abril não a influenciasse. Insensivelmente, e sem que o percebesse, todo o negrume se lhe afastou da alma. Na primavera, há claridade nas almas tristes como há luz nos subterrâneos ao meio-dia. Aliás, Cosette já não se sentia muito triste, embora nem sequer o notasse. De manhã, mais ou menos às dez horas, depois da primeira refeição, depois de ter convencido o pai a passear por um quarto de hora no jardim, ao sol, na frente da escadaria, segurando-lhe o braço ferido, ela não notava que ria, feliz, a cada instante.

Jean Valjean, inebriado, percebia como ela voltava a ser corada e bem-disposta.

– Oh! abençoada ferida! – repetia baixinho.

E sentia-se grato aos Thénardier.

Uma vez cicatrizada a ferida, recomeçou seus passeios solitários ao crepúsculo.

É um erro pensar que se pode passear assim sozinho pelos arredores desertos de Paris sem que se encontre alguma aventura.

II | MME. PLUTARCO NÃO SE SENTE EMBARAÇADA AO EXPLICAR CERTOS FENÔMENOS

Uma noite, o pequeno Gavroche ainda não havia jantado; como devem estar lembrados, na véspera também não havia jantado, e a coisa já se tornava maçante. Resolveu então tentar cear. Foi para além da Salpêtrière, pelos terrenos baldios; ali é que estavam as pechinchas; onde não há ninguém, sempre se encontra alguma coisa. Chegou até um pequeno povoado que lhe pareceu ser a aldeia de Austerlitz.

Numa de suas caminhadas anteriores, havia notado por ali um quintal onde moravam um velho e uma velha; havia ali uma macieira passável e, ao lado dessa macieira, uma espécie de depósito de frutas, muito mal fechado, onde poderia conseguir uma maçã. Uma maçã pode muito bem substituir uma ceia; uma maçã é a própria vida. O que perdera Adão poderia salvar Gavroche. O quintal era ladeado por uma ruazinha solitária, ainda não calçada, cercada por simples sebes, à espera de que se construíssem novas casas.

Gavroche dirigiu-se para lá, achou a rua, reconheceu a macieira, reencontrou o depósito de frutas e examinou a sebe; uma sebe é um pulo. O dia declinava, não havia um só gato na ruela, a hora era favorável. Gavroche já se preparava para pular quando, de repente, parou. Ouviu vozes no quintal. Gavroche olhou por uma das aberturas da sebe.

A dois passos de onde estava, ao pé da sebe, do outro lado, precisamente no ponto em que iria dar a abertura pela qual pensava passar, havia uma pedra que servia de banco, e sobre ela estava sentado o velho dono do quintal, tendo em sua frente, de pé, a velha.

– Sr. Mabeuf – dizia a velha.

“Mabeuf!”, pensou Gavroche,“que nome gozado!”

O velho interrogado não se mexia. A mulher repetiu:

– Sr. Mabeuf!

Ele, sem erguer os olhos do chão, decidiu responder.

– O quê, Mme. Plutarco?

“Mme. Plutarco!”, pensou Gavroche,“outro nome gozado.”

Mme. Plutarco continuou, e o velho viu-se forçado a aceitar a conversa.

– O proprietário não está contente.

– Por quê?

– Já lhe devemos três trimestres.

– Em três meses, serão quatro.

– Ele disse que o porá na rua.

– Irei para a rua.

– A quitandeira quer que o senhor salde as contas e já não nos dá feixes de lenha. Com que o senhor vai aquecer-se neste inverno? Não vamos ter lenha.

– Mas temos o sol.

– O açougueiro não vende mais fiado; vamos ficar sem carne.

– Ainda bem. Não estou digerindo bem a carne. É muito pesada.

– O que teremos para jantar?

– Pão.

– O padeiro quer ser pago e já me disse que, sem dinheiro, acabou-se o pão.

– Está bem.

– E que é que o senhor vai comer?

– Maçãs.

– Mas não se pode viver assim, sem dinheiro.

– Eu é que não tenho.

A velha se retirou, o homem ficou sozinho. Pôs-se a pensar. Gavroche, por sua vez, também pensava. Era quase noite.

O primeiro resultado dos pensamentos de Gavroche foi que, em lugar de atravessar a sebe, se acocorou escondendo-se sob os ramos, que na parte inferior eram menos espessos.

“Olha só”, exclamou Gavroche interiormente, “uma alcova!”, e se acomodou ali. Estava quase encostado ao banco do Sr. Mabeuf. Podia ouvi-lo respirar.

Então, para substituir o jantar, tentou dormir.

Sono de gato, com um olho só. Enquanto cochilava, Gavroche estava atento.

A claridade do céu crepuscular iluminava a terra, e a ruela era uma linha sombria entre duas fileiras de sebes escuras.

De repente, nessa faixa esbranquiçada, apareceram duas silhuetas. Uma vinha na frente, outra a alguma distância, mais atrás.

– Aí vêm dois sujeitos – resmungou Gavroche.

A primeira silhueta parecia um velho burguês curvado e pensativo, vestido mais do que simplesmente, caminhando devagar por causa da idade, flanando à noite à luz das estrelas.

A segunda silhueta era direita, firme, delgada, regulava os passos pelos passos da primeira, mas, na lentidão forçada de seus gestos, percebia-se agilidade e presteza. Esta última possuía, com algo de inquietante e feroz, o perfil todo do que então se chamava de um elegante; chapéu de belas formas, sobretudo negro de ótimo feitio, provavelmente de bom pano, apertado à cintura. A cabeça levantava-se com uma espécie de graça sadia e, sob o chapéu, entrevia-se no crepúsculo um pálido perfil de adolescente. Esse perfil tinha uma rosa à boca. A segunda silhueta era muito conhecida por Gavroche; era Montparnasse.

Quanto à outra, ele nada poderia dizer, a não ser que se tratava de um bom velho.

Gavroche imediatamente se pôs a observar.

Um dos dois transeuntes tinha evidentemente projetos a respeito do outro. Gavroche estava num ótimo lugar para presenciar o que acontecesse. A alcova, muito a propósito, se transformou em esconderijo.

Montparnasse à caça, naquela hora, naquele lugar, era algo ameaçador, e Gavroche sentiu suas entranhas de moleque se comoverem pela sorte do velho.

Que fazer? Intervir? Uma fraqueza socorrendo outra! Seria motivo de riso para Montparnasse. Gavroche não ignorava que, para aquele temível assaltante de dezoito anos, primeiro o velho, depois o menino, seriam apenas dois bocados.

Enquanto Gavroche deliberava, deu-se o ataque, vergonhoso, de repente. Ataque de tigre contra o onagro, da aranha contra a mosca. Montparnasse, de improviso, jogou a rosa, lançou-se sobre o velho, agarrou-o pelo pescoço, segurou-o, e Gavroche a muito custo pôde conter um grito. Um momento depois, um dos dois homens estava sob o outro, vencido, ofegante, debatendo-se, com um joelho de mármore esmagando-lhe o peito. Mas não era bem o que Gavroche esperava. Quem estava por terra era Montparnasse; o que estava por cima era o velho.

Tudo isso se passou a alguns passos do moleque.

O velho recebera o golpe e o revidara, mas de modo tão terrível que num abrir e fechar de olhos assaltante e assaltado tinham trocado de papel.

“Aí está um inválido de coragem!”, pensou Gavroche.

E não pôde deixar de bater palmas. Mas foram palmas desperdiçadas, porque

não chegaram até os dois homens, absortos e ensurdecidos um pelo outro no furor da luta.

Fez-se silêncio. Montparnasse parou de se debater. Gavroche pensou: “Será que morreu?”.

O velho não dissera uma palavra, não soltara um grito. Levantou-se, e Gavroche ouviu-o dizer a Montparnasse:

– De pé!

Montparnasse se levantou, mas o homem ainda o segurava. Tomara a atitude humilhada e furiosa de um lobo que fosse mordido por um cordeiro.

Gavroche olhava e escutava, esforçando-se para aumentar com os ouvidos a visibilidade dos olhos. Divertia-se imensamente.

Foi recompensado por sua conscienciosa ansiedade de espectador. Pôde apanhar no ar este diálogo a que a escuridão dava trágico aspecto. O velho perguntava, Montparnasse respondia.

– Quantos anos você tem?

– Dezenove.

– Você é forte e tem saúde. Por que não trabalha?

– Não gosto.

– Qual é sua profissão?

– Vadio.

– Fale sério. Talvez se possa fazer alguma coisa em seu favor? Que é que você quer ser?

– Ladrão.

Houve um momento de silêncio. O velho parecia profundamente preocupado. Continuava imóvel e ainda não havia largado Montparnasse.

De quando em quando, o jovem assaltante, robusto e esperto, tinha sobressaltos de animal caído em algum laço. Dava um repelão, tentava uma rasteira, retorcia-se desesperadamente, procurava escapar. O velho parecia nada perceber e segurava-lhe os dois braços com uma só mão, com a indiferença soberana de uma força absoluta.

O devaneio do ancião durou algum tempo; depois, olhando fixamente para Montparnasse, levantou docemente a voz, dirigindo-lhe, em meio à escuridão em que se encontravam, uma espécie de alocução solene, da qual Gavroche não perdeu uma única sílaba:

– Meu rapaz, você, por preguiça, entra na mais trabalhosa das existências. Você se diz vagabundo! Prepare-se para trabalhar. Já viu uma máquina perigosa

que se chama laminador? É preciso cuidado com ela, porque é sorrateira e terrível; se consegue prender-lhe a barra do casaco, arrasta-o inteiro. Essa máquina é a ociosidade. Pare enquanto ainda é tempo; ponha-se a salvo! Se não, tudo está acabado; daqui a pouco você será tragado pela engrenagem. Uma vez preso, não espere mais nada. Trabalhe, preguiçoso! Nada de descansar! A mão de ferro do trabalho implacável o agarrou. Você não quer ganhar a vida, ter uma ocupação, cumprir um dever! Ser como os outros o aborrece! Pois bem: com você vai ser diferente. O trabalho é a lei; quem o rejeita, tê-lo-á como suplício. Você não quer ser operário, então será escravo. O trabalho só o deixa de um lado para prendê-lo do outro; não quer ser seu amigo, então será seu escravo. Você não quer o cansaço honesto dos homens, terá então o suor dos condenados. Enquanto os outros cantam, você há de agonizar, vendo de longe, de baixo, os outros homens dedicados ao trabalho, que parecerão descansar. O agricultor, o ceifeiro, o marinheiro, o ferreiro, aparecerão rodeados de luz como os bem-aventurados do paraíso. Que esplendor nas bigornas! Conduzir a charrua, enfeixar as espigas, aí está a alegria. A barca em liberdade ao sopro dos ventos, que festa! E você, preguiçoso, se cansa, se arrasta, soluça, caminha! Puxe o cabresto, e ei-lo transformado em animal de carga entre as parelhas do inferno! Nada fazer é seu desejo. Pois bem, não haverá uma semana, um único dia, uma só hora, sem cansaço. Você não poderá levantar nada sem angústia. Todos os minutos que se sucederem farão estalar-lhe os músculos. O que para os outros é uma pena, para você será uma rocha. As coisas mais simples se tornarão difíceis. A vida se transformará em monstro ao seu redor. Ir, vir, respirar, que trabalhos terríveis! Os pulmões far-lhe-ão o efeito de um peso de cem libras. Andar por aqui e não por ali já será um problema a se resolver. Qualquer um, quando quer sair, empurra a porta, e ei-lo fora. Você, se quiser sair, terá de furar as paredes. Para ir à rua, que é que todos fazem? Descem a escada. Você terá de rasgar os lençóis da cama, fazer, fio a fio, uma corda, amarrá-la à janela, suspender-se por esse fio sobre um abismo; será noite, haverá tempestade, vento, chuva e, se a corda for muito curta, não haverá senão um meio para descer: cair. Cair de olhos fechados, ao acaso, num sorvedouro, de qualquer altura. Em cima de quê? Do que estiver por baixo, do desconhecido. Ou, então, subir pelo tubo de uma chaminé, com perigo de se queimar, ou pelos canos do esgoto, com perigo de se afogar. Nem falo dos buracos que precisam ser encobertos, das pedras que devem ser tiradas e recolocadas vinte vezes por dia, da caliça que é preciso esconder dentro do colchão. Apresenta-se uma fechadura; o burguês tem no bolso a chave fabricada por um serralheiro. Você, se quiser passar, está

condenado a fazer uma horrível obra-prima; terá de pegar uma moeda e cortá-la em duas lâminas. Com que ferramentas? Você terá de inventá-las. Isso é problema seu. Depois terá de cavar a parte interna das duas lâminas, tendo o cuidado de deixar o outro lado intacto, fazendo uma rosca nas bordas, de modo que as duas partes se ajustem perfeitamente uma à outra, como uma caixa e uma tampa. Ambas as partes assim atarrachadas nada deixarão perceber. Para os guardas – pois você será vigiado –, não passará de uma moeda; para você, é um estojo. O que você guardará nesse estojo? Um pedacinho de aço, uma corda de relógio, na qual você terá de fazer dentes, transformando-a numa serra. Com essa serra, do tamanho de um alfinete, escondida numa moeda, você terá de cortar a lingueta da fechadura, a haste dos trincos, a asa do cadeado, as grades da janela, a manilha que lhe prenderá os pés. Terminada essa obra-prima, esse prodígio, feitos todos esses milagres de arte, destreza, habilidade, paciência, se vierem a saber que você é o autor, qual será a sua recompensa? A solitária. Aí está o futuro. Que precipícios são a preguiça e o prazer! Nada fazer é uma lúgubre resolução. Viver ocioso da substância social! Ser inútil, isto é, nocivo! Isso leva diretamente para a mais horrível miséria. Desgraçado de quem quer ser parasita; será um simples verme. Ah! trabalhar o aborrece? Você não pensa senão em beber bem, comer bem, dormir bem, mas terá de beber água, comer pão negro, dormir em cima de tábuas com uma corrente presa aos membros, sentindo durante a noite o seu frio sobre a carne. Você então quebra essa corrente e foge. Muito bem. Terá de se arrastar sobre o ventre debaixo das moitas, comendo erva como os animais selvagens. Depois, será novamente agarrado. Então, terá de passar anos e anos num subterrâneo, preso a um muro, tateando para ir beber à bilha de água, mordendo um pão nojento que os próprios cães rejeitariam, mastigando favas que os vermes terão roído antes de você. Você será um bicho-de-conta num buraco. Ah! Tenha piedade de si mesmo, pobre criança, tão jovem, que há vinte anos ainda sugava o leite da ama, e que, sem dúvida, ainda tem mãe. Eu peço encarecidamente que me ouça. Você quer ter belos casacos pretos, sapatos de verniz, quer frisar os cabelos, untá-los com óleo perfumado, agradar às mulheres, ser bonito. Você terá a cabeça raspada e terá de se vestir com um macacão vermelho e calçar tamancos. Você quer um anel no dedo, mas terá uma gargalheira no pescoço. Se olhar para uma mulher, receberá uma bastonada. Você entrará lá com vinte anos e sairá com cinquenta! Entrará jovem, sadio, corado, com olhos brilhantes, com todos os dentes brancos, bela cabeleira de adolescente, e sairá alquebrado, recurvado, enrugado, sem dentes, horrível, de cabelos brancos! Ah! pobre criança, você está no caminho errado; a

ociosidade o aconselha mal; o mais rude dos trabalhos é o roubo. Creia-me; não prossiga nesse esforço para se tornar um preguiçoso. Transformar-se num vadio não é nada cômodo. É muito menos penoso ser homem honesto. Agora vá, e pense no que eu lhe disse. A propósito, que você queria de mim? A bolsa? Aqui está.

E o velho, soltando Montparnasse, pôs-lhe na mão a bolsa, cujo peso o moço calculou por um instante; depois, com a mesma precaução maquinal como se tivesse roubado, Montparnasse a fez escorregar cuidadosamente no bolso traseiro de sua sobrecasaca.

O velho, depois disso tudo, voltou-se e continuou tranquilamente seu passeio.

– Pateta! – murmurou Montparnasse.

Sem dúvida o leitor já adivinhou quem é esse velho.

Montparnasse, admirado, viu-o desaparecer no crepúsculo. Essa contemplação foi-lhe fatal.

Enquanto o velho se afastava, Gavroche se aproximava.

O moleque, olhando para o lado, assegurou-se de que Mabeuf, talvez cochilando, continuava sentado no banco. Depois o garoto saiu do meio da sebe e começou a se arrastar na escuridão por trás de Montparnasse imóvel. Assim, chegou sem ser percebido, enfiou cuidadosamente a mão no bolso traseiro da elegante sobrecasaca, pegou a bolsa, retirou a mão e, novamente a se arrastar, fugiu como uma cobra nas trevas. Montparnasse, não tendo razão alguma para desconfiar e pensando, pela primeira vez em sua vida, não percebeu coisa alguma. Gavroche, voltando ao lugar em que estava o velho Mabeuf, jogou a bolsa por cima da cerca e fugiu a toda a pressa.

A bolsa caiu aos pés do Sr. Mabeuf. Esse barulho o despertou. Inclinou-se e pegou a bolsa. Nada compreendendo, abriu-a. A bolsa tinha duas divisões; numa delas, havia algumas moedas; na outra, estavam seis napoleões.

O Sr. Mabeuf, muito espantado, levou-a à governanta.

– Isso caiu do céu – disse Mme. Plutarco.

LIVRO QUINTO

ONDE O FIM NÃO SE ASSEMELHA AO PRINCÍPIO

I | SOLIDÃO E CASERNA COMBINADAS

A dor de Cosette, ainda tão pungente e tão viva quatro ou cinco meses antes, tinha, sem que ela mesma o percebesse, entrado em convalescença. A natureza, a primavera, a juventude, o amor pelo pai, a alegria dos passarinhos e das flores faziam filtrar, pouco a pouco, dia a dia, gota a gota, naquela alma tão virgem e tão jovem, algo que se assemelhava quase ao esquecimento. O fogo se extinguira por completo? Ou se formavam apenas camadas de cinza? A verdade é que ela não sentia mais nenhum ponto dolorido.

Um dia, sem esperar, pensou em Marius: – Está vendo! – disse ela. – Eu nem me lembrava mais.

Nessa mesma semana, ela notou, passando em frente da grade do jardim, um belo Oficial dos lanceiros, cintura de vespa, uniforme elegantíssimo, faces de menina, com o sabre debaixo do braço, bigode retorcido, *schapska* de verniz.[39] Quanto ao mais, cabelos loiros, olhos azuis à flor de um rosto de linhas curvas, aspecto leviano, insolente e bonito; absolutamente o contrário de Marius. Na boca, um charuto. Cosette pensou que esse Oficial pertencia, sem dúvida, ao regimento aquartelado na Rue de Babylone.

No dia seguinte, viu-o passar outra vez. Marcou a hora. A partir desse momento – seria simples acaso? –, quase todos os dias ela o viu passar.

Os companheiros do Oficial calcularam que naquele jardim “malcuidado”, por trás daquela velha grade rococó, devia haver alguma criatura linda, que se encontrava quase sempre ali à passagem do belo Tenente, que não é desconhecido do leitor e se chamava Teódulo Gillenormand.

– Olhe! – diziam-lhe eles. – Há ali uma pequena que está de olho em você; repare bem.

– Pensam que tenho tempo – respondia o lanceiro – para ver todas as mulheres que olham para mim?

Era precisamente esse o instante em que Marius descia gravemente para a

agonia, dizendo: – Se ao menos eu pudesse revê-la antes de morrer! – Se o seu desejo fosse realizado, se ele tivesse visto Cosette naquele instante olhando para o Oficial, Marius não teria podido pronunciar uma só palavra e morreria de dor.

De quem a culpa? De ninguém.

Marius era um desses temperamentos que mergulham na própria dor e nela permanecem; Cosette era dos que mergulham para sair logo depois.

Aliás, Cosette estava passando por esse momento perigoso, fase fatal da fantasia feminina abandonada a si mesma, em que o coração de uma jovem isolada se assemelha às gavinhas da videira que se agarram, conforme as circunstâncias, ou ao capitel de uma coluna de mármore ou ao barrote de uma taverna.

Momento rápido e decisivo, crítico sempre que se trata de uma órfã, seja ela pobre ou rica, pois a riqueza não impede que se façam más escolhas; a desigualdade nos casamentos vem do alto, a verdadeira desigualdade está nas almas; e, do mesmo modo como um jovem desconhecido, sem nome, sem nascimento, sem fortuna, é um capitel de mármore que sustém um templo de grandes sentimentos e de grandes ideias, assim também um homem do mundo, rico e opulento, de botinas de pelica e palavras envernizadas, se o olharmos, não por fora, mas por dentro, que é o que está reservado à mulher, não passa de uma viga estúpida, obscuramente obcecado por paixões violentas, imundas, embebidas em vinho; é o barrote da taverna.

Que havia na alma de Cosette? Havia a paixão adormecida ou calma, o amor ainda flutuante, algo brilhante, límpido, inquietante a certa profundidade, sombrio se fôssemos mais ao fundo. A imagem do belo Oficial refletia-se à superfície. Haveria alguma lembrança no fundo, bem no fundo? Talvez. Cosette não saberia responder.

Aconteceu então um incidente singular.

II | RECEIOS DE COSETTE

Na primeira quinzena de abril, Jean Valjean fez uma viagem. Isso, como já sabemos, acontecia de quando em quando, com intervalos bastante longos. Ficava ausente um ou dois dias, no máximo. Para onde ia? Ninguém sabia, nem mesmo Cosette. Somente uma vez, ao sair para uma dessas viagens, ela o acompanhou no fiacre até à entrada de um pequeno beco em cuja esquina se lia: Beco de la Planchette. Lá ele desceu e o fiacre levou Cosette de volta à Rue de

Babylone. Em geral, era quando faltava dinheiro em casa que Jean Valjean fazia essas viagens.

Jean Valjean, portanto, estava ausente. Antes de partir, dissera: – Voltarei em três dias.

Naquela noite, Cosette estava sozinha no salão. Para não se aborrecer, abrira o piano-órgão e começara a cantar, acompanhando-se, o coro de Eurianto,[40] *Caçadores perdidos no bosque!*, que, talvez, seja o que de mais belo existe em toda a música. Quando terminou, quedou-se pensativa.

De repente pareceu-lhe que alguém andava no jardim. Não podia ser o pai, que estava ausente; não podia ser Mme. Toussaint, que já estava deitada, pois eram dez horas da noite. Cosette correu à janela, então fechada, e colou o ouvido à vidraça. Julgou ouvir os passos de algum homem andando com todo o cuidado.

Subiu rapidamente ao primeiro andar, foi até o quarto, abriu uma portinhola feita na janela e olhou para o jardim. Era lua cheia. Enxergava-se tão bem como se fosse dia. Não havia ninguém.

Abriu a janela. O jardim estava absolutamente calmo e toda a parte que se via da rua estava deserta como sempre.

Cosette julgou ter-se enganado. Estava certa de ter ouvido barulho. Era uma alucinação produzida pelo sombrio e prodigioso coro de Weber que abre diante do espírito abismos medonhos, que estremece ao nosso olhar como uma floresta vertiginosa, onde se ouve o estalar dos ramos secos sob os passos inquietos dos caçadores entrevistos no crepúsculo.

Ela não pensou mais no caso.

Aliás, Cosette, por natureza, não estava muito assustada. Havia em suas veias o sangue da boêmia e da aventureira que anda descalça. Como devemos lembrar, era mais cotovia que pomba. Seu íntimo era selvagem e sem medo.

No dia seguinte, em hora menos avançada, ao cair da noite, passeava pelo jardim. Em meio aos pensamentos confusos que a ocupavam, julgou por um instante ter ouvido um ruído semelhante ao da véspera, como o de alguém que caminhasse no escuro, no meio das árvores, não muito longe do lugar onde se encontrava; mas pensou que nada se assemelha tanto a passos sobre a relva como o roçar de dois ramos movidos pelo vento, e não se preocupou muito. Além do mais, não tinha visto nada de anormal.

Saiu então do bosque; faltava-lhe atravessar um pequeno gramado para chegar à escadaria. A lua que acabava de se erguer por detrás dela, no momento em que Cosette saía do meio das árvores, projetou-lhe a sombra no gramado.

Cosette parou, assustada.

Ao lado da própria sombra, a lua recortava distintamente sobre a relva outra sombra singularmente assustadora e terrível, uma sombra de chapéu redondo. Era como que a sombra de um homem que estivesse de pé bem perto das árvores, alguns passos atrás de Cosette.

Ficou um minuto sem conseguir falar, nem gritar, nem chamar por alguém nem mover-se, sem poder nem sequer voltar a cabeça. Por fim, reunindo toda a sua coragem, voltou-se resolutamente. Não havia ninguém. Olhou no chão. A sombra tinha desaparecido.

Voltou para o meio das árvores, examinou corajosamente todos os cantos, foi até a grade, mas não encontrou coisa alguma.

Sentiu-se realmente gelada. Seria ainda uma alucinação? Quê! Dois dias em seguida! Uma alucinação, vá lá, mas duas? O mais inquietante era que não se tratava absolutamente de um fantasma. Os fantasmas não usam chapéus redondos.

No dia seguinte, Jean Valjean estava de volta. Cosette contou-lhe o que julgara ter ouvido e o que vira. Esperava que seu pai a sossegasse, levantasse os ombros e dissesse: – Você é uma menina boba.

Jean Valjean mostrou-se preocupado.

– Talvez não seja nada – respondeu-lhe.

Deixou-a sozinha sob um pretexto qualquer e foi ao jardim, e Cosette pôde notar como ele examinou a grade com toda a atenção.

Durante a noite ela acordou: desta vez estava certa, e ouviu distintamente passos de alguém que andava perto da escadaria, bem debaixo de sua janela. Correu e abriu a portinhola. Com efeito, no jardim havia um homem com um grande cajado nas mãos. No momento em que ia gritar, a lua iluminou o perfil do homem. Era seu pai. Tornou a deitar, dizendo: – Como ele está preocupado!

Jean Valjean passou no jardim aquela noite e as duas noites seguintes. Cosette podia vê-lo da janela de seu quarto.

Na terceira noite, a lua minguava e começava a levantar-se mais tarde; podia ser uma hora da manhã, quando ouviu uma gargalhada e a voz do pai que a chamava:

– Cosette!

Levantou-se, vestiu o penhoar e abriu a janela.

Seu pai estava no jardim, no gramado.

– Acordei você para que fique sossegada – ele disse. – Olhe. Aqui está a sua

sombra de chapéu redondo.

E lhe mostrou na relva uma sombra que a lua desenhava, com efeito muito semelhante ao espectro de algum homem de chapéu redondo. Era a silhueta produzida por uma chaminé de zinco que se elevava sobre um telhado vizinho.

Cosette também se pôs a rir, desapareceram todas as suposições lúgubres que fizera e, no dia seguinte, jantando em companhia do pai, brincou muito falando no sinistro jardim frequentado por sombras de misteriosas chaminés.

Jean Valjean ficou novamente tranquilo; quanto a Cosette, nem observou se a chaminé estava bem na direção da sombra que havia visto, ou julgara ter visto, nem pensou se a lua continuava na mesma posição. Nem sentiu curiosidade por aquela chaminé singular que, vendo-se presa em flagrante delito, foge quando lhe veem a sombra, pois esta havia desaparecido no instante em que Cosette se voltara e a menina estava bem certa do que vira. Cosette sossegou por completo. A demonstração lhe pareceu satisfatória, e ela deixou de pensar que pudesse haver alguém passeando à noite pelo jardim de sua casa.

Contudo, alguns dias depois, deu-se novo incidente.

III | ELOQUÊNCIA DOS COMENTÁRIOS DE MME. TOUSSAINT

No jardim, perto da grade que dava para a rua, havia um banco de pedra escondido dos olhares dos curiosos por uma latada, que, contudo, bem podia ser alcançado por alguém que passasse o braço através da grade e das folhagens.

Uma noite desse mesmo mês de abril, Jean Valjean havia saído; Cosette, depois do pôr do sol, sentara-se nesse banco. O vento agitava os ramos, Cosette pensava; uma tristeza sem razão a dominava pouco a pouco, essa tristeza invencível, própria da noite, e que vem – quem sabe? – do mistério do túmulo entreaberto àquela hora.

Talvez Fantine estivesse presente naquela sombra.

Cosette levantou-se, andando lentamente ao redor do jardim, pisando a relva molhada de orvalho e dizendo durante o sonambulismo melancólico em que caíra: – A esta hora, eu precisava mesmo de tamancos para passear no jardim. Posso apanhar um resfriado.

E voltou ao banco. No momento em que ia sentar-se, notou, no lugar que deixara havia pouco, uma pedra bastante grande, que evidentemente não estava ali alguns momentos antes.

Cosette olhou bem a pedra, perguntando a si mesma o que poderia significar. De repente, à ideia de que a pedra não tivesse vindo para ali sozinha, imaginando que alguém a tivesse colocado naquele lugar passando o braço por entre as grades, teve medo. Desta vez foi medo de verdade. Não havia dúvida possível: a pedra estava ali, não a tocou e fugiu sem ousar olhar para trás. Refugiou-se dentro de casa e fechou bem depressa com tranca e ferrolhos a porta envidraçada que dava para a escadaria. Perguntou então a Mme. Toussaint:

– Papai já voltou?

– Ainda não.

(Já indicamos de uma vez por todas a gagueira de Mme. Toussaint. Permitam-nos que não a acentuemos mais. Repugna-nos a notação musical de uma enfermidade.)

Jean Valjean, homem pacato e amante dos passeios noturnos, muitas vezes não voltava para casa senão muito tarde na noite.

– Mme. Toussaint – continuou Cosette –, tenha o cuidado de fechar bem as portas e as janelas, ao menos as que dão para o jardim, com as trancas, e tendo o cuidado de fechar bem os trincos.

– Ora! fique tranquila, menina.

Mme. Toussaint sempre tomava cuidado, ela bem o sabia, mas não pôde deixar de acrescentar:

– É que aqui é tão deserto!

– Ah! isso é verdade. A gente pode ser assassinada sem ter tempo para dizer oh! Ainda por cima, o patrão não dorme em casa. Mas não tenha medo, menina, fecho todas as janelas como se fossem da Bastilha. Duas mulheres sozinhas é coisa para se ter medo! Já imaginou se entrassem homens no seu quarto e lhe dissessem: – Não grite! – e começassem a cortar-lhe o pescoço? Não é tanto morrer, que todo mundo morre, é até bom, a gente sabe que tem mesmo de morrer, mas é a abominação de sentir essa canalha pôr as mãos na gente. E, depois, as facas devem cortar tão mal! Credo!

– Cale a boca – disse Cosette. – Feche bem tudo.

Cosette, amedrontada pelo melodrama improvisado por Mme. Toussaint, talvez também pela lembrança das aparições da semana anterior, não teve a coragem de lhe dizer: – Então vá ver a pedra que puseram lá no banco! – só de medo de abrir a porta do jardim, dando entrada para os tais homens. Fez fechar com o maior cuidado as portas e as janelas, obrigou Mme. Toussaint a revistar bem toda a casa, do porão ao sótão, trancou-se no quarto, fechando os ferrolhos

da porta, olhou embaixo da cama, deitou-se e dormiu muito mal. Durante toda a noite viu a pedra grande, como uma montanha e cheia de cavernas.

Quando o sol surgiu – é próprio do sol nos obrigar a rir de todos os temores da noite, com riso proporcionado ao medo que se teve –, quando o sol surgiu, ao se levantar, Cosette pensou no próprio medo como se se tratasse de um pesadelo e disse: – Com que fui sonhar! É como os passos que ouvi na semana passada no jardim! É como a sombra da chaminé! Será que agora dei para ficar medrosa? – O sol, que brilhava nas fendas da veneziana, tingindo de púrpura as cortinas de damasco, deixou-a tão segura que tudo lhe sumiu do pensamento, até a pedra.

– Há tanta pedra em cima do banco como havia homem de chapéu redondo no jardim; sonhei com a pedra como com o resto.

Ela se vestiu, desceu ao jardim, correu ao banco, e sentiu um suor frio. A pedra estava lá. Mas não foi senão um momento. O que é medo à noite é curiosidade de dia.

– Bah! – disse ela –, vamos ver o que é.

Levantou a pedra, que era bastante grande, e achou debaixo algo semelhante a uma carta. Era um envelope branco. Cosette o pegou, mas não havia nada escrito nem de um lado nem do outro. No entanto, não estava vazio. Podiam-se ver alguns papéis em seu interior.

Cosette abriu-o. Não era mais receio nem curiosidade, era um começo de ansiedade.

Tirou o conteúdo, um pequeno caderno com páginas numeradas e algumas linhas escritas com bela caligrafia, segundo pensou Cosette, e muito elegante.

Procurou um nome, mas não havia; alguma assinatura, mas também não havia. A quem seria endereçada? Talvez a ela, já que alguém a pusera em seu banco. De quem viria? Uma fascinação irresistível se apoderou dela; tentou desviar os olhos daquelas folhas que lhe tremiam nas mãos, olhou para o céu, para a rua, para as acácias inundadas de luz, para os pombos que voavam por cima de um telhado vizinho; depois, de repente, seus olhos se abaixaram vivamente para o manuscrito, e ela se convenceu de que precisava saber o que continha.

Eis o que leu:

IV | UM CORAÇÃO SOB UMA PEDRA

A redução do universo a uma única criatura, a dilatação de um único ser até Deus, eis o amor.

O amor é a saudação dos anjos aos astros.

Como a alma é triste quando sua tristeza provém do amor!

Que vazio é a ausência do ser que sozinho encheria o mundo! Oh! como é verdade que o ser amado se transforma em Deus. É fácil compreender como Deus sentiria ciúme se o Pai de todas as coisas não tivesse evidentemente feito a criação para a alma, e a alma para o amor.

Basta um sorriso entrevisto ao longe sob um chapéu de tule branco e coifa lilás, para que a alma entre no paraíso dos sonhos.

Deus está por trás de tudo, mas tudo a Deus esconde. As coisas são negras, as criaturas são opacas. Amar alguém é torná-lo transparente.

Certos pensamentos são verdadeiras preces. Há momentos em que, seja qual for a atitude do corpo, a alma está de joelhos.

Os amantes separados iludem a ausência por mil e uma quimeras que têm no entanto a sua realidade. Impedem-nos de se verem, interceptam-lhes as cartas; eles porém encontram meios misteriosos de se corresponderem: pelo canto dos passarinhos, o perfume das flores, o riso das crianças, a luz do sol, os suspiros do vento, o brilho das estrelas, a criação inteira. E por que não? Todas as obras de Deus são feitas para servir o amor. O amor é bastante poderoso para encarregar toda a natureza de levar-lhe as mensagens.

Ó primavera! Você é a carta que eu lhe escrevi.

O futuro pertence bem mais aos corações do que aos espíritos. Amar, eis a única coisa capaz de ocupar e encher a eternidade. Ao infinito convém o inesgotável.

O amor participa da própria alma. Tem a mesma natureza que ela. Como a alma, é uma fagulha divina; como a alma, é incorruptível, indivisível, imperecível. É um ponto de fogo que está em nós, que é imortal e infinito, que nada pode limitar ou extinguir. Nós o sentimos queimar até a medula dos ossos e o vemos brilhar até a imensidão dos céus.

Ó amor! adorações! prazer de dois espíritos que se compreendem, de dois corações que se confundem, de dois olhares que se penetram! Não é verdade que os hei de ter – ó felicidade! – passeios a dois na solidão, dias abençoados e brilhantes! Às vezes chego a pensar que, de quando em quando, algumas horas se destacam da vida dos anjos e vêm até o mundo para atravessar o destino dos homens.

Deus nada pode acrescentar à felicidade dos que se amam senão tornando-os eternos. Depois de uma vida de amor, uma eternidade de amor é com efeito um acréscimo; mas aumentar em sua própria intensidade a felicidade inefável que o amor dá à alma desde este mundo, isso é impossível, mesmo a Deus. Deus é a plenitude do céu; o amor é a plenitude do homem.

Contemplamos uma estrela por dois motivos: porque é luminosa e porque é impenetrável; e, no entanto, temos ao nosso lado um brilho mais suave e um mistério maior ainda, a mulher.

Todos nós, quem quer que sejamos, temos a necessidade de respirar. Se nos falta o ar, ficamos sufocados e morremos. Morrer por falta de amor é horrível. É a asfixia da alma.

Quando o amor fundiu e unificou duas almas, numa unidade angélica e sagrada, foi que ambas encontraram o segredo da vida; não são nada mais que os dois termos de um mesmo destino, as duas asas de um mesmo espírito. Amem, flutuem!

No dia em que uma mulher, passando em sua frente, iluminar o seu caminho, você está perdido: é o amor. Então, só lhe restará uma coisa: pensar nela tão fixamente que ela se veja constrangida a pensar em você.

O que o amor começa não pode ser acabado senão por Deus.

O verdadeiro amor se desola e se encanta por uma luva perdida ou por um lenço encontrado, e precisa de uma eternidade para sua dedicação e esperanças. Ele se compõe, ao mesmo tempo, do infinitamente grande e do infinitamente pequeno.

Se você é pedra, seja ímã; se é planta, seja sensitiva; se é homem, seja amor.

Para o amor, nada é bastante. Temos a felicidade, queremos o paraíso; temos o paraíso, queremos o céu.

Vocês que tanto se amam, tudo isso está no amor. Saibam encontrá-lo. O amor tem tanta

contemplação como o céu e, mais do que o céu, tem o prazer.

– Ela ainda vem ao Luxembourg? – Não, senhor. – É nesta igreja que ela ouve a missa, não é? – Eles não aparecem mais por aqui. – Ela ainda mora nesta casa? – Não; mudou-se. – Para onde? – Ela não disse.

Que tristeza não se saber o endereço da própria alma!

O amor tem infantilidades, as outras paixões têm mesquinhez. Vergonha às paixões que tornam o homem mesquinho! Honra àquela que o faz criança!

É uma coisa estranha, sabem? Eu vivo na noite. Há alguém que, ausentando-se, levou consigo o céu.

Oh! jazer um ao lado do outro no mesmo túmulo, de mãos dadas, e de quando em quando, nas trevas, acariciar docemente um dedo; isso bastaria para a minha eternidade.

Vocês, que sofrem porque amam, amem mais ainda. Morrer de amor é viver.

Amem. A esse suplício alia-se uma sombria e estrelada transfiguração.

Há êxtase na agonia.

Ó alegria dos passarinhos! Eles cantam porque têm um ninho.

O amor é uma respiração celeste do ar do paraíso.

Corações profundos, espíritos sábios, recebam a vida como Deus a fez.

É uma longa prova, uma preparação, ininteligível para um destino desconhecido. Esse destino, o verdadeiro, começa para o homem no primeiro degrau que desce para o túmulo. Só então lhe aparece alguma coisa, e ele começa a distinguir o definitivo. O definitivo, pensem nessa palavra. Os vivos veem o infinito; o definitivo só se deixa ver pelos mortos. Enquanto isso, amem e sofram, esperem e contemplem. Desgraçado de quem não tiver amado senão os corpos, as formas, as aparências! A morte roubar-lhe-á tudo. Procurem amar as almas, e tornarão a encontrá-las.

Encontrei pela rua um jovem muito pobre que amava. Seu chapéu estava velho, a casaca muito usada com os cotovelos rotos; a água passava através de seus sapatos e os astros através de sua alma.

Que grande coisa ser amado! Maior ainda é amar! O coração torna-se heroico à força da paixão. Ele não se compõe mais senão de pureza; não se apoia senão no que é nobre e grandioso. Um pensamento indigno nele pode germinar tanto quanto uma urtiga no gelo. A alma alta e serena, inacessível às paixões e às emoções vulgares, dominando as nuvens e as sombras deste mundo, as loucuras, as mentiras, os ódios, as vaidades, as misérias, mora no azul do céu, e não sente senão os abalos profundos e subterrâneos do destino, como o alto das montanhas sente os tremores de terra.

Se não houvesse quem amasse, o sol se extinguiria.

V | COSETTE DEPOIS DA CARTA

Durante a leitura, Cosette começou a sonhar. No momento em que levantou os olhos da última linha do caderno, o belo Oficial, estava na hora, passou triunfalmente diante da grade. Cosette achou-o horrível.

Voltou a examinar o caderno. Estava escrito com uma caligrafia que pareceu a Cosette encantadora; pela mesma mão, mas com tintas diversas, às vezes muito escuras, outras vezes muito claras, como quando se põe tinta nova no tinteiro e, por consequência, em dias diferentes. Era, pois, um pensamento que se expandira ali, suspiro a suspiro, irregularmente, sem ordem, sem escolha, sem um fim determinado, ao acaso. Cosette jamais lera algo semelhante. Esse manuscrito, em que via muito mais luz do que sombra, fazia-lhe o efeito de um

santuário entreaberto. Cada uma daquelas linhas misteriosas resplandecia-lhe aos olhos, inundando-lhe o coração de estranha luz. A educação que havia recebido falara-lhe sempre da alma, jamais do amor, quase como quem falasse da brasa sem falar da chama. Esse manuscrito de quinze páginas revelava-lhe de repente, e com doçura, todo o amor, o sofrimento, o destino, a vida, a eternidade, o começo, o fim. Era como uma mão que se abrira, jogando-lhe subitamente um punhado de claridade. Ela sentia naquelas poucas linhas uma natureza apaixonada, ardente, generosa, honesta, uma vontade sagrada, uma imensa dor e uma esperança imensa, um coração fechado, expandindo-se em êxtase. O que era aquele manuscrito? Uma carta. Carta sem endereço, sem nome, sem data, sem assinatura, urgente e desinteressada, enigma feito de verdades, mensagem de amor feita para ser levada por um anjo e lida por uma virgem, um encontro combinado fora da terra, doce recado de um fantasma a uma sombra. Tratava-se de alguém tranquilo e triste, que parecia prestes a se refugiar na morte e que enviava à ausente o segredo do destino, a chave da vida, o amor. Aquelas linhas haviam sido escritas com um pé no sepulcro e os dedos no céu caindo uma a uma no papel, eram o que poderíamos chamar de gotas da alma.

Mas de quem viriam aquelas páginas? Quem poderia tê-las escrito? Cosette não hesitou um minuto. Um único homem.

Ele!

A luz voltara a seu espírito. Tudo tornava a aparecer. Cosette sentia uma alegria inaudita e uma angústia profunda. Era ele! ele quem lhe escrevia! Era ele quem passara o braço através das grades do jardim! Enquanto ela o esquecia, ele tornava a encontrá-la! Mas teria mesmo esquecido? Não, jamais! Era loucura ter pensado assim por um momento. Sempre o amara, sempre o adorara. O fogo estivera coberto, escondera-se por momentos, mas ela via-o bem, não fizera outra coisa senão se alastrar, e agora abrasava-a inteira. O caderno era como uma fagulha caída de outra alma na sua. Cosette sentia que o incêndio recomeçava. Deixava-se penetrar pelas palavras do manuscrito: – Oh! sim! – dizia ela. – Reconheço tudo isto! É tudo o que eu já havia lido em seus olhos.

Quando acabava de ler a carta pela terceira vez, o Tenente Teódulo tornou a passar pela frente da grade, fazendo as esporas tinirem de encontro às pedras. Cosette viu-se forçada a levantar os olhos. Achou-o sem graça, piegas, bobo, inútil, presunçoso, impertinente, feio. O Oficial julgou bom sorrir-lhe. Ela voltou-se, indignada, cheia de vergonha. Com muito gosto, atirar-lhe-ia alguma coisa à cabeça.

Fugiu, entrou em casa e fechou-se no quarto para reler o manuscrito, para

aprendê-lo de cor e sonhar. Depois de lê-lo muitas vezes, beijou-o e guardou-o no seio.

Estava acabado: Cosette voltava a cair no profundo amor seráfico. O abismo do Éden voltava a se abrir.

Durante todo o dia, esteve meio atordoada. Pensava com dificuldade; suas ideias eram uma meada emaranhada em seu cérebro; não conseguia fazer nenhuma conjectura; esperava, trêmula, que algo indefinido lhe acontecesse. Não ousava fazer castelos nem recusar para si coisa alguma. Seu rosto tornava-se pálido, seu corpo estremecia. Julgava, às vezes, ter-se transportado para o quimérico e perguntava: – Será isto real? – Apalpava então o caderno escondido na blusa, apertando-o junto ao coração, sentindo-lhe os ângulos na carne; se Jean Valjean a tivesse visto naquele momento, estremeceria ao notar a alegria luminosa e desconhecida que lhe transbordava das pálpebras. “Sim!”, pensava Cosette, “é dele mesmo! É dele para mim!”

E convencia-se de que uma intervenção dos anjos, um acaso celeste o haviam trazido de volta.

Ó transfigurações do amor! Ó sonho! Esse acaso celeste, essa intervenção dos anjos era a bolinha de pão lançada por um ladrão a outro, do pátio de Carlos Magno à Cova dos Leões, por cima dos telhados da Force.

VI | OS VELHOS SÃO FEITOS PARA SAIR NA HORA CONVENIENTE

À noite, Jean Valjean saiu; Cosette vestiu-se melhor. Arrumou os cabelos do modo que mais lhe convinha, pôs um vestido cuja gola havia recebido uma tesourada de mais, deixando-lhe descoberto o começo do seio; era, como dizem as mocinhas, “um pouco indecente”. Absolutamente, não era nada indecente, mas a tornava mais bonita. Fez toda essa toalete sem saber por quê. Queria sair? Não. Esperava alguma visita? Também não. Quando anoiteceu, desceu para o jardim. Mme. Toussaint estava ocupada com a cozinha, cuja porta se abria para o pátio traseiro.

Cosette pôs-se a passear sob o arvoredo, afastando às vezes os ramos com as mãos, pois havia alguns bastante baixos.

Chegou assim até o banco. A pedra continuava no mesmo lugar. Sentou-se e pousou a mão delicada e alva sobre essa pedra como se quisesse acariciá-la e mostrar-se agradecida.

De repente, teve a impressão indefinível que se experimenta, mesmo sem ver, quando alguém está por trás de nós. Voltou-se e se levantou.

Era ele.

Estava de cabeça descoberta. Parecia pálido e magro. Apenas podia distinguir-lhe as roupas escuras. O crepúsculo empalidecia sua bela fronte, cobrindo-lhe os olhos de sombra. Tinha, sob um véu de incomparável doçura, qualquer coisa da morte ou da noite. Seu rosto estava iluminado pela claridade do dia que morre e pelo pensamento de uma alma que parte. Parecia que não era ainda um fantasma, embora já não fosse um homem.

Seu chapéu estava caído ali perto, entre o arvoredo.

Cosette, quase a desfalecer, não deu um grito. Afastou-se lentamente, porque se sentia atraída. Ele não se movia. Pelo não sei quê de inefável e triste que a envolvia, Cosette sentia-lhe o olhar, embora não lhe visse os olhos.

Cosette, recuando, encontrou uma árvore e encostou-se a ela. De outro modo, teria caído.

Foi então que ouviu a voz dele; ela, na verdade, jamais a tinha ouvido – um pouquinho mais forte que o ciciar da folhagem, murmurando-lhe assim:

– Perdoe-me se estou aqui. Tenho o coração pesado; eu já não podia viver como estava, e por isso vim. Leu o que coloquei neste banco? Lembra-se um pouco de mim? Não tenha medo. Já faz muito tempo, mas lembra-se do dia em que olhou para mim? Foi no Luxembourg, perto do Gladiador. E o dia em que passou em minha frente! Foi em 16 de junho e em 2 de julho. Já vai fazer um ano. Fazia muito tempo que não a via. Perguntei à alugadora de cadeiras, e ela me respondeu que não a vira mais. Você morava na Rue de l’Ouest, no terceiro andar, com janelas para a rua, numa casa nova. Vê como sei? Eu a seguia. Que outra coisa poderia fazer? Depois você desapareceu. Pensei tê-la visto uma vez em que lia os jornais sob as arcadas do Odéon. Corri, mas era outra pessoa que usava um chapéu como o seu. À noite, venho até aqui. Não tenha medo, ninguém me vê. Venho olhar de perto as janelas da sua casa. Ando com todo o cuidado para que não me ouça, pois você poderia sentir medo. Uma destas noites, eu estava atrás de você, mas, quando você se voltou, fugi. Uma vez, ouvi-a cantar. Eu estava feliz. Acha que há algum mal se a ouvir cantar através das janelas? Que pode acontecer? Nada, não é mesmo? Como vê, você é o meu anjo! Deixe-me vir; acho que vou morrer. Se soubesse como eu a adoro! Perdoe-me; estou falando sem saber o que digo; talvez até lhe desagrade; estou sendo importuno?

– Ó minha mãe! – disse ela.

E dobrou-se sobre si mesma, como se fosse morrer.

Como ela ia cair, ele a susteve e a abraçou com força, sem ter consciência do que estava fazendo. Segurava-a, trêmulo. Era como se tivesse a cabeça cheia de fumaça; relâmpagos passavam-lhe por entre os cílios, seus pensamentos perdiam-se; julgava que estava praticando um ato irreligioso, cometendo uma profanação. Aliás, ele não sentia o mínimo desejo por aquela linda mulher, cujas formas sentia de encontro ao peito. Estava louco de amor.

Ela tomou-lhe a mão e a colocou sobre o peito. Ele sentiu o manuscrito que ali estava escondido, e balbuciou:

– Então você me ama?

Ela respondeu com voz tão baixa, quase um sopro que mal se ouvia:

– Cale-se! Você bem sabe!

E escondeu o rosto vermelho no peito do jovem soberbo e feliz.

Ele sentou-se no banco; ela sentou-se junto dele. Não tinham mais palavras. As estrelas começavam a brilhar. Como foi que seus lábios se encontraram? Como é que o passarinho canta e a neve se derrete? Como é que a rosa se abre e maio se cobre de flores? Como é que a aurora brilha por trás das árvores negras no cimo trêmulo das colinas?

Um beijo, e nada mais.

Ambos tremiam, olhando-se na escuridão com olhos brilhantes.

Não sentiam nem o frescor da noite, nem o frio da pedra, nem a terra úmida, nem a relva molhada; apenas se olhavam com o coração cheio de pensamentos. Sem perceber, estavam de mãos dadas.

Ela não lhe perguntou nem pensava mais sobre como ou por onde ele havia entrado no jardim. Achava tão simples ele estar ali, naquele instante.

De quando em quando o joelho de Marius tocava o joelho de Cosette, e ambos estremeciam.

Cosette, às vezes, gaguejava qualquer coisa. A alma tremia-lhe nos lábios como uma gota de orvalho numa flor.

Aos poucos, começaram a falar. A efusão sucedeu ao silêncio, que é a plenitude. Sobre suas cabeças a noite era serena e esplêndida. As duas criaturas, puras como espíritos, contaram tudo, sonhos, desânimos, êxtases, ilusões e fraquezas; falaram de como se adoravam embora de longe, de como desejaram estar juntos, de seu desespero quando se perderam de vista. Confiaram um ao outro, numa intimidade tão ideal que nada poderia tornar mais intensa, tudo o

que tinham de mais íntimo, de mais misterioso. Relataram, com uma fé cândida em suas ilusões, tudo o que o amor, a juventude e o resto de infância que ainda tinham lhes punham no pensamento. Esses dois corações derramaram-se um no outro, de modo que, depois de uma hora, era o rapaz quem possuía a alma da jovem, e era a jovem quem possuía a alma do rapaz. Ambos se penetraram, encantaram-se, deslumbraram-se.

Depois de haverem dito tudo o que desejavam, ela apoiou a cabeça em seu ombro e perguntou:

– Como é o seu nome?

– Chamo-me Marius – disse o rapaz. – E você?

– Eu me chamo Cosette.

LIVRO SEXTO

O PEQUENO GAVROCHE

I | MALDADE DO VENTO

Desde 1823, enquanto o albergue de Montfermeil soçobrava e desaparecia lentamente não no abismo de uma bancarrota, mas na cloaca das pequenas dívidas, o casal Thénardier teve mais dois filhos, ambos homens. Assim, eram ao todo cinco: duas meninas e três meninos. Era demais.

Mme. Thénardier desembaraçou-se dos dois últimos, ainda muito pequenos, com singular felicidade.

Desembaraçou-se é a palavra exata. Naquela mulher não havia senão um fragmento de natureza, fenômeno de que, afinal, existe mais de um exemplo. Como a Marechala de La Mothe-Houdancourt, Mme. Thénardier não era mãe senão para suas filhas.[41] Ali terminava sua maternidade. Seu ódio pelo gênero humano começava em seus próprios filhos. Para estes sua maldade caía a pique e seu coração a esse respeito era lugubremente escarpado. Como já vimos, detestava o mais velho e execrava os outros dois. Por quê? Porque sim. O mais terrível dos motivos e a mais indiscutível das respostas: – Porque sim. Não preciso desse monte de filhos – dizia essa mãe.

Expliquemos como os Thénardier conseguiram desfazer-se dos dois últimos, com certo proveito até.

La Magnon, de quem já falamos algumas páginas atrás, foi quem conseguiu do velho Gillenormand uma mesada para os dois pequenos. Ela morava no Quai des Célestins, na esquina da antiga Rue Petit-Musc, que fez quanto pôde para mudar em boa fama sua má reputação.[42] Devem estar lembrados da grande epidemia de crupe que desolou, há trinta e cinco anos, os bairros à beira do Sena, em Paris, e da qual a ciência se aproveitou para experimentar em larga escala a eficácia das insuflações de alume, tão utilmente substituídas hoje em dia pela tintura externa de iodo. Nessa epidemia, La Magnon perdeu no mesmo dia, um de manhã, outro à noite, dois filhos ainda em tenra idade. Foi uma calamidade. As crianças eram por demais preciosas para aquela mãe; eles representavam

oitenta francos mensais, pagos com a máxima exatidão, em nome do Sr. Gillenormand, por seu Administrador, Sr. Barge, Oficial de Justiça aposentado, residente à Rue du Roi-de-Sicile. Mortas as crianças, a mesada estava encerrada. Magnon procurou um expediente qualquer. Na tenebrosa maçonaria do mal de que ela fazia parte, sabe-se de tudo, guarda-se o segredo e todos se ajudam mutuamente. Magnon precisava de dois meninos; Thénardier tinha dois. Mesmo sexo, mesma idade. Boa solução para uma, bom emprego de capital para a outra. Os dois Thénardier transformaram-se nos pequenos Magnon. Magnon deixou o Quai des Célestins e foi morar na Rue Clocheperce. Em Paris, a identidade que liga um indivíduo a ele próprio rompe-se de uma rua para outra.

A autoridade civil, não recebendo comunicação alguma, nada reclamou, e a substituição se fez do modo mais simples. Thénardier, porém, exigiu pelas crianças dez francos mensais, que Magnon prometeu e chegou mesmo a pagar. Não é preciso dizer que o Sr. Gillenormand continuou a mandar-lhe as mesadas. De seis em seis meses, ia visitar os meninos, de modo que não percebeu a troca. – Como eles se parecem com o senhor! – dizia-lhe Magnon.

Thénardier, para quem as metamorfoses eram facílimas, aproveitou a ocasião para se tornar Jondrette. Suas duas filhas e Gavroche tiveram apenas tempo suficiente para saberem da existência dos dois irmãozinhos. Em certo grau de miséria, as pessoas são tomadas por uma espécie de indiferença espectral, e as criaturas assemelham-se às larvas. Os mais próximos não passam de vagas formas de sombra, dificilmente distinguíveis do fundo nebuloso da vida e facilmente confundidas com o invisível.

Na noite do dia em que entregou seus filhos a Magnon, com a vontade expressa de renunciar a eles para sempre, Mme. Thénardier teve, ou fingiu ter, um escrúpulo. Ela havia dito ao marido:

– Mas isso é abandonar as crianças!

Thénardier, magistral e fleumático, cauterizou-lhe o escrúpulo dizendo: – Jean-Jacques Rousseau fez muito mais!

Do escrúpulo a mãe passou à inquietação:

– Mas, e se a polícia vier amolar a gente? O que nós fizemos é mesmo permitido, Sr. Thénardier, diga, é permitido?

Thénardier respondeu: – Tudo é permitido. Ninguém saberá de nada. Aliás, tratando-se de crianças sem vintém, ninguém vai querer examiná-las de perto.

Magnon era uma espécie de elegante do crime. Gostava de se arrumar bem e dividia a casa, mobiliada de modo afetado e miserável, com uma esperta ladra

inglesa afrancesada. Essa inglesa naturalizada parisiense, recomendável por suas relações preciosas, intimamente ligada aos medalhões da biblioteca e aos diamantes de Mlle. Mars, foi mais tarde célebre nos registros policiais. Chamavam-na *Mlle. Miss*.

Os dois pequenos alugados a Magnon não tinham de que se queixar. Recomendados pelos oitenta francos, eram bem cuidados, como tudo o que é objeto de exploração; mais ou menos bem-vestidos e alimentados, eram tratados quase como “senhorzinhos”, melhor com a falsa mãe do que com a verdadeira. Diante deles, Magnon fazia-se de senhora e não falava gíria.

Assim passaram-se alguns anos. Thénardier mostrava-se esperançoso com os pequenos, e até chegou a dizer à Magnon, quando esta lhe foi levar os dez francos mensais: – É preciso que “o pai” lhes dê educação.

De repente, as duas pobres crianças, até então bastante protegidas, mesmo pela má sorte, foram bruscamente jogadas na vida e forçadas a começá-la.

Uma prisão em massa de malfeitores, como a que se deu no quarto dos Jondrette, necessariamente complicada por inquéritos e prisões posteriores, é um verdadeiro desastre para essa miserável contrassociedade oculta, que vive sob a sociedade pública; uma aventura assim provoca toda sorte de desmoronamentos nesse mundo sombrio. A catástrofe dos Thénardier produziu a catástrofe da Magnon.

Um dia, pouco tempo depois de Magnon ter mandado a Eponine o bilhete relativo à Rue Plumet, a polícia, de repente, fez uma devassa na Rue Clocheperce; Magnon foi presa, assim como a *Mlle. Miss*, e todos os demais suspeitos caíram na rede. Os dois meninos brincavam no quintal e nada viram da busca. Quando quiseram voltar para casa, encontraram a porta fechada e a casa vazia. Um remendão de uma loja vizinha chamou-os e entregou-lhes um bilhete que “a mãe” lhes havia deixado. No papel estava escrito um endereço: *Sr. Barge, Administrador, Rue du Roi-de-Sicile, número 8*. O homem da loja lhes disse: – Vocês não moram mais aqui. Vão para lá. É perto. A primeira rua à esquerda. Com esse papel, perguntem o endereço.

Os meninos partiram, o mais velho conduzindo o mais moço e levando na mão o papel que os devia guiar. Sentia frio e seus dedinhos enregelados seguravam mal o bilhete. Na esquina da Rue Clocheperce, uma rajada de vento arrancou-lhe o papel das mãos, e, como era noite, o menino não o pôde encontrar.

Puseram-se a andar ao acaso pelas ruas.

II | O PEQUENO GAVROCHE TIRA PROVEITO DE NAPOLEÃO, O GRANDE

A primavera em Paris é com muita frequência cortada por um nordeste impertinente, não propriamente frio, mas gelado; esse vento, que entristece os dias mais alegres, faz exatamente o efeito dessas rajadas de ar frio que entram num quarto quente pelas fendas de uma janela ou de uma porta mal fechada. Parece até que a porta do inverno ficara entreaberta, deixando, assim, passagem livre ao vento. Na primavera de 1832, época em que aconteceu a primeira grande epidemia desse século na Europa, esse vento foi áspero e impertinente como nunca. Era uma porta mais gelada ainda que a do inverno que ficou entreaberta. Era a porta do sepulcro. Sentia-se o sopro do cólera.

Do ponto de vista meteorológico, esses ventos frios tinham a particularidade de não eliminar a forte tensão elétrica. Tempestades frequentes, acompanhadas de raios e trovões, desencadearam-se por essa época.

Uma noite em que esses ventos sopravam rudemente, a tal ponto que janeiro parecia ter voltado, obrigando os burgueses a vestir os capotes, Gavroche, sempre alegre, tiritando de frio debaixo de farrapos, estava de pé, quase em êxtase, diante da vitrina de um cabeleireiro, nos arredores do olmo de Saint-Gervais. Agasalhara-se num xale de mulher, achado não sei onde, e que lhe servia de cachenê. O pequeno Gavroche parecia admirar profundamente uma noiva de cera, decotada, com a cabeça coberta de flores de laranjeira, que volteava por trás do vidro, mostrando seu sorriso aos transeuntes entre dois lampiões; mas na realidade ele observava a loja, para ver se não poderia surripiar da vitrina um sabonete, para depois vendê-lo por um soldo a qualquer barbeiro dos arredores. Muitas vezes conseguira jantar usando esse estratagema. Chamava a esse gênero de trabalho, para o qual tinha verdadeiro talento,“fazer a barba ao barbeiro”.

Enquanto olhava a vitrina e espreitava o sabonete, resmungava por entre os dentes: – Terça-feira. – Não é terça-feira. – Será que é terça-feira? – Talvez seja mesmo terça-feira. – Isso mesmo; é terça-feira!

Ninguém jamais soube a que se referia esse monólogo. Se, por acaso, estava relacionado com a última vez em que jantara, já haviam passado três dias, pois era sexta-feira.

O barbeiro, em sua loja aquecida com um bom fogareiro, barbeava um freguês e, de quando em quando, espreitava o inimigo, o moleque gelado e descarado, com as duas mãos metidas nos bolsos e o espírito evidentemente

alerta.

Enquanto Gavroche contemplava a noiva, a vitrina e os Windsor-soaps, dois meninos de altura desigual, bastante bem-vestidos, ainda menores do que ele, um de sete anos e o outro de cinco, giraram timidamente a maçaneta da porta e entraram na loja pedindo não sei o quê, talvez uma esmola, com voz chorosa, mais semelhante a um gemido que a uma prece. Ambos falavam ao mesmo tempo, com palavras ininteligíveis, pois os soluços cortavam a voz do mais novo e o frio fazia bater os dentes ao mais velho. O barbeiro virou-se furioso e, sem largar a navalha, empurrando o maior com a mão esquerda e o menor com o joelho, jogou-os na rua e tornou a fechar a porta dizendo:

– Ora bolas! Virem esfriar a gente a troco de nada!

Os dois meninos, chorando, continuaram a andar. No entanto, o céu toldara-se com uma nuvem; começava a chover. Gavroche correu atrás deles e perguntou:

– Que diabo têm vocês dois?

– Não sabemos onde dormir – respondeu o mais velho.

– Só isso? – disse Gavroche. – Grande coisa! E vocês estão chorando só por isso? Que bobocas!

E tomando, com superioridade brincalhona, um tom de autoridade comovida e de amável proteção, disse:

– Crianças, venham comigo.

– Sim, senhor – disse o mais velho.

Os dois meninos o seguiram como teriam seguido um arcebispo. Haviam parado de chorar. Gavroche fê-los subir a ladeira da Rue Saint-Antoine, em direção à Bastilha.

Enquanto caminhava, lançou um olhar indignado e retrospectivo à barbearia.

– Cachorro, sem coração! – resmungou. – Inglês de uma figa!

Uma mulher, vendo-os caminhar em fila, com Gavroche à frente, deu uma gargalhada. Esse riso era uma falta de respeito ao grupo.

– Como vai, *Srta. Para-todos*? – disse-lhe Gavroche.

Um instante depois, lembrando-se novamente do barbeiro, acrescentou:

– Enganei-me de animal; não é um cachorro, é uma cobra. Barbeiro, vou procurar um serralheiro, e mandar grudar-lhe uma campainha no rabo!

Esse barbeiro o deixou agressivo. Apostrofou, ao pular uma poça de água, uma porteira barbuda, digna de encontrar Fausto em Brocken, a qual levava um cesto à mão.

– Madame – disse-lhe Gavroche –, então anda passeando com o seu cavalo, hein!

E, ao mesmo tempo, salpicou de lama as botinas brilhantes de um transeunte.

– Imbecil! – gritou, furioso, o homem.

Gavroche levantou o nariz por cima do cachenê.

– O senhor tem alguma queixa contra alguém?

– Contra você! – disse o desconhecido.

– A repartição está fechada – disse Gavroche –, queixas só amanhã!

No entanto, continuando a subir na rua, avistou, toda gelada, abrigando-se debaixo de um portão, uma pobrezinha de treze a catorze anos, com vestido tão curto que se lhe viam os joelhos. A menina já estava bastante grande para isso. O crescimento tem dessas coisas. A roupa fica curta quando a nudez começa a ficar indecente.

– Coitada! – disse Gavroche. – Nem ao menos tem calças. Tome, fique com isto.

E, desenrolando aquela boa lã que lhe abrigava o pescoço, jogou-a aos ombros magros e roxos da menina, onde o cachenê voltou a ser xale. A pobrezinha olhou-o, admirada, e recebeu o xale em silêncio. Em certo grau de miséria, o pobre, apalermado, não se queixa do mal, como não agradece o bem.

Feito isso: – Brrr! – fez Gavroche, mais gelado que São Martinho; este, ao menos, guardou a metade do manto.

A esse brrr! a chuva aumentou de intensidade. O céu, maldoso, pune as boas ações.

– Ora essa – exclamou Gavroche –, que significa isso? *Chove novamente!* Bom Deus, se continua assim, pode riscar o meu nome.

E continuou a andar.

– Não faz mal – replicou, dando uma olhada na menina que se cobria do melhor modo possível com o xale –, ali está alguém com uma pele riquíssima.

E, olhando para o céu, gritou:

– Já está no laço!

Os dois pequenos se esforçavam para seguir-lhe os passos.

Quando passavam diante de uma dessas grandes janelas gradeadas, indício de alguma padaria, pois o pão, como o ouro, é posto atrás de grades de ferro, Gavroche voltou-se para trás:

– Essa agora, meninos, já jantamos?

– Moço – respondeu o mais velho –, desde cedo não comemos nada.

– Então vocês estão sem pai e sem mãe? – retrucou majestosamente Gavroche.

– Perdão, senhor, temos papai e mamãe, mas não sabemos onde estão.

– Às vezes, é até melhor não saber – disse Gavroche, que, aliás, era um pensador.

– Já faz duas horas que andamos – continuou o mais velho –, procuramos coisas pelas ruas, mas não encontramos nada.

– Eu sei – disse Gavroche. – Os cachorros comem tudo.

Depois de uma pausa, continuou:

– Perdemos nossos autores. Não sabemos mais o que fizeram deles. Isso não está bem, garotos. É bobagem perder assim pessoas de mais idade. Agora precisamos é comer alguma coisa.

Quanto ao mais, não lhes fez perguntas. Não ter casa, que pode haver de mais simples? O mais velho dos garotos, retornando à indiferença própria da infância, exclamou:

– É gozado! Mamãe disse que levaria a gente para buscar palma benta no domingo de Ramos.

– Que pena! – respondeu Gavroche.

– Minha mãe – continuou o mais velho – é uma senhora que mora com *Mlle. Miss*.

– Não diga! – replicou Gavroche.

No entanto, parara de andar, e fazia alguns minutos que rebuscava em todos os cantos de seus trapos.

Por fim, levantou a cabeça como quem deseja mostrar apenas satisfação, mas na realidade demonstrando triunfo.

– Calma, crianças. Temos ceia para três.

E tirou de um dos bolsos um soldo. Sem dar aos pequenos tempo para se admirarem, empurrou os dois à sua frente, para dentro da padaria, e pôs a moeda no balcão gritando:

– Garçom, cinco cêntimos de pão!

O padeiro, que era o próprio dono, pegou um pão e uma faca.

– Em três pedaços, garçom! – replicou Gavroche. – Nós somos três!

E, vendo que o padeiro, depois de ter examinado os três pirralhos, pegara um pão negro, enfiou o dedo profundamente no nariz com uma aspiração tão

imperiosa, como se tivesse na extremidade do polegar a pitada de tabaco do grande Frederico, e lançou em pleno rosto do padeiro esta apóstrofe indignada:

– Kequeéissoaqui?

Os leitores que se sentirem tentados a ver nessa interpelação de Gavroche ao padeiro alguma palavra russa ou polonesa, ou um dos gritos selvagens que os yoways e os botocudos lançam de uma margem à outra dos rios, fiquem prevenidos que se trata de uma frase que eles dizem todos os dias (eles, os nossos leitores), e que toma o lugar desta frase: *Que é isso aqui?* O padeiro compreendeu perfeitamente e respondeu:

– Eh! mas é um ótimo pão, de segunda qualidade.

– O senhor quer dizer uma porcaria! – retrucou Gavroche, calma e friamente desdenhoso. – Pão branco, garçom! Pão bem ensaboadinho! Estou pagando.

O padeiro não pôde deixar de sorrir e, enquanto cortava o pão branco, olhava-os com tanta piedade que Gavroche não gostou.

– Eh! garçom! – disse o moleque. – Por que está medindo a gente?

Os três, um sobre o outro, quando muito mediriam dois metros de altura.

Depois de cortar o pão, o padeiro guardou a moeda e Gavroche disse aos pequenos.

– Podem morder.

Ambos o olharam, assustados. Gavroche começou a rir:

– Ah! é verdade; ainda não sabem; são muito pequenos.

E retrucou:

– Comam.

Ao mesmo tempo, deu a cada um seu pedaço de pão.

E, pensando que o mais velho, que lhe parecia mais digno de sua conversação, merecia um encorajamento especial e devia desembaraçar-se de toda hesitação para satisfazer o apetite, acrescentou, dando-lhe a parte maior:

– Ponha isto no papo.

Havia um pedaço menor que os outros dois; Gavroche tomou-o para si.

As pobres crianças estavam esfaimadas. Enquanto devoravam o pão com o melhor apetite, já eram um estorvo para o padeiro, que, vendo-se pago, olhava-os com mau humor.

– Vamos sair – disse Gavroche.

E continuaram a andar rumo à Bastilha.

De quando em quando, ao passar em frente das vitrinas iluminadas das lojas,

o menor deles parava para olhar as horas num relógio de chumbo, pendurado ao pescoço por um cordel.

– É mesmo um pirralho – dizia Gavroche.

Depois, pensativo, murmurou entre dentes:

– Se eu tivesse filhos, andariam melhor que estes.

Quando já haviam terminado de comer, chegando à esquina da triste Rue des Ballets, ao fundo da qual se veem os portões baixos e hostis da Force, alguém disse:

– Olá! É você, Gavroche?

– Ora! É você, Montparnasse? – respondeu o moleque.

Um homem acabava de abordar o menino, e não era outro senão Montparnasse disfarçado, de óculos azuis, embora perfeitamente reconhecível para Gavroche.

– Puxa! – prosseguiu Gavroche. – Você está com a pele cor de cataplasma de linhaça e óculos azuis de médico. Você tem estilo, palavra de honra!

– Psiu! – disse Montparnasse – Fale mais baixo!

E levou Gavroche para longe do clarão das vitrinas.

Os dois pequenos seguiram-no maquinalmente, dando-se as mãos.

Quando chegaram sob o arco escuro de um portão, ao abrigo dos olhares e da chuva, Montparnasse perguntou:

– Sabe para onde vou indo?

– Para a abadia de Monte-à-Regret [43] – respondeu Gavroche.

– Palhaço!

E Montparnasse acrescentou:

– Vou-me encontrar com Babet.

– Ah! – disse Gavroche. – Ela se chama Babet?

Montparnasse abaixou a voz.

– Ela não, ele.

– Ah! Babet!

– Isso mesmo, Babet!

– Mas ele está em cana!

– Fugiu – respondeu Montparnasse.

E contou-lhe rapidamente como, na manhã daquele mesmo dia, Babet, ao ser transferido de prisão, escapara, virando à esquerda em lugar de virar à direita no “corredor de instrução”.

Gavroche admirou-se de tanta esperteza.

– Que artista! – exclamou.

Montparnasse acrescentou algumas particularidades à evasão de Babet, e terminou dizendo:

– Ainda não é tudo.

Gavroche, enquanto ouvia, pegou a bengala de Montparnasse, tirou maquinalmente a parte superior, aparecendo então a lâmina de um punhal.

– Ah! – disse, escondendo apressadamente o punhal. – Você trouxe o soldado à paisana.

Montparnasse piscou um olho.

– Puxa! – continuou o moleque –, então hoje vai haver quebra-pau?

– Não sei – respondeu Montparnasse, indiferente. – É sempre bom a gente ter um espeto à mão.

Gavroche insistiu:

– Então, que é que você vai fazer esta noite?

Montparnasse retomou o tom grave e disse, escandindo as sílabas:

– Coisas!

E, mudando bruscamente de conversa:

– A propósito!

– O quê?

– Uma história de outro dia. Imagine só. Encontro um cidadão. Faz-me presente de um sermão e da bolsa. Guardo tudo na algibeira. Um minuto depois, não encontro mais nada.

– Só o sermão – disse Gavroche.

– E você – continuou Montparnasse –, para onde vai agora?

Gavroche mostrou seus dois protegidos e disse:

– Vou deitar essas crianças.

– Deitar onde?

– Na minha casa.

– Ah! na sua casa?

– Perfeitamente.

– Então, você tem.

– Tenho.

– E onde você mora?

– No elefante – disse Gavroche.

Montparnasse, embora por natureza não se admirasse facilmente, não pôde deixar de exclamar:

– No elefante?!

– Isso mesmo, no elefante! – retrucou Gavroche – Ketemisso?

Essa é também uma palavra da língua que ninguém escreve mas que todos falam. Ketemisso significa: *O que tem isso?*

A profunda observação do moleque fez com que Montparnasse voltasse à calma e ao bom-senso. Parecia fazer melhor ideia a respeito da residência de Gavroche.

– É mesmo! – disse o rapaz. – E é bom lá?

– Ótimo – respondeu Gavroche. – Bacana! E não tem vento encanado como debaixo das pontes.

– Como é que você entra?

– Entrando.

– Então, deve haver algum buraco? – perguntou Montparnasse.

– Pipocas! Mas nem é preciso dizer! Está entre as pernas da frente. Os tiras ainda não descobriram.

– E você trepa? Agora compreendo.

– Num instante, cric, crac, e não se vê mais ninguém.

Depois de uma pausa, Gavroche acrescentou:

– Para esses pequenos tenho uma escada.

Montparnasse pôs-se a rir.

– Onde diabo você foi arranjar esses guris?

Gavroche respondeu com simplicidade:

– São presentes de um barbeiro.

No entanto, Montparnasse ficou pensativo.

– Você me reconheceu logo – murmurou.

Tirou do bolso dois pequenos objetos; não eram nada mais que dois canudos de pena envoltos em algodão; introduziu um em cada narina, o que lhe modificou bastante o nariz.

– Assim está diferente – disse Gavroche –, você fica menos feio. Devia usar sempre esse enchimento.

Montparnasse era um rapaz bonito, mas Gavroche gostava de zombar dos outros.

– Fora de brincadeira – perguntou Montparnasse –, qual é a sua opinião?

A voz também estava mudada. Num abrir e fechar de olhos, Montparnasse estava irreconhecível.

– Oh! Polichinelo! – exclamou Gavroche.

Os dois garotos, que até então nada haviam escutado, ocupados como estavam a esgravatar o nariz, ao ouvir esse nome se aproximaram e olharam para Montparnasse com um princípio de alegria e admiração.

Infelizmente, Montparnasse estava preocupado.

Colocou a mão no ombro de Gavroche e lhe disse, sublinhando as palavras:

– Escute o que eu lhe digo, rapaz; se eu estivesse na praça com meu *dog*, minha *dag* e minha *dig*, e você me desse dez soldos, eu não me recusaria a trabalhar, mas agora não estamos no carnaval.

Essa frase estranha produziu no garoto um efeito singular. Voltou-se depressa, passeou os olhinhos brilhantes ao redor e viu, a alguns passos dali, um guarda com as costas voltadas para ele. Gavroche deixou escapar um: – Ah! bom! – que reprimiu imediatamente, e, apertando a mão de Montparnasse, disse:

– Está bem. Boa noite; vou para o meu elefante com os meus guris. Se por acaso precisar de mim alguma noite, encontre-me lá. Moro na sobreloja. Lá não há porteiro. Pergunte pelo Sr. Gavroche.

– Combinado – disse Montparnasse.

E cada um foi para seu lado, Montparnasse em direção à Grève e Gavroche em direção à Bastilha. O pequeno de cinco anos, arrastado pelo irmão, que, por sua vez, era levado por Gavroche, voltou-se muitas vezes para trás para ver "Polichinelo".

A frase anfigúrica com a qual Montparnasse advertia Gavroche da presença do gendarme não continha outro talismã que a assonância *dig* repetida cinco ou seis vezes sob formas variadas. Esta sílaba, *dig*, não pronunciada isoladamente, mas artisticamente misturada às palavras de uma frase, quer dizer: – *Cuidado, não podemos falar livremente*. – Aliás, na frase de Montparnasse havia uma preciosidade literária que Gavroche não percebeu, era: *mon dogue, ma dague et ma digne*, locução própria da gíria do Temple que significa *meu cão, meu punhal e minha mulher*, muito em voga entre os palhaços e cômicos do grande século em que Molière escrevia e Callot desenhava.[44]

Há vinte anos, via-se ainda no ângulo sudeste da praça da Bastilha, próximo à estação do canal construído no antigo fosso da prisão-cidadela, um estranho monumento que já se apagou da memória dos parisienses, e que bem merecia ser lembrado, pois se tratava de um projeto do *membro do Instituto, General*

Supremo do exército do Egito.[45]

Falamos em monumento, embora não tivesse passado da maquete. Mas essa simples maquete, esboço prodigioso, cadáver grandioso de uma ideia de Napoleão que dois ou três golpes de vento sucessivos jogaram cada vez mais longe de nós, tornou-se histórica, e adquiriu algo de definitivo, que contrastava com seu aspecto provisório. Era um elefante de quarenta pés de altura, construído de madeira e alvenaria, carregando às costas uma torre semelhante a uma casa, outrora pintado de verde por um borrador qualquer, atualmente pintado de preto pelo céu, pela chuva e pelo tempo. Nesse ângulo deserto e desabrigado da praça, a larga fronte do colosso, sua tromba, as presas, a torre, o dorso enorme, seus quatro pés, grandes como colunas, desenhavam à noite, sob o céu estrelado, uma silhueta surpreendente e terrível. Não se sabia o significado daquilo. Era uma espécie de símbolo da força popular. Era sombrio, enigmático, imenso; quase um possante fantasma visível, de pé, ao lado do espectro invisível da Bastilha.

Pouca gente o visitava, quase ninguém olhava para ele. Caía já em ruínas; a cada estação que passava, a caliça, soltando-se-lhe dos flancos, fazia-lhe chagas medonhas.“Os edis”, como se diz na gíria elegante, haviam-no esquecido desde 1814. Lá estava ele em seu canto, triste, doente, quase caindo, rodeado de um tapume podre, manchado a cada instante por carroceiros embriagados; várias fendas lhe feriam o ventre, um pedaço de madeira saía-lhe da cauda, a erva alta crescia-lhe entre as pernas; e como o nível da praça havia mais de trinta anos se elevava ao seu redor, pelo movimento lento e contínuo que levanta insensivelmente o solo das grandes cidades, ele estava num buraco, dando a impressão de que a terra afundara debaixo do seu peso. Era imundo, desprezível, nojento e soberbo, feio aos olhos dos burgueses, melancólico aos olhos do pensador. Parecia um lixo qualquer que vai ser varrido ou alguma majestade condenada à pena capital.

Como já dissemos, à noite o aspecto se transformava. A noite é o ambiente apropriado para tudo o que é sombra. Desde o crepúsculo, o velho elefante se transfigurava; assumia um aspecto tranquilo e amedrontador, em meio à formidável serenidade das trevas. Sendo do passado, pertencia à noite; a escuridão harmonizava-se com sua grandiosidade.

Esse monumento rude, caindo aos pedaços, pesado, tosco, austero, quase disforme, mas, sem dúvida alguma, majestoso, dotado de certa gravidade magnífica e selvagem, desapareceu para deixar reinar em paz aquela espécie de estufa gigantesca, com sua chaminé, que substituiu a sombria fortaleza de nove

torres, mais ou menos como a burguesia toma o lugar do feudalismo. É fácil entender como um fogareiro possa ser o símbolo de uma época, cujo poder é contido numa panela. Esta época há de passar, ela já passa; começa-se a compreender que, se há força numa caldeira, somente pode haver poder no cérebro; em outras palavras: o que guia e arrasta o mundo não são as locomotivas, são as ideias. Liguem a locomotiva às ideias, mas não confundam o cavalo com o cavaleiro.

Seja lá como for, voltando à praça da Bastilha, o arquiteto do elefante, com simples argamassa, conseguira construir algo de grandioso, e o arquiteto da tal chaminé, usando o bronze, conseguiu fazer algo mesquinho.

Essa chaminé, batizada com o nome sonoro de Coluna de Julho, monumento incompleto de uma revolução abortada, ainda em 1832 estava coberto por um tapume de madeira, o que nós aliás lamentamos, e por uma enorme paliçada que isolava ainda mais o elefante.

Foi para esse canto da praça, iluminado apenas pelo reflexo de um lampião, que o moleque levou os dois meninos.

Permitam-nos uma pequena interrupção, para lembrar que estamos na simples realidade, e que há vinte anos os tribunais de menores tiveram de julgar, sob acusação de vagabundagem e de danos a um monumento público, um menino que foi surpreendido dormindo justamente no interior do elefante da Bastilha. Registrado esse fato, continuemos.

Chegando ao pé do colosso, Gavroche compreendeu o efeito que o infinitamente grande pode produzir sobre o infinitamente pequeno, e disse:

– Garotos! Não tenham medo.

Depois, entrou por uma abertura do tapume e ajudou os pequenos a pular pela brecha. Os dois, um tanto assustados, seguiam Gavroche sem nada dizer, confiantes na pequena providência em farrapos que lhes havia dado pão e lhes prometera abrigo.

Havia ali, deitada ao longo do tapume, uma escada, durante o dia usada pelos trabalhadores de uma obra próxima. Gavroche levantou-a com força singular e a encostou a uma das pernas dianteiras do elefante. Mais ou menos na extremidade superior da escada, via-se uma espécie de buraco escuro aberto no ventre do colosso. Gavroche mostrou a escada e o buraco a seus hóspedes e lhes disse:

– Subam e entrem.

Os dois meninos olharam-se cheios de medo.

– Estão com medo, garotos! – exclamou Gavroche.

E acrescentou:

– Vejam só!

Agarrou-se ao pé enrugado do elefante e, num abrir e fechar de olhos, sem se dignar a servir-se da escada, chegou à abertura. Entrou como uma cobra que se introduz por uma fenda, desapareceu; um momento depois, os dois pequenos viram vagamente aparecer como uma forma esbranquiçada, apagada, seu rosto pálido à beira do buraco cheio de trevas.

– Então – gritou ele –, subam, seus medrosos! Vão ver como é bom aqui! Você aí, suba! – disse ao mais velho. – Eu lhe dou a mão.

Os dois pequenos empurraram-se com os ombros; o moleque metia-lhes medo e, ao mesmo tempo, os encorajava; além do mais, a chuva estava forte. O mais velho arriscou-se. O menor, vendo o outro subir, ficando ele sozinho entre as patas do enorme animal, teve vontade de chorar, mas não se atreveu a fazê-lo.

O mais velho subia, cambaleando, os degraus da escada; Gavroche, ao mesmo tempo, o encorajava com exclamações de um mestre de armas a seus discípulos ou de um muladeiro a seus animais:

– Não tenha medo!

– Isso!

– Vá subindo!

– Ponha o pé ali!

– A mão aqui!

– Força!E, quando já estava à mão, agarrou-o fortemente pelo braço e o puxou para cima.

– Pronto! – exclamou.

O menino estava dentro.

– Agora – disse Gavroche –, espere-me. Senhor, faça o favor de sentar-se.

E, saindo do mesmo modo como entrara, deixou-se escorregar com a agilidade de um macaco pela perna do elefante, caiu de pé sobre a relva, segurou o pequeno de cinco anos pela cintura e o colocou quase no meio da escada; depois, pôs-se a subir atrás dele, gritando para o mais velho:

– Eu empurro e você puxa!

Num instante o pequeno foi suspenso, empurrado, carregado, arrastado, encafuado no buraco, sem ter tempo para ver o que acontecia, e Gavroche, entrando logo depois, empurrando com a ponta do pé a escada para o chão, bateu palmas e gritou:

– Aqui estamos! Viva o General Lafayette!

Passada essa explosão, continuou:

– Garotada, estão em minha casa!

Gavroche, com efeito, estava em sua casa.

Ó utilidade inesperada do inútil! Caridade das coisas grandiosas! Bondade dos gigantes! Esse monumento enorme, concretização de uma ideia do Imperador, transformara-se no abrigo de uma criança. O pequeno fora aceito e amparado pelo colosso. Os burgueses endomingados que passavam na frente do elefante da Bastilha diziam, medindo-o com ares de desprezo com os olhos à flor do rosto: – Para que serve isso aí? – Isso servia para salvar Gavroche do frio, da neve, do granizo, da chuva, para defendê-lo do vento do inverno, para preservar o sono, da lama que produz febres, da neve que provoca a morte, de uma pequena criatura sem pai, sem mãe, sem pão, sem roupas, sem asilo. Servia para recolher o inocente que a sociedade renegava; servia para diminuir a incúria oficial. Era uma toca aberta àquele para quem todas as portas estavam fechadas. Parecia que o velho mastodonte miserável, atacado pelos vermes e pelo esquecimento, coberto de verrugas, de imundícies e úlceras, cambaleante, carcomido, abandonado, condenado, espécie de mendigo colossal pedindo em vão a esmola de um olhar amável no meio da rua, justamente ele sentira piedade por esse outro mendigo, pobre pigmeu sem sapatos, sem teto, soprando os dedos, vestido de farrapos, alimentado pelo que se joga fora. Eis para que servia o elefante da Bastilha. A ideia de Napoleão, desprezada pelos homens, foi bem acolhida por Deus. O que seria simplesmente ilustre tornou-se augusto. O Imperador, para realizar o que ideara, tinha necessidade do pórfiro, do bronze, do ferro, do ouro, do mármore; a Deus, bastava aquele amontoado de tábuas, de caliça e de sarrafos. O Imperador tivera um sonho genial; no elefante titânico, armado, prodigioso, de tromba ameaçadora, carregando a torre e fazendo brotar por todos os lados fontes de águas alegres e reanimadoras, ele quis encarnar o povo; Deus fez algo mais grandioso: abrigou ali uma criança.

O buraco pelo qual Gavroche entrara era uma brecha apenas visível pela parte de fora, escondida, como dissemos, sob o ventre do animal, e tão estreita que só mesmo gatos e crianças poderiam passar por ela.

– Comecemos – disse Gavroche – por dizer ao porteiro que não estamos em casa.

E, mergulhando na sombra com a certeza de quem conhece onde mora, pegou uma tábua e tapou o buraco.

Gavroche tornara a mergulhar na escuridão. Os pequenos ouviram o chiado

do fósforo introduzido na garrafa fosfórica. O fósforo químico ainda não tinha sido inventado; na época, o isqueiro Fumade representava o progresso.[46]

Uma claridade súbita obrigou-os a fechar os olhos; Gavroche acabava de acender a ponta do cordel embebido em resina que chamavam de rolo. O rolo, produzindo mais fumaça do que luz, tornava confusamente visível o interior do elefante.

Os dois convidados de Gavroche olharam ao redor e sentiram algo semelhante ao que sentiria quem se visse fechado no grande tonel de Heidelberg, ou, melhor ainda, ao que deveria sentir Jonas no ventre bíblico da baleia. Todo um esqueleto gigantesco lhes aparecia e os envolvia. No alto, uma comprida viga escura da qual partiam a intervalos maciças nervuras em arco, figurava a coluna vertebral com as costelas; estalactites de argamassa caíam dali como vísceras; de um lado a outro, enormes teias de aranha como diafragmas poeirentos. Viam-se, aqui e ali, pelos cantos, grandes manchas negras que pareciam viver, movendo-se rapidamente em movimentos assustados e rápidos.

Os fragmentos caídos do dorso do elefante chegaram a encher-lhe o ventre, de modo que se podia caminhar ali como sobre um assoalho.

O menor se achegou ao irmão e disse à meia-voz:

– Está escuro.

Isso provocou Gavroche. O aspecto petrificado dos garotos exigia uma repreensão.

– Que estão aí reclamando? – exclamou. – Vão querer ser grã-finos agora? Vamos bancar os chiques? Não querem as Tuileries, por acaso? Se vocês são tapados, digam logo. Mas fiquem sabendo que não sou do regimento dos trouxas. Será que vocês são bebês do berçário do papá?

Uma sacudidela faz bem aos medrosos. Tranquiliza. As duas crianças aproximaram-se de Gavroche.

Gavroche, paternalmente enternecido por essa confiança, passou *do grave ao doce* e, dirigindo-se ao menor:

– Bobinho – disse-lhe, acentuando a injúria com um tom de carícia –, lá fora é que está escuro. Lá fora chove, aqui não; lá fora faz frio, aqui não sopra um tiquinho de vento; lá fora há um mundo de gente, aqui não há ninguém; lá fora não há nem a lua, aqui tenho a minha vela, porcalhão!

As duas crianças começaram a olhar o lugar aparentemente com menos receio; mas Gavroche não lhes deu muito tempo para contemplações.

– Depressa – disse.

E os empurrou para o que nós nos sentimos muito felizes de chamar de fundo do quarto. Lá estava a sua cama. A cama de Gavroche era completa, isto é, tinha colchão, cobertor e cortinados. O colchão era um monte de palha, o cobertor um pano de lã grosseira, bastante quente e quase novo.

Vejamos em que consistia a alcova. Três estacas bastante longas enterradas no entulho do chão, isto é, do ventre do elefante, duas na frente e uma atrás, e amarradas em cima por uma corda, de maneira a formar uma espécie de pirâmide. Essa armação sustentava uma rede metálica simplesmente apoiada em cima, mas artisticamente ligada por arames, de modo a envolver completamente as estacas. Um cordão de grandes pedras fixava a extremidade inferior da rede no chão, de modo a impedir a entrada de qualquer coisa. A rede não era nada mais do que um pedaço dessas telas que se usam comumente nos galinheiros. A cama de Gavroche estava ali como numa gaiola. O conjunto se assemelhava a uma tenda de esquimó. Essa tela é que fazia as vezes de cortinado.

Gavroche afastou um pouco as pedras que fixavam a rede pela frente, as duas pontas sobrepostas da rede se afastaram.

– Criançada, andar de quatro! – disse Gavroche.

Fez entrar com precaução os hóspedes, entrou depois deles, de gatinhas, arrumou novamente as pedras e fechou hermeticamente a abertura.

Os três estenderam-se na palha. Por menores que fossem, nenhum deles podia ficar de pé dentro da alcova. Gavroche continuava a segurar o pavio aceso.

– Agora – disse ele –, podem roncar! Vou suprimir o candelabro.

– Senhor – perguntou o mais velho dos dois irmãos a Gavroche, apontando a rede –, então, o que é isso?

– Isso – disse Gavroche gravemente –, é para os ratos. Durmam!

Contudo, julgou-se obrigado a acrescentar algumas palavras para instrução daquelas criaturas tão pequenas e continuou:

– São coisas do Jardim Botânico que servem para os animais ferozes. Há lá um armazém cheio. É só pular o muro, saltar uma janela e passar por uma porta. Pega-se quanto se quiser.

Enquanto falava, envolveu nas cobertas o menor, que dizia:

– Que bom! Está quentinho!

Gavroche fixou um olhar satisfeito no cobertor.

– Também é do Jardim Botânico. Roubei isso aí dos macacos.

E, mostrando ao mais velho a palha em que estava deitado, palha espessa e admiravelmente arrumada, acrescentou:

– Isso era da girafa.Depois de uma pausa, prosseguiu:

– Os animais tinham tudo isso. Tirei deles e nem se incomodaram. Falei assim: – É para o elefante.

Calou-se ainda uma vez e continuou:

– Passa-se por cima dos muros, e o governo que se amole.

Os dois meninos olhavam com respeito e espanto o garoto intrépido e cheio de iniciativas, vagabundo como eles, sozinho como eles, magro como eles, que tinha algo de miserável e poderoso, parecendo-lhes sobrenatural, cuja fisionomia se compunha de todas as caretas de um velho saltimbanco aliadas ao mais ingênuo e encantador dos sorrisos.

– Senhor – disse timidamente o mais velho –, o senhor então não tem medo dos guardas?

Gavroche se limitou a responder:

– Menino! não se diz guardas, mas tiras.

O menorzinho, arregalado, nada dizia. Como estava na beira da palha, o irmão no meio, Gavroche o cobriu como faria uma mãe, e levantou a palha com panos velhos, formando um travesseiro. Depois, voltando-se para o maior, disse:

– Hein? Estamos ou não estamos bem aqui?

– Estamos, sim! – respondeu o garoto, encarando Gavroche com a expressão de um anjo salvo do perigo.

Os dois pobres meninos, molhados pela chuva, começaram a se aquecer.

– Ora, ora! – continuou Gavroche –, por que é então que você estava chorando?

E, mostrando o pequeno ao irmão:

– Um fedelho como aquele, ainda vá, mas um grande, como você, chorar é burrice; parece um bezerro desmamado.

– Ora! – disse o menino –, a gente não tinha mais casa!

– Ó imbecil! – replicou Gavroche –, não se diz casa, diz-se maloca.

– E, depois, a gente tinha medo de ficar assim sozinho, de noite.

– Escute – continuou Gavroche –, vocês não precisam mais abrir a boca por nada. Eu cuido de vocês. Você vai ver como a gente se diverte. No calor, a gente vai à Glacière com Navet, um amigo meu do peito; tomamos banho na Gare, corremos pelados em cima dos barcos da Pont d’Austerlitz, isso deixa as lavadeiras tiriricas. Elas gritam, bufam de raiva; se você soubesse como são gozadas! Depois vamos ver o homem-esqueleto. Está vivo. No Champs-Élysées. O homem é seco como um bacalhau. Depois a gente vai ao teatro, ver Fréderick-

Lemaître. Tenho entradas, conheço os artistas, até já representei numa peça. Só garotos correndo debaixo de um pano para fazer o mar. Eu contrato você para o meu teatro. Vamos ver os índios. Não são índios de verdade. Usam malhas cor-de-rosa, enrugadas, de cotovelos remendados com linhas brancas. Depois disso, vamos à Opéra. A gente entra com a claque. A claque na Opéra é formidável. Mas eu é que não vou com eles pela rua. Imagine que na Opéra tem gente que paga até vinte soldos para entrar, mas são umas bestas. Depois vamos ver a guilhotina funcionar. Vou mostrar o carrasco para vocês. Ele mora na Rue des Marais. Chama-se Sanson.[47] Na porta da casa dele há uma caixa para as cartas. Vamos nos divertir toda a vida!

Nesse momento uma gota de cera caiu no dedo de Gavroche e o chamou à realidade da vida.

– Peste! – disse ele. – Veja se isso é vela que se apresente. Atenção! Não posso gastar mais de um soldo por mês com a iluminação. Quando a gente se deita é para dormir. Não temos tempo para ler os romances de Paul de Kock.[48] Além disso, a luz poderia passar pelas fendas do buraco; era quanto bastava.

– E depois – observou timidamente o mais velho, o único que ousava conversar com Gavroche –, uma fagulha poderia cair na palha, e é preciso cuidado para não se queimar a casa.

– Não se diz queimar a casa; diz-se *fritar as pulgas*.

A chuva aumentava. Ouvia-se em meio dos trovões o aguaceiro bater no dorso do colosso.

– Chove que é uma beleza! – disse Gavroche. – Gosto de ouvir a água correr pelas pernas da minha casa. O inverno é mesmo besta; está perdendo a mercadoria, está perdendo tempo, não pode mesmo molhar a gente; por isso é que o velho aguaceiro resmunga tanto!

Essa alusão ao trovão, da qual Gavroche, em sua qualidade de filósofo do século XIX, aceitava todas as consequências, foi seguida de enorme relâmpago, tão forte que seu clarão entrou pela abertura do ventre do animal. Quase ao mesmo tempo, ribombou furiosamente o trovão. Os dois pequenos deram um grito e se levantaram tão vivamente que a tela quase caiu; mas Gavroche voltou para eles o rosto atrevido e aproveitou o trovão para dar uma gargalhada.

– Calma, meninos! Nada de balançar o edifício. Isso é que é trovão, e na horinha. Não foi só um relampaguinho à toa. Muito bem, Sr. Deus! São quase tão bons como os de Ambigu.

Dito isso, restabeleceu a ordem na tela, empurrou com jeito os dois para a

cama, juntou-lhes os joelhos para que se estendessem bem, e exclamou:

– Já que o bom Deus acendeu a vela dele, posso apagar a minha. Meninos, é preciso dormir. Não dormir faz mal. Faz *schlingar* a goela, ou, como dizem os granfos, dá mau hálito.[49] Enrolem-se bem na pele que eu vou apagar a luz. Pronto?

– Pronto – murmurou o mais velho –, já estou bem. Parece que tenho um travesseiro de penas debaixo da cabeça.

– Não se diz cabeça, diz-se *ideia*.

Os dois pequenos juntaram-se bem. Gavroche ajeitou-os melhor sobre a palha, puxando-lhes o cobertor até as orelhas; depois repetiu pela terceira vez a injunção em língua hierática:

– Agora, podem *puxar o ronco*.

E apagou o pavio.

Apenas se apagou a luz, um tremor singular começou a sacudir a tela sob a qual estavam deitados os três meninos. Era uma multidão de ruídos surdos que produziam um som metálico, como se garras e dentes roessem o arame da tela, acompanhados de guinchos agudos.

O pequeno de cinco anos, ouvindo essa algazarra por cima da cabeça e gelado de medo, acotovelou o irmão mais velho, mas este já “roncava” como ordenara Gavroche. Então, não podendo mais de medo, ousou interpelar Gavroche, mas muito baixinho, prendendo a respiração:

– Moço?

– Hein? – disse Gavroche, que acabava de fechar os olhos.

– O que é isso?

– São os ratos – respondeu Gavroche.

E tornou a encostar a cabeça na palha.

Os ratos com efeito pululavam às dúzias na carcaça do elefante: eram as manchas negras de que já falamos; tinham sido mantidos à distância pela chama do rolo, enquanto este permanecera aceso; mas desde que a caverna, que era para eles uma cidade, voltara à escuridão, sentindo ali o que Perrault, bom contador de histórias, chama de “carne fresca”, arremessaram-se aos montes sobre a tenda de Gavroche, subindo até o vértice da tela, mordendo-lhe as malhas, como se procurassem rasgar o original mosquiteiro.[50]

Mas o pequeno não dormia.

– Moço? – continuou o menino.

– Hein? – respondeu.

– O que são ratos?

– São camundongos.

Essa explicação sossegou-o um pouco. Já havia visto ratos-brancos e não sentira medo algum. Contudo, fez ainda uma pergunta:

– Moço?

– Hein? – replicou Gavroche.

– Por que o senhor não traz um gato?

– Já tive um – respondeu Gavroche –, trouxe-o aqui, mas eles o comeram.

Essa segunda explicação destruiu o efeito da primeira, e o pequeno começou a tremer de novo. O diálogo entre ele e Gavroche recomeçou pela quarta vez.

– Moço?

– Hein?

– O que é que foi comido?

– O gato.

– Quem comeu o gato?

– Os ratos.

– Os camundongos?

– É; os ratos.

O menino, preocupado com esses camundongos que comem gatos, prosseguiu:

– Moço, será que eles são capazes de comer também a gente?

– Ora, se são! – disse Gavroche.

O terror do pequeno chegara ao auge. Mas Gavroche acrescentou:

– Não tenha medo! Eles não podem entrar. E, depois, eu estou aqui! Tome, pegue na minha mão. Fique quietinho e durma!

Gavroche ao mesmo tempo pegou a mão do pequeno por cima de seu irmão. O menino apertou-a de encontro ao peito e se sentiu mais tranquilo. A coragem e a força têm dessas comunicações misteriosas. O silêncio se refez ao redor deles, o barulho das vozes assustara e afastara os ratos; ao cabo de alguns minutos resolveram voltar ao ataque; mas os três garotos, mergulhados no sono, não ouviam mais nada.

A noite passou. A escuridão cobria a imensa praça da Bastilha; um vento de inverno, misturado com a chuva, soprava em rajadas, as patrulhas revistavam as portas, as ruas, os tapumes, os cantos mais escuros e, à procura de vagabundos noturnos, passavam silenciosamente ao lado do elefante; o monstro, de pé,

imóvel, de olhos abertos para as trevas, parecia sonhar satisfeito por sua boa ação, defendendo do céu e dos homens as três crianças adormecidas.

Para compreender o que vem a seguir, é preciso lembrar que, por essa época, o Corpo de Guarda da Bastilha estava situado na outra extremidade da praça; portanto, o que se passava ao lado do elefante não podia ser visto nem ouvido pela sentinela.

Ao fim da hora que precede imediatamente a alvorada, um homem saiu correndo da Rue Saint-Antoine, atravessou a praça, rodeou o enorme tapume da Coluna de Julho e se esgueirou entre as paliçadas até se abrigar sob o ventre do elefante. Se alguma luz o iluminasse, molhado como estava, seria fácil perceber que havia passado a noite na chuva. Chegando ao pé do elefante, ele deu um grito estranho que não pertence a nenhuma língua humana, somente reproduzível por um periquito. Ele repetiu duas vezes esse grito, cuja transcrição gráfica dá uma pálida ideia:

– *Kirikikiu!*

Ao segundo grito, uma voz clara, alegre, jovem, respondeu do ventre do elefante.

– Pronto!

Quase imediatamente, a tábua que fechava a abertura foi retirada, dando passagem a um menino que desceu pelo pé do elefante, vindo cair ao lado do homem. Era Gavroche. O homem era Montparnasse.

Quanto ao grito *kirikikiu*, tratava-se sem dúvida do que o menino entendia por: – *Pergunte pelo Sr. Gavroche.*

Ao ouvi-lo, levantou-se sobressaltado, saiu para fora da alcova, abrindo um pouco a tela, fechando-a depois cuidadosamente, e em seguida pulou para fora do dorso do animal.

O homem e o menino se reconheceram silenciosamente em meio à noite; Montparnasse limitou-se a dizer:

– Precisamos de você. Venha dar-nos uma mão.

O moleque não pediu mais esclarecimentos.

– Às ordens – disse ele.

E ambos se dirigiram para a Rue Saint-Antoine, de onde viera Montparnasse, serpenteando rapidamente através da longa fila de carroças que, àquela hora, desciam para o mercado.

Os hortelões, montados nas carroças no meio de saladas e legumes, quase dormindo, enrolados até os olhos em seus gibões por causa da chuva que ainda

continuava, nem olharam para os dois estranhos transeuntes.

III | AS PERIPÉCIAS DA EVASÃO

Eis o que aconteceu, nessa mesma noite, na Force:

Uma fuga tinha sido combinada entre Babet, Brujon, Gueulemer e Thénardier, embora Thénardier o desconhecesse. Babet resolvera o problema no mesmo dia, como já soubemos pelas palavras de Montparnasse a Gavroche.

Montparnasse deveria ajudá-los de fora.

Brujon, tendo passado um mês numa cela de castigo, tivera tempo suficiente, primeiro, para tecer uma corda e, depois, para amadurecer um plano. Outrora, esses lugares severos, em que a disciplina entrega o condenado a si próprio, compunham-se de quatro paredes, de um teto e um chão de pedra, uma tarimba, uma janelinha gradeada, uma porta dupla de ferro, e se chamavam *masmorras*; mas a masmorra foi julgada por demais terrível; atualmente, a prisão se compõe de uma porta de ferro, de uma janelinha gradeada, de uma tarimba, de um chão de pedras, de um teto de pedras, de quatro paredes de pedra, e se chama *cela de castigo*. Pelo meio-dia, entra ali alguma luz. O inconveniente dessas prisões, que, como acabamos de ver, não são absolutamente masmorras, consiste em deixar pensar pessoas que deveriam ser obrigadas a trabalhar.

Brujon, pois, pensara, e saiu da cela do castigo com uma corda. Como o reputavam muito perigoso no pátio Carlos Magno, haviam-no posto no Prédio Novo. A primeira coisa que encontrou no Prédio Novo foi Gueulemer; a segunda foi um prego; Gueulemer, isto é, o crime; um prego, isto é, a liberdade.

Brujon, sobre o qual é bom que tenhamos uma ideia completa, era, com sua aparência de compleição delicada e de indolência profundamente premeditada, um atrevido bastante amável, inteligente e ladrão, de olhar terno e sorriso atroz. Seu olhar era o resultado de sua vontade; seu sorriso, resultado de sua natureza. Seus primeiros estudos na arte dirigiram-se para os telhados; ele fez progredir muito a indústria dos ladrões de chumbo, que despojavam os telhados e as claraboias pelo processo denominado de *crista*.

O que acabava de tornar o instante favorável para uma tentativa de evasão é que os telhadores estavam remanejando e rejuntando naquele momento uma parte das ardósias da prisão. O pátio de São Bernardo não estava mais isolado por completo do pátio de Carlos Magno e do pátio de São Luís. Havia ali, no alto, andaimes e escadas, em outros termos, pontes e escadas para a liberdade.

O Prédio Novo, que resumia tudo o que se poderia ver no mundo de mais arruinado e decrépito, era o ponto fraco da prisão. As paredes estavam de tal modo em ruínas que se viram obrigados a revestir de madeira as abóbadas dos dormitórios, porque se soltavam pedras que poderiam cair sobre os prisioneiros em suas camas. Malgrado essa vetustez, cometiam o erro de colocar no Prédio Novo os acusados mais perigosos, os “processos importantes”, como dizem na prisão.

O Prédio Novo continha quatro dormitórios superpostos e um sótão denominado *Bel-Air*. Um largo cano de chaminés, provavelmente de alguma antiga cozinha dos Duques de La Force, partia do rés do chão, atravessava os quatro andares, cortava em dois todos os dormitórios, onde aparecia como um pilar achatado, e ia sair no telhado.

Gueulemer e Brujon estavam no mesmo dormitório. Por precaução, puseram-nos num andar inferior. O acaso fez com que a guarda de suas camas se encostasse ao tubo da chaminé. Thénardier encontrava-se precisamente em cima de ambos, no sótão denominado *Bel-Air*.

Quem para na Rue Culture-Sainte-Catherine, depois da caserna dos bombeiros, em frente do portão da casa de banhos, vê um quintal cheio de flores e arbustos plantados em caixotes, no fundo do qual se levanta um pequeno pavimento redondo, de alegres janelas verdes, o sonho bucólico de Jean-Jacques. Há não mais de dez anos, por cima desse pavilhão se elevava um muro negro, enorme, feio, nu, ao qual a pequena construção se encostava. Era o caminho por onde passava a ronda da prisão.

Esse muro, por trás daquele pavilhão, era Milton entrevisto por trás de Berquin.[51]

Embora fosse muito alto, era ultrapassado por um telhado mais negro ainda, que se podia ver dali. Era o teto do Prédio Novo. Podiam-se ver quatro mansardas fechadas por grades; eram as janelas do *Bel-Air*. Uma chaminé furava esse teto; era a chaminé que atravessava todos os dormitórios.

Bel-Air, o sótão do Prédio Novo, era uma espécie de grande espaço subdividido em mansardas com janelas fechadas por tríplices grades e portas forradas por chapas de ferro, pregadas com pregos enormes. Entrando-se ali pela extremidade norte, tinha-se à esquerda as quatro janelas e à direita, bem em frente das janelas, quatro gaiolas quadradas bastante espaçosas, largas, separadas por corredores estreitos, construídas até certa altura de alvenaria e completadas até o teto por varões de ferro.

Thénardier estava na solitária, numa dessas celas, desde a noite de 3 de fevereiro. Ninguém jamais pôde descobrir como e com ajuda de quem ele conseguira arranjar e esconder uma garrafa desse vinho, inventado, segundo se diz, por Desrues, ao qual se mistura um narcótico, e que a quadrilha dos *Adormecedores* tornou célebre.[52]

Em muitas prisões existem funcionários desonestos, meio carcereiros, meio ladrões, que ajudam as fugas, que vendem à polícia uma honestidade infiel, fazendo toda sorte de negócios.

Na mesma noite em que Gavroche recolheu os dois meninos abandonados, Brujon e Gueulemer, cientes de que Babet, evadido pela manhã, os esperava na rua em companhia de Montparnasse, levantaram-se com todo o cuidado e começaram a furar a chaminé à qual suas camas estavam encostadas com o prego que Brujon havia encontrado. A caliça caía em cima da cama de Brujon, evitando qualquer ruído. O aguaceiro acompanhado de trovões fazia estremecer as portas, provocando na prisão um barulho horrível e muito útil. Os prisioneiros que acordavam fingiam dormir, deixando que Gueulemer e Brujon agissem à vontade. Brujon era forte, Gueulemer era atlético. Antes que algum ruído chegasse até a guarda que dormia numa cela protegida por grades que abria para o dormitório, a parede já tinha sido furada, a chaminé escalada, a grade de ferro que fechava a abertura superior do tubo retirada, e os dois temíveis bandidos se encontravam em cima do telhado. A chuva e o vento estavam cada vez mais fortes; o telhado tornara-se escorregadio.

– Que noite para se dar no pé! – disse Brujon.

Um abismo de seis pés de largura e oitenta de profundidade os separava do muro da ronda. No fundo desse abismo eles viam reluzir no escuro a arma de uma sentinela. Eles prenderam por uma ponta, aos varões da chaminé que tinham acabado de forçar, a corda que Brujon havia feito no tempo em que estivera na masmorra, lançaram a outra ponta por cima do muro da ronda, saltaram com um pulo o abismo, agarraram-se ao muro e deixaram-se escorregar um após outro ao longo da corda até um pequeno telhado que confina com a sala de banhos; puxaram a corda, saltaram para o pátio, atravessaram-no, abriram a portinhola do porteiro, puxaram o cordão que lhe pendia ao lado, abriram o portão e encontraram-se na rua.

Não havia três quartos de hora que se tinham posto de pé em meio à noite, com um prego na mão e projetos na cabeça.

Alguns instantes depois, encontraram Babet e Montparnasse, que rondavam pelos arredores.

Quando puxaram a corda, esta se rompeu, ficando um pedaço amarrado à chaminé, no telhado.

Quanto ao mais, não tinham sofrido nenhum ferimento, com exceção das palmas das mãos, que estavam com a pele quase completamente esfolada.

Nessa noite, Thénardier, prevenido sem que se pudesse saber por que meios, não dormiu. Pela uma hora da manhã, estando a noite muito escura, viu passar sobre o telhado, em meio à chuva e à borrasca, diante da claraboia que ficava bem em frente da sua cela, duas sombras. Uma parou diante da claraboia o tempo de um olhar. Era Brujon. Thénardier reconheceu-o e compreendeu. Isso bastou.

Thénardier, tido como perigoso e preso preventivamente por assalto noturno à mão armada, estava guardado à vista. Uma sentinela, rendida de duas em duas horas, passeava de espingarda carregada diante de sua cela. O *Bel-Air* era iluminado por uma lanterna. O prisioneiro tinha amarrados aos pés dois pesos de cinquenta libras. Todos os dias, às quatro horas da tarde, um guarda escoltado por dois cães de fila – era assim que se fazia ainda nessa época – entrava em sua cela, punha-lhe perto da cama um pão negro de duas libras, uma bilha de água e uma tigela cheia de caldo bastante ralo, no qual nadavam algumas favas, revistava-lhe os ferros e batia nas grades. Esse homem, junto com os cães, voltava duas vezes por noite.

Thénardier havia obtido permissão para conservar uma espécie de cavilha de ferro da qual se servia para pregar o pão numa fenda da parede, – a fim – dizia ele – de o preservar dos ratos. – Como havia sempre alguém a vigiá-lo, não acharam inconveniente algum em atender-lhe o pedido. Contudo, lembraram-se mais tarde de que um guarda havia dito: – Seria melhor dar-lhe uma cavilha de madeira.

Às duas da manhã a sentinela, um velho soldado, foi rendida por um recruta. Alguns instantes depois, o homem dos cachorros fez sua visita e se foi, sem ter notado nada de extraordinário, além da pouca idade e do “jeito de camponês” do recruta. Duas horas depois, às quatro, quando vieram render o recruta, encontraram-no caído por terra, dormindo como uma pedra ao lado da cela de Thénardier. Quanto ao prisioneiro, não estava mais lá. As correntes tinham sido quebradas, havia um buraco no forro da cela e outro ainda no telhado. Uma tábua da cama havia sido arrancada e sem dúvida levada, porque não estava mais ali. Encontrou-se também na cela uma botija meio vazia, con-tendo o resto do vinho entorpecente com o qual fora adormecido. A baioneta do soldado também desaparecera.

No momento em que isso foi descoberto, julgaram Thénardier já fora de alcance. Na realidade, ele não estava mais no Prédio Novo, mas corria ainda grande perigo. Sua evasão ainda não estava terminada.

Thénardier, chegando ao telhado do Prédio Novo, encontrara o pedaço da corda de Brujon que pendia dos varões da abertura superior da chaminé, mas, como esse pedaço de corda era curto demais, ele não pôde escapar pelo muro da ronda, como haviam feito Brujon e Gueulemer.

Virando-se a esquina da Rue des Ballets para a Rue du Roi-de-Sicile, encontram-se quase imediatamente sórdidas ruínas. Havia ali, no século passado, uma casa da qual não resta senão a parede dos fundos, verdadeira parede pardieiro, que se elevava à altura de três andares entre as construções vizinhas. Essa ruína pode ser identificada por duas grandes janelas quadradas ainda hoje existentes; a do meio, mais próxima da empena da direita, está trancada com uma viga podre que lhe serve de escora. Através dessas janelas, via-se outrora uma alta e lúgubre muralha, que era parte do muro que cercava o caminho de ronda da Force.

O vazio que a casa destruída deixou na rua foi quase preenchido por um tapume de tábuas podres, sustentado por cinco pilares de pedra. No terreno esconde-se um pequeno barracão encostado às ruínas da casa. No tapume havia uma porta que, há alguns anos, era fechada simplesmente com um trinco.

Foi ao alto dessas ruínas que Thénardier conseguira chegar um pouco depois das três horas da manhã.

Como se deu isso? Ninguém jamais pôde explicar nem compreender. Os relâmpagos, ao mesmo tempo, haviam-no ajudado e prejudicado. Teria ele usado os andaimes e as escadas dos marceneiros para chegar, de telhado em telhado, de construção em construção, aos edifícios do pátio de Carlos Magno e de São Luís ao muro da ronda e de lá, às ruínas da Rue du Roi-de-Sicile? Mas em todo esse trajeto havia soluções de continuidade que pareciam torná-lo impossível. Teria usado a tábua da cama como ponte entre *Bel-Air* e o muro da ronda, arrastando-se depois por todo o comprimento do muro até chegar às ruínas? Mas o muro da ronda desenhava uma linha dentada e desigual, subia e descia, abaixava-se até a caserna dos bombeiros, tornava a subir na sala dos banhos, era entrecortado por construções, não tinha a mesma altura do lado do palácio Lamoignon e do lado da Rue Pavée tinha por parte declives e ângulos retos; além do mais, as sentinelas teriam visto a silhueta do fugitivo; ainda assim o caminho seguido por Thénardier continua quase inexplicável. De ambos os modos, fuga impossível. Thénardier, iluminado pela insaciável sede de liberdade que transforma

precipícios em buracos e grades de ferro em simples caniços, que transforma o aleijado em atleta, o gotoso em pássaro, e muda a estupidez em instinto, o instinto em inteligência e a inteligência em gênio, teria inventado e improvisado um terceiro meio de evasão? Ninguém jamais conseguiu saber.

Nem sempre podemos estar a par das maravilhas das fugas. O homem que escapa, repitamo-lo, é um inspirado; a fuga participa do clarão da estrela e do relâmpago; o esforço para a liberdade não é menos surpreendente que o voo para o sublime; e dizemos a respeito de um ladrão evadido: – Como será que ele fez para escalar este teto? – do mesmo modo que se diz de Corneille: – Onde achou ele esse verso?

Seja como for, molhado de suor, encharcado pela água da chuva, com as roupas em trapos, as mãos esfoladas, os cotovelos ensanguentados, os joelhos feridos, Thénardier chegara ao que as crianças, em sua linguagem figurada, chamam de *a beirada* das paredes da ruína, deitando-se sobre ela já sem forças. Para chegar ao chão tinha de percorrer a distância de três andares a prumo.

A corda que possuía era curta demais.

Estava ali, pálido, cansado, sem a mínima esperança, escondido ainda pela noite, mas certo de que o dia não havia de tardar, assustado pela ideia de ouvir em alguns instantes o vizinho relógio de São Paulo dar quatro horas, quando iriam render a sentinela, encontrando-a então adormecida sob o teto furado, olhando com horror, a uma profundidade terrível, à luz dos relâmpagos, as pedras da rua molhadas e escuras, ao mesmo tempo desejadas e temidas, pedras que representavam a morte ou a liberdade.

Perguntava a si mesmo se os três cúmplices da fuga tinham sido bem-sucedidos, se o esperavam, se viriam em seu auxílio. Escutava. Exceto uma patrulha, ninguém passara pela rua, desde que estava ali. As carroças dos hortelões de Montreuil, de Charonne, de Vincennes e de Bercy dirigindo-se para Les Halles, passavam quase todas pela Rue Saint-Antoine.

Deram quatro horas. Thénardier estremeceu. Poucos instantes depois, o barulho confuso e admirado que se segue à fuga espalhou-se por toda a prisão. Ruído de portas que se abrem e se fecham, grades rangendo sobre os gonzos, tumulto dos corpos de guarda, chamados roucos de carcereiros, choque de coronhas nas pedras do pátio chegavam a seus ouvidos. Luzes subiam e desciam pelas janelas dos dormitórios, um archote corria por cima dos telhados do Prédio Novo, os bombeiros da caserna ao lado tinham sido chamados. Seus capacetes, iluminados pelo archote em meio à chuva, iam e vinham por cima dos telhados. Ao mesmo tempo, Thénardier via para os lados da Bastilha um clarão

iluminando lugubremente o horizonte.

Estava em cima de uma parede de dez polegadas de largura, deitado na chuva, com um abismo à direita e outro à esquerda, impossibilitado de qualquer movimento, tomado pela vertigem de uma possível queda e pelo horror de uma prisão quase certa; seu pensamento, como o badalo de um sino, ia de uma ideia à outra: “Se cair, morro; se ficar, me prendem”.

Nessa angústia, estando a rua ainda escura, de repente, Thénardier percebeu um homem caminhando encostado às paredes, vindo dos lados da rue Pavée e parando bem embaixo do lugar em que estava como que suspenso. Esse homem foi alcançado por um segundo que andava com idêntica precaução, depois por um terceiro e um quarto. Apenas se reuniram, um deles levantou o trinco da porta que se abria no tapume e todos os quatro entraram no terreno em que se encontrava o barracão. Estavam precisamente debaixo de Thénardier. Os homens, evidentemente, haviam escolhido esse lugar para poderem conversar sem ser vistos pelos transeuntes ou pela sentinela que guarda a porta da Force, a alguns passos dali. É preciso dizer também que a chuva impedia a sentinela de sair da guarita. Thénardier, impossibilitado de ver-lhes o rosto, ficou atento às suas palavras com a atenção desesperada de um miserável que se sente perdido.

Thénardier viu passar-lhe diante dos olhos algo que se assemelhava à esperança; os homens falavam gíria.

O primeiro dizia baixinho, mas distintamente:

– Décarrons. Qu’est-ce que nous maquillons icigo? [53]

O segundo respondeu:

– Il lansquine à éteindre le riffe du rabouin. Et puis les coqueurs vont passer, il y a là un grivier qui porte gaffe, nous allons nous faire emballer icicaille.[54]

As duas palavras, *icigo* e *icicaille*, ambas querem dizer *ici* [aqui] e pertencem, a primeira, à gíria das barreiras, e a segunda, à gíria do Temple; foram verdadeiros raios de luz para Thénardier. Ao ouvir *icigo*, reconheceu Babet, que, entre suas muitas ocupações, tinha sido adelo do Temple.

A antiga gíria do grande século só se fala no Temple, e Babet era o único que sabia usá-la em toda a sua pureza. Sem aquele *icicaille* Thénardier não teria

reconhecido, porque havia mudado completamente a voz.

Entretanto, o terceiro interveio:

– Não há pressa; esperemos um pouco. Quem sabe se ele não precisa da gente?

A essas palavras em francês corrente, Thénardier reconheceu Montparnasse, que fazia consistir a elegância em ouvir todas as gírias e em não falar nenhuma.

Quanto ao quarto, mantinha-se calado, mas seus ombros largos o denunciavam. Thénardier não hesitou. Era Gueulemer.

Brujon replicou quase impetuosamente, mas sempre em voz baixa:

– *Qu'est-ce que tu nous bonnis là? Le tapissier n'aura pas pu tirer sa crampe. Il ne sait pas le truc, quoi! Bouliner sa limace et faucher ses empaffes pour maquiller une tortouse, caler des boulins aux lourdes, braser des faffes, maquiller des caroubles, faucher les durs, balancer sa tortouse dehors, se planquer, se camoufler, il faut être mariol! Le vieux n'aura pas pu, il ne sait pas goupiner!* [55]

Babet continuou, sempre no sábio calão clássico falado por Poulailler e Cartouche, e que está para o calão petulante, novo, colorido e atrevido usado por Brujon como a língua de Racine estava para a língua de André Chénier: [56]

– *Ton orgue tapissier aura été fait marron dans l'escalier. Il faut être arcasien. C'est un galifard. Il se sera laissé jouer l'harnache par un roussin, peut-être-même par un roussi, qui lui aura battu comtois. Prête l'oche, Montparnasse, entends-tu ces criblementes dans le collège? Tu as vu toutes ces camoufles. Il est tombé, va! Il en sera quitte pour tirer ses vingt longes. Je n'ai pas taf, je ne suis pas um taffeur, c'est colombé, mais il n'y a plus qu'à faire les lézards, ou autrement on nous la fera gambiller. Ne renaude pas, viens avec nousiergue. Allons picter une rouillarde encible.*[57]

– Não se abandonam os amigos nas ocasiões difíceis – murmurou Montparnasse.

– *Je te bonis qu'il est malade!* – retrucou Brujon. – *A l'heure qui toque, le tapissier ne vaut pas une broque! Nous n'y pouvons rien. Décarrons. Je crois à tout moment qu'un cogne me ceintre en pogne.*[58]

Montparnasse já não sabia como resistir; a verdade era que os quatro homens, com a fidelidade própria dos bandidos que jamais se abandonam, haviam girado durante toda a noite pelos arredores da Force, apesar do perigo que havia, na esperança de ver Thénardier surgir no alto de algum muro. Mas a noite, realmente muito apropriada, deixara todas as ruas desertas; o frio que os

enregelava, as roupas molhadas, os sapatos rotos, o barulho inquietante que acabava de se manifestar na prisão, as horas perdidas, as patrulhas, a esperança que se ia, o medo que voltava, tudo os impelia à retirada. O próprio Montparnasse, que afinal era meio genro de Thénardier, já desanimava. Um momento mais, e eles teriam ido embora. Thénardier arquejava em cima da parede como os náufragos da *Medusa* em sua jangada, vendo desaparecer no horizonte o navio que tinham avistado.[59]

Não ousava chamá-los; qualquer grito poderia pôr tudo a perder; mas teve uma ideia, a última, como um relâmpago: pegou do bolso a extremidade da corda de Brujon que havia desamarrado da chaminé, no Prédio Novo, e a jogou no chão.

A corda caiu-lhes aos pés.

– Uma *viúva* – disse Babet.

– A minha corda – replicou Brujon.

– O homem está lá – disse Montparnasse.

Levantaram os olhos. Thénardier mostrou um pouco a cabeça.

– Depressa! – disse Montparnasse. – Você tem o outro pedaço da corda, Brujon?

– Tenho.

– Amarre os dois pedaços, nós lhe jogamos a corda, ele a amarra na parede e desce.

Thénardier arriscou-se a levantar a voz.

– Estou gelado.

– Você se esquenta logo.

– Não posso me mexer.

– Escorregue, que a gente aguenta aqui embaixo.

– Tenho as mãos adormecidas.

– Amarre a corda à parede.

– Não posso.

– É preciso que alguém suba até lá – disse Montparnasse.

– Três andares! – exclamou Brujon.

Uma antiga manilha que servia de chaminé a um fogareiro que havia no interior da cabana subia pelo muro até quase o lugar em que estava Thénardier. Essa manilha muita estragada e cheia de buracos caiu mais tarde, mas ainda se lhe podem ver as marcas na parede. Era muito fina.

– Podia-se subir por ali – disse Montparnasse.

– Por essa manilha? – exclamou Babet. – Um homem? Não é possível! Só um moleque.

– É preciso arranjar um – replicou Brujon.

– Mas onde encontrar um molecote? – disse Gueulemer.

– Esperem – interrompeu Montparnasse –, deixem isso por minha conta.

Entreabriu com cuidado a porta do tapume, certificando-se de que não havia ninguém na rua, saiu com cuidado, tornou a fechar a porta e foi correndo em direção à Bastilha.

Passaram-se sete ou oito minutos, oito mil séculos para Thénardier; Babet, Brujon e Gueulemer não descerravam os dentes; a porta enfim tornou a se abrir e Montparnasse apareceu, arquejando, em companhia de Gavroche. A chuva continuava a manter a rua deserta.

Gavroche entrou, olhou para os bandidos com toda a tranquilidade. A água escorria-lhe pelos cabelos. Gueulemer dirigiu-lhe a palavra:

– Moleque, você é homem?

Gavroche levantou os ombros e respondeu:

– Um moleque como eu é homem; e homens como vocês é que são moleques.

– Como o rapaz tem a língua afiada! – exclamou Babet.

– Moleque de Paris não é feito de palha molhada – acrescentou Brujon.

– O que é que vocês querem? – perguntou Gavroche.

Montparnasse respondeu:

– Que você suba por esse cano.

– Com esta corda – disse Babet.

– Para amarrar – continuou Brujon.

– Em cima daquela parede – acrescentou Babet.

– Na travessa daquela janela – disse Brujon.

– E depois? – perguntou Gavroche.

– Olhe! – disse Gueulemer.

O pequeno examinou a corda, o cano, a parede, as janelas, e fez esse inexprimível e desdenhoso ruído dos lábios que significa:

– Grande coisa!

– Lá em cima está um homem, e você vai salvá-lo – replicou Montparnasse.

– Tem coragem? – prosseguiu Brujon.

– Palhaço! – respondeu o menino, como se a pergunta fosse injuriosa.

E tirou os sapatos.

Gueulemer levantou Gavroche por um braço, colocou-o em cima do telhado da cabana, cujas tábuas carunchadas se dobravam ao peso do garoto, e lhe entregou a corda que Brujon havia emendado durante a ausência de Montparnasse. O moleque dirigiu-se para o cano, onde era fácil entrar graças a um buraco que se abria junto do telhado. No momento em que ia subir, Thénardier, vendo aproximar-se a salvação e a vida, debruçou-se à borda do muro; os primeiros clarões do dia iluminavam-lhe a fronte inundada de suor, as faces lívidas, o nariz afilado e selvagem, a barba grisalha e eriçada, e Gavroche o reconheceu.

– Ora! – disse então –, é meu pai!… Mas isso não faz mal.

E, prendendo a corda entre os dentes, começou a subir resolutamente.

Chegou ao alto do pardieiro, montou na parede como em um cavalo e amarrou solidamente a corda na travessa superior da janela.

Um momento depois, Thénardier estava na rua.

Apenas pôs os pés no chão, apenas se viu fora de perigo, não se sentiu mais nem cansado, nem gelado, nem amedrontado; as coisas terríveis de que se livrara desapareceram como fumaça, toda a sua estranha e feroz inteligência despertou, encontrando-se de pé e livre, pronto para caminhar para a frente. Eis qual foi a primeira frase desse homem:

– Agora, que é que vamos comer?

Inútil explicar essa palavra terrivelmente transparente, que significa ao mesmo tempo matar, assassinar e roubar. *Comer*, sentido verdadeiro: *devorar*.

– Vamos ver se a gente combina – disse Brujon. – Vamos acabar de uma vez com isso e depois cada um para o seu lado. Havia um serviço extra na Rue Plumet, uma rua deserta, numa casa isolada, uma grade enferrujada no jardim e mulheres sozinhas.

– Então? Por que não vamos até lá? – perguntou Thénardier.

– Sua filha Eponine foi ver como é a coisa – respondeu Babet.

– E levou um biscoito à Magnon – acrescentou Gueulemer. – Nada feito!

– Minha filha não é nenhuma boba – disse Thénardier. – Mas sempre é bom a gente ir ver.

– Isso mesmo – disse Brujon –, é bom ir ver.

No entanto nenhum desses homens parecia dar importância a Gavroche, que, durante esse colóquio, sentara sobre uma das pilastras que seguravam o tapume; esperou por alguns instantes, talvez para ver se o pai se voltava para ele, tornou a

calçar os sapatos, e disse:

– Já acabou? Vocês, os homens, não precisam mais de mim? Já estão fora de perigo! Vou-me embora. Preciso acordar minhas crianças.

E foi. Os cinco homens saíram, um depois do outro, para fora do tapume.

Quando Gavroche desapareceu na esquina da Rue des Ballets, Babet chamou Thénardier à parte e perguntou:

– Viu o moleque?

– Que moleque?

– O moleque que subiu à parede para levar-lhe a corda?

– Não vi muito bem.

– Pois então, não sei, mas me parece que é seu filho.

– Bah! – disse Thénardier –, acha que pode?

E seguiu caminho.

LIVRO SÉTIMO

A GÍRIA

I | ORIGEM

Pigritia é uma palavra terrível.

Essa palavra gera um mundo, *la pègre*, leiam: *o roubo*,e um inferno, *la pégrenne*, leiam: a fome.

Assim, a preguiça é mãe. Ela tem um filho, o roubo, e uma filha, a fome. Onde estamos neste momento? Na gíria.

Que é a gíria? É ao mesmo tempo a nação e o idioma; é o roubo sob duas espécies: povo e língua.

Quando, há trinta e quatro anos, o narrador desta triste história introduziu no meio de uma obra escrita com a mesma finalidade que esta um ladrão falando gíria, houve admiração e clamor.[60] – O quê! Mas como! Gíria! Que coisa horrível! Mas isso é língua das galés, das prisões, de tudo o que a sociedade tem de mais abominável! etc. etc.

Jamais chegamos a compreender esse tipo de objeção.

Depois, dois célebres romancistas, um dos quais é profundo observador do coração humano, e outro, um intrépido amigo do povo, Balzac e Eugène Sue, fazendo com que os bandidos falassem em sua linguagem natural, como o fez em 1828 o autor do *Último dia de um condenado*, levantaram idênticos protestos.[61] E todos repetiram: – Que querem esses escritores com esse revoltante patoá? A gíria é horrorosa! Causa arrepios!

Quem o nega? Ninguém.

Quando se trata de sondar uma ferida, um abismo ou uma sociedade, desde quando é erro andar-se mais para a frente, ir-se mais para o fundo? Sempre pensamos que isso fosse um ato de coragem, ou pelo menos uma ação simples e útil, digna da atenção simpática merecida pelo dever cumprido e aceita. Por que não estudar tudo, não explorar tudo? Por que parar no caminho? A sonda é que deve parar, não quem a lança.

Com efeito, procurar no *bas-fond* da ordem social, lá onde a terra se acaba e

começa a lama, esquadrinhar nessas vagas espessas, prosseguir sempre, agarrar e lançar ainda palpitante à rua esse idioma abjeto gotejando lodo, esse vocabulário cheio de pústulas, em que cada palavra parece um anel imundo de algum monstro do esgoto e das trevas, não é tarefa nem atraente nem fácil. Nada mais lúgubre do que contemplar assim a nu, à luz do pensamento, o formigamento medonho do calão. Parece, com efeito, um animal horrível feito para a noite, há pouco arrancado de sua cloaca. Julga-se ver um espinheiro vivo e eriçado, que estremece, se move, se agita, procurando as sombras, ameaçador e atento. Tal palavra assemelha-se a uma garra; tal outra parece um olho apagado e sangrento; há frases que parecem mover-se como as presas de um caranguejo. Tudo isso vive pela hedionda vitalidade das coisas que se organizam na própria desorganização.

Agora, desde quando o horror exclui o estudo? Desde quando a doença amedronta o médico? Imagine-se um naturalista que se recusasse a estudar a víbora, a centopeia, o escorpião, a lacraia, a tarântula, expulsando-os para as trevas, dizendo: – Que coisa feia! – O pensador que fugisse da gíria se assemelharia ao cirurgião que voltasse as costas a uma úlcera ou a uma verruga. Seria um filólogo com medo de examinar um fato da língua, um filósofo com receio de perscrutar um fato da humanidade. Pois é preciso dizê-lo para os que o ignoram, a gíria é ao mesmo tempo um fenômeno literário e um resultado social. O que é a gíria propriamente dita? A gíria é a linguagem da miséria.

Aqui talvez nos obriguem a parar; podem generalizar as conclusões, o que já é uma maneira de as atenuar; poderão dizer-nos que todas as profissões, todos os ofícios, poderíamos quase acrescentar, todos os acidentes da hierarquia social e todas as formas da inteligência têm a sua gíria. O comerciante que diz: – *Montpellier disponível, Marseille boa qualidade*; o cambista que diz: – *reportado, câmbio ao par*; o jogador que diz: – *passei, bati, xeque-mate*; o Oficial de Justiça das ilhas normandas que diz: – *o fiador arrastando o imóvel sujeito ao censo não pode reclamar os frutos do mesmo durante o sequestro da herança do censuário*; o vaudevillista que diz: – *jogaram-me tomates*; o comediante que diz: – *Fiz furor*; o filósofo que diz: – *Triplicidade fenomenal*; o caçador que diz: – *Dei um bigode*; o frenólogo que diz: – *amatividade, combatividade, secretividade*; o soldado de infantaria que diz: – *reina*; o cavaleiro que diz: – *trotão, campeador, sendeiro*; o mestre de armas que diz: – *terça, quarta, a fundo*; o impressor que diz: – *pastei, empastelar*, todos, impressor, mestre de armas, cavaleiro, infante, frenólogo, caçador, filósofo, comediante, vaudevillista, Oficial de Justiça, jogador, cambista, comerciante,

todos falam gíria. O pintor que diz: – *mon rapin*; o notário que diz: – *mon saute-ruisseau*; o cabeleireiro que diz: – *mon merlan*; o sapateiro que diz: – *mon gniaf*, falam gíria.[62] A rigor, e de modo geral, todas essas maneiras diferentes de dizer direita e esquerda, como a do marinheiro, *bombordo* e *estibordo*, a do maquinista, *lado do pátio, lado do jardim*, a do sacristão, *lado da epístola, lado do evangelho*, são pura gíria. Existe a gíria das mulheres afetadas e a gíria das preciosas. O palácio de Rambouillet quase que confinava com o Pátio dos Milagres. Há a gíria das Duquesas, como podemos ver nesta frase escrita num bilhete amável por uma nobilíssima duquesa e belíssima mulher da Restauração: – *Vous trouverez dans ces potains-là une foultitude de raisons pour que je me libertise*.[63]

As cifras diplomáticas também são gíria; a chancelaria pontifícia que diz 26 em lugar de *Roma*, *grkzitntgzyal* em lugar de *remessa*, e *abfxustgrnogrkzu tu* XI em lugar de *Duque de Módena* usa gíria. Os médicos da Idade Média que, para dizerem cenoura, rabanete e nabo, diziam: *opoponach, perfroschinum, reptitalmus, dracatholicum angelorum, postmegorum*, falavam gíria. O fabricante de açúcar que diz: *melado, melaço, cristal, mascavo, refinado, pilé, cande* – esse honesto industrial também fala gíria. Certa escola de crítica de vinte anos atrás dizendo: – *Metade de Shakespeare é jogo de palavras e calemburgos* – falava gíria. O poeta e o artista que, com profundo entendimento, qualificaram o Sr. de Montmorency de “burguês” só porque não entende de versos nem de estátuas falam gíria. O acadêmico clássico chamando as flores de *Flora*, os frutos de *Pomona*, o mar de *Netuno*, o amor de *fogos*, a beleza de *graça*, um cavalo de *corcel*, o laço branco ou tricolor de *rosa de Bellone*, o tricórnio de *triângulo de Marte*, esse acadêmico clássico também fala gíria. A língua que se usa a bordo, essa língua admirável do mar, tão completa e pitoresca, falada por Jean Bart, Duquesne, Suffren e Duperré,[64] que se ajusta tão bem ao assobio dos brandais, ao eco do megafone, ao choque dos machados de abordagem, ao balanço do navio, ao vento, às rajadas, ao canhão, é toda ela uma gíria heroica e brilhante, que está para o selvagem calão da plebe como o leão para o chacal.

Sem dúvida. Mas, por mais que se diga, esse modo de compreender a palavra gíria é uma extensão que nem todos admitirão. Quanto a nós, conservamos essa palavra em sua velha acepção precisa, circunscrita e determinada, e restringimos a gíria à simples gíria. A verdadeira gíria, a gíria por excelência, se é que essas duas palavras podem andar juntas, a gíria imemorial, verdadeiro reino, não é outra coisa, repetimos, senão a linguagem feia, inquieta, sonsa, traidora,

venenosa, cruel, turva, mesquinha, profunda e fatal da miséria. Na extremidade de todas as humilhações, de todos os infortúnios, há ainda uma última miséria que se revolta e que se decide a entrar em luta contra o conjunto dos fatos felizes e do direito reinante; luta terrível que, ora astuciosa, ora violenta, ao mesmo tempo malsã e feroz, ataca a ordem social a alfinetadas, pelo vício, e a pancadas, pelo crime. Para as necessidades de tal luta, a miséria inventou uma língua de combate que é a gíria.

Fazer flutuar, sustentar acima do esquecimento, à boca do abismo, não fosse senão o fragmento de uma língua qualquer falada pelo homem e que se perderia, isto é, um dos elementos, bons ou maus, de que a civilização se compõe ou com que se relaciona, é ampliar os dados da observação social, é servir à própria civilização. Esse serviço prestou-nos Plauto, com ou sem intenção, fazendo dois soldados cartagineses falarem a língua fenícia; Molière igualmente o prestou fazendo falar levantino e todas as espécies de patoás a tantos de seus personagens. Aqui as objeções se reanimam: – O fenício, maravilha! O levantino, ótimo! Até os dialetos a gente pode tolerar; são línguas que pertenceram a nações ou províncias. Mas a gíria! Para que conservar a gíria? Para que fazê-la “sobreviver”?

A isso responderemos com uma só palavra. É claro que, se a língua falada por uma nação ou uma província é digna de interesse, a língua falada pela miséria é ainda muito mais digna de atenção e estudo.

É a língua falada na França, por exemplo, há mais de quatro séculos, não somente por uma miséria, mas pela miséria, por toda a miséria humana possível.

Aliás, insistimos ainda uma vez, estudar as deformidades e as enfermidades sociais, assinalando-as com o fim de saná-las, não é trabalho em que seja permitida escolha. O historiador dos costumes e das ideias não tem missão menos austera que o historiador dos acontecimentos. Este tem, à superfície da civilização, as lutas entre as coroas, o nascimento dos Príncipes, o casamento dos Reis, as batalhas, as assembleias, os grandes homens públicos, as revoluções à luz do dia, tudo o que é exterior; o outro historiador tem o interior, o fundo, o povo que trabalha, que sofre e espera, a mulher oprimida, a criança que agoniza, as guerras surdas de homem para homem, as selvagerias obscuras, os preconceitos, as iniquidades consentidas, os contragolpes subterrâneos da lei, as evoluções secretas da alma, a comoção indistinta das multidões, os mortos de fome, os descalços, os nus, os deserdados, os órfãos, os desgraçados e os infames, todas as larvas que erram em meio às trevas. É preciso que ele desça com o coração cheio de caridade e de severidade ao mesmo tempo, como irmão

e como juiz, até os subterrâneos impenetráveis onde se arrastam em confusão os que sangram e os que ferem, os que choram e os que maldizem, os que jejuam e os que devoram, os que sofrem o mal e os que o fazem. Esse historiador dos corações e das almas terá menos deveres que os historiadores dos acontecimentos? Por acaso, julgam que Alighieri tem menos coisas a dizer que Maquiavel? O subsolo da civilização, por ser mais profundo e sombrio, é menos importante que a superfície? Uma montanha pode ser bem conhecida quando se ignora como são suas cavernas?

Digamos, apenas de passagem, que de algumas frases acima escritas se poderia inferir a existência, entre as duas classes de historiadores, de uma separação absoluta, que não existe no nosso espírito. Ninguém é bom historiador da vida patente, visível, palpável e pública se não o for ao mesmo tempo, em certa medida, historiador da vida íntima e secreta; ninguém pode ser bom historiador dos espíritos se não souber ser também, sempre que for preciso, historiador dos corpos. A história dos costumes e das ideias penetra a história dos acontecimentos, e vice-versa. São duas ordens de fatos diferentes que se correspondem, que sempre se entrosam e muitas vezes se geram. Todos os perfis que a Providência traça à superfície de uma nação têm paralelos sombrios, mas distintos, no seu íntimo, e todas as convulsões do fundo produzem agitações na superfície. Como a verdadeira história está ligada a tudo o que existe, o verdadeiro historiador deve igualmente aprofundar-se em tudo.

O homem não é um círculo com um centro único; é uma elipse com os seus dois focos constituídos pelos fatos e pelas ideias.

A gíria nada mais é que um guarda-roupa em que a língua, tendo alguma má ação a fazer, se disfarça, revestindo-se ali de frases-máscaras e de metáforas-farrapos.

Por isso, às vezes, torna-se horrível.

A muito custo conseguimos reconhecê-la. É bem a língua francesa, a grande língua humana! Ei-la prestes a entrar em cena, pronta a dar a deixa ao crime, adaptada a todos os papéis do repertório do mal. Ela não anda mais, manqueja; manqueja na muleta do Pátio dos Milagres, muleta metamorfoseada em clava; chama-se vadiagem; todos os espectros, seus alfaiates, a caracterizam; ela se arrasta e se ergue, duplo modo de caminhar do réptil. É apta para qualquer papel; o falsário a torna vesga, o envenenador a faz verde, o incendiário disfarça-a com o negror da fuligem, o assassino dá-lhe a cor vermelha.

Quando se escuta, do lado das pessoas honestas, à porta da sociedade, podemos surpreender o diálogo dos que estão na parte de fora. Distinguem-se

perguntas e respostas. Percebe-se, sem o compreender bem, um murmúrio hediondo, soando quase com expressão humana, mais vizinho porém do uivo que da palavra. É a gíria. As frases são disformes e dotadas de não sei que bestialidade fantástica. Julga-se ouvir hidras a falar.

É o ininteligível nas trevas. Range e segreda, completando o crepúsculo com o enigma. Há escuridão na desgraça, e maior escuridão ainda no crime; dois negrumes que, amalgamados, compõem a gíria. Escuridão na atmosfera, escuridão nos atos, escuridão nas vozes. Espantosa língua; é como um sapo que vai e vem, que salta, se arrasta e baba, introduzindo-se monstruosamente nessa imensa bruma cinzenta feita de chuva, de noite, de fome, de vício, de mentira, de injustiça, de nudez, de asfixia e de inverno, pleno meio-dia dos miseráveis.

Tenhamos compaixão dos castigados. Que somos nós? Quem sou eu que agora lhes falo? Quem são vocês que me ouvem? De onde viemos? Temos certeza de que não fizemos nada antes de nascer? A terra não se assemelha a um calabouço? Quem sabe se o homem não está sendo castigado pela justiça divina?

Olhemos a vida de perto. Ela é feita de tal modo que por toda parte sentimos o castigo.

Você é o que costumamos chamar de feliz? Pois bem; você não passa de um triste. Cada dia tem seu grande desgosto e sua pequena preocupação. Ontem você temia pela saúde de alguém que lhe era caro; hoje você teme pela sua própria saúde; amanhã será uma questão de dinheiro, depois de amanhã a diatribe de algum caluniador, depois, ainda, o infortúnio de um amigo; depois será o mau tempo, depois algo que se quebra ou se perde, depois um prazer que a consciência e a coluna vertebral lhe reprovam; outras vezes, pode ser o andamento dos negócios públicos. Sem falar das preocupações do coração. E assim por diante. Dissipa-se uma nuvem, forma-se logo outra. Em cem dias, apenas um de verdadeira alegria e de sol. E você faz parte do pequeno número dos que se dizem felizes! Quanto aos outros homens, têm sobre si a noite estagnante.

Os espíritos mais atentos usam pouco desta locução: os felizes e os infelizes. Neste mundo, evidentemente vestíbulo de outro, não existem felizes.

A verdadeira divisão da humanidade é esta: os que possuem a luz e os que só têm trevas.

Diminuir o número dos últimos, aumentar o número dos primeiros, eis a verdadeira finalidade das coisas. É por isso que gritamos: – Ensino! ciência! – Aprender a ler é iluminar com fogo; cada sílaba é uma centelha.

Aliás, quem diz luz não diz necessariamente alegria. Na luz também se sofre; o excesso queima. A chama é inimiga das asas. Arder sem deixar de voar, eis o prodígio do gênio.

Mesmo com o conhecimento e o amor, o sofrimento ainda não cessa. O dia nasce entre lágrimas. Os iluminados também choram, embora somente pelos que estão nas trevas.

II | RAÍZES

A gíria é a língua da noite.

O pensamento é agitado em suas mais sombrias profundidades, a filosofia social é obrigada a dedicar-se às suas meditações mais agudas na presença desse dialeto enigmático, ao mesmo tempo infame e revoltado. Nele é que o castigo se torna visível. Cada sílaba tem sua marca. As frases da língua vulgar aí aparecem como que franzidas e encarquilhadas sob o ferro candente do carrasco. Algumas parecem ainda fumegantes. Há frases que nos fazem o mesmo efeito que o ombro marcado do ladrão a quem fossem rasgadas as vestes. A ideia quase que se recusa a deixar-se expressar por esses substantivos reincidentes. A metáfora às vezes é tão descarada que logo percebemos ter ela estado nas galés.

Quanto ao mais, apesar de tudo isso e por causa de tudo isso, esse estranho dialeto tem por direito seu lugar no grande cofre imparcial da literatura, que recebe tanto o vintém enferrujado como a medalha de ouro. A gíria, concordemos ou não, tem sintaxe e poesia próprias. É uma língua. Se, na deformidade de certos vocábulos, reconhecemos ter sido ela mastigada por Mandrin, no esplendor de certas metonímias sente-se que foi falada por Villon. [65]

Este verso tão delicado e célebre:

Mais où sont les neiges d’antan?

foi escrito em gíria.[66] *Antan – ante annum* – é o termo próprio da gíria de Tunes, significando o *ano passado* e, por extensão, *outrora*. Trinta e cinco anos atrás, à época da partida da grande corrente de 1827, numa das celas de Bicêtre, podia-se ler esta máxima gravada com um prego na parede por um Rei de Tunes, condenado às galés: *Les dabs d’antan trimaient siempre pour la pierre du*

coësre. O que quer dizer: *Os reis de outrora sempre se faziam sagrar*. No pensamento daquele Rei, a sagração eram as galés.

A palavra *décarade*, que exprime a partida a galope de alguma carruagem pesada, é atribuída a Villon e é bem digna dele. Esse vocábulo, de sílabas faiscantes, resume em onomatopeia magistral todo o admirável verso de La Fontaine:

Six forts chevaux tiraient un coche.[67]

Do ponto de vista puramente literário, poucos estudos seriam mais curiosos e fecundos que o estudo da gíria. É uma língua dentro da língua, uma espécie de excrescência doentia, enxerto prejudicial que produziu um arbusto, um parasita com raízes no velho tronco gaulês e a folhagem sinistra estendendo-se por toda uma face do idioma. Esse é o que poderíamos chamar de primeiro aspecto, o aspecto vulgar da gíria. Mas para os que estudam a língua como se deve, isto é, como os geólogos estudam a terra, a gíria aparece qual verdadeiro aluvião. Cavando-se mais ou menos fundo, encontramos nela, debaixo do velho francês popular, o provençal, o espanhol, o italiano, o levantino, a língua dos portos do Mediterrâneo, o inglês, o alemão, o romeno – em suas três variedades, romeno-francês, romeno-italiano, romeno-romeno –, o latim, enfim o basco e o celta. Formação profunda e estranha. Edifício subterrâneo construído em comum por todos os miseráveis. Cada raça maldita contribuiu com sua camada, cada sofrimento deixou cair sua pedra, cada coração deu um cascalho. Uma multidão de almas baixas, irritadas, más, depois de atravessar a vida diluindo-se na eternidade, estão ali quase inteiras, e de certo modo ainda visíveis sob a forma de algum vocábulo monstruoso.

Querem espanhol? Pulula no antigo calão gótico. Por exemplo: *boffette*, bofetada, derivado de *bofeton*; *vantane*, janela, ventana (mais tarde *vanterne*), que vem de *vantana*; *gat*, gato, derivado de *gato*; *acite*, azeite, derivado de *aceyte*. Querem italiano? Eis aqui: *spade*, espada, derivado de *spada*; *carvel*, caravela, derivado de *caravella*. Querem inglês? Aqui está: *bichot*, bispo, que vem de *bishop*; *raille*, espião, derivado de *rascal*, *rascalion*, tratante; *pilche*, estojo, derivado de *pilcher*, bainha. Querem alemão? Por exemplo: *caleur*, rapaz, de *kellner*; *hers*, amo, de *herzog* (duque). Querem latim? Aqui está: *frangir*, quebrar, de *frangere*; *affurer*, roubar, de *fur* (ladrão); *cadène*, corrente, cadeia, *catena*. Há uma palavra que aparece em todas as línguas do continente com

poder e autoridade misteriosos; é a palavra *magnus*; a Escócia dela fez *mac* para designar o chefe do clã, Mac-Farlane, Mac-Callummore, isto é, o grande Farlane, o grande Callummore;[68] a gíria formou *meck*, e mais tarde, *meg*, isto é Deus. Querem basco? Eis, por exemplo, *gahisto*, diabo, derivado de *gaïztoa*, mau; *sorgabon*, boa noite, derivado de *gabon* (boa noite). Querem celta? Aqui está: *blavin*, lenço, que vem de *blavet*, água nascente; *ménesse*, mulher (em sentido pejorativo), derivado de *meinec*, cheio de pedras; *barant*, regato, de *baranton*, fonte; *goffeur*, serralheiro, de *goff*, ferreiro; *guédouze*, a morte, de *guenn-du*, branca-negra. Enfim, querem história? O calão chama os escudos de *les maltaises*, lembrança da moeda em curso nas galés de Malta.

Além das origens filológicas que acabam de ser indicadas, a gíria tem raízes mais diretas ainda, que surgem, por assim dizer, do próprio espírito humano.

Primeiramente, a criação direta das palavras. Aí está o mistério das línguas. Pintar com palavras que tenham, não se sabe como nem por quê, um perfil particular. Esse é o fundo primitivo de todo idioma humano, o que poderíamos chamar de alicerce. A gíria possui enorme quantidade de palavras desse tipo, imediatas, criadas por inteiro, não se sabe onde nem por quem, sem etimologias, sem analogias, sem derivados, palavras solitárias, bárbaras, às vezes hediondas, com singular vida e força de expressão. O carrasco, *le taule*; a floresta, *le sabri*; o medo, a fuga, *taf*; o lacaio, *le larbin*; o general, o prefeito, o ministro, *pharos*; o diabo, *le rabouin*. Nada mais estranho que esses vocábulos que, ao mesmo tempo, disfarçam e denunciam. Alguns, *le rabouin*, por exemplo, são ao mesmo tempo grotescos e terríveis, fazendo-nos o efeito de uma careta ciclópica.

Em segundo lugar, a metáfora. A característica de uma língua que quer ao mesmo tempo disfarçar e dizer tudo claramente é a abundância de imagens. A metáfora é um enigma em que se refugia o ladrão que prepara um golpe, e o prisioneiro que arquiteta uma fuga. Nenhum idioma possui mais metáforas que a gíria. *Dévisser le coco*, torcer o pescoço; *tortiller*, comer; *être gerbé*, ser julgado; *un rat*, um ladrão de pão; *il lansquine*, chove, antiga e impressionante figura, que de algum modo mostra a própria idade, que compara as longas linhas oblíquas da chuva às lanças compactas e inclinadas dos lansquenetes, resumindo numa só palavra a metonímia popular: *chove canivetes*. Às vezes, à medida que a gíria vai da primeira para a segunda época, as palavras passam do estado selvagem e primitivo para o sentido metafórico. O diabo deixa de ser *le rabouin* e se transforma em *le boulanger*, o que põe no forno. É mais espiritual, mas menos grandioso; algo como Racine depois de Corneille, como Eurípedes depois de Ésquilo. Certas frases da gíria, que participam de duas épocas, têm ao mesmo

tempo o caráter bárbaro e o metafórico e se assemelham a fantasmagorias. – *Les sorgueurs vont sollicer des gails à la lune* [Os ladrões vão roubar cavalos à noite]. – Isso passa diante da nossa imaginação como um grupo de espectros. Não se sabe bem o que se vê.

Em terceiro lugar, os meios. A gíria vive da própria língua. Usa-a de acordo com a própria fantasia, serve-se dela ao acaso, e muitas vezes limita-se, de acordo com a necessidade, a desnaturá-la sumária e grosseiramente. Às vezes, com as palavras usuais assim deformadas, misturadas a vocábulos de puro calão, compõe locuções pitorescas nas quais se sente a mistura dos dois elementos precedentes, a criação direta e a metáfora: *Le cab jaspine, je marronne que la roulotte de Pantin trime dans le sabri* [O cão uiva; suponho que a diligência de Paris passe pelo bosque]. *Le dab est sinve, la dabuge est merloussière, la fée est bative* [O homem é bobo, a mulher esperta, e a filha é bonita]. Mais frequentemente, para despistar os que a ouvem, a gíria se limita a acrescentar indistintamente a todas as palavras da língua uma espécie de cauda ignóbil, uma terminação em *aille*, *orgue*, *iergue* ou em *uche*. Assim: *Vousiergue trouvaille bonorgue ce gigotmuche?* [Acha bom este pernil?] Frase dita por Cartouche a um carcereiro, a fim de saber se o dinheiro oferecido pela fuga lhe era suficiente. A terminação em *mar* foi acrescentada muito recentemente.

A gíria, sendo o idioma da corrupção, depressa se corrompe. Além disso, como procura sempre disfarçar-se logo que se vê compreendida, transforma-se. Ao contrário de qualquer outra vegetação, o mínimo raio de luz pode matá-la. Assim, a gíria se decompõe e recompõe ininterruptamente; trabalho obscuro, rápido e incessante. Ela caminha mais em dez anos que a língua em dez séculos. Assim *larton* [pão] transforma-se em *lartif*; *gail* [cavalo], em *gaye*; *fertanche* [palha], em *fertille*; *momignard* [criança], em *momacque*; *siques* [roupas], em *frusques*; *chique* [igreja], em *égrugeoir*; *colabre* [pescoço], em *colas*. O diabo foi primeiro *gahisto*, depois *rabouin*, depois *boulanger*; padre é *ratichon*, depois *sanglier*; punhal é *vingt-deux*, depois *surin*, depois *lingre*; soldados e policiais *railles*, depois *roussins*, depois *rousses*, depois *marchands de lacets* [vendedores de laços], depois *coqueurs*, depois *cognes*; carrasco é *taule*, depois *Charlot*, depois *atigeur*, depois *becquillard*. No século XVII, bater-se era *se donner du tabac* [oferecer tabaco]; no século XIX é se *chiquer la gueule* [coçar a goela]. Vinte locuções diferentes passaram entre esses dois extremos. Cartouche falaria hebraico para Lacenaire.[69] Todas as palavras dessa língua estão perpetuamente em fuga, como os homens que as pronunciam.

Contudo, de tempos em tempos, justamente por causa desse movimento, o

antigo calão reaparece e torna a ser novo. Possui sedes onde se mantém. O Temple conservava a gíria do século XVII; Bicêtre, no tempo em que era prisão, usava o calão de Tunes. Ouvia-se aí a terminação em *anche* dos antigos habitantes dessa cidade. *Boy-anches-tu* (*bois-tu?*), bebes?; *il croyanche* (*il croit*), ele crê. Mas o movimento perpétuo também aí não deixa de ser lei.

Se o filósofo consegue fixar por um momento, a fim de a observar, essa língua que se evapora continuamente, cai em amargas e úteis meditações. Nenhum estudo é mais eficiente e fecundo em ensinamentos. Aí não existe metáfora ou etimologia que não contenha lição. Entre esses homens, combater [*battre*] é fingir [*feindre*]; a astúcia é a sua força.

Para ele a ideia de homem não se separa da ideia de sombra. A noite é *la sorgue*; o homem é *l'orgue*. O homem é um derivado da noite.

Eles tomaram o hábito de considerar a sociedade como uma atmosfera que os extermina, uma força fatal, e falam da liberdade como falariam da saúde. Um homem preso é um *malade* [doente]; um homem condenado é um *mort* [morto].

O que há de mais terrível para o prisioneiro entre as quatro paredes de pedra que o sepultam é uma espécie de castidade glacial; por isso chama a cela de *cachot*, o *castus*. Nesse lugar fúnebre, a vida exterior aparece sempre sob seu aspecto mais risonho. O prisioneiro tem os pés acorrentados; vocês julgam talvez que ele pensa que é com os pés que se anda? Não; ele pensa que com os pés é que se dança; assim, quando consegue serrar as correntes, sua primeira ideia é que já pode dançar, chamando então a serra de *bastringue* [baile de taverna]. *Nome* é o mesmo que *centro*; comparação profunda. O bandido tem duas cabeças: uma a que raciocina e o conduz por toda a vida, outra a que tem sobre os ombros no dia da morte; ele então chama à cabeça que lhe aconselha o crime de *sorbonne*, e a cabeça que lhe paga de *tronche*. Quando um homem não tem senão farrapos sobre o corpo e vícios no coração, quando chega a essa dupla degradação material e moral que caracteriza em seu duplo significado a palavra *gueux* [malfeitor e pobre], então está pronto para o crime; é como um punhal bem afiado: tem dois cortes, a miséria e a maldade; por isso a gíria não o chama de *gueux*, mas de *réguisé* [bem afiado]. Que são as galés? Um braseiro de desgraças, um verdadeiro inferno. O forçado chama-se *fagot* [feixe de lenha]. Enfim, que nome dão os malfeitores à prisão? É o *colégio*. Todo um sistema penitenciário pode surgir dessa palavra.

O ladrão também possui a sua vítima, a matéria roubável, você, eu, quem quer que passe a seu lado; é o *pantre* (*Pan*, o mundo inteiro).

Querem saber de onde se originara a maior parte das canções das galés,

estribilhos que o vocabulário especial chama de *lirlonfa*? Ouçam isto.

Havia no Châtelet de Paris um longo subterrâneo, situado oito pés abaixo do nível do Sena.[70] Não tinha nem janelas nem respiradouros; a única abertura era a porta; os homens podiam entrar, o ar não. Esse subterrâneo tinha como teto uma abóbada de pedra e por pavimento dez polegadas de lama. Havia sido ladrilhado, mas com a infiltração da água as lajes apodreceram e ruíram. Oito pés acima do solo, uma longa viga maciça atravessava o subterrâneo de lado a lado; dessa viga caíam, de distância em distância, correntes de três pés de comprimento, com as extremidades guarnecidas de golilhas. Aí eram jogados os homens condenados às galés até que fossem transportados para Toulon. Empurravam-nos para debaixo daquela viga onde cada um via balançar a corrente que o esperava nas trevas. As correntes, braços oscilantes, e a gargalheira, quais mãos abertas, agarravam aqueles miseráveis pelo pescoço. Prendiam-nos e ali os abandonavam. Como a corrente era por demais curta, eles não podiam deitar-se. Ficavam imóveis naquele subterrâneo, naquela noite, quase pendurados à viga, obrigados a esforços horríveis para alcançar o pão ou a bilha de água, debaixo daquela abóbada, com a lama até os joelhos, os excrementos escorrendo-lhes pelas pernas, moídos de cansaço, dobrados sobre os quadris e os joelhos e apoiando-se com as mãos nas correntes para repousar, sem poder dormir senão de pé, acordados a todo instante pela gargalheira que os estrangulava; muitos nunca mais despertavam. Para comer, levantavam com a ajuda dos pés até a altura das mãos o pão que lhes jogavam na lama. Por quanto tempo ficarão eles assim? Um mês, dois meses, até seis meses; um deles chegou a ficar um ano inteiro. Era a antecâmara das galés. Era-se jogado ali por causa de uma simples lebre roubada ao Rei. Naquele sepulcro-inferno, que faziam eles? O que se pode fazer num sepulcro: agonizavam; e o que se pode fazer num inferno: cantavam, pois, onde não restam mais esperanças, o canto continua. Nas águas de Malta, ao se aproximar uma galera, ouviam-se antes as vozes dos grilhetas e depois os remos. O pobre caçador Survincent, que havia passado pelo subterrâneo de Châtelet, dizia: – *Foram as rimas que me ampararam*. – Inutilidade da poesia. Para que pode servir a rima? Ali é que nasceram quase todas as canções da gíria. É da prisão do Grand-Châtelet de Paris que vem o melancólico refrão da galera de Montgomery: *Timaloumisaine, timoulamison*. A maioria das canções é triste; algumas são alegres; uma é delicada:

Icicaille est le théâtre
Du petit dardant.[71]

Por mais que se faça, ninguém jamais conseguirá extinguir esse resto de ternura que se aninha no coração do homem, o amor.

Nesse mundo de ações suspeitas, guardam-se os segredos. O segredo pertence a todos. O segredo, para esses miseráveis, é a unidade que serve de base à união. Romper o segredo é o mesmo que arrancar a um membro dessa temível comunidade alguma parte de si mesmo. Denunciar, na enérgica linguagem do calão, se diz: – *manger le morceau* [comer o bocado], como se o delator tirasse dele um pouco da substância de todos e se alimentasse com um pedaço da carne de cada um.

Como se diz: levar uma bofetada? A metáfora banal responde: – *É ver trinta e seis velas*.[72] Aqui a gíria intervém e continua: *Vela*, *camoufle*, e a linguagem usual usa *camouflet* como sinônimo de bofetada. Assim, por uma espécie de penetração de baixo para cima, com a ajuda da metáfora, trajetória incalculável, a gíria sobe desde a caverna até a academia, e Poulailler ao dizer: – *Acendo minha camoufle* – obriga Voltaire a escrever: *Langleviel La Beaumelle merece cem* camouflets.[73]

Pesquisar no calão é fazer uma descoberta a cada passo. O estudo e o aprofundamento desse estranho idioma levam ao misterioso ponto de intersecção da sociedade regular com a sociedade maldita.

A gíria é a palavra transformada em grilheta.

Consterna-nos pensar que a inteligência do homem possa ser rebaixada até esse ponto, para ser arrastada e amarrada pelas obscuras tiranias da fatalidade, possa ser presa por não sei que corrente em tal precipício.

Ah! pobre pensamento dos miseráveis!

Mas será que ninguém irá em socorro da alma humana nessas trevas? Seu destino é esperar para sempre o espírito, o libertador, o magnífico cavaleiro dos pégasos e dos hipogrifos, o combatente cor de aurora que desce do azul entre duas asas, o radioso paladino do futuro? Chamará ela sempre em vão por socorro e pela lança luminosa do ideal? Estaria ela condenada a ouvir no negrume das trevas a aproximação medonha do Mal, e a entrever, sempre mais próxima, sob a água asquerosa, essa cabeça draconiana, essa garganta que mastiga e espuma, a horrível ondulação serpenteante de garras, tumores e anéis? Deve ela ficar ali, sem um clarão, uma esperança, entregue a essa aproximação terrível, vagamente pressentida pelo monstro, trêmula, desgrenhada, torcendo os braços, acorrentada para sempre ao rochedo da noite, triste Andrômeda branca e nua no meio das trevas![74]

III | GÍRIA QUE CHORA, GÍRIA QUE RI

Como vimos, toda gíria, tanto a de quatro séculos atrás como a de hoje, está penetrada por esse sombrio espírito simbólico que dá a todas as palavras um aspecto dolente, às vezes ameaçador. Sente-se a velha tristeza feroz dos vadios do Pátio dos Milagres, jogando cartas com baralhos próprios, alguns dos quais foram conservados. O oito de paus, por exemplo, era representado por uma grande árvore com oito enormes folhas de trevo, uma espécie de personificação fantástica da floresta. Ao pés da árvore, via-se uma fogueira acesa em que três lebres assavam um caçador no espeto, e, mais atrás, em outra fogueira, uma panela fumegante da qual saía a cabeça de um cão. Nada mais triste que essas represálias em pintura, num baralho, na presença das fogueiras prontas a assar os contrabandistas, e da caldeira preparada para cozer os moedeiros falsos. As diversas formas que o pensamento tomava no reino do *argot*, mesmo a canção, mesmo a sátira, mesmo a ameaça, todas tinham esse caráter de impotência e desânimo. Todas as cantigas – algumas melodias foram conservadas – eram humildes e chorosas. A ladroagem chama-se de pobre ladroagem, e é sempre a lebre que se esconde, o rato que se salva, o passarinho que foge. Quase não se queixa, limita-se a suspirar; um de seus gemidos chegou até nós: – *Je n'entrave que le dail comment meck, le daron des orgues, peut atiger ses mômes et ses momignards et les locher criblant sans être atigé lui-même*.[75] O miserável, sempre que tem tempo para pensar, torna-se pequeno diante da lei e mau diante da sociedade; deita-se de bruços, suplica, volta-se para o lado da piedade; vê-se que ele compreende a desgraça em que vive.

Pelos meados do século passado, deu-se uma mudança. Os cantos das prisões, os estribilhos dos gatunos tomaram, por assim dizer, um caráter insolente e jovial. O dolente *maluré* foi substituído pelo *larifla*. Encontra-se no século XVIII, em quase todas as canções das galeras e das prisões, uma alegria diabólica e enigmática. Ouve-se aí este refrão estridente, saltitante, quase que iluminado por uma claridade fosforescente e que parece lançado na floresta por um fogo-fátuo tocando pífaro:

Mirlababi surlabado,
Mirliton ribon ribette,
Surlababi mirlababo,
Mirliton ribon ribo.

Isso se cantava estrangulando um homem em algum subterrâneo ou no meio de um bosque.

Sério sintoma. No século XVIII, a antiga melancolia dessas classes tristes se dissipa. Põem-se a rir. Zombam do grande *meg* e do grande *dab*. Sendo Rei de França Luís XV, chamavam-no "Marquês de Pantin".[76] Ei-los quase alegres. Uma espécie de luz pálida sai desses miseráveis como se a consciência não lhes pesasse mais. Essas lamentáveis tribos da sombra não têm somente a audácia desesperada das ações; elas têm também a audácia descuidada do espírito. Indício certo de que perdem o sentimento da própria criminalidade, e que sentem até entre os pensadores e os idealistas um misterioso apoio por eles mesmos ignorado. Indício de que o roubo e a pilhagem começam a se infiltrar até em doutrinas e sofismas, de maneira a perderem um pouco da própria fealdade que, em grandes proporções, é passada para os sofismas e as doutrinas. Indício, enfim, se não houver nenhum desvio, de alguma eclosão prodigiosa e próxima.

Paremos por um momento. Quem acusamos aqui? O século XVIII? Sua filosofia? Certamente que não. A obra do século XVIII é sadia e boa. Os enciclopedistas, com Diderot à frente, os fisiocratas, chefiados por Turgot, os filósofos, conduzidos por Voltaire, ou utopistas, liderados por Rousseau, são quatro legiões sagradas. O imenso avanço da humanidade em direção à luz é devido a elas. São as quatro vanguardas do gênero humano caminhando para os quatro pontos cardeais do progresso; Diderot para o belo, Turgot para o útil, Voltaire para a verdade, Rousseau para a justiça. Mas, ao lado, e abaixo desses filósofos, havia os sofistas, vegetação venenosa misturada às plantações sadias, cicuta na floresta virgem. Enquanto o carrasco queimava nas escadarias do Palácio da Justiça os grandes livros libertadores do século, escritores, hoje esquecidos, publicavam, com o privilégio do Rei, não sei que escritos estranhamente revolucionários, avidamente lidos por toda sorte de miseráveis. Algumas dessas publicações, detalhe interessante, patrocinadas por um Príncipe, encontram-se na *Biblioteca Secreta*. Esses fatos, profundos mas ignorados, passavam despercebidos à superfície. Às vezes o perigo está justamente no desconhecimento de um fato. Ele é obscuro porque é subterrâneo. De todos esses escritores, quem talvez cavou então entre as massas a galeria mais nefasta foi Restif de la Bretonne.[77]

Esse trabalho, comum em toda a Europa, foi mais intenso na Alemanha que em qualquer outra parte. Na Alemanha, durante certo período, retratado por Schiller em seu famoso drama *Os bandidos*, o roubo e a pilhagem se erigiam em protesto contra a propriedade e o trabalho, assimilando certas ideias elementares,

especiosas e falsas, aparentemente justas, mas na realidade absurdas;[78] envolvendo-se nelas, quase que desaparecendo em seu meio, tomando um nome abstrato e passando ao estado de teoria, e desse modo circulavam entre as multidões laboriosas, sofredoras e honestas, ignoradas pelos próprios químicos imprudentes que haviam preparado a mistura e pelas próprias massas que as aceitaram. Todas as vezes que essas coisas acontecem, há algo grave. O sofrimento produz a cólera; e enquanto as classes prósperas se tornam cegas ou dormem, isto é, de um modo ou de outro fecham os olhos, o ódio das classes mais infelizes acende o seu facho em algum espírito enfadado ou imperfeito que sonha a um canto e se põe a examinar a sociedade. O exame do ódio, coisa terrível!

Daí, se a desgraça dos tempos o quiser, originam-se esses movimentos perigosos outrora denominados *jacqueries*,[79] perto dos quais as agitações puramente políticas são brinquedos de criança; não se trata mais da luta do oprimido contra o opressor, mas da revolta da privação contra o bem-estar. Então, tudo desaba.

As *jacqueries* são os terremotos do povo.

É esse perigo, iminente talvez na Europa pelos fins do século XVIII, que a Revolução Francesa, esse imenso ato de probidade, afastou por completo.

A Revolução Francesa, que não é outra coisa senão o ideal armado de uma espada, levantou-se, e, por seu próprio movimento brusco, fechou a porta do mal e abriu a porta do bem.

Ela resolveu a questão, promulgou a verdade, afastou os miasmas, higienizou a sociedade, coroou o povo.

Pode-se dizer dela que criou o homem pela segunda vez, dando-lhe uma segunda alma, o direito.

O século XIX herdou sua obra e aproveita-se dela, e hoje a catástrofe social, que acabamos de indicar há pouco, é impossível. É cego quem a denuncia! Ignorante quem a teme! A Revolução é a vacina contra a *jacquerie*.

Graças à Revolução, transformaram-se as condições sociais. As doenças feudais e monárquicas não estão mais em nosso sangue. Não há mais Idade Média na nossa Constituição. Não estamos mais no tempo em que irrompiam terríveis agitações internas, em que ouvíamos sob nossos pés a corrida obscura de um ruído surdo, quando apareciam à superfície da civilização certas rugas provocadas pelas galerias de toupeiras fendendo o solo, quando a parte superior das cavernas se abria e se via, de repente, sair da terra cabeças monstruosas.

O sentimento da Revolução é moral. O sentimento do direito, desenvolvido, desenvolve o sentimento do dever. A lei de todos é a liberdade, que acaba onde começa a liberdade do outro, segundo a admirável definição de Robespierre. Desde 1789, o povo inteiro se dilata no indivíduo sublimado; não há pobre que, tendo um direito, deixe de ter o seu raio de luz; o morto de fome sente em si a honestidade da França; a dignidade do cidadão é uma armadura interior; quem é livre é escrupuloso; quem vota reina. Daí a incorruptibilidade; daí o aborto dos conciliábulos imorais; daí os olhos heroicamente abaixados diante das tentações. É tal a pureza do movimento revolucionário que, num dia de libertação, um 14 de julho, um 10 de agosto, não há mais populaça.[80] O primeiro grito das multidões iluminadas e grandiosas é: – Morte aos ladrões! – O progresso é honesto; o ideal e o absoluto não roubam. Por quem foram escoltados, em 1848, os carroções que levavam as riquezas das Tuileries? Pelos trapeiros do Faubourg Saint-Antoine. O andrajo montou guarda diante do tesouro. A virtude tornou resplandecentes aqueles esfarrapados. E naquelas carroças havia caixas mal fechadas, algumas até entreabertas, e, entre aqueles cem estojos deslumbrantes, a velha coroa da França toda de diamantes, encimada pela pedra preciosa da realeza, do Regente, no valor de trinta milhões. Eles, de pés descalços, guardavam essa coroa.

Portanto, nada de *jacqueries*. Sinto muito pelos que se dizem entendidos. É o velho medo que produziu seu último efeito e já não pode ser usado em política. A mola real do espectro vermelho já está quebrada. Agora, todos estão cientes disso. O espantalho não espanta mais. Os pássaros tomaram familiaridade com o manequim, os estercorários pousam em seus braços e os burgueses se riem.

IV | DOIS DEVERES: VELAR E ESPERAR

Então, já está dissipado qualquer perigo para a sociedade? É claro que não. A respeito das *jacqueries*, a sociedade pode ficar tranquila; o sangue não lhe subirá mais à cabeça. Mas que tome cuidado com o modo como respira. O perigo da apoplexia está afastado, mas a tísica ainda ameaça. A tísica social chama-se miséria.

Pode-se morrer tanto de fraqueza como fulminado por um raio.

Não deixaremos jamais de repetir: pensar, antes de tudo, na multidão de deserdados e sofredores, dar-lhes consolo, ar, luz, amor; alargar-lhes o mais possível o horizonte, prodigar-lhes educação sob todas as formas, oferecer-lhes o

exemplo do trabalho, jamais o exemplo da ociosidade, diminuir o peso do fardo individual aumentando a noção da meta universal, limitar a pobreza sem limitar a riqueza, criar vastos campos de atividade pública e popular, como Briareu,[81] cem mãos para estender, em todas as direções, aos fracos e abatidos, usar o poder coletivo no grande dever de abrir oficinas para todos os braços, escolas para todas as aptidões, laboratórios para todas as inteligências, aumentar o salário, diminuir a pena, contrabalançar o haver e o dever, isto é, proporcionar o usufruto ao esforço e a satisfação à necessidade, numa palavra, fazer de tal modo que o organismo social desenvolva mais luz e claridade em proveito dos infelizes e ignorantes; mais claridade e bem-estar – que as almas simpáticas não o esqueçam – é a primeira das obrigações fraternais; e que os corações egoístas aprendam que está aí a primeira das necessidades políticas.

E, digamo-lo, isso é apenas o começo. O verdadeiro problema é este: o trabalho não pode ser uma lei sem ser um direito.

Não insistimos porque não é este o lugar.

Se a natureza se chama Providência, a sociedade deve chamar-se previdência.

O crescimento intelectual e moral não é menos indispensável que o progresso material. O saber é um viático; pensar é a primeira necessidade; a verdade alimenta tanto quanto o pão. Qualquer razão, sem o alimento da ciência e da sabedoria, definha. Compadeçamo-nos tanto dos estômagos como dos espíritos que não se alimentam. Se existe algo mais pungente que um corpo que agoniza por falta de pão é a alma que morre à míngua de luz.

Todo progresso tende para uma solução. Um dia ficaremos boquiabertos. Elevando-se o gênero humano, as camadas mais profundas sairão naturalmente da zona da miséria. A destruição da miséria será obtida por uma simples elevação de nível.

Será um erro duvidar dessa abençoada solução.

O passado, é verdade, é ainda muito forte no momento em que nos encontramos. Ele toma novas forças. É surpreendente o rejuvenescimento desse cadáver. Ei-lo que anda e se aproxima. Parece vitorioso; esse morto é um conquistador. Ele chega com a sua legião, as superstições, com sua espada, o despotismo, com sua bandeira, a ignorância; em pouco tempo, venceu dez batalhas. Ele avança, ameaça, ri, já está às nossas portas. Não desesperemos, porém. Vendamos o campo em que Aníbal está acampado.

Nós, que cremos, que poderemos temer?

Retroceder é tão impossível às ideias como aos rios.

Mas, tomem cuidado os que nada esperam do futuro. Dizendo não ao progresso, não estão condenando o futuro, mas a si próprios. Eles contraíram uma triste doença; inocularam nas próprias veias o passado. Não existe senão uma maneira de recusar o Amanhã: é morrer.

Ora, não desejamos morte alguma; a do corpo, o mais tarde possível; a da alma, jamais.

Sim: o enigma dirá sua palavra, a esfinge haverá de falar, o problema será resolvido. Sim: o povo, esboçado pelo século XVIII, será terminado pelo século XIX. Quem duvidar disso é um idiota! A eclosão futura, eclosão próxima do bem-estar universal, é um fenômeno divinamente fatal.

Imensos impulsos conjugados regem os acontecimentos humanos, conduzindo-os todos em determinado tempo ao estado de lógica, isto é, ao equilíbrio, isto é, à equidade. Da humanidade desprende-se uma força composta de terra e de céu, e essa força a governa como uma fonte milagrosa; as soluções mais incríveis são para ela tão difíceis como as peripécias extraordinárias. Ajudada pela ciência que vem do homem e pelos acontecimentos que vêm de um outro, espanta-se pouco com a solução de problemas que parecem ao vulgo impossíveis. Ela não é menos hábil em fazer brotar a solução pela aproximação das ideias que um ensinamento pela comparação dos fatos; podemos esperar tudo da parte desse misterioso poder do progresso que, um belo dia, confronta o Oriente com o Ocidente no fundo de um sepulcro, fazendo dialogar os imãs com Bonaparte no interior da grande pirâmide.

Enquanto isso, não haja descansos nem hesitações na grandiosa marcha progressista dos espíritos. A filosofia social é essencialmente a ciência da paz. Tem por finalidade e deve ter como resultado a dissolução do ódio pelo estudo dos antagonismos. Ela examina, perscruta, analisa, para depois recompor. Ela procede pela via da redução, suprimindo por completo o ódio.

Mais de uma vez se viu uma sociedade abismar-se pelo vento desencadeado sobre os homens; a história está cheia de naufrágios de povos e de impérios; costumes, leis, religiões, tudo é levado um dia pelo furacão que passa. As civilizações da Índia, da Caldeia, da Pérsia, da Síria, do Egito, desapareceram uma após a outra. Por quê? Nós o ignoramos. Quais são as causas desses desastres? Não o sabemos. Essas sociedades poderiam ter sido salvas? Eram culpadas? Tinham-se obstinado em algum vício fatal que as levou à perdição? Que quantidade de suicídio há nessa morte terrível de uma nação ou de uma raça? Perguntas sem respostas. A sombra cobre essas civilizações condenadas. Faziam água, já que afundaram; não temos nada mais a dizer; e é quase com

espanto que vemos no fundo desse mar que se chama o passado, por trás dessas vagas colossais, os séculos, soçobrarem esses imensos navios, Babilônia, Nínive, Tarso, Tebas, Roma, sob o sopro terrível que sai de todas as bocas das trevas. Mas, se lá há trevas, aqui há claridade. Ignoramos as doenças das civilizações antigas, conhecemos porém as doenças da nossa civilização. Possuímos sobre toda ela o direito da luz; contemplamos suas belezas e pomos a nu suas deformidades. Onde existe algum mal, nós sondamos, e, uma vez constatado o sofrimento, o estudo das causas leva à descoberta do remédio. Nossa civilização, obra de vinte séculos, é ao mesmo tempo o monstro e o prodígio; vale a pena ser salva. E o será. Confortá-la já é bastante; iluminá-la é coisa bem diferente. Todos os trabalhos da filosofia social moderna devem convergir para essa finalidade. O pensador de hoje tem um grande dever: auscultar a civilização.

Repetimo-lo: essa auscultação encoraja; e é por essa insistência no encorajamento que desejamos terminar estas páginas, entreato austero de um drama doloroso. Sob a mortalidade social sente-se a imortalidade humana. Somente por ter aqui e ali algumas chagas, as crateras, e algumas manchas, as solfataras, por causa de um vulcão que supura lançando pus, nem por isso o globo morre. As doenças do povo não matam o homem.

Entretanto, quem segue a clínica social balança a cabeça por alguns instantes. Os mais fortes, os mais compassivos, os mais lógicos têm suas horas de desânimo.

Chegará o futuro? Quase que poderíamos fazer essa pergunta quando nos deparamos com sombra tão terrível. Sombras diante dos egoístas e dos miseráveis. Entre os egoístas, os preconceitos, as trevas da educação rica, o crescente apetite dos prazeres, um inebriamento de prosperidade que chega a ensurdecer, o medo de sofrer que, em alguns, vai até a aversão pelos doentes, uma satisfação implacável, o *ego* tão enfatuado que chega a fechar a alma; entre os miseráveis, a cobiça, a inveja, o ódio de ver os outros alegres, os profundos avanços da besta humana em direção à volúpia, os corações cheios de névoa, a tristeza, a necessidade, a fatalidade, a ignorância impura e simples.

Devemos continuar a levantar os olhos para o céu? O ponto luminoso que aí vemos é dos que se apagam? Assusta ver o ideal assim perdido nas profundezas, pequeno, isolado, imperceptível, brilhante, mas rodeado de tão grandes ameaças monstruosamente amontoadas ao seu redor; no entanto, não está em perigo mais que qualquer estrela perdida entre as nuvens.

LIVRO OITAVO

ENCANTAMENTOS E DESOLAÇÕES

I | LUZ PLENA

O leitor compreendeu que Eponine, tendo reconhecido através da grade do jardim a menina da Rue Plumet, para onde Magnon a havia mandado, começou por afastar dessa casa os bandidos, mostrando-a depois a Marius, que, após passar muitos dias de êxtase diante da grade, levado pela força que impele o ferro em direção ao ímã e o apaixonado às pedras de que é feita a casa de sua amada, acabou por entrar no jardim de Cosette como Romeu no jardim de Julieta. Foi até mais fácil para ele do que para Romeu; este viu-se obrigado a escalar um muro; Marius teve somente de forçar um dos varões da velha grade que vacilava em seu alvéolo enferrujado como os dentes das pessoas idosas. Marius era magro e passou sem dificuldade.

Como jamais havia alguém naquela rua e como só aparecia ali à noite, não corria o risco de ser visto.

A partir da hora abençoada e santa em que um beijo uniu aquelas duas almas, Marius ia ao jardim todas as noites. Se, nesse momento de sua vida, Cosette tivesse caído nos braços de um homem pouco escrupuloso e libertino, estaria perdida; pois há naturezas generosas que se entregam, e Cosette era uma delas. Uma das magnanimidades da mulher é ceder. O amor, nessa altura em que é absoluto, alia-se à cegueira celeste do pudor. Mas, que perigos correis, nobres almas! Muitas vezes dai-nos o coração e nós tomamos o corpo. Resta-vos o coração, e vós o olhareis nas trevas, trêmulas. O amor não conhece meios-termos; ou perde ou salva. Nesse dilema se resume todo o destino do homem: ou a perda ou a salvação: nenhuma outra fatalidade no-lo apresenta com tamanha inexorabilidade como o amor. O amor é vida quando não é morte. É berço e túmulo. O mesmo sentimento diz sim e não no coração do homem. De todas as coisas feitas por Deus, o coração humano é a que desprende mais luz e mais trevas.

Deus quis que o amor encontrado por Cosette fosse dos que salvam.

Durante todo o mês de maio de 1832, todas as noites, encontravam-se naquele pobre jardim selvagem, sob a ramagem cada vez mais perfumada e espessa, dois seres compostos de todas as castidades e inocências, transbordantes de todas as felicidades do céu, mais vizinhos dos arcanjos que dos homens, puros, honestos, extasiados, brilhantes, resplandecendo um para o outro nas sombras da noite. Parecia a Cosette que Marius tinha uma coroa, e Marius a julgava rodeada de um nimbo. Tocavam-se, olhavam-se, apertavam-se as mãos, se abraçavam, mas havia uma distância que eles jamais ultrapassaram. Não que a respeitassem; eles a ignoravam. Marius sentia uma barreira, a pureza de Cosette, e Cosette sentia um apoio, a lealdade de Marius. O primeiro beijo foi também o último. Marius, depois, não fez mais do que roçar com os lábios a mão, o xale ou um anel dos cabelos de Cosette. Cosette era para ele um perfume, e não uma mulher. Ele a respirava. Ela nada recusava, ele nada pedia. Cosette estava feliz e Marius, satisfeito. Viviam nesse êxtase que poderíamos chamar o deslumbramento de uma alma pela outra. Era o inefável primeiro abraço de duas virgindades no ideal. Dois cisnes encontrando-se na Jungfrau.

Àquela hora do amor, hora em que a voluptuosidade se cala por completo sob o poder absoluto do êxtase, Marius, o puro e seráfico Marius, teria sido muito mais capaz de ir à casa de uma mulher pública do que de levantar o vestido de Cosette até a altura do tornozelo. Uma vez, à luz da lua, Cosette se abaixou para pegar não sei o que no chão; assim abriu-se um pouco a gola de seu vestido deixando ver-lhe o começo dos seios. Marius afastou os olhos.

O que acontecia entre aquelas duas criaturas? Nada. Simplesmente se adoravam.

À noite, quando eles estavam lá, o jardim parecia um lugar vivo e sagrado. Todas as flores se abriam a seu redor, enviando-lhes incenso; eles, por sua vez, abriam as próprias almas, expandindo-as em meio às flores. A vegetação lasciva e vigorosa palpitava cheia de seiva e encanto em torno daqueles dois inocentes, e eles, dizendo palavras de amor, faziam estremecer as árvores.

Que palavras eram aquelas? Suspiros, nada mais. Eles sozinhos bastavam para comover e emocionar toda essa natureza. Poder mágico, difícil de compreender se lêssemos nos livros esses diálogos feitos para ser levados e dissipados como fumaça pelo vento sob a folhagem. Tirem a esses murmúrios de dois amantes a melodia que sai da alma e que os acompanha como uma lira, e o que resta não passa de sombra. Diremos então: – Ora! só isso! – Sim, isso mesmo; criancices, repetições, risos por nada, inutilidades, bobagens, tudo o que há no mundo de mais profundo e sublime! As únicas coisas que valem a pena ser

ditas e ouvidas.

O homem que jamais ouviu essas ninharias, essas frivolidades, o homem que jamais as pronunciou, é um imbecil, é um mau homem.

Cosette dizia a Marius:

– Sabe?…

(Assim, por meio daquela celeste virgindade, sem que um ou outro o pudesse explicar, começaram a tratar-se familiarmente de você.)

– Sabe? Meu nome é Eufrásia.

– Eufrásia? Não, você se chama Cosette.

– Oh! Cosette é um nome muito feio que me deram quando eu era pequena. Mas o meu verdadeiro nome é Eufrásia. Você não gosta desse nome?

– Gosto… Mas Cosette não é nada feio.

– Então, prefere Cosette?

– É… prefiro.

– Então, eu também. É mesmo; é bonito, Cosette. Chame-me de Cosette.

E o sorriso da jovem tornava o diálogo um idílio digno de um bosque plantado no céu. Outras vezes, ela o olhava fixamente e exclamava:

– Moço, o senhor é simpático, bonito, é espirituoso, bastante inteligente, bem mais sábio que eu, mas eu o desafio com uma só palavra: Amor!

E Marius, em pleno céu, julgava ouvir uma estrofe cantada por alguma estrela.

Ou então ela dava-lhe um tapinha porque ele tossia, dizendo-lhe:

– Não tussa mais, senhor. Não quero que tussam na minha casa sem a minha permissão. Que coisa feia tossir e me deixar preocupada. Quero que se porte como gente, porque senão você me faz muito infeliz. Que quer você que eu faça?

Isso era simplesmente divino.

Uma vez Marius disse a Cosette:

– Imagine só; houve um tempo em que eu estava certo de que você se chamava Úrsula.

Assim, por esse motivo, riram durante toda aquela noite.

No meio de outra conversação, aconteceu-lhe exclamar:

– Um dia, no Luxembourg, senti vontade de agredir um inválido!

Mas interrompeu o assunto e parou aí. Teria de falar a respeito da liga de Cosette, o que lhe era impossível. Havia nisso uma aproximação desconhecida, a carne, diante da qual recuava com uma espécie de temor sagrado aquele imenso

amor inocente.

Marius imaginava a vida na companhia de Cosette daquele modo, sem nada acrescentar; ir todas as noites à Rue Plumet, afastar um dos varões da grade do jardim, sentar-se lado a lado naquele banco, contemplar através das árvores as cintilações da noite no seu começo, juntar o friso da calça com o amplo vestido de Cosette, acariciar-lhe a unha do polegar, chamá-la de você, respirar um depois do outro a mesma flor, para sempre, indefinidamente. Durante esse tempo, as nuvens passavam por cima de suas cabeças. Cada vez que o vento sopra, arrasta consigo mais sonhos dos homens que nuvens do céu.

Não vamos pensar, porém, que esse amor casto, quase selvagem, fosse absolutamente destituído de galanteria. *Dirigir cumprimentos* àquela que se ama é a primeira forma de fazer carícias, audácia que se ensaia ainda. O cumprimento é algo como o beijo através de um véu. O prazer, embora oculto, está presente. Diante dele, o coração recua para amar melhor. As carícias de Marius, todas saturadas de quimeras, eram, por assim dizer, azuis. Os passarinhos, quando voam lá no alto ao lado dos anjos, devem ouvir essas palavras. Contudo, nelas havia vida, humanidade, toda a positividade de que Marius era capaz. O que se diz nos jardins era o prelúdio do que se diz nas alcovas; efusão lírica, ao mesmo tempo estrofe e soneto, gentis hipérboles do arrulho, todas as preciosidades da adoração enlaçadas em buquê e exalando um sutil perfume celeste, um inefável chilrear de coração a coração.

– Como você é bonita! – murmurava Marius. – Não ouso olhar para você. É por isso que a contemplo assim. Você é uma graça. Não sei o que faço. Quando seus pés se mostram sob a barra do vestido, sinto-me transportado. E que brilho encantado quando seu pensamento se entreabre! Você raciocina maravilhosamente. Julgo, às vezes, que você é um sonho. Fale, que eu a escuto e admiro. Ó Cosette! Como tudo é tão estranho e encantador! Estou mesmo louco. Você é adorável. Estudo-lhe os pés no microscópio e a alma no telescópio.

E Cosette respondia:

– Amo-o um pouco mais do que todo o tempo que passou desde esta manhã.

Perguntas e respostas acomodavam-se como podiam nesse diálogo, caindo sempre de acordo, sobre o amor, como bonecos de sabugo sobre o chumbo que lhes serve de base.

Toda a pessoa de Cosette era singeleza, ingenuidade, transparência, brancura, candor, luz. Poder-se-ia dizer que Cosette era clara. Ela provocava em quem a via uma sensação de abril e de alvorada. Seus olhos eram orvalhados; Cosette

era uma condensação do brilho da aurora em forma de mulher.

É fácil entender como Marius, adorando-a, a admirava. Mas a verdade era que a jovem pensionista, saída havia tão pouco do convento, sabia conversar com estranha penetração, dizendo, às vezes, toda sorte de palavras verdadeiras e delicadas. Seu gorjeio era a conversação. Não se enganava a respeito de nada, via tudo com justeza. A mulher sente e fala com o terno instinto do coração, que é infalível. Ninguém sabe, como a mulher, dizer palavras ao mesmo tempo tão doces e profundas. Doçura e profundidade, eis a mulher; eis o paraíso.

Em tão plena felicidade, a cada instante vinham-lhe lágrimas aos olhos. Um pobre inseto esmagado, uma pena caída do ninho, um ramo de pilriteiro quebrado, tudo os movia à piedade, e seu êxtase docemente mergulhado em melancolia parecia não desejar nada melhor do que chorar. O sintoma mais soberano do amor é um enternecimento às vezes quase insuportável.

E, a par disso – todas essas contradições são os relâmpagos do amor –, riam gostosamente com encantadora liberdade, e tão familiarmente que quase pareciam dois rapazes. Contudo, mesmo ignorada de corações tão inebriados de castidade, a natureza não se deixava esquecer. Lá estava ela com suas intenções brutais e sublimes; e, seja qual for a inocência das almas, sente-se, no mais puro colóquio, a adorável e misteriosa nuance que distingue um casal de namorados de um par de amigos.

Eles se idolatravam.

O permanente e o imutável subsistem. Os namorados amam, sorriem, riem, fazem beicinhos, entrelaçam os dedos das mãos, tratam-se por você, mas nada disso põe obstáculos à eternidade. Dois amantes se escondem à noite, no crepúsculo, no invisível, em companhia dos passarinhos e das rosas; encantam-se mutuamente na sombra com o coração nos olhos; murmuram, segredam, e enquanto isso imensas oscilações de astros enchem o infinito.

II | O ENCANTAMENTO DA FELICIDADE COMPLETA

Extasiavam-se vagamente, loucos de felicidade. Nem perceberam o cólera que dizimava Paris precisamente naquele mês.[82] Fizeram todas as confidências possíveis, mas todas não passaram além de seus nomes. Marius dissera a Cosette que era órfão, que se chamava Marius Pontmercy, que era advogado e vivia de escrever coisas para as livrarias; que seu pai era Coronel, um herói, e ele, Marius, havia brigado com o avô, homem bastante rico. Também dissera possuir

o título de Barão, mas isso não fez efeito nenhum em Cosette. Marius, Barão? Ela não o compreendeu bem; não sabia o significado da palavra. Marius era Marius. Por sua parte, Cosette confiara-lhe que tinha sido educada no convento do Petit-Picpus, que sua mãe também havia falecido, que seu pai se chamava Sr. Fauchelevent, que ele era muito bom, que era muito generoso com os pobres, mas não era pobre, e se privava de tudo, dando-lhe tudo o que podia.

Coisa estranha, na espécie de sinfonia em que Marius vivia desde que conhecera Cosette, o passado, mesmo o mais recente, tornara-se de tal modo confuso e longínquo para ele que o que Cosette lhe contou o satisfez plenamente. Não pensou mesmo em lhe falar da aventura noturna do pardieiro, dos Thénardier, da queimadura, da atitude estranha e da singular fuga de seu pai. Marius esquecera-se momentaneamente de tudo isso; não sabia nem mesmo à noite o que havia comido de manhã, nem onde havia jantado, nem quem lhe havia falado; tinha melodias no ouvido e estas o tornavam surdo a qualquer outro pensamento; ele não existia senão nas horas em que via Cosette. Então, como estava no céu, era bem fácil esquecer-se da terra. Ambos carregavam languidamente o peso indefinível dos prazeres imateriais. Assim vivem esses sonâmbulos a quem chamamos de apaixonados.

Ai! quem já não experimentou todas essas coisas? Por que existe uma hora em que se sai desse céu e por quê, depois, a vida continua?

O amor quase que substitui o pensamento. O amor é o esquecimento ardente de todo o resto. Não exijam lógica à paixão. Há tanta lógica no coração humano como figuras geométricas perfeitas na mecânica celeste. Para Cosette e Marius nada mais existia além de Marius e Cosette. O universo que os rodeava precipitara-se num abismo. Eles viviam um minuto dourado. Nada tinham à frente, nada tinham atrás. A muito custo Marius chegava a pensar que Cosette tinha um pai. Em seu cérebro tudo fora apagado pelo deslumbramento. De quê, então, falavam os dois? Já vimos; falavam das flores, das andorinhas, do sol poente, da lua, de to das as coisas importantes. Já haviam dito tudo, com exceção de tudo. Tudo para os enamorados é o nada. Mas o pai, a realidade, a cilada, os bandidos, a aventura, para que falar sobre isso? Estava mesmo certo da realidade daquele pesadelo? Eles eram dois, adoravam-se; simplesmente isso. Todo o resto não existia. É provável que o desaparecimento do inferno por trás de nós esteja ligado à aproximação do paraíso. Viram demônios? Eles existem mesmo? Sentiram medo? Sofreram? Não se sabe mais nada. Uma nuvem cor-de-rosa encobre tudo.

Os dois, portanto, viviam assim, muito no alto, com toda a inverossimilhança

da natureza, nem no nadir, nem no zênite, entre o homem e o serafim, acima da lama, abaixo do éter, numa nuvem; o mínimo de osso e de carne; alma e êxtase da cabeça aos pés; sublimes demais para andar na terra, humanos demais para desaparecer no azul; em suspensão, como átomos à espera da precipitação; aparentemente fora do destino, ignorando esses limites, ontem, hoje, amanhã; maravilhados, extasiados, flutuando; às vezes tão leves como se já pudessem fugir para o infinito, quase prontos para o voo eterno.

Dormiam acordados nesse acalanto, letargia esplêndida da realidade sobrecarregada de ideal! Às vezes, por mais bonita que fosse Cosette, Marius fechava os olhos diante dela. Fechar os olhos é a melhor maneira de contemplar a alma.

Marius e Cosette não se preocupavam em saber o fim de tudo aquilo. Olhavam-se como se já o tivessem alcançado. É uma estranha pretensão dos homens querer que o amor os leve a algum lugar.

III | COMEÇO DE SOMBRA

Jean Valjean, porém, de nada suspeitava.

Cosette, pouco menos sonhadora que Marius, estava alegre, e isso bastava para que Jean Valjean fosse feliz. Os pensamentos de Cosette, suas ternas preocupações, a imagem de Marius que lhe enchia a alma, nada tiravam da pureza incomparável de seu belo rosto casto e sorridente. Ela estava na idade em que a virgem leva o amor como o anjo, o lírio. Jean Valjean, portanto, estava tranquilo. Aliás, quando dois corações se entendem, tudo vai muito bem, e uma terceira pessoa, seja lá quem for, que pudesse perturbar-lhes o amor, era mantida em perfeita cegueira, graças a um pequeno número de precauções sempre idênticas para todos os apaixonados. Desse modo, Cosette nunca fez objeção alguma a Jean Valjean. Ele queria passear? Pois não, papai. Queria ficar em casa? Pois não, papai. Queria passar a tarde ao lado de Cosette? Com muito gosto. Como ele se retirava sempre às dez horas da noite, Marius nessas ocasiões só chegava mais tarde, quando, da rua, ouvia Cosette abrir a porta envidraçada que dava para a escadaria. Não é preciso dizer que Marius jamais era visto durante o dia. Jean Valjean nem imaginava mais que Marius existisse. Uma vez somente, pela manhã, chegou a dizer a Cosette: – Olhe como seu vestido está sujo de branco! – Na véspera à noite, Marius, arrebatado, apertara-a de encontro a uma parede.

Mme. Toussaint, que se deitava muito cedo, uma vez terminadas suas obrigações, só pensava em dormir, e, como Jean Valjean, de nada sabia.

Marius jamais entrara na casa. Quando estava ao lado de Cosette, ambos se escondiam num recanto próximo à escadaria, a fim de não serem vistos nem ouvidos por quem passasse na rua; ali se sentavam, limitando-se muitas vezes, como única conversação, a se apertarem as mãos vinte vezes por minuto, enquanto contemplavam os ramos das árvores. Nesses instantes, poderia ribombar um trovão a trinta passos de distância sem que o percebessem, tanto a fantasia de um se absorvia e mergulhava profundamente na fantasia do outro.

Límpidas transparências. Horas de brancura, quase idênticas umas às outras. Esses amores são uma coleção de pétalas de lírio e de penas de pombas.

Entre eles e a rua estava o jardim. Cada vez que Marius entrava e saía, tornava a pôr cuidadosamente no lugar o varão da grade, de modo que ali não se pudesse notar a mínima alteração.

Habitualmente, retirava-se à meia-noite, voltando para o quarto de Courfeyrac. Este dizia a Bahorel:

– Imagine que Marius só chega depois da uma da madrugada!

Bahorel respondia:

– Que quer? Um seminarista sempre esconde alguma bomba.

Às vezes, Courfeyrac cruzava os braços, assumia um ar sério e dizia a Marius:

– Rapaz, você está se desencaminhando!

Courfeyrac, homem prático, não julgava bem o reflexo de paraíso invisível que percebia em Marius, tinha pouca tendência para paixões inéditas; impacientava-se e às vezes instava com Marius para que voltasse à realidade.

Uma manhã admoestou-o assim:

– Meu caro, atualmente você parece que anda na Lua, reino do sonho, província da ilusão, capital Bola-de-Sabão. Vamos, seja bonzinho; como é que ela se chama?

Mas nada conseguia fazer Marius falar. Seria mais fácil arrancar-lhe as unhas que uma das três sílabas sagradas de que se compunha aquele nome adorável, *Cosette*. O verdadeiro amor é luminoso como a aurora, e silencioso como a sepultura. Para Courfeyrac, a única diferença que notava em Marius era certa taciturnidade resplandecente.

Durante aquele doce mês de maio, Marius e Cosette conheceram essas imensas alegrias:

discutirem, tratarem-se por senhor, senhorita, somente para em seguida dizerem você com mais carinho;

falarem longamente, e com os detalhes mais minuciosos, de pessoas que não lhes interessavam em absoluto; mais uma prova de que, nessa ópera encantadora que se chama amor, o libreto não representa quase nada;

para Marius, ouvir Cosette falar dos pobres;

para Cosette, ouvir Marius falar de política;

ouvir, joelho contra joelho, as carruagens que rodavam pela Rue de Babylone;

considerar o mesmo planeta no espaço ou o mesmo verde brilhante na relva;

calarem-se os dois ao mesmo tempo, doçura maior ainda que qualquer conversação;

etc. etc.

Entretanto, aproximavam-se diversas complicações.

Uma noite Marius encaminhava-se para o encontro costumeiro pelo Boulevard des Invalides. Ele andava habitualmente de olhos baixos; quando ia virar a esquina da Rue Plumet, ouviu alguém dizer-lhe bem perto:

– Boa noite, Sr. Marius.

Ele levantou a cabeça e reconheceu Eponine.

Isso fez-lhe um efeito singular. Desde o dia em que ela o levara à Rue Plumet, nunca mais pensara nela, nunca mais a vira, esquecendo-a por completo. Devia mostrar-se grato; a ela devia sua felicidade atual, e no entanto não gostou de encontrá-la.

É um erro julgar que a paixão, quando feliz e pura, leva o homem a um estado de perfeição; leva-o simplesmente, como já o constatamos, a um estado de esquecimento. Nessa situação, o homem se esquece de ser mau, mas também não se lembra de ser bom. O reconhecimento, o dever, as lembranças essenciais e importunas se desvanecem. Em qualquer outra ocasião, Marius mostrar-se-ia delicado para com Eponine. Absorvido por Cosette, nem se lembrara de que Eponine se chamava Eponine Thénardier, nome escrito no testamento de seu pai, nome ao qual, alguns meses antes, se teria devotado com todo o ardor. Mostramos Marius tal qual era. O próprio pai quase lhe desaparecia na alma sob o brilho do seu amor.

Marius respondeu, meio embaraçado.

– Ah! É a senhorita?

– Por que me fala assim? Fiz-lhe alguma coisa de mau?

– Não – respondeu Marius.

Na verdade, ele nada tinha contra ela. Longe disso. Somente sentia que não poderia agir de outra forma; agora que tratava Cosette de você, ele só poderia tratar Eponine com toda a formalidade.

Como permanecesse calado, ela exclamou:

– Diga-me…

Depois, calou-se. Parecia que as palavras faltavam àquela criatura outrora tão leviana e atrevida. Procurou sorrir, mas não conseguiu. E continuou:

– Então?…

Calou-se ainda uma vez e baixou os olhos.

– Boa noite, Sr. Marius – disse ela de repente e foi-se embora.

IV | *CAB* CORRE EM INGLÊS E *JAPPE* EM CALÃO [83]

No dia seguinte – estávamos em 3 de junho, 3 de junho de 1832, data que indicamos por causa dos graves acontecimentos que, por essa época, estavam suspensos sobre o horizonte de Paris como nuvens carregadas – Marius, ao cair da noite, seguia pelo mesmo caminho da véspera com os mesmos encantadores pensamentos no coração, quando percebeu, por entre as árvores do bulevar, Eponine, que vinha na sua direção. Dois dias seguidos, já era demais! Mudou subitamente de caminho, deixou o bulevar e dirigiu-se para a Rue Plumet, tomando a Rue Monsieur.

Isso obrigou Eponine a segui-lo até a Rue Plumet, coisa que ela ainda não havia feito. Até então, contentara-se em contemplá-lo ao vê-lo passar, sem mesmo procurar encontrá-lo. Somente na véspera é que tentara dirigir-lhe a palavra.

Eponine seguiu-o, pois, sem dar-se a perceber. Viu-o deslocar um dos varões da grade e penetrar no jardim.

– Olhe só! – disse ela. – Ele já entra na casa!

Aproximou-se da grade, experimentou forçar toda a grade até encontrar o lugar por onde Marius havia passado. E murmurou à meia-voz, muito tristemente:

– Isso é que não, Lisette!

Em seguida, sentou-se ao pé da grade, como se a guardasse. Estava precisamente no ponto em que esta tocava no muro vizinho. Havia ali um ângulo

escuro onde Eponine desaparecia completamente.

Ela continuou assim por quase uma hora, sem se mexer, quase sem respirar, entregue a seus pensamentos. Pelas dez horas da noite, um dos dois ou três transeuntes da Rue Plumet, um velho burguês que se apressava em atravessar aquele lugar deserto e de má fama beirando a grade do jardim, ao chegar ao ângulo que esta fazia com o muro, ouviu uma voz surda e ameaçadora que dizia:

– Não admira que ele venha todas as noites!

O velho olhou ao redor, não viu ninguém, não ousou revistar o canto escuro e sentiu muito medo. Apressou, então, o passo.

Foi bom ter-se apressado porque, pouco tempo depois, seis homens, que caminhavam separados e a alguma distância um do outro ao longo do muro, podendo até ser confundidos com alguma patrulha, entraram na Rue Plumet.

O primeiro que chegou à grade do jardim parou à espera dos outros; um segundo depois, estavam os seis reunidos. Esses homens puseram-se a falar em voz baixa:

– É aqui – disse um deles.

– Tem algum *cab* [84] no jardim? – perguntou outro.

– Não sei. Em todo caso, eu trouxe uma bola para ele mastigar.

– Trouxe massa para quebrar a vidraça?[85]

– Trouxe.

– A grade é velha – replicou o quinto com voz de ventríloquo.

– Tanto melhor – disse o que falara em segundo lugar. – Ela não vai gritar com a serra nem será tão dura para cortar.

O sexto, que ainda não tinha aberto a boca, pôs-se a examinar a grade, como Eponine fizera uma hora antes, sacudindo sucessivamente um por um os varões de ferro oxidados. Assim, chegou ao que Marius deslocara para entrar. Quando o ia experimentar, uma mão, saindo bruscamente da sombra, lançou-se sobre o seu braço; ele se sentiu violentamente empurrado em pleno peito e uma voz rouca lhe disse sem gritar.

– Tem cachorro!

Ao mesmo tempo, viu uma mulher pálida, de pé, em sua frente.

O homem sentiu a comoção que qualquer um sente diante do inesperado. Arrepiou-se vergonhosamente; nada é tão formidável como ver animais ferozes inquietos; seu aspecto amedrontado assusta.

Ele recuou gaguejando:

– Mas quem é essa engraçadinha?

– É sua filha.

Com efeito, era Eponine que falava com Thénardier.

À aparição de Eponine, os outros cinco, isto é, Claquesous, Gueulemer, Babet, Montparnasse e Brujon, se aproximaram sem ruído, sem pressa, em silêncio, com a lentidão sinistra própria desses homens da noite.

Viam-se-lhes nas mãos não sei que perigosos instrumentos. Gueulemer segurava um pé de cabra dos usados comumente pelos ladrões.

– Ora, essa é boa! Que está fazendo aí? Que está querendo? Está louca? – gritou Thénardier, se é que se pode gritar falando em voz baixa. – Por acaso vai querer impedir que a gente trabalhe?

Eponine começou a rir e saltou-lhe ao pescoço.

– Estou aqui porque estou aqui, paizinho. Será que agora a gente não pode mais sentar-se nas calçadas? O senhor é que não deveria estar aqui. Para que veio, se eu já avisei à Magnon que o negócio não vale a pena? Papai, agora dê-me um abraço! Faz tanto tempo que não vejo o senhor! Então, já está livre?

Thénardier procurou soltar-se dos braços de Eponine dizendo:

– Está bem. Você já me abraçou. Isso mesmo, já estou livre. Não estou mais na cadeia. Agora, vá-se embora.

Mas Eponine não o largava, redobrando até as carícias.

– Mas, paizinho, como é que o senhor fez? É preciso ser muito esperto para fugir de lá. Conte-me como foi! E minha mãe? Onde está ela? Dê-me notícias de mamãe.

Thénardier respondeu:

– Ela está bem, não sei, solte-me; já lhe disse para ir-se embora!

– Não quero ir tão depressa – disse Eponine, como uma criança mimada –, manda-me assim embora, depois de quatro meses que não o vejo? Quase nem tive tempo de dar-lhe um abraço! E tornou a abraçá-lo.

– Diabo! Mas que bobagem! – disse Babet.

– Vamos de uma vez, que a polícia pode passar! – exclamou Gueulemer.

A voz do ventríloquo escandiu este dístico:

Nous, n’sommes pas le jour de l’an,
A bécoter papa maman.[86]

Eponine voltou-se para os cinco bandidos.

– Ora, é o *seu* Brujon! Como vai, *seu* Babet? Olá, *seu* Claquesous. Não está me reconhecendo, *seu* Gueulemer? Como vai, Montparnasse?

– Está certo; todos conhecem você! – exclamou Thénardier. – Bom dia, boa noite, mas vá-se embora e deixe-nos sossegados!

– É a hora das raposas, não das galinhas – disse Montparnasse.

– Você está vendo muito bem que temos um serviço aqui – acrescentou Babet.

Eponine tomou a mão de Montparnasse.

– Tome cuidado! – disse ele. – Você vai se cortar; estou com um canivete aberto.

– Mas, Montparnasse – respondeu Eponine docemente –, é preciso ter confiança na gente. Afinal, acho que sou filha do meu pai. *Seu* Babet, *seu* Gueulemer, eu é que fui encarregada de investigar o negócio.

É interessante notar que Eponine não falava gíria. Desde que conhecera Marius, aquela horrível língua tornara-se-lhe impossível.

Apertou na mão ossuda e frágil, como a de um esqueleto, os grossos e rudes dedos de Gueulemer e continuou:

– O senhor bem sabe que não sou boba. Sempre acreditaram em mim. Já lhes prestei tantos serviços. Pois bem; tomei informações, e podem crer que vão arriscar-se à toa. Juro que aqui não há nada a fazer.

– Aqui há mulheres sozinhas – disse Gueulemer.

– Não. Já se mudaram.

– Mas há luzes! – disse Babet.

E mostrou a Eponine, através da copa das árvores, uma luz que andava de um lado para outro no sótão do pavilhão. Era Toussaint, que ainda não se deitara por ter de estender algumas roupas.

Eponine fez um último esforço.

– Ora! – disse ela –, mas é gente pobre; nesse casebre não há um vintém.

– Vá para o diabo! – gritou Thénardier. – Depois que revirarmos a casa, pondo o porão para cima e o sótão para baixo, nós lhe diremos o que há lá dentro, se são luzes, francos ou vinténs.

E a empurrou para entrar.

– Meu bom amigo Montparnasse – disse Eponine –, eu lhe peço, você que é bonzinho, não entre!

– Tome cuidado, que você vai se cortar! – replicou Montparnasse.

Thénardier replicou no tom decisivo que lhe era próprio:

– Vamos, vá-se embora e deixe que os homens tratem de seus negócios!

Eponine largou a mão de Montparnasse, que tornara a pegar, e disse:

– Então querem mesmo entrar nessa casa?

– Um pouco! – disse o ventríloquo em tom de galhofa.

Eponine agarrou-se à grade, enfrentou os seis bandidos armados até os dentes, a quem a noite dava um aspecto de demônios, e disse com voz firme e baixa:

– Pois eu não deixo!

Eles pararam, admirados. O ventríloquo deixou de dizer gracinhas, e ela continuou:

– Amigos, escutem bem. Deixem de brincadeira, que agora falo sério. Para começar, se entrarem neste jardim, se puserem as mãos nesta grade, eu grito, bato em todas as portas, acordo todo mundo, faço prender vocês todos e chamo a polícia.

– E ela vai mesmo – disse Thénardier, em voz baixa, a Brujon e ao ventríloquo.

Eponine sacudiu a cabeça e acrescentou:

– A começar pelo meu pai!

Thénardier aproximou-se.

– Não chegue muito perto, homem! – disse ela.

Ele recuou resmungando entre dentes:

– Mas, que será que ela tem? – E acrescentou: – Cachorra!

Eponine pôs-se a rir de um modo horrível:

– Como queira, mas entrar é que não entram. Não sou filha de cachorro porque sou filha de lobo. Vocês são seis, e que me importa? São homens. Pois bem; eu sou mulher e não tenho medo de vocês. Vão-se embora; eu já disse que não vão entrar nesta casa, porque eu não quero. Se chegarem mais perto, dou um grito. Eu já disse; o cachorro sou eu mesma, e não tenho medo de vocês. Vão seguindo o caminho, que me dão nojo! Vão para onde quiserem; aqui é que não! Vocês com facas e eu com pontapés, pouco me importa! Venham, se quiserem!

E deu um passo na direção dos bandidos; estava medonha, e se pôs a rir.

– Diabo! Medo é que eu não tenho. Neste verão vou passar fome, e no inverno vou sentir frio. Homens tolos: pensam que espantam alguma mulher! Medo de quê? Muito bonito! Só porque vocês têm umas porcarias de amantes

que se escondem debaixo da cama quando vocês falam um pouco mais grosso? Eu é que não tenho medo!

Eponine encarou ferozmente Thénardier e disse:

– Nem do senhor, meu pai!

Depois continuou, fitando os ladrões com seus olhos de fantasma:

– Que me importa se me encontrarem amanhã nas pedras da Rue Plumet morta a facadas pelo meu pai, ou que em um ano me encontrem nas redes de Saint-Cloud, ou na ilha dos Cisnes no meio de madeiras podres e cachorros afogados![87]

Viu-se, então, obrigada a interromper-se, com um acesso de tosse; sua respiração era como um estertor no peito estreito e débil.

Mas continuou:

– É só gritar, e zás-trás! Vocês são seis, mas eu sou todo o mundo.

Thénardier encaminhou-se para ela.

– Não chegue perto! – gritou-lhe Eponine.

Ele parou e lhe disse calmamente:

– Está bem, não chego; mas não fale alto desse jeito. Minha filha, você quer mesmo impedir que a gente trabalhe? Mas temos de ganhar a vida! Então não gosta mais do seu pai?

– Não me amole! – disse Eponine.

– Mas a gente precisa viver, precisa comer…

– Que me importa?

Dizendo isso, sentou-se ao pé da grade cantarolando:

Mon bras si dodu,
Ma jambe bien faite,
Et le temps perdu.[88]

Eponine pousara os cotovelos nos joelhos e, apoiando o queixo nas mãos, balançava-se com um ar indiferente. A blusa rasgada deixava-lhe descobertas as clavículas. Um lampião vizinho iluminava-lhe o perfil. Não se podia ver nada mais resoluto e surpreendente.

Os seis assaltantes, impossibilitados de agir, envergonhados ao se verem assim ludibriados por uma jovem, foram até um lugar escuro para discutir a situação, erguendo os ombros, humilhados e furiosos.

Eponine, no entanto, olhava-os com toda a calma e atenção.

– Essa aí tem alguma coisa – disse Babet. – Alguma razão. Será que se apaixonou por um cachorro? Mas é uma pena a gente desistir. Duas mulheres, um velho que dorme no quintal, e as vidraças cheias de cortinas. O velho deve ser algum judeu. Creio que a coisa é mesmo boa.

– Então, entrem vocês – exclamou Montparnasse. – Façam o serviço. Eu fico com a menina; se ela chiar…

E fez brilhar o canivete que mantinha aberto, escondido na manga.

Thénardier nada disse; parecia pronto para tudo o que quisessem.

Brujon, que era um tanto oráculo e tinha, como sabemos, “achado o negócio”, ainda não havia falado. Parecia preocupado. Era conhecido como quem não recua diante de nada, e todos sabiam que assaltara, só por brincadeira, uma delegacia. Além do mais, fazia versos e canções, o que lhe dava grande autoridade.

Babet perguntou-lhe:

– E você, Brujon, não diz nada?

Brujon ficou calado ainda por um momento; depois sacudiu a cabeça de diversas maneiras e decidiu falar:

– Olhem: hoje de manhã vi dois pardais que brigavam; e, de noite, encontro uma mulher com vontade de brigar. A coisa não está boa. Vamos embora.

E foram.

Enquanto andava, Montparnasse murmurava:

– Para mim era a mesma coisa; se quisessem, torcia-lhe o pescoço.

Babet respondeu:

– Eu não; em mulher não ponho a mão.

Num canto da rua todos pararam e mantiveram em voz baixa este diálogo enigmático:

– Onde vamos dormir hoje?

– Em Pantin.

– Você está com a chave da grade, Thénardier?

– Ora, se estou!

Eponine, que não os perdia de vista, viu-os retomar o caminho por onde tinham vindo. Levantou-se e pôs-se a acompanhá-los, esgueirando-se ao longo dos muros e das casas. Seguiu-os, assim, até o bulevar.

Lá eles se separaram, e pôde vê-los desaparecer nas trevas, onde como que se

dissolveram.

V | COISAS DA NOITE

Depois da saída dos bandidos, a Rue Plumet voltou ao seu tranquilo aspecto noturno.

O que acabava de acontecer naquela rua não teria causado espanto a uma floresta. Os bosques, as matas, as charnecas, os ramos fortemente entrelaçados e as moitas têm um aspecto sombrio; o formigamento selvagem entrevê ali súbitas aparições do invisível; o que está situado abaixo do homem distingue então, através do nevoeiro, o que está além do homem; as coisas desconhecidas por nós, viventes, confrontam-se na noite. A natureza eriçada e arisca assusta-se com certas aproximações em que pressente o sobrenatural. As forças da sombra se conhecem, conservando entre elas um misterioso equilíbrio. Os dentes e as garras temem o invisível, o intocável. A bestialidade sedenta de sangue, os vorazes apetites famintos à procura de uma presa, os instintos armados de unhas e mandíbulas, que só têm por origem e finalidade o ventre, olham e farejam, inquietos, a impassível silhueta espectral vagando sob um sudário, de pé, envolta em seu tênue manto assustador, que lhes parece dotado de uma vida morta e terrível. A simples matéria bruta receia confusamente ter de se haver com a imensa obscuridade condensada num ser desconhecido. Uma figura negra, barrando-lhe a passagem, corta o caminho à besta feroz. O que sai do cemitério intimida e desorienta o que surge do antro; o feroz tem medo do sinistro; os lobos recuam diante de uma larva.

VI | MARIUS VOLTA À REALIDADE A PONTO DE DIZER A COSETTE ONDE MORA

Enquanto aquela espécie de cadela com figura humana montava guarda à grade e os seis bandidos se retiravam diante de uma pobre jovem, Marius estava ao lado de Cosette.

Jamais o céu esteve mais cheio de estrelas, mais encantador; jamais as árvores estiveram tão trêmulas e a relva tão perfumada; jamais os passarinhos adormeceram entre as folhas com ruído mais suave; jamais todas as harmonias da serenidade universal responderam melhor às melodias íntimas do amor;

jamais Marius se sentira tão fascinado, tão feliz, tão extasiado. Contudo, encontrara Cosette triste, Cosette havia chorado. Seus olhos estavam vermelhos.

Era a primeira nuvem naquele sonho admirável.

A primeira palavra de Marius foi:

– Que é que você tem?

E ela respondeu:

– Olhe.

Depois, sentou-se no banco ao lado da escadaria e, enquanto ele, trêmulo, sentava-se a seu lado, prosseguiu:

– Meu pai, esta manhã, disse-me para ficar preparada; ele tem vários negócios a resolver e talvez devamos partir.

Marius estremeceu da cabeça aos pés.

Quando se está no fim da vida, morrer quer dizer partir; quando se está no começo, partir quer dizer morrer.

Fazia seis semanas que Marius, aos poucos, lentamente, tomava posse de Cosette. Posse absolutamente ideal, mas profunda. Como já explicamos, no primeiro amor, toma-se a alma antes do corpo; mais tarde, toma-se o corpo antes da alma; às vezes, despreza-se por completo a alma; os Faublas e os Prudhomme explicam:[89] *Porque não existe alma!*, mas, felizmente, esse sarcasmo é uma blasfêmia. Marius, portanto, possuía Cosette como só os espíritos o fazem; mas a envolvia com toda a sua alma, abraçando-a cioso com incrível convicção. Possuía-lhe o sorriso, o hálito, o perfume, o brilho profundo dos olhos azuis, a delicadeza da pele quando lhe apertava a mão, o encantador sinalzinho do pescoço, todos os seus pensamentos. Haviam combinado de jamais dormir sem sonhar um com o outro, e mantiveram a palavra. Possuía, assim, todos os sonhos de Cosette. Contemplava-a embevecido, às vezes até soprava levemente os cabelos de sua nuca, certo de que nem um só fio deixava de pertencer-lhe. Contemplava e adorava o que ela vestia, um laço de fita, as luvas, os punhos, os sapatos, como se fossem objetos sagrados dos quais era dono. Sonhava que era senhor dos graciosos pentes de tartaruga que ela usava, perfeitamente convencido – surdo e confuso balbuciar da volúpia que se patenteava – de que não havia cordão de seu vestido, malha de suas meias, prega de sua blusa que não lhe pertencessem. Ao lado de Cosette, sentia-se perto de seu bem, de uma coisa sua, ao lado de sua senhora e de sua escrava. Pensava que suas almas estavam tão intimamente unidas que, se quisessem retomá-las, ser-lhes-ia impossível reconhecê-las. – Esta é a minha! – Não; é a minha! – Estou certo de

que você está enganado. Olhe bem para mim. – O que você pensa que é você, sou eu. – Marius era algo que fazia parte de Cosette e Cosette era algo que fazia parte de Marius. Ele sentia que Cosette vivia no seu íntimo. Ter Cosette, possuir Cosette, era o mesmo que respirar. Foi no meio dessa fé, embriaguez, possessão virginal, inusitada, absoluta, soberana, que as palavras: – Vamos partir – desabaram, e a voz brusca da realidade gritou-lhe: “Cosette não lhe pertence!”.

Marius como que despertou. Havia seis semanas vivia, como já dissemos, fora da vida, e essa palavra. – Partir! – chamou-o novamente à realidade.

Não sabia o que dizer. Cosette sentiu apenas que suas mãos estavam frias. Então, por sua vez, lhe disse: – Que é que você tem?

Marius respondeu tão baixo que mal se pôde ouvir:

– Não compreendo o que você me disse.

Cosette explicou:

– Esta manhã meu pai me disse que preparasse todas as minhas coisas e ficasse pronta; ele me daria suas roupas para arrumar em uma mala, pois era preciso fazer uma viagem; era preciso uma mala bem grande para mim e uma pequena para ele; em uma semana tudo deve estar arrumado; talvez tenhamos de ir para a Inglaterra.

– Mas isso não pode ser! – exclamou Marius.

É fora de dúvida que naquele momento, no espírito de Marius, nenhum abuso do poder, nenhuma violência, nenhuma abominação dos mais prodigiosos tiranos, nenhum ato de Busíris, de Tibério ou de Henrique VIII igualava em ferocidade esta imposição:[90] o Sr. Fauchelevent leva a filha para a Inglaterra porque tem negócios a tratar. Ele perguntou timidamente:

– E quando vai partir?

– Ele não disse quando.

– E quando volta?

– Ele não disse quando.

Marius levantou-se e perguntou friamente:

– Cosette, você vai?

Cosette volveu para ele olhos angustiados e respondeu, meio assustada:

– Para onde?

– Para a Inglaterra? Você vai?

– Por que me pergunta?

– Estou perguntando se você vai.

– O que quer que eu faça? – disse ela, juntando as mãos.

– Então, você vai?

– Mas, se meu pai também vai!

Cosette tomou as mãos de Marius, apertando-as sem responder.

– Está bem – disse Marius. – Então vou para outro lugar.

Cosette percebeu todo o sentido dessa frase, sem mesmo a compreender. Ficou tão pálida que seu rosto, no meio das sombras, tornou-se branco. Balbuciou então:

– Que é que você quer dizer?

Marius encarou-a, depois elevou os olhos para o céu e respondeu:

– Nada.

Quando suas pálpebras se abaixaram, viu que Cosette lhe sorria. O sorriso da mulher amada é um clarão que se vê mesmo à noite.

– Como somos bobos! Marius, tenho uma ideia.

– Qual?

– Se nós partirmos, você vai também! Eu lhe direi onde estou e você irá ter comigo.

Marius, naquele instante, estava perfeitamente acordado. Voltara à realidade. Ele disse a Cosette:

– Partir com você! Está louca! É preciso dinheiro, e eu não o tenho! Ir para a Inglaterra? Mas agora eu já devo, não sei bem, mais de dez luíses a Courfeyrac, um dos meus amigos, que você não conhece! Tenho um chapéu velho que não vale três francos, um casaco sem os botões da frente, a camisa toda rasgada, os cotovelos rotos, as botinas furadas; fazia seis semanas que eu não pensava mais nisso, nem lhe falei de nada. Cosette, eu sou miserável. Você só me vê à noite, e me dá o seu amor; se me visse de dia me daria uma esmola! Ir para a Inglaterra! Oh! eu não tenho com que pagar o meu passaporte!

E lançou-se contra uma árvore, de pé, os dois braços acima da cabeça, a fronte contra a cortiça, sem sentir nem a madeira que lhe arranhava a pele nem a febre que lhe martelava as têmporas, imóvel, quase a cair, como a estátua do desespero.

Assim ficou por muito tempo. Continuaria por toda a eternidade naqueles abismos. Enfim, voltou-se. Ouvia atrás de si um pequeno ruído abafado, suave e triste.

Era Cosette que soluçava.

Fazia mais de duas horas que ela chorava ao lado de Marius, mergulhado em

seus pensamentos.

Dirigiu-se para ela, caiu de joelhos e, inclinando-se lentamente, pegou-lhe a ponta de um pé e beijou-o.

Ela, calada, não o interrompeu. Há momentos em que a mulher aceita, como deusa sombria e resignada, a religião do amor.

– Não chore – disse ele.

Cosette murmurou:

– Mas, eu vou-me embora e você não vai poder me acompanhar!

Marius replicou:

– Você me ama?

Ela respondeu-lhe soluçando esta palavra do paraíso, que jamais é tão encantadora como quando pronunciada entre lágrimas:

– Eu adoro você!

Ele continuou com uma voz que era uma carícia inexprimível:

– Não chore. Diga-me: quer parar de chorar só por mim?

– Você me ama? – disse Cosette.

Ele tomou-lhe as mãos.

– Cosette, jamais dei minha palavra de honra a ninguém, porque minha palavra de honra me assusta. Eu sinto que meu pai está a meu lado. Pois bem, dou-lhe a minha palavra de honra mais sagrada que, se você partir, eu morrerei.

Havia na expressão com que ele pronunciara essas palavras uma melancolia tão solene e tranquila que Cosette estremeceu. Ela sentiu o frio de algo verdadeiro e triste que lhe passava ao lado. Sobressaltada, parou de chorar.

– Agora, escute – disse ele –, não me espere amanhã.

– Por quê?

– Espere-me só depois de amanhã.

– Por quê?

– Você depois vai saber.

– Um dia sem ver você! Não é possível!

– Sacrifiquemos um dia para termos quem sabe toda a vida. E Marius acrescentou à meia-voz e à parte:

– É um homem que não muda seus hábitos e que não recebe ninguém senão à noite.

– De quem você está falando? – perguntou Cosette.

– Eu? Mas eu não disse nada.

– Que espera fazer então?

– Espere até depois de amanhã.

– Você quer assim?

– Quero, Cosette.

Ela tomou-lhe a cabeça entre as mãos, levantando-se na ponta dos pés para igualá-lo em altura, procurando ver-lhe nos olhos a esperança.

Marius retrucou:

– Acho melhor que você conheça o meu endereço; pode acontecer alguma coisa, ninguém sabe; moro com esse amigo chamado Courfeyrac, na Rue de la Verrerie, número 16.

Revistou os bolsos, pegou um canivete e com a lâmina escreveu na parede: *16, Rue de la Verrerie*. Cosette, no entanto, olhava-o novamente nos olhos.

– Diga-me o que está pensando. Marius, você deve estar pensando em alguma coisa. Diga-me. Ora! Diga-me, para que eu possa passar a noite sossegada!

– Meu pensamento? É este: é impossível que Deus nos queira separar. Espere até depois de amanhã.

– O que vou fazer até lá? – disse Cosette. – Você está lá fora, pode andar à vontade! Como são felizes os homens! Mas eu fico aqui, sozinha. Oh! como vou ficar triste! Que é que você vai fazer amanhã à noite, diga-me?

– Vou tentar uma coisa.

– Então eu vou rezar e pensar muito em você para que tudo saia bem. Não pergunto mais nada porque você não quer. Você manda em mim. Passarei a noite de amanhã a cantar a canção de *Eurianto* de que você tanto gosta, aquela que você ouviu uma noite através da janela. Mas, depois de amanhã, venha mais cedo. Espero-o aqui à noite, às nove horas em ponto. Meu Deus! Como é triste os dias serem tão longos! Compreendeu? Às nove horas em ponto estarei no jardim.

– Eu também.

E, sem nada dizerem, movidos pelo mesmo pensamento, levados pelas correntes elétricas que põem dois amantes em contínua comunicação, ambos, felizes até no sofrimento, caíram nos braços um do outro, sem perceber que seus lábios se tinham juntado, enquanto seus olhos, transbordando de êxtase e cheios de lágrimas, contemplavam as estrelas.

Quando Marius saiu, a rua estava deserta. Era o momento em que Eponine seguia os bandidos até o bulevar.

Enquanto Marius sonhava com a cabeça apoiada a uma árvore, uma ideia lhe atravessara o espírito; uma ideia que ele mesmo julgava insensata e impossível. Tomara uma resolução violenta.

VII | UM CORAÇÃO JOVEM NA PRESENÇA DE UM CORAÇÃO VELHO

O Sr. Gillenormand tinha por essa época seus noventa e um anos bem puxados. Continuava a morar com a Srta. Gillenormand na Rue Filles-du-Calvaire, número 6, no mesmo velho casarão de sua propriedade. Era, como nos lembramos, um desses velhos antigos que esperam empertigados a chegada da morte, sem que a idade ou os sofrimentos consigam dobrá-los.

Entretanto, havia algum tempo, a filha dizia: – Meu pai está definhando. – Ele não espancava mais as criadas; já não batia tão energicamente com a bengala no patamar da escada quando Basco se demorava para abrir-lhe a porta. A Revolução de julho exasperara-o por apenas seis meses. Leu quase tranquilo no *Moniteur* este ajuntamento de palavras: *Sr. Humblot-Conté, Par de França*.[91] A verdade era que o velhinho estava bastante abatido. Ele não se dobrava nem se rendia; isso era contrário tanto à sua natureza física quanto à sua natureza moral, mas, interiormente, sentia-se desfalecer. Havia quatro anos que esperava por Marius, firme – é bem a palavra –, com a convicção de que o maroto bateria à porta um dia ou outro; agora, em certas horas tristes, ouviam-no dizer que, se Marius demorasse muito… Não era a morte que lhe era insuportável, era a ideia de, quem sabe, não tornar a ver o neto; isso jamais lhe passara pela cabeça; mas agora já começava a pensar assim e sentia-se gelado. A ausência, como sempre acontece com os sentimentos naturais e verdadeiros, só servira para aumentar seu amor de avô pelo rapaz ingrato que se fora sem mais nem menos. É nas noites de dezembro, com a temperatura a dez graus abaixo de zero, que se pensa mais no sol. O Sr. Gillenormand era, ou pensava ser, absolutamente incapaz de dar um passo, ele, avô, na direção do neto: – Antes morrer – costumava dizer. Não se julgava culpado de coisa alguma; mas não pensava em Marius sem profunda ternura e o mudo desespero de um bom velho que vai entrando nas trevas.

Começava a perder os dentes, o que lhe aumentava a tristeza.

O Sr. Gillenormand, sem contudo o confessar para si mesmo, pois ficaria furioso e envergonhado, jamais gostou tanto de uma amante como gostava de

Marius.

Mandou colocar em seu quarto, perto da cabeceira da cama, como a primeira coisa que desejava ver ao despertar, um antigo retrato da outra filha, a que morrera, Mme. Pontmercy, retrato feito quando ela tinha dezoito anos. Contemplava-o por horas e horas. Um dia, sucedeu-lhe dizer enquanto o olhava:

– É muito parecido.

– Com minha irmã? – replicou a Srta. Gillenormand. – Mas é claro! O velho acrescentou:

– E com ele também.

Outra vez, enquanto estava sentado com os joelhos unidos e os olhos quase fechados, numa posição de abatimento, a filha arriscou-se a dizer:

– Meu pai; o senhor ainda gosta muito dele?…

E parou, não ousando ir adiante.

– De quem?

– Do pobre Marius.

Ele levantou a cabeça encanecida, apoiou sobre a mesa a mão magra, enrugada, e gritou com a voz mais irritada e vibrante que tinha:

– Pobre Marius, diz a senhora! Sem responsabilidade, isto sim; um vagabundo, um vaidoso ingrato, sem coração, sem alma, um orgulhoso, um homem mau!

E voltou-se para o outro lado, a fim de que a filha não visse as lágrimas que tinha nos olhos. Três dias depois, rompeu um silêncio que já durava havia quatro horas para dizer à filha à queimaroupa:

– Já tive a honra de pedir à Srta. Gillenormand que não me falasse mais nele.

Tia Gillenormand renunciou a qualquer nova tentativa e formulou este diagnóstico profundo: – Meu pai nunca mais gostou de minha irmã depois daquela tolice. É evidente que detesta Marius.

“Depois daquela tolice” significava: depois do casamento com o Coronel.

Aliás, como devem ter imaginado, a Srta. Gillenormand não teve êxito em sua tentativa de substituir Marius pelo seu favorito, o Oficial dos lanceiros. O Tenente Teódulo nada lograra alcançar. O Sr. Gillenormand não aceitara o quiproquó. O vazio de um coração não pode ser enchido por qualquer coisa. Teódulo, de sua parte, embora farejando a herança, sentia repugnância por aquela imposição de agradar. O velho desagradava ao lanceiro e este enfurecia o bom velho. Sem dúvida, o Tenente Teódulo era alegre, mas não deixava de ser tagarela; era frívolo, mas vulgar; *bon vivant*, mas de más companhias; tinha

amantes, é verdade, e falava muito nelas, o que também é verdade, mas falava mal. Todas essas qualidades tinham algum defeito. O Sr. Gillenormand fartara-se de ouvi-lo contar as conquistas que fizera nas imediações do quartel, na Rue de Babylone. Além do mais, o Tenente às vezes vinha de uniforme e com o laço tricolor. Isso o tornava simplesmente impossível, tanto que o Sr. Gillenormand acabou por dizer à filha: – Estou por aqui com esse Teódulo. Se você quiser, receba-o. Tenho pouca simpatia por guerreiros em tempo de paz. Nem mesmo sei se gosto mais dos que usam o sabre ou dos que somente o arrastam. O tilintar das lâminas na batalha é menos miserável do que a bulha das bainhas arrastando-se pelas pedras da rua. E depois, gingar como um mata-mouros e apertar-se como qualquer mulherzinha, usar corpinho debaixo da couraça, isso é ser duas vezes ridículo. Quando se é homem de verdade, fica-se a igual distância da fanfarronada e da afetação. Nem ferrabrás nem não me toques. Guarde o seu Teódulo para você.

A filha achou bom dizer: – No entanto, é seu sobrinho –, mas acontecia que o Sr. Gillenormand, avô até a raiz das unhas, não tinha nada de tio.

No fundo, como era espirituoso e gostava de comparar, Teódulo serviu somente para que sentisse mais saudade de Marius.

Uma noite, era 4 de junho, o que não impedia que o Sr. Gillenormand mantivesse bem acesa a lareira, mandou que a filha se retirasse da sala vizinha onde ela costurava. Estava só em seu quarto decorado com cenas pastoris, com os pés apoiados à boca da lareira, meio escondido pelo grande biombo de nove folhas de Coromandel, encostado à mesa em que brilhavam duas velas sob um abajur verde, mergulhado na sua poltrona de tapeçaria, com um livro à mão, mas sem ler. Estava vestido, segundo a moda, à *incroyable*, parecendo um antigo retrato de Garat.[92] Essas roupas fariam com que o seguissem pelas ruas, mas sua filha, nessas ocasiões, sempre o cobria com uma grande capa de bispo para esconder-lhe a estranha toalete. Em casa, exceto para se levantar ou deitar, jamais usava robe de chambre. – *Isso faz a gente parecer velho* – dizia.

O velho Gillenormand pensava em Marius, amorosamente, amargamente; e, como de ordinário, a amargura dominava. Sua ternura rude acabava sempre por ferver e se transformar em indignação. Estava prestes a tomar uma resolução, aceitando enfim o que mais temia. Pensava, afinal, que Marius não tinha mais razão para voltar, pois, se o quisesse, já o teria feito; era melhor não pensar mais no caso. Procurava habituar-se à ideia de que tudo estava terminado e que ia morrer sem tornar a ver “aquele senhor”. Mas toda a sua natureza se revoltava; sua velha paternidade não o permitia. – Quê! – era o seu refrão doloroso –, ele

não vai voltar! – A cabeça branca tombara-lhe sobre o peito, fixando vagamente nas cinzas da lareira os olhos tristes.

No mais profundo de seus pensamentos, seu velho criado, Basco, entrou e disse:

– O senhor pode receber o Sr. Marius?

O velho endireitou-se na poltrona, pálido, semelhante a um cadáver que se levanta sob uma carga galvânica. Todo o seu sangue refluiu para o coração. Balbuciou:

– Que Sr. Marius?

– Não sei – respondeu Basco, amedrontado e embaraçado pelo aspecto do amo –, eu não o vi. Foi Nicolette quem veio me avisar: Está aí um rapaz; diga que é o Sr. Marius.

O velho Gillenormand balbuciou em voz baixa:

– Mande-o entrar.

E continuou na mesma atitude, a cabeça trêmula, os olhos fixos na porta. Ela se abriu. Entrou um rapaz. Era Marius.

Marius parou à espera de que o mandassem entrar.

Suas roupas, quase imprestáveis, não podiam ser notadas à meia-luz das velas. Não se distinguia senão o seu rosto calmo e sério, mas estranhamente triste.

O velho Gillenormand, deslumbrado pela alegria, ficou por alguns instantes sem ver outra coisa além de uma claridade, como quando se está diante de uma aparição. Estava prestes a desfalecer; via Marius como que deslumbrado. Era mesmo ele, Marius!

Enfim! Depois de quatro anos! Abrangeu-o, por assim dizer, com um só olhar. Achou-o bonito, nobre, distinto, crescido, homem-feito, em atitude conveniente, encantador. Teve vontade de abrir-lhe os braços, de chamá-lo, de correr para ele; as entranhas se lhe fundiam de arrebatamento, as palavras afetuosas transbordavam-lhe do peito; enfim, toda essa ternura lhe chegou aos lábios, e, como o contraste era a base de sua natureza, teve como resultado esta frase áspera:

– Que veio fazer aqui?

Marius respondeu embaraçado:

– Senhor…

O velho Gillenormand queria que Marius se lançasse em seus braços. Sentiu-se descontente com o rapaz e consigo mesmo. Percebera a própria rispidez e a

frieza do neto. Para o bom velho, era uma ansiedade insuportável e irritante sentir-se tão terno e comovido no íntimo e tão duro exteriormente. O azedume voltou a dominá-lo, interrompendo Marius com teimosia.

– Então, para que veio aqui?

Esse "então" queria dizer: – *Se não quer dar-me um abraço*. – Marius continuava a olhar o avô a quem a palidez dera um rosto de mármore.

– Senhor…

O velho replicou em tom severo:

– Veio pedir-me perdão? Reconhece agora que errou?

Julgava que assim mudaria o modo de pensar de Marius, obrigando "o pequeno" a se dobrar. Marius estremeceu; pediam-lhe que renegasse a seu pai; abaixou os olhos e respondeu:

– Não, senhor.

– Então – gritou o velho com dor e cólera –, que quer de mim?

Marius juntou as mãos, deu um passo e disse com voz fraca e trêmula:

– Senhor, tenha pena de mim!

Essas palavras comoveram o velho; ditas um pouco mais cedo, tê-lo-iam enternecido, mas já era tarde. O avô ergueu-se, apoiou-se com as duas mãos na bengala, os lábios brancos, a cabeça trêmula; sua estatura elevada dominava Marius, cabisbaixo.

– Pena do senhor! O adolescente pede piedade a um velho de noventa e um anos! O senhor está entrando para a vida, eu já estou saindo; o senhor vai aos teatros, aos bailes, aos cafés, aos bilhares; é inteligente, agrada às mulheres, é bonito, e eu, em pleno verão, estou aqui a cuspir nas brasas da lareira; o senhor possui todas as riquezas que realmente existem, e eu tenho comigo todas as misérias da velhice; a doença, a solidão! O senhor tem seus trinta e dois dentes, um bom estômago, os olhos brilhantes, tem força, apetite, saúde, alegria, uma floresta de cabelos negros; e eu nem tenho mais meus cabelos brancos, perdi meus dentes, minhas pernas e minha memória se enfraquecem; há três nomes de rua que sempre estou confundindo, Rue Charlot, Rue du Chaume e Rue Saint-Claude; eis até que ponto cheguei; o senhor tem diante de si todo um futuro cheio de sol, eu começo a desprezar o sol, tanto avancei dentro da noite; o senhor ama alguém, logo se vê, e eu não sou amado por ninguém no mundo; e o senhor é que vem me pedir piedade! Com a fortuna! Molière esqueceu-se desta. Se é desse modo que os senhores gracejam no tribunal, senhores advogados, dou-lhes meus mais sinceros cumprimentos. Vocês são mesmo divertidos.

E o octogenário prosseguiu em voz colérica e grave:

– Afinal, que quer de mim?

– Meu senhor – respondeu Marius –, sei que a minha presença lhe desagrada, mas venho somente para pedir-lhe uma coisa; depois, vou-me embora.

– O senhor é um tolo! – disse o velho. – Por que falar agora em ir-se embora?

Essa era a tradução das palavras ternas que tinha no fundo do coração: – *Vamos! Peça-me perdão! Dê-me um abraço!* – O Sr. Gillenormand percebera que Marius o deixaria em alguns instantes, repelido e assustado pela má acolhida e pela má vontade com que o recebera; pensava em tudo isso, aumentando assim a própria dor, e, como esta se transformava imediatamente em cólera, tornava-se cada vez mais ríspido. Desejava que Marius o compreendesse, mas Marius não o compreendia, o que o fazia ficar furioso.

– Como! – prosseguiu ele. – O senhor deixou a mim, seu avô, a minha casa, para ir não sei aonde, desgostou sua tia, quis – já sabe, é mais cômodo – viver vida de rapaz, fazer-se de precioso, voltar para casa quando bem entendia, divertir-se, não me deu mais sinal de vida, contraiu dívidas sem pedir que eu as pagasse, fez-se quebrador de vidraças e arruaceiro, e, ao cabo de quatro anos, vem à minha casa, e a única coisa que me tem a dizer é isso!

Esse modo violento de levar o neto à ternura teve como resultado apenas o silêncio de Marius. O velho Gillenormand cruzou os braços, gesto que nele era particularmente imperioso, e apostrofou o neto amargamente:

– Acabemos com isso. O senhor veio pedir-me alguma coisa? Pois bem; o quê? Fale!

– Senhor – disse Marius com o olhar de alguém prestes a cair num precipício –, venho pedir-lhe licença para me casar.

O Sr. Gillenormand bateu a campainha. Basco entreabriu a porta.

– Chame a minha filha!

Um segundo depois, a porta se abriu. A Srta. Gillenormand não entrou, mas apareceu. Marius estava de pé, calado, braços caídos, como um criminoso; o velho Gillenormand ia e vinha ao longo do quarto. Voltou-se para a filha e lhe disse:

– Nada. É o Sr. Marius. Pode cumprimentá-lo. Ele quer se casar. É só isso. Pode ir.

O tom de voz seco e rouco do velho anunciava uma estranha plenitude de arrebatamento. A tia contemplou Marius assustada; parecia quase não o reconhecer, não fez um gesto, não disse uma sílaba e desapareceu ao sopro de

seu pai, mais depressa que uma palhinha diante do furacão.

Entretanto, o Sr. Gillenormand voltara a se encostar na lareira.

– Casar-se! Aos vinte e um anos! Então já está tudo pronto! Só falta conseguir a minha permissão! Simples formalidade! Sente-se, meu senhor. Desde que não tive mais a honra de vê-lo, o senhor passou por uma revolução. Os jacobinos venceram. O senhor deve estar contente. Então, depois que se tornou Barão, o senhor não é mais republicano? Deu um jeito na coisa; a república serve de molho ao baronato. Nem tem alguma condecoração de julho? Por acaso não ajudou a tomar o Louvre, meu senhor? Bem perto daqui, na Rue Saint-Antoine, em frente da Rue Nonnains-d'Hyères, há uma bala incrustada na parede, no terceiro andar de uma casa, com a seguinte inscrição: *28 de julho de 1830*. É só ir ver; faz muito bom efeito. Ah! mas os seus amigos fazem lindas coisas! A propósito, eles não estão construindo uma fonte em lugar do monumento do Duque de Berry? [93] Então, quer casar-se? Com quem? Se não for indiscrição de minha parte, poderia dizer-me com quem?

Parou e, antes que Marius tivesse tido tempo para responder, acrescentou violentamente:

– Mas o senhor já tem uma posição? Está com a vida feita? Quanto ganha na sua profissão de advogado?

– Nada – disse Marius, com uma espécie de firmeza e resolução quase selvagem.

– Nada? Então, não tem para viver senão os mil francos que lhe dou?

Marius não respondeu. O velho Gillenormand continuou:

– Agora compreendo; a moça é rica?

– Tanto quanto eu.

– O quê? Não tem dote?

– Não.

– Nem esperanças?

– Acho que não.

– Completamente nua! E o pai, o que faz?

– Não sei.

– Como se chama ela?

– Srta. Fauchelevent.

– Fauche o quê?

– Fauchelevent.

– Puh! – fez o velho.

– Senhor! – exclamou Marius.

O velho o interrompeu como alguém que fala consigo mesmo:

– Aí está; vinte e um anos, sem posição alguma, duzentas libras por ano, e a Sra. Baronesa de Pontmercy irá à quitanda comprar dois vinténs de salsa?

– Meu senhor – continuou Marius na alucinação da última esperança que se desvanece –, eu lhe peço, eu lhe suplico, em nome do céu, de mãos juntas, ajoelhado a seus pés, permita-me que a espose![94]

O velho deu uma gargalhada estridente e lúgubre, ao mesmo tempo que tossia e falava:

– Ah! Ah! Ah! O senhor deve ter pensado: "Com a fortuna! Vou procurar aquele velho careca, aquele pateta absurdo! Pena eu não ter os meus vinte e cinco anos! Como eu lhe daria uns respeitáveis bofetões! Como passaria bem sem ele! Não faz mal; eu lhe direi: Velho cretino, você está muito contente por me ver, eu quero casar-me com uma senhora qualquer, filha de não sei quem, mas não tenho sapatos, ela não tem roupas, isso porém não importa; quero jogar à água a minha carreira, o meu futuro, a minha juventude, a minha vida, quero mergulhar na miséria com uma mulher ao pescoço, é essa a minha ideia, e é preciso que o senhor dê o seu consentimento! E o velho fóssil concordará com tudo". Vá, meu rapaz, faça o que bem entender, amarre bem a pedra ao pescoço, case-se com essa tal Pousselevent, Coupelevent… Jamais! Jamais!

– Meu pai!

– Jamais.

À expressão com que fora pronunciado esse "jamais", Marius perdeu toda a esperança. Atravessou o quarto lentamente, cabisbaixo, cambaleando, assemelhando-se mais a alguém que vai morrer do que a alguém que se retira. O Sr. Gillenormand seguia-o com os olhos e, no momento em que a porta se abria e Marius ia sair, deu quatro passos com a vivacidade senil dos velhos mandões e mimados, segurou Marius pela gola do casaco, trouxe-o energicamente para dentro do quarto, jogou-o a uma poltrona e lhe disse:

– Conte-me essa história!

Aquele *meu pai* dito por Marius provocou toda essa mudança.

Marius encarou-o, assustado. O rosto do velho Gillenormand não exprimia nada mais que uma rude e inefável bonomia. O avô tomara o lugar do pai de sua mãe.

– Vamos, vejamos, fale, conte-me suas aventuras; diga-me tudo! Mas como

são bobos esses rapazes!

– Meu pai… – replicou Marius.

Toda a fisionomia do velho se iluminou de indizível luz.

– Sim, isso mesmo! Chame-me de pai, que você vai ver!

Agora ele assumiu um aspecto tão bom, tão delicado, tão sincero, tão paternal naquela rusticidade que Marius, passando subitamente do desespero à esperança, sentiu-se como que atordoado e fora de si. Estava sentado perto da mesa; a luz das velas punha em evidência o mau estado de suas roupas, que o Sr. Gillenormand observava, admirado:

– Pois bem, meu pai… – disse Marius.

– Já sei – interrompeu-o o velho –, você não tem dinheiro? Está vestido como um ladrão qualquer.

Procurou pelas gavetas, pegou uma bolsa e a colocou em cima da mesa: – Aqui estão cem luíses; compre um chapéu novo.

– Meu pai – prosseguiu Marius –, meu bom pai, se o senhor soubesse! Eu estou apaixonado. O senhor não pode imaginar. A primeira vez que a vi foi no Luxembourg; no começo, não lhe dei muita atenção, e depois, não sei como aconteceu, apaixonei-me por ela. Como sofri! Enfim, agora, vejo-a todos os dias em sua casa; o pai não sabe de nada. Imagine que eles vão viajar; nós nos encontramos no jardim, à noite; o pai dela quer levá-la para a Inglaterra; então pensei comigo: “Vou ver o meu avô e contar-lhe o que acontece”. Preferiria enlouquecer, morrer, fazer uma bobagem, lançar-me à água. Preciso absolutamente casar-me com ela, senão enlouqueço. Aí está toda a verdade; acho que não me esqueci de nada. Ela mora num jardim com grades, na Rue Plumet, do lado dos Invalides.

O velho Gillenormand sentara-se encantado ao lado de Marius. Enquanto o escutava, saboreando o som de sua voz, saboreava ao mesmo tempo uma pitada de rapé. Às palavras Rue Plumet, parou e deixou cair o resto do tabaco nos joelhos.

– Rue Plumet! Você disse Rue Plumet! Vejamos! Não há um quartel por ali? É isso mesmo. O seu primo, Teódulo, já me falou dessa rua. O lanceiro, o Oficial. Uma mocinha, meu amigo, uma mocinha! É isso mesmo: Rue Plumet. Antes chamava-se Rue Blomet. Já me recordo. Já ouvi falar dessa pequena do tal jardim. Num jardim, uma Pamela.[95] Você não tem mau gosto. Dizem que ela é boazinha. Entre nós, eu acho que o bobo do lanceiro já lhe andou fazendo a corte. Não sei até onde chegou a coisa. Enfim, não tem importância. Aliás, não

se deve acreditar muito nele. Ele gosta de vangloriar-se. Marius! Acho muito certo que um rapaz como você esteja apaixonado. É próprio da idade. Prefiro vê-lo apaixonado a vê-lo jacobino. É melhor que você ande atrás de uma saia, de vinte saias, do que do Sr. Robespierre. Por minha parte asseguro que os únicos *sans-culottes* que amei foram as mulheres. Afinal, as mulheres são as mulheres, que diabo! Quanto a isso, não faço nenhuma objeção. Quanto à pequena, ela o recebe às escondidas do papai. Isso também é muito comum. Eu também tive casos assim. Mais de um até. Sabe como se faz? Não se deve pegar a coisa com ferocidade, não se deve descair para a tragédia; para não concluir tudo na frente do Sr. *Maire* com sua faixa. Deve-se ter espírito, deve-se ter bom-senso. Deslizai, mortais, mas não vos caseis. A gente vai procurar o avô, que no fundo é bom sujeito, e que tem sempre em alguma gaveta uma bolsa com alguns luíses, e diz assim: – Vovô, acontece isso. – E o avô lhe responde: – Nada mais simples. – É preciso que a juventude se divirta e a velhice se resigne. Já fui jovem, e você um dia será velho. Vá, meu rapaz, e faça o mesmo com o seu neto. Aqui estão duzentas libras. Divirta-se, e coragem! Nada melhor! E assim o caso está resolvido. Não se casa, mas isso não obsta. Está-me compreendendo?

Marius, petrificado, impossibilitado de dizer uma palavra, fez um sinal negativo. O velho desatou a rir, piscou os olhos, bateu-lhe nos joelhos, fitou-o com ar misterioso e feliz, e lhe disse, sacudindo ternamente os ombros:

– Bobo! Faça dela a sua amante! [96]

Marius empalideceu. Não compreendera nada do que o avô lhe acabava de dizer. Aquela repetição de Rue Blomet, de Pamela, de quartel, de lanceiro, passara diante de Marius como uma fantasmagoria. Nada daquilo tinha algo a ver com Cosette, um lírio de candura. O velho delirava. Mas o delírio acabara por uma palavra que Marius bem compreendia e que era uma injúria mortal a Cosette. Aquelas palavras, “faça dela a sua amante”, entraram no coração do severo rapaz como uma espada.

Levantou-se, pegou o chapéu do chão e dirigiu-se para a porta em passos firmes e resolutos. Ali ele se voltou, inclinou-se profundamente diante do avô, levantou a cabeça e disse:

– Há cinco anos, o senhor ofendeu o meu pai; hoje, ofende a minha mulher. Não lhe peço mais nada, senhor. Adeus.

O velho Gillenormand, estupefato, abriu a boca, estendeu os braços, procurou levantar-se e, antes que pudesse pronunciar uma palavra, a porta se tinha fechado e Marius desaparecera.

O velho ficou imóvel por alguns instantes, como que fulminado, sem poder falar nem respirar, como se um punho fechado lhe apertasse a garganta. Enfim, levantou-se da poltrona, correu até a porta, o quanto é possível correr aos noventa anos, e gritou:

– Socorro! Socorro!

A filha veio logo; depois chegaram os criados: – Corram atrás dele! Tragam-no aqui! Que lhe fiz eu? Ele está louco! Vai-se embora! Ah! meu Deus! meu Deus! Desta vez ele não volta mais!

Foi à janela que dava para a rua, abriu-a com as velhas mãos encarquilhadas, debruçou-se tanto para fora que Nicolette e Basco tiveram de segurá-lo, e gritou:

– Marius! Marius! Marius! Marius!

Mas Marius já não o podia ouvir; naquele mesmo instante virava à esquina da Rue Saint-Louis.

O nonagenário levou duas ou três vezes as mãos às têmporas com uma expressão de angústia, recuou cambaleando e apoiou-se a uma caldeira, sem pulso, sem voz, sem lágrimas, balançando a cabeça e movendo os lábios, aparvalhado, não tendo nos olhos e no coração senão algo triste e profundo que se assemelhava à noite.

LIVRO NONO

PARA ONDE VÃO ELES?

I | JEAN VALJEAN

Nesse mesmo dia, pelas quatro horas da tarde, Jean Valjean estava sentado sozinho numa rampa num dos lugares mais solitários do Champ de Mars. Fosse por prudência, fosse por desejo de se recolher, fosse simplesmente consequência dessas sensíveis mudanças de hábitos que se introduzem pouco a pouco em todas as existências, Jean Valjean saía muito raramente na companhia de Cosette. Vestia-se como um operário, calças de algodão cinza e boné de grande viseira a esconder-lhe o rosto. Nessa ocasião, sentia-se calmo e feliz a respeito de Cosette; o que por algum tempo o havia assustado e perturbado já não o inquietava; mas, havia uma ou duas semanas, novas ansiedades começaram a surgir. Um dia, caminhando pelas ruas, encontrara-se com Thénardier; graças a seu disfarce, Thénardier não o havia reconhecido; mas desde então Jean Valjean o vira mais vezes ainda, tendo quase a certeza de que ele estaria rondando pelas imediações de sua casa. Isso foi o bastante para que tomasse uma resolução importante. A presença de Thénardier ali resumia todos os perigos de uma só vez.

Além do mais, Paris não estava tranquila, as perturbações políticas ofereciam um inconveniente a quem quer que tivesse algo a esconder na própria vida, pois a polícia tornara-se em extremo inquieta e sombria, e podia muito bem, procurando um homem como Pépin ou Morey, descobrir um homem como Jean Valjean.[97]

Eram todos problemas que o inquietavam.

Enfim, um fato inexplicável que havia pouco chamara a sua atenção e em que ainda não havia deixado de pensar veio juntar-se a todas as preocupações precedentes. Na manhã desse mesmo dia, levantando-se muito cedo, passeava sozinho pelo jardim, antes que Cosette tivesse aberto as janelas de seu quarto, quando viu, de repente, esta linha gravada na parede, provavelmente com prego: *16, Rue de la Verrerie*.

Era coisa recente; os traços estavam bem claros ainda na argamassa escura, e

uma touceira de urtigas, ao pé da parede, estava polvilhada de cal. Aquilo, provavelmente, havia sido escrito durante a noite. O que era? Um endereço? Um sinal para alguma pessoa? Um aviso para ele? Em todos esses casos, era evidente que o jardim fora violado, dando entrada a desconhecidos. Lembrou-se dos estranhos incidentes que haviam alarmado a casa. Seu espírito, pois, tentava descobrir a origem daqueles rabiscos. Teve o cuidado de nada dizer a Cosette sobre a linha escrita com um prego na parede, com medo de assustá-la.

Tendo em vista esses novos acontecimentos, Jean Valjean decidira deixar Paris, e mesmo a França, mudando-se para a Inglaterra. Já prevenira Cosette. Em oito dias queria seguir viagem. Sentava-se numa rampa do Champ de Mars, revolvendo em seu íntimo todo tipo de pensamentos. Thénardier, a polícia, aquela estranha linha escrita na parede, a viagem, a dificuldade para conseguir um passaporte.

No meio dessas preocupações, percebeu, por uma sombra que o sol projetava, que alguém acabava de parar na extremidade superior da rampa, exatamente atrás de onde se encontrava. Já estava prestes a voltar-se quando um papel dobrado em quatro caiu-lhe aos joelhos, como se alguém lho tivesse lançado por cima da cabeça. Pegou o papel, desdobrou-o e leu esta palavra, escrita em grandes letras, a lápis:

MUDE-SE.

Jean Valjean levantou-se depressa, porém não viu mais ninguém ali; alguém pouco maior que uma criança, menor que um homem, vestido de blusa cinzenta e calças de belbutina cor de poeira, que acabava de pular o parapeito, deixava-se escorregar por uma das rampas do Champ de Mars.

Jean Valjean, muito preocupado, voltou imediatamente para casa.

II | MARIUS

Marius saíra desolado da casa do Sr. Gillenormand. Entrara com bem pouca esperança, saíra com imenso desespero.

Aliás, os que já tiverem observado os recessos do coração humano o compreenderão muito bem – o lanceiro, o Oficial, o simplório, o primo Teódulo, não deixara nenhuma sombra em seu espírito. Nem a mínima sombra. O poeta

dramático aparentemente poderia esperar algumas complicações causadas por revelação tão ríspida feita pelo avô ao neto. Mas o que intensificaria o drama desvirtuaria a verdade. Marius estava na idade em que, em se tratando do mal, nada se crê; mais tarde é que chega a idade em que se acredita em tudo. As suspeitas nada mais são que rugas. A mocidade não as tem. O que transtorna Otelo nem chega a impressionar Cândido.[98] Suspeitar de Cosette! Havia uma multidão de crimes que Marius teria praticado com muito mais facilidade.

Pôs-se a andar pelas ruas, recurso comum dos que sofrem. Não pensou em nada de que pudesse lembrar-se. Às duas horas da manhã, voltou ao quarto de Courfeyrac e jogou-se, vestido como estava, sobre a cama. O sol já ia alto quando conseguiu dormir, com o sono medonho e pesado que deixa as ideias irem e virem livremente pelo cérebro. Quando se levantou, viu de pé, no quarto, com o chapéu na cabeça, muito assustados e prontos para sair, Courfeyrac, Enjolras, Feuilly e Combeferre.

Courfeyrac lhe disse:

– Você não vai ao enterro do General Lamarque? [99]

Teve a impressão de que Courfeyrac estava falando chinês.

Saiu pouco depois deles. Levou consigo as pistolas que Javert lhe havia confiado na ocasião da aventura de 3 de fevereiro, e que ainda guardava. Continuavam carregadas. Seria difícil dizer que pensamento obscuro tinha ele ao levar consigo essas armas.

Durante todo o dia andou sem saber por onde; de vez em quando chovia, mas ele nada percebeu; para jantar, comprou uma rosca de um soldo numa padaria, meteu-a no bolso e esqueceu-a ali. Parece também que tomou banho no Sena sem ter consciência do que fazia. Há momentos em que o cérebro parece conter uma fornalha. Marius estava num desses momentos. Não esperava mais nada, não temia mais coisa alguma; dera esse passo desde a véspera. Esperava a noite com impaciência febril, e não tinha senão uma ideia clara; às nove horas veria Cosette. Essa última felicidade era agora todo o seu futuro; depois, a sombra. Às vezes, enquanto caminhava pelas ruas mais desertas, julgava ouvir estranhos ruídos em Paris. Punha a cabeça para fora de seus sonhos e dizia: – Estarão combatendo?

Ao cair da noite, precisamente às nove horas, como havia prometido a Cosette, estava na Rue Plumet. Ao aproximar-se do jardim, esqueceu-se de tudo. Havia quarenta e oito horas que não via Cosette e agora ia revê-la; desapareceram todos os seus sofrimentos, sentia alegria inaudita e profunda.

Esses minutos, em que se vivem séculos, têm isso de admirável e imperioso, pois, no momento em que passam, preenchem inteiramente o coração.

Marius tirou o varão da grade e correu para o jardim. Cosette não estava no lugar em que costumava esperá-lo. Atravessou o pequeno bosque e foi até o ângulo perto da escadaria. “Ela me espera ali”, pensou Marius. Cosette também não estava lá. Levantou os olhos e viu que as janelas da casa estavam fechadas. Deu uma volta pelo jardim; estava completamente deserto. Voltou à casa e, louco de amor, embriagado, amedrontado, cheio de dor e inquietação, como um chefe de família que volta ao lar encontrando as portas fechadas, bateu nas janelas. Bateu, bateu ainda, arriscando-se a ver uma janela se abrir e aparecer o rosto severo do pai a lhe perguntar: – O que quer o senhor? – Isso não era nada ao lado do que ele temia. Enquanto batia, chamou por Cosette:

– Cosette! Cosette! – repetiu imperiosamente. Não havia ninguém na casa, ninguém no jardim.

Marius fixou os olhos desesperados naquela casa lúgubre, tão escura, tão silenciosa e mais vazia que um túmulo. Olhou para o banco de pedra em que passara horas tão adoráveis ao lado de Cosette. Sentou-se nos degraus da escadaria, o coração cheio de ternura e resolução, abençoou seu amor com toda a alma e disse consigo que, já que Cosette partira, só lhe restava morrer.

De repente, ouviu uma voz que parecia vir da rua, gritando no meio das árvores:

– Sr. Marius!

Levantou-se.

– Hein? – respondeu.

– Sr. Marius, o senhor está aí?

– Estou.

– Sr. Marius – continuou a voz –, seus amigos o esperam na barricada da Rue de la Chanvrerie.

Aquela voz não lhe era inteiramente desconhecida. Assemelhava-se à voz rouca e ríspida de Eponine. Marius correu à grade, afastou o varão, passou a cabeça através da grade e viu alguém, talvez um rapaz, desaparecer correndo por entre as sombras da noite.

III | O SR. MABEUF

A bolsa de Jean Valjean fora inútil para o Sr. Mabeuf. Em sua venerável austeridade infantil, ele não aceitara o presente dos astros; ele não admitia que uma estrela pudesse transformar-se em luízes de ouro. Não percebera que o que lhe caíra do céu vinha das mãos de Gavroche. Levou a bolsa ao Comissário de Polícia do quarteirão, como objeto perdido posto à disposição de quem o reclamasse. Com efeito, a bolsa tinha sido perdida. Não é preciso dizer que ninguém a procurou e que ela não ajudou em nada o velho Mabeuf.

Aliás, o Sr. Mabeuf continuava a decair.

As experiências com o anil não tiveram mais êxito no Jardim Botânico que no seu jardim de Austerlitz. No ano anterior, devia os salários de sua governanta; agora, como já vimos, devia o aluguel da casa. O montepio, depois de treze meses, conseguira vender os clichês de sua *Flora*. Decerto algum caldeireiro os transformara em panelas. Sem os clichês, impossibilitado até de completar os volumes incompletos que ainda possuía, cedeu tudo a um sebo por qualquer preço, como *papel velho*. Nada mais lhe restava da obra de toda a sua vida. Pôs-se a comer com o dinheiro de seus exemplares. Quando viu que esse último recurso também se acabava, renunciou ao jardim e deixou de o cultivar. Antes, muito antes, havia renunciado aos dois ovos e ao bocado de carne que comia de vez em quando. Suas refeições consistiam em pão e batatas. Vendera os últimos móveis que lhe restavam, depois tudo o que tinha em duplicata, tanto roupas de cama como roupa pessoal; depois, ainda, vendera os herbários e as estampas; mas conservava consigo os livros mais preciosos, entre os quais vários raríssimos, como por exemplo *Les Quadrains Historiques de la Bible*, edição de 1560, *La Concordance des Bibles*, de Pierre de Besse, *Les Marguerites de la Marguerite*, de Jean de La Haye, dedicado à Rainha de Navarra, o livro *De la Charge et Dignité de l'Ambassadeur*, pelo Sr. de Villiers-Hotman, um *Florilegium rabbinicum* de 1644, um Tibulo de 1756 com esta esplêndida inscrição: *Venetiis, in aedibus Manutianis*;[100] enfim, um Diógenes Laércio, impresso em Lyon em 1644, onde se encontravam as famosas variantes do manuscrito 411, do século XIII, do Vaticano, e as variantes dos dois manuscritos de Veneza, 393 e 394, tão proficuamente consultados por Henri Estienne, e todas as passagens em dialeto dórico que não se encontram senão no célebre manuscrito do século XII, pertencente à biblioteca de Nápoles.[101] O Sr. Mabeuf jamais acendia a lareira do quarto, e deitava-se com o sol para não ter de gastar vela. Parecia que não tinha mais vizinhos; ele bem percebia que o evitavam quando passava pelas ruas. A miséria de uma criança interessa a uma mãe, a miséria de um rapaz interessa a uma jovem; a miséria de um velho não interessa

a ninguém. De todas as misérias, esta é a mais fria. Contudo, o velho Mabeuf não havia perdido ainda sua serenidade de criança. Suas pupilas ainda brilhavam quando as fixava sobre os livros, e ele sorria ao contemplar o Diógenes Laércio, exemplar único. O armário envidraçado era o único móvel que conservara, fora o absolutamente indispensável.

Um dia Mme. Plutarco lhe disse:

– Não tenho como comprar o jantar.

O que ela chamava de jantar consistia num pão e quatro ou cinco batatas.

– Fiado? – disse o Sr. Mabeuf.

– O senhor bem sabe que não me vendem fiado.

Mabeuf abriu o armário, olhou por muito tempo todos os livros, um após outro, como um pai que, obrigado a matar os próprios filhos, os contemplaria antes de escolher; depois, de repente, pegou um, meteu-o debaixo do braço e saiu. Voltou duas horas depois sem nada debaixo do braço, colocou trinta soldos em cima da mesa e disse:

– Aí está para o jantar.

A partir desse momento, Mme. Plutarco viu cair sobre o rosto cândido do velho um véu de tristeza que nunca mais o deixou.

No dia seguinte, no outro dia, todos os dias, era preciso recomeçar. O Sr. Mabeuf saía com um livro e voltava com uma moeda de prata. Como os livreiros o viam forçado a vender, compravam-lhe por vinte soldos o que as mesmas livrarias, em outra ocasião, lhe comprariam por vinte francos. Volume a volume, toda a biblioteca foi consumida. Às vezes ele dizia: – Afinal, já tenho oitenta anos! – como se tivesse uma esperança oculta de chegar ao fim de seus dias antes de chegar ao fim de seus livros. Sua tristeza aumentava. Contudo, uma vez, sentiu-se alegre. Saíra com um Robert Estienne, vendendo-o por trinta e cinco soldos no Quai Malaquais, e voltara com um Aldo que adquirira por quarenta soldos na Rue des Grès.[102]

– Devo cinco soldos – disse, contente, a Mme. Plutarco. Nesse dia, não jantou.

Ele era membro da Sociedade de Horticultura. Ali sabiam de suas dificuldades. O Presidente da Sociedade foi visitá-lo, prometeu falar dele ao Ministro da Agricultura e do Comércio, o que realmente fez.

– Mas como! – exclamou o Ministro. – Bem o creio! Um velho sábio! Um botânico! Um homem inofensivo! É preciso que se faça alguma coisa em seu favor!

No dia seguinte o Sr. Mabeuf recebeu convite para jantar na casa do Ministro. Trêmulo de alegria, mostrou a carta a Mme. Plutarco.

– Estamos salvos! – exclamou.

No dia fixado, foi à residência do Ministro. Percebeu que a gravata desfiada, sua velha casaca e os sapatos lustrados com clara de ovo espantavam os porteiros. Ninguém lhe dirigiu a palavra, nem mesmo o Ministro. Pelas dez horas da noite, como esperava ainda alguma coisa, ouviu a mulher do Ministro, bela dama muito decotada, da qual não ousara aproximar-se, perguntar assim: – Quem é esse velhinho? – Voltou para casa a pé, à meia-noite, debaixo de chuva. Quando foi, para pagar o fiacre, vendera um Elzevir.[103]

Todas as noites, antes de se deitar, tomara o hábito de ler algumas páginas do seu Diógenes Laércio. Sabia bastante grego para poder gozar das particularidades do texto que possuía. Não tinha então outra alegria. Passaram-se algumas semanas. De repente, Mme. Plutarco caiu doente. Há ainda algo mais triste do que não ter com que comprar pão na padaria, é não ter com que comprar remédios na farmácia. Uma noite, o médico receitara uma poção muito cara. Além do mais, a doença se agravava; era preciso uma enfermeira. O velho Mabeuf abriu a biblioteca; não havia mais nada ali. Já tinha vendido todos os volumes. Restava-lhe somente o Diógenes Laércio.

Pôs o exemplar único debaixo do braço e saiu. Era o dia 4 de junho de 1832; foi à porta Saint-Jacques, à casa do sucessor de Royol, e voltou com cem francos. Colocou a pilha de moedas de cinco francos em cima da mesa da velha criada e fechou-se no quarto sem dizer uma palavra.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, sentou-se na pedra que havia em seu jardim, e, por cima da sebe, teriam podido vê-lo ali durante toda a manhã, imóvel, cabisbaixo, olhos vagamente fixos nos canteiros abandonados. Chovia às vezes, mas o velho parecia nada perceber. À tarde, ouviu-se um barulho estranho em Paris; talvez tiros e clamores de uma multidão.

O Sr. Mabeuf levantou a cabeça. Viu um jardineiro que passava e perguntou:

– Que é isso?

O jardineiro respondeu, de enxada às costas, e com a maior calma:

– São arruaças.

– Como arruaças?

– É. Estão lutando.

– Por que estão lutando?

– Ora essa! – disse o jardineiro.

– Para que lado? – replicou o Sr. Mabeuf.

– Do lado do Arsenal.

O velho Mabeuf entrou em casa, pegou o chapéu, procurou maquinalmente um livro para carregar debaixo do braço, não encontrou nenhum, e disse: – Ah! É verdade! – e saiu como que desorientado.

LIVRO DÉCIMO

5 DE JUNHO DE 1832

I | A SUPERFÍCIE DA QUESTÃO

De que se compõem as revoltas? De nada e de tudo. Da eletricidade desprendida pouco a pouco, da chama subitamente revivida, de uma força sem objetivo, de um sopro que passa. Esse sopro encontra cabeças que pensam, cérebros que sonham, almas que sofrem, paixões ardentes, misérias gritantes, levando-os atrás de si.

Para onde?

Ao acaso. Através do Estado, através das leis, através da prosperidade e insolência dos outros.

Convicções irritadas, entusiasmos ofendidos, indignações sublevadas, instintos guerreiros contrariados, jovens coragens exaltadas, cegueiras cheias de generosidade, curiosidade, gosto pelas mudanças, sede do inesperado, o sentimento que faz com que gostemos de ler o cartaz de um novo espetáculo e de ouvir, no teatro, o assobio do maquinista; ódios indefinidos, rancores, desapontamentos, toda a vaidade que acredita na traição do destino; descontentamentos, sonhos irrealizáveis, ambições rodeadas de abismos; alguém que espera de um desmoronamento uma saída; enfim, mais baixo ainda, a turba, lama inflamável, esses são os elementos de uma revolta.

O que há de mais nobre e o que há de mais desprezível; seres que rondam ao redor de tudo, à espera de uma ocasião, boêmios, homens desocupados, vagabundos de estradas, os que dormem à noite num deserto de casas sem outro teto que as nuvens frias do céu, os que dia a dia pedem pão ao acaso, e não ao trabalho, os desconhecidos da miséria e do nada, braços nus, pés descalços, esses é que fazem as revoltas.

Quem quer que tenha na alma uma revolta secreta contra um fato qualquer do Estado, da vida ou da sorte, já está à beira da revolta e, quando esta aparece, começa a tremer e a se sentir levado pelo turbilhão.

A revolta é uma espécie de enxurrada da atmosfera social que se forma

bruscamente em certas condições de temperatura, e que, em seu redemoinho, sobe, corre, estoura, arranca, arrasa, esmaga, destrói, desenraíza, levando consigo as grandes naturezas e as mesquinhas, o homem forte e o espírito fraco, o tronco de árvore e o pedaço de palha.

Desgraçado de quem é levado ou combatido por ela! Ela os atira um contra outro.

A revolta comunica aos seus adeptos não sei que poder extraordinário. Ela transmite ao primeiro que encontra toda a força dos acontecimentos, transformando tudo em projéteis. Transforma um seixo em bala e um carregador em general.

Se formos acreditar em certos oráculos de certa política sonsa, do ponto de vista do poder, um pouco de revolta é até desejável. Motivo: a revolta reforça os governos que não consegue destruir. Põe à prova o exército, concentra a burguesia, estica os músculos da polícia; ela constata a força da ossatura social. É uma ginástica; é quase uma limpeza. O poder sente-se melhor depois de uma revolta, como o homem depois de uma massagem.

Trinta anos atrás, ainda era encarada de outros pontos de vista.

Para cada coisa sempre há uma teoria que proclama a si própria de “bom-senso”; Filinto contra Alceste;[104] mediação oferecida entre o verdadeiro e o falso; explicação, admoestação, atenuação um tanto altiva que, por estar envolvida em censura e pretextos, se julga a própria sabedoria e não passa de pedantismo. Toda uma escola política, chamada do meio-termo, teve aí a sua origem. Entre a água fria e a água quente, está o partido da água morna. Essa escola, com sua falsa profundidade, completamente superficial, dissecando os efeitos sem remontar às causas, reprime, do alto de sua meia-ciência, as agitações da praça pública.

Se dermos ouvidos a essa escola: “As revoltas ligadas aos acontecimentos de 1830 tiraram a esse grande acontecimento parte de sua pureza. A Revolução de julho teria sido um belo golpe de vento popular, imediatamente seguido de um belo céu azul. As revoltas, porém, tornaram o céu novamente nebuloso. Fizeram degenerar em querela essa revolução a princípio tão notável pela sua unanimidade. Na Revolução de julho, como em todo progresso irregular, existiam fraturas invisíveis; as revoltas puseram-nas à mostra. Pode-se então dizer: – Ah! isto está quebrado. – Depois da Revolução de julho, o que se sentia era o alívio; depois das revoltas, sentia-se a catástrofe.

“Toda revolta fecha lojas, diminui o capital, alvoroça a bolsa, suspende o

comércio, entrava os negócios, precipita as falências; não há dinheiro; as fortunas particulares ficam inquietas, o crédito público, mais complicado, a indústria embaraçada, os capitais se retraem, o trabalho é mal pago e o medo é geral; há contragolpes em todas as cidades. Daí o báratro. Já se calculou que o primeiro dia de revolta custa à França vinte milhões, o segundo, quarenta, o terceiro, sessenta. Uma revolta de três dias custa cento e vinte milhões, isto é, se não formos olhar senão para o resultado financeiro, equivale a um desastre, naufrágio ou batalha perdida que aniquilasse uma frota de sessenta vasos de guerra.

"Sem dúvida, historicamente, as revoltas têm a sua beleza; a guerra das ruas não é menos grandiosa nem menos patética que a guerra dos bosques; numa está a alma das florestas, na outra, o coração das cidades; uma tem Jean Chouan, outra possui Jeanne.[105] As revoltas iluminaram de vermelho, mas esplendidamente, as mais originais facetas do caráter parisiense, a generosidade, o devotamento, a alegria buliçosa, os estudantes provando que a bravura faz parte da inteligência, a Guarda Nacional irremovível, bivaques de comerciantes, fortalezas de guris, o desprezo da morte em cada transeunte. Escolas e legiões se entrechocavam. Quanto ao mais, entre os combatentes, a única diferença era a idade; a raça é a mesma; são os mesmos homens estoicos que morrem aos vinte anos pelas próprias ideias ou aos quarenta anos por suas famílias. O exército, sempre triste nas guerras civis, opunha a prudência à audácia. As revoltas, ao mesmo tempo que manifestavam a intrepidez popular, educavam a coragem dos cidadãos.

"Está muito bem. Mas tudo isso vale o sangue derramado? E, ao sangue derramado, acrescentem o porvir nublado, o progresso comprometido, a inquietação entre os melhores, os liberais honestos desesperançados, o absolutismo estrangeiro feliz pelas feridas feitas à revolução por ela própria; os vencidos de 1830 triunfando e dizendo: – Bem o tínhamos dito! – Acrescentemos ainda, quem sabe, o engrandecimento de Paris, mas, sem dúvida alguma, a diminuição da França. Acrescentemos ainda, pois devemos dizer tudo, os massacres que desonravam com muita frequência a vitória da ordem enfurecida sobre a liberdade desajuizada. Somando tudo, as revoltas sempre foram funestas."

Assim fala essa quase sabedoria com a qual a burguesia, esse quase povo, se contenta de bom grado.

Quanto a nós, rejeitamos essa palavra de sentido muito lato e, por consequência, muito cômodo: as revoltas. Entre um movimento popular e um

movimento popular, distinguimos. Não vamos perguntar se uma revolta custa tanto quanto uma batalha. Aliás, por que uma batalha? Aqui surge a questão da guerra. A guerra, por acaso, é menos flagelo que a calamidade da revolta? Ainda mais, todas as revoltas são calamidades? E se o 14 de julho tivesse custado vinte milhões? O estabelecimento de Felipe V na Espanha custou à França dois bilhões. Mesmo por preço idêntico preferiríamos o 14 de julho. Aliás, não aceitamos essas cifras, que parecem razões, mas não passam de palavras. Dada uma revolta, nós a examinamos nela mesma. Em tudo o que diz a objeção doutrinária exposta acima, tratou-se ali apenas do efeito; nós procuramos as causas.

Somos mais precisos.

II | O ÂMAGO DA QUESTÃO

Existe a revolta, existe a insurreição; são dois ódios; um justo, outro injusto. Nos Estados democráticos, os únicos com bases na justiça, acontece às vezes que a fração usurpa; então o todo se levanta, e a necessária reivindicação do direito pode chegar até o uso de armas. Em todas as questões que dependem da soberania coletiva, a guerra do todo contra a fração é insurreição; o ataque da fração contra o todo é revolta; conforme as Tuileries abrigam o Rei ou a Convenção, elas serão justa ou injustamente atacadas. O mesmo canhão assestado contra a multidão é injusto a 10 de agosto e justo no 14 vindimário. Aparências semelhantes, bases diferentes; os suíços defendem o falso, Bonaparte defende o verdadeiro. O que o sufrágio universal construiu, com liberdade e soberania, não pode ser desfeito pela rua. O mesmo acontece em questões de pura civilização; o instinto das massas, ontem clarividente, amanhã pode estar perturbado. A mesma fúria é legítima contra Terray e absurda contra Turgot.[106] A quebra de máquinas, a pilhagem de entrepostos, a ruptura de trilhos, a demolição das docas, os caminhos errados seguidos pelas multidões, o povo negando justiça ao progresso, Ramus assassinado por colegiais, Rousseau expulso da Suíça a pedradas, isso é revolta,[107] Israel contra Moisés, Atenas contra Fócion, Roma contra Cipião, é revolta; contra a Bastilha, é insurreição. Os soldados contra Alexandre, os marujos contra Cristóvão Colombo, é a mesma revolta; revolta ímpia; por quê? Porque Alexandre fez pela Ásia, com a espada, o que Cristóvão Colombo fez pela América, com a bússola; Alexandre, como Colombo, descobre um mundo. Esse presente de um mundo à civilização dá tal

incremento à luz que toda resistência nesses casos é culpável. Às vezes o povo é infiel consigo mesmo. A plebe trai o povo. Há algo, por exemplo, mais estranho que o sanguinolento e interminável protesto dos contrabandistas de sal, legítima revolta crônica que, no momento decisivo, no dia da salvação, na hora da vitória popular, esposa o trono, se torna vendeana, e de insurreição contra se transforma em revolta a favor. Tristes obras-primas da ignorância! O contrabandista de sal escapa às potências reais e, com um resto da corda ao pescoço, desfralda a bandeira branca. A morte ao imposto do sal gera o viva ao Rei. Assassinos da Noite de São Bartolomeu, degoladores de setembro, carrascos de Avignon, assassinos de Coligny, assassinos de Madame de Lamballe, assassinos de Brune, *miquelets*, *verdets*, *cadenettes*, companheiros de Jéhu, cavaleiros de Brassard, eis a revolta.[108] A Vendeia é a grande revolta católica.

O ruído do direito em movimento é fácil de reconhecer; jamais vai além da perturbação das massas inquietas; existem ódios absurdos, existem sinos rachados; nem todo toque a rebate tem som de bronze. O abalo causado pela paixão e pela ignorância difere muito das sacudidelas do progresso. Levantem-se, está bem, mas para subir. Mostrem-me para que lado querem caminhar. A insurreição só é possível quando se caminha para a frente. Qualquer outra perturbação é má; todo passo violento para trás é revolta; recuar é um golpe contra o gênero humano. A insurreição é o acesso de furor da verdade; as pedras que remove espalham a centelha do direito. Essas pedras não dão à revolta mais que a própria lama. Danton contra Luís XVI, eis a insurreição; Hébert contra Danton, eis a revolta.[109]

Daí resulta que, se a insurreição, nesses casos, pode ser, como diz Lafayette, o mais santo dos deveres, a revolta pode ser o mais fatal dos atentados.

Há também certa diferença na intensidade de calor; a insurreição muitas vezes é vulcão, ao passo que a revolta quase sempre não passa de fogo de palha.

A revolta, como já dissemos, está às vezes no poder. Polignac é um revoltado; Camille Desmoulins é um governante.[110]

A insurreição, às vezes, é ressurreição.

Sendo a solução de tudo pelo sufrágio universal um fato absolutamente moderno, e sendo toda a história anterior a esse fato, pelo espaço de quatro mil anos, repleta de violações do direito e de sofrimento para os povos, cada época da história traz consigo o protesto que lhe é possível. Sob os césares não havia insurreições, mas havia Juvenal.[111]

O *facit indignatio* toma o lugar dos Gracos.[112]

Sob os césares há o exilado de Siena; há também o autor dos *Anais*.[113]

Não falamos do imenso exilado de Patmos, que, também ele, perturba o mundo real com um protesto em nome do mundo ideal, faz da visão uma sátira enorme e joga sobre a Roma-Nínive, sobre a Roma-Babilônia, sobre a Roma-Sodoma o brilho flamejante do Apocalipse.[114]

João sobre seu rochedo é a esfinge em seu pedestal; pode-se não compreendê-lo; é um judeu, escreve em hebraico; mas o homem que escreve os *Anais* é um latino; digamos melhor, um romano.

Como os Neros reinam à maneira negra, devem ser pintados com a mesma cor. O simples trabalho do gravador seria por demais pálido; é necessário reproduzir no entalhe uma prosa concentrada que morda.

Os déspotas são, de certo modo, úteis aos pensadores. Palavra acorrentada é palavra terrível. O escritor duplica, triplica o próprio estilo, quando o silêncio é imposto por um tirano do povo. Desse silêncio se origina certa plenitude misteriosa que se infiltra e se solidifica em bronze no pensamento. A compressão da História produz a concisão no historiador. A solidez granítica de certa prosa célebre não é outra coisa senão um amontoado feito por um tirano.

A tirania constrange o escritor à contração de diâmetros que lhe dão mais força. O período ciceroniano, suficiente sob Verres, embota-se na época de Calígula.[115] Menor envergadura na frase, maior intensidade no sentido. Tácito pensa desatinadamente.[116]

A honestidade de um coração magnânimo, condensada em justiça e em verdade, fulmina.

Seja dito de passagem, devemos notar que Tácito, historicamente, não se sobrepõe a César. Os Tibérios é que lhe estão reservados. César e Tácito são dois fenômenos sucessivos cujo encontro parece misteriosamente evitado por aquele que, na *mise en scène* dos séculos, regula entradas e saídas. César é grande, Tácito é grande; Deus poupa essas duas grandezas, não as chocando uma contra a outra. O justiceiro, punindo César, poderia punir demais e ser injusto. Deus não o quer. As grandes guerras da África e da Espanha, a destruição dos piratas da Cilícia, a civilização introduzida nas Gálias, na Bretanha, na Germânia, toda essa glória cobre o Rubicão.[117] Há aí uma espécie de delicadeza da justiça divina, hesitando em largar por cima do usurpador ilustre o historiador formidável, poupando Tácito a César e concedendo circunstâncias atenuantes a seu gênio.

É verdade que o despotismo continua sendo despotismo, mesmo quando o déspota é um gênio. Há corrupção sob os tiranos ilustres, mas a peste moral é

sempre mais odiosa sob os tiranos infames. Nesses reinos nada vale a vergonha; e os fazedores de exemplos, Tácito como Juvenal, esbofeteiam mais utilmente, na presença do gênero humano, essa ignomínia sem réplica.

Roma cheira melhor sob Sila que sob Vitélio. Sob Cláudio e Domiciano, há uma deformidade de baixeza correspondente à infâmia do tirano.[118] A vilania dos escravos é produto direto do déspota; verdadeiro miasma se exala dessas consciências estagnadas em que se reflete a fisionomia do senhor; os poderes públicos são imundos, os corações são pequenos, as consciências, vulgares, as almas, malcheirosas; isso é assim sob Caracala, sob Cômodo, sob Heliogábalo, enquanto sob César não sai do Senado romano senão o odor de esterco próprio dos ninhos da águia.[119]

Daí o advento aparentemente tardio dos Tácitos e dos Juvenais; o demonstrador só aparece na hora da evidência.

Mas Juvenal e Tácito, como o profeta Isaías nos tempos bíblicos, como Dante na Idade Média, é o homem; a revolta e a insurreição são a multidão que às vezes está certa, às vezes, errada.

Nos casos mais comuns, a revolta nasce de um fato material; a insurreição é sempre um fenômeno moral. A revolta é Masaniello; a insurreição é Espártaco.[120] A insurreição confina com o espírito, a revolta, com o estômago. Gaster se irrita, mas Gaster, é verdade, nem sempre errou.[121] Em questões de carestia, a revolta, Buzançais, por exemplo, tem um ponto de partida verdadeiro, patético e justo. No entanto, continua a ser revolta. Por quê? Porque, tendo razão no fundo, errou na forma. Enraivecida embora justamente violenta, embora forte, ela feriu ao acaso; andou como o elefante cego, esmagando; deixou atrás de si cadáveres de velhinhos, de mulheres e de crianças; derramou, sem saber por quê, o sangue dos inofensivos e dos inocentes. Alimentar o povo é um ótimo fim; massacrá-lo é um péssimo meio.

Todos os protestos armados, mesmo os mais legítimos, mesmo o 10 de agosto, mesmo o 14 de julho, começam por idênticas perturbações. Antes que o direito tome o seu lugar, há tumulto e espuma. No início, a insurreição é revolta, do mesmo modo que o rio é torrente. Ordinariamente, ela termina neste oceano: a revolução. Contudo, às vezes, vindo das altas montanhas que dominam o horizonte moral, a justiça, a sabedoria, a razão, o direito, feito da mais pura neve do ideal, depois de uma longa queda de rocha em rocha, depois de ter refletido o céu em sua transparência e de ter engrossado com cem afluentes na majestosa marcha do triunfo, a insurreição se perde de repente em algum pântano burguês, como o Reno num lodaçal.

Tudo isso pertence ao passado; o futuro será bem diferente. O sufrágio universal tem isto de admirável: dissolve as revoltas em seu princípio e, votando pela insurreição, tira-lhes as armas. O desaparecimento das guerras, da guerra de ruas como da guerra de fronteiras, eis o progresso inevitável. Seja como for o Hoje, a paz será o Amanhã.

Aliás, insurreição, revolta, em que a primeira difere da segunda, o burguês propriamente dito pouco sabe de suas modalidades. Para ele, tudo é sedição, rebelião pura e simples, revolta do cão contra o dono, tentativa de assalto, que deve ser punida com a corrente e a prisão, latidos, ganidos, até o dia em que a cabeça do cachorro, subitamente engrandecida, se esboça vagamente na sombra como cabeça de leão.

Então o burguês grita: – Viva o povo!

Dada essa explicação, que significa para a história o movimento de junho de 1832? É uma revolta? Uma insurreição?

É uma insurreição.

Poderá acontecer, na reprodução de tão formidável fato, que digamos às vezes revolta, mas tão somente para qualificar os casos mais superficiais, mantendo sempre, porém, a distinção entre a forma-revolta e o fundo-insurreição.

Esse movimento de 1832 teve, em sua rápida explosão e em sua triste extinção, tanta grandeza que os mesmos que o consideram simples revolta o comentam com respeito. Para eles, é como que um resto de 1830. As mentes comovidas, dizem eles, não se acalmam num só dia. Uma revolução não se extingue de um só golpe. Ela tem sempre, necessariamente, alguma ondulação antes de voltar ao estado de paz, como as fraldas de uma montanha descendo para a planície. Não há Alpes sem o monte Jura nem Pirineus sem o Astúrias.

Essa crise patética da história contemporânea, que a memória dos parisienses chama de *época das revoltas*, é sem dúvida uma hora característica entre as muitas horas tempestuosas deste século.

Uma última palavra antes de começarmos a narração.

Os fatos que vão ser relatados pertencem a essa realidade dramática e viva que o historiador às vezes negligencia por falta de tempo ou de espaço. Contudo, insistimos, neles é que está a vida, a palpitação, a agitação humana. Os pequenos detalhes, talvez já o tenhamos dito, são, por assim dizer, a folhagem dos grandes acontecimentos e se perdem na distância da história. A época denominada *das revoltas* é pródiga em detalhes desse tipo. As instruções judiciárias, por outras

razões que a história, não revelaram tudo, nem, talvez, aprofundaram tudo. Nós iremos, portanto, pôr à luz, entre particularidades conhecidas e publicadas, coisas completamente inéditas, fatos sobre os quais passaram o esquecimento de uns e a morte de outros. A maioria dos atores dessas cenas gigantescas desapareceu; já no dia seguinte estavam calados; mas sobre o que vamos contar podemos dizer: – Nós o presenciamos.[122] – Mudaremos alguns nomes, pois a história conta e não denuncia, mas falaremos sobre coisas reais. Nas condições do livro que estamos escrevendo, mostraremos somente um lado, um episódio, com certeza dos menos conhecidos, dos dias 5 e 6 de junho de 1832; mas o faremos de tal modo que o leitor possa entrever, sob o sombrio véu que vamos levantar, a figura real dessa terrível aventura pública.

III | UM ENTERRO: OCASIÃO PARA RENASCER

Na primavera de 1832, embora nos últimos três meses o cólera gelasse os ânimos, jogando sobre sua agitação certa tibieza, Paris havia muito estava às portas de uma comoção. Como dissemos, a grande cidade assemelha-se a uma peça de canhão; quando está carregada, basta uma fagulha e o tiro está dado. Em junho de 1832, a fagulha foi a morte do General Lamarque.[123]

Lamarque era homem de renome e de ação. Ele havia demonstrado sucessivamente, sob o Império e sob a Restauração, as duas bravuras necessárias às duas épocas, a bravura dos campos de batalha e a bravura da tribuna. Era eloquente como tinha sido valente; sua palavra era como espada. Como Foy, seu antecessor, depois de ter acatado as ordens militares, dava máxima importância à liberdade.[124] Sentava-se entre a esquerda e a extrema esquerda, amado pelo povo porque aceitava as chances do futuro, amado pela multidão por ter servido bem ao Imperador. Com os condes Gérard e Drovet, ele era um dos marechais *in petto* de Napoleão. Os tratados de 1815 o deixavam indignado como se se tratasse de uma ofensa pessoal. Ele odiava Wellington com um ódio direto que agradava à multidão; e havia dezessete anos, pouco atento aos acontecimentos intermediários, conservava ainda a nostalgia de Waterloo. Em sua agonia, à última hora, apertara contra o peito a espada que lhe tinha sido oferecida pelos oficiais dos Cem Dias. Napoleão morrera pronunciando a palavra *exército*, Lamarque, pronunciando a palavra *pátria*.

Sua morte, já prevista, era temida pelo povo como uma perda, e pelo governo como uma ocasião. Foi motivo de luto geral. Como tudo o que é amargo, o luto

pode transformar-se em revolta. Foi o que aconteceu.

Na véspera e na manhã de 5 de junho, dia fixado para o enterro de Lamarque, o Faubourg Saint-Antoine, em cujos arredores devia passar o préstito fúnebre, assumiu aspecto perigoso. Aquela tumultuosa rede de ruas se encheu de rumores. Cada um se armava conforme podia. Os marceneiros carregavam os barriletes de suas oficinas "para arrombar portas". Um deles chegou a transformar uma gazua em espadim. Outro ainda, na febre "de atacar", havia três dias que dormia vestido. Um carpinteiro chamado Lombier encontrou um camarada que lhe perguntou: – Para onde vai? – Ora! Eu não tenho armas. – E então? – Vou à oficina buscar o meu compasso. – Para quê? – Sei lá eu – respondia Lombier.

Outro, Jacqueline, homem de ação, dirigia-se a todo operário que passava: – Você aí, venha cá! – Pagava dez soldos de vinho e dizia: – Tem o que fazer? – Não. – Então vá à casa de Filspierre, entre a barreira Montreuil e a barreira Charonne, que encontrará o que fazer.

Lá recebiam cartuchos e armas. Alguns chefes conhecidos se *faziam de correio*, isto é, corriam de um lugar a outro para reunir sua gente. Na casa de Barthélemy, próxima à barreira du Trône, na casa de Capel, no Petit-Chapeau, os beberrões se reuniam preocupados com a situação. Ouviam-nos dizer: – *Onde está sua pistola? – Debaixo da blusa. E a sua? – Debaixo da camisa*. – Na Rue Traversière, diante do ateliê Roland, e no pátio da Maison-Brûlée, diante da oficina de Bernier, fabricante de ferramentas, havia grupos que cochichavam. Distinguia-se ali, como o mais ardoroso, um tal Mavot, que nunca ficava mais de uma semana na mesma oficina, sendo despedido pelos patrões "porque todos os dias precisavam discutir com ele". Mavot foi morto no dia seguinte, na barricada da Rue Ménilmontant. Pretot, que também devia morrer durante a luta, seguia o exemplo de Mavot, e à pergunta: – Qual a sua finalidade? – respondia: – *A insurreição*. – Alguns operários, reunidos na esquina da Rue de Bercy, esperavam certo Lemarin, agente revolucionário do Faubourg Saint-Marceau. Palavras de ordem eram trocadas quase que publicamente.

No dia 5 de junho, portanto, dia entremeado de chuva e de sol, o préstito fúnebre do General Lamarque atravessava Paris com a pompa militar oficial, um tanto exagerada pelas precauções tomadas. Dois batalhões, tambores cobertos de crepe, armas em funeral, dez mil guardas nacionais de baionetas caladas e toda a artilharia da Guarda Nacional escoltavam o ataúde. O coche era puxado por jovens. Os oficiais dos Invalides o seguiam imediatamente, carregando ramos de louro. Depois vinha uma multidão inumerável, agitada, estranha, os chefes das

seções dos Amigos do Povo, a Escola de Direito, a Escola de Medicina, refugiados de todas as nações, bandeiras da Espanha, da Itália, da Alemanha, da Polônia, bandeiras tricolores, todas as bandeiras possíveis, crianças agitando ramos verdes, cantoneiras e carpinteiros então em greve, gráficos facilmente identificáveis por seus gorros de papel, marchando dois a dois, três a três, gritando, quase todos agitando porretes, alguns armados de sabres, em ordem e, no entanto, com uma só alma, ora em turba, ora em coluna. Pelotões escolhiam chefes; um homem, armado de duas pistolas perfeitamente visíveis, parecia passar em revista outros cujas fileiras se afastavam à sua aproximação. Nas calçadas dos bulevares, nos galhos das árvores, nas sacadas, nas janelas e em cima dos telhados formigavam cabeças, homens, mulheres, crianças; os olhos estavam cheios de ansiedade. Uma multidão armada desfilava sob os olhos de outra multidão receosa.

Por sua parte, o governo observava. Observava com as mãos nos punhos da espada. Podiam-se ver, prontos para marchar, com as cartucheiras cheias, espingardas e mosquetes carregados, na Place Luís XV, quatro esquadrões de carabineiros montados a cavalo, clarins à frente; no Quartier Latin e no Jardim Botânico a Guarda Municipal postava-se escalonada nas esquinas das ruas; na Halle-aux-Vins, um esquadrão de dragões; na Grève, metade do 12º. batalhão de linha, a outra metade na Bastilha; o 6º. batalhão dos dragões nos Célestins; o pátio do Louvre, cheio de armas. O resto da tropa estava de prontidão nos quartéis, sem contar os regimentos dos arredores de Paris. O poder, inquieto, mantinha suspensa sobre a multidão ameaçadora vinte e quatro mil soldados na cidade e trinta mil nos arredores.

Durante o cortejo, circularam diversos boatos. Falava-se de movimentos legitimistas; falava-se do Duque de Reichstadt, que Deus marcava para a morte naquele mesmo minuto em que a multidão o designava para o Império.[125] Um personagem desconhecido anunciava que em determinada hora dois contramestres assalariados abririam para o povo as portas de uma fábrica de armas. O que dominava a expressão da maior parte dos assistentes era o entusiasmo misturado a certo abatimento. Viam-se também, aqui e ali, naquela multidão presa de tantas emoções violentas, mas nobres, verdadeiros rostos de malfeitores e bocas ignóbeis que diziam: – Vamos roubar! – Há certas agitações que removem o fundo dos pântanos, fazendo subir à superfície das águas nuvens de lama. Fenômeno a que não ficam estranhas nem as polícias mais bem organizadas.

O cortejo caminhou com lentidão febril desde a câmara-ardente até a

Bastilha. Chovia de quando em quando, mas a chuva em nada afetava aquele povo. Vários incidentes, o ataúde carregado ao redor da coluna Vendôme, pedras lançadas contra o Duque de Fitz-James, visto numa sacada de chapéu à cabeça, [126] o galo gaulês arrancado de uma bandeira popular e arrastado pela lama, um soldado ferido por uma cutilada na porta Saint-Martin, um Oficial do 12º. de linha dizendo em voz alta: – Sou republicano –, a Escola Politécnica chegando depois de transgredir a ordem de não sair às ruas; os gritos de – Viva a Escola Politécnica! Viva a República! – marcaram o trajeto do cortejo. Na Bastilha, as longas fileiras de curiosos terríveis que desciam do Faubourg Saint-Antoine juntaram-se ao cortejo, quando certa ebulição perigosa começou a agitar o povo.

Ouviu-se um homem dizer a outro: – Está vendo aquele de barbicha ruiva? Ele é quem vai dar a ordem para atirar. – Parece que essa mesma barbicha ruiva foi vista mais tarde, com idênticas funções, em outra revolta, no caso Quénisset. [127]

O ataúde passou pela Bastilha, seguiu o canal, atravessou a pequena ponte e chegou à esplanada da Pont d'Austerlitz. Ali, parou. Nesse momento, a multidão, vista do alto, teria oferecido o aspecto de um cometa cuja cabeça estava na esplanada e cuja cauda se estendia pelo Quai Bourdon, cobria a Bastilha e se prolongava pelo bulevar até a porta Saint-Martin. Fez-se um círculo ao redor do coche fúnebre. Lafayette disse adeus a Lamarque.[128] Foi um instante comovente e augusto, todas as cabeças se descobriram, todos os corações batiam.

De repente, um homem a cavalo, vestido de negro, apareceu no meio do grupo com uma bandeira, ou, segundo outros, com uma lança encimada por um gorro vermelho. Lafayette olhou para outro lado. Exelmans deixou o cortejo.[129]

Esse estandarte vermelho provocou um tumulto e desapareceu. Desde o Boulevard Bourdon até a Pont d'Austerlitz, um desses clamores que se assemelham a vagas agitou a multidão. Ouviram-se gritos admiráveis: – *Lamarque para o Panthéon! – Lafayette para a Câmara!* – Alguns jovens, às aclamações do povo, se juntaram ao cortejo e puseram-se a puxar o coche fúnebre pela Pont d'Austerlitz, levando Lafayette num fiacre pelo Quai Morland.

No meio da multidão, que rodeava e aclamava Lafayette, notava-se um alemão, Ludwig Snyder, falecido depois, quase centenário, também ele soldado na guerra de 1776, tendo combatido sob Washington em Trenton e sob Lafayette em Brandywine.[130]

Contudo, na margem esquerda, a Cavalaria Municipal começava a mover-se para barrar a outra extremidade da ponte; na margem direita, os dragões saíam

dos Célestins e se colocavam ao longo do Quai Morland. O povo que levava Lafayette percebeu-os de repente na esquina do cais e gritou: – Os dragões! os dragões! – Os dragões avançavam a passo lento, em silêncio, com as pistolas nos coldres, os sabres nas bainhas, os mosquetes nos arções, com ar de sombria expectativa.

A duzentos passos da pequena ponte, fizeram alto. O fiacre em que ia Lafayette chegou até eles, abriram-se as fileiras, deixaram-no passar e tornaram a entrar em forma. Nesse momento, os dragões e a multidão se tocavam. As mulheres, assustadas, começaram a fugir.

Que se passara naquele minuto fatal? Ninguém poderia explicar. É o instante tenebroso em que duas nuvens se encontram. Alguns dizem que uma fanfarra dando ordem de ataque fora ouvida dos lados do Arsenal; outros, que uma criança desferira um golpe de punhal num dragão. A verdade é que, subitamente, ouviram-se três tiros; o primeiro matou um Chefe do Esquadrão, Cholet, o segundo matou uma velha surda que fechava a janela de sua casa na Rue Contrescarpe, o terceiro chamuscou as dragonas de um oficial; uma mulher gritou: – *Começaram cedo demais!* – E de repente viu-se, do lado oposto ao Quai Morland, um esquadrão de dragões desembocar a galope e de sabre em punho pela Rue Bassompierre e o Boulevard Bourdon, varrendo tudo em sua frente.

Então, nada mais era preciso; a tempestade se desencadeia, as pedras chovem, a fuzilaria começa, muitos se precipitam para as margens do Sena, atravessando um pequeno canal, hoje aterrado; as oficinas da ilha Louviers, verdadeira cidadela, eriçam-se de combatentes, arrancam-se estacadas, ouvem-se tiros de pistolas, esboça-se uma barricada, jovens atacados passam correndo, puxando o coche fúnebre pela Pont d’Austerlitz e investem contra a Guarda Municipal; os carabineiros acodem, os dragões atacam, a multidão se dispersa em todas as direções, um rumor de batalha voa pelos quatro cantos de Paris aos gritos de: – Às armas! – Todos correm, caem, fogem, resistem. A cólera ateia a revolta como o vento ateia o fogo.

IV | O ANTIGO FERMENTO

Nada mais extraordinário que o primeiro movimento de uma revolta. Tudo estoura a um só tempo. Já estava previsto? Sim. Estava preparado? Não. Donde se origina então? Das pedras da rua. De onde caiu? Das nuvens. Aqui a

insurreição tem o caráter de uma conspiração; ali mais parece uma improvisação. O primeiro que chega apodera-se de uma corrente do povo, levando-a para onde quiser. Começo cheio de espanto e terrível alegria. Em primeiro lugar a gritaria, os estabelecimentos comerciais que se fecham, as vitrinas que desaparecem; depois, alguns tiros isolados, gente que foge, coronhadas abrindo portões e criadas rindo nos quintais e dizendo: – *Vai haver coisa!*

Antes de transcorrido um quarto de hora, eis o que se passava em vinte pontos diferentes de Paris.

Na Rue Sainte-Croix-de-la-Bretonnerie, vinte rapazes, de bar-bas e cabelos compridos, entravam num botequim, saindo um momento depois levando uma flâmula tricolor coberta de crepe, tendo em sua frente três homens armados, um com um sabre, outro com um fuzil, o terceiro com um chuço.

Na Rue des Nonnains-d'Hyères, um cidadão bem-vestido, obeso, de voz sonora, calvo, de fronte alta, barba negra e bigode áspero, desses que nada conseguem dobrar, distribuía publicamente munição aos transeuntes.

Na Rue Saint-Pierre-Montmartre, homens de braços nus carregavam um estandarte negro, em que se liam estas palavras em letras brancas: *República ou a morte!* Na Rue Jéuneurs, na Rue Cadran, na Rue Montorgueuil, na Rue Mandar, apareciam grupos agitando bandeiras sobre as quais se distinguia, em letras douradas, a palavra *secção*, seguida de um número. Uma dessas bandeiras era vermelha e azul, com uma imperceptível faixa branca entre as duas cores.

Pilhava-se uma fábrica de armas no Boulevard Saint-Martin, assim como três oficinas de armeiros, a primeira na Rue Beaubourg, a segunda na Rue Michel-le-Conte, a última na Rue du Temple. Em alguns minutos, as mil mãos da multidão se apoderavam de duzentas e trinta espingardas, quase todas de dois canos, sessenta e quatro sabres, oitenta e três pistolas. Para que todos tivessem armas, uns ficavam com os mosquetes, outros com as baionetas.

Bem em frente do cais da Place de Grève, jovens armados de mosquetes instalavam-se no interior das casas para atirar. Um deles tinha uma espingarda de tambor. Batiam, entravam e se punham a fazer cartuchos. Uma das proprietárias falou: – *Eu não sabia o que eram cartuchos; meu marido é quem explicou para mim*.

Um grupo arrombava uma loja de curiosidades na Rue Vieilles-Haudriettes, apoderando-se de iatagãs e de outras armas turcas.

O cadáver de um pedreiro morto por um tiro de espingarda jazia na Rue de la Perle.

Na margem direita, e também na margem esquerda, no cais, nos bulevares, no Quartier Latin, no Quartier Les Halles, homens ofegantes, operários, estudantes, representantes de bairros liam proclamações gritando: – Às armas! –, quebrando lampiões, desatrelando carruagens, removendo as pedras das ruas, arrombando casas, arrancando árvores, invadindo adegas, rolando pipas, construindo barricadas com pedras, lajes, móveis e tábuas.

O cidadão via-se forçado a colaborar. Invadiam as casas, exigiam das mulheres o sabre e as espingardas dos maridos ausentes, escrevendo com giz nas portas: *Já entregaram as armas*. Alguns assinavam *com seus nomes* recibos de armas e diziam: – Mande procurá-las amanhã na delegacia. – Desarmavam-se nas ruas as sentinelas isoladas e os guardas nacionais que se dirigiam à Prefeitura. Arrancavam-se as dragonas dos Oficiais. Na rua do cemitério Saint-Nicolas, um Oficial da Guarda Nacional, perseguido por um grupo armado de bastões e floretes, refugiou-se a custo numa casa de onde não pôde sair senão à noite, e disfarçado.

No Quartier Saint-Jacques, os estudantes saíam aos enxames dos hotéis, subiam ao café Progresso na Rue Saint-Hyacinthe ou desciam ao café Sept-Billards, na Rue Mathurins. Ali, diante das portas, rapazes trepados em bancos distribuíam armas. Pilhava-se uma marcenaria da Rue Transnonain para construir barricadas. Num único ponto os habitantes resistiam, na esquina das Rues Sainte-Avoye e Simon-le-Franc, destruindo eles mesmos as barricadas. Num único ponto os insurretos cediam; abandonaram uma barricada começada na Rue du Temple, depois de terem aberto fogo contra um destacamento da Guarda Nacional, fugindo pela Rue de la Corderie. O destacamento apoderou-se ali de uma bandeira vermelha, de um maço de cartuchos e de trezentas balas de pistola. Os guardas nacionais rasgaram a bandeira, amarrando os pedaços na ponta de suas baionetas.

Tudo o que aqui relatamos aconteceu lenta e sucessivamente em todos os pontos da cidade, em meio a um enorme tumulto, como centenas de relâmpagos de um único trovão.

Em menos de uma hora, vinte e sete barricadas surgiram do solo somente no Quartier Les Halles. No centro, estava a famosa casa número 50, que serviu de fortaleza a Jeanne e a seus cento e seis companheiros, e que, flanqueada de um lado pela barricada da Rue Saint-Merry e de outro pela barricada da Rue Maubuée, dominava três ruas, a des Arcis, a Saint-Martin e a Aubry-le-Boucher, que ficava em frente.[131] Duas barricadas em esquadria se dobravam uma da Rue Montorgueil até a Grande-Truanderie, a outra da Rue Geoffroy-Langevin

até a Sainte-Avoye, sem contar as inúmeras barricadas em vinte outros bairros de Paris, no Marais, na montanha Sainte-Geneviève; numa delas, na Rue Ménilmontant, via-se um portão arrancado dos gonzos; outra, perto da pequena ponte da Santa Casa, feita com uma pequena carruagem, desatrelada e derrubada a trezentos passos da chefatura de polícia.

Na barricada da Rue dos Ménétriers, um senhor bem-vestido distribuía dinheiro aos trabalhadores. Na barricada da Rue Greneta apareceu um cavaleiro entregando a alguém, que parecia o chefe dos amotinados, um rolo, talvez de moedas: – *Aqui está* – disse ele –, *para pagar as despesas, o vinho et cetera.* – Um jovem loiro, sem gravata, ia de uma barricada a outra comunicando palavras de ordem. Outro, de sabre desembainhado e boné azul à cabeça, distribuía as sentinelas. No interior, aquém das barricadas, cabarés e lojas eram transformados em corpos de guarda. Quanto ao mais, a revolta caminhava segundo a mais sábia tática militar. As ruas estreitas, desiguais, sinuosas, cheias de ângulos e curvas, eram admiravelmente escolhidas em particular na vizinhança de Les Halles, rede de ruas mais intrincada que uma floresta. Dizia-se que a Sociedade dos Amigos do Povo havia tomado a direção da revolta em Sainte-Avoye. Um homem morto na Rue Ponceau trazia consigo um mapa de Paris.

O que realmente havia tomado a direção da revolta fora uma espécie de impetuosidade desconhecida que pairava no ar. A insurreição, bruscamente, construíra com uma mão as barricadas, e com a outra se apoderara dos postos de guarnição. Em menos de três horas, como um rastilho de pólvora que se acende, os revolucionários haviam invadido e ocupado, na margem direita, o Arsenal, a *Mairie* da Place Royale, todo o Marais, a fábrica de armas Popincourt, a Galiote, o Château-d'Eau, todas as ruas próximas a Les Halles; na margem esquerda, o quartel dos Veteranos, Sainte-Pélagie, a Place Maubert, o paiol dos Deux-Moulins, todas as barreiras. Às cinco horas da tarde, eram senhores da Bastilha, da Lingerie, dos Blancs-Manteaux; seus postos avançados iam até a Place des Victoires, ameaçavam o Banco, o quartel dos Petits-Pères, o Palácio dos Correios. A terça parte de Paris estava em armas.

Em todos os pontos a luta era gigantescamente travada; e, depois do ataque às guarnições, depois das visitas domiciliares, da invasão das lojas de armeiros, resultava que o combate, iniciado a pedradas, continuara a bala.

Pelas seis horas da noite, a passagem do Saumon transformava-se em campo de batalha. Os revoltosos estavam em uma extremidade; a tropa, na extremidade oposta. Atirava-se de uma grade a outra. Um observador, um sonhador, o mesmo que escreve este livro, indo ver o vulcão de perto, viu-se preso entre os dois

fogos.[132] Para se proteger das balas, havia somente as saliências das meias-colunas que separavam as lojas; ficou quase meia hora nessa situação delicada.

No entanto, ouvia-se o toque de chamada; os guardas nacionais vestiam-se e tomavam armas às pressas, as legiões saíam das prefeituras, os regimentos saíam dos quartéis. Bem em frente da passagem de l'Ancre, um tambor recebeu uma punhalada. Outro, na Rue Cygne, era assaltado por cerca de trinta jovens que lhe inutilizaram a caixa, roubando-lhe o sabre. Outro caiu assassinado na Rue Grenier-Saint-Lazare. Na Rue Michel-le-Comte, três oficiais caíram mortos, um após o outro; vários guardas municipais, feridos na Rue des Lombards, batiam em retirada.

Diante da Cour-Batave, um destacamento de guardas nacionais encontrara uma bandeira vermelha com a seguinte inscrição: *Revolução republicana, número 127*. Tratava-se mesmo de uma revolução?

A insurreição fizera do centro de Paris uma espécie de cidadela inextricável, tortuosa, colossal. Lá estava o foco, lá estava evidentemente toda a questão. Tudo o mais não passava de escaramuças. O que provava que tudo se decidiria ali era que nesse lugar ninguém combatia ainda.

Em alguns regimentos, os soldados estavam incertos, o que aumentava a terrível obscuridade da crise. Lembravam-se da ovação popular que havia acolhido, em julho de 1830, a neutralidade do 53º. batalhão de linha. Dois homens intrépidos e provados por grandes guerras, o Marechal de Lobau e o General Bugeaud, comandavam, este sob as ordens daquele. Enormes patrulhas, compostas de batalhões de linha engajados em companhias inteiras da Guarda Nacional, precedidos por um Comissário de Polícia a tiracolo, iam reconhecer as ruas tomadas pelos revoltosos. De sua parte, estes postavam sentinelas nas esquinas e enviavam audaciosamente patrulhas para fora das barricadas. De ambos os lados, eles se observavam mutuamente. O governo, com um exército nas mãos, hesitava; a noite já caía e começava-se a ouvir o sino de Saint-Merry.[133] O Ministro da Guerra na época, o Marechal Soult, que havia presenciado Austerlitz, olhava para tudo aquilo com ar sombrio.

Velhos marinheiros, acostumados a manobras exatas, não tendo outro recurso ou guia além da tática, a bússola das batalhas, sentem-se desorientados na presença dessa enorme espuma que chamamos de cólera pública. O vento das revoluções não é manejável.

Os guardas nacionais dos subúrbios acorriam apressados e em desordem. Um batalhão do 12º. regimento ligeiro vinha a passo acelerado de Saint-Denis; o 14º.

regimento de linha chegava de Courbevoie; as baterias da Escola Militar tomavam posição no Carroussel; canhões desciam de Vincennes.

Nas Tuileries, a solidão aumentava. Luís Filipe estava perfeitamente calmo.

V | ORIGINALIDADE DE PARIS

No espaço de dois anos, como já dissemos, Paris havia presenciado mais de uma insurreição. Fora dos quartéis amotinados, nada mais estranhamente calmo que a fisionomia de Paris durante uma revolta. Paris acostuma-se bem depressa a tudo – não era nada mais que um motim – e Paris tem tanto que fazer que não se incomoda por tão pouco. Somente cidades gigantescas podem dar esses espetáculos. Só esses muros imensos podem conter ao mesmo tempo a guerra civil e não sei que bizarra tranquilidade. De hábito, quando a insurreição começa, ao ouvir-se o tambor, a chamada, a generala, o comerciante limita-se a dizer:

– Parece que há barulho na Rue Saint-Martin.

Ou:

– No Faubourg Saint-Antoine.

Muitas vezes acrescenta, com indiferença:

– Em algum lugar por aí.

Mais tarde, ao ouvir a algazarra ameaçadora e lúgubre da fuzilaria, o comerciante diz:

– O negócio está esquentando!

Um momento depois, se a revolta se aproxima e ganha terreno, ele fecha depressa a loja, veste rapidamente o uniforme, isto é, põe sua mercadoria em segurança e arrisca a própria pessoa.

Combate-se pelas esquinas, pelos becos, pelas ruas; tomam, perdem e novamente se apoderam das barricadas; o sangue corre, a metralha criva de balas a fachada das casas, matando pessoas em seus próprios quartos; cadáveres atulham as ruas. A alguns passos dali, ouve-se o choque das bolas de bilhar no interior dos cafés.

Os curiosos conversam e riem a dois passos das ruas em que se travam batalhas; os teatros abrem suas portas e continuam com seus *vaudevilles*. Os fiacres continuam a rodar; os transeuntes vão jantar calmamente na cidade. Às vezes no próprio centro de combate. Em 1831 interrompeu-se um tiroteio para

deixar passar um cortejo nupcial.

Por ocasião da insurreição de 12 de maio de 1839, na Rue Saint-Martin, um velhinho doente, arrastando um carrinho de mão enfeitado por uma bandeira tricolor, no qual se viam garrafas cheias de um líquido qualquer, ia e vinha das barricadas à tropa e desta àquelas, oferecendo imparcialmente suas bebidas ora ao governo, ora à anarquia.

Nada mais estranho, e é esse o caráter próprio das revoltas de Paris, coisa que não se encontra em nenhuma outra capital. Para isso, são necessárias duas coisas: a grandeza de Paris e seu bom humor; a cidade de Voltaire e de Napoleão.

Desta vez, contudo, na insurreição de 5 de junho de 1832, a grande cidade sentiu algo talvez mais forte que ela. Paris teve medo. Por toda parte, nos bairros mais distantes e mais *desinteressados*, viam-se portas e janelas fechadas em pleno dia. Os corajosos se armaram, os poltrões se esconderam. O transeunte indiferente e atarefado desapareceu das ruas. Muitas ruas estavam tão vazias como às quatro horas da manhã. Espalhavam-se os pormenores mais alarmantes, as notícias mais fatais. Que *eles* haviam-se apoderado do Banco; que somente no claustro de Saint-Merry eram seiscentos entrincheirados no interior da igreja; que a linha de combate não estava segura; que Armand Carrel fora avistar-se com o Marechal Clauzel, e este lhe dissera: – *Antes de mais nada, consiga um regimento*[134] –; que Lafayette estava doente, mas havia dito: – *Estou com vocês. Segui-los-ia a qualquer parte onde houvesse uma cadeira* –; que era preciso estar atento; que à noite haveria quem pilhasse as casas mais isoladas dos arredores de Paris (aqui, reconhecia-se a imaginação da polícia, essa Ana Radcliffe[135] aliada do governo); que uma bateria havia sido estabelecida na Rue Aubry-le-Boucher; que Lobau e Bugeaud[136] estavam de acordo e, à meia-noite, ou o mais tardar ao nascer do sol, quatro colunas marchariam ao mesmo tempo contra o centro da revolta, a primeira vinda da Bastilha, a segunda da Porte Saint-Martin, a terceira da Place de Grève, a quarta em Les Halles; que talvez também as tropas evacuassem Paris, retirando-se para o Champ de Mars; que ninguém sabia o que poderia acontecer, mas era fora de dúvida que, desta vez, a situação era grave. Preocupavam-se com a hesitação do Marechal Soult. – Por que não atacava logo? – A verdade era que ele estava profundamente preocupado. O velho leão pare-cia farejar naquela sombra um monstro desconhecido.

Veio a noite, mas os teatros não se abriram; as patrulhas circulavam irritadas; revistavam-se os transeuntes, prendiam-se os suspeitos. Às nove horas já havia

mais de oitocentas pessoas detidas; a chefatura da polícia, a Casa de Detenção e a Force estavam atulhadas de presos.

Na Casa de Detenção, em particular, o longo subterrâneo denominado Rue de Paris estava juncado de leitos de palha sobre os quais jazia uma multidão de pessoas, que o homem de Lyon, La-grange, arengava com intrepidez.[137] Toda aquela palha, revolvida por tanta gente, fazia o ruído de um aguaceiro. Em outros lugares, os prisioneiros deitavam-se ao ar livre, em pleno campo, quase que uns sobre os outros. Por toda parte havia ansiedade e certo temor, pouco habituais em Paris.

Todos se entrincheiravam no interior das casas; as mulheres e as mães estavam inquietas; não se ouvia senão isto: – *Meu Deus! Ele ainda não voltou!* – Ao longe, ouvia-se algum raro ruído de carruagens. Por trás das portas, estavam atentos aos rumores, aos gritos, tumultos, ruídos surdos e indistintos, que eram assim identificados: – *É a cavalaria* –, ou: – *São carroções de munição correndo a galope* –, os clarins, os tambores, o tiroteio e, sobretudo, o toque triste dos sinos de Saint-Merry. Esperava-se o primeiro tiro de canhão. Homens armados surgiam pelos cantos das ruas e desapareciam gritando: – Voltem para suas casas! – E todos se apressavam em fechar as portas. Dizia-se: – Como isto irá acabar? – De instante a instante, à medida que a noite caía, Paris parecia colorir-se mais lugubremente com o flamejar terrível da revolta.

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO
O ÁTOMO FRATERNIZA COM O FURACÃO

I | ALGUNS ESCLARECIMENTOS A RESPEITO DAS ORIGENS DA POESIA DE GAVROCHE. INFLUÊNCIA DE UM ACADÊMICO SOBRE ESSA POESIA

No instante em que a insurreição, originando-se do choque entre o povo e as tropas diante do Arsenal, provocara um movimento de frente para trás na multidão que seguia o coche fúnebre e que, em toda a extensão dos bulevares, pesava, por assim dizer, sobre a cabeça do cortejo, deu-se um medonho refluxo. A turba pôs-se em movimento, as fileiras se romperam, todos correram, fugiram, escaparam, alguns aos gritos de ataque, outros com a palidez do medo. O grande rio que cobria as ruas dividira-se num abrir e fechar de olhos, transbordando para a direita e para a esquerda, espalhando-se como torrentes ao mesmo tempo por duzentas ruas de Paris, com o ímpeto de uma represa da qual se rompessem as barragens. Nesse momento, um menino esfarrapado que descia pela Rue Ménilmontant, segurando na mão um ramo de codesso florido que acabara de colher nas alturas de Belleville, viu na vitrina de um antiquário uma pistola de arção. Jogou o ramo florido ao chão e gritou para a proprietária do estabelecimento:

– Dona Coisa, me empresta esse pau de fogo?

E fugiu levando a arma consigo.

Dois minutos depois, uma onda de populares em debandada, fugindo pela Rue Amelot e pela Rue Basse, se encontrava com o rapazinho brandindo a pistola e cantando:

La nuit on ne voit rien,
Le jour on voit très bien,
D’un écrit apocryphe Le bourgeois s’ébouriffe,
Pratiquez la vertu,
Tutu chapeau pointu! [138]

Era o pequeno Gavroche que ia para a guerra.

Enquanto caminhava percebeu que a arma estava quebrada; faltava-lhe o cão.

De quem era aquela copla que lhe servia para marcar a marcha, e todas as outras canções que ele tanto gostava de cantar? Ignoramos. Quem sabe? Talvez fossem dele mesmo. Gavroche aliás conhecia todas as cantilenas populares em moda, acrescentando a elas a sua própria inspiração. Diabrete e malandro, fazia um *pot-pourri* das vozes da natureza e das vozes de Paris. Combinava o repertório dos passarinhos com o repertório das oficinas. Conhecia os *rapins*, tribo vizinha à sua.[139] Tinha sido, pelo que parece, durante três meses, aprendiz de impressor. Um dia, dera um recado para o Sr. Baour-Lormian, um dos quarenta.[140] Gavroche era um moleque letrado.

Gavroche, aliás, não sabia que, naquela horrível noite de chuva em que oferecera a hospitalidade de seu elefante a dois guris, era para seus próprios irmãos que fizera o papel de Providência. Seus irmãos à tardinha, o pai, de madrugada, eis como passara a noite. Deixando a Rue des Ballets bem cedo, voltara apressadamente ao elefante, tirara de seu interior artisticamente os dois guris, dividira com eles o que tinha inventado para comer e depois se fora, confiando os pequenos a essa boa mãe, a rua, que, mais ou menos, fora quem o educara. Ao deixá-los, marcara encontro com eles à noite no mesmo lugar, dizendo-lhes como adeus estas palavras: – *Estou por aqui, estou dando o fora ou, como dizem na corte, eu me vou. Meninos, se não encontrarem papai e mamãe, voltem aqui à noite. Convido vocês para cear e dormir comigo*. – As duas crianças, detidas por algum guarda e levadas para a prisão preventiva, ou roubadas por algum saltimbanco, ou simplesmente perdidas no imenso quebra-cabeça chinês das ruas de Paris, não voltaram mais. O *bas-fond* do mundo social atual está cheio dessas pistas perdidas. Gavroche não os reviu. Dez ou doze semanas haviam passado desde aquela noite. Aconteceu-lhe mais de uma vez coçar a cabeça e dizer: – Onde diabo se meteram meus dois garotos?

Entretanto, de pistola em punho, chegara à Rue Pont-aux-Choux. Notou que não havia naquela rua senão uma loja aberta e, coisa digna de reflexão, era uma confeitaria, ocasião providencial para comer ainda uma torta de batata antes de entrar para o desconhecido. Gavroche parou, apalpou as roupas, revistou os bolsos, virou-os do avesso, não encontrou nem um vintém e se pôs a gritar: – Socorro!

É realmente duro ver escapar o último bocado.

Mas nem por isso deixou de caminhar para a frente.

Dois minutos depois, estava na Rue Saint-Louis. Ao atravessar a Rue do Parc-Royal, sentiu necessidade de se indenizar pela torta de batatas impossível e deu-se, em pleno dia, o prazer de rasgar os cartazes dos espetáculos.

Um pouco mais longe, vendo passar um grupo de pessoas bem-vestidas que lhe pareceram proprietárias, levantou os ombros e cuspiu para diante de si esta golfada de bile filosófica:

– Como estão roliços esses ricaços! Boa mesa, boa comida. Perguntem a eles sobre o que fazem com o dinheiro. Não sabem. Comem. Tanto que têm de arrastar a barriga!

II | GAVROCHE EM MARCHA

Agitar uma pistola quebrada em plena rua é uma função pública tão importante que Gavroche sentia crescer sua verve a cada passo. Gritava, entre as estrofes da *Marselhesa*, que ia cantando.

– Tudo está bem. Dói-me a pata esquerda, ofendi meu reumatismo, mas estou contente, cidadãos. Os burgueses não têm mais que fazer senão ceder; vou espirrar-lhes cantigas subversivas. Quem são os tiras? Cachorros! Com os diabos, não vamos faltar com o respeito devido aos cães. Aliás, bem que eu gostaria de ter um deles na minha pistola. Venho dos bulevares, meus amigos; mas isto aqui está esquentando, está pegando fogo. Já é tempo de a panela começar a ferver. Para a frente, homens, que um sangue impuro inunda os sulcos do arado! Dou os meus dias pela pátria, não verei mais a minha concubina, *n-i-ni, fini, oui, Nini!* Mas não faz mal! Viva a alegria! Vamos combater, que já estou farto de despotismo.

Nesse instante, tendo caído o cavalo de um homem da Guarda Nacional que passava por ali, Gavroche depôs a pistola no chão, levantou o sujeito, ajudando-o depois a levantar o cavalo. Em seguida, tornou a pegar em sua arma e se pôs de novo a caminhar.

Na Rue de Thorigny, tudo era paz e silêncio. Essa apatia, própria do Marais, contrastava com a enorme confusão dos arredores. Quatro comadres conversavam à soleira de uma porta. A Escócia possui trios de feiticeiras, mas Paris tem quartetos de comadres; e o *Serás rei* seria tão lugubremente lançado a Bonaparte na encruzilhada de Baudoyer como a Macbeth na charneca de Armuyr.[141] Seria, pouco mais ou menos, o mesmo coaxar.

As comadres da Rue de Thorigny não se ocupavam senão de seus negócios.

Eram três porteiras e uma trapeira, com sua vassoura e seu cesto.

Parecia que estavam de pé, todas as quatro, nos quatro cantos da velhice, que são a caducidade, a decrepitude, a ruína e a tristeza.

A trapeira era humilde. Neste mundo desabrigado, a trapeira nos saúda, a porteira nos protege. Desta depende que a lata de lixo esteja mais ou menos cheia. Pode haver bondade até numa vassoura.

Aquela trapeira era reconhecida, e sorria – e que sorriso! – para as três porteiras. Elas diziam coisas mais ou menos como estas:

– Ah! então o seu gato continua a ser mau?

– Meu Deus! Os gatos, a senhora sabe como é; naturalmente são inimigos dos cachorros. Eles é que se queixam!

– E a gente também.

– Mas as pulgas dos gatos não passam para a gente.

– Cachorro não só incomoda como é perigoso. Lembro-me de um ano em que havia tantos cachorros que foram obrigados a falar deles nos jornais. Foi no tempo em que havia nas Tuileries aqueles grandes carneiros que puxavam a pequena carruagem do Rei de Roma. Lembra-se do Rei de Roma?

– Eu gostava mais do Duque de Bordeaux.

– Eu conheci Luís XVII. Prefiro Luís XVII.

– É a carne que está cara, *Mame* Patagon!

– Nem me fale! O açougue está um horror. Um horror horrível. Não se pode mais ter sossego.

Aqui a trapeira interveio:

– Comadres, os negócios vão mal. O lixo está que é uma porcaria. Não jogam mais nada fora. Comem tudo.

– Ainda há gente mais pobre que a senhora, D. Vargoulême.

– Ah! isso é verdade – respondeu a trapeira com deferência –, eu, ao menos, tenho uma ocupação.

Houve uma pausa, e a trapeira, cedendo ao desejo de ostentação que constitui o fundo do homem, acrescentou:

– De manhã, quando volto para casa, trato logo de separar as minhas coisas: por isso, o meu quarto está cheio de montes. Ponho os trapos num cesto, os talos numa panela, os panos de linho no armário, os de lã na cômoda, os papéis velhos no canto da janela, o que serve para comer numa tigela, os pedaços de vidro na lareira, os chinelos atrás da porta e os ossos debaixo da cama.

Gavroche, que parara um pouco atrás, escutava.

– Eh! velharada! – disse ele – Por que é que estão aí a falar de política?

Gavroche levou uma descarga quádrupla.

– Aí está um desordeiro!

– Que é que ele tem na mão? Uma pistola?

– Espere um pouco, seu moleque!

– Esse aí não fica sossegado enquanto não derrubar a autoridade.

Gavroche, fazendo pouco caso, limitou-se a responder levantando a ponta do nariz com o polegar da mão esquerda aberta.

A trapeira gritou:

– Vá-se embora, seu maltrapilho!

A que respondia pelo nome de *Mame* Patagon bateu as mãos uma contra a outra, escandalizada:

– Vai acontecer alguma desgraça, isso é certo. O malandro aqui do lado, aquele que usa barbicha, todas as manhãs eu o vejo passar ao lado de uma rapariga de chapéu vermelho; hoje, saiu com uma espingarda. *Mame* Bacheux disse que na semana passada houve revolução em… em… em… em Pontoise. Agora, vejam lá esse moleque dos diabos com uma pistola! Parece que os Célestins estão cheios de canhões. O que é que as senhoras querem que o governo faça com uns marotos que não sabem o que inventar para desgraçar o mundo; quando a gente começa a ficar um pouco sossegada depois de tantas desgraças que aconteceram, bom Deus do céu, aquela pobre Rainha que eu vi passar na carroça! Isso tudo ainda vai encarecer o tabaco. É uma infâmia! E, com certeza, ainda hei de ver você na guilhotina, seu desordeiro!

– Velhinha, você está fungando – disse Gavroche. – Vê se limpa o teu promontório. – E foi-se embora. Ao chegar à Rue Pavée, a trapeira voltou-lhe à memória, o que lhe deu ocasião para este solilóquio.

– Não está certo você ofender assim os revolucionários. Esta pistola é para defender os seus interesses. É para que caiam no seu cesto mais coisas boas para comer.

De repente, ouviu um barulho atrás; era a porteira Patagon que o havia seguido e, de longe, lhe mostrava os punhos, gritando:

– Você não passa de um enjeitado!

– Isso me ofende da maneira mais profunda – disse Gavroche.

Pouco depois, passava em frente ao Palais Lamoignon. Ali soltou este grito de guerra:

– Em marcha para a batalha!

E sentiu-se assaltado pela tristeza. Olhou para a arma com ar de queixa, que parecia querer enternecê-la:

– Eu vou – disse-lhe o garoto –, mas você não vai.

Um cão pode fazer-nos esquecer outro. Um cachorro muito magro passava por ali. Gavroche teve pena do pobre animal.

– Pobre totó; acho que você engoliu um tonel, pois a gente aqui de fora está vendo todos os anéis.

Depois, dirigiu-se para os lados de Orme-Saint-Gervais.

III | JUSTA INDIGNAÇÃO DE UM CABELEIREIRO

O digno cabeleireiro que havia expulsado os dois pequenos para os quais Gavroche havia aberto o paternal intestino do elefante estava, naquele momento, em sua barbearia, ocupado em fazer a barba de um velho legionário que servira sob o Império. Conversavam. O barbeiro, naturalmente, falara ao veterano a respeito da revolta, depois do General Lamarque, e de Lamarque o assunto caiu no Imperador. Daí um diálogo entre o barbeiro e o soldado, que Prudhomme, se estivesse presente, teria embelezado com arabescos, dando-lhe o seguinte título: *Diálogo entre a navalha e a espada*.[142]

– Senhor – perguntava o barbeiro –, como é que o Imperador montava a cavalo?

– Mal. Ele não sabia cair. Por isso não caía nunca.

– Tinha bons cavalos? O Imperador devia ter bons cavalos.

– No dia em que ele me condecorou, olhei bem para o seu animal. Era uma égua de corrida, toda branca. Tinha as orelhas muito afastadas uma da outra, uma cabeça fina marcada por uma estrela preta, pescoço muito comprido, joelhos muito bem articulados, ilhais salientes, espáduas oblíquas, garupas muito fortes. Tinha pouco mais de quinze palmos de altura.

– Belo cavalo – disse o barbeiro.

– Era o cavalo de Sua Majestade.

O barbeiro sentiu que depois dessa palavra era conveniente fazer um pouco de silêncio. Conformou-se, e depois continuou:

– O Imperador só foi ferido uma vez, não é verdade?

O velho soldado respondeu com a expressão calma e soberana do homem que

tinha sido:

– No calcanhar. Em Ratisbona. Jamais o vi tão elegante como nesse dia.

– E o senhor? Foi ferido muitas vezes?

– Eu? – disse o soldado. – Ah! não foi grande coisa. Recebi em Marengo dois golpes de sabre na nuca, uma bala no braço direito em Austerlitz, outra no quadril esquerdo em Iéna, um golpe de baioneta em Friedland – aqui – em Moscou, sete ou oito lançadas em diferentes partes, não sei onde; em Lutzen, um estilhaço de granada que me esmigalhou o dedo… Ah! e ainda em Waterloo, uma bala na coxa. Eis tudo.

– Como é belo – exclamou o cabeleireiro, com acento pindárico – morrer no campo de batalha! Eu, palavra de honra, em vez de morrer na cama, de doença, devagarinho, um pouquinho por dia, com remédios, cataplasmas, seringas e médicos, preferiria receber uma bala de canhão na barriga.

– O senhor não é difícil de se contentar – disse-lhe o soldado.

Apenas terminara de falar, um terrível estampido estremeceu toda a sala. Um vidro da frente acabava de se partir naquele mesmo instante.

O barbeiro ficou lívido.

– Deus do céu! – gritou ele. – Aí está uma!

– O que foi?

– Uma bala de canhão!

– Aqui a tem – disse o soldado.

E agarrou alguma coisa que rolava pelo chão. Era uma pedra.

O barbeiro correu à vitrina quebrada e viu Gavroche correndo na direção do mercado Saint-Jean. Ao passar diante da barbearia, Gavroche, que conservava os dois garotos no coração, não pudera resistir ao desejo de lhe dizer bom-dia, jogando-lhe uma pedra à vitrina.

– Está vendo! – gritou o barbeiro, que de branco ficara roxo. – Esse aí faz o mal pelo mal. Que é que andaram fazendo a esse garoto?

IV | A CRIANÇA ADMIRA-SE PELO VELHO

No entanto Gavroche, no mercado Saint-Jean, cuja guarda já havia sido desarmada, acabava de efetuar sua adesão a um bando conduzido por Enjolras, Courfeyrac, Combeferre e Feuilly. Estavam mais ou menos armados. Bahorel e Jean Prouvaire haviam sido encontrados e faziam parte do grupo. Enjolras tinha

uma espingarda de caça de dois canos, Combeferre, uma espingarda da Guarda Nacional com o número de alguma legião e, na cintura, duas pistolas que seu casaco desabotoado deixava entrever, Jean Prouvaire, um velho mosquete de cavalaria, Bahorel, uma carabina, Courfeyrac agitava um estoque, Feuilly, empunhando um sabre desembainhado, caminhava na frente, gritando: – Viva a Polônia!

Eles vinham do Quai Morland, sem gravata, sem chapéu, cansados, molhados pela chuva, com os olhos brilhando de emoção. Gavroche perguntou-lhes com a maior calma.

– Para onde vamos nós?

– Venha – respondeu Courfeyrac.

Atrás de Feuilly marchava, ou antes, pulava, Bahorel, como um peixe nas águas da revolta. Usava um colete vermelho e dizia palavras arrasadoras. Seu colete perturbou um transeunte, que gritou, admirado:

– Aí vêm os vermelhos!

– O vermelho, os vermelhos! – replicou Bahorel. – Que medo besta, burguês! Quanto a mim, não sinto o menor receio diante de uma papoula, e o chapeuzinho vermelho não me inspira nenhum medo. Burguês, creia-me; deixemos o medo do vermelho para os cornígeros.

Viu então uma parede em que estava pregada a mais pacífica folha do mundo, uma permissão para comer ovos, uma pastoral de Quaresma dirigida pelo Arcebispo de Paris às suas “ovelhas”.

Bahorel exclamou:

– Ovelhas, maneira delicada de dizer imbecis.

E arrancou da parede o aviso. Isso agradou a Gavroche. A partir desse instante, Gavroche pôs-se a estudar Bahorel.

– Bahorel – observou Enjolras –, você não agiu direito. Devia ter deixado em paz aquele papel; não é com ele que nos devemos bater; você está gastando inutilmente a sua cólera. Poupe as suas provisões. Não se faz fogo fora das fileiras, nem com a alma nem com as armas.

– Cada um com seu estilo, Enjolras – respondeu Bahorel. – Esse palavrório de bispo me deixa indignado; quero comer ovos sem que me deem permissão para isso. Você é do gênero frio, ardente; eu cá me divirto. Aliás, não estou gastando forças à toa; tomo impulso; e, se rasguei aquele aviso, *Hercle!*, é para criar apetite.

Essa exclamação, *Hercle*, impressionou Gavroche. Ele buscava toda ocasião

para se instruir, e aquilo de rasgar cartazes era com ele. Perguntou-lhe, pois:

– Que quer dizer *Hercle*?

Bahorel respondeu:

– Quer dizer, em latim, com os diabos!

Aqui, Bahorel reconheceu numa janela um jovem pálido de barbas negras que os olhava passar, provavelmente um Amigo do ABC. Gritou-lhe:

– Depressa, cartuchos! *Para bellum*.[143]

– Belo homem! É verdade – disse Gavroche, que desta vez compreendera o latim.

Um cortejo tumultuoso os acompanhava; estudantes, artistas, jovens filiados à Cougorde de Aix, operários, taifeiros armados de paus e baionetas, alguns como Combeferre, com pistolas metidas nos bolsos das calças. Um senhor que parecia muito velho marchava com esse grupo. Não carregava armas e se apressava para não ficar para trás, embora se mostrasse preocupado. Gavroche o viu:

– *Kekeéisso?* – disse a Courfeyrac.

– É um velho.

Era o Sr. Mabeuf.

V | O VELHO

Expliquemos o que se passava:

Enjolras e seus amigos estavam no Boulevard Bourdon, perto dos celeiros, no momento em que os dragões haviam atacado. Enjolras, Courfeyrac e Combeferre faziam parte dos que haviam corrido pela Rue Bassompierre gritando: – Às barricadas! Na Rue Lesdiguières haviam encontrado um velhinho.

O que lhes chamara a atenção era que o velho caminhava em zigue-zague, como se estivesse bêbado. Além do mais, levava o chapéu na mão, embora houvesse chovido durante toda a manhã e chovesse mais forte ainda naquele instante. Courfeyrac reconheceu o Sr. Mabeuf. Conhecia-o por muitas vezes ter acompanhado Marius até sua porta. Sabendo dos hábitos pacíficos e mais do que tímidos do velho alfarrabista e, espantado por vê-lo no meio daquele tumulto, a dois passos das cargas da cavalaria, quase no meio do tiroteio, com a cabeça descoberta em plena chuva e caminhando no meio da fuzilaria, chegou-se a ele, e o revoltoso de vinte e cinco anos trocou com o octogenário o seguinte diálogo:

– Sr. Mabeuf, vá para a sua casa.

– Por quê?

– Vai haver barulho.

– É bom.

– Vai haver tiros, cutiladas…

– É bom.

– Tiros de canhão.

– É bom. Para onde vão vocês?

– Vamos derrubar o governo.

– É bom.

E se pôs a segui-los. Desde esse momento ele não havia dito uma palavra. Seus passos, de repente, tornaram-se firmes; alguns operários ofereceram-lhe o braço, mas ele se recusou a aceitar-lhes a ajuda com um sinal de cabeça. Caminhava quase que na primeira fileira da coluna, tendo ao mesmo tempo o movimento de um homem que marcha e de um homem que dorme.

– Que velho danado! – Murmuravam os estudantes. Corria o boato de que se tratava de um antigo convencionalista, um velho regicida.

O grupo caminhava pela Rue de la Verrerie.

O pequeno Gavroche marchava na frente, cantando com toda a força, o que o transformava numa espécie de clarim.

Cantava assim:

Voici la lune qui paraît
Quand irons-nous dans la forêt?
Demandait Charlot à Charlotte.
Tou tou tou
Pour Chatou.
Je n’ai qu’un Dieu, qu’un roi, qu’un liard et qu’une botte.
Pour avoir bu de grand matin
La rosée à même le thym
Deux moineaux étaient en ribotte.
Zi zi zi
Pour Passy.
Je n’ai qu’un Dieu, qu’un roi, qu’un liard et qu’une botte.
Et ces deux pauvres petits loups
Comme deux grives étaient soûls;
Un tigre en riait dans sa grotte.
Don don don
Pour Meudon
Je n’ai qu’un Dieu,

qu’un roi, qu’un liard et qu’une botte.
L’un jurait et l’autre sacrait.
Quand irons-nous dans la forêt?
Demandait Charlot à Charlotte.
Tin tin tin
Pour Pantin
Je n’ai qu’un Dieu, qu’un roi, qu’un liard et qu’une botte.[144]

Iam para os lados de Saint-Merry.

VI | RECRUTAS

O bando aumentava a cada instante. Na altura da Rue des Billettes, um homem de elevada estatura, já grisalho, cujo aspecto rude e atrevido fora notado por Courfeyrac, Enjolras e Combeferre, sem que nenhum deles o conhecesse, juntou-se ao grupo. Gavroche, ocupado em cantar, em assobiar, em ir sempre na frente, batendo no postigo das portas com a coronha da pistola quebrada, não reparou no recém-chegado.

Aconteceu que, na Rue de la Verrerie, passaram na porta de Courfeyrac.

– Ainda bem – disse Courfeyrac –, esqueci minha bolsa e perdi o meu chapéu. – Ele deixou os companheiros e subiu correndo até o quarto. Pegou um chapéu velho e a bolsa. Levou também um cofre bastante grande, do tamanho de uma valise, que estava escondido no meio da roupa usada. Ao descer, como ia correndo, a porteira gritou-lhe:

– Sr. Courfeyrac?

– Como se chama a senhora? – respondeu Courfeyrac.

A porteira ficou embasbacada.

– Mas o senhor sabe muito bem que eu sou a Mme. Veuvain.

– Pois bem, se continuar a me chamar de Sr. Courfeyrac, vou chamá-la de Mme. Veuvain. Agora fale; o que há de novo?

– Há alguém que quer falar com o senhor.

– Quem?

– Não sei.

– Onde está?

– No meu quarto.

– Diabo! – disse Courfeyrac.

– Mas há já mais de uma hora ele está esperando que o senhor volte! –

retrucou a porteira.

Ao mesmo tempo, uma espécie de operário, muito moço, magro, pálido, pequeno, muito sardento, vestido com uma blusa esburacada e calças de veludo cheias de remendos, parecendo-se mais a uma menina vestida de rapaz do que a um homem, saiu de outra sala e disse a Courfeyrac com uma voz que, nem por sombra, era voz de mulher.

– Por favor, onde está o Sr. Marius?

– Não está aqui.

– Voltará à noite?

– Não sei.

E Courfeyrac acrescentou:

– Quanto a mim, não voltarei para casa.

O rapaz olhou-o fixamente e perguntou:

– Por quê?

– Porque sim.

– Para onde vai agora?

– Que tem você com isso?

– Quer que eu carregue esse cofre?

– Vou para as barricadas.

– Quer que eu o acompanhe?

– Se quiser! – respondeu Courfeyrac. – A rua é livre; qualquer um pode ir aonde quiser.

E saiu correndo para alcançar os amigos. Quando os alcançou, deu o cofre para que um deles o carregasse. Somente um quarto de hora depois percebeu que o rapaz o havia seguido.

Um bando não vai precisamente para onde quer. Como já explicamos, o vento é que o conduz. Passaram Saint-Merry e se encontraram, sem saber como, na Rue Saint-Denis.

LIVRO DÉCIMO SEGUNDO
CORINTO

I | HISTÓRIA DE CORINTO DESDE SUA FUNDAÇÃO

Os parisienses que, atualmente, ao entrarem na Rue Rambuteau do lado de Les Halles, notam à sua direita, bem em frente da Rue Mondétour, uma loja de objetos de vime, tendo como insígnia um cesto com as formas de Napoleão, o Grande, e a seguinte inscrição:

Napoleão feito todo de vime

Nem sequer imaginam as cenas terríveis que esse mesmo lugar presenciou há pouco mais de trinta anos.
Era lá que estavam a Rue de la Chanvrerie, que os documentos antigos escrevem Chanverrerie, e a célebre taverna Corinto.

Todos devem estar lembrados de tudo o que foi dito acerca da barricada construída nesse lugar, eclipsada, aliás, pela barricada de Saint-Merry. É sobre essa famosa barricada de Chanvrerie, hoje completamente esquecida, que vamos lançar um pouco de luz.

Permitam-nos recorrer, para maior clareza, ao meio simples já usado por nós quando falamos de Waterloo. As pessoas que quiserem representar de maneira bastante exata o conjunto de casas que se levantavam por essa época junto da Pont de Saint-Eustache, no ângulo nordeste de Les Halles, em Paris, onde atualmente se encontra a esquina da Rue Rambuteau, basta que imaginem, tocando a Rue Saint-Denis pelo vértice e Les Halles pela base, um N cujas duas pernas verticais seriam formadas pela Rue de la Grande-Truanderie e a Rue de la Chanvrerie, e cuja haste transversal seria formada pela Rue de la Petite-Truanderie. A velha Rue Mondétour cortava as três hastes seguindo os ângulos mais tortuosos, de tal modo que o traçado dedaliano dessas quatro ruas bastava para fazer, numa superfície de cem toesas quadradas, entre Les Halles e a Rue Saint-Denis de um lado, entre a Rue du Cygne e a Rue des Prêcheurs de outro,

sete ilhotas de casas, estranhamente recortadas, de alturas diversas, colocadas de través e como que ao acaso, quase unidas umas às outras, como blocos de pedra num canteiro de obras, separados por fendas estreitas.

Dizemos fendas estreitas, e não podemos dar melhor ideia dessas ruelas obscuras, apertadas, angulosas, orladas de pardieiros de oito andares. Essas casas estavam tão decrépitas que, na Rue de la Chanvrerie e de la Petite-Truanderie, as fachadas eram escoradas por vigas que iam de uma casa a outra. A rua era estreita e a sarjeta muito larga; quem por ali passasse caminhava pelas calçadas sempre molhadas, junto de lojas semelhantes a subterrâneos, de grandes marcos cercados de ferro, de enormes montões de imundícies e de grandes portas guarnecidas de enormes grades seculares. A Rue Rambuteau destruiu tudo isso.

O nome Mondétour pinta maravilhosamente as sinuosidades de todos aqueles becos. Um pouco mais longe, eram ainda mais bem retratadas pela Rue Pirouette, que desembocava na Rue Mondétour.

O transeunte que passasse da Rue Saint-Denis para a Rue de la Chanvrerie a veria, pouco a pouco, estreitar-se em sua frente, como se tivesse entrado num longo funil. No fim da rua, que era muito curta, encontraria a passagem cortada, do lado de Les Halles, por uma alta fileira de casas e julgaria ter entrado num beco sem saída se não tivesse visto, à direita e à esquerda, dois cortes negros por onde podia escapar. Era a Rue Mondétour, que por sua vez iria desembocar, de um lado, na Rue des Prêcheurs, e do outro na Rue du Cygne e de la Petite-Truanderie. No fundo dessa espécie de beco sem saída notava-se uma casa menos alta que as outras, formando uma espécie de cabo com a rua.

Era nessa casa, de apenas dois andares, que estava alegremente instalada havia trezentos anos uma taverna ilustre. Essa taverna fazia alegre algazarra no próprio lugar que o velho Théophile de Viau assinalara por estes dois versos:

Là branle le squelette horrible
D’un pauvre amant qui se pendit.[145]

O lugar era bom e os taverneiros ali se sucediam de pai para filho.

No tempo de Mathurin Régnier, essa taverna chamava-se Pot-aux-Roses, e como os enigmas estavam em moda, tinha como insígnia uma coluna cor-de-rosa.[146] No século passado, o digno Natoire, um dos mestres fantásticos hoje desprezados pela nova escola, tendo-se embriagado várias vezes nessa taverna, na mesma mesa em que Régnier tinha se fartado, pintara como agradecimento

um cacho de uvas de Corinto sobre a coluna cor-de-rosa.[147] O taverneiro, muito contente, trocou a insígnia, mandando dourar por cima do cacho estas palavras: *Uvas de Corinto*. Daí o nome *Corinto* com o qual ficou conhecido. Nada mais natural aos bêbados que as elipses. A elipse é o zigue-zague da frase. Corinto, pouco a pouco, destronou o Pot-aux-Roses. O último taverneiro da dinastia, Hucheloup, desconhecendo a tradição, mandou pintar a coluna de azul.

Uma sala ao rés do chão, onde se achava o balcão, uma sala no primeiro andar, onde estava o bilhar, uma escada de madeira em espiral, furando o teto, vinho em cima das mesas, paredes cobertas de fumaça, velas acesas em pleno dia, eis em que consistia a taverna. Uma escada com alçapão na sala térrea conduzia à adega. No segundo andar moravam os Hucheloups. Subia-se até lá por uma escadaria, ou melhor, por uma escada, não tendo por entrada senão uma porta oculta na grande sala do primeiro andar. Sob o teto, o sótão onde dormiam as criadas. A cozinha ficava ao rés do chão, ao lado da sala onde se serviam bebidas.

O velho Hucheloup talvez fosse um químico nato; a verdade é que era cozinheiro; em sua taverna não se bebia somente; comia-se também. Hucheloup havia inventado uma coisa excelente, que só se comia no seu estabelecimento: carpas recheadas que ele chamava de *carpes au gras*. Comia-se à luz de uma vela de sebo ou de um candeeiro do tempo de Luís XVI, em mesas em que estavam pregados oleados em vez de toalhas. Vinha gente de longe. Hucheloup, certa manhã, achou bom advertir os transeuntes sobre a sua “especialidade”; embebeu um pincel em tinta preta, e como tinha ortografia própria como sua cozinha, improvisou nas paredes esta inscrição notável:

Carpes ho gras

No inverno, as chuvas e o granizo tiveram a fantasia de raspar o *s* que terminava a primeira palavra e o *g* que começava a terceira; eis o que restou:

Carpe ho ras

Com a ajuda do tempo e da chuva, um humilde anúncio gastronômico transformara-se num conselho profundo.

Assim aconteceu que, não sabendo francês, Hucheloup havia sabido latim,

fazendo sair da cozinha a filosofia; querendo ultrapassar Carême, igualara Horácio.[148] E o mais impressionante era que essa inscrição também queria significar: Venham à minha taverna.

Nada disso existe atualmente. O dédalo Mondétour foi destruído e aberto a partir de 1847, e hoje, provavelmente, dele não resta nenhuma lembrança. A Rue de la Chanvrerie e Corinto desapareceram com a abertura da Rue Rambuteau.

Como já dissemos, Corinto era um dos lugares de reunião de Courfeyrac e de seus amigos. Grantaire foi quem descobriu Corinto. Entrara ali por causa do *Carpe horas* e voltou por causa das *Carpes au gras*. Comia-se, bebia-se, gritava-se; pagava-se pouco, pagava-se mal ou não se pagava; mas era-se sempre bem-vindo. Hucheloup era um bom homem.

Hucheloup, bom homem, como acabamos de dizer, era um taverneiro de bigodes, variedade divertida. Sempre parecia estar de mau humor, parecia querer intimidar seus fregueses, resmungava com as pessoas que iam à sua taverna, mostrando-se mais disposto a discutir que a servir. Contudo, mantemos o que dissemos, era-se sempre bem-vindo. Essa extravagância dera fama ao seu estabelecimento, atraindo a juventude, que dizia: – Vamos ver o velho Hucheloup *resmungar*. – Ele tinha sido Mestre de Armas. De repente, desatava a rir. Voz grossa, um diabo de bom coração. Era um fundo cômico de aparência trágica; só fazia questão de amedrontar, quase como essas tabaqueiras em forma de pistola. A detonação faz espirrar. Mme. Hucheloup, bastante barbuda, era muito feia.

Por volta de 1830, Hucheloup morreu. Com ele desapareceu o segredo das carpas recheadas. A viúva, inconsolável, continuou com a taverna. Mas a cozinha degenerou, tornando-se execrável; o vinho, que sempre fora ruim, ficou intragável. Contudo, Courfeyrac e os amigos continuaram a frequentar Corinto, por piedade, dizia Bossuet.

A viúva Hucheloup era esbaforida e disforme, com recordações campestres. Tirava-lhes o enfado com sua pronúncia. Tinha maneira própria de dizer as coisas, temperando assim suas reminiscências campesinas. Outrora, sua felicidade consistia, dizia ela, em ouvir “os pintarroxos cantar nos espinheiros”.

A sala do primeiro andar, onde estava o “restaurante”, era um cômodo longo, repleto de tamboretes, escabelos, cadeiras, bancos, mesas e de um bilhar velho e coxo. Chegava-se ali pela escada em espiral que se abria num ângulo da sala por uma entrada quadrada semelhante à escotilha de um navio.

A sala, iluminada por uma única janela estreita e um candeeiro sempre aceso,

parecia um sótão. Todos os móveis de quatro pés se comportavam como se tivessem apenas três. As paredes caiadas não tinham outro ornamento além desta quadra em honra de *mame* Hucheloup:

Elle étonne à dix pas, elle épouvante à deux
Une verrue habite en son nez hasardeux;
On tremble à chaque instant qu'elle ne vous la mouche
Et qu'un beau jour son nez ne tombe dans sa bouche.[149]

Isso estava escrito a carvão na parede.

Mame Hucheloup, muito semelhante ao que se lia na quadra, ia e vinha de manhã à noite diante desses versos com a maior tranquilidade. Duas criadas, Matelote e Gibelotte, que ninguém conhecia por outros nomes, ajudavam *Mame* Hucheloup a colocar em cima das mesas os canjirões de vinho e os mais diversos guisados que eram servidos aos famintos em tigelas de barro. Matelote, gorda, roliça, vermelha e espalhafatosa, antiga sultana favorita do falecido Hucheloup, era feia, mais do que qualquer monstro mitológico; contudo, como é justo que a criada se conserve sempre atrás da ama, era menos feia que *Mame* Hucheloup. Gibelotte, esguia, delicada, de alvura linfática, olhos encovados, pálpebras caídas, sempre cansada e triste, vítima do que poderíamos chamar de fadiga crônica, sempre a primeira a se levantar e a última a se deitar, servia a todos, incluindo a outra criada, silenciosa e amável, sorrindo sob o cansaço com uma espécie de sorriso adormecido.

Antes de se entrar na sala-restaurante, lia-se à porta este verso escrito a giz por Courfeyrac:

Régale si tu peux et mange si tu l'oses.[150]

II | ALEGRIAS PRELIMINARES

Laigle de Meaux, como sabemos, morava mais com Joly que em outro lugar. Tinha casa como o passarinho tem um ramo. Os dois amigos viviam juntos, comiam juntos, dormiam juntos. Tudo lhes era comum, incluindo, um tanto, Musichetta. Eram o que, entre os irmãos conversos, se chamava *bini*. Na manhã de 5 de junho, foram almoçar no Corinto. Joly, resfriado, estava com um defluxo de que Laigle começava a participar. As roupas de Laigle estavam no fim, mas

Joly vestia-se bem. Eram mais ou menos nove horas da manhã quando bateram à porta da taverna. Subiram ao primeiro andar. Matelote e Gibelotte os receberam.

– Ostras, queijos e presunto – disse Laigle.

E sentaram-se à mesa. A taverna estava vazia; eles eram os únicos fregueses. Gibelotte, reconhecendo Joly e Laigle, pôs uma garrafa de vinho à mesa.

Quando saboreavam as primeiras ostras, apareceu uma cabeça na escotilha da escada, e uma voz disse:

– Eu estava passando. Senti, lá da rua, o delicioso aroma do queijo de Brie. E entrei.

Era Grantaire. Grantaire puxou um tamborete e sentou-se. Gibelotte, vendo Grantaire, colocou duas garrafas de vinho em cima da mesa. Já eram três.

– Será que você vai beber essas duas garrafas? – perguntou Laigle a Grantaire.

Grantaire respondeu:

– Todos são engenhosos, você é o único ingênuo. Duas garrafas jamais assustaram um homem.

Os outros haviam começado pela comida, Grantaire começou pela bebida. Meia garrafa foi engolida de um só gole.

– Será que você tem um buraco no estômago? – perguntou Laigle.

– Você tem um no cotovelo – disse Grantaire.

E, depois de ter esvaziado a garrafa, acrescentou:

– Ora, Laigle das orações fúnebres, seu casaco já está muito usado.

– Assim o espero – retrucou Laigle. – Isso faz com que nos demos muito bem, ele e eu. Ele se acomoda a todas as minhas rugas, não me incomoda em coisa alguma, ele se moldou às minhas deformidades, e é complacente com todos os meus movimentos; não o sinto senão porque me aquece. Roupa velha é o mesmo que velhos amigos.

– É verdade – exclamou Joly entrando no diálogo –, um casaco velho é um velho *abigo*.[151]

– Sobretudo – disse Grantaire – na boca de um homem com o nariz entupido.

– Grantaire – perguntou Laigle –, está vindo da rua?

– Não.

– Acabamos de ver a frente do cortejo, Joly e eu.

– É um espetáculo *baravilhoso* – disse Joly.

– Como essa rua está calma! – exclamou Laigle. – Quem suspeitaria que

Paris está de pernas para o ar? Como é verdade que isto aqui outrora estava cheio de conventos! Du Breul e Sauval dão-nos a lista, como também Lebeuf. [152] Não havia outra coisa por aqui, formigavam calçados, descalços, tonsurados, barbudos, cinza, pretos, brancos, franciscanos, mínimos, capuchinhos, carmelitas, agostinianos menores, agostinianos maiores, velhos agostinianos… – Pululavam por aqui.

Depois, exclamou:

– Ih! acabo de engolir uma ostra estragada. Outra vez me assalta a hipocondria. As ostras estão estragadas, as criadas são feias. Odeio a espécie humana. Passei agora mesmo pela Rue Richelieu, diante da biblioteca pública. Aquele montão de cascas de ostras que chamamos de biblioteca desgosta-me profundamente. Quanto papel! quanta tinta! quanta garatuja! Escreveu-se tudo aquilo! Que patife então disse que o homem era um bípede sem penas? E, depois, encontrei uma moça que conheço, bela como a primavera, digna de ser chamada Floreal, encantada, maravilhada, feliz, no céu, a miserável, porque ontem um horrível banqueiro marchetado pela varíola se dignou cobiçá-la! Ai! a mulher procura tanto o dinheiro como as flores; as gatas caçam tanto ratos como passarinhos. Essa donzela, há dois meses ainda, era feliz na sua mansarda, pondo ilhoses de metal em espartilhos, como direi? Ela costurava, dormia em cama de lona, morava ao lado de um vaso de flores, estava contente. Ei-la agora banqueira. A transformação deu-se esta noite. Encontrei essa pobre vítima esta manhã, toda feliz. Mas o que é pior é que a boba estava tão bonita hoje como ontem. Seu financiador não deixara marcas em seu rosto. As rosas têm isto de mais, ou de menos, que as mulheres; os rastos das lagartas em suas pétalas são visíveis. Ah! não existe moral nesta terra; prova-o o mirto, símbolo do amor, o loureiro, símbolo da guerra, a oliveira, tão estúpida, símbolo da paz, a macieira, que quase esganou Adão com sua semente, e a figueira, avó das saias. Quanto ao direito, querem saber o que é o direito? Os gauleses cobiçam Cluse, Roma protege Cluse e lhes pergunta que mal lhes fez Cluse. Breno responde: – O mesmo que lhes fez Alba, o mesmo que lhes fez Fidenes, o mesmo que lhes fizeram os équos, os volscos, os sabinos. Eram vizinhos de vocês. Os clusianos são nossos vizinhos. Entendemos a vizinhança como você. Vocês roubaram Alba, nós tomamos Cluse. – Roma disse: – Não! – E Breno conquistou Roma. Depois exclamou: – *Vae victis!*[153] – Eis aí o que é o direito. Ah! neste mundo, quanto animal de rapina ainda existe! Quantas águias! Quantas águias! Tantas que julgo ter carne de galinha.

Estendeu o copo a Joly, que o encheu; em seguida, bebeu e prosseguiu, quase

sem se interromper por esse copo de vinho, que passou despercebido até mesmo por ele:

– Breno, conquistando Roma, é uma águia; o banqueiro, conquistando a costureirinha, é uma águia. Há tanto pudor num caso como no outro. Portanto, não creiamos mais em nada. Não existe senão uma realidade: beber. Seja qual for a opinião de vocês, quer sejam pelo galo magro, como o cantão de Uri, quer sejam pelo galo gordo, como o cantão de Glaris, pouco importa, bebam. Vocês me falam da rua, do cortejo, *et cetera*. Ah! então ainda vai haver uma revolução? Essa indigência de meios da parte de Deus me espanta. É preciso que a toda hora ele esteja a ensebar o encaixe dos acontecimentos. A coisa emperra, não anda. Depressa, uma revolução! Deus está sempre com as mãos sujas desse combustível. Em seu lugar, eu seria mais simples, não consertaria a cada instante o meu maquinismo, conduziria o gênero humano continuamente, tricotaria os fatos malha por malha, sem romper o fio, não teria expedientes de ocasião, tampouco repertório extraordinário. O que vocês chamam de progresso caminha puxado por dois motores, os homens e os acontecimentos. Mas, coisa triste, de quando em quando, faz-se necessária uma exceção. Para os acontecimentos como para os homens, o elenco ordinário não é suficiente; os homens têm necessidade de gênios, os acontecimentos precisam de revoluções. Os grandes acidentes são a lei; a ordem das coisas não pode passar sem eles; e, ao vermos o aparecimento de cometas, somos tentados a dizer que o próprio céu tem necessidade de atores extraordinários. No momento em que menos se espera, Deus prega um meteoro na parede do firmamento. Surge uma estrela estranha sublinhada por uma enorme cauda. E isso provoca a morte de César. Brutus fere-o com o punhal, Deus fere-o com um cometa. Zás! eis uma aurora boreal, eis uma revolução, eis um grande homem; 93 em letras maiúsculas, Napoleão como *astro* e o cometa de 1811 no alto do cartaz.[154] Ah! belo cartaz azul, marchetado de brilhos surpreendentes! Bum! bum! espetáculo extraordinário. Ergam os olhos, papalvos! Tudo está desgrenhado, tanto o astro como o drama. Bom Deus, é demais, e não é o bastante. Esses recursos excepcionais parecem magnificência, mas não passam de pobreza. Meus amigos, a Providência está reduzida aos meios extremos. Uma revolução, o que pode provar uma revolução? Que Deus está sem recursos. Daí um golpe de Estado, porque há solução de continuidade entre o presente e o futuro, e porque Deus não conseguiu ligar os dois extremos. De fato, isso vem confirmar minhas conjecturas a respeito da situação da fortuna de Jeová; e, ao ver tanto mal-estar em cima como embaixo, tanta mesquinharia e tristeza e insensibilidade e miséria

no céu como na terra, desde o passarinho que não tem um grão de milho até eu, que não tenho cem mil francos de renda, ao ver o destino da humanidade, já muito usado, e mesmo o destino dos reis, já mostrando o fio, como testemunha o Príncipe de Condé enforcado, ao ver o inverno, que não é outra coisa que um rasgão no zênite por onde sopra o vento, ao ver tantos trapos, mesmo nas púrpuras novíssimas da manhã no alto das colinas, ao ver as gotas de orvalho, pérolas falsas, ao ver a geada, diamante artificial, ao ver a humanidade descosida e os acontecimentos remendados, e tantas manchas no sol, e tantos buracos na lua, ao ver tanta miséria por toda parte, suponho que Deus não seja rico. Ele aparenta riqueza, é verdade, mas eu pressinto-lhe a penúria. Dá-nos uma revolução como um negociante cuja caixa está vazia nos dá uma bala. Não devemos julgar os deuses pela aparência. Sob o dourado do céu, vejo um universo pobre. Há falências na criação. É por isso que ando descontente. Vejam, é 5 de junho, e já é quase noite; desde esta manhã que espero a vinda do dia; ele não veio, e aposto que hoje não amanhece. É uma inexatidão de caixeiro mal pago. Sim, tudo está mal-arrumado, nada se ajusta a nada, este velho mundo está todo empenado, e eu passo para a oposição. Tudo vai de través; o universo impacienta-se. É como os filhos: quem os deseja não os tem, quem não os deseja tem-nos de sobra. Total: eu praguejo. Aliás, aflige-me ver Laigle de Meaux careca. Humilha-me, obrigando-me a pensar que tenho a mesma idade que esse joelho. Quanto ao mais, critico, mas não insulto. O universo é o que é. Falo aqui sem más intenções, para tranquilidade da minha consciência. Recebei, ó Padre Eterno, os sinceros protestos de minha consideração. Ah! por todos os santos do Olimpo e por todos os deuses do paraíso, eu não fui feito para ser parisiense, isto é, para ricochetear eternamente como peteca entre duas raquetes, do grupo dos ociosos para o dos barulhentos! Fui feito para ser um turco, para olhar durante o dia inteiro as bailarinas orientais executando as esquisitas danças do Egito, lúbricas como os sonhos de um homem casto; ou para ser um camponês da Beócia, ou um nobre veneziano rodeado de gentis senhoritas, ou um pequeno príncipe alemão fornecendo à Confederação Germânica metade de um Infante, gastando o tempo em secar as meias estendidas na sebe, isto é, nas fronteiras de seu principado! Eis para que eu nasci! Sim, eu disse turco, e não me contradigo. Não compreendo por que habitualmente tomam os turcos em mau sentido; Maomé tem coisas boas; respeito o inventor de serralhos com huris e de paraísos com odaliscas! Não insultemos o maometismo, a única religião ornada com um galinheiro! Por isso, insisto em beber. A terra é uma bobagem imensa. E parece que todos esses imbecis vão combater, vão fazer com que lhes partam a cara, vão

massacrar-se, em pleno verão, no mês de junho, quando poderiam ir passear dando o braço a alguém, respirar nos campos a imensa taça de chá das searas ceifadas! Verdadeiramente, fazem-se muitas asneiras. Uma velha lanterna quebrada que vi há pouco num adelo sugeriu-me uma reflexão: “Já é tempo de esclarecermos o gênero humano”. Sim, eis-me triste de novo! O que é engasgar com uma ostra e uma revolução! Volto a ser lúgubre. Oh! horrível mundo velho! A gente se afadiga, se cansa, se prostitui, se mata, se habitua!

E Grantaire, depois desse acesso de eloquência, teve um acesso de tosse muito merecido.

– A propósito de revolução – disse Joly –, parece que Marius está mesmo apaixonado.

– Sabe-se por quem? – perguntou Laigle.

– *Dão*.

– Não?

– *Dão*, eu já disse.

– Os amores de Marius! – exclamou Grantaire. – Daqui estou vendo. Marius é um nevoeiro que encontrou talvez uma nebulosa. Marius é da raça dos poetas. Quem diz poeta diz louco. *Tymbraeus Apollo*.[155] Marius e sua Maria, ou Marieta, ou Marion, que interessante dupla amorosa! Imagino o que possa ser. Êxtases em que se esquecem os beijos. Castos sobre a terra, desposam-se no infinito. São almas sensíveis. Dormem juntas em meio às estrelas.

Grantaire ia começar a segunda garrafa e talvez a segunda arenga quando surgiu da abertura quadrada da escada uma nova criatura. Era um menino de menos de dez anos, esfarrapado, muito pequeno, amarelo, de nariz afilado, olhos brilhantes, cabelo muito comprido, molhado pela chuva, contente.

O menino, escolhendo sem hesitar entre os três, embora não conhecesse evidentemente nenhum, dirigiu-se a Laigle de Meaux.

– É o senhor que é o Sr. Bossuet? – perguntou.

– É o meu apelido – respondeu Laigle. – Que quer?

– É isto. Um moço loiro, alto, lá na rua, me disse: – Conhece a taverna de *mame* Hucheloup? – Eu disse: – Conheço, na Rue de la Chanvrerie, a viúva do velho. – Ele disse: – Vá até la. Procure o Sr. Bossuet e diga-lhe de minha parte: A-B-C. – Deve ser alguma brincadeira, não é? Ele me deu dez soldos.

– Joly, empreste-me dez soldos – disse Laigle; e, voltando-se para Grantaire: – Grantaire, empresta-me dez soldos.

Com isso conseguiu vinte soldos, dando-os ao garoto.

– Obrigado, senhor – disse o menino.

– Qual é o seu nome? – perguntou Laigle.

– Navet, amigo de Gavroche.

– Fique com a gente – disse Laigle.

– Coma com a gente – disse Grantaire.

O menino respondeu:

– Não posso; faço parte do cortejo; eu é que grito: – Abaixo Polignac!

E recuando exageradamente um dos pés, o que é a mais respeitosa das saudações possíveis, foi-se.

Depois que o menino saiu, Grantaire tomou a palavra:

– Aí está o moleque em toda a sua pureza. Há muitas variedades no gênero. O moleque escrivão chama-se *saute-ruisseau*, o cozinheiro chama-se *marmiton*, o padeiro chama-se *mitron*, o criado chama-se *groom*, o marinheiro chama-se *mousse*, o soldado chama-se *tapin*, o pintor, *rapin*, o negociante *trottin*, o cortesão, *menin*, o Rei, Delfim, o moleque-deus chama-se *bambino*.

No entanto Laigle pensava, e disse à meia-voz:

– A-B-C, isto é: Enterro de Lamarque.

– O loiro alto – observou Grantaire – é Enjolras quem lhe manda o recado.

– Vamos? – disse Bossuet.

– Está chovendo – respondeu Joly.

– Jurei ir ao fogo, não à água – disse Grantaire. – Prefiro um almoço a um coche fúnebre.

– Conclusão: ficamos – retrucou Laigle. – Pois bem, vamos beber. Aliás, poderemos faltar ao enterro sem faltar à revolta.

– Para a revolta, aqui estou – exclamou Joly.

Laigle esfregou as mãos.

– Eis que vamos retocar a Revolução de 1830. Na verdade, está mal costurada; prende os movimentos do povo.

– Para mim, tudo dá na mesma – disse Grantaire. – Não critico este governo. É a coroa equilibrada pelo gorro de algodão. É um cetro que acaba em guarda-chuva. De fato, atualmente, penso eu, pelo tempo que faz, Luís Filipe poderia usar sua realeza para dois fins; estender a extremidade-cetro contra o povo e a extremidade-guarda-chuva contra o céu.

A sala estava escura; grossas nuvens acabavam de esconder o sol. Não havia ninguém na taverna nem na rua; todos tinham ido *ver os acontecimentos*.

– É meio-dia ou meia-noite? – gritou Bossuet. – Não se vê nada. Gibelotte, a luz!

Grantaire, triste, bebia.

– Enjolras despreza-me – murmurava. – Enjolras deve ter dito: – Joly está doente, Grantaire, bêbado; e mandou Navet a Bossuet. Se me tivesse chamado, eu o teria seguido. Tanto pior para Enjolras! Não comparecerei ao seu enterro.

Tomada essa resolução, Bossuet, Joly e Grantaire não saíram mais da taverna. Pelas duas horas da tarde, a mesa em que estavam tinha-se enchido de garrafas vazias. Duas velas brilhavam, uma num castiçal de cobre todo coberto de azebre, outra no gargalo de uma garrafa quebrada. Grantaire arrastara Joly e Bossuet para o vinho; Bossuet e Joly reconduziram Grantaire para a alegria.

Quanto a Grantaire, depois do meio-dia, ultrapassara o vinho, medíocre fonte de sonhos. O vinho, entre os bêbados sérios, goza de estima limitada. Na embriaguez existe a magia branca e a magia negra; o vinho é a magia branca. Grantaire era um aventureiro bebedor de sonhos. O negrume de uma embriaguez temível, entreaberta em sua frente, longe de o fazer parar, o atraía. Deixando de lado as garrafas, entregou-se à caneca. A caneca é o abismo. Não tendo às mãos nem ópio, nem haxixe, querendo encher o cérebro de crepúsculo, recorrera a essa terrível mistura de aguardente, de *stout* e de absinto que produz letargias medonhas. É desses três vapores, cerveja, aguardente e absinto, que se compõe o chumbo da alma. São três trevas; a borboleta celeste nelas se afoga; aí se formam, entre o fumo membranoso vagamente condensado em asas de morcego, três fúrias mudas, o Pesadelo, a Noite e a Morte, esvoaçando sobre Psique adormecida.

Grantaire não chegara ainda a essa fase lúgubre; longe disso. Estava prodigiosamente alegre, e Bossuet e Joly davam-lhe a réplica. Eles brindavam. Grantaire acrescentava à acentuação excêntrica das palavras e das ideias a divagação do gesto; apoiava com dignidade o punho esquerdo sobre o joelho, e, com a gravata desfeita, a cavalo em um tamborete, o copo cheio na mão direita, lançava à gorda Matelote estas palavras solenes:

– Abram-se as portas do palácio! Que todo mundo faça parte da Academia Francesa e tenha o direito de abraçar Mme. Hucheloup! Bebamos.

E, voltando-se para *mame* Hucheloup, acrescentou:

– Mulher antiga e consagrada pelo uso, aproxime-se para que eu possa contemplá-la!

E Joly exclamou:

– Batelote e Gibelotte, não deem mais bebida a Grantaire, que ele dá cabo de todo o nosso dinheiro. Desde esta manhã já devorou em prodigalidades desatinadas dois francos e noventa e cinco cêntimos.

E Grantaire replicou:

– Quem roubou estrelas sem a minha permissão para pô-las à mesa, à guisa de velas?

Bossuet, muito embriagado, conservava-se calmo.

Sentara-se no espaldar da janela aberta, molhando as costas na chuva que caía, contemplando os dois amigos.

De repente, ouviu atrás de si um tumulto, passos apressados, gritos de: – *Às armas!* – Voltou-se e viu, na Rue Saint-Denis, no fim da Rue de la Chanvrerie, Enjolras, que passava de arma em punho, Gavroche com sua pistola, Feuilly com seu sabre, Courfeyrac com sua espada, Jean Prouvaire com seu mosquete, Combeferre com sua espingarda, Bahorel com seu clavinote, e a turba armada e em tumulto que os seguia.

A Rue de la Chanvrerie não ia além de um tiro de espingarda. Bossuet improvisou com as mãos uma concha acústica e gritou:

– Courfeyrac! Courfeyrac! Eh!

Courfeyrac ouviu o chamado, viu Bossuet e deu alguns passos na Rue de la Chanvrerie, gritando um – O que é? – que se cruzou com um – Aonde vai você?

– Construir uma barricada – respondeu Courfeyrac.

– Pode construí-la aqui, o lugar é bom!

– É verdade, Aigle! – respondeu Courfeyrac.

E, a um sinal de Courfeyrac, o grupo correu para a Rue de la Chanvrerie.

III | COMEÇA A ANOITECER PARA GRANTAIRE

Com efeito, a praça era admiravelmente apropriada; a entrada da rua era bastante larga, o fundo, estreito, quase sem saída, e a taverna Corinto o apertava ainda mais. A Rue Mondétour era fácil de se fechar à direita e à esquerda, nenhum ataque sendo portanto possível, a não ser pela Rue Saint-Denis, isto é, pela frente e em terreno desabrigado. Bossuet, embriagado, teve a mesma perspicácia que Aníbal.

À irrupção da turba, o medo apoderou-se de toda a rua. Todos desapareceram. No tempo de um relâmpago, no fundo, à direita, à esquerda, lojas, vendas,

portas, janelas, persianas, mansardas, postigos de todas as dimensões, fecharam-se desde o rés do chão até o teto. Uma velhinha, assustada, pendurou um colchão à janela em dois pregos que serviam para pendurar roupas, a fim de amortecer a força das balas. O único estabelecimento que continuou aberto foi a taverna, e isso por uma razão muito clara: ela fora invadida pelos revoltosos. – Ah! meu Deus! Ah! meu Deus! – suspirava *Mame* Hucheloup.

Bossuet descera na frente de Courfeyrac.

Joly, que se postara à janela, gritou:

– Courfeyrac, você deveria arrumar um guarda-chuva; olhe que vai constipar-se!

Entretanto, em alguns minutos, vinte barras de ferro haviam sido arrancadas da grade externa da taverna e dez toesas da rua haviam sido descalçadas; Gavroche e Bahorel apoderaram-se da carroça de um fabricante de cal chamado Anceau, contendo três barricas cheias de cal, colocando-as nas bases da barricada; Enjolras carregava o alçapão da adega e todos os barris vazios da viúva Hucheloup foram juntar-se às barricas de cal; Feuilly, com seus dedos habituados a decorar as lâminas delicadas dos leques, escorou as barricas e a carroça com duas grandes pilhas de pedras, improvisadas também, como o resto, e achadas não se sabe onde. Duas vigas, arrancadas à fachada de uma casa das proximidades, foram postas por cima dos barris. Quando Bossuet e Courfeyrac se voltaram, metade da rua já estava fechada por uma barragem mais alta que um homem. Nada como a mão do povo para construir tudo o que se constrói destruindo.

Matelote e Gibelotte misturaram-se aos trabalhadores. Gibelotte ia e vinha carregando tudo o que podia. Sua calma era útil à barricada. Trazia pedras como se estivesse servindo vinho, como se estivesse dormindo.

Um ônibus puxado por dois cavalos brancos passou na outra extremidade da rua.

Bossuet pulou a barragem, correu, obrigou o cocheiro a parar, fez descer todos os passageiros, deu a mão *às senhoras,* despediu o condutor e voltou conduzindo a carruagem e os cavalos pelas rédeas.

– Os ônibus – disse ele – não devem passar diante de Corinto: *Non licet omnibus adire Corinthum*.[156]

Um instante depois, os cavalos desatrelados andavam ao acaso pela Rue Mondétour, e o ônibus, deitado, completava a barragem da rua.

Mame Hucheloup refugiara-se transtornada no primeiro andar.

Tinha o olhar vago e observava sem ver, gritando em voz baixa. De medo, seus gritos não ousavam sair-lhe da garganta.

– É o fim do mundo – murmurava.

Joly dava um beijo no pescoço vermelho e enrugado de *Mame* Hucheloup e dizia a Grantaire:

– Meu caro, sempre considerei o pescoço de uma mulher uma coisa infinitamente delicada.

Mas Grantaire alcançava as mais altas regiões do ditirambo. Ao ver Matelote subindo para o andar superior, agarrara-a pela cintura, dando, à janela, gargalhadas espalhafatosas.

– Matelote é feia! – gritava ele. – Matelote é a feiura-sonho! Matelote é uma quimera. Eis o segredo do seu nascimento: um pigmalião gótico, que fazia carrancas nas catedrais, uma bela manhã ficou apaixonado por uma delas, a mais horrível.[157] Suplicou ao amor que a animasse, e eis Matelote. Contemplem-na, cidadãos. Tem os cabelos cor de cromato de chumbo, como a amante de Tiziano, e é uma boa moça.[158] Garanto-lhes que ela saberá combater com galhardia. Toda mulher contém um herói. Quanto a *Mame* Hucheloup, é uma velha corajosa. Vejam-lhe os bigodes! Herdou-os do marido. Uma verdadeira hussarda que saberá lutar com destreza. Bastarão as duas para pôr medo à Guarda Nacional. Camaradas, nós derrubaremos o governo; isso é verdade como é verdade que existem quinze ácidos intermediários entre o ácido margárico e o ácido fórmico. Aliás, para mim dá na mesma. Senhores, meu pai sempre me detestou porque eu não conseguia compreender a matemática. Eu não compreendo senão o amor e a liberdade. Sou Grantaire, o bom rapaz! Como nunca tive dinheiro, jamais me habituei a ele, motivo pelo qual jamais lhe senti falta; mas se eu fosse rico haveriam de ver como não existiriam mais pobres! Oh! se os bons corações tivessem as bolsas cheias de dinheiro! Como tudo haveria de ser melhor! Imaginem Jesus Cristo com a fortuna de Rothschild! Quanto bem não faria! Matelote, abrace-me! Você é voluptuosa e tímida! Você tem faces que pedem beijos de irmã, e lábios que reclamam beijos de um amante.

– Cale-se, barril! – disse Courfeyrac.

Grantaire respondeu:

– Sou capitular e mestre dos jogos florais!

Enjolras, que estava de pé na crista da barragem, com a arma em punho, levantou o belo rosto austero. Enjolras, como sabemos, era espartano e puritano.

Teria morrido com Leônidas nas Termópilas, ou teria ajudado Cromwell a queimar Drogheda.[159]

– Grantaire! – exclamou –, vá curtir o seu vinho longe daqui. Aqui é lugar de embriaguez, não de bebedeira. Não desonre a barricada!

Essas palavras irritadas produziram em Grantaire um efeito singular. Dir-se-ia que recebera no rosto um jato de água fria; mostrou-se subitamente senhor de si. Sentou-se, encostou-se a uma mesa perto da janela, contemplou Enjolras com a maior doçura e lhe disse:

– Você sabe que eu tenho fé em você.

– Vá-se embora!

– Deixe-me dormir aqui.

– Vá dormir noutro lugar! – gritou Enjolras.

Mas Grantaire, continuando a fixar nele os olhos ternos e turvos, respondeu:

– Deixe-me dormir, até que a morte chegue.

Enjolras olhou-o com desprezo.

– Grantaire, você é incapaz de crer, de pensar, de querer, de viver e de morrer.

Grantaire replicou em voz grave:

– Você há de ver!

Resmungou ainda algumas palavras ininteligíveis, depois a cabeça caiu-lhe pesadamente sobre a mesa e, o que é um efeito habitual ao segundo período da embriaguez para o qual Enjolras tão rudemente o impelira, um instante depois ele já estava dormindo.

IV | TENTA-SE CONSOLAR A VIÚVA HUCHELOUP

Bahorel, extasiado com a barricada, exclamava:

– Eis a rua decotada! Como isso faz bem!

Courfeyrac, enquanto continuava a demolir um pouco a taverna, procurava consolar a viúva Hucheloup.

– *Mame* Hucheloup, há dias a senhora não se queixava de que a haviam obrigado a pagar a multa porque Gibelotte havia sacudido o tapete do quarto na janela da rua?

– É verdade, Sr. Courfeyrac. Ah! meu Deus! Será que vai levar também a minha mesa para a barricada? E não só pelo tapete, mas também por um vaso de flores que caiu do sótão à rua, o governo me multou em cem francos. Não é

mesmo um desaforo?

– Pois bem, *Mame* Hucheloup, nós a vingaremos.

A velha Hucheloup, a essa observação que lhe faziam, não chegava a compreender bem as vantagens. Estava satisfeita como a mulher árabe que, recebendo um tapa do marido, foi se queixar ao pai gritando por vingança e dizendo: – Pai, o senhor deve a meu marido ofensa por ofensa. – O pai lhe perguntou: – De que lado você recebeu o tapa? – Na face esquerda. – O pai deu-lhe um tapa na face direita e disse: – Tudo em paz. Diga a seu marido que ele esbofeteou a minha filha, mas que eu bati na mulher dele.

A chuva cessara. Novos recrutas iam chegando. Alguns operários trouxeram um barril de pólvora às escondidas, um cesto contendo garrafas de vitríolo, dois ou três archotes de carnaval e uma canastra cheia de lampiões, "restos da festa do Rei", celebrada havia pouco tempo, em primeiro de maio. Dizia-se que essas munições vinham da parte de um confeiteiro do Faubourg Saint-Antoine, um tal Pépin. Quebrou-se a única lanterna da Rue de la Chanvrerie, a lanterna correspondente à Rue Saint-Denis, e todas as lanternas das ruas circunvizinhas, de Mondétour, de Cygne, des Prêcheurs, da Grande e da Petite-Truanderie.

Enjolras, Combeferre e Courfeyrac dirigiam tudo. Agora duas barricadas estavam sendo construídas simultaneamente, ambas apoiadas na taverna Corinto, formando ângulo reto; a maior fechava a Rue de la Chanvrerie, a outra fechava a Rue Mondétour dos lados da Rue du Cygne. Esta última barricada, muito estreita, era construída apenas com tonéis e pedras da rua. Estavam ali cerca de cinquenta trabalhadores, dos quais trinta armados de espingardas, pois no caminho haviam feito um empréstimo na loja de um armeiro.

Nada mais extravagante e variegado que esse grupo. Um estava de jaqueta verde, sabre de cavalaria e duas pistolas e coldres; outro estava em mangas de camisa, de chapéu redondo e polvorinho a tiracolo; um terceiro vestia um colete almofadado, feito de nove folhas de papel cinza e armara-se com uma sovela de seleiro. Havia um que gritava: – *Exterminemos até o último e morramos na ponta de nossas baionetas!* – Esse não tinha baioneta. Outro ostentava por cima do casaco as correias e patronas da Guarda Nacional, com a seguinte inscrição bordada em lã vermelha: *Ordem pública.* Várias espingardas com o número de várias legiões diferentes, poucos chapéus, nenhuma gravata, muitos braços nus, alguns chuços. Acrescentem-se a isso todas as idades, todas as fisionomias, desde rapazes pálidos a estivadores queimados de sol. Todos se apressavam e, enquanto se ajudavam mutuamente, comentavam sobre as probabilidades de êxito, que seriam socorridos às três horas da manhã, que um regimento já estava

certo, que Paris se sublevaria; assuntos terríveis aos quais se juntava uma espécie de cordial jovialidade. Dir-se-iam irmãos, e no entanto desconheciam os nomes uns dos outros. Os grandes perigos têm isto de bom: põem à luz a fraternidade dos desconhecidos.

Na cozinha, tinham acendido o lume em que se fundiam, num molde de balas, canecos, colheres, garfos, todo o estanho que havia na taverna. No meio disso tudo, bebia-se. Chumbo e cápsulas rodavam em cima das mesas no meio de copos de vinho. Na sala de bilhar, *Mame* Hucheloup, Matelote e Gibelotte, diversamente modificadas pelo terror, uma embrutecida, outra esbaforida, a terceira acordada, rasgavam panos velhos para fazer ataduras; três revoltosos as auxiliavam, três homenzarrões cabeludos, de barba e bigode, que desfiavam os trapos com dedos de costureiras, fazendo-as tremer de medo.

O homem de elevada estatura que Courfeyrac, Combeferre e Enjolras haviam notado no instante em que ele se unira ao grupo, na esquina da Rue des Billettes, trabalhava na barricada menor, onde se tornara de grande utilidade. Gavroche não parava um instante. Quanto ao rapaz que esperara Courfeyrac no quarto perguntando pelo Sr. Marius, desaparecera quase no mesmo instante em que se haviam apoderado do ônibus.

Gavroche, completamente enlevado, radiante, encarregara-se dos preparativos. Ia, vinha, subia, descia, tornava a subir, gritava, brilhava. Parecia estar lá para encorajar a todos. Teria algum incentivo? Como não? Tinha a miséria. Teria asas? Sim, sua alegria. Gavroche era um turbilhão. Viam-no a toda hora, ouviam-no sem parar. Enchia o ar, estando ao mesmo tempo em todo lugar. Era uma espécie de ubiquidade irritante; impossível fazê-lo parar. A enorme barricada sentia-o na garupa. Ele repreendia os ociosos, encorajava os preguiçosos, reanimava os cansados, impacientava os pensativos, alegrava uns, cansava outros, enraivecia alguns, movimentava todos, picava um estudante, mordia um operário, tomava posição, parava, afastava-se, voava sobre o tumulto e o esforço, saltando deste àquele, murmurando, zumbindo, importunando a todos; uma mosca do imenso coche revolucionário.

O movimento perpétuo estava em seus pequenos braços, e o clamor incessante, em seus pequenos pulmões:

– Vamos! Mais pedras! Mais barris! Mais coisas! Onde buscar? Um cesto de entulho para tapar aquele buraco. Está muito baixa esta barricada. É preciso que suba mais. Ponham aí tudo o que acharem. Derrubem a casa. Uma barricada é como chá de Mme. Gigon. Olhem lá uma porta envidraçada.

Isso fez os trabalhadores exclamar:

– Uma porta envidraçada! Tubérculo, que é que você quer que se faça com uma porta envidraçada!

– Hércules são vocês! – respondeu Gavroche. – Uma porta envidraçada numa barricada é excelente; não impede o ataque, mas atrapalha bastante. Então vocês nunca roubaram frutas por cima de um muro coberto de fundos de garrafas? Uma porta envidraçada serve para cortar os calos da Guarda Nacional quando ela quiser subir à barricada. Com a fortuna! O vidro é um traidor. Vocês têm muito pouca imaginação, meus camaradas.

Quanto ao mais, estava furioso com sua pistola quebrada. Ia de um a outro, reclamando: – Uma espingarda! Quero uma espingarda! Por que não me dão uma arma?

– Uma arma para você? – disse Combeferre.

– Ora! – replicou Gavroche. – Por que não? Em 1830, quando brigamos com Carlos X, eu tinha uma.

Enjolras encolheu os ombros.

– Quando houver armas suficientes para os homens, daremos para as crianças.

Gavroche voltou-se, enraivecido, respondendo-lhe:

– Se você morrer antes, eu pego a sua.

– Moleque! – disse Enjolras.

– Fedelho! – disse Gavroche.

Um elegante transviado, que flanava no fim da rua, distraiu-os.

Gavroche gritou:

– Venha conosco, rapaz! Então, esta velha pátria, não se faz nada por ela?

O elegante fugiu.

V | PREPARATIVOS

Os jornais da época, dizendo que a barricada da Rue de la Chanvrerie, *construção quase inexpugnável*, como a chamavam, chegava ao nível do primeiro andar, enganaram-se. Na verdade, não ultrapassava a altura média de seis ou sete pés. Era construída de maneira que os combatentes pudessem, à vontade, desaparecer por detrás, ou dominar a barragem ou escalá-la graças a uma quádrupla fileira de pedras sobrepostas de modo a formarem degraus na parte interna. Por fora, a barricada, feita de pilhas de pedras, de tonéis fixos por

meio de vigas e tábuas que se encaixavam nas rodas da carroça de Anceau e do ônibus, tinha um aspecto eriçado e inextricável.

Um dos varais do ônibus, levantado com a ajuda de cordas, transformou-se num mastro em que ondulava uma bandeira vermelha. Entre as paredes das casas e a extremidade da barricada, a parte oposta à da taverna, deixou-se uma abertura suficiente para dar passagem a um homem.

A pequena barricada Mondétour, escondida por trás da taverna, quase não se via. As duas barricadas reunidas formavam uma verdadeira fortaleza. Enjolras e Courfeyrac não haviam julgado útil fechar o outro braço da Rue Mondétour, o que dá para a Rue des Prêcheurs, do lado de Les Halles, sem dúvida com o intuito de conservarem uma comunicação possível com o exterior, certos de não serem atacados pela perigosa e difícil ruela.

Desse modo, com exceção dessa saída livre, que constituía o que Folard, em seu estilo estratégico, teria chamado de garganta, e com a exígua abertura feita na Rue de la Chanvrerie, o interior da barricada, onde a taverna formava um ângulo saliente, era um quadrilátero irregular fechado por todos os lados.[160] Havia cerca de vinte passos de intervalo entre a grande barragem e as casas altas que formavam o fundo da rua, de tal modo que se podia dizer que a barricada estava encostada àquelas casas, todas habitadas mas fechadas de alto a baixo.

Todo esse trabalho foi feito sem contratempo, em menos de uma hora e sem que o punhado de homens valentes visse surgir uma barretina ou uma baioneta. Os transeuntes, pouco numerosos, que se aventuravam ainda naquele instante da revolta pela Rue Saint-Denis, lançavam um olhar pela Rue de la Chanvrerie, percebiam a barricada e dobravam o passo.

Terminado o trabalho, hasteada a bandeira, arrastaram uma mesa para fora da taverna. Courfeyrac subiu à mesa. Enjolras trouxe a caixa quadrada e Courfeyrac a abriu; estava cheia de cartuchos. Ao vê-los, os mais corajosos calaram-se, comovidos. Courfeyrac distribuiu-os sorrindo.

Cada um recebeu trinta cartuchos. Muitos tinham pólvora e se puseram a fazer outros com as balas que estavam sendo fundidas. Quanto ao barril de pólvora, estava numa mesa à parte, de reserva.

O toque de chamada que percorria Paris não havia cessado ainda, mas acabou por não ser mais que um ruído monótono ao qual eles já não davam atenção. Esse ruído ora se afastava, ora se aproximava em ondulações lúgubres.

Carregaram-se espingardas e carabinas, todas ao mesmo tempo, sem precipitação, com solene gravidade. Enjolras colocara três sentinelas fora das

barricadas, uma na Rue de la Chanvrerie, a segunda na Rue des Prêcheurs, a terceira na esquina da Petite-Truanderie.

Depois, construídas as barricadas, distribuídos os postos, carregadas as armas, postadas as sentinelas, sozinhos naquelas ruas terríveis por onde ninguém mais passava, rodeados por aquelas construções emudecidas, como mortas, onde não palpitava um único movimento humano, envoltos pelas sombras sempre mais espessas do crepúsculo que se iniciava, no meio daquela escuridão e daquele silêncio onde se sentia que alguma coisa avançava, como algo trágico e aterrador, isolados, armados, firmes, tranquilos, eles esperavam.

VI | À ESPERA

Nessas horas de espera, que faziam?

É preciso dizê-lo, pois tudo pertence à história.

Enquanto os homens faziam cartuchos e as mulheres preparavam ataduras, enquanto uma grande panela, cheia de estanho e de chumbo fundido, destinado ao molde de balas, fumegava em cima do fogo, enquanto as sentinelas velavam de arma em punho em cima das barricadas, enquanto Enjolras, a quem nada podia distrair, vigiava as sentinelas, Combeferre, Courfeyrac, Jean Prouvaire, Feuilly, Bossuet, Joly, Bahorel e outros ainda tinham-se reunido, como nos mais tranquilos dias de sua vida de estudantes, e, num canto da taverna transformada em casamata, a dois passos da fortaleza que haviam levantado, com as armas carregadas e preparadas apoiadas no encosto das cadeiras, esses belos rapazes, tão vizinhos da hora suprema, puseram-se a recitar versos de amor…

Quais versos? Ei-los:

Vous rappelez-vous notre douce vie,
Lorsque nous étions si jeunes tous deux
Et que nous n’avions au coeur d’autre envie
Que d’être bien mis et d’être amoureux!
Lorsqu’en ajoutant votre âge à mon âge
Nous ne comptions pas à deux quarante ans
Et que, dans notre humble et petit ménage
Tout, même l’hiver, nous était printemps!
Beaux jours! Manuel était fier et sage, Paris s’asseyait à de saints banquets.
Foy lançait la foudre, et votre corsage
Avait une épingle où je me piquais.
Tout vous contemplait. Avocat sans causes,
Quand je vous menais au Prado dîner,

Vous étiez jolie au point que les roses
Me faisaient l'effet de se retourner.
Je les entendais dire: Est-elle belle!
Comme elle sent bon! quels cheveux à flots!
Sous son mantelet elle cache une aile;
Son bonnet charmant est à peine éclos.
J'errais avec toi, pressant ton bras souple.
Les passants croyaient que l'amour charmé
Avait marié, dans notre heureux couple,
Le doux mois d'avril au beau mois de mai.
Nous vivions cachés, contents, porte close,
Dévorant l'amour, bon fruit défendu;
Ma bouche n'avait pas dit une chose
Que déjà ton coeur avait répondu.
La Sorbonne était l'endroit bucolique
Où je t'adorais du soir au matin.
C'est ainsi qu'une âme amoureuse applique
La carte du Tendre au pays latin.
O Place Maubert! O Place Dauphine!
Quand, dans le taudis frais et printanier,
Tu tirais ton bas sur ta jambe fine,
Je voyais un astre au fond du grenier.
J'ai fort lu Platon, mais rien ne m'en reste;
Mieux que Malebranche et que Lamennais,
Tu me démontrais la bonté céleste
Avec une fleur que tu me donnais.
Je t'obéissais, tu m'étais soumise.
O grenier doré! te lacer! te voir
Aller et venir dès l'aube en chemise
Mirant ton front jeune à ton vieux miroir!
Et qui donc pourrait perdre la mémoire
De ces temps d'aurore et de firmament
De rubans, de fleurs, de gaze et de moire,
Où l'amour bégaye un argot charmant!
Nos jardins étaient un pot de tulipe;
Tu masquais la vitre avec un jupon;
Je prenais le bol de terre de pipe,
Et je te donnais la tasse en japon.
Et ces grands malheurs qui nous faisaient rire!
Ton manchon brûlé, ton boa perdu! Et ce cher portrait du divin Shakespeare
Qu'un soir pour souper nous avons vendu!
J'étais mendiant, et toi charitable.
Je baisais au vol tes bras frais et ronds.
Dante in-folio nous servait de table
Pour manger gaîment un cent de marrons.
La première fois qu'en mon joyeux bouge
Je pris un baiser à ta lèvre en feu.
Quand tu t'en allas décoiffée et rouge,
Je restai tout pâle et je crus en Dieu!
Te rappelles-tu nos bonheurs sans nombre,

Et tous ces fichus changés en chiffons!
Oh! que de soupirs, de nos coeurs pleins d'ombre,
Se sont envolés dans les cieux profonds![161]

A hora, o lugar, as recordações da mocidade, algumas estrelas que começavam a brilhar no céu, a calma fúnebre daquelas ruas desertas e a iminência da aventura inexorável que se preparava davam um patético encanto a esses versos murmurados à meia-voz no crepúsculo por Jean Prouvaire, que, já o dissemos, era bom poeta.

Entretanto, acendera-se um lampião na pequena barricada e, na grande, uma dessas tochas de cera como as que se veem no carnaval na frente das carruagens de mascarados que se dirigem à Courtille.[162] Esses archotes, como sabemos, tinham vindo do bairro Saint-Antoine.

A tocha havia sido colocada numa espécie de gaiola feita de pedras, fechada por três lados para abrigá-la do vento, disposta de modo que toda a sua luz batia na bandeira. A Rue e a barricada ficavam mergulhadas na escuridão, e não se via nada além da bandeira vermelha, iluminada como por enorme lanterna misteriosa.

Essa luz acrescentava ao escarlate da bandeira não sei que púrpura terrível.

VII | O HOMEM RECRUTADO NA RUE DES BILLETTES [163]

A noite já ia alta, e nada acontecia. Não se ouviam senão rumores confusos ou raros tiroteios; porém, poucos, sem importância, a grande distância. Essa demora que se prolongava era sinal de que o governo aproveitava o tempo para reunir forças. Aqueles cinquenta homens esperavam sessenta mil.

Enjolras sentia-se dominado pela impaciência que se apodera dos homens fortes no limiar de acontecimentos terríveis. Foi à procura de Gavroche, que se ocupava em fabricar cartuchos na sala ao rés do chão da taverna, à claridade precária de duas velas colocadas, por cautela, em cima do balcão, por causa da pólvora que estava espalhada por cima das mesas. As duas velas não lançavam o mínimo reflexo para a rua. Aliás, os revoltosos tiveram o cuidado de não acender luzes nos andares superiores.

Gavroche, naquele momento, estava muito preocupado, não precisamente com os cartuchos. O homem da Rue des Billettes acabava de entrar na sala ao rés

do chão e foi sentar-se à mesa menos iluminada. Escolhera uma espingarda de munição tipo especial e mantinha-a segura entre as pernas. Gavroche, até então distraído por mil coisas “divertidas”, nem sequer vira o tal homem.

Quando ele entrou, Gavroche seguira-o maquinalmente com os olhos, admirando-lhe a arma; depois, de repente, quando o homem se sentou, o garoto levantou-se. Os que tivessem vigiado o desconhecido até aquele momento tê-lo-iam visto observar tudo o que se passava na barricada e entre a turba de revoltosos com singular atenção; mas, desde que entrara na sala, fora tomado por uma espécie de recolhimento e parecia não observar coisa alguma do que se passava. O moleque achegou-se a esse personagem pensativo e se pôs a girar a seu redor caminhando na ponta dos pés, como quando não se quer acordar alguém que dorme. Ao mesmo tempo, em seu rosto infantil, tão descarado e sério, tão estouvado e profundo, tão alegre e pungente, passavam todas as carrancas de um velho que significavam: – Bah! – não é possível! – estou ficando cego! – estou sonhando! – será que é?… – não, não pode ser! – mas sim! – mas não! etc. – Gavroche equilibrava-se nos calcanhares, com os punhos crispados metidos no bolso, balançava a cabeça como um passarinho, exibia em uma beiçola desmedida toda a sagacidade de seu lábio inferior. Estava estupefato, incerto, incrédulo, convencido, apalermado. Parecia o chefe dos eunucos no mercado de escravos ao descobrir uma Vênus no meio de viragos, ou um amador de quadros reconhecendo um Rafael no meio de pinturas insignificantes. Toda a sua pessoa trabalhava, o instinto que fareja e a inteligência que calcula. Era evidente que acontecia alguma coisa com Gavroche.

Foi no instante de maior preocupação que Enjolras o abordou.

– Você é pequeno – disse Enjolras –, ninguém verá coisa alguma. Saia das barricadas e, encostando-se às paredes, dê umas voltas por aí; depois, venha dizer-me o que se passa.

Gavroche levantou-se o quanto pôde.

– Então os pequenos são bons para alguma coisa, hein? Muito bem! Já vou. Enquanto espera, confie mais nos pequenos e desconfie dos grandes…

E, levantando a cabeça e abaixando a voz, acrescentou, apontando para o homem da Rue des Billettes:

– Está vendo aquele grande ali?

– O que há?

– É um espião.

– Tem certeza?

– Não faz quinze dias, ele me tirou pela orelha do parapeito da Pont Royal, onde eu estava tomando ar.

Enjolras afastou-se apressadamente do garoto e murmurou algumas palavras ao ouvido de um operário que estava ali. O operário saiu da sala e voltou quase em seguida acompanhado por três outros. Os quatro homens, quatro carregadores de ombros largos, sem nada fazerem que pudesse chamar a atenção, colocaram-se por trás da mesa onde estava sentado o homem da Rue des Billettes; evidentemente prontos a se lançarem sobre ele.

Enjolras, então, aproximou-se do desconhecido e lhe perguntou:

– Quem é o senhor?

A essa pergunta repentina, o homem teve um sobressalto. Fixou seus olhos nos olhos claros de Enjolras, parecendo compreender-lhe o pensamento. Sorriu com um sorriso que era tudo o que pode haver no mundo de mais desprezível, de mais enérgico, de mais resoluto, e respondeu com altiva gravidade.

– Já estou entendendo… Pois bem, não nego!

– O senhor é espião?

– Sou agente da autoridade.

– Como se chama?

– Javert.

Enjolras fez um sinal aos quatro homens. Num abrir e fechar de olhos, antes que Javert tivesse tempo para se voltar, agarraram-no pelo pescoço, deitaram-no por terra, revistaram-no e o amarraram com cordas.

Encontraram-lhe nos bolsos um pequeno cartão circular colocado entre dois vidros, trazendo gravadas de um lado as armas da França, com a seguinte legenda: *Precaução* e *vigilância*, e do outro esta menção: *Javert, Inspetor de Polícia, 52 anos de idade*, e a assinatura do Chefe de Polícia, naquela época o Sr. Gisquet.[164]

Além disso, encontraram um relógio e a bolsa com algumas moedas de ouro. Deixaram-nos em seu poder. Por trás do relógio, no fundo do bolso, encontraram um papel dentro de um envelope; Enjolras desdobrou-o e leu estas cinco linhas escritas pela mão do Chefe de Polícia:

Logo depois de cumprida sua missão política, o Inspetor Javert certificar-se-á, por uma vigilância especial, se é verdade que malfeitores se reúnem à margem direita do Sena, perto da Pont d'Iéna.

Terminada a revista, levantaram Javert, ataram-lhe os braços às costas e o amarraram no meio da sala à célebre coluna que outrora dera nome à taverna.

Gavroche, que havia assistido a toda a cena, aprovando tudo em silêncio, aproximou-se de Javert e disse:

– O rato prendeu o gato.

Tudo aconteceu tão rapidamente que, quando os outros perceberam, já estava terminado. Javert não dera um grito.

Vendo Javert amarrado à coluna, Courfeyrac, Bossuet, Joly, Combeferre e os demais homens dispersos pelas duas barricadas correram todos para ver o que se passava.

Javert, encostado à coluna, tão bem amarrado que não podia fazer o mínimo movimento, levantava a cabeça com a serenidade intrépida do homem que jamais mentiu.

– É um espião – disse Enjolras.

E, voltando-se para Javert:

– O senhor será morto dez minutos antes que a barricada seja tomada.

Javert replicou no tom mais imperioso:

– Por que não agora?

– Precisamos poupar a pólvora.

– Então, matem-me com uma punhalada.

– Espião – disse o belo Enjolras –, nós somos juízes, não assassinos!

Depois chamou Gavroche.

– Você! Faça o que eu mandei!

– Já vou! – gritou Gavroche.

E, parando por um momento antes de sair, disse:

– A propósito, depois terá que me arrumar uma espingarda!

E completou: – Deixo-lhe o músico, mas quero a clarineta.

O moleque fez a saudação militar e saiu alegremente pela abertura da grande barricada.

VIII | DÚVIDAS A RESPEITO DE CERTO LE CABUC, QUE TALVEZ NÃO SE CHAMASSE ASSIM

A pintura trágica que empreendemos fazer não seria completa, o leitor não

chegaria a ver em seu relevo exato e real os grandes momentos desse parto social e revolucionário, em que há convulsões e esforço, se omitíssemos, no esboço que aqui traçamos, um incidente cheio de horror épico e selvagem que aconteceu logo após a saída de Gavroche.

Os agrupamentos, como sabemos, são como bolas de neve; aglomeram, na queda, um amontoado de desordeiros sem que um pergunte ao outro a sua origem. Entre os transeuntes que se haviam reunido ao grupo conduzido por Enjolras, Combeferre e Courfeyrac, havia um vestido como carregador, de blusa gasta nos ombros, que gesticulava e vociferava como um bêbado selvagem. Esse homem, de nome ou sobrenome Le Cabuc, aliás completamente desconhecido por aqueles que julgavam conhecê-lo, bastante embriagado, ou fingindo que estava, sentara-se na companhia de alguns outros a uma mesa que haviam carregado para fora da taverna. Esse Cabuc, fazendo beber os que estavam em sua frente, parecia observar com atenção a grande casa situada no fundo da barricada, cujos cinco andares dominavam toda a Rue Saint-Denis. De repente, exclamou:

– Camaradas, sabem de uma coisa? É daquela casa que devíamos atirar. Quando estivermos naquelas janelas, pobre de quem avançar pela rua!

– É verdade, mas a casa está fechada – disse um dos que estavam à mesa.

– Batamos à porta!

– É inútil!

– Então, arrombemos!

Le Cabuc correu à porta, guarnecida de uma grande aldrava, e bateu. A porta continuou fechada. Bateu outra vez. Ninguém respondia. Bateu pela terceira vez. O mesmo silêncio.

– Há alguém aí? – gritou Le Cabuc.

Nada se movia.

Então agarrou uma espingarda e pôs-se a dar coronhadas na porta. A porta era velha, guarnecida por chapas de ferro, baixa, estreita, sólida, toda de carvalho, reforçada na parte interna por uma chapa de metal, uma verdadeira porta de prisão. As coronhadas estremeciam a casa, mas a porta continuava intacta.

Contudo, é provável que seus habitantes estivessem atentos; por fim, viu-se uma luz numa pequena janela do terceiro andar, mostrando uma vela e a cabeça assustada de um pobre homem grisalho, o porteiro.

Le Cabuc parou de bater.

– Senhores – perguntou o porteiro –, que desejam?

– Abra! – respondeu Le Cabuc.

– Senhores, não posso abrir.

– Mas abra!

– É impossível!

Le Cabuc levantou a espingarda e apontou para o porteiro; como estava embaixo e não havia luz alguma, o porteiro não o viu.

– Abre ou não abre?

– Não, senhores!

– Não?

– Já disse não, meus bons…

O porteiro não acabou de falar. Ouviu-se um tiro, a bala entrou-lhe sob o queixo, saindo-lhe pela nuca, depois de lhe ter atravessado o pescoço. O velho caiu sobre si mesmo sem dar um suspiro. A vela se apagou. Não se via nada mais que uma cabeça imóvel à beira da janela e um pouco de fumaça esbranquiçada que subia para o teto.

– Pronto! – disse Le Cabuc, deixando bater no chão a coronha da espingarda.

Ele apenas havia pronunciado essa palavra quando sentiu que alguém o agarrava pelos ombros com o peso das garras de uma águia, enquanto uma voz lhe dizia:

– De joelhos!

O assassino voltou-se e viu diante de si a figura branca e fria de Enjolras. Enjolras segurava uma pistola.

Ao ouvir a detonação, acorrera ao local. Com a mão esquerda agarrava a gola, a blusa, a camisa e os suspensórios de Le Cabuc.

– De joelhos! – repetiu Enjolras.

E, com um movimento soberano, o débil mancebo de vinte anos dobrou como se fora um junco o robusto e gordo carregador, obrigando-o a ajoelhar-se na lama. Le Cabuc tentou resitir, mas parecia ter sido agarrado por um punho sobre-humano.

Pálido, pescoço nu, cabelos em desalinho, Enjolras, com seu rosto de mulher, tinha naquele instante não sei que da antiga Têmis.[165] As narinas dilatadas, os olhos baixos davam a seu implacável perfil grego a expressão de cólera e de castidade que, segundo o mundo antigo, convinha à justiça.

Toda a barricada acorrera ao local; todos fizeram um círculo à distância, sentindo ser impossível pronunciar uma só palavra diante do que iriam presenciar.

Le Cabuc, dominado, não tentava mais se debater e tremia dos pés à cabeça. Enjolras largou-o e puxou o relógio.

– Recolha-se – disse ele. – Reze ou pense. Você tem um minuto.

– Perdão! – murmurou o assassino; depois, abaixou a cabeça e balbuciou alguns juramentos inarticulados.

Enjolras não afastou os olhos do relógio; deixou passar um minuto, depois tornou a colocar o relógio no bolso. Feito isso, pegou Le Cabuc pelos cabelos e, enquanto este se lhe agarrava aos joelhos, apoiou-lhe ao ouvido o cano da pistola. Muitos daqueles homens intrépidos, que tão calmamente haviam entrado na mais perigosa das aventuras, voltaram a cabeça.

Ouviu-se a detonação, o assassino caiu de bruços contra a lama e Enjolras endireitou-se, olhando ao redor com olhar convicto e severo.

Depois, empurrou o cadáver com os pés e disse:

– Joguem isto fora.

Três homens levantaram o corpo do miserável agitado pelas últimas convulsões maquinais da vida extinta e o jogaram por cima da pequena barricada à Rue Mondétour.

Enjolras quedou-se pensativo. Não sei que trevas grandiosas se levantaram lentamente sobre a sua terrível serenidade. De repente, elevou a voz. Fez-se silêncio.

– Cidadãos – disse Enjolras –, o que este homem fez é inominável e o que eu acabo de fazer é horrível. Ele matou e, por isso, eu o matei. Tive de agir assim porque a insurreição deve ter disciplina. O assassinato é um crime maior aqui que em qualquer outro lugar; estamos sob o olhar da revolução, somos os sacerdotes da república, as hóstias do dever, e não devemos deixar que caluniem a nossa luta. Portanto, julguei e condenei à morte este homem. Quanto a mim, constrangido a fazer o que fiz, embora contra a vontade, também julguei a mim mesmo, e logo hão de ver a que me condenei.

Os que o ouviam estremeceram.

– Participaremos de sua sorte – gritou Combeferre.

– Seja – replicou Enjolras. – Ainda uma palavra. Ao executar este homem, obedeci à necessidade; mas a necessidade é um monstro do mundo antigo; a necessidade chama-se Fatalidade. Ora, a lei do progresso faz com que os monstros desapareçam diante dos anjos e que a Fatalidade se desvaneça em presença da Fraternidade. O momento não é próprio para pronunciar a palavra amor. Não importa; eu a pronuncio e glorifico. Amor, tu és o futuro. Morte, eu

me sirvo de ti, mas eu te odeio. Cidadãos, no futuro não haverá nem trevas, nem raios, nem a ignorância feroz, nem a sangrenta pena de talião. Como não haverá mais Satã, Miguel deixará de existir. No futuro, ninguém matará o semelhante, a terra será toda brilhos, o gênero humano será todo amor. Cidadãos, chegará o dia em que tudo será concórdia, harmonia, luz, alegria e vida. E é para que chegue esse dia que nós vamos morrer.

Enjolras calou-se. Seus lábios de virgem se fecharam, e ele continuou por algum tempo de pé no mesmo lugar onde derramara aquele sangue, imóvel como o mármore. Seu olhar fixo fazia com que falassem baixo ao seu redor.

Jean Prouvaire e Combeferre apertavam as mãos silenciosamente e, apoiados um ao outro num ângulo da barricada, consideravam com admiração e compaixão aquele jovem sério, carrasco e sacerdote, de luz como o cristal, mas também de rocha.

Digamos de uma vez que, mais tarde, depois da batalha, quando os cadáveres foram transportados para o necrotério e revistados, encontrou-se em Le Cabuc uma carta de Agente de Polícia. O autor deste livro teve entre suas mãos, em 1848, o relatório especial feito a esse respeito ao Chefe da Polícia de 1832.

Acrescentemos ainda, se dermos crédito a uma tradição de polícia, estranha mas provavelmente bem fundada, que Le Cabuc era Claquesous. A verdade é que a partir da morte de Le Cabuc não se ouviu mais falar em Claquesous. Claquesous desaparecera sem deixar nenhum indício; parecia ter-se amalgamado ao invisível. Sua vida fora feita de trevas; sua morte, de noite.[166]

Todo o grupo de revoltosos ainda estava comovido por aquele processo trágico tão depressa instaurado e tão rapidamente julgado, quando Courfeyrac voltou a ver no interior da barricada o rapaz que, pela manhã, havia perguntado por Marius.

O rapaz, de aspecto atrevido e negligente, viera à noite juntar-se novamente aos revoltosos.

LIVRO DÉCIMO TERCEIRO
MARIUS ENTRA NA SOMBRA

I | DA RUE PLUMET AO QUARTIER SAINT-DENIS

A voz que, através do crepúsculo, chamara por Marius na barricada da Rue de la Chanvrerie, fora para ele como a voz do destino. Ele queria morrer, e a ocasião ali estava; batia à porta do túmulo, e alguém, na escuridão, lhe oferecia a chave. Essas tristes portas que se abrem nas trevas diante do desespero são tentadoras. Marius afastou a grade que tantas vezes lhe dera passagem, saiu do jardim, e disse: – Vamos!

Louco de dor, não sentindo mais nada de fixo e de sólido no cérebro, incapaz de esperar alguma coisa da sorte depois daqueles dois meses passados nos arroubos da juventude e do amor, ao mesmo tempo acabrunhado por todos os sonhos do desespero, não tinha mais que um desejo: chegar logo ao fim. Pôs-se a caminhar depressa. Acontecia que ele estava com as duas pistolas que lhe haviam sido entregues por Javert.

O rapaz que julgara ter visto perdera-se no meio das ruas.

Marius, saindo da Rue Plumet, atravessou a Esplanada e a Pont des Invalides, os Champs-Élysées, a Place Luís XV, e chegou à Rue de Rivoli. As lojas estavam abertas, lampiões a gás iluminavam as arcadas, as mulheres faziam compras, tomavam-se gelados no café Laiter, comiam-se doces e tortas na pastelaria inglesa. Somente algumas carruagens do correio partiam a galope do hotel dos Príncipes e do hotel Meurice.

Marius entrou pela travessa Delorme, na Rue Saint-Honoré. As lojas ali estavam fechadas, os comerciantes conversavam diante das portas entreabertas, os transeuntes circulavam, os lampiões estavam acesos, a partir do primeiro andar, todas as janelas estavam iluminadas como de costume. Na Place do Palais-Royal, havia alguns cavalarianos.

Marius seguiu pela Rue Saint-Honoré. À medida que se afastava do Palais-Royal, rareavam as janelas iluminadas; as lojas estavam completamente fechadas; ninguém conversava na porta das casas, a rua ia ficando escura e ao

mesmo tempo a multidão de transeuntes aumentava. Não se via ninguém conversar, e, no entanto, ouvia-se um sussurro surdo e profundo.

Perto da fonte de l'Arbre-Sec havia *agrupamentos*, grupos imóveis e tristes que, entre os que iam e vinham, eram como pedras em meio à água corrente.

À entrada da Rue des Prouvaires, a multidão estava parada. Era um bloco resistente, maciço, sólido, compacto, quase impenetrável, de gente amontoada que conversava em voz baixa. Quase não havia ali casacos negros nem chapéus redondos. Somente japonas, blusões, bonés, cabeças eriçadas e sujas de terra. Essa multidão ondulava confusamente em meio à bruma noturna. Seu murmúrio tinha o som rouco de um bramido. Embora ninguém saísse do lugar, ouvia-se o bater de pés na lama. Além dessa multidão, na Rue du Roule, na Rue des Prouvaires e no prolongamento da Rue Saint-Honoré, não havia uma única vidraça onde brilhasse o clarão de uma vela. Via-se mergulhar nessas ruas fileiras solitárias e decrescentes de lampiões. Os lampiões dessa época assemelhavam-se a pesadas estrelas vermelhas penduradas por cordas que projetavam nas pedras da rua uma sombra semelhante a uma enorme aranha. Essas ruas não estavam desertas. Podiam-se ver sarilhos de espingardas, baionetas em movimento e tropas acampadas. Nenhum curioso ia além. Ali cessava toda circulação. Ali terminava a multidão e começava o exército.

Marius seguia com a vontade do homem que nada mais espera. Haviam-no chamado; era preciso que fosse. Encontrou meios para atravessar os agrupamentos e as tropas de prontidão, escondeu-se das patrulhas, evitou as sentinelas. Deu uma volta, chegou à Rue de Béthisy e se dirigiu para Les Halles. Na esquina da Rue des Bourdonnais, não havia mais lampiões.

Depois de ter passado por entre a multidão e as tropas, viu-se num lugar medonho. Nem um só transeunte, um soldado, uma luz, ninguém. A solidão, o silêncio, a morte, um frio que entorpecia. Entrar numa rua era o mesmo que entrar num subterrâneo.

Continuou a avançar. Deu alguns passos. Alguém passou correndo a seu lado. Teria sido um homem, uma mulher, seriam muitos? Não o pôde dizer. Já haviam passado e desapareceram.

De circuito em circuito, chegou a uma ruela que julgou ser a Rue de la Poterie; no meio dessa ruela chocou-se contra um obstáculo. Estendeu as mãos. Era uma carroça tombada; com os pés, notou algumas poças de água, buracos, pedras espalhadas ou amontoadas. Havia ali uma barricada. Transpôs o monte de pedras e viu-se do outro lado da barragem. Caminhava bem junto às paredes, guiando-se por elas. Um pouco além da barricada, julgou ver em sua frente

formas esbranquiçadas. Aproximou-se. Eram dois cavalos, os cavalos do ônibus, desatrelados durante o dia por Bossuet; tinham andado ao acaso, de rua em rua, acabando por parar ali, com a paciência passiva dos animais que não compreendem melhor as ações dos homens do que o homem os atos da Providência.

Marius passou além dos cavalos. Ao chegar a uma rua que lhe pareceu ser a Rue du Contrat-Social, um tiro de espingarda, vindo não se sabe de onde, atravessando a escuridão ao acaso, assobiou bem ao seu lado, atingindo uma bacia de cobre bem em cima de sua cabeça, pendurada à porta de uma barbearia. Ainda em 1846, via-se, na Rue du Contrat-Social, ao lado dos pilares de Les Halles, essa bacia de barbeiro furada.

Aquele tiro fora um sinal de vida. A partir desse instante, não viu mais nada.

Todo esse itinerário assemelhava-se a uma descida por degraus escuros.

Marius nem por isso deixou de ir adiante.

II | PARIS À NOITE

Quem, naquele momento, planasse sobre Paris com as asas do morcego ou da coruja teria presenciado um espetáculo bem triste.

Todo o velho bairro Les Halles, que é como uma cidade dentro da cidade, atravessado pelas Rues Saint-Denis e Saint-Martin, onde se cruzam mil ruelas e onde os revoltosos construíram seu reduto e sua praça de armas, apareceria como um enorme buraco sombrio cavado no centro de Paris. Lá o olhar cairia num abismo. Graças aos lampiões quebrados, graças às janelas fechadas, ali não havia a mínima luz, o menor sinal de vida, o mínimo rumor, o mínimo movimento. A invisível polícia da revolta vigiava por toda parte e mantinha a ordem, isto é, a noite. Mergulhar o pequeno número de revoltosos em vasta escuridão, multiplicar cada combatente pelas possibilidades que as trevas oferecem, eis a tática necessária à insurreição. Ao cair da noite, toda janela ou lanterna que se iluminasse teria recebido uma bala. As luzes eram apagadas, às vezes matando-se quem as acendia. Desse modo, nada se movia. No interior das casas havia só medo, luto e terror; nas ruas, uma espécie de horror sagrado. Não se podiam ver nem mesmo as longas fileiras de janelas e de andares, a silhueta das chaminés e dos telhados, os vagos reflexos das pedras molhadas ou cheias de lama. Quem olhasse do alto aquele aglomerado de sombras talvez visse, aqui e ali, de distância em distância, clarões indistintos, pondo em evidência linhas quebradas

e estranhas, perfis de construções bizarras, algo semelhante a claridades móveis no meio de ruínas; ali estavam as barricadas. O resto era um lago de trevas, brumoso, pesado, fúnebre, sobre o qual se levantavam silhuetas imóveis e lúgubres, a Tour Saint-Jacques, a igreja Saint-Merry e dois ou três outros desses grandes edifícios feitos gigantes pelo homem, mas que a noite transforma em fantasmas.

Ao redor desse labirinto deserto e inquietante, nos bairros em que a circulação de Paris continuava normal e onde brilhavam alguns raros lampiões, o observador aéreo poderia ter distinguido a cintilação metálica dos sabres e das baionetas, o movimento surdo da artilharia, o formigamento de batalhões silenciosos que aumentavam de minuto a minuto, cinto formidável que se apertava e se fechava lentamente ao redor da revolta.

O bairro cercado não era mais que uma monstruosa caverna; tudo ali parecia adormecido e imóvel e, como acabamos de ver, cada uma das ruas às quais se podia chegar não oferecia nada mais que sombra.

Sombra perigosa, cheia de dobras, cheia de atritos desconhecidos e terríveis, onde era medonho penetrar e espantoso permanecer, onde os que nelas entravam tremiam diante dos que os esperavam, onde os que esperavam se assustavam diante dos que poderiam chegar. Combatentes invisíveis escondidos em cada canto da rua, emboscadas do sepulcro ocultas no negrume da noite. Tudo estava acabado. Não se esperava outra luz ali além do relampejar dos disparos, outro encontro além da aparição brusca e rápida da morte. Onde? Como? Quando? Não se sabia, mas era certo e inevitável. Ali, naquele lugar marcado para a luta, o governo e a insurreição, a Guarda Nacional e as sociedades populares, a burguesia e a revolta iam enfrentar-se às apalpadelas. Tanto para uns como para outros, a necessidade era a mesma. Sair dali mortos ou vencedores era a única solução possível; situação de tal modo extrema, trevas tão poderosas que os mais tímidos se sentiam cheios de coragem e os mais corajosos cheios de terror.

De resto, de ambos os lados, fúria, ódio, idêntica determinação. Para uns, avançar era morrer, mas ninguém pensava em recuar; para outros, ficar era morrer, mas ninguém pensava em fugir.

Era preciso que no dia seguinte tudo estivesse terminado, que o triunfo estivesse de um lado ou de outro, que a insurreição fosse uma revolução ou uma escaramuça. O governo compreendia-o tão bem como os partidos; o menor cidadão o sentia. Daí a angústia que se infiltrava na sombra impenetrável daquele quarteirão, onde tudo se ia decidir; daí o aumento da ansiedade ao redor daquele silêncio de onde ia surgir uma catástrofe. Não se ouvia senão um som,

aflito como um estertor, ameaçador como uma maldição, os badalos de Saint-Merry. Nada mais gélido que o clamor daquele sino solitário e desesperado chorando nas trevas.

Como acontece frequentemente, a natureza parecia ter-se posto de acordo com o que os homens iriam fazer. Nada alterava a harmonia funesta daquele conjunto. As estrelas haviam desaparecido; nuvens pesadas enchiam todo o horizonte de dobras melancólicas. Por cima daquelas ruas mortas havia um céu de luto como uma imensa mortalha estendida sobre aquele túmulo imenso.

Enquanto uma batalha de caráter unicamente político se preparava naquele mesmo lugar que já havia presenciado tantos acontecimentos revolucionários, enquanto a juventude, as sociedades secretas, as escolas, em nome dos princípios, e a classe média, em nome dos interesses, se aproximavam para lutar e se destruírem mutuamente, enquanto cada um apressava e clamava pela hora derradeira e decisiva daquela crise, ao longe, e fora daquele bairro fatal, no mais profundo das cavidades insondáveis da velha Paris miserável que desaparecia sob o esplendor da Paris feliz e opulenta, ouvia-se bramir surdamente a sombria voz do povo.

Voz terrível e sagrada, que se compõe dos rugidos do bruto e da palavra de Deus, que amedronta os fracos e adverte os sábios, que vem ao mesmo tempo de baixo, como a voz do leão, e do alto, como a voz do trovão.

III | O LIMITE EXTREMO

Marius chegara a Les Halles.

Ali, tudo estava mais calmo, mais escuro, mais imóvel ainda que nas ruas vizinhas. Dir-se-ia que a paz glacial do sepulcro saíra da terra e se expandira sob os céus.

Contudo, um clarão avermelhado recortava sobre esse fundo negro os altos telhados das casas que fechavam a Rue de la Chanvrerie para os lados de Saint-Eustache. Era o reflexo do archote que ardia na barricada da taverna Corinto. Marius dirigira-se por esse clarão. Este o havia levado ao Marché-aux-Poirées, e já entrevia dali o começo tenebroso da Rue des Prêcheurs. Entrou. A sentinela dos revoltosos, que vigiava do outro lado, não o percebeu. Marius sentia-se muito próximo do que procurava e caminhava na ponta dos pés. Chegou assim à esquina desse pequeno trecho da Rue Mondétour, que era, como devem estar lembrados, a única comunicação mantida por Enjolras com o exterior. No ângulo

da última casa, à esquerda, olhou cuidadosamente para o interior da ruela.

Um pouco além da esquina escura das Rues Mondétour e de la Chanvrerie, que projetava no chão uma grande sombra em que ele próprio estava sepultado, Marius percebeu alguns reflexos na rua, parte da taverna, um pouco mais longe uma lanterna brilhando numa espécie de muralha informe e alguns homens sentados com espingardas apoiadas nos joelhos. Tudo estava a dez toesas de distância. Era o interior da barricada.

As casas que orlavam o lado direito da ruela escondiam-lhe a outra parte da taverna, a grande barricada e a bandeira.

Marius não tinha de dar senão um passo. Então, o infeliz jovem sentou-se num banco de pedra, cruzou os braços e pensou no pai.

Pensou naquele heroico Coronel Pontmercy, que havia sido tão valente soldado, que, durante a República, havia guardado as fronteiras da França e, durante o Império, tocara as fronteiras da Ásia; que vira Gênova, Alexandria, Milão, Turim, Madri, Viena, Dresden, Berlim, Moscou; que havia deixado em todos os campos de vitória da Europa gotas daquele mesmo sangue que ele, Marius, trazia nas veias; que havia encanecido antes do tempo na disciplina e no comando; que vivera com o cinturão afivelado, as dragonas caindo-lhe ao peito, o laço tricolor enegrecido pela pólvora, a testa marcada pela barretina, debaixo de barracas, no campo, nos acampamentos, nas ambulâncias, e que, ao cabo de vinte anos, voltara das grandes batalhas com a face marcada, o olhar sorridente, simples, tranquilo, admirável, puro como uma criança, depois de ter feito tudo pela França e nada contra ela.

Convenceu-se de que para ele também havia chegado o dia; que sua hora, enfim, havia soado; que, depois do pai, também ele iria ser bravo, intrépido, corajoso; iria enfrentar as balas, oferecer o peito às baionetas, derramar o sangue, procurar o inimigo, procurar a morte; que também ele iria guerrear, descer ao campo de batalha; seu campo de batalha seria a rua, sua guerra, a guerra civil!

Viu a guerra civil aberta como um abismo em sua frente; nesse abismo é que ele iria cair. Marius estremeceu.

Lembrou-se da espada do pai, que o avô vendera a um antiquário, o que ele tão dolorosamente lastimara. Marius dizia a si mesmo que a espada fizera bem, casta e valente como era, fugindo-lhe irritada para as sombras; se assim fugira, dava mostras de ser inteligente e de prever o futuro; pressentia a revolta, a guerra das sarjetas, a guerra das ruas, os tiroteios pelos respiradouros dos porões, os

golpes dados e recebidos traiçoeiramente; vinda de Marengo e de Friedland, ela não queria ir para a Rue de la Chanvrerie; depois do que havia feito com o pai, evitara cair nas mãos do filho! Marius dizia que se aquela espada lá estivesse, e depois de recolhê-la à cabeceira do pai morto, ele ousasse empunhá-la, levando-a para aquele combate noturno de franceses contra franceses, sem dúvida alguma lhe queimaria as mãos, brilhando em sua frente como a espada do anjo! Talvez Marius se sentisse feliz por não tê-la consigo naquele momento, por tê-la perdido de vista, o que na verdade era bom e justo; seu avô havia sido o verdadeiro guardião da glória do pai; era preferível que a espada do Coronel tivesse sido apregoada em leilão, vendida ao antiquário, jogada entre ferros-velhos, a obrigá-la agora a sangrar as entranhas da pátria.

Depois, pôs-se a chorar amargamente.

Aquilo era horrível. Mas que fazer? Viver sem Cosette era-lhe impossível. Como ela havia ido embora, era preciso que ele morresse. Não lhe havia dado a palavra de honra de que morreria? Ela partira certa disso; portanto, queria a morte de Marius. Além do mais, era claro que já não o amava, uma vez que o havia deixado daquele modo, sem o avisar, sem uma palavra, sem uma carta, embora conhecesse o seu endereço! Para que, por que viver agora? E, depois, chegar até ali e recuar! Aproximar-se do perigo e fugir! Vir olhar as barricadas e esquivar-se! Fugir tremendo e dizendo consigo: “É verdade, basta-me o que vi; é a guerra civil, e eu me vou!”. Abandonar os amigos que o esperavam, e que talvez precisassem de sua ajuda! Era um punhado contra um exército! Faltar a tudo ao mesmo tempo, ao amor, à amizade, à palavra! Dar à própria poltroneria o pretexto de patriotismo! Mas isso era impossível, e se o fantasma de seu pai estivesse ali na sombra e o visse recuar, sem dúvida lhe bateria com a lâmina da espada, gritando-lhe: – Decida-se, covarde!

Presa desse vaivém de pensamentos, Marius abaixou a cabeça.

De repente, levantou-se. Uma espécie de esplêndida retificação acabava de se fazer em sua mente. Existe uma intensificação do pensamento própria da vizinhança do sepulcro; estar perto da morte obriga-nos a ver bem as coisas. A visão da ação da qual talvez ele se sentisse prestes a participar pareceu-lhe não mais lamentável, mas soberba. A guerra das ruas transfigurou-se subitamente, por não sei qual esforço interior da alma, diante dos olhos do seu pensamento. Todos os tumultuosos pontos de interrogação de seu espírito voltaram-lhe à mente, mas sem perturbá-lo. Ele não deixou nenhum sem resposta.

Vejamos: por que seu pai haveria de se indignar? Não existiriam casos em que a insurreição ascende à dignidade de um dever? Que haveria, portanto, de

humilhante para o filho do Coronel Pontmercy no combate que iria começar? Não é mais Montmirail nem Champaubert;[167] é outra coisa. Não se trata mais de um território sagrado, mas de uma ideia santa. É verdade que a pátria lastima, mas a humanidade aplaude. Será mesmo verdade que a pátria se lastima? A França sangra, a liberdade sorri; e diante do sorriso da liberdade, a França se esquece das próprias chagas. Além do mais, vendo as coisas de um ponto de vista mais alto ainda, que iriam falar da guerra civil?

Guerra civil? Que quer dizer? Por acaso haveria alguma guerra estrangeira? Porventura, todas as guerras entre homens não são guerras entre irmãos? A guerra não se qualifica pelo seu fim. Não há nem guerra estrangeira nem guerra civil; nem guerra injusta nem guerra justa. Até o dia em que a grande concordata humana tiver sido concluída, a guerra, pelo menos a que é esforço do futuro, a que se apressa contra o passado que se retarda, pode ser necessária. O que devemos criticar nessa guerra? A guerra não se torna vergonhosa, a espada não se transforma em punhal senão quando assassina o direito, o progresso, a razão, a civilização, a verdade. Então, seja guerra civil ou estrangeira, a guerra é iníqua; chama-se crime. Excetuando-se essa coisa sagrada, a justiça, com que direito uma forma de guerra desprezaria outra? Com que direito a espada de Washington renegaria o chuço de Camille Desmoulins? Leônidas contra o estrangeiro, Timoleão contra o tirano, qual é o maior? Um é o defensor, outro o libertador.[168] Será classificada de infame, sem ter-se em vista o fim, toda tomada de armas no interior de uma cidade? Então, acusemos de infame Brutus, Marcel Arnould de Blankenheim, Coligny.[169] Guerra das sarjetas, guerra das ruas? Por que não? Essa é a guerra de Ambiorix, de Artevelde, de Marnix, de Pelágio. Mas Ambiorix lutava contra Roma, Artevelde contra a França, Marnix, contra a Espanha, Pelágio contra os mouros, todos contra o estrangeiro.[170] Pois bem, a monarquia é o estrangeiro; a opressão é o estrangeiro; o direito divino é o estrangeiro. O despotismo viola as fronteiras morais, como a invasão viola as fronteiras geográficas. Combater o tirano, ou o inglês, é, em ambos os casos, reconquistar o próprio território. Chega uma hora em que não basta protestar; depois da filosofia, precisamos da ação; a viva força acaba o que a ideia havia esboçado; *Prometeu acorrentado* começa, Aristógiton termina; a *Enciclopédia* ilumina as almas, o 10 de agosto eletriza-as. Depois de Ésquilo, Trasíbulo; depois de Diderot, Danton.[171] As multidões tendem sempre a aceitar um senhor. As massas despem-se da apatia, tornando-se facilmente obedientes. É preciso sacudi-las, movê-las, impeli-las, castigar os homens com o próprio benefício de sua alforria, ferir-lhes os olhos pela verdade, lançar-lhes luz a

mancheias. É preciso que eles próprios sejam um tanto fulminados pela sua própria salvação; esse deslumbramento os desperta. Daí a necessidade dos toques a rebate e das guerras. É preciso que grandes combatentes se levantem, que iluminem as nações pela audácia, que sacudam esta triste humanidade que cobre de sombra o direito divino, a glória dos césares, a força, o fanatismo, o poder irresponsável e as majestades absolutas; turba estupidamente ocupada em contemplar, no seu esplendor crepuscular, os sombrios triunfos da noite. Abaixo o tirano! Mas qual? De quem estamos falando? Seria Luís Filipe um tirano? Não; não mais que Luís XVI. Ambos são o que a história costuma chamar de bons reis; mas os princípios não se retalham, a lógica da verdade é retilínea; é próprio da verdade a falta de complacência; portanto, nenhuma concessão; toda usurpação ao homem deve ser reprimida; em Luís XVI há o direito divino, como em Luís Filipe, *porque é Bourbon*; ambos, de certo modo, representam a confiscação do direito, e, para repelir a usurpação universal, é preciso combatê-los; é preciso, porque a França é sempre a primeira a começar. Quando o senhor cai em França, cai por toda parte. Em suma, restabelecer a verdade social, restituir o trono à liberdade, entregar o povo ao povo, entregar ao homem a soberania, tornar a colocar a púrpura na cabeça da França, restaurar em sua plenitude a razão e a equidade, suprimir todo germe de antagonismo restituindo cada um a si próprio, aniquilar o obstáculo que a realeza cria contra a imensa concórdia universal, nivelar o gênero humano com o direito, que causa pode ser mais justa, e, por consequência, que guerra pode ser mais nobre? Guerras assim constroem a paz. Uma enorme fortaleza de preconceitos, de privilégios, de superstições, de mentiras, de exações, de abusos, de violências, de iniquidades e de trevas ainda está de pé sobre o mundo com suas torres de ódio. É preciso destruir essa massa monstruosa. Vencer em Austerlitz é grande; tomar a Bastilha é imenso.

Não há ninguém que não a tenha experimentado por si mesmo, a alma, e está aí a maravilha de sua unidade e ubiquidade, nessa aptidão estranha de raciocinar quase que friamente, nos mais violentos extremos, e acontece frequentemente que a paixão desolada e o desespero profundo, na própria agonia de seus monólogos mais tenebrosos, tratem de assuntos e discutam teses. A lógica se mistura à convulsão, e o fio do silogismo paira sem se romper na lúgubre tempestade do pensamento. Era esse o estado de espírito de Marius.

Enquanto assim pensava, acabrunhado, mas resoluto, hesitando, receoso do que iria fazer, seu olhar fixava-se no interior da barricada. Os revoltosos conversavam à meia-voz, sem se moverem; sentia-se ali o quase silêncio

característico da última fase da revolta. Acima deles, numa pequena janela de um terceiro andar, Marius podia ver uma espécie de espectador ou testemunha que lhe parecia singularmente atento. Era o porteiro assassinado por Le Cabuc. De baixo, aos reflexos da tocha escondida no meio das pedras, podia-se ver vagamente aquela cabeça. Nada mais estranho, naquela claridade triste e incerta, que aquele rosto lívido, imóvel, admirado, de cabelos eriçados, olhos arregalados e fixos, boca aberta, inclinado para a rua como um simples curioso. Dir-se-ia que o morto observava os que iam morrer. Um grande traço de sangue, desprendendo-se da cabeça, descia em fios avermelhados desde a janela até a altura do primeiro andar, onde se detinha.

LIVRO DÉCIMO QUARTO

A GRANDEZA DO DESESPERO

I | A BANDEIRA: PRIMEIRO ATO

Nada havia acontecido. A Tour de Saint-Merry dava dez horas. Enjolras e Combeferre foram se sentar, de arma em punho, perto da abertura da grande barricada. Não falavam, ouviam, procurando escutar os mais longínquos e os mais distantes e os mais leves passos.

Subitamente, no meio daquela calma triste, uma voz clara, jovem, alegre, que parecia vir da Rue Saint-Denis, elevou-se e se pôs a cantar distintamente a velha melodia popular, *Au clair de la lune*, esta poesia terminada por uma espécie de grito semelhante ao canto do galo:

Mon nez est en larmes
Mon ami Bugeaud,
Prêt'-moi tes gendarmes
Pour leur dire un mot.
En capote bleue,
La poule au shako,
Voici la banlieue!
Co-cocorico! [172]

Enjolras e Combeferre apertaram as mãos.

– É Gavroche – disse Enjolras.

– Está-nos dando um sinal – disse Combeferre.

Uma corrida precipitada perturbou a rua deserta; alguém, mais ágil que um saltimbanco, subiu no ônibus, e Gavroche pulou para o interior da barricada gritando quase sem fôlego:

– Minha espingarda! Eles vêm aí!

Uma faísca elétrica percorreu toda a barricada e ouviu-se o ruído de mãos à procura das armas.

– Quer a minha carabina? – disse Enjolras ao garoto.

– Quero a espingarda – respondeu Gavroche.

E pegou a arma de Javert.

Duas sentinelas tinham-se recolhido, chegando quase ao mesmo tempo que Gavroche. Eram as sentinelas da Rue Saint-Denis e da Rue Petite-Truanderie. A sentinela da Rue des Prêcheurs continuara em seu posto, sinal de que nada vinha do lado das pontes e de Les Halles.

A Rue de la Chanvrerie, onde apenas algumas pedras eram visíveis ao reflexo da lanterna que iluminava a bandeira, oferecia aos revoltosos o aspecto de um grande pórtico negro vagamente aberto no meio de espessa fumaça.

Cada um correu para seu posto de combate.

Quarenta e três revoltosos, entre os quais Enjolras, Combeferre, Courfeyrac, Bossuet, Joly, Bahorel e Gavroche, estavam ajoelhados por trás da grande barricada, com a cabeça no nível, canos das espingardas e carabinas assentados sobre as pedras como em seteiras, atentos, prontos a fazer fogo. Seis, comandados por Feuilly, estavam instalados, com as armas engatilhadas, nas janelas dos dois andares da taverna Corinto.

Passaram-se ainda alguns instantes; depois um ruído de passos, medido, pesado, numeroso, se fez ouvir distintamente para os lados de Saint-Leu. Esse ruído, a princípio fraco, depois preciso, depois pesado e sonoro, aproximava-se lentamente, sem interrupção, com uma continuidade tranquila e terrível. Não se ouvia mais nada. Era, ao mesmo tempo, o silêncio e o ruído da estátua do Comendador,[173] mas aqueles passos de pedra eram algo enorme e múltiplo, que despertava ao mesmo tempo a ideia de uma multidão e de um espectro. Julgavam ouvir a marcha terrível da estátua-legião. Os passos se aproximavam; aproximaram-se mais ainda e pararam. Parecia ouvir-se, na extremidade da rua, a respiração de muitos homens. Contudo, nada se podia ver; distinguia-se apenas, no fundo, naquela escuridão espessa, uma multidão de lâminas metálicas, finas como agulhas e quase imperceptíveis, que se agitavam, semelhantes a essas indescritíveis redes fosforescentes que, quando adormecemos, vemos de olhos fechados nas primeiras névoas do sono. Eram as baionetas e os canos das espingardas, confusamente iluminados pelo clarão longínquo do archote.

Houve nova pausa, como se ambos os lados estivessem à espreita. De repente, do fundo dessa sombra, uma voz, tanto mais sinistra por não se ver pessoa alguma e que parecia ser a própria escuridão que falasse, gritou:

– Quem está aí?

Ao mesmo tempo, ouviu-se o ruído de espingardas que se engatilhavam.

Enjolras respondeu, vibrante e altivo:

– A Revolução Francesa!

– Fogo! – disse a voz.

Um relâmpago vermelho iluminou todas as fachadas da rua como se a porta de uma fornalha se abrisse e fechasse bruscamente.

Horríveis disparos ouviram-se por sobre a barricada. A bandeira vermelha caiu. A descarga havia sido tão violenta e tão densa que lhe cortara a haste, isto é, a extremidade de um dos varais do ônibus. As balas, ricocheteando pelas paredes das casas, penetraram na barricada, ferindo vários homens. A impressão dessa primeira descarga foi tremenda. O ataque era tão forte que preocupou os mais corajosos. Era evidente que deviam bater-se, no mínimo, com um regimento inteiro.

– Camaradas! – gritou Courfeyrac. – Não desperdicem pólvora. Para responder, esperem que eles entrem na rua.

– E, antes de tudo – disse Enjolras –, ergamos a bandeira!

E a levantou do chão, pois havia caído bem a seus pés.

Fora, ouvia-se o tinir das varetas no cano das espingardas; a tropa tornava a carregar as armas. Enjolras replicou:

– Quem tem coragem aqui? Quem é capaz de levantar novamente a bandeira?

Ninguém respondeu. Subir à barricada no momento em que, sem dúvida, estava sob a mira de tantas armas, era simplesmente a morte. O mais corajoso hesita em se condenar. O próprio Enjolras teve medo. E repetiu:

– Ninguém se apresenta?

II | A BANDEIRA: SEGUNDO ATO

Desde que haviam chegado a Corinto, desde que haviam iniciado a construção das barricadas, ninguém mais se preocupara com o velho Mabeuf. Contudo, ele continuava a fazer parte do grupo. Entrara para a taverna, sentando-se por trás do balcão. Lá, por assim dizer, se aniquilara em si mesmo. Parecia não pensar, parecia não ver mais nada. Courfeyrac e outros chegaram-se a ele por duas ou três vezes, advertindo-o do perigo, convidando-o para que se retirasse, sem que ele desse mostras de entender o que se passava. Quando não lhe falavam, seus lábios se moviam como se respondesse a alguém, e, quando lhe dirigiam a

palavra, ficavam imóveis, enquanto os olhos pareciam não ter mais vida. Algumas horas antes que a barricada fosse atacada, ele havia tomado uma posição da qual não mais saíra, com os punhos apoiados aos joelhos, a cabeça inclinada para a frente como se estivesse olhando para um precipício. Nada conseguiu tirá-lo dessa atitude; parecia que seu espírito estava fora das barricadas. Quando cada um se dirigiu a seu posto de combate, na sala ao rés do chão ficaram somente Javert amarrado à coluna, um dos revoltosos de sabre desembainhado vigiando Javert e ele, Mabeuf. No momento do ataque, ao se ouvirem os primeiros disparos, o abalo físico como que o acordara. Mabeuf levantou-se bruscamente, atravessou a sala e, no momento em que Enjolras repetiu seu apelo: – Ninguém se apresenta? –, viram o velho aparecer no limiar da porta da taverna.

Sua presença produziu certa comoção entre os diversos grupos. Um grito se levantou:

– É o votante! É o convencionalista! É o representante do povo!

É bem provável que ele nada ouvisse.

Ele caminhou direto até Enjolras; os revoltosos afastavam-se diante dele com um temor religioso; arrancou a bandeira das mãos de Enjolras, que recuou petrificado, e então, sem que ninguém ousasse interrompê-lo ou ajudá-lo, o ancião de oitenta anos, de cabeça trêmula, passos firmes, pôs-se a subir lentamente a escada de pedras construída na parte interna da barricada. A cena era tão sombria e grandiosa que todos ao seu redor gritaram: – Tirem os chapéus! – A cada degrau que subia, tornava-se mais terrível; os cabelos brancos, o rosto cansado, a larga fronte calva e enrugada, os olhos encovados, os lábios entreabertos e admirados, os braços trêmulos empunhando a bandeira vermelha, surgindo da sombra e crescendo à claridade sangrenta do archote, julgavam ver surgir da terra o espectro de 93 desfraldando a bandeira do Terror.

Quando subiu o último degrau, quando aquele fantasma trêmulo e terrível, de pé sobre uma montanha de escombros, enfrentando duzentas espingardas invisíveis, se levantou, encarando a morte como se fosse mais forte que ela, toda a barricada viu em meio às trevas um vulto gigantesco, colossal. Houve um silêncio dos que só são possíveis na presença de prodígios.

No meio desse silêncio, o velho agitou a bandeira vermelha e gritou:

– Viva a Revolução! Viva a República! Fraternidade! Igualdade! e morte!

Ouviu-se então um murmúrio baixo e rápido como quando um sacerdote apressado recita uma oração. Talvez fosse o Comissário de Polícia fazendo as

intimações legais na outra extremidade da rua.

Depois, a mesma voz sonora que havia gritado: – Quem está aí? – gritou:

– Retire-se!

O velho Mabeuf, pálido, desorientado, de olhos iluminados pelas lúgubres chamas da alucinação, levantou a bandeira acima da cabeça e repetiu:

– Viva a República!

– Fogo! – disse a voz.

Uma segunda descarga, semelhante a uma metralha, caiu sobre a barricada.

O velho dobrou-se sobre os joelhos, depois levantou-se, deixou cair a bandeira e tombou para trás de costas na calçada, como uma tábua, estendido, com os braços em cruz. Do seu corpo corriam filetes de sangue. A velha cabeça, pálida e triste, parecia contemplar o céu.

Uma dessas emoções superiores ao homem, que fazem com que esqueçamos até de nos defendermos apoderou-se dos revoltosos, que se aproximaram do cadáver com respeitosa admiração.

– Que homens, esses regicidas! – disse Enjolras.

Courfeyrac inclinou-se ao ouvido de Enjolras.

– Isto é só para você, e eu não quero diminuir o entusiasmo. Ele não era um regicida. Eu o conhecia. Chamava-se Mabeuf. Não sei o que tinha hoje. Era um tolo de coragem. Veja a sua cabeça.

– Cabeça tola, coração de Brutus – respondeu Enjolras.

Depois, levantou a voz:

– Cidadãos! Este é o exemplo que os velhos dão aos moços. Nós hesitamos, ele veio! Nós recuamos, ele avançou! Eis o que os que tremem de velhice ensinam aos que tremem de medo! Este ancião é augusto diante da pátria. Teve vida longa e morte magnífica! Agora, recolhamos-lhe o cadáver; que cada um defenda este velhinho morto como se defendesse a vida do próprio pai; que sua presença em nosso meio torne inexpugnável esta barricada!

Um murmúrio de adesão, sombria mas enérgica, seguiu essas palavras.

Enjolras curvou-se, levantou a cabeça do ancião, beijando-lhe a fronte; depois, afastando-lhe os braços, movendo esse morto com terna precaução, como se temesse molestá-lo, despiu-lhe o casaco, mostrando a todos os circunstantes os buracos ensanguentados das balas, e disse:

– É esta, agora, a nossa bandeira.

III | SERIA MELHOR QUE GAVROCHE TIVESSE ACEITADO A CARABINA DE ENJOLRAS

O cadáver do velho Mabeuf foi coberto com um velho xale preto de *Mame* Hucheloup. Seis homens fizeram das espingardas uma padiola, nela puseram o cadáver e o carregaram de cabeça descoberta, devagar, solenemente, para a grande mesa da sala ao rés do chão.

Aqueles homens, completamente absortos na ação grave e sagrada que executavam, não pensaram mais na situação perigosa em que se encontravam.

Quando o cadáver passou ao lado de Javert, sempre impassível, Enjolras disse ao espião:

– Você! Logo mais!

Enquanto isso, o pequeno Gavroche, o único que não havia deixado o posto de observação, julgou ver homens se aproximarem sorrateiramente da barricada. De repente, gritou:

– Cuidado!

Courfeyrac, Enjolras, Jean Prouvaire, Combeferre, Joly, Bahorel, Bossuet, todos saíram em tumulto da taverna. Quase não dava mais tempo. Já se via o brilho de grande número de baionetas ondulando acima da barricada. Guardas municipais de alta estatura já se dispunham a entrar, alguns passando por cima do ônibus, outros pela pequena abertura, empurrando para trás o garoto que recuava mas não fugia.

O instante era crítico. Era o primeiro temível minuto da inundação, quando o rio se levanta à altura da barragem e a água começa a se infiltrar pelas fendas do dique. Mais um segundo e a barricada seria tomada.

Bahorel lançou-se sobre o primeiro soldado que entrava e o matou com um tiro de carabina; o segundo matou Bahorel com um golpe de baioneta. Outro já havia derrubado Courfeyrac, que gritava. O maior deles, uma espécie de colosso, corria para Gavroche de baioneta em riste. O garoto pegou com seus pequenos braços a enorme espingarda de Javert, mirou corajosamente o gigante e atirou. Mas Javert não havia carregado a arma. O guarda municipal deu uma gargalhada e avançou contra o moleque.

Antes que a baioneta tocasse em Gavroche, a espingarda escapara das mãos do soldado, que tombou para trás; uma bala o atingira no meio da testa. Um segundo disparo atingiu em pleno peito outro guarda que havia atacado Courfeyrac, jogando-o ao chão.

Era Marius que acabava de entrar na barricada.

IV | O BARRIL DE PÓLVORA

Marius, sempre escondido na esquina da Rue Mondétour, havia assistido à primeira fase do combate, irresoluto e trêmulo. Contudo, não conseguira resistir por muito tempo àquela vertigem misteriosa e soberana que poderíamos chamar de atração pelo abismo. Diante da iminência do perigo, diante da morte do Sr. Mabeuf, esse enigma fúnebre, diante da morte de Bahorel e dos gritos de Courfeyrac, uma criança em perigo, ao ver os amigos pedindo ajuda ou vingança, sentiu desvanecer-se qualquer hesitação, precipitando-se na luta empunhando as duas pistolas de Javert. Com o primeiro disparo, salvara Gavroche e com o segundo libertara Courfeyrac.

Ao estampido dos tiros, aos gritos dos guardas feridos, os assaltantes haviam subido à barricada, em cuja crista se viam agora levantar-se, a meio corpo e em grande número, guardas municipais, soldados de infantaria e guardas nacionais dos subúrbios, todos de armas carregadas. Eles cobriam já mais de dois terços da barreira, sem contudo saltarem para seu interior, como se hesitassem, temendo uma cilada. Olhavam para a barricada escura como se olhassem para um antro de leões. A luz do archote iluminava somente as baionetas, as barretinas felpudas e a parte superior de rostos inquietos e irritados.

Marius não tinha mais armas, jogando para longe as pistolas descarregadas; mas já havia visto o barril de pólvora na sala do rés do chão, perto da porta.

Como estava meio voltado, olhando para aquela parte, um soldado apontou-lhe a arma. Nesse momento, uma mão agarrou a extremidade do cano da espingarda como para tapá-lo. Alguém decidira intervir. Era o jovem operário de calças de veludo. A bala atravessou-lhe a mão, e talvez o peito, pois o jovem caiu, mas a bala não atingiu Marius. Tudo isso aconteceu em meio a grande fumaça, mais entrevisto do que propriamente visto.

Marius, que entrara para a taverna, quase não percebeu bem o que se passara. Contudo, havia visto confusamente a arma apontada para ele, a mão que a desviara e o disparo. Mas, em instantes como esses, os acontecimentos se precipitam, sem dar tempo para considerações. Todos se sentem misteriosamente impelidos para trevas ainda mais densas, e tudo é nevoeiro.

Os revoltosos, surpreendidos mas não amedrontados, tinham-se reunido. Enjolras gritara: – Esperem! Não atirem ao acaso! – Com efeito, naquela confusão inicial, poderiam ferir-se mutuamente. A maioria deles havia subido às janelas do primeiro andar e ao sótão, de onde dominavam os assaltantes. Os mais resolutos, como Enjolras, Courfeyrac, Jean Prouvaire e Combeferre, haviam-se

encostado corajosamente às casas do fundo, a descoberto, de frente para as fileiras de soldados e de guardas que coroavam a barricada.

Tudo se fez sem precipitação, com a gravidade estranha e ameaçadora que precede as revoltas. De ambas as partes, apontavam-se as armas a tão pouca distância que se poderia conversar sem dificuldade. Quando chegaram ao momento em que a centelha está prestes a brilhar, um Oficial de gola bordada e grandes dragonas desembainhou a espada e gritou:

– Apontar!

– Fogo! – disse Enjolras.

Ambas as detonações ecoaram ao mesmo tempo, e tudo desapareceu no meio da fumaça. Fumaça amarga e sufocante, em que se arrastavam, com gemidos fracos e surdos, moribundos e feridos.

Quando o fumo se dissipou, viram-se de ambos os lados combatentes aturdidos, mas sempre nos mesmos lugares, tornando a carregar as armas em silêncio. De repente ouviu-se uma voz forte que gritava:

– Retirem-se, ou faço saltar a barricada!

Todos se voltaram para o lado de onde vinha a voz.

Marius havia entrado na taverna e carregara consigo o barril de pólvora; depois, aproveitando-se da fumaça e da espécie de nevoeiro que se espalhara pela rua, esgueirara-se ao longo da barricada até o monte de pedras onde estava fixado o archote. Arrancar o archote, colocar no seu lugar o barril de pólvora, empurrar o monte de pedras para debaixo do barril que logo se abriu com uma espécie de terrível obediência, tudo isso exigiu de Marius apenas o tempo de se abaixar e de se levantar; e agora todos, guardas nacionais, guardas municipais, oficiais, soldados, agrupados do outro lado da barricada, o olhavam admirados de pé, em cima das pedras, com o archote na mão, o rosto corajoso iluminado por uma fatal resolução, inclinando a chama do archote na direção onde se distinguia o barril de pólvora, gritando de modo terrível:

– Retirem-se, ou faço saltar a barricada!

Marius, em cima daquelas pedras, depois do octogenário, era a visão da jovem revolução depois da velha.

– Saltar a barricada! – disse um sargento. – E você também!

Marius respondeu:

– Eu também!

E aproximou o archote do barril de pólvora.

Mas já não havia ninguém em cima da barragem. Os assaltantes,

abandonando seus mortos e feridos, afastavam-se em desordem para a extremidade da rua, sumindo na escuridão da noite. Foi um salve-se quem puder.

A barricada estava livre.

V | FIM DOS VERSOS DE JEAN PROUVAIRE

Todos rodearam Marius. Courfeyrac saltou-lhe ao pescoço.

– Ei-lo enfim!

– Que felicidade! – disse Combeferre.

– Você chegou na hora exata! – disse Bossuet.

– Sem você eu estaria morto! – replicou Courfeyrac.

– Sem você eu teria sido estripado! – acrescentou Gavroche.

Marius perguntou:

– Onde está o chefe?

– É você – disse Enjolras.

Marius, durante todo o dia, sentira uma fornalha no cérebro; agora sentia um turbilhão que, apesar de estar no seu íntimo, parecia estar fora dele, arrastando-o consigo. Julgou ter estado a uma enorme distância da vida. Seus dois luminosos meses de alegria e de amor, terminando bruscamente naquele horrível precipício, Cosette perdida para ele, o Sr. Mabeuf deixando-se matar pela República, ele próprio feito chefe dos revoltosos, todas essas coisas lhe pareciam um pesadelo monstruoso. Viu-se obrigado a fazer um grande esforço mental para capacitar-se de que tudo o que o rodeava era real. Marius vivera ainda muito pouco para saber que não há nada mais iminente que o impossível, e que o que sempre devemos prever é o imprevisto. Ele assistia a seu próprio drama como a uma peça incompreensível.

Na névoa desses pensamentos, não reconhecera Javert, amarrado à coluna, que não fizera o menor movimento durante o ataque à barricada, vendo agitar-se a seu redor a revolta com a resignação de um mártir e a majestade de um juiz. Marius nem sequer o vira.

Entretanto, os agressores não se moviam; ouviam-nos marchar no extremo oposto da rua, mas não se aventuravam mais, fosse porque esperavam novas ordens, fosse porque, antes de atacar novamente, esperavam reforços. Os revoltosos haviam postado sentinelas, e alguns que eram estudantes de medicina puseram-se a cuidar dos feridos.

Transportaram-se as mesas da taverna para a rua, à exceção das duas reservadas aos cartuchos e às ataduras e da mesa em que jazia o velho Mabeuf; reforçaram com elas a barricada, substituindo-as na sala ao rés do chão pelos colchões das camas da viúva Hucheloup e de suas criadas. Sobre esses colchões, deitaram os feridos. Quanto às três pobres criaturas que moravam na taverna, ninguém soube o que aconteceu. Por fim, encontraram-nas escondidas na adega.

Uma emoção pungente veio ensombrear a alegria da barricada.

Fez-se a chamada. Faltava um dos revoltosos. Quem? Um dos mais queridos, um dos mais valentes: Jean Prouvaire. Procuraramno entre os mortos; não o acharam. Evidentemente, tinha sido feito prisioneiro.

Combeferre disse a Enjolras:

– Eles têm o nosso amigo; nós temos o agente deles. Você quer mesmo a morte deste espião?

– Quero – respondeu Enjolras –, porém menos que a vida de Jean Prouvaire.

Isso se passava na sala ao rés do chão, perto da coluna em que Javert estava amarrado.

– Pois bem – replicou Combeferre –, vou amarrar o lenço à minha bengala e parlamentar com eles, propondo-lhes a troca do homem deles pelo nosso.

– Escute – disse Enjolras, apoiando-se ao braço de Combeferre.

Ouviu-se no fim da rua um tinir de armas muito significativo.

Uma voz de homem gritou:

– Viva a França! Viva o futuro!

Era a voz de Prouvaire.

Viu-se um clarão e depois um disparo.

– Eles o mataram – gritou Combeferre.

Enjolras encarou Javert e lhe disse:

– Os seus amigos acabam de condená-lo à morte.

VI | A AGONIA DA MORTE DEPOIS DA AGONIA DA VIDA

Uma singularidade desse tipo de guerra é que o ataque às barricadas se faz quase sempre de frente e que, em geral, os atacantes se abstêm de trocar de posição, seja porque temam emboscadas, seja porque receiem aventurar-se por ruas tortuosas. Toda a atenção dos revoltosos se concentrava, portanto, na grande barricada, que era evidentemente o ponto mais ameaçado e onde a luta devia

fatalmente recomeçar. Contudo, Marius preocupara-se com a barricada menor e para lá se dirigira. Estava deserta, vigiada unicamente pela lanterna que tremeluzia no meio das pedras. Aliás, a Rue Mondétour e as travessas das Rues de la Petite-Truanderie e du Cygne estavam profundamente calmas.

Quando Marius, feita a inspeção, já se ia retirar, ouviu seu nome pronunciado por uma voz fraca em meio à escuridão:

– Sr. Marius!

Marius estremeceu ao reconhecer a voz que o havia chamado duas horas antes, através das grades da Rue Plumet. Só que agora não parecia mais que um sopro. Olhou ao redor e não viu ninguém. Marius julgou ter-se enganado; talvez fosse uma ilusão acrescentada por seu espírito às realidades extraordinárias que se chocavam ao seu redor. Deu um passo para se afastar do beco onde estava a barricada.

– Sr. Marius! – repetiu a voz.

Dessa vez não pôde duvidar; ouvira-a distintamente; olhou ao redor, mas nada viu.

– Aos seus pés – disse a voz.

Curvou-se e viu no escuro uma forma humana que se dirigia para ele. A sombra arrastava-se pelas pedras. Era quem o chamava.

A lanterna permitia-lhe ver uma blusa, calças rasgadas de veludo, pés descalços, algo semelhante a uma poça de sangue. Marius entreviu uma cabeça pálida que se levantava em sua direção, dizendo-lhe:

– Não me reconhece?

– Não.

– Eponine.

Marius abaixou-se vivamente. Com efeito, era aquela infeliz criança. Estava vestida de homem.

– Como é que você está aqui? Que está fazendo aí?

– Morrendo – disse ela.

Há palavras e incidentes capazes de despertar os seres mais acabrunhados. Marius exclamou, sobressaltado:

– Você está ferida! Espere que vou levá-la para a sala. Lá cuidarão de você. É grave? Como devo carregá-la para não a machucar? Onde está ferida? Socorro! Meu Deus! Mas que veio fazer aqui?

Tentou passar os braços por baixo dela para levantá-la.

Ao fazê-lo, tocou-lhe a mão.

Eponine deu um grito.

– Machuquei-a? – perguntou Marius.

– Um pouco.

– Mas eu só toquei na sua mão.

Eponine levantou a mão para Marius, e ele pôde ver no centro de sua palma um buraco escuro.

– Que é que você tem na mão? – perguntou.

– Está furada.

– Furada!

– Sim.

– Mas como?

– Por uma bala.

– Quando?

– Viu uma espingarda que apontava para o senhor?

– Vi; vi também a mão que a desviou.

– Era a minha.

Marius estremeceu.

– Que loucura! Pobre criança! Mas tanto melhor; se é só isso, não é nada; deixe-me levá-la para uma cama. Lá cuidarão de você. Ninguém morre por causa de uma simples ferida.

Ela murmurou:

– A bala atravessou a mão, mas saiu-me pelas costas. É inútil querer me mover daqui. Vou dizer-lhe como me poderá curar, melhor que qualquer cirurgião. Sente-se perto de mim, nesta pedra.

Marius obedeceu; Eponine apoiou a cabeça nos joelhos de Marius e, sem olhar para ele, disse:

– Oh! como é bom! Como estou bem! Pronto. Não sofro mais.

Ela ficou um momento em silêncio; depois virou o rosto com esforço e olhou para Marius.

– Sabe de uma coisa, Sr. Marius? Eu não gostava que o senhor entrasse naquele jardim; mas era bobagem, porque afinal fui eu quem lhe mostrei a casa; e, depois, eu deveria saber que um moço como o senhor…

Eponine parou de falar, transpondo as sombrias transições que sem dúvida havia em seu espírito, e replicou, sorrindo penosamente:

– O senhor me achava feia, não é?

E continuou:

– Está vendo, o senhor está perdido! Agora ninguém conseguirá sair da barricada. E fui eu quem o trouxe para cá. O senhor vai morrer. Tenho certeza de que vai morrer. Contudo, quando vi que lhe apontavam uma arma, quis desviar-lhe o tiro. Que bobagem! Mas é que eu queria morrer antes do senhor. Quando recebi aquela bala, arrastei-me para cá; ninguém me viu, ninguém me socorreu. Eu o esperava, dizendo: – Ele não vem! – Oh! se o senhor soubesse! Eu mordia a minha blusa, sofria tanto! Agora estou bem. Lembra-se do dia em que entrei no seu quarto e me olhei naquele espelho, do dia em que o encontrei na rua ao lado das mulheres que trabalhavam? Como os passarinhos, elas cantavam! Não faz tanto tempo assim. O senhor me deu cem soldos, mas eu lhe disse: – Não quero dinheiro. – O senhor pelo menos apanhou a moeda do chão? Sei que não é rico. Nem me lembrei de o avisar para que a apanhasse. Lembra-se, Sr. Marius? Oh! estou tão feliz! Todos vão morrer.

Ela parecia transtornada, séria, emocionada. A blusa rasgada mostrava-lhe o peito nu. Enquanto falava, ela apertava a mão ferida contra o peito, onde se via outra chaga da qual, de quando em quando, saía uma golfada de sangue, como um jato de vinho de um barril aberto.

Marius contemplava aquela pobre criatura com profunda compaixão.

– Ai! – disse ela de repente –, outra vez. Falta-me o ar.

Pegando a blusa, pôs-se a mordê-la; as pernas se lhe inteiriçavam sobre as pedras da rua.

Nesse momento, a voz jovem do pequeno Gavroche, imitando o canto do galo, ressoou pela barricada. O menino subira a uma mesa para carregar a espingarda e cantava alegremente a canção muito popular na época:

En voyant Lafayette
Le gendarme répète:
Sauvons-nous! sauvons-nous! sauvons-nous! [174]

Eponine levantou-se, escutou e depois disse:

– É ele!

E, voltando-se para Marius:

– Meu irmão está lá. Não quero que me veja. Iria ralhar comigo.

– Seu irmão? – perguntou Marius, que pensava no mais amargo e no mais doloroso do seu coração, nos deveres que seu pai lhe havia legado com respeito aos Thénardier. – Quem é seu irmão?

– O menino.

– Aquele que canta?

– É.

Marius fez um gesto.

– Oh! Não se vá ainda! – disse ela. – Não vai demorar muito!

Ela estava quase sentada, mas sua voz, muito fraca, era entrecortada por soluços. Às vezes faltava-lhe a respiração. Ela aproximava o mais que podia o seu rosto ao rosto de Marius. Eponine continuou com estranha expressão:

– Escute, não quero pregar-lhe uma farsa. Tenho no bolso uma carta para o senhor. Desde ontem. Mandaram-me colocá-la no correio. Eu a guardei comigo. Não queria que o senhor a lesse. Mas talvez o senhor ralhasse comigo quando nos encontrássemos daqui a pouco. A gente torna a se ver, não é? Pegue a carta.

Ela agarrou convulsivamente a mão de Marius com a mão ferida, parecendo já não sentir nenhuma dor, e levou-a ao bolso da blusa; Marius sentiu ali um papel.

– Pegue – disse ela.

Marius pegou a carta.

Eponine fez um sinal de satisfação e de consentimento.

– Agora, pelo meu trabalho, prometa-me…

E parou.

– O quê? – perguntou Marius.

– Prometa-me!

– Eu prometo.

– Prometa dar-me um beijo na minha fronte depois que eu morrer. Eu o sentirei.

Eponine deixou cair a cabeça sobre os joelhos de Marius e suas pálpebras se fecharam. Marius pensou que aquela pobre alma estava morta. Eponine continuava imóvel. De repente, no instante em que Marius a julgava adormecida para sempre, ela abriu lentamente os olhos, em que se via a sombria profundidade da morte, e lhe disse com uma expressão cuja doçura parecia já vir de um outro mundo.

– E depois, olhe, Sr. Marius, acho que eu estava um pouco apaixonada pelo senhor.

Tentou ainda sorrir e expirou.

VII | GAVROCHE, PROFUNDO CALCULADOR DE DISTÂNCIAS

Marius cumpriu a promessa. Depôs um beijo naquela fronte lívida e gélida, brilhante de suor. Não era infidelidade para com Cosette; era um adeus triste e terno a uma alma infeliz.

Não foi sem emoção que recebera a carta que Eponine lhe trouxera. No mesmo instante percebeu ali algo importante. Estava impaciente. O coração do homem é assim; a pobre menina apenas havia fechado os olhos e Marius já pensava em desdobrar aquele papel. Estendeu o cadáver docemente no chão e se afastou. Algo lhe segredava que não podia ler aquela carta diante do cadáver.

Aproximou-se de uma vela na sala ao rés do chão. Era um pequeno bilhete dobrado e fechado com o capricho próprio das mulheres. O sobrescrito denunciava letra de mulher e dizia:

Ao Sr. Marius Pontmercy, aos cuidados do Sr. Courfeyrac, Rue de la Verrerie, número 16.

Abriu o envelope e leu:

Querido, infelizmente meu pai exige que eu parta imediatamente. Esta noite estaremos na Rue de l'Homme-Armé, número 7. Em oito dias estaremos em Londres. – Cosette, 4 de junho.

Tal era a inocência daquele amor que Marius não conhecia ainda a caligrafia de Cosette.

O que havia acontecido pode ser dito em poucas palavras. Eponine fizera tudo. Depois da noite de 3 de junho, tivera uma dupla preocupação; anular os projetos do pai e dos bandidos sobre a casa da Rue Plumet e separar Marius de Cosette. Havia trocado seus farrapos com o primeiro folgazão que achara interessante vestir-se de mulher, enquanto Eponine se disfarçava com trajes masculinos. Fora ela quem dera a Jean Valjean no Champ de Mars aquele expressivo aviso: Mude-se. Jean Valjean, com efeito, voltara à casa e dissera a Cosette: – Mudamo-nos esta noite mesmo para a Rue de l'Homme-Armé, com a Sra. Toussaint. Na próxima semana, estaremos em Londres. – Cosette, aterrada pelo golpe inesperado, escrevera apressadamente duas linhas para Marius. Mas como mandar-lhe a carta pelo correio? Nunca saía só e Toussaint, surpresa por semelhante incumbência, certamente teria mostrado a carta ao Sr. Fauchelevent. Nessa ansiedade Cosette viu, através das grades do jardim, Eponine vestida de rapaz, girando continuamente pelos arredores. Cosette chamou "o rapazinho", deu-lhe cinco francos e a carta, dizendo-lhe: – Leve-me esta carta imediatamente a este endereço. – Eponine guardara a carta no bolso. No dia seguinte, 5 de

junho, foi à casa de Courfeyrac à procura de Marius, não para entregar-lhe a carta, mas, coisa que toda alma ciumenta enamorada compreenderá,“para ver”. Lá ela esperara por Marius ou, ao menos, por Courfeyrac, sempre para ver. Quando Courfeyrac lhe disse: – Iremos para as barricadas –, veio-lhe uma ideia: lançar-se àquela morte, como se teria lançado a qualquer outra morte, e atrair Marius ao mesmo destino. Ela seguira Courfeyrac, assegurando-se do lugar onde se construía a barricada e, desde que Marius não havia recebido nenhum aviso, pois lhe interceptara a carta, certa de que iria à noite para o encontro costumeiro de todos os dias, dirigiu-se à Rue Plumet, esperou por Marius, transmitindo-lhe, em nome de seus amigos, o apelo que, pensava ela, deveria atraí-lo às barricadas. Contara com o desespero de Marius ao não encontrar Cosette e não se enganara. Voltara, por sua vez, à Rue de la Chanvrerie. Acabamos de ver o que chegou a provocar. Morrera com a alegria trágica dos corações ciumentos que arrastam o ser amado para a morte, dizendo: – Ninguém o possuirá!

Marius cobriu de beijos a carta de Cosette. Então ela o amava! Teve por um instante a ideia de que não devia mais morrer. Depois disse: – Mas ela vai-se embora. O pai leva-a para a Inglaterra, e meu avô se opõe ao casamento. Nada mudou na minha fatalidade. – Idealistas, como Marius, têm desses desânimos supremos, de que resultam resoluções desesperadas. A fadiga da vida é-lhes insuportável; a morte é muito mais simples.

Pensou então que ainda lhe restava cumprir dois deveres: informar Cosette acerca da sua morte e salvar da catástrofe iminente que se preparava aquele pobre menino, irmão de Eponine, filho dos Thénardier.

Marius trazia com ele um pequeno caderno, semelhante àquele em que escrevera tantos pensamentos de amor a Cosette. Arrancou-lhe uma folha e escreveu a lápis estas linhas:

Nosso casamento era impossível. Pedi licença a meu avô, ele a recusou; sou pobre, você também é pobre. Corri à sua casa, mas não a encontrei. Você conhece a palavra que eu lhe dei; eu a mantenho. Vou morrer. Eu a amo. Quando você ler estas linhas, minha alma estará a seu lado e lhe sorrirá.

Não tendo envelope, limitou-se a dobrar o papel em quatro, pondo-lhe este endereço:

À Srta. Cosette Fauchelevent, Rue de l’Homme-Armé, número 7.

Dobrada a carta, permaneceu pensativo por alguns momentos, tornou a pegar o caderno, abriu-o e escreveu, com o mesmo lápis, na primeira página, estas linhas:

Chamo-me Marius Pontmercy. Levem o meu cadáver para a casa de meu avô, o Sr. Gillenormand, Rue des Filles-du-Calvaire, número 6, no Marais.

Tornou a guardar o caderno no bolso do casaco e depois chamou Gavroche.
O garoto, à voz de Marius, atendeu, alegre e prestimoso.

– Quer fazer-me um favor?

– Todos – disse Gavroche. – Deus do céu! Sem o senhor, verdade que eu já estaria cozido.

– Está vendo esta carta?

– Estou.

– Tome-a. Saia bem depressa da barricada (Gavroche, inquieto, começou a coçar as orelhas) e, amanhã de manhã, leve-a a este endereço, à Srta. Cosette Fauchelevent, Rue de l'Homme-Armé, número 7.

O heroico rapazinho respondeu:

– Está bem, mas nesse tempo assaltarão a barricada e eu não estarei lá.

– Segundo tudo indica, a barricada não será atacada senão amanhã, e antes do meio-dia não conseguirão tomá-la – disse Marius.

A nova pausa que os assaltantes davam às barricadas já se prolongava havia bastante tempo. Era uma dessas intermitências frequentes nos combates noturnos, seguidas sempre de maior encarniçamento.

– Bem – disse Gavroche –, e se eu fosse levar esta carta amanhã cedo?

– Seria tarde demais. Provavelmente a barricada estaria bloqueada, todas as ruas estariam guardadas e você não poderia sair. Vá agora mesmo.

Gavroche não achou como replicar, e ficou ali, indeciso, coçando a orelha tristemente. De repente, com um daqueles movimentos de passarinho que lhe eram próprios, pegou a carta.

– Está bem – disse.

E saiu correndo pela Rue Mondétour.

Gavroche tivera uma ideia que o havia decidido, mas que não comunicara a Marius, de medo que ele fizesse alguma objeção.

Eis qual era:

“Ainda é meia-noite, a Rue de l’Homme-Armé não fica longe; levarei a carta e estarei de volta a tempo.”

LIVRO DÉCIMO QUINTO
A RUE DE L’HOMME-ARMÉ

I | O MATA-BORRÃO INDISCRETO

Que são os motins de uma cidade ao lado das tormentas da alma? O homem é um abismo maior ainda que o povo. Jean Valjean, naquele mesmo instante, era presa de medonha agitação interior. Todos os precipícios tornavam a abrir-se-lhe no íntimo. Ele também, como Paris, sentia-se comovido às portas de uma revolução terrível e obscura. Algumas horas tinham sido suficientes. Seu destino e sua consciência cobriram-se bruscamente de sombras. Dele, como de Paris, poder-se-ia dizer: os dois princípios estão na presença um do outro. O anjo branco e o anjo negro vão lutar corpo a corpo sobre a ponte do abismo. Qual dos dois precipitará o outro? Qual dos dois vencerá?

Na vigília daquele mesmo dia 5 de junho, Jean Valjean, acompanhado de Cosette e de Toussaint, tinha-se instalado na Rue de l’Homme-Armé, onde o esperava uma peripécia.

Cosette não havia deixado a Rue Plumet sem tentar opor-se. Pela primeira vez, desde que ambos viviam lado a lado, a vontade de Cosette e a vontade de Jean Valjean tinham discordado e, se não se magoaram, se opuseram. De um lado, houvera objeção; do outro, inflexibilidade. O inesperado conselho: *Mude-se*, jogado por um desconhecido a Jean Valjean, alarmara-o a ponto de torná-lo despótico. Julgava-se descoberto e perseguido. Cosette foi obrigada a ceder.

Ambos haviam chegado à Rue de l’Homme-Armé sem descerrar os dentes e sem dizer palavra, absortos cada um nas suas preocupações pessoais; Jean Valjean tão preocupado que não via a tristeza de Cosette, Cosette tão triste que não percebia a inquietação de Jean Valjean.

Jean Valjean levara consigo Mme. Toussaint, o que jamais fizera nas suas ausências anteriores. Julgara talvez que não pudesse voltar à Rue Plumet, não sendo prudente deixar Toussaint para trás, nem revelar-lhe o segredo. Aliás, achava-a devotada e séria. Desde o criado até o patrão, a traição começa sempre pela curiosidade. Mas Toussaint, como se tivesse sido predestinada a criada de

Jean Valjean, não era curiosa. Costumava dizer, gaguejando como boa camponesa de Barneville: – Eu sou assim; cumpro minha obrigação, e o resto não é da minha conta.

Nessa mudança da Rue Plumet, quase uma fuga, Jean Valjean nada levara consigo, além da pequena valise perfumada, batizada por Cosette de *a inseparável*. Malas cheias teriam exigido carregadores, e carregadores são testemunhas. Chamara um fiacre à porta da Rue de Babylone, e de lá partiram.

A muito custo Toussaint conseguira permissão para levar algumas roupas brancas, poucos vestidos e alguns objetos de toalete. Cosette, por sua vez, não levou mais que o seu caderno e o material necessário para escrever.

Jean Valjean, para não dar nada a perceber sobre a mudança, arranjara tudo de modo a deixar a casa da Rue Plumet à noitinha, o que dera tempo a Cosette para escrever o bilhete a Marius, chegando à Rue de l'Homme-Armé já noite fechada.

Todos se deitaram sem nada dizer.

O apartamento da Rue de l'Homme-Armé estava situado num pátio traseiro, num segundo andar, compondo-se de dois quartos de dormir, uma sala de jantar e uma cozinha com um pequeno sótão, destinado a Toussaint. A sala de jantar servia também de antecâmara e separava os dois quartos, tendo todos os cômodos os móveis necessários.

O homem tranquiliza-se quase tão loucamente como se inquieta; é assim a natureza humana. Apenas Jean Valjean se viu na Rue de l'Homme-Armé sentiu que sua ansiedade diminuía até dissipar-se por completo. Há lugares calmos que, de algum modo, agem mecanicamente sobre o espírito. Rua escura, moradores pacatos, Jean Valjean sentiu como que um contágio de tranquilidade naquela pequena rua da Paris de outrora, tão estreita que era vedada aos veículos por uma prancha transversal apoiada sobre dois mourões nas duas extremidades, muda e surda no meio da cidade barulhenta, crepuscular em pleno dia e, por assim dizer, incapaz de emoções, entre as duas fileiras de casas centenárias que se calam de tão velhas que são. Havia ali um esquecimento estagnante. Jean Valjean respirou livremente. Como o poderiam encontrar naquele lugar?

Seu primeiro cuidado fora colocar junto de si *a inseparável*.

Dormiu bem. A noite é boa conselheira; poderíamos acrescentar: a noite acalma. Na manhã seguinte, levantou-se quase alegre. Achou encantadora a sala de jantar, que era horrível, mobiliada com uma velha mesa redonda, um pequeno aparador encimado por um espelho inclinado, uma poltrona carunchada e

algumas cadeiras ocupadas pelas trouxas de Toussaint. Numa delas, entre-via-se o uniforme da Guarda Nacional de Jean Valjean.

Quanto a Cosette, dissera a Toussaint que lhe servisse caldo quente em seu quarto, não aparecendo senão à noite.

Pelas cinco horas, Toussaint, que ia e vinha muito atarefada com os pequenos arranjos da casa, pusera sobre a mesa da sala de jantar uma galinha assada, já fria, que Cosette, por deferência ao pai, consentira em olhar.

Feito isso, queixando-se de uma dor de cabeça persistente, dissera boa-noite a Jean Valjean, fechando-se em seguida em seu quarto de dormir. Jean Valjean comera uma asa de galinha com bastante apetite e, apoiado à mesa, muito mais sossegado, voltara à sua antiga serenidade.

Enquanto jantava tão sobriamente, quase não percebera que, por duas ou três vezes, Toussaint lhe havia dito: – Senhor, temos barulho em Paris. – Mas, absorvido por uma multidão de combinações interiores, não lhe dera atenção. Para dizer a verdade, nada ouvira.

Levantou-se e se pôs a caminhar da janela à porta e da porta à janela, cada vez mais tranquilo.

Com a calma, Cosette, sua única preocupação, voltou-lhe ao pensamento. Não que se alarmasse com aquela dor de cabeça, pequena crise de nervos, amuo de menina-moça, nuvem de um momento que desapareceria num ou dois dias; pensava porém no futuro, e, como de hábito, pensava com enlevo.

Aliás, ele não via nenhum obstáculo para que sua vida feliz recomeçasse. Em certas horas, tudo parece impossível; em outras, tudo parece fácil; Jean Valjean estava numa dessas horas calmas. Elas vêm de ordinário depois das horas de tormenta, como o dia após a noite, pela lei de sucessão e de contraste que constitui o próprio fundo da natureza e que os espíritos superficiais chamam de antítese. Naquela pacífica rua em que se refugiara, Jean Valjean desembaraçara-se de tudo o que o perturbava havia algum tempo. Justamente porque enfrentara muitas trevas, começava a perceber um pouco o azul do céu. Ter deixado a Rue Plumet sem complicação e sem incidentes já era um grande passo.

Talvez fosse bom expatriar-se, embora por poucos meses, e ir a Londres. Pois bem, estava decidido. Estar na França, estar na Inglaterra, que diferença haveria, contanto que Cosette estivesse ao seu lado? Cosette era a sua nação. Cosette bastava à sua felicidade; a ideia de que ele não bastasse talvez à felicidade de Cosette, ideia que outrora lhe causara febre e insônia, não se lhe apresentava ao espírito. Todas as suas dores passadas já não existiam; estava em pleno

otimismo. Cosette a seu lado parecia-lhe sua, efeito de óptica que todos já devem ter experimentado. Dispunha consigo mesmo, e com todo tipo de facilidades, sua partida para a Inglaterra na companhia de Cosette, e via a própria felicidade reconstruir-se, não importa onde, nas perspectivas do sonho.

Enquanto caminhava lentamente de um lado para o outro, seu olhar, de repente, deparou com algo estranho. Ele percebeu em sua frente, no espelho inclinado que encimava o aparador, estas linhas bem legíveis:

Querido, infelizmente meu pai exige que eu parta imediatamente. Esta noite estaremos na Rue de l'Homme-Armé, número 7. Em oito dias embarcaremos para a Inglaterra. – Cosette, 4 de junho.

Jean Valjean parou, admirado.

Cosette, ao chegar, havia colocado seus papéis em cima do aparador bem em frente ao espelho e, toda entregue à própria angústia, esquecera-os lá, sem mesmo notar que havia deixado por cima o mata-borrão em que havia secado as quatro linhas do bilhete entregue ao rapazinho da Rue Plumet. As letras tinham ficado impressas no mata-borrão. O espelho refletia seu recado.

Resultara o que se conhece em geometria por imagem simétrica; assim, as letras invertidas do mata-borrão mostravam-se perfeitamente legíveis no espelho, e Jean Valjean tinha sob os olhos o bilhete escrito na véspera por Cosette a Marius. Simples e fulminante.

Jean Valjean voltou ao espelho. Releu aquelas linhas sem acreditar no que via. Pareciam-lhe iluminadas pelo clarão de um relâmpago. Era uma alucinação, era impossível. Aquilo absolutamente não existia.

Aos poucos, sua percepção tornou-se mais precisa; olhou para o mata-borrão de Cosette, e o sentimento da realidade voltou-lhe à mente. Tomou o mata-borrão entre as mãos e disse: – Aquilo vem daqui. – Examinou febrilmente as linhas impressas no papel absorvente; a inversão das letras formava estranhas garatujas sem sentido. Disse então: – Mas isto nada significa, não há nada escrito aqui. – E respirou a plenos pulmões com inexprimível alívio. Quem já não sentiu essas alegrias absurdas nos momentos mais horríveis? A alma não se entrega ao desespero senão depois de esgotadas todas as ilusões.

Jean Valjean conservou o mata-borrão entre os dedos e o contemplava estupidamente feliz, quase disposto a rir-se da alucinação que o enganara. De repente, seus olhos fixaram-se novamente no espelho, e lá estava a mesma visão. As linhas desenhavam-se ali com uma nitidez inexorável. Dessa vez, não era

miragem. A visão, quando se repete, torna-se realidade. Não havia dúvidas; o espelho tornou-lhe a leitura possível. Ele compreendeu.

Jean Valjean cambaleou, deixou cair o mata-borrão e sentou-se na velha poltrona ao lado do aparador, cabisbaixo, de olhos baços, assustado. Convencera-se de que era evidente que a luz do mundo se eclipsara para sempre e que Cosette endereçara aquelas linhas a alguém. Ouviu então a própria alma, novamente terrível, lançar nas trevas um rugido surdo. Experimente roubar ao leão o cão que ele tem preso na jaula!

Coisa estranha e triste; naquele instante, Marius ainda não havia recebido a carta de Cosette; o acaso traiçoeiramente a levara a Jean Valjean antes que Marius a tivesse lido.

Jean Valjean, até aquele dia, não se deixara abater pelas provações. Tinha sido submetido a medonhas experiências; e nenhuma forma de infortúnio lhe tinha sido poupada; a ferocidade da sorte, armada de todas as vinditas e de todo o desprezo da sociedade, haviam-no tomado como alvo, lançando-se-lhe ao encalço. Ele não havia recuado, nem se havia dobrado diante do que quer que fosse. Quando necessário, chegara a aceitar todos os extremos; havia sacrificado sua inviolabilidade de homem duramente reconquistada, pondo em jogo a própria cabeça e a liberdade, perdendo tudo, sofrendo tudo, tornando-se assim desinteressado e estoico, a ponto de às vezes mostrar-se ausente de si mesmo como um mártir. Sua consciência, fortalecida por todos os assaltos possíveis da adversidade, podia parecer inexpugnável para sempre. Pois bem, quem naquele instante pudesse ver-lhe o íntimo, seria forçado a constatar que, àquela hora, ele desfalecia.

De todas as torturas a que se submetera na longa luta que o destino lhe reservara, esta era a mais perigosa. Jamais garras tão fortes o haviam subjugado. Ele sentiu a agitação misteriosa de todas as sensibilidades latentes. Sentiu que lhe aguilhoava uma fibra desconhecida. Mas a prova suprema, digamos melhor, a prova única, é a perda do ser amado.

O velho Jean Valjean não amava Cosette senão como pai; mas, como já o notamos acima, nessa paternidade a própria viuvez de sua vida introduzira todos os amores; ele amava Cosette como sua filha, ele a amava como sua mãe, ele a amava como sua irmã; e como jamais tivera amante ou esposa, como a natureza é um credor que não aceita nenhum protesto, também esse sentimento, o menos fácil de se perder, estava misturado aos outros, vago, ignorado, puro como a cegueira, inconsciente, celeste, angélico, divino; menos como um sentimento que como um instinto, menos como um instinto que como uma atração

imperceptível e invisível, mas real; e o amor propriamente dito estava na sua ternura enorme para com Cosette como o veio de ouro na montanha, tenebroso e virgem.

Lembrem-se todos dessa situação sentimental já por nós indicada. Nenhum casamento era possível entre eles, nem mesmo o das almas; no entanto, era fora de dúvida que seus destinos se haviam desposado. Com exceção de Cosette, isto é, com exceção de uma infância, Jean Valjean, em toda a sua longa vida, nada havia conhecido que se pudesse amar. As paixões e os amores que se sucedem não haviam reproduzido nele as diversas tonalidades do verde, verde tenro sobre verde escuro, como notamos nas folhas que passaram o inverno e nos homens que ultrapassaram os cinquenta anos. Em suma, e insistimos nisto mais de uma vez, toda aquela fusão interior, todo aquele conjunto que resultava numa grande virtude, acabaram por fazer de Jean Valjean um verdadeiro pai para Cosette. Estranho pai, mistura do avô, do filho, do irmão e do marido que havia em Jean Valjean, pai no qual chegava a existir uma verdadeira mãe; pai que amava Cosette e que a adorava, e que tinha aquela criança como luz, como morada, como família, como pátria, como paraíso.

Assim, ao ver que tudo chegava ao fim, que ela lhe escapava, lhe escorregava das mãos, que ela se ocultava aos seus olhos, que não passava de uma nuvem, de um vapor; quando teve diante dos olhos essa evidência estarrecedora: outro é o alvo do seu coração, outra é a aspiração de sua vida; já existe o amado, eu não sou mais que o pai, eu não existo mais; quando não teve mais dúvidas, quando disse: – Ela vai para longe de mim! –, a dor que sentiu foi além do possível. Ter feito tudo o que fizera para chegar àquele ponto! Para não ser ninguém! Então, como acabamos de dizer, sentiu dos pés à cabeça um frêmito de revolta. Sentiu até na raiz dos cabelos o despertar imenso do egoísmo uivando no abismo desse homem.

Os desmoronamentos da alma são uma realidade. A penetração de uma certeza desesperadora no homem não se faz sem a separação e o rompimento de certos elementos profundos que são, às vezes, o próprio homem. Quando a dor chega a esse ponto é um salve-se quem puder de todas as forças da consciência, e dão-se as crises mais fatais. Poucos dentre nós saem delas semelhantes a si próprios, firmes em seu dever. Quando o limite do sofrimento é ultrapassado, a mais imperturbável virtude sente-se abalada. Jean Valjean retomou o mata-borrão e se convenceu de novo; e ficou ali inclinado e como que petrificado, de olhos fixos naquelas quatro linhas irrefutáveis, e perturbou-se tanto que se julgaria que todo o íntimo de sua alma desabava.

Ele examinou aquela revelação através dos exageros do sonho, com uma calma aparente e terrível; é para se temer quando a calma do homem chega à frieza da estátua.

Mediu o formidável passo que seu destino havia dado sem que o tivesse percebido e se lembrou dos temores do último verão, tão facilmente dissipados; reconheceu o precipício; era o mesmo, com a diferença de que Jean Valjean desta vez não estava à beira, estava no fundo.

Coisa inaudita e pungente, ele caíra sem o perceber. Toda a luz de sua vida se havia eclipsado, e ele julgava ver ainda o sol.

Seu instinto não hesitou. Reaproximou certas circunstâncias, certas datas, certa palidez, certos rubores de Cosette, e disse: – É ele. – A revelação do desespero é uma espécie de arco misterioso que jamais erra o alvo. Desde as primeiras suposições, pensara em Marius. Não lhe conhecia o nome, mas encontrara logo o homem. Voltou a ver distintamente, no fundo da implacável evocação da memória, o vadio desconhecido do Luxembourg, aquele vagabundo miserável à procura de namoros e romances, aquele imbecil, aquele covarde, pois é covardia mostrar olhos ternos a meninas que têm ao lado um pai amoroso.

Depois de ter constatado que no fundo daquela situação estava o tal rapaz e que tudo começara ali, ele, Jean Valjean, o homem regenerado, o homem que tanto havia trabalhado na sua própria alma, o homem que havia feito tantos esforços para transformar toda a sua vida, toda a sua miséria e infelicidade em amor, olhou para si mesmo e viu um espectro, o Ódio.

As grandes dores subentendem desânimos. Elas tiram a coragem de existir. O homem tomado por elas sente que algo se retira dele. Na juventude, sua visita é lúgubre; mais tarde, é sinistra. Quando o sangue é quente, quando os cabelos são negros, quando a cabeça se ostenta sobre o tronco como a chama de um archote, quando o rolo do destino ainda conserva toda a sua espessura, quando o coração, cheio de um amor desejável, tem pulsações que ainda o podem corresponder, quando temos diante de nós o tempo para corrigir, quando todas as mulheres lá estão, e todos os sorrisos, e todo o futuro, e todo o horizonte, quando a força da vida é completa, se então o desespero é terrível, que dizer na velhice, quando os anos se precipitam cada vez mais pálidos, na hora crepuscular em que se começam a ver as estrelas do sepulcro?

Enquanto assim pensava, Toussaint entrou na sala. Jean Valjean levantou-se e perguntou:

– Para que lado é? A senhora sabe?

Toussaint, espantada, não pôde responder:

– O quê?

Jean Valjean retrucou:

– A senhora não me disse há pouco que estão combatendo na cidade?

– Ah! sim, meu senhor – respondeu Toussaint –, é dos lados de Saint-Merry.

Existem certos movimentos maquinais que nos vêm, sem que o saibamos, do mais profundo do nosso pensamento. E foi sem dúvida sob semelhante impulso, de que apenas tinha consciência, que Jean Valjean, cinco minutos depois, se viu em plena rua.

Estava sem chapéu, sentado em um banco de pedra em frente da casa. Parecia escutar. Já era noite.

II | O MOLEQUE INIMIGO DAS LUZES

Quanto tempo ele havia passado assim? Quais foram os fluxos e refluxos dessa trágica meditação? Erguera-se? Permanecera curvado? Curvara-se até se quebrar? Poderia ainda levantar-se e tomar pé em sua consciência pisando algo sólido? Provavelmente, nem ele poderia dizer.

A rua estava deserta. Alguns burgueses inquietos, voltando apressadamente para casa, mal o viram. Nas ocasiões de perigo, cada um por si. O acendedor de lampiões veio como de costume acender o lampião que ficava precisamente em frente do número 7 e se afastou. Jean Valjean, a quem o tivesse notado naquela sombra, não parecia um homem vivo. Lá estava ele, sentado em frente de sua casa, imóvel como um espectro de gelo. O desespero congela. Ouvia-se o toque de rebate e vagos rumores tempestuosos. No meio de todas aquelas convulsões de sinos e de revolta, o relógio de Saint-Paul deu onze horas, gravemente, sem se apressar; pois o sino é o homem, a hora é Deus. O tempo que passava em nada atingia Jean Valjean, que não se movera ainda. Contudo, quase naquele mesmo instante, uma brusca detonação se fez ouvir do lado de Les Halles, seguida por uma segunda, mais violenta ainda; talvez fosse o ataque à barricada da Rue de la Chanvrerie, repelido por Marius, como acabamos de ver. A essa dupla descarga, cuja fúria parecia acrescida pelo terror da noite, Jean Valjean estremeceu; levantou-se, olhando para o lado de onde viera o barulho; depois, sentou-se novamente, cruzou os braços, e sua cabeça, lentamente, voltou a apoiar-se no peito.

Ele recomeçou então o tenebroso diálogo consigo mesmo.

De repente, levantou os olhos; alguém caminhava pela rua; ouvira passos muito próximos do lugar onde estava; olhou e, à luz do lampião, do lado da rua que dá para os Archives, viu um rosto pálido, jovem e radiante.

Gavroche acabava de chegar à Rue de l'Homme-Armé. O garoto olhava para cima como quem procura alguma coisa. Estava vendo perfeitamente Jean Valjean, mas não fazia caso.

Gavroche, depois de ter olhado para cima, olhava para baixo; levantava-se na ponta dos pés, experimentando portas e janelas, mas todas estavam fechadas, aferrolhadas, trancadas. Depois de ter constatado cinco ou seis casas igualmente protegidas, o moleque levantou os ombros e passou a falar consigo mesmo nestes termos:

– Puxa!

Depois continuou a olhar para cima.

Jean Valjean, que, um momento antes, no estado de alma em que se encontrava, não teria falado nem sequer responderia a ninguém, sentiu-se irresistivelmente inclinado a dirigir a palavra àquela criança.

– Menino – disse ele –, que tem você?

– Fome – respondeu Gavroche claramente. E acrescentou: – Menino é o senhor!

Jean Valjean revistou os bolsos e achou uma moeda de cinco francos. Mas Gavroche, que era uma espécie de lavandisca, passando rapidamente de um gesto a outro, acabava de pegar uma pedra. Havia visto o lampião.

– Ora – disse ele –, ainda há lanternas por aqui! Os senhores não estão em regra, meus amigos. Isto é pura desordem. Abaixo a luz!

E jogou a pedra contra a lanterna, cujo vidro ao cair fez tanto barulho que alguns burgueses, escondidos por trás das cortinas da casa em frente, gritaram: – Estamos em 93!

O lampião oscilou violentamente e se apagou. A rua mergulhou em completa escuridão.

– Isso, rua velha – disse Gavroche –, toca a usar o seu gorro de dormir!

E, voltando-se para Jean Valjean:

– Como é que os senhores chamam aquele monumento gigantesco que está lá no começo da rua? Os Archives, não é? Aquelas colunas, derrubadas, dariam uma ótima barricada.

Jean Valjean aproximou-se de Gavroche.

– Pobre criatura – disse à meia-voz –, falando consigo mesmo, tem fome.

E deu-lhe a moeda de cem soldos.

Gavroche levantou o nariz, admirado pelo tamanho da moeda; olhou-a no escuro e a brancura encheu-o de admiração; conhecia-a de ouvir dizer; ficou encantado ao vê-la tão perto. Disse: – Contemplemos o tigre.

Olhou-a extasiado por alguns instantes; depois, voltando-se para Jean Valjean, estendeu-lhe a moeda e disse majestosamente:

– Burguês, prefiro quebrar lampiões. Tome de volta a sua fera. Ninguém me corrompe. Ela tem cinco garras, mas não me arranha.

– Você tem mãe? – perguntou-lhe Jean Valjean.

Gavroche respondeu:

– Talvez mais que o senhor.

– Pois bem – replicou Jean Valjean –, guarde esse dinheiro para sua mãe!

Gavroche sentiu-se comovido. Aliás, acabara de notar que o homem com quem falava não tinha chapéu, o que lhe inspirou confiança.

– Então – disse o menino –, não foi para que eu não quebrasse os lampiões?

– Quebre quantos quiser.

– O senhor é um homem e tanto – disse Gavroche.

E guardou a moeda num dos bolsos.

Sentindo-se mais confiante, acrescentou:

– O senhor mora aqui?

– Moro, por quê?

– Poderia me dizer onde é o número 7?

– Por que o número 7?

Aqui o menino parou; teve medo de ter falado demais; mergulhou energicamente as unhas nos cabelos e se limitou a responder:

– Ah! Está ali.

Uma ideia passou pela mente de Jean Valjean. A angústia tem desses momentos de lucidez. Disse então ao menino:

– Por acaso é você que deve trazer-me a carta que estou esperando?

– O senhor? – disse Gavroche. – O senhor não é nenhuma mulher.

– A carta é para a Srta. Cosette, não é?

– Cosette? – resmungou Gavroche. – Isso mesmo; acho que é mesmo esse nome engraçado.

– Pois bem – retrucou Jean Valjean –, eu é que devo entregar-lhe a carta. Dê-

ma.

– Nesse caso, o senhor deverá saber que venho da barricada.

– Sem dúvida – disse Jean Valjean.

Gavroche meteu a mão num dos bolsos e tirou um papel dobrado em quatro.

Depois, fez a saudação militar.

– Com respeito ao despacho – disse o menino. – A carta foi-lhe enviada pelo governo provisório.

– Dê-ma – disse Jean Valjean.

Gavroche mantinha o papel levantado acima da cabeça.

– Não vá imaginar que é um bilhete de amor. É para uma mulher, mas é pelo povo. Nós combatemos, mas respeitamos o sexo. Não somos como o *grand monde*, onde os leões enviam raparigas aos camelos.

– A carta!

– Na verdade – continuou Gavroche –, o senhor me parece um homem de coragem.

– A carta, depressa!

– Pronto.

E entregou o papel a Jean Valjean.

– E despache-se, *seu* Coiso, porque *a Srta.* Coisete está à espera.

Gavroche sentiu-se satisfeito por ser o autor dessa frase.

Jean Valjean retrucou:

– A resposta deve ser enviada a Saint-Merry?

– Desse jeito o senhor faria uma verdadeira salada. Essa carta vem da barricada na Rue de la Chanvrerie, para onde volto. Boa noite, cidadão.

Dito isso, Gavroche foi embora, ou melhor, voltou para o lugar de onde viera em seu voo de passarinho fugido. Tornou a mergulhar na escuridão como se nela fizesse um buraco, com a rapidez rígida de um projétil; a Rue de l’Homme-Armé ficou novamente silenciosa e solitária; num abrir e fechar de olhos, a estranha criança, cheia de sombra e de sonhos, internara-se no nevoeiro das fileiras de casas escuras, desaparecendo como a fumaça nas trevas; dir-se-ia que se havia dissipado, evaporado, se, minutos depois de sua desaparição, um estrondoso ruído de vidros quebrados e o esplêndido barulho de um lampião espatifando-se contra as pedras não tivessem acordado de novo os moradores indignados. Era Gavroche que passava pela Rue du Chaume.

III | ENQUANTO COSETTE E TOUSSAINT DORMIAM

Jean Valjean entrou em casa com a carta de Marius.

Subiu a escada às apalpadelas, satisfeito com a escuridão como o mocho que segura a presa, abriu e tornou a fechar cuidadosamente a porta, escutou para ver se não ouvia nenhum ruído, constatou que, segundo todas as aparências, Cosette e Toussaint dormiam, inutilizou três ou quatro fósforos antes de conseguir acendê-los, tanto lhe tremiam as mãos; o que acabava de fazer era um verdadeiro roubo. Enfim, acendida a vela, sentou-se à mesa, desdobrou o papel e leu.

Nas emoções violentas, não lemos, aniquilamos, por assim dizer, o papel que temos nas mãos; o apertamos como uma vítima, o amarrotamos, cravando-lhe as unhas da cólera ou da alegria; queremos chegar logo ao fim, voltamos novamente ao princípio; a atenção é febril, compreendemos por alto, mais ou menos, o essencial; prendemo-nos a um ponto sem nos importarmos com o resto. No bilhete de Marius a Cosette, Jean Valjean não viu mais que estas palavras:

… Vou morrer. Quando você ler estas linhas, minha alma estará a seu lado.

Na presença dessas duas linhas, sentiu-se terrivelmente deslumbrado; ficou por momentos como que aniquilado pela rápida mudança de emoções experimentadas; olhava para o bilhete de Marius com uma espécie de admiração embriagadora; ele tinha diante dos olhos esta boa nova, a morte do ser que odiava.

Deu um horrível grito de alegria interior. Assim tudo se acabava. O desfecho chegara mais depressa do que poderia esperar. O ser que lhe toldava o destino desaparecia. Ia-se por si mesmo, livremente, de boa vontade. Sem que ele, Jean Valjean, nada tivesse feito para isso, sem que fosse culpado, “aquele homem” ia morrer. Talvez até já estivesse morto. Aqui sua febre fez cálculos. Não. Ele ainda não morreu. A carta visivelmente tinha sido escrita para ser lida por Cosette na manhã seguinte; depois das duas descargas que ouvira entre onze horas e meia-noite, nada mais havia acontecido; a barricada só seria atacada seriamente pela manhã; mas era a mesma coisa; desde que “aquele homem” estava metido naquela guerra, já estava perdido; a engrenagem prendera-o nos dentes. Jean Valjean sentia-se livre. Ficaria novamente sozinho com Cosette. Cessara a concorrência; o futuro recomeçava. Bastava que guardasse o bilhete no bolso. Cosette jamais saberia o que acontecera “àquele homem”. “É só deixar que as

coisas caminhem. Aquele homem não pode escapar. Se ainda não morreu, sem dúvida vai morrer. Que felicidade!”

Depois de dizer tudo isso consigo mesmo, entristeceu-se. Depois desceu e acordou o porteiro.

Passada mais ou menos uma hora, Jean Valjean saía em uniforme completo da Guarda Nacional. O porteiro encontrou facilmente pelas vizinhanças o necessário para completar-lhe o fardamento. Levava consigo uma espingarda carregada e uma patrona cheia de cartuchos. Dirigiu-se para o lado de Les Halles.

IV | EXCESSO DE ZELO DE GAVROCHE

Entretanto, algo acontecia a Gavroche.

Depois de ter conscientemente quebrado o lampião da Rue du Chaume, entrou na Rue des Vieilles-Haudriettes e, não vendo ali nenhum “gato”, achou a ocasião boa para cantar todas as canções que sabia. Seu andar, longe de se ralentar pelo canto, acelerava-se ainda mais. Enquanto caminhava, pôs-se a semear ao longo das casas adormecidas e amedrontadas estas coplas incendiárias:

L’oiseau médit dans les charmilles
Et prétend qu’hier Atala
Avec un russe s’en alla.
Où vont les belles filles,
Lon la.
Mon ami Pierrot, tu babilles,
Parce que l’autre jour Mila
Cogna sa vitre, et m’appela.
Où vont les belles filles,
Lon la.
Les drôlesses sont fort gentilles;
Leur poison qui m’ensorcela
Griserait Monsieur Orfila.[*]
Où vont les belles filles,
Lon la.
J’aime l’amour et ses bisbilles,
J’aime Agnès, j’aime Paméla,
Lise en m’allumant se brûla.
Où vont les belles filles,
Lon la.
Jadis, quand je vis les mantilles

De Suzette et de Zéila,
Mon âme à leurs plis se mêla.
Où vont les belles filles,
Lon la.
Amour, quand, dans l'ombre où tu brilles,
Tu coiffes de roses Lola,
Je me damnerais pour cela.
Où vont les belles filles,
Lon la.
Jeanne, à ton miroir tu t'habilles!
Mon coeur un beau jour s'envola;
Je crois que c'est Jeanne qui l'a.
Où vont les belles filles,
Lon la.
Le soir, en sortant des quadrilles,
Je montre aux étoilles Stella
Et je leur dis: regardez-la.
Où vont les belles filles,
Lon la.[175]

Enquanto cantava, Gavroche dava um verdadeiro espetáculo de pantomima. O gesto é o ponto de apoio do refrão. Seu rosto, inesgotável repertório de máscaras, fazia caretas mais convulsivas e fantásticas que os buracos de um pano rasgado exposto à fúria dos ventos. Infelizmente, como estava só e era noite, isso não era nem visto nem ouvido. Há riquezas que são assim desperdiçadas.

De repente, parou.

– Interrompamos a *romanza* – disse.

Suas pupilas de gato acabavam de distinguir no pilar de um portão o que em pintura se chama um *ensemble*, isto é, uma criatura qualquer e uma coisa; a coisa era uma pequena carroça de mão, a criatura um auvernês que dormia dentro dela.

Os braços da carroça apoiavam-se no chão, e a cabeça do auvernês se apoiava sobre o chão da pequena carroceria. Seu corpo se enovelava sobre aquele plano inclinado e seus pés tocavam o chão.

Gavroche, com a experiência que possuía das coisas deste mundo, logo reconheceu nele um bêbado. Era algum carregador que havia bebido demais e que, por isso mesmo, dormia demais.

"Eis", pensou Gavroche, "para que servem as noites de verão. O auvernês dorme na própria carroça. Levamos a carroça para a República e deixamos o auvernês para a monarquia."

Seu espírito fora naquele instante iluminado pela seguinte verdade: "Esta

carroça ficaria otimamente bem nas barricadas”.

O auvernês roncava.

Gavroche puxou docemente a carroça por trás e o bêbado pela frente, isto é, pelos pés, e, ao cabo de um minuto, o auvernês, imperturbável, repousava estendido na calçada. A carroça estava desocupada.

Gavroche, habituado a enfrentar os mais estranhos imprevistos, carregava de tudo nos bolsos. De um deles tirou um pedaço de papel e um lápis vermelho roubado de algum carpinteiro.

Escreveu:

República francesa.
Recebida uma carrocinha.

E assinou: *Gavroche*.

Feito isso, guardou o papel no bolso do colete de veludo do auvernês, que continuava a ressonar, pegou nos varais da carroça e se foi na direção de Les Halles, empurrando-a, sempre a correr, e provocando um barulho verdadeiramente triunfal.

Isso era perigoso. Havia um posto de guarda nas oficinas da Imprensa Real. Gavroche nem pensara nisso. Esse posto era mantido pelos guardas nacionais do município. Havia alguma coisa que começava a inquietar os guardas, fazendo-os levantar a cabeça das tarimbas onde dormiam. Dois lampiões quebrados sucessivamente, aquela canção cantada a plenos pulmões, já era demais para ruas tão pacatas, acostumadas a dormir ao pôr do sol e a apagar muito cedo as velas. Havia uma hora que o garoto fazia naquele distrito tão calmo o zumbido de uma mosca fechada numa garrafa. O Sargento da Guarda escutava, à espreita. Era um homem prudente.

O barulho ensurdecedor da carroça fez transbordar a medida da expectativa possível, obrigando o Sargento a tentar um reconhecimento.

– Deve ser um bando de revoltosos! – disse consigo mesmo. – Vamos com calma.

Era evidente que a Hidra da Anarquia fugira da prisão, pondo-se a fazer algazarra pelas ruas. E o Sargento aventurou-se a sair do posto de guarda com toda a cautela.

De repente, Gavroche, empurrando a carrocinha no momento em que ia sair da Rue des Vieilles-Haudriettes, viu-se face a face com um uniforme, um *shako,*

um penacho e uma espingarda. Pela segunda vez, foi obrigado a parar.

– Olha – disse ele –, é ela. Como vai, dona ordem pública?

Os sustos de Gavroche eram curtos e desapareciam rapidamente.

– Para onde vai, malandro? – gritou o Sargento.

– Cidadão – disse Gavroche –, ainda não o chamei de burguês. Por que me insulta desse modo?

– Para onde vai, engraçadinho?

– Senhor – retrucou Gavroche –, talvez ontem o senhor fosse um homem de espírito, mas esta manhã o senhor foi destituído.

– Estou perguntando para onde vai, mendigo!

Gavroche respondeu:

– O senhor fala com muita delicadeza. É verdade que ninguém lhe daria a idade que tem. O senhor deveria vender todo o seu cabelo a cem francos o fio. Ganharia quinhentos francos.

– Para onde vai? Para onde, para onde, bandido?!

Gavroche continuou:

– Que palavras mais feias! A primeira vez que lhe derem de mamar terão de limpar-lhe melhor a boca.

O Sargento apontou-lhe a baioneta.

– Afinal, diz ou não diz para onde vai, miserável?

– Meu General – disse Gavroche –, vou procurar um médico para minha esposa, que vai dar à luz.

– Às armas! – gritou o Sargento.

Salvar-se justamente pelo que os põe a perder, eis a obra-prima dos homens fortes; Gavroche mediu com um olhar toda a situação. A carroça o havia comprometido, a mesma carroça deveria protegê-lo.

No momento em que o Sargento se lançava sobre Gavroche, a carroça, transformada em projétil e arremessada com toda a força, rodava em sua direção, e o Sargento, atingido em pleno ventre, caiu para trás, no meio da lama, enquanto sua arma disparava para o ar.

Aos gritos do Sargento, os homens do posto acorreram em confusão; o disparo da espingarda provocou uma descarga geral, ao acaso, após a qual tornaram a carregar as armas e a disparar. Essa fuzilaria às cegas durou um bom quarto de hora, matando algumas vidraças.

Gavroche, entretanto, correndo como um doido, parara a cinco ou seis ruas

dali, sentando-se sem fôlego no marco da esquina dos Enfants-Rouges. Estava atento.

Depois de respirar por alguns instantes, voltou-se para o lado de onde se ouviam os disparos, levantou a mão esquerda à altura do nariz, lançando-a três vezes para a frente, enquanto com a mão direita batia outras tantas vezes na nuca, gesto soberano no qual a garotada parisiense condensou toda a ironia francesa, e que sem dúvida é eficaz, pois já dura há meio século.

Essa brincadeira foi perturbada por uma reflexão amarga.

– É verdade – disse ele –, estouro, torço-me, arrebento de alegria, mas perdi tempo; agora tenho de dar uma volta maior. Tomara que não chegue tarde à barricada!

Logo em seguida, continuou a correr. E, enquanto corria, disse:

– É mesmo! Onde é que eu parei?

E continuou a cantar a canção, embrenhando-se rapidamente pelas ruas:

Mais il reste encor des bastilles,
Et je vais mettre le holà
Dans l'ordre public que voilà.
Où vont les belles filles,
Lon la.
Quelqu'un veut-il jouer aux quilles?
Tout l'ancien monde s'écroula
Quand la grosse boule roula.
Où vont les belles filles,
Lon la.
Vieux bon peuple, à coups de béquilles,
Cassons ce Louvre où s'étala
La monarchie en falbala.
Où vont les belles filles,
Lon la.
Nous en avons forcé les grilles,
Le roi Charles Dix ce jour-là
Tenait mal et se décolla.
Où vont les belles filles,
Lon la.[176]

O alarme do posto da guarda não foi de todo inútil. A pequena carroça foi conquistada, e o bêbado, feito prisioneiro. Uma foi guardada no depósito, o outro, mais tarde, foi um tanto perseguido pelos conselhos de guerra como cúmplice. O Ministério Público deu então nessas circunstâncias provas de zelo

infatigável na defesa da sociedade.

A aventura de Gavroche, que faz parte da tradição do Quartier du Temple, é uma das lembranças mais terríveis dos velhos moradores do Marais, que a intitularam assim: Ataque noturno ao posto da Imprensa Real.

---

1 *Prúsias II* rei da Bitínia (de 192 a 148 a.C.), acolheu Aníbal (v. nota 80/2) em sua Corte, mas sob a pressão dos romanos consentiu em assassiná-lo; Aníbal, vendo-se traído, envenenou-se. *O Rei de Yvetot*, reino este que no século XI aparece como simples feudo da Normandia, não é personagem imaginário; porém, quando se fala do Rei de Yvetot, faz-se alusão menos ao Rei histórico que ao de uma canção de enorme popularidade, aparecida em 1813, após a desilusão de Bonaparte em sua campanha à Rússia.

2 *Guillaume du Vair* (1556-1621) moralista e político francês, autor de numerosos trabalhos sobre oratória.

3 *Niccolo Machiavelli* (1469-1527) estadista e historiador italiano, autor de O *príncipe*, considerado um marco inicial da ciência política no Ocidente. Injustamente, seu nome tornou-se sinônimo de duplicidade e de crueldade fria e calculada.

4 *Don Agostin Iturbide* (1783-1824) Imperador do México. Depois da revolução espanhola de 1820, na qual atuou como líder do exército mexicano, depôs o Vice-Rei Apodaca, transformando o México em monarquia independente e fazendo-se posteriormente proclamar Imperador sob o nome de Agostin I. Obrigado a abdicar, retirou-se para a Europa; foi fuzilado ao tentar reconquistar a coroa.

5 *Luís Filipe I* (1773-1850) foi proclamado Rei após a revolução que derrubou Carlos X, em 1830. Seu reinado foi atormentado por várias revoltas. Em 1848, a oposição liberal, vendo vãos seus esforços para obter a revisão da Carta e a modificação da lei eleitoral, proclamou a revolução que teve como consequência a abdicação de Luís Filipe e a proclamação da República.

6 *Polonois* e *hongrais* formas antigas de *polonais* e *hongrois*.

7 *Rue Transnonain* durante os primeiros anos de reinado de Luís Filipe, o governo adotou uma lei que tornava passíveis de condenação os acusados de rebelião contra a segurança do Estado. Surgiram então numerosas insurreições em Lyon e em Paris, onde se levantaram barricadas nas Rues Maubuée e Transnonain. Nesta última, como se conta, um oficial ferido, quando estava sendo removido, foi morto por tiros disparados da casa número 12. Os soldados, exasperados, arrombaram as portas da casa, massacrando quantos encontraram, sem poupar nem mulheres nem crianças. *Abd-el-Kader* (1807-83) célebre chefe árabe, sustentou durante quinze anos a guerra contra os franceses. Seu nome está escrito entre os que lutaram valentemente pela independência de seu país. *Blaye* cidade marítima da França, para onde, em 1832, foi transferida a Duquesa de Berry, presa na Vendeia, acusada de atentar contra o regime. *Simon Deutz* ignora-se a data do nascimento e da morte desse homem que se cobriu de infâmia traindo a confiança de uma mulher e vendendo a preço de ouro a Duquesa de Berry, presa em Blaye sob sua indicação. Em sua brochura *L'Arrestation de Madame*, nega ter sido pago por sua odiosa ação. *Pritchard* Missionário protestante inglês, Cônsul da Inglaterra no Taiti, célebre pela parte que tomou num conflito que quase se transformou em caso de guerra entre a França e a Inglaterra, em 1843, e que terminou pelo voto de uma indenização famosa na história parlamentar da França, que pagou 25 mil francos a Pritchard pela sua expulsão do Taiti.

8 *Marie d'Orléans, Duquesa de Wurtemberg* (1813-39) filha do Rei Luís Filipe, dedicou-se ao estudo do

desenho, da pintura, da miniatura e da escultura. *Ferdinand -Philippe-Louis-Charles-Henri, Duque de Orléans* (1810-42) filho mais velho do Rei Luís Filipe, revelou como estudante particular gosto pela história e pela poesia latina, ganhando vários prêmios por seus trabalhos literários.

9 *Louis Blanc* (1811-82) historiador e político francês, narrou parte do reinado de Luís Filipe em seu livro *Histoire de Dix Ans*.

10 *Casimir-Pierre Périer* (1777-1832) estadista francês, ficou indiferente ao movimento revolucionário de 1830; durante o reinado de Luís Filipe foi presidente da Câmara dos deputados; após a queda de Laffitte formou o Ministério, escolhendo para si a pasta do Interior.

11 *Beccaria* (v. nota 8/1).

12 *Giuseppe Fieschi* (1790-1836) conspirador e regicida, no dia 28 de julho de 1835 atentou contra a vida de Luís Filipe, no momento em que este, em companhia da Corte, se dirigia para a Bastilha a fim de comemorar o aniversário da Revolução de 1830, atentado em que dezenove pessoas foram mortas ou feridas mortalmente. O Rei e os Príncipes saíram ilesos. Fieschi foi decapitado em 1836.

13 Trata-se de *Armand Barbès* (1809-70), político francês que conspirou contra o governo de Luís Filipe, tendo sido por esse motivo condenado à morte pela Câmara dos Pares em 1839. Victor Hugo, por essa ocasião, dirigiu a Luís Filipe uma poesia pedindo-lhe clemência, poesia que faz parte de *Les Rayons et les Ombres*. A pena foi comutada, sendo Barbès posto em liberdade no ano de 1854.

14 *Luís IX* ou *São Luís*, Rei de França (1215-1270) a mais bela figura da Idade Média, cujos feitos foram narrados pelo seu amigo Joinville em sua *História*. *Henrique IV* (v. nota 86/1).

15 *François-Émile Babeuf* (1760-97) demagogo francês, conspirou contra o Diretório e foi condenado à morte, apunhalando-se ao subir ao cadafalso. Sua doutrina, uma espécie de comunismo, exposta em seu jornal *La Tribune du Peuple*, chama-se *babouvismo*. *Joseph-Henri Gisquet* (1792-1866) amigo e protegido de Casimir Périer (v. nota 48/3), após a Revolução de julho foi nomeado Membro do Conselho Provisório de Paris. Em 1831 foi nomeado Chefe de Polícia, distinguindo-se por sua excepcional coragem por ocasião do cólera em 1832.

16 *Jacquerie* (de *Jacques*, nome que, por desprezo, os nobres davam aos campo neses) revolta de camponeses contra os nobres nos meados do século XIV. Por extensão, revolta das classes pobres contra as classes abastadas.

17 *Le Populaire* jornal dos interesses políticos, materiais e morais do povo. Seus vendedores eram em número de vinte e quatro e usavam uniforme especial: blusa, chapéu e pasta tricolores.

18 *Quintus Ennius* (240-170 a.C.) poeta latino, autor do poema épico *Annales*, de sátiras, comédias e tragédias das quais restam apenas fragmentos.

19 *Ingens* de tamanho incomum, desmesurado, imenso.

20 *Louis-Marie Prudhomme* (1752-1830) jornalista e compilador francês, autor de inúmeros panfletos patrióticos cujo número ele mesmo nos dá: 1.500. Assim explicitava seu intento: *A todos os povos da terra*: *Aviso que publicarei incessantemente os crimes de todos os potentados da Europa, Papas, Imperadores, Reis da Espanha, de Nápoles etc. Contrato Social* célebre livro de J. J. Rousseau (v. nota 121/3), que prega claramente o princípio da soberania popular, teve grande repercussão como inspirador da maior parte dos políticos da Revolução Francesa.

21 *Hebertista* dava-se esse nome aos revolucionários que formavam o grupo de que *Jacques René Hébert* (1757-94) era o membro principal. Hébert foi o fundador do *Père Duchesne* (v. nota 27/1), um dos principais órgãos de propaganda revolucionária.

22 *Victor de Lasere Escousse* (1813-32) poeta e autor dramático, tomou parte na Revolução de julho de 1830. Com apenas dezoito anos, viu levado à cena seu drama *Farruck le Maure*. Contente com o êxito alcançado, escreveu duas outras peças, uma das quais, *Raymond*, em colaboração com seu amigo *Auguste Lebras* (1811-32), também poeta. O fracasso da peça levou-os ao suicídio.

23 *Jacob Isaac Van Ruysdael* (1629-82) paisagista da escola holandesa.

24 *Louis Ulbach* (1822-89) literato francês, ligou-se à escola de Victor Hugo, sobre quem publicou *L'Almanack de Victor Hugo* (1885) e *La Vie de Victor Hugo* (1886).

25 *Nemorin* amante de Estela no romance *Estela e Nemorin* (1788) de Jean-Pierre Claris de Florian, escritor francês (1755-94). *Schinderhannes* (v. nota 166/3).

26 *Pedro Medina* célebre cosmógrafo espanhol, nascido provavelmente em Sevilha, por volta de 1493. É considerado um dos clássicos da língua castelhana. Sua obra de estreia, *El Arte de Navegar*, foi impressa pela primeira vez em Valladolid em 1545; a primeira tradução francesa apareceu em 1554.

27 *Edward Gans* (1798-1839) célebre jurisconsulto alemão, tentou introduzir no direito os princípios da filosofia, opondo-se a *Friedrich Karl von Savigny* (1779-1861), um dos criadores da moderna ciência do direito na Alemanha.

28 *Rue Plumet* depois de sua completa reconciliação com os filhos, o General Léopold-Sigisbert Hugo, pai de Victor Hugo, foi morar nessa mesma Rue Plumet, atual Rue Oudinot, ainda hoje uma das mais pacatas de Paris.

29 *François Mansart* ou *Mansard* (1598-1666) arquiteto francês, construtor de várias igrejas, palácios e castelos de Paris e da França. Atribui-se-lhe a invenção das *mansardas*, cujo uso ele se limitou a generalizar. *Jean-Antoine Watteau* (v. nota 128/1).

30 *A Guarda Nacional*, à qual Victor Hugo também pertencia, nasceu espontaneamente em 1789, sendo depois organizada por uma série de leis e decretos governamentais. Os graus eram conferidos por eleição; devia compreender todos os cidadãos válidos desde dezesseis até sessenta anos. Posteriormente, o serviço tornou-se obrigatório para os franceses desde os vinte e cinco até os sessenta anos. Foi dissolvida em 1871.

31 *Georges Mouton, Conde de Lobau* (1770-1838) depois de se ter distinguido como ajudante de campo de Bonaparte, em 1830, foi nomeado, por Luís Filipe, General-Chefe da Guarda Nacional de Paris.

32 Verso de Lucrécio (v. nota 42/1), em *De natura rerum*, que significa *folhas e ramos.*

33 *Pafos* cidade a oeste da ilha de Chipre, consagrada a Vênus.

34 *François-Chrétien de Lamoignon* (1644-1709) Magistrado e Presidente do Parlamento francês de grande notoriedade, gostava de rodear-se dos escritores mais célebres da época. *André Le Nôtre* (v. nota 2/2)

35 *Louis-François Coutard* (1769-1852) General francês, nomeado Conde em 1816, foi Comandante das guardas nacionais de Lille em 1815 e Comandante de Paris de 1822 a 1830.

36 *Val-de-Grâce* antigo convento que, após a Revolução, foi transformado em hospital militar e escola clínica de medicina e cirurgia militares.

37 *Marc-Antoine-Madeleine Désaugiers* (1772-1827) cancioneiro e vaudevillista cognominado o Anacreonte francês. Suas canções e paródias alcançaram grande popularidade, sendo ele o autor de *Rei d'Yvetot* (v. nota 1/4).

38 *Gemônias* escadaria que, na antiga Roma, se elevava na frente da prisão pública, sobre cujos degraus se expunham os cadáveres dos condenados mortos por estrangulamento, até que as autoridades julgassem oportuno lançá-los ao Tibre.

39 *Schapska* ou *tchapska* boné militar de origem polonesa cuja parte superior é quadrada.

40 *Eurianto* ópera alemã da autoria de Carl-Maria von Weber (1786-1826). Representada pela primeira vez em Viena, em outubro de 1823, era novidade em Paris. Na época, suas inovações musicais não despertaram muito interesse. A versão francesa só foi conhecida em Paris em 1831 e teve sucesso também medíocre. O célebre *Coro dos caçadores*, aqui citado por Victor Hugo, é o final do terceiro e último ato da ópera.

41 As três filhas da *Marechala de La Mothe-Houdancourt* (Louise de Prie), a Duquesa de Amont, a Duquesa de Ventadour, Governanta de Luís e de seus filhos, e a Duquesa de La Ferté-Senetere, são terrivelmente retratadas pelas crônicas de *Bussy-Rabutin* (1618-93), primo de Mme. de Sévigné, temido pela mordacidade de suas críticas.

42 O atual nome da *Rue Petit-Musc*, segundo uns, deriva de *Pute y musse* (de *musser*, esconder-se), nome dado a essa rua, em outros tempos, por ser local de refúgio das mulheres de má vida. Segundo outros, deriva

do latim *petimus* (pedimos), palavra pela qual comumente começavam as petições que ali eram redigidas por escrivães públicos.

43 *Monte-à-Regret* expressão popular usada para designar a guilhotina, o cadafalso ou a forca.

44 *Molière* (v. nota 99/1). *Jacques Callot* (1592-1635) pintor e gravador francês, ganhou fama na Itália, deixando mais de 1 500 trabalhos.

45 Após a queda da Bastilha, projetou-se levantar uma grande coluna à Liberdade com o material que restava da fortaleza. A primeira pedra foi solenemente colocada em 14 de julho de 1792, mas a Revolução impediu que o monumento fosse erigido, sendo enfim levantado sob Luís Filipe, chamando-se Coluna de Julho. Nesse intervalo, Napoleão resolveu levantar ali uma fonte sob a forma de um elefante colossal cujo modelo de gesso continuou ainda nessa praça até 1846, ano em que foi destruído.

46 O *isqueiro Fumade* (nome de seu inventor) continha asbesto ou amianto impregnado de ácido sulfúrico; o pavio, cuja extremidade continha clorato de potássio, não era aceso por fricção, mas por imersão.

47 *Sanson, o carrasco* (v. nota 14/3).

48 *Charles-Paul de Kock* (1794-1871) fecundo dramaturgo e escritor popular de grande aceitação não só na França como no estrangeiro. De 1813, época de seu primeiro livro, até 1832, ano em que se situa a história de Victor Hugo, Paul de Kock já havia escrito trinta e quatro obras.

49 *Schlinguer* gíria em francês: cheirar mal.

50 *Charles Perrault* (v. nota 85/2).

51 *Milton* (v. nota 166/1). *Armand Berquin* (1749-91) escritor francês sentimental e simples, gostava das crianças, para as quais escreveu várias obras de caráter moral e religioso. Cognominava-se *L'Ami des Enfants*, nome de um de seus livros.

52 *Antoine-François Desrues* (1744-77) tipo acabado do assassino hipócrita, tinha banco reservado na igreja, carregava consigo relíquias de santos e citava a todo instante passagens da *Introdução à vida devota*. Condenado a ser esquartejado vivo, conservou até o patíbulo sua hipocrisia a ponto de algumas mulheres o invocarem como São Desrues. Como nem todas as palavras do calão parisiense têm correspondentes na gíria popular portuguesa, e como a gíria especializada dos malfeitores necessitaria de uma retradução para se tornar inteligível, resolvemos adotar aqui a mesma solução dada pelo autor no original francês; conservamos o calão francês no texto e damos em notas o significado correspondente.

53 Vamos embora. Que estamos fazendo aqui? [N.T.]

54 Chove tanto que dá para apagar o fogo do inferno. Além do mais, a polícianão deve tardar. Há ali um soldado de sentinela. Nós vamos é ser presos. [N.T.]

55 Que é que você está dizendo? O taverneiro não conseguiu fugir. Quê! Ele não entende do assunto! Rasgar a camisa e desfiar os lençóis para fazer cordas, arrombar portas, arranjar documentos falsos, fazer chaves falsas, cortar as correntes, subir por cordas, esconder-se, disfarçar-se, para isso só mesmo sendo muito esperto! O velho não conseguiu nada; não soube trabalhar! [N.T.]

56 *Poulailler* famoso ladrão parisiense. *Cartouche* (v. nota 24/1).

57 Seu taverneiro foi pego no pulo. É preciso ser vivo. Não passa de um aprendiz. Na certa deixou-se agarrar por algum espião ou por algum carneiro que o andou denunciando. Escute, Mont parnasse, está ouvindo esses gritos na prisão? Está vendo todas aquelas lanternas? Quê! Ele foi pego. Está prontinho para ganhar vinte anos de cadeia. Eu não tenho medo, mas não sou nenhum trouxa, como sabem; aqui nada há mais a fazer, ou já nos fazem dançar. Não se aborreça, venha conosco; vamos beber juntos uma boa garrafa de vinho. [N.T.]

58 Já lhe disse que ele foi pego. A esta hora o taverneiro não vale mais um vintém. Não podemos fazer mais nada. Vamos embora. Parece que sinto a toda hora a mão de um tira a me agarrar. [N.T.]

59 *A Medusa* (v. nota 46/1).

60 O autor se refere a seu livro *Último dia de um condenado*, editado em 1828. Não se pense porém que foi essa a primeira vez em que o calão apareceu em obras literárias na França. Embora não possua literatura

própria e se limite a paródias quase ininteligíveis, a gíria parisiense aparece nas célebres baladas de Villon (v. nota 189/3). *Vidocq* (v. nota 163/1) em suas *Memórias* (também de 1828), e sobretudo em *Les Voleurs* (1837), anterior a *Os miseráveis*, dá-nos descrição detalhada da gíria popular, com o léxico de cerca de 1.500 termos. Essa foi a fonte de toda a literatura romântica para a gíria parisiense, desde *La dernière incarnation de Vautrin*, de Balzac, até *Os miseráveis* e os *Mystères de Paris*, de Eugène Sue (1804-57).

61 Para darmos ideia da gritaria dos acadêmicos contra a gíria em obras literárias, citamos como exemplo algumas palavras de *Eugène de Mirecourt* (1812-80), contemporâneo de Victor Hugo e invejoso sistemático de todas as celebridades de sua época, autor de *Os verdadeiros miseráveis* (1862), escrito certamente para aproveitar-se do êxito alcançado pelo livro, em que se confessa ultracatólico, bom pai de família e amante da verdade; diz a respeito destas páginas de *Os miseráveis: Mas dizei-nos por favor, que temos nós que ver com a gíria? Cuidais que nossas esposas, que por infelicidade tenham a curiosidade de ler o que escreveis, hão de ter em grande apreço o romancista que fala esse idioma? E nossos filhos, que podem por casualidade lançar mão de um volume assim? Quereis por acaso ensinar-lhes essa gramática da depravação e do crime? … Deixai esse vocabulário leproso à polícia e seus empregados, que de nada serve à literatura… etc.*

62 Todas essas designações de aprendiz ou ajudante, que não encontram correspondentes exatos em nossa língua, a não ser o já arcaico *salta-pocinhas*, quase que se resumem no *estagiário* hoje em voga.

63 *Encontrareis naqueles mexericos uma multidão de razões para que eu me liberte*. [N.A.]

64 *Jean Bart* (1650-1702) corsário e Chefe de Esquadra francês, durante seis anos correu o mar do Norte e a Mancha. O ruído de seus feitos audaciosos chegou a Luís XIV, que o colocou na Marinha Real, em que se distinguiu principalmente na luta da Liga de Augsburgo. *Abraham Duquesne* (1610-88) marinheiro francês, lutou contra a Holanda, a Dinamarca, a Espanha e a Inglaterra, não só a favor da França, como da Suécia e da Sicília. *Pierre-André de Suffren de Saint-Tropez* (1726-88) marinheiro francês, membro da Ordem de Malta, por ela combateu, sendo aprisionado duas vezes pelos ingleses; contra eles também lutou valorosamente nos mares da Índia. *Victor-Guy Duperré* (1775-1846) Almirante e Par de França, notabilizou-se em batalhas navais contra os ingleses durante as campanhas de Napoleão. Nos *Trabalhadores do mar*, Victor Hugo chega quase a abusar desses termos técnicos próprios dos homens do mar, a ponto de numerosas páginas serem inteligíveis apenas para os estudiosos da ciência naval.

65 *Louis Mandrin* (1724-75) bandido famoso, fornecedor de cavalos para o exército da Itália e depois contrabandista, organizou em 1750 um bando armado com o qual fazia tremendas incursões por toda a Savoia, contra o qual teve de ser organizado um verdadeiro exército. *Villon* (v. nota 189/3).

66 *Mas onde estão as neves de antanho? Antanho*, que em português tem a mesma etimologia (*ante annum*), veio-nos por meio do espanhol *antaño*, existindo também em português a forma, menos comum, antano.

67 *Seis fortes cavalos puxavam a carruagem.*

68 Deve-se observar que *mac*, em celta, quer dizer filho. [N.A.]

69 *Cartouche* (v. nota 24/1). *Lacenaire* (v. nota 15/3).

70 *Le Grand Châtelet*, ou simplesmente *Châtelet* antigo castelo de Paris, serviu de tribunal e depois de prisão. Até a Revolução, foi a sede da Justiça Real de Paris. Foi destruído em 1802 para dar lugar à praça homônima, onde se ergue a coluna que perpetua a expedição do Egito.

71 *Este é o teatro*/ *do pequeno arqueiro* (Cupido). Esse verso está longe de ser anônimo; deve-se a *Nicolas Racot Grandval* (1676-1753), músico e literato francês, autor de numerosas obras teatrais, cuja peça *Le Vice puni, ou Cartouche*, de 1727, deve ter servido de fonte a Victor Hugo e a outros românticos pelo dicionário gíria-francês, francês-gíria que lhe serve de complemento. O verso completo é como segue:*Icicaille est le théâtre* / *Du petit dardant;*/ *Françons à ce mion folâtre* / *Notre palpitant.*

72 Em português, também é comum dizer-se *Ver estrelas de dia.*

73 *Laurent Angliviel de la Beaumelle* (1727-73) escritor francês, depois de ter atacado Voltaire (v. nota

17/1) em seu livro *Mes pensées*, tentou em vão conquistar-lhe a amizade. A luta entre os dois escritores continuou até o fim de sua vida. Contra Voltaire temos, de La Baumelle, além das inúmeras diatribes, as *Lettres à M. Voltaire* (1761) e o *Commentaire sur la Henriade* (1775).

74 *Andrômeda* filha de Cefeu, Rei da Etiópia, e de Cassiopeia. Esta, tendo ousado disputar às Nereidas o prêmio da beleza, despertou a ira de Netuno, que, para vingá-la, criou um monstro marinho que desolou a região. Para acalmá-lo, Andrômeda foi amarrada a um rochedo e entregue à fúria do monstro, sendo porém libertada por Perseu.

75 *Não sei como Deus, o pai dos homens, pode torturar seus filhos e netos e ouvi-los gritar sem se sentir torturado ele próprio*. [N.A.]

76 *Pantin* Paris, cidade de simplórios (simplório: *pante*, na gíria comum dos malfeitores).

77 *Nicolas-Edme Restif* ou *Restif de la Bretonne* (1734-1806) fecundo escritor francês, deixou mais de 250 volumes de caráter muitas vezes realista e erótico. É considerado ancestral indigno mas indubitável de Balzac (v. nota 29/3). Pelo nome de algumas de suas obras podem-se aquilatar suas preferências: *Le Paysan Perverti, Le Pornographe, La Fille Naturelle, La Femme Infidèle* etc.

78 *Os bandidos* (1781) tragédia em cinco atos, primeira obra dramática do poeta romântico alemão *Friedrich Schiller* (1759-1805), que, ao escrevê-la, já pressentia o advento da Revolução Francesa; era o grito de um prisioneiro reclamando liberdade. Sua representação despertou tal entusiasmo que a polícia interveio colocando o drama no Índex. Por essa razão, a tragédia impressa foi amplamente difundida, e o governo, alarmado, viu nesse drama excêntrico uma autêntica declaração de guerra.

79 *Jacqueries* (v. nota 16/4).

80 *14 de julho de 1789* é a data da queda da Bastilha. *10 de agosto de 1792* dia em que Luís XVI é preso nas Tuileries e conduzido com sua família para Tour du Temple.

81 *Briareu* gigante da mitologia grega, filho do Céu e da Terra, tinha cem braços e cinquenta cabeças. Foi precipitado no mar por Netuno e acorrentado debaixo do Etna por Júpiter, que, todavia, chamou-o em seu auxílio na luta contra os Titãs.

82 É um pouco difícil que Marius não houvesse notado a epidemia do cólera em Paris (1832). Em 31 de março já havia em Paris trezentos doentes. A epidemia durou seis meses, intensificando-se em junho e julho. Custou à capital da França 18.406 vítimas de uma população de 645.698 almas, ou seja, mais de vinte e três mortos em cada grupo de mil habitantes.

83 *Cab* seria a contração das duas palavras: *qui aboie* (que late). Os ladrões, em vez de dizer *le chien*, o cão, diziam *le qui aboie*, abreviado para *qu'abe*. *Japper* esganiçar-se, gritar, latir.

84 *Cão*. [N.A.]

85 Quebrar os vidros com a ajuda de certa massa que, apoiada contra a vidraça,retém os fragmentos, impedindo o ruído da queda. [N.A.]

86 *Não estamos no ano-novo* / *Para beijar papai e mamãe.*

87 *Saint-Cloud* localidade situada a nove quilômetros de Versalhes, à margem esquerda do Sena.

88 Estribilho da canção *Ma grand'mère*, de Pierre-Jean de Béranger (1780-1857). O primeiro verso, aqui omitido por Victor Hugo, diz: *Combien je regrette*; em português, *Quanto me arrependo*. *Meu braço tão rechonchudo,/minha perna tão benfeita,/e o tempo perdido.*

89 *Faublas* personagem do célebre romance *Les Amours du Chevalier Faublas*, de Louvet de Convray (1760-97), poema que retrata os maus costumes do século XVIII. O herói, Faublas, é um belo jovem de dezesseis anos, espirituoso, galanteador, atrevido, a quem não faltam aventuras amorosas.

90 *Busíris* personagem da mitologia greco-egípcia. Era um faraó cruel, que sacrificava ao seu deus todos os estrangeiros que penetravam em seu país. *Tibério* (v. nota 106/2). *Henrique VIII* (1491-1547) Rei inglês, da dinastia Tudor, famoso por haver assassinado algumas de suas seis esposas.

91 *Moniteur* (v. nota 19/1).

92 *Incroyable* (v. nota 44/3). *Pierre-Jean Garat* (1764-1823) um dos mais célebres barítonos da França. Sua preocupação constante era o efeito sobre o público, quer dos teatros, quer das ruas. Era conhecido como *l'incroyable de la musique*. Passar despercebido para ele era um enorme aborrecimento. Depois de ter esgotado todos os recursos, começou a usar botinas vermelhas, excentricidade a que também se acostumaram, para grande desgosto do cantor.

93 Após o assassinato do *Duque de Berry* (v. nota 80/1), em 13 de fevereiro de 1820, projetou-se levantar no local do crime um monumento expiatório e funerário. Mas, com a revolução de 1830, o terreno já preparado foi transformado na chamada Place Louvois, em cujo centro se ergueu uma fonte que está entre os monumentos mais graciosos de Paris.

94 Na França, à época da Revolução, a maioridade foi fixada nos vinte e um anos, para ambos os sexos. Contudo, para o casamento, o homem aos dezoito anos e a mulher aos quinze estão física e legalmente aptos para se casarem. No entanto, os homens, mesmo aos vinte e um anos, não podem contrair matrimônio sem o consentimento dos pais ou tutores.

95 *Pamela* (v. nota 159/1).

96 Nas biografias de Victor Hugo encontramos um fato análogo. Pela mesma época em que negava à filha Adèle, então com trinta anos, o consentimento para se casar com o Oficial inglês que ela amava – talvez por isso o Tenente Teódulo de *Os miseráveis* tenha sido pintado como um tolo –, François-Victor, o filho mais moço de Victor Hugo, pedia ao pai para se casar com a amante, uma jovem atriz polonesa. A resposta do pai foi quase idêntica à do velho Gillenormand: poderia trazê-la para casa e continuar na mesma situação. Casar-se, porém, só depois de *purificá-la*.

97 *Pierre Théodore-Florentin Pépin* (1780-1836) revolucionário francês, era comerciante na praça da Bastilha. Foi Capitão da Guarda Nacional depois da Revolução de julho de 1830, demitindo-se após os acontecimentos de 5 e 6 de junho de 1832. Implicado no atentado Fieschi (v. nota 12/4), foi condenado à morte. *Pierre Morey* outro cúmplice de Fieschi. Destacou-se na Revolução de 1830, sendo por isso condecorado. Foi decapitado em fevereiro de 1836, junto com Pépin e Fieschi.

98 *Otelo* personagem da tragédia homônima de Shakespeare (1564-1616). Instigado por Iago, estrangula a esposa, Desdêmona, e se suicida ao sabê-la inocente. *Cândido* personagem do conto de Voltaire publicado em 1759 sob o título *Candide ou l'Optimisme*.

99 *Maximilien Lamarque* (1770-1832) General e orador francês, distinguiu-se durante as campanhas de Napoleão. Eleito Deputado em 1818, destacou-se como orador da oposição. Era popularíssimo quando morreu, durante a epidemia do cólera em Paris, em 1º. de junho de 1832. Pouco antes dele falecera, vítima do mesmo mal, outro político, Casimir Périer (v. nota 48/3), cujos funerais foram solenemente realizados pelo partido conservador. A oposição respondeu com a majestosa homenagem a Lamarque, causa da revolução aqui narrada por Victor Hugo.

100 *Pierre de Besse* (?-1639) Pregador francês na Corte de Luís XIII e de Henri de Bourbon, Príncipe de Condé. Sua *Concordantia Bibliorum* apareceu em Paris em 1611. *Les Marguerites de la Marguerite des Princesses* livro de poesias de Margarida de Angoulême, rainha de Navarra (1492-1549), publicado em Lyon em 1547. As poesias contidas nesse livro foram coligidas por seu camareiro *Jean de La Haye*, conhecido pelo nome latinizado de *Sylvius*. *Tibulo* (*Albius Tibullus*) poeta romano, morto no ano 19 a.C. É conhecido como "o poeta do amor". Suas *Elegias* pintam com vigor e graça todas as fases da paixão.

101 *Diógenes Laércio* historiador do século III, deixou-nos uma obra acerca da vida e da doutrina dos filósofos da Antiguidade, infinitamente preciosa para a história da filosofia grega, cujo título é: *Vidas e opiniões dos mais ilustres filósofos*. *Henri Estienne* (1460-1520) primeiro membro de uma família de editores, publicou em 1570 uma edição greco-latina de Tibulo e uma outra em 1594, enriquecida pelas notas de Isaac Casaubon, edição posteriormente corrigida e refeita por Aldobrandini.

102 *Aldo* nome com o qual se designa uma célebre família de editores italianos, cujo chefe era Aldo Manuzio (1449-1515).

103 *Elzevir* célebre família de livreiros e editores holandeses. Seu mais antigo membro foi Luís Elzevir

(1540-1617). Sete de seus nove filhos e os descendentes destes continuaram a profissão paterna. É principalmente o formato in-12 que se tornou o espécimen da coleção, cujos belos caracte res eram obra do gravador flamengo Van Dyck (1599-1641).

104 *Filinto* personagem do *Misantropo* de Molière (v. nota 99/1), é homem do mundo, sociável e indulgente, sacrificando às vezes a verdade às conveniências. *Alceste* principal personagem da mesma comédia, tipo de homem insociável, mas de inflexível probidade e intransigente franqueza.

105 *Jean Chouan* nome por que era conhecido *Jean Cottereau* (1757-94). *Chouan* (de *chat-huant*, ave noturna) foi o nome dado aos vendeanos realistas que tomaram armas contra a república francesa em 1793 e, mais tarde, contra o governo de Luís Filipe. *Jeanne* nome de um operário condecorado na Revolução de julho de 1830 e chefe da barricada de Saint-Merry, na revolução que se seguiu aos funerais de Lamarque, em 1832.

106 *Joseph-Marie Terray* (1715-78) eclesiástico, Controlador-Geral das Finanças, era tão justamente malquisto pelo povo que este jocosamente mudou o nome da Rue Vide-Gousset (esvazia-bolsos) para Rue Terray. *Anne-Robert-Jacques Turgot* (1727-81) célebre economista e Controlador-Geral das Finanças. Ao contrário de Terray, lutou realmente para melhorar as condições de vida dos pequenos proprietários, desagradando por isso à nobreza.

107 *Ramus* (*Pierre La Ramée*) (1515-72) um dos mais sábios humanistas do século XVI, morto em Paris, na Noite de São Bartolomeu (v. nota 108/4), no colégio de Preses; seu corpo foi atirado ao Sena. *Jean-Jacques Rousseau* (v. nota 121/3) em 1762 publicou *O Contrato Social* e *Emílio*, livro condenado ao mesmo tempo em Paris e em Genebra, sendo por isso obrigado a se refugiar no território de Berna, de onde foi expulso.

108 *Noite de São Bartolomeu* (24 de agosto de 1572) massacre dos protestantes no reinado de Carlos IX, ordenado por instigação de Catarina de Médicis.O número de mortos é impossível de se avaliar; variam desde algumas centenas até cem mil, segundo o partidarismo dos historiadores. *Massacres de setembro*(1792) dias famosos na história da Revolução Francesa, em que foram mortos milhares de realistas. *Gaspard* II *de Coligny* (v. nota 128/3) foi assassinado na Noite de São Bartolomeu. Seu corpo foi exposto nas forcas de Montfaucon. *Marie-Thérèse-Louise de Savoie-Carignan, Princesa de Lamballe* (1749-92) amiga íntima de Maria Antonieta, bonita, de bom caráter, capaz de qualquer sacrifício pela Rainha, em 1792 foi encarcerada na Force, onde foi assassinada a golpes de martelo durante os massacres de setembro; sua cabeça foi exposta diante das janelas do Temple, onde se achava presa Maria Antonieta. *Guillaume-Marie-Anne Brune* (1763-1815) Marechal de França. A princípio tipógrafo e jornalista, durante os Cem Dias combateu o Duque de Angoulême (v. nota 58/1) e foi, em Avignon, uma das vítimas do Terror Branco. *Miquelets* nome dado originalmente a bandidos espanhóis que viviam nos Pirineus. Depois foi organizada uma companhia deles por Luís XIV e Napoleão a fim de combater os guerrilheiros espanhóis. *Verdets* companhias realistas secretas que espalharam o terror pelo Midi da França, depois de 9 termidor e durante o Terror Branco (1815); eram assim chamados por usarem uniformes e laços verdes. *Cadenettes* trança que os soldados da infantaria usavam. *Companheiros de Jéhu* ou *de Jesus* nome usado pelos bandos pagos por agentes realistas para reagir contra a França revolucionária.

109 *Hébert* (v. nota 21/4). *Danton* (v. nota 80/2).

110 *Jules Auguste Armand Marie de Polignac* (1780-1847) fez parte do grupo monarquista dos ultras. Suas ligações com a Inglaterra e a Igreja tornavam-no bastante impopular. *Camille Desmoulins* (1760-94) advogado e jornalista, foi um expoente da Revolução de 1789. Morreu guilhotinado, por sua “moderação”.

111 *Juvenal* (v. nota 33/1).

112 *Gracos* (v. nota 100/3).

113 *O exilado de Siena* cidade egípcia da Tebaida, é Juvenal. Desgostando a nobreza de Roma com suas sátiras, foi enviado como Comandante das tropas romanas sediadas naquela cidade. O autor dos *Anais* é Tácito (v. nota 33/1). Essa obra é o seu trabalho mais importante, abrangendo a história de Roma desde a morte do Imperador Augusto (63 a.C.-14) até a de Nero (v. nota 142/1).

114 *Patmos* uma das ilhas Espórades, no mar Egeu, onde o autor do *Apocalipse*, que se apresenta sob o nome de João, teve sua iluminação.

115 *Calígula* (v. nota 124/3). *Verres* nascido no ano 119 a.C., foi célebre por sua venalidade como Questor romano na Sicília, onde conseguiu enorme fortuna. Acusado, o célebre escritor Marco Túlio Cícero (v. nota 39/3) encarregou-se da própria causa, e seus testemunhos (*Verrinas*) foram tão concludentes que Verres se viu obrigado a fugir ao julgamento, exilando-se voluntariamente.

116 Os *Anais* de Tácito foram publicados, ao menos em parte, do ano 115 ao 117. Contêm a história dos quatro Imperadores romanos Tibério, Calígula, Cláudio e Nero.

117 *César* (v. nota 137/2). *Rubicão* rio da Itália. O Senado romano, para proteger-se de um governo militar, declarara traidor da pátria quem atravessasse o Rubicão com forças armadas. É essa proibição que César desafia, iniciando a guerra civil que o levaria ao poder.

118 *Sila* (138-78 a.C) ditador romano que revisou a Constituição, favorecendo o Senado. No apogeu de seu poder, abdicou. *Vitélio* (15-69) Imperador que governou por apenas oito meses. Fez-se notável pela gula e crueldade. Morreu massacrado pelo povo de Roma. *Cláudio* (10 a.C. - 54) Imperador tido como culto e fraco, com qualidades de bom administrador, porém influenciado por sua mulher,Agripina, que o envenenou. *Domiciano* (51-96) Imperador, filho de Vespasiano e irmão de Tito, ambos seus antecessores no poder. Foi assassinado com a cumplicidade de sua mulher. Foi o último dos doze césares.

119 *Caracala* (188-217) Imperador que ascendeu ao poder assassinando o irmão.Expandiu os direitos civis do cidadão romano ao conjunto dos homens livresdo Império. *Cômodo* (161-192) filho de Marco Aurélio (v. nota 40/1). Célebrepor suas qualidades, morreu envenenado. *Heliogábalo* (204-222) Imperador cujo reinado foi maracado por confusões e extravagâncias. Morreu massacrado pela Guarda Pretoriana.

120 *Tomaso Aniello*, por contração *Masaniello* (1628-47) Tribuno popular napolitano, chefe de uma revolta contra o domínio espanhol em Nápoles. *Espártaco*heroico chefe da revolta dos gladiadores contra Roma, morto no ano 71 a.C.

121 *Gaster* personagem criado por Rabelais (v. nota 25/2) no seu *Pantagruel*. Personifica o ventre, o estômago. Gaster também aparece na fábula de La Fontaine (1621-95) *Les Membres et l'Estomac*.

122 Em 1832, Victor Hugo, então com trinta anos, não tomou parte no movimento revolucionário. Depois sim, em 1848 e em 1870. Estava então no auge da primeira fase de sua carreira literária, recebido entre os íntimos de Luís Filipe; moderado em política, era um dos ídolos populares, pois escrevera *Marion de Lorme* e *Le Roi s'amuse*, em que os Reis da terra eram retratados com todas as suas fraquezas humanas, o que não podia deixar de agradar ao povo, descontente com a situação política vigente.

123 *Lamarque* (v. nota 99/4).

124 *Maximilien Sebastien Foy* (1775-1825) General que cobriu a retirada do exército francês na Espanha, em 1814. Foi ferido em Waterloo.

125 *Napoleão II* (1811-32) filho de Napoleão Bonaparte, chamou-se a princípio Príncipe de Parma, depois (1818) *Duque de Reichstadt*. A Câmara dos Cem dias, em 23 de junho de 1815, reconheceu-o como Imperador com o título de Napoleão II, mas ele, exilado desde a idade de três anos, morreria antes de voltar à França.

126 *Édouard, Duque de Fitz-James* (1776-1838) Par de França, Deputado ultrarrealista, recompensado por Luís Filipe com numerosos títulos.

127 *Quénisset* (1814-50) simples agricultor, membro da sociedade secreta Trabalhadores Igualitários, atentou contra a vida do Duque de Orléans (13 de setembro de 1841), filho mais velho de Luís Filipe, sem contudo conseguir seu intento, sendo por isso deportado para a América, onde veio a falecer.

128 *Lafayette* (v. nota 107/3).

129 *Rémi-Joseph-Isidore Exelmans* (1775-1852) Marechal e Par de França, notabilizou-se durante as campanhas de Napoleão. Depois da Revolução de 1830 tomou lugar na Câmara dos Pares, ligando-se a Luís Bonaparte após a revolução de 1848.

130 *Trenton* cidade dos Estados Unidos, capital do estado de Nova Jersey onde,em 1776, *George Washington* (v. nota 34/3) obteve vitória decisiva na Guerra de Independência contra os ingleses. *Brandywine* rio da Pensilvânia, subafluente do Delaware, onde as tropas de Washington foram vencidas pelos ingleses do General Cornwallis (11 de setembro de 1777), derrota que causou a tomada de Filadélfia pelo General Howe (25 de setembro).

131 *Jeanne* (v. nota 105/4) o heroico revolucionário da barricada de Saint-Merry inspirou a Victor Hugo o episódio da Rue Saint-Denis.

132 Victor Hugo, nos últimos anos de vida, comprazia-se em chamar-se de sonhador, *rêveur*, ou pensador, isso depois de sua estada em Jersey, como exilado político.

133 *Saint-Merry* antiga igreja de Paris. Durante a Revolução, foi transformada em *Templo do Comércio*. Em suas imediações deu-se o combate principal durante os acontecimentos de 5 e 6 de junho de 1832.

134 *Armand Carrel* (1800-36) publicista, fundador do *National*, jornal que combateu a Monarquia de julho, sem contudo aprovar a insurreição de 1832. *Bertrand Clauzel* (1772-1842) Governador da Argélia em 1830 e Marechal em 1831, acompanhou o enterro de Lamarque ao lado de Lafayette.

135 *Anna Ward Radcliffe* (1764-1823) romancista inglesa cujo sucesso foi tão grande que muitos especuladores fizeram aparecer inúmeros livros sob o seu nome, o que a obrigou a abandonar a literatura.

136 *George Mouton*, *Conde de Lobau* (1770-1838) Marechal, fez parte em 1830 da Comissão Municipal que elevou Luís Filipe ao trono, sendo por ele nomeado Comandante-Geral da Guarda Nacional de Paris. *Thomas-Robert-Bugeaud de la Piconnerie* (1784-1849) Marechal francês, devotadíssimo à Monarquia de julho, responsável pelo massacre da Rue Transnonain (v. nota 7/4).

137 *Charles Lagrange* (1804-57) revolucionário francês, um dos combatentes de julho de 1830, só passou a ser conhecido como *l'homme de Lyon* depois de 1834, quando chefiou a insurreição dessa cidade. Mais tarde, em 1848, foi em suas mãos que Luís Filipe entregou o ato de abdicação.

138 *De noite, não se vê nada,*/*De dia se enxerga bem.*/ *Por qualquer escrito falso*/*O burguês logo se espanta.*/ *Praticai a virtude,*/ *Tutu, chapéu pontudo.*

139 *Rapin* aprendiz encarregado de trabalhos subalternos nos ateliês de pintura.

140 *Pierre-Marie-François-Louis Baour-Lormian* (1770-1854) poeta e autor dramático francês, entrou para a Academia em 1815.

141 *Macbeth* Rei da Escócia, morto em 1057. No drama homônimo de Shakespeare, um trio de feiticeiras prediz a Macbeth seu futuro reinado. Embora Shakespeare não indique o lugar da cena, a tradição popular coloca-a na charneca de *Armuyr*, nos limites dos condados de Elgins e Nairn, um dos lugares mais desolados da Escócia.

142 *Prudhomme* (v. nota 37/1).

143 Parte da conhecida frase: *Si vis pacem, para bellum*; em português, *Se queres a paz, prepara a guerra.* Talvez uma variação das palavras de Vegécio, escritor militar latino do século IV: *Qui desiderat pacem, praeparet bellum* – encontradas também, sob outras formas, em outros escritores.

144 *Eis que a lua aparece;* /*Quando iremos à floresta?*/ *Dizia Carlito a Carlota* / *Tu tu tu*/ *Por Chatou* / *Só tenho um Deus, um rei, um vintém e uma bota.*/*Por ter bebido bem cedo* / *O orvalho do tomilho,*/ *Dois pardais estavam alegres.*/*Zi zi zi* / *Por Passy* / *Só tenho um Deus, um rei, um vintém e uma bota.*

Um tigre ria na toca / *Daqueles pobres lobinhos,*/ *Bêbados como ninguém.*/ *Don don don* / *Por Meudon* /*Só tenho um Deus, um rei, um vintém e uma bota.*/*Um jurava, outro imprecava* / *Quando iremos à floresta?* / *Dizia Carlito a Carlota.*/ *Tin tin tin* / *Por Pantin* /*Só tenho um Deus, um rei, um vintém e uma bota.*

145 *Ali balança o esqueleto horrível*/*De um pobre amante que se enforcou. Théophile de Viau* (1590-1626) poeta francês, condenado à morte pela publicação do *Parnasse Satirique* antologia de poesias obscenas a ele atribuídas em sua maioria. Essa pena, porém, foi comutada com o exílio.

146 *Mathurin Régnier*, (1573-1613) poeta francês, frequentava em Paris uma sociedade de boêmios composta de poetas satíricos sem valor, de cujas desordens participava, embora os superasse a todos pela

qualidade de suas poesias. *Pot-aux-Roses* (vaso de rosas) e *poteau rose* (coluna cor-de-rosa) têm pronúncia idêntica.

147 *Charles-Joseph Natoire* (1700-77) pintor e gravador francês, não parece ter sido frequentador de tavernas. Embora bastante profano, mesmo em suas pinturas de caráter religioso, Natoire sempre foi muito devoto, tornando-se no fim da vida demasiado exigente com os alunos, a ponto de expul sar um deles da Academia de Roma por não ter obedecido aos procedimentos da Páscoa.

148 *Marie-Antoine Carême* (1784-1823) autor de livros sobre arte culinária. Evocação do *Carpe diem* de Horácio: *Aproveita-te do dia, das horas que passam* (Horácio – *Odes*, livro I ode II).

149 *A dez passos ela assusta, a dois espanta* / *Uma verruga habita-lhe o nariz atrevido./A todo instante teme-se que ela o assoe,/E um belo dia, o nariz, em sua boca, esboroe.*

150 *Se puder, beba; se ousar, coma.*

151 Victor Hugo assinala aqui a impossibilidade de Joly, constipado, de pronunciar os *mm*, dando lugar a um trocadilho entre as palavras *habit* e *abi* (*ami*) intraduzível em português: – *C'est vrai* – exclama Joly –, *un vieil habit est un vieil abi*.

152 *Dom Jacques Du Breul* (1528-1614) historiador eclesiástico francês, autor do *Théâtre des antiquités de Paris*, do *Supplementum antiquitatum urbis Parisiensis* e dos *Fastes et antiquités de Paris*, obras preciosas para a história de Paris, embora não isentas de erros. *Henri Sauval* (1623-76) erudito francês autor da *Histoire et Recherches des antiquités de la ville de Paris* (1724). *Jean Lebeuf* (1687-1760) um dos maiores eruditos franceses do século XVIII, autor das *Dissertations sur l'histoire civile et ecclesiastique de Paris* e de outras obras igualmente históricas. Foi capelão da colegiada do Santo Sepulcro nessa mesma Rue Saint-Denis.

153 *Ai dos vencidos. Breno* nome dado pelos latinos a um chefe dos gauleses. Invasor da Etrúria em 390 a.C., tomou Roma, desocupando-a somente após receber um tributo de mil libras de ouro.

154 O cometa de Newton, cuja última aparição se deu em 1680, apareceu também no ano 44 a.C., ano da morte de César (v. nota 137/3). Contudo, o cometa de 1811 coincidiu com ótimas colheitas (o vinho de 1811 chamou-se *vinho do cometa*), o que contribuiu bastante para tomá-lo como sinal de abundância e felicidade.

155 *Thymbraeus Apollo* dele fala Virgílio (v. nota 29/3) na *Eneida* III, 85. *Apolo* deus de Tímbrea, antiga cidade da Tróada, onde Páris matou Aquiles.

156 Em francês: *Les omnibus, ne passent pas devant Corinthe* (*omnibus* também é o dativo plural do latim *omnis*, todo). A frase de Bossuet é uma paródia do verso de Horácio (*Epistolae*, lib. I, epist. XVII, vs. 36). *Non cuivis homini contigit adire Corinthum*; em português, *Nem a todos é dado ir a Corinto*, cidade grega, cheia de prazeres e riquezas que só o dinheiro conseguia comprar.

157 *Pigmalião* escultor da ilha de Chipre. Segundo a lenda, para entregar-se exclusivamente à sua arte, resolveu viver em celibato absoluto. Vênus, para se vingar, tornou-o apaixonado de uma estátua de mármore que esculpira e a quem chamara Galateia. A deusa, porém, comovida, deu alma à estátua, que se tornou esposa do escultor.

158 *Tiziano Vecelli* ou *Vecellio* (1477-1576) pintor da escola veneziana. O quadro em que figura sua amante é uma de suas obras mais perfeitas. Apesar do nome pelo qual é conhecido, não se trata propriamente da amante do pintor, mas de certa Laura de Dianti, amante e, depois, mulher do Duque de Ferrara.

159 *Leônidas* (v. nota 25/2). *Drogheda* cidade e porto da Irlanda, foi bombardeada por Cromwell (v. nota 137/3) em 1649 e quase totalmente destruída.

160 *Jean-Charles, Cavalheiro de Folard* (1669-1752) estrategista francês, autor de obras que contribuí ram para o progresso da moderna tática militar.

161 *Lembras-te de nossa vida feliz, quando nós dois éramos tão jovens, não tendo no coração outro desejo, senão vestir-nos bem e nos apaixonarmos?*/ *Quando, somando tua idade à minha, não alcançávamos, os dois, quarenta anos e, em nossa casinha humilde, tudo para nós, mesmo o inverno, era primavera?*/ *Que belos dias! Manuel era sábio e altivo, Paris nutria-se em banquetes sagrados, Foy lançava o raio, e em teu*

corpinho havia um alfinete que me picava./ Todos te admiravam. Advogado sem causas, ao te levar para jantar no Prado, estavas tão bonita, que as rosas pareciam voltar-se a fim de ver-te./ Ouvias dizer: Como ela é linda! E que perfume! Que cabelos ondulados! Sob a mantilha ela esconde asas; a touca encantadora desabrochou apenas./ Eu vagava contigo, apertando-te os braços tenros. Os que nos viam julgavam que o amor, fascinado, unira, em nós, o doce mês de abril ao belo mês de maio./ Vivíamos escondidos, contentes, de portas fechadas, devorando o amor, suave fruto proibido; meus lábios ainda nada tinham dito e teu coração já me dava a resposta./ A Sorbonne era o lugar bucólico onde eu te adorava da noite até a manhã. É assim que uma alma amorosa aplica a carta de Tendre ao pays latin./ Ó Praça Maubert! Ó Praça Dauphine! Quando no sótão fresco e primaveril, esticavas as meias em tuas pernas delgadas, eu via uma estrela no fundo do humilde quarto./Li muito Platão, mas de nada me lembro; melhor que Malebranche ou Lamennais, tu me demonstravas a bondade do céu com uma flor que me davas. Eu te obedecia, e me eras submissa. Sótão dourado! ajudar-te a vestir! ver-te ir e vir desde a aurora, de camisola, espelhando o jovem rosto naquele velho espelho!/ E quem poderia esquecer esses tempos de aurora e de céu, de fitas, flores, véus e sedas, com que o amor gagueja deliciosa gíria! / Nosso jardim era um vaso de tulipas; tapavas a vidraça com uma saia; eu tomava para mim a tigela de barro, deixando para ti a taça de porcelana japonesa./ E aquelas terríveis desgraças que nos faziam rir! Teu regalo queimado, teu boá perdido! E aquele querido retrato do divino Shakespeare que uma noite vendemos para jantar! /Eu mendigava, tu eras caridosa. Beijava furtivamente teus braços sadios e curvilíneos. Um Dante in-fólio servia-nos de mesa para comer alegremente um cento de castanhas./ A primeira vez que em minha alegre alcova roubei um beijo de teus lábios em chamas, quando depois te foste despenteada e pudica, fiquei todo pálido e acreditei em Deus!/ Lembras-te de nossas alegrias sem número, de todos aqueles lenços transformados em trapos! Oh! quantos suspiros de nossos corações cheios de sombra se perderam nos céus profundos!

162 *Courtille* (v. nota 21/3).

163 *Billettes* ou *bilhetus* nome dado a um ramo da Ordem dos Carmelitas cujo escapulário lembrava a forma dos bilhetus, peça heráldica retangular de igual nome; igreja construída por esses monges nessa rua em 1756.

164 *Gisquet* (v. nota 15/4).

165 *Têmis* filha do Céu e da Terra, rainha da Tessália, personificação da justiça.

166 Como o leitor deve estar lembrado, *Claquesous*, um dos malfeitores que participaram da cilada contra Jean Valjean, desapareceu misteriosamente sem que o próprio Javert pudesse explicar sua fuga.

167 *Montmirail* batalha ganha por Napoleão contra os aliados (11 e 12 de fevereiro de 1814). *Champaubert* vitória de Napoleão sobre os russos (10 de fevereiro de 1814).

168 *Washington* (v. nota 34/3). *Desmoulins* (v. nota 110/4). *Leônidas* (v. nota 25/2). *Timoleão* (410-337 a.C.) estadista grego devotado à causa da liberdade, pela qual imolou seu próprio irmão Timófano, para impedi-lo de ser o tirano de Corinto.

169 *Brutus* Senador romano, protegido de César (v. nota 137/3), que no entanto participou de seu assassinato. *Marcel de Blankenheim* nobre de origem alemã, cuja família teve grande importância no século XIV. *Coligny* (v. nota 128/3).

170 *Ambiorix* Rei dos eburônios, tentou libertar a Gália belga da dominação romana, aproveitando-se da ausência de César (v. nota 137/3), então nas Bretanhas. César, porém, venceu-o numa grande batalha e exterminou seu povo. *Artevelde* (1295-1345) chefe popular dos flamengos, era partidário da aliança com os ingleses e lutou pela união das grandes províncias que hoje formam a Bélgica. Foi assassinado por seus inimigos políticos. *Philipe de Marnix* (1538-98) literato e diplomata, um dos chefes da revolta dos Países Baixos contra a Espanha, distinguiu-se pelo ardor com que lutou pela liberdade de consciência em sua pátria e contra a Inquisição. Foi preso duas vezes pelos espanhóis. *Pelágio* primeiro Rei das Astúrias, morto em 737, combateu os árabes que haviam conquistado a Espanha.

171 *Aristógiton* herói ateniense. *Ésquilo* (v. nota 35/1) sua tragédia *Prometeu acorrentado* tem por assunto o

suplício do titã punido por Zeus por ter roubado o fogo celeste, com que animou o primeiro homem. *Trasíbulo* General e estadista ateniense, morto em 388 a.C., expulsou os trinta tiranos e restaurou o regime democrático em Atenas. *Diderot* (v. nota 128/1). *Danton* (v. nota 80/2).

172 *Pinga-me o nariz,/Amigo Bugeaud;/Dá-me teus gendarmes/Para lhes dizer uma palavrinha:/Mantelete azul/E shako empenachado/Eis o que é a Guarda Nacional!/Co-cocoricó!*

173 *A estátua do Comendador* alusão à aparição do pai de uma das vítimas de D. Juan, jocosamente convidada a participar da ceia do sedutor (Molière, *Don Juan ou Le Festin de Pierre*, IV.12, v.6). Essa aparição é um dos efeitos mais dramáticos do teatro, lembrada muitas vezes quando se deseja pintar a entrada súbita e inesperada de um personagem sinistro, a iminência de uma catástrofe merecida, o castigo exigido para a expiação de crimes há muito tempo impunes.

174 *Ao avistar Lafayette/O gendarme repete:/Salvemo-nos! Salvemo-nos! Salvemo-nos!*

175 *O pássaro chilreia entre os caniços,/E diz que ontem Atala/ se foi com um russo./ Para onde vão /as lindas meninas, Vão lá./Meu amigo, Pierrot, dizes bobagens,/porque outro dia Mila bateu na /vidraça, e me chamou./Para onde vão etc./As rameiras são mesmo gentis; seu /Veneno, que me enfeitiçou, envenenaria/até o senhor Orfila.*/Para onde vão etc./Gosto do amor e de suas briguinhas; /gosto de Inês e de Pamela;/ Lisa, inflamando-me, se queimou./Para onde vão etc./Outro dia, quando vi as mantilhas /de Suzette e de Zeila, minha alma/se engastalhou em suas dobras./Para onde vão etc./Amor, quando, na sombra em que brilhas,/coroas Lola de rosas, só por isso eu iria/para o inferno./Para onde vão etc./Joana, tu te vestes ao espelho! Um dia /meu coração fugiu; acho que está com ela./Para onde vão etc./De noite, saindo dos bailes, mostro Stella às/estrelas, e lhes digo: contemplem-na./Para onde vão etc.*

* *Mathieu Joseph-Bonaventure Orfila* (1787-1853) químico e toxicólogo francês, autor de numerosas obras sobre medicina.

176 *Mas ainda existem Bastilhas, e eu quero dizer: alto! a esta ordem de coisas. Para onde vão as lindas meninas, / vão lá Alguém quer jogar bilhar? Todo o mundo / antigo se desmoronou quando rolou a bola grande. Para onde vão etc. Velho e bom povo: derrubemos a golpes / de muleta o Louvre, onde se ostenta a monarquia das rendas. Para onde vão etc. Já forçamos os portões; o Rei Carlos X / não resistiu e fugiu. Para onde vão etc.*


JEAN VALJEAN
5





La charge de faubourg St Antoine et la Scène du faubourg du Temple

Les deux plus mémorables barricades que [redacted] puisse mentionner, appartiennent à la période où on plaça l'action de la livre. Ces deux barricades, symboles toutes les deux, nous deux aspects différents, d'une situation redoutable, sortirent de sous le fond de la formidable insurrection de juin 1848, la plus grande guerre des rues qu'ait vue l'histoire.

l'une encombrait l'entrée du faubourg Saint Antoine ; l'autre défendait l'approche du faubourg du Temple ; celle-ci devant qui le sang devait couler sous l'éblouissant ciel bleu de juin, ces deux effrayants chefs-d'œuvre de la guerre civile, ne les oublierons jamais.

La barricade du faubourg St. Antoine était monstrueuse ; elle

(maladies sociales [redacted] l'observateur des [redacted])

Il arrive quelquefois que, même contre les principes, même contre la liberté, l'égalité ou la fraternité, [redacted], même contre le Vote universel, même contre la souveraineté du peuple exprimée par elle-même, contre [redacted], du fond de ses angoisses, [redacted] de la désespérance, de ses désenchantements, de ses fièvres, de ses désastres, de ses misères, de ses ignorances, de ses ténèbres, cette grande [redacted] la canaille protestera [redacted] que la populace livre bataille au peuple.

[redacted] Les [redacted] légalités ; car il y a toujours une certaine grandeur à servir même dans cette démence, il y a du suicide dans le deuil, et ces mots qui veulent dire ces déjeunés, canaille, populace, [redacted] ténèbres, (hélas ! plutôt la faute [redacted] qui ignore que la faute de souffrir, plutôt la faute des privilégiés que la faute des déshérités.

Qu'il nous soit permis, sur la [redacted] sujet à un point de vue [redacted] jour de dépression, qu'il nous soit permis d'arrêter un moment l'attention du lecteur sur les deux barricades dont nous venons de parler.

LIVRO PRIMEIRO

A GUERRA ENTRE QUATRO PAREDES

I | A CARIBDE DE SAINT-ANTOINE E A CILA DO FAUBOURG DU TEMPLE [1]

As duas mais memoráveis barricadas que o observador das doenças sociais pode mencionar não pertencem ao período em que se situa a ação deste livro. Essas duas barricadas, símbolos, sob aspectos diferentes, de uma situação perigosa, surgiram da terra por ocasião da fatal insurreição de junho de 1848, a maior guerra das ruas de que a história tem conhecimento.

Acontece, às vezes, que mesmo contra os princípios, mesmo contra a liberdade, a igualdade e a fraternidade, mesmo contra o voto universal, contra o governo de todos por todos, do fundo de suas angústias, de seu desespero, de sua miséria, de suas febres, de seus miasmas, de suas ignorâncias, de suas trevas, essa grande desesperada, a canalha, protesta, e a populaça combate o povo.

Os miseráveis atacam o direito comum; a oclocracia insurge-se contra o *demos*.

São dias lúgubres, pois sempre há certa quantidade de direito mesmo nessa demência, há suicídio nesse duelo; e estas palavras, que querem injuriar, plebe, canalha, oclocracia, populaça, infelizmente constatam mais a culpa dos que reinam que a culpa dos que sofrem; mais a culpa dos privilegiados que a dos deserdados.

Quanto a nós, jamais pronunciamos essas palavras sem dor e sem respeito, porque, quando a filosofia sonda os fatos aos quais correspondem, encontra, não poucas vezes, muita grandeza ao lado da miséria. Atenas era uma oclocracia; os maltrapilhos construíram a Holanda; a populaça salvou Roma por mais de uma vez; e a canalha acompanhava Jesus Cristo.

Não há pensador que não tenha contemplado, ao menos uma vez, a magnificência das camadas inferiores.

São Jerônimo, sem dúvida, pensava nessa canalha, em toda essa gente pobre, em todos esses vagabundos, em todos esses miseráveis dos quais surgiram os

apóstolos e os mártires, quando disse estas palavras misteriosas: – *Fex urbis, lex orbis*.[2]

O desespero dessa turba que sofre e que sangra, sua violência insensata contra os princípios que constituem sua vida, seus ataques contra o direito, são golpes de Estado populares e devem ser reprimidos. O homem probo dedica-se a tais princípios, e, justamente por amor a esse povo, o combate. Mas, mesmo opondo-se, como sabe desculpá-lo; resistindo-lhe, como o venera! Esse é um dos raros momentos em que, fazendo o que deve fazer, se sente que algo não está bem, que alguma coisa quase desaconselharia seguir avante. Persistimos por dever, mas a consciência, embora satisfeita, sente-se triste, e o cumprimento do dever enche o coração de angústia.

Junho de 1848, apressamo-nos em dizê-lo, foi um fato à parte, quase impossível de classificar na filosofia da história. Todas as palavras que acabamos de pronunciar devem ser postas de lado quando se trata dessa revolta extraordinária, na qual sentimos a santa ansiedade do trabalho reclamando seus direitos. Era preciso combatê-la, era nosso dever, pois atacava a República. Mas, no fundo, o que foi junho de 1848? Uma revolta do povo contra ele mesmo.

Quando não se perde de vista o assunto, não há digressão: seja-nos, portanto, permitido chamar por um momento a atenção do leitor sobre as duas barricadas absolutamente únicas de que acabamos de falar e que caracterizaram essa insurreição.

Uma fechava a entrada do Faubourg Saint-Antoine, outra defendia as imediações do Temple; aqueles diante dos quais se levantaram, sob o brilhante céu azul de junho, essas duas terríveis obras-primas da guerra civil, jamais se esquecerão delas.

A barricada Saint-Antoine era monstruosa; subia a uma altura de três andares e tinha setecentos pés de largura. Ela fechava de um ângulo a outro a espaçosa entrada do bairro, isto é, três ruas; cheia de altos e baixos, cortada por enorme seteira, apoiada em contrafortes que eram verdadeiros bastiões, fortemente apoiada nos dois grupos de casas dos arredores, ela surgia como um dique ciclópico no fundo da terrível praça que havia presenciado o 14 de julho. Dezenove barricadas no meio das ruas escalonavam-se por trás dessa barricada-mãe. Bastava vê-la para sentir naquele bairro o imenso sofrimento agonizante chegado ao minuto extremo em que o infortúnio quer transformar-se em catástrofe. De que era feita aquela barricada? Com o material de três casas de seis andares demolidas expressamente para isso, como diziam alguns. Com o prodígio de todas as cóleras, diziam outros. Tinha o aspecto lamentável de todas

as construções do ódio: a ruína. Poder-se-ia perguntar: – Quem construiu isso? – Ou então: – Quem destruiu isso? – Era a improvisação do tumulto. – Olhem! esta porta! esta grade! este toldo! esta ombreira! este fogareiro quebrado! esta panela rachada! Deem tudo! Joguem tudo, empurrem, rolem, destruam, desmantelem, alvorocem! – Era a colaboração das calçadas, dos marcos de pedra, das vigas, das barras de ferro, dos farrapos, de carroças viradas, de cadeiras quebradas, de talos de couve, de frangalhos, de trapos, de maldição… Era grande e era mesquinha. Era o abismo parodiado em plena praça pública pela confusão. Era a massa ao lado do átomo; era o pedaço de parede ao lado da tigela quebrada; uma confraternização ameaçadora de todos os rotos; Sísifo jogara ali seu rochedo, Jó, seu caco de telha.[3] Em suma, terrível. Era a acrópole dos pés descalços. Carroças reviradas tornavam a subida mais acidentada ainda; um carro enorme, colocado de través, com o eixo para cima, parecia uma cicatriz naquele amontoado tumultuoso; um ônibus, içado alegremente até o alto da barragem, como se os arquitetos daquela selvageria quisessem juntar a peraltice ao espanto, oferecia seus varais desatrelados a não sei quais cavalos do ar. Aquele amontoado gigantesco, aluvião da revolta, parecia o monte Ossa colocado sobre o Pélion de todas as revoluções; [4] era 93 sobre 89, o 9 termidor sobre o 10 de agosto, o 18 brumário sobre o 21 de janeiro, o vindemiário sobre o prairial, 1848 sobre 1830. O local valia o trabalho, e aquela barricada era digna de aparecer no mesmo lugar de onde a Bastilha havia desaparecido. Se o oceano construísse diques, os faria assim. A fúria das vagas estava impressa naquele amontoado disforme. Que vagas? A multidão. Julgava-se ver ali o motim petrificado. Julgava-se ouvir ali, zumbindo por sobre aquela barricada, como se estivessem sobre sua colmeia, as abelhas enormes e tenebrosas do progresso violento. Era uma brenha? Era uma bacanal? Era uma fortaleza? A loucura parecia tê-la construído de uma assentada. Aquele reduto tinha algo da cloaca, aquela confusão tinha algo do Olimpo. Viam-se ali, numa desordem desesperadora, caibros, pedaços de mansardas mostrando ainda o papel pintado, caixilhos de janelas com todos os vidros cravados nos escombros, à espera dos canhões, lareiras, armários, mesas, bancos, em confusão gritante, e mil coisas paupérrimas, rebotalhos do próprio mendigo, que contêm ao mesmo tempo furor e nada. Dir-se-ia que era o andrajo de um povo, andrajos de madeira, de ferro, de bronze, de pedra, que o Faubourg Saint-Antoine empurrara à sua porta com uma formidável vassourada, fazendo da própria miséria a sua barricada. Cepos que pareciam bigornas, correntes arrebentadas, traves semelhantes a forcas e rodas horizontais saindo dos escombros amalgamavam àquele edifício da anarquia a

figura sombria dos antigos suplícios sofridos pelo povo. A barricada Saint-Antoine se servia de tudo; dali saía tudo o que a guerra civil pode lançar à cabeça da sociedade; não era combate, era paroxismo; as carabinas que defendiam aquele reduto, entre as quais havia alguns bacamartes, disparavam cacos de louça, pedaços de osso, botões, até rodinhas de criados-mudos, projéteis perigosos por serem de metal. Essa barricada estava fora de si; lançava para as nuvens um clamor inexprimível; em certos momentos, provocando o exército, cobria-se de multidão e de tempestade; uma turba de cabeças flamejantes a coroava; tinha uma crista espinhosa de espingardas, de sabres, de varapaus, de machados, de chuços e de baionetas; uma enorme bandeira vermelha balançava ao vento; ouviam-se ali gritos de comando, canções de ataque, rufos de tambores, soluços de mulher e a gargalhada tenebrosa dos mortos de fome. Era descomunal e viva; e, como do dorso de uma fera elétrica, dela saía um estalido de raios. O espírito da revolução cobria com sua nuvem aquele cume onde ecoava raivosa a voz do povo, que se assemelha à voz de Deus; uma estranha majestade se desprendia daquela titânica alcofa de entulho. Era um montão de lixo e era o Sinai.[5]

Como dissemos anteriormente, ela atacava em nome da Revolução o quê? A Revolução. Ela, a barricada, o acaso, a desordem, o sobressalto, o mal-entendido, o desconhecido, tinha à sua frente a Assembleia Constituinte, a soberania do povo, o sufrágio universal, a nação, a República; era a *Carmanhola* desafiando a *Marselhesa*.[6]

Desafio insensato, mas heroico, pois esse velho bairro é um herói.

O bairro e seu reduto se ajudavam mutuamente. A vasta barricada era como uma penedia onde se ia quebrar a estratégia dos generais da África. Suas cavernas, suas excrescências, suas verrugas e gibosidades careteavam, por assim dizer, zombando sob a nuvem de fumo. A metralha, ali, perdia-se em tanta deformidade; as bombas ali se enterravam, como que engolidas pelos escombros; as balas nada mais faziam que abrir buracos. De que serve canhonear o caos? E os regimentos, acostumados às mais terríveis visões da guerra, olhavam inquietos para aquela toca de animais selvagens, eriçados como um javali, gigantescos como uma montanha.

A um quarto de légua dali, na esquina da Rue du Temple que desemboca no bulevar perto do Château-d’Eau, se nos aventurássemos a olhar pela ponta formada pelo magazine Dallemagne, veríamos ao longe, além do canal, na rua que sobe as rampas de Belleville, no ponto culminante da elevação, uma estranha muralha alcançando o segundo andar das fachadas, espécie de traço de

união entre as casas da direita e as da esquerda, como se a rua por si mesma tivesse desviado sua parede mais alta para se fechar bruscamente. A muralha era construída de pedras. Era direita, correta, fria, perpendicular e ereta. Sem dúvida, não havia ali cimento, mas, como em certas construções romanas, isso não lhe perturbava a rígida arquitetura. Pela altura poderíamos medir-lhe a profundidade. A cimalha era matematicamente paralela aos alicerces. De espaço em espaço viam-se, na sua superfície cinzenta, seteiras quase invisíveis semelhantes a traços negros, separadas umas das outras por intervalos iguais. A rua estava deserta a perder de vista. Todas as janelas e portas fechadas. No fundo, levantava-se essa barreira que a transformava num beco sem saída; muralha imóvel e tranquila; não se via ninguém, não se ouvia o menor ruído; nenhum grito, nenhum barulho, nenhum sopro. Um sepulcro.

O deslumbrante sol de junho inundava de luz aquela coisa terrível.

Era a barricada do Faubourg du Temple.

Desde que se chegava àquele lugar, e se vislumbrava a barricada, era impossível, mesmo aos mais corajosos, deixar de ficar pensativo diante daquela aparição misteriosa. Era perfeita, encaixada, retilínea, simétrica e fúnebre. Havia ali ciência e trevas. Sentia-se que o chefe daquela barricada era um geômetra ou um espectro. Olhava-se para aquilo e falava-se em voz baixa.

De quando em quando, se alguém, soldado, oficial ou representante do povo, se aventurava a atravessar aquela rua solitária, ouvia-se um silvo agudo e fraco, e o transeunte caía ferido ou morto; ou, se conseguia escapar, via-se cravar uma bala ou um biscainho em alguma janela fechada ou parede, pois os revoltosos haviam feito com dois pedaços de tubos de gás, tapados numa das extremidades com estopa e barro, dois pequenos canhões. Não havia desperdício de pólvora. Quase nenhum tiro falhava. Havia alguns cadáveres espalhados e poças de sangue sobre as pedras. Lembro-me de uma borboleta branca que ia e vinha voando pela rua. O verão jamais abdica de seus direitos.

Nos arredores, os vãos dos portões estavam atulhados de feridos.

Todos ali se sentiam visados por alguém invisível e se compreendia que todo o comprimento da rua estava sob contínua pontaria.

Escondidos por trás da curva que faz à entrada do Faubourg du Temple a ponte do canal, os soldados da coluna de ataque observavam, graves e recolhidos, aquele reduto triste, aquela imobilidade, aquela impassibilidade, de onde surgia a morte. Alguns se arrastavam de bruços até o alto da curva da ponte, tendo o cuidado de não deixar aparecer o penacho das barretinas.

O valente Coronel Monteynard admirava aquela barricada com respeito. – *Como está construída!* – dizia a um representante do povo. – *Nem uma só pedra em desalinho. Parece de porcelana*. – Nesse momento, uma bala quebrou-lhe a cruz que levava ao peito, matando-o.

– Covardes! – dizia-se. – Por que não se mostram? Não têm coragem! Escondem-se! – A barricada do Temple, defendida por oitenta homens, atacada por dez mil, resistiu durante três dias. No quarto, fez-se como em Zaatcha e em Constantine, invadiram as casas, subiram pelos telhados e a barricada foi tomada.[7] Nenhum dos oitenta covardes tentou fugir, todos foram mortos, exceto o chefe, Barthélemy, de que falaremos adiante.

A barricada Saint-Antoine era o tumulto dos trovões; a barricada do Temple era o silêncio. Entre os dois redutos havia a diferença que existe entre o formidável e o sinistro. A primeira parecia uma bocarra, a segunda, uma máscara.

Se admitirmos que a gigantesca e tenebrosa insurreição de junho fosse feita de cólera e de enigma, sentiríamos por trás da primeira barricada o dragão; por trás da segunda, a esfinge.

As duas fortalezas tinham sido edificadas por dois homens, Cournet e Barthélemy. Cournet construíra a barricada Saint-Antoine; Barthélemy, a barricada do Temple.[8] Cada uma era a imagem de quem a havia construído.

Cournet era alto, de espáduas largas, rosto vermelho, punhos fortíssimos, coração de aventureiro, alma leal, olhar sincero e terrível. Intrépido, enérgico, incansável, tempestuoso; o mais cordial dos homens, o mais terrível dos combatentes. A guerra, a luta e a batalha eram o seu ambiente, punham-no de bom humor. Havia sido Oficial da marinha e, pelos gestos e pela voz, denotava proceder do oceano e das tempestades; na batalha, tinha a força de um tufão. Excetuando o gênio, Cournet tinha algo de Danton, como, tirando-se a divindade, Danton tinha algo de Hércules.

Barthélemy, magro, raquítico, pálido, taciturno, era uma espécie de menino trágico que, esbofeteado por um gendarme, o matara à traição, sendo condenado às galés aos dezessete anos. Saiu de lá e construiu a barricada do Temple.

Mais tarde, coisa fatal, em Londres, ambos proscritos, Barthélemy matou Cournet. Foi um duelo fúnebre. Algum tempo depois, preso na engrenagem de uma dessas misteriosas aventuras em que se envolve a paixão, catástrofes onde a justiça francesa vê circunstâncias atenuantes e onde a justiça inglesa não vê senão a morte, Barthélemy foi enforcado. A sombria construção social é feita de

tal modo, graças à miséria material, graças ao obscurantismo moral: uma pobre criatura inteligente, sem dúvida corajosa, talvez mesmo grande, começou pelas galés na França e terminou pela forca na Inglaterra. Barthélemy, sempre que a ocasião se lhe oferecia, não hasteava senão uma bandeira: a bandeira negra.

II | QUE FAZER NO ABISMO SENÃO CONVERSAR?

A educação da revolta já estava no seu décimo sexto ano; junho de 1848 sabia muito mais que junho de 1832. Assim, a barricada da Rue de la Chanvrerie não era mais que um esboço, um embrião, comparada às duas colossais barricadas que acabamos de descrever; mas, para a época, já era terrível.

Os rebeldes, sob o olhar de Enjolras, pois Marius já não via mais nada, aproveitaram-se bem da noite. A barricada fora não só reparada, mas aumentada de mais dois pés de altura. Barras de ferro cravadas entre as pedras assemelhavam-se a lanças em riste. Toda sorte de escombros trazidos de todas as partes fortalecia-lhe a parte exterior. O reduto fora inteligentemente reconstruído; por dentro, muralha; por fora, espinhos.

A escada de pedras, que dava acesso à parte superior da barricada como à murada de uma cidadela, fora totalmente refeita.

Já haviam desentulhado a rua e a sala ao rés do chão da taverna; a cozinha transformara-se em enfermaria e os feridos já haviam sido medicados; a pólvora espalhada pelo chão e pelas mesas fora recolhida, as balas e os cartuchos estavam prontos, as ataduras preparadas, as armas dos mortos distribuídas, o interior do reduto estava desobstruído, os cadáveres recolhidos.

Os mortos foram postos na ruela Mondétour, da qual ainda eram senhores. As calçadas, naquele lugar, conservaram-se por muito tempo vermelhas. Entre os mortos havia quatro guardas nacionais do município. Enjolras mandou pôr de lado seus uniformes.

Enjolras havia aconselhado duas horas de sono. Um conselho seu era uma ordem. Contudo, somente três ou quatro obedeceram.

Feuilly passou essas duas horas gravando a seguinte inscrição na parede fronteira à taverna:

VIVAM OS POVOS!

Essas três palavras, gravadas com um prego, podiam ser lidas ainda em 1848.

As três mulheres haviam aproveitado a trégua da noite para desaparecer definitivamente, o que fez com que os revoltosos respirassem com mais

liberdade. Elas haviam encontrado meios de se refugiarem em alguma casa da vizinhança.

A maior parte dos feridos podia e queria continuar a combater. Havia ali, deitados sobre colchões e montes de palha, na cozinha transformada em enfermaria, cinco homens gravemente feridos, dos quais dois eram guardas municipais. Estes foram medicados em primeiro lugar.

Na sala ao rés do chão estavam apenas Mabeuf, coberto com um pano preto, e Javert, amarrado à coluna.

– Esta é a sala dos mortos – dissera Enjolras.

No interior dela, iluminada apenas por uma vela, tendo ao fundo a mesa mortuária colocada atrás da coluna como uma barra horizontal, uma espécie de grande cruz resultava de Javert de pé, amarrado à coluna, e de Mabeuf, deitado sobre a mesa.

O varal do ônibus, embora cortado pelas balas, era ainda bastante grande para servir de haste à bandeira.

Enjolras, que tinha a qualidade própria dos chefes, isto é, fazer sempre o que dizia, pendurou nessa haste o casaco esburacado e cheio de sangue do velho Mabeuf.

Nenhuma refeição era mais possível. Não havia nem pão nem carne. Os cinquenta homens da barricada, que havia dezesseis horas lá estavam, tinham esgotado as magras provisões da taverna. Depois de determinado momento, toda barricada que resiste se transforma inevitavelmente na jangada da Medusa. Foi necessário resignarem-se à fome. Estavam nas primeiras horas daquele dia espartano em que, na barricada Saint-Merry, Jeanne, com rebeldes à sua volta que lhe pediam pão, a todos os combatentes que gritavam: – Queremos comer! –, respondia: – Para quê? Já são três horas; às quatro estaremos todos mortos.

Como não havia mais alimento, Enjolras proibiu as bebidas. Proibiu o vinho e diminuiu as rações de aguardente.

Haviam encontrado na adega mais de quinze garrafas cheias, hermeticamente fechadas, que Enjolras e Combeferre examinaram. Combeferre, ao subir, disse: – É um velho sortimento de Hucheloup, que, quando mais moço, tinha uma mercearia. – Isso deve ser vinho de verdade – observou Bossuet. – Felizmente Grantaire está dormindo; se estivesse acordado, teríamos muito trabalho para salvar estas garrafas. – Enjolras, malgrado as reclamações, pôs seu veto sobre as quinze garrafas e, a fim de que ninguém as tocasse, considerando-as sagradas, mandou que as guardassem debaixo da mesa em que se achava o cadáver do

velho Mabeuf.

Pelas duas horas da manhã, eram ainda trinta e sete os combatentes.

O dia começava a surgir. Já se havia apagado o archote que ainda se mantivera aceso dentro do alvéolo de pedras. O interior da barricada, pequeno pátio construído em plena rua, estava mergulhado em trevas, assemelhando-se, por meio do vago horror crepuscular, ao convés de um navio abandonado. Os combatentes, indo e vindo, moviam-se ali como fantasmas negros. Por cima daquele terrível ninho de sombras, os diversos andares das casas emudecidas esboçavam-se lividamente; mais acima ainda, começavam a mostrar-se as chaminés. O céu ostentava a nuança encantadora e indecisa entre o azul e o branco. Passarinhos voavam cantando alegremente. O elevado prédio que formava o fundo da barricada, estando voltado para o levante, tinha os telhados tingidos de rosa.

Na claraboia do terceiro andar, o vento da manhã agitava os cabelos grisalhos do homem morto.

– Estou satisfeito por terem apagado o archote – dizia Courfeyrac a Feuilly. – Aquele archote tremendo ao sopro do vento aborrecia-me. Parecia estar com medo. A luz dos archotes assemelha-se à sabedoria dos covardes; ilumina mal porque é trêmula.

A aurora desperta os espíritos como desperta os passarinhos; todos conversavam.

Joly, vendo um gato passeando pelos telhados, aproveitou a ocasião para filosofar.

– Que é um gato? – exclamou. – É um corretivo. Deus, tendo feito os ratos, disse: – Pronto! Fiz uma bobagem. – Então, fez o gato. O gato é a errata do camundongo. O camundongo mais o gato é a prova revisada da criação.

Combeferre, rodeado de estudantes e operários, falava dos mortos, de Jean Prouvaire, de Bahorel, de Mabeuf, e mesmo de Cabuc e da tristeza severa de Enjolras. Dizia:

– Harmódio e Aristógiton, Brutus, Quereias, Stephanus, Cromwell, Charlotte Corday, Sand, todos tiveram, depois do golpe, seu momento de angústia.[9] Nosso coração é tão agitado e a vida humana, tão misteriosa, que, mesmo num assassínio cívico, mesmo num assassínio libertador, se os há, o remorso de haver ferido um homem ultrapassa a alegria de haver servido ao gênero humano.

E eis aqui os meandros de qualquer conversação: um minuto depois, por uma transição provocada pelos versos de Jean Prouvaire, Combeferre comparava

entre si os tradutores das *Geórgicas*, Raux e Cournand, Cournand e Delille, indicando alguns trechos traduzidos por Malfilâtre, particularmente os prodígios da morte de César, e por essa palavra, César, o assunto retornou a Brutus.[10]

– César – dizia Combeferre – foi morto com justiça. Cícero havia sido severo para com César, e tinha razão. Sua severidade, contudo, não chegava à diatribe. Quando Zoilo insulta Homero, quando Mévio insulta Virgílio, quando Visé insulta Molière, quando Pope insulta Shakespeare, quando Fréron insulta Voltaire, é a velha lei da inveja e do ódio que entra em ação,[11] os gênios atraem a injúria, os grandes homens são sempre mais ou menos mordidos. Mas Zoilo e Cícero são duas coisas bem distintas. Cícero é um justiceiro pelo pensamento, do mesmo modo que Brutus é um justiceiro pela espada. Quanto a mim, censuro esta última justiça, a da espada, mas a Antiguidade a admitia. César, violador do Rubicão, conferindo, como provindas dele, as dignidades que vinham do povo, não se levantando à entrada do Senado, fazia, como diz Eutrópio, coisas de rei e quase de tirano: *regia ac poene tyrannica*.[12] Era um grande homem; tanto pior, ou tanto melhor; a lição foi mais elevada. Suas vinte e três feridas me comovem menos que o escarro no rosto de Jesus Cristo. César foi apunhalado pelos senadores; Cristo foi esbofeteado por simples lacaios. Pela ofensa maior, pressente-se a divindade.

Bossuet, dominando os que estavam conversando do alto de um monte de pedras, exclamava, com a carabina em punho.

– Ó Cydathenaeum, ó Mirrino, ó Probalinto, ó graças da Eântida! Oh! quem me dera pronunciar os versos de Homero como um grego de Laurium ou de Edapteon!

III | LUZ E SOMBRA

Enjolras tinha ido fazer um reconhecimento. Havia saído pela ruela Mondétour, serpenteando ao longo das casas.

Os revoltosos, digamo-lo, estavam cheios de esperança. O modo como haviam repelido o ataque noturno fazia com que quase desprezassem antecipadamente o ataque esperado para aquela manhã. Eles o aguardavam sorridentes. Não duvidavam mais do êxito do que da causa que defendiam. Aliás, evidentemente, seriam socorridos. Contavam com isso. Com essa facilidade para profetizar o triunfo, que é uma das forças do francês em combate, dividiam em três fases bem definidas o dia que ia começar: às seis horas da

manhã, um regimento, “que já havia sido tratado”, passaria a defendê-los; ao meio-dia, a insurreição em toda Paris; ao pôr do sol, a revolução.

Ouvia-se ainda o toque a rebate de Saint-Merry, que desde a véspera não parara um minuto de tocar; prova de que a outra barricada, a grande, sob o comando de Jeanne, continuava a resistir.

Todas essas esperanças passavam de grupo em grupo, numa espécie de murmúrio alegre e terrível que se assemelhava ao zumbido de guerra de um cortiço de abelhas.

Enjolras reaparecera. Voltava de seu sombrio passeio de águia pela escuridão dos arredores. Ele escutou por um instante toda aquela alegria de braços cruzados, com uma mão à boca. Depois, rosado e bem-disposto em meio à crescente claridade da manhã, disse:

– Todo o exército de Paris está em movimento. Um terço desse exército pesa sobre esta barricada, além da Guarda Nacional. Vi os *shakos* do 5º. batalhão de linha e os estandartes da sexta legião. O senhores serão atacados em uma hora. Quanto ao povo, ontem se mostrava animado, hoje nem sequer se move. Os senhores nada têm a esperar, nem por parte do povo nem por parte do exército. Foram abandonados.

Essas palavras caíram no meio dos grupos fazendo o efeito da primeira gota de chuva num enxame. Todos se calaram. Houve um momento de inexprimível silêncio em que se teria ouvido o voo da morte.

Foi um curto instante. Uma voz, do fundo mais obscuro de um dos grupos, gritou a Enjolras:

– Seja. Levantemos a barricada a vinte pés de altura e fiquemos aqui. Cidadãos, façamos o protesto dos cadáveres. Mostremos que, se o povo abandona os republicanos, os republicanos não abandonam o povo.

Essas palavras desligaram da penosa nuvem de ansiedades individuais o pensamento de todos. Uma entusiástica aclamação as acolheu.

Jamais se conheceu o nome do homem que assim havia falado; era algum desconhecido, um herói passageiro, esse grande anônimo, sempre aliado às crises humanas e às gêneses sociais que, em determinado instante, diz de maneira consagradora a palavra decisiva, desvanecendo-se nas trevas depois de haver representado, por um minuto, à luz de um relâmpago, o povo e Deus.

Essa resolução inexorável estava tão impregnada na atmosfera daquele 6 de junho de 1832 que, quase à mesma hora, na barricada de Saint-Merry, os revoltosos davam este grito histórico, consignado no processo: – Venham ou não

venham em nosso socorro, que importa! Façamo-nos matar aqui até o último.

Como vemos, as duas barricadas, embora materialmente isoladas, se comunicavam.

IV | MENOS CINCO, MAIS UM

Depois que falou o desconhecido, decretando *o protesto dos cadáveres*, dando a fórmula do sentimento comum, de todas as bocas saiu um grito estranhamente satisfeito e terrível, fúnebre pelo sentido e triunfal pela expressão:

– Viva a morte! Continuamos todos aqui!

– Por que todos? – disse Enjolras.

– Todos! Todos!

Enjolras retrucou:

– A posição é boa, a barricada é forte. Trinta homens serão suficientes. Para que sacrificar quarenta?

Eles replicaram:

– Porque ninguém há de querer retirar-se.

– Cidadãos – gritou Enjolras, e em sua voz havia uma vibração quase irritada –, a República não é tão rica de homens para sofrer perdas inúteis. A vaidade é desperdício. Se, para alguns, o dever é retirar-se, esse dever precisa ser cumprido como qualquer outro.

Enjolras, o homem-princípio, tinha sobre seus correligionários essa espécie de onipotência própria do absoluto. Contudo, fosse qual fosse essa onipotência, alguém reclamou.

Chefe até a raiz das unhas, Enjolras, vendo que discutiam, insistiu e replicou com altivez:

– Os que têm medo de ficar entre os trinta que o digam.

Redobraram-se as queixas.

– Aliás – observou uma voz num dos grupos –, é fácil falar em fugir. A barricada está toda cercada.

– Não do lado de Les Halles – disse Enjolras. – A Rue Mondétour está livre e pela Rue des Prêcheurs pode-se chegar ao mercado des Innocents.

– E lá – replicou outra voz –, somos presos. Caímos nas mãos de alguma guarda avançada do exército ou da Guarda Nacional. Eles verão passar um homem de blusão e boné. De onde vem? Das barricadas? Olham nossas mãos.

Sentem o cheiro da pólvora. Fuzilado!

Enjolras, sem responder, bateu nos ombros de Combeferre, e ambos entraram na taverna.

Saíram um momento depois. Enjolras segurava nas mãos estendidas os quatro uniformes que havia guardado. Combeferre o seguia, carregando as correias e as barretinas.

– Com este uniforme – disse Enjolras –, poderão misturar-se às tropas e fugir. Temos quatro.

E jogou ao chão os quatro fardamentos.

Nenhum movimento se fez no estoico auditório. Combeferre tomou a palavra:

– Vamos – disse ele –, precisamos ter um pouco de piedade. Sabem com o que nos preocupamos? Com as mulheres. Vejamos. Temos mulheres ou não? Temos filhos ou não? Temos ou não temos mães, que embalam com os pés o berço das crianças, rodeadas pelos filhinhos menores? Quem de vocês que jamais viu o seio de uma ama, levante a mão. Ah! vocês querem deixar-se matar? Também eu, eu que lhes falo; não quero, porém, sentir fantasmas de mulheres torcendo mãos ao meu lado. Está bem, morram, mas não provoquem outras mortes. Suicídios como os que se darão aqui são sublimes, mas o suicídio é restrito, não suporta extensão e, desde que toca em nosso próximo, chama-se assassínio. Pensem nas cabecinhas loiras, pensem nos cabelos brancos. Escutem: há pouco, Enjolras, como acabou de me contar, viu na esquina da Rue du Cygne uma janela iluminada pela luz de uma vela, no quinto andar de um prédio, e, na vidraça, a sombra trêmula de uma cabeça de mulher que parecia ter passado toda a noite a esperar. Talvez seja a mãe de alguém aqui presente. Pois bem, que esse aí fuja e se apresse em dizer à própria mãe: – Mãe, cá estou! – E fique tranquilo, que aqui lutaremos em seu lugar. Quando sustentamos o próximo com o nosso trabalho, não temos mais o direito de nos sacrificarmos. Isso é desertar a família. E os que têm filhas, e os que têm irmãs! Já pensaram? Vocês se deixam matar, está bem. E amanhã? Jovens mocinhas sem ter o que comer, é terrível. O homem mendiga, a mulher vende. Ah! essas encantadoras criaturas tão graciosas, coroadas de flores, que cantam, que tagarelam, que enchem a casa de castidade, cantando, conversando, que são como um perfume vivo, que provam a existência dos anjos no céu pela pureza das virgens na terra, Joana, Lise, Mimi, criaturas adoráveis e honestas que são a bênção e o orgulho de vocês, ah! meu Deus, elas vão sentir fome! Que querem vocês que eu diga? Há um mercado de carne humana; e não será com mãos de sombra, tremendo ao seu redor, que vocês vão

impedi-las de ali entrar! Pensem na rua, pensem nas calçadas cobertas de curiosos, pensem nas vitrinas diante das quais mulheres vão e vêm decotadas, pisando na lama. Também elas um dia foram puras. Pensem em suas irmãs, os que as tiverem. A miséria, a prostituição, os soldados, Saint-Lazare,[13] eis para onde irão essas delicadas jovens, frágeis maravilhas de pudor, de gentileza e de beleza, mais frescas que os lilases do mês de maio. Ah! vocês deixaram-se matar! Não estarão mais lá! Pois bem; quiseram livrar o povo da monarquia e entregaram as próprias mulheres nas mãos da polícia. Amigos, cuidado, tenham compaixão. As mulheres, as pobres mulheres! não têm o hábito de pensar suficientemente em sua sorte, confiantes por saber que elas não receberam a mesma educação que os homens; impedem-nas de ler, impedem-nas de pensar, impedem-nas de tratar de política; mas quem as impedirá de ir hoje ao necrotério para reconhecer o cadáver de vocês? Vejamos; é preciso que os que têm família concordem em se retirar, deixando-nos combater sozinhos. Bem sei que é preciso coragem para se retirar; é difícil; mas, quanto mais difícil, mais meritório. Dizemos: – Estou armado, estou nas barricadas; tanto pior, fico por aqui. – Tanto pior; muito bem dito. Meus amigos, olhem que há um amanhã; vocês não existirão, mas suas famílias continuarão vivas. E com que sofrimentos! Vejam, um menino saudável, de faces rosadas como maçãs, que fala, tagarela e ri, cuja fescura sentimos ao beijá-lo, sabem o que será quando abandonado? Vi um, bem pequeno, desta altura. O pai havia morrido. Uma família pobre, sem ter o que comer, acolheu-o por caridade. Mas eles não tinham pão para eles mesmos. O menino estava sempre faminto. Era inverno. Jamais o viram chorar. Viam-no ir para perto da lareira onde não havia fogo e cuja chaminé, como devem saber, era cimentada com terra amarela. A criança arrancava com seus pequeninos dedos um pouco dessa terra e a comia. Sua respiração era rouca, o rosto, lívido, as pernas, fracas, o ventre, obeso. Mas ele nada dizia. Se lhe falavam, não respondia. Ele morreu. Levaram-no para morrer no hospital Nacker, onde eu o vi, quando lá trabalhei como interno. Agora, se há pais no meio de vocês, pais que têm como felicidade passear aos domingos puxando pela mão robusta a pequenina mão do filhinho, que cada um desses pais imagine que essa pobre criança é a sua. Ainda me lembro; parece que ainda o vejo nu sobre a mesa de anatomia; as costelas mostravam-se salientes sob a pele como as fossas sob a erva do cemitério. Encontraram no seu estômago uma espécie de lama. Seus dentes estavam sujos de cinza. Vamos, ponham a mão na consciência, sigam o conselho do coração! As estatísticas constatam que a mortalidade entre as crianças abandonadas é de cinquenta e cinco por cento.

Repito ainda uma vez: trata-se de mulheres, trata-se de meninas, trata-se de guris. Falamos acaso de vocês? Por Deus, bem sabemos quem são vocês! Sabemos que todos têm na alma a alegria e a glória de dar a própria vida pela grande causa; sabemos que se sentem eleitos para morrer utilmente, magnificamente, e que cada um tem a sua parte no triunfo. Felizmente. Mas vocês não estão sozinhos neste mundo. Há outras criaturas em quem devemos pensar. Não devemos ser egoístas.

Todos baixaram a cabeça tristemente.

Estranhas contradições do coração humano nos seus momentos mais sublimes! Combeferre, que assim falava, não era órfão. Lembrava-se da mãe dos outros, esquecia-se da própria. Ia morrer. Era “egoísta”.

Marius, em jejum, febril, perdendo sucessivamente todas as esperanças, encalhado na dor, o mais triste dos naufrágios, saturado de emoções violentas, sentindo aproximar-se o fim, tinha-se cada vez mais mergulhado no entorpecimento visionário que precede sempre a hora fatal voluntariamente aceita.

Um fisiologista teria podido estudar nele os sintomas crescentes dessa absorção febril conhecida e classificada pela ciência, que é para o sofrimento o que a voluptuosidade é para o prazer. Também o desespero tem seus êxtases. Marius estava nessa situação. Assistia a tudo como de fora; como já dissemos, o que se passava à sua frente parecia-lhe longínquo; ele via o conjunto mas não distinguia os detalhes. Presenciava os movimentos de uns e outros como que envoltos em chamas. Ouvia-lhes as vozes como vindas do fundo de um abismo.

Contudo, as palavras de Combeferre o comoveram. Havia nelas uma particularidade que o impressionou e o despertou. Ele não tinha senão uma ideia: morrer, e dela não queria afastar-se; mas pensou, em seu sonambulismo fúnebre, que, embora morrendo, não estava proibido de salvar a vida de alguém.

Marius levantou a voz:

– Enjolras e Combeferre têm razão – disse. – Nada de sacrifícios inúteis. Sou da mesma opinião, e não podemos perder tempo. Combeferre disse-lhes o que devem fazer. Entre vocês há os que têm família, mães, irmãs, mulheres, filhos. Esses, saiam das fileiras.

Ninguém se moveu.

– Os homens casados e os que sustentam a família, fora das fileiras! – repetiu Marius.

Sua autoridade era grande. Enjolras era bem o chefe da barricada; Marius era

o seu salvador.

– É uma ordem! – gritou Enjolras.

– Eu lhes suplico – disse Marius.

Então, convencidos pela palavra de Combeferre, abalados pelas palavras de Enjolras, comovidos pelo pedido de Marius, aqueles homens heroicos começaram a se denunciar mutuamente.

– É mesmo – dizia um jovem a um homem já feito. – Você é pai de família. Vá embora.

– Primeiro você – respondia o outro –, você sustenta duas irmãs.

Era uma luta inaudita. Cada um se esforçava para não ser posto fora do túmulo.

– Depressa – disse Courfeyrac –, num quarto de hora será tarde.

– Cidadãos – prosseguiu Enjolras –, estamos numa República onde reina o sufrágio universal. Designem vocês mesmos os que se devem retirar.

Eles obedeceram. Ao cabo de alguns minutos, cinco estavam unanimemente escolhidos e saíam das fileiras.

– São cinco! – exclamou Marius.

Havia somente quatro uniformes.

– Nesse caso – comentaram os cinco –, um deve ficar.

E a discussão continuou, a fim de ver quem devia ficar e quem encontrava, nos outros, motivos para não ficar. A generosa disputa recomeçou.

– Você tem uma mulher que o adora.

– Você tem sua mãe, que já é idosa.

– Você não tem mais nem pai nem mãe; que acontecerá a seus três irmãos?

– Você é pai de cinco filhos.

– Você tem mais direito à vida; tem dezessete anos, é ainda muito cedo.

Aquelas grandes barricadas revolucionárias eram verdadeiros centros de heroísmos. O inverossímil ali era comum. Aqueles homens não causavam admiração uns aos outros.

– Depressa! – repetiu Courfeyrac.

De diferentes grupos gritavam a Marius.

– Escolha você o que deve ficar.

– Isso mesmo – disseram os cinco. – Nós obedeceremos.

Marius já não acreditava na possibilidade de novas emoções. Contudo, àquela ideia – escolher um homem para morrer – todo o sangue lhe refluiu ao coração.

Teria empalidecido, se fosse possível ficar ainda mais pálido.

Dirigiu-se para os cinco que lhe sorriam, e cada um, com os olhos cheios da grande chama que vemos no fundo da história no desfiladeiro das Termópilas, gritou-lhe:[14]

– Eu! eu! eu!

Marius, estupidamente, contou-os; eram ainda cinco! Depois, seus olhos se abaixaram para os quatro uniformes.

Nesse instante, um quinto uniforme caiu, como do céu, sobre os quatro outros. O quinto homem estava salvo.

Marius levantou os olhos e reconheceu o Sr. Fauchelevent. Jean Valjean acabava de entrar na barricada.

Fosse porque estivesse informado, fosse por instinto, fosse por acaso, chegara pela Rue Mondétour. Graças a seu uniforme de Guarda Nacional, conseguira passar com facilidade.

A sentinela, colocada pelos revoltosos na rua Mondétour, não achou bom dar o sinal de alarme por causa de um Guarda Nacional sozinho. Deixou que se internasse pela rua dizendo: – Talvez seja um reforço, ou, na pior das hipóteses, um prisioneiro. – O momento era por demais grave para que a sentinela pudesse distrair-se de seu dever e de seu posto de observação.

No momento em que Jean Valjean havia entrado, ninguém o notara; todos os olhos estavam fixos nos cinco escolhidos e nos quatro uniformes. Jean Valjean presenciara tudo. Silenciosamente, despira a farda, jogando-a em seguida para junto das outras.

A emoção foi indescritível.

– Quem é esse homem? – perguntou Bossuet.

– É – respondeu Combeferre – um homem que salva os outros.

Marius acrescentou com voz grave:

– Eu o conheço.

Essa afirmação satisfez a todos. Enjolras voltou-se para Jean Valjean.

– Cidadão, seja bem-vindo!

E acrescentou:

– O senhor sabe que vamos morrer.

Jean Valjean, sem responder, ajudou o homem que salvara a vestir seu uniforme.

V | QUE HORIZONTE SE AVISTA DO ALTO DAS BARRICADAS

A situação de todos, naquela hora fatal, naquele lugar inexorável, tinha como resultante e como ápice a melancolia suprema de Enjolras.

Enjolras possuía em si a plenitude da revolução; contudo era incompleto tanto quanto o pode ser o absoluto; tinha muito de Saint-Just e não o suficiente de Anacarsis Clootz;[15] contudo, seu espírito, na Sociedade dos Amigos do ABC, havia acabado por sofrer certa magnetização com as ideias de Combeferre; havia algum tempo, saía pouco a pouco das formas estritas do dogma, deixando-se levar para os horizontes mais largos do progresso, acabando por aceitar, como evolução definitiva e magnífica, a transformação da grande república francesa numa imensa república humana. Quanto aos meios imediatos, dada uma situação violenta, ele exigia violência; nisso era invariável; Marius era um remanescente dessa escola épica e temível resumida nas palavras: noventa e três.

Enjolras estava de pé sobre a escada de pedras, apoiando um cotovelo no cano da espingarda. Pensava; tremia como se um vento misterioso o agitasse, efeito comum aos lugares onde a morte está presente. De seus olhos, cheios de espírito, saía um brilho como de fogo abafado. De repente, levantou a cabeça, os cabelos loiros caíram-lhe para trás como os do anjo da sombria quadriga de estrelas; era como uma juba de leão feroz transformada em auréola. E exclamou:

– Cidadãos, já imaginaram o futuro? As ruas das cidades inundadas de luz, ramos verdes à soleira das portas, as nações irmãs, os homens justos, os velhinhos abençoando as crianças, o passado amando o presente, os pensadores em plena liberdade, os crentes em plena igualdade, o céu por religião, Deus Sacerdote direto, a consciência humana transformada em altar, não mais ódios, a fraternidade entre a escola e a oficina, por penalidade e por recompensa a notoriedade, trabalho para todos, paz para todos, direito para todos, não mais sangue derramado, não mais guerras, as mães felizes! Domar a matéria, eis o primeiro passo; realizar o ideal, eis o segundo. Reflitam sobre o que o progresso já fez. Outrora, as primeiras raças humanas viam com terror passar-lhes diante dos olhos a hidra que soprava sobre as águas, o dragão que vomitava fogo, o grifo, monstro do ar com asas de águia e garras de tigre; animais assustadores e superiores ao homem. Este, contudo, armou-lhes laços, os laços sagrados da inteligência, e acabou por dominar os monstros.

Dominamos a hidra, agora chama-se vapor; dominamos o dragão, agora chama-se locomotiva; estamos prestes a dominar o grifo, já o temos em nosso poder, agora chama-se balão. No dia em que essa obra digna de Prometeu estiver

terminada, quando o homem tiver atrelado definitivamente à própria vontade a tríplice quimera da Antiguidade, a hidra, o dragão e o grifo, ele será senhor da água, do fogo e do ar, e será para o resto da criação dotada de alma o que os antigos deuses foram outrora para ele. Coragem e avante! Cidadãos, para onde iremos? Para a ciência transformada em governo, para a força das coisas transformada na única força acessível a todos, para a lei natural recebendo sanção e penalidade em si mesma e promulgando-se pela evidência, para uma aurora de verdade que corresponde à aurora do dia. Caminhamos para a união dos povos, para a unidade do gênero humano. Chega de ficções e de parasitas. O real governado pela verdade, eis o nosso objetivo. A civilização terá seus tribunais nos cimos da Europa e, mais tarde, no centro dos continentes, num grande parlamento da inteligência. Algo semelhante já conhecemos. Os anfictiões reuniam-se duas vezes por ano, uma em Delfos, lugar dos deuses, outra nas Termópilas, lugar dos heróis. A Europa terá seus anfictiões; o globo terá seus anfictiões.[16] A França carrega esse futuro sublime em seus flancos. É essa a gestação do século XIX. O que foi esboçado pela Grécia é digno de ser terminado pela França. Escute-me você, Feuilly, operário valente, homem do povo, homem dos povos. Eu o venero. Sim, você vê claramente os tempos futuros, e tem razão. Você, Feuilly, não tinha nem pai nem mãe; e adotou por mãe a humanidade e por pai o direito. Você vai morrer aqui, isto é, triunfar. Cidadãos, aconteça o que acontecer hoje, pela nossa derrota como pela nossa vitória, o que vamos fazer aqui é uma revolução. Assim como os incêndios iluminam toda a cidade, as revoluções iluminam todo o gênero humano. E que revolução faremos? Acabo de dizê-lo: a revolução da Verdade. Do ponto de vista político, existe um único princípio: a soberania do homem sobre si mesmo. Essa soberania do eu sobre o eu chama-se Liberdade. Quando duas ou mais dessas soberanias se associam, dão origem ao Estado. Mas nessa associação não há nenhuma abdicação. Cada soberania concede certa quantidade de si própria para formar o direito comum. Essa quantidade é idêntica para todos. Essa identidade de concessões que cada um faz a todos chama-se Igualdade. O direito comum não é nada mais que a proteção de todos brilhando sobre o direito de cada um. Essa proteção de todos sobre cada um chama-se Fraternidade. O ponto de intersecção de todas essas soberanias que se agregam chama-se Sociedade. Sendo essa intersecção uma junção, esse ponto é um nó. Daí o que chamamos de liame social. Alguns dizem contrato social, o que é a mesma coisa, já que a palavra contrato etimologicamente se forma com a ideia de liame. Entendamo-nos a respeito da igualdade, porque se a liberdade é o ápice, a igualdade é a base.

A igualdade, cidadãos, não é absolutamente toda a vegetação à mesma altura, uma sociedade de longas hastes de ervas e de carvalhos-anões; uma aproximação de invejas cortando-se mutuamente; é, civilmente, as mesmas oportunidades para todas as aptidões; politicamente, todos os votos com idêntico peso; religiosamente, todas as consciências com os mesmos direitos. A igualdade tem um órgão: a instrução gratuita e obrigatória. O direito ao alfabeto; por aí é que devemos começar. A escola primária imposta a todos, a escola secundária oferecida a todos, aí está a lei. Da escola idêntica sairá uma sociedade igual. Sim, ensino! Luz! Luz! Tudo vem da luz e tudo volta para a luz. Cidadãos, o século XIX é grande, mas o século XX será feliz. Então, nada haverá de semelhante à velha história; ninguém terá de temer, como atualmente, uma conquista, uma invasão, uma usurpação, uma rivalidade à mão armada entre nações, uma interrupção da civilização dependendo de um casamento de reis, de um nascimento nas tiranias hereditárias, uma partilha de povos pelo congresso, um desmembramento pela queda de uma dinastia, um combate entre duas religiões que se defrontam, como dois bodes da sombra na ponte do infinito; não se terá mais de temer a fome, a exploração, a prostituição por penúria, a miséria por falta de trabalho, a forca, a espada, as batalhas e todas as escaramuças do acaso na floresta dos acontecimentos. Poderíamos quase dizer: não haverá mais acontecimentos. Todos serão felizes. O gênero humano cumprirá sua lei como o globo terrestre cumpre a sua; e se restabelecerá a harmonia entre a alma e o astro, a alma gravitará em torno da verdade como o astro em torno da luz. Amigos, a hora em que estamos e em que eu lhes falo é uma hora sombria; mas aí estão as aquisições terríveis do futuro. Uma revolução é um direito de portagem. Oh! o gênero humano será libertado, reerguido e consolado! Nós o afirmamos do alto desta barricada. De onde daremos nosso grito de amor senão da montanha do sacrifício? Ó meus irmãos, este é o lugar da junção entre os que pensam e os que sofrem; esta barricada não é feita nem de pedras, nem de barris, nem de ferros; ela é feita de dois feixes: um feixe de ideias e um feixe de dores. A miséria encontra aqui o ideal. Aqui, o dia abraça a noite e lhe diz: – Morrerei com você e você renascerá comigo. – Do abraço de todas as desolações surge a fé. Os sofrimentos trazem para aqui sua agonia, as ideias, sua imortalidade. Essa agonia e essa imortalidade vão se juntar e compor a nossa morte. Irmãos, quem morre aqui morre entre os brilhos do futuro e seremos sepultados em um túmulo todo iluminado pelos raios da aurora.

Enjolras não se calou; antes, interrompeu o que dizia; seus lábios moviam-se silenciosamente como se ele continuasse a falar consigo mesmo, o que fez com

que, atentos, e como para o ouvirem ainda, todos o fitassem. Não houve aplausos, mas comentários muito longos. Sendo a palavra um sopro, os frêmitos da inteligência assemelham-se aos frêmitos da folhagem.

VI | MARIUS ESQUIVO, JAVERT LACÔNICO

Digamos o que se passava na mente de Marius.

Lembremo-nos de seu estado de alma. Como acabamos de lembrar, tudo para ele era uma visão. Sua capacidade de análise estava perturbada. Marius, insistimos ainda, estava sob a sombra das grandes asas negras que se abrem acima dos agonizantes. Sentia-se dentro de um túmulo, julgava-se já do outro lado da muralha, e não via mais o rosto dos vivos senão com os olhos de um morto.

Como é que o Sr. Fauchelevent estava ali? Por quê? Que viera fazer? Marius não dirigiu a si próprio tantas perguntas. Aliás, como é próprio do desespero envolver os outros como a nós mesmos, parecia-lhe lógico que todos viessem para morrer.

Pensando, porém, em Cosette, teve pena.

Aliás, o Sr. Fauchelevent não lhe dirigiu a palavra, nem sequer olhou para ele, e até parece que não o ouviu quando Marius disse: – Eu o conheço.

Quanto a Marius, essa atitude do Sr. Fauchelevent o aliviou, e, se é que podemos usar essa palavra para tais impressões, diríamos que chegou a lhe agradar. Ele sempre sentira absoluta impossibilidade de dirigir a palavra àquele homem enigmático, que era para ele ao mesmo tempo equívoco e autoritário. Além disso, havia muito que não o encontrava, o que, pela natureza tímida e reservada de Marius, aumentava ainda mais essa impossibilidade.

Os cinco homens designados saíram da barricada pela ruela Mondétour; assemelhavam-se perfeitamente aos guardas nacionais. Um deles foi embora chorando. Antes de partir, eles abraçaram os que iam ficar.

Quando os cinco homens reenviados à vida partiram, Enjolras pensou no condenado à morte. Foi até a sala térrea da taverna. Javert, amarrado à coluna, pensava.

– Precisa de alguma coisa? – perguntou Enjolras.

Javert respondeu:

– Quando me matam?

– Espere. Por enquanto, precisamos de todos os cartuchos.

– Então, dê-me de beber – disse Javert.

O próprio Enjolras deu-lhe um copo de água e, como Javert estava amarrado, o ajudou a beber.

– É só? – perguntou Enjolras.

– Estou mal aqui nesta coluna – respondeu Javert. – Vocês não tiveram a gentileza de me deixar passar a noite ali. Amarrem-me como quiserem, mas bem poderiam deitar-me numa mesa, como aquele outro.

E, com um movimento de cabeça, mostrava o cadáver de Mabeuf.

Como devem estar lembrados, no fundo da sala havia uma grande mesa sobre a qual tinham fundido as balas e feito os cartuchos. Como todo esse trabalho já estava terminado, a mesa estava livre.

Por ordem de Enjolras, quatro revoltosos desamarraram Javert. Enquanto o faziam, outro mantinha-lhe uma baioneta apoiada ao peito. Deixaram-lhe as mãos amarradas às costas, ataram-lhe os pés com uma corda fina e resistente que lhe permitia dar passos curtos, como se faz aos que vão subir ao cadafalso, e fizeram-no caminhar até o fundo da sala, deitando-o à mesa, fortemente amarrado pelo meio do corpo.

Para maior segurança, por meio de uma corda atada ao pescoço, acrescentaram a todas as ligaduras que lhe tornavam impossível qualquer evasão essa espécie de nó conhecido nas prisões por gamarra, que, partindo da nuca, se bifurca sobre o estômago indo ligar-se às mãos, depois de haver passado por entre as pernas.

Enquanto atavam Javert, um homem, à soleira da porta, observava-o com singular atenção. A sombra que ele projetava fez com que Javert se voltasse. Levantou os olhos e reconheceu Jean Valjean; nem sequer estremeceu.

Abaixou altivamente as pálpebras e limitou-se a dizer: – Era de se esperar.

VII | A SITUAÇÃO SE AGRAVA

O dia surgia rapidamente, mas nenhuma janela ou porta se abrira ainda; era a aurora, não o despertar. A extremidade da rua de la Chanvrerie, oposta à barricada, havia sido evacuada pelas tropas, como já dissemos; parecia livre e se abria para os transeuntes com uma tranquilidade sinistra. A rua Saint-Denis estava muda como a avenida das Esfinges em Tebas. Nenhum ser vivo nas calçadas iluminadas pelo reflexo do sol. Nada mais lúgubre que essa claridade

das ruas desertas.

Não se via nada, mas ouvia-se. A certa distância havia um movimento misterioso. Era evidente que o instante crítico se aproximava. Como na véspera, à noite, as sentinelas se recolheram, mas desta vez todas elas.

A barricada estava mais forte que por ocasião do primeiro ataque. Depois que os cinco haviam saído, levantaram-na ainda mais.

Ao aviso da sentinela que observara a região de Les Halles, Enjolras, com medo que o surpreendessem por trás, tomou uma resolução grave. Ordenou que fechassem o pequeno trecho da Rue Mondétour, mantido livre até então. Para isso, descalçaram mais um trecho da rua. Assim, a barricada, fechada por três lados – de frente, pela Rue de la Chanvrerie, à esquerda pelas Rues du Cygne e da Petite-Truanderie, à direita pela Rue Mondétour –, era realmente quase inexpugnável; é verdade que estavam ali fatalmente cercados. Tinham três frentes, mas nenhuma saída. – Fortaleza, mas ratoeira – disse Courfeyrac rindo.

Enjolras mandou que amontoassem à porta da taverna algumas pedras. – Pedras arrancadas demais – dizia Bossuet.

O silêncio agora era tão profundo do lado de onde deveria vir o ataque que Enjolras fez com que cada um se mantivesse no posto de combate.

A todos foi distribuída uma ração de aguardente.

Nada mais curioso que uma barricada que se prepara para um assalto. Cada um escolhe um lugar, como no teatro. As pessoas se encostam, se acotovelam, se empurram. Há quem improvise uma poltrona de pedras. Aqui, um ângulo da parede impede a vista; ali, uma saliência serve de proteção. Os canhotos são preciosos; ocupam os lugares incômodos aos demais. Muitos se dispõem a combater sentados. Querem estar à vontade para matar e confortavelmente instalados para morrer. Nos funestos combates de junho de 1848, um revolucionário cuja pontaria era temível e que combatia do alto de um terraço em cima de um telhado fez transportar para ali uma poltrona Voltaire; um tiro de metralha o foi encontrar.[17]

Logo que o chefe deu ordem que se preparassem para combater, cessaram todos os movimentos desordenados; nada de brincadeiras entre eles, nada de conversas ou segredos, nada de grupos separados; todas as faculdades de espírito se converteram em atenção contra o assalto iminente. Uma barricada antes do perigo é um caos; no perigo, é disciplina. O perigo produz a ordem.

Logo que Enjolras pegou em sua carabina de dois canos e se colocou numa espécie de seteira que havia reservado para si, todos se calaram. Ao longo da

muralha, ouvia-se confusamente o estalido seco das espingardas sendo carregadas.

Quanto ao mais, as atitudes eram mais corajosas e confiantes que nunca; o excesso de sacrifício é uma afirmação; não tinham mais esperança, mas desespero. E o desespero é a última alma que, às vezes, consegue a vitória, já o afirmava Virgílio. Os recursos supremos surgem de resoluções extremas. Embarcar para a morte é muitas vezes o meio de escapar ao naufrágio; a tampa do ataúde transforma-se em tábua de salvação.

Como na noite da véspera, todas as atenções estavam voltadas, quase poderíamos dizer, apoiadas, no começo da rua, agora claro e visível.

A espera não foi longa. Os primeiros movimentos tiveram início distintamente dos lados de Saint-Leu, mas não parecia o movimento de um primeiro ataque. Retinir de correntes, o despertar inquietante de uma coluna cerrada, o ruído do bronze de encontro às pedras da rua e uma espécie de fragor solene anunciavam a aproximação de uma sinistra floresta de metais. Houve um frêmito nas entranhas daquelas velhas ruas cheias de calma, abertas e construídas para a circulação fecunda dos interesses e das ideias, e não para o rodar monstruoso das máquinas de guerra.

A fixação do olhar de todos os combatentes na entrada da rua tornou-se feroz. Apareceu o primeiro canhão.

Os artilheiros o empurravam fora do armão; dois sustentavam a carreta, quatro iam às rodas; alguns outros seguiam a caixa de munições. Via-se fumegar o morrão aceso.

– Fogo! – gritou Enjolras.

Toda a barricada fez fogo; a detonação foi medonha; uma avalancha de fumo cobriu e escondeu o canhão e os soldados; depois de alguns segundos, a nuvem se dissipou, fazendo reaparecer canhão e homens; os soldados haviam continuado a empurrar a peça até a frente da barricada, devagar, corretamente, sem precipitação. Ninguém havia sido atingido. Depois o Artilheiro-Chefe, pesando sobre a culatra para elevar o tiro, apontou o canhão com a gravidade de um astrônomo que ajusta uma luneta.

– Bravo, artilheiros! – gritou Bossuet.

E toda a barricada aplaudiu. Logo depois, bem colocada no meio da rua, a peça estava pronta. Uma bocarra formidável abria-se para a barricada.

– Vamos, minha gente! – disse Courfeyrac. – Eis aí a brutalidade. Depois do piparote, o soco. O exército estende contra nós suas pesadas patas. A barricada

vai ser seriamente sacudida. A fuzilaria tateia, o canhão agarra.

– É uma peça de oito polegadas, novo modelo, de bronze – acrescentou Combeferre. – Essas peças, por pouco que se ultrapasse a proporção de dez partes de estanho sobre cem de cobre, estão sujeitas a estourar. O excesso de estanho torna-as muito tenras. Às vezes acontece haver buracos ou concavidades no ouvido da peça. Para eliminar esse perigo e poder forçar a carga, talvez fosse conveniente voltar aos processos do século XIV, a cercadura, cingindo exteriormente a peça com uma série de anéis inteiriços de aço, desde a culatra até o munhão. Enquanto isso, remedeia-se como se pode esse defeito; pode-se reconhecer onde estão os buracos ou as cavidades no ouvido do canhão por meio da raspadeira. Mas há um meio ainda melhor, é a estrela móvel de Gribeauval. [18]

– No século XVI – observou Bossuet –, raiavam-se os canhões.

– É verdade – respondeu Combeferre –, isso aumenta a potência balística, mas diminui a precisão do tiro. Além do mais, nos tiros a pequena distância, a trajetória não tem toda a força desejável, a parábola torna-se por demais curva, o caminho do projétil não é tão retilíneo para que possa atingir todos os objetos intermediários, o que é, todavia, uma necessidade no combate, cuja importância cresce com a aproximação do inimigo e a precipitação dos disparos. Esse defeito de tensão na curva do projétil nos canhões raiados do século XVI procedia da fraqueza da descarga; as cargas fracas, para essa espécie de peças, são impostas por necessidade da balística, tais como a conservação das carretas. Em suma, o canhão, esse déspota, não pode fazer tudo o que pretende; a força é uma grande fraqueza. Uma bala de canhão não anda mais que seiscentas léguas por hora; a luz percorre setenta mil léguas por segundo. Essa é a superioridade de Jesus Cristo sobre Napoleão.

– Tornem a carregar as armas! – gritou Enjolras.

De que modo o revestimento da barricada ia se comportar com a descarga? O tiro faria brecha? Essa era a questão. Enquanto os revoltosos tornavam a carregar as armas, os artilheiros carregavam o canhão.

A ansiedade era profunda no reduto. O tiro partiu, a detonação ecoou.

– Presente! – gritou uma voz alegre.

E, ao mesmo tempo que a barricada era atingida, Gavroche pulava para o seu interior. Ele chegara pelos lados da Rue du Cygne, saltando com agilidade a barricada menor que fazia frente ao dédalo da Petite-Truanderie.

Gavroche fez mais efeito na barricada que o tiro do canhão.

A bala perdera-se no montão de escombros. Quando muito, partira uma roda do ônibus e acabara com a velha carroça de Anceau. Vendo isso, todos na barricada se puseram a rir.

– Podem continuar! – gritou Bossuet aos artilheiros.

VIII | OS ARTILHEIROS FAZEM-SE LEVAR A SÉRIO

Todos rodearam Gavroche. Mas o menino não teve tempo para contar coisa alguma. Marius, trêmulo, chamou-o à parte.

– Que veio fazer aqui?

– Ora! – disse o garoto. – E o senhor?

E fitou Marius fixamente com seu descaramento épico. Seus olhos tornavam-se maiores pela claridade altiva que continham. Foi com severidade que Marius continuou:

– Quem disse para você voltar? Ao menos entregou a carta no endereço?

Gavroche sentia certo remorso a respeito da carta. Na pressa de voltar à barricada, propriamente desfizera-se dela mais do que a entregara. Era forçoso convencer-se de que a havia confiado levianamente a um desconhecido, cujo rosto nem chegara a ver. É verdade que o homem não usava chapéu, mas isso não era suficiente. Em suma, censurava-se interiormente, mas sem exageros, e temia as críticas de Marius. Para livrar-se do problema, tomou a resolução mais simples: mentiu abominavelmente.

– Cidadão, entreguei a carta ao porteiro. A senhora dormia. Quando se levantar receberá a carta.

Marius, ao enviar a carta, tivera *duas* finalidades: dizer adeus a Cosette e salvar Gavroche. Teve de se contentar com a metade do que projetara.

A entrega da carta e a presença do Sr. Fauchelevent na barricada ligaram-se-lhe no espírito. Ele mostrou a Gavroche o Sr. Fauchelevent.

– Conhece aquele homem?

– Não – disse Gavroche.

Gavroche, com efeito, como acabamos de lembrar, só havia visto Jean Valjean à noite.

As conjecturas confusas e mal fundadas que se tinham esboçado no espírito de Marius dissiparam-se. Conhecia ele por acaso as opiniões do Sr. Fauchelevent? Talvez fosse simplesmente um republicano. Daí sua presença,

muito natural, no combate.

Gavroche, entretanto, já estava na outra extremidade da barricada gritando: – Minha espingarda! – Courfeyrac mandou que lha entregassem.

Gavroche preveniu “seus camaradas”, como os chamava, de que a barricada estava bloqueada. Chegara até ali com muita dificuldade. Um batalhão de linha, cujos sarilhos estavam na Rue de la Petite-Truanderie, observava o lado da Rue du Cygne; do lado oposto, a Guarda Municipal ocupava a Rue des Prêcheurs. À frente estava o grosso do exército.

Dadas essas informações, Gavroche acrescentou: – Eu os autorizo a recebê-los como merecem.

Os atacantes, sem dúvida pouco contentes do tiro que haviam dado, não o quiseram repetir.

Uma companhia de infantaria de linha viera postar-se à extremidade da rua, por trás do canhão. Os soldados descalçavam a rua, construindo com as pedras uma pequena muralha, uma espécie de parapeito com menos de dezoito polegadas de altura, fazendo frente para a barricada. No ângulo esquerdo desse parapeito, via-se a cabeça da coluna de um batalhão distrital, formado na Rue Saint-Denis.

Enjolras, sempre atento, julgou ouvir o ruído particular das balas retiradas de caixões e viu o Chefe dos Artilheiros mudar a mira do canhão, inclinando-o ligeiramente para a esquerda. Depois, os canhoeiros se puseram a carregar a peça. O próprio Chefe dos Artilheiros empurrou o morrão e o aproximou da arma.

– Abaixem a cabeça, protejam-se por trás da muralha! – gritou Enjolras. – E todos de joelhos ao longo da barricada!

Os revoltosos, espalhados pela frente da taverna, pois haviam deixado os postos de combate à chegada de Gavroche, correram em confusão para a barricada; mas, antes que a ordem de Enjolras fosse executada, ouviu-se a descarga com o medonho estertor de uma metralha. Com efeito, era um estertor.

O tiro, dirigido para a abertura do reduto, ricocheteara pela parede, fazendo dois mortos e três feridos. Se aquilo continuasse, a barricada não se manteria por muito tempo. As balas penetravam facilmente. Houve um murmúrio de consternação.

– Tratemos de impedir o segundo tiro – disse Enjolras.

E, abaixando a carabina, apontou para o Chefe dos Artilheiros, que, naquele momento, inclinado sobre a culatra do canhão, ajustava e fixava definitivamente

a pontaria.

Era um belo Sargento de Canhoneiros, muito jovem ainda, de aparência amável e inteligente, própria dessa arma predestinada e temível que, à força de se aperfeiçoar no horror, acabará por matar a guerra.

Combeferre, de pé ao lado de Enjolras, contemplava o jovem soldado.

– Que pena! – disse Combeferre. – Que coisa horrível essas matanças! Quando não houver mais reis não haverá mais guerras. Enjolras, você visa o Sargento, mas não o vê. Imagine que é um rapaz encantador, intrépido; vê-se que ele pensa; é muito instruído, como todos os jovens artilheiros; tem pai, mãe e família; talvez esteja amando; tem, no máximo, vinte anos de idade; poderia ser seu irmão.

– É meu irmão – disse Enjolras.

– É mesmo – retrucou Combeferre –, e meu também. Pois bem, deixemo-lo viver.

– Largue-me. O que é preciso é preciso.

Uma lágrima correu lentamente pelo rosto de mármore de Enjolras.

Ao mesmo tempo, apertou o gatilho da carabina. Viu-se um clarão, o artilheiro volteou duas vezes sobre si mesmo, os braços estendidos para a frente, a cabeça erguida como para aspirar o ar, depois tombou de lado sobre o canhão e ali ficou imóvel. Viam-se-lhe as costas de cujo centro saía um jorro de sangue. A bala havia atravessado o seu peito de um lado a outro. Estava morto.

Foi necessário carregá-lo e substituí-lo. Na verdade, os revoltosos haviam ganhado alguns minutos.

IX | EMPREGO DO VELHO TALENTO DE CAÇADOR FURTIVO E DA PONTARIA INFALÍVEL QUE INFLUIU SOBRE A CONDENAÇÃO DE 1796

No interior da barricada, as opiniões eram contraditórias. Os tiros de canhão iriam recomeçar. Em um quarto de hora, com semelhante metralha, estariam dizimados. Era absolutamente necessário amortecer-lhes o impacto. Enjolras deu esta ordem:

– É preciso pôr ali um colchão.

– Não é possível – disse Combeferre –, os feridos ocupam todos os que temos.

Jean Valjean, sentado num poial na esquina da taverna, com a espingarda entre os joelhos, até aquele instante não havia tomado parte em nada do que se passava. Parecia não ouvir os combatentes dizer a seu redor: – Aí está uma espingarda inútil.

À ordem de Enjolras, Jean Valjean levantou-se.

Devem-se lembrar que, à chegada do grupo à Rue de la Chanvrerie, uma velha senhora, prevendo a fuzilaria, havia pendurado um colchão diante da janela. Essa janela, janela de sótão, estava no telhado de uma casa de seis andares situada um pouco fora das barricadas. O colchão, posto de través, apoiado na parte inferior por dois paus de estender roupa, era seguro por duas cordas que, de longe, pareciam barbantes amarrados a dois pregos cravados nas ombreiras da mansarda. Viam-se distintamente essas duas cordas esticadas como dois fios contra o céu.

– Alguém poderá emprestar-me uma carabina de dois canos? – perguntou Jean Valjean.

Enjolras, que acabava de carregar a sua, deu-lha. Jean Valjean apontou e atirou. Uma das duas cordas do colchão já estava cortada. O colchão pendia apenas por um fio. Jean Valjean desfechou o segundo tiro. A segunda corda bateu contra a janela da mansarda. O colchão escorregou por entre os dois paus, caindo na rua. A barricada aplaudiu. Todas as vozes gritaram:

– Aí está um colchão!

– Sim – disse Combeferre –, mas quem irá buscá-lo?

Com efeito, o colchão tinha caído para fora da barricada, entre assaltados e assaltantes. Ora, a morte do Sargento dos canhoneiros exasperara a tropa; os soldados, havia alguns instantes, tinham-se deitado por trás do parapeito de pedras que haviam construído, e para suprir ao silêncio forçado do canhão que permanecia mudo, esperando que seu serviço fosse reorganizado, abriam fogo contra a barricada. Os revoltosos não respondiam ao ataque para poupar munições. As balas chocavam-se inutilmente contra a barricada, mas a rua, sob a mira constante de armas, estava impraticável.

Jean Valjean saiu pela pequena passagem, entrou na rua, atravessou a tempestade de balas, foi até o colchão, pegou-o e, carregando-o aos ombros, voltou à barricada. Ele próprio colocou o colchão na abertura, fixando-o contra a parede, de modo que os artilheiros não o vissem.

Feito isso, esperaram pelo segundo tiro, que não tardou.

O canhão vomitou ruidosamente a carga de chumbo. Mas não houve

ricochete. A metralha abortara sobre o colchão. O efeito previsto tinha sido obtido. A barricada estava preservada.

– Cidadão – disse Enjolras a Jean Valjean –, a República fica-lhe grata.

Bossuet, admirado, ria-se, exclamando:

– É imoral que um colchão tenha tanto poder. Triunfo do que se dobra sobre o que fulmina. Mas não faz mal; glória ao colchão que anula o canhão!

X | AURORA

Nesse momento, Cosette despertava.

Seu quarto era pequeno, asseado, discreto, com uma grande janela que se abria para o quintal do prédio.

Cosette nada sabia do que se passava em Paris. Na véspera, já se havia recolhido ao quarto quando Toussaint dissera: – Parece que temos barulho.

Dormira poucas horas, mas bem. Tivera sonhos encantadores, o que talvez deva ter sido provocado pela alvura da cama em que dormia. Alguém, com certeza Marius, tinha-lhe aparecido rodeado de luzes. Levantara-se com o sol batendo-lhe no rosto, o que a princípio pareceu-lhe uma continuação do sonho.

Seu primeiro pensamento foi alegre. Sentia-se completamente tranquila. Experimentava, como acontecera com Jean Valjean algumas horas antes, essa reação da alma que não quer absolutamente ver a infelicidade. Pôs-se a esperar com todas as suas forças, sem saber por quê. Depois, voltou-lhe a angústia. Havia três dias que não se encontrava com Marius. Ela achava que ele já deveria ter recebido a carta e conhecia, portanto, seu novo endereço; inteligente como era, encontraria meios de chegar até ela. E isso certamente hoje, talvez nesta mesma manhã. O dia já estava bem claro, mas os raios do sol continuavam muito horizontais; pensou que ainda era muito cedo; mas que era preciso levantar-se para receber a visita de Marius.

Cosette sentia que não poderia viver sem Marius, e que por consequência isso bastaria para que Marius viesse. Nenhuma objeção era cabível. Tudo estava absolutamente previsto. Era já uma monstruosidade ter sofrido durante três dias. Marius ausente por tanto tempo pareceria horrível aos olhos de Deus. Agora, essa cruel impertinência divina era prova superada; Marius iria voltar, trazendo boas novas. Assim é feita a juventude; enxuga depressa os olhos; acha a dor inútil e não a aceita. A juventude é o sorriso do futuro diante de um

desconhecido que é ela própria. É-lhe natural ser feliz. Parece até que sua respiração é feita de esperança.

Aliás, Cosette não conseguia lembrar-se do que Marius dissera a respeito de sua ausência, que não devia durar senão um dia, e da explicação que lhe dera. Todos já devem ter notado a presteza com que uma moeda caída ao chão corre para se esconder, e com que arte se torna invisível. Há pensamentos que agem do mesmo modo e se escondem num cantinho de nosso cérebro; está tudo acabado; estão completamente perdidos; impossível fazê-los voltar à memória. Cosette sentia-se um tanto desgostosa pelo pequeno esforço inútil que fazia para se recordar. Dizia consigo mesma que somente ela era a culpada por haver esquecido as palavras ditas por Marius.

Desceu da cama e fez as duas abluções matinais, da alma e do corpo, a oração e a toalete.

A rigor, pode-se introduzir o leitor num quarto nupcial, não porém num quarto virginal. Os versos apenas o ousariam, a prosa não o deve tentar.

É o interior de uma flor ainda em botão, é uma brancura escondida na sombra, a célula íntima de um lírio fechado que não deve ser vista pelo homem mais do que pelo sol. A mulher em botão é sagrada. O leito inocente que se descobre, essa adorável seminudez que teme a si própria, os pés brancos que se refugiam em pantufas, os seios que se velam diante do espelho como se ele tivesse olhos, a camisola que se apressa em se fechar, cobrindo os ombros ao ruído de um móvel que estala ou de uma carruagem que passa, cordões atados, colchetes fechados, frêmitos, tremores de frio e de pudor, movimentos ariscos, inquietação quase alada em que nada há a temer, as sucessivas fases da toalete são encantadoras como as nuvens da aurora, nada disso deve ser presenciado; já é demais o que aqui relatamos.

O olhar do homem deve ser mais religioso ainda diante da donzela que se levanta do que da estrela que surge. A possibilidade de alcançá-la deve aumentar-lhe o respeito. A penugem do pêssego, a cinza da ameixa, o cristal da neve e a asa da borboleta são coisas grosseiras ao lado dessa castidade que nem mesmo sabe que é casta. A adolescente não é mais que um sonho e não é ainda uma estátua. Seu quarto se esconde na parte mais obscura do ideal. O indiscreto toque do olhar brutaliza essa vaga penumbra. Aqui, contemplar é profanar.

Portanto, nada mostraremos de toda essa suave confusão que foi o despertar de Cosette.

Um conto do Oriente diz que a rosa havia sido feita branca por Deus, mas

que Adão, olhando-a no momento em que abria as pétalas, a fez corar de vergonha, tornando-a rosa. Somos dos que se sentem interditados diante das donzelas e das flores, julgando-as veneráveis.

Cosette vestiu-se bem depressa, penteou-se, o que era muito simples naqueles tempos em que as mulheres não enchiam seus cachos e bandós com almofadinhas e rolos e não usavam crenolinas nos penteados. Depois abriu a janela, olhando ao redor na esperança de ver um pedacinho da rua, o ângulo de uma casa, um canto de calçada, para dali espreitar a chegada de Marius. Mas era impossível ver dali qualquer trecho da rua. O quintal era rodeado de muros bastante altos; de onde estava não podia avistar senão alguns jardins. Cosette achou-os horrorosos; pela primeira vez em sua vida achou feias as flores. O menor trecho de sarjeta interessá-la-ia muito mais. Julgou melhor olhar para o céu, como se pensasse que Marius pudesse vir de lá.

Subitamente, começou a chorar, não por volubilidade, mas porque seu estado de alma se alternava entre a esperança e a dúvida. Ela sentiu confusamente algo horrível. Com efeito, as coisas como que passam pelo ar. Convenceu-se de que não tinha certeza de mais nada; perder-se de vista era o mesmo que ter-se perdido; e a ideia de que Marius poderia chegar-lhe do céu pareceu-lhe não mais encantadora, mas lúgubre.

Depois, assim são essas nuvens, voltaram-lhe a calma, a esperança e uma espécie de sorriso inconsciente, mas confiante em Deus.

Todos os moradores do prédio ainda dormiam. Por toda parte reinava uma paz de província. Todas as janelas permaneciam fechadas. Toussaint ainda não se tinha levantado, e Cosette, muito naturalmente, julgava que o pai ainda estivesse dormindo. Era preciso que tivesse sofrido muito e que continuasse a sofrer para que ainda julgasse más as atitudes do pai; mas contava com Marius. O eclipse dessa luz era decididamente impossível. Havia momentos em que ouvia, a certa distância, abalos surdos e dizia: – Estranho que andem a abrir e fechar os portões tão cedo ainda. – Eram os tiros de canhões desfechados contra as barricadas.

Havia ali, alguns pés abaixo da janela em que estava Cosette, uma velha cornija enegrecida da parede, um ninho de andorinhas; as bordas do ninho saíam para fora da cornija, tanto que no alto se podia ver o interior daquele pequeno paraíso. Lá estava a mãe cobrindo com as asas em leque a ninhada; o pai, voando, ia e vinha, trazendo no bico alimento e beijos. O dia nascente dourava aquela cena feliz; a grande lei *Multiplicai-vos* ali estava sorridente e feliz, e aquele doce mistério se expandia na glória da manhã. Cosette, com os cabelos ao sol, a alma entregue aos sonhos, iluminada interiormente pelo amor e

exteriormente pela aurora, inclinou-se quase maquinalmente e, sem ousar confessar que pensava ao mesmo tempo em Marius, pôs-se a olhar os passarinhos, aquela família, o macho, a fêmea, a mãe e os filhotes, com a perturbação profunda que o ninho inspira às virgens.

XI | O TIRO DE ESPINGARDA QUE, APESAR DE INFALÍVEL, NÃO MATA NINGUÉM

O fogo dos assaltantes continuava. A mosquetaria e a metralha alternavam, sem contudo causar grandes prejuízos. Quem mais sofria era o alto da fachada da taverna Corinto; as janelas do primeiro andar e as mansardas do teto, crivadas de balas e biscainhos, deformavam-se lentamente. Os combatentes que ali se haviam postado tiveram de retirar-se. Aliás, essa é a tática dos ataques às barricadas; atirar continuamente a fim de esgotar a munição dos rebeldes, se cometerem a imprudência de revidar. Quando se percebe, pela diminuição das descargas, que eles não têm nem balas nem pólvora, dá-se o assalto final. Enjolras não havia caído nessa armadilha, a barricada não respondia.

A cada nova descarga do pelotão, Gavroche enchia as bochechas, forçando-as com a língua em sinal de desprezo.

– É bom que rasguem os lençóis – dizia ele. – Estamos precisando de ataduras.

Courfeyrac interpelava a fuzilaria sobre seu efeito quase nulo e dizia ao canhão:

– Rapaz, você se está tornando difuso!

Nas batalhas é-se tão curioso como nos bailes. É provável que aquele silêncio do reduto começasse a inquietar os soldados, fazendo-os pensar em algum incidente inesperado, e que sentissem a necessidade de ver claro por entre aquele monte de pedras para saber o que se passava atrás daquela muralha impassível que recebia tiros sem responder. Os revoltosos perceberam, de repente, uma barretina que brilhava ao sol sobre um telhado vizinho. Um bombeiro, encostado a uma chaminé, parecia estar de sentinela. Seu olhar caía a pique sobre a barricada.

– Lá está um espião incômodo – disse Enjolras.

Jean Valjean entregara a Enjolras a carabina que este lhe emprestara, mas conservava ainda a espingarda.

Sem dizer uma palavra, apontou para o bombeiro e, um segundo depois, a barretina, alvejada pelo tiro, caía ruidosamente à rua. O soldado, assustado, apressou-se em fugir.

Um segundo observador tomou-lhe o lugar. Era um oficial. Jean Valjean, que tornara a carregar a espingarda, fez nova pontaria e obrigou a barretina do Oficial a juntar-se com a barretina do soldado. O Oficial não insistiu e se retirou a toda a pressa. Dessa vez o aviso foi compreendido. Ninguém tornou a aparecer por cima do telhado, renunciando a espionar a barricada.

– Por que não matou o homem? – perguntou Bossuet a Jean Valjean.

Jean Valjean não respondeu.

XII | A DESORDEM PARTIDÁRIA DA ORDEM

Bossuet segredou aos ouvidos de Combeferre: – Ele não respondeu à minha pergunta.

– É um homem que pratica o bem a tiros de espingarda – disse Combeferre.

Os que guardam ainda alguma lembrança dessa época, já bem distante, sabem que a Guarda Nacional dos distritos era valente contra todo tipo de insurreição. Em 1832, ela se mostrou particularmente corajosa e intrépida. Um simples taverneiro de Pantin, de Vertus ou de la Cunette, cujo “estabelecimento” ficava às moscas por causa dos motins, tornava-se leonino ao ver o salão de danças deserto, e se deixava matar para salvar a ordem representada pelas próprias baiucas. Nessa época, ao mesmo tempo burguesa e heroica, na presença de ideias que tinham seus cavalheiros, os interesses tinham seus paladinos. O prosaísmo do motivo não diminuía em nada a bravura do movimento. A diminuição das pilhas de escudos fazia os banqueiros cantar a *Marselhesa*. Derramava-se liricamente o próprio sangue em defesa dos balcões e, com um entusiasmo lacedemoniano, defendiam-se as lojas, esse imenso diminutivo da pátria.

No fundo, digamo-lo, tudo era muito sério. Eram elementos da sociedade que entravam em luta, à espera do dia em que entrassem novamente em equilíbrio.

Outro sinal da época era a anarquia ligada ao governamentalismo (nome bárbaro do partido situacionista). Era-se pela ordem com indisciplina. O tambor rufava inopinadamente sob o comando de determinado Coronel da Guarda Nacional, suas ordens caprichosas; outro Coronel ia à luta por inspiração; um Guarda Nacional combatia porque *lhe dera na cabeça*, por conta própria. Nos

momentos de crise, nas *jornadas*, aconselhavam-se menos com seus chefes que com seus instintos. Havia entre as tropas da ordem verdadeiros guerrilheiros, alguns armados com a espada, como Fannicot, outros com a pena, como Henri Fonfrède.[19]

A civilização, infelizmente representada nessa época mais por uma agregação de interesses que por um grupo de princípios, estava ou julgava estar em perigo; ela dava o grito de alarma; cada um, constituindo-se como centro, a defendia, a socorria, a protegia como bem entendia; e o primeiro que chegasse atribuía a si próprio o encargo de salvar a sociedade.

O zelo às vezes ia até a completa exterminação. Tal pelotão de guardas nacionais se constituía por sua própria autoridade em conselho de guerra, e julgava e executava em cinco minutos um revolucionário prisioneiro. Foi uma improvisação semelhante que matou Jean Prouvaire. É a feroz lei de Lynch, que nenhum partido tem o direito de reprovar nos outros, porque é aplicada tanto pela república na América como pela monarquia na Europa.[20] A lei de Lynch, porém, não estava a salvo de enganos. Num dia de revolta, um jovem poeta, chamado Paul-Aimé Garnier, viu-se perseguido à baioneta na Place Royale, e só pôde escapar refugiando-se no portão do número 6.[21] Gritavam: – *Eis aí um sansimonista!* – e queriam matá-lo. Ora, ele segurava embaixo do braço um volume de memórias do Duque de Saint-Simon. Um Guarda Nacional havia lido na capa do livro o nome: *Saint-Simon*, e pusera-se a gritar: – À morte!

No dia 6 de junho de 1832, uma companhia de Guardas Nacionais do distrito, comandada pelo Capitão Fannicot, de que fala mos acima, por simples prazer ou fantasia, fez-se matar na Rue de la Chanvrerie. O fato, por mais singular que seja, foi constatado pela instrução judiciária feita depois da insurreição de 1832. O Capitão Fannicot, burguês impaciente e destemido, espécie de *condottiere* da ordem, do gênero dos que acabamos de caracterizar, governamentalista fanático e insubmisso, não resistiu à tentação de abrir fogo antes da hora e à ambição de tomar sozinho a barricada, isto é, com sua companhia. Exasperado pela aparição sucessiva da bandeira vermelha e do velho casaco que ele tomou por uma bandeira negra, criticava em voz alta os Generais e Chefes de Divisão, os quais se reuniam em conselho, julgando não ter ainda chegado o momento para o ataque decisivo, e deixavam, segundo uma expressão célebre de um deles, “a insurreição cozinhar no próprio caldo”. Ele, porém, achava a barricada madura e, como o que está maduro deve cair, tentou.

Fannicot comandava homens resolutos como ele, homens “furiosos”, como diz uma testemunha. Sua companhia, a mesma que havia fuzilado o poeta Jean

Prouvaire, era a primeira do batalhão postado na esquina da rua. No momento em que menos se esperava, o Capitão lançou seus homens contra a barricada. Esse ataque, executado com mais boa vontade que estratégia, custou caro à companhia Fannicot. Antes que tivesse chegado aos dois terços da rua, viu-se acolhido por uma descarga geral dos revoltosos. Quatro, os mais audaciosos, que corriam à frente, caíram fulminados à queima-roupa bem aos pés da barricada, e a corajosa companhia de Guardas Nacionais, homens de fibra, mas sem a tenacidade militar, teve de ceder, depois de alguma hesitação, deixando quinze cadáveres caídos na rua. O instante de hesitação deu tempo aos revoltosos para recarregar as armas, e uma segunda descarga mortífera atingiu a companhia antes que conseguisse chegar à esquina da rua, seu abrigo. Houve um momento em que se viu entre duas metralhas, suportando também o tiro da peça em bateria que, não tendo recebido ordens, continuara a atirar. O intrépido e imprudente Fannicot foi um dos mortos. Foi morto pelo canhão, isto é, pela ordem.

Esse ataque, mais furioso do que sério, irritou Enjolras.

– Imbecis! – gritou ele. – Fazem matar os próprios homens e não usam a nossa munição para nada.

Enjolras falava como o verdadeiro chefe de revolta que era. A insurreição e a repressão não lutam com armas iguais. A insurreição, com os poucos recursos que possui, não tem senão determinado número de balas para atirar e poucos combatentes a seu dispor. Uma cartucheira vazia ou um homem morto não podem ser substituídos. A repressão, tendo o exército, não conta os homens que perde e, tendo Vincennes, não conta os cartuchos que gasta.[22] A repressão tem tantos regimentos quanto homens; as barricadas, tantos arsenais quanto as cartucheiras dos revoltosos. Daí essas lutas de um contra cem, que acabam sempre pela destruição completa das barricadas, a menos que a revolução, surgindo bruscamente, venha lançar à balança seu flamejante gládio de arcanjo. Isso pode acontecer. Então, tudo se levanta, as pedras das ruas entram em ebulição, os redutos populares pululam, Paris vibra soberanamente, o *quid divinum* torna-se evidente, um 10 de agosto ou um 29 de julho brilha no ar, aparece uma luz prodigiosa, as fauces escancaradas da força recuam, e o exército, esse leão, vê diante de si, de pé, tranquilo, esse profeta, a França.

XIII | CLARÕES QUE PASSAM

No caos de sentimentos e de paixões que defendem uma barricada, há de tudo; há bravura, juventude, honra, entusiasmo, ideal, convicção, o encarniçamento do jogador e, sobretudo, intermitências de esperança.

Uma dessas intermitências, um desses vagos frêmitos de esperança, atravessou subitamente no momento mais inesperado a barricada da Chanvrerie.

– Ouçam! – exclamou bruscamente Enjolras, sempre de espreita. – Parece-me que Paris se levanta.

É certo que, na manhã de 6 de junho, a insurreição teve, durante uma ou duas horas, certa recrudescência. A obstinação do toque a rebate de Saint-Merry reanimou alguns indiferentes. Na Rue du Poirier, na Rue des Gravilliers, esboçaram-se barricadas. Diante da porta Saint-Martin, um jovem, armado de carabina, atacou sozinho um esquadrão de cavalaria. A descoberto, em plena rua, pôs um joelho em terra, empunhou a arma, atirou, matou o Chefe do Esquadrão e se voltou dizendo: – *Aí está um que não nos incomodará mais*. – Ele foi morto a golpes de sabre. Na Rue Saint-Denis, uma mulher atirou contra a Guarda Municipal por trás de uma veneziana abaixada. A cada disparo, as folhas da veneziana estremeciam. Um menino de catorze anos foi morto na Rue de la Cossonnerie com os bolsos cheios de cartuchos. Vários postos da Guarda foram atacados. À entrada da Rue Bertin-Poirée, uma fuzilaria muito forte e imprevista acolheu um regimento de couraceiros, à frente do qual marchava o General Cavaignac de Baragne.[23] Na Rue Planche-Mibray, lançavam dos telhados sobre a tropa cacos de louça e utensílios domésticos; mau sinal; e, quando se deu conta desse fato ao Marechal Soult, o velho Tenente de Napoleão ficou pensativo, lembrando-se das palavras de Suchet em Saragoça: – *Quando as velhas esvaziarem sobre nós seus vasos noturnos estaremos perdidos.*[24]

Esses sintomas gerais, manifestos no momento em que se pensava estar a revolta localizada, essa febre de cólera que tomava novo alento, essas faíscas que voavam de um lado a outro sobre massas profundas de combustível que chamamos de bairros de Paris, todo esse conjunto inquietou os chefes militares, que se apressaram em apagar esses princípios de incêndio.

Retardaram, assim, enquanto abafavam as fagulhas, o ataque às barricadas Maubuée, de la Chanvrerie e de Saint-Merry, a fim de só terem de se haver com elas e de poderem acabar com tudo de uma só vez. Colunas de soldados foram lançadas às ruas em fermentação, varrendo as grandes, sondando as pequenas, à direita, à esquerda, ora com precaução, lentamente, ora a passo de carga. A tropa arrombava as portas das casas de onde haviam atirado, ao mesmo tempo que manobras de artilharia dispersavam os grupos dos bulevares. Essa repressão não

se fez sem esse rumor tumultuoso próprio dos choques entre exército e povo. Era isso que Enjolras ouvia nos intervalos da metralha. Além do mais, ele vira na entrada da rua alguns feridos carregados em padiolas, e disse então a Courfeyrac: – Aqueles feridos não são daqui.

A esperança durou pouco; o clarão logo se eclipsou. Em menos de meia hora esvaneceu-se a ilusão, como um relâmpago sem trovão, e os revoltosos sentiram cair-lhes novamente à cabeça a chapa de chumbo que a indiferença do povo lança sobre os revolucionários obstinados.

O movimento geral, que parecia ter-se vagamente esboçado, abortara, e a atenção do Ministro da Guerra e a estratégia dos Generais podiam concentrar-se agora sobre as três ou quatro barricadas que ainda se mantinham de pé.

O sol subia no horizonte.

Um dos revoltosos interpelou Enjolras:

– A gente está com fome. Será que vamos mesmo morrer aqui, assim, sem comer?

Enjolras, sempre apoiado à seteira, com os olhos fixos na extremidade da rua, fez um sinal afirmativo.

XIV | ONDE SE LERÁ O NOME DA AMANTE DE ENJOLRAS

Courfeyrac, sentado numa pedra ao lado de Enjolras, continuava a insultar o canhão, e cada vez que passava, com fragoroso ruído, a negra nuvem de projéteis que chamamos de metralha, ele a acolhia com uma baforada de ironia.

– Você já está pondo os bofes para fora, pobre velho selvagem; tenho pena de você. Está se esgoelando à toa. Isso não é um trovão. É tosse.

Os que o rodeavam riam-se da pilhéria.

Courfeyrac e Bossuet, cujo valente bom humor aumentava com o perigo, substituíam, como Madame Scarron, o alimento pelo gracejo e, já que faltava o vinho, serviam a todos a própria alegria.[25]

– Admiro Enjolras – dizia Bossuet. – Sua temeridade impassível me encanta. Vive sozinho, o que talvez o deixe um tanto triste. Enjolras lamenta-se da própria grandeza que o condena à viuvez. Nós outros temos mais ou menos amantes que nos enlouquecem, isto é, que nos tornam corajosos. Quando se está apaixonado como um tigre, o mínimo que se pode fazer é lutar como um leão. É o modo de nos vingarmos das traições que nos fazem nossas empregadinhas

fáceis. Orlando deixa-se matar para enraivecer Angélica.[26] Todos os nossos heroísmos vêm de nossas mulheres. Um homem sem mulher é uma arma sem cão; é a mulher quem faz disparar o homem. Pois bem, Enjolras não tem mulher. Não está apaixonado e ainda acha meios para ser valente. É inaudito, frio como o gelo e ardente como o fogo.

Enjolras parecia nada ouvir, mas alguém que estivesse a seu lado tê-lo-ia ouvido murmurar: – *Pátria*.

Bossuet ria ainda, quando Courfeyrac exclamou:

– Temos novidade!

E, fazendo voz de porteiro que anuncia, acrescentou:

– Chamo-me Peça de Oito!

Com efeito, um novo personagem acabava de entrar em cena. Era uma segunda boca de fogo. Os artilheiros fizeram rapidamente as manobras, pondo essa segunda peça em bateria ao lado da primeira. Era o esboço do desfecho.

Alguns instantes depois, as duas peças, ambas ativamente servidas, atiravam de frente contra o reduto dos revoltosos; os disparos do pelotão de infantaria e da Guarda sustentavam a artilharia.

A alguma distância ouvia-se outra canhonada. Ao mesmo tempo que os dois canhões se encarniçavam no ataque à barricada da Rue de la Chanvrerie, dois outros, assestados, um na Rue Saint-Denis, outro na Rue Aubry-le-Boucher, crivavam de balas a barricada Saint-Merry. Os quatro canhões, lugubremente, faziam eco um ao outro.

Os latidos dos medonhos cães de guerra respondiam-se à distância.

Das duas peças que agora atacavam a barricada da Rue de la Chanvrerie, uma atirava balas, outra lançava metralha.

A peça que atirava balas estava apontada um pouco para cima; o tiro era calculado de modo que o projétil batesse na borda superior da barricada, despedaçando-a e jogando as pedras esmigalhadas por cima dos revoltosos.

Esse gênero de tiros tinha por finalidade afastar os combatentes do alto da muralha, forçando-os a se reunirem no interior do reduto; era o prenúncio do assalto final.

Uma vez afastados os combatentes do alto da barricada pelos tiros de canhão, e das janelas da taverna pela metralha, as colunas de ataque poderiam aventurar-se à rua sem perigo, talvez mesmo sem serem vistas, escalar subitamente a muralha, como na véspera à noite, e – quem sabe? – tomá-la de surpresa.

– É absolutamente necessário diminuir o incômodo desses canhões – disse

Enjolras, e gritou: – Fogo sobre os artilheiros!

Todos estavam prontos. A barricada, que havia bastante tempo se conservava calada, atirou desesperadamente; sete ou oito descargas sucederam-se quase com raiva e alegria; a rua encheu-se de uma fumaça ofuscante e, ao cabo de alguns minutos, através daquela bruma toda riscada de relâmpagos, foi possível distinguir-se confusamente dois terços dos artilheiros deitados sob as rodas do canhão. Os que haviam ficado de pé continuaram a alimentar o canhão com tranquila severidade, mas o fogo já não era tão intenso.

– Isso vai bem – disse Bossuet a Enjolras. – Sucesso.

Enjolras, balançando a cabeça, respondeu:

– Ainda um quarto de hora com este sucesso e não haverá mais nenhum cartucho nesta barricada.

Pelo que parece, Gavroche ouvira essas palavras.

XV | GAVROCHE FORA DA MURALHA

Courfeyrac, de repente, viu alguém na base da muralha, fora, na rua, debaixo das balas.

Gavroche buscara um cesto de garrafas na taverna, saíra pela abertura lateral da barricada e, com toda a calma, pusera-se a esvaziar no cesto as patronas cheias de cartuchos dos Guardas Nacionais mortos durante o primeiro assalto.

– Que faz aí? – disse Courfeyrac.

Gavroche levantou o nariz.

– Cidadão, estou enchendo o meu cesto.

– Não está vendo que continuam a atirar?

Gavroche respondeu:

– Ora, chove. E eu com isso?

Courfeyrac gritou: – Volte!

– Já, já – disse Gavroche.

E, num pulo, internou-se pela rua.

Como sabemos, a companhia Fannicot, ao se retirar, deixara atrás de si um rastro de cadáveres. Uns vinte mortos jaziam espalhados por todo o comprimento da rua. Umas vinte cartucheiras para Gavroche. Uma provisão de cartuchos para a barricada.

A fumaça da rua era como um nevoeiro. Quem tenha visto uma nuvem caída

numa garganta de montanhas, entre duas escarpas a pique, poderá imaginar aquela fumaça apertada e como que aumentada por duas sombrias fileiras de prédios altos. Ela subia lentamente, renovando-se sem parar; daí o obscurecimento gradual que chegava a empalidecer a luz do sol. A custo os combatentes podiam ver-se das extremidades opostas da rua, embora a distância fosse pequena.

Esse nevoeiro, provavelmente desejado e calculado pelos chefes que deviam dirigir o assalto à barricada, foi muito útil a Gavroche.

Sob as dobras desse véu de fumaça e graças à sua pequena estatura, ele pôde avançar bastante pela rua, sem ser visto. Esvaziou as sete ou oito primeiras cartucheiras sem grande perigo.

Ele se arrastava de bruços, galopava andando de quatro, segurava o cesto nos dentes, retorcia-se, escorregava, ondulava, serpenteava de um morto a outro, esvaziando patronas e cartucheiras como um macaco abrindo nozes.

Da barricada, de onde ainda estava bastante próximo, ninguém ousava gritar-lhe que voltasse, com medo de chamar a atenção do inimigo sobre ele.

No cadáver de um Cabo de Esquadra, ele encontrou um polvorinho.

– Para matar a sede – disse, guardando-o no bolso.

À força de avançar, chegou ao ponto em que a bruma do tiroteio se tornava transparente. Tanto que os soldados escondidos por trás da pequena muralha de pedras que haviam levantado, e os Guardas Nacionais escalonados na esquina da rua, começaram a identificar alguma coisa que se movia no meio da fumaça.

No momento em que Gavroche esvaziava a cartucheira de um sargento que jazia próximo a um paiol, uma bala atingiu o cadáver!

– *Caramba!* – disse Gavroche. – Estão matando os meus mortos.

Uma segunda bala arrancou faíscas de uma pedra a seu lado, uma terceira virou-lhe o cesto. Gavroche olhou e viu que os tiros vinham dos Guardas Nacionais.

Pôs-se de pé, com os cabelos ao vento, as mãos nos quadris, os olhos fixos nos guardas que atiravam e cantou:

On est laid à Nanterre,
C’est la faute à Voltaire,
Et bête à Palaiseau,
C’est la faute à Rousseau.[27]

Depois tornou a levantar o cesto, recolheu, sem perder um só, todos os cartuchos que haviam caído e, avançando mais ainda, foi esvaziar outra cartucheira. Lá, escapou ainda de um quarto disparo. Gavroche cantou:

Je ne suis pas notaire,
C'est la faute à Voltaire;
Je suis petit oiseau,
C'est la faute à Rousseau.[28]

Um quinto disparo não conseguiu mais do que arrancar-lhe o terceiro verso:

Joie est mon caractère,
C'est la faute à Voltaire;
Misère est mon trousseau,
C'est la faute à Rousseau.[29]

Isso continuou por algum tempo.

O espetáculo era medonho e encantador. Gavroche, alvo dos disparos, impacientava os soldados. Parecia estar se divertindo muito. Era o pardal debicando os caçadores. A cada descarga, respondia com um verso. Visavam-no sem parar, sem conseguir atingi-lo. Os Guardas Nacionais e os soldados riam-se enquanto lhe apontavam as armas. Gavroche deitava-se, levantava-se, escondia-se no ângulo de uma porta, depois pulava, desaparecia, reaparecia, fugia, voltava, fazia fosquinhas à fuzilaria e continuava a recolher cartuchos, esvaziando patronas e enchendo o cesto. Os revoltosos, preocupados, seguiam-no com os olhos. A barricada tremia, ele cantava. Não era uma criança, não era um homem, era um estranho moleque encantado. Dir-se-ia o gênio invulnerável das batalhas. As balas corriam em seu encalço, mas ele era mais ligeiro. Brincava de esconde-esconde com a morte; cada vez que o rosto disforme do espectro se aproximava, o moleque dava-lhe um piparote.

Contudo, uma bala, mais certeira ou mais traiçoeira que as outras, acabou por atingir o guri-fogo-fátuo. Viram Gavroche cambalear e depois cair. Toda a barricada deu um grito; mas havia algo de Anteu naquele pigmeu; para o garoto, tocar o chão era como para o gigante tocar a terra;[30] Gavroche não caíra senão para tornar a se erguer; permaneceu sentado com o rosto riscado por um filete de sangue; levantou os dois braços para o ar, olhou para o lado de onde o haviam alvejado e continuou a cantar:

Je suis tombé par terre,
C’est la faute à Voltaire,
Le nez dans le ruisseau,
C’est la faute à…[31]

Não terminou o verso. Uma segunda bala o interrompeu. Dessa vez, caiu de bruços e não se moveu mais. Sua pequena grande alma acabava de levantar voo.

XVI | COMO O IRMÃO SE TRANSFORMA EM PAI

Nesse mesmo instante, nos jardins do Luxembourg – pois os olhares do drama devem estar em toda parte –, havia dois meninos que passeavam de mãos dadas. Um podia ter sete anos, o outro, cinco. Molhados pela chuva, caminhavam pelas calçadas do lado do sol; o mais velho conduzia o menor; estavam esfarrapados e pálidos; pareciam dois passarinhos selvagens. O menor dizia: – Estou com fome.

O mais velho, já um tanto protetor, levava o irmão pela mão esquerda e com a direita segurava uma varinha.

Estavam sozinhos no jardim, que estava deserto. Suas grades estavam fechadas por ordem da polícia, devido à insurreição. As tropas que ali tinham estado acampadas já haviam saído para combater nas ruas.

Como, então, estavam ali aquelas crianças? Talvez tivessem fugido de um posto de guarda, ou, quem sabe na barreira de Enfer, ou na esplanada do observatório, ou na esquina mais próxima dominada pelo frontão em que se lia: *invenerunt parvulum pannis involutum*,[32] houvesse uma barraca de saltimbancos de onde tinham escapado; talvez na véspera tivessem enganado a vigilância dos guardas do jardim, à hora em que se fechavam os portões, passando a noite numa daquelas guaritas em que se leem jornais. O fato é que passeavam e pareciam estar em liberdade. Vagar e parecer livre é o mesmo que estar perdido. Com efeito, aquelas pobres crianças estavam perdidas.

Os dois meninos eram os mesmos de que Gavroche se compadecera, como o leitor deve estar lembrado. Filhos dos Thénardier, alugados a Mme. Magnon, atribuídos ao Sr. Gillenormand, e agora folhas caídas de todos esses ramos sem raízes, levadas pelo vento.

Suas roupas, asseadas no tempo de Mme. Magnon e que haviam servido de prospectos diante do Sr. Gillenormand, já estavam em farrapos.

Aquelas pobres criaturas pertenciam agora à estatística das “crianças

abandonadas” que a polícia constata, prende, assusta e torna a encontrar nas ruas de Paris.

Era necessária toda a perturbação de tal dia para que aqueles pequenos miseráveis estivessem nesse jardim. Se os vigilantes os tivessem visto, teriam expulsado de lá aqueles farrapos. Meninos pobres não entram nos jardins públicos; contudo, dever-se-ia pensar que, como crianças que são, devem ter direito às flores.

Estavam ali graças aos portões trancados. Em contravenção. Haviam entrado furtivamente no jardim e lá ficaram. As grades fechadas não dão folga aos vigilantes; a vigilância deve continuar, mas torna-se mais branda; e os guardas, também eles comovidos pela ansiedade pública e mais ocupados com o exterior que com o interior, deixaram de vigiar o jardim e não tinham visto ainda os dois delinquentes.

Na véspera havia chovido, e também pela manhã. Mas em junho não se faz caso da chuva. A muito custo podemos perceber, uma hora depois do aguaceiro, que a bela manhã loira chorou. A terra no verão seca-se tão depressa como as faces de uma criança.

Na época do solstício, a luz do pleno meio-dia é, por assim dizer, pungente. Apodera-se de tudo. Aplica-se e se superpõe à terra como que para sugá-la. Dir-se-ia que o sol tem sede. Um aguaceiro é um copo de água; uma chuva é bebida assim que cai. De manhã tudo gotejava; de tarde tudo se cobre de poeira.

Nada mais admirável que uma folha lavada pela chuva e enxugada pelo sol; é, ao mesmo tempo, frescor e calor. Os jardins e os prados, com água nas raízes e sol nas flores, transformam-se em caçoulas de incenso, espalhando, de uma só vez, todos os perfumes. Tudo ri, tudo canta, tudo se oferece. Sentimo-nos docemente embriagados. A primavera é um paraíso provisório; o sol ajuda a acalmar o homem.

Há criaturas que não desejam mais do que isso; criaturas que, vendo o céu azul, dizem: – É o bastante! – Sonhadores absortos no prodígio, bebendo na idolatria da natureza a indiferença do bem e do mal, contempladores do cosmos radiosamente distraídos do problema humano, que não compreendem como alguém possa se preocupar com a fome deste, com a sede daquele, com a nudez do pobre durante o inverno, com a curvatura linfática de uma pequena espinha dorsal, com a enxerga, com as mansardas, com o cárcere, com os andrajos das jovens trêmulas, quando se pode sonhar debaixo das árvores; espíritos pacifistas e terríveis, impiedosamente satisfeitos. Coisa estranha; basta-lhes o infinito. A grande necessidade do homem, o finito, que admite o amor mútuo, eles o

ignoram. O finito, que admite o progresso, esse trabalho sublime, não lhes passa pela mente. O indefinido, que nasce da combinação humana e divina do infinito e do finito, escapa-lhes à percepção. Contanto que estejam face a face com a imensidade, sorriem. Jamais de alegria, sempre de êxtase. Abismar-se, eis a sua vida. Para eles, a história da humanidade não passa de um plano fragmentário. O tudo ali não existe; o verdadeiro tudo acha-se fora. Para que se preocupar com semelhante detalhe, o homem? O homem sofre, é bem possível; mas olhem Aldebarã, que se levanta![33] A mãe não tem mais leite, o recém-nascido está à morte, sei lá, mas contemplem a rosácea maravilhosa formada por um pequeno disco do alburno de um pinheiro examinada ao microscópio! Por favor, comparem-na às mais finas rendas! Esses pensadores se esquecem de amar. O zodíaco os influencia a ponto de impedi-los de ouvir a criança que chora. Deus eclipsa-lhes a alma. Aí está uma família de espíritos ao mesmo tempo pequenos e grandes. Horácio, Goethe e, talvez, La Fontaine faziam parte dela; magníficos egoístas do infinito, espectadores tranquilos do sofrimento que, se o tempo está bom, não veem Nero; espíritos para os quais o sol esconde as fogueiras, que se deleitam em contemplar a guilhotina à procura de um efeito de luz, que não ouvem nem o grito, nem o soluço, nem o estertor, nem o toque a rebate, que, enquanto houver o mês de maio, satisfeitos, contanto que haja nuvens de ouro e de púrpura sobre suas cabeças, se declaram contentes; estão decididos a ser felizes enquanto não se extinguirem o brilho dos astros e o canto dos passarinhos.

São os radiantes tenebrosos. Eles nem sequer suspeitam que são dignos de lástima. Sem dúvida que o são. Quem não chora não vê. É preciso admirá-los e lastimá-los, como nos admiraríamos e nos lastimaríamos de um ser ao mesmo tempo noite e dia, que não tivesse olhos sob as sobrancelhas, mas um astro no meio da fronte.

A indiferença desses pensadores é, segundo alguns, uma filosofia superior. Seja; mas nessa superioridade há enfermidade. Pode-se ser imortal e coxo; exemplo, Vulcano.[34] Pode-se ser mais homem e menos homem. A natureza está cheia de coisas incompletas. Quem sabe se o sol não é cego?

E então? Em quem confiar? *Solem quis dicere falsum audeat*? [35] Assim também os próprios gênios, certos Altíssimos humanos, homens-astros, também eles estão sujeitos a enganos? O que de fato está no alto, no ápice, no zênite, o que envia para a Terra tanta claridade, também veria pouco, enxergaria mal, seria cego? Não é desesperador? Não. Mas, o que há então debaixo do sol? O deus.

No dia 6 de junho de 1832, pelas onze horas da manhã, o Luxembourg,

solitário e deserto, estava encantador. As árvores e os canteiros batidos de sol recendiam a bálsamos e seduções. Os ramos, enlouquecidos pela luz meridiana, pareciam querer abraçar-se. Nos sicômoros havia uma algazarra de toutinegras; os passarinhos triunfavam, os pica-paus subiam ao longo dos castanheiros dando rápidas bicadas nos buracos da cortiça. As latadas aceitavam a realeza legítima dos lírios; o mais augusto dos perfumes é o que se origina da brancura. Respirava-se o odor picante dos cravos. As velhas gralhas de Maria de Médicis brincavam enamoradas nos ramos mais altos. O sol dourava, purpurizava e iluminava as tulipas, que não são outra coisa que toda a variedade da chama transformada em flor. Ao redor dos canteiros de tulipas, turbilhonavam as abelhas, como fagulhas daquelas flores-chamas. Tudo era graça e alegria; mesmo a chuva próxima, reincidência de que os lírios e as madressilvas tirariam proveito, nada tinha de inquietante: as andorinhas faziam a encantadora ameaça de voar baixo. Quem lá estivesse respiraria felicidade; a vida era perfumada; toda a natureza exalava candura, apoio, auxílio mútuo, paternidade, carícia, aurora. Os pensamentos que caíam do céu eram tão doces como o beijo dado na pequenina mão de uma criança.

As estátuas ao pé das árvores, nuas e brancas, vestiam roupas de sombras com rasgões de luz; como deusas esfarrapadas de sol, caíam-lhes raios por todos os lados. Ao redor do grande lago, a terra já estava seca a ponto de parecer queimada. Ventava suficientemente para provocar aqui e ali pequenas batalhas de poeira. Algumas folhas amarelas, relíquias do último outono, perseguiam-se alegremente como moleques de rua.

A abundância de luz tinha um não sei quê de tranquilizador. Vida, seiva, calor, eflúvios, tudo transbordava; sentia-se sob a criação a enormidade de sua fonte; em todos aqueles sopros cheios de amor, naquele vaivém de brilhos e de reflexos, naquela abundância prodigiosa de luz, naquele esbanjamento indefinido de ouro fluido, sentia-se a prodigalidade do inesgotável; e por trás desse esplendor, como que por trás de uma cortina de fogo, entrevia-se Deus, esse milionário de estrelas.

Graças à areia, não havia ali uma mancha de lama; graças à chuva, não havia ali um grão de poeira. Os buquês acabavam de lavar-se; todo o cetim, todo o verniz, todo o ouro que sai da terra sob a forma de flores mostrava-se impecável. Aquela magnificência era asseada. O grande silêncio da natureza feliz enchia o jardim. Silêncio celeste, compatível com mil melodias, arrulhos de ninhos, zumbidos de enxames, palpitações da brisa. Toda a harmonia da estação combinada em gracioso conjunto; as entradas e saídas da primavera aconteciam

na ordem desejada; os lilases definhavam, os jasmins começavam a se abrir; algumas flores se retardavam, alguns insetos se adiantavam; a vanguarda das borboletas vermelhas de junho fraternizava com a retaguarda das borboletas brancas de maio. Os plátanos revestiam-se de pele nova. A brisa cavava ondulações na enormidade magnífica dos castanheiros. Era algo esplêndido. Um veterano da caserna vizinha, olhando através da grade, dizia: – Eis a primavera de armas em punho, em uniforme de gala.

Toda a natureza tomava a primeira refeição, toda a criação estava à mesa; era a hora; a grande toalha azul estava estendida no céu, e a grande toalha verde se desdobrava sobre a Terra; o Sol iluminava *a giorno*. Deus servia a refeição universal. Cada criatura tinha o alimento desejado. O pombo-torcaz comia linhaça, o tentilhão comia alpiste, o pintassilgo comia o morrião, o pintarroxo comia vermes, a abelha tinha as flores, a mosca achava os infusórios, o verdelhão comia as moscas. Comiam-se mais ou menos uns aos outros, mistério do mal misturado ao bem; mas nenhum animal ficava de estômago vazio.

Os dois garotos abandonados haviam chegado perto do grande lago, um pouco perturbados por toda aquela luz, e procuravam esconder-se, instinto do pobre e do fraco diante da magnificência, mesmo impessoal, e se esconderam atrás da casinha dos cisnes.

Aqui e ali, às vezes, quando o vento soprava, ouviam-se gritos confusos, rumores, quase que estertores tumultuosos, a metralha, golpes surdos, os tiros dos canhões. Para o lado de Les Halles, via-se fumaça por cima das casas. Um sino, como que a chamar, soava ao longe.

Os pequenos pareciam não ouvir esses ruídos. O menor repetia de vez em quando à meia-voz: – Estou com fome.

Quase ao mesmo tempo que os dois meninos, outro par se aproximava do grande lago. Era um senhor de cinquenta anos levando pela mão um menino de seis. Sem dúvida, pai e filho. O menino de seis anos segurava à mão uma grande rosca.

Naquele tempo, certas casas nos arredores, da Rue Madame e da Rue d’Enfer, tinham uma chave do Luxembourg que era usada pelos os locatários quando os portões estavam fechados, privilégio suprimido depois. Com certeza, aqueles dois vinham de uma dessas casas. Os dois garotos pobres, ao verem chegar aquele *monsieur*, esconderam-se ainda mais.

Era um burguês, talvez o mesmo que Marius um dia, em sua febre de amor, junto a esse mesmo lago, ouvira aconselhando o filho a que “evitasse excessos”.

Tinha aspecto afável e altivo; seus lábios, sempre abertos, sorriam sempre. Aquele sorriso mecânico, provocado pelo maxilar muito grande e pela escassez de pele, mostrava mais os dentes que a alma. O menino, com sua rosca já mordida, parecia não querer terminá-la; estava satisfeito. Estava vestido como os Guardas Nacionais por causa da revolta; o pai vestia-se como burguês por causa da prudência.

Pai e filho haviam parado à beira do lago onde nadavam os dois cisnes. Aquele burguês parecia ter uma admiração especial pelas aves. Assemelhava-se um pouco a elas no andar. No momento, os cisnes nadavam, o que constitui o seu principal talento; estavam soberbos.

Se os dois meninos pobres tivessem ouvido e tivessem idade suficiente para compreender, teriam podido recolher as palavras de um homem sério. O pai dizia ao filho:

– O sábio vive contente com pouco. Olhe para mim, meu filho. Eu não gosto do luxo. Jamais me veem com roupas cobertas de ouro e pedrarias; deixo esses brilhos falsos para as almas mal organizadas.

Aqui, os gritos profundos que vinham do lado de Les Halles cresceram de intensidade, junto com o toque de um sino e um confuso rumor.

– O que é isso? – perguntou o menino.

O pai respondeu:

– São as saturnais.

De repente, o homem viu os dois pobres, imóveis, escondidos por trás da casinha verde dos cisnes.

– Aí está o começo – disse ele.

E, depois de uma pausa, acrescentou:

– A anarquia entrou neste jardim.

Nesse meio-tempo, o filho mordeu a rosca, cuspiu e começou a chorar.

– Por que está chorando? – perguntou o pai.

– Não quero mais – disse o menino.

O sorriso do pai se acentuou.

– Não é preciso ter fome para se comer um doce.

– Já estou enjoado. Está duro.

– Não quer mais?

– Não.

O pai mostrou-lhe os cisnes.

– Dê-o àqueles palmípedes.

O menino hesitou. Não querer mais não é razão suficiente para dar.

O pai prosseguiu:

– Seja humano. É preciso ter pena dos animais.

E, tirando a rosca das mãos do pequeno, jogou-a no tanque. A rosca caiu bem perto da margem. Os cisnes estavam longe, no centro do lago, entretidos com alguma presa. Não tinham visto nem o burguês nem o petisco.

O burguês, sentindo que a rosca estava em risco de se perder, emocionado por aquele naufrágio inútil, entregou-se a uma agitação telegráfica que acabou por atrair a atenção dos cisnes.

As aves perceberam qualquer coisa que flutuava, viraram de bordo, como navios que são, e se dirigiram para a margem lentamente, com a majestade devota que convém a animais brancos.

– Os cisnes compreendem os sinais – disse o burguês, feliz por se mostrar tão espirituoso.[36]

Nesse momento, o tumulto longínquo da cidade fez-se ouvir ainda mais forte. Dessa vez, foi sinistro. Há rajadas de vento que falam mais distintamente que outras. A que soprava naquele instante trouxera claramente o rufar dos tambores, gritos e o tiroteio cerrado, as réplicas lúgubres dos sinos e dos canhões, coincidindo tudo isso com uma nuvem negra que escondeu subitamente o sol.

Os cisnes ainda não haviam alcançado a rosca.

– Vamos voltar – disse o pai –, estão atacando as Tuileries.

Tornou a pegar na mão do filho. Depois continuou:

– Das Tuileries ao Luxembourg não há senão a distância que separa a realeza do pariato; não é muito longe. As balas vão chover.

Olhou para a nuvem.

– Talvez até a própria *chuva chova*; o céu adere; o ramo mais novo está condenado. Vamos para casa depressa!

– Eu queria ver os cisnes comerem o doce – disse o menino.

O pai respondeu.

– Seria uma imprudência.

E levou o pequeno burguês. O menino, pensando nos cisnes, continuava a olhar para o lago, até que um grupo de árvores o escondeu a seus olhos.

Entretanto, ao mesmo tempo que os cisnes, os dois pequenos errantes se tinham aproximado da rosca que flutuava à superfície da água. O menor olhava o

doce, o maior vigiava o burguês que se afastava.

Pai e filho entraram no labirinto das aleias que conduzem à grande escadaria do bosque próximo à Rue Madame.

Quando os perdeu de vista, o mais velho deitou-se apressadamente de bruços apoiando-se na beira do tanque, segurando-se com a mão esquerda, inclinado sobre a água, com perigo até de cair, e com a mão direita estendeu a varinha na direção da rosca. Os cisnes, vendo o inimigo, se apressaram. Ao fazê-lo, provocaram nas águas um movimento de grande utilidade para o pequeno pescador; a água refluiu diante dos cisnes, e uma daquelas suaves ondulações concêntricas empurrou docemente a rosca até a varinha do menino. Quando os cisnes chegaram, a varinha já tocava a presa. O menino fez um último esforço, assustou os cisnes, agarrou o doce e pôs-se de pé. A rosca estava molhada, mas eles tinham fome e sede; o mais velho partiu-a em dois pedaços, um grande e um pequeno; ficou com o pequeno e deu o maior ao irmãozinho dizendo-lhe:

– Tire a barriga da miséria.

XVII | *MORTUUS PATER FILIUM MORITURUM EXPECTAT* [37]

Marius precipitara-se para fora da barricada. Combeferre o havia seguido. Mas era tarde demais. Gavroche já estava morto. Combeferre levou o cesto de cartuchos; Marius carregou o corpo de Gavroche.

Infelizmente, Marius pensava, o que o pai havia feito pelo seu pai, ele fazia ao filho; Thénardier, porém, carregara seu pai ainda vivo; ele carregava o filho morto.

Quando Marius voltou com Gavroche nos braços, estava, como o menino, com o rosto banhado em sangue. No instante em que se abaixara para levantar Gavroche, uma bala, sem que o percebesse, roçara-lhe o crânio.

Courfeyrac tirou a gravata e com ela atou a cabeça de Marius.

Colocaram Gavroche na mesma mesa que Mabeuf e estenderam sobre os dois corpos o xale negro de Hucheloup. Era grande o bastante para cobrir o velho e a criança. Combeferre distribuiu os cartuchos que trouxera no cesto. Com isso, cada homem ficava com quinze balas mais.

Jean Valjean continuava no mesmo lugar, imóvel, sentado no poial. Quando Combeferre lhe apresentou os quinze cartuchos que lhe tocavam, Jean Valjean sacudiu a cabeça.

– Esse aí é mesmo excêntrico – disse Combeferre a Enjolras. – Acha meios de não combater até numa barricada.

– O que não o impede de defendê-la – respondeu Enjolras.

– O heroísmo também tem suas originalidades – retrucou Combeferre.

E Courfeyrac, que ouvira o diálogo, acrescentou:

– É um tipo completamente diferente do velho Mabeuf.

O que é digno de nota é que o fogo que batia a barricada apenas a perturbava interiormente. Os que passaram pelo turbilhão desse tipo de guerra jamais podem fazer ideia dos singulares momentos de tranquilidade que se misturam a essas convulsões. Anda-se de um lado para o outro, conversa-se, graceja-se, flana-se. Alguém que bem conhecemos ouviu um combatente dizer-lhe no meio da metralha: – *Estamos aqui como num almoço entre rapazes.* – O reduto da Rue de la Chanvrerie, repetimo-lo, em seu interior, parecia muito calmo. Todas as peripécias e todas as fases já tinham sido esgotadas ou iam ser esgotadas. A posição, de crítica, tornara-se ameaçadora, e, provavelmente, tornar-se-ia desesperadora. À medida que a situação perigava, o clarão do heroísmo purpurizava cada vez mais a barricada. Enjolras, sério, a dominava, na atitude de um jovem espartano dedicando o sabre nu ao sombrio gênio Epidotas.[38]

Combeferre, de avental, cuidava dos feridos; Bossuet e Feuilly faziam cartuchos com a pólvora recolhida por Gavroche no cadáver do Cabo de Esquadra, e Bossuet dizia a Feuilly: – *Daqui a pouco vamos tomar a diligência para outro planeta* –; Courfeyrac, sobre o punhado de pedras que tinha reservado para si ao lado de Enjolras, dispunha em ordem todo um arsenal: sua bengala de estoque, sua espingarda, duas pistolas de arção, com o mesmo cuidado da menina que põe em ordem seus objetos de toalete. Jean Valjean, mudo, olhava para a parede que lhe estava em frente. Um operário amarrava à cabeça um grande chapéu de palha da viúva Hucheloup, “de medo do sol”, dizia ele. Os jovens filiados à Cougourde de Aix conversavam entre si como se tivessem pressa em falar patoá pela última vez. Joly, que havia pego o espelho da velha Hucheloup, examinava a língua. Alguns combatentes, tendo descoberto côdeas de pão bolorento dentro de uma gaveta, comiam-nas avidamente. Marius inquietava-se com o que o pai iria dizer-lhe.

XVIII | O ABUTRE TRANSFORMA-SE EM PRESA

Insistimos sobre um fato psicológico próprio das barricadas. Nada do que

caracteriza essa surpreendente guerra das ruas deve ser omitido.

Seja qual for essa estranha tranquilidade interior de que acabamos de falar, a barricada nem por isso deixa de ser uma visão para os que nela se encontram.

Na guerra civil há um verdadeiro apocalipse, todas as brumas do desconhecido se misturam ao relampejar selvagem; as revoluções são esfinges; e quem quer que tenha atravessado uma barricada julga ter passado por um sonho.

O que se sente nesses lugares já o indicamos a respeito de Marius, logo veremos quais são as consequências; é mais e é menos do que a vida. Saindo-se da barricada, não se sabe mais o que se viu. Fomos terríveis, mas o ignoramos. Estivemos rodeados de ideias de combate com face humana; nossa mente estava mergulhada na luz do futuro. Havia ali cadáveres deitados e fantasmas de pé. As horas eram colossais e pareciam as horas da eternidade. Vivemos em plena morte. Sombras passaram do nosso lado. Que eram? Vimos mãos sujas de sangue; o barulho era tremendo e o silêncio medonho; bocas abertas que gritavam e outras bocas abertas ficavam em silêncio; estávamos rodeados de fumaça, talvez fosse noite. Julgávamos ter tocado a destilação sinistra de profundezas desconhecidas; notamos algo vermelho nas unhas. Não nos lembramos mais de nada.

Voltemos à Rue de la Chanvrerie. De repente, entre duas descargas, ouviu-se o badalar longínquo de um sino dando horas.

– É meio-dia – disse Combeferre.

As doze badaladas ainda não haviam soado quando Enjolras se pôs de pé, lançando do alto da barricada este clamor tonante:

– Carreguem pedras para a taverna! Protejam o parapeito da janela e das mansardas. Metade dos homens às espingardas, a outra metade às pedras. Não há um minuto a perder.

Um pelotão de sapadores bombeiros de machado ao ombro acabava de aparecer em ordem de batalha na extremidade da rua.

Não podia ser senão a vanguarda de uma coluna. De qual coluna? Evidentemente, da coluna de ataque, pois os sapadores bombeiros eram sempre encarregados de demolir as barricadas, precedendo sempre os soldados que as deviam escalar.

Chegava-se evidentemente ao instante denominado por Clermont-Tonnerre, em 1822, de decisivo.[39]

A ordem de Enjolras foi executada com a pressa correta, própria dos navios e das barricadas, os dois únicos lugares de combate de onde a evasão é impossível.

Em menos de um minuto, dois terços das pedras que Enjolras mandara amontoar à porta da taverna já tinham sido levadas ao primeiro andar e ao sótão, e, antes que passasse outro minuto, essas pedras, artisticamente colocadas umas sobre as outras, muravam, até a metade da altura, as janelas do primeiro andar e do sótão. Alguns intervalos, cuidadosamente previstos por Feuilly, principal construtor, deixavam passar o cano das espingardas. Essa proteção das janelas fora possibilitada por uma pausa da metralha. As duas peças atiravam então visando o centro da barragem, a fim de rompê-la e, se possível, derrubá-la para o assalto final.

Quando as pedras destinadas à última defesa já estavam em seu devido lugar, Enjolras mandou que levassem ao primeiro andar as garrafas que havia guardado debaixo da mesa onde estava o cadáver de Mabeuf.

– Quem vai beber isso aí? – perguntou Bossuet.

– Eles – respondeu Enjolras.

Taparam depois a janela de baixo, deixando à mão as trancas de ferro que serviam para fechar por dentro a porta da taverna durante a noite. A fortaleza estava completa. A barricada era o baluarte, a taverna era o torreão.

Com as pedras que sobraram, fecharam a abertura deixada na barragem por Enjolras.

Como os defensores de uma barricada estão sempre obrigados a poupar as munições e como os assaltantes sabem disso, estes combinam seus preparativos com uma espécie de sossego irritante, expondo-se ao fogo antes do tempo, mais na aparência que na realidade, sempre atendendo à própria comodidade. Os preparativos de ataque sempre são feitos com lentidão metódica; depois, comportam-se como um raio.

Essa lentidão permitiu que Enjolras revisse e aperfeiçoasse os preparativos. Ele sentia que, desde que aqueles homens iriam morrer, sua morte deveria ser uma obra-prima.

Enjolras disse a Marius: – Nós dois somos os chefes. Vou dar as últimas ordens lá dentro. Você, fique aqui e observe.

Marius pôs-se de sentinela em cima da barricada. Enjolras fez com que pregassem a porta da cozinha que servia, como sabemos, de enfermaria.

– Nada de estilhaços caindo em cima dos feridos – disse Enjolras.

Deu as últimas ordens com voz baixa mas profundamente tranquila; Feuilly escutava e respondia em nome de todos.

– No primeiro andar, fiquem com os machados prontos para cortar a escada.

Têm machados aí?

– Temos – disse Feuilly.

– Quantos?

– Dois machados e uma machadinha.

– Certo. Somos vinte e seis combatentes de pé. Quantas espingardas temos?

– Trinta e quatro.

– Oito mais. Conservem-nas carregadas como as outras, e sempre à mão. À cintura os sabres e as pistolas. Vinte homens na barricada. Seis emboscados nas mansardas e na janela do primeiro andar, para atirar sobre os assaltantes através das seteiras das pedras. Que ninguém aqui fique inútil. Logo que os tambores derem o sinal de ataque, os vinte indicados corram à barricada. Os primeiros que chegarem conseguirão lugares melhores.

Dadas essas ordens, voltou-se para Javert e disse:

– Não me esqueci de você.

E, colocando à mesa uma pistola, acrescentou:

– O último que sair daqui se encarregará de matar este espião.

– Aqui? – perguntou uma voz.

– Não; não misturemos este cadáver aos nossos. Pode-se muito bem pular a pequena barricada da Rue Mondétour; tem apenas quatro pés de altura. O homem está bem amarrado. É só levá-lo e dar-lhe um tiro.

Alguém, naquele momento, estava mais impassível que Enjolras; era Javert. Nesse instante, apareceu Jean Valjean. Misturara-se ao grupo de revoltosos. Adiantou-se e disse a Enjolras:

– O senhor é o Comandante?

– Sou.

– Há pouco o senhor me agradeceu.

– Em nome da República. A barricada tem dois salvadores, Marius Pontmercy e o senhor.

– Acha que mereço uma recompensa?

– Certamente.

– Pois bem, peço-lhe uma.

– Qual?

– Queimar eu mesmo o cérebro desse homem.

Javert levantou a cabeça, olhou para Jean Valjean, fez um movimento imperceptível e murmurou:

– É muito justo.

Quanto a Enjolras, ocupava-se em carregar a carabina; olhou ao redor, e disse:

– Ninguém se opõe?

Voltou-se então para Jean Valjean:

– Leve o espião.

Jean Valjean, com efeito, dominou Javert, fazendo-o sentar-se à beira da mesa. Pegou a pistola; um pequeno estalido anunciou que acabava de armá-la.

Quase no mesmo instante, ouviu-se um toque de clarins.

– Alerta! – gritou Marius do alto da barricada.

Javert pusera-se a rir silenciosamente, como de hábito, e, encarando os revoltosos, lhes disse:

– Vocês não estão melhor do que eu.

– Todos para fora! – gritou Enjolras.

Os revoltosos precipitaram-se em tumulto, e ao sair receberam pelas costas, perdoem-nos a expressão, estas palavras de Javert:

– Até já!

XIX | A VINGANÇA DE JEAN VALJEAN

Quando Jean Valjean se viu sozinho com Javert, desamarrou a corda que o ligava pelo meio do corpo, cujo nó tinha sido dado por debaixo da mesa, depois do que lhe fez sinal para que se levantasse. Javert obedeceu com o sorriso indefinível em que se condensava toda a supremacia da autoridade acorrentada.

Jean Valjean pegou Javert pela gamarra, como se pega um animal de carga pelo cabresto, e, puxando-o atrás de si, saiu da taverna, lentamente, pois Javert, com os pés amarrados, não podia dar passos largos.

Jean Valjean levava consigo a pistola. Atravessou assim o trapézio interior da barricada. Os revoltosos, atentos ao ataque iminente, voltavam-lhe as costas.

Somente Marius, colocado na extremidade esquerda da barragem, os viu passar. Aquele grupo da vítima e do carrasco iluminou-se-lhe com o clarão sepulcral que tinha na alma.

Jean Valjean, com algum esforço, sem largá-lo um instante, fez com que Javert, amarrado, escalasse a pequena barreira que fechava a ruela Mondétour. Depois de a saltarem, viram-se sozinhos na pequena rua. Ninguém os observava.

O ângulo das casas escondia-os aos olhos dos revoltosos. Os cadáveres retirados do interior da barricada formavam um monte horrível a alguns passos dali.

Distinguia-se entre os mortos uma face lívida, uma cabeleira solta, uma mão furada, um seio de mulher seminu. Era Eponine.

Javert considerou obliquamente esse cadáver, profundamente calmo, e disse à meia-voz:

– Parece-me que conheço aquela jovem.

Depois, voltou-se para Jean Valjean.

Jean Valjean pôs a pistola debaixo do braço e fixou em Javert um olhar que não tinha necessidade de palavras para dizer: “Javert, sou eu!”.

Javert respondeu:

– Pode vingar-se à vontade.

Jean Valjean tirou do bolso uma navalha e a abriu.

– Uma navalha! – exclamou Javert. – Você tem razão. Fica-lhe bem melhor.

Jean Valjean cortou as cordas que prendiam Javert pelo pescoço, cortou as cordas dos punhos; depois, abaixando-se, cortou-lhe o cordão que lhe prendia os pés; e, levantando-se, disse-lhe:

– Está livre.

Javert não se espantava por qualquer coisa. Contudo, apesar de mostrar-se muito senhor de si, não pôde furtar-se a certa comoção. Ficou boquiaberto e imóvel.

Jean Valjean prosseguiu:

– Não creio que eu possa sair daqui. No entanto, se por acaso eu sair, estou morando, com o nome de Fauchelevent, na Rue de l’Homme-Armé, número 7.

Javert olhou-o como um tigre, entreabrindo um canto da boca, e murmurou entre dentes:

– Tome cuidado!

– Pode ir – disse-lhe Jean Valjean.

Javert replicou:

– Você disse Fauchelevent, Rue de l’Homme-Armé?

– Número 7.

Javert repetiu à meia-voz: – Número 7.

Abotoou o capote, restituiu aos ombros a habitual rigidez militar, deu meia-volta, cruzou os braços apoiando o queixo numa das mãos e pôs-se a caminhar na direção de Les Halles. Jean Valjean seguiu-o com o olhar.

Depois de alguns passos, Javert voltou-se e gritou a Jean Valjean:

– O senhor me aborrece. É melhor que me mate!

Javert não percebeu que deixara de tratar Jean Valjean de você.

– Vá-se embora – disse Jean Valjean.

Javert afastou-se devagar. Um momento depois, virava a esquina da Rue des Prêcheurs.

Quando Javert desapareceu, Jean Valjean deu um tiro para o ar.

Voltou em seguida à barricada e disse:

– Pronto.

Entretanto, eis o que se passara:

Marius, mais preocupado com o exterior que com o interior do reduto, ainda não havia observado com atenção o espião amarrado no fundo escuro da sala da taverna.

Quando o viu à luz do dia atravessando a barricada para ir morrer, reconheceu-o. Veio-lhe subitamente à lembrança o Inspetor de Polícia da Rue Pontoise, as duas pistolas que lhe dera e das quais ele, Marius, se servia naquela mesma barricada; e não se lembrou apenas da fisionomia, mas também do nome.

Contudo, essa lembrança, como todas as suas ideias, era vaga e imprecisa. Não foi uma afirmação, mas uma pergunta, que fez a si mesmo: – Não é esse o Inspetor de Polícia que disse chamar-se Javert?

Talvez estivesse ainda em tempo de interceder em seu favor. Mas, antes, era preciso ter absoluta certeza de que se tratava de Javert.

Marius interpelou Enjolras, que acabava de se postar no fundo da barricada:

– Enjolras!

– O quê?

– Como se chama aquele homem?

– Quem?

– O Inspetor de Polícia. Sabe como se chama?

– Claro. Ele mesmo o disse.

– Como, então?

– Javert.

Marius levantou-se.

Nesse momento, ouviu-se o disparo de pistola.

Jean Valjean reapareceu e gritou: – Pronto.

Um frio tenebroso atravessou o coração de Marius.

XX | OS MORTOS TÊM RAZÃO, MAS OS VIVOS NÃO DEIXAM DE TÊ-LA

A agonia da barricada ia começar.

Tudo concorria para a majestade trágica daquele minuto supremo; mil estrondos misteriosos no ar, o rumor de tropas armadas marchando por ruas invisíveis, o galope intermitente da cavalaria, o pesado rodar da artilharia em marcha, os disparos do pelotão e os tiros de canhão cruzando-se no dédalo dos becos de Paris, o fumo das batalhas elevando-se, dourado, por cima dos telhados, gritos longínquos vagamente terríveis, relâmpagos ameaçadores de todos os lados, os sinos de Saint-Merry que agora pareciam soluçar, o clima agradável da estação, o esplendor do céu cheio de sol e de nuvens, a beleza do dia e o terrível silêncio das casas.

Desde a véspera, as duas fileiras de casas da Rue de la Chanvrerie tinham-se transformado em duas muralhas; muralhas selvagens, portas fechadas, janelas trancadas.

Nessa época, tão diferente de nossos dias, quando chegava a hora em que o povo queria acabar com uma situação que já se prolongava por muito tempo, com uma carta outorgada ou com um país baseado na lei, quando a cólera universal estava difundida pela atmosfera, quando a cidade consentia no descalçamento das ruas, quando a insurreição fazia sorrir a burguesia segredando-lhe ao ouvido a palavra de ordem, então o cidadão, como que penetrado pela revolta, era o auxiliar do combatente, e as casas fraternizavam com as fortalezas improvisadas que se apoiavam em suas fachadas. Quando a situação ainda não estava madura, quando a insurreição não havia obtido ainda o completo consentimento, quando as massas desaprovavam o movimento, infelizes dos combatentes! A cidade transformava-se num deserto ao seu redor, as almas enregelavam-se, muravam-se os asilos e a rua se transformava num desfiladeiro para ajudar o exército a tomar a barricada.

Ninguém é capaz de obrigar um povo a marchar de surpresa, mais depressa do que ele quer. Desgraçado de quem tentar forçar-lhe a mão! Um povo não se deixa conduzir assim. Nesse caso, abandona a insurreição à própria sorte. Os revoltosos transformam-se em pestíferos. Cada casa é uma escarpa, cada porta é uma recusa, cada fachada é uma muralha. Essa muralha vê, ouve, mas não tem vontade. Poderia entreabrir-se e salvar! Não. Essas paredes são juízes. Olham-nos e condenam. Que espetáculo sombrio essas casas fechadas! Parecem mortas, mas estão vivas. A vida, que nelas está como que suspensa, persiste em seu

interior. Faz vinte e quatro horas que ninguém sai às ruas, mas não falta ali ninguém. No interior dessa rocha, anda-se, deita-se, levanta-se, está-se em família, bebe-se, come-se e, coisa terrível, sente-se medo! O medo perdoa essa inospitalidade temível, ajuntando o terror como circunstância atenuante. Às vezes até, como já vimos, o medo transforma-se em paixão; o terror pode mudar-se em fúria, como a prudência em raiva; daí estas palavras terríveis: *Os moderados furiosos*. Há cintilações de medo das quais sai como que uma fumaça lúgubre, a cólera. – O que querem eles? Nunca estão contentes. Eles comprometem os homens pacíficos. Como se já não houvesse bastantes revoluções! O que vieram fazer aqui? Que se arrumem! Tanto pior para eles. A culpa é deles. Eles têm o que merecem. Não temos nada a ver com isso. Olhem a nossa pobre rua crivada de balas. São um bando de mandriões. Sobretudo, não abram a porta. – E a casa toma um aspecto de túmulo. O revoltoso agoniza à soleira dessa porta, vendo a metralha e os sabres nus que se aproximam sempre mais; se grita, sabe que o estão ouvindo, mas que ninguém o socorrerá; ali estão paredes que o poderiam proteger, homens que o poderiam salvar, mas essas paredes têm orelhas de carne, e esses homens têm entranhas de pedra.

A quem acusar?

A ninguém e a todos.

Tempos imperfeitos estes em que vivemos.

É sempre com esses riscos e perigos que a utopia se transforma em insurreição, e de protesto filosófico se muda em protesto armado; Minerva transforma-se em Palas.[40] A utopia que se impacienta e se torna revolta sabe o que a espera; quase sempre ela chega antes da hora. Então ela se resigna e aceita estoicamente, em lugar do triunfo, a catástrofe. Serve, sem se queixar, desculpando-os até, os que a renegam, e sua magnanimidade chega a consentir no abandono. É indomável contra o obstáculo e meiga com a ingratidão.

Ingratidão?

Sim, do ponto de vista do gênero humano.

Não, do ponto de vista do indivíduo.

O progresso é o modo de ser do homem. A vida geral do gênero humano chama-se Progresso; o passo coletivo do gênero humano chama-se Progresso. O progresso marcha; ele faz a grande viagem humana e terrestre em direção ao celeste e ao divino; tem altos em que torna a juntar o bando de retardatários; tem descansos em que medita na presença de alguma esplêndida Canaã que desvenda de repente seu horizonte; tem noites de sono em que dorme; e esta é uma das

pungentes ansiedades do pensador, ver a sombra sobre a alma humana e tatear nas trevas, sem poder despertá-lo, o progresso adormecido.

– *Talvez Deus tenha morrido* – dizia um dia a quem escreve estas linhas Gérard de Nerval, confundindo o progresso com Deus e tomando a interrupção do movimento pela morte do Ser.[41]

Quem desespera erra. O progresso desperta infalivelmente; em suma, poderíamos dizer que, mesmo adormecido, ele caminhou porque cresceu. Quando o vemos novamente de pé, achamo-lo mais alto. Estar sempre em paz, isso não depende tanto de progresso como do rio; basta não construir barragens, basta não lançar-lhe rochedos; o obstáculo faz espumar a água e ferver a humanidade. Daí as perturbações; mas, depois dessas perturbações, temos de reconhecer o caminho que foi percorrido. Enquanto a ordem, que não é outra coisa senão a paz universal, não for estabelecida, enquanto não reinar harmonia e unidade, o progresso terá por etapas as revoluções.

Que é, então, o Progresso? Acabamos de dizê-lo. É a vida permanente dos povos.

Ora, acontece às vezes que a vida momentânea dos indivíduos resiste à vida eterna do gênero humano.

Confessemo-lo sem amargura; o indivíduo tem seu interesse próprio e pode, sem delito algum, estabelecer cláusulas em sua defesa; o presente tem sua quantidade desculpável de egoísmo; a vida momentânea tem seus direitos e não é obrigada a sacrificar-se continuamente pelo futuro. A geração que atualmente passa pela Terra não está forçada a abreviá-la pelas gerações, aliás, iguais a ela, que mais tarde deverão vir à Terra: Eu existo, murmura esse alguém que se chama Tudo. Sou jovem, amo; sou velho, quero repousar; sou pai de família, trabalho, progrido, faço bons negócios; tenho casas para alugar, emprestei dinheiro ao Estado, sou feliz, tenho mulher e filhos, gosto de tudo isso, quero viver, deixem-me tranquilo. Por isso, em certas horas, o frio profundo com que são recebidos os magnânimos vanguardistas do gênero humano.

Aliás, convenhamos, a utopia, quando guerreia, sai de sua esfera radiosa. Ela, a verdade do amanhã, pede emprestado à mentira de ontem o seu modo de agir, a batalha. Ela, o futuro, comporta-se como o passado. Ela, ideia pura, torna-se via de fato. Ela junta ao próprio heroísmo uma violência pela qual é justo que se responda; violência de ocasião e de expediente, contrária aos princípios, pela qual fatalmente será punida. A utopia-insurreição combate com o velho código militar na mão; fuzila espiões, executa traidores, suprime seres vivos, lançando-os nas trevas desconhecidas. Serve-se da morte, coisa grave. Parece que a utopia

não tem mais fé na luz, sua força irresistível e incorruptível. Ela fere com a espada. Ora, não existem espadas de um só gume. Toda espada tem dois gumes: quem fere com um, fere-se com o outro.

Feitas essas reservas, e com toda a severidade, é-nos impossível deixar de admirar, tenham êxito ou não, os gloriosos combatentes do futuro, os confessores da utopia. Mesmo quando abortam, são veneráveis, e é talvez no fracasso que eles têm mais majestade. A vitória, quando é segundo o progresso, merece o aplauso dos povos; mas uma derrota heroica merece o seu enternecimento. Uma é magnífica, outra é sublime. Para nós, que preferimos o martírio ao sucesso, John Brown é maior que Washington e Pisacane é maior que Garibaldi.[42]

É necessário que alguém defenda os vencidos.

Somos injustos para com esses grandes preparadores do futuro quando malogram.

Acusam-se os revolucionários de semear o terror. Cada barricada parece um atentado. Incriminam-lhes as teorias, suspeitam de suas finalidades, temem-lhes as segundas intenções, denunciam-lhes a consciência. Repreendem-nos por levantarem, por construírem e amontoarem contra o fato social reinante um acervo de misérias, de dores, de iniquidades, de injúrias, de desesperos, e de arrancarem dos abismos blocos de trevas para neles se entrincheirar e combater. Gritam-lhes: – Vocês estão arrancando as pedras do inferno! – Eles poderiam responder-nos: – É por isso que nossa barricada é feita de boas intenções.

Na verdade, o melhor é a solução pacífica. Em suma, convenhamos, quando vemos uma pedra, pensamos no urso, boa vontade de que a sociedade se inquieta. Mas depende da sociedade a própria salvação; é para essa boa vontade que apelamos. Nenhum remédio violento é necessário. Estudar o mal amigavelmente, constatá-lo e depois saná-lo. Para isso é que a convidamos.

Seja como for, embora caídos, sobretudo caídos, como são augustos esses homens que, de todos os pontos do universo, de olhos fixos na França, lutam pela grande obra com a lógica inflexível do ideal; eles dão a própria vida, desinteressadamente, pelo progresso; eles cumprem a vontade da Providência, fazem um ato de religião. À hora marcada, com o mesmo desinteresse do ator que aceita a deixa, obedecendo ao cenário divino, eles entram para o túmulo. Eles aceitam esse combate sem esperança, esse desaparecimento estoico, para levar às esplêndidas e supremas consequências universais o magnífico movimento humano irresistivelmente iniciado em 14 de julho de 1789. Esses soldados são verdadeiros sacerdotes. A Revolução Francesa é um gesto de Deus.

Aliás, devemos acrescentar esta distinção às distinções já indicadas em outro capítulo: há insurreições aprovadas que se chamam revoluções; há revoluções recusadas que se chamam revoltas. Uma insurreição que irrompe é uma ideia que faz seu exame diante do povo. Se o povo deixa cair a esfera negra, a ideia é fruto seco, a insurreição é temerária.

Entrar em guerra a cada convite, a cada desejo da utopia, não é próprio dos povos. As nações não têm sempre e a toda hora o temperamento dos heróis e dos mártires.

Elas são positivas. *A priori*, a insurreição repugna-lhes; em primeiro lugar, porque tem frequentemente como resultado uma catástrofe; em segundo, porque tem sempre como ponto de partida uma abstração.

Pois, e isto é belo, é sempre pelo ideal e unicamente pelo ideal que se devotam esses que se devotam. A insurreição é um entusiasmo. O entusiasmo pode encolerizar-se, dando ocasião a que se tomem as armas. Mas toda insurreição que assesta armas contra um governo ou um regime visa sempre mais alto. Assim, por exemplo, insistamos, o que combatiam os chefes da insurreição de 1832, e em particular os jovens entusiastas da Rue de la Chanvrerie, não era precisamente Luís Filipe. A maior parte, falando francamente, fazia justiça às qualidades desse Rei que se colocava entre a monarquia e a revolução: ninguém o odiava. Atacavam, porém, o ramo caçula do direito divino em Luís Filipe, como haviam atacado o ramo mais velho em Carlos X; e o que eles queriam destruir, destruindo a realeza na França, como já explicamos, era a usurpação do homem sobre o homem e do privilégio sobre o direito no universo inteiro. Paris sem reis teria como resultado o mundo sem déspotas. Assim é que eles raciocinavam. Sem dúvida, seus objetivos eram longínquos; vagos, talvez, recuando diante de seus esforços; mas eram grandes.

É mesmo assim. Eles se sacrificam por visões que, quase sempre, são ilusões para os próprios sacrificados, mas ilusões, afinal, às quais se alia toda a certeza humana. Os revoltosos poetizam e louvam a insurreição. Lançam-se à trágica aventura embriagando-se com o que vão fazer. Quem sabe? Talvez tenham êxito. São em pequeno número, têm contra si todo um exército, mas estão defendendo o direito, a lei natural, a soberania de cada um sobre si mesmo, soberania para a qual não há abdicação possível, a justiça, a verdade, e, se necessário, morrem como os trezentos espartanos.[43] Não pensam em Dom Quixote, mas em Leônidas. Vão sempre para a frente e, uma vez nas fileiras, não recuam jamais, atacando furiosamente, tendo por esperança uma vitória inaudita, a revolução do progresso de novo livre, engrandecimento do gênero humano, a libertação

universal e, na pior das hipóteses, as Termópilas!

Contudo, esses movimentos armados em favor do progresso comumente fracassam; acabamos de dizer por quê. O povo é rebelde à atração dos paladinos. As massas pesadas, as multidões frágeis, justamente por causa de seu peso, temem as aventuras; e o ideal subentende a aventura.

Aliás, não nos esqueçamos, há ainda os interesses pouco amigos do ideal e dos sentimentos. Às vezes o estômago paralisa o coração.

A grandeza e a beleza da França estão no fato de ela ter menos ventre do que os outros povos; facilmente aperta o cinto. É a primeira a se levantar e a última a se deitar. Vai sempre na frente. Está sempre desafiando.

E isso porque é artista.

O ideal nada mais é que o ponto culminante da lógica, do mesmo modo que o belo não é nada mais que o ápice da verdade. Os povos artistas são os povos mais coerentes. Amar a beleza é querer a luz. É por isso que o facho da Europa, isto é, da civilização, foi levado a princípio pela Grécia, que o passou à Itália, e esta, por sua vez, o passou à França. Divinos povos portadores de luz! *Vitae lampada tradunt.*[44]

Coisa admirável, a poesia de um povo é o elemento do seu progresso. A quantidade de civilização mede-se pela quantidade de imaginação. Mas o povo civilizador deve conservar-se viril. Corinto, sim; Síbaris, não. Quem se efemina se abastarda. Não se deve ser diletante ou virtuose; é preciso ser artista. Em matéria de civilização, não é necessário aprimorar, mas sublimar. Com essa condição, dá-se ao gênero humano o molde ideal.

O ideal moderno tem seu tipo na arte e seu meio na ciência. É pela ciência que se realizará a visão augusta dos poetas: o belo social. O Éden será reconstruído por a + b. No ponto a que chegou a civilização, o exato é um elemento necessário do esplêndido, e o sentimento artístico é não somente servido, mas completado, pelo órgão científico; o sonho deve saber calcular. A arte que conquista deve ter como ponto de apoio a ciência que caminha. Deve-se atender à solidez do meio de transporte. O espírito moderno é o gênio da Grécia, tendo como veículo o gênio da Índia; Alexandre montado num elefante.

As raças petrificadas pelo dogma ou desmoralizadas pelo lucro são impróprias para conduzir a civilização. A genuflexão diante do ídolo ou da moeda atrofia o músculo que caminha e a vontade que avança. A absorção hierática ou comercial diminui o brilho de um povo, abaixa-lhe o horizonte abaixando-o de nível, tira-lhe essa inteligência ao mesmo tempo humana e

divina do objetivo universal que produz as nações missionárias. Babilônia não tem ideal; Cartago não tem ideal. Atenas e Roma têm e guardam, mesmo através de toda a espessura noturna dos séculos, auréolas de civilização.

A França tem a mesma qualidade do povo que a Grécia e a Itália. É ateniense pela beleza, é romana pela grandiosidade. Afinal, é boa. Ela se dá. Sente-se, mais frequentemente que qualquer outro povo, disposta ao sacrifício. Essa disposição, porém, às vezes a arrebata e a abandona. E aí está o grande perigo para os que correm quando ela só quer caminhar, ou para os que caminham quando ela quer parar. A França recai às vezes no materialismo, e, em certas horas, as ideias que obstruem esse cérebro sublime nada têm que possa lembrar a grandeza, são da dimensão de um Missouri ou de uma Carolina do Sul. Que fazer? A gigante brinca de anã; a imensa França tem fantasias de pequenez. Eis tudo.

Quanto a isso, nada há a dizer. Os povos, como os astros, têm direito aos eclipses. E tudo está bem, contanto que a luz volte a brilhar e que o eclipse não degenere em noite. Aurora e ressurreição são sinônimos. O reaparecimento da luz é idêntico à persistência do ego.

Constatemos esses fatos com calma. A morte nas barricadas, ou a sepultura no exílio, para o devotamento, é uma suposição aceitável. O verdadeiro nome do devotamento é desinteresse. Que os abandonados se deixem abandonar, que os exilados se deixem exilar, limitemo-nos a suplicar aos grandes povos que, quando recuam, não o façam em demasia. Não é necessário, sob o pretexto de voltar à razão, ir muito longe na descida.

A matéria existe, o minuto existe, os interesses existem, o ventre existe; mas nem por isso o ventre deve ser a única sabedoria. A vida momentânea tem seus direitos, é certo, mas a vida permanente também os tem. Infelizmente, ter subido não impede que se caia. Vê-se isso na história mais frequentemente do que se deseja. Uma nação é ilustre; saboreia o ideal, mas depois morde o lodo e o acha bom; e se perguntarmos por que ela abandona Sócrates por Falstaff, ela responde: – Eu gosto dos homens de Estado.[45]

Ainda uma palavra antes de voltarmos à batalha.

Uma batalha como a que estamos contando nada mais é que uma convulsão que tem por fim o ideal. O progresso entravado adoece e sofre dessas trágicas epilepsias. Essa doença do progresso, a guerra civil, nós a encontramos forçosamente à nossa passagem. Essa é uma das fases fatais, ao mesmo tempo ato e entreato desse drama cujo eixo é um homem condenado pela sociedade e cujo verdadeiro título é: *O Progresso*.

O Progresso!

Esse grito, que damos tantas vezes, é todo o nosso pensamento; e, no ponto em que estamos deste drama, como a ideia que ele contém deve ainda submeter-se a mais de uma prova, talvez nos seja permitido, se não levantar-lhe o véu, pelo menos deixar transparecer nitidamente todo o seu brilho.

O livro que o leitor tem sob os olhos neste momento é, do princípio ao fim, no seu conjunto e nos seus pormenores, sejam quais forem as intermitências, as exceções ou os desfalecimentos, a marcha do mal para o bem, do injusto para o justo, do falso para o verdadeiro, da noite para o dia, do apetite para a consciência, da podridão para a vida, da bestialidade para o dever, do inferno para o céu, do nada para Deus. Ponto de partida: a matéria; ponto de chegada: a alma. Hidra no princípio, anjo no fim.

XXI | OS HERÓIS

De repente, ouviu-se o rufar dos tambores anunciando o ataque.

Foi uma tempestade. Na véspera, aproveitando-se da escuridão, a barricada havia sido atacada silenciosamente como por uma jiboia. Agora, em pleno dia, naquela rua deserta, a surpresa era realmente impossível, a viva força desmascarara-se, o canhão começara a rugir; o exército arremetia contra a barricada. A fúria agora era a habilidade. Uma poderosa coluna de infantaria de linha, cortada em intervalos iguais por pelotões da Guarda Nacional e da Guarda Municipal a pé, apoiadas por massas compactas que se sentiam apesar de invisíveis, apontou na rua a passo de carga, aos rufos do tambor, ao som do clarim, de baionetas caladas, sapadores à frente, e, imperturbável sob os projéteis, caiu sobre a barricada com o peso de um aríete de bronze de encontro a uma muralha.

A muralha resistiu.

Os revoltosos fizeram fogo impetuosamente. A barricada escalada ostentava agora uma juba de relâmpagos. O assalto foi tão desesperado que o reduto, por um momento, se viu tomado pelos assaltantes; mas conseguiu se livrar dos soldados como o leão dos cães que o perseguem; cobrira-se de assaltantes como a rocha que se cobre de espuma, para reaparecer, um momento depois, ereta, negra, formidável.

A coluna, forçada a recuar, continuou formada na rua, a descoberto, mas

terrível, e respondeu à barricada com uma metralha estonteante. Quem já tenha visto fogos de artifício deve lembrar-se do feixe formado pelo cruzamento de raios chamados buquê. Imaginem esse buquê, não mais vertical, mas horizontal, levando projéteis; chumbo grosso ou balas de canhão na ponta de cada um de seus jatos de fogo, e debulhando mortes nos seus cachos de trovões. Por baixo estava a barricada.

De ambas as partes, igual resolução. A coragem ali era quase bárbara, de mistura a certa ferocidade heroica que começava pelo sacrifício de si mesmo. Era a época em que um Guarda Nacional combatia como um zuavo. A tropa queria acabar com aquilo, a insurreição queria lutar. A aceitação da agonia em plena juventude, em pleno vigor, transforma a intrepidez em frenesi. Cada um naquela batalha mostrava a grandiosidade da hora suprema. A rua ficou juncada de cadáveres.

A barricada tinha, numa de suas extremidades, Enjolras, na outra, Marius. Enjolras, que tinha em mente toda a defesa, poupava-se com cuidado; três soldados caíram um após o outro diante de sua seteira sem sequer percebê-lo; Marius combatia a descoberto. Transformara-se em ponto de mira. Mostrava-se quase que inteiramente por cima da barricada. Não existe pródigo mais violento que o avaro que morde o freio aos dentes; não há homem mais terrível na ação que um sonhador. Marius era formidável e pensativo. Estava na batalha como num sonho. Dir-se-ia um fantasma a dar tiros de espingarda.

Os cartuchos dos revoltosos já escasseavam, porém não os sarcasmos. Naquele turbilhão sepulcral em que estavam, riam.

Courfeyrac estava de cabeça descoberta.

– Que você fez do chapéu? – perguntou-lhe Bossuet.

Courfeyrac respondeu:

– Eles mo levaram a tiros de canhão.

Ou então diziam frases cheias de altivez.

– Compreenda quem puder esses homens – exclamava amargamente Feuilly (e citava nomes, nomes conhecidos, célebres até, alguns do antigo exército) –, prometeram juntar-se a nós e juraram que nos ajudariam empenhando a própria honra; são os nossos Generais e nos abandonam!

E Combeferre limitava-se a responder com um grave sorriso:

– Há muita gente que observa as regras da honra como se observam as estrelas, de muito longe.

O interior da barricada estava tão atapetado de cartuchos usados como se

tivesse caído neve.

Os agressores tinham número; os revoltosos tinham posição. Estavam no alto de uma muralha e fuzilavam à queima-roupa os soldados que caíam sobre mortos e feridos presos no meio das pedras. A barricada, do modo como foi construída, admiravelmente apoiada pelo lado de dentro, era verdadeiramente uma dessas situações em que um punhado de homens é capaz de valer por uma legião. Contudo, a coluna de ataque, sempre renovada e aumentada sob a chuva de balas, se aproximava inexoravelmente, e agora, pouco a pouco, passo a passo, mas com plena certeza, o exército apertava a barricada como a prensa de um lagar.

Sucediam-se os assaltos. O horror era cada vez maior.

Deu-se então, naquele monte de pedras da Rue de la Chanvrerie, uma luta digna de uma muralha de Troia. Aqueles homens pálidos, esfarrapados, esgotados, que não se alimentavam havia vinte e quatro horas, sem dormir, com apenas alguns cartuchos para se defender, apalpando os bolsos à procura de balas, quase todos feridos, com a cabeça ou os braços envoltos em trapos enegrecidos, com as roupas rasgadas escorrendo sangue, armados apenas com espingardas velhas e sabres enferrujados, transformavam-se em titãs. A barricada foi atacada dez vezes; por dez vezes foi assaltada e escalada, sem ceder jamais.

Para fazer-se uma ideia dessa luta, seria preciso imaginar o fogo ateado a um conjunto de coragens. Não era um combate, era o interior de uma fornalha; as bocas respiravam fogo, os rostos tornavam-se extraordinários. A forma humana parecia ali impossível, os combatentes lançavam chamas; era formidável ver, movimentando-se no meio da fumaça vermelha, aquelas salamandras do combate. Renunciamos à pintura das cenas sucessivas e simultâneas dessa grandiosa matança. Somente a epopeia tem o direito de escrever doze mil versos sobre uma batalha.

Dir-se-ia o inferno do bramanismo, o mais terrível dos dezessete abismos, que o Veda chama de Floresta das Espadas.[46]

Combatia-se corpo a corpo, de pé, a tiros de pistola, a golpes de sabre, a socos, de longe, de perto, do alto, de baixo, por toda parte, dos telhados, das janelas da taverna, dos respiradouros dos porões onde alguns se tinham abrigado. Era um contra sessenta. A fachada da taverna Corinto, meio destruída, estava horrível. A janela, picada pela metralha, já não tinha vidros nem chassis; era um buraco informe tumultuosamente tapado por um montão de pedras. Bossuet estava morto; Feuilly estava morto; Joly estava morto; Combeferre, atravessado por três golpes de baioneta no momento em que levantava um soldado ferido, só

teve tempo de olhar para o céu e expirou.

Marius, sempre combatendo, estava tão ferido, particularmente na cabeça, que seu rosto desaparecia no sangue; dir-se-ia que o havia coberto com um lenço vermelho.

Somente Enjolras não estava ferido. Quando se via sem armas, estendia os braços à direita ou à esquerda, e alguém punha-lhe na mão uma arma qualquer. Já não tinha senão os copos de quatro espadas; uma a mais que Francisco I em Marignan.[47]

Homero diz: *Diomedes degola Axiles, filho de Teutranis, habitante da feliz Arisba; Eurílalo, filho de Macisteia, extermina Dresos, e Oféltios, Esepo e esse Pedasus, que a náiade Abarbareia concebeu do irrepreensível Bucolião; Ulisses derruba Pidites de Percosa; Antíloquo vence Ablero; Polípetes, Astíalo; Polídamas, Oto de Cilene, e Teucro, Aretaon. Megântios morre sob os golpes da lança de Euripiles. Agamenão, rei dos heróis, derruba Elatos, nascido na escarpada cidade que fica às margens do sonoro rio Satnois*.[48] Em nossos velhos poemas de gesta, Esplandiã ataca com um bisegre incandescente o Marquês gigante Seantibore, que se defende apedrejando o cavaleiro com as torres que arranca dos alicerces.[49] Nossos antigos afrescos murais nos mostram os dois duques, de Bretanha e de Bourbon, armados, armoriados e timbrados em guerra, a cavalo, empunhando brasões, com máscaras de ferro, botas de ferro, luvas de ferro, um com um chairel de arminho, o outro vestido de azul: a Bretanha com o leão entre as duas pontas da coroa, Bourbon com uma monstruosa flor de lis na viseira. Mas, para mostrar-se soberbo, não é necessário carregar, como Yuon, o morrião ducal, nem empunhar, como Esplandiã, uma chama viva, ou, como Filetes, pai de Polidamas, trazer do Épiro uma boa armadura, presente do Rei dos Homens Eufetes;[50] basta dar-se a própria vida por uma convicção ou por uma lealdade. O soldado desconhecido e simples, ontem camponês da Beócia ou do Limousin, que, com o podão ao lado, corteja as amas que passeiam no Luxembourg, o jovem estudante pálido inclinado sobre um livro ou uma peça de anatomia, loiro adolescente que se barbeia com tesouras, ponham-nos frente a frente, inspirem-lhes o sopro do dever na esquina Boucherat ou no beco Planche-Mibray, façam-nos combater, um por seu dever, outro por seu ideal, ambos certos de lutarem pela pátria, e a luta será colossal; a sombra que projetarão esse *pioupiou* e esse *carabin*, em luta no grande campo épico em que a humanidade se debate, será igual à sombra de Megarião, Rei da Lícia infestada de tigres, combatendo corpo a corpo o enorme Ajax, igual aos deuses.[51]

XXII | CORPO A CORPO

Quando não havia mais chefes senão Enjolras e Marius nas duas extremidades da barricada, o centro, por tanto tempo sustentado por Courfeyrac, Joly, Bossuet, Feuilly e Combeferre, cedeu. O canhão, sem abrir uma brecha praticável, havia chanfrado terrivelmente o centro da muralha; lá, a crista da barreira desaparecera sob as balas ou desmoronara; e os fragmentos, caindo para fora ou para dentro do reduto, amontoando-se, acabaram por formar dos dois lados da barragem uma espécie de dupla rampa, uma dentro, outra fora. A de fora oferecia aos agressores um plano inclinado por onde facilmente poderiam subir.

Tentaram por aí um último assalto e tiveram êxito. A massa eriçada de baionetas, arremessando-se em passo cadenciado, atacou irresistivelmente, e a espessa frente da batalha da coluna de ataque apareceu envolta em fumaça no alto da barricada. Dessa vez, tudo estava acabado. O grupo de revoltosos que defendia o centro recuou em confusão.

Revelou-se em alguns, então, o amor pela vida. Sob a pontaria daquela floresta de espingardas, muitos não quiseram morrer. Esse é um dos instantes em que o instinto de conservação solta uivos e o animal reaparece no homem. Eles estavam acuados à porta do alto prédio de seis andares que constituía o fundo da barricada. Essa casa poderia ser a salvação, mas estava fechada e como que murada de alto a baixo. Antes que a tropa de linha irrompesse pelo interior do reduto, uma porta tinha tempo de se abrir e de se fechar; bastaria, para isso, o instante de um relâmpago, e a porta dessa casa, abrindo-se e fechando-se bruscamente, representava a vida para os revoltosos. Por trás dessa casa havia ruas desertas, a fuga possível, o espaço. Eles se puseram a bater com as coronhas e com os pés, chamando, gritando, suplicando de mãos juntas. Ninguém os atendeu. Da trapeira do terceiro andar uma cabeça de cadáver os contemplava.

Mas Enjolras e Marius, e mais sete ou oito combatentes, ao redor deles, protegiam-nos. Enjolras gritara aos soldados: – Não avancem! – Um oficial que desobedeceu à ordem foi morto por Enjolras. Ele estava agora no pequeno pátio interior da barricada, encostado à taverna Corinto, com a espada numa mão, a espingarda na outra, mantendo aberta a porta da taverna, impedindo a invasão dos assaltantes. Enjolras gritou aos desesperados: – Não há senão uma porta aberta! Esta! – E, protegendo-os com seu corpo, enfrentando sozinho um batalhão, deixou-os passar por trás de si. Todos se precipitaram para a taverna. Enjolras, fazendo com sua espingarda, que usava agora como se fosse uma bengala, o que os jogadores de pau chamam à “rosa coberta”, defendia-se das

baionetas em sua frente e ao seu redor. Entrou por último. Foi um instante horrível: os soldados queriam entrar, os revoltosos esforçaram-se por fechar a porta. A porta fechou com tal violência que deixou colados à ombreira os cinco dedos de um soldado que se agarrara ao batente.

Marius ficara de fora. Uma bala acabava de quebrar-lhe a clavícula; sentiu que ia desmaiar e caiu. Nesse momento, com os olhos já fechados, sentiu que duas mãos vigorosas o agarravam. Ao desmaiar, teve apenas tempo de, lembrando-se de Cosette, formular este pensamento: “Sou prisioneiro; serei fuzilado”.

Enjolras, não vendo Marius entre os que se refugiaram na taverna, teve a mesma ideia. Mas eles estavam num momento em que cada um só tem tempo para pensar na própria morte. Enjolras trancou a porta, fechou os trincos, a fechadura e o cadeado, enquanto, da parte de fora, soldados e sapadores procuravam arrombá-la a coronhadas e a golpes de machado. Os assaltantes haviam-se agrupado ao redor da porta. Começava, então, o assédio à taverna.

Devemos dizer que os soldados estavam cheios de ódio.

A morte do Sargento de Artilharia irritara-os; além disso, coisa ainda mais funesta, durante as poucas horas que haviam precedido o ataque, espalhara-se entre eles a notícia de que os revoltosos mutilavam os prisioneiros, e que havia no interior da taverna o cadáver de um soldado decapitado, rumor fatal que acompanha ordinariamente as guerras civis; foi um desses boatos que causou mais tarde a catástrofe da rua Transnonain.[52]

Fortificada a porta, Enjolras disse ao grupo: – Vendamo-nos caro!

Depois, aproximou-se da mesa sobre a qual se achavam estendidos Mabeuf e Gavroche. Viam-se sob o pano negro dois vultos hirtos e rígidos, um maior, outro menor; os dois perfis se desenhavam vagamente sob as dobras frias do sudário. Uma mão saía de sob o pano e pendia para o chão. Era a mão de Mabeuf.

Enjolras inclinou-se e beijou aquela mão venerável do mesmo modo que na véspera lhe beijara a fronte. Eram os únicos beijos que dera em toda a sua vida.

Abreviemos. A barricada lutara como uma porta de Tebas; a taverna combateu como uma casa de Saragoça. Essas resistências são terríveis. Não há intervalo nem negociação possíveis. Morre-se, contanto que se mate. Quando Suchet diz: – Entreguem-se. – Palafox responde: – Depois da guerra dos canhões, a guerra dos punhais.[53] – Nada faltou à tomada de assalto da taverna Hucheloup: nem as pedras chovendo do alto da janela e do telhado por cima dos

assaltantes, exasperando os soldados com horríveis contusões, nem os tiros de espingardas dos porões e das mansardas, nem o furor do ataque, nem o ódio da defesa, nem, enfim, quando a porta cedeu, a loucura frenética do extermínio. Os assaltantes, invadindo a taverna, com os pés presos nos fragmentos da porta arrombada, não encontraram um só combatente. A escada em espiral, cortada a machado, estava caída no meio da sala; alguns feridos acabavam de expirar; tudo o que não estava morto estava no primeiro andar, e de lá, pela abertura do forro, que havia sido a entrada da escada, prorrompeu uma terrível fuzilaria. Eram os últimos cartuchos. Quando estes terminaram, quando aqueles temíveis agonizantes se viram sem pólvora e sem balas, cada um pegou duas daquelas garrafas reservadas por Enjolras, das quais já falamos, e resistiram à escalada com aquelas maças terrivelmente frágeis. Eram as garrafas de aguardente. Contamos, do modo como são, esses sombrios feitos da carnificina. O sitiado serve-se de tudo. O fogo grego não desonrou Arquimedes, a pez fervente não desonrou Bayard.[54] Toda guerra é horror, não há o que escolher. Os disparos dos assaltantes, embora contrafeitos, de baixo para cima, eram mortais. A borda da abertura do soalho viu-se bem depressa rodeada de cabeças mortas das quais corriam filetes de sangue vermelho e quente. O barulho era inexprimível; fumo denso e ardente escurecia a sala. Faltam-nos palavras para pintar o horror em tal intensidade. Não havia mais homens naquela luta infernal, lembrando mais Milton e Dante que Homero. Os demônios atacavam, os espectros resistiam.

Era o heroísmo monstro.

XXIII | ORESTES EM JEJUM, PÍLADES EMBRIAGADO[55]

Enfim, subindo uns sobre os outros, ajudando-se com o esqueleto da escada, apoiando-se nas paredes, agarrando-se ao forro, acutilando, à borda do alçapão, os últimos que resistiam, vinte assaltantes, soldados, Guardas Nacionais e Guardas Municipais em confusão, a maior parte com o rosto desfigurado pelos ferimentos recebidos naquela ascensão perigosa, cegos pelo sangue, furiosos, selvagens, invadiram a sala do primeiro andar. Havia um único homem de pé; era Enjolras. Sem cartuchos, sem espadas, não tinha às mãos senão o cano da carabina cuja coronha quebrara na cabeça dos que tentavam entrar. Colocara a mesa de bilhar entre ele e os assaltantes, recuando até um canto da sala; ali, de cabeça erguida, olhar feroz, um pedaço de arma na mão, era ainda bastante terrível para que fizessem um círculo ao seu redor. Ouviu-se, então, um grito:

– É o Chefe! Foi ele quem matou o Artilheiro. Já que ele se pôs, deixemo-lo estar. Fuzilemo-lo aqui mesmo.

– Matem-me! – bradou Enjolras.

E, jogando o cano da carabina, cruzando os braços, apresentou o peito às balas.

A coragem diante da morte sempre comove os homens. Desde que Enjolras cruzou os braços aceitando o fim, o barulho do combate cessou dentro da sala, o caos de súbito se apaziguou numa espécie de solenidade sepulcral. Parecia que a majestade ameaçadora de Enjolras, desarmado e imóvel, pesava sobre aquele tumulto, e que, apenas pela autoridade de seu olhar tranquilo, aquele jovem, o único sem nenhum ferimento, soberbo, ensanguentado, encantador, indiferente, como se fora invulnerável, constrangia a turba sinistra a matá-lo com respeito. Sua beleza, naquele momento aumentada pela coragem que demonstrava, era um resplendor e, como se fosse impossível cansar-se ou ferir-se, depois das terríveis vinte e quatro horas por que acabara de passar, mostrava-se ainda corado e bem-disposto. Era talvez dele que mais tarde falava uma testemunha diante do conselho de guerra: – Havia um deles a quem ouvi chamar de Apolo. – Um Guarda Nacional, apontando a arma para Enjolras, abaixou-a dizendo: – Parece-me que vou fuzilar uma flor.

Doze homens se formaram em pelotão no ângulo oposto ao de Enjolras, carregando silenciosamente as armas.

Depois um sargento gritou:

– Apontar!

Um oficial interveio:

– Esperem.

E, dirigindo-se a Enjolras:

– Quer que lhe vendem os olhos?

– Não!

– Foi o senhor quem matou o sargento de Artilharia?

– Fui.

Havia alguns instantes que Grantaire acordara.

Grantaire, como devem estar lembrados, dormia desde a véspera naquela sala da taverna, sentado numa cadeira, encostado a uma mesa.

Realizava, em toda a sua energia, a velha metáfora: bêbado morto. O terrível filtro, absinto-*stout*-álcool, lançara-o na letargia. Como a mesa em que se achava era pequena e inútil à barricada, deixaram-na onde estava. Continuava sempre na

mesma posição, o peito dobrado sobre a mesa, a cabeça apoiada nos braços, rodeado de garrafas, de copos e de canecas. Ele dormia com o sono profundo do urso entorpecido ou da sanguessuga farta. Nada o perturbava, nem a fuzilaria, nem as balas, nem a metralha que penetrava pela janela da sala em que estava, nem mesmo a prodigiosa algazarra do assalto. Às vezes, respondia ao canhão com um ronco. Talvez esperasse que alguma bala lhe poupasse o trabalho de despertar. Vários cadáveres jaziam a seu redor, e, à primeira vista, nada o distinguia dos que dormiam o profundo sono da morte.

O ruído não acorda um bêbado; o silêncio o desperta. Essa singularidade já foi observada mais de uma vez. O desmoronamento geral a seu redor aumentava o aniquilamento de Grantaire; as ruínas embalavam-no. A pausa do tumulto diante de Enjolras sacudiu-lhe o irresistível sono, fazendo o mesmo efeito de uma carruagem a galope que para de repente. Os que dormem despertam. Grantaire levantou-se assustado, estendeu os braços, esfregou os olhos, olhou, bocejou e compreendeu.

A embriaguez que se acaba assemelha-se a uma cortina que se abre. Vê-se em conjunto, e de uma só vez, tudo o que ela escondia. Tudo volta subitamente à memória; e o bêbado, que nada sabe do que se passou durante vinte e quatro horas, antes de abrir bem os olhos já está a par de tudo. As ideias voltam-lhe de uma só vez, com uma lucidez brusca, o desaparecimento da embriaguez, a espécie de nevoeiro que lhe obscurecia o cérebro dissipa-se e dá lugar à clara e lúcida percepção da realidade.

Escondido como estava a um canto e como que abrigado por trás da mesa de bilhar, os soldados, de olhos fixos em Enjolras, não tinham visto Grantaire, e o Sargento se preparava para repetir a ordem: – Apontar! – quando, de repente, ouviram uma voz forte gritar junto deles:

– Viva a República! Aqui estou eu!

Grantaire tinha-se levantado.

O imenso clarão do combate a que faltara apareceu-lhe aos olhos admirados do bêbado transfigurado.

Ele repetiu: – Viva a República! –, atravessou a sala com passo firme e foi-se colocar diante dos soldados, de pé, junto de Enjolras.

– Matem os dois de uma vez! – disse ele.

E, voltando-se para Enjolras com amabilidade, disse-lhe:

– Permite-me?

Enjolras apertou-lhe a mão sorrindo. Ainda sorria quando se ouviu a

detonação.

Enjolras, atravessado por oito balas, continuou encostado à parede como se elas o tivessem pregado ao muro. Mas inclinou a cabeça. Grantaire, fulminado, caiu-lhe aos pés.

Alguns instantes depois, os soldados retiravam os últimos revoltosos refugiados no sótão da casa, de onde atiravam através de uma pequena grade de madeira. Combatia-se ainda nos telhados. Alguns corpos foram jogados pela janela, alguns ainda com vida. Dois atiradores que tentavam levantar o ônibus encostado à barricada foram mortos por tiros de carabina provenientes das mansardas. Um homem vestido de blusa foi jogado dos telhados com um golpe de baioneta no ventre e agonizava no meio da rua. Um soldado e um revoltoso escorregaram juntos pelas telhas do teto e, não querendo largar-se, caíram ambos unidos por um feroz abraço. Lutava-se igualmente nos porões. Gritos, disparos, ruído terrível de pés. Depois, silêncio. A barricada caíra.

Os soldados começaram a revistar as casas vizinhas e a perseguir os fugitivos.[56]

XXIV | PRISIONEIRO

Na verdade, Marius estava prisioneiro. Prisioneiro de Jean Valjean.
A mão que o agarrara por trás no momento em que caíra, sentindo-a antes de perder a consciência, era a mão de Jean Valjean.

Jean Valjean durante todo o combate não fizera mais que se expor. Sem ele, nessa fase suprema da agonia, ninguém teria pensado nos feridos. Graças a ele, sempre presente em toda aquela carnificina como verdadeira Providência, os que caíam eram levantados, transportados para a taverna e tratados. Nos intervalos, reparava a barricada. Mas nada que se pudesse assemelhar a um golpe, a um ataque ou mesmo a uma defesa pessoal lhe saíra das mãos. Calava-se e socorria. Quanto ao mais, não sofrera senão alguns arranhões. As balas nada quiseram com ele. Se o suicídio fazia parte do que imaginara ao entrar para aquele sepulcro, por esse lado fora malsucedido. Mas duvidamos que ele tenha pensado em suicídio, ato irreligioso.

Jean Valjean, no espesso nevoeiro do combate, parecia não ver Marius; mas a verdade é que não o perdia de vista. Quando uma bala o atingiu, Jean Valjean saltou com a agilidade de um tigre, lançou-se sobre ele como sobre uma presa e o levou.

Naquele instante o turbilhão do ataque estava tão violentamente concentrado sobre Enjolras e sobre a porta da taverna que ninguém viu Jean Valjean, amparando Marius nos braços, atravessar o pátio da barricada e desaparecer no ângulo da taverna Corinto.

Como sabemos, a taverna formava uma espécie de cabo naquela rua e protegia das balas e dos olhares alguns metros quadrados de terreno. Nos incêndios às vezes há sempre um quarto que não se queima, e nos mares mais tormentosos, detrás de um promontório ou num monte de escolhos, há sempre um canto tranquilo. Fora nessa espécie de dobra do trapézio interior da barricada que Eponine agonizara.

Ali Jean Valjean parou, depôs Marius no chão, encostou-se à parede e examinou o lugar. A situação era horrível.

Por um instante apenas, talvez dois ou três minutos, aquele canto serviria de abrigo; mas como escapar ao massacre? Lembrou-se da angústia que sentira na Rue Polonceau, oito anos antes, e de que modo conseguira escapar; se então fora difícil, agora era impossível. Tinha em sua frente o implacável e surdo prédio de oito andares, que não parecia habitado senão pelo homem morto debruçado à janela; à direita, estava a pequena barricada que fechava a Rue de la Petite-Truanderie; saltar esse obstáculo parecia fácil, mas, por cima da crista da barragem, via-se uma fileira de pontas de baionetas. Eram as tropas de infantaria postadas em observação por trás daquela barricada. Era evidente que escalá-la era o mesmo que tornar-se alvo do fogo de todo um batalhão, toda cabeça que se aventurasse a ultrapassá-la serviria de mira a sessenta disparos de espingarda. À esquerda, ele tinha o campo de combate. A morte estava atrás do ângulo da parede.

Que fazer? Somente um passarinho poderia escapar dali.

Era preciso decidir sem demora, encontrar expediente, tomar uma resolução. Combatia-se a alguns passos dali; por felicidade, o combate restringia-se a um ponto único, a porta da taverna; bastava, porém, que um soldado, um só, tivesse a ideia de dar a volta à casa, ou de atacá-la pelos lados, tudo estaria acabado.

Jean Valjean olhou o prédio em frente, olhou a barricada ao lado, depois olhou para o chão, com a violência do supremo desespero, desorientado, como se quisesse cavar um buraco com os olhos.

Depois de tanto olhar, algo vagamente perceptível nessa agonia se lhe desenhou e tomou forma aos pés, como se os olhos tivessem o poder de criar o que desejam. A alguns passos dali, na base da pequena barricada tão

impiedosamente guardada e vigiada pela parte exterior, sob um monte de pedras que a escondia em parte, uma grade de ferro colocada horizontalmente no nível da rua. A grade, feita de fortes barras transversais, tinha cerca de dois pés quadrados. O quadrado de pedras que a sustinha estava desfeito, deixando-a solta. Através da grade, entrevia-se uma abertura escura, algo semelhante ao tubo de uma chaminé ou à abertura de uma cisterna. Jean Valjean adiantou-se. Sua velha ciência de evasões subiu-lhe ao cérebro como um clarão. Afastar as pedras, levantar a grade, carregar aos ombros Marius inerte como um cadáver, descer com esse peso às costas, ajudando-se com os joelhos e os cotovelos, àquela espécie de poço felizmente pouco profundo, deixar cair por cima da cabeça o pesado alçapão de ferro sobre o qual as pedras tornaram a cair, tomar pé numa superfície lajeada três metros abaixo do solo, tudo foi executado como em delírio, com a força do gigante e a rapidez da águia; isso durou apenas alguns minutos.

Jean Valjean viu-se com Marius, ainda desmaiado, numa espécie de longo corredor subterrâneo. Ali, paz profunda, silêncio absoluto, noite.

A impressão que tivera outrora, ao cair da rua no interior de um convento, voltou-lhe à mente; porém, hoje, não carregava Cosette, mas Marius.

Acima dele ouvia apenas, como um vago murmúrio, o formidável tumulto da taverna tomada de assalto.

LIVRO SEGUNDO

O INTESTINO DE LEVIATÃ

I | A TERRA EMPOBRECIDA PELO MAR

Paris joga por ano vinte e cinco milhões à água. E isso sem metáfora. Como, de que modo? Dia e noite. Com que finalidade? Sem finalidade alguma. Com que pensamento? Sem pensar. Para quê? Para nada. Por meio de quê? De seus intestinos. Que intestinos? O esgoto.

Vinte e cinco milhões é a mais moderada das cifras aproximativas que dão as avaliações da ciência especializada.

A ciência, depois de ter, por muito tempo, andado às apalpadelas, sabe atualmente que o adubo mais fecundante e o mais eficaz é o adubo humano. Os chineses, digamo-lo para nossa vergonha, sabiam disso antes de nós. Nenhum camponês da China, é Eckeberg quem no-lo diz, vai à cidade sem de lá trazer, nas duas extremidades de seu bambu, dois baldes cheios do que nós chamamos de imundícies.[57] Graças ao adubo humano, a terra na China é ainda tão jovem como nos tempos de Abraão. O trigo chinês rende até cento e vinte vezes a semente. Não existe guano algum comparável em fertilidade aos detritos de uma capital. Uma grande cidade é o mais possante dos estercorários. Usar a cidade para adubar o campo seria o ideal. Se o nosso ouro é esterco, em compensação o nosso esterco é ouro.

Que fazem desse ouro-esterco? Varrem-no para o abismo.

Gastam-se grandes somas nos comboios de navios a fim de recolher no polo austral os excrementos dos petréis e pinguins, e joga-se ao mar o incalculável elemento de opulência que temos nas mãos. Todo o adubo humano e animal que o mundo perde, se fosse lançado à terra em vez de jogado ao mar, bastaria para alimentar o mundo inteiro.

Esses montes de imundícies dos cantos das portas, essas carradas de lama transportadas à noite pelas ruas, esses medonhos carros da limpeza pública, os fétidos canais de lama subterrânea que as pedras nos escondem, sabem o que é? É o prado em flor, a erva verde, é o serpão, o tomilho, a salva, é a caça, o gado, é

o mugido satisfeito dos bois à noite, é o feno perfumado, é o trigo louro, é pão em nossas mesas, é sangue em nossas veias, é saúde, alegria, é vida. Assim o quer essa criação misteriosa que é transformação sobre a terra e transfiguração no céu.

Joguem tudo isso ao grande cadinho e a abundância será certa. A nutrição dos campos produz a nutrição dos homens.

Cada um é senhor de perder essas riquezas e, além do mais, de achar-me ridículo. Seria essa a obra-prima da ignorância.

A estatística calculou que a França sozinha joga ao Atlântico, pela foz de seus rios, quinhentos milhões. Notem bem: com esses quinhentos poderíamos pagar a quarta parte das despesas do orçamento. A habilidade do homem é tal que ele prefere desembaraçar-se desses quinhentos milhões, lançando-os à água dos rios. É a própria substância do povo que corre, aqui, gota a gota, ali em ondas, o miserável vômito de nossos esgotos nos rios e o gigantesco vômito de nossos rios no oceano. Cada golfada de nossas cloacas nos custa mil francos. Daí, dois resultados: terras empobrecidas e águas empesteadas. A fome saindo dos sulcos, a doença saindo dos rios.

É sabido, por exemplo, que presentemente o Tâmisa envenena Londres. Pelo que toca a Paris, nos últimos tempos, foi necessário transportar a maior parte das embocaduras dos esgotos para baixo da última ponte.

Duplo aparelho tubular, guarnecido de válvulas e de comportas, aspirando e repelindo, um sistema de drenagem elementar, simples como o pulmão do homem, e que já está em uso em várias comunas da Inglaterra, bastaria para trazer para as nossas cidades a água pura dos campos e para mandar de volta aos campos a água rica das cidades, e esse fácil vaivém, o mais simples do mundo, conservaria em nosso poder os quinhentos milhões jogados fora. Mas ninguém se preocupa com essas coisas.

O método atual faz mais mal julgando praticar o bem. A intenção é boa, o resultado é triste. Julga-se expurgar a cidade e se estiola a população. Um esgoto é um mal-entendido. Quando a drenagem, com sua dupla função, restituindo o que toma, tiver substituído o esgoto, simples lavagem empobrecedora, então, estando isso combinado com os dados de uma nova economia social, o produto da terra será decuplicado e o problema da miséria será singularmente atenuado. Acrescentem a isso a supressão do parasitismo, que estará resolvido.

Enquanto esperamos, a riqueza pública corre pelos rios dando lugar ao desperdício. Desperdício é a palavra certa. A Europa se arruína desse modo pelo

esgotamento.

Quanto à França, acabamos de relatar-lhe as cifras. Ora, Paris, contendo a vigésima quinta parte da população total da França, e sendo o guano parisiense o mais rico de todos, ficamos aquém da verdade avaliando em vinte e cinco milhões a parte de perda de Paris nos quinhentos milhões que a França esbanja anualmente. Esses vinte e cinco milhões, usados em obras de assistência e de prazer, redobrariam o esplendor de Paris. A cidade gasta-os para construir cloacas. Assim, poderíamos afirmar que a grande prodigalidade de Paris, sua festa maravilhosa, sua Folie-Beaujon, sua orgia, seu dispêndio de ouro a mancheias, seu fausto, seu luxo, sua magnificência, é o seu esgoto.[58]

Desse modo, pela cegueira de uma economia política nociva, afoga-se, deixa-se ir por água abaixo e perder-se nos bueiros o bem-estar comum. Deveria haver aí redes de Saint-Cloud para a fortuna pública.

Economicamente, o fato pode resumir-se assim: Paris é um cesto furado.

Paris, cidade-modelo, padrão das capitais bem construídas, da qual cada povo procura ter uma cópia, essa metrópole do ideal, pátria augusta da iniciativa, do impulso e das experiências, centro e sede de espíritos, essa cidade-nação, essa colmeia do futuro, esse composto maravilhoso de Babilônia e de Corinto, do ponto de vista que acabamos de apresentar, faria encolher os ombros a um simples camponês de Fo-Kian.

Imitem Paris e terão a ruína. Aliás, particularmente nesse desperdício imemorial e insensato, também Paris imita.

Essas surpreendentes inépcias não são novas; não é esta uma tolice jovem. Os antigos agiam como os modernos. *As cloacas de Roma*, diz Liebig, *absorveram todo o bem-estar do camponês romano*.[59] Quando os campos e Roma foram arruinados pelo esgoto romano, Roma consumiu a Itália e, quando lançou a Itália à sua cloaca, lançou também a Sicília, a Sardenha, a África. O esgoto de Roma engoliu o mundo. Essa cloaca abria suas faces devoradoras para a cidade e o universo. *Urbi et orbi*.[60] Cidade Eterna, esgoto insondável.

Para essas, como para outras coisas, Roma dá-nos o exemplo. Seu exemplo foi seguido por Paris com toda a estupidez própria das cidades de espírito.

Para as necessidades de operação sobre a qual acabamos de falar, Paris tem debaixo de si outra Paris; a Paris dos esgotos, com ruas, esquinas, praças, becos, artérias e circulação, que é de lodo, em que só falta a forma humana.

Não devemos lisonjear nem mesmo um grande povo; onde há de tudo, há também ignomínia ao lado da sublimidade; e se Paris contém Atenas, a cidade

da luz, Tiro, a cidade do poder, Esparta, a cidade da virtude, Nínive, a cidade dos prodígios, contém também Lutécia, a cidade da lama.

Também nisso está o cunho do seu poder, e a titânica sentina de Paris realiza, entre os monumentos, esse estranho ideal realizado na humanidade por alguns homens como Maquiavel, Bacon e Mirabeau: o grandioso abjeto.[61]

O subsolo de Paris, se pudéssemos penetrar-lhe a superfície, apresentaria o aspecto de uma colossal madrépora. Uma esponja não tem, talvez, mais passagens ou corredores que o torrão de seis léguas de circunferência sobre o qual repousa a antiga grande cidade. Sem falar das catacumbas, que são subterrâneos à parte, sem falar da inextricável rede dos canos de gás, sem contar o vasto sistema tubular para distribuição de água potável aos chafarizes, somente os esgotos fazem nas duas margens um prodigioso intrincado de manilhas; labirinto que tem como segredo o declive.

Ali surge, no úmido nevoeiro, o rato, que parece o produto do parto de Paris.

II | HISTÓRIA ANTIGA DO ESGOTO

Imaginando-se Paris erguida como se fosse uma tampa, a rede subterrânea de esgotos, vista de cima, desenhará às duas margens do Sena uma espécie de grande ramo enxertado no rio. À margem direita, o esgoto principal será o tronco desse ramo, os condutos secundários serão os ramos e os becos serão os ramúnculos.

Essa figura é apenas sumária e não de todo exata, pois o ângulo reto que é o ângulo habitual nesse tipo de ramificações subterrâneas é muito raro na vegetação.

Far-se-á uma imagem mais aproximada desse estranho plano geometral supondo-se deitado sobre um fundo de trevas algum bizarro alfabeto oriental terrivelmente complicado, cujas letras disformes fossem soldadas umas às outras, em aparente confusão e como que ao acaso, ora pelos ângulos, ora pelas extremidades.

As sentinas e os esgotos tinham grande importância na Idade Média, no Baixo Império e no velho Oriente. Neles nascia a peste, neles morriam os déspotas. As multidões contemplavam quase com temor religioso aqueles leitos de imundícies, monstruosos berços da morte. A cova dos vermes em Benares não é menos terrível que a cova dos leões em Babilônia. Teglat-Falasar, no dizer dos livros rabínicos, jurava pela sentina da cidade de Nínive.[62] É do esgoto de

Munster que Jean de Leyde fazia surgir sua falsa lua, e é da cloaca de Kekhscheb que seu menecma oriental, Mokannâ, o profeta velado do Khorassan, fazia surgir seu falso sol.[63]

A história dos homens se reflete na história das cloacas. As gemônias contam a história de Roma. O esgoto de Paris foi algo tremendo; foi sepulcro e asilo. O crime, a inteligência, o protesto social, a liberdade de consciência, o pensamento, o roubo, tudo o que as leis humanas perseguem ou perseguiram escondeu-se nesse buraco; no século XIV, os *maillotins*; no século XV, os *tire-laines*; no século XVI, os *huguenotes*; no século XVII, os *iluminados de Morin*; no século XVIII, os *chauffeurs*.[64] Há cem anos, dali saía a punhalada noturna, ali se refugiava o assaltante em perigo. A malandrice, essa *picareria* gaulesa, aceitava o esgoto como sucursal do Pátio dos Milagres, e, à noite, astuta e feroz, voltava para a saída estreita de Maubuée como para uma alcova.[65]

Era muito natural que os que tinham como lugar de trabalho cotidiano o beco Vide-Gousset ou a Rue Coupe-Gorge tivessem como domicílio noturno a Pont du Chemin-Vert ou o monturo Hurepoix. Quantas lembranças ligadas a esses lugares! Toda espécie de fantasmas infesta esses longos corredores solitários; por toda parte, podridão e miasma; aqui e ali, um respiradouro onde Villon, de dentro, conversa com Rabelais, de fora.

Na antiga Paris, o esgoto era o ponto de reunião de todos os desânimos e de todas as tentativas. A economia política vê nele um simples detrito; a filosofia social encara-o como um resíduo.

O esgoto é a consciência da cidade. Tudo converge para ali e nele se confronta. Nesse lugar lívido há trevas, mas não há mais segredos. Cada coisa tem sua verdadeira forma ou, pelo menos, sua forma definitiva. O monturo tem isto em seu favor: ele não mente. A verdade se refugia ali. A máscara de Basílio ali se encontra, mostrando-nos, porém, os cordões e o papel, o exterior com o interior, acentuados por uma lama honesta.[66] O nariz postiço de Scapin está-lhe bem vizinho.[67] Todas as impurezas da civilização, uma vez fora de serviço, caem naquela fossa da verdade onde termina o imenso declive da sociedade; ali desaparecem, mas ali se ostentam. Aquele caos é uma confissão. Ali não há mais falsas aparências ou simulações possíveis; a imundície desnuda-se por completo, ruína de ilusões e de miragens, nada além da realidade, apresentando a sinistra figura do que foi. Realidade e desaparição. Lá, um gargalo de garrafa atesta a embriaguez, a asa de um cesto lembra a vida doméstica; o caroço de pera que teve opiniões literárias volta a ser simples caroço de pera; a efígie das moedas cobre-se de azinhavre, o escarro de Caifás encontra o vômito de Falstaff, o luís

de ouro que cai da mesa de jogo bate contra o prego do qual pende a extremidade da corda do suicida, um feto lívido rola envolto nas lantejoulas que dançaram o último carnaval da Opéra, o barrete que julgou os homens esponja-se ao lado da podridão que foi a saia de Margoton;[68] é mais que fraternidade, é intimidade. Tudo o que se disfarçava se emporcalha. O último véu foi arrancado. O esgoto é um cínico. Ele diz tudo.

Essa sinceridade da imundície agrada-nos e nos repousa a alma. Quando passamos o tempo sofrendo na terra o espetáculo da pose que adotam a razão de Estado, o juramento, a sabedoria política, a justiça humana, a probidade profissional, a austeridade da situação, as togas incorruptíveis, consola-nos entrar num esgoto para ver o lodo correspondente.

Ao mesmo tempo, aprendemos. Há pouco dissemos: a história passa pelo esgoto. Noites de São Bartolomeu filtram-se aí gota a gota pelas pedras.[69] Os grandes assassinatos públicos, as matanças políticas e religiosas, atravessam esse subterrâneo da civilização e para ele impelem seus cadáveres. Para os olhos do pensador, todos os assassinos históricos lá estão, na sombra vergonhosa, de joelhos, com um pedaço de mortalha e avental limpando lugubremente sua obra. Ali estão Luís XI ao lado de Tristan, Francisco I ao lado de Duprat, Carlos IX ao lado de sua mãe, Richelieu ao lado de Luís XIII, assim como Louvois, Letellier, Hébert e Maillard, raspando as pedras, procurando fazer desaparecer o rasto de suas ações.[70] Ouve-se sob aquelas arcadas a vassoura de seus espectros. Respira-se ali o mau cheiro enorme das catástrofes sociais. Veem-se pelos cantos reflexos avermelhados. Corre por eles a água terrível em que foram lavadas mãos cheias de sangue.

O observador social deve penetrar nessas sombras. Elas fazem parte de seu laboratório. A filosofia é o microscópio do pensamento. Todos fogem à sua frente, mas ninguém lhe escapa. Tergiversar é inútil. Se o quisermos fazer, que lado ficará à mostra? O vergonhoso. A filosofia persegue com olhar probo o mal, não permitindo que fuja para o nada. No aniquilamento das coisas que desaparecem ou que se esvaem, tudo reconhece. Ela reconstrói a púrpura pelos andrajos e a mulher pelos farrapos. Partindo da cloaca reconstitui uma cidade; com a lama, refaz os costumes; com o caco reconstrói a ânfora ou a bilha. Reconhece por uma marca de unha no pergaminho a diferença entre os judeus de Judeugasse dos judeus do Ghetto. Torna a encontrar no que resta o que foi, o bem, o mal, o falso, o verdadeiro, o sangue do palácio, o borrão de tinta da caverna, o pingo de sebo do lupanar, as provações sofridas, as tentativas bem-sucedidas, as orgias vomitadas, as pregas que fazem os caracteres ao se

curvarem, os vestígios da prostituição de que são capazes as almas vulgares, e sobre as vestes dos mariolas de Roma a marca da cotovelada de Messalina.

III | BRUNESEAU

O esgoto de Paris, na Idade Média, era lendário. No século XVI, Henrique II tentou uma sondagem que abortou. Cem anos atrás, a cloaca, como atesta Mercier, estava abandonada a si própria e fazia o que podia.[71]

Assim era a antiga Paris, entregue às querelas, às indecisões e às apalpadelas. Por muito tempo, ela foi bastante estúpida. Mais tarde, 1789 mostrou como o espírito se apodera das cidades. Mas, nos bons velhos tempos, a capital tinha pouca cabeça; não sabia resolver seus problemas nem moral nem materialmente e, muito menos, varrer as próprias imundícies ou abusos. Tudo era obstáculo, tudo suscitava problemas. O esgoto, por exemplo, era refratário a qualquer itinerário. Não conseguiam orientar-se no serviço de limpeza pública mais do que entender-se na cidade; no alto, o ininteligível; embaixo, o inextricável; sob a confusão de línguas havia a confusão dos subterrâneos; Dédalo duplicando Babel.

Às vezes, o esgoto de Paris transbordava, como se aquele Nilo desconhecido fosse subitamente tomado de cólera. Havia, coisa infame, inundações de lama. Por momentos, esse estômago da civilização digeria mal, a cloaca refluía à garganta da cidade, e Paris sentia o ressaibo da própria imundície. Essas semelhanças do esgoto com o remorso foram úteis; eram avisos, aliás muito mal recebidos; a cidade indignava-se com a audácia da própria lama e não admitia que ela regurgitasse. Que a expelissem melhor!

A inundação de 1802 é uma das lembranças dos parisienses de oitenta anos. O lodo espalhou-se em cruz pela Place des Victoires, onde se encontra a estátua de Luís XIV; entrou na Rue Saint-Honoré pelas duas bocas de esgoto dos Champs-Élysées, na Rue Saint-Florentin, pelo esgoto Saint-Florentin, na Rue Pierre-à-Poisson pelo esgoto da Sonnerie, na Rue Popincourt pelo esgoto do Chemin-Vert, na Rue de la Roquette pelo esgoto da Rue de Lappe; cobriu as calçadas da Rue dos Champs-Élysées até uma altura de trinta e cinco centímetros; e, ao meio-dia, pela embocadura do Sena funcionando em sentido inverso, penetrou pela Rue Mazarine, Rue de l’Échaudé e Rue des Marais, onde se estendeu por cento e nove metros, precisamente a alguns passos da casa em que morara Racine, respeitando, no século XIX, mais o poeta que o Rei. A lama

atingiu o máximo de profundidade na Rue Saint-Pierre, onde se elevou três pés acima do chafariz, e o máximo de extensão na Rue Saint-Sabin, onde se espalhou pelo comprimento de duzentos e trinta e oito metros.

No começo deste século, o esgoto de Paris era ainda um lugar misterioso. A lama jamais pode ter boa fama; mas aqui sua má fama ia até o terror. Paris sabia confusamente que tinha sob si um subterrâneo terrível. Falava-se dele como daquele monstruoso charco de Tebas onde formigavam centopeias de quinze pés de comprimento e que poderia servir de banheira a Behemoth.[72] As grossas botas dos encarregados da limpeza não se aventuravam jamais além de certos pontos conhecidos. Estava-se ainda muito próximo do tempo em que os carros de lama, do alto dos quais Sainte-Foix fraternizava com o Marquês de Créqui, eram descarregados com a maior simplicidade nos canos de esgoto.[73] Quanto ao escoamento, era confiado às enxurradas, as quais mais entulhavam do que varriam. Roma dava ainda alguma poesia à sua cloaca chamando-a de Gemônias; Paris a insultava chamando-a de fossa. A ciência e a superstição estavam de acordo para aumentar o horror. O esgoto não era menos repugnante à higiene que à lenda. O bicho-papão estava fechado sob a abóbada fétida de Mouffetard; os cadáveres dos Marmousets tinham sido lançados ao esgoto da Barillerie; Fagon atribuíra a temível febre maligna de 1685 à grande interrupção do esgoto do Marais, que continuou escancarado até 1833, na Rue Saint-Louis, quase em frente da tabuleta do *Messager Galant*.[74] A boca do esgoto da Rue de la Mortellerie era célebre pelos miasmas que desprendia; com sua grade de ferros pontiagudos que simulavam uma fileira de dentes, ela era, nessa rua fatal, como as fauces de um dragão soprando o inferno sobre os homens. A imaginação popular aumentava o mistério do esgoto parisiense com horríveis misturas de infinito. O esgoto não tinha fundo. O esgoto é o báratro. A ideia de explorar essas regiões leprosas não vinha nem mesmo à polícia. Tentar esse desconhecido, lançar a sonda naquelas trevas, fazer descobertas naquele abismo, quem ousaria? Era horrível. Contudo, alguém se apresentou. A cloaca também teve seu Cristóvão Colombo.

Um dia, em 1805, numa das raras aparições do Imperador em Paris, o Ministro do Interior, um Decrès ou um Crétet qualquer, estava presente ao despertar do amo.[75] Ouvia-se no Carrousel o arrastar dos sabres de todos aqueles extraordinários soldados da grande República e do grande Império;[76] havia um acúmulo de heróis à porta de Napoleão; homens do Reno, do Escaut, do Ádige e do Nilo; companheiros de Joubert, de Desaix, de Marceau, de Hoche, de Kléber;[77] aerostatas de Fleurus, granadeiros de Mayença, pontoneiros de

Gênova, hussardos já vistos pelas pirâmides, artilheiros atingidos pelas balas de Junot, couraceiros que haviam tomado de assalto a frota ancorada em Zuyderzée; alguns haviam seguido Bonaparte na ponte de Lodi, outros tinham acompanhado Murat no fosso de Mântua, outros ainda haviam precedido Lannes na estrada de Montebello.[78] Todo o exército da época se achava ali, no pátio das Tuileries, representado por uma esquadra ou por um pelotão, vigiando o sono de Napoleão; era a bela época esplêndida em que o exército tinha Marengo em seu passado e Austerlitz em seu futuro. – *Sire* – disse o Ministro do Interior a Napoleão –, ontem vi o homem mais intrépido do vosso império. – Quem é esse homem? – perguntou bruscamente o Imperador –, que fez ele? – Ele quer fazer uma coisa, *Sire*. – Qual? – Visitar os esgotos de Paris.

Esse homem existia; chamava-se Bruneseau.

IV | DETALHES IGNORADOS

Fez-se a visita. Foi uma campanha terrível; uma batalha noturna contra a peste e a asfixia. Ao mesmo tempo, foi uma viagem de descobertas. Um dos sobreviventes dessa operação, operário inteligente, então muito jovem, contava ainda há alguns anos os curiosos pormenores que Bruneseau julgou bom omitir em seu relatório ao Prefeito de Polícia, como indignos do estilo administrativo. Os processos de desinfecção eram nessa época muito rudimentares. Apenas Bruneseau ultrapassou as primeiras articulações da rede subterrânea, oito trabalhadores dos vinte que o acompanhavam recusaram-se a ir além. A operação era complicada; a visita requeria coragem; era necessário ao mesmo tempo limpar e medir; anotar as entradas da água, contar os bueiros e as saídas, pormenorizar acerca das ramificações, indicar as correntes nos pontos de divisão, reconhecer as circunscrições respectivas às diversas bacias, sondar os pequenos esgotos enxertados no esgoto principal, medir a altura e a largura de cada galeria, tanto na base das arcadas como no piso das diversas comportas, determinar, enfim, as ordenadas de nível diretamente em cada entrada da água, seja da base do esgoto, seja do solo da rua. Avançava-se com dificuldade. Não era raro que as escadas de acesso mergulhassem em três pés de vasa. As lanternas agonizavam naqueles miasmas. De quando em quando, viam-se obrigados a carregar um operário desfalecido. Em certos lugares, havia verdadeiros precipícios. O solo afundava, as lajes haviam desmoronado, o esgoto transformara-se em sorvedouro, não se encontrava mais terra firme; um homem

desapareceu de repente e foi retirado com muito esforço. Por conselho de Fourcroy, acendiam de distância em distância, nos lugares suficientemente desinfetados, grandes engradados de metal cheios de estopa embebida em resina. [79] As paredes, em certos lugares, estavam cobertas de fungos disformes que pareciam tumores; a própria pedra parecia enferma naquele ambiente irrespirável.

Bruneseau, em sua exploração, caminhou das partes altas para as mais baixas. No ponto de divisão dos dois condutos de água do Grand-Hurleur, pôde decifrar sobre uma pedra saliente a data 1550; essa pedra indicava o limite onde parara Philibert Delorme, encarregado por Henrique II de visitar os canais subterrâneos de Paris.[80] Essa pedra era a marca do século XVI no esgoto. Bruneseau encontrou as marcas do século XVII nos canos de Ponceau e da Rue Vieille-du-Temple, construídos entre 1600 e 1650, e do século XVIII na seção oeste do canal coletor, construído em 1740. Esses dois corredores, principalmente o menos antigo, o de 1740, estavam mais arruinados e decrépitos que os tijolos do esgoto circular datado de 1412, época em que o riacho de Ménilmontant foi elevado à dignidade de grande esgoto de Paris, progresso análogo ao do camponês que se tornou primeiro Camareiro do Rei; algo como Gros-Jean transformado em Lebel.[81]

Julgou-se reconhecer aqui e ali, notadamente sob o Palácio da Justiça, alvéolos de antigas prisões construídas no próprio esgoto. *In pace* vergonhosos. [82] Numa dessas celas, via-se uma golilha de ferro presa à parede. Foram todas muradas. Alguns achados eram interessantes; entre outros, o esqueleto de um orangotango desaparecido do Jardim Botânico em 1800, desaparição provavelmente ligada ao famoso e incontestável aparecimento do diabo na Rue des Bernardins, no último ano do século XVIII. O pobre-diabo acabou afogando-se na lama.

Sob o longo corredor abobadado que termina no arco Marion, um cesto de trapeiro constitui a admiração dos entendidos. Por toda parte, a vasa, que os operários tinham conseguido manejar intrepidamente, estava cheia de objetos preciosos, joias de ouro e de prata, pedrarias, moedas. Um gigante que a tivesse filtrado teria em suas mãos a riqueza dos séculos. No ponto de divisão das duas ramificações da Rue du Temple e da Rue Sainte-Avoye, encontrou-se uma singular medalha huguenote de cobre, trazendo de um lado um porco com um chapéu de cardeal e do outro um lobo com a tiara na cabeça.

O achado mais surpreendente deu-se à entrada do Grande Esgoto. Essa entrada outrora havia sido fechada por uma grade da qual restavam somente os

gonzos. De um desses gonzos pendia uma espécie de trapo informe e sujo que, sem dúvida, preso ali ao passar, flutuava na sombra e acabava de se desfiar. Bruneseau aproximou a lanterna e o examinou. Era cambraia finíssima; num dos ângulos menos rasgados, distinguia-se uma coroa heráldica bordada por cima destas sete letras: *laubesp*. Era uma coroa de marquês, e as sete letras significavam *Laubespine*. Reconheceram então que tinham sob os olhos um pedaço do lençol de Marat. Marat, em sua juventude, tivera alguns amores. Foi na época em que fazia parte da casa do Conde d'Artois como médico dos escudeiros.[83] Desses amores, historicamente constatados, com uma grande dama, restara-lhe aquele lençol. Esquecimento ou recordação. Pela sua morte, como era o único lençol fino que lhe acharam na casa, o enterraram nele. Velhas mulheres envolveram para a sepultura o trágico Amigo do Povo no mesmo lençol que participara de sua voluptuosidade. Bruneseau foi adiante, deixando o farrapo no mesmo lugar; não o destruiu. Desprezo ou respeito? Marat merecia ambos. Aliás, o destino imprimira ali bem clara a própria marca para que alguém o tocasse; é preciso deixar às coisas do sepulcro o lugar por elas escolhido. Em suma, a relíquia era estranha. Ali dormira uma marquesa, ali apodrecera Marat; o lençol atravessara o Panthéon para acabar com os ratos do esgoto. O farrapo de alcova, cujas dobras outrora Watteau reproduzira alegremente, acabou sendo digno do olhar fixo de Dante.[84]

A visita da higiene pública aos subterrâneos de Paris durou sete anos, de 1805 a 1812. Enquanto caminhava, Bruneseau desenhava, dirigia e levava a cabo trabalhos consideráveis; em 1808, abaixou o nível do canal Ponceau, e, criando em toda parte novas linhas, levava o esgoto, em 1809, sob a Rue Saint-Denis até a fonte des Innocents; em 1810, sob a Rue Froid-Manteau e a Salpêtrière; em 1811, sob a Rue Neuve-des-Petits-Pères, a Rue du Mail, a Rue de l'Écharpe, sob a Place Royale; em 1812, sob a Rue de la Paix e a Chaussée-d'Antin. Ao mesmo tempo, mandava desinfetar e limpar toda a rede. A partir do segundo ano, Bruneseau chamara para auxiliá-lo seu genro, Nargaud.

Foi assim que, no começo deste século, a velha sociedade lavou o subsolo e fez a toalete do esgoto. Sempre se limpou alguma coisa.

Tortuoso, cheio de fendas, sem o calçamento original, cortado por charcos, dobrado em curvas bizarras, subindo e descendo sem lógica, fétido, selvagem, feroz, submerso em trevas, com cicatrizes nas pedras e chagas nas paredes, medonho, assim era, visto retrospectivamente, o antigo esgoto de Paris.

Ramificações em todos os sentidos, cruzamentos de canos, encruzilhadas, estrelas, como nas sapas, becos sem saída, abóbadas salitrosas, sumidouros

infectos, destilação dartrosa das paredes, gotas caindo das arcadas, escuridão; nada igualava o horror daquela velha cripta cheia de úlceras, aparelho digestivo da Babilônia, antro, fosso, abismo cortado em ruas, covil titânico onde o espírito julga ver passear em meio às trevas, na imundície que fora esplendor, a enorme toupeira cega, o passado. Esse, repetimos, era o esgoto de outrora.

V | PROGRESSO ATUAL

Atualmente, o esgoto é decente, frio, direito, correto. Realiza talvez o ideal do que na Inglaterra se entende pela palavra *respectable*. É asseado e pardacento, feito sob medida, poderíamos quase dizer elegante. Assemelha-se a um fornecedor transformado em Conselheiro de Estado. No seu interior entra um pouco de luz. A lama comporta-se ali decentemente. À primeira vista, tomar-se-ia facilmente por um desses corredores subterrâneos outrora tão comuns e tão úteis para as fugas de Monarcas e Príncipes, nos velhos e bons tempos *em que o povo amava seus Reis*. O esgoto atual é até bonito; tem estilo; o clássico alexandrino retilíneo que, expulso da poesia, parece ter-se refugiado na arquitetura, parece inerente a todas as pedras dessas longas abóbadas esbranquiçadas, escuras; cada saída é uma arcada; a Rue de Rivoli faz escola até na cloaca. Quanto ao mais, se a linha geométrica está de algum modo em seu lugar, é certamente no fosso estercorário de uma grande cidade. Aí, tudo deve subordinar-se ao caminho mais curto. O esgoto, atualmente, tomou certo aspecto oficial. Mesmo os relatórios da polícia, dos quais, às vezes, se torna objeto, não lhe faltam com o respeito. As palavras que o caracterizam na linguagem administrativa são elevadas e dignas. O que se chamava intestino, chama-se galeria; o que chamavam buraco, chama-se olho. Villon não reconheceria mais sua antiga morada.[85] Essa rede de subterrâneos sempre conserva sua imemorial população de roedores, mais pululante do que nunca; de quando em quando, um rato de velhos bigodes se arrisca a olhar pelas janelas para examinar os parisienses; mas os próprios ratos se domesticam, satisfeitos com seu palácio subterrâneo. A cloaca não tem mais nada da sua ferocidade primitiva. A chuva, que emporcalhava o antigo esgoto, lava o atual. Contudo, não confiem demais. Os miasmas ainda o habitam. É mais hipócrita que irrepreensível. A Prefeitura de Polícia e a Comissão de Salubridade trabalham debalde. A despeito de todos os processos de desinfecção, ele exala um vago odor suspeito, como Tartufo depois da confissão.[86]

Convenhamos contudo que, como a limpeza é um serviço que o esgoto presta à civilização, e como, desse ponto de vista, a consciência de Tartufo é um progresso, comparando-se com o estábulo de Áugias,[87] não resta dúvida de que o esgoto de Paris melhorou.

É mais que um progresso; é uma transmutação. Entre o esgoto antigo e o esgoto atual, há uma verdadeira revolução. Quem fez essa revolução? O homem de que todos se esquecem e a quem chamamos Bruneseau.

VI | PROGRESSO FUTURO

A abertura da rede de esgotos de Paris não foi tarefa simples. Os dez últimos séculos nela trabalharam sem conseguir terminá-la, do mesmo modo como não conseguiram terminar Paris. É, no subsolo, uma espécie de pólipo tenebroso de mil antenas, que cresce ao mesmo tempo que a cidade, na superfície. Cada vez que a cidade traça uma rua, o esgoto alonga um braço. A velha monarquia não construiu senão vinte e três mil e trezentos metros de esgoto; assim estava Paris em janeiro de 1806. A partir dessa época, da que tornaremos a falar em seguida, a obra foi útil e energicamente retomada e continuada; Napoleão construiu, essas cifras são curiosas, quatro mil oitocentos e quatro metros; Luís XVIII, cinco mil setecentos e nove; Carlos X, dez mil oitocentos e trinta e seis; Luís Filipe, oitenta e nove mil e vinte; a República de 1848, vinte e três mil trezentos e oitenta e um; o regime atual, setenta mil e quinhentos; total, hoje, duzentos e vinte e seis mil seiscentos e dez metros, sessenta léguas de esgoto, são as enormes entranhas de Paris. Ramificação obscura, sempre em atividade; construção ignorada e imensa.

Como vemos, o dédalo subterrâneo de Paris é atualmente quase o décuplo do que era no início deste século. Podemos imaginar, porém, toda a perseverança e os esforços necessários para levá-lo ao ponto de perfeição relativa em que agora se encontra. Foi a muito custo que a velha jurisdição monárquica e, nos últimos dez anos do século XVIII, a *Mairie* revolucionária chegaram a construir as cinco léguas de esgoto que existiam antes de 1806. Todo tipo de obstáculos entravava essa operação, alguns próprios da natureza do solo, outros inerentes aos preconceitos da população laboriosa de Paris. Paris levanta-se sobre um terreno estranhamente rebelde à picareta, à enxada, à sonda, ao trabalho humano. Nada mais difícil de perfurar e penetrar que essa formação geológica à qual se superpõe a maravilhosa formação histórica chamada Paris; desde que, sob qualquer forma, o trabalho se inicia e se aventura nesse lençol de aluviões,

multiplicam-se as resistências interiores. São argilas líquidas, fontes vivas, rochas duras, barro mole e profundo que a ciência especializada chama mostardas. A picareta avança laboriosamente entre os sedimentos calcáreos alternados de filetes de greda demasiadamente fina e de camadas chistosas com incrustações de conchas de ostras contemporâneas dos oceanos pré-adamitas. Às vezes, um veio de água enche bruscamente uma galeria iniciada, cobrindo os trabalhadores; ou é uma porção de marga que perece e cai com a fúria de uma catarata, quebrando como vidro as mais grossas vigas de sustentação. Há pouco tempo, na Villette, quando foi necessário, sem interromper a navegação e sem esvaziar o canal, fazer passar o esgoto coletor sob o canal Saint-Martin, abriu-se uma fenda no leito do canal, a água surgiu subitamente na galeria subterrânea, superando toda a capacidade das bombas; foi preciso que um mergulhador procurasse a fenda do canal e a tapasse, o que exigiu grandes esforços. Em outros lugares, perto do Sena, e mesmo bem longe do rio, como por exemplo em Belleville, Grande-Rue e travessa Lunière, encontram-se areias movediças onde um homem se afunda e pode desaparecer em poucos instantes. Acrescentem ainda a asfixia pelos miasmas, o perigo dos desabamentos, os desmoronamentos repentinos. Acrescentem o tifo, que lentamente contamina os trabalhadores. Nos nossos dias, depois de ter cavado a galeria Clichy, com um andaime para receber o cano principal da água do Ourcq, trabalho executado numa vala, a uma profundidade de dez metros, depois de, apesar dos desabamentos, com a ajuda de galerias em péssimo estado e de estaqueamentos, ter canalizado o Bièvre desde o Boulevard de l’Hôpital até o Sena, depois de ter construído a linha de esgotos desde a barreira Blanche até a estrada de Aubervilliers, em quatro meses, dia e noite, a uma profundidade de onze metros, para livrar Paris das águas torrenciais de Montmartre e dar vazão ao pântano fluvial de nove hectares que se estagnava perto da barreira des Martyrs; depois de ter, coisa ainda não vista, construído subterraneamente um esgoto na Rue Barre-du-Bec, sem abrir fossas, a seis metros abaixo do solo, morreu Monnot, o Diretor das Obras. Depois de ter construído três mil metros de esgotos em todos os pontos da cidade, da Rue Traversière-Saint-Antoine à Rue de Lourcine, depois de ter livrado de inundações fluviais a encruzilhada Censier-Mouffetard por meio do ramal de l’Arbalète, depois de ter construído o esgoto de Saint-Georges, com alicerces de pedra e argamassa no meio da areia movediça; depois de ter dirigido o difícil rebaixamento de nível do ramal Notre-Dame-de-Nazareth, o engenheiro Duleau morreu.[88] Não há boletins para esses atos de bravura, aliás muito mais úteis que a estúpida matança dos campos de batalha.

Os esgotos de Paris, em 1832, estavam longe de ser o que são atualmente. Bruneseau dera o primeiro passo, mas foi necessário que surgisse o cólera para determinar a grande reconstrução posterior. É interessante dizer, por exemplo, que em 1821 uma parte do esgoto principal chamado Grande Canal, como em Veneza, se estagnava ainda a céu aberto na Rue des Gourdes. Somente em 1823 é que a cidade de Paris encontrou nos bolsos os duzentos e sessenta e seis mil e oitenta francos e seis cêntimos necessários para encobrir aquela imundície. Os três poços absorventes do Combat, da Cunette e de Saint-Mandé, com seus desaguadouros, aparelhos, escoadouros e ramificações depuratórias, datam somente de 1836. A higiene intestinal de Paris foi totalmente refeita e, como dissemos, quase decuplicada há um quarto de século.

Há trinta anos, na época da insurreição de 5 a 6 de junho, continuava ainda, em muitos lugares, quase que o velho esgoto. Um grande número de ruas, hoje ligeiramente convexas, eram côncavas. Viam-se com muita frequência, nos pontos de declive onde as vertentes de uma rua ou de uma encruzilhada se juntavam, largas grades quadradas de grossas barras de ferro reluzindo, polidas pelos pés dos transeuntes, perigosas e escorregadias para as carruagens, provocando a queda dos cavalos. A língua oficial das pontes e das calçadas dava a essas grades o expressivo nome de *cassis*. Em 1832, em numerosas ruas, na Rue de l'Étoile, na Rue Saint-Louis, na Rue du Temple, na Rue Vieille-du-Temple, na Rue Nôtre-Dame-de-Nazareth, na Rue Folie-Mèricourt, no Quai des Fleus, na Rue du Petit-Musc, na Rue Normandie, na Rue Pont-aux-Biches, na Rue do Marais, no Faubourg Saint-Martin, na Rue Notre-Dame-des-Victoires, em Montmartre, na Rue Grange-Batelière, nos Champs-Élysées, na Rue Jacob, na Rue de Tournon, o velho esgoto de estilo gótico mostrava ainda cinicamente suas bocarras escancaradas. Eram enormes hiatos de pedra, imundos, às vezes rodeados de poiais, com um descaramento monumental.

Paris, em 1806, possui ainda a mesma cifra de esgotos constatada em maio de 1663; cinco mil trezentas e vinte e oito toesas. Depois de Bruneseau, a 1º. de janeiro de 1832, tinha quarenta mil e trezentos metros. De 1806 a 1831, construíram-se anualmente, em média, setecentos e cinquenta metros; depois, construíram-se todos os anos de oito a dez mil metros de galerias feitas com pequenos tijolos banhados em cal hidráulica, ligados com argamassa. A duzentos francos o metro, as sessenta léguas de esgotos da atual Paris representam uma soma de quarenta e oito milhões.

Além do progresso econômico de que falamos no início, graves problemas de higiene pública se ligam a esse imenso problema: o esgoto de Paris.

Paris está entre dois lençóis: um lençol de água, um lençol de ar. O lençol de água, situado a grande profundidade subterrânea, mas já constatado por duas perfurações, é fornecido pelas camadas de lioz verde preso entre camadas de greda e de calcários jurássicos, podendo ser representado por um disco de vinte e cinco léguas de raio, sendo a nascente natural de numerosos ribeiros e riachos; num copo de água do poço de Grenelle bebe-se o Sena, o Marne, o Yonne, o Oise, o Aisne, o Cher, o Vienne e o Loire. O lençol de água é salubre; vem primeiro do céu, depois da terra; o lençol de ar é malsão, vem do esgoto. Todos os miasmas da cloaca misturam-se à respiração da cidade; daí seu mau hálito. O ar respirado em cima de uma estrumeira – isso foi cientificamente constatado – é mais puro que o ar de Paris. Chegará o tempo em que, com o progresso, a perfeição de mecanismos e as novas ideias, se usará o lençol de água para purificar o lençol de ar, isto é, para lavar o esgoto. É sabido que, por desinfecção do esgoto, entendemos: restituição do lodo à terra, volta do adubo ao solo e do estrume aos campos. Por esse simples fato, para toda a comunidade social, haverá diminuição da miséria e aumento da saúde. No ponto em que estamos, o raio das doenças de Paris vai até cinquenta léguas ao redor do Louvre, tomado como centro dessa roda pestilencial.

Poder-se-ia dizer que há dez séculos a cloaca é a doença de Paris. O esgoto é o vício que a cidade tem em seu sangue. O instinto popular jamais se enganou a esse respeito.

O trabalho nos esgotos outrora era quase tão perigoso e quase tão repugnante ao povo quanto o de esfolador de animais, por tanto tempo tido como ignóbil, sendo entregue aos carrascos. Era necessário um alto salário para decidir um pedreiro a desaparecer naqueles subterrâneos infectos; a escada do poceiro hesitava em descer até eles. Dizia-se proverbialmente: *descer ao esgoto é descer à sepultura*. E toda sorte de lendas horripilantes, como dissemos, cobria de terror essa colossal sentina; sentina temível marcada tanto pelas revoluções da terra como pelas revoluções dos homens, e onde encontramos vestígios de todos os cataclismos desde as conchas antediluvianas até os andrajos de Marat.

LIVRO TERCEIRO

LAMA E ALMA

I | A CLOACA E SUAS SURPRESAS

Jean Valjean estava no esgoto de Paris.
Mais uma semelhança entre Paris e o mar. Como no oceano, quem nele mergulha pode desaparecer.

A transição era incomum. Em pleno centro da cidade, Jean Valjean saíra dela, num abrir e fechar de olhos, no tempo de levantar e abaixar uma tampa, e passara da luz do sol à escuridão mais completa, do meio-dia à meia-noite, do estrépito ao silêncio, do turbilhão dos trovões à estagnação do túmulo; por uma peripécia bem mais prodigiosa ainda que a da Rue Polonceau, do mais extremo perigo à segurança mais absoluta.

Queda brusca no interior de um subterrâneo; desaparecimento nas masmorras de Paris; deixar aquela rua onde triunfava a morte por aquela espécie de sepulcro onde estava a vida foi um momento estranho. Jean Valjean ficou por alguns instantes como que desorientado; escutando estupefato. O alçapão salvador abrira-se-lhe subitamente sob o pés. A bondade celeste de certo modo o pegara à traição. Adoráveis emboscadas da Providência!

O ferido, porém, não se movia, e Jean Valjean não sabia se o que carregava aos ombros era um ser vivo ou um morto.

Sua primeira sensação foi de cegueira. De repente, não enxergou mais nada. Pareceu-lhe também ter ficado surdo. Não ouvia mais nada. A frenética tempestade de mortes que se desencadeava alguns pés acima dele, como já dissemos, graças à camada de terra que o separava dela, não lhe chegava senão diminuída e indistinta, como o rumor num subterrâneo. Tudo o que sentia era que pisava em terra firme, e isso bastava. Estendeu um braço, depois outro, tocou as paredes de ambos os lados e reconheceu que o corredor era estreito; escorregou e percebeu que o chão estava molhado. Avançou com precaução um pé, temendo um buraco, um desaguadouro, um declive qualquer, e constatou que o lajeado se prolongava. Uma baforada fétida advertiu-o do lugar em que se

encontrava.

Ao cabo de alguns instantes, passara-lhe a cegueira. Pelo bueiro por onde entrara filtrava-se alguma luz, e seus olhos acostumaram-se à escuridão. Começou a distinguir alguma coisa. O corredor em que se enterrara – nenhuma outra palavra exprimiria melhor a situação – fechava-se por trás do lugar em que se encontrava. Era um desses becos sem saída que a linguagem especializada chama de braço. À sua frente havia outra parede, uma parede de trevas. A claridade de um respiradouro, dez ou doze passos à frente do ponto em que se encontrava, lançava uma claridade indecisa sobre alguns metros da parede úmida do esgoto. Mais adiante, a opacidade era maciça; penetrar naquela escuridão era o mesmo que desaparecer. Contudo, era possível ultrapassar aquela muralha de bruma, era necessário. Era preciso até apressar-se. Jean Valjean pensou, então, que aquela grade, entrevista por ele debaixo das pedras, poderia da mesma forma ser percebida pelos soldados, e que tudo dependeria de um simples acaso. Também eles poderiam descer àquele poço e revistá-lo. Não tinha um minuto a perder. Ele havia deitado Marius nas pedras do chão. Tornou a carregá-lo aos ombros e pôs-se a caminhar, internando-se resolutamente naquelas trevas.

Na realidade, estavam menos salvos do que Jean Valjean supunha. Talvez os espreitassem perigos de outro gênero, e maiores. Depois do turbilhão fulgurante do combate, a caverna de miasmas e de armadilhas; depois do caos, a cloaca. Jean Valjean caíra de um círculo do inferno em outro.

Depois de dar cinquenta passos, teve de parar. Surgiu um problema. O corredor terminava em outra passagem transversal. Era uma encruzilhada. Qual direção seguir? Deveria tomar à esquerda ou à direita? Como orientar-se naquele labirinto de sombras? Esse labirinto, como já o notamos, tinha um fio, o declive. Segui-lo seria o mesmo que andar em direção ao rio. Jean Valjean compreendeu-o imediatamente.

Pensou que talvez estivesse no esgoto de Les Halles; se escolhesse a esquerda e seguisse o declive, chegaria antes de um quarto de hora a algum desaguadouro do Sena, entre a Pont au Change e a Pont Neuf, isto é, apareceria em pleno dia no ponto mais populoso de Paris. Talvez saíssem nalguma encruzilhada. Era certo o espanto dos transeuntes ao ver sair da terra a seus pés dois homens ensanguentados. Chegariam os soldados, os guardas do posto vizinho lhes tomariam as armas e seriam presos antes mesmo de sair. Era preferível internar-se por aquele dédalo, confiar naquela escuridão e, quanto à saída, entregar-se à Providência. Tornou a subir o declive e tomou à direita.

Quando ultrapassou o ângulo da galeria, desapareceu o longínquo clarão do

bueiro e a cortina de trevas tornou a cair sobre ele, cegando-o. Continuou a caminhar o mais depressa que pôde. Os dois braços de Marius passavam-lhe ao redor do pescoço e seus pés pendiam-lhe às costas. Segurava-o com uma só mão; com a outra, apalpava a parede. A face ensanguentada de Marius colava-se no seu rosto. Jean Valjean sentia correr sobre ele, penetrando-lhe pelas roupas, um líquido tépido que vinha de Marius. Contudo, o calor úmido de seus lábios que tocavam a orelha de Jean Valjean denotava respiração, por consequência vida. O corredor em que Jean Valjean caminhava agora era menos estreito que o primeiro. Jean Valjean adiantava-se com dificuldade. As chuvas da véspera não se tinham escoado de todo e formavam uma pequena torrente no centro da galeria; Jean Valjean era forçado a caminhar encostado às paredes para não mergulhar os pés na água. Ia sempre para a frente às apalpadelas, parecendo-se com seres noturnos que tateiam o invisível subterraneamente perdidos nos veios da sombra.

Contudo, pouco a pouco, fosse porque os respiradouros ao longe enviassem alguma luz flutuante naquela bruma opaca, fosse porque seus olhos já se tivessem acostumado à escuridão, começou a perceber alguma coisa e voltou a dar-se conta, ora da parede em que se apoiava, ora das arcadas sob as quais passava. As pupilas dilatam-se na noite e acabam por descobrir luz nas trevas, do mesmo modo que a alma se engrandece no sofrimento e nele chega a encontrar Deus.

O mais difícil era orientar-se. O traçado dos esgotos repete, por assim dizer, o traçado das ruas que lhes são superpostas. A Paris daquele tempo tinha duas mil e duzentas ruas. Imaginem, portanto, essa floresta de ramos tenebrosos que chamamos de esgoto. O sistema de esgotos existente na época daria onze léguas de comprimento. Dissemos acima que a rede atual, graças à atividade especial dos últimos trinta anos, não tem menos de sessenta léguas.

Jean Valjean começou por se enganar. Julgava estar debaixo da Rue Saint-Denis e era uma pena que lá não estivesse, pois, sob a Rue Saint-Denis há uma velha galeria de pedra que data de Luís XIII e que vai diretamente ao esgoto coletor ou Grande Esgoto, com uma só curva, à direita, na altura do antigo Pátio dos Milagres, e uma única ramificação, o esgoto Saint-Martin, cujos quatro braços se cortam em cruz. Mas o bueiro da Rue de la Petite-Truanderie, que se abria perto da taverna Corinto, nunca teve comunicação com a galeria da Rue Saint-Denis; termina no cal de Montmartre e era justamente esse o lugar em que estava Jean Valjean. Ali, as ocasiões de se perder eram inúmeras. Esse esgoto era um dos mais complicados que então existiam. Felizmente, Jean Valjean deixara

para trás o esgoto de Les Halles, cujo plano geometral forma a figura de uma multidão de mastros emaranhados, mas tinha ainda à frente mais de um ponto embaraçante e mais de uma esquina – pois são verdadeiras ruas – aparecendo na sombra como um ponto de interrogação; tinha primeiramente, à sua esquerda, o grande esgoto Plâtrière, uma espécie de quebra-cabeça chinês, impelindo e baralhando seu caos de TT e zz sob o Palácio dos Correios e sob a cúpula do mercado de trigo até o Sena, onde termina em Y; em segundo lugar, à direita, o corredor curvo da Rue Cadran, com seus três dentes que formam outros tantos becos sem saída; em terceiro lugar, à esquerda, a variante do Mail, complicada quase no início por uma espécie de forca, indo de ziguezague em zigue-zague terminar na grande cripta exutória do Louvre, cheia de entroncamentos e ramificações em todas as direções; enfim, à direita, o corredor sem saída da Rue des Jeûneurs, sem contar os pequenos redutos aqui e ali, antes de chegar à galeria principal, a única capaz de levá-lo a alguma saída suficientemente distante para não oferecer perigo.

Se Jean Valjean tivesse noção de tudo o que aqui estamos indicando, logo perceberia, ao apalpar as paredes, que não estava na galeria subterrânea da Rue Saint-Denis. Em lugar da antiga pedra talhada, em lugar da antiga arquitetura, altiva e real até mesmo no esgoto, com lajes e paredes de granito e fina argamassa, que custara oitocentas libras a toesa, teria sentido sob as mãos a barata construção contemporânea, o expediente econômico, cimento hidráulico, cal e areia a duzentos francos o metro, a construção burguesa ou de *petits-matériaux*; mas ele nada conhecia a esse respeito.

Ele caminhava sempre para a frente, com calma, às cegas, sem saber para onde, ao acaso, isto é, mergulhado na Providência.

Aos poucos, devemos dizê-lo, começou a ter medo. A sombra que o envolvia começava a penetrar-lhe no espírito. Achava-se em pleno enigma. Aquele aqueduto da cloaca era medonho; entrecruzava-se vertiginosamente. É lúgubre encontrar-se preso numa Paris de trevas. Jean Valjean via-se obrigado a encontrar, quase a inventar uma solução às cegas. Cada passo que dava poderia ser o último. Como sair dali? Encontraria uma saída? Conseguiria fazê-lo a tempo? Aquela colossal esponja subterrânea de alvéolos de pedra deixar-se-ia penetrar, dar-lhe-ia passagem? Ou encontraria algum inesperado laço de trevas, inextricável, insuperável? Talvez Marius morresse de hemorragia e ele, de fome, acabando ambos por se perderem, deixando dois esqueletos a um canto daquela noite. Jean Valjean ignorava. Fazia a si mesmo todas essas perguntas sem poder respondê-las. O intestino de Paris é um precipício. Como o profeta, ele se

encontrava no ventre de um monstro.

Subitamente, teve uma surpresa. No instante mais imprevisto e sem parar de caminhar em linha reta, ele percebeu que não estava mais subindo; a água chegava-lhe ao calcanhar em lugar de molhar-lhe apenas os pés. Agora o esgoto descia. Por quê? Chegaria tão depressa ao Sena? Esse perigo era grande, mas o perigo de recuar era ainda maior. Continuou a avançar.

Não era para o Sena que ele caminhava. Uma lombada do terreno sobre o qual está Paris, à margem direita, recebe uma daquelas vertentes no Sena e a outra desemboca no Esgoto Central. A crista dessa lombada, que marca a divisão das águas, desenha uma linha muito caprichosa. O ponto culminante, que é o lugar de divisão das águas, fica no esgoto Saint-Avoye, além da Rue Michel-le-Comte, no esgoto do Louvre, perto dos bulevares, e no esgoto de Montmartre, próximo de Les Halles. É a esse ponto culminante que Jean Valjean chegara. Ele se dirigiu para o Grande Canal. Estava no bom caminho. Mas não o sabia.

Cada vez que encontrava uma ramificação, apalpava os ângulos e, vendo que a nova abertura era menos larga que o corredor em que estava, não entrava e continuava em frente, julgando, com razão, que todo caminho mais estreito deveria acabar num beco sem saída, obrigando-o a distanciar-se cada vez mais do fim, isto é, da saída. Evitou, assim, o quádruplo laço que lhe fora armado na escuridão pelos quatro dédalos que acabamos de enumerar.

Em certo momento, reconheceu que saíra do subsolo da Paris petrificada pela revolta, onde as barricadas haviam suprimido a circulação, e que voltava a caminhar sob a Paris viva e normal. Sentiu subitamente por cima da cabeça como que um rumor de trovões, longínquo, mas contínuo. Eram as rodas das carruagens.

Já havia mais ou menos meia hora que ele andava, pelo menos segundo os cálculos que fizera, e nem sequer havia pensado em descansar; somente mudara a mão que segurava o corpo de Marius. A escuridão estava sempre mais profunda, o que o deixava mais tranquilo.

De repente, viu em sua frente a própria sombra. Ela se recortava sobre um fraco clarão avermelhado, quase indistinto, que tingia vagamente de púrpura o chão a seus pés e a arcada, espalhando-se à sua direita e à sua esquerda pelas muralhas viscosas do corredor. Apavorado, ele olhou para trás.

Atrás dele, justamente na parte do corredor por onde acabara de passar, a uma distância que lhe pareceu imensa, brilhava, riscando a espessura das trevas, uma espécie de astro horrível que parecia espiá-lo.

Era a sombria estrela da polícia que se acendera do interior do esgoto. Por trás dessa estrela moviam-se confusamente oito ou dez silhuetas negras, retilíneas, indistintas, terríveis.

II | EXPLICAÇÃO

No dia 6 de junho, havia sido ordenada uma batida nos esgotos de Paris. Temia-se que os vencidos os tomassem como refúgio, e o Prefeito Gisquet vira-se obrigado a vasculhar a Paris oculta, enquanto o General Bugeaud varria a Paris pública;[89] dupla operação conexa, dupla estratégia da força pública representada em cima pelo exército, embaixo pela polícia. Três pelotões de agentes e encarregados da limpeza exploraram a rede subterrânea de Paris, o primeiro, a margem direita, o segundo, a margem esquerda, o terceiro, o centro da cidade. Os agentes estavam armados de carabinas, de cassetetes, de espadas e de punhais.

O que naquele momento estava dirigido para Jean Valjean era a lanterna da ronda da margem direita.

Essa ronda acabava de visitar a galeria curva e os três becos que se acham debaixo da Rue du Cadran. Enquanto essa ronda iluminava com a lanterna o interior desses becos, Jean Valjean encontrara à sua passagem a entrada da galeria, achou-a mais estreita que o corredor principal e resolveu não entrar. Passou adiante. Os homens da polícia, ao saírem da galeria du Cadran, julgaram ouvir um ruído de passos na direção do esgoto circular. Com efeito, eram os passos de Jean Valjean. O Sargento-Chefe da ronda levantara a lanterna e a esquadra pusera-se a olhar na direção de onde vinha o ruído de passos.

Este foi para Jean Valjean um minuto inexprimível.

Felizmente, se ele via bem a lanterna, a lanterna o via mal. Ela era luz, ele, sombra. Ele estava muito longe, misturado com as trevas do lugar. Encostou-se na parede e parou.

Aliás, Jean Valjean não compreendia bem o que estava acontecendo. A insônia, a falta de alimentação e as emoções fizeram-no também passar para o estado de visionário. Via um clarão e, ao redor desse clarão, larvas. Que era aquilo? Ele não o compreendia.

Como havia parado, cessara o ruído de passos. Os homens da ronda escutavam, mas nada ouviam; olhavam, mas nada viam. Trocavam opiniões.

Nessa época, nesse ponto do esgoto Montmartre, havia uma espécie de variante chamada *de serviço*, que mais tarde foi suprimida por causa do pequeno lago interior que ali formava, por ocasião dos grandes aguaceiros, a torrente das águas pluviais. A ronda parou justamente ali. Jean Valjean viu aquelas larvas formarem uma espécie de círculo. Como cabeças de cães, aproximaram-se umas das outras e puseram-se a cochichar.

O resultado desse conselho de cães de guarda foi que se haviam enganado; que não havia ruído, que não havia ninguém, que era inútil internar-se por aquela galeria, que seria tempo perdido, que o melhor era apressar-se em outras direções, para os lados de Saint-Merry; que, se houvesse algo a fazer, ou algum *bousingot* a despertar, era justamente naquele quarteirão.

De quando em quando, os partidos lançam novas sementes em suas velhas injúrias. Em 1832, a palavra *bousingot* estava entre o vocábulo *jacobino*, já em desuso, e o vocábulo *demagogo*, então quase esquecido e que prestou mais tarde excelentes serviços.[90]

O Sargento deu ordens para que se dirigissem rumo à esquerda, na direção do Sena. Se tivessem tido a ideia de se dividirem em dois grupos, indo cada um para uma direção, Jean Valjean teria sido preso. Tudo dependia desse fio. É provável que as instruções da Chefatura de Polícia, prevendo uma escaramuça ou um grande número de revoltosos, proibisse que a ronda se fragmentasse. A ronda continuou a caminhar deixando Jean Valjean para trás. De todo esse movimento, Jean Valjean nada percebeu senão o súbito eclipse da lanterna.

Antes de se retirar, o Sargento, para descargo da consciência, disparou a arma para a galeria que abandonava, na direção de Jean Valjean. A detonação reboou de eco em eco na cripta como o borborigmo de um intestino titânico. Um pedaço de caliça que caiu na água a alguns passos de Jean Valjean advertiu-o de que a bala havia atingido o arco sob o qual se encontrava.

Passos medidos e lentos ressoaram por algum tempo nas galerias, sempre mais amortecidos pelo aumento progressivo da distância; o grupo de formas negras desapareceu, um clarão oscilou e flutuou, fazendo na abóbada um arco avermelhado que foi diminuindo até desaparecer; o silêncio voltou a ser profundo, a escuridão tornou a ser completa, a cegueira e a surdez voltaram a tomar posse das trevas. Jean Valjean, não ousando ainda mover-se, continuou por muito tempo encostado à parede, de ouvidos atentos, pupilas dilatadas, vendo desvanecer-se aquela patrulha de fantasmas.

III | O HOMEM PROCURADO

Devemos ser justos para com a polícia daquele tempo; mesmo nas mais graves conjecturas públicas, ela cumpria imperturbavelmente seu dever de inspeção dos canais e de vigilância. Uma revolta não era a seus olhos pretexto para deixar livres os malfeitores, ou negligenciar a sociedade somente porque o governo estava em perigo. O serviço ordinário era feito corretamente durante os serviços extraordinários, sem ser por eles prejudicado. Em meio a um incalculável acontecimento político já iniciado, sob a pressão de uma possível revolução, sem se deixarem distrair pela insurreição e pelas barricadas, os agentes “filavam” o ladrão.

Era precisamente algo parecido que se passava na tarde de 6 de junho, na ribanceira da margem direita do Sena, um pouco além da Pont des Invalides.

Hoje não há mais ribanceira. O aspecto dos lugares já está mudado.

Nessa ribanceira, dois homens separados por certa distância pareciam observar-se mutuamente, um evitando o outro. O que ia na frente procurava distanciar-se, o que vinha atrás procurava aproximar-se.

Era como uma partida de xadrez jogada de longe e silenciosamente. Nem um nem outro parecia apressar-se, e ambos caminhavam lentamente, como se cada um deles temesse, com a pressa, obrigar o outro a dobrar o passo. Dir-se-ia um apetite perseguindo a presa sem que o demonstrasse. A presa era mateira e estava atenta.

As proporções requeridas entre a fuinha acossada e o cão que a persegue estavam sendo observadas. O que procurava escapar era pequeno e de aparência desprezível; o que procurava agarrá-lo, altivo e forte, tinha aspecto rude e parecia não ser nada agradável encontrá-lo.

O primeiro, sentindo-se o mais fraco, evitava o segundo, mas o fazia de um modo profundamente furioso; quem o pudesse observar ver-lhe-ia nos olhos a sombria hostilidade da fuga e toda a ameaça contida no medo.

O lugar estava deserto; não passava ninguém, nem mesmo os bateleiros ou carregadores das barcaças amarradas aqui e ali.

Não poderíamos examinar facilmente esses dois homens senão do cais fronteiriço, e, para quem o fizesse dessa distância, o homem que andava na frente pareceria como que eriçado, esfarrapado, oblíquo, inquieto e trêmulo, sob um blusão rasgado; o outro pareceria um personagem clássico e oficial, vestido com a sobrecasaca da autoridade abotoada até o queixo. O leitor talvez os reconhecesse se os visse mais de perto.

Qual era a intenção do último? Provavelmente correr para agasalhar melhor o primeiro.

Quando um homem vestido pelo Estado persegue um homem vestido de farrapos, só pode ser a fim de torná-lo também um homem vestido pelo Estado. A cor, porém, é que é o problema. Vestir-se de azul é glorioso; vestir-se de vermelho é desagradável. Existe uma púrpura de escárnio. Era provavelmente de algum dissabor ou de alguma púrpura desse tipo que o primeiro queria esquivar-se.

Se o outro o deixava caminhar na frente e não o agarrara ainda, era, segundo todas as aparências, na esperança de vê-lo parar em algum grupo expressivo que constituísse boa presa. Essa operação delicada chama-se “filar”.

O que torna essa conjectura quase provável é que o homem de sobrecasaca, vendo passar no cais um fiacre vazio, fez sinal ao cocheiro; o cocheiro compreendeu, reconheceu evidentemente o que tinha a fazer, mudou de direção e pôs-se a seguir devagar, do alto do cais, os dois homens. Isso não foi percebido pelo personagem suspeito e maltrapilho que ia na frente.

O fiacre rodava ao longo das árvores dos Champs-Élysées. Via-se passar acima do parapeito o busto do cocheiro, de chicote em punho.

Uma das instruções secretas da polícia aos agentes contém este artigo: *Ter sempre à mão uma carruagem, caso se torne necessária*.

Enquanto manobravam cada um de seu lado com uma estratégia irrepreensível, os dois homens se aproximavam de uma rampa que descia desde o cais até a ribanceira que permitia então aos cocheiros que chegavam de Passy descer suas carruagens até o rio para matar a sede dos cavalos. Essa rampa foi posteriormente suprimida: questão de simetria; os cavalos morrem de sede, mas os olhos se regalam.

É possível que o maltrapilho tencionasse subir por essa rampa a fim de tentar escapar pelos Champs-Élysées, lugar cheio de árvores, mas em compensação cheio de agentes da polícia, onde o outro facilmente encontraria reforços.

Esse ponto do cais acha-se muito pouco afastado da casa transportada de Moret a Paris, em 1824, pelo Coronel Brack, a casa de Francisco I.[91] Bem perto dali há um posto de guarda.

Para grande surpresa de seu observador, o homem perseguido não subiu pela rampa do bebedouro. Continuou a avançar pela margem ao longo do cais. Sua posição tornava-se visivelmente crítica. A menos que pretendesse lançar-se ao Sena, o que ele iria fazer?

Já não havia nenhum meio de subir ao cais; não havia nem rampa nem escada, e estava muito próximo do lugar marcado pela curva do Sena em direção da Pont d’ Iéna, onde a margem, cada vez mais estreita, terminava numa lingueta e se perdia debaixo da água. Lá ele iria encontrar-se inevitavelmente bloqueado entre o muro a pique à direita, o rio à esquerda e a autoridade atrás.

É verdade que esse fim da ribanceira estava escondido por um amontoado de entulho de seis ou sete pés de altura, produto de alguma demolição. Mas esse homem iria esconder-se detrás daqueles escombros que ele só teria de contornar? O expediente seria por demais pueril. Com certeza, ele não pensou em semelhante coisa. A inocência dos ladrões não chega a tanto.

O monte de entulho formava, à margem da água, uma espécie de elevação que se prolongava até a muralha do cais.

O homem perseguido chegou a essa pequena colina e a contornou, de modo que deixou de ser visto pelo outro.

Este, não vendo, não era visto; aproveitou-se, então, para abandonar qualquer dissimulação e caminhou com toda a rapidez. Em poucos instantes, chegou ao monte de entulho e o contornou. Ali, parou, estupefato. O homem que ele caçava havia desaparecido. Eclipse total do maltrapilho.

A margem, a partir desse lugar, não ia além de trinta passos de comprimento; depois, mergulhava debaixo da água, que vinha bater no muro do cais. O fugitivo não poderia lançar-se ao Sena, tampouco escalar o paredão sem ser visto por quem o seguia. O que havia acontecido?

O homem de sobrecasaca abotoada caminhou até a extremidade da margem e ali ficou por alguns momentos pensativo, de mãos crispadas, olhar atento. De repente, bateu na testa. Acabara de perceber, no ponto em que terminava a terra e começava a água, uma grade de ferro larga e baixa, construída em arco e guarnecida por uma grande fechadura e três gonzos maciços. Essa grade, uma espécie de porta aberta na base do paredão, abria-se tanto para a margem como para o rio. Uma corrente de águas negras passava-lhe debaixo e desembocava no Sena.

Além daquelas pesadas barras de ferro enferrujadas distinguia-se uma espécie de corredor abobadado e escuro.

O homem cruzou os braços e contemplou a grade com ar de reprovação.

Como olhar não bastasse, tentou empurrá-la; sacudiu-a, mas a grade resistiu solidamente. Provavelmente acabava de ser aberta, embora ele não tivesse ouvido ruído algum, coisa singular numa grade tão enferrujada; mas era fora de

dúvida que ela acabava de ser fechada. Isso indicava que a pessoa diante da qual a porta se abrira possuía não um simples gancho, mas uma chave.

Essa evidência patenteara-se depressa ao espírito do homem que se esforçava por arrombar a grade, inspirando-lhe este epifonema de indignação:

– Essa é boa! Uma chave do governo!

Depois, acalmando-se logo, exprimiu um mundo de ideias interiores por esta lufada de dissílabos acentuados quase ironicamente: – Ora! ora! ora! ora!

Dizendo isso, esperando não sei quê, ou ver sair o homem, ou ver entrarem outros, postou-se de sentinela por trás do monte de entulho, com a raiva paciente do cão de fila.

De sua parte, o fiacre, que se regulava pelos seus movimentos, parara no cais acima dele, perto do parapeito. O cocheiro, prevendo uma longa espera, meteu o focinho dos seus cavalos em sacos de aveia úmida, tão conhecidos pelos parisienses, aos quais o governo, seja dito de passagem, os metem às vezes. Os raros transeuntes da Pont d' Iéna, antes de se afastarem, voltavam-se para olhar por um momento aqueles dois detalhes imóveis na paisagem, o homem na margem do Sena e o fiacre no cais.

IV | TAMBÉM ELE CARREGA UMA CRUZ

Jean Valjean continuara a andar sem novas interrupções.

A caminhada tornava-se cada vez mais difícil. O nível dessas arcadas varia muito; a altura média é de mais ou menos cinco pés e seis polegadas, e fora calculada para a estatura de um homem; Jean Valjean via-se forçado a curvar-se para que Marius não batesse no teto; tinha de abaixar-se e levantar-se a cada instante, apalpando continuamente as paredes. A umidade das pedras e a viscosidade do chão eram péssimos pontos de apoio, tanto para as mãos como para os pés. Ele escorregava no horrível monturo da cidade. Os reflexos intermitentes dos bueiros não apareciam senão a grandes intervalos, e tão pálidos que o sol do meio-dia parecia o luar; todo o resto era bruma, miasma, opacidade, escuridão. Jean Valjean sentia fome e sede, sobretudo sede; e o lugar onde estava era como o mar, cheio de água que não podia beber. Sua força que, como sabemos, era prodigiosa e muito pouco diminuída pela idade, graças à sua vida casta e sóbria, começava contudo a faltar. Sobreviera-lhe a fadiga, e a diminuição da força aumentava-lhe o peso do fardo. Marius, talvez morto, pesava como pesam os corpos inertes. Jean Valjean o carregava de modo a não

forçar-lhe o peito para que respirasse sempre o melhor possível. Ele sentia entre as pernas as rápidas correrias dos ratos. Um deles assustou-se a ponto de mordê-lo. De quando em quando, algum respiradouro lhe levava um sopro de ar fresco que o reanimava.

Seriam três horas da tarde quando ele chegou ao esgoto principal. A princípio, ficou admirado pelo súbito alargamento. Viu-se de repente numa galeria cujas paredes não podia tocar com as mãos estendidas e cujas arcadas, bastante altas, o deixavam caminhar livremente. O esgoto principal, com efeito, tem oito pés de largura por sete de altura.

Onde a galeria de Montmartre alcança o Esgoto Central, duas outras galerias subterrâneas, a da Rue de Provence e a da Rue du Abattoir, formam uma encruzilhada. Entre esses quatro caminhos, alguém menos sagaz teria ficado indeciso. Jean Valjean seguiu pelo mais largo, isto é, pelo esgoto central. Mas aqui voltava a questão: descer ou subir? Ele pensou que a situação se tornava cada vez mais urgente e que seria necessário, a todo o transe, chegar ao Sena; em outros termos, descer. Jean Valjean seguiu para a esquerda.

Felizmente, era o melhor que tinha a fazer; pois seria grande erro crer que o Esgoto Central tivesse duas saídas, uma para Bercy, outra para Passy e que, como o nome indica, marcasse o limite da Paris subterrânea na margem direita. O Esgoto Central, que, como lembramos, não passa do antigo riacho Ménilmontant, termina, se o subirmos, num beco sem saída, isto é, em seu antigo ponto inicial, que era a fonte, aos pés da colina Ménilmontant. Ele não tem comunicação direta com o ramal que recolhe as águas de Paris a partir do bairro Popincourt e que se lança no Sena pelo esgoto Amelot, acima da antiga ilha Louviers. Esse ramal, que completa o esgoto coletor, dele se separa, sob a Rue Ménilmontant, por um maciço que marca o ponto de divisão das águas a montante e a jusante. Se Jean Valjean tivesse subido a galeria, teria chegado, depois de mil esforços, exausto, quase desfalecendo, a uma parede. Estaria perdido.

A rigor, voltando um pouco para trás, seguindo pela galeria des Filles-du-Calvaire, com a condição de não hesitar na encruzilhada subterrânea do Boucherat, descendo pelo corredor Saint-Louis, depois, à esquerda, pelo ramal Saint-Gilles, depois, ainda, voltando-se para a direita, evitando a galeria Saint-Sébastien, chegaria ao esgoto Amelot, e de lá, contanto que não se desorientasse na espécie de F que fica sob a Bastilha, chegaria à saída para o Sena, próximo ao Arsenal. Mas, para isso, seria necessário conhecer a fundo, em todas as suas ramificações e variantes, a enorme madrépora do esgoto. Mas, devemos insistir

neste ponto: Jean Valjean desconhecia totalmente a terrível rede em que caminhava; e, se lhe perguntassem onde estava, teria respondido: – Não sei, absolutamente.

Seu instinto, contudo, era-lhe muito útil. Descer era, com efeito, a salvação possível.

Ele deixou à direita os dois corredores que se ramificam em forma de garras por baixo das Rues Laffitte e Saint-Georges, e o longo corredor bifurcado da Chaussée-d'Antin.

Pouco além de um afluente que, segundo todas as probabilidades, era o ramal da Madeleine, Jean Valjean parou. Estava exausto. Um respiradouro bastante largo, talvez o da Rue d'Anjou, iluminava suficientemente o local. Jean Valjean, com o cuidado de movimentos que teria um irmão com um irmão ferido, deitou Marius numa parte seca ao longo da parede. O rosto ensanguentado do rapaz apareceu sob a claridade branca do bueiro como se estivesse no fundo de uma sepultura. Tinha os olhos fechados, os cabelos colados à fronte como pincéis secos em tinta vermelha, as mãos pendentes e inertes, os membros frios e sangue coagulado nos cantos dos lábios. Um grumo de sangue grudara-se no laço da gravata; a camisa entrava-lhe pelas chagas, o pano do casaco roçava-lhe os cortes abertos na carne viva. Jean Valjean, afastando-lhe as roupas com a ponta dos dedos, pousou-lhe a mão sobre o peito; o coração batia ainda. Jean Valjean rasgou-lhe a camisa, atou-lhe o melhor possível as feridas, depois, inclinando-se naquela meia-luz sobre Marius inconsciente, quase agonizante, olhou-o com um ódio inexprimível.

Ao desabotoar as roupas de Marius, encontrara nos bolsos duas coisas, o pedaço de pão que ele havia esquecido ali desde a véspera e a caderneta. Comeu o pão e abriu a caderneta. Na primeira página, encontrou as quatro linhas escritas por Marius.

Como sabemos, eram as seguintes: *Chamo-me Marius Pontmercy. Levem meu cadáver para a casa de meu avô Sr. Gillenormand, Rue des Filles-du-Calvaire, número 6, no Marais.*

Jean Valjean leu à luz do respiradouro essas quatro linhas e ficou por um momento como que absorto em si mesmo, repetindo à meia-voz: Rue des Filles-du-Calvaire, número 6, Sr. Gillenormand. Em seguida, guardou a caderneta nos bolsos de Marius. Como havia comido, voltaram-lhe as forças; tornou a carregar Marius, apoiando-lhe cuidadosamente a cabeça no ombro direito, e continuou a descer o esgoto.

O Esgoto Central, dirigido segundo o talvegue do vale de Ménilmontant, tem perto de duas léguas de comprimento, em sua maior parte pavimentado.

O facho de nomes das ruas de Paris com o qual iluminamos para o leitor a caminhada subterrânea de Jean Valjean, este não o possuía. Nada lhe indicava que zona da cidade estava atravessando, nem o trajeto que já havia feito. Somente a palidez crescente das manchas de luz que encontrava de quando em quando lhe indicava que o sol se retirava das ruas e que o dia não tardaria a declinar; e tendo-se tornado intermitente o contínuo ruído das carruagens, para depois quase cessar por completo, ele compreendeu que não estava mais debaixo do centro de Paris e que se aproximava de alguma região solitária, vizinha dos bulevares afastados ou dos últimos cais. Onde há menos casas e menos ruas, o esgoto tem menos respiradouros. A escuridão tornava-se cada vez mais espessa ao redor de Jean Valjean. Contudo, continuou a avançar nas trevas, às apalpadelas.

Essas trevas, bruscamente, tornaram-se terríveis.

V | TANTO A AREIA COMO A MULHER TÊM UMA FINEZA PÉRFIDA

Jean Valjean sentiu que ia entrando na água; não pisava mais em pedras, mas no lodo.

Acontece às vezes, em certas praias da Bretanha ou da Escócia, que um homem, viajante ou pescador, caminhando na maré baixa bem longe da água, percebe de repente que há alguns minutos anda com dificuldade. A praia sob seus pés é como uma resina onde a sola dos sapatos fica colada; não é mais areia, é visco. A praia está perfeitamente seca, mas a cada passo, ao levantar o pé, suas pegadas se enchem de água. Os olhos, aliás, não notam nenhuma diferença; a imensa praia é uniforme e tranquila, toda a areia tem o mesmo aspecto, nada distingue o solo firme do que não o é mais; a pequena nuvem alegre dos pulgões do mar continua a saltar tumultuosamente sobre os pés do caminhante. O homem segue sua rota, sempre para a frente, apoia-se na terra procurando aproximar-se da costa. Nada o inquieta. Por que inquietar-se? Sente, porém, algo estranho como se o peso de seus pés crescesse a cada novo passo. De repente, ele afunda. Afunda duas ou três polegadas. Convence-se de que não está no bom caminho; ele para a fim de se orientar. De repente ele olha para os pés. Os pés desapareceram. Estão cobertos de areia. Levanta-os, quer voltar para trás e afunda mais ainda. A areia chega-lhe ao tornozelo; esforça-se para sair,

vira-se para a esquerda; a areia chega-lhe ao meio da perna; vira-se para a direita, a areia alcança-lhe os joelhos. Reconhece então, com indizível terror, que pisou em areia movediça, lugar terrível onde o homem tanto pode andar como o peixe nadar. Se carrega algum peso, lança-o longe, como um navio em perigo; não há mais tempo, a areia chega-lhe às coxas.

Ele grita, agita o chapéu ou o lenço, a areia agarra-o sempre mais; se a praia está deserta, se a terra está longe, se o banco de areia tem má fama, se não há heróis nos arredores, está tudo acabado; está condenado ao naufrágio. Está condenado a esse terrível sepultamento, longo, infalível, implacável, incapaz de precipitações ou de atrasos, infindável, que dura horas, que o agarra de pé, livre e em plena saúde, que o puxa para baixo e, a cada esforço, a cada grito, o arrasta sempre mais para o fundo, como que lhe punindo a resistência por redobrar as próprias forças, obrigando-o a enterrar-se lentamente, dando-lhe todo o tempo para contemplar o horizonte, as árvores, as campinas verdes, o fumo das aldeias na planície, as velas dos navios no mar, os passarinhos que voam e cantam, o sol, o céu. O naufrágio é o sepulcro transformado em maré, levantando-se do fundo da terra para abocanhar uma criatura. Cada minuto é um coveiro inexorável. O miserável tenta sentar-se, deitar-se, escapar; todos os movimentos que ele faz o enterram ainda mais; se se levantar, afunda; sente-se engolido; ele berra, implora, grita para as nuvens, torce as mãos, desesperado. Ei-lo mergulhado na areia até a cintura; a areia chega-lhe ao peito; ele não é mais que um busto. Levanta as mãos, lança gemidos terríveis, agarra-se à praia, quer firmar-se nas cinzas, apoia-se nos cotovelos para arrancar-se àquela bainha movediça, soluça freneticamente; a areia sobe cada vez mais. Chega-lhe aos ombros, alcança-lhe o pescoço; somente o rosto continua visível. Se grita, a areia enche-lhe a boca; silêncio. Os olhos ainda veem; a areia fecha-os, noite. Depois a fronte desaparece, um punhado de cabelos estremece acima da areia, uma mão surge ainda, rompe a superfície de areia, move-se, agita-se, desaparece. Sinistra destruição de um homem!

Às vezes o cavaleiro afunda-se com o cavalo; às vezes, o carroceiro afunda-se com a carroça; tudo ali soçobra. É um naufrágio sem água. É a terra afogando o homem. A terra, conquistada pelo oceano, transforma-se em cilada. Mostra-se como planície, mas abre-se como onda. O abismo tem dessas traições.

Essa aventura fúnebre, sempre possível em alguma praia, era também possível, trinta anos atrás, no esgoto de Paris. Antes dos importantes trabalhos começados em 1833, a rede subterrânea de Paris estava sujeita a súbitos desmoronamentos.

A água infiltrava-se em certos terrenos particularmente inconsistentes; o pavimento, de pedra, como nas antigas galerias, ou de cal hidráulica sobre betume, como nas galerias mais modernas, não tendo mais ponto de apoio, cede. Uma dobra num soalho desse tipo é uma fenda; uma fenda é o desmoronamento. Um trecho do pavimento afundava. Essa brecha, esse hiato num lago de lama, chamava-se na linguagem especializada *fontis*. O que é um *fontis*? É a areia movediça da beira do mar encontrada de repente em plena terra; é a praia do Mont-Saint-Michel num esgoto. O solo, encharcado, está como que em fusão; todas as suas moléculas estão em suspensão num meio mole; não é terra e não é água. A profundidade às vezes é muito grande. Nada mais temível que semelhante encontro. Se a água domina, a morte é rápida, é o aniquilamento; se a terra domina, a morte é lenta, é o naufrágio.

Imaginem semelhante morte! Se o naufrágio é horrível numa praia, como será numa cloaca? Em lugar do ar puro, da luz, do sol, dos horizontes claros, do ruído das ondas, das nuvens livres de onde chove a vida, dos barcos vistos ao longe, dessa esperança sob todas as formas, dos prováveis transeuntes, do possível socorro até o derradeiro minuto, em lugar de tudo isso, a surdez, a cegueira, uma galeria escura, o interior de um túmulo pré-construído, a morte na lama sob uma tampa, sufocação lenta pela imundície, um alvéolo de pedra onde a asfixia abre suas garras no lodo e o prende pela garganta; o mau cheiro aliando-se ao estertor; a vasa em lugar da areia, o hidrogênio sulfurado em lugar dos ventos, a sujeira em lugar do oceano! E chamar, e ranger os dentes, e retorcer-se, e debater-se, e agonizar, com toda uma cidade por cima da sua cabeça ignorante do que se passa!

Inexprimível horror de semelhante morte! A morte resgata às vezes a própria atrocidade por uma certa dignidade terrível. A fogueira e o naufrágio podem enobrecer; na chama, como na espuma, é sempre possível uma atitude soberba; o abismo pode transfigurar. Não neste caso. A morte aí é indecente. É humilhante uma agonia assim. As últimas visões são abjetas. Lama é sinônimo de vergonha. É mesquinho, feio, infame. Morrer num tonel de malvasia, como Clarence, ainda passa; morrer na fossa do esgoto, como d’Escoubleau, é horrível.[92] Debater-se em seu interior é vergonhoso; ao mesmo tempo que se agoniza, chafurda-se. As trevas são muito espessas para que seja o inferno; a lama é muita para que não passe de um atoleiro, e o moribundo não sabe se vai transformar-se em espectro ou em sapo. Em toda parte, o sepulcro é sinistro; aqui, é disforme.

A profundidade dos *fontis* variava, como também seu comprimento e sua densidade, em razão da melhor ou pior qualidade do subsolo. Às vezes, tinha três

ou quatro pés de profundidade; às vezes, oito ou dez; às vezes, não se encontrava o fundo. A vasa era, em alguns lugares, quase sólida; em outros, quase líquida. No *fontis* Lunière um homem levaria um dia para desaparecer, enquanto seria devorado em cinco minutos pelo lodaçal Phélippeaux. A lama resiste mais ou menos segundo sua maior ou menor densidade. Uma criança se salva onde um homem se perde. A primeira lei de salvação consiste em despojar-se de tudo o que pesa. Jogar o saco de ferramentas, o cesto ou o balde, era o que fazia qualquer operário ao sentir o solo dobrar-se-lhe sob os pés.

Esses lodaçais tinham causas diversas: inconsistência do solo; algum desmoronamento a uma profundidade fora do alcance do homem; os violentos aguaceiros do verão; as torrentes incessantes do inverno; as longas chuvas finas. Às vezes, o peso das construções mais próximas sobre um terreno pantanoso ou arenoso fendia os arcos das galerias subterrâneas, dobrando-as, ou então o pavimento se quebrava sob tamanha pressão. Foi assim que os alicerces do Panthéon destruíram, há um século, parte dos subterrâneos da montanha Sainte-Geneviève. Quando um esgoto se dobrava sob a pressão das casas, a desordem, em certas ocasiões, traduzia-se no calçamento das ruas por uma espécie de separação das pedras, como se fossem os dentes de uma serra; essa fenda desenvolvia-se em linha serpenteante por todo o comprimento da galeria arruinada; então, sendo o mal visível, o remédio poderia ser pronto. Acontecia também muitas vezes que a ruína interior não se revelava na parte exterior. Nesses casos, desgraçados dos operários. Entrando sem precaução no esgoto em ruínas, corriam o risco de se perder. Os antigos registros fazem menção de alguns poceiros sepultados desse modo nos lodaçais. Conhecem-se vários nomes, entre outros o do operário Blaise Poutrain, que desapareceu num desmoronamento acontecido sob a rua Carême-Prenant; esse Blaise Poutrain era irmão de Nicolas Poutrain, o último coveiro do cemitério conhecido como Carneiro dos Inocentes, em 1785, época em que esse cemitério foi suprimido.

Houve também o jovem e encantador Visconde d’Escoubleau, do qual acabamos de falar, um dos heróis do assédio de Lérida, feito em meias de seda. D’Escoubleau, surpreendido uma noite na casa de sua sobrinha, a Duquesa de Sourdis, afogou-se numa abertura do esgoto Beautreillis, onde se havia refugiado para escapar ao Duque. Madame de Sourdis, quando lhe narraram essa morte, pediu seu frasquinho de sais e se esqueceu de chorar à força de respirá-los. Em semelhantes casos, não há amor que resista; a cloaca o extingue. Hero recusa-se a lavar o cadáver de Leandro. Tisbe tapa o nariz diante de Príamo e exclama: – Puxa! [93]

VI | O SORVEDOURO

Jean Valjean estava na presença de um *fontis*.

Esse tipo de desabamento era então frequente no subsolo dos Champs-Élysées, dificilmente adaptado aos trabalhos hidráulicos e pouco conservador das construções subterrâneas por causa de sua excessiva fluidez. Essa fluidez ultrapassa a inconsistência da própria areia do Quartier Saint-Georges, que não pode ser vencida senão com alicerces de argamassa, e das camadas argilosas cheias de gás do Quartier des Martyrs, tão líquidas que a passagem não pôde ser construída sob a galeria des Martyrs senão por meio de um tubo metálico. Quando, em 1836, demoliram, sob o Faubourg Saint-Honoré, a fim de reconstruí-lo, o velho esgoto de pedra onde neste momento vemos Jean Valjean, a areia movediça, que forma o subsolo dos Champs-Élysées até o Sena, constituiu tal obstáculo que os trabalhos duraram perto de seis meses, causando grandes reclamações por parte dos moradores das vizinhanças, sobretudo dos que tinham palácios e carruagens. Os trabalhos foram mais do que difíceis; foram perigosos. É verdade que houve quatro meses e meio de chuva e três enchentes do Sena.

O *fontis* que Jean Valjean encontrara tinha como causa a chuva da véspera. Uma dobra do pavimento, mal sustentado pela areia subjacente, provocara o acúmulo da água pluvial, que, infiltrando-se, causara o desmoronamento. As lajes, deslocadas, afundaram-se na lama. Em que extensão? É impossível dizê-lo. A escuridão era mais densa que em qualquer outra parte. Era um buraco de lama numa caverna de noite.

Jean Valjean sentiu o chão fugir-lhe sob os pés. Ele entrou nessa lama. Era água na superfície e vasa no fundo. Era preciso passar. Voltar atrás seria impossível. Marius estava agonizante, e Jean Valjean sentia-se exausto. Além do mais, para onde poderia ir? Jean Valjean prosseguiu. Aliás, o lodaçal pareceu pouco profundo aos primeiros passos. Mas, à medida que avançava, seus pés afundavam sempre mais. Logo a vasa chegou-lhe aos joelhos e a água, acima dos joelhos. Caminhava, levantando Marius com os dois braços erguidos acima da água. A vasa chegava-lhe agora aos joelhos e a água, à cintura. Não podia mais recuar. Afundava-se cada vez mais. A lama, bastante densa para sustentar o peso de um homem, evidentemente não podia sustentar o peso de dois. Marius e Jean Valjean teriam meios de se salvar isoladamente. Jean Valjean continuou a andar, carregando um moribundo que talvez já fosse cadáver.

A água chegava-lhe às axilas; sentia-se soçobrar; a muito custo conseguia

mover-se mergulhado em tanto lodo. A densidade que o sustinha servia-lhe também de obstáculo. Ele continuava a levantar Marius e, usando de uma força sobre-humana, conseguia ir para a frente, mas afundava cada vez mais. Não tinha fora da água senão a cabeça e os dois braços, que levantavam o corpo de Marius. Nas velhas pinturas do dilúvio, vê-se uma mãe fazendo o mesmo para o próprio filho.

Como continuasse ainda a afundar, inclinou a cabeça para trás a fim de escapar da água e poder respirar; quem o tivesse visto julgaria estar vendo uma máscara flutuando na sombra; ele percebia vagamente acima da cabeça o rosto lívido de Marius; fez ainda um esforço desesperado e deu um passo para a frente; o pé tocou em algo sólido. Um ponto de apoio. Já era tempo.

Apoiou-se, e como que tomou raízes com uma espécie de fúria sobre esse ponto de apoio. Isso fez-lhe o mesmo efeito que o primeiro degrau de uma escadaria que subisse para a vida.

Esse ponto de apoio, encontrado na lama, no momento supremo, era o começo de outra vertente do solo, que se tinha dobrado sem se quebrar, curvando-se sob o peso da água como uma tábua e de uma só vez. Os pavimentos bem construídos dobram-se, mas continuam firmes. Aquele fragmento do solo em parte submerso, mas sólido, era uma verdadeira rampa e, uma vez em cima dela, estaria salvo. Jean Valjean subiu por esse plano inclinado e chegou ao outro lado do lodaçal.

Ao sair da água, bateu numa pedra e caiu de joelhos. Achou isso muito natural, e assim continuou por algum tempo, com a mente abismada em não sei que oração a Deus.

Tornou a se erguer, trêmulo, gelado, infecto, curvado sob o corpo exangue que carregava, escorrendo lama, com a alma cheia de uma estranha claridade.

VII | ÀS VEZES SE ENCALHA ONDE SE JULGA DESEMBARCAR

Jean Valjean pôs-se novamente a caminho.

Quanto ao mais, se não deixara a própria vida no esgoto, pare-cia ter deixado ali as forças. Tamanho esforço lhe roubara toda a energia. Seu cansaço agora era tal que, a cada três ou quatro passos, se via obrigado a tomar fôlego, apoiando-se às paredes. Uma vez, viu-se obrigado a sentar para trocar Marius de posição e julgou que não conseguiria ir avante. Mas, se o seu vigor estava morto, não acontecia o mesmo com sua força de vontade. Levantou-se.

Caminhou desesperadamente, quase depressa, deu uma centena de passos sem levantar a cabeça, quase sem respirar, e de repente esbarrou numa parede. Havia chegado a uma volta da galeria; como caminhava curvado, chocou-se contra uma parede. Levantou os olhos e, na extremidade do subterrâneo, bem longe em sua frente, muito longe, viu uma luz. Dessa vez não era a luz terrível; era a luz boa e branca. Era a luz do sol. Jean Valjean encontrara a saída.

Uma alma condenada, que do meio da fornalha percebesse de repente a porta da geena, sentiria o que Jean Valjean sentiu. Ela voaria desesperadamente com os cotos das asas queimadas em direção à porta radiosa. Jean Valjean não sentiu mais o cansaço, não sentiu mais o peso de Marius, voltou a sentir-se forte; não andou, correu. À medida que se aproximava, a saída desenhava-se cada vez mais distintamente. Era um arco, mais baixo que a galeria, que diminuía de altura e de largura gradativamente. O túnel terminava com o interior de um funil; estreitamente vicioso, imitado das portas das cadeias, lógico numa prisão, ilógico num esgoto, e que depois foi corrigido.

Jean Valjean chegara à saída. Ali, parou. Era a porta, mas não podia sair.

O arco estava fechado por uma forte grade, e a grade, que, segundo toda a aparência, girava raramente sobre os gonzos enferrujados, mantinha-se presa à ombreira de pedra por meio de uma grande fechadura que, vermelha de ferrugem, parecia um enorme ladrilho. Viam-se o buraco da chave e a grossa lingueta profundamente embutida em seu encaixe de ferro, a lingueta visivelmente fechada com dupla volta. Era uma daquelas velhas fechaduras de bastilhas de que a velha Paris era pródiga.

Além da grade, o ar livre, o rio, a luz, a margem estreita, mas suficientemente larga para que nela se pudesse andar; os cais longínquos, Paris, sumidouro onde é fácil a gente se ocultar, o horizonte largo, a liberdade. Podia-se distinguir à direita a Pont d’Iéna, e à esquerda a Pont des Invalides; o lugar era propício para fugir quando caísse a noite. Era um dos pontos mais solitários de Paris, a margem que fica em frente ao Gros-Caillou. As moscas entravam e saíam através dos varões de ferro.

Seriam oito e meia da noite. O dia declinava.

Jean Valjean pôs Marius deitado ao longo do muro, na parte seca do pavimento; depois dirigiu à saída agarrando-se freneticamente à grade; sacudiu-a, mas em vão. Jean Valjean experimentou os varões um por um, esperando poder arrancar o menos sólido e usá-lo como alavanca para forçar a grade ou quebrar a fechadura. Nenhum se moveu. Os dentes de um tigre não estão mais seguros em seus alvéolos. Sem alavanca, não havia recurso algum. O obstáculo

era invencível. Não havia como abrir aquela porta.

Deveria então acabar ali? Que fazer? Voltar, refazer o trajeto horrível percorrido? Faltava-lhe força para isso. Além do mais, como atravessar de novo aquele lodaçal de onde saíra como que por um milagre? E, depois do lodaçal, haveria ainda a ronda policial da qual, certamente, não escaparia uma segunda vez. E depois, para onde ir? Que direção tomar? Seguir o declive não era o mesmo que sair. Se chegasse à outra saída, estaria fechada do mesmo modo. Todas as saídas estariam indubitavelmente trancadas. O acaso havia-lhe arrancado a grade por onde entrara, mas evidentemente todas as outras bocas do esgoto estavam fechadas.

O que conseguira fora fugir para uma prisão. Estava acabado. Tudo o que Jean Valjean havia feito tinha sido inútil. Deus recusava-se a ajudá-lo.

Ambos estavam presos na sombria e imensa teia da morte, e Jean Valjean sentia correr, sobre esses negros fios, tremendo em meio às trevas, a horrível aranha.

Voltou as costas para a grade e caiu ao chão mais prostrado que sentado, perto de Marius ainda imóvel, descansando a cabeça entre os joelhos. Não poderia sair. Era a última gota de angústia.

Em quem pensava ele com tanto desespero? Não pensava em si mesmo ou em Marius. Pensava em Cosette.

VIII | A ABA DO CASACO RASGADA

Em meio a esse aniquilamento, uma mão tocou-lhe os ombros, e uma voz baixa lhe disse:

– Meio a meio.

Haveria alguém ali? Nada se assemelha tanto ao sonho como o desespero. Jean Valjean julgou estar sonhando. Não ouvira sequer um passo. Seria possível? Levantou os olhos. Um homem estava em sua frente.

Vestia-se com um blusão, tinha os pés nus, segurava os sapatos na mão esquerda; certamente descalçara-se para chegar até Jean Valjean sem fazer ruído.

Jean Valjean não hesitou. Por mais imprevisto que fosse o encontro, aquele homem não lhe era desconhecido. Era Thénardier.

Embora acordado, por assim dizer, de sobressalto, Jean Valjean, acostumado aos alertas e aos golpes inesperados que requerem pronta reação, retomou

imediatamente posse de toda a sua presença de espírito. Aliás, a situação não poderia piorar; certos graus de infelicidade não são mais suscetíveis de crescendos, e Thénardier não podia acrescentar mais negrume àquela noite.

Houve um instante de expectativa.

Thénardier, levantando a mão direita à altura da testa, para proteger os olhos contra a luz, enrugou as sobrancelhas e piscou os olhos, o que, acompanhado de ligeira contração da boca, caracteriza a atenção sagaz do homem que se esforça por reconhecer um outro. Não o conseguiu. Jean Valjean, como já o dissemos, estava de costas voltadas para a luz; além disso, estava tão desfigurado, tão coberto de sangue e de lama, que em pleno meio-dia continuaria irreconhecível. Ao contrário, iluminado de frente pela luz da abertura, claridade indecisa, é verdade, lívida, mas precisa na sua lividez, Thénardier, como diz a enérgica metáfora banal, saltou imediatamente aos olhos de Jean Valjean. Essa desigualdade de condições bastava para assegurar alguma vantagem a Jean Valjean naquele misterioso duelo que ia se travar entre as duas situações e os dois homens. O encontro tivera lugar entre Jean Valjean encoberto e Thénardier desmascarado.

Jean Valjean percebeu logo que Thénardier não o reconhecera.

Ambos se observaram na penumbra como se estivessem a medir-se. Thénardier foi o primeiro a romper o silêncio.

– Como você vai fazer para sair?

Jean Valjean não respondeu. Thénardier continuou:

– É impossível arrombar a grade. E no entanto você precisa sair daqui.

– É verdade – disse Jean Valjean.

– Então, meio a meio.

– O que você quer dizer?

– Você matou o homem; está certo. E eu tenho a chave.

Thénardier apontava para Marius. E continuou:

– Eu não o conheço, mas quero ajudá-lo. Você parece amigo.

Jean Valjean começou a compreender. Thénardier o tomava por um assassino. Thénardier prosseguiu:

– Escute, colega. Você não matou esse homem sem revistar-lhe os bolsos. Dê-me a metade, e eu lhe abro a porta.

E, mostrando uma parte da enorme chave que guardava escondida no blusão todo rasgado, acrescentou:

– Quer ver como é feita a chave da liberdade? Olhe!

Jean Valjean *ficou atônito*, como diz o velho Corneille, a ponto de duvidar da realidade do que via.[94] Era a Providência aparecendo horrível, o bom anjo surgindo da terra sob a forma de Thénardier.

Thénardier meteu a mão num grande bolso do blusão, tirou uma corda e a estendeu para Jean Valjean.

– Toma – disse ele –, ainda por cima, dou-lhe a corda.

– Para que a corda?

– É preciso também uma pedra, mas você a encontrará lá fora. Ali mesmo há um monte de entulho.

– Para que a pedra?

– Imbecil, já que vai jogar a vítima no rio, precisa de uma pedra e de uma corda, senão isso aí vai boiar.

Jean Valjean pegou a corda. Não há quem já não tenha feito gestos assim maquinais.

Thénardier estalou os dedos como quem tem uma ideia luminosa.

– Puxa, colega, não sei como fez para atravessar aquele lodaçal! Eu não me arrisquei. Puxa! Você não cheira nada bem!

Depois de uma pausa, continuou:

– Estou lhe fazendo perguntas, mas você tem razão em não responder. É um bom treino para o aborrecido quarto de hora com o Juiz de Instrução. E, depois, não dizendo nada, ninguém se arrisca a falar alto demais. Não faz mal; porque eu não vejo o seu rosto ou porque não sei como se chama, você estará muito errado em pensar que eu não sei quem você é ou o que você quer. Está claro. Você quebrou um bocado esse cavalheiro aí; agora é preciso jogá-lo em algum lugar. Só mesmo o rio, o grande cofre de asneiras. Vou tirar você do aperto. Não nego ajuda a um bom rapaz em apuros.

Enquanto louvava Jean Valjean por continuar calado, esforçava-se visivelmente para fazê-lo falar.

Empurrou-lhe o ombro, procurando vê-lo de perfil, e exclamou, sem sair do meio-tom em que mantinha a voz:

– A propósito do lodaçal, você é mesmo um animal. Por que não jogou lá o homem?

Jean Valjean continuou calado.

Thénardier retrucou levantando até o pomo de Adão o trapo que lhe servia de gravata, gesto que completa o ar adequado a qualquer homem de responsabilidade:

– Na verdade, talvez você tenha feito bem. Os operários amanhã viriam reparar os estragos da chuva e, na certa, encontrariam o cidadão esquecido lá, e poderiam, fio a fio, passo a passo, chegar até você. Alguém passou pelo esgoto. Quem? Por onde terá saído? Alguém o viu sair? A polícia é muito inteligente. O esgoto é traidor e o denunciaria. Um achado assim é uma raridade; chama a atenção; pouca gente se serve do esgoto para seus negócios, enquanto o rio é usado por todo mundo. O rio é que é a verdadeira fossa. Depois de um mês, pescam-lhe o homem nas redes de Saint-Cloud. E que importa? É um cadáver fétido? Quem matou este homem? Paris. E a justiça pouco se incomoda. Você fez bem mesmo.

Quanto mais Thénardier falava, mais calado ficava Jean Valjean. Thénadier sacudiu-lhe novamente os ombros.

– Agora, fechemos negócio. Rachemos. Você viu a minha chave, mostre-me agora o seu dinheiro.

Thénardier era perigoso, ladino, covarde, um tanto provocador, mas amigável. Havia ali uma coisa estranha; os modos de Thénardier não eram simples; ele não estava muito à vontade; não querendo mostrar-se misterioso, falava contudo em voz baixa; de quando em quando, punha um dedo à boca e murmurava: – Psiu! – Era difícil adivinhar por quê. Não havia ali mais ninguém, além deles. Jean Valjean pensou que talvez outros bandidos estivessem escondidos em algum canto, mas muito longe, e que Thénardier não quisesse dividir com eles.

Thénardier retrucou:

– Acabemos com isso. Quanto tinha a vítima na carteira?

Jean Valjean revistou os próprios bolsos.

Como sabemos, era seu costume levar sempre dinheiro consigo. A triste vida de expedientes inesperados a que fora condenado obrigava-o a isso. Dessa vez, contudo, estava desprevenido. Vestindo, na véspera, o uniforme da Guarda Nacional, esquecera, absorto como estava, de levar com ele a carteira. Não tinha senão algumas moedas no bolso do colete. Não chegavam a trinta francos. Revirou os bolsos cheios de lama e espalhou pelo chão um luís de ouro, duas moedas de cinco francos e cinco ou seis moedas de dez cêntimos em bronze.

Thénardier protraiu o lábio inferior, fazendo um significativo movimento de cabeça.

– Você não o matou por muito – disse.

E se pôs a apalpar, com toda a familiaridade, os bolsos de Jean Valjean e de

Marius. Jean Valjean, preocupado sobretudo em manter-se de costas para a luz, deixou-o agir. Enquanto apalpava o casaco de Marius, Thénadier, com a rapidez do escamoteador, encontrou meios para arrancar, sem que Jean Valjean o percebesse, um pedaço de aba do casaco, escondendo-o na própria roupa, pensando provavelmente que esse pedaço de pano poderia servir-lhe mais tarde para reconhecer a vítima e o assassino. Aliás, não encontrou nada mais que os trinta francos.

– É verdade – disse ele –, um carregando o outro, não têm mais do que isto.

E, esquecendo-se da expressão *meio a meio*, pegou tudo.

Hesitou um pouco diante das moedas de dez cêntimos. Mas, refletindo melhor, pegou-as também resmungando:

– Não importa! Isso é matar as pessoas muito barato.

Feito isso, tirou novamente a chave que escondera no blusão.

– Agora, amigo, você precisa sair. Aqui é como na feira, paga-se na saída. Você pagou, saia.

E começou a rir.

Teria ele, ao levar a um desconhecido a ajuda daquela chave, fazendo-o sair por aquela porta, a intenção pura e desinteressada de salvar um assassino? Temos motivos para não acreditar nisso.

Thénardier ajudou Jean Valjean a recolocar Marius sobre os ombros, depois dirigiu-se para a grade na ponta dos pés descalços, fazendo sinal para que Jean Valjean o seguisse; olhou para fora, pôs o dedo sobre os lábios e ficou por alguns instantes como que em suspenso; feita a inspeção, colocou a chave na fechadura. A chave girou e a porta se abriu sem o mais leve ruído. Era evidente que a grade e os gonzos, cuidadosamente azeitados, se abriam mais vezes do que se poderia pensar. Aquela docilidade era sinistra; sentiam-se nela idas e vindas furtivas, entradas e saídas silenciosas de homens noturnos, e os passos de lobo do crime. O esgoto, evidentemente, era cúmplice de algum bando misterioso. Aquela grade taciturna escondia inúmeros crimes.

Thénardier entreabriu a porta o suficiente para que Jean Valjean passasse, tornou a fechá-la, dando duas voltas na fechadura, e voltou a mergulhar na escuridão do esgoto, sem fazer mais ruído que um sopro. Parecia caminhar com as patas de veludo próprias do tigre. Um momento depois, aquela Providência hedionda voltava ao invisível.

Jean Valjean estava fora.

IX | MARIUS PARECE MORTO A UM ENTENDIDO

Jean Valjean deitou Marius no chão.

Estavam livres!

Os miasmas, a escuridão e o horror ficaram para trás. O ar salubre, puro, vivo, alegre, respirável, inundava-o. Por toda parte a seu redor, o silêncio, mas o silêncio encantador do sol deitado em pleno azul. Era o crepúsculo; vinha a noite, a grande libertadora, a amiga de todos os que têm necessidade de um manto de sombra para sair de uma angústia. O céu mostrava-se com uma enorme serenidade. A água chegava-lhe aos pés com o ruído de um beijo. Ouvia-se o diálogo aéreo dos ninhos que se davam as boas-noites nos olmeiros dos Champs-Élysées. Algumas estrelas, picando suavemente o azul pálido do zênite, visíveis somente em sonhos, provocavam na imensidade pequenos resplendores imperceptíveis. O crepúsculo desdobrava sobre a cabeça de Jean Valjean todas as doçuras do infinito.

Era a hora indecisa e delicada que não diz nem sim nem não. A noite já era bastante para que a distância o escondesse, mas o dia ainda era suficiente para que o reconhecessem de perto.

Jean Valjean ficou por alguns instantes irresistivelmente vencido por toda aquela serenidade augusta e acariciante; são minutos de esquecimento; o sofrimento renuncia então a acabrunhar o infeliz; tudo se eclipsa no pensamento; a paz cobre o sonhador como uma noite, e, sob o clarão do crepúsculo, e à imitação do céu que se ilumina, a alma cobre-se de estrelas. Jean Valjean não pôde deixar de contemplar a vasta sombra clara que tinha sobre si; pensativo, tomava no majestoso silêncio do céu eterno um banho de êxtase e de prece. Depois, vivamente, como se o sentimento de um dever o despertasse, curvou-se para Marius e, pegando um pouco de água na concha das mãos, borrifou-lhe docemente o rosto. Marius não abriu os olhos; contudo, os lábios, entreabertos, respiravam.

Jean Valjean ia mergulhar novamente a mão na água do rio quando, de repente, se sentiu como que constrangido, como quando temos uma pessoa atrás de nós sem que a vejamos. Já comentamos em outro lugar essa impressão, que, aliás, todos devem conhecer. Voltou-se.

Como acontecera ainda havia pouco, alguém estava atrás dele.

Um homem alto, envolto numa longa sobrecasaca, de braços cruzados, segurando na mão direita um cassetete do qual se via o castão de chumbo, estava de pé, alguns passos atrás de Jean Valjean, inclinado sobre Marius.

Era, no escuro, uma espécie de aparição. Um homem simples sentiria medo por causa da hora, um homem que raciocina, por causa do cassetete. Jean Valjean reconheceu Javert.

O leitor sem dúvida terá adivinhado que o perseguidor de Thénardier não era outro senão Javert. Javert, depois de sua saída inesperada das barricadas, dirigira-se à Chefatura de Polícia, fizera seu relatório verbal ao próprio Prefeito, numa curta audiência, depois retomara imediatamente o serviço, que implicava – sabemos pela nota encontrada em seu poder – a vigilância da margem direita do Sena, nos Champs-Élysées, a qual, havia algum tempo, despertava a atenção da polícia. Lá, vira Thénardier e o seguira. O resto já conhecemos.

Compreendemos também que a grade, tão obsequiosamente aberta diante de Jean Valjean, era uma habilidade de Thénardier. Thénardier sentia que Javert estava ali; o homem perseguido tem um faro que não o engana; era preciso jogar um osso àquele sabujo. Um assassino, que sorte! Era o quinhão de calor que não se deve recusar jamais. Thénardier, colocando Jean Valjean em seu lugar, dava uma presa à polícia, obrigava-a a abandonar a sua pista, tornava-se esquecido por uma aventura maior, recompensava Javert pela espera, o que sempre lisonjeia um espião, ganhava trinta francos e esperava escapar com a ajuda dessa manobra.

Jean Valjean passara de um escolho a outro.

Esses dois encontros sucessivos, livrar-se de Thénardier e cair nas mãos de Javert, eram demais.

Javert não reconheceu Jean Valjean que, como dissemos, estava irreconhecível. Não descruzou os braços, segurou melhor o cassetete com um movimento imperceptível e disse calmamente:

– Quem é o senhor?

– Eu.

– Eu quem?

– Jean Valjean.

Javert prendeu o cassetete entre os dentes, dobrou os joelhos, inclinou o busto, apoiou as pesadas mãos nos ombros de Jean Valjean, que ficaram seguros como por duas tenazes, examinou-o bem e o reconheceu. Seus rostos quase se tocavam. O olhar de Javert era terrível.

Jean Valjean quedou-se inerte sob a força de Javert como um leão que se deixasse agarrar por um lince.

– Inspetor Javert – disse ele –, estou em seu poder. Aliás, desde esta manhã

me considero seu prisioneiro. Não lhe dei o meu endereço para escapar-lhe outra vez. Prenda-me. Conceda-me, porém, uma coisa.

Javert parecia nada ouvir e continuava a encarar Jean Valjean. O queixo contraído forçava-lhe os lábios para o nariz, sinal de intensa meditação. Enfim, largou Jean Valjean, endireitou-se, tornou a segurar o cassetete e, como num sono, murmurou a seguinte pergunta:

– Que faz o senhor aí? Quem é esse homem?

Continuava a tratar Jean Valjean de senhor.

Jean Valjean respondeu, e o som da sua voz pareceu despertar Javert:

– É sobre ele precisamente que eu desejava falar-lhe. Disponha de mim como lhe agradar; mas antes ajude-me a levá-lo para casa. É só o que lhe peço.

O rosto de Javert se contraiu, como lhe acontecia todas as vezes que parecia capaz de fazer uma concessão. Contudo, não disse não.

Curvou-se de novo, tirou do bolso um lenço, mergulhou-o na água e limpou a fronte ensanguentada de Marius.

– Este moço estava nas barricadas – disse à meia-voz, como que falando consigo mesmo. – Chamavam-no de Marius.

Espião de primeira qualidade, mesmo condenado à morte, observara, escutara e recolhera tudo, espionando, embora agonizante; encostado ao primeiro degrau do sepulcro, tomara nota de tudo.

Pegou a mão de Marius, procurando-lhe o pulso.

– É um ferido – disse Jean Valjean.

– É um cadáver – disse Javert.

Jean Valjean respondeu:

– Não. Ainda não.

– Então o senhor o carregou das barricadas até aqui? – observou Javert.

Era preciso que sua preocupação fosse profunda para que não insistisse sobre aquele inquietante salvamento pelo esgoto e para que não notasse o silêncio de Jean Valjean depois dessa pergunta.

Jean Valjean, por sua parte, parecia ter um pensamento único. Replicou:

– Ele mora no Marais, Rue des Filles-du-Calvaire, em casa do avô… Não sei mais o nome.

Jean Valjean revistou o casaco de Marius, tirou a caderneta, abriu na página em que Marius escrevera e a estendeu para Javert.

Havia ainda no ar claridade suficiente para que pudesse ler. Javert, aliás, tinha

no olhar a fosforescência felina das aves noturnas. Leu as poucas linhas de Marius e murmurou: – Gillenormand, Rue des Filles-du-Calvaire, número 6.

Depois gritou: – Cocheiro!

Como sabemos, o fiacre o esperava para alguma emergência.

Javert guardou a caderneta de Marius.

Um momento depois, a carruagem, descendo pela rampa do bebedouro, estava à beira do rio. Marius fora acomodado na banqueta do fundo e Javert sentara-se ao lado de Jean Valjean, no banco da frente.

Fechadas as portinholas, o fiacre afastou-se rapidamente, tornando a subir o cais na direção da Bastilha.

Deixaram o cais e internaram-se pelas ruas. O cocheiro, silhueta negra sobre seu assento, fustigava os cavalos magros. Silêncio glacial no fiacre. Marius, imóvel, encostado no fundo da carruagem, cabeça inclinada sobre o peito, braços caídos, pernas hirtas, parecia não esperar mais que um esquife; Jean Valjean parecia feito de sombra, Javert, de pedra; e naquela carruagem cheia de noite, cujo interior, cada vez que passava diante de um lampião, era lividamente iluminado como por um relâmpago intermitente, o acaso reunira e parecia confrontar lugubremente aquelas três imobilidades trágicas: o cadáver, o espectro, a estátua.

X | A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO

A cada solavanco do fiacre caía uma gota de sangue dos cabelos de Marius. Era noite fechada quando o fiacre chegou ao número 6 da Rue des Filles-du-Calvaire.

Javert desceu primeiro, constatou o número da casa no portão principal e, levantando a pesada aldrava de ferro batido, enfeitada à velha moda por um bode e um sátiro que se defrontavam, bateu-a violentamente. O portão entreabriu-se e Javert o empurrou. O porteiro apareceu cambaleando, meio dormindo, com uma vela na mão.

Todos na casa dormiam. Dorme-se cedo no Marais, sobretudo nos dias de revolta. O velho bairro, assustado pela revolução, refugia-se no sono, como as crianças, quando, temendo o bicho-papão, se escondem depressa debaixo das cobertas.

Entretanto, Jean Valjean e o cocheiro tiravam Marius do fiacre, Jean Valjean

pegando-o pelas axilas e o cocheiro, pelas pernas.

Enquanto carregava Marius, Jean Valjean introduziu a mão sob suas roupas muito rasgadas e certificou-se de que o coração batia ainda. Batia até com mais força, como se o movimento da carruagem o tivesse feito voltar à vida.

Javert interpelou o porteiro no tom que convém ao governo na presença do porteiro de um faccioso.

– Alguém aqui se chama Gillenormand?

– É aqui mesmo. Que quer o senhor?

– Trago-lhe o seu filho.

– Seu filho? – disse o porteiro, espantado.

– Ele morreu.

Jean Valjean, que vinha esfarrapado e sujo atrás de Javert, e que o porteiro olhava com horror, fez-lhe um sinal negativo com a cabeça. O porteiro parecia não compreender as palavras de Javert nem o sinal de Jean Valjean.

Javert continuou:

– Ele esteve nas barricadas, e olhe como ficou.

– Nas barricadas? – exclamou o porteiro.

– Deixou-se matar. Vá acordar o pai.

O porteiro não se moveu.

– Vamos! – replicou Javert.

E acrescentou:

– Amanhã haverá um enterro aqui.

Para Javert, os incidentes habituais da vida pública estavam classificados categoricamente, o que é o começo da cautela e da vigilância, e cada eventualidade tinha o seu compartimento; os fatos possíveis estavam de algum modo em gavetas de onde saíam, na ocasião propícia, em quantidades variáveis; na rua, só podia haver tumulto, revolta, carnaval e enterro.

O porteiro limitou-se a acordar Basco. Basco acordou Nicolette; Nicolette acordou a Srta. Gillenormand. Quanto ao avô, deixaram-no dormir, pensando que ele logo estaria informado de tudo.

Carregaram Marius para o primeiro andar, sem que aliás ninguém se apercebesse de nada nas outras partes da casa, e o deitaram sobre um velho canapé na antecâmara do Sr. Gillenormand; enquanto Basco corria à procura de um médico e Nicolette abria os armários à procura de roupas, Jean Valjean sentiu Javert tocar-lhe os ombros. Compreendeu e desceu as escadas, ouvindo atrás de

si os passos de Javert, que o seguia.

O porteiro viu-os partir do mesmo modo como os vira chegar, com uma sonolência assustada. Tornaram a subir à carruagem, assim como o cocheiro.

– Inspetor Javert – disse Jean Valjean –, conceda-me ainda uma coisa.

– O quê? – perguntou-lhe rudemente Javert.

– Deixe-me voltar por um instante à minha casa. Depois pode fazer de mim o que quiser.

Javert ficou calado por alguns segundos, com o queixo escondido na gola da sobrecasaca; depois abaixou o vidro da carruagem.

– Cocheiro – disse ele –, Rue de l'Homme-Armé, número 7.

XI | O ABSOLUTO PERTURBADO

Continuaram calados durante todo o trajeto.

Que queria Jean Valjean? Acabar o que havia começado; advertir Cosette, dizer-lhe onde estava Marius, dar-lhe talvez outra indicação útil, tomar, se possível, certas disposições supremas. Quanto a ele, quanto ao que lhe dizia respeito pessoalmente, estava tudo acabado; tinha sido agarrado por Javert sem opor resistência; outro que não ele, em semelhante situação, teria talvez vagamente pensado na corda que Thénardier lhe presenteara e nas grades da primeira prisão em que entrasse; mas, depois que conhecera o Bispo, havia em Jean Valjean, em todo atentado, insistamos nisso, uma profunda hesitação religiosa.

O suicídio, essa misteriosa abertura para o desconhecido, que pode conter em certa medida a morte da alma, era impossível para Jean Valjean.

À entrada da Rue de l'Homme-Armé, o fiacre parou, pois a rua era estreita demais e não dava passagem para veículos. Javert e Jean Valjean desceram.

O cocheiro fez ver humildemente ao "Senhor Inspetor" que o veludo de Utrecht de sua carruagem estava todo manchado pelo sangue do homem assassinado e pela lama do assassino. Era o que ele havia entendido. Acrescentou que lhe era devida uma indenização. Ao mesmo tempo, tirando do bolso um pequeno livro, rogou ao Senhor Inspetor que tivesse a bondade de escrever "alguma coisa que lhe atestasse que…".

Javert empurrou o livro que o cocheiro lhe oferecia e disse:

– Quanto lhe devo, pela espera e pela corrida?

– São sete horas e quinze minutos – respondeu-lhe o cocheiro –, e o veludo estava completamente novo. Oitenta francos, Senhor Inspetor.

Javert tirou do bolso quatro napoleões e despediu o fiacre.

Jean Valjean pensou que a intenção de Javert era conduzi-lo a pé ao posto dos Blancs-Manteaux ou ao posto des Archives, que não ficavam longe. Internaram-se pela rua. Como de hábito, estava deserta. Javert seguia Jean Valjean. Chegaram ao número 7. Jean Valjean bateu. A porta se abriu.

– Está bem – disse Javert –, pode subir.

E acrescentou com expressão estranha como se fizesse um esforço para falar.

– Eu o espero aqui.

Jean Valjean olhou para Javert. Aquele modo de agir lhe era estranho. Contudo, supondo-se que Javert tivesse agora em Jean Valjean uma espécie de confiança altiva, a confiança do gato que concede ao rato uma liberdade ao alcance de suas garras, resolvido como estava Jean Valjean a se entregar para sempre, isso não o podia surpreender muito. Empurrou a porta, entrou na casa, gritou ao porteiro que já se tinha deitado e que mesmo da cama puxara o cordão da porta: – Sou eu! – e subiu as escadas.

Chegando ao primeiro andar, parou. Todas as vias dolorosas têm suas estações. A janela do patamar, uma janela de guilhotina, estava aberta. Como em muitas casas antigas, a escada recebia a luz diretamente da rua, para a qual se abria a janela. O lampião da rua, bem em frente da casa, iluminava um pouco os degraus, o que representava uma economia para a iluminação interna.

Jean Valjean, fosse para respirar, fosse maquinalmente, olhou pela janela e inclinou-se para a rua. A rua era curta e o lampião a iluminava de uma extremidade a outra. Jean Valjean ficou espantado: não havia mais ninguém ali.

Javert tinha ido embora.

XII | O AVÔ

Basco e o porteiro haviam carregado Marius para o salão; o rapaz, deitado no canapé, continuava imóvel. O médico já havia chegado. A Srta. Gillenormand já estava de pé.

Ela ia e vinha, assustada, juntando as mãos, incapaz de fazer outra coisa senão perguntar: – Será possível, meu Deus? – Outras vezes dizia: Tudo vai ficar manchado de sangue! – Passado o primeiro susto, veio-lhe à mente certa

filosofia da situação, traduzida por esta exclamação: – Isso tinha de acabar assim! – Não chegou a falar o: – *Bem que eu dizia!* – tão de uso em ocasiões semelhantes.

A mando do médico, armou-se uma cama de lona ao lado do canapé. O médico examinou o rapaz e, depois de ter constatado que o pulso persistia, que o ferido não tinha no peito nenhum ferimento profundo e que o sangue da boca provinha das fossas nasais, fez com que o deitassem na cama, sem travesseiro, com a cabeça no mesmo plano que o corpo, até um tanto mais baixa, o busto nu, a fim de facilitar-lhe a respiração. A Srta. Gillenormand, vendo que o despiam, retirou-se. Foi recitar o rosário em seu quarto.

O peito de Marius não tinha nenhuma lesão interior; uma bala, amortecida pela carteira, se desviara, rasgando-lhe terrivelmente a carne, mas sem profundidade, e, consequentemente, sem perigo. A longa caminhada pelos esgotos acabara de deslocar-lhe a clavícula partida, prejudicando-a seriamente. Os braços estavam feridos por golpes de sabre. Nenhuma bala lhe desfigurara o rosto; contudo, a cabeça estava coberta de escoriações. De que espécie eram aqueles ferimentos? Limitavam-se ao couro cabeludo ou chegavam a ferir-lhe o crânio? Nada se podia dizer ainda. Um sintoma grave era que ficara desacordado, e não é sempre que se desperta desses desmaios. Além do mais, a hemorragia o enfraquecera muito. A partir da cintura, a parte inferior do corpo havia sido protegida pela barricada.

Basco e Nicolette rasgavam panos e preparavam ataduras; Nicolette costurava-as, Basco as enrolava. Enquanto isso, o médico estancara provisoriamente o sangue com algodão. Ao lado da cama, três velas brilhavam em cima de uma mesa sobre a qual se abria o estojo de cirurgia. O médico lavou o rosto e os cabelos de Marius com água fria; um balde cheio de água ficou vermelho num instante. O porteiro, com uma vela na mão, iluminava.

O médico parecia pensar tristemente. De quando em quando, balançava negativamente a cabeça, como se respondesse a alguma pergunta que fizesse intimamente. Mau sinal para o doente aqueles misteriosos diálogos do médico consigo mesmo.

No momento em que o médico enxugava o rosto de Marius e tocava ligeiramente com os dedos as pálpebras ainda fechadas, abriu-se uma porta no fundo do salão e apareceu uma longa figura pálida. Era o avô.

A revolta, havia dois dias, agitara-o muito, enchendo-o de indignação e preocupação. Não conseguira dormir na noite precedente e sentira febre durante o dia inteiro. À noite, deitara-se muito cedo, recomendando que fechassem bem

a casa, e, cansado como estava, conciliara o sono.

Os velhos têm o sono leve; o quarto do Sr. Gillenormand era contíguo. Por maior o cuidado tomado, o barulho o despertara. Surpreso pela fresta de luz na porta, levantara-se da cama e caminhara às apalpadelas para a sala.

Estava no limiar da porta entreaberta, com uma das mãos segurando a maçaneta, a cabeça trêmula, um tanto inclinada para a frente, o corpo envolto num roupão branco, reto e sem rugas como uma mortalha, espantado; parecia um fantasma olhando para um túmulo.

Viu a cama, e sobre ela o jovem ensanguentado, branco como cera, olhos fechados, boca aberta, lábios pálidos, nu até a cintura, cortado de chagas vermelhas, imóvel, vivamente iluminado pela luz da vela.

O velho sentiu da cabeça aos pés todo o estremecimento de que eram capazes seus membros hirtos; seus olhos, amarelados por força da idade, velaram-se com uma espécie de reflexo vítreo, todo o seu rosto mostrou por alguns instantes os ângulos terrosos de um crânio de esqueleto, os braços caíram-lhe pesadamente como se se tivesse quebrado alguma mola, e seu espanto traduziu-se pelo afastamento dos dedos de suas velhas mãos trêmulas; os joelhos dobraram-se-lhe para a frente, deixando ver pela abertura do roupão as pobres pernas nuas eriçadas de pelos brancos, e murmurou:

– Marius!

– Senhor – disse Basco –, acabam de trazê-lo. Ele esteve nas barricadas, e…

– Morreu! – gritou o velho com voz terrível. – Ah! bandido!

Então uma espécie de transfiguração sepulcral tornou ereto aquele centenário como se fosse um jovem.

– O senhor – disse ele –, o senhor é o médico! Comece por dizer-me uma coisa. Ele está morto, não é mesmo?

O médico, no cúmulo da ansiedade, não respondeu.

O velho Gillenormand torceu as mãos e deu uma gargalhada horrível.

– Ele morreu! Ele morreu! Deixou-se matar nas barricadas! Só por raiva de mim! Foi contra mim que ele fez isso! Ah! bebedor de sangue! É assim que volta para casa! Miséria da minha vida, ele morreu!

Foi até a janela, escancarou-a como se lhe faltasse o ar. De pé diante da escuridão, pôs-se a falar para a rua com a noite:

– Ferido, apunhalado, degolado, exterminado, esfaqueado, cortado em pedaços! Vejam que vagabundo! Ele bem sabia que eu o esperava, que havia mandado arrumar-lhe o quarto e que pus à cabeceira da minha cama seu retrato

de criança! Ele bem sabia que era só voltar, que havia anos eu o esperava, que eu ficava de tarde ao lado da lareira, de mãos juntas sobre os joelhos, sem saber o que fazer, que eu era um imbecil! Você bem sabia disso; bastava você voltar e dizer: sou eu, para ser o dono da casa; que eu lhe obedeceria e você poderia fazer o que quisesse do seu imprestável avô! Você sabia, e disse: – Não, é um realista, não voltarei mais! – E foi para as barricadas, e deixou-se matar por pura maldade! Para se vingar do que eu lhe disse a respeito do Duque de Berry! Isso é que é infame! Deitem-se e durmam bem! Ele está morto. Para isso fui acordar!

O médico, que começava a inquietar-se por ambos, deixou Marius por um momento, dirigiu-se para o Sr. Gillenormand e tomou-lhe o braço. O avô voltou-se, fitou-o com olhos arregalados e vermelhos, e lhe disse calmamente:

– Senhor, agradeço-lhe. Estou tranquilo; sou um homem, presenciei a morte de Luís XVI, sei suportar os acontecimentos. Mas uma coisa é terrível: pensar que são os seus jornais que fazem todo esse mal. Vocês têm escrevinhadores, papagueadores, advogados, oradores, tribunas, discussões, progresso, luzes, direitos do homem, liberdade de imprensa, e eis como nos trazem as crianças para casa. Ah! Marius! É abominável! Morto! Morto na minha frente! Uma barricada! Ah! bandido! Doutor, o senhor, penso eu, mora por aqui. De minha janela vejo passar o seu cabriolé. Vou dizer-lhe. O senhor erraria se achasse que eu estou com raiva. Ninguém tem raiva de um morto. Seria estupidez. É uma criança que eu criei. Eu já era velho quando ele era ainda bebê. Ele brincava nas Tuileries com uma bola e uma cadeira. Para que os fiscais não ralhassem, eu tampava com a ponta de minha bengala os buracos que ele fazia na terra ao brincar. Um dia ele gritou: – Abaixo Luís XVIII – e se foi. Não é culpa minha. Ele era loiro e corado. A mãe dele já morreu. Já notou que todos os netos são loiros? Por quê? Ele é o filho de um desses salteadores do Loire, mas as crianças são inocentes dos crimes dos pais. Lembro-me de quando ele tinha esta altura. Ele não conseguia pronunciar os *d*. Falava tão doce e atrapalhado que parecia um passarinho. Lembro-me de que uma vez, diante do Hércules Farnese, rodeavam-no para contemplá-lo, admirados, tanto era belo este menino! Era uma cabeça como só se veem nas pinturas. Eu falava-lhe grosso, amedrontava-o com a minha bengala, mas ele sabia que era só por brincadeira. De manhã, quando entrava no meu quarto, eu resmungava, mas aquilo fazia-me o mesmo efeito que o sol. Ninguém pode defender-se de uma criança assim. Eles nos prendem, nos seguram, não nos largam mais. A verdade é que não havia amor como essa criança. Agora, que me diz o senhor dos Lafayette, dos Benjamin Constant, dos Tirecuir de Corcelles, que o mataram![95] Isso não pode ficar assim!

Aproximou-se de Marius sempre lívido e imóvel, com quem o médico voltara a se ocupar, e pôs-se a torcer os braços. Os lábios pálidos do velho moviam-se como que maquinalmente, e deixavam passar, como suspiros de agonia, palavras quase indistintas que a custo se ouviam: – Ah! sem coração! Ah! cubista! Ah! celerado! Setembrizador! – Repreensões em voz baixa de um agonizante a um cadáver.

Pouco a pouco, como é sempre inevitável que as erupções interiores se patenteiem, voltaram-lhe as palavras, mas o ancião parecia não ter mais forças para pronunciá-las; sua voz era tão fraca que parecia vir da outra borda de um abismo.

– Não faz mal, também eu vou morrer. E dizer que não houve em Paris uma vagabunda que se sentisse feliz em fazer a felicidade deste miserável! Um bobo que, em vez de se divertir e gozar a vida, foi combater e deixar-se metralhar como um animal! E por quem? Por quê? Pela república! Em vez de ir dançar na Chaumière, como é dever de todo jovem![96] Vale a pena ter vinte anos. A república, bela besteira! Pobres mães, façam mais meninos bonitos! Vamos, ele está morto. Serão dois enterros de uma só vez. Você então foi arranjar tudo isso pelos belos olhos do General Lamarque! O que é que fez por você esse General Lamarque? Um assassino! Um linguareiro! Deixar-se matar por um morto! É para enlouquecer! Compreende! Com vinte anos! E sem se voltar para ver se deixava alguma coisa atrás! Agora os pobres velhos têm de morrer sozinhos. Morra num canto, bobo! Pois bem, na verdade, tanto melhor; é o que eu esperava; isso vai me matar depressa. Sou muito velho, tenho cem anos, tenho cem mil anos, há muito tempo que tenho o direito de estar morto. Desta vez, tudo está acabado. Que felicidade! Para que fazê-lo respirar amoníaco e esse monte de drogas? O senhor está perdendo o seu tempo, médico imbecil! Vá-se embora; ele está morto, bem morto. Sinto que também eu estou morto. Ele não fez a coisa pela metade. Sim, os tempos atuais são infames; infames, infames, e eis o que penso dos senhores, de suas ideias, de seus sistemas, de seus mestres, de seus oráculos, de seus doutores, de seus escritores velhacos, de seus filósofos vagabundos, de todas as revoluções que há sessenta anos espantam as nuvens de corvos que pousam nas Tuileries! E desde que você não teve piedade, deixando-se matar assim, eu nem sequer lamentarei a sua morte, ouviu, assassino!

Nesse momento, Marius abriu lentamente as pálpebras, e o seu olhar, ainda velado pelo pasmo letárgico, fixou-se no Sr. Gillenormand.

– Marius! – gritou o velho. – Marius! Meu pequeno Marius! Meu filho! Meu filho querido! Você abriu os olhos, olha para mim, está vivo! Obrigado!

E caiu sem sentidos.

LIVRO QUARTO

JAVERT SEM RUMO

I | JAVERT SEM RUMO

Javert afastara-se a passos lentos da Rue de l’Homme-Armé.

Pela primeira vez na vida, caminhava de cabeça baixa, e também, pela primeira vez na vida, com as mãos atrás das costas. Até esse dia, Javert não havia tomado, entre as duas atitudes de Napoleão, senão a que exprime resolução, os braços cruzados sobre o peito; a que exprime incerteza, as mãos atrás das costas, era-lhe desconhecida. Agora, dera-se uma mudança; toda a sua pessoa, lenta e triste, demonstrava ansiedade.

Embrenhou-se pelas ruas silenciosas. Contudo, seguia uma direção. Tomou o caminho mais curto para o Sena, chegou ao Quai des Ormes, seguiu por ele, passou a Grève e parou, a alguma distância do posto de guarda da Place du Châtelet, perto da Pont Notre-Dame e da Pont au Change, de um lado, e do Quai de la Mégisserie e do Quai des Fleurs, de outro, uma espécie de lago quadrado atravessado por uma correnteza.

Esse ponto do Sena é temido pelos barqueiros. Nada mais perigoso que esse rápido, apertado naquela época e irritado pelos pilares do moinho da ponte, hoje demolido. As duas pontes, tão vizinhas uma da outra, aumentam o perigo; a água apressa-se formidavelmente debaixo dos arcos, rolando em largas dobras terríveis; e acumula-se e amontoa-se ali; as vagas forçam os pilares das pontes como para arrancá-los com sua grossas cordas líquidas. Os homens que ali caem não voltam mais à tona; os melhores nadadores lá perdem a vida.

Javert apoiou os cotovelos no parapeito, com o queixo entre as mãos, enquanto as unhas se lhe crispavam maquinalmente na espessura das suíças, e pensou.

Uma novidade, uma revolução, uma catástrofe acabava de acontecer-lhe no íntimo e exigia dele um exame rigoroso. Javert sofria terrivelmente. Havia algumas horas deixara de ser simples. Estava perturbado; seu cérebro, tão límpido em sua cegueira, perdera a transparência; havia uma nuvem naquele

cristal. Javert sentia na consciência o dever de se desdobrar, e não podia dissimulá-lo. Ao encontrar tão inopinadamente Jean Valjean à margem do Sena, havia nele algo de lobo que torna a agarrar a presa e do cão que torna a encontrar o dono.

Via em sua frente dois caminhos igualmente retos, mas eram dois; isso o assustava, ele que jamais conhecera na vida senão um caminho reto. E, angústia pungente, os dois caminhos eram contrários. Uma daquelas duas linhas retas excluía a outra. Qual delas era a verdadeira? Sua situação era inexprimível.

Dever a vida a um malfeitor, aceitar essa dívida e reembolsá-lo; estar, a despeito de si mesmo, no mesmo nível de um foragido da polícia e pagar-lhe um favor com outro; deixar que lhe dissessem: – Vá-se embora –, e dizer-lhe, por sua vez: – Está livre –; sacrificar por motivos pessoais o dever, obrigação de todos, e sentir nesses motivos pessoais também uma obrigação, talvez até superior; trair a sociedade para continuar fiel à própria consciência; que todos esses absurdos acontecessem e viessem acumular-se sobre ele era o que o assustava.

Uma coisa o espantava: Jean Valjean ter-lhe poupado a vida; e outra coisa o petrificava: ele, Javert, deixar Jean Valjean em liberdade.

Onde estava? Procurava a si mesmo e não se encontrava.

Que fazer agora? Entregar Jean Valjean não era justo; deixá-lo livre também não era justo. No primeiro caso, o agente da autoridade caía mais baixo que o grilheta; no segundo caso, um forçado subia mais alto que a lei e a pisava. Em ambos os casos, desonra para ele, Javert. Em todas as resoluções que tomasse havia falta. O destino tem certas extremidades que caem a pique sobre o impossível, além das quais a vida não é mais que um precipício. Javert estava numa dessas extremidades.

Uma de suas ansiedades era ser constrangido a pensar. A própria violência de tantas emoções contraditórias obrigava-o a isso. Pensar era para ele uma coisa estranha e singularmente dolorosa.

Há sempre no pensamento certa quantidade de rebelião interior; isso é o que o irritava.

Pensar, sobre qualquer assunto fora do círculo estreito de suas funções, seria para ele, em qualquer caso, uma inutilidade e uma fadiga; mas o pensamento sobre o dia que acabava de passar era uma tortura. Contudo, julgava imprescindível olhar para a própria consciência, depois de tantos abalos, e dar-se conta de si para si mesmo.

O que acabara de fazer causava-lhe calafrios. Ele, Javert, achara bom permitir, contra todos os regulamentos da polícia, contra toda a organização social e judiciária, contra todo o código, a liberdade de um criminoso; assim lhe conviera; substituíra seus próprios interesses aos interesses públicos; não era inqualificável? Cada vez que se punha diante da ação sem nome que havia cometido, tremia da cabeça aos pés. Que resolver? Voltar o mais depressa possível à Rue de l'Homme Armé e prender Jean Valjean? Era evidente que esta era a única resolução acertada. Mas sentia-se incapaz de tomá-la.

Alguma coisa lhe barrava o caminho por esse lado. Que coisa? No mundo pode haver algo mais que tribunais, sentenças executórias, polícia, autoridade? Javert estava transtornado.

Um grilheta sagrado! Um forçado intocável pela justiça! E isso tudo por culpa de Javert!

Que Javert e Jean Valjean – o homem feito para castigar e o homem feito para sofrer –, que esses dois homens, um e outro propriedades da lei, chegassem ao ponto de se colocarem acima da lei, não é horrível?

Então essas monstruosidades podiam acontecer sem que ninguém fosse punido! Jean Valjean, mais forte que toda a ordem social, estava em liberdade, e ele, Javert, continuaria a comer o pão do governo!

Pouco a pouco seu delírio ia se tornando terrível.

Ele poderia, com esse delírio, fazer alguma crítica a si mesmo a respeito do revoltoso levado à Rue des Filles-du-Calvaire, mas nem pensou nisso. A falta menor perdia-se diante da maior. Aliás, aquele revoltoso já era um homem morto; legalmente, a morte suprime qualquer perseguição.

Jean Valjean: esse era o peso que ele tinha na consciência.

Jean Valjean o desconcertava. Todos os axiomas que haviam constituído os pontos de apoio de sua vida desmoronavam-se diante desse homem. A generosidade de Jean Valjean para com ele, Javert, esmagava-o. Outros fatos de que se recordava, e que outrora havia tratado como simples mentiras e loucuras, voltavam-lhe agora como realidades. O Sr. Madeleine reaparecia por trás de Jean Valjean, e ambos se sobrepunham de modo a se identificarem como algo venerável. Javert percebia que sua alma se via tomada por um sentimento horrível: a admiração por um forçado. O respeito por um grilheta; seria isso possível? Tremia, e não conseguia subtrair-se a essa admiração. Debatia-se, mas via-se a confessar em seu foro interior a sublimidade daquele miserável. Isso era odioso.

Um criminoso magnânimo, um forçado compassivo, afável, caridoso, clemente, pagando o mal com o bem, dando perdão em troca de ódio, preferindo a piedade à vingança, achando melhor perder-se que perder o próprio inimigo, salvando quem o ferira, ajoelhado nos píncaros da virtude, mais vizinho do anjo que do homem. Javert via-se constrangido a acreditar que esse monstro existia. Isso não podia continuar assim.

Na verdade, insistamos sobre este ponto: ele não se sentia atraído sem resistência por aquele monstro, por aquele anjo, por aquele herói medonho, a quem tanto desprezava quanto admirava. Vinte vezes, quando se encontrava na carruagem, face a face com Jean Valjean, o tigre da lei rugira-lhe no íntimo. Vinte vezes havia tentado lançar-se sobre Jean Valjean para agarrá-lo, devorá-lo, isto é, para prendê-lo. Na verdade, que haveria de mais simples? Gritar ao primeiro posto da guarda por que passassem: – Aqui está um fugitivo da justiça! –, chamar os guardas e dizer-lhes: – Fiquem com esse homem! –, depois ir-se embora, abandonar ali o condenado, ignorar o resto e não se incomodar mais. Aquele homem seria para sempre um prisioneiro da lei; a lei faria dele o que bem entendesse. Que haveria de mais justo? Javert pensara em tudo isso; teve vontade de agir, de prendê-lo, mas, como agora, não foi capaz de fazê-lo; cada vez que sua mão se levantara convulsivamente para agarrar Jean Valjean pelo pescoço, sua mão, como que sob um peso enorme, voltava a cair, e ele ouvia no fundo do seu pensamento uma voz, uma estranha voz que lhe gritava: “É justo. Liberte o seu salvador. Depois, mande trazer a bacia de Pôncio Pilatos e lave as garras”.

Em seguida, sua reflexão recaía sobre si mesmo, e, ao lado de Jean Valjean enobrecido, ele, Javert, se via degradado. Um grilheta era o seu benfeitor!

Mas por que permitira àquele homem que o deixasse viver? Na barricada, ele tinha o direito de ser morto. Ele deveria ter usado esse direito. Chamar os outros revoltosos em seu socorro contra Jean Valjean, fazer-se fuzilar à força; isso teria sido melhor.

Sua suprema angústia era o desaparecimento da certeza. Sentia-se desenraizado. O código não passava agora de uma coisa inútil em suas mãos. Ele tinha de se haver com escrúpulos de uma espécie desconhecida. Fazia-se nele uma revelação sentimental inteiramente diferente da afirmação legal, sua única norma até então. Continuar na antiga honestidade não lhe era suficiente. Toda uma ordem de fatos inesperados surgia e o subjugava. Todo um mundo novo se revelava à sua alma: o benefício recebido e retribuído, o devotamento, a misericórdia, a indulgência, as violências feitas pela piedade à austeridade, a

acepção de pessoas, nada de condenações definitivas, nada de danação, a possibilidade de uma lágrima nos olhos da lei, certa justiça de acordo com Deus, caminhando em sentido inverso da justiça dos homens. Ele percebia nas trevas o terrível nascer de um sol moral desconhecido; sentia-se horrorizado e deslumbrado. Um mocho obrigado a ter olhos de águia.

Convencia-se de que então era verdade, que havia exceções, que a autoridade podia ser confundida, que a regra podia ser insuficiente diante de um fato, que nem tudo se enquadrava no texto do código, que o imprevisto exigia obediência, que a virtude de um grilheta poderia armar laços à virtude de um funcionário, que o monstruoso podia ser divino, que o destino armava emboscadas, e pensava com desespero que ele próprio não estivera ao abrigo de uma surpresa.

Via-se obrigado a reconhecer a existência da bondade. Aquele grilheta tinha sido bom. Ele mesmo, coisa inaudita, praticara um ato de bondade. Portanto, depravara-se. Sentia-se covarde. Sentia horror de si mesmo.

O ideal para Javert não consistia em ser humano, em ser grande, em ser sublime; consistia em ser irrepreensível. Mas acabava de falhar.

Como chegara a isso? Como acontecera tudo aquilo? Ele mesmo não o saberia explicar. Apertava a cabeça entre as mãos; porém, por mais que fizesse, não conseguia dar explicação a si mesmo do que havia acontecido.

Certamente, sempre tivera a intenção de restituir Jean Valjean à lei, de que era cativo, e de quem ele, Javert, era o escravo. Em nenhum momento, enquanto o tivera em seu poder, teve o pensamento de deixá-lo em liberdade. De certo modo, foi sem o saber que sua mão se abrira para libertá-lo.

Todo tipo de pontos de interrogação flutuava-lhe diante dos olhos. Interrogava-se a si próprio, respondia, e as respostas o assustavam. Perguntava: esse grilheta, esse desesperado, que eu persegui sem descanso, que me teve sob os pés, que podia se vingar, que devia vingar-se, tanto para satisfazer seu ódio como para se pôr em segurança, concedendo-me a vida, o que fez? O seu dever? Não. Algo mais. E eu, perdoando-o, o que fiz? O meu dever? Não. Fiz algo mais. Existe então alguma coisa acima do dever? Esse pensamento o assustava; a balança se desequilibrava; um dos pratos tombava para o abismo, outro se levantava até o céu; e Javert não sentia menos espanto pelo que estava em cima do que pelo que estava embaixo. Sem ser absolutamente o que chamamos voltairiano, ou filósofo, ou incrédulo, pelo contrário, respeitoso, por instinto, para com a Igreja estabelecida, ele não a conhecia senão como um fragmento augusto do conjunto social; a ordem era o seu dogma, e isso lhe bastava; desde que tivera idade de homem e funcionário, colocara na polícia toda a sua religião.

Ele era, e usamos aqui as palavras sem a mínima ironia e no seu sentido mais sério, era, como dissemos, espião como se é padre. Ele tinha um superior, Gisquet;[97] até aquele dia não pensara nesse outro superior, Deus.

Esse novo chefe, Deus, percebeu-o inopinadamente, e ficava perturbado diante dele.

Estava desorientado por essa presença inesperada; não sabia o que fazer com esse superior, ele que não ignorava que o subordinado sempre deve curvar-se, que não devia jamais desobedecer, criticar, discutir, e que, defrontando-se com um superior que lhe cause demasiado espanto, o inferior não tem outro recurso senão o pedido de demissão. Mas como fazer para apresentar sua demissão a Deus?

Fosse como fosse, e era sempre para esse ponto que voltava, um fato para ele dominava todo o resto: ele acabara de cometer uma infração terrível. Fechara os olhos diante de um condenado reincidente. Deixara um grilheta em liberdade. Acabara de roubar às leis um homem que lhes pertencia. Ele havia feito isso. Não conseguia mais compreender a si mesmo. Não estava seguro de ser o mesmo de antes. As razões desse comportamento lhe escapavam; restava-lhe somente a vertigem. Até aquele momento ele vivera da fé cega que se origina da probidade tenebrosa; essa fé o abandonara, essa probidade faltava-lhe agora. Todas as suas crenças se dissipavam. Verdades que não queria conhecer obcecavam-no inexoravelmente. Agora devia ser outro homem. Ele sofria as estranhas dores de uma consciência bruscamente operada de catarata. Via o que lhe repugnava ver. Sentia-se vazio, inútil, deslocado de sua vida passada, destituído, dissolvido. A autoridade morrera-lhe no íntimo. Ele não tinha mais razão de ser. Situação terrível! Estar comovido!

Ser granito e duvidar! Ser a estátua do Castigo, fundida numa só peça nos moldes da lei, e perceber subitamente que se tem sob um peito de bronze uma coisa absurda e desobediente que se assemelha quase a um coração! Chegar a retribuir o bem com o bem, embora tenha dito a si mesmo, até aquele dia, que esse bem era o mal! Ser cão de guarda e lamber! Ser gelo e fundir-se! Ser a tenaz e transformar-se em mão! Sentir de repente os dedos que se abrem soltando a presa! É espantoso! O homem projétil, não sabendo mais que caminho seguir, recuou!

Ver-se obrigado a confessar isto: a infalibilidade não é infalível, o dogma pode conter erros, o código não é completo, a sociedade não é perfeita, a autoridade pode vacilar, um desacordo no imutável é possível, os juízes são homens, a lei pode enganar-se, os tribunais podem errar! Perceber uma fenda na

imensa vidraça azul do firmamento!

O que se passava em Javert era o Fampoux de uma consciência retilínea, o transviamento de uma alma, o esmigalhamento de uma probidade irresistivelmente lançada em linha reta, despedaçando-se de encontro a Deus.[98] Sem dúvida, isso era estranho. Que o foguista da ordem, que o maquinista da autoridade, montado sobre o cego cavalo de ferro de passos rígidos, pudesse ser derrubado por um raio de luz! Estranho que o incomutável, o correto, o geométrico, o passivo, o perfeito, pudesse dobrar-se, que até a locomotiva tivesse seu caminho de Damasco!

Deus, sempre no íntimo do homem, ele, a verdadeira consciência, refratário à falsa, proíbe que a fagulha se extinga, ordena ao raio que se lembre do sol, obriga a alma a reconhecer a verdade absoluta quando ela se confronta com o absoluto fictício; a humanidade e o coração humano, incapazes de se perder, compreenderia Javert esse fenômeno esplêndido, talvez o mais belo de nossos prodígios interiores? Penetrá-lo-ia ou, ao menos, dar-se-ia conta de sua existência? Evidentemente não. Mas, sob a pressão desse incompreensível incontestável, sentia abrir-se-lhe a mente.

Ele era mais a vítima que a transfiguração desse prodígio. Suportava-o exasperado. Não via em tudo isso senão uma imensa dificuldade de ser. Parecia-lhe que a respiração se achava dificultada para sempre. Não estava acostumado a ter sobre a cabeça o desconhecido.

Até aqui, tudo o que tivera sobre si tinha para ele uma superfície clara, simples, límpida; nada havia ali de obscuro ou desconhecido; nada que não estivesse definido, coordenado, encadeado, preciso, exato, circunscrito, limitado, fechado, previsto; a autoridade era algo plano; nenhuma queda, nenhuma vertigem em sua frente. Javert jamais vira o desconhecido senão embaixo. O irregular, o inesperado, a abertura desordenada do caos, o escorregar possível para um precipício, isso tudo pertencia às regiões inferiores, aos rebeldes, aos maus, aos miseráveis. Agora Javert voltava-se para trás, e sentia-se subitamente espantado por esta aparição inaudita: um abismo no alto. Como?! Tudo estava revolvido desde os alicerces! Desmoronado, absolutamente! Em quem confiar? Aquilo de que estava convencido ruíra!

A falha na couraça na sociedade podia ser encontrada por um miserável magnânimo! Um honesto servidor da lei podia ver-se, de repente, preso entre dois crimes: o crime de deixar um homem escapar e o crime de prendê-lo! Nem tudo estava certo nas instruções dadas pelo Estado ao funcionário! Também o dever podia ter becos sem saída! Então tudo aquilo era verdade! Era verdade que

um antigo criminoso, curvado sob tantas penas, podia levantar-se e acabar tendo razão? Seria possível! Haveria, então, casos em que a lei devia retirar-se diante do crime transfigurado, balbuciando desculpas?

Sim, e o próprio Javert podia constatar essa verdade! E não somente não podia negá-la, mas ele próprio fazia parte dela. Eram realidades. Era abominável que o real pudesse chegar a tamanha deformidade.

Se os fatos cumpriam o seu dever, deveriam limitar-se a servir de provas à lei; os fatos são estabelecidos por Deus. Então, agora, a anarquia descia do alto?

Desse modo – com o aumento da angústia, na ilusão de óptica da consternação, tudo o que pudesse restringir ou corrigir sua impressão se desvanecia, e a sociedade, o gênero humano e o universo se resumiam agora, a seus olhos, num esboço simples e terrível – a penalidade, a coisa julgada, a força devida à legislação, as sentenças das cortes soberanas, a magistratura, o governo, a prevenção e a repressão, a sabedoria oficial, a infalibilidade da lei, o princípio da autoridade, todos os dogmas sobre os quais repousa a segurança política e civil, a soberania, a justiça, a lógica derivada do código, o absoluto social, a verdade pública, tudo isso não passava de escombros, entulho, caos; ele próprio, Javert, o espião da ordem, a incorruptibilidade a serviço da polícia, a providência-mastim da sociedade, vencido e jogado ao chão; e sobre toda essa ruína um homem de pé, de boné verde à cabeça e fronte aureolada; eis a que confusão ele havia chegado; eis a visão terrível que tinha na alma.

Seria suportável essa situação? Não!

Estado de alma violento como nunca. Não havia senão duas maneiras de sair dele. Uma, ir resolutamente a Jean Valjean e fazer voltar à prisão o antigo grilheta. A outra…

Javert deixou o parapeito, agora de cabeça erguida, e dirigiu-se a passo firme para o posto indicado por uma lanterna num dos cantos da Place du Châtelet.

Ali chegando, viu pela vidraça um soldado e entrou. Simplesmente pelo modo como empurram a porta de uma delegacia os homens da polícia se reconhecem entre si. Javert apresentou-se, mostrou sua nomeação ao guarda e sentou-se à mesa em que brilhava uma vela. Havia ali uma pena, um tinteiro de chumbo e papel para os casos de processos verbais e os relatórios das rondas noturnas.

Essa mesa, sempre completada por uma cadeira de palha, é uma verdadeira instituição; ela existe em todos os postos de polícia; é invariavelmente ornada com um pires de madeira cheio de serragem e um recipiente destinado ao lacre

para fechar as cartas; é o estágio inferior do estilo oficial. É nela que começa a literatura do Estado.

Javert pegou a pena e uma folha de papel e pôs-se a escrever.

Eis o que escreveu:

Algumas observações para o bom andamento do serviço

Primeiro: peço a atenção do Sr. Chefe de Polícia.

Segundo: os presos, ao chegarem dos interrogatórios, tiram os sapatos e ficam de pés descalços no chão frio enquanto são revistados. Muitos, ao voltar à prisão, tossem, o que acarreta despesas para a enfermaria.

Terceiro: a vigilância é boa, com a substituição de agentes de distância em distância, mas seria necessário que, nas ocasiões importantes, pelo menos dois agentes não se percam de vista, para que, se, por uma razão qualquer, um deles venha a falhar, o outro o vigie e substitua.

Quarto: não se explica por que o regulamento especial da prisão das Madelonnettes proíbe ao prisioneiro a posse de uma cadeira, mesmo pagando por ela.

Quinto: nas Madelonnettes não há senão duas barras de ferro na cantina, o que permite que a cantineira deixe que os detentos lhe toquem as mãos.

Sexto: os detentos chamados gritadores, porque chamam os outros presos ao locutório, cobram dois soldos de cada prisioneiro para gritar-lhe o nome distintamente. É um roubo.

Sétimo: por um fio corrido, cobram-se dez soldos ao prisioneiro na oficina dos tecelões; é um abuso do empreiteiro, pois o tecido nem por isso é pior.

Oitavo: é inconveniente que os visitantes da Force tenham de atravessar o pátio dos detentos para chegar ao locutório de Santa Maria Egipcíaca.

Nono: é certo que se ouvem todos os dias os guardas cantando no pátio da Chefatura de Polícia os interrogatórios dos acusados. Um guarda, que deveria ser pessoa sagrada, repetindo o que ouviu no gabinete de instruções, comete falta grave.

Décimo: Mme. Henry é uma mulher honesta; sua cantina é muito asseada; mas não é bom que uma mulher possua a chave das solitárias. Isso não é digno da prisão de uma grande civilização.

Javert escreveu essas linhas com a caligrafia mais calma e mais correta, sem omitir uma vírgula, fazendo ranger o papel sob a pena. Abaixo da última linha, assinou:

Javert
Inspetor de 1ª. classe
Posto da Place du Châtelet
7 de junho de 1832, mais ou menos à uma hora da manhã

Secou a tinta fresca com o mata-borrão, dobrou o papel como se fosse uma carta, fechou-o e escreveu na parte de fora: *Notas para a administração*.

Deixou-o em cima da mesa e saiu. A porta gradeada e envidraçada fechou-se atrás dele.

Atravessou de novo, diagonalmente, a Place Du Châtelet, chegou ao cais e voltou com precisão automática ao ponto exato que abandonara um quarto de hora antes, encostando-se na mesma atitude sobre a mesma pedra do parapeito. Parecia não ter-se movido dali.

A escuridão era completa. Era o momento sepulcral que se segue à meia-noite. Um teto de nuvens escondia as estrelas. O céu não era mais que uma espessura sinistra. As casas da cidade não mostravam uma luz sequer; nenhum transeunte pelas ruas; tudo o que se via das ruas e do cais estava deserto; Notre-Dame e as torres do Palácio da Justiça pareciam efeitos da noite. Um lampião avermelhava a orla do cais. A silhueta das pontes deformava-se no nevoeiro, uma após outra. As chuvas tinham engrossado o leito do rio.

O local em que Javert se encontrava, como sabemos, estava precisamente situado por cima das corredeiras do Sena, a pique sobre a temível espiral de turbilhões que se ata e se desata como um redemoinho sem fim.

Javert inclinou-se e olhou. Tudo estava escuro. Nada se podia distinguir. Ouvia-se o ruído da água, mas não se via o rio. Por momentos, naquela profundidade vertiginosa, um clarão aparecia e serpenteava vagamente, estranho poder da água, mesmo na noite mais completa, de espelhar a luz vinda de não se sabe onde e transformá-la em serpente. O clarão se dissipava e tudo voltava a ser confuso. A imensidade parecia abrir-se ali. O que tinha abaixo de si não era água, era um abismo. Os paredões do cais, abruptos, confusos, mesclados ao vapor, subitamente escondidos pelo nevoeiro, faziam o efeito de uma escarpa do infinito.

Não se via nada, mas podia-se sentir a frieza hostil da água e o odor insípido das pedras molhadas. Um hálito selvagem subia daquele abismo. O engrossamento da corrente, mais calculado do que visto, o trágico murmurar das vagas, a lúgubre grandiosidade dos arcos da ponte, a queda imaginável naquele vácuo sombrio, toda essa sombra estava cheia de horror.

Javert ficou imóvel por alguns instantes, olhando aquela abertura de trevas; contemplava o invisível com uma fixidez que se assemelhava à atenção. A água rumorejava. De repente, tirou o chapéu e o colocou sobre o parapeito. Um momento depois, uma silhueta alta e escura, que de longe algum transeunte notívago poderia tomar por um fantasma, apareceu de pé sobre o parapeito, curvou-se para o Sena, tornou a se erguer e caiu pesadamente nas trevas; seguiu-se um rumor surdo, e somente a sombra soube o segredo das convulsões daquela forma obscura que desaparecia no seio das águas.

LIVRO QUINTO

O NETO E O AVÔ

I | APARECE NOVAMENTE A ÁRVORE COM O EMPLASTRO DE ZINCO

Algum tempo depois dos acontecimentos que acabamos de relatar, Mestre Boulatruelle teve uma violenta emoção.

Mestre Boulatruelle é o cantoneiro de Montfermeil, que já conhecemos das partes tenebrosas deste livro.

Boulatruelle, como sabemos, era um homem que se ocupava com coisas misteriosas e diversas. Britava pedras e assaltava os viajantes da estrada. Terraplenador e ladrão, ele tinha um sonho: acreditava nos tesouros escondidos na floresta de Montfermeil. Esperava algum dia encontrar dinheiro enterrado ao pé de uma árvore; enquanto esperava, buscava-o no bolso de quem passava por ali.

Contudo, ainda procedia com prudência. Escapara por pouco. Como sabemos, fora apanhado no pardieiro Jondrette na companhia de outros bandidos. Utilidade de um vício: salvara-o a embriaguez. Jamais se pôde saber, ao certo, se ele estava lá como ladrão ou como vítima. Uma ordem, baseada em seu estado de constatada embriaguez na noite da cilada, pusera-o em liberdade. Estava solto. Retomara o caminho dos bosques. Voltara à estrada de Gagny a Lagny para, sob a vigilância administrativa, proceder ao empedramento por conta do Estado, sempre cabisbaixo, pensativo, um tanto indiferente para o roubo que quase o desgraçara, voltando-se porém com mais ternura para o vinho, que o salvara.

Quanto à emoção viva que sentira pouco tempo depois de sua volta para a cabana de cantoneiro, eis como se deu:

Certa manhã, Boulatruelle, dirigindo-se como de hábito ao trabalho, ou talvez para se pôr à espreita, pouco antes do nascer do sol, percebeu no meio do arvoredo um homem de costas voltadas para ele, cujo aspecto, pelo que lhe pareceu à distância e à meia-luz da aurora, não lhe era de todo desconhecido.

Boulatruelle, embora bêbado, tinha uma memória correta e lúcida, arma defensiva indispensável a quem quer que ande em luta com a ordem legal.

“Onde diabo vi uma coisa parecida com esse homem?”, perguntou a si mesmo.

Mas não pôde responder senão que o tal se assemelhava a alguém de cujos traços se recordava confusamente.

Boulatruelle, aliás, com exceção da identidade que não conseguira estabelecer, fez aproximações e cálculos. O desconhecido não era da região. Chegara, evidentemente, a pé. Nenhuma carruagem pública passava àquela hora por Montfermeil. Caminhara durante toda a noite. De onde vinha? Não de muito longe, pois não levava nem alforje nem pacotes. De Paris, sem dúvida. Por que estava naquele bosque, àquela hora? Que viera fazer?

Boulatruelle pensou no tesouro. À força de cavar na memória, lembrou-se vagamente de já ter tido, muitos anos antes, igual suspeita a respeito de um homem que se parecia bastante com o que agora encontrava.

Enquanto pensava, sob o peso dessa meditação, abaixou a cabeça, coisa natural porém pouco prudente. Quando a levantou, não havia mais nada. O homem desaparecera na meia-luz da floresta, no crepúsculo.

– Diabo! – disse Boulatruelle. – Hei de achá-lo. Tenho de descobrir a paróquia desse paroquiano. Esse passeador matutino deve ter suas razões, e eu hei de descobrir quais são. Não há segredo no meu bosque que eu desconheça.

Em seguida, pegou uma picareta de pontas extremamente agudas.

– Tenho aqui com o que revistar a terra e um homem – murmurou Boulatrelle.

Como se atasse um fio a outro, seguindo o melhor que podia o itinerário do desconhecido, pôs-se a caminhar por entre o arvoredo.

Depois de ter dado uma centena de passos, o sol, que já se levantava, o ajudou. Pegadas recentes na areia, aqui e ali, relva pisada, urzes quebradas, nas moitas, ramos tenros dobrados levantando-se com graciosa lentidão como os braços de uma linda mulher que se espreguiça ao despertar, indicaram-lhe uma espécie de pista. Seguiu-a, mas depois a perdeu de vista. O tempo passava. Mais adiante chegou a uma espécie de elevação no interior do bosque. Um caçador matinal, que passava ao longe assobiando a ária de Guillery, deu-lhe a ideia de subir a uma árvore.[99] Embora velho, era ainda ágil. Havia ali uma enorme faia digna de Títiro e de Boulatruelle.[100] Boulatruelle subiu o mais alto possível pelos ramos da árvore.

A ideia era boa. Explorando os arredores do lado em que o bosque é mais enredado e selvagem, Boulatruelle avistou, de repente, o homem.

Apenas o viu, perdeu-o de vista.

O homem entrou, ou melhor, deslizou para o interior de uma clareira bastante afastada, disfarçada por grandes árvores, mas que Boulatruelle conhecia muito bem, por ter notado ali, perto de um monte de pedras próprias para amolar, um castanheiro doente tratado com uma chapa de zinco pregada na própria cortiça. Essa clareira é a que outrora era conhecida como o campo de Blaru. As pedras, destinadas a não sei que finalidade, havia trinta anos continuavam no mesmo lugar, onde sem dúvida continuam. Nada se iguala à longevidade de um monte de pedras, se excetuarmos os tapumes de tábuas. Estão ali provisoriamente. Ótima razão para durar!

Boulatruelle, com a rapidez da alegria, desceu, ou antes, deixou-se cair da árvore. Encontrara a toca; tratava-se agora de encontrar o animal. O famoso e tão sonhado tesouro provavelmente estava ali.

Não era tão fácil assim chegar àquela clareira. Pelos trilhos do bosque, cheios de complicados zigue-zagues, levaria um bom quarto de hora. Em linha reta, pelo mato, singularmente espesso naquele lugar cheio de espinhos, quase intransitável, levaria bem meia hora. É o que Boulatruelle parece não ter compreendido. Acreditou na linha reta, ilusão de óptica respeitável, mas que põe a perder muita gente. O mato, por mais intrincado que fosse, pareceu-lhe o melhor caminho.

– Sigamos pela Rue de Rivoli dos lobos – disse Boulatruelle.

Acostumado como estava a andar de través, dessa vez cometeu o erro de andar direito.

Lançou-se resolutamente pelo mato.

Teve de se haver com azevinhos, urtigas, pilriteiros, roseiras-silvestres, cardos e toda sorte de espinheiros muito agressivos. Estava todo arranhado.

Ao pé da quebrada havia um charco que teve de atravessar.

Chegou, enfim, à clareira Blaru, ao cabo de quarenta minutos, suado, molhado, esbaforido, arranhado, feroz.

Não havia ninguém na clareira.

Boulatruelle correu ao monte de pedras. Continuava no mesmo lugar. Ninguém o tocara.

Quanto ao homem, desaparecera na floresta. Fugira. Para onde? De que lado? Impossível adivinhar.

E, coisa pungente, por trás do monte de pedras, diante do castanheiro com o emplastro de zinco, via-se terra removida havia pouco, uma picareta esquecida ou abandonada e um buraco.

O buraco estava vazio.

– Ladrão! – gritou Boulatruelle, mostrando os dois punhos para o horizonte.

II | MARIUS, SAINDO DA GUERRA CIVIL, PREPARA-SE PARA A GUERRA DOMÉSTICA

Marius esteve por muito tempo entre a vida e a morte. Durante várias semanas, sentiu febre acompanhada de delírio e de sintomas cerebrais bastante graves, causados mais pelo choque dos ferimentos na cabeça do que pelos próprios ferimentos.

Ele repetiu o nome de Cosette durante noites inteiras, com a loquacidade lúgubre da febre e a sombria obstinação da agonia. A extensão de certas lesões constituía sério perigo, a supuração das chagas maiores poderia ser reabsorvida, por consequência matando o doente sob certas influências atmosféricas; a cada mudança de tempo, à mínima chuva, o médico se inquietava. – Sobretudo, que o doente não tenha a menor emoção –, repetia ele. Os curativos eram complicados e difíceis, pois os aparelhos e a fixação das ataduras por meio de esparadrapo ainda não tinham sido imaginados naquele tempo. Nicolette gastou para isso um lençol,“Grande como um forro”, dizia ela. Não foi sem custo que as loções cloretadas e o nitrato de prata conseguiram vencer a gangrena. Enquanto continuou o perigo, o Sr. Gillenormand, desesperado à cabeceira do neto, como ele esteve entre a vida e a morte.

Todos os dias, e às vezes duas vezes por dia, um senhor de cabelos brancos, muito bem-vestido, essa era a descrição dada pelo porteiro, vinha pedir notícias do doente e deixava um grande pacote de ataduras para os curativos.

Enfim, no dia 7 de setembro, quatro meses, dia por dia, depois da dolorosa noite em que o haviam trazido agonizante para a casa do avô, o médico declarou que respondia pela saúde de Marius. Começava a convalescença. Contudo, Marius teve de continuar ainda por dois meses deitado num sofá por causa das complicações causadas pela fratura da clavícula. Sempre é assim; sempre há uma chaga que se obstina em continuar aberta e que eterniza os curativos, para grande desgosto do doente.

Entretanto, todo esse sofrimento e a longa convalescença salvaram-no de perseguições. Na França, não há cólera, mesmo pública, que não se extinga em seis meses. As revoltas, no estado em que está a sociedade, são de tal modo culpa de todos que sempre, depois delas, há certa necessidade de se fechar os olhos.

Acrescentemos que a inqualificável ordem de Gisquet, obrigando os médicos a denunciar os ferimentos, indignando a opinião pública, e não somente a opinião pública, mas o Rei em primeiro lugar, fez com que os feridos fossem cobertos e protegidos por essa indignação, e, à exceção dos que tinham sido feito prisioneiros durante o combate, os conselhos de guerra não ousaram inquietar nenhum outro. Deixaram, portanto, Marius em paz.

O Sr. Gillenormand sentiu primeiramente todas as angústias, depois, todos os êxtases. Foi a custo que o impediram de passar as noites ao lado de Marius; fez com que carregassem sua poltrona para perto da cama do neto, exigiu que a filha usasse o melhor linho da casa para fazer compressas e ataduras. A Srta. Gillenormand, como pessoa prudente e mais velha, encontrou meios para poupar o melhor linho, dando ao pai a impressão de que estava sendo obedecido. O Sr. Gillenormand não queria que lhe explicassem que, para fazer ataduras, o tecido mais grosso é preferível à cambraia, e o pano usado é preferível ao novo. Ele assistia a todos os curativos durante os quais a Srta. Gillenormand se ausentava pudicamente. Quando cortavam a carne morta com a tesoura, ele dizia: – Ai! Ai! – Nada mais comovente do que vê-lo oferecer ao neto uma xícara de tisana com seu suave tremor senil. Importunava o médico com perguntas, sem perceber que todos os dias recomeçava a repetir as mesmas.

No dia em que o médico lhe anunciou que Marius estava fora de perigo, o bom velho delirou de alegria. Deu três luíses de gratificação ao porteiro. À noite, voltando para o quarto, dançou uma gavota, fazendo castanhetas com o polegar e o índex, enquanto cantava esta canção:

Jeanne est née à Fougère,
Vrai nid d’une bergère;
J’adore son jupon
Fripon.
Amour, tu vis en elle;
Car c’est dans sa prunelle
Que tu mets ton carquois,
Narquois!
Mois, je la chante, et j’aime,
Plus que Diane même,

Jeanne et ses durs tetons
Bretons.[101]

Depois, pôs-se de joelhos em cima de uma cadeira, e Basco, que o observava pela porta entreaberta, ficou convencido de que ele rezava.

Até ali, ele não acreditava na existência de Deus.

A cada nova fase do restabelecimento, que mais e mais se ia avizinhando, o avô tornava-se mais extravagante. Fazia uma série de ações maquinais cheias de alegria; subia e descia as escadas sem saber por quê. Uma vizinha, aliás bonita, ficou espantada ao receber uma manhã um grande buquê; fora o Sr. Gillenormand quem lho enviara. O marido fez uma cena de ciúme. O Sr. Gillenormand tentava sentar Nicolette sobre os joelhos, chamava Marius de Barão e gritava: – Viva a república!

A cada instante, perguntava ao médico: – Não há mais perigo, não é mesmo? – Ele ficava olhando para Marius com olhos de avó. Ele o contemplava com ternura enquanto comia. Não se reconhecia mais, não dava a mínima importância à própria pessoa; Marius era o dono da casa. Havia certa abdicação na sua alegria; ele era o neto do próprio neto.

Em todo esse contentamento, era a mais venerável das crianças. Com medo de cansar ou de importunar o convalescente, punha-se atrás dele para sorrir-lhe. Sentia-se contente, alegre, extasiado, encantador, jovem. Os cabelos brancos acrescentavam-lhe uma suave majestade ao brilho alegre do rosto. Quando a graça se alia às rugas, torna-se adorável. A velhice satisfeita contém algo da aurora.

Quanto a Marius, enquanto se deixava medicar, tinha uma única ideia fixa: Cosette. Desde que a febre e o delírio o tinham abandonado não lhe pronunciara mais o nome, quase como se o tivesse esquecido. Calava-se precisamente porque nele estava toda a sua alma.

Marius não sabia o que havia acontecido a Cosette; todos os acontecimentos da Rue de la Chanvrerie eram como uma nuvem em sua lembrança; sombras quase indistintas lhe pairavam no espírito: Eponine, Gavroche, Mabeuf, os Thénardier, todos os seus amigos lugubremente mesclados ao fumo das barricadas; a estranha passagem do Sr. Fauchelevent por aquela aventura sangrenta fazia-lhe o efeito de um enigma na tempestade; não compreendia nada de sua própria vida, não sabia como ou por quem havia sido salvo, e ninguém era capaz de explicá-lo; tudo o que lhe disseram foi que o haviam levado uma

noite, num fiacre, para a Rue des Filles-du-Calvaire; passado, presente, futuro, tudo era para ele como que a bruma de uma ideia imprecisa, mas havia nessa bruma um ponto imóvel, um lineamento claro e preciso, algo resistente como o granito, uma resolução, uma vontade: reencontrar Cosette. Para ele, a ideia da vida não era distinta da ideia de Cosette. Ele havia decretado em seu coração que não aceitaria uma sem a outra; estava inabalavelmente decidido a exigir de quem quer que o forçara a viver, do avô, da sorte, do inferno, a restituição do paraíso perdido.

Não ignorava, porém, os obstáculos.

Sublinhemos aqui um detalhe: Marius não se sentia vencido, e comovia-se muito pouco com todas as solicitudes e ternuras do avô. A princípio, não tinha conhecimento de todas; depois, em seus sonhos de doente, talvez um tanto febris, desconfiava daquelas amabilidades como de uma coisa estranha e nova com a única finalidade de domá-lo. Continuava, pois, indiferente. O avô gastava à toa seu velho e pobre sorriso. Marius estava convencido de que o avô se mostrava bom enquanto ele, Marius, não falava e o deixava à vontade; porém, quando tocasse em Cosette, sua reação seria outra e sua atitude seria completamente desmascarada. Então o choque seria inevitável: recrudescência de problemas de família, confronto de posições, todos os sarcasmos e todas as objeções de uma só vez, Fauchelevent, Coupelevent, a fortuna, a pobreza, a miséria, a pedra no pescoço, o futuro. Resistência violenta; conclusão: recusa. Marius reagia antecipadamente.

Depois, à medida que ia voltando à vida, reapareciam-lhe os antigos agravos, reabriam-se as velhas úlceras da memória, voltava a pensar no passado; o Coronel Pontmercy colocava-se entre o Sr. Gillenormand e ele, Marius, e convencia-se de que não podia esperar nenhuma bondade de quem tinha sido tão injusto e duro para com seu pai. E, com a saúde, voltava-lhe uma espécie de aspereza para com o avô. O velho sofria resignadamente.

O Sr. Gillenormand, sem contudo o comentar, notava que Marius, desde que fora trazido para casa e recobrara o conhecimento, não o havia chamado uma só vez de pai. É verdade que também não o chamava de senhor, mas, contornando as frases, encontrava meios para não dizer nem uma coisa nem outra. Evidentemente, aproximava-se uma crise.

Como quase sempre acontece em casos semelhantes, Marius, para experimentar, armou escaramuças antes de travar a batalha. Chama-se a isso apalpar o terreno. Aconteceu uma manhã que o Sr. Gillenormand, a propósito de um jornal que lhe caíra às mãos, falara ligeiramente da Convenção, citando um

epifonema realista contra Danton, Saint-Just e Robespierre.

– Os homens de 93 eram gigantes – disse Marius com severidade. O velho calou-se e não disse mais nada pelo resto do dia.

Marius, que tinha sempre em mente o inflexível avô de seus primeiros anos, viu naquele silêncio uma profunda concentração de cólera, imaginou por isso uma luta encarniçada e aumentou no mais íntimo do seu pensamento os preparativos para o combate.

Decidiu que, em caso de recusa, arrancaria os aparelhos, deslocaria a clavícula, poria a nu e ao vivo as chagas que ainda lhe restavam e recusaria todo e qualquer alimento. As feridas eram as únicas munições que possuía. Ter Cosette ou a morte!

Esperou pelo momento favorável com a paciência dissimulada dos doentes. Esse momento enfim chegou.

III | MARIUS ATACA

Um dia, o Sr. Gillenormand, enquanto a filha punha em ordem os vidros e as xícaras sobre o mármore da cômoda, inclinava-se para Marius e lhe dizia com a expressão mais terna:

– Marius, eu, no seu lugar, comeria mais carne do que peixe. Um linguado frito é excelente para começar uma convalescença; mas, para pôr o doente de pé, só mesmo uma boa costeleta.

Marius, quase restabelecido por completo, juntou todas as forças, sentou-se, apoiou as mãos crispadas nos lençóis da cama, encarou o avô, assumiu uma expressão terrível e disse:

– Isso me leva a lhe dizer uma coisa.

– Qual?

– Quero me casar.

– Já se sabe! – disse o avô. E desatou a rir.

– Como, já se sabe?

– Isso mesmo, já se sabe. Você há de ter a pequena.

Marius, admirado e vencido pelo assombro, estremeceu.

O avô Gillenormand continuou:

– Sim, você terá a sua bela menina. Ela vem todos os dias sob a forma de um velho senhor perguntar por você. Desde que você foi ferido, ela passa todo o

tempo a chorar e a fazer ataduras. Já me informei. Ela mora na rua de l'Homme-Armé, número 7. Ah! pronto! Você a quer? Pois bem, ela virá! Isso é o que você não esperava. Você fez uma pequena conspiração e disse: – Vou mostrar bem claro ao meu avô, essa múmia da Regência e do Diretório, a esse velho galante, a esse Dorante transformado em Geronte;[102] também ele foi leviano, teve seus namoricos, suas Grisetes e Cosettes; deu seus passeios, andou experimentando as asas; também ele comeu o pão da primavera; é bom que se lembre. Vamos ver. Batalha! Ah! você pega o besouro pelos chifres. Muito bem. Eu lhe ofereço uma costeleta e você me responde: – A propósito, quero me casar. – Isso é que é transição! Ah! você esperava uma discussão, porque não sabia que sou um velho covarde! O que diz agora de tudo isso? Está com raiva, hein? Encontrar um avô mais animal que você e ter de rasgar o discurso; por essa você não esperava. Pois bem, tanto pior, arrebente de raiva! Faço o que você quer e corto-lhe a língua, imbecil! Escute. Já tomei informações, eu também sou matreiro; ela é encantadora, inteligente, o lanceiro não existe, ela fez montes de ataduras, é um brinco, adora você; se você morresse, seríamos três; o seu caixão acompanharia o meu. Desde que você foi ferido, tive a ideia de trazê-la sem mais nem menos à sua cabeceira, mas somente nos romances é que se trazem meninas apaixonadas ao lado do leito dos rapazes feridos que as interessam. Isso não se faz. O que teria dito a sua tia? Você estava nu a maior parte do tempo. Pergunte a Nicolette, que não o deixou um minuto, se uma mulher poderia ficar ao seu lado. E, depois, que diria o médico? Uma menina bonita não faz passar a febre. Enfim, está bem, não falemos mais, está dito, está feito, negócio fechado, fique com ela. Essa é a minha crueldade. Eu vi que você não gostava de mim e pensei: "Que poderei fazer para que aquele animal goste de mim?". Disse então: – Tenho a pequena Cosette à mão, dou-lha de presente; ou ele fica gostando um pouco de mim, ou me diz logo por que não gosta! – Ah! você pensava que o velho iria berrar, falar grosso, gritar, não é? E levantar a bengala contra toda esta aurora. Nada disso. Cosette, vá lá; amor, vá lá; eu não desejo nada melhor. Sargento, faça-me a gentileza de se casar. Seja feliz, meu querido filho!

Dizendo isso, o velho rompeu em soluços.

Tomou a cabeça de Marius entre os braços, apertou-a contra o peito, e ambos se puseram a chorar. Essa é uma das formas da suprema felicidade.

– Meu pai! – exclamou Marius.

– Ah! então você me quer bem! – disse o velho.

Foi um momento inefável. Ambos se sentiam sufocados pela emoção.

Enfim, o velho balbuciou:

– Vamos! Está tudo resolvido. Ele me chamou de pai.

Marius tirou a cabeça dos braços do avô e disse docemente:

– Mas, meu pai, agora que já estou bom, penso que poderia vê-la.

– Também isso já foi previsto; você a verá amanhã.

– Meu pai!

– O quê?

– Por que não hoje?

– Está bem, hoje. Já me chamou três vezes de “meu pai”, e você bem o merece. Vou tratar disso. Previsto, digo-lhe eu. Isso já foi posto em versos. É o desfecho da elegia do *Jeune Malade* de André Chénier, o André Chénier que foi degolado pelos celer… pelos gigantes de 93.[103]

O Sr. Gillenormand julgou perceber um ligeiro franzir das sobrancelhas de Marius, que, na verdade, devemos dizê-lo, não o estava ouvindo, enlevado pelo êxtase, muito mais preocupado com Cosette do que com 1793. O avô, assustado por ter falado tão fora de propósito de André Chénier, retrucou precipitadamente:

– Degolado não é bem a palavra. O fato é que os grandes gênios revolucionários, que não eram maus, o que é incontestável, que eram verdadeiros heróis – com a fortuna! –, achavam que André Chénier incomodava um pouco e mandaram-no guilhot… – isso é, esses grandes homens, no 7 termidor, no interesse da salvação pública, pediram a André Chénier que fizesse o favor de se retirar…

O Sr. Gillenormand, afogado pela própria frase, não pôde continuar. Não podendo nem terminá-la, sem retratá-la, enquanto a filha arrumava o travesseiro de Marius, transtornado por tantas emoções, correu, com toda a ligeireza que lhe permitiam as velhas pernas, para fora do quarto, bateu a porta atrás de si, e, vermelho, sufocado, espumando, com os olhos fora das órbitas, viu-se face a face com Basco, que engraxava as botinas na antecâmara. Agarrou-o pela gola e gritou-lhe no rosto com furor: – Pelos cem mil chavelhos do diabo, os bandidos o assassinaram!

– Quem, senhor?

– André Chénier!

– Sim, senhor! – disse Basco, espantado.

IV | A SRTA. GILLENORMAND ACABOU POR CONCORDAR QUE O

SR. FAUCHELEVENT ENTRASSE COM ALGUMA COISA DEBAIXO DO BRAÇO

Cosette e Marius tornaram a ver-se. O que foi a entrevista, renunciamos a dizê-lo. Há coisas que não devemos tentar pintar; o sol é uma delas.

Toda a família, incluindo Basco e Nicolette, estava reunida no quarto de Marius quando Cosette chegou. Ela apareceu à porta, como que rodeada por um nimbo.

Precisamente nesse instante, o avô ia assoar-se, mas parou, conservando o lenço no nariz e olhando Cosette por cima do lenço:

– Adorável! – exclamou.

Depois, assoou-se ruidosamente.

Cosette estava encantada, extasiada, assustada, no céu. Estava tão amedrontada quanto o pode estar uma pessoa feliz. Balbuciava, ora pálida, ora corada, com vontade de lançar-se aos braços de Marius sem o ousar, com vergonha de amar diante de toda aquela gente. Ninguém tem piedade dos amantes felizes; fica-se presente ali quando eles teriam mais vontade de ficar a sós. No entanto, não têm nenhuma necessidade de ninguém.

Acompanhando Cosette, entrara um homem de cabelos brancos, grave, embora sorrisse de um modo triste e vago. Era o *Sr. Fauchelevent*; era Jean Valjean.

Estava *muito bem-vestido*, como disse o porteiro, todo de preto e de gravata branca.

O porteiro estava muito longe de reconhecer naquele correto burguês, naquele provável notário, o medonho carregador de cadáveres que surgira à sua porta na noite de 7 de junho, esfarrapado, enlameado, horrível, esquivo, com o rosto coberto de sangue e de lama, segurando Marius desfalecido; contudo, seu faro de porteiro fora despertado. Quando o Sr. Fauchelevent chegou em companhia de Cosette, o porteiro não pôde deixar de segredar à mulher: – Não sei por que sempre imaginei já ter visto esse homem.

O Sr. Fauchelevent, no quarto de Marius, conservou-se afastado, perto da porta. Levava debaixo do braço um pacote muito semelhante a um volume in-oitavo, envolto em papel. O papel era esverdeado e parecia bolorento.

– Será que esse homem está sempre com livros debaixo do braço? – perguntou em voz baixa a Nicolette a Srta. Gillenormand, que não apreciava os livros.

– Que tem? – respondeu no mesmo tom o Sr. Gillenormand, que a tinha escutado –, ele é um sábio. E com isso? Que culpa tem ele? O Sr. Boulard, que eu conheci, não andava jamais sem um livro debaixo do braço, e tinha sempre um alfarrábio sobre o coração.[104]

E, saudando, disse em voz alta:

– Sr. Tranchelevent…

O velho Gillenormand não o fez de propósito, mas a falta de atenção aos nomes próprios era para ele um costume aristocrático.

– Sr. Tranchelevent, tenho a honra de pedir para o meu neto, o Sr. Barão Marius Pontmercy, a mão da Senhorita.

O “Sr. Tranchelevent” inclinou-se.

– Está dito – disse o avô.

E, voltando-se para Marius e Cosette, com os dois braços estendidos, exclamou, abençoando-os:

– Têm permissão para se adorarem.

Eles não esperaram que lhes dissessem duas vezes. Tanto pior! O arrulho começou imediatamente. Falavam baixinho, Marius recostado no sofá, Cosette de pé, a seu lado. – Ó meu Deus! – murmurava Cosette. – Enfim o vejo! É você! É o senhor? Ir combater dessa maneira! Mas por quê? Que coisa horrível! Durante quatro meses estive morta. Oh! que maldade ir combater assim! Que lhe fiz eu? Eu lhe perdoo, mas não faça mais. Há pouco, quando nos avisaram para vir, pensei que ia morrer, mas de alegria. Eu estava tão triste! Não tive tempo para me vestir; devo estar horrível. Que vão dizer os seus pais, vendo-me assim com a gola toda amarrotada? Mas fale! Você me deixa falando sozinha! Moramos ainda na Rue de l’Homme-Armé. Parece-me que o seu ombro estava mal, um punho na ferida, que lhe cortaram as carnes com tesouras. Que coisa horrível! Chorei tanto que não tenho mais olhos. Julgava impossível que a gente pudesse sofrer tanto assim. O seu avô parece tão bom. Não se mova, não se apoie assim nos cotovelos, cuidado que você se machuca. Oh! como sou feliz! Então, o sofrimento acabou! Mas eu sou mesmo muito boba. Eu queria dizer tanta coisa que não sei mais. Você ainda gosta de mim? Ainda moramos na Rue de l’Homme-Armé. Lá não há jardins. Estive todo o tempo preparando ataduras. Veja, senhor, por sua culpa, tenho um calo no dedo.

– Anjo! – disse Marius.

Anjo é a única palavra que não se gasta com o uso. Qualquer outra não resistiria ao uso impiedoso que dela fazem os apaixonados.

Depois, como havia assistentes, ambos se calaram e não disseram mais uma palavra, limitando-se a tocar docemente as mãos. O Sr. Gillenormand voltou-se para todos os que estavam no quarto e exclamou:

– Falem alto vocês. Façam barulho. Vamos! Um pouco de algazarra para que essas crianças possam ficar à vontade.

E, aproximando-se de Marius e de Cosette, disse-lhes baixinho:

– Não se incomodem; conversem à vontade.

Tia Gillenormand assistia com espanto àquela irrupção de luz em seu interior envelhecido. Esse espanto nada tinha de agressivo; não era absolutamente o olhar escandalizado e invejoso de uma coruja a dois pombinhos; era o olhar admirado de uma pobre inocente de cinquenta anos; era a vida malograda contemplando aquele triunfo, o amor.

– Srta. Gillenormand – disse-lhe o pai –, bem dizia eu que isso iria acontecer com você.

Ficou calado por uns instantes e continuou:

– Contemple a felicidade dos outros.

Depois, voltou-se para Cosette.

– Como ela é linda! Que linda! É um Greuze.[105] Maroto! Então você vai ter isso só para você! Ah! meu patife, livrou-se felizmente de mim, hein? Se eu tivesse quinze anos de menos, disputaríamos em duelo. Olhe! Senhorita, estou enamorado. É muito simples. Está no seu direito. Ah! que lindas e encantadoras bodas vamos ter aqui! Nossa paróquia é Saint-Denis do Santo Sacramento, mas conseguirei dispensa para que se casem em Saint-Paul. A igreja é mais bonita. Foi construída pelos jesuítas. É mais chique. Fica bem na frente das fontes do Cardeal de Birague. A obra-prima da arquitetura jesuítica está em Namur. Chama-se igreja do Saint-Loup. Quando estiverem casados, devem ir até lá. Essa visita vale a viagem. Senhorita, estou do seu lado; quero que as mocinhas se casem; é para isso que foram feitas. Há uma Santa Catarina que eu gostaria de ver sempre despenteada.[106] Continuar donzela é belo, mas é frio. A Bíblia diz: *Multiplicai-vos*. Para salvar o povo, temos Joana d'Arc; mas para fazer o povo precisamos de *Mère* Gigogne.[107] Portanto, belezas, casem-se. Não vejo qual a vantagem de continuar solteira. Sei muito bem que na igreja há uma capela à parte e que vão acabar na confraria da Virgem; mas, vamos lá, um belo marido, um rapaz simpático, e, ao cabo de um ano, um garoto gorducho que mama galhardamente, com pernas roliças como roscas de gordura, agarrando-se aos seios com mãozinhas rosadas, rindo como a aurora, isso vale muito mais que

segurar velas nas vésperas e cantar *Turris eburnea!* [108]

O avô fez uma pirueta sobre os calcanhares de noventa anos e continuou a falar, como uma mola que se solta:

Ainsi, bornant le cours de tes rêvasseries, Alcippe, il est donc vrai, dans peu tu te maries.[109]

– A propósito!

– O quê, meu pai?

– Você não tinha um amigo íntimo?

– Tinha, Courfeyrac.

– O que foi feito dele?

– Morreu.

– Ainda bem.

Sentou-se ao lado deles, mandou que Cosette se sentasse e tomou-lhes as mãos entre suas velhas mãos enrugadas:

– Como é delicada esta pequena! É uma obra-prima esta Cosette! É tão novinha e tão senhora. Será apenas Baronesa, mas é pouco, porque nasceu Marquesa. E que cílios! Meus filhos, fixem bem na cachola que vocês é que estão certos. Amem-se. Amem-se loucamente. O amor é a estupidez dos homens e o espírito de Deus. Adorem-se. Só que – acrescentou, entristecendo subitamente –, agora é que me lembro: mais da metade do que eu possuo é vitalício; enquanto eu viver, tudo irá menos mal; mas depois de minha morte, daqui a uns vinte anos, meus pobres filhos, vocês ficarão sem dinheiro! Essas lindas mãozinhas brancas, Sra. Baronesa, terão de suar para ganhar a vida.

Ouviu-se então uma voz grave e tranquila que dizia:

– A Srta. Eufrásia Fauchelevent possui seiscentos mil francos.

Era a voz de Jean Valjean.Ele ainda não havia pronunciado uma palavra; ninguém mesmo parecia lembrar-se de que ele estava ali; conservara-se de pé e imóvel, atrás de todas aquelas pessoas felizes.

– Quem é essa Srta. Eufrásia de que está falando? – perguntou o avô, assustado.

– Sou eu – respondeu Cosette.

– Seiscentos mil francos? – replicou o Sr. Gillenormand.

– Menos catorze ou quinze mil talvez – disse Jean Valjean.

E colocou em cima da mesa o pequeno embrulho que a Srta. Gillenormand tomara por um livro.

O próprio Jean Valjean abriu o pacote; era um maço de notas. Folhearam-nas e contaram. Havia ali quinhentas notas de mil francos e cento e sessenta e oito de quinhentos, num total de quinhentos e oitenta e quatro mil francos.

– Isso é que é um bom livro! – disse o Sr. Gillenormand.

– Quinhentos e oitenta e quatro mil francos! – murmurou a Srta. Gillenormand.

– Isso soluciona muitos problemas, não é, Srta. Gillenormand? – replicou o avô. – Esse diabo de Marius desencantou na árvore dos sonhos uma mocinha milionária! Fie-se a gente nos namoricos dos jovens! Os estudantes encontram estudantes de seiscentos mil francos. Querubim trabalha melhor que Rothschild. [110]

– Quinhentos e oitenta e quatro mil francos! – repetia à meia-voz a Srta. Gillenormand. Quinhentos e oitenta e quatro! É o mesmo que dizer seiscentos mil!

Quanto a Marius e Cosette, entretidos como estavam em se contemplarem não pareciam interessados nesse detalhe.

V | É PREFERÍVEL DEPOSITAR DINHEIRO EM DETERMINADA FLORESTA A DEPOSITÁ-LO EM CASA DO TABELIÃO

Sem dúvida já compreenderam, sem que haja necessidade de largas explicações, que Jean Valjean, depois do caso Champmathieu, conseguira, graças à primeira evasão de alguns dias, chegar a Paris e retirar a tempo do banco Laffitte a soma por ele economizada, sob o nome de Sr. Madeleine, em Montreuil-sur-Mer, e que, temendo ser preso novamente, o que realmente aconteceu pouco tempo depois, escondera essa soma no bosque de Montfermeil, na clareira Blaru. A quantia, seiscentos mil francos, toda em notas do banco, tinha pouco volume e estava fechada numa caixa; porém, para preservá-la da umidade, colocara-a dentro de um cofre de carvalho cheio de aparas de castanheiro. No mesmo cofre, guardara outro tesouro, os castiçais do Bispo. Como sabemos, levara-os consigo ao fugir de Montreuil-sur-Mer. O homem visto uma noite, pela primeira vez, por Boulatruelle, era Jean Valjean. Mais tarde, cada vez que Jean Valjean precisava de dinheiro, ia buscá-lo na clareira Blaru. Essa a razão das ausências de que já falamos. Ele tinha uma picareta escondida no mato, em esconderijo conhecido só por ele. Quando soube da convalescença de Marius, sentindo que havia chegado a hora em que o dinheiro poderia ser útil, foi buscá-lo; era ele ainda que

Boulatruelle vira no interior do bosque, mas dessa vez de manhã e não de noite. Boulatruelle herdou-lhe a picareta.

A soma real era de quinhentos e oitenta e quatro mil e quinhentos francos. Jean Valjean retirou quinhentos francos para ele. “Mais tarde veremos”, pensou.

A diferença entre essa quantia e os seiscentos e trinta mil francos retirados do banco Laffitte representavam a despesa de dez anos, de 1823 a 1833. Os cinco anos passados no convento não lhe custaram mais do que cinco mil francos.

Jean Valjean colocou os dois castiçais de prata em cima da lareira, onde brilharam para grande admiração de Toussaint.

Quanto ao mais, Jean Valjean sentia-se livre de Javert. Contaram-lhe, e ele pôde verificar o fato no *Moniteur*, que um Inspetor de Polícia chamado Javert fora encontrado sem vida debaixo de um barco de lavadeiras, entre a Pont au Change e a Pont Neuf, e que um bilhete deixado por esse homem, aliás irrepreensível e muito estimado pelos superiores, fazia crer num acesso de alienação mental e num suicídio.

– De fato – pensou Jean Valjean –, desde que, tendo-me nas mãos, me deixou em liberdade, era mesmo preciso que estivesse louco.

VI | OS DOIS VELHOS FAZEM TUDO, CADA UM A SEU MODO, PARA QUE COSETTE SEJA FELIZ

Preparou-se tudo o que era necessário para o casamento. O médico, consultado, declarou que poderia ser celebrado em fevereiro. Estavam em dezembro. Algumas encantadoras semanas de perfeita felicidade passaram bem depressa. O menos feliz não era o avô. Ele ficava durante quartos de hora em contemplação diante de Cosette.

– Menina admirável! – exclamava. – E parece tão meiga, tão boa! Não há o que dizer, minha amiga, meu coração: é a menina mais encantadora que eu vi em toda a minha vida. Mais tarde, terá virtudes com odor de violetas. É uma graça! Com semelhante criatura só é possível viver nobremente. Marius, meu rapaz, você é Barão, é rico, não torne a advogar, eu lhe suplico.

Cosette e Marius haviam passado bruscamente do sepulcro ao paraíso. A transição havia sido tão rápida que os teria atordoado se não os tivesse deslumbrado.

– Você está compreendendo alguma coisa de tudo isso? – dizia Marius a

Cosette.

– Não – respondia Cosette –, mas acho que Deus está cuidando de nós.

Jean Valjean fez tudo, ajeitou tudo, conciliou tudo, tornou tudo mais fácil. Apressava-se para a felicidade de Cosette com tanto mais solicitude, e aparentemente, com tanto mais alegria que a própria Cosette.

Como havia sido *Maire*, soube resolver um problema delicado, cujo segredo somente ele conhecia: o estado civil de Cosette. Dizer claramente sua origem, quem sabe?, poderia impedir o casamento. Tirou-a, portanto, de todas as dificuldades. Arrumou-lhe uma família já extinta, um meio seguro para não incorrer em nenhuma reclamação. Cosette era o único membro que ainda restava; não era filha dele, mas de outro Fauchelevent. Dois irmãos Fauchelevent haviam sido jardineiros no convento de Petit-Picpus. No convento, receberam as melhores informações e os mais respeitosos testemunhos; as boas religiosas, pouco aptas e pouco inclinadas a sondar questões de paternidade, sem malícia, jamais puderam saber ao certo de qual Fauchelevent a pequena Cosette era filha. Disseram tudo o que se queria e o fizeram com ênfase. Lavrou-se um auto de notoriedade e Cosette tornou-se diante da lei a Srta. Eufrásia Fauchelevent. Foi declarada órfã de pai e mãe. Jean Valjean arranjou tudo de modo a ser designado, sob o nome de Fauchelevent, como tutor de Cosette, com o Sr. Gillenormand como protutor.

Quanto aos quinhentos e oitenta e quatro mil francos, era um legado deixado a Cosette por uma pessoa já falecida que desejava ficar incógnita; o legado primitivo era de quinhentos e noventa e quatro mil francos, mas dez mil francos haviam sido gastos para a educação da Srta. Eufrásia, tendo sido pagos cinco mil francos ao próprio convento. Esse legado, colocado em mãos de um terceiro, deveria ser entregue a Cosette por ocasião de sua maioridade ou de seu casamento. Todo esse conjunto era bastante aceitável, como se vê, sobretudo com o apoio de mais de meio milhão. É verdade que havia aqui e ali certas singularidades, mas ninguém deu por elas; um dos interessados tinha os olhos vendados pelo amor, os outros estavam cegos pelos seiscentos mil francos…

Cosette soube que não era filha daquele bom senhor que por tanto tempo chamara de pai. Ele era apenas um parente; outro Fauchelevent era o seu pai verdadeiro. Em qualquer outra ocasião essa descoberta a teria desconsolado. Mas, na hora inefável por que passava, não foi mais que uma sombra, um ligeiro escurecimento, e sua alegria era tanta que essa nuvem durou pouco. Ela possuía Marius. O jovem chegava, o velho desaparecia; assim é a vida.

Além disso, Cosette tinha-se habituado, havia longos anos, a ver a seu redor

tantos enigmas; toda criatura de infância misteriosa está sempre preparada para certas renúncias. Por isso, continuou a chamar Jean Valjean de pai.

Cosette, em êxtase, sentia-se entusiasmada com o Sr. Gillenormand. É verdade que ele a cumulava de madrigais e de presentes. Enquanto Jean Valjean criava para Cosette uma situação normal na sociedade, o Sr. Gillenormand cuidava do enxoval. Nada o divertia tanto quanto mostrar-se generoso. Dera a Cosette um vestido de rendas de Binche que pertencera à sua avó.

– Essas modas voltam – dizia ele –, as velharias fazem furor e as moças da minha velhice se vestem como as velhas da minha infância.

E esvaziava as respeitáveis cômodas de laca de Coromandel de frentes bojudas que, havia anos, permaneciam fechadas. – Confessemos essas matronas – dizia ele –; vejamos o que têm nesse bandulho. – E violava ruidosamente as gavetas obesas cheias de toaletes de todas as suas mulheres, de todas as suas amantes e ancestrais. Pequins, damascos, lustrinas, chamalotes pintados, vestidos de seda de Tours, lenços da Índia bordados com ouro lavável, delfinas sem avesso ainda em peças, bordados de Gênova e de Alençon, adornos de ourivesaria antiga, bomboneiras de marfim enfeitadas de batalhas microscópicas, alfaias, fitas, tudo ele dava a Cosette. Cosette, maravilhada, perdida de amor por Marius, deslumbrada de reconhecimento pelo Sr. Gillenormand, sonhava com uma felicidade sem limites, vestida de cetins e veludos. Seu enxoval parecia carregado por serafins. Sua alma elevava-se no azul com as asas de rendas de Malines.

A embriaguez dos namorados não era igualada, como já dissemos, senão pelo êxtase do avô. Na Rue des Filles-du-Calvaire, havia como que uma fanfarra.

Certa manhã, nova oferta de raridades do avô a Cosette. Todos os falbalás possíveis se espalhavam esplendidamente ao seu redor.

Um dia, Marius, que de bom grado falava sobre coisas sérias em meio a tamanha felicidade, disse a propósito de não sei qual incidente:

– Os homens da revolução são de tal modo grandes que já têm o prestígio dos séculos, como Catão e como Fócio, e cada um deles se parece a uma *mémoire antique*.[111]

– *Moire antique!* – exclamou o velho. – Obrigado, Marius. É precisamente a ideia que eu procurava.

E, no dia seguinte, um magnífico vestido de *moire* antigo, cor de chá, se juntou ao enxoval de Cosette.

O avô Gillenormand extraía sabedoria de todos aqueles farrapos.

– O amor está bem; mas isso aqui também é indispensável. A felicidade não pode abster-se do inútil. A felicidade é apenas o necessário. É preciso condimentá-la abundantemente com o supérfluo. Um palácio e o seu coração. O seu coração e o Louvre. O seu coração e os grandes lagos de Versalhes. Deem-me a minha pastora e transformem-na em duquesa. Tragam-me Fílis coroada de centávreas e acrescentem-lhe cem mil francos de renda.[112] Uma bucólica a perder de vista sob uma colunata de mármore. Concordo com a bucólica, como com um encantamento de ouro e de mármore. A felicidade seca assemelha-se ao pão seco. Come-se, mas não se almoça. Eu quero o supérfluo, o inútil, o extravagante, o mais, o que não serve para nada. Lembro-me de ter visto na catedral de Strasbourg um relógio alto como uma casa de três andares para marcar as horas, que nos fazia a gentileza de marcá-las, mas que não tinha sido construído para tal; depois de ter dado meio-dia ou meia-noite – meio-dia, hora do sol, meia-noite, hora do amor – ou qualquer outra hora que queiram, dava-lhes a lua e as estrelas, a terra e o mar, os passarinhos e os peixes, Febo e Febe, e uma enfiada de coisas que saíam de um nicho: os doze apóstolos, o Imperador Carlos V, Eponine e Sabino, e ainda por cima uma turma de homenzinhos dourados que tocavam trombeta.[113] Sem contar os repiques festivos que espalhavam no ar por qualquer razão, sem que a gente soubesse por quê. Um pobre quadrante lavado, que só diz as horas, tem o mesmo valor? Eu sou do mesmo parecer do relógio de Strasbourg, e o prefiro ao cuco da Floresta Negra.

O Sr. Gillenormand divagava especialmente a respeito das núpcias, e todas as ideias do século XVIII passavam confusamente pelos seus ditirambos.

– Vocês desconhecem a arte das festas; atualmente, não sabem como fazer um dia de alegria – exclamava. – Este século XIX é fraco. Faltam-lhe excessos. Ignora o que é rico, ignora o que é nobre. Em tudo é absolutamente mesquinho. Seu terceiro estado é insípido, incolor, inodoro, informe. Como dizem, estes são os sonhos das burguesias que se estabelecem: um toucador decorado de novo, todo de palissandra e chitas. Afastem-se! Afastam-se! O Sargento Sovina se casa com a Senhorita Usura! Suntuosidade e esplendor! Um luís de ouro grudado numa vela. Eis a época. Peço licença para fugir para além de Sarmates. Ah! desde 1787 eu predisse que tudo estava perdido, no dia em que vi o Duque de Rohan, Duque de Chabot, Duque de Montbazon, Marquês de Soubise, Visconde de Thonars, Par da França, ir a Longchamps de *tapecul*! [114] Isso deu seus frutos. Nesse século, fazem-se negócios, joga-se na Bolsa, ganha-se dinheiro e é-se avarento. Cuida-se e enverniza-se a superfície; anda-se engomado, lavado, ensaboado, limpo, barbeado, penteado, encerado, lustrado, besuntado, escovado,

asseado por fora, irrepreensível, polido como uma pedra, discreto, bem-vestidinho e, ao mesmo tempo – com a breca! – tem-se no fundo a consciência dos monturos e das cloacas, capaz de fazer recuar uma vaqueira que limpa o nariz nas mãos. Eu outorgo a esta época a seguinte divisa: limpeza porca. Marius, não se acanhe, dê-me licença para falar; como vê, não falo mal do povo, estou com a boca cheia desse seu povo, mas concorde em que eu dê umas palmadinhas na burguesia. Como ia dizendo, quem ama bem açoita bem. Por isso, afirmo claramente: hoje ainda há casamentos, mas ninguém sabe se casar. Ah! é verdade, tenho saudade da gentileza dos costumes antigos. Tenho saudade de tudo. Aquela elegância, aquele cavalheirismo, aqueles modos corteses e delicados, o luxo brilhante de cada um, a música como parte integrante das bodas, sinfonia no alto, pandeiros embaixo, as danças, os rostos alegres à mesa, madrigais alambicados, canções, fogos de artifício, risadas francas, o diabo com todas as suas diabruras, os grandes laços de fita… Tenho saudade da liga da noiva. A liga da noiva é prima do cinto de Vênus. Qual a causa da guerra de Troia? Ora, a liga de Helena. Por que se combate? Por que Diomedes, o divino, despedaça contra a cabeça de Merioneu o grande capacete de bronze com dez pontas? Por que Aquiles e Heitor se debicam a lançadas? Não: por que Helena deixou que Páris lhe roubasse a liga? Com a liga de Cosette Homero faria a *Ilíada*. Poria em seu poema um velho prosa como eu e o chamaria de Nestor.[115] Meus amigos, outrora, nesse querido outrora, casava-se sabiamente; fazia-se um bom contrato e depois uma bela festança. Logo que Cujas saía, Gamacho entrava.[116] Mas – com a fortuna! – o estômago é um animal agradável que exige o que lhe é devido, e que também quer ter suas núpcias. Jantava-se bem, e tinha-se à mesa uma bela vizinha sem véu que escondia os seios com muita moderação! Oh! as bocas sorridentes! Como se era alegre naqueles tempos! A juventude era um buquê; todo rapaz terminava num ramo de lilás ou num punhado de rosas; quem era guerreiro transformava-se em pastor, e se por acaso alguém era Capitão dos dragões, achava meios de se chamar Floriano. Todos cuidavam de aparecerem bonitos, cobrindo-se de bordados e de púrpura. O burguês parecia uma flor, o marquês assemelhava-se a uma joia. Não havia presilhas nem botinas. Era-se elegante, polido, frisado, com reflexos dourados, esvoaçante, delicado, encantador, o que não impedia ninguém de carregar a espada ao lado. O colibri tem bico e unhas: era o tempo das *Indes Galantes*.[117] Uma das faces do século era a delicadeza, outra a magnificência; e, com os diabos, a gente se divertia. Hoje todo mundo é sério. O burguês é avarento, a burguesia é hipócrita; o século de vocês é um desastre. Seria capaz de expulsar

as Graças por andarem muito decotadas. Esconde-se a beleza como se se tratasse de uma deformidade. Depois da revolução todo mundo usa calças, até mesmo as dançarinas; elas também precisam ser circunspectas; as danças de hoje devem ser doutrinárias. Majestosidade, acima de tudo. Ficaria muito envergonhado quem não trouxesse o queixo escondido na gravata. O ideal do moleque de vinte anos ao se casar é assemelhar-se ao Senhor Royer Collard.[118] E sabem a que se chega com essa majestade? A ser pequeno. Aprendam isto: a alegria não é somente alegre; é grande. Então, amem-se alegremente – que diabo! –, casem-se, portanto, com a febre e a vertigem, a algazarra e o caos da felicidade! Seriedade, só na igreja. Mas logo que termine a missa – viva! – dever-se-ia envolver a jovem esposa num turbilhão de sonho. Um casamento deve ser real e quimérico; o cerimonial deve passar da catedral de Reims ao pagode de Chanteloup. Tenho horror de casamentos insignificantes. Por Baco! transportem-se ao Olimpo, pelo menos nesse dia. Sejam deuses. Ah! podiam ser silfos, divindades dos jogos e do riso, argiráspides, e não passam de bobos! Meus amigos, todo recém-casado deve ser o Príncipe Aldobrandini.[119] Aproveitem esse minuto único da vida para voarem com os cisnes e as águias no empíreo, embora com o perigo de despencar no dia seguinte para a burguesia das rãs. Não economizem no himeneu, não lhe diminuam o esplendor; não sejam mesquinhos no dia em que devem brilhar. As núpcias não são a vida doméstica. Oh! se eu pudesse fazer de acordo com a minha fantasia, ela seria elegante; ouvir-se-iam violinos pelas árvores. Eis o meu programa: azul-celeste e prata. Eu convidaria para a festa as divindades agrestes, convocaria as dríades e as nereidas. As bodas de Anfitrite, uma nuvem cor-de-rosa, ninfas de lindos penteados completamente nuas, um acadêmico oferecendo quadras à deusa, um carro puxado por monstros marinhos.[120]

Triton trottait devant, et tirait de sa conque Des sons si ravissants qu'il ravissait quiconque! [121]

– Eis um programa de festa, ou eu não me reconheço, bolas!

Enquanto o avô, em plena efusão lírica, ouvia a si mesmo, Cosette e Marius se embriagavam, fitando-se sem embaraço.

A Srta. Gillenormand contemplava tudo aquilo com sua placidez imperturbável. Havia cinco ou seis meses sentia certa quantidade de emoções: a volta de Marius, Marius ensanguentado, Marius trazido de uma barricada, Marius morto, depois vivo, Marius reconciliado, Marius noivo, Marius casando-se com uma pobrezinha, Marius casando-se com uma milionária. Os seiscentos mil francos tinham sido a sua última surpresa. Depois, voltou-lhe a indiferença

de primeira comungante. Ia regularmente aos ofícios divinos, desfiava seu rosário, lia seu eucológio, cochichava *Ave-Marias* num canto da casa enquanto, noutro canto, cochichavam *I love you*, e, vagamente, via Marius e Cosette como duas sombras. A sombra era ela.

Há certo estado de ascetismo inerte em que a alma, neutralizada pelo entorpecimento, estranha ao que poderíamos chamar de ocupação de viver, não percebe, à exceção dos tremores de terra e das catástrofes, nenhuma das impressões humanas, nem as agradáveis nem as desagradáveis. – Essa devoção – dizia o velho Gillenormand à filha – corresponde ao defluxo do cérebro. Você não sente coisa alguma da vida. Não sente o mau cheiro, mas também não sente os perfumes.

Quanto ao mais, os seiscentos mil francos haviam colocado um ponto final nas indecisões da Srta. Gillenormand. O pai tomara o hábito de lhe dar tão pouca importância que nem sequer a consultara ao dar consentimento para o casamento de Marius. Agira arrebatadamente, como era seu costume; não tendo, déspota transformado em escravo, senão um pensamento: agradar a Marius. Quanto à tia, pois havia uma tia, e poderia ter sido avisada, nem sequer pensara e, dócil como era, isso a magoara. Um tanto revoltada interiormente, embora exteriormente impassível, ela pensava assim: “Meu pai resolveu a questão do casamento sem me consultar; eu resolverei a questão da herança sem consultá-lo”. Ela, com efeito, era rica e seu pai não. A esse respeito reservou para si a decisão. É provável que, se o casamento fosse pobre, ela o teria deixado pobre. Pior para o Sargento meu sobrinho! Se ele se casa com uma esfarrapada, que fique também esfarrapado. Mas o meio milhão de Cosette agradou à tia e mudou-lhe a situação interior a respeito do par de enamorados. Deve-se ter consideração com seiscentos mil francos, e era evidente que ela não poderia agir de outro modo senão deixando a própria fortuna para aqueles jovens, já que não precisavam mais.

Ficou combinado que o casal moraria com o avô. O Sr. Gillenormand fez questão absoluta de ceder-lhe o quarto, o mais bonito de toda a casa. – Isso me tornará mais jovem – declarou ele. – É um antigo projeto meu. Sempre tive a ideia de celebrar bodas no meu quarto.

Enfeitou-o com vários bibelôs galantes. Mandou forrá-lo de novo com uma peça de tecido extraordinário que ele julgava de Utrecht, fundo acetinado, botões de ouro, flores de veludo imitando orelhas de urso.

– Desse tecido – dizia ele – eram os cortinados da cama da Duquesa de Anville, no castelo de La Roche-Guyon.

Em cima da lareira, colocou uma estatueta de Saxe cobrindo o ventre nu com um regalo.

A biblioteca do Sr. Gillenormand transformou-se no escritório de advocacia de que Marius necessitava; como sabemos, o conselho da ordem exigia um escritório conveniente.

VII | EFEITOS DO SONHO ALIADO À FELICIDADE

O casal de namorados via-se todos os dias. Cosette chegava na companhia do Sr. Fauchelevent. – Está tudo de pernas para o ar – dizia a Srta. Gillenormand –; a noiva vir a domicílio para fazer-se cortejar desse modo. – Mas a convalescença de Marius formara o hábito, e as poltronas da rua des Filles-du-Calvaire, mais adaptadas aos colóquios que as cadeiras de palha da rua de l'Homme-Armé, tinham-no enraizado. Marius e o Sr. Fauchelevent se viam, mas não conversavam. Parecia que tinham convencionado assim. Toda moça tem necessidade de um acompanhante, e Cosette não poderia vir sem o Sr. Fauchelevent. Para Marius, o Sr. Fauchelevent era a condição de Cosette. Ele aceitava. Tratando vagamente, e sem muitos pormenores, assuntos de caráter político, do ponto de vista do melhoramento do nível da vida em geral, chegavam a dizer pouco mais que sim ou não. Uma vez, a respeito do ensino, que Marius queria gratuito e obrigatório, multiplicado sob todas as formas, prodigalizado a todos como o ar e o sol, numa palavra, respirável a todo o povo, puseram-se de acordo e quase chegaram a conversar. Marius notou nessa ocasião que o Sr. Fauchelevent falava bem, e até com certa linguagem elevada. Faltava-lhe contudo alguma coisa. Ele tinha algo de menos que um homem do mundo, e, ao mesmo tempo, algo de mais.

Marius, interiormente e no fundo de seu pensamento, cercava de todo tipo de perguntas mudas aquele Sr. Fauchelevent que era para ele simplesmente delicado e frio. Havia momentos em que duvidava das próprias recordações. Na sua memória havia uma falha, um ponto negro, um abismo cavado por quatro meses de agonia. Muitas coisas se tinham perdido. Perguntava a si mesmo se era verdade que vira o Sr. Fauchelevent, homem tão sério e calmo, nas barricadas.

Aliás, não era essa a única admiração que as aparições e desaparições do passado lhe haviam gravado no espírito. Nem devia acreditar que algum dia se veria livre de todas essas obsessões da memória que nos forçam, mesmo felizes, mesmo satisfeitos, a olhar melancolicamente para trás. A cabeça que não se volta

para horizontes já extintos não contém nem pensamento nem amor. Por momentos, Marius descansava o rosto entre as mãos e o passado tumultuoso e vago lhe atravessava o crepúsculo que havia no seu cérebro. Tornava a ver Mabeuf cair morto, tornava a ouvir as canções de Gavroche sob a metralha, tornava a sentir sob os lábios a fronte gélida de Eponine; Enjolras, Courfeyrac, Jean Prouvaire, Combeferre, Bossuet, Grantaire, todos os seus amigos surgiam-lhe em frente e depois se dissipavam. Todos aqueles seres queridos, sofredores, valentes, encantadores ou trágicos, seriam simples sonhos? Teriam realmente existido? A revolta envolvia tudo em fumaça. As grandes febres têm grandes sonhos. Interrogava-se, apalpava-se, sentia a vertigem de tantas realidades desaparecidas. Onde estavam agora? Era mesmo verdade que tudo estava morto? Uma queda nas trevas levara tudo de envolta, exceto ele, Marius. Tudo aquilo parecia ter desaparecido como que por trás de uma cortina de teatro. A vida tem desses panos que se fecham. Deus passa ao ato seguinte.

Ele próprio seria o mesmo homem? Ele, pobre, era agora rico; abandonado, possuía agora uma família; desesperado, ia esposar Cosette. Julgava ter passado pelo interior de um túmulo; entrara negro, saíra branco, e os outros lá ficaram. Em certos momentos, todos aqueles amigos do passado se tornavam presentes, e o cercavam, enchendo-o de tristeza; então pensava em Cosette e voltava-lhe a serenidade; somente tamanha felicidade seria capaz de apagar tão grande catástrofe.

O Sr. Fauchelevent quase se incluíra entre tantos desaparecidos. Marius hesitava em acreditar que o Fauchelevent da barricada fosse o mesmo que aquele Fauchelevent em carne e osso, tão circunspecto sentado ao lado de Cosette. O primeiro era provavelmente um daqueles pesadelos causados por momentos de delírio. Aliás, como tinham naturezas completamente opostas, nenhuma pergunta era possível entre Marius e o Sr. Fauchelevent. Nem mesmo teve semelhante ideia. Já fizemos notar esse pormenor característico.

Dois homens que têm um segredo comum, e que, por uma espécie de acordo tácito, não trocam uma palavra a esse respeito, é coisa menos rara do que se imagina. Somente uma vez Marius tentou fazer uma experiência. Desviou o assunto para a Rue de la Chanvrerie, e, voltando-se para o Sr. Fauchelevent, lhe disse:

– O senhor conhece bem essa rua?

– Que rua?

– A Rue de la Chanvrerie.

– Não tenho nenhuma ideia a respeito desse nome – respondeu o Sr. Fauchelevent no tom mais natural do mundo.

A resposta, que tratava do nome da rua e não da própria rua, pareceu a Marius mais concludente do que realmente era.

“Sem dúvida alguma”, pensava ele, “devo ter sonhado. Tive uma alucinação. Era alguém parecido. O Sr. Fauchelevent é que não poderia ser.”

VIII | DOIS HOMENS IMPOSSÍVEIS DE ENCONTRAR

O encantamento, por maior que fosse, não apagou outras preocupações do espírito de Marius. Enquanto se preparava o casamento, à espera da data marcada, ele determinou que se fizessem escrupulosas e difíceis buscas retrospectivas.

Tinha uma dívida de gratidão por diversos motivos: pela parte do pai e por si próprio. Havia Thénardier, e o desconhecido que o carregara até a casa do Sr. Gillenormand. Marius esforçava-se por encontrar esses dois homens, não querendo absolutamente casar-se, ser feliz e esquecê-los, temendo que as dívidas do dever não pagas lhe ensombreassem a vida, agora cheia de luz. Era-lhe impossível deixar todo aquele passado de sofrimentos para trás, e queria, antes de entrar alegremente no futuro, estar quite com o passado.

Embora Thénardier fosse um criminoso, nem por isso deixava de ser o salvador da vida do Coronel Pontmercy. Thénardier era um bandido para todo mundo, exceto para Marius. E Marius, ignorando a verdadeira cena do campo de batalha de Waterloo, desconhecia essa particularidade: seu pai estava para com Thénardier na estranha situação de lhe dever a vida sem que ele, Marius, lhe devesse reconhecimento.

Nenhum dos diversos agentes de que Marius se servira conseguiu achar a pista de Thénardier. Parecia ter desaparecido por completo. Mme. Thénardier morrera na prisão durante a instrução do processo. Thénardier e sua filha Azelma, os únicos que deviam ainda restar daquele grupo lamentável, tinham novamente mergulhado na sombra. O sorvedouro do desconhecido social fechara-se silenciosamente sobre eles. Não se viam, nem mesmo à superfície, o frêmito, o tremor, os obscuros círculos concêntricos que anunciam que alguma coisa caiu ali, indicando o lugar em que se deve lançar a sonda.

Com a morte de Mme. Thénardier, com Boulatruelle fora do caso, com o desaparecimento de Claquesous, com a fuga da prisão dos principais acusados, o

processo da cilada do pardieiro Gorbeau praticamente tinha abortado. O caso continuou bastante obscuro. O banco dos réus teve de se contentar com dois subalternos, Panchaud, conhecido por Printanier ou Bigrenaille, e Demi-Liard, chamado Deux-Milliards, condenados contraditoriamente a dez anos de galés. A pena de trabalhos forçados por toda a vida foi pronunciada contra seus cúmplices evadidos e reincidentes. Thénardier, chefe e instigador do crime, foi, também por reincidência, condenado à morte. Essa sentença era a única coisa que restava de Thénardier, lançando sobre esse nome sepultado um clarão sinistro como uma vela ao lado de um esquife. Além disso, rechaçando Thénardier o quanto possível pelo medo de ser novamente capturado, essa condenação aumentava o mistério tenebroso que cobria esse homem.

Quanto ao outro, o desconhecido que salvara a vida de Marius, as buscas tiveram a princípio algum resultado, momentâneo porém. Conseguiu-se identificar o fiacre que levara Marius até a Rue des Filles-du-Calvaire na noite de 6 de junho. O cocheiro declarou que no dia 6 de junho, por ordem de um Agente de Polícia, ele “estacionara”, desde as três horas da tarde até a noite, no Quai des Champs-Élysées acima da embocadura do Grande Esgoto; que, pelas nove horas da noite, a grade do esgoto que dá para as margens do Sena fora aberta, dando passagem a um homem que carregava aos ombros outro homem aparentemente morto; que o Agente de Polícia, em observação no local, prendera o homem vivo e se encarregara do morto; que, a mandado do Agente, ele, o cocheiro, levou “toda aquela gente” em seu fiacre; que se dirigiram primeiramente para a Rue des Filles-du-Calvaire, lá deixando o cadáver; que o morto chamava-se Marius, e que ele, o cocheiro, o reconhecia muito bem, embora,“dessa vez”, estivesse vivo; que em seguida tornara a subir à carruagem e fustigara os cavalos; que a alguns passos da porta dos Archives deram-lhe ordem para parar; que ali pagaram-no e o despediram, levando o Agente de Polícia o outro homem consigo; que nada mais sabia dizer; que a noite estava muito escura.

Marius, como dissemos, não se lembrava de coisa alguma. Lembrava-se somente de ter sido agarrado nas barricadas por trás por mãos enérgicas no momento preciso em que ia cair de costas; depois, nada mais vira. Não recobrara os sentidos senão em casa do Sr. Gillenormand.

Marius perdia-se em mil e uma conjecturas. Não podia duvidar da própria identidade. Como, então, tendo caído na Rue de la Chanvrerie, fora encontrado pelo Agente de Polícia nas margens do Sena, próximo à Pont des Invalides? Alguém deveria tê-lo carregado de Les Halles até o Champs-Élysées. E como?

Pelo esgoto. Devotamento inaudito! Alguém? Quem poderia ter sido?

Esse era o homem que Marius procurava. Mas não havia traço algum desse homem que era o seu salvador; nenhum vestígio, o mínimo indício.

Marius, embora obrigado por esse lado a uma grande reserva, levou essas pesquisas até a delegacia de polícia. Lá, como em outros lugares, as informações conseguidas não levaram a nenhum esclarecimento. A polícia sabia menos ainda do que o cocheiro do fiacre. Não tinham conhecimento de nenhuma prisão efetuada no dia 6 de junho na embocadura do Grande Esgoto; a esse respeito, não haviam recebido nenhum relatório, chegando mesmo a encarar tal fato como fábula, cuja invenção era atribuída ao cocheiro. Um cocheiro, quando quer gorjeta, é capaz de tudo, mesmo de imaginação. O fato, contudo, era certo, e Marius não podia ter dúvidas, a menos que duvidasse da própria identidade, como acabamos de dizer. Tudo, nesse estranho enigma, era inexplicável.

Esse homem, o misterioso homem que o cocheiro havia visto sair do interior do Grande Esgoto carregando às costas Marius desfalecido, e que o Agente de Polícia à espreita prendera em flagrante delito, salvando um insurrecto, que acontecera com ele? Que acontecera com o próprio Agente de Polícia? Por que guardou silêncio? Teria o homem conseguido fugir ou teria subornado o Agente? Por que esse homem não dava sinal de vida a Marius, que lhe devia tudo? Esse desinteresse não era menos prodigioso que seu devotamento. Por que esse homem não aparecia? Com certeza estava acima de qualquer recompensa, mas ninguém está acima do reconhecimento. Teria morrido? Quem seria? Como seria? Ninguém poderia dizê-lo. O cocheiro respondia: – A noite estava muito escura. – Basco e Nicolette, atarantados, não viram nada além do jovem senhor coberto de sangue. O porteiro, cuja vela iluminava a trágica chegada de Marius, fora o único que notara o homem em questão, e eis os sinais que dava dele: – Era um homem medonho!

Na esperança de obter esclarecimentos para suas pesquisas, Marius mandou que guardassem as roupas ensanguentadas que vestia quando o carregaram para a casa do avô. Examinando o casaco, notou que estava rasgado de modo estranho, pois lhe faltava um pedaço.

Uma noite, Marius falava, diante de Cosette e de Jean Valjean, a respeito de toda a singular aventura das inúmeras informações que havia tomado e da inutilidade de seus esforços. O semblante frio do “Sr. Fauchelevent” o impacientava. Exclamou, então, com a vivacidade que tinha quase a vibração da cólera:

– Não há dúvida; esse homem, seja lá quem for, foi sublime. Sabe o senhor o

que ele fez? Ele interveio como um arcanjo. Foi preciso que se lançasse ao combate, que me carregasse, abrisse o esgoto e me arrastasse até aqui! Teve de andar mais de uma légua e meia por horríveis galerias subterrâneas, curvado, dobrado, vergado no meio da escuridão, em plena cloaca, mais de uma légua e meia, senhor, com um cadáver às costas! E com que finalidade? Com o único desejo de salvar um cadáver, que era eu. Ele deve ter pensado: “Talvez ele tenha ainda uma fagulha de vida; vou arriscar a minha própria existência por esta miserável fagulha!”. E não a arriscou somente uma vez, mas vinte vezes! Cada passo era um perigo. A prova está que, ao sair do esgoto, foi preso. Sabe, senhor, que esse homem fez tudo isso sem esperar por nenhuma recompensa? Quem era eu? Um revoltoso. Quem era eu? Um vencido. Oh! se os seiscentos mil francos de Cosette fossem meus!…

– E são seus – interrompeu Jean Valjean.

– Pois bem – replicou Marius –, dá-los-ia para encontrar esse homem!

Jean Valjean manteve-se calado.

LIVRO SEXTO
A NOITE BRANCA

I | 16 DE FEVEREIRO DE 1833

A noite de 16 para 17 de fevereiro de 1833 foi uma noite abençoada. Acima de sua sombra havia um céu aberto. Foi a noite de núpcias de Marius e de Cosette. [122]

O dia tinha sido adorável.

Não fora a festa azul sonhada pelo avô, uma *féerie*, uma confusão de querubins e de cupidos sobre a cabeça dos recém-casados, um casamento digno de ser pintado no arco de uma porta; porém, fora suave e risonho.

Os casamentos não eram em 1833 como são atualmente. A França não tinha ainda imitado a Inglaterra nessa delicadeza suprema de raptar a esposa e fugir ao sair da igreja, de se esconder com vergonha da própria felicidade, e combinar os modos de um malandro com os arrebatamentos do *Cântico dos cânticos*.[123] Não se havia ainda compreendido tudo o que há de casto, de delicioso e decente em sacudir o próprio paraíso numa carruagem, em entrecortar o mistério com estalos de chicote, em tomar como leito nupcial uma cama de albergue, deixando atrás de si, na alcova banal a tanto por noite, a mais sagrada das recordações da vida de envolta com os palpites dos cocheiros e os comentários.

Nessa segunda metade do século XIX em que estamos, o *Maire* e sua faixa, o padre e sua casula, a lei e Deus, não bastam mais; devem ser completados pelo postilhão de Longjumeau;[124] jaqueta azul com bandas encarnadas e botões de guizo, condecoração na braçadeira, calções de pelica verde, pragas contra os cavalos normandos de caudas atadas, galões falsos, chapéu de oleado, longos cabelos empoados, chicote enorme e botas pesadas. A França não leva ainda a elegância, como a *nobility* inglesa, ao extremo de fazer chover sobre a caleche dos noivos uma saraivada de chinelos acalcanhados e de sapatos velhos, em lembrança de Churchill, mais tarde Marlborough, ou Malbrouck, agredido no dia do casamento pela cólera de uma tia que lhe trouxe felicidade.[125] Os sapatos e os chinelos ainda não fazem parte de nossas celebrações nupciais, paciência; se o bom gosto continuar a se expandir, chegaremos lá. Em 1833, há cem anos, o

casamento não era feito a grande trote.

Nessa época, ainda se pensava, coisa estranha, que o casamento é uma festa íntima e social, que um banquete patriarcal não prejudica em nada uma solenidade doméstica, que a alegria, fosse embora excessiva, contanto que honesta, não faz mal algum à felicidade, e que, enfim, é venerável e bom que a fusão desses dois destinos, da qual sairá uma família, comece na própria casa, e que a vida doméstica tenha daí por diante como testemunha o leito nupcial. E tinham a falta de pudor de casar-se em casa.

O casamento, portanto, de acordo com essa moda atualmente caduca, foi feito na casa do Sr. Gillenormand.

Por mais natural e ordinário que seja o ato do casamento, a publicação dos banhos, os registros, a *Mairie*, a igreja, sempre trazem algum complicação. Somente em 16 de fevereiro é que os papéis estavam em ordem.

Ora, notamos esse detalhe pela pura satisfação de sermos exatos, 16 de fevereiro era carnaval. Hesitação, escrúpulos, particularmente da tia Gillenormand.

– Carnaval! – exclamou o avô –, tanto melhor. Há até um provérbio:

Mariage un mardi gras
N'aura point d'enfants ingrats.[126]

Não se incomodem. Seja no carnaval! Ou você quer transferir o casamento, Marius?

– Claro que não! – respondeu o noivo.

– Casemo-nos – disse o avô.

O casamento, portanto, foi realizado no dia 16, apesar da alegria geral. Chovia, mas há sempre no céu um cantinho azul a serviço da felicidade, que os amantes descobrem, mesmo quando o resto da criação fica debaixo de um guarda-chuva.

Na véspera, Jean Valjean, na presença do Sr. Gillenormand, entregara a Marius os quinhentos e oitenta e quatro mil francos. Como o casamento era celebrado no regime de comunhão de bens, os documentos eram simples.

Toussaint, agora, era inútil a Jean Valjean; Cosette herdou-a, promovendo-a ao grau de camareira. Quanto a Jean Valjean, havia na casa dos Gillenormand um belo quarto mobiliado especialmente para ele, e Cosette tanto o pedira que ele, a bem dizer, prometera mudar-se para ali.

Alguns dias antes da data marcada para o casamento, acontecera-lhe um acidente que por pouco não lhe esmagou o polegar da mão direita. Não era nada grave; porém ele não permitiu que ninguém o tratasse ou fizesse um curativo, ou visse o seu ferimento, nem mesmo Cosette. Isso, contudo, forçara-o a envolver a mão num pano e a descansá-la em uma tipoia, impedindo-o de assinar qualquer documento. O Sr. Gillenormand, como protutor de Cosette, substituíra-o.

Não levaremos o leitor nem à *Mairie* nem à igreja. Não se seguem dois namorados até esses lugares, segundo o costume de virar as costas ao drama apenas o noivo coloca um raminho à lapela. Limitar-nos-emos a anotar um incidente que, embora passasse despercebido aos nubentes, marcou o trajeto desde a Rue des Filles-du-Calvaire até a igreja Saint-Paul.

Por essa época, renovava-se o calçamento da extremidade norte da Rue Saint-Louis, que estava impedida a partir da Rue du Parc-Royal. Era impossível às carruagens ir diretamente até Saint-Paul. Foi preciso alterar o itinerário, e o mais fácil era cortar caminho pelo bulevar. Um dos convidados observou que, sendo carnaval, deveria haver grande ajuntamento de carruagens. – Por quê? – perguntou o Sr. Gillenormand. – Por causa dos mascarados. – Formidável! – disse o avô. – Vamos por lá. Estes jovens se casam, vão entrar na parte séria da vida. Ver um pouco os mascarados servir-lhes-á de preparo.

Seguiram pelo bulevar. Na primeira berlinda ia Cosette, a tia Gillenormand, o Sr. Gillenormand e Jean Valjean. Marius, ainda separado da noiva, de acordo com o costume, seguia na segunda carruagem. O cortejo nupcial, ao sair da Rue des Filles-du-Calvaire, misturou-se à longa procissão de carruagens que rodavam ininterruptamente da Madeleine à Bastilha e da Bastilha à Madeleine.

Era grande o número de máscaras. A chuva intermitente era inútil: Paillasse, Pantalon e Gille obstinavam-se em aparecer.[127] Em meio ao bom humor daquele inverno de 1833, Paris disfarçava-se de Veneza. Hoje em dia não se veem carnavais como aqueles. Como tudo o que existe é carnaval, não há mais carnaval.

As calçadas regurgitavam de gente, e as janelas enchiam-se de curiosos. Os terraços que coroam os peristilos dos teatros estavam carregados de espectadores. Além das fantasias, olhava-se o desfile, próprio do carnaval como de Longchamps, de veículos de todo tipo, fiacres, citadines, aranhas, carriolas, cabriolés, passeando em ordem, rigorosamente ligados uns aos às outros pelos regulamentos da polícia e como que encaixados em trilhos. Quem quer que se encontre num desses veículos é, ao mesmo tempo, espectador e espetáculo. Guardas policiais ao longo dos bulevares mantinham na devida ordem as duas

intermináveis filas paralelas, movendo-se em direções contrárias, vigiando, para que nada entravasse a dupla corrente que se dirigia, uma a vazante, outra a montante, uma para a Chaussée-d'Antin, outra para o Faubourg Saint-Antoine. As carruagens blasonadas dos pares de França e dos embaixadores ficavam no meio da rua, indo e vindo livremente. Alguns cortejos mais bonitos e alegres, principalmente o *Boeuf Gras*, tinham idêntico privilégio.[128] Em meio a toda essa alegria de Paris, a Inglaterra fazia estalar seu chicote; a carruagem de Lord Seymour, perseguida por um apelido popular, rodava ruidosamente.[129]

Na dupla fila, ao longo da qual os guardas municipais galopavam como cães pastores, modestas berlindas de famílias carregadas de tias e avós mostravam às portinholas alegres grupos de crianças fantasiadas, pierrôs de sete anos, pierretes de seis, encantadoras criaturinhas, certas de que faziam parte da alegria pública, compenetradas da dignidade de sua arlequinada, sérias como se fossem funcionários do Estado.

De quando em quando, surgia um embaraço em algum ponto da procissão de carruagens e uma e outra das duas filas paralelas parava até que o nó fosse desfeito; um só veículo desajustado bastava para paralisar todo o desfile. Depois, continuavam a rodar como antes.

As carruagens dos noivos estavam na fila que se dirigia à Bastilha ao longo do lado direito do bulevar. Na altura da Rue du Pont-aux-Choux, houve uma parada. Quase no mesmo instante, do outro lado, a fila que se dirigia para a Madeleine também parou. Justamente ali havia uma carruagem de mascarados.

Essas carruagens, ou melhor, aquelas carradas de mascarados são muito conhecidas pelos parisienses. Se faltassem a um carnaval ou à *mi-carême*, ouviam-se gracejos como este: – *Deve estar acontecendo alguma coisa. Provavelmente, alguma mudança de ministério.* – Um amontoado de Cassandras, de Arlequins e de Colombinas, balançando-se por cima dos transeuntes, todos os grotescos possíveis, desde o turco até o selvagem, Hércules carregando marquesas, peixeiras que fariam Rabelais tapar os ouvidos, assim como bacantes que fariam Aristófanes baixar os olhos, perucas de estopa, mantilhas cor-de-rosa, chapéus de mensageiros, óculos de palhaço, tricórnios de Janot [130] atormentados por uma borboleta, gritos, mãos nas ilhargas, poses atrevidas, ombros nus, rostos mascarados, impudor desenfreado, um caos de atrevimento conduzido por um cocheiro coberto de flores; eis o que é essa instituição.

A Grécia precisava do carro de Téspis, a França precisa do fiacre de Vadé. [131]

Tudo pode ser parodiado, até mesmo a paródia. A saturnal, careta da antiga beleza, chega, de deturpação em deturpação, ao nosso carnaval; e a bacanal, outrora coroada de pâmpanos, inundada de sol, mostrando seios de mármore numa seminudez divina, atualmente amolecida sob os andrajos molhados pela chuva, chama-se mascarado.

A tradição desses desfiles remonta aos mais velhos tempos da monarquia. As contas de Luís XI abonam ao bailio do palácio *vinte soldos turneses por três coches de mascarados nas ruas*. Hoje, esses montes de gente barulhenta fazem-se habitualmente transportar por algum velho churrião em cuja imperial se acumulam, ou então sobrecarregam com seu tumultuoso grupo um landau cujas capotas são abaixadas. Aboletam-se vinte numa carruagem de seis. Sentam-se na almofada do cocheiro, nos estribos, por cima das capotas, sobre os varais, até sobre os tirantes. Eles chegam inclusive a montar sobre as lanternas da carruagem. Ficam de pé, deitados, sentados, de cócoras, com as pernas balançando fora da boleia. As mulheres sentam-se nos joelhos dos homens. De longe, por cima desse formigamento de cabeças, vê-se-lhes a pirâmide enlouquecida. São montanhas de alegria no meio da turba. Collé, Panard e Piron delas emanam enriquecidos de gíria.[132] Cospe-se lá de cima, sobre o povo, o catecismo da vulgaridade. O fiacre, agigantado pela própria carga, toma ares de conquista. A Confusão o precede, o Tumulto o segue. Vocifera-se, vocaliza-se, urla-se, berra-se, retorcem-se de felicidade; a alegria se enrubesce, o sarcasmo flameja, a jovialidade se ostenta como um manto de púrpura; dois rocins carregam a apoteose da farsa; é o carro triunfal do Riso.

Riso cínico demais para ser franco. Com efeito, é um riso suspeito. Esse riso tem uma missão. Está encarregado de provar aos parisienses o carnaval.

Essas mascaradas vulgares, nas quais se sentem misteriosas trevas, obrigam o filósofo a pensar. O governo alia-se a elas. Toca-se ali com o dedo uma afinidade misteriosa entre os homens públicos e as mulheres públicas.

Que um amontoado de torpezas produza tamanha alegria, que, sobrepondo a ignomínia ao opróbrio, se possa alegrar o povo, que a espionagem, servindo de cariátide à prostituição, divirta as multidões, afrontando-as, que a turba goste de ver passar sobre as quatro rodas de um fiacre aquele monstruoso monturo humano, ouropel-farrapo, feito de imundície e de luz, que ladra e que canta, que se aplauda essa glória formada de todas as vergonhas, que não possa haver festa para as multidões sem que a polícia passeie pelo meio essas hidras alegres de cem cabeças, sem dúvida, tudo isso é triste. Mas, que fazer? Esses carros de lama, cheios de fitas e de flores, são insultados e anistiados pelo riso público. O

riso de todos é cúmplice da degradação universal. Certas festas malsãs corrompem o povo e o transformam em populaça, e as populaças, como os tiranos, precisam de bufões. O Rei tem Roquelaure, o povo tem Paillasse.[133] Paris é a grande cidade da loucura, todas as vezes que não é a grande cidade sublime. Seu carnaval faz parte de sua política. Paris, confessemo-lo, assiste gostosamente à comédia que lhe representa a infâmia. Ela não pede a seus senhores – quando tem senhores – senão uma coisa: – Disfarcem a lama. – Roma tinha idêntico humor. Gostava de Nero. Nero era um mascarado gigante.

Como acabamos de dizer, o acaso fez com que um desses disformes cachos de mulheres e de homens fantasiados, carregado por uma enorme caleche, parasse à esquerda do bulevar, enquanto o cortejo nupcial parava à direita. De um lado a outro da rua, a carruagem de mascarados viu, na mesma direção, a carruagem em que ia a noiva.

– Olhe! – disse um deles. – Um casamento!

– Um casamento de mentira – replicou um outro. – Nós é que somos o verdadeiro.

E, muito distantes para interpelar o cortejo, temendo também a vigilância dos guardas, ambos olharam para o outro lado.

Toda a carruagem de mascarados, ao cabo de um instante, teve o que fazer, pois a multidão começara a apupá-la, o que corresponde à carícia do povo aos mascarados; os dois que acabavam de falar tiveram de enfrentar a plebe, e todo o repertório de Les Halles não foi suficiente para responder à enorme gritaria do povo. Deu-se, então, entre os mascarados e a multidão, uma medonha troca de metáforas.

Entretanto, dois outros mascarados da mesma carruagem, um espanhol de nariz descomunal, de aparência envelhecida e enormes bigodes negros, e uma peixeira magra, ainda muito jovem, também haviam notado os noivos, e, enquanto os companheiros e os transeuntes se insultavam, eles dialogavam em voz baixa.

Suas vozes perdiam-se no tumulto. As pancadas da chuva haviam molhado a carruagem descoberta; o vento de fevereiro não é quente. Enquanto respondia ao espanhol, a peixeira, de ombros descobertos, tremia, ria e tossia:

Eis o diálogo:

– Diga.

– O quê, pai?

– Está vendo aquele velho lá?

– Qual velho?

– Lá, na primeira carruagem do casamento, do nosso lado.

– O que está com o braço na tipoia?

– É.

– E que tem isso?

– Tenho certeza de que o conheço.

– Ah!

– Quero que me cortem o pescoço se eu não conheço aquele sujeito. Você pode ver bem a noiva?

– Não.

– E o noivo?

– Naquela carruagem não tem noivo nenhum.

– Bah!

– Só se for o outro velho.

– Veja se enxerga a noiva.

– Não posso.

– Não faz mal; aquele velho com a pata machucada, eu já o conheço.

– E que vantagem há nisso?

– Nunca se sabe. Às vezes…

– E eu, com os velhos?

– Eu o conheço.

– Conheça à vontade!

– Como diabo ele está naquele casamento?

– E nós, não estamos também?

– De onde saiu esse casamento?

– E eu sei?

– Escute.

– O quê?

– Você vai fazer uma coisa.

– Que coisa?

– Descer daqui e seguir esse casamento.

– Pra quê?

– Para saber para onde vai e quem é ela. Vamos, minha fada, desça e corra, você que é jovem.

– Eu não posso deixar o grupo.

– Por quê?

– Fui contratada.

– Diabo!

– Devo à polícia um dia de peixeira.

– É verdade.

– Se deixo o grupo, o primeiro inspetor que me vir me prende. Você sabe disso.

– É mesmo.

– Hoje, estou por conta do governo.

– Não faz mal. Mas aquele velho me irrita.

– Os velhos o irritam? Mas você não é nenhuma donzelinha!

– Ele está na primeira carruagem.

– E daí?

– No carro da noiva.

– E depois?

– Então, ele é o pai.

– Que me importa?

– Estou dizendo que ele é o pai.

– Mas há um pai só?

– Escute.

– O quê?

– Eu só posso sair à rua mascarado. Aqui, estou escondido; ninguém sabe quem sou. Mas amanhã não haverá mais carnaval. É Quarta-feira de Cinzas. É perigoso. Preciso voltar para o meu buraco. Você é livre.

– Não muito.

– Mais do que eu você é.

– Pois bem, e daí?

– Você tem que saber de onde é aquele casamento.

– Para onde vai?

– É.

– Eu já sei.

– Para onde?

– Para o Cadran-Bleu.

– Pra começar, não é daqueles lados.

– Então, para a Rapée.

– E para onde mais?

– Para onde quiserem. Os noivos são livres.

– Não é isso. Estou dizendo que você tem de saber de onde vem aquele casamento, quem é aquele velho e onde mora a noiva.

– Nada mais? É gozado! Pensa que é fácil, oito dias depois, encontrar um casamento que passou por Paris na terça-feira gorda. Uma agulha num monte de feno! Acha que é possível?

– Não importa; você tem de tentar. Ouviu, Azelma?

As duas filas continuaram a mover-se de ambos os lados do bulevar em direções contrárias, e o carro de mascarados perdeu de vista o cortejo nupcial.

II | JEAN VALJEAN CONTINUA COM O BRAÇO NA TIPOIA

Realizar os sonhos! A quem é dado esse privilégio? Para isso deve haver eleições no céu; somos todos candidatos, embora não o saibamos; os anjos votam. Cosette e Marius foram eleitos.

Cosette, na *Mairie*, na igreja, esteve magnífica e emocionante. A velha Toussaint, com a ajuda de Nicolette, encarregava-se de vesti-la.

Cosette usava sobre uma saia de tafetá branco um vestido de renda de Binche, um finíssimo véu de bordado inglês, um colar de pérolas finas, uma grinalda de flores de laranjeira; tudo era branco. Em tanta brancura, ela brilhava. Era uma estranha candura dilatando-se, transfigurando-se na claridade. Dir-se-ia uma virgem prestes a se transformar em deusa.

Os belos cabelos de Marius estavam brilhantes e perfumados; entreviam-se aqui e ali, sob a espessura dos anéis, algumas linhas brancas, as cicatrizes da barricada.

O avô, soberbo, de cabeça erguida, amalgamando mais do que nunca na toalete e nas maneiras todas as elegâncias do tempo de Barras, conduzia Cosette pela mão.[134] Substituíra Jean Valjean que, por causa da mão machucada, não a poderia dar à noiva.

Jean Valjean, de preto, seguia atrás, sorrindo.

– Sr. Fauchelevent – dizia-lhe o avô –, eis um belo dia. Voto pelo fim das aflições e dos sofrimentos. Agora, não deve haver tristeza em parte alguma. Com

a fortuna! Eu decreto a alegria! O mal não tem o direito de existir. Que, infelizmente, haja homens infelizes, na verdade é uma vergonha para o azul do céu. O mal não vem do homem que, no fundo, é bom. Todas as misérias humanas têm por capital e governo central o inferno, ou por outra, as Tuileries do diabo. Bom, já estou a dizer frases demagógicas! Quanto a mim, não tenho mais opiniões políticas; que todos os homens sejam ricos, isto é, felizes, eis a que se limitam atualmente os meus desejos.

Quando, à saída de todas as cerimônias, depois de ter pronunciado diante do *Maire* e do Padre todos os sins possíveis, depois de ter assinado nos registros da municipalidade e da sacristia, depois da troca de anéis, depois de estarem ajoelhados bem juntinhos sob o véu nupcial de rendas brancas, envoltos no fumo do incenso, chegaram de mãos dadas, admirados e invejados por todos, Marius de preto, ela de branco, precedidos por um guarda suíço com dragonas de Coronel batendo o chão com sua alabarda, entre duas alas de assistentes encantados, sob o portal da igreja, aberto de par em par, prestes a subirem à carruagem para o fim da cerimônia, Cosette não acreditava ainda. Olhava para Marius, olhava para os convidados, olhava para o céu; parecia ter medo de acordar. Seu aspecto, assustado e inquieto, dava-lhe maior encantamento. Para voltar, os dois subiram à mesma carruagem, Marius ao lado de Cosette; o Sr. Gillenormand e Jean Valjean acomodaram-se nos assentos da frente. A tia Gillenormand passara para um segundo plano e estava na segunda carruagem. – Meus filhos – dizia o avô –, ei-los agora Barão e Baronesa, com trinta mil francos de renda. – E Cosette, inclinando-se bem para Marius, acariciava-lhe o ouvido com este segredo angélico: – Então, é verdade. Chamo-me Marius. Sou Madame Você.

Ambos resplandeciam. Estavam no instante irrevogável e único, no deslumbrante ponto de intersecção de toda a juventude e de toda a alegria. Eles realizavam o verso de Jean Prouvaire; suas idades somadas não faziam quarenta anos.[135] Eram os esponsais sublimes; duas crianças, dois lírios. Eles não se viam, contemplavam-se. Cosette via Marius em plena glória, Marius via Cosette num altar. E sobre esse altar, e nessa glória, na confusão de duas apoteoses, no fundo, não sei como dizer, por trás de uma nuvem para Cosette, num raio de luz para Marius, havia a coisa ideal, a coisa real, o encontro dos beijos e dos sonhos, o travesseiro nupcial.

Todo o tormento por que haviam passado se transformava em embriaguez. Parecia-lhes que as preocupações, as insônias, as lágrimas, as angústias, os sustos, os desesperos feitos carícias e brilhos, davam maior encanto ainda à hora

encantadora que se aproximava; as tristezas tinham sido as criadas que faziam a toalete da alegria. Ter sofrido, como é bom! Seus sofrimentos aureolavam a felicidade dos dois. A longa agonia do amor terminara numa ascensão.

Em ambas as almas havia idêntico encantamento, mesclado de voluptuosidade em Marius e de pudor em Cosette. Diziam-se baixinho: – Vamos rever nosso pequeno jardim da Rue Plumet. – As dobras do vestido de Cosette caíam sobre os joelhos de Marius.

Um dia assim é uma mistura inefável de sonho e de certeza. Possui-se e supõe-se. Há muito tempo ainda para adivinhar. É uma emoção indizível estar no meio-dia e sonhar com a meia-noite. As delícias de seus dois corações transbordavam sobre a multidão e alegravam os transeuntes.

Muitos paravam na Rue Saint-Antoine diante da igreja de Saint-Paul para ver através das portinholas da carruagem as flores de laranjeira trêmulas sobre a cabeça de Cosette.

Em seguida, voltaram para a Rue des Filles-du-Calvaire. Marius, ao lado de Cosette, subiu, triunfante, radiante, a escadaria pela qual o haviam carregado moribundo. Os pobres, aglomerados à porta, recebiam esmolas e os abençoavam. Havia flores por toda parte. A casa não estava menos perfumada que a igreja; depois do incenso, as rosas. Eles julgavam ouvir vozes cantando no infinito; possuíam Deus no coração; o destino aparecia-lhes como uma cúpula de estrelas; por cima de suas cabeças, viam o clarão do sol nascente. De repente o relógio deu horas. Marius contemplou os lindos braços nus de Cosette e as coisas rosadas que percebia vagamente através das rendas do corpete, e Cosette, vendo o olhar de Marius, corou até o branco dos olhos.

Muitos antigos da família Gillenormand tinham sido convidados, rodeando Cosette de atenções; eles porfiavam em chamá-la de Sra. Baronesa.

O Oficial Teódulo Gillenormand, agora Capitão, viera de Chartres, onde estava sua guarnição, para assistir às núpcias do primo Pontmercy. Cosette não o reconheceu.

Ele, por sua vez, habituado a ser apreciado pelas mulheres, não se lembrou de Cosette mais do que de outras.

– Como tive razão em não acreditar naquela história do lanceiro! – disse, por sua vez, o Sr. Gillenormand.

Cosette jamais se mostrara tão meiga para com Jean Valjean. Estava em uníssono com o velho Gillenormand; enquanto ele construía a própria alegria com aforismos e máximas, ela exalava amor e bondade como um perfume. A

felicidade quer que todos sejam felizes.

Para falar com Jean Valjean, ela encontrava inflexões de voz do tempo de menina. Acariciava-o com um sorriso.

Um banquete fora servido na sala de jantar. Uma iluminação *a giorno* é condimento indispensável a uma grande festa. A bruma e a escuridão não são bem recebidas pelas pessoas felizes. Elas não concordam em ser negras. A noite, sim; as trevas, jamais. Se não há sol, é preciso fazer um.

A sala de jantar era uma fornalha de coisas alegres. No centro, por cima da mesa branca e deslumbrante, um lustre de Veneza, de lâminas chatas, com todo tipo de pássaros coloridos, azuis, violeta, vermelhos, verdes, empoleirados no meio das velas; ao redor do lustre arandelas de cristal de três e cinco ramos fixados à parede; vidros, cristais, louças, copos, porcelanas, faianças, baixelas de ouro e de prata, tudo brilhava espalhando alegria. O espaço entre os candelabros estava coberto de buquês; assim, onde não havia luz, havia flores. Na antecâmara, três violinos e uma flauta tocavam em surdina quartetos de Haydn. [136]

Jean Valjean sentara-se em uma poltrona do salão, por trás de uma porta cujo batente, ao se fechar, quase o escondia por completo. Alguns instantes antes de se sentarem à mesa, Cosette, como por capricho, foi fazer-lhe uma grande reverência, levantando com as duas mãos o vestido de noiva. Com um olhar ternamente travesso, perguntou-lhe:

– Pai, o senhor está contente?

– Sim – disse Jean Valjean –, estou.

– Então, sorria.

Jean Valjean obedeceu.

Alguns instantes depois, Basco anunciou que o jantar estava à mesa.

Os convivas, precedidos pelo Sr. Gillenormand, de braço dado a Cosette, entraram na sala de jantar, sentando-se ao redor da mesa de acordo com a distribuição dos lugares.

Duas grandes poltronas estavam ali, à direita e à esquerda de Cosette, uma para o Sr. Gillenormand, outra para Jean Valjean. O Sr. Gillenormand sentou-se. A outra poltrona continuou vazia.

Procuraram pelo “Sr. Fauchelevent”. Não estava mais lá. O Sr. Gillenormand interpelou Basco.

– Sabe onde está o Sr. Fauchelevent?

– É verdade – respondeu Basco. – O Sr. Fauchelevent me disse para avisá-lo

que a mão o estava incomodando um pouco e que não poderia jantar em companhia do Sr. Barão e da Sra. Baronesa. Pede que o desculpem. Amanhã cedo estará aqui. Ele acaba de sair.

Aquela poltrona vazia diminuiu um tanto a efusão da festa. Mas, se Fauchelevent estava ausente, Gillenormand estava presente, e o avô resplandecia por dois. Afirmou que o Sr. Fauchelevent fizera bem em deitar-se cedo, se estava doente, mas que tudo não passava de um *dodói*. Essa declaração foi bastante. Aliás, o que era um canto obscuro naquela submersão de alegria? Cosette e Marius estavam num desses momentos egoístas e abençoados em que não se tem a faculdade de perceber nada além da felicidade. Além disso, o Sr. Gillenormand teve uma ideia.

– Ora, esta poltrona está vazia. Marius, venha sentar-se aqui. Embora sua tia tenha mais direitos, ela ceder-lhe-á o lugar. A poltrona é sua. É legal e gentil. Fortunatus ao lado de Fortunata.[137] – Aplausos de toda a mesa. Marius tomou, ao lado de Cosette, o lugar de Jean Valjean; e tudo foi resolvido de tal modo que Cosette, a princípio triste pela ausência de Jean Valjean, acabou por se alegrar com isso. Contanto que Marius fosse o substituto, Cosette o teria preferido ao próprio Deus. Contente, apoiou o pezinho calçado de cetim branco sobre o pé de Marius.

Ocupada a poltrona do Sr. Fauchelevent, ele logo foi esquecido; agora, nada faltava. E cinco minutos depois toda a mesa ria de uma ponta a outra, com toda a inspiração do esquecimento.

À sobremesa, o Sr. Gillenormand, com uma taça de champanha na mão, meio cheia, para que o tremor de seus noventa e dois anos não a fizesse transbordar, fez o brinde aos noivos.

– Vocês não vão escapar de dois sermões – exclamou. – Pela manhã ouviram o do Padre, agora à noite hão de ouvir o do avô. Escutem-me; quero dar-lhes um conselho: adorem-se. Não vou fazer rodeios, vou logo ao fim: sejam felizes. Em toda a criação não há outros sábios além das rolinhas. Os filósofos dizem: Moderem a alegria. Eu digo: Soltem-lhe as rédeas. Apaixonem-se endiabradamente, furiosamente. Os filósofos estão caducando. Eu gostaria de obrigá-los a engolir toda a filosofia que ensinam. Será possível que na vida haja demasiado perfume, superabundância de botões de rosa, de rouxinóis canoros, de folhas verdes e de aurora? Pode alguém amar demais? Pode alguém agradar demais a outra pessoa? Cuidado, Estela, você é linda demais! Atenção, Nemorino, você é bonito demais![138] Bela estupidez! Quem é capaz de se encantar, de se mimar, de se arrebatar demais? Quem é capaz de estar vivo

demais? É possível a gente ser feliz demais? Moderem-se! Que bobos! Abaixo os filósofos! A sabedoria é a jubilação. Portanto, alegria. Somos felizes porque somos bons, ou somos bons porque somos felizes? Sancy chama-se Sancy porque pertenceu a Harlay de Sancy, ou porque pesa cento e seis quilates?[139] Não sei; a vida está cheia de problemas semelhantes; o importante é ser proprietário do Sancy e da felicidade. Sejamos alegres sem trapacear. Obedeçamos cegamente ao sol. Que é o sol? É o amor. Quem diz amor, diz mulher. Ah! ah! eis uma onipotência, a mulher. Perguntem a esse demagogo do Marius se não é escravo dessa tiranazinha que se chama Cosette. E isso por espontânea vontade, o covarde! A mulher! Não há Robespierre que aguente: a mulher reina. Assim, até eu sou realista. Que é Adão? É o reinado de Eva. Para Eva não houve 89. Havia o cetro real encimado por uma flor de lis, havia o cetro imperial encimado por um globo, havia o cetro de Carlos Magno, de puro ferro, havia o cetro de Luís o Grande, de puro ouro;[140] a revolução torceu-os todos entre o polegar e o índex, como bagatelas inúteis; acabaram-se, quebraram-se, caíram por terra, não há mais cetros; e agora, façam, se puderem, uma revolução contra este lencinho bordado rescendendo a patchuli! Eu queria só ver. Experimentem. Por que tão sólido? Porque é um simples trapo. Ah! vocês são o século XIX? E daí? Nós fomos o século XVIII! E fomos tão burros quanto vocês. Não vão imaginar que vocês andaram mudando muita coisa no universo, só porque a *trousse-galant* agora é cólera-morbus, ou porque a *bourrée* agora se chama *cachucha*. No fundo, todos têm mesmo de amar as mulheres. Eu desafio qualquer um a fugir dessa. Essas diabinhas são os nossos anjos. Sim, o amor, a mulher, o beijo, é um círculo de que ninguém consegue sair; e, quanto a mim, gostaria muito se pudesse novamente entrar para ele. Quem de vocês já viu levantar-se no infinito, acalmando tudo a seu redor, olhando as ondas como uma mulher, a estrela Vênus, a grande coquete do abismo, a Célimène do oceano?[141] O oceano, eis aí um rude Alceste.[142] Pois bem, reclame ele quanto quiser, quando Vênus aparece, vê-se obrigado a sorrir. Somos todos assim. Cólera, tempestade, relâmpagos, espuma até o teto. Uma mulher entra em cena, uma estrela aparece. Todos de joelhos! Marius, seis meses atrás, combatia; hoje, casa-se. Fez bem. Marius, Cosette, vocês têm razão. Vivam ousadamente um para o outro, acariciem-se, façam-nos morrer de raiva por não podermos fazer o mesmo, idolatrem-se. Recolham com seus bicos todos os pequenos fragmentos de felicidade que existem sobre a Terra e construam com eles um ninho para viver. Por Deus, amar, ser amado, eis o milagre quando se é jovem. Não pensem que foram vocês que inventaram tudo isso! Eu também já sonhei, já pensei, já

suspirei; eu também tive alma como um raio de luar. O amor é uma criança de seis mil anos. O amor tem direito a uma longa barba branca. Matusalém é um moleque, ao lado de Cupido. Há sessenta séculos o homem e a mulher resolvem tudo amando-se. O diabo, astuto como é, pôs-se a odiar o homem; o homem, mais astuto ainda, pôs-se a amar a mulher. Assim, conseguiu superar, com o bem, o mal que o diabo lhe fez. Essa solução remonta aos tempos do paraíso terrestre. Meus amigos, a invenção é antiga, mas ainda é nova. Aproveitem. Sejam Dáfnis e Cloé enquanto são Filemon e Baucis.[143] Façam de modo que, quando estiverem um ao lado do outro, nada lhes falte, e que Cosette seja o sol para Marius, que Marius seja o universo para Cosette. Cosette, que o bom tempo seja o sorriso do seu marido; Marius, que a chuva sejam as lágrimas da sua mulher. Mas que jamais chova no lar de vocês. Vocês tiraram a sorte grande, o amor no sacramento; ganharam o primeiro prêmio, guardem-no bem, fechem-no a sete chaves, não o desperdicem, adorem-se e deixem o resto correr. Acreditem no que lhes digo. É o bom-senso, e o bom-senso não pode mentir. Sejam um para o outro uma religião.

– Cada um tem o seu modo de adorar a Deus. O melhor modo de um homem adorar a Deus é amando a própria mulher. Eu amo você! Eis o meu catecismo. Quem ama é ortodoxo. A blasfêmia de Henrique IV coloca a santidade entre o abdômen e a embriaguez: – *Ventre-saint-gris*![144] Eu não pertenço à religião dessa blasfêmia porque nela a mulher ficou de fora. Isso é o que me surpreende nessa blasfêmia de Henrique IV. Meus amigos, viva a mulher! Como dizem por aí, sou velho, mas fico admirado com a disposição que tenho para ser moço. Eu gostaria de ir ouvir gaitas de foles nos bosques. Inebrio-me ao ver essas crianças que conseguem ser bonitas e alegres. Eu me casaria de muito bom grado se alguém me quisesse. É-nos impossível imaginar que Deus nos tenha criado a não ser para isto: idolatrar, arrulhar, adonizar, ser pombo, ser galo, debicar seus amores de manhã à noite, mirar-se na esposa, ter orgulho, sentir-se triunfante, dar-se importância; eis a finalidade da vida. Eis, não levem a mal, o que pensávamos nós, no tempo em que nós éramos os jovens. Ah! como havia então mulheres bonitas, que carinhas de anjo, que juventude! Também eu fiz os meus estragos. Amem-se, pois. Se não houvesse amor, eu não saberia explicar por que existe a primavera; e, quanto a mim, pediria a Deus que escondesse todas as belas coisas que nos mostra, que no-las tomasse de volta, fechando a chaves as flores, os pássaros, as jovens. Meus filhos, recebam a bênção deste bom velho.

A noitada foi animada, alegre, jovial. O bom humor soberano do avô deu o tom a toda a festa, e cada um se pautou por essa cordialidade quase centenária.

Dançou-se um pouco, riu-se muito. Foi um lindo casamento. Poder-se-ia convidar para a festa o bom velho, o Passado, que, aliás, estava presente na pessoa do Sr. Gillenormand.

Houve um tumulto e, depois, silêncio. Os recém-casados desapareceram. Pouco depois da meia-noite, a mansão dos Gillenormand se transformou num templo.

Paramos aqui. No limiar das noites de núpcias há um anjo de pé, sorrindo, com um dedo nos lábios. A alma entra em contemplação diante desse santuário no qual se celebra o amor.

Deve haver resplendores envolvendo essas casas. A alegria que contêm deve escapar pelas pedras das paredes e brilhar vagamente no meio das trevas. É impossível que essa festa sagrada e fatal não emita raios celestes para o infinito. O amor é o cadinho sublime em que se faz a fusão do homem e da mulher, dando lugar ao ser uno, ao ser tríplice, ao ser final, à trindade humana. Esse nascimento de duas almas em uma deve ser uma emoção para a sombra. O amante é o sacerdote, a virgem extasiada amedronta-se. Algo dessa alegria sobe até Deus. Lá onde estão as verdadeiras núpcias, isto é, o amor, mescla-se de ideal. Um leito nupcial é um pedaço de aurora. Se fosse dado aos olhos carnais perceber as temíveis e encantadoras visões da vida superior, é provável que veriam as formas da noite, os espíritos alados, os habitantes azuis do invisível, inclinando-se, como uma multidão de cabeças sombrias, ao redor da casa luminosa, satisfeitos, abençoando, apontando uns aos outros a virgem esposa, docemente sobressaltados com o reflexo da felicidade humana em seus rostos divinos. Se, nessa hora suprema, os esposos inebriados de prazer, julgando-se sós, escutassem, ouviriam no interior de seu quarto um confuso rumor de asas. A felicidade perfeita implica a solidariedade dos anjos. Essa pequena alcova escura tem por teto todo o céu. Quando duas bocas, consagradas pelo amor, se aproximam para criar, é impossível que acima desse beijo inefável não haja um estremecimento no imenso mistério das estrelas.

Essa é a verdadeira felicidade. Não há alegrias além dessas. O amor é o único êxtase. Tudo o mais são lágrimas.

Amar ou ter amado é o bastante. Depois, não exijam mais nada. Além dessa não existe outra pérola escondida entre as dobras obscuras da vida. Amar é completar-se.

III | A INSEPARÁVEL

Que acontecera a Jean Valjean?

Imediatamente após ter sorrido sob a gentil injunção de Cosette, como ninguém o observava, Jean Valjean levantou-se e, despercebido, passou para a antecâmara. Era a mesma sala pela qual, oito meses antes, entrara sujo de lama, de sangue e de pólvora, carregando Marius. As velhas paredes revestidas de madeira estavam enfeitadas de folhagens e de flores; os músicos sentavam-se no mesmo canapé em que haviam deitado Marius. Basco, de casaca preta, calções curtos, meias e luvas brancas, colocava coroas de rosas ao redor de cada um dos pratos que iriam ser servidos. Jean Valjean mostrara-lhe o braço na tipoia, encarregara-o de explicar sua ausência e saíra!

As janelas da sala de jantar abriam-se para a rua. Jean Valjean ficou por alguns minutos de pé e imóvel no escuro sob aquelas janelas radiantes de luz. Escutava. O ruído confuso do banquete chegava até ele. Ouvia a voz forte e magistral do avô, os violinos, o retinir confuso dos talheres e cristais, as risadas. Em meio a todo aquele rumor alegre, distinguia perfeitamente a meiga voz de Cosette.

Afastou-se da Rue des Filles-du-Calvaire e retornou para a Rue de l'Homme-Armé.

Para voltar, tomou a Rue Saint-Louis, a Rue Culture-Sainte-Catherine e a dos Blancs-Manteaux; era um tanto mais longo, mas era o caminho que, havia três meses, para evitar a lama e os buracos da Rue Vieille-du-Temple, se acostumara a percorrer todos os dias, desde a Rue de l'Homme-Armé até a Rue des Filles-du-Calvaire, acompanhado de Cosette. Essas ruas por onde Cosette havia passado excluíam qualquer outro itinerário.

Jean Valjean chegou ao número 7 da Rue de l'Homme-Armé, acendeu uma vela e subiu. O apartamento estava vazio. Mesmo Toussaint não estava mais lá. Os passos de Jean Valjean faziam nas salas mais ruído que de costume. Todos os armários estavam abertos. Foi até o quarto de Cosette. A cama estava desfeita. O travesseiro de algodão, sem fronha e sem rendas, estava por cima dos lençóis dobrados ao pé do colchão descoberto, no qual ninguém mais deveria dormir. Todos os pequenos objetos femininos preferidos por Cosette tinham sido levados; não restavam senão os móveis pesados e as quatro paredes. A cama de Toussaint também estava desfeita. Um único leito continuava arrumado, como à espera de alguém; era o de Jean Valjean.

Jean Valjean contemplou as paredes, fechou alguns armários, indo e vindo de

um quarto para o outro. Por fim, achou-se em seu quarto e pôs a vela sobre uma mesa.

Tirara o braço da tipoia, servindo-se da mão direita como se nada sofresse.

Aproximou-se da cama, e seus olhos pararam, fosse por acaso ou por intenção, sobre *a inseparável*, de que Cosette sentia ciúme, a pequena mala que não abandonava jamais. No dia 4 de junho, chegando à Rue de l'Homme Armé, colocara-a em cima de uma banqueta ao lado da cama. Dirigiu-se para ela com certa vivacidade, tirou uma chave do bolso e abriu a valise.

Lentamente, retirou do seu interior as roupas com as quais, dez anos antes, Cosette deixara Montfermeil; em primeiro lugar, o vestidinho preto, depois o lenço, os pesados sapatos de criança, que Cosette talvez ainda pudesse calçar, tão pequenos eram seus pés, depois a blusa de fustão grosso, depois o saiote de malha, o avental de bolsos e as meias de lã. Essas meias, ainda graciosamente marcadas pelas formas de uma perna de criança, não eram mais compridas que as mãos de Jean Valjean. Todas as roupas eram de cor preta. Fora ele quem lhe levara o pequeno enxoval até Montfermeil. À medida que esvaziava a valise, espalhava pela cama aquelas pequenas peças do enxoval. E pensava. Lembrava-se bem. Era inverno, um mês de dezembro muito frio; ela tiritava meio nua, vestida de farrapos, com os pobres pezinhos vermelhos metidos em tamancos. Ele, Jean Valjean, fizera-a deixar esses andrajos para vesti-la de luto. A mãe deveria alegrar-se no túmulo por ver a filha de luto, e, sobretudo, por vê-la bem-vestida e bem agasalhada. Pensava no bosque de Montfermeil que haviam atravessado juntos, Cosette e ele; pensava no tempo que fazia, nas árvores sem folhas, nos ramos sem pássaros, no céu sem sol; não tinha importância, o encanto era o mesmo. Pôs em ordem todas as roupinhas em cima da cama, o lenço ao lado do saiote, as meias ao lado dos sapatos, a blusa ao lado do vestido, olhando-as uma após outra. Cosette não era mais alta do que aquilo; carregava nos braços uma enorme boneca; guardara no bolso do avental o luís de ouro, ria, caminhando ambos de mãos dadas; ela não tinha senão ele no mundo.

Então, sua venerável cabeça branca tombou sobre o leito, o velho e estoico coração despedaçou-se, seu rosto, por assim dizer, abismou-se nas roupas de Cosette, e se alguém tivesse passado pela escada, naquele instante, teria ouvido soluços assustadores.

IV | COMBATE INTERMINÁVEL

A velha e terrível luta, de que falamos em diversas fases, recomeçara.

Jacó lutou com o anjo somente uma noite. Mas, quantas vezes já vimos Jean Valjean agarrado corpo a corpo no meio das trevas com a própria consciência, lutando desesperadamente!

Batalha inaudita! Em certos momentos, é o pé que escorrega; em outros, é o solo que se desmorona. Quantas vezes aquela consciência, arrebatada pelo bem, o agarrara, o derrotara! Quantas vezes a verdade inexorável lhe calcara o peito com os joelhos! Quantas vezes a luz implacável, acendida nele e sobre ele pelo Bispo, o iluminara à força, quando ele desejaria estar cego! Quantas vezes ele se levantara no combate, preso ao rochedo, apoiado no sofisma, arrastado pela poeira, ora suplantando a própria consciência, ora sendo por ela suplantado! Quantas vezes, depois de um equívoco, depois de um raciocínio traidor e especioso do egoísmo, ouvira a consciência irritada gritar-lhe ao ouvido: “É ilusão! Miserável!”. Quantas vezes seu pensamento refratário se agitara convulsivamente sob a evidência do dever! Resistência a Deus. Suores fúnebres. Quantas feridas secretas que só ele sentia sangrar! Quantos arranhões em tão lamentável existência! Quantas vezes conseguira levantar-se ensanguentado, contundido, ferido, iluminado, com o coração cheio de desespero e a alma cheia de serenidade! E, embora vencido, sentia-se vencedor. E, depois de tê-lo estraçalhado, atenazado e vencido, a consciência, de pé sobre ele, terrível, luminosa, tranquila, lhe dizia: “Agora, vá em paz!”.

Mas, ao sair de tão sombria luta, que paz lúgubre!

Contudo, naquela noite, Jean Valjean sentia que ia travar o último combate. Uma questão se apresentava pungente.

As predestinações não são todas imediatas; não se desenvolvem em avenidas retilíneas diante do predestinado; têm truncamentos, becos sem saída, curvas obscuras, encruzilhadas inquietantes oferecendo inúmeros caminhos. Jean Valjean, naquele instante, defrontava-se com a mais perigosa das encruzilhadas.

Chegara ao supremo cruzamento entre o bem e o mal. Tinha sob os olhos essa tenebrosa intersecção. Desta vez ainda, como lhe acontecera em outras peripécias dolorosas, dois caminhos se abriam em sua frente; um tentador, outro medonho. Qual tomar?

O que o amedrontava era-lhe aconselhado pelo misterioso dedo indicador que vemos cada vez que fixamos o nosso olhar nas trevas.

Jean Valjean devia escolher, ainda uma vez, entre o porto terrível e a emboscada sorridente. É realmente verdade: a alma pode curar-se, não porém a

sorte. Coisa terrível: um destino incurável!

Eis a questão como se apresentava:

De que modo Jean Valjean iria comportar-se em relação à felicidade de Cosette e de Marius? Essa felicidade havia sido desejada e construída por ele próprio; ele mesmo a cravara nas entranhas, e, àquela hora, olhando-a, podia ter a estranha satisfação de um armeiro que reconhecesse a marca da própria fábrica num punhal ao retirá-lo ainda quente do peito.

Cosette possuía Marius, Marius possuía Cosette. Eles tinham tudo, até riqueza. E tudo era obra sua.

Mas que faria Jean Valjean dessa felicidade verdadeira e presente? Faria com que o aceitassem à força? Tratá-la-ia como se lhe pertencesse? Sem dúvida Cosette pertencia a outro; mas ele, Jean Valjean, continuaria a conservar de Cosette tudo o que podia conservar? Continuaria como uma espécie de pai, apenas entrevisto, mas respeitado, como até então tinha sido? Introduzir-se-ia tranquilamente na casa de Cosette? Uniria, sem nada explicar, o próprio passado àquele futuro? Apresentar-se-ia como quem tem direitos, indo sentar-se, velado, naquele lar luminoso? Apertaria, sorrindo, a mão daqueles inocentes entre suas mãos trágicas? Descansaria, à beira da lareira do velho Gillenormand, os pés que arrastavam atrás de si a sombra infamante da lei? Participaria do destino de Cosette e de Marius? Tornaria ainda mais espessa a sombra da própria fronte e a nuvem que pairava sobre o jovem casal? Associaria à felicidade deles a própria catástrofe? Continuaria calado? Numa palavra, seria ele, ao lado daquelas duas criaturas felizes, o sinistro mudo do destino?

É preciso estar habituado à fatalidade desses encontros para ousar levantar os olhos quando certas questões nos aparecem em sua horrível nudez. O bem ou o mal se escondem por trás desse severo ponto de interrogação. Que fazer?, pergunta a esfinge.

Jean Valjean tinha o hábito das provações e encarou a esfinge. Examinou o impiedoso problema sob todos os ângulos.

Cosette, existência encantadora, era a jangada daquele naufrágio. Que fazer? Agarrar-se a ela, ou largá-la? Agarrando-se a ela, estaria livre do desastre, voltaria ao sol, deixaria correr das roupas e dos cabelos a água amarga; estaria salvo, viveria. E se a largasse? Seria o abismo.

Assim, ele se aconselhava dolorosamente com seu pensamento. Ou, para dizer melhor, combatia; arremessava-se, furioso, em seu íntimo, ora contra a própria vontade, ora contra a própria convicção.

Foi uma felicidade para Jean Valjean poder chorar, o que, talvez, serviu para esclarecê-lo. Contudo, o início foi terrível. Uma tempestade, mais violenta que a que outrora o impelira para Arras, desencadeou-se sobre ele. O passado voltava-lhe diante do presente; ele comparava e soluçava. Uma vez abertas as comportas das lágrimas, o desesperado contorceu-se.

Sentia-se preso.

Nesse pugilato sem tréguas entre o nosso egoísmo e o nosso dever, quando recuamos assim, passo a passo, diante do nosso ideal inevitável, assustados, encarniçados, exasperados por nos vermos obrigados a ceder, disputando o terreno, esperando uma fuga possível à procura de uma saída, que brusca e sinistra resistência nos opõe uma parede por trás de nós! Sentir a sombra sagrada projetada pelo obstáculo! O invisível inexorável, que obsessão!

A luta com a consciência não tem fim. Decida-se, Brutus! Decida-se, Catão! Ela é sem fundo, ela é Deus. Joga-se nesse poço o trabalho de toda uma vida, joga-se aí a fortuna, a riqueza, o êxito, a liberdade, a pátria, o bem-estar, o repouso, a alegria. Mais! mais! mais! Esvaziem o recipiente! Derramem toda a urna! É preciso lançar-lhe ainda o coração. Há, não sei onde, entre a bruma dos velhos infernos, um tonel assim.

Será perdoável recuar? O inesgotável pode ter direitos? As correntes sem-fim não estariam acima das forças humanas? Quem censuraria Sísifo e Jean Valjean por dizerem basta?[145] A obediência da matéria é limitada pelo atrito; não haveria um limite para a obediência da alma? Se o movimento perpétuo é impossível, como se pode exigir uma dedicação perpétua?

O primeiro passo não é nada; o último é que é difícil. Que era o caso Champmathieu em confronto com o casamento de Cosette e o que dele poderia originar-se? Que era isto: voltar para as galés, em confronto com isto: voltar para o nada?

Como é sombrio o primeiro degrau da descida! Como é negro o segundo degrau de uma escada! Como fazer para não voltar o rosto desta vez?

O martírio é uma sublimação, sublimação corrosiva. É uma tortura que consagra. Pode-se consentir no primeiro momento; a vítima senta-se sobre o trono de ferro incandescente, põem-lhe à cabeça a coroa de ferro incandescente, colocam-lhe nas mãos o globo de ferro incandescente, empunha-se o cetro de ferro incandescente, mas falta ainda vestir o manto de chamas; não haveria, então, um momento em que a carne miserável se revolta, em que se abdica de tal suplício?

Enfim, Jean Valjean chegou à calma da prostração. Pesou, pensou, considerou as alternativas da misteriosa balança de luz e de sombra. Impor correntes de grilheta àquelas duas encantadoras crianças, ou abismar-se sozinho irremediavelmente. De um lado, o sacrifício de Cosette; de outro lado, o sacrifício de si mesmo.

Que solução adotar? Que decisão tomar? Qual foi, em seu íntimo, a resposta definitiva ao incorruptível interrogatório da fatalidade? Que porta ele decidiu abrir? Que lado da sua vida decidiu fechar e condenar? Entre todos os abismos insondáveis que o rodeavam, qual foi a sua escolha? Que extremidade aceitou? A qual desses dois sorvedouros fez um sinal afirmativo?

Essa medição vertiginosa durou toda a noite.

Ele continuou na mesma atitude até o amanhecer, dobrado em dois sobre o leito, prosternado sob a enormidade da sorte, talvez esmagado, de mãos crispadas, os braços estendidos em ângulo reto como um crucificado despregado da cruz que tivessem jogado com o rosto voltado para o chão. Permaneceu doze horas, as doze horas de uma longa noite de inverno, gelado, sem levantar a cabeça e sem pronunciar uma palavra. Estava imóvel como um cadáver, enquanto o pensamento rolava por terra e voava, ora como a hidra, ora como a águia. Quem o visse assim, imóvel, julgá-lo-ia morto; de repente, ele estremecia convulsivamente e, com os lábios colados às roupas de Cosette, beijava-as; via-se então que ainda estava vivo.

Mas, quem o via, se Jean Valjean estava só e não havia mais ninguém naquela casa?

Via-o aquele Alguém que está nas trevas.

LIVRO SÉTIMO

A ÚLTIMA GOTA DO CÁLICE

I | O SÉTIMO CÍRCULO E O OITAVO CÉU

Os dias que se seguem às bodas são solitários. Respeita-se o recolhimento dos felizes, assim como seu sono atrasado. O barulho das visitas e das felicitações não recomeça senão mais tarde. Na manhã de 17 de fevereiro, era pouco mais de meio-dia quando Basco, com a toalha e o espanador debaixo do braço, ocupado em *arrumar a antecâmara*, ouviu baterem levemente à porta. Não haviam tocado a campainha, o que, num dia assim, revela discrição. Basco abriu a porta e viu o Sr. Fauchelevent. Fê-lo entrar para o salão, ainda de pernas para o ar, como um campo de batalha das alegrias da véspera.

– Puxa, senhor! – observou Basco –, levantamos muito tarde.

– Seu patrão já se levantou? – perguntou Jean Valjean.

– Como vai o braço do senhor? – respondeu Basco.

– Melhor. Seu patrão já se levantou?

– Qual deles? O antigo ou o novo?

– O Sr. Pontmercy.

– O Sr. Barão? – disse Basco, empertigando-se.

É-se Barão sobretudo para os criados. Eles recebem parte da honra; têm o que um filósofo chamaria de respingos do título, o que sempre é uma lisonja. Marius, digamo-lo de passagem, republicano militante, como o havia provado, agora era Barão a seu pesar. Fizera-se na família uma pequena revolução por causa desse título. Agora era o Sr. Gillenormand quem lhe dava valor e Marius quem o desprezava. Mas o Coronel Pontmercy havia escrito: *Meu filho usará o meu título*. Marius obedecia. Além disso, Cosette, em quem começava a despontar a mulher, achava encantador ser Baronesa.

– O Sr. Barão? – repetiu Basco. – Vou ver. Vou avisá-lo da sua visita.

– Não. Não lhe diga que sou eu. Diga-lhe que alguém pede para falar-lhe em particular; não lhe diga o nome.

– Ah! – exclamou Basco.

– Quero fazer-lhe uma surpresa.

– Ah! – replicou Basco, dirigindo para si mesmo essa segunda exclamação, para explicar a primeira.

E saiu. Jean Valjean ficou só.

O salão, como acabamos de dizer, estava em completa desordem. Parecia, prestando-se atenção, que se poderia ainda ouvir o vago rumor da festa. O soalho estava juncado de toda espécie de flores caídas das guirlandas e dos penteados. As velas queimadas até a base acrescentavam aos cristais dos lustres estalagmites de cera. Nenhum móvel estava no lugar. Nos cantos, três ou quatro poltronas em círculo pareciam continuar uma conversa. O conjunto era alegre. Há ainda certa graça numa festa morta. Ali reinara a felicidade. Sobre as cadeiras em desalinho, entre as flores que murcham, sob as velas apagadas, pensou-se em alegria. O sol sucedia ao lustre, entrando alegremente pelo salão.

Passaram-se alguns minutos. Jean Valjean continuava imóvel no mesmo lugar em que Basco o deixara. Estava muito pálido. Seus olhos estavam cavos e tão encovados nas órbitas por efeito da insônia que quase desapareciam. Seu casaco negro mostrava as dobras cansadas de uma roupa que não se despiu. Os cotovelos estavam esbranquiçados pela lanugem do linho. Jean Valjean olhava aos pés a janela desenhada no soalho pelo sol.

Fez-se um ruído à porta; ele levantou os olhos. Marius entrou, de cabeça erguida, boca sorridente, uma certa luz no semblante, fronte alegre, olhar triunfante. Também ele não havia dormido.

– Ora! é o senhor, pai! – exclamou ao ver Jean Valjean. – Esse imbecil do Basco com tanto mistério! Mas o senhor veio muito cedo. Ainda é meio-dia e meia e Cosette está dormindo.

A palavra pai dita por Marius ao Sr. Fauchelevent significava felicidade suprema. Entre eles, como sabemos, houvera sempre um abismo, frieza, constrangimento, gelo a se romper ou a derreter-se. Marius estava de tal modo encantado que as escarpas se aplanavam, o gelo se dissolvia e o Sr. Fauchelevent era para ele, como para Cosette, um verdadeiro pai.

Marius continuou a falar; suas palavras transbordavam, o que é bem próprio dos divinos paroxismos da alegria:

– Como estou contente em vê-lo! Se soubesse como sentimos a sua falta ontem! Bom dia, pai. Como está a mão? Melhor, não é?

E, satisfeito com a boa resposta que deu a si mesmo, prosseguiu:

– Falamos muito no senhor. Cosette o ama tanto! Não se esqueça de que tem

aqui um quarto à sua disposição. Não queremos mais que o senhor continue morando na Rue de l'Homme-Armé. Absolutamente. Como poderia morar numa rua feia como aquela, insalubre, fechada de um lado, fria, uma rua onde não se pode entrar? Mude-se para cá. Hoje mesmo. Ou terá de se haver com Cosette. Ela quer nos levar todos pela ponta do nariz, previno-o desde já. O senhor viu o seu quarto, é um quarto vizinho ao nosso, com janelas para o jardim; já mandamos consertar a fechadura, a cama está feita, prontinha; é só chegar. Cosette colocou ao lado da cama uma antiga poltrona de veludo de Utrecht, dizendo: – Estenda-lhe os braços. – Todas as primaveras, um rouxinol vem cantar nas acácias que ficam em frente das janelas do quarto. Poderá ouvi-lo daqui a dois meses. Assim, terá um ninho à sua esquerda e o nosso à sua direita. Ele cantará à noite, e Cosette falará de dia. O quarto está situado bem ao sul. Cosette arrumará ali os seus livros, a viagem do Capitão Cook, e o outro, o de Vancouver, enfim, todas as suas coisas.[146] Parece-me que há uma pequena mala da qual nunca se separa; já arrumei um cantinho de honra para ela. Saiba que meu avô gostou muito do senhor. Viveremos todos juntos. Sabe jogar *whist*? Se souber, então é que meu avô ficará encantado. Nos dias em que eu estiver no tribunal, o senhor irá passear de braço dado com Cosette, como antigamente, no Luxembourg. Estamos absolutamente decididos a ser muito felizes. E o senhor – está-me ouvindo, pai? – será parte da nossa felicidade. Almoça conosco hoje?

– Senhor – disse Jean Valjean –, tenho de dizer-lhe uma coisa. Eu sou um ex-grilheta.

O limite de sons agudos perceptíveis pode ser ultrapassado tanto pelo espírito como pelos ouvidos. Essas palavras: – *Eu sou um ex-grilheta* – saídas dos lábios do Sr. Fauchelevent, e ouvidas por Marius, iam além do possível. Marius não compreendeu. Julgou que lhe haviam dito alguma coisa; mas não sabia o quê. Ficou boquiaberto.

Percebeu então que o homem que lhe falava era medonho. Entregue ao próprio deslumbramento, até aquele instante não havia notado ainda aquela palidez.

Jean Valjean desatou a gravata preta que lhe amarrava o braço, assim como as ataduras da mão, mostrou o polegar a Marius, e lhe disse:

– Não tenho nada na mão.

Marius observou-lhe o dedo.

– E nunca tive nada – continuou Jean Valjean.

Com efeito, não havia nenhum sinal de ferimento. Jean Valjean prosseguiu:

– Era conveniente que eu não assistisse ao seu casamento. Ausentei-me o máximo possível. Inventei esse ferimento para não fazer uma falsificação, para não anular os registros do casamento, para ser dispensado de assinar.

Marius balbuciou:

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer – respondeu Jean Valjean – que eu estive nas galés.

– O senhor me enlouquece! – exclamou Marius, espantado.

– Sr. Pontmercy – disse Jean Valjean –, estive dezenove anos nas galés. Por roubo. Depois fui condenado à prisão perpétua, por reincidência. Hoje, sou um forçado evadido.

Marius recuava em vão diante da realidade; queria recusar os fatos, resistir à evidência, mas via-se obrigado a se render. Começou a compreender e, como sempre acontece em semelhantes casos, exagerou. Sentiu o estremecimento de um hediondo relâmpago interior; uma ideia terrível lhe passou pela mente. Previu para si mesmo um destino disforme.

– Diga tudo, diga tudo! – gritou. – O senhor é o pai de Cosette!

E deu dois passos para trás com um movimento de indizível horror.

Jean Valjean levantou a cabeça com tal majestade que pareceu elevar-se à altura do forro.

– É preciso que o senhor acredite em mim, senhor; embora nosso juramento não seja aceito pelos tribunais…

Aqui fez uma pausa; depois, com uma espécie de autoridade soberana e sepulcral, continuou falando lentamente, escandindo bem as sílabas:

– … O senhor há de crer em mim. Pai de Cosette, eu! Diante de Deus, não. Sr. Barão de Pontmercy, sou um camponês de Faverolles. Ganhava a vida podando árvores. Não me chamo Fauchelevent, chamo-me Jean Valjean. Não sou nada de Cosette. Fique tranquilo.

Marius balbuciou:

– Quem me prova?…

– Eu, pois lhe estou dizendo.

Marius encarou-o. Jean Valjean mostrava-se triste e tranquilo. Nenhuma mentira seria possível a tamanha calma. Sentia-se a verdade naquela frieza sepulcral.

– Eu acredito – disse Marius.

Jean Valjean inclinou a cabeça como para registrar o que acabava de ouvir e continuou:

– O que eu sou para Cosette? Um estranho. Há dez anos, eu não sabia de sua existência. Eu a amo, é verdade. Não se pode deixar de gostar de uma criança que se conhece ainda pequena, quando a gente já está velho. Os velhos julgam-se avós de todos os pequenos. O senhor poderá supor, parece-me, que eu tenha algo semelhante a um coração. Ela era órfã de pai e mãe. Precisava de mim. Eis por que me afeiçoei a ela. As crianças são tão frágeis que o primeiro que aparece, mesmo um homem como eu, pode servir-lhe de protetor. Assim fiz para Cosette. Não creio que tão pouca coisa possa ser considerada uma boa ação, mas, se for uma boa ação, eu a pratiquei. Registre essa circunstância atenuante. Hoje, Cosette deixa a minha vida; nossos caminhos se separam. Agora nada mais posso fazer em seu favor. Ela é a Sra. Pontmercy. Sua Providência é outra, e Cosette ganhou na troca. Tudo está bem. Quanto aos seiscentos mil francos, o senhor ainda não disse nada, mas eu bem o vejo diante de seus pensamentos, é um depósito. Como está em minhas mãos? Que importa? Já o entreguei. Nada mais tem a me perguntar. Completo a restituição dizendo-lhe o meu verdadeiro nome. Isso ainda me diz respeito. Faço questão que saiba quem eu sou.

Jean Valjean olhou fixamente para Marius.

Tudo o que Marius sentia era tumultuoso e incoerente. Certos vendavais do destino provocam vagas semelhantes em nossa alma.

Todos passamos por esses momentos de dúvida nos quais tudo se dispersa no nosso íntimo; dizemos o que nos vem à cabeça, e que nem sempre é precisamente o que deveríamos dizer. Há revelações súbitas que não podemos suportar e que enervam como um vinho funesto. Marius sentia-se apavorado com a nova situação que se lhe apresentava, a ponto de falar àquele homem quase como se tivesse recebido mal sua confissão.

– Mas enfim – exclamou –, por que me diz tudo isso? Quem o obriga? O senhor poderia guardar o segredo para si. Não está sendo denunciado, perseguido, nem preso. Deve ter alguma razão para fazer gratuitamente semelhante revelação. Acabe. Há ainda uma coisa. Por que me confessa essas coisas? Por qual motivo?

– Por qual motivo? – respondeu Jean Valjean em voz baixa e tão surda como se falasse consigo mesmo, e não com Marius. – Por que motivo, aliás, um forçado chega e diz: – Eu sou um forçado? – Pois bem: o motivo é estranho. É por honestidade. Minha desgraça é um fio que tenho no coração e que me mantém preso. É sobretudo quando se é velho que esses fios se tornam mais sólidos. Toda a vida se desfaz ao nosso redor; eles porém continuam resistindo. Se eu pudesse arrancá-lo, rompê-lo, desatar o nó ou cortá-lo, ir-me para bem

longe, eu estaria salvo; era só partir; há muitas diligências na Rue Bouloi; vocês estão felizes, eu me vou. Tentei arrebentar esse fio, puxei-o, mas ele resistiu; quase arrancava com ele o meu coração. Então, eu disse: – Só posso viver aqui. Tenho de ficar. – Pois bem, mas o senhor tem razão; sou um imbecil, por que não ficar simplesmente? O senhor me oferece um quarto nesta casa, Madame Pontmercy me adora, ela dizia à poltrona: – Estenda-lhe os braços –, o seu avô concorda com tudo isso, eu aceito, moraremos todos juntos, comeremos juntos, darei meu braço a Cosette… – a Madame Pontmercy, perdão, é o hábito –, teremos o mesmo teto, a mesma mesa, o mesmo lume, a mesma lareira no inverno, os mesmos passeios no verão, isso é alegria, é felicidade, é tudo. Viveremos em família. Em família!

A essa palavra, Jean Valjean irritou-se. Cruzou os braços, olhou para o soalho a seus pés como se quisesse cavar um abismo, e sua voz se tornou, de repente, sonora:

– Em família! Não. Eu não pertenço a nenhuma família. Não pertenço à sua, tampouco à família dos homens. Nas casas em que se vive em intimidade, eu sou demais. Há famílias, não porém para mim. Sou um desgraçado, fora de tudo. Tive pai e mãe? Quase chego a duvidar. Tudo acabou no dia em que casei essa criança; via-a feliz ao lado do homem que ela amava, na companhia de um bom velho, a casa de dois anjos contendo todas as alegrias; tudo estava bem, e disse para mim: – Não entre. – Eu podia mentir, é verdade, poderia enganá-los a todos, e continuar a ser o Sr. Fauchelevent. Enquanto foi para o bem de Cosette, fui capaz de mentir; agora seria por mim, e não devo fazê-lo. Bastaria calar-me, é verdade, e tudo continuaria bem. O senhor quer saber o que me força a falar? Uma bobagem: a minha consciência. Contudo, calar-me seria tão fácil! Passei a noite procurando me persuadir; o senhor exige a minha confissão, e o que acabo de lhe dizer é tão extraordinário que lhe dá realmente esse direito; pois bem, passei toda a noite recolhendo motivos, ótimos motivos; saiba que fiz o que pude. Mas houve duas coisas em que falhei: cortar o fio que me angustiava o coração, prendendo-o e fixando-o aqui, e me obrigar a falar baixo a mim mesmo algo que tenho dentro de mim quando estou só. Eis por que vim esta manhã para confessar-lhe tudo. Tudo, ou quase tudo. Há coisas inúteis que não dizem respeito senão a mim; guardo-as comigo. O essencial o senhor já conhece. Desvendei-lhe o meu mistério. Vomitei o meu segredo aos seus olhos. Não foi uma resolução fácil de tomar. Debati-me durante toda a noite. Ah! o senhor julgava que não era o mesmo caso de Champmathieu, que eu, escondendo o meu nome não prejudicaria a ninguém, que o nome de Fauchelevent foi-me dado pelo

próprio Fauchelevent em reconhecimento por um favor que lhe fiz, e que eu poderia continuar a usá-lo, feliz nesse quarto que o senhor me oferece, sem incomodar ninguém, no meu cantinho, e que, enquanto o senhor teria Cosette, eu teria a ideia de estar na mesma casa que ela. Cada um teria uma felicidade proporcionada. Se eu continuasse sendo o Sr. Fauchelevent, tudo iria às mil maravilhas. Tudo, exceto minha alma. Haveria alegria por toda parte, porém o fundo de minha alma permaneceria às escuras. Não basta ser feliz; é preciso estar contente. Assim, eu continuaria sendo o Sr. Fauchelevent; assim, minha verdadeira personalidade estaria escondida; assim, na presença de tanta felicidade eu seria um enigma, em meio a tanta luz eu seria trevas; assim, sem dizer "cuidado", simplesmente, eu introduziria as galés no seu lar, eu me sentaria à sua mesa, certo de que, se soubessem quem eu sou, seria expulso; deixar-me-ia servir por criados que, se me conhecessem, diriam: – Que horror! – Tocá-lo-ia com o cotovelo de que o senhor teria o direito de se afastar, roubar-lhe-ia seus apertos de mão! Haveria nesta casa uma divisão de respeito entre cabelos brancos veneráveis e cabelos brancos infames; nas horas de maior intimidade, quando todos os corações se julgassem completamente abertos uns para os outros, quando estivéssemos os quatro juntos, seu avô, vocês dois e eu, haveria aqui um desconhecido! Eu estaria ao lado de suas vidas, tendo como única preocupação jamais erguer a tampa desse poço terrível. Assim, eu, um morto, impor-me-ei a criaturas vivas, condenando-as a viver ligadas a mim por toda a vida. O senhor, Cosette e eu seríamos três cabeças sob o mesmo boné verde! Não se sente estremecer? Por ora não sou senão o mais atormentado dos homens; e, se não lhe confessasse tudo, seria então o mais monstruoso! E esse crime, eu o cometeria todos os dias! E essa máscara de trevas esconderia o meu rosto para sempre de vocês, meus filhos inocentes! Calar-se não é nada? Então, é simples calar-se? Não; não é tão simples assim. Há um silêncio que mente. E a minha mentira, a minha fraude, a minha indignidade, a minha covardia, a minha traição, o meu crime, eu teria de bebê-lo gota a gota, para depois cuspi-lo, para em seguida tornar a bebê-lo; terminaria à meia-noite e recomeçaria ao meio-dia. E o meu bom-dia seria mentira, e a minha boa-noite seria mentira, e eu teria de dormir lá em cima, e teria de comer isso com o meu pão, e encarar Cosette, respondendo ao sorriso de um anjo com o sorriso de um condenado, e eu seria um velhaco abominável! Para que me confessar? Para ser feliz. Para ser feliz, eu! Terei ainda o direito de ser feliz? Senhor Marius, eu estou fora da vida.

Jean Valjean parou. Marius continuava a escutar. Esses encadeamentos de ideias e de angústias não se podem interromper. Jean Valjean tornou a abaixar a

voz, mas não era mais a voz surda; era a voz sinistra.

– O senhor pergunta por que estou falando. Eu não fui denunciado, não estou sendo perseguido, não fui preso, diz-me o senhor. Sim! Eu fui denunciado, perseguido e preso! Por quem? Por mim. Eu mesmo me atravesso em meu caminho, eu mesmo me arrasto, eu mesmo me empurro, eu mesmo me prendo, eu mesmo me executo, e quando alguém está seguro por si mesmo, está bem seguro.

E, agarrando o próprio casaco entre as mãos, mostrou-as a Marius, e continuou:

– Veja estas mãos! Não lhe parece que seguram esta roupa de modo a não largá-la mais? Pois bem; trata-se de outras mãos; trata-se da consciência! Se se quer ser feliz, meu senhor, é preciso jamais compreender o dever; pois, se o compreendermos, ele é implacável. Dir-se-ia que ele nos castiga por tê-lo compreendido; mas não, ele nos recompensa porque nos joga num inferno em que sentimos Deus ao nosso lado. Apenas o homem rasga as próprias entranhas, sente-se em paz consigo mesmo.

E, com expressão pungente, acrescentou:

– Senhor Pontmercy, o que eu lhe digo não tem sentido: eu sou um homem honesto. É degradando-me aos seus olhos que me elevo aos meus. Isso já me aconteceu uma vez, mas foi menos doloroso; foi quase nada. Sim, sou um homem honesto. Não o seria, se o senhor, por minha culpa, continuasse a me estimar; agora que o senhor me despreza, eu sou honesto. Tenho comigo essa fatalidade: não podendo jamais receber consideração que não seja roubada, essa consideração me humilha e me despreza interiormente; para que eu me respeite, é preciso que me desprezem. Então, sinto-me outro. Sou um grilheta que obedece à própria consciência. Sei muito bem que isso não é verossímil. Mas, que quer que eu faça? É assim. Comprometi-me comigo mesmo, e quero manter os meus compromissos. Há encontros que nos amarram, há acasos que nos arrastam ao dever. Como vê, Senhor Pontmercy, aconteceu muita coisa na minha vida.

Jean Valjean fez nova pausa, engolindo a saliva com dificuldade, como se suas palavras tivessem um gosto amargo, e continuou:

– Quando se tem semelhante horror sobre si, ninguém tem o direito de fazê-lo partilhar por outros traiçoeiramente, ninguém tem o direito de comunicar a própria peste, obrigando-os a cair no mesmo precipício sem que eles o percebam; não se tem o direito de estender sobre eles o macacão vermelho, não

se tem o direito de atravancar secretamente com a própria miséria a felicidade alheia. Aproximar-se dos sãos, e tocá-los na sombra com uma úlcera invisível, é vergonhoso. Em vão Fauchelevent me emprestou o nome; eu não tenho o direito de me servir dele; ele pode presenteá-lo a mim, mas eu não pude aceitá-lo. O nome é a pessoa. Veja, senhor; eu pensei um pouco, li um pouco, embora eu seja um simples camponês, sei dar-me conta das coisas. Como vê, eu me expresso convenientemente. Eduquei-me à minha moda. Pois bem, roubar um nome e cobrir-me com ele é desonestidade. Roubam-se as letras do alfabeto, como se roubam bolsas e relógios. Ser uma assinatura falsificada em carne e osso, ser uma chave falsa viva, entrar em casa de gente honesta forçando a fechadura, não poder jamais olhar francamente, mas sempre de soslaio, ser infame no meu íntimo, não! não! não! não! Prefiro sofrer, sangrar, chorar, arrancar a pele da carne com as unhas, passar as noites retorcendo-me em angústias, roendo-me as entranhas e a alma. Eis por que venho contar-lhe tudo isso. Sem motivo, como diz o senhor.

Jean Valjean respirou com dificuldade e disse ainda:

– Outrora, para viver, roubei um pão; hoje, para viver, não quero roubar um nome.

– Para viver! – interrompeu Marius. – O senhor não precisa desse nome para viver!

– Ah! eu me entendo – respondeu Jean Valjean, levantando e abaixando a cabeça lentamente, várias vezes seguidas.

Houve um silêncio. Ambos se calaram, cada qual mergulhado num abismo de pensamentos. Marius sentara-se ao lado de uma mesa apoiando o canto da boca em um dedo dobrado. Jean Valjean ia e vinha pela sala. Parou diante de um espelho e ali permaneceu imóvel. Depois, como se respondesse a um raciocínio interior, disse olhando para o espelho onde não se via:

– No entanto, agora, sinto-me aliviado!

Recomeçou a caminhar e foi até o fim do salão. No instante em que se voltava, percebeu que Marius o observava. Então disse com inexprimível acento:

– Arrasto um pouco a perna. Agora o senhor compreende por quê.

Depois, acabou de voltar-se para Marius:

– E agora, senhor, imagine o seguinte: eu nada disse; continuei sendo o Sr. Fauchelevent, tomei um lugar na sua casa, entre os seus, tenho o meu quarto, tomo a refeição da manhã de chinelos, à noite vamos os três ao teatro, acompanho Madame Pontmercy às Tuileries e à Place Royale, estamos juntos, e

o senhor me julga um seu semelhante; um belo dia, eu estou aqui, o senhor ali, conversamos, rimos, de repente o senhor ouve uma voz gritar este nome: – Jean Valjean! – E eis que nessa manhã medonha a polícia sai da sombra e de repente me arranca a máscara!

Calou-se ainda uma vez; Marius levantara-se, trêmulo. Jean Valjean continuou:

– Que diz de tudo isso?

Marius respondeu com o silêncio. Jean Valjean continuou:

– Vê bem que tenho motivos para não me calar. Olhe, seja feliz, viva em pleno céu, seja o anjo de um anjo, fique no sol, contente-se com isso sem se inquietar com a maneira como um pobre condenado abre o próprio peito para cumprir um dever; o senhor tem em sua frente um homem miserável.

Marius atravessou lentamente o salão e, ao chegar perto de Jean Valjean, estendeu-lhe a mão. Mas teve de pegar a mão que não lhe fora estendida. Jean Valjean deixou-o agir. Marius julgou apertar uma mão de mármore.

– Meu avô tem amigos – disse Marius –, eu lhe alcançarei o perdão.

– É inútil – respondeu Jean Valjean. – Julgam-me morto, e isso basta. Os mortos não estão sujeitos à vigilância; supõe-se que apodreçam tranquilamente. A morte é o mesmo que o perdão.

E, retirando a mão que Marius segurava, acrescentou com uma espécie de dignidade inexorável:

– Aliás, fazer o meu dever, eis o amigo ao qual recorro; não tenho necessidade senão de um perdão, o da minha consciência.

Nesse momento, na outra extremidade do salão, a porta se entreabriu docemente, deixando aparecer o rosto de Cosette. Ela estava admiravelmente despenteada, com as pálpebras ainda inchadas de sono. Fez o movimento do pássaro que levanta a cabeça acima do ninho, olhando primeiro para o marido, depois para Jean Valjean, e gritou-lhe rindo; parecia um sorriso no fundo de uma rosa.

– Aposto que estão falando de política. Que bobagem! Em vez de me fazer companhia!

Jean Valjean estremeceu.

– Cosette! – balbuciou Marius.

E parou. Dir-se-iam dois culpados.

Cosette, radiante, continuava a olhá-los. Seus olhos pareciam ter o brilho do céu.

– Peguei-os em flagrante delito – disse Cosette. – Acabo de ouvir através da porta meu pai Fauchelevent dizendo: – A consciência… Fazer seu dever… – Isso é política. Eu não quero. Não se deve falar em política logo no dia seguinte. Não é justo.

– Você está enganada, Cosette – respondeu Marius. – Estamos falando de negócios. Falamos do melhor modo de aplicar seus seiscentos mil francos…

– Não é só isso – interrompeu Cosette. – Já vou até aí. Aceitam-me?

E, passando resolutamente pela porta, entrou no salão. Estava vestida com um longo penhoar branco de mil pregas e mangas muito largas caindo-lhe do pescoço até os pés. Nos céus dourados de velhas pinturas góticas encontram-se dessas encantadoras túnicas próprias para vestir anjos.

Mirou-se da cabeça aos pés num grande espelho; depois exclamou com uma explosão de êxtase inefável:

– Era uma vez um rei e uma rainha. Oh! como estou contente!

Assim falando, fez uma reverência a Marius e a Jean Valjean.

– Vou-me instalar numa poltrona ao lado dos senhores; tomaremos o café daqui a meia hora. Podem falar tudo o que quiserem. Bem sei que os homens precisam conversar; ficarei quietinha.

Marius tomou-lhe o braço e lhe disse amorosamente:

– Falamos de negócios.

– A propósito – respondeu Cosette –, abri minha janela; acaba de chegar um bando de *pierrots*.[147] Os passarinhos, não os mascarados. Hoje é Quarta-feira de Cinzas; não, porém, para os passarinhos.

– Digo-lhe que estamos falando de negócios, Cosette; deixe-nos a sós por um instante. Falamos de números. Isso vai aborrecê-la.

– Você hoje pôs uma linda gravata, Marius. O senhor está mesmo elegante. Não; não me vou aborrecer.

– Asseguro-lhe que sim.

– Não, tratando-se de vocês. Não compreenderei nada, mas escutarei da mesma forma. Quando ouvimos as vozes que amamos, não se tem necessidade de compreender as palavras que dizem. Estar junto de vocês é tudo o que desejo. Fico aqui mesmo.

– Você é a minha adorada Cosette. Mas não é possível.

– Impossível!

– É.

– Está bem – replicou Cosette. – Ia contar-lhe novidades. Ia dizer-lhe que o

avô dorme ainda, que sua tia foi à missa, que a lareira do quarto de meu pai Fauchelevent faz fumaça, que Nicolette já chamou o limpa-chaminés, que Toussaint e Nicolette já discutiram, que Nicolette zomba da gagueira de Toussaint. Pois bem, não lhe direi nada. Ah! é impossível? Eu também vou dizer por minha vez: – É impossível. – E agora, quem saiu ganhando? Eu lhe peço, Marius, deixe-me ficar aqui com vocês.

– Eu lhe juro que precisamos ficar a sós.

– Então eu sou alguém?

Jean Valjean nada dizia. Cosette voltou-se para ele:

– Em primeiro lugar, meu pai, quero que me dê um beijo. Que faz aí calado em vez de me defender? Quem foi que me deu um pai assim? Não está vendo como sou infeliz na vida de casada? Meu marido me bate. Vamos, abrace-me já!

Jean Valjean aproximou-se. Cosette voltou-se para Marius.

– Para você faço caretas.

Depois ofereceu a fronte a Jean Valjean. Jean Valjean deu um passo em sua direção. Cosette recuou:

– Pai, como está pálido! É, por acaso, a mão?

– Não; já sarou – disse Jean Valjean.

– Dormiu mal esta noite?

– Não.

– Está triste?

– Não.

– Dê-me um beijo. Se está bem de saúde, se dormiu bem, se está mesmo contente, não ficarei zangada.

E, de novo, ofereceu-lhe a fronte. Jean Valjean beijou aquela fronte em que se viam reflexos celestiais.

– Sorria.

Jean Valjean obedeceu. Era o sorriso de um espectro.

– Agora, defenda-me do meu marido.

– Cosette!… – disse Marius.

– Zangue-se com ele, meu pai. Diga-lhe que devo ficar. Podem muito bem falar na minha presença. Ou me julgam muito tola? É realmente espantoso o que têm a dizer! Negócios, colocar o dinheiro no banco; grande coisa! Os homens fazem mistério por qualquer insignificância. Eu quero ficar. Hoje estou muito bonita. Olhe para mim, Marius.

E, levantando adoravelmente os ombros, com certo amuo, olhou para Marius. Houve como que um relâmpago entre aqueles dois corações. Que alguém estivesse ali, pouco importava.

– Amo-a – disse Marius.

– E eu o adoro – respondeu Cosette.

E caíram irresistivelmente um nos braços do outro.

– Agora – retrucou Cosette, ajustando uma dobra do penhoar com um gesto de triunfo –, eu fico.

– Isso não – respondeu Marius em tom suplicante. – Temos algo a terminar.

– Ainda não?

Marius deu à voz uma inflexão grave:

– Digo-lhe, Cosette, que é impossível.

– Ah! está usando sua voz de homem, senhor. Está bem, eu vou. E o senhor, meu pai, nem me defendeu. Senhor meu marido, senhor meu pai, os senhores são verdadeiros tiranos. Vou contar ao vovô. Se julgam que eu voltarei para agradá-los, estão muito enganados. Sou orgulhosa. Agora eu é que os espero. Verão como hão de se aborrecer na minha ausência. Vou embora; é bem feito.

E saiu.

Dois segundos depois, a porta tornou a se abrir; um lindo rosto corado passou ainda uma vez entre os batentes, e Cosette gritou:

– Estou furiosa!

A porta se fechou e as trevas retornaram.

Foi como um raio de sol extraviado que, sem saber, atravessa de repente a noite. Marius certificou-se de que a porta estava bem fechada.

– Pobre Cosette! – murmurou – Quando ela souber…

A essas palavras, Jean Valjean estremeceu, olhando assustado para Marius.

– Cosette! É mesmo, o senhor vai contar isso a Cosette! É muito justo. Verdade que não pensei nisso. Tem-se força para uma coisa e não se tem para outras. Senhor, peço-lhe, suplico-lhe, dê-me a sua palavra de honra de que nada lhe dirá. Não basta que o senhor o saiba? Eu mesmo fui capaz de dizer-lhe sem que ninguém me forçasse a isso. Poderia dizê-lo a todo o universo, a todo o mundo; para mim, seria o mesmo. Mas ela, ela não entende; ficaria assustada. Um forçado? Seria preciso explicar-lhe: – É um homem que esteve nas galés. – Um dia ela viu passar a corrente. Oh! meu Deus!

E deixou-se cair numa poltrona, escondendo o rosto entre as mãos. Não se ouvia um soluço, mas, pelo movimento dos ombros, via-se que chorava.

Lágrimas silenciosas, lágrimas terríveis.

Os soluços sufocam. Jean Valjean sentiu-se tomado por uma espécie de convulsão, voltou-se para o encosto da cadeira como para respirar, deixou cair os braços, descobriu o rosto inundado de lágrimas aos olhos de Marius, que o ouviu murmurar tão baixo que sua voz parecia sair de um abismo sem fim:

– Oh! eu quisera morrer!

– Fique tranquilo – disse Marius –, guardarei o seu segredo somente para mim.

E, menos comovido do que deveria estar, mas obrigado havia uma hora a se familiarizar com um horror inesperado, vendo pouco a pouco um forçado sobrepor-se, sob seus olhos, ao Sr. Fauchelevent, convencido paulatinamente por aquela triste realidade e levado pelo declive natural da situação a constatar a distância que acabava de se fazer entre aquele homem e ele, Marius acrescentou:

– É impossível que não lhe diga nada a respeito do legado que tão fiel e honestamente nos confiou. É um ato de probidade. É justo que o senhor seja recompensado por isso. Pode determinar a soma que deseja, que lhe será dada. Não tenha medo de exagerar.

– Agradeço-lhe muito, senhor – respondeu Jean Valjean calmamente.

E ficou pensativo por um momento, passando maquinalmente a ponta do índex na unha do polegar; depois levantou a voz:

– Tudo está quase acabado. Falta-me ainda uma coisa…

– Qual?

Jean Valjean sentiu como que uma suprema hesitação e, sem voz, quase sem respirar, mais balbuciou do que disse:

– Agora que o senhor sabe, julga o senhor, que é o dono da casa, que eu não deva mais ver Cosette?

– Creio que seria melhor – respondeu Marius, friamente.

– Eu não a verei mais – murmurou Jean Valjean.

E dirigiu-se para a porta. Girou a maçaneta, a porta cedeu. Jean Valjean abriu-a o suficiente para passar, ficou por um segundo imóvel, tornou a fechá-la e voltou-se para Marius.

Não estava pálido, estava lívido. Não tinha mais lágrimas nos olhos, mas uma espécie de chama trágica. Sua voz voltara a ser estranhamente calma.

– Olhe, senhor – disse ele –, se quiser, poderei visitá-la. Asseguro-lhe que o desejo muitíssimo. Se eu não quisesse mais ver Cosette, não teria necessidade de confessar-lhe tudo; teria ido para bem longe; mas, querendo ficar aqui onde ela

está, para continuar a vê-la, tive de dizer-lhe tudo com a maior honestidade. Está seguindo o meu raciocínio? É muito fácil compreendê-lo. Como sabe, há nove anos que a conservo ao meu lado. Moramos a princípio num pardieiro afastado, depois no convento, depois perto do Luxembourg. Foi lá que o senhor a viu pela primeira vez. Lembra-se de seu chapéu de pelúcia azul? [148] Em seguida, mudamo-nos para o Quartier des Invalides, onde havia uma grade e um jardim. Na Rue Plumet. Eu morava num quarto no quintal, de onde a ouvia tocar piano. Eis toda a minha vida. Nunca nos afastamos um do outro. Isso durou nove anos e alguns meses. Eu era como o pai dela, e ela era para mim uma filha. Não sei se me está compreendendo, Sr. Pontmercy, mas ir-me embora agora, não vê-la nunca mais, não poder mais falar-lhe, não ter mais nada, será muito difícil. Se não se incomodar, virei de quando em quando visitar Cosette. Não virei muitas vezes, nem me demorarei muito. Dê ordens para que me recebam na salinha ao rés do chão. Entrarei pela porta de trás, por onde passam os criados; mas isso talvez desperte a atenção. Acho que é melhor mesmo que eu entre pela porta por onde todos entram. Senhor, realmente, eu gostaria tanto de ver ainda Cosette. Tão raramente quanto quiser. Ponha-se no meu lugar: essa é a única coisa que me resta. Além disso, é preciso cuidado; se eu desaparecer, hão de estranhar, causará mau efeito. Por exemplo, o que eu poderia fazer é vir à tardezinha, quando for quase noite.

– Pode vir todas as noites – disse Marius –, e Cosette o receberá.

– O senhor é muito bom! – disse Jean Valjean.

Marius saudou Jean Valjean. A felicidade reconduziu até a porta o desespero, e os dois homens se despediram.

II | OS PONTOS OBSCUROS QUE UMA REVELAÇÃO PODE CONTER

Marius estava transtornado.

A espécie de distância que sempre houve entre ele e o homem ao lado do qual conhecera Cosette estava perfeitamente explicada. Havia naquele personagem algo enigmático de que o instinto o advertia. Esse enigma era a mais hedionda das vergonhas, eram as galés. O Sr. Fauchelevent era o forçado Jean Valjean.

Achar de repente esse segredo em meio à própria felicidade é o mesmo que encontrar um escorpião num ninho de rolinhas. A felicidade de Marius e de Cosette estaria para sempre condenada a essa aproximação como um fato consumado? A aceitação daquele homem faria parte integrante do seu

casamento, sem que nada mais fosse possível fazer? Marius desposara também o grilheta?

Por mais que se esteja coroado de luz e de alegria, por mais que se saboreie a grande hora purpúrea da vida, do amor feliz, abalos desse porte fariam estremecer até um arcanjo em seu êxtase ou um semideus em sua glória.

Como sempre acontece em tais evidentes transformações, Marius perguntava a si mesmo se não tinha nada de que se acusar. Faltara-lhe instinto? Faltara-lhe prudência? Deixara-se atordoar involuntariamente? Um pouco, talvez. Tinha-se arriscado, sem a necessária precaução para esclarecer os contornos, naquela aventura de amor que terminara pelo seu casamento com Cosette? Ele constatava – é assim, por uma sequência de constatações sucessivas de nós mesmos sobre nós mesmos, que a vida nos corrige pouco a pouco –, ele constatava o lado quimérico e visionário de sua natureza, uma espécie de nuvem interior própria de muitos temperamentos e que, nos paroxismos da paixão e da dor, se dilata, a temperatura da alma muda e invade por completo o homem, a ponto de envolver-lhe a consciência em denso nevoeiro. Mais de uma vez indicamos esse elemento característico da individualidade de Marius. Ele se lembrava de que, no arroubo de seu amor, na Rue Plumet, durante aquelas extasiantes seis ou sete semanas, nem mesmo falara a Cosette a respeito do drama enigmático do pardieiro Gorbeau, onde a vítima se conservara estranhamente calada durante a luta, para depois fugir. Como deixou de falar a respeito com Cosette? No entanto, tratava-se de coisa tão recente e inquietadora! Como foi que nem sequer tocara no nome dos Thénardier, particularmente no dia em que encontrou Eponine? Dificilmente poderia explicar agora esse silêncio. Contudo, ele o compreendia. Lembrava-se do seu atordoamento, da sua embriaguez, do amor, que tudo absorvia, do arrebatamento imperceptível de razão de envolta àquele estado violento e encantador da alma, um vago e surdo instinto para esconder e abolir da memória aquela aventura terrível cujo contato temia, na qual não queria tomar parte, à qual se furtava e da qual não poderia ser relator ou testemunha sem ser acusador. Aliás, aquelas poucas semanas passaram como um relâmpago; eles não tiveram tempo senão para se amar. Enfim, considerando bem, examinando tudo atentamente, se tivesse contado a Cosette a cilada do pardieiro Gorbeau, quando tivesse falado nos Thénardier, quais teriam sido as consequências? Se tivesse descoberto que Jean Valjean era um forçado, isso mudaria a ele, Marius, ou a ela, Cosette? Teria desistido? Adorá-la-ia menos? Deixaria de esposá-la? Não. Isso mudaria alguma coisa do que tinha sido feito? Não. Portanto, nada havia de que se arrepender, nada havia que censurar. Tudo

estava bem. Há um deus especial para esses bêbados que chamamos de apaixonados. Cego, Marius seguira o caminho como se o visse com a maior clareza. O amor tapara-lhe os olhos para levá-lo aonde? Ao paraíso.

Mas esse paraíso era agora flanqueado pelo inferno.

A antiga distância que havia entre Marius e aquele homem, aquele Fauchelevent transformado em Jean Valjean, mesclava-se agora de horror. Nesse horror, digamo-lo, havia certa piedade, certa surpresa até.

Aquele ladrão, um ladrão reincidente, restituíra um legado. E que legado! Seiscentos mil francos. O segredo de tal soma somente ele o possuía. Poderia tê-lo guardado todo para si; porém, entregara-o todo.

Além disso, ele revelara espontaneamente a própria situação. Nada o obrigava a isso. Se conhecia a sua identidade, fora graças a ele. Naquela confissão aceitara mais do que uma humilhação, aceitara o perigo. Para um condenado, a máscara não é uma simples máscara, é um abrigo. E ele renunciara a esse abrigo. Um nome falso significa segurança; e ele havia rejeitado esse nome. Ele, um grilheta, poderia esconder-se para sempre no seio de uma família honesta; no entanto, resistira a essa tentação. E por qual motivo? Por escrúpulo de consciência. Desmascarara-se com a irresistível expressão da realidade. Em suma, fosse quem fosse aquele Jean Valjean, tratava-se incontestavelmente de uma consciência que despertava. Havia em tudo aquilo não sei que misterioso início de reabilitação. Segundo todas as aparências, havia muito tempo que o escrúpulo era o senhor daquele homem. Esses acessos de justiça e de bondade não são próprios de naturezas vulgares. O despertar de uma consciência revela grandeza de alma.

Jean Valjean era sincero. Essa sinceridade visível, palpável, irrefragável, evidente, justamente pela dor que lhe causava, tornava as informações inúteis e dava autoridade a tudo o que ele dizia. Daí, para Marius, a estranha inversão de situações. Que se desprendia do Sr. Fauchelevent? A desconfiança. Que provocava Jean Valjean? A confiança.

No misterioso balanço desse Jean Valjean feito por Marius, ele constatava o ativo, constava o passivo e procurava estabelecer o equilíbrio. Mas tudo estava como que envolto numa tempestade. Marius, esforçando-se para fazer uma ideia nítida daquele homem e, por assim dizer, perseguindo Jean Valjean no fundo do seu pensamento, perdia-o de vista e tornava a encontrá-lo em meio a um fatal nevoeiro.

O legado entregue honestamente, a probidade da confissão, tudo estava bem;

era como que uma abertura entre as nuvens; mas depois estas ficavam escuras. Por mais confusas que fossem as lembranças de Marius, a sombra de uma dúvida sempre pairava sobre elas.

O que era, na realidade, a aventura do pardieiro dos Jondrette? Por que, à chegada da polícia, aquele homem, em lugar de se queixar, havia fugido? Aqui Marius achava uma resposta. Porque era um condenado foragido.

Outra pergunta: Por que aquele homem fora até as barricadas? Pois, agora, Marius via distintamente essa lembrança reaparecendo entre suas emoções como a tinta simpática ao calor do fogo. Aquele homem estivera nas barricadas. Que fora fazer lá? Diante dessa questão, um espectro se levantava e lhe dava a resposta: Javert. Marius lembrava-se perfeitamente agora da fúnebre visão de Jean Valjean conduzindo para fora da barricada Javert amarrado e podia ouvir ainda por trás do canto da travessa Mondétour o horrível disparo da pistola. Havia ali, evidentemente, ódio entre o espião e o grilheta. Um incomodava o outro. Jean Valjean dirigira-se à barricada para se vingar. Chegara tarde. Provavelmente, sabia que Javert estava prisioneiro ali. A *vendetta* corsa penetrara em certos *bas-fonds,* constituindo-se lei; ela é tão simples que não assusta as almas meio voltadas para o bem; e esses corações são feitos de tal modo que um criminoso em via de arrependimento pode mostrar escrúpulo a respeito de um roubo, não porém a respeito da vingança. Jean Valjean matara Javert. Pelo menos isso parecia evidente.

Última questão enfim; para esta, porém, não havia resposta. Marius a sentia como uma tenaz a apertar-lhe o cérebro. De que modo a existência de Jean Valjean se aliara por tanto tempo à existência de Cosette? Como explicar o sombrio jogo da Providência colocando aquela criança em contato com aquele homem. Então, lá em cima, forjam-se cadeias duplas, e Deus se compraz em amarrar um anjo a um demônio? Um crime e uma inocência podem, então, ser colegas de quarto nas misteriosas galés da miséria? Nesse desfile de condenados que se chama destino humano, duas frontes podem passar uma ao lado da outra, uma ingênua, outra terrível, uma inundada pela divina alvura da aurora, outra para sempre empalidecida pelo clarão de um eterno relâmpago? Quem havia determinado essa inexplicável aproximação? De que maneira, por que prodígio pôde estabelecer-se a comunidade de vida entre aquela menina celestial e aquele velho condenado?

Quem poderá ligar o cordeiro ao lobo, e, coisa mais incompreensível ainda, ligar o lobo ao cordeiro? Por que o lobo estimava o cordeiro, por que a besta selvagem adorava uma criatura tão frágil, por que durante nove anos o anjo

tivera como ponto de apoio um monstro? A infância e a adolescência de Cosette, seu desenvolvimento, seu virginal crescimento para a vida e para a luz, haviam sido abrigadas por aquela dedicação disforme. Aqui, as perguntas, por assim dizer, se lascavam em inúmeros enigmas, abismos se abriam no fundo de abismos, e Marius não podia mais inclinar-se sobre Jean Valjean sem sentir vertigens. Que era então aquele homem-precipício?

Os velhos símbolos genesíacos são eternos; na sociedade humana, tal qual existe, até o dia em que uma claridade maior a transforme, haverá sempre dois homens, um superior, outro subterrâneo; o que é segundo o bem é Abel; o que é segundo o mal é Caim. Como explicar, então, esse Caim cheio de ternura? Quem era aquele bandido religiosamente absorto na adoração de uma virgem, velando por ela, educando-a, guardando-a, dignificando-a e envolvendo-a, ele, o impuro, em pureza? Quem era aquela cloaca que havia venerado uma inocência a ponto de nem sequer manchá-la? Quem era aquele Jean Valjean, o educador de Cosette? Quem era aquela figura de trevas tendo por única preocupação preservar de qualquer sombra ou nuvem o despontar de um astro?

Esse era o segredo de Jean Valjean; esse era também o segredo de Deus.

Diante desse duplo segredo, Marius recuava. Um, de certo modo, se tranquilizava a respeito do outro. Deus, nessa aventura, parecia tão visível quanto Jean Valjean. Deus tem seus instrumentos. Ele se serve do objeto que bem entende. Ele não é responsável diante do homem. Sabemos por acaso qual é o seu método? Jean Valjean trabalhara a alma de Cosette; de certo modo, cooperara para a sua formação. Isso era incontestável. E depois? O artista era hediondo, mas a obra, admirável. Deus produz seus milagres como lhe parece melhor. Construíra Cosette tão encantadora, servindo-se para isso de Jean Valjean. Fora de seu agrado escolher esse estranho colaborador. Que contas temos nós a pedir-lhe? É, por acaso, a primeira vez que o esterco ajuda a primavera a formar a rosa?

Marius dava a si mesmo essas respostas e as declarava realmente boas. Sobre todos os pontos que acabamos de indicar, não ousara pressionar Jean Valjean, sem confessar a si mesmo que não ousava fazê-lo. Ele adorava Cosette, ele possuía Cosette. Cosette era esplendidamente pura. Isso lhe bastava. De que esclarecimentos tinha ainda necessidade? Cosette era uma luz. Por acaso a luz precisa ser esclarecida? Ele tinha tudo; que poderia mais desejar? Tudo não é o suficiente? Os problemas pessoais de Jean Valjean não lhe interessavam. Inclinando-se sobre a sombra fatal daquele homem, agarrava-se a esta declaração solene do miserável: – *Eu não sou nada de Cosette. Há dez anos, eu*

nem sequer sabia da sua existência.

Jean Valjean era um estranho. Ele mesmo o dissera. Pois bem, como estranho iria embora. Fosse como fosse, seu papel estava terminado.

Agora havia Marius para tomar as funções da Providência ao lado de Cosette. Cosette viera encontrar novamente no céu azul o seu semelhante, o amante, o esposo, o macho celeste. Ao voar, Cosette, alada e transfigurada, deixava para trás, na terra, vazia e feia, sua crisálida, Jean Valjean.

Qualquer que fosse o círculo de ideias em que Marius se debatesse, voltava-lhe sempre certo horror por Jean Valjean. Horror sagrado, talvez, porque, como acabamos de indicar, ele sentia um *quid divinum* naquele homem.[149] Mas, por mais que fizesse, por mais que procurasse atenuar, era inevitável voltar sempre para o mesmo ponto: tratava-se de um forçado; isto é, de um ser que, na escala social, nem tem lugar, ficando abaixo do último degrau. Depois do último dos homens, vem o forçado. O forçado, por assim dizer, não é mais o semelhante dos vivos. A lei o destituiu de toda humanidade de que pode privar o homem. Marius, sobre questões penais, embora democrata, ainda era adepto do sistema inexorável e tinha, sobre todos os perseguidos pela lei, todas as ideias da lei. Não havia ainda feito, digamo-lo, todos os progressos. Não conseguira ainda distinguir entre o que é escrito pelo homem e o que é escrito por Deus, entre a lei e o direito. Não havia ainda examinado e pesado a faculdade humana de dispor do irrevogável e do irreparável. Não se sentia indignado com a palavra *vindita*. Achava simples que certas violações da lei escrita fossem seguidas de penas eternas e aceitava, como processo civilizador, a danação social. Estava ainda nesse ponto que, mais tarde, deveria infalivelmente ultrapassar, sendo de um natural, todo feito de progresso latente.

No meio dessas ideias, Jean Valjean aparecia-lhe disforme, repelente. Era o reprovado. Era o grilheta. Essa palavra soara para ele como a trombeta do juízo; depois de ter pensado longamente sobre Jean Valjean, seu último gesto fora voltar-lhe as costas. *Vade retro*.[150]

Marius, é preciso reconhecê-lo, e mesmo insistir nesse ponto, ao interrogar Jean Valjean – *O senhor quer a minha confissão* – não lhe havia feito duas ou três perguntas decisivas. Não porque não se lhe apresentassem ao espírito, mas porque o amedontravam. O pardieiro dos Jondrette? A barricada? Javert? Quem sabe até onde iriam suas revelações? Jean Valjean não parecia homem capaz de recuar, e quem sabe se Marius, depois de o ter provocado, não sentiria vontade de fazê-lo parar? Em determinadas conjunturas supremas – isso acontece a todos –, depois de fazermos uma pergunta, sentimos vontade de tapar os ouvidos para

não ouvir a resposta. É sobretudo quando se ama que se sentem essas covardias. Não é prudente investigar até o extremo as situações sinistras, sobretudo quando o lado indissolúvel de nossa própria vida está fatalmente ligada a elas. Das explicações desesperadas de Jean Valjean poderia surgir alguma luz terrível, e quem sabe se essa claridade vergonhosa não iria refletir-se em Cosette? Quem sabe se não ficaria uma espécie de reflexo infernal sobre a fronte daquele anjo? As fagulhas do relâmpago ainda fazem parte do raio. É própria da fatalidade essa solidariedade em que a própria inocência participa do crime pela sombria lei dos reflexos colorantes. Os semblantes mais puros podem guardar para sempre os revérberos de uma aproximação terrível. Com razão ou sem razão, Marius sentira medo. Já sabia demais. Procurava antes atordoar-se do que esclarecer.

Desorientado, arrebatava Cosette em seus braços, fechando os olhos para Jean Valjean.

Jean Valjean era a noite, a noite viva e terrível. Como ousar achar-lhe o fundo? Interpelar a sombra amedronta. Quem sabe qual seria a sua resposta? Com isso, a própria aurora poderia escurecer-se para sempre.

Nessa situação de espírito, constituía para Marius uma perplexidade pungente pensar que aquele homem viria ainda a se encontrar com Cosette. Essas perguntas terríveis, diante das quais recuara e das quais poderia originar-se uma decisão implacável e definitiva, agora quase que se arrependia por não tê-las feito. Julgara-se bom demais, dócil demais e, digamo-lo, frágil demais. Essa fragilidade o havia forçado a concessões imprudentes. Deixara-se comover. Errara. Deveria ter pura e simplesmente rejeitado Jean Valjean. Jean Valjean era a parte do fogo; deveria tê-lo afastado, livrando sua casa de semelhante homem. Irritava-se consigo mesmo, irritava-se com a rapidez daquele turbilhão de emoções que o tinham ensurdecido, cegado e arrastado. Estava descontente consigo mesmo.

Que fazer agora? As visitas de Jean Valjean repugnavam-lhe profundamente. Para que aquele homem em sua casa? Que fazer? Nesse ponto, ele sentia-se atordoado, não queria cavar, não queria aprofundar, não queria sondar a própria alma. Prometera, fora levado a prometer; Jean Valjean tinha a sua palavra, que ele deveria manter, mesmo tratando-se de um forçado, e principalmente por isso. Contudo, seu primeiro dever era para com Cosette. Em suma, a repulsão que sentia o perturbava.

Marius revolvia confusamente todo esse conjunto de ideias em sua mente, passando de uma a outra, emocionando-se por todas elas. Daí sua profunda inquietação. Não lhe foi fácil esconder de Cosette esse estado de espírito, mas o

amor é um talento, e Marius o conseguiu.

Aliás, com aparente indiferença, fez várias perguntas a Cosette, tão cândida como uma pomba branca, não desconfiando de coisa alguma; falou-lhe de sua infância e de sua juventude, e convenceu-se cada vez mais de que tudo o que um homem pode ser de bom, de paternal e de respeitável, aquele grilheta tinha sido para Cosette. Tudo o que Marius entrevira e imaginara era real. A urtiga sinistra amara e protegera o lírio.

LIVRO OITAVO

O CREPÚSCULO

I | A SALA AO RÉS DO CHÃO

No dia seguinte, ao cair da noite, Jean Valjean batia no portão dos Gillenormand. Basco o atendeu. Já estava no pátio como se estivesse obedecendo a ordens. Acontece às vezes que se diz a um criado: – Preste atenção para ver quando chega o senhor fulano.

Basco, sem esperar que Jean Valjean fosse até ele, dirigiu-lhe a palavra:

– O Sr. Barão encarregou-me de lhe perguntar se prefere subir ou ficar aqui embaixo.

– Fico embaixo – respondeu Jean Valjean.

Basco, aliás absolutamente respeitoso, abriu a porta da sala e disse: – Vou avisar a senhora.

O cômodo em que Jean Valjean entrara era abobadado, úmido e servia ocasionalmente de despensa; dava para a rua, tinha ladrilhos vermelhos e era mal iluminado por uma janela guarnecida de grades de ferro.

Essa sala não fazia parte das que dão trabalho aos espanadores e à vassoura. A poeira ali ficava tranquila. A perseguição às aranhas não havia sido organizada. Uma bela teia, comodamente estendida, enfeitada de moscas mortas, formava uma roda sobre um dos vidros da janela. A sala, pequena e baixa, estava mobiliada por um monte de garrafas vazias jogadas a um canto. A parede, revestida com ocre amarelo, perdera a pintura em vários pontos. Ao fundo, havia uma lareira de madeira pintada de preto, encimada por uma pequena estante. O lume estava aceso, o que indicava que já tinham previsto a escolha de Jean Valjean: *ficar embaixo*.

Duas poltronas tinham sido colocadas nos dois cantos da lareira. Entre elas, estendia-se um velho tapete de quarto, mostrando mais corda do que lã. O cômodo era iluminado pelo fogo da lareira e pela meia-luz da janela.

Jean Valjean estava cansado. Havia vários dias que não dormia e não se alimentava. Deixou-se cair sobre uma das poltronas. Basco voltou, colocou

sobre a lareira uma vela acesa e se retirou. Jean Valjean, de cabeça inclinada, apoiando o queixo no peito, não percebeu nem Basco nem a vela.

De repente, levantou-se sobressaltado. Cosette estava atrás dele. Ele não a vira entrar; porém sentira a sua presença. Voltou-se, contemplou-a. Ela estava adoravelmente bela. Mas o que ele via daquele olhar profundo não era a beleza, era a alma.

– Ora! – exclamou Cosette. – Pai, eu sabia que o senhor era esquisito, mas jamais esperaria por uma coisa dessas. Que ideia! Marius me disse que o senhor é que quis que eu o recebesse aqui.

– Sim, fui eu.

– Eu já esperava essa resposta. Bem. Previno-o de que vou fazer uma cena. Comecemos pelo começo. Meu pai, dê-me um beijo.

E ofereceu-lhe a face. Jean Valjean continuou imóvel.

– Como? Não se move? Estou vendo. Atitude de culpado. Mas não faz mal, eu o perdoo. Jesus Cristo disse: – Apresente-lhe a outra face. – Pronto.

E ofereceu-lhe a outra face. Jean Valjean não se moveu. Parecia ter os pés pregados no chão.

– A coisa está ficando séria – disse Cosette. – Que foi que eu lhe fiz? Eu me declaro zangada. Para merecer a reconciliação terá de jantar conosco hoje.

– Eu já jantei.

– Não é verdade. Vou fazer com que o Sr. Gillenormand ralhe com o senhor. Os avós são feitos para repreender os pais. Vamos. Suba comigo para o salão. Agora mesmo.

– Impossível!

Cosette perdera um pouco do terreno. Parou de dar ordens e passou a fazer perguntas.

– Mas por que o senhor escolheu para me ver a sala mais feia de toda a casa? Isto aqui é horrível!

– Você sabe…

Jean Valjean corrigiu-se:

– A senhora sabe, sou meio estranho, tenho minhas manias.

Cosette bateu as mãos uma contra a outra.

– Senhora!… A senhora sabe!… De novo! O que quer dizer com isso?

Jean Valjean dirigiu-lhe o sorriso doloroso a que recorrera outras vezes.

– Você quis ser senhora e o conseguiu.

– Não para o senhor, meu pai.

– Não me chame mais de pai.

– Como?

– Chame-me de Sr. Jean. Jean, se preferir.

– O senhor não é mais meu pai? Eu não sou mais Cosette? Senhor Jean? O que significa isso? Que revoluções são essas? O que aconteceu? Olhe um pouco para mim! E ainda não quer morar conosco! Não quer aceitar o quarto que lhe demos! O que lhe fiz eu? O que fiz! Houve então alguma coisa?

– Nada.

– E, então?

– Tudo continua como sempre.

– Por que quer trocar de nome?

– A senhora também mudou de nome.

E sorriu com o mesmo sorriso, acrescentando:

– Já que agora é Madame Pontmercy, eu bem posso ser o Sr. Jean.

– Não estou compreendendo mais nada. Tudo isso é bobagem. Pedirei a meu marido permissão para chamá-lo de Sr. Jean. Espero que ele não o consinta. O senhor está me deixando preocupada. Pode ser extravagante, mas não fazer sofrer a sua pequena Cosette. Isso não está bem. O senhor, que é bom, não tem o direito de ser mau.

Jean Valjean não respondeu. Cosette pegou-lhe vivamente as duas mãos e, com um gesto irresistível, levantando-as à altura do rosto, apertou-as fortemente contra o pescoço e a garganta, o que é um profundo gesto de ternura.

– Oh! – disse-lhe ela. – Seja bom!

E prosseguiu:

– Eis o que eu entendo por ser bom: ser gentil, vir morar conosco, recomeçar nossos passeios; aqui há passarinhos como na Rue Plumet, viver aqui conosco, deixar aquele buraco da Rue de l’Homme-Armé, não apresentar-nos charadas para adivinhar, ser como todo mundo, almoçar conosco, jantar conosco, ser o meu pai.

Jean Valjean afastou-lhe as mãos.

– A senhora não tem mais necessidade de um pai, agora que tem um marido.

Cosette amuou-se:

– Não preciso mais de um pai! De coisas assim que não têm sequer o senso comum, nem sei o que dizer!

– Se Toussaint estivesse aqui – retrucou Jean Valjean, como alguém que procura apoio e se agarra a todos os ramos –, ela seria a primeira a dizer que eu sempre fui esquisito. Não é nada de novo. Sempre gostei do meu cantinho escuro.

– Mas aqui faz frio, não se enxerga bem. E que coisa horrível essa agora de querer ser o Sr. Jean. Eu não quero que me chame de senhora.

– Há pouco, vindo para cá – respondeu Jean Valjean –, vi na Rue Saint-Louis um móvel. Se eu fosse uma mulher bonita, eu o compraria para mim. É um toucador da última moda, feito do que chamam de madeira rosada. É entalhada, tem um espelho bem grande e gavetas. Muito bonito.

– Uh! urso mau! – replicou Cosette.

E com uma gentileza suprema, cerrando os dentes e abrindo os lábios, soprou contra Jean Valjean. Era uma Graça imitando uma gata.

– Estou furiosa – retrucou. – Desde ontem que o senhor só sabe me aborrecer. Estou ardendo de raiva. Não compreendo coisa alguma. O senhor não me defende de Marius, Marius não me defende do senhor. Estou completamente só. Arrumei um quarto com todo o cuidado. Se eu pudesse poria nele o próprio Deus. Mas me deixam na mão. Meu inquilino faltou-me à promessa. Encomendo a Nicolette um bom jantar. – Não querem saber do seu jantar, Madame. – E meu pai Fauchelevent quer que o chame de Sr. Jean, que o receba numa horrível adega embolorada, onde os muros têm barba e onde, como cristais, há garrafas vazias e, como cortinas, teias de aranha! O senhor é diferente, está bem, é seu temperamento, mas deve dar uma trégua a quem acaba de se casar. Não era preciso que recomeçasse a ser diferente logo em seguida. Então vai mesmo ficar satisfeito naquela abominável Rue de l’Homme-Armé. Eu lá me sentia bastante desesperada. O que é que o senhor tem contra mim? Assim o senhor me faz sofrer muito. Ora!

E, tornando-se subitamente séria, olhou fixamente para Jean Valjean, e acrescentou:

– Desagrada-lhe ver-me feliz?

A ingenuidade, sem que o saiba, penetra às vezes muito longe. Essa pergunta, simples para Cosette, era profunda para Jean Valjean. Cosette queria somente arranhar, e despedaçava.

Jean Valjean empalideceu. Ficou por um momento sem responder; depois, com inexprimível acento, falando consigo mesmo, murmurou:

– A sua felicidade era a razão da minha vida. Agora, Deus pode marcar a

minha partida. Cosette, você é feliz; terminei o que tinha a fazer.

– Ah! chamou-me de *você*! – exclamou Cosette.

E saltou-lhe ao pescoço. Jean Valjean, sem saber o que fazer, apertou-a extasiado contra o peito. Teve quase a impressão de que a recebia de volta.

– Obrigada, pai! – disse-lhe Cosette.

Esse entusiasmo tinha algo de dramático para Jean Valjean, que, livrando-se docemente de seus braços, pegou o chapéu.

– Então? – disse Cosette.

Jean Valjean respondeu:

– Eu me retiro, senhora; estão à sua espera.

E, do limiar da porta, acrescentou:

– Tratei-a de *você*. Diga a seu marido que isso não se repetirá. Perdoe-me.

Jean Valjean saiu, deixando Cosette assustada com esse adeus enigmático.

II | MAIS ALGUNS PASSOS PARA TRÁS

No dia seguinte, à mesma hora, Jean Valjean chegou.

Cosette não lhe fez mais perguntas, não se admirou mais, não falou mais do frio nem da sala; evitou chamá-lo de pai ou de Sr. Jean. Deixou que ele a chamasse de senhora. Mostrava-se, porém, menos alegre. Estaria triste se a tristeza lhe fosse possível.

É provável que tivesse tido com Marius uma daquelas conversas nas quais o homem amado diz o que quer, sem nada explicar, e agrada a mulher amada. A curiosidade dos apaixonados não vai muito além de seu amor.

A sala passara por certa toalete. Basco suprimira as garrafas e Nicolette, as teias de aranha.

Todos os dias que se seguiram trouxeram à mesma hora Jean Valjean. Ele veio todos os dias, não tendo forças para tomar as palavras de Marius a não ser ao pé da letra. Marius fez de modo a sempre estar ausente nas horas em que Jean Valjean chegava. A casa acostumou-se à nova maneira de ser do Sr. Fauchelevent. Toussaint ajudou um pouco. – *Ele sempre foi assim* – repetia. O avô promulgou este decreto: – É um original! – E não se falou mais no caso. Aliás, aos noventa anos, não há mais ligações possíveis, tudo é justaposição; um recém-chegado é um incômodo. Não há mais lugar; todos os hábitos já estão formados. Sr. Fauchelevent, Sr. Tranchelevent, o avô não pedia outra coisa que

ser dispensado de atender “àquele senhor”. E acrescentou: – Nada é mais comum que esses originais. Eles fazem todo tipo de bizarrias, sem nenhum motivo. O Marquês de Canaples era muito pior. Comprou um palácio e foi morar no sótão. São ideias fantásticas que as pessoas têm.

Ninguém entrevia o fundo sinistro. Quem, aliás, poderia adivinhar semelhante coisa? Na Índia há pântanos semelhantes; a água parece extraordinária, inexplicável, trêmula, sem que haja vento algum, agitada justamente onde deveria mostrar-se calma. Olha-se à superfície aquela agitação calma, sem se perceber a hidra que se arrasta no fundo.

Muitos homens possuem também um monstro secreto, um mal que alimentam, um dragão que os rói, um desespero que habita suas noites. Tal homem se assemelha aos demais, vai e vem. Ninguém sabe que, em seu íntimo, existe uma terrível dor parasita de mil dentes que vive nesse miserável e que o vê morrer. Ninguém percebe que esse homem é um abismo. É estagnante, mas profundo. De quando em quando, uma perturbação aparentemente sem causa se mostra à superfície. Uma ruga misteriosa se dobra, depois desaparece, depois reaparece; uma bolha de ar sobe e arrebenta. É pouca coisa, é terrível. É a respiração da besta desconhecida.

Certos hábitos estranhos: chegar na hora em que os outros partem, esconder-se enquanto outros se põem em evidência, conservar em todas as ocasiões o que poderíamos chamar de manto cor de parede, preferir os caminhos solitários, preferir a rua deserta, não tomar parte nas conversações, evitar as multidões e as festas, parecer rico e viver pobremente, andar rico como é com a chave no bolso e a vela na casa do porteiro, entrar pela porta de serviço, subir por escadas secretas, todas essas singularidades insignificantes, rugas, bolhas de ar, rugas fugazes da superfície vêm muitas vezes de um fundo terrível.

Assim se passaram várias semanas. Uma vida nova se apoderou aos poucos de Cosette; as relações que cria o casamento, as visitas, os cuidados da casa, os divertimentos, as grandes preocupações. Os prazeres de Cosette não eram dispendiosos, consistiam num único: estar ao lado de Marius. Sair com ele, ficar com ele, esse era o grande cuidado de sua vida. Para eles era sempre uma nova alegria sair de braço dado, à luz do dia, em plena rua, sem se esconderem, diante de todos, sozinhos. Cosette teve uma contrariedade. Toussaint não conseguiu harmonizar-se com Nicolette. Como era impossível um acordo entre as duas, foi-se embora. O avô passava bem; Marius defendia uma ou outra causa; tia Gillenormand levava calmamente ao lado do novo casal a vida lateral que lhe bastava. Jean Valjean vinha todos os dias.

Desaparecendo a intimidade, os *senhores*, os *madames*, os *Sr. Jean*, tudo isso o fazia outro para Cosette. O cuidado que ele tivera para separá-la dera resultados. Cosette mostrava-se cada vez mais alegre, cada vez menos meiga. Contudo, ainda o estimava muito, e ele bem o sentia. Um dia ela lhe disse de repente: – O senhor era meu pai, agora não é mais; era meu tio, agora não é mais; era o Sr. Fauchelevent, agora chama-se Jean. Quem é o senhor, afinal? Não gosto nada disso. Se eu não soubesse que é tão bom, teria medo do senhor.

Ele continuava morando na Rue de l'Homme-Armé, não podendo resolver-se a se afastar do bairro onde morava Cosette.

Nas primeiras visitas, não ficava ao lado de Cosette senão durante alguns minutos; depois se retirava. Pouco a pouco adquiriu o hábito de fazê-las menos curtas. Dir-se-ia que aproveitava a autorização dos dias que se prolongavam: chegava mais cedo e retirava-se mais tarde.

Um dia Cosette, distraída, chamou-o de pai. Um relâmpago de alegria iluminou o velho rosto sombrio de Jean Valjean. Ele a corrigiu: – Diga Jean.

– Ah! é verdade – respondeu ela, dando uma gargalhada. – Sr. Jean.

– Assim – disse ele. E voltou-se para que ela não o visse enxugar os olhos.

III | RECORDAÇÕES DO JARDIM DA RUE PLUMET

Foi a última vez. A partir desse último clarão, seguiu-se a extinção completa. Cessou toda a familiaridade, cessaram os bons-dias acompanhados de beijos, cessaram estas palavras profundamente doces: – Meu pai! – Por sua vontade e cumplicidade, Jean Valjean foi sucessivamente expulso de todas as felicidades; e ainda teve a desgraça de, depois de ter perdido Cosette de uma só vez num dia, ver-se obrigado a perdê-la outra vez aos poucos.

Os olhos acabam por habituar-se à luz das cavernas. Em suma, ver todos os dias uma aparição de Cosette já lhe bastava. Toda a sua vida se concentrava naqueles instantes. Sentava-se a seu lado, olhava-a em silêncio, ou então falava-lhe dos anos passados, de sua infância, do convento, de suas amiguinhas de então.

Uma tarde – era um dos primeiros dias de abril, já bastante quentes, mas ainda frescos, o momento da grande alegria do sol; os jardins que cercavam as janelas do quarto de Marius e Cosette sentiam a emoção do despertar; os pilriteiros começavam a brotar; uma bijuteria de goivos cobria as velhas paredes;

bocas-de-leão cor-de-rosa pareciam bocejar por entre as fendas das pedras; no meio da erva, viam-se despontar boninas e botões-de-ouro; as borboletas-brancas daquele ano estreavam; o vento, menestrel de eternas núpcias, ensaiava nas árvores as primeiras notas da grande sinfonia auroral que os velhos poetas chamam de primavera –, Marius disse a Cosette:

– Uma vez dissemos que iríamos rever o jardim da Rue Plumet. Vamos? Não podemos ser tão ingratos.

E ambos voaram como duas andorinhas na primavera. O jardim da Rue Plumet fazia-lhes o mesmo efeito que a aurora. Eles já tinham em seu passado algo que era como que a primavera do amor. A casa da Rue Plumet, embora arrendada, pertencia ainda a Cosette. Eles voltaram a ver a casa e o jardim. Ali se reencontraram, ali se esqueceram. À tardinha, à hora de costume, Jean Valjean voltou à Rue des Filles-du-Calvaire.

– Madame saiu com o Sr. Marius e ainda não voltou – disse-lhe Basco.

Jean Valjean sentou-se em silêncio e esperou por uma hora. Cosette não apareceu. Ele abaixou a cabeça e se retirou.

Cosette estava tão encantada com o passeio ao "seu jardim" e tão alegre por ter vivido "todo um dia em seu passado" que não falou de outra coisa durante o dia seguinte. Nem percebeu que não tinha visto Jean Valjean.

– De que modo vocês foram até lá? – perguntou-lhe Jean Valjean.

– A pé.

– E como voltaram?

– De fiacre.

Havia algum tempo Jean Valjean notava a parcimônia em que vivia o jovem casal. Isso o preocupava. A economia de Marius era severa, e as palavras para Jean Valjean tinham sentido absoluto. Ele arriscou uma pergunta:

– Por que não compram uma carruagem? Um lindo *coupé* não lhes custaria senão quinhentos francos mensais. Vocês são ricos.

– Não sei – respondeu Cosette.

– E Toussaint – replicou Jean Valjean. – Ela partiu e vocês ainda não a substituíram. Por quê?

– Nicolette é suficiente.

– Mas a senhora precisa de uma camareira.

– Não tenho Marius?

– Por que não compram uma casa para vocês, com criados e carruagem; por que não reservam um camarote no teatro? Não há nada que ambos não mereçam.

Por que não aproveitam o dinheiro que têm? A riqueza completa a felicidade.

Cosette nada respondeu.

As visitas de Jean Valjean não ficaram mais curtas. Longe disso. Quando é o coração que resvala, é impossível detê-lo na descida.

Quando Jean Valjean queria prolongar a visita e fazer esquecer a hora, elogiava Marius; achava-o bonito, nobre, corajoso, espirituoso, eloquente, bom. Cosette aumentava a dose, Jean Valjean recomeçava e a conversa ia longe. Marius era um assunto inesgotável; cabiam volumes naquelas seis letras. Desse modo, Jean Valjean conseguia ficar muito tempo. Ver Cosette esquecer-se a seu lado era para ele toda a felicidade! Era o tratamento de sua chaga. Aconteceu muitas vezes de Basco ter de ir mais de uma vez avisar: – O Sr. Gillenormand mandou-me lembrar à Sra. Baronesa que o jantar está servido.

Naqueles dias, Jean Valjean voltava para casa muito preocupado.

Seria real a comparação da crisálida em que Marius pensara? Jean Valjean seria mesmo uma crisálida que se obstinava em visitar sua borboleta?

Uma tarde, ele demorou-se mais ainda que de costume. No dia seguinte, notou que não havia fogo na lareira. – Olhe! – pensou ele. Apagada! E deu a si mesmo esta explicação: – É muito simples. Estamos em abril; terminou o inverno.

– Meu Deus! Como faz frio aqui! – exclamou Cosette ao entrar.

– Nem tanto – disse Jean Valjean.

– Então foi o senhor que deu ordens a Basco para não acender a lareira?

– Fui. Afinal, estamos quase em maio.

– Mas as lareiras se acendem até o mês de junho. Neste buraco, então, é preciso acendê-la durante o ano inteiro.

– Achei que o fogo era inútil.

– Essa é uma de suas ideias! – replicou Cosette.

No dia seguinte, o fogo estava aceso, mas as duas poltronas estavam colocadas na outra extremidade da sala, perto da porta.

– Que quer dizer isso? – pensou Jean Valjean.

Carregou as poltronas e colocou-as no lugar de sempre, perto da lareira. O calor do fogo reanimou-o. Jean Valjean prolongou a conversa por mais tempo ainda que de ordinário. Quando ia levantar-se para sair, Cosette lhe disse:

– Meu marido ontem me contou uma coisa estranha.

– O que foi?

– Ele me disse: – Cosette, temos trinta mil francos de renda. Vinte e sete seus e três de meu avô. – Eu respondi: – Total: trinta. – Ele retrucou: – Você tem coragem de viver com os três mil? – Respondi: – Como não? Até com nada, contanto que seja com você. – Depois, perguntei: – Por que está me dizendo isso? – Ele respondeu: – Só para saber.

Jean Valjean não soube o que dizer. Cosette esperava provavelmente que ele lhe desse alguma explicação; ele a ouviu, tristonho e calado, e voltou para a Rue de l'Homme-Armé; estava tão profundamente absorto que se enganou de porta e, em vez de entrar em sua casa, entrou na casa vizinha. Somente depois de ter subido quase dois andares foi que percebeu o erro, e desceu.

A mente atormentava-o com as mais estranhas conjecturas. Era evidente que Marius tinha dúvidas sobre a origem daqueles seiscentos mil francos; ele temia, quem sabe?, que o dinheiro viesse de uma fonte desonesta, ou talvez tivesse descoberto que provinha dele, Jean Valjean, assim, hesitando diante dessa fortuna suspeita, repugnava-lhe tomá-la para si, preferindo continuar pobres, ele e Cosette, a possuírem uma riqueza de origem duvidosa.

Além disso, Jean Valjean começava a sentir-se indesejado.

No dia seguinte, ao entrar para a pequena sala, sentiu como que um repelão. As poltronas haviam desaparecido. Não havia ali nem sequer uma cadeira.

– Como! – exclamou Cosette, ao chegar. – E as poltronas? Onde estão as poltronas?

– Não estão mais aqui – respondeu Jean Valjean.

– Essa é demais!

Jean Valjean balbuciou:

– Eu é que pedi a Basco que as levasse.

– E por quê?

– Hoje não me vou demorar senão alguns minutos.

– Ficar pouco não é razão para se ficar de pé.

– Creio que Basco precisava das poltronas no salão.

– Por quê?

– Sem dúvida, hoje receberão visitas.

– Não esperamos ninguém.

Jean Valjean não pôde dizer nem mais uma palavra.

Cosette levantou os ombros.

– Mandar levar as poltronas! Outro dia, o senhor mandou apagar a lareira.

Como o senhor é esquisito!

– Adeus – murmurou Jean Valjean.

Ele não disse: – Adeus, Cosette. – Mas não teve forças para dizer: – Adeus, Madame.

Saiu acabrunhado. Dessa vez havia compreendido. No dia seguinte, não apareceu. Cosette só notou o fato à noite. – O Sr. Jean não veio hoje – disse ela.

Sentiu-se um pouco triste, mas por um instante apenas, distraída por um beijo de Marius.

No outro dia, ele também não veio. Cosette não se preocupou; passou a tarde e dormiu à noite, como de ordinário, não pensando no caso senão na manhã seguinte. Era tão feliz! Mandou depressa Nicolette à casa de Jean Valjean saber se ele estava doente e por que não aparecera no dia anterior. Nicolette trouxe a resposta do Sr. Jean. Ele não estava doente; estava ocupado. Far-lhe-ia uma visita logo que fosse possível. Iria fazer uma pequena viagem. Madame deveria lembrar-se de que tinha o costume de viajar de vez em quando. Que não se inquietasse por isso e não se preocupasse com ele.

Nicolette, ao chegar à casa de Jean Valjean, repetira as mesmas palavras da patroa: – Madame queria saber… – por que o Sr. Jean não aparecera no dia anterior.

– Há dois dias que não apareço – disse Jean Valjean com ternura.

Mas a observação resvalou por Nicolette, que não fez menção dela à patroa.

IV | ATRAÇÃO E EXTINÇÃO

Durante os últimos meses da primavera e os primeiros meses do verão de 1833, os raros transeuntes do Marais, os lojistas e os ociosos que se recostavam às ombreiras das portas notaram um velho decentemente vestido de preto, que todos os dias, mais ou menos à mesma hora, ao cair da noite, saía da Rue de l’Homme-Armé pelo lado da Rue Sainte-Croix-de-la-Bretonnerie, passava diante dos Blancs-Manteaux, ganhava a Rue Culture-Sainte-Catherine, chegando à Rue de l’Écharpe, e virava à esquerda entrando na Rue Saint-Louis.

Lá ele caminhava a passos lentos, de cabeça inclinada para a frente, sem nada ver nem ouvir, com o olhar fixo sempre no mesmo ponto, que parecia para ele cheio de estrelas, mas que não era outro que a esquina da Rue des Filles-du-Calvaire. Quanto mais se aproximava dessa esquina, mais os seus olhos

brilhavam; uma espécie de alegria lhe iluminava as pupilas como uma aurora interior; ele parecia fascinado e enternecido; seus lábios faziam movimentos obscuros, como se falasse com alguém que ele não via, sorria vagamente e ia adiante o mais lentamente possível. Dir-se-ia que, ansioso por chegar, tinha medo do momento em que isso iria acontecer. Quando não havia mais que algumas casas entre ele e essa rua que parecia atraí-lo, seus passos se retardavam tanto que davam a impressão de que não caminhava mais. A vacilação da cabeça e a fixidez de suas pupilas faziam pensar na agulha que procura o polo. Por mais tempo que levasse, sempre teria de chegar à Rue des Filles-du-Calvaire; então parava, trêmulo, espiava medrosamente além do ângulo da última casa, e olhava para a rua; naquele trágico olhar algo se assemelhava ao deslumbramento do impossível e ao resplendor de um paraíso fechado. Depois, uma lágrima, que se tinha formado pouco a pouco no canto das pálpebras, tornando-se bastante pesada para cair, descia-lhe pela face e, às vezes, parava-lhe na boca. O velho sentia-lhe o gosto amargo. Ele permanecia assim por alguns minutos, como se fosse de pedra; depois, voltava pelo mesmo caminho e com o mesmo passo. À medida que se afastava, seu olhar se extinguia.

Pouco a pouco, o velho deixou de ir até à esquina da Rue des Filles-du-Calvaire; parava no meio do caminho, na Rue Saint-Louis, ora mais longe ora mais perto. Um dia parou na esquina da Rue Culture-Sainte-Catherine e contemplou de longe a Rue des Filles-du-Calvaire. Depois balançou silenciosamente a cabeça da direita para a esquerda, como se recusasse alguma coisa, e voltou.

Pouco depois, não ia nem mesmo até a Rue Saint-Louis. Chegava à Rue Pavée, sacudia a cabeça e voltava; depois não ia além da Rue des Trois-Pavillons; depois não passava dos Blancs-Manteaux. Dir-se-ia um pêndulo cujas oscilações diminuíam até pararem por completo.

Todos os dias ele saía de casa à mesma hora, refazia o mesmo trajeto, mas não o terminava. Talvez sem o perceber, o abreviava cada vez mais. Todo o seu rosto expressava esta única ideia: “Para quê?”. Seus olhos estavam apagados e sem brilho. As lágrimas rareavam; elas não se formavam mais no canto das pálpebras. Seus olhos, pensativos, estavam secos. A cabeça do velho estava sempre inclinada para a frente; o queixo, de vez em quando, movia-se; as rugas do seu pescoço magro davam pena. Às vezes, quando o tempo não estava bom, carregava um guarda-chuva que jamais abria. As boas mulheres do bairro diziam: – É um coitado. – As crianças o seguiam rindo.

LIVRO NONO

SUPREMA SOMBRA,SUPREMA AURORA

I | PIEDADE PARA OS DESGRAÇADOS, INDULGÊNCIA PARA OS FELIZES

Que coisa terrível é ser feliz! Como nos contentamos! Como achamos que isso é suficiente! Como, estando de posse da falsa finalidade da vida, a felicidade, nos esquecemos de seu verdadeiro escopo, o dever!

Contudo, digamo-lo, não deveríamos censurar o procedimento de Marius.

Marius, como já explicamos, antes de se casar não fizera perguntas ao Sr. Fauchelevent; depois, teve medo de fazê-las a Jean Valjean. Arrependia-se da promessa que fizera a si próprio, repetindo muitas vezes que errara ao fazer aquela concessão ao desespero. Limitara-se a afastar Jean Valjean pouco a pouco, a apagá-lo o mais possível da mente de Cosette. De certo modo, colocava-se sempre entre Cosette e Jean Valjean, certo de que, agindo dessa maneira, ela nada perceberia e não pensaria mais nele. Era mais que uma supressão, era o eclipse.

Marius fazia o que julgava necessário e justo. Para afastar Jean Valjean, sem aspereza mas sem pusilanimidade, pensava ter razões sérias, algumas já conhecidas e outras que ainda veremos mais tarde. Tendo encontrado por acaso, num processo de que se encarregara, um antigo funcionário do banco Laffitte, obtivera, sem procurar, misteriosas informações que na verdade não conseguiu aprofundar, por respeito ao segredo que prometera guardar e por cuidado para com a perigosa situação de Jean Valjean. Ele julgava, naquele mesmo instante, ter um grave dever a cumprir: a restituição dos seiscentos mil francos a alguém que ele procurava descobrir o mais secretamente possível. Enquanto esperava, abstinha-se de tocar naquele dinheiro.

Quanto a Cosette, ela nada sabia desses segredos, mas também seria injusto condená-la. Entre Marius e ela havia um magnetismo todo-poderoso que a obrigava a fazer, instintiva e quase maquinalmente, o que Marius desejava. Ela sentia, tratando-se do *Sr. Jean*, a mesma vontade de Marius, e com ela se

conformava. O marido nada teve de lhe dizer; ela submetia-se à pressão vaga, mas clara, de suas intenções tácitas, e obedecia cegamente. Sua obediência aqui consistia em não se lembrar do que Marius esquecera. Para isso, não teve de fazer nenhum esforço. Sem que mesmo soubesse por quê, e sem que a possamos acusar por isso, sua alma identificara-se de tal modo com a do marido que o que se cobria de sombra no pensamento de Marius obscurecia-se também na sua mente.

No entanto, não exageremos; no que tocava a Jean Valjean, esse esquecimento era apenas superficial. Ela estava mais atordoada que esquecida. No fundo, amava muito aquele que por tanto tempo chamara de pai; mas amava mais ainda o marido. Foi o que desequilibrou um tanto a balança daquele coração, fazendo-o pender para um só lado.

Acontecia, às vezes, que Cosette falava de Jean Valjean e se admirava. Então Marius a tranquilizava: – Acho que ele está ausente. Ele não falou que ia viajar?

– É verdade – pensava Cosette. – Ele tinha o hábito de desaparecer assim, porém não por tanto tempo.

Por duas ou três vezes mandou Nicolette à Rue de l'Homme-Armé para saber se o Sr. Jean já havia chegado. Jean Valjean mandou responderem que não.

Cosette não perguntou mais nada, não tendo sobre a Terra senão uma única necessidade, Marius. Digamos ainda que, por sua vez, Marius e Cosette haviam estado ausentes. Tinham ido a Vernon. Marius levara Cosette até o túmulo do pai.

Pouco a pouco, ele conseguira roubar Cosette de Jean Valjean. Cosette não se opôs.

Aliás, o que chamamos com muita aspereza, em determinados casos, de ingratidão infantil não é sempre uma coisa tão repreensível como se julga. É ingratidão da natureza. A natureza, já o dissemos em outros lugares, *olha para a frente*. A natureza divide os seres vivos em dois grupos: os que chegam e os que partem. Os que partem estão voltados para a sombra, os que chegam estão voltados para a luz. Daí a separação que, da parte dos velhos, é fatal, e, da parte dos jovens, involuntária. Esse afastamento, a princípio insensível, aumenta lentamente como a separação dos ramos. Estes, sem se desligarem do tronco, se afastam. A culpa não é deles. A juventude dirige-se para onde há alegria, festas, luz, amor. A velhice dirige-se para o fim. Não se perdem de vista, mas não estão mais juntas. Os jovens sentem o resfriamento da vida; os velhos sentem o resfriamento do túmulo. Não acusemos esses pobres jovens.

II | ÚLTIMAS PALPITAÇÕES DA LÂMPADA SEM ÓLEO

Um dia Jean Valjean desceu a escada, deu três passos na rua, sentou-se em um poial, no mesmo em que Gavroche, na noite de 5 para 6 de junho, o encontrara pensativo, ficou ali por alguns instantes e depois tornou a subir. Foi a última oscilação do pêndulo. No dia seguinte, não saiu mais de casa. Depois, não saiu mais do leito.

A porteira, que lhe preparava a magra refeição, algumas couves ou batatas com toucinho, olhou sua tigela de barro e exclamou:

– Mas o senhor não comeu ontem, pobre homem!

– Comi – respondeu Jean Valjean.

– A tigela está cheia.

– Olhe a bilha. Está vazia.

– Isso prova que o senhor bebeu, não que tenha comido.

– Ora! – disse Jean Valjean. – Mas eu só tive fome de água.

– Isso se chama sede, e, quando não se come ao mesmo tempo, chama-se febre.

– Amanhã eu como.

– Ou nunca. Por que não hoje? Quem é que diz: – Amanhã eu como? – Deixar todo o prato sem tocar! E minhas batatas estavam tão gostosas!

Jean Valjean pegou a mão da velha senhora.

– Prometo-lhe que vou comer – disse-lhe com amabilidade.

– Não estou contente com o senhor – respondeu a porteira.

Jean Valjean já não via outra criatura humana além dessa boa mulher. Em Paris, há duas ruas em que ninguém passa, e casas em que ninguém entra. Ele estava numa dessas ruas e numa dessas casas.

Ainda no tempo em que saía, comprara de um caldeireiro por alguns soldos um pequeno crucifixo de cobre que pendurara num prego na frente da cama. É sempre bom contemplar aquele patíbulo.

Passou-se uma semana sem que Jean Valjean desse um passo em seu quarto. Ficava sempre deitado. A porteira dizia ao marido:

– O bom velho lá de cima não se levanta mais, não come mais; não vai muito longe. Desgostos, na certa. Ninguém me tira da cabeça que a filha casou mal.

O porteiro replicou com a expressão da autoridade marital:

– Se é rico, que chame um médico. Se não é rico, não chame. Se não vier o médico, vai morrer.

– E se vier?

– Morre do mesmo jeito – disse o porteiro.

A porteira pôs-se a arrancar com uma faca velha a erva que crescia no que ela chamava de sua calçada e, enquanto arrancava o mato, resmungava:

– É uma pena. Um velho tão asseado! É branco como um franguinho.

Vendo no fim da rua um médico do bairro que passava, chamou-o por sua conta.

– É no segundo andar – disse-lhe ela. – É só entrar. Como o velho não sai mais da cama, a chave fica sempre na porta.

O médico visitou Jean Valjean e falou-lhe.

Quando desceu, a porteira lhe perguntou:

– Então, doutor?

– O seu doente está bem doente.

– O que é que ele tem?

– Tudo e nada. É um homem que, segundo todas as aparências, deve ter perdido alguma pessoa querida. Disso também se morre.

– Que é que ele lhe disse?

– Disse-me que estava bem.

– O senhor volta, doutor?

– Volto – respondeu o médico. – Mas seria preciso que voltasse mais alguém.

III | UMA PENA É PESADA DEMAIS PARA QUEM LEVANTOU A CARROÇA DE FAUCHELEVENT

Uma tarde, Jean Valjean se esforçou para se levantar apoiando-se nos cotovelos; tomou o pulso mas não o sentiu; sua respiração era curta e dificultosa; reconheceu que estava mais fraco do que antes. Então, sem dúvida sob a pressão de alguma preocupação suprema, fez um esforço, sentou-se e vestiu-se. Vestiu a velha roupa de trabalho. Como não saía mais, ele a preferia. Teve de parar por diversas vezes; somente para enfiar as mangas da blusa o suor corria-lhe pela fronte.

Desde que ficara só, colocara o leito na antecâmara, a fim de usar o menos possível aquele apartamento deserto. Abriu a maleta e retirou o enxoval de Cosette. Em seguida, estendeu-o sobre a cama.

Os castiçais do Bispo estavam em seu lugar, em cima da lareira. Pegou na

gaveta duas velas de cera e colocou-as nos castiçais. Depois, embora ainda fosse dia – era verão –, acendeu-as. Às vezes, veem-se círios acesos de dia nas salas onde há mortos.

Cada passo que dava para ir de um móvel a outro o extenuava, obrigando-o a sentar-se. Não era o cansaço comum que requer força para se renovar; eram os últimos movimentos possíveis; era a vida esgotada por esforços sobre-humanos e que não se repetem mais.

Uma das cadeiras em que se deixara cair estava colocada na frente do espelho, tão fatal para ele, tão providencial para Marius, no qual lera, invertido no mata-borrão, o recado de Cosette. Olhou-se nesse espelho e não se reconheceu. Tinha oitenta anos; antes do casamento de Marius, ninguém lhe daria mais de cinquenta; aquele ano valera por trinta. O que tinha na fronte não eram mais as rugas da idade, era a marca misteriosa da morte. Sentia-se ali o risco profundo da unha implacável. Suas faces caíam; a pele do rosto tinha uma cor que parecia já coberta de terra; os dois cantos da boca abaixavam-se como nas máscaras que os antigos esculpiam nos túmulos; fitava o vazio com um ar de repreensão; dir-se-ia um desses grandes seres trágicos que têm de que se queixar a alguém.

Ele estava numa situação, a última fase do abatimento, em que a dor não circula mais; ela está, por assim dizer, coagulada, ele tem na alma como que um grumo de desespero.

Caíra a noite. Jean Valjean arrastou penosamente uma mesa e a velha poltrona para perto da lareira, e colocou sobre a mesa tinta, pena e papel.

Feito isso, desmaiou. Quando voltou a si, sentiu sede. Não podendo levantar a bilha, inclinou-se com dificuldade e bebeu um gole diretamente da vasilha.

Depois, voltou-se para a cama e, sempre sentado, porque não podia ficar de pé, contemplou o vestidinho preto e todos aqueles objetos queridos. Essas contemplações duram horas que parecem minutos. De repente, ele estremeceu; sentiu-se invadido pelo frio; apoiou os cotovelos na mesa iluminada pelos castiçais do Bispo e pegou a pena.

Como a pena e a tinta havia muito tempo não eram usadas, o bico da pena estava recurvado, a tinta estava ressequida; teve de se levantar e nela pingar algumas gotas de água, o que não pôde fazer sem parar e sentar-se por duas ou três vezes, vendo-se forçado a escrever com o dorso da pena. De quando em quando, enxugava a fronte.

Suas mãos tremiam. E, lentamente, escreveu estas poucas linhas:

Cosette, eu a abençoo. Vou explicar-lhe. Seu marido tem razão por fazer-me compreender que eu devia me retirar; contudo, ele errou um pouco em seu julgamento, mas com razão. Ele é excelente. Ame-o sempre depois da minha morte. Senhor Pontmercy, ame sempre a minha filha querida. Cosette, hão de encontrar este papel; eis que lhe quero dizer, você vai ver as cifras, se eu tiver forças para me lembrar; escute bem, esse dinheiro é seu. Eis como tudo aconteceu: O azeviche branco vem da Noruega, o azeviche negro vem da Inglaterra, as miçangas pretas vêm da Alemanha. O azeviche é mais leve, mais precioso, mais caro. Na França, podem fazer-se imitações, fazê-los como na Alemanha. Para amolecer a massa é preciso uma pequena bigorna de duas polegadas quadradas e uma lamparina de álcool etílico. A massa antigamente era feita com resina do pó de carvão, a quatro francos a libra. Eu imaginei fazê-la com goma-laca e terebintina; é bem melhor e custa apenas trinta soldos a libra. Os fechos são feitos com vidro roxo, colado com essa massa numa pequena peça de ferro negro. O vidro deve ser roxo para as bijuterias de ferro e negro para as bijuterias de ouro. A Espanha consome grande quantidade desse produto. É o país das miçangas…

Aqui Jean Valjean parou. A pena caiu-lhe das mãos. Acometeu-lhe um daqueles soluços desesperados que lhe subiam por momentos das profundezas da alma; o pobre homem escondeu a cabeça entre as mãos e pensou:

“Oh!”, exclamava em seu íntimo (gritos lamentáveis, ouvidos apenas por Deus), “está tudo acabado. Não a verei mais. Foi um sorriso que passou por mim. Vou entrar na noite sem nem sequer a rever. Oh! um minuto, um instante, ouvir-lhe a voz, tocar-lhe o vestido, contemplá-la, ela, o anjo! E depois morrer! Morrer não é nada, porém morrer sem a rever é horrível. Ela sorriria para mim, diria uma palavra para mim. Isso não faria mal a ninguém. Não, tudo acabou para sempre! Eis-me completamente só. Meus Deus! Meu Deus! Eu não a verei mais!”.

Nesse momento, bateram à porta.

IV | TINTEIRO QUE SÓ CONSEGUE ESCLARECER

Nesse mesmo dia, ou melhor, naquela mesma tarde, como Marius se levantara da mesa e acabava de se retirar para seu escritório, tendo de estudar um processo, Basco entregou-lhe uma carta dizendo: *A pessoa que escreveu esta carta está na sala de espera.*

Cosette tomara o braço do avô e passeava com ele pelo jardim.

Uma carta, como um homem, pode ter má figura. Papel grosseiro, mal dobrado, só de vê-las certas missivas desagradam. A que fora entregue a Basco era desse tipo.

Marius recebeu-a. Cheirava a tabaco. Nada desperta tão bem uma lembrança

como o cheiro. Marius reconheceu aquele tabaco. Leu o sobrescrito: *Ao Sr. Barão de Pommercy. Em seu palácio*. O tabaco fê-lo reconhecer a caligrafia. Poder-se-ia dizer que a admiração causa relâmpagos. Marius viu-se como que iluminado por um desses relâmpagos.

O olfato, esse misterioso auxiliar da memória, acabava de fazer reviver-lhe no íntimo um mundo inteiro. Era aquele papel, a maneira de o dobrar, a tinta desbotada, a caligrafia conhecida, sobretudo o mesmo cheiro de tabaco. O pardieiro dos Jondrette voltava-lhe à memória.

Assim – estranho capricho do acaso! –, uma das duas pistas que tanto procurava, aquela pela qual ultimamente ele ainda havia feito tantos esforços e que julgava para sempre perdida, espontaneamente, vinha oferecer-se a ele.

Marius abriu avidamente o envelope e leu:

Senhor Barão,
Se o Ser Supremo me houvesse dado qualidades, eu poderia ser agora o Barão Thénard, membro do Instituto (Academia das Ciências), mas não o sou.[151] *Tenho apenas o mesmo nome que ele, feliz se essa lembrança me recomendar à excelência de vossa bondade. O benefício com que me honrareis será recíproco. Acho-me na posse de um segredo concernente a um indivíduo. Esse indivíduo vos concerne. Conservo o segredo à vossa disposição, desejando ter a honra de ser-vos útil. Dar-vos-ei o meio mais simples de expulsar semelhante indivíduo de vossa honrada família, pois ele não tem esse direito, desde que a Sra. Baronesa é descendente de alta linhagem. O santuário da virtude não poderia coabitar por mais tempo ainda com o crime, sem abdicar.*
Espero na antecâmara as ordens do Sr. Barão.
Com respeito.

A carta estava assinada por *Thénard*.

A assinatura não era falsa. Simplesmente estava um tanto abreviada.

Além do mais, o estilo arrevesado e a ortografia acabavam de fazer a revelação. O certificado de origem estava completo. Nenhuma dúvida seria possível.

A emoção de Marius foi profunda. Depois de um gesto de surpresa, teve uma sensação de felicidade. Agora, era só encontrar o homem que o havia salvo e nada mais teria a desejar.

Abriu uma gaveta da secretária e pegou algumas notas de banco, guardou-as no bolso, tornou a fechar a secretária e tocou a campainha. Basco entreabriu a porta.

– Faça-o entrar – disse-lhe Marius.

Basco anunciou:

– O Sr. Thénard.

Entrou um homem. Nova surpresa para Marius. O homem que via entrar era-lhe perfeitamente desconhecido.

Já velho, o homem tinha um nariz grande, o queixo escondido na gravata, óculos verdes com dupla viseira de tafetá verde sobre os olhos, cabelos alisados e grudados na testa até as sobrancelhas, como as perucas dos cocheiros ingleses da *high life*. Os cabelos já estavam grisalhos. Vestia-se de preto da cabeça aos pés. As roupas estavam muito surradas, mas limpas; um feixe de berloques, caindo do bolsinho do colete, fazia supor a existência de um relógio. À mão segurava um velho chapéu! Caminhava recurvado, e a curvatura da espinha aumentava com a profundidade das saudações.

O que logo se notava era que a casaca desse personagem, grande demais, apesar de cuidadosamente abotoada, não parecia ter sido feita para ele.

Aqui, faz-se necessária uma curta digressão. Havia em Paris, por essa época, num velho pardieiro da Rue Beautreillis, perto do Arsenal, um judeu engenhoso que tinha como profissão transformar qualquer tratante em homem de bem. Não por muito tempo, o que seria incômodo para o tratante. A transformação era feita à vista, por um dia ou dois, à razão de trinta soldos por dia, por meio de um costume que se assemelhasse o mais possível à honestidade de todo mundo. Esse alugador de roupas chamava-se *O Transformador*; os gatunos parisienses haviam-lhe dado esse nome e não o conheciam por outro. Tinha um guarda-roupa completo. Os farrapos com que disfarçava as pessoas eram quase aceitáveis. Tinha especialidades e categorias; de cada prego de seu *magasin* pendia, usada e amarrotada, uma condição social; aqui a casaca do magistrado, ali a batina do cura, lá a roupa do banqueiro, num canto o uniforme do militar reformado, mais adiante o casaco do homem de letras, mais longe ainda a roupa do homem de Estado. Esse Transformador era o guarda-roupa do drama imenso que a trapaça representa em Paris. Seu covil eram os bastidores de onde saía o roubo e onde se abrigava a patifaria. Um vagabundo maltrapilho ia àquele vestiário, depositava três francos e escolhia, segundo o papel que desejava representar naquele dia, a roupa que lhe convinha; ao descer a escadaria, o *fora da lei* estava *dentro da lei*. No dia seguinte, o costume era fielmente restituído, e o Transformador, que confiava tudo aos ladrões, jamais fora roubado. Aquelas roupas tinham um inconveniente: *não caíam bem*; não sendo feitas para os que as vestiam; eram muito justas para este, muito folgadas para aquele, e não se ajustavam em ninguém. Todo gatuno que ultrapassasse a média humana, em tamanho ou em altura, via-se mal com os costumes do Transformador. Era

preciso ser nem muito gordo nem muito magro. O Transformador não tinha previsto senão os homens comuns. Tomara as medidas da espécie na pessoa do primeiro larápio que aparecera, e que não era nem gordo nem magro, nem grande nem pequeno. Daí as adaptações às vezes difíceis das quais os fregueses do Transformador se saíam como podiam. Tanto pior para as exceções! A roupa do estadista, por exemplo, preta de cima a baixo e, por consequência, apresentável, teria sido muito grande para Pitt e muito estreita para Castelcicala.[152] As roupas do *homme d'État* estavam descritas como segue no catálogo do Transformador; copiamos: *Casaca preta, calça de lã preta, colete de seda, sapatos e roupa branca.* Trazia escrito na margem: *Antigo Embaixador*, e uma nota, que também transcrevemos: *Numa caixa separada, uma peruca devidamente frisada, óculos verdes, berloques, dois pequenos canudos de pena enrolados em algodão.* Tudo isso dizia respeito ao estadista, antigo embaixador. Toda essa roupa, se assim podemos dizer, estava extenuada; as costuras desbotavam, num dos cotovelos já se esboçava vagamente uma botoeira; além disso, faltava um botão da frente na altura do peito, mas isso não passava de um pormenor; como a mão do homem de Estado deve ficar sempre entre a casaca e o coração, tinha por dever esconder o botão ausente.

Se Marius conhecesse bem as instituições ocultas de Paris, teria logo reconhecido nas costas do visitante que Basco acabava de introduzir a casaca de estadista do Transformador.

O desapontamento de Marius, vendo entrar um homem diferente do que esperava, foi desfavorável para o recém-chegado. Examinou-o dos pés à cabeça, enquanto o personagem se inclinava desmesuradamente, e lhe perguntou sem rodeios:

– Que quer o senhor?

O homem respondeu com um ríctus amável de que o sorriso carinhoso de um crocodilo poderia dar-nos alguma ideia:

– Parece-me impossível que eu ainda não tenha tido a honra de conhecer o Sr. Barão na sociedade. Creio tê-lo encontrado particularmente há alguns anos, na residência de Madame a Princesa Bagration e nos salões de Sua Senhoria, o Visconde Dambray, Par de França.[153]

É sempre boa tática de malandragem fingir reconhecer alguém que nunca se viu na vida. Marius estava atento às palavras daquele homem. Notava-lhe os gestos e a expressão da voz, mas seu desapontamento aumentava; era uma pronúncia anasalada, absolutamente diferente da voz áspera e seca que esperava. Sentia-se completamente desnorteado.

– Eu não conheço – disse ele – nem Mme. Bagration, nem o Sr. Dambray. Em toda a minha vida não pus os pés na casa de nenhuma dessas pessoas.

A resposta foi ríspida. O personagem, maneiroso, apesar disso insistiu:

– Então teria sido em casa de Chateaubriand que o devo ter visto, senhor! Conheço muito bem Chateaubriand. Ele é muito afável. Às vezes, diz-me assim: – Thénard, meu amigo… não gostaria de tomar um cálice de vinho comigo?

O rosto de Marius tornava-se cada vez mais severo.

– Jamais tive a honra de ser recebido na casa do Sr. Chateaubriand. Vamos logo ao assunto. Que deseja o senhor?

O homem, diante da voz mais dura, saudou-o mais profundamente ainda.

– Sr. Barão, queira escutar-me. Na América, numa região próxima do Panamá, há uma aldeia chamada Joya. Essa aldeia se compõe de uma única casa. Um grande edifício quadrado de três andares, construído de tijolos cozidos ao sol; cada lado do quadrado mede quinhentos pés de comprimento, cada andar recua doze pés sobre o andar inferior, de maneira a formar um terraço que dá a volta ao edifício; no centro, acha-se o pátio interno onde estão as provisões e as munições; não tem janelas, mas seteiras; não tem portas, mas escadas; escadas de mão para subir do solo ao primeiro terraço, e do primeiro terraço ao segundo, e do segundo ao terceiro; escadas para descer ao pátio interno; não há portas nos quartos, mas alçapões; não há escadas, a não ser de mão; à noite, fecham-se os alçapões, retiram-se as escadas, e assestam-se carabinas e bacamartes nas seteiras; não há como entrar ali; uma casa durante o dia, uma cidadela durante a noite, oitocentos habitantes; eis a aldeia. Por que tantas precauções? É que a região é perigosa; está cheia de antropófagos. Então, para que as pessoas vão morar lá? É que a região é maravilhosa; tem minas de ouro.

– Aonde o senhor quer chegar? – interrompeu-o Marius, que do desapontamento passava à impaciência.

– A isto, Sr. Barão. Sou um antigo diplomata cansado. A velha civilização deixou-me em má situação. Quero tentar os selvagens.

– E depois?

– Sr. Barão, o egoísmo é a lei do mundo. A camponesa proletária que trabalha por dia volta-se ao ver passar a diligência; a camponesa proprietária que trabalha em terra própria não se volta. O cão do pobre ladra atrás do rico, o cão do rico ladra atrás do pobre. Cada um por si. O interesse, eis o alvo dos homens. O ouro, eis o ímã.

– E depois? Conclua.

– Eu desejaria estabelecer-me em Joya. Somos três. Tenho minha esposa e *mademoiselle*, uma menina muito bonita. A viagem é longa e cara. Preciso de um pouco de dinheiro.

– E que é que eu tenho a ver com isso? – perguntou Marius.

O desconhecido esticou o pescoço para fora da gravata, gesto próprio do abutre, e replicou com redobrado sorriso.

– Por acaso, o Sr. Barão não leu a minha carta?

Isso era quase verdade. A verdade era que o conteúdo da missiva escapara a Marius. Ele prestara mais atenção à caligrafia do que ao conteúdo da carta. Ele mal se lembrava. Houve um momento em que sua atenção fora desperta pelas palavras: minha esposa e *mademoiselle*. Marius fitava o desconhecido com um olhar penetrante. Um juiz de instrução não o teria feito melhor. Quase que o espreitava. Limitou-se a dizer:

– Explique-se melhor.

O desconhecido meteu ambas as mãos nos bolsos, levantou a cabeça sem endireitar a espinha dorsal, mas observando Marius através das lentes verdes dos óculos.

– Seja, Sr. Barão. Explico-me. Tenho um segredo para lhe vender.

– Um segredo!

– Sim, um segredo.

– Que me interessa?

– Um pouco.

– Que segredo é esse?

Marius, enquanto escutava o homem, examinava-o atentamente.

– Começo grátis – disse o desconhecido. – O senhor vai ver que a coisa é interessante.

– Fale.

– Sr. Barão, o senhor tem em sua casa um ladrão e um assassino.

Marius estremeceu.

– Na minha casa? Não é possível!

O desconhecido, imperturbável, escovou o chapéu com a manga da casaca e prosseguiu:

– Assassino e ladrão. Note, Sr. Barão, que não falo aqui de fatos passados, velhos, caducos, que podem ser apagados pela prescrição diante da lei ou pelo arrependimento diante de Deus. Falo de acontecimentos recentes, de fatos atuais,

de fatos ignorados até agora pela justiça. Continuo. Esse homem insinuou-se na sua confiança, e quase na sua família, sob um falso nome. Vou dizer-lhe o seu nome verdadeiro.

– Estou ouvindo.

– Ele se chama Jean Valjean.

– Já sei.

– Vou lhe dizer, também sem lhe cobrar, quem ele é.

– Diga.

– É um antigo condenado às galés.

– Eu já sei.

– O senhor só soube depois que eu tive a honra de lhe dizer.

– Não. Eu já sabia antes.

O tom frio de Marius, aquela dupla réplica *já sei*, seu laconismo refratário ao diálogo, excitaram no desconhecido certa cólera surda. Disfarçadamente, ele dardejou-lhe um olhar furioso, logo extinto. Por mais rápido que tivesse sido, esse olhar era dos que se reconhecem facilmente depois de vistos uma só vez. Marius o percebeu. Certos reflexos não podem vir senão de determinadas almas; as pupilas, respiradouros do pensamento, sentem-se abrasadas; os óculos nada escondem; ocultam se puderem o inferno com uma vidraça!

O desconhecido prosseguiu, sorridente:

– Não me permito desmentir o Sr. Barão. Em todo caso, o senhor deve perceber que estou bem informado. Agora, o que lhe vou relatar é segredo meu. Isso interessa à fortuna da Sra. Baronesa. É um segredo extraordinário. Está à venda. Ofereço-o primeiramente ao senhor por um bom preço. Vinte mil francos.

– Conheço esse segredo como conheço os outros – disse Marius.

O personagem sentiu a necessidade de abaixar um pouco o preço:

– Sr. Barão, dê-me dez mil francos e eu falo.

– Repito que o senhor não tem nada a me informar. Já sei o que o senhor quer dizer.

O olhar do homem relampejou novamente. Ele exclamou:

– Mas é preciso que eu jante hoje! É um segredo extraordinário, digo-lhe. Sr. Barão, vou falar. Falo. Dê-me vinte francos.

Marius fitou-o atentamente:

– Eu conheço esse seu segredo extraordinário, como sei o nome de Jean Valjean e o seu nome.

– O meu nome!

– Isso mesmo.

– Não é difícil, Sr. Barão. Tive a honra de escrever-lhe e de lho dizer: Thénard.

– Dier.

– Hein?

– Thénardier.

– Quem?

O porco-espinho, vendo o perigo, eriça-se; o escaravelho finge-se de morto, a velha guarda formava-se em esquadrões; esse homem, porém, pôs-se a rir. Em seguida, sacudiu com um piparote um grão de poeira de manga da casaca. Marius continuou:

– O senhor é também o operário Jondrette, o comediante Fabantou, o poeta Genflot, o espanhol Don Alvarez e dona Balizard.

– Dona o quê?

– E o senhor era proprietário de uma taverna em Montfermeil.

– Uma taverna! Nunca!

– E eu lhe digo que é Thénardier.

– Eu o nego.

– E que é um velhaco. Tome.

E Marius, tirando do bolso uma nota de banco, atirou-lha ao rosto.

– Obrigado! Perdão! Quinhentos francos? Sr. Barão!

E o homem, transtornado, inclinando-se, agarrando a nota, examinou-a.

– Quinhentos francos! – replicou, embasbacado. E murmurou à meia-voz: – Uma nota de verdade!

Depois, bruscamente:

– Pois bem, seja – exclamou. – Ponhamo-nos mais à vontade.

E com a ligeireza de um macaco, jogando os cabelos para trás, arrancando os óculos, retirando o nariz, às escondidas, os dois canudinhos de pena de que há pouco se falou, e que já conhecemos de outras páginas deste livro, trocou de fisionomia como se troca de chapéu.

Seu olhar se iluminou, a fronte desigual, escabrosa, cheia de saliências, horrivelmente enrugada no alto, desembaraçou-se, o nariz voltou a ser agudo como um bico; o perfil sagaz e feroz do homem de rapina voltou a aparecer.

– O Sr. Barão é infalível – disse ele com voz clara, de onde desaparecera

qualquer anasalamento –, eu sou Thénardier.

E endireitou a espinha.

Thénardier, pois era ele mesmo, estava estranhamente surpreso; se pudesse, ficaria perturbado. Viera embasbacar e saiu embasbacado. Essa humilhação rendera-lhe quinhentos francos, e fosse lá porque fosse, ele os aceitou; mas nem por isso estava menos admirado.

Via pela primeira vez aquele Barão Pontmercy, e, malgrado seu disfarce, o Barão o reconhecera e o fizera profundamente. E o Barão estava não somente informado a seu respeito, como também a respeito de Jean Valjean. Quem era aquele jovem quase imberbe, tão glacial e tão generoso, que conhecia o nome das pessoas, que sabia todos os seus nomes, e que lhe abria a bolsa, que tratava com aspereza os ladrões como um juiz e os pagava como um crédulo?

Thénardier, como sabemos, embora tendo sido vizinho de Marius, jamais chegara a vê-lo, coisa muito frequente em Paris; outrora ouvira as filhas falar vagamente a respeito de um rapaz muito pobre chamado Marius, que morava na mesma casa. Havia-lhe escrito, sem o conhecer, a carta por nós transcrita em outra parte deste livro. Nenhuma aproximação era possível na sua mente entre aquele Marius e o Sr. Barão Pontmercy.

Quanto ao nome de Pontmercy, sabemos que, no campo de batalha de Waterloo, ele não ouvira senão as duas últimas sílabas, pelas quais sempre tivera o legítimo desprezo que se deve a qualquer coisa que se assemelhe a um agradecimento.

Quanto ao mais, por intermédio de Azelma, que ele havia colocado na pista dos noivos de 16 de fevereiro, e por suas próprias investigações, chegara a saber muita coisa e, do fundo de suas trevas, conseguira agarrar mais de um fio misterioso. À força de expedientes, descobrira, ou adivinhara, quem era o homem que encontrara certo dia no Grande Esgoto. Do homem chegara facilmente ao nome. Sabia que Madame, a Baronesa Pontmercy, era Cosette. Mas, sobre esse ponto, tencionava ser discreto. Quem era Cosette? Nem ele o sabia ao certo. Imaginava alguma bastarda, a história de Fantine parecera-lhe sempre mal contada; mas para que tocar nesse assunto? Para que lhe pagassem o silêncio? Ele tinha, ou julgava ter, algo melhor para pôr à venda. E, segundo todas as aparências, fazer, sem provas, esta revelação ao Barão Pontmercy: – *Sua mulher é bastarda* – não obteria como resultado senão atrair as botinas do marido para os rins do revelador.

No pensamento de Thénardier, a conversa com Marius ainda não havia

começado. Teve de recuar, de mudar de estratégia, de trocar de posição e a frente do combate; porém nada de essencial estava comprometido, pois tinha quinhentos francos no bolso. Além disso, tinha algo de decisivo para dizer, e mesmo contra aquele Barão Pontmercy, tão bem informado e tão bem armado, ele se sentia forte. Para homens da natureza de Thénardier, qualquer diálogo é um combate. No diálogo que ia iniciar, qual era a sua situação? Ele não sabia com quem falava, mas sabia de que falava. Fez rapidamente uma revisão interior de suas forças e, depois de dizer: – *Sou Thénardier* –, esperou.

Marius continuava pensativo. Enfim encontrara Thénardier. O homem que tanto desejava encontrar estava ali. Agora, afinal, poderia honrar a recomendação do Coronel Pontmercy. Sentira-se humilhado ao constatar que aquele herói devia algo àquele bandido, e que a letra de câmbio sacada do fundo do túmulo por seu pai sobre ele, Marius, estivesse até então protestada. Parecia-lhe também, na situação complexa em que se encontrava o seu espírito diante de Thénardier, que tinha ali uma ocasião para vingar o Coronel por ter sido salvo por semelhante velhaco. Fosse como fosse, sentia-se contente. Ia, enfim, libertar daquele credor indigno a sombra do Coronel, parecendo-lhe que libertaria da prisão, por dívidas, a memória do pai.

A par desse dever, havia outro: esclarecer, se pudesse, a origem da fortuna de Cosette. A ocasião parecia propícia. Talvez Thénardier conhecesse alguma coisa. Talvez lhe fosse útil conhecer o fundo daquele homem. E começou por aí.

Thénardier fez desaparecer nos bolsos aquela “nota de verdade” e olhou para Marius com doçura quase terna. Marius rompeu o silêncio.

– Thénardier, eu lhe disse o nome. Agora, esse seu segredo que me veio contar, quer que eu lho diga? Também tenho as minhas informações. Vai ver que sei mais do que o senhor. Jean Valjean, como o senhor disse, é assassino e ladrão. Ladrão, porque roubou um rico manufatureiro, o Sr. Madeleine, cuja ruína provocou. Assassino, porque assassinou o Agente de Polícia Javert.

– Não estou compreendendo, Sr. Barão – disse Thénardier.

– Vou lhe explicar. Escute. Havia, num dos distritos de Pas-de-Calais, por volta de 1822, um homem que, em outros tempos, tivera suas questões com a justiça, e que, sob o nome de Madeleine, conseguira progredir e reabilitar-se. Esse homem transformara-se, em toda a força da palavra, num justo. Com uma indústria, a fábrica de vidrilhos pretos, fez a fortuna de toda uma cidade. Quanto à sua fortuna pessoal, também conseguiu alguma coisa, mas secundariamente, como que por acaso. Era ele quem alimentava os pobres. Fundava hospitais, abria escolas, visitava os doentes, dotava as donzelas, sustentava as viúvas e

adotava os órfãos; era como que o tutor da cidade. Chegou a recusar a cruz da Legião de Honra, mas nomearam-no *Maire*. Um forçado liberto conhecia o segredo de uma pena na qual esse homem outrora incorrera; ele o denunciou, prendeu-o e se aproveitou disso para vir a Paris retirar o dinheiro no banco Laffitte – soube-o pelo próprio guarda-livros do banco – por meio de uma assinatura falsa, uma soma de mais de meio milhão pertencente ao Sr. Madeleine. Esse grilheta que roubou o Sr. Madeleine é Jean Valjean. Quanto ao outro fato, o senhor nada tem a me contar de novo. Jean Valjean matou Javert com um tiro de pistola. Eu, que lhe estou falando, estava presente.

Thénardier lançou a Marius o olhar soberano do homem vencido que torna a se apoderar da vitória e que acaba de reconquistar num minuto todo o terreno perdido. Mas o sorriso reapareceu depressa; o inferior diante do superior deve saber triunfar. Thénardier limitou-se a dizer com ternura a Marius:

– Sr. Barão, estamos no caminho errado.

E sublinhou essa frase girando expressivamente o feixe de berloques.

– O quê! – retrucou Marius. – O senhor contesta o que eu lhe disse? Mas são os fatos!

– São quimeras. A confiança com que o Sr. Barão me honra põe-me no dever de lhe narrar os fatos. Antes de tudo, a verdade e a justiça. Não gosto de ver acusar pessoas injustamente. Sr. Barão, Jean Valjean não roubou Madeleine, e Jean Valjean não matou Javert.

– Essa é demais! Mas como?

– Por duas razões.

– Quais? Diga!

– Eis a primeira: ele não roubou Madeleine, visto que Jean Valjean é o próprio Madeleine.

– Que está dizendo?

– E eis a segunda: ele não assassinou Javert, visto que quem matou Javert foi Javert.

– O que quer dizer com isso?

– Que Javert se suicidou.

– Prove! Prove! – gritou Marius, fora de si.

Thénardier repetiu escandindo a frase à maneira de um alexandrino antigo:

– O-Agente-de-Polícia-Já-vert-foi-encontrado-a-fo-ga-do-debaixo-de-um-barco-na-*Pont-au-Change*.

– Mas prove, então!

Thénardier tirou de um dos bolsos do lado um grande envelope de papel cinzento que parecia conter folhas dobradas de vários tamanhos.

– Tenho o meu dossiê – disse ele com calma.

E continuou:

– Sr. Barão, em seu interesse, quis conhecer a fundo Jean Valjean. Digo que Jean Valjean e Madeleine são o mesmo homem, e digo que Javert não foi assassinado por ninguém a não ser por Javert, e, se estou falando, é porque tenho provas. Não provas manuscritas, a letra de mão é suspeita e complacente, mas provas impressas.

Enquanto falava, Thénardier tirava do envelope dois números de jornais amarelos, desbotados e fortemente impregnados do cheiro de tabaco. Um desses jornais, rasgado em todas as dobras e caindo em pedaços, parecia bastante mais antigo que o outro.

– Dois fatos, duas provas – disse Thénardier. E estendeu para Marius os dois jornais dobrados.

Esses dois jornais o leitor já os conhece. Um, o mais antigo, um número do *Drapeau Blanc* de 25 de julho de 1823, cujo texto foi transcrito na segunda parte deste livro, estabelecia a identidade entre o Sr. Madeleine e Jean Valjean. O outro, o *Moniteur* de 15 de junho de 1832, constatava o suicídio de Javert, acrescentando que esse fato resultara de um relatório verbal de Javert ao Chefe de Polícia. Tendo sido feito prisioneiro na barricada da Rue de la Chanvrerie, Javert devia a vida à magnanimidade de um insurrecto que, tendo-o sob a mira da sua pistola, em vez de matá-lo, atirara para o ar.

Marius leu. Era evidente, as datas eram certas, a prova era irrefutável, os dois jornais não tinham sido impressos expressamente para apoiar as palavras de Thénardier; a notícia publicada no *Moniteur* tinha sido comunicada oficialmente pela Chefatura de Polícia. Marius não podia duvidar. As informações do guarda-livros eram falsas, e ele estava enganado. Jean Valjean, engrandecendo-se de repente, saía da nuvem que o escondia. Marius não pôde conter um grito de alegria.

– Então, esse infeliz é um homem admirável! Toda essa fortuna realmente lhe pertence! É Madeleine, a Providência de toda uma região! É Jean Valjean, o salvador de Javert! É um herói! É um santo!

– Não é nem santo, nem herói! – disse Thénardier. – É assassino e ladrão.

E acrescentou no tom de quem começa a sentir certa autoridade:

– Acalmemo-nos.

Ladrão, assassino, essas palavras que Marius julgava desaparecidas, e que no entanto voltavam, caíram sobre ele como uma ducha gelada.

– Ainda! – exclamou Marius.

– Sempre! – disse Thénardier. – Jean Valjean não roubou Madeleine, mas é ladrão. Não matou Javert, mas é assassino.

– O senhor quer falar – retrucou Marius – desse miserável roubo de há quarenta anos, expiado, como resulta de seus próprios jornais, por toda uma vida de arrependimento, de abnegação e de virtude?

– Eu digo assassinato e roubo, Sr. Barão. E repito que falo de fatos atuais. O que tenho para revelar é absolutamente desconhecido. É inédito. E talvez o senhor encontre aí a origem da fortuna habilmente oferecida por Jean Valjean à Sra. Baronesa. Digo habilmente porque, por um dote de tal gênero, introduzir-se numa casa honrada na qual terá todas as regalias, e, ao mesmo tempo, esconder seu crime, gozar o próprio roubo, esconder seu nome e criar uma família para si, não é pouco.

– Eu poderia interrompê-lo aqui – observou Marius –, mas prossiga.

– Sr. Barão, vou contar-lhe tudo, deixando a recompensa ao critério de sua generosidade. Esse segredo vale ouro maciço. O senhor me dirá: – Por que, então, não se dirigiu diretamente a Jean Valjean? – Por uma razão muito simples; sei que ele renunciou à posse do dinheiro, e que o fez em seu favor, e eu acho essa combinação muito engenhosa; mas ele não tem mais dinheiro; ele me mostraria as mãos vazias, e, já que tenho necessidade de algum dinheiro para minha viagem a Joya, prefiro o senhor que tem tudo, a ele, que nada possui. Estou um pouco cansado; permita-me pegar uma cadeira.

Marius sentou-se e fez-lhe sinal para que também se sentasse.

Thénardier refestelou-se numa cadeira estofada, tornou a pegar os jornais, colocou-os novamente no envelope e murmurou, marcando com a unha o *Drapeau Blanc*: – Este aqui me deu trabalho para conseguir!

Feito isso, cruzou as pernas e se recostou, atitudes próprias das pessoas que estão seguras do que dizem; depois, entrou no assunto gravemente, sublinhando as palavras:

– Sr. Barão, no dia 6 de junho de 1832, há quase um ano, no dia da revolta, um homem se encontrava no Grande Esgoto de Paris, no local onde este encontra o Sena, entre a Pont des Invalides e a Pont d’Iéna.

Marius arrastou subitamente sua cadeira para perto da cadeira de Thénardier. Thénardier notou esse movimento e continuou com a lentidão do orador que tem

nas mãos seu interlocutor e que sente a palpitação do adversário sob suas palavras:

– Esse homem, obrigado a se esconder por motivos aliás estranhos à política, transformara o esgoto em domicílio, do qual possuía uma chave. Era, repito, o dia 6 de junho; podiam ser oito horas da noite. O homem ouviu ruídos no esgoto. Muito admirado, escondeu-se e observou. Era um ruído de passos caminhando na escuridão para o lugar em que ele se encontrava. Coisa estranha, havia no esgoto outro homem além dele. A grade de saída não estava longe. O pouco de luz que entrava por ela permitiu-lhe reconhecer o recém-chegado e ver que esse homem carregava alguma coisa às costas. Ele caminhava curvado. O homem que caminhava curvado era um antigo grilheta, e o que carregava aos ombros era um cadáver. Flagrante delito de assassinato! Quanto ao roubo, subentende-se; não se mata um homem grátis. Esse grilheta ia jogar o cadáver no rio. Um fato a notar é que antes de chegar à grade de saída, ele, vindo de longe no esgoto, deve ter necessariamente encontrado um lodaçal horrível, onde talvez poderia ter jogado o cadáver; mas, no dia seguinte, os operários que trabalhavam no esgoto encontrariam infalivelmente o assassinado, o que não convinha ao assassino. Ele preferiu atravessar aquele poço com o fardo às costas, fazendo esforços sobre-humanos; é impossível arriscar mais completamente a própria vida; não compreendo como conseguiu sair vivo de lá.

Marius arrastou sua cadeira para mais perto de Thénardier. Este aproveitou para respirar longamente. E continuou:

– Sr. Barão, um esgoto não é o Champ de Mars. Falta ali tudo, inclusive espaço. Quando dois homens estão lá dentro, é inevitável que se encontrem. Foi o que aconteceu. O domiciliado e o transeunte viram-se forçados a se cumprimentar, embora contra a vontade. O estranho disse ao domiciliado: – *Você está vendo o que eu carrego às costas; preciso sair; você tem a chave, dê-ma.* – Esse forçado era homem de força terrível. Não havia como recusar. Contudo, o que possuía a chave parlamentou, unicamente para ganhar tempo. Examinou o morto, mas nada pôde ver senão que era jovem, bem-vestido, com ares de rico, mas todo desfigurado pelo sangue. Enquanto falava, achou meios de rasgar por trás, sem que o assassino o percebesse, um pedaço do casaco do homem assassinado. Corpo de delito, o senhor compreende, um meio de tornar a achar a pista das coisas e de provar o crime para o criminoso. Ele guardou essa prova no bolso. Depois abriu a grade, fez sair o homem com o peso morto que levava às costas, tornou a fechar a grade e fugiu, não querendo imiscuir-se no resto da aventura e, sobretudo, não querendo estar presente no momento em que o

assassino jogaria o cadáver no rio. O senhor está compreendendo agora? Quem carregava o cadáver era Jean Valjean; o que possuía a chave é quem lhe está falando neste momento; e o pedaço do casaco…

Thénardier terminou a frase tirando do bolso e levantando à altura dos olhos, seguro pelo indicador e o polegar das duas mãos, um pedaço de tecido preto desfiado, todo coberto de manchas escuras.

Marius levantara-se, pálido, respirando com dificuldade, de olhos fixos naquele pedaço de pano preto, e, sem pronunciar uma palavra, sem perder de vista aquele farrapo, recuou até a parede. Com a mão direita estendida para trás, procurou às apalpadelas uma chave que estava na fechadura de um armário de parede perto da lareira. Encontrou-a, abriu o armário, introduziu nele o braço sem olhar, sem que seus olhos espantados se apartassem do pedaço de pano que Thénardier ainda lhe mostrava.

No entanto, Thénardier prosseguia:

– Sr. Barão, tenho as mais fortes razões para crer que o jovem assassinado era um rico estrangeiro atraído por Jean Valjean a uma cilada e possuidor de uma soma enorme.

– O jovem era eu; aqui está o casaco! – gritou Marius, e jogou ao chão um velho casaco negro todo manchado de sangue.

Depois, arrancando o pedaço de pano das mãos de Thénardier, ajustou-o ao casaco, no lugar de onde havia sido arrancado. O trapo adaptava-se perfeitamente ao lugar de onde havia sido rasgado. Thénardier estava petrificado. E pensou: “Fui esmagado!”.

Marius levantou-se tremendo, desesperado, radiante. Meteu a mão no bolso e caminhou, furioso, para Thénardier, apresentando-lhe, quase que esfregando-lhe no rosto, a mão cheia de notas de quinhentos e de mil francos.

– O senhor é um infame! O senhor é um mentiroso, um caluniador, um celerado. Veio aqui acusar um homem, mas só conseguiu justificá-lo; quis perdê-lo e só conseguiu glorificá-lo! O senhor é que é ladrão! O senhor é que é assassino! Eu o vi, Thénardier Jondrette, naquele pardieiro do Boulevard de l’Hôpital. Sei bastante para mandá-lo para as galés ou mais longe até, se o quisesse. Tome, aqui tem mil francos, desgraçado!

E jogou-lhe uma nota de mil francos.

– Ah! Jondrette Thénardier, vil tratante! Que isso lhe sirva de lição, corretor de segredos, mercador de mistérios, investigador das trevas, miserável! Tome esses quinhentos francos e fora daqui! Waterloo o protege!

– Waterloo! – resmungou Thénardier, embolsando os quinhentos francos junto com a nota de mil.

– Sim, assassino! Lá, o senhor salvou a vida de um Coronel…

– De um General – disse Thénardier, levantando a cabeça.

– De um Coronel! – retrucou Marius, resolutamente. – Eu não daria um vintém por um general. E ainda vem fazer aqui essas infâmias! Eu lhe digo que o senhor cometeu todos os crimes. Vá-se embora! Desapareça! Seja feliz, se puder, é tudo o que lhe desejo. Ah! monstro! Tome mais três mil francos! Pegue! Amanhã o senhor embarca para a América com a sua filha, pois a sua mulher já morreu, mentiroso abominável! Fique certo de que hei de vigiar-lhe a partida, bandido, e então lhe darei vinte mil francos. Vá fazer com que o prendam em outro lugar!

– Sr. Barão – respondeu Thénardier saudando-o até o chão –, gratidão eterna!

E saiu, sem nada entender, espantado e encantado com aquele doce esmagamento debaixo de sacos de ouro e com os raios brilhantes de notas de banco fulminando-lhe a cabeça. Estava fulminado, mas contente; sentir-se-ia realmente desgostoso se possuísse para-raios contra aquele tipo de corisco.

Acabemos logo com esse homem. Dois dias depois dos acontecimentos que terminamos de relatar, ele partiu, ajudado por Marius, para a América, sob um nome falso, com a filha Azelma, munido de uma letra de vinte mil francos para resgatar em Nova York. A miséria moral de Thénardier, um burguês fracassado, era irremediável; na América continuou como na Europa. O contato de um homem mau basta, às vezes, para denegrir uma boa ação transformando-a em má. Com o dinheiro de Marius, Thénardier fez-se negreiro.

Logo que Thénardier saiu, Marius correu ao jardim, onde Cosette ainda passeava.

– Cosette! Cosette! – gritou. – Venha! Venha depressa! Vamos. Basco, um fiacre! Cosette, venha! Ah! meu Deus! Foi ele que me salvou a vida! Não percamos um minuto! Ponha o xale.

Cosette julgou-o louco, mas obedeceu.

Marius não respirava; apertava a mão contra o peito para comprimir as batidas do coração. Ia e vinha a largos passos, e abraçava Cosette.

– Ah! Cosette! Sou um infeliz! – dizia.

Marius estava transtornado. Começava a entrever em Jean Valjean não sei que vulto nobre e sombrio. Uma virtude inaudita lhe aparecia, suprema e doce, humilde em sua imensidão. O grilheta transformava-se em Cristo. Marius sentia

o deslumbramento desse prodígio. Não sabia bem o que via, mas tinha certeza de que era grandioso.

Num instante, um fiacre parou diante da porta.

Marius ajudou Cosette a subir e pulou para dentro, gritando:

– Cocheiro, Rue de l'Homme-Armé, número 7.

O fiacre partiu.

– Ah! que felicidade! – exclamou Cosette. – Rua de l'Homme-Armé! Eu não tinha mais coragem de pedir. Vamos visitar o Sr. Jean.

– O seu pai! Cosette! Seu pai mais do que nunca. Cosette, estou adivinhando. Você me disse que jamais recebeu a carta que lhe mandei por intermédio de Gavroche. Ele deve tê-la recebido, Cosette, ele foi à barricada para me salvar. Como sua missão é ser anjo, ao passar, salvou outros ainda; salvou Javert. Arrancou-me daquele abismo para entregar-me a você. Carregou-me às costas por esse esgoto horrível. Ah! Eu sou um ingrato monstruoso. Cosette, depois de ter sido a sua Providência, ele foi a minha. Imagine que lá havia um pântano perigoso, onde poderia afogar-se cem vezes, afogar-se no lodo, Cosette! Ele o atravessou comigo. Eu estava desmaiado; não via nada, não ouvia nada, eu não podia saber nada da minha própria aventura. Vamos buscá-lo para viver conosco; queira ou não, agora não nos deixará mais. Tomara que esteja em casa! Tomara que o encontremos! Passarei o resto da vida a venerá-lo. Sim, deve ser isso, não acha, Cosette? Gavroche entregou-lhe a minha carta. Tudo está explicado. Está compreendendo?

Cosette não compreendia uma palavra.

– Você tem razão – disse-lhe ela.

Entretanto, o fiacre continuava a rodar.

V | NOITE POR DETRÁS DA QUAL HÁ DIA

Ao ouvir bater à sua porta, Jean Valjean se voltou.

– Entre – disse com voz fraca.

A porta se abriu.

Cosette e Marius apareceram. Cosette correu para o interior do quarto. Marius ficou à porta, de pé, apoiando-se à ombreira.

– Cosette! – disse Jean Valjean. E endireitou-se na cadeira, com os braços abertos e trêmulos, espantado, lívido, sinistro, de olhos imensamente alegres.

Cosette, sufocada pela emoção, caiu sobre o peito de Jean Valjean.

– Meu pai! – disse ela.

Jean Valjean, emocionado, balbuciou:

– Cosette! Ela! A senhora! É você! Ah! meu Deus!

E, apertado pelos braços de Cosette, exclamou:

– É você! Você veio! Então você me perdoa!

Marius, abaixando as pálpebras para impedir que as lágrimas corressem, deu um passo e murmurou entre os lábios contraídos convulsivamente para abafar os soluços:

– Meu pai!

– O senhor também, o senhor também me perdoa! – disse Jean Valjean.

Marius não pôde encontrar uma palavra, e Jean Valjean acrescentou:

– Obrigado.

Cosette arrancou o xale e jogou o chapéu em cima da cama.

– Está-me incomodando – disse.

E, sentando-se sobre os joelhos do velho, afastou-lhe os cabelos brancos com um gesto adorável e beijou-lhe a fronte. Jean Valjean, encantado, não se opôs.

Cosette, que não compreendera tudo claramente, redobrava as carícias, como se quisesse apagar a dívida de Marius. Jean Valjean balbuciava:

– Como sou bobo! Eu julgava que não a veria mais. Imagine, Sr. Pontmercy, que no momento em que o senhor chegou, eu estava dizendo para mim mesmo: Está tudo acabado. Ali está o seu vestidinho, sou um homem infeliz, não verei mais Cosette; eu dizia isso justamente no momento em que estavam subindo as escadas. Como sou idiota! Como se é idiota! Eu não contava com o bom Deus. Ele disse: “Você pensa que vão abandoná-lo, bobo! Não. Não. Isso não há de acontecer. Vamos; ali está um pobre homem que tem necessidade de um anjo”. – E o anjo chegou; e eu torno a ver Cosette! A minha pequena Cosette! Ah! como eu era infeliz!

Ficou um momento sem poder falar; depois, continuou:

– Eu tinha mesmo necessidade de ver Cosette de vez em quando. O coração sempre quer um osso para roer. Entretanto, eu sentia que era demais. E procurava razões para me convencer: eles não precisam de você, fique no seu canto, ninguém tem o direito de se eternizar. Ah! bendito seja Deus, que a tornei a ver! Sabe, Cosette, que o seu marido é mesmo bonito? Ah! você está com uma linda gola bordada. Gosto desse desenho. Foi seu marido quem escolheu, não é? E depois, você deve usar casimiras. Sr. Marius, deixe-me tratá-la de você. Não

será por muito tempo.

E Cosette replicava:

– Que maldade deixar-nos assim! Para onde o senhor foi? Por que demorou tanto? Antigamente suas viagens não duravam mais que três ou quatro dias. Mandei Nicolette saber do senhor, mas respondiam sempre: – Não está. – Desde quando o senhor voltou? Por que não nos avisou? Sabe que mudou muito? Ah! Que pai mau! Ficou doente e nós não soubemos! Olhe, Marius, veja como tem as mãos frias!

– Então, o senhor veio! Sr. Pontmercy, o senhor me perdoa? – repetiu Jean Valjean.

A essa palavra, que Jean Valjean acabava de repetir, tudo o que se acumulava no coração de Marius achou meios de sair.

– Cosette, está ouvindo? Ele é que me pede perdão. E sabe o que ele me fez? Ele me salvou a vida. Fez mais ainda. Deu-me você. E, depois de me ter salvado a vida, depois de me presentear com você, que fez de si próprio? Sacrificou-se. Ele é um verdadeiro homem. E, para mim, o ingrato, para mim, o impiedoso, para mim, o culpado, ele diz: – Obrigado! – Cosette, toda a minha vida passada aos pés desse homem seria muito pouco. A barricada, o esgoto, o pântano, a cloaca, ele atravessou tudo por mim, por você, Cosette! Ele me carregou através de todas as mortes, que afastava de mim e aceitava para si. Toda a coragem, todas as virtudes, todos os heroísmos, toda a santidade, ele os possui. Cosette, esse homem é um anjo!

– Psiu! Psiu! – disse baixinho Jean Valjean. – Para que dizer tudo isso?

– Mas o senhor! – exclamou Marius com uma cólera cheia de admiração. – Por que não disse nada? É culpa sua também. Salva a vida dos outros e nada diz! Faz mais ainda; sob o pretexto de se desmascarar, calunia-se a si próprio. É horrível.

– Eu disse a verdade – respondeu Jean Valjean.

– Não – replicou Marius –, a verdade é toda a verdade, e o senhor não a disse. Por que não disse que era Madeleine? Por que não disse que salvara Javert? Eu lhe devia a vida; por que não me disse nada?

– Porque eu pensava como o senhor. Eu achava que o senhor tinha razão. Era preciso que eu me afastasse. Se o senhor soubesse o caso do esgoto, me obrigaria a ficar ao seu lado. Por isso, calei-me. Se eu tivesse falado, atrapalharia tudo.

– Atrapalharia o quê? – retrucou Marius. – Então julga que vai continuar aqui? Vamos levá-lo embora. Ah! meu Deus! Quando penso que soube de tudo

por simples acaso! Vamos levá-lo conosco. O senhor é parte de nós mesmos. O senhor é pai de Cosette e meu pai. Não vai passar nesta casa horrível nem um dia mais. Não vá pensar que amanhã ainda estará aqui.

– Amanhã – disse Jean Valjean – não estarei mais aqui, mas também não estarei com vocês.

– O que quer dizer? – replicou Marius. – Viagens não permitimos mais. Não vai fugir outra vez. O senhor nos pertence. Não o deixaremos mais.

– Desta vez é verdade – acrescentou Cosette. – Temos uma carruagem lá embaixo. Vou raptá-lo. Se for necessário, usarei de força.

E, rindo, fez o gesto de levantá-lo nos braços.

– Em casa, seu quarto continua arrumado – prosseguiu. – Se soubesse como o jardim está bonito agora! As azaleias dão-se tão bem lá! Os passeios estão recobertos com areia de praia cheia de conchinhas azuis. O senhor comerá de meus morangos, regados por mim. E chega de Senhora e de Sr. Jean, estamos numa república, todo mundo diz *você*, não é, Marius? O programa agora é outro. Se soubesse, pai, como sofri; um pintarroxo fez um ninho num buraco da parede, e um gato horrível o comeu. Pobre e lindinho pintarroxo; ele punha a cabeça à janela e olhava para mim! Chorei de pena. Gostaria de matar aquele gato! Mas agora ninguém chora mais. Todos riem, todos são felizes. O senhor vai morar conosco. Como vovô vai ficar contente! O senhor terá um canteiro no jardim, o senhor o cultivará. Vamos ver se os seus morangos vão nascer mais bonitos que os meus! E depois, eu farei tudo o que o senhor quiser, e o senhor terá de me obedecer.

Jean Valjean ouvia sem entender. Ouvia mais a música da voz do que o sentido das palavras; uma das grandes lágrimas, que são as sombrias pérolas da alma, brotava lentamente nos seus olhos.

Jean Valjean murmurou:

– A prova de que Deus é bom é que você está aqui!

– Meu pai! – disse Cosette.

Jean Valjean continuou:

– É verdade que seria tão bonito vivermos juntos. Teríamos árvores cheias de passarinhos. Eu passearia com Cosette. Ser como pessoas que vivem, que se cumprimentam, que se chamam no jardim, que bom! Ver-se desde a manhã. Cada um de nós cultivaria um pequeno canteiro. Ela me faria comer de seus morangos e eu colheria minhas rosas para ela. Seria tão bonito! Só que…

Aqui parou, e disse docemente:

– É pena.

A lágrima não caiu, tornou a voltar e Jean Valjean substituiu-a por um sorriso. Cosette tomou as duas mãos do velho entre as suas.

– Meus Deus! – disse ela. – Suas mãos estão mais frias ainda. O senhor está doente? Está sofrendo alguma coisa?

– Eu? Não – respondeu Jean Valjean –, eu estou muito bem. Mas…

E parou.

– Mas o quê?

– Eu vou morrer logo.

Cosette e Marius estremeceram.

– Morrer! – exclamou Marius.

– Morrer, mas não há de ser nada – disse Jean Valjean.

Respirou, sorriu e continuou:

– Cosette, você estava falando, continue, fale ainda; então o pequeno pintarroxo morreu? Fale, que estou ouvindo a sua voz!

Marius, petrificado, contemplava o velho. Cosette soltou um grito dilacerante:

– Pai! Meu pai! O senhor vai viver! Eu quero que o senhor viva! Está ouvindo?

Jean Valjean voltou a cabeça para ela com adoração.

– Oh! proíba-me de morrer. Quem sabe? Talvez eu obedeça. Eu já estava morrendo quando vocês chegaram e eu parei. Parece que renasci.

– O senhor está cheio de força e de vida – exclamou Marius. – Está pensando que se morre assim sem motivo? O senhor sofreu, mas não há de sofrer mais. Eu é que lhe peço perdão, e de joelhos! O senhor há de viver, e viver conosco, e por muito tempo ainda. Nós o levaremos conosco. Somos dois aqui com um único desejo: a sua felicidade.

– Não está ouvindo – replicou Cosette em lágrimas – o que Marius diz, que o senhor não vai morrer?

Jean Valjean continuava a sorrir.

– Se eu fosse morar na sua casa, Sr. Pontmercy, isso talvez iria fazer com que eu não seja o que sou? Não; Deus pensou como o senhor e eu, e ele não muda de opinião; é útil que eu me vá. A morte é uma boa solução. Deus sabe melhor do que nós o que necessitamos. Que o senhor seja feliz, que o Sr. Pontmercy tenha Cosette, que a juventude espose a manhã, que haja ao redor de vocês, meus

filhos, lilases e rouxinóis, que a vida de vocês seja um prado verdejante inundado de sol, que todos os encantos do céu lhes inundem a alma, e agora, eu, que não sou bom para nada, que eu morra; tenho certeza de que tudo está bem assim. Veja, sejamos razoáveis, agora nada mais é possível, sinto que tudo se acabou. Há uma hora tive um desmaio. Além disso, esta noite, bebi toda aquela bilha de água. Como seu marido é bom, Cosette! Você está bem melhor do que comigo.

Ouviu-se um ruído à porta. Era o médico que entrava.

– Bom dia, e adeus, doutor – disse Jean Valjean. – Aqui estão os meus pobres filhos.

Marius aproximou-se do médico. Dirigiu-lhe somente esta palavra: – Senhor?… – mas na maneira de a pronunciar já havia uma frase completa.

O médico respondeu à pergunta com um olhar expressivo.

– Só porque as coisas desagradam – disse Jean Valjean –, isso não é razão para sermos injustos com Deus.

Houve um silêncio. Todos se sentiam angustiados. Jean Valjean voltou-se para Cosette. Pôs-se a contemplá-la como se quisesse fixar-lhe a imagem por toda a eternidade. Na sombra profunda a que já havia descido, o êxtase ainda lhe era possível ao contemplar Cosette. O resplendor daquele rosto amável iluminava-lhe a face pálida. O sepulcro também pode deslumbrar-se.

O médico tomou-lhe o pulso.

– Ah! É da senhora que ele precisava! – murmurou, olhando para Cosette e Marius.

E, segredando ao ouvido de Marius, prosseguiu em voz baixa:

– Muito tarde!

Jean Valjean, quase sem parar de olhar para Cosette, observou Marius e o médico com serenidade. Ouviram-no balbuciar estas palavras apenas articuladas:

– Morrer não é nada; não viver é que é horrível!

De repente, levantou-se. Essas forças inesperadas são, às vezes, sinais da agonia. Caminhou com passo firme até a parede, afastou Marius e o médico que o queriam ajudar, retirou da parede o pequeno crucifixo de cobre que lá havia pendurado, voltou a sentar-se com toda a liberdade de movimento, como se estivesse em perfeita saúde, e disse em voz alta, colocando o crucifixo em cima da mesa:

– Eis aí o grande mártir.

Depois, comprimiu-se-lhe o peito e sua cabeça vacilou, como se fosse tomada

pela embriaguez do túmulo, e suas duas mãos, pousadas sobre os joelhos, puseram-se a arranhar com as unhas o tecido das calças.

Cosette segurava-lhe os ombros e soluçava, procurava falar-lhe sem o conseguir. Ouviam-se, misturadas à saliva lúgubre que acompanha as lágrimas, palavras como estas:

– Pai, não nos deixe! Será possível que o tenhamos achado só para tornar a perdê-lo?

Poder-se-ia dizer que a agonia serpenteia. Ela vai, vem, avança em direção ao sepulcro e torna a voltar para a vida. Há certa hesitação no ato de morrer.

Jean Valjean, depois dessa meia síncope, voltou a si, sacudiu a cabeça como para se livrar das trevas, voltou a ser quase perfeitamente lúcido.

Pegando uma dobra da manga de Cosette, beijou-a.

– Voltou a si, doutor! Voltou a si! – exclamou Marius.

– Vocês dois são muito bons – disse Jean Valjean. – Vou contar-lhes o que me fez sofrer. O que me fez sofrer, Sr. Pontmercy, foi o senhor não querer tocar naquele dinheiro. Aquele dinheiro pertence à sua mulher. Vou explicar, meus filhos, e é por isso que fiquei contente ao revê-los. O azeviche negro vem da Inglaterra, o azeviche branco vem da Noruega. Tudo isso está escrito naquele papel, que vocês vão ler. Para os braceletes, imaginei substituir as presilhas de metal soldado por simples encaixes. É mais bonito, melhor e menos caro. Já imaginaram quanto dinheiro se pode ganhar? A fortuna de Cosette pertence a ela. Conto-lhes esses pormenores para que fiquem tranquilos.

A porteira subira as escadas e olhava pela porta entreaberta. O médico a despediu, mas não pôde impedir que, antes de desaparecer, a boa senhora perguntasse ao moribundo:

– O senhor quer um Padre?

– Já tenho um – respondeu Jean Valjean.

E, com o dedo, parecia indicar acima da cabeça um ponto onde, dir-se-ia, via alguém. É provável que o Bispo em pessoa o assistisse naquela agonia.

Cosette, docemente, colocou um travesseiro para apoiar-lhe as costas.

Jean Valjean continuou:

– Sr. Pontmercy, não tenha receio, peço-lhe. Os seiscentos mil francos são de Cosette. Minha vida teria sido inútil se vocês não usassem esse dinheiro! Conseguimos trabalhar muito bem com aqueles vidrilhos. Chegamos a rivalizar com o que chamam de joias de Berlim. Por exemplo, não se pode competir com os vidrilhos negros que vêm da Alemanha. Uma grosa, que contém duzentas

contas muito bem-acabadas, custa apenas três francos.

Quando alguém que nos é caro está para morrer, o olhar parece agarrar-se a ele com vontade de retê-lo. Cosette e Marius, emudecidos pela angústia, não sabendo o que dizer à morte, desesperados e trêmulos, permaneciam de pé de mãos dadas em sua frente.

De instante em instante, Jean Valjean declinava, aproximando-se do horizonte sombrio. A respiração tornara-se intermitente, entrecortada pelo estertor. A muito custo movia o antebraço, os pés já haviam perdido todo movimento, e, ao mesmo tempo que a miséria dos membros e a fadiga do corpo aumentavam, toda a majestade da alma subia e se ostentava sobre a fronte. A luz do mundo desconhecido já se fazia visível em suas pupilas.

O rosto empalidecia e ao mesmo tempo sorria. Ele não tinha mais vida, mas outra coisa. A respiração diminuía, o olhar se engrandecia. Era um cadáver no qual se viam asas.

Fez sinal a Cosette para que se aproximasse e depois a Marius; era evidentemente o último minuto da última hora, e ele pôs-se a falar-lhes com uma voz tão fraca que parecia vir de muito longe; dir-se-ia que, desde aquele instante, já havia uma muralha entre Jean Valjean e os dois.

– Aproximem-se, aproximem-se ambos. Gosto tanto de vocês! Oh! é bom morrer assim! Você, minha Cosette, também gosta de mim! Sempre tive certeza de que sempre sentiu amizade por este pobre velho. Como é gentil, pondo-me às costas este travesseiro! Você há de chorar um pouco, não é? Não muito. Eu não quero que sofra. Vocês devem divertir-se muito, meus filhos. Esqueci-me de dizer ainda que, nas fivelas sem fecho, ganhava-se mais ainda que em todo o resto. A grosa, as doze dúzias, saía a dez francos, e vendia-se a sessenta. Realmente, era um bom comércio. Portanto, não é preciso assustar-se com esses seiscentos mil francos, Sr. Pontmercy. É dinheiro honesto. Vocês podem ser ricos tranquilamente. Devem comprar uma carruagem, de quando em quando um camarim no teatro, comprar lindos vestidos de baile, minha Cosette, e depois oferecer bons jantares aos amigos, ser muito felizes. Há pouco, escrevi a Cosette. Ela há de encontrar a carta. Deixo para ela os dois castiçais que estão em cima da lareira. São de prata; mas para mim eles são de ouro, são de diamantes; eles transformam as velas em círios. Não sei se quem mos presenteou está contente comigo lá em cima. Fiz o que pude. Meus filhos, não se esqueçam de que sou pobre; enterrem-me no primeiro canto de terra que encontrarem e marquem o lugar com uma pedra. É essa a minha vontade. Nada de nomes escritos. Se Cosette quiser visitar-me de quando em quando, me dará prazer. O Sr. também,

Sr. Pontmercy. Devo confessar-lhes que nem sempre gostei de você; peço-lhe perdão. Agora, ela e o senhor são uma só pessoa para mim. Fico-lhes muito grato. Sinto que o senhor torna Cosette feliz. Se soubesse, Sr. Pontmercy, essas belas faces rosadas eram a minha felicidade; quando as via um tanto pálidas, ficava triste. Na cômoda há uma nota de quinhentos francos. Não toquei nesse dinheiro. É para os pobres. Cosette, está vendo o seu vestidinho lá, em cima da cama? Reconhece-o? Já se passaram dez anos! Como o tempo voa! Fomos muito felizes. Acabou-se. Meus filhos, não chorem; não vou para muito longe. Verei vocês de lá. Basta olhar quando for noite, e vocês me verão sorrir. Cosette, lembra-se de Montfermeil? Você estava no bosque, tinha medo; lembra-se de quando peguei na alça do balde? Foi a primeira vez que toquei em sua pobre mãozinha. Ela estava tão fria! Ah! naquele tempo você tinha as mãos vermelhas; agora, como são brancas! E a boneca! Lembra-se? Você a chamava de Catarina. Arrependeu-se por não a ter levado para o convento! Como me fez rir, às vezes, meu doce anjo! Depois das chuvas, embarcava na enxurrada pedacinhos de palha e ficava olhando-os correr. Um dia, eu lhe dei uma raquete de madeira e uma peteca de penas verdes, azuis, amarelas. Já se esqueceu? Você era tão levada quando pequena! Brincava, punha cerejas nas orelhas. São coisas do passado. Os bosques por onde passamos com as crianças, as árvores que vimos, os conventos onde nos escondemos, os brinquedos, o riso alegre das crianças, a sombra. Imaginei que tudo isso me pertencia. Aí estava o meu erro. Como foram maus os Thénardier! É preciso perdoá-los. Cosette, chegou o momento de lhe dizer o nome de sua mãe. Ela se chamava Fantine. Guarde esse nome: Fantine. Ponha-se de joelhos todas as vezes que o pronunciar. Ela sofreu muito, e a amava muito. Teve em tristezas tudo o que você tem em felicidade. São partilhas de Deus. Ele está lá em cima. Ele nos vê, e sabe o que faz no meio dessas grandes estrelas. Vou-me embora, meus filhos. Amem-se para sempre. Talvez não haja outra coisa no mundo senão isto: amar-se. De vez em quando, pensem no pobre velho que morreu aqui. Ó minha Cosette! Não foi por minha culpa se eu não a visitei durante todo esse tempo; isso me dilacerava o coração; eu ia até a esquina; devia dar má impressão às pessoas que me viam passar; parecia um louco; uma vez saí sem chapéu. Meus filhos, já não vejo bem, eu tinha ainda tantas coisas a dizer, mas não faz mal. Pensem um pouco em mim. Vocês são criaturas abençoadas. Não sei o que eu tenho; estou vendo uma luz. Aproximem-se mais. Eu morro feliz. Deem-me suas cabeças para que eu as acaricie.

Cosette e Marius caíram de joelhos, fora de si, sufocados pelas lágrimas, cada um apertando uma das mãos de Jean Valjean. Aquelas mãos augustas não se

moviam mais. Jean Valjean recostara-se à cadeira, iluminado pela luz das duas velas. Seu rosto pálido voltava-se para o céu, deixando Cosette e Marius cobrir-lhe as mãos de beijos. Estava morto.

A noite era sem estrelas e profundamente escura. Sem dúvida, nas trevas, um anjo imenso estava de pé, de asas abertas, à espera de sua alma.

VI | A ERVA ESCONDE, A CHUVA APAGA

No cemitério do Père-Lachaise, perto da fossa comum, longe do quarteirão elegante dessa cidade de sepulcros, longe de todos aqueles túmulos de fantasia que ostentam diante da eternidade as vergonhosas modas da morte, num canto deserto, ao longo de um velho muro, à sombra de um grande teixo por onde sobem trepadeiras, no meio da grama e do musgo, há uma pedra. Essa pedra não está mais isenta que as outras da lepra do tempo, do mofo, dos liquens e do excremento dos passarinhos. A água a enverdece, o ar a escurece. Não está perto de nenhum caminho, e ninguém gosta de andar por aqueles lados, porque a relva é alta e molha depressa os pés. Quando faz um pouco de sol, os lagartos a visitam. Ao redor, tremulam hastes de aveia silvestre. Na primavera, as toutinegras cantam nos ramos da árvore.

A pedra é lisa. Ao talhá-la, não pensaram senão no necessário para a sepultura, sem ter outro cuidado que fazê-la bastante longa e estreita para cobrir um homem.

Não se vê ali nenhum nome.

Porém, há já vários anos, alguém escreveu ali a lápis estes quatro versos, que pouco a pouco ficaram ilegíveis sob a chuva e a poeira e que provavelmente hoje já estão apagados:

Il dort. Quoique le sort fût pour lui bien étrange,
Il vivait. Il mourut quand il n’eut plus son ange;
La chose simplement d’elle-même arriva,

Comme la nuit se fait lorsque le jour s’en va.[154]

1 *Caribde* famoso turbilhão do estreito de Messina, nas proximidades do porto siciliano do mesmo nome. É o atual Colofaro, hoje pouco perigoso. Em sua frente encontra-se o rochedo de *Cila*, do lado da Itália. Pouca distância os separa, de tal sorte que o piloto, procurando escapar a um perigo, se vê ameaçado pelo outro; daí o provérbio *Cair de Cila em Caribde.*

2 *São Jerônimo* (c.331-420) Padre e Doutor da Igreja latina, autor da tradução latina da *Bíblia*, a *Vulgata*, e de numerosas obras de exegese e história eclesiástica. Suas *Cartas* são um retrato vivo de seu tempo. A frase em questão poderia ser traduzida como: *A plebe dita as leis.*

3 *Sísifo* rei lendário de Corinto, condenado por Hermes a carregar eternamente uma enorme pedra até o cume de uma montanha, sem jamais o conseguir. *Jó* (v. nota 25/3).

4 *Ossa* maciço montanhoso da Grécia continental, prolongado ao sul pelo *Pélion*. Segundo os mitógrafos, os titãs, para conquistar o trono de Júpiter, colocaram o Pélion sobre a Ossa (e não vice-versa, como diz Victor Hugo), expressão que se tornou proverbial, para significar o uso de todos os meios a fim de levar a cabo uma empresa.

5 *Sinai* península desértica, montanhosa, no Egito. Segundo a *Bíblia*, local onde Moisés (v. nota 35/1) recebeu de Deus as tábuas com os Dez Mandamentos.

6 *A Carmanhola*, ou *Carmagnole* (v. nota 137/1). *A Marselhesa* (v. nota 26/2).

7 *Zaatcha* cidade fortificada do oásis homônimo, na comuna de Biskra (Argélia), célebre pelo assédio de cinquenta e dois dias sustentado pelos heroicos indígenas contra os franceses, que se viram obrigados a conquistar casa por casa (1849). *Constantine* cidade da Argélia, chefiada pelo bei Hadj-Ahmed, resistiu à tomada de seu país pelos franceses (1830) até outubro de 1837, quando viu-se obrigada a capitular heroicamente diante das tropas inimigas.

8 *Fréderic Cournet* (1808-52) Oficial da marinha, malgrado o notável talento e a coragem que possuía, viu sua carreira entravada pela inimizade de um superior, como também por causa de suas ideias republicanas. Tomou parte na Revolução de 1848, conseguindo depois escapar para Londres, onde se pôs em contato com *Barthélemy*, também refugiado político, de caráter muito suspeito, que o provocou a um duelo, vencendo-o fraudulentamente. Barthélemy, em 1854, foi enforcado em Londres, acusado de duplo assassinato.

9 *Harmódio* e seu amigo *Aristógiton* (v. nota 101/3), ambos atenienses, atentaram contra a vida dos tiranos Hirpaco e Hípias, conseguindo matar somente o primeiro, sendo por essa razão condenados à morte. *Brutus* (v. nota 169/4). *Quereias* Tribuno de uma Corte Pretoriana, morto no ano 41 a.C. Assassinou Calígula, unindo-se aos que tentavam restabelecer a República. *Oliver Cromwell* (v. nota 137/3). *Charlotte Corday* (1768-93) assassina de Marat (v. nota 71/3), que ela julgava principal autor da Revolução; foi condenada à morte pelo Tribunal Revolucionário. *Karl-Ludwig Sand* (1795-1820) estudante e patriota alemão, assassinou Kotzebue, literato alemão, agente secreto do imperador Alexandre I da Rússia.

10 *Esprit Raux* autor de uma tradução das *Geórgicas*, publicada em 1802. *Antoine de Cournand* (1747-1814) literato francês, o primeiro eclesiástico a renunciar publicamente ao celibato por ocasião da Revolução, autor de diversas traduções de poetas latinos. Sua tradução das *Geórgicas* apareceu em 1806. *Jacques Delille* (1738-1813) poeta francês. Sua tradução das *Geórgicas*, publicada em 1770, é considerada verdadeira conquista para a língua francesa e um verdadeiro triunfo para seu autor. *Jacques-Charles-Louis Clinchamp de Malfilâtre* (1732-67) poeta francês, traduziu parte das *Églogas*. Sua tradução das *Geórgicas*, também incompleta, apareceu somente em 1810.

11 *Zoilo* sofista grego (século IV a.C.). Sua obra mais célebre é um tratado em nove livros em que revela as contradições e os absurdos dos poemas de Homero. A injusta severidade de sua crítica tornou-se proverbial e seu nome se transformou em símbolo da crítica apaixonada e invejosa. *Mévio* versejador romano do século I a.C. Nada de certo se sabe a respeito de sua obra. *Jean Donneau de Visé ou Vizé* (1638-1710) literato francês, tornou-se conhecido criticando Molière, que atacou em sua comédia *Zelinda*. *Alexander Pope* (1688-1744) poeta clássico e crítico inglês, autor de *Sátiras* e *Epístolas* imitadas de Horácio. *Elie-*

Catherine Fréron (1719-76) publicista e crítico literário francês, fundador de *L'Année Littéraire*, em que combatia os "filósofos", em especial Voltaire, que não o poupou em suas sátiras, de modo especial no *Pauvre diable*.

12 *Eutrópio* historiador latino do século IV, autor do *Breviarium Historiae Romanae*, no qual omitiu tudo o que pudesse ser desfavorável a seus compatriotas.

13 *Saint-Lazare* a princípio leprosário, em 1779 transformou-se em casa de correção e de detenção provisória. Até 1932 serviu como prisão de mulheres.

14 *Termópilas* desfiladeiro da Grécia continental, estreita passagem entre o mar e a montanha, célebre pelo devotamento de trezentos espartanos que o defenderam contra os persas do Imperador Xerxes.

15 *Louis de Saint-Just* (1767-94) político ambicioso e dominador, foi guilhotinado juntamente com Robespierre (v. nota 103/3). *Jean-Baptiste du Val-de-Grâce, Barão de Clootz*, chamado *Anacarsis Clootz* (1755-94) político de origem prussiana, tomou parte no movimento da *Enciclopédia*, intitulando-se, durante a Revolução, "Ora dor do Gênero Humano". Foi um dos fundadores do Culto da Razão.

16 *Anfictiões* na Grécia, deputados que deliberavam sobre os negócios gerais nas anfictionias, assembleias que reuniam delegados dos diversos estados.

17 *A poltrona Voltaire* caracteriza-se pelo assento baixo e o encosto bastante alto, para apoiar a cabeça.

18 *Jean-Baptiste Vauquette de Gribeauval* (1715-89) General francês, fez-se conhecido por um relatório completo sobre a artilharia prussiana. Foi o primeiro Inspetor de Artilharia. Graças a ele, a artilharia francesa era, no início da Revolução, a melhor de toda a Europa.

19 *Henri Fonfrède* (1788-1841) jornalista francês, a princípio combateu com ardor e inteligência a Restauração; porém, depois da Revolução de julho, ligou-se novamente ao regime monárquico.

20 *Lynch* (v. nota 57/1).

21 *Paul-Aimé Garnier* (1820-46) jovem poeta francês, autor de uma paródia do drama *Os Burgraves*, de Victor Hugo, *Les Barbus Graves* (1843).

22 O castelo de *Vincennes*, desde Luís XI até 1784, serviu como prisão do Estado. Napoleão III, *o pequeno*, como o chamou Victor Hugo, comprou-o para a cidade de Paris. Em 1830, nele foram encarcerados os ministros de Carlos X e, em 1851, por ocasião do golpe de Estado, bom número de deputados republicanos ali foram presos na noite de 2 de dezembro. Entre eles deveria estar Victor Hugo, que conseguiu fugir para Bruxelas vestido de operário.

23 *Jacques-Marie, Visconde de Cavaignac, Barão de Baragne* (1773-1855) serviu no exército francês durante a República, o Império, a Monarquia de julho e a Restauração.

24 *Louis-Gabriel Suchet* (1772-1826) Marechal francês, vencedor de Lerida, tomou parte no assédio a Saragoça (1809), heroicamente defendida pelos espanhóis.

25 *Mme. Scarron* esposa de *Paul Scarron*, poeta burlesco e precursor de Molière (v. nota 99/1), é Françoise d'Aubigné (1635-1719), futura *Mme. De Maintenon*, com a qual Luís XIV, já idoso, se casou secretamente em 1684.

26 *Orlando e Angélica* principais personagens do *Orlando Furioso*, poema épico de Ariosto, em quarenta e seis cantos (1520). Seus personagens são criações de Bojardo no *Orlando Innamorato*, surgido em 1495.

27 *São feios em Nanterre,/ Por culpa de Voltaire,/ E bobos em Palaiseau,/ Por culpade Rousseau.*

28 *Não sou nenhum notário,/ Por culpa de Voltaire; / Mas sou um passarinho,/ Por culpa de Rousseau.*

29 *Meu caráter é alegre,/ Por culpa de Voltaire;/ Minha fortuna é a miséria,/ Por culpa de Rousseau.*

30 *Anteu* gigante mitológico, filho da Terra. Todos os que se aventuravam em seus domínios deviam lutar contra ele, sendo sempre vencidos. Hércules derrubou-o três vezes inutilmente, porque Anteu readquiria as forças ao tocar a terra. Matouo porém, erguendo-o do chão e sufocando-o.

31 *Caí ao chão,/ Por culpa de Voltaire,/ Com o nariz na sarjeta,/ Por culpa de…*

32 *Encontraram um menino envolto em panos* (paráfrase de Lc I, 12).

33 *Aldebarã* estrela de primeira grandeza, da constelação do Touro, também chamada *Olho do Touro*. Era, entre os egípcios, uma das quatro estrelas reais.

34 *Vulcano* entre os romanos, é o deus do fogo e dos metais. É representado pelos pintores com traços rudes, barba negra, cabelo crespo, torso musculoso e pernas defeituosas.

35 *Quem ousará dizer que o Sol é falso?*

36 Trocadilho do francês, intraduzível para o português: *Les cygnes comprennent les signes*.

37 *O pai morto espera seu filho que vai morrer.*

38 *Epidotas* cognome de várias divindades benfazejas da mitologia grega; nome dado pelos lacedemônios aos gênios que presidiam ao crescimento das crianças.

39 *Aimé-Marie-Gaspard*, Marquês, depois Duque de Clermont-Tonnerre (1779-1865).

40 *Minerva* deusa das artes, das ciências e das indústrias, entre os romanos; posteriormente seu culto foi confundido com o de *Atena* dos gregos, também chamada *Palas*, que além de outros muitos atributos era, de modo especial, a deusa da guerra.

41 *Gérard Labrunie*, conhecido como *Gérard de Nerval* (1808-55) escritor francês da escola romântica.

42 *John Brown* líder do levante de escravos no sul dos Estados Unidos (v. nota 34/3), foi um dos heróis populares mais respeitados por Victor Hugo, que o celebrou não só com a palavra, como também com um desenho impressionante a que intitulou *Ecce*, do qual foram vendidas milhares de cópias, sendo o resultado da venda enviado a várias instituições de caridade, inclusive as que forneciam medicamentos para os soldados da Guerra Civil Americana. *Washington* (v. nota 34/3). *Carlo Pisacane* (v. nota 35/3). *Garibaldi* (v. nota 34/3) porém, era o que mais entusiasmava o espírito de Victor Hugo, exilado na ilha de Guernesey; lá, no terceiro andar de Hauteville House (v. nota no prefácio), conservava mobiliado o "quarto de Garibaldi", com uma monumental cama gótica de carvalho escuro, parte da principesca recepção por ele preparada para o líder italiano; mas Garibaldi nunca chegou a fazer essa visita.

43 *Trezentos espartanos* (v. nota 14/5).

44 *Et, quasi cursores, vitae lampada tradunt*; em português, *e como os corredores passam adiante a lâmpada da vida* (Lucrécio, II, 78).

45 *Sócrates* (v. nota 151/1). *Sir John Falstaff* nome por que é conhecido *Sir John Fastolf*, famoso Capitão inglês, dado por Shakespeare a um personagem de *Henrique IV*, de *Henrique V* e das *Alegres Comadres de Windsor*. Apesar das semelhanças, o de Shakespeare difere bastante do original; é vaidoso, poltrão, bêbado e conquistador. Falstaff resume em si todo o vício e a inconsequência.

46 *Veda* livro sagrado dos hindus, conjunto das Escrituras Sagradas que constituem a base de sua religião, moral, costumes e instituições sociais.

47 *Marignan* terrível vitória de Francisco I sobre os suíços (13 e 14 de setembro de 1515). Francisco I, Rei da França (1494-1547), tinha então apenas vinte e um anos de idade.

48 *Ilíada*, canto VI, 12-35. Os versos citados aqui foram muito resumidos e modificados por Victor Hugo.

49 *Esplandiã* herói do romance histórico de *Garci Ordoñez* ou *Rodriguez de Montalvo*, escritor espanhol do século XV, cujo título é o seguinte: *Las Sergas del esforzado caballero Esplandian, hijo del excelente rey Amadis de Galia*.

50 *Adolphe Yuon* (1817-93) pintor francês, conhecido por seus quadros de cenas históricas e de batalhas. *Polidamas* herói troiano, amigo de Heitor, um dos acusados de ter entregado Troia aos gregos.

51 *Pioupiou* apelido popular por que eram conhecidos os soldados. *Carabin* estudante de medicina.

52 *Rua Transnonain* (v. nota 7/4).

53 *Suchet* (v. nota 24/5). *José de Palafox y Melzi* (1780-1841) heroico e jovem defensor de Saragoça.

54 *Arquimedes* (287-212 a.C.) um dos mais ilustres sábios de todos os tempos, defendeu por todos os meios Siracusa, sua cidade natal, contra os romanos, usando,diz-se, um espelho para incendiar os navios inimigos. *Pierre Terrail, Senhor de Bayard* (1473-1524) o tipo mais perfeito e puro do cavaleiro francês, tal como o

concebeu o ideal poético.

55 *Orestes e Pílades* (v. nota 118/3).

56 Existem muitos pontos de semelhança entre o que aqui narra Victor Hugo a respeito da barricada de la Chanvrerie e o que nos conta o historiador Louis Blanc (v. nota 9/4) em sua *Histoire de Dix Ans* (*Paris – 1841*) acerca da barricada Saint-Merry, também lembrada pelo autor, onde o operário Jeanne (v. nota 105/4) fez o papel aqui atribuído a Enjolras.

57 *Charles-Gustave Eckeberg* (1716-84) navegador e sábio sueco, autor de diversos livros sobre suas observações de viagens.

58 *Folie-Beaujon* parque de diversões nos antigos jardins de *Nicolas Beaujon* (1708-86), poderoso negociante francês, fundador do ainda existente Hospital Beaujon.

59 *Justus, Barão de Liebig* (1803-73) um dos mais ilustres químicos alemães, autor da *Química orgânica aplicada à fisiologia vegetal e à agricultura*, bem como de outras importantes obras e invenções.

60 *Urbi et orbi* em português, *à cidade e ao universo*, palavras contidas na bênção papal, quando dada em forma solene a todo o mundo cristão.

61 *Maquiavel* (v. nota 3/4). *Bacon* (v. nota 57/2). *Gabriel-Honoré Riquetti, Conde de Mirabeau* (1749-91) aristocrata de vida bastante aventurosa, era realista, porém a favor da supressão dos privilégios da nobreza e da igualdade religiosa.

62 *Teglat-Falasar* nome de três reis da Assíria.

63 *Jean de Leyde* (*Jean Beukelszoon* ou *Bockald)* chefe dos anabatistas de Munster (1509-36), onde se proclamou Rei do Sião.

64 *Maillotins* nome dado aos populares de Paris que, armando-se de *maillets* (malhetes), se revoltaram contra o governo dos tios de Carlos VI (1381). *Tire-laine* utensílio próprio para rasgar o pelo dos animais; os que se ocupam desse mister; usa-se também para designar os ladrões noturnos de agasalhos. *Huguenotes* designação dos protestantes franceses. *Chauffeurs* nome dado a malfeitores do tempo do Terror, que esquentavam os pés de suas vítimas para extorquir-lhes dinheiro. Seu chefe mais famoso foi Schinderhannes (v. nota 166/3).

65 Simon Morin, jovem morto em 1663, iluminado que se dizia filho de Deus. *Picareria* do espanhol *pícaro*: astuto, espertalhão. *Pátio dos Milagres* assim se chamava o bairro dos malandros, porque as pretensas enfermidades com que exploravam a caridade pública desapareciam como por milagre uma vez dentro de seu abrigo. Existia em quase todas as grandes cidades. No mais célebre deles, vivamente retratado por Victor Hugo em *Nossa Senhora de Paris*, viviam mais de quinhentas famílias sob as ordens de um chefe.

66 *Basílio* Heresiarca búlgaro, fundador da seita dos bogomilos. Sob uma aparência de austeridade, era extremamente corrompido em seus costumes. Foi morto em 1118.

67 *Scapin* (v. nota 82/3).

68 *Caifás* Sumo Sacerdote judeu, que mandou condenar Jesus e perseguiu os apóstolos e os primeiros cristãos. *Falstaff* (v. nota 45/5). *Margoton* diminutivo de *margot*, mulher de costumes equívocos.

69 *Noite de São Bartolomeu* (v. nota 108/4).

70 *Tristan* geralmente conhecido como *Tristan l'Hermite*, era Ministro de Luís XI (século XV). Implacável executor das vinganças do seu rei, aparece na história como uma das mais sinistras figuras da antiga monarquia. *Antoine Duprat* (14631535) Chanceler da França e principal Ministro de Francisco I, impopular por sua cupidez e pela crueldade com que perseguiu os protestantes. *Carlos IX* (1550-74) Rei de França, filho de Catarina de Médicis, sob cuja instigação se deu o massacre da Noite de São Bartolomeu. *Louvois, Letellier, Hébert* e *Maillard* (ver nota 27/1).

71 *Henrique II* (v. nota 80/5). *Louis-Sébastien Mercier* (1740-1814) escritor francês cuja maior obra é o *Tableaux de Paris*, seguido pelo *Nouveau Paris*, em que descreve os costumes de seu tempo.

72 *Behemoth* fera enorme e extraordinária descrita no capítulo XL do *Livro de Jó*.

73 *Francis de Bonne, Marquês de Créqui* (1624-87) militar que se distinguiu nas guerras de Flandres e da Catalunha.

74 *Gui-Crescent Fagon* (1638-1718) médico e primeiro botanista francês, diretor do Jardim Botânico Real, autor de uma tese em que ousou sustentar a teoria da circulação do sangue, tida então como paradoxo.

75 Durante o Império, o Duque *Denis Decrès* (1762-1820) foi Ministro, não do Interior, mas da Marinha, desde 1801 até a queda de Napoleão. *Emmanuel Crétet, Conde de Champmol* (1747-1809) foi Ministro do Interior a partir de agosto de 1807 até 1809.

76 *Place du Carrousel* uma das mais vastas praças públicas de Paris, situada entre o Louvre e o local outrora ocupado pelo palácio das Tuileries.

77 *Barthélemy Joubert* (1769-99) General que se distinguiu a serviço de Napoleão na Campanha da Itália. *Louis Desaix de Veygoux* (1768-1800) General que acompanhou Napoleão ao Oriente. Bonaparte deve-lhe a vitória de Marengo (v. nota 39/2), na qual foi morto. *François-Séverin Marceau* (1769-96) General de Napoleão, morto em Alterkirchen. *Lazare Hoche* (1768-97) General, considerado um dos personagens mais puros e eminentes da Revolução. *Jean-Baptiste Kléber* (1753-1800) General que, após a partida de Napoleão, comandou a Campanha do Egito. Foi morto por um fanático.

78 *Andoche Junot, Duque de Abrantes* (1771-1813) ajudante de campo de Bonaparte durante a primeira Campanha da Itália; matou-se num acesso de loucura. *Murat* (v. nota 33/2). *Jean Lannes, Duque de Montebello* (1769-1809) Marechal de França, fez a expedição do Egito e teve atuação destacada em Montebello e Marengo.

79 *Antoine François, Conde de Fourcroy* (1755-1809) químico e médico francês,Conselheiro de Estado, membro de quase todas as academias e sociedades científicas da Europa.

80 *Philibert Delorme* (1515-70) célebre arquiteto francês, das cortes de Francisco I(1494-1547) e de Henrique II (1519-59).

81 *Gros-Jean* homem do povo, joão-ninguém. *Lebel* sobrenome de tradicionalíssima família francesa.

82 *In pace* A existência dos *in pace*, do modo como os descreve Victor Hugo, não é historicamente provada. Essa ideia foi generalizada no século XIX por Walter Scott em seu poema *Marmion*, e é conhecida a forte influência exercida pelo grande escritor inglês nas obras de Victor Hugo (v. nota 3/2).

83 *Marat* (v. nota 71/3). *Conde d'Artois* (v. nota 73/3).

84 *Watteau* (v. nota 128/1). *Dante* (v. nota 35/1).

85 *Villon* (v. nota 189/3).

86 *Tartufo* falso devoto, homem cheio de vícios, mas que afeta seguir os grandes princípios da moral e da religião, criação de Molière (v. nota 99/1).

87 *Áugias* Rei da Élida e um dos argonautas. Seus estábulos abrigavam três mil bois e não tinham sido limpos ao longo de trinta anos. Dessa tarefa encarregou-se Hércules, e o fez sozinho num só dia, desviando para os estábulos as águas dos rios Peneu e Alfeu.

88 *Alphonse-Jean-Claude Bourguignon*, ou *Duleau* (1789-1832) engenheiro francês, autor de grandes inovações na construção das pontes. Morreu em Paris durante a epidemia do cólera em 1832.

89 *Gisquet* (v. nota 15/4). *Thomas-Robert Bugeaud de la Piconnerie* (1784-1849) em 1832 já era Marechal. Somente durante a insurreição de 1834 é que foi encarregado de reprimir os revoltosos, atribuindo-se a ele a responsabilidade pelo massacre da Rue Transnonain (v. nota 7/4).

90 *Bousingot* pequeno chapéu ou capacete de marinheiro, feito de couro envernizado. Depois da Revolução de 1830, a juventude artística e literária de Paris dividiu-se em *bousingots* e *Jeune France*. Os primeiros eram mais turbulentos. Muitos deles participaram das barricadas de 1832 e de 1835, enquanto os *Jeune France* se ocupavam unicamente de literatura e de arte. Da fusão de ambos, tão bem representada pelo jovem Victor Hugo, resultou o grande exército dos românticos.

91 *A casa de Francisco I*, ainda existente em Paris, foi construída em Moret, em 1523. Depois, vendida pelo

governo francês, foi adquirida por um particular que a fez transportar para Paris, pedra por pedra, para fazer as vontades da célebre Mlle. Mars, tantas vezes lembrada neste romance (v. nota 82/1). É um curioso monumento da Renascença com esculturas atribuídas a Jean Goujon (v. nota 153/3).

92 *Duque de Clarence* (1449-78) irmão do Rei Eduardo IV da Inglaterra, que o acusou de traição. Condenado à morte, pediu para ser afogado num tonel de malvasia.

93 *Hero e Leandro* personagens de uma célebre história de amor provavelmente alexandrina, ignorada pela literatura grega clássica e encontrada pela primeira vez nos poetas latinos contemporâneos de Virgílio, principalmente em Ovídio (43 a.C-17), que, nas *Heroídes*, narra o amor do jovem de Ábidos e de Hero, Sacerdotisa da deusa Afrodite. *Príamo e Tisbe* também personagens de uma antiga história de amor, narrada por Ovídio nas *Metamorfoses*.

94 *Corneille* (v. nota 106/3).

95 *Lafayette* (v. nota 107/3). *Constant* (v. nota 11/2). *Claude Tirecuir de la Barre de Corcelles* (1768-1843) político francês, inimigo sistemático dos Bourbon, autor de discursos notáveis pelo vigor do raciocínio e pela picante originalidade do estilo; combateu as restrições da liberdade de imprensa e individual, retirando-se da vida política em 1834.

96 *Chaumière* (v. nota 173/3).

97 *Gisquet* (v. nota 15/4).

98 *Fampoux* pequena cidade da França, tristemente célebre pela catástrofe, em julho de 1846, que foi o grave desastre de trem em que morreram quinze pessoas, ficando muitas outras gravemente feridas.

99 *Guillery* herói de uma canção popular. Pequeno de estatura, Guillery vai caçar perdizes e sobe a uma árvore para observar seus cães. Um galho da árvore se quebra, Guillery cai e fratura um braço e uma perna. Acorrem algumas mulheres, cuidam de seus ferimentos, e o caçador, para agradecer, dá-lhes um beijo. E assim termina a canção: *Pour remercier ces dames /Guillery les embrasse,/ Carabi; /Ça prouv'que par les femmes,/ L'homme est toujours guéri…*

100 *Títiro* um dos pastores da I écloga de Virgílio, que o apresenta displicentemente deitado à sombra de uma faia: *Tityre, tu patulae recumbans sub tegmine fagi.* Sob esse nome, Virgílio canta a própria felicidade e a generosidade do Imperador Otávio, que lhe restituíra as terras, injustamente confiscadas depois da batalha de Filipos (v. nota 32/2).

101 *Joana é de Fougère,/ Verdadeiro ninho de uma pastora;/ Adoro sua saia / Brejeira. Amor, nela tu vives,/ Pois é em suas pupilas /Que enches tua aljava,/ Finório! De minha parte, eu a canto,/ E amo, mais do que a própria Diana,/ Joana e seus firmes seios/ Bretões.*

102 *Geronte* tipo de velho da comédia clássica. Em Corneille (v. nota 36/1), aparece pacato e bom, mas em Molière (v. nota 99/1) já se torna grotesco e ridículo, sempre explorado por um criado que o engana.

103 *André Chénier* (v. nota 105/3). *Jeune malade*, uma de suas *Bucólicas* (xxiv), era o primitivo título desse poema, que nos conta a história de um rapaz ferido de amor por Dafne, jovem de rara beleza. Sentindo a morte que se aproxima, pede à mãe que lhe sirva de intermediário entre ele e sua amada, dizendo-lhe: *Pars, et si tu reviens sans les avoir flêchis, / Adieu, ma mère, adieu, tu n'auras plus de fils.*

104 *Antoine-Marie-Henri Boulard* literato e bibliófilo francês (1754-1825). Sua biblioteca compreendia cerca de quinhentos mil volumes.

105 *Jean-Baptiste Greuze* (1726-1805) um dos mais célebres pintores do século XVIII, especialista em quadros em que representa cenas familiares e nos retratos de mulheres.

106 Alusão à expressão francesa: *coiffer Sainte Catherine*, isto é, ficar solteira, chegar à idade em que a mulher perde a esperança de casar. A origem dessa expressão prende-se à antiga superstição segundo a qual a jovem que se encarregasse de pentear a noiva logo se casaria. Como esse favor jamais poderia ter sido dispensado às santas de nome Catarina, todas virgens, dizia-se das solteironas que ficavam para pentear Santa Catarina. Há ainda outra explicação baseada no antigo costume de pentear as imagens dos santos nas igrejas. Como não se escolhiam senão virgens para dispensar esses cuidados a Santa Catarina, padroeira das

virgens, essa tarefa tornou-se privilégio daquelas que já tinham perdido a esperança de casamento.

107 *Mère Gigogne ou Dame Gigogne* personagem de contos e farsas nos teatros de feira, imagem da fecundidade inesgotável, da contínua renovação do gênero humano. Sua primeira aparição no teatro francês data de 1602.

108 *Torre de marfim* uma das invocações da ladainha à Virgem Maria.

109 *Assim, freando o curso de tuas fantasias,/ Alcipo, então é verdade, dentro em pouco tu te casas.*

110 *Querubim* (v. nota 102/3). *Rothschild* família famosa por sua riqueza.

111 *Catão, o Antigo* (234-149 a.C.) estadista romano. Orador eloquente, tentou reprimir o luxo que começava a corromper Roma. *Fócio* (c. 402-317 a.C.) orador aristocrata ateniense, famoso pelo despreendimento e injustamente condenado a beber cicuta.

112 *Fílis* filha de Licurgo e rainha da Trácia. Abandonada por Demofon, rei de Atenas, lançou-se ao mar, perto do local onde mais tarde foi construída a cidade de Anfípolis.

113 O moderno relógio astronômico da catedral de Strasbourg, descrito por Victor Hugo em *Le Rhin*, data de 1838, portanto, não poderia ser conhecido pelo velho Gillenormand; esse relógio substituiu contudo um mais antigo, construído no século XVI e que tinha quase as mesmas características do atual.

114 *Tapecul* quebra-costelas, pequeno tílburi de dois lugares.

115 *Nestor* um dos heróis favoritos de Homero, que o celebra tanto na *Ilíada* como na *Odisseia*, ao qual o poeta atribui todas as virtudes cívicas, guerreiras e políticas, o que não se pode dizer a respeito de Gillenormand. Todos os outros personagens acima citados pertencem à *Ilíada*.

116 *Gamacho* personagem de um episódio do *Dom Quixote* (*Dom Quixote*, II parte, capítulos XX e XXI). *Jacques Cujas* (1520-90), jurisconsulto francês.

117 *Indes Galantes* ópera-balé em um prólogo e quatro atos, de Jean-Philippe Rameau (1683-1764), responsável pelos grandes espetáculos que se davam em Versailles.

118 *Pierre-Paul Royer Collard* (1763-1845) publicista, filósofo, estadista e membro da Academia Francesa, chefe da escola chamada Doutrinária, mudou a direção do ensino filosófico, muito inclinada para os mestres do século XVIII.

119 *As núpcias de Aldobrandini* afresco assim chamado por ter sido descoberto sob o pontificado de Clemente VIII (Hipólito Aldobrandini). Representa o casamento de Tétis e de Peleu. Até a descoberta das ruínas de Pompeia, esse famoso afresco, agora no Vaticano, era considerado a mais preciosa relíquia da pintura antiga.

120 *Anfitrite* mulher de Netuno, deusa do mar, mãe de Tritão e de numerosas ninfas.

121 *Tritão trotava adiante e tirava de sua concha* / *Sons tão encantadores que encantava a todos.*

122 Victor Hugo, em Marius, descreve a si próprio, jovem de castidade intransigente, que se quer conservar puro até o matrimônio, como escreveu claramente a Adèle (ver nota 158/3). Mas sua grande paixão não foi Adèle, sua esposa, mas Juliette Drouet, tanto que para as núpcias de Marius escolheu não a data de seu casamento, 12 de outubro de 1822, mas a data em que se tornou amante de Juliette, 17 de fevereiro de 1833. Apesar de essa data ter sido sempre festejada por Victor Hugo, ele comete aqui um pequeno engano: 16 de fevereiro de 1833 não era terça-feira gorda, mas o sábado que precede o carnaval.

123 *Cântico dos cânticos* um dos livros sagrados, em que muitos não veem mais que um canto nupcial, ao qual outros atribuem sentido ao mesmo tempo literal, o casamento de Salomão e de Sulamita, e um sentido místico, a união de Jesus Cristo e de sua Igreja.

124 *O postilhão de Longjumeau* ópera cômica em três atos, com música de Adolphe-Charles Adam (1803-56). Um postilhão, na hora do casamento, encontra um rico senhor o qual, maravilhado com a beleza de sua voz, o contrata como cantor. Entusiasmado, ele se esquece da noiva que, no fim, consegue reconquistá-lo.

125 *John Churchill, Duque de Marlborough* (1650-1722) célebre General e estadista inglês. Contrariando a família, casou-se em 1678 com Sarah Jennings, Duquesa de Marlborough, que se consagrou inteiramente à

carreira política do marido e a consolidar sua fortuna.

126 *Quem se casa na terça-feira gorda* / *Não terá filhos ingratos.*

127 *Paillasse* é o nosso palhaço, também derivado do *pagliaccio* italiano. *Pantalon* personagem da comédia italiana, de ordinário um velho apaixonado e sempre enganado por Arlequim. *Gille* ou *Gilles* um dos tipos no teatro de feira, poltrão simplório que foge ao menor sinal de perigo.

128 *Boeuf gras* boi que os açougueiros fazem desfilar pelas ruas de Paris e de outras cidades da França, acompanhado por variado cortejo de figuras mitológicas, e que constituía parte primordial nos festejos carnavalescos.

129 *Lord Henry Seymour* (1805-60) personagem inglês, célebre pelas excentricidades, quase sempre cruéis, com que se divertia, apelidado pelo povo de *Milord l'Arsouille* (vadio ou crápula ou debochado). Seu maior prazer era vestir-se de cocheiro e conduzir uma carruagem em disparada, derrubando tudo à sua passagem.

130 *Janot* tipo cômico, inventado no século XVIII por Dorvigny.

131 *Téspis* criador da tragédia grega (século VI a. C.). De suas obras restam-nos apenas alguns títulos. *Jean-Joseph Vadé* (1720-57) cançonetista e autor dramático francês. Antes dele, ninguém havia tentado imitar a linguagem popular.

132 *Charles Collé* (1709-83) autor dramático e um dos melhores cançonetistas de seu tempo. *Charles-François Panard* (1674-1765) vaudevillista e cançonetista francês, cognominado pelo próprio Collé de *Deus do vaudeville*. *Alexis Piron* (1689-1773) poeta francês, célebre principalmente pela mordacidade de seus epigramas.

133 *Gaston-Jean-Baptiste, Duque de Roquelaure* (1617-76) cognominado *o homem mais feio da França*, foi, contudo, um dos mais bravos e espirituosos personagens de seu tempo. Morreu como Governador da Guiana.

134 *Paul-Jean-François-Nicolas, Conde de Barras* (1755-1819) antigo convencionalista e regicida, muito elegante; por sua política versátil e pelo luxo malsão de que se rodeava, era a personificação de todo o Diretório.

135 Victor Hugo refere-se aqui aos versos: *Lorsqu'en ajoutant votre âge à mon âge,*/*Nous ne comptions pas à deux quarante ans.*

136 *Joseph Haydn* (1732-1809) compositor do classicismo alemão e expoente de uma época fecunda na história da música, entre Bach e Beethoven.

137 *Fortunatus* nome do herói de um livro popular alemão de meados do século XV.

138 *Estela e Nemorino* personagens principais da célebre pastoral de Claris de Florian (1755-94).

139 Em francês: *Le Sancy s'apelle-t-il le Sancy parce qu'il a appartenu à Harlay de Sancy, ou parce qu'il pèse cent six carats?* O gosto pelos trocadilhos faz outra vez o autor faltar à verdade: de fato *Sancy* e *cent six* têm quase idêntica pronúncia, mas o célebre diamante, que figurou entre as joias da França, e ao qual se ligam muitas histórias e lendas, não pesa cento e seis quilates, mas somente cerca de cinquenta e três. Um de seus possuidores foi *Nicolas Harlay de Sancy* (1546-1629), diplomata e Capitão francês.

140 *Carlos Magno* (742-814) Imperador do Sacro Império Romano de Nação Germânica. *Luís XIV, o Grande* (1638-1715) Rei de França de 1661 a 1715.

141 *Célimène* personagem do *Misanthrope*, de Molière, tipo da mulher jovem,coquete, insatisfeita, espirituosa e maldizente.

142 *Alceste* principal personagem do *Misanthrope*, de Molière, Grão-Senhor de probidade inflexível e de franqueza intransigente, quase brutal.

143 *Dafne e Cloé* jovens personagens do romance grego em quatro livros, do gênero pastoral. *Filemon e Baucis* nomes de um velho e bondoso casal da Frígia, imortalizado por Ovídio nas *Metamorfoses*.

144 *Ventre-saint-gris* ao pé da letra, *santo ventre bêbado*, que afinal em si nada significa, era a blasfêmia preferida do rei Henrique IV (v. nota 86/1).

145 *Sísifo* (v. nota 3/5).

146 *James Cook* (1728-79) célebre navegador inglês, pioneiro das viagens de caráter científico, depois de passada a época das viagens de descobertas. O relato de suas viagens, traduzido para o francês, apareceu nos anos de 1773, 1774 e 1785. *George Vancouver* (1757-98) renomado navegador inglês, discípulo de Cook. O diário de suas expedições foi terminado e publicado por seu irmão, *John Vancouver*, sob o título: *Voyage de découvertes à l'océan Pacifique du Nord et autour du monde*. A versão francesa dessa obra apareceu em 1799 e 1802.

147 *Pierrot*, em francês, além da clássica figura carnavalesca, designa uma espécie de passarinho, os pardais.

148 Note-se que em capítulos anteriores Victor Hugo descreve Cosette nos jardins do Luxembourg usando chapéu preto e branco, não azul, como diz aqui.

149 Algo divino.

150 Vade retro me, Satana; em português, Afasta-te de mim, Satanás. Palavras de Jesus ao demônio (Mc VIII, 33).

151 *Thénard* era também o nome de uma família de artistas da época, mas Thénardier refere-se aqui a *Louis Jacques, Barão de Thénard* (1777-1857), membro do Instituto das Ciências a partir de 1810, Deputado, Par de França e Chanceler da Universidade de Paris.

152 *William Pitt* (1759-1806) estadista inglês que desempenhou papel importante nas relações entre a Inglaterra e a França na época da Revolução e das campanhas de Bonaparte. *Fabrício Ruffo, Príncipe de Castelcicala* (1755-1832) diplomata napolitano; morreu como Embaixador de Nápoles em Paris, durante a epidemia do cólera, em 1832.

153 *Princesa Bagration* descendente do General russo e Príncipe Pedro Bagration. *Visconde Charles-Emmanuel-Henri Dambray* (1785-1868) político francês, Par de França desde agosto de 1815.

154 *Ele dorme. E embora a sorte lhe fosse bem estranha,/ Ele vivia. Morreu quando não teve mais o seu anjo; /A coisa simplesmente chegou, de moto-próprio. Como a noite que chega, quando o dia se vai.*

CRONOLOGIA

[**1824**] Victor Hugo colhe informações sobre a colônia penal de Toulon. É publicado *Le Dernier Jour d'un condamné*, violento manifesto contra a pena de morte.

[1832] VH inicia seu relacionamento com Juliette Drouet, de quem não mais iria separar-se. Juliette desenha uma planta de Digne, onde inscreve o nome "Jean Tréjean".

VH redige notas sobre a família de Miollis, fonte de inspiração para o personagem do Bispo de Digne. Nelas preocupa-se mais com o General que com o irmão Bispo.

[1834] Vem a público *Claude Gueux*, primeira obra sobre a miséria.

[1837] Durante uma de suas viagens anuais com Juliette, VH passa por Montreuil-sur-Mer, que não chega a impressioná-los de modo especial.

VH visita, dessa vez intencionalmente, a colônia penal de Toulon, sem dúvida a gênese do futuro *Os miseráveis*. VH toma notas sobre a indústria dos vidrilhos negros que, no romance, fará a fortuna de Jean Valjean.

[1841] Após cinco anos de esforços inúteis, VH é enfim eleito acadêmico. Data dessa época também sua intervenção em favor de uma prostituta acusada de perturbar a ordem pública, no posto de polícia da rua Taitbout: origem de Fantine.

[1843] Léopoldine Hugo, recentemente casada com Charles Vacquerie, afoga-se em Villequier no dia 4 de setembro.VH toma conhecimento do acontecido pelo jornal, três dias depois, em Rochefort, diante de uma Juliette transtornada.

[1845] Recém-nomeado Par de França, VH deixa-se surpreender em adultério com Léonie Biard. O escândalo é abafado. Ele se fecha em casa para escrever, enquanto ela é enviada à prisão, depois a um convento. Trabalha sem dúvida no romance *Os miseráveis*. No dia 17 de novembro, inicia a redação propriamente dita. O romance é intitulado *Jean Tréjean*.

[1846] Em 22 de fevereiro, VH transcreve uma cena que presenciou: um pobre que havia roubado um pão fora preso e olhara com ódio, dentro de um coche elegante, uma duquesa e seu filho. Começa provavelmente a escrever *Melancholia*, terminado por volta de 1854, poema que figurará em *Les Contemplations*, livro em que ele diz estar contido o embrião de seu romance. VH dedica-se todo o ano a *Os miseráveis*. Em 30 de dezembro assina contrato com os editores Renduel e Gosselin, para a publicação da primeira parte do romance.

No dia 21 de fevereiro, ele interrompe o trabalho devido à Revolução. Chegara à "Parte IV, livro 15, capítulo 1". Parte do material fora escrita em duas versões sucessivas, o restante passara por revisões ou sofrera acréscimos.

VH é eleito para a Assembleia Legislativa, dedicando-se primordialmente à atividade parlamentar e à política. Em 9 de julho, faz um discurso intitulado *A miséria*, de conteúdo antissocialista, pregando a destruição "dessa coisa sem nome", o que leva ao rompimento com seu partido.

[1851] Em fevereiro, visita as *caves* de Lille. No outono, propõe-se a retomar *Os miseráveis*, porém as circunstâncias políticas o impedem. Após uma tentativa de resistência ao golpe de estado de 2 de dezembro, VH vai para o exílio. Parte para Bruxelas e começa escrever *A história de um crime*. Em agosto, viaja para Jersey. Publica o panfleto em prosa, *Napoléon-le-Petit*, contra Napoleão III.

[1853] Vem a público *Les Châtiments*. Na capa, é anunciado um romance que se intitula *Os miseráveis*, mas durante os anos seguintes VH escreve, além de textos memorialísticos, os livros de poesia, *Dieu*, *La Fin de Satan*, *L'Ane*, *La Pitié suprême* [1854-1858].

É expulso de Jersey e parte para Guernesey. Instala-se em Hauteville-House.

É publicado *Les Contemplations*.

Diante da anistia oferecida por Napoleão III, VH responde: "Quando a liberdade voltar, eu voltarei". Vem a público *La Légende des siècles*, primeira

série.

Entre 26 de abril e 21 de maio, VH relê o manuscrito de *Os miseráveis*. Em agosto, escreve *Philosofie,* que pensa usar como prefácio; no dia 14 desse mês, recomeça o trabalho no romance, fazendo adições ao texto existente. No dia 30 de dezembro, retoma a história de onde havia parado em 1848.

De 22 de maio a 30 de junho, VH termina *Os miseráveis* perto do campo de batalha de Waterloo, em Mont-Saint-Jean. Em setembro, inicia a revisão geral. No dia 4 de outubro assina, em Guernesey, um contrato com o editor Lacroix, de Bruxelas: trezentos mil francos por doze anos de exploração comercial da obra. A publicação será feita simultaneamente em Bruxelas e Paris.

Entre o envio dos manuscritos e as provas, VH dedica-se ao último acréscimo. “Waterloo” (parte II, livro 1), “Os cemitérios recebem o que lhes dão” (parte II, livro 8), “Parêntese”(parte II, livro 7) e “Os amigos do ABC” (parte III, livro 4), além de outros, foram escritos entre o fim de 1861 e 1862. VH escreve em 19 de maio: “Terminei essa manhã a revisão completa”. Na verdade, ele a termina no dia 15 de junho. A publicação, iniciada em abril com os dois primeiros volumes, avança em maio com o lançamento de outros quatro, e chega ao final em 30 de junho, com os últimos quatro volumes.

OBRAS DE VICTOR HUGO

ROMANCES
Han d'Islande [1823]
Bud-Jargal [1826]
Le Dernier jour d'un condamné [1829]
Notre-Dame de Paris [1831]
Claude Gueux [1834]
Les Misérables [1862]
Les Travailleurs de la mer [1866]
L'Homme qui rit [1869]
Quatrevingt-treize [1874]

POESIA
Odes et Poésies diverses [1822]
Nouvelles Odes [1824]
Odes et Ballades [1826]
Les Orientales [1829]
Les Feuilles d'automne [1832]
Les Chants du crépuscule [1835]
Les Voix intérieures [1837]
Les Rayons et les Ombres [1840]
Les Châtiments [1853]
Les Contemplations [1856]
La Légende des siècles [1859-83]
Les Chansons des rues et des bois [1865]
L'Année terrible [1872]
Actes et Paroles [1875-76]
La Légende des siècles [1859-83]
L'Art d'être grand-père [1877]
Le Pape [1878]
La Pitié suprême [1879]
Religions et religion [1880]
L'Âne [1880]
Les Quatre Vents de l'esprit [1881]

TEATRO

Cromwell [1828]
Hernani [1830]
Marion de Lorme [1831]
Le Roi s'amuse [1832]
Lucrèce Borgia [1833]
Marie Tudor [1833]
Angelo, tyran de Padoue [1835]
La Esmeralda [1836]
Ruy Blas [1838]
Les Burgraves [1843]
Inez de Castro [1863]
Torquemada [1882]

ENSAIO
William Shakespeare [1864]

DIÁRIO DE VIAGEM
Le Rhin [1842]

PANFLETO EM PROSA
Napoléon-le-Petit [1852]

PUBLICAÇÃO PÓSTUMA
Théâtre en liberté [1886]
La Fin de Satan [1886]
Choses vues [1887-1900]
Toute la lyre [1888-93]
Alpes et Pyrénées [1890]
Dieu [1891]
France et Belgique [1892]
Les Années funestes [1898]
Post scriptum de ma vie [1901]
Dernière Gerbe [1902]
Océan, Tas de pierres [1942]

TRADUÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
William Shakespeare. Renata Cordeiro e Paulo Schmidt. Londrina: Campanário, 2000.
Os trabalhadores do mar. Machado de Assis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
Os miseráveis. Carlos dos Santos.

São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

BIBLIOGRAFIA

Uma bibliografia mais completa encontra-se em:
ROSA, Guy. *Hugo /"Les Misérables"*. Paris: Klincksieck, col. Parcours Critique, 1995.

TRADIÇÃO TEXTUAL

Não existe ainda uma edição crítica definitiva de *Os miseráveis*, mas o manuscrito e a história da publicação são estudados de maneira aprofundada em:

JOURNET, Réne. *Le Dossier des "Misérables"*, no volume *Chantier* das *Œuvres complètes* de Hugo. Paris: Robert Laffont, col. Bouquins, 1990.

JOURNET, Réne & Guy ROBERT. *Le Manuscrit des "Misérables"*. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

LEUILLIOT, Bernard. *Victor Hugo publie "Les Misérables": correspondance avec Albert Lacroix, août 1861-juillet 1862*. Paris: Klincksieck, 1970.

Les Misérables naturalmente figuram nas coleções de obras completas de Victor Hugo, em particular nas duas mais recentes:

Romans. Éd. Henri Guillemin. Paris: Seuil, 1963, 3 vols. Vol. II *Les Misérables*, com desenhos de Victor Hugo.

Œuvres complètes de Victor Hugo. Dir. Jean Massin. Édition Chronologique Massin. Paris: Club Français du Livre, 1967-70, 18 vols. Esta coleção não está mais disponível em livrarias; do volume de *Les Misérables* (t. XI) constam os estudos de Bernard Leuilliot, Jean Gaudon, Robert Ricatte, Henri Meschonnic, os três últimos reproduzidos na col. Parcours Critique, Paris: Klincksieck, 1995.

Œuvres complètes. Dir. Jacques Seebacher e Guy Rosa, em colaboração com o Groupe Inter-universitaire de travail sur Victor Hugo – Paris VII. Paris: Robert Laffont, col. Bouquins, 1985-89, 18 vols. *Roman II, "Les Misérables"*. Apresentação de Annette Rosa, aparato crítico de Guy e Annette Rosa.

Por seus comentários, anotações ou dossiês de documentos são igualmente importantes as seguintes edições:

ALLEM, Maurice. Paris: Gallimard, col. Bibliothèque de la Pléiade, 1976.

GOHIN, Yves. Paris: Gallimard, col. Folio, 1999.

GUYARD, Marius-François. Paris: Garnier, col. Classiques Garnier, 1966.

JOURNET, René. Paris: Garnier-Flammarion, 1963.

LASTER. Paris: Presses Pocket, col. Lire et Voir les Classiques, 1992.

ROSA, Guy. Paris: LGF, col. Classiques de Poche, 1998.

TRADUÇÕES BRASILEIRAS

Victor Hugo no Brasil, trad. A. Carneiro Leão. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

Do grotesco e do sublime, prefácio, trad. e notas Célia Bervetini. São Paulo: Perspectiva, 1988.

O último dia de um condenado, trad. Joana Canêdo. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

Hugonianas: poesias de Victor Hugo traduzidas por poetas brasileiros. Múcio Teixeira (org.), 3ª. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

ENSAIOS

Principais obras recentes e disponíveis:

BROMBERT, Victor. Traduzido do inglês para o francês por Héloïse Raccah-Neefs, *Victor Hugo et le roman visionnaire*, Paris: PUF, col. Écrivains, 1995.

PIROUÉ, Georges. *Victor Hugo romancier ou les dessus de l'inconnu*. Paris: Denoël, 1964 e 1984.

ROUANET, Sergio Paulo. "Este século tem dois anos: a propósito do bicentenário de Victor Hugo". *Revista Brasileira*, ano IX, n. 33,out.-nov.-dez. 2002, pp. 35-57.

VARGAS LLOSA, Mario. *La tentación de lo imposible*. Madri: Punto de Lectura, 2007.

Textos dedicados a *Os miseráveis*:

ALBOUY, P. "Hugo Fantôme", *Littérature*, n.13, 1973 [reeditado em *Mythographies*. Paris: José Corti, 1976].

BUTOR, Michel. "Victor Hugo romancier". *Répertoire ii*, Édition de Minuit, 1964.

DELABROY, Jean. "*Coecum* ou Préalable à la philosophie de l'histoire dans *Les Misérables*", in *Lire "Les Misérables*".

_____. "1848 et *Les Misérables* de Victor Hugo". *Lendemains*, n.28, Berlim: Pahl-Rugenstein Verlag, 1982 [reeditado na col. Parcours Critique, Paris: Klincksieck].

GÉLY, B. "*Les Misérables" de Victor Hugo*. Mont-de-Marsan: Éditions Interuniversitaires, 1995.

GOHIN, Yves."Une histoire qui date", in *Lire "Les Misérables*".

_____. "Les Réalités du crime et de la justice pour Hugo avant 1829", in *Œuvres complètes*. Édition Chronologique Massin.

HABIB, C."Autant en emporte le ventre", in *Lire "Les Misérables*".

LAFORGUE, Pierre. *Gavroche – Études sur "Les Misérables*", Paris: SEDES, 1994.

_____. "Mythe, révolution et histoire. La reprise des *Misérables* en 1860", in *Gavroche – Études sur "Les Misérables*".

LEUILLIOT, Bernard."Présentation de Jean Valjean", in *Centenaire des "Misérables*". Paris: Les Belles Lettres, 1962 [reeditado na col. Parcours Critique, Paris: Klincksieck].

MESCHONNIC, Henri."La Poésie dans *Les Misérables*", in Victor Hugo, *Œuvres complètes*. Édition Chronologique Massin, t. XI.

MILLET, Claude. "Amphibologie: le génie, le passant, la philosophie, l'opinion", in "*Les Misérables" – Nommer l'innommable*.

NEEFS, Jacques. "L'espace démocratique du roman", in *Lire "Les Misérables*".

PETITIER, Paule. "Le Nombre dans *Les Misérables*: une opération de conscience", in "*Les Misérables" – Nommer l'innommable*.

RICHARD, J.-P. "Petite lecture de Javert". *Revue des Sciences Humaines*, out.-dez. 1974 [reeditado na col. Parcours Critique, Paris: Klincksieck].

ROMAN, Myriam. *Victor Hugo et le roman philosophique – du drame dans les faits au drame dans les idées*. Paris: Honoré Champion, col. Romantisme et Modernité, 1999.

ROMAN, Myriam & Marie-Christine BELLOSTA. *"Les Misérables", roman pensif*. Paris: Belin, col. Belin Sup Lettres, 1995.

ROSA, Guy. "*Jean Valjean* (1, 2, 6): réalisme et irréalisme dans *Les Misérables*", in *Lire "Les Misérables"*.

_____."Le *quid obscurum* des batailles: Waterloo chez Hugo et Stendhal". *Elseneur*, n. 10, *Hugo Moderne?*, Presses universitaires de Caen, 1995.

_____. “Le vaisseau, la mine, l’égout: images de la société dans *Les Misérables*”, in *Victor Hugo, “Les Misérables” – “La preuve par les abîmes”*.

_____. “Essais sur l’argot. Balzac (*Splendeurs et miséres des courtisanes*) et Hugo (*Les Misérables*; IV, 7)”, in *Hugo / “Les Misérables*”. Paris: Klincksieck, col. Parcours Critique, 1995.

SAVY, Nicole.“Cosette, un personnage qui n’existe pas”, in *Lire “Les Misérables*”.

_____.“V. Hugo féministe?”, in *La Pensée*, 1985.

SEEBACHER, Jacques. “Le tombeau de Gavroche ou *Magnitudo parvuli*”, in *Lire “Les Misérables”* [reeditado em *Victor Hugo ou le cacul des profondeurs*, Paris: PUF, col. Écrivains, 1993].

_____.“La mort de Jean Valjean”, in *Centenaire des “Misérables*” [reeditado em *Victor Hugo ou le cacul des profondeurs*].

_____. “Évêques et conventionnels ou la critique en présence d’une lumière inconnue”, *Europe*, 1962.

_____. “Misère de la coupure, coupure des *Misérables*”. *Revue des Sciences Humaines*, 1974 [reeditado em *Victor Hugo ou le cacul des profondeurs*].

UBERSFELD, Anne. “Nommer la misère”. *Revue des Sciences Humaines*, 1974 [reeditado em *Paroles de Hugo*, Messidor, 1985].

_____.“Le Rêve de Jean Valjean”. *L’Arc*, n. 57, 1974 [reeditado em *Paroles de Hugo*, Messidor, 1985].

_____. “*Les Misérables*, théâtre-roman”, in *Lire “Les Misérables”*. VERNIER, France. “*Les Misérables*: ce livre est dangereux”. *L’Arc*, n. 57, 1974.

_____. “*Les Misérables*: un texte intraitable”, in *Lire “Les Misérables”*.

Coletâneas de ensaios:

Lire “Les Misérables”. Dir. Anne Ubersfeld e Guy Rosa, contribuições de Josette Acher, Jean Delabroy, Jean Gaudon, Yves Gohin, Bernard Leuilliot, C. Habib, Jacques Neefs, Guy Rosa, Nicole Savy, Jacques Seebacher, Anne Ubersfeld, France Vernier. Paris: José Corti, 1985.

Victor Hugo, “Les Misérables”. Dir. Pierre Brunel para l’École doctorale de l’Université Paris IV, contribuições de Claude Gély, Christine Cadet-Gangate, Jean Gaudon, Bernard Leuilliot, Geoff Woollen, Pierre Laforgue, Jean-Pierre Reynaud, Alice Szebrat, Guy Rosa, Marius-François Guyard, Claude Rétat, Jean Maurel, Renée de Smirnoff. Mont-de-Marsan: Éditions Interuniversitaires, 1994.

Victor Hugo, “Les Misérables” – “La Preuve par les abîmes”. Dir. José-Luis Diaz para a Société des Études romantiques, contribuições de Françoise Chenet-Faugeras, Jean Gaudon, Kathryn M. Grossman, Pierre Laforgue, Bernard Leuilliot, Jean Maurel, Pierre Popovic, Guy Rosa, Philippe Régnier, Nicole Savy, Agnès Spiquel, Anne Ubersfeld, France Vernier. Paris: SEDES, 1994.

“Les Misérables” – Nommer l’innommable. Dir.Gabriella Chamarat, contribuições de David Charles, Pierre Laforgue, Vincent Laisney, Claude Millet, Paule Petitier, Agnès Spiquel, Anne Ubersfeld. Orléans: Paradigme, 1994.

Victor Hugo, “Les Misérables”. Éd. Guy Rosa, trabalho de Jean Delabroy, Jean Gaudon, J.-P. Jossua, Bernard Leuilliot, P. Malandain, Henri Meschonnic, Robert Ricatte, J.-P. Richard, Guy Rosa, Nicole Savy, Jacques Seebacher, Anne Ubersfeld, France Vernier. Paris: Klincksieck, col. Parcours Critique, 1995.

Dicionário enciclopédico:

DE PHALÈSE, Hubert. *Dictionnaire des “Misérables”: dictionnaire encyclopédique du roman de Victor Hugo, réalisé à l’aide des nouvelles technologies*. Paris: Nizet, col. Cap’agrég, 1994.

Para avaliar a pertinência de *Os miseráveis* face às realidades sociais do séc. XIX, e comparar Hugo aos seus contemporâneos, Balzac, Zola e E. Sue, deve-se reportar ao clássico de Louis Chevalier, *Classes*

laborieuses et classes dangereuses à Paris, pendant la première moitié du XIX^{e}. siècle. Paris: Plon, 1958 [reed. Paris: Le Livre de Poche, col. Pluriel, 1978].

SOBRE VICTOR HUGO

ARAGON, Louis. *Hugo poète réaliste*. Paris: Éd. Sociales, 1952.

IONESCO, Eugène. *La Vie grotesque et tragique de Victor Hugo*. Paris: Gallimard, 1982.

MESCHONNIC, Henri. *Écrire Hugo*. Paris: Gallimard, col. Le Chemin, 1977, 2 vols.

ROUSSEL, Raymond. *Nouvelles impressions d'Afrique; suivies de L'Âme de Victor Hugo*. Paris: Pauvert, 1985.

ZUMTHOR, Paul. *Victor Hugo, poète de Satan*. Genebra: Slatkine, 1973.

FILMOGRAFIA DE OS MISERÁVEIS

Les misérables. Dir. Raymond Bernard. Preto e branco, 281 min. Pathé-Natan, FRA, 1934.

Les misérables. Dir. Richard Boleslawski. Preto e branco, 108 min. 20th Century Pictures, EUA, 1935.

Les misérables. Dir. Lewis Milestone. Preto e branco, 105 min. 20th Century Fox Film Corporation, EUA, 1952.

Les misérables. Dir. Bille August. Cor, 134 min. Mandalay Entertainment / TriAtar Pictures, EUA / ALE / ING, 1998. Com Liam Neeson, Geoffrey Rush e Uma Thurman.

Les misérables.Dir.Tom Hooper.Cor.Working Title Films/Cameron Mackintosh Ltd, ING, 2012. Com Hugh Jackman, Russel Crowe e Anne Hathaway.

© Cosac Naify, 2015

COORDENAÇÃO EDITORIAL Rodrigo Lacerda
ASSISTENTE EDITORIAL Ana Paula Martini
PREPARAÇÃO Alípio Correia de Franca Neto e Nina Schipper
PROJETO GRÁFICO ORIGINAL Elaine Ramos e Gabriela Castro
REVISÃO Sandra Brasil, Sandra Mara Franca,
Maria Fernanda Alvares e Isabel Jorge Cury
ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida
PRODUÇÃO DE EPUB EquireTech

1ª. edição eletrônica, 2015

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

IMAGENS DE CAPA E MIOLO Reprodução de páginas do manuscrito original de *Os miseráveis*. © Fonds Victor Hugo/Bibliothèque Nationale de France.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hugo, Victor [1802-85]

Os miseráveis: Victor Hugo

Título original: *Les misérables*

Tradução: Frederico Ozanam Pessoa de Barros

São Paulo: Cosac Naify, 2015

5 ils.

ISBN 978-85-405-0885-9

1. Romance francês i. Ribeiro, Renato Janine. 2. Título

12-09592126 CDD 843

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura francesa 843

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2º. andar
01223-010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3823 6560
professor@cosacnaify.com.br


BLOG
You
Tube

Este e-book foi projetado e desenvolvido em dezembro de 2014,
com base na 4ª edição impressa, de 2014.

FONTE Le Monde

SUMÁRIO

Capa
Nota dos editores
Um novo olhar: Renato Janine Ribeiro
Prefácio: Victor Hugo
1 FANTINE
LIVRO PRIMEIRO: UM JUSTO
I Charles Myriel
II O sr. Myriel torna-se Dom Bienvenu
III A bom Bispo mau Bispado
IV As palavras em harmonia com as ações
V De como Dom Bienvenu fazia para poupar suas batinas
VI Por quem era guardada a sua casa
VII Cravatte
VIII Filosofia de sobremesa
IX Como era visto pela irmã
X O Bispo na presença de uma luz estranha
XI Uma restrição
XII A solidão de Dom Bienvenu
XIII A fé de Dom Bienvenu
XIV Como pensava Dom Bienvenu
LIVRO SEGUNDO: A QUEDA
I A tarde depois de um dia de caminho
II A prudência aconselhada à sabedoria
III O heroísmo da obediência passiva
IV Curiosidades sobre as fábricas de queijo de Pontarlier
V Tranquilidade
VI Jean Valjean
VII O âmago do desespero
VIII A onda e a sombra
IX Novos agravos
X O hóspede desperto
XI O que aconteceu
XII O Bispo trabalha

XIII O perverso Gervais
LIVRO TERCEIRO: DURANTE O ANO DE 1817
I 1817
II Duplo quarteto
III Quatro a quatro
IV Tholomyès, contentíssimo, canta uma canção espanhola
V No restaurante Bombarda
VI O capítulo do amor
VII Sabedoria de Tholomyès
VIII Morre um cavalo
IX Alegre fim da alegria
LIVRO QUARTO: CONFIAR É, POR VEZES, ABANDONAR
I Duas mães se encontram
II Primeiro esboço de duas figuras sombrias
III A cotovia
LIVRO QUINTO: A DECADÊNCIA
I História de um progresso no fabrico de vidrilhos pretos
II Madeleine
III Quantias depositadas no banco Laffitte
IV Madeleine de luto
V Relâmpagos no horizonte
VI Fauchelevent
VII Fauchelevent torna-se jardineiro em Paris
VIII Madame Victurnien gasta trinta francos pelo bem da moral
IX O êxito de Madame Victurnien
X Continua o êxito de Madame Victurnien
XI Christus nos liberavit
XII O descanso de Bamatabois
XIII Solução de algumas questões da polícia municipal
LIVRO SEXTO: JAVERT
I Princípio de repouso
II De como “Jean” pôde transformar-se em “Champ”
LIVRO SÉTIMO: O CASO CHAMPMATHIEU
I Irmã Simplice
II Perspicácia de mestre Scaufflaire
III A tempestade de uma consciência
IV Formas que o sofrimento toma durante o sono

V Imprevistos
VI Irmã Simplice é posta à prova
VII O viajante, chegando a seu destino, toma precauções para voltar
VIII Entrada de favor
IX As convicções prestes a se formar
X Negação sistemática
XI Champmathieu cada vez mais admirado
LIVRO OITAVO: CONTRAGOLPE
I Em que espelho Madeleine contempla seus cabelos
II Fantine feliz
III Javert contente
IV A autoridade retoma seus direitos
V Sepultura digna
2 COSETTE
LIVRO PRIMEIRO: WATERLOO
I O que se vê vindo de Nivelles
II Hougomont
III 18 de junho de 1815
IV A
V O Quid obscurum das batalhas
VI Quatro horas da tarde
VII Napoleão de bom humor
VIII O Imperador faz uma pergunta ao guia Lacoste
IX O inesperado
X O planalto de Mont-Saint-Jean
XI Mau guia para Napoleão, bom guia para Bülow
XII A guarda
XIII A catástrofe
XIV O último esquadrão
XV Cambronne
XVI Quot libras in duce?
XVII Deve-se achar bom Waterloo?
XVIII Recrudescência do direito divino
XIX O campo de batalha à noite
LIVRO SEGUNDO: O NAVIO DE GUERRA ORION
I O número 24 601 transforma-se em 9 430
II Onde se leem dois versos talvez da autoria do diabo

III Era preciso que a corrente da manilha tivesse sido preparada para se quebrar com um simples golpe de martelo
LIVRO TERCEIRO: CUMPRIMENTO DA PROMESSA FEITA À MORTA
I O problema da água em Montfermeil
II Dois retratos completos
III Vinho para os homens, água para os cavalos
IV Entra em cena uma boneca
V Sozinha
VI Prova-se a inteligência de Boulatruelle
VII Cosette na escuridão ao lado de um desconhecido
VIII Má vontade de alojar um pobre que talvez não o seja
IX Esperteza de Thénardier
X Quem procura o melhor pode encontrar o pior
XI O número 9 430 reaparece e com ele Cosette ganha na loteria
LIVRO QUARTO: O PARDIEIRO GORBEAU
I Mestre Gorbeau
II Ninho para o Mocho e a Cotovia
III A aliança de duas desgraças faz uma felicidade
IV Observações da primeira locatária
V Uma moeda de cinco francos faz ruído ao cair no chão
LIVRO QUINTO: CAÇA TENEBROSA, MATILHA SILENCIOSA
I Os zigue-zagues da estratégia
II Felizmente passam veículos pela Pont d’ Austerlitz
III Ver a planta de Paris de 1727
IV Fuga às apalpadelas
V O que seria impossível com a iluminação a gás
VI Começo de um enigma
VII Continua o enigma
VIII O enigma aumenta
IX O homem do guizo
X Onde se explica de que modo Javert se sentiu logrado
LIVRO SEXTO: PETIT-PICPUS
I Travessa Picpus, número 62
II A congregação de Martin Verga
III Severidades
IV Alegrias
V Distrações

VI O pequeno convento
VII Algumas silhuetas dessa sombra
VIII Post corda lapides
IX Um século debaixo de um hábito
X Origem da adoração perpétua
XI Fim do Petit-Picpus
LIVRO SÉTIMO: PARÊNTESE
I O convento, ideia abstrata
II O convento como fato histórico
III Sob que condição podemos respeitar o passado
IV O convento do ponto de vista dos princípios
V A oração
VI A bondade absoluta da oração
VII Precauções indispensáveis, à censura
VIII Fé e lei
LIVRO OITAVO: OS CEMITÉRIOS RECEBEM O QUE LHES DÃO
I Como entrar no convento
II Fauchelevent depara-se com dificuldades
III Madre Innocente
IV Onde Jean Valjean parece ter lido Austin Castillejo
V Não basta ser bêbado para ser imortal
VI Entre quatro tábuas
VII Onde se explica a origem do ditado: não perder a cartada
VIII Interrogatório bem-sucedido
IX Clausura
3 MARIUS
LIVRO PRIMEIRO: PARIS ESTUDADA EM SEU ÁTOMO
I Parvulus
II Alguns de seus sinais particulares
III Como é agradável
IV Como pode ser útil
V Suas fronteiras
VI Um pouco de história
VII O moleque teria classificação especial entre as castas da Índia
VIII Onde se lerá uma encantadora frase dita pelo último rei
IX A velha alma da Gália
X Ecce Paris, ecce homo

XI Zombar, reinar
XII O futuro latente do povo
XIII O pequeno Gavroche
LIVRO SEGUNDO: O GRANDE BURGUÊS
I Noventa anos e trinta e dois dentes
II Tal dono, tal casa
III Luc-Esprit
IV Aspirante centenário
V Basco e Nicolette
VI Onde se entrevê Magnon e seus dois filhos
VII Regra: não receber ninguém senão à noite
VIII As duas não fazem um par
LIVRO TERCEIRO: O AVÔ E O NETO
I Um salão tradicional
II Um dos espectros vermelhos da época
III Requiescant
IV Fim do salteador
V Como é bom ir à missa para se tornar revolucionário
VI O que pode significar encontrar um sacristão
VII Alguma saia
VIII Mármore contra granito
LIVRO QUARTO: OS AMIGOS DO ABC
I Um grupo que esteve a ponto de se tornar histórico
II Oração fúnebre de Blondeau, por Bossuet
III Surpresas de Marius
IV A sala secreta do Café Musain
V O horizonte se alarga
VI Res angusta
LIVRO QUINTO: EXCELÊNCIA DA DESGRAÇA
I Marius indigente
II Marius pobre
III Marius progride
IV O sr. Mabeuf
V A pobreza, boa vizinha da miséria
VI O substituto
LIVRO SEXTO: A CONJUNÇÃO DE DUAS ESTRELAS
I O apelido como origem dos nomes de família

II Lux facta est
III Efeito da primavera
IV Início de uma doença grave
V Trovões sobre Mame Bougon
VI Marius prisioneiro
VII Aventuras da letra u entregue a conjecturas
VIII Os próprios inválidos podem ser felizes
IX Eclipse
LIVRO SÉTIMO: PATRON-MINETTE
I As minas e os mineiros
II O bas-fond
III Babet, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse
IV Composição da quadrilha
LIVRO OITAVO: O MAU POBRE
I Marius, procurando uma jovem de chapéu, encontra um homem de boné
II Achado
III Quadrifrons
IV Uma rosa na miséria
V Uma fresta providencial
VI O homem selvagem em sua toca
VII Estratégia e tática
VIII Um raio de luz na pocilga
IX Jondrette quase chora
X Tarifa dos cabriolés de praça: dois francos a hora
XI A miséria se oferece para ajudar o infortúnio
XII O uso que se fez da moeda de cinco francos do sr. Leblanc
XIII Solus cum solo, in loco remoto, non cogitabuntur orare pater noster
XIV Um agente de polícia dá duas pistolas a um advogado
XV Jondrette faz compras
XVI Ouve-se novamente a canção com música inglesa muito em moda em 1832
XVII Para que serviu a moeda de cinco francos de Marius
XVIII As duas cadeiras de Marius frente a frente
XIX Preocupação com os cantos escuros
XX A cilada
XXI Sempre se deve começar por prender as vítimas
XXII O pequeno que gritava no livro primeiro da segunda parte
4 O IDÍLIO DA RUE PLUMET E A EPOPEIA DA RUE SAINT-DENIS

LIVRO PRIMEIRO: ALGUMAS PÁGINAS DE HISTÓRIA
I Bem cortado
II Mal cosido
III Luís Filipe
IV Fendas nos alicerces
V Fatos dos quais surge a história e que a própria história ignora
VI Enjolras e seus tenentes
LIVRO SEGUNDO: EPONINE
I O campo da cotovia
II Formação embrionária dos crimes na incubação das prisões
III Aparição ao sr. Mabeuf
IV Aparição a Marius
LIVRO TERCEIRO: A CASA DA RUE PLUMET
I A casa do segredo
II Jean Valjean, guarda nacional
III Foliis ac frondibus
IV Mudança de grade
V A rosa descobre que é uma máquina de guerra
VI Começa a batalha
VII Para tristeza, tristeza e meia
VIII A corrente
LIVRO QUARTO: O SOCORRO DA TERRA PODE VIR DO CÉU
I Ferido por fora, intacto por dentro
II Mme. Plutarco não se sente embaraçada ao explicar certos fenômenos
LIVRO QUINTO: ONDE O FIM NÃO SE ASSEMELHA AO PRINCÍPIO
I Solidão e caserna combinadas
II Receios de Cosette
III Eloquência dos comentários de Mme. Toussaint
IV Um coração sob uma pedra
V Cosette depois da carta
VI Os velhos são feitos para sair na hora conveniente
LIVRO SEXTO: O PEQUENO GAVROCHE
I Maldade do vento
II O pequeno Gavroche tira proveito de Napoleão, O Grande
III As peripécias da evasão
LIVRO SÉTIMO: A GÍRIA
I Origem

II Raízes
III Gíria que chora, gíria que ri
IV Dois deveres: velar e esperar
LIVRO OITAVO: ENCANTAMENTOS E DESOLAÇÕES
I Luz plena
II O encantamento da felicidade completa
III Começo de sombra
IV Cab corre em inglês e Jappe em calão
V Coisas da noite
VI Marius volta à realidade a ponto de dizer a Cosette onde mora
VII Um coração jovem na presença de um coração velho
LIVRO NONO: PARA ONDE VÃO ELES?
I Jean Valjean
II Marius
III O sr. Mabeuf
LIVRO DÉCIMO: 5 DE JUNHO DE 1832
I A superfície da questão
II O âmago da questão
III Um enterro: ocasião para renascer
IV O antigo fermento
V Originalidade de Paris
LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO: O ÁTOMO FRATERNIZA COM O FURACÃO
I Alguns esclarecimentos a respeito das origens da poesia de Gavroche.
Influência de um acadêmico sobre essa poesia
II Gavroche em marcha
III Justa indignação de um cabeleireiro
IV A criança admira-se pelo velho
V O velho
VI Recrutas
LIVRO DÉCIMO SEGUNDO: CORINTO
I História de corinto desde sua fundação
II Alegrias preliminares
III Começa a anoitecer para Grantaire
IV Tenta-se consolar a viúva Hucheloup
V Preparativos
VI À espera
VII O homem recrutado na Rue des Billettes

VIII Dúvidas a respeito de certo Le Cabuc, que talvez não se chamasse assim
LIVRO DÉCIMO TERCEIRO: MARIUS ENTRA NA SOMBRA
I Da Rue Plumet ao Quartier Saint-Denis
II Paris à noite
III O limite extremo
LIVRO DÉCIMO QUARTO: A GRANDEZA DO DESESPERO
I A bandeira: primeiro ato
II A bandeira: segundo ato
III Seria melhor que Gavroche tivesse aceitado a carabina de Enjolras
IV O barril de pólvora
V Fim dos versos de Jean Prouvaire
VI A agonia da morte depois da agonia da vida
VII Gavroche, profundo calculador de distâncias
LIVRO DÉCIMO QUINTO: A RUE DE L'HOMME-ARMÉ
I O mata-borrão indiscreto
II O moleque inimigo das luzes
III Enquanto Cosette e Toussaint dormiam
IV Excesso de zelo de Gavroche
5 JEAN VALJEAN
LIVRO PRIMEIRO: A GUERRA ENTRE QUATRO PAREDES
I A caribde de Saint-Antoine e a cila do Faubourg du Temple
II Que fazer no abismo senão conversar?
III Luz e sombra
IV Menos cinco, mais um
V Que horizonte se avista do alto das barricadas
VI Marius esquivo, Javert lacônico
VII A situação se agrava
VIII Os artilheiros fazem-se levar a sério
IX Emprego do velho talento de caçador furtivo e da pontaria infalível que influiu sobre a condenação de 1796
X Aurora
XI O tiro de espingarda que, apesar de infalível, não mata ninguém
XII A desordem partidária da ordem
XIII Clarões que passam
XIV Onde se lerá o nome da amante de Enjolras
XV Gavroche fora da muralha
XVI Como o irmão se transforma em pai

XVII Mortuus pater filium moriturum expectat
XVIII O abutre transforma-se em presa
XIX A vingança de Jean Valjean
XX Os mortos têm razão, mas os vivos não deixam de tê-la
XXI Os heróis
XXII Corpo a corpo
XXIII Orestes em jejum, Pílades embriagado
XXIV Prisioneiro
LIVRO SEGUNDO: O INTESTINO DE LEVIATÃ
I A terra empobrecida pelo mar
II História antiga do esgoto
III Bruneseau
IV Detalhes ignorados
V Progresso atual
VI Progresso futuro
LIVRO TERCEIRO: LAMA E ALMA
I A cloaca e suas surpresas
II Explicação
III O homem procurado
IV Também ele carrega uma cruz
V Tanto a areia como a mulher têm uma fineza pérfida
VI O sorvedouro
VII Às vezes se encalha onde se julga desembarcar
VIII A aba do casaco rasgada
IX Marius parece morto a um entendido
X A volta do filho pródigo
XI O absoluto perturbado
XII O avô
LIVRO QUARTO: JAVERT SEM RUMO
I Javert sem rumo
LIVRO QUINTO: O NETO E O AVÔ
I Aparece novamente a árvore com o emplastro de zinco
II Marius, saindo da guerra civil, prepara-se para a guerra doméstica
III Marius ataca
IV A srta. Gillenormand acabou por concordar que o sr. Fauchelevent entrasse com alguma coisa debaixo do braço
V É preferível depositar dinheiro em determinada floresta a depositá-lo em casa

do tabelião
VI Os dois velhos fazem tudo, cada um a seu modo, para que Cosette seja feliz
VII Efeitos do sonho aliado à felicidade
VIII Dois homens impossíveis de encontrar
LIVRO SEXTO: A NOITE BRANCA
I 16 de fevereiro de 1833
II Jean Valjean continua com o braço na tipoia
III A inseparável
IV Combate interminável
LIVRO SÉTIMO: A ÚLTIMA GOTA DO CÁLICE
I O sétimo círculo e o oitavo céu
II Os pontos obscuros que uma revelação pode conter
LIVRO OITAVO: O CREPÚSCULO
I A sala ao rés do chão
II Mais alguns passos para trás
III Recordações do jardim da Rue Plumet
IV Atração e extinção
LIVRO NONO: SUPREMA SOMBRA, SUPREMA AURORA
I Piedade para os desgraçados, indulgência para os felizes
II Últimas palpitações da lâmpada sem óleo
III Uma pena é pesada demais para quem levantou a carroça de Fauchelevent
IV Tinteiro que só consegue esclarecer
V Noite por detrás da qual há dia
VI A erva esconde, a chuva apaga
Cronologia
Obras de Victor Hugo
Bibliografia
Créditos
Redes sociais
Colofão